



**HAL**  
open science

## Pedro Páez, História da Etiópia

Hervé Pennec

► **To cite this version:**

Hervé Pennec. Pedro Páez, História da Etiópia. Isabel Boavida, Hervé Pennec et Manuel João Ramos. Assírio & Alvim, pp.877, 2008, Sete-estrela 22. halshs-00688376

**HAL Id: halshs-00688376**

**<https://shs.hal.science/halshs-00688376>**

Submitted on 10 Oct 2022

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



## HISTÓRIA DA ETIÓPIA

PEDRO PÁEZ

# HISTÓRIA DA ETIÓPIA

*edição de*

ISABEL BOAVIDA

HERVÉ PENNEC

MANUEL JOÃO RAMOS

ASSÍRIO & ALVIM

## SUMÁRIO

PUBLICAÇÃO APOIADA PELA  
DIRECÇÃO-GERAL DO LIVRO E DAS BIBLIOTECAS

<i>Nota prévia</i> .....	9
<i>Transliteração fonética</i> .....	10
<i>Introdução</i> .....	11
HISTÓRIA DA ETIÓPIA .....	61
Prólogo ao leitor .....	65
Livro I .....	69
Livro II .....	287
Livro III .....	467
Livro IV .....	597
Cronologia dos reis da Etiópia .....	795
Abreviaturas de documentos citados .....	799
Glossário .....	803
Bibliografia .....	837
Índices .....	855
Índice toponímico e etnográfico .....	857
Índice onomástico .....	865
Índice .....	871

© ASSÍRIO & ALVIM  
RUA PASSOS MANUEL, 67 B, 1150-258 LISBOA

EDIÇÃO 0089, MARÇO 2008  
ISBN 978-972-37-1056-4

## NOTA PRÉVIA

Os organizadores agradecem o apoio prestado pela Direcção-Geral das Bibliotecas e do Livro para a publicação deste livro. Agradecem também os apoios concedidos pela extinta Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, pelo extinto Instituto de Cooperação Científica Internacional, pela Embaixada de França em Portugal e pela Fundação Calouste Gulbenkian, que tornaram possíveis a realização das pesquisas bibliográficas e arquivísticas, bem como o desenvolvimento do intercâmbio com os investigadores do Centre d'études des mondes africains (CEMAF-Paris) e do Centre d'études des mondes africains (CEMAF-Aix-en-Provence). Do mesmo modo, agradecem à Unidade de Investigação do Departamento de Antropologia do ISCTE, e à Secção Profissional de Estudos do Património da Sociedade de Geografia a criação de condições para a prossecução do trabalho editorial.

Os organizadores agradecem ainda a colaboração de Anaïs Wion, de Bertrand Hirsch, de Claire Bosc-Tiessé, de Dimitri Toubkís e de Marie-Laure Derat, que se prontificaram a redigir entradas de glossário (identificadas com as iniciais dos respectivos autores), de Ana Vasconcelos e Melo que reviu parcialmente o texto e traduziu entradas do glossário em língua francesa, e de Abdissa Gamada que colaborou na redacção de algumas entradas referentes às relações do reino cristão da Etiópia com os povos Oromo, nos séculos XVI e XVII. Agradecem, finalmente, ao Professor Merid Wolde Aregay a colaboração prestada na fase inicial da investigação realizada.

## Transliteração fonética

Neste estudo há algumas palavras – sobretudo nomes próprios de pessoas e lugares, títulos e cargos – que foram transliterados de línguas escritas com caracteres não latinos, nomeadamente do gúeze (etiópico clássico) e do amárico. Seguiu-se o sistema que é internacionalmente aceite nos estudos etíopes, usando-se caracteres especiais cuja leitura fonética é a seguinte:

### CONSOANTES:

č = [tʃ]  
ǰ = [dʒ]  
ś = [ss] fortemente sibilado  
š = [x]  
ṣ = [sʰ]  
ṭ = [tʰ]  
ḵ = [kʰ]

### VOGAIS:

ä = [ɑ]  
a = [a]  
ë = [ɐ]  
e = [ɛ]  
o = [ɔ]

## INTRODUÇÃO

## PRETEXTOS PARA UMA EDIÇÃO CRÍTICA

O processo da escrita torna linear o texto que se oferece à leitura. Tal linearidade não é, porém, se não aparente, gráfica. Sob a superfície estendem-se camadas reticulares que o inscrevem num *corpus* que o enquadra e autoriza, camadas que o referenciam, que lhe apontam sentidos possíveis, que lhe conferem uma espessura orgânica. Há textos que, por sua vez, tornam visíveis, evidenciando-as, essas redes forjadas com recurso a fios ideológicos mais ou menos subtis. Escrevem-se, reescrevendo outros textos, e abrem-se a releituras e a reescritas futuras. Têm o peso das citações que confirmam ou confundem. Mostram as marcas do processo que os constrói, como palimpsestos semânticos, e testemunham os passos da criação de novos textos.

Assim é a *História da Etiópia* que o padre jesuíta Pedro Páez (1564-1622) foi redigindo na Etiópia, ao longo de quase uma década, até à sua morte. Esta obra, que agora se edita, autodefinindo-se duplamente como material historiográfico e como documento etnográfico, deve ser compreendida como um texto num conjunto de textos organizados em rede, que foram compostos no contexto específico da produção literária que, com a marca da Companhia de Jesus, foi sendo elaborada durante parte substancial do século XVII, a propósito da sociedade etíope. Esta singularidade confere um interesse acrescido a qualquer uma das várias obras produzidas no contexto da escrita seiscentista sobre a Etiópia, pelo que é legítimo questionar por que razão os organizadores da presente edição optaram por concentrar a sua atenção no livro de Pedro Páez.

A *História da Etiópia* é uma obra geralmente aceite como fonte fundamental para o estudo de matérias diversas – da história das missões católicas naquele país e das relações entre ordens religiosas europeias à história da arte e das religiões, da história da exploração geográfica à referência ideológica do reino etíope, da cultura material à administração político-territorial abissínia, da análise da conjuntura local às alterações na ecologia humana da região do Corno de África e do Oceano Índico. Trata-se, com efeito, de um monumento literário heteróclito, repositório de saber empírico sobre a geografia política, a religião, os costumes, a fauna ou a flora da Etiópia e, com menor peso, da região sudarábica, que, para além de acusar inesperada engenhosidade retórica, cruza as características da narrativa de viagens e da monografia histórico-etnográfica com as da crónica, relatando os feitos dos missionários jesuítas no terreno da missão na Etiópia e reorganizando um conjunto diversificado de documentos, incluindo-se entre estes a primeira tradução para uma língua romance europeia de um conjunto vasto de textos da literatura etíope, desde as crónicas reais às hagiografias.

Não menos importante, o livro de Páez foi a matriz de outras duas *Histórias da Etiópia* que operaram a transformação do texto que ele construíra de acordo com as regras da *confutatio*, expurgando-o das passagens em que a polémica se evidenciava. A primeira dessas obras homónimas, que resultaram da reescrita e reorganização do manuscrito de Páez, saiu da pena do Pe. Manuel de Almeida (1581-1646) e viria a ser publicada por C. Beccari, no início do século XX; a segunda, da autoria do Pe. Baltazar Teles (1595-



-1675), que, por razões que serão discutidas adiante, veio a lume muito antes do texto matricial, resultou, por seu turno, da sumarização e reescrita do texto manuscrito do Pe. Manuel de Almeida.<sup>1</sup>

A *História da Etiópia* do Pe. Pedro Páez teve, anteriormente a esta, duas edições de valor muito desigual, feitas a partir de dois manuscritos diferentes, os únicos que foram identificados até hoje:

a) o ms. Goa 42 do Archivum Romanum S.I. (ARSI), autógrafo, foi publicado por Camillo Beccari no *Rerum Aethiopicarum Scriptores Occidentales Inediti* (RAESOI), vols. II e III, em 1905-06;

b) o ms. 778 da Biblioteca Pública de Braga (BPB), uma cópia feita ainda no século XVII, foi publicado em 3 volumes, no Porto, pela Civilização Editora, em 1945-46, com leitura paleográfica de Lopes Teixeira, nota biobibliográfica de Alberto Feio e introdução de Elaine Sanceau.

A edição portuguesa seguiu unicamente a lição duma cópia do texto de Páez, feita, muito provavelmente, a partir do manuscrito autógrafo depois de este ter sido revisto e censurado nalgumas passagens.<sup>2</sup> O aparato crítico desta edição, limitado à introdução sumária, impressionista e pouco orgânica de E. Sanceau e à nota biobibliográfica de A. Feio, é quase inexistente. Por sua vez, a leitura paleográfica apresenta várias lacunas que não foram detectadas durante a revisão de provas.<sup>3</sup> Cumpriu, decerto, o objectivo de divulgar o texto, pondo-o à disposição de investigadores e estudantes, encontrando-se esgotada há alguns anos. A edição de C. Beccari, por sua vez, seguiu unicamente a lição do manuscrito autógrafo, actualizando a ortografia segundo as regras da época, mas sem assinalar sistematicamente as passagens revistas ou emendadas pelo autor. Porém, não apenas é esta edição de difícil acesso,<sup>4</sup> como a introdução e as notas foram escritas em latim, o que constitui, actualmente, uma barreira comunicacional para a maioria dos leitores.

Tendo em consideração a relevância da obra de Pedro Páez no conjunto da documentação missionária jesuíta sobre a Etiópia e, mais genericamente, da literatura de língua portuguesa que foi produzida sobre aquele país, no séculos XVI e XVII, os organizadores da presente edição propuseram à Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses (CNCDP), em 2000, realizar uma análise comparada dos dois manuscritos que pudesse resultar na sua publicação crítica e anotada, na colecção «Outras Margens», daquele organismo. No entanto, a extinção abrupta da CNCDP em Junho de 2002, justificada então por motivos de índole orçamental pela presidência do Conselho de Ministros, numa fase já avançada das tarefas de organização da edição,<sup>5</sup> levaram à suspensão do projecto. Os orga-

nizadores propuseram posteriormente à editora Assírio & Alvim retomar o projecto editorial tornado subitamente órfão. Esta editora aceitou a proposta e, por sua vez, candidatou-o ao Programa de Apoio à Edição de Obras Clássicas da Literatura Portuguesa, do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, de forma a garantir uma edição cuidada, dada a grande extensão e a temática comercialmente pouco viável do livro.

A decisão de realizar uma edição anotada da *História da Etiópia* justifica-se, na opinião dos organizadores, pelo desejo de valorizar o rico património documental e literário associado aos contactos históricos entre Portugal e a Etiópia, fornecendo ao público um objecto que possibilite simultaneamente uma fruição intelectual adaptada aos parâmetros linguísticos actuais, e um instrumento de trabalho que permita o acesso a outros exemplos, porventura menos familiares desse património. Na realidade, a publicação, em Portugal, de materiais históricos, literários e antropológicos sobre a Etiópia, que recebeu no final do século XIX e início do século XX relevante atenção académica,<sup>1</sup> ainda hoje reconhecida na comunidade de estudiosos dos assuntos etíopes, e posteriormente um tratamento porventura mais direccionado para a divulgação,<sup>2</sup> é, genericamente, escassa e de qualidade muito desigual. Esta situação de claro abandono e desvalorização da tradição intelectual e científica de estudos sobre a Etiópia é, de algum modo, paradoxal, considerando a precedência que os autores portugueses e espanhóis tiveram no estabelecimento e expansão desses estudos, em termos internacionais<sup>3</sup>.

Deste modo, e existindo já duas edições anteriores paleograficamente fiéis à grafia original dos manuscritos, de claro interesse para o leitor especialista mas objectivamente agrestes para um público mais vasto, os organizadores optaram por proceder à actualização ortográfica, à revisão da pontuação e a uma apresentação que preservasse divergências vocabulares e variações frásicas entre os dois manuscritos (ms. Goa 42 ARSI e ms. 778 BPB) no corpo do texto, solução abandonada posteriormente, passando as variantes encontradas na cópia a ser repertoriadas em nota. Adicionalmente, foram confrontadas, sempre que possível,<sup>4</sup> as leituras paleográficas realizadas por C. Beccari e A. Feio, para as edições de Roma e do Porto. Foi também preferida a realização de uma edição suportada por um aparato crítico que valorizasse sobretudo a indicação das fontes usadas por Pedro Páez e dos autores que se serviram directamente da *História da Etiópia*, de forma a evidenciar, assim, o importante património histórico, etnográfico e literário desta obra.

<sup>1</sup> M. Almeida, «Historia de Ethiopia a alta ou Abassia, imperio do Abexim, cujo Rey vulgarmente he chamado Preste Joam», in C. Beccari (ed.), *Rerum Aethiopicarum Scriptores Occidentales Inediti* [RAESOI], vols. V-VII, Roma, 1907-08; B. Teles, *Historia Geral de Ethiopia a Alta ou Preste Ioam e do que nella obraram os Padres da Companhia de Jesus. Composta na mesma Ethiopia pelo Padre Manoel d'Almeyda, natural de Vizeu, Provincial e Visitador, que foy na India. Abreviada com nova releyçam e methodo pelo Padre Balthasar Telles, natural de Lisboa, Provincial da Provincia Lusitana, ambos da mesma Companhia*, Coimbra, 1660 (reeditada como *História Geral de Etiópia-a-Alta*, em versão abreviada por A. de Magalhães Bastos, Porto, 1936; como *História da Etiópia*, 2 vols., Lisboa, 1989).

<sup>2</sup> A cópia, por isso, não podia ter sido feita «sob as vistas do autor» como queria A. Feio («Notícia biobibliográfica», xxvii).

<sup>3</sup> Embora por vezes tais lacunas cheguem mesmo a comprometer o sentido geral da frase, como acontece, por exemplo, na pág. 319 do vol. II em que se lê «e assi he verdade porque a gente de Ethiopia he de tão pouco segredo que ainda aquelles com que o Emp.or [...] teue comodidade pera isso em m.tos annos, por andar com tantos trabalhos, e ser tão mal obedecido em seus princípios», faltando, no ponto assinalado com os parênteses rectos, a passagem «trata os seus [segredos] raramente o guardam. Nem aquele imperador».

<sup>4</sup> A edição original de C. Beccari encontra-se há muito esgotada, o mesmo acontecendo com a reprodução anastática publicada em Bruxelas, em 1969, com reduzida tiragem.

<sup>5</sup> A parte mais substancial do trabalho desenrolou-se ao longo dos anos de 2000 a 2002, e envolveu: o estabelecimento de uma metodologia de edição, a investigação sistemática das fontes directas e indirectas de Páez no Archivo del Real Convento de Predicadores de Valencia, na Biblioteca de la Universidade de Valencia, no Archivum Romanum Societas Iesu, no Arquivo Distrital de Braga na Biblioteca Nacional de Lisboa, na Biblioteca Ambrosiana di Milano, na Biblioteca Nazionale Marciana di Venezia, e na Biblioteca da School of Oriental and African Studies da Universidade de Londres; o confronto, verificação e estabelecimento do texto, através da leitura comparada dos manuscritos, da modernização ortográfica, e da revisão da pontuação; a anotação, criação de entradas de glossário, e elaboração da introdução.

<sup>1</sup> Relevam-se sobretudo os materiais publicados por F. M. Esteves Pereira, entre os quais se contam a *Chronica de Susenyos, Rei de Ethiopia* (Lisboa, 1892-1900) e os *Feitos de D. Christovam da Gama em Ethiopia – Tratado composto por Miguel de Castanhoso* (Lisboa, 1898), o estudo do Conde de Ficalho, *Viagem de Pêro da Covilhã* (Lisboa, 1898), e edições críticas de textos sobre a Etiópia como a *Carta das Novas que vieram a El Rei Nosso Senhor do Descobrimento do Preste João* (Lisboa, 1521), organizada por A. Cortesão e H. Thomas (Lisboa, 1938).

<sup>2</sup> Entre os quais se incluem, além da já referida *História da Etiópia*, de Pêro Pais (Pedro Páez), uma versão abreviada da *História Geral da Etiópia-a-Alta* de B. Teles, da responsabilidade de A. Magalhães Basto (Porto, 1936), a *Verdadeira Informação das Terras do Preste João*, de Francisco Álvares (Lisboa, 1941), uma tradução portuguesa do *Fides, Religium, Moresque Aethiopum* nos *Opúsculos Históricas* de Damião de Góis, organizado por Câmara Reys e traduzido por Dias de Carvalho (Porto, 1945) entre outros. Apesar da manifesta marginalidade dos estudos etíopes no panorama académico português, foram sendo esporadicamente publicadas algumas edições críticas e trabalhos de investigação na segunda metade do século XX, das quais destacamos a publicação de: «The Question of the Union of the Churches in Luso-Ethiopian Relations (1500.1632)», por Girma Beshah e Merid Wolde Aregay (*Studia*, Lisboa, 1964, pp. 211-302); *Background to the Zaaga Zab Embassy: an Ethiopian Diplomatic Mission to Portugal (1527-1539)*, por Asa J. Davis (Lisboa, 1971); *Itinerário e outros Escritos Inéditos do Padre Jerónimo Lobo*, por M. Gonçalves da Costa (Porto, 1971); I. Carneiro de Sousa, *A Crónica como Missão. A «História da Etiópia a Alta ou Preste João» do Padre Baltasar Teles (1660)*, (Porto, 1998).

<sup>3</sup> Em termos de institucionalização académica, é notável a quase total inexistência actual dos estudos etíopes em Portugal e Espanha, em contraste com a quase totalidade dos países europeus. A realidade dos estudos etíopes é de um evidente cosmopolitismo internacional, com departamentos e institutos académicos e centros de investigação em praticamente todos os países europeus, bem como nos Estados Unidos da América, Canadá, Israel, Japão, China, Coreia do Sul, Austrália, e, claro, na própria Etiópia.

<sup>4</sup> O ms. 778 BPB encontra-se bastante danificado devido ao caruncho e à acção abrasiva da tinta usada, não possibilitando uma verificação completa da edição portuguesa de 1945-47. Sempre que as divergências vocabulares em relação ao ms. Goa 42 ARSI se deviam a erros na leitura paleográfica realizada por A. Feio, nessa edição, optaram os organizadores por ignorá-las, já que a intenção, neste particular, foi de preservar a memória do manuscrito.

A *História da Etiópia* representa um interessante objecto historiográfico para a investigação do universo literário, político e ideológico das missões religiosas na Etiópia.<sup>1</sup> Merece também ser abordada como um notável exemplo do labor de recolha etnográfica na qual muitos missionários quinhentistas e seiscentistas investiram em territórios não europeus. Infelizmente, a obra tem sido, por via das edições anteriormente publicadas, tomada pelos investigadores interessados pela história e antropologia da Etiópia como fonte primeira, e utilizada como se de um manuscrito original se tratasse, completamente autónoma em relação ao rico contexto de escrita, de materiais tanto europeus como etíopes, em que se insere. As edições de Roma e do Porto, não apresentando um aparelho crítico sistematizado, não fomentaram assim a valorização da rede intertextual que permite aceder a sentidos mais densos da obra.

É patente que a estratégia discursiva do livro de Pedro Páez se funda sobre o pretexto explícito de uma refutação das perspectivas críticas da Ordem de S. Domingos em relação ao privilégio de exclusividade da missão etíope que a Companhia de Jesus havia obtido e, por tal, o uso que o autor faz das fontes orais e escritas a que recorre é fortemente selectivo em função da particularidade da sua argumentação. Não obstante, a esmagadora maioria dos estudiosos que se referem habitualmente à sua obra, enaltecem o seu carácter chão, não retórico e espontâneo, e a profundidade das suas aptidões linguísticas e etnográficas a propósito do contexto etíope. Optam, em consequência, por considerá-la um instrumento fiel de conhecimento, como se ela fosse um repositório objectivo e inquestionável de informações e acontecimentos – o que lhes facilita, por sua vez, a tarefa de seleccionar e manipular dados pontuais do conjunto sem atender à necessidade de os enquadrar cuidadosamente, seja no contexto interno da obra, seja em confronto com as que lhe estão a montante e a jusante.

Esta fórmula de utilização recorrente da *História* é, não apenas permitida pelo facto de as edições de Roma e do Porto não comportarem um aparelho crítico desenvolvido, mas mesmo favorecida pelo ponto de vista assumido pelos seus organizadores, nas introduções respectivas. C. Beccari começa por sublinhar, na introdução do 1.º volume da colectânea onde se integra o livro Páez, a importância de publicar a *História* por até então só estarem disponíveis as obras de padres jesuítas que não conheceram o território de missão,<sup>2</sup> para acrescentar que a publicação do livro Páez oferece aos leitores a possibilidade de aceder a uma visão mais verdadeira da história da Etiópia e da missão jesuíta e do papel que os portugueses nela tiveram.<sup>3</sup> Elaine Sanceau, na introdução à edição do Porto, vê na obra de Páez, pela sua dimensão de *refutatio* das «ficções» e «patranhas» extravagantes que um frade dominicano de Valência, de nome Luís de Urreta, escrevera em 1610-11 sobre a Etiópia,<sup>4</sup> a expressão «singela e sem enfeites de retórica» do desejo do missionário jesuíta de tornar «conhecida a verdade sobre a Etiópia».<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Ver, por exemplo, os estudos de Tewelde Beiene [*La politica cattolica di Seltan Sägäd (1607-1632) e la missione della Compagnia di Gesù in Etiópia*, Roma, 1983], de Merid Wolde Aregay [«The Legacy of Jesuit Missionary Activities», in G. Haile, A. Lande e S. Rubenson (orgs.), Frankfurt, 1998, pp. 31-56] ou de H. Pennec [*Des jésuites au royaume du prêtre Jean (Éthiopie)*, Paris, 2003].

<sup>2</sup> C. Beccari reportava-se, nomeadamente, à *Historia Geral de Ethiopia-a-Alta*, de B. Teles (Coimbra, 1660) e à *Historia Societatis*, de Orlandini, Sacchini, Possinus, Juvancy e Cordara (Roma, 1614, 1758); acrescenta-se a estas pelo menos outras duas obras: a «Adição à Relação das coisas de Etiópia», de F. Guerreiro (Coimbra, 1611), e a *Historia Aethiopica*, de H. Ludolf (Frankfurt, 1681). Note-se que C. Beccari, que publicou, em 14 volumes, um espólio extenso de documentação relativa à missão jesuíta na Etiópia, não teve acesso ao espólio da Biblioteca Pública de Braga, e também não reeditou o conjunto de cartas anuais que haviam sido editadas no século XVII: as *Lettere Annue d'Etiopia, Malabar, Brasil e Goa, dall'Anno 1620 fin'al 1624* (Roma 1627).

<sup>3</sup> C. Beccari, *Notizia e Saggi di opere e documenti inediti riguardanti la storia di Etiópia durante i secoli XVI, XVII, XVIII*, p. iv (1.º vol. do *Rerum Aethiopicarum Scriptores Occidentales inediti a saeculo XVI ad XIX – RAESOI*, Roma, 1903-1917). Importava naturalmente, para C. Beccari, ele próprio um padre da Companhia, recuperar e valorizar a importância da missão jesuíta na Etiópia, através da publicação da documentação que reportava essa memória histórica.

<sup>4</sup> Ver adiante, p. 21 (3.1. *Historia de la Etiopia*: os fundamentos de uma obra polémica).

<sup>5</sup> E. Sanceau, «Introdução», in Pêro Pais [Pedro Páez], *História da Etiópia*, vol. 1, Porto, 1945.

Os organizadores da presente edição estão conscientes que a obra de Pedro Páez é muito menos e muito mais do que uma apresentação «verdadeira» e «singela» da história e da etnografia da Etiópia. Por isso, esperam que a sua publicação crítica e anotada possa permitir, no futuro, compreender melhor o carácter extremamente construído e polemizador do livro.

2.

## BIOGRAFIA DE PEDRO PÁEZ

Pedro Páez Xaramillo nasceu em 1564, na aldeia castelhana de Olmeda de las Cebollas (actualmente Olmeda de las Fuentes), a uns escassos 50 km a Leste de Madrid. Em 1582, com a idade de 18 anos, ingressou na Sociedade de Jesus, onde começou por servir como noviço durante dois anos. Frequentou de seguida o colégio jesuíta de Belmonte (Cuenca), tendo como mestre o teólogo Tomás de Iturén, com quem estabeleceu uma relação que resistiu ao tempo e à distância, pois mantiveram uma correspondência epistolar privada e suficientemente assídua durante os anos em que Páez missionou na Índia Ocidental e na Etiópia, pelo menos até 1617, data da última carta conhecida que dirigiu ao mestre em resposta a uma missiva deste, datada de 1614.<sup>1</sup>

A 8 de Maio de 1587, Pedro Páez remeteu uma *indipeta*<sup>2</sup> ao Geral da Sociedade de Jesus, que era então Claudio Aquaviva (1581-1615). O seu pedido foi processado e aceite com relativa rapidez e, em Março de 1588, foi autorizado a viajar para Goa, a capital do Estado português da Índia. Aí chegado, em Setembro do mesmo ano, ingressou no curso de teologia do Colégio de S. Paulo. Não chegou a terminar os seus estudos, já que, em Janeiro de 1589, o Provincial da Companhia em Goa, Pedro Martins, o escolheu como adjutor do Pe. António de Monserrate, para o acompanhar numa missão destinada à Etiópia,<sup>3</sup> facto que terá precipitado a sua ordenação como padre no mesmo mês.

Esta missão à Etiópia não era a primeira organizada pela Sociedade de Jesus àquele país. Um contingente de missionários tinha aí chegado em 1557, mas foram então francamente frustradas as expectativas de conversão dos ortodoxos etíopes ao catolicismo romano, expressas originalmente pelo fundador da Sociedade, Inácio de Loiola, assim como pelo Sumo Pontífice e pela coroa portuguesa que detinha o padroado.<sup>4</sup> O envio de novos missionários para o então praticamente inacessível território etíope foi decidido por Filipe II (Filipe I), rei de Espanha e de Portugal. Como havia acontecido já com os primeiros contactos diplomáticos luso-etíopes na primeira metade do século XVI, os

<sup>1</sup> C. Beccari, *RAESOI* 11, 1911, p. 382.

<sup>2</sup> Ver fig. 1. As *indipetae* eram cartas de candidatura que os futuros missionários da Sociedade de Jesus endereçavam aos seus superiores em Roma, manifestando a sua intenção de empreender uma missão particular, nas «Índias». A *indipeta* de Pedro Páez (ARSI, Fondo Gesuitico 758, fol. 84-84v) é uma das 14 067 «petições» deste género conservadas nos Arquivos Romanos da Sociedade de Jesus, desde 1580 (E. Lamalle, «La documentation d'histoire missionnaire dans le "Fondo Gesuitico" aux Archives romaines de la Compagnie de Jésus», *Evntes Docete*, XXI, 1968, pp. 131-176). A *indipeta* de Páez foi publicada em 1905 com uma tradução italiana, por P. Tachi Venturi, «Pietro Paez apostolo dell'Abissinia al principio del sec. XVII», *Civiltà Cattolica*, pp. 560-81.

<sup>3</sup> Trinta anos depois, P. Páez refere, na *História da Etiópia*, terem partido de «Goa a 2 de fevereiro a tarde de 1588» (livro III, cap. 15, p. 523). No entanto, a carta que enviou de Baçaim a Tomás de Iturén, datada de 16 de Fevereiro de 1589 (ver *RAESOI* 11, 1911, pp. 3-6) indica que a decisão de enviar os dois padres para a Etiópia não se deu antes do início de 1589.

<sup>4</sup> Ver H. Pennec, *Des jésuites au royaume du prêtre Jean...*, Paris, 2003, pp. 47-71, 87-92, 116-25.

objectivos de Filipe em relação àquela região da África Oriental eram simultaneamente estratégicos e diplomáticos. Ao renovar os laços com o reino cristão da Etiópia, o soberano esperava aumentar a pressão sobre o flanco sul do império otomano, reduzir a sua influência no Mar Roxo e, assim, consolidar a hegemonia ibérica no Índico, para além de renovar uma aliança de elevado valor simbólico entre a cristandade etíope e a Europa contra-reformista. A estes, acrescentavam-se também motivos de ordem eclesial: estando os missionários enviados em 1557 mortos ou demasiado velhos, os descendentes da comunidade portuguesa na Etiópia encontravam-se presumivelmente privados do apoio espiritual da Igreja católica.

Filipe II determinou entregar um novo projecto de missão à Etiópia ao governador da Índia, Manuel de Sousa Coutinho, seu confidente, o qual endereçou uma carta ao Provincial da Sociedade de Jesus em Goa, pedindo-lhe que organizasse pessoalmente os detalhes logísticos da iniciativa. Este decidiu escolher António de Monserrate, um padre de 52 anos com bastante experiência de terreno mas sem grande educação teológica, e Pedro Páez, então um jovem de 25 anos, aparentemente muito motivado mas sem qualquer experiência prática, e que não tinha ainda terminado a sua formação. A escolha do Provincial de Goa sugere que, ainda que este tenha formalmente respeitado a decisão real proveniente de Madrid, preferiu de facto não arriscar o envio de missionários qualificados para um terreno de missão considerado marginal pela Companhia, numa viagem marítima e terrestre cujas hipóteses de sucesso eram muito reduzidas. Na verdade, nem Monserrate nem Páez eram padres professos (o grau mais elevado do sistema educacional da Companhia, atribuído após a frequência de um curso de teologia), não sendo portanto realmente qualificados para confrontar os teólogos ortodoxos etíopes em discussão conciliar.<sup>1</sup>

Nesta altura, os ambiciosos planos de conversão do reino do «Preste João» ao catolicismo, elaborados meio século antes por Inácio de Loiola, tinham sido na prática abandonados pela Companhia. Se motivações de ordem política (nomeadamente, rivalidades entre ordens nos territórios de missão)<sup>2</sup> intervieram no recrudescer de interesse pela Etiópia, a razão explícita para revitalizar a missão, para o Provincial da Companhia em Goa, era a possibilidade de oferecer apoio espiritual e administrar os santos sacramentos a uma pequena comunidade católica (que não ultrapassaria os 800 a 1200 membros) residindo num reino ortodoxo, então tomado na Europa como herético, judaizante e permeado pela influência islâmica.

Os dois padres partiram de Goa a 2 de Fevereiro de 1589 rumo à Etiópia, mas o seu barco afundou-se à vista de Dofar, na costa sul da península arábica. Os viajantes foram salvos por um navio de bandeira turca, e logo aprisionados e transportados para terra como reféns. Foram depois levados para Saná, no Iémene, onde viveram durante dois anos e, posteriormente, serviram como remadores numa galera turca que navegava no Mar Roxo. Sete anos passados, foram finalmente resgatados pelas autoridades portuguesas de Goa, a troco de uma avultada quantia. Regressaram à Índia portuguesa em Dezembro de 1596. Aí, Pedro Páez procurou retomar os estudos de teologia, mas em Fevereiro de 1597 adoeceu gravemente, permanecendo retido no leito durante oito meses. Quando recuperou a saúde, foi enviado para a ilha de Salsete, incumbido da administração espiritual de quatro aldeias católicas. No princípio de 1601, partiu para Diu, na expectativa de poder vir a viajar de novo para a Etiópia e retomar a missão que lhe tinha sido confiada doze anos antes.

Um padre secular indiano, de nome Melchior (ou Belchior) da Silva, tinha entretanto sido enviado de Goa para o reino etíope, em 1598, após ter sido conhecida em Goa a morte do Pe. Francisco Lopes, o último sobrevivente da missão de 1557. A escolha de um padre indiano tinha sido devida às manifestas dificuldades em enviar, para aquele país, membros europeus da Companhia através de rotas dominadas pelos otomanos. Quando chegou a Fremona, no Tigré,<sup>1</sup> onde habitava a maior parte dos descendentes dos militares portugueses ali chegados meio século antes, o Pe. Melchior da Silva enviou para Goa um relatório dramático onde referia o estado «deplorável», tanto material como espiritual, em que tinha encontrado a comunidade luso-etíope, sublinhando que os seus membros se encontravam na iminência de perder a sua identidade católica e abraçar a ortodoxia etíope.<sup>2</sup>

Esta informação terá reforçado a disponibilidade da hierarquia jesuíta de Goa para apoiar uma nova tentativa de enviar missionários para aquele país. Em 1603, Páez conseguiu finalmente atingir o seu objectivo, tendo navegado em barcos turcos sob o disfarce de um mercador arménio até ao porto de Maçuá (Mässawa), na Eritreia. Em Maio, era acolhido pelos membros da comunidade luso-etíope na residência de Fremona, Maigoga (Maygwagwa), no Tigré.

A chegada de Pedro Páez à Etiópia marca o ponto de partida da que pode ser considerada a segunda fase da missão jesuíta naquele país. Nos dois anos seguintes, foram enviados quatro outros missionários (os padres António Fernandes, Francisco Angelis, Luís de Azevedo e Lourenço Romano), o que merece ser entendido como um sinal claro da mudança de perspectiva do Provincial, em Goa – eventualmente motivado pelo optimismo expresso nas primeiras cartas de Páez sobre a disposição da corte etíope face a uma eventual aproximação diplomática e religiosa.

Durante o período de 1603 a 1621-22, multiplicou-se o âmbito das actividades dos padres jesuítas na Etiópia. Inicialmente, era-lhes apenas permitido pela corte real assegurar os serviços religiosos à comunidade católica e encarregar-se da educação das crianças luso-etíopes. Logo, porém, começaram a expandir a sua área de influência a populações não cristãs residentes em regiões recentemente conquistadas pelos exércitos reais etíopes e, posteriormente, também a zonas tradicionalmente ortodoxas. Desde que se tornaram proprietários terratenentes por privilégio real, foram progressivamente envolvidos na tensa luta política da corte, como ordem monástica concorrente da Igreja ortodoxa, o que garantia ao rei libertar-se da tradicional e impositiva influência da Ordem de Däbrä Libanôs e do clero regular ortodoxo. Por outro lado, desde o início da nova missão, os jesuítas procuraram desenvolver um programa de tradução de textos religiosos católicos, a par da regular produção epistolar e documental remetida para Roma e para Goa. Pedro Páez informa-nos que, pouco depois da sua chegada à Etiópia, começou por traduzir para a língua amárica (a língua falada no reino cristão) a *Cartilha*, um catecismo destinado às crianças, graças à ajuda de um luso-descendente, João Gabriel, conhecido como o «capitão dos portugueses». A partir de 1612, o grupo de cinco missionários começou a laborar de forma sistemática na tradução de textos de teor catequético e litúrgico, bem como de vários comentários bíblicos para a língua gueeze (a língua usada na liturgia da Igreja ortodoxa etíope), com o objectivo de assim reforçar os instrumentos de argumentação doutrinária católica a utilizar durante as «disputas» em que os missionários se envolviam com os teólogos ortodoxos, sob o patrocínio do rei e de alguns nobres influentes da corte etíope.

<sup>1</sup> Região do nordeste da Etiópia, fronteira à Eritreia.

<sup>2</sup> C. Beccari, *RESOI* 1, 1903, p. 416 (sumariado em F. Guerreiro, *Relação Anual das coisas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus...*, vol. 1, 1930, p. 361); ver H. Pennec, *Des jésuites au royaume du prêtre Jean...*, pp. 111-15.

<sup>1</sup> *Ibidem*, pp. 100-9.

<sup>2</sup> Ver adiante, p. 21 seq.

Pedro Páez, na qualidade de superior da missão etíope, outorgou-se também a incumbência de estabelecer e desenvolver contactos diplomáticos com a corte etíope. Tomou a iniciativa de oferecer ao rei Zä-Dängël (1603-04) e aos dois soberanos que o sucederam, uma aliança com a coroa ibérica,<sup>1</sup> sob condição de que estes aderissem à fé católica e proclamassem obediência a Roma. Mas foi, sobretudo a partir de 1607, quando o pretendente Susnëyos aceitou o trono real, que o empenho missionário dos padres jesuítas começou a frutificar. Este rei manifestou uma nova sensibilidade para reorganizar o sistema de influências políticas do reino num contexto social e demográfico em rápida mutação, nomeadamente devido à emergência, nos planaltos do reino cristão, de diversos grupos de nómadas oromo, provenientes do sudoeste (supostamente, da região dos Grandes Lagos).<sup>2</sup> Em consequência, os missionários jesuítas permitiram-se ser arrastados pelo rei e pelo seu irmão, o *nas* Sē'ēla Krēstos, para o interior de um complexo jogo de poder entre a corte real, a nobreza terratenente e o clero ortodoxo, como rivais dos influentes monges da ordem de Dābrā Libanōs.<sup>3</sup> Assim, se antes do reinado de Susnëyos, os missionários católicos ficavam confinados a Fremona e a algumas outras comunidades relativamente periféricas, a partir desta data, e à medida que o rei lhes permitia fundar novas residências e colégios<sup>4</sup>, e que aumentava a sua liberdade de circulação, Pedro Páez passou a residir durante longos períodos no campo real, ganhando paulatinamente a confiança de Susnëyos e do seu círculo familiar imediato, acompanhando-o em vários périplos e expedições, e actuando como seu conselheiro, não apenas para assuntos religiosos mas também eminentemente políticos, diplomáticos e até militares.

Terá sido devido sobretudo à influência de Páez – é essa, pelo menos, a interpretação dos escritores jesuítas<sup>5</sup> – que o rei Susnëyos aceitou aderir, em 1621, à fé católica, pronunciando publicamente a sua obediência ao pontífice romano e proclamando um édito condenando como heréticas diversas práticas dos cristãos etíopes (a celebração do Sabbath, a circuncisão, o baptismo anual), bem como alguns princípios doutrinários fundamentais da ortodoxia monofisita (a indistinção entre natureza divina e humana da pessoa de Cristo, a especificidade da concepção trinitária, a valorização da teologia veterotestamentária).

A partir de 1613/14, Pedro Páez deu início à redacção da *História da Etiópia*, concretizando assim uma solicitação que lhe fora remetida pela hierarquia jesuíta em Roma. Empreendeu, a partir de então, um vasto inquérito etnográfico, histórico e literário sobre a Etiópia cristã. Coleccionou testemunhos orais junto de autoridades eclesiásticas, monásticas e aristocráticas. Consultou diversos manuscritos tratando da história política e religiosa do país, e viajou por diversas regiões submetidas ao poder real cristão, visitando importantes lugares de culto. A extensa documentação que coligiu serviu-lhe para es-

crever o imenso fresco que é a *História da Etiópia*, obra que estava aparentemente quase terminada quando o seu autor, vitimado por violentas febres, faleceu na residência jesuíta de Gorgora, na margem setentrional do Lago Tana, a 20 de Maio de 1622 – poucos dias depois do rei Susnëyos ter declarado publicamente a sua obediência a Roma.<sup>1</sup>

3.

### AS RAZÕES DA COMPOSIÇÃO DA *HISTÓRIA DA ETIÓPIA*: A ENCOMENDA DE UMA REFUTAÇÃO

A *História da Etiópia* é uma obra que, pelo menos na origem, se destinava a refutar a visão extravagante sobre o reino cristão etíope exposta por um intelectual dominicano de Valência, em Espanha, e publicada em dois livros, entre 1610 e 1611. A compreensão dos motivos que assistiram à encomenda e redacção da obra de Páez passa pela inquirição das razões e objectivos da composição e publicação dessa outra obra, no contexto das relações peninsulares entre a Ordem de S. Domingos e a Companhia de Jesus. Com efeito, a redacção da *História da Etiópia*, mais do que a uma questão estritamente etíope, está, em primeiro lugar, ligada a um assunto europeu peninsular: a querela entre duas ordens religiosas sobre os territórios de missão, recortada por jogos políticos envolvendo as cortes portuguesa e espanhola.

3.1.

#### *Historia de la Etiópia*: OS FUNDAMENTOS DE UMA OBRA POLÉMICA

No início do século XVII, os territórios da África Oriental foram objecto de uma investida de natureza político-religiosa por parte dos padres da regra de S. Domingos, plasmada na produção de dois monumentos literários muito diversos entre si, mas servindo os mesmos fins. O primeiro saiu a lume em Évora, no ano de 1609, com o título de *Etiópia Oriental, e vária história de cousas notáveis do Oriente*, redigido por Fr. João dos Santos, missionário dominicano nas terras moçambicanas do padroado português do Oriente; o segundo foi impresso em dois tomos, em Valência, nos dois anos seguintes, e foi escrito pelo mestre Fr. Luis de Urreta (ca.1570-1636) com o título de *Historia eclesiástica, política, natural, y moral, de los grandes y remotos Reynos de la Etiópia, Monarchia del Emperador, llamado Preste Juan de las Indias*<sup>2</sup> para o primeiro tomo, dado que o segundo se autonomizou com o título *Historia de la sagrada Orden de Predicadores, en los remotos Reynos de la Etiópia*.<sup>3</sup> Tiveram fortunas muito díspares: enquanto a obra de Fr. João dos Santos foi amplamente difundida por intermédio das paráfrases que, sobretudo da primeira parte, fizeram outros autores – desde logo pelo jesuíta Pe. Alonso de Sandoval<sup>4</sup> –, os livros de Fr. Luis de Urreta concitaram uma reacção indignada por parte da Companhia de Jesus.

<sup>1</sup> Ver H. Pennec e M.J. Ramos, «Páez, Pedro», in J. Speake, *Encyclopedia of Travel and Exploration*, New York – London, 2003, pp. 908-10.

<sup>2</sup> Valência, 1610. Divide-se em 3 livros; o livro I tem 33 capítulos, o livro II tem 15 e o livro III 6, contando 731 páginas. Ver fig. 3.

<sup>3</sup> Valência, 1611. Divide-se em 20 capítulos, contando 410 páginas. Ver fig. 4.

<sup>4</sup> Ver M. Lobato, «Introdução», 1999, pp. 32-36. A obra de Sandoval referida intitula-se *Naturaliza, policia sagrada i profana, costumbres i ritos, disciplina i catecismo evangélico de todos Etiopes* (Sevilha, 1627).

<sup>1</sup> Não existem, na documentação consultada, quaisquer indicações de que Pedro Páez tivesse recebido instruções objectivas, do vice-rei em Goa ou de Filipe II, para propor tal aliança.

<sup>2</sup> Note-se que Susnëyos viveu parte da sua juventude entre os macha oromo. Sobre o início da presença (documentada) dos oromo na Etiópia, e sobre a guerra, imediatamente antecedente, de resistência do reino cristão aos invasores somalis e adalis liderados por Ahmad ibn Ibrahim el-Ghazi (conhecido como o *Granhe*, ou «Canhoto»), ver: M. Abir, *Ethiopia and the Red Sea: The Rise and Decline of the Salominc Dynasty and Muslim-European Rivalry in the Region*, Londres, 1980; Tewelde Beiene, *La política cattolica di Seltan Sägäd*, Roma, 1983; M.J. Ramos, «Machiavelian empowerment and disempowerment: the violent political changes in early 17th-century Ethiopia», in A. Cheater, *Anthropology of Power, Empowerment and Disempowerment in Changing Structures*, London, 1999, pp. 191-205; E. Ficquet, «La fabrique des origines oromo», *Annales d'Éthiopie*, 2002, vol. XVIII, pp. 55-71.

<sup>3</sup> Sobre esta matéria, ver H. Pennec, *Des jésuites au royaume du prêtre Jean...*, cap. IV; H. Pennec e M.-L. Derat, «Les églises et monastères royaux (XV<sup>e</sup>-XVI<sup>e</sup>, et XVII<sup>e</sup> siècles) : permanences et ruptures d'une stratégie royale» in *XIIIth International Conference of Ethiopian Studies, 12-17 décembre 1997*, Kyoto, pp. 17-34; M.J. Ramos, «Machavelian empowerment and disempowerment...», pp. 196-198.

<sup>4</sup> Ver mapa das igrejas católicas e residências jesuítas na Etiópia, no início do século XVII (fig. 2).

<sup>5</sup> Interpretação simplista e interessada que merece ser profundamente revista: ver, por exemplo, Merid Wolde Aregay, «The Legacy of Jesuit Missionary Activities», pp. 45 seq.

Contudo, ambas podem ser lidas como apologias da ordem, particularmente no domínio da missão, afirmando o seu pioneirismo neste campo de acção numa construção discursiva que releva a ideia da exclusividade missionária, servindo a causa da defesa do direito a missionar sem concorrência certos territórios considerados periféricos no momento em que a Companhia de Jesus alargava o seu raio de acção: na *Etiópia Oriental*, por exemplo, rasuraram-se as referências às missões primitivas dos jesuítas;<sup>1</sup> na *Historia... de la Etiópia*, evidenciou-se a precedência na conversão ao catolicismo do reino etíope, atribuída a um grupo de oito frades pregadores, no início do século XIV.<sup>2</sup> Com isto, o autor pretendia «mostrar que os Abexins do Preste-João nunca foram jámais, nem são scismáticos e apartados da Igreja romana, mas católicos e obedientes a ela»,<sup>3</sup> propondo, no fundo, dar corpo à afirmação de uma hipotética presença dominicana naquele país, precedendo a entrada dos jesuítas em, pelo menos, dois séculos e meio. Através deste dispositivo próximo de uma *reductio ad absurdum*, o frade dominicano pretendia estabelecer a ilegitimidade, de princípio, do privilégio papal concedido aos rivais jesuítas para estabelecerem uma missão na Etiópia.

A disputa pelos territórios missionários alargava para além das fronteiras do espaço peninsular o jogo de influências travado entre as duas ordens na corte espanhola. Esta questão agudizou-se nos anos de transição do século XVI para o século XVII com a controvérsia entre jesuítas e dominicanos a propósito da tese sobre o livre arbítrio enunciada pelo Pe. Luís de Molina (1536-1600) em *Concordia liberi arbitrii* em que discutia a questão da graça e da predestinação.<sup>4</sup> Embora o movimento de crítica ao molinismo tenha sido desencadeado no seio da própria Companhia de Jesus (fora elogiada pelo próprio censor da obra, o frade dominicano Bartolomeu Ferreira), as duas ordens religiosas rapidamente radicalizaram posições e as acusações, que se tinham dirigido inicialmente contra o autor da tese, generalizaram-se contra a Companhia, num processo que envolveu os poderes régio e pontifício, ao ponto de, em 1607, o papa Paulo V (1605-1621) ter proibido as acusações de heresia trocadas pelos contendores na tentativa de pôr um ponto final aos pedidos de excomunhão dos jesuítas envolvidos na controvérsia.<sup>5</sup> Neste contexto, aqui apenas delineado, ganham novo significado as palavras que se lêem no «Prólogo da primeira parte» da *Etiópia Oriental*: «E com muita mais razão devemos nós reconhecer esta mercê de Deus, pois fomos criados no grémio da Cristandade, sustentados com o leite da doutrina católica, e Lei da Graça», prosseguindo com um convite à imitação dos religiosos dominicos e agostinhos que a propagam e ensinam.<sup>6</sup> Este comentário pode ser entendido em convergência com as acusações feitas por Urreta aos heréticos judaizantes que foram de Portugal para a Etiópia em 1555 («poco más o menos») e que teriam sido expulsos pelo rei fiel aos ensinamentos católicos dos missionários dominicanos, espalhando depois que a cristandade etíope era cismática.<sup>7</sup> Uma vez que a data indicada coincide precisamente com o ano em partiu para a Índia o primeiro grupo de jesuítas destinado à Etiópia, apesar de Urreta identificar as personagens do episódio referido como «Judios pérfidos», em número superior

a três centenas, e de ter reservado grande consideração pelo bispo André de Oviedo, o superior da primeira missão, parece haver uma insinuação velada à perfídia dos jesuítas que defendiam, à data da redacção da obra, teses consideradas heréticas e que, efectivamente, haviam tachado de cismática a Igreja etíope.

Quando no «Prólogo a los lectores» da *Historia... de la Etiópia*, Urreta adoptou a posição intelectual de defensor da verdade, apresentando-se «como otro Curcio en la abertura de Roma, teniendo por menor mal, ser murmurado y reprehendido, que dexar de dezir muchas cosas nuevas que aqui se escriben»,<sup>1</sup> teria antecipado a acesa reacção jesuíta? De qualquer maneira, foi ele quem deitou a primeira acha na fogueira da controvérsia ao afirmar que os cristãos da Etiópia eram católicos e que as notícias em contrário tinham sido dolosamente inventadas por judeus portugueses. Inverteram-se as posições, como se uma figura inefável de justiça trilhasse caminhos ínvios e usasse a mão do frade dominicano para baralhar as peças no xadrez do debate religioso. As comissões que tinham interrogado os dois embaixadores enviados em diferentes momentos pelo poder etíope a Portugal concluíram, em 1514,<sup>2</sup> e confirmaram a ideia anterior em 1528/29,<sup>3</sup> que o cristianismo etíope incluía práticas consideradas não-católicas, como a guarda do Sábado ou as proibições alimentares da Lei antiga. A consideração de que tais práticas eram desvios justificados pelo isolamento da igreja etíope e que urgia expurgá-las implicou o papado e o rei de Portugal na tarefa de exortar, por escrito, o rei e o metropolitano no sentido de eliminarem do culto os aspectos suspeitos de serem judaizantes e reconduzirem os fiéis à verdade do catolicismo. Urreta, ao afirmar que a Etiópia era um reino católico em resultado da acção evangelizadora dos frades de S. Domingos e ao insinuar que os padres da Companhia de Jesus, juntamente com os portugueses, tinham exercido uma influência negativa, corrompendo a ortodoxia, pôs em movimento o engenho retórico<sup>4</sup> que havia de remeter a sua obra para o limbo literário. A reacção lançada, então, pela Companhia de Jesus foi articulada, com o objectivo claro de «neutralizar as principais ideias propaladas» por Urreta.<sup>5</sup>

Luis de Urreta era natural de Valência, onde ingressou no Convento dos Predicadores, professando em 1588. Fez estudos superiores em Teologia, tendo atingido o grau de mestre. Tanto quanto foi possível apurar, nunca saiu da Província dominicana que abrangia Aragão, Catalunha e Valência, tendo-a percorrido como pregador ao longo dos anos, pela Quaresma. Quando faleceu, numa quinta-feira santa, a 26 de Março de 1636, deixou muitos papéis com anotações e escritos diversos avulsos na sua cela que, segundo um confrade seu contemporâneo, «casi era libreria»,<sup>6</sup> muitos dos quais acabariam por se perder por ocasião de uma festa que houve, mais tarde, no convento, em que foram usados para cobrir uns adereços.<sup>7</sup> Para além dos livros sobre a Etiópia, deixou alguns textos manuscritos: uma miscelânea histórica em dois tomos e *Combite de la naturaleza*.<sup>8</sup> Nos catálogos de escritores dominicanos, as

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, 1610, s/p.

<sup>2</sup> Na sequência do interrogatório a Mateus, mercador originário da comunidade arménia do Egipto, enviado a Portugal pela rainha regente Elleni no final da primeira década do século XVI.

<sup>3</sup> Na sequência do interrogatório a Sägga Zä-Ab, frade etíope, embaixador do rei Lëbnä Dëngël, ver J. Aubin, «Le prêtre Jean devant la censure portugaise», *Le latin et l'astrolabe*, vol. I, Lisbonne-Paris, 1996, p. 186 e pp. 201-204.

<sup>4</sup> O episódio referido consta entre os vários exemplos escolhidos por P. Páez para ilustrar, no «Prólogo ao leitor», a tese da falsidade das asserções de Urreta, que justificava a necessidade de confutação (ver p. 59).

<sup>5</sup> I. Boavida, «História e Fábula», *Literatura e História – para uma prática interdisciplinar*, Lisboa, 2005, p. 189.

<sup>6</sup> J. Falcón, *Historia de algunas cosas más notables...*, ms. 204, p. 644.

<sup>7</sup> Informação colhida em J. Agramunt, *El Palacio Real de la Sabiduria*, ms. 148-49, vol. 2, pp. 512-13. Os escritos em cadernos foram entregues a Fr. Josef Agramunt que os mandou encadernar.

<sup>8</sup> Em meados do século XVII conservavam-se ainda na Livraria do convento (ver J. Rodríguez, *Biblioteca Valentina*, 1747/1977, p. 310).

<sup>1</sup> J. Santos, *Etiópia Oriental*, 1999, pp. 488-90, tratando «Da fundação da casa de S. Domingos de Moçambique». Ver M. Lobato, «Introdução», 1999, p. 12.

<sup>2</sup> Seguindo várias autoridades dominicanas, nomeadamente Serafino Razzi, Fr. Luis de Urreta e Fr. João dos Santos identificaram esses frades com os Nove Santos venerados pela Igreja ortodoxa etíope (J. Santos, *Etiópia Oriental*, 1999, pp. 427-29; L. Urreta, *Historia de la Sagrada Orden...*, 1611, pp. 13-30).

<sup>3</sup> F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia», *Relação anual...*, vol. 3, 1611 (reed. 1942, p. 287).

<sup>4</sup> L. Molina, *Concordia liberi arbitrii cum gratiae donis diuina praesentia, prouidentia, praedestinatione et reprobatione ad nonnullos primae partis D. Thomae articulos*, Lisboa, 1588.

<sup>5</sup> Ver X.M. le Bachelet, *Prédestination et grâce efficace. Controverses dans la Compagnie de Jésus au temps d'Acquaviva*, 2 vols., Louvain, 1931.

<sup>6</sup> J. Santos, *Etiópia Oriental*, 1999, p. 58.

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, 1610, pp. 614-15.

notícias sobre Urreta sublinham o seu carácter simples e cândido que o levou a admitir a verdade de tudo quanto lhe contou o seu informante sobre a Etiópia.<sup>1</sup>

A tese da ingenuidade de Urreta começou por ser forjada pelos seus refutadores. É curioso observar como a responsabilidade pelas «mentiras» narradas vai passando paulatinamente a ser imputada sobretudo ao informante e menos ao autor. Contudo, a figura deste informante que desempenhava o papel da autoridade em muitas das matérias tratadas na *Historia... de la Etiópia*, levanta algumas questões. A seu respeito e do modo como se conheceram, Urreta conta que chegou «a este santo convento de Predicadores, de la noble ciudad de Valencia, un cavallero Etiope natural del reyno, y ciudad de Fatigar en la Etiópia, llamado Iuan de Baltasar, comendador militar de la Orden de San Anton Abad, y de la guardia del Rey de la Etiópia, llamado Preste Iuan de las Indias, con unos originales y papeles, parte en lengua Etiópica, y parte en Italiana, mal concertados, pero calificados y verdaderos».<sup>2</sup> Há efectivamente traços da passagem por Itália de indivíduos naturais da Abissínia, um dos quais poderia ter, mais tarde, passado para Espanha; não se exclui a possibilidade de serem a mesma pessoa, tal como não se exclui a hipótese de João Baltasar ter saído da forja de Urreta.<sup>3</sup> A *Relazione dell’Africa, suoi dominii, proprietà e costumi, dettata da Giovanni Abissino e scritta da Piero Duodo nel 1578*<sup>4</sup> refere a presença de um dito João Abissínio, de passagem por Itália, rumo à Alemanha para venerar as relíquias dos Reis Magos, o que inscreve a sua viagem num itinerário fabuloso que conduz à complexa teia que envolve o imaginário reino do «Preste João».<sup>5</sup> Teria, no ano em que ditou a relação – que, na verdade, compila o conhecimento geográfico europeu acerca da Etiópia, juntando outras informações avulsas – a idade de 42 anos. Por sua vez, a *Relatione dei Grã Regno degli Abissini ouero d’Ethiopia fatta da don Baldassari Abissino Cauallero dell’Ordine di Sant Antonio*, regista a presença de um Baltasar Abissínio, por volta do início da última década do século XVI, em Roma.<sup>6</sup> A serem a mesma pessoa, tal significava que andava há cerca de vinte anos em peregrinação europeia e se for também o mesmo indivíduo que, cerca de quinze anos depois de se encontrar com Mons. Migliore, foi hóspede dos dominicanos de Valência, viveu fora da sua terra natal metade da vida. A não ser que, entretanto, como sugere a leitura de *Historia... de la Etiópia*, tenha regressado e voltado a partir rumo à Europa, um feito que atestaria uma invulgar energia num homem de setenta anos.<sup>7</sup> Urreta acrescentou, aliás, que a finalidade dessa viagem era «imprimir esta historia», cujo mérito lhe era devido.

Aparentemente, esse indivíduo, chamado João, depois Baltasar e, finalmente, João Baltasar, encontrara vocação como relator de histórias que partilhavam a visão de uma Etiópia maravilhosa com

as características lendárias que o Ocidente medieval havia atribuído ao Preste João. Ou foi um fino e culto impostor que percebeu o que os seus ouvintes queriam ouvir, ou foi um simples informante cujas palavras foram manipuladas no sentido de convergirem com aquela visão europeia da Etiópia, ou foi produto de uma invenção hábil que pretendia legitimar, recorrendo à autoridade de uma testemunha *de visu*, a actualização das velhas ideias sobre a Etiópia. A favor desta última hipótese alinham-se os dados sobre o itinerário (já apontados) e a identidade do informante. Na *Relatione dei Grã Regno degli Abissini* dizia-se natural do reino de «Fatigar» [Fätägär], atribuído à «casa» dos descendentes do Rei Mago Baltasar, o que redundava em prestígio pessoal da figura, não só porque tinha nascido na região associada àquela casa, mas também porque se apresentava com o patronímico da linhagem sagrada (excepto na *Relazione* de Duodo), o que o colocava próximo do trono, já que, segundo afirmava, o imperador era escolhido entre os primogénitos das três casas etíopes da estirpe dos Reis Magos.<sup>1</sup> O Fätägär situava-se numa região periférica, aproximadamente entre o Rio Awaš e as faldas do Entoçto,<sup>2</sup> localização bizarra para um território doado como privilégio a uma linhagem tocada pela sacralidade. O outro nome do velho cavaleiro vagamundo, João, associava-o aos «prestes», aos quais se ligava também pelo nome Baltasar. Aparecia, assim, com o perfil de uma figura autorizada, numa construção muito engenhosa, de tal modo que os historiadores têm admitido o estatuto de individualidade histórica sem qualquer reserva.<sup>3</sup>

É possível que as *relações* tenham sido difundidas em manuscrito, até porque a obra de Urreta retoma e expande as informações nelas contidas, convocando, ainda, outras autoridades em matéria historiográfica, hagiográfica e geográfica. Curiosamente, a *Relatione dei Grã Regno degli Abissini* referia-se à catequização dos povos submetidos ao Manicongo e ao rei do Monomotapa pelos «Padri Giesuiti veri Apostoli dal Signore Giesu Christo»,<sup>4</sup> o que nos reconduz à questão inicial de enquadramento da escrita da *Historia... de la Etiópia* e da *Historia de la Sagrada Orden de Predicadores*.

A visão fantástica da Etiópia exposta por Urreta, reflectindo idealmente a cidade perfeita dos homens como espelho da harmonia divina, merece ser entendida na sua vertente retórica, mais do que reduzida a um repositório de «patranhas» como fizeram os refutadores da Companhia de Jesus.<sup>5</sup>

### 3.2.

#### RESPOSTA À ENCOMENDA DE UMA REFUTAÇÃO

Pedro Páez, como já anteriormente Fernão Guerreiro e outros autores jesuítas o haviam feito, embora em termos mais genéricos (e infinitamente mais sucintos) na «Adição à relação das coisas de Etiópia», foi incumbido pelos seus superiores de contrariar o argumento dominicano. Contrapôs assim, numa longuíssima refutação (538 fólhos), um discurso de «verdade» sobre aquele país, recorrendo aos longos anos de vivência, observação e participação na vida etíope, e aos profusos testemunhos orais e

<sup>1</sup> Ver V. Gimeno, *Escritores del Reyno de Valencia*, 1747, p. 333; C. Fuentes, *Escritores dominicos del Reino de Valencia*, 1930, p. 334.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, 1610, s/p.

<sup>3</sup> Por uma questão de rigor, foi consultado no Arquivo do Convento e na Biblioteca Geral da Universidade de Valência o espólio documental do Real Convento de Predicadores de Valência, e não foi encontrada nenhuma notícia acerca da chegada, estadia ou, até, falecimento de qualquer abissínio ou índio. Este espólio foi disperso em diferentes momentos da história – para o Convento dominicano de Palma de Maiorca, o Arquivo do Reino de Valência, o Arquivo Histórico Nacional e para as mãos de particulares (ver A. Robles, «Manuscritos del Archivo del Real Convento de Predicadores de Valencia», 1984, pp. 350-1).

<sup>4</sup> Biblioteca Ambrosiana de Milão, cód. R. 101, fols. 139r-176r. Ver P. Revelli, «Una relazione sull’ “Abissinia” del 1578», *Bollettino della Società Geografica Italiana*, serie IV, vol. 10, 1910, pp. 607-24.

<sup>5</sup> As relíquias dos reis magos teriam sidotransportadas do Oriente para Milão e posteriormente para a Alemanha. Sobre os reis magos e o Preste João, Johannes de Hildensheim, que relata esta transladação, reporta que aqueles haviam instituído na Índia o patriarcado de S. Tomé, entronizando o Preste João como seu herdeiro e construído a cidade onde este passou a reinar (*Historia trium regium*, fols. 33-34). Sobre as associações do complexo mitológico do Preste João à Etiópia, ver M.J. Ramos, *Ensaio de Mitologia Cristã: o Preste João e a Reversibilidade Simbólica*, Lisboa, 1997, pp. 157-82.

<sup>6</sup> Biblioteca Nacional Marciana, Veneza, Legato Girolamo Contarini 1843, mss. Italiani cl. 6, n.º 332. A relação foi feita a pedido de Monsenhor Migliore, bispo de S. Marcos, Cosenza, Comendador Geral da Ordem do Espírito Santo e capelão do papa Sisto V (1585-1590).

<sup>7</sup> «Sua edad camina para los setenta quando llegò a la Europa» (L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, 1610, p. 7).

<sup>1</sup> *Relatione dei Grã Regno degli Abissini*, fol. 2r e fol. 13r.

<sup>2</sup> Merid Wolde Aregay, *Southern Ethiopia and the Christian Kingdom, 1508-1708, with Special Reference to the Gala Migrations and their Consequences*, Ph.D. thesis, University of London, 1971, p. 46.

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, Caraman, *L’empire perdu. L’histoire des jésuites en Éthiopie* (trad. francesa de *The Lost Empire...*), Paris, 1988, p. 181.

<sup>4</sup> *Relatione dei Grã Regno degli Abissini*, fol. 25v.

<sup>5</sup> Os organizadores da presente edição procedem actualmente a uma releitura crítica de Luís de Urreta, com o objectivo de produzir uma nova edição das suas obras.

escritos que foi recolhendo, complementando-os com referências à literatura epistolar jesuíta e a relatos como o do Pe. Francisco Álvares. A *História da Etiópia* é, assim, o resultado de uma experiência vivencial de vinte anos, que oferece aos leitores não apenas uma elaborada apresentação da história etíope, mas também uma rica e original descrição etnográfica da sociedade em tempo de refundação do reino (como foi dito, devido às recomposições sócio-culturais causadas pelos resquícios da guerra com as populações muçulmanas e pela tensa incorporação dos Oromo no contexto estatal etíope), e onde se lê em filigrana a vontade de enxertar, como episódio de suprema relevância, a própria história da missão jesuíta que Páez sentia protagonizar.

A perspectiva que a *História da Etiópia* veicula vai muito para além da visão negativizada de uma sociedade bárbara, dominada por uma fé herética, e que deveria ser urgentemente reformada e conduzida à «verdadeira fé». É uma obra complexa que constitui um passo decisivo no desenvolvimento do conhecimento europeu sobre aquela região africana. Os jesuítas, empenhados desde meados do século XVI na tentativa de reconquista espiritual do reino do Preste João – um objectivo que sofreria um golpe durante a missão chefiada pelo bispo André de Oviedo, que se viu limitada a prestar apoio espiritual à comunidade formada pelos portugueses ali estabelecidos desde a década de 40 –, sentiram-se fortemente melindrados pelas afirmações provenientes de um elemento de uma ordem religiosa concorrente e procuraram refutá-las por diversos meios.

Ainda que todos os dados para uma identificação precisa de quem deu as ordens e de quem as executou não estejam disponíveis, certos indícios permitem avançar hipóteses plausíveis. Poucos meses passados após a impressão do primeiro tomo da *Historia... de la Etiópia*, o jesuíta português Fernão Guerreiro (1550-1617), que estava encarregue da publicação das relações anuais enviadas das terras de missão desde o início de Seiscentos, editou em 1611, com autorização do geral da ordem, o Pe. Claudio Aquaviva, as cartas ânuas de 1607 e 1608, com uma «Adição à Relação das coisas de Etiópia, com mais larga informação delas, mui certa e mui diferente das que seguiu o Pe. Frei Luis de Urreta, no livro que imprimiu da História daquele império do Preste-João».<sup>1</sup> Guerreiro escreveu um longo parecer sobre o livro de Urreta, apoiado na documentação disponível do dossier Etiópia, a saber, as cartas dos missionários na Etiópia, dos reis ibéricos e dos papas católicos.

Aparentemente, este trabalho não foi realizado por iniciativa pessoal do padre, tomada no âmbito das suas funções de compilador das cartas ânuas enviadas de todos os territórios de missão, integrando-se, antes, num plano estabelecido por instâncias superiores da Companhia. A publicação dos relatórios sobre as missões ultramarinas tinha como objectivos principais estimular o zelo missionário entre os estudantes dos colégios jesuítas e divulgar uma imagem dinâmica da própria Companhia, oferecendo modelos de coragem, fervor e abnegação em diferentes zonas de missão.<sup>2</sup> A prática era incentivada e fazia parte da estratégia de propaganda manobrada pela hierarquia e posta a funcionar pela disciplina da obediência. Neste quadro, afigura-se possível afirmar que o parecer de Guerreiro a respeito da obra de Urreta era o resultado de uma decisão proveniente do centro, ou seja, de Roma, possi-

bilidade essa reforçada pela autorização dimanada pelo próprio geral, Aquaviva. Começava, assim, a polémica contra Luis de Urreta, que deveria prolongar-se até meados do século XVII.

Entretanto, no segundo semestre de 1611, imprimira-se o segundo tomo da *Historia de la Etiópia*, autonomizado sob o título de *Historia de la Sagrada Orden de Predicadores, en los remotos Reynos de la Etiópia*,<sup>1</sup> em que Urreta pormenorizava o pretensão pioneirismo missionário dos dominicanos. Pouco depois, entre 1613-14 e 1616, as Províncias de Portugal e de Goa da Companhia de Jesus encomendaram, concertada e concomitantemente, ao que tudo indica, a redacção de três obras que refutassem e desautorizassem os sobreditos livros do frade valenciano, a três autores diferentes, promovendo a ampla divulgação da causa jesuíta contra a alegação de que a cristandade da Etiópia era católica romana, insinuando que a Companhia se tinha instalado dolosamente ali. Uma versão latina, que se dirigia a um público leitor mais vasto, ficou a cargo do Pe. Nicolau Godinho (1561-1616), cuja obra *De Abassinorum rebus de que Æthiopiae Patriarchis Ioanne Nonio Barreto, & Andrea Oviedo* saiu dos prelos em 1615. O cronista Diogo do Couto (1542-1616) escreveu uma versão laica em português, que anda perdida, intitulada *Historia do Reyno da Ethiopia, chamado vulgarmente Preste João, contra as falsidades, que nesta materia escreveo Fr. Luiz Urreta Dominicano*, cujo manuscrito, depois da morte do autor, foi enviado ao arcebispo de Braga Fr. Aleixo de Meneses,<sup>2</sup> o que indicia o interesse da hierarquia eclesiástica pela questão, ou até o interesse do poder político, já que D. Fr. Aleixo tinha assento no Conselho de Estado, em Madrid. O pedido de uma terceira versão seguiu para as terras altas da Etiópia, dirigido aos próprios missionários cujo testemunho directo era convocado para fundamentar a argumentação, instaurando os princípios da verdade e da autoridade discursiva. O padre superior da missão tomou a tarefa a seu cargo e empenhou-se nela até ao fim da vida.

No que diz respeito à etapa do inquérito que nos leva até à Etiópia, nada se achou na correspondência do geral da Companhia, Claudio Aquaviva, que evidenciasse que fora ele quem pronunciara a ordem para que um dos missionários da missão etíope se dedicasse localmente à redacção de uma refutação das obras de Luis de Urreta. As únicas informações de que dispomos foram fornecidas pelo autor da *História da Etiópia*, Pedro Páez, que assinala na carta dedicatória que a redigiu em resposta a um pedido do seu superior, o provincial de Goa.<sup>3</sup> Quando teria sido remetido tal pedido para a Etiópia? Em 1903, C. Beccari propunha que Páez teria começado a escrever a *História da Etiópia* em 1620 para a terminar em 1622,<sup>4</sup> cronologia que reviu em 1905, assinalando, na introdução crítica, a impossibilidade de avançar então dados precisos sobre a matéria com a declaração assaz vaga de que «o Pe. Páez escreveu a sua obra ao longo dos últimos anos da sua vida».<sup>5</sup> Quanto a A. Feio, editor do manuscrito bracarense em 1945-46, assinalou, na «notícia biobibliográfica» da edição do Porto,<sup>6</sup> que Pedro Páez teria começado a escrever a obra em 1607. Achara o argumento a favor da data proposta num comentário feito pelo Pe. Luís de Azevedo em carta ao provincial de Goa, de 22 de Julho de 1607, a propósito do estado de fadiga do Pe. Páez causado por uma intensa ocupação na actividade de escrita.<sup>7</sup> Esta única referência não permite justificar que se tratasse precisamente da escrita da *História da Etiópia*; para além

<sup>1</sup> F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia», 1611 (reed. 1942, pp. 287-380). Quanto às diferentes edições, ver C. Sommervogel, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus*, 1892, t. 3, 1913-15. Em 1614, o jesuíta P. du Jarric, publicou uma versão francesa inspirada nas relações de Guerreiro, em *Histoires des choses plus mémorables...*, livro III, ed. 1614 (A. Carayon, *Bibliographie historique de la Compagnie de Jésus*, 1864; reed. 1970, p. 109).

<sup>2</sup> O desejo de partir em missão era alimentado pelas leituras em voz alta, feitas à hora das refeições, quer das cartas enviadas por missionários, quer destas compilações de cartas ânuas (J. Masson, «La perspective missionnaire dans la spiritualité des Jésuites», 1977, p. 1032; J.-C. Laborie, *La mission jésuite au Brésil*, 1998, pp. 10-11; M.D. Manso, *A Companhia de Jesus na Índia*, 1999, p. 85).

<sup>1</sup> O parecer do qualificador do Santo Ofício, aliás um confrade de Urreta do mesmo convento, está datado de 14 de Maio de 1611, indicando o momento a partir do qual o livro terá começado a ser composto na oficina de Juan Crisóstomo Garriz.

<sup>2</sup> B. Machado, *Bibliotheca Lusitana*, vol. 1, 1741, p. 649.

<sup>3</sup> Ver p. 63.

<sup>4</sup> C. Beccari, *RESOI* 1, 1903, p. 3.

<sup>5</sup> C. Beccari, *RESOI* 2, 1905, p. xxx.

<sup>6</sup> A. Feio, «Notícia biobibliográfica» in Pêro Pais [Pedro Páez], *História da Etiópia*, vol. 1, p. xxx.

<sup>7</sup> C. Beccari, *RESOI* 11, 1911, p. 134.

do mais, nessa data, as obras de Urreta ainda não tinham saído dos prelos valencianos e é certo que, sem as obras de Luis de Urreta, a obra de Pedro Páez não apresentaria a estrutura que tem, pelo menos nos três primeiros livros em que as referências àquelas são constantes. O último livro, por sua vez, reporta-se ao reinado de Susnëyos, traduz uma versão da *Crónica* deste rei não anterior a Maio de 1619,<sup>1</sup> transcreve a correspondência epistolar posterior a 1607, entre Susnëyos, Filipe III (II) e o papado, e descreve a tentativa frustrada do Pe. António Fernandes de atingir a costa do Índico pelo sul da Etiópia, em 1613.

Os capítulos do Livro I<sup>2</sup> correspondem quase directamente à disposição temática do Livro I da *Historia... de la Etiópia* de Luis de Urreta,<sup>3</sup> evidenciando um plano sequencial das matérias a refutar. Nos dois livros seguintes, o objectivo de Páez foi abordar as questões relativas à fé dos etíopes e às suas práticas religiosas (Livro II)<sup>4</sup> e enquadrar os sucessos da primeira missão jesuíta (Livro III).<sup>5</sup> A estratégia retórica adoptada foi idêntica à que utilizou no Livro I: apresentação dos dados «verdadeiros», autorizados pelo conhecimento directo ou pelo recurso a fontes documentais europeias e etíopes de que dispunha; citação de passagens mais ou menos longas dos livros de Urreta que lhe pareceram inexactas ou falsas, para as refutar à luz da sua experiência, da dos seus informantes considerados fidedignos e da documentação etíope de que dispunha; conclusão em que se confirma e releva a «verdade» das suas asserções contra as «fábulas» e «mentiras» contidas na obra do dominicano. O Livro IV,<sup>6</sup> que resulta de uma tentativa de incorporar a história da segunda missão jesuíta na história da Etiópia, não faz qualquer referência à *Historia... de la Etiópia*, o que se explica, crêem os organizadores desta edição, pelo facto de o período cronológico abordado ser posterior às obras de Urreta.

## 4.

DO TRABALHO DE REDACÇÃO  
À VIAGEM DO MANUSCRITO

## 4.1.

## AS FASES PRELIMINARES DO TRABALHO DE REDACÇÃO DA OBRA

Pedro Páez possuía as duas obras do dominicano, não só porque o diz no prólogo da *História*, mas também porque o confirmam as numerosas referências e citações precisas. Em que momento e em que

condições as teria recebido, são questões que a informação disponível não permite esclarecer directamente. Nem na documentação oficial da Companhia nem na sua correspondência há pistas acerca da entrada dos livros de Urreta na Etiópia. Assim, apenas um exercício de dedução lógica permitirá avançar uma proposta. Tendo o segundo tomo sido impresso em 1611, poderia ter sido remetido pela carreira da Índia, saindo de Lisboa em Março-Abril de 1612<sup>1</sup> para chegar a Goa em Setembro e voltar a partir, agora para a Etiópia, no início do ano 1613. Num cenário menos optimista teriam chegado um pouco mais tarde, pois, como se verá, Páez já os tinha na sua posse em 1614. O padre pôde, assim, entre 1613 e 1614, deitar mãos à obra lendo-os atentamente<sup>2</sup> a fim de ficar apto a refutar ponto por ponto tudo o que considerasse errado ou falso. Sentia-se obrigado a «contradizer suas [de Luis de Urreta] mentiras, manifestando a verdade».<sup>3</sup> O volume da *Relação anual* com a «Adição» do Pe. Guerreiro fazia, provavelmente, parte do lote e em boa hora, do ponto de vista de Páez, uma vez que o privilegiou como fonte sobre a primeira missão e os primórdios da segunda, citando-o largamente.<sup>4</sup>

Os indícios mais significativos para fixar a época em que Páez começou a dedicar-se ao trabalho de confutação, reforçando a hipótese já delineada, encontram-se em duas missivas autógrafas. Na primeira, de 4 de Julho de 1615, escrita em Gorgora e dirigida ao provincial de Goa, o Pe. Francisco Vieira, Páez perguntava, a dado passo, se havia recebido o sumário, enviado no ano anterior, dos testemunhos reunidos a partir das cartas com o objectivo de refutar o que tinha escrito «o religioso de Valência» (Fr. Luis de Urreta, evidentemente).<sup>5</sup> Foi, assim, em 1614, provavelmente em Julho,<sup>6</sup> que Páez endereçou ao mandatário da refutação, o provincial da província goana da Companhia, as primícias do trabalho que o ocuparia até ao final da vida, o que indica que já tinha recebido, então, a incumbência de redigir a refutação bem como os livros de Urreta e que, mesmo que ainda os não tivesse lido de fio a pavio – uma tarefa que confessaria depois ser-lhe particularmente penosa<sup>7</sup> –, tinha lançado as primeiras linhas condutoras para a redacção da *História da Etiópia*.

A segunda carta referida levava a data de 20 de Junho de 1615 e dirigia-se ao Pe. Tomás de Iturén. Nela, Páez declarava:

Estando para cerrar esta, me llegó una de V.R. de 1614, con que me consolé mucho por saber tan frescas nuevas de V.R.; mas no puedo responder á ella, por el portador de esta me apretar mucho. Después puede ser que tenga V.R. cumplida relación de las cosas de este imperio; porque me encomienda ahora la obediencia, que responda á dos libros, que salieron en Valencia, de las cosas de Ethiopia: en que condenan las informaciones que dieron de acá á los Summos Pontifices el p. Patriarcha d. Andrés de Oviedo y los demás padres de la Compañia que acá murieron, y consiguientemente, las que yo tengo dadas.<sup>8</sup>

<sup>1</sup> Ver H. Pennec, *Des jésuites au royaume du prêtre Jean...*, p. 291.

<sup>2</sup> Os manuscritos da *História* não comportam materialmente esta divisão interna, que fica implícita pela existência dos livros II, III e IV, entrando no cap. 1, logo após a dedicatória e o prólogo ao leitor (ver p. 63), sendo por comodidade que se indica esta primeira parte (composta por 37 capítulos) como livro I.

<sup>3</sup> cujo título é «Libro primero del gobierno temporal, costumbres, y cosas más notables del Imperio de la Etiópia, Monarchia del Preste Juan.»

<sup>4</sup> Com o título «Livro II da História de Etiópia em que se trata da fé que professam o Preste João e seus vassallos, dos ritos e cerimónias eclesiásticas que usam, com outras cousas tocantes a elas.»

<sup>5</sup> Com o título «Em que se referem algumas histórias de imperadores da Etiópia, com as missões que os padres da Companhia fizeram para este Império em o tempo de cada um deles.»

<sup>6</sup> Com o título: «Livro IV da História da Etiópia em que se trata dos três últimos imperadores que até hoje houve nela e das missões que os padres da Companhia fizeram em seu tempo para este Império.»

<sup>1</sup> Geralmente, a partida devia ter lugar em Março-Abril, o que permitiria dobrar o Cabo da Boa Esperança antes do fim de Julho e da monção. Se não houvesse atraso, era possível fazer a viagem de Lisboa a Goa em seis meses. Ver K. Chaudhuri, «O estabelecimento no Oriente», in *História da Expansão Portuguesa*, vol. I, p. 189.

<sup>2</sup> Na carta dedicatória referiu-se, porém, apenas ao primeiro tomo (ver p. 63).

<sup>3</sup> Ver p. 66.

<sup>4</sup> Ver pp. 150, 329-30, 484-7, 493-4, por exemplo.

<sup>5</sup> Ms. 779 BPB, doc. XIb, fol. 154.

<sup>6</sup> No período entre Junho e Setembro (o tempo do *kērāmt*, estação das chuvas), quando a pluviosidade no planalto etíope tornava os caminhos impraticáveis, os padres aproveitavam para pôr a correspondência em dia.

<sup>7</sup> Ver p. 130.

<sup>8</sup> C. Beccari, *RESOI* 11, 1911, pp. 359-60.



Nesta data, portanto, Pedro Páez deixava subentendido que estava sobejamente ocupado com a resposta à «relación de las cosas de este imperio» publicada em Valência, na sequência de uma recente ordem, irrecusável por dever de obediência. O uso do advérbio «ahora» parece indicar que o padre tinha assumido recentemente um compromisso.

Entre 1613 e 1614, o Pe. Páez recebeu as obras de Urreta através de Goa, assim como uma recomendação solicitando um parecer crítico. O relatório foi enviado para Goa em 1614 e, obtendo o aval do provincial, Páez foi formalmente indigitado para redigir a refutação em 1615.

Uma outra carta, do Pe. Diogo de Matos e endereçada ao geral da Companhia, datando de 2 de Junho de 1621, fornece mais um dado importante para a história da redacção da *História da Etiópia*:

Residencia de Gorgorrâ. [...] Residem nella ao presente o padre Antonjo Fernandez superior desta missão,<sup>1</sup> e o padre Pero Paes, os quaes, allem de trabalharem muito na administração daquella igreja e na coltivação dos catholicos portugueses e abexins de todo o reyno de Dambíá, que são muitos e muy espalhados, e estarem occupadissimos hum na historia de Etiopia, outro na refutação de todos seus erros [...].<sup>2</sup>

Desde modo, a refutação dos livros de Luis de Urreta, que Pedro Páez anunciara ao Pe. Iturén em 1615, ainda não estava terminada em 1621 e nem mesmo em 1622, pois a *História* referencia várias vezes este ano, em diversas partes.<sup>3</sup>

#### 4.2.

#### INCERTEZA EM TORNO DE 1622: FIM DA REDACÇÃO DA HISTÓRIA DA ETIÓPIA?

Pedro Páez, após ter passado quase uma vintena de anos na Etiópia, morreu na sequência de fortes febres, em Maio de 1622. A questão da data da sua morte levanta alguns problemas, na medida em que as informações variam conforme os autores; recolocá-la, porém, permite questionar, por sua vez, o fim do processo de escrita da sua obra.

Por um lado, conhecem-se as informações dadas pelo Pe. Diogo de Matos na relação anual da Etiópia de 1621-1622, datada de 28 de Junho de 1622, segundo a qual Pedro Páez teria falecido a 20 de Maio.<sup>4</sup> Por outro lado, o Pe. Manuel de Almeida reportou a morte do seu confrade aos primeiros dias do mês 1622,<sup>5</sup> indicação vaga que Baltasar Teles precisou, indicando o dia 3 de Maio.<sup>6</sup> A data de 20 de

<sup>1</sup> Era um dos companheiros de Páez, chegado à Etiópia em 1604 (C. Beccari, *RÆSOI* 3, 1906, p. 269; Pais, *História da Etiópia* 3, 1946, p. 58). Ocupava, em 1619, a função de superior da missão, substituindo nessa função o Pe. Páez.

<sup>2</sup> Não se tratava da refutação dos livros de Urreta, encomendada a Páez, mas da refutação teológica de matéria dogmática etíope considerada errónea pelos jesuítas. C. Beccari, *RÆSOI* 11, 1911, p. 484.

<sup>3</sup> Ver pp. 140, 394, 398, 715, por exemplo.

<sup>4</sup> *Ms. 779 BPB*, doc. XVI, fol. 215-25, «Carta annua desta missão de Ethiopia do anno 621 e 622» do Pe. Diogo de Matos, 28.06.1622 (exemplar em muito mau estado de conservação). Esta carta foi parcialmente citada por A. Feio na introdução crítica da edição de Pais 1, 1945, pp. xxxiv-xxxv. Foi também publicada numa versão abreviada italiana, *Relazione d'Ethiopia degli anni 1621-1622*, 1627, pp. 45 seq. (ver C. Beccari, *RÆSOI* 2, 1905, p. xxviii).

<sup>5</sup> C. Beccari, *RÆSOI* 6, 1907, p. 360. Entre os autores modernos que utilizam as informações de Almeida encontram-se, por exemplo, Kammerer, *La mer Rouge, l'Abyssinie...*, 1949, p. 356; Tewelde Beiene, *La politica cattolica di Seltan Sägäd I*, 1983, p. 149.

<sup>6</sup> B. Teles, *História geral de Etiópia-a-Alta*, 1660, p. 357; data apresentada por P. Caraman, *L'empire perdu*, 1988, p. 184.

Maio de 1622 apresentada por Diogo de Matos parece ser a mais fiável, não só porque o documento é contemporâneo do óbito,<sup>1</sup> mas também porque o manuscrito autógrafo da *História da Etiópia*, depositado nos Arquivos Romanos da Companhia de Jesus (ARSI), tem aquela data, 20 de Maio de 1622, no final da dedicatória dirigida ao geral da ordem, o Pe. Mucio Vittelleschi, o que significa que Pedro Páez não podia estar morto no início do mês de Maio de 1622.<sup>2</sup>

Esta mesma dedicatória, enquanto permite resolver um problema, levanta um conjunto de outros. Pedro Páez sucumbiu a febres altas e, por conseguinte, não é muito plausível que, febril e moribundo, tivesse redigido e assinado a dedicatória da *História da Etiópia*. No manuscrito autógrafo, algumas linhas no final desta carta foram cortadas, o que foi assinalado em nota por C. Beccari, o qual não reparou, porém, que as últimas cinco linhas eram de uma mão diferente, como se vê na fig. 5. À primeira vista, a diferença não é muito marcada, mas olhando mais perto, percebe-se que a maneira de traçar as maiúsculas diverge, por exemplo, para o «D», o «E» e o «M». Antes de avançar com uma proposta de identificação da mão correctora, ou censora, porém, apresentamos a transcrição da parte final da dedicatória com reprodução gráfica da rasura:

[...] como Vossa Paternidade poderá ver, pois todos os anos tem certas informações do que cá passa, pelas cartas dos padres meus companheiros. E assi por isto, como ~~pela obrigação que tenho~~ [por ser Vossa Paternidade tão particular pai desta missão], me pareceu devia oferecer a Vossa Paternidade ~~esta obra, para que, sendo tal que possa sair à luz, dê licença para isso e se não mande que fique; porque meu intento não foi mais que cumprir com a obediência do Padre Provincial e satisfazer ao desejo dos padres que a pediam~~ [este pequeno trabalho em cuja bênção e santos sacrifícios e orações muito em o Senhor me encomendo. De Dancas, corte do imperador, em Maio 20 de 1622].<sup>3</sup>

P. PAES.<sup>4</sup>

As correcções que foram feitas não foram favoráveis a Páez. A alteração de «esta obra» por este «pequeno trabalho» reflectia, evidentemente, a modéstia, virtude que devia ser cultivada por todos os missionários, mas podia ser também interpretada como uma tentativa de diminuição do valor do trabalho realizado. O que foi, de facto, rasurado pelo corrector foi o requerimento de que a obra pudesse «sair à luz», o que parece ser a manifestação clara de um desejo de ter a obra impressa. Pode estranhar-se, no entanto, o facto deste pedido de permissão ser endereçado directamente ao geral da Companhia, o Pe. Mucio Vittelleschi, ultrapassando a hierarquia, uma vez que a refutação fora encomendada a partir da província de Goa à qual estava adstrita a missão etíope.

À data da morte de Páez, quem poderia ter escrito aquelas frases finais? A escolha é reduzida, uma vez que a missão era composta por apenas quatro elementos: o superior António Fernandes estava na província de Dämbya em companhia de Luís de Azevedo, destinado a concorrer onde fosse necessário, portanto de passagem; António Bruno estava no Gojjam e Diogo de Matos na província do Tigré.<sup>5</sup> Pela

<sup>1</sup> Manuel de Almeida não entrou na Etiópia senão dois anos após a morte de Páez; para além disso, só começou a trabalhar sobre o manuscrito de Páez depois de 1626.

<sup>2</sup> Na edição de C. Beccari omitiu-se o dia, por esquecimento, decerto, apesar do manuscrito ser claro quanto à data. Ver *ms. Goa 42 ARSI*, publicado em *RÆSOI* 2, 1905, p. 4, tab. 1.

<sup>3</sup> O fragmento entre parênteses rectos corresponde ao texto acrescentado. C. Beccari, *RÆSOI* 2, 1905, p. 4.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: PERO PAIS.

<sup>5</sup> C. Beccari, *RÆSOI* 11, 1911, p. 520.

distância que os separava do lugar onde Páez faleceu, em Gorgora, no Dãmbya, e também porque os dois haviam entrado na Etiópia pouco tempo antes, em 1620,<sup>1</sup> ambos ficam excluídos deste inquérito. O mais directamente implicado no processo parece ter sido o padre superior. De acordo com as informações dadas por Manuel de Almeida, Pedro Páez, depois de ter feito uma viagem à corte régia, regressou a Gorgora com febre, sendo acolhido pelo Pe. António Fernandes que fez o que estava ao seu alcance para o curar.<sup>2</sup> Do ponto de vista da oportunidade, o superior da missão esteve bem colocado para introduzir, de moto próprio ou por sugestão do confrade, as alterações na carta.

Uma comparação grafológica das linhas finais da dedicatória e das cartas autógrafas de Fernandes sustenta a proposta da sua participação<sup>3</sup>, pois observam-se semelhanças no traço caligráfico, nomeadamente das maiúsculas, como o «P» e o «D».

Voltando à data inscrita no final da dedicatória, até agora considerada como a indicação mais precisa do fim da redacção da obra e do óbito do seu autor, parece plausível que, assinando pelo confrade febril e quase moribundo, o Pe. Fernandes não pusesse cuidado no mesmo registo.

As diferenças caligráficas remetem para outro problema que o estudo do ms. ARSI levantou, sendo que o Livro II apresenta uma caligrafia diversa daquela da mão que escreveu os restantes livros e que foi a de Pedro Páez.<sup>4</sup> Este pode ter ditado o conteúdo do Livro II antes da sua morte. Outro missionário pode ter sido incumbido de o redigir a partir das anotações deixadas por Páez. Um dado inequívoco sobre a autoria deste Livro é a sua coerência estrutural em relação ao conjunto da obra, fosse de quem fosse a mão que o manuscreeveu, mantendo a organização interna, a retórica da refutação, as referências à experiência pessoal, discursando na primeira pessoa do singular.

Há um argumento que favorece a segunda hipótese, pois o manuscrito ainda não havia sido enviado para Goa quando o Pe. Manuel de Almeida chegou à Etiópia, em Janeiro de 1624.<sup>5</sup> Numa carta de 8 de Maio desse ano, escrita na residência de Gorgora ao geral Mucio Vittelleschi, Almeida declarava:

Vay este ano de cá o livro das couzas de Ethiopia que fez o padre Pero Paes que está em glória: peço aos padres superiores da Índia que o mandem lá tresladar por vias e deixando hum treslado em Goa, mandem os outros a V.P.: e peço a V.P. que assi como elle vay feito pollo padre em portuguez o faça imprimir, porque creo que terá muita authoridade feito por padre castelhano de naçam e que impugna também a fr. Luis de Urreta [...]. Depois de impresso assi como o padre o fez, se poderá, se a V.P. parecer bem, tresladar e imprimir em latim pera que corra em todas as partes de Europa.<sup>6</sup>

Por que razão o manuscrito da *História da Etiópia*, aparentemente terminado, de acordo com a carta dedicatória, a 20 de Maio de 1622, se achava ainda no território dois anos mais tarde? Ou o manuscrito estava, de facto, acabado e o superior da missão reteve-o, não tomando disposições a fim de o expedir para a Índia com as cartas anuais desse ano ou do ano seguinte; ou o manuscrito não estava terminado, sendo-o antes da chegada de Almeida como padre visitador da missão, ou já depois, entre

Janeiro e Maio de 1624. Sendo difícil divisar uma certeza a este respeito, a lição a retirar sobre esta questão é que não é possível apresentar com certeza inequívoca a data *ante quem* da redacção da *História*.

O superior António Fernandes desempenhou um papel apreciável no processo. Na hipótese que sugere que o manuscrito estava terminado, ele parece ter bloqueado o seu envio para a Índia. Se, por outro lado, foi necessário esperar pela chegada de Manuel de Almeida para que o Livro II fosse copiado ou composto a partir das notas deixadas por Páez, isto demonstra, uma vez mais, uma intenção de bloquear a prossecução do trabalho, ou, no mínimo, o total desinteresse de Fernandes em relação àquele. Na verdade, parece ter sido Manuel de Almeida quem tomou a seu cargo a divulgação do manuscrito, mostrando um grande entusiasmo a seu respeito quando teve conhecimento da existência, no espólio do seu confrade Pedro Páez, de um grosso volume de cadernos. Para si, esta obra constituiria um excelente meio de propaganda, em defesa das missões jesuítas, contra as pretensões dominicanas. De mais, como se lê na carta, sendo o autor castelhano, derrotaria qualquer argumento de natureza nacionalista. Do seu ponto de vista, o manuscrito de Pedro Páez deveria ser impresso rapidamente e a proposta de uma tradução latina reforça a ideia de que o visitador da missão considerava que a obra merecia uma larga difusão, para cumprir os objectivos propagandísticos.<sup>1</sup>

#### 4.3.

#### A VIAGEM DE IDA E VOLTA DO MANUSCRITO

Anos depois, o manuscrito de Páez regressou à Etiópia, na bagagem do patriarca Afonso Mendes, sem que tivessem sido feitas as necessárias diligências para concretizar as recomendações entusiásticas do padre visitador.

De acordo com a indicação dada por Manuel de Almeida na sua carta de 8 de Maio de 1624, o manuscrito de Páez ia incluído no maço de documentos que seguiu para a Índia no mesmo ano.<sup>2</sup> Tudo leva a crer que foi efectivamente enviado e que chegou ao destino, porque num dos últimos fólios (fol. 537) se lê uma nota manuscrita pelo patriarca Afonso Mendes, datada de 4 de Dezembro de 1624, de Baçaim,<sup>3</sup> uma feitoria a Norte de Goa onde os jesuítas possuíam uma residência. A dita nota do punho do patriarca não tinha relação directa com o conteúdo do manuscrito, provando apenas que se encontrava na Índia nessa altura. Uma carta do patriarca Mendes, de Bandorá, na costa Ocidental da Índia, reforça o facto, pois, escrevendo ao Pe. Francisco de Vergara, provincial de Goa, a 26 de Dezembro de 1624, refere que consultou os escritos de Páez buscando notas informativas acerca do melhor porto para entrar na Etiópia.<sup>4</sup>

O manuscrito encontrava-se, então, na Índia no fim de 1624 e, de acordo com os documentos citados, estava à guarda de Afonso Mendes que acabara de chegar de Portugal com o título e os poderes de patriarca da Etiópia e que permaneceria ali até ao princípio do mês de Abril de 1625 quando viajou para a Etiópia com um novo contingente de missionários.<sup>5</sup> O patriarca Afonso Mendes tinha to-

<sup>1</sup> C. Beccari, *RESOI* 11, 1911, p. 473.

<sup>2</sup> C. Beccari, *RESOI* 6, 1907, p. 360.

<sup>3</sup> Ver figs. 6 e 7.

<sup>4</sup> Assinalada por Beccari na sua edição. Ver *RESOI* 2, 1905, p. xl. Ver figs. 7 e 8.

<sup>5</sup> Ver C. Beccari, *RESOI* 5, 1907, p. 338.

<sup>6</sup> C. Beccari, *RESOI* 12, 1912, p. 51.

<sup>1</sup> Para um tratamento mais pormenorizado desta matéria, ver H. Pennec, *Des jésuites au royaume du prêtre Jean...*, pp. 249 seq.

<sup>2</sup> C. Beccari, *RESOI* 12, 1912, p. 51.

<sup>3</sup> Ms. GOA 42 ARSI, fol. 537. C. Beccari não negligenciou a importância deste fólio, que foi transcrito em *RESOI* 3, 1906, p. 508. Ver fig. 9.

<sup>4</sup> C. Beccari, *RESOI* 12, 1912, p. 110.

<sup>5</sup> C. Beccari, *RESOI* 12, 1912, p. 143.

mado conhecimento do relatório do Pe. Manuel de Almeida, favorável à impressão da *História da Etiópia* e à sua difusão europeia, mas não parece ter sido contagiado pelo entusiasmo do confrade, julgando a obra inadequada para publicação. Esta decisão assinalou o início do segundo bloqueio à obra de Páez, indiciando a existência de um processo de censura nos meios jesuítas da Índia e no interior da própria missão da Etiópia. Afonso Mendes esteve, muito provavelmente, ligado ao processo, tal como o superior António Fernandes. A iniciativa de levar o manuscrito de volta para a Etiópia e o pedido feito ali a Manuel de Almeida para reescrever a *História da Etiópia* confirmam os bloqueios e censuras de que a obra de Pedro Páez foi alvo.

Foi em finais de 1625 que o Pe. António Fernandes confiou a Manuel de Almeida a tarefa de reescrever a *História* de Pedro Páez. O autor deste novo livro reconhece repetidamente que o texto de Pedro Páez é a fonte do seu, mas na verdade a sua *História da Etiópia a alta ou Abássia* reescreve completamente a *História da Etiópia*, mostrando-se Manuel de Almeida muito cuidadoso em suprimir os argumentos polémicos de Páez contra Luis de Urreta. Entretanto, a opinião de Almeida também se modificara, manifestando uma reserva crítica em relação à obra, que se escorava em argumentos de teor linguístico: escrito num português minado pelo enxacoco, o texto pedia correcção. Escreveu, então, que «como era Castelhano, faltou algum tanto na propriedade da língua portuguesa, na qual escreveo, por estar ia muito esquecido da espanhola, que avia muitos annos não usava».<sup>1</sup> Outros missionários na Etiópia, como o Pe. Manuel Barradas (1572-1646), pronunciaram-se no mesmo sentido, acusando Páez de perverter a pureza do idioma com a prática do enxacoco. Esta censura ao texto, baseada num critério linguístico, teve, aparentemente, algum peso na decisão de não publicar, então, a obra do padre Páez. O argumento foi, depois, retomado por Afonso Mendes, para justificar uma nova encomenda da obra, desta vez dirigida ao provincial jesuíta, o Pe. Baltasar Teles: Páez escrevia em português sendo castelhano de nação a quem «sempre costuma ser muy dificultosa a lingua Portuguesa», de maneira que «entre nós era havido por enxacoco»; Almeida, por seu turno, embora tivesse o português como língua materna, «se atou tanto à disposição, e palavras do Pe. Pedro Pays, que também lhe bebo em grande parte os vícios d'ellas».<sup>2</sup>

Esse, contudo, era um argumento secundário, o principal sendo a incompatibilidade entre refutação e história. A crítica que se pode apontar a Pedro Páez foi a de que ele se permitiu fazer o que não lhe tinha sido pedido. Tinha-lhe sido pedido para escrever uma refutação e não uma refutação-*cum-historia*. No entanto, Páez propunha uma nova fórmula: uma história de natureza essencialmente polémica. Isto foi o que o levou a pesquisar documentação etíope e a conduzir pesquisa de «terreno», de forma a verificar ou a contradizer as pretensões de Urreta. Mas a reacção de rejeição de Afonso Mendes, António Fernandes e de Manuel de Almeida ao trabalho de Pedro Páez é também um reflexo da atitude do século XVII em relação ao modo como a história deve ser escrita. História não era refutação, devia ser escrita numa linguagem subtil, mais refinada e correcta, enriquecida com numerosas referências clássicas e das Escrituras, e devia ser coerente e organizada; por outras palavras, o tipo de trabalho que Manuel de Almeida, até certo ponto, procurou fazer na sua História e que ficaria cumprido pela mão de Baltasar Teles quando, em 1660, imprimiu em Coimbra, enfim, a *História geral de Etiópia-a-Alta ou Preste Joam, e do mais que nella obraram os padres da Companhia de Jesus, composta na mesma Etiópia, pelo Pe. Manoel d'Almeyda, natural de Vizeu, Provincial e Visitador que foy na Índia*.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> E. Denison Ross, «Almeida's History of Ethiopia», in *BSOAS*, II, part. 4, 1921-23, p. 794.

<sup>2</sup> A. Mendes, «Carta», in B. Teles, *História geral de Etiópia-a-Alta*, 1660, p. s/p.

<sup>3</sup> Ver fig. 10.

Para o seu tempo, a *História da Etiópia* foi um livro extraordinariamente inovador no campo a que actualmente chamamos estudos etíopes: introduz um conjunto de informação e documentação nunca antes apresentado na Europa e a europeus.

5.

## TEÓLOGO, TRADUTOR, AUTOR, ARQUITECTO E EXPLORADOR

5.1.

### A «CONSTRUÇÃO» DA REPUTAÇÃO DE PÁEZ

Para além da escrita ou da reescrita da *História da Etiópia* parece-nos importante sublinhar o papel que o próprio Pedro Páez, por um lado, e os escritores jesuítas posteriores, com especial destaque para Manuel de Almeida e Baltasar Teles, por outro, desempenharam na construção da reputação quase lendária daquele missionário, tal como pode hoje ainda ser surpreendida na literatura de divulgação histórica.<sup>1</sup> É bastante evidente, da leitura da obra, que o autor-narrador se colocou, sem qualquer modéstia, em lugar de grande destaque no que respeita à progressiva implantação dos jesuítas no território etíope e sua aproximação ao poder real. A história, geografia, etnografia e religião da Etiópia, que Páez nos faz descobrir através da constante referência à sua própria acção como investigador, explorador, tradutor e diplomata, surge imbricada com a história da presença jesuíta no país e esta, por sua vez, converge na figura do próprio Páez, cuja autobiografia deixa entender um tom quase salvífico, como se ele estivesse destinado a fazer o sucesso da missão iniciada em 1557 e durante decénios votada ao abandono por parte da coroa, dos superiores da Companhia e do poder de Goa.<sup>2</sup> A literatura jesuíta insistiu recorrentemente num tópico que alimenta a ideia da predestinação de Páez. Contava-se que, estando em oração, Deus lhe revelou que «Tu és o que has de passar a Etiópia e não o Padre Monserrate».<sup>3</sup>

O pretexto imediato (a «encomenda») para a escrita do livro de P. Páez foi a denúncia do que ele descrevia cruamente como o «tecido de mentiras» que envolvia os livros de Luis de Urreta, de modo a tor-

<sup>1</sup> Veja-se o recente *Dios, el Diablo y la Aventura: La Historia de Pedro Páez, el Español que Descubrió el Nilo Azul*, de Javier Reverte (Madrid, 2001), ou a biografia de Páez por P. Caraman, *The Lost Empire: the Story of the Jesuits in Ethiopia* (London, 1985). O papel de Pedro Páez no âmbito da missão jesuíta na Etiópia tem também sido destacado na literatura especializada. Alguns historiadores têm optado por valorizar os supostos aspectos negativos da sua acção, no quadro da confecção de uma «lenda negra» (ver Merid Wolde Aregay, «El conocimiento de Pedro Páez de la Teología de la Iglesia Ortodoxa etíope», in *Commemoración del IV Centenario de la llegada del sacerdote español Pedro Páez a Etiópia*, Madrid, 2007; «The Legacy of Jesuit Missionary Activities in Ethiopia from 1555 to 1632», in *The Missionary Factor in Ethiopia*, Frankfurt-am-Main, 1998). Outros têm glosado a «lenda dourada» construída pela historiografia jesuíta a partir do séc. XVII, emprestando à biografia da personagem contornos quase hagiográficos (por ex., Marina Alfonso Mola e Carlos Martínez Shaw, «Pedro Páez y la misión jesuítica en Etiópia en el contexto de la unión de las Coronas de España y Portugal», in *Espacio, Tiempo y Forma — Historia Moderna*, 2004).

<sup>2</sup> Neste sentido, é aliás interessante notar que o panegírico quase idolátrico do Patriarca André de Oviedo (o «mártir» da primeira fase da missão), feito no livro III, caps. V a XI, da *História de Etiópia*, surge, na economia do texto, em contraponto aos sucessos da fase seguinte, que P. Páez inaugura e que centraliza. É também de sublinhar, neste âmbito, o relativo apagamento do papel do seu companheiro António Fernandes, cuja menção na *História*... se resume praticamente à descrição da sua malograda tentativa de atingir a costa leste-africana através do sul da Etiópia (livro IV, caps. XXX a XXXV). Sobre os indícios de rivalidade entre os dois missionários e uma eventual censura da obra de P. Páez em detrimento da publicação, em Goa, do *Muqasfi Häsetat* de A. Fernandes, ver H. Pennec, *Des jésuites au royaume du prêtre Jean*, 2003, pp. 264-67.

<sup>3</sup> F. Guerreiro, *Relação annual*..., 1605 (reed. 1930, pp. 362-63); M. Barradas, «Tractatus Tres Historico-Geographici», *RÆSOI* 4, Roma, 1906, p. 302; B. Teles, *História geral de Etiópia-a-Alta*, 1660, p. 212.

nar públicas na Europa as «verdades» sobre a «realidade» etíope. Mas se a produção desta monumental obra pode ter eventualmente influenciado a tomada de decisões sobre política missionária (tratava-se, como foi dito, de defender a exclusividade da presença missionária jesuíta na Etiópia, contra as alegações dos dominicanos), só indirecta e marginalmente terá servido de referência à subsequente produção literária europeia sobre a Etiópia.

A *História da Etiópia*, no formato concebido originalmente, permaneceu totalmente inédita até ao início do século XX. Os autores posteriores – e, desde logo, os re-escritores da *História*, Manuel de Almeida e Baltasar Teles, que assim legitimavam a sua intervenção no processo literário – contribuíram decisivamente para estabelecer a reputação de Pedro Páez, não como autor, mas como multifacetado (re)construtor da missão etíope, atribuindo-lhe uma variedade de dotes: de poliglota, arquitecto e empreiteiro a explorador, teólogo e conversor.

Foi provavelmente o obituário de Pedro Páez, escrito por Manuel de Almeida, que determinou esta revisão estatutária:

Foi o Pe. Pedro Páez varão verdadeiramente apostólico, escolhido por Deus pera apostolo de Ethiopia [...]. Era castelhano de nação de junto a Toledo de pays nobres; entrou na Companhia e com os seus estudos de theologia acabados veo para a India no anno de 1588; partiu pera a missão na Ethiopia por caminhos muito extraordinarios, indo á Muscate e Ormuz, com intento de daly com um grande rodeo passar ao gram Cairo, e delle nas cáfilas, que por terra vão á Ethiopia; em Mascate tomou outra derota partindose daly em huma terrada para Zeila, cativou junto a Dofar; foi levado á Xaer e á Senan, aonde esteve cativo sete annos; livre do cativo tornou à Índia, aonde fez profissão de quatro votos, e tornou a sua empreza pera dizer melhor, como quem só nos trabalhos achava descanso, nos desgostos gosto, nas maiores asperezas dilicias, prazer e todo seu contentamento. Era de corpo alto e magro, rosto corado, de engenho vivo, de condição tam afável que a quantos tratava ganhava as vontades; guardou perfeitamente aquilo do Apostolo: Omnibus omnia factus sum ut omnes lucrifacerem; fazendose não só mestre e pregador da verdadeira fée, mas medico e enfermeiro përa os doentes, architecto, pedreiro, carpinteiro përa fazer igrejas a Deus e casas ao Emperador, com tanta humildade e chaneza, que a todos cativava, fazendose servo e cativo de todos.<sup>1</sup>

Este obituário redigido por Manuel de Almeida é particularmente interessante como exemplo de «construção histórica». O estatuto de Pedro Páez como autor, prontamente reconhecido hoje, foi totalmente omitido por Almeida, em favor de um estatuto fictício de arquitecto.

Alguns aspectos devem ser questionados:

1) A ascendência nobre de Pedro Páez. Almeida foi o primeiro escritor a fornecer esta informação, que é claramente repetida por autores posteriores (Baltasar Teles, por exemplo). Os documentos institucionais da Companhia, que existem para praticamente todos os membros da Ordem, não fazem qualquer referência à nobreza dos ascendentes de Páez.

2) Os estudos teológicos terminados na Europa. Esta informação de Almeida contradizia em particular aquilo que os catálogos para a província de Goa indicavam. Em primeiro lugar, foi em Goa que ele iniciou o seu curso de Teologia. Além do mais, era bastante raro que jesuítas enviados para a Índia o tivessem terminado. Afirmando nesta notícia que Pedro Páez tinha terminado o seu curso, Manuel de Almeida procurava aumentar o prestígio desse homem, a quem não hesitou em chamar «o apóstolo

da Etiópia». Páez, no entanto, nunca terminou o seu curso. Os catálogos (para 1599, 1605, 1614 e 1620)<sup>1</sup> mencionam, na melhor das hipóteses, dois anos de estudos de Teologia. Além do mais, sabe-se que esses dois anos não foram completos, no primeiro caso, devido à sua partida para a Etiópia e no segundo, por causa da sua doença prolongada no regresso do cativo.

3) Pedro Páez tomou os quatro votos. Segundo Manuel de Almeida, isso teria acontecido após o seu regresso do cativo. No seio da Companhia, o mais alto grau era o de professo (o quarto voto era o da obediência particular ao Papa) e este era geralmente concedido após anos de estudos teológicos (quatro anos, sem contar com o estudo das humanidades e das artes). Nalguns casos, no entanto, anos de experiência de missão podiam contar como anos de estudo. Este era, na verdade, o caso de Páez que, segundo o catálogo trienal de 1614, tomou os seus quatro votos em 24 de Junho de 1609, por outras palavras, seis anos após a sua ida para a Etiópia. De novo, fazendo de Pedro Páez um professo antes da sua segunda partida para a Etiópia, Almeida procura aumentar o prestígio do jesuíta. Ele não ignorava certamente a situação da Índia na época: os padres professos eram uma raridade na província e teria sido mais apropriado, do ponto de vista da política de missão, utilizar tais jesuítas em missões mais «proveitosas» do que a da Etiópia.

Tendo questionado estes pormenores no obituário, que claramente procurava apresentar Pedro Páez como um jesuíta pertencente à elite da província da Índia, permanece por examinar a última informação dada por Manuel de Almeida. No final do obituário, Almeida apresentou Páez como um homem com muitos talentos: certamente um bom pregador da fé cristã, mas também um médico e enfermeiro dos doentes e um arquitecto, pedreiro e carpinteiro que fazia igrejas para Deus e casas para os reis. A descrição destes talentos como arquitecto foi desenvolvida noutra parte do trabalho de Manuel de Almeida,<sup>2</sup> quando escreveu que, de 1614 em diante, na península de Gorgora (que foi o primeiro campo real de Susnëyos, tornando-se em seguida residência jesuíta em 1626), Páez fez casas à maneira das da Europa, uma em particular para o rei que era chamada *Bäbiet lay* (isto é, «no topo da casa, a casa»). Almeida aproveitou a oportunidade para sublinhar que este edifício era considerado como uma maravilha da Etiópia. A habilidade arquitectónica que Manuel de Almeida atribuía ao seu colega jesuíta no obituário era uma invenção, mas uma invenção que não afectava a coerência do seu discurso.

A primeira informação a reter ofereceu-a o próprio Páez na sua *História*,<sup>3</sup> quando referiu a questão das cidades e dos edifícios a serem encontrados na Etiópia. Descreveu um palácio que ficava na península de Dämbya (não mencionava na verdade Gorgora mas a descrição muito pormenorizada permite a sua identificação) e indicou que o Imperador Sëltan Sägäd (Susnëyos) tinha construído este palácio. Não há menção de envolvimento jesuíta, nem mesmo do seu. Poderá isto ser atribuído à modéstia de Páez? Este argumento não parece sustentável já que noutras ocasiões no seu relato Páez não hesitou por um momento em mencionar o seu envolvimento ou o de outros padres. Por exemplo, ao relatar na sua *História* as suas actividades desde o momento em que chegou à Etiópia em 1603, declarou que se lançou na tradução da *Cartilha* para amárico, de modo a ensinar as crianças da comunidade mista. Podemos, no entanto, ter a certeza que sem a ajuda de João Gabriel, o capitão português, Pedro

<sup>1</sup> Ms. GOA 24 II ARSI, *Catalogi breves a trienales 1595-1611*, fols. 286v e 396v; Ms. GOA 25 ARSI, *Catalogi trienales Goam. Malab., 1614-1699*, fols. 17 e 29v.

<sup>2</sup> C. Beccari, *RAESOI 6*, Roma, 1907, p. 293-95; retomado por B. Teles, *História Geral de Ethiopia a Alta ou Preste Ioam...*, 1660, pp. 334-35.

<sup>3</sup> Ver pp. 191-92.

<sup>1</sup> M. Almeida, *Historia de Ethioia a Alta*, in C. Beccari, *RAESOI 6*, Roma, 1907, 361.

Páez teria sido absolutamente incapaz de produzir tal tradução. No entanto, no relato que escreveu dez anos mais tarde, não hesitou em se apropriar do crédito da tradução.

Outro ponto que nos leva a questionar a atribuição de talentos arquitectónicos a Pedro Páez é o episódio da construção da primeira igreja em pedra em Gorgora Velha em 1618-1619. Quando o rei encarregou os padres de fazer este trabalho, eles confessaram-lhe não saber como «porque não era o seu comércio» e que preferiam executar tarefas mais modestas.<sup>1</sup> Nenhum dos padres na Etiópia entre 1603 e 1622 era realmente competente para se encarregar da construção de igrejas ou de outros edifícios. Além do mais, só porque a *Crónica de Susnēyos* refere que «Havia um Franco que dirigiu o trabalho de construção<sup>2</sup> [de Gänätä Iyasus, em Äzäzo] de nome Padry Pay»,<sup>3</sup> isto não quer necessariamente dizer que ele tivesse algum talento especial como arquitecto. Parece, no máximo, que ele era responsável pela empresa mas, ao fim e ao cabo, era limitado nas aptidões de construtor.<sup>4</sup>

Manuel de Almeida parece ter sentido a necessidade de substituir o talento de Páez como autor, por um outro talento: o de arquitecto, por outras palavras, o de fundador, no sentido material do termo, da missão jesuíta. Pedro Páez, o apóstolo da Etiópia, era quem tinha permitido à missão, passar do estatuto de «temporária» ao de «permanente». A observação feita, em 1619, por Luís de Azevedo relativamente à primeira igreja de pedra em Gorgora Velha é bastante significativa: «foi a concretização material e o edifício espiritual da fé romana neste império.»<sup>5</sup> A construção de uma igreja em pedra é para durar. A presença jesuíta passava, desta forma, de provisória a definitiva, a fé católica lançava raízes na terra etíope e estabelecia a sua Igreja aí.

## 5.2

## A DESCOBERTA DO NILO AZUL: UM CASO DE CENSURA

Um dos aspectos actualmente mais divulgados sobre Pedro Páez é a sua faceta de descobridor das fontes do Nilo Azul (Abbay), as quais visitou durante uma expedição que o rei Susnēyos realizou em 1618 a Giš Abbay, no Gojjam, e que o missionário descreve no primeiro livro da sua *História*.<sup>6</sup> Esta descoberta foi celebrada por Samuel Johnson que, tendo traduzido para inglês o *Itinerário* do Pe. Jerónimo Lobo a partir da versão resumida do abade M. Legrand,<sup>7</sup> ridicularizou as alegações do viajante escocês James Bruce, nas suas *Travels to Discover the Source of the Nile* (1790), que afirmava ter sido o primeiro europeu a visitar as míticas fontes do Nilo. Se, desde finais do século XVIII, a comunidade científica reconhece que os missionários jesuítas anteciparam num século e meio a viagem de descoberta de Bruce, é, no entanto, de notar que nenhum dos autores publicados até ao século XX atribui a autoria dessa descoberta a Pedro Páez.

<sup>1</sup> C. Beccari, *RAESOI* 11, Roma, 1911, p. 413.

<sup>2</sup> *anaša* (ab) *ensa*, estrutura, edifício, construção (W. Leslau, *Comparative Dictionary of Ge'ez*, Wiesbaden, 1991, p. 238).

<sup>3</sup> *Crónica de Susenjos*, 1892, p. 259; 1900, p. 199.

<sup>4</sup> P. Páez afirma que Susnēyos mandou construir a igreja católica «conforme a traça que nós lhe tínhamos dado» (p. 714). As proporções das várias ruínas de igrejas católicas construídas no tempo da presença jesuíta na Etiópia revelam uma padronização consentânea com o envio, para aquele território, de planas arquitectónicas usadas em várias regiões do mundo onde se fazia sentir a presença missionária da Companhia de Jesus.

<sup>5</sup> C. Beccari, *RAESOI* 11, Roma, 1911, p. 417.

<sup>6</sup> Ver livro 1, cap. XXVI, pp. 230-32.

<sup>7</sup> J. Lobo, *Relation historique d'Abysinie [...] Traduite du portugais, continuée et augmentée de plusieurs dissertations, lettres et mémoires par M. Legrand*, Paris, 1728.

Na verdade, o seu nome parece ter sido propositadamente rasurado pelos escritores jesuítas portugueses que tinham conhecimento directo ou indirecto da sua obra. O Pe. Baltasar Teles, que retomou, reescreveu e publicou (em 1660), a versão da *História da Etiópia* deixada por Manuel de Almeida, não se exime de enaltecer a importância que a descoberta teve na desarticulação da lenda milenar das fontes e enchentes do Rio Nilo. No entanto, não a atribui a Pedro Páez, a quem, aliás, pouco se refere no conjunto da obra, mas sim a três padres escritores portugueses (Afonso Mendes, Manuel de Almeida e Jerónimo Lobo):<sup>1</sup>

Muytos tratados escrevem muytos nossos Religiosos, que viram muy de perto estes segredos, e as melhores testemunhas, entre elles, sam o nosso Patriarcha de Ethiopia Dom Affonso Mendez, varam de summo credito, e o Padre Manoel d'Almeyda, que conta isto muyto por extenso, e o Padre Ieronymo Lobo, os quays com grande curiosidade viram com seus olhos, e escreveram o que ali passa na verdade, e em especial o Padre Ieronymo Lobo nos Commentarios de sua larga peregrinaçam, que me communicou quando voltou de Ethiopia a Portugal [...].<sup>2</sup>

Como acontece ao longo de toda a obra, Baltasar Teles depreda manifestamente a descrição do Nilo dada por Páez. Curiosamente, Jerónimo Lobo, que foi ele próprio missionário na Etiópia, e que deu um parecer de aprovação ao manuscrito de Teles em 1658, ao referir-se às fontes, descreve-as em termos que evocam igualmente o texto original de Páez mas, de novo, sem atribuir a autoria da descoberta ao missionário espanhol. O confronto das descrições dos três autores revela claramente que Páez inspiro não apenas Teles mas também Lobo:<sup>3</sup>

## Pedro Páez

Está [a] fonte quase ao poente daquele reino, na cabeça de um valezinho que se faz em um campo grande. [...] não pareciam mais que dois olhos redondos de quatro palmos de largo. [...] A água é clara e muito leve [...] Fiz meter uma lança em um dos olhos [...] e entrou onze palmos e parece que tapava<sup>4</sup> em baixo em as raízes de árvores que estão na borda da ribanceirinha. O segundo olho da fonte está mais abaixo, para o Oriente, como um tiro de pedra do primeiro. [...] Um português tinha primeiro amarrado duas lanças, que ambas tinham vinte palmos e, metendo-as, tão pouco achou fundo. [...] quando andam por perto de aqueles olhos, bole e treme tudo à roda [...] debaixo tudo é água, e que não se anda por cima senão por estarem as raízes das ervas mui entretecidas, com alguma pouca de terra. [...] O circuito, que mostra ser lugar como de lagoa, é quase redondo e não se pode chegar de banda a banda com uma pedra, mas com funda, folgadamente.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Teles utiliza mesmo a expressão «nossos Religiosos» para relatar o feito, reflectindo porventura sentimentos nacionalistas associados à conjuntura de então: quando a *História* de Teles foi publicada, Portugal encontrava-se ainda em guerra com a Espanha (o tratado em que Carlos II de Espanha reconhecia a independência de Portugal foi apenas assinado a 13 de Fevereiro de 1668, após a derrota na batalha de Montes Claros).

<sup>2</sup> B. Teles, *História Geral de Ethiopia a Alta ou Prestes Ioam...*, 1660, livro I, cap. V, p. 13.

<sup>3</sup> M. Gonçalves da Costa, o organizador da edição do *Itinerário* de J. Lobo, insiste ainda assim que este fez uma averiguação independente da profundidade dos olhos de água; ver *Itinerário*, p. 438, n. 2.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: topava.

<sup>5</sup> Livro I, cap. XXVI, pp. 230-31.

## Jerónimo Lobo

Descobre-se a fonte [...] em huma desida que faz serto monte mui lansada que mais parese campo [...] se descobrem [...] dous olhos [...] divididos hum do outro hum tiro de pedra [...] no menor se acha con huma lansa de onze palmos, posto que representa ser de sertas raizes de huns arbustes que estão na ribanseira [...]. O segundo demora ao uriente em lugar mais baixo da dita desida ou campo e tam fundo que com medida de mais de vinte palmos não puderão tomar pee [...] a parte vezinha aos ditos possos parese ser huma alagoa subterranea, porque está tam lêvada a terra e solapada d'agoa que parese bulir quando por sima da terra anda huma pessoa.<sup>1</sup>

## Baltasar Teles

Entre estes montes está hum pedaço de campo [...] e no meyo deste campo hum como lago pequeno de um tiro de pedra quasi em diâmetro. [...] se chega a dois olhos principays afastados hum do outro perto de hum tiro de pedra, aonde a agoa está clara, e muyto funda, delles, como de duas fontes, saye a agoa como por dous caminhos pera este pequeno lago, do qual vem correndo por debayxo da terra.<sup>2</sup>

É nítido que as descrições de Lobo e de Teles gerem diferentemente os tropos propostos por Páez (a localização das fontes, a distância entre os olhos de água, a medição da sua profundidade, a instabilidade do terreno, etc.). Na tradução francesa do *Itinerário* publicada por Legrand, por sua vez, Lobo surge a afirmar ter sido ele próprio a realizar a experiência com as lanças, que Páez, no texto original, se atribui (com a colaboração de «um português» anónimo).<sup>3</sup>

Pedro Páez está consciente da importância da sua descoberta, e não deixa de o referir: «E confesso que me alegrei de ver o que tanto desejaram de ver antigamente El-rei Ciro e seu filho Cambises, o grande Alexandre e o famoso Júlio César.»<sup>4</sup> O apagamento do nome de Páez nas subsequentes descrições das fontes do Nilo Azul, por parte dos padres da Companhia, é evidência que o processo de recriação da sua reputação foi sujeito a um controlo apertado dos padres portugueses da Companhia, o qual só veio a ser alterado após a publicação do seu livro, em 1905, por C. Beccari. Ainda assim, se autores como J.-B. Coulbeaux, em 1929, já lhe atribuem a autoria da descoberta,<sup>5</sup> a recuperação do seu estatuto como explorador do Nilo apenas se consolidou após a publicação da sua biografia por Philip Caraman

(1985) e, mais tarde, por Javier Reverte (2001). O sucesso editorial deste último livro tem aliás contribuído para a relativa mediatização da sua figura, em Espanha e na Etiópia.<sup>1</sup>

## 6.

### AS FONTES DA HISTÓRIA DA ETIÓPIA

O propósito definido da obra – refutar os livros de Urreta – forçou a adopção duma estrutura particular que evidenciasse a confrontação intertextual. Assim, e passando sobre a análise dos processos retóricos utilizados, os trinta e sete capítulos do primeiro livro e muitos dos vinte e três capítulos do segundo livro integravam excertos, mais ou menos longos e transcritos na língua original, das obras refutadas. Mas não só. Páez tinha um conhecimento empírico de um vasto conjunto de aspectos da natureza, da geografia e de diversos costumes etíopes, e podia prestar um testemunho da sua vivência pessoal desde que, pela primeira vez, deixou a Índia rumo à Etiópia, assim como podia citar os testemunhos verbais prestados por diferentes personalidades. Estas circunstâncias garantiam que Páez, em apoio da «razão» do refutador, se encontrava especialmente bem colocado para avaliar a «realidade» por se achar no terreno, podendo convocar um conjunto apreciável de fontes orais e escritas, europeias e etíopes. Um primeiro grupo era formado pelos textos de missionários e viajantes europeus sobre a Etiópia:

1) Compilações das cartas anuais, pelo Pe. Fernão Guerreiro, das quais fez largo uso através da citação e da paráfrase, sobretudo da «Adição à Relação das coisas de Etiópia, com mais larga informação delas, mui certa e mui diferente das que seguiu o Pe. Frei Luis de Urreta no livro que imprimiu da história daquele império de Preste João», anexa à *Relação anual das coisas que fizeram os padres da Companhia de Jesus* (Lisboa, 1611);

2) Rascunhos e cópias de cartas que Páez começou a coleccionar depois de ter começado a trabalhar na *História da Etiópia*;

3) A *Verdadeira informação das terras do Preste Joam das Indias* de Francisco Álvares na tradução castelhana de Fr. Tomás de Padilla, O.P., que foi impressa em Antuérpia em 1557, com o título de *Historia de las cosas de Etiopia, en la qual se cuenta muy copiosamente el estado y potencia del Emperador della, (que es el que muchos han pensado ser el Preste Juan) con otras infinitas particularidades, assi de religion de aquella gente, como de sus cerimonias*. (BN: F. 3528) Esta edição corresponde à descrição feita por Páez (quer a de Saragoça, 1561, quer a de Toledo, 1588, têm índice e mantêm as divisões em capítulos da edição portuguesa). Repare-se ainda que Páez se referiu à obra sempre como *Historia Etiopica* e nunca como *Verdadeira Informação* e que a matéria dos fólhos citados em diversos passos coincidia com a referida edição de 1557;

4) A *Historia das cousas que o muy esforçado capitão Dom Christouão da Gama fez nos Reynos do Preste João, com quatrocentos Portugueses que consigo leuou*, do capitão Miguel de Castanhoso, impressa

<sup>1</sup> J. Lobo, *Itinerário*, cap. XXI, p. 438.

<sup>2</sup> B. Teles, *Historia Geral de Ethiopia a Alta ou Preste Ioam...*, 1660, livro I, cap. V, p. 13.

<sup>3</sup> O estilo de escrita chã de J. Lobo marcou profundamente o então jovem Samuel Johnson, que em 1735, ao traduzir para inglês a versão do *Itinerário* por M. Legrand não podia suspeitar do processo de censura e apropriação do texto de Páez: «He [J. Lobo] appears, by his modest and disaffected narration, to have described things as he saw them; to have copied nature from life; and to have consulted his senses, not his imagination» (S. Johnson, «Preface», *A Voyage from Abyssinia*, Londres, 1735, p. 1).

<sup>4</sup> Confira-se o texto de B. Teles: «Mas eu confesso, que nam sey verdadeiramente que minas de diamantes, que thesouros de fino ouro, e que bemaventuranças imaginavam aquelles famosos homens Alexandre, Cesar, Philadelpho, Sessostres, Cambisses, haverem de achar nas fontes do Nilo.» (B. Teles, *História Geral de Ethiopia a Alta ou Prestes Ioam...*, 1660, livro I, cap. V, p. 12).

<sup>5</sup> J.-B. Coulbeaux, *Histoire politique et religieuse de l'Abyssinie*, vol. 2, 1929, pp. 200-201.

<sup>1</sup> Disso são exemplos a divulgação televisiva e jornalística de uma missão patrocinada pela Sociedad de Geografia Española ao Nilo Azul, e o reconhecimento oficial, por parte do governo etíope, em 2003, de que P. Páez foi o primeiro descobridor europeu das célebres fontes, ano em que se comemoraram os quatrocentos anos da sua chegada à Etiópia.

em Lisboa, em 1564. Embora Páez apresente F. Guerreiro como a fonte documental do episódio militar, na prática citou livremente a *Historia* de Castanhoso nos capítulos 31 a 37 do Livro I<sup>1</sup>.

O segundo grupo era formado pelos textos etíopes que foram sendo postos ao dispor de Páez por diferentes personalidades monásticas, funcionários régios e outras individualidades<sup>2</sup>.

Exemplos de textos religiosos referidos:

- a) *Haymanot Abäw* («A fé dos patriarcas»);
- b) *Mäs'häfä Qädase* (missal);
- c) *Mäs'häfä Sēnkēsar* (sinaxário);
- d) *Gädlä Täklä Haymanot* (hagiografia de Täklä Haymanot);
- e) *Gädlä Panṭalewon*.

Exemplos de textos associados ao poder político referidos:

- a) *Kēbrä Nägast* («A glória dos reis»);
- b) Catálogos dos reis;
- c) Crónicas dos reis:

Anteriores à presença portuguesa na Etiópia:

- Crónicas de 'Amdä Sēyon (III, 1); Zär'ä Ya'ēqob (I, 5);

Contemporâneas da presença portuguesa e da primeira missão jesuíta:

- Crónicas de Lēbnä Dēngēl (III, 2), Gälawdewos (III, 3), Minas (III, 6), Särs'ä Dēngēl (III, 13-14);

Contemporâneas do catolicismo na Etiópia:

- Crónica de Susnēyos (IV, 16-20).

Uma categorização semelhante das crónicas reais etíopes parece ter passado pela mente de Páez no período em que organizou as partes da *História* em que usou estas fontes, uma vez que o faz segundo dois modos distintos. O primeiro modo consiste em citar excertos e em sumariar certas passagens escolhidas: é o caso da única crónica anterior ao episódio português na Etiópia<sup>3</sup> e das crónicas dos reis de Quinhentos.<sup>4</sup> O segundo modelo concerne à crónica contemporânea do catolicismo em Etiópia, a do rei Susnēyos. Demarca-se das categorias precedentes na medida em que a tradução portuguesa desta crónica, quando comparada com as outras, é menos fragmentária<sup>5</sup>. Esta era a crónica de um rei dis-

posto a favorecer os jesuítas, que se converteu ao catolicismo, em 1622. Embora as referências a esta matéria sejam raras e discretas, esta crónica tinha um importante papel a desempenhar, pois era um testemunho etíope justificativo da presença e da actividade dos jesuítas na Etiópia.

Por esse motivo, Pedro Páez integrou uma tradução portuguesa da *Crónica de Susnēyos* nos capítulos 16 a 20<sup>1</sup> do Livro IV. A narrativa da vida do rei foi adaptada para apresentar o percurso e os atos de Susnēyos. Isso é feito da seguinte maneira no final do capítulo 15:

Seltân Çaguêd, cuja história referiremos agora, para que se veja compridamente o discurso de sua vida e, depois, acrescentaremos algumas coisas que nela faltam sobre o modo com que procedeu e procede nas de nossa fé, no que se enxergará o que acima dissemos, que se podia ter por certo que Deus lhe quis dar a coroa do império para se servir dele em coisas tão importantes.<sup>2</sup>

O método usado por Pedro Páez foi o seguinte: proceder, em primeiro lugar, à tradução da crónica real etíope para, num segundo momento, comentar os sucessos do reinado, em particular os progressos da fé católica naquela terra de missão.

As estratégias de utilização destes textos que apoiavam e autorizavam os pontos de vista de Páez, e ilustravam a «verdade» que se opunha às «mentiras» do informante de Urreta foram, no caso do primeiro grupo, a transcrição de excertos seleccionados, sempre na língua das versões que possuía e dando a referência da página (no caso das missivas, há várias transcrições integrais), paráfrase e resumo – um procedimento paralelo ao que adoptou em relação aos textos de Urreta. A maneira mais frequente de assinalar a citação foi: fulano, a páginas tantas, «diz assim [...] Até aqui são palavras do Autor». O resumo foi usado geralmente depois de ter confrontado uma qualquer informação de Urreta com uma fonte dada como sendo segura: «Do que temos dito, se vê claramente quão enganosa informação deu João Baltazar a Frei Luis de Urreta sobre estes edificios, pois diz, pág. 93, que são dois templos antigos que se edificaram antes da Rainha Sabba, um em honra do Sol e outro em honra da Lua [...]»<sup>3</sup>; «Também se enganou muito Francisco Álvares no que diz, fol. 77 de sua *História*, que estes príncipes estavam guardados em um vale entre duas serras muito ásperas, que se fecha com duas portas, e que a serra tem à roda quinze dias de caminho e ele caminhará pelo pé dela dois dias»<sup>4</sup>. Recorreu ainda a citações parciais, intercalando-as com resumos dos textos referenciados, e justificando, eventualmente, o procedimento. Há também apontamentos curiosos sobre o curso do próprio trabalho que tinha entre mãos, como esta queixa: Urreta «faz dois capítulos, 10.º e 11.º, sobre esta matéria [os tesouros] tão compridos, que não é pequena penitência ser-lhe forçado ler os a quem tem outras coisas que fazer».<sup>5</sup> Os textos do

da *Crónica de Susnēyos* leva a esta conclusão. Fosse porque a tradução de P. Páez continha numerosos erros que Almeida devia corrigir, fosse porque a própria crónica tinha sofrido alterações entre a época em que faleceu Páez e o período que antecedeu a expulsão dos padres. Páez conheceu uma versão anterior a 1622, enquanto Almeida, mais tarde, pôde ter acesso a outra versão, o que explicaria as diferenças encontradas. Comparada com outras crónicas, o texto das traduções portuguesas da *Crónica de Susnēyos* ocupa, em termos do número de páginas ou fólhos, muito mais espaço que as restantes.

<sup>1</sup> Ver pp. 655 a 704.

<sup>2</sup> Ver p. 654.

<sup>3</sup> Ver pp. 124-125.

<sup>4</sup> Ver p. 122.

<sup>5</sup> Ver p. 130.

<sup>1</sup> Ver p. 254 seq.

<sup>2</sup> C. Beccari elaborou uma lista exaustiva das fontes etíopes a partir das referências fornecidas por Páez (ver «Introduction», *RÆSOI* 2, 1905, pp. xxxii-xxxviii).

<sup>3</sup> Se exceptuarmos a apresentação da origem mítica da realeza etíope (a união entre a rainha de Sabá e do rei Salomão) no texto medieval *Kēbrä Nägast* («Glória dos reis»), o confronto do rei Amdä Sēyon (1314-1344) com os muçulmanos, em 1332, foi o único episódio anterior ao século XVI traduzido por P. Páez. Na *História de Etiópia* de P. Páez, a tradução portuguesa ocupa o cap. 1 do livro III; Almeida, que retomou as traduções portuguesas das duas crónicas de P. Páez, inseriu-as no livro II, cap. 24, da sua *História*. . . (*RÆSOI* 5, 1907, pp. 225-237). A crónica do rei Zär'ä Ya'ēqob (1434-1468) foi incluída no cap. 5 do livro I por P. Páez (*RÆSOI* 2, 1905, pp. 68-69; Pais 1, 1945, pp. 59-61); e por M. Almeida no livro II no cap. 25 (*RÆSOI* 5, 1907, pp. 239-240).

<sup>4</sup> A crónica de Lēbnä Dēngēl (1508-1540) ocupa lugar no livro III, cap. 2 e para M. Almeida, que retomou a de P. Páez, o excerto foi dividido em dois e citado em dois capítulos diferentes, livro III, cap. 3 (*RÆSOI* 5, 1907, pp. 253-54) e livro III, cap. 6 (*RÆSOI* 5, 1907, pp. 263-265). A crónica do rei Gälawdēwos (1540-1559) encontra-se no livro III, cap. 3 (*RÆSOI* 3, 1906, pp. 19-21; Pais 2, 1945, pp. 260-262) e no cap. 5 (*RÆSOI* 3, 1906, pp. 48-49; Pais 2, 1945, p. 285); e M. Almeida no livro III, cap. 7 (*RÆSOI* 5, 1907, pp. 269-270) e no livro IV, cap. 9 (*RÆSOI* 5, 1907, pp. 382-383). Uma edição e uma tradução francesa foram feitas por W.E. Conzelman, 1895. Na de Minas (1559-1563), P. Páez integrou a sua tradução portuguesa no livro III, cap. 6, enquanto M. Almeida a pôs no livro IV, cap. 10 (*RÆSOI* 5, 1907, pp. 387-392). Uma edição com tradução portuguesa foi proposta por Esteves Pereira, 1888. Em apêndice, Esteves Pereira editou a versão portuguesa de Almeida a partir do manuscrito do British Museum (p. 81-7). O fragmento traduzido da crónica do rei Särs'ä Dēngēl (1563-1597) ocupava os caps. 13 e 14 do livro III de P. Páez; enquanto para Almeida se inseria no livro IV, cap. 26 (*RÆSOI* 5, 1907, pp. 479-501). Conti Rossini editou e traduziu a última. M. Almeida retomou na íntegra as passagens referidas.

<sup>5</sup> Ao contrário do que fez para as outras crónicas, neste caso M. de Almeida não plagiou as traduções portuguesas de Páez, uma vez que pôde usar uma versão original. Com efeito, a consulta do manuscrito Almeida conservado na SOAS (*MS 11966*, fols. 483 à 543) que contém a tradução portuguesa

segundo grupo foram usados de acordo com a mesma estratégia, mas depois da respectiva tradução para português. Para tal, usou um método literal, mantendo o enunciado polissindético acumulativo por enumeração, típico dos textos semíticos. Introduziu no texto não citacional, portanto da sua autoria, lexemas das línguas etíopes cujo significado apresentou em apontamentos metalinguísticos. Descrevendo o acampamento real, por exemplo, escreveu o seguinte: «A [tenda] de mais honra se chama *ambaçâ bêit*, “casa do leão” [...]; a segunda, mais para fora, se chama *zefân bêit*, “casa do leite”; a terceira, *farâz bêit*, “casa do cavalo”.»<sup>1</sup> Adiante, observou a propósito das igrejas que «uma se chama Egziabêhêr Ab, *scilicet* “Deus Padre”.»<sup>2</sup> Os exemplos dados são paradigmáticos: em primeiro lugar, traduziu correctamente *ambaçâ bêit*, *zefân bêit* e *farâz bêit*, mas a transliteração é incorrecta do ponto de vista sintáctico em dois casos, já que o determinativo é dado por um afixo que se resolve com o emprego da 1.ª ordem silábica do silabário (*feedel*), isto é, deveria ter escrito *zēfānā bet* e *fārazā bet* – a transliteração «bêit» indicia talvez o modo de pronúncia da palavra no século XVII, o que pode ser uma achega importante para a linguística histórica da língua amárica (actualmente, diz-se «biét»); em segundo lugar, o nome *Egzi'äbēher* significa literalmente «Senhor da Terra», expressão gúeze tomada pelas línguas dos povos cristãos tigré e amhara para designar Deus, tradução preferida por Páez; em terceiro lugar, revelou preocupação com a reconstituição fonética da língua, pois encontram-se no texto algumas observações significativas como «escrevo *côi* com esta letra “c”, porque não acho outra melhor, mas não se declara perfeitamente com ela a pronúncia dos amharâs»<sup>3</sup>, uma vez que esta é uma gutural enfática.

A grafia do nome «Agçúm» parece provir da assimilação do valor fonético de [g] e [k], ambas sendo consoantes oclusivas velares. A transliteração correcta é, porém, «Aksum», e não a forma também generalizada «Axum». O Pe. Manuel de Almeida salientou esta particularidade linguística, escrevendo que lhe chamava «Acçum e não Axum, por ser esta pronúncia a de que cá usam os Abexins.»<sup>4</sup>

Pedro Páez recorreu ainda ao processo de aproximação linguística, eventualmente para não sobrecarregar o texto de exotismos. Assim, o lexema *'ämba*, que é do género masculino, aparece com a flexão feminina, «a amba»; a forma «bataois» (monges eremitas) resulta da aplicação da regra portuguesa da flexão do plural à palavra *bahtawi*, *bahtawiyān* no plural gúeze; o mesmo processo ocorre no uso de «umbares» e «azajes», adaptados à flexão portuguesa, mas depois de, na primeira ocorrência destes lexemas os grafar como «umbarox» e «azajox», mostrando a vontade de transliteração dos plurais amáricos *'um-bärwotch* e *'äzäjwotch*.

Nalguns segmentos de texto, há uma confluência dinâmica das línguas portuguesa e castelhana, apesar da clara resolução de Páez em redigir a *História da Etiópia* em português. Esta confluência apresenta, fundamentalmente, um modo que determinou, aliás, o labéu da prática de enxacoco que lhe apuseram os confrades, como se viu: o embrechamento de vocábulos castelhanos no texto português, como, por exemplo, dominicos, rosairo, nubes, jejunou, respondimos, prosigue, sugetase, puso, antigo, esto, mesmo, ancianos... O uso da declinação do género espanhola ilustra essa prática criticada pelos

confrades de Páez: por exemplo, a dado passo, Páez escreveu que «lhe mostrasse tal sinal e que aquela mesma vira», etc., acusando a interferência da declinação genérica de «señal» que é palavra feminina em espanhol.<sup>1</sup> Por sua vez, o copista do ms. 778 BPB não manteve estas marcas da língua mãe de Páez, corrigindo-as.

7.

## CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

7.1.

## O TEXTO

O códice depositado no Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI), em Roma, com a cota Goa 42, é um grosso volume constituído por sessenta e oito cadernos *in* 4.º (22x16 cm), maioritariamente de oito fólhos cada, cosidos entre si, contando 538 fólhos, numerados já no século XX<sup>2</sup>, no canto superior direito do lado recto, escritos nas duas faces. Os primeiros dois fólhos não foram numerados. O papel – matéria escassa mas essencial para a prossecução do programa missionário – pode ter sido reservado de uma remessa única, enviada da Índia<sup>3</sup>. As margens foram riscadas a ponta seca, definindo uma mancha gráfica constante, com cerca de 1 cm no cabeçalho e na margem interior, 2,5 cm no pé e 3 cm na margem exterior, à excepção de dois dos fólhos finais do último caderno (fols. 537 e 538), usados posteriormente pelo Pe. Patriarca D. Afonso Mendes para autografar duas notas. A delimitação dos espaços marginais mais largos pretendia obviar a necessidade de anotar, acrescentar ou corrigir o texto: a detecção imediata da falha no acto de escrever é perceptível pela correcção feita no corpo do texto, após rasura daquela; a utilização das margens parece resultar de uma revisão textual posterior, assinalando-se a errata ou a nota com uma cruz. Quanto ao número de linhas por página, a sua inconsistência indica que não foi feita uma pautagem prévia dos fólhos: os três livros autógrafos (I, III e IV) apresentam maior densidade gráfica, com espaços interlineares muito reduzidos e um número de linhas que varia entre quarenta e quarenta e nove, com uma média de quarenta e cinco por página nos livros I e III, baixando para quarenta e uma linhas no livro IV, em cujo último caderno sobraram alguns fólhos; o livro II apresenta menor densidade gráfica, com menos palavras por linha, espaços interlineares mais largos e um número de linhas variando entre vinte e nove e trinta e oito, com uma média de trinta e três por página. A economia de papel aparentemente desejada pelo autor, foi contrariada

<sup>1</sup> Ver p. 99; *zäfän bet* significa «sala de dança», ou «coro» (W. Leslau, *Comparative Dictionary of Ge'ez*, 1991, p. 632).

<sup>2</sup> Ver p. 119.

<sup>3</sup> Ver p. 112.

<sup>4</sup> C. Beccari, *RESOI* 5, 1907, p. 83.

<sup>1</sup> Ms. Goa 42 ARSI, fol. 399v; ver p. 595.

<sup>2</sup> Beccari anotou que, na época em que encontrou o códice, este não estava numerado (Beccari, «Notizia e Saggi di opere e documenti inediti riguardanti la Storia d'Etiopia durante i secoli XVI, XVII e XVIII, com otto facsimili e due carte geografiche», *RESOI* 1, Roma, 1903, p. 4).

<sup>3</sup> Na correspondência conhecida da missão da Etiópia não há referências à recepção de papel.



pelo desbarato cometido pelo confrade que manuscreeu o livro II (com 172 fólhos, contra os 143 do livro I em cujas contas entram o prólogo e a carta dedicatória, os 86 do livro III e os 136 do livro IV). Os cabeçalhos relativos aos livros II, III, e IV, bem como os títulos de cada capítulo foram redigidos num corpo de letra maior e centrados, deixando uma linha em branco antes e depois; o escrevente do livro II também deixou um espaço equivalente a uma linha entre a maioria dos parágrafos. Sem contar com os fólhos finais, encontram-se em branco os fólhos 400v e 531r-v. Não apresenta um título geral, eventualmente porque tenha sido perdida uma folha de rosto avulsa, nas voltas que o códice deu entre a Etiópia e a Índia, até dar entrada no Arquivo Romano. O códice está encadernado em pele e acha-se em estado de conservação satisfatório.

Para a presente edição impôs-se a autoridade deste manuscrito, quase totalmente autógrafo. Os cadernos correspondentes ao livro II, grafados por outra mão, suportam a análise comparada de marcas retóricas, nomeadamente no modo da refutação. Por outro lado, vários capítulos deste livro dedicado ao debate dogmático, às questões religiosas etíopes (sacramentos, cerimónias, crenças) e à hagiografia, são traduções de textos que só precisavam de ser copiadas. Nos restantes livros, todas as traduções e, por vezes longas, citações foram pacientemente transcritas pelo autor. Posteriormente, foi feita, pelo menos, uma cópia do manuscrito, actualmente depositada na Biblioteca Pública de Braga (BPB), que também foi consultada. O seu estado de conservação (a oxidação da tinta e o caruncho danificaram a maioria dos fólhos) que já tinha sido observado há cerca de sessenta anos<sup>1</sup> e que piorou entretanto, impossibilitou, porém, a leitura de partes do texto, de modo que se recorreu à lição resultante da leitura paleográfica realizada por Lopes Teixeira, na década de 1940, a fim de comparar os dois textos conhecidos, autógrafo e cópia, e de elencar variantes. A lição fixada por Beccari a partir do códice ARSI foi, igualmente, consultada.

## 7.2.

### CRITÉRIOS DE FIXAÇÃO DO TEXTO

O respeito pela resolução fonética da época é o argumento que fundamenta dois dos modelos propostos actualmente para a edição do texto antigo.<sup>2</sup> O mais radical, estritamente conservador, defende a reprodução diplomática e a transcrição textual sem intervenção alguma ou com intervenções mínimas devidamente identificadas, o que coloca aquele argumento em posição subsidiária relativamente ao relevo atribuído ao conjunto dos caracteres intrínsecos do texto a fixar. O critério misto, situado na via do compromisso entre conservação e modernização, recoloca o argumento da resolução fonética no centro do debate. Pode-se questionar, a respeito de textos seiscentistas, como este que ora apresentamos, redigido por um autor que fez a aprendizagem da língua portuguesa no final do século XVI, até que ponto a investigação linguística efectuada sobre o português clássico nos permite já traçar um quadro fonético completo da variante dialectal tomada como padrão. Estudos recentes revelam que algu-

mas das inovações de fenómenos actualmente existentes no português e que se pensava terem surgido no século XVIII, já se manifestavam no século XVII<sup>1</sup>. Para além disso, este século define-se como uma época de transição linguística para a modernidade, o que vale tanto para a língua portuguesa como para a castelhana que tem parte na obra, em ocorrências citacionais e interferências morfossintácticas pontuais. O terceiro critério proposto para orientar o trabalho de edição é modernizador, permitindo uma ampla intervenção no texto, definida com clareza em normas, cuja extensão e profundidade variam, contudo, permitindo a conservação de segmentos significativos do ponto de vista lexical, semântico e morfossintáctico.

O texto da *História da Etiópia* foi redigido em português, mas integra, na sua economia, trechos, mais ou menos longos, e expressões noutras línguas, como o castelhano, o latim, o gúeze (etiópico antigo), o amárico e o árabe. Entenderam os organizadores, logo à partida, que as várias línguas convocadas a esta convergência babélica deveriam ser tratadas segundo critérios diferenciados.

#### Texto em língua castelhana

Optou-se por um critério conservador, essencialmente porque os organizadores entenderam que não cabia no âmbito desta edição, apesar da apropriação operada por Páez por meio da incorporação de longas citações, propor ou impor normas de intervenção para fixação de textos que não têm edição moderna e que merecem um estudo prévio. Conferiu-se a versão transcrita com os textos originais, nomeadamente, as edições *princeps* dos livros de Urreta e da tradução castelhana da *Verdadeira informação* usada pelo autor.

#### Normas

- manutenção da ortografia dada na versão de Páez;
- manutenção dos sinais diacríticos;
- manutenção da pontuação;
- maiusculação de nomes próprios grafados com letra minúscula, sem assinalar a intervenção;
- desenvolvimento das abreviaturas (uso de baixa frequência), sem as assinalar.

#### Citações latinas

Optou-se, igualmente, pelo critério conservador, seguindo-se as normas indicadas para o texto em língua castelhana, não havendo necessidade da intervenção assinalada no quinto ponto, uma vez que Páez não usou formas abreviadas. Conferiu-se, também, sempre que possível, a citação, usando edições autorizadas dos autores clássicos e dos padres da Igreja, bem como os textos bíblicos na versão da Vulgata Latina.

<sup>1</sup> A. Feio, «Notícia biobibliográfica», xvii.

<sup>2</sup> Ver I. Arellano, J. Cañedo (orgs.), *Crítica textual y anotación filológica*, Madrid, 1991.

<sup>1</sup> R. Marquilha, *A Faculdade das Letras*, Lisboa, 2000, pp. 259-66.

### Transliteração de vocábulos e expressões das línguas gúeze e amárica

Estas línguas emergem no texto da *História da Etiópia* referencialmente, com antropónimos, topónimos e outros vocábulos e expressões, geralmente traduzidos pelo autor. O valor das transliterações realizadas pelos padres jesuítas para a história destas línguas, em particular para uma aproximação à resolução fonética do amárico em contexto cortesão, justificou cabalmente a conservação das formas transliteradas por Páez.

### Transliteração de vocábulos e expressões da língua árabe

Páez aprendeu os rudimentos da língua árabe durante o cativeiro no Iémene, pelo que o modo como transliterou pontualmente algumas expressões tem interesse, sobretudo para a história do estudo das línguas semitas, em geral, e da árabe, em particular. Optou-se, por isso, pelo critério conservador.

### Texto em língua portuguesa

Optou-se pela modernização cabal da ortografia, conservando a construção sintáctica e elementos lexicais e semânticos assinalados, tendo em conta os factores seguintes:

- a naturalidade e formação do autor;
- a tradição editorial do texto.

Apesar de escrever na língua portuguesa, à qual ficou vinculado no contexto missionário do padroado português, a língua materna de Pedro Páez era a castelhana, em que continuou a escrever a sua correspondência particular. Com o latim a disputar o lugar da língua de formação do autor, o português terá sido a sua terceira língua, aprendida estando imerso em ambiente cultural, primeiro na viagem até Goa, depois na Índia. Tal aprendizagem não decorreu sem vicissitudes e interrupções: o primeiro período de contacto directo com luso-falantes foi de cerca de um ano (1588-1589), interrompido mercê da missão para que foi chamado na companhia do Pe. António de Monserrate, catalão; o segundo período, mais longo, de cerca de seis anos e três meses, passado na Índia, entre a libertação do cativeiro e a partida para a Etiópia (1596-1603); o terceiro período, de dezanove anos, vivido na Etiópia, em contacto com a comunidade luso-descendente e com confrades portugueses. Entretanto, nas andanças que fez ao serviço da milícia de Cristo, aprenderia outras línguas, aliás um imperativo na estratégia de conversão definida pela Companhia de Jesus. Este conhecimento multilíngue foi amplamente convocado ao longo do texto da *História da Etiópia* que, como foi já referido, contém trechos noutras línguas, duas das quais, latim e castelhano, eram familiares aos letrados portugueses, afastando, por isso, a necessidade de tradução. Apesar da coexistência de várias línguas no seu corpo, o texto é, indubitavelmente, português e, como tal, foi integrado no *corpus* da historiografia portuguesa seiscentista<sup>1</sup>. Este é, portanto, um caso de nacionalidade literária definida pela língua e suportada por um conhecimento suficiente desta, escorado nas bases latinas, na prática da leitura

(epistolar, pelo menos) e na frequência dos falantes em diferentes contextos. Páez, jesuíta espanhol e autor português, escreveu a *História da Etiópia* na língua de adopção e foi, mais tarde, acusado pelos confrades, como já foi referido, de embrechar castelhanismos no texto. Ainda que estes embrechamentos sejam residuais, a arte retórica do autor não revela um domínio forte da língua, que faça do texto uma peça a ter em conta no estudo da história da língua portuguesa. De qualquer modo, embora o acesso à edição empreendida por C. Beccari seja restrito, nela pode o linguista interessado encontrar uma lição conservadora do texto, com intervenções feitas somente, no desenvolvimento das abreviaturas, na substituição de <u> com valor consonântico por <v>, na maiusculação de nomes próprios e no uso do apóstrofo para assinalar a elisão proclítica. O critério seguido na primeira edição do códice autógrafa, fixando uma lição autorizada e de referência, para lá de pontuais erros de leitura (*minha* por *menha*<sup>1</sup>, por exemplo), contribuiu de um modo decisivo para a definição do critério para o texto em língua portuguesa da presente edição.

#### *Normas de modernização ortográfica*

- desenvolvimento das abreviaturas, sem as assinalar;
- normalização do uso de maiúsculas e minúsculas;
- substituição de grafemas: <u> com valor consonântico por <v>; <i> por <j>; <j> com valor vocálico por <i>; <y> com valor semi-vocálico por <i>;
- simplificação dos dígrafos <ch> com valor fonético [k], <ph> com valor fonético [f] e <th>, como <c> ou <q>, <f> e <t>, respectivamente;
- regularização do uso de <h>, quer em posição intermédia, realizando o hiato, quer em posição inicial;
- simplificação das consoantes geminadas, excepto dos casos admitidos pela norma actual;
- acentuação das vogais dobradas para realização da tónica;
- intervenção na grafia das vogais nasaladas, grafando <m> ou <n> antes de consoante, conforme a norma actual;
- intervenção na grafia do ditongo nasal [ãw], como <ão> / <am>;
- intervenção na grafia dos ditongos orais crescentes e decrescentes;
- acentuação das palavras de acordo com as regras actuais;
- regularização do uso do hífen;
- uso do apóstrofo para marcar os casos de próclise;
- separação das ligações proclíticas não admitidas pela norma;
- normalização do uso da síncope;
- manutenção da apócope nos casos admitidos pela norma;
- realização da prótese, excepto nas formas verbais que realizam variantes populares;
- realização da epêntese;
- realização da paragoge;
- realização da palatalização;
- normalização das formas assimiladas e dissimiladas;
- realização da nasalação;

<sup>1</sup> J. Veríssimo Serrão, *A historiografia portuguesa*, vol. II, Lisboa, 1973, pp. 291-4.

<sup>1</sup> Manhã.

- realização da sonorização;
- normalização da palatalização;
- normalização da metátese;
- substituição dos algarismos em representação de numerais cardinais e ordinais, excepto nas datas (dia, ano, século), números de páginas, capítulos e versículos, e designações de ordem de papas e soberanos.

#### Pontuação

Os organizadores decidiram intervir na pontuação, respeitando embora o gosto do autor (e da época) por construções sintácticas complexas e longas, em nome da inteligibilidade do texto, reconhecendo, evidentemente, que pontuar é já interpretar.

### 7.3.

#### ANÁLISE LINGUÍSTICA DO TEXTO

A escolha de um critério que implicava uma ampla intervenção textual, justificava também a pertinência de uma, ainda que sumária, análise linguística do texto em língua portuguesa. De uma maneira sistemática, procurou-se assinalar lições ilustrativas das resoluções gráficas que sofreram intervenção por se afastarem da norma actual, mas registaram-se, também, variantes ou outras lições significativas ocorridas no texto, demonstrativas de evolução, mesmo correspondendo à grafia hodierna.

#### Ortografia

##### Abreviaturas

Há constância e coerência na utilização das abreviaturas ao longo dos quatro livros, que seguem, aliás, modelos convencionais<sup>1</sup>.

##### a) Recurso a sinais de significação geral

- traço ou til sobrepostos a: <q>, abreviando *que* e *porque* – as formas abreviadas ocorrem com alta frequência, contra as extensivas; *Ds*, abreviando *Deos* – a forma extensiva ocorre com alta frequência, contra a abreviada; *xpa*, *xpo* e *xpouão*, designadamente, *christã*, *Christo*, e *Christouão*, abreviaturas que ocorrem de forma residual; *Roiz*, abreviando o nome em todas as ocorrências; vogais <a>, <e>, <o>, <u>, suprimindo <m> ou <n>, nas formas do artigo indefinido feminino, singular e plural, e dos pronomes derivados *hũa*, *hũas*, *algũa*, *algũas*, *nenhũa*, *nenhũas*, abreviando palavras com sílabas nasalizadas, sobretudo em final de linha, com ou sem translineação, como, por exemplo, *achã/dose*, *cã/po*, *semẽ/teina*, *vagãlte*, *cõ*, *comũgou*, *homẽ*, *ninguẽ*, *tambẽ*.

##### b) Recurso a sinais especiais de abreviação de sílabas

- enlaçamento sobreposto à haste do <p>, abreviando <pro>: ocorrência frequente em posição inicial e recorrente em palavras muito usadas como *proposito*, *proprio*, *proueitoso*, por exemplo;
- enlaçamento sobreposto à haste do <p>, abreviando o afixo <pre>: ocorrência verificada sobretudo no livro II, em posição inicial (ex.: *preceder*) ou média (ex.: *reprehender*).

##### c) Recurso a ponto

- sem terminação sobrescrita: ocorre para abreviar termos frequentes como os de referência textual *pag.* e *cap.*, o nome *Eth.*, o título *emp.* ou *imp.* (a segunda forma é residual), *N. S.* (sobretudo no livro II), *s.* (São), *.s.* (*scilicet*) e *V. Mag.* ou *V.M.*;
- com terminação sobrescrita de palavras em: <-eira/o>, como <-.<sup>a</sup>> e <-.<sup>o</sup>>; de palavras terminadas em <-mente>, como <-m.te><sup>1</sup>; <-mento>, como <-m.to> ou, no plural, <-m.tos>; <-or>, <-ora>, <-ores>, como <-.or>, <-.<sup>a</sup>>, <-.es> e <-.res><sup>2</sup>; <-ia>, <-io>, <-ias>, <-ios>, como <-.<sup>a</sup>>, <-.<sup>o</sup>>, <-.as> e <-.os>; <-íssimo>, com uso residual, mas de alta frequência em Santíssima/o, como *Sanctiss.<sup>a</sup>* e *Ss.mo*;
- com terminação sobrescrita de: nomes próprios, como *Alex.e*, *Ant.<sup>o</sup>*, *Fran.co*, *G.lo*, *M.el*, *M.a*, *X.<sup>o</sup>* (ou *Christo*); de títulos, como *Pe*, *S.ta*, *S.to*; de palavras com outras terminações, com <o>, <a> sobrescrito, como *alg.<sup>a</sup>*, *doct.<sup>a</sup>*, *escript.<sup>a</sup>*, *f.<sup>o</sup>* (*filho*), *ir.os* (*irmãos*), *just.<sup>a</sup>*, *liçen.<sup>a</sup>*, *m.<sup>a</sup>* (que ocorre com baixa frequência contra a forma extensiva *meia*), *num.<sup>o</sup>*, *p.<sup>a</sup>* (que alterna com *p.* e com a forma extensiva *pera* ou *para*), *titt.<sup>o</sup>*; palavras com outras terminações, com <ta>, <te>, <to> sobrescrito, como *mui.to* (que alterna com as formas *mui* e *muito*), *p.te* (que alterna com a forma *parte*); palavras com outras terminações, com <da>, <de>, <do> sobrescrito, como *gr.de* (que alterna com a forma *grande*), *mag.de*, *q.do* (que alterna com a forma *quando*), *seg.do* (que alterna com a forma *segundo*), *Trind.de* (alterna com a forma *Trindade*).

Nota: O recurso à abreviação das palavras com as terminações particulares assinaladas não é geral.

##### Maiúsculas e minúsculas

Páez grafou sempre com letra maiúscula inicial a primeira palavra depois de ponto final e no início de parágrafo; o mesmo não fez, todavia, após um enunciado interrogativo, nem a abrir o discurso directo (sem marcação). Os nomes próprios de lugares geográficos (mares, montanhas, países, povoações, regiões, rios, etc.), da Igreja romana e de pessoas foram grafados com letra maiúscula de forma consistente – ainda que, nalguns casos em que registou nome e apelido, ora um ora outro fosse escrito com letra minúscula. Já os títulos, festividades, nomes pátrios e gentílicos ou de identidade religiosa aparecem, indiferentemente, tanto com maiúscula como com minúscula, por vezes no mesmo parágrafo. Esporadicamente, um nome (de animal, árvore, ofício, tecido) destaca-se, sem razão aparente, na mancha gráfica por ser grafado com letra maiúscula, por vezes no contexto de uma série.

##### Uso especial dos grafemas <u>, <i>, <j> e <y>

a) <u> com valor consonântico por <v>: de amplo uso nos livros I, III e IV, em posição inicial (ex.: *uerdade*, *uoz*) e média (ex.: *auer*, *palauras*). Aparentemente, a caligrafia redonda de Páez estaria menos feita para o desenho anguloso de <v> (que ocorre igualmente, porém, em *visorrey*, por exemplo) e reflectia a persistência da incerteza no uso das duas letras.

b) <j> por <i>: esta substituição ocorre, fundamentalmente, no livro II, em que o <j> surge com valor semi-vocálico em ditongos orais (*paj*) e nasais (*maj*, *muj*).

<sup>1</sup> Encontram-se, embora residualmente, palavras com abreviação dupla, como |prim.<sup>a</sup>m.te| (primeiramente).

<sup>2</sup> A palavra *empenador*, no singular, foi abreviada como *emp.* (ou *Emp.*, com maiúscula) e, no plural, como *emp.es* ou *emp.res*. *Emperatriz*, menos comum no texto, surge sempre, tanto quanto se apurou, na forma extensa.

<sup>1</sup> Ver o manual de E. Borges Nunes, *Abreviaturas paleográficas portuguesas*, Lisboa, 1981.

c) <i> por <j>: o mesmo sucede com esta troca que contraria, contudo, a resolução fonológica apontada na época para a palavra «jejunar», grafada *ieiunar*<sup>1</sup>; outras lições semelhantes dão *cuio*, *ia* (já)<sup>2</sup>, *oie* (hoje), *igreia*, *iunto*, *seia* (seja).

d) <y> por <i>

- em ditongos orais decrescentes, como *arrayal*, *ayo*, *boy*, *cabaya*, *ley*, *papaya*, *Parayso*, *praya*, *rey*, *reyno*, indiciando uma eventual pronúncia vocalizante do <i> como [i], em vez de [j], como aconteceria na realização fonológica de *reynha* (*rainha*, no livro II). Contudo, outros hiatos antecedendo o dígrafo <nh>, foram grafados com <i> e não <y> (ex.: *uainha*, *ledainha*). Do mesmo modo, é possível dar exemplos do uso de <i> em ditongo oral final (ex.: *hei*) e medial (ex.: *meia noite*).
- em ditongos nasais, como *may*, *muy* (esta apócope alterna com *mui*).
- em vocábulos que se considerava terem origem grega, mediados pela sua resolução latina, como *egyptios*, *hyperbole*, *martyr*, *sylvestre*, *tyrano*. A mediação latina explica a grafia de *Ethiopia* / *ethiope* com <i>.

No período clássico, admitia-se <y> nas palavras de origem grega, o que remete para o capítulo das lições extravagantes as formas gráficas dos vocábulos transcritos nos dois primeiros pontos<sup>3</sup>. Igualmente excêntrica é a lição *Parayso*, evolução do latim *paradisus* que contraiu a antepenúltima e a penúltima sílabas do étimo grego παράδεισος. O uso extravagante de <y> estava, todavia, ainda generalizado, reproduzindo lições dadas no período médio.

#### Dígrafos

O uso dos dígrafos <ch> como valor fonético [k], <ph> com valor fonético [f] e <th> com valor fonético [t], mantido na ortografia portuguesa até às reformas empreendidas já no séc. XX, ligava os vocábulos à sua origem latina ou à resolução latina do étimo grego. Páez emprega estes dígrafos geralmente de um modo ortodoxo, como em *chriandade*, *Christo*, *chronica*, *eschola*, *eucharistia*, *eunucho*, *monarchia*, *patriarcha*, *schismaticos*, *sepulchro*, *blasphema*, *elephante* (*elefante* no livro II), *phariseos*, *philosopho*, *catholica*, *ethimologia*, *Ethiopia*, *mathematica*, *Thebaida*, *theologia*, *thesouro*. Verifica-se, porém, o seu emprego desautorizado pela etimologia em *author* (*autor* no livro II), *authoridade* ou *cathalogo*, autorizados, porém, pelo uso.

#### <h> realizando o hiato intervocálico

Ocorre nos verbos *cahir* (também grafado *caer*), *comprehender*, *prohibir*, *reprehender*, *trahir*.

#### <h> em início de palavra

Presença de <h>

- casos não admitidos pela etimologia latina: nas formas verbais do verbo *hir* (ir), *hencher* e *hinchar*, na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do verbo ser (*he*), *hum* / *hūa*, *hermitam*, *hinchaço*, *hombro*;
- casos admitidos pela etimologia latina: *heregia*, *herua* (ocorre também *erua*), *hyperbole*, *homem*, *honrra*, *hora*, *humana*, *humedo*, *humilde*.

Ausência de <h>

- casos admitidos pela etimologia latina: *olanda*;

- casos não admitidos pela etimologia latina: nas formas do verbo *aver* / *auer* (mas o autor e o escrevente grafam *hei*), *orta*, *ortelão*.

Nota: A lição latina da prefixação de vocábulos com <h> em inicial, aliás seguida na arte ortográfica portuguesa até ao séc. XX, foi realizada de forma consistente (ex.: *deshumano*, *deshonrra*).

#### Consoantes geminadas

O emprego de consoantes duplas, sem que a geminação determinasse alteração fonética (como com <rr> e <ss>), regia-se pela etimologia latina que fixava <bb>, <cc>, <dd>, <ff>, <gg>, <ll>, <mm>, <nn>, <pp>, <tt>, ainda que pudesse ser percebida como regra ditada pelo uso<sup>1</sup>.

a) Casos admitidos pela etimologia latina: vocábulos de origem semita como *abbade* ou *Sabbado* (também ocorre a forma *Sabado*, eventualmente uma errata); *ecclesiastico*, *inacçessiuéis*, *ocçidente*, *affirmar*, *diferente*, *diferença* (também ocorrem as formas *diferente* e *diferença*), *difficuldade*, *efficacia*, *offerer*, *alli* (mas *ali*, no livro II), *cavallo*, *collegir*, *collo*, *ella* / *elle*, *estrella*, *exeçellente*, *vassallo* (*vassalo*, no livro II), *velludo* (também ocorre a forma não geminada, alternância admitida igualmente no latim), *villa*, *commum*, *immunidade*, *incommodidade* (ocorre também sem geminação), *anno*, *panno* (também ocorre a forma não geminada), *apparato*, *admittir*, *tittolo*.

b) Casos não admitidos pela etimologia latina: *deffenido*, *camello*, *Nillo* (alterna com *Nilo*, forma mais frequente), *emmendar*, *edifficante* (ocorrem também as formas *edificar* e *edifício*, sem geminação).

c) Outros vocábulos: *Alleluia*, *janella*.

d) Uso extravagante de [rr]: *honrra*, *honrrar*, *jenrrro*.

Nota: Ocorre geminação resultante da prefixação com afixo in- (im-), por exemplo, em *innumeraveis*.

#### Vogais dobradas

O uso de vogais dobradas como notação gráfica para realização da tónica ocorre com muito baixa frequência nos quatro livros. Grafam-se assim as palavras *chaa* (chã), *doo* (dó), *maa* (má), *uee* (vê). Ocorre também, extraordinariamente, na formação do plural de «civil», *ciuiis* que concretiza a forma anterior à crase.

#### Alternância consonântica

a) <b> e <v> / <v> e <b>

No período clássico, as lições em que estas consoantes opostas alternavam começavam a estabilizar. Assim, a sua ocorrência nos livros autógrafos parece indicar, quer a influência do falar castelhano, quer o contacto do autor com falantes naturais da região setentrional de Portugal que conservou aquela variação dialectal<sup>2</sup>, realizando-se em vocábulos como *alborotar*, *basquinha*, *binar*, *boçes* (também *uoçes*), *brebiairos*, *coba*, *conçerbar*, *deber*, *fabas* (também *fauas*), *labar*, *lebar* (também *levar*), *librar*, *nubes*, *acauar*, *caueça* (também *cabeça*), *cauer*, *deualde*, *liveral* (também *liberal*) *sauam*, *soberua*, *tauoas*, *uainha*, *uanda*, *uandeira*, *uandos*, *Varreto*.

<sup>1</sup> «Húas letras se dobrão nas dicções per natureza das palavras de que se não pode dar regra, porque consiste em uso, & não em arte.» (Id., *Ibid.*, f. 28r).

<sup>2</sup> Entre os confrades da missão etíope, se excluímos António Bruno e Diogo de Matos, chegados em 1620 e que pouco conviveram com Páez, restam Lourenço Romano e Francisco António de Angelis, italianos, e dois portugueses, António Fernandes, de Lisboa, e Luís de Azevedo, de Carrizado de Montenegro, em Trás-os-Montes.

<sup>1</sup> Ver A. Ferreira de Vera, *Orthographia ou modo para escrever certo na lingua Portuguesa*, Lisboa, 1631, f. 10v.

<sup>2</sup> O advérbio assim escrito não se confundia com a forma «ia» do verbo ir, que foi grafada com <h>, hia.

<sup>3</sup> A. Ferreira de Vera, *op. cit.*, f. 22r.

Nota: No livro II, esta ocorrência é residual.

b) Palatais <g>, <j>, <x> e dorso-dentais <s> e <z>

- trocas entre consoantes palatais sonoras e não sonoras: *aloxados*, *beixar*, *deseixaua* (também como *desejaua* e *deseijaua*), *xangadas*, *loxa*, *peixada* (pejada), *prolija*, formas do verbo *redu-xer*<sup>1</sup>, *rogete* (também como *roxete*);
- *zoelhos* (forma que ocorre no livro II, mas *joelhos* nos livros I, III e IV).

c) <ç> / <c> / <s> / <ss> / <z>

Durante o período clássico, verificou-se o «alargamento da área de substituição das consoantes sibilantes ápico-alveolares (...) pelas correspondentes dentais»<sup>2</sup>. Nos livros autógrafos, a resolução gráfica das palavras com esses fonemas parece atestar a conservação ápico-alveolar, bem como a permanência do sêseio predorsodental, com preponderância das realizações não sonoras.

- nomes no grau diminutivo: *çerquaçinha*, *cordonçinhos*, *floreçinhas*, *grandeçinhos*, *pauçinhos*;
- formas dos verbos *diçer* ou *deçer*, *façer*, *preçar*, *reçar*, *traçar* e, também, *agassalhar*, *dessistir*;
- nomes formados a partir de adjetivos: *baixeça*, *çerteça*, *clareça*, *grandeça*, *firmeça*, *natureça*, *nobreça*, *presteça*, *pureça*;
- outros nomes, como *açete*, *cruçados*, *donçellas*, *cinça*, *juízo*, *reçam*, *ueçinhos* e, também, *çircunçissam*, *empresa*, *prissoes*;
- adjetivos: *açul* e, também, *açessa*, *perigossa*, *preçissa*;
- formas singular e plural de palavras com <s> ou <z> em posição de coda final: *feroz* / *feroçes*, *juiz* / *juíçes*, *uez* / *ueçes*, *uoz* / *boçes*;
- numerais derivados de *dous* (*doçe*), *tres* (*treçe* – *treçentos* conserva o radical *çem*).

Nota: No livro II, predominam as realizações sonoras, com <s> e <z>.

Verifica-se algum grau de incerteza entre <s> e <ss> intervocálicos, como em *as auesas*, *asaz*, *sexsa-gessima*, mas *passaros*, que se pode ilustrar a partir da desinência do pretérito imperfeito do modo conjuntivo: no livro II, o uso de <ss> é generalizado; nos livros autógrafos, há alternância entre <s> (predominante) e <ss>.

d) <l> e <r>

Verificam-se algumas trocas pontuais da lateral pela vibrante (*frautas*, *pubrico*, *pubricar*) e vice-versa (*plaçer*).

#### Alternância entre vogais e entre vogais e glides

a) A dissimilação foi um fenómeno recorrente no período clássico, concretizando permutas várias:

- entre <a> e <e>: *entraz*, *ledainhas*, *menha*, *mermelo*, *resplandor* (afastando-se do étimo latino, «splendor»);
- entre <e> e <i>: *miçenhas* (mezinhas), *milhor* (*melhor*, livro II), *minino* (alterna com *menino*), *pidir*, *piquena* (*pequenos*, no livro II), *sabiduria*, *siruir*, *testimunha*, *mismo*, *siguinte*;
- entre <i> e <e> átono articulado em elevação estando em posição pretónica: *ceremonias*, *de-ante* (*diante*, no livro II), *dereita* (alterna com *direita*), *descurso*<sup>3</sup>, *deuino* (alterna com *diuino*),

*emperador* / *emperatriz* (mas *imperio*), *ençenso*, *enemigo* (também *enimigo* e *inimigo*, no livro II, e *imigo*), *enformaçam* (alterna com *informaçam*), *enteiro*, *lemites*, *preuilegio*, *relegião* (*religiam*, nos livros I, III e IV), *uecinhos*;

- entre <a> ou <i> e <e> átono articulado em elevação estando em posição postónica: *abobeda*, *humeda*;
- entre <e> e <o>: *fèrmosa*;
- entre <o> e <e>: *arçobispo*;
- entre <o> e <u>: *molher*, *sepoltura*, *sospeita*;
- entre <u> e <o>: *uberta*, *cumprido* (*comprido*, livro II), *sabiduria*, *norueste*, *sudueste*.

#### Nasalação

a) <am> e <ão> na última sílaba

No período clássico, completou-se a uniformização das terminações nasais com diferentes etimologias latinas. A resolução gráfica do ditongo nasal decrescente [ãw] é uma das marcas distintivas da ortografia entre os livros autógrafos – em que a forma predominante é <am> – e o livro II – em que predomina <ão>. Assim, alternam, consoante quem escreveu e, entre outros, os nomes *algodam* e *algodão*, *Joam* e *João*, *oraçam* e *oração*, *reçam* e *rezão*, *religiam* e *relegião*, *Salomam* (*Salomom* com baixa frequência) e *Salamão*; a 3.ª pessoa do plural no presente dos modos indicativo e conjuntivo, e nos tempos pretéritos do indicativo, como *estam* e *estão*, *sam* e *são*; os advérbios *tam* e *tão*, *quam* e *quão*, *nam* e *não* – *são* e *não* também ocorrem, com muito baixa frequência, nos livros autógrafos. Os plurais formam-se de maneira diferenciada: por exemplo, *hermitam* / *hermitaes*; *informaçam* / *informações*; *mam* / *maos*.

b) Nasalação em sílabas iniciais e mediais

Para além do recurso ao til sobre a vogal, para abreviar a sílaba, nos quatro livros é respeitada a regra de grafar <m> antes de <b>, <m> e <p>, por respeito à raiz latina, e antes de <n>, como excepção, nas palavras de origem grega, grafando-se, assim, *calumnia*, *solemne*.

c) [ãj]

Este ditongo realiza-se com <ay> em *may*.

d) [éj]

Este ditongo realiza-se com <em> ou <en> nos vocábulos *homē*, *pagēs*, *nomē*, *volumē*<sup>1</sup>, na 3.ª pessoa do plural de verbos da segunda conjugação e na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos «ter» e «ver», na época homónimas do plural, em que as formas *tem* e *vem* correspondiam à realização monossilábica.

#### Ditongos orais

a) Ditongos orais crescentes

- [gwɔ] ou [gwo]: *agoa*, *egoa*, *igoal*, *igoarias*, *legoas*, *lingoa* (também *lingua*), *magoa*, *mingoa* – segundo Álvaro Ferreira, <o> pronunciava-se já [u]<sup>2</sup> – *antiguo* (*antigo*, no livro II), *guardar*, *Portugual* (forma residual, no livro II);
- [kwɔ] ou [kwo]: *çerquaçinha* (derivação extravagante de *çerca*), *Coesma*, *cuatro*, *iniqua* / *iniquo*, *qua*, *quasi* (mas *casi* nos livros autógrafos), *riquos* (livro II);
- outros casos: *tauoas* / *taboas*.

<sup>1</sup> Troca com <g> do radical latino. A manutenção do tema em -e é sugerida por formas verbais como *reduxeram*.

<sup>2</sup> M.ª H.M. Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, 2003, p. 28.

<sup>3</sup> Decurso. *Decurso* é lição anterior à síncope do <s> em posição de coda no prefixo latino -dis.

<sup>1</sup> A nasalação da última sílaba em *nome* e *volumē* resulta da contracção de <e> com o <n> terminal dos étimos latinos.

<sup>2</sup> «E em todas as dicções, que antes do, a, entremetemos a ditta vogal, u, tem esse, u, liquido, meia pronunciação de, o» (A. Ferreira de Vera, *op. cit.*, f. 8v).

Nota: Nos vocábulos *calidade*, *calificadores* e *cantidade* ocorre a monotongação de [kwα], passando a [kα]; estas lições eram admitidas pelo uso, apesar de se afastarem dos étimos latinos.

b) Ditongos orais decrescentes

- [aj]: *aluayalde*<sup>1</sup>, *arrayal*, *baixeça*, *paixam*, *rosairo*; plural das palavras terminadas em -al, predominando a forma -aes, mas em alternância com -ais (*animaes* / *animais*, por exemplo);
- [aw]: *bautismo* (forma vocalizada), *grao*, *pao* (mas *pauçinho*), *nao*;
- [ej]: *hei*, *ley*, *rey*, *reyno*, *feitiçeiro*, *fieira*, *inteireza*;
- [ew]: *Deos*, *hebreo*, *judeo*, *meus*, 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo de verbos regulares com tema em -e (-eo, como *recebeo*);
- [ɛw]: *ceo*, *chapeo*, *manteo* (vocalização de <l>);
- [iw]: 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo de verbos com tema em -i (-io, como *partio*);
- [oj]: *coiro*, *depois*, *noite*, *toitiço*;
- [ow]: *cousa* (*cosa*, livro II), *doudo* (mas *dodicie*), *dous*, *dourado*, *ouro* (também *oro*), *mourama*, *outro* (que alterna com *otro*, por exemplo na forma *vosotros* de influência castelhana), *pilouro*, *rouuar*, 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo de verbos regulares com tema em -a (-ou, como *caminhou*);
- [uj]: *çircuito*.

c) ditongação antes de consoante palatal: ocorre em *peixada* (i.e., pejada) e nas formas derivadas de *desejar* (que alterna com *desejar*).

d) monotongação

- [aj] > [a]: *caxa*;
- [ej] > [e]: *ligeras*, *mantega*, *oterinho*, *sugetar*;
- [oj] > [o]: *cosa*, *foce*, *lauora*, *oro*, *oterinho*, *Otubro* (*Outubro*, livro II), *reposou*, *toca*.

*Sinais diacríticos*

Excepção feita para o uso de cedilha, Páez recorreu com grande parcimónia aos sinais gráficos. Contudo, usou de um modo consistente o /<sup>^</sup>/ para acentuar a abertura dos sons vocálicos nas palavras transliteradas das línguas árabe, amárica e gueeze. No livro II, encontra-se o recurso mais frequente aos sinais diacríticos, quer ao til, para marcar os ditongos nasais, quer traços para acentuar tónicas.

*Ligações enclíticas*

A ênclise é mais frequente no livro II. Ocorre com a ligação entre o verbo e o pronome átono com função de objecto directo ou indirecto, apresentando-se como se segue nos casos que viriam a sofrer assimilações: infinitivo + pronome (ex.: *pedillo*, *lerlos*); 3.<sup>a</sup> pessoa do plural + pronome (ex.: *lançaramo*).

*Ligações proclíticas*

A ligação proclítica de preposições (por exemplo, *aeste*, *auos mesmos*, *dedeos*, *detodo*, *sopena*), conjunções (*eforão*), pronomes (*oque*) e artigos (*todo omundo*) átonos ao vocábulo seguinte teve utilização extensiva, sobretudo no livro II.

Formas lexicais resultantes de processos específicos

*Síncope*

a) Queda das consoantes sonoras <b> e <g>, a primeira nos afixos latinos «sob» e «sub» na ligação proclítica *sopena* e em *surreptição* e *sustancia*, a segunda na forma derivada do cultismo grego com prefixo latino *pronosticou*. Conserva-se, porém, a surda <p> em *Assumpçam*, *descripçam*, *escripturas*, *redempçam* (só nos livros autógrafos).

b) Queda de <b> em *amos* / *amas*.

c) Queda de <s> em posição de coda antes de <c>, em *creçente*, *creçer*, *deçender*, *deçer*, *naçença*, *naçer* (no livro II, aparecem formas palatalizadas, como *crechente* e *descendencia*).

d) Queda de <x> antes de <c>, em *eçiçam*.

*Apócope*

Este fenómeno de queda ocorre com frequência nas formas *mui* / *muy* (muito) e *frei* / *frey* (freire), nomeadamente nas referências a *Frey Luis de Urreta*.

*Prótese*

Ocorre em vocábulos, como *alagoa* e *atambor*, e formas verbais que realizam variantes populares, consagradas pelo uso oral, como *abaixar*, *aleuantarse*, *apor*, *arreçar*, *assentarse*, *auoar* (conservando-se *tirar*, i.e. atirar, e a forma latinizada *presentar*), assim como no nome *Espirito* e no adjectivo *espiritual* (que alternam com as formas latinizadas *Spiritu* / *Spirito* e *spiritual*, distribuídas pelos quatro livros).

*Epêntese*

a) Manutenção do hiato anterior à ditongação, em vocábulos como *aldea*, *cadeas*, *candeas*, *chea* / *cheo*, *feo*, *freo*.

b) Ocorrência de lições epentéticas, alternando com as formas que mantêm o hiato, em vocábulos como *cheio*, *meia* / *meio*, *ueio*.

*Uso de forma anterior à paragoge*

Ocorre no nome *Jesu* / *Iesu*.

*Nasalação*

Empregam-se formas anteriores à nasalação, como *assi*, *mi*, *carmesi*.

*Vocalização*

Uso de forma anterior à vocalização: ocorre num conjunto muito restrito de vocábulos, a saber, *doctores*, *doctrina*, *secta*. A coexistência das formas *fructo*, *fruito* e *fruto* é reveladora das indecisões a nível da dicção.

Uso de forma vocalizada: para além de ocorrer em vocábulos como *ausente*, *noite*, *reyno*, destacam-se as lições *correiçam*, *eçiçam*, *bautismo* e formas do verbo *bautizar*.

<sup>1</sup> Errata de *alvayade*, forma do étimo árabe admitida na época.

*Sonorização*

- a) Uso de forma anterior à sonorização: conservação, nos vocábulos *secreto* (segredo) e *podencos*, das consoantes não sonoras <c> e <t>, atestada nos livros autógrafos.  
b) Uso de forma sonorizada: *arabigo*.

*Palatalização*

- a) Uso de forma anterior à palatalização na conservação da forma latinizada *linea*.  
b) Uso de forma palatalizada no verbo *balhar*.

*Metátese*

Este fenómeno realiza-se com a deslocação gráfica de <r> com valor de líquida, em posição de coda, nas formas *ambre*, *borcado*, *guirnalda*, *preguntar*, *perjuízo*. Ocorre ainda em *brebiairo*, *rosairo*, *uigairo*, com a transposição de <i>; *feria*, pelo contrário, conserva forma latinizada.

*Composição*

- a) Formas do pronome pessoal de objecto indirecto: a aglutinação ocorre em *comigo*, mas não nas expressões *com sigo*, *com nosco*, *com uosco*.  
b) As palavras *benauenturança* e *uanagloria* conservam a forma latina dos respectivos primeiros constituintes, *bene*, embora com o <e> final assimilado, e *uana*.

## Empréstimos lexicais

A linhagem etimológica comum das línguas materna e de adopção do autor pode ter determinado alguns empréstimos lexicais, residuais no todo, mas significativos, pois dizem respeito a nomes muito específicos, como *çurujão* – adaptação de uma das formas castelhanas, «çurujano»<sup>1</sup>, que evoluíram do nominativo latino «chirurgus» – ou *sabuesos* – nome de raça canina.

## Pontuação

Os sinais de pontuação serviam, na época clássica, para marcar ritmos discursivos. Andava longe dos espíritos letrados que pudesse ser empregue para resolver ambiguidades ou conferir expressividade à composição frásica. Assim, Páez distribuiu a vírgula, já nas enumerações, mas também antes de «e», de «que» (incluindo o relativo), «quem», «o que», «em que», por exemplo, e raramente para separar os complementos adverbiais e preposicionais, as orações intercaladas, os apostos. O ponto e vírgula teve ampla utilização, marcando a respiração de longos períodos (frequentemente com mais de doze orações), sendo, de um modo geral, usado antes de conjunções coordenativas. O recurso ao discurso directo não foi assinalado, senão pela identificação do emissor, pelo verbo declarativo sem a partícula completiva e, embora nem sempre, por dois pontos. A maioria das frases interrogativas não encerra com o sinal de entoação respectivo. Finalmente, os traços parentéticos foram usados para assinalar vocábulos exóticos, substituindo as aspas.

<sup>1</sup> Ver J. Corominas, *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, vol. II, Madrid, 1984, p. 90a.

7.4.  
CONVENÇÕES

O código gráfico convencionado para esta edição é o seguinte:

- a) [fol.1] — numeração dos fólhos do ms.;  
b) ~~palavras ou expressões com uma linha sobreposta~~ — correspondem às que foram rasuradas nos manuscritos (nem sempre) permitindo ler o que foi emendado ou censurado;  
c) [ ] — assinala passagens acrescentadas à margem ou no corpo do texto, pela mesma ou outra mão;  
d) (palavra) no meio de texto em itálico — comentário interpolado do autor.

7.5.  
O APARATO CRÍTICO

As variantes entre as lições dos dois manuscritos, bem como a foliação do ms. 778 BPB são referenciadas em nota. O número da nota inscrito no corpo do texto para indicar a mudança de fólho é posto sem marcação de espaço imediatamente antes da primeira palavra que se pode ler no respectivo fólho do manuscrito; no caso das variantes, o número da nota indica a exacta posição do termo ou da expressão no manuscrito. Assinalam-se, fundamentalmente, três tipos de variantes: de construção da frase (a mais comum), em que o copista optou por mudar por mudar a posição de alguns lexemas para simplificação da sintaxe; por omissão, nomeadamente de articuladores discursivos ou de palavras, possivelmente por lapso ou intencionalmente durante o trabalho de transcrição; por alteração (ocasional) de género, número, pessoa ou tempo verbal. O aparato crítico compreende ainda notas de carácter filológico, lexical, literário, geográfico, histórico, biográfico e bibliográfico. Estas notas são intencionalmente breves e meramente informativas, cumprindo a função de identificar um acontecimento ou uma personagem, referenciar textos citados, esclarecer o significado de um termo desusado.

Os organizadores da presente edição também decidiram apresentar no aparelho crítico da mesma, em nota de pé de página, as variantes que se encontram na tradução da *Crónica de Susnēyos* feita por Manuel de Almeida na versão da *Historia da Ethiopia a alta ou Abassia* do ms. 11966 da School of Oriental and African Studies, da Universidade de Londres, em que se lê a «Historia do emperador Seltan Saged tresladada a letra de sua coronica» (ms. 1196 SOAS, fols. 483-543) — note-se que os outros manuscritos referenciados da obra de Manuel Almeida, o da Biblioteca Britânica (ms. *Add. 9861*) e a versão oitocentista da Biblioteca Nacional de Lisboa (*CUD 1769*), omitem a tradução da *Crónica de Susnēyos*. Ambas as traduções, a de Páez e a de Almeida, documental uma versão da crónica real anterior à sua conclusão e possível correcção (aquela conhecida através da edição de F.M. Esteves Pereira, de 1892-1900), representando por isso um contributo importante para a história da sua redacção e dos mecanismos de censura que sofreu na Etiópia. A referência cruzada das suas versões não só permite uma leitura comparada, como pode favorecer uma reflexão acerca da prática da tradução de textos pelos padres jesuítas, o que justificou a decisão tomada.

Foi elaborado um glossário não exaustivo, de carácter onomástico, toponímico, literário e histórico e etnográfico, com remissões a partir das primeiras ocorrências dos termos em cada um dos quatro livros da *História da Etiópia*, em que se incluem notícias mais amplas sobre personagens, acontecimentos, or-

ganização social e outros aspectos referidos por Páez. Importa notar que o glossário está, forçosamente, incompleto, pois, não só as suas entradas foram seleccionadas em função de um conjunto de interesses que podem não coincidir com os do leitor, como os autores não ousam sequer pretender que cada uma possa apresentar a definição ou a explicação definitivas sobre determinado assunto. Na verdade, este glossário reflecte o estado actual da pesquisa sobre o conjunto dos temas que os organizadores consideram essenciais na economia da obra e nas preocupações do seu autor.

## HISTÓRIA DA ETIÓPIA



Ao [muito Reverendo em Cristo Nosso] Padre  
Mutio Vitelleschi<sup>1</sup>, [Prepósito]<sup>2</sup> Geral da  
Companhia de Jesus

Depois que entrei em este império de Etiópia<sup>3</sup>, que foi em Maio de 1603, e comecei a ver as coisas dele, entendi quão pouca notícia se tinha delas em Europa, pelo que desejava sempre dar alguma aos daquelas partes. Mas foram tantas e tão precisas as ocupações, que, ainda que a este desejo se ajuntou pedi-lo com instância por cartas a alguns padres, não o pude nunca pôr em execução. Agora, porém, me foi forçado cortar por algumas e, ainda por muito do tempo em que houvera de descansar do trabalho de outras, por me encarregar o padre provincial da Índia<sup>4</sup> que o fizesse, e que juntamente respondesse ao que impõe ao Padre Patriarca D. João Nunes Barreto<sup>5</sup> e aos padres da Companhia que com ele vinham para Etiópia, o Padre Frei Luis de Urreta da sagrada religião de S. Domingos em um livro, com que saiu em Valença de Aragão o ano de 1610, das coisas políticas e eclesiásticas deste império<sup>6</sup>, que eu li com atenção e em todo ele quase não achei coisa que dissesse com o que cá passa, como verá também claramente quem ler [esta] *História* que das mesmas coisas tenho feita, em que ordinariamente falo de vista. E o que refiro dos livros de Etiópia tresladei fielmente, e as coisas que escrevo por informação procurei de tomar das pessoas mais fidedignas que cá há. E tenho por certo que nenhuma haverá entre elas a que possa pôr nota quem as tiver visto e experimentado, e muito menos nas demais que escrevo, como Vossa Paternidade poderá ver, pois todos os anos tem certas informações do que cá passa, pelas cartas dos padres meus companheiros. E assim por isto, como ~~pela obrigação que tenho~~ [por ser Vossa Paternidade tão particular pai desta missão]<sup>7</sup>, me pareceu devia oferecer a Vossa Paternidade ~~esta obra, para que, sendo tal que possa sair à luz, dê licença para isso e se não mande que fique; porque meu intento não foi mais que cumprir com a obediência do padre provincial e satisfazer ao desejo dos padres que a pediam~~<sup>8</sup> [este pequeno trabalho em cuja bênção e santos sacrifícios e orações muito em o Senhor me encomendo.

De Dancas<sup>9</sup>, corte do imperador, em Maio 20 de 1622]<sup>10</sup>.

P. PAES<sup>11</sup>

<sup>1</sup> Geral da Companhia de Jesus de 1615 a 1645.

<sup>2</sup> As expressões «muito Reverendo em Cristo Nosso» e «prepósito» foram acrescentadas aparentemente por outra mão.

<sup>3</sup> Ver glossário (Etiópia).

<sup>4</sup> Francisco Vieira. Provincial da Índia de 1606 a 1615 (C. Beccari, *RESOI*, 10, p. xii).

<sup>5</sup> Ver glossário (João Nunes Barreto).

<sup>6</sup> *Historia eclesiastica, politica, natural y moral, de los grandes y remotos Reynos de la Etiopia, monarchia del Emperador, llamado Preste Juan de las Indias. Compuesta por el Presentado Fray Luys de Urreta, de la sagrada Orden de Predicadores*, Valencia, 1610. Ver introdução.

<sup>7</sup> Nota à margem escrita aparentemente por outra mão no *ms. Goa 42 ARSI*; integrada no corpo do texto no *ms. 778 BPB*.

<sup>8</sup> Passagem ausente no *ms. 778 BPB*; ver introdução crítica.

<sup>9</sup> Ver glossário (Dancas / Dencáz / Dänqáz).

<sup>10</sup> Passagem acrescentada pela mesma mão que escreveu a nota marginal assinalada antes, em substituição do excerto rasurado.

<sup>11</sup> *Ms. 778 BPB*: PERO PAIS.

Uma das principais razões e causas por que se escreve as histórias, cristão leitor, é para que, com o tempo, não fiquem sepultadas no esquecimento as coisas dignas de memória, senão que sirvam de lembrança e exemplo aos vindouros, como diz Quintiliano, *Institutiones Oratoriae* livro 10, cap. 1.º. E, por isto, ordenou Deus Nosso Senhor que se fizessem crônicas das coisas memoráveis que sucederam ao povo de Israel, como se vê nos livros santos, onde se referem miudamente não só as coisas prósperas mas as adversas, os bens e os males que fizeram os reis, os príncipes e monarcas de Israel; que esse é o fim da História, como diz S.<sup>to</sup> Agostinho, tomo 2, Epístola 131: *Ad memoriam episcopum*, contar com toda a verdade, assim o mal como o bem de quem o tem. Também se escrevem as histórias para que todos tenham notícia das coisas insignes que há e dos casos que sucedem em terras muito remotas e afastadas, o que causa grande gosto e é de muita recreação participar sequer em esta forma daquilo que não podem ver. Mas é mui importante e de todo necessário que o historiador tenha certa informação do que há-de escrever, porque, como notou muito bem Luciano, livro *Quo modo est scribenda Historia*, é grande vício dela quando o que a escreve não está mui inteirado das palavras, das pessoas, dos casos, e lugares tocantes a ela, o que muitas vezes falta, particularmente aos que escrevem por informação de outros. E, por isso, se acham tantos e tão grandes erros em historiadores muito graves, como em Plínio e outros antigos, e ainda de alguns modernos que escreveram das coisas da Índia Oriental; mas, sobre todos os que tenho visto e ouvido, os tem o Padre Frei Luis de Urreta da Ordem do glorioso Padre S. Domingos, em um livro que imprimiu em Valença de Aragão o ano de 610, a que intitulou *História eclesiástica e política dos grandes e remotos reinos de Etiópia, monarchia do imperador chamado Preste João das Índias*, que agora me chegou às mãos. E achei que, por seguir a informação de um João Baltazar, natural do reino de Fatagâr em Etiópia, quase não tem coisa que diga com a verdade do que cá passa. Nem há que maravilhar muito disso, porque, demais de que ordinariamente de longas vias [fol. 1v] vão largas mentiras<sup>2</sup>, não tinha notícia de ser esta a moeda mais corrente em Etiópia<sup>3</sup>, tanto o Imperador Malâc Çaguêd, que reinou trinta e três anos, e haverá vinte e três que morreu<sup>4</sup>, trazia muitas vezes por provérbio: «Mentiras de Etiópia e cobiça de egípcios»; do que eu pudera aqui trazer muitos exemplos das coisas que tenho visto do ano de 603, que entrei em Etiópia<sup>5</sup>. Mas baste o que passou, estando com o Imperador Seltân Çaguêd<sup>6</sup>, que agora é, no terrado de uns paços muito altos que há pouco tempo fez, chegou um seu criado e disse-lhe que fizera trazer certa madeira que lhe tinha encomendado de cinquenta palmos de comprido e três de largo. Disse o imperador que visse bem se tinha intei-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 1v].

<sup>2</sup> Adágio; variante da forma «De longas vias, longas mentiras».

<sup>3</sup> O sujeito desta oração causal é Fr. Luis de Urreta: [ele] não tinha notícia (...).

<sup>4</sup> Em 1597.

<sup>5</sup> Leia-se: que tenho visto desde o ano de 1603, em que entrei em Etiópia.

<sup>6</sup> Ver cronologia dos reis etíopes. P. Páez traduziu parte da crónica deste rei no livro IV, caps. XVI-XIX.

ramente aquela medida. Foi ele e, tornando logo, porque estava já a madeira à porta do paço, afirmou que ainda tinha mais que menos. Folgou tanto o imperador de ouvir isto que desceu logo a ver com muitos dos grandes e eu com eles e, chegando, achou que não tinha ainda bem dois palmos de largura, pelo que voltou enfadado, dizendo: «Se daqui até lá acima me trazem tão grande mentira, que farão do extremo do meu império.»

Pouco tempo depois disto, me disse ele que escolhesse uma boa terra e que ma daria. E, nomeando-lhe uma que me tinham louvado, me perguntou se a tinha visto e, respondendo-lhe que não mas que ma louvaram, disse: «Não se fie Vossa Reverência tão depressa do que lhe dizem. Não cuide que a gente da nossa terra é como a da sua. Primeiro veja a terra, e depois diga se é boa ou não.» Com o que confirmou o que dizem cá muitos, que em Etiópia não se há-de crer senão o que se vir com os olhos. E eu assim também achei que aquela terra não aproveitava para nada, pelo que me deu outra<sup>1</sup> muito boa. Pois se na terra de Etiópia, onde facilmente se pode provar o que é mentira, se dizem tantas, que muito que João Baltazar se espraiasse tanto à sua vontade nelas em terra tão distante desta, como é Valença, onde ninguém lhe podia contradizer<sup>2</sup>. Foi nesta matéria tão largo que se pudera dizer que nenhuma coisa juntou o Padre Frei Luis de Urreta à sua informação mais a propósito que as patranhas que traz dos poetas; porque não o são menores as que João Baltazar lhe afirmou por verdades grandes, antes foi muito menos o que aqueles fingiram que o que este sem nenhum escrúpulo inventou. Pelo que disse muito bem Frei Luis de Urreta no princípio do prólogo de sua *História*, que as coisas que escrevia eram todas novas, não vistas nem lidas em autor nem livro de quantos tem Europa, porque, afora dos livros de cavalarias, que [fol. 2] professam ficções, não parece que haverá nenhum que tenha tantas quantas João Baltazar referiu.

Vendo, pois, eu tantas fábulas, contei por festa algumas diante do imperador e de muitos grandes e, mostrando-lhes o livro, se maravilharam muito de como deram tão depressa crédito a um homem não conhecido para imprimir livro. E disse o principal dos secretários: «Parece que este João Baltazar é chocarreiro, que todas as coisas conta às avessas.» Respondeu o imperador: «Não é senão espírito maligno, porque o chocarreiro não pode inventar tantas mentiras.» E, se fizera isto somente engrandecendo as coisas de sua terra, fora menos mal, mas procurou tanto desfazer nas dos portugueses (e é seu todo o que Frei Luis escreve, como ele afirma) e pôr nota<sup>3</sup> em pessoas tão graves deles, que me pareceu tinha obrigação contradizer suas mentiras, manifestando a verdade. E, para que o leitor tenha alguma notícia delas, enquanto chega a seus lugares onde as verá compridamente refutadas, tocarei aqui brevemente algumas. Diz pois (como refere Frei Luis de Urreta, pág. 207<sup>4</sup>) que, vindo por patriarca de Etiópia o Padre D. João Barreto, entrou nela com doze companheiros da Companhia e alvorotou<sup>5</sup> logo, não somente<sup>6</sup> todo o estado secular de todo o império, mas os clérigos muito mais, mandando que dali por diante não houvesse mais clérigos casados, senão que em tudo se conformassem com a Igreja latina, e que os seculares pagassem dí-zimos à Igreja de todos seus frutos, e mais coisas novas e nunca vistas em Etiópia. E cresceram tanto as di-

ferenças, que o patriarca com quase todos seus companheiros se saíram de Etiópia e tornaram a Goa. Sendo assim que nem o Patriarca D. João Barreto veio em toda sua vida à Etiópia, nem passou nunca de Goa, nem por outro nenhum padre se mandaram nunca tais coisas.

Na pág. 614<sup>1</sup>, diz que pelos anos de 1555 entraram em Etiópia mais de trezentos portugueses judeus a quem, querendo prender os inquisidores por se descobrirem por tais, fugiram, uns para os mouros e outros para Goa onde, <sup>2</sup>para encobrir sua maldade e apostasia, afirmaram mil falsidades, dizendo que os de Etiópia eram cismáticos e o Preste João cruel inimigo da religião cristã, e que o Padre Patriarca André de Oviedo estava preso, padecendo grandes trabalhos nas prisões. E, chegando estas novas a El-rei D. Sebastião, se persuadiu com [fol. 2v] facilidade<sup>3</sup> ser história verdadeira o que não era senão fábula e malícia. E alcançou de Pio V um buleto subreptício, por estar Sua Santidade mal informado, em que mandava que o Padre Patriarca André de Oviedo sãsse de Etiópia com a primeira ocasião que achasse e fosse pregar à China e Japão. Isto também é muito fora dos limites da verdade, por<sup>4</sup> nem<sup>5</sup> em Etiópia entraram nunca<sup>6</sup> portugueses judeus, nem há inquisidores, nem um rei tão cristão e prudente como D. Sebastião se havia de persuadir com facilidade o que não era para informar de coisa tão grave a Sua Santidade, antes o fez com muito peso e acordo e por ter informações muito certas que o Preste João era muito contrário à nossa santa fé, e prender e degradar ao Padre Patriarca André de Oviedo<sup>7</sup>.

Por estas e outras muitas mentiras que depois veremos, se poderá fazer deste livro o que seu mesmo autor refere, pág. 343<sup>8</sup>, que se fez no reino de Valença ao livro de João Botero Benes<sup>9</sup>, que, por dizer pouco e falso dos reinos e províncias do mundo, e em particular de Espanha, o proibiram com pregões públicos; porque não é razão se permita que livro de tantas mentiras e que tanto tocam na honra e fama de uma nação tão católica como a portuguesa, de quem ainda e turcos<sup>10</sup>, com serem tão grandes seus inimigos afirmam (como eu ouvi muitas vezes em sete anos que me tiveram cativo no Estreito de Meca) que não há nação mais fiel e verdadeira que a portuguesa; pelo que puderam dizer, com Moisés, *Deut. 32: Inimici nostri sunt iudices*<sup>11</sup>. Nem é razão que tal livro ande dedicado à sacratíssima e sempre Virgem do Rosário, mãe da mesma verdade. Não digo isto por desfazer no piedoso zelo com que se deve presumir que o Padre Frei Luis de Urreta escreveu, senão para mostrar o que merecem as falsidades grandes com que João Baltazar o enganou.

O que principalmente pretende o Padre Frei Luis em toda sua obra, e mais de propósito no livro 2.<sup>o</sup><sup>12</sup>, é mostrar que os imperadores de Etiópia e seus vassalos nunca foram cismáticos e desobedientes à Igreja romana, nem o são hoje; e que, ainda que por muito tempo ignoraram muitas cerimónias

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro III, cap. 1, intitulado «En el qual se pone una defensa y apologia de la fe catolica, y religion christiana que siempre han guardado los etiopes: y se trata de la christianidad de los christianos de la Asia, y de todas las provincias del mundo», pp. 571-623.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 2v]

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: falsidade

<sup>4</sup> Leia-se: porque.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: nunca.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: tais.

<sup>7</sup> Ver livro III, cap. 5 seq.

<sup>8</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 32, intitulado «De los grandes Reynos, y señorios del Preste Iuan, de sus muchas riquezas, tributos y rentas. Trata-se de las reñidas guerras que ha tenido con los reyes moros, y gentiles, sus vezinos», pp. 341-66.

<sup>9</sup> Refere-se, possivelmente, a *Description de todas las Provincias y Reynos del Mundo*, tradução espanhola impressa em Barcelona em 1603.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: os mouros,

<sup>11</sup> Deuteronomio 32,31: «os nossos inimigos podem atestá-lo.»

<sup>12</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro II, intitulado «Libro segundo de la Historia de la Etiópia. Tratase de la Fe, y Religion Christiana, y ceremonias sagradas que se guardan en la Etiópia».

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 2].

<sup>2</sup> Esta construção sintáctica, vulgar na época, elide a oração que deveria esclarecer o nexos da completiva integrante; uma leitura possível seria: «se dizem tantas, [não admira] que muito que João Baltazar», etc.

<sup>3</sup> Pôr defeito.

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 21, intitulado «Del consejo latino en el qual se tratan los negocios tocantes a la Europa. Ponese una mission que hizieron treze padres de la Compañia de Iesus, con una carta escrita por el S. Padre Ignacio para el Preste Iuan emperador de la Etiópia», pp. 192-219.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Alvorotou. As lições equivalem-se.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: só.

da Igreja, todavia, no que toca ao mistério da Santíssima Trindade e dos catorze artigos e dos sacramentos, sempre do princípio da Igreja se conservaram em toda pureza e sinceridade da fé católica, sem nunca se afastarem um ponto dela nem dos artigos decretados e definidos nos concílios gerais. E quanto ao [fol. 3] circuncidarem-se e guardarem Sábado e outras 1cerimónias da Lei Velha, depois que por via da Índia de Portugal tiveram comércio com a Igreja romana e entenderam que os cristãos dela se escandalizavam deles guardarem a circuncisão e mais cerimónias da Lei, e os papas lhes mandaram que o não fizessem, logo o deixaram, sem nunca mais se circuncidar nem guardar cerimónia alguma judaica, nem outros erros em que dantes por ignorância viviam. E assim, na pág. 442, repreende com palavras mui pesadas aos autores que escreveram o contrário, chamando-os presumidos, chamando-os qualificadores de só nome e não de ofício<sup>3</sup>, e que falam mal e sem fundamento com outras coisas semelhantes. Esta é a soma de seu intento. E, a este propósito, diz outras coisas muitas que no discurso desta *História* mostrarei como são falsas, sem recear esta censura que ele pôs àqueles autores, porque, no principal, falarei de vista e experiência e não por informações como as de João Baltazar, e no demais as tomarei das pessoas mais importantes deste império. E, em tudo o que escrever, ora toque aos portugueses, ora aos de Etiópia, falarei desinteressadamente com clareza e sem encarecimentos, por demais de ser religioso, a quem pertence dizer singelamente a verdade do que souber, nem para engrandecer aqueles me poderá mover a carne e sangue, nem para desfazer em estes me incitará desgosto particular, antes lhes tenho muitas obrigações, porque, do ponto que entrei em suas terras, sempre me fizeram muitas honras e mercês sobre mercês, não somente os príncipes e grandes, mas em particular três imperadores que foram em este tempo<sup>4</sup>. Pelo que, guardando as leis de boa História, e seguindo o parecer de S. Agostinho no lugar citado, direi singelamente o bem e o mal público de quem o tiver, sem fazer excepção de pessoas, submetendo-me sobretudo ao parecer de pessoas que, com caridade, me quisessem emendar, principalmente a do Padre Mutio Vitelleschi, geral de nossa Companhia, a quem vai dirigida esta *História*, porque, demais de ter poder para tirar o que lhe parecer, ou mandar que ninguém a veja, nenhum outro melhor a pode emendar, por ser fielmente cada ano informado das coisas que sucedem por outros cinco padres da Companhia que cá residem<sup>5</sup>.

## LIVRO I<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 3]

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 4, intitulado «En el qual se prosigue la genealogia de los reyes de la Etiópia», pp. 35-45.

<sup>3</sup> Qualificador era o censor encarregue da apreciação dos livros.

<sup>4</sup> Refere-se a Ya'eqob (1597-1603/1604-1607), Zä Dëngël (1603-1604) e Susnëyos (1607-1632).

<sup>5</sup> O autor reportava-se às cartas anuais da Etiópia, ou relatórios anuais da acção missionária naquele país (ver *RESOI*, vols. X e XI). Os «outros cinco padres» a que se referiu eram António Fernandes, Francisco de Angelis, Luís de Azevedo, Diogo de Matos e António Bruno. Ver glossário (segunda missão jesuíta).

## CAPÍTULO I

EM QUE SE TRATA DA SITUAÇÃO, E DE QUANTOS E QUAIS SEJAM OS REINOS E  
PROVÍNCIAS DA PARTE DE ETIÓPIA QUE SENHOREIA O IMPERADOR QUE  
CHAMAM PRESTE JOÃO<sup>1</sup>

[fol. 3v]  
**M**uitas e grandes diferenças têm os autores entre si sobre quantos e quais sejam os reinos e províncias que se compreendem debaixo deste nome Etiópia. Mas eu não me deterei em aprovar nem condenar suas opiniões, porque meu intento não é tratar aqui dela em toda sua latitude senão de só esta parte que senhoreia o imperador a que comumente chamam Preste João<sup>2</sup>. E, posto que muitos e graves autores, como são os que se citam no prólogo da *História Etiópica*, de Francisco Álvares<sup>3</sup>, e refere Frei Luis de Urreta no seu cap. 18.<sup>4</sup>, afirmem que este imperador não é o Preste João, senão outro rei mui diferente, que confina com os tártaros, onde <sup>5</sup>ainda agora há cristãos, segundo me afirmou pouco há um mancebo natural da Tartária que veio ter a esta terra; contudo, nesta *História* e no discurso dela, o nomeia rei por Preste João por ser mais conhecido em Europa por este nome que por outro nenhum. Mas, antes de nomear seus reinos e províncias, será bem advertir de mais que quase todas as informações que João Baltazar deu a Frei Luis de Urreta, não só no que toca as coisas eclesiásticas de Etiópia, mas também nas políticas da paz e da guerra, ritos e costumes, são meras ficções e coisas prodigiosamente fabulosas. Nas descrições geográficas, situação, graduação de terras, reinos, províncias, mares, rios e lagoas, não diz coisa com coisa, senão tudo tão misturado e com tão grande confusão que não há quem o entenda; e, nos nomes próprios das coisas, é necessário adivinhar para saber de que fala. Nem ainda eu, com estar cá, poderei falar matematicamente nas distâncias e situações das terras, assim por não ter instrumentos nem coisa de que me ajudar, como pela gente da terra ser tão pouco curiosa nesta matéria que nenhuma razão sabem dar, nem contam por léguas senão por dias de caminho, em que pode haver grande falência. Mas, computando pouco mais ou menos pelo que comumente costumam de andar em um dia, coligirei as distâncias com a maior probabilidade que puder.

Tratando, pois, de só esta parte que senhoreia o Preste João, sua compridão<sup>6</sup> corre de Norte a Sul, e toda ela está posta entre os trópicos debaixo da zona tórrida. E começa de perto de Çuaquêm, de uma terra que se chama Focâi, e vai discorrendo para o Sul até à terra que chamam Bahâr Gamô. Perguntei a

<sup>1</sup> Ver fig. 13.

<sup>2</sup> Ver glossário (Preste João).

<sup>3</sup> Pedro Páez utilizou a edição espanhola de 1557 da *Verdadeira Informação das Terras do Preste João das Índias*, de Francisco Álvares; ver glossário (Francisco Álvares).

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 18, intitulado «Como todos los hijos primogenitos de los reyes sujetos al imperio sirven al emperador», pp. 174-7.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 3v]

<sup>6</sup> Seu comprimento. A forma «compridão» generalizara-se ao longo do séc. XVI.

<sup>1</sup> Esta indicação não se encontra no ms. 778 BPB nem no ms. Goa 42 ARSI.

muitos quantos dias seriam de caminho e achei muita variedade entre eles; particularmente perguntando a alguns grandes diante do Imperador Seltâm Çaguêd, uns disseram que eram dois meses de caminho, ao que respondeu o imperador que não podia ser tanto e, fazendo a conta com eles, achou quarenta e cinco [fol. 4] dias de caminho; outros disseram que eram cinquenta que, contados a oito léguas que puderam andar cada dia, são quatrocentas léguas e, se quisermos entender a dez por dia (que conforme eles sinalavam a distância, não o eram), então somam quinhentas. Sua largura, por onde a tem maior, começa do extremo da província de Bur, de uma terra que se chama Hazô, que está depois de entrar as portas do estreito do Mar Roxo, e vai discorrendo quase para o Este-sudoeste até uma terra que chamam Ombareâ. E dizem que serão trinta dias de caminho de uma parte a outra, que, contados a oito léguas, são duzentos e quarenta. E, se quisermos que também se contem a dez, então serão trezentas léguas<sup>1</sup>. E assim, quando alguns autores dizem que era três meses e mais de caminho de um extremo a outro do império, parece que entenderam das jornadas que faz o Preste João quando caminha, que serão de três ou quatro léguas. Pelo que, conforme a isto, se alargou muito Frei Luis de Urreta no cap. 1.º, pág. 52, dizendo que tem de comprido seiscentas e oitenta léguas e de largo quatrocentas e setenta, e por onde menos duzentas e sessenta, e de circuito duas mil. E muito mais errou, no mesmo lugar, afirmando que esta terra tem por confins, ao poente, o Rio Negro, o Monte Atlante e o reino de Congo e, ao meio dia, os famosos Montes <sup>3</sup>da Lua e o Cabo de Boa Esperança, e toda a costa do oceano de Moçambique até o Cabo de Guardafui; que todas são coisas entre si mui distantes e disparatadas, porque o Rio Negro (que ele diz que cá se chama Marâb), quando sai das terras do Preste João, está mui distante do reino do Congo, e os montes que ele chama da Lua (se, como afirma, pág. 29, são os das fontes do Nilo) estão no reino de Gojâm, muito dentro deste império, e o Cabo de Boa Esperança e Moçambique, muitas centenas de léguas afastados deles. Nem na costa do oceano de Moçambique até o Cabo de Guardafui teve nunca o Preste João um palmo, nem suas terras chegam lá com muito, nem ainda na costa do Mar Roxo tem hoje porto nenhum, que todos lhe tomaram os turcos já há mais de sessenta anos<sup>4</sup>; os mais principais são Çuaquêm e Maçuâ, a que alguns chamam Dalêc, porque primeiro estava este porto em uma ilha que se chama Dalêc, mas depois o passaram a Maçuâ. Ambos estes portos são ilhas muito pequenas e perto da terra firme.

Deixando, pois, isto e vendo as terras que senhoreia o Preste João, digo que são trinta e cinco reinos e dezoito províncias. [fol. 4v] E, começando pela banda do Mar Roxo, o primeiro reino se chama Tigrê. Depois se segue Dancalí, Angôt, Dobâ Seltân, Motâ, Auçâ, Amharâ, Olacâ, Ôye, Bâli, Hadeâ, Alamalê, Xâoa, Ifât, Guedên, Ganh, Doarô, Fatagâr, Oxelô, Ganz, Beteramorâ, Guraguê, Cuerâ, Buzanâ, Sufgamô, Bahâr Gamô, Cambât, Boxâ, Gumâr, Zenyerô, Nareâ, Conch, Damôt, Gojâm, Begmêder, Dambiâ. Estes têm cá por reinos, ainda que alguns pode ser que não merecem tal nome. As províncias se chamam Gadanchô, Arench, Orgâr, Cagmâ Mergâi, Xarcâ, Gamarô, Abexgâi, Talaceôn, Oagrâ, Cemên, Çalâmt, Borâ, Abargalê, Saloâ, Çagadê, Oalcaît, Maçagâ.

Tudo isto me deu por rol o principal dos secretários do imperador e, depois, para me certificar mais, perguntei diante do mesmo imperador a um seu irmão, que se chama *Erâz* Cela Christôs<sup>6</sup>, e me disse da mesma maneira. Mas acrescentou o imperador que, ainda que seus antecessores possuíam todos estes reinos e províncias, de alguns deles senhoreava ele agora pouco, por terem tomado a mor

parte uns gentios que chamam gâla<sup>1</sup>, de quem adiante falaremos. Donde se vê não foi bem informado Frei Luis de Urreta sobre esta matéria, pois diz, pág. 52, que são quarenta e dois reinos de cristãos muito grandes e mui povoados, e treze províncias de gentios e mouros, e que, por não serem cristãos os que nelas moram, não lhes dão nomes de reinos, ainda que na verdade em grandeza o são. Também as terras de um mesmo reino que governam diferentes senhores, nomeia por reinos distintos, como as terras de *Tigrê mohôn* e as de *bahar nagâx*, a quem ele chama Bernagaez<sup>3</sup>, que diz que são reinos, sendo não mais que terras do reino de Tigrê. <sup>4</sup>E muito pior informação tiveram Bartolomeu Cassanio e João Boemo Aubano, a quem ele cita, pág. 343<sup>5</sup>, pois o primeiro (como ele ali refere contra os Padres Mafei e Ribadeneira) afirma que obedecem ao Preste João setenta e quatro reis e quase infinitos príncipes, e o segundo diz que é um dos poderosos príncipes do mundo e o que mais reinos tem debaixo de seu império<sup>6</sup>.

Os moradores destes reinos e províncias comumente são de cor baça, mas alguns se acham quase tão alvos como portugueses, entre os que chamam *agôus* e *gongôs* do reino de Gojâm, e entre os *hadiâs*. Outros são muito pretos. Têm ordinariamente boas feições no rosto, os corpos fortes e robustos, sofredores sobremaneira de trabalhos, fomes, sedes, calmas, frios e vigias. As meninas e meninos filhos de gente [fol. 5] baixa andam despídos ao sol e ao frio até que são grandezinhos e, quando muito, se cobrem com uma pele de cabra ou de carneiro. Os filhos de homens grandes, ainda que vistam bem, andam descalços e com a cabeça descoberta até que são grandes e, enquanto são pequenos, trazem topetes muito bem concertados, e os cabelos do mais alto da cabeça compridos e trançados em três ou quatro tranças que lhes vão caindo para as costas. E, de se criarem desta maneira e sem mimo, lhes vem serem depois robustos e de boa saúde. E, ordinariamente, passam dos oitenta anos com boas forças e disposição, e dizem, muitos ainda de cem anos as têm. E eu vi um frade que me afirmou que tinha cento e trinta e um anos e caminhava a pé, mostrando-se bem forte.

No entendimento, que é o melhor do homem, não lhes fazem comumente vantagem os melhores de Europa, como o temos bem experimentado na gente nobre. E o que me a mim não pouco maravilha<sup>7</sup> é que de tal maneira refreiam suas paixões naturais, ou por melhor dizer, as dissimulam, que por mais agastados que estejam uns dos outros, raramente o mostram, particularmente os homens grandes; antes então são mais corteses e brandos em suas palavras, sem por nenhum caso haver as descomposturas que entre outras nações há. Mas também algumas vezes se vingam, posto que, se uma vez perdoam (o que fazem com facilidade quando lhes rogam, por grave que seja a coisa), têm por grande baixeza e ainda escrúpulo tornar a falar sobre aquilo por que se desavieram, e assim os que se reduzem à nossa santa fé se acusam na confissão que tornaram a falar (ainda que fosse com seus amigos) sobre o que já tinham perdoado.

Têm por costume, não só os homens grandes mas os de menos condição, não tratar nunca negócio grave de rosto a rosto. Tudo corre por terceiros e recados, por mais que as partes sejam uma mesma coisa, tendo por muito menor perda a do tempo que se gasta nestas embaixadas que a da honra e pri-

<sup>1</sup> Ver glossário (gâla / galá / galla / oromo).

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 1.

<sup>3</sup> Ver glossário (bernagaez / bahâr nagâx / bahr nâgâsh).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 4v].

<sup>5</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 32.

<sup>6</sup> De notar a filiação destes autores na visão medieval europeia do reino do Preste João, construída a partir da *Carta do Preste João das Índias*; ver glossário (Preste João e *Carta de Preste João das Índias*).

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: pouco.

<sup>1</sup> Manuel de Almeida contou cento e quarenta léguas, de Leste a Oeste (M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in *R/ESOI*, vol. V, livro I, cap. 2, p. 9).

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 1, intitulado «Dela situacion y cosmographia de la Etiopia, y por otro nombre Abassia», pp. 1-7.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 4].

<sup>4</sup> Em 1557.

<sup>5</sup> Ver glossário (Cela Christôs / Sê'êlä Krestos).

mor que se pode menoscar com alguma mostra de paixão ou descompostura nas palavras, que muitas vezes não são tão medidas quando o ânimo está perturbado.

<sup>1</sup>As cortesias de que usam uns com outros são pôr a mão direita no peito e baixar a cabeça, dizendo: «*Biçôn ayaoêb*», que quer dizer: «O mal não esteja em vós.» E, quando um é inferior, baixa até a cinta o pano que traz em lugar de capa e beija a mão ao outro e, entrando em casa de homem grande, cinge o pano e tira os sapatos. Quando os homens grandes vão de uma terra a outra e visitam seus parentes, ou iguais, se dão paz<sup>2</sup> no rosto. E todos, quando entram na igreja, tiram os sapatos e ficam com a cabeça coberta, [fol. 5v] como em cumprimento do que Deus mandou ao profeta, *Êxo.* 33, que se descalçasse por reverência e respeito e não que se desbarretasse<sup>4</sup>.

Os vestidos dos homens grandes são de grã<sup>5</sup>, e doutros panos finos de damasco, veludo e brocado, que lhes vêm do Cairo. O corte é o mesmo que dos turcos, mas a cabaia interior que lhes serve de camisa tem colarinho alto com botões e ordinariamente é de pano branco de algodão tão fino como holanda que lhes vem da Índia. E as cabaia de cima, degoladas e compridas como as dos turcos, ainda que este Imperador Seltân Çaguêd já vai introduzindo capas como as dos portugueses. Alguns trazem nas cabeças toucas como turcos, outros barretes de pano, ordinariamente vermelho. Outros têm o cabelo comprido, que concertam de muitas maneiras. A gente baixa veste como pode e ordinariamente é um pano branco de algodão cosido como lençol e com este se cobre, sem trazer debaixo mais que um calção. E ainda alguns não trazem mais que um couro de vaca, que concertam como camurça grossa. Os vestidos das mulheres nobres são umas camisas largas e compridas, degoladas, quase a modo das das mulheres de nossas terras, com muitos labores, sobre elas uma como vasquinha<sup>7</sup> de seda ou doutra coisa. Algumas se cobrem com mantilhinhas de damasco ou veludo, ou com panos de seda ricos que lhes servem de manta para irem fora. E, quando caminham, levam albornozes e chapéus à cabeça. Trazem sempre topete muito bem concertado e o demais cabelo feito em muitas tranças delgadas, e folgam mais com o cabelo preto que louro. Trazem orelheiras de ouro formosas e as donzelas põem grinaldas com argenteria e outras peças de ouro com que ornaram os cabelos. As mulheres baixas vestem como podem: o ordinário<sup>8</sup> é de um pano de algodão como um lençol ou um couro como camurça.

As línguas que há em este império são muitas e mui diferentes, ainda em um só reino. E a mais universal e cortesã é a que chamam *amharâ*, língua que na eloquência se parece muito com a latina. As nações são também muitas e mui diferentes mas podem-se reduzir a quatro: cristãos, mouros, judeus e gentios. E nos mais dos reinos se acham todas juntas. Por onde foi muito fora de caminho a informação que sobre esta matéria teve Frei Luis de Urreta, pois diz, págs. 79 e 363<sup>10</sup>, que o Preste João Alexandre III, por conselho do Padre <sup>11</sup>Frei Daniel, prior do Convento de Aleluia da ordem de S. Domingos, aos anos de 1570, botou de toda Etiópia os mouros e judeus, ainda que eram muitos e mui grandes os tributos que pagavam. E o que nela [fol. 6] se atreve a entrar sem licença fica por lei condenado a ser es-

cravo. Tudo isto é muito contrário à verdade, porque quase em todos os reinos e particularmente em este de Dambiâ onde agora está a corte, houve de muitos tempos a esta parte muitos mouros e judeus, nem os imperadores puderam nunca sujeitar de todo os judeus que estão no meio de seu império três ou quatro dias de caminho de sua corte, na província de Cemên, ainda que o procuraram, indo por vezes sobre eles em pessoa com grossos exércitos. E o Imperador Seltân Çaguêd, que agora vive, por causa de um alevantado que se acolheu a eles, lhes fazia muitos partidos e dava em outra parte boas terras por que lhe desocupassem aquelas que são serras muito fortes, e não quiseram. Pelo que foi sobre eles com grande exército em Outubro de 614 e, ainda que matou muitos e tomou o alevantado, não os pôde botar das serras. E, assim, hoje estão nelas sem lhe quererem obedecer e, por isso, em Agosto de 616, mandou que todos os judeus de Dambiâ, e os demais que lhe obedeciam, se fizessem cristãos ao que muitos obedeceram. E outros fugiram para as terras fortes, onde estão judeus.

Também é falso o que diz que o Convento de Aleluia é de S. Domingos, porque nem o é nem o foi nunca, como mostrarei adiante no fim do 2.º livro, nem o prior se chama Daniel, senão Za Oâld Madehên, que quer dizer «Nasceu Salvador», e era de cento e trinta e um anos em Abril de 616, que eu<sup>1</sup> fui a o visitar em seu convento para acabar com ele certas coisas, e me disse que havia quarenta anos que era superior e que seu predecessor, que se chamava Gâbra Maravê, *scilicet* «Servo do Esposo», fora superior cinquenta e oito anos. Nem houve nunca tal Alexandre III em Etiópia, e o que reinava o ano de 1570 se chamava Malâc Çaguêd e o nome do baptismo era Zar Za Denguîl, *scilicet* «Procedeu da Virgem», e reinou trinta e três anos. E, morrendo no de 96, lhe sucedeu Iacob seu filho, e chamou-se Malâc Çaguêd<sup>2</sup>.

Daqui se podia coligir quão fabulosas sejam as coisas que atribui Frei Luis de Urreta no discurso desta sua *História* a este Alexandre III, pois estas são tão falsas. Mas, contudo, porque em muitas partes faz menção dele, já que em esta começou, será bem mostrar como não houve tal Preste João em os tempos que ele afirma e quantas vezes falando dele se contradiz, para que se entenda o crédito se deve dar às demais coisas do seu livro. Diz pois, na pág. 883, <sup>4</sup> que este Alexandre III sucedeu ao Imperador Pafnúcio que sucedeu a Naum. E depois, pág. 6175, <sup>6</sup> diz que este Alexandre III sucedeu ao Pres<sup>7</sup>te João [fol. 6v] Mena. Primeiramente, não houve tal Imperador Pafnúcio, e ao que ele nomeia Naum (que não se chamava senão Naôd) sucedeu seu filho Lebena Denguîl, *scilicet* «Incenso da Virgem», e quando o fizeram imperador se intitulou David. E assim se chamava quando Francisco Álvares, capelão d'El-rei D. Manuel de Portugal, entrou em Etiópia o ano de 15208, e depois mudou o nome e se chamou Onâg Çaguêd. A este, sucedeu seu filho Glaudeós, *scilicet* «Cláudio», e chamou-se Atanâf Çaguêd, e estava<sup>9</sup>, quando entrou D. Cristóvão da Gama<sup>10</sup> em Etiópia com quatrocentos portugueses, que foi no ano de 1541. E depois o mataram os mouros em batalha em Março de 1559. E sucedeu-lhe Minâs seu irmão, a quem Frei Luis chama Mena, e chamou-se Adamâs Çaguêd e morreu o ano de 1563. Pelo que errou muito Frei Luis, dizendo que Alexandre III sucedeu a Pafnúcio, e depois que sucedeu a Mena, pois este Minâs não sucedeu a Onâg Çaguêd, a quem ele chama Pafnúcio, senão a seu filho Atanâf Çaguêd.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 5].

<sup>2</sup> Beijam-se.

<sup>3</sup> Êxodo 3, 5.

<sup>4</sup> Parágrafo não assinalado no ms. Goa 42 ARSI.

<sup>5</sup> Tecido escarlate tingido (grã: o mesmo que cochililha).

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: grão.

<sup>7</sup> Casaco curto e justo.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: e ordinariamente.

<sup>9</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 1.

<sup>10</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 32.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol 5v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>2</sup> No Ms. Goa 42 ARSI há um parágrafo que não foi assinalado pelos anteriores editores.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: 617.

<sup>4</sup> A numeração dada pelo Ms. Goa 42 ARSI (p. 88) é a correcta. Ver L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 7, intitulado «Del nombre del emperador de la Etiópia Beldichian, y se da razon por que se llama Preste Iuan de las Indias», pp. 80-8.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: 88.

<sup>6</sup> A numeração dada pelo Ms. Goa 42 ARSI (pág. 617) é a correcta. Ver L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro III, cap. 1.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 6].

<sup>8</sup> Ver glossário (Francisco Álvares).

<sup>9</sup> Isto é, reinava.

<sup>10</sup> Ver glossário (Cristóvão da Gama).

Também diz, pág. 616<sup>1</sup>, que este Imperador Mena escreveu ao Papa Pio V, que o Padre André de Oviedo era presidente do Conselho Latino, e que o reverenciavam como a santo. E, nas págs. 192 e 193<sup>2</sup>, diz que o Imperador Alexandre III, a instância do Padre André de Oviedo, instituiu este Conselho Latino e fez presidente dele ao mesmo padre. No que se vê claro a contradição porque,<sup>3</sup> deixando para seu lugar o mostrar que nunca em Etiópia houve tal Conselho Latino, se Alexandre III instituiu o Conselho Latino, como o Imperador Mena, que foi antes dele (como diz pág. 617) podia escrever a Pio V, que o Padre André de Oviedo era presidente deste Conselho? Diz mais, pág. 91, que, sendo este Alexandre III príncipe e estando no Monte Amharâ<sup>4</sup>, o servia lá muito João Baltazar. Sendo assim que o derradeiro que de lá tiraram para imperador foi Naôd, o qual, como dizem todos em Etiópia e se vê no catálogo dos imperadores, havia que de lá saiu 118 anos quando se imprimiu o livro de Frei Luis, que foi o de 610, e diz ele pág. 75 que João Baltazar caminhava para os setenta anos pelo que, conforme a esta conta, cinquenta anos pouco mais ou menos antes que João Baltazar nascesse, já servia a Alexandre III no Monte de Amharâ. Também diz, pág. 7 e 118<sup>6</sup> e 1397, que Alexandre III morreu ano de 606 e em seu lugar elegeram um príncipe da geração de David que se chamava Zarac Haureat, e vivia o ano de 608. Tudo isto é falso, porque eu entrei em Etiópia em Maio de 603 e não achei tal Alexandre, senão Iacob, filho do Imperador Malâc Çaguêd, que também se chamou Malâc Çaguêd, e o Setembro seguinte o tiraram e, mandando-o preso ao extremo do império a um reino que chamam Narea, levantaram a um seu primo que se chamava Za Denguîl, *scilicet* «Da Virgem» e, aos 13 de Outubro de 604, o mataram eles mesmos e tornaram a trazer Iacob, mas, aos dez de Março de 607, lhe deu batalha um seu primo que [fol. 7] se chamava Suzeneôs, e o matou e assim <sup>8</sup>foi imperador e chamou-se Malâc Çaguêd. Depois, por haver tantos deste nome, o mudou e chama-se Seltân Çaguêd, que quer dizer «O Poder Adoura» ou «Faz Reverência». Tudo isto declararemos adiante compridamente e, para concluir esta matéria, digo que é coisa muito certa que não houve nunca em Etiópia Alexandre III, porque ninguém sabe dar razão dele, nem no catálogo dos imperadores há mais que um Alexandre, a que eles chamam Escander, e este foi muito antes que os portugueses descobrissem Etiópia, pelo que também se enganou Francisco Alvarez no que diz, fol. 128<sup>9</sup>, que, sendo Alexandre imperador, entrou em Etiópia Pêro de Covilhã, português, porque este partiu de Portugal, como se diz no prólogo de sua *História*, o ano de 1487 e o Imperador Alexandre morreu antes no ano de 1475, por onde é certo que errou o nome do imperador.<sup>10</sup> Isto bastará por agora para o leitor saber quão fabulosas são as coisas que Frei Luis de Urreta diz deste imperador no discurso de sua *História*.

Tornando, pois, aos moradores das terras do Preste João, os mais cortesãos, nobres e poderosos, geralmente falando, são o que chamam *amharâs*. Os demais têm muitos e diferentes nomes conforme as

suas famílias e as províncias onde moram, pelo que em um só reino há gentes de mui diferentes nomes. Contudo, há um nome quase geral para toda a terra e os moradores dela que é *Habêx*, porque à terra chamam *Habêx* e aos moradores, seja um ou muitos<sup>1</sup>, isto não somente entre si uns aos outros, mas principalmente os mouros e turcos à terra e aos moradores chamam *Habêx*, posto que ordinariamente quando falam de só a terra, todos a chamam Etiópia, e este nome é mais próprio, e assim os naturais nas cartas e livros que escrevem, deste só usam; que o nome *Habêx* muitos têm para si que o inventaram os mouros, e ninguém de muitos a que perguntei me soube dizer o que significa. Mas Frei Luis de Urreta, pág. 42, corrompe o nome, como também o fazem outros autores, e à terra chama *Abássia* e aos moradores, *abissínios*<sup>3</sup>, e traz uma etimologia parece que imaginária, porque nunca a pude achar nem entre os mouros nem entre a gente da Etiópia, ainda que ele diz que em língua arábica turquesca e na mesma dos etíopes quer dizer gente franca e livre, que nunca serviu a senhor estrangeiro, nem a reconhecido rei estranho, e que tal é a terra de Etiópia. Pelo que afirma, pág. 74 e pág. 16 e 175, que ainda que a Etiópia Inferior e baixa, que começa junto a Egipto até à ilha Meroé, há tido senhores estrangeiros e obedecido a imperadores estranhos, a Alta e maior, que começa [fol. 7v] de Meroé até aos Montes da Lua e lagoas do Nilo, nunca há sido conquistada, nem jamais obedecido a senhor estrangeiro; sempre [de anos a esta parte] até o imperador que hoje governa, ambas Etiópia Baixa e Alta obedecem a um mesmo senhor, que é o Preste João.

Mas deixando a etimologia que ao nome *abissínios* dá Frei Luis e que erra muito nos limites que põe às terras do Preste João, teve muito falsa informação no que diz <sup>6</sup>que nunca foram conquistadas e que sempre foram governadas e o são hoje por seus filhos legítimos e imperadores naturais. Porque o ano de 1528, pouco mais ou menos, veio com grande exército um capitão d'el-rei de Adel, mouro, que se chamava Mahamed e, porque era esquerdo, o nomeiam comumente Granh<sup>7</sup> (que assim chamam na língua da terra ao que é esquerdo) e, entrando por estas terras do Preste João, as tomou quase todas e as senhoreou doze anos ou, como alguns dizem, quinze, sem ficar mais que muito poucas e essas mal seguras, porque sempre o imperador e os<sup>8</sup> delas andavam fugindo de uma parte a outra. E, se D. Cristóvão da Gama não viera de socorro com os quatrocentos portugueses que já dissemos, não lhe houvera de ficar ao mouro um palmo da terra que não senhoreasse, como diremos adiante quando tratarmos da entrada de D. Cristóvão em Etiópia<sup>9</sup>.

Demais disto, em tempo do Imperador Onâg Çaguêd, vieram da banda do Sul uns gentios pretos, que chamaram gâlas, pastores de vacas, gente mui cruel e fera que, como suas mulheres acabam de parir, sejam filhos ou filhas, os botam fora no campo e ali morrem ou os comem os animais, uns por espaço de seis anos, outros de dez, e se algum furta a criança que botaram por que não morra e é achado, lhe dão grande castigo e o têm por homem amaldiçoado. Não lavram os campos, nem se sustentam ordinariamente senão de leite e manteiga e de carne crua, ainda que algumas vezes a assam e comem. Não

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro III, cap. 1.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 21.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: pois.

<sup>4</sup> Ver glossário (Monte Amharâ / ämba Gëshen).

<sup>5</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 1.

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 11, intitulado «De las joyas y piedras preciosas que tiene el Preste Iuan en el Monte Amara», pp. 118-28.

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 12, intitulado «Como en el monte Amara son guardados los hijos de los emperadores de la Ethiopia, de su criança y educacion, y de la guarda del dicho monte», pp. 129-39.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 6v].

<sup>9</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, livro I, cap. 104, «Como Pêro da Covilhã, português, está nesta terra do Preste João e como foi lá ter e por que mandado», p. 282.

<sup>10</sup> Êskëndêr morreu em 1494, aparentemente depois da chegada de Pêro da Covilhã ao acampamento real etíope.

<sup>1</sup> Ver glossário (abexim).

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 1.

<sup>3</sup> «Abissinos» no ms. Goa 42 ARSI.

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 1.

<sup>5</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 2, intitulado «En el qual se declaran quantas provincias ay que se llamen Etiopia, para intelligencia de la obra, y de muchos lugares de la Sagrada Escripura», pp. 8-17.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 7].

<sup>7</sup> Ver glossário (Granh / Ahmad ibn Ibrahim el-Ghazi).

<sup>8</sup> [sic].

<sup>9</sup> Ver livro I, caps. XXXI-XXXVI.



têm rei, mas cada oito anos elegem capitães que os governam na paz e na guerra. Estes, com virem quase despidos e não trazerem outras armas mais que dois zagunchos e uma adaga<sup>1</sup> e uma macinha de pau, foram entrando por este império de maneira que hoje senhoreiam muita parte dele e, no que fica, fazem quase todos os anos muitas entradas e dão grandes assaltos, levando quase sempre muita presa, particularmente de vacas, de mulheres e meninos. Aos homens todos matam por não se fiarem deles, ainda que algumas vezes, depois de tomada a presa, dão sobre eles os capitães do império e lha fazem deixar, matando alguns. Mas, se querem passar onde eles estão, raramente os alcançam, pois fogem [fol. 8] com suas vacas. E como as terras estão todas ermas, que as não semeiam, não os podem seguir muito, por não acharem que comer, mas os dois anos passados entraram algumas vezes e, dando de súbito sobre eles, mataram muitos e trouxeram grande presa, como diremos no 4.º livro. Esta peste de Etiópia dizem que prognosticou o Patriarca D. João Bermudez<sup>2</sup>, que entrou com D. Cristóvão da Gama, e depois, por não quererem dar a obediência à Igreja romana, como tinham prometido, se tornou para a Índia, lançando maldição às terras por onde passava e dizendo que via entrar em Etiópia umas formigas pretas que a destruíam, e todas as terras que ele amaldiçoou estão agora destruídas e possuídas de gâlas.

Também é fora de caminho o que Frei Luis diz que sempre Etiópia foi governada por imperadores legítimos porque, demais de o contarem os livros de Etiópia, é coisa muito notória nela que, morrendo o Imperador Armâh, ou, como outro catálogo<sup>3</sup> diz, Delanôd, deixou um filho muito pequeno e ficou como por seu aio e governador do império um senhor mui poderoso chamado Zagoê, casado com uma mulher de sangue real. E, morrendo dali a pouco tempo o menino, foi ele governando o império como antes, sem se nomear por imperador, nem querer alevantar nenhum dos da geração de Salomão, a quem pertencia o império, até que morreu. E, ficando um seu filho, se nomeou por imperador e matou quantos pôde achar dos de Israel a quem podia pertencer o império, para que lhe não ficasse competidor. E senhorearam toda Etiópia, os da geração deste Zagoê, trezentos e quarenta anos, que, ainda que no catálogo dos imperadores não estão mais que cento e quarenta e três, dizem que faltam muitos e que isto trai a verdadeira conta. E ao fim deste tempo, se alevantou um da geração dos legítimos imperadores que tinham escapado escondidos em terras afastadas e, com ter pouca gente, sabendo que os principais do exército do contrário o haviam de receber, foi confiadamente contra ele; e, chegando perto, disseram ao imperador que aquele filho de Israel (que assim chamam aos da casta real que descendem de Salomão) vinha contra ele, que saísse. Respondeu que não era necessário, que para aquele bastava um capitão, e assim mandou o da dianteira. Mas, como de segredo estava com o outro, logo se lhe juntou com a gente que levava. Sabendo ele isto, mandou outros dois capitães, que [fol. 8v] tinha por fiéis, mas também fizeram como o primeiro, e todos juntos tornaram contra seu senhor; o que vendo ele, fugiu em seu cavalo e, por não poder escapar, se meteu em uma igreja, dizendo que tomava por valedor a um santo que nela havia, que chamam Charcôs. Mas chegou logo o de Israel, que ia em seu alcance, e disse: «Senhor, não lhe valhais, que tomou o império que lhe não pertencia» e, dando-lhe com a lança, o matou e assim ficou pacificamente por imperador e chamaram-no Icuno Amlâc que quer dizer «Seja Com Ele Deus». E deste imperador se foi continuando a linha de Salomão até agora

que são mais de trezentos e cinquenta anos.] Desde aquele imperador se foi continuando a linha de Salomão até agora que são mais de 350 anos. Este teve cinco filhos ou, como outros dizem nove, e estando para morrer lhes encomendou muito que tivessem muita união, e amor entre si, e que cada um reinasse um ano começando o mais velho. E assim iam fazendo mas chegando o Império ao 2.º ou, como outros afirmam, ao 7.º se enfadou o mais pequeno, porque, quando havia de comer com os outros dois seus irmãos que era como acabava o imperador e o mais velho, que comiam juntos, faziam sair aos outros fora do aposento para lavar as mãos, e depois entravam a comer. Enfadado disto, disse a seus amigos: «Eu não hei de fazer desta maneira, senão quando me chegar o império prender todos estes meus irmãos e pô-los em lugar de onde não possam mais sair.» Não faltou quem dissesse isto ao que era imperador, pelo que mandou logo prender todos seus irmãos e levar ao Monte de Amharâ que chamam Guixên, que é muito forte, como adiante diremos, e dali ficou costume meterem lá os filhos dos imperadores, até o Imperador Naôd, que tirou este costume, ficando lá somente os que primeiro estavam; e ainda há hoje no monte geração de Frê Heçân, aquele que foi causa dos começarem a meter, segundo me disse o Imperador Seltân Çaguêd. Por onde foi muito contrária à verdade a informação que deram a Frei Luis de Urreta, que nunca Etiópia fora governada por senhor estrangeiro, senão por naturais e legítimos imperadores, pois consta que se cortou a linha dos imperadores por espaço de trezentos e quarenta anos, que, ainda que aquele Zagoê era casado com mulher de casta real, não podiam seus filhos herdar o império por não ser costume que os filhos de mulheres herdem, ainda que elas sejam filhas do precedente imperador, se seu marido não era de casta real por via de varão.

## [fol. 9] CAPÍTULO II

### EM QUE SE TRATA DA GERAÇÃO DOS IMPERADORES DE ETIÓPIA, COMEÇANDO DA RAINHA SABBA<sup>1</sup>

Coisa é muito certa e averiguada entre os etíopes, tanto que não lhes parece que possa haver de nenhuma maneira controvérsia, em que seus imperadores descendam de Salomão por via da Rainha Sabba, porque todos seus livros estão cheios disso, e eles sempre se prezaram e estimam hoje muito chamarem-se israelitas e filhos de David; por onde, havendo de tratar<sup>2</sup> deles, primeiro devemos falar da mãe por quem lhes veio tão grande honra como é serem filhos de David. E mais, este é o estilo da divina Escritura falar primeiro da mãe quando querem tratar do filho, e assim, quando o sagrado escritor queria contar as grandezas de algum rei, primeiro dizia quem era sua mãe<sup>3</sup> e como se chamava; como o fez, querendo tratar de Jeroboão, que primeiro disse que sua mãe tinha por nome Serva, mulher viúva: *Cuius mater erat nomine Serva, mulier vidua* (3, Reis, 11)<sup>4</sup>. O mesmo fez, querendo falar d'El-rei

<sup>1</sup> Ver glossário (Rainha Sabba / Rainha de Sabá e *Kēbrä Nāgäst*).

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 8].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: da mãe quem era.

<sup>4</sup> 1 Reis, 11, 26: «Sua mãe era uma viúva chamada Sarva».

<sup>1</sup> Zaguncho ou zarguncho é uma arma de arremesso, como uma azagaia. Adaga é uma arma branca de lâmina curta e com fio dos dois lados.

<sup>2</sup> Ver glossário (João Bermudes).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 7v].

Joas, 4, *Reis*, 12, e d'El-rei Ezequias, 4, *Reis*, 18, que primeiro declarou quem eram suas mães e como se chamavam<sup>1</sup>; o que imitou o glorioso evangelista *S. Mateus* cap. 1.º, que, para escrever as maravilhas e grandezas de Cristo Nosso Senhor, conta primeiro quem foi sua mãe e que nome tem. Havendo, pois, de tratar do primeiro imperador de Etiópia, que procedeu de Salomão e dos demais<sup>2</sup> seus descendentes, digo que sua mãe foi a Rainha Sabba. E, como afirmam os que mais notícia têm das histórias de Etiópia, nasceu no reino de Tigrê em uma aldeia, que ainda agora se chama Sabba, um quarto de légua para Ocidente de uma vila que chamam Agçûm<sup>3</sup>, onde ela depois teve sua corte. E do porto de Maçuâ até ela, caminhando quase para Sul, serão vinte e cinco léguas pouco mais ou menos. Também a chamaram Negesta Azêb, que quer dizer «Rainha do Sul», e estes dois nomes se acham<sup>4</sup> muitas vezes nos livros de Etiópia. No 3 dos *Reis*, capítulo 10, e 2 *Paralipomenos*, 9, a chamam Sabba, e em *S. Mateus*, cap. 12.º, onde nossa versão<sup>5</sup> diz *Regina Austri*, a versão de Etiópia diz *Negesta Azêb*. Outro nome se acha também algumas vezes em seus livros, que é Maquedâ, mas dizem que este nome é [fol. 9v] arábico e quer dizer Amharâ, pelo que *Negesta Maquedâ* é «Rainha Amharâ», e um livro de Agçûm, falando da Rainha Azêb, diz que edificou uma cidade cabeça de Etiópia que se chamou Dâbra Maquedâ. E não cuida-se que será fora de caminho se dissermos que esta cidade Maquedâ é a que agora chamam Agçûm, pois no livro onde põem o catálogo dos imperadores diz que a Rainha Azêb começou a reinar em Agçûm, e as ruínas dos edifícios, que ainda aparecem, mostram bem haver sido a mais sumptuosa que houve em Etiópia, posto que agora seja vila pequena. Mas, deixando lugar para que cada um diga sobre isto o que melhor lhe parecer, pois vai tão pouco, passaremos a contar a jornada que fez para Jerusalém, desejando de ver as grandezas e maravilhas que a fama publicava de Salomão, porque no discurso dela se verá em que fundam os imperadores de Etiópia o terem-se por descendentes da real casa de David. E para que esta história não leve mais nem menos ornato do que lhe dão os livros de Agçûm donde a tirei, a referirei pelas mesmas palavras que eles a contam, que são as seguintes:

<sup>6</sup>*Determinando El-rei Salomão edificar o Templo, mandou recado a todos os mercadores do mundo que lhe trouxessem mercadorias ricas e que lhes daria ouro e prata. E, tendo particularmente notícia de um mercador rico de Etiópia da Rainha Azêb, que se chamava Tamarîm e tinha quinhentos e vinte camelos e setenta e três embarcações, lhe mandou dizer que lhe levasse as coisas mais ricas que achasse e ouro fino de Arábia, e pau preto; o que ele cumpriu e, juntando todas as coisas que pôde, chegou com elas a Salomão. E ele tomou o que lhe pareceu bem e lhe deu muito mais do que valia. Este mercador era homem discreto e de bom entendimento e, maravilhado da sabedoria de Salomão, notava com atenção a doçura de suas palavras, a sua justiça, a modéstia em seu andar e o modo de sua vida e o amoroso trato que tinha com todos, o aparato de sua mesa e a ordem de seus criados, a sabedoria com que ordenava sua casa, perdoando aos que erravam e, quando castigava, era com clemência. Falava com semelhanças, sendo suas palavras mais doces que mel e, assim, os que se chegavam a ele não folgavam de se afastar, vendo sua sabedoria e doçura de suas palavras, que eram como água a quem tem sede e pão a quem tem fome e mezinha ao doente e julgava com verdade sem distinção de pessoas. E Deus lhe deu muita honra e riqueza, ouro e prata e pedras preciosas, vestidos ricos, tanto que o ouro era como prata, e a prata como chumbo, e o ferro como palhas do campo.*

*Tendo estado ali muito tempo, pediu licença a Salomão para tornar à sua terra, dizendo: «Senhor, folgara muito de estar [fol. 10] em vossa casa como o menor de vossos servos, porque ditosos e bem-aventurados são os que ouvem vossas palavras e cumprem vosso mandado, mas detive-me já muito. Já é tempo de tornar a minha senhora, conforme a promessa que lhe fiz, e para lhe entregar seu fato que eu também sou seu criado.» Salomão lhe fez muitas honras e lhe deu muito fato e com isto o despediu em paz para a terra de Etiópia. E, chegando a sua senhora, lhe entregou o fato que trazia e lhe contou como chegou a Salomão e todas as coisas que viu e ouviu, com o que folgava tanto que cada dia lhe tornava a perguntar o que tinha visto e se acendia em desejo do ir a ver<sup>1</sup>, tanto que chorava com amor e desejo grande que tinha de ver aquelas coisas. E assim determinou em seu coração de ir e Deus lhe deu firmeza em este propósito. E assim começou a ordenar sua casa e aparelhar-se para o caminho e às coisas que havia de apresentar<sup>2</sup> a Salomão. E mandou aos príncipes e grandes que se aparelhassem, porque o caminho era comprido, e que juntassem animais de carga, camelos, mulas e embarcações. E, fazendo-lhes uma prática, lhes disse: «Ouvi minhas palavras e considerai minhas razões. O que desejo é buscar sabedoria, porque o amor dela me tem fechado o coração e me puxa com cordas mui fortes, porque melhor é a sabedoria que o tesouro de ouro<sup>3</sup> ou prata e ainda que tudo quanto foi criado sobre a terra. Com que coisa se poderá comprar<sup>4</sup> a sabedoria debaixo do sol? É mais doce que o mel, e alegre mais que o vinho, mais resplandecente que o sol.» E, depois de ter dito muitos louvores da sabedoria, concluía sua prática dizendo que, pelas novas que tivera de Salomão, o amava sem o ver, e todas as coisas que dele tinha ouvido lhe eram como água a quem tem sede.*

*Ouvindo isto, os príncipes e a gente de sua casa responderam: «Senhora, já que tanto desejais sabedoria, não vos faltará. Quanto a nós, estamos aparelhados para<sup>5</sup> vos acompanhar se fordes e para ficar se ficardes e para viver e morrer convosco em toda parte.» E assim se aparelhou com grande abundância, honra e majestade. E carregaram seiscentos e noventa e sete animais de carga e mulas sem conto, com o que partiu e foi seu caminho tendo em seu coração grande confiança em Deus. E, chegando a Jerusalém, foi recebida de Salomão com grande honra. E agasalhou perto de sua casa, mandando-lhe o jantar e ceia com muita abundância, quinze corê<sup>6</sup> de farinha de trigo, muitos doces, e trinta corê de farinha feitos em pão, cinco vacas, cinquenta capões, cinquenta carneiros, [fol. 10v] afora as cabras, galinhas, e vacas do mato e veados, sessenta medidas grandes de vinho novo, trinta de velho, e vinte e cinco coisas de que Salomão mais gostava. E, quando Salomão a ia visitar, sempre dava a quinze dos seus vestidos novos, tão ricos que levavam os olhos após si. E ela também o ia visitar e a praticar<sup>7</sup> a sua casa, e via e ouvia sua sabedoria e justiça, sua honra e majestade, a doçura de suas palavras e como mandava com gravidade e respondia com medo de Deus. Vendo tudo isto, se maravilhava de sua grande sabedoria e, como nenhuma falta havia em suas palavras senão que em tudo era perfeito, e como dava ordem e medida a quanto haviam de fazer os oficiais que edificavam o templo, assim na madeira como nas pedras, e nas demais coisas. E, assim como a luz resplandece entre as trevas, assim resplandecia a sabedoria em seu coração em todas as coisas. E, assim, tudo fazia com a sabedoria grande que Deus lhe deu quando lhe pediu, não vitória de seus inimigos nem riquezas, nem honras, senão sabedoria para governar Seu povo e edificar Sua casa.*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *de o ir ver*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *presentear*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 9].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *comparar*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *a*.

<sup>6</sup> *Qoros*, trata-se duma medida de peso, no sistema duodecimal, correspondendo a doze fardos; ver R. Pankhurst, «A Preliminary History of Ethiopian Measures Weights and Values-Part 3», *JES*, 8-1, 1970, p. 47.

<sup>7</sup> *Conversar*.

<sup>1</sup> 2 *Reis*, 12, 2 e 18, 2.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *mais*.

<sup>3</sup> Ver glossário (Agçûm / Aksum).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *acharam*.

<sup>5</sup> A «nossa versão» é a da *Vulgata Latina*.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 8v].

Vendo todas estas coisas, a rainha disse a Salomão: «Bem-aventurado sois vós, Senhor, que vos foi dada tão grande sabedoria e entendimento. Folgara de ser como uma das mais pequenas de vossas servas e lavar vossos pés e ouvir vossa sabedoria. Quão bem me pareceram vossas respostas e a doçura de vossas palavras! Vossa sabedoria é sem medida e vosso entendimento sem míngua, como a estrela da manhã entre as mais estrelas, e como o sol quando nasce. Dou muitas graças a quem me fez chegar a vós e ver-vos, e a quem me fez entrar por vossas portas e me fez ouvir vossas palavras.» Respondeu El-rei Salomão: «Quanta sabedoria e entendimento <sup>1</sup>saiu de vós! Que eu tenho o que me deu o Deus de Israel, conforme Lhe pedi e busquei n'Ele, mas vós, não conhecendo o Deus de Israel, tivestes<sup>2</sup> tanta sabedoria em vosso coração, que me viestes a ver<sup>3</sup> e ser humilde como escrava de meu Deus e estar em pé à porta de Sua casa aonde eu sirvo a minha Senhora, a Arca da Lei do Deus de Israel, Sião santa celestial. Eu sou Seu servo e não livre. Nem foi por minha vontade, senão pela Sua, nem esta palavra é minha, mas digo aquilo que Ele me fez falar e faço o que me mandou e recebo a sabedoria que me dá. Sendo eu pão me fez carne, sendo água me coalhou e me fez à Sua imagem e semelhança.» Outras muitas coisas lhe disse com que a exortou à humildade e amor de Deus; o que ouvindo, ela disse: «Que me aproveita toda esta vossa prática; Dizei-me a quem hei-de adorar, porque nós adoramos o Sol como nos ensinaram nossos pais e dizemos que ele é rei de todos os deuses, porque nos faz madurecer nossos mantimentos e alumia as trevas e afasta o medo e, por isso, dizemos que é nosso criador [fol. 11] e o adoramos como a Deus. Mas de vós outros, israelitas, ouvimos que tendes outro Deus, que nós não conhecemos e que vos deu as Tábuas da Lei por mão da Moisés, Seu profeta. E dizem que Ele mesmo desce a vós outros e vos fala, e faz entender Sua justiça e Seus mandamentos.»

A isto respondeu El-rei Salomão: «Na verdade é coisa justa adorar a Deus que criou os céus, terra, mar, sol, lua e as estrelas com todas as demais<sup>4</sup> coisas que há neles. A Ele só pertence adoração com temor e tremor, com alegria e contentamento. Ele é o que mata e dá vida, castiga e perdoa, levanta o pobre da terra, dá tristeza e alegria, e não há quem Lhe possa dizer «Porque fizeste isto?» A Ele convém glória e louvor dos anjos e dos homens. Quanto ao que dissestes que nos deu as Tábuas da Lei, de verdade nos foram dadas por mão do Deus de Israel, para que entendêssemos Seus mandamentos, Sua justiça e castigo que ordenou em Seu templo.» Respondeu a rainha: «Pois daqui por diante não adorarei ao Sol, senão ao criador dele, Deus de Israel. Estas tábuas de Sua Lei senhoreiam a mim e à minha geração e a todos meus vassalos; que por isto achei honra diante de vós e diante do Deus de Israel, meu criador, que me fez chegar a vós e ouvir vossas palavras, ver vosso rosto e entender vosso mandamento.» Com isto se despediu e repousou em sua casa. Depois o visitava muitas vezes e ouvia sua sabedoria, guardando-a em seu coração. Ele também a visitava e lhe declarava quanto lhe perguntava.

Passados sete meses, quis a rainha tornar para sua terra e disse a Salomão: «Folgara de estar sempre convosco, mas por causa de meu povo me é necessário tornar. Tudo isto que tenho ouvido, Deus faça que dê fruto em meu coração, e no coração de todos os que vieram comigo.» Ouvindo isto, Salomão disse em seu coração: «Quem sabe se desta mulher tão formosa, que veio dos fins da terra, <sup>5</sup>me dará Deus fruto.» E respondeu-lhe: «Já que viestes a terra tão longe, porque haveis de tornar sem ver a ordem de meu reino e o modo que se guarda com os grandes? Vinde a minha casa para que vos possa mostrar.» Respondeu ela: «De vontade o fa-

rei, para que me acrescenteis sabedoria e honra.» Folgou muito Salomão com a resposta e mandou dar ricos vestidos aos principais dos que acompanhavam a rainha. E ordenou que em sua casa houvesse muito aparato e as iguarias da mesa fossem dobradas do que se costumava, de maneira que nunca até então se tinha visto aparato tão grande como aquele dia. E, como a mesa d'el-rei foi aparelhada, entrou a rainha, não pela porta principal, senão por outra, pequena, e assentou-se [fol. 11v] em um lugar que el-rei tinha muito ricamente aparelhado com muita pedraria e outras coisas formosas, e com muitos cheiros, e feito com tanta arte e sabedoria, que ela via todas as coisas que passavam sem ser vista de ninguém, e maravilhava-se muito e glorificava em seu coração ao Deus de Israel. Sentado el-rei à sua mesa, mandava dela à rainha as iguarias que lhe podiam causar mais sede. E, como se acabou a mesa<sup>1</sup>, entraram os príncipes e grandes do reino e, levantando-se el-rei, e foi onde estava a rainha e disse-lhe que folgasse e descansasse ali até outro dia. Respondeu ela que o faria, mas que lhe jurasse pelo Deus de Israel que lhe não faria agravo nenhum. Disse Salomão que ele jurava, mas que ela também jurasse de não tomar nada de sua casa. Respondeu ela, rindo: «Senhor, como, sendo tão sábio, falais desta maneira? Porventura hei-de furto da casa d'el-rei o que me ele não deu? Não vos pareça, senhor, que eu vim por amor de fato, porque o meu reino, com vossa graça, também é rico e não me falta nada do que eu quero. Não vim senão a buscar vossa sabedoria.» Juraram ambos e foi-se el-rei a repousar à sua cama defronte dela. E mandou a um seu pagem que trouxesse água e a botasse em uma garrafa à vista da rainha e, fechando as portas, se fosse.

Tendo a rainha dormido o primeiro sono, acordou com grande sede e desejou muito beber da água que tinha visto. E, parecendo-lhe que Salomão<sup>2</sup> dormia, se levantou e foi muito manso a tomar a água, mas Salomão, que com malícia vigiava, a tomou pela mão e lhe disse: «Porque quebrara o juramento?» Respondeu ela com medo: «Porventura beber água é quebrar o juramento?» Disse el-rei: «Vistes mor coisa debaixo do sol que a água?» Respondeu ela: «Pequei sobre minha cabeça. Vós guardastes o juramento.» Então el-rei a levou consigo e, estando dormindo, lhe pareceu em sonhos que descia do céu o sol muito resplandecente e que alumia muito a Israel e que dali a pouco ia para a terra de Etiópia e nela alumia muito e para sempre, porque ali folgou de estar. Acordou Salomão <sup>3</sup>espantado com esta visão e, levantando-se, contou à rainha o que tinha visto. Ela lhe pediu com muita instância a deixasse ir para a sua terra, pelo que ele, entrando na casa de seus tesouros, lhe deu muitas riquezas e vestidos preciosos, carregando muitos animais e sete mil carros. Depois tirou um anel do dedo e lho deu, dizendo: «Este me mandai em sinal, se Deus me der algum fruto, e se for verão, venha ele.» E, com isto, a despediu em paz e lhe encomendou guardasse bem o que lhe tinha ensinado [fol. 12]: adorasse a um só Deus e fizesse sempre Sua vontade, para que nela fosse benta sua terra.

Partindo a rainha com toda esta honra e aparato, veio à sua terra de Balâ, que é Disanâ, e aos nove meses e cinco dias depois que se afastou de Salomão pariu um filho e o deu a criar com muita honra. E, passados quarenta dias, entrou em sua cidade com grande pompa e majestade e os príncipes e grandes do reino se alegraram em sua entrada, e lhe trouxeram muitos presentes. Ela também lhe deu mui ricos vestidos, ouro, prata e peças de grande formosura e concertou seu reino de maneira que não houve quem desobedecesse<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 9v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *tiveste*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *vieste*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *mais*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 10].

<sup>1</sup> Entenda-se: Acabada a refeição.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *el-rei*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 10v].

<sup>4</sup> O autor traduziu parcialmente o texto de *Kēbrā Nāgāst* (*A Glória dos Reis*), o mito etiológico da dinastia salomônica etíope. O texto integral foi editado por A. Bezold, com tradução alemã, e por W. Budge, com tradução inglesa (ver bibliografia). Manuel de Almeida usou a tradução realizada por Pedro Páez (M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in *RÆSOI*, vol. 5, livro II, cap. 2, pp. 93-8). Ver glossário (*Kēbrā Nāgāst*).

Isto tirei de um livro muito antigo que se guarda na igreja de Agçûm, no que se vê como aquele mercador Tamerîn, criado da Rainha Sabba, despedido de Salomão, veio a Etiópia onde estava sua senhora e, ouvindo ela as maravilhas que contava de Salomão, determinou de o ir ver; por onde, conforme a isto e ao que todos os de Etiópia sem controvérsia afirmam, é coisa certa que a Rainha Sabba partiu de Etiópia quando foi a Jerusalém, mas de que terra dela não fazem menção os livros, nem os naturais o sabem de certo. Alguns dizem que partiu de uma terra que chamam Fazcolô onde se acha o mais fino ouro que há em Etiópia, e fica ao Ocidente do reino de Gojâm, não muito longe dele. Outros afirmam que partiu de Agçûm onde dizem que tinha seu assento e, naquele tempo, era cidade muito grande ainda que agora é vila pequena; e isto é o que têm por mais certo. A terra onde ela veio quando tornou de Jerusalém, que a história chama Balâ, dizem que é na província de Amacên não muito longe [do porto] de Maçuâ.

### CAPÍTULO III

EM QUE SE DECLARA COMO MENILEHÊC, FILHO DA RAINHA SABBA,  
FOI A JERUSALÉM A VER SEU PAI SALOMÃO

Antes que prossigamos a história do filho da Rainha Sabba, se há-de advertir que os livros que se guardam na igreja de Agçûm lhe dão diversos nomes, *scilicet*: Bainalehequêm, Ebna Elehaquêm, Ebnehaquêm, Menilehêc, e não Melilec, como diz Frei Luis de Urreta pág. 461, mas deste último, Menilehêc, usa comumente a gente de Etiópia e quer dizer na língua antiga «Parece-se Com Ele», porque se parecia muito com Salomão. Mas Salomão, quando o alevantou a<sup>2</sup> rei, lhe pôs por nome [fol. 12v] David, como seu pai, e daqui vem que os imperadores de Etiópia mudam o nome do baptismo quando lhes entregam o império. Os demais nomes querem dizer «Filho de Sábio». Suposto isto, para que o leitor não repare na variedade<sup>3</sup> dos nomes, <sup>4</sup>continuaremos com a história de Menilehêc, que começamos no capítulo precedente, da mesma maneira que o livro a refere. E diz assim:

*Cresceu o menino e pôs-lhe o nome Bainalehequêm. E, chegando a doze anos, perguntava aos que criavam quem era seu pai<sup>5</sup>, e disseram-lhe que El-rei Salomão. Perguntou também à rainha, e respondeu-lhe com agastamento: «Para que me perguntais de vosso pai, nem de vossa mãe?» Saiu ele sem falar nada e, tornando dali a três dias com a mesma pergunta, lhe respondeu ela: «Sua terra é longe e o caminho trabalhoso. Não desejeis ir lá.» Com isto esteve até que chegou a vinte e dois anos, em que aprendeu toda a sorte de cavalaria e caça. E, depois, pediu à rainha com muita instância lhe deixasse ir a ver seu pai. Vendo ela o grão desejo que tinha, mandou chamar o seu mercador Tamerîn e lhe disse que o levasse ao rei seu pai, porque continuamente a importunava de noite e de dia; mas que procurasse tornar depressa e com bem, se o Deus*

*de Israel quisesse. E, aparelhando o necessário para seu caminho, conforme a sua honra, e as peças que havia de apresentar a el-rei, o mandou com grande acompanhamento, encomendando a todos que<sup>1</sup> não o deixassem lá, senão que o tornassem a trazer e que pedissem a<sup>2</sup> Salomão que o alevantasse por rei de Etiópia, com ordem que dali por diante todos seus sucessores fossem homens de sua geração, porque era costume reinarem mulheres donzelas, sem casarem nunca; e que lhe mandasse um pedaço da vestidura<sup>3</sup> da Arca, diante de que fizessem oração. E, afastando seu filho só, lhe entregou o anel que Salomão lhe tinha dado de seu dedo, em sinal para que conhecesse que aquele era seu filho e que lhe lembrasse o juramento que ela tinha feito de ~~adorar~~ não adorar senão ao Deus de Israel, e que o mesmo faziam todos<sup>4</sup> seus vassalos. E com isto o despediu em paz.*

*Fazendo ele seu caminho, chegou à terra Gazâ que Salomão tinha dado à sua mãe, onde foi recebido com grande honra, parecendo-lhes que era o mesmo Salomão, porque em nenhuma coisa se diferenciava dele e, como a seu rei, lhe presenteava cada um o que podia conforme seu estado. Mas, depois, uns diziam que não podia ser Salomão, que estava em Jerusalém; outros afirmavam que era o mesmo Salomão, filho de David. [fol. 13] E, com esta dúvida, mandaram gente de cavalo a Jerusalém onde, achando a Salomão, lhe disseram que toda a sua terra estava perturbada por chegar a ela um mercador que em tudo se parecia com ele sem haver diferença nenhuma. Perguntou el-rei para onde ia. E responderam que nunca se atreveram a lhe perguntar, pela<sup>5</sup> grande majestade que tinha, mas que sua gente dizia que vinha para ele. Ouvindo isto, Salomão ficou alterado em seu coração mas alegre em seu espírito, entendendo o que podia ser, que até então não tinha mais que um filho que se chamava Jeroboão. E mandou a um seu criado, sobre quem se encostava, que o fosse a receber<sup>6</sup> levando muitos presentes e grande <sup>7</sup>número de carros e que o trouxesse<sup>8</sup> com a maior presteza que pudesse ser.*

*Partiu o criado de Salomão com grande aparato e, chegando onde Bainalehequêm estava, lhe deu os presentes e disse que fosse logo com ele, porque o coração d'el-rei ardia com amor e desejo de o ver: «Quanto eu, não sei se sois filho ou irmão, mas não cuido que sois outro, porque em tudo vos pareceis com ele.» Ao que ele respondeu: «Dou muitos louvores ao Deus de Israel, porque achei honra diante de meu senhor el-rei. Sem chegar a ver seu rosto, me fez alegrar com suas palavras. Agora também tenho esperança em este mesmo Deus que me fará chegar o<sup>9</sup> ver e tornar em paz à rainha minha mãe e à minha terra de Etiópia.» Respondeu o criado de Salomão: «Muito mais que isso que desejais, achareis em meu senhor e em nossa terra.» Então, Bainalehequêm deu ricos vestidos aos criados de Salomão e partiu com eles para Jerusalém. E, chegando à cidade, como o viram, parecia-lhes que era o mesmo Salomão, do que se maravilharam muito. E, entrando ao rei, se alevantou de sua cadeira e o abraçou. E disse: «Eis aqui o meu pai David ressuscitado dos mortos e renovado em sua mocidade. Dizíeis-me que se parecia comigo; não é senão o rosto de meu pai David quando era mancebo.» E, metendo-o em sua câmara, lhe deu ricos vestidos e pôs anéis nas mãos e coroa na cabeça e o fez assentar em cadeira igualmente com ele. E os príncipes e grandes de Israel lhe fizeram reverência e deram bênção, dizendo: «Benta seja a mãe que vos pariu, porque nos saiu da raiz de Jessé homem esclarecido que seja nosso rei e de nossos filhos.» E todos, cada um conforme a seu estado, lhe trouxeram seus presentes, e ele deu a Salomão em secreto o anel de sua*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: El-rei.

<sup>3</sup> Cobertura.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: pela.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: esperar.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 11v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: trouxessem.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 5, intitulado «De la Reyna Saba, que de la Etiopia fue a visitar al Rey Salomon, del qual concibio un hijo que se llamo Melilech, de quien decienden todos los emperadores Abissinos; tratase de las tablas de la Ley», pp. 46-65.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: por.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: novidade.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 11].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: aos que o criavam.

mãe, dizendo que se lembrasse do que ele lhe tinha dito. Respondeu Salomão: «Para que me dais este anel? Por sinal<sup>1</sup> em vosso rosto vejo de verdade que sois meu filho.»

[fol. 13v] Depois que Salomão acabou de falar em secreto com seu filho, entrou Tamerîn e disse-lhe: «Ouvi, Senhor, o que vos manda dizer vossa serva a rainha: pede-vos que unjais a este vosso filho por rei de nossa terra e que mandeis que daqui por diante não reine lá nunca mulher, e que lho torneis a enviar em paz para que se alegre seu coração.» Respondeu el-rei: «Que tem a mulher sobre o filho mais que parir com dores e criá-lo? A filha para a mãe e o filho para o pai. Pelo que não o hei-de mandar à rainha, senão fazê-lo rei de Israel, porque é o primogênito de minha vara que Deus me deu.» E, mandando-lhe cada dia ricos comeres e preciosos vestidos, ouro e prata, lhe dizia que melhor era ficar onde estava a casa de Deus e a Arca e Tábuas da Lei e onde o mesmo Deus morava. Mas ele respondia: «Quanto ouro e prata e vestidos ricos não faltam em nossa terra. Não vim mais que para ver vosso rosto, ouvir vossa sabedoria e sugetarme<sup>2</sup> a vosso império e depois tornar à minha terra e à minha mãe, porque todos folgam com a terra onde nascem. E, assim, por mais que me deis, não folgarei de ficar aqui, porque me puxa a carne para onde nasci e me criei e, se dela eu adorar a Arca do Deus de Israel, Ele me honrará. Bastará que me deis alguma coisa do vestido da Arca de Sião para que eu, com minha mãe e todos os de meu reino, reverenciemos; que já minha senhora destruiu todos os ídolos e converteu nossa gente ao Deus de Sião, porque assim ouviu e aprendeu de vós e, como lhe mandastes, assim o fez.» Procurou Salomão persuadir-lhe que ficasse com muitas razões e promessas e que seria rei de Israel e que possuiria a terra que Deus dera a Seu povo e a Arca do Testamento. E, não o podendo acabar com ele<sup>4</sup>, juntou seus conselheiros e os príncipes e grandes de seu reino. E lhes disse, como não podia acabar com seu filho que ficasse, que de toda maneira se queria tornar, pelo que todos se aparelhassem para o ungir por rei da terra de Etiópia; e que, assim como eles estavam ali à sua mão direita e esquerda, assim estariam lá seus primogênitos com ele; e que mandariam sacerdotes que ensinassem a Lei para que se sujeitassem ao Deus de Israel. Responderam todos: «Assim como el-rei ordenar será feito. Quem há-de contradizer ao mandamento de Deus e d'el-rei?»

Aparelharam logo suavíssimos cheiros e azeite. E, tangendo muitas sortes de instrumentos, músicos com vozes de alegria, o meteram na Sancta Sanctorum e foi nomeado pela boca de Sadôc e Ioas, sacerdotes. E foi ungido pela mão do príncipe de Salomão e puseram-lhe por nome [fol. 14] David, porque na Lei achou nome de rei. E, saindo, subiu na mula d'El-rei Salomão e levaram-no por toda a cidade, dizendo: «Viva el-rei! O Deus de Israel vos seja guia e a Arca da Lei de Deus e, onde quer que chegardes, se vos sujeitem todos e caiam diante<sup>5</sup> vossos inimigos.» Depois lhe deu bênção seu pai, dizendo: «A bênção do Céu e da terra seja convosco.» E todos responderam: «amen.» Disse então Salomão a Sadôc, sacerdote: «Declarai-lhe a justiça e castigo de Deus, para que lá a guarde.» Respondeu Sadôc, sacerdote: «Ouvi bem o que vos digo porque, se o fizerdes, vereis a Deus, e, se não, vos castigará com rigor e sereis menos que os de vosso povo e vencido da multidão de vossos inimigos. Ouvi a palavra de Deus e cumpri-a. Não vos afasteis da Sua Lei, nem à mão direita nem à esquerda.» E fez-lhe uma prática muito comprida, declarando-lhe os castigos que Deus lhe daria se não guardasse sua lei, e as mercês que lhe faria se a guardasse.<sup>6</sup>

Toda a terra se alegrou muito por Salomão alevantar seu filho por rei, mas entristeceram-se por lhes mandar que dessem seus primogênitos, ainda que lhes havia de fazer as honras que Salomão fazia a eles mes-

mos. E mandou Salomão<sup>1</sup> a seu filho que, da mesma maneira que ele tinha ordenada sua casa e repartidos os ofícios, assim o fizesse na sua e para isso lhe deu os primogênitos que se chamavam Azariás, filho de Sadôc sacerdote, e o sinalou por cabeça dos sacerdotes, Jeremiás, neto de Natan profeta, Maquir, Airâm, Finquinã, Acmiêl, Somniás, Facarôs, Leoandôs, Carmi, Zarâneos, Adarêz, Leguim, Adeireôs, Aztarân, Macarî, Abiz, Licandeôs, Carmi, Zerâneos. Todos estes lhe foram dados a David, rei de Etiópia, filho d'El-rei Salomão, e a estes repartia todos ofícios e mandos de sua casa. Deu-lhe também cavalos, carros, ouro, prata, pedras<sup>2</sup> preciosas e gente que o acompanhasse com outras muitas coisas necessárias para o caminho.

Aparelharam-se logo para partir os príncipes de Etiópia com grande alegria e contentamento, mas ficaram muito tristes os de Israel, por lhes levarem seus primogênitos e foi muito grande o pranto que com eles fizeram seus pais, parentes e amigos ao tempo da partida. Mas, enquanto se aparelhavam, se juntaram estes primogênitos e disseram entre si: «Já que deixamos nossa terra e nossos parentes, juremos todos de guardarmos [fol. 14v] sempre amor e união em as terras onde imos<sup>3</sup>.» Responderam Azariás e Jeremias, filhos dos sacerdotes: «Não tenhamos paixão por deixar nossos parentes, senão por nos fazerem deixar a Sião, nossa senhora e nossa esperança. Como podemos deixar a nossa senhora Sião? Se dissermos que não queremos ir, mandar-nos-á matar el-rei. Não podemos deixar de cumprir seu mandado e a palavra de nossos pais. Pois que faremos por amor de Sião nossa senhora?» «Eu vos darei conselho», disse Azarias filho de Sadôc, «se me jurardes que não haveis de falar com ninguém. Se morrermos<sup>4</sup>, morreremos juntos, e se vivermos, também será juntos.» Juraram então todos por o nome de Deus de Israel e da Arca de Deus, e depois lhes disse: «Tome-mos<sup>5</sup> nossa senhora Sião, que bem a podemos tomar, se Deus quiser. Se nos acharem e morrermos, não tenhamos paixão, pois por amor dela morreremos.» Alevantaram-se todos e beijaram-lhe a cabeça pelo gosto e consolação grande que tinham, e disseram<sup>6</sup> que fariam tudo quanto lhes<sup>7</sup> mandasse. Disse Zacharias, filho de Ioab: «Eu de prazer não posso caber em mim. Dizei-me de verdade se fareis isto? Eu bem sei que o podeis fazer, pois estais em lugar de vosso pai e tendes em vosso poder as chaves da casa de Deus: olhai bem como hemos<sup>8</sup> de fazer e não durmais para que a possamos tomar e ir com ela, e ser-nos-á alegria, mas tristeza a nossos pais.» Mandou logo fazer uma caixa de pau, dos que sobejaram da fábrica do templo, da compridão, largura e altura da Arca de Deus, para nela a levar e disse que não descobrissem aquilo, nem ainda<sup>9</sup> el-rei, senão depois de partirem e estar<sup>10</sup> muito longe.

Estando à noite dormindo Azarias, lhe apareceu o anjo de Deus e lhe disse que tomasse quatro cabras de um ano por seus pecados e de Elmias, de Abizô e Maquir,<sup>11</sup> e quatro carneiros limpos de um ano e uma vaca a que não fosse posto jugo, e os sacrificasse para o Oriente, a metade dos carneiros para a mão direita da vaca e a outra a metade para a<sup>12</sup> esquerda: «E vosso senhor El-rei David dirá a El-rei Salomão que deseja sacrificar em Jerusalém e Arca Senhora de Deus<sup>13</sup>, e que por ele também sacrifique o filho do sacer-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 12v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: peças.

<sup>3</sup> Vamos.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: todos.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: disseram-lhe.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: o que ele.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: havemos.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: estarem.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 13].

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: direita. A discordância adverbial parece dever-se a um erro do copista do ms. 778 BPB.

<sup>13</sup> O texto original reza que ele quer oferecer um sacrifício (em louvor) à cidade santa de Jerusalém e à Senhora Sião, a sagrada e celestial Arca da Lei de Deus. A tradução de Páez manteve a articulação copulativa, mas alterou a intenção do sacrifício, com resultado duvidoso do ponto de vista da sintaxe. (Ver W. Budge, *The Queen of Sheba and Her Only Son Menyelek*, p. 69).

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: ? O copista deslocou o sinal de expressão interrogativa.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: sujeitar-me. O termo do manuscrito autógrafo é castelhanismo.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 12].

<sup>4</sup> Convencê-lo.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: vós.

<sup>6</sup> Neste período, Páez sintetizou uma passagem mais alargada da sua fonte.

dote da maneira que sabe. Então vos mandará El-rei Salomão sacrificar e tomareis a Arca de Deus. E dizer-vos-ei como a haveis de tirar; porque Deus está irado contra Israel e quer tirar deles Sua Arca.» Acordando Azarias, ficou muito alegre pelo sonho que tivera e pelas palavras que lhe disse<sup>1</sup> o anjo. E, juntando seus companheiros, lhes contou tudo e disse que fossem com ele a El-rei David seu senhor para lhe dar parte disto, e assim foram e lho disseram, [fol. 15] com o que se alegrou muito. E mandou chamar a Joab filho de Jodabe e o mandou com recado a Salomão, dizendo: «Senhor, deixai-me ir à minha terra com vossa vontade e vossa oração me siga em qualquer parte onde eu chegar. Uma coisa vos peço muito, que por isto não mingueis o amor que me tendes, também desejo sacrificar sacrificios a Sião, Arca de Deus, em esta terra santa de Jerusalém por meus pecados.» Foi Joab a Salomão e, ouvindo, com este recado se alegrou muito e mandou aparelhar grandes sacrificios para que sacrificasse seu filho. E deram-se-lhe 10.000 bois e vacas, 10.000 carneiros, 10.000 cabras e outros animais do mato que se comem e, dos pássaros limpos, de cada espécie, dez, de farinha de trigo um zal<sup>2</sup>, doze siclos de prata<sup>3</sup>, e quarenta memesrehâ abaiô<sup>4</sup>. Tudo isto deu El-rei Salomão a seu filho e depois mandou el-rei dizer a Azarias, filho do sacerdote, que sacrificasse por si, do que se alegrou muito Azarias e trouxe de sua casa uma vaca a que se não tinha posto jugo e quatro carneiros de um ano e quatro cabras também de um ano, e juntou seu sacrificio com o sacrificio d'el-rei, assim como o anjo lhe tinha dito.

Apareceu outra vez o anjo a Azariás e disse-lhe: «Alevantai a vossos irmãos Elmiàs e Abizô e Maquîr.» E, como alevantou, lhes disse o anjo: «Eu vos abrirei a porta do templo e tomareis a Arca de Deus e sem lesão alguma a levareis, porque Deus me mandou estar sempre com ela.» Foram eles logo ao templo e acharam as portas abertas até chegarem onde repousava a Arca de Deus, Sião. E ela se levantou logo em um momento, porque o anjo de Deus a governava. E eles a tomaram e levaram a casa de Azarias e a puseram sobre panos de seda e lhe acenderam candeias e sacrificaram um carneiro limpo e ofereceram incenso e ali esteve sete dias.

<sup>5</sup>Em isto, El-rei David, muito alegre por ir à sua terra, foi a seu pai El-rei Salomão e, fazendo-lhe reverência, disse que lhe desse sua bênção. El-rei o fez alevantar e tomando-o pela cabeça, disse: «Deus, que benzeu a meu pai David, seja sempre convosco e benza vossa semente, assim como benzeu a Iacob.» E deu-lhe outras muitas bênções. Com isto se foi e puseram a Arca em um carro, e muitas riquezas e vestidos que d'El-rei Salomão e de outros receberam, carregaram em<sup>6</sup> carros. E, alevantando-se os sacerdotes, tangeram muitos instrumentos e a terra toda se alvorçou com as vozes. Os primogénitos que iam choravam com seus pais, e todo o povo também chorava, como se os corações lhes disseram que era <sup>7</sup>tomada a Arca. Foi [fol. 15v] tão grande a tristeza e pranto, que até os animais parecia que choravam, e todos botavam cinza sobre suas cabeças. Até Salomão, ouvindo as vozes e vendo o choro da gente e a honra dos que iam, chorou e disse: «Já daqui por diante passou nossa felicidade e nosso reino ao povo alheio que não conhece a Deus.» E, chamando a Sadôc, lhe disse que trouxesse uma das vestiduras da Arca e que a levasse a seu filho David, porque a rainha lhe tinha pedido, por Tamerîn seu criado, para fazer oração diante dela com todo seu povo, e que lhe dissesse que a Arca de Deus, Sião, fosse sua guia e que tivesse sempre aquela vestidura em arraial; e que, quando ele ou seu povo houvesse de jurar, fosse por ela, por que não se lembrassem mais de outros deuses. Foi Sadôc e fez tudo o que lhe mandou Salomão, com o que se alegrou muito David e disse: «Esta seja minha senhora.»

Respondeu Sadôc: «Pois jurai-me de fazer que esta vestidura esteja sempre nas mãos de meu filho Azariás e de seus filhos, e que lhe dareis também<sup>1</sup> os dízimos de vosso reino. E ele ensinará sempre a Lei de Deus a vós e a vosso povo, e ungirá vossos filhos em reis.» E assim o jurou. E Azarias recebeu da mão de seu pai, Sadôc, a vestidura da Arca e a levaram em um carro e foram seu caminho direito, sendo-lhes guia S. Miguel que os fazia andar com tanta velocidade como se voaram, de maneira que os carros iam levantados da terra um côvado e os animais um palmo, e do sol os cobria uma nube<sup>2</sup> que os acompanhava, e pelo mar os levava como foram levados os filhos de Israel pelo Mar Vermelho.

O primeiro dia que se alevantaram, chegaram a Gazâ, terra que El-rei Salomão deu a Rainha Sabba, e passaram a Mazrîn, terra dos egípcios. E todo este caminho fizeram em um dia; e, vendo os príncipes de Israel que o caminho de treze dias fizeram eles em um, sem cansarem nem terem sede nem fome, nem homens nem animais, entenderam que isto era coisa de Deus. E, como viram que tinham chegado à terra dos egípcios, disseram: «Descansemos aqui, pois chegámos à terra de Etiópia, que a água de Tacaçê vem e chega até aqui.» E, pondo suas tendas, descansaram. Disse então Azarias a El-rei David: «Eis aqui, senhor, as maravilhas de Deus, que se cumpriram em vós. Aqui tendes a Arca de Deus, só por Sua vontade e não vossa. E, assim, também ela estará onde quiser, que ninguém lho pode tolher. Agora, se cumprirdes os mandamentos de Deus, estará [fol. 16] convosco e vos defenderá.» Então El-rei David, pasmado de tantas maravilhas, deu graças a Deus, ele e todo seu arraial. E era tão grande<sup>3</sup> a alegria de todos que, maravilhados, levantavam as mãos aos Céus, dando graças a Deus, e el-rei saltava de prazer. Como cordeiro e como cabrito quando está farto de leite, é como se alegrou David diante da Arca do Testamento. E, entrando na tenda onde estava a Arca, lhe fez reverência e beijou, e disse: «Santo Deus de Israel, a Vós glória, porque fazeis Vossa vontade e não a dos homens.» E fez uma oração muito comprida, dando-lhe graças pela mercê que lhe tinha feito. E tangeram muitos instrumentos e fizeram todos<sup>4</sup> grandes festas e caíram todos os ídolos dos gentios, obras de suas mãos. E, <sup>5</sup>outro dia, puseram a Arca sobre o carro <sup>6</sup>coberta com ricos panos e começaram a caminhar com grandes músicas, e os carros iam alevantados do chão como um côvado. E chegaram ao mar dos mares, Mar de Erterâ<sup>7</sup>, que foi aberto pela mão de Moisés e caminharam os filhos de Israel e, porque a Moisés ainda não lhe tinha<sup>8</sup> Deus dado as Tábuas da Lei, por isso ficou a água como muro de uma e de outra parte e eles passaram pelo fundo com suas mulheres e filhos e animais. Mas, quando eles chegaram com a Arca, tangeram muitos instrumentos, o mar os recebeu como alegrando-se e fazendo festa com suas ondas que, ainda que se alevantavam como montes, os carros passavam alevantados sobre eles quase três côvados. E os peixes e monstros do mar e as aves do ar adoravam a Arca. E, saindo do mar, se alegraram muito, assim como os filhos de Israel quando saíram do Egipto, e chegaram defronte do Monte Sinai e assentaram ali com grandes músicas.

Enquanto eles faziam este caminho, entrou Sadôc, sacerdote, no templo e, não achando a Arca, senão uns paus que tinha feito Azarias à sua semelhança e posto ali, caiu sobre seu rosto no chão, como morto, com dor e espanto e, tardando em sair, entrou Josias e achou-o caído e, fazendo-o alevantar, viu ele também

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: dissera.

<sup>2</sup> *S'ahl*, termo gueeze que significa taça, aqui usado como medida de capacidade.

<sup>3</sup> Moeda hebraica.

<sup>4</sup> «Cestos de pão» (ver W. Budge, *The Queen of Sheba and Her Only Son Menyelek*, p. 70).

<sup>5</sup> Manteve-se a marcação de parágrafo feita pelos anteriores editores.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: cem.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 13v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: sempre.

<sup>2</sup> Nuvem.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: tanta.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: muito.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: ao.

<sup>6</sup> Ms. BPB: [fol. 14].

<sup>7</sup> Mar da Eritreia (Mar Vermelho).

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: ainda.

como faltava a Arca e botou cinza sobre sua cabeça e começou a gritar tal<sup>1</sup> alto da porta do templo que se ouviu na casa d'El- [fol. 16v] rei Salomão. E, como soube o que passava, se levantou com grande espanto, e mandou lançar pregão que se juntassem todos para ir a buscar a gente de Etiópia e que a seu filho trouxessem e a todos os demais passassem à espada, que eram dignos de morte. E, como se juntaram os príncipes e grandes e os fortes de Israel, saiu Salomão com grande ira para os ir a buscar. E os mais ancianos, as viúvas e donzelas se juntaram no templo e fizeram grande pranto por lhes terem tomado a Arca da Lei de Deus. Salomão foi pelo caminho de Etiópia e mandou gente à mão direita e à esquerda, por que se afastassem do caminho com medo do que levavam furtado<sup>2</sup>, e que fossem adiante com cavalos a toda pressa e os que os achassem, tornassem a lhe dizer onde estavam. E depois, sabendo de certo, assim por alguns destes de cavalo que tornaram, como pela gente de Gazâ onde ele chegou, que não os<sup>3</sup> podia alcançar porque iam seus carros alevantados do chão no ar com tanta velocidade como aves, fez muito grande pranto. E disse: «Senhor, vivendo eu, me levaste a Arca? Melhor me fora tirardes-me a vida.» E dizia outras muitas palavras que mostravam a grande tristeza e angústia de seu coração. Depois se tornou a Jerusalém e, com os velhos dela, fez outra vez novo pranto. E, vendo os grandes que derramava tantas lágrimas, o consolaram dizendo que não tivessem<sup>4</sup> tanta paixão, pois sabia que Sião não podia estar senão onde ela quisesse, nem se podia fazer senão a vontade de Deus. «Ele foi servido de que primeiro a levassem os filisteus e depois lha fez tornar, assim agora, por sua vontade, foi levada à Etiópia e fará que torne, se Ele quiser. E, se não, aqui também tendes a casa que edificastes para Deus, com que vos podeis consolar.» Respondeu Salomão: «Se a mim e a nós outros nos levara, ou fizera que eles possuíssem nossa terra, que coisa é impossível a Deus<sup>5</sup>. Não há, nem nos céus nem na terra, quem resista <sup>6</sup>à Sua vontade nem desobedeça a Seu mandamento. Ele é rei cujo reino não se tirará para sempre dos sempre. Vamos a Sua casa a Lhe dar graças por tudo.» E, entrando todos no templo choravam muito, até que lhes disse Salomão que cessassem, por que não dessem gosto e alegria aos gentios com a nova de sua perda. Responderam todos: «Seja feita a vontade de Deus e vossa.»

Prosseguindo El-rei David seu caminho, chegou a Balentos, limite das terras de Etiópia, e entrou com grande alegria e contentamento e com muita sorte de músicas e festas, correndo em seus carros e mandaram<sup>7</sup> gente com muita pressa que desse [fol. 17] novas a Maquedâ, rainha de Etiópia, que vinha seu filho e como reinara e que traziam a Sião celestial. Como chegou este recado, a rainha se alegrou muito e mandou logo lançar pregão em todo seu reino que fossem a receber seu filho e principalmente a Sião celestial, Arca do Deus de Israel. E tangeram diante dela muitos instrumentos, fazendo grande festa e alegrando-se muito, grandes e pequenos, e foram à terra de seu poder, que é cabeça do reino de Etiópia na qual nos tempos derradeiros se fizeram cristãos os de Etiópia, e aparelharam<sup>8</sup> cheiros sem conto em Baltê até Galtê e Alçafâ. E veio seu filho pelo caminho de Azêb e Vâquirôn e saiu por Mocêz e chegou a Bûr e à terra do poder que é cabeça de Etiópia, que ela mesma edificou em seu nome e se chamou terra Debrâ Maquedâ, e entrou El-rei David com grande festa e alegria na terra de sua mãe. E, vendo a rainha de longe a Arca, que resplandecia como o sol, deu graças ao Deus de Israel com tão grande alegria e contentamento que não cabia de prazer, e vestindo-se

ricamente, fez grande festa e todos, grandes e pequenos se alegraram sobremaneira e, metendo a Arca em o templo da terra de Maquedâ, puseram de guarda trezentos homens com suas espadas e os príncipes e grandes de Sião<sup>1</sup>, os fortes de Israel, trezentos com espadas em as mãos. E a seu filho deu também trezentos de guarda e se lhe sujeitou seu reino, do Mar Alibâ até Acêfâ, e teve mais honra e riqueza que nenhum, antes dele nem depois, há-de ter. Porque em aquele tempo não havia ninguém como El-rei Salomão em Jerusalém e como a Rainha Maquedâ em Etiópia, que a ambos lhes foi dada sabedoria, honra e riqueza e grande coração.

Ao terceiro dia, ofereceu a rainha a seu filho setecentos e sete mil cavalos<sup>2</sup> escolhidos e sete mil e seiscentas éguas que pariam e trezentas mulas e outros tantos machos e muitos vestidos mui ricos e grande soma de ouro e prata. E entregou-lhe a cadeira de seu reino e disse-lhe: «Dei-vos vosso reino e fiz rei a quem Deus fez rei e escolhi a quem Deus escolheu.» Alevantou-se então El-rei David e, fazendo<sup>3</sup> reverência à rainha<sup>4</sup> e, disse-lhe: «Vós sois a rainha e senhora minha. Todas as coisas que me mandardes, farei, sejam para vida ou para morte, e onde me mandardes, irei, porque vós sois cabeça e eu pés, vós senhora e eu escravo.» E com outras muitas palavras de humildade se lhe ofereceu, e, como acabou, se tangeram muitos instrumentos e se fez grande festa. Depois, [fol. 17v] Elmîas e Azarias tiraram o livro que foi escrito diante de Deus e d'El-rei <sup>5</sup>Salomão e o leram diante de Maquedâ e dos grandes de Israel. E, quando ouviram as palavras, adoraram a Deus todos os que estavam presentes, grandes e pequenos, e Lhe deram muitas graças. Ultimamente, disse a rainha a seu filho: «Deus vos dê verdade, meu filho. Ide por ela, não vos afasteis à mão direita, nem à esquerda. Amai vosso Deus, porque Ele é misericordioso e em Suas coisas se conhece Sua bondade.» E, virando-se a falar com os sacerdotes e gente de Israel, lhes fez muitos oferecimentos e prometeu de os ter sempre por pais e mestres, porque eles eram os que guardavam a Lei e ensinavam os mandamentos do Deus de Israel. Eles também lhe deram muitas graças e Azarias, particularmente, muitos louvores. E disse que tudo quanto viram lhes parecera bem, afora de serem pretos de rosto. Depois disse Azarias: «Vamos diante da Arca de Sião e renovemos o reino de nosso senhor David.» E, tomando seu corno cheio de óleo<sup>6</sup>, o ungiu e assim se renovou seu<sup>7</sup> reino d'El-rei David, filho d'El-rei Salomão, na terra do poder de Maquedâ, na casa de Sião. E, ajuntando a rainha os grandes do reino, lhes fez jurar por Sião celestial que não admitiriam dali por diante mulher por rainha na cadeira do reino de Etiópia, senão filhos que descendessem de David. E Azarias e Elmîas receberam o juramento de todos os príncipes, grandes e governadores, e os filhos da força de Israel com seu Rei David renovaram o reino. E a gente de Etiópia deixou seus ídolos e adorou ao Deus que os fez.

Até aqui são palavras de um livro que se guarda na igreja de Agçûm<sup>8</sup>, e não continua mais a história, nem a gente dali sabe dar razão das terras Vaquirôm, Baltê, Galtê e Alçafâ, só Bur é conhecido, que é província do reino de Tigrê, um dia de caminho do porto de Maçuâ. Quanto ao nome Debrâ Maquedâ, da cidade que a rainha edificou, *dêber* propriamente significa «monte», mas, porque em os montes ordinariamente muito<sup>9</sup> edificam os templos e mosteiros, ao templo ou mosteiro chamaram tam-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *tão*.

<sup>2</sup> Entenda-se: uma vez que (os perseguidos) se poderiam afastar do caminho principal com medo (de ser apanhados) por saberem o que levavam furtado.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *não*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *tivessem*.

<sup>5</sup> Construção sintática inacabada. A proposição está incompleta nos dois manuscritos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 14v].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: *mandavam*.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: *aparelhavam*.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *e*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *camelos*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *fez*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *e*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 15].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *cheio*.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: *o*.

<sup>8</sup> Continuação do relato do *Kēbrā Nāgāst (A Glória dos Reis)*. Manuel de Almeida usou a tradução realizada por Pedro Páez (ver *Historia de Ethiopia a Alta*, in *RÉSOL*, vol. V, livro II, cap. 3, pp. 99-109). Por sua vez, Baltazar Teles resumiu este episódio no cap. 25 do livro I de *Historia Geral de Ethiopia a Alta ou Abassia do Preste Ioam* (1660), criticando-o no capítulo seguinte.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: *propriamente*.

bém *dèber* e, quando a este nome *dèber* se ajunta outro, dizem<sup>1</sup> *debrâ*, por onde Debrâ Maquedâ quer dizer «Monte ou Templo de Maquedâ». E se, como dissemos no capítulo precedente e se pode coligir do que em este se referiu, Maquedâ foi a cidade de Agçûm, quererá dizer ~~Monte ou~~ «Templo de Agçûm», que nela havia<sup>2</sup> um mui sumptuoso templo.

Acerca do que diz que o anjo apareceu em sonhos a Azariás [fol. 18] e que lhe mandou que tomasse a Arca do Testamento e que a trouxeram<sup>3</sup> para Etiópia, tudo é história apócrifa e fabulosa, porque o contrário ensina a Sagrada Escritura,<sup>4</sup> 2.<sup>º</sup> *Macabeus*,<sup>6</sup> 2.<sup>º</sup>, onde diz que o profeta Jeremias escondeu o Tabernáculo e a Arca e altar do incenso em uma cova do Monte Nebo, em que subiu Moisés e viu a terra de promessa, *Deuteronomio* 34, que está em Arábia, como diz S. Hieronimo, *De Locis Hebraicis*. As palavras do sagrado texto são estas: *Tabernaculum, et Arcam iussit propheta, divino responso ad se facto, comitari secum, usque quo exiit in montem, in quo Moyses ascendit, et vidit Dei haereditatem. Et veniens ibi Hieremias invenit locum speluncae, et Tabernaculum, et Arcam, et altare incensi intulit illuc, et ostium obstruxit. Et accesserunt quidam simul<sup>8</sup> qui sequebantur, ut notarent sibi locum, et non potuerunt invenire. Ut autem cognovit Hieremias, culpans illos, dixit: «Quod ignotus erit locus, donec congreget Deus congregationem populi»<sup>9</sup>. Isto será no derradeiro tempo, pouco antes do Dia do Juízo, como tem para si S. Epifânio na vida do Profeta Jeremias<sup>10</sup>, e muitos também em Etiópia têm esta história<sup>11</sup> por falsa, ainda que os frades de Agçûm sempre afirmam que está em sua igreja esta Arca. Mas, indo por vice-rei do reino de Tigrê um irmão do Imperador Seltân Çaguêd, que se chama Cela Christôs, *scilicet* «Imagem de Cristo», no ano de 608, chegou de caminho a Agçûm, como a costumam os vice-reis pelo nome grande que tem a igreja que ali está, e disse aos frades que lhe mostrassem a Arca do Testamento.<sup>12</sup> E responderam que não o podiam fazer, porque nem aos imperadores se mostrava nem eles os obrigaram nunca a isso, pela grande reverência que se deve ter à Arca santa. Disse ele que: «Para que andavam com aquelas invenções?» E deixou-os.<sup>13</sup> Depois, indo eu a o visitar, porque nossa residência está como duas léguas de Agçûm, me falou sobre esta coisa da Arca, e disse-lhe como era fábula o que afirmavam os frades, porque a Escritura ensinava o contrário e, trazendo-lhe o lugar que agora referi, disse ele também que tudo o que diziam era patranha. O seguinte ano, foi o imperador a Tigrê com exército, por se alevantar lá um, pretendendo o império e, de caminho, se coroou em Agçûm e pediu aos frades lhe mostrassem a Arca do Testamento, mas eles deram*

tantas escusas que o imperador desistiu. E, depois, me contou as porfias<sup>1</sup> que tivera com eles, zombando de como metiam aquilo em cabeça à gente ignorante.

Ainda que Etiópia não tem nem pôde nunca ter a Arca do Testamento, outra mui preciosa relíquia, e digna de grande [fol. 18v] veneração lhe dá Frei Luis de Urreta, pág. [54 e] 55, por estas palavras: *Cosa es muy recebida en<sup>2</sup> toda la Ethiopia que entre otras muchas pieças ricas y joyas de grande valor que Salomon dio a su hijo Melilec<sup>3</sup>, fue una muy preciosa y por tal tenuta de todos los emperadores, que le dio un pedaço de las tablas que estavan escritas con el dedo de Dios, y las quebro Moysen a la raiz del monte lleno de santo zelo contra la idolatria del pueblo. Y don Juan<sup>4</sup> es testigo de vista, porque la ha visto e tenido en sus manos muchas veces. Y dice que es de grueso de dos dedos, tan grande como una quartilla de papel. Ay en ella gravadas unas letras enteras y otras medias muy diferentes de las que usan<sup>6</sup> agora los hebreos. Tienenla guardada dentro en una Arca de oro fino, la qual está en una sala de la libreria. Continuamente tiene guarda de dia y de noche de los soldados que estan en el Monte de Amarâ. E, pouco mais adiante, confirma isto dizendo: *Y aun todos los judios de la Africa y Asia tienen esta opinion, y reverencian esta santa reliquia con grandes demonstraciones, no porque la ayan visto, ni les dan tal lugar, sino que quando vienen<sup>7</sup> con mercadurias en sus caravanas de Persia, de Meca, y Arabia y passan a la Libia, Nubia, Borno y otros reynos, quando llegan al famoso monasterio de la Alleluya, que es de frayles<sup>8</sup> del glorioso S.<sup>to</sup> Domingo<sup>9</sup>, que desde alli se descubre el famoso Monte de Amarâ, donde está la dicha reliquia, se postran en los suelos y se quitan los turbantes. Y haciendo<sup>10</sup> grandes inclinaciones, llevadas las manos, estan dando voces<sup>11</sup> diciendo: Adonay, Adonay, geis Adonay, «Señor Dios, Señor Dios, Señor sobre todos los señores.» Y lo dicen<sup>12</sup> con tal afecto que ay algunos que lloran con mucha ternura. Y quando los religiosos le preguntan la causa de aquellas ceremonias, responden que en aquel monte estan las obras maravillosas del grande Dios; que el Preste Juan<sup>13</sup> es muy amado de Dios, pues le ha dado tal reliquia que con<sup>14</sup> ella será rey del mundo, vencerá sus enemigos<sup>15</sup>, le dará Dios el rocío del cielo, y la grosura de la tierra y a su alma<sup>16</sup> la recogerá como Abrahan alvergó a los angeles.**

Continuando o autor esta história, diz pág. 57: *Avemos dicho que ay en este pedaço de Tablas algunas letras gravadas y abiertas, unas enteras y otras medias. Y aunque algunas son hebreas conforme a las que usan agora<sup>17</sup>, pero las otras son muy diferentes, que no ay quien las sepa leer. Y yendo don Juan<sup>18</sup> de Bal-*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: dirão.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: possuía.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: trouxesse.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: no.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: livro dos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: cap.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 15v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: *quidam*.

<sup>9</sup> «O profeta, avisado por um oráculo, mandou que a tenda e a Arca o acompanhassem, quando foi à montanha, à qual Moisés subiu para contemplar a herança de Deus. Ao chegar, Jeremias encontrou uma gruta, onde colocou a tenda, a Arca e o altar do incenso. Depois, tapou a entrada. Mais tarde, alguns dos que o acompanharam, voltaram lá para indicar o caminho, mas não puderam entrar. Quando o soube, Jeremias repreendeu-os, dizendo-lhes: *O lugar ficará desconhecido, até que Deus congregue de novo a comunidade do povo.*» (2 *Macabeus* 2, 4-7).

<sup>10</sup> A partir da acusação de apócrifa e fábula, o autor copiou com ligeiríssimas alterações (traduziu o texto castelhano, mas não a citação latina) o comentário crítico de Luis de Urreta, apropriando-se dele sem o referir (ver L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 5, p. 54).

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: história.

<sup>12</sup> Uma carta do Pe. Azevedo confirmou a presença de Sē'elä Krēstos no Tigrê em 1608 (C. Beccari, *R/ESOI* 11, Roma, 1911, p. 165).

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: E.

<sup>1</sup> O mesmo que disputas, contendas, discussões.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *de*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *Maliéc*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *Joan*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *H*. A alta frequência desta variante na ortografia do verbo justifica que não se anotem as próximas ocorrências doravante.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *usam*.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 16].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: *flaires*.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: *Domingos*.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: *hayciendo*.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: *vozes*.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: *dizen*.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: *Joan*.

<sup>14</sup> Ms. 778 BPB: *com*.

<sup>15</sup> Ms. 778 BPB: *inimigos*.

<sup>16</sup> Ms. 778 BPB: *anima*.

<sup>17</sup> Ms. 778 BPB: *aora*.

<sup>18</sup> Ms. 778 BPB: *Joan*.



*thasar* [fol. 19] *por embaxador del Preste Juan*<sup>1</sup> *al rey de Persia, llevo mandado*<sup>2</sup> *pera que truxese un judio, el mas famoso rabino entre todos los de la Asia, que estava en Meca, llamado Rabi Sedechias, pera ver se sabria ler las letras. El qual fue con mucho gusto, solo por ver aquel fragmento de las Tablas de la Ley. Llegando adonde estava la reliquia, aviendo hecho muchas çalemas y ceremonias con*<sup>3</sup> *muchas alaraças, aunque conocio algunas letras, de las otras dixo que no las conocia y que ni eran*<sup>4</sup> *chaldeas, ni griegas, ni arabes, ni persas, ni indias, ni chinas. Porque si lo fueran, el las leyerá, por estar instruido en todas ellas.* E mais adiante, pág. 61, diz: *Finalmente, pera que de todas partes quede pertrecha y defendida esta historia, responderé con brevedad al que pusiere en duda que aquel pedaço de piedra sea de las tablas que quebro Moysen. Quanto a lo primero, es bastantissimo argumento la tradicion universal de mas de tres mil años*<sup>5</sup> *de antiguedad, en los quae jamas ninguno ha puesto duda ni menos la ha contradecido*<sup>6</sup>. *Lo segundo, que todas las demas naciones circunvecinas le dan esta gloria, y llanamente les conceden la grandeça desta reliquia. Quien parece que les avia*<sup>7</sup> *de contradizir eran los judios, y ellos sin debate alguno lo confiessan y adoran la piedra, como pedaço de las Tablas de Moysen. Y la ultima provança será tomada de las escripturas authenticas que se guardan desde aquellos tiempos antiguos del Rey Salomon, las qualles estan en el Monte Amarâ en el monasterio de S.<sup>ta</sup> Cruz de la Orden de S.<sup>to</sup> Anton Abad, donde tienen la sobredicha reliquia.*<sup>8</sup>

Tudo isto escreveu Frei Luis Urreta, como ele afirma por informação e testemunho<sup>9</sup> de João Baltazar, mas são coisas tão fabulosas, como outras muitas que ele contou, porque nem há <sup>10</sup>tal pedaço das Tábuas da Lei no Monte de Amharâ, nem o houve nunca em Etiópia. E, assim, perguntando eu muito de propósito a parentes do imperador, que estiveram muito tempo dentro daquele monte, e aos frades mais velhos e letrados da corte se tinham alguma notícia de que no Monte Amharâ ou em outra parte de Etiópia houvesse pedaço das Tábuas da Lei, responderam todos que nunca tal leram em livro nenhum, nem o ouviram dizer; antes tinham por coisa certa que não ficou memória do que se fizera daqueles pedaços das Tábuas, que Moisés quebrou. E, para mais me certificar da verdade, perguntei ao imperador, diante de muitos<sup>11</sup> grandes e alguns<sup>12</sup> frades, dizendo como João Baltazar o afirmara em Espanha, e riram todos muito de como fora lá [fol. 19v] a meter em cabeça uma patranha tão grande, porque nunca tal coisa houvera em Etiópia. O que a mim me maravilha é como um homem natural de Etiópia, posto que mentiroso, podia dizer um disparate tão grande como é que do famoso Mosteiro de Aleluia se descubra o Monte de Amharâ, porque não é menos que dizer que da ribeira de Lisboa em Portugal se descobre Coimbra, ou, para falar das terras que tenho melhor vistas, que de Segóvia se descubra El Alhambra de Granada, porque não é menor a distância do Mosteiro de Aleluia até o Monte de Amharâ, nem mais baixas as serras que os portos de Segóvia e os de Andaluzia, senão muito mais altas sem comparação; nem pelo Mosteiro de Aleluia podem passar os mercadores que ele diz, porque

é muito fora de caminho, e o mato tão basto que, indo eu lá com levar gente daquela terra que me guiava, não podia passar sem muito trabalho, e ainda me rompiam os vestidos as silvas, posto que os mercados naturais de Dambiâ<sup>1</sup>, que não são mais que cristãos e mouros, quando vão ao porto de Maçuâ, algumas vezes passam não muito longe daquele mosteiro; nem é de frades de S. Domingos, como disse no cap. 1.º e mostrarei no 2.º livro; nem pode dizer que há outro Mosteiro de Aleluia donde se descobre o Monte de Amharâ e passam os mercadores, porque nenhum outro há em Etiópia de Aleluia e deste mesmo fala ele, porque o põe na terra Tigrê Mohon, pág. 311<sup>2</sup>; nem este império tem comércio nenhum com a Pérsia para que dela venham mercadores.

Também parece fábula o que diz João Baltazar, que foi por embaixador a el-rei de Pérsia, porque nunca pude achar quem ouvisse dizer da tal embaixada, nem estes imperadores têm amizade nem trato nenhum<sup>3</sup> com aqueles reis, nem da banda da Pérsia vem cá gente. Quanto<sup>4</sup> dizer que trouxe o judeu que estava em Meca para que lesse as letras do pedaço das Tábuas, é mera ficção, porque, de mais de ser coisa tão disparata, para ir daqui à Pérsia passar por Meca, nenhum cristão, nem judeu, nem gentio pode entrar em Meca sob pena de morte, ou se há-de fazer mouro, segundo me afirmaram muitos turcos estando eu cativo em o Estreito de Meca. Se dissera que o trouxera de Mocâ, dourara mais sua mentira, porque ali bem podem andar. Mas, se não <sup>5</sup>havia tal pedaço<sup>6</sup> das Tábuas, para que<sup>7</sup> havia de vir o judeu ao Monte de Amharâ a ler as letras? Contudo, assim como muitas vezes fundam as mentiras em algumas verdades, também, esta se pode fundar no que fez o Imperador Malâc Çaguêd no reino de Tigrê, porque, indo a se coroar em Agçûm, onde se coroaam os imperadores, e vendo muitas letras antiquíssimas que ali estão escritas em colunas e pedras muito grandes, [fol. 20] desejou saber o que diziam<sup>8</sup>. E, por não achar quem as pudesse<sup>9</sup> ler, mandou chamar um judeu que sabia muitas línguas e parece havia<sup>10</sup> estar no mesmo reino, e não as soube ler. Eu também desejei muito saber que diziam e fui lá com dois padres que sabem grego e um homem grego que sabia muito bem seus livros, e não as puderam ler. Nem são latinas, nem árabes, nem hebraicas, ainda que algumas letras se pareçam com elas, porque, se o foram, eu as houvera de ler.

Também pode ser que a mentira de que João Baltazar teve em sua mão, no Monte de Amharâ, o pedaço das Tábuas da Lei, a fundasse em ter algum pedaço de pedra de ara antiga, que algum frade quisesse baptizar por pedaço das Tábuas da Lei, porque à Arca do Testamento e às Tábuas da Lei e à pedra de ara nomeiam os livros de Etiópia e toda a gente por um mesmo nome, que é *tabôt*, e sobre todas as pedras de ara abrem letras fundas em que põem, pelo menos, o nome do Santo a quem está dedicada a igreja<sup>11</sup>. Nem falta lá pedra muito alva transparente de que fazem pedras de ara; que ainda agora pouco tempo há, me mandou Cela Christôs, irmão do imperador, uma pedra de ara muito formosa de pedra

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Joan.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: mandato.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: com.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: eram.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: annos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: contradicho.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: devian.

<sup>8</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, excertos do cap. 5, pp. 46-65.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: por informação (como ele afirma).

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 16v].

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: alguns.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: muitos.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: de Ambiâ.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 29, intitulado «Del famoso rio negro, de su discurso y camino, de las grandes riquezas que se hallan en el. Trata-se del ambar, y si es el rio Phison uno de los del Parayso», pp. 310-320. Däbrä Halleleya ou Hallelo situava-se no Tigray efectivamente.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: algum.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: ao.

<sup>5</sup> Ms. BPB: [fol. 17].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: tais pedaços.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: por que.

<sup>8</sup> Ver livro I, cap. 20; C Beccari, *R/ESOI* 4, Roma, 1906, p. 229 e 233-36; *R/ESOI* 5, 1907, p. 83-85; *R/ESOI* 11, 1911, p. 107 (carta de Azevedo ao provincial de Goa, 22.07.1607) e p. 260 (carta de Pedro Páez a Tomás de Ituren, 14.09.1612).

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: soubesse.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: devia.

<sup>11</sup> Ver glossário (pedra de ara / *tabot*).

branca transparente, que ele fez<sup>1</sup> lavar para nossa igreja e puseram nela a seu modo o princípio do *Evangelho de S. João* com letras bem fundas. E me escreveu que no fim do reino de Gojâm, onde ele é vice-rei, havia tantas pedras daquelas que podiam fazer casas e que se lavravam muito bem. Por onde digo que podiam ter no Monte de Amharâ algum pedaço de pedra de ara antiga com as letras que se usavam em aquele tempo. E como a pedra de ara se chama *tabôt*, assim como as Tábuas da Lei, dizendo-lhe a João Baltazar que aquele era pedaço do *tabôt*, entenderia que era das Tábuas da Lei; ou pode ser que algum frade, para engrandecer as coisas da sua igreja, lhe dissesse que era pedaço das Tábuas da Lei, como fazem agora os de Agçûm, dizendo que têm a mesma Arca do Testamento, mas o que diz que se guarda aquele pedaço<sup>2</sup> de pedra em uma arca de ouro fino e que tem a sala guarda de noite e de dia<sup>3</sup> é falso, porque nem há arca de ouro, nem tal guarda, nem Mosteiro da Santa Cruz onde se guardem as escrituras autênticas, que diz, porque no Monte de Amharâ não há mais que duas<sup>4</sup> igrejas: uma se chama Egziabehêr Ab<sup>5</sup>, *scilicet* «Deus Padre», e outra de Nossa Senhora, nem houve outras nunca, como diremos adiante em seu próprio lugar.

[fol. 20v] CAPÍTULO IV

EM QUE SE TRATA DOS OFICIAIS QUE EL-REI SALOMÃO DEU A SEU FILHO DAVID PARA SERVIÇO DE SUA CASA E DOS QUE AGORA TEM O PRESTE JOÃO

Já dissemos como, quando El-rei Salomão em Jerusalém fez coroar a seu filho Menilehêc, mandou que lhe pusessem por nome David, assim por lembrança d'El-rei David, como porque se parecia muito com ele e que, não somente lhe deu os sacerdotes que ensinassem a Lei, mas alguns dos primogênitos dos príncipes e grandes de Israel, para que o acompanhassem e assistissem em sua presença. Demais destes, lhe deu outros menos principais para o serviço de sua casa e para o bom governo e polícia<sup>6</sup> de sua república, desejando que, enquanto fosse possível, guardassem todas as coisas seu mesmo modo e estilo, principalmente a majestade de sua casa, a ordem e concerto de seus criados, o primor de seu serviço, o aparato e grande cortesia, com todos os mais ritos e cerimônias que em sua casa e reino se usavam. Mas, para referir estes, não somente direi o que está nos livros de Etiópia, mas também juntamente porei o que dizem os que agora são cabeças destes ofícios, porque está muito misturado e mudado, ainda que alguns dos ofícios os servem hoje os descendentes daqueles mesmos que<sup>7</sup> deu Salomão.

Primeiramente, até poucos tempos há, havia um que se chamava *behêt uâdêd*<sup>8</sup>, que quer dizer «só amado.» Este morava à mão direita do paço e, no campo<sup>9</sup>, punha sempre sua tenda à mão direita da

do imperador, e outro com o mesmo título à mão esquerda, e ambos governavam tudo debaixo do imperador. Quando ele não ia à guerra, um destes saía em seu lugar por general de todo o exército e o outro acompanhava ao imperador. Mas, por terem tão grande poder e mando, se ensoberbeceram<sup>1</sup> de maneira que não sujeitavam seus pareceres ao do imperador, pelo que, não os podendo sofrer, o Imperador Atanâf Çaguêd, ou pode ser (como alguns cuidam) arreando que se lhe rebelassem por serem tão poderosos, lhes tirou os títulos e mandos e os reservou para si. Mas, depois, o Imperador Malâc Çaguêd tornou a introduzir um só com nome de *erâz*, que quer dizer «cabeça.» E o Imperador Seltân<sup>2</sup> Çaguêd, que agora vive, deu este título e cargo, o ano de 611, a um seu irmão, que se chama Emâna Christôs, *scilicet* «Mão Direita de Cristo», e lho tirou o ano de 615, pois lhe não obedecia bem. E falando-lhe eu sobre ele, me disse que estava determinado de não fazer mais a ninguém *erâz*, porque se ensoberbeciam [fol. 21] muito; que, se aquele com ser seu irmão se lho<sup>3</sup> mostrava tão soberbo, que fariam os outros? Mas depois lhe rogaram muito algumas suas parentas e os grandes da corte e isso lhe tornou seu mando.

Também havia dois que se chamavam *hedûg erâz*. Estes ficavam em lugar daquelas duas cabeças, quando eles estavam ausentes. Outros dois se chamavam *gueitâ*, *scilicet* «senhor», e ficavam em lugar dos *heduguês*. *Uzta azâx* são dois, *jânderebôx azaxôch* dois. O principal ofício de todos estes dez é julgar, particularmente em coisas graves, e irem por cabeças à guerra. Outro título muito grande há que dizem *acabe eçât*<sup>4</sup>, que quer dizer «guardador do fogo.» Este é sempre algum frade ou sacerdote grande, que de ordinário acompanha ao imperador e entra a ele quando quer, sem ninguém lhe poder tolher e sabe todos os segredos e lhe aconselha em tudo para bem de sua alma e corpo. Até no comer e beber lhe diz: «Isto basta.» Mas não é seu confessor nem mestre, porque a este chamam *quêz hacê*, *scilicet* «sacerdote como do imperador», que não achei que me soubesse dizer propriamente o que significa *hacê*. E chamam ao imperador «fogo», porque dizem que há-de ser como fogo, que tem três coisas: alumiar, aquecer e queimar; assim, o imperador há-de alumiar aos outros com suas boas obras e exemplos de vida, o que alude ao que diz S. Gregório, homilia 13, *Lucernas quippe ardentes in manibus tenemus, cum per bona opera proximis nostris lucis exempla monstramus*, Há-de aquecer com seu fervor no bem e com sua liberalidade para com todos, finalmente, há-de queimar com sua justiça, quando houver que purificar na república. Outros afirmam que se não há-de dizer senão *acabeçaât*, que quer dizer «guarda das horas», porque a ele pertencia declarar as horas em que o imperador havia de despachar os negócios e havia de fazer as demais coisas.

Os demais ofícios são: *erâz balderabâ* (destes havia dois criados fiéis ao imperador que acompanhavam sempre dentro da casa e, fora, àqueles dois *behêt uâdêd* ou *erâz*, como por guarda, para que não fizessem nem dissessem coisa nenhuma contra o imperador); *hedûg erâz balderabâ*, estes também eram criados de quem se fiava o imperador e vigiavam os *heduguês*, como os primeiros aos *erâces*, ou *behêt uâdedôch*<sup>5</sup>; *gueitâ balderabâ*, estes da mesma maneira vigiavam aos dois que se chamam *gueitâ*, *scilicet* «senhor.» Outros [fol. 21v.] se chamavam *manguêst bêit*, *scilicet* «casa do reino», estes recolhem e têm a seu cargo todas as peças e fato do imperador, e são alcaides das prisões; *marêd bêit*, *scilicet* «casa de tremor», estes têm cargo dos vestidos do imperador e de todas suas armas; *jambleu*, tem cargo de receber os cavalos que trazem ao imperador e fazer que se guardem; *aicenfô*, recebem e guardam as mulas que

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: mandou.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: pequeno.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: e de noite.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 17v].

<sup>5</sup> Ver glossário (Egziabehêr Ab / Egzi' abêher Äb, 'ämba Gêshen).

<sup>6</sup> Civilidade.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: a quem os.

<sup>8</sup> Ver glossário (*behêt uâdêd* / *behêt oadêd* / *beht wädäd*).

<sup>9</sup> No acampamento real ou *kätäma*.

<sup>1</sup> Tornaram-se soberbos, ou arrogantes.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Seltâm.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 18].

<sup>4</sup> Ver glossário (*acabe eçât* / *acabeçaât* / *acabiçât* / *aqqabe sa'at*).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *uodedôch*.

trazem ao imperador de tributo, e tomam de dez, uma; *êguer zaconê*<sup>1</sup>, tem por ofício dar posse das terras de que o imperador faz mercê a algum <sup>2</sup>para sempre, e andam à roda delas tangendo atabales<sup>3</sup> e assinando os limites onde enterram uma cabeça de cabra, e se alguém a tira, tem grande pena; *jânaçanâ umbarôch* são ouvidores, e quando o imperador vai caminhando por despovoado, se acham alguma ribanceira ou coisa funda no caminho, botam água benta antes que chegue o imperador, dizendo o *Salmo, 67: Exurgat Deus et dissipentur inimici eius*, etc.<sup>4</sup>; *jantacâl*<sup>5</sup>, estes levam as bandeiras do imperador e fazem afastar a gente por o caminho; *janderabâ*, quando o imperador caminha, levam os livros em que reza, que ordinariamente são os *Salmos*, e fazem também afastar a gente de diante do imperador; *janxalamî, scilicet* «ornadores do imperador», são seus ourives e armeiros; *tecâcanâch*, estes são filhos de parentes do imperador e levam umas varas em que põem um pano como dossel para fazer sombra ao imperador, quando se apeia, se não estão armadas as tendas; *baldebanâ*, quando alguém pede mercê ao imperador que lhe dê quem lhe lembre os negócios que tem com ele e seja como seu procurador, sinala um destes; *balêtaguaçaguçâ*, «porteiros do paço»; *balêmeçahâf* também são porteiros; *uztmaguôz, tarâçambâ, curâçacalâ*<sup>6</sup>, estas três casas<sup>7</sup> também são porteiros do paço; *begâmâch*, armam as tendas do imperador e vigiam sempre por que não se arranquem as estacas quando chove ou faz grande vento e, como se acaba o Verão, tomam para si as tenda e, para o seguinte, fazem outras novas, que ao imperador não lhe servem as tendas mais que um só Verão.

*Dêb ambeçâ* tangem os atabales; *derâ moâmoai* levam as tendas e fato de igreja de S. Miguel quando o imperador vai a guerra; *bêit ançâ* levam as tendas e fato da igreja de Nossa Senhora<sup>8</sup>; *beztegré* levam as tendas e fato da igreja de Jesus; *botragêt* levam o leito em que dorme o imperador e vão sempre perto, porque, ordinariamente, quando se apeia se assenta nele; *zâyeyahâx* levam o vinho para o imperador, que é de mel; *beita guêber, scilicet* «casa do ofício», aqui se entendem os cozinheiros e os que levam o comer até a porta da sala onde está a mesa do imperador, *quamôch* – estes são muitos e a eles principalmente pertence levar o comer até aquela porta e alguns deles entram e o põem na mesa, e tornam a sair, [fol. 22] porque ninguém está onde come o imperador, senão o mestre sala e o veador e quatro pajens que servem; *bâla çêm*, tem cuidado de trazer as tochas que se gastam de noite, no paço; *bêita hâiz*, limpam as ruas e caminhos por onde há-de passar o imperador; *ite agrôd* é uma mulher que tem por ofício castigar aos que fogem na guerra antes que o campo se desbarate, porque, ao que se lhe prova que de cobarde fugiu, não o castiga homem, senão esta mulher, para mais desonra, e o castigo que lhe dá é: faz juntar muita gente <sup>9</sup>e baila diante dele, dizendo-lhe muitas coisas de zombaria e de afronta e de quando em quando lhe dá bofetadas e lhe atravessa na boca um pauzinho em que tem espetado um pedaço de bofe.

Poucos tempos há que acrescentaram dois ofícios. Um se chama *talahâc balatinôch gueitâ*<sup>10</sup>, que quer dizer «senhor dos criados grandes do imperador». *Gueitâ* é «senhor». Este tem muito grande mando, porque não somente é sobre todos os criados do paço, mas sobre todos os do arraial, ainda que

sejam capitães. Até os vice-reis dependem muito dele e a nenhum se dá mando nem se faz mercê de terras sem seu conselho. E todas as cartas que vão para fora, depois que o secretário as mostrou ao imperador, as vê ele e se lhe parece que há que propor sobre elas ao imperador, o faz, e se não, põe o sinete do imperador, que está em sua mão, e as manda. Outro se chama *tecacân balatinôch gueitâ*, «senhor dos criados pequenos», *scilicet* «pajens do imperador». Estes pajens estão agora repartidos em três salas que antigamente todas eram casas térreas. A de mais honra se chama *ambaçâ bêit*, «casa do leão», e é a mais íntima; a segunda, mais para fora, se chama *zefân bêit*, «casa do leito»; a terceira, *farâz bêit*, «casa do cavalo.» Por todos, são cento e cinquenta e os mais deles escravos, filhos de gentios gâlas e *agôus* e cafres, e dos outros muito pouco há que não sejam filhos de homens ordinários e não podem passar os de uma casa a outra sem licença do imperador, porque isto é subir a maior honra, e em cada uma está sua cabeça e que manda aos outros o que hão-de fazer em seus ofícios, e aos que hão-de levar fora recados do imperador, se ele não chama algum em particular. Também eles vão fora sós, quando querem, o que antigamente não se permitia, porque não saíam senão raramente e com guarda fiel, que os tornava a trazer, e havia tão grande rigor em isto que (como dizem seus livros) se algum saía fora do paço, a comer ou beber ou a falar, matavam a ele e ao que o convidou. Estes meninos [fol. 22v] antigamente eram trinta, todos escravos, e não podiam cortar o cabelo sem licença do imperador, nem se acrescentava a este número, porque quando metiam pequenos, tiravam dos grandes. Agora não há número certo senão como quer o imperador, e nenhum teve tantos como este. E ainda os anos passados tinha muitos mais, porém tirou os de vinte anos e lhes deu terras e cavalos para que o acompanhassem na guerra.<sup>1</sup> A causa de folgar com tanta multidão cuida que é o que ele deu a entender falando comigo só sobre uns grandes que não mostravam para suas coisas coração tão afeito, porque disse: «Padre, os que eu criar e honrar, me servirão com bom coração; que, quanto a estes, pouco há que fiar.»<sup>2</sup>

A mais íntima câmara, como dissemos, se chama «casa do leão», porque assim como se tivera por guarda um leão, ninguém entra nela estando o imperador, ainda que seja seu filho, senão aquele que for chamado, o que faz raramente. E assim, quando ele entra na «casa do leão», ninguém chega à porta, só entram os pajens deputados para aquele retrete<sup>3</sup> em a que chamam *zefân bêit*, «casa <sup>4</sup>do leito», porque ali tem sua cama, dá audiência a todos. Mas não em uma só casa tem leito, senão em muitas, porque lhe servem de trono, e assim no nome não há distinção. Nem entre os pajens, todos estes se chamam *zefân beit*. A que chamam *farâz beit*, «casa do cavalo», é a de menos honra e sempre é em baixo, porque nela está<sup>5</sup> pelo menos um cavalo. E antigamente estavam muitos e continuamente de dia e de noite, aos quartos, com freios e selas e, em os arções, capacetes, malhas e espadas. Mas agora não se usa isto, posto que sempre há um cavalo, nem os pajens desta casa têm cuidado dele, senão do leito que ali está; por<sup>6</sup> muitas vezes entra lá o imperador a ver o cavalo e se senta no leito, e se é tempo de frio, fazem-lhe ali fogo aqueles pajens e o servem no demais que é necessário, porque aos pajens de uma não lhes é lícito entrar a servir ao imperador na outra, nem ainda quando vai fora, querem uns pajens deixar entrar a outros na casa que têm a seu cargo.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *iacone*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 18v].

<sup>3</sup> Tambores. Na Etiópia, o instrumento de percussão equivalente chama-se *nägarit*.

<sup>4</sup> «Levante-se Deus e sejam dispersos os seus inimigos.» (*Salmos* 68 (ex 67), 2).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *jautacâl*.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *curâçacabâ*.

<sup>7</sup> Entenda-se: estes três cargos hereditários.

<sup>8</sup> Ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 7, Roma, 1907, livro VI, cap. 11, p. 156.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 19].

<sup>10</sup> Ver glossário (*balatinôch gueitâ* | *blättenotch getä*).

<sup>1</sup> O ms. Goa 42 ARSI faz parágrafo, o ms. 778 BPB não.

<sup>2</sup> O ms. 778 BPB faz parágrafo, o ms. Goa 42 ARSI não.

<sup>3</sup> Retiro.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 19v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: nela.

<sup>6</sup> Expressão de causalidade incompleta.

Com aqueles trinta meninos estava antigamente o imperador em seu paço, sem o ver homem nenhum, que não era pequena penitência. Somente entrava o *behêt uâded* da mão direita e o da esquerda, e *acabê eqât* para lhe dar conta das coisas do império e saber como queria que se despachassem. E estes três sós declaravam sua vontade e determinação ao povo em tudo o que se oferecia. E, quando queria fazer grande favor a algum que não havia de ser senão cunhado ou genro ou outro homem grande, [fol. 23] mandava que o chamassem de noite e, tiradas todas as candeias, falava com ele no escuro, e, assim, o que entrava<sup>1</sup> só ouvia sua voz sem ver nada, e ainda isto se tinha por muito grande mercê, porque raramente se fazia. E, quando lhe levam<sup>2</sup> o comer, saíam<sup>3</sup> aqueles pajens até à porta e ali o recebiam, e tudo o que sobejava das iguarias a que ele tocava e do pão que partia, o enterravam, que ninguém tinha licença para o poder comer. E segundo diz seu livro, as iguarias que levavam eram cento e vinte seis, e pães mimosos cento e oitenta, e outros de menos sorte cento e vinte, de vinho de mel vinte ca-lões<sup>4</sup> pequenos e grandes, cem. Estas coisas em parte se foram deixando em tempo do Imperador David (que mandou por embaixador a Portugal um frade que se chamava Çagâ Za Ab<sup>5</sup>, que quer dizer «Graça do Padre», e depois deixou o nome de David e se chamou Onâg Çaguêd), por que então lá entravam mais facilmente e o viam. Depois, no tempo de seu filho Glaudiôs, que quando lhe deram o império se chamou Atanâf<sup>6</sup> Çaguêd, se deixou de enterrar o comer e entravam todos os grandes, mas cingiam os panos que traziam vestidos e ficavam nus da cinta para cima, dando mostra de submissão e humildade. Este uso se começou a deixar haverá vinte e quatro anos, que por ser o Imperador<sup>7</sup> Jacob menino, entravam alguns grandes vestidos, só cingiam o pano que levavam sobre o vestido em lugar de capa, mas agora todos entram muito bem vestidos, só lhes ficou o cingir o pano por cortesia. E, por vezes, tratando disto, me disse este imperador que lhe parecia muito mal o uso antigo de entrarem no paço daquela maneira nus. E, assim, até os pajens escravos manda vestir, particularmente nas festas, de veludo e outras sedas.

Do que temos dito, se vê quão falsa foi a informação que em esta matéria deu João Baltazar a Frei Luis de Urreta, se por ela escreveu o que diz pág. 118, onde, refutando a Francisco Álvares, porque em sua *História Etiópica* disse que os oficiais que o imperador tem em sua casa como camareiros, porteiros, etc., são descendentes dos judeus que Salomão deu a seu filho Menilehêc para estes ofícios, põe estas palavras: *La verdadera historia es que los cavalleros abissinos<sup>9</sup> son muy limpios en linage y muy hidalgos sin mezcla de judios, y los oficiales del emperador no son judios ni lo fueron jamas, sino los cavalleros mas nobles del imperio porque son los primogenitos de los reyes sujetos al imperio*, [fol. 23v] *los quales nunca fueron judios ni se tienen por tales. Aquellos judios, que vinieron a Ethiopia de Hierusalem, vivieron en ella mientras vivio Melilec, que fueron muchos años<sup>10</sup> en los quales fueron respectados y honrados de todos. Muerto Melihec o David, le succedio su único hijo Josue<sup>11</sup>, que tambien se llamou<sup>12</sup> David y tuvo nueve hijos varo-*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: estava.

<sup>2</sup> Falta de concordância verbal; entenda-se «levavam».

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: se não.

<sup>4</sup> Bilha ou jarra grande (do tamul *kalam*); medida de capacidade equivalente ao almude (c. 16,8 litros).

<sup>5</sup> Ver glossário (Çagâ Za Ab / Sägga Zä'Ab).

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: Ahanáf.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 20].

<sup>8</sup> Na realidade, na p. 51.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: *cavalleros*.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: *annos*.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: *seu unico higo le fue*.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: *llamavan*.

*nes. Este como otro Juliano apostata se bolvio a la gentilidad y quiso que se tornase la idolatria en todo su reyno y quitandoles a los tristes judios el templo que les havia dado en el Monte Amarâ<sup>1</sup>, los hecharon a todos de todo el imperio de Ethiopia, bolviendose los ethiopes a los ritos y supersticiones antiguas. Estos miserables hebreos, unos se quedaron<sup>2</sup> en los estremos de la Africa, al cabo de Buena Esperança, y otras tierras desiertas y inhabitables por entonces, otros se bolvieron a Hierusalem y otros por muchas provincias de la Africa.<sup>3</sup>*

Até aqui são palavras de Frei Luis de Urreta. E primeiramente, como já adverti, o filho de Salomão não se chamava Melilec senão Menilehêc, e tudo isto escreveu por falta de verdadeira informação, porque nunca botaram de Etiópia aos judeus que vieram de Jerusalém com Menilehêc; antes, até agora, esteve este império cheio de seus descendentes, vivendo livremente em seu judaísmo, ainda que alguns se foram fazendo cristãos, particularmente do ano de 616 a esta parte, por causa<sup>4</sup> do pregão que lançou o imperador, como dissemos no cap. 1.º, e com tudo isso ficaram muitos em algumas terras fortes, onde se acolheram, e muitos mais na província de Cemên, onde esta sua cabeça principal (a quem a gente da terra chama Guedon, havendo de dizer Gedeon) e por serem serras muito fortes se defenderam até agora nelas. Quanto aos oficiais do imperador, todos são cristãos, mas muitos deles descendentes dos judeus, que Salomão deu a seu filho Menilehêc para estes ofícios e é coisa esta tão sabida e patente em Etiópia que, perguntando eu, para mais certeza, a alguns grandes da corte, se riu muito um frade velho, meu amigo, de que se pusesse em dúvida coisa tão certa, e me disse: «Vê aqui Vossa Reverência a foão e a foão que são deles», sinalando dois dos que ali estavam. Nem me contentei com isto, senão perguntei também ao imperador e respondeu que era certíssimo. E falando particularmente dos que acima nomeámos, *azaxôch* e *umbarôch*, que são desembargadores e ouvidores, disse que em estes ofícios não deixavam entrar em nenhuma maneira nem ainda os filhos de suas filhas senão os filhos que, por linha masculina, descendem daqueles [fol. 24] judeus que deu Salomão a seu filho Menilehêc para estes ofícios, pois dizem que, se entrarem neles os filhos de suas filhas, como ordinariamente os maridos são de diferentes famílias (que não podem casar com parentes dentro do sétimo grau, conforme ao costume de Etiópia, ainda que alguns o não guardam), logo se cortaria a linha direita daqueles seus antepassados.

Também é muito contrário ao que sempre usaram os imperadores de Etiópia em seu paço o que aqui diz Frei Luis de Urreta, que se servem dos primogénitos dos reis sujeitos ao império, o que trata mui difusamente no cap. 18.º, onde, entre outras muitas coisas, diz estas: *Quando viene uno destes principes a la corte, en llegando al palacio imperial le salen a recibir dos de los más antiguos del consejo y llevan a la presencia del emperador, el qual manda le pongan en la primera camara, una de las cinco que ay antes del aposento imperial, donde habita de ordinario el emperador. En esta primera camara sirve el primogenito cinco años<sup>5</sup>, y de ella a la segunda onde sirve otros cinco, y assi vá de una en otra hasta la quinta y postrera camara, donde no todos llegan, porque sucede con alguno, que en siendo de treinta años<sup>6</sup> poco mas o menos darle el emperador muger, porque no se puede casar sin licencia del emperador y en casandose lo embia a su reyno, aun siendo vivo su padre, porque en caso que muera el padre, luego corona al primogenito por rey, y con grande acompañamiento lo embia a gobernar<sup>7</sup> sus estados. Mas como quiera que vaya, ora*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *Amzô*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *quedaronse*.

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto do livro I, cap. 5, p. 51.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 20v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *annos*.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *annos*.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 21].

*sea casado ora sea a governar por la muerte de su padre, siempre viene en su lugar el hermano menor, si le tiene, y si no, el pariente mas cercano acude a servir con tal que sea de estirpe real y en tal caso si este cavallero no es mas que pariente<sup>1</sup> del primogenito, por quien en la corte sirve, solo está en ella hasta que el otro tenga hijos aptos pera cumplir por el.<sup>2</sup>*

Todo isto<sup>3</sup> que el<sup>4</sup> autor diz, é coisa imaginária, porque nunca os imperadores de Etiópia tiveram este modo de serviço em seu paço, senão o que acima dissemos, nem houve nunca tais filhos de reis, senão aqueles trinta meninos escravos; nem ainda agora que se alargou isto a entrarem também alguns forros, não são filhos de homens grandes. Nem há tal distinção de cinco câmaras senão das três que dissemos, *ambaçâ beit, zefân beit, faraz beit, scilicet* «casa do leão», «casa do leito», «casa do cavalo». E em estas coisas [fol. 24v] não há dúvida nenhuma, porque as soube das principais cabeças destes ofícios e dos mesmos meninos, que eu conheço e vejo-os mais dos dias, e sei quando trouxeram cativos muitos dos que agora estão. E ainda a mim me alcançou parte, porque dentre eles me deu o imperador doze, em chegando antes de se baptizarem. Estes, pois, são os primogénitos dos reis sujeitos ao império que João Baltazar fingiu, estes os pajens de sangue real que servem ao imperador de Etiópia, filhos de gentios gâ-las, *agôus* e cafres, posto que bem parecidos. E dos que não são escravos quase nenhum há que não seja filho de homem mui ordinário. Não, porque<sup>5</sup> se o imperador se quisesse servir de filhos de homens grandes dentro em sua casa, não folgaram eles muito e o tiveram por grande honra, mas não quer correr senão com o estilo e modo de seus antepassados.

## CAPÍTULO V

EM QUE SE PÕEM DOIS CATÁLOGOS DOS IMPERADORES DE ETIÓPIA,  
E SE TRATA DOS NOMES COMUNS QUE TÊM

**E**m os livros que se guardam na igreja de Agçûm e um que me emprestou o Imperador Seltân Çaguêd donde tirei o que acima disse da Rainha Sabba e Menilehêc, seu filho, se acham dois catálogos de imperadores seus descendentes, muito diferentes assim no número deles como nos nomes. E, quanto a um ser diminuto pode ser que seja culpa do que tresladou<sup>6</sup> o livro, que deixasse os nomes que faltam, que, como todos os livros são de mão, acham-se neles muitos erros, nem têm inteiramente os nomes dos da família de um que se chamava <sup>7</sup>Zaguê, que tivera tiranizado o império cento e quarenta e três anos, como consta de um dos catálogos; mas os que sabem bem das histórias me afirmaram que estava errado, porque faltavam muitos dos da família deste Zaguê e que a certa conta destes anos são trezentos e quarenta. Quanto à diferença dos nomes dos imperadores, dizem muitos que vem de que algu-

mas vezes põem em um catálogo os nomes que tinham os imperadores antes que o fossem e em outro os nomes que tomaram quando lhes entregaram o império; porque, de ordinário, mudam o nome, à imitação (segundo dizem) de Menilehêc, a quem chamaram David quando o coroaram. E ainda alguns mudam o nome duas vezes, como o fez o filho do Imperador Naôd, a quem no baptismo puseram nome Lebenâ Denguíl, *scilicet* «Incenso da Virgem» e, quando lhe entregaram o império, se chamou David, que por [fol. 25] morte de seu pai havia anos que governava a Imperatriz Elena<sup>1</sup>, a qual, como me disseram alguns frades velhos e o Imperador Seltân Çaguêd, não era sua mãe porque ele era bastardo e, por falta de legítimo, o fizeram imperador. E, passados alguns anos, deixou o nome de David e se intitulou Onâg Çaguêd. O mesmo fez o que agora é, que, tendo por nome de baptismo Súseneôs, que dizem é de um mártir, quando o juraram por imperador se chamou Malâc Çaguêd e agora se chama Seltân Çaguêd, que quer dizer «O Poder Adoura» ou «Faz Reverência». E porque pode ser que em alguns livros de Portugal, falando de uns mesmos imperadores, se achem nomes diferentes, por causa da diversidade destes catálogos, para que isto não cause confusão, senão que se saiba donde procede, os porei aqui ambos, começando pelo que conta muitos dos nomes que os imperadores tinham antes que lhes entregassem o império, que diz assim:

*David rei gerou a Salomão, Salomão gerou a Menilehêc que reinou em Etiópia na terra de Agçûm.<sup>2</sup> E depois dele reinou seu filho Zagdûr e sucessivamente os que se seguem:<sup>3</sup>*

*Zabaceô.*

*Taoceâ.*

*Aderia.*

*Vareçâ.*

*Auceô.*

*Maceô.*

*Zaûa.*

*Baceô*

*Autêt.*

*Bahaçâ.*

*Zaoadâ.*

*Adenâ.*

*Calêz.*

*Gotobâ.*

*Zafeleâ.*

*Elguebûl.*

*Baoaûl.*

*Baoarêz.*

*Aoenâ.*

*Mahacê. [20]<sup>4</sup>*

*Malcuê.*

*Bacên. Aos oito anos do reino deste, nasceu Cristo Nosso Senhor.*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *deudo*.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excerto do livro I, cap. 18, p. 176.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: Tudo isto.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: o. Castellanismo do autor.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: pois.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: Copiou.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 21v].

<sup>1</sup> Ver glossário (Helena / Elleni).

<sup>2</sup> Ver glossário (Agçûm / Aksum).

<sup>3</sup> No ms., as listas foram dispostas em três colunas.

<sup>4</sup> Número de anos do seu reinado.

Zenfâ Azguêd.  
 Bahar Azguêd.  
 Guermâ Calez.  
 Guermâ Azferê.  
 Zaradô.  
 Cululeaceôn.  
 Zarguaê.  
 Zarai.  
 Zarrâ Azguêd.  
 Zeôn Haguêz.  
 Mala Agnâ.  
 Zaf Arâd.  
 Agdêr.

*Abrâ e Azbâ irmãos. Estes foram muito amigos e reinaram juntos e, em seu tempo, veio de Jerusalém, Fremonatôs bispo e pregou o baptismo e doutrina do Santo Evangelho [16] e creram sua doutrina e chamaram-no Abba Çalamâ (scilicet «Padre Pacífico»).*<sup>1</sup>

*Depois reinaram:*

*Azfa.*

*Arfêd*<sup>2</sup>.

*Amçî*<sup>3</sup>. *Estes eram irmãos e reinaram juntos e repartiram o dia em três partes para mandar. A estes sucederam:*

*Aradô.*

*Aladobâ.*

*Amiamid. Em o tempo deste vieram muitos religiosos santos de Rum<sup>4</sup> e se repartiram por todo o império. E nove estiveram no reino de Tigrê onde edificaram muitas igrejas que hoje têm os nomes que lhes pôs a gente da terra a eles. Só um nome próprio se conservou, que foi Pantaleam. [8] [fol. 25v] Aos demais chamaram Abba Arogaoi, Abba Guerimâ, Abba Alif, Cehemâ, Afcê, Abba Licanôs, Adimatâ, Abba Oz (depois o chamaram Abba Gubâ scilicet «Inchado», porque fez uma igreja em um outeiro e estava só, e por isso disseram: «Que frade é este inchado, que faz igreja só?», e ficou com este nome Gubâ). Estes fizeram muitos milagres com que se acabou de converter a gente da terra. E entre eles contam um de uma espantosa serpente, que estava perto da cidade de Agçûm, a quem davam cada dia dois carneiros e alguns calões de leite porque, se não achava isto, vinha aos lugares e matava muita gente. Também lhe davam uma donzela em certos dias do ano; o que, sabendo aqueles religiosos, o sentiram muito. E um deles foi com muita gente e, chegando à vista da serpente, se pôs de joelhos com as mãos alevantadas ao céu pedindo a Nosso Senhor livrasse aquela gente de tão espantoso monstro. E logo arreventou e ficou morta, do que se maravilharam muito todos. E disseram que aqueles homens eram mandados por Deus para bem de suas almas e corpos, e assim os tinham em grande veneração e agora honram como a santos, fazendo-lhes grandes festas em seus dias. Depois de Amiamid reinou:*

<sup>1</sup> Ver glossário (Abba Çalamâ / Abba Salamâ / 'Abba Sâlama I / Fremonatôs / Fremënaç'os / Frumêncio).

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *Arfêd*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *Anci*.

<sup>4</sup> Roma, ou Bizâncio.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 22].

*Tacenâ.*  
*Calêb.*  
*Grabrà Mazcâl.*  
*Constantinôs.*  
*Bazgâr.*  
*Azfe.*  
*Jan Azguêd.*  
*Freçanâi.*  
*Adoraâz.*  
*Oaiçâr.*  
*Madâi.*  
*Calaudên.*  
*Guermâ Azfarê.*  
*Zargâz.*  
*Degnâ Michael.*  
*Badagâz.*  
*Armâ.*  
*Ezbinani.*  
*Degnaxân.*  
*Ambaçâ Udm.*  
*Delnaôd.*

*Depois deste, deu Deus seus reinos a outro que não era da semente de David nem da casa de Israel, que se chamava Zaguê. E, passados muitos anos, tornou Deus o reinou aos de Israel e reinou Iconû Amlâc (silicet «Deus Seja Com Ele»).*

*Agbaceôn.*

*Bahar Azgâd.*

*Hezb Arâd.*

*Cadmâ Azgued.*

*Udm Arâd. [25]*

*Amd Ceôn.*

*Zeifâ Arâd.*

*Udm.*

*David.*

*Theodôroz.*

*Isaac.*

*Andréas.*

*Hezb Inânh*<sup>1</sup>.

*Amd Jesu.*

*Badel Inânh.*

*Zara Iacob. Este mandou guardar Sábado.*

*Bêda Mariâm.*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *Imânh*.

*Escandêr.*  
*Amd Ceôn.*  
*Naôd.*  
*Onâg Çaguêd.*  
*Atanâf Çaguêd.*  
*Adamâs Çaguêd.*  
*Malâc Çaguêd.*  
*Iacob, que depois se chamou Malac Çaguêd como seu pai.*  
*Za Denguîl. Chamou-se Atanâf Çaguêd.*  
*Suseneôs. Chamou-se Seltân Çaguêd. [22]*

[fol. 26] 10 catálogo (que segundo dizem) tem comumente os nomes que os imperadores tomaram quando lhes entregaram o império, é o seguinte:

*A rainha Azêb começou a reinar em Agçûm aos trinta e sete anos do reino de Saúl. E, aos quatro anos do reino de Salomão, foi a Jerusalém e, depois que tornou, reinou vinte e cinco anos. E o filho que teve de Salomão, Ebnâ Elehaquim, reinou vinte e nove anos.*

*Handodeâ: um ano.*  
*Auceô: três.*  
*Zaoê: trinta e quatro.*  
*Gaceô: meio dia.*  
*Maoât: oito anos e um mês.*  
*Bahâz: nove anos.*  
*Caudâ: dois.*  
*Canêz: dez.*  
*Hadenâ: nove.*  
*Oezhô: um.*  
*Hadenâ: dois.*  
*Calâz: seis.*  
*Çateô: dezassete.*  
*Fileâ: vinte e sete.*  
*Aguelbû: três.*  
*Aucinâ: um.*  
*Zebuôas: vinte e nove.*  
*Maheci: um.*  
*Bacên: dezassete. Aos oito anos do reinado deste nasceu Cristo Nosso Senhor.*  
*Certû: vinte e sete.*  
*Leâz: dez.*  
*Macenêh: sete.*  
*Ceteio: nove.*  
*Adguelâ: dez anos e dois meses.*

*Agueba: sete meses.*  
*Meliz: quatro anos.*  
*Haquelê: treze.*  
*Demahê: dez.*  
*Autêr: dois.*  
*Elaudâ: trinta.*  
*Zeguên e*  
*Zarema: anos oito.*  
*Gafalê: um.*  
*Becêçarê: quatro.*  
*Dos de Azguaguâ: setenta e sete.*  
*Dos de Hercâ: vinte e um.*  
*Becê Zauçâ: um.*  
*Oecanâ: dois dias.*  
*Hadaûz: quatro meses.*  
*Dos de Zaguêl: três anos.*  
*Dos de Azfahâ: catorze.*  
*Dos de Zegâb: vinte e três.*  
*Dos de Çamerâ: três.*  
*Dos de Aibâ: dezassete.*  
*Dos de Escandi: trinta e sete.*  
*Dos de Zahâm: nove.*  
*Dos de Zan: treze.*  
*Dos de Aigâ: dezoito.*  
*Alamida: trinta e oito meses.*  
*Dos de Aheyeô: três anos.*  
*Dos de Abraha e Azebehâ, guiadores da claridade: vinte e sete anos e sete meses.*  
*Azbehâ: doze anos.*  
*Dos de Azfahâ: sete.*  
*[Dos de Çahêl: catorze.*  
*Dos de Adehena: catorze.]*  
*Dos de Rête: um.*  
*Azfehê: um.*  
*Azbahâ: cinco.*  
*Dos de Amidâ: dezassete.*  
*Dos de Abrahâ: sete meses.*  
*Dos de Çahêl: dois meses.*  
*Dos de Gabêz: dois anos.*  
*Dos de Zehûl: um.*  
*Dos de Izbah: três.*  
*Dos de Abrê e*  
*dos de Adahanâ juntamente: dezasseis.*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 22v].

*Dos de Zahâm: vinte e oito.*  
*Dos de Amidâ: doze.*  
*Dos de Zahêl: dois.*  
*Dos de Zebâh: dois.*  
*Dos de Zahâm: quinze.*  
*Dos de Gabêz: vinte e um.*  
*De Agabê e de*  
*Levi juntamente: dois.*  
*Dos de Amidâ: onze.*  
*De Iacob e de*  
*David juntamente: três.*  
*Armâ: catorze anos, seis meses e oito dias.*  
*Zitanâ: dois anos.*  
*Iacob: nove.*  
*Constantinôs: vinte e oito.*  
*Gabrâ Mazcâl: catorze.<sup>1</sup>*  
*Nacuê e*  
*Bacên: dezassete. No tempo deste se fundou a igreja de Agçûm.*  
 [fol. 26v] *Zenfa Azguêd.*  
*Bahâr\* Azguêd.*  
*Guermâ Azfarê.*  
*Culule Ceôn.*  
*Cergoû.*  
*Zeroû.*  
*Begamâi.*  
*Jan Azguêd.*  
*Zeôn Hegz.*  
*Moaêlguehâ.*  
*Zaf Arâd.*  
*Agdêr.*  
*Abrahâ e Azbahâ, irmãos.*  
*Azfehê*  
*Arfêd e Amci, irmãos.*  
*Arâd.*  
*Cel Adobâ.*  
*Alamidâ.*  
*Amiamid.*  
*Tacenâ.*  
*Calêb.*  
*Gabra Mazcâl.*

*Constantinôs.*  
*Bezgâr.*  
*Azfehê.*  
*Armâh.*  
*Jan Azfehê.*  
*Jan Azguêd.*  
*Freçanâi.*  
*Aderaz.*  
*Aiçôr.*  
*Delnaôd.*

*Maadâi. Depois destes reinou em Amharâ uma mulher de geração de judeus, a quem chamaram Eçabô (scilicet «Fogo»). E no reino de Tigrê reinou quarenta anos outra mulher Gudît (scilicet «Monstruosa»), e destruiu todas as igrejas. Depois desta reinou:*

*Ambaçâ Udm.*  
*Hualâ Udêm.*  
*Guerma Azfarê.*  
*Zergâz.*  
*Degnâ Michael.*  
*Badgâz.*

*Armâh. Depois deste se cortou a linha direita dos reis de Israel e reinou Marari, da família de Zagoê, quinze anos.*

*Imrâh: quarenta.<sup>1</sup>*  
*Lalibelâ: quarenta.*  
*Nacutolâb: quarenta.*

*Harbâi: oito. (Estes não mais estão no livro, mas dizem que faltam outros muitos dos desta família, e que todos reinaram trezentos e quarenta anos.) Depois tornou Deus o reino aos da linea de David, e reinou:*

*Icûnu Amlâc (scilicet «Seja com Ele Deus»): quinze anos.*

*Agba Ceôn: nove.*  
*Dois seus filhos: três.*  
*Tres filhos destes: dois.*  
*Udm Eraâd: treze.*  
*Amd Ceôn: trinta.*  
*Ceif Arâd: vinte e oito.*  
*Udm Azfarê: dez.*  
*David: trinta e três.*  
*Tedrôs: nove meses.*  
*Isaac, com seu filho: dezasseis anos.*  
*Hezbnânh: quatro.*  
*Dois seus filhos: um.*  
*Zarâ Iacob: trinta e quatro.*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 23].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Bahôr.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: (Anno Domini 1210.)



*Beda Mariâm*:<sup>1</sup> dez e dois meses.

*Escandêr*: quinze e seis meses.

*Amd Ceôn*: 6 meses.

*Naôd*: treze anos e nove meses.

*Lebena Denguîl*: trinta e três anos.

*Glaudeôs*: dezoito e sete meses.

*Minâs*: quatro anos.

*Zerza Denguîl*: trinta e três.<sup>2</sup>

*Iacob*: dez.

*Za Denguîl*: um.

*Seltân Çaguêd*: dezasseis (até este ano de 16223).

[fol. 27] <sup>4</sup>Até aqui tirei de seus livros<sup>5</sup>. Mas há-se de advertir que, não somente Lebenâ Denguîl é nome de baptismo, como dissemos no princípio deste capítulo, mas também Glaudeôs. E este se chamou Atanâf Çaguêd, quando lhe entregaram o império; Minâs se chamou Adamâs Çaguêd; Zerza Denguîl se chamou Malâc Çaguêd; Iacob também Malâc Çaguêd; Za Denguîl, Atanâf Çaguêd.

Em estes catálogos se vê quão errados estão os nomes dos mais dos imperadores que referem em suas histórias Francisco Álvares e Frei Luis de Urreta e outros que escreveram das coisas da Etiópia. E, deixando outros muitos, o que Francisco Álvares, fol. 127<sup>6</sup>, nomeia Zeriaco, não se chama senão Zara Iacob, *scilicet* «Semente de Iacob», e dizem que, quando lhe entregaram o império, se chamou Constantinôs. Deste arrazoam muito mal em Etiópia e afirmam<sup>7</sup> que, tendo ele mandado guardar Sábado, porque um superior de Dêbra Libanôs, *scilicet* «Mosteiro do Líbano», que era o mais insigne que havia em Etiópia, não o quis guardar, dizendo que era judaizar, mandou que o matassem a ele e a outros muitos; e que também mandou matar os ourives e ferreiros, porque dizia que todos eram feiticeiros, e fazendo juntar muitos em um campo, os mataram. E pouco tempo há que, falando sobre isto o Imperador Seltân Çaguêd diante de mim e de alguns grandes, disse: «Quantos males fez Zara Iacob! Está ardendo em os Infernos.» Respondeu um frade velho: «Não diga Vossa Majestade isso, que era rei ungido.» Disse o imperador: «Porventura, porque seja rei ungido, não pode estar no Inferno? As obras são<sup>8</sup> as que o hão-de salvar ou condenar.» E, mandando trazer um livro, me disse: «Se Vossa Reverência quer ver este livro, achará as coisas de Zara Iacob.» Tomei eu o livro e, onde começava a falar dele, dizia desta maneira:

*Em tempo de nosso rei Zara Iacob houve grande temor e espanto em todo o povo de Etiópia pelo rigor de sua justiça e força, principalmente contra aqueles que adoravam ídolos. E quando alguns vinham a dizer<sup>9</sup>*

*que outros os tinham adorado, não lhes dava outro juramento mais que dizer: «O sangue daqueles venha sobre vós outros.» E com isto mandava matar aqueles contra quem testemunhavam, pelo zelo que tinha da honra de Deus. Até a seus filhos não perdoou. Matou a Glaodeôs, Amd Mariam, Zara Abraham, Betiâ Ceôn, [fol. 27v] e suas filhas Delcemarâ, Eronguenelâ, Adelmengueçâ e outras muitas. E então mandou deitar pregão, dizendo: «Ouça o povo cristão o que fez o Diabo. Mandâmos que o povo não adorasse ídolos, e ele<sup>1</sup> entrou em nossa casa e fez errar nossos filhos.» E mostrou a todos as feridas dos açoites que lhes tinha dado em castigo e eram tão grandes que uns morreram ali logo e outros pouco depois; o que vendo o povo, fez grande pranto. Depois mandou que todos escrevessem na testa: Za Ab, oa Uâld, oa Manfâz quedûz (que quer dizer «Do Padre, do Filho, e do Espírito Santo»); e no braço direito: Quehed queuo la Diabolôs regum aana guebrâ la Mariâm emûla fetarê cûlu Alem (que quer dizer «Neguei ao Diabo maldito eu escravo de Maria mãe do Criador de todo o mundo»); e no braço esquerdo: Quehêd queuô la Diabolôs Dazcbâc<sup>2</sup>, oa ba Christôs amalêc<sup>3</sup> (*scilicet* «Neguei ao Diabo sujo e vão, e a Cristo adoro»<sup>4</sup>) e mandou por todo o seu império que, a quem não fizesse isto, lhe tomassem seu fato e o matassem.<sup>5</sup> E, pouco mais adiante, diz o livro que se algum dos pajens do paço (que, como dissemos no capítulo precedente, eram trinta, todos escravos) saía fora a comer, ou a<sup>6</sup> beber, ou a<sup>7</sup> falar, o matavam juntamente com quem o levou e quem o convidou. E a uma sua mulher, que se<sup>8</sup> chamava<sup>9</sup> Ceôn Mogueçâ, por arreçar que alevantasse a seu filho Beda Mariâm, lhe mandou dar tantas pancadas e tormentos, que morreu e a enterraram secretamente. Mas, contudo, o soube seu filho e levou à igreja incenso e candeias; o que ouvindo Zarâ Iacob, seu pai, o mandou prender e esteve para o matar.*

Outras muitas coisas de grande rigor conta este livro, que deixo por<sup>10</sup> não ser comprido. Diz mais, que tinha um caminho com cerca de uma e de outra banda do paço até à igreja, por onde ia sem que ninguém o visse. E na igreja não entravam mais que os superiores de alguns mosteiros grandes para cantar. E, quando queria entrar na capela para comungar, saíam todos sem ficar mais que *acabê eçât* e outros quatro sacerdotes. E, quando ia à igreja e quando tornava, tinha cuidado um dos pajens de dar de dentro sinal com a mão aos músicos, que esperavam fora com muitos instrumentos para que tangessem e fizessem festa. E, em uma das casas que tinha dentro de sua cerca, estavam muitos sacerdotes cantando salmos [fol. 28] de David aos quartos, sem cessar de dia nem de noite. E botavam continuamente água benta em as paredes pela banda de dentro da casa, porque os feiticeiros lhe faziam feitiços com inveja de sua fé. Mandou também fazer perto da igreja um lugar cercado e que o enchessem de água e ali se baptizou muitos anos até que morreu. E ordenou que perto de todas as<sup>11</sup> igrejas fizessem tanques em que se baptizassem e que todos guardassem sempre Sábado assim como Domingo, porque seus capitães tiveram em Sábado vitória de um seu inimigo que se chamava Bedelâi Aurê. Até

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Mauâm.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: um.

<sup>3</sup> Ver cronologia dos reis etíopes.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 23v].

<sup>5</sup> Manuel de Almeida copiou as listas de Pedro Páez (ver *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *R/ESOI 5*, Roma, 1907, livro II, cap. 5, pp. 115-7). Baltazar Teles recompilou os dados, concedendo o mérito da pesquisa e transcrição dos catálogos etíopes a M. Almeida (ver *Historia geral de Ethiopia a Alta*, 1660, livro I, cap. 27, pp. 67-9), dando, possivelmente, crédito à nota em que M. Almeida, rasurando o trabalho anterior de Pedro Páez, atribuiu apenas a si as «muitas diligências» feitas a propósito dos catálogos (*op. cit.*, livro II, cap. 1, p. 91). Manuel de Almeida contribuiu, porém, com a análise comparada das duas listas (*op. cit.*, livro II, caps. 6-7, pp. 119-29).

<sup>6</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 99, «Quanto tempo esteve a terra do Preste João sem abuná e porque causa e onde os vão buscar e do estado do abuná e como vai quando cavalga», p. 264.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: dizem.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: hão de ser.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: e diziam.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: o Diabo.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Dezcbâc.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 24].

<sup>4</sup> A tradução merece algumas reservas: os atributos do Diabo foram acrescentados e as palavras finais não constituem uma segunda oração, devendo traduzir-se «em Cristo Deus» (a partícula «oa/wa» não se encontra no texto original etíópico).

<sup>5</sup> O autor cita excertos da crónica de Zâr'â Ya'eqob (publicada por J. Perruchon, *Les chroniques de Zar'a Yâ'eqob et de Ba'eda Maryam*, 1893; ver pp. 4-6).

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: ou a.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: se.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: m.

<sup>10</sup> Valor final. Entenda-se: «para não ser comprido».

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: das.

aqui são palavras daquele livro.<sup>1</sup> Mas, no que diz que matou seus filhos, porque adoravam ídolos, não lhe dá crédito o Imperador Seltân Çaguêd porque, estando eu falando com ele sobre isso, me disse: «Quem sabe se os mandou matar por outra coisa? Era muito forte homem. Ainda a Beda Mariâm queria matar com não lhe ficar outro filho.»

Demais dos nomes próprios que os imperadores têm em estes catálogos, lhes dão outros gerais, como em os demais reinos se acostuma com todos os reis. O primeiro é *negûz*, que quer dizer rei, e deste só dizem que pode usar enquanto se não coroa; depois se intitula *negûçâ nagâzt za Ethiopia, scilicet* «rei dos reis de Etiópia», isto é, «imperador de Etiópia». Mas isto não se guarda, porque eu conheci a el-rei de Etiópia Iacob e a El-rei Za Denguêl, que morreram antes de se coroarem e, com tudo isso, punham em suas cartas *neguçâ nagâzt*, «imperador». Também o chamam *aceguê*. A significação deste nome perguntei a muitos e uns disseram que queria dizer «rei», outros que não, senão coisa<sup>2</sup> de grandeza. Parece que corresponde a «majestade» e deste nome usam mais comumente todos, particularmente quando falam com ele ou com outros diante dele. Não dizem *negûz* senão «*aceguê* mandou tal coisa», como se dissera: «Vossa Majestade ou sua Majestade mandou.» A gente ordinária, que não pode chegar ao imperador, grita de longe cada um em sua língua, para ser conhecido. E logo o imperador manda perguntar por algum pajem ou algum grande o que querem, e os despacha. Mas não dizem *negûz* nem *aceguê*, que então não cabem estas palavras. Os portugueses dizem: «Senhor, senhor»; os *gongâs* cristãos dizem: *Donzô, donzô, scilicet* «Senhor, senhor»; os *agôus*, dizem: *Jadarâ, jadarâ*, que é o mesmo; os mouros: *Cidi, cidi*, «Senhor meu, senhor meu.» E outros conforme a suas línguas usam da mesma palavra; porém os *ambârâs* gritam com mui diferentes palavras, [fol. 28v] dizendo: *Jancôî, jancôî*, que quer dizer «Rei meu, rei meu»; *jan* na língua antiga quer dizer «elefante», ainda que na língua comua<sup>3</sup> de agora não se chama senão *zohôn*. E, porque o elefante é tão poderoso e generoso, chamaram antigamente ao imperador *jan* e até agora usam deste nome. A palavra *côî* é de mimo e quer dizer «meu», e assim *jan côî* é agora tanto como dizer «rei meu» ou «imperador meu». Escrevo *côî* com esta letra «c», porque não acho outra melhor, mas não se declara perfeitamente com ela a pronúncia dos amharâs.<sup>4</sup> Também dizem *dêlbe jân, dêlbe jân*, que quer dizer «vitória no imperador»; porque *del* quer dizer «vitória», *be*, «em» e *jân*, «imperador», como dissemos. Doutra palavra também usam<sup>5</sup>, que<sup>6</sup> é *belûl côî, scilicet* «imperador meu», não porque *belûl* queira dizer primeiramente «imperador», senão um certo anel de ouro que punham antigamente na orelha direita ao príncipe que escolhiam para imperador, mas porque aquele era certo sinal de ser escolhido para imperador e própria insígnia sua, já *belûl* se toma por «imperador», e muitas vezes dizem juntamente *jan côî, belûl côî*.

Frei Luis de Urreta, pág. 813, diz que os imperadores de Etiópia, afora os nomes próprios, têm um nome comum e apelativo conjunto à dignidade imperial, que é Beldigian<sup>7</sup>. E, dando a causa por que em Europa chamaram Preste João ao imperador de Etiópia, diz assim, pág. 88: *Como muchos de los emperadores sean sacerdotes ordenados de missa, porque (como diremos) quando los principes que estan guar-*

*dados en el Monte de Amara, que son sucesores de los emperadores son muchos, obligan al que<sup>1</sup> elige que se ordene de sacerdote, por que desta suerte no tenga hijos y assi no se augmente<sup>2</sup> el numero de los hijos principes, antes se desminuya. Sacerdotes han sido aora en nuestros tiempos el Emperador Daniel 2.º, y el emperador Paphnuncio, que sucedio a Naum y Alexandre 3.º que le sucedio a el, valentissimo y belicosissimo principe. Todos estos han sido sacerdotes sin otros muchos antiguos, porque esta costumbre se guarda en Ethiopia desde el principio de la christianidad, ordenando de sacerdote al emperador quando son muchos los herederos. Y, como los ethiopes tuviesen aderencia con el patriarchado de Alexandria, el qual, por ser de ceremonias griegas, usava de terminos griegos, llamando tambien a los sacerdotes presbiteros, assi los ethiopes usaron de muchos nombres griegos llamando a los sacerdotes presbiteros. Y, quando el emperador era sacerdote [fol. 29] le nombravam el Preste Beldigian. Y, como los mercadores que contratavan en el Cairo, en Alexandria, los romeros y peregrinos<sup>4</sup> que ivan a visitar la santa ciudad de Hierusalem oyan decir que el emperador de la Ethiopia<sup>6</sup> era sacerdote y que le llamavan sus vassalos el Preste Beldigian, corrompiendo y violando el vocablo, por hablar a su modo, le nombravan, quando bolvian a estas provincias, el Preste Juan<sup>7</sup> de las Indias, esto es el emperador de Ethiopia, que llaman Preste Beldigian. Y esta fue la causa por que le intitulan a aquel potentissimo principe Preste Juan<sup>8</sup>, no usurpando el otro principe de la Asia llamado Unchian, sino por su propio nombre Preste Beldigian abreviado<sup>9</sup> y sincopado, por ser mal entendido y dificultoso a la pronunciacion de los latinos.<sup>10</sup> Até aqui Frei Luis.*

Vendo eu este nome Beldigian, o qual nunca tinha ouvido nem achado em muitos livros que tenho visto em Etiópia, fiz muita diligência para saber se o havia, perguntando a letrados e a senhores parentes do imperador. E todos disseram que nunca viram em livro nem ouviram tal nome. E se cá disseram *belûl jan*, cuidara eu que por não entender bem a pronúncia de João Baltazar, dizendo ele *belûl jan*, entendeu Frei Luis de Urreta «beldigian»; mas estas duas palavras *belûl* e *jân* não se juntam, porque não dizem senão *jan côî, belûl côî*. Por onde parece que este nome Beldigian é imaginado, que não nunca tal houve<sup>11</sup>, porque não é possível que não tivera notícia dele algum de tantos letrados e senhores como perguntei. Nem é coisa menos fictícia o que diz, que, quando os sucessores dos imperadores são muitos, obrigam ao que elegem que se ordene de missa<sup>12</sup> para que não tenham filhos, e que, em nossos tempos, foram sacerdotes os três imperadores que nomeia; porque, demais de que não houve tal Pafnucio, como se vê nos catálogos dos imperadores, nem Alexandre III, senão só um Alexandre que chamam Escander, nem o outro se chama Naum, senão Naôd, nunca os imperadores se ordenaram de missa, nem os obrigaram a isso, porque era obrigá-los a que não casassem, senão a que estivessem sempre amancebados, que, como todos eles dizem, ninguém pode casar depois que se ordenou de missa. Diria João Baltazar (e é coisa certa) ~~os imp.~~ que muitos dos imperadores tomam ordens de diáconos, mas

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *se*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 25].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *y como*.

<sup>4</sup> Omito no Ms. 778 BPB: *y peregrinos*.

<sup>5</sup> Omito no Ms. 778 BPB: *a*.

<sup>6</sup> Omito no Ms. 778 BPB: *de la Ethiopia*.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: *Joan*.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: *Joan*.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: *abreviado*.

<sup>10</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 7, intitulado «Del nombre del emperador de la Etiópia Beldichian, y se da razon porque se llama Preste Juan de las Indias», pp. 80-8.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: nunca tal.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 25v].

<sup>1</sup> O excerto sumaria um conjunto de fragmentos do texto da crónica etíope. Ver J. Perruchon, *Les chroniques de Zar'a Ya'eqob et de Ba'eda Maryam*, 1893, pp. 9, 105-6, 27, 35, 40-1, 75 (pela ordem das referências no texto). Os excertos foram retomados integralmente por M. de Almeida (*Historia de Ethiopia...*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, livro 2, cap. 25, pp. 239-40; este fragmento foi publicado Perruchon, pp. 199-205).

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 24v].

<sup>3</sup> Declinação feminina do adjectivo «comum», actualmente uniforme.

<sup>4</sup> O ms. Goa 42 ARSI faz parágrafo.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: usam também.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *e*.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: Beldigran.

depois casam; que isto não o fazem senão para poderem entrar na capela da igreja a ouvir missa [fol. 29v] e comungar, porque os que não têm ordens não podem entrar lá, nem passar de umas cortinas que têm diante em algumas igrejas que há compridas, e nas demais, que são redondas, não entram dentro, todos ficam no alpendre que tem à roda e ali lhes trazem a comunhão.

Quanto à causa por que em Europa chamaram Preste João ao imperador de Etiópia, pode ser que fosse porque, como ordinariamente é diácono, alguns gregos o chamariam *presbítero*, e depois juntando o nome *jân* que (como já dissemos) lhe dão ao imperador, viriam a dizer *Preste Jân*. E os estrangeiros, que muitas vezes corrompem os nomes, acomodando-os a suas línguas, o chamariam Preste João. Este nome *jân* é muito antigo em Etiópia, porque, para nomear alguns dos oficiais que tinha e tem agora o imperador dos descendentes daqueles que deu Salomão a seu filho Menilehêc, sempre usam dele, dizendo tais «oficiais de *jân*» em lugar de dizer «tais oficiais do imperador», como vimos no cap. 4.º, onde se nomeiam. E assim, ao que era como estribeiro-mor, diziam *jân belêu*, «estribeiro de *jân*», *scilicet* «do imperador». E ainda agora ao que é ourives e ao armeiro do imperador chamam *jân xalamî*, «ornador de *jân*», *scilicet* «do imperador».

Também pode ser, e tenho por causa muito provável, que chamassem em Europa Preste João a este imperador de Etiópia pela razão que dá o Padre Frei Tomaz de Padilha em o prólogo que acrescentou à *História Etiópica* de Francisco Álvares, quando a tresladou de português em castelhano, onde diz que, tendo notícia El-rei D. João o II de Portugal que em Oriente havia um rei cristão mui poderoso, demais de ser rei, era também sacerdote dos cristãos a ele sujeitos, a quem chamavam seus vassalos Preste João, e mandando dois portugueses, Pêro de Covilhã e Afonso de Paiva, pela via do Cairo, 1º ano de 1487, para que se informassem se era possível que suas naus pudessem ir do Cabo de Boa Esperança (que já era descoberto) até à Índia onde se achava a especiaria que levavam pelo Mar Roxo a Egipto, e que procurassem de saber muito de propósito onde eram os reinos do Preste João tão nomeado. E, assim, indo eles ao Cairo e, entrando pelo Mar Roxo, se afastaram<sup>2</sup>. E Pêro de Covilhã foi para Índia a se informar da navegação e especiarias que tinha, e Afonso de Paiva à Etiópia onde, como lhes tinham certificado, todos eram cristãos e tinham imperador mui poderoso, para ver se era este o Preste João que buscavam, concertando de se tornarem a juntar [fol. 30] em o Cairo em certo tempo. Mas, tornando Pêro de Covilhã ao lugar sinalado, soube que era falecido seu companheiro Afonso de Paiva. E, achando cartas de seu rei, em que lhes mandava que com toda a presteza dessem fim ao começado e que, tendo novas do Preste João, procurassem levar-lhe uma carta que lhe escrevia e visitá-lo de sua parte, pedindo-lhe toda amizade como entre dois príncipes cristãos se requer, respondeu, dando conta do que na Índia tinha visto e que era certa a navegação para ela pelo Cabo de Boa Esperança e, juntamente, que em Etiópia havia um imperador cristão, o qual cuidava que era o Preste João que Sua Alteza lhe mandava buscar; pelo que, já que seu companheiro era morto, ele iria dar a embaixada que lhe mandava.<sup>3</sup>

Quando chegaram estas novas a El-rei D. João, se alegrou muito, como era razão, e com elas se publicou em Espanha que o Preste João reinava em Etiópia e, por esta causa, ficou sempre o imperador de Etiópia com nome de Preste João, não o sendo senão o imperador do Cataio. E para isto cita a

Marco Paulo e outros. E Frei Luis de Urreta, cap. 7.º de sua *História*, traz a Jacobo Nabarcho e a Gerardo Mercator e a outros muitos em confirmação da mesma opinião.<sup>1</sup> O certo é que, em os livros de Etiópia, não se acha feita menção deste nome Preste João, porque algum dos letrados a quem perguntei houvera de saber dar razão dele.

## CAPÍTULO VI

### DE GUIXÊM AMBÂ ONDE SE GUARDAM OS DESCENDENTES DOS IMPERADORES ANTIGOS

São tantas e tão grandes as maravilhas que Frei Luis de Urreta conta no cap. 8.<sup>o2</sup> deste Guixêm Ambâ, a que chama Monte de Amarâ, que com estar bem longe deste reino de Dambâ, onde de ordinário resido, desejei muito ir lá, e o houvera de fazer, ainda que o caminho é trabalhoso, se o perigo dos ladrões não fora tão grande por causa dos gâlas que por aquela parte fazem guerra. Não porque não saiba muito bem quão fabulosa seja a informação que ele sobre isto teve, senão para poder falar de vista; mas tudo o que sobre esta matéria disser será por relação de dois daqueles descendentes dos imperadores que se chamam *Abeitahûm* Memenô e *Abeitahûm* [fol. 30v] Taquelâ<sup>4</sup> Haimanôt, que estiveram lá muito tempo e agora residem na corte, e de outro muito meu amigo, que se chama *Abeitahûm* Orcô que, de presente, está na mesma fortaleza, mas vem algumas vezes à corte com licença do imperador, porque não se arreceia dele e de outros que lá entraram e sabem as coisas que há. Mas, para que melhor se entenda o nome desta fortaleza, se há-de de advertir que na língua de Etiópia todo o monte e rocha, em cujo cume se pode defender a gente de seus inimigos, se chama *ambâ*. E destes há em Etiópia muitas<sup>5</sup> e muito fortes, por onde o nome próprio daquele lugar onde se guardam os descendentes dos imperadores antigos não é *ambâ*, que em geral pertence a todos os lugares fortes, senão *Guixên*, que quer dizer «Achou-se».

Suposto isto, referirei primeiramente o que diz Frei Luis no lugar citado onde descreve esta fortaleza, antepondo-a a todas as<sup>6</sup> mais fortes do mundo com tantos encarecimentos, como se a natureza de todo ponto se esmerara nela, querendo tirar à luz uma coisa em grande maneira prodigiosa em fertilidade, beleza e formosura, para dar mostra ao mundo de seu grande primor e perfeição. E, por que não haja quem cuide que lhe acrescentei palavras, referirei as próprias suas, que são estas: *Todas estas rocas y montes* (tinha falado de umas pedras que pareciam inexpugnáveis, que tomou Alexandre Magno) *y quantas tiene el mundo pueden callar, y cessará la admiracion si se ponen en paralelo y cotejo con el famoso Monte de Amarâ que está en la Ethiopia, donde estan guardados los principes del imperio. Porque aquellos mon-*

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 7, p. 87.

<sup>2</sup> A versão do ms. Goa 42 ARSI é a correcta (ver L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 8). Ms. 778 BPB: 3.º.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 26v]

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: Zaquelâ

<sup>5</sup> Sic. O nome 'ãmba é do género masculino.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: às

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 26].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: apartaram.

<sup>3</sup> Os dados apresentados no prólogo justificavam a opção de tradução feita por T. Padilla, de substituir o nome «Preste Juan», usado por F. Álvares, pelo título de «imperador».

tes de la India, aunque al parecer inexpugnables y fuertes, al fin fueron entrados, escalada sua altura, vencidas<sup>1</sup> las dificultades, y rendidos al poder de Alexandre. Mas la fortaleza<sup>2</sup> del Monte de Amarâ es tal que de ninguna de las suertes dichas ay orden pera poderla entrar. Es una fortaleza<sup>3</sup> tan prodigiosa que parece que la naturaleza<sup>4</sup> se esmero<sup>5</sup> en formarla y descubrir al mundo un lugar fuerte, sin ayuda de ingenio<sup>6</sup> humano. Y no solo es lugar defendido, pero es uno de los puestos mas regalados de mayor comodidad y deporte que tiene el mundo universo. Y es esto en tanto extremo que Philon Judio dice que si ay parayso terrenal está en este monte. Y por ser tan peregrino y singular que en fortaleza<sup>7</sup> es la mayor y mas inexpugnable que ha tenido ni tiene el universo. Y entre todos los [fol. 31] jardines floridos, huertas deleitosas, y amenos vergeles, es el esmero de todos ellos en fin parayso. Han tratado del y hecho mencion en sus escritos assi historiadores hebreos, latinos, griegos, como turcos y arabios.

<sup>8</sup>Pouco mais adiante, diz assim: Esta el Monte de Amarâ assentado en medio de la Ethiopia como centro de todo el imperio de los abissinos, baxo de la linea equinocial. Plantole la naturaleza en una campaña tan llana, en unos llanos tan iguales y plongados<sup>9</sup> y<sup>10</sup> en una tierra tan estendida, desocupada, y descubierta que no se hallá monte ni altura por mas de treinta leguas al rededor del, que le enoge, ni le haga padrastro. Esta superior y a cavallero de todo el campo. Su figura es redonda y circular, y assi con facilidad se acude a qualquier parte del. Su altura es tan grande que ay cerca de un dia de subida desde el pie del a lo alto. Todo a la redonda es peña tajada de alto a baxo, tan lisa y igual, que no parece sino que se hizo con cartabon<sup>11</sup> y plana, sin que aya peñascos ni riscos sobresalientes y desiguales, sino que es a manera de un muro tan alto, que puesto al pie del, buela tanto que parece que el cielo se arrodri<sup>12</sup> sobre el, y que le<sup>13</sup> sirve de rafa y estribo. A lo alto de todo aquel muro de peña tajada rebuelven las peñas y las rocas saliendo fuera del muro por espacio de mil passos, y van haziendo un labio y arandela de la propria figura de un hongo. Obra rara de naturaleza y tan singular que no se halla otra en el mundo, por lo qual queda imposibilitada la subida por de fuera. Y assi no ay que temer ser escalados. Y como es tan alto no se le pueden hazer terraplenos, ni rebelines que se le igualen. De circuito tendra mas de veinte leguas a la redonda. Esta cercado por lo alto con un muro muy gracioso y bien labrado, por que no caigan las fieras y animales de caça que ay en el, ni hombres, que solo pera este fin se ha hecho, y no por defensa, porque pera ella no ay necesidad, pues no ay arcabuz ni mosquete que llegue a lo alto del monte. La cumbre y campo que esta en cima deste monte, es todo muy llano y igual. Hazia el medio dia se levanta mansamente un collado que hermosea todo aquel campo y sirve como de atalaya de donde goza la vista humana de los lexos mas aprazibles que se pueden imaginar. De aquel collado mana una fuente perenne, abundantissima y clara con [fol. 31v] tanta agoa que con varias acequias corre todo el campo regando los jardines y frutificando la tierra, y al fin despeñándose de lo alto del monte. Al pie del haze un pequeño estanque y laguna, de la qual sale un rio que viene dar nel Nilo. Pera

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: vencidas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: fortaleza.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: fortaleza.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: naturaleza.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: esmo.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: arteficio.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: fortaleza.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 27].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: prolongados.

<sup>10</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: y.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: carbon.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: arrodriya.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: la.

subir a lo alto no ay senda ni camino por ninguna parte, que en esto se engaño Francisco Alvares, porque está como una torre derecha. Y por esso lo han minado y socobado por dentro de la peña biva, haziendo una escalera a fuerça de picos, <sup>1</sup>almadanas, y escodas, la qual es un caracol sin escalones, ni gradas, sino que va poco a poco encaramandose, tan ancho, tan abierto y bien labrado que se sube a cavallo con mucha facilidad. Y pera luz desta escalera ay hechas sus saeteras y claraboyas anchas por de fuera y por de dentro y angostas en el medio, muy largas y rasgadas de la suerte y traça que está la escalera de la torre mayor de la ciudad de Sevilla. Al pie desta escalera ay una puerta muy hermosa pero fortissima, con su cuerpo de guardia, y por el discurso della ay sus mesas y rellanos que sirven de descanso. En la mitad della<sup>2</sup> escalera ay una salla grande y espaciosa, cortada y labrada de la misma peña, con tres ventanas, y llamolas assi, porque quanto mas sube la escalera, tanto son mayores las ventanas. Aquí tambien ay su guardia. Es la escalera de alto, quiero dezir la techumbre del suelo, mas de lança y media, y desta suerte sube hasta lo alto del monte, donde ay tambien su puerta y guarda<sup>3</sup>.

El ayre que corre en lo alto deste monte es tan delicado, puro y saludable, que jamas se apesta, ni contaminata. Y assi de ordinario biven los que en el moran larguissimas vidas y muy avantejadas, y unas vejezes muy sanas y enteras, sin las enfermedades y achaques, que suelen acompañarlas. En lo alto no ay ciudad ni lugar ninguno, solo muchos palacios reales, cada uno de por si, que son treinta e quatro. Y son como unos grandes alcaçeres, unos edificios sumptuosos, altos, apuestos, hermosos, y muy capaces, donde residen con su gente y criados, los principes del imperio. La demas gente, que son soldados y guarda del monte, habitan en tiendas y pavellones. Ay dos templos tan antiguos, que se edificaron antes de la Reyna Sabba, en honra del sol el uno, y el otro en honra de la luna, los mas sumptuosos y magníficos que ay en toda la Etiópia, los quales templos, quando la Reyna Candace se convertio a la predicacion [fol. 32] del Eunucho, y se bautizo, los consagro en honra de Santo Spirito y de la Cruz. Consagrolos tambien despues el glorioso apostol y evangelista S. Matteus, quando fue predicar a la Ethiopia, la qual tierra le cayo en suerte, con la misma avocacion. Ay en este monte muchos jardines vellos y huertas de mucha frescura, regalo, y curiosidad, llenas y pobladas de toda suerte de arboles frutiferos assi propios de la tierra como traídos de Europa: perales, camuesos, y otros muchos; ay<sup>4</sup> todo genero de agrura, naranjas, cidras, ponciles, limas y las demas. Ay jardineros que tienen cuidado de hazer sus encañados y quarteles llenos de jocunda verdura. Hallanse en este monte arboles tan raros y peregrinos que no se hallan en ninguna parte del mundo. Uno dellos es el que llaman cubayo, su fruta es en el color y tamaño <sup>5</sup>como un membrillo y tan blando quando está maduro como una serva, la cascara amarilla, la carne de dentro blanca de tanta dulçura y suavidad, que no parece sino manjar blanco muy bien hecho. A esto fruto le chupan como quien come siervas muy maduras. Es la comida mas sustancial y saludable que se halla entre todas las frutas del mundo, de la qual dixo el gran medico Amato Lusitano que no ay comida que assi conserve la salud y confort y ayude la naturaleza del hombre. Y que no se espanta que bivan tanto los que residen<sup>6</sup> en aquel monte, porque se sustentan desta fruta. Y, sin este arbol, ay otros muchos que solo se hallan en este monte, en particular balsamos que son muchos.

Ay fuentes artificiales de mucha labor y artificios con muchos caños, cuyas agoas vienen a parar en muchos estanques grandes y pequeños, abundantissimos de mil suertes de peçes pera gusto y entretenimiento de

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 27v].

<sup>2</sup> Sic.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: guardia.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: y.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 28].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: residem.

aquellos principes. Y como de las frutas ay algunas que solo en esto monte se hallan, assi ay aves tan singulares que solo<sup>1</sup> viven y andan en este monte sin jamas las aver visto en otro lugar del mundo. Uno como un cario<sup>2</sup>, cuyo canto es suavissimo y su musica tan regalada que parece que transporta. Ay otro paxaro del tamaño de un tordo del cuello<sup>3</sup> levantado y erguido, sus plumas de varios y hermosos colores, con cresta<sup>4</sup> y barbas como gallo, de la cresta<sup>5</sup> se levantan cinco o seis plumas grandecitas como [fol. 32v] garçotas, matizadas de varios colores tan hermosos, y toda la pluma tan bella, que el emperador de la Ethiopia las presenta como un precioso don a otros reyes. Ay tambien muchas dehesas e selvas<sup>6</sup> y hervages, donde pasta mucho ganado de toda suerte, grande y pequeño, pera sustento de los del monte muy bastante y muy sobrado. Y por los baldios y tierra montada anda mucha caça de toda suerte, gamos, corços, ciervos, cabras monteses<sup>7</sup>, javelies, que los tienem alli encerrados como en sotto, y pera todo ay bastante lugar, porque, como tengo dicho, tiene el campo veinte leguas de circunferencia y rodeo. Enfn, ay en cima del monte muchas florestas llenas de diversas caças pera todo genero de monteria pera su entretenimiento. Y pera todo tienen aparejo de perros ventores, lebreles y sabuesos, cogiendo perdizes a cevadero o bebedero con redes, con laços o con perdigon de reclamo. No ay animales ponçoñosos, ni bestias fieras, sino solo animales de caça pera deporte y recreacion. Tambien ay mucha tierra desmontada pera sembrados de todo genero de grano y legumbre, la qual es terra frutifera y de buen llebar. Finalmente este monte es un lugar de tanto regallo y delicias, que no me admiro<sup>8</sup> que los doctores le llamen Parayso, porque le conviene y entalla este nombre muy al justo y al natural.

Prosseguindo isto, traz muitas razões para prova como lhe convém ao justo este nome do Paraíso, e conclui o capítulo, dizendo: *Esto se avera en el Monte Amarâ, porque todo el año ay fruta cogida del arbol fresca, higos, mellones rezien cogidos, havas y garvanços verdes todo el año los ay. Y en el se hazen tres sementeras. La raçon es porque es continuo en tiempo como el otoño, o primavera. Y ay arboles que dos y tres veces el año producen fruto, la mitad del arbol el medio año y la otra mitad el otro medio año. Porque quando el sol camina, y buelve de Tropico de Capricornio, la parte del arbol que mira al sul y medio dia, produce y está llena de fruta, quedando el otro medio como si fuera Invierno. Y quando el sol anda hazia el Tropico de Cancro, la otra mitad, que está hazia el Norte y Pollo Artico, produce fruto, quedando la otra mitad desojada y como seca. Y, quando el sol esta en la equinocial, la copa del arbol tiene fruta, quedando las otras ramas, que estan a los lados y las baxas [fol. 33] sin fruto ni hojas. De suerte que todo el año por Diziembre, por Março, por Junio, por Setiembre ay frutas en los arboles, succediendo unas ramas a otras y unos frutos a otros. De donde se infiere, que a este monte, por su fertilidad, y regalo, le podriamos dar nombre de Parayso.*<sup>10</sup>

Até aqui são palavras de Frei Luis de Urreta, não continuadas não como ele las tiene<sup>11</sup>, porque em algumas partes ficam compridas digressões que faz e só tomei o que referido<sup>12</sup> que ele chama Monte Amarâ, que é Guixêm Ambâ. Mas quão apócrifa e fabulosa seja a informação que sobre esta matéria teve, se verá claramente pelo que agora direi, não saindo um ponto do que me afirmaram os príncipes

que acima nomeei e outros homens de muito crédito que viram esta fortaleza. Digo pois que, entre as *ambâs* que há<sup>1</sup> em Etiópia não menos fortes que Guixêm Ambâ, esta tem muito grande nome por sua fortaleza e por se guardar em ela os descendentes dos imperadores antigos, a quem pertence o império, faltando herdeiro ao que o tem, como adiante declararemos. Está no limite de um reino que chamam Amharâ que antigamente era casi o meio do império, mas agora é quase o extremo para a banda do Sul, porque uns gentios que chamam gâlas foram tomando por aquela parte muito grandes terras, poucos tempos há, por estarem os imperadores ocupados em guerras com seus próprios capitães que se tinham levantado no reino de Tigrê, em Dambiâ e outras partes. O assento desta *ambâ* é em uns campos não muito chãos, porque tem muitos altos e baixos e, para o Oriente, como dois tiros de espingarda<sup>2</sup> uns montes muito altos, que se chamam Habelâ, e outros mais afastados que se chamam Açêl Ambâ. Para as outras bandas não há montes senão muito longe. Sua figura é quase como cruz e, acima, terá de comprido meia légua, pouco mais ou menos, mas pelo pé tem muito grande roda. A altura é tão grande que com dificuldade chegará funda, toda rocha talhada e, por algumas partes em o alto, vira a mesma pedra para fora, de maneira que por ali é impossível subir-se, mas por outra parte subiram antigamente, como diremos adiante. Não tem mais que uma entrada que se chama Macaraquer. E embaixo, no princípio, o caminho é largo e assim vai subindo um pouco até chegar a um tabuleiro [fol. 33v] pequeno, e dali por<sup>3</sup> diante tão estreito e íngreme que se não pode subir sem muito trabalho. E, assim, quando querem levar alguma vaca para matar lá acima (que poucas vezes o fazem, porque as matam embaixo), a amarram com cordas e a levam rastando quase em peso<sup>4</sup>. Em o alto, está uma porta e casa em que moram os guardas. Dentro, há muitas, umas como salas compridas e largas, outras redondas, mas todas térreas e pobres, cobertas de palha. No meio, está um tanque grande de água doce onde lavam os panos e, um pouco afastado, outro pequeno, de que bebem. E, segundo alguns dizem, é água que nasce ali mas não corre, nem há outra alguma lá em cima, nem peixe. Perto do tanque grande, quase para o leste, se vai alevantando um pouco mais a terra e faz como um outeiro pequeno em que estão edificadas duas igrejas cobertas de palha. Uma se chama Egziabehêr Ab, *scilicet* «Deus Padre», e esta é de madeira. A outra é de Nossa Senhora e é de pedra muito boa e está para o Sul, a outra quase para o Norte, do que trataremos no capítulo seguinte. Perto delas, para uma banda, moram os frades e os *debtteras*<sup>5</sup>, que são como cónegos, mas casados, e para outra parte, os que descendem dos imperadores antigos, com suas mulheres e filhos, a quem chamam israelitas.

Em toda esta *ambâ* não há árvore nenhuma de fruto<sup>6</sup>, só uma sorte que chamam *coçô*<sup>7</sup> e não se dá senão em terra muito fria. São árvores ordinariamente não demasiado altas, de muitos ramos e bem copados, a folha comprida e não muito larga e com algum cabelinho branco no pé. Seu fruto não há que o comparar em Portugal, mas quer se parecer<sup>8</sup> com a espiga da labaga<sup>9</sup>, porém muito mais comprida e grossa. Sua amargura é tão extraordinária que excede muito a da alozna.<sup>10</sup> E, com tudo isso, cada dois

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: en este monte.

<sup>2</sup> Sic. Canário. Pedro Páez não transcreve o suposto nome local da ave, dado por Luis de Urreta («mihinihi»).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: cullo.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: crista.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: crista.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: elvas.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: montesas.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: espanto.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 28v].

<sup>10</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, excertos seleccionados do cap. 8, pp. 90-100.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: as tem. O copista traduziu este sintagma espanhol embrechado na frase.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: refiere do.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: é.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: espigarda.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 29].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: arrastando.

<sup>5</sup> Ver glossário (*debttera* / *debtterâ* / *dâbüärä*).

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: nenhuma.

<sup>7</sup> *Kosso* (lat. *hagegna abyssinica*): planta vermífuga, muito usada para expelir a ténia (também designada *kosso*).

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: paracer.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: cabaça.

<sup>10</sup> Alosna ou losna, nome dado ao absinto.

meses o bebem todos, desfeito em água para uma grave doença que geralmente têm os naturais de Etiópia, que são uns bichos como lombrigas, mas muito compridos, que se lhes criam no estômago, parece que da carne crua que comem, porque os estrangeiros não têm tal coisa. E é tão forte mezinha que alguns morrem dela em poucos dias, botando sangue pela boca. Mas, se<sup>1</sup> não tomam ao tempo que disse, ficam muito magros, e lhes vem a sair aqueles bichos pelos narizes. Outras árvores há que chamam *eguebâs* [fol. 34] muito altas, mas não dão fruto; é madeira branca e boa para edifícios. Também há cedros, não como os de Espanha, senão silvestres de pouca copa e muito altos, e de todas estas árvores poucas, porque o campo é pequeno. Semeiam também alguma cevada e favas uma só vez no ano. E, afora isto, não há lá outra sementeira nem árvore nenhuma; mas, por algumas daquelas, vai subindo uma coisa como jasmim, que chamam *endôd*. Seu fruto é como cachinhos de pimenta e serve-lhe de sabão para lavar os panos de algodão<sup>2</sup>.

Animais silvestres não há nenhuns mais que bugios e coelhos; e não têm as orelhas compridas como os de Espanha, e os dedos dos pés e mãos também diferentes dos domésticos. Há carneiros e cabras poucas, por não haver campo onde comam. Alguns bois levam acima com cordas para lavrar a terra onde semeiam aquela pouca cevada e favas, que disse, e depois os fazem descer com as mesmas cordas por terem lá pouca erva que lhes dar, que cá não comem <sup>3</sup>farinha nem mantimento, senão só erva ou palha do campo seca ou de uma coisa muito miúda mais que mostarda, que semeiam e chamam *têf*. Não há mulas nem cavalos, nem outros animais afora destes, e algumas cobras peçonhentas.

Esta é toda aquela grande multidão e variedade de animais que Frei Luis de Urreta põe sobre esta pedra, estas são as defesas, as florestas e pradarias cheias de diversas sortes<sup>4</sup> de caça para todo género de montaria e entretenimento, este<sup>5</sup> aquele esmero de todos jardins floridos, estas são as fontes artificiais de grande lavor com muitos canos e palhas de água agradáveis à vista, esta é aquela fonte cristalina que sai do outeiro e rega todo este paraíso, os dois tanques que disse, cuja água de nenhuma maneira corre. Quanto à árvore da vida que põe neste paraíso, cuja fruta é de tanta doçura e suavidade como a do manjar branco muito bem feito, e ajuda de maneira a natureza do homem, que os que a comem vivem muitos anos sem as doenças e achaques que acompanham a velhice, será a que chamam *coçô*, porque os que lá moraram muitos anos dizem que não há ali outra que dê fruto. Mas enganou-se no que diz da doçura, porque não há coisa mais amargosa no mundo. E, posto que, como já disse, a tomem por mezinha, se se descuidam um pouco acrescentando [fol. 34v] a medida, corta-lhes os fígados e morrem em poucos dias, lançando sangue pela boca, como eu tenho visto. Tampouco há quem saiba dar novas da outra misteriosa árvore que diz que, quando o sol anda da banda do Sul, a metade da árvore que cai para aquela parte tem folhas e dá fruto, e a outra metade está como seca; e, quando o sol passa para a banda do Norte, a metade da árvore desta parte, que antes ficava como seca, produz folhas e dá fruto e a outra metade está como seca; e, quando o sol está em equinocial, a copa da árvore tem fruta, ficando os ramos das ilhargas sem folha. Nenhum de muitos, a quem perguntei, por terem entrado em Guixêm Ambâ, nem dos que lá moraram muitos anos achei que tivesse visto esta maravilhosa árvore, nem ouvido nunca falar nela<sup>6</sup>; antes alguns se riam muito, como se lhes perguntara algum grande disparate.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> Arbustiva cujo fruto é venenoso (lat. *Phytolacca dodecandra*).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 29v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: diversa sorte.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: todo.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: nunca.

Por onde, já que se não acha no paraíso de Guixêm Ambâ, onde o autor a põe, certo é que não se há-de achar<sup>1</sup> em parte alguma do mundo. Os paços reais, que faz como grandes alcáceres, altos e sumptuosos, já disse que são tristes casas térreas cobertas de palha. Nem há lá acima aquele formoso muro que pinta, nem ainda de pedra ensossa<sup>2</sup>, nem menos aquela artificiosa escada para subir por dentro, pois o caminho e entrada é por fora e tão áspero como dissemos. Nem os soldados habitam em tendas nem ao menos em as invernadas, que são muito grandes, as puderam ter.

Todas estas coisas dá a entender, pág. 91<sup>3</sup>, que escreveu por relação de João Baltazar, de quem diz que esteve em Guixêm Ambâ muito tempo servindo a Alexandre, antes que fosse imperador, e depois subiu muitas vezes por seu mandado. Mas eu não me posso persuadir que João Baltazar (posto que mentiroso) lhe dissesse que estavam em Guixêm Ambâ todas aquelas coisas, senão que lhe falou de todo o reino Amharê e ele entendeu de só Guixêm Ambâ; porque, ainda que algumas coisas sejam fabulosas, como que haja aquelas duas árvores <sup>4</sup>e pereiras, camuesos<sup>5</sup>, palmeiras, bálsamos, fontes artificiais e jardins como os que pinta, outras muitas das que diz se acham naquele reino, que é muito fértil de frutas e mantimentos, e há muitos dos animais que nomeia, domésticos e bravos. Também o pássaro que diz que é como um tordo com crista e barbas como galo, se acha, não em Guixêm Ambâ, senão perto, em terra quente, mas não lhe saem as penas que diz da crista, senão de detrás, e viram sobre ela, nem [fol. 35] são de tanta estima como afirma, posto que formosas. E o mesmo autor mostra que, falando-lhe João Baltazar [das coisas] do reino, entendeu que de só Guixêm Ambâ, porque o título do cap. 8.º, onde trata esta matéria, diz: «Do Monte Amara e de sua fortaleza e<sup>6</sup> fertilidade», e este nome não pertence àquele monte só, senão a todo o reino. E, <sup>7</sup>pág. 97, diz que até o nome que os teólogos dão ao paraíso terreal, que é *hortus deliciarum*, pertence a este monte, porque em a língua de Etiópia a dicção *amarâ* significa isto mesmo: «horto de mimos, deleites e recreações», por onde é certo que se equivocou, entendendo de só aquele monte o que lhe disseram de todo o reino, ainda que não se há-de escrever «amarâ», nem menos como ele emenda, «zahamahahrâ», senão *amharâ*, que assim se chama aquele reino, e quer dizer, se em todo rigor declarámos esta palavra *amharâ*, «pareceu bem» ou «formosa»; mas toma-se por coisa formosa e, por isso, lhe deram este nome àquele reino que é muito fértil e formoso.

Com tudo, ainda que o autor se equivocasse com este verbo *amharâ*, uma coisa que aqui põe, houvera de advertir bem para se não contradizer adiante. E é a que diz, pág. 96, que os príncipes que se guardam em Guixêm Ambâ têm cães ventores, lebréus e sabujos para suas montarias e entretenimento. E, pág. 254<sup>8</sup>, afirma que em toda Etiópia não há cães e que trazem alguns, como acontece chegar naus de Europa e deixar alguns cães de Irlanda e Inglaterra, dentro de um mês se vão consumindo e morrem. Mas a verdade é que, em toda Etiópia, são tantos os cães que não têm conta, como adiante diremos. Também é falso o que aqui diz que João Baltazar serviu em esta fortaleza Guixêm muito tempo a Alexandre, antes que fosse imperador, porque, como já notámos no cap. 1.º, o derra-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: se não achará.

<sup>2</sup> De pedra solta, sem argamassa.

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 8.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 30].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: camoesas.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: sua.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: na.

<sup>8</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 25, intitulado «De los animales assi bravos, como domesticos que ay en la Etiopia, diferentes de los que tiene España y la Europa», pp. 241-60.

deiro príncipe que de lá tiraram para imperador foi Naôd, o qual, como consta dos catálogos dos imperadores, que pusemos no capítulo precedente, havia 118 anos que saíra de lá, quando Frei Luis de Urreta imprimiu sua *História*, que foi o ano de 610, e João Baltazar caminhava então para os setenta, como ele diz pág. 71; por onde, alguns cinquenta anos antes que nascesse João Baltazar, tiraram a este príncipe de Guixêm Ambâ para que fosse imperador e nunca mais saiu de lá outro para isso.

Também se enganou muito Francisco Álvares no que diz, fol. 772 [fol. 35v] de sua *História*, que estes príncipes estavam guardados em um vale entre duas serras muito ásperas, que se fecha com duas portas, e que a serra tem à roda quinze dias de caminho e ele caminhara pelo pé dela dois dias. Mas os príncipes não estão em vale, senão no alto de Guixêm Ambâ, e as serras que ele viu seriam umas muito altas que estão não muito longe e se chamam Habelâ, e têm passos mui ásperos e estreitos onde moram muitos dos que são obrigados a vigiar <sup>3</sup>Guixêm Ambâ, porque ali têm suas terras. E como lhe disseram que ninguém podia passar dali para dentro sob pena de morte e não se via daquela parte Guixêm Ambâ, entenderia que no vale que está entre aquelas serras se guardavam os príncipes; o que facilmente lhe podia suceder, pois não sabia a língua da terra.

## CAPÍTULO VII

### EM QUE SE TRATA DAS DUAS IGREJAS E MOSTEIROS QUE HÁ EM GUIXÊM AMBÂ

Para que melhor possamos declarar de onde tiveram princípio estas igrejas e quão antigas sejam, será bem<sup>4</sup> trazer à memória o que comumente todos sabem, que sempre foi costume da cega gentilidade adorar seus falsos ídolos e oferecer-lhe sacrifícios em os altos montes e debaixo das árvores frescas e sombrias; o que tocou o profeta Jeremias quando, repreendendo ao povo de Israel por ter caído na mesma cegueira, lhe disse com grande dor e sentimento: *In omni colle sublimi et sub omni ligno frondoso tu prosternabar meretrix*<sup>5</sup>, cap. 2; o que sempre esteve mui arraigado em Etiópia, como mãe da idolatria, se foi certo que seu rei Menno a inventou, como teve para si Diodoro, livro 1.º e 4.º, segundo refere Frei Luis de Urreta, pág. 29.<sup>6</sup> E quando Etiópia não fosse inventora, é certo que entraram nela muitos géneros diabólicos de idolatria, que ainda agora estão tão fixos em muitas terras de cristãos onde há gentios, que não há poder acabar de tirar que não adorem as cobras e outros animais nem ofereçam muitas sortes de sacrifícios ao demónio em as fontes do Nilo e nos mais altos montes que podem achar. Nem lhe falta ao demónio ministros que enganem a esta bárbara gente, antes há entre eles mui-

tos feiticeiros que com artes diabólicas lhe fazem crer suas falsidades e mentiras, particularmente com uma que costumam os que chamam *agôus* do reino de Gojâm, e é que em uma das festas que fazem a seus ídolos, em que sacrificam [fol. 36] muitas vacas, ajuntam muita lenha por mandado de seu feiticeiro e, como acaba o sacrifício, se cobre com a tea<sup>1</sup> de sebo de uma ou duas vacas e assentando-se em uma cadeira de ferro no meio de toda aquela lenha, manda dar fogo e está entre aquelas chamas até que se acaba de queimar a lenha, sem se lhe derreter o sebo que tem coberto, com o que aqueles miseráveis ficam enganados.

Contando estas coisas um gentio, homem grande, a um clérigo, para engrandecer sua maldita seita, lhe respondeu o clérigo que se ele o levasse lá seguramente o dia daquela festa, mostraria claramente como aquilo tudo<sup>2</sup> era engano e falsidade daquele feiticeiro que tinha pacto com o demónio. Aceitou o gentio, por estar confiado que nenhum poder tinha o clérigo contra o seu feiticeiro, e prometeu de o defender de maneira <sup>3</sup>que ninguém lhe fizesse mal. E, chegando o dia, foi com o gentio ao lugar do sacrifício, levando escondido um corninho de água benta. E, acendendo-se o fogo, como costumava, viu que por mais que se levantava a chama, não fazia dano<sup>4</sup> ao feiticeiro. Pelo que, tirando a água benta, a botou sobre o fogo, dizendo aquelas palavras do *Salmo 67: Exurgat Deus, et dissipentur inimici eius et fugiant qui oderunt eum a facie eius. Sicut deficit fumus deficiant, sicut fluit cera a facie ignis, sic pereant peccatores a facie Dei.*<sup>5</sup> Não tinha bem dito isto, quando já o feiticeiro ardia e, sem lhe poderem valer os circunstâncias, em pouco espaço se fez em cinza, o que causou a todos grande espanto. Mas, em lugar de se converterem, vendo aquela maravilha, se acenderam em tão grande raiva e ira que houveram de despedaçar o bom clérigo, se o gentio, que era poderoso, não o defendera como tinha prometido.

Este infernal fogo da heregia<sup>6</sup> ardeu sempre em Etiópia sem o haverem nunca podido<sup>7</sup> apagar os imperadores por mais que o procuraram assim com armas, como com doutrina, ainda que pela misericórdia do Senhor, se vai agora apagando entre os *agôus* do reino de Gojâm, por meio de dois padres meus companheiros que lá andam, como diremos no fim desta *História*.<sup>8</sup> E têm edificado igrejas nos principais lugares onde faziam suas feitiçarias para [tirar a memória delas,] que é o meio de que também usaram os imperadores para o mesmo fim, edificando-as em os montes onde ofereciam sacrifícios a seus ídolos; o que particularmente fizeram em Guixêm Ambâ onde, por [fol. 36v] ser monte tão sinalado em altura e fortaleza, como dissemos no capítulo precedente, faziam os gentios antigamente<sup>9</sup> grandes sacrifícios a um celebre ídolo que lá tinham, a que chamavam Darhê, não dentro de sumptuosos edifícios, como diz Frei Luis de Urreta cap. 9.<sup>10</sup> senão debaixo de uma mota<sup>11</sup> muito grande que chamam *endôd* que, como já dissemos, não se faz árvore mas, se acha em que se encostar, sobe como jasmim ou hera

<sup>1</sup> A palavra «tea» significa tocha, mas, no contexto em que surge, parece indicar, antes, a manta de gordura que se retirou das carcaças dos animais sacrificados.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: aquilo.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 31].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: mal.

<sup>5</sup> «Levante-se Deus e sejam dispersos os seus inimigos e fujam diante dele os que o odeiam. Como o fumo se dissipa, como a cera se derrete ante o fogo, assim pereçam os pecadores ante Deus.» (Salmos, 68 [ex 67], 2-3).

<sup>6</sup> Forma admitida, alternando com heresia, esta considerada por Bluteau como mais erudita (Bluteau, *Vocabulário...*, t. IV, 1713, p. 22b da letra H).

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: nunca.

<sup>8</sup> O autor refere-se aos padres De Angelis e Luís de Azevedo; este último, foi enviado em 1620 para a residência jesuíta de Qwalälä, no Gojjam, fundada em 1612 (M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RESOI* 6, Roma, 1907, p. 237).

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: os gentios.

<sup>10</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 9, intitulado «De los dos monasterios que ay en el monte Amara, y de la famosa libreria que tiene en uno dellos el Preste Iuan», pp. 101-10.

<sup>11</sup> Moita; provável erro caligráfico (presente nos dois manuscritos).

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 1.

<sup>2</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 60, «Da grandura da serra em que metem os filhos do Preste João e das guardas dela e como seus reinos se herdam», pp. 152-3.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 30v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: bom.

<sup>5</sup> «Em todos os montes elevados e sob todas as árvores frondosas, tu prosternas-te como uma meretriz.» (Jeremias 2, 20).

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 3, intitulado «De los primeros pobladores de la Etiopia, y de algunos Reyes y emperadores, hasta la Reyna Candace en tiempo de Christo», pp. 18-34.

e faz boa e fresca sombra. Mas, para tirar a lembrança deste maldito ídolo, edificou no mesmo lugar uma igreja, para Etiópia grande e formosa, o Imperador Lalibelâ, que reinou pelos anos de 1210, e a dedicou a Deus Padre, e assim lhe pôs nome Egziabehêr Ab, *scilicet* «Deus Padre». E porque em esta não deixavam entrar as mulheres a comungar, fez a gente da terra outra pequena, não muito afastada, com invocação de Nossa Senhora.

Estas foram as primeiras igrejas que se edificaram em Guixêm Ambâ. Depois,<sup>1</sup> fez oração em a de Nossa Senhora, o Imperador Naôd<sup>2</sup>, sendo príncipe, e prometeu de fazer ali igreja grande, se a Virgem lhe alcançasse o império. E dali a um ano o tiraram para imperador, pelo que mandou derrubar aquela igreja e fazer outra grande, mas antes que se acabasse morreu, e depois a acabou seu filho Onâç Çaguêd, que primeiro se chamava David.<sup>3</sup> É redonda, como meia laranja, de pedra branca muito formosa, e tem duas ordens de colunas de pedra à roda. Sobre as interiores, uma abóbada da mesma pedra, e no meio está um altar a que se sobe por sete degraus. O retábulo são quatro painéis de pincel, não muito grandes: um, de Nossa Senhora; outro, de Cristo Nosso Senhor crucificado; outro, de S. Miguel; e outro, de S. Jorge. E todos se tiram e põem quando querem. A segunda ordem de colunas faz também círculo, mas não tem abóbada, senão madeira. Entre uma ordem e outra há sete côvados de distância. Depois, outros sete côvados mais para fora, está feita parede à roda com suas portas e dali para dentro não pode entrar senão quem tem ordens de diácono, que as de subdiácono nunca as dão os *abunas*<sup>4</sup> separadamente; antes muitos têm para si que não dão mais que de diácono, como veremos no 2.º livro. Os demais homens e mulheres ficam fora, em um alpendre que está à roda. E toda a igreja por cima está coberta de palha, pelo que fica tão escura dentro, que não se pode ler sem candeia. Esta igreja dizem que quis queimar um capitão d'el-rei de Adel que se chamava Granh, que lá subiu, como adiante diremos, mas não pôde, ainda que tomou fogo [fol. 37] à madeira do tecto do alpendre e hoje se vê começada a queimar, que de propósito a deixaram assim para lembrança de que Nossa Senhora livrou sua casa do fogo dos mouros. Mas a de Deus Padre, que fez Lalibelâ, queimaram toda e depois fizeram outra de madeira pequena e coberta de palha.

Destas duas igrejas têm cargo frades e clérigos; estes são casados. Antigamente, estavam nelas (segundo dizem) quando muito catorze frades e moravam perto delas em casinhas térreas cobertas de palha; agora estão seis e, de certo em certo tempo, se vão estes e vêm outros dos mosteiros que estão em baixo, no campo. Os clérigos são trinta e o superior deles se chama *lica cahenât*<sup>5</sup>, *scilicet* «lica dos clérigos», parece que corresponde a prior. Estes estão de ordinário lá<sup>6</sup> cima, e moram com suas mulheres em casinhas como as dos frades cujo superior se chama *memebêr*, *scilicet* «mestre». Toda quanta gente mora acima, homens e mulheres; serão duzentos, mas antigamente eram muitos, como diremos adiante no cap. 10.º.

<sup>7</sup>Do que temos dito, se vê claramente quão enganosa informação deu João Baltazar a Frei Luis de Urreta sobre estes edifícios, pois diz, pág. 938, que são dois templos antigos que se edificaram antes da

Rainha Sabba, um em honra do Sol e outro em honra da Lua, os mais sumptuosos e magníficos que há em toda a Etiópia, os quais a Rainha Candace, quando se converteu e baptizou pela pregação do Eunuco, os consagrou em honra do Espírito Santo e da Cruz, porque, subindo ela lá acima a baptizar os da linha imperial e estirpe de David, que ali estavam guardados como estão agora, estando ela em este santo exercício, baptizando aos príncipes, viu que andava voando uma formosíssima pomba toda ardendo em vivo fogo e lançando raios de luz semelhante ao que representou o Espírito Santo em sua vinda sobre os apóstolos, e depois de<sup>1</sup> bom espaço que andou pelo ar à vista de todos, se assentou sobre o mais alto do templo do Sol, por isso, a rainha consagrou aquele templo ao Espírito Santo e o da Lua à Santíssima Cruz. E depois os consagrou o Evangelista S. Mateus com a mesma advocação quando foi pregar à Etiópia. E, mais adiante, pág. 101, onde trata isto de propósito, diz assim:

*Estas dos Eglecias, que la una se intitula del Spirito Santo y la otra de S.<sup>ta</sup> Cruz, son las mas sumptuosas y magnificas que ay en toda Ethiopia, los mas altos, hermosos y apuestos edificios, los de mejor traça, artificio y arquitectura, y los mas ricos. Porque, como los antiguos los hizieron en honra del Sol y de la Luna que eran sus diozes mayores, hecharon el resto de [fol. 37v] sus riquezas los emperadores antiguos pera su adorno y hermosura. Y despues aquá siempre se han hido aperficionando. Será cada una destas dos iglesias en grandeça<sup>2</sup> y tamaño a la medida de la santa y magnifica iglesia mayor de Sevilla. Solo se diferencian en que no tienen sino tres naves, cuya cubierta es de bobeda de piedra, y carga sobre paredes muy anchas y fuertes, sobre muchas columnas muy hermosas y ricamente labradas. Las piedras todas son preciosas, jaspes, y labastros, marmoles, porfidos<sup>3</sup>, y muchas de granate fino, que en aquel tiempo no las conocian. Allanse grandes pedaços en el Rio Negro, y otras muchas piedras de mucha<sup>4</sup> hermosura, y valor, que puestas en orden hazen obra y atavian mucho el edificio. Ay muchas capillas muy doradas con sus cornijas, labores, relexos de grande traça, y arquitectura, con sus altares de pintura de pincel. Y junto con estos dos templos se han labrado dos monasterios de religiosos monjes de S.<sup>to</sup> Anton, los quales son de los mas hermosos y gallardos, que tiene la dicha orden, teniendo muchos y de mucha magnificencia. En cada uno dellos ay caballeros militares comendadores de la Cruz de S.<sup>to</sup> Anton: y ay monges sacerdotes, que tambien son caballeros de la misma orden. Y tambien tienen legos y familiares, que llevan el Tau entero de S.<sup>to</sup> Anton sin las florecitas que llevan los caballeros y monjes sacerdotes. Avra en cada conbento entre todos, comprehendiendo estos tres estados, çerca de mil y quinientos. De suerte que entre los dos monesterios 5 avra tres mil religiosos, los quales siempre estan en lo alto monte assistiendo al servicio de sus iglesias, y monasterios, y al de aquellos illustrissimos principes. Ay en cada monasterio dos abades, uno espiritual, que le llaman en su lengoa abbas, y otro abade militar de solos los caballeros y nombranle abbas coloham, y el mayor es el espiritual.<sup>6</sup>*

Até aqui são palavras do autor que, se se cotejarem com o que acima dissemos, se verá quão grande ficção patranha<sup>7</sup> é o que aqui meteu em cabeça a Frei Luis, João Baltazar, pois, não somente antes da Rainha Sabba, mas nem ainda depois houve nunca templos de ídolos, nem ainda igrejas até o Imperador Lalibelâ que há pouco mais de 400 anos que as começou a edificar. Por onde mal as podia dedicar a Rainha Candace ao Espírito Santo e à Santa Cruz pois, demais de que não têm, nem tiveram nunca tais nomes, senão *Egziabehêr Ab, scilicet* «Deus Padre», e «Nossa Senhora», a rainha foi mais de mil anos antes,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 31v].

<sup>2</sup> Na'od, nome de reinado de Anbäsa Badar; ver cronologia dos reis etíopes.

<sup>3</sup> Os dois nomes que o autor dá, são os nomes de reinado (Wänag Sägäd / Dawit) do rei Lëbnä Dëngël; ver cronologia dos reis etíopes.

<sup>4</sup> Ver glossário (*abuna* / metropolita).

<sup>5</sup> O título referido é *liqä kähënat*, pelo que a variante que se lê no Ms. 778 BPB: *lahenât* resulta de uma leitura incorrecta do copista. *Liq* traduz-se por «ancião».

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 32].

<sup>8</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 8.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: que andou um.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *grandura*.

<sup>3</sup> O mesmo que pórfiro.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *grande*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 32v].

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto (com omissões) do livro I, cap. 9, pp. 101-2.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: ficção.



em tempo dos apóstolos, porque S. Felipe baptizou ao Eunuco que a converteu; nem ela podia baptizar em aquele Monte de Amharâ os da linha imperial e estirpe de David, porque o primeiro que os começou [fol. 38] a meter lá foi Udm Arâd que meteu seus irmãos pela razão que demos no fim do cap. 1.º, e isto foi pelos anos de 1295; nem S. Mateus podia consagrar aquelas igrejas, pois se fizeram tantos tempos depois de sua morte; antes, muitos frades velhos que sabem as histórias de Etiópia me disseram por vezes que S. Mateus não chegara àquelas terras do reino de Amharâ. Quanto no que diz dos cavaleiros militares comendadores da Cruz de S.º Antão e os monges sacerdotes, que também são cavaleiros e da mesma Ordem, no fim do 2.º livro veremos quão fabulosa fábula seja esta, porque nem há nem houve nunca em Etiópia tal modo de religião.

## CAPÍTULO VIII

### EM QUE SE TRATA DA LIVRARIA DE GUIXÊM AMBÂ

As fábulas e mentiras de João Baltazar [(se todas são suas)] que moveram a Frei Luis de Urreta a<sup>1</sup> escrever sobre esta matéria um capítulo mui comprido, me obrigaram a mim a fazer este, podendo-se declarar tudo no precedente, junto com o que dissemos das igrejas (onde ele afirma que está a livraria e se guardam os tesouros do imperador), nem fora necessária muita escritura, se se houvera de contar singelamente a verdade do que passa; mas porque diz muitas coisas tão fora dela, que não é bem que fiquem sem se declarar, faço esta distinção de capítulo, em que primeiramente porei o que ele diz, com a maior brevidade que puder, e depois o que passa acerca desta matéria.

Tendo, pois, falado o autor da livraria de Alexandria, em que diz havia setecentos mil volumes de livros, e da livraria de Constantinopla, em que estavam cento e vinte mil livros, diz assim pág. 103: *Estas famosas librerias<sup>2</sup> y todas quantas han tenido nombre y fama, no tienen que ver y perderan la fama y gloria, si se pusierem en cotejo<sup>3</sup> con la libreria que el Preste Joan tiene en el monasterio de S.ª Cruz del Monte Amara; porque los libros que tiene son innumerables y no ay cuenta. Basta saber que la Reyna Sabba empeço ajuntar libros de muchas partes, y puso en ella muchos libros que le dio Salomon y otros que le embiava a la contina. Y de aquellos tiempos siempre los emperadores han hido añadiendo libros con grande cuidado y curiosidad. Son tres salas grandissimas, cada una de mas de dozientos passos de largo, donde ay libros de todas ciencias, todos en pergamino muy sutiles, delgados y bruñidos, com mucha curiosidad de letras doradas y otros labores y lindezas; unos encuadernados ricamente con sus tablas, otros estan sueltos, como processos rolados y metidos dentro de unas [fol. 38v] bolsas y talegas de tafetan; de papel ay muy pocos, y es cosa moderna, y muy nueva entre los de Ethiopia. El aranzel, que se truxo al Sumo Pontifice Gregorio 13.º es el siguiente.<sup>4</sup>* Aqui põe um catálogo de livros muito comprido, que me pareceu desnecessário tresladar, porque os menos<sup>5</sup> dos que aponta se acharam em toda a Etiópia, que não há ciência nenhuma de que não ponha muitos

autores. E de só hieroglíficos e símbolos diz que há mais de quinhentos livros. E no fim do catálogo, pág. 107, diz: *Esta tabula, que he puesto en este capitulo es parte de un indice y aranzel que hizo de todos ellos António Grico, y Lorenzo Cremones embiados por el Papa Gregorio XIII a instancia del cardeal Zarleto, los quales fueran a Ethiopia solo pera reconocer la libreria en compañía de otros que eran embiados pera lo proprio, y venieron admirados de ver tantos libros, que en su bida vieron tantos iuntos y todos de mano, y en pergamino y todos muy grandes, porque son como libros de choro con el pergamino entero, con los estantes de cedro muy curiosos y en tan diferentes lengoas.*

*La causa por donde<sup>1</sup> ay tantos libros es por la curiosidad y diligencia que han tenido siempre los emperadores en cogerlos desde el tiempo de la Reyna Sabba. Y en todos los trabajos que padeçieron los judios por los babylonios, assirios, romanos siempre los emperadores de la Ethiopia procuraron a ver los libros. Tan grande ha sido el cuidado, que quando supo el emperador de la Ethiopia llamado Mena que el Emperador Carlos Quinto havia ganado la ciudad de Tunez, teniendo noticia que el Rei Mulea sustenia una copiosa y rica libreria, embio a los mercaderes de Egypto, de Roma, Venecia, Sicilia e otras partes que a su costa comprassen los libros que llevavan los soldados, que, como eran en arabigo, los davan de balde. Y desta manera junto mas de tres mil libros de astrologia, medicina, yerbas, mathematicas y otras curiosidades. Y con esta diligencia continuada por tantos mil annos, desde los tiempos de la Reyna Sabba hasta el dia de oy, no ay que espantar que diga yo que ay mas de un millon de libros que aun pienso quedar corto y aun muy corto.*

*Tienese con esta libreria muy grande cuidado, porque es la cosa mas preciosa que tiene el imperio. Y de los monges de la abadia de la Cruz ay señalados mas de dozientos monges, que son libreros y acuden a la limpieza, guardia y incomodidad<sup>2</sup> de los libros. Y cada lunes hazen subir trezientos o quatrocientos soldados de los de la guardia<sup>3</sup> que residen al pie del Monte Amará, los quales barren las salas<sup>4</sup>, limpian los libros y sacuden el polvo, y hazen todo lo que les mandan. Estos religiosos son libreros conforme a las lengoas que saben, porque todos son muy doctos en ellas; tienen cuenta [fol. 39] de los libros que estan escritos en la<sup>5</sup> lengoa de la qual ellos tienen noticia, los quales los miran no se coman de polilla, reconocen las letras no se borren, porque, como son en pergamino, es cosa facil, y acuden a todo lo que falta. Quando coronan los emperadores, les dan las llaves del thesoro y iuntamente la llave de la libreria, y el emperador la da al abad espiritual del monesterio de la S.ª Cruz, donde esta la libreria, y le encarga mucho el cuidado<sup>6</sup>, custodia, vigilancia y coriosidad de los libros, diziendo que los precia mas que todos sus thesoros, pues esos, aunque falten minas, tiene el imperio, pero los libros de aquella libreria son unicos en el mundo.<sup>7</sup>*

Até aqui são palavras de Frei Luis de Urreta, em que há muito poucas que digam com a verdade do que passa, porque primeiramente toda esta tão grande e tão formosa livraria que pintou João Baltazar, ou quem informou ao autor, se resolvia antigamente em obra de duzentos livros, que os imperadores foram lá pondo, porque é costume que dura até hoje, quando entra um imperador, fazer tresladar os livros que tinha seu antecessor e, ficando com os novos, dá os outros à igreja que quer. E destes e alguns se lhes vinham de fora, que disso não achei quem me soubesse dar razão, juntaram lá aqueles li-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *que*.

<sup>2</sup> Sic. Trata-se de um lapso. No texto original de Luis de Urreta, lê-se «incolumidad».

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: f[fol. 33v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *fcasas*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *fdela*.

<sup>6</sup> Sic. «Cuidado», no original de Luis de Urreta.

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto do livro I, cap. 9, pp. 107-10 (com omissões, incluindo uma longa passagem sobre a possível existência de exemplares da Cabala e do Talmude nesta biblioteca).

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *fermosas librarias*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 35].

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto do livro I, cap. 9, p. 103.

<sup>5</sup> Poucos.

vros quase todos em pergaminho, que para Etiópia são muitos, porque não há impressão e tardam muito em escrever um livro, por ser sua letra vagarosa que não se encadeia uma com outra, que é quase do corte da hebraica, mas não escrevem para a mão esquerda como os hebreus e árabios, senão para a direita como nós. Mas, pelos anos de 1528, saiu do reino de Adêl um mouro por nome Mahamed e, por ser esquerdo, o chamam comumente em Etiópia Granh, *scilicet* «Esquerdo» e, à sação<sup>1</sup>, era guazir d'el-rei de aquelas terras, que é tanto como governador, e entrou por estas com exército e foi tomando até chegar a Guixêm Ambâ. E um seu capitão subiu por uma parte que lhe mostrou a gente da terra e queimou a igreja de Deus Padre, onde se perderam muitos livros e outros levaram os soldados para os venderem à gente da terra que se lhes tinha sujeitado. Pelo que, se João Baltazar, como diz Frei Luis, ia para os setenta anos no de 610, mal podia dar razão de vista desta livraria, mas ouviria dizer que era muito grande, que coisas pequenas [fol. 39v] engrandecem muito em Etiópia, e por isso falaria com tanto encarecimento, quando agora não estão em ambas as igrejas mais que vinte livros, pouco mais ou menos. E quatro, que são os maiores, não são de pergaminho inteiro, senão de meio, mas um, que trata de *Milagres de Nossa Senhora*<sup>2</sup>, tem muitas letras de ouro. Os restantes não são como os pinta Frei Luis, senão muito ordinariamente lavrados.

Acerca do que diz que a Rainha Sabba começou ali a juntar livros de muitas partes e pôs os que lhe deu El-rei Salomão, já dissemos no capítulo precedente que em Guixêm Ambâ não houve nunca templos de ídolos, nem edifício onde se guardassem os livros, nem a rainha tinha necessidade de guardar lá os livros que lhe dava Salomão, nem os mais que ela quisesse guardar, quando possuía tão pacificamente seu império, como vimos no cap. 3.º, e estando em uma cidade tão forte e de edifícios tão suntuosos e insignes, como mostram agora bem as ruínas de Agçûm. E se não os queria ter consigo (o que não parece provável, pois eram tão preciosos os de Salomão) houvera os de pôr em Ambâ Damô<sup>4</sup>, um dia de caminho de Agçûm, que é muito mais forte que Guixêm Ambâ, a qual está catorze dias de caminho, e pode ser que naquele tempo ninguém sabia parte dela senão que eram matos fechados. As igrejas, já lá também dissemos, que começaram pelos anos de 1210, em tempo do Imperador Lalibelâ, e nenhuma se dedicou a Santa Cruz senão a Deus Padre e a Nossa Senhora. Nem pude nunca achar quem tivesse ouvido que os imperadores mandassem trazer livros de outros reinos para juntar ali, e muito menos que outros o houvera de fazer Minâs, a quem ele chama Mena, porque, demais de ele ser pouco curioso de livros e não ter comércio nenhum com as mais das terras que nomeia o autor, quatro anos que durou no império, teve bem que fazer em se defender dos turcos que o desbarataram no reino de Tigrê, e de seus mesmos capitães que se lhe rebelaram em muitos partes por ser tão áspero e intratável como era. Nem os soldados do Imperador Carlos Quinto se haviam de carregar em Tunez de tantos livros em árabe, que não lhes aproveitavam para nada e, quando levassem alguns, já os haviam de ter botado ou espalhados de maneira que se não pudessem juntar, quando começou a reinar Minâs, que então se chamou Adamâs Çaguêd, porque ele entrou no império em Março de 1559 e Tunez foi tomado vinte e quatro anos antes, no ano de 1535. E se, como o autor afirma, pág. 1065, [fol. 40] todos os livros que

estão em aquelas três salas são em língua grega, arábia<sup>1</sup>, egípcia, sira<sup>2</sup>, caldeia, hebraica e abissínia, os mais deles haviam de ser de<sup>3</sup> papel e ainda muitos impressos, porque estas nações estrangeiras quase nunca escrevem em pergaminho, e todavia ele afirma que de papel há muito poucos, e o mesmo dizem os parentes do imperador a quem perguntei.

Quanto a aquele tão grande número de 3000 livros de astrologia, medicina, ervas e matemáticas, que diz que estão lá, ainda que não falara de agora que há tão poucos, senão dos de primeiro, não se podia verificar, pois todos não eram mais que como duzentos, nem os que então estavam, nem os que agora estão em árabe me souberam dizer do que tratavam. Mas o que eu achei ainda em os mais letrados, é que de estas ciências sabem pouco mais de nada, tanto que, falando com eles sobre coisas muito ordinárias, de meteoros e do curso do Sol, se lhes faziam muito novas. E alguns diziam que o Sol não dava volta por debaixo da Terra, senão que em se pondo a nosso horizonte virava à roda dela, e que o fazer sombra à Terra era por causa de uns altos montes que lá havia, até que lhes mostrei como isto não podia ser. E muito mais se maravilharam porque, falando eu com o imperador sobre os efeitos da Lua, lhe disse: «De hoje em quinze dias haverá eclipse da Lua toda. E começará aqui as duas horas e três quartos depois da meia noite, pouco mais ou menos; e em Portugal, às doze horas e dois minutos»<sup>4</sup>(que foi o de 26 de Agosto de 1616). Disseram todos que, como se podia saber o que estava por vir e sinalar, não somente o dia, mas a hora? Respondi que muitos anos antes escreviam os eclipses que havia de haver no Sol e na Lua sem errar um ponto, pelo conhecimento que têm de seu curso, e que atentassem por este e veriam se era certo ou não; o que eles fizeram com tanto cuidado, que até o imperador se alevantou muito antes e, em começando a escurecer a Lua, saiu ao terreiro diante da porta do paço e esteve em pé, olhando grande espaço. Depois me disse que lhe escrevesse em sua língua quando havia de haver outros. E, dando-lhe juntamente pintado o que havia de tornar da Lua, folgou muito de ver e disse que nada disto sabiam os seus. Nem de medicina sabem coisa nenhuma. E, assim, quando adoecem, não só a gente pobre, mas os ricos e senhores grandes, [fol. 40v] morrem sem fazer remédio nenhum ainda que a doença seja comprida. E achando, pouco tempo há, o imperador um livro de cirurgia em castelhano, que trouxe D. Cristóvão da Gama quando veio com os portugueses socorrer este império, me pediu lhe tresladasse em sua língua algumas coisas de que agora se aproveitam. Pelo que cuido que nenhuns livros de medicina há em Guixêm Ambâ que não é possível que os não houberam tresladado, ou ao menos souberam alguma coisa deles.

O que o autor afirma, que o catálogo dos livros que aponta, o fizeram António Grico e Lourenço Cremones que vieram à Etiópia mandados pela Santidade de Gregório XIII só para reconhecer esta livraria, saber-se-á melhor em Roma onde estavam os papéis, porque cá não há lembrança disso; antes, perguntando a muitos frades velhos e gente da terra e a alguns portugueses e a um veneziano, que se chama João António e há muitos anos que cá está, todos disseram que nunca tais homens vieram, senão um que se chama Cláudio, que morreu cá, e outros dois, Jerónimo e Contarino, que pelos anos de 1596 pouco mais ou menos se foram para Índia. Mas, seja o que for de António Grico e Lourenço Cremones, a uma coisa não sei dar saída, que havendo em tempo de Gregório XIII em esta livraria mais de um milhão de livros (como o autor diz), haja agora tão poucos, como acima dissemos, sendo coisa

<sup>1</sup> Sezão; quer dizer, na época. Ms. 778 BPB: cesão.

<sup>2</sup> Ver glossário (*Milagres de Nossa Senhora* / *Le Livre des Miracles de Marie* / *Ta'amra Maryam*).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 34].

<sup>4</sup> Ver livro II, cap. 16; C. Beccari, *RÆSOI* 4, Roma, 1906, pp. 279-82.

<sup>5</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 9.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: arábica.

<sup>2</sup> Língua siríaca. Errata do autor, repetida pelo copista.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 34v].

certa e sabida de todos os de Etiópia, que daquele tempo para cá, nem se tiraram, nem se perderam nenhuns, segundo testemunharam principalmente os que de muito antes até agora moraram lá. Também o número de mais de duzentos monges da Abadia da Cruz, que, diz, estão sinalados para livreiros, é muito grande, pois, como já dissemos no cap. 7.º, nunca os frades que estavam lá acima em ambas as igrejas passavam de catorze, nem os clérigos de trinta, nem há nem houve nunca tal Abadia da Cruz.

## CAPÍTULO IX

EM QUE SE MOSTRA QUE NENHUM TESOURO TEVE NUNCA O PRESTE JOÃO  
GUARDADO EM GUIXÊM AMBÂ

**S**e foi comprido Frei Luis de Urreta em falar da livraria de Guixêm Ambâ, muito mais o é em tratar dos tesouros que imaginou ou lhe meteram em cabeça, que tinha lá guardados o Preste João, [fol. 41] porque faz dois capítulos, 10.º e 11.º<sup>1</sup>, sobre esta matéria tão compridos, que não é pequena<sup>2</sup> penitência ser-lhe forçado ler os<sup>3</sup> a quem tem outras coisas que fazer, principalmente se sabe quão fabulosas sejam todas quantas neles diz. Pelo que, ainda que refira suas palavras, não serão mais que aquelas que fizerem mais a propósito para, em suma, dar notícia de seu intento, que é antepor os tesouros e riquezas do imperador de Etiópia aos de quantos reis há e houve no mundo. E, assim, depois de advertir que não quer falar das muitas minas de que é abundante e rica Etiópia, diz, pág. 112: *Solo pretendo dizir el thesoro que esta guardado en el Monte de Amarâ en el monasterio de la Cruz, junto con la libreria, el qual es de tan inmensa riqueza, que me atrevo a dizir y digo confiadamente, que ningun rey del mundo, ni antiguos, ni presentes, ningun imperio, ni monarchia aunque entren en esta cuenta las quatro nombrados en el orbe, babylonios, persas, griegos y romanos con todas sus victorias, triumphos y despojos ricos, tuvieron tanto oro junto, ni piedras preciosas como ay recogido en el Monte Amarâ.* É mais adiante, pág. 114: *El thesoro que esta en este monte, es tradicion en toda la Ethiopia que começou a juntarse desde la Reyna Sabba. Y desde aquellos tiempos tan antiguos cada anno ponen y atherosan tantas rentas y riquezas como tienen los emperadores de la Ethiopia, y nunca sacan cosa ninguna, porque dello no tiene necesidad el Preste Joan, porque las ciudades del imperio, segun la costumbre antigua, pagan toda la gente de guerra, la guardia de su persona y pavellones y Monte de Amarâ. Y pera el gasto de su corte e casa, estan señaladas las rentas de tres poderosos reynos, el de Sabba, Zambra y Gafatê, los quales sobradissimamente contribuen pera estos<sup>4</sup> gastos. Y la renta de los otros reynos, que son cinquenta y nueve, queda libre y horra, que siendo tan pingüe, porque todos los reynos son ricos de minas de oro y plata, y muy poblados, recogiendo en el thesoro del Monte Amarâ por espacio de tres mil annos, considere el letor que de oro se avra recogido y guardado, que çierto excede toda*

*la medida y cuenta. Pues si en tiempo de la Reyna Sabba (diz pág. 115) havia tantas riquezas de oro y plata, y desde entonces hasta el dia de oy se recogen y guardan las rentas, ¿el oro y plata a que numero de millones avra llegado? Los mismos thesoreros y contadores del imperio no lo saben apreciar, sino que siempre hablan con admiracion, y encaricimiento. Las salas donde se guarda el thesoro son quatro bastantemente grandes y espaciosas. Antiguamente se guardava el oro en estas sallas [fol. 41v] de la manera que lo sacavan de las minas con toda su escoria. Lo mas puro era lo que sacavan del Rio Negro y otros rios en pedaços y a veces harto grandes. Duro esta costumbre hasta el Emperador David, al qual un portugues llamado Miguel da Silva le dio por consejo que fundiesse todo aquel oro en tijuelos y barras pera que se guardasse con mas comodidad. Hizolo el emperador y lleno todas aquellas quatro casas desde el suelo hasta la techumbre de rimeros de ladrillos de oro en quadro de hum palmo de largo y ancho, y tres dedos de canto. El oro es finisimo, porque ay ladrillos que se doblan y rollan como si fuesse de massa, que ya tiene fama el oro de Arabia y de la Ethiopia de muy fino y precioso. Avra en cada <sup>1</sup>salla, hechando el juizio a monton, segun dicen personas, que lo han visto venecianos y portugueses, mas de trezientos millones, que, siendo quatro las sallas, seran mas de doze veces cien millones.*

Diz mais pág. 118: *El emperador Alexandro III, que murio anno 606, viendo que todos los principes christianos hazen batir moneda, gravando en ella su figura y armas, determino batirla con parecer del Gran Consejo y de todo el clero y sacerdotes de la Ethiopia, los quales viendo que era muy grande policia y juntamente mucho provecho y comodidad pera los que contratavan, salio determinado y resuelto del Consejo que se acunhasse moneda por todo el imperio; pero<sup>2</sup> que la figura no fuesse redonda, sino larga como un ovado y en la una parte esta gravada la imagen del glorioso apostal y evangelista S. Matheo, patron de la Ethiopia, y en el reverso de la moneda la figura de un leon con una cruz empunhada en las manos, que son las armas de los emperadores. La letra, que anda por la orla, es a la parte del leon: Vicit Leo de tribu Juda<sup>3</sup>, y donde esta la figura, de S. Matheo: Ethiopia præueniet manus eius Deo<sup>4</sup>. La plata, de la qual se ha hecho poca mencion, en este capitulo es porque ay poca en comparacion del oro, y antiguamente no la sabiam labrar ni cuidavan<sup>5</sup> mucho della. Ahora se lavra y sirve de moneda y se aprovechan della pera contratar con mercaderes<sup>6</sup> de otras naciones, porque no se puede saccar oro del imperio, sino solo la plata.<sup>7</sup>*

Em a mesma página, começando a tratar das pedras preciosas do tesouro, diz assi: *Quiero hazerme una vez lapidario sin serlo, pues nos dá motivo el presente capitulo y la corriente de la historia, tomandonos de la mano, nos ha entrado en la salla delas joyas y piedras preciosas, que junto<sup>8</sup> a las sallas del oro, en el Monte Amarâ, en el monasterio de la Cruz, tiene el Preste Joan. La qual sala está rodeada de caxones muy grandes, de cedro unos, otros de [fol. 42] evano muy guarnecidos y con fuertes çerraduras: en cada uno de los arcazes está el nombre de las piedras que ay dentro. La sala es muy grande y, estando llena de piedras preciosas, es inestimable el valor y precio della. No se sabe quando los emperadores de la Ethiopia empeçaron a ajuntar piedras preciosas, porque las que tenia la Reyna Sabba se guardan oy dia en la ciudad de Sabba en la iglesia del Spirito Santo, donde ella se enterró. En entrando por la salla, luego se offrecen unos caxones*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 35v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *pera*.

<sup>3</sup> Apocalipse, 5, 5: «Eis que venceu o Leão da tribo de Judá».

<sup>4</sup> Salmos, 68 (67), 5: «A Etiópia estenderá as suas mãos para Deus.» L. Urreta atribui esta passagem a *Mateus*, erradamente.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *curavan*.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *mercadores*.

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, excerto do cap. 10, pp. 112-8.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: *juntan*.

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 10, intitulado «Del grandissimo tesoro que el Preste Iuan tiene guardado de tiempos antiguos en el monte Amarâ», pp. 111-7; livro I, cap. 11, intitulado «De las joyas y piedras preciosas que tiene el Preste Iuan en el monte Amarâ», pp. 118-28.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 35].

<sup>3</sup> Castelhanismo do autor.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *los*.

*muy grandes llenos de esmeraldas muy ricas, las quales piedras son de mucho valor, por ser verdes resplandecientes, y tanto que no hay cosa criada tan verde como ellas, ni que mas tanto recree y deleite la vista. Ay en estas arcas grandissimos pedaços, porque entre todas las piedras preciosas la esmeralda es de la qual se han hallado maiores piedras.*<sup>1</sup>

Pouco mais adiante, vai dizendo que um rei de Babilónia apresentou a outro do Egipto uma esmeralda que tinha quatro côvados de comprido e três de largo, e que na cidade de Tiro, no templo do Deus Hércules, havia uma coluna mui grande toda <sup>2</sup>de uma esmeralda, e outra em Egipto, no templo de Deus Júpiter, de quarenta côvados de comprido e por uma banda quatro de largo e por outra dois, de sós<sup>3</sup> quatro esmeraldas, e em um dos labirintos de Egipto havia uma estátua que tinha nove côvados de alto de uma só esmeralda; e que é tradição em Etiópia, e o têm por certo, que estas tão grandiosas esmeraldas se levaram de Etiópia. E ainda hoje se acham e se guardam, entre as outras jóias, pedaços grandíssimos de esmeraldas, e que o Preste João tem pratos, tigelas e jarros feitos de esmeraldas e outras pedras preciosas. Daquí vai discorrendo por todos os nomes que há de pedras preciosas, e de cada sorte delas enche grandes cofres<sup>4</sup>, dizendo: *Hay otras arcas, unas de diamantes muy preciosos, otras de rubys los mejores del mundo, y algunos tan grandes como un dedo pulgar. Las piedras, de las quales ay muy grande abundancia en esta salla, son turquesas, zafiros, topazios, bageles. Hay iacintos y algunas amatistas. Tambien ay arcas de crisolytos, aunque no las tienen en tanto precio. De calcedonias ay mina. Y de la piedra agata ay muchas, pero no se sabian aprovechar hasta que unos oficiales embiados por el Duque de Florencia Francisco de Medicis labraron muy hermosos camapheos. De perlas ay muchas arcas llenas, assi de la India Oriental, como de Ormuz, como del Rio Negro.*<sup>5</sup> *Ay perlas muy grandes de suerte, que quando las vido Bernardo Veccheti, famoso* [fol. 42v] *lapidario que fue embiado por el Duque Francisco de Medicis, dixo que tenia por cierto que las perlas tan nombradas que servian de çarçillos a la Reyna Cleopatra, no podian ser maiores que las que ally estaban guardadas.*

Diz mais, pág. 127: *Entre las muchas piedras ricas y de grande<sup>6</sup> precio que tiene el Preste Ioan de quien se pudiera aqui hazer memoria, hay un peñasco y pedaço de rocca de piedra guijarena, que se hallo dentro del Rio Negro (que es el rio que cria mas piedras preciosas de quantos tiene el mundo), en cuya labor no parece sino que la industriosa naturaleza se desocupo y desembaraço de las obligaciones forçosas, y esmerando sus dedos y repuliendo sus manos, labro un cielo estrellado y quiso poner iuntas todas las piedras preciosas que por diversas partes del mundo suele criar repartidas. Es este peñasco quadrado, tiene dos palmos e medio e çerca de tres por quatro, de canto tiene por orden de mas un palmo y por onde menos quatro dedos. La piedra es aspera y grossera, <sup>7</sup>como la de los escollos donde baten las olas del mar, en el qual engasto la naturaleza mil diferencias de piedras preciosas. Ay mas de ciento y sesenta<sup>8</sup> diamantes, unos tan grandes<sup>9</sup> como la palma della mano, otros de dos y tres palmos de ancho, otros como un dedo pulgar, largo y el menor será como una avellana gruessa, todos finissimos y de subidos quilates. Ay mas de trezientas esmeraldas grandes y pequeñas, rubies<sup>10</sup> los mayores del mundo ay mas de cinquenta, algunos como el dedo índice. Ay zafiras, turquesas,*

*balaxes, amatistas, espinelas, topazios, iacintos, crisolytos, enfim todo genero de piedras preciosas. Sin esso<sup>1</sup> venense encaxadas algunas piedrezitas pequeñas muy hermosas, que no se les sabe nombre; enfim es un milagro y prodigio de la naturaleza. Puesto al sol, es tanta la refulgencia y belleza que tiene, que no ay vista en el mundo, ni hermosura, que se le iguale. Quando le vido Bernardo Veccheti, embiado par el Duque de Florencia Francisco de Medicis, con ser hombre muy entendido en piedras, quedo admirado y dixo que no tenia precio y que excedia toda estima. Tienela el emperador dentro de un encaxe de oro cubierta con un tablon de oro fino, y por persuasion del dicho Bernardo, hizo lavrar dos bofetes de oro y en ellos ha engastado millares de piedras preciosas, escogiendo las mas riquas y hermosas que ay en el guarda joyas y dellos se sirve para quando vienen embaxadores de los reys de Europa, a los quales reçibe arrimado y apoyado en un bofete destes.*<sup>2</sup>

Até aqui são palavras de Frei Luis de Urreta, a que [fol. 43] facilmente poderemos responder que este tão imenso e<sup>3</sup> inestimável tesouro era como aqueles tesouros que fingem encantados, que não se<sup>4</sup> podiam ver. E mais, seus encarecimentos e modo de referir a história são muito<sup>5</sup> semelhantes aos que usam os que tratam destas ficções, pois afirma que estão quatro salas grandes e espaçosas cheias do chão até cima de tijolos de ouro de três dedos de grosso, e tão fino que se dobra como massa. Coisa<sup>6</sup> maravilhosa que, demais de tão grande multidão de ouro, seja tal que tijolos de três dedos de grosso se dobre e enrole, como se fora de massa. Nem nos houvera de ser de menor admiração, se nos fora concedido entrar naquela sala das pedras preciosas onde a corrente da história meteu pela mão ao autor, pois de uma e outra parte está rodeada daqueles tão grandes e bem guarnecidos caixões, cheios de tão formosa e rica pedraria. Mas, sobretudo, houvéramos de ficar atónitos e pasmados se nos alevantaram aquele *tablom*<sup>7</sup> de fino ouro com que <sup>8</sup>está coberto o penhasco em que a industriosa natureza, desocupando-se das obrigações forçosas, se esmerou tanto que pôs nele juntas todas as pedras preciosas que por diversas partes do mundo a costuma a criar repartidas. Sem dúvida que, vendo a beleza e refulgência de tão vária e inestimável pedraria, houvéramos por força de confessar que nunca havia chegado com muita parte a ideia de nosso pensamento ao que nossos olhos tinham presente, e que houvéramos de notar uma grande maravilha em este milagre e prodígio da natureza, e é que, em uma pedra de dois palmos e meio, ou pouco mais, em quadro<sup>9</sup> estejam engastadas tantas como nomeia e as que diz que não têm nome, umas como a palma da mão e outras como dois e três dedos, se não quiser alguém dizer que estas pedras têm a propriedade dos anjos que não ocupam lugar; o que, ainda que se não possa verificar de coisas corporais, facilmente concederei eu que estas não ocupam lugar, pois na verdade não são mais que imaginárias e fabulosas. Contudo, já que alega testemunhas que diz são de vista, será bem declarar a diligência grande que fiz para tirar em limpo esta verdade.

Primeiramente, é coisa muito certa que de muitos anos a esta parte, por causa das guerras dos turcos, dos mouros, dos gâlas, e das civis, que até pouco tempo há ardia este império, se diminuiram suas rendas de maneira que não tiveram os imperadores sobejo que atesourar, nem ainda achavam muitas vezes [fol. 43v] donde tirar bastantemente para as necessidades que se lhes ofereciam. Pelo que o Impera-

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, excertos do cap. 10, pp. 118-21.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 36].

<sup>3</sup> Flexão plural do advérbio, admitida na época.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: delas.

<sup>5</sup> Até aqui, o autor, pretendendo estar a fazer uma transcrição, resume o conteúdo das págs. 122 a 125 do texto de Luis de Urreta.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 36v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: cinquenta.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: tamaños.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: rubines.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: esto.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, excertos (com omissão de passagens) do cap. 11, pp. 127-8.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: tão.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: se não.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: mui.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: mui.

<sup>7</sup> «Tablom» ou «tablon»: tabla, ou lâmina de ouro fino. O autor utiliza o termo castelhano empregue por Luis de Urreta. Ms. 778 BPB: tablón.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 37].

<sup>9</sup> Isto é, uma pedra com forma quadrada.

dor Cláudio, a quem em Etiópia chamam Glaudeôs, e como lhe deram o império se intitulou Atanâf Çaguêd, desejando mandar contentes e em alguma maneira remunerar os serviços grandes que lhe tinham feito alguns portugueses da companhia de D. Cristóvão da Gama, que depois de lhe ter recuperado seu império se queriam ir para a Índia, não teve que lhe oferecer senão as próprias jóias da imperatriz sua mãe e de alguns dos seus que pôde juntar, pedindo-lhe muitos perdões por não ter mais com que<sup>1</sup> poder satisfazer a obrigação que lhes tinha mas, se quisessem ficar, lhes daria terras muito compridas. Os portugueses, porém, lhe agradeceram muito a boa vontade com que lhes oferecia aquelas jóias, mas nada lhe quiseram tomar. Nem por derradeiro teve efeito sua ida para a Índia. Também me afirmaram, por coisa muito certa, que o Imperador Seltan Çaguêd, que agora vive, chegou a tanto o ano de 614, que mandou cortar algumas cadeias de ouro de sua pessoa para acudir a algumas coisas<sup>2</sup> que lhe eram necessárias; o que facilmente creio porque, demais de ser mui liberal com todos, teve grandes gastos em as guerras, não porque lhe seja forçado de justiça, conforme ao costume antigo da Etiópia, fazê-los com os soldados, porque a estes reparte as terras da coroa e, enquanto as comem, têm obrigação de servir na guerra, e não porque as cidades lhes dêem o soldo, como por falta de informação disse Frei Luis de Urreta. Mas, contudo, para os ter contentes e honrar os que mais se sinalam, dá sempre, particularmente aos capitães e homens grandes, vestidos de brocado, veludo, damasco e outras peças, que compram aos turcos por muito mais do que valem e, juntamente, punhais de ouro como os dos turcos, ou manilhas de ouro, que comumente têm duzentos ou trezentos cruzados; e algumas vezes dá duas juntas por mais honra, afora de peitas<sup>3</sup> e outros gastos que se oferecem.

Mas para que venhamos ao particular do que toca ao tesouro do Monte de Amharâ que, como já disse muitas vezes, se chama Guixem Ambâ, eu perguntei a muitos velhos e principalmente àqueles dois senhores parentes do imperador, *Abeitahûm* Memenô e *Abeitahûm* Taquelâ Haimanôt, que acima nomeei, e um será de perto de setenta anos e outro de sessenta, que estiveram lá acima muito tempo, ainda que agora residem na corte com beneplácito do imperador. E me afirmaram que nunca os imperadores guardaram em Guixem Ambâ ouro [fol. 44] nem pedras preciosas; e que ainda antigamente, quando os príncipes que lá estavam tinham mais fato, não se achariam entre todos eles dez mil cruzados de ouro juntos; porque, ainda que<sup>4</sup> tinham prometido os imperadores de lhes dar a terceira parte das rendas do império, nunca isto se cumpria. O mais que lhes chegava às mãos eram panos de algodão, mel e mantimentos. Nem me contentei com isto, senão que perguntei ao mesmo imperador, contando-lhe como por graça que diziam que tinha em Guixem Ambâ tantas casas cheias de tijolos de ouro e caixas de pedraria. E respondeu, rindo: «Bastava-me uma, ainda que não fora maior que esta cama (que era uma de cortinas em que então estava encostado). Bem engrandeceu esse as riquezas de meu império, mas a verdade é que nunca se guardou nada disto em Guixem Ambâ.» Tão fora de caminho e<sup>5</sup> de toda verdade é dizer que o imperador tenha tesouro de pedras preciosas, que nem para uma coroa de imperador, que quis este<sup>6</sup> fazer a nosso modo, achou senão umas falsas muito ruins, que aqui trazem os mouros, não sei se da Índia, e assim me encomendou muito lhe fizesse vir algumas. E, ainda que as que me mandaram também eram falsas, contudo por serem mais lustrosas, folgou muito. E, juntamente, vi-

eram alguns aljofares<sup>1</sup> que tinha pedido para os remates de cima, que nem estes achou cá, quanto mais arcas cheias<sup>2</sup> de pérolas, e tão grandes como as que punha em as orelhas a Rainha Cleópatra; antes me mostrou o imperador por grande coisa dois anéis em que tem engastados dois aljofares<sup>3</sup>, que ambos não valem na Índia seis cruzados.

Quanto aos pratos, tigelas e jarros de esmeraldas e outras pedras preciosas, que diz tem o Preste João, poderei eu dar boa razão, porque, demais de perguntar por eles, tenho visto por vezes toda sua baixela, e muitas comido em seus mesmos pratos e mesa, porque, em levantando-se dela (que com ele ninguém pode comer, nem ainda assistir a mesa, afora os oficiais que acima disse), me mandou chamar da sala de fora e assentar com dois ou três senhores seus parentes, a quem algumas vezes faz este favor e mercê. E, deixando o serviço que tem de latão e de cobre, como são pratos e agoamanis, que disto não falta e mais muito bem lavrado, posto que feitio de turcos, tudo o de mais é alguma louça da China, pratos e porcelanas finas, e dos da terra muitos, que são pretos como azeviche<sup>4</sup>. E em isto se resolve toda a baixela do imperador, porque não come em coisa de prata nem ouro. Vidros não lhe faltam, que trazem os egípcios e mouros que vêm do Cairo. Mas pratos e jarros de esmeralda, ou de [fol. 44v] outras pedras preciosas, nem os tem, nem há quem saiba dar razão de que os houvesse nunca em Etiópia, nem que se descobrissem tais minas de esmeraldas e calcedónias, como meteram em cabeça ao autor. Nem há memória das pedras preciosas da Rainha Sabba, que diz se guardam na cidade de Sabba, nem ainda há tal cidade, senão uma aldeia muito triste deste nome no reino de Tigrê, onde ela nasceu; que se lá estiveram, não se lhe encobriram ao imperador e, então, tendo-as tão ricas na sua terra, não lhe fora necessário trabalhar para que lhe viessem da Índia pedras falsas para sua coroa.

Do que temos dito, se vê claramente quã fabulosa coisa seja que viessem a este império Bernardo Vecheti e os mais lapidários que o autor diz que mandou Francisco de Medicis, duque de Florença, pois João António veneziano, que há muitos anos que cá está, e os portugueses velhos e gente da terra afirmam que nenhuns outros entraram cá mais que os que acima nomeámos. Também, se, como o mesmo autor afirma, pág. 915, é certo que o estrangeiro que mais chegou a alcançar, foi ver de longe o monte onde diz estava o tesouro e livraria, que não se permite chegar perto dele, segue-se que nenhum dos estrangeiros que afirma que vieram ver o tesouro e livraria entrou lá. Nem é necessária mais prova para isto que saber que nunca houve em Etiópia<sup>7</sup> tal tesouro de pérolas e pedras preciosas como diziam. Até o imperador me afirmou que não havia memória de que seus antecessores tivessem nunca comunicação com os Duques de Florença, dando-lhe eu uma carta do Duque D. Cosme de Medicis, que os padres da nossa Companhia me mandaram da Índia em Julho de 1616, porque um frade abexim<sup>8</sup> que a trazia ficou lá, e era de 7 de Abril de 611, em que dizia que el Sereníssimo Ferdinando seu pai era grande amigo e servidor de Sua Majestade e mui afeiçoado à sua nação; e que ele, como seu filho herdeiro e sucessor, tinha a mesma vontade e afeição, com outras muitas palavras de amor e benevolência, em que mostrava o desejo que tinha de renovar a amizade. Do que o imperador folgou muito e

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: aljofres. Aljôfar ou aljofre são pérolas miúdas (do árabe «al-djâwhar»).

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 38].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: aljofres.

<sup>4</sup> Mineral de linhite (do árabe «as-sâbadj»).

<sup>5</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 8.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 38v].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: houve.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: Ver glossário (abexim).

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: lhes. A lição sem declinação plural do pronome do ms. autógrafa era comum na época.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 37v].

<sup>3</sup> Subornos.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: lhe.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: quis.

disse ao secretário o que havia de responder e ele acrescentou que folgava de que se lhe oferecesse tão boa ocasião de renovar a amizade, que seus antepassados<sup>1</sup> tiveram com os antecessores<sup>2</sup> do grão duque. E, levando a carta ao imperador, disse diante de mim que tirasse isto, porque não ouvira nunca dizer que seus antepassados tivessem nunca comunicação com os Duques de Florença. Respondeu o secretário que já que o duque escrevia naquela forma por amizade, [fol. 45] que não era nada, que bem podia ir, e por isto o deixou passar.

Nem tem força alguma o que o autor alega, pág. 114<sup>3</sup>, que Pêro de Covilhã, português, disse a Francisco Álvares, como ele refere, fol. 167 de sua *História*<sup>4</sup>, que o imperador de Etiópia tinha tão grande tesouro que podia comprar um mundo com ele, porque de quanto encerravam nunca tiravam nada. Isto bem se deixa ver que é encarecimento e modo de falar, e que o podemos chamar muito grande hipérbole com mais razão do que ele, tomando demasiada licença, pág. 113<sup>5</sup>, chama hipérbole o que a Sagrada Escritura diz das riquezas de Salomão, porque não foram as maiores do mundo. E todavia, 426 *Paralipomenos* 1.<sup>º</sup>, prometeu Deus de lhe dar tantas riquezas que nenhum rei antes nem depois dele lhe fosse semelhante, *Sapientia et scientia data sunt tibi. Diuitias autem et substantiam, et gloriam dabo tibi ita ut nullus in regibus, nec ante nec postea fuerit simili tui*<sup>7</sup>; e em 3 *Reis* 10, mostra a Sagrada Escritura que lhe foi cumprida esta promessa, dizendo: *Magnificatus est ergo Salomon super omnes reges terrae diuitiis, et sapientia*<sup>8</sup>. E Frei Luis antepõe às riquezas de Salomão e às de quantos reis houve e há hoje em o mundo, os tesouros que o Preste João tem em Guixêm Ambâ, a que ele chama Monte Amarâ, sendo tudo tão fabuloso como acima temos mostrado. Nem Francisco Álvares diz que estava aquele tesouro<sup>9</sup> em Guixêm Ambâ em as salas que o autor pinta, senão longe dali em uma cova, perto da qual tinha suas casas Pêro de Covilhã. Nem havia lá o tesouro que ele cuidava, senão cabaias de brocado de veludo e damasco, e outras peças ricas que lhes traziam aos imperadores de Meca e do Cairo e alguns esquifes, como me afirmou o Imperador Seltân Çaguêd, a quem perguntei isto. E disse que tudo se queimou, quando veio aquele mouro de Adêl a quem chamam Granh. Nem as rendas de ouro foram nunca, nem são hoje, tão grandes que os imperadores pudessem atesourar muito, como adiante veremos, quando tratarmos delas.

Também foi grande<sup>10</sup> encarecimento o que a Imperatriz Helena<sup>11</sup> disse no fim da carta que escreveu a El-rei D. Manoel de Portugal, que se quisesse armar mil naus, ela dava os mantimentos, e socorreria em abundância com tudo o que fosse necessário para a armada. E Frei Luis lhe acrescenta para todo o tempo que durasse a guerra. E diz que ela era avó do Imperador David e enganou-se, porque não era senão mulher do Imperador Naôd, cujo filho era David, mas bastardo, como pouco há me disse o imperador. E muito maior encarecimento foi o que escreveu este David, que depois se chamou Onâg Ça-

guêd em a carta que mandou a El-rei D. João, que tinha ouro, homens e mantimentos como as areias do mar e as estrelas do céu. Queria engrandecer as coisas da sua terra que, posto que muito fértil, está longe de lhe quadrarem [fol. 45v] tais palavras. E pouco lhe aproveitou depois aquela tão grande multidão de gente que dizia, pois, entrando aquele mouro Grânh com exército, lhe tomou quase todas as terras, e ele andou fugindo de uma parte a outra até que morreu em o reino de Tigrê. E, se então não viera D. Cristóvão da Gama com quatrocentos portugueses de socorro, os mouros se senhorearam do império, sem haver quem lho pudesse impedir.

Acerca do que diz Frei Luis de Urreta, que o Imperador Alexandre III, que morreu o ano de 1606, bateu moeda como ovada<sup>1</sup> e de uma parte a imagem de S. Mateus e da outra um leão com cruz na mão etc., tudo foi falsa informação que lhe deram; porque, primeiramente, já tenho declarado muitas vezes que nunca houve em Etiópia Alexandre III, e que eu entrei em Maio de 603 e o imperador se chamava Iacob. Este era nome de baptismo e o do império Malâc Çaguêd como seu pai. E, sendo ele menino, governava a Imperatriz Mariâm Cinâ e seu genro *Erâz* Athanatêus, o qual persuadiu a todos os grandes que era bem bater moeda, que antes não se usava em Etiópia, e começaram por cobre. A figura era redonda e tão grande como um veneziano; em uma parte tinha gravada a imagem do Imperador Iacob da cinta para cima, com coroa na cabeça e, da outra banda, seu nome, sem outra coisa nenhuma. Isto me disseram os que viram a moeda e um dos que fizeram os cunhos e os abriram, que é um ourives grego que ainda vive. E tão longe estavam em Etiópia de gravar na moeda a imagem de S. Mateus, que estranham muito gravar-se a de S. Marcos em a dos venezianos. Esta moeda não quis receber o povo por ser de cobre e, assim, não se bateram mais que três mil arráteis de cobre, como me disse este grego, que os fez pesar, e isso ficou perdido. Logo se tornaram ao antigo, que é trocar umas coisas por outras, ou comprar com ouro pesado.

Não menos se enganou o autor no que diz que se lavrara prata e servia de moeda para contratar com os mercadores de outras nações, porque não se podia tirar ouro do império, senão só prata. Melhor dissera que só ouro saía do império, porque com isto contratam com os mercadores de outras nações, e prata nenhuma há que possa sair, antes a trazem sempre comprada do porto dos turcos. E estes anos passados davam aqui, por cinco patacas, peso de ouro de uma delas, ainda que o ordinário são sete. Não porque falem minas de prata, senão porque parece que a não sabem tirar, porque já provaram por vezes, depois que eu vim. E era muito boa alguma que me mostraram, mas desistiram porque lhes custava muito trabalho e tiravam pouco.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: antecessores.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: antepassados.

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 10.

<sup>4</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 128, «Da maneira que levam a fazenda do Preste quando caminha e dos brocados e sêdas que enviou em Jerusalém e do gram tesouro», pp. 351-2.

<sup>5</sup> Na realidade, p. 115 de L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 10.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: 2.

<sup>7</sup> «receberás sabedoria e conhecimento. Além disso, Eu dou-te também riqueza, fortuna e glória, como nenhum dos teus antepassados teve, nem os teus sucessores terão.» (2 *Crônicas* 1, 12).

<sup>8</sup> «Salomão superou todos os reis da terra em riqueza e sabedoria.» (1 *Reis* 10, 23).

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 39].

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>11</sup> Ver glossário (Helena / Elleni).

<sup>1</sup> Isto é, com forma de ovo, oval.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 39v].

## [fol. 46] CAPÍTULO X

EM QUE SE DECLARA A CAUSA POR QUE SE COMEÇARAM A METER OS FILHOS  
DOS IMPERADORES EM GUIXÊM AMBÂ, ATÉ QUE IMPERADOR DUROU  
ESTE COSTUME E COMO SE GUARDAM AGORA OS DESCENDENTES  
DAQUELES PRIMEIROS

A principal razão e causa por que Guixêm Ambâ tem tão grande nome e de muitos tempos a esta parte foi tão celebrada, não só dos estrangeiros, mas ainda dos naturais de Etiópia, havendo nela outros lugares mais fortes e de não menos comodidade para serem habitados, é porque este monte ou fortaleza (não feita por arte, senão pela mesma natureza) que está em o reino de Amharâ, foi escolhido dos antigos imperadores, não para pôr nela em custódia os malfeitores e inimigos, senão seus próprios filhos e irmãos, que até destes se arreceia o desejo de reinar. Mas, para que melhor se entenda isto, se há de saber que o Imperador Icûnu Amlâc, de quem fizemos menção no fim do cap. 1.º, teve cinco filhos ou, como outros dizem, nove; e, estando para morrer, lhes encomendou mui encarecidamente que tivessem muito amor e união entre si, e que cada um reinasse um ano, começando o mais velho. Assim iam fazendo, mas, chegando o império ao segundo, ou como os que dizem que eram nove irmãos, chegando ao sétimo, se enfadou o mais pequeno, que se chamava Freheçân, porque o imperador e o que já o tinha sido comiam sempre juntos em uma mesa e, como acabavam, se assentavam a ela os demais irmãos, mas não lhes permitiam lavar as mãos ali diante, senão que os obrigavam a sair fora do aposento a se lavar, e depois entravam a comer. Enfadado disto, Freheçân, disse a seus amigos: «Eu não hei-de fazer desta maneira <sup>1</sup>senão, quando me chegar o <sup>2</sup>império, prender todos estes meus irmãos e pô-los em lugar de onde não possam mais sair.» Não faltou quem dissesse isto ao que era imperador, pelo que mandou logo prender todos seus irmãos, e, sabendo que Guixêm Ambâ era muito forte e acomodada para os ter nela, porque os moradores já eram cristãos e tinham já igrejas do tempo do Imperador Lalibelâ, que foi setenta anos antes, pouco mais ou menos, os mandou levar e dar lá todo o necessário abundantemente e que tivessem boa guarda para que não pudessem sair. E ainda hoje há, em Guixêm Ambâ, geração de Freheçân, segundo me disse o Imperador Seltân Çagued que foi um dos que me contaram esta história.

Daquele tempo até o Imperador Naôd, que serão duzentos e doze anos, pouco mais ou menos, sempre foi costume meterem os príncipes em Guixêm Ambâ, e levavam-nos como chegavam à idade de [fol. 46v] oito anos. E, por tempo, multiplicaram tanto que chegaram ser mais de quinhentos, com mulheres e filhos, porque sempre casaram e tiveram lá em cima suas mulheres e filhos, como hoje têm os que ficaram. Mas, às filhas, nunca se lhes proibiu sair<sup>3</sup> a casar à sua vontade onde quisessem, porque os filhos destas não podem herdar o império, nem ainda os filhos das filhas do imperador, porque, se ele não tiver filhos varões, hão-de buscar depois de sua morte a quem pertença o império por via masculina dos que estão fora de Guixêm Ambâ e, se não houver, tirar algum dos que lá estão. A estes prin-

cipes dizem que tinham prometido para seus gastos a terceira parte da renda do império<sup>1</sup>, mas muito pouco ouro lhes davam, posto que mantimento, panos de algodão, manteiga de vaca, mel para comer e fazer vinho tinham em abundância, porque senhoreavam muitas terras à roda de Guixêm Ambâ, cujos moradores os proviam de todas estas coisas abundantemente, e tinham obrigação de lhe fazer suas casas e cercas, mas térreas e<sup>2</sup> cobertas de palha, como já dissemos, e ainda varrer-lhas e limpar tudo o que fosse necessário. A demais gente, de que se serviam ordinariamente, eram escravos e não podiam ter outros criados de nenhuma maneira, porque não somente lhes eram proibidos os filhos dos homens grandes, mas ainda dos baixos, para evitar o que podiam maquinar em suas pretensões, ajudando-se para com os de fora destes criados e de seus pais.

Tinham posto mui grande vigia e guarda, para que nem os príncipes pudessem descer daquela *ambâ*, nem pessoa alguma subir sem expressa licença do imperador. Estas guardas moravam no alto, em uma casa que tem na porta da entrada (como dissemos no cap. 6.º) e mudavam-se de certo em certo tempo, descendo uns <sup>3</sup>e subindo outros que estavam, não ao pé de Ambâ, que ali não há, nem houve nunca, povoação, senão afastados como dois tiros de espingarda, ao longo de umas serras, onde lhes tinham dado terras para sua comedia, que se chamavam Habelá. Afora estes, estavam alguns<sup>4</sup> homens nobres que, por razão de seus ofícios, se chamavam *acabhâ ambâ*, *xobhêr*, *jan cirâr*, a cujo cargo estava guardar o fato dos príncipes, fazer que se arrecadassem as rendas de suas terras, e que fossem providos de todo o necessário a seu tempo, de maneira que não houvesse falta em seu serviço. A estes se davam todos os recados e cartas que vinham para os príncipes, e, depois de as verem, as davam ou não, como melhor lhes parecia, e as cartas que os príncipes escreviam também as haviam eles de ver e, se lhes parecia bem, as mandavam, e se não, as rompiam. Era tanto o que estes sujeitavam aos príncipes que nem lhes deixavam fazer mudança no vestido ordinário, e assim, vendo um deles a um príncipe<sup>5</sup> mais curiosamente vestido do que se usava, lhe deu uma bofetada e repreendeu asperamente, dizendo que aquilo mostrava bem que andava [fol. 47] com o coração inquieto e desejoso de reinar, e fez-lhe tirar o vestido. Sucedeu todavia que, morrendo dali a pouco<sup>6</sup> o imperador, foi aquele príncipe escolhido, o que, vendo o que lhe deu a bofetada, se afastou com medo e vergonha do que tinha feito, sem se atrever a<sup>7</sup> aparecer mais diante dele. Mas o imperador, como se viu em sua cadeira, o mandou chamar e, vindo com grande medo, se lhe lançou aos pés, pedindo-lhe perdão do que com tão grande atrevimento fizera. O imperador mandou que se levantasse, e fez trazer ricos vestidos e uma manilha de ouro e, com palavras brandas, lhe disse que não tivesse medo, que servira muito bem naquilo a seu senhor, que se vestisse e pusesse aquela manilha e tornasse para seu mando, porque esperava que o havia de servir a ele com a mesma fidelidade que tinha sempre servido a seu antecessor.

Correndo as coisas dos príncipes em esta forma, chegou o império a Zâra Iacob. E não sei porque se enfadou dos da família do Imperador Hezb Inânh, que mandou que os tirassem daquela *ambâ* e os levassem a umas terras baixas muito quentes e doentias, que chamam *colâ*, *scilicet* «terra quente», onde não moravam senão vilões, e disse que fossem «israelitas de Colâ», que era tanto como dizer que lhes tirava a

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: para seus gastos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: mas.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 40v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: outros.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: vestido.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: tempo.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: mais.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 40].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: meu.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: saírem.

nobreza de israelitas que descendiam dos imperadores e os fazia vilões. Sentiram eles muito esta injúria e a incomodidade e trabalho da morada, mas, como os levavam com boa guarda, nenhum se pode afastar, e ali os tiveram até que, por morte de Zâra Iacob, entrou no império seu filho Bêda Mariâm. Este lhe mandou dizer: «Porventura o filho não perdoará aquilo, por que se irou seu pai? Tornai a vossa primeira morada de Guixêm Ambâ e não tenhais paixão, que eu vos <sup>1</sup>farei bem.» E depois que entraram na *ambâ*, lhes mandou perguntar, por três criados, que vissem o que queriam, que em tudo lhes daria gosto e faria mercê. Mas eles, que tinham ainda viva na memória a injúria passada e muito mais o desejo de se vingar, não fizeram caso do que lhes oferecia, antes tomaram todos os três criados e os mataram, e se fizeram fortes lá em cima, sem lho poderem impedir as guardas, que estavam descuidadas por não imaginarem tal coisa e eles eram muitos. Sabendo isto, o imperador teve grande sentimento e, aceso em ira, determinou de destruir e acabar a geração de aquela casa e, com este intento, partiu logo para lá com muita gente e, chegando, trabalhou muito por que sua gente subisse. Mas os de cima, que entendiam bem sua pretensão<sup>2</sup> que era vingar-se, defenderam com pedras a subida, que é muito estreita e áspera, de maneira [fol. 47v] que todos os do imperador tiveram por impossível a entrada, e assim, ele, posto que com muito desgosto, determinava de se tornar. Mas, em isto, vieram uns moradores da terra e disseram ao imperador que eles mostrariam por onde se podia subir, e, prometendo-lhes grandes prêmios, mostraram uma entrada que chamam *mestanquêr*, que a entrada ordinária se chama *macaraquêr*. E, ainda que por aquela parte é rocha tão íngreme que nenhum dos de cima se arreceava de que lhes pudessem entrar, contudo subiram de noite, pegando-se às arvorezinhas e raízes que saíam por entre as juntas das rochas, e, pouco antes de amanhecer, deram de súbito em os de cima que, como estavam desarmados e sem receio de tal assalto, facilmente os renderam e levaram ao imperador. Ele então mandou cortar as cabeças a oitenta e pôs boas guardas em a *ambâ* e se tornou.

O terceiro imperador depois deste Bêda Mariâm se chamou Naôd, e foi o derradeiro que elegeram dos que estavam em Guixêm Ambâ. A causa disto dizem que foi que, entrando um dia diante dele um seu filho, disse: «Já este menino cresceu?» Respondeu ele: «Cresci para Guixêm Ambâ»; o que magoou tanto ao imperador que jurou de não meter lá mais a ninguém e fez excomungar<sup>3</sup> os grandes para que, nem ainda depois de sua morte, não metessem a nenhum de seus filhos, mas que se guardassem todos os que primeiro lá estavam dos de Israel. E assim o fizeram até hoje, porque, ainda que, quando morreu o Imperador Malâc Çaguêd, que foi pelos anos de 1596, prenderam o seu sobrinho Za Denguîl, não o levaram a Guixêm Ambâ, senão a uma ilha que chamaram Dec, que está na Lagoa de Dambiâ<sup>4</sup>, e deram o império a Iacob, filho bastardo do Imperador Malâc Çaguêd, e depois, no ano de 603, prenderam a Iacob e o mandaram com guarda ao reino de Nareâ, não a Guixêm Ambâ, e deram o império a Za Denguîl, e, ao Imperador Seltan Çaguêd, que hoje vive, lhe morreu um filho de vinte anos aos 24 de Dezembro de 616<sup>5</sup>, e tem agora um de dezoito anos e outro de dezassete e outros dois mais pequenos, e nenhum deles entrou nunca em Guixêm Ambâ. Sempre estiveram e estão em a corte com o imperador, por cessar este costume desde o Imperador Naôd, que há cento e catorze anos que passou este de 1622.<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 41].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: tenção.

<sup>3</sup> Jurar sob pena de excomunhão.

<sup>4</sup> Ver glossário (Dec / Dâq; e Lagoa de Dambiâ / Lago Tâna).

<sup>5</sup> Ver livro IV, cap. XIX (ms. Goa 42 ARSI), *infra*.

<sup>6</sup> Ver glossário (filhos de Susnêyos).

<sup>1</sup>Ainda porém que daquele tempo para cá não meteram em Guixêm Ambâ os filhos dos imperadores, todavia guardaram com muita diligência os que primeiro lá estavam até o Imperador Atanâf Çaguêd, que primeiro se chamava Glaudeôs, *scilicet* «Cláudio», e começou a reinar pelos anos de 1540. Este foi fazendo pouco caso deles e não lhe dava nada que descessem alguns da *ambâ* e estivessem em [fol. 48] algumas aldeias onde tinham suas comedias. Depois se foi alargando isto de maneira que a só quinze que ficaram dos da família do Imperador Hezb Inânh proibem agora a descida, por se temerem deles. Todos os outros descem de ordinário em o Inverno e estão em suas aldeias, porque em tempo de chuva é muito trabalhosa a subida para a gente de serviço que lhes leva lenha e mantimentos, etc. Mas, no Verão, tornam a subir por medo dos gâlas gentios, de quem falámos no cap. 1.º, que<sup>2</sup> por ali particularmente fazem muitas entradas, roubando e cativando mulheres e meninos, que aos homens todos matam e ainda algumas<sup>3</sup> vezes às mulheres com grandes crueldades. Serão por todos os que estão em Guixêm Ambâ, quando no Verão se juntam, duzentos, contando mulheres e meninos. Mas dizem que antigamente eram mais de quinhentos.

Isto é brevemente o que passa sobre o que propusemos no título deste capítulo, segundo a informação que me deram os príncipes que estiveram muitos tempos em Guixêm Ambâ e outros senhores da corte e o Imperador Seltân Çaguêd a quem, para mais me certificar, por ter mais confiança para falar com ele, lhe perguntei de propósito as coisas principais, dizendo que as queria escrever, e as referiu da maneira que aqui as tenho escritas, concordando com o que os outros senhores me tinham dito. Por onde o que escreveu Frei Luis de Urreta, no cap. 12<sup>o4</sup>, sobre esta matéria, tudo é muito contrário à verdade por carecer dela a informação que seguiu. E, para que o leitor tenha mais particular<sup>5</sup> notícias de suas coisas, referirei algumas das muitas<sup>6</sup> que ali conta, começando pela pág. 132, onde diz que o meter os filhos dos imperadores em o Monte<sup>7</sup> Amharâ é costume tão antigo, que o instituiu El-rei Josué, neto de Salomão, filho de Menilehêc, para tirar as ocasiões de ambição, bandos e guerras civis; e que, depois, alguns imperadores, enternecidos com o amor de seus filhos e forçados dos rogos das mães, deixaram um pouco de tempo. Mas o Imperador Abraham teve revelação de Deus que restaurasse o costume antigo e tornasse a pôr e fechar em aquele monte os príncipes herdeiros se queria perpetuar o ceptro e monarquia em sua geração e estirpe de David.

Bem se vê quão contrário é isto ao que temos dito, pois tantos centos de anos depois dos filhos<sup>8</sup> de Menilehêc se começaram a<sup>9</sup> meter em Guixêm Ambâ, a que ele chama Monte Amharâ, os filhos dos imperadores. Nem Menilehêc teve filho que se chamasse Josué, como se pode ver nos catálogos dos imperadores que pusemos no cap. 5.<sup>o10</sup>, nem em todos eles se acha imperador que se chame Abraão, nem há quem saiba dar razão dele, se não quiserem dizer que Abrahâ e Abraão é tudo um, mas, ainda que fora assim, este Abrahâ foi também muitos centos de anos dantes do filho do [fol. 48v] Imperador

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 41v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: muitas.

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 12, pp. 129-39.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: particular.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: muitas.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: dos filhos.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>10</sup> Ver pp. 93-100, *supra*.



Icûnu Amlâc, que começou a meter os príncipes em Guixêm Ambâ. Bem sei que Francisco Álvares <sup>1</sup>em sua *História Etiópica*, fol. 66 e 732, diz que a<sup>3</sup> um Imperador Abraão lhe foi revelado que metesse em uma serra todos os príncipes, excepto o que houvesse de herdar o império e, não sabendo que serra podia ser aquela, lhe foi<sup>4</sup> outra vez<sup>5</sup> revelado que fizesse olhar pelas serras mais altas e que, onde visse andar cabras do mato como que se despenhavam, ali era a serra onde os infantes de Etiópia se haviam de guardar, e, mandando buscar a serra, achou ser aquela que é tão grande que tem bem um homem que subir dois dias do pé até o alto, toda ela penha talhada e tão direita e alta que quando homem vai pelo pé e olha ao alto, parece que o céu está sentado sobre ela. Até aqui Francisco Álvares. E, mais adiante, fol. 776, diz que no alto daquela serra se fazem outras serras e montes que são causa de que haja alguns vales entre eles, um entre duas asperíssimas serras, que em nenhuma maneira se pode sair dele, porque está fechado com duas portas, e em este vale metem aqueles que são mais chegados ao imperador, como são irmãos, tios, sobrinhos, e os demais que há pouco que estão fechados, para que ali estejam com maior resguardo.

Toda esta história é apócrifa, porque nem houve tal Imperador Abraão, nem os príncipes se meteram em aquela serra por revelação, senão pela causa que já dissemos, nem metiam lá primeiro só os príncipes que não haviam de herdar, senão também o herdeiro, nem estiveram nunca em vale, senão no alto de Guixêm Ambâ, que não é serra como ele a pinta, senão como a descrevemos em o cap. 6.º. Mas não é maravilha que errasse, porque, como era estrangeiro e ia tão de passo e com tanto trabalho, como ele diz, por aqueles caminhos, não se podia informar tão em particular das coisas, nem examinar tanto como era necessário as relações que lhe davam, que, ainda que fossem algumas tiradas dos livros da terra, pediam muito exame por estarem quase todos cheios de patranhas.

Diz mais Frei Luis de Urreta, pág. 133: *Juntanse estes principes, siempre que quieren, a jugar, caçar, pescar y entretenerse en lo que mas les daa gusto*<sup>7</sup>. *Pero de obligacion se han de juntar todos, pera oyr missa los dias de fiesta y los demas oficios devinos, a la qual junta no pueden faltar sino por enfermedad, y el orden que en esto guardan es el siguiente: ay una sala deputada pera este ajuntamiento muy espaciosa y ricamente adornada de paños preciosissimos y colgaduras de gran valor: y quando ya estan todos los principes juntos, salen en orden haziendo una procesione desta manera. Van quatro maçeros delante con mantos de damasco negro, todos muy plegados* [fol. 49] *al cuello y tan largos que les*<sup>8</sup> *rastran por el suelo con grandes faldas y colas, las mangas largas hasta el suelo, que llaman mangas de punta, llevando a los hombros sus maças de oro. Despues se sigue un mancebo bestido de damasco hecho a girones*<sup>9</sup> *de negro y amarillo. La ropa le llega hasta media*<sup>10</sup> *pierna, con una almohadilla en las manos, y sobre ella una corona de oro forrada de raso azul pera dar a entender con esta insignia, que todos aquellos principes son del linage y descendencia de David y aptos pera ser elegidos por emperadores. Luego se siguen de dos en dos los principes, llevando los mayores en edad el*<sup>11</sup> *mejor lugar, que es la mano derecha, vestidos de negro, cada uno con su cruz azul al pecho,*

*y cairelada con un hilo de oro por las orlas. La cruz es el Tau de S. Anton con unas florecillas, y un bonete de clerigo en la cabeça de quatro picos, y esto se usa desde Paulo III, que lo mando, que antes los llevavan redondos, que es el habito delos comendadores de S. Anton. Detras dellos se siguen todos los pages y criados, los quales son todos gente principal hijos de reyes, y despues la demas gente*<sup>1</sup>. *Con este orden caminan pera la iglesia del Spiritu Santo, a cuya puerta esta aguardando el abad spiritual de aquella abadia, bestido de pontifical, con el baculo pastoral en la mano, y un caballero militar iunto a el con un estoque desnudo, que este modo de asistencia es ordinario a los abades spirituales. Y echando a todos los principes agoa bendita, entran en la iglesia, poniendose el abad a la mano izquierda del mas anciano de los principes, con el qual se hazen las mismas ceremonias en el discurso de la missa que se acostumbra a hazer con el emperador.*<sup>2</sup>

Mais adiante, diz que os monges de aquela abadia, que são 1.500, têm cuidado do ensino dos príncipes e do governo de seus paços e criados, os quais põem e tiram à sua vontade, e, para melhor acudir a este ministério, sinalam cada semana quatro dos monges que têm cuidado de assistir e acudir<sup>3</sup> ao serviço dos príncipes, mandando o que se há-de fazer; e que cada um dos príncipes tem dez criados para o serviço ordinário de sua pessoa, e são filhos ou descendentes dos reis vassalos do império. E têm obrigação de servir ali um ano, aos quais escolhe o abade espiritual, e, acabado o ano, se tornam a suas abadias aonde residiam e lhes [fol. 49v] deram a cruz, mas cada um com uma muito boa jóia que os abades espiritual e militar de Santa Cruz<sup>4</sup>, juntamente com o príncipe a quem serviram, escolhem do tesouro das pedras preciosas, conforme os serviços de cada um, e, como estes descem de cima, sobem outros dez a servir ao príncipe. Sem estes criados, estão em sua companhia algumas pessoas graves, sinaladas em conselho, letras e virtude, embiadas<sup>5</sup> pelo imperador e seu conselho, de cuja discricão<sup>6</sup> e virtude se aproveita o príncipe.

Estas e outras muitas coisas diz ali o autor que, se foram certas, eram de grande polícia<sup>7</sup> e governo, suposto que haviam de ter ali os infantes. Mas tudo é mera ficção de quem lhe informou porque, primeiramente, como dissemos no cap. 6.º<sup>8</sup>, lá acima do monte não há animais de caça, excepto uns que nós chamamos coelhos, por se parecerem com os de Portugal, e estes ninguém os come, e também bugios, nem há peixe nenhum; por onde os príncipes não se podem juntar para caçar e pescar, <sup>9</sup>nem menos se juntam para ouvir missa em aquela sala que pinta tão ornada com panos ricos, porque não há tal sala. E, quando muito, dois daqueles príncipes, se são amigos, vão juntos à missa, e, se não a<sup>10</sup> quiserem ouvir, ninguém lhes perguntará o porquê, tão longe estão de ir<sup>11</sup> à missa por obrigação. Em aquela também ordenada procissão que fingiu João Baltazar, nem levam cruz azul no peito nem parece que se viu nunca em Etiópia barrete de quatro cantos, quanto mais trazê-lo eles na cabeça. Uns põem touca, outros barrete redondo ou que acabe acima em ponta, da cor que acham. O mais ordinário é andar com a cabeça descoberta e o cabelo comprido. O vestido, comumente, é branco de algodão<sup>12</sup> e

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 42].

<sup>2</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 59, «Da serra em que metem os filhos do Preste João e de como nos apedrejaram junto dela», pp. 149-50.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: tornou.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: ser.

<sup>6</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 60, pp. 152-4.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: les daa.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: le.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: girones.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 42v].

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: lo.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: depues.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 12, pp. 133.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: acudir e assistir.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: de Santa Cruz.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: mandadas.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: disquirição.

<sup>7</sup> Civilidade.

<sup>8</sup> Ver livro I, cap. VI, *supra*.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 43].

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: se a não.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: irem.

<sup>12</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de algodão.

não se servem de filhos de reis, senão de escravos, como acima disse, nem sei onde haviam de achar tantos filhos ou descendentes de reis, se cada príncipe havia de ter dez e cada ano lhe haviam de dar outros novos. Do que se vê quão grande fábula<sup>1</sup> seja que, cumprido o ano, se juntam os abades, espiritual e militar, da abadia de Santa Cruz com o príncipe a quem serviram e vão à sala do tesouro das pedras preciosas e dão a cada um à sua, conforme a seus merecimentos, pois não há tais criados, nem houve lá nunca tesouro nenhum, nem abadia de Espírito Santo, nem de Santa Cruz, nem há tal religião de cavaleiros monges e militares de S. Antão, [fol. 50] nem de outros frades houve lá cima nunca mais que, quando muito, catorze e trinta clérigos, como fica declarado tudo no cap. 6.<sup>o</sup>, 7.<sup>o</sup> e 9.<sup>o</sup>.

Em o fim do cap. 12.<sup>o</sup>, pág. 139<sup>3</sup>, diz mais o autor que está proibido, com gravíssimas penas, que nenhuma mulher, de qualquer estado ou condição que seja, possa subir a este monte, e que não subiu nenhuma desde a Rainha Candace, que foi em tempo de Cristo, que subiu a baptizar os príncipes que lá estavam. E refuta Francisco Álvares, porque disse que os príncipes estavam lá<sup>4</sup> cima do monte, casados com filhos, os quais também casavam, porque João Baltazar falava como testemunha de vista, que fora criado do Imperador Alexandre III que morreu ano de 1606, quando, sendo príncipe, estava em o monte, e depois subiu e residiu muitas vezes nele. Porém, Francisco Álvares escreveu a certeza do que então passava e dura até agora, porque é coisa patente e<sup>5</sup> sabida de todos em Etiópia que os príncipes que se guardavam em Guixêm Ambâ casavam e seus descendentes sempre casaram e tiveram e têm suas mulheres e filhos lá cima, como já dissemos. Também falou como quis João Baltazar em o que disse que serviu ao Imperador Alexandre III, que morreu o ano de 1606 quando,<sup>7</sup> sendo príncipe, estava no monte, porque nunca houve em Etiópia<sup>8</sup> mais que um imperador deste nome, a que eles chamam Escander, e este morreu pelos anos de 1475<sup>9</sup>, tanto tempo antes que nascesse João Baltazar, pois diz o autor, pág. 710, que, quando chegou à Europa e lhe deu estas informações, caminhava para os setenta, e ainda o derradeiro príncipe que tiraram daquele monte para imperador, que se chamava Naôd, saiu de lá alguns cinquenta anos antes que nascesse João Baltazar; porque, de então até os anos de 610, que se imprimiu o livro de Frei Luis, são cento e dezoito anos. Eu também entrei em Etiópia o ano de 603 e não achei tal Alexandre, como declarei no cap. 1.<sup>o</sup>, mostrando quantas<sup>11</sup> vezes se contradiz no que, pelo discurso da história, fala de Alexandre III. Nem os príncipes se podiam servir lá de ~~homens~~ pajens como João Baltazar, senão de escravos, como fica declarado no cap.<sup>12</sup>, nem há para que deter-me em refutar o que diz que a Rainha Candace subiu a baptizar os príncipes, pois tenho mostrado no fim do cap. 1.<sup>o</sup> e do 7.<sup>o</sup>, que o primeiro que os começou meter naquele monte foi Udm Arâd pelos anos de 1295.<sup>13</sup>

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: falsidade.

<sup>2</sup> A versão correcta é a do ms. Goa 42 ARSI (cap. VI). Ms. 778 BPB: 5.<sup>o</sup>.

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 12.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: coisa.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 43v].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: houve.

<sup>9</sup> Trata-se do rei Ĕskëndër, que reinou de 1478 a 1494.

<sup>10</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 1.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: no que tantas.

<sup>12</sup> No ms. Goa 42 ARSI, o autor deixou um espaço, a fim de aí acrescentar o número do capítulo.

<sup>13</sup> Ver M. Almeida, *História de Etiópia a Alta*, in C. Beccari, *RESOI* 5, Roma, 1907, pp. 213-9.

## [fol. 50v] CAPÍTULO XI

EM QUE SE TRATA DO MODO QUE TINHAM ANTIGAMENTE EM ETIÓPIA EM  
ELEGER IMPERADOR ESCOLHENDO UM DOS PRÍNCIPES DE GUIXÊM AMBÂ E  
DO QUE AGORA SE USA

Muito grandes e bem ordenadas foram as coisas que Frei Luis de Urreta disse que se guardavam em a criação e ensino de letras e bons costumes dos príncipes que estão em Guixêm Ambâ, como vimos no capítulo precedente. Mas muito maiores e de não menor concerto são as cerimónias que, afirma em o cap. 13.<sup>o</sup>, se guardam na eleição do Preste João imperador de Etiópia, porque, como ele diz, pág. 141: *Entre los de la Ethiopia, la dignidad imperial se dá por sucession y juntamente por eleccion, la qual se haze con tanta christianidad y virtud, que mas parece eleccion de prelado entre religiosos, que no eleccion de emperador entre seculares<sup>1</sup>, cuyo estillo, observancia y ceremonia vera el que me acompañare en este capitulo.*

*Concluidas las obsequias del emperador precedente, aviendo encomendado [fol. 44] el alma a Dios y el cuerpo a la tierra,<sup>2</sup> se da luego orden a la futura eleccion del emperador, pera la qual se publica ayuno por todo el imperio de treinta dias continuos, a los quales estan obligados por costumbre, no solo los ecclesiasticos, sino<sup>3</sup> tambien los seculares de qualquier estado y condicion que sea. Estos dias de ayuno comiençam<sup>4</sup> el dia que se publica la muerte del emperador, y por todos estos<sup>5</sup> treinta dias se canta por las iglesias del imperio, que son innumerables, missa del Spiritu Santo. Entre tanto el Gran Consejo, el qual, mientras dura la vacante, tiene todas las veces y poder absoluto sobre todo el imperio, ordena que quatro reyes de los sujetos al imperio vayan al Monte de Amharâ, los quales con tres patriarchas, tres arçobispos, y tres obispos y los embaxadores de los otros reyes asistan en la eleccion, los quales no pueden alojar en ciudad, ni pueblo alguno, sino debaxo de sus pavellones y tiendas, aunque las ciudades circunvezinas les enbian todo lo necessario pera su comida y de la gente que va en sua compañia con mucha abundancia y regalo. En llegando al Monte Amharâ<sup>6</sup>, se alojan debaxo de sus pavellones y estan aguardando que esten iuntos todos los que son necesarios y tienen<sup>7</sup>, officio en la tal eleccion. Entretanto los dos [fol. 51] abades espirituales de las dos abadias del monte, que son los electores del emperador, baxan a recibir, visitar y regalar a los del Gran Consejo, reyes y prelados que estan al pie del monte y han ydo pera la futura eleccion. Juntos todos los que estan obligados a assistir, el embaxador del gran abad, o mestre de la Orden de S. Anton señala el dia competente pera la eleccion del emperador. Entretanto todos los prelados, arçobispos, y obispos cantan missas del Spiritu Santo em los pavillones dando la comunion no solo a los electores, mas tambien a los que quieren del pueblo. Cada dia, de mañana y de tarde, predicán, exortando y amonestando a todos que, con lagrimas y oraciones, pidan a Dios les de, a los electores, su spirito, favor y gracia y sabedoria, pera que elijan persona tal qual convenga al bien spiritual y temporal de todo el imperio. Y este estillo de comulgar y predicar se guarda por toda la Ethiopia hasta que llegan las nuevas de la eleccion del emperador.*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: seglares.

<sup>2</sup> O autor omite uma reflexão de Luis de Urreta acerca da igualdade de todos os homens na morte.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: mas.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: enpieçon.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: estes.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: Amaharâ.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: tienem.

*Llegado el dia señalado em que se ha de hazer la eleccion, confiessan y comulgan en la abadia del Spiritu Santo los principes del linage y stirpe de David, de los quales se ha de hazer la eleccion 1 para emperador. Depues de haver comulgado, los llevan cada uno a su palacio y en el los encieran como en conclavi, de tal suerte, que nadie los puede hablar, ni ver, ni ellos recibir, ni embiar recaudo alguno. Y pera esto ay muy diligente y vigilante guardia. Encerrados los principes, los quatro reyes, abades y embaxadores, prelados y parte del Gran Consejo, que estavam baxo de pavellones al pie del monte, suben a lo alto a la abadia del Spiritu Santo. Y estando en la iglesia los quatro reyes se visten un habito largo hasta el suelo de color azul con una cadena de oro que es la figura del apostolo S. Mateo y sus coronas en la cabeça, se asientan en un lugar alto, que tienen aparejado pero este effecto al lado del Evangelio. Y al lado de la Epistola se asientan un patriarcha, un archobispo y un obispo vestidos de pontifical, los quales tienen delante una mesa y en cima della un libro de los Evangelios. Y junto a estos estan los del Gran Consejo con los otros prelados. Y detras dellos, los embaxadores de los [fol. 51v] otros reyes, conforme a la dignidad y antiguidad de cada uno. Esta misma2 orden guardan los quatro reyes a los quales conforme su ancianidad assignan los lugares. El qual cuidado incumbe a los abades spirituales de las dos abadias del monte, y estos dos abades, que son los electores, estan en medio de la iglesia en sus asientos en compañía de los dos abades militares y de doze consejeros de las abadias.*

*Quando todo esto esta hecho y sentados todos en sus lugares, entra el embaxador del gran abad y, sentandose en una silla alta dos grados en medio de los prelados y reyes, les haze a todos una breve platica acerca de la eleccion. Acabada esta platica, el patriarcha, que esta a la parte de la Epistola junto al altar, haze cantar un hymno en lengua chaldeia, que es quasi el mismo que canta la latina de spirito santo, Veni, creator Spiritus. Concluido el hymno, llama a los dos abades spirituales del monte y haziendoles jurar sobre el libro de los Evangelios, que tienen abierto sobre la mesa, que responderan segun su concencia y que en la votacion del emperador miraran solo al servicio de Dios, al pro comun del reyno, si interes, passion, ni affiçion, les pregunta quantos principes de la casa y linage de David ay en el monte y que edad sera la de cada uno y que inclinaciones son las suyas, en que virtudes se señalan mas, que defectos son los de cada uno, que mas pueden offender al bien comum del imperio; y aviendo respondido a todo, se arrodillan en tierra los abades spirituales y el patriarcha, y alçando la voz, les dice: «Padres, vosotros, que, como confesores, como ayos y maestros, que aveis tenido 3 officio de padres spirituales y temporales, gobernando y enseñando a estos principes, conoceis y sabeis sus naturales inclinaciones y costumbres, y entendeis las necessidades que al presente se offerecen en el imperio y iuntamente deseais su remedio, nombrad entre ellos el que os parecer mas idoneo y apto pera el gobierno del imperio y pera mayor servicio de Dios y bien de todos nosotros4.» Concluida esta habla, el abad del Spiritu Santo dice: «Hulano tiene estas prendas, se señala en tal y en tal virtud, y assi me parece digno de tal dignidad y merecedor de la corona y cetro de toda Ethiopia, y como tal le nombro por emperador.» Y se el abad que esta a su lado, que es de la [fol. 52] Abadia de la Cruz, es del mismo parecer, ipso facto esta hecha la eleccion en el principe nombrado. Y si a caso no concordassen estos dos abades (lo qual nunca ha sucedido), passa la eleccion a los otros dos abades militares de las abadias del monte con los doze cavalleros de su consejo.5*

Até aqui são palavras do autor. E, pouco mais adiante, diz que guardam tal cristandade, tanta virtude e religião em suas eleições, que nunca houve bandos, nem pretensões, nem cismas, nem parciali-

1 Ms. 778 BPB: [fol. 44v].

2 Sic. «Este mismo».

3 Ms. 778 BPB: [fol. 45].

4 Ms. 778 BPB: provecho de nos otros todos.

5 L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 13, intitulado «De la eleccion del Preste Iuan y emperador de la Etiopia, y delas ceremonias que se guardan en su coronacion, y en el tomar los juramentos», pp. 141-43.

dades; e que, como os imperadores são de tantas virtudes, os de Etiópia lhes são tão obedientes que nunca entre eles houve tredos<sup>1</sup>, nem homicidas, nem agressores contra seus príncipes. E, pág. 146<sup>2</sup>, diz que, feita a eleição e nomeado o príncipe que há-de ser imperador, vão os dois abades eleitores onde têm o príncipe recolhido e o vestem com o hábito dos cavaleiros de S. Antão e o levam à igreja do Espírito Santo, onde estão os outros eleitores, e, depois de muitas cerimónias, lhe põem uma rica coroa de ouro na cabeça e dão na mão o ceptro, que é uma cruz de ouro, que entre todos os reis e monarcas do mundo nenhum leva cruz por ceptro senão o imperador de Etiópia. E por aqui vai contando tantas coisas que, se se houveram de referir, fora multiplicar muita escritura e cansar ao leitor com o que é muito alheio e mui diferente do que em Etiópia se usa. Contudo, porque no fim do capítulo, pág. 151, põe algumas coisas, que, se foram certas, faziam muito para o que principalmente pretende em sua *História*, que é provar<sup>3</sup> que<sup>4</sup> os de Etiópia sempre foram e são muito obedientes à santa Igreja romana e nunca admitiram doutrina contrária à sua, as referirei por suas mesmas palavras, que são as seguintes:

*Acabada la platica, el patriacha, llegandose al emperador, tomandole juramento, le dice: «¿Jurais de guardar todas las leys divinas y de procurar que se guarden por todo vuestro imperio? ¿Jurais de guardar los quatro concilios generales niceno, ephesino, chalcedonense, y constantinopolitano? ¿Y jurais de guardar el concilio Florentino celebrado por Eugenio 4.º? ¿Jurais de guardar la observancia e obediencia [fol. 52v] a la santa romana iglesia [fol. 45v] de los apostolos S. Pedro y S. Paulo? ¿Y jurais de guardar las constituciones e estatutos del emperador y señor Joan el Santo y Felipe 7.º?» A todo lo qual el emperador jura como le esta demandado.5* Depois de lhe dar este juramento, diz que se levantam todos e levam ao imperador<sup>6</sup> em procissão pela crasta<sup>7</sup>, cantando hinos e salmos e, tornando a entrar em a igreja, se assenta o imperador em seu trono e todos os outros em seus lugares com o mesmo<sup>8</sup> ordem que antes estavam, e os seis do magistrado, com os abades e seu conselho vão a trazer os outros príncipes dos paços onde os tinham fechados e, vestidos com o hábito dos cavaleiros de S. Antão, vêm à igreja, e, quando entram, se levantam todos e lhes fazem reverência e eles, de dois em dois, vão onde está o imperador, e lhe beijam a mão e lhe juram fidelidade e obediência. Logo os quatro reis fazem o mesmo e, depois deles, todos os prelados e embaixadores conforme a dignidade e antiguidade de cada um. E, concluído este juramento, se recolhe o imperador aos aposentos do abade daquela abadia, e lhe dão de comer e<sup>9</sup> descansa o que fica daquele dia e dorme aquela noite.

Com isto, acaba o autor o cap. 13.<sup>o</sup><sup>10</sup>, onde, como temos visto, diz sobre a eleição, a jura<sup>11</sup> e coroação do imperador tantas coisas. Mas casi<sup>12</sup> nenhuma delas é conforme, nem tem que ver com o que se costuma em Etiópia, porque, primeiramente, nunca em Guixên<sup>13</sup> se juntaram para a eleição do imperador, nem lá o juraram, nem coroaram, nem há mais cerimónias que as que logo diremos. Nem se

1 Traidores.

2 L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 13.

3 Ms. 778 BPB: provir.

4 Ms. 778 BPB: sempre.

5 L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 13, p. 151.

6 Omisso no Ms. 778 BPB: em procissão.

7 Alpendre ambulatório em torno da igreja, como um claustro exterior.

8 Ms. 778 BPB: a mesma.

9 Omisso no Ms. 778 BPB: e.

10 L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 13, pp. 140-52. A versão dada pelo ms. Goa 42 ARSI (cap. 13) é a correcta. 12.<sup>o</sup>

11 Ms. 778 BPB: juramento.

12 Omisso no Ms. 778 BPB: casi.

13 Ms. 778 BPB: Guixêm Ambâ.

publicam os trinta dias de jejum que diz, nem pregam, nem há rei nenhum sujeito ao império mais que o de Dancali, que é mouro e nunca veio à corte mais que uma vez, pouco tempo há, a pedir socorro ao imperador, porque outro seu parente o desbaratou em batalha e se apoderou do reino, mas o imperador lhe deu gente com que o tornou a recuperar. Também antigamente (segundo dizem) era sujeito el-rei de Dequín, mouro, que agora o não é; só corre com amizade. E a<sup>1</sup> estes não haviam de meter na eleição, pois são mouros, nem os que houvesse gentios, nem o que até hoje ficou do reino que chamam Zenyerô entra, que é gentio. E também Frei Luis de Urreta mostra que os reis de quem fala são cristãos, porque diz, pág. 161<sup>2</sup>, que os que levam a cada rei diante [fol. 53] do imperador, para que jure, dizem: «Senhor, eis aqui el-rei de tal reino que vem a vos jurar fidelidade e obediência. Diz haver vivido catolicamente e que há guardado pontualmente o sacro Concílio Florentino<sup>3</sup>, etc.»; e que todos juraram desta maneira. Mas agora nenhum rei cristão há mais que o do reino de Nareâ que, haverá trinta e dois anos pouco mais ou menos [este de 622] que o Imperador Malâc Çaguêd foi lá com exército e o fez cristão. Este não vem. Se antigamente os havia, não sabem dar razão. Enganou-se o autor por lhe parecer, ou por João Baltazar lhe afirmar, que eram reis os que não são mais que vice-reis. E assim diz, pág. 162, que aos que Francisco Álvares em sua *História*<sup>4</sup> chama vice-reis, nomeia ele reis, porque o são verdadeiros, e, assim, o reino se herda de pais a<sup>5</sup> filhos e, se o imperador priva a algum do reino, sucede o filho ou o parente mais chegado. Mas não há tal coisa, porque o imperador tira a todos quando quer e, muitas vezes, sem estarem três anos e põe outros que não são seus filhos nem parentes, como eu tenho visto muitas vezes. Nem achei quem dissesse que entrassem nunca reis, nem no livro que eles têm muito antigo das cerimónias que hão-de guardar e aos que, por obrigação, se hão-de juntar a coroar o imperador, se acha feita menção de rei nenhum, nem de patriarcas, arcebispos, nem bispos; que, em Etiópia, os não há mais que o prelado que lhes vem mandado pelo patriarca de Alexandria, a quem chamam *abuna*, que é nome arábio que quer dizer «padre nosso»; nem este é patriarca, segundo me disse o *Abuna* [Simam]<sup>6</sup>, que mataram pouco tempo há, como adiante diremos, a quem entre outras coisas perguntei se era patriarca, e respondeu que não, senão bispo, e que nem seus antecessores tiveram nunca tal título.

Este *abuna* só<sup>7</sup> é o que dá ordens. Mas, o ano de 1615, lhe fez demanda um frade, que é como geral da religião que chamam de *Taquelâ Haimanôt*, scilicet «Planta da Fé» e se intitula *icheguê*<sup>8</sup>, dizendo que a ele pertencia dar as ordens e ao *abuna* benzer os óleos. E, dando o imperador juízes, depois que cada um alegou compridamente de sua justiça, julgaram que só o *abuna* podia dar ordens; o que declaramos mais em o livro 2.º, onde trataremos do modo com que dá as ordens e dos arcebispos e bispos que lhe meteram em cabeça a Frei Luis de Urreta que havia em Etiópia<sup>9</sup>. Quanto aos abades espirituais e militares [fol. 53v] da Ordem de S. Antão, já disse no fim do capítulo precedente e do 7.º, como em Etiópia não houve tal modo de religião e o veremos compridamente no fim do 2.º livro.

Acerca do que diz que em as eleições<sup>1</sup> dos imperadores nunca houve bandos, nem cismas, nem parcialidades, nem tredos, nem homicidas e agressores contra seus príncipes, já vimos no cap. 5.º como os da família de Zaguê tiveram usurpado o império trezentos e quarenta anos, e adiante veremos quantas revoltas, parcialidades e alevantamentos houve em Etiópia, particularmente de sessenta anos a esta parte. Em o que diz que entre todos os reis e monarcas do mundo nenhum leva cruz por ceptro, senão o imperador de Etiópia, também se enganou muito, porque não trazem cruz por ceptro (nem cuidou que souberam nunca que coisa era ceptro), senão para mostrar que são diáconos; que estes e os sacerdotes trazem de ordinário cruces<sup>2</sup> em as mãos como de um palmo e meio de comprido, as mais de ferro. Estas ordens de diácono tomam os imperadores e homens grandes, somente para poderem entrar a<sup>3</sup> comungar e ouvir missa onde a dizem, porque os que não têm ordens, todos ficam fora no alpendre que têm à roda da igreja, sem ver o que se faz dentro, porque estão umas cortinas diante e ali lhes<sup>4</sup> trazem à comunhão.

Mas, vindo à coisa mais essencial que o autor refere em este capítulo, sobre o juramento que dá o patriarca ao imperador, que guarda os quatro concílios gerais e o Florentino e a obediência à santa Igreja romana, digo que prouvera<sup>5</sup> à Divina Misericórdia que assim o fizeram e guardaram, porque não se perderam tantos milhares de almas como, por falta disto, até hoje se perderam e se hão-de perder, se Sua Divina Majestade não aplacar sua ira e lhes der particular graça para que se sujeitem a sua à Igreja romana e à doutrina que ela ensina. Porém, não se dá tal juramento ao imperador de nenhuma maneira, nem no livro que têm das cerimónias que usam na coroação do imperador, se faz menção de tal juramento. E, por ser esta coisa de tanto momento, não me contentei com<sup>6</sup> a perguntar a muitos velhos e senhores grandes, senão ao mesmo Imperador Seltân Çaguêd, que hoje vive, e me disse que não se dava aos imperadores tal juramento, nem a ele lhe deram nenhum, mas que, quando houvesse dois competidores em o império, o que o levasse havia de jurar de cumprir as condições que concedesse a seu competidor; e mais, como haviam de fazer jurar ao imperador que guardasse o Concílio Calcedonense<sup>7</sup>, se eles o não admitem, [fol. 54] antes falam dele com palavras tão alheias de cristãos que o chamam «concílio de judeus». E, em um livro que eles intitulam *Mazaguêbt Haimanôt*<sup>8</sup>, que quer dizer «Tesouro da Fé», falando deste concílio, diz assi: «Juntaram-se mestres parvos<sup>9</sup>, seiscentos e trinta, com vanglória e soberba, querendo ser dobrados que os trezentos e dezoito justos da fé.» E, pouco<sup>10</sup> mais adiante, diz: *Tiraram uma palavra da fé de Nestor, que pôs duas pessoas em Cristo, uma do filho de Maria e outra do filho de Deus, e disseram que pela união se fizeram uma pessoa. Isto disseram pela excomunhão do patriarca Cirilo.*<sup>11</sup> *E compuseram das palavras do Patriarca Cirilo e das palavras de Nestor e assim disseram Cristo*<sup>12</sup> *uma pessoa, duas vontades, duas naturezas, duas complacências da divindade e da humanidade. Disseram que a divindade faz obras de divindade, e a humanidade obras de humanidade por dois caminhos: um obra maravilhas e outro padece enfermidades. E, por isto, é menor a humanidade que a divindade.*<sup>13</sup>

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: na eleição.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 46v].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: entrar a.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: lhe.

<sup>5</sup> Aproveira.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com.

<sup>7</sup> Ver glossário (Concílio de Calcedónia).

<sup>8</sup> Ver glossário (*Mazaguêbt Haimanôt* / *Mäzäbä Haymanot*).

<sup>9</sup> Simples, humildes de espírito.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: por isso.

<sup>11</sup> Ver glossário (Nestor / Nestório; e Cirilo).

<sup>12</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Cristo.

<sup>13</sup> Ver E. Cerulli, *Scritti teologici etiopici*, p. 77.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 15, intitulado «Como los Reyes de los Reynos de la Etiopia sujetos al imperio, dan la obediencia al emperador quando le juran por tal, y despues de siete en siete años», pp. 156-62.

<sup>3</sup> Ver glossário (Concílio de Florença).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 46].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>6</sup> Ver glossário (Simam / Sēmē'on).

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: não. O «não» é desprovido de sentido, uma vez que o *abuna*, ou metropolita, conferia as ordens aos membros do clero secular.

<sup>8</sup> Ver glossário (*icheguê* / *icheguê* / *ëččage*).

<sup>9</sup> Ver livro II, cap. XIII, *infra*.

<sup>1</sup>Até aqui são palavras daquele livro, em que querem mostrar que se juntaram de propósito muitos<sup>2</sup> no Concílio Calcedonense para, com força, desfazerem o que os padres do Concílio Niceno tinham determinado, como se ali tratara das duas naturezas, duas vontades e duas operações em Cristo, e como se isto fora erro na fé, que eles afirmam que o é, e, por esta razão, falam de S. Leão Papa com palavras muito torpes, dizendo que foi como Lúcifer. E, em um livro que chamam *Haimanôt Abbô*, scilicet «Fé dos Padres», diz Teodósio I, primeiro patriarca de Alexandria, cap. 2.º, estas palavras: «Não afastamos, como aquele inimigo Leão maldito, que afastou a quem não se afastou e disse duas naturezas, duas complacências, e duas obras a um Cristo.» E, pouco mais adiante, diz: «Este maldito e tredo Leão disse duas naturezas e duas obras. E, dizendo uma pessoa, em isto quis o maldito seu erro em<sup>3</sup> dizer uma pessoa. Quer dizer que para encobrir S. Leão seu erro<sup>4</sup> das duas naturezas etc., pôs uma pessoa.»<sup>5</sup>

Acerca do que sentem do Concílio Efesino, perei as palavras de uma carta em que se assinaram os Padres Manuel Fernandes e seus companheiros de nossa Companhia que entraram em Etiópia com o Padre Bispo D. André de Oviedo, e refere o Padre Fernão Guerreiro, cap. 5.º, fol. 296 da Adição<sup>6</sup> que faz às coisas de Etiópia, na relação dos anos 607 e 608, que dizem assim: *Ainda que o bispo, pela graça divina*, [fol. 54v] *sempre a ele* (convém a saber ao Imperador Cláudio) *e a todos concluíta, ficavam porém zombando e bradando, dizendo que eles tinham vencido, de maneira que tudo com ele ficava em vão. Pelo que, vendo o padre bispo o pouco que em isto se fazia, tomou todas as principais matérias e pontos de seus erros e se deu a escrever sobre eles, e depois lhe apresentou estes escritos, aos quais el-rei respondeu com fazer outros sobre eles, resolvendo-se juntamente que não havia de obedecer a Roma. E, depois de ter isto assaz declarado e se mostrar desgostoso contra o bispo e dizer publicamente que não queria o Concílio Efesino 1.º, para o qual o bispo o chamava, senão somente os costumes e fé de seus antepassados, o bispo se despediu dele com determinação de* (saltem ad tempus)<sup>7</sup> *dar lugar a seus desgostos. Estes tão claros desenganos deu el-rei no fim de Dezembro de 58.*<sup>8</sup>

Quanto ao que Frei Luis de Urreta diz que<sup>9</sup> jura de guardar as constituições do Imperador João o Santo e Felipe VII, respondo que não somente não há tais constituições, mas ainda tais imperadores houve nunca em Etiópia, como adiante mostraremos.

Já temos visto quão fabulosa foi a informação que Frei Luis de Urreta seguiu sobre a eleição do imperador. Vejamos agora a que dão alguns dos príncipes de Guixên<sup>10</sup> Ambâ, com quem falei, e outros muitos velhos, assim senhores grandes como frades, particularmente um que se chama *Abba Marcâ* e terá mais de oitenta anos, homem letrado e que tem muita notícia das coisas antigas; e o Imperador Seltân Çagued o fez *quêz acê*, que quer dizer «sacerdote do imperador», e parece responde a capelão-mor. Destes me informei, por não achar <sup>11</sup>livro que tratasse desta matéria, e disseram que,

morto o imperador, se juntavam logo na corte ordinariamente os eleitores do príncipe, a quem se havia de dar o império, que eram alguns dos que tinham o mesmo título dos oficiais que Salomão deu a seu filho Menilehêc para governo de seu império e serviço de sua casa, que nomeámos no cap. 4.º. E são: *behêt oadêd*, o da mão direita e o da esquerda; *uzta azâx*, o da mão direita e o da esquerda; *hedûg erâz*, o da mão direita e o da esquerda; *goitâ*, o da mão direita e o da esquerda<sup>1</sup>; *acabiçât*. Estes eram os eleitores do que havia de ser imperador, mas sempre metiam para conselho alguns religiosos e doutores graves a que chamam *debterôch* e, todos juntos, tratavam entre si qual dos príncipes de Guixên<sup>2</sup> Ambâ seria mais apto para o bom [fol. 55] governo do império, e mais útil e proveitoso para seus vassallos. E, depois de responder cada um conforme a notícia que tinha<sup>3</sup> dos príncipes, se resolviam os eleitores e nomeavam o príncipe que melhor lhes parecia. Mandavam logo entrar um senhor grande, cujo ofício era chamar ao príncipe eleito e, por razão de seu cargo, se intitulava *jân çarâr*, «chamador do imperador», e lhe diziam que fosse a Guixên<sup>4</sup> Ambâ e chamasse tal príncipe. E, juntamente com ele, ia *Tigrê mohôn*<sup>5</sup> que então tinha muito maior poder e mando do que tem agora, levando grande companhia de gente de armas. E, subindo ao monte, entravam na casa do príncipe eleito e lhe dizia *jân çarâr*: «Chamam-vos os governadores»; porque os eleitores o eram de todo o império, enquanto durava a vagante. E punha-lhe logo na orelha direita um anel de ouro, a que chamam *belûl*, que era insígnia de ser escolhido por imperador, como dissemos no cap. 5.º. Depois se juntavam todos os príncipes do monte e lhe davam os parabéns de sua ditosa sorte e, despedindo-se deles com muitas mostras de amor, descia ao campo, onde achava uma formosa tenda armada com todo o necessário de mulas e cavalos para o caminho, a que o seguinte dia dava príncípio.

Em quanto o príncipe vinha, aparelhavam os governadores o recebimento que lhe haviam de fazer e, chegando perto, saíam ao caminho com grande acompanhamento e aparato, todos vestidos de festa, e, apeando-se de suas mulas e cavalos, lhe faziam reverência e ele dava logo sinal com a mão que tornassem a cavalgar e, tomando-o no meio, o levavam com muitos tangeres e modos de danças até uma tenda de campo que tinham armada, muito grande e redonda, quase do modo das nossas, a que chamam *debanâ*.<sup>6</sup> E ninguém pode ter tenda desta maneira senão o imperador<sup>7</sup>; as dos demais não são redondas, senão compridas e muito mais pequenas. E não se apeava senão dentro da tenda. E logo o tomavam no meio *quêz acê*, *lîca debterôch*, *lîca memerân*, *cerâi maçarê*<sup>8</sup>, que são dignidades eclesiásticas como priores, e muitos sacerdotes, e cantavam alguns salmos. Depois, *cerâi maçarê* o unge com óleo cheiroso e lhe vestem uma rica vestidura que chamam *lebzaçahâi*, que quer dizer «vestido do sol», e põem-lhe na cabeça [fol. 55v] uma <sup>9</sup>coroa de ouro que tem por remate uma cruz e dão-lhe na mão uma espada desembainhada para significar que, em as coisas da justiça, há-de cortar rectamente, sem ter de ver com parentesco, nem amizade, por grande que seja, nem dobrar-se por outro nenhum respeito humano. E logo *quêz acê* e as demais dignidades o levam pela mão e o assentam no trono imperial, que tem ricamente adornado, e ali lhe dão muitas bênçãos.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 47].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: de propósito.

<sup>3</sup> Errata do autor; leia-se: quis o maldito (o papa Leão I) em seu erro dizer...

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: em dizer uma pessoa. Quer dizer que para encobrir S. Leão seu erro.

<sup>5</sup> Ver glossário (*Haimanôt Abbô* / *Haymanotâ Abbaw*; e Leão I).

<sup>6</sup> O autor refere-se à «Adição à Relação das coisas de Etiópia, com mais larga informação delas, mui certa e mui diferente das que seguiu o Pe. Frei Luis de Urreta, no livro que imprimiu da Historia daquele império do Preste João» publicada na *Relaçam anual das cousas que fizeram os padres da Companhia de Jesus nas partes da Índia Oriental, e em algumas outras da conquista deste Reino nos anos de 607 et 608 e do processo de conversão e Christianidade daquellas partes, com mais uma addiçam à Relaçam de Ethiopia*, 1611 (reed. 1942, pp. 287-380).

<sup>7</sup> Pelo menos, de momento.

<sup>8</sup> F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia», reed. 1942, p. 324.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: Guixêm.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 47v].

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *goitâ*, o da mão direita e o da esquerda.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Guixêm.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: cada um.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: Guixêm.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *mahôn*.

<sup>6</sup> Ver igualmente, livro I, cap. XIV, *infra*; livro III, cap. XIII, *infra*.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: desta maneira.

<sup>8</sup> Ver glossário (*lîca memerân* / *lîqa mämberan*; e *maçarê* / *mâ'äsare*).

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 48].

Acabado isto, sobe *quêz acê* em uma cadeira alta e, como quem dá pregão, diz: «Fizemos reinar a foão<sup>1</sup>.» E logo os circunstantes gritam de certa maneira que usam em sinal de grande festa e alegria, e tangem-se muitos instrumentos. Depois, chegam os eleitores e os demais magistrados por ordem a lhe beijar a mão e dar a obediência; o mesmo fazem *quêz acê*, *lica debterôch*, *lica memerân*, com todos os sacerdotes que se acham presentes. E começam-se grandes festas que duram por muitos dias. Mas não se acabam com isto as cerimónias de sua coroação, antes a esta não a têm por tal, nem se pode chamar imperador, senão rei (segundo eles dizem), até que se unja e coroe na igreja de Agçûm do reino de Tigrê com as cerimónias que veremos no capítulo seguinte ou, ao menos, em uma igreja do reino de Amharâ que se chama Garangarêdaz.<sup>2</sup>

Isto é o que se usava antigamente, quando escolhiam por imperador alguns dos príncipes que estavam em Guixên<sup>3</sup> Ambâ. Mas do Imperador Naôd até agora não tomaram de lá nenhum; sempre deram o império ao filho mais velho do imperador que morria. E, ao Imperador Athanâf Çaguêd que não teve filho, lhe sucedeu Adamâs Çaguêd, seu irmão, e a este Malâc Çaguêd, filho mais velho de quatro que tinha. Mas, morrendo este muito longe de sua corte, vindo de uma guerra, não somente os grandes que estavam no arraial, mas os capitães e todas as cabeças das famílias dos soldados, que são muitas, se juntaram para eleger imperador e nomearam a Iacob, filho bastardo do imperador defunto, porque não tinha outro.

## CAPÍTULO XII

### DAS CERIMÓNIAS QUE USAM EM ETIÓPIA EM A COROAÇÃO DO IMPERADOR

**A**cabadas as cerimónias e festas que dissemos no capítulo precedente, [fol. 56] determinam o tempo que lhes parece mais oportuno para ungir e coroar ao imperador em a igreja de Agçûm do reino de Tigrê que, ainda que algumas vezes se coroavam na igreja Garangarêdaz, do reino de Amharâ, tinham por mais honra coroarem-se em a de Agçûm, por haver sido assento da Rainha Sabba e de seu filho Menilehêc, e cidade mui sumptuosa, posto que agora seja povoação mui pequena. E tinham por menos inconveniente dilatar muito o tempo de sua coroação que fazer isto em outra parte, como fizeram <sup>4</sup>muitos, particularmente o Imperador Malâc Çaguêd que, depois de ter muitos anos o império, se foi coroar a Agçûm, podendo-o fazer facilmente, se quisera, em o reino de Amharâ. E seu filho Iacob, a quem eu conheci, não se coroou nunca, com ter o império, depois que o elegeram, dez anos ou pouco menos, contando seis ou perto de sete que, por ser pequeno, governou a Imperatriz Mariâm Cinâ, mulher de seu pai, que ele não era legítimo.

<sup>1</sup> Fulano.

<sup>2</sup> Ver livro I, cap. XII. Ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 221-3. Baltazar Teles abrevia esta descrição (ver *Historia geral de Ethiopia a Alta*, 1660, livro I, cap. 18, pp. 48-9).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: Guixêm.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 48v].

<sup>1</sup> Chegado o tempo em que o imperador se há-de coroar, vai com grande aparato a Agçûm, onde se guarda sempre o livro das cerimónias<sup>2</sup> que se hão-de fazer em a coroação dos imperadores<sup>3</sup>, e, juntamente, estão os nomes dos oficiais que por obrigação hão-de assistir a ela, mas da maneira que os nomeavam antigamente, e assim os porei aqui:<sup>4</sup>

Elahaquetât, scilicet «*cabeça do povo ou mordomo-mor*»; quelebâs, scilicet «*conselheiro*», e traz uma boceta; ceraimacarê, *este traz óleo para ungir el-rei em uma boceta de ouro e água benta*; quezagabêz, scilicet «*tesoureiro da igreja*»; lica diaconât, scilicet «*arcediogo*»; arnês que é maçarê, *vai adiante, fazendo afastar a gente com uma corda grossa e comprida de retrós amarrada em um pau curto*; arnês que traz o sombreiro, ou «*tira sol*»; ceoâcergôî, scilicet «*compadre*»; delcamoâ e neguz hezbai<sup>5</sup>, scilicet «*governadores da casa d'el-rei*»; râcmacerâ e decçâf, scilicet «*estribeiro dos cavalos*», e «*estribeiro das mulas*». *Todos estes assistem às cerimónias e ofícios da coroação e estão em pé quando o ungem [com as coisas de seu cargo na mão], seis à mão direita e seis à mão esquerda, e nenhum outro entra em este ministério*; elahaquetât traz animais silvestres e mansos e aves que se possam comer; quelabâz traz flores do campo e frutas e todo o género de semente<sup>6</sup> que se come; ceoâcergôî traz leite e vinho de uvas; as «*donzelas de Sião*» trazem água e vinho de mel e folhas [fol. 56v] cheirosas; o que leva a boceta traz nela ~~almizete~~ *mezque<sup>7</sup> que é unguento do reino*; o quezagabêz e o lica diaconât estão em pé, tendo a pedra de ara<sup>8</sup>; râcmacerâ tem o cavalo pela ré-dea e decçaf a mula.

*Os que trazem os presentes de Belenê, que é*

*El-rei vem em seu cavalo a Agçûm pela banda de Oriente e, fora, em um lugar sinalado esperam, como costumam a esperar sempre aos reis, os grandes todos e o povo, cada um em seu lugar, toda a clerezia com suas vestimentas e aparato, e três donzelas no meio, uma à mão direita e outra à esquerda, afastadas, e a terceira no meio de ambas. Estas duas que estão às ilhargas têm um cordão de retrós pelas pontas, de maneira que fica atravessado, tomando o caminho por onde el-rei há-de passar. E, chegando el-rei perto, lhe diz a do meio: «Quem sois vós?» Ele responde: «Eu, el-rei.» Diz ela: «Não sois.» À segunda vez, pergunta: «De quem sois vós rei?» e ele responde: «Sou rei de Israel.» Diz ela: «Não sois vós rei.» Na terceira vez, pergunta: «De quem sois vós rei?» Então, tira el-rei sua espada e corta o cordão, dizendo: «Eu sou rei de Sião.» Diz ela: «Em verdade, em verdade sois rei de Sião.» E, logo, todos <sup>9</sup>os presentes, grandes e pequenos, dizem da mesma maneira e enchem o ar com vozes de alegria e tangem todos os instrumentos. El-rei vai passando, botando ouro pelo chão, que recolhem sós aqueles que têm costume e, chegando à porta da cerca da igreja, onde estão postas no chão muitas alcatifas, torna outra vez a botar ouro por elas e isto recolhem para igreja que é presente de Sião.*

*Os que trazem os presentes são: de Belenê, que é a terra de Amacên<sup>10</sup>, trazem torâ, scilicet «vaca do mato»; de Zalamt e de Zagadê, gox, scilicet «bufara»<sup>11</sup>; de Cemên, hayêl, que é como veado, mas os cor-*

<sup>1</sup> Parágrafo introduzido pelos editores.

<sup>2</sup> Trata-se do *Ser'atâ Querbâr* (cerimónia da sagração real) que Pedro Páez traduziu parcialmente e sintetizou, a partir de um manuscrito em língua gúezeze.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: do imperador.

<sup>4</sup> No ms. Goa 42 ARSI há um parágrafo que não foi assinalado pelos anteriores editores.

<sup>5</sup> *Dälkämäy wänëgus bëzbäy*. Manuel de Almeida, na *Historia de Ethiopia a Alta*, propôs outra leitura: «De Lamoâ ye Negus Hezbâj» (ver C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, p. 88).

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: sementes.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: Almíscar.

<sup>8</sup> Ver glossário (pedra de ara / *tabot*).

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 49].

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: Amacê.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: «bufaro». A declinação feminina era mais usada. O mesmo que búfalo.

nos diferentes; de Açâ<sup>1</sup> trazem agacên, que também é como veado, mas tem os cornos torcidos; de Torât trazem iabedû, que é «cabra de mato»; Tigrê mohôn traz ambaçâ, scilicet «leão», e outros animais bravos. El-rei Grâbra<sup>2</sup> Mazcâl, com conselho de Iarêd, sacerdote, acrescentou a isto à cerimónia que se faz Domingo de Ramos, mandando que os do povo trouxessem palmeiras e oliveiras com fruto. Os religiosos estão em pé com a cruz e o turíbulo e os cantores cantam: Benedictus qui venit in nomine Domini<sup>3</sup>, etc. e [fol. 57] outras cantigas com diversas toadas, e duas em louvor particular de el-rei. Isto cantam dando voltas à roda do lugar onde fazem as cerimónias e logo trazem o Testamento Velho e Novo e lêem os lugares que tratam dos reis e dos sacerdotes e os Salmos de David e o Cântico de Salomão e outras cantigas. E então o povo que está presente, como em procissão dá uma volta ao lugar onde está a cadeira real e botam flores e cheiros sobre ela e, se dentro do lugar das cerimónias está algum que não seja dos deputados, o botam fora. E ali perto estão amarrados em colunas um leão e uma bufara<sup>4</sup>, e el-rei com sua lança fere ao leão, e logo largam os demais animais mansos e do mato e todas as aves, e a gente do arraial mata por festa os que pode alcançar.

Entrando el-rei no lugar onde está sua cadeira, vai botando ouro pelas alcatifas que estão postas pelo chão, e, assentando-se na cadeira, trazem dois pratos de ouro e dois de prata: em os dois de ouro, leite e vinho de mel e nos de prata, água e vinho de uvas. Então, ungem el-rei conforme ao costume e borrifam todas as coisas da cerimónia com água que têm do rio Jordão e cortam os cabelos da cabeça d'el-rei como aos clérigos em a primeira tonsura, e os clérigos levam os cabelos, os diáconos a pedra d'ara e candeias acesas, e vão cantando, e os clérigos com turíbulos incensando. E, depois de dar as voltas como em procissão à roda do lugar onde está a cadeira real, vão para uma pedra que está à porta da igreja Sião<sup>5</sup>, que se chama meidnita negestât, scilicet «valedoura dos reis», e põem em cima dela os cabelos<sup>6</sup> e botam fogo dos turíbulos e logo toda a clerezia encomenda el-rei a Deus e a Nossa Senhora, e, tornando, dizem a el-rei tudo o que fizeram. Então começam a tanger todos os instrumentos do arraial, e o povo dá grandes vozes de alegria. Depois vai el-rei à igreja e, chegando perto do altar, encomenda sua alma a Deus e a Nossa Senhora, e logo torna ao lugar onde foi ungido. E, estando em pé, no meio dos doze oficiais, seis à mão direita e seis à mão esquerda como primeiro, chega o abuna e os priores das igrejas, clérigos e diáconos e cada um por si lhe dá sua bênção. Depois, chegam os grandes e da mesma maneira dá cada [fol. 57v] um sua bênção e, como acabam, dá el-rei também sua bênção a todos e logo vai a sua casa acompanhado como veio.<sup>7</sup>

<sup>8</sup> Até aqui são palavras do livro e nenhuma outra coisa diz acerca da coroação do imperador, onde se vê que, nomeando os que de obrigação se hão-de achar a ela, não faz menção de reis, de patriarcas, de arcebispos nem bispos. E é certo que não houvera de passar em silêncio tais personagens se eles entraram em este acto, nem houveram de deixar de entrar pelo menos alguns se os houvera em Etiópia, com o que se confirma o dissemos no capítulo precedente, que foi mui fabulosa a informação sobre esta matéria teve Frei Luis de Urreta.

De todas estas cerimónias pudera eu dar razão de vista, se o Imperador Seltân Çaguêd, sem ele o pretender, mo não impedira. Porque, levantando-se um tirano no reino de Tigrê e fingindo que era o Imperador Iacob (que o precedente ano morrera em batalha e tinham lançado fama que escapara), se lhe juntou tanta gente que lhe foi forçado ao imperador ir de Dambiâ com exército em Março de 1608 e, de passo, determinou de se coroar em Agçûm, do que eu folguei muito, por desejar ver aquela festa, que aquele tempo estava em Tigrê; e assim, fui com outro padre a o receber um dia de caminho, o que ele nos agradeceu muito e nos fez muitas honras. Tinha posto sua principal tenda entre umas árvores, ao longo de uma ribeira. E todo o campo, com ser muito grande, estava cheio de tendas com grande multidão de gente, mas a limpa de guerra, que depois vi em ordem, não me pareceu que passava<sup>1</sup> de 25 000 homens. Dali, foi para Agçûm e chegou a um sábado, pela manhã e, por dizerem que aquele mesmo dia se havia de coroar, fui diante e tomei lugar donde pudesse ver tudo. Mas ele não quis entrar; ficou como um quarto de légua em um campo muito chão e, antes de meio dia, me mandou chamar e disse que só domingo havia de estar ali, e segunda-feira queria ir ouvir missa e pregação à nossa igreja que está como duas léguas dali, no caminho por onde havia de passar. Pelo que me fui logo para poder armar a igreja e aparelhar o necessário, mas o capitão dos portugueses, que se chama João Gabriel<sup>3</sup>, que vinha com ele, me disse depois que, aquela tarde, foram à tenda do imperador alguns frades com o abade do mosteiro que há em Agçûm, em cuja igreja se havia de coroar, e trouxeram o livro onde estão [fol. 58] as cerimónias que acima referimos e lhas leram e declararam todas para que soubesse o que havia de fazer; o que ele ouviu com atenção, sem lhes reprovar nada. Mas, depois que saíram, disse ao capitão: «Quanto eu, não hei-de fazer todas as coisas que disseram estes frades, porque algumas me parecem superstições gentílicas.» Respondeu o capitão: «Senhor, não enxerguei nenhuma contra a fé e, não o sendo, se Vossa Majestade as não quiser fazer, há-de ser muito notado, porque os frades se hão-de queixar, e outros hão-de dizer que o que todos os imperadores fizeram e os letrados têm aprovado, Vossa Majestade o reprova e despreza.» Disse o imperador que nem ele notara nada contra a fé, mas que algumas daquelas coisas lhe pareciam mui impertinentes.

Domingo, pela manhã, saiu o imperador ricamente vestido de brocado e cetim carmesim, com a cadeia de ouro ao colo, de que pendia uma cruz muito formosa, em um poderoso cavalo muito bem enjaezado e, por ser de corpo dos mais bem dispostos de sua corte, de cores baças, o rosto comprido, os olhos grandes e formosos, o nariz afilado, os beiços delgados, a barba preta e em boa proporção comprida, mostrava grande majestade; e tinha então trinta e dois anos<sup>4</sup>. Levava diante<sup>5</sup> todos seus capitães, cada um sua gente posta em ordem. A de pé na dianteira, e logo a de cavalo, todos vestidos de festa com muitas bandeiras e tangendo seus atabales, trombetas, charamelas e frutas que têm a seu modo, e disparando muita espingardaria<sup>6</sup>, com o que ressonava todo aquele espaçoso campo. Ultimamente, vinha o imperador com muitos senhores de cavalo. Estava esperando, como um tiro de besta da povoação, o *abuna* com muitos frades e clérigos, revestidos com cruces e turíbulos, e grande multidão de

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Açê.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Grâba.

<sup>3</sup> «Benvindo quem vier em nome do senhor».

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: um bufaro.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Sião.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 49v].

<sup>7</sup> Esta passagem encontra-se também em M. Almeida (ver *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RESOI* 5, Roma, 1907, pp. 88-90 e Beckingham e Huntingford, *Some Records of Ethiopia*, 1954, pp. 93-6). Apresenta ligeiras diferenças de tradução e uma organização completamente diversa.

<sup>8</sup> Parágrafo introduzido pelos editores.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: passaria.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 50].

<sup>3</sup> Ver glossário (João Gabriel).

<sup>4</sup> O retrato físico do Susnëyos é um contributo interessante para construção da imagem do rei, uma vez que este tipo de descrição não era vulgar, não se encontrando nada semelhante na crónica etíope.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: de si.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: espingardada.

gente. Tinham postas no chão muitas alcatifas a longo de uma pedra não muito alta, de dois côvados de largo<sup>1</sup> e de grosso menos de dois palmos, de uma e outra parte <sup>2</sup>chão, e toda escrita de letras tão antigas que agora não há quem as saiba ler. E, como iam chegando ali os capitães, se punham a uma e outra banda do caminho, apeando-se todos. E, passando o imperador pelo meio, se apeou um pouco antes de chegar onde estavam os sacerdotes e foi só, andando, até chegar ao cordão de retrós que tinham pelas pontas as duas donzelas, como dissemos acima que se ordena no livro das cerimónias. E a outra do meio lhe perguntou: [fol. 58v] «Quem sois vós?» Respondeu: «Eu, el-rei.» Disse ela: «Não sois.» Então virou ele para trás e, dando cinco ou seis passos, tornou a voltar para ela (que ainda que no livro não está isto, disseram-lhe os frades que assim o havia de fazer) e, como chegou, lhe tornou a perguntar: «De quem sois vós rei?» Ele respondeu: «Sou rei de Israel.» Disse ela: «Não sois nosso rei.» Deu volta ele como primeiro e, por ser esta uma das coisas que lhe pareciam impertinentes, não pôde deixar de dar alguma mostra de riso, ainda que poucos lha enxergaram. À terceira vez que a donzela lhe perguntou, levou ele de uma espada larga muito rica, que trazia a tiracolo, e cortou o cordão, dizendo: «Eu sou rei de Sião.» E, tornando a espada à bainha, começou a semear pedacinhos de ouro pelas alcatifas. Disse a donzela duas vezes: «Em verdade sois rei de Sião. Entrai.» E logo todos em alta voz disseram: «Viva, viva el-rei de Sião.» E começaram tocar todos os instrumentos musicais que tinham e disparar a espingardaria com muita festa.

Acabado isto, foram em procissão ao mosteiro cantando<sup>3</sup> os frades e clérigos *Benedictus qui venit in nomine Domini*, etc.<sup>4</sup>, com outras coisas até entrarem a primeira cerca, onde está um pátio grande e, debaixo de umas árvores, doze assentos de pedra bem lavrada postos em feira<sup>5</sup>, e, um pouco afastado, quatro colunas de pedra com seus capitéis bem feitos, e parece sustentavam primeiro alguma abóbada, entre elas outros dois assentos de pedra. E dizem que, sobre estes e os outros doze, havia antigamente cadeiras de pedra muito bem lavradas e que, quando se coroava o imperador, as cobriam todas de sedas e brocados. Francisco Álvares, em sua *História*, fol. 456, diz também que as havia e que eram de uma só pedra e feitas tão ao natural que pareciam de madeira, e que aquelas doze foram aos doze ouvidores que o imperador trazia em sua corte. Mas agora não há tais cadeiras, posto que em as pedras se vêem os encaixes onde parece que estiveram. E isto dá também a entender o livro das cerimónias, dizendo que a cadeira real estava no lugar onde se faziam as cerimónias, porque, onde <sup>7</sup>estão aquelas colunas, se costumaram a coroar sempre os imperadores que viveram em Agçûm. Estes dois assentos de entre as colunas somente cobriram com panos de seda e o chão com alcatifas muito formosas. E no da mão direita se assentou o imperador e, no da esquerda, o *abuna*. Os frades e clérigos ficaram da banda [fol. 59] de fora de um parapeito baixo de pedra que de novo tinham feito à roda das colunas, e cantaram e leram em os livros grande espaço de tempo. E, em certos passos, se alevantava o *abuna* e fazia suas cerimónias. Umaz vezes ungiu ao imperador na cabeça e outras lhe cortava os cabelos onde tinham tocados os óleos; e os sacerdotes os levaram, cantando e incensando com seus turíbulos, e os queimaram perto da

porta da igreja e meteram a cinza dentro de uma pedra que têm para isso, e fecharam com outra e tornaram para os outros que ficaram cantando perto do imperador.

Acabadas as cerimónias que demoraram muito tempo, se levantaram o imperador e o *abuna* e, levando diante os frades e clérigos com suas cruces e turíbulos, cantando, foram em procissão à igreja que está dentro da segunda crasta e, entrando, depois de fazer oração, se assentou o imperador em um trono que lhe tinham feito, com cortinas de seda à roda. E disseram missa solene em que comungou o imperador. E, como se acabou, saiu muito acompanhado, com um chapéu de veludo azul escuro de falda larga em a cabeça e a copa toda à roda cheia de chapas de ouro como flor de lis e, no alto, seu remate com algumas pedras pequenas engastadas, que este é o modo de coroa que usaram os imperadores até este que, em Setembro de 616, fez uma coroa de ouro como as que usam nossos reis, por uma forma que lhe veio<sup>1</sup> da Índia. E, subindo em seu cavalo, foi para as tendas com a mesma ordem que veio. E, ainda que me tinha dito que havia de passar o seguinte dia, estive ali três dias com muitas festas.

Quarta-feira, às dez horas, como chegou à nossa aldeia, que se chama Fremonâ<sup>2</sup>, onde lhe estávamos esperando três padres com a igreja muito bem concertada para dizer missa e pregar. Mas, como vinha encaimado, disse que ficasse para o dia seguinte. E, entrando em nossa casa com alguns grandes, estive praticando conosco sobre diversas matérias com tanta familiaridade como se fora algum senhor dos mais devotos que cá temos, até que se punha o sol sem comer nem beber por ser quaresma (que nela não comem, nem bebem até entrado o sol); e àquelas horas se foi para as tendas que estavam perto onde lhe mandámos algumas iguarias. E, ainda que poucas, as estimou <sup>3</sup>muito por serem temperadas a nosso<sup>4</sup> modo. Aquela noite lhe vieram negócios sobre o que lhe foi necessário tomar [fol. 59v] conselho. E assim, pela manhã, mandou marchar o exército e ficou ele na tenda com os capitães, e enviou-nos dizer que a recovagem<sup>5</sup> e a gente de pé ia antes que entrasse muito o sol<sup>6</sup>, mas que ele havia de ouvir missa. O conselho, porém, não se acabou até pouco antes do meio dia, pelo que partiu com toda a cavalaria, que era muita, e mandou-nos dizer que lhe pesava de que o tempo não desse lugar para poder ouvir missa, e deu-nos peso de trezentos cruzados em ouro, que cá (como já tenho dito) não há moeda; e, às terras que antes tínhamos, nos acrescentou outras muito maiores que se continuavam com elas.

Tendo caminhado dois dias, lhe vieram novas que o alevantado tinha entrado em umas terras muito ásperas e montuosas que estão perto do mar. E, assim, determinou ter ali a Páscoa, porque demais de que não costumam a caminhar os oito dias, antes queria que vissem a que parte fora, para saber por onde havia de entrar. E mandou-me dizer, Sábado de Ramos,<sup>7</sup> que, já que primeiro não pudera ouvir missa, lhe fosse pregar a Semana Santa, com o que folguei muito, porque em Etiópia quase nunca pregam. Mas, segunda-feira, estando eu para partir, chegou outro recado que não tomasse trabalho em ir, porque lhe era forçado caminhar com muita pressa antes que o alevantado fugisse para uma terra de gentios, onde diziam que queria entrar. Foi ele logo e fez tomar os passos, de maneira que o alevantado não achou outro conselho para poder escapar, senão deixar a gente que tinha e meter-se pelo mais basto do mato com sós quatro homens de quem se fiava. E sucedeu-lhe também

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: alto.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 50v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: contando.

<sup>4</sup> «Bendito quem vier em nome do Senhor...»

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: fileira.

<sup>6</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 38, «Como S. Felipe declarou uma profecia de Isaías ao capado da Rainha Candácia por onde ela e todo o seu reino se converteu e dos edifícios do lugar de Aquaxumo», pp. 90-2.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 51].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: mandaram.

<sup>2</sup> Ver glossário (Fremona / Fremoná / Fremonâ / May Gwagwa).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 51v].

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: nosso.

<sup>5</sup> Transportadores e acompanhantes da bagagem. Ms. 778 BPB: ia diante.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: muito.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Sábado de Ramos.



que, por mais diligência que o imperador fez, nunca o pôde achar, porque esteve escondido<sup>1</sup> em uma lapa sustentando-se do leite de algumas poucas cabras que levou consigo. E, vendo o imperador que se lhe chegava o Inverno, que cá começa em Junho, se tornou para Dambiâ sem fazer nada. Mas, depois do Inverno, passando-se o alevantado a outras terras com obra de seiscentos homens, o mataram, como adiante veremos.

Em o que temos dito se vê bem quão diferentes são as coisas que Frei Luis de Urreta refere no cap. 13.<sup>02</sup> sobre a coroação do imperador de Etiópia e as que na verdade se usam. Também no cap. 14.<sup>03</sup> conta como, depois que o coroam, lhe entregam os tesouros de Guixên<sup>4</sup> Ambâ com grande solenidade e ele reparte liberalmente com os presentes. Depois, desce do monte, acompanhado dos senhores do Grão Conselho, dos reis, embaixadores e prelados, e dos mais que subiram para a eleição e vai para a cidade de Zambrá, onde lhe <sup>5</sup>fazem grande [fol. 60] recebimento, e ele entra com grande aparato em um elefante ricamente ajazado; e, passados quinze dias que gastam em festas, se parte para a cidade de Sabbá. E, no cap. 15.<sup>06</sup>, diz que todos os reis sujeitos ao império vêm à cidade de Sabbá dar a obediência ao imperador e cada um por si entra em um elefante, e isto mesmo tornam a fazer depois de sete em sete anos. Mas todas estas coisas são fábulas e meras ficções porque, como dissemos no cap. 9.<sup>o</sup>, não há em Guixên<sup>7</sup> Ambâ (a que ele chama Monte Amarâ), nem houve nunca tesouros nenhuns, nem lá se juntaram, nem juntam para eleger nem jurar ao imperador, nem há tais reis como vimos nos dois capítulos precedentes. E muito menos há elefantes mansos, nem os houve nunca em Etiópia, nem tais cidades de Zambrá e Sabbá, como adiante diremos.

## CAPÍTULO XIII

### EM QUE SE TRATA DO MODO COM QUE O IMPERADOR DE ETIÓPIA OUVE OS OFÍCIOS DIVINOS

**A**ntigamente, quando os imperadores de Etiópia se não deixavam ver de ninguém, mais que de trinta meninos que tinha dentro do seu paço e de suas mulheres e do *behêt oadêd* da mão direita e da esquerda e do *acabiçât*, que, se algum outro homem grande, ainda que fosse cunhado ou genro, alcançava licença para falar com o imperador, havia de ser de noite e, tiradas todas as candeias, de maneira que não lhe via o rosto, como dissemos no cap. 4.<sup>o</sup>; quando os imperadores se haviam desta maneira com seus vassalos, também indo à missa tinham grande resguardo para que não os vissem. E assim, o Imperador Zara Iacob fez um caminho com cerca muito alta de uma e outra banda do paço até à igreja (como se conta em o livro de sua *História*) e por ali ia sem que o vissem. E, quando entrava,

não havia de estar em a igreja mais que os superiores de alguns mosteiros grandes, para cantar, e logo se metia entre suas cortinas e dali ouvia missa; e, quando queria entrar na capela para comungar, saíam todos sem ficar mais que *acabiçât* e outros quatro sacerdotes; e depois tornava ao paço pelo mesmo caminho. Mas, assim à ida como à vinda, dava sinal um pajem com a mão de dentro do paço aos músicos, que esperavam fora com muitos instrumentos, para que tangessem e fizessem festa; e com isto sabia a gente de fora quando entrava e saía da missa, como dissemos no cap. 5.<sup>o</sup>. Mas, depois foram deixando os imperadores esta superstição e se começaram a mostrar [fol. 60v] ao povo e iam com grande<sup>1</sup> aparato à missa, como afirma Francisco Álvares em sua *História Etiópica*, fol. 147, falando do Imperador David, que depois se chamou Onâg Çaguêd, a quem dou muito mais crédito neste particular que à informação de gente desta terra, porque diz que o viu dia da Páscoa de Ressurreição, antes de amanhecer; pelo que referirei suas palavras que são as seguintes:

*2Depues de media noche fuimos llamados y en llegando a la puerta principal de su gran tienda, vimos que, desde ella hasta la iglesia de S.<sup>ta</sup> Cruz (que estava de alli hum tiro de arcabuz), havia por los lados mas de seis mil candelas encendidas y puestas con grande orden apartada la una hacera de la otra quasi quarenta o cinquenta passos. Detras dellas havia infinita gente, de manera que los que las tenian, les hazian reparo, porque tenian cañas atadas en hilera unas de otras y puestas ante si, sobre las quales ponian las candelas en gran compas<sup>3</sup>. Delante de la tienda del emperador andavan quatro señores a cavallo, y pusieron nos<sup>4</sup> junto a ellos. Y luego salio el emperador sobre<sup>5</sup> un hermoso macho morçillo<sup>6</sup>, tan grande como un gran caballo, y el lo tenia en mucho trayendolo siempre consigo. Venia el emperador vestido de unas ropas de brocado muy luengas<sup>7</sup> que llegavan al suelo. Y tambien iba el macho cubierto de lo mismo. Llevava en la cabeça su corona y en la mano una cruz. Traz del le trayan<sup>8</sup> dos poderosos caballos enjaezados<sup>9</sup> y cubiertos de brocado, los quales con la lumbré de las candelas parecian ser todos de fino oro, y cada uno llevaba su diadema bien cumplida<sup>10</sup> com grandes penachos en la cabeça. Luego que el emperador salio, se fueron aquellos quatro de cavallo y nos pusieron detras del, pera que fuessemos alli, sin que otra persona le siguiesse, salvo veinte o treinta señores que ivan delante del a pie. Desta suerte llegamos a la iglesia de S.<sup>ta</sup> Cruz, en la qual luego el emperador se metio en sus cortinas. Y salida la cleresia que havia dentro y juntandose con otra mucha que estava fuera, por no caber en la iglesia, se hizo una procession muy solemne, yendo nos otros al principio della entre las dignidades mas honradas que havia. Bueltos que fueron a la iglesia, oficiaron la missa y ya que era acabada y querian dar la comunion, nos dixerón que fuessemos decir<sup>11</sup> nuestra missa, que ya teniamos nuestra tienda armada pera ello junto a las tiendas del emperador. Nosotros fuimos luego, y como viesemos que nos tenian armada una tienda negra, pensamos<sup>12</sup> que se burlavan y assi la dexamos y fuimos a nuestras tiendas que estavam junto al rio.<sup>13</sup>*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: muito.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 52v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *compnas*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *os*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *en*.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *morzello*. Macho de pelagem preta.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: *lavgas*.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: *trahian*.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: *enjaezados*.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: *largo*.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: *dizir*.

<sup>12</sup> O autor substituiu o verbo declarativo «dizer» por «pensar», e não transcreve um breve diálogo entre o embaixador e Francisco Álvares. Uma opção interessante do tradutor espanhol da *Verdadeira informação* foi substituir o nome «Preste João» por «imperador».

<sup>13</sup> Ver F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 112, «Como tivemos uma Quaresma na côrte do Preste e tivemos-la na terra de Gorage e mandaram que dissésemos missa e como não a dissemos», pp. 307-9.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: metido.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 13, pp. 140-52.

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 14, intitulado «Como le entregan al emperador los tesoros, y baxa del monte, y camina para la ciudad de Zambra, que es la Corte, y para la ciudad de Saba donde le juran por emperador», pp. 153-5.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: Guixém.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 52].

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 15, pp. 156-62.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: Guixém.

[fol. 61] Até aqui são palavras de Francisco Álvares, em que se vê o aparato com que o imperador ia à missa. Mas, então, o queriam mostrar maior que o que usava de ordinário, por ter estrangeiros em sua corte. Agora, raramente vai o imperador de noite à igreja, nem lhe é necessário isso para ouvir missa, porque, ainda que em todas as igrejas se começam sempre os ofícios duas horas ou mais antes de amanhecer, em as festas são tão compridos que não se acabam até saído o sol. E então se começa a missa e, algumas vezes muito mais tarde, porém, a qualquer hora que se seja tempo de começar, estão obrigados os das duas igrejas que têm o imperador perto, fora<sup>1</sup> da cerca de seu paço, a dar sinal para se quiser ir ouvir missa, não com sinos, que não os há, como diremos no 2.º livro<sup>2</sup>, senão com um tambor de cada igreja, quase de sorte dos nossos. E, perto da porta do paço, dão com a mão neles algumas pancadas e logo o imperador lhes manda recado se há-de ir ou não. Mas quando ele quer ouvir missa, ordinariamente manda recado muito antes que se comece e põem lá com tempo sua cadeira. Esta<sup>4</sup> de agora tem como as nossas, de damasco carmesim com franjas de retrós carmesim e de fio de ouro, os pregos de cabeça grande, muito bem feitos, dourados, e no alto dois pianzinhos de cobre<sup>5</sup> também dourados. Tem outras cadeiras da China, douradas, com os assentos de veludo verde e carmesim. Sempre vai à igreja a pé, porque está muito perto do paço, e, quando sai dele, leva diante muitos senhores ricamente vestidos e detrás alguns pajens pequenos, também muito bem vestidos, e ordinariamente, de uma e outra banda do caminho está cheio de gente. E, diante de aqueles senhores, vão muitos porteiros do paço com uns paus curtos em que tem amarrados<sup>6</sup> correias muito compridas com que fazem afastar a gente para que dê caminho. E como o imperador está na igreja, se assenta em sua cadeira, que está entre cortinas muito formosas de seda, e dali ouve missa e torna da mesma maneira que foi. Mas no paço não se assenta ordinariamente nestas cadeiras, senão em um esquife dourado com quatro colunas tão altas como um homem, com muita laçaria e a cabeceira quase tão alta como as colunas, com algumas figuras, conchas e folhagens, que lhe dão muito lustre, e seu pavilhão de seda muito formoso e todo ele muito bem ornado com colchas de seda e os rodapés de brocado com franjas de fino ouro.

[fol. 61v] Isto é o que eu vi muitas vezes, indo à missa o Imperador Seltân Çaguêd. Também o Imperador Aranâf Çaguêd, que primeiro se chamava Za Denguil, em Junho de 1604, depois de eu ter por muitos dias disputas diante dele com seus letrados sobre as coisas em que contrariam nossa santa fé, e de ter muito bem entendida a verdade e de estar resoluto em dar à obediência à santa Igreja romana, me disse que desejava muito ouvir nossa<sup>7</sup> missa e ouvir pregação. Respondi que não tinha vinho, que o tinha mandado<sup>8</sup> a uma terra onde estavam os portugueses, dois dias de caminho, parecendo-me que havia de ir logo, para que confessassem e comungassem. Mandou ele que me dessem passas, dizendo que, por falta de vinho, não deixasse de lhe dar aquele gosto, parecendo-lhe que nós dizíamos missa com vinho de passas como os seus sacerdotes. Respondi que faria trazer o vinho com toda a pressa, que com aquele não se podia dizer. Como chegou o vinho, mandou ele armar uma tenda muito grande de três mastos<sup>9</sup> dentro da cerca do paço, que era muito espaçosa, onde concertei um altar

o melhor que pude com umas imagens. E para a banda do Evangelho, um pouco afastado, puseram outra tenda pequena, muito formosa, e no chão muitas ricas alcatifas<sup>1</sup> e, sobre elas, sua cadeira com dois coxins de veludo carmesim diante. Depois, como foram horas, veio o imperador vestido de cetim carmesim do mesmo corte de turcos, comprido até os pés, mas a roupa de debaixo com colarinho alto como os nossos. Trazia diante muitos porteiros que faziam dar caminho com correias como as que acima disse, porque a gente era tanta que com dificuldade davam passo. Atrás dos porteiros se seguiram muitos senhores ricamente vestidos, e, no último, o imperador com o governador do império e seu mordomo e, detrás, alguns pajens. E, como chegou, se assentou em sua cadeira, ficando todos aqueles<sup>2</sup> senhores ao lado da tenda pequena sentados no chão em alcatifas, de maneira que não o podiam ver. Sós dois pajens pequenos, vestidos de bofetá<sup>3</sup> e cabaias de taficira<sup>4</sup> de seda carmesim, com toucas em as cabeças e espadas em as mãos, não nuas mas em as bainhas, estavam à porta da tenda, um de uma banda e outro de outra, e, desta maneira, ouviram missa e pregação com grande silêncio de todos. E, como se acabou, se foi com a mesma ordem com que veio. Adiante, quando tratar deste imperador, referirei mais em particular as coisas que houve em esta e outra vez que ouviu missa, que agora não pretendo<sup>5</sup> mais que mostrar o modo com que os imperadores vão à igreja e estão nela.

Frei Luis de Urreta trata esta matéria<sup>6</sup> no cap. 16.<sup>97</sup> e traz algumas festas principais, em que diz que o imperador de Etiópia vai com pompa e aparato à igreja. A primeira é da Invenção da Santíssima Cruz, em cuja véspera afirma que põem uma rica tenda fora da cidade e, dentro, armam os sacerdotes um curioso altar e sobre ele põem uma cruz de cedro em memória da que achou a santa<sup>8</sup> Imperatriz Elena. E, o dia seguinte, sai o imperador em um elefante acompanhado de toda a sua corte e, chegando à tenda, entra e, posto de joelhos diante da cruz, adora com grande devoção e, fazendo o mesmo os demais, tiram seus vestidos e põem outros pretos, como faz o imperador, o qual chega logo ao altar e, tomando a cruz com grande reverência, a leva à cidade a pé em companhia daqueles cavaleiros e prelados que vão em procissão por ordem, e, chegando ao paço, a põe decentemente na capela imperial, onde estão ajoelhados como um quarto de hora, e depois se vai cada um à sua estância. Isto diz Frei Luis, mas, primeiramente, como já temos dito e me afirmou o mesmo imperador, nunca em suas terras se viu elefante manso, nem se faz de nenhuma maneira festa da Invenção da Santa Cruz. E, perguntando eu a um frade velho que podia dar melhor razão que os demais, se primeiro faziam esta festa, me disse que antigamente a faziam, mas não sabia se com estas cerimónias, e, ainda que a fizessem assim, não haviam de levar a cruz ao paço, porque dentro nunca houve capela, senão a uma de duas igrejas que tem o imperador ordinariamente um bom tiro de pedra afastadas; uma é de Jesus e outra de Nossa Senhora. Nem haviam de estar de joelhos, como diz, porque cá não se usa fazer oração senão em pé ou sentados no chão. Porém, o dia da Exaltação de Santa Cruz<sup>9</sup> fazem muito grande festa, bailando toda aquela noite. E ainda, em algumas terras, como no reino de Tigrê, começam um mês antes a bailar

<sup>1</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: ricas.

<sup>2</sup> Ver p. 384.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 53].

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: Este.

<sup>5</sup> Aparentemente, o mesmo que pioneses. Não se achou outra ocorrência desta forma lexical.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: umas.

<sup>7</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: nossa.

<sup>8</sup> *Ms. 778 BPB*: buscar.

<sup>9</sup> *Ms. 778 BPB*: mastros.

<sup>1</sup> *Ms. 778 BPB*: ricas.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 53v].

<sup>3</sup> Tecido de algodão muito fino, de proveniência asiática.

<sup>4</sup> Ou tafecira: tecido grosseiro de algodão indiano, como chita.

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 62].

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: este mistério.

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 16, intitulado «De las ceremonias que usa el Preste Iuan en los oficios divinos», pp. 163-7.

<sup>8</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: santa.

<sup>9</sup> Ver glossário (Exaltação da Santa Cruz / *Mäsqäl*).

nas ruas todas as noites, e, o mesmo dia, antes de amanhecer, andam os mancebos e meninos com fanchas acesas muito compridas feitas de pauzinhos delgados muito secos, gritando e pedindo a Deus com palavras de grande alegria que os deixe chegar ao outro ano, e, quando amanhece, e<sup>1</sup> acendem muita lenha que têm junta. Este dia vai o imperador à missa [fol. 62v] com o acompanhamento e ordem que acima dissemos, mas não faz cerimónia nenhuma das que Frei Luis aponta. E, como torna, vão muitos mancebos a bailar à porta do paço, e manda-lhes dar oito ou dez vacas. Depois andam pelas casas dos senhores bailando e também lhes dão vacas, <sup>2</sup>ou fato com que as comprem; em isto gastam oito dias. Até os gentios, que não obedecem ao imperador, fazem esta festa acendendo grandes fogos e matando muitas vacas.

A segunda festa que põe é Domingo de Ramos, em que diz que o imperador vai à igreja com a pompa costumada e, de seu trono, ouve os officios até que se começa a Paixão, que desce do trono e, tirado o vestido imperial, veste o que trazia no monte; e o mesmo fazem os circunstantes. E, tirados os vestidos ricos, põem outros pretos e os trazem toda a Semana Santa, em que não trata<sup>3</sup> negócios nem se acompanha com pessoa nenhuma<sup>4</sup> senão com os embaixadores de Portugal e do vice-rei de Goa e do cônsul dos mercadores de Itália. E com eles come aquela Sexta<sup>5</sup> Feira e dia de Páscoa, vai à igreja acompanhado das mesmas pessoas e as de sua corte e em começando *Gloria in excelsis Deo*, mudam os vestidos ordinários em outros ricos, assim o imperador como os cavaleiros que o acompanham, e, como acabam de ouvir missa, comungar e dar graças, torna o imperador a pé ao paço. E ao seguinte dia, depois de ouvir missa, se põem três grandes mesas com três aparadores ricos, um com a baixela de ouro, outra de prata e outra de porcelanas e barro fino. Em a primeira mesa come o imperador com dois sacerdotes; em a segunda os embaixadores e cavaleiros da terra latina; em a terceira os filhos dos reis com os do grão conselho do imperador. E como se alevantam as mesas, lhe oferece cada um alguma peça curiosa como de cristal ou coisa semelhante.

Tudo quanto aqui diz Frei Luis também é muito contrário ao que cá se usa, porque o imperador e os que o acompanham Domingo de Ramos não mudam os vestidos em a igreja nem houve nunca cônsul dos mercadores de Itália, nem veio embaixador nenhum de Portugal nem do vice-rei da Índia, depois que o Padre Bispo D. André de Oviedo entrou em Etiópia, que foi em Março de 1557; e como foi recebido diremos adiante. Nem com o imperador come nunca ninguém de nenhuma maneira, ainda que seja sacerdote, nem há tais aparadores com baixela de ouro e prata [fol. 63] senão de um barro preto fino, porcelana e cobre, como dissemos cap. 9.º. Quanto das cerimónias que usam os eclesiásticos na Semana Santa e seculares, trataremos em o 2.º livro.

A terceira festa que Frei Luis põe é a do Santíssimo Sacramento, e diz que a mandou celebrar em Etiópia o Papa Paulo III, que foi eleito no ano de 1534. E chegando seu *Breve* em tempo do Preste João David, dois anos antes que morresse, obedeceu como obediente filho da Igreja romana e mandou logo que por toda Etiópia se celebrasse. E diz que fazem uma solene procissão pela cidade com o Santíssimo Sacramento e detrás dele vai o imperador, e que as candeias que levam são inumeráveis e que quase todos bailam e fazem muitas danças. E têm por costume que, enquanto passa a procissão por alguma rua, ninguém pode estar em janela nem em terrado, senão que todos hão-de sair à rua, descoberta a cabeça, e ajoelham-se com grande devoção e humildade. <sup>6</sup>E guardam isto com tanto rigor, parecendo-lhes que ver o

Santíssimo Sacramento de alguma janela ou lugar alto é irreverência, que as freiras, cujos conventos succede estarem nas ruas por onde passa a procissão, sendo coisa forçosa havê-la de ver de seus corredores, é costume mui recebido que desçam todas à porta da igreja e se ponham em dois coros cobertos com seus véus e com candeias em as mãos, estão ajoelhadas enquanto passa a procissão.

Isto que diz o autor também foi invenção de quem o informou, porque não se faz em Etiópia tal procissão, nem se fez nunca, que por nenhum caso tiram o Sacramento da igreja. Só o trazem até à porta onde comungam as mulheres e os homens que não têm ordens sacras, porque sem elas não podem comungar nem ouvir missa lá dentro. Se o Sumo Pontífice Paulo III mandou que se fizesse cá esta festa, não se executaria. Nem os edificios de cá são como os de Europa, para que se possam pôr às janelas, senão, como já por vezes tenho dito, casas térreas, algumas como lógeas compridas e outras redondas, muito baixas, todas cobertas de palha que lhe chega até muito baixo, excepto a província que chamam Hamacên, onde costumam terrados, mas nenhuma casa há sobradada e todas muito baixinhas. Este Imperador Seltân Çaguêd fez, pouco há, uns paços de dois sobrados com terrado e, no mais alto, uma casa [fol. 63v] que lhe serve de mirador<sup>1</sup>, [e] do chão até cima são sessenta palmos<sup>2</sup>. As freiras também moram em estas casinhas de palha, não juntas, senão cada uma onde quer e vai por onde quer, sem que ninguém lhe pergunte por isso, porque, em dando-lhes os frades os véus, se tornam a casa de seus pais ou parentes, ou à sua, se a tinha já afastada. E se algumas se querem ficar encostadas ao mosteiro dos frades que lhes deram o véu, também mora cada uma afastada em sua casinha e vai para onde quer, mas dizem que, antigamente, estavam algumas em comunidade.

## CAPÍTULO XIV

### DO APARATO QUE LEVA O IMPERADOR QUANDO CAMINHA E DA ORDEM COM QUE ASSENTA SUAS TENDAS<sup>3</sup>

**A**ssim como antigamente o imperador de Etiópia, quando estava em seu paço, não se deixava ver de ninguém<sup>4</sup> mais que dos que dissemos no capítulo precedente, assim também quando caminhava ninguém o via; porque, como diz um livro de Etiópia que trata das coisas do Imperador Zara Iacob, todos iam muito afastados, excepto três que lhe tomavam o sol e o cobriam com três sombreiros grandes de seda e alguns que abanavam as moscas. E, em outro livro que trata dos officiais do imperador, diz que, quando se apeava, se as tendas não estavam armadas, tinham aparelhado um pano como dossel, posto em umas varas com que lhe tomavam o sol e o cobriam alguns filhos e parentes seus que tinham sempre isso a seu cargo, como tocámos no cap. 4.º. Mas, depois, em lugar daqueles sombreiros, usaram cortinas, como afirma <sup>5</sup>Francisco Álvares, em sua *História*, fol. 117, que se fazia em tempo do Imperador David. E, porque fala de vista, porei suas mesmas palavras:

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: mirado.

<sup>2</sup> O autor dá informações mais precisas sobre este edificio no livro I, cap. XX, pp.191-2.

<sup>3</sup> Ver fig. 12.

<sup>4</sup> Omisso no Ms 778 BPB: de ninguém.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 55].

<sup>1</sup> Sic.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 54].

<sup>3</sup> Entenda-se: em que o imperador não trata negócios.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: alguma.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Quinta-.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 54v].

Otro dia nos fue mandado que caminasemos segun orden que se nos diese. Y la causa fue porque ya el emperador no queria caminar secretamente, como los dias passados, que se quedava atras o passava adelante, pero agora començo de caminar a vista de todos, como dire. El iba sobre una mula con su corona en la cabeça y dentro de unas cortinas coloradas cubiertas con un cielo de lo mismo, de suerte que estas cortinas le cubriren los lados y las espaldas. Eran muy altas y cumplidas<sup>1</sup> y los que las llevaban iban de la parte de fuera [fol. 64] teniendolas con luengas<sup>2</sup> varas en las manos. La mula llevaba muy ricas cabeçadas sobre el freno con sus chapas o puntas. Y a los lados della iban dos pajes que parecion guiar la mulla por el freno. Luego se seguian otros dos, cada uno tambien<sup>3</sup> de su lado, con una mano sobre el pescueço de la misma mula. Y tras destes venian otros dos com las manos en las ancas çerca del arçon trasero. Estos pajes llaman ellos en su lengoa legamoveos, que quiere dizir «pajes de destro». Adelante destes iban otros veinte pajes a piee, y mas adelante dellos se llevavan seis cavallos muy poderoso y muy ricamente enxaeçados<sup>4</sup> y con cada uno dellos iban quatro personas principales, los dos a los lados del freno como los outros del emperador, y los outros dos a los lados de la silla com las manos encima della. Adelante destes cavallos, se llevavan otras quatro mulas, tambien quatro hombres com cada una dellas, ni mas ni menos, a los lados de los otros. Mas adelante aun dellas iban veinte señores de los principales a mula, com sus albornozes vestidos. Y luego delante destes yvamos<sup>5</sup> nosotros, porque alli nos se señalaran lugar y a ninguna otra persona se permitia que fuese<sup>6</sup> ni adelante ni a los lados de nosotros, sino eran algunos de a cavallo, que andavan galopeando, por que la demas gente andaviese<sup>7</sup> apartada. Los betudetes llevavan la guardia de la persona del emperador y yva cada uno de su lado con mas de seis mil hombres de guardia. Yvan apartado de los lados<sup>8</sup> del emperador commumente tanto como un tiro de arcabuz, y a las veces algo mas o menos, segun que el camino se offerecia. Si acontecia que no avia mas que un passo en alguna parte, por onde todos avian de passar, entonces se adelantava el betudete de la mano derecha con sus soldados y depues<sup>9</sup> passava el otro como en retaguardia, yendo los unos de<sup>10</sup> y los otros apartados quanto media legoa. Demas desto se llevavan tambien los quatro leones con sus fuertes cadenas, como ya tengo dicho, y las iglesias con toda reverencia.<sup>11</sup>

Até aqui são palavras de Francisco Álvares, em que se há-de advertir que os que levam as mãos sobre o colo e anca da mula do imperador, que ordinariamente o fazem quando vai por algum ruim passo para que não caia, se chamam *dagafôch*<sup>12</sup>, e não «legamoveos»,<sup>13</sup> que não há tal nome, e [fol. 64v] se queria dizer *leguamôch*; estes não podem chegar ao imperador, porque são moços da estrebaria. Também não há-de dizer «betudete», senão *behêt oadêd*<sup>14</sup>, que quer dizer «sou amado». Em o<sup>15</sup> ordem e modo de caminhar o imperador diz bem, porque assim se usava então, mas há já muito tempo que os imperadores deixaram as cortinas e somente levavam na cabeça um chapéu de falda larga, comumente

de veludo azul com umas chapas de ouro e algumas pedras na copa, porque era sua coroa; o que também usou este Imperador Seltan Çâgued até agora; pouco tempo há que pôs coroa como as nossas em chapéu de cetim carmesim de falda curta e a mesma que os de Portugal, porque todo o nosso modo lhe contenta muito e mandou fazer chapéus para a coroa das cores que ele costuma a vestir<sup>1</sup>, para que o chapéu diga sempre com o vestido.

Quanto acerca do modo com que este caminha, direi o que vi muitas vezes, não tratando dos primeiros dias depois que parte da corte, porque caminha pouco, e assim muitos ficam em suas casas e a gente que vai diante dele (que sempre é muita) leva pouca ordem, posto que não os que acompanham sua pessoa, que são seus oficiais e gente de guarda com outra muita cavalaria. Falarei só de quando se lhe juntou a gente e vai por terras<sup>2</sup> que é necessária mais ordem. Mas, para que melhor se entenda isto, se há-de advertir que toda a gente limpa do arraial do imperador (não tratando da que trazem os vice-rei<sup>3</sup> que o vêm a acompanhar, porque essa segue seu vice-rei) está repartida em quatro partes: uma, que são os oficiais e a guarda do imperador com alguns senhores grandes acompanham sempre sua pessoa; outra parte segue ao capitão da dianteira, a quem chamam *fit aorari*<sup>4</sup>; outra vai com o capitão da mão direita, que chamam *cânhe azmâch*<sup>5</sup>; e a outra com o capitão da mão esquerda, que chamam *guerâ azmâch*<sup>6</sup>.

Suposto isto, quando o imperador há-de caminhar, sempre o capitão da dianteira dá sinal com seus atabales, quando amanhece ou um pouco depois, e logo todos desarmam suas tendas e começam a<sup>7</sup> carregar seu fato. Dali a pouco, sai com sua bandeira, tangendo os atabales que, ordinariamente, são quatro sobre duas mulas, uns de cobre vermelho e outros de pau cobertos com couro de vaca, e [fol. 65] seguem-no todos os que têm obrigação. Depois, cavalga diante da tenda do imperador seu estribeiro-mor o que, outro nenhum, por grande que seja, pode fazer, e vai em cavalo ou em mula, como ele quer, mas ordinariamente todos vão em mulas com os cavalos a destro diante. Logo, saem os capitães da mão direita e esquerda com suas bandeiras e atabales, e espera cada um em seu lugar, com sua gente, até que saia o imperador. Ele cavalga dentro da tenda e toma o estribo o estribeiro pequeno; outros têm a mula pela rédea, e outros a<sup>8</sup> cobrem toda<sup>9</sup> à roda com cortinas, de maneira que, ainda que esteja aberta a porta da tenda, ninguém de fora o pode ver cavalgar. O freio da mula <sup>10</sup>leva sempre muita prata lavrada em pontas que lhe faz parecer muito bem, e a sela coberta de brocado sobre que assentam no arção traseiro, pela banda de fora, prata dourada em que abrem rosas e flores-de-lis. O imperador, algumas vezes, sai de brocado, mas poucas, porque pesa; o mais ordinário é cetim ou damasco carmesim, porque folga com esta cor; e chega-lhe o vestido até mais de meia perna, com os calções do mesmo, um pouco estreitos, e cobrem-lhe toda a perna até ao sapato, que botas não calça nunca. Sobretudo, veste albornoz de veludo carmesim com grande capelo e muitos passamãos<sup>11</sup> de fio de ouro e botões grossos de ouro, chapéu como os nossos de seda que veste e, sobre ele, a coroa que é de ouro muito fino com algumas pedras engastadas e, em todas as pontas que fazem as flores-de-lis, pérolas, e, no mais alto [do cha-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: largas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: largas.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: tambien.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: enjaezados.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: ibamos.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que fuese.

<sup>7</sup> Sic. Anduviese.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de los lados.

<sup>9</sup> Sic. Después.

<sup>10</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>11</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 93, «Do caminhar do Preste João e da maneira do seu aparato estando em caminho», pp. 243-5.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: degabôch.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 55v].

<sup>14</sup> Ver glossário (*behêt uâded* | *behêt oadêd* | *beht wâddâd*).

<sup>15</sup> Ms. 778 BPB: E a.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: para a coroa.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: vai por terras.

<sup>3</sup> Sic. Vice-reis.

<sup>4</sup> Ver glossário (*fit aorari* | *fit awrari*).

<sup>5</sup> Ver glossário (*cânhe azmâch* | *qâñâzmaç*).

<sup>6</sup> Ver glossário (*guerâ azmâch* | *gêrazmaç*).

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: todo.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 56].

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: passamanes.

péu], por remate, uma pedra formosa engastada na ponta de um pioncinho<sup>1</sup> de ouro, que a copa dele entra dentro da coroa. Em a cabeça, debaixo do chapéu, põe algumas vezes uma touca branca muito fina cujas pontas descem por debaixo da barba e dão volta de maneira que lhe cobrem a boca e narizes por causa do pó. Outras vezes, não põe mais que o chapéu e, à coroa, leva um pajem diante. Como sai o imperador da tenda, começam a tanger suas charamelas que, ainda que não são como as nossas, fazem boa música. E logo o capitão da mão direita e o da esquerda e os demais vão marchando por sua ordem afastados bom pedaço do imperador. E, se é perto donde há-de pelejar, ou no caminho há algum receio, o capitão da mão esquerda passa com sua gente e vai perto do capitão dianteiro. Depois se segue o capitão da mão direita e com este, de rigor, havia de ir o capitão dos portugueses com sua gente. Mas, ordinariamente, fica perto do [fol. 65v] imperador, porque ele folga de levar ali os portugueses.

A gente dos vice-reis, que vem a acompanhar o imperador dos reinos vizinhos, vai em os lugares que lhe sinalam. Depois, vão comumente alguns sacerdotes que levam as pedras de ara de quatro igrejas<sup>2</sup>, que sempre traz em seu arraial o imperador. Francisco Álvares, em sua *História*,<sup>3</sup> 112<sup>4</sup>, diz que são treze, mas parece que se usaria esto<sup>5</sup> naquele tempo. Porém, de muitos anos a esta parte, não foi costume levar mais que quatro (segundo dizem todos), e carregam-nas<sup>6</sup> sobre a cabeça ou no ombro, e vão cobertas<sup>7</sup> com panos de seda ou brocado; e diante de cada uma, dois acólitos, um com cruz e turíbulo em as mãos e outro tangendo com uma campainha. E têm todos tão grande respeito e reverência que, se estes sacerdotes se apressam para passar adiante (que o podem fazer, porque não têm lugar sinalado, senão que vão onde querem, como não seja ficar detrás do imperador), todos se afastam do caminho até que passem. Detrás dos sacerdotes, um pouco afastado, vão as bandeiras do imperador que, ordinariamente, são três de damasco carmesim, não tão grandes nem quadradas como as bandeiras de campo<sup>8</sup> que se usam entre nós, senão como guiões; e, na ponta da vara, por remate, uma bola de cobre dourada e, sobre ela, uma cruz do mesmo. Logo se seguem os atabales que comumente são oito muito grandes, de cobre, cobertas as bocas de pele de vaca. E às vezes leva mais carregados em mulas, em cada uma dois, e os que os tangem vão sobre as ancas das mulas; perto deles, vão os desembargadores do paço com seus criados.

Depois de tudo isto, vai a guarda de a<sup>9</sup> pé do imperador, que são agora oitocentos mancebos de adargas<sup>10</sup> brancas, a que chamam *characâ*, *scilicet* «luz», e outros tantos de adargas pretas, todas<sup>11</sup> de couro de búfara<sup>12</sup>. E a estes chamam *cocâb*, *scilicet* «estrela», ainda que não são tão resplandecentes, senão pretos como suas adargas. Cada um destes leva dois zargunchos<sup>13</sup> e uma macinha de pau muito

duro e pesado: esta tira primeiro e depois um dos zargunchos<sup>1</sup> que tem o ferro como de gineta, ficando-lhe sempre na mão outro que é de ferro largo e de dois palmos de comprimento. Demais destes, vão muitos de espingarda e boa parte deles mancebos muito alvos, porque são filhos de turcos que aqui se fizeram cristãos; e ordinariamente vão juntos em esquadrões, em um os de adargas brancas, em outro os das pretas e em outro os das espingardas, ainda que algumas vezes vão em duas fieiras. Em o meio delas levam pela rédea [fol. 66] duas mulas do imperador e, algumas vezes, quatro com freios e selas muito ricas. Depois, seis cavalos de destro e, algumas vezes, oito, muito grandes e ricamente ajaezados. Em os freios têm muita prata dourada, em os pescoços outros arreios do mesmo<sup>2</sup> como os traz o Grão Turco, porque os fez pouco tempo há<sup>3</sup> um oficial que de lá veio; as cobertas e selas de veludo carmesim e outras de brocado<sup>4</sup>. O cavalo que vai mais perto do imperador leva o arção dianteiro de prata dourada muito bem lavrada e o arção de detrás do mesmo pela banda de fora mas com laçaria e, no que fica vão, tem por dentro seda de diversas cores, com que se realça mais o ouro. Junto a este cavalo vai o pajem de lança e outros que levam as armas do imperador. Logo se seguem doze mancebos bem estreados, filhos de turcos que já disse: seis por banda, vestidos de pano vermelho com aljavas no ombro, muito bem guarnecidas de ouro e, nas mãos, arcsos turquescos e, na cabeça, umas caraminholas<sup>5</sup> de cobre douradas com seus penachos. Depois, vem o imperador. E se está o que é *erâz*, que quer dizer «cabeça», e tem o mesmo ofício que tinha o que antes chamavam *behêt oadêd*, ele leva a mão direita, ficando um pouco detrás do ombro do imperador; e o que é como mordomo-mor, a quem<sup>6</sup> chamam *balatinôch gueitâ*, vai à mão esquerda; e ali perto, outros oficiais de imperador, os vice-reis e senhores grandes e, quando o imperador fala com algum deles, se traz capa ou um pano de seda rico que costumam pôr sobre o vestido, o abaixam até a cinta. Detrás destes, levam o leito do imperador coberto com um pano de seda porque, quando<sup>7</sup> se apeia, ordinariamente se assenta ou encosta em ele. Aos lados e detrás vai muita cavalaria, mas bom pedaço afastada.

Detrás do imperador e dos senhores que vão com ele, vem a imperatriz como um tiro de espingarda, que ordinariamente o acompanha com outras muitas senhoras e levam grande multidão de criadas e criados. Depois se segue a recovagem que é como outro exército, porque demais das tendas e matalotagem<sup>8</sup> e fato do arraial, que levam carregado em mulas, bois e jumentos, vem muito grande número de taberneiros e mercadores. Ultimamente, na retaguarda, vai sempre um capitão com muita gente de guerra, mas cada dia se muda este capitão e em seu lugar entra outro. E, dois ou três dias antes [fol. 66v] que cheguem onde hão-de pelejar, se arreceiam que a guerra será forte, fica a imperatriz, todas as senhoras e a recovagem em lugar seguro com gente de guarda, e o imperador vai com seu exército.

Esta é a ordem que levam quando vão por terra de receio, mas, quando não, nem o imperador leva bandeiras, nem capitão nenhum, senão só atabales e caramelas<sup>9</sup>, e a imperatriz e mais senhoras vão muito cedo diante, se querem. E os capitães guardam pouca ordem, porque, se a gente vai afastada uma de outra, para andar mais à sua vontade e, como é tanta, sempre que sai o imperador, cobre os campos de maneira que raramente podem escapar os animais silvestres que se alevantam entre eles, já per-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: piãozinho.

<sup>2</sup> Ver livro I, cap. IV, pp. 89. Nessa passagem, porém, o autor refere três igrejas apenas.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: fol.

<sup>4</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 89, «Das igrejas da côrte, e da maneira que têm de caminhar e as pedras de ara como vão reverenciadas e como o Preste João se mostra ao povo em cada um ano», pp. 230-1.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: assim.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: -nos.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: cobertos.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 56v].

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>10</sup> Escudo de couro, de forma redonda.

<sup>11</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: todas.

<sup>12</sup> Búfalo. Ms. 778 BPB: búfaro.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: zagunchos.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: zagunchos.

<sup>2</sup> Isto é, em prata.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: há.

<sup>4</sup> Entenda-se: têm as cobertas, etc. O recurso ao zeugma dificulta a compreensão, porque o autor intercalou várias orações.

<sup>5</sup> Por alargamento significativo, capacetes – semelhantes a caraminholas.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 57].

<sup>8</sup> Provisão de mantimentos.

<sup>9</sup> Charamelas. São instrumento de sopro e palheta.

dizes e outras aves que há que não voam muito de nenhuma maneira, se não acertam a esconder-se em parte que não as vejam.

<sup>1</sup> Muitas vezes desejei saber quanta gente limpa de guerra iria ordinariamente com o imperador (que a outra com dificuldade se pode contar) e nunca me souberam dar razão, pelo que, uma vez, mandando o imperador a seus capitães que lhe dessem mostra de sua gente,<sup>2</sup> lhe perguntei a ele mesmo quanta teria, e<sup>3</sup> respondeu que de certo não o sabia. Quanto à vez que eu vi, mais não cuido que passavam de quarenta mil. Mas se quiser juntar toda sua gente (que o pode fazer com facilidade, por não haver no Verão rio que lho possa impedir), parece que serão muito mais de cem mil homens, com que poderá, não somente recuperar as terras que lhe têm tomado os gentios que chamam gâlas, mas sujeitar outras muitas, se pelejaram unidamente; mas guardam muita pouca ordem militar e, se os dianteiros começam a tornar atrás, logo viram todos os demais; que, ainda que antigamente tinham por grande desonra o<sup>4</sup> fugir e, ao que fugia, o castigavam fazendo-lhe as afrontas que dissemos no cap. 4.º, já não têm esse primor e ponto de honra, com ser gente muito mais lustrosa e bem armada que seus inimigos, porque estes vêm despidos da cinta para cima e não trazem mais que uma adarga e dois zargunchos<sup>5</sup> e uma macinha de pau, e seus cavalos são muito curtos e ruins, e eles têm muito boas malhas e capacetes e grandes e formosos cavalos, muitas lanças, arcos e frechas<sup>6</sup> e espingardas. E, assim, vendo-os eu<sup>7</sup> um dia postos em ordem, como quando querem dar batalha, a gente de pé diante em esquadrões e logo a cavalaria, disse ao imperador que me maravilhava de como não venciam sempre seus inimigos, sendo tanta gente e tão lustrosa, e tendo tão boas armas e cavalos. E respondeu: «Não cuide Vossa Reverência que esta minha gente peleja com coração nem ordem, porque uns arremetem e [fol. 67] outros ficam em pé olhando e, assim, como se não unem, facilmente os desbaratam os gâlas que vêm sempre mui unidos e resolutos de pelejar. Mas quando guardamos ordem, poucas vezes deixamos de alcançar vitória.»

Acerca do modo e ordem com que assentam as tendas:

<sup>8</sup> O capitão dianteiro tem a seu cargo escolher o lugar onde se hão-de plantar<sup>9</sup> e sempre procura que seja algum campo grande onde haja água bastante para o exército e erva para as mulas e cavalos e jumentos de carga, e, no meio dele, se é chão, ou em alguma parte mais alta, põem logo uma bandeira branca em sinal de que ali se hão-de armar as tendas do imperador, para que cada um saiba o lugar que há-de tomar. Logo se armam ali pelo menos duas tendas muito grandes, não redondas senão compridas, de três mastos<sup>10</sup> com as portas para Ocidente. Trazem também uma tenda redonda muito grande a que chamam *debanâ* e, como esta, ninguém pode pôr senão o imperador<sup>11</sup>, mas nem sempre a armam. A roda destas tendas, um pouco afastado, cercam com cortinas de pano de algodão entretecidas de branco e preto, que se sustentam em varas mais altas que um homem e, à roda delas, fica um campo de quarenta lanças de largo, cada uma de quinze palmos, e dentro deste circuito não se pode armar

tenda nenhuma, excepto a que serve de igreja de Nossa Senhora, que fica à mão direita para a banda do Norte<sup>1</sup>, e a da igreja de Jesus, à mão esquerda para o Sul, detrás das tendas do imperador. Fora dos limites daquele terreiro, estão as da imperatriz cercadas com cortinas da mesma sorte, e, logo à roda, por uma e outra banda, se vão continuando as dos parentes e parentas do imperador com as da gente de seu serviço, e todas as destes senhores e senhoras têm à roda cortinas. Detrás destas tendas se põem as da cozinha do imperador, umas à mão direita e outras à esquerda. Perto das da imperatriz se assentam as do *balatinôch gueitâ*, que é como «mordomo-mor do imperador», e logo as do principal secretário, tesoureiro e outros muitos oficiais do imperador, com muita gente de guarda. À mão direita, perto das tendas das parentas do imperador, estão as de vinte e dois senhores e outros tantos à mão esquerda, com muita gente a que chamam *jan bêit tabacôch*, que quer dizer «guardas da casa do imperador», porque ainda que *jan*, propriamente, em a língua antiga seja «elefante», toma-se já por «imperador», como dissemos no cap. 5.º. Perto deste, à mão [fol. 67v] direita, se põem as tendas de *erâz* com os de sua gente que é muita, porque têm a suprema honra e mando do império. <sup>2</sup>Detrás destas, estão as do capitão da mão direita com as de toda sua soldadesca e, da mesma maneira, está o capitão da mão esquerda. Diante, para o Ocidente, perto das tendas dos parentes do imperador, estão as dos desembargadores do paço, a que chamam *azaxôch, scilicet* «mandadores», e, entre eles, fica sempre uma rua muito larga e os mais principais estão à mão direita da rua e os outros à esquerda. Da banda destes, estão as tendas do capitão da dianteira e as de sua gente. Aqui está uma igreja de S. Miguel. Logo se continuam, de uma e outra banda da rua, as dos que são como ouvidores, a que chamam *umbarôch, scilicet* «cadeiras», porque estes juízes quase sempre estão sentados em cadeiras para julgar. Mais<sup>3</sup> adiante se põe grande multidão de tendas de taberneiros que vendem vinho feito de mel<sup>4</sup> e outro de cevada e milho e de outras sementes a que chamam *çâoa*<sup>5</sup>, e agasalham a gente de fora por pouco prémio. Logo se seguem as tendas dos ourives e, com estas, continuam as dos ferreiros, que também são muitas.

Esta é a ordem que guardam sempre em assentar suas tendas os que, por obrigação, andam no campo do imperador e<sup>6</sup> não se podem passar de uma parte para outra, como da mão<sup>7</sup> esquerda para a direita, senão que cada um há-de estar em seu lugar, se o imperador não o manda ou lhe dá licença. E assim, com muita presteza, assentam todas suas tendas sem haver comumente diferenças, porque se conhecem uns vizinhos a outros. E se, da banda da mão<sup>8</sup> direita têm alguma diferença sobre a largura do lugar ou sobre alguma rua, logo a determinam os desembargadores e capitão daquela banda, a cujo cargo está isso; e o mesmo fazem os desembargadores e capitão da mão esquerda, se lá se oferece alguma coisa. Afora esta gente que de ordinário segue ao imperador, há outra muita dos vice-reis dos reinos vizinhos que o vem a acompanhar. E estes também têm seus lugares à mão direita ou à esquerda, conforme manda o imperador, mas suas tendas ficam na borda do arraial, algumas vezes em terra de paz, um pouco afastadas, de maneira que cada um destes vice-reis faz arraial por si, pelo que ocupam

<sup>1</sup> Parágrafo introduzido pelos editores.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: zagunchos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 57v].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>8</sup> Parágrafo introduzido pelos editores.

<sup>9</sup> Fincar no chão, armar.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: mastros.

<sup>11</sup> Propomos a seguinte leitura da frase: ninguém pode armar outra tenda semelhante.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: à mão direita.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 58].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: por.

<sup>4</sup> *Täg*, ou hidromel.

<sup>5</sup> *Tälla*, bebida resultante da fermentação de cereais.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: mão.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: da mão.

muito grande campo. E, para a banda de diante, um pouco afastado do arraial, há cada dia feira (excepto os domingos e festas), a que se junta infinidade de gente. E ali se acham roupas de toda a sorte, mantimentos e as demais coisas necessárias.

[fol. 68] CAPÍTULO XV

EM QUE SE DECLARA SE O PRESTE JOÃO CONTRAI SEMPRE MATRIMÓNIO COM ALGUMAS DAS FAMÍLIAS DOS TRÊS REIS MAGOS OU COM A SENHORA QUE MELHOR LHE PARECE EM SEU IMPÉRIO

Por coisa muito certa e averiguada, supõe Frei Luis de Urreta, no cap. 17.º do 1.º livro de sua *História*, que o Preste João sempre casa com mulher de uma das famílias dos três Reis Magos que adoraram ao Menino Jesus. E assim diz, pág. 170: *Los emperadores de la Ethiopia han procurado contraher matrimonio con mugeres de linaje santo<sup>2</sup>, noble y illustre. Y pareciendoles que en todos<sup>3</sup> reynos y estados no avia mejor linaje que el de los santos Reyes Magos, presumiendo, y con mucha probalidad, que las virtudes heroicas aquella fervorosa devocion, aquella santidad unica, al fin como primicias de la Iglesia santa resplandecian en los hijos, se hizo un estatuto que, siempre que ubiesen<sup>4</sup> de tomar esposa y muger, fuese de uno destos tres linages, que se hallan oy dia en Ethiopia. Y es cosa recibida en toda ella, que estos reyes, uno era de la Ethiopia, y los otros de Arabia, los quales aviendo vivido<sup>5</sup> christianamente con sus familias en sus reynos mucho tiempo, por la grande persecucion de los arianos les fue forçoso, assi a los descendientes de Melchior, que fueron reyes en Arabia, como a los de Balthasar, que lo fueron en Persia, recogerse a Ethiopia, como a tierra de christianos. A los descendientes de Balthasar dio el emperador Joan el Santo, que vivio<sup>6</sup> en tiempo de S. Basilio, el reyno de Fatagâr. Y a<sup>7</sup> los del linaje de Melchior dio el de Soa, pero a los descendientes de Gaspar, que tenian el reyno de Sabba, se le troco por el de Bernagasso, que oy tienen. Desta manera han venido a estar juntas estas tres familias en Ethiopia. Y es cosa milagrosa que de todas ellas nacen los varones legitimos com una estrella figurada en un lado de su cuerpo. Y esto es tan cierto que el año de 1575, que fue del Jubileo en tiempo del Papa Gregorio XIII, se hallaron en Roma tres cavalleros de todas tres familias con esta señal. Y haziendolo saber a su Santidad el Señor Cardenal Farnesio, que aya gloria, protector de la Ethiopia, lo quiso ver y los hallo a todos con ella en presencia de muchos principes y cardenales. Mas aunque esto nos cause admiracion, es lo mayor el ver [fol. 68v] que no solo nacen com esta señal los varones destas familias que son christianos, sino los mahometanos tambien, siendo legitimos, que si Don Joan no me lo jurara averlo visto em Persia y en Arabia, no me atreviera a referirlo. Por honrar estas familias instituyo*

1 Ms. 778 BPB: [fol. 58v].

2 Ms. 778 BPB: santa.

3 Ms. 778 BPB: sus.

4 Ms. 778 BPB: viviesen.

5 Ms. 778 BPB: vivido.

6 Ms. 778 BPB: vivien.

7 Omisso no Ms. 778 BPB: a.

*el mismo Joan el Santo y Phelippe 7.º que los emperadores, que se hubiesen<sup>1</sup> de casar (que no todos se casan) fuese con muger de una destas familias.*

*Pera que se effectuen los desposorios, la esposa sale del reyno de sus padres acompañada con su madre, y hermanos y parientes, y con toda la nobleza<sup>2</sup> de su reyno, y camina pera la ciudad de Sabba, donde<sup>3</sup> esta el emperador esperando. Ella vá siempre dentro de una litera, y en llegando a un humilladero, que esta mas de legoa de la ciudad, halla plantados muchos pavellones onde descansa aquella noche. A la mañana tiene aparejado un hermoso<sup>4</sup> elephante ricamente ajaezado y en cima del esta assentada una silla alta de respecto<sup>5</sup>, donde assientan la emperatriz<sup>6</sup> y las demas damas y señoras que la acompañan, unas van sobre elephantes, otras en cavallos y otras<sup>7</sup> a mulla, y todas con adereços costosos. Caminando desta suerte, salen de la ciudad quatro reynas, que pera este menester son llamadas del emperador, las quales cavalleras en elephantes la reciben y puniendose a los lados, la acompañan hasta cierto puesto, onde esta aguardando el emperador con su vestido ordinario, a cavallo, e acompañado de los primogenitos de los reyes y del Gran Consejo y<sup>8</sup> toda la corte. Y, en llegando la emperatriz, se hazen entrambos muchos complimentos y cortesias, y dexando toda la corte pera que acompañen a ella, se buelve solo con quatro hijos de reyes y con el ambaxador del gran abad y se va la iglesia onde se hazen los desposorios, y alli se viste<sup>9</sup> con su habito imperial y, en una silla y t<sup>h</sup>rono real, que esta fuera de la puerta de la iglesia, se sienta con magestad y grandeza aguardando la emperatriz. A su lado esta una silla rasa. Acabado el paseo que haze la emperatriz por las calles señaladas pera estas fiestas, las quales estan ricamente adereçadas, y los de la corte com vestidos costosos. Y todos muy de fiesta y regozijo. En llegando al t<sup>h</sup>rono del Preste Joan, apea<sup>10</sup> del elephante, y el emperador la toma de la mano y la assienta en la silla rasa. Luego sale vestido de pontifical el arçobispo mas antiguo, que tiene veces del summo pontífice, acompañado de dos obispos, y se pone a la puerta de la iglesia y el emperador, alçandose del t<sup>h</sup>rono levando la emperatriz de la mano, se van pera el arçobispo y, arrodillandose delante del, los desposa [fol. 69] con las ceremonias que usa la Iglesia romana. Concluidos los desposorios, se quita el emperador el habito imperial y llevando la emperatriz de la mano a pie, se van al palacio acompañados de toda la corte. Por las calles le echan flores, agoas de olores y con mil bendicciones los siguen.<sup>11</sup>*

Até aqui são palavras de Frei Luis de Urreta. E a mesma matéria, em o que toca aos três Reis Magos, trata difusamente no 3.º livro, da pág. 628<sup>12</sup> por diante. Mas tudo quanto deles diz que passa nas terras do Preste João são fábulas e meras ficções, porque não somente não há estatuto que o Preste João case sempre com mulher de uma das famílias destes santos reis, mas nenhuma há em todo o seu império, nem memória de que a houvesse nunca. E, para averiguar esta verdade, não me contentei com per-

1 Ms. 778 BPB: oviesen.

2 Ms. 778 BPB: nobleza.

3 Ms. 778 BPB: a lo.

4 Omisso no Ms. 778 BPB: hermoso.

5 Ms. 778 BPB: recuesto.

6 Ms. 778 BPB: [fol. 59].

7 Ms. 778 BPB: todas.

8 Ms. 778 BPB: de.

9 Ms. 778 BPB: veste.

10 Ms. 778 BPB: se.

11 L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excerto (com omissão de passagens) do livro I, cap. 17, intitulado «Como el Preste Iuan siempre contrae matrimonio con una de las familias de los tres Reyes Magos que adoraron al niño Iesus rezien nacido. Trata se de los trages de las mugeres de la Etiopia», pp. 170-2. Compare-se este capítulo com os fols. 1-2 da «Relatione dei Grã regno deglo Abissini / ouero d'Ethiopia / datta da don Baldassari Abissinio Cauallero dell'Ordine di Sant. Antonio» (ms. BM 6-332).

12 L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro III, cap. 2, intitulado «En el qual se escriven algunas vidas de santos, de los muchos que en la Etiopia han resplandecido en santidad y virtudes», pp. 623-72.

guntar a muitos que podiam dar razão disso e disseram que nunca tinham visto em livros nem ouvido tal coisa, mas cheguei a falar com o mesmo imperador e, referindo-lhe em suma todas<sup>1</sup> estas coisas, riu muito de que tão facilmente dessem crédito a um homem não conhecido para as autorizar, imprimindo-as, e disse que não havia tal estatuto, nem nenhum de seus antecessores se chamara João, nem em suas terras houve nunca família nenhuma dos três Reis <sup>2</sup>Magos, nem tinham mais notícia deles que a que dava o Santo Evangelho; e que os imperadores sempre casaram com a mulher que melhor lhes pareceu e que, se quisessem, ainda com moursas podiam casar, fazendo-se cristãs. Isto me disse o Imperador Seltân Çaguêd, e eu sei que de facto trouxe o Imperador Iacob uma moura dos hadeas mouros, no ano de 1605, para casar com ela, segundo me afirmou então um capitão grande e mui íntimo seu. E conforme ao que fazia o imperador e ao modo que eu vi que tratava com ela, se deixava isso bem entender; mas, antes que casasse, o mataram.

Também conheci e tratei muito a Imperatriz Mariâm Cinâ, mulher que foi do Imperador Malâc Çâguêd, e não era de sangue real, ainda que senhora grande, natural da província de Sirêi; e muito menos o era a senhora com quem casou, depois que eu cá entrei, o Imperador Za Denguîl. E a imperatriz com quem agora é casado o Imperador Seltân Çaguêd, não é de muito alto sangue; porque, ainda que casem com filhas dos senhores de seu império, por estarem cercados de mouros e de gentios e não lhes poderem vir [fol. 69v] mulheres de outros reinos de cristãos, com tudo isso mais atentam a que sejam bem parecidas, que não em serem filhas dos maiores senhores, que, ainda que sejam de menos qualidade, basta-lhes chegar a casar com o imperador para terem quanta honra podiam desejar. E assim, ainda que a imperatriz seja filha do maior senhor de Etiópia, quando se oferece falar dela em história ou práticas particulares, não a nomeiam por seu próprio nome se a querem honrar, dizendo «a imperatriz foão», se não acrescentam ao nome, do imperador esta palavra *mogoçâ*, que significa «suprema honra», para declarar que do imperador com quem casou lhe veio toda sua honra. E, assim, à mulher do Imperador Adamâs Çaguêd, a nomeiam Adamâs Mogoçâ; e à de seu filho, o Imperador Malâc Çaguêd, Malâc Mogoçâ, chamando-se ela Mariâm Cinâ. E à deste Imperador Seltân Çaguêd, que se chama Oadeçalâ<sup>3</sup>, nomeiam Seltân Mogoçâ.

<sup>4</sup> Quanto ao que diz o autor, que todos os varões, que por linha recta vêm de aquelas três famílias, nascem com uma estrela em um lado, e que em tempo do Papa Gregório XIII se acharam em Roma três cavaleiros de todas três famílias com este sinal, não temos que dizer: isso saberão lá. Mas, se for certo que se viram, também o é que não eram das terras do Preste João, pois nelas não há tais famílias. O que eu sei e tenho visto muitas vezes é que em estas terras e para a banda do Cairo, faz a gente muitos sinais por galantaria, uns picando com agulha e botando anil e outras coisas em o sangue e fica o sinal azul; outros, com navalha, <sup>5</sup>fazem o sinal que querem e sem botar tinta lhes fica sinalado, de maneira que quase parece natural. Até o *abuna* que mataram nos anos passados<sup>6</sup> trazia uma cruz muito bem sinalada no braço esquerdo com umas como estrelas à roda, o que eu lhe vi por vezes fa-

lando com ele, porque ordinariamente vestia camisa de mangas largas à guisa de turcos e, assim, descobria o braço.

Acerca do que diz que a esposa do imperador vem de suas terras em uma liteira e depois, para entrar na cidade onde espera o imperador, sobe em um formoso elefante e quatro rainhas a saem a receber em elefantes e outras senhoras também a acompanham, em eles e em cavalos, e que o arcebispo mais antigo, acompanhado de dois bispos, os desposa, já tenho dito<sup>1</sup> algumas vezes que não há arcebispo nem bispo mais que o *abuna*, nem rainhas, e, por testemunha de muitos e do mesmo Imperador Seltân Çaguêd, que não há em todo o seu império elefante manso [fol. 70] nem memória de que o houvesse nunca, nem as senhoras sobem em cavalo de nenhuma maneira<sup>2</sup>, nem viram nunca liteira, nem sabem que coisa é. Todos andam em mulas com selas um pouco largas, cobertas com panos de seda ou outros somenos, conforme a qualidade da pessoa, e cada uma leva dois homens perto do arção dianteiro, um de uma banda e outro de outra e cada um posta sua mão no pescoço da mula, e ela muitas vezes se encosta pondo a mão no ombro do que quer. Outros dois vão detrás da mesma maneira com uma mão no arção, assim por honra como para que não tenha perigo de cair, mas as que não podem tanto, levam um só homem à mão direita.

<sup>3</sup>O modo e cerimónias de que usam em seus casamentos é o seguinte: antes que o imperador publique com quem determina de casar, se informa com muita diligência se aquela senhora descende de gente que em algum tempo tivesse alguma doença contagiosa, como lepra ou outra semelhante, e, achando que não, se ela não está na corte a faz trazer com grande acompanhamento e a encomenda a alguma sua parenta de quem se fia, para que a tenha em sua casa e<sup>4</sup> tente muito bem por seu natural, se é áspera ou branda de condição, e lhe ensine as cerimónias do paço e<sup>5</sup> modo que há-de guardar com os príncipes e grandes, ou<sup>6</sup> com os que são de menos qualidade. Depois que se acha ser de boa condição e que está bem instruída, sinala o imperador o dia em que a há-de receber e, pela minha<sup>7</sup>, vão ambos a uma igreja. O imperador sai do paço a pé, ricamente vestido e acompanhado dos grandes da corte. E ela vem da casa onde estava, também muito custosamente<sup>8</sup> vestida e acompanhada das senhoras mais nobres da corte, e ambos ouvem missa e confessam e comungam. E logo vão <sup>9</sup>ao paço com todo aquele acompanhamento e, ali, ordinariamente, o *abuna*<sup>10</sup> acompanhado de muitos frades e clérigos lhes dá as bênçãos, rezando o que para isso tem ordenado em Etiópia, que são algumas orações e salmos; e, como acaba, tangem à porta do paço as charamelas do imperador e outros instrumentos músicos. Logo se põe a mesa para o imperador e come só, como faz sempre; a imperatriz em outra mesa, com algumas<sup>11</sup> senhoras grandes, parentas do imperador, e a todos, os sacerdotes e os grandes do império que estão juntos, se lhes dá esplêndido banquete em outra casa. E, como acabam, entram na sala onde está o imperador e a imperatriz e as demais senhoras, e todo aquele dia e outros muitos passam em festas e se dão grandes banquetes.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de nenhuma maneira.

<sup>3</sup> Parágrafo introduzido pelos editores, inexistente nos mss.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: manhã.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: ricamente.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 60v].

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: ordinariamente.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: outras.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: todas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 59v].

<sup>3</sup> Ver glossário (Oadeçalâ / Wâldâ Sâ'ala).

<sup>4</sup> Parágrafo introduzido pelos editores, inexistente nos mss.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 60].

<sup>6</sup> O *abuna* de quem aqui se fala é certamente Sēmē'on morto em 1617. O episódio da sua morte é narrado no livro II, cap. V, *infra*.



[fol. 70v] Demais destas festas, se fazem depois outras o dia que o imperador sinala, em que se dá à imperatriz certo nome de honra, que é *iteguê*, porque ordinariamente não se lhe dá o dia que casa, para que seja com novo aparato. E, para isto, vão todos os grandes da corte ao paço, ricamente vestidos e, estando em a sala do imperador em pé, postos em ordem, cada um conforme a seu estado e o imperador assentado em seu trono, entra a imperatriz acompanhada de muitas senhoras grandes e, chegando perto do imperador, lhe fazem mesura e logo ele manda que vistam à imperatriz vestidos imperiais, o que fazem ali adiante do imperador, e depois se assenta no estrado que lhe têm aparelhado perto do imperador. E logo um dos maiores da corte sai no terreiro do paço, acompanhado de outros, onde está grande multidão de gente esperando e, subindo em uma cadeira alta de ferro, diz em alta voz, de parte do imperador: *Anegueçanâ danguecerachên*, que quer dizer «fizemos reinar nossa serva». E logo todos os circunstantes levantam grandes vozes de alegria e se começam os tangeres e festas. E, dali por diante, chamam todos à imperatriz *iteguê*, que parece nome de majestade, que sua própria significação não me souberam declarar, com perguntar a muitos, como tão pouco a sabem dar a outro nome que tem o imperador, que é *azeguê*. Mas nem quando dão nome de *iteguê* à imperatriz, nem em outro tempo nenhum, lhe põem coroa na cabeça.<sup>1</sup>

<sup>2</sup> Das cerimónias que guardam e das festas que se fazem em os casamentos da demais gente, falaremos em o livro segundo, quando tratarmos dos erros que têm no sacramento santo do matrimónio.

### 3 CAPÍTULO XVI

#### EM QUE SE TRATA DOS JUÍZES QUE TEM O PRESTE JOÃO, DO MODO DE PROCEDER EM A JUSTIÇA E DO CASTIGO QUE DÃO AOS DELINQUENTES

Todos os juízes que o Preste João tem em seu império, a que chamam *azaxôch*, que quer dizer «mandadores», e *umbarôch*, *scilicet* «cadeiras» (porque ordinariamente estão em cadeiras para ouvirem as partes e julgar), descendem por linha recta daqueles juízes que Salomão deu a seu filho Menilehêc, segundo eles afirmam por coisa muito certa e averiguada e o testificam seus livros, do que se prezam muito, e procuram tanto que se conserve esta descendência em o officio de julgar, que de nenhuma maneira admitem a ele senão sós [fol. 71] os que vêm daqueles antigos por via masculina. De sorte que, se as filhas destes casam com homens que não sejam daquelas famílias, a seus filhos não os deixam entrar nestes officios, porque dizem que se lhe cortará logo a linea direita de seus antepassados, como declarámos no fim do cap. 4.º, por testemunho de muitos e do mesmo imperador. E, ainda que ele dá este título de *azâx* a alguns que não são daquelas famílias, nem por isso ficam sendo juízes como estes, que não se lhes dá senão por honra. Estes *azages* são como supremos desembargadores, mas não podem mandar matar nem cortar membro nem desterrar, sem o imperador confirmar sua sentença. A

um destes chamam *farâ cembá* e é como «corregedor da corte». Os *umbares* são como ouvidores de menos alçada e, destes, têm sempre em seus desembargos os vice-reis. Os da corte moram sempre defronte do paço do imperador que, ordinariamente, é sempre para Ocidente. E, quando o imperador anda em campo, defronte de sua tenda assentam as suas, como dissemos no cap. 14.º, e, entre eles, fica sempre uma rua muito larga. E os *azages* [todos são do conselho real e fazem um só tribunal], mas os *umbares* da mão direita da rua são como<sup>1</sup> de mais alto tribunal que os da esquerda. E, perto da cerca do paço, de uma e outra banda da rua, têm casas ou sombras<sup>2</sup> onde ouvem as partes e julgam, posto que muitas vezes o façam dentro das suas. Dos *umbares* que mais se sinalam em fazer bem seu officio, tomam para *azages* com beneplácito e aprovação do imperador. Em cada tribunal dos *umbares* está um como presidente e assim também em o tribunal dos *azages*. A estes presidentes pertence dar juiz a quem o vem a<sup>3</sup> pedir para qualquer negócio que seja, mas ele não tem obrigação de o pedir aos presidentes dos tribunais inferiores, senão a quem quiser, porque bem pode pedir ao presidente dos *azages* e ainda ao mesmo imperador, ele logo manda dar a quem<sup>4</sup> lhe parece, porque não é necessário que estes juizes sejam das famílias dos *umbares* e *azages*, ainda que, quando é coisa de importância, ordinariamente vai um *umbar* e, se for de muita, um *azâx*.

Tirado o juiz, se a demanda é dentro da corte, ele só ouve as partes e o que dizem as testemunhas que presenteiam sem se escrever coisa nenhuma, porque nunca escrevem [fol. 71v] nada, por mais grave que seja o negócio. Mas se a demanda se há-de fazer em outro lugar, este juiz, ainda que seja mandado por o imperador, tem obrigação de chegar ao senhor do lugar (que todas as terras têm senhores, ainda que não vão de pais a filhos, porque o imperador os muda todas as vezes que quer) e pedir que lhe dê um homem (a quem chamam *barcafâch*) que assista com ele para ouvir aquela justiça. E se o senhor do lugar tem algum privilégio do imperador (que costuma dar a alguns, como nos tem dado a nós), não deixa entrar aquele juiz, mas manda ao que ele tem posto no lugar que ouça a justiça. E, se não tem privilégio, sinala um homem, o qual se assenta juntamente com o juiz, e ambos ouvem as partes. E, se aquele a quem demandam pede tempo para buscar procurador, lhe dão três dias, se não for sobre coisa de herança, de adultério, de traição ou de morte, porque então lhe dão dez. E, entretanto, o juiz come à custa do que o levou, e o outro, se não dá fiança para estar à justiça, fica preso. E, se lhe<sup>5</sup> acusam de algum destes casos graves, não admitem fiança, senão que o prendem e muitas vezes de ambas as mãos, porque sua prisão é por uma argola de ferro no braço direito com uma cadeia curta apertada de maneira que não possa tirar a mão, e outra argola, que está na outra<sup>6</sup> ponta da cadeia, mantém no braço esquerdo de algum de quem se fiam para que o guarde, que se chama *corânha*. E se o prendem de<sup>7</sup> ambas as mãos, põem presos com ele dois, um de uma banda e outro de outra.

Como se cumpre o tempo que deram para buscar procurador, se assentam ambos os juizes em cadeiras, ou no chão sobre alguma<sup>8</sup> alcatifas ou outra coisa; e as partes com seus procuradores ficam em pé diante; e o que demanda começa primeiro a falar, ou seu procurador por ele, e diz quanto quer, sem que ninguém lhe interrompa. Depois, responde o acusado ou seu procurador, dizendo também o que

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: como.

<sup>2</sup> Árvores frondosas que servem tradicionalmente para assembleias e julgamentos.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 61v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: outra.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: com.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: alguma.

<sup>1</sup> Ver M. Almeida, *História de Etiópia a Alta*, in C. Beccari, *RÉSOL* 5, Roma, 1907, pp. 61-4.

<sup>2</sup> Parágrafo introduzido pelos editores, inexistente nos mss.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 61].

quer sem que o interrompam. E como acaba, se o que demanda tem que replicar, o faz e, se pedem tempo para trazer testemunhas, lho dão, conforme lhes parece necessário. E dali por diante, comem os juízes à custa do acusado, mas, se depois se achar não ter culpa, há-de pagar tudo o que acusou. E, como presenteiam as testemunhas, há-de dizer à outra parte se tem alguma suspeição que pôr e a há-de provar e<sup>1</sup>, se não, lhes dão juramento e testemunham [fol. 72] diante das partes e elas alegam logo de seu direito se tem alguma coisa. E, depois, julga o que deu por companheiro o senhor do lugar, dizendo: *Fêtna negûz* <sup>2</sup>*aiatafa egziabehêr*<sup>3</sup>, que quer dizer: «A justiça e el-rei não perca Deus», *scilicet*, «não permita que se perca»; e logo dá a sentença que lhe parece. E o outro juiz diz também as mesmas palavras e julga. E se as partes se dão por satisfeitas, ali se acaba a demanda e, se não, agravam para o tribunal que deu o juiz e, se o deu o imperador, hão-de ir de forçado<sup>4</sup> ao ínfimo, que é o dos *umbares* da mão esquerda; nem, porque vão primeiro a outro tribunal alto que deu o juiz, se lhe tira a parte que, depois de julgarem os daquele tribunal, não suplique se quiser da sentença, pedindo que julguem também os do tribunal inferior; porque, ainda que antigamente replicaram muito a isso os tribunais supremos, contudo ordenaram os imperadores que não se proibisse, dizendo que queria que se ouvisse o parecer de todos, para que melhor pudessem dar a justiça a quem a tivesse.

Supondo<sup>5</sup>, pois, que levam a sentença<sup>6</sup> aos *umbares* da mão esquerda, eles se assentam em suas cadeiras e, de ordinário, são três ou quatro, e os dois juízes com<sup>7</sup> as partes e<sup>8</sup> seus procuradores ficam em pé. E o que pôs o senhor da terra onde se fez a demanda fala primeiro, referindo tudo quanto disseram as partes e as testemunhas e o que ele julgou. Depois, repete o mesmo o outro juiz e diz o que ele julgou. E se, aos juízes, lhes ficou por referir alguma coisa, a acrescentam as partes ou seus procuradores, e alegam de novo tudo o que lhes parece, para bem de sua justiça, sem interromper um a outro. E então, se é necessário fazer alguma nova diligência, sinalam os *umbares* tempo para ela e, se não, julga o inferior, assentado como está em sua cadeira. Bem sei que diz Francisco Álvares em sua *História*, fol. 164<sup>9</sup>, que os ouvidores se alevantam para julgar, mas foi engano, equivocando-se com os que o não são, porque algumas vezes os ouvidores dizem por cortesia a alguns dos que estão presentes que julguem e aqueles se alevantam em pé para julgar, mas os ouvidores não se levantam, nem convinha, pois estão em lugar do imperador, e, assim, ninguém se pode ali assentar<sup>10</sup> em cadeira senão eles. Depois, vão julgando os ouvidores um e<sup>11</sup> um, começando o inferior por aquelas palavras: «A justiça e el-rei não<sup>12</sup> perca Deus.» E assim fazem todos os demais, julgando<sup>13</sup> sempre [fol. 72v] o presidente por derradeiro. E, se a parte condenada quer, agravar para os *umbares* da mão direita, e<sup>14</sup> então o presidente do da mão esquerda vai com as partes e refere tudo da maneira que<sup>15</sup> procedeu e o que se julgou em seu tri-

bunal, declarando se houve pareceres diferentes ou não. E logo julgam<sup>1</sup> aqueles *umbares* pela mesma ordem que os primeiros; e, se confirmam a sentença e o condenado quer estar por ela, parecendo-lhe que julgaram bem ou por os seus gastos (que sempre demoram ... ..)<sup>2</sup>, ali se<sup>3</sup> acaba. E, se não, agrava para os *azages*<sup>4</sup> e ... ir quando, e os dois presidentes dos *umbares*<sup>5</sup> vão com as partes e referem por ordem todas as coisas e o que julgaram. E logo julgam os *azages*, ficando sempre o presidente por derradeiro ... lhe q... parte ... vão *azages* ... d... todos tais presidente com as partes fazer ... .. as outras ... ..<sup>6</sup>; e ali se acaba a demanda, <sup>7</sup>se não for sobre coisa de traição contra o imperador, adultério, morte ou herança, ou alguma outra coisa muito grave, porque estas não podem acabar os *azages*, sem chegar ao imperador, nem julgam diante das partes, somente ouvem o que disseram as testemunhas e o que julgaram os juízes, e logo vão ao imperador e lhe referem tudo por ordem e julgam, um e um, começando os da mão esquerda; e, ultimamente, julga o imperador.

Antigamente, quando o imperador havia de julgar alguma coisa, ia o presidente dos *azages*, com seis dos mais principais e o *behêt oadêd* da mão esquerda e o da mão direita. E, ficando as partes e seus procuradores fora do paço, entravam eles e, postos em pé diante do imperador, referia um todo o processo do negócio e o que se julgou em cada tribunal; e, se houve pareceres diferentes e se lhe esquecia alguma coisa, lha lembrava outro. E depois julgavam, um e um, começando o menos antigo; e o último era o *behêt oadêd* da mão direita que, ainda que ele e<sup>8</sup> seu companheiro não sejam da família dos *azages*, contudo, por serem as supremas cabeças do império, julgavam juntamente em coisas graves. Depois, o *acabiçât*, cuja dignidade e ofício declarámos no cap. 4.º, assentado perto do imperador, julgava; e, ultimamente, o imperador; e logo se executava sua sentença, sem mais réplica. Agora, ordinariamente (como eu tenho visto muitas vezes), não entram mais que o presidente dos *azages* com dois dos mais principais e, como referem o negócio e julgam<sup>9</sup> pela ordem [fol. 73] que temos dito, julga o imperador, sem o *acabiçât* estar presente,<sup>10</sup> ainda que, em as coisas mais graves, sempre manda o imperador que se juntem outros *azages*, e o que é *erâz*, se está na corte, e o *balatinôch gueitâ*. Isto fazem sempre em quarta e sexta-feira, que são dias mais acomodados, porque jejuam e não comem até às seis horas da tarde, pouco mais ou menos. Digo entre ano<sup>11</sup>, que na Quaresma não comem até posto o sol. Mas se algum negócio não sofre dilação, também outro dia ouve o imperador. E tal pode ser o caso que, sem passar por estes tribunais, mandem ao delinquente que arrazoe logo de final, como eu vi duas vezes a uns alevantados que trouxeram dentro da primeira cerca do paço. E o imperador mandou muitos *azages* com o *balatinôch gueitâ* e lhes fizeram muitas perguntas, e vieram com sua resposta ao imperador e depois tornaram a lhes perguntar, e assim gastaram em idas e vindas boa parte do dia, até que deram sentença que lhes cortassem as cabeças; e logo se executou.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 62].

<sup>3</sup> A variante correcta é a do ms. Goa 42 ARSI («egziabehêr»). Ms. 778 BPB: *egziabehêz* (resulta de má leitura do caracter ou errata do copista).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: força.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Suposto.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: justiça.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: com.

<sup>9</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 122, «Da tenda da justiça e modo dela e de como ouvem as partes», p. 344.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: ali.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>12</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: não.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: todos.

<sup>14</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

<sup>15</sup> Ms. 778 BPB: como se.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> As últimas palavras rasuradas são ilegíveis, embora se entenda o sentido geral do que foi eliminado do texto.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: se.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *azages*.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: dos *umbares*.

<sup>6</sup> Este grupo de palavras rasuradas ilegíveis ocupa cerca de três linhas.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 62v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: nem.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e julgam.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>11</sup> Entenda-se: «de Quaresma a Quaresma».

<sup>1</sup>Os vice-reis também têm destes *umbares* em seus desembargos e neles se hão quase com a mesma ordem que os da corte. E, como julga o vice-rei, ali se acaba, ainda que dê sentença de morte, porque está em lugar do imperador, mas algumas vezes remete alguns casos ao imperador, particularmente de herança e traição.

Afora<sup>2</sup> destes <sup>3</sup>*azages* e *umbares* que estão em os tribunais do imperador e de seus<sup>4</sup> vice-reis, há em cada vila e aldeia, posto pelo senhor dela<sup>5</sup> a que chamam *xum*. Este não é das famílias dos *umbares*, senão outro qualquer que o senhor do lugar quer. Este juiz ouve todas as demandas daquele lugar, se o que há-de fazer a demanda não traz juiz da corte do imperador ou do vice-rei daquela terra, porque se o trouxer, não entra na justiça senão por companheiro, sinalando-o o senhor do lugar como acima dissemos; e então leva ele de três partes uma do que ganha o juiz que veio de fora. Mas, não trazendo outro juiz, ele se assenta em lugar público, e ordinariamente com ele os velhos e mais honrados do lugar, ainda que não por obrigação, e ouve as partes e as testemunhas e, como acabam de arrazoar, diz a um dos que estão assentados que julgue. Este se levanta em pé e refere o que as partes alegaram e logo julga o que lhe parece. E da mesma maneira vão fazendo os outros, posto que os mais honrados não se levantam para [fol. 73v] julgar; e, ultimamente, julga ele. E, se a parte condenada quer estar pela sentença, ali se acaba e paga poucas custas. E, se não, agrava para os *umbares* da corte, se o lugar está em seu distrito, ou para os do vice-rei a quem pertence a terra. E este juiz vai com as partes e, diante delas, refere aos<sup>6</sup> *umbares* tudo o que alegaram e provaram e do que ele julgou. E, dali por diante, vai correndo a causa em a forma que acima dissemos, e os *umbares* para quem primeiro foi a sentença têm certo prêmio conforme for a demanda, que paga a parte que for condenada. Mas, ainda que agrave para os outros tribunais, não se lhe acrescentam mais custas que as que há-de pagar no primeiro, que todos têm suas comédias do imperador.

Os castigos que dão mais ordinários<sup>7</sup> aos delinquentes, ainda por<sup>8</sup> causas graves que toquem ao imperador, são desterrar ou mandar presos a uma ilha que chamam Dec, da Lagoa de Dambiá<sup>9</sup>, a que eles chamam mar, ou a alguma serra forte<sup>10</sup>, e ali estão com guarda até que os perdoam, que comumente não é muito tempo. Antigamente, botavam alguns pelas rochas abaixo, como mandou fazer o Imperador Adamâs Çaguêd, mas agora não se usa senão cortar a cabeça ou pé ou mão, ou enforcar. Aos ladrões, pela primeira vez, se o furto não é mui grande, os açoitam com umas correias compridas, e na segunda vez lhe cortam as orelhas ou narizes, e às vezes uma mão ou pé, e à terceira o enforcam. E tal pode ser o furto <sup>11</sup>que, à primeira vez, o mandem enforcar. Também enforcam por outros delitos, como por matar, se a pessoa é baixa; e, algumas vezes, quando algum matou a outro, depois que julgaram que morra e o imperador confirmou a sentença,<sup>12</sup> o entregam aos parentes do morto para que façam dele o que quiserem. E alguns o<sup>13</sup> perdoam por rogos ou fato, outros o levam ao campo e o ma-

tam às lançadas ou às cutiladas. Mas, algumas vezes, porque a gente que ali se junta dá grandes vozes com piedade de ver aquilo, eles se afastam depressa<sup>1</sup> deixando-o por morto sem o estar, como sucedeu a um o ano de 1614 que, tendo-lhe dado muitas feridas e duas que o atravessaram de banda a banda, o deixaram, parecendo-lhe que ficava morto. E, levando-o seus parentes para o enterrarem, o acharam vivo e assim o esconderam e curaram, e me vieram pedir lhe alcançasse perdão e seguro do imperador, porque seus contrários o haviam de matar onde quer que o achassem. Pedi eu este seguro ao imperador e respondeu que de boa vontade o dava, porque já eles [fol. 74] o deixaram dando-se por satisfeitos do mal que lhe tinha feito. E mandou logo ao presidente dos *azages*, que ali estava, que lançasse pregão que ninguém fizesse mal àquele homem, sob pena de morte. Disse ele que não era coisa nova, porque já aquele caso estava julgado outras vezes daquela maneira. Com esta ocasião, falei ao imperador que seria bom mandar<sup>2</sup> que não entregassem os juízes os matadores daquela maneira, porque os matavam com crueldade e não carecia de ódio<sup>3</sup>. Respondeu que tinham este costume, porque quando lhos entregavam, ordinariamente os perdoavam, mas que nem a ele lhe parecia bem; e dali por diante nunca mais ouvi que se fizesse isto. Também dizem que antigamente botavam aos leões os que eram tredos ao imperador, mas agora não se costuma nem se fez muito tempo há, senão a uma mulher muito nobre que, por ter tomado nossa santa fé, a mandou botar aos leões o Imperador Adamâs Çaguêd, mas não lhe fizeram mal, como adiante veremos. O que vai a<sup>4</sup> padecer por algum delito, não se confessa, nem há quem lhe lembre como se há-de aparelhar para aquele passo, o que também adverti ao imperador e lhe contei o que se faz em<sup>5</sup> nossas terras. E lhe pareceu muito bem e disse que mandaria que lhe dessem tempo para se aparelhar, e aos *azages* lhes pareceu muito bem.

O adultério nunca se castiga com morte, senão com pena de fato. <sup>6</sup>se o marido pede justiça<sup>7</sup>, julgam que o adúltero lhe pague fato conforme a sua pessoa e que a adúltera rape a cabeça e deixe ao marido o fato que tinha; e, feito isto, pode ir casar com quem quiser. Também todos os que querem deixam<sup>8</sup> as adúlteras e casam livremente com outras, porque dizem que Cristo Nosso Senhor deu licença para isso no Evangelho. Mas, com as contínuas práticas e disputas que temos com eles e seus letrados sobre esta matéria, muitos entendem já que, nem Cristo Nosso Senhor quis dizer tal coisa, nem se pode fazer, como declararemos no 2.º livro.

<sup>9</sup>Do que temos dito, se vê claramente quã falsa informação teve sobre esta matéria Frei Luis de Ureta, pois diz no cap. 19.º que o Grão Conselho do Preste João, o qual conhece de todos os negócios do império, assim civis como criminais, porque tem sobre tudo suprema autoridade, consta de trinta conselheiros, seis patriarcas, seis arcebispos, seis bispos, seis abades da ordem de S. Antão e seis cavaleiros seculares, todas pessoas de muita prudência, letras, [fol. 74v] e virtude escolhidos entre os nobres. Isto é muito diferente do que cá passa, porque em nenhum tribunal ou conselho do imperador entram mais que os que acima dissemos e, dos *umbares*, sobem a *azages*, e todos são homens casados. Nem em Etió-

<sup>1</sup> Parágrafo introduzido pelos editores, inexistente nos mss.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Agora.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 63].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: dos.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: um.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: nos.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: que dão.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>9</sup> Ver livro I, cap. X, pp. 129-30.

<sup>10</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: forte.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 63v].

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: lhe.

<sup>1</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: depressa.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: aos juízes.

<sup>3</sup> Entenda-se: o ódio, ou a violência, eram desnecessários.

<sup>4</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: a.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: as.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: E..

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: acusa.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: deixar.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 64].

pia há patriarcas, nem arcebispos, nem bispos, como já declaramos, senão o que eles chamam *abuna, scilicet* «padre nosso», e sempre lhes vem mandado pelo patriarca de Alexandria.

Pouco mais adiante, pág. 179, diz que não têm necessidade de letrados nem jurisperitos, porque não têm leis escritas, fora de 127 estatutos que fizeram os imperadores antigos, João o Santo e Felipe VII, os quais estão postos em público na praça maior de qualquer cidade e, segundo eles, dão as sentenças e o demais vai a juízo de bom varão. E, a este propósito, conta uma história de uns letrados de Portugal, por estas palavras: *En tiempo del Preste Joan, que se llamava Panusio, llegaron a la Ethiopia muchos doctores en leys, los quales embiava el rey de Portugal con grandes librerias de sus Baldos y Bartolos, con proposito de introducir la doctrina de sus derechos. El emperador, viendo tantos libros, pregunto que de que ciencia tratavan y fuele respondido que eran libros de leys imperiales, civiles y canonicas, y que ellos eran doctores en leys, cuyo officio era ayudar al buen gobierno de las ciudades, provincias e reynos, determinar pleytos, prosseguir causas y dar su derecho a quien se le deve, y pera aquel fin avian traído aquellos libros. Respondio o emperador como se escupiera en ayunas: «En fin que lo que sacamos de todo lo dicho es que vosotros os llamais Doctores, yo<sup>1</sup> no conozco otros Doctores sino los de la Iglesia, S. Augustin, S. Athanasio, S. Hieronimo, y S. Basilio, ni en mis tierras se permite que nadie se llame doctor sino sean<sup>2</sup> los sagrados theologos. Estos libros son de leys. Yo no se que aya otra ley que la de Jesu Cristo, y harto sabios seriamos, si supiesemos esta, que a<sup>3</sup> las demas no las llamamos nos otros leyes, sino constituciones. Y pues vuestro officio es proseguir causas, informar de la justicia, yo no he menester pleitos en mi reyno. Y assi allo que conviene a la quietude de mi imperio que os volvais<sup>4</sup> a Portugal, y que dentro de tantos dias salgais de todas mis tierras, llevandoo<sup>5</sup> todos esos livros, porque los echare a todos en el Nilo, sin remission. Y, se profiaredes, a vosotros tras ellos.» Viendo ellos la resolucion del Preste Joan, y que les hablava con semblante airado, la vista<sup>6</sup> severa, quexoso en las palabras, amenazando con ellas, tuvieron por mas acertado embarcarse pera Goa, sin aguardar mas replicas ni<sup>7</sup> dilaciones del derecho.<sup>8</sup>*

[fol. 75] Até aqui são fábulas de João Baltazar, ou de quem informou ao autor. Porque, primeiramente, nunca houve em Etiópia tais imperadores João o Santo, Felipe VII, nem Panúsio, nem vieram a ela tais letrados portugueses, porque o primeiro português que descobriu esta Etiópia e entrou nela foi Pêro da Covilhã a quem mandou el-rei de Portugal D. João o II, aos 7 de Maio de 1487; e depois entrou outro português que se chamava João Gomes com um clérigo que mandou Tristão de Acunha, como diz Francisco Álvares, fol. 94<sup>o</sup> de sua *História*; e, no ano de 1520, entrou o Embaixador D. Rodrigo de Lima, mandado por El-rei D. Manuel, e Francisco Álvares, seu capelão, com outros que os acompanharam, e estiveram seis anos em Etiópia. Depois, no ano de 1541, entrou D. Cristóvão da Gama com quatrocentos soldados e tornaram a recuperar o império, que quase todo o senhoreavam já os mouros. E, o ano de 1555, entrou o Embaixador Diogo Dias, que mandou o vice-rei da Índia e,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: y.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: son.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: vos bolvais.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: llevandovos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 64v].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: y.

<sup>8</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto (com omissões) do livro I, cap. 19, intitulado «Del gran conseio del Preste Iuan, del modo de proceder en la justicia, y de los castigos que dan a los delinquentes», pp. 177-86.

<sup>9</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 74, «Como disseram ao Embaixador que os grandes da côrte conselhavam ao Preste João que o não deixasse tornar e como lhe mandou que mandasse a tenda e pediu uma cruz e como mandou chamar o Embaixador», p. 188.

com ele, o Padre Mestre Gonçalo Roiz, como seu companheiro.<sup>1</sup> E, em Março de 1557, entrou o Padre Bispo D. André de Oviedo com cinco da Companhia<sup>2</sup> e alguns poucos portugueses. Ultimamente, no ano de 1603 até este de 1622, entrámos sete padres<sup>3</sup> e nenhuns outros portugueses cuidou que entraram em Etiópia até hoje. Mas, como quer que isto seja, é coisa muito certa que nunca entraram em Etiópia os letrados que o autor diz; e, se vieram, não são os imperadores tão pouco aprimorados que tratassem daquela maneira os letrados, que um tão grande príncipe como el-rei de Portugal lhe mandava à sua terra; antes, até os mouros e gentios que vêm de outras partes os recebem e tratam muito bem, como eu vi fazer a muitos. Antes, uma das coisas com que mais houveram de folgar são leis de Portugal, segundo eu tenho visto sempre neles, porque o imperador que fizeram pouco depois que cheguei, que se chamava Za Denguíl, e depois se intitulou Atanáf Çaguêd, me escreveu, antes que me juntasse com ele, que lhes levasse o *Livro da Justiça dos Reis de Portugal*, porque desejava muito de o ver. E Erâz Athanathêus<sup>4</sup>, genro do Imperador Malâc Çaguêd, que, por sua morte e o príncipe Jacob<sup>5</sup> ser pequeno, governou o império com a Imperatriz Mariâm Cinâ sete anos, me pediu muito, por vezes, que fizesse vir o *Livro das Ordenações de Portugal*, porque os desembargadores não sabiam julgar, e muito menos os imperadores; e assim, quando lhes levavam as sentenças, ordinariamente confirmavam<sup>6</sup> [fol. 75v] o que os desembargadores tinham julgado. E o Imperador Seltân Çaguêd, que hoje vive, me tem dito muitas vezes que trabalhe por que lhe venham estes livros.<sup>7</sup>

<sup>8</sup> Outra coisa diz, pág. 183<sup>o</sup>, que pudera bem escusar, ainda que fora verdade, de uns italianos, que afirma foram convencidos do pecado mau, de que nunca se tivera notícia na terra do Preste João. E, assim, foi tal o escândalo e turbação que causou entre os abexins, que o Grão Conselho se achou confuso sem saber que castigo lhes dariam, e, assim, por mandado do imperador, os remeteram ao Conselho Latino para que julgasse conforme ao leis de Europa, e os conselheiros, considerando a gravidade do delito e o escândalo que haviam causado, julgaram que fossem queimados, mas o Grão Conselho não quis que se fizesse em Etiópia, senão que os levassem a Moçambique e que ali executassem a sentença; porém, o imperador os mandou levar presos a Goa onde, em chegando, os queimaram publicamente. Tudo isto é mera ficção, porque nunca em Etiópia houve Conselho Latino (como depois diremos), nem há memória de tal caso e, se sucedera,<sup>10</sup> houveram de ter ouvido os portugueses velhos que cá há, e todos afirmam que nunca tal coisa ouviram nem se houvera de esquecer disso a gente da terra, e os que são contrários à nossa santa fé, nos houveram<sup>11</sup> de dar cada dia em rosto com ele que ainda outras coisas falsas inventam para desacreditar a S. Leão e os da fé católica, por onde é certo que nunca tal houve. Também dizer que os mandaram presos a Moçambique é coisa ridícula, se entende que haviam

<sup>1</sup> No livro III, cap. IV, *infra*, P. Páez narra este episódio com maior detalhe.

<sup>2</sup> Ver glossário (primeira missão jesuíta). O episódio é narrado no livro III, cap. V, *supra*, e Manuel de Almeida retoma-o (ver *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Becarri, *RÆSOI 5*, Roma, 1907, pp. 369-70).

<sup>3</sup> Ver glossário (segunda missão jesuíta).

<sup>4</sup> Ver glossário (Athanathêus / Atēnatewos).

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Iacob.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: com.

<sup>7</sup> Aparentemente, o padre não chegou a satisfazer o pedido. Na época, podia ter recebido as *Ordenações, e leis do Reino de Portugal, recopiladas per mandado do muito alto catholico e poderoso Rei Dom Philippe o Primeiro* (Lisboa, 1603) e o *Repertório das ordenações do Reino de Portugal*, de M. Mendes de Castro (Lisboa, 1604).

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 65].

<sup>9</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 19.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: haviam.

de ir por terra, pelos inumeráveis desertos e sortes da gente que há no meio; nem por mar há embarcação para lá, nem ainda para Goa os pudera mandar presos, senão com grande dificuldade.

Também é fábula o que diz, pouco mais<sup>1</sup> adiante, que aos hereges e apóstatas botam aos leões, e que el<sup>2</sup> Preste João tem concertos com todos os reis mouros seus vizinhos, como o de Borno, o Baxá de Egipto, os reis de Arábia, que, se algum de Etiópia renega a fé, fazendo-se mouro, lho tornam a entregar e o botam vivo aos leões, ou se reduza à fé católica ou fique pertinaz em sua apostasia; de toda<sup>3</sup> maneira há-de morrer; e que o Preste João também está obrigado entregar aos reis mouros qualquer mouro que se fizer cristão para que façam justiça dele. Mas há uma vantagem de parte dos cristãos que consentiram os mouros e é que, em fazendo-se algum infiel cristão, logo o entregam aos religiosos de S. Domingos, os quais o catequizam e põem um escapulário pequeno com certo sinete [fol. 76] do prior, com o qual ninguém pode dizer nada, nem o Preste João está obrigado a entregar ao seu rei. E sabendo os mouros que o novamente convertido leva as insígnias de S. Domingos, calam e desistem da sua demanda, porque é tão grande a opinião que têm dos religiosos da Aleluia que o dão por bem feito, parecendo-lhe que, estando em poder de tais religiosos, não pode ser senão que vão muito acertados.

<sup>4</sup>Isto diz Frei Luis de Urreta. Mas nada passa assim, porque não há tal concerto entre o Preste João e os reis mouros, nem os de Arábia, nem o baxá do Egipto, que estão tão longe houveram<sup>5</sup> de entregar os que se fizessem mouros. Mas nem ainda os turcos que estão em Alquico<sup>6</sup>, a que eles chamam Adecono, com ser terra firme de Etiópia, não entregarão de nenhuma maneira ao cristão que se fizer mouro, e muito menos entregará o imperador ao mouro que se fizer cristão. Antes, vindo para cá fugido um mancebo mouro da casta<sup>7</sup> real das terras que aqui, parece, chama Frei Luis, Borno (que não se chamam senão Dequín), e pedindo el-rei destas terras ao imperador que lho tornasse a mandar, se queria que corresse o contrato dos cavalos (porque dali lhe vêm muitos e muito bons ao imperador), com ser o mancebo mouro, respondeu o imperador diante de mim: «É muito parvo esse mouro, se cuida que eu hei-de entregar aos que se vêm a valer de mim, coisa que nem os gentios fazem;» e mandou-lhe logo dar muito boas terras e depois se fez cristão. Nem os hereges e apóstatas botam aos leões, senão quando algum que se fez mouro ou gentilizou vem e diz que errou e que se quer reduzir, tornam-no a<sup>8</sup> baptizar e, quando muito, lhe dão alguma penitência. Nem em Etiópia há frades de S. Domingos, como veremos no 2.º livro, nem dos frades que há nem dos cristãos fazem conta nenhuma os mouros, antes nos têm a todos por homens sem lei nem conhecimento de Deus.

Diz mais, pág. 185<sup>9</sup>, que às feiticeiras entaipam para sempre<sup>10</sup> e aos blasfemos castigam a primeira vez com repreensão de palavra, a segunda com o pôr meio nu à porta da igreja em dia de festa com uma candeia na mão e, à terceira vez, tendo-o por besta irracional, o vestem de amarelo e lhe põem um cibreto no colo e boca, e o levam por toda a cidade e, depois, o degradam para uma ilha despovoada do Mar Vermelho ou lá perto do Cabo de Boa Esperança, onde morra de fome. Porém não há tal coisa,

porque nem entaipam as feiticeiras nem sabem [fol. 76v] que coisa é, nem aos blasfemos levam a tais ilhas, nem, ainda que o imperador quisesse, o podia fazer, porque no Mar Roxo não senhoreia nada, e muito menos para o Cabo de Boa Esperança. E fora muito bom se lhes deram castigo, mas muitas vezes se ouvem blasfêmias sem haver quem atente por elas para as castigar.

## CAPÍTULO XVII

### DA RESIDÊNCIA QUE TOMAM AOS OUVIDORES DO IMPERADOR E AOS DOS SEUS VICE-REIS

**N**ão fora necessário fazer capítulo particular para tratar da residência que tomam aos desembarcadores e ouvidores do imperador e aos de vice-reis, porque tudo o que sobre esta matéria há que dizer se pudera declarar em poucas palavras, se Frei Luis de Urreta não me obrigara referir algumas coisas no cap. 20.º do seu 1.º livro, porque, passando eu sem fazer menção <sup>1</sup>delas, não cuide alguém que têm fundamento o que não é mais que mera ficção inventada e traçada no entendimento de quem o informou. Diz pois desta maneira:

*Entre todas las naciones del mundo, una de las que mas abomina dadivas y donativos son los Ethiopes, tanto que por tener noticia el Emperador Felipe 7.º que avian recebido hum presente en la vacante de su antecesor, mando que de siete en siete años la mitad del Gran Consejo fuesse al Monte de Amara a estar en residencia de su gobierno, y administracion de justiça, lo qual se guarda el dia de oy en la forma y<sup>2</sup> manera que se dira. Estando el emperador com todos los del Consejo en una sala, manda los quinze dellos hir al Monte de Amara com uno de los primogenitos de los reyes<sup>3</sup> que le sirven en compañía de mil cavalleros de su guardia, y al punto que se despiden del emperador, se ponen en camino, yendo delante dellos un cavallero con su estandarte de tafetan amarello, y en el las armas del imperio. Llegando al monte (donde son recibidos de los abades militares), los consejeros se apean de sus cavallos y quedandose en el suyo el primogenito dice estas palabras a los abades: «Señores, yo os entrego los quinze del Gran Consejo que aqui estan<sup>4</sup> por orden y mandado del emperador, el mayor rey sobre todos los reyes<sup>5</sup> abissinos, emperador de la Ethiopia, siempre David mi señor.» Y en diziendo esto, dá la buelta a la corte onde refiere al emperador el discurso de su camino. Luego el<sup>6</sup> emperador lo haze saber a todos las ciudades del imperio, por medio de sus procuradores, [fol. 77] que de continuo residen en la corte, pera que qualquiere que se sintiere agraviado de los tales consejeros, manifieste su agravio, y pida satisfacion del, pera que le sea hecha justicia. Llegando este mandato a las ciudades, los nobles dellas com parte de su clero se juntan y lo hazen pregonar publicamente, mandando que los que ubieren<sup>7</sup> recebido algun agravio lo escrivan en un memorial com su nombre y el del consejero de quien se tiene por agraviado, y la occasion y el tiempo en*

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: pouco mais.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 65v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: para haverem.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: Alguico. Nas fontes portuguesas, o nome deste porto ocorre como Arquico.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: costa.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>9</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 19.

<sup>10</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: para sempre.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 66].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: reys.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: eston.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: reys.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: lo.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: uvieren.

que sucedió. Lo qual ellos hacen, y echando los papeles de sus quejas en una arca bien cerrada, que esta puesta en publica plaza por espacio de ocho días continuos<sup>1</sup>, con una boca angosta, a modo de cepo, por donde pueden entrar los papeles y memoriales, pero en ninguna manera se pueden sacar. Passados los ocho días señalados, cada ciudad embia su arca assi, como esta, sin abrilla<sup>2</sup> (porque solo el emperador tiene la llave) a la corte con buena guardia de soldados y por guia va un ciudadano que lleva un estandarte tendido com las armas de aquella ciudad. Llegando a la corte van camino derecho a palacio, y el emperador da una llave a su camarero (que es el que mas le ha servido de los primogenitos), mandandole abra con ella una salla grande, donde se ponen estas caxas, y metiendola el cavallero en ella, da licencia a los soldados y gente que la traen pera volverse a su ciudad. Y este estilo y modo de proceder se guarda con todas las arcas que traen las ciudades.

<sup>3</sup>Despues de recogidas todas las arcas en la salla, quando al<sup>4</sup> emperador le parece, entra en ella, acompañado de todos los primogenitos de los reyes<sup>5</sup> sus vassalos, y de otros veinte cavalleros de su casa, y mandando abrir las dichas arcas, se sacan los papeles y poniendo los de cada ciudad de<sup>6</sup> por si, hacen dellos un libro y volumen y en cima del escriben el nombre de la ciudad que los embio, y juntos los de todas ellas, se meten en otra caxa grande, la qual embia con el embaxador del gran abad de la Orden militar de S. Antonio<sup>7</sup>, que llamamos el Gran Maestre, en compañía de treientos de cavallo, a los sacerdotes de Saba, que han de ser los jueces, en una litera cubierta de raso negro. Quando llega a la ciudad, la salen a recibir com mucha pompa y la ponen com buena guardia en el Consistorio, que es el lugar donde se junta la nobleça<sup>8</sup>, y el embaxador se buelve a la corte com toda su compañía. Luego los sacerdotes de Saba salen fuera de la iglesia, donde estan, bien acompañados, cubiertas las caras segun la costumbre de los sacerdotes abissinos y<sup>9</sup> llegando al consistorio, se sientan a una mesa redonda y, echada la demas [fol. 77v] gente fuera, abren la caxa, y sacan todos los papeles y, leyendo uno por uno los agravios alli escritos, los sacerdotes de Saba los escriben y embian con buen recaudo a los sacerdotes y nobles de la ciudad donde vino la demanda o queja, pera que, hecha informacion del caso, les embien relacion del. Y pareciendo tener el consejero alguna culpa, los sacerdotes de Saba le dan dello aviso, pera que, si tiene descargo contra lo que le imputan, le de dentro en cierto tiempo en el qual embia a dar razon de si com un cavallero del monte, y si pera su defensa es menester provança, embian al mismo cavallero los sacerdotes, pera que se haga donde fuere<sup>10</sup> menester. Y constandoles estar el consejero inocente de los capitulos puestos<sup>11</sup>, mandan a los sacerdotes de la ciudad, de do vinieron las quejas y acusaciones, hagan luego castigar a quien las embio, conforme a la gravedad del crimen<sup>12</sup>, segun la pena del talion, pera exemplo de todos. Hecho esto y lo demas, que pera concluir la residencia es necessario, los sacerdotes de Saba encierran los cargos y descargos de los consejeros junto com su sentencia o parecer en una caxa de cedro, la qual embian al emperador con los sacerdotes, que nombran por<sup>13</sup> comissarios para<sup>14</sup> esto, los quales la llevan a la corte y, antes de llegar, se aloyan<sup>15</sup>

baxo de pavellones. Y al punto el emperador manda un primogenito, que los salga a recibir en compañía de cien cavalleros de su guardia, y el primogenito, despues<sup>1</sup> de los haver recibido y saludado cortesmente, los acompaña com su gente hasta palacio, yendo ellos cubiertas las caras con sus velos y apeandose de sus cavallos y subidas las escaleras, el emperador<sup>2</sup> los recibe con muchas muestras de amor. Y dandole los comissarios la arca, la manda guardar en su camara y les da licencia pera tornarse, lo que hacen en la misma forma que vinieron.

Aviendo visto el emperador<sup>3</sup> el parecer de los sacerdotes de Saba, embia una carta y provision al<sup>4</sup> mas antiguo de los principes del imperio, que habitan en el Monte de Amara, para<sup>5</sup> que haga bolver los consejeros a sus plazas. Y si alguno dellos se excluye por la carta, es visto por el mismo caso ser privado del gran consejo pera siempre sin remission. Esto hecho, se buelven los consejeros a la corte acompañados del cavallero que llevo la carta y de doze mil de a cavallo de la guardia del emperador, y llegando los consejeros cerca de la ciudad de Zambra, se alojan baxo de pavellones y tiendas aquella noche. Al otro dia, de mañana, los bienen<sup>6</sup> a acompañar los nobles y ciudadanos de la corte com mucha fiesta de trompetas y otros instrumentos musicos. Com esta fiesta y aplauso los llevan al palacio, donde hallan [fol. 78] al emperador sentado en un alto trono de doze grados, cubierto de alhombas<sup>7</sup> y tapetes ricos, vestido com magestad imperial. Y al rededor delle todos los primogenitos de los reyes sus vassallos y, en llegando los consejeros delante del emperador, levanta una cruz que tiene en la mano por cetro. Y ellos se arrodillan en tierra arrimados a unos banquillos largos. Y entretanto el embaxador del gran Abad sube en un pulpito, y hablando com el emperador, le dice: «Veys aqui, señor, los que pera beneficio de vuestros pueblos y subditos<sup>8</sup> aconsejan, y aviendo estado en el Monte de Amara por vuestro mandado en residencia, no se ha hallado contra ellos cosa alguna. Y aora<sup>9</sup> con orden vuestro han buuelto a vuestro Gran Consejo pera servirvos en el como solian.» Entonces todos los circunstantes a una dan voces, diziendo: «Viva el emperador que consierva las constituciones de su imperio a gloria de Dios y de los principes de los Apostoles, con observancia de las leyes instituidas por Juan<sup>10</sup> el Santo, y Philipe 7.º.» A todos los quales el emperador, con rostro alegre y risueño, da muestra de condescender<sup>11</sup> con lo que dicen y que recibe contento del que sus pueblos han mostrado. Y com esto se da fin a la residencia.<sup>12</sup>

Até aqui são palavras do autor, em que, tirado o que diz no princípio das peitas (que ainda isso encarece demasiadamente), não há coisa nenhuma que diga com a verdade do que cá passa, como eu tenho visto em dezoito anos que há que entrei em este império<sup>13</sup>, e o mais deste tempo gastei na corte. E, para mais me inteirar das coisas, as perguntei miudamente<sup>14</sup> ao presidente do Supremo Conselho e a outros dois seus companheiros. E me afirmaram que nenhum dos que estão<sup>15</sup> agora em este e em os

1 Omisso no Ms. 778 BPB: continuos.

2 Ms. 778 BPB: abrirla.

3 Ms. 778 BPB: [fol. 66v].

4 Ms. 778 BPB: el.

5 Ms. 778 BPB: reys.

6 Omisso no Ms. 778 BPB: de.

7 Ms. 778 BPB: Anton.

8 Ms. 778 BPB: nobleza.

9 Ms. 778 BPB: en.

10 Ms. 778 BPB: quere.

11 «Opuestos», conforme se lê em L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, p. 190.

12 Ms. 778 BPB: crime.

13 Ms. 778 BPB: pera.

14 Ms. 778 BPB: d'.

15 Ms. 778 BPB: de.

1 Ms. 778 BPB: despues.

2 Ms. 778 BPB: [fol. 67].

3 Ms. 778 BPB: visto.

4 Ms. 778 BPB: a lo.

5 Ms. 778 BPB: pera.

6 Ms. 778 BPB: vienem.

7 Alfombras (alcatifas), conforme se lê em L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, p. 191.

8 Ms. 778 BPB: vos.

9 Ms. 778 BPB: agora.

10 Ms. 778 BPB: Ioan.

11 Ms. 778 BPB: condescender.

12 L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excerto (com ligeiras omissões), livro I, cap. 20, intitulado «De la residencia que toman al gran consejo, y lo mucho que abortecen los cohechos, y sobornos», pp. 188-91.

13 Informação do autor que permite datar em particular a redacção deste capítulo de cerca de 1621/22, uma vez que ele chega à Etiópia em Maio de 1603.

14 Ms. 778 BPB: muitas vezes.

15 Ms. 778 BPB: [fol. 67v].

mais tribunais (com alguns serem muito antigos) foram ao Monte de Amharâ<sup>1</sup> para lhes<sup>2</sup> tomarem residência, nem ouviram dizer que seus antepassados fossem lá nunca para isso, nem havia tal estatuto, nem tempo limitado para se lhes tomar residência, nem se lhes<sup>3</sup> tomava a todos em forma de residência; mas que, todas as vezes que alguma pessoa se queixava de um ou de mais deles, lhe dava logo o imperador juiz e diante dele propunha seus agravos e fazia sua demanda e o juiz dava sua sentença. E se alguma das partes se não dava por satisfeita e queria agravar, vinham a seu tribunal e o juiz referia todo o discurso da demanda e o que julgara e as partes, que estão presentes, com seus procuradores, acrescentam, se o juiz se esqueceu de alguma coisa [fol. 78v] que lhes releve para sua justiça, e propõem de novo o demais que lhes parece; e logo os *azages* vão ao imperador e lhe referem tudo e julgam diante dele o que a cada um lhe parece; e, ultimamente, o imperador; e logo se publica e executa sua sentença.

Se o imperador tem ruim informação daquele ouvidor contra quem lhe pedem juiz, não somente o dá, mas algumas vezes (posto que raramente), manda lançar pregão, não mais que na cidade ou arraial onde ele está, que todos os que tiverem agravo daquele ouvidor, o demandem, e assim o fazem os que querem, e muitas vezes o acusam, sem se dar este pregão, de que tem tomado peitas<sup>4</sup>, com ter o imperador feito por excomunhão que não as tomem. Mas quase nunca chegam com estas demandas de peitas a que julgue o imperador, porque, ainda que a parte possa bem provar, antes disso desiste, ou se concerta por rogos dos outros, ou por medo de lhe não vir depois cair em as mãos em alguma ocasião. E pouco tempo há que demandaram a um dos do Supremo Conselho que as tinha tomado, e não faltava prova, porque era certo que tomava muitas, e, com tudo, isso não chegou a coisa a que o juiz do imperador desse sentença; logo isso se atabafou por rogos ou por algum fato que dava em segredo.

Em a mesma forma se fazem as demandas aos ouvidores dos vice-reis que, quando algum está agravado, pede juiz ao vice-rei, e, diante de quem ele dá, faz sua demanda e, se é necessário, julga também o vice-rei. Mas, se a parte quer, pode agravar para o imperador. E aqui se encerram todos os mistérios que faz Frei Luis de Urreta na residência dos do Grão Conselho. Nem houve nunca em Etiópia tais imperadores João e Filipe VII, nem ainda Filipe I, como me afirmou o Imperador Seltân Çaguêd e se vê em os catálogos dos imperadores, que pusemos cap. 5.º.

## CAPÍTULO XVIII

EM QUE SE DECLARA SE HÁ OU HOUE EM ETIÓPIA,<sup>5</sup> CONSELHO LATINO  
PARA SE TRATAREM OS NEGÓCIOS TOCANTES A EUROPA

Muitas e várias coisas conta Frei Luis de Urreta, em o cap. 21.º de seu 1.º livro, sobre o Conselho Latino que afirma haver em Etiópia para os negócios que se oferecem aos que de Europa em ela residem. A que brevemente poderemos responder que todas são fábulas inventadas por [fol. 79]

<sup>1</sup> Refere-se ao *ämba* Gëshen. Ver livro I, caps. VI-XI, *supra*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: lho.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: lhe.

<sup>4</sup> Subornos.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: OU HOUE.

João Baltazar<sup>1</sup> ou imaginadas por que ao autor deu a informação. Mas por que redundam em descredito de pessoas muito graves e dignas de veneração, como são o cristianíssimo zelador do augusto da santa Igreja romana El rei de Portugal, D. João o III.º, o reverendíssimo Senhor D. João Nuñez Barreto patriarca de Etiópia, do Padre Bispo Melchior Carneiro e outros padres de nossa Companhia, convém que as declaremos mais em particular, para que se manifeste a verdade do que passou e não fique escurecida diante dos que não advertirem que em coisa tão grande não se houvera de dar crédito a informação de um homem não conhecido para se imprimir e publicar ao mundo por verdadeira, que ainda referindo eu outras coisas que diz o livro de muito menos importância, se maravilhou muito o Imperador Seltân Çaguêd de que tão facilmente dessem crédito a homem que não conheciam para autenticar suas mentiras, imprimindo. Mas para que melhor se entenda o que aqui houvermos de dizer, referirei primeiro alguma palavra coisa do que o autor começando pela que diz do Conselho Latino, que o demais não nos vem aqui a propósito. Diz, pois, no cap. 21.º: *Aviendo escrito el orden del Gran Consejo, viene a proposito tratar del otro Consejo menor, que tiene el emperador em su corte, llamando Latino, el qual fundo Alexandro III, porque viendo que cada dia, despues de su descubrimiento, acudian muchas naciones y mercados de tierra latina a sus estados, le parecia, no solo util, sino cosa muy necessaria al buen gobierno, hazer y fundar hum consejo pera la gente latina, que de su nombre se llamo Consejo Latino. Y a los consejeros señalo grandes estipendios, y muy pingues salarios. Y eligio de cada nacion que acodia al imperio dos personas de sciencia y consciencia experimentados y temerosos de Dios, que fueron dos venecianos, dos florentines y dos portugueses. Los veneçianos y florentines vienen los mas por el Cairo. Y los portugueses de Goa, y algunos de Portugal. Destos seis consejeros consta el Consejo Latino, que sirve de informar al emperador de las cosas d'Europa, en especial llegando algunos destas partes a contratar o aver el imperio con cartas de algunos principes, o de los mismos abissinos que habitan em Roma. En tal caso, uno o dos de los consejeros a quien por el consejo se comete, van al emperador a darle cuenta por menudo no solo del fin y motivo que el forastero tuvo pera entrar en el imperio, sino tambien de su tierra, calidad [fol. 79v] y condicion, porque, segun la relacion deste consejo, trata el emperador a los forasteros, y a veces los acaricia y regala, si lo requiere su calidad. Tiene tambien a su cargo este Consejo el interpretar las cartas que van al emperador de tierra latina y responder a ellas en la lengua que fuere menester. Este Consejo se hizo a instancia y persuasion del muy reverendo Padre Andrés de Oviedo, religioso de la Compañia de Jesus, que por ser tan docto y exemplar, fue embiado de la Sede Apostolica con titulo de patriacha, y en esta dignidad vivio muchos años con mucho exemplo y provecho espiritual de los abissinos, y el Preste Joan le honro muchissimo y le dio el cargo de presidente deste consejo, el qual exercito el buen Padre con tanta satisfacion, contento, y aplauso de los abissinos qual ellos pudieran desear.*<sup>2</sup>

Até aqui são palavras de Frei Luis de Urreta, mas nenhuma coisa há nelas <sup>3</sup>que diga com a verdade, porque, primeiramente, ninguém sabe dar razão de tal Alexandre III, nem nos catálogos dos imperadores que pusemos no cap. 5.º há mais que um Alexandre, a que eles chamam Escander, e este foi muito antes que os portugueses descobrissem Etiópia, porque, como dissemos no cap. 16.º, o primeiro português que descobriu Etiópia e entrou nela foi Pêro de Covilhã que partiu de Portugal a 7 de Maio de 1487, e o Imperador Alexandre já era morto no ano de 1475<sup>4</sup>. E, falando o autor deste mesmo Ale-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 68].

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto do livro I, cap. 21, pp. 192-3.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 68v].

<sup>4</sup> Êskëndër morreu em 1494.

xandre III, pág. 118<sup>1</sup> e 139<sup>2</sup>, diz que morreu o ano de 1606, e eu entrei em Etiópia em Maio<sup>3</sup> de 1603,<sup>4</sup> e não achei tal Alexandre, senão Iacob, filho do Imperador Malâc Çaguêd, que havia sete anos que morrera, tendo reinado trinta e três, nem depois para cá houve quem se chamasse Alexandre. E, dado que houvera tal Alexandre III, o que aqui diz dele, que fundou o Conselho Latino a instância do Padre Patriarca André de Oviedo e que a ele deu o cargo de presidente deste Conselho Latino, não concerta com o que diz<sup>5</sup> adiante, pág. 616<sup>6</sup>, que o Imperador Mena (que se não chamava senão Minas) escreveu ao Papa Pio V que o Padre André de Oviedo era presidente do Conselho Latino e que o reverenciavam como a santo, porque logo, na pág. 617<sup>7</sup>, afirma que Alexandre III sucedeu a Mena, e assim é muito clara contradição, porque se Alexandre III fundou o Conselho Latino, como Mena, que foi antes dele, escreveu a Pio V que o Padre Patriarca André de Oviedo era presidente do Conselho Latino, que ainda não era feito.<sup>8</sup> [fol. 80] Outras muitas vezes se contradiz o autor falando deste Alexandre III, como mostrámos no capítulo 1, que, se ele as advertira, bastara para não dar crédito às informações de João Baltazar, por mais que afirmara que eram papéis autênticos, como diz pág. 211.<sup>9</sup>

Mas, deixando à parte as contradições e a Alexandre III, é coisa muito certa que não há nem houve nunca, em Etiópia, Conselho Latino. E assim o afirma um veneziano que se chama João António, que diz há trinta e dois anos que cá entrou. E<sup>10</sup> [o capitão dos portugueses] por nome João Gabriel, homem de 66 anos que, de menino, se criou com o Padre Patriarca André de Oviedo, diz que nunca viu nem ouviu que em Etiópia houvesse tal Conselho. O mesmo testificam muitos homens velhos, filhos de portugueses, que também se criaram na casa do patriarca, e outros desta terra a quem perguntei. E, quanto do ano de 603 a esta parte, eu sou testemunha de vista que não há tal coisa. E todavia o autor afirma, pág. 210<sup>11</sup>, que perseverava, quando ele escrevia, que seria pelos anos de 608, por onde, tudo quanto diz do Conselho Latino<sup>12</sup>, é falso. E não menos carecem de verdade quase todas as coisas que logo conta sobre a missão que fizeram treze padres da Companhia à Etiópia, tomando ocasião do que tinha dito que o Padre André de Oviedo fora presidente do Conselho Latino para mostrar como entrou em Etiópia, e principalmente para refutar a Nicolau Sandeiro, ao Padre Pêro Mafei e outros padres da Companhia que escreveram sobre esta matéria<sup>13</sup>. Mas quão sem razão o fez veremos no livro 3.º, onde ele também trata de propósito do Padre Patriarca André de Oviedo.

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 11.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 12.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: o ano.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: em Maio.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: diz.

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro III, cap. 1.

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro III, cap. 1.

<sup>8</sup> O autor desmontou, com uma sintaxe pouco hábil, a contradição denunciada no discurso de Luis de Urreta.

<sup>9</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 21.

<sup>10</sup> Palavras rasuradas, ilegíveis.

<sup>11</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 21.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 69].

<sup>13</sup> L. Urreta mencionou apenas os autores nomeados, observando que tinham sido mal informados a respeito da cristandade etíope (de Giovanni Pietro Maffei: *Societate Iesu Historiarum Indicarum libri XVI*, com várias edições depois de 1588; de Nicolau Sandero: *Monarchia*). Ver *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 21, p. 211.

## CAPÍTULO XIX

### EM QUE SE DECLARA SE O PRESTE JOÃO VISITA PESSOALMENTE AS CIDADES DE SEU IMPÉRIO

Depois de haver pintado Frei Luis de Urreta, no cap. 22.º de seu 1.º livro, o aparato e pompa grande com que diz que o Preste João vai a<sup>1</sup> visitar as cidades de seu império, um ano depois que se coroa em Sabba, e dali por diante, de sete em sete anos, continua sua *História*, pág. 221, por estas palavras: *Llegado el emperador a una ciudad, se aloja en su pavellon iunto a ella, y aviendo descansado en el aquella noche, luego a la mañana, vestido de habito imperial, cavallero en un elephante, com toda la magestad y grandeza que pera ser jurado fue a Sabba, camina pera la ciudad en la qual no puede estar el rey, [fol. 80v] ni residir, antes le obligan a que se vaya luego a otra parte, mientras dura la visita. Y al entrar el emperador estan a la puerta los seis regidores e jurados de quien depende el gobierno de la ciudad aguardando com ropones de damasco negro, y un cavallero com un estandarte en que lleva las armas de la ciudad. Y assi mismo todos los sacerdotes entre los quales está uno con un missal en la mano, y el corregidor de la ciudad com una vara corta y una beca negra como de colegeal en los hombros, salvo que esta se echa al cuello y cae por delante a manera de estola, con unas borlas de oro por remate y las armas del emperador; el qual se apea del elephante, y puniendo la mano en el missal, jura de guardar las constituciones del Consejo Florentino y de toda la sede apostolica com las de Joan el Santo, y Phelippe 7.º. Hecho esto, los sacerdotes llegan a hazer la reverencia de dos en dos, y tras ellos el corregidor y regidores, los quales aviendole jurado obediencia prometen de darle de cada tres hijos, el<sup>2</sup> uno pera defênsa del imperio, como diremos en su lugar. Luego entra el emperador en la ciudad a pie acompañado solamente de los quarenta y dos hijos de reyes, y de los quinze de su Gran Consejo, del embaxador del gran abad, y de algunos cavalleros de tierra latina. Con este acompañamiento va a visitar las quatro parrochias, y la abadía de S. Anton. Y despues al consistorio de la nobleza, donde les haze un razonamiento acerca de la observancia de los estatutos del imperio, en que concluye con offerer su remedio, y patrocinio imperial pera todo lo necessario, como en effecto le pone en las cosas, que le parece conveniente. Despues<sup>3</sup> deste se llega al monasterio de las donzellas (que tiene cada ciudad uno)<sup>4</sup> donde las prové con mucha charidad de lo que les falta, y lo mismo haze en los seminarios de la juventud, de que diremos luego. Y si en el de las donzellas se halla alguna pera casar, le da licença pera ello, que de otra manera no pudiera, sin perjudicar a la costumbre que hay que ningun hijo de rey pueda casarse sin licencia del emperador, ni el noble sin la del rey, el ciudadano sin la de los nobles, ni el plebeyo sin la de los ciudadanos, salvo en caso que el emperador la dee, como dezimos. El qual prosigue la visita de las demas ciudades, de la manera que hemos dicho.<sup>5</sup>*

Até aqui são palavras do autor, em que quase não há coisa que não seja fábula, porque, começando do que se usava antigamente, os imperadores estavam tão longe de [fol. 81] visitar as cidades de seu im-

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: el.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: depues.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 69v].

<sup>5</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excerto do livro I, cap. 22, intitulado «Del modo y estilo que guarda el Preste Iuan en los pleytos, y visitas de las ciudades de su imperio», pp. 221-2.



pério, que nem se deixavam ver ainda dentro de seu paço, senão de suas mulheres e de trinta escravos pequenos que o serviam e três homens grandes que governavam o império. E, se algum outro havia de falar com eles, ainda que fosse genro ou cunhado, havia de entrar de noite, e tiradas todas as candeias, falava sem ver nada mais que ouvir a voz do imperador; e ainda isto se tinha por muito grande mercê, porque raramente se concedia, como dissemos no cap. 4.º. Mas quando haviam de dar sentença sobre alguma coisa grande, entravam juntamente com aqueles três que governavam o presidente dos *azâges* e seis dos mais principais, como declarámos no cap. 16.º. Nem depois que deixaram aquela superstição, se usou tal modo de visita, [como todos afirmam]. E quanto do ano de 603 a esta parte eu sou testemunha de vista, que quase sempre andei na corte, e nunca o imperador fez tal coisa, nem há cidades da maneira que Frei Luis cuida, só onde estão os vice-reis e algum governador de assento são povoações grandes. E quando deles ou de seus ouvidores há alguns agravos, se querem pedir juiz ao imperador, o dá logo para que vá lá fazer justiça. E se as coisas são grandes e lhes parece que padecerá detrimento sua justiça fazendo-se lá, procuram que o imperador mande vir o culpado ou esperam que ele venha à corte, que ainda os vice-reis, que não estão muito longe, vêm muitas vezes, e então os demandam diante dos desembargadores do imperador a quem depois dão conta de tudo para ele julgar.

Quanto ao que diz que o imperador vai à cidade em um elefante, não somente não sobe nele, mas não se viu nunca manso em Etiópia, posto que haja muitos bravos. E, ainda que o imperador fora visitar as cidades, mal lhe haviam de dar juramento na entrada sobre o missal, que guardasse as constituições do Concílio Florentino, e de toda a Sé apostólica com as de João o Santo e Felipe VII, pois eles não obedecem à Igreja romana, como já temos dito, e veremos no 2.º livro compridamente, nem houve nunca em Etiópia imperador que se chamasse João, nem Felipe VII, nem costume de dar ao imperador, de cada três filhos um, para defesa do império, que, quando é necessário, todos vão à guerra, excepto os velhos<sup>1</sup>, que lavram a terra. Nem há tais quarenta filhos de reis que acompanhem ao imperador, nem embaixador do Grão [fol. 81v] Abade, nem menos há mosteiro de donzelas em todo o império, quanto mais um em cada cidade, nem é necessário licença do imperador [que reis, não os há, como 2º já dissemos] para que as donzelas nobres casem, nem licença dos nobres para os cidadãos, e deste<sup>3</sup> para os plebeus, porque, sem nada disso, casa cada um quando quer, e com quem<sup>4</sup> melhor pode. Há, porém, um costume que, se o mancebo ou a donzela que há-de casar é parente do imperador, lhe dá parte disso, não porque lhe seja necessária licença, que sem ela pode casar, se quiser, senão para que lhe faça certas honras, que são ir ao paço à tarde, antes da boda, quando começa a anoitecer, se é mancebo, acompanhado dos principais senhores da corte e, se é donzela, de senhoras, debaixo de um pano de seda, ou quando menos de algodão com várias pinturas, que lhe<sup>5</sup> vêm da Índia, e levam-no pelos cantos quatro donzelas a modo de dossel, mas é muito mais comprido que largo. E assim, outras donzelas vão perto da senhora alevantando com as mãos o pano para que lhe não toque na cabeça e cai tanto pelas ilhargas e por detrás, que nem as que o levam pelos cantos se vêem de fora senão muito pouco. E isto usam todas e só<sup>6</sup> as parentas do imperador quando vão de uma casa a outra a pé, que a mula não o levam<sup>7</sup>.

E, em chegando o mancebo ou donzela ao imperador, lhe beija a mão, e logo o manda entrar em outra câmara e vestir muito ricos vestidos que lhe tem aparelhados, e, saindo, torna a beijar a mão do imperador e ele, com boas palavras, lhe dá a bênção e o despede, e saem com ele muitos pajens do imperador com tochas, e, diante, vão tangendo com seus atabales e charamelas, e assim o levam até a sua casa, onde se começam as festas das bodas com muitas músicas e bailes que duram por muitos dias.

## CAPÍTULO XX

EM QUE SE TRATA DAS CIDADES DE ETIÓPIA E EDIFÍCIOS DE SEU GOVERNO,  
DISTRIBUIÇÃO DE MORADORES E TRAJOS

**E**m Etiópia não há cidades mais que a corte do imperador e onde estão de assento os vice-reis ou algum governador grande, e ainda a algumas destas pudéramos chamar vilas. E, quando os vice-reis se mudam para outras partes (que o fazem muitas vezes, e os imperadores algumas), ficam aquelas cidades como vilas ou aldeias bem<sup>1</sup> pequenas, que dos edifícios lhes dá pouco, por serem tais quais logo diremos. As demais povoações são vilas de poucos vizinhos e aldeias que não passam de cinquenta casas e muitas têm menos porque, ordinariamente, se juntam alguns [fol. 82] onde têm suas lavouras e ali fazem suas casinhas, pelo que, deixando algumas serras e desertos que não se habitam, o demais comumente<sup>2</sup> está cheio destes lugarinhos, particularmente agora, porque depois que uns gentios que chamam gâlas foram entrando<sup>3</sup> pelas terras e tomando muitas, como já dissemos no cap. 1.º, a gente delas se foi retirando para estouras, e assim estão muito cheias.

Os edifícios são muito pobres, como já outras vezes temos dito: casinhas de pedra e barro, ou de paus redondas, térreas e muito baixas, cobertas de madeira e palha comprida. E algumas, que são largas, têm uma coluna ou esteio de pau<sup>4</sup> no meio, sobre que se sustenta a armação daquela madeira. Outras são compridas com esteios de pau no meio em feira, sobre que carrega toda a madeira, também cobertas de palha e térreas, a que chamam *çacalâ*, e em estas moravam ordinariamente os imperadores. E assim, quando diziam: «Vai ao *çacalâ*», ou «está no *çacalâ*», era como dizer «vai ao paço<sup>5</sup>», ou «está no paço», ainda que não só o imperador usa este modo de casas, senão os senhores e todos os demais que querem. Em algumas partes, principalmente onde não chove muito, fazem casas de terrado, não de chunambo<sup>6</sup>, senão de terra bem batida, e todas eram térreas, que de muito tempo a esta parte raramente se fazia alguma sobradada, e durava pouco porque não a sabiam fazer. Mas o Imperador Seltân Çaguêd, que agora vive,<sup>7</sup> faz em uma península da Lagoa de Dambiâ, a que eles chamam mar, uns paços formosos de pedra branca bem lavrada, com seus aposentos e salas. A de cima tem cinquenta palmos

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: vilões.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 70].

<sup>3</sup> Sic. Destes.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: como.

<sup>5</sup> Falta de concordância entre nome (plural) e a forma pronominal (singular) era comum na época, conforme atestam numerosas ocorrências nesta obra.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: sós.

<sup>7</sup> Entenda-se «que, quando vão de mula, não o levam».

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: mui.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: comumente.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 70v].

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de pau.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: çacalâ.

<sup>6</sup> Ou chuna, termo indo-português. É cal feita a partir de conchas de ostras triturradas.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que agora vive,.

de comprido, vinte e oito de largo, e vinte de alto, que, por bater ali muito o vento no Inverno, e a casa de abaixo também ser alta, não a alevantaram mais. Sobre a porta principal tem uma varanda grande e formosa e, nas ilhargas, duas mais pequenas com muito boa vista. A madeira quase toda é de cedro, muito formosa, e as salas e um aposento do alto, onde dorme o imperador, com muitas pinturas de várias cores. É de terrado com chunambo, e o parapeito à roda com colunas de pedra muito formosas e, sobre seus capitéis, bolas grandes da mesma pedra, mas, em as colunas dos quatro cantos, bolas de cobre douradas com formosos remates. Sobre a escada, por onde<sup>1</sup> se sobe ao terrado, se alevanta outra casa pequena com três janelas grandes que lhe serve de mirador, porque, demais de estar a casa situada no mais alto da península, que é grande, tem sessenta palmos de alto.<sup>2</sup> E, assim, toda a cidade, [fol. 82v] que também fez nova, lhe fica debaixo e descobre grandes campos e quase toda a lagoa, que terá algumas vinte e cinco léguas de comprido e quinze ou mais de largo, água doce muito boa. Está também este mirador coberto de terrado com suas colunas de pedra à roda como as debaixo e, em os quatro cantos, umas bolas de cobre douradas. Outros paços, pela traça destes, fez depois um seu irmão, que se chama *Erâz Cela Christôs*, em o reino de Gojâm onde ele é vice-rei, mas não tão grandes. Estes dois edifícios são os maiores que há no império<sup>3</sup> (não falando de igrejas). Todas as demais casas são ruins, como digo, e ordinariamente lhes fazem cerca de espinhos e, assim, se acerta dar fogo na cerca ou na casa, com dificuldade se apaga sem se acabar tudo. Os que fazem de terrado, algumas vezes se ajuntam dez ou quinze, e edificam uma casa pegada com outra à roda com as portas para dentro, onde deixam campo bastante para suas vacas e mais gado, com uma só porta para a rua, que fecham de noite, e ficam seguros dos animais bravos e do fogo. O senhor do lugar<sup>4</sup> poucas vezes fazem casas de seu fato, porque os vilões lhas fazem à sua custa. E, quando o imperador lhes tira as terras e as dá a outro (que o faz muitas vezes), se os vilões fizeram as casas, ficam para o novo senhor; e se o passado<sup>5</sup> as tinha feito com seu fato, leva a madeira.

O governo das cidades é o mesmo que pusemos no cap. 16.º, tratando dos juízes do Preste João e dos tribunais que tem em sua corte e os dos vice-reis dos reinos de seu império. Afora estes, há em cada província um juiz que chamam *lebadîm*, cujo ofício é inquirir dos ladrões daquela terra e mandá-los presos ao vice-rei a quem ela pertence, ou aos ouvidores da corte do imperador, com pessoa que refira as culpas que deles achou se ele não pode ir, mas em certos casos acaba ele. Também há outro juiz, a quem levam todas as coisas perdidas, de que não se<sup>6</sup> sabe dono, como escravos, mulas e outros gados. E se o que o acha não o leva dentro em tanto tempo, tem pena, e o juiz o guarda e se serve dele até que acha dono, e não o pode vender; e, assim, o que perdeu alguma coisa destas, facilmente a acha na casa deste juiz. Em cada vila e aldeia, há um juiz que chamam *xum*, posto pelo senhor da terra. E, porque assim isto, como no modo que têm de proceder na justiça, se declarou compridamente no mesmo cap. 16.º, não será necessário torná-lo a repetir.

Também a distinção dos moradores da corte é a mesma [fol. 83] que guardam em o assentar das tendas no campo do imperador, que declarámos no fim do cap. 14.º. E, assim, querendo ele fazer a cidade que acima disse, na península da Lagoa de Dambiâ, lançou pregão que, certo dia, fossem todos

lá com ele e armassem suas tendas da maneira que costumavam no campo, para que soubesse cada um o sítio de sua casa, sem haver diferenças; mas, contudo, não faltaram sobre quanta largura havia de ter cada um à roda de suas casas. E, para que<sup>1</sup> meus companheiros e eu<sup>2</sup> estivéssemos livres disto, me disse que fosse<sup>3</sup> primeiro e tomasse à minha vontade onde melhor me parecesse, que não foi pequeno privilégio, assim por não se<sup>4</sup> fazer, nem à sua mãe, como por terem os portugueses obrigação de assentar à mão direita; e para aquela parte acertou<sup>5</sup> de ser ruim sítio, pelo que o tomámos muito bom, diante. De maneira que todos têm suas moradas conforme a sua nobreza ou ofício, mais perto ou mais afastado do paço, à mão direita ou à esquerda, diante, ou detrás<sup>6</sup>. E, não somente dá de graça o imperador o sítio das casas, mas faz que à roda da cidade fiquem campos sem se lavrar<sup>7</sup>, para que os gados comam. Em as cidades dos vice-reis não há tanta ordem e em as vilas e aldeias quase nenhum<sup>8</sup>, posto que o senhor da terra sinala o lugar ao que há-de fazer casa de novo.<sup>9</sup>

Acerca dos trajos, antigamente eram ruins, porque ainda os senhores grandes, ao<sup>10</sup> menos quando andavam na corte e entravam no paço, não vestiam camisa, senão um calção largo que lhe chegava até perto do pé, de algodão preto ou vermelho, e um pano comprido de algodão ou de seda em lugar de capa. E, quando entravam no paço, o cingiam na cinta de maneira que lhes caía até perto dos pés e o demais do corpo ficava num<sup>11</sup> ou, quando muito uma pele de leão sobre os ombros, ou de outro animal que chamam *guecelâ*<sup>12</sup>, de cabelo preto muito macio. Mas falando do que agora usam os senhores grandes e gente nobre, é uma camisa branca de bofetá<sup>13</sup> fino da Índia, assim como Holanda<sup>14</sup> comprida até perto dos pés, com colarinho alto e justo, com botões de tafetá carmesim e verde entresachados<sup>15</sup> e, algumas vezes, de prata ou ouro, que se fecham com uns cordõezinhos de retrós<sup>16</sup> das mesmas cores, e mangas justas até a mão, mas muito compridas. E assim, quando as vestem, fazem muitas pregas e parecem bem. Estas cingem com uma touca da Índia de bordas de fio de ouro ou vermelhas, ou com cinto de seda com muitas peças de prata douradas. Sobre esta camisa vestem, algumas vezes, [fol. 83v] outra também de bofetá aberta por diante, como roupão, e da compridão<sup>17</sup> da primeira, mas sem colarinho, como cabaia de mouros, e as mangas largas de ponta até o côvado com botões como os outros, mas não se fecham, só servem de formosura. Outras vezes, põem cabaia do mesmo corte de damasco, cetim, veludo, brocado, de pano muito fino, de todas as cores, que vêm do Cairo. Algumas vezes, estas cabaia têm as mangas estreitas e muito compridas, e então não as vestem, mas tiram os braços por aberturas que têm como roupão. Alguns trazem calções largos até mais de meia perna de

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: eu e.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: e eu.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 71v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: se não.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: aceitou.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: atrás.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: lavrarem.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: nenhuma.

<sup>9</sup> Ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RESOI* 5, Roma, 1907, pp. 75-7. Manuel de Almeida incluiu uma breve descrição de Dän-qâz (p. 77).

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: pelo.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: nu.

<sup>12</sup> Pantera.

<sup>13</sup> Tecido de algodão muito fino.

<sup>14</sup> Tecido fino holandês.

<sup>15</sup> Intercalados.

<sup>16</sup> Fio de seda torcido.

<sup>17</sup> Ms. 778 BPB: do comprimento.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: por que.

<sup>2</sup> Ver glossário (Gorgora Velha e Nova).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 71].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: Os senhores dos lugares. Esta variante concorda com o verbo; errata do autor.

<sup>5</sup> Entenda-se: o anterior detentor do cargo ou do senhorio.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: se não.

bertangil<sup>1</sup> vermelho. O mais ordinário é calções estreitos que chegam até o pé onde se fecham com botões, e muitas vezes o que deles aparece é de damasco, veludo ou brocado, e então os botões são de ouro ou prata. Trazem sapatos vermelhos, ou de outras cores, e algumas vezes de veludo, mas botas e borzequis<sup>2</sup> não usam. Põem ao colo cadeias de ouro de muitas voltas que lhes chegam perto da cinta, <sup>3</sup>e dela pende uma cruz da maneira das que trazem os comendadores de S. João e, ordinariamente, pesa cem cruzados a cruz só, que as cadeias comumente são de quatrocentos. Algumas têm acima certo remate de ouro de onde as mesmas voltas da cadeia descem também pelas costas outro tanto como por diante, e nas pontas estão engastadas umas como campainhas compridas.

Os que não podem trazer cadeias<sup>4</sup> põem cruces de ouro ou de<sup>5</sup> prata esmaltada, ou de pau preto com muitos labores, de meio palmo ou menos, pendurada de muitos cordões de retrós delgados e comumente pretos. Trazem<sup>6</sup> punhais grandes na cinta<sup>7</sup> com o<sup>8</sup> punho e<sup>9</sup> bainha de prata dourada, e em alguns pedras engastadas que, ainda que falsas, são lustrosas. Este Imperador Seltân Çaguêd começou a usar abanos como os de Espanha, mas depois os deixou por causa da calma. Em a cabeça trazem alguns toucas como mouros, outros, barretes redondos proporcionadamente altos, de pano vermelho e de outras cores. E quando caminham, põem chapéus como os nossos, mas não tão finos, e albornozes, ou ferreruolos<sup>10</sup> como portugueses, que deles os tomaram. Outros trazem cabelo comprido, de que fazem muitas invenções, torcendo-o de maneira que fica a cabeça cheia de muitos como cordõezinhos e não lhes passam das orelhas; outros, os encrespam de muitas maneiras e, ordinariamente, os trazem untados com [fol. 84] manteiga. Os meninos trazem<sup>11</sup> topete bem comprido e<sup>12</sup> chega de uma orelha a outra e, mais acima, rapam com navalha até perto do alto<sup>13</sup> da cabeça donde lhe saem três tranças de cabelos compridos que caem<sup>14</sup> para trás e no toutiço também lhes fica um pouco de cabelo que lhes dá graça.<sup>15</sup>

As mulheres, principalmente senhoras, também trazem topete muito alto. E as donzelas põem mais acima uma grinalda de florezinhas de ouro com muita argenteria e, dos demais cabelos, fazem muitas tranças delgadas que caem para as costas e ornam com outras peças de ouro. As casadas raramente põem ouro nos cabelos, mas, perto do topete, rapam com navalha largura de um dedo e dali começam as tranças dos cabelos, e quanto mais pretos mais folgam e, assim, têm certa confeitão de azeite que os faz muito. Não usam de posturas de alvaiade e vermelhão, ainda que algumas são quase tão alvas como portuguesas, senão de certos licores cheirosos com que lhes fica o rosto mui lustroso. Seu vestido é uma camisa larga mui comprida até os pés e por detrás arrasta um pedaço, as mangas largas, mas perto da

mão estreitas, e a abertura do colo comprida, para que, sem danar os cabelos, a possam vestir; contudo lhes cobre os ombros e tem muitos labores à roda de retrós ou de ouro. Em as festas, trazem de damasco carmesim ou de outras sedas e, nos demais dias, de um pano branco de algodão fino como holandá, que vem da Índia. Esta camisa cingem com alguma touca fina ou véu de seda e, algumas vezes, põem sobre ela outra, como vasquinha, com muitas pregas na cinta, mas não branca, senão de outras cores. Trazem calções estreitos que chegam até o pé, e sapatos. Sobre tudo, em lugar de manto, cobrem um pano grande, umas vezes branco como o da camisa, outras de seda com franjas de fio de ouro à roda. Em o pescoço, põem colares de ouro, muito formosos. Outras vezes, de continhas de vidro, entresachados nelas canotilhos de ouro. Em as orelhas, çarcilhos<sup>2</sup> de ouro ou de prata grandes com umas peças do mesmo esmaltadas em lugar de pérolas, se é donzela, e as mais das casadas vão alargando aqueles buracos metendo pouco a pouco<sup>3</sup> coisas mais grossas, e depois põem uns canudos de ouro ou prata dourada fechados por todas as partes e bem guarnecidos, e as de menos sorte metem um pedacinho de pau preto coberto com alguma seda. Quando caminham, levam sobre tudo [fol. 84v] albornozes com muitos botões de ouro, e a cabeça e rosto coberto com uma touca, de maneira que não aparecem mais que os olhos e, em cima, chapéu como de Portugal, de alguma seda, e do véu descem sobre os ombros umas pontas compridas.

Os homens que não eram nobres vestiam antigamente só um pano grosso branco de algodão e, quando muito, punham calções brancos de algodão até meia perna, descalços, e a cabeça descoberta, e não podiam pôr outra sorte de vestido sem licença dos que governavam sua terra. Agora, se têm, podem vestir, não só camisas brancas, mas cabaia de pano e<sup>4</sup> de seda, e pôr touca ou barrete na cabeça. Mas se não estão em o lugar do senhor daquelas terras, e se vão de outra parte a falar com ele a primeira vez que entram, não podem levar cabaia de pano nem<sup>5</sup> de seda, senão só camisa branca ou de taficira<sup>6</sup>, ou sem ela, e cingem na cinta o pano que levam em lugar de capa, de maneira que lhes cubra até perto dos pés, e dali por diante podem vestir o que acharem. O mesmo é dos senhores grandes para com<sup>7</sup> o imperador, a primeira vez que entram a ele quando vêm de outra terra, mas sempre levam camisa, ordinariamente de taficira. Os vilões que lavram a terra ainda agora vestem couro de vaca, que concertam a modo de camuça<sup>8</sup>, sem calção, nem outra coisa nenhuma. Alguns, trazem um pedacinho de pano grosso de algodão, amarrado na cinta, que lhes chega até o joelho, ou pouco mais, e uma pele de carneiro com sua lã às costas, amarrado um pé e uma mão diante do peito. Mas, os<sup>9</sup> domingos e festas, vestem panos grandes de algodão, os que têm, e se vestissem camisas e pusessem toucas e barretes, não teriam pena por isso nem lhes diriam nada, ainda que no reino de Nareâ (segundo dizem) até agora se guarda o costume antigo de não poder variar o traje sem licença do que governa.

As mulheres dos vilões vestem couro como seus maridos e, em algumas partes, uns panos de lã de cinco ou seis côvados de comprido e três de largo, a que eles chamam *mahâc*, e puderam com muita

<sup>1</sup> Ou bertangi: tecido de algodão usado em África e na Ásia.

<sup>2</sup> Ou borzequins: botinas de atacadores.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 72].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: de ouro.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: na cinta.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: na cinta.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>10</sup> Farragoulo: gabão de mangas curtas com capuz e cabeção. Ms. 778 BPB: farragoulos.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: comprido.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>13</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: alto.

<sup>14</sup> Ms. 778 BPB: caiam.

<sup>15</sup> O tufo de cabelo na cabeça rapada das crianças tem a função de as proteger contra espíritos malignos.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 72v].

<sup>2</sup> Cercilhos: peças redondas e achatadas para decorar os lóbulos das orelhas.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: metendo.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: ou.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: ou.

<sup>6</sup> Ou tafecira: tecido grosseiro de algodão indiano, como chita.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com.

<sup>8</sup> O mesmo que camurça. A passagem não é clara; é possível que o autor pretendesse comparar o uso da pele curtida de bovino com o que se faz da pele, mais macia, da camurça.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: aos.

razão chamar «cílício», porque é muito mais áspero que o que vestem os frades capuchos, que em Etiópia não sabem fazer panos, nem serve a lã para isso<sup>1</sup>, que é muito grosseira. E todas andam descalças e, muitas vezes, descobertas dos peitos para cima e, no colo, continhas muito miúdas de vidro de várias cores enfiadas de maneira que têm dois dedos de largura; os cabelos feitos em muitas trancinhas, como acima dissemos, mas, em algumas terras, [fol. 85] as usam muito delgadas e as cortam de maneira que não lhes cubra mais que as orelhas.<sup>2</sup>

Frei Luis de Urreta trata as mais destas coisas em o cap. 23.º de seu 1.º livro. E, falando do governo das cidades, diz assim: *En cada ciudad se eligen seis regidores, cada año diferentes, dos nobles, dos ciudadanos y dos plebeyos, que fuera de ser a su cargo eB aver de mirar por el bien publico, tiene la jurisdiccion ordinaria pera conoçer de las causas<sup>4</sup> tocantes a su calidad. De maneira que los dos nobles no se entremeten en el juizio de los ciudadanos, o plebeyos, ni el reves, con tanto que ni los unos ni los otros juzguen sin acuerdo del corregidor de la ciudad, el qual se elige, cada año de los nobles, una vez de una familia y otra vez de otra, de suerte que igualmente gozen todos el honor y participen del trabajo. Y porque tampoco el corregidor se apassione, no puede juzgar las causas sin asistencia de dos sacerdotes de la parrochia del reo. En el ajuntamiento de los plebeyos, assiste siempre un ciudadano, y en el de los ciudadanos uno de los nobles, pera dar cuenta a los suios de lo que se ha tratado, pera que los nobles lo hagan saber al emperador o aB rey. Esto mismo guardan las personas particulares en quanto al no vender sus bienes muebles sin licençia de los mayores en calidad. Y pera que se evite la gente holgazana, vagabunda y ociosa, ninguna persona puede hir de un pueblo a otro, sin llevar patente de sus<sup>6</sup> juizes de la ciudad de donde sale, y al que le cogen sin ella le prenden y dan cuenta a la ciudad donde viene, y constanding, que es malhechor, o vagabundo, le castigan rigorosamente.<sup>7</sup>*

Isto diz Frei Luis, mas foi por falta de informação, que nenhuma destas coisas se usam nem se usaram nunca, porque não<sup>8</sup> houve nem há tais regedores e corregedor que se elejam cada ano, nem tal modo de governo senão o que acima dissemos, nem é necessário levar patente dos juizes da cidade os que dela vão para outras partes. Cada um anda por onde quer sem que ninguém lhe pergunte nada, nem inquiram dos vagamundos<sup>9</sup>. Somente há uma coisa que, achando-se algum morador do lugar que come e veste bem, sem ter fazenda ou ofício com que possa ganhar aquilo, então o juiz daquele lugar, que se chama *xum*, lhe pergunta quem lhe<sup>10</sup> dá aquele fato e, se acha que ele o furta ou outros lho dão a guardar furtado, o prende e entrega a quem pertence conhecer daquela causa.

<sup>11</sup>Também, no capítulo último de seu 1.º livro, pág. 368, trata o autor de duas cidades que, afirma, tem o Preste João, [fol. 85v] e as faz tão diferentes do que eu aqui tenho dito, que as iguala às mais insignes que há em Europa, pelo que referirei suas mesmas palavras: *Aunque las ciudades de Ethiopia no passen de tres mil casas, se exceptan las dos famosas ciudades, la de Sabba y la de Zambra, que son*

*magnificas, populosas, de grande numero de casas, con edeficios publicos, torres, porticos<sup>1</sup>, agujas<sup>2</sup>, arcos, obeliscos, piramides, lonjas<sup>3</sup>, plaças, templos, palacios, murallas<sup>4</sup>, omenages<sup>5</sup>, y de las hermosas y regaladas que tiene el mundo.<sup>6</sup> La ciudad de Sabba fue la mayor de toda Ethiopia, de mas<sup>7</sup> casas y de mayor numero de vecinos<sup>8</sup>, y la cabeça de todo aquel grande imperio. Fundola la Reyna Sabba, quando bolvio de Jerusalem de visitar el santo templo, y della tomo el nombre y tambien le da al reyno donde esta edificada, porque se llama el reyno de Sabba. Es ciudad muy rica y proveida por los muchos bienes de<sup>9</sup> que la naturaleza y el primor de la arte la dotaron. Tiene famosos templos, altos y apuestos edeficios, sumptuosos palacios, curiosas portadas, gallardos frontispicios de extraordinaria y peregrina arquitectura. El numero de sus casas son quinze mil, grandes y magnificas, las calles muy anchas y espaciosas, y todas ellas con soportales y cobertiços de bobeda, de suerte que se puede andar<sup>10</sup> toda la ciudad por ellos sin que offenda el sol. Los muros son de argamassa bastante alta y tan anchos que puede hir un carro castellano por encima muy holgadamente. Está hermoseada con muchas fuentes, pilares y caños de agoa.*

*Ay junto a esta ciudad muchas minas de oro, venas y betas de plata. Ay muchos jardines, huertas y verges de grande deporte y recreacion, llenos de mil rosas y varias flores, donde la mano industriosa<sup>11</sup> de la naturaleza, ayudada de la artificial del jardinero, se ha señalado tanto que parece que quiso competir con la de Dios en hazer segundo paraíso en la tierra, en contraposicion del otro primero. Los arvoles dan tres veces fruto el año. Los emperadores, en ser eleitos, toman la possession del imperio en la ciudad de Zambra, que al presente es la corte, y luego se parten a ciudad de Sabba, donde los iuran todas las ciudades, pueblos y reyes sugetos.*

*La famosa<sup>12</sup> ciudad de Zambra es la mayor de casas y edeficios que ay en la Ethiopia. Tiene treinta mil casas. Sus bezinos son muchos y de innumerable concurso de gente. [fol. 86] Esta edificada en el reyno de Cafates iunto al gran Lago Cafates, que por esta ciudad suelen llamar<sup>13</sup> el Lago de Zambra. Es illustre ciudad por ser corte de los Preste Joanes, los quales, dexando sus antiguas y ordinarias correrias y peregrinaciones, morando en los campos, baxo pavillones y tiendas, pusieron en esta ciudad su silla y corte imperial, por ser providissima de mantenimentos, sus campos fertiles y muy deleitosos. Sus calles son muy anchas y espaciosas, fuertes y altos muros, <sup>14</sup>sobervios palacios, sumptuosos y magnificos templos. El palacio imperial es de grande magestad y belleza; en el vive el Preste Joan con los primogenitos de los reyes, y la emperatriz, y las 42 hijas de reyes con sus damas, y los del Gran Consejo, con los del Consejo Latino. Esta ciudad se edifico por los años de 1570 por los oficiales y architectos que embio el Duque de Florencia en tiempo del Preste Joan Alexandro III. Esta edificada a lo moderno, con mil primores y bellezas, a la traça de la ciudad de Florencia. Tiene muy buen puerto y muy capaz en la Laguna Cafates.<sup>15</sup>*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: portigos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: agujas. Errata do copista.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: loupas. Errata do copista. «Lonja» é o mesmo que «lógea», ou loja.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: murallas.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: omenagens.

<sup>6</sup> Na enumeração, as variantes correctas são as do ms. Goa 42 ARSI.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: suas.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: bizinos.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: ancar.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: mano.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: pavrosa.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: lhamar.

<sup>14</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 74].

<sup>15</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto (com várias omissões) do livro I, cap. 33, intitulado «De las fiestas y regozijos que se hazen en la Etiopia con leones, y tigres y otros animales fieros, y de las famosas ciudades de Sabá, y de Zambra», pp. 368-72.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 73].

<sup>2</sup> Ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 50-2.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: cousas.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: al.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: los.

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto (com omissões e interpolações) do livro I, cap. 23, intitulado «Del gobierno y regimiento de las ciudades, y la distincion de los vizinos entre si, y algo de las costumbres de la Etiopia», pp. 223-4.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: nem.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: vagabundos.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: lho.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 73v].

Até aqui são palavras de Frei Luis de Urreta. Mas tudo quanto nelas diz é fábula e mera ficção poética, pintada conforme a ideia que quis formar em sua imaginação quem o informou, ou quem escreveu o livro de que ele o tirou, porque, primeiramente, em quantas terras senhoreia o Preste João não há tais nomes de cidades, Sabba e Zambra. Mas pelo que diz da que chama Sabba, que a edificou a Rainha Sabba quando tornou de Jerusalém, parece que será a povoação que agora chamam Agçûm, que está no reino de Tigrê, porque em um livro que, por antigualha se guarda em um mosteiro deste lugar, li eu que a Rainha Azêb (que é a mesma que Sabba, que ambos nomes lhe dão os livros de Etiópia, como declaramos no cap. 2.º) edificou uma cidade cabeça de Etiópia que se chamou Dêbra Maquedâ; e no livro onde está o catálogo dos imperadores da Etiópia se conta que a Rainha Azêb começou a reinar em Agçûm. Mas agora está muito longe de se poder chamar cidade porque, quanto muito, terá cento e cinquenta ou duzentas casas térreas, muito pequenas e tristes, cobertas de palha, e cada morador tem sua cerquinha de espinhos à roda, ainda que alguns poucos a fazem de pedra e barro, ficando-lhes as ruas muito estreitas e [fol. 86v] sem nenhum<sup>1</sup> ordem nem concerto. Nem há nelas fontes, nem outras águas mais que um tanque pequeno e alguns poços e, bom pedaço afastado da povoação, duas ribeirinhas de<sup>2</sup> que não se rega nada. Nem há rasto de jardins e arvoredos; só têm alguns, dentro das cercas de suas casas, parreiras, mas muito poucas.

Os moradores de aquelas terras afirmam que têm por tradição muito certa haver sido antigamente cidade muito insigne e a maior que nunca houve em Etiópia, e as ruínas dos edifícios que ainda agora aparecem dão bem mostra de que foram sumptuosos. E, em um terreiro dentro da povoação, estão hoje em pé treze pedras bem lavradas, algumas como de trinta palmos de alto e uma com muitas molduras, que têm por cada ilharga cinco palmos de grosso e, diante, doze e, de alto, terá cento, com não ser mais que uma só pedra, e parece que acabara em quatro ou cinco palmos com um remate a modo de meia lua com as pontas para baixo. Outras muitas estão caídas e, entre elas, duas bem lavradas com molduras, e uma tem, por cada ilharga, dez palmos de grosso e, diante, dezasseis, de comprido, cento e trinta e cinco, e parece que tinha muitos mais, porque lhe falta grã pedaço da ponta e do pé, está também muito soterrado. É pedra um pouco parda. Outras há <sup>3</sup>pequenas, com muitas letras antigas que agora ninguém sabe ler.<sup>4</sup> Havia um mosteiro mui sumptuoso com muitos frades e igreja mui formosa, mas, porque dela e das demais de Etiópia havemos de tratar no 2.º livro, não me deterei<sup>5</sup> aqui em falar de sua grandeza e arquitectura.

Quanto à cidade que o autor chama Zambra, não pode ser outra senão a que chamavam Gubâi<sup>6</sup>, porque esta foi edificada pelos anos de 1574, perto da grande Lagoa de Dambiâ, mas não por Alexandre III, pois nunca em Etiópia houve Alexandre III, como já dissemos no cap. 1.º, senão por Malâc Çaguêd, porque, ainda que seu pai Adamâs Çaguêd esteve ali muito antes um Inverno, não ficou em forma de cidade até que o Imperador Malâc Çaguêd fez naquele lugar, de propósito, um assento. Nem a edificaram arquitectos de Florença, que, como já também temos dito, não há memória de que viessem nunca a Etiópia, nem os edifícios eram tão sumptuosos e magníficos como o autor os pinta, senão casinhas térreas, baixas e cobertas de palha, como dissemos no princípio deste capítulo que são as de

Etiópia. Nem os muros eram de argamassa, que chunambo não tinham, nem ainda pedra que se pudesse lavar, se não a traziam de muito longe. E, assim, [fol. 87] puseram, de uma banda e outra da cerca, estacas grossas e o meio encheram de rebolo<sup>1</sup> e lama, e não levantaram muito, mas com largura, que podiam andar por cima folgadoamente dois homens de cavalo ombro por ombro; contudo, por a lama ser ruim e ali chover muito, começou a cair antes que se acabasse de cercar tudo, e assim levaram mão da obra e, em pouco mais de dois anos, caiu tudo quanto tinham feito. Só ficou uma cerca pequena de rebolo que fizeram à roda das casas do imperador, que depois também caiu. Agora não sabem dizer quantos vizinhos tinha aquela cidade, mas parece que não haviam de ser mais que os que hoje tem a deste Imperador Seltân Çaguêd, que não cuidou chegar a quinze mil. Esteve ali o Imperador Malâc Çaguêd alguns meses<sup>2</sup> e, depois, se passou para uma terra fria que chamam Aibâ<sup>3</sup>, um dia de caminho dali, e logo se foi despovoando de maneira que não<sup>4</sup> uma só casa ficou<sup>5</sup> naquele sítio, porque no Inverno havia muita lama. Eu fui de propósito a o ver pouco há e está em uma terra que chamam Anfaraz, como duas léguas dos limites de Dambiâ para o Oriente.<sup>6</sup> Ao longo da cidade corria uma ribeira pequena e outras duas grandes não muito longe. E a Lagoa de Dambiâ, que também entra por aquela terra, lhe ficava pouco mais de meia légua para a banda do Sul. Tinha à roda campos muito largos e formosos, em que agora há grandes sementeiras. Quando eu entrei em Etiópia, que foi em Maio de 603, já o Imperador Iacob, filho do Imperador Malâc Çaguêd, tinha tornado a pôr a corte meia légua dali, em um sítio alto que se chama Cogâ, muito melhor que o de Gubâi.<sup>7</sup> E alguns, pela vizinhança que têm com este, o chamam Gubâi Novo. Mas também, como o Imperador Seltân Çaguêd, que lhe sucedeu, se passou para a península que acima dissemos, não ficaram ali senão como cento e cinquenta casas. E ainda esta península ficou agora quase despovoada por fazer o imperador outra cidade nova em uma terra mais fria que chamam Dencâz<sup>8</sup>, pouco mais de um dia de caminho dali que, como dissemos no princípio deste capítulo, em passando o imperador sua corte para outra parte, poucos ficam naquele lugar.

Não teve menos falta de informação o autor em o que diz que os Preste Joões, deixadas suas antigas peregrinações morando em os campos debaixo de tendas, [fol. 87v] puseram sua cadeira e corte nesta cidade, porque, ainda que no Inverno ordinariamente estava nela o imperador, todos os Verões saía às guerras e andava em suas tendas, como fizeram até hoje os que depois dele foram. Também as gostosas e alegres festas, que<sup>9</sup> diz, pág. 373<sup>10</sup>, se faziam perto daquela cidade, a que ia a imperatriz e suas damas em elefantes ricamente ajaezados, e se corriam muitas feras e animais monteses, fazendo que brigassem leões e tigres com elefantes, leões e tigres entre si, cavalos monteses uns com outros, emas e bugios, gatos e onças, e ultimamente touros, nunca tais festas se fizeram em Etiópia, nem se viram elefantes mansos, como já por vezes dissemos [se parecer, pode ficar isto da contradição, pois vai pouco]<sup>11</sup>. E mais em poucas regras no mesmo lugar se contradiz, porque, tratando da ordem com que iam a estas festas, diz que a certo dia saía o Preste João da cidade Zambra acompanhado de mil cavaleiros mui luzidos.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Seixos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: anos.

<sup>3</sup> C. Conti Rossini, «Historia Regis Sarsa Dengel», CSCO-SAE, t. 4, p. 137 (trad.). E.R. Basset, *Études sur l'histoire de l'Éthiopie*, Paris, 1882, p. 112.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: ficou.

<sup>5</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: ficou.

<sup>6</sup> O actualmente arruinado palácio de Ĕnfraz é, provavelmente, posterior à redacção da *História da Etiópia*.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 75].

<sup>8</sup> Ver glossário (Dancas / Dencâz / Dänqâz).

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: ali.

<sup>10</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 33, pp. 366-77.

<sup>11</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: [Se parecer, pode ficar isto da contradição, pois vai pouco].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: nenhuma.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: com.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 74v].

<sup>4</sup> Ver livro I, cap. III, *supra*. Descrição breve, mas reveladora duma observação atenta, dos obeliscos de Aksum.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: detenho.

<sup>6</sup> Ver glossário (Gubâi / Guba'e).

E detrás deles levavam cem cavalos de destro com ricos jaezes, logo muitos elefantes, dromedários, mulas ricamente ornadas, e que tudo se levava detrás do imperador só por grandeza e majestade. Depois se seguia o capitão da guarda imperial e, atrás dele, os primogénitos dos reis em formosos cavalos. Atrás destes, iam os ouvidores do Grão Conselho e, depois de ter passado toda esta cavalaria e acompanhamento, vinham<sup>1</sup> as damas da corte todas sobre<sup>2</sup> elefantes, e no meio delas a imperatriz e, à sua mão esquerda, o imperador. Se o imperador, como ele diz, ia diante e depois se seguia por ordem<sup>3</sup> tão grande acompanhamento e no fim de tudo a imperatriz, mal podia ir à sua mão esquerda o imperador que tão longe estava dela, na dianteira. Mas, seja o que for da contradição, o certo é que tudo o que diz das festas e aparato com que se ia a elas é mera fábula, porque nunca tal coisa houve em Etiópia.

## CAPÍTULO XXI

### EM QUE SE DECLARA ALGUMA COISA DA NATUREZA E COSTUMES QUE TÊM OS VASSALOS DO PRESTE JOÃO

**T**em a gente de Etiópia comumente boas feições no rosto, os corpos fortes e robustos, sofredores sobremaneira do<sup>4</sup> trabalho<sup>5</sup>, fome, sede, calmas, frios e vigias. <sup>6</sup>No entendimento, que é o melhor do homem, não lhes fazem vantagem os de Europa. São de natureza branda e compassiva [fol. 88] que, posto que não faltem homens de agreste e duro coração, como em outras partes do mundo, estes são os menos; os demais são muito bem inclinados e, assim, facilmente perdoam quaisquer agravos e injúrias, por grandes que sejam, ainda mortes de pais, de<sup>7</sup> filhos e irmãos, como eu tenho visto muitas vezes e experimentado<sup>8</sup> em alguns destes perdões em que me meteram que, com não conhecer algumas vezes aqueles a quem ia a<sup>9</sup> rogar, os alcancei com facilidade. E, se ao que pedem que vá rogar, se escusa, ficam muito agravados. E ainda os outros o notam, muito particularmente se pedem isto por amor de Nosso Senhor ou da<sup>10</sup> Virgem Nossa Senhora, porque raramente lhes pediram por eles coisa que não concedam. E, como uma vez perdoam, têm por grande baixeza, e ainda escrúpulo, tornar a falar sobre aquilo. E, assim, os que se reduzem a nossa santa fé se acusam na confissão que tornaram a falar (ainda que fosse com algum seu amigo) sobre o que já tinham perdoado.

São também muito piadosos<sup>11</sup> e liberais com<sup>12</sup> os pobres e, assim, com começarem eles a pedir pelas portas das três horas antes de amanhecer, lhes dão naquele tempo muitas esmolas, por lhes pare-

cer que alguns daqueles não se atreveram a pedir de dia. Depois que amanhece, se assentam perto<sup>1</sup> de alguma igreja ou em rua por onde passa mais gente ou na entrada da cidade, e ali pedem esmola até que os homens grandes comem, que<sup>2</sup> ordinariamente é antes das dez horas de pela manhã e às cinco da tarde, e então, se ajuntam a suas portas e, como acabam de comer, lhes dão o que sobeja. À porta do paço não chegam, porque não é costume dar-se ali esmola, mas faz muitas e mui grandes o imperador<sup>3</sup> porque, demais do que liberalmente dá às igrejas e mosteiros, socorre com abundância aos que sabe têm necessidade, particularmente se são honrados. Demais disto, têm uma pessoa de confiança a que chamam «pai dos órfãos», que todos os anos reparte às viúvas e órfãos que são parentes dos imperadores (ainda que o sejam muito longe) grande quantidade de mantimento das rendas que os vilões pagam ao imperador, a que chamam *colô*<sup>4</sup>, que quer dizer «torrado», porque, ainda que esta renda é muito grande, contudo, como é coisa de mantimento para o imperador, lhe puseram este nome, como se fora alguma cousinha pouca que lhe oferecem para torrar.

Também são mui devotos e assim, com se começarem [fol. 88v] os ofícios em as igrejas, como canta o galo, que será três horas depois de meia noite (que cá nunca cantam os galos à meia noite), como dão sinal que, nas paróquias, é certas pancadas em uns <sup>5</sup>como tambores e, em os mosteiros, com três tabuinhas que têm amarradas pelas bordas e soam muito, ou com umas pedras delgadas e compridas não muito largas e, de longe, parece que tangerem sinos, mas estes não há em Etiópia; só um pequeno tenho visto, e outro que eu fiz trazer da Índia para a nossa igreja. Em dando aquele sinal, se alevantam homens o mulheres e vão à igreja onde podem entrar (que nem em todas entram as mulheres, nem ainda os homens passam de certa cortina se não têm ordens, como adiante diremos), e ouvem os ofícios e rezam, em pé o mais do tempo, ainda que também se assentam. E de nenhuma maneira entram com sapatos, posto que com a cabeça coberta, como em cumprimento do que Deus mandou ao Profeta, *Êxodo* 3, que se descalçasse por reverência e respeito e não que<sup>6</sup> desbarretasse, nem cospem dentro no chão, senão em seus lenços, por reverência das igrejas; e pela mesma coisa, se vêm a cavalo, se apeiam antes de chegarem a elas e não tornam a subir até terem passado um bom pedaço. Os que ficam em suas casas, muitos rezam até amanhecer orações ou *Salmos* de David, ou lêem por *S. Paulo* ou o *Evangelho*, e depois fazem seus negócios. E o que mais é que, quando caminham, seja sós ou indo à guerra, todo homem honrado leva um criado com o livro de rezar e estante de ferro delgado, aforrado de couro vermelho, de modo que se possa dobrar. E como se armam as tendas que, se houveram de pôr a descansar do trabalho do caminho, se assentam logo a rezar, não porque tenham obrigação, senão por sua devoção e ser já costume comum. Em algumas igrejas do império há sepulturas de homens que têm por santos, onde de muito longe vão em romeria<sup>7</sup> com muita devoção; e ainda a Jerusalém vão muitos homens e mulheres, com ser caminho muito comprido e trabalhoso, assim pela muita aspereza como pelas muitas calmas das terras por onde passam. Todos os frades e freiras, e os que têm ordens de diáconos, ainda que sejam homens casados, trazem uma cruz na mão, de prata ou de ferro ou de pau preto, como de um palmo de comprido.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: todas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: por ordem.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: trabalhos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 75v].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: muitas vezes.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: pela.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: piedosos.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: para.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: junto.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: é.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o imperador.

<sup>4</sup> Grão (geralmente de trigo ou centeio) torrado.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 76].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: se.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: romaria.

Sobretudo, são muito dados a jejuns e penitências. Jejuam todas as quartas e sextas-feiras do ano, excepto as depois [fol. 89] da Páscoa de Ressurreição até o Espírito Santo. Comem à tarde quando a sombra tem oito pés, que cá não há relógio, mas serão cinco horas, pouco mais ou menos. Não comem ovos, leite, nem manteiga, senão ervas bem mal temperadas, grãos, lentilhas, favas e outras sementes que têm. E peixe quem o acha, que há muito pouco, senão é na Lagoa de Dambiâ e em alguns rios; e muitos não comem o que não tem escama, pelo costume que lhes ficou dos judeus. Também jejuam alguns dias antes do Natal e quinze antes da Assunção de Nossa Senhora, mas não todos, porque isto é por devoção. Em a Quaresma, jejuam todos e não comem até posto o sol, nem bebem gota de água, ainda muito dos<sup>1</sup> que são doentes e alguns, particularmente frades, estão dois dias e mais sem comer<sup>2</sup>. Os sábados não jejuam, mas em lugar deles jejuam sete dias antes que entre nossa<sup>3</sup> Quaresma, começando da segunda-feira depois da Sexagésima; e alguns, por mais penitência, comem umas sementes amargas e ainda erva babosa. Sua Páscoa, umas vezes cai no mesmo dia que a nossa, outros oito dias depois e, algumas, um mês, como sucedeu no ano de 1617, que nossa Páscoa foi a 26 de Março e a sua na lua seguinte.

Outras muitas penitências fazem os frades na Quaresma, e, entre elas, estar muito tempo em pé em oração (que de joelhos não costumam) e, quando muito, se encostam à parede ou sobre seu báculo, se cansam demasiado. E ainda diz a história de um frade, que se chamava Taquelâ Haimanôt, que poremos no livro 2.<sup>o</sup><sup>4</sup>, que esteve muitos anos em pé, dentro de uma casinha, sem se encostar a uma nem a outra parte, e em um pé sete anos. Também afirmam que, antigamente, alguns frades dos que estavam em os desertos (que então eram muitos) se metiam em umas árvores que há, muito grossas e lisas até o alto, a que chamam *demâ*<sup>5</sup>, fazendo desta maneira: pregavam estacas no tronco uma acima de outra (que o podiam fazer facilmente, por ser esta árvore dentro branda) e por ela<sup>6</sup> subiam até altura que pudessem ficar seguros das feras, e ali cortavam e faziam um buraco a modo de casinha quanto podia caber um homem, e nela se metia um frade e não saía mais; outros lhe davam de comer até que se fechava aquela casinha (que por dentro se torna a encher muito depressa) e assim o ia apertando, até que ficava ali morto e sepultado.

As penitências que dão aos seculares em confissão, ainda [fol. 89v] que sejam muito grandes por culpas leves, as aceitam e cumprem de boa vontade, posto que muitos não se sabem confessar, porque não especificam os pecados, senão dizem somente: «Pequei, errei.» E, quando muito, declaram algumas coisas e, tudo o demais que têm, fica, mas é porque não os ensinam que todos os pecados houveram de confessar muito bem, como outros fazem, e ainda alguns desejam tanto de se salvar que, publicamente, confessam seus pecados, por grandes que sejam, como me afirmaram<sup>7</sup> alguns portugueses, que viram ao penúltimo *abuna* que cá veio, assentado em sua cadeira e, de uma e outra banda dele, muita gente em pé e, pelo meio, vinham outros, um e um e, chegando perto dele, dizia em alta voz seus pecados, e, se algum era grave, dizia o *abuna*: «Isto fizestes?» E, alevantando seu báculo, lhe dava nas cos-

tas três ou quatro muito boas, e mandava logo a dois homens, que ali tinha, com correias compridas, que lhe dessem trinta ou quarenta açoutes, como melhor lhe parecia. E, como lhe começavam a dar, rogavam os outros que lhe perdoasse, e assim o mandava deixar; mas, se seus pecados não eram graves, lhe dava outra penitência.

Quanto dos<sup>1</sup> costumes, não referirei mais que alguns, por não cansar ao leitor com muitas coisas que têm de pouco momento. As cortesias de que usam, quando se encontram homens grandes, são baixarem as cabeças e, algumas vezes também, pôr a mão direita no peito sem descobrirem as cabeças de nenhuma maneira, ainda que tragam barretes ou chapéus. E o que primeiro fala diz: *Chêr âlu*, que propriamente<sup>2</sup> quer dizer «Bem estão»; que, ainda que seja um, lhe fala em plural, por cortesia. Ele responde: *Chêr cebahât la egziabehêr*: «Bem, glória a Deus.» E logo também pergunta ao outro com as mesmas palavras<sup>3</sup> se está bem, ou dizendo: *Mininhâ âlu, scilicet*: «Como estão?» E, alguma vez, o primeiro que fala, diz: *Biçôn ayaûl*, «Seu contrário não permaneça». Em esta palavra «contrário» se entende não somente inimigo, mas todo<sup>4</sup> género de mal, porque *biz* quer dizer «mau». Desta palavra em plural está obrigado a usar o que não é tão nobre como aquele com quem fala, mas os iguais, ainda que sejam homens grandes, muitas vezes se fala um ao outro por uma palavra, particularmente os muito amigos. E não somente há-de falar em plural o menos nobre, mas há-de baixar o pano que traz em lugar de capa, de maneira que descubra pelo menos um ombro; e tal pode ser o senhor com quem fala, que tenha obrigação de descobrir ambos os ombros e ainda cingir [fol. 90] o pano na cinta, e o mais nobre responde: *Chêr alêc?* «Estais bem?» E quando vão visitar uns a outros, ordinariamente tiram os sapatos na entrada da casa e, se o senhor ou senhora dela é parente do imperador, cingem também os panos na cinta, como dissemos que fazem no paço do imperador, e, quando saem, dizem: *Bafeçâ yau-leô*, «Com alegria permaneça»; também dizem: *Baheieât carû*: «Com vida fiquem». Outras maneiras têm também de falar, mas estas são as mais comuas<sup>5</sup>. Ao imperador não lhe dizem nada, quando chegam diante dele os senhores e senhoras, e sempre acostumam de entrar (se não for alguma parenta muito chegada e confiada, particularmente se é já mulher de dias, que lhe diz: *Biçôn ayaûl*, «Seu contrário não permaneça»); só baixam as cabeças e ficam em pé no lugar que conforme a sua nobreza lhes cabe, assim as senhoras como os senhores, até que o imperador as manda assentar. A elas, ordinariamente, as têm muito pouco em pé, mas aos senhores, por grandes que sejam, devagar os manda assentar e em cadeira por nenhum caso, senão no chão, sobre alcatifas; e ainda isto não se usava dantes, porque nenhum senhor se assentava diante do imperador. Mas pelos anos de 1597 se começou a introduzir, por ser o Imperador Iacob pequeno.

Também quando algum senhor vem de fora da corte, ou seja chamado ou não, chega à porta do paço e manda recado pelo porteiro-mor ou por algum seu amigo (que sem licença não pode entrar), desta maneira: Foão diz ao *aceguê*: *Biçôn ayaûl*, «Seu contrário não permaneça». E se o imperador manda que entre, o chamam; e, chegando, lhe beija a mão ou o joelho<sup>6</sup> sem dizer nada e se afasta pouco ou muito, conforme a sua nobreza. Logo, o imperador lhe pergunta alguma coisa, ou ele, espe-

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: dos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: e mais.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 76v].

<sup>4</sup> Ver livro II, cap. XIX, *infra*. Nesse capítulo, autor apresenta uma tradução abreviada do relato hagiográfico sobre o monge etíope Täklä Haymanot (c. 1214-1313).

<sup>5</sup> Trata-se, talvez, do baobá. Ver livro I, cap. XXV, p. 228.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: elas.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: confessaram.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: aos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 77].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com as mesmas palavras.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: comuns.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: e ajoelha.

rando um pouco, torna a chegar e fala algum negócio, se tem. Mas, se o imperador, quando lhe dizem que está ali aquele senhor, não responde (que, ordinariamente, dissimula por grande espaço), fica ele esperando à porta até que lhe dê licença. E, se for vice-rei (o qual comumente não vem, senão chamado), fica na porta da primeira cerca e manda recado ao imperador, e ele envia logo pelo menos dois homens grandes e algumas vezes quatro, e dizem-lhe: «Diz o imperador que seja boa vossa vinda,<sup>2</sup> que entreis.» Eles também o saúdam e se tornam, e ele vai detrás e espera outra vez na porta da segunda cerca (que sempre o paço tem duas) até que venham outros a lhe dizer que entre, e com estes vai e beija a mão ao imperador e fica em pé falando, até que o despede ou manda que se assente. Quando o imperador manda recado de palavra ou carta fora da corte, aquele para quem vai, por grande que seja, sai [fol. 90v] fora da porta de sua casa e cinge o pano para ouvir o recado e tomar a carta.<sup>3</sup>

O imperador, ordinariamente, está assentado em algum esquife lacreado<sup>4</sup> ou dourado, como este tem, umas vezes com formosas cortinas ou pavilhão de seda, outras sem elas, e sempre tem quatro ou seis colchas: uma chega com a borda perto do chão; outra pouco mais alta; e assim as demais, de maneira que de cada uma apareça um pouco, e a última sempre é de seda muito rica; e um ou dois coxins de brocado ou de veludo em que se encosta. Mas no esquife dourado, ordinariamente, estão as colchas em cima sem cair quase nada para baixo, porque têm rodapé de brocado ou de veludo com franjas de fio de ouro. Este é seu trono, posto que, às vezes, também se assenta em cadeira alta de espaldar de damasco ou veludo, com franjas de fio de ouro e pregos dourados, como já temos dito. Todos os senhores se assentam no chão sobre alcatifas, ainda em suas casas, porque raramente se assentam em cadeiras, e assim sempre comem no chão sobre umas tábuas redondas com a borda de dois dedos de alto e, com serem de uma só peça, há algumas de oito palmos. A esta mesa chamam *gabêta*<sup>5</sup> e não põem sobre ela toalha nem guardanapo, senão umas apas<sup>6</sup> muito delgadas de trigo ou de outras sementes que cá há e, sobre elas, os pratos com o comer e pão, como o nosso, de trigo. Comem toda a sorte de carnes, vacas, carneiros, cabras, galinhas, perdizes, excepto porcos, que muitos não os comem, e às lebres e coelhos, ninguém. E das melhores iguarias para alguns é a carne de vaca crua que, acabando-a de matar, a põem na mesa e, dando-lhe alguns golpes, lhe botam em cima seu mesmo fel, e logo vão cortando e comendo. E dizem que lhes sabe muito bem, tanto que os mais não deixarão este comer por nenhum caso, ainda que lhes custa muito caro, porque se lhes criam no estômago uns bichos delgados, como lombriças compridas, que lhes fazem muito mal, se não tomaram cada dois meses<sup>7</sup> um fruto de uma árvore que chamam *coçô*, a coisa mais amargosa que parece<sup>8</sup> pode haver e tão forte, que, se se descuidam acrescentando na medida, morrem muitos e alguns botando sangue pela boca; e que os bichos lhes venham de comer esta carne crua, dizem-no eles mesmos. E se vê claro, porque os filhos dos portugueses antigos, os mouros e judeus que a comem têm também esta doença e, se não a comem ou a deixam depois de algum tempo, não têm aqueles bichos, <sup>9</sup>nem tomam a mezinha. E este Imperador Seltan Çaguêd,

que deixou de comer esta carne crua, há já muitos [fol. 91] anos que sarou desta doença; e o príncipe mais velho, que se chama Faciladâz, nunca a teve porque, como me disse o imperador, nunca quis nem provar a carne crua.

Não há açougues, somente na corte do imperador matam cada dia algumas vacas fora da cidade, no campo, e ali vai a comprar a gente ordinária, não por peso, senão a olho, fazendo quinhões. Os que podem, matam em sua casa as vacas ou carneiros que têm necessidade, e cozem também nela o pão que hão-de comer, porque não há padarias, senão algumas mulheres pobres que levam à feira algum pão de que não comprem os homens honrados. Sua bebida é vinho que fazem de mel<sup>1</sup>, e algum é tão forte como o de uvas, mas dura pouco, quando muito um mês e logo se azeda. Também há outra sorte de vinho ou *çabexas*<sup>2</sup>, que fazem de milho e cevada e de outras sementes<sup>3</sup>, que não há em Espanha e isto bebem comumente os que não podem alcançar vinho de mel, que de uvas quase nunca o vêem, como adiante diremos. E assim, há muitos taberneiros que o vendem, não por miúdo, senão por cântaros, porque custa pouco; e, quando caminham, se acha a cada passo, por estarem os lugares muito perto uns dos outros. Mas o vinho de mel raramente se acha, senão nas cidades; e assim, os senhores, quando caminham, levam mulas ou bois carregados de<sup>4</sup> uns cornos muito grandes cheios deste vinho, e mel para o fazer. E se o caminho há-de ser comprido, em qualquer lugar que chegou a se agasalhar de noite, lhes hão-de dar pouxada e tudo o necessário para comer de graça, conforme a qualidade das pessoas, que também aos homens baixos agasalham desta maneira, coisa de grande opressão para os vilões, que eles são os que têm esta obrigação; mas em as cidades não se usa isto: cada um come à sua custa.<sup>5</sup> Suas jornadas comumente<sup>6</sup> são curtas, mas quando lhes releva, as fazem não menos compridas como em Espanha; e não falam por léguas, porque não dividem os caminhos com semelhante partição, senão por dias.

O modo que, comumente, têm de comprar e vender, é trocar umas coisas por outras, como mantimento por manteiga ou panos de algodão ou por pedras de sal, que cada uma tem oito dedos de comprimento e dois e meio de largo, pouco mais ou menos, e com estas pedras se acha melhor o que querem que com ouro em muitas partes, e valem mais ou menos conforme a maior ou menor distância da parte onde se cortam (que só em uma terra se tiram, ainda que em outras há sal miúdo). Aqui na corte, onde vêm de dezasseis ou dezoito <sup>7</sup>dias de caminho, trinta e dois valem um cruzado, e algumas vezes mais,<sup>8</sup> [fol. 91v] outras menos, e estas lhes servem de moeda, que cá não se bate nenhuma. O ouro dão por peso feito em pedacinhos e o ordinário peso chamam *oquêa*, que são oito venezianos de peso justamente, e meia *oquêa*, e daqui vão diminuindo até peso muito pequeno. Para o algodão, também têm seu peso, e os panos que fazem dele, e as sedas e roupa que lhes vêm de fora, medem por côvados; o mantimento, mel e manteiga com certas medidas. Os campos não os lavram de nenhuma maneira, senão com bois e põem-lhes o jugo no pescoço da mesma maneira que em Espanha os põem às mulas, e assim cansam muito e lavram pouco. Carros não usam, nem a terra é para eles, por haver muitas serras ásperas e as planícies, no Verão, comumente estarem cheias de fendas e aberturas muito grandes. As armas de que

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 77v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>3</sup> M. de Almeida abordou, muito brevemente, o mesmo assunto (ver *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, p. 49).

<sup>4</sup> Cor de lacre.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *gabêta*.

<sup>6</sup> Bolo circular chato. O autor refere-se à *injera* (*enğāna*), espécie de crepe de grande dimensão, geralmente feita do grão de um cereal indígena chamado *tef*.

O termo «apa» entrou no léxico português por adopção do étimo dravidiano «appam» (Dalgado, *Glossário*, 1982, ol. I, p. 47).

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: antes.

<sup>8</sup> Omito no Ms. 778 BPB: parece. Sobre o «coçô» ou *kosso*, ver p. 119, nota 7.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 78].

<sup>1</sup> Hidromel, ou *tāj*.

<sup>2</sup> Leia-se: cerveja. Omito no Ms. 778 BPB: ou *çabexas*.

<sup>3</sup> Bebida local fermentada, ou *tālla*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: com.

<sup>5</sup> Ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 53-5.

<sup>6</sup> Omito no Ms. 778 BPB: comumente.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 78v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: e.



usam são arcos e frechas comumente ervoladas<sup>1</sup>, espadas e lanças compridas, e outras mais curtas, que arremessam, e umas macinhas<sup>2</sup> de pau muito duro, com que atiram de longe. Agora têm muitas espingardas, que antigamente não havia, mas rebentam muitas vezes por não saberem temperar bem o ferro. Não sabem fundir artilharia, nem ainda aproveitar-se de oito cameletes<sup>3</sup> que primeiro tomaram aos turcos. Têm também armas defensivas, como capacetes e<sup>4</sup> saias de malha, adargas brancas e pretas de couro de búfaras<sup>5</sup> muito fortes. Os atabales são de cobre e alguns de pau cobertos com couro de vaca e outros como a<sup>6</sup> tambores. Têm trombetas, charamelas (ainda que não tão boas como as nossas), violas e outros instrumentos a modo de harpas, com que fazem arazzoada música.

O modo que têm em seus casamentos e as cerimónias de que usam neles, tocámos acima no cap. 15.º e declararemos mais compridamente no 2.º livro. Só diremos aqui brevemente o costume que têm em suas heranças, quando morre o marido ou a mulher. Se, quando um homem casa, foi com condição que, morrendo ele, a mulher leve o terço do fato ou menos, com isso sai, e certa coisa mais que lhe julgam, conforme ao fato que houver por que rapa a cabeça. E o pai e a mãe do morto herda<sup>7</sup> todo o demais, não tendo filhos o defunto; e, se não fizeram concerto, os pais do defunto levam tudo, excepto o que lhe julgam por rapar a cabeça e aquilo com que ela entrou. Mas se o marido não tinha já pai nem mãe, ainda que tenha irmãos, ela leva tudo. Quando ficaram filhos, a mãe toma dois quinhões do fato e o filho primogénito outros dois e cada um dos outros filhos um quinhão, como se <sup>8</sup>morrendo um homem deixasse três filhos e seiscentos cruzados de fato, então a mulher leva duzentos e o filho primogénito outro tanto e cada um dos outros dois filhos leva cento.

[fol. 92] Antes que se façam partilhas, se toma do monte mor<sup>9</sup>, não somente o que se gastou o dia do enterramento em esmolas, que as fazem conforme a sua posse, senão o que se há-de dar depois, porque aos sete e aos dez dias dão alguma coisa ao prior do mosteiro ou igreja onde se enterra e aos frades que sinalam para que, por trinta dias, rezem os *Salmos* de David e outras orações, e, no último, matam vacas, se era homem rico, e lhes dão de comer a eles e a quantos pobres se juntam; e, aos quarenta dias, levam muitas candeias e incenso à igreja, e matam muitas mais vacas e dão grandes esmolas; também dão aos oitenta dias e quando se cumpre o ano, mas não tanto; e a isto chamam *tascâr*<sup>10</sup>, que quer dizer «lembrança». E com se lembrarem tanto dos defuntos, com tudo isso muitos negam o Purgatório, como diremos no livro 2.º.<sup>11</sup>

O dó<sup>12</sup> de que usam por pai ou mãe, marido ou mulher, é raparem as cabeças, até os criados da casa, e a mulher e criadas amarrarem pela frente uma tira comprida de pano branco muito fino de algodão, que lhes vem da Índia, de pouco mais de dois dedos de largo e ambas as pontas lhes caem sobre as costas; o vestido é preto e trazem-no um ano. Os parentes vestem azul, ainda que alguns, que querem mostrar mais sentimento, também vestem por alguns dias preto e rapam as cabeças, mas não é obriga-

ção. E ordinariamente fazem grandes extremos<sup>1</sup>, botando-se no chão de golpe, e dão tais quedas que eu conheço um que esteve para morrer e outro que ficou aleijado para toda sua vida; as mulheres arrancam os cabelos e arranham o rosto até lhe correr o sangue; e ainda alguns dos do reino de Gojâm, a que chamam *gafates*, se ferem na cabeça e nos braços com facas. Choram com grandes vozes, de<sup>2</sup> um pouco antes de amanhecer até às oito ou nove horas,<sup>3</sup> isto por muitos dias, e o mais do tempo estão em pé batendo com as mãos e, algumas vezes, dando nos peitos, e tomam alguma coisa do vestido ou das armas do defunto e amostram, dizendo tantas coisas, que não podem deixar de chorar os que os ouvem. Uma vez fui a um destes choros, por ter muita obrigação ao defunto, que era grande defensor de nossa santa fé e chamava-se *Abeitahûm* Bêla Christôs, primo do imperador, pelo que ele mandou armar no terreiro do paço sua tenda imperial, que é muito grande, e ali se juntaram todos os senhores e senhoras da corte e trouxeram as armas e cavalo [fol. 92v] ajaezado do defunto, coberto com um pano de dó e o puseram de frente da tenda e alguns de seus vestidos dentro. E logo veio o imperador coberto<sup>4</sup> de dó e assentou-se no chão sobre alcatifas, tendo à roda cortinas pretas; e, na entrada do imperador, começou a mulher do defunto fazer grande pranto e todos choraram por muito<sup>5</sup> espaço, mas assentados. Depois se levantou uma mulher já de dias e, tomando na mão esquerda<sup>6</sup> uma gorra do defunto, a alevantou em alto, dizendo com muitas lágrimas: «Onde está agora aquele príncipe que trazia em sua cabeça esta gorra? Que foi daquele grande e valoroso capitão, a quem na guerra ninguém passava diante e nas letras não tinha igual?» E, desta maneira, foi dizendo tantas coisas que, por mais duro que fora o coração, o fizera enternecer. E assim todos, até o imperador, derramavam muitas lágrimas, o que durou até perto do meio dia.

[fol. 79v] Pouco tempo depois, me achei à morte de um príncipe, filho deste imperador. Era já de vinte anos, e estive à sua cabeceira, ajudando-lhe o melhor que pude naquela hora e muito tempo antes, por o imperador mo ter encomendado. E, como expirou, que já era alta<sup>7</sup> noite, armaram a tenda e, no meio dela, puseram o corpo em um lugar alto com tochas à roda, e, pouco depois de meia noite, veio o imperador, coberto de dó, com todos os grandes, e fizeram extraordinário pranto até que amanheceu, que o levaram a enterrar a um mosteiro que está em uma ilha da Lagoa de Dambiâ, onde agora se enterram os imperadores<sup>8</sup>. Iam todos cobertos de dó e levavam diante as bandeiras e atabales do imperador, tangendo a som de tristeza, e por muitos dias choravam na corte e sempre mostravam alguma coisa do defunto, como fez aquela mulher. Mas o imperador não saiu em público senão naquela noite, posto que, em sua câmara, chorava sempre muito, porque lhe tinha grande amor. E assim dizia, estando um seu muito<sup>9</sup> privado e eu sós com ele: «Quem me dera, meu filho, morrer eu antes que vós», e outras coisas em que mostrava bem a dor e tristeza grande de seu coração.

Concluiremos<sup>10</sup> esta matéria, deixando outros muitos costumes, como um que têm alguns cristãos e é que, como acaba de morrer o homem ou mulher daquela casta, antes que se esfrie o corpo, lhe que-

<sup>1</sup> Envenenadas, com veneno vegetal.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: machadinhas.

<sup>3</sup> Peça de artilharia de pequeno calibre.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: búfaras.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: herdam.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 79].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: maior.

<sup>10</sup> Ver glossário (*tascâr / tázkar*)

<sup>11</sup> Particularmente no cap. XVI.

<sup>12</sup> O luto.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: sentimentos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: desde.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: vestido.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: grande.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: esquerda.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: muito.

<sup>8</sup> Ver também, livro II, cap. XVI, *infra*.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: grande seu.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: Concluímos.

bram os ossos dos braços e das pernas e o fazem como uma bola e assim o amortalham e enterram, e se riem muito e zombam dos outros, dizendo que enterram os defuntos assim como ficam, quando morrem ao comprido, como se fosse um pau.

[fol. 93] Do que temos dito, se vê como Frei Luis de Urreta não teve certa informação de algumas destas coisas, pois diz no cap. 23.º de seu 1.º livro<sup>1</sup>, onde as trata, que, em cada cidade, tem o imperador muitas terras para trigo e grãos, que se cultivam e semeiam à sua custa e, tudo o que se recolhe, manda repartir por pobres, mosteiros e igrejas, sem ficar para ele coisa alguma. Isto não corre desta maneira, porque o mantimento que se reparte aos pobres, que ordinariamente hão-de ser viúvas e órfãos parentes dos imperadores, e alguma vez pode ser que se dê a mosteiros e igrejas (que será raramente, porque eles têm suas terras), não é senão da renda que os vilões pagam ao imperador, que chamam *colô*, *scilicet* «torrado», como acima dissemos, e nem a décima parte desta renda se reparte. E tudo o demais gasta o imperador com os embaixadores que vêm de fora, que dali lhes manda dar para eles e sua gente e cavalgadas, com alguns soldados que não têm terras bastantes, e no demais que ele quer. Também a cor amarela não é infame (como ele diz) porque, ainda que os senhores comumente folguem mais com outras cores, algumas vezes vestem desta e muitos frades e freiras também vestem amarelo. Diz mais que os inferiores, por cortesia, tiram o barrete<sup>2</sup> aos superiores, como são o imperador e homens grandes; e, como em Espanha dizem *merced*, cá dizem *quisquis*. Mas nem tira ninguém<sup>3</sup> o barrete a outro, por mais grande que seja, <sup>4</sup>nem em quantos modos<sup>5</sup> têm de falar há tal palavra *quisquis*. Nem ainda<sup>6</sup> comem em mesas altas, como ele diz, nem, como afirma, se enganaram os que dizem que comem cá carne crua, porque com ela folgam<sup>7</sup> muito. E assim, aos senhores lhes matam a vaca pouco antes que a hajam de comer e, não a hão bem acabado de esfolar, quando já lhes levam a carne à mesa, que, se esfria, não folgam tanto. E não é isto encarecimento, nem coisa de ouvidas<sup>8</sup>, senão que eu o tenho visto muitas vezes. Também diz que primeiro não sabiam que coisa era vidro, mas que depois que o duque de Florença D. Francisco, entre outros oficiais, lhes mandou vidreiros, já o usam e se servem dele; e que têm oficiais que concertam a lã e tecem muitos bons cordilates, anascotes<sup>9</sup> e as mais coisas que se costumam fazer da lã. Porém, cá não há tais vidreiros nem outros vidros, senão o que lhes vem do Cairo e da banda de Arábia, que é muito pouco, nem sabiam de que se fazia. E assim, alguns grandes me perguntaram, diante do imperador, que coisa era. Nem sabem fazer os panos de lã que diz, senão aqueles que no capítulo precedente dissemos, que vestem algumas mulheres pobres, que mais se podem chamar cilícios que panos. Também diz que os filhos varões [fol. 93v] primogénitos de todas as famílias sucedem em todo o fato de seus pais, com cargo de alimentar seus irmãos menores a juízo de vigário de sua paróquia e de dois parentes, mas não corre desta maneira, porque todos levam suas porções na forma que acima dissemos.

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 23.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: os barretes.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: a outro.

<sup>4</sup> Engano na paginação do ms. que passa do fol. 79 para o fol. 90. Ms. 778 BPB: [fol. 90/80].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: ainda.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: com ela.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: ouvidos.

<sup>9</sup> Pano fino de lã cruzada.

## CAPÍTULO XXII

EM QUE SE DECLARA SE EM ETIÓPIA HÁ SEMINÁRIOS E COLÉGIOS  
PARA ENSINAR MENINOS E MENINAS, E UNIVERSIDADES ONDE  
SE LEIAM AS CIÊNCIAS

Muito grandes e bem ordenados colégios e seminários para o ensino dos meninos e meninas, e universidades onde se lêem as ciências, em Etiópia pinta Frei Luis de Urreta, no cap. 24.º de seu 1.º livro, e põe aos etíopes entre as nações que mais se esmeraram na criação da juventude, por estas palavras: *Entre todas las naciones que mas se señalaron en la criançã<sup>1</sup> y educacion de los niños, fueron los ethiopes. Pues no solo en tiempo de la gentilidad y de la primitiva Iglesia tenian collegios y seminarios pera la enseñanza de la juventud, pero aun oy en día, con maior rigor que nunca, se guarda esta<sup>2</sup> costumbre. Y assi en todas las ciudades del imperio ay fundados seminarios y collegios<sup>3</sup> cada uno de tres quartos diferentes: uno pera los nobles, otro pera los ciudadanos y otro pera los plebeyos. El uno destos seminarios es pera la enseñanza de los niños y el otro pera la enseñanza de las niñas. Este tiene su sitio dentro de la ciudad, y aquelle de los niños, fuera della medio quarto de legoa. A este llaman el lugar de las virgines y aquel<sup>4</sup> de la sabiduria. En este biven todas las hijas de vezinos desde diez años hasta veinte<sup>5</sup>, y en aquel todos los hijos desde ocho hasta diez y seis<sup>6</sup>. Desta salen las donzellas, unas pera monjas y otras pera casadas y otras pera servir en las casas, y de aquel los mancebos, unos pera tomar estado y otros pera servir al emperador o rey en la corte o en la guerra, conforme a la qualidad y obligacion de cada uno. Y al fin, en ambos se enseña la doctrina christiana y lo demas que han menestrer, como a los varones, letras y las demas artes a que se inclinan y requiere su calidad, y a las mogeres sus labores y otros exercicios, segun el uso de la tierra. Pera esto, los unos y los otros tienen sus ayos y maestros, aunque son diferentes los mestres de los nobles de los que enseñan a los ciudadanos. Y todos estes biven apartados de los maestros de los plebeyos. De manera que cada qual se gobierna por los de su calidad, sin que los unos se entremetan con [fol. 94] los otros, salvo que, de los nobles, ay quatro cavalleros y quatro matronas superintendentes, ellos del seminario de la sabiduria y elas del otro de las virgines, que tienen absoluto poder sobre los ciudadanos y plebeyos.*

*Los medicos son muy estimados en toda la Ethiopia, y la gente que goza de mas privilegios en todo el imperio, porque estando todos obligados a dar de tres hijos uno pera la guerra, la qual obligacion tambien tienen los reyes<sup>7</sup>, solo los medicos estan exemptos desta obrigacion tan rigurosa. Tambien pueden passar por la ciudad cavalleros en elephantes, la qual cavalleria solo la pueden hazer los emperadores, prelados, sacerdotes y virgines. Pueden poner beccas al cuello<sup>8</sup>, que es habito proprio de los corregidores. Son libres de todos los pechos, tributos y imposiciones del imperio. Finalmente es la gente<sup>9</sup> mas franca y libre, y la mas estimada de todos. La razon es, porque no se estudia<sup>10</sup> outra sciencia em publico sino la medicina, pera cuya enseñanza ay*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: criacion.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: este.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: fundados.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 90v/80v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: vinte.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: dezisseis.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: reys.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: al cuello.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: la.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: ensiña.

*siette Universidades generales en la Ethiopia. El ser estudiante no va a la voluntad de cada uno, sino que va por eleccion, porque de cada ciudad y villa los regidores señalan tres mancebos, los de mejor entendimiento y habilidad que se inclinen a letras, y han de ser de los nobles, y solos estos van a las Universidades y cursan muchos annos, porque aprenden no solo medicina, sino la cirurgia y boticaria; y cada uno es medico, boticario y cirugiano. Y como son tan estimados y tan honrados, y los estudiantes van por eleccion, estudian de veras, porque si no tambien les quitan el estudio y embian otros en su lugar. Son sustentados a costa de las ciudades que los embian. Salen desta suerte famosissimos medicos y en particular grandes herbolarios, por las muchas yerbas muy medicinales que ay.*

*Los estudiantes, despues<sup>1</sup> que han acabado sus cursos pera dotorarse (que llaman ellos hazerse<sup>2</sup> filosofos), los examinan los doctores que estan senalados en las Universidades, y aprovandolos, les dan la carta del examen. Y con ella van al convento de<sup>3</sup> Alleluyia y de Plurimanos de la Orden de S. Domingos, donde, acompañados de<sup>4</sup> parientes, en las iglesias de los monasterios salen los frailes y el prior le viste una cugulla<sup>5</sup> negra con sus [fol. 94v] mangas como de frayle<sup>6</sup> Benito. Y luego le haze jurar obediencia a la Iglesia romana y al concilio de Florencia<sup>7</sup>, en tiempo de Eugenio 4.º. Hecho el juramento, le ponen al cuello una como estolla de tella de oro con sola una caida, como escapulario, que cae delante por los pechos con las armas del emperador en ella, y con esto queda doctorado.*

*La santa theologia non se lê en las universidades, sino en los monesterios de religiosos dominicos y de S. Anton, y en los las iglesias de los<sup>8</sup> clerigos. Solo la estudian los ecclesiasticos. El modo de leer es en su lengoa natural<sup>9</sup>, y el texto que comentan, como entre nos otros S. Thomas o el maestro de las sentencias, son<sup>10</sup> los 4 concilios generales, que los doctores suelen llamar otros 4 Evangelios, que son el Concilio Niceno y el Concilio Constantinopolitano y el Concilio Ephesino primero y el Concilio Chalcedonense. Y assi como entre nos otros dezimos: «Tal Doctor lee la 1.ª parte de S. Thomas o la 2.ª question tal, o el primero o 2.º de las sentencias, distinction tantas», assi ellos dicen: «Tal maestro lê el Concilio Niceno, o Ephesino, canon tantos.» Las partes de S. Thomas, traduzidas en su lengoa con el libro de Contra Gentes, tienen los padres dominicos y las estudian, aunque su estillo ordinario de leer es por los Concilios. Leen la Sagrada Escripura, la qual esta en lengoa chaldaea, la qual aprenden, como aquá el latin, los que son de Iglesia y en la Escripura hazen mas fundamento.<sup>11</sup>*

Até aqui são palavras do autor, mas quase em todas estas coisas teve tão ruim informação, como nas demais que até agora vimos. Porque, primeiramente, não há nem houve nunca, em as terras de Etiópia que senhoreia o Preste João, tais seminários de meninos e meninas, que, posto que muitos façam ensinar seus filhos e filhas a ler e alguns também a escrever, não é naquela forma, mas cada um como quer dá seu filho a algum frade que o ensine e lhe paga muito bem, e o frade, ordinariamente, junta seis ou oito<sup>12</sup>, e os tem em sua casa, que os frades não moram em mosteiros fechados como os das nossas ter-

ras, senão cada um em sua casa perto da igreja, comumente, e alguns também longe, posto que antigamente muitos moravam dentro de uma cerca, em casinhas afastada uma da outra e ainda agora há algum rasto disto. Ali estão os meninos sempre com o frade, e seus pais lhe dão tudo o necessário e eles ensina ler e algumas vezes escrever, e lhes faz aprender de cor os *Salmos* de David, <sup>1</sup>e para isto se levantam antes de amanhecer; e, quando lhe parece, dá licença para que vão a folgar [fol. 95] a casa de seus pais e, como acabam de aprender de cor os *Salmos* e sabem bem ler e, se haviam, também de escrever, pagam o que concertaram e vão para suas casas; e, se a algum há-de declarar S. Paulo ou outro livro, se não-de concertar de novo, com diferente paga.

Os filhos dos senhores grandes, muitas vezes, não estão desta maneira em casa dos frades para aprender, porque ao frade, que o senhor escolhe por mestre para seu filho, o leva a sua casa. E ali come e está quase de ordinário, para melhor poder ensinar ao menino; e o mesmo modo guardam com as filhas, que os mais dos senhores as fazem aprender, não somente ler, mas que entendam S. Paulo e o *Evangelho*, porque toda a Escripura está em muito diferente língua da comua<sup>2</sup>. E assim, ainda que saibam ler, não a entendem se não lha declaram, como entre nós o latim; e, por isto, têm frades em suas casas que<sup>3</sup> as ensinam, que de clérigos não fazem muito caso. E, ordinariamente, os frades que ensinam estes meninos e meninas, se não morrem, os acompanham depois de casados e lhes benzem água e também a mesa como capelães e, com<sup>4</sup> ser a bênção muito comprida, estão todos em pé até que se acaba. E, quando fazem vice-rei a algum destes senhores, ou lhes dão outro mando, o frade seu<sup>5</sup> mestre vai com ele para achar fato e o da mulher com ela, e comem e bebem juntos. E é certo que, se ensinaram como era razão, houveram de fazer muito fruto, mas não pretendem tanto o bem das almas, quanto honra e fato. E assim, não dizem o que pode dar desgosto aos senhores: sempre lhes falam a vontade<sup>6</sup> e como lhes parece melhor para suas pretensões. E, dizendo-lhe nós, a alguns em particular, por que não declaram a verdade da fé e o mais que têm obrigação, respondem que não se atrevem, porque perderão o comer e lhes farão mal; nem deixam alguns dos senhores de entender muito bem que não pretendem mais que honra e fato. E assim, um dos mais principais de todo o império, que se chama *Erâz Athanathêus*, genro do Imperador Malâc Çaguêd, me disse uma vez estas palavras: «Padre, não temos mestres. Estes nossos frades são como fariseus, não procuram mais que honra e fato, nem sabem nada. E, se entendem alguma coisa, não se atrevem a dizer. Vê Vossa Reverência o que lá está? (que era um frade que estava defronte, afastado, muito modesto) Pois aquele é meu mestre, e tão fariseu como os demais.»

Em este passo, mete Frei Luis de Urreta muitos passos das mulheres públicas<sup>7</sup>, mas todas são fábulas, sem nenhum modo de fundamento. Aponto isto, porque se o passarmos em [fol. 95v] silêncio, pode ser que algum as tenha por verdadeiras e, ainda que o foram, pudera bem escusar de tratar essa matéria. E não menos apócrifo <sup>8</sup>é o que ali diz que, as que se convertem, mandam a Goa ao Mosteiro das Convertidas e que, aos filhos delas, e<sup>9</sup> qualquer outro bastardo ou ilegítimo, mandam a Goa ou a Ormuz, a Ceilão ou Moçambique, onde os alimentam à custa dos sacerdotes, porque em Etiópia não podem estar. Mas nem a elas nem a eles mandam para nenhuma dessas partes, nem sei que razão podia

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *depues*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 91/81].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *la*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *los*.

<sup>5</sup> O autor reproduziu a resolução gráfica que se lê em L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, p. 239. Ms. 778 BPB: *cogulla*.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *flaire*.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: *Florentino*.

<sup>8</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: *los*.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: *ethiopica*.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: *con*.

<sup>11</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excerto (com várias omissões) do livro I, cap. 24, intitulado «De los seminarios y colegios que ay en todas las ciudades para enseñanza de los niños, y niñas. De las Universidades donde se leen las ciencias, y de las casas publicas de las rameras», pp. 232-40.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: *sete*.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 91v/81v].

<sup>2</sup> Declinação feminina do adjetivo «comum», actualmente uniforme. A língua referida é a gueeze (*gē'ez*).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *lhas*.

<sup>4</sup> Construção de valor concessivo; entenda-se «conquanto seja a bênção» etc.

<sup>5</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: *seu*.

<sup>6</sup> Entenda-se «sempre lhes falam de acordo com a vontade deles».

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 24, pp. 232-3. Ver *Relatione dei Grā Regno degli Abissini* (ms. 6-332 BM, fols. 11v-12).

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 92/82].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: *a*.

haver para obrigar aos sacerdotes da Índia que sustentassem os bastardos e ilegítimos de Etiópia, que nem ainda os sacerdotes dela lhes dão nada, com haver muitos na terra, senão for aos seus.

Quanto às sete universidades que põe onde se lê medicina e se estuda com tanta curiosidade como pinta, também é uma mera ficção, que não há tais universidades, nem as houve nunca em Etiópia, nem tais exames, nem doutoramentos de estudantes. E, quando os houvera, bem longe estava o prior do Convento de Aleluia e de Plurimanos (que não se chama senão Dêbra Libanôs) de dar-lhes juramento que obedecessem à Igreja romana, pois eles mesmos não obedecem. Nem se lhes fazia privilégio a estes doutores em os isentar<sup>1</sup> de dar, de três filhos, um para a guerra, porque ninguém o dá, nem houve nunca tal costume; que, quando é necessário e o imperador chama, todos hão-de ir por força, sem ficar mais que os vilões que lavram o campo. Nem também podiam passear pela cidade<sup>2</sup> em elefantes, pois, como muitas vezes temos dito, nunca em Etiópia se viu elefante manso. Os médicos que há em Etiópia são alguns que conhecem ervas e com elas curam e ainda destas sabem muito pouco. E o mais ordinário é, quando adoecem não fazer mezinha nenhuma, senão muito grande dieta, até que, ou a natureza prevalece, ou morre. Uma mezinha que tomam<sup>3</sup>, pelo menos cada dois meses, a chamam *coçô*, de que no capítulo precedente falámos. Parece os preserva de muitas doenças, porque, juntamente com matar os bichos que, de comer carne crua, lhes nascem no estômago, para o que eles a tomam, lhes serve de purga bem eficaz, mas se tomam demasiada, também morrem.

Há outra árvore de cuja casca, da raiz e do leite de suas folhas se aproveitam muito, e é singular remédio para resolver inchaços, antes que comecem a fazer<sup>4</sup> matéria e o<sup>5</sup> antraz ou carbúnculo, que é tão perigoso, infalivelmente o sara, se o põem logo. Chama-se esta árvore *corpâ*, e alguns a chamam [fol. 96] *guindâ*<sup>6</sup>. Tem as folhas largas e não muito compridas e, ainda que são verdes por cima, têm cor de cinza. Seu fruto será como um marmelo arrazoado, e assim fica depois amarelo, mas dentro é vão e não tem mais que uma pele muito delgada, e não nasce senão em terras muito quentes; e, se bem me lembra, a vi na ilha de Goa, para a banda de S.<sup>ta</sup> Ana. Das folhas desta árvore <sup>7</sup>(que ordinariamente não é muito grande) tomam o leite em farinha de trigo ou de cevada, mas os que querem fazer melhor, tomam a casca da raiz e, depois de seca, a moem, e em esta farinha tomam o leite, e o levam para onde querem, porque se conserva muitos tempos<sup>8</sup>; mas a casca da raiz basta, ainda que o leite é melhor. E põe-se desta maneira: moem muito bem aquela casca depois de seca e misturam os pós com manteiga de vaca fresca, e untam o inchaço duas vezes cada dia, e não dói nem se sente; mas ao antraz ou carbúnculo hão-de untar à roda e não na ponta ou cabecinha que faz, e hão-de beber desfeita em água daquela casca como dois grãos de trigo ou pouco mais. O leite raramente bebem, porque é muito forte. Também aos cavalos, mulas e bois, põem em os inchaços, mas cai-lhes o cabelo a que toca e depois torna a nascer, o que não faz aos homens.

Já que falei em mezinhas, não deixarei de referir o que também vi, estando cativo em o Estreito de Meca. Andavam dois meus concativos<sup>9</sup> muito doentes com o rosto inchado e amarelo<sup>10</sup>, sem poderem

comer nada, e disseram-lhes que tomassem pela manhã em jejum, em um ovo mal assado, como meia casca de noz de pós de raiz de lírio, não cebola açucem<sup>1</sup>, senão dos outros, que têm a flor azul; e, com isto, ficaram rosados e muito bem dispostos; só diziam que sentiam um pouco de enxomento<sup>2</sup> até fazer uma ou<sup>3</sup> duas câmaras<sup>4</sup>. Também me afirmaram que era coisa muito certa e provada que, tomando por quinze dias, em jejum, tanto como meia casca de ovo do sumo desta raiz de lírio com um pouco de vinagre destemperado e espiga de nardo moída, saram os hidróticos.

Frei Luis de Urreta, pág. 237<sup>5</sup>, diz que há em Etiópia uma folha como edra<sup>6</sup> que, posta pisada sobre as feridas, as sara dentro de<sup>7</sup> poucas horas, mas não pude achar quem soubesse dar razão dela, nem da nova múmia<sup>8</sup> mais excelente que a nossa, que, afirma, inventaram os médicos de Etiópia.

Acerca do modo que diz têm em ler a santa teologia, [fol. 96v] comentando os quatro<sup>9</sup> concílios gerais, também o enganaram, porque nem lêem dessa maneira, nem admitem o Concílio Calcedonense, mas antes o vituperam, porque declarou pôr de fé<sup>10</sup> a doutrina de S. Leão sobre as duas naturezas, [donde se seguem também duas] vontades e operações em Cristo Nosso Senhor, que eles negam, e condenou a Dióscoro que veneram por santo. E assim, em um livro que eles chamam *Mazaguêbta Haimanôt*, *scilicet* «Tesouro da Fé», que melhor se pudera chamar «Tesouro de Mentiras», e em outro que intitulam *Haimanôta Abbô*, *scilicet* «Fé dos Padres», dizem que os padres daquele santo concílio eram parvos e soberbos, e S. Leão maldito e tredo, como vimos no cap. 11.º e declararemos mais compridamente no 2.º livro.

O que declaram dos concílios que têm não é, ordinariamente, mais que a língua em que estão a quem <sup>11</sup>não a sabe, porque é diferente da vulgar. Da Sagrada Escritura têm alguns intérpretes muito fracos, cheios de erros e ainda estes alcançam poucos, e o frade que chega a entender alguma coisa, não a ensina senão só àqueles que lhe paga<sup>12</sup> muito bem e assim se fecha com ele em alguma<sup>13</sup> casa para<sup>14</sup> declarar o que lhes leu, sem deixar entrar a outro nenhum<sup>15</sup>; e, por derradeiro, muito do que ensinam são fábulas e patranhas, como fazia um frade que se prezava de grande escriturário e, por ter tal fama, o tomou por mestre este Imperador Seltân Çaguêd, e dali a pouco lhe morreu; e depois, estando eu falando com ele em algumas coisas da Escritura, me disse que aquele frade que lhe ensinava, chegando a declarar aquele lugar do *Gênesis* 6, que diz: *Videntes filii Dei filias hominum quod essent pulchrae*<sup>16</sup>, etc., lhe dissera que os que aqui chama a Escritura<sup>17</sup> filhos de Deus eram anjos; e que, vendo que as mulheres eram formosas, e se ajuntaram com elas e pariram filhos gigantes de tão grande e extraordiná-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: açucena.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: enjoamento.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>4</sup> Diarreia.

<sup>5</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 24.

<sup>6</sup> O mesmo que hera.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>8</sup> Emplastro. Termo usado por alargamento significativo.

<sup>9</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: quatro.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: pé.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 93/83].

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: pagam.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: uma.

<sup>14</sup> Ms. 778 BPB: lhe.

<sup>15</sup> Ms. 778 BPB: algum.

<sup>16</sup> «Os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram belas.» (Gênesis 6, 2).

<sup>17</sup> Ms. 778 BPB: chama.

<sup>1</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: em os isentar.

<sup>2</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: pela cidade.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: tomaram.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: de criar.

<sup>5</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: o.

<sup>6</sup> Árvore não identificada. *Qorfa*: canela; *ginda* significa actualmente «tronco».

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 92v/82v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: muito tempo.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: meus.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: os rostos inchados e amarelos.

ria estatura que metiam o braço até chegar ao fundo do mar oceano, e, alevantando-se, assavam o peixe que de lá tiravam na região do fogo, e, como acabaram de assolar<sup>1</sup> quanto peixe havia no mar, entraram pelos animais, e estes acabados, começaram a comer os homens que não eram de sua casta; e, vendo Deus tanto desaforamento, mandou as águas do dilúvio, com<sup>2</sup> que os castigou. A isto respondi que tudo era fábula, porque os que<sup>3</sup> aqui chama a Escritura<sup>4</sup> filhos de Deus, não eram anjos, senão filhos de Seth, a quem quis, com este honroso nome, diferenciar dos da geração reprovada de Caim, cujos descendentes [fol. 97] eram tão maus que se entregavam de todo ponto na mão de seus apetites. As filhas destes miseráveis eram muito formosas, o que vendo os filhos de Seth, levados de sua grande beleza e formosura, quebrantaram a tradição e costume que tinham de não admitir a sua conversação e trato gente de tão perverso tronco, e, casando-se com elas, tomaram juntamente os perversos costumes que traziam consigo, com o que se veio a perverter geralmente a religião e culto divino; e chegaram as maldades dos homens ao cume da dissolução que podia caber em criaturas da terra, tanto que nem<sup>5</sup> a divina Escritura quis particularizar tão nefandos delitos, senão que se contentou com dizer que em todos seus pecados mudavam o estilo e ordem natural que a razão ensina: *Omnis quippe caro corruperat viam suam super terram*<sup>6</sup> (*Génesis*. 6). Esta, senhor, foi a causa por que Deus Nosso Senhor mandou as águas do dilúvio, não já porque os gigantes comessem<sup>7</sup> os peixes do mar e os animais da terra.<sup>8</sup> Disse o imperador: «Assim me parecia a mim muito fora de caminho tal explicação, como também me pareceu outra que me deu, perguntando-lhe como se multiplicaram tanto os filhos de Israel no tempo que estiveram em Egipto, porque respondeu que a primeira vez que pariram as mulheres, vinha cada uma com dois, e a segunda vez com quatro, a terceira com oito e a quarta dezasseis, e assim iam sempre dobrando.» Disse eu: «Certo que lhes obrigava às coitadas a acarretar por alguns meses uma carga muito grande. E mais: depois que parissem, que leite e que peitos haviam de bastar para dar a<sup>9</sup> mamar a tão grande multidão de filhos, como por tempos haviam de vir a parir juntos?» Riu muito o imperador e disse: «Aqui verá Vossa Reverência quais são nossos mestres; que ainda este era dos mais afamados que temos.»

Como seus intérpretes da Escritura e seus mestres<sup>10</sup> são tão fracos e isso pouco que sabem, o vendem tão caro, se maravilham e edificam muito de ver que ensinamos tudo de graça, e muito mais de quão bem declaram os nossos as Escrituras, porque lha demos tresladada na língua de seus livros a *Epistola ad Romanos*, como a declarou o Padre Toledo, e a *Epistola ad Hebraeos*, por o Padre Ribeira, o *Apocalipsis* pelo Padre Braz Viegas, o *Evangelho de S. Mateus* e de *S. João* pelo Padre Maldonado<sup>11</sup>. E agora vimos tresladando o de *S. Lucas* e o que falta de *S. Paulo* pelo Padre Benedito Justiniano, e o princípio do *Génesis* pelo Padre Benedito Pereira; também um tratado sobre todos os erros de Etiópia<sup>12</sup>, em que se

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: todo.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: os que.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: chama.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: não quis.

<sup>6</sup> «Toda a carne tinha arruinado o seu caminho sobre a terra.» (*Génesis* 6, 12).

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 93v/83v].

<sup>8</sup> Mudança de discurso indirecto para discurso directo (indiciado pelo recurso ao vocativo).

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: seus.

<sup>11</sup> A tradução para gúeze de obras exegéticas começou em 1612 e foi levado a cabo pelos padres António de Angelis, Luís de Azevedo e António Fernandes, com a colaboração etíope (Sé'elä Krestos e Fêqurä 'Egzi'ê participaram nesse trabalho).

<sup>12</sup> Ver glossário (controvérsia religiosa; e *Tratado sobre todos os erros de Etiópia*).

mostra a verdade de nossa santa fé com a doutrina de muitos santos, com a Sagrada Escritura e santos concílios, com razões e com autoridades de seus [fol. 97v] mesmos livros, e se responde a todas suas objecções e argumentos. E tudo quanto até agora se lhes deu escrito, está também recebido, pela misericórdia do Senhor, que quase todos louvam e engrandecem tanto esta doutrina, que dizem que não pode ser senão que o Espírito Santo lha ditou àqueles padres, porque não parece que entendimento humano não podia chegar a alcançar coisa tão alta, com o que em extremo folga o imperador e *Erâz* Cêla Christôs, seu irmão, por ver que, por todas<sup>1</sup> vias, se vão acreditando nossas coisas, e pedem com muita instância que façamos<sup>2</sup> vir os comentários<sup>3</sup> do mais que falta da Sagrada Escritura e limpemos seus livros que estão cheios de erros.

#### 4CAPÍTULO XXIII

EM QUE SE TRATA DOS ANIMAIS ASSIM DOMÉSTICOS COMO BRAVOS  
QUE HÁ EM ETIÓPIA

Muitas e várias terras de cristãos, de gentios, de mouros e turcos tenho corrido e em algumas delas estado muito tempo. Muitos bastos bosques e compridos desertos tenho passado, em que havia muitos e vários animais. Mas em nenhuma parte vi nem ouvi dizer que houvesse tantos animais, nem tão diferentes sortes deles, como dizem que há em Etiópia e eu em parte tenho visto, porque, primeiramente, há de todas as castas de mansos que há em Europa, como cavalos muito bons no reino de Tigrê e outros melhores, que lhes vêm do reino de Dequín, que é de mouros a que chamam *balôus*, diante de Çuaquên; mas estes duram pouco em esta terra, porque se lhes fazem chagas em os pés, de que morrem. Os demais cavalos do império comumente são pequenos, mas fortes e correm bem. As mulas são muitas e andam bem, posto que, ordinariamente, mais pequenas que as de Europa. E disse-me o imperador que, em o reino de Gojâm, pariram duas e morreram logo com os filhos; mas pessoas de crédito me afirmaram que, no reino de Tigrê, pariu uma, pouco tempo há, e que até<sup>5</sup> a mãe e o filho, e nem a elas nem aos cavalos ferram nunca, pelo que, muitas vezes, manquejam. Há camelos, jumentos mansos e bravos do mato muitos, mas<sup>6</sup> os chatins<sup>7</sup> e os que vão à guerra, comumente não carregam, senão em bois. De vacas há grande multidão e em algumas partes do reino de Tigrê, como na província de Amacên, de Bur e outras, parem mais vezes que as de Europa, porque gozam [variedade de Invernos no Mar Roxo e reino de Tigrê]<sup>8</sup> de dois Invernos, em que acham grandes ervas que são mui temperadas. Porque quando é Inverno para a banda do Mar Roxo, que lá começa na fim<sup>9</sup> de Outubro

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: as.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: mandemos.

<sup>3</sup> Comentários.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 94/84].

<sup>5</sup> Nos dois manuscritos foi deixado um espaço em branco.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: Mais.

<sup>7</sup> Chatim, ou traficante. Na época, o termo não tinha um sentido pejorativo. No vocabulário indo-português era sinónimo de «mercador do Coromandel» (Dalgado, *Glossário...*, 1982, vol. 1, pp. 265-7).

<sup>8</sup> Nota escrita à margem por outra mão no ms. Goa 42 ARSI. A caligrafia é semelhante à do conjunto do livro II.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: em fins.

e dura até Fevereiro ou<sup>1</sup> Março, cá pela terra dentro é Verão, e, quando cá é Inverno, que começa no [fol. 98] fim de Maio e dura até Outubro, lá é Verão; e é coisa maravilhosa que umas serras são sempre os limites do Inverno e do Verão. E assim, para aquela parte onde é Inverno, levam sempre as vacas, porque acham muita erva; que, ainda que chove muito, não faz frio. Têm alguns bois muito grandes que chamam *guêch*<sup>2</sup>, e criam-nos de pequenos<sup>3</sup> com leite de duas vacas, e não lavram com eles: não servem ordinariamente senão para comerem os senhores. Os cornos destes são tão compridos e grossos que se servem deles para levarem o vinho de mel quando vão a guerra ou fazem algum caminho comprido. Cabras e ovelhas não são muitas, nem de boa carne, mas em algumas partes são bons os carneiros, e alguns têm quatro cornos grandes; que, quanto pequenos ainda <sup>4</sup>um boi vi eu com onze, os dois como de cabra e os outros à roda de compridão e grossura de um dedo meminho<sup>5</sup> ou pouco mais, que o mostravam por coisa mui<sup>6</sup> extraordinária. Alguns carneiros têm o cabo<sup>7</sup> como de um palmo ou mais de comprido, e quase outro tanto de largo. Outros que, com serem muito altos, lhes chegam os cabos quase ao chão e de um palmo ou mais de largo e, como o peso é grande, andam devagar; estes, comumente, são brancos. Há muitos cães, alguns bem fortes, mas, os que servem para caça, não chegam aos galgos de Espanha; os mais são como podengos. Também há cães bravos do mato, e um vi que tinham tomado pequeno, e quase não se diferenciam dos mansos, senão em o focinho que é muito mais comprido, e chamam-no *taculâs*<sup>8</sup>, e dizem que se acham em montes muito bastos. E dizem que, quando caçam, se põem uns escondidos em os lugares por onde ordinariamente sai a caça; e outros a buscam até a fazer alevantar e a seguem, procurando de a levar para onde estão os outros que, saindo, poucas vezes lhes escapa; e à gente também arremetem. Gatos também há muitos e formosos.

Dos animais silvestres há muitas mais diferenças que em Europa. Alguns filhos de portugueses me disseram que, no reino de Gojâm, em uma terra que se chama Naninâ, andando à caça, viram em um vale um formoso cavalo com a coma<sup>9</sup> muito comprida e o cabo que chegava ao chão, e muitos animais, como cabras monteses, gazelas e merus, que o acompanhavam. Em os vendo, fugiu com muita velocidade e entrou em um mato muito fechado, e todos aqueles animais o seguiram, e, ainda que não enxergaram se tinha corno na frente ou não, lhes pareceu não podia ser senão unicórnio. Há outros animais que, conforme ao que deles me disseram, parece que são rinocerontes ou abadas<sup>10</sup>, porque afirmam que têm o corpo tão grosso ou mais [fol. 98v] que uma vaca, os olhos muito pequenos e a pele tão dura que com dificuldade a podia passar uma lança. Só me faz dúvida se são abadas, porque têm dois cornos, um sobre os narizes e outro na testa. É a abada, que eu vi em Madrid, o ano de 1587, não me lembra se tinha mais que um, asserrado. Os de cá têm dois, e pouco tempo há que trouxeram uns ao Imperador Seltân Çaguêd, pegados ainda na pele, que ele me mostrou e deu um. O da testa era preto e na raiz grosso e, pouco mais acima, quase de três dedos de largo e menos de um de grosso, e perto de três palmos de comprido, e a ponta não era aguda: parecia pedaço de alfange com sua bainha preta,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>2</sup> Tipo de búfalo.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: pequeninos.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 94v/84v].

<sup>5</sup> Sic. Dedo meiminho, mindinho ou mínimo.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: mui.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: rabo.

<sup>8</sup> Chacal da espécie *Canis aureus*.

<sup>9</sup> Crina.

<sup>10</sup> Abada ou bada (do malaio *bádaq*): rinoceronte (lat. *Diceros bicornis*).

que da mesma maneira virava um pouco em arco para a banda de cima da cabeça. O outro de acima dos narizes não era preto, senão da cor de que são ordinariamente os dos bois, e redondo como eles, na raiz grosso e, quatro dedos mais acima, começava a adelgaçar muito e, na ponta, era muito agudo e ia em volta, quase como o outro, e da mesma <sup>1</sup>compridão que ele, e ambos maciços e afastados um do outro perto de meio palmo; mas parece que estavam muito mais afastados, porque aquela pele estava já muito seca e encolhida, e de uma ponta a outra havia mais de um palmo de distância. A este animal chamam *aurarêz*<sup>2</sup>.

Há outro animal a que chamam *jerâtacachên*<sup>3</sup>, que quer dizer «cabo delgado», de diforme<sup>4</sup> altura. Um me mostrou o imperador, mandando-me chamar para isso quando o trouxeram e, com ser ainda novo, do chão até o alto da cabeça eram dezanove palmos, e diziam que os velhos são mais compridos. A cabeça é muito pequena e de feição de camelo, mas na testa, quase no mais alto, tem duas pontas, uma perto da outra, delgadas e quatro dedos de comprido, e parece que aquele é osso, porque está coberto de pele com cabelo; o pescoço delgado, comprido e direito para cima; o corpo de grossura de um boi, mais comprido; as mãos muito grossas e desproporcionadamente altas, por ser, em sua comparação, os pés muito curtos; as unhas fendidas e como de vaca; a cor parda clara, e todo o corpo cheio de rodas muito vermelhas, tão grandes como a palma da mão, que lhe dão muita graça; não morde nem faz outro mal nenhum; e, nos matos, corre mais que um cavalo e, se o tomam sendo novo, fica muito manso, mas não sobem nele, porque, como os pés são curtos e as mãos, em seu respeito, muito compridas, facilmente derrubaria a quem fosse nele.

Jumentos do mato há muitos e dizem que se não diferenciam dos caseiros, mais que em serem muito vivos e ligeiros. Mas há outros, a que também chamam jumentos do mato, de extremada [fol. 99] formosura, porque parece que os estiveram pintando com pincel. Só as orelhas são um pouco grandes, como são as dos jumentos<sup>5</sup>, mas também são formosas, porque estão cheias de riscas delgadas em círculo: umas muito pretas e outras brancas e todas uniformes. À roda dos olhos, também têm outros círculos como aqueles; e, do alto da testa, lhe descem outras riscas direitas até as ventas das<sup>6</sup> narizes, mas, ali, as riscas brancas não o são tanto como as outras, porque tiram um pouco às vermelhas. Todo o pescoço está cheio à roda daquelas riscas brancas e pretas, e, da cruz, lhe vai correndo pelo lombo até a ponta do cabo, uma risca muito preta de mais de dois dedos de largo e, dela, por uma e outra banda, lhe descem outras riscas mais estreitas, brancas e pretas e mui uniformes. Em as mãos e pés, de cima até as unhas, têm riscas em círculo como em as orelhas. As unhas são como as dos jumentos e o cabelo curto, muito macio.<sup>7</sup> Destes tem dois o imperador e, a seu irmão *Erâz Cela Christôs*, lhe vi um que, da cabeça até um<sup>8</sup> pouco mais da metade do corpo, era como estes, mas daí por diante não diziam as riscas para baixo senão tornavam direitas para as ancas, que causavam nova formosura. Estes animais não se acham senão em terras muito quentes e são poucos e, assim, muito estimados; são, de corpo, como os maiores que há em Espanha.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 95/85].

<sup>2</sup> As duas espécies de rinoceronte africano (lat. *Diceros bicornis* e *Ceratotherium simum*) têm dois cornos; o indiano (lat. *rhinoceros unicornis*) tem apenas um.

<sup>3</sup> Girafa (lat. *Giraffa camelopardalis*).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: disforme. Errata do autor, corrigida pelo copista.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: outros.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: dos. O uso da declinação feminina é castelhanismo do autor.

<sup>7</sup> A descrição corresponde às características morfológicas da zebra de Grant (lat. *Equus burchelli*), a mais comum das zebras.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: um.

Também há muitas vacas bravas do mato, que chamam *torâ*<sup>1</sup>, búfaras<sup>2</sup>, elefantes,<sup>3</sup> mas nenhum manso, leões, tigres, onças, mas não tão ferozes como os que trazem de África para Espanha. Há porém<sup>4</sup> outro animal, que chamam *gucelâ*<sup>5</sup>, do tamanho de um leão, e dizem que é muito bravo e feroz; sua pele tenho vista, e o cabelo é muito macio e preto. Há porcos mansos e, dos do mato, de três feições, e muitos porcos espinhos e uns animais como raposas, mas pouco maiores, a chamam *cabarô*<sup>6</sup>. Lobos não têm conto e tão bravos que, no mato, arremetem à gente de dia e, de noite, vêm muitas vezes entrar dentro das cercas; e ainda na de nossa casa de Dambiâ fizeram algumas<sup>7</sup>, com ser de pedra e espinhos e termos muitos e bons cães. E pouco tempo há que, tendo *Erâz* Cela Christôs, irmão do imperador, assentado seu exército em uma terra que chamam Çarcâ, do reino de Gojâm, vieram os lobos de noite e levaram, arrastando, um moço que dormia na borda do arraial e, ainda que gritou, quando lhe acudiram, já o tinham despedaçado.

Os gatos de algália<sup>8</sup> são muitos e, assim a eles como à algália, chamam *tirînh*<sup>9</sup>, e são quase duas vezes maiores que gatos, e da mesma feição. Têm-nos sempre em gaiolas e ali lhes dão de comer e beber, porque são tão ariscos, que nunca se amansam, e, se se soltam, com dificuldade os tornam a tomar. Têm [fol. 99v] a algália em uma bolsinha que a natureza lhes pôs entre as pernas. E têm cuidado de a tirar a tempo, não somente pelo ganho que nisso há, mas por o dano que o gato recebe, que adoce de febre, se lha deixam estar muito. E assim, os que andam nos matos se roçam nas pontas dos paus secos, para se descarregar dela, e como já sabem isto, a vão buscar onde eles andam. E ainda no reino de Nareâ, que há muitos, lhes põem, de propósito (segundo dizem), na terra, paus curtos com a ponta de cima aguda, e ali acham muita. Também há almizole<sup>10</sup>, a que chamam *mezque*<sup>11</sup>. Gatos monteses são muitos e fazem grande dano em as galinhas, eles e outras duas<sup>12</sup> sortes de animais que há, como furões.

Os bugios<sup>13</sup> são inumeráveis e de muitas castas: uns muito pequenos com cabo comprido; outros, mais grandes e formosos, têm debaixo das mãos e parte do pescoço e da cabeça branco. Estes estão, de ordinário, em o mais alto das árvores. Há outros mais grandes, feios como os pequenos e outros, como grandes cães e muito mais feios que todos, têm, dos peitos para cima até a cabeça, uma cabeleira mais comprida que de leão, e mordem muito. Todos fazem muito grande dano em as sementeiras e, se não as vigiassem tanto como costumam, sem dúvida acabariam as que estão perto dos bosques e rochas onde eles andam. Contudo furtam muito porque, enquanto o que guarda vai para uma parte, eles saem por outra. Uma vez, estando em um vale, levantei os olhos às vozes que dava um homem para que não lhe<sup>14</sup> entrasse em uns grãos que guardava, e um deles, que ia mais diante, correu e, chegando à borda<sup>15</sup> dos grãos, arrancou a toda pressa com ambas as mãos quantos lhe puderam caber na boca e acolheu-

-se antes que o dono pudesse chegar. E, com serem tão grandes, sobem por rochas tão íngremes que parece que sós pássaros podiam chegar. Chamam-nos *zenyerô*<sup>1</sup> e, aos que têm branco, *gureçâ*<sup>2</sup>. Trazem, por brinco, em as casas com cadeia, assim de uns como de outros, mas muito poucos.

Outra praga muito grande há em todas estas terras de Etiópia que tenho vistas, como o reino de Tigrê, Begmêder, Gojâm, Dambiâ e outros, particularmente na província de Oagrâ, que são ratos sem conto, que fazem grande dano em as sementeiras. Nem ainda nas casas dão vida<sup>3</sup>, por mais gatos que tenham, nem armadilhas que lhes ponham. Há cobras peçonhentas, posto que não muitas e serpentes muito grandes e dizem que o bafo de algumas basta para fazer inchar os gados e morrerem, se não lhes fazem logo mezinha. Outros muitos animais há que deixo, assim por serem conhecidos, como de mui pouca importância.<sup>4</sup>

Do que temos dito, se vê quão falsa foi a informação [fol. 100] que deram a Frei Luis Urreta sobre algumas destas coisas, pois, como afirma no cap. 25.º de seu 1.º livro, o Preste João pode pôr na guerra quinhentos elefantes encastelados, sendo assim que nenhum há manso em todas suas terras, nem memória de que o houvesse nunca, como afirmam todos e me disse o mesmo imperador. Também diz que em Etiópia não há lobos nem cães, sendo inumeráveis assim uns como outros, pelo que causou muito grande riso a todos os que ouviram isto; e não menos me causou a mim o que juntamente afirma, que nem em Arábia há cães. Porque, se fala (como parece) da Arábia que corre da fortaleza de Mazcate, que é de portugueses, até bem dentro das portas do Estreito de Meca, eu corri grande parte dela e<sup>5</sup> sempre achei muitos cães. E, se se lembrara que tinha dito na pág. 966, que os príncipes que estão no Monte de Amharâ<sup>7</sup>, têm cães ventores, lebréus e sabuesos<sup>8</sup> para caçar, não afirmara aqui, pág. 254<sup>9</sup>, que em toda Etiópia não há cães e que, se chegam naus da Europa e deixam alguns de Irlanda e Inglaterra, morrem dentro de um mês.

Também diz, dos gatos de algália, que cada um conhece sua casa como os outros animais domésticos e que vão aos montes, à caça, porque não se sustentam de outra coisa, e, quando comem mais carne de mato, é melhor a algália; e que, quando a bolsinha onde ela se recolhe está cheia, vão a suas casas, correndo e dando saltos como raivosos e, como entram, o primeiro que os vê toma um pau e, como que lhe quer dar a ele, dá no chão e pelas paredes,<sup>10</sup> e ele anda saltando de uma parte para outra até que cansa e sua<sup>11</sup>; e então lhe abrem sua gaiola de madeira, onde entra correndo, e ali, com uma colher, lhe tiram a algália. E logo fica dormindo dois ou três dias e, como acorda, se torna outra vez para o mato. Disto zombaram muito todos, porque sempre os têm em gaiolas e ali lhes dão de comer. E se algum se solta, com dificuldade o podem tornar a tomar. Mas o que principalmente lhes caiu em graça, foi outra fábula que conta das monas ou bugios, pág. 252, por estas palavras: *De las monas se sirven en Ethiopia en todos los menesteres como de criados, que no ay mas diferencia que el hablar o estar mudo: ellos friegan,*

<sup>1</sup> Talvez zebu selvagem (*torâ* significa «guerra» em amárico).

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: búfaros.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 95v / 85v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: também.

<sup>5</sup> Pantera.

<sup>6</sup> *Qâbâro*: chacal.

<sup>7</sup> Entenda-se: «algumas investidas».

<sup>8</sup> Almiscareiro.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: *tirînh*.

<sup>10</sup> Sic. Almiscre ou almíscar (do árabe *al-misk*).

<sup>11</sup> O autor distingue dois tipos de essência, a de origem animal e a de origem vegetal.

<sup>12</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: duas.

<sup>13</sup> O mesmo que macacos.

<sup>14</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>15</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 96/86].

<sup>1</sup> Babuíno.

<sup>2</sup> Cólobo, macaco africano.

<sup>3</sup> Expressão de sentido obscuro que se pode traduzir eventualmente por «Nem ainda nas casas os conseguem eliminar ou dão sossego».

<sup>4</sup> Sobre a fauna etíope, ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 41-2.

<sup>5</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: e.

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 8.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: Ambarâ.

<sup>8</sup> Ventor é cão de rasto e mostra, com bom faro; lebréu ou lebrél é cão treinado para a caça à lebre, como o galgo; «sabueso» é o mesmo que sabujo.

<sup>9</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 25.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 96v/86v].

<sup>11</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: e sua.

*traen agua, barren, pera assar la carne menean el assador. Ay hombres que tienen treinta y quarenta que les sirven en sus labranças como gañanes. Danles de almorçar por la mañana y a cada uno le dan su açadilla y escardillo, y embianlos al campo donde entrecavan las sementeras, las encardan, quintandolas las maleza, despedrandolas y las dexan muy limpias. Y lo hacen con tanta curiosidad como un hombre, y acabando, se buelven a su casa adonde les dan de comer. Embianlos a comprar carne y bino y otras mil cosas que parecen increíbles. Los soldados, que estan en fronteras de inimigos, [fol. 100v] en los presidios y fortalezas, se sirven de las monas por escoltas y atalayas. Y subiendo sobre el chapitel de la tienda o en la guarita del muro, hazen la vella toda la noche mucho mejor que un soldado, porque tienen el oydo mas bivo, que apenas sienten<sup>1</sup> el roido de media legoa, quando a gritos despertan a todolos soldados.<sup>2</sup>*

Isto é o que das monas refere o autor, a quem não lhe<sup>3</sup> pareceu incrível, pois o escreve como coisa certa. Porém, os de Etiópia não somente não viram nunca estas coisas em sua terra, mas nem as ouviram até agora, que eu lhas contei e têm-nas por tão fabulosas que lhes parece que em nenhuma parte as pode haver. E isso me basta para, com razão, condenar a quem lhe disse que as havia nesta terra; e, ainda, o dar-se-lhe tanto crédito que se escrevessem como certas, não reprovando o que traz do Padre José de Acosta<sup>4</sup>, de quem diz que, tratando das coisas naturais do Peru, refere coisas semelhantes das monas, e de uma que a mandavam por vinho à taberna. E, se lhe diziam alguma coisa os rapazes, punha a vasilha perto de alguma porta e ia, após eles, às pedradas; e como fugiam, a tornava a tomar e prosseguia seu caminho. Em isto não tenho que falar, porque sei muito bem que aquele padre não havia de escrever coisa por certa que não o fosse muito.

Não menos novo se lhe fez o modo que diz tem cá de matar o rinoceronte<sup>5</sup> ou a abada, que conta desta maneira, pág. 246: *Ellos andan en la Provincia de Gojama, a las raizes de los Montes de la Luna, donde naçe el rio Nilo, y en sola esta tierra se hallan entre todas las de la Affrica. Quando tienen noticia de alguno, arman sus escopetas y toman una mona, que las tienen industriada pera esta caça, y la echan al campo. Ella al punto anda buscando el rinoceronte, y en viendole, se va pera el y empieça a dar mil saltos y a bailar, haziendo mil monerías, y el muy contento esta mirando la fiesta que le haze. Dando saltos, la mona por una pierna se le sube en cima de las espaldas, donde le rasca y le va florando el pelejo, con lo qual recibe grande gusto y plazer. Y saltando en el suelo, le empieça a fregar la barriga, y el rinoceronte con el regalo se acha en tierra y se estira y despereza muy tendido en el suelo. Entonces los caçadores, que estan escondidos en algun lugar seguro, le assiestan con sus ballestas o escopetas al ombligo, el qual tiene muy delicado y tierno con el pelejo de la barriga, y hiriendole en el, luego queda muerto por tener alli el pulso. Y en estando muerto, acude mucha gente y atandole de los pies transeros y le cuelgan de un arbol, la cabeça colgando pera que le venga toda la sangre y humores a ella, y esta desta suerte unos quartos dias, y despues lo cortan el cuerno, que es lo que se procura dellos, y assi tiene mas virtud contra qualquier veneno. Y pera que tenga mas fineza el cuerno, aguardan ciertas [fol. 101] lunas del anno, que no los matan en todo tiempo.<sup>6</sup>*

Até aqui, são palavras de Frei Luis Urreta. E, desejando eu saber a certeza delas, por ser tão gracioso este modo de caçar um animal tão feroz, perguntei ao Imperador Seltân Çaguêd, por lhe ter primeiro ouvido que os matava, sendo mancebo, e juntamente lhe referi o que aqui diz. E festejou com muita graça

a festa que afirma faz a mona ao rinoceronte; e disse que não havia tal modo de caçar em Etiópia, nem sabiam que coisa era besta para atirar, senão que iam com seus cavalos e lanças curtas com que tiram de longe e, com elas, os matavam; e que, também eles, muitas vezes, lhes matam os cavalos. E, apontando com a mão para um seu genro que ali estava, muito grande cavaleiro, disse: «A este lhe têm já morto dois cavalos muito formosos. Eu ia primeiro, muitas vezes, a esta caça. E uma atirei a um com minha lança e, dando-lhe em uma ilharga, lhe meti todo o ferro dentro, e meus criados o acabaram de matar.» Disse o seu mordomo: «Aqui está foão, que tem morto cinco por sua mão. Mas para isso não esperamos certas luas, nem sabemos que, em umas, tenha o corno mais virtude que em outras. E, em os matando, lhes cortamos os cornos.»

## 1CAPÍTULO XXIV

### DAS AVES QUE HÁ EM ETIÓPIA

**A**ssim como em Etiópia há grande multidão de animais, também se acham muitas diferenças e várias sortes de aves, porque têm quase todas as que são comuas em Europa e outras muitas lá nunca vistas. Há galinhas caseiras e outras do mato, tão grandes como elas, com a pena que tira a azul semeada de muitas e bem ordenadas pintas brancas menores que uma lentilha; e, quando estão gordas, que é no tempo que se recolhe o mantimento, são muito boas para comer. Destas há tantas, que não têm conto. E se as tomam pequenas, ou botam seus ovos às de casa, ficam muito mansas e dizem que algumas criam em casa e chamam-nas *zegrâ*<sup>2</sup>. Há pombas mansas e das do mato, de três ou quatro sortes.<sup>3</sup> Há outras aves, muito brancas, que chamam *sabisâ*<sup>4</sup>, e andam bandos muito grandes e de longe parecem pombas, mas não aproveitam para comer, porque sua carne é muito preta e ruim; têm o pescoço, o bico e as pernas muito mais compridas que as pombas. Há rolas de três maneiras: umas muito pequenas, outras como as de Europa, e outras maiores; e desta vi eu uma toda branca. Perdizes se acham também de três feições: umas muito mais grandes que as de Europa, e na pena, pés e bico se parecem muito com elas; as outras duas sortes, no corpo são iguais com as nossas, e no bico e pés semelhantes a elas, mas na pena se diferenciam muito. E nenhuma destas chegam à bondade das de Europa, antes têm carne [fol. 101v] muito seca e desabrida. Francolins<sup>5</sup> cuida que<sup>6</sup> não há, porque nunca os achei, nem quem soubesse dar razão deles, mas no Estreito de Meca, da banda de Arábia, não faltam. Na casa onde eu estava cativo, andavam dois soltos com as galinhas, mas cortadas as asas; e não se diferenciam das perdizes de Europa mais que em terem um pedaço debaixo do bico e até perto dos olhos muito preto e cantarem de outra maneira. De codornizes, há grande multidão no Verão e, como chega o Inverno, parece que se passam a outras terras onde, então, começa o Verão; porque, dentro das mesmas

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *oyen*.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto (com passagens omissas) do livro I, cap. 25, pp. 252-3.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *lhe*.

<sup>4</sup> Acosta, *De Procurenda Salute Indorum*, 1588.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 97/87].

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto do livro I, cap. 25, p. 246.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 97v/87v].

<sup>2</sup> Galinha-do-mato ou pintada (lat. *Numida meleagris*); provavelmente, da subespécie *Acryllium vulturinum*. Ms. 778 BPB: *zagrâ*.

<sup>3</sup> Espécies.

<sup>4</sup> Ave não identificada.

<sup>5</sup> Fracolim (lat. *Franperdizus*): ave galiniforme, semelhante à perdiz. Ms. 778 BPB: *Franclins*.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *que*.



terras que senhoreia o Preste João, há sempre juntamente Inverno e Verão: quando para a banda do mar é Inverno, cá mais pela terra dentro é Verão, e vice-versa.

Há muitos papagaios, pouco maiores que um<sup>1</sup> tordo<sup>2</sup>, e dizem que em algumas partes se acham de casta grande; e, comumente, são verdes, posto que alguns têm no colo um pouco vermelho. Há papafigos, estorninhos, <sup>3</sup>pardais; outros, e não menos daninhos, de seu tamanho, o corpo amarelo e as asas pardas; outros, mais pequenos, azuis; outros, pretos como azeviche; outros, como veludo carmesim e a pena parece também cabelo de veludo; outros, pintados de branco e preto com crista e barbas como galo e, de detrás da crista, lhe saem umas penas formosas que viram sobre ela; outros muitos há, bem formosos, diferentes dos de Europa. Dos que cantam bem, há canários solitários e outras muitas sortes de passarinhos que fazem muito boa música. Há outros, tão grandes como uma pomba, raiados de pardo e branco, que cantam muito mal; têm o bico de meio palmo de comprido e arcado; e outros, do mesmo tamanho, verdes e com o peito amarelo e, quando cantam, parece totalmente que ladra algum cachorro; outros, gritam de maneira que quebram os ouvidos: são tão grandes como galinhas, uns pardos e outros muito brancos, e têm o bico quase de um palmo de comprido arcado e delgado, e chama-se<sup>4</sup> *anân*.<sup>5</sup> Há outras aves quase tão grandes como um cisne, mas com só o peito e pontas das asas brancas e o demais atira a preto; têm os pés e colo comprido, o bico curto e na cabeça umas penas compridas delicadas<sup>6</sup> e como louras que parecem coroa. Destas, andam sempre muitas juntas, e particularmente em Dambiâ, a cujo vice-rei chamam *cantîba* e a estas aves *cantîba mecercâna*, «cheremelas do *cantîba*», porque quando gritam se parecem com as caramelas<sup>7</sup> que ele leva sempre diante e lhe fazem assaz de ruim música.<sup>8</sup>

Já que imos falando de tão bons cantores, não será razão que deixemos de fora os corvos, de que há duas ou três sortes: uns, muito grandes com uma pinta branca [fol. 102] no toitiço<sup>9</sup>; outros, de todo pretos, do tamanho dos de Europa; outros, com o peito e pescoço branco, ainda que estes mais parecem galhas que corvos. Também há muitas maneiras de abutres: uns brancos, com o bico e pés amarelos; outros pretos, com um pouco do peito branco; outros pardos, de muito grande corpo e de mui extraordinário cheirar, porque, como<sup>10</sup> morre algum animal, vêm logo de muito longe e se ajuntam grandes bandos. Há outros que, na grandeza do corpo e no colo, se parecem com os galipavos do Peru, mas são pretos com só as pontas das asas brancas e na cabeça, perto do bico, que é grande, têm um corrinho de três dedos de comprido e dois de grosso, mas todo vão e aberto na ponta; e dizem que é contrapeçonha e que vale contra a peste e que, se comem sua carne os leprosos <sup>11</sup>no princípio da doença, se acham bem: chama-se<sup>12</sup> *hercûm*<sup>13</sup>. Há outro tão grande como este, a que chamam *eceitân farâz*<sup>14</sup>, «ca-

valo do Diabo», por ser mui feio e, do pescoço para o cabo<sup>1</sup>, comprido, e andar muito mal, posto que ligeiro. É pardo e tem o bico e pés amarelos e, no toitiço<sup>2</sup>, umas penas compridas direitas para trás<sup>3</sup> que lhe podiam servir de rédea. Em companhia deste, podíamos pôr a ema ou avestruz, se é certo que se há-de contar entre as aves, porque também é assaz feio. Mas ainda que alguns fazem semelhantes seus pés aos do camelo, se parecem muito pouco com eles, porque tem dois dedos em cada pé, como de ave, posto que grossos e mal feitos; o da banda de dentro é comprido e o outro muito mais curto. Nem sei como com aqueles dedos pode<sup>4</sup> tomar pedras e tirá-las para trás contra os que os seguem, como também dizem, porque não são para as poderem tomar. E muitas vezes os vejo correr na cerca do imperador, andando os pajens após eles brincando, e nunca vi que tirassem pedra. Parece que os veria ir fugindo entre pedras e, como correm com muita força, pondo os pés sobre algumas, saltariam para trás e cuidariam que eles as tomavam e as tiravam. Em esta terra há muitos e dizem que correm tanto que com muita dificuldade os alcançará um cavalo.

Aves de rapina há muitas e de diversas espécies, como gaviões, falcões, açores, que matam muitas perdizes e galinhas do mato, e algumas vezes se arremessam a as<sup>5</sup> de casa, mas a gente não sabe caçar com eles; há outros que tomam codornizes e outros pássaros pequenos. Águias reais dizem que há algumas, mas até agora não vi nenhuma. Das que tomam ratos há muitas e de várias sortes. Minhotos<sup>6</sup> também há muitos, e cegonhas de muitas maneiras: umas mais pequenas que as de Europa e da mesma cor, a que chamam *hebâb oât*<sup>7</sup>, [fol. 102v] «engolidor de cobra», que à cobra chamam *hebâb*; outras são grandes, mas têm o peito branco e o demais preto, e destas há duas sortes ou três diferenças. Grous, há muitos no Verão, particularmente em Dambiâ. E é coisa para notar e têm observado os moradores desta terra, que todos os anos entram nela, em um mesmo tempo, sem haver diferença de uma vez a outra mais que três ou quatro dias, quando muito. E, como se chega o tempo em que hão-de tornar para sua terra (que também o têm certo), as que estão em Dambiâ sobem todas as manhãs tão altas que quase se não enxergam, por oito ou dez dias contínuos, e andam gritando até perto de meio dia, como chamando às que estão <sup>8</sup>em as terras vizinhas que se juntem para caminharem todas em companhia; e, de facto, vêm outras muitas a Dambiâ em aqueles dias e partem todas juntas.

Das aves que andam em os rios e lagoas, há muitas mais sortes que de outras nenhuma e tantas que não têm conto. E, afora de garças, que são bem conhecidas, corvos marinhos, há adens de muitas maneiras e umas que são como grandes patos e a carne como eles, mas pretos e o peito branco, a que chamam *uyçâ*<sup>9</sup>; outras, um pouco mais pequenas, pardas, que chamam *ibrôch* e, se é uma, *ibrâ*<sup>10</sup>. Estas são muitas e fazem grande dano em os mantimentos e, assim, quando têm fruto, é necessário guardá-los, porque senão os destruirão, elas e os grous. Também há outras aves tamanhas como abutardas<sup>11</sup>, todas brancas, e têm o bico amarelo de um palmo de comprido e de três dedos de largo. Não me quero deter

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: um.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: tordos.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 98/88].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: chamam-se.

<sup>5</sup> Ave lacustre não identificada (eventualmente, uma espécie de maçarico ou pernilongo).

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: debicadas.

<sup>7</sup> Charamelas.

<sup>8</sup> Grou coroadado (lat. *Balearica regulorum*).

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: toutiço.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: quando.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 98v/88v].

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: chamam-se.

<sup>13</sup> Possivelmente, jabiru africano (lat. *Ephippiorhynchus senegalensis*).

<sup>14</sup> Espécie não identificada. Possivelmente, grifo (lat. *Gyps fulvus*).

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: mui.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: toutiço.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: direitas.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: podem.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: aos.

<sup>6</sup> Espécie de gavião.

<sup>7</sup> Espécie de cegonha não identificada.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 99/89].

<sup>9</sup> Espécie não identificada de pato selvagem (lat. *Anās platyrhynchos*).

<sup>10</sup> Ave não identificada (*ibrâ*: actualmente, designa genericamente «pato»).

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: abetardas.

em falar das aves das lagoas, que, se de só as que andam ao longo desta de Dambiâ, onde eu estou mais de ordinário, se houvera de tratar, fora coisa mui comprida, porque não têm conto.

Também há muitas aves nocturnas, como bufos, mochos, corujas, morcegos; e estes não são pouco prejudiciais em as igrejas, onde se juntam muito, porque são escuras e altas, e assim as inficionam com seu mau cheiro, ao que se junta haver nelas de ordinário muitas andorinhas, que também as sujam muito, porque criam dentro.<sup>1</sup>

Esta matéria das diferenças das aves que há em Etiópia, trata Frei Luis de Urreta no cap. 26.º de seu 1.º livro. Mas em algumas coisas não teve certa informação, como no que diz, pág. 268, que não há aves nocturnas, nem gaviões, nem açores, nem outras aves de volateria, senão as que trazem da Pérsia para presentear aos reis e príncipes. Também, que as galinhas, como põem, não se podem comer; e que, para chocar os ovos, põem mil e dois mil juntos na areia e, cobrindo-os com esterco, botam por cima areia; e que, como é terra que quase nunca chove e o sol muito forte, se chocam e saem os pintainhos; e, tomando depois um galipavo, lhe depenam os peitos e açoutam com urtigas e, assim, o<sup>2</sup> ensinam a criar os pintainhos e vão dois mil após ele. Isto, segundo dizem, [fol. 103] se costuma lá para o Cairo, onde chove pouco ou nada, mas nas terras do Preste João não há tal coisa, nem viram nunca galipavos, nem há memória de que trouxessem alguma vez da Pérsia gaviões ou falcões, nem cá sabem caçar com eles, que, se souberam, não lhes faltavam em sua terra.

<sup>3</sup>Sobre todas estas coisas é muito fabulosa e ridícula em Etiópia a que conta de uma ave, no fim do capítulo, por estas palavras: *La otra ave, que la he guardado pera el fin de este capitulo, es la que aquí llamamos del Paraiso, o como llaman en Ethiopia, camenios, que quiere decir «camaleon del aire». El cuerpo desta avezita con la cabeça sera como el artejo de un dedo, mas pequeno que el cuerpo de un ruyseñor. El pico es mas grande que todo el cuerpo, y abre la boca mucho mayor de lo que se presume pera tan chico cuerpo. Sus plumas son muy grandes de mas de tres palmos, las mas hermosas de mas bivos colores, bellos matices y diferencias de esmaltes que produjo la naturaleza, que ni el papagayo, ni el pavon, ni ave alguna se puede igualar a ella. No tiene pies y siempre anda bolando por el ayre de dia y de<sup>4</sup> noche, y en el ayre se sustenta de mosquitillos y del mismo ayre y en el duerme, sin que jamas se asiente sobre arbol ni mata, antes en tocando en tierra, muere luego. Y es tan delicado que a veces los muchachos ponen liga en alguna caña larga y, en viendo estos paxarillos, procuran tocarlles que se peguen, y mientras baxan la caña, ya llega muerto. Dira alguno: ¿Si mueren en tocando en tierra, como se multiplican? ¿Como ponem los huevos y los empollan? A todo esto acudio la industriosa naturaleza con un artificio extraño, pera que, considerando estas maravillas, alabemos a Dios en sus obras: diole naturaleza un nervio en lugar de los pies, tan largo como las plumas y tan delgado como cuerda de vihuela<sup>5</sup>. Y quando es el tiempo en que su naturaleza lo inclina a su multiplicacion, va buscando la hembra y com aquella cuerdecilla la ase y se abrocha com ella, y esto todo bolando. Quando la hembra quiere poner sus huevos, anda buscando al macho y en viendole, afierra con el y se ata con aquel nierviçuello y pone los huevos en cima de las alas del macho, entre las quales formo la naturaleza un asiento y hoyo como nidat, y iuntamente se esta alli la hembra fomentando sus huevos hasta que estan los hijuelos nacidos. Y siempre andam bolando, mientras estan en su cria, sustentandose de mosquitos y del ayre. Sacca-*

*dos los pollitos se va la hembra y el macho lleva su dulce carga a cuestras, hasta que les nacen plumas, y se echan a bolar. Destas aves ay muchas en la Arabia y en la Ethiopia en muchas partes, en especial en el Monte de Amara, porque son regiones donde llueve muy raras veces<sup>1</sup>, ni se enturbia el ayre.<sup>2</sup>*

[fol. 103v] Tudo isto é mera ficção, que não há tal pássaro em Etiópia, nem parece que o haverá no mundo; e, assim, perguntando eu por ele, diante do imperador, a senhores muito grandes, [que] estiveram muito tempo no reino de Amharâ, se riram muito desta patranha; e o imperador lhes referiu, com muita festa, outras que eu lhe tinha contado, <sup>3</sup>como dos grandes tesouros que o mesmo livro diz que há em Guixêm Ambâ, a que ele chama o Monte de Amharâ, e que houvesse formigas tão grandes como cães. E eles se maravilharam de que houvesse quem se ocupasse em inventar tantas mentiras; porque, demais do<sup>4</sup> serem muito grandes as dos tesouros e formigas e que haja tal pássaro em Etiópia, chove muito em todo o reino de Amharâ e, muitas vezes, cai tanta pedra que dana as sementeiras, por onde mal poderão andar lá semelhantes pássaros, quando os houvera. E ainda que nunca chovera, bastavam os ventos, que muitas vezes são tão grandes que quebram as árvores, para dar com todos esses pássaros pelas rochas ou arvoredos, sem poderem resistir a seu grande ímpeto, sendo de tão pequeno corpo e tendo tão compridas penas. E, quanto ao diz que há também muitas destas aves em Arábia, se fala com a que confina com o Mar Roxo, eu andei muita parte dela pela terra dentro, em sete anos que os turcos lá me tiveram cativo, e nunca vi tal ave, nem ouvi dizer que a houvesse.

## CAPÍTULO XXV

### EM QUE SE TRATA DO CLIMA, MINERAIS E FERTILIDADE DAS TERRAS DO PRESTE JOÃO

Quase todas as terras que senhoreia o Preste João têm bons ares, são mui temperadas e sadias, tanto que há muitos homens de cem anos muito bem dispostos, e ainda vi alguns de cento e vinte e de cento e trinta com boas forças. Contudo, há algumas terras baixas onde faz grandes calmas no fim do Verão; quando começa a chover, há nelas muitas doenças e morre gente. Pelo que ali, ordinariamente moram em lugares altos, mas por muita calma que faça, se<sup>5</sup> se põem à sombra, acham fresco. Também há terras muito frias, como no reino de Begmêder, em a província de Oagrâ, e sobretudo na província que chamam Cemen, que é frigidíssima. As águas, assim das terras quentes como das frias, comumente são boas e sadias. No tempo há grande variedade, porque, de Abril até Agosto, os dias são maiores que em Espanha. Pondo o rosto<sup>6</sup> a Oriente, as sombras vão para a mão direita. De-

<sup>1</sup> Ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *R/ESOI 5*, Roma, 1907, p. 43.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 99v/89v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: en el.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: biguela. A lição do copista é arcaizante.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: raramente.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excerto (com omissões) do livro I, cap. 26, intitulado «De la muchas aves que ay en la Etiopia, y en particular de la aves llamadas del Parayso», pp. 275-6.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 100/90].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: se.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: para.

pois, diminuem os dias, de maneira que em Novembro e Dezembro são muito pequenos e as sombras vão para a mão esquerda.<sup>1</sup>

~~Quanto à fertilidade das terras, é muito grande, porque ainda que há algumas menos frutuosas.~~

Minas de ouro há algumas<sup>2</sup>, particularmente no reino de [fol. 104] Nareâ, mas o melhor é o que tiraram de um rio grande, que chamam Bebêr, lavando a areia da praia. Alguns mergulham no mais fundo, levando umas gamelas de pau amarradas com cordas, e, como as encham da areia de dentro, puxam pelas cordas outros que estão na borda do rio, e ali acham, muitas vezes, grandes pedaços. Em outra terra, não muito longe desta, que chamam Fazcolô, dizem que há muito, se o souberam tirar, porque, quando dão fogo aos matos, que o fazem muitas vezes, e são bambuais, saem pegados nas pontas dos bambus, que nascem pedaços de ouro; e isto é o mais fino que há<sup>3</sup> em Etiópia. Também em outra terra, que há pouco tempo<sup>4</sup> que sujeitou *Erâz* Cela Christôs, irmão do imperador, a que chamam Ombareâ, perto do reino de Gojâm ao poente, há bom ouro, mas nem ali o sabem tirar, que são cafres<sup>5</sup> grosseiros. Em o reino de Tigrê, em a província que chamam Tambên, dizem que se achou primeiro uma mina de ouro, e que o Imperador Malâc Çaguêd mandou que a cobrissem e que se não falasse nela por que os turcos não procurassem tomar aquela terra. Também em Agçûm, que é no mesmo reino, quando chove muito, dizem que se acham sobre a terra muitos pedacinhos de ouro.

Há também minas de prata na província de Tambên e na de Zalâmt. E, quando eu entrei em Etiópia, que foi em Maio de 1603, a tiravam uns gregos por mandado do Imperador Iacob e me mostraram alguma e era muito boa e branda, mas dali a pouco tempo desistiram de a tirar. E, dizendo eu, pouco há, ao Imperador Seltân Çaguêd (que mandava comprar da que vinha dos turcos), porque não a fazia tirar, pois a tinha em aquelas províncias, me respondeu porque era muito trabalho e pouco proveito.

<sup>6</sup> Ferro há em muitas partes e chumbo em algumas, mas disto tão pouco, que quase não lhes basta para piloros<sup>7</sup> de suas espingardas. E, assim, quando hão-de ir à guerra, o repartem os capitães aos soldados com muito tento.<sup>8</sup>

Quanto à fertilidade das terras é muito grande, porque ainda que há algumas menos frutuosas, são poucas as que se não semeiam cada ano, sem nunca descansar. E em algumas delas se recolhem dois frutos cada ano, não somente em os vales, onde se podem regar, mas em os campos; e, com tudo isso, de umas sementes, que chamam *daguçâ*<sup>9</sup> e *tef*<sup>10</sup>, que não há em Europa, e são miúdas como mostarda; muitas vezes de uma medida se recolhem cento, e cento cinquenta; e disto fazem pão que come a gente ordinária, mas é preto e de pouca sustância. Também o milho responde muito. Há trigo de muitas feições, cevada, grãos, [fol. 104v] favas, lentilhas, feijões e outras sementes em abundância, mas não respondem tanto como as primeiras; quando muito, dão vinte ou trinta por um. Semeiam muito linho e, ainda em os campos onde se não rega, se faz tão grande como o de Espanha, mas não se sabem aprovei-

tar dele para fazer pano, porque a cana botam fora e a semente recolhem para certo comer que fazem dela. Têm *gergeli*<sup>1</sup> e outra semente que chamam *nug*<sup>2</sup>, como linhaça, mas é preta, de que fazem muito azeite, que de azeitonas não o há. Semeiam muitos alhos e<sup>3</sup> cebolas, couves (mas são ruins), rábanos e outras coisas, como nabos que em Espanha não há, a que chamam *xux* e *denich*<sup>4</sup>, com que se remedeia a gente pobre, em tempo de fome. Há canas de açúcar, gengibre, cardamomo, cominhos pretos, endro, funcho, coentro, mastruço e algumas alfaces ruins. Mas agora, faz dois anos, nos veio da Índia semente delas, de couves chicórias, e tudo se começa a dar muito bem; juntamente, veio semente de malagueta e já há muita, e folgam com ela.

<sup>5</sup> Árvores de fruto, não há de tantas diferenças como em Espanha, mas há muitos pessegueiros, romieiras, figueiras das de Portugal e da Índia e outra sorte, que na folha quase não se diferencia das figueiras da Índia; e, ainda que não dá fruto para comer, é mais proveitosa que elas, porque, o tronco ou miolo de meio da folha, comem e, da mesma folha, fazem cordas e [esteiras muito finas], fiam linhas, com que fazem panos com que vestem os<sup>6</sup> pobres; e a raiz, que é ordinariamente mais de dois palmos de largo<sup>7</sup>, comem cozida e dela fazem farinha muito fina e branca, que comem cozida com leite, mas o pão dela não é muito bom. E se cortam tudo a longo da terra, bota à roda muitos olhos, que dispõem em outras partes e logo prendem; chama-se *encê*<sup>8</sup>. Há naranjeiras<sup>9</sup>, cidreiras, limoeiros galegos e outros que dão o fruto muito grande, tamarinheiros, jambolans<sup>10</sup>, maseras<sup>11</sup> da Índia<sup>12</sup>, umas árvores grandes que, a elas e a seu fruto, chamam *xe*<sup>13</sup>; no sabor, cor e feição se parece com dátil, senão que é mais delgado na ponta. Também semearam, pouco há, palmeiras de coco e começam já a dar fruto, e de dátiles<sup>14</sup> há algumas pequenas, mas no reino de Dancali há muitas. Vinhas, como em Espanha, não há, todas são parreiras e, destas, poucas; e plantam juntas oito ou dez varas, e nunca as podam e, assim, uma só parreira toma muito campo e tem necessidade de grande ramada, mas, contudo, dão muitas uvas e grandes cachos. Agora já vão prantando<sup>15</sup> os principais, porque o imperador é muito curioso. E em uma das cercas de uns paços, que há poucos anos que fez, plantou em Setembro cento e cinquenta parreiras e, pelo Natal, comeu alguns vinte cachos maduros, com não haver bem quatro meses que se tinham plantado, que tudo eu vi; e, depois, mandou plantar em um campo cinco mil. E como as põem muito afastadas, porque<sup>16</sup> [fol. 105] não as hão-de podar, ocupam muita terra. E, pelo muito que deseja que todos plantem, lançou pregão que, todo aquele que plantasse parreiras ou quaisquer árvores de fruto, não perderia nunca a terra, ainda por traição à coroa, com ser costume tirar o imperador todas as vezes que quer as terras a uns e dá-las a outros, excepto aquelas que compraram à coroa. Agora novamente semearam

<sup>1</sup> Semente oleaginosa para uso medicinal. *Ms. 778 BPB*: gergelim.

<sup>2</sup> Níger (lat. *Guizotia abyssinica*).

<sup>3</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: e.

<sup>4</sup> Turbérculos: provavelmente, inhame e batata doce (actualmente, *děněč* significa genericamente «batata»).

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 101/91].

<sup>6</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: os.

<sup>7</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: de largo.

<sup>8</sup> Árvore da família das bananeiras (lat. *Ensete ventricosum*).

<sup>9</sup> *Ms. 778 BPB*: laranjeiras.

<sup>10</sup> Jambolão: árvore frutífera indiana.

<sup>11</sup> *Ms. 778 BPB*: maceiras.

<sup>12</sup> Maceira ou jujubeira.

<sup>13</sup> Árvore não identificada.

<sup>14</sup> Tâmara.

<sup>15</sup> Plantando, pondo.

<sup>16</sup> *Ms. 778 BPB*: as.

<sup>1</sup> Ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI 5*, Roma, 1907, pp. 17-8.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: uma algas.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 100v/90v].

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: há.

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: boçais e.

<sup>6</sup> Os editores anteriores marcaram um parágrafo que não foi assinalado nos manuscritos.

<sup>7</sup> *Ms. 778 BPB*: pelouros.

<sup>8</sup> Acerca da riqueza mineral, ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI 5*, Roma, 1907, pp. 35-6.

<sup>9</sup> Milho miúdo (lat. *Panicum milliaceum*).

<sup>10</sup> *Tef* (lat. *Eragrostis teff*), cereal endógeno da Etiópia.

papaias que vieram da Índia e se dão muito boas. Há muito algodão, de que fazem alguns panos muito bons, mas, ordinários<sup>1</sup>, não são como os da Índia, ou porque o algodão não será tão bom, ou porque o não sabem concertar. Contudo, fazem outra sorte de pano, muito largo e forte, que lhes serve na cama de colchão e cobertor como de papa, e é muito quente, porque tem o cabelo quatro dedos de comprido, a que chamam *becêt* e são alguns tão bons que custam dez cruzados. Tudo o que se semear e plantar nesta terra, parece que se dará, particularmente oliveiras, porque há muitos zambujeiros e alguns têm o fruto quase tão grande como azeitonas; não porque os enxertassem<sup>2</sup> nunca, que eles não o sabem fazer, senão por a terra lhes ser acomodada.

As árvores silvestres, comumente, são espinheiros, alguns muitos altos e grossos. Há também muitos cedros altos, mas não têm a copa como os de Espanha, senão os ramos espalhados, como os pinta e descreve Dioscurides<sup>3</sup>, e madeira cheirosa e muito boa para casas. Há angeli<sup>4</sup> muito formoso, pau preto, e umas árvores que chamam *zeguebâ*, muito altas e formosas e grossas, madeira branca e formosa, com outras muitas sortes de árvores que não há em Espanha nem em Europa, particularmente uma, que chamam *demâ*;<sup>5</sup> esta se faz tão grossa que não a abarcaram quatro homens e, ordinariamente, com serem muito altas, não lançam os ramos até perto da ponta. E o tronco é liso dentro; ainda que não é oco, está muito fofo. E alguns frades, que andam no deserto, metem nele estacas uma acima de outra até chegar muito alto e, subindo por elas, cortam facilmente e fazem dentro sua casinha, onde dormem de noite por medo dos leões. E ainda afirmam que antigamente se metiam ali alguns, e outros lhes davam de comer, até que se fechava aquela casinha, que por dentro torna a encher muito depressa; e assim ficava ali morto e sepultado, como já dissemos.<sup>6</sup> Em as ribeiras há muitos jasmims, que também se dão pelos matos com outras muitas flores cheirosas.

Ainda que estas terras de Etiópia sejam tão férteis e abundantes de mantimentos, como temos dito, com tudo isso muitas vezes houve grande falta deles em muitas partes, por causa dos inumeráveis<sup>7</sup> gafanhotos que costumam vir da banda de Oriente, praga tão grande que, por onde quer que chega, deixa as sementeiras feitas em pó, as ervas assoladas [fol. 105v] e as árvores sem folha verde. E muitas vezes se assentam tantos juntos que, com seu peso, quebram ramos bem grossos. Pelo que, se esta praga fora geral e de cada ano, sem dúvida se despovoavam as terras e ficariam totalmente desertas. Mas não vinham todos os anos por uma mesma parte. E agora, segundo dizem, haverá trinta anos que não chegaram aos reinos de Gojâm, Begmêder, Dambiâ e outros. E no reino de Tigrê, em que faziam grande dano quase todos os anos, haverá já doze que não se viram, senão muito poucos.<sup>8</sup>

Desta matéria dos minerais e fertilidade da terra<sup>9</sup> de Etiópia trata Frei Luis de Urreta no cap. 27.º de seu 1.º livro<sup>10</sup>. Mas em muitas das coisas<sup>11</sup> que diz, foi mal informado; como que em o reino de Da-

môt haja muitas minas de ouro e o mais fino e de mais subidos quilates que tem toda África; o que parece que tomou de Francisco Álvares, fol. 170, de sua *História Etiópica*.<sup>1</sup> Mas enganou-se, porque em Damôt não há minas de ouro e, se as há, não as conhecem. Senão, toma este nome<sup>2</sup> Damôt em tanta latitude que compreenda também o reino de Nareâ,<sup>3</sup> como a gente vulgar faz. E ainda, com tudo isso, é coisa certa, como afirmam todos e me disse o Imperador Seltân Çaguêd, que o mais fino ouro que há em todas suas terras, é o do reino de Fazcolô, que está longe de Damôt. Nem também parece certo o que diz que Pêro de Covilhã afirmou a Francisco Álvares que, no reino de Begmêder, há um monte muito grande, todo de prata, e que a não sabiam tirar os etíopes, mas que faziam uma cova<sup>4</sup> ali lhe davam fogo, como se fora forno de chumbo, e que corria a prata como ribeiras. Isto não só foi encarecimento, mas patranha, porque, se houvera tão rico monte e de que tão facilmente se tira tanta prata, não se perdera tão depressa a memória dele, que agora não há quem saiba, nem<sup>5</sup> ouvisse dizer tal coisa, nem se houveram de ocupar em tirar na província de Zalâmt e de Tambên prata de pedra, como faziam uns gregos por mandado do imperador, quando eu entrei em Etiópia; e, ainda que a prata era muito boa, desistiram depois de a tirar, porque tinham muito trabalho e pouco proveito.

Não é menor patranha a que ali mesmo diz, pág. 252<sup>6</sup>, que como já sabem tirar a prata, é tanta que a estimam em pouco, porque nunca houve tanta prata em as terras do Preste João que lhe não fosse necessário comprá-la aos turcos, com lha venderem bem cara; e, os anos passados, davam aqui, por cinco patacas, uma onça de ouro que é o peso de uma. Também diz no mesmo lugar que o sal já não corre por moeda, como antigamente,<sup>7</sup> senão que o levam por mercadoria a Monomotapa e Congo. Mas não é assim, porque até hoje sempre [fol. 106] correu por moeda; que a de cobre, que quis introduzir *Erâz Athanateus*, governando o império com a Imperatriz Mariâm Sinâ, sua sogra, por ser o Imperador Iacob menino, não a quiseram admitir, como já dissemos no fim do cap. 9.º. Nem são tão vizinhos os reinos de Monomotapa e Congo, que de cá se lhes possa levar carregado o sal; antes, é tão grande a distância que não somente não têm comunicação com eles, mas nem ainda lhe sabem o nome.

Diz mais que os rábanos se fazem muito grandes, mas que se não podem comer porque, na acrimónia, não há malagueta nem pimenta que se lhes iguale, e que<sup>9</sup> não dão cebolas nem alhos de nenhuma maneira. Mas foi engano, porque os rábanos se comem muito bem, e ainda não queimam tanto como os de Portugal. Cebolas se criam muitas, posto que pequenas, e alhos há em grande abundância e cabeças tão formosas que não lhes fazem vantagem as melhores de Espanha.

Semelhante a isto é o que diz, pág. 292<sup>10</sup>, que Etiópia é terra de muita seda e que os bichos lavram seus capulhos<sup>11</sup> em as mesmas amoreiras pelos campos, de que há grande multidão e que muitos também criam os bichos em casa; porque nem há seda nenhuma em as terras de Etiópia que senhoreia o Preste João, mas nem viram nunca os bichos, nem também como a lavram. E, assim, ele mesmo me per-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: ordinariamente.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 101v/91v].

<sup>3</sup> Dioscórides Pedanius de Anazarbos (século I a.C.). Esta menção parece indicar que os padres tinham consigo um compêndio de botânica deste autor. Na versão traduzida por Juan Jarava, intitulada *Historia de las yervas, y plantas, sacada de Dioscoride Anazarbeo y otros insignes Autores, con los nombres Griegos, Latinos, y Españoles* (Antuérpia, 1557), não há, contudo, referências ao cedro.

<sup>4</sup> Angelim, ou jaqueira brava. Ms. 778 BPB: angelim.

<sup>5</sup> Baobá ou embondeiro (lat. *Adansonia digitata*). *Dima* é o nome em língua gurague.

<sup>6</sup> Referência anterior ao *demâ* no cap. XXI, p. 185.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: muitos.

<sup>8</sup> Acerca da flora etíope, ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 37-9.

<sup>9</sup> Omito no Ms. 778 BPB: da terra.

<sup>10</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 27, intitulado «De la riqueza de minerales, fertilidad de arboles y plantas, abundância de frutos que ay en la tierra de la Ethiopia», pp. 276-93.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: das.

<sup>1</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 134, «Do reino de Damute e do muito ouro que nêle há e como se apanha e de este para o sul são as amazonas, se as aí há», pp. 358-9.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: toma.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 102/92].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: se que.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: quem.

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 25.

<sup>7</sup> Omito no Ms. 778 BPB: como antigamente.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: se.

<sup>10</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 27.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: casulos. Os dois termos equivalem-se.

guntou, por vezes diante <sup>1</sup>dos grandes, que coisa era e, depois, que feição tinham os bichos, e todos se maravilharam muito quando lhes disse como os criavam, como dormiam<sup>2</sup> e mudavam a pele, etc. Nem amoreiras há de nenhuma maneira. Só ouvi dizer que, em umas terras muito longe, que não cuida senhora o imperador, havia umas árvores que tinham o fruto como o das silvas; estas pode ser que sejam amoreiras.

## CAPÍTULO XXVI

### DO RIO NILO, DE SUA FONTE E DE SEU DISCURSO, E CAUSAS DE SUAS CRESCENTES

Já que tratamos da fertilidade das terras que senhora o Preste João, não será fora de propósito dizer agora alguma coisa dos principais rios e lagoas, que também a fertilizam e fazem mais abundante. E o primeiro que se oferece como mais insigne é o grande e famoso Rio Nilo que, como têm para si os santos antigos e quase todos os doutores modernos, é o que a divina Escritura, *Gênesis 2*, chama Gehon<sup>3</sup>. E o põe no 2.º lugar, quando nomeia os quatro que saíam do Paraíso, dizendo: *Et nomen fluvii secundi Gehon*. [fol. 106v] *Ipse est qui circuit omnem terram Ethiopiae*<sup>4</sup>. A gente deste império o chama *Abaoi*, e tem sua fonte no reino de Gojâm, em uma terra que se chama Çahalâ, a cujos moradores chamam *agôus*. São cristãos, mas têm muitas superstições gentílicas pelo trato e vizinhança de outros *agôus* gentios seus parentes, que são muitos. Está [a]<sup>5</sup> fonte, quase ao poente daquele reino, na cabeça de um valezinho que se faz em um campo grande. E, aos 21 de Abril de 1618, que eu<sup>6</sup> cheguei a ver, não pareciam mais que dois olhos redondos de quatro palmos de largo. E confesso que me alegrei de ver o que tanto desejaram de ver antigamente El-rei Ciro e seu filho Cambises, o grande Alexandre e o famoso Júlio César. A água é clara e muito leve, a meu parecer, que a bebi, mas não corre por cima da terra, ainda que chega à borda dela. Fiz meter uma lança em um dos olhos, que está pegado com<sup>7</sup> uma ribanceirinha onde começa aparecer esta fonte e entrou onze palmos e parece que tapava<sup>8</sup> em baixo em as raízes de árvores que estão na borda da ribanceirinha.

O segundo olho da fonte está mais abaixo, para o Oriente, como um tiro de pedra do primeiro. E, metendo nele a lança, que era de doze palmos, não se achou fundo. Um português tinha primeiro amarrado duas lanças, que ambas tinham vinte palmos e, metendo-as, tão pouco achou fundo. Dizem os que ali moram que o não tem e, quando andam por perto de aqueles olhos, bole e treme tudo à roda de maneira que se vê claramente que debaixo tudo é água, e que não se anda por cima senão por esta-

rem as raízes das ervas mui entretrecidas, com alguma pouca de terra. E a mim me afirmaram <sup>1</sup>muitos e o mesmo imperador que estava perto com seu exército, que tremia pouco, por haver sido muito seco o Verão; que, outros anos, com muito medo chegavam ali, porque, em<sup>2</sup> pondo o pé sobre a erva, parecia que se queria ir tudo ao fundo. E, até oito ou dez passos mais adiante, bulia descendo e alevantando. O circuito, que mostra ser lugar como de lagoa, é quase redondo e não se pode chegar de banda a banda com uma pedra, mas com funda, folgadamente.

Perto da fonte, da banda de cima, mora gente. E, dali, se vai subindo, pouco a pouco, até se chegar a uma serra, que estará como meia légua da fonte ao poente, a que os moradores chamam Guix. E ainda que, por esta parte, parece que, de seu pé até cima, poderá chegar uma espingarda, pelas outras partes é muito alta. Mas por todas se pode subir até cima, e lá se alevanta um bico onde os [fol. 107] gentios sacrificam muitas vacas. E antigamente, vinha, em certo dia do ano, seu feiticeiro, a quem tinham por sacerdote, e sacrificava uma vaca perto da fonte e botava a cabeça nela e a fazia ir ao fundo. E logo ia para aquele bico, onde fazia solene sacrifício, matando muitas vacas que os gentios lhe traziam. E depois se cobria todo com o sevo<sup>3</sup> delas e assentava-se em uma cadeira de ferro que tinha posta no meio de muita lenha seca, e mandava pôr fogo e estava dentro dele até que a lenha se acabava, sem se queimar nem ainda derreter-se o sevo, e algumas vezes entrava depois do fogo aceso e se assentava em sua cadeira. E com estas feitiçarias enganava aquela gente, de maneira que o tinham por grande santo e lhe davam quanto fato queria.

Do pé daquela serra até à fonte, semeiam muito trigo e cevada e, à roda dela, da banda do Sul, para Oriente e Norte, há um bom pedaço de mato baixo que se parece com tamargueira e, depois, muitas terras que semeiam e será tudo como uma légua de campo. Mas, por qualquer parte que queiram ir a ela (excepto vindo daquele bico), se há-de subir e por todas as partes podem, ainda que pela banda do Oriente e Ocidente é mais alta e dificultosa a subida. De Norte a Sul se passa facilmente e, para a banda do Sul, como uma légua<sup>4</sup> da fonte, está um vale fundo e largo, onde nasce uma ribeira muito grande que vai a entrar no Nilo e pode ser que venha da mesma fonte de cima. O fio da água que vai por baixo da terra, quando sai daquele circuito redondo da fonte, corre para Oriente por espaço de um tiro de espingarda, segundo mostram as ervas e a aparência da terra, que por ali é mais baixa, como ribeira não muito larga, e logo vai declinando mansamente para o Norte. E, tendo andado como um quarto de légua, se descobre a água entre umas pedras e faz uma ribeirinha que, quando a eu vi, não era de grossura de um homem, posto que em outros tempos é maior, segundo dizem. E, pouco mais adiante, se lhe juntam duas ribeiras pequenas que vêm da banda de Oriente e, depois, recolhe outras muitas com que sempre <sup>5</sup>vai engrossando; e, tendo andado pouco mais de um dia de caminho, recolhe um rio grande que se chama Jamâ. Depois, dando muitas voltas, vai para o Ocidente e, tendo andado vinte ou vinte e cinco léguas, já é rio grande, e começa a declinar para o Norte [e vai voltando sempre], de maneira que as trinta e cinco léguas de seu curso, pouco mais ou menos, torna a correr ao Oriente e entra por uma ilharga de uma lagoa grande que está entre a província que chamam Bed do reino de Gojâm e o reino de Dambiâ. E eu cheguei ao lugar por onde entra e, depois, passei [fol. 107v] bom pedaço

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 102v/92v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: comiam.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: Gehan.

<sup>4</sup> «O nome do segundo rio é Gehon. Este é o que rodeia toda a terra da Etiópia.» (*Gênesis 2*, 13).

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: [a].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: ao pé de.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: topava.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 103/93].

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: em.

<sup>3</sup> Sebo.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: lagoa.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 103v/93v].

adiante e, olhando da borda da lagoa de lugar alto, me pareceu que passa o rio por dentro dela como meia légua. E enxerga-se muito bem o fio de sua corrente, quando a lagoa está em calmaria, como então estava, porque umas ervas verdes, que traz o rio antes de entrar nela, as vai levando mansamente, sem se bulirem as palhas e outras coisas que, de uma e outra banda, estão sobre a água da lagoa. E, ainda que não cheguei ao lugar por onde sai dela, conforme ao que dali me mostraram e o tempo que, diziam, tardava um homem caminhando bem em chegar da entrada à saída, serão seis léguas pouco mais ou menos. Mas quando sai da lagoa leva muito mais água do que trazia quando entrou e, ainda que é rio muito grande, todavia em algumas partes onde espraia se passa a pé, no Verão.

Como sai da lagoa, vai declinando para o Sul mui devagar. E tendo andado como cinco léguas chega a uma terra que chamam Alatâ, onde cai a pique por umas rochas que terão de alto catorze braças e será necessário funda para chegar com pedra de banda a banda. E no Inverno, da pancada que dá em baixo, se levanta a água como fumo no ar, tanto que se vê de muito longe, como eu vi muitas vezes. E, pouco mais adiante, se estreita de maneira entre duas rochas, que facilmente atravessam paus de uma a outra e fazem ponte, por onde, algumas vezes, passa o imperador com todo seu exército. E, perto dali faz a mesma rocha um arco, por onde alguns que são mais atrevidos passam, ainda que por cima é muito estreito. Aqui lhe fica para Oriente o reino de Begmêder e corre alguns dias por entre ele e Gojâm; logo, o reino de Amharâ, depois Olacâ e, logo, o reino de Xaoâ e, após<sup>1</sup> este, o de Damôt, dando sempre volta ao reino de Gojâm. E, chegando defronte de uma terra que chamam Bizân, da banda de Damôt, e outra que se chama Gumâr Çancâ, da banda de Gojâm, vem a estar o rio tão perto de sua fonte, que se pode chegar a ela em um dia. E, perguntando eu, diante do Imperador Seltân Çaguêd, a seu irmão *Erâz* Cela Christôs, quantos dias de caminho seriam de Gumâr Çancâ, indo pela ribeira acima, até chegar à sua<sup>2</sup> fonte, foi ele contando, com alguns homens grandes que estavam presentes, e acharam vinte e nove, se bem me lembra. De Gumâr Çancâ adiante, ainda vai correndo, alguns dias, <sup>3</sup>à roda de Gojâm e, depois, passa por entre o reino de Fazcolô e o de Ombareâ, de gentios muito pretos, que o ano de 1615 sujeitou, com grande exército, *Erâz* Cela Christôs; e, por ser terra tão grande e pouco conhecida, a chamaram eles *Ayez Alêm*<sup>4</sup>, que quer dizer «Novo Mundo». Dali por diante, não [fol. 108] senhoreia o imperador, nem sabem dar razão dos nomens<sup>5</sup> das terras, nem do curso do rio, mais que dizerem que vai por terra de cafres gentios para o Cairo.

Deixando, pois, de seguir o curso deste grande rio, passaremos a dar<sup>6</sup> a razão de sua anual crescente que, por ser sempre em um mesmo tempo e este, de Julho por diante, quando por outras partes se diminuem e se vão secando os rios, fez tanta dificuldade a S. Ireneu, livro 2.º, *Adversos hereges*, cap. 47 (como refere Frei Luis de Urreta, pág. 3037) que, com trazer muitas opiniões, não se atreveu dar por certa nenhuma, senão que disse que a verdade Deus a sabia. E Lucano e Abulense dizem que é segredo da natureza mui escondido e Teodoreto confessa que não o entende. E outros que, só guiados por só<sup>8</sup> seu discurso, quiseram dar a causa, disseram mil disparates, como que, soprando os ventos ao

contrário da corrente do Nilo, detinham as águas e, assim, cresciam em alto. Outros, que a muita areia que leva o Nilo, se detém nas bocas por onde entra no mar e fecha seu curso e, tornando as águas detidas para trás, causam a inundação de Egipto. Até Aristóteles, príncipe dos filósofos, em um livro que fez, *De Inundatione Nili*, disse que ao longo do Nilo há muitas fontes que, no Inverno, então fechadas e, no Verão, com a quentura do sol se dilata a terra e, assim, saindo elas, cresce o Nilo. Também Frei Luis de Urreta, em seu 1.º livro, pág. 305<sup>1</sup>, filosofa a seu modo e atribui estas crescentes às águas do mar<sup>2</sup> oceano que, batidas em aquele tempo com furiosos ventos, entram por segredos arcaduces<sup>3</sup> e veias até à lagoa donde nasce o Nilo e a fazem crescer e, dali, vem crescer também o rio.

Tudo isto vai muito fora do que a experiência, que não pode enganar como o discurso dos homens, tem mostrado, não somente aos naturais de Etiópia, mas a todos os de Europa que estamos nela; e é que, ordinariamente, na entrada de Junho, começa nestas terras o Inverno e chove tanto até Setembro, e algumas vezes por todo ele e parte de Outubro que, não somente os rios, mas as ribeiras muito pequenas crescem de maneira que não se podem passar sem barcas que fazem de uma palha à maneira de junco que, ainda que é de quatro dedos de grosso, como se seca, fica muito leve e nunca se vão a fundo, ainda que se virem. Destas ribeiras, há muitas no reino de Gojâm, que no Inverno parecem grande rio e todas estas entram no Nilo, e de outras partes lhes vêm muitas e rios caudalosos que, depois de terem corrido <sup>4</sup>muitas terras e recebido no Inverno muito grande [fol. 108v] multidão de águas, descarregam no Nilo. Também a Lagoa de Dambiâ, por onde (como acima dissemos) passa este rio, acaba de encher meado Agosto, pouco mais ou menos, com as muitas águas que lhe entram e, dali por diante, desagua em ele com mais fúria, sem se divertir por outra parte, porque não sai dela outro rio nenhum, nem ainda ribeira, com lhe entrarem muitas e muito grandes, particularmente no Inverno. Esta, pois, é a verdadeira causa da enchente anual do Rio Nilo: as muitas águas que se lhe juntam, por ser Inverno cá naquele tempo e chover muito; todas as demais que dão, são fábulas e meras imaginações. No fim de Setembro, começam ordinariamente as águas desta Lagoa de Dambiâ a diminuir e as ribeiras a baixar, por ir faltando a chuva e, conseqüentemente, o Nilo. Mas não acaba isto tão depressa que não leve mais água de ordinário até o Natal.<sup>5</sup>

Por algumas partes de sua ribeira, não tem árvores nenhuma; por outras, as cria muito altas, como são cedros silvestres e outras árvores que não há em Espanha. Andam nele cavalos marinhos que cá chamam *gumari*<sup>6</sup> e, a gente que passa em embarcações, se guarda muito deles, porque algumas vezes arremetem e, pondo as mãos sobre elas, as viram com sua grande força e peso e matam aos que alcançam com os dentes, que os têm mui compridos<sup>7</sup>. Há grande multidão de peixe de muitas sortes e gordo, por achar bem que comer e, entre ele, o que nós chamamos em latim «torpedo», e a gente desta terra chama *adenguêz*<sup>8</sup>, que quer dizer «espanto», porque como eles dizem, que quem o toma na mão, se bole, fica espantado, e ainda lhe parece que todos os ossos se lhe desconjuntaram, como lhes sucedeu

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: depois.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: sua.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 104/94].

<sup>4</sup> Addis Alâm; errata do autor, repetida pelo copista.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: nomes.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: diremos.

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 28, intitulado «Del rio Nilo, de sus fuentes y manantiales, su discurso y causas de sus crecientes, y otras particularidades raras. Trata-se de los crocodilos», pp. 294-310. Nas pp. 303-4, Luis de Urreta resumiu as opiniões dos autores antigos que são mencionados pelo autor.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: só.

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 28.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: mar.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: aquedutos.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 104v/94v].

<sup>5</sup> Ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 19-22. Manuel de Almeida escreveu sobre o Nilo Azul «como testemunha de vista» (p. 19); não fez referência à anterior expedição do seu confrade Pedro Páez. Os anteriores editores marcaram um parágrafo que não foi assinalado nos manuscritos.

<sup>6</sup> Hipopótamo (lat. *Hippopotamus amphibius*).

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: muito grandes.

<sup>8</sup> Tremelga.

a alguns portugueses, que mo contaram. E principalmente a seu capitão, João Gabriel que, estando uma vez folgando com outros na ribanceira do rio, tirou com sua cana um peixe de mais de um palmo, sem escama, que se parecia muito com cação e veio, sem bulir. E tomando-o na mão, para o tirar do anzol, como buliu, logo o tornou a largar, porque lhe pareceu que todos os ossos até aos dentes se lhe abalaram e que ficara fora de si, e houvera de cair, se não estivera assentado. Tornou logo em si e entendeu que peixe era; e por zombar de um seu criado, o chamou e lhe disse que tirasse aquele peixe do anzol e, tomando-o na mão, buliu e logo ele caiu no chão, fora de si, sem saber o que lhe sucedera. E, tornando a<sup>1</sup> se levantar disse: «Senhor, que fiz a Vossa Mercê para que assim me espantaste?» Riu muito o<sup>2</sup> capitão e os mais, vendo quão desacordado ficara, que não sabia o que lhe sucedera. Esperaram que morresse o peixe para o tirar do anzol. <sup>3</sup>E disse-me o capitão que tinha [fol. 109] para si que, enquanto não bule, não causa aquele efeito, porque ele não sentiu nada enquanto não buliu; e que outro português tirara outro destes peixes, de um côvado de comprimento.

Do que temos dito, se vê claro quão mal informado foi Frei Luis de Urreta sobre as coisas do Rio Nilo, pois, falando de suas fontes que põe em uns montes inacessíveis, diz estas palavras, pág. 298 de seu 1.º livro: *Son montes asperissimos y tan altos que los Alpes y Pireneos son choças en su comparacion. Llamalos los naturales los Montes Gafates. Es la subida destes montes tan dificultosa que humanamente no se puede subir a la cima dellos, por las muchas agoas que continuamente baxan, porque estan llenos de pantanos, fuentes, arroyos, desgoladeros<sup>4</sup>, y aun<sup>5</sup> rios caudalosos, las quales agoas todas se vienen recoger en un gran lago, que le llaman con el nombre de los Montes Gafates, y el Zaire, por otro nombre, y el Lago Zambra que, como es tan grande y espacioso, segun las diversas provincias que baña, le dan los nombres. Es una de las grandes lagunas que deve de tener el mundo, porque de largo Norte a Sul tendra cerca ciento y cinquenta legoas, y de ancho en el medio tendra mas de ochenta legoas. Del salen tres famosos rios: el Zaire y Aquilunda, azia el poniente, y el Nilo, que corre siempre azia el Norte.*<sup>6</sup>

Tudo isto é mui diferente do que na verdade passa, porque a fonte do Nilo não está senão naquele campo que, dissemos, se faz sobre os montes, nem ali há outra lagoa mais que aquele pequeno circuito que os olhos da fonte têm à roda, por onde, no Verão, se pode andar da maneira que fica dito. Nem ainda, em quanto senhoreia o Preste João, se achará lagoa tão grande como um terço do que ele diz, nem dos montes sai água mais que algumas ribeiras muito pequenas, nem são tão altos que se possam comparar com os Alpes e Pirenéus, quanto mais dizer que estes são humildes choças em seu respeito. Nem se chamam Montes Gafates, mas o principal Guix, como já dissemos, nem a subida é tão dificultosa que se não possa chegar acima por todas as partes e, por duas, muito bem. E assim, o Imperador Malâc Çaguêd atravessou por ali uma vez com grande exército e assentou suas tendas à roda da mesma fonte e, hoje, estão comigo alguns dos portugueses que então o acompanharam. E o Imperador Seltân Çaguêd passou com grosso exército ao longo da fonte, no fim de Abril de 1618.

[fol. 109v] Não é menos fora de propósito o que diz mais adiante, pág. 3007, que o Rio Nilo entra pelo reino de *Tigrê mohôn* e, adiante, se divide em dois grandes braços e faz a famosa Ilha Meroé, que

tem de comprimento cem léguas e de largo trinta e quatro, e que o braço que fica ao levante divide a ilha do reino de Lacca e Barnagasso. Porque, primeiramente, as terras que governa *Tigrê mohôn* não são reino, senão uma certa parte do reino de Tigrê, mas são terras largas e, por isso, diz Francisco Álvares, em sua *História Etiópica*, fol. 401, que é reino grande. E se por «Bernagasso» quer dizer *bahâr nagâx*<sup>2</sup>, como em outras partes de seu livro <sup>3</sup>faz, este governa outras terras do reino de Tigrê da banda do Mar Roxo que chegam perto de Arquico. E assim, pela parte que o Nilo está mais perto das terras de *Tigrê mohôn* e das de *bahâr nagâx*, ficam no meio três províncias muito grandes e o reino de Dambiâ. Nem há tal ilha Meroé, enquanto o Nilo passa pelas terras do Preste João, como me afirmaram muitos e ele mesmo me disse que nunca ouviram falar em tal ilha, nem sabiam que o Nilo tivesse alguma povoada e que as que fazia em sua terra eram tão pequenas que se não podia estar nelas.

Com esta ocasião lhe referi, diante de muitos grandes, o que Frei Luis conta mais adiante, pág. 303 e 307<sup>4</sup>, que, perto desta ilha, tinha ele posta muita gente, esperando pelo aviso dos que, em outra parte, vigiavam certos poços de pedra onde estava sinalada com números a medida da crescente que era necessária para a fertilidade do Egipto. E como a água chegava ao sinal que tinham posto na pedra, partiam pela posta em dromedários e, chegando com o recado aos que estavam perto da Ilha Meroé, dividiam a água da enchente do Nilo para o Mar Roxo por umas grandes acéquias<sup>5</sup> que tinham feitas para que não inundasse demasiadamente no Egipto. E por que de todo não tirassem o rio e ficassem lá perdidos, lhe pagava o Turco, de cuja é a terra, cada ano, trezentos mil zequies<sup>6</sup> de ouro, que tem cada um dezasseis reales. Riram todos muito da fábula, até o mesmo imperador; e disse-me que nem ele tem, nem tiveram seus antepassados, tal gente posta no rio, nem se diverte a água de sua enchente para parte nenhuma, nem o Turco lhe paga nem pagou nunca tal tributo. Por onde vale muito pouco o que Frei Luis traz, no fim do 3.º livro do doutor Luis de Bania que, diz, paga o Turco tributo ao Preste João.

Não me maravilho muito destas fábulas se são informações de João Baltazar, porque, ainda o que afirmou com juramento por verdade, o acho muito longe dela. Como o que diz Frei Luis, pág. 3057, que lhe jurou que, no ano de 1606 em que ele partiu de Etiópia, havia dez anos que não chovia. Sendo assim que, entrando eu nela em Maio de 603, achei os quatro meses seguintes muito grandes chuvas no reino de Tigrê, onde estive, e disseram-me depois que, no reino de Gojâm, foram muito maiores; e, o ano de 604, estive<sup>8</sup> [fol. 110] Julho, Agosto e Setembro em Gojâm, um dia de caminho da mesma fonte do Nilo, e foram tão grandes as chuvas e as enchentes das ribeiras que, não somente não pude chegar a ela, mas nem sair quase de casa; e depois, sendo-me forçado ir para outra parte, achei, em Outubro, tantas lamas que não podia caminhar a mula senão com muito trabalho. Também perguntei a homens honrados de 60 e 65 anos, se viam que algum ano deixasse de chover em estas terras e me afirmaram que em toda sua vida viram tal coisa, nem ouviram dizer nunca que sucedesse. Do que se pode ver o crédito que se pode dar às informações de João Baltazar.

<sup>1</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 34, «Como chegámos a Temei e o embaixador se foi em busca de Tigremahon e nos mandou chamar», p. 81.

<sup>2</sup> Ver glossário (bernagaez / bahâr nagâx / bahr nâgâs).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 105v/95v].

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 28.

<sup>5</sup> Aquedutos.

<sup>6</sup> Cequins. Cequim: antiga moeda de ouro. Ms. 778 BPB: zequias.

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 28.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: esteve.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 105/95].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: desgoladeros.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto do livro I, cap. 28, p. 298.

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto do livro I, cap. 28.

## CAPÍTULO XXVII

<sup>1</sup>DOS RIOS MARÂB E TACAÇÊ,  
E DO DISCURSO DE SUAS CORRENTES

**A**o Rio Marâb chama Frei Luis de Urreta, no cap. 29.º de seu 1.º livro, «Rio Negro», não porque suas águas não sejam claras e transparentes, senão porque corre sempre por terra de negros; e que seja este o rio de que ele ali fala, mostra-se pela descrição que põe, dizendo que nasce perto do Convento da Aleluia, no reino de *Tigrê mohôn*, em Etiópia, e que divide o reino de Dambiâ do reino de Medra, ainda que deste nome não sabem dar razão em Etiópia. E conta deste rio tantas maravilhas, antepondo-o em riqueza a todos os rios do mundo, que me obrigou a deixar para depois outros rios caudalosos que estão mais perto do Nilo e tornar atrás, até perto do Mar Roxo, para tratar dele, não porque mereça comparar-se com aqueles, senão porque, já que Frei Luis lhe dá o primeiro lugar depois do Nilo, não será bem falar de outro, antes de declarar ao leitor quão verdadeiras sejam as coisas que dele escreve, para o que será necessário referir, ao menos, em soma, o que ele conta difusamente.

Diz pois, falando naquele capítulo do Rio Negro, estas palavras: *Su nacimiento, segun tiene por cierto los ethiopes, es unos grandissimos pantanos, resumaderos y lagunas que estan junto del Convento del Al-leluya, que es de la Orden de los Predicadores, en el reyno de Tigrê Mohôn en la Ethiopia, cujas agoas tomando su camino pera hazia la equinocial, se hunden baxo de tierra y vienem a salir en una grande laguna a la qual llaman el Lago Negro, que tiene de largo, Norte a Sul, poco mas de quarenta legoas, y ancho unas veinte. Deste lago sale el Rio Negro, sirviendo de terminos y limites [fol. 110v] de toda la Ethiopia pera la tierra de negros. Divide el reyno de Ambian Cantiba (há-de dizer Dambiâ, porque assim se chama o reino e ao visorei qualquer que for chamam Cantiba) que es de la misma Ethiopia, del reyno de Medra. Y saliendo de la Ethiopia divide el gran reyno de la Nubia del reyno de Biafará, y en llegando a unos grandes montes se hunde por<sup>2</sup> baxo de tierra, y caminando mas de treinta legoas escondido, sale con gran impeto en el reyno de Zafara, haziendo un grande lago, que corre Leste-Oeste, y de levante a poniente cinquenta legoas de largo y de ancho tendra treinta. Y passando adelante, y saliendo del reyno de Mandiga y del reyno de Cano, haze un gran lago donde se rebalsa por muchas legoas de anchura. El lago es triangular, y cada lado tiene cerca de quarenta y seys legoas, de suerte que tendra de circuito ciento y treinta y ocho legoas. Llamase el Lago Guarda. Desta grande laguna sale el Rio Negro, llebando su curso pera el poniente. Y entrando, entre el reyno de Tombotu al Norte y el reyno de Melli a Sur<sup>3</sup>, recoge hum rio de su nombre. Y aqui se buelve a rebalsar, haziendo una lacuna de treinta legoas de largo y diez y siete de ancho, de donde nacen quatro rios caudelosissimos en que se divide el Rio Negro. El uno corre<sup>4</sup> hazia el Norte, entre el reyno de Caragoli y el reyno de Genchoa, y entrando en el reyno de Arguim, desemboca en el oceano meridional a los diez y nueve grados de altura. Llamase este rio de S. João y causa en su boca un buen puerto que llaman de Tofia, y esta poco mas de treinta legoas baxo del Cabo Blanco. El otro rio en que se divide el Negro, corre derecho a poniente por el reyno de Senega, desemboca en cima de Cabo Verde. El tercero en que se divide el Negro, corre de-*

*recho a poniente y dividiendose<sup>1</sup> en dos braços, desemboca en el mar oceano, cerca de treinta legoas encima de Cabo Verde hazia la equinocial. El ultimo ramo del Rio Negro, luego se divide en dos: al uno llaman rio de S. Domingo, y descarga sus agoas en el mar cerca de la ciudad de Stacara, a los treze grados; el otro braço, declinando hazia la equinocial, haze a la entrada del mar de la otra parte del Cabo Roxo una grande ensenada y llamanle a este braço Rio Grande.*

*Este es el discurso que haze el Rio Negro, el qual es el mas rico que deve de tener el mundo universo, porque, no solo en sus arenas se halla oro muchissimo y en gran abundancia y muy fino, sino que tambien se hallan muchas piedras preciosas y ricas. Hallanse rubies, los mayores y mejores que se hallan en toda la Africa. Hallanse zafiros, esmeraldas, topazios, y muy finos. Y es de manera la riqueza deste rio, que las mas piedras preciosas [fol. 111] que estan en el guardajoyas del Monte Amara, como se dixo arriba, se an saccado deste rio. Hallanse grandes pedaços de piedras de granate y en tanta abundancia, que se servian dellos antiguamente pera piedras de silleria en los edificios de los templos, porque no conocian su valor y precio. Pero despues que el Duque de Florencia, don Francisco de Medicis, embio al Preste Joan muchos lapidarios y oficiales pera que labrasen piedras, les enseñaram el valor del granate y de otras muchas; y destes italianos aprendieron los abissinos a labrar las piedras preciosas, y en especial de los granates hazem mi maneras de jarros, aguamaniles y vasos curiosissimos.*

*En sus orillas ay mil suertes de arboles hojosos y enramados que revistem sus riberas, agradables a la vista y en particular onde se hunde debaxo tierra, todo aquel espacio de mas de treinta legoas, es la tierra la mas frutifera y abundante que tiene toda la Ethiopia ni aun la Africa. Acuden a esta puente muchos gentiles del reyno de Beafrix, del reyno de Zafe, e de otras partes, por gozar de la frescura de los arboles y dehesas donde hazen sus fiestas a la creciente de la luna, a la qual adoran. Ay grandes praderias pera ganados, y assi son innumerables los que en esta puente pasturan<sup>2</sup>, assi de la Ethiopia como del reyno de Borno. Cogense en este rio muchas perlas y de las buenas que se hallen en toda la India. El artificio pera coger las perlas en este: echan unos maderos y grandes troncos en la boca del Rio Negro, en el oceano que llaman Rio Grande, y alli por cierto tempo los ostiones se pegan a los troncos, <sup>3</sup>los quales tienen prendidos con sus fiadores, y assi, sin peligro ni trabajo ninguno, cogen los ostiones y sacan las perlas, pera la qual pesca tiene el Preste Joan sus guardas y iuntamente sirven los desta guardia pera coger el ambar que arrojan las ballenas en el Rio Negro.<sup>4</sup>*

Até aqui, são palavras de Frei Luis de Urreta, mas quase todas quantas coisas diz são fábulas tão fabulosas que não sei como as inventou quem lhas meteu em cabeça para as escrever. Porque, primeiramente, o nascimento do Rio Marâb, a que ele chama Rio Negro, não são os pântanos e lagoas que põe perto do Convento da Aleluia, que ali não há mais que uma lagoa muito pequena que se seca no Verão; nem o convento é de frades de S. Domingos, que os não há no Preste João, como já temos dito e mostraremos no fim do 2.º livro; e ainda que o rio se sume<sup>5</sup> debaixo da terra, quando torna a sair não faz a lagoa que diz de quarenta léguas, nem adiante serve de limites de toda Etiópia, como logo, falando de seu discurso, declararemos; e muito menos divide depois Dambiâ do reino de Medra, porque, conforme ele fala, já então tem passado o rio [fol. 111v] das terras que senhoreia o Preste João, e entre ele e Dambiâ há grandes províncias; nem é possível que vá entrar no oceano perto do Cabo Verde,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 106/96].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *de*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *Sul*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 106v/96v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *dividese*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *pastan*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 107/97].

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excerto (com várias omissões) do livro I, cap. 29, pp. 311-4.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *some*.



porque, demais de ser coisa disparatada, fica no meio do Rio Nilo, que, saindo do reino de Gojâm faz seu curso, como dissemos no capítulo precedente, e, passando do Cairo, entra no Mar Mediterrâneo, como todos sabem e o mesmo Frei Luis diz, pág. 301;<sup>1</sup> e o Convento de Aleluia está no reino de Tigrê, seis dias de caminho de Arquico ou Adeconô, como cá dizem, da costa do Mar Roxo, e, do Convento de Aleluia, vai declinando ao poente e, tendo caminhado alguns dias, entra, segundo alguns dizem, em um rio grande que se chama Tacaçê, de que logo falaremos, posto que outros afirmam que não, senão que se acaba no reino Dequîn; mas, ainda que passara adiante, era impossível passar ao mar oceano, porque forçadamente havia de encontrar com o Nilo.

Quanto ao que diz, que [é]<sup>2</sup> o rio mais rico de ouro e pedras preciosas que deve<sup>3</sup> ter o mundo, enganou-se muito, porque não se acha nele ouro nenhum, nem os rubis, zafiras, esmeraldas e topázios muito finos, que diz. Antes, topadas muito finas, porque não faltam calhaus que quebrem os pés dos que se descuidam ao passar, que não é tão grande rio que<sup>4</sup> não se passe a pé ainda no Inverno. Já as pedras de granate que põe em tanta abundância que edificavam os templos com elas, nem as há, nem sabem que coisa é. Nem há memória de que o duque de Florença mandasse nunca <sup>5</sup>lapidários, nem outros oficiais ao Preste João. Também o que diz que, em particular de onde entra este rio debaixo da terra até que sai, é terra mais frutífera e abundante que tem Etiópia, e de grandes pastos para os gados, é fábula como o demais, porque não é senão terra estéril e de muito pouca erva, por ser areia, posto que há algumas árvores frescas, mas não de fruto. Nem é menos fábula e imaginação sem fundamento dizer que tirem deste rio pérolas e recolham âmbar, porque nenhuma destas coisas há nele, nem em outro nenhum de quantos senhoreia o Preste João. E quando consideramos um absurdo e impossibilidade tão grande como é que saía ao oceano perto do Cabo Verde, era impossível ao Preste João pôr lá gente de guarda para recolher as pérolas e âmbar, pelos muitos e grandes reinos e províncias incógnitas, e nunca ouvidas em Etiópia, que estão entre ela e o Cabo Verde. Por onde, deixando estas fábulas, diremos brevemente alguma coisa do nascimento e discurso deste Rio Marâb.

Tem o Rio Marâb sua fonte como duas léguas para Ocidente de uma vila que chamam Debaroâ, se a hemos<sup>6</sup> de nomear como se escreve nos livros de Etiópia, que muita da gente comua não a chama senão Baroâ. Aqui, reside de ordinário o governador daquelas terras, a quem chamam *bahâr nagâx*, porque vêm a diferir [fol. 112] e pagar direitos ali o fato que trazem os mercadores de Etiópia da ilha de Maçuâ, do Mar Roxo, onde chegam as naus da Índia, que está três dias de caminho de Debaroâ. Duas léguas, pois, desta vila, tem sua fonte o rio, que fui a<sup>7</sup> ver para melhor dar razão dela, e está entre duas rochas, uma afastada da outra dezasseis côvados, e de alto terão vinte. Como a água sai dentre elas, vai por uma laje chã trinta e seis passos e, logo, cai a pique por uma rocha da mesma pedra muito funda. E, então, por ser no fim do Verão, era tão pouca a água que, depois que caía em baixo, corria mui pouco espaço sem se secar. E disseram-me que, os mais dos anos, faz assim naquele tempo, mas quando corre, vai direita ao Oriente e, deixando Debaroâ à mão direita, muito perto lhe entra ali uma ribeira arazoada e vai dando volta para o Sul. Depois se lhe chegam outras ribeiras, mas sempre vai

passando com nome de Marâb e volta à roda de uma província que chamam Zaraoê<sup>1</sup>, que lhe fica à mão direita e, à esquerda, outra que se chama Zamâ e outra Guelâ. Logo se continuam <sup>2</sup>as terras de *Tigrê mohôn*, Açâ, Haricê, Torât<sup>3</sup>, que são grandes províncias; e, com tudo isso, é tal Zaraoê, que ela só fica correndo da banda direita do rio, enquanto as outras se continuam à esquerda, e, aos três dias de caminho, já declina para o Norte e chega ao Mosteiro de Aleluia, que lhe fica à mão esquerda em um alto monte, como um tiro de espingarda; e, de uma e outra banda do monte, lhe vão duas ribeiras pequenas e faz seu caminho por entre grandes serras de basto monte. E, enquanto eu pude alcançar com a vista de um alto do mosteiro, não vi senão coisa muito pouca lavrada. E, passando dali algumas léguas, entra debaixo da terra e vai sair treze dias de caminho; e ali, chamam ao Rio Tacâ, que quer dizer «Água Espalhada».

Toda esta terra que serve de ponte ao rio<sup>4</sup>, dizem que é estéril, por ser a mais dela areia solta. E o capitão dos portugueses, João Gabriel, me afirmou que caminhara por ela três dias, em companhia de um vice-rei de Tigrê que se chamava *Azmâch Dargôt*<sup>5</sup>, e que achavam muito pouca erva, mas que havia árvores frescas, com cuja sombra folgavam muito pela grande calma que ali fazia; e que, para beber, cavavam na areia oito palmos de fundo e às vezes doze e achavam muita água que corria, e peixe que tiravam com anzol e ele comeu dois grandes. Os moradores daquela terra são gentios e obedecem ao imperador, posto que mal. [fol. 112v] Pouco mais adiante, começa um grande reino, que se chama Dequîn: é de mouros muito pretos a que chamam *balôus*, e não obedecem ao Preste João, mas correm com amizade e trazem-lhe muitos e formosos cavalos a vender e alguns lhe presenteiam, porém, não duram muito, por certa doença que lhes dá em esta terra.

Em este reino Dequîn, rega o rio muitas terras que logo como sai de debaixo da terra, dividem os mouros a água por muitas partes, e por isso se chama Tacâ, *scilicet* «Água Espalhada». E disseram-me os moradores de lá que todas as terras que rega são as mais frescas, as mais férteis e formosas que há em Etiópia. Alguns cristãos dizem que, depois que rega aquelas terras, se vai a juntar com um rio grande, que chamam Tacacê, que depois entra no Nilo. Mas os mouros daquela terra me afirmavam que não passa de seu reino Dequîn, senão que toda sua água se gasta naquelas terras que rega; e ainda não basta, porque se some na areia algumas dez léguas antes de chegar ao fim do reino.

Já que fizemos menção de Tacacê, que é rio muito maior, sem comparação, que Marâb, e eu o passei muitas vezes, indo de Dambiâ a Tigrê e tornando, que se não pode ir de um destes reinos a outro sem se passar, será bem dizer, brevemente, alguma coisa dele. Tem suas fontes muito perto dos limites do reino de Angôt, em uma terra que se chama Axguaguâ, ao pé de um alto monte que lhe fica a Oriente; e são <sup>6</sup>três olhos grandes que saem do fundo com muita fúria, como fervendo, um afastado de outro como vinte passos. E pouco mais de um tiro de pedra se juntam todos três e fazem grande ribeira, correndo para Ocidente por alguns dias entre as províncias Dacanâ e Oâg, da banda do Norte, e Ebenât e Quinfâz, da banda do Sul; e depois, com muitas voltas vai declinando para o Norte, deixando à mão direita a província de Bargalê e, à esquerda, a de Cemên, que é de serranias as mais altas e ásperas que quase há<sup>7</sup> em quantas terras senhoreia o Preste João, e por extremo frias. Passando adiante, cor-

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 28.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: [é].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: disse.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: se.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 107v/97v].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: havemos.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Zaraoi.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: (fol. 108/98).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: Forât.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: de ponte.

<sup>5</sup> Ver glossário (Dargôt / Dâharâgot Azmâtch).

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 108v/98v].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: quase.

rendo já direito ao Norte, deixa à mão direita a província de Tambên, a de Adêt e de Zanâ, do reino de Tigrê e, à esquerda, Zalâmt, que<sup>1</sup> é muito grande. Por aqui o passei eu a vau, no Verão, com muito grande trabalho, porque traz muita água e não espraia muito. E prosseguindo, assim, seu curso para o Norte, deixa à mão direita a província de Sirêi do reino de Tigrê e, à esquerda, o Deserto de Aldubâ, que é um mosteiro de frades, a quem concederam os imperadores que, quase em três dias de caminho, indo a Dambiâ e para Ocidente muito mais, não se povoasse, porque folgavam de estar solitários, para com mais comodidade se darem à oração e fazerem suas penitências. Até aqui, vem este rio por entre serras muito altas e montuosas e, por esta parte, ainda que também o são, tem bom passo no Verão, porque espraia e, assim, pelo mais [fol. 113] fundo do vão, não chega a água mais que à cinta; é muito clara. Mas no princípio do Inverno, que se começa a enturvar, se passa com perigo, por causa dos lagartos que há, que mordem à gente e aos animais, e ainda algumas vezes os levam. E assim, naquele tempo, não passam sem ir batendo com paus e, no Inverno, de nenhuma maneira se pode passar, senão com certo modo de jangada que fazem. Não tem em sua ribeira árvores de fruto mais que alguns tamarinheiros e nem destes se sabem aproveitar. Pouco mais adiante, lhe fica à mão esquerda uma província que chamam Oalcaoît. E, passando dela, dizem que vai por terras muito quentes até entrar no Rio Nilo, segundo me disseram alguns grandes diante do imperador. E, fazendo eu dificuldade, por me parecer que seu curso era mui diferente do do Nilo, disse o imperador que não havia dúvida, que era coisa muito sabida; e depois os moradores de uma terra que se chama Berbêr me afirmaram que, perto de seu lugar, se juntava com o Nilo. É rio de muito peixe e muito bom, e dizem que também há cavalos marinhos.<sup>2</sup>

## CAPÍTULO XXVIII

### EM QUE SE TRATA DOS RIOS ZEBÊ E HAOÂX

Entre outros muitos rios que há em as terras que senhoreia o Preste João, ~~os mais~~ [mui] caudalosos e de ~~mais~~ [grande] nome, depois do Nilo (a quem, como já dissemos, chamam Abaoi) são Zebê, <sup>3</sup>de quem dizem alguns em Etiópia que ainda é maior que o Nilo [com o não ser] e Haoâx, que também afirmam compete muito em grandeza com ele.

<sup>4</sup> Tem Zebê seu nascimento em uma terra que chamam Boxâ, do reino de Nareâ, que são as últimas terras que, para aquela banda [do Sul], senhoreia o Preste João. E, começando seu curso para o Ocidente, dali a pouco torna para o Norte e vai dando volta a um reino pequeno que chamam Zenyerô, que quer dizer «bugio». E assim se mostra aquele rei aos seus como bugio, porque tem feito, perto de sua casa, um montezinho de terra alto a modo de torrezinha e, em cima, está uma tenda com alcatifas dentro, onde ele só sobe por detrás, sem ser visto. E como aparece acima, todos os que estão em baixo,

à vista, se prostram no chão até chegar a fronte à terra e logo a beijam e, levantando-se, fazem outras cerimónias que referiremos no 4.º livro, quando tratarmos da viagem que o Padre António Fernandes de nossa Companhia fez por aquele<sup>1</sup> reino a que Zebê vai dando volta, de maneira que lhe falta muito pouco para fazer ilha. E, como se afasta dele, torna para o Sul e entra por uma terra que chamam Coratâ. E dizem que depois, não muitos dias de caminho, vai desembarcar no mar oceano. E alguns têm para si ~~que sai o mesmo~~ que sai em Mombaça, ou [fol. 113v] perto da Costa de Melinde. E um homem de uma terra vizinha ao reino de Zenyerô afirmou que um seu criado fora, pouco há, por perto deste rio até chegar a uns homens brancos que tinham fortaleza a longo do mar e que seus livros tinham por fora as folhas douradas e outros vermelhas. E não pode ser Moçambique, porque disse que caminhará poucos dias, e Moçambique está muito longe daquela terra e há, no meio, segundo dizem, tantos desertos e gentes tão incógnitas, que, não só não têm comércio com Moçambique, mas parece que nem o podem ter, ainda que queiram. Outros dizem que o rio que vai a sair a Mombaça não é Zebê, senão outro, não inferior a ele.

O segundo rio de grande fama em Etiópia, depois de Zebê, é Haoâx. E sai do pé de um monte, que se chama Gecualâ e está entre o reino de Fatagâr e o de Ôye, para o Sul, e o reino de Xâoa, para o Norte e quase para ele vai fazendo seu curso, e dali a pouco se lhe junta outro rio, que se chama Machi e sai de uma lagoa a que chamam Zoâi, no reino de Ôye. E depois, entrando por Ançã Guralê, província do reino de Adêl, que é de mouros, rega todas aquelas terras e outras muitas do mesmo reino, onde chove muito pouco ou nada, e assim com muita diligência repartem a água do rio para regar todas as que pode alcançar e as faz muito férteis. Mas não achei quem me dissesse de certo se se acabava ali ou passava ao mar, posto que muitos têm para si que passa.<sup>2</sup>

Frei Luis de Urreta, no cap. 30.º de seu 1.º livro, trata também de dois grandes rios que, diz, há em Etiópia, a que ele chama os rios Zaire e Aquilonda, e afirma que saem da mesma lagoa que o Rio Nilo. E, começando pelo Zaire, <sup>3</sup>diz estas palavras: *Su corriente es corta comparado con la del Nilo, porque solo riega dos reynos: el uno el de Gojame en la Ethiopia al Oriente; e, entrando en el reyno de Congo al poniente, le atraviesa corriendo por el por espacio de ciento y veynticinco legoas, y aunque es de tan corta corrida, con todo es muy caudaloso y de hondura profundissima, de muy ancha y estendida tabla, de tal suerte que pueden por el navegar naves gruesas de alto bordo. Solo ay un incoveniente, que en cierto passo ay unos escolhos y peñascos, por donde se va desgargantando el rio, de tal suerte que impiden la navegacion y que no puedan subir naves del mar a la laguna, ni baxar della al mar. Pero el Preste Joan, que bive agora, com muchos oficiales y gente anda quitando los arrecifes del rio y con algunos ingenieros, que pera este fin le ha embiado el duque de Florencia, pera hazer la navegacion facil, que salido con esto, pueden las naves, saliendo de la laguna y de la ciudad de Zambra, corte del Preste Joan, que esta en sus orillas, entrando por el rio y desembocando en<sup>4</sup> el oceano, venir hasta Lisboa y Sevilla, sin entrar en otro señorio sino es el del Rey Don Phelippe III, de suerte que [fol. 114] entrambos reyes pueden comunicarse por sus proprias tierras.*

*De la misma laguna Gafates, salen otros dos rios, mas arriba del Zaire hazia el Polo antartico: el uno llamado Prata, obra de treinta legoas del Rio Zaire, y las dezissies legoas del Rio Prata, nace de la propria laguna el rio famoso Aquilonda. Su corriente es de levante a poniente en el reyno de Malemba, en la Ethiopia.*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Zazâmt, e.

<sup>2</sup> Ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *R/ESOI* 5, Roma, 1907, pp. 24-5.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 109/99].

<sup>4</sup> Parágrafo introduzido pelos editores, inexistente nos mss.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: a este.

<sup>2</sup> Ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *R/ESOI* 5, Roma, 1907, p. 23. O Rio Awash desagua no Lago Abbê, no deserto Danakil.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 109v/99v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: por.

*Y corren por ella obra de cinquenta y cinco legoas, y entrambos descargan sus agoas en el lago Aquilonda, tomando el nombre del Rio. Todos estes rios crecen de la suerte que crece el Nilo en los mismos tiempos, porque, como todos tengan su origen y manancial de la laguna Gafates, quando ella cresce por los vientos del oceano, que es la razon dicha, es averiguado que an de crecer ellos.*<sup>1</sup>

Até aqui são palavras de Frei Luis de Urreta, todas bem diferentes do que na verdade passa, porque em quantas terras senhoreia o Preste João, não há tais nomes de rios, Zaire e Aquilonda, nem prata nem tal Lagoa Gafates, nem da lagoa por onde passa o Nilo sai outro rio nenhum, como dissemos no cap. 26.º, nem estes rios, ainda que os houvera, cresceram por crescer a lagoa com os ventos do mar oceano, como também ele disse pág. 3052, onde tratou isto difusamente, porque isso é fábula. Nem crescem os rios de Etiópia de Junho até a fim de Setembro, pouco mais ou menos, senão porque naquele tempo é Inverno e chove muito, como já dissemos. Também parece que faz ao reino de Gojâm contíguo com o de Congo, porque diz que o Rio Zaire rega sós dois reinos, o de Gojâm, em Etiópia, ao Oriente, e o Congo, ao Ponente; mas é muito fora de caminho porque, demais de haver tantos reinos e províncias entre um e outro, se ele <sup>3</sup>saía de Gojâm, impossível fora deixar de entrar no Nilo, porque este, como já dissemos, dá volta a Gojâm, [sem lhe ficar mais que um pouco ao Poente], e o Rio Tacacê, de quem também acima falamos, com ficar, de Gojâm para a banda do Norte, seis ou oito dias de caminho, vai entrar no Nilo muito abaixo no reino de Dequín. Também é mera ficção que o Preste João que vivia quando ele escrevia isto, que<sup>4</sup>, como ele diz em outra parte, era no ano de 608, andava ocupado em tirar as rochas do meio do Rio Zaire com muitos oficiais e alguns engenheiros que lhe mandara para este fim o Duque de Florença; porque eu entrei em Etiópia em Maio de 603 e, quase de ordinário, estive com três imperadores que até o ano de 608 houve, e sei muito bem que, naquele tempo, não houve tal coisa, nem eles<sup>5</sup> puderam ocupar-se em isso ainda que quiseram, porque tudo até então ardeu em guerras e alevantamentos. E dois destes imperadores mataram em batalha os mesmos alevantados, e o imperador que entrou no império o ano de 1607, que agora vive e se chama Seltân Çaguêd, [fol. 114v] também teve até hoje muitas guerras e alevantamentos que lhe deram tanto trabalho; tinha mais necessidade de cuidar como se havia de defender, que de se ocupar em tirar as rochas do rio; nem ele sabe de tais rochas, nem ouviu falar até agora nelas. E eu perguntei a homens grandes, perto de setenta anos, que sempre andaram na corte, e me disseram que nunca ouviram falar em tais rochas, nem que o Duque de Florença mandasse oficiais. E quando tudo isto fora certo, não o era que as naus podiam ir da corte do Preste João até Lisboa e Sevilha, sem entrar em outro senhorio mais que o seu, e a d'El-rei D. Felipe III, porque, entre o mar oceano e as terras que senhoreia o Preste João, há muitas que não lhe obedecem nem lhe obedeceram nunca.

## CAPÍTULO XXIX

### EM QUE SE TRATA DAS PRINCIPAIS LAGOAS QUE HÁ EM ETIÓPIA

São tantas as lagoas que há em as terras que senhoreia o imperador de Etiópia, que fora coisa muito comprida e pode ser que molesta ao leitor falarmos de todas elas, pelo que não nomearei mais que algumas das maiores, deixando a principal para o último lugar, por ter coisas particulares de que será bem tratar. E a primeira que se oferece é a que chamam Zoâi e está no reino de Oye, como seis ou sete léguas de Zêf Bâr, onde o Imperador Atanâf Çaguêd teve sua corte quinze anos. Corre esta lagoa de Norte a Sul, tanto que, para lhe dar volta, dizem que é necessário quase um dia inteiro, caminhando a bom passo, e é quase tão larga como comprida. Tem no meio uma ilha pequena e, nela, um mosteiro em que estão <sup>1</sup>alguns frades, que não lhes falta peixe, porque o há ali em abundância. Para a banda do Norte, sai dela um rio que se chama Machê e, dali a pouco, entra no grande Rio Haoâx, como dissemos no capítulo precedente. E, algumas três léguas desta lagoa, no mesmo reino, está outra que se chama Xacalâ, a que se poderá dar volta em pouco mais de meio dia e é muito mais comprida que larga.

Em o reino de Angôt, perto do reino de Amharâ, está outra lagoa que chamam Hâic e poderão dar volta à roda em meio dia ou menos. Tem uma ilha em que está um mosteiro e alguns frades e a igreja é de S. Estevão<sup>2</sup>. Bem sei que Francisco Álvares, em sua *História Etiópica*, fol. 803, põe esta lagoa em o reino de Amharâ, mas enganou-se, por estar menos de uma légua dos limites de Amharâ, como me afirmou gente que esteve muito tempo lá e o Imperador Seltân Çaguêd.

A principal lagoa de quantas há em Etiópia está entre o reino de Gojâm, ao Sul, e o de Dambiâ, ao Norte, a que chamam Dambiâ Bahâr, que quer dizer «Mar de Dambiâ.»<sup>4</sup> [fol. 115] Corre de Noroeste para Sueste, se hemos<sup>5</sup> de falar como os mareantes. E terá de comprido, se for pela praia, vinte e cinco léguas ou mais e, de largo, dezasseis, pouco mais ou menos, segundo me pareceu em três vezes que lhe dei volta à roda e outras muitas que passei de ponta a ponta, pela banda de Dambiâ, por onde têm grandes sementeiras, que é terra muito chã e se poderão fazer hortas de muita recreação, se a gente fora curiosa, mas não se dão a isso. Só este imperador começou uma, em que plantou figueiras das de Portugal e da Índia, papaias, parreiras, pessegueiros, romeiras e muitas árvores de espinho, e se dão muito bem; e tira água com nora, e parece que é a primeira que se viu nesta terra de Etiópia; ao menos os que agora vivem não ouviram que a houvesse. Pela banda do reino de Gojâm, também há, ao longo desta lagoa, muito formosas terras que se semeiam, mas não tantos como em Dambiâ, porque, em partes, há matos de cedros silvestres e outras sortes de árvores muito altas que não há em Espanha.

Tem esta lagoa muitas ilhas com grande arvoredo, umas desertas e outras povoadas, e em vinte e uma delas há mosteiros com muitos frades. As principais, começando pela parte de Ocidente, se chamam:<sup>6</sup>  
– Gâlilâ<sup>7</sup>: esta fica defronte de uma península alta e espaçosa, onde (como já dissemos no cap.<sup>8</sup>) o Imperador Seltân Çaguêd fez uma cidade onde pôs sua corte, ainda que depois a mudou para

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 110v/100v].

<sup>2</sup> Ver glossário (Hâic / Hayq; e S.º Estevão / Däbrä Estifanos).

<sup>3</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 63, «Do fim do reino de Angote e princípio do reino de Amara e de uma lagoa e cousas que há nela e como o frade quisera levar ao embaixador a uma serra e como fomos ter ao Acel e da abastança dela», pp. 159-61.

<sup>4</sup> Lago Ṭana.

<sup>5</sup> Havemos; ocorrem as duas formas, sobretudo no ms. autógrafa.

<sup>6</sup> Os editores optaram por apresentar a lista das ilhas principais do Lago Ṭana por alíneas, para melhor leitura. Não há parágrafos nos textos manuscritos.

<sup>7</sup> Ver glossário (Gâlilâ / Gâlila).

<sup>8</sup> O número do capítulo está ausente nos manuscritos. Alude, talvez, ao cap. XX do livro I.

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excerto (com várias omissões) do livro I, cap. 30, intitulado «De los Rios Zayre y Aquilonda, y de la Laguna Cafates.

Trata-se de los hypopotamos, o cavallos marinos», pp. 321-3.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 28.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 110/100].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: se.

outra terra, que chamam Dencâz, pouco mais de um dia de caminho. Estará a ilha, da praia de Dambiâ, légua e meia ou mais.

– Outra se chama Dec e é muito mais chã que as outras, e tão grande que me afirmou o governador dela que lavravam dentro quatrocentas juntas de bois. Aqui costuma o imperador meter alguns homens grandes dos que manda prender, quando quer que estejam mais seguros. Esta ilha <sup>1</sup>tem duas igrejas e está mais para o reino de Gojâm que ao de Dambiâ.

– Perto desta está outra mais pequena e muito alta, que se chama Remâ<sup>2</sup>, com um célebre mosteiro onde, de alguns anos a esta parte, se enterram os imperadores.

– Perto desta está outra grande, que se chama Çaanâ<sup>3</sup>, com mosteiro e boa igreja, segundo dizem.

– Mais adiante está outra, alta, a que chamam Quebrân<sup>4</sup>, com muitos frades. E aqui não deixam entrar mulheres, de nenhuma maneira.

– Como três quartos de légua desta, há outra, também alta, que se chama Debra Antonz<sup>5</sup>, onde estão frades e freiras. Nesta entrei eu e, é tão forte, que quatro homens bastaram para defender a entrada a muito [fol. 115v] grande força de gente, se não levar espingardas.

As demais ilhas não são de tanto nome e, por isso, não faço menção delas.

As barcas em que os frades passam de umas ilhas a outras e vêm a terra firme e de que usam todos os demais, são, como acima dissemos, de uma palha à maneira de junco que há em abundância em algumas partes, a longo da lagoa; e, com ser muito grossa, fica muito leve, depois de seca. E, para fazerem estas barcas, tomam um pau, pouco mais grosso que uma perna e da compridão que querem a barca, que ordinariamente é curta e estreita, mas com seu modo de popa e proa. E sobre ele a fundam, amarrando aquelas palhas de uma e outra banda, não com cordas, senão com uma coisa que sobe pelas árvores como edra<sup>6</sup>, mas muito delgada e forte, e, com se fazer muito comprida, fica sempre uniforme como corda. Depois, metem dentro aquelas palhas juntas, bem amarradas, e sobre elas põem a carga e se assenta a gente. Não tem vela, nem os remos são como os nossos, senão umas varas delgadas e compridas. E tomando-as pelo meio, vão dando com as pontas na água de uma e outra banda. Não sofrem grandes marés, nem que a gente carregue muito para uma banda, porque facilmente se viram, mas não se vão ao fundo e, assim, quem souber nadar, pode logo subir em cima. Contudo, ainda que seu patriarca<sup>7</sup> sabia bem nadar, arreceou tanto estas embarcações que, para entrar em uma sua ilha, mandou fazer um batel como de nau, o ano de 613. Mas, por ser a madeira pesada e botar-lhe demasiada carga, se foi ao fundo, indo ele nele, e saiu a nado, ainda com outra pessoa às costas, com estar longe da terra. Mas melhor lhe fora afogar-se que ser, depois, como foi, causa de muitas mortes e acabar às lançadas a 11 de Maio de 617, como diremos no 2.º livro.

Em esta lagoa há muito grande abundância de peixe de diferentes sortes, assim do que tem escama como do que não. E, deste, há uma feição que se parece muito com cação, excepto na cabeça, que a tem grande e feia como de sapo. E no Inverno, quando a lagoa está cheia, em tempo que chove muito, sai

tanto pelas terras <sup>1</sup>que estão a longo da praia (que por algumas partes se cobrem de água um pedaço), que até com paus o matam muitos, e naquele tempo é saboroso, porque está gordo. Há outra sorte de peixe de escama, do tamanho de um besugo ou pouco mais, e de boca grande que, como desova, anda sempre ali, até que saíam os filhos e, depois, os acompanha; e, como sente alguma coisa de medo, abre a boca e logo entram, à porfia, quantos podem, e ela fecha a boca e foge com eles e, como se torna a assegurar, a abre e os larga. Uma vez, estando eu ao longo da praia para a banda de Ocidente, onde o imperador nos tem dado terras, lançou um pescador [fol. 116] sua rede e, entre outros, tirou um destes e, abrindo a boca diante de mim, saíram bulindo seis peixinhos. E, parecendo-me os tinha tomado para comer, disse ao pescador: «Antes que acabasse de engolir a presa, o tomastes.» Respondeu ele que não os metera na boca para lhes fazer mal, senão para os guardar, porque eram seus filhos; e contou-me o que agora referi e tornou a botar na água os peixinhos. Também depois me afirmaram outros que era coisa certa e sabida.

A coisa mais fera e monstruosa que há nesta lagoa<sup>2</sup>, é um animal a que a gente da terra chama *gumari* e os portugueses que vieram com Cristóvão da Gama chamavam «cavalo marinho»<sup>3</sup>; e parece que o será, conforme ao que ouvi dizer na Índia aos que viram cavalos marinhos. É animal quadrúpede e tão grande como uma vaca, mas os pés são muito curtos e, em cada um, tem quatro unhas: as duas de diante são grandes e compridas, outra mais pequena e a outra ainda menor, e não estão unidas, senão afastadas. É largo de corpo e não muito comprido. Tem orelhas curtas como cavalo e o focinho rombo. Dois dentes de cima são de quatro dedos de grosso e de palmo e meio de comprido, pouco mais ou menos, e arqueados como de porco do mato; alguns dos pequenos medi e tinham oito dedos de comprido e quase três de grosso. Quando abre a boca, mostra que será de três palmos ou mais, e seu rincho se parece alguma coisa com o do cavalo. O colo é curto e não o dobra bem. Tem cabelo muito ralo e como de porco, e o cabo é muito curto com algumas cerdas na ponta, e pele tão branda que, com qualquer frecha ou zagaia que atiram, o passam, com ser muito grossa, mas, como se seca, com dificuldade a passar a espingarda. Sua gordura se parece com a de toucinho e a carne com a de vaca.

Destes animais há muitos nesta lagoa. E de dia estão dentro de água e de noite saem a comer ao campo e fazem grande dano nas sementeiras, se não as cercam, mas com quaisquer pedras que ponham de dois palmos de alto, não entram, por terem as pernas muito curtas; também, se fazem fogo na borda das <sup>4</sup>sementeiras, não chegam. Andam dez e doze juntos e estão de ordinário perto<sup>5</sup> da praia, onde não há muita água, que longe, ao fundo, raramente vão; e ao lugar onde uns têm seu assento, que sempre é onde acham chão para poder sair a comer, não chegam os que são de outra companhia, sob pena de terem muito grandes brigas. Ainda que estejam muito juntos, dizem não há entre eles mais que um macho e ainda afirmam os que os caçam que, quando alguma daquelas fêmeas pare macho, foge logo muito longe com ele, senão que seu pai o mata. E estão lá ambos até que o filho é grande e então a mãe o morde [fol. 116v] e briga com ele para provar se tem força bastante para pelejar com seu pai. E como lhe parece que pode, o leva ao lugar donde fugiu. E logo o pai arremete ao filho e, se não o mata e fica vencido, foge a outra parte onde espera, até que se sente com mais corpo ou forças, e então torna

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 111/101].

<sup>2</sup> Ver glossário (Remâ / Rema).

<sup>3</sup> Ver glossário (Çanâ / Çaanâ / Sanâ / Ṭana Qirqos).

<sup>4</sup> Ver glossário (Quebrân / Qēbran).

<sup>5</sup> Ver glossário (Debra Antonz / Däbrä Entons).

<sup>6</sup> Hera.

<sup>7</sup> A utilização do termo patriarca por Pedro Páez é, no fim de contas, surpreendente, visto que por diversas vezes se esmera na explicação de que o monge egípcio nomeado pelo patriarca de Alexandria era unicamente um bispo ou metropolitano e que os etíopes o designavam por *abuna*. Ora, o contexto permite deduzir que ele refere o *abuna Sēmē'on* e não o patriarca católico, que nenhum havia sido nomeado, nesta época.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 111v/101v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: há.

<sup>3</sup> Hipopótamo.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 112/102].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: junto.

a brigar com seu pai. E porfia tantas vezes até que uma o mata ou o vence, e faz fugir daquele lugar, com o que fica senhor daquela companhia e de sua mesma mãe. Mas, quando pare fêmea, não se afasta a mãe, nem o pai lhe faz mal, antes a guarda com grande<sup>1</sup> amor que, se passa por perto alguma gente, ainda que seja nas embarcações que acima disse, arremete como um leão e, pondo as mãos sobre a embarcação, a vira e faz em pedaços, com os dentes, a quantos acha. E, ainda que não tenham filhos, são tão bravos, particularmente no Inverno, que estão gordos, que arremetem como touros. E eu conheço um pescador a quem lhe cortou, com os dentes, uma perna, indo em sua embarcação e escapou com grande trabalho. E pouco há que morreu um português que, chegando perto de água onde estava um desses *gumarís*, saiu com tanta fúria que, sem se poder afastar o português, o alcançou por um braço com os dentes e lho fez em pedaços e, com a pancada que lhe deu com o focinho, o botou muito longe e, se lhe não acudiram outros, com muita pressa, o fizera em pedaços.<sup>2</sup>

Esta lagoa, como tenho dito, é a maior que há em quantas terras senhoreia o Preste João. Pelo que se enganou muito Frei Luis de Urreta em pôr no reino de Gojâm, como diz, pág. 298 de seu 1.º livro<sup>3</sup>, uma lagoa que, de Norte a Sul, tem perto de cento e cinquenta léguas e de largo mais de oitenta. Também, na pág. 322<sup>4</sup>, diz que, nos confins de Etiópia, há outra lagoa a que chamam Aquilonda que, de Norte a Sul, tem trinta e cinco léguas, e vinte, de Oriente a Poente, mas não há cá tal nome de lagoa, nem quem saiba que haja outra tão grande como esta de Dambiâ. Sobre ela, vi descer muitas vezes das nuvens, mangas como redemoinho, e levantavam tanta água até lá acima e com tanta fúria que, se o não vira, não o pudera crer. E dizem que, quando acha alguma embarcação com a gente, a subverte sem se poder salvar ninguém; o que tenho por coisa<sup>5</sup> muito certa, por ser tão grande sua fúria e a destruição que vi fazer em as casas da corte, a uma que, saindo da lagoa, passou por uma ilharga.

## CAPÍTULO XXX

### EM QUE SE TRATA DAS RENDAS E TRIBUTOS QUE PAGAM AO PRESTE JOÃO SEUS VASSALOS

**P**ois temos já visto quão grande seja a fertilidade das terras que senhoreia o Preste João e tratado dos rios principais e lagoas que as fazem mais insignes, será bem dizer<sup>7</sup> agora das rendas e tributos que lhes pagam seus vassallos cada ano. E começando pelo ouro do reino de Nareâ, onde se acha mais que em nenhuma das outras terras, lhe vem cada ano peso de quinze mil cruzados de muito bom ouro.

[fol. 117] Primeiro, lhe pagavam trinta mil, e uma vez, segundo dizem, lhe mandaram cinquenta mil,<sup>1</sup> mas agora, com as contínuas guerras que aquele reino tem com uns gentios que chamam gâlas, está tão quebrado que não o obriga o imperador a dar mais. O reino de Gojâm paga 11 500 cruzados, mas o ouro não é tão fino como o de Nareâ. Em outras partes, também se tirava ouro, mas pouco, e pagavam alguma renda dele. Estão já porém<sup>2</sup> tão destruídas dos gâlas que não podem pagar nada. Pelos mandos que o imperador dá, como de vice-reis e governadores, também lhe dão algum ouro, cavalos, mulas, peças de seda e outras coisas. O vice-rei de Begmêder dá quatro mil cruzados em ouro, e o do reino de Tigrê deu, pouco há, cinco mil; *bahâr nagâx*<sup>3</sup>, cinco mil; *Sirêi xûm*, quatro mil; *xum Tambên*<sup>4</sup>, quatro mil; *Abargalê*, três mil; *xûm Xaharte*, mil; *Ambaçanet*, dois mil; *Emderta*, trezentos; *Agâmia*, mil;<sup>5</sup> *Zamâ*, trezentos; todas estas são terras do reino de Tigrê, por onde deste reino se tiram ordinariamente vinte e cinco mil e seiscientos cruzados; *Çagade*, mil cruzados; *Dambiâ cantiba*, mil; *Bed xûm*, mil; *Colâ xûm*, mil; *Alafâ xûm*, mil. Isto é o ordinário, mas umas vezes dão mais, outras menos. E, às vezes, perdoa o imperador muito de aquilo que lhe prometem e, quando dá estes mandos a seus genros, não lhes toma nada. Demais deste ouro que pagam as terras donde se tira e os senhores a quem se dão mandos, tem o imperador outras rendas de panos de algodão, mel, manteiga de vacas, mantimentos, e estas são certas e determinadas as que há-de pagar cada reino.

O de Gojâm dá cada ano, segundo me disse *Erâz* Cela Christôs, irmão do imperador, que agora é vice-rei dele, três mil panos de algodão, que ordinariamente vale cada um um cruzado. Mas poucos destes chegam à mão do imperador, porque, muitos vezes, os deixa aos senhores a quem tem dadas por<sup>6</sup> comedia muitas daquelas terras, que muito poucas das do império são próprias dos particulares, senão do imperador; e assim as tira a uns e dá<sup>7a</sup> outros, todas as vezes que quer. Paga também duzentos panos de algodão de outra laia, que chamam *bezêt*; estes são muito largos e não muito compridos, felpudos e bem tapados; e usam deles os senhores em suas camas em lugar de colchões, porque são brandos e quentes; e alguns são tão bons que vale cada um dez cruzados. Mel paga muito pouco, porque não tem este tributo mais que uma província daquele reino; e esta dá quinhentos calões, que terá cada um pouco menos da medida que em Castela chamam arroba. Mantimento não paga nenhum, pelo perdoar este vice-rei e ordenar com beneplácito do imperador que se não pagasse mais, com ser valia de dez mil e setecentos cruzados. Também pagava primeiro muitas mulas, [fol. 117v] e, segundo dizem, três mil cavalos que, ainda que são pequenos como quartagos<sup>8</sup>, correm bem e sofrem muito trabalho. Esta renda, há já anos que deixou o Imperador Malâc Çaguêd, para que, com aqueles mesmos cavalos, pelejasse a gente da terra com os gâlas, que vêm ali muitas vezes. Também a quem davam o mando de *bahâr nagâx* no reino de Tigrê, que pagava primeiro cento e cinquenta cavalos, melhores que os de Gojâm, e agora não dá mais que quarenta. Outros senhores daquele reino também pagavam cavalos e já dão muito poucos.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: tanto.

<sup>2</sup> Ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *R/ESOI 5*, Roma, 1907, p. 27. Manuel de Almeida descreveu somente o lago T'ana, ou «Alagoa de Dambêa».

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 28.

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 30.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: causa.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 112v/102v].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: também.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: segundo dizem,

<sup>2</sup> Omito no Ms. 778 BPB: porém.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *nagâxe*.

<sup>4</sup> O copista do ms. 778 BPB confundiu o advérbio «também» e a província chamada Tâmben. Ms. 778 BPB: também.

<sup>5</sup> Omito no Ms. 778 BPB: *Ambaçanet*, dois mil; *Emderta*, trezentos; *Agâmia*, mil;

<sup>6</sup> Omito no Ms. 778 BPB: por.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 113/103].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: quartãos. Cavalo corpulento, geralmente utilizado no transporte de carga. Não se achou outra ocorrência da lição dada pelo autor e que o copista substituiu.

Em os outros reinos não pagam tantos panos, porque alguns vilões dão mantimento, mel e outros panos. Cada vilão dos que não pagam panos dá certa quantia de mantimento, que chamam «colô do imperador», que quer dizer «torrado», para mostrar que não é mais que um reconhecimento e coisa tão pouca que não merece nome mais que de torrado, mas todavia são quatro hanegas<sup>1</sup> de Castela ou pouco menos; e a esta quantia chamam eles *handchân*, «uma carga». E como são tantos os vilões que com dificuldade se podem contar, vem ser esta renda uma coisa muito grande. Demais disto, paga o vilão a renda das terras que lavra, ainda que isto não é geral, porque, em algumas partes, em lugar disso, dão panos. Esta renda era, antigamente, a terceira parte do que recolham das terras, mas depois, porque os que as semeavam escondiam muito e, quando chegavam na eira a tomar a terceira parte do mantimento, achavam pouco, ordenou o Imperador Malâc Çaguêd que não fizessem desta maneira senão que, quando o mantimento estivesse para se poder segar, fosse o juiz da terra com o dono e outros dois ou três e, conforme fosse o mantimento, julgassem o que devia<sup>2</sup> pagar o dono dele. Mas nunca lhe julgam a terceira parte, senão a quinta pouco mais ou menos. Esta renda é para o senhor a<sup>3</sup> quem o imperador tem dadas as terras por comedia e a ele também paga o vilão dois cântaros de mel cada ano, um pela Páscoa da Ressurreição e outro na Exaltação da Santa Cruz e, em cada um destes dias, dá juntamente uma galinha. As demais terras que o imperador tem escolhidas para si, que são muitas, e as que toma todas as vezes que quer, acodem com tudo isto a seus feitores. Cada pastor, que são famílias conhecidas, <sup>4</sup>paga um cântaro de manteiga; e cada tecelão um pano, se é cristão e, se mouro, certo peso de ouro que terá um cruzado. Tudo isto arrecadam também os feitores do imperador.

Demais destas rendas, tem os direitos que se pagam em as feiras, que são muitas, mas estas, ordinariamente as dá aos vice-reis e a outros senhores. Há também muitos portos [fol. 118] na terra, onde todas as fazendas que vêm do mar pagam, de dez, um, mas das que são próprias da terra não tomam tanto. Contudo, como há muito trato de escravos, marfim, sal, cera e outras coisas, vêm a ser muitos os direitos. Estes portos, ou os arrenda, ou os dá por tempo a senhores com algum reconhecimento de peças que lhe presenteiam.

Afora destas rendas e tributos que cada ano pagam ao Preste João, têm outra de vacas, que arrecadam de três em três anos e é muito grande, porque o reino de Gojâm paga doze mil, Olaçâ cinco mil, Damôt dois mil, Amharâ dois mil, Begmêder seis mil, Darâ cinco mil. De Dambiâ, Oagrâ, Çalâm e outras muitas províncias que também pagam, não pude saber o número certo e, por isso, as deixo. Mas o reino de Tigrê paga quinze mil e novecentas, Çagadê e Oalcaît<sup>5</sup> três mil.<sup>6</sup>

Frei Luis de Urreta, no cap. 32.º do seu 1.º livro, faz tanto mais rico e poderoso ao Preste João do que eu tenho dito que, excepto El-rei D. Felipe, o antepõe, pág. 342, a todos os reis e monarcas do mundo, por estas palavras: *Superior es a todos los del mundo en riquezas de oro y plata y piedras preciosas y en gente, pues en diez dias puede juntar dozientos y trezientos mil soldados, y en un mes juntará un millon de gente; que no se yo que aya principe en el mundo que lo pueda hazer. Y aunque los emperadores de la Ethiopia en tiempos antiguos eran poderosissimos, segun encarecen las historias, nunca lo han sido tanto como*

*en estos tiempos, porque Alexandro III, que murio año de 1606, y Zerascaureat, que oy gouierna, tienen todos los señorios y reynos que tuvieron los antepassados y otros muchos que se han conquistado.*<sup>1</sup>

Isto diz o autor, mas todas estas coisas são tão fabulosas como as que de ordinário traz em seu livro; o que se vê claramente pelo que fica dito, no capítulo 9.º, sobre os tesouros que ele punha em Guixêm Ambâ e o que aqui temos referido das principais rendas que hoje tem o imperador, tudo por informação de Erâz Cela Christôs, irmão do imperador, e do tesoureiro, que não me haviam de enganar, dizendo menos do que era, porque, demais de serem homens tão graves e de grande primor, se confessam comigo, e lhes declarei que lho perguntava para o escrever, e porque no número das vacas que se pagam cada três anos tinham dúvida, me deu uma lista o principal dos secretários do imperador, que tinha tirada de um livro em que estão escritas as rendas do império, que eu não pude haver. Mas, falando <sup>2</sup>com Erâz Cela Christôs diante do imperador, sobre as rendas do ouro, me disse o imperador que a seus antecessores não lhes pagavam antigamente tanto ouro, [fol. 118v] como do Imperador Malâc Çaguêd a esta parte, haverá 26 anos que morreu. Quanto ao número de gente de guerra que tem o imperador, não cuido que serão duzentos mil homens limpos, ainda que junte todo seu poder. E, falando dos exércitos que tenho visto, de três imperadores que houve depois que entrei em Etiópia, não me parece que teria nenhum cinquenta mil homens, com procurarem eles, algumas vezes, juntar muita força, posto<sup>3</sup> que o número da demais gente que seguia o exército era grande. Também é falso o que diz que os imperadores de agora são mais poderosos e têm mais reinos que seus antepassados, porque nem poder nem reinos têm tantos, com muito<sup>4</sup>, como os antigos. Nem houve nunca mais que um imperador que se chamasse Alexandre e este morreu muitos anos há, como por vezes temos já dito. Nem há tal Zerascaureat, porque eu entrei em Etiópia o ano de 1603, e o que então era se chamava Jacob<sup>5</sup>, e dali a pouco lhe sucedeu outro, que se chamava Za Denguíl, a quem mataram em Outubro de 604, e tornou Jacob, a quem tinham degradado; e a este também mataram, o ano de 607, como temos também dito e declararemos no 4.º livro, e entrou o que agora vive, que se chamava<sup>6</sup> Suzeneôs e intitula-se Malâc Çaguêd, mas depois deixou este nome e se chama Seltân Çaguêd.

Não é menos fábula o que diz, no mesmo capítulo, pág. 3447, que cada ano, dia da Epifania, dão ao imperador os reis que lhe são sujeitos, cada um por si, um elefante carregado de ouro, seda e brocado, e juntamente das coisas que produz seu reino, porque não há tal tributo, nem se viu nunca em Etiópia elefante manso, nem pagou nunca o reino de Gojâm de tributo trezentos e trinta mil cruzados de ouro, como ele diz na seguinte página. Bem sei que isto de Gojâm e o mais que conta dos tributos daquele reino e do modo que tem de os entregar ao imperador, o tomou de Francisco Álvares, ainda que o não cita, porque, fol. 157 de sua *História Etiópica*<sup>8</sup>, está quase pelas mesmas palavras que ele o refere. Mas, ainda que Francisco Álvares afirma que viu entrar três mil mulas, três mil cavalos, três mil beçêt, «panos de algodão», e trinta mil panos de outra sorte e de muito menos preço, e o ouro com a

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excerto (com uma passagem omissa) do livro I, cap. 32, p. 342.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 114/104].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: fora, por.

<sup>4</sup> Entenda-se: «conquanto possuía muitos».

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Jacobe.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: chamou.

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 32.

<sup>8</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação*, reed. 1943, cap. 118, «Como depois da morte da Rainha Helena, o grão betudete foi recadar os direitos do seu reino e quais eram e como a Rainha de Adea veio a pedir socorro e que gente veio com ela de mulas», pp. 331-5.

<sup>1</sup> Medida espanhola, correspondente à fanga. Equivale a quatro alqueires. Ms. 778 BPB: fanegas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: podia.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: pouco mais ou menos. Esta renda é para o senhor a.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 113v/103v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Oalcaêt.

<sup>6</sup> Ver M. Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 79-82.

ordem e cerimónias tão compridas como ali conta, digo que quereriam mostrar mais aparato do que comumente usam, por estar gente estrangeira em sua corte; e que o enganaram em o número do ouro, para dar a entender que tinham grande riqueza; porque nunca do reino de Gojâm se pagavam de renda de trezentos e trinta mil cruzados em ouro.

Também diz, pág. 346<sup>1</sup>, que em Gojâm<sup>2</sup> há umas formigas de tamanho de grandes cães e, na terra que tiram [fol. 119] de dentro, à boca de seu formigueiro, saem pedaços de ouro e prata, e para os recolher vai a gente com grande silêncio, quando faz <sup>3</sup>maior calma, que elas, fugindo dela, se metem no mais fundo; e não se detém ali a gente muito, antes se torna com muita pressa porque, se os sentem as formigas, sai logo uma multidão incrível e não há escapar, fugindo, porque são muito ligeiras e tão fortes, bravas e cruéis que despedaçam e comem quantos acham; e, ainda que refere isto de alguns autores, diz que não cause riso ao leitor, porque não é novo no mundo haver semelhantes formigas. Mas, com toda esta advertência, não pôde o imperador conter-se, quando lho contei, senão que, rompendo por toda sua mesura e gravidade, riu bom pedaço e festejou muito a patranha, parecendo-lhe que, não só em Gojâm<sup>4</sup>, mas nem em parte nenhuma do mundo podia haver tais formigas.

Semelhante a isto é o que diz mais adiante, pág. 348<sup>5</sup>, que o Preste João tem de costa, no mar oceano, para a parte oriental do Cabo da Boa Esperança, mais de oitocentas léguas e, começando do Cabo de Guardafui, vai nomeando muitos reinos até à boca do Rio de Cuama, que diz são todos do Preste João, conquistados por ele e lançada fora muita mourama; e que, afora destes tão grandes reinos, lhe pagam uma maneira de tributo e reconhecimento muitos reis gentios, poderosíssimos. Não somente por serem conquistados pelo Preste João David, mas, porque o vêem tão grande e tão poderoso príncipe, desejam tê-lo por amigo e protector, para estarem seguros dos outros reis gentios, que não se atrevam a fazer guerra aos que são amigos do Preste João, temendo seu poder. E, entre estes reis que diz, que com presentes o lisonjeiam e como vassalos lhe pagam tributo, nomeia o rei de Biafara e de Gelo-fos, Tungubutu (que é metrópole e cabeça do reino dos Folos), com outros da Costa de Guiné e que estão na terra firme que corre de antes do Cabo Verde até Serra Leoa. Também o rei do Congo e o de Monomotapa, o qual diz que é senhor de toda a terra que cai no Cabo de Boa Esperança. Finalmente, todos os reis da ilha de S. Lourenço reconhecem ao Preste João, mandando-lhe presentes o donativos, porque estão perto de suas terras, que é o reino de Titut e Sibit.

Isto diz o autor, mas tudo é muito fora de caminho e mostra bem quão pouco sabe os limites das terras do Preste João, porque em toda a costa do mar oceano não tem nem<sup>6</sup> um palmo e muito menos senhoreia [fol. 119v] os reinos que diz para o Cabo de Boa Esperança, porque o derradeiro reino de seu império para a banda de Moçambique é o de Nareâ e, de Gojâm ao cabo dele, se pode chegar em dezoito dias<sup>7</sup>, segundo me afirmaram os que estiveram lá muito tempo e, dali a Moçambique, são tão grandes os desertos e tantas as terras de cafres não conhecidas dos va[ssa]los<sup>8</sup> do Preste João que, não somente não tem trato com elas, mas segundo eles dizem, nem ouviram nunca seu nome. E falando eu, poucos

dias há, de propósito com o imperador sobre esta matéria, me disse que sua gente não passava de Nareâ<sup>1</sup> e que não havia lembrança de que seus antepassados senhoreassem nunca dali por diante,<sup>2</sup> nem agora sabiam que sorte de terras eram aquelas. Por onde, se alguns destes chegaram a Moçambique ou à Costa de Melinde, seria embarcando-se em as gelbas<sup>3</sup> que daquela costa vêm com escravos a Mocâ, como eu vi, estando lá cativo.

Daqui se vê claramente quã fabulosas são também as coisas que diz, pág. 354<sup>4</sup>, sobre as vitórias que, afirma, teve o Imperador David dos Trogloditas, que ele põe perto de Moçambique, defronte da ilha de S. Lourenço. E de um capitão que diz<sup>5</sup> se rebelou contra sua senhora, a Rainha Betfaga, senhora de toda a terra que cai ao Cabo de Boa Esperança, que chamam Monomotapa, a qual, pedindo favor ao Preste João David, prometendo-lhe sujeição e certo tributo, foi ele próprio favorecê-la e, dando batalha ao capitão revel<sup>6</sup>, o venceu e, cortando-lhe a cabeça, a mandou à Rainha Betfaga; e ela, como bem agradecida, acudiu sempre com grandes doens<sup>7</sup> e tributos ao Preste João, o que guardaram todos seus sucessores. Mas como o Preste João, que hoje é, afirma, nunca tiveram notícia de tal rainha, nem comércio nenhum com aquelas terras, o que bastava para se ver o crédito que se lhe deve dar a quanto diz sobre esta matéria. Contudo, para maior confirmação, referirei por suas mesmas palavras o que diz da terceira vitória que teve o Imperador David: *La tercera victoria y triumpho insigne fue el que tuvo contra el poderoso rei de Monicongo, al qual vencio en batalla campal, en la qual avia un millon y mas de gente. Pero fue dichoso el rey de Monicongo en quedar vencido del Preste Joan, pues quiso Dios que por aquella via viniessse en conocimiento de la ley christiana, y se convirtiese. Y el y los mas de su reyno se batizaron, siendole padrino el Preste Joan. Y desde entonces ay muchos christianos* [fol. 120] *en aquel reyno.*<sup>8</sup>

Não se podia pintar coisa mais apócrifa que esta, pois é tão notório, depois de o testificarem muitas histórias, que el-rei de Congo, com grande parte de<sup>9</sup> seus vassalos, se baptizaram no ano de 1491, sendo rei de Portugal D. João II, que, pelo grande<sup>10</sup> zelo que tinha de nossa santa fé e conversão da gentildade, mandou àquele reino Rodrigo de Sousa por seu embaixador e, com ele, três religiosos da sagrada ordem do glorioso S. Domingos, e foram os primeiros que naquele reino pregaram o Santo Evangelho com muito grande zelo do bem das almas, e baptizaram a el-rei e à rainha, com a mor parte dos grandes <sup>11</sup>de sua corte. E depois, pelo tempo em diante, se foram baptizando os mais do povo, com que aquele reino ficou tudo cristão pela via de Portugal e zelo de El-rei D. João II, e não pelo Preste João. Nem lhe fora possível chegar lá, ainda que o procurara metendo todo seu resto, pela grande distância que há destas suas terras ao reino de Congo, pois confina com o mar oceano, do Cabo de Boa Esperança para a banda de Portugal.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 115/105].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: nunca.

<sup>3</sup> Embarcação pequena do Mar Vermelho.

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 32.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: diz.

<sup>6</sup> Rebelde.

<sup>7</sup> Dons, presentes.

<sup>8</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto do livro I, cap. 32, p. 355.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: grande parte de.

<sup>10</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: grande.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 115v/105v].

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 32.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Gojão.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 114v/104v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: Gojão.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: nem.

<sup>5</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 32.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: em dezoito dias.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: valos. O copista reproduziu a errata do ms. autógrafa.

Também diz, pouco mais adiante, pág. 356<sup>1</sup>, que, morto o Imperador<sup>2</sup> David, lhe sucedeu no império seu filho Abraham e que, em uma batalha que teve com el-rei de Adel, saiu ferido e, ainda que tinha pelejado da manhã até à noite com muitas mortes de uns e outros, se afastaram sem se conhecer qual levava a vitória, com tudo isso foi tão exorbitante seu sentimento por ver que o mouro se lhe houvesse defendido tão valorosamente, que se acendeu em uma grande febre, com que se lhe agravou a ferida, de maneira que em poucos dias morreu e depois fugiu sua gente. Pelo que o mouro se teve por vitorioso; e depois elegeram em seu lugar a Cláudio, seu irmão.

Isto foi falta de informação porque, primeiramente, este filho do primeiro Imperador David e, por outro nome, Onâg Çaguêd, não se chamava Abraham senão Fiquitor; e não morreu depois de seu pai, senão antes. Porque, sendo vencido o imperador de um mouro de Adel, que se chamava Ahamêd e comumente o chamam Granh, porque era esquerdo, que isso quer dizer *granh* na língua de Etiópia e, andando fugindo do mouro de uma parte a outra, lhe disse seu filho Fiquitôr, que era muito esforçado, ainda que não de muita idade: «Até quando, senhor, havemos de fugir? Não será melhor morrermos pelejando?» E, vendo ele<sup>3</sup> e determinação ele o valor de seu filho, lhe entregou o império. E, juntando [fol. 120v] seu exército, saiu ao encontro ao mouro e pelejaram no reino da Xâoa, e foi desbaratado e morto. E, porque seu pai era vivo, não o contaram entre os imperadores, segundo todos dizem, e parece ser assim, porque se não acha nos catálogos dos imperadores que pusemos no cap. 5.º, tirados de seus mesmos livros como neles estão. Também o que ali afirma, que, para mostrar o mouro que aquela vitória não fora alcançada com próprias forças, senão com ajuda divina, quando a quis festejar, subiu em um jumento, não foi este mouro o que o fez, senão outro que chamavam Nur, que matou ao Imperador Cláudio, como veremos no 3.º livro, quando referirmos sua história. Outras muitas coisas diz na quele, cap. 32.º, que são muito menos do que ele encarece. Mas o que acrescentou ao Imperador David, tirou, no fim do mesmo capítulo, às que D. Cristóvão da Gama, com seus soldados, fez em Etiópia. Pelo que não será bem passar adiante sem declarar quanto se enganou no que delas disse.

#### 4CAPÍTULO XXXI

EM QUE SE COMEÇAM A REFERIR ALGUMAS DAS COISAS QUE  
D. CRISTÓVÃO DA GAMA FEZ EM ETIÓPIA

Como meu intento seja dar alguma notícia das principais coisas desta parte de Etiópia que se n'horeia o Preste João e, das mais insignes que nela sucederam, sejam as que fez aquele valoroso e esforçado capitão, D. Cristóvão da Gama, bem conhecido em Portugal por sua grande nobreza e fidalguia, e muito mais em Etiópia pelas maravilhas que Deus Nosso Senhor teve por bem de obrar por ele, contra os mouros, em defesa de sua santa fé, me pareceu que não cumpria com minha obrigação se não referisse algumas delas; também, porque, passando-as em silêncio, não parecesse que apro-

vava o que delas diz Frei Luis de Urreta, no seu 1.º livro, cap. 32<sup>1</sup>, onde, por falta de informação, as conta mui diferentemente do que na verdade sucederam, conforme ao que contam os velhos de Etiópia, e um deles que, sendo pequeno, acompanhou a D. Cristóvão desde que entrou até o dia que foi desbaratado e o que traz o Padre Fernão Guerreiro da nossa Companhia no fim da «Adição» que faz à *Relação* de Etiópia no livro dos anos de 607 e 608<sup>2</sup>, tomado (como ele diz) de Miguel de Castanhoso, um dos portugueses que entraram em Etiópia com D. Cristóvão da Gama<sup>3</sup>, a quem, como testemunha de vista, se deve dar todo o crédito.

Diz, pois, Frei Luis de Urreta, pág. 358: *Entretanto el Moro* [fol. 121] (convém a saber, Granh), *estava por los reynos confines de la<sup>4</sup> Ethiopia, haziendo mil males y executando inauditas crueldades en los tristes christianos. La madre del Preste Ioan, que se llamava Elisabetha, embio uno correo al visorey de Goa, que se llamava D. Estevan da Gama, pidiendole socorro. Y el embio quatrocientos soldados, y por capitán dellos D. Christoval de Gama, su hermano. Partieron de Goa con muchas armas, en el mes de Junio de 1541, y embarcándose llegaron, aunque con trabajo, a la Ethiopia, y tomaron puerto en el reyno de Bernagasso, donde les acudio mucha gente. Entendido por la emperatriz el socorro que le venia, salio de su escondrijo y fue visitar al capitán, el qual la recibio con gran salva de artillaria y con mucha fiesta. Ella provio de bastantes y aun sobrados mantenimientos, y considerando D. Christoval da Gama que no era tiempo de detenerse, partio con sus quatrocientos soldados y con muchos millares de ethiopes, por grandes jornadas, caminando de dia y de noche, por coger al enemigo descuidado. Como lo deseo le sucedio, porque hallo a los moros tan descuidados de que tивиessen al enemigo tan cerca, que estavan desarmados y tan sin orden de guerra, como si no estivieron en tierra<sup>5</sup> de enemigos, y dando contra ellos de sobresalto, los tomaron a las<sup>6</sup> manos y antes que pudiesen abroquelar<sup>7</sup>, los çamarrearon de suerte que no se los quito el escozimiento, tan presto. Fueron facilmente vencidos, y volviendo las espaldas, dieron todos a huir, a corre mas corre. Y como el huir sea linage de bolar, dexavan de correr y bolavan. Murieron muchissimos en los alcances, y el Rey Gradahametes herido de un mosquetero<sup>8</sup>, que le passo la pierna y le mato el cavallo, vino al suelo, aunque los suyos le pusieron en cobro de la qual herida convalrecio. El buen capitán gozo de un riquissimo despojo, de infinitas armas e arcabuzaria, con que armo su gente. Y caminando en seguimiento de su enemigo, arremo y vella navegava el triumphante vencedor por el mar de sus victorias, entro por el rey[no] de Adel, quemando y talando y derribando y llevandolo todo a fuego y sangre, hasta un monte, onde se havia hecho fuerte el Rey Gradahametes. Y alli le cerco el Capitan Gama, con intento de no partir hasta le coger muerto o bivo y embiarle al Preste Joan.<sup>9</sup>*

Quase tudo quanto o autor aqui diz passou muito diferentemente, porque nem D. Cristóvão da Gama partiu de Goa sinalado para vir à Etiópia, nem podia partir no mês de Junho, [fol. 121v] que lá é In-

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 32, pp. 358-62.

<sup>2</sup> F. Guerreiro, «Adição à relação das coisas de Etiópia», reed. 1942, cap. 13, intitulado «Do que diz acerca do que fez D. Cristóvão da Gama em Etiópia. Declara-se a verdade de tudo», pp. 370-80 (relato da expedição).

<sup>3</sup> Ver Miguel de Castanhoso, *Dos feitos de D. Christovam da Gama*, (1898; ed. facsim. 1983). Este relato havia sido publicado em 1564 sob o título *Historia das cousas que o muy esforçado capitão Dom Christovão da Gama fez nos Reynos do Preste João com quatrocentos Portugueses que consigo levou* (reimpresso em 1855), mas com cortes em algumas passagens e apresentando variantes em relação ao texto manuscrito editado por Esteves Pereira, no fim do século XIX.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *la*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 116v/106v].

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *las*.

<sup>7</sup> Trata-se de uma gralha. No original de Luís de Urreta, lê-se *abroquelar*, isto é, defender-se (ver *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 32, p. 359). Ms. 778 BPB: *venir a ellos. Y antes que se pudiesen abroquelar*.

<sup>8</sup> No original de Luís de Urreta, lê-se *mosquetazo* (ver *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 32, p. 359).

<sup>9</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto do livro I, cap. 32, pp. 358-60.

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 32, pp. 358-62.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: El-rei.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: o valor.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 116/106].



verno fechado e não se pode andar no mar, quanto mais atravessar o golfo para Etiópia, nem, quando entrou nela, se lhe ajuntaram os milhares de etíopes que diz, nem venceu aos mouros pelos achar descuidados e desarmados. E muito menos, depois da vitória, entrou pelo reino de Adel, assolando e abrasando tudo, porque nunca lá chegou, com muitas léguas<sup>1</sup>, como adiante veremos. Também se advirta, de passo, que este mouro não era rei de Adel senão *guazîr*<sup>2</sup>, como chamam os mouros, que é tanto como governador do reino debaixo de el-rei. Nem se chamava Gradamartes; seu próprio nome era Ahamêd, como já dissemos, mas os de Etiópia o chamam Granh porque era esquerdo, que isso quer dizer *granh*. E parece que o autor ajuntou estes dois nomes Granh e Ahamêd, cuidando que era um e, corrompendo os ambos (como faz a outros muitos), disse Gradahametes. E porque comumente lhe dão este nome Granh, eu também o nomearei daqui por diante por ele. Nem a imperatriz, mãe do Preste João, se chamava Elisabetha, senão Zabelô Oanguêl.

Suposto isto, referiremos agora esta história na pontual verdade, com a mor brevidade que pudermos. E foi desta maneira:<sup>3</sup> No ano 1541, sendo governador da Índia D. Estevão da Gama, filho segundo do Conde Almirante D. Vasco da Gama, que foi o primeiro que a descobriu, fez uma grossa <sup>4</sup>armada com tenção de ir ao Estreito de Meca e, entrando pelo Mar Roxo, chegar até Suez a queimar as galés, e armada do Turco, que naquele porto estava aparelhando-se para ir à Índia. E posto que não a pôde queimar, pela terem, quando ele chegou, varada em terra, com as novas que tiveram da sua, à volta, todavia, fez grande estrago em muitos lugares de Arábia, saqueando e queimando tudo e tomando quantos navios achava. E chegando à ilha de Maçuâ, veio ali ter com ele um senhor dos de casa de Adeganâ, que se chamava Isaac e, então, era *bahâr nagâx*, que quer dizer «governador do mar», porque o é de todas aquelas terras marítimas. E, com ele, outro senhor grande, que se chamava Robêl<sup>5</sup>, com cartas da Imperatriz Zabelô Oanguêl, mãe do Imperador Cláudio, que já reinava por morte do Imperador David seu pai, em que lhe pedia encarecidamente quisesse socorrer este império cristão, a quem o mouro Granh havia catorze anos que tinha pela mor parte conquistado, matando e cativando grande infinidade<sup>6</sup> de gente, e queimando e assolando muitas igrejas e mosteiros de grande nome. Ouvindo isto, o governador tomou conselho com os capitães e [fol. 122] fidalgos que iam na armada. E todos convieram em que, além de ser grande serviço de Nosso Senhor acudir àquela necessidade tão urgente, o seria também de el-rei de Portugal, seu senhor, por muitas razões. E ofereceram-se com grande<sup>7</sup> fervor e zelo para esta empresa muitos capitães e fidalgos nobilíssimos. E, entre eles, D. Cristóvão da Gama, a quem, depois de muito considerado, com muita razão lha encomendou o governador, seu irmão, dando-lhe para isso quatrocentos soldados. E dizem que oferecia mil e que o *Bahâr Nagâx* Isaac não se atreveu a trazer tantos, por estar a terra tão perdida que lhe parecia os não poderia sustentar.

Com esta gente muito lustrosa e bem apercebida, com armas dobradas e algumas peças de artilharia, se partiu D. Cristóvão da ilha de Maçuâ aos 9 de Julho de 1541, trazendo também em sua com-

panhia ao Patriarca D. João Bermudez e um sacerdote e não sei se mais. E, segundo cá dizem, o trazia o governador de propósito para ver se o podia meter em Etiópia, onde ele já tinha andado, e lhe prometeram que, se<sup>1</sup> trouxesse algum socorro de gente, o receberiam por patriarca e aceitariam a fé da santa Igreja romana e dariam a el-rei de Portugal a terceira parte do império. Foram entrando pela terra dentro de Etiópia em companhia do *bahâr nagâx*, com grande trabalho, por ser aquela terra muito quente e fragosa e virem quase todos a pé, que escassamente acharam camelos e mulas bastantes para carregar o fato, munições e artilharia. E, em muitas partes, era necessário descarregar e levar tudo bom espaço às costas<sup>2</sup>, sendo D. Cristóvão o primeiro que, com grande alegria e fervor, tomava o que podia sobre as suas, com o que os soldados se animavam a fazer o mesmo, com virem muito cansados.

<sup>3</sup>Desta maneira, caminharam seis dias até saírem das serras, e ali descansaram dois dias. E o seguinte, chegaram a uma vila que chamam Debarô, onde (como já dissemos) reside de ordinário o *bahâr nagâx*, donde saiu muita gente e muitos frades em procissão, com suas cruces<sup>4</sup>, a receber D. Cristóvão, que, com a nova de sua vinda, tinham deixado as serras fortes onde estavam recolhidos, por medo dos mouros. E chegando a D. Cristóvão, lhe deram muitas graças pelos vir a socorrer em tempo de tão grande necessidade. E disseram que, pois o Senhor, por sua infinita misericórdia, o trouxera para isso, procurasse vingar os desacatos e injúrias que aqueles malditos e sacrílegos mouros tinham feito às santas igrejas, derrubando-as e profanando-as, e as crueldades que tinham exercitado com os sacerdotes e religiosos, e as afrontas que tinham [fol. 122v] feito às mulheres casadas, viúvas e donzelas.

Acabado isto, começaram todos a pedir em alta voz a Nosso Senhor misericórdia e que desse força a D. Cristóvão contra seus inimigos, com tanta<sup>5</sup> piedade e lágrimas<sup>6</sup>, que não puderam deixar de as derramar também os portugueses. Consolou-os D. Cristóvão, dizendo<sup>7</sup> que ele não viera a esta terra senão a trabalhar por botar os mouros dela e que esperava na divina misericórdia que, cedo, se veriam livres dos trabalhos em que estavam. E, tornando com a mesma ordem que vinham, foram todos os portugueses juntamente fazer oração à igreja e, dali, às tendas que o *bahâr nagâx* lhes tinha já feito armar perto da povoação, onde os agasalhou com muita festa.

O seguinte dia, repartiu D. Cristóvão sua gente pelos capitães, que eram seis: João da Fonseca, Manuel da Cunha, Vicente da Cunha (seu irmão), Inofre d'Abreu, Francisco d'Abreu (seu irmão), e Francisco Velho; dando a cada um dos cinco, cinquenta soldados. E, aos demais, encomendou a guarda da bandeira real e mandou logo a Manuel da Cunha e Francisco Velho, com sua gente, para que visitassem de sua parte e trouxessem a Imperatriz Zabelô Oanguêl, mãe do Imperador Cláudio, que estava um dia de caminho dali, em uma pedra muito alta, que chamam Damô<sup>8</sup>, a que se sobe por cordas. E, chegando, mandou ela que os dois capitães subissem acima e foram levados em uns cestos amarrados com correias muito fortes e, como chegaram acima, os recebeu a imperatriz derramando muitas lágrimas de prazer e, dando graças a Deus que lhe mandava tal socorro e a tirava daquela como prisão onde havia tanto tempo que estava. E, depois de perguntar por D. Cristóvão e sua gente com

<sup>1</sup> Entenda-se: «porque fica a muitas léguas de distância».

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *guazêr*. Guazil (do árabe «wâzîr»); o mesmo que «vizir», conselheiro ou ministro.

<sup>3</sup> O episódio que começa aqui foi retomado integralmente por Manuel de Almeida: «Até aqui tresladei ao pé da letra o que achei escrito da do Padre Paes, sem diminuir nem acrescentar, tirar nem pôr, nem fazer mudança alguma.» (*Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *R/ESOI* 5, Roma, 1907, pp. 271-316). O mesmo fez Baltazar Teles, empenhando a sua palavra ao jurar que relatava «esta história da maneira que nos papéis deste bom Padre se achou escrita» (*Historia geral de Ethiopia a Alta*, 1660, livro II, cap. 7, p. 116; narrativa em livro II, caps. 8-16, pp. 117-37). Pedro Páez transcreveu várias passagens da «Adição» de F. Guerreiro, de forma dispersa e com frequentes interpolações, de modo que optámos por não as assinalar em itálico.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 117/107].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Rohêl.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: número.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: muito.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: ele.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: bom espaço.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 117v/107v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: em procissão.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: tantas.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: e piedade.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: -lhes.

<sup>8</sup> O Mosteiro de Däbrä Damo, a leste de Aksum, fundado no século VI, pelo santo etíope *Abuna Ärägäwy*, de acordo com a tradição da igreja ortodoxa etíope. Não dista apenas uma jornada de Dëbarwa.

muitas particularidades, os mandou agasalhar aquela noite com grande honra e aparato. E, ao outro dia, desceu a imperatriz com muitas criadas e gente que tinha de serviço, dentro daqueles cestos; porque, para o alto daquela serra, não há outra maneira de entrada nem saída, por ser toda à roda pedra talhada e muito alta. E em cima tem bom campo, onde semeiam e muitos poços como cisternas, em que pelo Inverno se recolhe muita água.

<sup>1</sup>Como acabaram de descer todos, veio a imperatriz, em uma formosa mula coberta de seda até perto do chão, e ela vestida de panos brancos de Índia muito finos e, sobre eles, um albornoz de cetim pardo com franjas do fio de ouro e o rosto coberto com uma beatilha muito fina, que não lhe apareciam mais que os olhos, como é costume das senhoras que caminham. Levavam-lhe alguns homens um dossel de seda, com que ia coberta, [fol. 123] de maneira que se não podia ver, senão por diante. E, chegando perto do arraial de D. Cristóvão, a saiu a receber ricamente vestido de cetim e tela de ouro, com toda sua gente posta em ordem, que era muito lustrosa. E salvaram-na duas vezes com toda a artilharia e espingardaria. E, chegando D. Cristóvão, se deteve a imperatriz e, por lhe fazer honra e lhe dar mostra de amor, mandou tirar o dossel e descobriu um pouco o rosto. E logo D. Cristóvão a saudou e lhe disse como ele e toda aquela gente vinham, por mandado do governador, a socorrer e servir, e que soubesse de certo que todos estavam resolutos a morrer pela santa fé de Cristo, e<sup>2</sup> defensão de seu império. A imperatriz lhe deu muitos agradecimentos pelo zelo que mostrava e a vontade com que ele e os demais portugueses se ofereciam a tão grandes perigos e trabalhos, que a el-rei de Portugal e ao governador e a eles pagaria tudo o poderoso Deus, porque nem ela nem seu filho, nem príncipe nenhum da terra tinha poder para satisfazer coisa tão grande; e que este império não o tinha por seu, senão por d'el-rei de Portugal. Acabada a prática, tomaram os portugueses no meio a imperatriz e as senhoras e donzelas que a acompanhavam em mulas muitas formosas e, tomando<sup>3</sup> pela rédea à imperatriz o *bahâr nagâx*, a levaram até suas tendas.

Passados dois dias, foi D. Cristóvão, com os portugueses ricamente vestidos e com as mais lustrosas armas que tinham, visitar a imperatriz e, diante de sua tenda, deram mostra do modo que tinham de pelear, de que ela ficou mui maravilhada, vendo coisa tão nova e desusada na sua terra, e não menos alegre e contente, por lhe parecer que sem dúvida haviam de livrar seu império da tirania dos mouros. E entrando na tenda D. Cristóvão com o *bahâr nagâx* e alguns senhores grandes, assentaram com a imperatriz de estar ali até fim de Outubro, que se acaba em esta terra o Inverno. E mandou D. Cristóvão recado de sua chegada ao Preste João Cláudio, que já se chamava Atanâf Çaguêd, que estava muito longe, retirado em umas serras fortes, sem se atrever a sair, pelo ter desbaratado o mouro Granh e morto muita gente. Começou logo D. Cristóvão fazer apetrechos de guerra e carretinhas em que levar a artilharia, que eram seis meios berços e dois berços. E tinha sempre mui grande vigia em seu arraial, porque continuamente mandava o Granh espias para saber<sup>4</sup> quantos eram os portugueses, que armas tinham e em que se ocupavam; o que souberam de duas espias que tomaram em trajos de abexins, a quem D. Cristóvão mandou depois despedaçar em as carretinhas que tinham feitas, com o que tiveram tão grande medo que, dali por diante, [fol. 123v] não se atreveram mais a se pôr em tal perigo. Fizeram também, em este tempo, duas saídas, por mandado da imperatriz, e deram em algumas terras vizinhas que, por serem

muito fortes, não queriam obedecer os moradores delas e, matando muitos, trouxeram grande número de mulas, vacas e bois, com que se proveram para o caminho, que não tinham em que andar.

No fim do Inverno, chegaram cartas do Preste João, em que, com muito cortesias e amorosas palavras, dava os parabéns a D. Cristóvão e aos mais portugueses de sua chegada e lhes fazia grandes<sup>1</sup> oferecimentos. E pedia que, com a mor pressa que pudessem, se fossem chegando, que ele também viria a se ajuntar com eles. Com esta nova se alegraram todos muito e apressaram o que faltava, para melhor poderem fazer seu caminho. E como tudo foi acabado, partiram de Debarôa aos cinco de Dezembro, levando consigo a imperatriz e sós duzentos abexins que os acompanhavam. Ia diante D. Cristóvão, com duzentos e cinquenta portugueses bem apercebidos. Depois se seguia a recovagem, a que davam guarda dois capitães com sua gente e, um pouco mais atrás, a imperatriz com suas damas e donzelas, e cinquenta portugueses e alguns daqueles abexins. Desta maneira, foram caminhando alguns dias com muito trabalho, por acharem serras tão ásperas que parecia impossível levar por elas a artilharia e munições. Mas com a indústria e trabalho de D. Cristóvão se facilitava tudo, de maneira que, maravilhada a imperatriz, dizia muitas vezes que não havia gente como os portugueses, porque nenhuma outra pudera sair com coisas tão árduas e difíceis. Também era muito grande a vigilância de D. Cristóvão, trazendo sempre diante quem descobrisse o campo e mandando, continuamente, espias ao Granh. E ele, em pessoa, corria duas vezes cada dia o arraial para ver se marchavam com ordem e prover o que fosse necessário. E, para isto, trazia mulas que caminhavam bem, que até então não tinham cavalo nenhum. E por onde quer que passava, fugiam os mouros que o Granh tinha posto para arrecadar a renda das terras e os moradores delas que, por medo, os obedeciam, vinham com grande alegria a ver os portugueses e sujeitar-se à imperatriz.

Prosseguindo D. Cristóvão seu caminho, chegou o primeiro dia de Fevereiro de 1542 a uma serra muito forte que o Granh tinha tomado com engano e traição, e posto nela um capitão com 1500 soldados. E tardou tanto no caminho, não porque esteja<sup>2</sup> muito longe de Debarôa, que, indo por caminho direito, em três dias se chega folgadoamente, senão porque deu muito grande volta por outras terras para as reduzir e aquietar, e determinou de acometer, por<sup>3</sup>[fol. 124] que, se passasse adiante deixando ali aqueles mouros, os haviam de tornar a obedecer todas aquelas terras e lhes podiam fazer muito mal, tolhendo-lhe os mantimentos e dando-lhes assaltos. Mas disse a imperatriz que não intentasse tal coisa, porque de nenhuma maneira podia sair com ela; o que vendo os mouros, ficaram com mais ânimo e coração para o acometerem. Depois, respondeu D. Cristóvão que era forçado trabalhar por tomar aquela serra e deu tantas razões para isso que a imperatriz, ainda que contra sua vontade, condescendeu com ele. Tem esta serra perto de uma légua de campo lá acima, posto que não muito chão, e água bastante para muita gente. E ainda que há três entradas, são tão fortes que, com mui pouca guarda, parece que à força de armas não era possível subir. Tudo o demais à roda é rocha talhada muito alta, que eu tenho visto muitas vezes. A principal destas entradas se chama Ambâ Çanê e este mesmo nome dão à serra. Ao pé desta entrada estava uma parede muito forte com sua porta e, dali, se vai subindo um pedaço por caminho muito estreito e íngreme e, no fim, está outra porta na mesma rocha; a segunda entrada se chama Ambâ Xambût e não é tão forte, posto que muito. A terceira se chama Ambâ Gadabût, mais forte sem comparação que as outras, porque não tem caminho senão uns bura-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 118/108].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: pela.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: levando.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 118v/108v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: muitos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 119/109].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: por.

cos feitos ao picão na rocha, por onde, com dificuldade, podem subir descalços, e fica descoberta a rocha, de maneira que, de cima, com só pedras<sup>1</sup>, se pode defender facilmente a entrada. E estará uma de outra como um tiro de espingarda. E, em cada uma delas, estava um capitão com quinhentos mouros, de arcos e frechas<sup>2</sup>, lanças e adargas.

De tudo isto, se tinha bem informado D. Cristóvão, mas, antes de cometer, quis chegar a ver onde se poderia melhor pôr a artilharia e fazer que os mouros gastassem suas frechas e os penedos que tinham aparelhados, para que, depois, lhe não fizessem tanto dano. E para isto encomendou a primeira entrada aos capitães Francisco Velho e Manuel da Cunha, com sua gente, e deu-lhes três peças de artilharia. A segunda deu a João da Fonseca e a Francisco d'Abreu, com os seus, e outras três peças de artilharia. A terceira, por ser mais perigosa, tomou para si, com os outros portugueses, excepto cinquenta de espingarda, que deixou em guarda da imperatriz. E disse aos capitães que, todos postos em ordem, dessem mostra de quererem entrar aqueles passos, mas que não se chegassem muito e que, quando ele se retirasse, fizessem todos o mesmo. Desta maneira, se foram chegando aquela tarde. E eram tantas as frechas [fol. 124v] e pedras que de cima tiravam que não tinham conto; e lançavam penedos tão grandes pela rocha abaixo, que só <sup>3</sup>o estrondo que faziam bastava para causar não pequeno medo aos que não foram tão valorosos e esforçados como aqueles portugueses. Eles também tiravam com suas espingarda[s], por dissimular que o pretendiam. E depois de bom espaço e de ter D. Cristóvão visto à sua vontade o que desejava, se retirou com todos os demais. E vendo isto, os mouros deram por sua a vitória e, tendo-se por bem seguros, a festejaram com grandes alaridos e, depois, toda a noite, tangendo trombetas e atabales. A imperatriz, que estava à vista de tudo, ficou muito triste e desconsolada, parecendo-lhe o que parecia aos mouros e que não havia em os portugueses mais coração do que ali tinham<sup>4</sup> mostrado. Sabendo isto, D. Cristóvão lhe mandou dizer a causa por que se chegava e<sup>5</sup> retirava, e que pela manhã veria Sua Alteza como pelejavam os portugueses e que homens eram.

O seguinte dia, em amanhecendo, tomou um sacerdote um crucifixo em as mãos e D. Cristóvão e os mais portugueses se ajoelharam diante dele e, com muita devoção, lhe pediram virtude e força contra seus inimigos e lhe ofereceram suas almas e vidas com grande fervor e desejo de as acabarem em defesa de sua santa fé. E o Patriarca D. João Bermudez, que estava presente, lhes lançou sua bênção. E, com isto, foram postos em ordem para a serra e repartiram-se em os passos, como à tarde tinham feito, antes. E, em dando D. Cristóvão sinal, arremeteram todos, com grande ânimo e começaram a atirar com artilharia e espingardaria o que causou tanto medo aos mouros, que se não atreviam a descobrir muito. Contudo, lançavam grandes penedos, com que faziam grande dano e mataram dois portugueses, antes que pudessem chegar bem à rocha. Vendo isto, D. Cristóvão, e que era necessário pressa e conclusão, arremeteu com grande esforço, e todos os seus o seguiram e, encostando os fains<sup>6</sup> à rocha, foram subindo por eles, mas feriram muitos e duas vezes os derribaram abaixo. Contudo, tornaram a subir com grande ânimo, sendo D. Cristóvão dos primeiros, e travou-se<sup>7</sup> com os mouros uma briga muito

forte,<sup>1</sup> porém, como era já mano a mano, não puderam resistir muito espaço ao ímpeto dos portugueses. E assim viraram aqueles quinhentos, e D. Cristóvão foi dando neles. A este tempo, também tinham entrado Francisco Velho e Manuel da Cunha, custando-lhes muito trabalho, porque, na primeira porta do passo, lhes feriram muitos soldados e, passada esta, lhes mataram dois e, ainda que se retiraram, os mouros não quiseram fechar a porta [fol. 125] de cima, parecendo-lhes que ali, por ser lugar mais forte, acabariam os portugueses e, assim, os esperaram muito unidos. <sup>2</sup>Contudo, arremeteram animosamente os portugueses e, começando às lançadas e cutiladas, se baralhavam muito, pelejando com grande valor e esforço o capitão dos mouros. E tirando uma lança curta que trazia, deu nos peitos a um português com tanta força que, com ter muito boa saia de malha, o atravessou de banda a banda e, levando do terçado<sup>3</sup>, deu tal golpe no capacete de outro que lho amolgou e fez cair no chão desacordado, mas acudiu outro português e matou o mouro e foram logo fazendo retirar os demais.

Enquanto andavam as coisas desta maneira, neste passo e no de D. Cristóvão, entraram também o seu<sup>4</sup> João de Fonseca e Francisco d'Abreu, posto que com muito trabalho e perda de três portugueses, porque os mouros pelejaram fortemente. Mas, vendo-se entrados, se foram retirando para cima e, sem saberem uns do desbarate dos outros, se vieram juntar todos em um lugar, onde quiseram resistir. Mas, chegando D. Cristóvão com sua gente, e os demais capitães, por outras partes, os tomaram no meio e os mataram, sem ficar nenhum dos que ali estavam. E alguns que primeiro fugiram para as casas que tinham no mais alto, também foram mortos à espada e os que, destes, cuidando que se salvariam, se botaram pelas rochas, morreram feitos em pedaços. Acharam aqui grande número de mulheres cristãs cativas e outras muitas mouras, com algum fato, nove cavalos e dez mulas muito formosas. E como se juntaram os portugueses lá acima, viram que faltavam oito que na entrada morreram, e que estavam mais de quarenta feridos, a quem D. Cristóvão fez curar com diligência e trazer os mortos, e mandou limpar a mesquita dos mouros para que a benzesse o patriarca e se enterrassem nela.

Acabado isto, mandou D. Cristóvão recado à imperatriz, dando-lhe conta da mercê que Deus Nosso Senhor lhes fizera e que se queria ver sua serra Ambâ Çanêt e como a tinham concertada os mouros, o podia fazer seguramente, porque já todos eram mortos. Ficou ela muito contente e alegre com estas novas, e tão maravilhada que não podia acabar de crer que todos aqueles mouros fossem mortos em tão pouco<sup>5</sup> tempo. E, certificando-lhe seus criados que assim era, deu louvores ao Senhor, que tão grande virtude e força dera aos portugueses, e dizia com muita ternura que, verdadeiramente, eram homens mandados por Deus para salvação deste império, e que já [fol. 125v] nenhuma coisa lhe pareceria impossível para eles. E mandando a D. Cristóvão os agradecimentos de tão boa nova, disse que se não atrevia a subir lá, porque, demais de ser tão áspero o caminho, lhe diziam que estava todo cheio de mouros mortos que lhe haviam de causar grande nojo.

Como D. Cristóvão soube que não havia de subir lá a imperatriz, pediu <sup>6</sup>ao patriarca que benzesse a mesquita, o que ele fez com solenidade, pondo-lhe por nome Nossa Senhora da Vitória, e enterraram logo nela os oito portugueses e, ao outro dia, pela manhã, disse missa com muita festa. E deram todos graças ao Senhor que lhes concedera ter<sup>7</sup> tão insigne vitória e trocara aquela casa, que antes era de abo-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: só.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: flechas.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 119v/109v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: haviam.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: se.

<sup>6</sup> Lanças de ferro.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: uma briga.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: mas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 120/110].

<sup>3</sup> A expressão «levar do terçado» significa puxar do terçado (uma arma de folha curta e larga), levantando-o alto.

<sup>4</sup> Entenda-se: no seu passo, ou posição de batalha.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: breve.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 120v/110v].

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: ter.

minação, venerando nela a Mafamede, em templo onde se oferecesse tão alto e venerando sacrificio. Acabada a missa, deixou D. Cristóvão lá os feridos bem acomodados, porque não podiam descer e foi com os demais onde estava a imperatriz, que o recebeu com o amor e benevolência devida a quem, com tão grande valor e esforço, a servia. Entregou ela logo a serra a um seu capitão, cujos antecessores foram senhores dela. E estiveram ali todo o mês de Fevereiro, por causa dos feridos. E como correu a nova da tomada da serra, coisa tão pouco esperada dos vizinhos, foram muito bem providos, não somente deles, mas dos que estavam longe, que lhes traziam em abundância mantimentos e as demais coisas necessárias.

Em este tempo chegaram ali do mar dois portugueses<sup>1</sup> com gente da terra que os guiava, e traziam recado de Manuel de Vasconcelos, capitão-mor de cinco fustas que o Governador Estevão da Gama tinha mandado para saber das galés dos turcos e o sucesso que tivera a entrada de D. Cristóvão em esta terra e se tinha necessidade de algum socorro. Com o que, não só D. Cristóvão e os portugueses ficaram muito alegres e contentes, mas também a imperatriz e todos os seus, tendo por certo o remédio de seu império. Despachou logo D. Cristóvão a Francisco Velho, com quarenta portugueses bem aparelhados e com muito boas mulas, para que a toda a pressa fossem a Maçuâ, onde Manuel de Vasconcelos estava, a lhe dar cartas para o governador e razão do que passara e do estado em que ficavam as coisas, e que trouxessem das fustas algumas munições de pólvora, pelouros e outras coisas necessárias. E como eles partiram, determinou D. Cristóvão com a imperatriz de passar adiante a umas terras muito boas, onde estava um capitão cristão que, por força, obedecia aos mouros e mandava recado que fossem logo, que não achariam resistência nenhuma.

## [fol. 126] CAPÍTULO XXXII

### DE COMO, PROSEGUINDO D. CRISTÓVÃO SEU CAMINHO, VEIO EM SUA BUSCA O GRANH COM GRANDE EXÉRCITO, E DO QUE COM ELE PASSOU

**A**poucas jornadas, depois que D. Cristóvão partiu da serra Ambâ Çanêt, lhe chegou um correio com cartas do Preste João, em que lhe dizia que ele vinha a toda a pressa, que D. Cristóvão apressasse também seu caminho quanto pudesse, porque o Granh ia em sua busca com grande exército e, se não se juntassem antes de chegar o Granh, seria muito perigoso dar batalha. E, porque D. Cristóvão desejava isto mesmo, foi caminhando a jornadas compridas. E chegando às terras do capitão que o tinha chamado, saiu ele a o receber e lhe presenteou oito cavalos muito formosos e disse que se aparelhasse muito bem, porque suas espias lhe tinham certificado que o Granh o vinha buscar com muita gente, e que estava já tão perto que não podia passar sem se encontrar com ele. Agradeceu-lhe D. Cristóvão o aviso e encomendou<sup>3</sup> que tornasse a mandar espias que soubessem bem onde chegava e quanta gente trazia. E ele foi prosseguindo seu caminho, pesaroso por ver que, se estava tão perto como di-

ziam, não podiam tornar a tempo os portugueses que mandara ao mar, nem chegar a se juntar com o Preste João antes de pelejar. E dali a dois dias, entrando por uma terra chã, que chamam Çart, extremo do reino de Tigrê, vieram as espias, dizendo que o Granh estava já tão perto que não seria um dia de caminho, e que trazia gente sem conto. Ouvindo isto D. Cristóvão, se determinou de pelejar, dizendo aos soldados que não podiam fazer outra coisa, pois não era possível passar a se ajuntar com o Preste João, estando todas as terras pelos mouros, que não somente lhes haviam de tolher os mantimentos, com que morreriam de fome, mas iriam entretendo com assaltos até que chegasse o Granh com seu exército; e que o mesmo perigo dos mantimentos, tinham tornando atrás, porque a gente não se havia de atrever a lhos dar, sabendo que o inimigo vinha tão perto, com tão grande poder, e que a vitória estava nas mãos do Senhor, que a podia dar assim aos poucos como aos muitos; e que, se não fosse servido que a tivessem, morreriam pelejando por sua santa fé. E, aprovando os capitães e soldados este parecer, se puseram todos com grande confiança nas mãos de Deus.

[fol. 126v] O seguinte dia, que foi Sábado de Ramos, indo caminhando por aqueles campos chãos, chegaram duas espias de cavalo que D. Cristóvão trazia diante descobrindo o campo, e disseram que chegava o Granh uma légua dali. Pelo que D. Cristóvão mandou logo assentar seu arraial em um outeiro, que se alevantava no meio do campo, muito a propósito para o que pretendia, perto de uma formosa ribeira que se chama Algól. E, pondo a imperatriz no melhor lugar, que como mulher não tinha pouco medo, vigiaram com muito cuidado toda aquela noite. E, domingo pela manhã, apareceram, sobre um outeiro afastado, cinco mouros de cavalo que vinham a<sup>1</sup> descobrir o campo e, como viram o arraial, deram logo volta com muita pressa. Mandou então D. Cristóvão dois portugueses em dois cavalos, que, do mesmo outeiro, vissem<sup>2</sup>quão grande era o arraial do inimigo e onde o assentava. E tornaram dizendo que a gente que trazia cobria os campos e que se assentava pegado com aquele cabeça. E enquanto se armavam as tendas, subiu o Granh acima com obra de trezentos de cavalo e três bandeiras grandes, duas brancas com meias luas vermelhas e uma vermelha com meia lua branca, e dali esteve olhando o arraial de D. Cristóvão. E depois mandou à sua gente que fosse em ordem, e levavam tantas bandeiras e tanta multidão de trombetas e atabales e iam com tão grande grita e alarido que parecia muito mais gente da que era. Pareceu-lhe, a D. Cristóvão, que queriam acometer, e fez-se prestes para pelejar, mas eles não pretendiam senão cercar o arraial e, como o fizeram, vigiaram toda a noite com muitos fogos e grandes gritas. Os portugueses estiveram também sempre<sup>3</sup> aparelhados com panelas de pólvora nas mãos e com os morrões acesos para as espingardas. E, de quando em quando, disparavam alguns berços, com o que faziam que não se atrevessem a chegar os inimigos, e parecia o arraial tão crespo que não se podiam persuadir que fossem os portugueses tão poucos como de dia pareciam.

Passada a noite com aquele tão grande trabalho e começando a sair o sol, mandou o Grânh um embaixador a D. Cristóvão, dizendo que se maravilhava muito<sup>4</sup> como tivera atrevimento para entrar naquela terra e parecer diante dele com tão pouco poder; que bem parecia tão mancebo como lhe diziam e inocente sem experiência, mas que, por sua pouca idade, e saber que aquela mulher e a gente da terra o trazia enganado, que era tão falsa que nem a seu próprio rei guardava [fol. 127] lealdade, tinha piedade

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: do mar.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 121v/111v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: -lhe.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 121v/111v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: também.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: de.

dele e determinava usar de sua grandeza e acostumada clemência, perdoando-lhe atrevimento tão mal considerado, com condição que se fosse logo para ele com todos os portugueses; e que, se não quisesse andar em sua companhia, se tornasse para sua terra e ele lhe seguraria o caminho, para que lhe não fosse feito mal nenhum; e fizesse logo o que lhe mandava, pois via tão claramente o engano com que o trouxeram; e que recebesse o que o embaixador lhe daria, que era um capelo de frade e um rosairo, mostrando que não o tinha em conta de capitão senão de frade, porque, a todos os portugueses que ali estavam, punham este mesmo nome.

Depois que D. Cristóvão ouviu a embaixada, fez muita honra ao que a trazia e deu-lhe uma roupa de cetim roxo e uma gorra de grã<sup>1</sup>, com sua medalha de bom preço e disse que se fosse, que ele mandaria a resposta a seu senhor. E fez que o acompanhassem até sair do arraial. Ordenou logo D. Cristóvão, com conselho dos principais, que não fosse português com a resposta, <sup>2</sup>pois havia tão pouco que fiar de mouros, senão um escravo de o português, que era alvo<sup>3</sup>. E, vestindo-o muito bem, lhe deram uma mula em que fosse e o que havia de dizer, escrito em arábico para que o pudesse ler o Granh; e era que ele tinha ali chegado por mandado do Grão Leão do Mar e Poderoso Senhor na Terra, o qual costumava socorrer os que pouco podem, e assim, por ter notícia que o cristianíssimo imperador da Etiópia, seu irmão em armas, estava desbaratado e desapossado de seus reinos por gente infiel e inimiga da santa fé católica, lhe mandava o socorro que ali via, que, ainda que pequeno, bastava para toda sua multidão, pois eram tão maus e tomaram aquela terra sem nenhuma razão nem justiça, não com sua força, senão pelo permitir assim o verdadeiro Deus, para castigar os abexins por seus pecados; mas que esperava em sua divina misericórdia, que se aplacaria sua ira com o que já tinham padecido e que os tornaria à sua antiga liberdade e posse de suas terras por meio dos portugueses, e que, ainda que poucos, outro dia veria como pelejavam e para quanto eram, porque não vieram para se tornarem, senão ao buscar a ele. E mandou-lhe um espelho grande e umas tenazes pequenas, de que costumam usar as mulheres para as sobranceiras, fazendo dele mulher. Chegando o escravo ao Granh com esta resposta, teve grande paixão. Mas, contudo, disse que homens de tão grande coração que, sendo tão poucos, se atreviam a pelejar com ele, que trazia tão grande [fol. 127v] poder, mereciam que todos os reis lhes fizessem muitas honras e mercês. E com isto se tornou o escravo.

Determinava o mouro de os ter ali cercados, sem lhes deixar entrar mantimentos, para assim os tomar à fome; o que podia fazer facilmente, porque tinha quinze mil homens de pé, todos de adargas e zagunchos, arcos e frechas, 1500 de cavalo e duzentos turcos arcabuzeiros. E os portugueses não eram mais que trezentos e cinquenta, porque oito eram mortos e os mais estavam ausentes. E os turcos foram tão atrevidos que, não se contentando com terem os portugueses cercados de longe, se chegaram muito perto e fizeram umas paredes de pedra ensossa donde tiravam e faziam tanto dano que foi necessário mandar D. Cristóvão a Manuel da Cunha e Inofre d'Abreu com sessenta portugueses para os botar dali, o que eles fizeram com grande valor e esforço. Mas, acudindo os mouros de cavalo a dar costas aos turcos, se travou uma briga muito grande em que feriram alguns portugueses, e eles mataram muitos mouros, ajudando os do arraial com a artilharia e, vendo D. Cristóvão que iam carregando muitos mouros, mandou tocar a recolher; o que os portugueses fizeram logo, com muito boa ordem, e os mouros

também<sup>1</sup> se afastaram, por<sup>2</sup> não se atrever<sup>3</sup> a chegar perto do arraial, mas ficaram todavia à roda na forma que antes<sup>4</sup> que o tinham cercado.

Entendendo D. Cristóvão que o intento dos mouros era tomá-lo à fome, determinou dar batalha, antes que viesse a tal extremo. E assim, outro dia, que foram 54 de Abril de 1542, ao cantar do galo, mandou carregar as tendas e o demais fato. E repartindo os capitães com sua gente, à mão direita e esquerda, pôs a imperatriz no meio com suas mulheres e duzentos abexins que a acompanhavam, e ele tomou a retaguarda, porque de todas as partes estavam cercados. E em rompendo a alva, começou a abalar seu arraial com esta ordem, o que vendo os mouros, mostraram grande alegria, por lhes parecer que, como deixaram aquele outeiro, lhes seria fácil desbaratá-los. E assim se foram logo para eles, tangendo tantas trombetas e atabales e com tão grande grita que parecia que se fundia o campo. E começando os portugueses a atirar com suas espingardas e jogar por todas<sup>6</sup> partes com a artilharia, fizeram afastar a gente de pé, de maneira que lhes davam campo franco; o que vendo os turcos, se puseram na dianteira e foram chegando tanto que faziam muito dano com as espingardas. Em isto se abalou o mesmo Granh com as três bandeiras que sempre [fol. 128] trazia diante e com mais quinhentos de cavalo e, chegando-se pela banda onde estavam os turcos, se travou a coisa de maneira que se viram em grande aperto os portugueses. Pelo que D. Cristóvão lhes disse que se não afastassem tanto senão que deixassem pelejar com a artilharia, o que faziam com tanto ânimo os que a tinham a seu cargo e atiravam tão amiúde que não deixavam chegar os cavalos, e matavam muitos. Mas os turcos pelejavam fortemente e se chegavam muito. E assim, foi forçado a D. Cristóvão mandar a Manuel da Cunha com cinquenta portugueses que dessem neles e, arremetendo, se baralharam todos tanto que os turcos pegaram do guião<sup>7</sup> e mataram o alferes e outros três portugueses e feriram, com uma espingarda, na perna a Manuel da Cunha, pelo que se recolheu, deixando mortos e feridos muitos turcos.

Em este tempo, andava D. Cristóvão animando a gente, que muita dela andava ferida. E punha-se sempre na parte onde havia mais perigo, e assim lhe deram uma espingardada na perna, o que foi para todos os seus de grande sentimento, e a ele de muito maior honra porque, assim ferido como estava, acudia a todas as partes, esforçando os soldados e pelejando com tanto valor e arte qual pode ser não fizeram, em tal aperto<sup>8</sup>, os mais insignes famosos<sup>9</sup> capitães que<sup>10</sup> celebram muito as histórias. Andando, pois, a batalha muito acesa, e sendo já mais de meio dia, pareceu-lhe ao Granh (que estava vendo de fora) que a sua gente enfraquecia. E, acudindo a ajudar com os que o acompanhavam, se chegou tanto que o alcançaram com uma espingardada e lhe atravessaram a perna e juntamente o cavalo, e assim caiu logo morto. Vendo isto sua gente e que lhe corria <sup>11</sup>muito sangue, abateram três vezes as bandeiras, dando sinal de recolher, e logo o foram levando em os braços. E conhecendo bem D. Cristóvão que ele era o que levavam ferido, mandou tanger de festa as trombetas e atabales e arremeteu

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: logo.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: se.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: atreverem.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: da maneira.

<sup>5</sup> [fol. 122v/112v].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: as.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: estandarte.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: aponto.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: e insignes.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: muito.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 123/113].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: grão.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 122/112].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que era alvo.

com os portugueses e duzentos abexins, levando tão grande ímpeto que, em pouco espaço, fez virar todos os mouros e, deixando o campo alastrado deles mortos, seguiu o alcance até que os portugueses ficaram muito cansados. E como não tinham cavalos, arreceou D. Cristóvão que, passando adiante, podiam conhecer sua canseira os mouros de cavalo e tornar sobre eles. Pelo que mandou tocar a recolher e, quando tornaram ao arraial, achou a imperatriz com suas criadas em uma tenda, amarrando por suas mãos os feridos com seus próprios toucados, sem querer esperar por outros panos.

[fol. 128v] Como chegou D. Cristóvão, fez correr o campo para trazer a enterrar os portugueses que morreram, e acharam onze. Também conheceram ali, os abexins, quatro capitães do Granh muito principais e trinta turcos mortos. E como acabaram de enterrar os portugueses, que D. Cristóvão houvera de descansar de tão excessivo trabalho como tinha levado, se pôs a curar os feridos por sua mão, porque o cirurgião que tinham estava ferido na mão direita. E depois de curar a todos se curou a si mesmo, tendo mais sentimento das feridas dos soldados que da sua própria. E, como foi noite, enviou secretamente um homem aos portugueses que foram a Maçuâ, que lhes desse nova da vitória que tiveram e como fora ferido o Granh; que viessem com toda<sup>1</sup> pressa, porque esperava no Senhor que, com sua chegada, se acabaria a conquista. Estiveram ali alguns dias, esperando que os feridos tornassem a poder tomar armas e que os outros portugueses chegassem. Mas, vendo que tardavam, e arreceando que o mouro se refizesse e tornasse a dar sobre eles (como na verdade já tinha mandado que viessem com muita pressa<sup>2</sup> os capitães que tinha espalhados, e cada dia lhe entrava muita gente), determinou D. Cristóvão de lhe dar logo outra batalha, tendo grandes esperanças na misericórdia do Senhor, por quem<sup>3</sup> todos pelejavam e em cujas mãos tinham postas suas vidas que, ainda que era tão grande a multidão dos inimigos, lhes daria vitória, como primeiro tinha feito.

## CAPÍTULO XXXIII

### DE COMO D. CRISTÓVÃO DEU A SEGUNDA BATALHA AO GRANH

**P**assados doze dias depois que D. Cristóvão venceu ao Granh, sentindo-se já os feridos para poderem<sup>4</sup> tomar armas, se confessaram todos e, Domingo da Pascoela, antes de amanhecer, alevantaram o arraial. E, postos em ordem, se foram para os mouros que estavam perto e, como foi esclarecendo<sup>5</sup>, que os viram, saíram com a grita acostuada e não menos soberbos que a primeira vez, porque lhes tinha entrado muita gente. E quem principalmente lhes dava ânimo era um capitão muito arrogante, que se chamava Garâd Amâr<sup>6</sup> e viera de novo com quinhentos de cavalo e 3000 de pé. Este dizia aos capitães do exército: «Como era possível que, sendo tão poucos os portugueses, durassem tanto diante deles, como tão grande multidão<sup>7</sup> não os fazia logo em pó?» E tomando ele a dianteira, arremeteu [fol. 129]

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com muita pressa.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: m.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: poderem.

<sup>5</sup> Clareando o dia.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 123v/113v].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: os.

com os seus<sup>1</sup> tão afoitamente, como se<sup>2</sup> nenhum caso fizera dos portugueses. E, na verdade, se todos os seus quinhentos de cavalo foram tão resolutos como ele, os houveram de pôr em grande aperto; mas por medo da artilharia, que matava muitos, não se atreveram a romper unidamente. Só o capitão com cinco mouros<sup>3</sup> de cavalo, homens muito<sup>4</sup> esforçados, se meteram pelos fains dos portugueses e morreram, pelejando valorosamente. A este tempo, mandou o Granh, a quem alguns, por estar ferido, traziam em um catre carregado sobre os ombros, que toda a demais gente de cavalo<sup>5</sup> arremetesse por diversas partes, o que eles fizeram com muita força. E travou-se muito a batalha, pelejando de uma e outra parte por grande espaço valorosamente. Mas o que entre todos se assinalavam, eram oito portugueses que tinham cavalos, arremetendo com grande ânimo onde os mouros mostravam maior força e sempre rompiam e matavam muitos, onde quer que chegavam. Mas, como eram poucos, não se atreviam a afastar muito seguindo o alcance; que, se todos tiveram cavalos, fizeram aquele dia maravilhas, sem lhe poder escapar o Granh. Nem as deixavam de fazer, em seu distrito, os portugueses de pé, porque também faziam suas saídas, matando muitos dos turcos e tantos mouros, que todo o campo à roda do arraial estava alastrado deles.

Andando, pois, a batalha muito travada e acesa e carregando os mouros de cavalo à parte que viram de D. Cristóvão mais fraca, tomou, por desastre, fogo à pólvora que ali tinham e matou dois portugueses e queimou outros, que ficaram muito maltratados. E foi tamanho o estrondo que fez e a labareda que alevantou, que os portugueses todos se tiveram naquele instante por acabados e os cavalos dos mouros viraram com tanta fúria que, sem obedecer de nenhuma maneira ao freio, levavam seus senhores pelo campo, e assim se afastaram bom pedaço e deixaram aquele lugar desapressado. Pelo que, ainda que foi grande desastre tomar fogo a pólvora, pois se queimaram aqueles portugueses, ajudou muito para alcançar vitória porque, demais que os mouros tinham posto em grande aperto e perigo aquele lugar, como se afastaram tanto sem poderem fazer tornar a virar depressa os cavalos, ficaram mais livres os portugueses para darem nos turcos de pé, e assim o fizeram, de maneira que até os turcos, que eram os que principalmente pelejavam, se afastaram. E dali por diante, nem eles, nem os de cavalo se atreveram a chegar muito, no que conheceu D. Cristóvão que iam já enfraquecendo. E assim, [fol. 129v] arremeteu com grande ímpeto<sup>6</sup> que, não podendo os mouros resistir<sup>7</sup>, se foram retirando e pelejando até que se viram tão apertados que tomaram por remédio virar as costas e fugir a quem mais podia, tendo-se por muito ditosos e bem afortunados os que escapavam com as vidas, porque os portugueses iam com muita fúria, matando neles como em carneiros. E assim, seguiram o alcance obra de meia légua<sup>8</sup>, ficando tão cansados do que tinham corrido e pelejado, que não puderam passar adiante, ainda que desejavam, por verem, de longe, levar às costas, em seu catre, ao Granh, e fugindo todos a quem mais podia. Pelo que, se tiveram cavalos, não lhes houvera de escapar e, com sua tomada, se acabara a demanda.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com os seus.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: homens.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: muito.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de cavalo.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 124/114].

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: resistir.

<sup>8</sup> Entenda-se: «seguiram em seu alcance cerca de meia légua».

Vendo D. Cristóvão que sua gente estava muito cansada, se tornou, tocando a recolher. E, chegando ao arraial dos mouros, acharam as tendas armadas e muito fato dentro, que, com a pressa de fugir, não puderam levar. E, como acabaram de recolher os despojos, que se juntaram<sup>1</sup> todos os portugueses, acharam que faltavam catorze. E logo os foram buscar pelo campo com muita diligência e a todos trouxeram mortos e os enterraram com grande sentimento, mas dando juntamente muitas graças ao Senhor por tão insigne vitória. E por estar o campo destruído de erva para os gados e não tão acomodado para os feridos, que passavam de setenta, de quem depois morreram quatro, se passaram a outra parte onde estava uma ribeira fresca. E, chegando perto, viram muitos mouros sentados ao longo dela e, entre eles, o Granh, que determinava descansar ali aquela noite por ser já muito tarde e lhe parecer que os portugueses não podiam chegar tão longe, ainda que quisessem. E assim, quando os viu, disse com grande ira (como depois referiu um abexim que com ele estava): «Muito é que me não queiram deixar estes frades», (que assim chamava sempre aos portugueses). E, alevantando-se todos com muita pressa<sup>2</sup>, fugiram oito dias, sem se darem por seguros até entrarem em uma serra muito forte. E, no caminho, morreram muitos, assim por não acharem mantimentos bastantes, que a gente da terra, como os via ir desbaratados, não lhes dava, como por irem muitos feridos e levá-los com tanta pressa.

<sup>3</sup>Ficou D. Cristóvão perto daquela ribeira descansando e curando os feridos, por ver que não podia, por então, passar adiante seguindo o alcance. E dali a dois dias chegaram os portugueses que tinham ido [fol. 130] a Maçuâ e o *bahâr nagâx* com trinta de cavalo e quinhentos de pé, e foram recebidos com grande festa e alegria. Mas eles vinham com extraordinária tristeza, por<sup>4</sup> não se terem achado em aquelas batalhas, nem haver sido de efeito seu caminho, por que<sup>5</sup> não acharem as fustas dos portugueses, que já<sup>6</sup> se tinham afastado por causa das galés dos turcos que guardavam aquela costa, para que pudessem chegar a tomar novas do que passava em Etiópia. Vendo, pois, D. Cristóvão os portugueses que tanto desejava, determinou ir logo em seguimento do Granh, e assim deixou catorze portugueses que estavam mais feridos, em uma serra muito forte, encomendados ao governador da terra, <sup>7</sup>a quem chamam *Tigrê mohôn* (que os fez curar com muita diligência e prover do necessário com grande abundância), e foi caminhando dez dias até chegar à serra onde se tinha acolhido o Granh, que era muito grande e forte. E, por entrar já o Inverno com muita chuva (que, parece, começou aquele ano mais cedo do que costuma), aconselharam, a imperatriz e os seus a D. Cristóvão que invernassem ao pé de outra serra que se chama Oflâ e está em os confins da reino de Tigrê, quase na entrada do de Angôt, e à vista da do Granh, porque dali podiam tolher que lhe não entrassem mantimentos, senão pela banda do mar, donde lhe viriam poucos e, entretanto, chegava o Preste João, que aquele era seu caminho; o que pareceu bem a D. Cristóvão e lhe escreveu logo, dando-lhe conta do que tinha passado e que convinha apressar sua vinda, por que lhes não escapasse o Granh. E mandou, com esta carta, um mulato que se chamava Aries Dias, assim porque sabia a língua da terra, por ter primeiro andado em Etiópia com D. Rodrigo de Lima, como porque lhe ajudavam as cores para melhor poder passar. Mandou logo a imperatriz que a gente da terra fizesse casas para todos, o que cumpriram com muita diligência e

acabaram depressa, porque eram pequenas, de madeira, que ali não faltava, e cobertas de palha. E traziam mantimentos e tudo o demais necessário, em abundância, pelo muito que folgavam com os portugueses.

Estando aqui D. Cristóvão, veio a ele, no fim do Inverno, um judeu que fora capitão de uma serra muito forte, que se chama Oatî<sup>1</sup>, da província de Cemên, que era perto, e lhe disse que em aquela serra, estavam muitos cavalos e os mouros de guarda eram poucos, que, se queria, a podia tomar com cem portugueses, indo secretamente pela parte que ele sabia, e que tornaria muito depressa, com todos aqueles cavalos; e que soubesse também que o Preste João não tinha outro caminho para passar mais que aquele, e que trazia tão pouca gente, que de nenhuma maneira o podia fazer, estando ali aqueles mouros. Ouvindo isto, D. Cristóvão ficou muito triste, porque cuidava que vinha com grande poder. E, perguntando à imperatriz se era certo o que o judeu dizia, respondeu que sim, com o que ficou mais [fol. 130v] desconfiado, ainda que o não deu a entender. E determinou de fazer o caminho franco ao Preste, com quem desejava muito de se juntar e ver se podia<sup>2</sup> tomar aqueles cavalos, que lhe aproveitariam muito para a guerra. E assim, deixando o arraial bem concertado, tomou a Manuel da Cunha com cem portugueses e partiu à meia noite, secretamente, por que não entendesse o Granh que ele faltava. E, caminhando a toda a pressa, chegou a um rio grande que chamam Tacacê, de que falámos no cap. 27.º, que no Inverno leva muita água e furiosa corrente, mas, contudo, o passaram em jangadas e odres cheios de vento e, depois, sem serem sentidos, subiram a serra por onde o judeu guiava. Mas acharam em cima muitos <sup>3</sup>mais mouros do que ele tinha dito, porque estavam três mil de pé e quatrocentos de cavalo, que, vendo os portugueses, se puseram com muita pressa em armas. Subiu então D. Cristóvão em seu cavalo, e oito portugueses que também os levavam e, juntos com os de pé, foram arremetendo. Em isto, se adiantou dos seus, em um formoso cavalo, o capitão dos mouros, a quem chamavam Cid Ahamed, que quer dizer senhor Ahamêd, e veio demandando a D. Cristóvão. Ele também lhe saiu ao encontro com tanta força que, ainda que o mouro a trazia muito grande, em pouco espaço o matou e se foi logo metendo pelos mouros, derribando a uma e outra parte muitos mortos. O mesmo faziam os demais portugueses com tanto ímpeto que, com serem muitos os mouros, os fizeram virar. E foram bom pedaço matando neles e, dos que lhe ficaram, escaparam poucos, porque os judeus que ali estavam os mataram.

Como tudo<sup>4</sup> isto foi acabado, se recolheram os portugueses, dando muitas graças a Deus que, sem morrer nenhum, lhes dava tão grande vitória, do que ficaram mui maravilhados todos os judeus que moravam na serra. E o que os guiava, vendo o que tinham feito, ao que lhe parecia não podiam chegar forças humanas, disse que não era possível senão que os portugueses tinham verdadeira fé, pois Deus tanto os ajudava e, assim, se fez cristão com doze irmãos, seus capitães daquelas terras. E porque, ainda sendo judeu, fora sempre fiel ao Preste João, o deixou D. Cristóvão por capitão daquela serra como dantes era, encomendando-lhe que mandasse com muita pressa recado ao Preste João como era já tomada a serra, para que viesse com brevidade, sem arrear o perigo do caminho. Tomou aqui D. Cristóvão muito fato que tinham guardado os mouros, por ser lugar tão forte, muitos escravos, trezentas mulas e oitenta cavalos escolhidos, que estimou mais que tudo e, com isto, se tornou muito alegre. E passou o Rio Tacacê da mesma maneira que primeiro. Mas depois, porque o caminho era muito ás-

<sup>1</sup> Entenda-se: «depois que se juntaram», já que se relata uma sucessão temporal de acções.

<sup>2</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: com muita pressa.

<sup>3</sup> Parágrafo introduzido pelos editores, inexistente nos mss.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: se.

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: por.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: porque.

<sup>7</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 124v/114v].

<sup>1</sup> *Ms. 778 BPB*: Oatê.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: de.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 125/115].

<sup>4</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: tudo.

pero e que iam os cavalos devagar, deixou com [fol. 131] eles trinta portugueses e foi-se com os demais, com toda apressa, por que sua tardança não fosse causa de algum trabalho, sabendo-se que faltava ele e tantos portugueses no arraial.

Em quanto passavam estas coisas, não perdia tempo o Granh. Antes, vendo tantos dos seus mortos e, dos que lhe ficavam, tão amedrontados, que não se haviam de atrever mais<sup>1</sup> a fazer mais rosto aos portugueses, trabalhou muito por que lhe viesse gente nova de outras partes e, principalmente, turcos. E, para isto, escreveu ao baxá de Zebid, terra da outra banda do Estreito, na Arábia, declarando-lhe o aperto em que estava e quão poucos eram os portugueses que lhe socorresse com os mais turcos que pudesse, que ele também era vassalo do Grão Turco, que não quisesse deixar perder as terras que tinha ganhado, e mandou-lhe muito ouro, com grandes <sup>2</sup>promessas para depois; o que vendo o baxá, que tinha três mil turcos para guarda do Estreito, lhe mandou setecentos ou, como outros afirmam, novecentos de espingarda, em que entravam trinta de cavalo com estribos dourados e dez peças de artilharia de campo. Vieram também muitos mouros arábios que lhe mandaram outros senhores de Arábia seus amigos<sup>3</sup>; e dos de Etiópia, se lhe juntou grande número. E chegando os turcos ao Granh, a mesma noite que D. Cristóvão entrou em seu arraial, logo outro dia desceu da serra dando mostra de sua gente, que era tanta que cobria o campo, e assentou seu arraial tão perto dos portugueses que a artilharia dos turcos, que logo dispararam, chegava a eles.

Vendo D. Cristóvão o socorro grande que lhe viera ao Granh, tomou conselho sobre o que seria melhor fazer. E todos disseram que, de nenhuma maneira, se podiam retirar, porque a gente da terra se levantaria logo contra eles e, não somente lhes não dariam mantimentos, mas nem ainda os deixariam passar, nem o Granh os havia de largar; que forçadamente haviam de pelejar, mas que não o fizessem até chegarem os portugueses com os cavalos, que podiam tardar dois dias. E, entretanto, se defenderiam o melhor que pudessem em seu arraial, que o tinham fortificado aquele Inverno com boas tranqueiras<sup>4</sup>. E, com este acordo, mandaram logo recado aos portugueses, que traziam os cavalos, que viessem a toda a pressa, porque o Granh descera com muita gente e mostrava querer dar logo batalha. E eles se aparelharam e fortaleceram todo aquele dia e noite, que não foi pequeno trabalho para os que vinham cansados do caminho. Mas nem com isto alcançaram seu intento, que era defenderem-se até que chegassem os cavalos para dar batalha, porque a não puderam escusar antes disso, como no capítulo seguinte veremos.

## CAPÍTULO XXXIV

### DE COMO O GRANH DEU BATALHA A D. CRISTÓVÃO E DO QUE SUCEDEU

[fol. 131v]

Vendo-se o Granh com tanta, tão lustrosa e<sup>1</sup> bem armada gente, e sabendo quão poucos eram os portugueses, teve por muito certo da sua parte vitória e assim determinou dar logo batalha. E para isso<sup>2</sup>, o seguinte dia, em amanhecendo, que foram 28 de Agosto de 1542, se foi para o arraial de D. Cristóvão com toda sua gente em ordem e, na dianteira, novecentos turcos com dez peças de artilharia. E entendendo D. Cristóvão sua determinação, ordenou também sua gente e repartiu as estâncias com ordem, que dali se defendessem sem sair ao campo, até que lhes chegassem os cavalos, como primeiro tinham assentado. E vindo os turcos a tiro de espingarda, <sup>3</sup>se começou uma muito forte e porfiada peleja, jogando de uma e outra parte com a artilharia e espingardaria; o que durou por algumas horas, morrendo muitos turcos e alguns portugueses, e ficando outros feridos, até que, unindo-se muito a gente do Granh, se chegaram os turcos de maneira<sup>4</sup> às tranqueiras que feriam e matavam muito com as espingardas. E vendo D. Cristóvão o dano grande que lhe faziam e que estava arriscado a lhe abalroarem as tranqueiras, por não serem tão fortes como convinha para tão grande multidão e força de gente, determinou fazer algumas saídas e tornar-se a recolher. E o primeiro que saiu foi ele, levando consigo cinquenta portugueses de espingarda, e deu com tão grande ímpeto em obra de cem turcos e outros mouros que estavam daquela banda, que os foi levando por muito espaço diante de si, matando e ferindo muitos. Mas, por não se afastar demasiado, e vir carregando sobre ele muita gente, se tornou a recolher. E então lhe mataram quatro portugueses e quase todos os mais vieram feridos, e ele também, com uma espingardada em uma perna.

Como entrou D. Cristóvão, saiu Manuel da Cunha por outra parte com sua gente e fez afastar os turcos grande pedaço, que eram os que mais trabalho davam, por se terem chegado muito às tranqueiras. E depois de ter pelejado bom espaço com grande valor e esforço, matando e ferindo muitos, indo se recolhendo, lhe mataram cinco portugueses e lhe feriram outros. Os demais capitães das estâncias faziam também por ordem suas saídas, e sempre levavam aos mouros e turcos grande espaço pelo campo, fazendo neles grande estrago, mas, ao recolher, perdiam de ordinário gente e vinham muitos feridos. E desta maneira, andaram com excessivo trabalho até depois de meio dia, que veio a estar a casa da imperatriz tão cheia de feridos que não cabiam, e ela e suas donzelas lhe amarravam as feridas, derramando muitas lágrimas com grande angústia e aflição, assim por ver coisa tão lastimosa, como por lhes parecer que chegava a hora em que haviam de cair nas mãos de tão cruéis [fol. 132] inimigos, porque se tinham chegado já tão perto das tranqueiras que metiam os pelouros dentro da casa, onde feriram duas mulheres.

A este tempo, com estar mal ferido, D. Cristóvão andava com grande diligência correndo as estâncias e animando os soldados e mostrando tão grande valor e esforço qual se podia esperar de tão

<sup>1</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: mais.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 125v/115v].

<sup>3</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: seus amigos.

<sup>4</sup> Paliçadas reforçando trincheira aberta.

<sup>1</sup> *Ms. 778 BPB*: tão.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: assim.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 126/116].

<sup>4</sup> Entenda-se: «de tal maneira».



ilustre e esforçado capitão, digno de ser posto entre os que, por suas façanhas, alcançaram maior nome e fama no mundo. E vendo que, por se terem chegado muito os turcos, lhe faziam tanto dano dentro do arraial, mandou a Francisco d'Abreu que desse com sua gente por aquela parte e que seu irmão, Inofre d'Abreu, estivesse fora com a sua, para acudir com presteza, quando ele se quisesse recolher, por que os turcos não tivessem lugar de fazer tanto dano. Saindo, pois, o valoroso capitão Francisco d'Abreu, pelejou com tanto esforço que fez virar os turcos e mouros, e os levou pelo campo, matando muitos. E seguindo o alcance mais do que de vera, ao recolher lhe deram uma espingardada, com que caiu morto. Arremeteu, então, seu irmão e fez afastar os turcos que vinham sobre ele, mas estando alevantando o defunto, o derribaram morto com ele de outra espingardada. E assim, os que, de mais de serem irmãos, se amaram muito na vida, não se afastaram na morte, nem se afastarão na glória, [que a terão muito grande], pois padeceram tantos trabalhos e morreram pelejando em defesa da santa fé.

Sentiu D. Cristóvão na alma tão desastrado caso e perda de tão excelentes capitães. E<sup>2</sup>, vendo que lhe faltavam já quatro e muita de sua gente, e que os mais<sup>3</sup> lhe ficavam não podiam pelejar por estarem muito feridos, e os turcos, que entendiam isto, se chegavam com muita soberba, tomou os que achou que o podiam acompanhar, que eram bem poucos. E deixando encomendado a Manuel da Cunha que, no recolher, desse ele com sua gente, e<sup>4</sup> arremeteu com tão grande ímpeto e pelejou tão fortemente que, em pouco espaço, não ficou mouro nem turco que se atrevesse a lhe fazer rosto, antes viraram todos as costas. E ia matando neles como em carneiros, tanto que, afirmaram alguns que estavam presentes, se àquela hora tiveram consigo os cavalos que lhe ficaram no caminho, sem dúvida fora sua a vitória, mas não tinha em todo o arraial mais que oito cavalos e com eles pelejaram todo o dia. Com tudo isso, foi grande pedaço seguindo os mouros e, sentindo aos seus muito cansados, se tornou a recolher. Em isto, viraram os turcos e vinham detrás, às espingardadas, com que lhe mataram alguns portugueses e, a ele, lhe quebraram o braço direito. Acudiu então [fol. 132v] Manuel da Cunha e, com sua ajuda, se recolheram, porém, muitos feridos, e todos tão cansados que se não podiam bulir, nem havia já quem pudesse tomar armas. Com tudo isso, D. Cristóvão, esquecido de suas feridas, os andava esforçando e rogando que se chegassem às tranqueiras, o que fizeram com grande ânimo. E duas vezes botaram os turcos [fora] delas, que, com muita força e pressa, iam entrando. E carregando ali todos os mouros, davam grande bateria.

Andando, pois, a coisa desta maneira, e sendo já muito tarde, disseram os portugueses a D. Cristóvão que já não podiam mais, que se recolhessem pela serra acima; o que ele, por nenhuma maneira, queria fazer. Antes, tomando a espada com a mão esquerda, ia com muito esforço para a parte onde o mostravam maior os mouros, dizendo aos seus que, quem o quisesse seguir, o fizesse. E vendo os portugueses sua determinação, o detiveram com grande força, dando-lhe muitas razões para que se retirasse e procurasse salvar sua vida, e dos mais companheiros que ainda a tinham, porque<sup>5</sup>, com ela se podia restaurar depois aquela perda. E, tomando-o por força<sup>6</sup> em os braços, o puseram em sua mula e levaram pela serra acima, indo diante o patriarca e a imperatriz. Entraram logo os turcos no arraial e acharam nas casas mais de quarenta portugueses, tão feridos que<sup>7</sup> não se podiam bulir, e começaram de os matar com grande

crueldade. Mas um, que estava na casa onde tinham guardada muita pólvora que fizeram no Inverno, por que os turcos se não aproveitassem dela contra os cristãos, foi arrastando como pôde e, tomando um morrão que estava aceso no chão, pôs o fogo à pólvora, com o que ele e os turcos que tinham entrado se abrasaram. Outros turcos e mouros foram seguindo os que fugiam, e às frechadas e pedradas mataram alguns portugueses que não podiam andar tanto, por estarem muito feridos e cansados, mas, como começou logo a anoitecer e a serra era de mato muito basto, escaparam os demais. Porém, o patriarca com alguns portugueses por uma banda, e a imperatriz com outros por outra, estes se salvaram, mas D. Cristóvão e catorze portugueses que o acompanhavam lançaram por outro caminho e andaram toda a noite com grande trabalho, assim pela aspereza do caminho, como por irem todos muito feridos e cansados.

Como amanheceu, se afastaram do caminho, arreceando que os achassem os que os seguiam e meteram-se por um vale de muito arvoredo. E achando no mais segredo dele uma fonte pequena, que nascia de uma quebrada, ajudaram a descer a D. Cristóvão da mula para descansar e o curar, que até então não o haviam podido fazer. E, como não tivessem mezinha nenhuma, mataram a mula em que ia e, com o seu sebo, curaram a ele e a si mesmos, que todos [fol. 133] estavam mal feridos. A este tempo, já tinham passado adiante doze turcos e vinte árabes de cavalo em busca de D. Cristóvão, por terem notícia que fora por aquela banda. E como o não acharam, nem rasto nenhum no caminho,<sup>1</sup> se tornaram. Mas, chegando defronte donde D. Cristóvão estava, atravessou o caminho, por diante deles, uma velha que parecia que se não podia ter em os pés. Foram eles para a tomar, desejando saber alguma nova, mas ela se foi metendo pelo mato de uma moita em outra sem que a pudessem haver às mãos. Chegando ao vale correu para as árvores onde estava D. Cristóvão com os<sup>2</sup> portugueses<sup>3</sup> e, seguindo-a os mouros, que se determinaram de a não largar, deram com eles de súbito. E, juntando-se todos com grande grita, os prenderam, sem escapar mais que um, que não estava tão ferido. Depois, não viram mais a velha, pelo que diziam os mouros que Mafamede lha mandara para lhe mostrar os portugueses.

Como foram tomados, conheceram logo a D. Cristóvão pelas armas que tinha, de que muitas vezes na guerra tiveram vista. E assim o levaram, com grande alegria e contentamento e o apresentaram ao Granh, que estava em sua tenda com grande<sup>4</sup> festa e tinha diante cento e setenta cabeças de portugueses, porque dava grão prémio a quem lhe trazia cabeça de português, e assim nenhum ficou no campo que lhe não levassem. E, mostrando-as a D. Cristóvão, lhe disse<sup>5</sup>: «Eis<sup>6</sup> aqui com quem me querias tomar minha terra: conheces agora tua parbuíça<sup>7</sup>? Por este atrevimento te quero fazer uma grande honra.» E foi mandá-lo logo despir nu e atar as mãos atrás e açoutar cruelmente. Depois, lhe davam no rosto com os sapatos de seus escravos, levando-o pelo arraial às tendas dos capitães, lhe fizeram outras muitas injúrias e afrontas. E como todos se acabaram de desenfadar com ele, o tornaram à tenda do Granh e mandou que, das barbas, lhe fizessem torcidas com cera e lhe pusessem fogo, e lhe arrancassem as pestanas e sobranceiras com as mesmas tenazinhas<sup>8</sup> que D. Cristóvão primeiro lhe mandou, dizendo que para isso as guardara; o que tudo o esforçado e católico capitão sofria com admirável paciência, dando graças a Deus e, com os olhos pregados no céu, lhe pedia perdão de seus pecados e lhe

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 126v/116v].

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: E.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>4</sup> Sic. Conjunção excedentária.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 127/117].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: se.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: dele..

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: mais.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: com muita pressa.

<sup>4</sup> [fol. 127v/117v].

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: lhe disse.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: Vês.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: parvoíce.

<sup>8</sup> Pinças.

oferecia sua alma. Mandou depois o Granh que o desatassem e, por escárnio, cobrir com um pano sujo e vil, dizendo-lhe, entre outras coisas, que lhe perdoaria a morte e lhe faria honras e mercês e o deixaria embarcar para a Índia com todos os seus que se achassem vivos, com condição que os mandasse chamar onde quer que estivessem e que viessem para ele. Ao que respondeu D. Cristóvão: «Se tu, mouro, conheceras quem são os [fol. 133v] portugueses, não falaras coisas de vento. De mim, podes fazer o que quiseres, pois estou em teu poder. Mas sabe certo que ainda que me desses metade das tuas terras, nem um só português faria vir para ti. Porque os portugueses não costumam a viver com mouros, que são sujeitos e inimigos da santa fé de Cristo meu Senhor.» Indignou-se o mouro tanto com esta resposta que, alevantando-se donde estava e, arrancando seu terçado, lhe cortou a cabeça.

Sabendo os turcos a morte de D. Cristóvão, tiveram muita paixão, porque desejavam de o levar vivo ao Grão Turco um tão esforçado e valoroso capitão, e irmão do governador da Índia. E assim se foram para a tenda do Granh e lhe disseram como, sem conselho, fizera uma coisa tão grave, e vieram a tais palavras que ficaram quase quebrados e determinaram de se ir logo embarcar para Zebîd, e levar a cabeça de D. Cristóvão e treze portugueses que estavam presos, mas deixaram-lhe duzentos turcos, porque assim o tinha mandado o Grão Turco, por razão do tributo que cada ano lhe pagava. E, à noite, antes que partissem, lhes fugiu um dos portugueses e foi ter com a imperatriz e contou todas estas coisas que da prisão e morte de D. Cristóvão tenho referido. E ainda dizem que afirmou que, acabando o mouro de lhe cortar a cabeça, saiu logo uma fonte de água do mesmo lugar onde o corpo caiu e seu sangue se derramou, e até agora <sup>1</sup>falam muito em Etiópia daquela fonte e dizem que, quando os cristãos senho-reavam aquela terra (que agora tem uns gentios que chamam gâlas e não deixam entrar), iam lá muitos doentes pela devoção grande que tinham a D. Cristóvão e, lavando-se com aquela água, saravam de diversas enfermidades.

Também dizem que, no mesmo dia e hora que morreu D. Cristóvão, se arrancou uma árvore muito grande que estava na crasta de um mosteiro de frades e se viraram as raízes para cima, com estar o dia muito quieto e sereno do que se maravilharam os frades e o atribuíram a algum grande mistério, e assim notaram o dia e hora, e depois souberam que, naquela mesma, mataram a D. Cristóvão. E, secando-se a árvore, cortavam os frades os ramos para serviço do mosteiro. Mas dali a seis meses, o dia que os portugueses tornaram a pelejar com o Granh e o mataram, a árvore se virou e, mettendo as raízes na terra, como antes as tinha, lançou logo folhas verdes; o que ouvindo os portugueses, foram ver a árvore e a acharam com novas folhas, e os frades lhes afirmaram que passara aquilo desta mesma maneira. E, perguntando eu agora a alguns frades por isto, me disseram que o ouviram contar a outros mais velhos por coisa muito certa. E todas estas [fol. 134] coisas atribuem a querer Deus honrar seu servo e mostrar quanto lhe agradou em sua vida e morte, e todos, grandes e pequenos, o têm e apre-goam até agora por grande mártir; o que piedosamente se pode crer, pela muita paciência com que sofreu tudo e pelo grande ódio de nossa santa fé com que aquele inimigo dela lhe tirou a vida. Este mesmo nome lhe dá muitas vezes o Imperador Seltân Çaguêd, que hoje vive. E, desejando eu tirar os ossos para os enviar a Índia, lhe pedi ordenasse a um seu capitão que estava perto daquela terra, que desse ajuda a alguns portugueses que lá iam para este efeito, e ele lhe escreveu uma carta muito encarecida. E, entre outras coisas, lhe dizia que não convinha deixar estar no campo os ossos daquele santo mártir, que trabalhasse o possível pelos haver e os entregasse aos padres da Companhia, para que os puses-

sem em sua igreja, com a honra devida. Mas isto não teve efeito, por mais que se procurou, intentando muitos meios e dando peitas aos gentios, porque são muito falsos e tinham concertado de matar os portugueses e a gente da terra que entrasse com eles; o que lhes descobriram alguns que sabiam do conselho. E assim se tornaram sem nada, depois de terem gastado muito fato.

Do que temos dito se vê claramente quã longe da verdade foi a informação que teve Frei Luis de Urreta sobre o modo com que D. Cristóvão e seus soldados se houveram em esta última batalha, pois a refere por estas palavras, pág. 360: *Entretanto que los christianos tenian cercado al rey moro Gradahametes, se ha <sup>1</sup>de presuponer que el monte, donde estava, tiene las espaldas al Mar de Arabia, por donde embio su embaxador a los reyes moros, pidiendoles favor y suplemento de gente y armas, dandoles razon del peligro en que estava y de los daños que le avian hecho los portugueses. Acudiole mucha gente muy proveida de armas y arcabuzeria y ocho pieças de campaña, con la qual ayuda engrosso su exercito, y poniendose en orden de batalla, baxó del monte, en demanda de los portugueses. Hallolos, qual el fue hallado dellos, deramados por los campos: unos en tiendas y otros en caserias, sin orden de guerra ni diciplina militar. Y dando de repente el moro Gradahametes sobre los descuidados Christianos, unos dormidos, porque era de noche, otros aturdidos con la artilleria, otros descuidados, y todos desaparecidos. Alfn, aunque mostraron alguna defensa, al cabo enpeçeron a çiar, y despues a se retraer, hasta que, no pudiendo mas resistir, buyeron alegres con llevar las [fol. 134v] vidas. Huyo el Capitan Christoval de Gama, mas fue preso en un bosque de los soldados que ivan en su seguimiento y llevado al rey moro Gradahametes.*<sup>2</sup>

No que aqui diz o autor, do grosso socorro que o mouro teve de Arábia, falou verdade, como acima disse, ainda que pudera acrescentar que, entre os arábios, vieram novecentos turcos. Mas no modo de descuido, negligência, desordem e falta de disciplina militar, em que afirma que tomou os portugueses descuidados e dormindo, por ser de noite, e na remissão e fraqueza com que mostra que pelejavam e fugiram, não foi assim como ele pinta, senão como já temos contado. Onde, quem atentar bem, achará que D. Cristóvão da Gama, depois que do Mar Roxo saiu em terra e começou de caminhar por Etiópia até o ponto em que Deus permitiu que fosse desbaratado, não faltou em seu ofício em coisa alguma de tudo quanto, de um mui grande e excelente capitão, se podia desejar, nem os seus soldados deixaram nunca de mostrar o valor e esforço dos que, pelo terem muito grande, são mais afamados nas histórias. Porque, deixando as espantosas batalhas que venceram e as insignes vitórias que tiveram, quem não pasmará do que nesta última batalha fizeram, pois, sós trezentos e trinta e cinco portugueses, contando os dois que ultimamente vieram com recado das fustas que chegaram a Maçuâ a saber novas e não se puderam tornar, porque, dos quatrocentos que primeiro saíram, já eram mortos trinta e sete e outros trinta ficaram no caminho de Cemen com os oitenta cavalos, nem os etíopes que estavam com a imperatriz lhes ajudaram aquele dia em nada;<sup>3</sup> quem pois<sup>4</sup> não se maravilhara de que sós trezentos e trinta e cinco portugueses pelejassem com novecentos turcos tão bem armados, <sup>5</sup>como já dissemos, e com tantos arábios e outros mouros de pé e de cavalo que não tinham conto, desde que saía o sol até que se punha, sem nunca jamais terem um só momento de descanso, nem deixarem de andar em uma roda viva, saindo das tranqueiras a pelejar no campo com os mouros, ora uns capitães, ora ou-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 128v/118v].

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto (com omissão de breves passagens) do livro I, cap. 32, pp. 260-1.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: pois.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: se.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 129/119].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 128/118].

tros, pelo modo que já dissemos, matando tantos e levando-os de vencida todas as vezes que saíam, sem lhes ficar a vitória mais que por falta de cavalos com que a seguissem. Não há dúvida, senão que o fizeram como excelentes cavaleiros, mostrando o maior esforço que podia ser, de maneira que parecia que o Senhor lhes dava forças mais que humanas. Pelo que, com muita razão, os podemos pregoar por dignos de perpétua memória e fama, e condenar muito o que, tão sem razão, o autor lhe impõe a D. Cristóvão, sendo assim que foi preso e morto, como temos dito, depois de ter feito tão estranhas provas<sup>1</sup> que são honra do nome português.

[fol. 135] CAPÍTULO XXXV

DE COMO OS PORTUGUESES QUE ESCAPARAM DA BATALHA,  
SE JUNTARAM COM A IMPERATRIZ E DEPOIS COM O PRESTE JOÃO  
E DERAM BATALHA AO GRANH

**A**cabada aquela tão triste e dolorosa tragédia em que, depois de tão prósperos sucessos e maravilhosas vitórias, se desfez como fumo à roda de tão grande felicidade e ditosa fortuna, ficaram os portugueses que escaparam da batalha espalhados pelos matos. E como os tomou logo a noite e não sabiam os caminhos, ia cada um por onde sua ventura o guiava. Os melhor livrados eram os que puderam seguir a imperatriz, porque, como levava consigo gente da terra que sabia onde se podiam recolher, facilmente se puseram em salvo, metendo-se em uma serra muito forte. Mas, dos que ficaram entre os matos, iam no outro dia dez ou doze juntos, caminhando devagar, por estarem muito feridos e cansados. E, sendo já dez horas do dia, foram vistos de muitos mouros de pé e dois de cavalo que corriam o campo, e logo foram com grande fúria para eles. Disseram, então, dois que estavam menos feridos, que se chamavam Fernão Cardoso e Pêro d'Almansa, que os demais, pois não podiam pelejar, se fossem a toda pressa e se embrenhassem, enquanto eles ficavam pelejando até morrerem ou serem cativos; ao que se ofereciam de boa vontade por que eles se salvassem. <sup>2</sup>Com esta determinação, se tornaram para os mouros com suas adargas e fains em as mãos e se concertaram que, se os cativassem, por mais tormento que lhes dessem, não descobrissem os que iam diante. ~~Foram-se chegando~~

Foram-se chegando os dois mouros de cavalo. E, como estiveram perto, se detiveram esperando pelos de pé para os tomarem e diziam-lhe que entregassem as armas e que não os matariam. Vendo eles tanta gente e que traziam tantos arcos e flechas, disseram entre si que melhor era entregarem-se, porque as flechadas e pedradas os haviam de matar, antes que pudessem chegar a eles com os fains e, entregando-se, poderia ser que dali se tornassem, e salvar-se-iam os outros. E assim disse um deles, que já sabia alguma coisa da língua da terra, que guardassem o que prometiam e que tomassem embora as armas. E, chegando [fol. 135v] para as entregarem, se sentiram interiormente com novo espírito e ambos, subitamente, disseram: «Santa Maria, com nossas mesmas armas nos havemos de matar?» E, dizendo

estas palavras, deu cada um no seu mouro tal golpe que ambos caíram em terra, um morto e outro muito mal ferido, ficando os cavalos sem se bulirem; o que vendo muita gente de pé, com ser muita, começou a fugir. Então, os portugueses subiram em os cavalos e foram um pouco após eles, dando mostra de que os queriam seguir. Mas como os mouros se foram afastando, e encobrendo com os matos, voltaram logo ambos e foram em busca de seus companheiros, a quem dali a pouco acharam, ficando todos maravilhados de os ver, porque os tinham já por mortos ou cativos. E, sabendo o que passara, o atribuíram a milagre e deram graças a Deus por tão grande mercê. E, tomando em os cavalos os que estavam mais feridos, foram com muito trabalho caminhando até que, pela misericórdia do Senhor, acertaram a chegar à serra onde estava a imperatriz com alguns portugueses.

Tinha já mandado a imperatriz muita gente da terra que corressem os caminhos e os matos, para que guiassem, onde ela estava, os portugueses que achassem, e procurassem haver novas de D. Cristóvão, que não sabiam mais<sup>1</sup> de que saíra muito ferido. Estes trouxeram alguns e, outro dia, entraram também os que vinham com os cavalos e, até então, não sabiam do desbarate; e assim, vendo seus companheiros tão feridos e em tão lastimoso estado, foi grande o sentimento que tiveram e muitas as lágrimas que derramaram. Em isto, chegou o português que escapou quando prenderam a D. Cristóvão e, dali a pouco, o que fugiu dos turcos, depois de sua morte. E contaram o que sucedera <sup>2</sup>na forma que no capítulo precedente referimos; o que lastimou tanto a todos que, esquecidos de todos os outros males e perdas, só esta choravam com grandíssima dor e angústia de coração. Não foi menor o sentimento que teve a imperatriz e o pranto que fez com suas donas e donzelas pela morte de D. Cristóvão, porque o chorou por muitos dias, como se fora seu próprio filho, o imperador, sem admitir nenhuma consolação, posto que se esforçava a dar aos portugueses o melhor que podia.

<sup>3</sup>Em esta serra, estiveram alguns dias para se curar e descansar e que se recolhessem os que andavam espalhados, e juntaram-se como cento e vinte. E tiveram novas que Manuel da Cunha com cinquenta portugueses, sem saberem o caminho por onde iam, entraram nas terras do *bahâr nagâx*, onde [fol. 136] foram muito bem agasalhados. Depois, determinou a imperatriz, com parecer dos portugueses, passar-se a serra Oatí<sup>4</sup>, de Cemen, que D. Cristóvão ganhara no Inverno, porque ali estavam mais seguros e tinham em abundância tudo o necessário, que demais de ser muito forte e quase inexpugnável, tem acima campos largos de sementeiras e ervas bastantes para muitos gados e água em grande abundância de fontes e ribeiras que nunca se secam. Por isto, se foram lá e recebeu-os com muito amor e benevolência o capitão que D. Cristóvão deixara naquela serra, dando a todos liberalmente, não só o necessário, mas o que para outras coisas particulares lhe pediam.

Dez dias depois que a imperatriz e os portugueses entraram naquela serra ou, como outros dizem, vinte<sup>5</sup>, chegou o Preste João ao pé dela com tão pouca e tão triste gente que, se a serra não estivera tomada, não somente não a pudera ele tomar aos mouros, mas nem se atrevera a chegar ali<sup>6</sup>. Como os portugueses souberam que estava tão perto, desceram em ordem, levando por bandeira a da Misericór-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 130/120].

<sup>3</sup> Parágrafo introduzido pelos editores, inexistente nos mss.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: Oatê.

<sup>5</sup> Esta última versão é dada por F. Guerreiro (ver «Adição à Relação das coisas de Etiópia», reed. 1942, p. 376), no que seguiu, aparentemente, a informação dada por Gaspar Correia, uma vez que a sua fonte declarada referiu terem-se passado dez dias (ver M. Castanhoso, *Dos feitos de D. Christovam da Gama*, Lisboa, 1898, cap. 20, pp. 54-5).

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: a ela.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: proezas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 129v/119v].

dia e, quando chegaram, vendo-os daquela maneira e que eram tão poucos e sabendo do desbarate e morte de D. Cristóvão, foi tão grande o sentimento e tristeza que teve, qual pudera ter se lhe morrera o filho único herdeiro do império, tanto que depois não havia consolá-lo, porque vinha mui desejoso de ver a D. Cristóvão, pela fama grande que dele tinha. Recebeu-os, todavia, com muita honra e falou com grande benignidade, consolando-os e dizendo<sup>1</sup> que se não houvessem por estrangeiros e desamparados em seu império, porque ele o tinha por de el-rei de Portugal, seu irmão, pois com o sangue de seus portugueses, verdadeiros cristãos, fora comprado. E a tudo proveu logo mui copiosamente de vestidos, tendas, mulas e criados que os servissem e tudo o mais necessário.

<sup>2</sup>Esteve em esta serra alguns meses, enquanto se lhe foi ajuntando gente. E, tendo já como quinhentos de cavalo, e 8000 de pé, parecendo-lhes, aos portugueses, que com aquela gente se podia dar batalha aos mouros, pediram muito ao imperador lhe quisesse ajudar a vingar a morte de D. Cristóvão. Duvidou ele muito de se poder fazer com tão pouca gente mas, sabendo depois que os turcos eram idos a suas terras, sem ficar mais de duzentos com o Granh, e fazendo muita instância os portugueses, determinou seguir o [fol. 136v] seu conselho. E, para isto, mandou recado aos cinquenta portugueses que foram às terras do *bahâr nagâx*, que viessem ter com ele com a mor pressa que pudessem e, de caminho, trouxessem as armas que D. Cristóvão deixara na serra Damô, onde achou recolhida a imperatriz, que, por ser coisa muito forte, guardou ali as que trazia de sobresselente. Mas, quando chegaram os criados do imperador, não acharam ali os portugueses, porque, parecendo-lhes que já os demais eram acabados e que eles não podiam chegar onde estava o imperador, se foram para a banda de Macuâ a esperar se vinham algumas fustas em que se embarcassem para a Índia. E assim se tornaram, trazendo todavia as armas, que foram de grande importância, porque tinham muito poucas.

Sabendo o imperador que não havia que esperar por aqueles portugueses, que estavam muito longe, se partiu dali a seis de Fevereiro de 1543 com os que tinha consigo, que eram cento e vinte ou cento e trinta, em que entravam alguns aleijados, a quem o imperador dizia que ficassem, mas eles o não quiseram fazer de nenhuma maneira, desejando ir morrer com seus companheiros. Queria-lhes sinalar por capitão algum deles, mas nem isso admitiram, dizendo que, pois tinham perdido tal capitão como D. Cristóvão da Gama, não haviam de ter outro senão a ele e a bandeira da Santa Misericórdia. Com estes portugueses e com os quinhentos de cavalo seus e oito mil de pé, foi em busca do mouro Granh, deixando a imperatriz sua mãe em aquela serra. E, chegando à província de Oagrâ, achou um capitão do mouro com trezentos de cavalo e dois mil de pé, e mandou que dessem nele, antes de amanhecer, indo cinquenta portugueses de cavalo na dianteira. E, em pouco tempo, os desbarataram, matando o capitão e os mais deles, e tomaram muitos cativos, de quem souberam como o Granh estava pouco mais adiante, no reino de Dambiâ, perto da lagoa por onde passa o Nilo, com sua mulher e filhos, que por haver muito tempo que os deixara ali, e por ser terra fértil, se veio <sup>3</sup>para eles pouco depois que venceu a D. Cristóvão. Teve logo novas da ida do imperador e que trazia portugueses consigo, do que ficou mui espantado porque cuidava que todos eram mortos, e os seus não<sup>4</sup> pouco receosos, por conhecer mui bem o esforço dos portugueses e entenderem mui bem que não vinham senão a se vingar do passado. Aparelhou-se com muita pressa e, fazendo alardo de sua gente, achou que tinha treze mil homens de pé e de cavalo, e duzentos turcos.

Chegando o imperador à vista dos mouros, assentou [fol. 137] seu arraial em uma terra que chamam Oinadagâ e, antes de dar batalha, tiveram por alguns dias muitas escaramuças, saindo de ordinário setenta portugueses de cavalo, que faziam maravilhas. E, vindo uma vez contra eles um famoso capitão do mouro com duzentos de cavalo, o mataram no primeiro encontro com doze cavaleiros muitos esforçados, e fizeram virar os outros, o que sentiu grandemente o Granh, porque era o melhor capitão que tinha. Também o geral do campo do imperador era grande cavaleiro e fazia muito boas sortes com sua gente, de maneira que sempre os mouros levavam o pior. Vendo o Granh o dano grande que este capitão lhe fazia, determinou de lhe armar uma cilada com que o matasse à traição<sup>1</sup>. E, para isto, mandou que quatro turcos, bons espingardeiros, se emboscassem de noite, ao longo de uma ribeira que estava à banda do imperador e, como amanhecesse, fossem dois de cavalo com uma bandeira branca e fingissem que lhe queriam dar algum aviso em segredo e tratar de se passar para ele e, como chegasse, lhe atirassem os turcos. fizeram-no assim por uma parte que parecia que os dois de cavalo, escondidamente, saíram de seu arraial e, postos à borda da ribeira, chamaram por seu nome ao capitão. Ele, que já àquela hora andava a cavalo, mandou saber que queriam. E responderam que tinham uma coisa que lhe relevava muito e que não a podiam dizer senão a ele. Ouvindo isto, se foi chegando com muita gente e, vendo que não eram mais que dois, pareceu-lhe que se queriam passar para ele ou dar-lhe algum aviso de importância, mandou ficar toda a gente. E, levando sós dois criados, se chegou à borda da ribeira e, estando-lhe perguntando o que queriam, lhe tiraram os turcos com suas espingardas e o mataram, e logo fugiram todos com muita pressa. E, como a gente do capitão ouviu as espingardas e viu fugir os mouros, entendeu a traição e correram muitos de cavalo após eles, mas não os puderam alcançar, porque os turcos tinham ali perto cavalos prestes, e de seu arraial saíram muitos a os receber. E assim se tornaram com seu capitão morto.

Sentiu muito o imperador a perda deste capitão, porque era mui valoroso e com o esforço grande que mostrava e dava aos outros; e assim, vendo que faltava, o perderam muitos, de maneira que tiveram por impossível a vitória e tratavam de fugir do arraial secretamente. [fol. 137v] <sup>2</sup>Mas não faltou quem dissesse ao imperador o que passava, pelo que determinou dar, outro dia, batalha, receando que, se tardasse, o deixariam só. E, em amanhecendo, mandou que se pusessem todos em ordem e, juntando-se os portugueses, arvoraram a bandeira da Misericórdia e, postos todos de joelhos, se encomendaram todos a Deus, pedindo-lhe pelos merecimentos da Virgem Nossa Senhora da Piedade que nela estava pintada, os quisesse ajudar contra seus inimigos e recebesse as almas dos que tivesse por bem que acabassem naquela batalha. E, levantando-se, se puseram em ordem e tomaram a dianteira, como o imperador lhes tinha concedido, levando consigo duzentos e cinquenta abexins de cavalo e 3500 de pé. E, na retaguarda, ia o imperador com outros duzentos e cinquenta de cavalo e 4500 de pé. Desta maneira, se foram para os mouros que já vinham também repartidos em duas batalhas, e o Granh na primeira com duzentos turcos de espingarda e seiscentos mouros de cavalo e 7000 de pé. E, na retaguarda, vinha um grande capitão, com seiscentos de cavalo e 6000 de pé.

Como se juntaram os campos, arremeteram de uma e de outra parte com grande ímpeto e começou-se a travar fortemente a batalha. Mas, carregando para uma banda, os turcos iam levando diante os abexins<sup>3</sup>; o que vendo os portugueses, voltaram sobre eles com muita presteza e mataram muitos, e

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: -lhes.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 130v/120v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 131/121].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: iam.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: o matasse.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 131v/121v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: diante.

os demais se retiraram um pedaço até se ajuntarem com os outros mouros, mas os portugueses não os deixaram, porque com eles o queriam haver. E assim, setenta, que tinham cavalos, se meteram por eles fazendo maravilhas, e muitos dos do imperador, por não ficarem envergonhados, os acompanharam; e se acendeu muito por bom espaço a batalha. Mas pelejaram os portugueses com tão extraordinária braveza que fizeram virar os turcos e mouros que estavam naquela parte; o que vendo o Granh, acudiu ele mesmo com um seu filho mancebo e os que o acompanhavam e fez que se detivessem e pelejassem, e chegou-se tanto, esforçando-os, que foi conhecido dos portugueses, e logo carregaram todos àquela banda, e tantos tiros lhe fizeram com as espingardas que um lhe deu em os peitos e caiu de bruços sobre o arção dianteiro do cavalo. Vendo isto os seus lhe acudiram e, abatendo as bandeiras, o levaram fugindo, mas depois o deixaram no chão, querendo antes ir desembaraçados para salvar suas vidas que acarretar [fol. 138] sem proveito o corpo que lhes havia de ser causa de suas mortes, porque logo seu exército se começou a desbaratar e pôr em fugida. Só o capitão dos turcos se determinou a morrer pelejando e vender-se por justo preço; e assim, levantando as mangas da camisa, com os braços nus e com<sup>1</sup> um alfanje largo<sup>2</sup>, e sua rodela nas mãos, acometeu cinco abexins de cavalo e lhes deu bem que fazer. E, querendo-lhe um dar com a lança, <sup>3</sup>pegou ele dela e lhe tirou das mãos e a outro cortou as pernas do cavalo, pelo que não se atreviam já a chegar a ele. Estando em isto, chegou um português de cavalo e lhe deu uma grande ferida com a lança, mas também lançou mão dela com tanta força que não havia fazer-lha largar, e foi-se chegando tanto que chegou com o alfange ao português sobre um joelho e lhe cortou os nervos, de maneira que ficou aleijado; levou ele, então, da espada e acabou de matar ao turco.

A este tempo, ia a gente do imperador seguindo o alcance dos mouros e fazendo neles grande manança. Mas os portugueses principalmente se ocupavam com os turcos, que, como lhes tinham tão boa vontade, não se curavam tanto de outros e assim, de todos duzentos, não escaparam mais que quarenta. Estes foram para a mulher do Granh, que, sabendo do desbarate, se acolheu com trezentos e quarenta de cavalo que estavam em sua guarda. E levou o tesouro que seu marido tinha tomado ao imperador, e escapou por andarem todos tão ocupados, matando e tomando os despojos do campo e do arraial, onde acharam grande número de cativos cristãos, particularmente meninos e mulheres; o que lhes foi de grande alegria e contentamento, porque uns acharam suas irmãs, outros suas mulheres e outros seus filhos, a quem não tinham esperança de ver nunca. Era tão grande o prazer de todos que lhes parecia sonho, e reconhecendo que, por via dos portugueses, lhes viera tão grande bem, se botavam a seus pés e lhos beijavam, dando-lhes muitas bênçãos e agradecimentos. O imperador também lhes fez muitas honras e se mostrou mais obrigado do que podia satisfazer, porque via que eles lhe deram o império que estava tão perdido, que não havia quem cuidasse que se podia tornar a recuperar. E foi coisa maravilhosa que, com ser esta batalha tão travada, e do princípio dela andaram os portugueses sempre<sup>4</sup> na dianteira, metendo-se tanto pelas espingardas dos turcos e esquadrões dos mouros, não morreu nela nenhum. Por onde se pode ter por sem dúvida que a Virgem da Piedade (a quem antes de entrar na batalha se encomendaram) a teve deles, e [fol. 138v] lhes alcançou do Pai das Misericórdias esta tão grande.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: nas mãos. A expressão «alfanje largo» é pleonástica, pois a lâmina convexa desta arma é caracteristicamente larga.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 132/122].

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: os portugueses sempre.

Tudo o que temos dito em este capítulo, assim como nos demais que tocam a D. Cristóvão da Gama, é por informação de pessoas de vista e fidedignas, pelo que se lhes deve dar mais crédito que a quem informou a Frei Luis de Urreta sobre esta história, que ele conta, pág. 361, tão diferentemente do que na verdade passou, quanto verá o leitor em suas palavras que são as seguintes: *Mientras estas cosas pasavan en el reyno de Adel, el Preste Joan baxava<sup>1</sup> com un copiosissimo campo<sup>2</sup>, que cubria los campos, los montes y vales y quitava la luz de la tierra, donde avia mas de seiscentos mil hombres. A tres o quatro jornadas antes de llegar al reyno de Adel encontro con muchos de los suyos, que huyan, y con algunos portugueses, que le dieron las tristes nuevas de todo<sup>3</sup> lo que passava y de la muerte de don Christoval de Gama. Grande fue su mostaça y enojo de la desgracia, mas corrido algo de mostrar sentimiento por tales pajueltas, compuso su semblante, y con una fingida risa, dixo: «Pues a fee, a fee, Gradahametes, que algun dia me pagareis tantos agravios y no tardara mucho el castigo. ¡O illustre<sup>4</sup> capitan Gama, dichoso fuiste, pues padeciste una muerte tan gloriosa! Alegrate, pues tienes un emperador que vengara tu muerte. Y doi palabra que ni el rey de Portugal mi hermano, ni el Visorey de la India, hermano tuyo, se podran quexar de mi en ningun tiempo.» Y marchando a buela pie toda aquella numerosa muchedumbre<sup>5</sup>, alegres y contentos, dando mil saltos de plazer, dieron sobre los moros, hallandolos tan descuidados que estaban aun haziendo mil danças y bailes por la victoria passada. Pero presto se bolvieron en tristes lagrimas, porque estando el Rey Gradahametes dando saltos y brincos, le cogio en el ayre una dichosa bala, que le atraveso los costados y dio con el muerto en aquellos campos. Muerto el rey, a todos los suyos se les murieron los coraçones y viendo que la muchedumbre de gente que descargava sobre ellos, dieron a huyr enflaquecidos, desmayados y debilitados, asaltadas las almas y juizios con aquel sobresalto. Pero<sup>6</sup> los valientes ethiopes dieron en aquella batallon de los mouros hiriendo y matando con la braveza y colera qual la vengança de tales agravios pedia. Era un juizio y asombro ver y oyr el temeroso ruido de las trompetas y caxas, el rebramar de la alcabuzeria, el rugir de las balas, la ferocidad de los cavallos, el quebrar de las lanças, el caer y el gritar, las voces, los alaridos, los suspiros, las heridas crueles, [fol. 139] las muertes desapiadadas, los arroyos de sangre, el polvo, el humo, la confusion y esto es guerra.<sup>7</sup> El Emperador Claudio, como animoso<sup>8</sup> y valiente, vestido de una fuerte coraça hasta media pierna de piel de elephante, con su rodela azerada y con lança de dos<sup>9</sup> hierros, puesta su visera y hielmo con una vanda de carmesi colgada de la cabeça (modo antiguo de entrar en las batallas los Prestes Joanes), se metia por los escuadrones mas serrados de los enemigos y los trato de arte que no dexo alguno que no muriese a sus manos, o no huyese de sus manos. Murieron casi todos los moros, dando mil gritos que hundian los cielos, llamando a su Mahoma, sino que, como esta en el Infierno, no los oyo.<sup>10</sup>*

<sup>11</sup>Até aqui, são palavras de Frei Luis de Urreta, em que, conforme ao que com certeza temos dito, falta muito na verdade da história. Porque, primeiramente, o desbarate de D. Cristóvão não foi no reino de Adel, senão (como já dissemos) em Offâ, confins do reino de Tigrê e entrada do de Angôt, muito longe de Adel; nem o Preste João vinha com seiscentos mil homens, como ele diz, que ainda que naquele

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 132v/122v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: exercito.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: todo.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: El dichoso.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: numerosa.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: Pera.

<sup>7</sup> No texto de L. Urreta, a última oração forma uma frase interrogativa: «¿Y esto es guerra?» (L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, p. 363).

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: fuerte.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>10</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excerto (com várias omissões) do livro I, cap. 32, pp. 361-3.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 133/123].

tempo se não tiveram apoderado os mouros<sup>1</sup> de quase todo seu império, senão que estivera muito florido e pacífico, não pudera juntar nem a metade da gente que fingiu quem o informou. Não teve nunca, senão tão pouca, que fora impossível recuperar seu império, se os portugueses não vieram; porque, como contam seus livros, morrendo seu pai David (que também se chamou Onâg Çaguêd), no reino de Tigrê, na serra Damô, onde D. Cristóvão achou a Imperatriz Zabelâ Oenguêl<sup>2</sup>, que, por ser muito forte, se tinham acolhido a ela por medo dos mouros, o alevantaram a ele ali por imperador, sendo de dezoito anos e tinha tão pouco poder que, indo sobre ele, dali a quatro ou cinco meses, um capitão do Granh, que se chamava Amîr Ozmân, o desbaratou e escapou com muito trabalho, e se foi para o reino da Xâoa com só oitenta homens. E por lá andou, sempre fugindo, em terras muito fortes, com tão pouca gente que, com estar D. Cristóvão em suas terras mais de um ano (pois entrou em Julho de 1541 e a batalha em que foi desbaratado se deu a 28 de Agosto de 1542) e mandou-lhe muitas vezes recado que viesse, que ele também se ia chegando, nunca se atreveu ao fazer, até que ouviu como D. Cristóvão tinha tomado a serra Oatî da província de Cemên; nem estava tão longe que não pudera chegar a juntar-se com D. Cristóvão em menos de um mês, mas, por medo de alguns mouros que estavam no meio, o não fez, e quando veio, trazia tão pouca gente como acima dissemos. E depois de se juntar naquela serra com os portugueses e estarem [fol. 139v] tanto tempo, não pôde juntar mais que 8000 de pé e quinhentos de cavalo, e tais que se não houvera de atrever a pelejar com o Granh, se os portugueses não o animaram e importunaram tanto. E, ainda o dia antes da batalha, estavam para fugir, por ver que lhes faltava o capitão que o Granh matou à traição.

Também foi mera imaginação que o Preste João, quando ouviu o caso de D. Cristóvão, fizesse contra o Granh os feros e ameaças que o autor diz. Nem teve tão por de *pajuelas*<sup>3</sup> a morte de D. Cristóvão e mais portugueses que se corresse de mostrar a grande tristeza e mortal sentimento que lhe causou esta nova. E com muita razão porque, demais de que lhe ficavam mui poucas esperanças de poder recuperar seu império, toda a boa razão e termo de agradecimento pedia que mostrasse tristeza e sentimento, pois um senhor tão grande como D. Cristóvão da Gama viera com os portugueses<sup>4</sup> a socorrer em tempo de tanta necessidade e, depois de ter feito tantas maravilhas,<sup>5</sup> pelejando<sup>6</sup> tão valorosamente, como temos visto, derramou seu sangue e acabou a vida em seu serviço. Nem o imperador, com os seus, deu de súbito em os mouros, achando-os em danças e bailes pela vitória passada, como ele diz, parecendo-lhe que havia pouco que a tiveram, sendo assim que eram já passados seis meses, e o Granh não estava já no lugar onde se deu a batalha, senão muito longe, em Dambiâ, nem desaperecebido, que bem sabia que o imperador ia sobre ele e, alguns dias antes da batalha, tiveram escaramuças. Nem o imperador tinha por armas peles de elefante, que ele não usava tal coisa, nem há quem diga agora que entrasse na batalha, senão que ficava na retaguarda. E, ainda que entrara, era grande encarecimento dizer que tratou aos mouros de maneira que não deixou algum que não morresse à suas mãos ou não fugisse delas, senão é que entenda por suas mãos as dos portugueses, e as dos demais de seu exército. Nem morreram tantos mouros como diz, porque muitos escaparam e se foram com a mulher do Granh.

## CAPÍTULO XXXVI

DE ALGUMAS COISAS QUE SUCEDERAM DEPOIS QUE O PRESTE JOÃO VENCEU  
AO GRANH E DAS EXÉQUIAS QUE FEZ A D. CRISTÓVÃO  
E AOS DEMAIS PORTUGUESES QUE MORRERAM

Como o imperador teve por sua a vitória, mandou logo armar suas tendas a longo da grã Lagoa de Dambiâ, que estava perto, enquanto os soldados seguiam o alcance dos mouros e recolham os despojos do campo, que não foram poucos. E entrando nelas com grandes músicas [fol. 140] e festas, muito contente por tão bom sucesso, só lhe dava cuidado não saber que fora do Granh, que, ainda que lhe afirmavam que não podia escapar com vida, porque o levaram ferido de morte, com tudo isso não se aquietava, por ser tão grande inimigo. Mas quis Deus dar-lhe perfeita alegria, porque dali a pouco veio um seu capitão, que se chamava Calíd, correndo em seu cavalo e fazendo grande festa porque trazia a cabeça do Granh que era bem conhecida. E, pondo-a diante do imperador, lhe pediu que cumprisse a palavra que tinha dada que era que, a qualquer etíope que matasse ao Granh, o casaria<sup>1</sup> com sua irmã e, se fosse português, lhe faria muito grandes mercês. Não faltou quem dissesse que ele o não matara, senão que o achara morto quando lhe cortou a cabeça, pelo que o imperador mandou fazer diligência sobre isso e acharam que os portugueses o feriram, nem outros tinham espingardas mais que eles. E, assim, ainda que o capitão afirmou que ele o matara, que estava vivo quando ele chegou a lhe cortar a cabeça, e se ofereceu a provar isto, julgaram que demais de haver muitos que afirmavam que o achara morto, ainda que provara o que pretendia, não bastava para o<sup>2</sup> imperador ficar obrigado a lhe dar sua irmã, pois os portugueses<sup>3</sup> o feriram de morte e ele o achara caído, que de outra maneira não o houvera de alcançar, pelo que o imperador não lhe<sup>4</sup> deu sua irmã, mas remunerou-lhe com outras coisas o presente. Nem aos portugueses fez as mercês prometidas, porque não se soube qual deles o ferira, que, se se pudera provar, não faltara com sua palavra.

Mandou logo pôr a cabeça em uma lança comprida para que a vissem todos os do arraial. E depois a enviou<sup>5</sup> à imperatriz sua mãe, que ficara na serra de Cemên, e que dali a levassem pelas outras terras, para que a gente não pusesse dúvida em ser morto. E como a imperatriz viu a cabeça, deu muitas graças a Deus que livrara seu império das mãos de tão grande e cruel tirano e lhe deixara ver com os olhos<sup>6</sup> o castigo que merecia a inumanidade que usara com D. Cristóvão da Gama, a quem ela amava como a filho. E assim, com grande alegria e contentamento, mandou fazer muitas festas, a que ajudaram os cinquenta portugueses que foram a Maçuâ, porque, não achando embarcações para ir à Índia e, sabendo do recado que lhes mandara o imperador, se tornaram e tinham já chegado onde estava a imperatriz, a qual, como festejou alguns dias a vitória, se foi para onde estava seu filho, levando consigo os portugueses. E receberam a todos com grande aparato e alvoroço, que até então não se ocupa-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: apoderado.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Oenguil.

<sup>3</sup> Pedro Páez referia-se à expressão «por tales pajuelas» usada por Luís de Urreta, que significa «coisa de pouca importância».

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 133v/123v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: pelejar.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: casava.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: ao.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 134/124].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: mandou.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com os olhos.

vam senão em músicas e festas, por se verem livres de tão grande tirania e duro cativeiro. Aos portugueses também recebeu o imperador com muita<sup>1</sup> benignidade e mostras de amor, dando-se por mui obrigado ao que por ele tinham feito e mandou que os proovessem abundantemente de tudo o necessário.

<sup>2</sup>A este tempo, veio recado ao imperador de um senhor grande, que se chamava *Erâz Deganâ*<sup>3</sup>, pai do *Bâhâr Nagâx* Isaac, que havia muito que se lançara com o Granh, por lhe parecer que já<sup>4</sup> não era possível poder-se<sup>5</sup> recuperar o império, e estimava-o tanto o mouro que o tinha feito aio de seu filho e capitão de muita gente. E, escapando da batalha com o filho do Granh, como soube que o pai era morto, mandou dizer ao imperador que, se lhe quisesse perdoar, lhe entregaria o filho do mouro. Mas, ainda que era coisa de tanta importância haver aquele moço às mãos, não queria o imperador dar o perdão, pelo sentimento grande e justa indignação que tinha contra ele, por se ter lançado da banda dos mouros e pelejado muito tempo contra os cristãos. Mas depois, por intercessão de seu filho Isaac (a que o imperador não negava nada, porque lhe trouxera os portugueses), lhe perdoou e mandou seguro. E assim veio logo, trazendo consigo o mancebo, a quem o imperador mandou fazer bom tratamento, mas que o guardassem com diligência.

Ouvindo outro grande capitão do mouro como o imperador perdoara a *Erâz Deganâ*<sup>6</sup>, meteu também muitos intercessores para que lhe perdoasse e desse seguro; [fol. 134v/124v] o que o imperador concedeu por alguns respeitos, ainda que se tinha feito mouro e destruído muito a terra. Mas depois que entrou no arraial, soube o imperador que ele fora um dos que prenderam a D. Cristóvão, e desejou muito de o matar, mas, por lhe ter dado seguro, o deixava de fazer. Os portugueses desejavam isto muito mais, porque o conheceram logo e tinham grande paixão pelo verem, cada dia, diante de seus olhos. E assim se foram ao imperador e lhe pediram encarecidamente o mandasse matar, pois o merecia tanto. Mas respondeu que não podia fazer tal coisa, por<sup>7</sup> lhe ter<sup>8</sup> dado seguro<sup>9</sup>, e procurou de os satisfazer com boas palavras, em que entenderam claramente que lhe não pesava se eles o matassem. E assim, foram dois à sua tenda e o mataram às punhaladas, do que não pesou ao imperador, nem houve quem lhe falasse nisso. A alguns também<sup>10</sup> mandou matar o imperador<sup>11</sup>, dos que andavam com o mouro, mas depois deu perdão geral porque, se a todos os que mereciam a morte, houvera de matar, poucos, ao menos dos grandes, lhe ficaram em todo seu império.

Esteve o imperador em aquele lugar dois meses, enquanto lhe entraram alguns homens grandes que andavam com o mouro, e depois passou, três léguas mais adiante, a uma cidade que estava perto da mesma lagoa, por ser lugar mais acomodado para ter o Inverno que já se chegava. E, repartindo a gente de guerra pelos lugares à roda, deu um, muito perto, aos portugueses, onde foram providos abundantemente do necessário. E cada dia iam ao paço, porque o imperador folgava muito com isso. E, no fim de Agosto, no mesmo dia que morreu D. Cristóvão da Gama, determinou de lhe fazer umas

solenes exéquias, como eles costumam quando se cumpre o ano, e para isso mandou lançar pregão [fol. 141] pelas terras, alguns dias antes, que todos os pobres que houvesse se juntassem todos ali, para aquele dia. E vieram mais de seis mil e armaram-lhes muitas tendas no campo, onde, por mandado do imperador, se lhes deu esplendidamente de comer e, juntamente, de vestir. Fez também que viessem seiscientos frades ou mais, e fizeram com muita solenidade seus officios, na forma que eles costumam e declaramos no 2.º livro, e mandou-lhes dar grossas esmolos. E, como passou o Inverno (que, como temos dito, se acaba ordinariamente por todo Setembro), mandou juntar a gente de guerra, que já eram como dois mil de cavalo e vinte mil de pé; e, com eles, foi correndo as terras que os mouros lhe tinham conquistado, para as acabar de reduzir e quietar, em o que gastou muito tempo com não pouco trabalho, porque os mouros que ainda em elas estavam eram muitos.

Algumas destas coisas conta Frei Luis de Urreta, pág. 363, por modo diferente, pelo ser muito e de tudo contrário à verdade a informação que sobre esta matéria teve. E assim, será necessário referir suas mesmas palavras <sup>1</sup>que são as que se vão continuando com as que, no capítulo precedente, pusemos desta maneira: *No quedo contento con este castigo o Preste Joan, ni satisfiço el desseo de su vengança con las muertes de aquellos moros, sino que como un rayo y con una braveza que salia de madre, acordandose de la muerte de su hermano, determino de una vez quitar tan penoso y enojoso enemigo de sobre sus espaldas. Y assi, entrando por el reyno de Adel, no dexo lugar ni villa que no quemasse y derribase. Y fueron tantos los moros que murieron a manos de los christianos ethiopes, que se pudo dizir por via de encarecimiento gracioso: ¿Que seno infernal podia bastar a receber tantos diabolos como alla entravan? Basta que siendo un reyno muy poblado y de infinita gente y tan grande, que tenia trezientas legoas de circuito, a penas quedaron vivas quatro mil personas. Derribo fortalezas, hizo otras de nuevo en los passos mas importantes y, trayendo gente de la Ethiopia pera que poblasen aquel reyno, dio los puertos a los portugueses, con sus fortalezas, pera que ellos los guardasen de los moros de la Arabia y se pudiesen recoger las armadas de Portugal, quando van y vienen de la India. Este fin tuvieron las guerras del rey de Adel.*<sup>2</sup>

Isto diz o autor. Tudo, porém, é mera ficção traçada no entendimento daquele que o informou, porque o Imperador Cláudio não somente não fez estas coisas no [fol. 141v] reino de Adel, mas nem em toda sua vida entrou nele, nem ficaram os mouros com tão grande perda com o desbarate e morte do Granh que não se houveram de defender muito bem, se lá fora. Antes, o mouro que sucedeu ao Granh no cargo de *guazîr*, *scilicet* «governador», veio dali a alguns anos com exército contra o mesmo Imperador Cláudio e, dando-lhe batalha, o desbaratou e matou, não muito longe de onde ele tinha sua corte, como dizem todos, e conta sua história, que referiremos no livro 3.º. Contudo, me parece mui provável que não informaram a Frei Luis de Urreta desta maneira, senão que se confundiu com os papéis de João Baltazar donde ele mesmo afirma que tirava, e que estavam muito embaraçados. E assim, atribuiu ao Imperador Cláudio o que seu pai David fez em Adel (o que veremos em sua história que se porá no princípio do 3.º livro<sup>3</sup>) e acrescentou muito mais, assim como a outras coisas que lhe disse João Baltazar, o que ele mesmo testificou depois em uma petição que deu a Sua Majestade d'El-rei D. Felipe, queixando-se que lhe acrescentaram quatro vezes mais do que ele dissera, cujo treslado viu o Padre Fernão Guerreiro de nossa Companhia, como ele afirma fol. 268 da adição que fez à *Relação Anual de 607 e 608*.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 135/125].

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, excerto do cap. 32, p. 363.

<sup>3</sup> Ver livro III, cap. II, *infra*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>5</sup> F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia», reed. 1942, p. 290.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: grande.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 140v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: Deganô.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: já.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: já.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: Deganô.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: porque.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: tinha.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: palavra.

<sup>10</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: também.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: matar.

## CAPÍTULO XXXVII

DE COMO O IMPERADOR CLÁUDIO EXCLUIU AO PATRIARCA  
D. JOÃO BERMUDEZ E FEZ SEU ASSENTO NO REINO DE ÔYÊ

<sup>1</sup>Depois que o Imperador Cláudio, e por outro nome Atanâf Çaguêd, teve reduzidas à sua obediência as terras que tomaram os mouros e pacificado seu império, vendo-se já livre das angústias e temores com que sempre andava fugindo de uma parte para outra, quando houvera de ser mais agradecido a Deus Nosso Senhor pelas mercês grandes que de Sua misericordiosa mão tinha recebidas e sujeitar-se de todo coração à santa Igreja romana, seguindo a doutrina que ensinava o santo Patriarca D. João Bermudez, a quem havia três anos que, por tal, tinha recebido e entregado as terras do patriarcado, que são muito grandes, então mostrou quão longe estava desta obediência e de seguir esta doutrina e não receber de outra parte patriarca senão de Roma, como ele mesmo escreveu a el-rei de Portugal, D. João III, que lhe tinha mandado o Imperador David, seu pai; [fol. 142] porque fez trazer outro patriarca de Alexandria, para excluir o que tinha de Roma e, no mesmo tempo, se concertaram os frades de um mosteiro grande para infamar a D. João Bermudez, cuja santidade de vida lhes era muito molesta. E, estando ele na corte, tomaram algumas peças de prata da igreja de seu mosteiro e, entrando na casa do patriarca, que era perto, tiveram modo para as meter secretamente dentro sua roupa e, depois, foram ao imperador, dizendo que faltavam aquelas peças da igreja e que ninguém as podia ter tomado senão o patriarca. Mandou então o imperador o chamassem e disse-lhe, diante dos frades, que ouvisse o que diziam. E eles, sem nenhum temor de Deus, tornaram a afirmar que faltavam aquelas peças e que ninguém as podia tomar, senão ele. Ficou muito maravilhado o patriarca e disse que nem por pensamento lhe passara nunca tal coisa, nem sabia como se atreviam a cuidar aquilo dele. Pediram os frades ao imperador que mandasse ver sua casa e perguntar seus criados, para que se soubesse a verdade. E deu-lhe pouco disso ao patriarca, como estava inocente. E assim, foram alguns criados do imperador com os frades e, olhando as coisas da casa, vieram a dar com as peças entre a roupa, e levaram-nas ao imperador. Disse então o patriarca que aquilo não podia ser senão maldade de alguns que lhe queriam mal, porque ele nunca tomara tais peças, nem tinha para quê<sup>2</sup>. Bem entendeu o imperador que o patriarca não havia de fazer tal coisa, mas, com tudo isso, estranhou muito o caso, do que tomaram outros motivos para falar muito largo.

Vendo o patriarca estas coisas e que não havia que esperar do imperador <sup>3</sup>nem dos seus acerca de sua redução, determinou de se tornar para a Índia. E dizem alguns que excomungou ao imperador em sua presença e lançou sua maldição às terras por onde passou, excepto ao reino de Tigrê, que, afirmam, deixou a rogo de alguns portugueses que o acompanhavam, que<sup>4</sup> por terem grande conceito de sua santidade já davam por perdidas as terras que ele amaldiçoava, e assim lhe pediram muito que deixasse a Tigrê, porque, se em algum tempo viessem portugueses, achassem onde pudessem entrar, e por isto o deixou. E dizia que via entrar em as terras do imperador umas formigas pretas que as destruíam, que

parece eram uns gentios muito pretos que chamam gâlas, que pouco depois se foram chegando e fazendo algumas entradas, com grande dano da terra. E continuaram tanto isto que vieram a destruir todas as terras a que o patriarca lançou maldição, que são três ou quatro reinos e algumas províncias, as melhores que o imperador tinha. E hoje são senhores absolutos deles, sem haver quem os possa tirar de suas mãos [fol. 142v] e, ainda, no que fica, dão sempre assaltos, matando muita gente e levando fato sem conto. E se todos se juntaram e vieram unidos, nem o imperador lhes pudera fazer rosto<sup>1</sup>, mas, por não terem rei (como já dissemos no cap. 1.<sup>o</sup>), nunca se unem. Antes, os que são de uma casta ou família, pelejam muitas vezes com os de outra, permitindo-o assim Deus Nosso Senhor por que não acabem de destruir esta tão antiga cristandade, que, ainda que inficionada com muitos<sup>2</sup> erros, sempre houve alguns bons que os condenassem e chorassem, pedindo ao Senhor misericórdia, e hoje mais que nunca, pelo que espero que a terá deles e lhes acudirá. Tudo isto que referi do Patriarca D. João Bermudez, dizem que é coisa muito certa e me contaram alguns filhos dos portugueses que entraram com o mesmo patriarca, que o ouviram muitas vezes a seus pais.

Em o mesmo tempo que passavam estas coisas entre o patriarca e o imperador, fez ele seu assento em o reino de Ôyê, por ser terra muito forte e com que mais folgava. E pondo seu arraial em um formoso campo, perto de uma serra que chamam Zêf Bâr, se edificou logo uma grande cidade, mas não tão bem arruada nem do<sup>3</sup> lustre e formosura que as de Europa, onde há casas tão grandes de cantaria, paços tão sumptuosos de maravilhosa traça e arquitectura, senão de tão diferentes edifícios que a muitos deles com mais razão<sup>4</sup> se lhe podia dar nome de cabanas de pastores que de casas<sup>5</sup> de corte de imperador, porque eram redondas, muito estreitas e baixas e, em lugar de paredes, quaisquer paus toscos postos em pé e acafelados<sup>6</sup> por dentro e fora com lama, e cobertas de palha. Nem as casas dos grandes se diferenciavam destas mais que em serem <sup>7</sup>maiores e terem as paredes de pedra e barro e, no alto, melhor madeira, e outras não serem redondas, senão compridas, porém todas térreas. O mais a que chegou a polícia e grandeza do imperador, foi a fazer uma casa sobradada, mas bem triste e alheia de pessoa imperial. A esta chamaram *gamb*, que este nome dão a toda a casa sobradada, e à redonda, que o não é, *bêit*, e se for comprida e térrea, *çacalâ*. Em esta cidade esteve o Imperador Cláudio quase de ordinário alguns doze ou treze anos, e no fim deles veio com gente um mouro de Adel, que se chamava Nur, e o matou em batalha, como tocámos no fim do capítulo precedente e declararemos no 3.<sup>o</sup> livro.<sup>8</sup> E, por não ter filhos, lhe sucedeu no império um seu irmão que se chamava Minâs, o qual mudou a corte daquela cidade, e assim logo se foi diminuindo; e depois tomaram todo aquele reino os gâlas.<sup>9</sup> E assim, há muitos anos que o assento daquela cidade está tão deserto que nem vestígios dela aparecem.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: lhes pudera fazer rosto.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: alguns.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: de tanto.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com mais razão.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de casas.

<sup>6</sup> Rebocados ou cobertos.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 136v/126v].

<sup>8</sup> Ver livro III, cap. 3, *infra*.

<sup>9</sup> Ver fig. 14.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 135v/125v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: quem.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 136/126].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: e.



[fol. 143]<sup>1</sup>

## LIVRO II

[LIVRO II DA HISTÓRIA DE ETIÓPIA EM QUE SE TRATA DA FÉ QUE  
PROFESSAM O PRESTE JOÃO E SEUS VASSALOS, DOS RITOS E CERIMÓNIAS  
ECLESIÁSTICAS QUE USAM COM OUTRAS COISAS TOCANTES A ELAS]<sup>2</sup>

## CAPÍTULO I

### DO PRINCÍPIO QUE TEVE A FÉ E RELIGIÃO CRISTÃ EM ETIÓPIA<sup>1</sup>

Muito se prezam os vassalos do Preste João<sup>2</sup> da nobreza e antiguidade de seus imperadores, que têm por tão sem dúvida procederem de Salomão que não lhes parece poder nisso haver controvérsia alguma, como dissemos no capítulo 2.º do primeiro livro. E assim, na nobreza de sua descendência e antiguidade, os querem antepor a todos os reis do mundo, mas não menos se honram por terem também por coisa certa que seu império foi o primeiro que, pública e universalmente, recebeu a santa fé de Cristo Nosso Senhor, sem as contradições e trabalhos que houve em outros<sup>3</sup> reinos antes que se pudesse acabar de introduzir, o que eles contam em seus livros por estas palavras:

*Antes que a Rainha Sabba<sup>4</sup> fosse a Jerusalém a ouvir a sabedoria de Salomão, todos os da Etiópia eram gentios e adoravam diferentes ídolos. Mas, quando ela [fol. 143v] tornou de Jerusalém, lhes trouxe a história do Génesis e estiveram na Lei dos judeus até à vinda de Cristo, sujeitando-se a seus ritos e cerimónias e guardando os mandamentos de Deus. Depois, a causa de serem cristãos foi a ida do eunuco da Rainha Candace a Jerusalém a adorar na festa da Páscoa, porque os gentios que receberam a Lei dos judeus iam à Páscoa a Jerusalém, por se lhe não ser lícito sacrificar em sua terra, senão no lugar onde foi invocado o nome de Deus. Por esta razão, pois, foi o eunuco da Rainha Candace de Etiópia a Jerusalém a fazer a festa da Páscoa e, tornando-se, o Anjo do Senhor falou a Felipe, dizendo-lhe: «Levanta-te e vai para a banda do meio dia ao caminho que desce de Jerusalém a Gaza deserta.» Ele foi lá e achou um etíope eunuco da Rainha Candace de Etiópia, que era tesoureiro de todas suas riquezas<sup>5</sup> e viera a adorar a Jerusalém e donde tornava para sua casa em um carro. E, chegando-se Felipe ao carro, ouviu que lia uma profecia de Isaiás e perguntou-lhe se entendia o que lia. Respondeu que, se alguém lho não ensinasse, como podia entender e rogou a <sup>6</sup> Felipe que subisse no carro, o que ele fez. E tomando ocasião do que perguntou sobre aquela profecia, lhe pregou a Jesus Cristo e o converteu e, informando-o nas coisas da fé, o baptizou. E logo o Espírito levou a Felipe e não o viu mais o eunuco, o qual, prosseguindo seu caminho mui alegre e contente do que lhe tinha sucedido, chegou à Etiópia e a casa de sua senhora e, contando esta história, creram no evangelho da graça de Jesus Cristo<sup>7</sup>.*

<sup>1</sup> Ver glossário (Etiópia).

<sup>2</sup> Ver glossário (Preste João).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: certos.

<sup>4</sup> Ver glossário (Rainha de Sabá).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: toda sua fazenda.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 137v/127v].

<sup>7</sup> Francisco Álvares relatou este episódio também a partir do que «dizem seus livros», cem anos antes de Pedro Páez; ver Francisco Álvares, *Verdadeira informação...* (reed. 1943), cap. 38, pp. 88-92. Ver glossário (*Kēbrä Nägäst*).

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 137/127].

<sup>2</sup> A caligrafia do livro II do ms. Goa 42 ARSI é de uma mão diferente da dos livros I, III e IV.

Até aqui, são palavras de um livro muito antigo que se guarda na igreja de Agçûm do reino de Tigré, onde a Rainha Candace teve seu assento e dizem que ela fez edificar aquela igreja e que foi a primeira e mais sumptuosa que nunca houve em Etiópia, o que mostram bem suas [fol. 144] ruínas, como declaramos compridamente no cap. 22.º do primeiro livro, mas há-de se advertir que esta rainha, que nós chamamos Candace, os de Etiópia chamam Handeke, mas do nome próprio de seu criado não achei quem me soubesse dar notícia. Têm, porém, todos por tradição muito certa que era eunuco e o nome que lhe dá aquele livro antigo que conta sua história e o mesmo texto dos *Actos dos Apóstolos*, que é Heceu, nenhuma outra significação admite senão eunuco. Por onde, o que afirma Frei Luiz de Urreta, pág. 381<sup>1</sup>, que os etíopes têm e tiveram sempre por coisa muito certa que este santo varão não era eunuco, senão perfeito e inteiro de todos seus membros, foi falta de informação e, pelo conseguinte, reprovou sem razão a opinião de S. Jerónimo, S. Atanásio, Santo Agostinho e outros doutores que ali cita, que afirmam que era eunuco, se nesta parte (como parece) havemos de dar crédito aos livros de Etiópia e aos letrados dela. O que o converteu foi S. Felipe Diácono, segundo declaram os sagrados doutores, tirando Alberto Magno que tem para si que foi S. Felipe Apóstolo.

Outra dúvida movem os doutores e santos, sobre se este eunuco era gentio, ou<sup>2</sup> já convertido ao judaísmo, quando foi a Jerusalém. E, por uma e outra opinião, cita Frei Luiz de Urreta, pág. 383<sup>3</sup>, muitos e graves autores e segue os que dizem que era gentio. Mas os de Etiópia têm por coisa muito certa que, quando este eunuco foi a Jerusalém, já era convertido ao judaísmo e di-lo claramente o livro de sua *História*; pois, como acima referimos, a coisa por que foi a Jerusalém, afirma que foi porque, aos gentios que recebiam a lei de Moisés, não lhes era lícito sacrificar em sua terra, senão no lugar onde foi invocado o nome de Deus.

Como aquele livro acaba de contar o que temos referido do eunuco, continua desta maneira:

*Passados muitos anos depois disto, veio um mercador [fol. 144v] de Tiro com dois criados, um chamado Fremematós<sup>4</sup> e outro Sydrâcos. E adoecendo o mercador, morreu perto do mar, na terra de Etiópia, pelo que trouxeram os mancebos<sup>5</sup> a el-rei e ele<sup>6</sup> folgou muito em eles e mandou que os tivessem juntos com seus filhos. Eles se maravilhavam muito do modo<sup>7</sup> da gente de Etiópia<sup>8</sup> e perguntavam como creram na fé de Cristo, porque os viam fazer oração e adorar a Santíssima Trindade e que suas mulheres traziam sobre suas cabeças o sinal da Santa Cruz. E davam muitas graças a Deus que fizera tão grande mercê a aquela gente, como era crer sem pregação e receber a fé sem apóstolo. Estiveram, enquanto viveu aquele rei, em sua casa. E, na hora da morte, os forrou<sup>9</sup> e deu licença que fossem onde quisessem, pelo que Sydrâcos se tornou para sua terra de Tiro e Fremematós foi ao patriarca de Alexandria, desejando se desse remédio à salvação dos de Etiópia e referiu-lhe tudo o que tinha visto e como criam sem ensino dos apóstolos. O patriarca se alegrou muito e deu graças a Deus pela misericórdia<sup>10</sup> grande que lhes*

*tinha feito em lhes manifestar Sua santa Lei e Sua santa fé. Depois, disse a Fremematós: «Vós lhe sereis pastor, porque a vós escolheu e alevantou Deus.» E, ordenando-o sacerdote, o fez bispo de Etiópia. E, tornando a ela, baptizou seus moradores e ordenou muitos sacerdotes e diáconos que lhe ajudassem. E de todos era estimado e venerado e, porque lhes trouxe paz, lhe chamaram Abbá Salamá (que quer dizer «Padre da Paz», ou «Pacífico»). Sua entrada em Etiópia foi no tempo que reinavam Abrá e Asbá irmãos, os quais receberam o ensino de justiça, como a terra seca a chuva do céu.*

Isto é o que achei naquele livro do princípio e progresso que teve a fé e religião cristã em Etiópia.<sup>1</sup> E, em outro livro que se guarda na mesma igreja de [fol. 145] Agçûm e trata da Rainha Sabba e dos imperadores que lhe sucederam, se diz no catálogo deles<sup>2</sup> que, reinando Amiamid (que foi muito depois destes dois irmãos Abrá e Asbá), entraram em Etiópia muitos religiosos santos que vieram de Rum. Alguns por esta palavra (*Rum*) entendem Roma, outros afirmam que não quer dizer Roma, senão uma<sup>3</sup> terra que senhoreia o turco chamada Rum e dela vem chamar aos turcos rumes ainda que, estando eu cativo entre eles, me disseram que aos que são turcos de nação não os chamam rumes, senão aos que são de casta cristãos<sup>4</sup>. Mas, ainda que fossem aqueles religiosos desta terra, certo é que haviam de obedecer à Igreja romana e ensinar sua doutrina, pois eram santos que de outra maneira não o puderam ser. E isso nos basta, quando não viessem de Roma. Nove destes, cujos nomes pusemos no cap. 5.º do 1.º livro, fizeram seu assento no reino de Tigré, onde edificaram muitas igrejas que agora chamam de seus nomes e ainda alguns têm para si que só estes vieram à Etiópia, os quais fizeram muitos milagres, com que os daquele reino se acabaram de converter e tenho para mim, pelas coisas que agora contam, que então floresceu muito a religião cristã em Etiópia e que, não somente eles, mas muitos de seus discípulos foram santos e que são deles muitos corpos de frades que, de tempo imemoriável até agora, estão inteiros na província de Bur do reino de Tigré. Mas, depois, pelo trato e conversação que tinham com os judeus que até hoje sempre houve em Etiópia e, por lhes virem seus prelados de Alexandria infeccionados com erros, se lhes pegaram tantos que quase em todos os sacramentos e mistérios de nossa santa fé os têm, como iremos vendo pelos capítulos adiante. Por onde o que Frei Luiz de Urreta pretende provar, por todo o livro 2.º de sua *História Etiópica*<sup>6</sup>, que o Preste João e seus vassallos sempre foram mui bons católicos e obedientes à Igreja romana e que, ainda que por muito tempo ignoraram algumas cerimónias dela, todavia [fol. 145v] no que toca à fé do mistério da Santíssima Trindade e dos catorze artigos e dos sacramentos, sempre, do princípio da Igreja até hoje, se conservaram em toda a pureza e sinceridade, da mesma maneira que se crê na Igreja católica, tudo é fundado em falsa informação que, como ele diz, lhe deu o etíope D. João Baltazar.

Também se há-de advertir que o que o autor afirma, no fim do cap. 1.º e 2.º do 2.º livro<sup>7</sup>, que os etíopes vassallos do Preste<sup>8</sup> se acharam em muitos concílios que ali nomeia, principalmente no

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro II, cap. 1, intitulado «Del principio que tuvo la fe, y religion christiana en la Etiopia, y como se ha conservado hasta nuestros tiempos» (pp. 379-94).

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: gentio, ou.

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro II, cap. 1.

<sup>4</sup> Ver glossário (*Abba Çalama / Abba Salamá / Abba Sâlama I / Fremematós / Fremēnaços / Frumêncio*).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 138/128].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *el-rei*.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *do modo*.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: *e de seu modo*.

<sup>9</sup> Lhes deu alforria, libertou-os.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: *mercê*.

<sup>1</sup> O excerto traduzido reflecte uma das tradições etíopes que não é a do sinaxário.

<sup>2</sup> Ver livro I, cap. V, *supra*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *outra*.

<sup>4</sup> «Rume» era o nome pelo qual eram identificados os cristãos cativos no sudeste europeu e que vieram a constituir o corpo militar dos potentados islâmicos orientais.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 138v/128v].

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro II, «Tratase de la Fe, y Religion Christiana, y ceremonias sagradas que se guardan en la Etiopia».

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro II, cap. 1 pp. 390-4, e cap. 2, intitulado «De la protestacion de la Fé que hizieron los Embaxadores del Preste Juan en persona suya, y de todo su Imperio en el Concilio Florentino, presidiendo Eugenio III, Summo Pontifice», pp. 394-403.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: vassallos etíopes do Preste João.

Florentino em tempo do Papa Eugénio IV, onde diz que, em nome do Preste João e de todo seu império, fizeram uma protestação da fé; ainda que fosse assim (do que muito duvido), aproveitou pouco, porque, não somente não guardaram de muitos anos a esta parte, nem guardam hoje, o que naqueles santos concílios se decretou, nem o que refere que eles protestaram, mas antes quase todo o contrário tiveram e têm por verdadeira fé.

Outra coisa diz no mesmo lugar, de que não pude achar memória em Etiópia com perguntar ao imperador e a muitos frades e homens grandes velhos que sempre continuaram no paço dos imperadores, e é que o Imperador Alexandre III enviou a dar obediência ao Sumo Pontífice Gregório XIII com doze sacerdotes e doze cavaleiros de S. Antão, entre os quais ia D. João Baltazar. Isto têm por fábula muitos daqueles a que perguntei, porque não podiam deixar de o saber ou ouvir alguma coisa, havendo tão pouco tempo que se mandou a embaixada e sendo tantos os que a levaram. E cuidou que têm razão e que, se lá se deu tal embaixada, que a fingiu no caminho João Baltazar, como outras muitas coisas que disse ao autor Frei Luiz de Urreta, por que não digo eu vinte e quatro embaixadores, mas nenhum se pudera mandar que pelo menos algum dos grandes o não souberam, pelo pouco segredo que há em esta terra. Demais disto e de que não houve nunca em Etiópia tal Alexandre III, é mera ficção e fabulosa patranha que haja em Etiópia cavaleiros de S. Antão, como adiante veremos. E, assim, referindo eu uma vez ao imperador o que deles conta <sup>1</sup>Frei Luiz de Urreta no capítulo último do livro [fol. 146] 3.<sup>o</sup>2, se riu muito e disse: «Parece que aquele João Baltazar viu em vossas terras alguma ordem de os cavaleiros como a que aqui pinta e, dali, tomou motivo para querer honrar nossa terra, dizendo que havia nela outra semelhante.» Mas a verdade é que nunca tal coisa houve, do que se pode coligir que, assim como fingiu que os embaixadores eram cavaleiros de S. Antão, assim também fingiu a embaixada à sua vontade.

Suposto isto, irei declarando, por capítulos, o que tenho achado em muitas disputas gerais e práticas particulares que, do ano de 1603 que entrei em Etiópia, tive com os principais letrados dela, eclesiásticos e seculares, referindo singelamente seus erros sem nenhum modo de encarecimento, pois ainda em matérias muito leves não convém ao religioso usar dele, quanto mais em coisa tão grave, como seria infamar a toda uma nação cristã e a um imperador tão grande e tão célebre no mundo, usando de encarecimentos ou de palavras que agravassem de maneira suas coisas, que parecessem erros não o sendo.

## CAPÍTULO II

### EM QUE SE DECLARA COMO OS ETÍOPES NEGAM PROCEDER DO FILHO O ESPÍRITO SANTO.<sup>1</sup>

Muito grande devoção mostram os etíopes à Santíssima Trindade, a quem, em sua língua, chamam *Quedêzt Celacê*, «Santa Trindade», e não «Tinhiniah», como diz Frei Luiz de Urreta, pág. 4052, porque têm muitas igrejas dedicadas a ela e cada mês, no sétimo dia depois de entrado, lhe fazem festa e um dia no ano a festejam com grande solenidade e no princípio de seus livros, que escrevem todos de mão por não terem impressão, e nas cartas que mandam para fora do império, comumente começam com estas palavras: *Bazma Ab iia Üald iia Manfaz Quedúz ahâ-du Amlác* que quer dizer «no nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo um Deus». E quase todas as vezes que começam alguma obra ou se maravilham de alguma coisa, repetem as mesmas palavras, de maneira que muito de ordinário as trazem na boca, no que confessam as três divinas pessoas realmente distintas e a suma igualdade que há entre elas. Mas negam, como os gregos [fol. 146v], que o Espírito Santo procede do Filho, afirmando que só procede do Padre, com tanta pertinácia que, porque antigamente um frade quis defender que procedia também do Filho, o mataram às pedradas, como a S. Estevão, parecendo-lhes que nem ouvir se podia coisa tão sacrílega como era dizer que o Espírito Santo procedia também do Filho.

Sabendo eu isto logo como entrei em Etiópia, e entendendo a pertinácia com que defendiam tão grande erro, procurei de os tirar dele, mostrando-lhes claramente a verdade com as escrituras sagradas, com os santos concílios, com autoridades de santos <sup>3</sup>e com razões, buscando sempre ocasiões para lhes falar nesta matéria e o mesmo fizeram com muito cuidado os padres meus companheiros que cá estavam, com o que foi o Senhor servido, que muitos letrados, religiosos e seculares se convenceram, de maneira que, deixado o erro em que estavam, crêem hoje firmemente que o Espírito Santo procede juntamente do Padre e do Filho. Os principais destes são o imperador e um seu irmão que se chama Celá Christós e hoje tem o título de *erâz*, que quer dizer «cabeça», porque o é de todos abaixo do imperador e, sendo primeiro tão contrário à nossa santa fé que, como ele mesmo me diz agora muitas vezes, lhe pareciam nossas coisas piores que as dos mouros e, depois que as entendeu, as recebeu com tanto afecto e as crê com tanta firmeza que, por vezes, se pôs em risco de morte pelas defender e, agora que já se confessa e comunga connosco, diz publicamente que a fé da Igreja romana é a verdadeira e que ninguém se pode salvar fora dela. E aos que o contradizem nesta matéria, por grandes letrados que sejam, os convence com suas razões, como a meninos, porque é homem de grande entendimento e muito visto nos livros de Etiópia. E, assim, com isto e autoridade grande que para com todos tem, faz muito fruto e reduz muitos e, particularmente, os que são de sua obrigação estão mui firmes na fé e falam também publicamente, como

<sup>1</sup> Sobre as controvérsias teológicas entre missionários jesuítas e a Igreja etíope; ver glossário (controvérsia religiosa).

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro II, cap. 3, intitulado «En el qual se defienden los etiopes quanto a los articulos de la fe, que pertenece a la divinidad, y mysterio sacro santo de la Santissima Trinidad: en los quales creen lo que la Iglesia romana propone, sin aver tenido jamas error alguno» (pp. 404-21).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 139v/129v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 139/129].

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro III, cap. 6, intitulado «De la fundación y modo de proceder de la Orden militar y monastica de los cavalleros y monjes del glorioso padre San Antonio Abad» (pp. 705-31).

seu senhor, confessando e defendendo a verdade de nossas coisas e nos perigos que, se lhos oferecem, acometem com grande confiança na santa fé que professam. E, assim, tendo novas Celá Christós, no fim de Novembro de 1617, que vinham gâlas gentios<sup>1</sup> muito fortes a dar em umas terras que tem da outra banda do Nilo, chamou um de seus capitães, chamado [fol. 147] Ascader, e disse-lhe que passasse logo, com sua gente, enquanto ele ajuntava a demais para ir em suas costas e, dando-lhe sua bandeira diante de muita gente, lhe encomendou muito que, se tivesse algum encontro antes dele chegar, se houvesse com a prudência, valor e esforço que dele se esperava. E, tomando o capitão a bandeira, levou da espada, dizendo: «Com esta pelejarei por meu senhor até morrer, sem tornar o pé atrás. E se os inimigos me ferirem nas costas e escapar de suas mãos, não faça meu senhor conta de mim, nem me veja mais.»

Ouvindo isto, Celá Christós lhe disse: «Muito pouco vos há-de aproveitar, se pelejardes por amor de mim: pelejai pela fé de S. Pedro que ensina a Igreja romana e então Deus vos dará vitória e prosperará todas vossas coisas. E eu também vos farei muitas honras e mercês. Não sabeis quantas me tem feito, derribando sempre a meus pés todos meus inimigos, depois que comecei a seguir e defender esta santa fé? Pois assim fará a vós se, de coração, a seguides e pelejardes por ela.» Respondeu o capitão: «Lembrou-me, meu senhor, uma coisa muito boa: digo que não hei-de pelejar senão pela santa fé de S. Pedro e por ela hei-de morrer. E se pelejar por outro respeito, ainda que Deus me dê vitória e destrua os inimigos, ele tire <sup>2</sup>a vontade a meu senhor de, por isso, me fazer honras e mercês, nem eu lhas hei-de agradecer, ainda que mas faça. Por uma coisa estou mui obrigado a meu senhor e lha agradeço mais que quanto me tem feito, que é ter-me dado a conhecer a Deus e entender qual seja sua santa fé, para me poder salvar, que antes não a conhecia, nem sabia por onde andava.» Disse então Erás Celá Christós: «Se o que prometeis com as palavras, de pelejar pela santa fé de Roma, cumprirdes com as obras, tudo vos sucederá muito bem. Ide com a bênção do Senhor.»

Com isto se despediu o Capitão Ascader. E o dia seguinte tomou a bênção de um padre meu companheiro que de ordinário está com Erás Celá Christós<sup>3</sup> e ele lhe deu um frade que há muito tempo se converteu e reduziu à nossa santa fé, para que o acompanhasse e o encaminhasse nas coisas de sua alma. E, passando o Rio Nilo com muito trabalho, por ir muito crescido e furioso, dali a poucos dias teve vista dos gâlas que eram muitos e bem concertados, como gente que saíra de sua<sup>4</sup>, só para efeito [fol. 147v] de pelejar e destruir os cristãos. Ordenou ele também logo sua gente e deu batalha, cujo sucesso escreveu a seu senhor por estas palavras:

*Antes de darmos batalha aos gâlas que vinham repartidos em muitos esquadrões mandei a todos meus soldados que adorassem a Santíssima Cruz que estava na bandeira e se esforçassem a pelejar, não por cobiça de achar presa, nem por outros respeitos, senão por serem estes cruéis inimigos da Santíssima Cruz e lei de Nosso Senhor. E animando-os com isto, demos batalha, levando diante a bandeira da Santa Cruz. E afirmo diante de Deus Nosso Senhor que, não por nossos zagunchos, nem por nossos arcos e frechas, senão por meio e milagre da Santíssima Cruz, alcançámos tão facilmente vitória que, em pouco tempo, os mais deles se puseram em fugida, com tão grande medo que, deixando suas mulheres e filhos e*

*todos seus gados, não procuravam outra coisa mais que salvarem suas vidas. Outros, com virem primeiro como ferocíssimos leões, se entregaram nas nossas mãos, como se foram mansos cordeiros.*

A este tempo já ia Erás Celá Christós com grande exército e, passando o Rio Nilo, se juntou com este capitão e foram em busca dos gâlas que escaparam, que já se tinham tornado a refazer, juntando-se-lhes outros muitos tão resolutos em pelejar que lhe apresentaram logo a batalha em campo, mas com o favor divino foram desbaratados e mortos muitos. O eráz os seguiu dois<sup>1</sup> dias, fazendo grande matança, cativando mulheres e filhos e tomando gados sem conto, como ele mesmo logo me escreveu para que desse graças a Deus por tantas e tão grandes mercês como lhe fazia e todas as atribuía a ter ele recebido a doutrina e fé da santa Igreja romana e defendê-la com tão bom coração, o que confessa e afirma publicamente.<sup>2</sup>

<sup>3</sup>Também o imperador faz muito, procurando sempre acreditar<sup>4</sup> nossas coisas e afeiçoar os seus a elas, sem perder nunca ocasião em que não as louve e declare da maneira que lhas temos ensinado. E, assim, estando um dia com ele no paço muitos grandes e frades, em que entrava o principal que há em Etiópia a que chamam *icheguê*<sup>5</sup> e é geral da religião [fol. 148] de *Abbá* Taquelá Haimanót, disse que não lhe parecia bem os que afirmavam que o Espírito Santo procedia só do Padre, que a doutrina dos portugueses era a verdadeira, que afirma que procede do Padre e do Filho. Foram-lhe logo todos<sup>6</sup> à mão, dizendo que não trouxesse<sup>7</sup> tal coisa, porque era contrária à verdadeira fé. Deu ele algumas razões em prova do que dizia, mas a todas lhe replicaram e trouxeram outras em contrário. Disse então o imperador: «Chamem ao Padre Pedro Paez, que ele vos mostrará claramente ser verdade o que eu digo.» Respondeu um deles: «Senhor, não pode mostrar tal coisa, nem dar razão que não seja aparente e que não lha desfaçamos logo.» Disse o imperador (segundo me contou depois um meu amigo que estava presente): «Não somente lhe não desfareis suas razões, mas nem lhe haveis de saber responder.»

A esta sação estava eu na corte, como estou<sup>8</sup> de ordinário e, assim, me mandou<sup>9</sup> logo chamar. E, entrando<sup>10</sup>, me fez assentar perto de si e perguntou se o Espírito Santo procedia só do Padre, ou se procedia também do Filho.

Respondi: «Senhor, procede do Padre e do Filho e esta verdade está declarada por dezasseis concílios gerais e determinada por artigo de fé, colige-se claramente do santo evangelho<sup>11</sup> e de S. Paulo, que diz que o Espírito Santo é Espírito do Padre e do Filho<sup>12</sup>, pelo que assim o ensinam todos os doutores sagrados e os mesmos livros de Etiópia.» Disse um frade que se chama<sup>13</sup> *Abba* Marcá (que

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: onze.

<sup>2</sup> Ver livro IV, final cap. XIX, *infra*. O episódio foi registado na *Crónica de Susnëyos*, vol. II, pp. 191-200. As histórias abreviadas situam este episódio no sexto ano do reinado de Susnëyos (Foti, «La Cronaca abbreviata dei Re d'Abissinia in un manoscritto di Dabra Berhan di Gondar», p. 112; Basset, *Études sur l'histoire d'Éthiopie*, pp. 128-9).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 140v/130v].

<sup>4</sup> Dar crédito, avaliar.

<sup>5</sup> Ver glossário (*icheguê* / *icheguê* / *éççage*).

<sup>6</sup> Omito no Ms. 778 BPB: todos. A expressão «ir à mão» significa «interromper».

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: dissesse.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: estava.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: fez.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: chegando.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: dos evangelhos.

<sup>12</sup> O autor tinha talvez em mente as passagens dos Evangelhos de *Mateus* 10, 20 e *João* 16, 14-15 (que, aliás, citou várias vezes) e a Epístola de Paulo aos *Gálatas* 4, 6.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: chamava.

<sup>1</sup> Povos oromo; ver glossário (gâla / galá / galla / oromo).

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 140/130].

<sup>3</sup> Era o Pe. Francisco António de Angelis.

<sup>3</sup> Nesta passagem, parece faltar uma palavra. Para completar o sentido, sugere-se «terra».

por ser dos mais velhos, e lhe parecer que podia responder melhor, tomou a mão a todos): «Nem os livros de Etiópia ensinam que o Espírito Santo procede do Filho, nem se pode dizer tal coisa, que é contra nossa santa fé.» «O principal livro de Etiópia, disse eu, é *Haimanót Abbó* (que quer dizer «Fé dos Padres», porque é de pedaços de homílias de S.<sup>to</sup> Atanásio, Basílio, Crisóstomo, e outros santos). Este diz, em muitas partes, que procede do Padre e do Filho.» Respondeu o frade que não havia tal coisa em todo o *Haymanót Abbó*. E, pedindo eu que trouxessem o livro, veio logo e mostrei duas partes que já tinha notadas<sup>1</sup>, onde diz *procede do Padre e do Filho* e, em dezasseis lugares é *espírito do Padre e do Filho*. Respondeu ele: «Nunca tal vi até agora. Este livro está errado. Tragam outro.» E como veio e achou que dizia *procede do Padre* e a palavra *e do Filho* estava raspada, o que é fácil por ser a escritura <sup>2</sup>em pergaminho. [fol. 148v] Disse então: «Este está bem.» Respondi eu: «Primeiro também estava *e do Filho*. Eis aqui o rasparam.» Disse o imperador: «É verdade: *Azax Çadenguil* o raspou. Venha outro.» Trouxeram cinco mais e em todos estava *Procede do Padre e do Filho*. Ultimamente, veio um novo que em todos os lugares dizia: *Procede do Padre e do Filho*. Os antigos são os verdadeiros que estão trasladados dos mesmos livros dos santos.» Disse o frade: «Não, este está certo: emendem-se todos por ele.» Respondi eu: «Não pode haver maior mal que tirar palavras dos livros dos santos ou acrescentar as que eles dizem, para mostrar os que isto fazem que ensinam o que pretendem, ou para que lhe não seja contrária sua doutrina. E, por ser esta coisa tão perniciosa e grave, fechou S. João seu *Apocalipse*, dizendo: *Se algum acrescentar a estas palavras, acrescentará Deus sobre ele as pragas escritas neste livro; e, se diminuir das palavras dele, tirar-lhe-á Deus a parte que tinha do livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas em este livro.*<sup>3</sup> Disse então o imperador, mostrando-se enfadado: «Ninguém tire palavras dos livros. Deixem-nos como estavam, pois são de santos.» E assim se calaram todos.

Vendo eu que não passavam adiante na prática,<sup>4</sup> disse eu: «Deixemos a *Haimanót Abbó* e vamos ao Santo Evangelho que nele acharemos também clara esta verdade, porque o mesmo Cristo, falando do Espírito Santo, diz no cap. 16.<sup>o</sup> de *S. João: Tomará de mim e denunciar-vos-á a vós outros.*<sup>5</sup> Nenhuma coisa pode tomar o Espírito Santo do Filho sem tomar sua essência. Logo, não só tomou a essência do Padre, mas também a do Filho.» Respondeu o frade: «Quando Cristo<sup>6</sup> o diz, “Tomará de mim”, não fala mais que da ciência.» «É verdade, disse eu, que fala da ciência, mas se o Espírito toma do Filho a ciência, sem tomar a essência, não é Deus senão criatura.» Respondeu que eles também tinham suas explicações para este lugar e com isto se fechou, sem dar nenhuma, nem querer responder. Disse eu, então: «Pois [fol. 149] responda-me Vossa Reverência ao que disse o Cristo<sup>7</sup> Nosso Senhor, no mesmo capítulo de *S. João*, e no seguinte: *Todas as coisas que tem o Padre são minhas*<sup>8</sup>, de maneira que tudo o que tem o Padre tem o Filho, excepta a relação de paternidade. Como dizem os santos: *O Padre tem ser prin-*

*cípio do Espírito Santo*<sup>1</sup>, logo o mesmo tem também o Filho, por onde não procede só do Padre, senão também do Filho.» Virou-se ele para os outros, dizendo: «Não vedes, não vedes que falácia tira do Evangelho?» Respondi eu: «Mostre Vossa Reverência onde está a falácia. Todas são palavras do Evangelho, de que não se pode tirar falácia.» <sup>2</sup>«Desta maneira, disse ele, tivera o Espírito Santo dois padres.» Respondi<sup>3</sup>: «Não se segue, porque o Espírito Santo não procede do Padre, enquanto formalmente é Padre, que então o Espírito Santo fora Filho, senão do Padre enquanto tem a essência comum com o Filho e, assim, necessariamente procede também do Filho.» Aporfiou ele que era falácia, que não havia para que responder, mas os outros bem entenderam que o dizia porque não tinha resposta. Vendo eu isto, lhe disse: «Já que Vossa Reverência não quer responder aos argumentos, declare-me como o Padre gera ao Filho e como o Espírito Santo procede do Padre, que aí lhe mostrarei claro, que necessariamente o Espírito Santo procede também do Filho, ou que não há diferença nenhuma entre ambos e, assim, não serão três pessoas senão duas.»

Disse outro frade: «Deixem-nos juntar nossos frades para respondermos a isso.» Acudiu o imperador, dizendo: «Está muito<sup>4</sup> bom desvio, esse. Se o padre dissera: Deixem-me juntar meus padres para responder, tivera alguma cor sua escusa, porque está só. Mas vós outros sois tantos e ainda dizeis que vos deixem juntar mais? Respondei, que essa escusa não aproveita.» Disse outro, muito privado do imperador: «Nós bem sabemos estas coisas. Declare-as o padre para vermos de que maneira as entendem os portugueses.» Ao que respondi<sup>5</sup>: «Vossas Reverências têm obrigação de responder, pois eu perguntei primeiro e, depois, responderei ao que me perguntarem.» Mas fez tanta instância que, por que não cuidassem que me escusava por não mostrar nossas coisas, ou porque me não atrevia diante [fol. 149v] deles, o declarei por estas palavras:

«Bem sabem Vossas Reverências que, como Deus Nosso Senhor seja de todo perfeito e bem-aventurado, é necessário que entenda e ame, pois vemos que o mais perfeito que há em nós é o entender e amar e nisto excedemos aos animais. Nem Deus pode ter Sua glória e bem-aventurança, senão em entender-Se e amar-Se, porque, com todas quantas<sup>6</sup> coisas criou, não se Lhe acrescentou um ponto de glória, nem perderia coisa alguma, ainda que as aniquilasse, assim como uma tocha acesa não ganha nada em sua luz, ainda que acenda outras muitas, nem, por que se apaguem, perde coisa alguma. Vêem, pois, como, sendo Deus Nosso Senhor de todo perfeito, é necessário que entenda? E de razão de entender é que esteja também n’Ele presente a coisa entendida e conhecida, que fica na notícia como perfeitíssimo retrato e debuxo dessa mesma coisa. Isto vemos claramente por experiência, porque, quando nos pomos a considerar as árvores e flores, as temos tão presentes que quase que não parece que há diferença delas ao que nós formamos dentro de nós. E, se tivera alguém virtude para dar ser e vida àquilo que está dentro de<sup>7</sup> seu entendimento, sem dúvida fora uma perfeitíssima flor, ou outra coisa contemplada, <sup>8</sup>mas ainda que nosso entendimento, por sua fraqueza, não faça isto, ao menos tira um debuxo tão perfeito e acabado da coisa que conhece, que não há pintor que tire tão perfeito retrato com pincel como o tira nosso entendimento.

<sup>1</sup> Anotadas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 141/131].

<sup>3</sup> *Apocalipse*, 22, 18-19.

<sup>4</sup> Conversação. Omisso no Ms. 778 BPB: na prática.

<sup>5</sup> *João*, 16, 14.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Cristo.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Cristo.

<sup>8</sup> *João*, 16, 15.

<sup>1</sup> Entenda-se: que Deus gerou o Espírito Santo.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 141v/131v].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Respondi.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: muito.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Ao que respondi.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: tantas.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 142/132].

«Entende-Se, pois, Deus e nesse entender tira um perfeitíssimo debuxo de Si Mesmo. Este debuxo não pode estar fora d’Ele, porque em nenhuma coisa criada pode ser tirado perfeitamente Seu retrato, pois todas são finitas e Ele infinito. A este debuxo Lhe dá ser e, como esteja dentro de Deus, dá-Lhe Seu Mesmo ser de Deus e, a este acto de retratar-Se Deus, chamam os sagrados doutores gerar e ao debuxo chamam Filho, o qual é Deus como o Padre, infinito e eterno como [fol. 150] Ele e chamam esta geração eterna, porque nunca se pode entender Deus que estivesse sem Se conhecer e debuxar. Neste acto, mostra Deus Suas riquezas e onnipotência, onde comunica a Seu Filho toda Sua grandeza, Sua formosura, Sua sabedoria, poder e virtude, porque em todas as criaturas não Se comunica senão como uma gota de Suas infinitas perfeições e não somente se entende Deus, senão que também é necessário que se ame, como tenho dito. Vendo, pois, o Padre a formosura, a bondade, a virtude e riquezas em Seu Filho a quem gerou também como Ele, tão sábio como Ele e tão poderoso e tão onnipotente como Ele, naturalmente ama a esse Filho que produziu tão conforme a Si. E, vendo também o Filho todas grandezas e tesouros do Padre de quem vê que Lhe vêm todas as riquezas e bens infinitos que tem, necessariamente ama a Seu Padre que O gera. E este amor, com que Se amam o Padre ao Filho e o Filho ao Padre, é amor produzido e é a pessoa do Espírito Santo. E como o entender de Deus é infinito e gera Filho infinito, assim o amar<sup>1</sup> de Deus é infinito e poderoso e produz um amor infinito e poderoso. Estas são as três pessoas que dizemos haver em Deus e não pode haver mais que um só Filho e um Espírito Santo, porque em Deus não há mais que um entender e um amar<sup>2</sup>. Vêem aqui Vossas Reverências como, da mesma maneira que o Padre produz ao Espírito Santo, o produz também o Filho, pois é o mesmo amor com que o Padre ama ao Filho e o Filho ao Padre; e, assim, de todo o ponto nos é necessário afirmar e crer que o Espírito Santo procede do Padre e do Filho, porque doutra maneira, nenhuma distinção podíamos dar entre o Filho e o Espírito Santo e, assim, não seriam três pessoas, senão duas.»

Tudo isto ouviram com grande atenção e, depois que eu acabei, a coisa<sup>3</sup> nenhuma das que disse replicaram, mas um senhor grande dos que ali estavam saiu com este despropósito: «Pois diga-nos Vossa Reverência se as trevas são criatura corpórea, ou não?» Respondi eu: «Senhor, que tem que ver as trevas com o Espírito Santo de quem tratamos? [fol. 150v] Diga Vossa Senhoria que são criatura corpórea ou que não são, que pouco vai nisso.» Disse ele: «Queremos saber que opinião tem Vossa Reverência acerca disto.» «Quanto a mim, respondi eu, não me parece que são criatura corpórea, senão somente privação da luz.»<sup>4</sup> Disse ele: «Logo não é verdade o que afirmam os judeus, que as trevas são criatura corpórea.» Respondi que a autoridade dos judeus era muito fraca e que nem tudo o que afirmavam era verdade, pois afirmam que não veio ainda o Messias, que em Deus não há Trindade de pessoas e têm por certíssimas muitas outras coisas contra a nossa santa fé. «Mas ouça Vossa Senhoria uma das razões em que me fundo para dizer que as trevas não são criatura corpórea. Se fechassem agora esta sala de maneira que não entrasse luz nenhuma, estaria nela esta criatura corpórea e, se a abrissem, subitamente se desfaria. E todas as vezes que de noite tirassem e metessem aqui tochas acesas, se faria e desfaria essa criatura corpórea, o que não parece possível em boa filosofia.» Disse o imperador, rindo: «Boa está a criatura corpórea, que tantas vezes e tão facilmente se

pode fazer e desfazer.» Acudiu então o frade *Abba* Marcá: «Para que gastamos tempo em coisa de tão pouca importância, que vai que as trevas sejam criatura corpórea, ou não?» E com isto se acabou a prática e saímos todos.

Poucos dias depois, me disse um primo do imperador, que se chamava Belá Christós e tinha bem entendida a verdade das nossas coisas: «Não perca Vossa Reverência ocasião nenhuma em que não declare a todos como o Espírito Santo procede também do Filho, porque, com primeiro terem por certo que não procedia mais que do Padre, já muitos vão entendendo que não pode deixar de proceder também do Filho.» E, indo eu a visitar o *Abba* Marcá, para ver se, falando com ele em particular, o podia tirar daquele erro, como o tinha tirado de outros, adiante ve[fol. 151]remos, me mostrou um lugar no Concílio Niceno que eles têm, em que dizia: *O Espírito Santo procede do Pai e não do Filho*. Disse eu: «Não há tal coisa no Concílio Niceno, nem ali se tratou esta questão do Espírito Santo, porque ainda não havia tal erro, nem se levantou senão daí a alguns cem anos ou mais, como consta de muitos autores; por onde esta palavra *e não do filho* está acrescentada.» Respondeu ele: «É verdade, aqui em Etiópia a acrescentaram.» Mostrei-lhe eu então quão grandes males se seguiam de acrescentar palavras nos *Santos Concílios* e nos demais<sup>1</sup> livros que ensinam a verdadeira fé e declarei-lhe compridamente como o Espírito Santo procede do Padre e do Filho, com que ficou satisfeito. E, posto que em muito tempo se não atreveu a confessar publicamente esta verdade, já a confessa e afirma, sem ter de ver com ninguém.

Outras muitas coisas pudera referir de práticas particulares que tive, por vezes, com alguns letrados eclesiásticos e seculares que pertinazmente defendem que o Espírito Santo procede só do Padre; mas bastará o que temos dito para que<sup>2</sup> se veja quanto se enganou Frei Luiz de Urreta no que afirma, pág. 416, por estas palavras:

*Esta verdad catholica que la Iglesia cre contra los griegos, que el Spirito Santo procede del padre e del hijo, la creen, tienen y professam los etiopes, con grandes veras contra los mismos griegos, diciendo: Spiritus Sanctus Paracletos Deus vivus, qui ex Patre et Filio procedit*<sup>3</sup>.

Isto diz o autor, fundado em uma protestação da fé que afirma fizeram uns embaixadores do Preste João no Concílio Florentino<sup>4</sup> e a refere na pág. 397<sup>5</sup>. Mas aquela protestação não faz contra o que temos dito, que os etíopes vassalos do Preste João têm que o Espírito Santo procede só do Padre, porque, ainda que concedamos que aqueles que se nomearam por embaixadores do Preste João não fingissem muitas das coisas que ali se referem para serem bem recebidos dos nossos e acreditar para com eles sua fé, como facilmente fazem onde se acham e temos mostrado por todo o livro 1.º nas que o etíope João Baltazar meteu em cabeça [fol. 151v] ao mesmo autor e no que aqui experimentámos em alguns frades que foram a Roma, onde provavelmente haviam de dizer que professavam a santa fé da Igreja romana e, depois que tornaram cá, falam como os demais frades da terra; ainda que concedamos que aquela embaixada foi verdadeira e tudo o que professaram

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: mais.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 143/133].

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto do livro II, cap. 3, p. 416: «Espírito Santo Paracletos do Deus vivo, que procede do Pai e do Filho.»

<sup>4</sup> Ver glossário (Concílio de Florença).

<sup>5</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro II, cap. 2, intitulado «De la protestacion de la Fe que hizieron los Embaxadores del Preste Iuan en persona suya, y de todo su imperio en el concilio Florentino, presidiendo Eugenio III. Summo Pontifice» (pp. 394-403).

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: amor.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: amor.

<sup>3</sup> Omissão no Ms. 778 BPB: coisa.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 142v/132v].

certo, nem por isso se segue que, desde então até hoje, guardem perfeitamente todas as coisas que ali protestaram. A verdade é que, de muitos tempos a esta parte, tiveram e têm hoje esta heregia<sup>1</sup> que o Espírito Santo procede só do Padre e outras muitas que adiante veremos.

### CAPÍTULO III

EM QUE SE REFEREM OS ERROS QUE OS ETÍOPES TÊM SOBRE A SACROSSANTA HUMANIDADE DE JESUS CRISTO NOSSO SENHOR

**A**firmam os etíopes vassallos do Preste João que a natureza humana em Cristo Nosso Senhor é igual à divina e que está em toda a parte e dizem que, depois que a natureza humana se une à pessoa divina, não se pode dizer que em Cristo há duas naturezas, senão uma natureza ~~uma a vontade e uma a geração~~. E a Dióscoro, que ensinou estes tão grandes erros, têm por santo e, como a tal, lhe fazem grande festa cada ano e a S. Leão Papa, porque diz que estão em Cristo duas naturezas, sem se misturarem, confundirem, nem afastarem, ~~duas em todas~~, lhe têm muito grande aborrecimento e dão nomes bem alheios de gente cristã.<sup>2</sup> E, assim, falando eu com um frade velho sobre ele, disse que falara nesta coisa por boca de S. Paulo e que fora santíssimo varão, ao que respondeu com extraordinária impaciência de ouvir isto: «Não foi senão um Satanás.» Nem me espanto muito que lhe tenham tanto aborrecimento, pois os incita<sup>3</sup> a isso a doutrina de seus livros que eles têm por fé verdadeira, porque, como já dissemos no cap. 24.º do primeiro livro, às homílias de santos que têm no livro que chamam *Haimanót Abbó*, ajuntaram muitas coisas de patriarcas [fol. 152] de Alexandria, hereges, e um deles, que se chama Theodoseós, diz no cap. 2.º estas palavras: *Não afastamos, como aquele inimigo Leão maldito que afastou a quem não se afastou e disse duas naturezas, duas complacências e duas obras em um Cristo*. E, pouco mais adiante, torna a dizer: *Este maldito e tredo Leão disse duas naturezas e duas obras; e, dizendo uma pessoa, nisto quis encobrir o maldito seu erro, em dizer uma pessoa*. E outro, a quem chamam Cenuteós, diz assim: *Os que falam e cuidam, como o concílio baixo, sujo, judeu, ruim, dos que se juntaram em Calcedónia, em que estava Leão que não tem lei, lobo cerval, roubador, despedaçador das almas*. E outro, que se chama Filateós, também diz: *Não crêem, como o concílio judeu dos que se juntaram em Calcedónia e o livro da traição de Leão mentiroso*.<sup>4</sup>

Demais disto, em um livro que eles chamam *Mazaguébt Haimanót*, que quer dizer «Tesouro da Fé», dizem do Concílio Calcedonense, porque declarou pôr de fé a doutrina de S. Leão sobre as duas naturezas, vontades e operações em Cristo Nosso Senhor e condenou a Dióscoro: *Juntaram mestres parvos<sup>5</sup> seiscentos e trinta com vanglória e soberba, querendo ser dobrados, que os trezentos e dezoito justos da fé*.<sup>6</sup> E pouco mais adiante diz:

*Tiraram uma palavra de Nestor que pôs duas pessoas em Cristo, uma do filho de Maria, outra do filho de Deus e disseram que, pela união, se fizeram uma pessoa. Isto deixaram pela excomunhão do Padre Cirilo<sup>1</sup>. E compuseram das palavras do Padre Cirilo e das palavras de Nestor e assim disseram Cristo uma pessoa, duas vontades, duas naturezas, duas complacências, da divindade e da humanidade. Disseram que a divindade faz obra de divindade e a humanidade obra de humanidade, por dois caminhos: um obra maravilhas, outro padece enfermidades e, por isso, é menor a humanidade que a divindade*.<sup>2</sup>

Até aqui são palavras daquele livro.

Outras muitas coisas semelhantes pudera referir de seus livros, que deixo por brevidade. Bastará contar, [fol. 152v] em confirmação do que pretendo, as que passei com os principais letrados de Etiópia, eclesiásticos e seculares em umas disputas gerais que, por muitos dias, tive com eles, em Junho de 1604, diante do Imperador Za Denguíl<sup>3</sup> e de muitos senhores, estando ele em uma terra que chamam Ondegué, ao longo da grande lagoa que divide o reino de Gojam do de Dambíá, nas quais se tratou quase de todos os erros que há em Etiópia e <sup>4</sup>principalmente destes de que imos<sup>5</sup> falando, que foram dos primeiros com que saíram. Porque, mandando-me chamar o imperador a seu paço para este efeito, me fez assentar perto de si e disse que folgaria de ouvir alguma coisa sobre o que tinham controvérsia os de Etiópia com os portugueses, para ver se era certo que havia tão grande diferença como diziam. Respondi que perguntassem o que quisessem, que eu declararia como o entendíamos. Disse logo um frade: «Em muitas coisas temos grande diferença, particularmente em que dizem que em Cristo estão duas naturezas e que a natureza humana não é igual à divina.» Respondi que sim, dizíamos, e que esta era a fé católica, porque deixando o que diz S. Paulo em muitas partes, que Deus derramou Seu sangue pela Igreja, que nos remiu com Seu precioso sangue, no que claramente mostra que em Cristo estão duas naturezas, porque Deus, enquanto Deus, não tem sangue, é espírito. E assim, O que é Deus e derramou sangue, necessariamente há-de ter duas naturezas. Também escrevendo aos *Romanos*, cap. 8.º, diz que Deus não perdoou a Seu próprio filho, mas que por todos nós O entregou<sup>6</sup> e, mais adiante, cap. 9.º, que Cristo Nosso Senhor é de pais judeus, segundo a carne e que O Mesmo é Deus sobre todas as coisas<sup>7</sup>; que mais claro pode dizer S. Paulo, que Cristo Nosso Senhor tem natureza divina e humana? Isto mesmo ensina S. João em sua primeira Epístola, com palavras muito claras.<sup>8</sup> Mas deixando tudo isto, vamos ao Santo Evangelho, que é a fonte donde eles tiraram esta verdade para denunciar ao mundo. [fol. 153] Falando Cristo Nosso Senhor com Nicodemos, como conta *S. João* no cap. 3.º, lhe disse: *Ninguém sobe ao Céu, senão o que desceu do Céu, o filho do homem, que está no Céu*<sup>9</sup>, no que mostrou claramente que tem duas naturezas, porque Este que falava e sabia e dizia que era filho do homem, não estava então no céu, senão na terra com Nicodemos, nem era Deus, senão homem; porque Deus

<sup>1</sup> Heresia; forma admitida na época.

<sup>2</sup> Ver glossário (Dióscoro I; e Leão I).

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: excita [fol. 143v/133v].

<sup>4</sup> Ver glossário (*Haimanót Abbó* / *Haymanotä Abbäw*).

<sup>5</sup> Simples, humildes de espírito.

<sup>6</sup> Ver glossário (Concílio de Calcedónia; e *Mazaguébt Haimanót* / *Mäzäbä Haymanot*).

<sup>1</sup> Ver glossário (Nestor / Nestório; e Cirilo).

<sup>2</sup> Ver E. Cerulli, p. 77. Esta passagem do *Mäzäbä Haymanot* foi retomada por Almeida, *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RAESOI* 5, Roma, 1907, pp. 126-7. O mesmo excerto foi traduzido com variantes no livro I, cap. XI (p. 137).

<sup>3</sup> F. Guerreiro, *Relação anual*, 1607, (reed. 1931, fol. 167 / p. 124). Ver livro IV, cap. VI, *infra*.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 144/134].

<sup>5</sup> Vamos.

<sup>6</sup> *Romanos*, 8, 3 e 32.

<sup>7</sup> *Romanos*, 9, 4-5.

<sup>8</sup> *1 João*, 4, 9-10 e 13-15.

<sup>9</sup> *João*, 3, 13.



não se pode ver nem tocar com os sentidos corporais, nem descera do céu, mas nascera na terra da Virgem Senhora Nossa, *Lucas*, 2. E com tudo isto, Ele Mesmo afirmou que descera do céu e que então, quando falava na terra, estava no céu. Logo, Cristo Nosso Senhor tinha outra natureza, afora a humana, segundo a qual pudesse estar no céu, quando com a natureza humana estava na terra. E mais adiante, no cap. 9.º, diz S. João que, achando Cristo Nosso Senhor aquele cego *a nativitate*<sup>1</sup>, a quem pouco antes tinha dado vista, lhe perguntou: *Tu crês no filho de Deus?* Respondeu: *Quem é, Senhor, para que creia n'Ele?* Disse-lhe Jesus: *Já O viste e O Que fala contigo Ele é.* Disse o que fora cego: *Creio, Senhor.* E prostrando-se, O adorou<sup>2</sup>; que mais claramente podia mostrar Cristo Nosso Senhor Que tem duas naturezas, pois Aquele que o cego, depois de receber vista, viu, ouviu e adorou, diz que juntamente é filho de Deus?

<sup>3</sup>A isto respondeu um dos seculares: «Depois da ressurreição, não ficou mais que uma natureza.» «Qual delas, disse eu, se se perdeu alguma, havia de ser a humana, mas isto é contra o Santo Evangelho. Senão, disse-me quem era Aquele que, no oitavo dia depois da Ressurreição, estando entre os discípulos, disse a Tomé que não fosse incrédulo, cujas eram aquelas chagas que lho mostrou e lhe ofereceu que tocasse, porque a divindade não se pode ver com os olhos corporais, nem tocar com as mãos, nem ter chagas; logo, O Que lhe ofereceu que tocasse e ele via, não era a divindade, senão a carne e, com tudo isso, Àquele mesmo que via confessou por Deus e Senhor, *João*, 20<sup>4</sup>; que mais claramente se nos pode mostrar, que Cristo Senhor Nosso, depois da ressurreição tinha duas naturezas, divina e humana? Além disto, quem era Aquele que diz S. Lucas, no [fol. 153v] capítulo último, que, aparecendo aos discípulos depois da Sua ressurreição e ficando eles turbados cuidando que era espírito, lhes disse: *Quid turbati estis, et cogitationes ascendunt in corda vestra?* Vede Minhas mãos e Meus pés, que Eu Mesmo sou, palpai e vede, porque o espírito não tem carne, nem ossos, como vedes que Eu tenho.<sup>5</sup> Logo, não se pode duvidar que tinha verdadeiramente natureza humana, nem vós tão pouco negais a divina. Sabei que a principal causa por que, depois da ressurreição, esteve Cristo Nosso Senhor na terra quarenta dias, comendo e bebendo, conversando e tratando com Seus discípulos, foi para mostrar que verdadeiramente tinha natureza humana e que conhecessem que Aquele Mesmo que tinham visto crucificado e morto, ressuscitara.»

A isto me não respondeu nada, mas começou a falar com os outros sobre a interpretação destes lugares. Disse-lhe eu: «Todas são palavras claras do Evangelho. Que interpretação têm? Mas para que encurtemos a prática, respondi-me a esta palavra: só Cristo Nosso Senhor é hoje perfeito Deus e perfeito homem, ou não?»

Não queria responder, senão misturar outras coisas, até que lhe disse o imperador: «Porque não respondeis? Podeis negar que Cristo seja perfeito Deus e perfeito homem?» Respondeu então que não se podia negar. «Logo tem, disse eu, perfeita natureza divina e perfeita natureza humana?» Respondeu outro<sup>6</sup>: «Nós não negamos que em Cristo esteja natureza divina e natureza humana, mas depois que se uniram, não se pode dizer que estão duas, senão uma.» Respondi que isto era dizer que

estão duas e que não estão duas. «Estando em Cristo verdadeiramente a natureza divina e humana, que são distintas, porque não se pode dizer que estão duas. Se quereis dizer que Cristo Nosso Senhor não se pode dizer dois, senão um, é coisa certíssima, porque [fol. 154] não tem mais que uma só pessoa e isto principalmente pretende <sup>1</sup>mostrar S. João em sua 1.ª Epístola, mas neste um Cristo estão duas perfeitíssimas naturezas, divina e humana.» Tornou a dizer que as naturezas não se podiam dizer duas, senão uma, depois que se uniram e ficaram iguais. Disse eu que, por razão de união, não deixaram de ser duas perfeitas e distintas naturezas e que me maravilhava muito que afirmassem que estas duas naturezas eram iguais, pois nos ensinava o contrário o *Evangelho* e S. Atanásio (cujas doutrina me diziam que eles seguiam) o declarava expressamente em seu *Símbolo*, dizendo que Jesus Cristo Nosso Senhor é igual ao Padre segundo a divindade e menor que o Padre segundo a humanidade. Respondeu um: «Quantos falsos testemunhos levantai<sup>2</sup> a S. Atanásio.» Disse eu que lesse bem seu *Símbolo*, que nele acharia estas mesmas palavras, mas que não tínhamos necessidade da autoridade de S. Atanásio, onde estava tão expressa a de Cristo Nosso Senhor, que diz em uma parte por S. João, cap. 10.º, que é igual com Seu eterno Padre e uma mesma coisa com Ele<sup>3</sup>; e, em outra, cap. 14.º, que o Padre é maior que Ele<sup>4</sup>, no que nos ensina que tem natureza divina, segundo a qual é igual ao Padre, e natureza humana, segundo a qual é menor que Ele. Respondeu que, quando disse que era menor que o Padre, falou por humildade, porque, segundo a humanidade, também era igual a Ele, como manifestou S. Marcos no capítulo último, dizendo que quando subiu ao céu, se sentou à Sua mão direita<sup>5</sup>, que é o mesmo que dizer que é igual a Ele e enquanto Deus não se assentou senão enquanto homem. «Não nos havia de enganar Cristo Senhor Nosso por humildade; (disse eu) com palavras afirmativas, nos declara que é menor que o Padre, nem enquanto homem pode ser igual a Ele, porque muitas coisas há em Deus que implica contradição, comunicarem-se a criatu<sup>[fol. 154v]</sup>ra, como é ser incriado, acto puro, infinito e outras coisas semelhantes, também se seguiram muitas coisas contra a *Sagrada Escritura*, como haver no mundo dois onipotentes, imensos e infinitos, a deidade e a humanidade de Cristo Nosso Senhor.<sup>6</sup> Demais disto, S. João e S. Paulo nos ensinam claramente que, enquanto homem, é menor que o Padre, porque S. João, 1.ª Epístola cap. 2.º, diz que é nosso advogado para com Ele<sup>7</sup> e S. Paulo afirma, *ad Romanos* 8, que, estando à mão direita de Deus, intercede por nós.<sup>8</sup> Se fora igual, não podia ser advogado e interceder. E na 1.ª *ad Corinthios*, cap. 15.º, diz que, quando o padre tiver sujeitado ao filho todas as coisas (que será no Dia do Juízo), ainda então o filho será sujeito ao Padre.<sup>9</sup>

Começaram eles a interpretar estes lugares, mas vendo o imperador que não levavam caminho, os interrompeu, perguntando-me como se entendia aquele lugar de S. *Marcos*, porque assentar-Se à mão direita de Deus Padre parecia que<sup>10</sup> denotava ser igual a Ele. Respondi que isto não queria

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 145/135].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: assacais.

<sup>3</sup> João, 10, 30.

<sup>4</sup> João, 14, 28.

<sup>5</sup> Marcos, 16, 19.

<sup>6</sup> O sentido da frase é obscuro.

<sup>7</sup> 1 João, 2, 1.

<sup>8</sup> Romanos, 8, 34.

<sup>9</sup> Coríntios, 15, 28.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: parece.

<sup>1</sup> De nascença.

<sup>2</sup> João, 9, 35-38.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 144v/134v].

<sup>4</sup> João, 20, 25, 27-28.

<sup>5</sup> Lucas, 24, 38-39: «Porque estais perturbados e o vosso coração está cheio de dúvidas?». Ms. 778 BPB: *cordibus vestris*.

<sup>6</sup> Omito no Ms. 778 BPB: Respondeu outro.

dizer mais de que, enquanto <sup>1</sup>Deus tem a mesma glória, honra e poder que o Padre e enquanto homem, lhe deu o mesmo Padre mais glória, mais honra e mais poder que a todos os santos e anjos. «Mas ainda que disséssemos que assentar-Se à mão direita é reinar, julgar e governar todas as coisas com igual poder e honra, nem por isso se segue que a natureza humana seja igual à divina, porque isto não lhe foi dado a ela em si mesma, senão na pessoa divina e assim não se pode dizer que a natureza humana, em si mesma, está assentada à mão direita do Padre, senão que é natureza humana daquela pessoa divina que está assentada à mão direita de Deus Padre. Assim como na encarnação, nem porque Deus encarnou a humanidade ficou sendo Deus, senão humanidade de Deus, mas tomando tudo junto, em concreto dizemos este homem é Deus e está assentado à mão direita de Deus [fol. 155] Padre. Por uma comparação, me declararei melhor: quando Vossa Majestade se assenta em sua cadeira para julgar e governar seu império, está com sua roupa imperial, mas nem por isso se pode dizer que a roupa está assentada e que julga e governa, senão que é roupa de Vossa Majestade que está assentado julgando e governando.»

«Muito folguei, disse o imperador, de vos ouvir. Por hoje basta isto.» E, alevantando-se, porque era já muito tarde, saíram todos sem ficar mais que um muito seu privado chamado Lac Mariam e um frade bem letrado que se chamava *Abbá Zá* Manoel e eu. E disse-me, diante deles, o imperador: «Eu sou parvo<sup>2</sup>, que não entendo muito bem que a criatura não pode ser igual ao Criador? Contudo, folgaria me mostrasse aquele lugar último que alegastes de S. Paulo.» Disse eu onde estava, e mostrou logo o frade em seu livro; e dizia: *Quando lhe forem sujeitas todas as coisas, então se verá que o Filho é menor que o Padre*; porque em alguns de seus livros está isto acrescentado. «Que necessidade temos de mais razões, disse o imperador, falando S. Paulo tão claramente? Ide embora descansar.»

O seguinte dia, mandou o imperador que se tornassem a juntar todos os letrados e das primeiras coisas que perguntaram, foi se havia em Cristo Nosso Senhor duas vontades. E respondendo eu que sim, se riu um como se ouvira algum absurdo muito grande. Disse-lhe eu que isto mesmo confessara ele o dia precedente, no que me concederam que Cristo é perfeito Deus e perfeito homem, verdade certíssima, o que não podia ser se não tivera juntamente vontade divina e vontade humana, pois a vontade é tão grande perfeição que ninguém pode ser perfeito se lhe faltar e que o mesmo Senhor tivera por bem de nos tirar de dúvida, ensinando-nos no *Evangelho*, com palavras claras, que tem juntamente vontade divina e humana, porque no cap. 6.º de S. João diz: *Desci do céu, não para que faça Minha vontade, mas a vontade Daquele que Me mandou*<sup>3</sup>; e, em S. Mateus 26<sup>4</sup>, S. Marcos 14<sup>5</sup>, [fol. 155v] <sup>6</sup>Lucas 22<sup>7</sup>, diz: *Padre, se quereis, passai de Mim este cálice, porém não se faça Minha vontade senão a Vossa*. Que mais claro nos podia dizer que tem vontade humana com que se conformava e sujeitava à vontade de Seu eterno Padre, que é a mesma que Ele tem, enquanto Deus? Respondeu ele que aqui, por vontade, se entendia affecto natural. «Não se entende (disse eu), senão vontade propriamente, porque assim como fala própria e precisamente da vontade do Padre, dizendo que veio fazer a vontade d'O que O mandou e que se faça a vontade do Padre, assim

também fala própria e precisamente da vontade humana, dizendo: Desci do céu não para fazer minha vontade e não, se faça minha vontade.» «Bem fora, disse ele, pormos em Cristo duas vontades, para que quisesse juntamente duas coisas contrárias.» Respondi eu que não cuidasse que a vontade divina e a humana em Cristo eram como a sua vontade e a minha, que ele queria uma coisa e eu outra contrária, senão muitas unidas<sup>1</sup> e conformes, sempre a vontade humana se sujeitava e obedecia em tudo à divina, o que nos declara muito bem S. Paulo *ad Philipenses* 2.º<sup>2</sup>, dizendo que se humilhou assim mesmo, feito obediente até à morte e morte de cruz.

A toda esta prática, que foi comprida porque misturaram muitas coisas fora de propósito, esteve mui atento o imperador e fez bom conceito da verdade, como o tinha feito o dia dantes de haver duas naturezas em Cristo Nosso Senhor, e assim disse que passássemos a outra coisa, que não era necessário porfiar mais nesta. «Se Vossa Majestade dá licença, folgara que me disseram só isto, se Cristo Nosso Senhor tem perfeita alma racional. Respondeu um que sim, perfeitíssima. «Pois das coisas mais perfeitas que tem a alma racional (disse eu) é a vontade, tanto que ela é a que escolhe ou enjeita o bem ou<sup>3</sup> o mal que o entendimento lhe representa; logo a alma de Cristo Nosso Senhor tem vontade, que sem ela não fora perfeita. E mais, quando Deus Nosso Senhor disse: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*, *Genesis*, 1.º<sup>4</sup>, na alma o assemelhou a si, pondo nela (que é uma só substância) três potências inseparáveis que são, entendimento, vontade e memória [fol. 156], assim como ele sendo uma só simplicíssima substância, tem três pessoas, a do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Também vós concedeis que em Cristo Nosso Senhor está a vontade divina, por onde forçosamente haveis de confessar que nele estão duas vontades, divina e humana, mas muito unidas entre si, como já disse.» Respondeu ele que, se estavam tão unidas, que a humana seguia sempre o que queria a divina, já não era mais que uma só vontade. «Muito mal inferis disse eu, porque ainda que esta união seja tão grande e que a vontade humana siga o que quer a divina, assim como por que vos unais e sujeiteis vossas vontades à do imperador, nem por isso perde seu ser, tão perfeito o tem depois que se sujeitou, como o tinha antes.» Disse o imperador que não havia que falar mais nisso e, assim, passámos a tratar de outros erros que têm sobre almas racionais e referirei adiante em seu lugar.

<sup>5</sup>Bem claro se mostra do que temos dito a pouca notícia que tinha destas coisas Frei Luiz de Urreta, pois defendendo aos etíopes, diz pág. 424:

*Los etiopes, como catholicos Christianos obedientes a los sagrados concilios e en particular al Concilio Calcedonense, confiesan, e creen en dos naturalezas perfectas, incomutables, distintas, divina y humana.*<sup>6</sup>

Mas para que se veja ainda melhor quão longe estão disto os etíopes, referirei no capítulo seguinte o que lhes sucedeu os anos passados ao Imperador Seltan Çaguêd, que hoje vive, por querer fazer receber aos seus esta verdade católica, que em Cristo Nosso Senhor estão duas perfeitíssimas naturezas, divina e humana, o que tenho por certo folgará de ver o leitor, ainda que seja comprido, porque demais de ser gostosa história, achará não pequena ocasião de louvar a Nosso Senhor pelas mercês grandes que fez a este imperador, e a *Eraz Celá Christós*, seu irmão, livrando-os por vezes da

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 145v/135v].

<sup>2</sup> Simples.

<sup>3</sup> João, 6, 38.

<sup>4</sup> Mateus, 26, 39.

<sup>5</sup> Marcos, 14, 36.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 146/136].

<sup>7</sup> Lucas, 22, 42.

<sup>1</sup> Declinação plural e feminina do advérbio (actualmente invariável), em concordância com o adjectivo.

<sup>2</sup> *Filipenses*, 2, 6-8.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>4</sup> *Génesis*, 1, 6.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 146v/136v].

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro II, cap. 4, intitulado «En el qual se prosigue la defensa de los etiopes quanto a los articulos de la fe, que pertenecen a la humanidad santa de nuestro redemptor Jesu Christo, en los cuales tienen la misma fe de la Iglesia romana, si los errores que muchos los han impuesto» (pp. 422-34).

morte e o que mais é, dando-lhes conhecimento de sua santa fé e rogará ao Padre das misericórdias que lhe fez esta tão grande, a queira também fazer [fol. 156v] a todos os demais desse império alumian-do-lhes os entendimentos, para que deixem seus erros e se sujeitem à sua santa Igreja.

## CAPÍTULO IV

EM QUE SE PROSEGUE A PROVA DE QUE OS ETÍOPES NEGAM DUAS NATUREZAS EM CRISTO NOSSO SENHOR.

**A**inda que em as disputas que tive com os letrados diante do Imperador Za Denguíl ficaram alguns frades e homens grandes conhecendo a verdade de nossa santa fé, todavia como depois, entendendo outros que o imperador a tinha recebido, amotinaram o povo e o mataram, como diremos adiante no livro 4.<sup>o</sup><sup>1</sup>, não se atreviam falar em público sobre ela, posto que em segredo comunicavam comigo. Mas depois que o Imperador Seltan Çaguêd tomou posse do império, desejou muito saber o fundamento das controvérsias que temos com eles e, assim, umas vezes me perguntava, estando só, outras vezes fazia que me perguntassem diante dele alguns frades de quem se fiava e foi Nosso Senhor servido que, por este meio, viesse a entender bem nossas coisas. E, tratando sobre elas com Celá Christós, seu irmão, lhe disse que lhe pareciam muito bem e que tudo quanto dizíamos, provávamos com a *Escritura*. Respondeu ele: «Senhor, não há para que dar ouvidos a suas coisas que são tão diferentes das nossas, que de nenhuma maneira as podemos admitir.» Disse o imperador: «Não deixeis de as ouvir, porque não são da maneira que dizem nossos frades e atentai muito bem se achais alguma coisa contra a *Escritura*. Dali por diante, começou de me perguntar miudamente e o mesmo fazia a qualquer dos demais padres que achava, mais por curiosidade <sup>2</sup>e ver se havia alguma coisa de pegar para zombar de nossas coisas, que para se aproveitar delas. Mas achando-as tão conformes à razão e à *Sagrada Escritura* e vendo que todos nós ensinávamos uma mesma coisa, entendeu clara[fol. 157]mente que a doutrina da Igreja romana era a verdadeira e assim se determinou a segui-la e morrer por ela. Pelo que disse ao imperador que ele primeiro estava muito enganado, mas que sem dúvida a fé que ensinávamos era a verdadeira, do que folgou muito o imperador. A isto se juntou a um seu primo, que se chamava abeithum Belá Christós, a quem, ainda que homem casado, tinham todos por oráculo em coisas de letras. E na verdade, na curiosidade e continuação do estudo, podia competir com muitos dos estudiosos de nossas terras. Este, tendo também entendida a verdade de nossa santa fé, disse ao imperador o mesmo que seu irmão lhe tinha dito e começou a falar nisto com outros letrados e assim se foi espalhando que ele e o irmão do imperador aprovavam nossa doutrina.

Sabendo, pois, desta maneira, os frades que de segredo estavam de nossa banda, como tinham por si tão grandes senhores, começaram também a falar sem medo e disseram ao imperador que man-

dasse juntar diante de si os letrados que havia na corte e que eles lhe mostrariam claramente, pela *Escritura*, que em Cristo estão duas naturezas, divina, e humana, sem se misturarem, nem confundirem. Folgou muito o imperador de ouvir isto e mandou logo que todos se juntassem, certo dia, em seu paço, o que eles fizeram. Estando, acaso, um padre e eu com o imperador e ele lhes fez uma prática com mui boas e concertadas palavras, em que, em suma, lhes disse que tinha entendido haver entre eles duas fés mui diferentes, não podendo ser mais que uma a verdadeira e que entre outras coisas, uns lhe diziam que em Cristo estão duas naturezas, outros que só uma; que desejava saber a verdade disto, para fazer que todos a seguissem uniformemente, pois não era bem que, em coisas de fé, houvesse tão grande diferença. Responderam todos que era isto coisa muito importante e necessária.

Começando, pois, logo a disputar a questão, os que eram [fol. 157v] de nossa parte convenciam aos contrários com a *Escritura* e razões fundadas nela, de maneira que não podiam responder senão coisas ridículas. E, vendo-se um deles muito apertado, disse: «Por uma semelhança me declararei: assim como quando ajuntam o ferro em o fogo, fica tão aceso e feito fogo que se não pode dizer que ali estão duas naturezas, senão uma, assim também, depois que a natureza divina uniu a si a humana, ficaram de maneira que se não pode dizer que são duas naturezas, senão uma.» Respondeu o irmão do imperador, rindo: «Vem muito a propósito a semelhança para provar nosso intento.» E um frade chamado <sup>1</sup>Marcá disse: «Com isto declarais o que nós dizemos que em Cristo estão duas naturezas; que, por a natureza divina unir a si a humana, não perdeu esta seu ser, assim como o ferro por se unir com o fogo, não perde sua natureza. Senão, dizei-me, que é o que ali pesa, o ferro ou o fogo? Em que se dão as marteladas, no ferro ou o fogo?» Nestas coisas gastaram a maior parte do dia e se levantaram, sem acabar de assentar em nada.

Ajuntaram-se depois, outras duas ou três vezes, e ficaram os contrários tão<sup>2</sup> convencidos, que vieram a confessar em Cristo duas naturezas, mais por crença com a boca que com o coração, como depois se viu. Só um frade dos que ali estavam ficou sempre mostrando sua pertinácia, afirmando que em Cristo não havia mais que uma natureza, pelo que o imperador o entregou a outros, para que mais devagar lhe mostrassem a verdade e mandou lançar pregão que ninguém, dali por diante, sob pena de morte, dissesse que em Cristo estava uma só natureza, senão duas perfeitíssimas, divina e humana. E outro dia, estando eu com o imperador, trouxeram ao frade pertinaz. E disse-lhe *Abbá* Marcá: «Entendeste já a verdade do que dissemos? Para que aporfiais em coisa tão clara na *Escritura*?» Respondeu ele algumas coisas, em que [fol. 158] parecia que queria dizer como já entendera que em Cristo estavam duas naturezas. Mas antes que se acabasse de declarar, ficou subitamente tão enfiado que, de bem preto que era, se tornou seu rosto como branco e começou a desonrar a *Abbá* Marcá. Disse este então ao imperador: «Senhor, como se há-de sofrer que este me desonre diante de Vossa Majestade? Mande-me o imperador fazer justiça.» Sinalou-lhe logo juízes e um julgou que merecia morte, por ser tão descomedido diante do imperador; outros dois disseram que era homem ignorante, que bastava açoutá-lo; e isto aprovou o imperador. E assim lhe deram muitos e bons açoutes no terreiro do paço, diante de muita gente. E, ainda que o castigo foi pelas desonras que disse e o atrevimento que teve diante do imperador, a mais da gente cuidou que era porque afirmava que em Cristo estava uma só natureza e, assim, ficaram com medo, arreando que, se o imperador se enfadava, também mandaria executar o pregão que tinha dado.

<sup>1</sup> Ver livro IV, cap. IX, *infra*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 147/137].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 147v/137v].

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: tão.

A este tempo, estava o seu patriarca em outras terras longe e vindo depois à corte, se foram logo a ele os frades que primeiro, por se acharem convencidos, confessaram em Cristo duas naturezas e lhe afirmaram, por força disseram aquilo, mas que, pois ele era cabeça, tornasse por sua fé. Outros homens grandes o exortaram também a isso em segredo e lhe ofereceram todo o favor e ajuda. Pelo que ele foi ao imperador e se mostrou mui sentido de que, em coisas de fé, se determinasse nada sem ele estar presente. Respondeu o imperador que não pretendia mais que saber a verdade, para que não houvesse cisma, mas que, se lhe não parecia bem o que estava assentado, faria que se tornassem a juntar todos e que, de novo, se disputasse a questão. Disse o patriarca que assim era necessário. E sinalando o dia em que, por mandado do imperador, todos se juntaram diante dele no paço, e com[fol. 158v] quando os que eram da nossa parte a propor seus argumentos e trazer lugares da *Escritura*, viu o patriarca que não podia responder, levantou-se, dizendo que excomungava a todos os que afirmassem que em Cristo estavam duas naturezas. Disse o primo do imperador, *Abeithum* Belá Christós: «As coisas da fé não se determinam dessa maneira, senão vendo primeiro muito bem o que dizem os santos e o que ensinam as *Escrituras Sagradas*. Não seja Vossa Senhoria tão apressado em coisas de tão grande<sup>2</sup> importância, ouça nossas razões e depois, com maduro conselho, resolverá o que lhe parecer que se deve seguir.» O imperador também lhe disse que se assentasse e que, com quietação, propusessem uns e outros suas dúvidas e as razões em que se fundavam, para que melhor se pudesse declarar a verdade. Assentou-se ele então e depois de muitas porfias, não podendo responder aos lugares da *Escritura* que lhe traziam, veio a conceder que em Cristo Nosso Senhor estão<sup>3</sup> duas naturezas. E, assim, o imperador mandou outra vez lançar pregão, dizendo que de novo se viram os livros e acharam como primeiro, que em Cristo estão<sup>4</sup> duas perfeitíssimas naturezas, pelo que, dali por diante, ninguém ensinasse o contrário, sob pena de morte.

Com todos estes pregões não se acabou a coisa, antes secretamente buscavam meios para desfazer o que tinham assentado e dizer que em Cristo não havia mais que uma só natureza, particularmente o patriarca que, como não disse de coração que em Cristo estão duas naturezas, senão por não poder responder aos lugares da *Escritura*, tinha grande paixão e sabendo muito bem que todas estas coisas procediam de nós, pelas termos ensinadas ao imperador e aos demais que as defendiam, determinou de nos fechar as portas, de maneira que ninguém pudesse tratar connosco sobre elas. E para isto, esperou [fol. 159] um dia em que houve grande concurso de gente em uma igreja grande que está no terreiro do paço, à mão direita e saindo a porta, porque da banda de fora estavam muitos, pediu atenção, fazendo levantar uma como bandeirinha e disse que, pelo poder que tinha de S. Pedro e S. Paulo, excomungava a quem tomasse a fé dos portugueses ou entrasse em suas igrejas ou falasse com eles nas coisas de fé. Acertou de estar ali um português e chegando-se a ele um frade dos que eram da nossa parte e lhe disse, zombando da sua excomunhão: «Português, dizei a este nosso *abuna*<sup>5</sup> que excomungue pelo poder que trouxe de Dióscoro e deixe o poder de S. Pedro e S. Paulo que está em Roma.» Disse-me logo o português o que passava, <sup>6</sup>que eu também estava na

corte. E ao outro dia fui ao imperador e lhe disse: «Veja Vossa Majestade o que nos faz o patriarca. Ontem pôs excomunhão diante do paço, nesta forma.» Respondeu o imperador: «Não tenha Vossa Reverência paixão disto, que eu darei remédio.» E mandou logo a um homem grande que ali estava, que fosse aos desembargadores do paço (a cujo cargo está fazer apregoar as ordens do imperador) e lhes dissesse que lançassem pregão, que todos os que quisessem entrar na fé dos portugueses, o pudessem fazer publicamente. Foi ele, mas responderam que não podiam dar tal pregão, sem primeiro ouvir isto de boca do imperador, porque o patriarca tinha posta excomunhão, não só contra os que tomassem a fé dos portugueses, mas contra os que entrassem em suas igrejas. Estava eu ainda com o imperador quando tornou esta resposta e enfadou-se muito e disse que lançassem<sup>1</sup> logo o pregão, como lhes mandava, que não tinham necessidade de ouvir de sua boca e assim o fizeram, posto que muito contra sua vontade, porque também eles tinham para si que em Cristo não estava mais que uma só natureza.

Com este pregão, ficou sobremaneira enfadado o [fol. 159v] patriarca e os de sua parte com tão grande paixão que o não podiam dissimular, mas esperaram tempo para vomitar a peçonha que recoziam em seus corações. E foi<sup>2</sup> ir o imperador com um exército sobre uns gentios que se tinham rebelado e, ainda que se lhe sujeitaram logo muitos, ficou a invernar perto deles, em uma terra que se chama Achafér, para deixar as coisas melhor assentadas<sup>3</sup>. Entretanto, persuadiram ao patriarca que pusesse excomunhão contra todos os que dissessem que em Cristo estavam duas naturezas e, sem fazer conta nenhuma do imperador, a pôs, porque tinha de sua parte muitos homens grandes, entre eles um irmão do imperador, que se chama Iemana Christós, que então era muito poderoso, porque o tinham feito *erâz* e, assim, dependiam todos tanto dele, que se não atreviam ao encontrar em coisa nenhuma e muito menos no que ele dizia que em Cristo estava uma só natureza, porque eles também o tinham por fé verdadeira. Sabendo isto o imperador, o sentiu muito e escreveu logo ao patriarca como fizera aquilo, tendo primeiro declarado diante dele com tantos frades e letrados que em Cristo havia duas naturezas e posto ele mesmo excomunhão contra quem dissesse que só uma; que se achara alguma coisa de novo, o houvera de avisar para que, juntando outra vez os frades e letrados, se examinasse, antes de desfazer o que com tanto conselho tinham declarado. Respondeu o patriarca que atentasse muito bem pelas coisas dos padres dos portugueses, porque eram como os que em copo de ouro dão a beber açúcar misturado com mortífera peçonha. Tornou-lhe a escrever o imperador que não lhe perguntava por isso, senão que como mandara, sem conselho, o que com tanto <sup>4</sup>tinham assentado, que respondesse ao ponto, pois era de tanta importância, porque as coisas da fé não se mudavam daquela maneira. [fol. 160] Mas não quis responder, nem desistir do que fazia juntamente com alguns frades e homens grandes seculares, que era, com palavras de grande encarecimento, procurarem amotinar contra o imperador e Celá Christós seu irmão os que achavam presentes e, com cartas, aos ausentes, dizendo que deixavam sua fé antiga e tomavam a dos portugueses.

Entre outros, a quem escreveram foi ao vice-rei de Tigré e, com ser genro do imperador, lhe fizeram aquelas coisas tanto abalo que se pôs logo de sua parte e, com grande ira, determinou de nos perseguir, por entender que tudo procedia de nós. E assim mandou que tomassem as fazendas

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 148/138].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: tanta.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: estavam.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: estavam.

<sup>5</sup> A expressão «nosso *abuna*» é redundante, uma vez que o sufixo [-na] tem função ao determinante possessivo «nosso.»

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 148v/138v].

<sup>1</sup> Omissão no Ms. 778 BPB: m.

<sup>2</sup> Entenda-se: E a ocasião surgiu ao ir o imperador...

<sup>3</sup> Ver livro IV, cap. XIX, *infra*; ver *Crônica de Susnēyos*, 1892, cap. 33 (texto), 1900, cap. 33 (trad.).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 149/139].

a todos os que tivessem entrado em nossa fé, não só em nosso tempo, mas no dos padres antigos, sem deixar nem o fato das mulheres que estavam casadas com portugueses, ameaçando sobre isso que, se não tornassem à sua fé, lhes havia de cortar as orelhas e narizes<sup>1</sup>. E para mais nos molestar, encomendou a execução disso a uns homens muito nossos contrários que, vendo tão boa ocasião, se aproveitaram dela para mostrarem o ódio grande que nos tinham e fizeram muitas crueldades no tomar do fato, até deixarem nuas mulheres honradas, pagando-nos com isto muitos bens que sempre lhes fizemos, acudindo-lhes com muita caridade e não pouco trabalho em suas necessidades e tribulações. Mas os nossos sofreram todos estes roubos e tribulações e inumanidades com grande paciência e alegria, determinados de oferecer ao cutelo, não somente orelhas e narizes, com que o vice-rei lhes queria fazer medo, mas ainda os pescoços, antes que faltar um ponto na fé daquele Senhor em que tinham postas suas esperanças.

Todas estas coisas me escreveu logo um padre que [fol. 160v] estava em Tigré<sup>2</sup> e foi em conjunção que o imperador me tinha mandado dizer que, como o Inverno desse de si (que então estava muito fechado), fosse ter com ele, pelo que, ainda que chovia muito, parti sem esperar mais tempo e, chegando, me recebeu com grande alegria, porque desejava minha ida, ainda que me não obrigava por razão do Inverno, e contou-me o que escrevera ao patriarca e o que ele respondera.

Referi-lhe eu também o que passava em Tigré e disse quão mal pagava o vice-rei aos portugueses o que seus pais tinham feito em Etiópia, pois ainda o fato de suas mulheres, que<sup>3</sup> fossem da terra, mandava tomar. Ouviu ele isto com tão grandes mostras de sentimento que se lhe arrasavam os olhos com lágrimas e disse: «Bem sei donde procedem todas estas coisas e quem escreve ao vice-rei para nos embrulhar, como tem por costume. <sup>4</sup>Contra o Imperador Za Denguíl, meu irmão (que assim o chama, ainda que era só primo), amotinaram o povo, dizendo que deixara sua fé e tomara a dos portugueses e assim o mataram; isto mesmo me querem fazer a mim. Se Deus lhe tem dado licença, cumpra-se Sua vontade e, se não, nenhuma coisa me podem fazer. Quanto ao vice-rei, eu lhe mandarei que se não meta mais nas coisas da fé e que torne logo o fato que tomou, porque, se não, há-de ter depois muita paixão e certo que ma deu agora muito grande em se haver desta maneira com os portugueses.» Beijei-lhe a mão pela mercê e disse-lhe que seus inimigos não haviam de prevalecer, porque bem tinha Nosso Senhor mostrado que o escolhera para coisa de grande serviço Seu, como era a redução deste império, pois com tão pouco trabalho seu lhe dera nas mãos treze [fol. 161] que em diferentes partes, até então, se tinham alevantado com muita força, pretendendo cada um o império e vitória de outros muitos inimigos e que tivesse por certo que Deus lhe havia de ajudar em coisa tão alta e que, por ela, o havia de prosperar e perpetuar, em seus descendentes, o império. E contei-lhe donde procedera saírem todos os reis da casa de Áustria; mas que as coisas do serviço de Deus sempre tinham dificuldades e contradições no princípio e que, a esta que ele tinha começada, havia de trazer o demônio muitas, porque via o mal grande que dela se lhe seguia, mas que não tivesse paixão, que Deus<sup>5</sup> as venceria todas e alevantaria a verdade, honrando juntamente a quem a defendia. Ao que respondeu que, depois que a acabara de entender, ficara

muito quieto em seu coração e resoluto de a defender e que, por mais adversas que sucedessem as coisas, havia de trabalhar até morrer por introduzir em seu império a santa fé de Roma. Mandou logo escrever ao vice-rei de Tigré que se maravilhava muito de que, sabendo que os padres portugueses eram seus amigos de coração, os tratasse daquela maneira, que não se metesse mais nas coisas da fé e que tornasse logo todo o fato que tivesse tomado. E para que não andasse com dilações, mandou a carta por um seu pajem, mas nem por isso faltaram escusas para o não tornar.

Outro dia, não estando eu presente, disseram alguns nossos amigos<sup>1</sup> ao imperador que havia muitas murmurações no arraial, porque favorecia tanto as coisas da fé<sup>2</sup> dos portugueses<sup>3</sup> e que muitos estavam amotinados contra ele. Respondeu: «Pouco vai nisso, porque quanto eles podem fazer, não pode passar da morte. Esta não nos é possível fugir, pois amanhã ou ao<sup>4</sup> outro dia forçadamente<sup>5</sup> nos há-de chegar a todos, por onde, se for necessário, morramos logo pela verdade.» E virando-se para um clérigo que entendia bem nossas coisas e já se confessava <sup>6</sup>connosco, lhe disse: [fol. 161v] «Porque não falais livremente o que sabeis? Tendes medo?» «Sim, senhor, respondeu ele, arreceio esta gente que é trabalhosa.» Disse o imperador: «Não tenhais medo. Falai publicamente; quem quiser se aproveitará e quem não, sua será a culpa, não fique por vós.»

Vendo o imperador que o patriarca lhe não respondia, lhe tornou a escrever que no fim do inverno fosse ter com ele. E mandou que todos os superiores de mosteiros e os letrados do reino de Gojam, de Begmederi, de Dambeá, que eram vizinhos, fossem também naquele tempo, para que se acabassem de determinar as coisas da fé. Com isto, se começou a alvoroçar mais a gente popular; diziam que já que o Imperador não queria estar pelo que ordenava o patriarca, que se unissem todos e que dissessem como primeiro, que em Cristo estava uma só natureza e morressem por isso. Também diziam que alguns frades mancebos tomavam espada e rodela e esgrimiam, dizendo que morreriam por sua fé antiga. Sabendo isto, Iemana Christós, irmão do imperador, que estava no reino de Begmederi, lhe escreveu, persuadindo-lhe com muitas razões que não fosse avante com as coisas da fé, senão que mandasse que todos seguissem a doutrina do patriarca, senão que havia de perder seu império e na mesma forma lhe escreveu sua mãe, que estava em outra parte, porque os frades lhe meteram em cabeça que ele e seu irmão Celá Christós haviam de morrer se instassem em querer introduzir a fé dos portugueses.

Sentiu muito o imperador que lhe escrevessem desta maneira e, tendo nas mão a carta de seu irmão, disse diante de mim, mui enfadado, que logo, sem esperar mais, havia de concluir o que tinha começado e mandou [fol. 162] chamar a Celá Christós, que estava perto no reino de Gojam, e assim apressou sua vinda, trazendo consigo os principais frades daquele reino, com determinação de morrerem todos por nossa santa fé, com o que se alegrou muito o imperador. E, tomando conselho com eles do que haviam de fazer, lhe disseram que se mostrasse como indiferente por ambas as partes, afirmando que não pretendia mais senão que se declarasse a verdade para fazer que todos a seguissem e que a eles, que eram letrados, pertencia declará-la; e então que eles mostrariam claramente, com as *Escrituras*, como em Cristo estão duas naturezas. E, saindo do paço, se juntaram todos em

<sup>1</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: e narizes.

<sup>2</sup> Era o Pe. Lourenço Romano. Pérez faz referência à mesma carta noutra que escreveu em Julho de 1614 (C. Beccari *RESOI* 11, Roma, 1911, p. 321).

<sup>3</sup> Este «que» tem valor concessivo (ainda que).

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 149v/139v].

<sup>5</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: Deus.

<sup>1</sup> Na margem do *Ms. 778 BPB* lê-se «inimigos».

<sup>2</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: da fé.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: e de sua fé.

<sup>4</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: ao.

<sup>5</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: forçadamente.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 150/140].

casa do primo do imperador, *Abeïthun* Belá Christós e me mandaram chamar e propuseram as autoridades e razões que traziam por si os contrários e que<sup>1</sup> eram ridículas e escreveram a resposta e as autoridades da *Escritura* e razões que lhes aponte para confirmar nossas coisas.

Poucos dias depois adoeceu Celá Christós de um prioris muito forte<sup>2</sup>, o que sentiu na alma o imperador e todos nossos amigos, por ser pessoa de tanta importância e, se <sup>3</sup>morrera, haviam de dizer os frades que, por defender nossa fé, Deus o matara. Sangrou-se logo quatro vezes e tomou algumas mezinhas mas, com tudo isso<sup>4</sup>, ao sétimo dia à noite se achou tão fraco e apertado da doença, que lhe pareceu que morria, pelo que mandou sair todos ficando eu só com ele (que de ordinário o acompanhava), me disse: «Eu vejo que vou acabando. Certo que me não pesa de morrer, mas sinto muito ficarem as coisas da fé desta maneira. Se se concluíram e o seguinte dia eu acabara, fora muito consolado; agora hão-de dizer os frades que, porque não quis desistir destas coisas, como eles me pediam, me mataram com suas orações que publicamente as fazem alguns mosteiros e tomam as pedras de ara nas cabeças pedindo a Nosso Senhor que me tire isto do coração ou que me mate. E dizem [fol. 162v] que assim o fizeram em tempo do Imperador Za Denguíl e que Deus os ouvira e o matara. Confesse-me Vossa Reverência e faça-se Sua santa<sup>5</sup> vontade.» Respondi que tinha muito grande confiança na divina misericórdia que lhe havia de dar saúde, mas que bem era confessar-se e instruí-lo no modo como com que<sup>6</sup> se havia de aparelhar<sup>7</sup>, porque não me parecia que estava tanto no cabo como ele cuidava. E assim foi, porque outro dia se achou melhor, pelo que me disse que, já que Nosso Senhor lhe fazia mercê de o aliviar, deferiria a confissão para quando a pudesse fazer com mais aparelho e quietação, como fez depois. Soube logo sua mãe que adoeceu e teve grande sentimento, porque o amava muito como menor de seus filhos e merecê-lo ele por suas excelentes partes e acabou de dar crédito ao que os frades lhe diziam, que Deus o havia de castigar por defender a fé dos portugueses. E assim lhe escreveu que já achara o que tanto arreceava, que pedisse a Deus perdão do passado e propusesse emenda e, como teve novas que estava melhor, lhe tornou a escrever, exortando-o, com muitas palavras, a que deixasse de defender as coisas dos portugueses e seguisse a doutrina do patriarca, já que Deus lhe dera saúde por que lhe não viesse outro maior castigo, o que ele me referiu, zombando de como<sup>8</sup> os frades lhe metiam na cabeça tão facilmente tudo quanto queriam.

Como se chegou o tempo que o imperador tinha sinalado para que se juntassem os letrados, veio o patriarca com muitos frades. Juntaram-se também muitos superiores de mosteiros e traziam consigo tantos companheiros, que se não via no arraial senão esquadrões de frades. Vieram também muitas freiras, que cá andam por onde querem e assim elas, como muitos dos frades, diziam a todos que vinham morrer por sua [fol. 163] fé antiga, já que a queriam trocar e não fez isto tão pouco abalo na gente ignorante, que não viessem a estar em grande perigo os que defendiam nossas partes. E a mim, me avisaram que me guardasse, porque me haviam de matar <sup>9</sup>e alguns me aconselhavam que me fosse do arraial, o que deixei de fazer por muitas razões e, principalmente, porque era

necessário animar a alguns dos que estavam da nossa parte e mostrar-lhes as autoridades da Escritura e dos santos com que se prova a verdade e soltar os argumentos dos contrários. E chegou a tanto o atrevimento de alguns frades, que se concertaram secretamente para matar ao imperador e Celá Christós seu irmão a primeira vez que saíssem muitos juntos<sup>1</sup> a cavalo e depois fazerem sua vontade nas coisas da fé e em tudo o mais, do que teve notícia o imperador e assim, dissimuladamente, pôs remédio, espalhando-os.

Estando já juntos todos os frades e letrados, pediram ao imperador lhe sinalasse o dia em que se haviam de começar as disputas e ele ordenou que fosse aos 29 de Setembro de 1613, dia do glorioso Arcanjo S. Miguel. E, indo naquele dia o patriarca com todos os demais diante do imperador, disse ele, antes que se propusesse nada, que estava mui queixoso do patriarca porque, tendo primeiro declarado com os letrados que a verdadeira fé era estarem em Cristo duas naturezas, divina e humana, unidas na pessoa divina e posto excomunhão contra quem dissesse outra coisa, pelo que ele mandara dar pregão que assim o praticassem todos, sem<sup>2</sup> ninguém dali por diante ensinar o contrário, depois tornara a publicar que em Cristo não havia mais que uma só natureza, sem esperar que ele viesse da guerra, nem lhe mandar dizer nada, nem juntar os letrados que primeiro estavam presentes. Respondeu o patriarca que ele nunca dissera que em Cristo havia duas naturezas senão uma. Ficou o imperador maravilhado e disse, como afirmava tal coisa, pois diante dele e de tantos letrados o dissera e assentara com excomunhão, pelo que não podia escusar-se [fol. 163v] que fora falta de língua, senão que ali estavam quase todos que testemunhassem. Respondeu o patriarca que não podiam testemunhar contra ele, porque todos eram seus contrários. Disse o imperador: «Não é razão que minha verdade fique desta maneira; julguem se basta o que diz para que não testemunhem.» E sinalando juízes, julgaram que pois, sendo patriarca e pai de todos, afirmava que aqueles eram seus contrários, isso bastava para serem dados por suspeitos. Pelo que o imperador se calou, mas nem por isso deixou de ficar bem desacreditado o patriarca. Levantou-se logo Celá Christós e pediu justiça contra um letrado secular, porque, afirmando primeiro que em Cristo estavam duas naturezas e falando<sup>3</sup> ele com os mais letrados que se pusesse excomunhão duas vezes contra quem dissesse o contrário, tornava a afirmar que não havia mais que uma. Respondeu ele que não havia tal coisa, porque sempre tivera que em Cristo está uma só natureza. Mas logo foi ganhado e convencido, com muitas testemunhas, pelo que o Imperador o mandou levar preso, o que sentiram muito <sup>4</sup>os contrários, porque tinham nele grande ajuda, não tanto por razão de suas letras quanto por abundância de suas palavras, porque era muito falador. Mas depois o soltaram, porque diziam que de propósito lhe tiravam o principal que tinham de sua parte para que não pudessem provar a verdade, mas daqui se seguiu verem todos claramente como o patriarca negara o que primeiro tinha afirmado.

Nesta e outras porfias gastaram aquele dia, sem fazer mais propor a questão. E no seguinte provaram claramente Celá Christós e os demais que estavam de sua banda que em Cristo Nosso Senhor estão duas naturezas com seus mesmos livros, com S. Paulo e com o *Evangelho*. E, vendo-se os contrários convencidos, disseram que não haviam de responder, nem ouvir suas coisas, senão o que lhes ensinara seu mestre Dióscoro que em Cristo está uma só natureza e que isto tinham

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que.

<sup>2</sup> «Prioris», ou pleurisia, é a inflamação da pleura.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: isso.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 150v/140v].

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: santa.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com que.

<sup>7</sup> Preparar. «Aparelho», que se lê adiante, significa preparação.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: do que.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 151/141].

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: juntos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: e que.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: fazendo.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 151v/141v].

guardado em Etiópia todos os antepassados, que também o fizesse guardar o imperador [fol. 164] e não lhe viessem com fé nova. Disse Celá Christós: «Logo não quereis razão, senão força. Não há-de ser desta maneira. Haveis de ouvir e responder.» «Não podemos, disseram eles, porque temos excomunhão de Dióscoro que não ouçamos as coisas de Leão.» Respondeu Celá Christós: «Que aproveitara essa excomunhão contra o que nos ensina o *Evangelho*? Vós outros e nós temos excomunhão de S. Paulo para que não admitamos coisa em contrário do que ele ensinou, ainda que um anjo o viesse dizer. Julguem por qual excomunhão devemos estar, pela de S. Paulo ou pela de Dióscoro?» Disseram os juízes que pela de S. Paulo, que vissem bem o que ele ensinava e que isso guardassem. Responderam os contrários, gritando, que a doutrina de Dióscoro não era contrária à de S. Paulo, que se não haviam de pôr a disputar sobre isso, pois ele lhes mandara que o não fizessem, que julgasse o imperador.

Mandou ele então calar a todos e disse: «As coisas da fé não se determinam com gritas<sup>1</sup>, nem as dúvidas se podem resolver senão perguntando e respondendo. Os que tiverem dificuldades, as proponham e os outros respondam para que se declare a verdade que isto é o que pretendemos.» Saíram logo todos, porque era já tarde e diziam publicamente que lhes queriam fazer trocar sua fé e dar-lhes dois deuses e que o imperador era português perfeito, com outras muitas coisas em que mostravam bem sua soberba e pertinácia. Até os mesmos criados do imperador diziam que não queria justiça, senão de toda a maneira defender as coisas dos portugueses, com o que cada hora ia crescendo mais o motim.

Vendo o patriarca que a principal força dos que diziam que em Cristo Nosso Senhor estão<sup>2</sup> duas naturezas era o irmão do imperador, determinou buscar os meios possíveis para o afastar deles e meteu algumas pessoas grandes que lhe persuadissem quisesse desistir e, depois, foi ele mesmo a sua [fol. 164v] casa e botando-se<sup>3</sup> a seus pés, lhe pediu com muita instância deixasse de porfiar naquelas coisas e se lançasse de fora. Fê-lo ele alevantar e disse que se lhe tivesse morto irmão ou feito injúrias muito graves, deixara logo tudo por sua intercessão, mas que as coisas da fé não se podiam deixar por rogos, que não lhe falasse naquilo. Disse o patriarca que atentasse quantos imperadores e letrados grandes houve em Etiópia que foram por este caminho, que não quisesse ele ir por outro e deixar de si tal nome, que fizera trocar a fé antiga, que desistisse e que publicaria que sabia mais que ele e com suas razões o concluirá. Respondeu Celá Christós que ele não buscava honras, nem trocava a fé antiga, antes a defendia, como o tinha mostrado no *Evangelho* e em S. Paulo e nos mesmos livros que lhes vieram de Alexandria, que lhe não alegava com os de Roma. Disse o patriarca: «Quem sabe se estes livros que vieram de Alexandria, os fez algum herege? Não quero mais de que nos deixe entre nós sem ajudar a uns, nem a outros.» Nestas porfias esteve de pela manhã até meio dia, que Celá Christós lhe disse que não cansasse mais, que, até morrer, havia de defender que em Cristo estão duas naturezas, pois esta era a verdadeira fé. Saiu com isto muito enfadado o patriarca e, juntando seus frades, determinaram de não ouvirem, senão gritarem que fosse como primeiro e a isto incitavam também aos seculares.

O outro dia pela manhã, me mandou chamar Celá Christós e me contou o que passara com o patriarca e disse que estava muito triste, porque não queriam ouvir razão, nem ver seus mesmos

livros, senão levar as coisas por motim e que até seus criados se levantavam contra ele, de maneira que arreceava o matassem de noite e que soubesse de certo que o imperador e ele não estavam um passo da morte, pelo que era necessário fazer muita oração e considerar bem que conselho tomam<sup>[fol. 165]</sup>riam. Vendo eu também que as coisas se iam armando para mal, lhe disse que não me parecia que<sup>1</sup> convinha levar aquilo por força, pois o imperador por então a não tinha, senão que trabalhassem o possível com bom modo para que ouvissem as razões e vissem os livros, que, com isso, mais suavemente se renderiam; mas que, se ultimamente lhes parecesse que não podiam sair com o que pretendiam, que o imperador desse desvio<sup>2</sup> para que ficasse em aberto, sem se determinar uma coisa nem outra, dizendo que isto era ponto de grande importância e que pedia muito exame e grande consideração antes de se resolver, que já que havia tão vários pareceres, tornassem todos a ver os livros devagar, para que depois pudessem determinar melhor qual das duas coisas era verdadeira; que, como passasse aquela fúria, logo se esfriariam e poderiam ir persuadindo a verdade aos principais, <sup>3</sup>ou dilatariam isto até que o imperador tivesse força bastante. Respondeu ele que assim o fariam, mas que não cessassem de rogar a Nosso Senhor os ajudasse, o que eu continuamente fazia e escrevia aos demais padres fizessem o mesmo, que cada dia ajuntavam nas igrejas os portugueses e meninos dos seminários e diziam ladainhas por esta intenção.

Como o patriarca teve instruídos seus frades no que haviam de fazer, foi com eles ao paço e pediu ao imperador mandasse juntar os demais para que acabassem de tomar resolução no começado; o que ele fez e<sup>4</sup> em véspera do glorioso S. Francisco, a quem eu pedi, com muita instância, aquele dia e o seguinte que estiveram debatendo, alcançasse do Senhor tivessem bom fim nossas causas. E, tornando a provar Celá Christós e os de sua parte que em Cristo Nosso Senhor estão duas naturezas, com S. Crisóstomo, Basílio, Atanásio e com outros muitos santos antigos que eles também têm em seus livros, responderam os outros que não haviam de admitir estes santos. E depois de muitas porfias disse Celá Christós: [fol. 165v] «Pois respondi-me ao que diz o sagrado *Evangelho*, já que não dais crédito aos santos. Quando Cristo Nosso Senhor no horto rogou, com tão grandes angústias, que passasse d'Ele aquele cálix, quando suou sangue, padeceu e morreu, quando disse na cruz: *Deus Meu porque Me desamparaste?*; e depois, a Seus discípulos: *Vou a Meu Padre e a vosso Padre, a Meu Deus, e a vosso Deus*, como disse e padeceu todas estas coisas? Enquanto homem ou enquanto Deus?» Responderam que enquanto homem. «Logo tem natureza humana, disse ele, nem a natureza divina se afastou nunca dela, depois que a uniu a si?» Concederam tudo. «Logo em Cristo estão duas naturezas, divina e humana», inferiu ele. Responderam que não, porque depois que se uniram, não se pode dizer que são duas senão uma. «Vós outros, disse Celá Christós, afirmas duas coisas contrárias, que em Cristo está a natureza<sup>5</sup> divina e humana sem se trocar nem misturar<sup>6</sup> e que não está mais que uma natureza. Se quereis dizer que há um só Cristo, eu também digo isso, que não tem mais que uma pessoa, mas n'Ele estão duas perfeitíssimas naturezas.»

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que.

<sup>2</sup> A expressão «dar desvio» tem o sentido de distrair para reduzir uma situação de conflito.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 152v/142v].

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: estão naturezas.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: trocarem nem misturarem.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: gritos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: estavam.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 152/142].

Nestas porfias estiveram muito tempo e, vendo-se ultimamente convencidos o patriarca e os seus e que não podiam responder, se botaram aos pés do imperador, gritando que fosse como primeiro, que não lhes trocasse sua fé antiga guardada e defendida por tantos imperadores. Vendo o imperador que não queriam levar a coisa por razão, senão por motim, não se atreveu dizer claramente que assentassem em duas naturezas, senão que dessem pregão que já viram os livros, que todos guardassem o que neles estava. Responderam<sup>1</sup> Celá Christós e os seus<sup>2</sup>: «Isso é, senhor, o que pretendemos, que guardem o que está nos livros, porque não ensinam outra coisa (como <sup>3</sup>temos mostrado) senão que em Cristo Nosso Senhor estão duas perfeitíssimas naturezas, divina e humana.»

Deu-se [fol. 166] o pregão como mandou o imperador, mas gritou um frade que ali estava, que queria dizer como antes, pelo que muitos afirmaram depois que, assim como antes tinham que em Cristo está uma só natureza, assim haviam de ter, mas o patriarca e os que estavam de sua parte nas disputas, bem entenderam o que queria dizer. E assim saíram mui enfadados, posto que o dissimulavam quanto podiam, publicando que se havia de ter como antes, que em Cristo está uma só natureza, ainda que não faltaram entre eles alguns que entendessem muito bem a verdade, que em Cristo estão duas naturezas. E, posto que, por vergonha do que já tinham dito, não se atreviam ao confessar, depois o afirmaram publicamente.

O domingo seguinte, mandou o imperador chamar um frade e um senhor grande, cabeças dos que defendiam que em Cristo estava uma só natureza e sós<sup>4</sup> os fez falar diante dele com Celá Christós, seu irmão, muito grande espaço e apertou-os de maneira que foram forçados a conceder coisas muito absurdas, pelo que lhes disse o imperador: «Eis aqui a lei que tendes, que para a defender haveis de admitir<sup>5</sup> coisas tão falsas.» Quis o frade dar razão ao imperador, mas no fim da prática lhe inferiu do que dizia que morrera a divindade; respondeu o frade que assim era. Ouvindo isto, o imperador se enfadou tanto que, com ser homem muito grave e mesurado no falar, disse em alta voz: «Como se pode sofrer isto? Se morreu a divindade em Cristo, morreu também o Padre e o Espírito Santo. Como pode morrer a divindade?» E alevantou-se, mostrando muita paixão, foi-se para outro aposento, pelo que eles se saíram sem se atreverem a responder palavra.

Pouco tempo depois, tornou o imperador à sua corte de Dambíá, deixando concertadas as coisas daquelas terras que estavam alevantadas e, chegando a Semana Santa, mandou muitas tochas e incenso às igrejas, [fol. 166v] como sempre naquele tempo costuma e particularmente ao mosteiro grande que está em uma ilha da Lagoa de Dambíá, a que chamam Saná.<sup>6</sup> E, chegando o que as levava, que era homem grande, saíram<sup>7</sup> cinco frades e lhe disseram que não se acendiam na sua igreja tochas de quem dizia que em Cristo estavam duas naturezas e não as quiseram receber, por mais que importunou, dizendo-lhes que era matéria de grande escândalo e que o imperador não havia de deixar passar aquilo sem castigo; e nem a ele deixaram confessar e comungar naquela igreja, porque também dizia que em Cristo estão duas naturezas. Vendo ele que não aproveitavam nada seus

rogos, nem ameaças, se tornou e referiu ao imperador <sup>1</sup>tudo o que passara, o que ele sentiu muito e mandou que lhe trouxessem logo aqueles frades. E, segundo estavam, cuidavam que, em chegando, os havia de mandar matar, ou dar algum outro<sup>2</sup> grave castigo. Vieram eles e ficando fora do paço, mandou o imperador chamar<sup>3</sup> muitos frades e homens grandes da corte e disse que julgassem o que mereciam aqueles frades, pelo agravo e desonra que lhe fizeram; e se algum mouro ou gentio lhes mandara cera para a igreja, a houveram de tomar e a sua enjeitaram com palavras de grande soberba e desprezo. Disseram todos, um e um: «Vossa Majestade fez juntar no fim do Inverno os principais letrados de Etiópia e depois de tantas porfias como tiveram, mandou dar pregão que todos dissessem como primeiro tinha declarado que em Cristo estão duas naturezas» (que ainda que o pregão foi na forma que acima disse, bem entenderam o que significava). Não somente foram contra este mandamento, mas fizeram grande desacato e injúria ao imperador, pelo que mereciam morte; mas visto serem homens ignorantes e de pouco [fol. 167] entendimento, parece que era bem usar o imperador com eles da sua costumada clemência. Intercedeu também por eles sua mãe e ajudaram outras senhoras grandes que, de propósito, se tinham ali juntado dissimuladamente para este efeito e, assim, o imperador lhes perdoou.

Bem temos mostrado com quanta pertinácia defendem os mais dos etíopes que em Cristo Nosso Senhor está uma só natureza, mas porque ainda manifestaram muito mais, depois de tudo isto, quão arraigada têm esta heregia em seus corações, no que fizeram contra o imperador e Celá Christós, seu irmão, o referirei no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO V

### DE COMO OS ETÍOPES DETERMINARAM MATAR AO IMPERADOR SELTAN ÇAGUÊD E A CELÁ CHRISTÓS SEU IRMÃO, POR DIZEREM QUE EM CRISTO NOSSO SENHOR ESTÃO DUAS NATUREZAS.

Vendo o patriarca e os mais que eram da sua parte que o imperador e Celá Christós, seu irmão, não haviam de desistir do começado, senão procurarem por todas as vias que pudessem acabar que não se falasse que em Cristo Nosso Senhor está uma só natureza, senão duas, se determinaram de os matar e fazer outro imperador, tal que não deixasse pôr mais em questão as coisas da fé, senão que corressem como antes. E para poderem melhor efectuar seu intento, escolheram por cabeças de sua conjuração, não homens que por alguma via pudessem alegar agravos do imperador, senão a um <sup>4</sup>seu irmão que se chamava Iemaná Christós, a quem o imperador tinha dado o supremo mando, depois de si, do império, fazendo-o *erâz* como já dissemos, e a outro dos

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Respondeu.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e os seus.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 153/143].

<sup>4</sup> Para uma melhor compreensão do sentido da frase, propomos a leitura «e, a sós» etc.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: conceder.

<sup>6</sup> Ver glossário (Çanâ / Çaanâ / Saná / Ṭana Qirqos).

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: chegaram.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 153v/143v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: mui.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: chamar.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 154/144].



mais famosos capitães e da<sup>1</sup> gente que havia em Etiópia, chamado Iuliós<sup>2</sup>, homem mui arrogante e soberbo e muito mais desagradecido para com o imperador, porque tendo-o criado de menino e alevantado tanto que lhe deu por mulher sua própria<sup>3</sup> primeira filha e grandes terras e riquezas [fol. 167v] e o amava de maneira que continuamente escusava suas coisas e dava por suspeitos aos que lhe faziam queixume dele e quase nunca deixava de lhe conceder quanto lhe pedia e era tão apaixonado por ele e fazia-lhe tantas honras que diziam todos que lhe não faltava mais que a coroa imperial; e em pago de tudo isso lhe tinha tão grande ódio no coração, que ele era o principal dos que lhe procuravam e desejavam a morte, mostrando-se muito zeloso de sua enganosa e falsa fé.

Nem o irmão do imperador ajudava a isto por pretender o império, porque bem sabia que lhe não pertencia, nem lho haviam de dar, porque não é filho do pai do imperador, senão de sua mãe; mas parecia-lhe que fazia grande sacrifício<sup>4</sup> a Nosso Senhor em ajudar a matar seus irmãos, já que deixavam a fé que ele tinha por verdadeira. E, porque entendiam muito bem os conjurados o que tinham no coração estes dois senhores, não tiveram receio de os tomar por cabeças para o que pretendiam, mas em segredo e de maneira que ainda que o imperador sabia que eles tinham para si que em Cristo Nosso Senhor está uma só natureza, não imaginava que pudesse chegar a tanto sua maldade que lhe procurassem a morte, nem se unissem daquela maneira com seus contrários.

Com o mesmo segredo, foram amotinando contra o imperador quase toda a gente da corte e, vendo o patriarca que tinha tantos por si, foi a uma igreja que está dentro da primeira cerca do paço e, sem fazer caso do imperador, pôs excomunhão contra os que dissessem que em Cristo estão duas naturezas e contra os criados que servissem ou obedecessem aos tais em alguma coisa, senão que logo os deixassem e as mulheres se afastassem de seus maridos. Ouvindo isto o imperador e entendendo (como ele mesmo me disse depois) que pretendia que sua gente lhe não obedecesse, se enfadou muito e lhe mandou dizer como fazia uma coisa tão grave, [fol. 168] que alevantasse logo aquela excomunhão, que a gente ignorante cuidava que os obrigava, se não que atentasse por sua cabeça. Teve ele medo disto e publicou que alevantara a excomunhão, mas mandou dizer ao imperador que tinha que falar sobre coisas da fé com ele. Respondeu ele que quando quisesse o podia fazer. Assim, no outro dia pela manhã, convocou os seus e, entrando dentro da primeira cerca do paço, se assentou em sua cadeira debaixo de uma árvore. Logo se encheu de gente o terreiro, com ser grande, e todos, dissimuladamente, traziam suas armas e como estiveram juntos, mandou dizer ao imperador que a palavra com que declaravam natureza, queria dizer pessoa, pelo que não podiam dizer que estão duas em Cristo senão uma. Isto não era mais que buscar donde pegar para matar ao imperador ou, quando menos, deixá-lo e sair-se todos da corte e levantar outro, como já começavam alguns a dizer, porque a palavra de que usam, que é *baharió*, não quer dizer pessoa, senão natureza, e *acál*, pessoa.

Estava então com o imperador seu irmão Celá Christós e ouvindo o recado, disse: «Senhor, estes se juntaram aqui com soberba, parecendo-lhes que têm força para acabar o que pretendem. Dê-me

Vossa Majestade licença, que eu irei e matarei com minha espada três ou quatro dos que são cabeças deste motim e verá como ninguém se atreve a falar mais.» Disse o imperador que não convinha levar as coisas daquela maneira e, com conselho dos que ali estavam, respondeu que se aquela palavra de que usavam para dizer que em Cristo Nosso Senhor estão duas naturezas, significava pessoa, que ele mandaria não usassem mais dela. Tornou a mandar dizer o patriarca que declarassem sua fé e como haviam de falar. Respondeu o imperador que a verdadeira fé era ser Cristo Nosso Senhor perfeito Deus e perfeito homem; que assim falassem todos. Não se contentou com isto o patriarca, antes andou com perguntas e respostas dando muitas voltas [fol. 168v]. E, vendo que não achava de que pegar, se foi dizendo que aquilo era o que pretendia, que não dissessem duas.

Ainda que o patriarca procurava lançar esta fama para que a gente popular cuidasse que saíra com seu intento, bem entenderam eles e os principais estavam da sua parte, que o imperador dizia estarem em Cristo Nosso Senhor duas naturezas e que o tinha tão fixo no coração que de nenhuma maneira o havia nunca de mudar. Pelo que seu genro Iuliós se acabou de resolver com outros muitos de o matar. E para que estivessem mais firmes em seu maldito propósito, deu juramento ao capitão da mão direita do imperador e ao da esquerda, que tinham muita gente e quase a todos os senhores grandes da corte e, sobre juramento, acrescentou excomunhão a um eunuco que se chamava Cafló, primeira pessoa no império depois de *eráz*, e dele dependiam todos muito, porque por razão de seu ofício, não fazia nada o imperador sem seu conselho, antes era tão absoluto, que muitas coisas<sup>2</sup> determinava ele contra vontade do imperador e ficavam firmes. Este, como a todas as horas que queria entrava na câmara do imperador, prometeu de o matar com muita facilidade, com condição que Iuliós tomasse à sua conta matar a Celá Christós. E assentado isto com grande segredo, pediu Iuliós licença ao imperador para ir às terras onde tinha seu assento, que era<sup>3</sup> uma província que chamam Oagrá, dois dias de caminho da corte e ele lha deu. E assim se foi, para dali, como achasse ocasião, procurar de executar o que tinham concertado.

A este tempo sucedeu que alguns quinhentos mouros de cavalo se desavieram com seu rei e, fugindo, entraram em umas terras fortes do imperador. E parecendo-lhe ao eunuco bom lugar aquele para matar ao imperador, mais a seu salvo que dentro [fol. 169] do paço, porque os capitães se haviam de pôr de sua parte, como ele o matasse, determinou de o fazer ir lá, dizendo que não convinha que aqueles mouros estivessem ali, que já que fugiram do seu rei, que era amigo e entraram naquelas terras sem licença, devia o imperador tomar aqueles cavalos e castigá-los a eles, ou mandá-los para seu rei; e que para que isto se fizesse mais dissimuladamente, era bem<sup>4</sup> ir ele mesmo, lançando fama que se queria desfadar alguns dias, caçando. E tanto o importunou, que veio a isso o imperador e assim foi a toda a pressa, mas não alcançou os mouros, ainda que o capitão da dianteira chegou a pelear com eles, porque vendo que a gente era muita, fugiram; e como tinham bons cavalos, facilmente se puseram em salvo. Pelo que o imperador deu volta mais depressa do que cuidavam e assim o eunuco não se atreveu a fazer nada, porque esperava que Iuliós se declarasse primeiro por alevantado.

Vindo saindo o imperador daquelas terras ásperas, lançou Iuliós pregão na província de Oagrá, onde estava, que todos os que quisessem defender que em Cristo estão duas naturezas se fossem para o imperador ou para Celá Christós, seu irmão, mas que os que tinham zelo de sua antiga fé, que

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: demais.

<sup>2</sup> Ver glossário (Iuliós / Yolios).

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: própria.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: serviço.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 154v/144v].

<sup>6</sup> Ver glossário (controvérsia religiosa).

<sup>7</sup> Os editores optaram por grafar a letra final da palavra como um «l» (*akal*: “pessoa”), apesar de no ms. de Roma poder ser lida como um «b», ligeiramente aberto, ou como um «l», embora com um desenho um pouco mais arredondado do que os outros que se lêem no mesmo fólio e nos fólhos anteriores e seguintes. O termo «acáb» não se encontra em nenhum elenco lexical.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 155/145].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: vezes.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: é.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: bom.

em Cristo está uma só natureza, o seguissem, com o que se lhe ajuntou grande número de gente à que tinha e foi marchando para o reino de Gojam, onde estava Celá Christós, que é perto, muito confiado de o poder matar, assim pela multidão de gente que levava, como por estar também concertado com muitos dos daquele reino. Mas pouco antes que passasse o Rio Nilo para entrar em Gojam, foi a ele o patriarca e lhe disse que não era bom conselho ir <sup>1</sup>a pelejar com Celá Christós, que tinha muita gente; que tornasse sobre o imperador, que trazia<sup>2</sup> os cavalos cansados e os mais [fol. 169v] dos soldados se tinham já ido para suas casas; que depois de morto o imperador, não haveria dificuldade em matar a Celá Christós; e que soubesse de certo que, se matasse o imperador, lhe perdoaria Deus seus pecados e faria grandes mercês, porque tinha deixado sua fé e se ele morresse na batalha, era mártir. E, como acabou isto com ele, fez uma prática a todo o arraial, exortando-os a que pelejassem valorosamente contra o imperador e que procurassem de o matar, porque se, assim o fizessem, lhe seriam perdoados todos seus pecados, por grandes que fossem. Depois pôs excomunhão que ninguém se afastasse daquele arraial, senão que todos seguissem a Iuliós e lhe obedecessem e ele pediu encarecidamente que lhe entregasse os cinco padres que cá estávamos e assim lho prometeu. E dizia que nos queria fazer cortar as cabeças diante de si, ou que nos havia de meter dentro da nossa igreja com os portugueses e queimar-nos ali a todos juntos, porque nós éramos os que tínhamos feito trocar a fé ao imperador e aos que estavam da sua parte. E com este concerto o acompanhou e os mais dos dias, no caminho, tornava a renovar a excomunhão, que ninguém se afastasse do arraial.

Como o imperador soube o que fizera Iuliós e que ia por Gojam determinado de pelejar com Celá Christós, apressou sua vinda. E, chegando um dia de caminho donde eu estava, o fui visitar e mandando sair da tenda toda a gente, me disse: «Veja Vossa Reverência o que me fazem. Até meu genro, a quem levantei tanto, procura de me matar. Que conselho me dá? Como farei?» Respondi: «Que conselho posso eu dar a Vossa Majestade, que entende tão bem as coisas de sua gente e sabe por experiência como se há-de levar? Mas o que, por agora, se me oferece é que se os corações deste arraial estão com Vossa Majestade, seguramente pode ir por este caminho, porque Iuliós não se há-de atrever a pelejar, [fol. 170] e mandar recado a Celá Christós que não peleje com ele até Vossa Majestade chegar, senão que lhe tome os passos<sup>3</sup>, para que se não passe para os gâlas, para que não dane a terra, tornando depois com eles. Mas se há receios de que tenham alguns concerto com Iuliós, parece que fora bem mandar Vossa Majestade chamar os capitães e dizer-lhes: Iuliós vai pelejar com Celá Christós, vamos nós por estoutro caminho, que é mais perto, a juntar com Celá Christós, para que ordenemos as coisas de maneira que não morra gente; que, como Vossa Majestade se ajuntar com Celá Christós, nem estes se atreverão a fazer nada, nem Iuliós pode escapar.» Disse então ele: «Não há que recear <sup>4</sup>dos deste arraial, porque todos de um coração estão comigo.» Respondi: «Senhor, como o imperador tem o coração limpo, parece-lhe que todos são dessa maneira. Pois eu ouvi dizer por coisa muito certa, que afirmava Iuliós que todos os principais deste arraial estavam concertados com ele, tirando sete dos que têm menos força, a quem se não atreveu a falar porque o não descobrissem.» «Não pode ser isso, disse o imperador. Lança de propósito estas novas para me fazer desavir com minha gente. Parece-me que será melhor ir por este caminho após ele e mandar a Celá Christós que venha pela outra banda, para que nos não escape, que, quanto aos outros

caminhos dos gâlas, já tenho mandado tomar. Torne Vossa Reverência para sua casa e escreva muito depressa a Tigré ao capitão dos portugueses, que me avise logo do que lá passa.» Porque não tinha muita confiança do vice-rei que lá estava, que, segundo diziam, se corteava<sup>1</sup> com os conjurados.

O seguinte dia, depois que eu me despedi do imperador, mandou a um capitão com gente de espingarda que fosse, com toda a pressa, ajudar a [fol. 170v] Celá Christós, se Iuliós lhe quisesse dar batalha. Mas encontrando a Iuliós no caminho, se tornou e mandou depressa dizer ao imperador como vinha, pelo que o imperador caminhou mais devagar e com ordem. E, chegando perto de Iuliós, mandou que vissem algum lugar mais acomodado para poderem pelejar e o eunuco com os outros capitães da conjuração, escolheram um vale donde não podia fugir o imperador a cavalo, porque por diante, por onde havia de entrar o inimigo, era muito chão e nas costas umas ribanceiras muito altas. Mas o imperador, que é grande homem de guerra, disse que não aproveitava e passou a um outeiro alto que tinha ao pé muitas pedras grandes, por onde não podiam correr os cavalos, que eram os que ele mais arreceava.

Ao outro dia, chegou Iuliós com muita gente de pé e de cavalo e assentou suas tendas<sup>2</sup> no campo, pouco mais de um tiro de espingarda do imperador. E o seguinte pela manhã, que foram 11 de Maio de 1617<sup>3</sup>, mandou pôr em ordem sua gente, o que vendo sua mulher, lhe pediu com grande instância e lágrimas que não pelejasse, que ela lhe faria amizade com o imperador seu pai; mas respondeu que não queria sua amizade, senão sua morte. Disse ela então, chorando, para ver se lhe podia abrandar o coração: «Senhor, não vos apresseis; comi antes que vades.» Respondeu ele: «Primeiro, hei-de ir trazer a cabeça de vosso pai e, como a puser aqui adiante, comerei à minha vontade.» E começou logo a armar-se<sup>4</sup>. Entretanto, estava o patriarca com uma cruz na mão, lançando muitas bênçãos a cada esquadrão de um lugar alto e como Iuliós se acabou de armar, pôs esporas, [fol. 171], coisa mui desacostumada <sup>5</sup>em Etiópia, e subindo em um grande e formoso cavalo, foi diante do exército com os cavaleiros de quem mais se fiava. E bom pedaço antes de chegar a gente do imperador, que também já estava posta em ordem, arremeteu com grande fúria, o que vendo o capitão da mão direita do imperador, se retirou com sua gente para uma banda, e o capitão da esquerda e eunuco<sup>6</sup>, que tinham muita gente, se deixaram estar em seus lugares, entrando o inimigo pelo meio, sem nenhuma resistência, dizendo em alta voz «Onde está o imperador, onde está o imperador», até chegar perto da gente de sua guarda, que era bem pouca e toda de pé. Mas estes arremeteram com um ânimo mui forte e, para mostrar Deus Nosso Senhor quão pouca coisa basta para derribar os soberbos do mundo, permitiu que um dos mais baixos daqueles soldados, que nunca tinha entrado em guerra, atirasse uma pedra com que lhe deu perto do olho esquerdo e o derribou do cavalo e, levantando-se-lhe a malha um pedaço ao cair, lhe segundou por ali com o zaguncho<sup>7</sup> e indo logo sobre ele, lhe cortou a cabeça e acabou como Goliat o mais presunçoso e arrogante capitão que havia em Etiópia. Mataram também alguns dos cavaleiros que o acompanhavam e, carregando os demais capitães do imperador sobre os outros, se puseram logo em fugida, por verem a seu geral<sup>8</sup> morto.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: carteaava.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: sua gente.

<sup>3</sup> Na margem do Ms. 778 BPB lê-se «morte de Iulios ... de 1617... II de Mayo».

<sup>4</sup> Omissão no Ms. 778 BPB: -se.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 156v/146v].

<sup>6</sup> «e o eunuco».

<sup>7</sup> Zaguncho ou zarguncho é uma arma de arremesso, como uma azagaia.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: general.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 155v/145v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: tinha.

<sup>3</sup> Entenda-se: senão que lhe impeça a passagem, ocupando estrategicamente o caminho que possa tomar.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 156/146].

Como o soldado cortou a cabeça a Iuliós, a levou logo ao imperador e, vendo-a, mandou logo tocar a recolher, mas não obedeceram os soldados tão depressa que não matassem primeiro muita gente e ao mesmo patriarca que se deixou estar em seu posto sem fugir, ou por ficar muito turbado, vendo o desbarato, como alguns dizem, ou por lhe parecer [fol. 171v] que ninguém se atreveria a lhe<sup>1</sup> fazer mal. E na verdade passaram muitos por ele sem lhe tocarem nem no vestido, que pôde ser o deixassem por estar da sua parte nas coisas da fé, mas chegando um cavaleiro, que por estas mesmas coisas lhe tinha boa vontade, lhe deu uma lançada no pescoço com que o derribou e os que vinham detrás o despiram, sem lhe deixarem coisa alguma. E assim esteve ali bom pedaço pedindo a quantos passavam, com muita instância, alguma água, que parece lhe causava grande sede o muito sangue que da ferida lhe saía, mas nem este tão pequeno refrigério achou naquela tão angustiada hora; antes, em lugar de água, lhe tiraram o sangue que ficava, cortando-lhe a cabeça e assim acabou miseravelmente e ficou seu corpo nu dois dias, sem sepultura. Levaram logo a cabeça ao imperador e mandou-a pôr diante de si, no chão, sobre uma alcatifa, junta com a de Iuliós. E assim os que foram tão amigos na vida, não se afastaram na morte, <sup>2</sup>achando a mesma que nos queriam dar a nós. Depois mandou o imperador cortar as cabeças a sete dos principais criados de Iuliós, que lhe trouxeram presos e aos demais perdoou. E lançou pregão que lhe trouxessem todos os cavalos, capacetes, malhas e armas de preço, que eram muitas, e o mais ficasse aos soldados, com o que muitos enriqueceram, porque todos os do exército de Iuliós traziam consigo seu ouro, prata e as peças de mais estima que tinham, por lhes parecer que ali tinham mais seguras, com a certeza que tinham da vitória, tanto que quando saíram para dar batalha, mandaram que lhes tivessem aparelhado o que haviam de comer, que logo haviam de tornar a jantar. E [fol. 172] assim me diziam depois os portugueses que estavam com o imperador, que, quando, indo no alcance, entravam por suas tendas, acharam as mesas postas e o comer aparelhado.

O outro dia, chegou Celá Christós com grosso exército e entraram todos com as lanças baixas em sinal de sentimento por não se acharem na batalha, ainda que o procuraram, vindo com toda a pressa. Mas parece que o ordenou o Senhor, assim para que não atribuíssem a vitória a suas forças, senão que a tivessem por dada do céu. E, na verdade, por tal a tiveram todos os desapaixonados, principalmente o imperador, porque, indo eu logo a ele a lhe dar os parabéns dela, me disse: «Veja Vossa Reverência a misericórdia grande que me fez Nosso Senhor, que, com trazer este homem tanta gente de pé e de cavalo e cento e vinte espingardas, mos entregou todos, sem que me matassem nenhum só homem. Não é este mui grande milagre?» Respondi que por tal o tinha eu também e que o Senhor o fizera para mostrar o quanto Lhe agradava o defender Sua Majestade as coisas da santa fé. Continuou ele logo a prática, dando muitas graças a Deus pelas mercês que lhe fazia, mas não estava alegre com a vitória, nem a festejou muito, antes se vestiu de veludo preto, mostrando sentimento pela perda dos que morreram. E, na verdade, se eles se houveram de emendar e ser fiéis, se pudera ter por muito grande, porque eram valorosos cavaleiros.

Como se acabou isto, começou o imperador a informar-se dos que entraram na conjuração e achou tantos que lhe foi necessário dissimular com muitos. Só publicou e degredou alguns e, entre eles, a Iemaná Christós, seu irmão, que, pelo ser, lhe perdoou a vida, merecendo com tanta razão a morte. Mas, com saberem alguns as coisas daquele eunuco, não se atreveram ao descobrir, pelo grande medo que dele [fol. 172v] tinham. Ele também mandava matar dissimuladamente aqueles de quem mais se temia, como fez a um frade que sabia do concerto que tinha com Iuliós e lhes pusera

excomunhão a ambos para que o cumprissem e a um seu criado que levava os recados. Com tudo isso, não se teve <sup>1</sup>por seguro e, assim, arreando que, por derradeiro, se havia de saber sua traição e que não podia escapar, se resolveu em matar de toda a maneira ao imperador e Celá Christós, que então estava na corte com pouca gente. E para isto, disse ao imperador que lhe queria dar mostra dos soldados que tinha à sua conta, que lhe desse licença para os trazer diante do paço e que os veria da varanda, fazendo conta de entrar então e o matar, que o pudera fazer facilmente, por estar o imperador descuidado e com mui pouca guarda nas portas e logo ir com sua gente, que era muita, matar a Celá Christós, que de nenhuma maneira podia resistir. Mas o imperador, com estar bem alheio de imaginar<sup>2</sup> tal traição, lhe disse que não era necessário, nem estava para isso.

Vendo o eunuco que lhe não saíra esta traça<sup>3</sup>, mandou fazer muito vinho, que cá é de mel, chegou em cinco ou<sup>4</sup> seis dias, para convidar a cear Celá Christós e, como estivesse no melhor do vinho, matá-lo e ir logo ao paço a matar ao imperador. E, para isto, tinha acabado com um pajem pequeno que lhe abrisse a porta a qualquer hora que chegasse, porque havia de vir tratar um negócio de muito segredo com o imperador. Mas foi Nosso Senhor servido, que pouco antes do dia em que ele determinava de fazer isto, tivesse o imperador algumas atoardas<sup>5</sup>, pelo que o mandou prender e lançar pregão que todos os que sabiam dele alguma coisa, viessem dizer, sob pena de morte. Testemunharam logo muitos que queria matar ao imperador [fol. 173] e a todos seus filhos e a Celá Christós e depois levantar outro imperador à sua vontade. Pelo que lhe mandou cortar a cabeça no terreiro do paço, ao que deu toda a corte grande aplauso e fez muita festa, parecendo a todos que lhes tinham tirado do pescoço um jugo mui pesado, pela grande opressão que em tudo lhes dava, tratando-os com excessiva violência, procurando que ninguém alevantasse cabeça, de maneira que o pudesse encontrar; e se entendia que algum, por grande que fosse, o encontrava em alguma coisa, logo buscava modo para o derribar e o queria engolir, como lobo. E assim, por ser tal sua vida, permitiu Deus Nosso Senhor que na morte, seu corpo fosse botado no campo aos lobos e que não achasse sepultura, senão uma cova deles, onde o meteram seus parentes e taparam com pedra, levando-o secretamente de noite, por ter proibido o imperador que ninguém o enterrasse.

Todas estas coisas referi, assim por serem dignas de memória, como por que visse o leitor mais claramente quanto se enganou Frei Luiz de Urreta no que disse, pág. 424, de sua *História*<sup>6</sup>, que os etíopes, como católicos cristãos, confessam e crêem em Cristo duas naturezas perfeitas, incomutáveis <sup>7</sup>e distintas; porque ainda agora estão muitos tão longe disso, que, com verem a providência grande que Deus Nosso Senhor tem dos que defendem sua santa fé e os manifestos castigos que deu às principais cabeças dos que a perseguem, não mudam propósito, nem os conhecem por tais. Antes, alguns afirmam que o patriarca e Iuliós, com os demais que morreram naquela guerra, foram mártires. E se acertasse a agora de morrer<sup>8</sup> o imperador, o que Deus não permita, tenho por sem dúvida que haviam de matar logo a *Eráz* Celá Christós e que nem a nós nos não haviam de deixar, o que ele [fol. 173v] mesmo me tem dito por vezes.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 157v/147v].

<sup>2</sup> Omissão no Ms. 778 BPB: imaginar. Nesta construção sintáctica, «com» tem valor concessivo.

<sup>3</sup> Não obtivera êxito.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: ou.

<sup>5</sup> Rumores.

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro II, cap. 4.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 158/148].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: agora.

<sup>1</sup> Omissão no Ms. 778 BPB: a lhe.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 157/147].

## CAPÍTULO VI

EM QUE SE TRATA DOS ERROS QUE OS ETÍOPEs TÊM ACERCA  
DAS ALMAS RACIONAIS.

Já que temos visto o que os etíopes dizem sobre a sacrossanta humanidade de Cristo Nosso Senhor, será bem referir agora brevemente o que afirmam acerca de Sua santíssima alma e das demais almas racionais, que são três erros gravíssimos. O primeiro, que Deus Nosso Senhor não cria as almas racionais, senão que vêm dos pais e que ainda a de Cristo Nosso Senhor tomou o Espírito Santo da santíssima alma da Virgem Nossa Senhora, porque só a de Adão criou Deus; e outros dizem que a fez dos quatro elementos. O segundo erro é que, quando a santíssima alma de Cristo Nosso Senhor desceu ao inferno, tirou não somente as dos santos padres que estavam no seio de Abraão, mas também todas<sup>1</sup> as dos condenados no inferno. O terceiro, que todas as almas dos santos padres, por grandes que fossem, estão no paraíso terreal, sem gozar<sup>2</sup> da glória e ali hão-de esperar até o Dia do Juízo, em que se unirão com seus corpos e entrarão juntamente no céu; nem as dos condenados estão no inferno, senão em outro lugar, nem hão-de ser atormentadas até que se juntem com seus corpos.

Estes três erros condenam os doutores e santos por heregias e, deixando outros muitos, o glorioso S. Tomás, falando do primeiro, 1.<sup>a</sup> parte, questão 118, artigo 2, diz que é herético afirmar que as almas intelectivas não as cria Deus, senão que vêm dos pais.<sup>3</sup> E S. Augustinho *Liber de hæresibus* cap. 79.<sup>o</sup>, tratando do segundo erro, afirma que é heregia.<sup>4</sup> Quanto ao terceiro, está condenado no Concílio Florentino, sessão última e no Concílio Tridentino, sessão 25.<sup>a</sup>.

Sobre todos estes erros, tratei muitas vezes em [fol. 174] disputas e práticas particulares com os principais letrados de Etiópia e algumas diante do Imperador Seltan Çaguêd e, perguntando-lhe sobre o primeiro, em que se fundavam, responderam que na *Escritura*, que diz *Gênesis*, 2, que, como Deus Nosso Senhor acabou de criar todas as coisas, descansou no sétimo dia, que quer dizer que daí por diante não criou coisa alguma e que afirmar que Deus cria todas as almas racionais era não lhe dar descanso, senão tê-lo sempre ocupado em criar tantos milhares de almas, como era necessário infundir cada dia nos corpos por todo o mundo. Respondi que a divina *Escritura* não queria dizer aí mais de que no sétimo dia cessou Deus Nosso Senhor de criar mais coisas novas, nem com novo modo do que tinha criado as outras, mas governa e multiplica as obras que naqueles primeiros dias fez. E assim, diz Cristo Nosso Senhor, por *S. João*, cap. 5.<sup>o</sup> que seu Padre e Ele até agora obram.<sup>6</sup> Por onde não é inconveniente que crie agora as almas, porque não são coisas novas, nem as cria por novo modo do que criou a primeira, nem por criar cada dia tantas, tem Deus nisso ocupação, assim

como a não teve quando criou o céu e a terra e quantas coisas há neles, pois, como diz David, *Salmo* 148, não fez mais que dizer e logo foram feitas, mandar e logo foram criadas<sup>1</sup>. E desta mesma maneira pudera criar outros mil mundos, se quisesse. Depois lhe trouxe algumas autoridades dos santos de quem eles tem notícia, como de S. Crisóstomo que na *Homília 23 in varia loca Mathei*, diz que a alma nem gera nem é gerada, nem conhece outro pai, afora daquele por cuja vontade é criada<sup>2</sup>. E de S. Hilário que, no livro 10.<sup>o</sup>, tratando da santíssima Trindade, diz que a alma do homem é obra de Deus e que a geração da carne sempre é da carne<sup>3</sup>. Mas fizeram-lhe estas autoridades pouca força, porque, como eles não têm estes livros, cuidam que [fol. 174v] alegamos falso. Pelo que, passando adiante, lhes trouxe alguns lugares da *Escritura* com que prova esta verdade, como de *Job* cap. 33.<sup>o</sup>: *O espírito de Deus me fez e o espiráculo do onnipotente me vivificou*<sup>4</sup> e David, *Salmos* 32 e 99: *Ele nos fez a nós e não nós a nós*<sup>5</sup>. Também Salomão, *Eclesiastes* último, onde diz: *Lembra-te de teu criador em tua mocidade antes que chegue a morte e torne o pó a sua terra donde era e o espírito que torne a Deus que o deu*<sup>6</sup>; e *Machabeorum*, cap. 7.<sup>o</sup>, *liber* 2, onde se conta que, exortando S.<sup>ta</sup> Felicitas a seus sete filhos que fossem e sofressem com bom ânimo os tormentos que lhes davam e morressem pela lei de Deus, lhes disse entre outras coisas que ela não lhes dera a alma, senão o Criador do mundo.<sup>7</sup> Respondeu um frade que tinham excomunhão para não admitir<sup>8</sup> tal doutrina que Deus cria as almas e assim, que não era necessário gastar tempo em disputar sobre esta matéria e que nem estes lugares queriam dizer o que eu inferia, mas outros entenderam bem a verdade e nem os mais que defendiam o contrário a puderam negar, antes a vieram a conceder, porque lhes trouxe autoridades de seus livros e do mesmo que rezam em uma das suas missas e lhes provei que se as almas dos filhos vieram dos pais, não foram imortais e assim já muitos crêem e confessam publicamente que Deus as cria.

O segundo erro fundam de suas cabeças em dizerem que, pelos merecimentos do sangue de Cristo Nosso Senhor, saíram não somente as almas dos santos padres que estavam no seio de Abraão, mas também as dos danados saíram e não mais é desonrar o sangue de Cristo.

Quão falso seja isto mostrei por vezes a muitos com lugares da *Escritura*, com autoridades de santos e com razões e alguns, convencidos da verdade, a receberam, em particular o imperador e seu irmão Celá Christós, o que entendendo [fol. 175] alguns frades, trabalharam muito por os tirar disso. E trouxeram um livro ao imperador que, sem declarar se falava também do inferno dos danados, dizia que<sup>10</sup> Cristo Nosso Senhor tirara todas as almas. Respondeu o imperador que aquilo não queria dizer mais de que tirou todas as almas do seio de Abraão; disseram eles que também se entendia dos danados. Disse eu então: «Dessa maneira, melhor foi a sorte dos maus que a dos santos, porque estes trouxeram sempre sobre seus pescoços o jugo da lei de Deus, com ser tão pesado

<sup>1</sup> *Salmos*, 148, 5.

<sup>2</sup> João Crisóstomo, «Homiliæ in Mathæum 23-24», *Opera Omnia*, 7.

<sup>3</sup> Hilário de Poitiers, *De Trinitate libri duodecim*, livro 10, 20, «[...] cum anima omnis opus Dei sit, carnis vero generatio semper ex carne sit.»

<sup>4</sup> *Job* 33, 4.

<sup>5</sup> *Salmos*, 33 (32), 9 e 100 (99), 3.

<sup>6</sup> *Eclesiastes*, 12, 1-7.

<sup>7</sup> *2 Macabeus*, 7, 1-23.

<sup>8</sup> *Ms. 778 BPB*: receber.

<sup>9</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 159/149].

<sup>10</sup> Omitido no *Ms. 778 BPB*: que.

<sup>1</sup> Omitido no *Ms. 778 BPB*: todas.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: gostar.

<sup>3</sup> Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, questão 118, art.<sup>o</sup> 2, tom. 3, pp. 1050-4, «Utrum anima intellectiva causetur ex semine.»

<sup>4</sup> Agostinho de Hipona, *De Hæresibus ad Quodvultdeum liber unus*, caput 79, p. 45, «Alia, descendente ad inferos Christo credidisse incredulos, et omnes exinde existimat liberatos.»

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 158v/148v].

<sup>6</sup> *João*, 5, 17.

que diz S. Pedro *Actos*, 15, nem seus pais, nem eles o podiam levar<sup>1</sup> e afora disso padeceram trabalhos sem conto, andando fugindo pelos desertos, como diz S. Paulo, angustiados, afligidos, uns mortos à espada, outros serrados, outros esfolados<sup>2</sup>; e os mais, com não terem dever com a Lei de Deus senão matar, roubar, dar a seus apetites quanto desejavam e chegar até o fim da vida com grande prosperidade e abundância de todas as coisas e muitos deles adorando ídolos e sacrificando seus filhos e filhas aos demónios, como diz David, *Salmo* 105<sup>3</sup>, que saíssem depois suas almas juntamente com as dos santos que estavam no seio de Abraão, para receberem o prémio da glória, melhor foi a sorte daqueles que a destes. Isto não se pode dizer, que Deus Nosso Senhor não faz iguais os maus com os bons, mas, como diz a divina Escritura a cada passo, dá a cada um conforme a suas obras e, porque as dos maus mereciam fogo eterno, os tinha condenado a ele e como já estavam lá, não os remiu o sangue de Cristo Nosso Senhor, porque no inferno não há redenção nenhuma. Disse um frade: «Deixe-nos Vossa Reverência, não se meta agora em nossas causas.» Pelo que calei, mas o imperador lhes respondeu de maneira que ultimamente não tiveram que falar.

<sup>4</sup>Outra vez se uniram alguns frades para acusar [fol. 175v] um primo do imperador que se chamava Edá Christós, porque dizia que Cristo Nosso Senhor não tirara mais que as almas dos santos padres que estavam no seio de Abraão. E veio ele a mim, não pouco atribulado, dizendo que queriam que lhe desse o imperador juiz contra ele e que determinavam de o fazer matar, que lhe aconselhasse o que seria bem fazer e o que havia de responder. Respondi que, já que defendia verdadeira fé e era senhor tão grande, assim tivesse o ânimo e coração, que aqueles nenhuma coisa lhe podiam fazer, nem lhe haviam de saber responder, que dissesse livremente que esta é a verdade, que a provaria com autoridades de santos, com razões e com a *Escritura Sagrada*. E aponte-lhe alguns santos e lugares, como aquele de<sup>5</sup> Salomão em<sup>6</sup> *Eclesiastes*, 9: *Os mortos não conhecerão mais coisa alguma, nem têm já mais prémio*. Quer dizer que, no que Deus Nosso Senhor determina, quando os homens morrem, não há depois mudança, nem recebem novo prémio, se merecem glória e não têm que purgar, logo lha dá e, se o inferno, lá os lança para sempre. E o que diz mais adiante, cap. 11.º: *Se cair o pau para o austro ou para o aquilo, em qualquer lugar que cair ali estará*, porque, por austro, entende a glória celestial, por aquilo, as penas do inferno e, assim, quer dizer que os que uma vez caíram naquelas penas, nunca mais saem delas<sup>7</sup>. Também *Eclesiástico* 24, falando da divina sabedoria, diz que prometeu de ver todos os mortos e alumiar os que esperavam no Senhor<sup>8</sup>. Os que esperavam no Senhor eram somente os que estavam no seio de Abraão, porque os que estavam no inferno não esperavam no Senhor, antes muitos deles não tiveram nunca notícia do Senhor, porque eram gentios idólatras e gastaram toda sua vida em gravíssimos pecados e, assim, Cristo Nosso Senhor não os alumiou; ali ficaram em suas trevas e tormentos. Isto mesmo nos declarou S. Judas no prin[fol. 176]cípio de sua epístola, dizendo que os anjos maus estão nas prisões eternas, assim como os de Sodoma e Gomorra, por seus pecados, estão nas penas do inferno<sup>9</sup>. Também se colige isto claramente

do cap. 11.º de *S. Mateus*, onde diz Cristo Nosso Senhor que se há-de haver com mais brandura no Dia do Juízo com os de Tiro, de Sidon e de Sodoma que com os de Corocaim, de Bethsaida etc; quer dizer que estes hão-de ter maior pena no Dia do Juízo que aqueles, porque ouvindo a doutrina que ele pregava e vendo as maravilhas e milagres que fazia, não se emendavam de seus pecados e faziam penitência, que, se os de Tiro, de Sidon, etc. viram estas maravilhas, se houveram de emendar e fazer penitência, mas porque as não viram, sua culpa é menor que a daqueles e assim também o será a pena no Dia do Juízo<sup>1</sup>. <sup>2</sup>Por onde, já que então hão-de ter tormentos, segue-se que não os tirou Cristo Nosso Senhor dos que já tinham, quando desceu aos infernos, porque, se então os tirara, não os houvera de tornar a meter neles no Dia do Juízo. O mesmo se colige do que mostraram a S. João, *Apocalipse*, 14, falando dos idólatras que morreram antes de Cristo Nosso Senhor (como ele declarou mais adiante cap. 17.º) diz que o fumo de seus tormentos subirá para sempre dos sempre e que não têm descanso dia e<sup>3</sup> noite<sup>4</sup>.

Depois que o acabei de instruir no que havia de fazer e dizer, me pediu que me fosse ao imperador, para me achar presente, porque logo haviam de vir os frades a lhe pedir juiz. Fui eu entrando, ele logo após mim e dali a pouco veio um frade dos mais principais e, entrando, começou a dizer em alta voz: «Dê-me o imperador justiça contra Edá Christós, que desonra o sangue do Cristo, afirmando que quando desceu aos infernos, não tirou mais que as almas dos santos padres.» Respondeu Edá Christós: «Senhor, eu não desonro o sangue de Cristo, antes o tenho em grande veneração e defendo a verdade. Este frade desonra a justiça de Deus Nosso Senhor que, tendo condenado a tormentos [fol. 176v] eternos aos gentios idólatras e aos que quebrantaram sua santa Lei e gastaram toda a vida em pecados, diz que depois se salvaram. Mande-lhe Vossa Majestade que me responda e seja o padre juiz, que eu mostrarei claramente na *Sagrada Escritura* ser falso o que ele afirma.»

Enfadou-se muito o frade e disse: «Porque há-de ser o padre nosso juiz? Porventura falta entre nós quem o possa ser tão bem como ele?» E começando a porfiar com mais liberdade do que convinha naquele lugar, lhe disse o imperador, enfadado, que se fosse embora um e outro, que não lhes pertencia a eles determinar aquelas coisas e assim se saiu o frade sem levar juiz, nem o pediu mais, por ver que o imperador estava da nossa parte, mas sempre porfiam muitos contra nós e contra os que têm esta verdade.

Acerca do terceiro erro, tinham comumente em Etiópia, quando eu entrei nela, por tão certo que as almas dos santos, por grandes que sejam, estão no paraíso terreal, sem gozar da glória, e que ali hão-de esperar até o Dia do Juízo, em que se unirão com seus corpos e entrarão juntamente no céu e que as dos maus não estão no inferno, senão em outro lugar perto do paraíso terreal e que não hão-de ser atormentadas até que se ajuntem com seus corpos, que não havia quem nisso pusesse dúvida. Mas depois que os padres e eu lhes fomos declarando esta matéria em disputas públicas e práticas particulares, <sup>5</sup>lhes mostrámos claramente em lugares da *Escritura* e razões que as almas dos santos que não têm que purgar, logo em morrendo entram no céu e gozam da glória que merecem

<sup>1</sup> *Actos dos Apóstolos*, 15, 10.

<sup>2</sup> *Hebreus*, 11, 8-38.

<sup>3</sup> *Salmos*, 106 (105), 19-39.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 159v/149v].

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: em.

<sup>7</sup> A primeira citação é de *Eclesiastes* 9, 5 e a segunda de *Eclesiastes* 11, 3.

<sup>8</sup> *Eclesiástico* 24, 45.

<sup>9</sup> *Epístola de Judas*, 6, 7.

<sup>1</sup> *Mateus*, 11, 21-24.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 160/150].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: nem.

<sup>4</sup> *Apocalipse*, 14, 11 e 17, 8. O autor aplicou com alguma frequência, em palavras cuja morfologia é actualmente invariável, a flexão quanto ao número, como no caso da expressão «para sempre dos sempre.»

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 160v/150v].

suas obras e que as almas dos que morrem em pecado mortal vão logo ao inferno, onde são atormentadas, muitos receberam esta verdade e a crêem. Porém, muitos mais [fol. 177] são os que ainda ficam em<sup>1</sup> seu erro. E assim, estando eu com o imperador pouco tempo há, entraram alguns frades e começaram a falar sobre esta matéria e com lhes trazer eu razões e lugares da *Escritura* a que não souberam, nem podiam responder, não se mostravam convencidos, até que lhes trouxe autoridades de seus mesmos livros, que não puderam negar. E assim lhes disse o imperador: «Para que porfiais em coisa que o padre tem tão bem provada com as *Escrituras* e com vossos mesmos livros?» E assim respondeu o principal deles que não se podia negar.

Do que temos dito se vê claramente quão falsa foi a informação que Frei Luiz de Urreta teve sobre esta matéria, pois na pág. 420 de sua *História Etiópica*, diz que os etíopes não têm este erro, dizendo:

*Los etiopes, con catholico sentimiento, creen y tienen y siempre han creído que las almas de los buenos, sino tienen que purgar en el punto que salem desta vida, veen la divina essencia y gozan de Dios como bienaventurados*<sup>2</sup>.

## CAPÍTULO VII

EM QUE SE MOSTRA COMO OS ETÍOPES VASSALOS DO PRESTE JOÃO,  
DE MUITOS TEMPOS A ESTA PARTE, SÃO CISMÁTICOS DESOBEDIENTES  
À SANTA IGREJA ROMANA.

Perguntando eu a muitos dos principais letrados e velhos de Etiópia, de quantos tempos a esta parte estão desunidos da Igreja romana, me responderam que desde o tempo de Dióscoro e esta é a comum prática entre eles e parece coisa certa, porque sempre seguiram suas partes e maldita doutrina e o veneram por santo, e a S. Leão Papa, que o condenou, têm por herege, como fica dito no cap. 3.º deste 2.º livro. E, ainda que o imperador David, que depois se chamou [fol. 177v] Onag Çaguêd, escreveu cartas ao sumo pontífice e reis de Portugal, o ano de 1524, mostrando querer unir seu império à santa Igreja romana, não teve isto efeito, porque morreu antes que cá chegassem os portugueses, com cuja ajuda o queria fazer. E, posto que seu filho Cláudio (a quem, quando fizeram imperador, chamaram Atanáy Çaguêd) recebeu por patriarca a D. João Bermudes,<sup>3</sup> que veio com D. Cristóvão da Gama<sup>4</sup> e mais portugueses no ano de 1541, parece que não fez isso mais que por contemporizar com os portugueses, de quem naquele tempo tinha tanta necessidade, porque depois de lhe terem livrado seu império da tirania dos mouros e sujeitados todos seus inimigos, quando se houvera de mostrar mais agradecido a Nosso Senhor que lhe fizera tão grandes mercês e aos portugueses que por ele tomaram tantos trabalhos, então mostrou quão longe estava

de receber a santa fé da Igreja romana ou de obedecer a seu patriarca, porque trouxe outro de Alexandria e D. João Bermudes se tornou para a Índia, deixando-o excomungado, como dissemos no cap. 10.º do 1.º livro. E para que se veja mais claramente que, ainda que mostrou aceitar por patriarca D. João Bermudes, seu ânimo não era de obedecer à Igreja romana, referirei algumas das coisas que pelo tempo adiante sucederam, em que ele mostrou bem este seu ânimo.

Primeiramente, entrando em Etiópia o Padre Mestre Gonçalo Rodrigues de nossa Companhia com o embaixador Diogo Dias, o ano de 1555, por ordem de D. Pedro Mascarenhas, então vice-rei da Índia, para dispor e prevenir a este Imperador Cláudio para a vinda do padre patri[fol. 178]arca D. João Nunes Barreto<sup>1</sup> da nossa Companhia e de seus companheiros, que já se ficavam aparelhando em Portugal<sup>2</sup>, procurou fazer isto com muita diligência, mostrando-lhe com razões e obrigação que tinha de receber ao padre patriarca e seus companheiros e dar obediência à santa Igreja romana e trazendo-lhe à memória as cartas que ele mesmo escrevera a Portugal e a Roma, em que prometia de se unir com a santa Igreja de Roma. E, para mais o mover a isto, fez um tratado<sup>3</sup> em que, com lugares da *Escritura* e razões claras, mostrava quão grandes eram os erros de Etiópia e a verdade de nossa santa fé e como todos os cristãos estavam obrigados a obedecer ao sumo pontífice romano e lho apresentou. Mas não aproveitou nada, como o mesmo padre afirma em uma comprida carta que de Goa escreveu aos padres da Companhia em Portugal, em 13 de Setembro de 1556, e a refere o Padre Fernão Guerreiro de nossa Companhia na *Relação anual das coisas que fizeram os nossos padres na Índia Oriental o ano de 1607 e 1608*, pág.<sup>4</sup> 281, onde, depois de contar muitas coisas que passou com o imperador, diz assim:

*Finalmente, passadas muitas razões de parte a parte, estando presentes os portugueses, lhe disse pelo capitão que o que eu pretendia naquele papel que lhe dei escrito era saber seu intento acerca de dar a obediência ao pontífice romano e receber os letrados e religiosos que el-rei de Portugal, seu irmão, lhe queria mandar, porque se ele os não queria, nem queria obedecer, não tinham eles para que vir a seu reino; que visse Sua Alteza se queria dar obediência, como a dera e mandara a Sua Santidade, estando em tal parte. A isto respondeu que ele religiosos e letrados tinha em seu reino e por isso dos d'el-rei [fol. 178v] de Portugal não tinha necessidade, nem menos dera nunca obediência ao romano pontífice, que a obediência que Gaspar de Magalhães levava, ele a não dera, mas que um frade arábio, que tresladou suas cartas para el-rei de Portugal, errara e as não entendera. Finalmente concluiu que ele não queria obedecer senão ao patriarca de Alexandria, a quem sempre obedecera. Pelo que vendo em sua deliberação e obstinação, me despedi dele*<sup>6</sup>.

Até aqui são palavras do Padre Mestre Gonçalo, em que se vê que, ainda que o Imperador Cláudio recebeu por patriarca a D. João Bermudes, não foi de coração, pois diz que nunca deu obediência ao papa, nem obedecera senão ao patriarca de Alexandria e, ainda que o padre tornou a falar outras vezes com ele, não pode alcançar mais que licença para que viessem os padres e que os ouviria. E depois que se partiu da corte, caminho da Índia, onde chegou em Setembro de 1556, lhe escreveu

<sup>1</sup> Ver glossário (João Nunes Barreto).

<sup>2</sup> O autor retomou o mesmo assunto com maior dilação no livro III, cap. IV, *infra*. Ver glossário (primeira missão jesuíta).

<sup>3</sup> Ver glossário (*Tratado sobre todos os erros de Etiópia*).

<sup>4</sup> Mais apropriadamente, fólio.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 161v/151v].

<sup>6</sup> F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942) fol. 282v / p. 307. Pedro Páez transcreve a carta de Gonçalo Rodrigues na íntegra, no livro III, cap. IV, *infra*.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: com.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excerto do livro II, cap. 3, pp. 404-21.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 161/151].

<sup>4</sup> Ver glossário (Cristóvão da Gama).

uma carta um português honrado que se chamava Afonso de França<sup>1</sup> e foi o intérprete do padre, assim no tratado que escreveu<sup>2</sup>, como quando falava com o imperador por saber bem a língua e andar sempre na corte, na qual lhe refere uma comprida disputa que teve com o imperador sobre as coisas da fé e lhe declara bem sua obstinação e perfídia, concluindo depois a carta com estas palavras:

*Pelo que entendo que tomará el-rei ser antes súbdito dos mouros, como os povos dioscóreos, que são os de Alexandria e Egipto, que dar a tal obediência ao santo pontífice e esta verdade nunca quis até agora descobrir a Vossa Reverência pelo não desconsolar, de maneira que deixasse de fazer a diligência que a seu ofício competia.*<sup>3</sup>

Esta mesma dureza e obstinação mostrou [fol. 179] sempre até à morte o Imperador Cláudio, como o testificaram os padres da Companhia que, depois, em Março de 1557, entraram em Etiópia com o Padre Bispo D. André de Oviedo em uma carta que<sup>4</sup>, juntamente, escreveram a Roma no ano de 1562 ao Padre Diogo Laines, geral que então era da Companhia e a refere o Padre Fernão Guerreiro <sup>5</sup>na *Relação Anual* acima relatada, pág.<sup>6</sup> 294, por que tendo contado miudamente o discurso de seu caminho e chegada ao imperador, dizem assim:

*Depois de algumas práticas, lhe deu o bispo as cartas do governador da Índia e do nosso patriarca e outras e el-rei, tomando-as, se começou logo a mostrar desgostoso nas coisas de sua redução, da qual ele estava tão longe como Roma de Etiópia. Mas como era nobre e discreto e amigo dos portugueses, encobria seu desgosto, ainda que não tanto que deixasse de dar manifestos desenganos de si e de sua perfídia. Porém sempre se houve mui comedidamente com o bispo.*<sup>7</sup>

E mais adiante, tendo tratado das disputas que o padre bispo teve diante dele com seus letrados e como todos diante do bispo pareciam boçais, ainda que com gritos procuravam mostrar que eles venciam, prossegue desta maneira:

*Vendo o padre bispo o pouco que nisto se fazia, tomou todos as principais matérias e pontos de seus erros e se deu a escrever sobre eles e lhe apresentou estes escritos, aos quais el-rei respondeu com fazer outros sobre eles, resolvendo-se juntamente que não havia de obedecer a Roma. E depois de ter isto assaz declarado e se mostrar desgostoso contra o bispo e dizer publicamente que não queria o Concílio Efesino primeiro, para o qual o bispo o chamava, senão somente os costumes e fé de seus antepassados. O bispo se despediu [fol. 179v] dele com determinação (saltem ad tempus) de dar lugar a seus desgostos. Estes tão claros desenganos deu el-rei no fim de Dezembro de 58 e logo no Janeiro seguinte de 59, o bispo se despediu dele e no mês de Fevereiro, pouco depois, vieram a esta terra os mouros, a quem cá chamam malaçais<sup>8</sup>, que por ventura serão os amalecitas e, no mês de Março logo seguinte e na quinta-feira da Semana Santa, se encontrou el-rei com eles e sua gente lhe fugiu e o deixaram no campo onde o miserável morreu e, com ele, nosso capitão com dezoito portugueses e foi a vitória tão pouco esperada dos mouros, que seu capitão, atribuindo isto a só Deus, se desceu do cavalo e cavalgando em um asninho, celebrou o triunfo de sua vitória.*<sup>9</sup>

<sup>1</sup> Ver glossário (Afonso de França).

<sup>2</sup> Ver glossário (João Bermudes).

<sup>3</sup> F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fol. 286 / p. 312.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 162/152].

<sup>6</sup> Mais apropriadamente, fólio.

<sup>7</sup> F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fol. 295v / p. 323. Esta carta foi a principal fonte de Pedro Páez sobre os primeiros anos da primeira missão na Etiópia e citou-a longamente no livro III, caps. IV, V e VII, *infra*.

<sup>8</sup> Nome por que era designada a população islamizada; forma portuguesa de «slamawi». A associação aos «amalacitas» foi feita por aproximação fonética (ver p. 498, nota 2).

<sup>9</sup> F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fol. 296 / p. 324. Passagem retomada integralmente por Manuel de Almeida (*Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 381-2).

Todas estas são palavras dos padres da Companhia em que se mostra bem quão longe esteve sempre o Imperador Cláudio de obedecer à santa Igreja romana. Mas, porque falando o Padre Bispo D. André de Oviedo dele e de seus vassallos, declarou isto mesmo por sentença, a qual eu tenho na minha mão assinada da própria sua, a referirei aqui por suas mesmas palavras, que são as seguintes:

*Andreas de Oviedo Dei et Apostolica Sedis gratia Episcopus Hieropolensis, ac coadiutor Reuerendissimi in Christo patris et domini Joannis Barreto Patriarchæ Aethiopiae. Porque assi como aiuda publicar y loar los bienes para imitarlos, assi tambien ayudan los males publicos dizirlos y estrañarlos para que se huian; por tanto, aviendo nos predicado publicamente en Ethiopia las cosas de la fe y escritolas y veniendo a noticia de muchos o los más que han querido saberlas y hasta ahora no han [fol. 180] querido recibir nuestra dotrina, ni la fe de Roma, antes en oye el año passado, por la Cruz, se dio pregon que nadie entrasse en nuestra iglesia soppena de la muerte y hazerse a costumbres de sus padres. Y nos parece que no hierran por ignorancia y tienen muchas cosas que no son buenas, ni servicio de Nuestro Señor, por tanto definimos y por sentencia declaramos que la gente de Ethiopia en común, grandes y baxos y letrados y otros del pueblo abexines, no quieren obedecer a la santa Iglesia de Roma, siendo obligados a ello como todos los cristianos, siendo la Iglesia de Roma cabeça de todas las Iglesias (y el papa de Roma padre y pastor y superior de todos los cristianos) y se rebaptizan muchas vezes y por muchas causas, lo qual es contra la berdad de la fe. Item, guardan publicamente los Sabados y primero no los guardavan en la Ethiopia y se circuncidan y a muchos esclavos y outros que hazen cristianos tambien suelen circuncidar y muchos estrañan, o tienen por peccado, comer carne de puerco y liebre y otras cosas, lo qual era de la Ley de Moyses, que<sup>2</sup> en estas<sup>3</sup> cosas iá cesó por la muerte de Cristo y descasan por justicia contra razon y contra lo que manda Cristo en los Evangelios y muchos tienen por pecado los hombres que tienen aiuntamiento com sus mugeres, entrar el otro dia en las iglesias, no siendo esto mandamento de Cristo ni de la iglesia. Y muchos letrados defienden porfiosamente que em Cristo hay una sola naturaleza y una operacion y que la humanidad de Cristo es igual a la divindad, lo qual es contra la fe y el Evangelio y los Synodos, que dizen que Cristo, una sola persona, tiene dos naturalezas y dos operaciones y dos voluntades y que Cristo, según la divindad, es igual al Padre y según la humanidad es menor que el Padre; [fol. 180v] y en común hazen fiesta a 14 dias, parece que es de nuestro Setiembre, de Dioscoro defensor de Eutiques heretico, siendo ambos condenados por la Iglesia y por esto no devian a tener puesto en <sup>4</sup>Ethiopia a Dioscoro. Y tienen otras cosas contra la fe de Roma, lo qual no devian de hazer; porque la fe es una sola y la fe de la iglesia de Roma por promessa de Cristo no puede errar.*

*Por lo qual amonestamos a nuestros hijos spirituales que se aparten destos y otros errores que tienen los de Ethiopia y que no caigan en ellos y a los etiopes remitimos al juizo de la Iglesia y de los superiores de ella, quanto al castigarlos en sus personas y bienes en publico o en secreto, o usar con ellos de misericordia, según mejor les pareciere y con quien les pareciere, en todo ó en parte, maiormente aviendo emienda la qual Dios les dee por su misericordia.*

*Hecha en el Decomo, en Ethiopia, a dos dias de Feverero de 1559.*

*Gonçalo Cardoso Notário Apostólico.*

*Andreas Episcopus Hieropolensis.*

*Fue publicada en nuestra Iglesia en el Decomo a 2 de Feverero de 1559.*<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 162v/152v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: laqual.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: nuestras.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 163/153].

<sup>5</sup> Esta carta foi também transcrita por Manuel de Almeida (*Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 383-4).

Até aqui são palavras da sentença do Padre Bispo D. André de Oviedo, que depois foi patriarca e delas e do demais que temos dito, se mostra bem claro que, enquanto viveu o Imperador Cláudio, nem ele nem seus vassallos obedeceram à santa<sup>1</sup> Igreja romana, nem seu irmão Minás, que lhe sucedeu no império e se chamou Adamás Çaguêd, deu nunca obediência. Antes, quatro anos que viveu no império, perseguiu acerrimamente<sup>2</sup> os católicos, e a muitos fez retroceder com suas ameaças e crueldades, como o afirmaram os padres da Companhia na mesma carta que antes desta sentença começámos a referir [fol. 181] e a continuaremos no livro 3.º, onde trataremos de propósito deste Imperador Adamás Çaguêd.

Morto Adamás Çaguêd, lhe sucedeu o Imperador Zerça Denguîl seu filho, que se chamou Malác Çaguêd e reinou trinta e três anos, mas, ainda que não perseguiu aos católicos como seu pai, não deu nunca obediência à Igreja romana, porque, posto que no ano de 1576 mandou um homem à Índia e, depois, no de 1593, um frade que se chamava Taclá Mariam a Roma, por via do Cairo, e levava carta do capitão dos portugueses, por nome António de Góis, para Sua Majestade e dos padres para Sua Santidade e para o geral da Companhia<sup>3</sup>, não escreveu o imperador, nem pretendia unir-se com a Igreja romana, senão ter ajuda de portugueses contra os turcos e uns gentios que chamam gâlas, que molestavam muito o seu império, como o testemunham agora os portugueses velhos que conheciam muito bem sua natureza e entendiam suas pretensões.

A este imperador sucedeu um seu filho bastardo chamado Iacob, menino de sete anos, pelo que governaram o império a imperatriz Mariam Siná e Atanateus, seu genro, perto de sete anos. E neste tempo não trataram de se unir<sup>4</sup> com a Igreja romana. Antes, a uma carta que lhes veio da Costa de Melinde, por terra dos padres de S. Agostinho, em que os exortavam a que se unissem com el-rei de Portugal, responderam que não tinham necessidade mais que de alguns oficiais de diversos ofícios e todos os grandes foram de parecer que, de nenhuma maneira, admitissem portugueses.

O ano de 1603 em Maio, entrei eu em Etiópia e havia pouco que começara a governar Iacob e logo, em Setembro, o depuseram [fol. 181v] e mandaram preso aos confins do império, a um reino que chamam Nareá e elegeram a um seu primo, que se chamava Za Denguîl, o que sentiram muito os portugueses, porque segundo me afirmaram, era mui contrário às coisas de nossa santa fé, mas depois que as entendeu por meio das disputas que tive diante dele por muitos dias com seus letrados, de que tenho falado por muitas vezes, logo se determinou de dar a obediência à santa Igreja romana e sujeitar-lhe todo seu império, mas não teve isto efeito, porque entendendo os seus vassallos, se levantaram os principais contra ele e lhe deram batalha campal aos 13 de Outubro de 1604 e o mataram, como diremos no livro 4.º, e depois trouxeram a Iacob e, juntando-me muitas vezes com ele, lhe dei a entender nossas coisas. E desejava também unir-se com a Igreja romana, mas sem o poder fazer, o mataram em batalha a 10 de Março de 1607 e entrou no império um seu primo, que se chamava Susniós, e agora se chama Seltan Segued. Com este também fui continuando muito tempo, mostrando-lhe bem a verdade de nossa santa fé; se determinou de a seguir e defender até morrer por isso e dali por diante, até hoje, buscou com grande fervor e diligência todos os meios possíveis para fazer que seus vassallos aceitassem esta santa fé e obedecessem à santa Igreja romana, e nunca o pôde acabar com eles, antes por esta causa o quise-ram matar muitas vezes, principalmente em Maio de 1617, como dissemos no cap. 5.º deste 2.º livro.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: santa.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: atrocissimamente.

<sup>3</sup> Em carta datada de 1596, assinada por um grupo de portugueses, lê-se que Tâklâ Maryam foi enviado a Roma por aqueles em 1591 (ver C. Beccari (org.), *RÆSOI* 10, Roma, 1910, pp. 391-393).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 163v/153v].

Por onde não há dúvida nenhuma, senão que os etíopes vassallos do Preste João, de muitos tempos a esta parte, foram<sup>1</sup> e são hoje cismáticos<sup>2</sup> desobedientes à santa Igreja romana.

[fol. 182] Do que temos dito se vê bem claro quão pouca informação tinha das coisas de Etiópia Frei Luiz de Urreta, pois, no cap. 5.º do 2.º livro de sua *História* e no 1.º do 3.º livro, pretende provar que os etíopes em nenhum tempo foram cismáticos, nem negaram a obediência ao pontífice romano e, em confirmação disto, falando do tempo em que Francisco Álvarez<sup>3</sup> e o embaixador D. Rodrigo de Lima entraram em Etiópia, que foi o ano de 1520, diz assim, pág. 449:

*Desde entonces, acodieram a Roma, y el Papa Clemente VII mando<sup>4</sup> por breve particular que el arzobispo mas antiguo fuesse abuna e nuncio apostolico, que em todo tuviesse las vezes del Papa; y muerto aquel, sucedisse el mas antiguo y viejo de edad. Confirmaram este cargo Paulo III, Pio V, Gregório XIII, Sisto V, y mandaran estos summos pontifices que se se offerecia algun negocio de importancia en el qual el nuncio no se pudiesse determinar, entonces acodiessen a Roma por la declaracion y, si no, a Lisboa al nuncio apostolico e, no pudiendo tan poco acodir a Lisboa, fuessem a Goa, cuyo prelado con los theologos de aquella ciudad resolviesse el caso y diesse la respuesta, dandolhe pera ello todas sus vezes. Y desta suerte se gobiernam agora en la Etiópia.*<sup>5</sup>

Até aqui são palavras do autor; mas em Etiópia nem<sup>6</sup> há arcebispos, nem bispos e o *abuna* é sempre egípcio e o manda o patriarca de Alexandria, que reside no Cairo e, depois que eu aqui estou, conheci dois enviados por ele, por onde, ainda que o Papa Clemente VII passasse aquele breve (se o passou) e o confirmassem os demais sumos pontífices que ele diz (o que saberão em Roma se é certo), não teve efeito o que nele se mandava, nem o podia ter, pois não havia tais arcebispos.

Semelhante a isto é o que diz, pág. 6167, que o Imperador Mena (que não se chamou senão [fol. 182v] Minás) escreveu ao Papa Pio V e fez que todos os do Grão Conselho também lhe escrevessem com muita submissão e lágrimas, com grande cristandade e religião, confessando-se todos por católicos cristãos, filhos da Igreja romana e juntamente dando-lhe de novo a obediência e pedindo-lhe mandasse o *Concílio Tridentino*. Mal podia o Imperador Minás escrever estas coisas a Pio V, pois, além de ser tão cruel perseguidor da Igreja católica e inimigo de sua santa fé, como temos visto e veremos compridamente no 3.º livro, ele morreu no mês de Fevereiro de 1563, e o Papa Pio V foi eleito em Janeiro de 1566, e pelo conseguinte muito menos lhe podia escrever Pio V a carta que o autor põe pág. 5788, que diz foi escrita em Novembro de 1570. Nem tem força o que traz, pág. 4599, do embaixador do Preste João, a quem nomeia Zagazabo, que não se chamava senão Zaga Ça Ab, que quer dizer «Graça do Padre», que disse a el-rei de Portugal D. João III que os etíopes do princípio da primitiva Igreja conheciam e confessavam ao pontífice romano por primeiro bispo e que, até aquele dia, o obedeciam como vigário de Cristo. Nenhuma força tem isto, pois, demais de que

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: sempre.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: cismáticos.

<sup>3</sup> Ver glossário (Francisco Álvares).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 164/154].

<sup>5</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excerto do livro II, cap. 5, intitulado «En el qual se prueba que los Etiopios en ningun tiempo han sido cismaticos, ni negado la obediencia al Romano Pontifice antes siempre le han reconocido por cabeça desde la primitiva Iglesia», p. 449.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro III, cap. 1, intitulado «En el qual se pone una defensa y Apologia de la fé Católica, y religion Christiana que siempre han guardado los Etiopios : y se trata de la Christianidad de los Christianos de la Asia, y de todas las provincias del mundo» (pp. 571-623).

<sup>8</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro III, cap. 1.

<sup>9</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro II, cap. 5.



muitas coisas das que ele disse em Portugal se acharam depois muito diferentes, facilmente mostram os etíopes que seguem as mesmas coisas daqueles em cujas terras se acham.

## 1CAPÍTULO VIII

### EM QUE SE DECLARA COMO OS ETÍOPES SE CIRCUNCIDAM, GUARDAM SÁBADO E OUTRAS CERIMÓNIAS JUDAICAS.<sup>2</sup>

**U**ma das coisas a que mais aferrados estão até hoje<sup>3</sup> os etíopes, é à circuncisão, tanto que, como eles mesmos dizem, se entre eles ficassem alguns sem se circuncidarem, os teriam por gentios. [fol. 183] E assim chamam por grande injúria *colafá*, que quer dizer «incircunciso» e, quando compram escravos gentios, enquanto os não circuncidam, não comem de nenhuma maneira nos pratos em que comem os escravos, nem bebem pelos púcaros por que eles bebem, sem primeiro os benzer algum sacerdote, ou pelo menos os lavarem muito bem, porque lhes parece que ficam contaminados.

Circuncidam aos oito dias os meninos<sup>4</sup> e algumas vezes as meninas, ordinariamente em casa de seus pais, e comumente fazem isto mulheres. E quando lhes perguntamos por que o fazem, pois a circuncisão é já acabada, uns respondem que porque assim o acharam de seus pais, outros que por formosura, outros que porque assim o manda a Lei. Não lhes aproveita nada Cristo, que isto quer dizer que ainda não veio, pois a circuncisão era sinal de que havia de vir, *Gênesis* 17<sup>5</sup>, e assim os que se circuncidam estão obrigados a cumprir toda a Lei, como diz S. Paulo, *ad Galatas*, 5.<sup>6</sup> Respondem que também ali diz S. Paulo que nem a circuncisão vale nada, nem o prepúcio, senão a fé que obra por caridade, por onde não é nada circuncidarem-se. A isto lhes acudi com que, se fora esse o sentido daquele lugar, em poucas palavras se contradizia o apóstolo, dizendo: *Se vos circuncidais não vos aproveita nada Cristo*, e logo: *não é nada circuncidar-vos*; o mesmo é que dizer: não podeis circuncidar-vos e podeis-vos circuncidar. O que ali pretende S. Paulo é desenganar os gálatas, que, sendo de casta gentios, depois de se converterem e ser publicada a Lei de Cristo Nosso Senhor, punham sua esperança na guarda da circuncisão e cerimónias da Lei, parecendo-lhes que, sem isto, não bastava a graça para a salvação, e declara-lhes que, numa circuncisão, nem o prepúcio vale nada para esta esperança, senão a fé que obra por caridade, porque a esperança da salvação não vem da circuncisão, nem do prepúcio, senão da fé com obras que, sem estas, também ela é morta, como diz S. *Tiago*, cap. 2.<sup>o</sup><sup>7</sup>

[fol. 183v] Ouvindo estas coisas, e vendo que não têm que responder, se acolhem a que o fazem por formosura, ao que lhes respondemos que esta escusa não é bastante para <sup>8</sup>poderem fazer uma

coisa de que tanto se escandalizam os mais cristãos e tão seriamente proíbe S. Paulo em tantas partes e proibiram os apóstolos naquele célebre concílio que fizeram em Jerusalém, que se refere nos *Actos dos Apóstolos*, cap. 15. Com estas e outras coisas que lhes trazemos em disputas gerais e práticas particulares, vieram muitos a confessar que era certo não se poderem circuncidar e alguns deixam já de circuncidar seus filhos e escravos que compram gentios. E, entre eles, o imperador que, nascendo-lhe um filho e três ou quatro netos, depois que ouviu nossa doutrina, mandou que os não circuncidassem e assim os deixaram, mas os outros estão tão duros que de nenhuma maneira podemos acabar com eles que deixem a circuncisão.

Guardam também os etíopes comumente os Sábados e muitos dos frades com tão grande observância e rigor que parece que antes se deixarão matar que quebrá-lo. Começam a guarda dele sexta-feira à tarde como os judeus e alguns, em todo aquele dia, não saem de umas casinhas muito pequenas que têm dentro da varanda que ordinariamente fazem à roda da igreja, nem falam com ninguém até à tarde, que vão a comer. E particularmente<sup>1</sup> em um mosteiro de muitos frades, que se chama Bisam e<sup>2</sup> está como um dia e meio de caminho do porto de Maçuá, comem carne sexta-feira à tarde, porque dizem que já entrou a festa do Sábado e, à sua imitação, a comem também (segundo dizem) os moradores da província de Amacem e os das demais terras que estão perto do Mar Roxo. E, quando eu entrei em Etiópia, nas primeiras disputas que tive com os letrados diante do Imperador Za Denguil, a primeira coisa que me perguntaram foi porque não guardávamos Sábado. Respondi que porque o Sábado era a principal cerimónia judaica e a principal figura do Testamento Velho, como declarou S. Paulo *ad Colossenses* [fol. 184] cap. 2.<sup>o</sup><sup>3</sup>, e como, com a vinda e morte de Cristo Nosso Senhor, se acabaram as cerimónias e figuras do Testamento Velho, não se podia já guardar o Sábado e, por esta causa, reprendia S. Paulo severamente aos colossenses e aos gálatas nas epístolas que lhes escreve, porque guardavam o Sábado.<sup>4</sup> E referindo-lhes estes lugares e os mais do *Sagrado Evangelho* com que se mostra que tudo isto é acabado e declarando-lhes as razões por que a santa Igreja guarda o Domingo em lugar do Sábado, vieram alguns deles a confessar que era certo não se poder guardar. E o Imperador Za Denguil, que era de grande entendimento, mandou lançar pregão que ninguém guardasse o Sábado dali por diante e já o começavam a quebrar, particularmente na corte, mas como pouco depois o mataram, tornaram logo a seu antigo costume, até que entrou o imperador hoje vive, <sup>5</sup>que, entendendo nossas coisas, lançou também pregão que ninguém o guardasse e muitos trabalham já nele. E se não fora pelo mau exemplo e doutrina dos frades, já se houvera de tirar de todo a guarda do Sábado, porque estes metem em cabeça à gente do povo que têm obrigação de o guardar, tanto que por esta causa houve, há pouco tempo, um grande levantamento contra o imperador, como diremos no fim do livro 4.<sup>o</sup>

Não somente se circuncidam os etíopes e guardam Sábado, como temos dito, mas deixam de comer algumas coisas que proíbia a Lei, como lebre, coelho, e mostram grande aversão aos portugueses, porque ouviram dizer que comiam. E, ainda que alguns comem porco do mato e peixe que não tem escama, estes são poucos; os demais, principalmente frades, por nenhum caso o comem.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 164v/154v].

<sup>2</sup> O conteúdo deste capítulo foi retomado por Manuel de Almeida (*Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 133-6).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: estão.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: os meninos.

<sup>5</sup> *Gênesis*, 17, 9-14.

<sup>6</sup> *Gálatas*, 5, 2-6.

<sup>7</sup> *Epístola de Tiago*, 2, 17.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 165/155].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: em particular.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

<sup>3</sup> *Colossenses*, 2, 16-17.

<sup>4</sup> *Gálatas*, 3, 1-5.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 165v/155v].

Têm por imundas as mulheres paridas até quarenta dias, parindo filho e até oitenta, sendo filha<sup>1</sup> e, nesse tempo, não podem entrar na igreja, nem as [fol. 184v] mênstruas, nem ainda os casados que se juntaram de noite, podem entrar o outro dia na igreja e, se acerta a morrer algum deles pouco depois e o outro o descobre, não o enterram na igreja, senão no adro e murmuram muito dos portugueses, porque não guardam estas coisas.

Daqui se vê quão falsa foi a informação que teve Frei Luiz de Urreta, pois, querendo defender aos etíopes do que deles temos referido, por fim, de muitas razões que se puderam bem escusar, diz pág. 473:

*En el puntos que los summos pontifices les han mandado que no hiziessen semejantes ceremonias, al instante baxaron las sus<sup>2</sup> cabeças e obedecieron los mandados apostólicos, de suerte que no se circuncidaron más, ni guardaron el Sábado.*

E, pouco mais adiante, falando da carne de porco, diz assim:

*Hanse conformado en todo con la Iglesia romana y agora la comen y les ha entrado en tan buen provecho, que lo tienen por la más sabrosa comida y de maior codicia y es de suerte que la dan tambien a los enfermos y no purgan ninguno<sup>3</sup> que no sea, dandole la comida de puerco. Y es la razon por que, como es carne humida, es más acomodada al tiempo seco de aquella tierra e tambien, porque sustentan este ganado de serda con datiles, porque allá no hai bollota.<sup>4</sup>*

Isto diz o autor, mas tudo é muito contrário à verdade do que cá passa, porque não há dátiles, nem a carne de porco a dão aos doentes, nem ainda os são a podem ver de seus olhos, senão alguns que<sup>5</sup> somente comem a que é do mato. <sup>6</sup>Nem sobre deixar a circuncisão e guarda do Sábado obedeceram nunca os mandamentos apostólicos, porque sempre se circuncidaram e até hoje guardam o Sábado, como temos dito.

[fol. 185] Deixo que também se não pode admitir a doutrina, que traz pág. 4677, onde para escusar esta circuncisão dos etíopes, diz que se podem circuncidar por devoção e por se assemelharem a Cristo, como não haja respeito à Lei de Moisés, nem escândalo. Isto não se pode admitir, porque, além de que eles<sup>8</sup> sabem muito bem que os portugueses se escandalizam e, com tudo isso, não deixam de se circuncidar. Ninguém pode, por devoção, fazer aquilo que está proibido por alguma Lei divina, porque então não são obras de devoção, senão pecados e ofensas de Deus, que senão muitas vezes fora lícito quebrar a Lei, dizendo que o fizemos com certa devoção a Deus, o que não pode ser. E, assim, quando Saul se escusou que oferecera sacrifício, não só por devoção, mas forçado da necessidade, o repreendeu gravemente o profeta Samuel, *1.º Regem* 13, e disse que, porque não guardara os mandamentos de Deus, passaria seu reino a outro. E outra vez que, por devoção, guardou os melhores animais dos amalaquitas para os sacrificar a Deus, lhe disse Samuel, cap. 15.º: *Porventura quer o Senhor holocaustos e vítimas? E não que se obedeça antes à voz do Senhor? Melhor é a obediência que as vítimas.*<sup>9</sup> De maneira que, por nenhuma devoção, se podem quebrar os preceitos de Deus. E, assim, não se pode dizer que é lícito aos etíopes circuncidarem-se por devoção.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: fêmea.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: sus.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: ninguno.

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excertos do livro II, cap. 6, intitulado «de los libros llamados Manda & Abethilis, tratase de la circuncisión y observancia del Sabado y otros ritos que guardavan los etiofes y el fin que en ellas tenían, con otros costumbres eclesiásticos» (pp. 460-81).

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 166/156].

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro II, cap. 6.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: eles.

<sup>9</sup> Os episódios referidos não foram incluídos no primeiro *Livro dos Reis*, mas no primeiro de *Samuel*. Ver *I Samuel* 13, 10-14 e 15, 22-23.

Já que falamos nesta matéria, me pareceu dar aqui também notícia de uma nova seita que se levantou em Etiópia, cujos seguidores se circuncidavam e guardavam Sábado, à honra do Padre e Domingo à honra do Filho e Segunda-feira à honra do Espírito Santo, todos os três dias com grande solenidade e usavam de outras muitas cerimónias judaicas que lhes ensinou um frade que se chamava [fol. 185v] Za Christós, que quer dizer «De Cristo»; mas, depois, disseram seus discípulos que não se chamava senão Ze Christós, que quer dizer «O Mesmo Cristo». E, no ano de 1602, saiu dizendo que ele era Cristo verdadeiro Messias, prometido na Lei, e ajuntou doze companheiros a que chamava<sup>1</sup> apóstolos e pôs os mesmos nomes dos de Cristo Nosso Senhor, e disse que havia de morrer crucificado e ressuscitar ao terceiro dia, com outras muitas coisas. Sabendo isto, o Imperador Za Denguil o mandou prender e, não querendo desistir de tão perverso engano, lhe fez cortar a cabeça no princípio de 604, para que vissem que não morreu crucificado e mandou que guardassem o corpo sete dias <sup>2</sup>sem o enterrarem, porque não dissessem que ressuscitara ao terceiro dia, como tinha prometido. E queria que matassem também seus discípulos, mas os grandes lhe pediram que os deixasse, que aquele os enganara e que já conheciam seu erro e que estavam arrependidos, pelo que lhes perdoou. Mas ainda que dissimularam por algum tempo; depois se foram a um reino que chamam Amhará e à província de Olacá e perverteram muitos, dizendo que aquele era Cristo e que ressuscitara e que lhes aparecera muitas vezes e mandara que guardassem Sábado, Domingo e Segunda-feira, como dissemos, e as fazendas dos que se ajuntavam com eles eram comuas<sup>3</sup> como no tempo da primitiva Igreja. Isto me contou o Imperador Seltan Çaguêd e disse-lhe que era necessário pôr logo remédio e que fora bem mandá-los trazer a todos e reparti-los pelos mosteiros, para que lhes mostrassem quão errados iam e os ensinassem. Mas ele não o pôde fazer por andar muito ocupado com os que se levantaram contra ele, porque defendia nossa santa fé, como acima dissemos, cap. 4.º e 5.º. [fol. 186] E vieram àqueles a propósito estas revoltas, porque, como não acharam quem os contradissem, ensinaram publicamente seus erros. E, na província de Olacá, dedicaram a seu mestre uma igreja de um mosteiro grande, onde se juntaram muitos frades e freiras de diversas partes (que elas andam cá por onde querem); também foram muitos casados com suas mulheres e filhos e diziam que iam a serem santos e, como chegavam, se punham os homens juntos em uma parte e as mulheres na outra.

Sabendo o que passava, *Eraz Celá Christós*, irmão do imperador, que governava também a província de Olacá, escreveu ao imperador como aquilo ia em grande crescimento, e respondeu que mandasse logo pessoa que os pudesse convencer de seu erro com as Escrituras e se, ultimamente, se não quisessem reduzir, os castigasse com rigor. Enviou ele, então, um homem muito nobre e de grande entendimento e bem visto nas *Escrituras*, que se chama *Fecura Egzi*, e há muito tempo que se reduziu à nossa santa fé e prendeu muitos e mandou dois daqueles frades a *erâz Celá Christós* para que tivesse mais notícia de suas causas. E, como chegaram, me mandou chamar a sua casa, que acertei de estar lá sobre alguns negócios, e disse-me, diante de muitos frades e senhores grandes (que para ouvir tão grande novidade se tinham juntos), que lhes declarasse quão cegos e errados andavam, pelo que lhes comeci logo a provar, pelas *Escrituras*, como Cristo Nosso Senhor era verdadeiro Messias e nele se cumpriram todas as coisas que do Messias estavam profetizadas. Responderam eles<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: chamou.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 166v/156v].

<sup>3</sup> Declinação feminina, entretanto caída em desuso.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: eles.

que não negavam <sup>1</sup>ser Cristo Nosso Senhor verdadeiro Messias, mas que Ele Mesmo tornara outra vez a tomar carne, juntando-a à primeira, e morrera por nós. Perguntei-lhes eu que lugar da Escritura acharam que Cristo havia de tomar duas vezes carne e morrer duas vezes e como estavam juntas aquelas duas carnes. [fol. 186v] Responderam que ele mesmo o dissera a seus doze discípulos<sup>2</sup> (que estes dois não eram daqueles, senão dos que se lhe juntaram depois) e que a Deus não havia coisa impossível, que ainda nós vestimos duas vestiduras quando queremos. Disse-lhes que, como em coisa de tanta importância davam daquela maneira crédito às palavras de um homem de quem nenhuma *Escritura* falava, nem fazia obras tão maravilhosas<sup>3</sup> por onde se lhe pudesse dar crédito, que ainda Cristo Nosso Senhor, com fazer obras tão maravilhosas, dizia que considerassem as *Escrituras*, que elas davam testemunho d’Ele, e que me dissessem se a doutrina que nos ensinara era verdadeira. Responderam que em nenhuma coisa podia faltar, porque era Filho de Deus. «Pois Ele mesmo (disse eu), porque sabia que haviam de suceder estas coisas semelhantes, nos preveniu<sup>4</sup> no Sagrado Evangelho, *Mathei 24*, dizendo que olhássemos não nos enganasse ninguém, porque muitos haviam de vir em Seu nome, dizendo: “Eu sou Cristo” e enganariam muitos; e que, se alguém nos dissesse: “Aqui ou ali está Cristo”, não o crêssemos.»<sup>5</sup>

Com estas e outras coisas que lhe disse e deixo para não ser comprido, vieram a confessar seu engano e afirmaram que ainda primeiro tinham<sup>6</sup> alguma dúvida naquelas coisas e que já que Deus Nosso Senhor os alumiará, estavam aparelhados para toda a penitência que lhes quisessem dar. Respondi que, se diziam aquilo com verdadeiro arrependimento, tinham certo o perdão, porque Deus não quer a morte do pecador, senão que se converta e viva e em qualquer hora que tiver dor de seus pecados, não se lembrará mais deles. E como se afastaram, adverti a *Erás Celá Christós* que não estivessem juntos, senão em diferentes mosteiros e que os não deixassem falar com gente de fora até os terem bem instruídos e ver se estavam firmes no que diziam.

[fol. 187] Pouco dias depois disto, veio Fecurá Egzi e me disse que aqueles doze discípulos do que se fazia Cristo meteram na cabeça a muitos que verdadeiramente o era e que, esta segunda vez, tomara carne do povo gentílico para o unir com o judaico e que ressuscitara e falara muitas vezes com eles; mas que uns diziam que a primeira carne que tomara do povo judaico não tornara a morrer agora; outros que também morrera com a segunda e que trabalhara muitos dias com eles por os reduzir, mostrando-lhes as *Escrituras* e dando-lhes <sup>7</sup>muitas razões e, não tendo que responder, se fechavam em que o que aquele lhes ensinara era a verdade, que não haviam de admitir outra coisa de nenhuma maneira. Pelo que, ultimamente, lhes disse que se não deixassem tão parvo<sup>8</sup> e grosseiro erro, os havia de mandar botar por uma rocha abaixo que está perto daquele mosteiro e nenhum caso fizeram disso. E para ver se chegando lá tinham medo, mandou que os levassem a todos e muitos deles se puseram no mais alto dele e disseram: «Se nos quereis deixar estar em nossa fé, ficaremos nela e se não, botar-nos-emos daqui abaixo.» Respondeu ele que se determinassem em aceitar a verdade que lhes tinha mostrado, se não que, sem falta, os havia de fazer botar. Ouvindo eles isto,

tomaram alguns filhos<sup>1</sup> seus que estavam perto e, antes que lhes pudessem valer, os lançaram pela rocha abaixo e se botaram logo após eles, fazendo-se todos em pedaços.

Vendo ele um desatino tão grande, se chegou aos outros com muita pressa e, lançando-se a seus pés com grande sentimento, lhes pediu muito que não porfiassem naquilo, que perderiam suas vidas e almas, que era grande engano do demônio, mas nenhuma coisa se moveram, nem depois aproveitaram seus rogos, nem os de muitos frades que para isso fez vir [fol. 187v] de outras<sup>2</sup> partes. Pelo que mandou que os lançassem pela rocha e foram por todos 488 os que morreram, entre homens e mulheres. E, uma das que por sua vontade se botaram, acertou a cair por parte menos alta e assim não morreu, ainda que ficou quase para isso; e, trazendo-a acima, lhe disseram como não tinha medo de se botar por aquela rocha tão alta para fazer em pedaços o corpo e perder a alma, ao que ela respondeu que ela não via rochas, senão camas muito formosas para se deitar e assim a deixaram, para ver se, com o que tinha experimentado tanto à sua custa, que aquelas não eram camas, senão duras pedras, acabava de entender como tudo era engano do demônio e se reduzir.<sup>3</sup> E dizem que ainda ficam outros muitos encobertos e que com muita dificuldade se há-de acabar de apagar este fogo.

## CAPÍTULO IX

### EM QUE SE TRATA DOS ERROS QUE OS ETÍOPES TÊM NO SACRAMENTO SANTO DO BAPTISMO.

**P**ois temos já visto os erros que os etíopes têm nos artigos da santa fé, será bem referir agora os que têm nos santos sacramentos, começando pelo do santo baptismo, pois é o primeiro de todos e, principalmente, foi instituído para que nos fosse perdoada a primeira culpa do pecado original e, conseqüentemente, nos é posta para entrar na Igreja de Cristo e participar dos demais sacramentos. Neste, guardam [alguns dos] etíopes ~~...demasia...~~ quando baptizam, a verdadeira forma, ~~... não faltam alguns~~ mas [os mais], e ainda frades, baptizam <sup>4</sup>sem a saber. Porque, perguntando acaso, há pouco tempo, a uns frades que estão como meia légua da corte (que por esta causa haviam de<sup>5</sup> saber melhor ainda coisas mais difíceis), que palavras diziam quando baptizavam, responderam que estas: «Eu te baptizo no Espírito Santo.» [fol. 188] E, dizendo-lhes como faziam uma coisa tão grave como esta, porque não diziam as palavras que Cristo Nosso Senhor mandou no *Evangelho*, responderam que porque ninguém lhes ensinara. E perguntando mais de propósito estas coisas, me afirmaram que [ordinariamente usam desta e doutras formas não verdadeiras]<sup>6</sup> e,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 167/157].

<sup>2</sup> Refere-se ao líder da dita seita e aos seus doze seguidores escolhidos.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: tão maravilhosas.

<sup>4</sup> Não se trata decerto do verbo prever; propomos a forma verbal «precaveu» que permite uma boa leitura do sentido geral da frase.

<sup>5</sup> Mateus, 24, 4.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: tiveram.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 167v/157v].

<sup>8</sup> Simples.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: meninos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: muitas.

<sup>3</sup> Arrepende e converte.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 168/158].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: deviam.

<sup>6</sup> Nota à margem escrita por outra mão no Ms. Goa 42 ARSI.

particularmente nas terras que governa *bahar nagax*, havia muitos que baptizavam sem dizer inteiramente as palavras. Nem me maravilho muito disto porque, ainda na corte do imperador, pouco tempo há, em uma de suas principais igrejas, baptizando um frade a um moço gentio, disse «Eu te baptizo em nome do Padre e do Espírito Santo». E, dizendo-lhe o padrinho por que não nomeava também o Filho, respondeu, rindo, que aquilo era de portugueses, que o não havia de nomear.

Baptizam os meninos<sup>1</sup> aos quarenta dias e as meninas<sup>2</sup> aos oitenta e sempre o fazem sacerdotes e, tirando alguns frades letrados e outros seculares que, pela comunicação que tiveram com os portugueses antigos e o que de nós têm ouvido, baptizam as crianças em qualquer tempo que estão em perigo de morte; os demais em nenhuma maneira os baptizam antes daquele tempo, ainda que morram. E, ordinariamente, não põem óleos santos, senão um licor que tiram do pau do zambujeiro, que cortam muito miúdo e, metendo-o em uma panela com buracos no fundo, lhe põem fogo em cima e recolhem em baixo o que se vai instilando por aqueles buracos e a isto chamam *zeite*<sup>3</sup> e com ele ungem os meninos que baptizam ~~sem lhes darem bênção~~.... Também se algum se fizer mouro ou idolatrar com os gentios, não o hão-de tornar a admitir na Igreja, sem primeiro o baptizarem e ainda os cristãos que cativam os gentios, porque comeram e beberam com eles, quando tornam, os baptizam.

[fol. 188v] Todos os anos se rebaptizam dia da Epifania em memória que aquele dia se baptizou Cristo Nosso Senhor no Jordão e, segundo me afirmaram, dizem a forma do sacramento e o têm por verdadeiro baptismo e, assim, baptizam ali algumas vezes<sup>4</sup> aos meninos que nunca se baptizaram, quando naquele dia se lhes acaba o tempo em que costumam de os baptizar. Nem me contentei com perguntar a muitos como faziam esta festa e as cerimónias que nela usavam, senão que escrevi como me foi dizendo o abade de um mosteiro, meu amigo, que faz este ofício, cada ano, desta maneira. Os que não estão perto de alguma lagoa fazem tapar as ribeiras, de modo que fique a água represada quanto baste para chegar aos peitos à gente que se há-de baptizar. E, a véspera da festa, como<sup>5</sup> duas ou três horas antes de se pôr o sol, vai lá o abade com seus frades e clérigos, levam cruz<sup>6</sup> e pedra de ara<sup>7</sup> e os livros por onde costumam fazer seus ofícios na igreja e, como chegam, põem a pedra de ara em um altar de madeira que têm aparelhado dentro de alguma tenda ou ramada que fazem perto da água e, revestindo-se alguns frades com os mais ricos ornamentos que têm na igreja, toma um diácono a cruz em uma vara comprida e, cantando e incensando, plantam o pau em que está a cruz dentro na água, para a parte onde entra na presa. E logo cantam os *Salmos* e outras coisas e lêem inteiramente os *Actos dos Apóstolos* e o *Evangelho* de S. Mateus ou S. Marcos e ainda me disseram que, em algumas partes, liam todos quatro, começando o primeiro com o rosto para o oriente, o segundo para o ocidente, o terceiro para o norte e o quarto para o sul. E nisto, gastam a tarde até à noite e, tirando a cruz, a põem no altar e se recolhem em alguma tenda ou ramada onde ceiam a seu modo, esplendidamente.

Passada a meia-noite, se alevantam e acendendo<sup>8</sup> candeias, cantam seus ofícios, como acostumam na igreja em as festas grandes e dizem missa seca<sup>9</sup> com músicas a seu modo. E, entretanto, se

confessam os que à tarde [fol. 189] dantes não se puderam confessar dos que são mais devotos, que os outros não fazem conta disso. E, começando a sair o sol, se chegam todos os frades e clérigos à borda da água e<sup>1</sup> o abade ou frade que em seu lugar, faz o ofício põem óleo na cruz e logo, tocando com ela na água, faz cruz, dizendo: «No nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo um Deus.» E tornando a fazer cruz, diz: «Um Padre Santo, um Filho Santo, um Espírito Santo.» Feito isto, entrega a cruz a outro e ele se despe de todos seus vestidos, tendo diante um pano a modo de cortina, enquanto entra dentro de água, e seguem-no dois sacerdotes até chegar aonde lhes dá água pelos peitos e, pondo-o no meio, estende cada um uma mão sobre sua cabeça, sem lhe tocarem nela e dizem: «Eu te baptizo no nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.» E ele mete a cabeça três vezes dentro de água; e depois baptiza ele aqueles dois, dizendo as palavras. Entretanto, estão todos os outros sacerdotes dentro de água cantando e dando com uma mão na outra em sinal de festa e logo um baptiza a outro, repetindo a forma. Outros dizem que aos sacerdotes não dizem a forma, senão que só se mergulham na água, mas aos diáconos e seculares, homens e mulheres, lhes põe o sacerdote a mão na cabeça e os faz mergulhar três vezes, dizendo a forma do baptismo.

Quando nestes baptismos gerais se baptizam os imperadores (que nunca o deixaram<sup>2</sup> de fazer, se não é este, desde o ano de 1609, depois que lhe mostrei como se não podia rebaptizar), punham uma tenda na borda d'água e o patriarca os baptizava dentro do<sup>4</sup> tanque, entrando<sup>5</sup> com um pequeno pano cingido pela cinta e todos os demais<sup>6</sup> entram nus. Francisco Álvares diz, fol. 1217, <sup>8</sup>que viu isto e que se começa o baptismo à meia noite, mas parece que o fizeram por lhe mostrar mais aparato, ou porque houvesse tempo para poderem baptizar toda a gente, que devia de ser muita; mas agora não começam senão em saindo o sol. E, se é tanta a gente que não podem baptizar a todos por ser tarde, dizem aos que ficam: «Damo-vos licença para que vos baptizeis. Entrai, chegue-vos o baptismo.» E, logo, todos juntos entram na água [fol. 189v] e se dão por baptizados. E se, por alguma causa<sup>9</sup>, ficaram alguns sem se baptizarem naquele dia, se baptizam dali a 10, em que também fazem<sup>10</sup> grande<sup>11</sup> festa, porque dizem que, naquele dia, morreu Nossa Senhora e que, aos 19 de Agosto, subiu ao céu. E, porque a todos aqueles dez dias depois do baptismo chamam *astareo*, que quer dizer «aparecimento», porque apareceu o Espírito Santo em figura de pomba sobre Cristo Nosso Senhor quando se baptizou, por isto ao glorioso trânsito da Virgem chamam também *Astareo Mariam*. Nem se contentam com se baptizarem neste dia ou no da Epifania, senão que muitos, que se querem mostrar mais devotos, se baptizam também na igreja dia da Ressurreição de Cristo Nosso Senhor e a água em que os hão-de baptizar, têm posta dentro na igreja toda a Semana Santa.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: com.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: deixam.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: borda d'.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: no.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: entrando.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>7</sup> Álvares, *Verdadeira informação...* (reed. 1943), cap. 96, «Como o Preste João mandou dizer aos da embaixada e aos frangues que fôsem ver o seu baptismo e da representação que lhe fizeram os frangues e de como mandou que eu fôsse estar ao baptismo e da maneira que estava o tanque e como mandou nadar os portugueses e os banquetear» (pp. 252-7).

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 169/159].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: cousa.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: fazia.

<sup>11</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: grande.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: machos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: fêmeas.

<sup>3</sup> De *zāyt* (azeite).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: juntamente.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: como.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 168v/158v].

<sup>7</sup> Ver glossário (pedra de ara / *tabot*).

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: acendem.

<sup>9</sup> Missa em que não há consagração nem comunhão.

Sobre esta matéria, falei muitas vezes com os letrados de Etiópia e, algumas, diante do Imperador Seltan Çaguêd, e lhes provei compridamente com S. Paulo, com os *Concípios* e com razões fundadas na *Escritura*, como se não podem baptizar mais que uma só vez, principalmente naquele lugar *ad Hebraeos* 6.º: *Non rursus<sup>1</sup> iacentes fundamentum<sup>2</sup>*, etc., onde diz claramente o apóstolo, que, ao que pecou depois do baptismo, não lhe é lícito tornar-se a baptizar, nem ao que pecou depois da confirmação tornar-se a confirmar, porque estes são fundamentos que se não podem lançar mais que uma só vez. Também lhes perguntei se este baptismo geral de que usam cada ano era verdadeiramente baptismo, como o que recebe legitimamente o que nunca se baptizou. Responderam que sim. «Pois daí (disse eu) se colige que fora falso o que Nosso Senhor afirmou por S. Mateus cap. 18.º e por S. João 20.º: *Amen dico vobis, quaecumque alligaveritis super terram*, etc.<sup>3</sup> Porque se um pecador se for confessar um pouco antes daquele baptismo, por mais que o confessor lhe negue a absolvição não aproveita nada, porque irá logo a se baptizar e ficará perdoado de tudo e de melhor condição do que se o absolvera, porque fica novo, o que se não pode alcançar pela penitência, como diz S. Paulo *ad Hebraeos*, 6, dizendo: [fol. 190] *Impossibile enim este*, etc.<sup>4</sup>; *renovari ad poenitentiam id est novum fieri*, como explica S. Crisóstomo.»

Ouvindo estas coisas, responderam alguns que o faziam para lembrança que eram baptizados. «Desta maneira (disse eu), também os sacerdotes se podem ordenar cada ano para se não esquecerem que são ordenados. Os judeus não se esquecem de que são judeus, nem os mouros de que o são e os cristãos se hão-de esquecer de que estão baptizados? Quando alguns foram tão faltos de memória, bastava-lhes para se lembrarem disso, verem baptizar tantos meninos e eles confessar e comungar tantas vezes, professando que são cristãos. Não é boa escusa essa, para defender coisa tão grave como é rebaptizar-se, pois, falando S. Paulo contra alguns que o queriam fazer, que é como tornar a crucificar a Cristo, porque em quanto é, de sua parte o tornam a crucificar: *rursus<sup>6</sup> crucifigentes*, etc.<sup>7</sup>, *ad Hebraeos*, 6.º .» Com estas práticas e as que muitas vezes tiveram com eles os padres meus companheiros sobre a mesma matéria, deixaram já muitos de se rebaptizar, mas outros o fazem, como temos dito. Do que se vê quão sem razão diz Frei Luiz de Urreta, pág. 486<sup>8</sup>, que lhes impunham aos etíopes que se rebaptizavam cada ano no dia da Epifania e que Francisco Álvares, que afirma que viu o baptismo e que diziam a forma deste sacramento, que se enganou por não entender a linguagem, que não diziam senão certas bênçãos e orações com que benziam a água da alagoa. Mas a verdade é que, demais dessas bênçãos, dizem a forma do sacramento do baptismo quando ali baptizam.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *rursum*.

<sup>2</sup> *Hebraeos*, 6, 1: «[sem] voltar aos artigos fundamentais.»

<sup>3</sup> *Mateus*, 18, 18: «Em verdade vos digo: tudo quanto ligardes na terra...» O autor remete erradamente para *João*, 20.

<sup>4</sup> *Hebraeos*, 6, 4: «De facto, é impossível...»

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 169v/159v].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *rursum*.

<sup>7</sup> *Hebraeos*, 6, 6: «Crucificam novamente» (*rursus ad poenitentiam rursum crucifigentes*).

<sup>8</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro II, cap. 7, intitulado «Del sacramento santo del bautismo, en el qual los etiopes guardan la fe de la Iglesia romana, sin tener los errores que les imponen» (pp. 481-7).

## CAPÍTULO X

### DO SANTO SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO E EXTREMA-UNÇÃO E DO DA PENITÊNCIA.

**J**untei neste capítulo todos estes santos sacramentos, porque dos dois primeiros tenho pouco que dizer, por não usarem deles os etíopes de nenhuma maneira, nem do da confirmação pude achar quem me dissesse se em algum tempo tiveram notícia dele, porque dizem que nem em seus livros se trata [fol. 190v] disso, nem eles sabem que coisa é. Nem me maravilho muito desta ignorância, porque, ainda que Cristo Nosso Senhor instituiu este santo sacramento, como consta de S. João cap. 16.º e 20.º<sup>1</sup>, onde aos apóstolos lhes prometeu e deu o Espírito Santo e os apóstolos usaram dele ainda que, no princípio da Igreja, por especial comissão ou dispensação, somente pondo as mãos sobre os baptizados, com isso recebiam o Espírito Santo, como se diz, *Actos*, 18 e 19<sup>2</sup>, porque então era assim necessário para afeição à fé e confirmá-la e, depois da Igreja já fundada, suficientemente, que cessou aquele modo extraordinário de vir o Espírito Santo, usaram ungir com crisma, como ordinário modo instituído por Cristo para confirmar os fiéis. Com tudo isso, penetram os etíopes tão pouco as *Escrituras* que, ainda outras coisas muito mais claras que nelas há, não as entendem e os mais deles são tão pouco estudiosos que, com serem os seus livros muito poucos, não sabem o que está neles. E, assim, muitas vezes porfiam contra algumas coisas <sup>3</sup>nossas que também seus mesmos livros ensinam. Mais é de maravilhar que não usam do sacramento de extrema-unção, mandando S. Tiago em sua *Epístola*, cap. 5.º, que se dê por estas palavras que muitos deles sabem de cor: *Infirmatur quis in vobis*, etc.<sup>4</sup>, onde mostra bem o apóstolo ser este sacramento instituído por Cristo, como os demais, pois tão resolutamente afirma que lhe serão perdoados ao doente seus pecados. Também me certificou um frade, que em um de seus *Sínodos*<sup>5</sup> se mandava ungir aos enfermos ainda que não se usava, nem sabia se se usara nunca.

Vindo ao sacramento da penitência, crêem os etíopes que o que depois do baptismo pecou mortalmente está obrigado a a fazer e reconciliar-se com Deus por meio da confissão e, assim, alguns se confessam amiúde, ainda que outros<sup>6</sup> o fazem muito tarde e alguns, nunca. E se estiverem muitos anos sem se confessarem, não lhes pergunta o seu vigário porque o deixam de fazer. Quando se chegam a confessar, não começam pela confissão: «Eu pecador», etc. nem dizem outra coisa nenhuma mais que: «Padre pequei, solte-me», que é o mesmo que «absolva-me.» Alguns confessores perguntam ao penitente [fol. 191] de que o há-de absolver. E ele diz dois<sup>7</sup> ou três<sup>8</sup> pecados, como menti, quebrei a festa e ele o absolve, ainda que lhe fiquem outros muitos, nem declara ordinariamente quantas vezes cometeu o pecado que confessa, nem lhe perguntam por isso e alguns

<sup>1</sup> *João*, 16, 13-14 e 20, 22. Na Igreja ortodoxa etíope, o sacramento da confirmação é administrado com o baptismo.

<sup>2</sup> *Actos dos Apóstolos*, 18, 25 e 19, 2.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 170/160].

<sup>4</sup> *Epístola de Tiago*, 5, 14: «Quem, entre vós, está doente».

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: livros. O *Senodos* é uma compilação de direito canónico que se integra no cânone neo-testamentário da Igreja ortodoxa. (Ver Bausi, ed. «Il sēnodos etiopico», *CSCO-SAE*, 101-102, Lovaina, 1995). Páez considerava-o apócrifo e sem autoridade.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: alguns.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: três.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: quatro.

absolvem sem declarar nada mais que dizer «Pequei, pequei.» Também dizem que algumas vezes vêm muitos juntos e, chegando ao sacerdote, pedem absolvição e dizendo<sup>1</sup> todos «Pequei, pequei», lhes manda rezar alguma coisa e diz a todos juntos a forma da absolvição, [a qual não é verdadeira forma].<sup>2</sup> A fornicção simples não confessam os mais deles, porque não a têm por pecado, tanto que, muitas vezes, se concertam os que não são casados para estarem por algum tempo juntos e vão a algum frade e diz o mancebo: «Eu estou concertado para estar com esta mulher este Verão; excomungai-a que se não afaste de mim e eu também me excomungarei para me não afastar dela.» Ele lhes põe excomunhão<sup>3</sup> que não se<sup>4</sup> deixem um ao outro, em todo aquele tempo.

Muitas vezes sabe o confessor que o penitente está actualmente amancebado e que não há-de deixar a manceba, com tudo isso o absolve. E não somente fazem isto os frades idiotas, mas alguns dos *abunas* são tão ignorantes que, não só os absolvem estando amancebados, senão que lhes dizem que não botem fora as mancebas, como me afirmou um grego que havia anos que estava em Etiópia e, reduzindo-se à nossa santa fé, o ano de 604, me disse, antes de se confessar, que tinha três mulheres e que com nenhuma delas era casado e, confessando-se com o *Abuna* Pétros, que então era, lhe disse como as tinha e que lhe respondeu que as não botasse fora, que se perderiam, senão que as tivesse, mas que as <sup>5</sup>fizesse iguais e<sup>6</sup> que o absolvera. Depois, disse ao Imperador Zadenguíl, por graça, estando presente eu: «Senhor, este padre é muito escasso.<sup>7</sup> Fui-me confessar com ele e, porque lhe disse que tinha três mulheres, não me quis confessar; manda-me que case com uma e lance as outras fora. Mais liberal é nosso *abuna*, que, dizendo-lhe na confissão como [fol. 191v] as tinha, me deu licença para as ter, com condição que as fizesse iguais e me absolveu.» O imperador, que já naquele tempo tinha determinado dar obediência à santa<sup>8</sup> Igreja romana, lhe disse: «Que cristandade é a vossa? Se tendes três mulheres, fazei o que vos manda o padre.» E o *Abuna* Simam<sup>9</sup>, que mataram a 11 de Maio de 617, como dissemos no cap. 5.º, obrigou, na confissão, a um senhor grande que tinha feito queimar ocultamente duas casas de outro senhor, que lhe dissesse que ele as queimara, que lhe perdoasse, e assim o fez; o que me contou depois o dono, dizendo que lhas fizera queimar para o matar a ele dentro e que quis Deus que não estivesse ali aquela noite e mostrava ter-lhe muito grande adversão.

Ainda que entre os confessores e penitentes se ache comumente a ignorância que temos dito, alguns há (segundo me afirmaram) que, quando se confessam, declaram o número dos pecados, não só dos que cometeram por obra, mas por palavra e por pensamento e, às vezes, o confessor também o pergunta. Mas raramente, ou nunca, obrigam aos penitentes que paguem o dano que fizeram, nem restituam o fato alheio que tomaram; somente dizem: «Não o façais mais.»

Da usura não fazem conta, por ser comum entre eles e, perguntando eu se os confessores tinham alguma suma de casos por onde se governassem, me disseram que nenhum livro tinham que disso tratasse; iam pela doutrina e por seus *Sínodos*.

As penitências que dão, umas vezes são muito leves por pecados graves e outras incomportáveis por coisas muito leves. Um homem de crédito me afirmou que, porque rira dentro da igreja,

lhe dera um frade de penitência que, das duas horas da tarde até a noite, fizesse mil vezes reverência, inclinando-se cada vez até chegar com a cabeça ao chão; e, recusando<sup>1</sup> ele esta penitência, pelo tempo ser pouco, lhe mandou dar com<sup>2</sup> excomunhão que a cumprisse; o que fez<sup>3</sup> temendo a excomunhão. E [fol. 192] disse-me que ficara tão cansado que nem ao outro dia se podia bulir. Estas inclinações são as que mais ordinariamente dão em penitência; também mandam rezar cada dia cinquenta salmos e algumas<sup>4</sup> todos os cento e cinquenta por espaço de um ano e às vezes que jejuem todos os dias por espaço de três ou quatro anos e ordinariamente não comungam até a não<sup>5</sup> terem cumprido.

Quando se confessam, estão em pé o confessor e penitente; se as coisas que têm não são cumpridas que, sendo ambos juntos, se assentam; e, acabada a confissão, se alevantam e o absolve em pé. A forma da absolvição de que usam me deram por escrito uns frades dos mais letrados que têm, e é esta: «Fuão, servo de Deus, deixe-te e perdoe-te teu pecado Jesus Cristo pela boca de Pedro e Paulo 6e faça-te solto da prisão do pecado.» Outro frade me disse desta maneira: «Servo de Deus, fuão, o Paracleto perdoador da culpa e pecado te perdoe todos teus pecados.» E outro disse: «Seja-te solto pela boca de Nosso Senhor Jesus Cristo, pela boca de Pedro e Paulo, pela boca dos trezentos e dezoito verdadeiros da fé.»

Os que deixam de confessar inteiramente seus pecados, é por lhes parecer que com aquilo cumprem, porque os frades não os ensinam nem sabem os mais deles para o poderem fazer; que se os ensinaram, não somente houveram de confessar todos seus pecados, mas as circunstâncias, por leves que fossem, como se vê em muitos que mostram terem grande escrúpulo de coisas muito pequenas e tanto desejo de sua salvação, que, ainda pecados muito graves, confessam em alta voz a seu *abuna*, diante de quantos ali se querem juntar, que ordinariamente são muitos, porque, às vezes, sai<sup>7</sup> de propósito em público para isto e sentando-se em sua cadeira, se põem de uma e outra parte muita gente e os que se querem confessar vêm um e um pelo meio e chegando perto, dizem em alta voz «Senhor eu fiz tal e tal coisa», que, de ordinário, são os mores pecados que cometeu em sua vida e logo abaixa a cabeça, esperando pela penitência e o *abuna* levanta seu [fol. 192v] báculo com ambas as mãos e dá-lhe três ou quatro muito boas nas costas, dizendo «Vós fizestes isto e não tendes medo de Deus? Dai-lhe ali trinta açoutes.» Afasta-se ele então e vai-os receber de mão de dois homens que sempre andam diante do *abuna* com umas correias compridas amarradas em uns paus. E como lhe dão seis ou oito, rogam por ele os presentes e o *abuna* diz logo que basta e absolve. Depois chega outro e a ele e a todos os demais que se querem confessar, vai despachando como o primeiro.

O que tenho dito me contaram, não só uns portugueses que o viram, mas os da terra que por vezes se acharam presentes, e me afirmaram que, chegando-se ali um a confessar, pediu ao *abuna* lhe quisesse ouvir em segredo, porque o que tinha que dizer não se podia descobrir<sup>8</sup> em público e que lhe respondera «Não o haveis de dizer, depois, diante dos Anjos, porque o não direis agora diante dos homens?» Disse ele, então, que furtara certo número de vacas, o que ouvindo seu dono que ali estava e não podia saber quem lhas levava, o acusou diante de um juiz por ladrão e não

<sup>1</sup> Sic.

<sup>2</sup> Nota à margem escrita por outra mão no Ms. Goa 42 ARSI.

<sup>3</sup> Juramento sob pena de excomunhão.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: se.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 170v/160v].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: mas.

<sup>7</sup> Rigoroso.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: santa.

<sup>9</sup> Ver glossário (Simam / Sēmē'on).

<sup>1</sup> Recusando.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o que fez.

<sup>4</sup> Nesta passagem, falta uma palavra. Sugerimos, neste contexto, o termo «vezes.»

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: não. Entenda-se: até não terem cumprido a penitência.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 171/161].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: saía.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: dizer.

somente tornou as vacas que tinha tomado, mas pagou em pena muito fato. Por onde, não há dúvida nenhuma senão que, pois confessam em público e com tanto risco pecados tão graves, que o melhor o houveram de confessar em secreto todos os menores, com todas as circunstâncias, se tiveram quem lhes declarara, que para ser valiosa a confissão lhes era necessário.

Frei Luiz de Urreta no cap. 8.º do 2.º livro<sup>2</sup> pretende defender aos etíopes, dizendo que, ainda que não tiveram por muito tempo conhecimento dos sacramentos da confirmação e extrema-unção, depois, todavia, que a Igreja romana lhes ensinou a doutrina destes sacramentos, a receberam com grande alegria e, dali por diante, usaram deles até hoje, com a pontualidade que o mandou o Concílio Florentino e Tridentino, e que usaram e usam hoje do sacramento da confissão [fol. 193] com tanta inteireza como o propõe a santa Igreja e se confessam de todos os pecados sem deixar nenhum e com todas suas circunstâncias e condições; e que, se um acerta cair em pecado, logo se vai a<sup>3</sup> confessar, por que se não se escandalizam os que o vêem e que não há nenhum, por distraído que seja, que não se confesse pelo menos duas vezes cada<sup>4</sup> semana, que os mais devotos e recolhidos é ordinário confessarem-se cada dia e que seus confessores se governam hoje pela *Suma* de Silvestre e outras<sup>5</sup> que lhe mandou de Roma o Padre Frei Serafino da Ordem dos Pregadores, sendo geral de sua sagrada religião e que a confissão que os penitentes dizem ao sacerdote é a mesma que tem a Igreja romana, mas começam pelo *Salmo 78: Salvum me fac Deus*<sup>6</sup>, etc. e logo dizem: «Eu pecador me confesso a Deus» etc., estando de joelhos e o confessor assentado como juiz; mas quão contrário seja ao que na verdade cá passa, temos já mostrado acima.

## CAPÍTULO XI

### EM QUE SE TRATA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO DA EUCHARISTIA E DAS CERIMÓNIAS QUE OS SACERDOTES ETÍOPES USAM EM SUA MISSA.

**A**o inefável sacramento da eucaristia têm os etíopes muito grande devoção e reverência, porque crêem que, ditas pelo sacerdote as palavras da consagração, (que, segundo me referiram alguns frades, são quase as mesmas que diz a Igreja católica) deixa o pão de ser pão e o vinho de ser vinho e, debaixo de seus acidentes, está real e verdadeiramente o corpo e sangue de Cristo Nosso Senhor, unido hipostaticamente à pessoa do Verbo divino. Juntamente com isto e com confessarem que, ainda que a natureza humana se uniu à divina, não se trocou, nem misturou, afirmam muitos que, em Cristo, não há mais que uma só natureza,<sup>7</sup> como dissemos no cap. 3.º e 4.º.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 171v/ 161v].

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro II, cap. 8, intitulado «Como los etiofes no tuvieron noticia de los sacramentos de la confirmacion y extrema uncion y en el de la penitencia guardavan la fe de la Iglesia romana» (pp. 487-93).

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: na.

<sup>5</sup> L. Urreta referia-se à *Summa Silvestrina*, em 2 vols., de Silvestro de Prieria Mazzolini (c. 1456-1523). Conhecem-se diversas reedições desta obra ao longo do século XVI.

<sup>6</sup> *Salmos* 69 (68), 2: «Salva-me, ó Deus»; por equívoco, o autor atribui a passagem citada ao *Salmo* 79 (78).

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 172/162].

Consagram em pão fermentado e, para o fazer, têm uma casinha fora da igreja para o Oriente, perto das costas da capela; [fol. 193v] e se alguma vez<sup>1</sup> o sítio não dá lugar, o afastam um pouco para a banda do Norte. Nesta casa não há outra coisa mais que o necessário para fazer o pão e vinho de que usam e, nela, mói a farinha um frade com não pouco trabalho quando é muita, porque não têm atafona<sup>2</sup>. Algumas vezes, também a dão a moer a alguma mulher viúva ou casada honrada que mora perto da igreja. E como são horas de fazer o pão (que sempre é pouco antes da missa; estranham muito o não fazermos nós as hóstias cada dia), então vai um sacerdote e amassa com fermento e, se é pouca a gente que costuma comungar, faz um pão tão grande como uma patena<sup>3</sup> e pouco mais de um dedo de grosso e, quando é muita, o faz de dois dedos e tão grande que baste, porque, para consagrar, não fazem mais que um só pão, exceptas certas festas grandes em que fazem três. Neste pão sinalam cinco cruces pequenas com um sinete de pau a modo de cruz e logo faz outros pães pequenos que dão a todos como pão bento. Depois, os cozem em uma tigela grande de barro e, cozidos, põem em uma bacia pequena de cobre o que se há-de consagrar; e os outros em um cestinho que para isso têm.

O vinho fazem de passas e na mesma casinha, um pouco antes da missa desta maneira: tomam as passas secas que guardam todo o ano e lavadas, botam em uma bacia as que lhes parecem que bastam e com a mão as desfazem em outra água e depois coam aquilo com um pano limpo. E, em algumas igrejas que não têm tantas passas, botam tanta água (segundo me disseram os frades) que não fica mais que mal tinta, com serem as passas sempre pretas e ainda me afirmaram eles mesmos que muitas vezes a quatro ou seis passas botam tanta água que basta para dizer missa e comungar a muitos, que cá o fazem *in utraque specie*<sup>4</sup>. Do que se vê claro que não consagram, pois não é vinho, senão água; e, com tudo isso, como dizem as palavras da consagração, a adoram.

[fol. 194] Como chega a hora de dizer missa [que nos dias que não são de jejum, dizem pela manhã, e quarta e sexta-feira que jejuam à tarde, como duas horas antes de se pôr o sol. E, na quaresma, quando se põe], diz o sacerdote certas orações sobre as vestimentas, que são uma roupa comprida com mangas e sem colarinho, ao modo turquesco e, muitas vezes, são as mesmas cabaías que os senhores compram dos turcos e as oferecem às igrejas. E esta vestem primeiro e, sobre ela, outra, que chamam *motaát*, também comprida até os pés, por diante, e, pelas costas, arrastando como um côvado e o corte é a modo de capa de asperges, não tão fraldada. Só destas duas usam, que amito, estola, manípulo, cordão não têm. Bem sei que Francisco Álvares diz, em sua *História Etiópica*, que a vestimenta não tem mais que a largura da peça de que é feita com um buraco no meio, por onde metem a cabeça, sem nenhuma outra arte<sup>6</sup>; mas agora é da maneira que disse.

Acabadas aquelas orações que o sacerdote reza sobre as vestimentas, todas as vezes que diz missa, se reveste e o diácono da mesma maneira e outro sacerdote que ajuda, veste só a primeira, que serve como de alva, e o subdiácono outra (digo subdiácono, porque lhe dão este nome ao que ajuda, ainda que afirmam muitos que o não têm, como adiante diremos). Algumas vezes dizem a missa o sacerdote, diácono e subdiácono, sem outro sacerdote; e, sem estes três, não a dizem de nenhuma maneira e estranham muito que, entre nós, o sacerdote diga missa com só acólitos, sem diácono e subdiácono.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: hora.

<sup>2</sup> Moinho.

<sup>3</sup> Patena: disco de metal côncavo, usado para cobrir o cálice, e sobre o qual se coloca a hóstia durante a missa.

<sup>4</sup> *Sub utraque specie*, nas duas espécies.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 172v/162v].

<sup>6</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação...* (reed. 1943), cap. 12, «Onde e como se faz o bôlo do sacramento e de uma procissão que fizeram e do aparato que se diz a missa e do entrar da igreja» (pp. 36-7).

Em quanto se revestem, vão um diácono e subdiácono à casinha onde está o pão e vinho. E o diácono toma, com a mão direita, o púcaro do vinho coberto com um pano e, na esquerda, um jarro de água para lavar as mãos. E o subdiácono toma, com a mão direita, um cestinho em que está o pão que se há-de consagrar, envolto em um pano de algodão e os mais que se dão ao povo como pão bento e, com a esquerda, uma campainha. E, acabando-se de revestir os que ficaram na capela, começa o sacerdote em alta voz «Aleluia», e diz uma oração comprida e, como ouvem isto os que estão aparelhados para trazer o pão e vinho, vêm, tangendo com a campainha, e todos os que estão na igreja, quando a ouvem, baixam [fol. 194] as cabeças, dizendo: «Santo, Santo, Santo, Deus dos Deuses, que está e há-de estar sempre no céu e na terra.» E como chegam ao altar, toma o pão o sacerdote que há-de dizer a missa e o cobre com um pano de algodão, que serve de corporal e sempre é preto ou vermelho para que, se cair nele alguma relíquia, se veja melhor e logo toma o vinho o diácono que ajuda à missa e o subdiácono que tem uma candeia na mão esquerda e um turíbulo na direita, começa a dar volta, à roda do altar, que sempre está no meio da capela, seguindo-o os demais e o sacerdote vai dizendo esta oração em voz alta: «Deus Nosso Senhor, que recebestes o sacrifício de Abel no deserto e de Abraão no alto do monte e o do Elias no Carmelo e a moeda da viúva no templo, da mesma maneira recebi o sacrifício de Vosso servo fuão.» E o diácono que leva o cálice com o vinho, diz <sup>2o</sup> *Salmo 22, Dominus regit me*, etc.<sup>1</sup> E como acabam de dar volta, põe o sacerdote o pão na patena que está dentro de uma bacia grande de cobre que põem sobre a pedra de ara, a que chamam *tabôt*<sup>3</sup>, e o diácono bota o vinho no cálice, que nas igrejas principais é de prata e, nas outras, de cobre.

Feito isto, diz o sacerdote: «Cristo Nosso Deus, que, quando Vos chamaram, fostes às bodas de Canã de Galileia e os benzestes e lhes fizestes de água, vinho; da mesma maneira, fazei este vinho que está diante de Vós, benzei-o para que seja alegria, contentamento e vida de nossa alma e corpo e morai sempre connosco, Padre, Filho, Espírito Santo, não há outro Deus senão Vós.» E prossegue, sobre o cálice: «Deus Nosso Deus, Jesus Cristo, de verdade Deus e homem que não se afastou Sua divindade de Sua humanidade, que derramou Seu sangue com Seu querer por Sua feitura, ponde, Senhor, Vossa santa mão sobre este cálice, fazei-o limpo e santificado, faça-se Vosso sangue honrado; seja isto para vida e salvação e redenção do pecado de Vosso povo. Amen. Bendito Deus Padre todo-poderoso e bendito o Filho unigénito que nasceu de Santa Maria, para nossa salvação, e bendito o Espírito Santo Paracleto, nossa esperança. Glória ao Padre, ao Filho, ao Espírito Santo, agora e para sempre. Amen. Um Padre Santo, um Filho Santo, um é o Espírito Santo. Louvai ao Senhor todas as gentes, louvai-O todos os povos, porque se confirmou sobre nós Sua misericórdia e Sua [fol. 195] verdade permanece para sempre. Glória ao Padre e ao Filho e ao Espírito Santo, para sempre dos sempre. Amen.»

Acabado isto, diz o diácono em voz alta: «Levantai-vos à oração.» E logo o sacerdote: «Paz a todos vós outros. Louvemos ao feitor de todos nossos bens, Deus misericordioso, Pai de Nosso Senhor Deus e salvador Jesus Cristo, porque nos acudiu, recebeu e fez fortes e nos fez chegar até esta hora. Roguemo-Lhe que nos guarde em este dia santo e, daqui por diante, todos os tempos de nossa vida, em toda a paz. Todo-poderoso Deus, nosso Deus.» O diácono diz: «Buscai e rogai vós

outros que nos perdoe Deus e receba a oração e petição de Seus santos por amor de nós. Fazei-nos dignos, Senhor, que participemos do bendito mistério e perdoai nossos pecados.» E, logo, todos os que estão na capela (onde não podem entrar senão os que têm ordens), dizem uma voz<sup>1</sup>: «Kyrie eleison.» E o sacerdote diz: «Ó Senhor Deus, todo poderoso, benzemo-Vos sobre todas as obras, por amor de todas as obras e em todas as obras, porque nos livrastes, acudistes e guardastes e nos fizestes chegar a Vós e nos recebestes e fizestes fortes e chegar até esta hora, pelo que Vos rogamos e pedimos <sup>2de</sup> Vossos bens. Ó amador das gentes, dai-nos que cumpramos este dia santo e todo o tempo de nossa vida em toda a paz, com Vosso temor de toda a inveja e de toda a tentação e de todas as obras do Diabo e conselho de gente má e do levantamento do inimigo secreto e público nos livrai. Afastai tudo, Senhor, de mim e de todo Vosso povo e deste Vosso santo lugar. Dai-nos todos os bens, Vós que nos destes poder para pisar áspides e basiliscos e sobre toda a força do inimigo, não nos metais em tentação, mas livrai-nos do mal com graça e paz e amor da gente e de Vosso Filho unigénito, Nosso Senhor Jesus Cristo, no qual tendes honra e poder e com o Espírito Santo vivificador, que é igual convosco<sup>3</sup>, para sempre dos sempre. Amém.»

Prossegue logo sobre o pão e o cálice: «Ó cabeça, Jesus Cristo, participante do princípio, Vós sois Verbo do Padre<sup>4</sup> limpo, pão de vida que desceste dos céus<sup>5</sup> e Vos adiantastes a ser cordeiro sem mácula pela vida do mundo, buscamos de Vós e pedimos Vossos bens. Ó amador dos filhos [fol. 195v] dos homens, mostrai Vosso rosto sobre este pão e sobre este cálice que estão postos sobre esta mesa para este convite sacerdotal. Benzei-os,<sup>6</sup> e santificai-os e convertei este pão em Vossa carne limpa e santa que Se juntou com este cálice<sup>7</sup> e que Vosso sangue honrado seja participação igual para todos nós, mezinha e salvação para nossas almas e corpos, porque sois rei de todos nós, Cristo Nosso Deus. A Vós damos altíssimos louvores, a Vós convém glória, adoração e poder e a Vosso Pai, manso e bom, e ao Espírito Santo vivificador, agora e sempre e por todos os siglos<sup>8</sup>. Amém.»

Como acaba estas orações, diz o diácono «Levantai-vos para a oração», (não por que se assentem e alevantem, porque sempre estão em pé) e o sacerdote diz: «Paz a todos vós outros»; e logo bota incenso no turíbulo e vai à roda do altar, incensando e dizendo: «Glória e honra à santíssima Trindade, Padre e Filho, Espírito Santo, todas as vezes, agora e para todos os sempre dos sempre. Amém. Ó Deus eterno, que não tendes princípio nem fim, que sois grande em Vosso saber, poderoso em Vossas obras e sábio em Vosso conselho, que estais em toda a parte, pedimos,<sup>9</sup> e rogamos que estejais connosco nesta hora, mostrai Vosso rosto sobre nós e limpai nossos corações e santificai nossas almas, perdoai os pecados que temos feito voluntária e involuntariamente e fazei que nós ofereçamos sacrifício limpo, sacrifício vivo e o incenso espiritual entra na casa de vossa santa glória.» Diz <sup>10o</sup> diácono: «Levantai-vos para a oração»; e o sacerdote: «Paz a todos vós outros.» E vai, com o turíbulo levantado diante, ao subdiácono com uma candeia e o diácono detrás com *S. Paulo* na mão e, saindo fora da capela, lê uma das epístolas de S. Paulo, enquanto o sacerdote dá uma volta,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: vez.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 173v/163v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: com Vosso Filho.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: de fé.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: do céu.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: limpai-os.

<sup>7</sup> O autor usa, indiferentemente, as duas formas, «cálice» e «cáliz».

<sup>8</sup> Castelhanismo do autor, que se repetirá doravante.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: Senhor.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 174/164].

<sup>1</sup> *Salmos 23 (22)*, 1: «Deus é o meu pastor.»

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 173/163].

<sup>3</sup> Ver glossário (pedra de ara / *tabot*).



incensando à roda da capela por um alpendre a modo de crasta<sup>1</sup>, que está da banda de fora, onde entram os seculares, que na capela não podem, e vai dizendo: «Santo, Santo, Santo, Deus de Sabaoth, perfeito, cheia está a terra de santificações de Vossa glória.» E, logo, torna<sup>2</sup> a repetir o mesmo que acima: «Ó Deus eterno, que não tendes princípio nem fim», etc. E, como entra na capela, deixa o diácono de ler e vai [fol. 196] detrás dele e chegando ao altar, sai o subdiácono e lê no mesmo lugar um pedaço das epístolas canónicas e, entretanto, o sacerdote no altar repete outra vez: «Ó Deus eterno, que não tendes princípio, nem fim», etc. e acrescenta: «Vós sois Nosso Senhor e nosso Deus, a Vossos apóstolos santos declarastes a glória do *Evangelho* de Vosso Messias e lhe destes dons sem conto de Vossa graça e lhes mandastes pregar em todo o universo. A riqueza de Vossa graça e misericórdia não se sabe. Dai-nos, Senhor, graça que andemos por seus caminhos e seguimos suas pisadas e sejamos dignos de participar suas heranças e em todo o tempo nos pareçamos com eles e fiquemos fortes em seu amor. E guardai Vossa Igreja santa que edificastes por eles e lançai bênção sobre as ovelhas de Vosso gado, acrescentai a cerca de Vossa vinha que plantastes com Vossa santa mão direita, em Jesus Cristo Nosso Senhor, com o Espírito Santo, para sempre dos sempre. Amém.»

Quando sai o subdiácono a ler sua lição, vai detrás dele o sacerdote que ajuda à missa, com só alva e fica da banda de dentro. E, como o subdiácono acaba de ler, lhe entrega o livro e se vai para o altar e ele fica lendo dos *Actos dos Apóstolos* e, entretanto, diz o sacerdote que está no altar: «Ó Senhor Jesus Cristo, Deus nosso, que dissesstes a Vossos santos discípulos e apóstolos limpos: “Muitos profetas e justos desejaram ver o que vós outros vedes e não viram e ouvir o que ouviram e não ouviram; e bem-aventurados os olhos que vêem o que vós vedes.” E assim, como a eles, nos fazei dignos que ouçamos e cumpramos a palavra de Vosso *Santo Evangelho*, com a oração dos santos.»

Depois, diz o diácono: «Fazei oração»; e o sacerdote: «Lembra-Vos outra vez, Senhor, dos que nos pediram que os lembrássemos em o tempo de nossas orações e petições que Vos fazemos. Ó Deus Nosso Senhor, dai descanso aos que morreram <sup>3</sup>antes de nós e dai saúde aos doentes, porque Vós sois vida e esperança nossa e livrador nosso e ressurreição de todos nós, a Vós<sup>4</sup> damos altíssimos louvores. Glória ao altíssimo, nos siglos dos siglos.»

Logo estende a mão direita para o Oriente e, virando-a para o Ocidente, para o Norte e para o Sul, faz uma cruz, [fol. 196v] dizendo: «Deus altíssimo lance sua bênção sobre todos nós e nos santifique com a bênção espiritual e faça nossa entrada à santa Igreja, com os diligentes anjos que O servem e louvam para sempre dos sempre.» E, nisto, chega o sacerdote que estava fora lendo dos *Actos dos Apóstolos* e, pondo o livro em seu lugar, toma o do *Evangelho* de uma estante que está perto do altar (que nele não há livro nenhum, porque tudo quanto dizem no altar<sup>5</sup> é de cor) e, abrindo na parte que se há-de ler, o dá ao sacerdote que diz a missa e ele o toma com ambas as mãos e o põe sobre o ombro esquerdo e vai ao lugar onde leram os outros, dizendo: «*Evangelho* santo que deu novas, fuão (nomeando o evangelista de quem há-de ler), palavra do Filho de Deus. E, saindo fora da porta, lê o *Evangelho* daquele dia, mas não misturam os evangelistas, senão um ano inteiro lêem de um evangelista e outro ano de outro e, assim, em quatro anos os acabam de ler.

Em lendo a lição daquele dia, torna ao altar dizendo: «Também pedimos ao todo poderoso Deus Padre, ao Senhor e redentor nosso Jesus Cristo pedimos e buscamos de Vossos bens, ó ama-

dor das gentes. Lembrai-Vos, ó Senhor, da paz da Igreja, santa congregação dos apóstolos, a qual há-de estar até o fim do mundo, benzei a todo o povo e a todo o gado com a paz que está nos céus e metei-a em nossos corações e dai-nos nela a paz de nossa vida. Dai Vossa paz a nosso rei N. e a seu exército e a seus príncipes e grandes. Ó rei da paz, dai-nos paz, porque todas as coisas nos destes e a nenhum outro conhecemos fora de Vós, a Vosso santo nome nomeamos e chamamos para que viva em nossa alma no Espírito Santo e não acometa a morte do pecado a nós, Vossos servos e a todo Vosso povo.»

Acabando isto, diz o diácono: «Levantai-vos à oração»; e o sacerdote: «Paz a todos vós outros.» E os que estão na capela e fora dela, dizem o Credo; e entretanto o sacerdote: «Alevantai-Vos, ó meu senhor Deus, e espalhem-se Vossos inimigos e fujam de Vosso rosto os que aborrecem<sup>1</sup> Vosso santo e bem-aventurado nome e Vossos povos sejam bentos com a bênção dos milhares de milhares que fazem Vossa vontade com graça e paz de [fol. 197] amor da gente, de Vosso Filho unigénito, Nosso Senhor e Nosso Deus Salvador, Jesus Cristo, com o qual Vos convém glória e honra e poder <sup>2</sup>e com o Espírito Santo vivificador, que é igual convosco agora e para sempre dos sempre», etc. «Deus grande eterno, que fizestes a gente sem corrupção, minguastes a morte que entrou primeiro no mundo pela inveja do diabo na vinda de Vosso Filho, nosso Deus e Senhor e Salvador Jesus Cristo e enchestes toda a terra de paz dos céus, com a qual Vos louvam os coros dos anjos, dizendo *Glória a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade*<sup>3</sup>. Ó Senhor, enchei, com Vosso querer, nossos corações de Vossa paz e limpai-nos de toda a nódoa e de toda a inveja e de toda a obra má e da lembrança do mal que causa morte e fazei-nos dignos de que nos beijemos uns aos outros com beijos santos e que recebamos sem pena Vosso santo pão celestial, que é sem morte, em Jesus Cristo Nosso Senhor, com o Espírito Santo, para sempre dos sempre. Amém.»

Em acabando esta oração, começa uma de doze missas que têm diferentes para as festas e dias feriais. A que aqui porei, que é das mais breves, dizem eles que fizeram os apóstolos, mas acrescentam algumas palavras, rogando por seus patriarcas e por outros.

#### Missa dos Apóstolos.

Pondo-se o sacerdote que diz a missa com o rosto para os que estão na capela, lhes lança bênção com a mão direita, dizendo: «Deus com vós outros.» E, tornando-se a virar para o altar, dando bênção, diz: «Benzei o nosso Deus.» E logo prossegue: «Benzemo-Vos, Senhor, em Vosso Filho amado, Nosso Senhor Jesus, a quem nos mandastes no derradeiro tempo, Vosso Filho salvador e redentor, anjo de Vosso conselho, esta santa<sup>4</sup> Vossa palavra na qual fizestes todas as coisas com Vossa vontade.» Diz o diácono: «Por amor do bem-aventurado e santo Papa Marcos» (aqui nomeia o patriarca de Alexandria, que então vive) «e o bem-aventurado Papa N.» (aqui nomeia o seu *abuna*); diz o sacerdote: «A eles e às obras<sup>5</sup> de todos dai descanso e tende misericórdia delas. Vosso Filho mandastes do céu nas entranhas da Virgem e se fez carne e esteve no ventre, [fol. 197v] Vosso Filho se soube pelo senhor Espírito Santo a Vós e aos que estão em pé diante de Vós, milhares de milhares de

<sup>1</sup> Findo o período aksumita, o traçado das igrejas passou a ser maioritariamente circular, compreendendo três zonas distintas, como santo dos santos ao centro, e um alpendre deambulatório no exterior.

<sup>2</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: torna.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 174v/164v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: e Vos.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: nele.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: aborrecerem.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 175/165].

<sup>3</sup> Lucas, 2, 14.

<sup>4</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: santa.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: almas.

santos, anjos e arcanjos e Vossos animais honrados que têm seis asas, querubins e serafins com suas duas asas cobrem Vosso rosto e com duas os pés, com duas avoam do princípio até o fim do mundo, todos para Vos santificar e louvar sempre com os que Vos santificam e louvam. Também recebi nossa missa, dos que Vos dizemos “Santo, Santo, Santo, Deus Sabaoth perfeito”, cheio está o céu e a terra da santificação de Vossa glória. Vosso santo Filho veio e nasceu da Virgem para cumprir Vossa vontade e para Vos santificar o povo; estendeu suas mãos para padecer dor e para desamarrar os doentes e aos que confiaram em Vós, o qual se entregou, por Sua vontade, a padecer para tirar o poder da morte e quebrar as cadeias do demônio e pisar o inferno, para guiar os santos e plantar a ordem e declarar sua ressurreição. E naquela noite que o entregavam, tomou pão com Suas santas e bem-aventuradas mãos sem nódoa e levantou Seus olhos ao céu e a Vós, Seu Pai, e o benzeu e partiu e deu a Seus discípulos, dizendo: *Tomai e comei este pão de Meu corpo e que por vós outros se parta para perdão de pecados*. Da mesma maneira, ao cálix benzido e santificado lhes deu a Seus discípulos, dizendo: “Tomai e bebei este cálice, é Meu sangue que por vós outros Se derramará em remissão dos pecados”. Também agora, ó Senhor, lembrando-nos de Vossa morte e de Vossa ressurreição, confiamos de Vós e Vos damos este pão e este cálix, benzendo-Vos, o qual nos fizestes para deleite, para que estivéssemos em pé diante de Vós a Vos servirmos e pedimo-Vos, ó Senhor, e Vos rogamos que mandeis o Santo Espírito de virtude sobre este pão e este cálix e O façais Sua casa e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, para sempre dos sempre. E juntamente lhes deis, a todos os que tomam dele, que lhes seja para santificação e redenção do pecado, para sempre dos sempre.» Dizendo estas palavras, molha a ponta do dedo polegar e faz com ele uma cruz no pão de uma a outra banda, e diz: «Dai-nos que nos unamos em Vosso Espírito Santo e sarai-nos neste pão para que vivamos em Vós para sempre. Bendito o nome de Deus e bendito o que vem [fol. 198] no nome de Deus.» E todos repetem as mesmas palavras, começando de «Dai-nos que nos unamos», etc.

O diácono diz: «Levantai-vos para a oração»; e logo o sacerdote «Paz a todos vós outros», dando graças, benze-o e parte-o. (Aqui parte o pão, tomando um pouco da parte de cima, onde está a primeira cruz e logo da banda debaixo, depois da parte da mão direita e logo da esquerda; depois tira com o dedo a côdea do pão onde está sinalada a cruz do meio e, inteira, a bota dentro do cálix) e diz esta oração: «Também rogamos ao todo poderoso Deus Padre, ao Senhor e Salvador nosso Jesus Cristo, que nos dê tomemos<sup>2</sup> com bênção do santo mistério e que nos fortifique e nenhum de nós se suje, senão que faça seja deleite para todos os que recebem o santo mistério do corpo e sangue de Cristo, todo-poderoso Deus, nosso Deus.» Diz o diácono: «Fazei oração.» E logo o sacerdote: «Deus, que sois todo-poderoso, dai-nos fortaleza em receber de Vosso santo mistério e não permitais que se suje nenhum de nós, mas benzei a todos sempre e para sempre dos sempre.»

<sup>3</sup>Diz o diácono: «Em pondo-vos em pé, levantai vossa cabeça»; e logo o sacerdote: «Deus eterno, sabedor do secreto e do manifesto, abaixe diante de Vós, Vosso povo, a cabeça. A Vós reverenciamos e abrimos o alto de Vosso coração e carne, olhai a morada que Vos convém e benzei-os, inclinai Vossa orelha e ouvi suas orações, fazei-os firmes com a virtude de Vossa mão direita, acudi e cobri a doença má, sede-lhes guarda para o corpo e alma, acrescentai a eles e nós Vossa fé e o temor de Vosso nome em um Vosso Filho para sempre.»

Diz o diácono: «Adorai a Deus com temor»; e logo o sacerdote: «Ó Senhor, todo-poderoso, Vós sois o que sarais nossa alma e corpo, porque Vós o dizeis por boca de Vosso Filho unigénito, Nosso Senhor, Nosso Deus e Nosso Salvador Jesus Cristo, que disse a nosso Pai Pedro: *Vós, pedra, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela e dar-te-ei as chaves do reino dos céus, o que amarrardes na terra será amarrado nos céus e o que soltardes na terra será solto nos céus*<sup>1</sup>. Sejam [fol. 198v] soltos e livres Vossos servos, meus pais e meus irmãos, na boca do Espírito Santo e também na minha boca, Vosso servo pecador e culpado. Deus Nosso Senhor, que tirais os pecados do mundo, recebi a penitência destes Vossos servos e servas e alumiai neles a luz da vida eterna e perdoai-lhes seus pecados, porque Vós sois misericordioso e amador dos homens. Vós sois Deus, nosso Deus e misericordioso e de paz, longe da ira e muito misericordioso e de verdade<sup>2</sup> justo. Se pecarmos contra Vós, ó Senhor, com nossa palavra, ou com nosso coração, ou com nossas obras, perdoai e edificai, porque Vós sois bom e amador das gentes, porque Vós sois Deus, nosso Deus, soltai a nós e a todo Vosso povo. Lembrai-Vos, ó Senhor, do padre honrado e santo nosso Papa *Abbá* N. (aqui nomeiam o patriarca de Alexandria que actualmente vive) «e do bem-aventurado e santo nosso Papa N.» (aqui nomeiam o patriarca de<sup>3</sup> Etiópia). Nosso Deus, guardai-os para nós por muitos anos e tempos compridos, com justificação e paz. Lembrai-Vos, Senhor, de nosso Rei N. e soltai da prisão dos pecados que fez, sabendo que por ignorância; sujeitai seus inimigos e botai-os logo debaixo de seus pés. Lembrai-Vos, Senhor, de todos os papas, bispos e clérigos, diáconos, subdiáconos, exorcistas e cantores, homens e mulheres, meninos, velhos e mancebos e de todo o povo cristão, fortificai-os com fé de Cristo. Lembrai-Vos, ó Senhor, e soltai os que dormiram e descansaram na fé verdadeira, juntai suas almas no seio de Abraão, Isaac e Iacob e livrai-nos de toda a culpa e maldição e de toda a negação e de toda a excomunhão e de todo o juramento<sup>4</sup>falso e de toda a união com os revéis e gentios. Dai-nos graça, ó Senhor, coração, siso e entendimento, para que nos afastemos e fuçamos, daqui por diante para sempre, de toda a obra má que tenta. Dai-nos que façamos Vossa determinação em toda a hora e escrevei nossos nomes no livro da vida, no reino dos céus com todos os santos e mártires em Jesus Cristo Nosso Senhor, com o qual e com o Espírito Santo tendes glória e poder, agora e para sempre dos sempre. Amém.»

[fol. 199] Diz o diácono: «*Necer*, (olhai)»; e o sacerdote «Senhor, perdoai-nos, Cristo», e logo todos homens e mulheres dizem o mesmo, cantando, e o sacerdote o repete outras duas vezes e, a cada vez, também os outros. Depois<sup>5</sup>, diz o sacerdote: «De verdade, carne santa de Nosso Senhor Deus e Salvador Jesus Cristo, que se dá para vida, salvação e redenção do pecado aos que tomam dela com crer. De verdade, sangue honrado de Nosso Senhor Deus e redentor Jesus Cristo, que se dá para vida, redenção e salvação do pecado aos que tomam dele com crer, porque esta é Sua carne e Seu<sup>6</sup> sangue, do Emanuel, nosso Deus de verdade, creio e confesso até o derradeiro bafejo que esta é a carne e sangue de Vosso unigénito Filho, Nosso Senhor e nosso Deus e nosso Salvador Jesus Cristo, que tomou da Senhora de todos nós, santa e bem-aventurada Maria e a fez um com Sua divindade, sem se misturar, sem se afastar, nem trocar, e foi testemunha, com testemunho bom, em tempo do

<sup>1</sup> *Mateus*, 16, 18-19.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: verdadeiramente.

<sup>3</sup> Omitido no *Ms. 778 BPB*: Alexandria que actualmente vive) «e do bem-aventurado e santo nosso Papa N.» (aqui nomeiam o patriarca de.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 176v/166v].

<sup>5</sup> Omitido no *Ms. 778 BPB*: Depois.

<sup>6</sup> Omitido no *Ms 778 BPB*: Seu.

<sup>1</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 175v/165v].

<sup>2</sup> Há uma palavra omissa; sugere-se a leitura «nos dê e tomemos», etc.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 176/166].

Pôncio Pilato e O entregou com sua vontade sobre a santa cruz, para vida de todos nós. Creio que se não afastou Sua divindade de Sua humanidade nem uma hora, nem um abrir e fechar de olho e O entregou por nós para vida, salvação e redenção do pecado para sempre. Creio e confesso que esta é Sua carne e sangue de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, a Quem convém glória e honra e adoração, com Seu Pai bom, misericordioso e o Espírito Santo vivificador<sup>1</sup>, todas as vezes, agora e para sempre dos sempre. Amém.»

Como chega aqui, toma uma pequena parte do pão, dizendo «Santa carne de Emanuel, nosso Deus de verdade, que tomou da Senhora de todos nós» e consome. E logo o diácono lhe dá, com uma colher de prata ou de cobre, um pouco de sangue, dizendo: «Este é Seu sangue, de Cristo.» E logo dá a comunhão ao sacerdote que ajuda à missa e este toma com sua mão a colher e bebe do sangue e logo dá a comunhão ao diácono e o sacerdote que ajuda à missa lhe dá o sangue e depois ao subdiácono e aos que estão na capela, que são os que têm ordens e logo entrega o cálix ao diácono, o qual fica à mão direita do que diz [fol. 199v] a missa e o sacerdote que ajuda <sup>2</sup>à esquerda e toma, por uma parte, a bacia em que vai a patena com o sacramento coberto com pano de algodão preto ou vermelho e, da outra banda, toma qualquer dos sacerdotes dos que ali se acham sem estar revestido e o que diz a missa estende as mãos e as põe sobre o pano com que está coberto o sacramento e o subdiácono vai diante com uma taça que, quando o diácono dá o sangue, põe diante do cálix, por que não caia alguma gota no chão. E, chegando à porta da capela, ou por melhor dizer, da igreja, dá o sacerdote o sacramento do corpo aos seculares, homens e mulheres, dizendo: «Santa carne de Emanuel, nosso Deus de verdade, que tomou da Senhora de todos nós.» E o que comunga diz «Amém, amém» e, logo, o diácono dá com a colher o sangue, dizendo «Este é Seu sangue, de Jesus Cristo, para vida da carne e alma e para vida eterna», e o subdiácono bota na palma da mão do que comungou uma pouca de água com que ele lava a boca e a bebe e algumas vezes lhe dá a água na boca com o jarro que é de bico; e todos, quando comungam, estão em pé.

Como acabam de dar a comunhão a todos (porque, ordinariamente, todos os que ali estão comungam ainda que se não tenham confessado), tornam para o altar; e se fica a parte do<sup>3</sup> sacramento, o consome o que diz a missa e logo lava os dedos com água, dentro do cálix e a bebe. Lava a patena e cálix e dá a beber aquela água ao sacerdote que ajuda à missa; e tornando a lavar o cálix, a dá ao diácono e logo lava as mãos sobre a patena e a dá a beber ao subdiácono. Feito isto, esfrega as palmas das mãos com incenso e postas em cruz, as dá a beijar a todos os sacerdotes que ali se acham, dizendo «O poder da mão de Pedro» e o que beija, responde «Assim como o primeiro sacrifício de Abel, receba.» E aos diáconos e subdiáconos põe as palmas sobre a testa e logo lhas dá a beijar, dizendo: «A bênção de Paulo.» E perguntando-lhes por que diziam de uma maneira a S. Pedro e de outra a S. Paulo, me responderam que porque S. Pedro era sacerdote e S. Paulo diácono.

Tudo isto tirei de um livro que me deram<sup>4</sup> [fol. 200] em um mosteiro grande e disseram-me os frades que todas as orações e cerimónias que aqui se referem, desde que trazem o pão e vinho daquela casinha onde se faz, até chegar onde se põe o título «Missa dos Apóstolos», se dizem e fazem

em todas as outras missas e que algumas têm mais cerimónias que esta e que fazem nelas comemoração de Dióscoro.

Não dizem em cada igreja mais que uma só missa, ainda que haja nela muitos sacerdotes e estranham muito que em nossas igrejas se digam em um dia muitas missas e, publicamente, à vista do povo, sem cortina. Dizem (segundo me afirmaram os frades) missa pelos defuntos e como nesta temos visto, rogam por eles e com tudo isso negam o purgatório, <sup>1</sup>como adiante veremos.

A missa chamam *cadacê*, e ao santíssimo sacramento *corbân*, que quer dizer holocausto.

Frei Luiz de Urreta, no cap. 9.º do 2.º livro de sua *História Etiópica*<sup>2</sup>, põe uma missa e refere as cerimónias que os etíopes usam nela. Mas em muitas das coisas que ali diz se enganou, como que, do princípio de sua cristandade, consagram em ázimo *scilicet* em pão sem fermento; e que já usam de hóstias como nós para os sacerdotes grandes, e pequenas e para comungar o povo; e que antigamente faziam vinho de passas para dizer missa, pondo-as de molho dez dias, e depois as enxugavam e espremiavam com<sup>3</sup> um parafuso, mas que agora já se não usa, porque têm grande abundância de vinho de uvas; que, ainda que, antigamente, os ornamentos com que os sacerdotes diziam missa, eram só uma alva muito justa e a casula era como um escapulário estreito com sua abertura por donde metiam a cabeça, já agora usam de todos os ornamentos com que celebra a Igreja romana; que, a certo passo da missa, diz o povo, a vozes, o *Credo* que canta a Igreja romana, sem discrepar palavra; que roga o sacerdote pelo sucessor de S. Pedro que vive em Roma; e que dá a bacia com o sacramento ao diácono coberto com uma pala, e o cálice com o sangue ao subdiácono, e eles dão a comunhão aos sacerdotes que estão perto do altar, e logo aos ordenados maiores e menores, e, depois, na porta da igreja, a seculares, homens e mulheres; e que, ainda que estes comungavam antigamente *sub utraque specie*, já se não usa desde o Sumo Pontífice Paulo III [fol. 200v] que lhes mandou por seus breves que comungassem só com as espécies de pão, como o faz a Igreja romana e, logo ao ponto, obedeceram; que antigamente não guardavam o santíssimo sacramento nas igrejas nem o levavam aos doentes, porque, como comungavam os mais dos dias, se adoeciam, a última comunhão lhes servia de viático, segundo eles diziam, mas que, agora, já reservam o santíssimo sacramento nas igrejas e que o levam aos doentes, seguindo em tudo o estilo da Igreja romana.

Estas e outras coisas (que, por serem de menos porte, deixo) diz o autor naquele capítulo, mas todas são muito diferentes do que na verdade cá passa, porque, como temos visto acima, sempre, até hoje, consagram em pão fermentado e, se hão-de dizer missa pela manhã, fazem a massa à noite, botando-lhe fermento e, quando jejuam, que dizem missa à tarde, amassam pela manhã com fermento, nem usam de hóstias como nós, nem tiveram nunca ferros; pelo que o Imperador Seltan Çaguêd desejou ver os nossos e mandou fazer hóstias diante dele e as louvou muito; o mesmo <sup>4</sup>fizeram alguns senhores que estavam presentes e um disse: «Esta é coisa muito boa, que se pode consumir sem mastigar; de nosso sacramento sempre nos ficam relíquias entre os dentes.» E uma senhora disse: «Isto é coisa do céu: os nossos frades parece que amassam com os pés o pão que fazem para o sacramento.»

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: justificador.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 177/167].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: algum.

<sup>4</sup> Provavelmente, um missal da Igreja Ortodoxa (*Mäs'ëhäfä qädase*).

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 177v/167v].

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro II, cap. 9, intitulado «Del sacramento santo de la eucaristia, en el qual guardavan la pureza de la fe Catholica» (pp. 494-516).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 178/168].

As passas nem as botam de molho nem as espremem com parafuso, senão, um pouco antes da missa, as lavam e, botando aquela água fora, as desfazem em outra com a mão e coam com um pano<sup>1</sup>, como dissemos. Nem usaram nunca (segundo eles dizem) nem usam de vinho de uvas para dizer missa; nem os ornamentos são<sup>2</sup> como os da Igreja romana, senão como os que acima dissemos, nem cantam nela o Credo como o tem a Igreja romana; antes comumente negam com pertinácia que o Espírito Santo procede do Filho, como dissemos no cap. 2.º deste livro; nem o sacerdote roga na missa pelo sucessor de S. Pedro que vive em Roma, senão pelo patriarca de Alexandria. Nem o diácono dá a comunhão do corpo [fol. 201] aos eclesiásticos, nem seculares, senão o sangue, e o sacerdote que diz a missa o corpo, que até hoje comungam todos *sub utraque specie*. Por onde, se o Sumo Pontífice Paulo III lhes mandou que comungassem só com as espécies de pão (como diz o autor), não obedeceram, nem guardam o estilo da Igreja romana em reservar nas igrejas o santíssimo sacramento e levá-lo aos doentes, porque nem uma nem outra coisa fazem. E é mui fraca escusa dizer que o não levavam, porque, como comungavam os mais dos dias, se adoeciam, a última comunhão lhe servia de viático, pois podiam estar um ano e dois doentes de maneira que não chegassem à igreja. E, o pior é que não somente não comungam enquanto estão doentes por mais comprida que seja a doença, mas muito poucos se confessam, porque lhes dizem seus frades, como eu mesmo lhes ouvi, que já que não podem fazer penitência por causa da doença, não lhes aproveita a confissão, e, assim, morrem sem ela.

Aos que a justiça condenava à morte, de nenhuma maneira confessavam. Mas, pouco tempo há, que adverti ao Imperador Seltan Çaguêd quão grande mal era este e lhe persuadi ordenasse a seus juízes que, os que condenassem à morte, os fizessem confessar antes de padecer. Também têm tão grande descuido os vigários e os frades todos em ensinar ao povo o aparelho que se requer para receber o santíssimo sacramento, que, segundo me afirmaram, há homens casados que comungam amiúde sem se terem confessado em toda sua vida. E, entre os que se reduziam à nossa santa fé, achei alguns de mais de vinte anos que me disseram que comungavam cada oito dias e que, em toda sua vida, se não tinham confessado, por não saberem que era necessário confessar os pecados antes de comungar.

### 3CAPÍTULO XII

EM QUE SE REFERE O QUE REZAM OS SACERDOTES ETÍOPES  
EM LUGAR DE NOSSAS HORAS CANÓNICAS.

**P**ois temos visto as cerimônias de que usam os sacerdotes etíopes em suas missas, será bem referir agora o que rezam [fol. 201v] em lugar de nossas horas canônicas, para que, se algum

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: a mão.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: são.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 178v/168v].

quiser saber miudamente estas coisas, as possa ver aqui tiradas de seus mesmos livros. E, enquanto for possível, me acomodarei à propriedade de suas palavras, ainda que no que mostraram<sup>1</sup> da *Escritura*, algumas não sejam tão conformes à nossa versão. E, começando pelas matérias que eles cantam de ordinário, como<sup>2</sup> duas horas ou hora e meia antes de amanhecer, não dizem primeiro como *Pater Noster*, *Ave Maria*, *Credo*, *Domine labia mea aperies*, etc., senão, cantando a seu modo, repetem três vezes *Aleluia* e logo:

«Benzo e alevanto, em nome do Padre e do Filho e Espírito Santo, tomando por báculo três nomes, ainda que caia, me alevante, ainda que ande nas trevas, Deus me alumiará<sup>3</sup>, n'Ele confio. Benzemo-Vos, Senhor, e glorificamos. Benzemo-Vos, Senhor, e confiamos em Vós. Sujeitamo-nos a Vós, Senhor, e servimos a Vosso santo nome. Adoramos a Vós, a quem todo joelho faz reverência e toda a língua se sujeita. Vós sois Deus dos Deuses e Senhor dos Senhores, Deus de toda a carne e de toda a alma. A Vós chamamos, como nos ensinou Vosso Filho, dizendo “Quando orardes, dizei assim: *Pater noster qui es in coelis*”<sup>4</sup>, etc.» E dizem-no<sup>5</sup> inteiramente e logo: «Seja bento Deus, Deus de Israel, que só fez grandes maravilhas e seja bento o nome de Sua santa glória e encha Sua glória toda a terra. Seja. Seja.

«Santo, Santo, Santo Deus de Sabaoth perfeito, cheios estão os céus e a terra da santificação de Vossa glória, Deus que era antes do segre<sup>6</sup> e há-de ser para sempre. Santo Deus, que é glorificado dos diligentes e santificado dos santos. Santo Deus, a Quem temem os querubins e de cuja majestade tremem os serafins. Santo Deus, que vira o corisco e faz forte o trovão. Santo Deus, que lança a escuridão à tarde e a luz pela manhã. Santo Deus, que fez presidir o sol de dia para que nos alumiasse do céu. Santo Deus, que fez que<sup>7</sup> a lua e estrelas cumprissem de noite o que lhes tinha ordenado. Santo Deus, que faz a Seus anjos espíritos e a Seus ministros fogo abrasador. Santo Deus, que estendeu o céu como tenda e fortaleceu a terra sobre as águas. Santo Deus, que fez a Adão à Sua imagem e semelhança. Santo Deus, que ordenou a Abraão e jurou a Isaac e guardou a promessa [fol. 202] a Iacob. Santo Deus, que foi vendido como José para medir o comer ao povo. Santo Deus, que deu Lei a Moisés. Santo Deus, que santificou o sacerdócio de Aarão. Santo Deus, que ungiu a David com unção do reino e sacerdócio. Santo Deus, que bafejou nos profetas, para fazer ouvir Sua santa palavra. Santo Deus, a Quem glorificam os anjos e louvam os poderes.» Logo dizem alguns versos do *Salmos* 104 e 117, a modo de responsórios, desta maneira: «*Confitemini Domino et invocate nomen eius. Aleluia.*»<sup>9</sup> E depois dizem: «Glória ao Padre e ao Filho e ao Espírito Santo. Aleluia, em todo o tempo e em toda a hora. Glória ao Padre e ao Filho e ao Espírito Santo. Aleluia em todos os tempos e momentos. Glória ao Padre, ao Filho e ao Espírito Santo. Aleluia em todos os tempos e anos. Glória ao Padre e ao Filho e ao Espírito Santo. Aleluia à santa Igreja, para sempre dos sempre. Aleluia. A Ele convém glória, de geração em geração.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: misturam.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: como.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: alevantará.

<sup>4</sup> *Mateus*, 6, 9: «Pai nosso que estás nos céus.»

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: dizem-no.

<sup>6</sup> O autor usou, por «século», quer a forma portuguesa antiga «segre», quer a forma castelhana «siglo.», como se viu *supra*.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 179/169].

<sup>9</sup> *Salmos*, 105 (104), 1: «Celebrai o Senhor, invocai o Seu nome, Aleluia.»

«Louvo-Vos, ó Virgem, cheia de louvor, quanto minha boca pode louvar Vossa grandeza. A língua do querubim não pode acabar de Vos louvar e a boca do serafim não acabará de declarar Vossa grandeza. A estreiteza de Vossas entranhas ficou mais larga que os céus e Vosso resplendor foi mais claro que o do sol. Vós sois ouro limpo, tesouro da natureza. Bendita sois Vós, Mãe de Deus. Vós sois louvada por boca dos profetas e glorificada dos apóstolos, coroa da bênção de Iacob e louvor da Casa de Israel, procedeis do reino da raiz de Jessé, flor limpa do tronco de David, por Vós cheiram suavemente todos os santos. Fazemo-Vos reverência, ó Rainha, e levantamos os olhos a Vosso Filho, poderoso do segre. Estendei Vossas mãos e benzei a cada um de Vossos servos.<sup>1</sup> Perdoai-nos Cristo<sup>2</sup>.» Isto repetem doze vezes. «Benzei-nos,<sup>3</sup> Deus nosso, do alto do céu. Recebei nossas orações<sup>4</sup>. Perdoai-nos, Senhor, e havei misericórdia de todos nós.» Isto repetem três vezes. «Rogamos a Deus Padre, Senhor todo-poderoso, e a nosso Salvador Jesus Cristo por nossos irmãos doentes, que tire deles todas as enfermidades e espírito de doença e prevalecendo a vida, lhes dê saúde, ó todo poderoso Deus, nosso Deus.»

Diz o diácono: «Orai»; e, logo, um sacerdote: «Deus nosso, Deus todo poderoso, [fol. 202v] Padre e Senhor e nosso Salvador Jesus Cristo, pedimo-Vos e rogamos que deis vida aos doentes irmãos e que se tire deles o espírito da doença, fazei que passem deles todas as dores e enfermidades e que achem logo saúde. Visitador e sarador da alma e corpo, tirai deles todas as coisas dos espíritos imundos que atribulam e apertam a alma, dai paz e descanso, tirai todas as doenças desta casa e de nós, dai perfeita saúde a todos os que nomeiam Vosso santo nome e salvação a nossas almas, em Vosso único Filho, com o qual e com o Espírito Santo, tendes glória para sempre dos sempre.»

«Lembra-Vos, Senhor, da promessa de Vossos servos santos, promessa de Abraão, Isaac e Iacob, Vossos fiéis, a quem destes esperança de justificação e vida e jurastes por Vós mesmo. Lembrai-Vos, Senhor, do zelo de Moisés, Vosso servo, que com Vossas <sup>5</sup>maravilhas se engrandeceu entre os egípcios e achou graça em Vosso rosto e recebeu a lei de Vossas mãos. Lembrai-Vos, Senhor, da justificação de David, a quem Vós mesmo louvastes, dizendo: “Achei a David, meu servo, homem fiel segundo meu coração.” Lembrai-Vos, Senhor, da palavra de Vossos profetas santos, a quem destes Vosso espírito e chamaram como trombeta pregando Vossa nascença. Lembrando-Vos destes, perdoai a Vosso povo e benzei Vossa herança, alevantai Vossa força e vinde a nos livrar.

«Ouvi-nos, Deus e Senhor nosso, Deus de nossos padres, não vemos, nem ouvimos, nem nos disseram nossos pais que havia outro Deus fora de Vós. Sejam confundidos os que adoram os ídolos e os que se gloriam em seus deuses. Nossa alma espera em Deus, porque é nosso ajudador e refúgio. Vinde para mim, ó Virgem, com Vosso amado Filho Jesus Cristo, para nos benzer. Vinde para mim, ó Virgem, com Adão, Abel, Set e Henoc, santos pais dos pais antigos nomeados. Vinde para mim com Noé e Sem, que acharam graça diante do Altíssimo. Vinde para mim, ó Virgem, com Abraão, Isaac e Iacob, Vossos pais que geraram a glória de todo mundo. Vinde para mim, ó Virgem, com Moisés, [fol. 203] Aarão sacerdotes, que Vos assemelharam no tempo da Lei velha. Vinde para mim, ó Virgem, com Josué, profeta e príncipe, que fez deter o sol contra Gabaon e repartiu a herança

aos hebreus. Vinde para mim, ó Virgem, com Samuel que tirou a David dentre as ovelhas e o ungiu com o óleo de seu corno. Vinde para mim, ó Virgem, com David, nosso pai cantor. Vinde para mim, ó Virgem, com Isaías e Jeremias, altíssimos em suas palavras e pregadores com virtude. Vinde para mim, ó Virgem, com Elias e Eliseu, profetas de Israel. Vinde para mim, ó Virgem, com Ezequiel e Daniel de boas visões, que denunciaram os mistérios do céu. Vinde para mim, ó Virgem, com Ananias, Azarias e Misael, que não quiseram obedecer ao mandado d’el-rei, senão a Deus do céu e fizeram oração dentro do fogo. Vinde para mim, ó Virgem, com todos os profetas de Judá e Samaria e Babilónia, que clamaram como trombeta por vosso Filho. Louvamo-vos, ó Virgem, assim como o Anjo Gabriel, dizendo: Bendita és Tu e bendito o fruto de Teu ventre. Alegrai-vos, cheia de graça, Deus convosco, bendita sois e bendito o fruto de Vosso ventre. Alegrai-Vos, fonte de alegria, bendita sois e bento o fruto de Vosso ventre. Ó Senhor, perdoai-nos, Cristo.» Isto repetem doze vezes.

«Louvamos a Deus que é glorificado com a glória dos santos. A Ele louva a companhia dos anjos alegres, a Ele servem as almas dos justos, a Ele adora a santa Igreja, dizendo: Glória a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade. <sup>1</sup>Santo, Santo, Santo, Deus que mora nas alturas e vê o íntimo do abismo, Sua majestade não podem ver os querubins. Santo Deus, que é de três rostos e uma natureza, todo-poderoso de um conselho. Santo Deus, que é três em <sup>2</sup>união, é glorificado dos diligentes, fogo de vida que não se palpa, nem se enxerga com o olho, espírito sutil.<sup>3</sup> Adoramos a Sua Trindade com uma [fol. 203v] adoração e Lhe damos glória. Santo Deus, que as paredes de sua casa são chamadas e o chão neve, a Ele convém adoração. Santo Deus, que os sacerdotes do céu estão em pé à roda d’Ele e Lhe dão glória adorando-O e tremendo diante de Seu trono. Santo Deus, cuja casa é relâmpago de Sua glória, diante d’Ele corre o rio de fogo. Santo Deus, que não dorme, diligente, glorificado entre os santos, os serafins o cercam como arco do céu, a Ele só convém glória. Sujeitamo-nos a Vós, ó filha de David, honra de todo o mundo, segunda nas alturas, sendo Virgem mãe. Sujeitamo-nos a Vós, ó filha de David, segunda no céu, de quem nasceu o sol, paristes a Deus. Sujeitamo-nos a Vós, ó filha de David, casa de santidade do Filho, trono de ouro. Sujeitamo-nos a Vós, ó filha de David, vestida com vestido de ouro e claridade. Sujeitamo-nos a Vós, filha de David, cristal limpo, caixa de cheiro com que se ungem os sacerdotes. Sujeitamo-nos a Vós, ó filha de David, horto fechado, fonte selada, filha dos profetas. Sujeitamo-nos a Vós, ó filha de David, novo céu, arca misteriosa, vaso de ouro e prata. Sujeitamo-nos a Vós, ó Maria nossa mãe e mãe de Nosso Senhor. Vós sois nossa honra e glória.

«Rogai, rogai por nós, profetas cheios de espírito, trombeta da Trindade. Rogai por nós, apóstolos, canos de ouro, chaves da justificação e da cerca da vinha. Rogai por nós, mártires fortes na batalha, estrelas, claras tochas da Igreja. Rogai por nós, justos filhos de Sion. Rogai por nós, companhia das virgens e religiosas. Rogai por nós, companhia dos anjos alegres, que não dormis e sem cessar O glorificais. Rogai por nós, papas e sacerdotes e diáconos, que sois de boa fé. Rogai por nós, homens e mulheres, meninos e velhos. Rogai por nós, Abraão, Isaac e Iacob, pais do povo, senhores dos fiéis. Rogai por nós, João virgem, [fol. 204] pregador do Evangelho. Rogai por nós, Estevão bem-aventurado, coluna da fé, que vistes claramente o mistério da Trindade dos céus. Rogai por nós,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Senhor.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Cristo.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: Senhor.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: nossos corações.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 179v/169v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 180/170].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: uma.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: Sútil. As duas lições conviviam na época.

Jorge virtuoso, pelejador, obrador de milagres, estrela de honra entre o céu e a terra. Rogai por nós, Taquelá Haimanót, nosso pai, árvore do Líbano, trabalhador no espírito, seguidor das pisadas de António. Rogai por nós, Felipe, nosso pai, piedoso de coração, singelo como pomba, que cresceu com o espírito de sabedoria. Rogai por nós, nosso Padre Estateus, seguidor do sol. Rogai por nós com a oração de Miguel, nosso padre virgem e mártir, mestre da ordem e regra, língua de cheiro, seguidor dos apóstolos. Rogai por nós, Iared sacerdote, cantor de versos e viola da Igreja<sup>2</sup>. Rogai por nós, santa Igreja, espiritual, tesouro de trigo sem cizânia.

«Jesus Cristo, doce de nome, que chamastes a S. Paulo, chamai à Vossa boca; Jesus Cristo, doce de nome, sal do sacerdócio de Paulo, tirai-nos nossas nódoas com Vossa divindade; Jesus Cristo, doce de nome, claridade do ensino de Paulo, alumiai com Vossa formosura as trévoas de nossos corações; a Vós convém honra e glória, e adoração dos homens e dos anjos. Ó Pedro, a quem foi dado ser pedra da fé, abri-nos, Pedro, para<sup>3</sup> que entremos na casa das bodas de Cristo. Ó Pedro, cabeça dos doutores a quem foi dado poder nos céus e na terra, benzei nossa companhia; vós a quem foi dada a coroa do sacerdócio e reino sobre todos, benzei nossa companhia. Ó cabeça dos pastores, benzei nossa herança, cabeça de todos os apóstolos, porque a vós disse: “Apascentai minhas ovelhas.” Vós, Senhor, sois glorificado e o nome de Vossa glória maravilhoso; Vós fizestes tremer o alicerce da casa da prisão, Vós soltastes as cadeias de S. Paulo, soltai-nos, ó Senhor, das prisões do inimigo. De noite alevantai nossas mãos no templo diante do Evangelho.»

Se for Sábado, lê aqui um dos sacerdotes presentes uma lição do *Evangelho de S. Mateus* cap. 25.º, começando: *Tunc simile est regnum coelorum decem virginibus* etc., até onde diz: *Quia nescitis [fol. 204v] diem neque horam*<sup>4</sup>. E, se não for Sábado, deixam este *Evangelho* e continuam o que se segue:

«Porque Ele deu Lei a Moisés e seus Domingos fez para honra e santificação da Trindade divina. A Ele convém louvor, porque Ele inspirou nos profetas e santificou Seus Domingos para que nos fossem perto e renovou o que era velho, mais alto que os altos. Santo entre os santos, a Vós se oferece o cheiro do incenso dos apóstolos diligentes; os que foram santificados, com Vossa ordenação vos glorificam.»

Aqui, diz um diácono: «Levantai-vos à oração.» E logo um sacerdote: «Paz a todos nós outros.» E lê uma lição do *Evangelho de S. Marcos* cap. 13.º, começando daquelas palavras: *De die illo et hora nemo*<sup>7</sup> *scit*, etc., até *Omnibus dico vigilate*.<sup>8</sup>

«Fazei-nos dignos de entrar no Domingo de Vossos Domingos e que sejamos chamados para Vossa festa, com todos Vossos santos, que louvemos Vosso Evangelho, carregando Vossa cruz. Também rogamos ao todo-poderoso Deus Padre e Senhor, e a nosso salvador Jesus Cristo pelos frutos da terra, que os faça crescer com bênção e dê riqueza com abundância, Deus, nosso Deus.»

Diz um diácono: «Orai.» E logo um sacerdote: «Deus, nosso Deus, que sois nosso Deus e todo-poderoso, a Vós pedimos e rogamos que façais com bênção crescer os frutos da terra. Apresai-Vos a fazer que se recolham para Vossos povos pobres e para todos os que nomeiam Vosso santo e bendito nome, em Vosso único Filho, com o qual e com o Espírito Santo tendes glória, para sempre dos sempre.»

«Os que tendes medo de Deus, não desprezeis, porque só Seu nome se levantou. À meia-noite, fazei oração, porque as estrelas do céu, a claridade do sol e da lua, os relâmpagos e nuvens, os anjos e arcanjos e todos os coros, as profundezas, o mar, rios, fontes, fogo e água, chuva e vento e todas as almas dos justos, glorificam a Deus e os que oram sempre se contam<sup>1</sup> no coração de Deus. Pois, fazendo isto, vós outros, fiéis, emendai uns a outros e orai e pedi a Nosso Senhor, porque mandou isto [fol. 205] com a promessa de Sua palavra.

«Doce de língua, cheiroso como incenso, Paulo guiou os cegos. Mestre verdadeiro, que na fímbria de vossa roupa saravam os doentes, estendei vossa mão direita e benzei-nos aos que estamos juntos, assim como à árvore que nasce ao longo<sup>2</sup> da corrente de água reverdeceu João e se levantou; o proceder de sua palavra seja como cacho de uvas. O *Evangelho* da graça nos dê parte, as fontes da Lei do rio do *Evangelho*, os ramos da oliveira e os ramos da parreira procedem de um tronco; os apóstolos do Filho nos benzam no dia de Domingo, estendendo as mãos.»

Diz um diácono: «Alevantai-vos à oração.» E logo um sacerdote: «Paz a todos vós outros.» E lê uma lição do *Evangelho de S. João* cap. 3.º: *Erat autem homo ex phariseis Nicodemus*, etc., até onde diz: *quia in Deo sunt facta*<sup>3</sup>. Este *Evangelho* se lê só nos Domingos e nos demais dias o deixam. E continuam o que se segue:

«Aleluia, aleluia, aleluia. Vos chamamos estrela que vos fez crescer o sol de justiça, que vos fez dormir em seu peito. Vos chamamos estrela que vos beijou com Sua boca e vos fez cingir com Seu cinto. Vos chamamos estrela que vos mostrou Seus segredos e vos deu o *Evangelho* de Sua graça. Vos chamamos estrela, João, quem como vós<sup>4</sup>, pedimo-vos que rogueis por nós. Porque se alevantou o nome d’Ele só e nesta<sup>5</sup> hora, calam um pouco todas as criaturas, para que O louvem as estrelas e águas, se detém uma hora e todos os coros dos anjos servem a Deus nesta hora, com as almas dos justos glorificam a Deus. Aleluia. Todos os coros dos anjos espirituais, que se assemelham ao ardor do fogo e são cercados<sup>6</sup> com chama de virtude, os querubins glorificam, os serafins santificam e os arcanjos cantam e a companhia dos anjos serve a Sua glória e dizem todos a uma voz: “Santo, Santo, Santo Deus de Sabaoth perfeito.”<sup>7</sup> Cheios estão os céus e terra da santificação de Vossa glória. Esta Igreja tem a ordem dos anjos, à semelhança dos céus. A Igreja se assemelha à casa do Alto e à Virgem santa com a roda do fogo que levam os querubins em lugar dos quatro lados do trono, quatro elementos de que [fol. 205v] foi criado Adão, terra, água, ar e fogo. Em lugar dos querubins temos quatro evangelistas que falam da divindade e tiram pelo cano da glória da fonte da boca do

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 180v/170v].

<sup>2</sup> Ver livro II, caps. XIX e XXII, *infra*.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: para.

<sup>4</sup> *Mateus*, 25, 1-13: «Então o Reino dos Céus será semelhante a dez virgens... [não sabeis] o dia nem a hora.»

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: vós.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *vel*.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: *meno*. Errata do copista.

<sup>8</sup> *Marcos*, 13, 32-37: «Daquele dia e da hora, ninguém sabe... Digo a todos: vigiai.»

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 181/171].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *sentam*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *junto*.

<sup>3</sup> *João*, 3, 1: «Havia, entre os fariseus, um homem chamado Nicodemos... que em Deus são feitas.»

<sup>4</sup> Frase aparentemente truncada.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *a esta*.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *coroados*.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 181v/171v].

Filho de Deus vivo. Do homem, Mateus, porque contou<sup>1</sup> o nascimento de nosso redentor da semente de David, rei de Belém de Judá. Do leão, Marcos, porque grita como leão em as terras de Egipto, pregando o evangelho até fazer deixar os ídolos. Do bezerro, Lucas, porque falou do sacrificar o bezerro limpo. Da águia, João, que voa alto e prega<sup>2</sup> coisas altas e entra as portas do céu e fala os segredos da divindade, canta com os anjos e vê o mistério dos diligentes. Em lugar dos serafins temos sacerdotes, ministros do mistério, que dão comunhão viva e incenso aceitável de bom cheiro. Em lugar dos arcanjos, temos virgens que folgaram com limpeza e enjeitaram o deleite deste mundo.

«Também agora peçamos ao amador dos homens, dizendo: “Perdoai-nos, Senhor, por amor de todos vossos santos, por amor dos querubins, vossos cavalos e serafins, ministros de vossa casa, por o anjo de Miguel, vosso fiel, e Gabriel, denunciador de vossa humanidade, por amor do anjo Rafael, guardador de todo vosso mandamento, e por amor de toda a companhia dos anjos que servem a vossa divindade, por amor dos bem-aventurados profetas e por amor dos apóstolos pregadores, por amor dos mártires vencedores, por amor dos virgens limpos e por amor dos religiosos perfeitos, por amor dos sacerdotes doces de língua, e por amor de toda a perfeição da companhia de uma só santa que é sobre todas as Igrejas e, principalmente, por amor de Maria, Vossa Mãe, que é a glória de nossos pais, por amor de Seu ventre que Vos teve e por amor de Sua virgindade que não perdeu, parindo-Vos, por amor de Seus joelhos em que Vos reclinou, por amor de Seus Peitos que Vos fizeram crescer e por amor [fol. 206] de Suas mãos que Vos tocaram e por amor de Seus pés que andaram convosco, por amor de Seus claros olhos e ouvidos que ouviram as boas novas de Gabriel Anjo, por amor da alma e carne que tomastes d’Ela e unistes à Vossa divindade sem se trocar, nem afastar, nem misturar, como ensinaram nossos pais. Glória a Vós, adoração a Vosso Pai, grandeza a Vosso espírito e misericórdia a Vosso povo, para sempre dos sempre. Amém.

«Nossa honra e glória e fortaleza de nossa salvação é Jesus Cristo, o ensino<sup>3</sup> de nossa paz, em que confiamos a fortaleza de nossa salvação, na qual <sup>4</sup>descansamos. Pedra de vida posta no ângulo é Jesus Cristo. Jugo bom e peso leve é Jesus Cristo. Caminho para Seu Pai, porta para Seu gerador é Jesus Cristo. Nossa nau, a quem não chegam ondas, nosso tesouro que não acha o ladrão, nem o perde a traça é Jesus Cristo. Semente limpa que frutifica na carne dos limpos é Jesus Cristo. Pontífice que está em pé para os santos é Jesus Cristo. Estrela da manhã, sol de justiça é Jesus Cristo. Aos que cremos n’Ele e confessamos, nos ache a paz de Seu Pai. Senhor, perdoai-nos, Cristo.» Isto repetem doze vezes.

#### Oração por el-rei.

«Também rogamos ao todo-poderoso Deus Padre e Senhor e a nosso salvador Jesus Cristo, pelo amador de Deus nosso Rei N., que guarde a ele e a seu reino, sem doença, com paz e justificação, o todo-poderoso Deus, nosso Deus.» Diz o diácono: «Orai.» E logo o sacerdote: «Deus, nosso Deus, que sois todo-poderoso, a Vós pedimos e rogamos que lhe sejais bom, a el-rei desta terra, amador

de Deus, dai-lhe graça e sujeitai seus inimigos gentios, contrários de seu descanso, e inspirai em seu coração o bem de Vossa Igreja santa e que nos ache logo nossa<sup>1</sup> saúde. Ó Senhor, dai-lhe coração, que Vos tenha a Vós só por Deus, sem erro da fé em Vosso único Filho, com o qual e com o Espírito Santo tendes glória, para sempre dos sempre.

[fol. 206v] «Miguel, rogai e orai por nós. S. Gabriel, fazei subir nossa oração. Os quatro animais espirituais glorificadores e doutores, rogai por nós. Anjos celestiais, rogai por nós. Profetas, apóstolos, justos, mártires, rogai por nós.<sup>2</sup> Os vinte e quatro sacerdotes e também o céu, rogai por nós. Companhia dos santos e mártires, rogai por nós, para que nos dê parte e herança a todos nós. Maria Nossa Senhora, que paristes a Deus, porque achastes graça diante d’Ele, achastes graça e virtude de Espírito Santo, rogai por nós. Vosso Filho nos parta de sua paz, faça que estejamos com os santos no paraíso aberto e descanso ornado.

«Alevantai vossas mãos, de noite, no templo, e benzei a Deus e glorificai, em Sion, a Jesus, ao santo de Israel. Santo, Santo, Santo, Deus de Sabaoth, nosso Deus é glorificado dos querubins e santificado dos serafins e louvado dos arcanjos. Seu reino é limpo de imundícia. Santo Deus de Sabaoth, nosso Deus, que sobe em cavalos de fogo e pisa o alto das nuvens, Suas tendas são chamas e Suas rodas tremor. Santo Deus de Sabaoth, nosso Deus, que nas faíscas é maravilhoso e nos coriscos se louva e fala, no fogo, o som de Seu trovão em rodas. Santo Deus de Sabaoth, nosso Deus, Sua glória é d’Ele Mesmo e Seu louvor d’Ele Mesmo, todo-poderoso Ele Mesmo e a espada da vingança em Sua mão, a justiça dos que padecem força, sai de Sua casa. Santo Deus de Sabaoth, nosso Deus, que ordenou a dar volta à claridade e sabe <sup>3</sup>onde nasce. Santo Deus Sabaoth, nosso Deus, que despreza ao soberbo e alevanta o pobre. Santo Deus Sabaoth, nosso Deus, que espalhou as nuvens, que molha a terra e faz secar o mar, faz o que quer e como deseja o cumpre, sem haver quem Lhe possa resistir. Não há quem Lhe diga: “Isto fizestes mal e isto bem.” Louvemos a Deus glorificado, que Se glorificou. Aleluia, aleluia, aleluia. A água lhes ficou como muro de uma e outra banda. Aleluia ao Padre, aleluia ao Filho, aleluia ao Espírito Santo. Seja [fol. 207] bendito Deus, Ele é maravilhoso: o cavalo e o cavaleiro botou no mar. Rogai por nós, Maria, candeia do mundo, glorificada nas alturas. Rogai por nós, Maria, coroa dos limpos, claridade dos santos. Rogai por nós, Maria, caixa de cheiro do sacerdócio e reino. Rogai por nós, Maria, poço de honra, vaso de mistério. Rogai por nós, Maria, rego de alegria, vaso de profecia, cada dia Vos louvarei sete vezes, porque Vosso amor frechou meu coração. A paz do Anjo Gabriel, minha Maria (aqui dizem a Ave Maria). Aleluia, aleluia, aleluia, porque viu a humildade de Sua serva e fez poder com Seu braço; porque escolheu Deus a Sion e a fez correr para que fosse Sua morada. Este é meu descanso para sempre.

«Louvam os anjos a Maria dentro das cortinas e Lhe dizem: “Paz convosco, Maria.” Como morou na casa pobre, como pobre desceu dos céus, a Ele folgando com Sua formosura e nasceu d’Ela. Aos seis meses, foi mandado de Deus o Anjo Gabriel (aqui diz um sacerdote o *Evangelho Missus est angelus*, etc., até *fiat mihi*, etc.<sup>4</sup> E logo continuam todo). Disse-Lhe o Anjo: “Paz convosco.” Disse-Lhe Gabriel: “Paz convosco, Maria Virgem.” Paz convosco, que paristes a Deus. Paz convosco, Maria santa. Paz convosco, Maria benta. Paz convosco, Maria limpa. Paz convosco, morada

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: contém.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: porque prega alto e de.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: aço fino.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 182/172].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: vossa.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Profetas, apóstolos, justos, mártires, rogai por nós.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 182v/172v].

<sup>4</sup> Lucas, 1, 26: «O anjo [Gabriel] foi enviado... faça-se em mim [segundo a tua palavra].»

divina. Paz convosco, tabernáculo perfeito, irmã dos anjos. Paz convosco, mãe de todo o povo. Paz convosco, Nossa Senhora Maria. Paz convosco, pacífica. Paz convosco, vestida com vestido dourado de diferentes cores. Paz convosco, penas de pomba<sup>1</sup> prateadas. Paz convosco, porta oriental e mãe de claridade. Paz convosco, mais clara que o sol e mais alta que os montes. Paz convosco, Maria escolhida e honrada. Paz convosco. Rogai por nós a Vosso Filho e nosso redentor, Jesus Cristo, que nos livre quando vier com a glória de Seu Pai, com Seus santos anjos, quando fará estar em pé as ovelhas à mão direita e as cabras à esquerda, nos faça estar em pé à Sua mão direita, com Estevão mártir e João Baptista e com todos os santos e mártires para sempre dos sempre.» Aqui, lê um sacerdote [fol. 207v] o *Evangelho de S. João*, cap. 19.º, *Stabat autem iuxta Crucem*, etc. E logo dizem o que se segue:

«Paz convosco, arca de Noé. Paz convosco, báculo de Aarão. Paz convosco, <sup>2</sup>viola dos *Salmos* de David. Paz convosco, honra de Salomão. Tendo esperança em Vossa bênção com oferta Vos fazemos reverência. Deus Vos salve, Maria, nossa mãe e nossa Senhora. Vós sois glória de nossos pais. Pelejai contra os inimigos de nossas almas com espada de perdição. Vinde, passai entre nós vestida de claridade com o Menino nos braços. A paz de Vosso Filho esteja hoje connosco, com reverência. Paz a toda a Vossa formosura, para lembrança de Vosso nome mais doce que o favo. Vós sois Maria, filha de Adão, que inchei<sup>3</sup> a largura do mundo, com reverência. Paz a Vossa formosura que faz maravilhar, com reverência. Paz, etc.» Nesta forma vão louvando cada membro da Virgem e Seu nascimento e apresentação, com as demais festas, em que se detêm grande espaço<sup>4</sup> e logo dizem:

«A oração e rogo de Maria nos livre da ira de Seu Filho. Senhor, perdoa-nos, Cristo.» Isto dizem doze vezes e, logo, o *Credo* e, no fim: «Aleluia, Vos louvamos, Senhor, e glorificamos, Vos benzemos e glorificamos. Vosso nome manifesta Vossa palavra. Não se acaba Vosso reino, ó Senhor, rei para sempre. Vos louvamos Senhor<sup>5</sup> e glorificamos rei para sempre. Vos benzemos, glorificado Vosso nome, rei para sempre; não falta Vossa palavra, nem se acaba Vosso reino, ó Senhor, rei para sempre, que julgais rectamente, sem excepção de pessoas, a misericórdia em Vossa mão. Rogamo-Vos, Senhor, que nos ouçais, aleluia. Perdoai-nos, Senhor, e tende misericórdia de nós. Ó Senhor, por Vosso santo nome que foi nomeado sobre nós, por Vosso santo nome, perdoai-nos, Senhor, e tende misericórdia de nós, aleluia. Defendemos o Senhor com Vosso escudo, para que sejamos diligentes e pelejemos com Vosso inimigo; cobri-nos com a sombra de Vossas asas, defendei-nos com o pau de Vossa cruz e não nos envergonheis, ó Senhor, diante de Vós. Benzam a Deus todas as Suas obras. Vós sois glorificado<sup>6</sup> e altíssimo para sempre<sup>7</sup>. Benzamos ao Padre e ao Filho e ao [fol. 208] Espírito Santo. Aleluia ao Padre, aleluia ao Filho, aleluia ao Espírito Santo, o que livrou do fogo a Ananias, Azarias e Misael, da mesma maneira nos livre de todos nossos contrários.

«Ó princípio da graça, Jesus Cristo, virtude e sabedoria do Padre, Vós sois cordeiro de Deus que carregais os pecados do mundo, havei misericórdia de nós, porque descestes do céu com a medida da sabedoria de Vosso Pai para livrar nosso vaso de barro e Vos fizestes mortal e corruptível. E

vai com asas de vento, que faz a seus anjos espíritos e a seus ministros fogo abrasador, que olha a terra e a faz tremer, que toca aos montes e fumegam com o espírito de Vossa graça, contentai a Vosso povo<sup>1</sup>. Vós, todo-poderoso <sup>2</sup>Deus, nosso Deus, sim, Senhor<sup>3</sup> nosso Deus, com o espírito de Vossa graça, alegrai Vosso povo, porque Vós sois o ajudador do atribulado e fazei as coisas mais dificultosas, ornamento dos apóstolos, riqueza dos pobres, esperança dos desesperados, ressuscitador dos mortos, virtude e sabedoria de Vosso Pai, a Vós benzemos agora e para sempre dos sempre.

«Pela oração e petição de Nossa Senhora Maria, tende misericórdia de nós, ó Senhor. Pela virgindade e pureza do corpo de Nossa Senhora Maria, tende misericórdia de nós. Pelos rogos de Nossa Senhora Maria, tende misericórdia de nós. Pelos rogos da Igreja, em que se reparte o sangue e carne de Nosso Salvador, tende misericórdia de nós. Pelos rogos e poder de Pedro e Paulo, lumeiras do mundo, e o sangue que derramaram, tende misericórdia de nós. Pela virgindade e pureza de João, Vosso amado, tende misericórdia de nós. Pela virgindade e tormentos de Tomás, apóstolo e mártir, tende misericórdia de nós. Pelos açoutes e prisões de Matias, Vosso discípulo, tende misericórdia de nós. Pelas orações e rogos e martírio de Bartolomeu, Vosso apóstolo, tende misericórdia de nós. Pelas orações rogos e morte de cruz de Andréas e Filipe, seus herdeiros, tende misericórdia de nós. Pelas orações e morte de Mateus evangelista e Jacob filho de Zebedeu, tende misericórdia de nós. Pela morte de Jacob, [fol. 208v] vosso irmão, tende misericórdia de nós. Pela morte de Natanael e rogos<sup>4</sup> de Tadeu, pregador de evangelho, tende misericórdia de nós. Pela morte e martírio de Marcos e Lucas<sup>5</sup>, evangelistas, cujo cheiro foi como incenso, tende misericórdia de nós. Pelo sangue dos mártires vencedores e milagres dos justos bem-aventurados, tende misericórdia de nós. Pelos rogos dos anjos diligentes que não dormem e glória dos querubins e serafins, tende misericórdia de nós. Perdoai-nos, Senhor, tende misericórdia de nós.

«Dai paz a Vosso povo, a santa Igreja. Senhor, perdoai-nos, Cristo. *Nunc dimitis servum tuum*<sup>6</sup>. Aleluia, aleluia, aleluia. Livrai-nos com Vossa mão direita, em paz, Senhor. Aleluia, aleluia, aleluia. Livrai-nos com Vossa mão direita: *quia viderunt oculi mei salutare tuum*<sup>7</sup>. Aleluia, aleluia, aleluia.» E, assim, dizem todos os versos, acrescentado três aleluias. E, no fim, acrescentam: «Defendei-nos em o lenho de Vossa Cruz.»

Em todos os dias da semana, excepto Sábado e Domingo, se diz também o que se segue:

«Ó fonte de sabedoria, língua de cheiro, Paulo, rogai por nós, aleluia, aleluia, aleluia. <sup>8</sup>Que sigamos o rasto de vossa doutrina e tenhamos parte em vossa herança. Ó Pedro, cabeça<sup>9</sup> de todos os santos, lumeeira do mundo, senhor dos cristãos, aleluia, aleluia. Benzei vossa companhia com o poder de vossa mão. Aleluia, aleluia, apóstolos mestres, estrelas resplandcentes, rogai pela remissão dos pecadores, fazei que vossa misericórdia se veja<sup>10</sup> pela manhã.» Diz um diácono: «Levantai-vos à oração.» E um sacerdote: «Paz a todos vós outros.» E logo lê um pedaço do *Evangelho*.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Pai.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 183v/173v].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Senhor.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: morte.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Matias.

<sup>6</sup> Lucas, 2, 29: «Agora despede [em paz] o Teu servo...»

<sup>7</sup> Lucas, 2, 30: «...porque os meus olhos viram a Tua salvação.»

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 184/ 174].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: cabeceira.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: ouça.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: de abetardas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 183/173].

<sup>3</sup> Errata por falta de concordância. Propõe-se a leitura: que encheu ou que encheis.

<sup>4</sup> Este tipo de louvor segue o modelo tradicional da poesia *mälké'e*.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Senhor.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: pera sempre.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: para sempre.



E no Sábado somente se acrescenta o que se segue:

«Depois que Deus acabou de falar com Moisés, lhe deu as Tábuas da promessa, cuja feitura e escritura era do Senhor e esculpida a guarda dos Domingos<sup>1</sup>. Cercai a Sion e abraçai-a e falai dentro dela, aleluia, aleluia, aleluia. Os profetas são sua força e os apóstolos sua candeia e os santos e mártires o acompanham, aleluia, aleluia, aleluia. Estes são ramos de vides e o rio do evangelho do reino, aleluia, aleluia, aleluia. Trabalhai, pois, meus irmãos, porque não sabeis a hora em que há-de vir o novo Senhor da casa. [fol. 209] Trabalhai, pois, meus irmãos, porque vos não ache dormindo de noite ou amanhecendo. Trabalhai, pois, meus irmãos, tende cingidos vossos lombos e acesas vossas candeias. Trabalhai, pois, meus irmãos, a graça e paz se vos multiplique em Jesus Cristo. Trabalhai, pois, meus irmãos, alevantando a virtude do evangelho e gloriando-vos com a graça da cruz. Trabalhai, pois, meus irmãos, confiai em Deus e encostai-vos n'Ele, assim como o profeta de<sup>2</sup>, pela manhã até à noite, confiou Israel em Deus. Senhor, perdoai-nos, Cristo.»

Isto dizem doze vezes. No Domingo, se acrescenta só o que se segue:

«*Anunciamus opera tenebrarum et induamur arma lucis*<sup>3</sup>, como disse S. Paulo: “Se esperarmos em sua morte, sejamos semelhantes à sua vida, apressemo-nos a entrar em seu descanso.” João virgem, figurado nos diligentes. João virgem, glória dos santos. João ornado com claridade, trombeta que soa em Éfeso, rogue por nós e pela remissão dos pecadores, aleluia, aleluia. Os apóstolos de paz, lumeeiras do mundo, participantes dos tormentos, lançam de lá de cima canos cheios de misericórdia.» Aqui, diz um diácono: «Levantai-vos à oração.» E, logo, um sacerdote: «Paz a todos vós outros.» E lê o *Evangelho de S. João, In principio erat Verbum*, etc.<sup>4</sup>, e logo: «Paz convosco, Domingo de claridade e esplendor, Domingo de mistério, cabeça dos tempos, aleluia, aleluia, aleluia. Assim como testemunhou João que fostes chamado, lembrança da ressurreição de Emanuel. Senhor, perdoai-nos, Cristo.» Isto repetem doze vezes.

5O que se segue dizem todos os dias: «Benzei-nos, ó Senhor nosso Deus, louvamo-Vos.» (Aqui dizem o *Credo*), e logo: «Paz convosco, nossa glória e honra. Paz convosco, Maria, coroa de nossa glória. Paz convosco, fortaleza de nossa salvação. Paz convosco, jardim de rosas.» Desta maneira vão saudando muitas vezes a Virgem Nossa Senhora e depois<sup>6</sup> alguns anjos, e, ultimamente, dizem uns<sup>7</sup> versos que tratam da humildade de Cristo Nosso Senhor e da prisão no horto e do que padeceu em casa da Caifás. E, com isto, acabam o que cantam em lugar de nossas matinas.

[fol. 209v] Quando amanhece, cantam o que se segue:

«Santo Deus, santo poderoso, santo vivo, imortal, que nasceu de S.<sup>ta</sup> Maria Virgem, havei misericórdia de nós. Senhor, santo Deus, santo poderoso, santo vivo, imortal, que se baptizou no Jordão e foi crucificado no madeiro da cruz, havei misericórdia de nós. Ó Senhor, santo Deus, santo poderoso, santo vivo e imortal, que ressuscitou dos mortos ao terceiro dia e subiu com glória aos céus e está à mão direita de Seu Padre e outra vez há-de vir com glória julgar os vivos e mortos, havei mise-

ricórdia de nós. Glória ao Padre, glória ao Filho, glória ao Espírito Santo, agora e sempre e para sempre dos sempre. Amém, amém, seja, seja. Santa Trindade, Deus vivo, havei misericórdia de nós. A Deus verdadeiro convém glória, a Vós, Senhor, feitor de todas as coisas invisíveis. Deus, abri nossas almas. Damo-Vos glória da manhã, Senhor. À sabedoria do todo-poderoso e misericordioso Deus, edificador da alma, damos a glória do que nasceu antes dos segres. Palavra do Padre, o qual descansa em Seus santos, e Vós ficais glorificado com a glória que sem cessar Vos dão os coros dos anjos, a Vós que não fostes feito com mão, criador do escondido, invisível, limpo e santo, que nos disse a sabedoria escondida e santa e nos destes esperança da claridade que não se perde, glória e louvor Vos damos e santidade limpa dizemos nos Vossos servos e o povo Vos glorifica.

«Deus da claridade, dador da vida, cabeça do entendimento, cabeça da graça perfeita, feitor da alma, proveitoso dador do Espírito Santo, tesouro da sabedoria, ajudador mestre dos santos e alicerce do mundo, que recebe a oração dos limpos, a Vós damos glória. Filho único primogénito, palavra do Padre; as graças que destes aos que Vos chamamos são Vossas. Padre limpo sem nódoa, às almas que confiam em Vós Lhes dais gosto, com a visita dos anjos. Claridade que foi antes do mundo, nosso guardador, tesouro que não se perde, alumiaeste-nos as trevas que tínhamos com a determinação de Vosso Padre, tiraste-nos do profundo [fol. 210] 1à claridade e de morte nos destes vida e nos livrastes da servidão. Com Vossa cruz, nos fizestes chegar a Vosso Padre sobre os céus. Com o Vosso<sup>2</sup> evangelho, nos guiastes e com os profetas nos consolastes. A Vós, nosso Deus, nos fizestes chegar, mas dai-nos claridade, Senhor. A Vós, nosso Deus, damos louvor sem cessar, dizendo: Nós somos Vossos servos e o povo Vos louva; três vezes Vos damos este louvor de nossa boca com Vosso reino para sempre. Jesus Filho de Deus, que é sobre todos com o Padre, toda a criatura Vos louva com terror e tremor, todas as almas dos justos estão encostadas a Vós, que nos aquietastes as ondas dos furiosos rios, que da perdição nos fizestes porto de vida, descanso no fim da carreira e esperança da vida eterna. Livrastes aos que atribula o mar e aos do deserto sarais com graça, acompanhais aos que estão em dura prisão, soltaste-nos das cadeias da morte, consolais aos pobres e tristes e aos que trabalham, livrais com vossa cruz e afastais Vossa ira dos que confiamos em Vós. A Quem os profetas e os apóstolos<sup>3</sup> louvaram<sup>4</sup> escondidamente, a Vós, Senhor, louvamos e glorificamos. Dai-nos que cumpramos Vossos mandamentos, fazendo Vossa vontade, para que descansemos em Vós na morada de vida. Senhor, visitai com Vossa misericórdia a todos os grandes e pequenos, príncipes e povo, ao pastor com seu gado, porque Vosso é o reino, bendito Senhor, nosso Deus. Glória ao Padre, ao Filho e ao Espírito Santo, desde antes dos segres, agora e para sempre e para sempre dos sempre e para de geração em geração que não se acaba e para os segres dos segres. Amém.»

Isto é o que cantam pela manhã, mas o que dizem nas demais horas e à tarde, em lugar de vésperas, não pude achar, com fazer não pouca diligência, porque, como dizem todo de cor, não se acha facilmente o livro em que está, e de palavra não mo quiseram dizer. E ainda o que acima tenho referido tirei de um livro que, escondidamente e em muito segredo, me deu um frade meu amigo. Mas, em um *Sínodo* que eles chamam dos Apóstolos, no mandamento 5.<sup>o</sup>, se lhes ordena que digam o ofício acima e também oração de terça à honra dos açoutes de Cristo, de 6.<sup>a</sup>, por ser naquela hora crucificado, oração de noa, por expirar então na cruz e tremer a terra e oração da tar-

<sup>1</sup> Manipulação provável do texto por parte de Pedro Páez.

<sup>2</sup> Palavra em falta.

<sup>3</sup> *Romanos*, 13, 12: «[Portanto] deixemos as obras das trevas e vistamos a armadura da luz.» Por manifesta ignorância do latim, o copista do *Ms. 778 BPB* substituiu incongruentemente *abiciamos* («deixemos») por *anunciamos* («anunciemos»).

<sup>4</sup> *João*, 1, 1: «No princípio era o Verbo.»

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 184v/174v].

<sup>6</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: depois.

<sup>7</sup> *Ms. 778 BPB*: alguns.

<sup>1</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 185/175].

<sup>2</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: Vosso.

<sup>3</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: e os apóstolos.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: apóstolos.

de, por lhes dar o Senhor a noite para descansar do trabalho do dia e oração da noite, para que Deus os livre dos filhos das trévoas, donde se vê que parece que têm todas as horas como nós.

[fol. 210v] 1CAPÍTULO XIII

DO SACRAMENTO DA ORDEM E DAS CERIMÓNIAS DE QUE USA O *ABUNA*  
QUANDO ORDENA.

**E**m todas quantas terras senhoreia o Preste João não há quem dê ordens mais que um só bispo, a quem os etíopes chamam *abuna*, que é palavra arábia que quer dizer «Padre Nosso.» Este lhes vem sempre do Egipto, mandado pelo patriarca de Alexandria, que, de ordinário, reside em a cidade do Cairo por causa dos muitos negócios que tem com o baxá dos turcos, de quem depende quase em todas suas coisas. E, quando de Etiópia lhe pedem *abuna*, manda ele juntar os frades egípcios da ordem de S. Antão, que se acham no Cairo e eles lhe apresentam um ou dois frades de sua ordem que lhes parecem mais suficientes e ele escolhe e confirma o que, dos dois, acha mais idóneo.

Bem sei que Frei Luiz de Urreta diz, pág. 439<sup>2</sup>, que os monges de S. Antão etíopes que moram em Jerusalém são os que apresentam o que há-de vir à Etiópia por *abuna*, mas enganou-se, se havemos de dar crédito aos mesmos egípcios que dela vêm com o mesmo *abuna*, que me afirmaram que em sua eleição não entravam frades etíopes de nenhuma maneira, senão egípcios. Também me afirmou o *Abuna* Simam que aqui mataram em Maio de 1617, como já dissemos, que nem ele era patriarca, nem nenhum de seus antecessores o fora, senão somente bispo. Este procura sair dentre os turcos com todo o segredo, porque, se o sabem, não o deixam vir sem pagar muito dinheiro. E ainda, depois que partiu, se chega a sua notícia, obrigam (segundo dizem) ao patriarca de lá a que pague e, por estes inconvenientes, manda de cá algumas vezes o imperador ouro para que dê aos turcos e alcance dele licença; mas ainda que lha dêem, quase nunca vem por mar, por ser o caminho comprido e porque o baxá de Suaquém lhe não impida<sup>3</sup> a passagem para lhe tomar algum fato, que, para isto, nunca lhes falta achaques, aos turcos. E assim, vem por terra com grande trabalho e perigo de doença, por causa dos desertos e calmas<sup>4</sup> [fol. 211] do caminho, em que dizem que de ordinário gasta quarenta dias.

Como chega à Etiópia o recebem com muita festa e honra. E o imperador lha faz sempre grande, porque todas as vezes que entra onde ele está, se levanta em pé e chegando, lhe toca na testa com uma cruz pequena de prata, que sempre trazem na mão e lha dá a beijar. E logo se assentam ordinariamente no chão sobre alcatifas, mas o imperador se encosta sempre em coxins de

brocado, ou veludo. As terras que lhe dão são muito grandes e formosas e sempre umas, porque estão sinaladas para isso de tempos antigos e das igrejas tem muitos proveitos. Também toma, de cada um que ordena, uma pedra e meia de sal e algumas vezes duas, que são de dois dedos e meio de largo e oito de comprido e correm por moeda. E aqui em Dambíá dão de ordinário trinta por certo peso de ouro, que será um cruzado. E isto vem a montar muito, pela multidão grande dos que sempre se ordenam, principalmente de ordens menores, porque às vezes as dá até aos meninos de mama, e muitas. Depois de chegar o tempo que tem publicado para dar as ordens e estarem muitos juntos de diversas partes, lhas dilata por muitos dias e os faz trabalhar em lhe trazer lenha e outras coisas de que tem necessidade, com o que padecem os que são de longe, porque se lhes acaba a matalotagem que traziam. E uma vez, estando eu com o imperador, lhe fizeram queixume do *Abuna* Simam, que havia muitos dias que detinha os que se vieram a ordenar e os fazia trabalhar em lhe trazer lenha e ajudar a uma casa que edificava e que, por estarem já cansados e lhes faltar o gasto, se juntavam todos à tarde e cantavam as ladainhas onde ele ouvisse, rogando a Deus que lhe movesse o coração para que os despachasse. Enfadou-se o imperador e disse: «Não sei como o não movem estas coisas.» Respondeu um dos grandes, por graça: «Senhor, não é egípcio? Pois que muito que não se mova por rogos e orações, pois seus antepassados não se moviam com quantas pragas lhes dava Deus em tempo de Moisés.» [fol. 211v] Mandou-lhe então dizer o imperador que não fizesse esperar mais aquela gente, senão que lhes desse ordens, porque se queixavam muito; e por isso lhas deu antes do que lhes as houvera de dar.

Quando há-de dar ordens, manda armar no campo uma tenda grande, porque nas igrejas não há comodidade para pôr em ordem tanta gente, como comumente se ordena. Ainda que alguma vez, quando não são muitos, faz isto em alguma igreja que tenha diante bom terreiro, onde os mandam assentar em três feiras ordinariamente e os contam para ver quantas pedras de sal se lhes há-de arrecadar e lhes põem um sinete<sup>1</sup> com tinta no braço direito perto da mão. Depois se assenta o *abuna* em sua cadeira na porta da igreja, ou tenda quando nela dá as ordens, e lê um pouco em um livro em língua arábia. E logo vão chegando um e um os que se hão-de ordenar e lhes corta alguns cabelos da cabeça, que parece que<sup>2</sup> é a primeira tonsura e, se acerta de vir rapado (como muitos vêm), toca-lhes com a tesoura na cabeça e vão saindo pela outra banda da tenda que também está aberta. E como passam todos, lê outra vez no livro e eles tornam outra vez a passar por ordem, como primeiro. E vai fazendo certas cerimónias e dizendo algumas palavras que nunca pude saber, porque o que tem o livro de nenhuma maneira mo quis mostrar, nem dizer-mas.

Desta maneira, dá todas as ordens juntas, excepto o sacerdócio, que o dá outra vez. E para estas primeiras não precede exame nenhum, porque, ainda que não saibam ler, lhas dá. Um frade me deu por escrito os nomes delas, que são estes: *hostiário*, *aceitâ hauabeû*; *exorcista*, *mecémerân*; *leitor*, *anagunz tîz*; *acólito*, *çaoarê mahetôt*; *subdiácono*, *nefquê diacôn*, que quer dizer «meio diácono»; ao diácono, chamam *diacôn*; ao sacerdote, *cassís*, mas é palavra arábia; e ao sacerdócio, *quesnâ*.

Isto referi, porque Frei Luiz de Urreta, pág. 520<sup>3</sup>, dá a todas estas ordens nomes tão inauditos nestas terras que, dizendo-os eu a alguns para ver se tinham notícia deles, os feste[fol. 212]jaram com muito riso, como coisa que se inventara para isso.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 185v/175v].

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro II, cap. 5.

<sup>3</sup> O autor conjugou o verbo de uma forma regular, usando «impida» em vez de «impeça.»

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: calores.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 186/176].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 186v/176v].

<sup>2</sup> Omito no Ms. 778 BPB: que.

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro II, cap. 11, intitulado «Del sacramento de la orden y de las ceremonias con que el *abuna* ordenava. Tratase de los sacerdotes vírgines y casados que hay en la Etiópia» (pp. 519-31).

Aos que há-de ordenar de missa, manda examinar primeiro por alguns ministros egípcios que tem e aos que aprovam, põem no braço direito um sinal de tinta preta com um sinete; mas o exame é tão fraco que a poucos ou a nenhuns reprovam, ainda que saibam muito mal ler, porque procuram de aprender a ler aquilo de que os hão de examinar, que são lugares certos: o princípio do *Evangelho de S. João*, o princípio do 2.º cap. dos *Actos dos Apóstolos*, e o princípio do cap. 23.º dos mesmos *Actos*. Nestas três partes, os fazem ler um pouco, porque nelas estão certas letras dificultosas de pronunciar aos que não sabem bem ler. Também usam de outro engano os que se vêm ordenar, que é juntarem-se todos os de uma terra e porem diante os que sabem ler e o examinador, como acha aqueles que lêem bem, aprova a todos os daquela terra, por não cansar tanto. E daqui vem que muitos dos que dizem missa não sabem quase ler, como eu vi, entrando em um mosteiro grande para ver as cerimónias de sua missa. E o que a dizia foi cantando algumas coisas de cor e, chegando a ler o *Evangelho* pelo livro, marchava <sup>1</sup>de maneira que foi necessário chegar outro frade para lhe ir dizendo, mas este se embaraçava pouco menos dele e, assim, acudiu outro, emendando-o no que errava, até que acabou. Perguntei a um frade, dos maiores letrados que eles têm, se aos que examinavam, lhes faziam declarar alguns lugares da Escritura, ou lhes perguntavam alguma questão de teologia, respondeu-me, rindo: «Nem os que examinam, nem o mesmo *abuna* sabe isso. Como lhes hão-de perguntar? Somente examinam em ler.»

Acabado o exame, se assentam no chão em fieira os que se hão de ordenar e o *abuna* em sua cadeira e lê um pouco no livro arábico. E logo vão chegando um e um por ordem e põem o rosto sobre suas mãos e passam pela outra porta da tenda; depois tornam a entrar e assopra-lhes no rosto e, desta maneira, lhes vai fazendo [fol. 212v] outras cerimónias, como benzê-los com uma cruz que tem na mão, fazer que toquem na pedra de ara e ungi-los com óleo, e, ultimamente, lhes faz uma prática, dizendo-lhes que não sirvam a seculares, que não tragam armas, que não andem desmandados com mulheres alheias, etc. E depois diz o *abuna* missa e comungam todos. Ordena a coxos, mancos e cegos e, destes, conheço eu alguns. E, perguntando para que ordenavam de missa a cegos, pois a não podiam dizer, respondeu-me um frade que, para que pudessem excomungar<sup>2</sup> e confessar e cantar na igreja.

Todos os clérigos são casados, mas casam antes de se ordenarem de missa e com mulher virgem. E depois, se lhes morre esta, não podem casar com outra e, quando o fazem (que é muitas vezes), os suspende das ordens o *abuna*, mas ficam com a mulher em casa. E ainda me afirmaram, por coisa muito certa e sabida de todos que, como peitavam, o *abuna* lhes tornava dar licença que tornassem a dizer missa e tivessem aquela mulher. De um clérigo, me contaram que, morrendo-lhe a primeira mulher e casando com outra, se foi ao *abuna* e lhe disse: «Senhor, eu não pude deixar de casar a segunda vez, tomai lá o sacerdócio que me destes.» Respondeu ele: «Vós sois bom homem não tenhais paixão, dizei missa e estai com essa mulher, que eu vos dou licença.» Disse o clérigo: «Não quero dizer missa, nem estar com esta mulher.» Mandou-lhe então o *abuna*, com pena de excomunhão que dissesse missa e que não deixasse a mulher. Nem me maravilho muito que os *abunas* se hajam desta maneira com os clérigos, pelo muito pouco que sabem <sup>3</sup>e ruim exemplo que ordinariamente dão na mesma matéria.

Muitos têm grande escrúpulo sobre as ordens que o *abuna* dá e afirmam que não dá as de subdiácono, ainda que em Etiópia tem o nome que é *nefque diacôn*. E porfiando eu com alguns frades que falavam nisso e com *erâz* Celá Christós, irmão do imperador, que não podia ser, senão que se enganavam, porque como dá todas as ordens juntas, [fol. 213] até diácono e fala em outra língua, não entenderiam suas palavras, nem advertiriam bem se dava de subdiácono, ou não; mas, contudo, me contradisseram, afirmando-se no que diziam. Também estando em uma vez só com o Imperador Seltan Çaguêd, me disse que tinha muita dúvida no sacerdócio da sua terra, mas não me declarou em que se fundava. E o Padre Patriarca André de Oviedo a tinha mui grande e ainda dizia que nas formas sacramentais de que usavam os *abunas* na administração das ordens, havia alteração substancial, como me escreveu de Roma, a 29 de Dezembro de 1605, o Padre João Álvares de nossa Companhia, sendo assistente de Portugal, por estas palavras, tratando de um<sup>1</sup> frade, por nome Taquelâ Mariam, que daqui foi a Roma por via do Cairo<sup>2</sup>:

*Porque o padre patriarca tinha cá e lá dada uma advertência que, nas formas dos sacramentos nesta Etiópia, havia alteração substancial, ou que maliciosamente as corrompessem, ou que com o tempo se alteraram, pareceu<sup>3</sup> aqui, bem avisando dela os padres, ordená-lo sub conditione. E, tratando o caso com o cardeal S. Severino, de boa memória, protector destas nações, mo fez muito dificultoso, mas como era muito zeloso do bem universal da Igreja, se rendeu e me ordenou que eu tentasse ao dito Taquelâ Mariam, porque tinha que não viria<sup>4</sup> nisso. Fi-lo eu e também o achei difficilimo; contudo declarando-lhe o segredo com que se havia de fazer e a probabilidade que havia de não ser ordenado, se rendeu e se pediu licença a Sua Santidade, que a deu de boa vontade ao cardeal e em sua capela um bispo que tinha em casa, grande zelador destas coisas, em grande segredo o ordenou sub conditione, com que este bom homem ficou outro, o mais alegre, contente e consolado que Vossa Reverência pode cuidar, sinal (quanto a mim) de ele não ser bem ordenado a primeira vez. A causa que pedia tanto secreto, era para que lá não se soubesse que ele tinha os sacramentos de lá por inválidos e, por isso, se ordenava cá [fol. 213v] valide<sup>5</sup>, que seria<sup>6</sup> causa de o tratarem mal. Era prudente e muito modesto; foi perda morrer.*

Até aqui são palavras do Padre João Álvares; e pouco antes delas diz: *Este frade tornava para Etiópia por via de Portugal e que morreu no caminho.*

7º livro por onde se dão as ordens<sup>8</sup> (como já disse acima) nunca o pude haver às mãos, metendo para isso até *Eraz* Celá Christós. Mas o Padre Patriarca André de Oviedo não havia de escrever a Roma que havia alteração substancial nas formas dos sacramentos, se o não soubera muito bem, nem parece que sem grande fundamento houveram de duvidar nisso, como duvidam muitos frades e seculares de Etiópia. Uma coisa é muito certa e sabida de todos que o *Abuna* Pétros, que morreu o ano de 1607, estando uma vez dando ordens, já cansado por ter dado a muitos e ficando-lhe ainda grande número por ordenar, mandou dar pregão que todos os que aí se tinham juntado para tomar ordens, quaisquer que fossem, ficassem ordenados, que ele lhas concedia e arrecadaram as pedras de sal que costumam pagar e eles se foram, tendo por certo que iam orde-

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: um.

<sup>2</sup> F. Guerreiro referiu o episódio, mas não transcreveu a carta; ver «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fol. 273v / p. 296.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: parecendo.

<sup>4</sup> Palavra omissa: provavelmente «que não viria mal nisso».

<sup>5</sup> Indubitavelmente; isto é, para que não sobrasse dúvida.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: teria.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 188/178].

<sup>8</sup> Ver S. Grébaud, *Rituel éthiopien de prise d'habit* (texto litúrgico do século XIV em gúeze).

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 187/177].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: e ajudar.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 187v/177v].

nados. Não faltou quem se escandalizasse muito disto e o fosse dizer ao imperador, que então era Malâc Çaguêd. E ele o mandou chamar e estranhou muito o caso e disse que fizesse juntar a todos os que primeiro ali estavam, a quem não tinha dado ordens e os ordenasse. E já pode ser que alguns fossem de terras muito distantes e não ouvissem que os mandavam tornar e ficassem dizendo missa e ouvindo as confissões, sem serem ordenados. E antes deste *Abuna* Pétrós, dizem que fez o mesmo outro chamado Marcos, por onde, sendo o *abuna* tão idiota como isto, não me maravilhariam muito que deixasse, sem advertir, coisas essenciais nas formas dos sacramentos.

Do que temos dito neste capítulo, se vê quão pouca informação teve Frei Luiz de Urreta sobre estas coisas, pois em algumas delas afirma o contrário. No cap. 11.º do 2.º livro de sua *História*, onde depois de referir [fol. 214] as cerimónias, com que ele diz que dá as ordens o *abuna*, põe estas palavras:

*Bien averá notado el lector, en este modo de dar las ordenes, quam ciertos son en ceremonias y tambien algunas cosas contrarias a todo buen consierto, como es ordenar a los niños de evangelio y de las otras ordenes menores. Tambien ordenavan de las quatro menores a coxos, mancos, ciegos y con otros defectos corporales. Pero por estos y otros abusos, no los avemos de condenar luego por hereges, como hazen algunos rigorosos<sup>1</sup> calificadores, porque lo hazian con ignorancia. Y en mandandoles la Iglesia lo contrario, han obedecido como buenos hijos y ordenan agora al uso de la Iglesia de Roma com los mismos ritos y ceremonias, dando las ordenes los obispos e arcebispos a sus feligreses en sus dioceses, porque es officio proprio de ellos el consagrar, assi a los hombres como a los tiemplos, vasos y vestidos, aunque las quatro<sup>3</sup> ordenes menores, en este tiempo,<sup>4</sup> las dan los abades spirituales, vicarios, o curas, por particular comission de los summos pontifices. Quanto a lo que es ordenar a los niños de todas las ordenes, hasta el diaconato, hazian mal y por esso lo han dexado, pero quedavan verdaderamente ordenados. A los coxos, ciegos y mancos que ordenavan, lo han dexado y no se usa.<sup>5</sup>*

Isto diz o autor, mas enganou-se muito, porque, até hoje, ordenam os meninos das quatro ordens menores e de evangelho e aos coxos, mancos e cegos de missa. Por onde, se a Igreja romana lhes mandou em algum tempo que o não fizessem, não obedeceram a seu mandado. Nem há em Etiópia quem dê ordens nenhuma mais que o *abuna*, que só ele é bispo e os abades e vigários não têm licença para dar as quatro menores, como logo diremos. Pouco mais adiante, diz que há em Etiópia clérigos virgens e outros casados e trata difusamente deles e diz que em cada paróquia de quatro que põem em cada cidade, há treze sacerdotes virgens, *scilicet* que não são casados, [fol. 214v] nem o foram nunca e que se hão<sup>6</sup> como clérigos regulares. Os doze são súbditos e outro superior e de ordinário<sup>7</sup> que é vigário. E todos estes, para serem admitidos a esta dignidade, hão-de ser nobres e de idade de cinquenta anos e hão-de dar mostra de homens mortificados, compostos e religiosos e, assim, antes que os recebam, os fazem estar três anos dentro do claustro (porque as paróquias estão à maneira de mosteiro com seu claustro) e se exercitam em obras humildes e de mortificação e no fim deste tempo, o põem em capítulo e, sendo admitido, o mandam ao bispo com testemunhos dos sacerdotes e fregueses da paróquia, que também estes dão seu voto. Vai sobre um elefan-

te, sentado dentro de um como andor mui rico, ao modo que costuma caminhar o Preste João e os prelados da Etiópia; acompanham-no seus parentes e amigos e desta maneira, se apresenta ao bispo e ele o recebe com muita honra. E, vendo se suas demissórias<sup>1</sup> são bastantes, o ordena quarta-feira de epístola, sexta-feira de evangelho e sábado de missa. Depois, torna para a sua igreja com o mesmo acompanhamento e todos os sacerdotes o saem a receber, vestidos com os<sup>2</sup> ornamentos com que dizem missa e o superior deles, abrindo um livro dos *Evangelhos*, lhes faz jurar perpétua obediência à Igreja romana e a observância da primitiva Igreja antioquina. Acabado isto, diz missa nova com grande solenidade e depois lhe fazem muitas cerimónias, <sup>3</sup>coabrindo-lhe ultimamente o rosto com um véu preto que lhe chega até o peito (costume dos sacerdotes virgens, levar sempre o rosto coberto com um véu) e, como morto ao mundo, lhe dizem: *Requiescat in pace*.<sup>4</sup> A estes sacerdotes dá o Preste João, em cada cidade, mais de meia légua de terra, onde edificam casas e lugares; plantam e semeiam e têm hortas e jardins onde vivem [fol. 215] com gente de serviço, tirando mulheres, que não podem entrar.

Dos sacerdotes casados, diz que podem ter trinta dois em cada cidade do império e que lhes concederam isto em um dos concílios antioquinos à petição de um imperador, que os etíopes chamam João o Santo, onde, juntamente, lhes deram licença que pudessem ser casados, com condição que fizessem voto de castidade conjugal, quando se ordenassem *in sacris* e que não houvessem tido mais que uma mulher e que ela não houvesse sido viúva; e que, ela morta, não pudessem casar outra vez. E no fim do capítulo, diz que o Sumo Pontífice Gregório XIII, em uns Breves apostólicos que despachou para Etiópia e trouxe João Baltazar, mandou aos sacerdotes virgens que vestissem à romana, que fizessem coroa de clérigos, porque, dantes, rapavam toda a cabeça, traziam a barba comprida, ao contrário dos seculares, que rapam a barba e, deixando o bigode e o cabelo da cabeça comprido. Mandou-lhes que usassem de barretes de quatro cantos, porque antes os traziam redondos e que vestissem loba e manto à romana, que antes traziam roupas compridas pouco diferentes das dos seculares e que trouxessem roxetes.<sup>5</sup> E declarou que não era seu intento que os sacerdotes casados gozassem destes privilégios.

Estas e muitas outras coisas diz o autor, mas todas são uma mera ficção inventada de quem o informou, porque não há nem houve nunca em Etiópia (segundo todos dizem) tais clérigos virgens, nem se viu cá nunca elefante manso, nem andor. E, ainda que houvera semelhantes clérigos, não lhes houveram de fazer jurar perpétua obediência à Igreja romana, pois estão afastados dela e têm sua doutrina por falsa, como vimos nos primeiros capítulos deste 2.º livro. Por onde, se o Sumo Pontífice Gregório XIII despachou alguns Breves para Etiópia, como diz o autor, seria por falsa informação de João Baltazar, [fol. 215v] nem cá têm notícia de tais Breves, nem de barrete <sup>6</sup>de quatro cantos, nem há quem vista à romana, antes muitos deles quase à turquesca, principalmente o *abuna*. Todos os clérigos são casados e, se se contentaram com suas mulheres fora grande bem, porém casam antes que se ordenem de missa e com mulher donzela, como acima dissemos. Rapam toda a

<sup>1</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: *rigorosos*.

<sup>2</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: *el*.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 188v/178v].

<sup>4</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: *en este tiempo*.

<sup>5</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excerto (com omissões) do livro II, cap. 11, pp. 522-3.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: são.

<sup>7</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: o.

<sup>1</sup> Credenciais; a carta demissória legitimava a ordenação.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: nos.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 189/179].

<sup>4</sup> «Descansai em paz».

<sup>5</sup> Roxetes; o mesmo que sobrepelizes de burel.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 189v/179v].

cabeça e deixam crescer a barba, como também o fazem muitos seculares e geralmente nenhum rapa a barba. Não se diferenciam deles no vestido; quem pode, veste uma cabaia branca de algodão com cabeção alto e justo e, sobre esta, outra de pano de nossas terras, ou de alguma seda que lhes vem por via dos turcos e na cabeça, barrete redondo, ou comprido de qualquer cor que acham e, algumas vezes, sobre ele, touca como a dos mouros; trazem calções estreitos e compridos até os sapatos. Os que são pobres, não trazem mais que um pano branco de algodão, com que se cobrem e um calção até meia perna, a cabeça descoberta e pés descalços. Mas trazem todos na mão uma cruz de ferro delgada ou de pau preto como de um palmo, que é próprio dos clérigos, ainda que também a trazem as freiras. Desejei saber em que tempo tiveram princípio estes sacerdotes casados, mas não achei quem me soubesse dar razão que, quanto o que Frei Luiz de Urreta traz, pág. 526<sup>1</sup>, que o Preste João que os etíopes chamam João o Santo, alcançou licença para que os clérigos pudessem ser casados é falso, porque nunca houve em Etiópia tal Preste João, como diremos no fim deste livro.

Ao que aqui referimos do autor, que os bispos e arcebispos dão as ordens a seus fregueses, me pareceu acrescentar o que diz, pouco mais adiante, cap. 12.º, onde diz que os arcebispos deste império são doze e os bispos setenta e dois e que do princípio da cristandade desta terra, nunca houve mais nem menos, ainda que é terra tão larga que pudera haver muitos mais, porque, com isto, conservam a memória [fol. 216] dos doze apóstolos e setenta e dois discípulos e que o arcebispo mais antigo tem as vezes do sumo pontífice e é núncio apostólico em toda Etiópia, por Breves particulares de Clemente VII e Paulo III, e outros pontífices romanos; e que, afora estes prelados que governam o espiritual da cristandade de Etiópia, há uns patriarcas, arcebispos<sup>2</sup> e bispos titulares que são consagrados, mas não têm igrejas, nem ovelhas e estes assistem no Grão Conselho e os elege o Preste João por Breves que, para isso, tem dos pontífices nomeados.

Até aqui são palavras do autor<sup>3</sup>, mas nem nelas, nem em quase tudo quanto diz naquele capítulo, há nenhuma que diga com a verdade do que cá passa, porque nem há, nem houve nunca tais arcebispos ou bispos, afora do *abuna*, nem núncio apostólico, nem tais patriarcas que assistam no Grão Conselho, nem ainda sacerdote, porque todos são seculares. Por onde, se os pontífices romanos passaram tais Breves, seria por falsa informação dos que os pediram, pretendendo acreditarem-se lá a si e à sua terra, com mostrar que havia nela tal modo de governo e que eram obedientes à Igreja romana. Nem há abade nenhum que desse, algum dia, ordens menores, nem as possa dar. Só havia dúvida do geral dos frades de *Abba* Taquelá Haimanót, a quem chamam *icheguê*, que é nome de ofício. Mas, vindo este dizendo, no ano de 1615 que tinha poder para as dar, lhe resistiu o *abuna* que então era e fazendo demanda sobre isto, julgaram que só o *abuna* tinha poder para dar ordens, e assim ficou excluído o *icheguê*.

## CAPÍTULO XIV

### EM QUE SE TRATA DOS ERROS QUE OS ETÍOPES TÊM ACERCA DO SACRAMENTO SANTO DO MATRIMÓNIO E DAS CERIMÓNIAS DE QUE NELE USAM.

[fol. 216v]

Com ensinar Cristo Nosso Senhor tão claramente no *Sagrado Evangelho*, quão insolúvel seja, depois do baptismo, o matrimónio consumado, dizendo que o marido e a mulher não são dois, senão uma carne, que o que Deus ajuntou, o homem não afaste, *Mateus* 19<sup>1</sup>, e que o que deixar sua mulher e casar com outra comete adultério e se a mulher deixar o marido e casar com outro, faz adultério, *Marcos* 10<sup>2</sup>, *Lucas* 16<sup>3</sup>. Com tudo isso, entre os etíopes é coisa muito ordinária deixar o marido a mulher e casar com outra e ela com outro e, para isso, não é necessário mais que irem diante dos juízes do imperador e dizer o marido: «Não posso estar com esta mulher, é muito brava, fala-me como quer e desmancha minha casa», ou outras coisas semelhantes. Ou a mulher: Não posso sofrer este homem, porque me dá muito má vida, particularmente me desonra e ainda me<sup>4</sup>espanca.» E constando destas causas, logo julgam que se afastem e casem com quem quiserem e se ambos pedem que lhes dêem licença para se afastarem, partem o fato que têm e cada um leva sua ametade. Mas se só um diz que se quer afastar, este não leva fato nenhum; todo fica para o outro. Também se o marido se ausenta por tempo de dois ou três anos e a mulher vai aos juízes e diz que seu marido há tanto tempo que está ausente e não tem que comer, que não pode esperar mais, que quer casar com outro, lhe dão licença para que o faça.

Isto mesmo julga o *abuna*, quando lhe vão com estas demandas e dizem os egípcios que o mesmo assim o<sup>5</sup> faz o patriarca de Alexandria, porque quando a mulher se desaveio com seu marido de maneira que não quer estar com ele, se lhe não derem licença para casar com outro, deixará a fé e se fará moura. Mas também, sem fazerem estas demandas, deixam suas mulheres e casam com outras e elas muitas vezes, contra vontade de seus maridos, se vão e se casam com outros, sem que haja quem as obrigue [fol. 217] a tornar a eles; o que eu tenho visto por vezes.

Se algum homem acha que sua mulher adulterou, a pode deixar e casar com outra sem demanda nem nota alguma, porque é comum doutrina entre seus doutores, que Cristo Nosso Senhor deu licença para isso, quando disse, *Mateus* 5: «Todo aquele que deixar sua mulher, tirando por causa da fornicção»<sup>6</sup>, etc., posto que já muitos entendam o contrário, depois que lhes mostrámos, em disputas e práticas públicas, quão grande erro seja este, porque não querem dizer estas palavras que, por causa da fornicção se solta o vínculo do matrimónio, senão que o que, por causa da fornicção se afastar de sua mulher, não peca, que doutra maneira melhor fora a sorte da adúltera que a da inocente, porque a adúltera ficava solta da lei do matrimónio e podia lícitamente casar com outro e a

<sup>1</sup> *Mateus*, 19, 3-9.

<sup>2</sup> *Marcos*, 10, 2-12.

<sup>3</sup> *Lucas*, 16, 18.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 190v/180v].

<sup>5</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: assim o.

<sup>6</sup> *Mateus*, 5, 32.

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro II, cap. 11.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 190/180].

<sup>3</sup> Resumidas por Pedro Páez.

inocente casta, a quem lhe provaram falsamente que era adúltera, não podia casar com outro, pois verdadeiramente não estava solta da lei, nem estar com seu marido, pois ele casava com outra. E muitas vezes os maridos foram de propósito adúlteros para se verem livres de suas mulheres e poderem casar com outras, e elas, quando se enfadassem de seus maridos, fariam o mesmo. Mas a santíssima e puríssima lei de Cristo Nosso Senhor não dá caminhos para pecados, pelo que de nenhuma maneira se pode dizer que, por causa da fornicção, se solta o vínculo do matrimónio.

<sup>1</sup>Mas que necessidade temos de trazer para isto razões, estando tão clara a doutrina de S. Paulo *ad Romanos* 7<sup>2</sup> e *Coríntios* 1, cap. 7.<sup>3</sup>, que a mulher está atada<sup>4</sup> a toda a lei enquanto vive seu marido, de maneira que, se for com outro, será adúltera, e que não é ele o que emenda aos casados, senão o Senhor; que a mulher não se afaste do marido, mas que, se se afastar, fique sem se casar, ou que torne a reconciliar-se com seu marido; e que o marido não deixe a mulher. Aqui fala [fol. 217v] S. Paulo da mulher que se afasta do seu marido por alguma justa causa de divórcio, como por causa de fornicção ou heregia e desta diz que não pode casar com outro, senão que esteja assim, ou que se reconcilie com seu marido, por onde nunca o vínculo do matrimónio se solta até à morte, nem por causa de fornicção, nem por outra causa nenhuma; e que aqui fale S. Paulo da mulher que se afasta de seu marido por causa justa e não da que se afasta sem tal causa, está claro, porque desta não dissera: «Esteja assim»; ou: «Torne a reconciliar-se com seu marido»; senão «Esteja assim até que se torne a reconciliar com seu marido», e de toda a maneira torne a seu marido, porque não podia S. Paulo dar licença para injusto divórcio contra o exposto preceito de Cristo Nosso Senhor. E se ele no mesmo capítulo não permite aos casados que se abstenham do comércio que devem um ao outro, senão por algum tempo e de consentimento de ambos, para se darem à oração e que tornem logo como dantes, como havia de permitir que a mulher, contra vontade de seu marido, ficasse sempre afastada dele sem causa nenhuma justa? Pelo que, não há dúvida nenhuma, senão que fala da mulher que se afastou de seu marido por justa causa e que desta diz que não pode casar com outro, senão que há-de estar assim, ou tornar a fazer amizade com seu marido. Com estas e outras causas que trazemos a estes etíopes, vieram muitos em conhecimento desta verdade e estão firmes nela; porém muitos mais, sem nenhuma comparação, dizem o contrário e o têm por coisa muito certa.

As cerimónias de que usam em seus casamentos perguntei a muitos frades e homens seculares e disseram que, quando algum mancebo quer casar com alguma donzela, manda homens honrados que falem a seus pais e apresenta-lhes fato conforme a sua possibilidade. E como [fol. 218] alcança<sup>5</sup> o beneplácito deles e dela, dá fiador de lhe não quebrar braço, olho, nem pés, nem lhe fazer outro mal notável e para lhe não faltar nas coisas necessárias de vestir, comer e, quando faltar em algumas destas, demandam ao fiador. Mas quando os pais entregam a filha, sempre lhe dão muito mais fato do que receberam do mancebo e, depois da morte deles, herda a fazenda de seus pais, se ficou ela só e, havendo outros irmãos, a parte que lhe cabe, conforme as ordenações do reino, porque sempre o mais velho leva dobrado que cada um dos outros seus irmãos.

Alguns dias antes que casem, fazem festa em casa do mancebo e na dos pais da donzela, tangendo e cantando de noite e de dia. E se o noivo for diácono, a mulher há-de ser virgem. E ambos vão à

igreja acompanhados de seus parentes e amigos e, ficando ela no lugar das mulheres (que é na crasta ou alpendre, se o tem a igreja, se não, antes de chegar à primeira cortina, donde não podem passar os seculares, como adiante diremos), entra ele dentro e lá lhe dão os ornamentos de que usa o diácono para ajudar à missa e ele os leva nos braços ao sacerdote que está aparelhado para dizer missa, o qual lhe dá bênção, dizendo: «Bendito Deus Padre todo-poderoso e bendito o Filho unigénito Jesus Cristo, que nasceu de S.<sup>ta</sup> Maria Virgem e bendito o Espírito Santo paracleto. Glória e honra à santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo, para sempre dos sempre.» E logo faz reverência ao altar e se reveste e ajuda à missa e depois que comunga, levam a comunhão a ela à porta da igreja e ele lhe dá o sangue. E como acabam a missa, o alevantam a ele do chão dois sacerdotes e outros dois a ela e os têm assim enquanto cantam algumas cantigas e depois os levam desta maneira até os afastarem um pouco da igreja. E, deixando-os os sacerdotes, tomam [fol. 218v] a ele dois mancebos seculares nos ombros e a ela, o que está em lugar de padrinho, às costas e os levam a sua casa, se é perto e, se longe, em mulas com o acompanhamento que primeiro trouxeram.

Se o noivo for secular, nem ele nem sua esposa vão à igreja, mas se ele quer bênção, que muitas vezes não buscam, vai a casa do vigário e ali lhe dá brevemente e se torna. Algumas vezes vai também o vigário<sup>1</sup> a casa dos noivos a lhes dar bênção, mas poucas. E se a noiva está em outra terra, a vai buscar o noivo em mula, acompanhado de gente de mula ou de cavalo, conforme à pessoa e muitos de pé com armas e tangeres. E não dormem lá de ordinário mais que uma noite e, pela manhã, a trazem em uma mula bem ornada; e se é senhora grande, a guarnição do freio é de prata dourada, assentada sobre veludo carmesim e toda a mula coberta de brocado ou de outra seda, de maneira que se lhe não vê mais que o que o freio lhe deixa descoberto da cabeça e da metade das pernas para baixo. A noiva sempre vem vestida conforme sua qualidade e ainda que não seja de muita, traz bons vestidos, porque quando os não tem, lhos emprestam e põe a touca de maneira que não se lhes descobrem mais que os olhos e chapéu de seda na cabeça, de copa alta, com um véu ordinariamente vermelho, com as pontas tão compridas que lhe descem pelas costas até o cinto, modo ordinário das senhoras quando caminham. Mas algumas vezes leva albornoz com capelo posto na cabeça e, então, escusa chapéu. Vai, junto com ela, um homem de cada banda, que tenham mão nela e lhe governam a mula, se for necessário, porque ela não toma a rédea na mão.

[fol. 219] Como chega a casa do noivo, fazem grande festa e os noivos não saem dela, pelo menos dez dias e alguns, trinta e todo este tempo os acompanham dois homens, a quem eles chamam *miçôs*, que são como padrinhos. E quando os noivos hão-de sair fora, ora seja aos dez dias, ora aos trinta, vai lá um frade e bota-lhes água benta. Em perguntando eu a um frade por que faziam aquela cerimónia, respondeu que por razão do pecado que cometeram quando consumaram o matrimónio, por ser ela donzela. Declarei-lhe então como no venerável sacramento do matrimónio não há pecado, que é instituído por Cristo Nosso Senhor e dá graça com que se aperfeiçoa o natural amor dos casados e os santifica e confirma a insolúvel união que até à morte estão obrigados a ter.

Se a noiva ou noivo é parente do imperador e estão na corte, o dia que há-de levar para casa, vão ambos ao paço, ele acompanhado de fidalgos e ela de senhoras e o imperador lhes dá a ambos muitos ricos vestidos e logo vão para casa do noivo com grande acompanhamento, levando diante os atabales e charamelas do imperador e, por alguns dias, fazem grande festa e dão de comer e beber a quantos chegam.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 191/181].

<sup>2</sup> Romanos, 7, 2-3.

<sup>3</sup> 1 Coríntios, 7, 3-11.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: atada.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 191v/181v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 192/182].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 192v/182v].

Quando morre o marido, se tem irmão mancebo, muitas vezes casa com a mulher, isso comumente, entre gente menos nobre; e se é casado, também algumas vezes a leva para casa e a tem como mulher, porque diz que ele é o que há-de herdar a mulher de seu irmão. E, indo eu a uma província do reino de Tigré, que se chama Hamacêm, me agasalhou dois dias o governador dela. E, sabendo como, juntamente com sua mulher, tinha também como tal a de um seu irmão defunto, o tomei à parte e lhe disse quão grave coisa era aquela, ao que me respondeu que o fizera por ser assim costume na terra [fol. 219v] e lhe parecer que não era mal, mas que a mandaria para sua casa, nem teria mais comunicação com ela, como o fez logo, de que ela ficou bem enfadada. E assim, há outros que as têm, sem achar por isso castigo nenhum. Só um frade achei, no reino de Gojam, que negava a um casado os sacramentos porque tinha também a mulher de um seu irmão defunto.

Bem sei que Francisco Álvares, em sua *História Etiópica*, fol. 25<sup>1</sup>, diz que, ainda que pela justiça do imperador a ninguém é defendido ter muitas mulheres e que de facto as têm alguns, aos tais não lhes dão os sacramentos, nem os deixam entrar na igreja. Mas parece que, então, corriam nesta matéria com mais rigor que agora, porque mandando *Erás Celá Christós* no reino de Gojam, onde ele é vice-rei, que os que tivessem deixado suas legítimas mulheres e casado com outras, largassem estas e tomassem as primeiras, e que não dessem os sacramentos a quem tivesse mais que uma mulher, se lhes fez muito dura e não pôde acabar de sair com isso, antes, como depois me afirmou um frade, não deixam ainda de confessar e dar a comunhão aos que têm muitas mulheres juntas publicamente.

Também diz Francisco Álvares no<sup>2</sup> lugar mesmo<sup>3</sup> que viu casar duas vezes e que puseram em um prado uma cama com cortinas e, assentando-se nela os noivos, vieram três clérigos e deram três voltas à roda, cantando <sup>4</sup>a modo de versos com aleluia e logo cortaram ao noivo alguns cabelos da cabeça e outros à noiva e, molhando-os em vinho de mel, puseram os do noivo no lugar onde cortaram à noiva e o dela no lugar onde lhe cortaram os seus e botaram-lhes água benta e depois começaram as festas das bodas. O mesmo diz que viu fazer outra vez ao *Abuna Marcos*, mas à porta da igreja e que levava uma cruz na mão e incensou à roda da cama e depois *lhes pôs as mãos sobre a cabeça, dizendo que guardassem* [fol. 220] *o que Deus manda no Evangelho e que olhassem que, dali por diante, não eram dois afastados, senão dois em uma carne e que assim haviam de ser seus corações e vontades.*

Até aqui são palavras de Francisco Álvares, mas parece que, como a estrangeiro e de terras tão remotas, lhe quiseram mostrar este aparato em seus casamentos, como de propósito lhe mostraram muito extraordinário em outras coisas que ele conta no mesmo livro. Ou já pode ser que então se usasse isso, mas agora não há tal coisa, nem achei quem me soubesse dar razão de tal costume, com perguntar a muitos.<sup>5</sup> Quem totalmente contradiz ao que temos dito é Frei Luiz de Urreta que, no cap. 10.<sup>o</sup> do 2.<sup>o</sup> livro<sup>6</sup>, diz que nem têm os etíopes muitas mulheres, nem tiveram nunca mais que uma, nem já largam as legítimas e que não há nação que mais rigorosamente castigue o

adultério, quando entre eles se acha algum. Mas foi falta de informação, como quase em todas as mais matérias a teve, porque sempre houve em Etiópia quem tivesse publicamente muitas mulheres e hoje os há e outros que deixam as legítimas e casam com outras, da maneira que acima dissemos; nem a adúltera tem mais outro castigo que reparar a cabeça e deixar seu fato e, com isto, fica livre para casar com outro ou fazer o que quiser; nem ao adúltero lhe dão outra pena, mais de que pague fato, como dissemos no cap. 16.<sup>o</sup> do primeiro livro.

## CAPÍTULO XV

EM QUE SE TRATA DA FÁBRICA DOS TEMPLOS QUE HOVE ANTIGAMENTE E  
HÁ HOJE EM ETIÓPIA E DA REVERÊNCIA QUE LHES TÊM.<sup>1</sup>

Vimos no capítulo precedente, como se hão os etíopes no venerável sacramento <sup>2</sup>do matrimónio, que significa a união e conjunção insolúvel de Cristo com a Igreja. Agora será bem ver como se hão na fábrica de seus templos, [fol. 220v] a reverência e veneração que lhes têm e quanto os antigos eram mais sumptuosos que os de agora, como o mostram bem as ruínas de alguns e outros que ainda estão em pé. E começando pelos que tenho visto de grande majestade e arquitectura, foi a igreja de S.<sup>ta</sup> Maria de Sião, que antigamente edificou (segundo dizem) a Rainha Candace, em um lugar que chamam Agçûm do reino de Tigré, como o manifestam suas ruínas e o testificam os livros antigos que se guardam naquele mosteiro, em que se refere miudamente toda sua fábrica, ainda que não apontei mais que as suas medidas. E dizem que tinha cento e oitenta e quatro palmos de largo e duzentos e cinquenta de comprido e de alto sessenta e quatro, a largura das paredes catorze e a porta principal tinha de alto outros catorze. Começou-se a edificar aos 49 anos depois do nascimento de Cristo Nosso Senhor e acabou-se aos 92.

Francisco Álvares diz em sua *História*, fol. 44<sup>3</sup>, que a viu e que tinha cinco naves fechadas com abóbada e pintadas e sete capelas com seus altares para o oriente, bem concertados, e que tinha coro como os nossos, posto que tão baixo, que quase se chegava com a cabeça à sua abóbada e sobrecoro, ainda que não se serviam dele. Mas já tudo isto caiu, sem ficar mais que as paredes de fora, de altura de dois côvados e, no meio, fizeram outra igreja muito mais pequena, posto que de três naves com pilares quadrados e muito grossos e fica escura por serem as janelas ruins e estar coberta de palha. Sobe-se a ela pelos mesmos degraus da antiga, que são dez, de pedras muito formosas e compridas. O demais que aqui se pudera notar que aformoseava a antiga, pusemos no cap. 22.<sup>o</sup> do 1.<sup>o</sup> livro, tratando das cida-

<sup>1</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação...* (reed. 1943), cap. 20, «Do lugar de Barué e das mulheres e tráfego dele e casamentos que se fazem for a da igreja», pp. 52-4. Defendido é o mesmo que proibido.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: próprio.

<sup>3</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação...* (reed. 1943), caps. 20-21. Neste último capítulo, Álvares escreveu também umas notas sobre o divórcio e o casamento de viúva com o cunhado (cap. 21: «Dos casamentos e bênçãos e de seus contratos e como se quitam das mulheres e elas deles e não se estranha»). Omitido no Ms. 778 BPB: mesmo.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 193/183].

<sup>5</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: Ou já pode ser que então se usasse isso, mas agora não há tal coisa, nem achei quem me soubesse dar razão de tal costume, com perguntar a muitos.

<sup>6</sup> L. Urreta, *História... de la Etiópia*, livro II, cap. 10, intitulado «Del Sacramento del matrimonio, y de las ceremonias que en el guardan los de la Etiópia», pp. 516-9.

<sup>1</sup> Neste capítulo e no seguinte, o autor descreveu brevemente as igrejas monolíticas de Lalibela, escavadas na rocha a partir do século XII. O lugar, classificado património mundial desde 1978, toma o nome do rei da dinastia Zägwe a quem foi atribuída a construção milagrosa do conjunto de templos, tendo-se chamado Roha, nome tomado então da cidade santa da Síria (Edessa ou Roha), que foi conquistada pelos mongóis em 1144. Páez transcreveu parcialmente a descrição feita por Álvares, vertendo de novo para português as passagens que copiou (ele possuía uma tradução castelhana da *Verdadeira Informação...*), suprimindo algumas passagens e adaptando outras. Por esta razão, optámos por não assinalar a itálico a longa citação espúria do livro de F. Álvares, que se lê adiante.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 193v/183v].

<sup>3</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação...* (reed. 1943), cap. 38, p. 88.

des. Uma coisa é digna de se advertir que, conforme a esta, conta-[fol. 221]se começou a edificar a igreja em honra da Virgem vivendo ainda a Senhora, como a capela del Pilar em Saragoça de Espanha.

<sup>1</sup>Como seis ou oito léguas desta igreja, ao poente, na província de Aorât<sup>2</sup>, está um mosteiro que chamam de Aleluia, em um monte alto, cuja igreja também era dedicada a Nossa Senhora. Está agora caída, mas ainda ficam as paredes de fora, como três côvados, alevantadas, e medindo eu o vão dentre elas, achei que tinha cento e trinta e dois palmos de comprimento e cento e cinco de largo. Parece que tinha muitas naves e dizem que era muito formosa. A que agora tem, é redonda, pequena e escura.

Mas, deixando as que já estão caídas, falaremos de algumas ainda em pé na província que chamam Oror e celebram os de Etiópia por coisa de grande maravilha e muito mais Francisco Álvares, fol. 663, dizendo que são tantos os edifícios de igrejas cavados em viva rocha que não é possível que no mundo se achem outros tais nem tantos. Se tivera visto os templos, ou para melhor dizer, as casas do demónio que na Índia Oriental têm os gentios, dedicados a diversos ídolos, umas feitas ao picão em rocha viva, outras de cantaria, longe estivera de pôr tal encarecimento. De uma dedicada a um bugio, que cuidado está em Coromandel, afirmam os que a viram que, somente a crasta que serve de recolher o gado que se há-de sacrificar, tem setecentos colunas de mármore lavrado, maiores e muito mais grossas que quantas se vêem hoje em Espanha, porque, segundo dizem, na roda e comprimento são iguais às que Agripa, em Roma, pôs em seu Panteão a que agora chamam a Rotunda. Contudo, posto que perguntando [fol. 221v] aos naturais da terra que têm visto estes edifícios de Oror, não os pintam da grandeza<sup>4</sup> que Francisco Álvares. Referirei que ele escreveu a que se deve dar mais crédito, pois como curiosidade notou as medidas e tudo o demais, e não falou oculto<sup>5</sup>, como aqueles a quem eu perguntei, que nenhum me soube declarar essas coisas.

Diz, pois, Francisco Álvares que as igrejas são S. Emanuel, S. Salvador, S.ª Maria, S.ª Cruz, S. Jorge, Golgotá, Belém, Mercoriôs, os Mártires e Lalibelâ. A esta última puseram nome de um imperador que as mandou fazer e está enterrado na igreja Golgotá, que é a que tem menos obra.

Esta igreja Golgotá é feita ao picão na rocha e terá de comprimento cento e vinte palmos e de largo setenta e dois. A abóbada, ou o alto da igreja, se sustenta sobre cinco pilares, dois de cada banda<sup>6</sup> e um no meio; o tecto da igreja é tão chão como o chão dela, as paredes têm muitas janelas e tantos labores de marcenaria como pode fazer <sup>7</sup>um ourives em prata. À mão esquerda como entram pela porta principal, antes da capela-mor, está uma sepultura feita na mesma pedra que, dizem, é à semelhança do sepulcro de Cristo Nosso Senhor, e assim a têm em grande veneração. Da outra banda, estão duas imagens de vulto, de tal maneira lavradas que ficam quase afastadas da parede: uma é de S. Pedro, outra de S. João. Tem mais esta igreja uma capela, por si quase como igreja, que é de naves, com seis pilares, três por banda e está muito bem lavrada e a nave do meio muito alta e com bons arcos, janelas e portas, uma principal e outra travessa, afora da que serve a igreja grande. Esta capela é quadrada e terá cinquenta e dois palmos. Tem outra capela quadrada de

doze palmos por banda, com muitas janelas e remata-se no alto como mitra pontifical. Os altares desta igreja [fol. 222] têm todos seus pilares, com corredores sobre eles. Tem também crasta à roda, quadrada, tão alta como ela e entra-se por um passadilho<sup>1</sup> alto, cavado na mesma pedra, de treze palmos de largo. E tudo isto é cavado em uma só pedra<sup>2</sup>, número, sem acrescentar outra nenhuma, lavrando nela os pilares, os altares e varandas que estão sobre eles, com tudo o demais.

A igreja de S. Salvador está afastada e também é feita ao picão dentro da rocha e terá de comprimento duzentos palmos, e de largo cento e vinte. É de cinco naves e, em cada uma, sete pilares quadrados de quatro palmos por banda e as paredes bem lavradas, as abóbadas bem altas e a do meio, mais que as outras. No alto, havia muitas curiosidades, como espelhos, rosas e flores e outras coisas muito bem entalhadas nas paredes, muitas frestas bem rasgadas por dentro e fora com muita lazaria<sup>3</sup> de obra muito prima. A capela-mor é muito alta e assim o é o céu do altar, que está sobre quatro pilares, com seus corredores à roda. A porta principal começa com grossos arcos e, pouco e pouco, se vão estreitando; não tem a porta de alto mais que nove palmos e quatro e meio de largo. Da mesma obra são as portas travessas, mas não tão largas. Fora da porta principal, está um alpendre de abóbada sobre sete pilares, afastados doze palmos da parede da igreja, com umas luas neles e de uns a outros há arcos; e do chão ao alto deles haverá duas lanças<sup>4</sup>. <sup>5</sup>Em toda esta pedra em que se cavou esta igreja não há diferença nenhuma, toda parece um só mármore. A crasta dela também está muito bem lavrada na pedra e terá cada banda de comprimento sessenta palmos, tirando o pano que está defronte da porta principal que terá cem. A [fol. 222v] entrada desta igreja é por debaixo da mesma pedra em que está feito um passadiço de oitenta palmos de comprimento e tão largo que poderão ir dez homens em fileira, ombro por ombro e de alto terá pouco mais que uma lança e no alto estão quatro espelhos por onde entra bastante claridade; e desta entrada até à igreja está um campo em que têm casa e semeiam cevada.

A igreja de Nossa Senhora, ainda que não é tão grande como a do Salvador, porque não tem mais que oitenta palmos de comprimento e sessenta e quatro de largo, é formosa e de três naves, a do meio mais alta que as outras. Em cada nave estão cinco colunas com seus arcos sobre que se sustentam as abóbadas. No meio do cruzeiro está outro pilar mui alto, sobre o que se sustentam os corredores, também lavrados que parecem impressos em cera e, defronte de cada nave, está uma capela com seu altar. Fora da igreja estão seis pilares, os dois na parede e os quatro afastados com seus arcos, em que se sustentam uns miradouros quadrados e têm quinze palmos por banda. Tem crasta formosa e tão alta como a igreja. Defronte da porta principal está uma casa grande, feita também na mesma rocha e nela dão de comer aos pobres. Da banda direita desta igreja, há outra tão grande como ela, de três naves sobre pilares, feita na mesma pedra e chama-se a igreja dos Mártires. Da banda esquerda da mesma igreja de Nossa Senhora, está outra pequena, de sessenta e oito palmos de comprimento e de só uma nave com três pilares que sustentam o alto e um só altar; chama-se Santa Cruz, não tem crasta, nem alpendre, nem outra coisa mais que um passadiço escuro, cavado na mesma pedra e vai sair muito longe.

A igreja de S. Emanuel é pequena, mas [fol. 223] curiosamente lavrada; tem três naves e a do meio é mais alta. O alto, que é chão<sup>6</sup> como o chão, se sustenta sobre cinco pilares e tem quarenta e

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 194/184].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Torât.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: a vulto.

<sup>4</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação...* (reed. 1943), cap. 54, «Dos grandes edifícios de igrejas que há na terra de Abugima que fêz Lalibela Rei e da sepultura sua na igreja de Golgotá», p. 132.

<sup>5</sup> Entenda-se: «da mesma grandeza», etc.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: dois de cada banda.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 194v/184v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: passadiço.

<sup>2</sup> Gralha do autor, secundada pelo copista. Possivelmente, pedra mármore.

<sup>3</sup> Lazaria: ornamentação em forma de laços. Espelhos: aberturas nas paredes por onde entra a luz.

<sup>4</sup> As meia-luas esculpidas na pedra decoram a platibanda que encima a colonata.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 195/185].

<sup>6</sup> A cobertura (tecto) era plana.



dois palmos de comprimento e de largo vinte, é só de uma pedra. A igreja de S. Jorge está um pedaço afastada das outras, mas também lavrada em rocha como elas e perto desta, da mesma pedra, está um tanque de água e dizem que nasce ali. As demais igrejas não descreve Francisco Álvares, mas diz que lhe afirmaram que todas elas se fizeram em vinte e quatro anos e que os mestres eram homens brancos. Até aqui são palavras suas.

1 Os que viram estas igrejas da gente da terra, me disseram que todas estavam cavadas na pedra em um outeiro não muito alto a que chamam Lalibelâ, do nome do imperador que as mandou fazer e morreu em Junho e se enterrou ali e a gente popular o tem por santo. Em Outubro fazem aí grande festa a um Gabra Christós, que o têm por muito grande santo e quer dizer Aleixo e dizem que foi filho de Teodósio, rei de Constantinopla e que sua mãe era filha de um rei de Roma; parece que confundem<sup>2</sup> a história de S. Aleixo romano. Junta-se então grande multidão de gente de diversas partes, porque lhes metem em cabeça os frades que ali estão, que todo aquele que lá for uma vez se há-de salvar e, se for sete vezes, não só se salvará ele, mas também seus filhos e netos e alguns estendem a mais.

Outras igrejas há<sup>3</sup> não em rocha que se edificaram há muito tempo, que deixo por não ser tal sua arquitectura que mereça descrição.

As igrejas que nestes tempos edificam, todas são de pedra e barro, que nenhuma cal entra nelas. Algumas há mais compridas que largas, mas poucas, porque comumente são redondas e pequenas e, ainda que algumas em baixo [fol. 223v] se comecem<sup>4</sup> quadradas, em subindo um pedaço, põem pela banda de dentro paus nos cantos de maneira<sup>5</sup> que possam depois subir com a parede em redondo, quatro ou cinco côvados. À roda, como seis ou oito côvados de parede da igreja, fazem como uma crasta baixa, com muitas portas e assim está como a igreja. Se cobre de palha assentada sobre a madeira, que chega do mais alto da igreja até passar por cima das paredes da crasta, pelo que todas, com terem três portas, ficam tão escuras que nem ao meio dia se pode ler dentro sem candeia, e assim são muitos os morcegos que se agasalham nelas. E, com ser a madeira tosca, poucas igrejas têm forro<sup>6</sup>. E, em algumas que são compridas, atravessam de parede a parede uma cortina afastada um pedaço do altar, o qual sempre está de maneira que se possa andar à roda dele. Desta cortina para dentro não podem estar, enquanto se diz a missa, mais que sacerdotes e os diáconos que ajudam a ela. Outra cortina está afastada desta e, entre uma e outra, estão os diáconos que não ajudam à missa e os que têm<sup>7</sup> ordens menores, e desta cortina para fora estão os seculares. Nas igrejas redondas não há de ordinário mais que uma só cortina, porque os homens seculares e mulheres ficam na crasta que está à roda.

A algumas igrejas de frades não vão mulheres, porque estão dentro da cerca do mosteiro, onde elas não podem entrar; mas no lugar que a igreja dos frades está desta maneira têm outra a que elas vão e a que chamam a igreja das mulheres, não porque não entrem nelas homens, senão porque também elas podem entrar, mas sempre no lugar que dissemos que lhes pertence. Alguns dizem que

antigamente havia igrejas em que só mulheres podiam entrar, mas agora não há tal costume; em todas entram também os homens.

Das igrejas comumente têm cuidado [fol. 224] frades e cónegos juntamente. E dos cónegos, que eles chamam *debterôch* e se é um, *debterâ*<sup>1</sup>, alguns são sacerdotes, outros não, mas todos casados e no vestido não se diferenciam dos seculares. Trazem porém, de ordinário, na mão uma cruz pequena de ferro ou de pau preto e, quando de novo entram a servir em alguma igreja, lhes fazem, com navalha, uma letra no ombro direito e outra no esquerdo, com que se conhece que é de tal igreja; como se é de Santa Maria, no ombro direito lhe põem «D» e no esquerdo «M» que quer dizer de Maria.<sup>2</sup> E se algum destes cónegos há-de passar para alguma igreja outra, o superior daquela em que estava, há-de testemunhar como era seu, e o daquela em que entra lhe faz novas letras que signifiquem o nome de sua igreja. Mas há alguns mosteiros em cujas igrejas não entram cónegos; só frades têm cuidado delas. E na pedra de ara de cada igreja, escrevem o nome do santo a que está dedicada.

Todas as vezes que põem nova pedra de ara nalguma igreja, como na que edificam de novo, ou na que reedificam, se lhe querem mudar o orago (o que costumam fazer) a levam com grande festa. E se é de algum mosteiro grande em que querem fazer isto com mais aparato, levam a pedra onde está o imperador (seja na corte ou arraial) depois que o *abuna* a sagrou, que nenhum outro dos de Etiópia o pode fazer, e a põem em alguma igreja, ou parte decente; e dali a manda levar<sup>3</sup> o imperador com músicas e festas, acompanhada de toda a nobreza até o mosteiro, se está perto e, se longe, saem um pedaço da cidade ou do arraial e dali se tornam e os frades passam adiante, com a gente que, por sua devoção, os quer acompanhar. E sempre o imperador dá, pelo menos, alguma peça rica com que a pedra vá coberta e leva-a algum sacerdote na cabeça e se algum diácono lhe há-de ajudar, ele lha põe na cabeça e tira, porque o diácono não chega com as mãos, ainda que a pedra esteja<sup>4</sup> envolta em panos de seda; só toma do que cai [fol. 224v] de uma banda e outra, do pano de que vai coberta. Pouco tempo há, estando eu com o imperador, entraram muitos frades de um mosteiro grande que está em uma ilha que chamam Çanâ, da Alagoa de Dambiâ<sup>5</sup> e disseram que acabaram de reedificar sua igreja que estava caída e que queriam mudar o orago que antes era de um mártir por nome Charcôs e queriam que agora fosse de Jesus, e que, quando se pôs naquela igreja a primeira pedra de ara, a mandara levar com festa, desde a corte, o imperador que então era; que já que mudavam agora o orago, lhe pediam quisesse mandar que esta pedra também se tirasse da corte com festa e que para isso a trouxeram. E, assim, o mandou logo e deu uma peça de brocado com que a cobriram, e saiu toda a cavalaria e muita gente de pé com suas armas, levando diante as charamelas e atabales do imperador e a acompanharam bom pedaço.

As igrejas, antigamente, tinham muito ricos ornamentos, como afirma Francisco Álvares, fol. 18, falando da igreja do mosteiro de<sup>6</sup> Bisan, onde diz que viu, em uma festa, as crastas armadas de brocados e veludos e em procissão levavam os frades muitas capas do mesmo e cinquenta cruces de prata e tinham um grande cálice de ouro; e em outras igrejas também viu muito disto. Mas agora quase todas são pobres, porque, como os mouros foram senhores da maior parte de Etiópia, doze ou

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 195v/185v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: compreendem.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: que se edificaram.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: comecem.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: madeira.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: são forradas.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 196/186].

<sup>1</sup> Ver glossário (*debtera* / *debterâ* / *däbtärä*).

<sup>2</sup> «D» de *däbr* (monte, mosteiro) e «M» de *Maryam* (Maria), ou seja, *Däbrä Maryam*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 196v/186v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: está.

<sup>5</sup> Ver glossário (Çanâ / Çaanâ / Sanâ / T'ana Qirqos; e Lagoa de Dambiâ / Lago T'ana).

<sup>6</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: de.

quinze anos, em tempo do mouro Granh, que mataram os portugueses que dissemos no fim do primeiro livro, e depois os turcos e os gentios chamados gâlas fizeram muitas entradas e entre eles mesmos houve também grandes guerras, ficaram as igrejas roubadas, as suas rendas diminuídas e os imperadores e príncipes tão quebrados que as não puderam tornar a pôr no estado antigo. Em lugar de sinos, têm penduradas umas pedras de um palmo ou menos [fol. 225] de largo, quatro dedos de grosso e compridas, em que, dando com outras pequenas, se ouve muito longe e soam de maneira que, a quem não soubera que eram pedras, lhe puderam parecer sinos, e, em alguns mosteiros, em lugar destas pedras, têm três tábuas enfiadas que dando umas nas outras, soam muito.

Quanto ao respeito e reverência que têm aos templos, é grande e, assim, quando chegam à porta, tiram os sapatos e entram descalços, até o mesmo imperador. Enquanto se diz a missa, guardam muito silêncio, não riem, nem falam uns com outros e de nenhuma maneira cospem nunca dentro, nem deixam chegar cães da cerca para dentro. Se aos que vão a cavalo lhes é necessário passar por diante de alguma igreja, se apeiam ordinariamente antes de chegar a ela e vão a pé, até passarem um pedaço. E assim, vindo o Imperador Seltan Çaguêd com toda a corte à nossa igreja em Outubro de 1618<sup>2</sup>, se apeou um pedaço antes de chegar a ela e, na porta, mandou um pajem lhe tirasse os sapatos e beijou a porta e, entrando descalço, fez oração em pé, mostrando muita devoção. E ele e os fidalgos que entraram na igreja ouviram missa e pregação, com silêncio, e tudo louvaram muito. E como saiu, o imperador viu também nossa casa e comeu nela e depois nos deu um sítio muito bom, perto das terras que quando entrou no império nos tinha dado, para que fizéssemos outra igreja a nosso modo, que a que tínhamos era pequena e ao modo da terra e nos acrescentou as terras que estão à roda do sítio. E, porque neste Dambiâ não há madeira que preste, senão em suas igrejas, mandou que nos cortassem delas cedros mui formosos e deu, por isso, boa esmola e disse que não metêssemos na igreja outra sorte de madeira. E seu irmão *Erás Celá Christós* ofereceu todo o gasto para ela, pedindo-nos muito que não metêssemos nós de nossa casa coisa alguma e que também faria os ornamentos de brocado, veludo e damasco e daria muitas terras.

Vendo nós o desejo grande que o imperador tinha de ver o modo e traça de nossas igrejas, procurámos de fazer uma [fol. 225v] o melhor que nos foi possível, toda de cantaria, ainda que pequena, porque o corpo dela não tem mais que vinte e oito palmos e setenta e dois de comprimento, a capela vinte e quatro de largo e trinta e dois de comprimento. Com tudo isso, porque ela e a sacristia são de pedra vermelha muito boa, o arco e corpo de pedra muito alva e bem lavrada, a frontaria e portas travessas ornadas com oito colunas acaneladas e os pedestais, capitéis e frisos com toda a demais obra lustrosa e muito bem lavrada, lhes contenta tanto a todos os que vêem que dizem que não é obra da terra, senão do céu. Tem seu coro de grades e obra de marcenaria, uma pia para baptizar e duas de água benta muito bem lavradas; muito clara, com janelas de uma e outra parte bem ornadas, por fora, com rosas e molduras na mesma pedra. É de terrado e, sobre o parapeito, por remates, tem muitas colunas, umas com o remate de pirâmide sobre o capitel e outras com bolas entressachadas e, no meio das colunas e remates da frontaria, tem uma cruz muito formosa com um pé lavrado na mesma pedra, com muita laçaria. Tem também sua torre na banda direita da frontaria, com

um sino de cobre arrazoado<sup>1</sup> que nos veio da Índia. Acabou-se neste Março de 1620.<sup>2</sup> Logo a veio ver o imperador com toda sua corte, de dois dias de caminho, onde agora reside, e ouviu missa e pregação sobre aquelas palavras de S. Lucas, *Hodie huic domui salus facta est*<sup>3</sup> e depois a viu muito devagar, subindo duas vezes ao terrado e louvando-a muito e desejando ajuntar aqui todos os portugueses, para que ficasse a igreja mais acompanhada. E deu logo para ela a melhor alcatifa que tinha e cem cruzados para um ornamento. E determina, em outro melhor sítio, fazer uma grande, pela traça desta. E, por nos fazer mercê e honra, pôs a sua tenda dentro de nossa cerca e ficou a dormir aqui, aquela noite<sup>4</sup>.

Em muitos altares de suas igrejas não costumam pôr imagens, porque sempre as fazem quase no meio [fol. 226] da capela, mas pintam nas paredes muitas de várias cores, particularmente de vermelho, branco, verde e amarelo, que de preto usam pouco, nem folgam com esta cor e assim nunca pintam rosto preto, se não é do demónio e de uns gentios que chamam gâlas. O rosto dos seus santos pintam sobre o vermelho. Donde se vê quão ridícula ficção é a que pinta Frei Luiz de Urreta, pág. 557, falando das imagens de Etiópia por estas palavras:

*Todas las imagines son de pincel y todas ellas son negras, de suerte que a Dios y a Cristo y a la Virgen, a los angeles y a todos los santos pintan negros. Pintan la 5passion de Cristo y la cena y, en ella, Cristo y los apóstoles son negros y los judios sayones e Judas, blancos. Pintam a S. Miguel negro y al demonio que está debaxo de sus pies, blanco. Y lo que causa risa es ver pintado un Juizio Final, donde Dios y los angeles y todos los bienaventurados estan negros y los demonios y condenados en el infierno muy blancos, porque como ellos son negros, quieren que los santos sean semejantes a ellos, porque lo tienen por el mejor color*<sup>6</sup>.

Isto diz o autor, mas parece que quem o informou tinha vontade de contar patranhas, como esta que é grande. Nem a gente desta terra, particularmente os nobres, são tão pretos, narizes amassados, de beiços tão grossos, como ele ali os faz, senão comumente muito bem estreados, de cor baça, beiços delgados, narizes proporcionados e olhos grandes e formosos, como dissemos no cap. 1.º do 1.º livro; ainda que em algumas terras que o imperador senhoreia haja cafres feios, a quem os abexins têm por escravos.

<sup>1</sup> Isto é, um sino de tamanho médio.

<sup>2</sup> Refere-se à igreja de Gorgora Velha (C. Beccari, *RÆSOI* 11, Roma, 1911, p. 406) e a *Crónica de Susnējos* (vol. I, p.259; vol. II, p. 199) ver. H. Pennec, *Des jésuites...*, pp. 171-5.

<sup>3</sup> Lucas, 19, 9: «Hoje, a salvação entrou nesta casa.»

<sup>4</sup> Ver carta de L. Azevedo (3.7.1619) e carta de D. Matos (2.6.1621), in C. Beccari, *RÆSOI* 11, Roma, 1911, pp. 413, 416 e 485.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 198/188].

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, excerto do livro II, cap. 14, intitulado «De la grandeza y majestad de los templos de la Etiopia y de la grande reverencia que les guardan y de la adoración de las santas imagines», pp. 546-58.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 197/187].

<sup>2</sup> Refere-se à igreja de Gorgora velha primitiva (ver C. Beccari, *RÆSOI* 11, Roma, 1911, pp. 414-415).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 197v/187v].

## [fol. 226v] CAPÍTULO XVI

## DO ESTILO E CERIMÓNIAS QUE OS ETÍOPES GUARDAM NOS ENTERRAMENTOS E DO ERRO QUE TÊM ACERCA DO PURGATÓRIO.

Já que temos visto o respeito e reverência que os etíopes têm aos templos, será bem dizer, brevemente, o modo e cerimónias com que enterram seus defuntos. Deixando os extremos que fazem em suas mortes, os homens deitando-se pelo chão e as mulheres arrancando seus cabelos e arranhando o rosto, porque disso e do modo com que choram falámos no cap. 21.º do I.º livro, tratando de alguns costumes de que usam. Deixando pois isto, como um morre, se é homem ordinário, tomam dois paus compridos e atravessam no meio outros curtos, a modo de escada e ali o deitam amortalhado e cobrem com um pano de algodão qualquer que acham e, levando-o quatro homens nos ombros, o acompanham seus parentes e amigos, homens e mulheres, chorando a vozes e dizendo «Ai de nós que fugiu, ai de nós que fugiu», e outras coisas semelhantes. Pelo que, estando eu uma vez com o Imperador Seltan Çaguêd no mais alto de seus paços, me disse o mordomo: «Não ouve Vossa Reverência o que dizem aqueles? Levam amarrado o defunto e eles dizem que fugiu.» Como chegam à igreja ou mosteiro onde se há-de enterrar, saem à porta os clérigos ou frades (que a sua casa de nenhuma maneira vão) e trazem cruz e turíbulo, mas não água benta, que não usam dela nos enterramentos, e um vem vestido como quando quer dizer missa e rezam-lhe muitas orações e logo o enterram na crasta ou alpendre da igreja.

Se o defunto era homem nobre ou fidalgo, [fol. 227] o levam em seu mesmo leito ou outro estreito, amarrando debaixo dois paus compridos e em cima, uns<sup>2</sup> arcos delgados que, cobertos com um pano, se parecem com a nossa tumba. E estes, ordinariamente, se mandam enterrar em mosteiros e, algumas vezes, o levam um dia e dois de caminho. E os frades saem um pedaço fora do mosteiro para o receber, indo um revestido com cruz e turíbulo diante e lhe rezam algumas orações e assim o trazem à igreja, onde lhe cantam outras e o enterram dentro, como eu vi e alguns perto do altar, como me afirmaram os frades.

Para os frades têm officio muito mais comprido que para os seculares, e enterram-nos em seus mesmos hábitos, cobrindo-lhes o rosto com o capelo e depois os envolvem em um couro delgado que fazem de peles de cabras, depois de concertadas e tingidas do vermelho. E alguns, a quem eles têm por mais santos, a quem chamam *bataois*<sup>3</sup>, pedem antes de morrer que, quando os enterrarem, lhes ponham na cinta uma faca e assim o fazem, porque lhes têm grande respeito e eles o pedem com muita instância, porque como estiveram sempre tão misturados com os judeus até o tempo deste imperador, entre outras muitas fábulas que lhes meteram na cabeça os rabinos, uma foi a que eles fingem sobre aquelas palavras do *Salmo* 103, *Draco iste, quem formasti ad illudendum ei*,<sup>4</sup> dizendo que criou Deus Nosso Senhor no princípio do mundo dois peixes de imensa grandeza, macho e fêmea; mas, porque viu que se, por geração, se multiplicassem, impediriam a navegação, matou a

fêmea e a guardou para com ela dar um esplêndido convite aos justos depois da ressurreição; entretanto folga com o macho [fol. 227v] brincando com ele três horas cada dia. E dizem que isto significam aquelas palavras do salmo, o que crêem de maneira alguns destes frades ignorantes, que rogam muito os enterrem com alguma faca, para terem com que cortar daquele peixe, quando Deus os convidar depois da ressurreição.

Quando morre o imperador, o levam também em seu leito, concertado a modo de tumba, com grande acompanhamento, porque não só vão os príncipes e grandes, mas todos os senhores nobres que se acham perto, <sup>1</sup> todos cobertos de dó e as cabeças rapadas, como costumam fazer nas mortes dos pais, para mostrar sua grande tristeza. Eu vi levar a enterrar ao príncipe, filho deste Imperador Seltan Çaguêd, que se chamava *Abeitahun* Canafra Christós, que era já de vinte anos. E foram, donde morreu, um dia de caminho para o meter em uma ilha que chamam Çanâ, da Alagoa de Dambiâ, onde está um grande mosteiro. Acompanhavam-no toda a cavalaria da corte e muitas senhoras, todos cobertos de dó e, diante, as bandeiras e atabales do imperador, tangendo som de tristeza.

Em o dia do enterramento, não só o imperador mas de qualquer homem grande, se dão muitas esmolos e, pelo menos na igreja onde se enterra, lhe rezam cada dia até os trinta os *Salmos* de David inteiramente e outras orações (que missas pelos defuntos não as dizem, segundo me afirmaram alguns frades) e dão-lhes suas esmolos por isso; e no último dos trinta dias, matam vacas e dão de comer aos frades e a muitos pobres que sempre ali se ajuntam. E aos quarenta dias levam à igreja muitas candeias e incenso, e matam muitas mais vacas e dão grandes esmolos. Também dão aos oitenta dias e quando se enche o ano, mas não tantas, e a isto chamam *tascâr*<sup>2</sup>, que quer dizer «lembrança», e *fetât*, que significa «soltura.» Esta lembrança fez muito solene por D. Cristóvão da Gama, no dia que se cumpriu o ano de sua morte, que foi a 28 de Agosto de 1542, o Imperador Atanaf [fol. 228] Çaguêd, que primeiro se chamava Gludios, *scilicet* Cláudio, e, para que fosse com mais aparato, como pedia o agradecimento que devia e desejava mostrar a D. Cristóvão pelo que por ele<sup>3</sup> lhe tinha feito, mandou lançar pregão pelas terras, alguns dias antes, que todos os pobres que houvesse se juntassem ali aquele dia, e juntaram-se mais de seis mil (segundo afirmou um português que estava presente) e armaram-lhes muitas tendas no campo, onde, por mandado do imperador, se lhes deu esplendidissimamente de comer e de vestir. Fez também que viessem seiscentos frades ou mais e cantaram com muita solenidade os salmos e orações que têm para este officio, e mandou-lhes dar grossas esmolos.

Enterravam-se antigamente os imperadores no reino de Amharâ, não no monte onde se guardavam seus filhos, que se chama Guigên<sup>4</sup> Ambâ, senão em uma igreja que chamam Mecâna Çelace ou em Atronê Ça Mariâm<sup>5</sup>, <sup>6</sup> que ambas eram sepulturas dos imperadores, como se diz na história do imperador Onâg Çaguêd<sup>7</sup>; mas depois que o mouro Granh queimou estas duas igrejas, que seria pelos anos de 1530, pouco mais ou menos, nunca mais se enterraram ali, senão em outras. O imperador Onâg Çaguêd em um monte do reino de Tigré, que chamam Ambâ Damô<sup>8</sup>, tão forte

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 199/189].

<sup>2</sup> Ver glossário (*tascâr* / *taskar*).

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: pelo que por ele.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: Guigên. Lição variante da que se lê no livro I, «Guixén Ambâ».

<sup>5</sup> Ver glossário (Mecâna Çelace / Mäkanä Sëllasse; e Atronê Ça Mariâm / Atronsä Maryam).

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 199v/189v].

<sup>7</sup> Pedro Páez refere-se à *Crónica de Lëbnä Dëngël*.

<sup>8</sup> O Mosteiro de Däbrä Damo (do século IV), a leste de Aksum.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 198v/188v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: dois.

<sup>3</sup> Latinização do plural amárico *bahawiyān* (sing. *bahawi*); monges eremitas.

<sup>4</sup> *Salmo* 104 (103), 26: «... e o Leviatã, que formaste para com ele brincar.»

que se não pode subir acima senão por cordas; e lá está um mosteiro de frades muito grande. A seu filho, o Imperador Atanâf Çaguêd, enterraram em uma igreja que se chama Tedebâba Mariam<sup>1</sup> que ele edificara no reino de Amharâ, e a seu irmão, o Imperador Adamâs Çaguêd, também na mesma igreja. Ao filho deste, o Imperador Malâc Çaguêd, em um mosteiro que está na ilha que chamam Çanâ, da alagoa de Dambiâ, a seu sobrinho, o Imperador Zadenguîl, enterraram em uma igreja pequena de Dambiâ e, depois de dez ou doze anos, ao Imperador Seltan Çaguêd, seu primo, trasladou seu corpo que se achou inteiro, para [fol. 228v] o mosteiro daquela ilha Çanâ<sup>2</sup>. Ao Imperador Iacob enterraram no reino de Gojam em uma igreja que chamam Nazareth. Ao imperador, não somente na igreja em que se enterra lhe rezam os salmos e tudo o mais que se costuma, mas também em todas as igrejas do império lhe fazem seu ofício, com a maior solenidade que podem.

Com darem os etíopes tantas esmolas e fazerem rezar tanto por seus defuntos e a este ofício chamarem *fetât, scilicet* soltura, no que dão a entender que, depois desta vida, podem ser soltos de seus pecados pelas esmolas e orações, com tudo isto há muitos que negam o purgatório, tanto que, em umas disputas que tive com os principais letrados diante do Imperador Zadenguîl em Junho de 1604, dizendo eu, a um propósito, que havia purgatório, um deles, que se chama *Azax* Zadenguîl, se riu muito e com um modo como se eu dissera um absurdo nunca ouvido. Disse-lhe como estranhava tanto o que eles mesmos afirmavam com as obras e confessavam com as palavras, pois por seus defuntos davam tantas esmolas e faziam tantas orações e a isso chamavam *fetât*, soltura, que se não podiam ser soltos, nem lhes aproveitavam as esmolas e orações, para que as faziam e lhe punham esse nome de soltura? Respondeu que o faziam para que o fato<sup>3</sup> do defunto se empregasse bem. Disse eu que bem empregado estava em sua mulher e filhos, que muitas vezes eram pobres e que já que os mortos lhes não aproveitava, melhor fora oferecer aquilo pelos vivos para que, enquanto cá estão, alcançassem algumas mercês do Senhor. Respondeu que como o fato se gastasse bem em morte e em vida se podia fazer, mas que lhe declarasse que coisa era purgatório. Vendo eu que não queria responder a propósito, lhe disse que purgatório é um certo lugar em que, [fol. 229] como em prisão, estão as almas depois desta vida, purgando o que cá deixaram, para que, puras, e limpas entrem na bem-aventurança do céu onde com nódoas ninguém pode entrar. «Mostrai-me, (disse ele) de que lugar da *Escritura* tirais isso?» Perguntei-lhe eu se tinham por santos os livros dos *Macabeus* como aos demais livros da *Sagrada Escritura*. Respondeu que sim. «Pois no 2.º livro dos *Macabeus*, cap. 12.º (disse eu) se conta que Judas Macabeu mandou a Jerusalém doze mil dracmas de prata para que se oferecessem sacrifícios pelos que morreram em uma guerra e diz logo a *Escritura*: *Sancta est salubris ergo<sup>4</sup> cogitatio pro defunctis exorare, ut a peccatis solvantur<sup>5</sup>*. Logo, depois desta vida há algum lugar em que as almas que cá não se acabaram de purgar e satisfazer por seus pecados, estão como em prisão, até que, ou com as penas que ali padecem ou com sacrifícios e orações que os vivos oferecem por elas, acabem de satisfazer; que doutra maneira debalde se ofereceram sacrifícios e orações<sup>6</sup> e a *Escritura* errara louvando semelhantes orações e a este lugar chamamos nós purgatório.»

Como ele viu que o lugar convencia, disse: «Dai-me esta palavra purgatório no *Evangelho* ou em *S. Paulo*, que quanto isto não é de ouvir.» Respondi eu que, pois confessava que estes livros eram santos, por que os não havia de ouvir e crer o que ensinavam. E porfiando ele que lhe desse esta palavra no *Evangelho* ou em *S. Paulo*, lhe disse que bem sabia ele que nem tudo o que Cristo Nosso Senhor ensinou, nem todas as maravilhas que fez estão escritas no *Evangelho*, pois diz S. João no fim de seu *Evangelho* que, se tudo se houvera de escrever, não couberam os livros no mundo; por onde que, porventura declarasse Cristo Nosso Senhor o nome<sup>1</sup> deste lugar a que nós chamamos purgatório e que não se escrevesse, mas como quer que seja, basta que se tire da *Sagrada Escritura*, [fol. 229v] que há tal lugar e, para vos satisfazer no *Evangelho* e *S. Paulo*, por *S. Mateus* cap. 12.º, diz Cristo Nosso Senhor que há pecado que se não perdoa, nem neste mundo, nem no outro. Logo segue-se (falando em boa prudência, como em tudo falava o Senhor) que há pecados que se perdoam no outro mundo pelas orações e sufrágios da igreja e pelo conseguinte algum lugar em que estão as almas em que possam ser ajudadas com estes sufrágios, o que ensinam muitos doutores e santos neste lugar e o coligem também do que o Senhor disse *Mateus* 5 e *Lucas* 12: *Amem dico tibi: non exies inde donec reddas novissimum quadrantem.*<sup>2</sup> Também S. Paulo, *I Coríntios* 3, disse que provará o fogo, qual seja a obra de cada um: *Unius cuius que opus quale sit ignis probabit; si cuiusque opus manserit quod superaedificavit, mercedem accipiet; si cuius opus arserit detrimentum patietur ipse autem salvus erit, sic tamen quasi per ignem*<sup>3</sup>. E, no cap. 15.º, diz: *Quid facient qui baptizantur pro mortuis si mortui non resurgunt? Ut quid baptizantur pro illis?*<sup>4</sup>. Aqui fala o apóstolo do baptismo das lágrimas e da penitência e quer dizer que foram os que oram, jejuam, dão esmolas e se afligem pelos mortos, se eles não ressuscitam, no que claramente mostra S. Paulo que, depois desta vida, há lugar em que estas coisas aproveitam às almas<sup>5</sup>.

A tudo isto respondeu, rindo, que lhe não satisfazia. «Pois se a *Escritura*, que está tão clara (disse eu) vos não satisfaz, que coisa vos há-de satisfazer? Dizei porque vos não satisfaz, ou respondi-me a isto: pode um homem morrer com pecados veniais, ou sem acabar de satisfazer pelos mortais que confessou?» Não queria responder a isto, até que o imperador lhe disse: «Porque não respondeis? Não é certo que pode um homem morrer, acabando de confessar muitos pecados mortais? Respondeu, então, que sim.» Disse eu: «Pois este homem não vai ao inferno pelos pecados<sup>6</sup> veniais, que, por causa tão pouca, não condena Deus a pena eterna, nem [fol. 230] pela penitência que havia de fazer para satisfazer pelos pecados mortais que confessou, que já aqueles não merecem inferno, pois o confessor o absolveu deles. E diz Cristo Nosso Senhor, *o que soltardes na terra seja solto no céu*, etc.<sup>7</sup>. Nem também este tal homem pode entrar no céu, ou morresse com só seus pecados veniais, ou só com não ter satisfeito pelos mortais que confessou, porque com estas dívidas e nódoas, ainda que seja de pecados muito leves, não se pode entrar no céu, como diz S. João no *Apocalipse*, cap. 21.º:

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 200v/190v].

<sup>2</sup> *Mateus* 5, 26 e *Lucas* 12, 59: «Eu te digo: não sairás de lá antes de pagares o último centavo.»

<sup>3</sup> *I Coríntios*, 3, 13: «A obra de cada um será posta em evidência. O Dia torná-la-á conhecida, pois ele se manifestará pelo fogo e o fogo provará o que vale a obra de cada um.»

<sup>4</sup> *I Coríntios*, 15, 29: «[Se assim não fosse] que proveito teriam aqueles que se fazem baptizar em favor dos mortos? [Se os mortos realmente não ressuscitam] por se fazer baptizar em favor deles?»

<sup>5</sup> *Mateus*, 5, 26 e *Lucas*, 12, 59; *I Coríntios*, 3, 13 e 15, 29.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 201/191].

<sup>7</sup> *Mateus*, 18, 18.

<sup>1</sup> Ver glossário (Mecâna Çelace / Mäkanä Sëllasse; e Tedebâba Mariam / Tädabä Maryam).

<sup>2</sup> Mosteiro de T'ana Qirqos, no Lago T'ana. A informação aqui prestada pelo autor, a trasladação do corpo do rei Zä-Dëngël para o Mosteiro de T'ana Qirqos, é contraditória em relação à que é fornecida no livro IV, cap. IX, onde Pedro Páez indica o Mosteiro de Daga Estifanos, também no Lago T'ana, como o local para onde o corpo de Zä-Dëngël foi trasladado. Ver glossário (Çanâ / Çaanâ / Sanâ / T'ana Qirqos).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 200/190]. Fato.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: est.

<sup>5</sup> *2 Macabeus*, 46: «Eis que ele mandou oferecer esse sacrifício expiatório pelos que haviam morrido, a fim de que fossem absolvidos do seu pecado.»

<sup>6</sup> Omissão no Ms. 778 BPB: e orações.

*Non intrabit in eam aliquid coinquinatum, aut abominationem, faciens et mendacium*<sup>1</sup>; como pode ninguém entrar com os pés sujos, ainda que não seja mais que com o pó de pecados veniais, naquela santa cidade Jerusalém celestial, onde as praças são de ouro muito fino e puro e o mais de pedras preciosas; logo certo é haver algum lugar onde depois desta vida se purguem e alimpem as almas para entrarem no céu e a este lugar chamamos nós o purgatório.» Entendendo muito bem o imperador a verdade, disse antes que o outro respondesse: «Para que gastamos mais tempo nisso, etc. O que desejo saber é se as almas dos santos estão já no céu gozando da glória, ou esperam no paraíso terreal, ou em outra parte até o Dia do Juízo, para que juntamente com seus corpos, vão gozar dela?» E assim deixámos a matéria do purgatório, e passámos a estoutra em que debatemos um bom pedaço e lhes mostrei, com lugares da *Escritura* e com razões, que as almas dos santos estão no céu gozando da glória e as dos maus no inferno. E outras muitas vezes se ofereceu falar sobre esta matéria, ainda diante do Imperador Seltan Çaguêd, como dissemos no cap. 6.º.

Bem sei que Frei Luiz de Urreta no seu 2.º livro, cap. 15.º<sup>2</sup>, afirma muitas coisas contrárias às que aqui temos dito, como que, quando morre algum, vão por ele quatro sacerdotes casados que servem na paróquia, com cruz, água benta e turíbulo e rezando-lhe algumas orações, [fol. 230v] <sup>3</sup>o levam a enterrar e chegado à igreja, o põem à porta e ali saem todos os sacerdotes virgens e lhe cantam e botam água benta e incensam e logo o levam ao cemitério onde o enterram (porque em nenhum tempo se há enterrado defunto dentro das igrejas, senão os que morreram com opinião de santos e mártires) e ao outro dia lhe dizem missa no mesmo cemitério, na capela que nele sempre há, porque nas igrejas nunca se diz missa de defuntos, mas todas as 2.ªs feiras do ano (se não estão ocupadas com algum santo dos que eles rezam) todo o ofício divino é de defuntos no cemitério, porque os etíopes, entre todas as nações da cristandade, são devotíssimos das almas do purgatório e os seculares não dão esmola pelas missas, nem pagam enterramentos, nem por ministério nenhum há obrigação de lhe dar nada. Sustentam-se das terras que o Preste João lhes dá, que são muitas e mui grandes; só têm na porta da igreja uns cepos e gazofilácios<sup>4</sup>, onde os que querem botam esmolas e estas se repartem entre os sacerdotes. Os imperadores também se enterram em um cemitério do Monte de Amhará, onde estão os filhos dos imperadores e ali lhes dizem missas e se lhes fazem seus ofícios e, quando os levam a enterrar, vão dentro de uma liteira que leva um elefante coberto de dó e o acompanham todos os sacerdotes da cidade de Sabba com mil homens de guarda, até chegar ao monte.

Até aqui são palavras do autor,<sup>5</sup> em que mostra bem quão pouca notícia tinha das coisas de cá, porque nem os sacerdotes vão a casa do defunto a trazer seu corpo, nem há tal distinção de sacerdotes casados e virgens, todos são casados, nem usam de água benta nos enterramentos, como eles mesmos me disseram, nem enterram no cemitério mais que alguns pobres, todos os demais dentro da igreja. E, por cada um que enterram, lhes dão dois panos da terra, que algumas vezes valem dois cruzados, outras pouco menos, e se lhes não derem isto não os hão-de enterrar, nem hão-de rezar salmos nem o demais que costumam se não lhes pagarem muito bem; nem têm nas portas das igrejas os gazofilácios que diz no fim do capítulo. Nem os imperadores se enterraram

[fol. 231] nunca no monte que ele diz, <sup>1</sup>senão nas igrejas que acima nomeámos, nem os levam a enterrar em liteira sobre elefante, que nunca o viram manso, como já temos dito, nem sabem que coisa é liteira. Semelhantes a estas coisas, são as com que remata aquele capítulo, dizendo que em cada bispado sinala o bispo e o cabido quatro dos cónegos e estes se ajuntam, três vezes cada semana, com quatro vigários das freguesias da cidade onde mora o bispo, para tratar o que se oferece e parece necessário ao governo espiritual do bispado e têm ofício de provisores e julgam todas as demandas e assim se faz também na metrópole dos arcebispos. E, de seis em seis anos, se junta o arcebispo com seus bispos sufragâneos e celebram sínodos provinciais e, algumas vezes, se juntam todos os doze arcebispos e os setenta e dois bispos de Etiópia com muitos abades espirituais de S. Antão na cidade de Sabbá para reformação universal das igrejas de Etiópia, em que preside, como legado, o arcebispo mais antigo. Isto diz Frei Luiz.

Mas já por vezes temos mostrado como tudo é mera ficção, que nem há tal modo de governo, nem arcebispos, nem bispos, mais que o que lhes vem do Cairo, a que eles chamam *abuna* e este manda o patriarca de Alexandria.

## CAPÍTULO XVII

EM QUE SE TRATA DAS RELIGIÕES QUE ALGUNS AUTORES PÕEM NA PARTE DE ETIÓPIA QUE SENHOREIA O PRESTE JOÃO.

Muitas vezes de passagem nesta *História* temos feito menção dos frades de Etiópia, sem declarar quais sejam suas religiões<sup>2</sup>, por não cortar o fio do que íamos dizendo. Agora que temos tratado [fol. 231v] das coisas eclesiásticas, será bem que vejamos quais são as que alguns autores afirmam que há nesta Etiópia, de que nem rasto nem memória se acha (que depois declararemos quantas e quais são as que na verdade há). A primeira que se me oferece é a do glorioso patriarca S.º Agostinho, cujos frades, diz Frei Luiz de Urreta, no 1.º livro de sua *História*, pág. 213, e no livro 3, pág. 708<sup>3</sup>, que há hoje em Etiópia, mas que quando entraram não eram desta sagrada religião, mas senão<sup>4</sup> uns ermitães e anacoretas <sup>5</sup>de Tebaida, que traziam nome de S.º Agostinho, sendo na verdade hereges. E assim começaram logo a ensinar que o Espírito Santo não procede do Filho, que não há purgatório e que os santos não vêem a Deus até o Dia de Juízo, o que sabendo o Imperador Cláudio, os entregou aos priores dos conventos da Aleluia e de Plurimanos, os quais os convenceram de suas heregias e trabalharam muito pelos reduzir, mas alguns se ficaram obstinados e, destes, uns mandou o imperador lançar aos leões, a outros enterrar vivos e que, aos que se reduziram, os

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 202/192].

<sup>2</sup> Por «religiões» entenda-se ordens religiosas.

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 21, intitulado «Del consejo latino en el qual se tratan los negocios tocantes à la Europa. Ponese una mission que hizieron treze Padres de la Compañia de Jesus, con una carta escrita por el S. Padre Ignacio pera el Preste luan emperador de la Etiopia», pp. 192-219; livro III, cap. 6.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: senão.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 202v/192v].

<sup>1</sup> *Apocalipse*, 21, 27: «Nela jamais entrará algo de imundo, nem os que praticam abominações e mentiras.»

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro II, cap. 15, «Del estilo y ceremonias que guardan en los entierros. Tratase del agua bendita, instituyda por San Matheo apostól y evangelista en la Etiopia», pp. 558-70.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 201v/ 191v].

<sup>4</sup> Recipientes para depositar a esmola oferecida à igreja.

<sup>5</sup> Traduzidas para português e resumidas por Pedro Páez.

tivessem naqueles conventos, doutrinando-os. Entretanto, escreveu o imperador ao reverendíssimo geral da religião dos frades agostinhos, que era o Padre Mestre Frei Tadeu Perugino, que lhe mandasse as constituições de sua sagrada religião para que a professassem aqueles anacoretas, e os que não quisessem os botaria de suas terras. Respondeu o reverendíssimo geral, mandando-lhe suas constituições, que se traduziram em língua etiópica. Os ermitães fizeram profissão nas mãos dos priores daqueles conventos, conforme ao estilo das constituições dos padres agostinhos, e destes há alguns conventos, posto que poucos e pobres. Vivem nos desertos e fazem vida eremítica, o que confirma em outro tomo, com que saiu o ano de 1611<sup>1</sup>, dizendo, na pág. 52, que as crônicas desta sagrada religião referem que em [fol. 232] Etiópia há muitos conventos de sua Ordem.

Isto é o que diz Frei Luiz de Urreta, mas em Etiópia não há tais frades, nem memória de que os houvesse nunca, segundo me afirmaram muitos velhos a quem perguntei com diligência, por me escrever o reverendíssimo Padre Frei Aleixo de Meneses<sup>3</sup>, sendo arcebispo de Goa no ano de 1605, que soubesse se o Convento de Aleluia era de frades de S.<sup>to</sup> Agostinho. E, para ficar mais satisfeito, perguntei também a um frade muito velho que era como geral dos frades que cá chamam de Taquelâ Haimanôt e respondeu, diante de muitos frades, que ele havia muitos anos que era superior daquela religião (que aquele cargo é perpétuo e, ao que o tem, chamam *icheguê*) e que nunca vira tais frades, nem ouvira dizer que estivessem em Etiópia. O mesmo me disse outro frade <sup>4</sup>que foi muito tempo prior do mosteiro a que Frei Luiz chama Plurimanôs, que não se chama senão Debra Libanôs, que quer dizer Mosteiro do Líbano, por onde não há dúvida senão que não há hoje frades de S.<sup>to</sup> Agostinho na terras do Preste João, nem os houve nunca, porque não podia ser que estes frades tão velhos não tivessem alguma notícia deles, principalmente se fora, como diz Frei Luiz, que entraram em tempo do Imperador Cláudio, que, este ano de 1620, haverá sessenta e um que morreu, e reinou dezoito anos, e os mesmos priores, em cujas mãos, diz o autor, que aqueles frades fazem profissão, afirmam que nunca ouviram falar em tais frades. Quanto ao que diz que as crônicas desta sagrada religião referem que em Etiópia há muitos conventos de sua ordem, será em outras terras de Etiópia, que as há muito largas, mas não nas que senhoreia o Preste João, porque se nestas houvera algum, por força tiveram notícia dele seus naturais.

No mesmo capítulo em que fala desta religião, que é o último de seu 3.<sup>o</sup> livro, trata difusamente de uma ordem [fol. 232v] militar e monástica de cavaleiros e monges do glorioso Padre S.<sup>to</sup> Antão que, diz, fundou em Etiópia o Preste João chamado João o Santo, pelos anos de 370, para que pelejassem contra os arianos em honra da santíssima Trindade e deu-lhe por divisa a figura da cruz que o glorioso S.<sup>to</sup> Antão deu a seus discípulos, a modo de tau «T»<sup>5</sup>, e o imperador Felipe VII, que sucedeu a João o Santo, deu muitos privilégios e rendas a esta ordem e fez que se acrescentassem na comenda dos cavaleiros umas florezinhas guarnecidas à roda com um fio de ouro a modo de cairel<sup>6</sup>, para que se diferenciasssem dos monges. Pôs também uma lei que todos seus vassallos de qualquer estado e condição, tirados os médicos, fossem obrigados, dali por diante, a dar à religião de S.<sup>to</sup> Antão, de três filhos, um para o serviço dela, o que se guardou e guarda com tanto rigor que nem

os reis estão isentos desta lei, mas os filhos destes, como recebem o hábito, vão servir os príncipes imperiais que estão no Monte Amharâ e os filhos dos demais na guerra. E, em cada cidade, tem a ordem seu convento, que por todos são 2500; em cada abadia não há mais que vinte e cinco. Porém, os cavaleiros militares não têm número certo e assim há abadias de quinhentos, de 1000, e 2000 e mais comendadores, os quais hão-de ser forçadamente de casta cavaleiros e nobres.

A estes cavaleiros, recebem na abadia de dezasseis e dezoito anos e recebê-los é forçado, por estarem todos obrigados a darem, de três filhos, um à Ordem. E como os recebem, os mandam à guerra onde estão nove anos em noviciado, três nos presídios do Mar Roxo, guardando as costas de Etiópia dos corsários que saem de Arábia, três na ilha Meroé que olha a Egipto, onde estão em presídio, porque se o turco pretende alguma coisa não os ache descuidados, e outros três em fronteira do reino de Bornô, que é mui poderoso e inimigo do Preste João e confina com ele. Concluído o noviciado [fol. 233] de nove meses<sup>2</sup>, lhe dá seu capitão uma carta para o procurador da abadia onde lhe deram o hábito, o qual assiste na corte do grande abade ou mestre da Ordem na ilha Meroé, em que lhe diz como aquele noviço há acabado nobremente sua provação<sup>3</sup> e assistência na guerra. E o procurador tira então bastante informação de sua vida, costumes e serviços, e dá razão de tudo ao grão-mestre, o qual, com seu conselho, aprova o noviciado e escreve ao *abba* da abadia onde lhe deram o hábito, que lhe dê a profissão. E ele, obedecendo a este mandado, se veste de pontifical e chega à porta da igreja onde vem o cavaleiro muito acompanhado e, depois de muitas cerimónias, se alevanta o abade militar e com quatro comendadores mais antigos e despe das armas que traz e lhe põem uma roupa preta que lhe chega aos pés com uma cruz, e sobre ela lhe vestem uma cogula preta, que é um hábito com muitas pregas ao pescoço e mangas compridas, da feição dos monges de S. Bento e nela também entra<sup>4</sup> outra cruz azul.

Acabado isto, o toma pela mão o abade espiritual e todos os cavaleiros em procissão entram com ele na igreja e, ajoelhado diante do santíssimo sacramento, faz, em presença de todos, um voto solene de perpétua obediência e fidelidade à sede apostólica romana e juntamente, ao Preste João e abades da sua Ordem, de ir à guerra sempre que lhe for mandado e guardar as constituições de sua religião e os cânones e decretos do Concílio Florentino de Eugénio 4.<sup>o</sup>. <sup>5</sup>Concluído este voto, faz logo nas mãos do abade espiritual um juramento de não ir nem pelejar em guerras entre cristãos, nem receber ordens sacras, nem casar sem expressa licença do pontífice romano; mas o Preste João e o núncio apostólico, por Breves que têm da Sede romana, podem relaxar este juramento, por justas causas. E, dali por diante, não sai do convento à cidade sem licença do abade militar e vai com o hábito, acompanhado de quatro criados. E o abade espiritual tem a seu cargo dar a todos os cavaleiros as [fol. 233v] coisas necessárias para sua sustentação, mas, como são muitos, não comem todos juntos como os monges, senão repartidos por esquadrões.

O grão-abade é perpétuo até à morte e reside sempre na formosa ilha Meroé que o Preste João Cláudio e depois Alexandre III, em nossos dias, a deram absolutamente à Ordem de S.<sup>to</sup> Antão. Traz uma cruz azul grande que lhe cruza todo o peito, que nenhum outro pode trazer; serve-se com grande majestade, porque para o serviço de sua só<sup>6</sup>, pessoa tem cem cavaleiros comendadores

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, 1611.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 1, «como los religiosos de la sagrada Orden de Predicadores fueron a predicar a los reynos de la Etiopia, monarchia del emperador llamado Preste Juan de las Indias», pp. 1-21. Texto resumido por Páez.

<sup>3</sup> Ver glossário (Aleixo de Meneses).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 203/193].

<sup>5</sup> Do gr. *tâu*, a letra *t*; cruz branca dos hábitos dos cónegos de S.<sup>to</sup> Antão.

<sup>6</sup> Galão que debrua.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 303v/193v].

<sup>2</sup> «Nueve años», em L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, p. 716.

<sup>3</sup> aprovação.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: entra.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 204/194].

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: só.

e outros duzentos que o servem. É senhor absoluto desta grande ilha que faz o Rio Nilo e, assim, a ele pertencem todas suas rendas e as minas que há nela, que são muitas e, assim, lhe entram, cada ano, perto de dois milhões, entre os minerais e tributos dos povos, porque há nesta ilha três reinos, contando também os direitos que pagam os mouros e judeus que de toda a África passa<sup>1</sup> a Meca e dos que de Arábia querem passar a outros reinos de África, porque forçadamente hão-de passar por esta ilha. Desta renda se sustenta o grão-mestre e o demais se guarda no tesouro da Ordem para os gastos das guerras, porque o Preste João não gasta nada com eles nas guerras que se lhe oferecem. As mais abadias têm suas rendas separadas.

Isto é, em suma, o que naquele comprido capítulo diz Frei Luiz de Urreta e, com isto, dá fim à sua *História Etiópica*, o que lhe veio muito a propósito, porque *História* de tantas e tão portentosas patranhas como até aqui temos visto e veremos adiante, não se podia fechar melhor, nem selar com outro selo que com uma fábula tão fabulosa como é dizer que haja tal Ordem militar em Etiópia, que nem a há nem a houve nunca e, assim, quanto dela conta, é uma mera ficção. Nem referi isto mais que para que veja o leitor o crédito que se deve <sup>2</sup>dar às informações de João Baltazar, a quem diz Frei Luiz que segue; e que não haja agora em Etiópia tal Ordem militar, posso eu test[fol. 234]munhar, porque, em dezanove anos que há que ando nela e continuei sempre o passo<sup>3</sup> destes imperadores que houve neste tempo, nunca vi monge, nem cavaleiro dessa ordem, o que não podia ser se os houvera, pois forçadamente haviam de chegar muitas vezes ao imperador, principalmente havendo convento na cidade imperial, como ele diz. Também perguntei a muitos velhos e disseram que nunca viram tais cavaleiros, nem ouviram dizer que estivesse nunca tal ordem em Etiópia, nem o imperador tinha presídios nenhuns na costa do Mar Roxo, nem sabiam de tal ilha Meroé, nem que o Rio Nilo tivesse ilha povoada. Com tudo isso, para maior prova, estando eu um dia com o Imperador Seltân Çaguêd que hoje vive<sup>4</sup>, referi algumas destas coisas a que ele deu aplauso e disse: «Parece que esse João Baltazar viu em Espanha alguma ordem militar como esta e, para autorizar nossa terra, disse que também a havia nela, mas a verdade é que nunca tal coisa houve, nem em quanto senhoreamos do Rio Nilo há tal ilha Meroé, nem outra nenhuma povoada; porque as que faz são tão pequenas e doentias que não se pode morar nelas.»

Demais destas duas religiões que Frei Luiz põe em Etiópia, diz em muitas partes de sua *História* que também está a sua, do glorioso Padre S. Domingos e isto principalmente pretende provar em outra, com que saiu o ano de 1611, que intitulou *Historia de la Sagrada Orden de Predicadores em los Remotos Reynos de la Ethiopia*. E o primeiro argumento é que, como ele afirma, pág. 3, alguns sumos pontífices nas bulas que passaram à sua sagrada religião, nomeando os reinos em que pregavam os frades dominicos, fazem menção de Etiópia; e assim diz que nisto não pode haver dúvida alguma, que a dificuldade só é se os religiosos de S. Domingos que entraram em Etiópia fundaram conventos e se perseveraram hoje em dia, porque achou algumas pessoas que o punham em dúvida, ao que responde [fol. 234v] pág. 5, por estas palavras:

*Provaré con muchos doctores y con la experiencia y con testigos oculares como aquellos santos religiosos, que entraran en la Ethiopia, fundaron conventos, los quales perseveraron el dia de oye con mucha*

*religion y grandeza y negarlo, es querer negar el sol al medio dia y ser de la secta de los otros philosophos academicos que todo lo ponian em duda.*

E logo refuta a Francisco Álvares, que andou seis anos em Etiópia, por dizer em sua *História* que nas terras do Preste João não havia frades, senão de S.<sup>to</sup> Antão <sup>1</sup>e cita alguns historiadores que (segundo ele afirma) dizem que nas terras do Preste João se acham as Ordens de S.<sup>to</sup> Antão e S. Domingos e outros que dizem que viram em Roma religiosos da Ordem dos Pregadores que vinham das terras do Preste João. Também que no Arquivo Real da cidade de Valência se guarda um livro escrito de mão que diz que no ano de 1515 a 10 de Abril, chegaram ao Convento dos Pregadores daquela cidade, oito frades dominicos<sup>1</sup> todos pretos e diziam que eram naturais de Etiópia e vassallos do imperador chamado Preste João.

Isto mesmo confirma pág. 7, dizendo que outras muitas vezes chegaram ao Convento dos Pregadores de Valência *religiosos dominicos de los conventos de la Ethiopia* e diziam que eram dos Conventos da Aleluia e Plurimanos. E no Capítulo Geral que se celebrou em Barcelona, no Convento de S.<sup>ta</sup> Catarina, mártir da Ordem de S. Domingos, o ano de 1574, se acharam frades de Etiópia e que de Florença e Veneza fazem missões os frades dominicos para a Etiópia, como costumam de Espanha mandar frades às Índias; e que, quando ele escrevia o livro que imprimiu o ano de 1611, [fol. 235] era mestre dos noviços no Convento da Aleluia, Frei Marcos de Florença, natural de Florença e filho de hábito do Convento de S. Marcos, e ia assinado nos originais, que traduzia juntamente com Frei Miguel Monrojo e Frei Mateus Caravajal, nascidos em Etiópia, de certos espanhóis que nela moram<sup>2</sup>. E mais adiante, pág. 11, diz que no Capítulo que celebrou em Roma o geral Frei Pablo Constable, ano 1580, se acharam frades dominicos da Etiópia.

Os primeiros religiosos de S. Domingos que vieram à Etiópia, diz, pág. 13, que eram oito e que partiram de Roma ao 1.<sup>o</sup> de Maio de 1316, com poderes de inquisidores da fé, levando em sua companhia uma mulher de dias<sup>3</sup>, que desejava padecer martírio pela pregação do *Evangelho* e era tanta sua virtude e a opinião que de sua santidade e vida<sup>4</sup> se tinha, que lhe deram licença os preladados da Ordem de S. Domingos para isso, por ser religiosa da terceira Ordem da penitência a que comumente chamam beatas. E assim, juntamente, foram a Jerusalém e, depois de visitarem os lugares santos, tornaram sua derrota para Etiópia, caminhando a pé, comendo de esmola e andando entre infieis, <sup>5</sup>com tanta incomodidade, fome e pobreza e com tão maus tratamentos como cada um pode cuidar. Mas o Senhor, que os guiaria para tanto bem das almas de Etiópia, os meteu nela sãos e contentes, e em breve tempo aprenderam a língua da terra e começaram a pregar, confirmando sua doutrina com muitos milagres. E, [fol. 235v] chegando suas novas ao Preste João, como bom cristão deu muitas graças a Deus de lhes haver trazido aqueles santos varões para bem de seus vassallos, e mandou-lhes dar as boas vindas e, juntamente, licença para que edificassem conventos por toda sua terra, prometendo de lhes guardar todos os privilégios de que gozavam na Igreja latina e admitindo os poderes que traziam de inquisidores. Eles, ouvindo tão bom recado, tornaram os

<sup>1</sup> Errata do autor por falta de concordância verbal.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 204v/194v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: paço.

<sup>4</sup> O facto de esta observação ter sido eliminada da cópia do texto (Ms. 778 BPB) pode indicar que esta foi realizada após a morte de Susñeyos, portanto depois de 1632. Omissão no Ms. 778 BPB: que hoje vive.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 205/195].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: a ela vieram.

<sup>3</sup> Mulher de idade madura, idosa.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: virtude.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 205v/195v].

agradecimentos ao imperador e com sua boa graça e aplauso entraram por Etiópia mais de seiscentas léguas até a lagoa Cafates, que é onde nasce o Rio Nilo e edificaram muitos conventos no reino de Gojam, no de Cafates e no de Sabbá. E deram o hábito da sagrada religião a muitos, e saíram discípulos tão aproveitados que puderam ser mestres de virtude e santidade aos demais, dos quais muitos foram esclarecidos em milagres e em particular o santo glorioso Taquelâ Haimanôt, a quem deram o hábito no Convento da invocação de S.<sup>to</sup> Estevão, que tinham edificado estes santos religiosos em uma ilha que a faz a Lagoa Cafates, chamada Haic, que quer dizer água doce.

Não esteve também ociosa a santa beata, antes edificou um convento de religiosas monjas da Ordem de S. Domingos a que chamaram Bedenagli, no qual vivem hoje mais de cinco mil freiras e agora se chama o Mosteiro de S.<sup>ta</sup> Clara. E, juntamente, deu o hábito da Terceira Ordem da Penitência, a muitas mulheres de virtude e exemplo, desejosas de caminhar à perfeição, das quais há hoje muitas por toda Etiópia.

Dos nomes destes santos religiosos, diz o autor, pág. 291, que não se faz menção nas crônicas da Ordem de S. Domingos; porque era impossível [fol. 236] poder fazer memória de tão grande número de pregadores, como cada dia, com bênção de seus prelados, partiam a terras incógnitas, nem na Etiópia se tem notícia mais que de um que se chamava Frei Pantaleão. Aos outros sete deram nomes em sua língua, que são: Arghai, Grima, Licanos, Sama, Aleph, Assen, Aguloa, e à beata chamaram Imata. Estes nomes bem se vê que não são da igreja latina, nem são nomes próprios em Etiópia, senão de ofício e dignidade, porque, segundo o ofício que viram que tinha cada um no convento que edificaram, esse nome deram a cada um e com ele ficara e por ele são invocados como santos gloriosos.

Tudo isto traz Frei Luiz de Urreta e nos lugares citados, para provar seu intento de que os religiosos de S. Domingos entraram antigamente nas terras do Preste João e que hoje estão nelas com muitos conventos. Mas, não obstante todas suas provas, a verdade é que, em quantas terras de Etiópia senhoreia o imperador a que comumente chamam o Preste João, não há hoje convento, nem frades de S. Domingos, nem ainda memória de que entrassem nelas alguma hora, porque tenho feito sobre isto extraordinárias diligências sem poder achar quem tenha notícia deles, nem ouvisse dizer que chegassem nunca a estas terras. E, deixando outros muitos de que me informei, um frade velho que foi muitos anos prior de Dêbra Libanôs, a quem o autor chama Plurimanos e pouco tempo há que sucedeu no cargo de *icheguê*, por morte do que acima dissemos e é geral dos frades de Tâquelâ Haimanôt, me afirmou que nem em suas *Histórias* achara, [fol. 236v] nem ouvira dizer que frades de S. Domingos entrassem cá nunca, e o mesmo disseram muitos dos seus frades velhos que estavam presentes. Depois fui de propósito ao Convento da Aleluia, que está no reino de Tigré e, falando com o prior, me disse que se chamava<sup>3</sup> Taoâld Madehên (que quer dizer «Nasceu o Salvador») e que tinha de idade cento e trinta e um anos e tinha sido quarenta anos prior daquele mosteiro e que não sabia que entrassem nunca nestas terras frades de S. Domingos, nem de S.<sup>to</sup> Agostinho e que seu antecessor se chamava Gâbra Maraoui (que quer dizer «Servo do Esposo») e que fora ali prior cinquenta e oito anos e nunca lhe ouvira falar em tais frades. Do que se

mostra bem claro que estes mosteiros Dêbra Libanôs e Aleluia não são de S. Domingos, nem de S.<sup>to</sup> Agostinho, nem ainda haja outro<sup>1</sup> algum seu; que, se o houvera, não podia deixar de haver notícia dele, porque não é a terra tão larga que não se conheçam muito bem uns aos outros; que o que diz o autor que aqueles religiosos entraram por Etiópia mais de seiscentas léguas, depois de terem recado do Preste João, ainda <sup>2</sup>que fora certo que entraram, se enganou muito na distância, porque por qualquer parte que entrem, até chegar onde nasce o Nilo, não são duzentas léguas.

Quanto ao argumento que traz, de que alguns sumos pontífices, nas bulas que passaram à sua sagrada Ordem, nomeando os reinos em que pregavam os frades de S. Domingos, fazem menção de Etiópia, não tem força nenhuma, porque como este nome Etiópia seja tão lato que, como tocámos no princípio desta *História*, compreende muitas outras [fol. 237] terras e maiores que as que senhoreia o Preste João, não se segue que, por nomearem Etiópia, se entenda precisamente das terras do Preste João. E se quiser porfiar que falavam delas e que tinham certas informações de que entraram cá aqueles religiosos, que não sei como poderá provar, respondeu que sua memória se acabou de maneira que não há agora quem saiba dar razão de suas coisas, nem as tenha ouvido. Por onde, aqueles frades que diz que se acharam nos capítulos gerais e estiveram lá nos mosteiros que nomeia e se deram por de S. Domingos, se eram desta terra, falaram como quiseram para acharem bom agasalhado e algum interesse, como fez João Baltazar em outras coisas que fingiu em suas relações, como vimos. E aqui de novo aparece no que afirma, pág. 8, que, quando partiu de cá, que, segundo diz Frei Luiz em outras partes, foi o ano de 1606, era mestre de noviços no Mosteiro da Aleluia Frei Marcos de Florença, natural de Florença e que se assinou nos originais que o autor traduzia, juntamente com Frei Miguel de Monrojo e Frei Mateo Caravajal, nascidos em Etiópia de certos espanhóis, sendo assim que, nem no Convento da Aleluia estavam então tais frades, nem há memória deles, segundo afirmam os frades do mesmo mosteiro que se criaram ali e agora são muito velhos, por onde os papéis que deu a Frei Luiz de Urreta, parece que os fez assinar em outras partes à sua vontade para os autorizar e com eles ter algum proveito. Também é falso o que diz Frei Luiz que, de Florença e de Veneza, fazem missões os frades de S. Domingos à Etiópia, como costumam de Espanha enviar frades às Índias, porque deixando as dificuldades e perigos do caminho, se assim fora, tiveram feito alguma missão em dezanove anos que há que eu aqui estou, ou ao menos se acharam alguns dos que primeiro vieram e [fol. 237v] nem os tenho visto, nem há<sup>4</sup> memória de que cá entrassem nunca. Aos autores que traz por si, que afirmam que nas terras do Preste João há mosteiros de S. Domingos, respondo que se fundaram em tão falsas informações como as que ele teve de João Baltazar.

Do que temos dito se segue quão sem razão refutou o autor a Francisco Álvares, dizendo, pág. 7, que saiu dos termos e jurisdição da verdade, por dizer que nas terras do Preste João não havia frades, senão da Ordem de S. Antão e que vendo o Preste João David, nas cartas do governador, que el-rei de Portugal fundara mosteiros de S. Domingos e S. Francisco nas terras que conquistara, lhe perguntou de propósito quem eram estes santos e pediu-lhe trasladasse em sua língua suas vidas. Também não tenho dúvida senão que, para afirmar que nestas terras não havia frades de S. Domingos, se teria informado muito bem, pois jura no prólogo de sua *História Etiópica* que as coisas que escreveu

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 2, «Como los religiosos se partieron pera la ciudad santa de Ierusalen y visitaron los sacrosantos lugares y con revelación de Dios, fueron a predicar a la Etiopia», pp. 21-30.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 206/196].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: chamava.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: outro.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 206v/196v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 207/197].

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: há.



de ouvido, foram de pessoas que as sabiam muito bem. Nem o Preste João perguntara tão de propósito quem era S. Domingos, se em suas terras houvera mosteiros e os frades deles foram seus confessores e inquisidores, como muitas vezes afirma o autor que o foram sempre; antes dissera «nós também temos cá mosteiros dessa sagrada religião e nos guiamos por sua doutrina», mas porque não tinha notícia de tal religião, nem houve nunca nestas terras Inquisição nem sabem que coisa é, por isso perguntou.

Também o que diz o autor que, dos oito religiosos de S. Domingos que antigamente entraram nestas terras, a um lhe ficou seu próprio [fol. 238] nome que é Pantaleão e aos outros, na língua da terra, chamaram Arghai, Grima (que não se há-de dizer senão Arogaô, *scilicet* «Velho», Guerima) e que deram o hábito a *Abba* Taquelâ Haimanôt, é de todo ponto falso, porque estes frades, que eram nove, entraram no reino de Tigré muitos anos antes que nascesse o glorioso patriarca S. Domingos, como consta das histórias antigas de Etiópia, que se guardam no Mosteiro de Agçûm do reino de Tigré, <sup>1</sup> donde eu tirei os catálogos dos imperadores que se puseram no cap. 5.º do primeiro livro e ali se declara o tempo em que vieram. E o mesmo achei em outro livro de histórias antigas que me mostrou o Imperador Seltân Çaguêd, que hoje vive. Ambos estes livros, pondo os catálogos dos imperadores, dizem que no tempo do Imperador Amiamid entraram em Tigré nove santos: Abbâ Pantaleão, *Abba* Arogaô, *Abba* Guerimâ, *Abba* Alef, *Abba* Cehemâ, *Abba* Afçê e *Abba* Ademaatâ, *Abba* Oz (a quem depois chamaram *Abba* Gubâ, *scilicet* «Padre Inchado», porque fez igreja em um outeiro e estava só), *Abba* Licanôs. Alguns dizem que vieram outros muitos juntamente e se repararam pelo império, mas os livros que eu vi destes nove, não de mais fazem menção. Pois <sup>2</sup> do Imperador Amiamid, se acham nos catálogos vinte e dois imperadores, a quem se não põe o tempo que reinaram e mais uma mulher que reinou em Tigré quarenta anos e no tempo do derradeiro destes imperadores, a que no primeiro catálogo nomeiam Delnaôd e, no segundo, Armâ, se cortou a linha dos descendentes de Salomão e se apoderou do império um homem grande por nome Zagoê, casado com uma parenta do imperador que era menino; e os descendentes deste Zagoê tiveram o império [fol. 238v] trezentos e quarenta anos; que, ainda que no catálogo não se ponham tantos, dizem todos e me afirmou o Imperador Seltân Çaguêd que faltam ali muitos e que é certo que esteve neles o império trezentos e quarenta anos. Depois, o primeiro dos descendentes de Salomão que tornou a entrar no império se chamou Icûnu Amlac e, deste até o presente ano de 1622, se contam trezentos e cinquenta e cinco anos e três meses, a que, acrescentando quarenta que reinou aquela mulher em Tigré e trezentos e quarenta que tiveram o império os da família de Zagoê, fazem setecentos e trinta e cinco anos e três meses, afora dos vinte e dois imperadores de que se não sabe quanto tempo tiveram o império; e o glorioso S. Domingos há pouco mais de quatrocentos anos que passou.

Destes nove religiosos santos não se declara naqueles livros de que Ordem eram; só diz ali que vieram de Rum, que comumente dizem que é Roma e, assim, chegando o *icheguê* com muitos frades ao imperador no ano de 1610<sup>3</sup> a lhe persuadir que mandasse que não ensinássemos mais que aos portugueses, lhes disse: «Porque perseguis aos padres, sendo seus discípulos? Vossa *História* diz que vieram de Roma <sup>4</sup>nove, e de um deles é discípulo vosso fundador Taquelâ Haimanôt.» E não quis

deferir ao que pretendiam, antes disse que ensinássemos a todos, porque nossa doutrina era a verdadeira. Mas, contudo, não falta quem cuide que Rum é uma terra do turco, donde se chamaram rumes. No fim da *História de Abba Taquelâ Haimanôt*, que adiante referiremos, tratando donde procede, diz assim: *Abba Antônio deu o hábito a Abba Macário; Abba Macário o deu a Abba Pacómio; Abba Pacómio o deu a Abba Arogaô; Abba Arogaô veio à Etiópia e o deu a Abba Christôs Bezâna; este o deu a Abba Mazcâl Moâ; este o deu a Abba* [fol. 239] *Ioannî; e este o deu a Abba Iesus e a Abba Taquelâ Haimanôt*. E este *Abba* Arogaô dizem todos que é o mesmo que acima nomeámos, entre aqueles nove santos de Tigré e, por isso, se prezam muito estes frades que vêm deles, ainda que se nomeiem de Taquelâ Haimanôt, por ser entre eles tido por grande santo; o que, sendo assim, faz duvidoso virem aqueles nove religiosos de Roma, do que também se segue que aqueles oito frades de S. Domingos que Frei Luiz de Urreta diz que vieram de Roma, ainda que fora certo que entraram cá, não deram o hábito a Taquelâ Haimanôt e que foi muito antes que nascesse o glorioso Padre S. Domingos, porque o terceiro abade depois de *Abba* Arogaô deu o hábito a Taquelâ Haimanôt. E *Abba* Arogaô, como temos dito, há setecentos e trinta e cinco anos que entrou em Etiópia e mais o que reinaram vinte e dois imperadores, que se não declara no catálogo.

Sobre <sup>1</sup> tudo o que temos dito, fora para mim bastante prova de que os frades que estão nestas terras do Preste João não são da sagrada religião de S. Domingos, ver que, afora de alguns que com nossas disputas públicas e particulares práticas se reduziram, todos os demais são cismáticos e têm tantas heregias, como temos visto neste livro e tão obstinados nelas que, porque o Imperador Zadenguil, depois das disputas públicas que tive diante dele com seus frades e letrados sobre as coisas de nossa santa fé, quis dar a obediência à santa Igreja romana, amo<sup>2</sup>tinaram o povo e o mataram, dando-lhe batalha em campo os principais capitães. Também o Imperador Seltân Çaguêd, que hoje vive, por querer fazer que deixassem suas heregias e recebessem nossa santa fé, o quiseram [fol. 239v] matar quatro vezes e uma delas lhe deram batalha em campo e milagrosamente alcançou vitória, como dissemos no cap. 5.º deste 2.º livro. Ao que se ajunta a grande devassidão, que comumente têm estado publicamente amancebados e, deixando umas mulheres e tomando outras, tanto que o principal dos secretários do imperador me disse uma vez, diante de um frade muito grave: «Padre, nesta nossa terra melhor é a sorte dos frades, para as coisas da carne, que a dos casados, porque nós, se hemos<sup>3</sup> de fazer o que manda o Evangelho, não podemos deixar nossas mulheres até à morte, mas eles, cada vez que querem, deixam uma mulher e tomam outra.» Disse-lhe eu que para que falava daquela maneira, porque já há muito que se confessa conosco e publicamente defende nossa santa fé. Respondeu ele: «Que vai? Pois é coisa pública. Este frade tem já deixado doze.» E ele lançou a coisa à zombaria, dizendo que lhe não desse crédito, que falava como queria, mas o secretário replicou que era certo. E, outra vez, perguntando eu ao Imperador Seltân Çaguêd quantos frades haveria no mosteiro que chamam Dêbra Libanôs, respondeu que primeiro havia muitos, mas que agora eram poucos. Acudiu um frade que ali estava dos mesmos de Taquelâ Haimanôt: «Também agora, se se ajuntarem, não hão-de faltar três mil.» Disse o imperador, com ser homem muito grave e modesto: «Se contarem também seus filhos, serão; com eles sós, não pode ser.»

Chega a tanto a devassidão dos frades, [fol. 240] que, porque da cerca para dentro dos mosteiros não podem entrar mulheres, as têm em muitas partes, agasalhadas perto, e àquelas casas chamam

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 207v/197v].

<sup>2</sup> Depois.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: 1620.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 208/198].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Com.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 208v/198v].

<sup>3</sup> Havemos.

*alênguê*, que quer dizer «Lugar do Mundo.» E lá vão quando querem, sem os superiores nem o *abuna* acabarem de tirar isso, porque ele é pior; pelo menos os que eu conheci tinham filhos e, quando mataram o derradeiro, acharam que tinha sete mulheres, como no princípio deste livro dissemos. O Imperador Seltân Çaguêd e *erâz* Celá Christós, seu irmão, têm trabalhado muito e trabalham para porem algum re<sup>1</sup>médio a isto e mandaram que, aos que achassem daquela maneira, lhes tomassem fato e, vendo que nem isso<sup>2</sup> bastava, chegaram a fazer por excomunhão, que não dissessem missa os que assim fossem; e sobre isto há agora muitas murmurações e porfias. Nosso Senhor os ajude em tão santo intento, que não parece que hão-de poder acabar o que pretendem. Nem é novo isto agora entre os frades, porque o Padre Mestre Gonçalo Rodrigues de nossa Companhia de Jesus, que foi o primeiro dela que, no ano de 1555, entrou em Etiópia, em uma carta que escreveu no ano seguinte a Portugal<sup>3</sup>, diz que, indo com alguns portugueses visitar o superior de Dêbra Libanôs, achou que o mosteiro era mui grande e, perto dos frades, havia muitas freiras e que se dizia que entre eles havia muitos filhos, pelo que bem se deixa ver quão pouco diz isto com religiosos da sagrada ordem de S. Domingos. E assim o mesmo padre, salvando logo a honra desta sagrada religião, ajuntou estas palavras: *A Ordem destes frades não é de S. [fol. 240v] Francisco, nem menos de S. Domingos, mas chama-se de Taquelâ Haimanôt, que foi um homem assim chamado, o qual têm cá os abexins que foi grande santo, canonizado por eles.*

## CAPÍTULO XVIII

EM QUE SE DECLARA QUANTAS SÃO AS RELIGIÕES QUE HÁ EM ETIÓPIA  
E QUEM TÊM POR FUNDADORES, QUE MODO DE GOVERNO E VIDA E COMO  
SE HÃO COM OS NOVIÇOS.

**E**m todas quantas terras de Etiópia senhoreia o Preste João, não há mais que duas religiões: uma a que chamam de *Abba* Taquelâ Haimanôt, que quer dizer «Planta da Fé», e outra de *Abba* Stateus. E os frades de uma e outra religião se prezam muito de terem sua origem de *Abba* Arogaoi, um daqueles nove religiosos santos que, no capítulo precedente, dissemos que entraram antigamente no reino de Tigré, o que afirmam por sem dúvida, porque as histórias de ambos o testificam. Mas tomaram-nos por fundadores, por eles darem o hábito a muitos e serem tidos entre eles por insignes santos e esclarecidos em milagres.

O modo de vida destes frades todos quase é o mesmo, mas em muitas coisas têm grandes diferenças, como sobre algumas terras de que estão de posse <sup>4</sup>os de *Abba* Statêus, que os de *Abba* Taquelâ Haimanôt dizem que lhes pertencem e, principalmente, porfiam sobre as precedências,

porque ainda que os de *Abba* Statêus confessam que viviam em outro tempo e que *Abba* Taquelâ Haimanôt morreu primeiro, porque acham em sua história que, indo ele para Arménia, lhe [fol. 241] revelou Deus Nosso Senhor que morrera *Abba* Taquelâ Haimanôt, com tudo isso afirmam que *Abba* Statêus começou primeiro, o que negam os de *Abba* Taquelâ Haimanôt e trazem suas razões para provar que seu fundador começou primeiro e assim andam em porfias, sem se acabar nunca de resolver a questão.

As histórias destes dois fundadores trabalhei muito por haver, mas não pude alcançar senão as de *Abba* Taquelâ Haimanôt, que se porá no capítulo seguinte; a de *Abba* Statêus não pude haver, porque além de se acharem poucos livros dela, não os querem emprestar, por lhes parecer que os buscamos para ver se se acha neles alguma coisa em que lhe possa pôr nota, ou com que se refutem seus erros, porque têm visto que os refutamos com outros seus livros. Mas o que me afirmaram, sem diferença nenhuma, os frades dos reinos de Gojam e Tigré, onde eles têm os principais conventos, é que *Abba* Statêus nasceu em uma terra do reino de Tigré, que se chama Cerâ e depois de ter edificado muitos mosteiros e dado o hábito a grande número de frades, desejoso de ensinar e dilatar a santa fé, se embarcou para Arménia, onde esteve pregando até que morreu. E, por não deixar cá em seu lugar quem fosse superior de todos, ou se ficou, durou pouco tempo, não têm os priores dos mosteiros dependência uns dos outros, mas quando alguma vez sucede que o prior do Mosteiro de Biçân, que está perto do porto de Maçuá, vem com outros visitar o imperador ou a<sup>1</sup> algum negócio, é costume entrar ele diante e ter lá dentro o primeiro lugar.

Ao prior ou abade do convento, que chamam *mêmeher*, que quer dizer «mestre», e é perpétuo [fol. 241v] até à morte, ainda que algumas vezes o tiram por casos graves e elegem outro e quando é tão velho que não pode acudir às coisas de seu ofício, a eleição vai por votos dos frades sós daquele convento e depois o levam ao imperador e lhe dizem como escolheram aquele por seu mestre e lhe pedem que mande fazer as cerimónias costumadas, que são vestir-lhe sobre seu hábito uma roupa azul sem colarinho que chega até os pés e porem-lhe na cabeça uma coroa de ouro de dois dedos de alto. E assim o levam acompanhado dos frades, até sair a primeira cerca do paço, e ali publicam, diante dos que se acham, que ordinariamente são muitos, como àquele se deu o cargo de tal convento, e logo torna com o mesmo acompanhamento e beija a mão ao im<sup>2</sup>perador e depois tira a coroa e despe a roupa azul; e se seu convento é dos grandes, lhe dá o imperador alguma peça boa e mula. E quando torna a seu mosteiro, o levam à igreja e na entrada da capela, se assenta na cadeira de seu antecessor, com uma cruz na mão, ficando todos os frades em pé, e logo um diácono revestido canta em voz alta aquele verso de David: *Etenim benedictionem dabit legis dator<sup>3</sup>, ibunt de virtute in virtutem, videbitur Deus eorum in Sion<sup>4</sup>*. E todos repetem o mesmo, cantando, e isto dizem três vezes, o diácono e eles *alternatim*. E depois o diácono lê o *Evangelho de S. Mateus*, começando: *Vos estis sal terrae*, até chegar onde diz: *Et glorificent Patrem vestrum qui in coelis est<sup>5</sup>*. E logo se alevanta e dá a bênção a todos e o levam com grande festa a casa do abade passado, porque os frades não moram em celas, [fol. 242] como os de Europa, senão cada um em sua casinha afastada, como adiante diremos. Mas esta cerimónia fazem algumas vezes, logo como o elegem, antes de o levar ao imperador. E se

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 209/199].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: isto.

<sup>3</sup> Ver F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fol. 285 / p. 310. Pedro Páez citou outras passagens da mesma carta, no livro II, cap. VII, *supra*, e no livro III, cap. IV, *infra*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 209v/199v].

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 210/200].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *legislator*.

<sup>4</sup> *Salmos*, 84 (83), 7-8: «E a primeira chuva o cobre de bênçãos. Eles caminham de terraço em terraço, e Deus lhes aparece em Sião.» (*legislator*: erro do copista de Ms. 778 BPB).

<sup>5</sup> *Mateus* 5, 13-15: «Vós sois o sal da terra... E glorificai o vosso Pai que está nos céus.»

algumas vezes sucede que votem por dois e saiam os votos iguais, vão com a demanda ao imperador e comumente torna com o cargo o que na corte tem mais que falem por ele ao imperador, ou seja, por via de amizade ou por peitas (que cá, com os da corte, podem mais que outra coisa nenhuma), porque por estes informam ao imperador como querem, e ordinariamente fazem que escolha a quem eles<sup>1</sup> pretendem e como manda que se lhe dê a coroa que dissemos, é tudo acabado.

Os frades de *Abba* Taquelâ Haimanôt, demais dos abades dos mosteiros, têm um superior que é como geral, a que chamam *icheguê*, e o elegem por votos, como já dissemos. Este visita os conventos de toda sua Ordem e, quando não pode, os manda visitar por algum frade e se acha alguma coisa que mereça castigo, o dá, que comumente é tomar fato, porque os frades têm algum em particular, como adiante veremos, ainda que também dá outras penitências<sup>2</sup>, quando lhe parece. Mas com todas suas visitas, veio pouca reformação, porque assim estão os frades hoje amancebados publicamente, como estavam nos tempos passados.

Nas diferenças e demandas que têm entre si, pedem juiz ao seu *icheguê* e algumas vezes ao *abuna*, mas de qualquer deles que for o juiz não pode entrar a fazer seu ofício, sem primeiro falar com o senhor da terra em que está o mosteiro, [fol. 242v] ou com quem ele tem posto em seu lugar e este dá um homem<sup>3</sup> que assista ao tomar das testemunhas e as mais diligências que faz o juiz e ultimamente julga o que lhe parece e depois dá sua sentença o juiz e, por isto, tem certa parte naquilo em que o juiz condena a parte culpada. E se alguma das partes agrava da sentença, vão com ela a quem deu o juiz, e ali se acaba.

Também, algumas vezes, nestas demandas e geralmente nas que têm com os seculares, vão pedir juiz aos tribunais do imperador, ou ao vice-rei daquela parte onde está o mosteiro. E este juiz também há-de falar com o senhor da terra, para que ponha algum em seu lugar, e quando levam a sentença àqueles tribunais, se acham que o frade merece açoutes ou morte, julgam, mas não se executa a sentença sem a confirmar o imperador ou o vice-rei que deu o juiz. E eu vi dois frades, a quem o Imperador Seltân Çaguêd mandou açoutar, e lhos deram muito bons, a um diante do paço e a outro no campo, diante das tendas do imperador, porque a este se lhe provou que lhe maquinava a morte. E um vice-rei de Tigré julgou que um frade fosse morto às lançadas, porque, estando um seu capitão perto do mosteiro deste frade pelejando contra um alevantado, que, ainda que tinha muita gente, não podia fazer dano ao capitão por ser lugar forte, o frade guiou a gente do alevantado por caminho que eles não sabiam e, dando de súbito pelas costas, desbarataram ao capitão e lhe mataram muita gente e roubaram muito fato que estava guardado no mosteiro. E pouco depois que se executou a sentença, acertei eu de chegar [fol. 243] de outra terra a visitar o vice-rei e vi o frade morto. E isto de julgarem os juízes do imperador contra os frades e clérigos quando o merecem e executarem-se suas sentenças, é coisa muito ordinária.

Daqui se vê quão pouco vale a interpretação que traz Frei Luiz de Urreta no 3.º livro de sua *História*, pág. 708, ao que, como ele ali afirma, escreveu Illescas na vida de Clemente VII<sup>4</sup> que em Etiópia não há imunidade eclesiástica e que a justiça secular, indiferentemente, castiga a seculares, religiosos e clérigos, e ao que diz Francisco Álvares em sua *História Etiópica*, que viu açoutar certos religiosos diante das tendas do Preste João; ao que respondeu que se enganaram com certa

sorte de ermitães que há hoje em Etiópia, nos desertos, que, ainda que trazem hábito e fazem grandes penitências, são puros seculares e, assim, todas as vezes que querem deixam o hábito, nem têm hábito certo nem sinalado, porque uns vestem peles curtidas, outros panos amarelos de algodão, mas têm alguns conventos onde se dá este hábito aos que o pedem, e alguns velhos, que são sacerdotes e ministram os sacramentos a estes ermitães, que, fora daquelas penitências e modo de vida, são seculares, prende e castiga a justiça secular como aos outros seculares e não aos sacerdotes e religiosos, antes, não há nação que lhes tenha maior respeito.

Esta imaginação do autor não basta para convencer que os que viu açoutar Francisco Álvares não eram verdadeiramente frades, senão daqueles ermitães que ele pinta, porque, ainda que eu não achei as palavras que alega, por ele [fol. 243v] não citar o lugar, nem a *História* de Francisco Álvares que eu tenho estar repartida em capítulos, nem ter índice por ser muito antiga, na pág. 78, afirma que viu açoutar um frade na corte por trazer umas cartas dos infantes que estão no Monte Amharâ; e mostra claramente que aquele frade era sacerdote, porque diz que lhe perguntavam onde se ordenara de missa. Mas seja o que for do que diz Francisco Álvares, o que passa na verdade é que as justiças do Preste João prendem aos clérigos e frades e os castigos conforme suas culpas.<sup>1</sup> Nem em Etiópia há tal sorte de ermitães, como ele diz que estão hoje, nem os inumeráveis solitários e anacoretas que, afirma, estão nos desertos, uns de S. Moisés Etíope, outros de S. Paulo primeiro ermitão, de S.º Hilarião, de S. Panuphio<sup>2</sup>, de S. Macário e de S.º Onófrio. De nenhuns destes há tais solitários nas terras do Preste João; todos quantos andam nos desertos são frades das religiões de que imos<sup>3</sup> falando, de Abbâ Statêus e de Taquelâ Haimanôt. E estes trazem o hábito como ele diz, uns de pano de algodão amarelo, outros de pele como as camurças de Espanha, porém mais grosseiras, outros de pano de algodão preto ou branco, que nisto não há coisa particular entre os do deserto e do povoado; cada um traz o hábito da cor e pano que quer ou pode e, assim, alguns põem sobre o hábito panos de seda bem custosos. Porém, os do deserto [que se querem mostrar mais penitentes, sempre vestem peles amarelas, como ca<sup>4</sup>murça grossa].<sup>5</sup> Têm lá seus mosteiros e, para estarem mais livres da comunicação e trato da outra gente, alcançaram dos [fol. 244] imperadores que, para dentro de certos limites muito longe de seus mosteiros, ninguém pudesse lavrar, nem povoar. E, de ordinário, fazem naqueles mosteiros grandes penitências, particularmente na quaresma as acrescentam, porque saem de dois em dois, ou mais, juntos a jejuar debaixo de árvores ou em lapas, e não comem senão à noite algumas ervas ou legumes e bebem água e alguns estão dois dias ou mais sem comer, nem beber. Trazem cilícios de ferro e fazem outras coisas mui extraordinárias, mas que lhes aproveita tudo isto, pois são cismáticos e hereges e, sem fé, é impossível agradar a Deus, como diz S. Paulo: *Sine fide autem impossibile est placere Deo. Ad Hebreus*, 11.<sup>6</sup>

Os frades dos mosteiros que estão em povoado se vão aos mosteiros do deserto quando querem, sem que seu superior lho possa proibir e, depois, quando lhes parece, tornam para povoado. E a gente popular os tem por santos e, assim, dá grande crédito a tudo o que<sup>7</sup> dizem e eles tam-

<sup>1</sup> Entenda-se «os castigos são dados conforme suas culpas».

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Pancephio.

<sup>3</sup> Vamos.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 211v/201v].

<sup>5</sup> À margem no Ms. Goa 42 ARSI.

<sup>6</sup> *Hebreus*, 11, 6: «Sem fé é impossível agradar a Deus.»

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: ao que lhe.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: eles.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: alguma penitência.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 210v/200v].

<sup>4</sup> Gonzalo de Illescas, *Historia Pontifical y Catholica*, 2 vols., Salamanca, 1569; Burgos, 1578.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 211/201].

bém se querem mostrar tais, metendo em cabeça aos ignorantes e ainda a muitos que parecem discretos, que têm grandes revelações e que lhes manifesta Nosso Senhor as coisas que estão por vir. E, assim, vão alguns a eles como a oráculos e com acharem cada dia quão falsos e mentirosos são seus sonhos, não se acabam de desenganar, nem com verem muitas vezes que aqueles que tinham por santos, depois de suas penitências, deixam [fol. 244v] o hábito e casam publicamente. E eu conheço um que esteve seis anos no deserto, vestido de peles e fazendo grandes penitências, tanto que demais das ordinárias que acostumam os outros, gastava certas horas do dia em oração com a cabeça no chão e os pés para cima e agora está casado, com bem de filhos. E declarando-lhe eu, uma vez, quão grande sacrilégio era deixar o hábito e estar daquela maneira, me respondeu que deixara o hábito porque, primeiro, lho fizeram tomar contra sua vontade e que, depois, por achar que não podia viver castamente, casara. Esta mesma escusa trazem todos os que deixam o hábito (que não são poucos) dos que estão em mosteiros de povoado e casam, sem haver quem dê remédio a isso. E, na verdade, a alguns lhes fazem os superiores dos mosteiros tomar o hábito por força, porque têm por grande honra dar o hábito a muitos e, para isto, se os meninos que ensinam não querem ser frades por rogos, a alguns prendem e dão outras moléstias, até que vêm a dizer que sim; e a outros persuadem que tomem o hábito, que com isso alcançarão honra entre os senhores e, assim, muitas vezes lho dão, sem noviciado nem prova nenhuma, mais que dizer que o quer, como me afirmaram alguns frades e, entre eles, um abade velho que há perto de quarenta anos que o é de um mosteiro dos mais antigos e maiores que há em Dambiâ [fol. 245] e me disse que toda esta perdição dos frades vinha por lhe darem o hábito desta maneira, sem as provações que primeiro tinham, que são as seguintes, segundo eles o afirmam.

Quando, antigamente, recebiam a algum noviço, o provavam sete anos, servindo no mosteiro e fazendo que se exercitasse em coisas trabalhosas, andando sempre com vestido secular. E neste tempo, tinha ele liberdade para se poder ir, se não se atrevia com aquele modo de vida, e os frades também o despediam, se lhes parecia que não era para a religião. Mas, se determinava perseverar e os frades estavam satisfeitos dele, o aprovavam e davam o hábito, desta maneira: confessa-se com o abade do mosteiro e logo benze a água e o baptiza, dizendo «Fuão, eu te baptizo em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo» e lhe põem óleos, estando na igreja presentes não mais que os frades, porque a nenhuma pessoa secular deixam entrar; e levando-o diante de um altar, onde já está revestido um sacerdote e ministros, começam a cantar aquele verso de David: *Illumina oculos meos, ne unquam abdormiam in morte, ne quando dicat inimicus meus prevalui adversus eum, Salmo 12*. Depois, do *Salmo 33: Accedite ad eum, et illuminamini et facies vestrae non confundentur*<sup>2</sup>. E assim vão tomando alguns versos doutros muitos salmos. E, acabado isto, benze o sacerdote incenso, dizendo duas orações e logo o diácono diz uma oração rogando pelo patriar[fol. 245v]ca de Alexandria e pelo *abuna* e depois prossegue o sacerdote, rogando pelos que estão presentes e pelo povo. Acabado isto, toma o sacerdote uma tesoura e corta-lhe alguns cabelos da cabeça em cinco partes, a modo de cruz, dizendo o *Pater noster* e o *Salmo 50*. E logo o abade diz, sobre ele, esta oração<sup>3</sup>:

*Deus todo-poderoso, que morais nas alturas e vedes todas as coisas e sabeis o escondido do coração do homem, olhai de Vossa glória santa a Vosso servo fuão que Vos veio buscar e a se Vos sujeitar. Sendo frade, endireitai seu caminho, dai-lhe inteira paciência e afastai dele todo o pensamento deste mundo e quando fizer oração, afastai dele toda a obra má e recebei sua oração por Vossa misericórdia. Dai-lhe, Senhor, a luz de Vossa graça, porque Vos buscou por amor e de coração. Fazei que fuja dos apetites deste mundo e que seja idóneo para Vossa vinha espiritual e não torne atrás, nem cuide no amor deste mundo. Dai-lhe paciência nos trabalhos e para se sujeitar com limpeza a Vosso mandado e à Vossa vontade, por amor de Vosso nome que foi invocado sobre ele e para fazer o que for melhor e buscar os mistérios santos, para possuir a alegria que não se acaba e para achar parte do reino do céu, com Vosso Filho unigénito, Nosso Senhor Jesus Cristo, para sempre dos sempre*<sup>1</sup>. Amém.

*Deus todo-poderoso, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, pedimo-Vos, ó amador dos homens, [fol. 246] olhai sobre Vosso servo fuão, que está humilhado diante de Vossa glória, benzei-o e santificai-o e amarrai-o à Vossa santa cruz, ajuntai-o<sup>2</sup> com os exércitos celestiais. E quando puser azquemã<sup>3</sup> se mostre nu das coisas deste mundo e fazei que passe dele o amor vão. Dai-lhe humildade espiritual e coração limpo e bom pensamento, amor e paciência. Afastai dele todas as representações dos demónios e botai-os debaixo de seus pés. Dai-lhe poder para poder andar sobre as serpentes, pondo em seu coração Vosso temor vivo, para que se afaste dele o pensamento da carne e alimpai seu corpo e alma para que seja pura, sem nenhuma maldade. Acendei e guardai a candeia de suas obras para que não se perca. Fazei que, na derradeira hora, esteja aparelhada para vestir vestido limpo, com Vosso Filho unigénito, Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A Vós, a Ele e ao Espírito Santo, glória para sempre. Amém.*

Depois benzem o cinto, que é de correia, com orações muito compridas e lêem lições do fim da epístola *ad Ephesios*, começando *Induite vos armaturam fidei Dei*<sup>4</sup>, etc., até *ut in ipso audeam*<sup>5</sup> pro-<sup>6</sup>ut oportet me loqui e de *S. Pedro* e dos *Actos dos Apóstolos* e logo do *Evangelho de S. Mateus: Ecce nos reliquimus omnia*, etc., e de *S. Marcos: Ecce nos dimisimus omnia*, etc.<sup>7</sup> e de *S. João: Pater, venit hora, clarifica filium tuum*, etc.<sup>8</sup> E logo dizem quatro vezes *Kirie eleyson* e uma oração. E depois, dando-lhe o hábito e o cinto, dizem duas orações e, como se cinge, dizem outra em que se faz menção de que seja cingido com cinto que não se solta e logo outra mui comprida, pedindo que, assim como o Senhor mandou [fol. 246v] o Espírito Santo sobre seus apóstolos, o mande também sobre aquele seu escravo e que ponha sua mão direita sobre ele e o guarde como a filho. Demais destas orações, têm outras acomodadas para os que são virgens e outras para os viúvos a que dão o hábito. Em<sup>9</sup> acabando isto, benzem o capelo, dizendo o credo e alguns salmos e três vezes «Aleluia» e incensam, dizendo uma oração e logo outra mui comprida. E depois, toma o abade o capelo na mão e diz outra oração e, como acaba, lêem um grande pedaço da epístola *ad Hebraeos*, começando *Est*

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *dos sempre*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *levantai-o*.

<sup>3</sup> No penúltimo parágrafo do capítulo pode ler-se uma descrição deste adereço.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *Dei*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *audirem*.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 213/203].

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e de *S. Marcos: Ecce nos dimisimus omnia*, etc.

<sup>8</sup> *Efésios*, 6, 11-20: «Revesti-vos da armadura de Deus... que eu fale ousadamente, como importa que eu fale» (*audirem*: erro do copista do Ms. 778 BPB); *Mateus*, 19, 27: «Eis que nós abandonamos tudo [e te seguimos]»; *Marcos*, 10, 28: «Eis que nós deixamos tudo [e te seguimos]»; *João*, 17: «Pai, chegou a hora: glorifica o teu Filho.»

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: *E*.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 212/202].

<sup>2</sup> *Salmos*, 13 (12), 4-5: «Illumina os meus olhos, para que eu não adormeça na morte, que o meu inimigo não prevaleça sobre mim»; *Salmos*, 34 (33), 6: «Contemplai-o e estareis radiantes, vosso rosto não ficará envergonhado».

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 212v/202v].

*autem fides sperandorum substantia rerum, etc.* e da 1.<sup>a</sup> de S. Pedro, *Charissimi, obsecro vos tamquam advenas et peregrinos, até Beatius est magis dare quam accipere.* E logo o sacerdote lê o *Evangelho de S. Lucas*, 19, *Homo quidam nobilis abiite in regionem longinquam, etc.*<sup>1</sup>, e depois lhe põe o abade o capelo e, tendo a mão sobre a cabeça, diz: «Eis, aqui pus sobre vossa cabeça este capelo de humildade que convém à penitência para dardes fruto honroso, com ajuda de Nosso Senhor Jesus Cristo, a ele glória e ao Padre e ao Espírito Santo, agora e para sempre. Amém.» E logo prossegue: «Pedimo-Vos, Senhor todo-poderoso, que por Vossa misericórdia livrastes a Vosso servo da morte deste mundo e o metestes no caminho da justificação, que o livreis e solteis da tentação do demónio. Guardai, Senhor, sua alma com limpeza, para que seja esposo do Espírito Santo e fazei que se lembre sempre de Vosso mandamento e o cumpra. Dai-lhe paciência, coração, humildade, bondade, fé, esperança e caridade, em Vosso unigénito Filho, Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, para sempre. Ámen.»

[fol. 247] <sup>2</sup>Como acaba esta oração, lê não sei que coisas, que diz o livro que convém aos frades, mas não mo quiseram mostrar, e pergunta-lhe<sup>3</sup> três vezes se pode tomar sobre si aquela carga e cumprir todas aquelas coisas e a cada uma responde que sim e logo manda que se deite no chão e ele se põe da maneira que está o morto na sepultura, para mostrar que morreu aos apetites da carne e a todas as coisas do mundo e vive para todo o bem e diz sobre ele uma oração. E depois, o sacerdote que está vestido, outras muitas e, como as acaba, começa a missa e dá a comunhão ao que recebeu o hábito, e acabada a missa, o levam com festa a comer com o abade.

Tudo isto achei em um livro que me emprestou um abade e disse-me que alguns não queriam tomar o capelo juntamente com o hábito, dando algumas escusas de humildade mas que, ordinariamente, era para o ir tomar a outro mosteiro, porque depois pode estar em qualquer dos dois que ele quiser. E, por força, hão-de partir com eles das terras daquele mosteiro, como adiante diremos.

Demais do hábito e capelo, têm outra coisa a que chamam *azquemâ*, que é como uma trança muito estreita que fazem de três tiras de pergaminho e a põem ao pescoço de maneira que ambas as pontas vêm por diante a se amarrarem em uma argolinha de cobre que têm no cinto, e alguns põem nela umas cruzinhas de pau muito pequeninas. Esta *azquemâ* não se pode dar ao frade até que tenha trinta anos de idade e, antes de a receber, há-de servir um ano no que os frades o quiserem ocupar e, quando lha dão, é com muitas cerimónias e dizendo diversas orações, e a estimam muito e têm por coisa de grande honra.

[fol. 247v] Também está naquele livro o modo com que se há-de dar o hábito às freiras, e aponta muitas orações e diz que lhe cortam cabelos da cabeça em cinco partes, como fazem quando dão o hábito aos frades e outro lhe rape toda a cabeça e depois lhe dêem o véu, que é quase como o capelo dos frades. E, ainda que cá nunca estiveram as freiras em mosteiro, como em Eu<sup>4</sup>ropa, senão cada uma em sua casinha afastada, de maneira que sua estância era como uma povoação, maior ou menor, segundo o número delas, contudo dizem que estavam encostadas a algum mosteiro de fra-

des e que tinham uma superiora a quem obedeciam. Agora também há algumas que estão em suas casinhas perto de mosteiros e os abades têm alguma superintendência. Mas o comum é estarem onde querem, afastadas umas de outras, de maneira que mais parecem beatas que freiras e, o que pior é (segundo dizem), assim as que estão juntas, perto de mosteiros, como as que estão afastadas, comumente têm mais mundo do que tinham antes que fossem freiras.

## CAPÍTULO XIX

EM QUE SE REFERE A HISTÓRIA DE ABBA TAQUELÂ HAIMANÔT,  
COMO A CONTAM OS LIVROS DE ETIÓPIA.

Esta história escreve Frei Luiz de Urreta no cap. 9.<sup>o</sup>, em uma com que saiu o ano de 1611 dos santos de Etiópia<sup>1</sup> e, pág. 131, diz, que *Abba* Taquelâ Haimanôt foi natural da famosa cidade Sabba, cabeça de toda a Etiópia, ilustre por [fol. 248] ser a maior de toda ela, populosa por haver servido muito tempo de corte aos imperadores e nobilíssima por ser edificada pela rainha Sabba quando tornou de visitar o santo templo de Salomão. Seu pai, que se chamava Sacassab, foi rei nesta cidade metrópole do reino Sabba e casou com a filha de um rei de Etiópia, que se chamava Sarra, donzela estremada em formosura e de grande honestidade e virtude. E no estado santo do matrimónio viveram muitos anos com o de virgindade, imitando o estado matrimonial da Virgem Maria e S.<sup>to</sup> José, mas depois, estando ela em oração, lhe apareceu um anjo e lhe disse que era vontade de Deus que consumassem o matrimónio, porque lhe queria dar por filho uma planta fiel e frutífera em toda Etiópia; e aparecendo também ao Rei Sacassab, lhe mandou o mesmo da parte de Deus. Obedeceram os santos ao mandado de Deus e, concebendo Sarra, pariu a seu tempo um filho a quem, no baptismo, puseram nome Tacleaimanôt, que <sup>2</sup>quer dizer «Planta Frutífera». E depois tornaram a continuar seus bons desejos de castidade por toda a vida, ocupando-se em orações.

Chegando o santo mancebo aos vinte anos de idade, levou Deus a seus pais para lhe dar o prémio de suas virtudes. E, ainda que de tão pouca idade, rico e poderoso e rei de um grande reino, como nele<sup>3</sup> [fol. 248v] haviam florescido sempre<sup>4</sup> bons desejos, temeu não se lhe malograssem e, com este temor, renunciou o reino nas mãos do Preste João e por que não lhe obrigassem seus vassallos a tornar ao reino, se foi ao *abuna* de Etiópia, que se chamava Atanásio, para que o ordenasse de todas as ordens sacras, até o santo sacerdotício, o que o *abuna* fez, por ter revelação e mandado do céu para isso. Despediu-se do *abuna* e, tomando sua bênção, se foi pelos reinos de Etiópia pregando. E entrou no<sup>5</sup> reino de Damôt, que naquele tempo era de mouros, e converteu ao rei e todos seus

<sup>1</sup> *Hebreus*, 11, 1: «A fé é uma posse antecipada do que se espera»; 1 *Pedro* 2, 11: «Amados, exorto-vos, como a peregrinos e a forasteiros...»; *Lucas* 19, 12-28: «um homem de nobre origem partir para uma região longínqua.» O autor atribui erradamente a 1 *Pedro* a seguinte passagem de *Actos dos Apóstolos*, 20, 35: «Há mais felicidade em dar que em receber.»

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 213v/203v].

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: perguntando-lhe.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 214/204].

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 9, «De la prodigiosa vida, portentosos milagros y gloriosa muerte de S. Thacleaymanoth, inquisidor y frayle de la Orden de Predicadores», pp. 129-64.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 214v/204v].

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: neste.

<sup>4</sup> Omisso no *sMs. 778 BPB*: sempre.

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: pelo.

vassalos e o Preste João mandou lá muitos sacerdotes e bispos e até hoje permanece este reino na fé de Jesus Cristo. E, deixando-lhes encomendado aquele reino, determinava passar a outros de infiéis, mas apareceu-lhe um anjo do Senhor que lhe disse que a vontade de Deus era que se fizesse religioso da ordem de S. Domingos. Abaixou ele a cabeça ao mandado divino e disse que em tudo se cumprisse a vontade divina e veio logo uma formosa nuvem e, levantando-o em alto, o levou a uma ilha chamada Haic, que está na grande Lagoa Cafates e o deixou na porta da igreja de S. Estevão, que era mosteiro dos frades de S. Domingos e prior o santo Padre Frei Argay, um dos oito religiosos que entraram, pregando, em Etiópia. Entrou o santo e prostrado aos pés do prior, lhe pediu com muitas lágrimas o santo hábito e lhe contou o que lhe dissera o anjo e o milagre da nuvem.

[fol. 249] Receberam-no os religiosos com extraordinária alegria como se fora anjo vindo do céu e deram-lhe o santo hábito. Ele, vendo-se religioso, começou a fazer nova vida, ainda que a passada o fora muito boa. Exercitou-se em humildade em jejuns e em contínua oração. E, acabado o ano do noviciado, fez profissão em mãos do prior, o santo Frei Argai e, como já professo, foi resplandecendo em todas as virtudes. Em quarenta anos que viveu na religião, nunca comeu carne, ainda que estivesse doente; seu jejum foi contínuo toda a vida, não comendo mais <sup>1</sup>que uma vez no dia ervas cruas e bebendo só água. Às Quaresmas, Adventos e os quinze dias antes da Assunção de Nossa Senhora, não comia senão aos domingos, e o que mais é que por espaço de sete anos contínuos não dormiu. Honrou-o a divina majestade com prodigiosos milagres, deu-lhe dom de profecia; quando havia de dizer missa, descia um anjo do céu e lhe trazia o vinho e hóstia e o ajudava. Muitas vezes, na missa, o viram alevantado muito alto no ar. Quando ia pregar a alguma cidade, saíam-lhe ao caminho os bravos leões, os <sup>2</sup>tigres, <sup>3</sup>ursos e outros muitos animais que, como mansos cordeirinhos, se deitavam a seus pés e o seguiam e o acompanhavam no caminho, sem fazer mal a ele nem aos que encontravam; muitas sortes também de aves o seguiam e, voando à roda de sua cabeça, esperavam sua bênção. Chegando ao lugar para onde ia, dava bênção aos animais que o acompanharam, os quais, abaixando as cabeças, se tornavam a seus bosques, sem fazer dano algum. Seus milagres não têm número: alumiou a cegos, sarou aleijados, alimpou leprosos, livrou os oprimidos do demônio, ressuscitou muitos mortos.

[fol. 249v] Fundou o S.<sup>to</sup> Taquelâ Haimanôt o famoso Convento de Plurinamos e foi prior dele, dando grande exemplo de virtudes. Vestiu nele o hábito de S. Domingos a muitos nobres e, entre eles, a alguns filhos de reis, como foram S. Felipe, S. Elsa e S.<sup>ta</sup> Clara. Dali foi uma vez visitar os cristãos do reino de Damôt e, tornando para seu mosteiro, lhe trouxeram ao caminho uma menina a quem o demônio atormentava cruelmente e, fazendo sobre ela o sinal da cruz, mandou ao demônio que saísse e a deixasse livre, e assim o fez. E seus pais a levaram com grande alegria a sua casa e a deitaram em uma cama para que repousasse e, deixando-a só, torna <sup>4</sup>o demônio a se apoderar dela, com maior ousadia e, tirando-a da cama, a botou no fogo, onde morreu queimada. E, entrando seus pais, ficaram com tão grande sentimento, como o caso pedia e, deixando-a, foram, com muita pressa, em busca do santo que já estava longe e, chegando, se botaram a seus pés, derramando muitas lágrimas e contando-lhe o que passara, lhe pe <sup>5</sup>diram tivesse piedade deles e os remediasse. Movido

o santo com suas lágrimas, tornou e, vendo aquele triste espectáculo, levantou os olhos ao céu pedindo favor a Deus e, tomando a menina pela mão, a alevantou viva e sã, sem sinal, nem rasto de fogo e a entregou a seus pais. E mandou logo ao demônio que aparecesse em figura visível diante de todos, para receber o castigo de seu atrevimento. Obedeceu logo o demônio e apresentou-se em figura de homem e disse-lhe o santo: «Que ousadia diabólica foi a tua em queimar esta menina, remida pelo sangue de Jesus Cristo? Pois, por que daqui adiante obedeças aos mandados dos sacerdotes, te mando em nome [fol. 250] da santíssima Trindade que, por espaço de sete anos contínuos, sirvas <sup>1</sup>em figura de homem visível <sup>2</sup>ao Convento de Plurinamos, em todas as obras baixas que o prior e seus religiosos te mandarem e, em particular, tangerás os sinos a todas as horas canônicas, varrerás a igreja e concertarás as lâmpadas.» Não pôde o demônio resistir à virtude divina que obrava pelo santo e, assim, foi <sup>3</sup>com muita fúria <sup>4</sup>ao convento e serviu nele pontualissimamente todos os sete anos, em corpo de homem visível feio, de maneira que o viam todos e falavam e ele respondia. Esta é coisa sabida dos meninos em Etiópia e tradição certíssima e verdadeiríssima.

Estando este glorioso S.<sup>to</sup> Taquelâ Haimanôt doente da doença de que morreu, falando com seu filho, S. Felipe, e com outros muitos religiosos dos prémios que Deus tem guardados no céu para seus servos, lhes disse: «Alguma coisa sei eu por experiência, porque por espaço de vinte anos contínuos, sete vezes no dia, segundo o número das horas canônicas, fui levado nas <sup>5</sup>mãos dos anjos ao céu, onde ouvia as músicas angélicas e gozava daquela suavidade e deleite e assim o digo, como quem o tem experimentado, que todas as penitências e trabalhos são nada, se se considera o prémio que hão-de ter.» E chegando-se-lhe a última hora, estando os religiosos à roda da cama, disse: «Dai lugar, filhos meus, vejo claramente entrar neste aposento a meu Senhor Jesus Cristo com sua santíssima Mãe e nosso glorioso Padre S. Domingos, com muitos santos.» E logo os religiosos prostrados no chão <sup>6</sup>, se encheu aquela sala de suavíssimo cheiro e, chegando nosso [fol. 250v] mestre Cristo a S. Felipe e a S. Elsa que estavam <sup>7</sup>ajoelhados, lhes fez uma cruz com seus divinos ferros <sup>8</sup>a cada um na testa. Ouviram-se doces músicas celestiais e, saindo aquela ditosa alma do corpo, foi recebida nos braços de seu mestre Cristo e levada ao céu com glória eterna, aos quarenta anos de hábito, aos setenta e tantos de idade, ano do nascimento de Cristo, 1366. No lugar onde puseram seu corpo, nasceu logo uma fonte de água clara; e os doentes que a bebem saram de todas as doenças.

Aos quarenta dias depois de sua morte, estando S. Felipe e S. Elsa na igreja fazendo oração depois das matinas, lhe pareceu S.<sup>to</sup> Taquelâ Haimanôt e lhes disse: «Vós, meu filho Felipe me sucedereis no priorado e no fim, por meio do martírio, vireis gozar de Deus em minha companhia. E vós, filho meu Elsa, sereis prior e padecereis grandes trabalhos pela execução do ofício santo de inquisidor e, ainda que não morrereis como vosso irmão Felipe, segui-lo-eis no caminho da glória.» E, despedindo-se deles, desapareceu.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: sirvas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: sirvas.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: foi.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: foi.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: por.

<sup>6</sup> Há uma palavra omissa. Propõe-se a leitura seguinte: «E logo estando os religiosos [...]»

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 216/206].

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: ferros.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 215/205].

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: os.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>4</sup> Falta de concordância do tempo verbal, que, nesta passagem, confere coloquialidade.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 215v/205v].

Estas e outras muitas coisas escreve Frei Luiz de Urreta no cap. 9.º, com grande abundância de palavras, e pareceu-me era bem resumi-las aqui, por que se o leitor não achasse seu livro, pudesse ver, quão diferentemente pinta a história de Taquellâ Haimanôt do que logo referiremos, tirada dos livros de Etiópia, e juntamente para mostrar em breve quão longe vão muitas destas<sup>1</sup> coisas da verdade do que cá passa. Porque, primeiramente, [fol. 251] *Abbâ* Taquella Haimanôt foi natural de Zorêr, terra do reino do Xaoa e não da famosa cidade de Sabba, que nem há tal cidade em Etiópia, nem memória de que a houvesse nunca; nem foi filho de rei, senão de um sacerdote que se chamava Zagâ Za Ab<sup>2</sup>, que quer dizer «Graça do Padre» e não Sacasab, como ele diz. Este era descendente dos sacerdotes que vieram de Jerusalém à Etiópia, com Menilehêc, filho de Salomão e da Rainha Sabba, de quem falámos no princípio do 1.º livro e, por isso, na história de Taquellâ Haimanôt se diz que traz sua origem de Sadoc, sacerdote, filho de Abiatar. Nem sua mãe era filha de rei, senão de homem honrado e chamava-se Sara, mas seu sogro, Hêotbenâ, lhe pôs nome Egziareâ, que quer dizer «Deus a Escolheu.» Nem viveram no estado de matrimônio como de virgindade, antes diz a história que Egziareâ tinha grande tristeza por ser estéril<sup>3</sup> e rogava sempre na igreja a Deus que lhe desse filhos e que, quando pariu, se fez grande festa em sua casa por parir um filho, sendo estéril e, quando o baptizaram, lhe puseram nome Feça Sion, que quer dizer «Alegria de Sião» e não Taquellâ Haimanôt, como diz Frei Luiz, porque este nome, diz sua História que, muito depois, lho deu um anjo.

Quanto ao que diz que, morrendo seu pai, renunciou o reino e por que seus vassallos o não obrigassem tornar a ele, foi ao *Abuna* Atanásio e ordenou-se de missa, mal podia renunciar o que não tinha, nem lhe deu as ordens [fol. 251v] senão o *Abuna* Guerlôs, e foi antes que morressem seus pais, nem quando entrou a pregar no reino de Damôt, eram ali mouros, senão gentios e o seu rei se chamava Motolomê, nem o Preste João mandou lá sacerdotes e bispos, que bispos não havia em Etiópia e os sacerdotes que ele deixou em Damôt depois de se converterem, foram uns que o mesmo rei Motolomê, sendo gentio, levava cativos da terra Zorêr<sup>4</sup>, donde ele era natural. Já o que afirma, que lhe apareceu um anjo ao santo e lhe disse que se fizesse religioso da Ordem de S. Domingos e que logo foi levado a um mosteiro de frades de S. Domingos que estava na ilha Haic e o prior Argay lhe deu o hábito, e o que aponta mais adiante, que na hora de sua morte viu a S. Domingos que veio com Cristo Nosso Senhor à sua cela, é mera ficção, porque, como vimos acima, no fim do cap. 17, *Abba* Taquellâ Haiamanôt não foi da Ordem do glorioso Padre S. Domingos,<sup>5</sup> nem em sua História se diz que lhe apareceu, o que não houvera de deixar, se fora certo. E o prior que lhe deu o hábito na Ilha Haic, se chamava *Abba* Iesus. Nem o é menos o que logo<sup>6</sup> diz que lhe trazia um anjo do céu o vinho e a hóstia quando havia de dizer missa e que, quando ia pregar a alguma parte, o acompanhavam no caminho os animais bravos e as aves, porque nem está em sua História, nem achei quem o tivesse ouvido.

O mosteiro que ele nomeia Plurimanos e, como já temos dito, não se chama [fol. 252] senão Debrâ Libanôs, se edificou cinquenta e sete anos depois da morte de *Abbâ* Tâquellâ Haimanôt, como afirmam seus frades e se declara no fim de sua História, onde diz que, perguntando ele a Cristo Nosso Senhor onde mandava que se enterrasse seu corpo, respondeu que, ali, até cinquenta e sete

anos e, depois deste tempo, cairia aquela casa e seus filhos edificariam, ali perto, um grande mosteiro em seu nome e trasladariam a ele seu corpo, pelo que mal podia ser prior dele, nem diabo servir ali em seu tempo, o que também perguntei ao geral daquela religião, que foi abade neste mosteiro muitos anos e respondeu, diante de muitos frades, que nunca ouvira dizer que o diabo servira ali, que era patranha. Nem sua História faz menção que fosse alevantado sete vezes no dia ao céu a ouvir as músicas angélicas, nem da fonte que, diz, nasceu no lugar onde se enterrou, nem que depois apareceu a Felipe e a Elçâ. Somente conta que, estando para morrer, mandou ajuntar seus discípulos e lhes disse que Cristo Nosso Senhor lhe aparecera e declarara como era chegada sua hora e que alguns dos que ali estavam haviam de ir com ele. E ordenou que Elçâ ficasse em seu lugar e, três dias depois de passar desta vida, morreu um diácono e, estando para o enterrarem, acabando já o ofício dos defuntos, tornou a viver e afirmou que fora levado diante de seu Padre Taquellâ Haimanôt, que estava em muita glória e que mandava dizer que Elçâ fosse para ele e Felipe ficasse em seu lugar e, dito isto, morreu. E dali a três meses, morreu Elçâ e seus discípulos puseram em seu lugar a *Abba* Filipôs. E, para que estas e as [fol. 252v] demais coisas que se contam de *Abba* Taquellâ Haimanôt, as possa ver o leitor se quiser, referirei agora sua história, como a contam os livros de Etiópia.

#### História de *Abbâ* Taquellâ Haimanôt como a contam os livros de Etiópia.

*Em o nome de Deus trino e uno, a quem se deve glória e adoração. Escrevemos os trabalhos de nosso bem-aventurado e santo Padre Taquellâ Haimanot, Planta do Padre, Planta do Filho, Planta do Espírito Santo, que é Vosso Padre Taquellâ Haimanôt que carregou sobre si o nome da Trindade que vem a dez de Agosto.<sup>2</sup> A virtude de sua oração nos livre de mal e tire de nossas terras a perdição, para sempre dos sempre. Amen.*

*Este S.<sup>to</sup> Taquellâ Haimanot (que quer dizer «Planta da Fé»), foi descendente de Sadoc, sacerdote, filho de Abiatar de Jerusalém, porque Salomão mandou o seu filho Eben Ahaquîn para que reinasse em<sup>3</sup> Etiópia, enviou com ele a Azarias, filho de Sadoc, para ser sacerdote como seu pai, e saiu de Jerusalém com grande festa e honra, trazendo consigo a Arca de Syon, Deus de Israel. E pouco tempo depois de chegado à terra de Tigré, casou Azarias com uma filha dos honrados da terra que se chamam Dêcamadabâi e gerou um filho a quem chamou Sadoc, como seu pai. Sadoc gerou a Levi e Levi gerou a Hezberaâi, Hezberaâi gerou a Hezbeçahî. Estes sacerdotes ensinaram a Lei velha à gente de Etiópia, até o tempo que Tibério era imperador de Roma e Herodes rei de Galileia, e Baçên rei de Etiópia, e Aquîn sacerdote. Então nasceu Nosso Senhor Jesus Cristo em Bethlen de Judá. Aquîn, sacerdote, gerou a Simão e [fol. 253] Simão gerou a Embarim<sup>4</sup>, e depois da Ascensão de Cristo Nosso Senhor em duzentos e cinquenta e seis anos veio um mercador a Jerusalém e com ele dois meninos, que se chamam Fremematôs e Sydracós e se agasalharam em casa de Embarim sacerdote e aquela noite adoeceu o mercador e dali a pouco tempo morreu. E os meninos serviram em casa de Embarim e, um dia, disse Fremematôs a Embarim: «Senhor, estou maravilhado dos costumes da gente de Etiópia, porque têm circuncisão e crêem em Cristo e*

<sup>1</sup> Omisso no *ms. 778 BPB*: destas.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: Zaab.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 216v/206v].

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: Zorey.

<sup>5</sup> Há três regras rasuradas no *Ms.*

<sup>6</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: logo.

<sup>1</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 217/207].

<sup>2</sup> Na conversão da data da festa (a 24 nãhase, 27 de Agosto) para o calendário ocidental, Páez esqueceu-se de contar os dias da reforma gregoriana.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 217v/207v].

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: Euberam.

não vejo baptismo, nem sacramento da comunhão.» Respondeu Embarîm: «Nossos pais antigos nos trouxeram a circuncisão e o crer em Cristo nos ensinou a Rainha Endaque (scilicet, Candace), para nos baptizar e dar a comunhão não nos veio apóstolo, mas vós ide ao papa de Jerusalém, que vos dê poder de ser nosso apóstolo.» E deu-lhe ouro e prata para seu caminho.

Com isto, partiu Fremematôs de Etiópia e chegando a Jerusalém, referiu ao papa Atanásio os costumes desta terra, com o que ele se alegrou muito. E, ordenando-o, o fez bispo de Etiópia e lhe pôs nome Abba Çalamâ, que quer dizer «Padre Pacífico», porque havia de pôr paz entre Deus e os homens. E assim tornou Abba Çalamâ da Terra Agazi<sup>1</sup> e chegou a Embarîm aos trezentos e quinze anos do nascimento de Cristo Nosso Senhor e o baptizou e deu ordens de diácono e depois de sacerdote; e, mudando-lhe o nome, o chamou Hezbê Cadêz e mandou-o que baptizasse toda a gente e disse que lhe dava poderes de bispo. E assim foi baptizando [fol. 253v] a todos os de Tigré e Amharâ e Angôt e ensinando-lhes a fé de Cristo Nosso Senhor, e foram muito bons cristãos. Hezbê Cadêz gerou a Hezbê Bariê; este veio da terra 2<sup>a</sup> de Tigré e fez seu assento na terra Daont, que se chama Baهرانquedâ, onde casou e gerou a Tecla Çahât; este casou em Amharâ com uma mulher que se chamava Maquedelâ e gerou sete filhos e até agora estão ali seus descendentes e um daqueles sete, que se chamava Azquelevî, baptizou a gente de Olacâ e Amharâ e a gente de Marâbetê e Manz. Este Azquelevi casou em Harbeguixê e gerou Abailâ, a quem, depois que cresceu, mandou El-rei Dignacîn à terra de Seuâ, com cento e cinquenta sacerdotes, para que baptizassem toda aquela gente e, chegando lá, baptizaram em um dia vinte mil e edificaram muitas igrejas; e Abailâ escolheu a terra de Zorêr onde casou e gerou a Hârbaguidê; este gerou a Bacorâ Ceôn; este gerou a Hezbecades; este gerou a Berhâna Mazcâl. Em o tempo deste, passou o tempo dos de Israel a Zagoê. Berhâna Mascâl gerou Heôt Benâ; este gerou a Zara Ioannes, que é Zagâ Za Ab, o qual é pai de nosso pai santo. Zagâ Za Ab casou com uma filha dos honrados daquela terra, que se chamava Sara e foram ambos tementes a Deus, faziam muita oração, jejuavam e davam grandes esmolas e entre si se amavam, como Abraham e Sara e como Zacharias e Elizabet.

Era Sara mui formosa e prudente, [fol. 254] pelo que seu sogro a chamou Egziareâ (scilicet, «Deus a Escolheu») e, daquele dia, foi chamada por este nome. E como morreu Heôt Benâ, ficou Zagâ Ça Ab com sua mulher cheios dos bens deste mundo, mas Egziareâ era estéril e, por isto, começaram fazer a festa de S. Miguel Arcanjo cada mês, dando sempre, naqueles dias, de comer e vestir aos pobres. Tinha Egziareâ grande tristeza em seu coração por ser estéril e rogava sempre na igreja a Deus que lhe desse filhos, dizendo: «Ó Senhor Jesus Cristo, ó Senhor de S. Miguel, Vós sois criador dos anjos, alegria dos tristes, esperança de todo o mundo, Vós sois Rei dos Reis e Senhor dos Senhores, Deus dos Deuses. Ouvi-me, Senhor, dai-me filho que Vós sirva e cumpra em tudo Vossa vontade.» Zagâ Ça Ab também se ocupava sempre em oração na igreja e em oferecer sacrificios e levava muitas ofertas. E um dia lhe disse Egziareâ: «Senhor, tenho uma coisa que vos dizer e folgaria muito que ma aceitásseis. Respondeu ele que sim, lha aceitaria se fosse boa. «Bem vedes, disse ela, como nossos pais morreram e nós não temos filhos a quem deixar nosso fato. <sup>3</sup>Havei por bem que o demos à Igreja e aos pobres e que forremos nossos escravos e escravas, para que Deus nos livre de nossos pecados.» Respondeu Zagâ Ça Ab: «Ó minha irmã, vossa causa é muito boa, mas não vos apresseis a dar tudo, porque depois vos não arrependais.» Disse Egziareâ: «Irmão, melhor é

apressarmo-nos [fol. 254v] a fazer bem, para que louvemos o Senhor no sepulcro. Tomemos do que folga nossa carne e demos a nossa alma e serviremos a nosso Deus.» Ouvindo Zaga Ça Ab estas palavras disse: «Ó mulher, grande é a vossa fé. Falastes verdade; eu farei logo como dizeis.»

Tomado este conselho tão santo, repartiu Zagâ Ça Ab<sup>1</sup> seu fato com a Igreja e pobres, e chamando seus escravos, lhes disse que fossem onde quisessem, que dali por diante eram forros. Ouvindo eles isto, choraram muito e disseram: «Senhor, que fizemos, em que vos desagradámos, se vos ofendemos em alguma coisa, castigai-nos e emendar-nos-emos.» Disse Zagâ Ça Ab: «Em nenhuma coisa me destes paixão. Deus vos benza com a bênção de meus pais sacerdotes, que andaram diante dele na verdade. Se quiserdes estar na minha casa, não há-de ser como escravos, senão como meus parentes; e às escravas chamarão parentas de Egziareâ.» Ouvindo isto os escravos se alegraram muito e lhe beijaram os pés e mãos e estiveram com ele muito tempo, sendo os escravos como senhores da casa e as escravas como senhoras.

Em este tempo, se levantou um tirano que se chamava Matolomê e sua mãe Aseldonê, e reinou nas terras de Damôt e Ceoâ e Amharâ, até um rio grande que se chama Gemâ, e destruiu muitas igrejas e adorou ídolos e mandava que lhe trouxessem para si as donzelas, filhas dos mais principais e seus [fol. 255] pais não se atreviam a contradizer pelo medo grande que dele tinham. Este era muito forte na guerra<sup>2</sup> e correndo, uma vez, a terra de Zalalgî, cercou a terra Zorêr, o que vendo Zagâ Ça Ab, e entendendo que o vinha matar, fugiu por outro caminho, mas seguiu-o um cavaleiro dos de Matolomê e, chegando perto, lhe atirou com a lança, mas não lhe acertou e, tirando-lhe outra vez, virou-se a lança para ele e o feriu no braço. Nem com isto deixou de o seguir e, chegando Zagâ Ça Ab a uma lagoa grande, se meteu dentro daquela água e o soldado chegou com o seu cavalo até à borda da água e esperou que saísse a nado, mas vendo que não apa<sup>3</sup>recia, o deu por afogado e se foi buscar alguma presa. Mas Zagâ Ça Ab, sacerdote limpo, não recebeu nenhum dano debaixo da água, antes ela lhe foi como uma tenda em que se agasalhou, porque S. Miguel o guardava, posto que ele o não via, e assim gritava, dizendo: «Ó Miguel, minha esperança, ó Miguel, minha ajuda, onde está vossa força? Eis, aqui me chegou a morte e o dia do trabalho em vossa festa, que sempre me dáveis muita alegria, me chegou tão grande angústia.» E, dizendo isto, chorava com grande amargura. Então se lhe mostrou S. Miguel claramente e lhe disse: «Porque chorais, Zagâ Ça Ab? Eis aqui, eu, Miguel, vos estou guardando, não tendes medo. Não se manifestou muito o milagre, que vos livreí daquele soldado que vos seguia, mas agora aparecerá quando vos tirar em paz de dentro desta água, não por amor de vós, senão por um filho que haveis de ter, que será luz de todo o mundo, será semelhante a mim e eu o hei-de guardar.»

Esteve Zagâ Ça Ab debaixo da água [fol. 255v] três dias e três noites e, no fim dele, lhe disse S. Miguel: «Já se acabou a destruição e passou a perdição, sai.» E, tomando-o pela mão, o tirou. E, entrando em uma igreja de Zorêr, desapareceu S. Miguel. E, vendo depois Zagâ Ça Ab as igrejas destruídas, a terra perdida, sabendo que sua mulher e a outra muita gente levaram cativos, chorou muito mais que primeiro e se lhe dobrou a tristeza. Depois, se lhe ajuntaram os que ficaram escondidos nas lapas e juntamente, fizeram novo pranto. Não menos o fazia Egziareâ, a quem os soldados levaram cativa e, vendo sua grande formosura, disseram que merecia ser mulher d'el-rei e, assim, chegando a Matolomê, lhe afirmaram que lhe traziam uma mulher tão formosa entre as que cativaram que, se casasse com ela, se lhe sujeitaria toda a terra. Alegrou-se ele muito com esta nova e mandou-lhe dar mui ricos vestidos e jóias de ouro

<sup>1</sup> Tradução de *Behera 'Agazi*, literalmente, «Terra dos (Homens) Livres», designação da Etiópia nas fontes escritas etíopes.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 218/208].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 218v/208v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Zaga Çab.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: terra.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 219/209].



e que lha trouxessem o seguinte dia. E, levando-lhe os soldados isto e muitos comeres, ela não comeu, nem bebeu; antes, chorando muito, não levantava os olhos do chão. Vendo isto, os soldados lhe disseram: «Ó mulher, porque vos en<sup>1</sup>tristeceis, pois sois escolhida para rainha e senhora nossa.» Mas ela não respondia nada, mas do íntimo do seu coração falava com Cristo, dizendo: «Ó meu Senhor Jesus Cristo, porque olhastes para meus pecados e não Vos lembrastes da inocência de Vosso servo Zagâ Ça Ab, que Vos servia com muita pureza e me entregastes nas mãos de Vossos inimigos, que estão tão afastados de Vós? Ó Senhor, fortaleza dos fortes, [fol. 256] mostrai hoje Vossa força sobre estes. Ó Senhor todo-poderoso, mostrai hoje Vosso poder sobre estes.» Com isto esteve, até que dormiram aqueles soldados e tirou logo os vestidos que por força vestira e, vestindo os seus, tornou com grande angústia a fazer oração, dizendo: «Ó Senhor, Deus de toda a criatura e todo-poderoso, tudo enche Vossa divindade. Vós livrastes a Sara da mão de faraó, a Daniel das bocas dos leões, a Susana dos falsos velhos e aos três mancebos do fogo do forno de Babilónia, mostrai agora, Senhor, também Vossa força sobre mim. Dai, Senhor, glória a Vosso nome e não deixeis Vossa serva na boca destes lobos. E vós, S. Miguel, como calais, vendo vossa serva em tão grande angústia e perigo? E no dia em que fazíamos vossa festa, me veio este trabalho: ajudai-me, ajudador dos pobres.» Nisto, lhe apareceu S. Miguel e lhe disse: «Não veio isto para vossa perdição, senão para que se veja o muito que vos amo; desta tentação<sup>2</sup> haveis de ser livre, por causa de um filho que de vos há-de nascer.» Disse ela: «Quando há-de ser isto, Senhor?» Respondeu ele: «Quando Deus for servido.» E com isto desapareceu.

Esteve Egziareâ toda a noite em oração e, antes de amanhecer, tornou a pôr os vestidos que deixara. E como os soldados se alevantaram, a levaram a el-rei e, como a viu, se alegrou muito e determinou em seu coração de a fazer rainha. E disse aos soldados: «Na verdade, trouxestes formosa mulher. Eu, filho de Aseldanê, vos hei-de dar riquezas que bastem para vós e vossos filhos. Guardai esta mulher bem e dai-lhe quanto ela quiser, até que a faça rainha, sobre todas as minhas mulheres.» Levaram-na logo os soldados e [fol. 256v] fizeram como seu senhor lhes mandou. Depois, mandou Matolomê criados à sua terra, dizendo: «Eis, aqui tornei em paz e com alegria. Ajuntai-vos e apare<sup>3</sup>lhai mil vacas e mil bois com os cornos dourados e mil com os cornos de prata e outros mil que sejam formosos. Tende também aparelhados 70 000 mil calões<sup>4</sup> de vinho de uvas e outros tantos de vinho de mel e a cerveja seja em tanta abundância como água e as iguarias sejam sem conto. E dizei à gente de Damôt que tragam logo o tributo de meu reino até Malbareddê (que era a casa de seus ídolos). E se não fizerdes inteiramente o que mando, vos hei-de cortar as cabeças.» Foram eles com muita pressa e fizeram aparelhar tudo o que lhes mandou. Matolomê também apressou seu caminho e, em oito dias, entrou em sua terra, onde todos o receberam com grande festa e alegria. Disse-lhes ele que se ajuntassem todo o dia seguinte «para sacrificar e adorar nossos deuses, que nos dão força no tempo da guerra e nos sustentam na paz.» Responderam todos que assim o fariam e bastariam toda a noite em aparelhar as coisas necessárias; mas Egziareâ a passou em oração, pedindo a Deus que a ajudasse e livrasse. E, como amanheceu, mandou Matolomê que a trouxessem a casa de seus ídolos e ele foi acompanhado dos grandes, a quem seguia todo seu exército. E, chegando, se puseram diante dos ídolos para os adorar e depois alevantar ali por rainha a Egziareâ. Mas, nisto, desceu S. Miguel do céu, como um espantoso trovão e, tomando a Egziareâ, a levou de Damôt à terra Zorêre, a 22 de Agosto, três horas depois de sair o sol e, pondo-a perto da igreja, desapareceu.

[fol. 257] Ouvindo aqueles soldados o estrondo com que desceu S. Miguel, foi tão grande o temor e espanto que tiveram que caíram mortos mil deles e trezentos dos feiticeiros que se tinham junto para sacrificar. E Matolomê ficou totalmente alienado, sem saber o que fazia, nem o que dizia por espaço de vinte e cinco anos e assim mandava que matassem os homens e depois que lhos trouxessem vivos e que lhe fizessem casa no ar, com outros disparates semelhantes.

Estando Egziareâ no lugar onde a deixou S. Miguel, saiu Zaga Ça Ab da igreja onde tinha entrado a fazer oração e oferecer incenso por ela e, vendo-a só e tão ricamente vestida, se maravilhou muito e lhe disse: «Como estais, senhora? Donde viestes? Vejo<sup>1</sup>-vos com grande honra, pareceis filha de rei; como andais só, sem criados?» Respondeu ela, sem descobrir o rosto: «Indo pelo caminho me achou Matolomê e tomou minha gente e quanto tínhamos<sup>2</sup>, mas a mim me livrou Deus de suas mãos e, sabendo que cativara a mulher de um homem que se chama Zaga Ça Ab, vim para ser sua mulher.» Respondeu ele: «Para que cuidais o que não pode ser? Não é lícito ao sacerdote fazer isso. Também ele é homem baixo e vós honrada; não vos convém falar nisso. E mais, tem jurado pelo santo nome de Deus que, se não lhe entregar sua mulher, que não há-de casar com outra.» Disse ela: «Como pode sair do cativoiro? Eu ouvi que el-rei queria casar com ela e fazê-la rainha.» Respondeu ele: «Não somente a pode tirar do cativoiro, mas ressuscitá-la depois de morta.» Vendo ela sua fé e constância, se alevantou e descobriu o rosto, dizendo: «Eis aqui vossa mulher Egziareâ.» Ouvindo ele isto, ficou mui maravilhado e levantando-se, [fol. 257v] lhe beijou os pés e as mãos, dizendo: «Ó minha irmã, como viestes aqui? Quem vos livrou?» «A misericórdia de Deus, respondeu ela. Depois que me afastei de vós, não me achou mal algum, porque o Senhor mandou seu anjo, que me guardou e livrou.» Levantou então Zagâ Ça Ab seus olhos ao céu, dando graças a Deus e dizendo: «Seja bento o Senhor Deus de Israel e seja bento Seu nome que fez tão grande maravilha<sup>3</sup>.»

Ouvindo isto a gente da terra que escaparam de Matolomê e vendo a Egziareâ com tão ricos vestidos, lhe disseram: «Que é isto, senhora, quem vos trouxe aqui desta maneira<sup>4</sup> com tanta grandeza?» Ela lhes contou tudo o que lhe sucedera<sup>5</sup> e louvaram a Deus, que é maravilhoso em Seus santos, gastando muita parte do dia em Lhe dar graças e depois entraram em suas casas com alegria. E Egziareâ disse a Zaga Ça Ab que, depois que se afastara dele, não comera nem bebera, do que se maravilhou muito e referiu-lhe o que a ele também lhe<sup>6</sup> acontecera, e toda aquela noite gastaram em falar coisas de Deus e do anjo. Outro dia, 23 de Agosto, acabou Zagâ Ça Ab sua semana e entrou em sua casa e, estando aquela noite na cama<sup>7</sup> com sua mulher, viu ela em sonhos uma coluna resplandecente que chegava até o céu e todos os reis da terra e os bispos à roda dela, fazendo-lhe alguns reverência, outros acompanhando-a e nela, assentados muitos pássaros de diversas cores. Nisto, gritou Zagâ Ça Ab e, acordando, ela disse: «Porque gritastes?» Respondeu ele: «Por espanto da visão que me apareceu em sonhos. Parecia-me que via sair dentre nós o sol e com ele estrelas sem [fol. 258] número<sup>8</sup> e aluminaavam todo o mundo.» Disse Egziareâ: «Maravilhosa coisa é esta, quem a pode ouvir? Eu também vi espantosas coisas.» E referiu-lhe o que vira e ambos, maravilhados, disseram: «Que há-de vir sobre nós neste tempo?» Depois disto, torna-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 220v/210v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *tinha*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *grandes maravilhas*.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *desta maneira*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *acontecera*.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *lhe*.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 221/211].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: *conto*.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 219v/209v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *destas tentações*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 220/210].

<sup>4</sup> Vasos de barro, bojudos.

ram a dormir e apareceu S. Miguel a Egziareâ e disse-lhe. «Concebeste em vossas entranhas aquele filho escolhido que vos disse nasceria de vós, amado de Deus e da Virgem Maria Sua mãe e dos anjos e muito honrado.» E, dizendo isto, desapareceu dela e manifestando-se a Zagâ Ça Ab, lhe disse o mesmo. E, como amanheceu, perguntou ele a sua mulher se vira alguma coisa a segunda vez que dormiu. Respondeu ela que sim e contou-lhe o que S. Miguel lhe dissera. «A mim também, (disse ele) me declarou o mesmo.» Do que se maravilharam muito. Disse então Egziareâ: «Senhor, quando S. Miguel me trouxe, me mandou que dêssemos aos pobres os vestidos com que vim e o ouro e prata, sem que ficasse nada, que Deus nos proveria.» Respondeu Zagâ Ça Ab: «Assim convém que o façamos logo.» E não faltaram em coisa alguma das que lhes mandou o anjo.

Passados nove meses, a 30 de Dezembro<sup>1</sup>, nasceu nosso padre e fez-se grande festa aquele dia em casa de Zagâ Ça Ab porque, sendo primeiro sua mulher estéril, parira filho, e deram muitas esmolas aos pobres. E três dias depois que nasceu o filho, levantou o menino sua mão para o céu e benzeu a Deus em alta voz, dizendo: «Um Padre Santo, um Filho Santo, um Espírito Santo.» Ouvindo isto, a mãe se maravilhou muito e disse: «Ó filho escolhido, a vós não vos pertencia [fol. 258v] esta palavra, senão a vosso pai. Não vos convinha senão mamar.» E como se acabou o tempo da purificação, que são quarenta dias, levaram o menino ao templo e o baptizaram<sup>2</sup>, pondo-lhe por nome Feça Seon (que quer dizer «Alegria de Sião»)<sup>3</sup>, porque fez alegrar a Igreja com sua doutrina e fê forte. E, como tornaram a sua casa, disse S. Miguel a Zagâ Ça Ab em sonhos: «Este é o filho escolhido que primeiro vos disse; mas seu nome não é Feça Seon, senão outro que vos está escondido.» Respondeu Zagâ Ça Ab: «Declarai-me Senhor, que nome é este?» Disse S. Miguel: «Não sou mandado para isso, senão para vos decla<sup>4</sup>rar a visão que primeiro tivestes vós e vossa mulher. O sol que vistes que saía de vossa casa era este o vosso filho, e as estrelas que estavam com ele são os filhos que lhe hão-de nascer no Espírito Santo, e a coluna resplandecente que viu vossa mulher que chegava ao céu é este mesmo filho, e o que viu que os reis lhe faziam reverência, na verdade o hão-de reverenciar e o hão-de servir os povos e será pai de toda a terra e, como se alevanta o céu da terra, será alevantado seu nome.» E dito isto, desapareceu.

Como Zagâ Ça Ab acordou do sono, contou a sua mulher o que S. Miguel lhe dissera, com o que ficou maravilhada e disseram entre si: «Que há-de ser deste menino? Porque a mão de Deus é com ele.» Dali a um ano e três meses houve grande fome na terra de Seoa e na Zorêr e chegando-se a festa de S. Miguel, disse Egziareâ a Zagâ Ça Ab: «Que faremos, que não temos coisa nenhuma para celebrar esta festa como costumamos?» E, dizendo isto, mostrava muita paixão e Zagâ Ça Ab também a tinha grande, pela ver daquela maneira. Com isto, se foram ambos à igreja e fizeram oração. Depois começou a chorar o menino, sem querer mamar, [fol. 259] pelo que se foi para casa e, entrando, estendeu o menino a mão para um cesto em que estava uma medida de trigo muito pequena, como dizendo que lho dessem. E, chegando-o a ele, pôs a mão sobre o trigo e logo foi crescendo, de maneira que se encheram doze cestos e desceu<sup>5</sup> a bênção de Deus naquele dia<sup>6</sup> sobre a casa de Zagâ Ça Ab. Vendo isto sua mãe, lhe trouxe um calão<sup>7</sup> em que tinha uma pouca<sup>8</sup> de manteiga e o menino fez o sinal da cruz e ficou cheio e botando dele em outros,

ficaram todos cheios. O mesmo sucedeu no sal que, tendo pouco, se aumentou muito. E, entrando Zagâ Ça Ab, lhe disse sua mulher o que passava, do que ficou mui maravilhado e começou louvar a Deus, dizendo: «Seja bento o Deus de Israel, que visitou e salvou Seu povo. Que Vos darei, Senhor, por isto que me fizestes, sendo eu pecador?» E beijou ao menino e lhe disse: «Ó meu filho, vivei muitos anos para que me deis sempre alegria e consolação.»

Acabado isto, aparelharam da bênção que Deus lhes dera para fazer a festa de S. Miguel, aos 13 de Março e convidaram seus parentes, a gente da terra e muitos pobres, e a todos deram de comer com muita abundância, do que eles ficaram espantados, por não saberem donde lhes viera em tempo de tanta fome, e diziam, depois que lhes nasceu seu filho, acharam isto. Mas não só lhes bastou para a festa abundantemente, senão que <sup>1</sup>lhes sobejou para sustentar os pobres, enquanto durou a fome. Outros muitos milagres fez este menino, dando bênção com sua mão. E depois que cresceu, aprendeu com tanta facilidade os salmos e os livros da Igreja, que parecia que já os sabia, porque tinha a Cristo em seu coração e o Espírito Santo lhe dava a sabedoria, e assim temia sempre a Deus e obedecia a seu mandado, e não somente os que o viam o amavam, mas também os que ouviam novas suas. Seu jejum era muito contínuo, com o qual, juntamente com a paciência que tinha em todas as coisas, se armava contra os demónios. E como chegou à idade de quinze anos, o levou seu pai ao patriarca Abba Guerlôs, que estava [fol. 259v] em Amharâ, sendo papa (entende de Alexandria) Abba Benjamin; mas, antes que chegasse, apareceu S. Miguel em sonhos a Abba Guerlôs e lhe disse: «Amanhã há-de vir um homem branco, que traz consigo um filho escolhido para o reino do céu. Dai-lhe ordens de diácono e despachai-o logo.» Com isto desapareceu e, acordando Abba Guerlôs, ficou maravilhado do sonho. E como amanheceu, saiu fora e viu a Zagâ Ça Ab, que então chegava e de longe lhe fazia reverência e mandou que o chamassem, perguntando-lhe onde estava seu filho, que era ungido do Espírito Santo e por ele se daria vitória aos reis, justiça aos príncipes, paz aos sacerdotes e fortaleza na fé aos fiéis, o que ouvindo Zagâ Ça Ab de Abbâ Guerlôs, ficou espantado. Disse-lhe o patriarca: «De que vos espantais? Trazei vosso filho para o benzer, como me mandou meu Deus.» Tornou logo Zagâ Ça Ab onde ficara seu filho e trouxe com muita pressa.

Vendo o patriarca Guerlôs a Feça Seon, levantou-se de sua cadeira e abraçou-o e beijou-o, de que todos se maravilharam muito, dizendo. «Que vistes, senhor, neste menino para vos alevantardes de vossa cadeira?» Respondeu ele: «Este menino é honrado de Jesus Cristo e da Virgem Maria Sua mãe e S. Miguel, o guarda com espada de fogo.» E mandou agasalhar muito bem a Zagâ Za Ab e a seu filho e, ao outro dia, em amanhecendo, disse missa e ordenou a Feça Seon de diácono e depois o levou para sua casa, onde o teve sete dias sem o afastar de si e, no cabo, lançando-lhe sua bênção, o mandou para sua terra. E, caminhando, chegaram a uma casa onde estava junta alguma gente e disse Feça Seon: «Paz seja nesta casa, se nela há filho de paz, descanse sobre ele e, se não, torne a nós.» Ouvindo eles isto, se enfadaram [fol. 260] muito e, alevantando-se um, lhe deu algumas pancadas. <sup>2</sup>Disse o santo: «Porque fazeis isto? Em lugar de paz me dais pancadas?» E disse a S. Miguel: «Não vedes o que faz este homem?» E não tinha acabado estas palavras quando aquele homem foi levantado no ar onde o açoutaram com grande força, sem ele ver quem lhe dava. E, gritando, dizia: «Perdoai-me menino, que ainda que sois pequeno no corpo, vossa obra se levanta até o céu. Eu, por não saber vos agravei, perdoai-me que daqui por diante

<sup>1</sup> A conversão do calendário está enganada, o que explica a contagem de quatro meses (de Agosto a Dezembro) por nove (de Março a Dezembro).

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e o baptizaram.

<sup>3</sup> Interpolação do autor.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 221v/211v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: naquele dia.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: naquele dia.

<sup>7</sup> Vaso de barro.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: pequena.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 222/212].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 222v/212v].

vos servirei.» Disse Feça Seon: «Conheceste a justiça de Deus, que paga logo aos que fazem mal?» Respondeu:<sup>1</sup> «Sim senhor»<sup>2</sup>. Disse o santo: «O que vos alevantou para esse tormento, vos fará descer.» E logo cessaram os açoutes e foi posto na terra e mostrou os sinais deles, como queimaduras de fogo. E rogou muito que se agasalhassem em sua casa, mas cuidava em seu coração que eram feiticeiros e, conhecendo Feça Seon sua maldade, lhe disse; «Não somos como vós cuidais, senão servos de Deus.» Pediu ele que lhe perdoassem e, levando-os a sua casa, lhes deu todo o necessário com grande abundância, e mui alegre lhes dizia: «Deus vos trouxe para bem meu.»

O dia seguinte, veio ter com eles toda aquela gente e lhes pediu humildemente que lhes perdoassem, por amor de Deus, o agravo que lhes fizeram; responderam eles: «Deus vos perdoe. Daqui em diante, não façais assim, tende amor uns com outros e com os peregrinos, porque o amor cobre a multidão dos pecados. Se assim o não fizerdes, que respondereis no Dia do Juízo, quando Cristo Nosso Senhor Vós disser tive fome e não me destes de comer, sede e não me destes de beber, era hóspede e não me agasalhastes?» [fol. 260v] Responderam eles: «Vosso Deus esteja nos nossos corações para cumprirmos tudo o que nos dissestes.» E despediram-nos, acompanhando-os vinte e quatro pessoas. E anoitecendo-lhes no caminho, sem poder chegar ao povoado, se meteram em uma lapa, mas não acharam água. E estando todos com grande<sup>3</sup> sede, se afastou um pouco Feça Seon e, fazendo oração, disse: «Senhor Deus que me ouvistes ontem por aquele homem: ouvi-me também hoje na necessidade de água que temos. Vós sois o que tirastes água da pedra quando tiveram sede os de Israel: acudi-nos também agora.» E, dizendo isto, derramava tantas lágrimas que caíram no chão, donde saiu logo uma fonte de água mui saborosa, pelo que deu graças a Deus e chamou sua gente, dizendo que achara água, e beberam todos, sem saber que era milagrosa. O outro dia pela manhã, partiram dali e prosseguindo seu cami<sup>4</sup>nho, chegaram em paz à sua terra, Zorêre, onde os recebeu Egziareâ com muita alegria por ver que seu filho era já diácono. E Zagâ Ça Ab lhe contou o que o patriarca lhe dissera e tudo o que lhe sucedeu no caminho, e ela deu graças a Deus por tantas maravilhas.

Crescendo mais, Feça Seon exercitou-se em caçar, cavalgando em cavalo e tirar com frecha, no que foi tão destro que nunca tirava<sup>5</sup> frecha de balde. Vendo-o assim, seus pais trataram de o casar com uma filha dos principais da terra, mas disse-lhes ele que não falassem tal coisa, porque tinha oferecida sua pureza a Cristo. Contudo, não desistiram seus pais, antes lhe trouxeram a casa aquela donzela para que casasse com ela, mas, dali a pouco, morreu e ele se alegrou por se ver livre para poder [fol. 261] guardar pureza, porque não tinha postos seus pensamentos nas coisas do mundo. E dali a pouco, foi aonde estava o Patriarca Guerlôs e disse-lhe que fizeram outra fé e outro costume da igreja e que baptizavam os meninos antes de os circuncidarem. Ouvindo isto, Guerlôs lhe deu a bênção e lhe disse: «Porque tendes zelo das coisas de Deus, como Elias profeta de Israel, haveis de ser novo apóstolo e derrubareis os ídolos e serão lançados fora todos os espíritos maus por vosso mandado. E fareis que muitos, deixando a adoração dos demónios, adorem a Cristo Nosso Senhor, pela graça do Espírito Santo, que está sobre vós.» E depois o ordenou de missa e o fez prior de todas as terras de Seoã<sup>6</sup>, dando-lhe para isso seus poderes e o mandou em paz, com honra, para sua terra.

No mesmo tempo em que Feça Seon estava em Amharâ com Abba Guerlôs, apareceu S. Miguel a Egziareâ: «Eis, aqui chegou o que primeiro vistes. Este vosso filho é aquela coluna de luz que olhastes e os pássaros que estavam nela assentados são os filhos que lhe hão-de nascer no Espírito Santo; e, conforme aos degraus que tinha, será sua santidade e nenhum dos que vistes se perderá. E aquele tirano que vos cativou, há-de ser muito bom cristão, por sua doutrina e sarará de sua doidice, por sua intercessão; e os que então morreram, ressuscitarão por sua oração. E será pai de muitos santos. Isto vos declarei, porque me amais.» E desapareceu. Contou ela tudo a seu marido e deram muitas graças a Deus por lhes dar tal filho. Dali a pouco tempo, chegou Feça Seon já sacerdote e, perguntando-lhe a mãe em que dia lhe deram as ordens e conheceu que naquele mesmo lhe aparecera S. [fol. 261v] Miguel e fizeram logo grande<sup>1</sup> festa e deram muitas<sup>2</sup> esmolas aos pobres. Mas logo, a doze de Agosto <sup>3</sup>descansou sua mãe, Egziareâ e aos 16, seu pai, Zagâ Ça Ab. A bênção destes dois velhos singelos como pomba<sup>4</sup> e a bênção de seu filho sábio seja connosco, para sempre dos sempre. Amém.

Vendo-se Feça Seon órfão, chorou muito. E ocupava-se em fazer oração de noite e de dia e lia os livros santos dos apóstolos e cumpria com as obrigações de sacerdote. E esteve sete anos na casa de seu pai, com grande riqueza. Indo, um dia, ao campo caçar com muita gente e apartando-se dos companheiros, lhe apareceu S. Miguel, ao meio dia, com um vestido muito formoso e, vendo-o, o santo caiu como morto sobre seu rosto; mas S. Miguel o alevantou e lhe fez o sinal da cruz e logo ficou sem medo e viu claramente ao anjo e lhe disse: «Quem sois vós, senhor, que vos vejo com tanta grandeza?» Respondeu: «Eu sou anjo da força de Deus que vos guardo sempre, sem nunca me afastar de vós. Eu sou o que tirei a Zagâ Ça Ab do fundo da água, por amor de vós. Eu sou o que livre do cativo a Egziareâ, por amor de vós. Mas agora, por que sois caçador, que este exercício não convém aos sacerdotes, senão aos seculares? O ofício do sacerdote é ensinar a fé e emendar a gente do povo. Daqui por diante, não seiais caçador de animais, senão de almas para Deus. Ele vos dá poder para ressuscitar os mortos, sarar os doentes e lançar fora os demónios. E vosso nome não seja Feça Seon, senão Tâquelâ Haimanôt, que quer dizer «Planta do Padre e do Filho e do Espírito Santo.» E, dizendo isto S. Miguel, se [fol. 262] lhe mostrou Nosso Senhor Jesus Cristo sobre as asas do anjo, assentado, em figura de mancebo mui formoso. E, vendo isto, Tâquelâ Haimanôt ficou espantado e disse-lhe Nosso Senhor: «Como estais, meu amigo?» Respondeu o santo: «Quem sois Vós, Senhor? E disse: «Eu sou Jesus, Salvador do mundo, que vos criei. Eu sou o que vos benzi no ventre de vossa mãe. Eu sou o que dei bênção a vossa mão para encherdes as casas de vossos pais de farinha de trigo, manteiga e as demais coisas no tempo da fome. Eu sou o que crucifiquei o homem no ar e o açoutei na minha ira, quando vos agravou. Eu sou o que da terra seca fiz sair a fonte de água, quando tinheis sede e me pedistes. Eu sou o que vos dei virtude e força até hoje e vos hei-de dar muita mais, daqui por diante.» E, dizendo isto, o benzeu e bafejou três vezes em seu rosto e disse: «Recebi o Espírito Santo. <sup>5</sup>O que amarrardes na terra, seja amarrado no céu e o que soltardes na terra, seja solto no céu; quem ouve a vós, ouve a Mim. Este poder dei primeiro aos apóstolos e deles veio ao bispo e ele vos deu poder para amarrar e soltar, para plantar e arrancar. Isto que vos fiz, não é para que deixeis a palavra do bispo, senão para mostrar o amor que vos tenho. Eis, aqui vos dei mando e nome novo pela boca de S. Miguel, para vos mandar a um povo novo, onde não chegaram meus apóstolos santos; e vós não sois

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Respondeu.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: respondeu ele.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: muita.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 223/213].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: tirou com.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: Sion.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: muita.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: grandes.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 223v/213v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: singelos.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 224/214].

menor que eles em nenhuma obra, porque vos fiz novo apóstolo, para que chameis todos os homens a Mim. E Miguel, meu anjo, seja em tudo vossa ajuda e não se afaste nunca de vós. E eu estarei sempre convosco toda vossa vida.» E, dizendo isto, lhe deu paz e subiu para o céu, olhando o santo Taquelâ Haimanôt, até que des[fol. 262v]apareceu de seus olhos. E o santo se deitou em terra e benzeu a Deus, dizendo: «Seja bento o nome do Senhor no céu e na terra, que me deu tanta graça que não convinha a mim, pecador.» E, daquele dia<sup>1</sup>, foi cheio de Espírito Santo e virtude.

Acabado isto, se juntou com seus companheiros e lhes disse que era bem<sup>2</sup> tornar para casa, porque era tarde. Eles, vendo a luz de seu rosto, tiveram medo e disseram: «Como havemos de ir a nossas casas sem caçar nada?» Disse o santo: «Vamos, que daqui por diante não nos convém caçar animais do deserto, senão de casa que são as ovelhas perdidas.» Mas eles não entenderam que falava das almas dos homens e não lhes descobriu a visão. E, indo para casa, diziam uns aos outros: «Vistes o rosto deste homem? Ele se afastou de nós às três horas e não o vimos até às nove, e trazia tanta claridade que não podíamos olhar para ele. Não sabemos o que foi.» E nosso Padre Taquelâ Haimanôt passou a noite alegrando-se com o Espírito Santo que estava sobre ele e, em amanhecendo, começou a juntar o fato de sua casa e, em oito dias, o repartiu aos pobres, às viúvas e órfãos; o que vendo a gente da terra e seus parentes, se juntaram e lhe disseram por que perdia todo seu fato de uma vez. Respondeu que o não perdia, senão que o acrescentava, para que lhe fosse herança. E disse-lhes: «Sabeis meu nome?» Responderam que bem sabiam que era Feça Seon. Disse ele que já não tinha aquele nome, porque o anjo do céu lhe mandara que dali por diante se chamasse Taquelâ Haimanôt. E, ouvindo eles isto, disseram que era muito bom nome e sempre o nomearam por ele.

<sup>3</sup>Começou logo nosso Padre Taquelâ Haimanôt [fol. 263] a seguir o caminho dos apóstolos e, sem ter de ver com fato, amigos, nem parentes, foi pregar o evangelho e deixou sua casa aberta, dizendo: «Senhor Jesus Cristo, eis, aqui deixei<sup>4</sup> minha casa aberta, para que me abraís o reino dos céus. Daqui por diante, não tenho mais ajuda que a Vossa para minha fraqueza.» E com isto, saiu como soldado animoso, dizendo em seu coração: «Que aproveita ao homem, se ganhar todo o mundo e perder sua alma?» E lembrava-se das palavras do Senhor: O que ama sua alma a perderá, etc.<sup>5</sup> E, em todas as partes que chegava, pregava dizendo: «Chegou o reino dos céus: crede no evangelho do Filho de Deus.» E foi ouvida sua nova em todas as terras e vinham a ele muitos homens e recebiam sua bênção. E traziam os doentes e os botavam a seus pés e ele os sarava com a virtude de Deus. E, vendo a gente que fazia milagres no nome de Jesus Cristo, o seguiram de todo o coração e deixaram seus erros e foram inteiros na verdadeira fé. E ouvindo que em uma terra, que se chama Catatâ, adoravam as árvores e as<sup>6</sup> pedras, pássaros e animais bravos e o fogo, foi lá com grande zelo. E, começando a ensinar, ouviram as gentes daquela terra o nome de Cristo e se enfadaram muito, mas o santo sofria com paciência, vendo que não sabiam o que faziam. E perguntou-lhes a quem adoravam e responderam que a uma árvore, porque nela lhes falavam: «Eu vos criei»; dizendo: «Eu sou vosso Deus.» Disse-lhes nosso padre que, quando fossem a adorar, o levassem consigo. E, cuidando eles que queria adorar seu Deus, o levaram o outro dia, em amanhecendo. E, chegando perto da árvore, gritou o demônio que estava nela, dizendo: «Porque me trouxestes este

homem mau, que se chama Taquelâ Haimanôt?» Perguntaram então ao santo se era ele Taquelâ Haimanôt, que «em nossa [fol. 263v] terra não há tal nome. Ficai, não venhais conosco, para que se não enfade nosso Deus.» E o fizeram ficar no caminho e eles foram fazer sua adoração. Vendo isto, Taquelâ Haimanôt virou seu rosto para o Oriente e começou fazer oração, dizendo: «Olhai, Senhor, a soberba do demônio. Vede o que faz a Vossas criaturas. Peço-Vos, Senhor, que amarreis a este soberbo com a mão de Vosso servo, mandando a S. Miguel que me ajude, como me prometestes e ao demônio não lhe deis licença para se afastar daquela árvore, sem que fique envergonhado diante deste povo que traz tão enganado. E aquela árvore venha para mim com suas raízes. Ó Senhor Jesus Cristo, Vós sois minha fé e minha obra, mostrai hoje a virtude de minha fé, para que se manifeste a força de minha obra, diante de todos estes que estão juntos.»

<sup>1</sup>Acabada sua oração, foi para a árvore e disse: «Em nome de meu Senhor Jesus Cristo, a que eu adoro, vos mando que saiais com vossas raízes e me sigais, trazendo ao demônio que fala sobre vós, para que vejam os homens a força de meu Deus.» E logo se arrancou a árvore, com tão grande estrondo, como o do trovão no meio do inverno e foi para o santo, dando com suas raízes nos que achava com tanta força, que matou vinte e quatro e os demais fugiram com grande medo. E, chegando a árvore onde estava o santo, gritou o demônio, dizendo: «Onde hei-de fugir de ti, ó homem mau? Não te basta toda a terra de Celâlgê, senão que venhas aqui também para me roubar meus servidores?» Então desceu do céu S. Miguel com sua espada e amarrou ao demônio, gritando ele e dizendo: «Esconjuro-vos, ó Miguel, por Deus que me não deis trabalho, antes morte. Deixai-me ir, que nunca mais chegarei onde está este homem mau.» Respondeu S. Miguel: «Não te hei-de deixar [fol. 264] até que se detenha Taquelâ Haimanôt.» Então gritou o demônio, pedindo ao santo que esperasse, que tinha que lhe falar. Deteve-se ele e mandou à árvore que o ia seguindo, que se detivesse e disse ao demônio: «Porque fazes errar a gente e lhe persuades que tu os criaste?» Respondeu ele: «Não sabes que sou mentiroso e pai das mentiras e que, a todos os que me dão crédito, falo mentira, como é meu costume? Deixai-me ir e eu vos prometo de não tornar mais onde estiverdes.» Disse o santo: «Já que enganaste a gente desta terra, dize-lhes agora: Eu primeiro vos fiz errar com mentiras; daqui por diante adorai a Nosso Senhor Jesus Cristo com Seu Pai e Espírito Santo.» Respondeu o diabo: «Não posso pronunciar esses nomes.» Disse o santo: «Se não podes pronunciar os nomes da Trindade, dize-lhes: Adorai e servi o criador dos céus e da terra, que criou a vós e a mim.» Disse então o demônio à gente da terra: «Primeiro vos fiz errar com mentira, daqui por diante servi ao criador do céu e da terra, que criou a mim e a vós. Quem me segue desce ao inferno juntamente comigo.» E, dizendo isto, o largou S. Miguel e fugiu logo, como um pé-de-vento.

<sup>2</sup>Vendo aqueles que estavam juntos tão grande milagre se maravilharam muito, mas não viram o anjo, somente Taquelâ Haimanôt, a quem falou S. Miguel: «Sede forte, que tudo haveis de vencer com a virtude de vosso Deus.» E, dizendo isto, lhe deu paz e subiu para o céu e toda a gente da terra veio para nosso padre e, lançando-se a seus pés, disseram: «Ó luz da vida, ensinai-nos o caminho da salvação.» Respondeu Taquelâ Haimanôt: «Vinde, meus filhos, segui-me, crede em Deus que vos criou.» E disseram: «Sim, cremos [fol. 264v] como nos dizeis.» E os batizou no nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. E depois foi onde estavam os corpos dos que matou a árvore e fez oração, dizendo: «Ó Senhor Jesus Cristo, que ressuscitastes a Lázaro de quatro dias morto e ao filho da viúva de Naim, vós sois Deus dos

<sup>1</sup> Entenda-se «daquele dia em diante.»

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *seria bom*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 224v/214v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *deixo*.

<sup>5</sup> João, 12, 25.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *e as*.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 225/215].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 225v/215v].

fortes e ressurreição dos mortos, tudo podeis: mandai vossa misericórdia do céu<sup>1</sup> para que se alevantem estes mortos.» E descendo o orvalho do céu sobre os mortos, se alevantaram todos, são como antes e, com eles, saíram das sepulturas quinze<sup>2</sup> homens que morreram muito antes e fizeram reverência ao santo, lançando-se a seus pés. E perguntando-lhes ele quando morreram, responderam que no tempo que reinava Abrahâ e Azbahâ. E disse-lhes Taquelâ Haimanôt: «Fostes baptizados no nome de Cristo?» Responderam que não sabiam que coisa era baptismo, nem conheciam a Cristo naquele tempo. «Pois, a quem adoráveis?» disse o santo. Responderam que a uma árvore que ali estava e nos falava, dizendo que “vos criei”, e, estando com esta adoração, morremos e nos levaram ao inferno e estivemos no fogo que nunca se apaga. Disse-lhes Taquelâ Haimanôt: «Porque não vos livrou o Deus que adoráveis?» Responderam que nem a sua cabeça podia livrar. Disse-lhes ele: «Como viestes agora aqui?» Responderam que, por sua oração, fora mandada a misericórdia de Deus sobre aqueles mortos e que também lhes abrangeria a eles, que estavam debaixo. «Pedimo-vos agora, ó santo de Deus, que façais que não tornemos mais àqueles<sup>3</sup> tão grandes tormentos em que estávamos.» Maravilhou-se muito Taquelâ Haimanôt, ouvindo isto e disse ao povo: «Olhai este milagre. Se eu vos falara, não me houvêreis de crer. Eis, aqui foi conhecido vosso Deus que nem a si, nem aos outros [fol. 265] pode salvar.» Perguntou também aos outros [vinte e quatro] que ressuscitaram: «Vós outros, onde estivestes?» Responderam<sup>4</sup> que, quando suas almas saíram dos corpos, as levavam para o fogo os anjos maus e que ele viera em um cavalo de fogo e pelejara com eles e, então, descera do céu<sup>5</sup> S. Miguel e, dizendo “dai estas almas a esse homem”, nos largaram logo. E vós nos trouxestes e agora estamos diante de vós, como nos vedes. Declarai-nos como nos havemos de salvar e livrar destes trabalhos?» Disse-lhes<sup>6</sup> o santo: «Crede em Deus e baptizai-vos em Seu nome, para que alcanceis a vida eterna.» Responderam todos: «Cremos em Deus, baptizai-nos.» E, alevantando-se o santo, os baptizou em o nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. E foram baptizados aquele dia um conto dois mil trezentos quarenta e cinco; e esteve Taquelâ Haimanôt aquele dia baptizando até que se queria pôr o sol. E então disse missa e lhes deu a comunhão.

Acabado isto, chamou Taquelâ Haimanôt os quinze homens que morreram primeiro e disse-lhes: «Vós outros ressuscitastes para que visse esta gente a virtude de meu Deus. Ide agora e dormi até o dia da comum ressurreição.» Lançaram-se eles então a seus pés, chorando e dizendo: «Não nos mandeis mais, senhor, para aquela terra de tormentos.» Respondeu Taquelâ Haimanôt: «Não choreis, que daqui por diante não haveis de ir à terra de tormentos, senão<sup>7</sup> a<sup>8</sup> descanso, porque todo o que crê em Cristo e é baptizado, se salva e o que não crê, se condena; e todo o que come sua carne e bebe seu sangue terá vida eterna.» [fol. 265v] E, dizendo isto, morreram e os sepultou o santo e foram para vida eterna, como ele lhes disse.

Em amanhecendo, vieram a Taquelâ Haimanôt muitos povos, homens e mulheres, homens, velhos<sup>9</sup> e meninos para ouvir<sup>10</sup> as maravilhas que Deus obrava por seu servo. E disseram: «Eis aqui, cremos todos no Deus que vós adorais.» Ouvindo isto, o santo deu muitas graças a Deus e desceu com eles ao rio

que chamam Meeçât e benzeu a água e os baptizou no nome do Padre, Filho e Espírito Santo. E foram baptizados naquele dia sessenta contos três mil e quarenta e nove. E desceu o Espírito Santo em forma<sup>1</sup> de pomba branca sobre eles, mas não havia mais que Taquelâ Haimanôt e ficaram com grande resplendor os rostos dos que se baptizaram.

Como os acabou de baptizar, logo os começou a ensinar claramente como fez Deus o céu<sup>2</sup> e a terra e quanto nela<sup>3</sup> há e como criou a Adão à sua imagem e semelhança e como foi lançado do Paraíso por comer da fruta proibida e por que<sup>4</sup> depois seus filhos, porque fizeram muitos pecados, os castigou Deus com o dilúvio, salvando-se não mais que sete almas e a seus descendentes deu a lei e profetas e não guardaram bem sua lei. E depois desceu o mesmo Deus do céu e nasceu da Santa Maria Virgem e aos trinta anos foi baptizado por S. João no Jordão e, saindo ao deserto, jejuou quarenta dias e quarenta noites, e assim lhes foi declarando todos os mistérios. Ouvindo eles estas palavras, lhes entraram em seus corações, como o azeite em os ossos, e, lançando-se aos pés do santo, disseram: «Graças a Deus, que nos deu a nós luz da vida.» E deu-lhes do corpo e sangue do Filho de Deus.

Ouvindo o príncipe da terra, que se cha[fol. 266]mava Derasguêd, o que tinha feito Taquelâ Haimanôt, se agastou muito, porque os que adoravam aquela árvore lhe davam trezentos arráteis de prata. E, contando ao santo como o príncipe estava mui agastado, disse a seus fiéis: «Trazei machados e vinde comigo.» E indo onde estava a árvore que ele deixara em pé, mandou-lhe que caísse e logo caiu e disse que a cortassem para fazer dela igreja. Nisto, veio o príncipe com grande soberba e disse ao nosso padre: «Vós sois o que perdeis nossa terra?» Respondeu o santo: «Não sou o que a perco, antes se salva por meio de um servo pobre.» Disse o príncipe: «Se não perdeis minha terra, quem vos deu licença para cortar esta árvore e perder o tributo d’el-rei?» E mostrava-se tão indignado que parece que queria engolir ao santo. Nem por isso deixavam aqueles de cortar e, saltando uma acha, lhe deu no olho direito e caiu como doido com grandes dores e gritou a seu Deus, dizendo: «Senhor, eu não mandei, nem vim cortar a árvore, mas este homem mau, que não é conhecido, perdeu a terra e quis tomar vosso mando. Perdoai-me, senhor.» Gritou então de longe o demônio, dizendo: «Derazguêd, Derazguêd, daqui por diante deixai a terra a este homem, que eu não posso com ele, que é muito forte. Que vos direi dos tormentos que achei por amor dele? Não vos posso salvar da sua mão, nem ainda a mim mesmo. Hoje vos digo de verdade que o sirvais vós e vossos povos, que a mim não me haveis de ver mais.» E, dizendo isto, desapareceu.

<sup>5</sup>Vendo isto os que estavam presentes, ficaram espantados, e disse-lhes o príncipe: «Eu creio no Deus deste homem; vós outros rogai-lhe que me perdoe a soberba que lhe mostrei e me sare desta doença.» Pediram eles muito ao santo que [fol. 266v] lhe perdoasse. Respondeu ele: «Se não crer em Deus de todo seu coração, não há-de sarar de sua doença.» Disseram eles que já afirmava que cria. Mandou então que o trouxessem e, chegando, alevantou a voz, dizendo: «Creio em vosso Deus, servo de Deus, sarai-me desta doença.» Tocou-lhe então nosso padre com a mão no olho e sarou logo. Vendo-se o príncipe são, lançou-se aos pés do santo e disse: «De verdade, vosso Deus é todo poderoso. Dizei-me como me hei-de salvar.» Disse-lhe o santo: «Crede em Deus de todo o coração e vós e os de vossa casa acharão vida eterna.» Respondeu o príncipe: «Creio de todo meu coração.» Disse-lhe o santo: «Se credes inteiramente, levantai-vos e cor-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: dos céus.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 226/216].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: dos céus.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: -lhes.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: terra de.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: do.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: velhos.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: ver.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: espécie.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: os céus.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 226v/216v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: como.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 227/217].

*tai desta árvore»; o que ele fez com grande fervor. E edificaram uma igreja na terra Endeguên, no lugar Zateibêr, fazendo-se daquela árvore todas as portas, janelas, colunas e tudo o mais que foi necessário para a igreja. Depois, batizou Taquelâ Haimanôt ao príncipe, a sua mulher e a toda sua casa; e a ele pôs nome Bamina Christôs e a sua mulher Acrôcia. E os que se baptizaram na terra Catatâ foram sessenta e quatro contos cinco mil e trezentos e 87<sup>1</sup>, porque de outras muitas terras vieram ali muitos pela fama dos milagres que fazia o santo e se baptizaram.*

*Como se ajuntou a nosso padre tão grande multidão de gente, mandou recado aos sacerdotes de sua terra Zorêre, dizendo: «Vinde a mim, porque tirei grande presa ao demônio e fiz entrar muitos na casa de Deus e desejo que os guardeis»; o que eles fizeram logo e, chegando, lhes entregou aquela igreja. E ele andou muito tempo por aquela terra Catatâ ensinando a fé de Cristo, lançando os demônios dos corpos e sarando os doentes. E, chegando o tempo do jejum, jejuou quarenta dias e outros muitos jejuns<sup>2</sup> sem comer mais que aos domingos e, nesses, só<sup>3</sup> ervas [fol. 267] do campo, sem fazer diferença das doces e amargosas; e, como se acabava o jejum, tornava ao povo para<sup>4</sup> lhe ensinar a fé, e nisto esteve três anos, acompanhando-o sempre S. Miguel. E, estando uma vez no <sup>5</sup>deserto, ouviu uma voz do céu que disse: «Taquelâ Haimanôt, Taquelâ Haimanôt.» Respondeu ele: «Eis aqui Vosso servo.» Porque conheceu que era palavra de Deus; e disse-lhe: «Ide à terra de Damôt para fazer vosso ofício. E neste deserto se edificará depois uma igreja grande por um filho que vos há-de nascer do Espírito Santo, que se chamará Tadeus.»*

*Acabado o jejum, veio nosso padre do deserto e ajuntou toda a gente de Catatâ e disse-lhe: «Estai firmes na fé de Cristo que vos tenho ensinado. Eu vou onde me mandou meu Deus. Se Ele for servido, tornarei a vós outros.» Ouvindo eles isto, começaram a chorar, dizendo: «A quem deixais estas vossas e novas plantas? Quem nos dará de beber da água da doutrina da fé? Que pai acharemos como vós, guardador da alma e do corpo?» Respondeu ele: «Não posso deixar de far<sup>6</sup> o que me manda meu Deus. Não vos entristeçais, estai em temor de Deus e esperai n'Ele e fará o que desejardes, porque quem nele crê firmemente acha tudo. Buscai a Deus e achá-l'O-eis, amai-O de todo vosso coração e com toda vossa alma e amai-vos uns aos outros como a vós mesmos e com isto vos conheceram como sois servos de Deus.» Disseram eles: «Nosso padre, se nos deixais na carne, não nos deixeis no espírito, porque vós sois nosso encosto diante de Deus.» E, chorando todos muito, se despediu e foi seu caminho, sem querer aceitar coisa nenhuma deles. E onde chegou a dormir [fol. 267v] aquela noite, lhe apareceu Cristo Nosso Senhor e lhe disse: «Ó meu amigo Taquelâ Haimanôt, não tenhais medo, porque onde quer que fordes estarei sempre convosco.» E, com isto, desapareceu. E, prosseguindo seu caminho, chegou às terras Seoâ onde pregou o santo evangelho e, depois, desceu para Endestê e chegou a um monte grande que se chama Oifât e, subindo ao alto, achou muitos demônios com grandes gritos<sup>7</sup> e, fazendo o sinal da cruz, desapareceram todos como o fumo diante do vento. E o santo passou toda a noite em oração.*

*Como amanheceu, subiu ao monte a gente da terra levando vacas e muita sorte de comer e começaram a oferecer, como costumavam, o que vendo Taquelâ Haimanôt, se acendeu em zelo da honra de Deus e gritou, nomeando o nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, com o que todos ficaram mui*

*espantados. E disse-lhes: «Porque adorais aos demônios e deixais ao que criou os céus e a terra e quanto está nelas?» Respon<sup>1</sup>deram eles, com grande medo: «Nunca, senhor, ouvimos estas palavras em toda nossa vida.» Disse-lhes nosso padre: «Até agora fizestes isto por não saber; daqui por diante adorai a Deus, por que vos não condeneis.» Responderam eles: «Se deixamos de adorar a nosso Deus, mata nossos filhos e filhas e destrói nossas terras; e por isto o adoramos<sup>2</sup>.» Disse-lhes Taquelâ Haimanôt: «Onde está vosso Deus, para eu olhar?» Responderam eles: «Não se mostra de dia, senão de noite.» Disse-lhes o santo: «De verdade se mostra nas trévoas, porque aborrece a luz, para que não se manifestem suas obras; e nisto podeis conhecer que todo ele é trévoas.» E perguntou-lhes como conheciam, quando vinha a eles? Responderam que vinha com grande estrondo como [fol. 268] de trovão, vestido de fogo, assentado sobre um lobo e outros muitos o seguiam sobre lobos, lançando fogo de suas bocas. Disse o santo: «Pior é ele que seu cavalo<sup>3</sup>. Esperemos, até<sup>4</sup> que<sup>5</sup> venha. Se ele me vencer, eu o adorarei e se não, vós outros adorareis a meu Deus.» Responderam que sim, adorariam, se ele o vencesse. E, sendo já muito tarde, veio ele em um lobo com o estrondo acostumado e, chegando, fez Taquelâ Haimanôt o sinal da cruz e logo, ele e quantos o acompanhavam, fugiram e desapareceram como fumo, dizendo. «Quem é este que nos persegue?*

*Ficaram todos os que ali estavam maravilhados e, lançando-se aos pés do santo padre, disseram: «Verdadeiramente vosso Deus é mais forte que os fortes; ele é o que vence a todos.» Mandou-os o santo levantar e disse-lhes: «Não tenhais medo. Daqui em diante adorai a Deus Padre e a Seu Filho Jesus Cristo e ao Espírito Santo, porque Ele não folga que se perca alguém e assim espera a todos, para que façam penitência. Nem quer que Lhe matem vacas, nem cabras, porque não come suas carnes, nem bebe sangue de animais. Adorai a Ele de todo o coração, porque é Deus de toda a criatura e não há outro Deus<sup>6</sup> senão Ele nos céus<sup>7</sup>, na terra,<sup>8</sup> no mar. Ele mata, e dá vida; Ele levanta e abaixa. Crede n'Este rei para que acheis a vida eterna.» E esteve-lhes pregando até que amanheceu. Disseram eles: «Se este nosso Deus que vós vencestes, vier a matar nossos filhos e destruir nossas terras, que havemos de fazer?» Respondeu o santo: «Se credes em Deus inteiramente, não vos pode chegar, porque é muito fraco. Ide e chamai a gente da terra, e tragam todos seus doentes [fol. 268v] para que vejam a força de meu Deus que os sarará.» Foram eles com grande alegria e contaram o que passava aos demais moradores da terra. <sup>9</sup>E logo juntaram seus doentes, que eram doze aleijados, treze alcorcovados, sete endemoninhados e dez cegos e, trazendo-os a nosso Padre Taquelâ Haimanôt, como chegaram à vista, começaram a gritar os demônios que estavam naqueles, dizendo: «Que nos quereis? Porque nos perseguis? Não basta que vos deixamos a terra de Calâlgi e Catatâ, onde hemos<sup>10</sup> de fugir de vós? Deixai-nos agora, não nos deis trabalho e sairemos de nossa vontade.» Disse o santo aos que traziam os doentes: «Chegai depressa.» E, em chegando, fugiram os demônios e ele sarou aos demais doentes.*

*Vendo-se todos sãos, se lançaram aos pés do santo, dizendo: «Benzei-nos, nosso padre.» Respondeu ele: «Não vos hei-de dar bênção, sem vos baptizar primeiro no nome de meu Deus.» Disseram todos: «Fare-*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: quarenta e sete.

<sup>2</sup> Há uma palavra omissa. Propõe-se a leitura: «e fez outros muitos jejuns.»

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: são.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 227v/217v].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: fazer. Errata do autor.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: grande grita.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 228/218].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: adoraremos.

<sup>3</sup> «Cavalo» (färäs) designa uma pessoa possuída por génios, nas cerimónias de possessão do culto etíope do Zar.

<sup>4</sup> Omissa no Ms. 778 BPB: até.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: ele.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: no céu.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: nem.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: nem.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 228v/218v].

<sup>10</sup> Havemos.

mos, padre, quanto nos mandardes; baptizai-nos.» E o santo os baptizou no nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo e mandou que edificassem uma igreja e depois lhes deu nela o corpo e sangue de Cristo, e S. Miguel lhe ajudava, à semelhança de diácono, e esteve com eles nove meses, ensinando-lhes a fé, e depois lhe disse S. Miguel: «Alevantai-vos e ide a fazer o que vos mandou vosso Deus.» Ajuntou ele então a gente de terra e disse: «Estai firmes na fé que vos ensinei e amai-vos uns aos outros e ficai em paz, porque eu vou onde me manda meu Deus.» Ouvindo isto a gente da terra, choraram muito, dizendo: «A quem nos deixais, nosso padre e mestre?» E o santo se afastou deles com muitas lágrimas e foi às terras de Ennarêt e derribou os ídolos e passou [fol. 269] a Oiraguê e Catâl. E chegou à terra Bilât, onde achou um insigne feiticeiro a quem a gente da terra alevantara por rei e tinha em grande veneração, porque quando lhes dizia que haviam de ter algum trabalho ou algum bem, o achavam. E, subindo nosso padre onde ele estava assentado em uma cadeira dourada, ricamente vestido e mui acompanhado, se chegou a ele e lhe deu uma bofetada e derribou da cadeira, dizendo: «Ó enganador, filho do diabo, porque fazes errar o povo que Cristo remiu com seu sangue?» Ele não pôde responder nada, antes ficou tremendo parecendo-lhe que algum corisco do céu caíra sobre ele.

Vendo os criados do rei o que fizera Taquelâ Haimanôt, arremeteram a ele e deram-lhe muitas bofetadas até que lhe arreventou o sangue pelos narizes e orelhas; depois, lhe deram com paus muitos grossos até que o mataram e botaram seu corpo de baixo de uma árvore para que o comessem os lobos. E, nisto, veio S. Miguel e disse: «Taquelâ Haimanôt, Taquelâ Haimanôt, alevantai-vos.» E alevantou-se o santo como do sono e tocando-lhe o anjo as feridas, ficou são e disse-lhe: «Ide pelejar com aquele <sup>1</sup>feiticeiro, que vós haveis de vencer.» E assim foi o santo, com grande confiança e achou-o outra vez assentado em sua cadeira e tornou-lhe a dar bofetada e derribar de sua cadeira e da queda quebrou a mão e gritando por seus criados, vieram e tomaram o santo e o açoutaram com cadeias até que lhe pareciam os ossos e disseram: «Donde sois? Que ofício tendes? Não vos matámos ontem? Quem vos alevantou? Porventura é mais forte vossa feitiçaria, que a nossa?» [fol. 269v] Disse o santo: «De verdade é mais forte o meu Deus que o vosso. Eu não sei, nem vim a fazer feitiçaria, senão a tirar a vossa. Nem tenho para que dizer aos cães donde sou; antes os cães são melhores que vós outros, que conhecem seus senhores.» Tornaram<sup>2</sup>, então, a o<sup>3</sup> açoutar, até lhe despedaçarem o corpo e morto o botaram em uma lapa; mas tornou S. Miguel a o ressuscitar como primeiro. E esteve trabalhando com eles por quarenta dias, sem comer nem beber, mas não pôde fazer que entrassem pelo caminho da verdade.

Passados quarenta dias, vendo Taquelâ Haimanôt a dureza de seus corações, fez oração a Deus, dizendo: «Senhor, Jesus Cristo, Vós sois o que me mandastes da minha terra a ensinar aos povos novos e aonde quer que vou é por Vosso mandado. Agora, cheguei a estes que Vós não conhecem e me fizeram os males que sabeis. Julgai, Senhor, e mandai a terra que os engula com Datam e Abiron, mostrai Vossa força sobre estes.» Acabada sua oração, subiu a um monte, onde achou muitos feiticeiros que ofereciam sacrifícios a seu rei. E, entrando no meio deles, disse em alta voz: «Mando à terra, em<sup>4</sup> nome de meu Deus, que se abra e trague a estes maus.» E abriu-se logo e eles e seu rei descenderam ao inferno, vivos. E Taquelâ Haimanôt louvou ao Senhor, dizendo: «Hoje destes alegria a meu coração. De verdade sois Deus dos Deuses e Rei dos Reis.» E depois foi onde adoravam os feiticeiros e achou ali muitos ídolos de ouro e prata e quebrou-os com uma pedra. E, ao outro dia pela manhã, ouviu uma voz do céu que dizia:

«Nascer-vos-á um filho espiritual por nome Anorêos; ele converterá os que aqui ficam e edificará igreja neste lugar.»

[fol. 270] Partiu logo nosso Padre Taquelâ Haimanôt daquela terra e foi à de Damôt, onde derribou muitos ídolos, lançou demônios e sarou doentes, com o que se converteram muitos e entre eles, um príncipe que se chamava Cafaraudîm<sup>1</sup>. Mas, sabendo o rei da terra o que passava, mandou que lhe levassem presos ao santo e ao príncipe e levando-os, disse <sup>2</sup>o príncipe ao santo: «Este rei há 25 anos que está como doido por causa de uma mulher que cativou da terra de Seoâ, com quem ele queria casar e, para isso, a fez levar com grande honra à porta do seu ídolo e estando eu com grande multidão de gente olhando, veio um grande trovão e a levou para o céu. Muitos morreram de espanto e el-rei ficou como doido, desde aquele dia até hoje. Se o vós sarardes, cuida que nos perdoará e se não, mandar-nos-á matar.» Riu o santo e disse: «Não tenhais medo, que Deus nos livrará da mão deste rei. Quanto daquela mulher, depois vos falarei, quando olhardes a glória de Deus.» E, chegando a El-rei Matolomê, depois de muitas práticas, os mandou botar duas vezes<sup>3</sup> por uma alta rocha e a ambos os livrou S. Miguel e por este e outros muitos milagres que o Senhor fez por amor de seu servo, se converteu el-rei. E o santo o sarou de toda sua doença, pelo que mandou el-rei lançar pregão que todos deixassem a adoração dos ídolos e adorassem ao Deus de Taquelâ Haimanôt e que, se dali por diante alguém tivesse ídolo em sua casa, fosse botado pelas rochas abaixo. E baptizando-se El-rei Matolomê, se baptizaram também dez contos e doze<sup>4</sup> mil e noventa e nove e pôs por nome a ele<sup>5</sup> Feça Seon.

Depois disto, mandou el-rei fazer muitas [fol. 270v] igrejas por todo seu reino, mas tinha dúvida sobre a ressurreição dos mortos. E trazendo-lhe Taquelâ Haimanôt muitas razões e lugares da Escritura para lha persuadir, não ficou satisfeito, dizendo: «Como pode ser que, depois de feito o corpo em pó, torne a ressuscitar? Agora faz quinze anos<sup>6</sup> morreram aqui mil homens de meu exército e 300 feiticeiros. Se os fizerdes alevantar, logo crerei.» E perguntou o santo: «Por que causa morreram tantos homens?» «Isso não me pergunteis, respondeu el-rei, senão fazei-os alevantar, se quereis que creia.» Já que o não quereis declarar, disse o santo, eu o direi. Cativastes uma mulher da terra de Seoâ e, querendo casar com ela, ajuntastes vossa gente diante de vosso ídolo para a fazerdes rainha e que adorasse o ídolo; e, estando ela em pé, no meio de todos, veio como trovão do céu e a levou de vossos olhos. E deste espanto morreram aqueles e vós ficastes como doido, daquele dia até que eu vos sarei.» Disse el-rei: «Ó santo de Deus, quem vos declarou isso?» Respondeu ele: «Meu Deus, que sabe todas as coisas.» Perguntou el-rei, se sabia a terra daquela mulher. Respondeu: «Não somente a terra, mas a ela, porque depois que foi levada de vossa presença, me pariu.» Ficou el-rei maravilhado e lançou-se a seus pés, <sup>7</sup>fazendo-lhe grande reverência e dizendo: «Eu cuidava que a levaram para o céu.» Depois foi o santo onde aqueles morreram; e feita oração, disse em alta voz: «Alevantai-vos, com a virtude de meu Senhor Jesus Cristo.» E saíram logo mil e lançaram-se aos pés do santo, dizendo: «Benzei-nos, senhor, que morremos por causa de vossa mãe e, agora, ressuscitamos pela virtude de vosso braço.» Perguntou-lhes o santo: «Onde estiveram?» Responderam que nos tormentos do inferno e que dez mil sóis que lá entrassem, não poderiam alumiar a um homem

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Cafamandim.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 229v/219v].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: duas vezes.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: dois.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: El Rey.

<sup>6</sup> Contradição na contagem do tempo que mediou o cativo da mãe do santo e o início da loucura do rei, e o episódio que se relata.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 230/220].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 229/219].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: -no.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: no.

naquelas trévoas. Ouvindo isto, ficaram todos com grande temor e disse [fol. 271] el-rei a nosso padre: «Ai de nós, tudo isto nos espera?» Disse-lhe o santo: «Credes agora a ressurreição dos mortos?» Respondeu ele que sim, cria: «Dizei-me o que hei-de fazer para não ir a aqueles tormentos.» Respondeu o santo: «Não tenhais medo, que daqui por diante não tendes condenação, porque quem crê no filho de Deus, alcança vida eterna.» E baptizou aos que ressuscitaram e mandou-os que fossem por toda aquela terra, pregando a ressurreição dos mortos.

Esteve Taquelâ Haimanôt nas terras de Damôt doze meses<sup>1</sup> e dilatou a fé de Cristo até o Rio Gehon e todas as terras vizinhas a Damôt creram em Cristo por sua doutrina. Depois subiu a um monte e jejuou quarenta dias sem comer mais que, nos domingos, algumas ervas do campo, sem diferença das doces ou amargas e, Sábado de Páscoa à noite, sendo meia-noite, veio Cristo Nosso Senhor, S. Miguel e Gabriel e sua mãe Maria e os doze apóstolos e muitos santos do céu e disse-lhe: «Como estais, meu amigo Taquelâ Haimanôt? A paz de Meu Padre e Espírito Santo seja convosco. Alegrai-vos, porque vosso nome está escrito no Livro da Vida. Vim para vos dar hoje alegria, porque vós Me alegrastes com tantas almas que trouxestes para Mim. Todo aquele que der pão, ou oferecer incenso, até um púcaro de água em vosso nome, passe convosco ao reino do céu; e a todo o que vos chamar em seu trabalho, Eu o livrarei.» E deu-lhe uma erva e água de vida, dizendo «Comei e bebei», com que se alegrou muito sua alma, de maneira que lhe parecia não ter jejuado nem um dia. Também lhe disse: «Ide à terra Amharâ e esperai ali até que eu vos fale e S. Miguel estará convosco.» E beijou-o na boca e, pondo a mão sobre ele, o benzeu e subiu logo ao [fol. 271v] céu. Disse Taquelâ Haimanôt: «Seja, Senhor, bendito Vosso nome, que destes tanta graça a este Vosso servo.»

Acabado isto, foi o santo a El-rei Feça Seon (que assim o chamou no baptismo) e disse-lhe: «Estai firme na fé de Cristo e sede diligente<sup>2</sup> em guardar as igrejas. Eu vou onde me mandou meu Deus.» Ouvindo isto, el-rei chorou muito e disse: «Ó padre nosso, a quem deixais vossa terra que livrastes do demónio e ensinastes a santa fé?» Respondeu o santo: «Não posso deixar o mandado de meu Senhor.» E fez logo juntar os sacerdotes, que el-rei primeiro trouxera cativos de sua terra e disse-lhes: «Guardai bem vossa fé e sede diligentes em olhar bem por estas ovelhas e ensinai-lhes a verdade e temor de Deus.» Responderam eles: «Iremos convosco, porque, depois de Deus, em vós temos nossa esperança.» Disse-lhes o santo: «Não podeis ir. Guardai minhas ovelhas, que esta é a vontade de Deus.» E com isto se partiu, seguindo-o el-rei e todo seu exército, chorando. Disse-lhes o santo: «Tornai, meus filhos, e não choreis, que ainda que vos deixo na carne, não vos deixarei no espírito; sempre me lembrarei em minhas orações.» Com isto se despediram e tornaram para suas terras. E o santo, indo seu caminho, chegou à terra Zorêre onde, primeiro, tinha convertido muitos e saíram-no a receber com grande alegria e ele lhes mandou trazer os doentes que havia e os sarou a todos, fazendo sobre eles o sinal da cruz.

Prosseguindo Taquelâ Haimanôt seu caminho, encontrou com um frade e perguntou-lhe donde era e para onde ia. Respondeu que era de Amharâ, mas que não sabia onde ia. Disse-lhe o santo: «Deus vos mandou a mim, para que me guieis à vossa terra; tornai [fol. 272] comigo.» Respondeu o frade: «Por que cousa<sup>3</sup> me havia de mandar Deus a vós? Não posso tornar.» E por mais que lhe rogou o santo, não quis<sup>4</sup> e disse-lhe: «Se Deus vos não mandou a mim, ide embora, mas se vos mandou, ele fará que não possais

passar adiante.» E com isto se foi o santo e o frade ficou, sem poder ir nem para uma parte nem para outra, pelo que gritou, dizendo que esperasse. Nisto, ouviu o santo uma voz do céu, que disse: «Perdoai-lhe, porque sem saber fez isso.» Tornou então o santo e disse ao frade: «O Senhor vos perdoou vossos pecados.» Lançou-se logo o frade a seus pés e pediu-lhe perdão. O santo o fez alevantar e foram falando nas coisas de Deus. E, chegando a uma casa onde se agasalharam, tinha o senhor dela um filho endemoninhado e rogou-lhes que fizessem oração por ele e o frade pediu muito ao santo que o sarasse, pelo que ele lhe fez o sinal da cruz, dizendo: «Sai, espírito maldito, pela virtude de meu Senhor Jesus Cristo a Quem eu adoro.» E saiu o demónio, gritando como cão, e o menino ficou são. E seu pai, vendo isto, se lançou aos pés do santo e lhe deu muitos agradecimentos e agasalhou aquela noite com grande alegria. E, pela manhã, publicou o milagre, pelo que todos trouxeram seus doentes, que foram trinta e nove, e os puseram aos pés do santo e ele os sarou, com o que todos ficaram muito alegres, louvando a Deus que dera tão grande virtude a seu servo.

Passando Taquelâ Haimanôt adiante, lhe perguntou aquele frade no caminho se era homem ou anjo, porque estava maravilhado do que lhe via fazer. Respondeu o santo: «Não digais isso, meu irmão. Como há-de ser anjo uma pouca de cinza?» E fez que jurasse o frade de não falar a ninguém o que visse no caminho. [fol. 272v] E, dali a pouco, chegaram à terra e mosteiro do frade e perguntaram-lhe os frades: «Donde é este hóspede que está convosco? Parece anjo de Deus. Quando o achastes?» Respondeu: «Ontem, me ajuntei com ele na terra Seoâ.» Disseram eles: «Como chegastes aqui em dois dias?» Respondeu ele que não sabia, mas não lhe creram, porque era caminho de duas semanas. E, entrando na igreja, fizeram oração e dormiram juntos aquela noite e, pela manhã, levou o frade ao santo ao abade do mosteiro, que se chamava Abba Micael. E como ele viu o santo, ficou maravilhado da claridade de seu rosto e levantando-se de sua cadeira, lhe deu paz e fez assentar perto de si e disse: «Vós sois Taquelâ Haimanôt, em quem foi louvado o Santo dos Santos.» Respondeu o santo: «Padre meu, quem vos disse o nome deste pecador?» Disse Abba Micael: «O Espírito Santo me declarou esta noite vosso nome e virtudes. Estai aqui comigo até que vos chame o Senhor para o que for servido.»

Começou logo Taquelâ Haimanôt a imitar as obras daqueles santos e servia a todos, ocupando-se em coisas trabalhosas e humildes, trazendo água e lenha às costas e moendo farinha com suas mãos, com o que descansava a todos seus irmãos e todos lhe davam bênção. E, com toda esta ocupação, rezava muitos salmos e adorava cada dia a Deus, inclinando a cabeça até o chão 1750 vezes e algumas, muitas mais. E jejuava toda a semana, com o que veio a estar seco como um pau. Desta maneira esteve 7 anos e, no fim deles, trouxeram um homem endemoninhado para que Abba Micael o sarasse, mas não pôde botar fora o demónio. Disseram os frades ao abade Micael: «Taquelâ Haimanôt o sarará, se lho mandardes, [fol. 273] porque é como anjo de Deus e a muitos tem sarado de suas doenças, tocando-os.» E o frade que veio com ele no caminho, com<sup>2</sup>tou também o que vira. Então, Abba Micael o fez chamar e, quando chegou, derribou o demónio no chão a aquele homem que ficou tremendo, e disse-lhe o abade: «Filho, sarai este homem, porque Deus vos deu licença.» Respondeu o santo: «Como o posso eu, pecador, sarar? O Deus, a quem vós servis, o sare por vossa oração.» E, dizendo isto, saiu logo o demónio, gritando: «Não basta que vos deixei a terra Ceoâ, senão que até Amharâ vindes a me perseguir? Onde hei-de fugir de vós? Não acho descanso em nenhuma parte.» E, mostrando-se a todos em figura de bugio, desapareceu,

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: meses.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 230v/220v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: causa.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: não quis.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 231/221].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 231v/221v].



desfazendo-se como fumo, sem nunca mais tornar a aquele homem. E disse o santo ao abade: «Este homem sarou por vossa oração.» Respondeu ele: «Não foi por minha oração, senão por vossa humildade e graça que vos foi dada.» E lançando-se a seus pés, lhe pediu lhe declarasse o discurso de sua vida. E mandou aos irmãos que se afastassem e, ficando sós, contou tudo sem esconder nada. Ouvindo isto, Abba Micael deu graças a Deus porque lhe trouxera tal homem, e disse-lhe: «Daqui por diante, não vos ocupais nos ofícios que tivestes até agora, senão com vossos irmãos na igreja.» Respondeu ele: «Não hei-de deixar meu ofício, até saber a vontade de Deus.» E assim, continuou como primeiro.

Soube-se logo este milagre em todas as terras de Amharâ e traziam todos seus doentes e botavam-nos todos a seus pés e pondo ele a mão sobre eles, saravam, do que todos os frades se maravilhavam. Também, [fol. 273v] morrendo um sobrinho de Abba Micael, foi ele com os frades e fizeram grande pranto sobre o morto. E, dizendo a Taquelâ Haimanôt como morrera o sobrinho do abade, foi lá e chorou com eles e disse-lhe o abade: «Homem de Deus, se quiserdes, podeis ressuscitar este morto, segundo entendo da virtude que Deus vos tem dado.» Respondeu o santo: «Como posso eu, pecador, ressuscitar o morto?» Disse-lhe o abade: «Não digais isso, filho, senão fazei oração a Deus, que Ele vos ouvirá.» Então, fez ele oração e rezou o evangelho e depois gritou com grande voz, dizendo: «Alevanta-te, em virtude de meu Senhor Jesus Cristo, para que vejam os homens Sua força.» Alevantou-se logo o morto e lançou-se aos pés do santo, dizendo: «Perdoai-me, padre, que primeiro vos aborrecia com inveja de vossos milagres, parecendo-me que, como morresse nosso padre, havíeis de entrar em seu lugar e agora me tirastes do inferno e me destes vida.» Disse-lhe o santo: «Deus é misericordioso e nos perdoa a todos, mas não fizestes bem.» Os que estavam presentes ficaram mui maravilhados e louvaram a Deus, e toda a gente da terra engrandeceu ao santo e o tinha em grande veneração.

Vendo Taquelâ Haimanôt as honras que lhe faziam, teve grande tristeza e chorou muito e, falando com Cristo Nosso Senhor, dizia<sup>2</sup>: «Senhor, por que manifestei estas coisas? Porque me dêem honra em vão? Mandai-me agora, Senhor, a outra parte, onde salve minha alma com quietação.» E, dizendo isto, lhe apareceu S. Miguel e disse: «Como estais, meu [fol. 274] amigo Taquelâ Haimanôt? Eis, aqui vos manda Deus que vades à igreja de S. Estevão primeiro mártir, que está em Haic<sup>3</sup> e ali achareis um homem santo que se chama Abba Iesus. Ele vos fará o jugo da religião. Vinde, que eu vos guiarei.» E, dizendo isto, passou o anjo. E o<sup>4</sup> santo foi ao abade Micael e disse-lhe: «Eis, aqui foram conhecidas minhas coisas. Dai-me licença, padre, para ir onde me manda Deus e lembrai-vos de mim em vossas orações.» Ouvindo isto, Abba Micael chorou muito, dizendo: «Em que vos desagradei, meu filho, ou em que vos deram paixão vossos irmãos?» Respondeu ele: «Ó meu padre santo, em nenhuma coisa me deram paixão; não me leva senão o mandado de Deus.» E, juntando-se todos os frades, lhe pediram muito, chorando, que os não deixasse. Respondeu o santo: «Perdoai-me<sup>5</sup>, irmãos, não posso deixar de cumprir o mandado de Deus. Benzei-me.» E disseram: «Deus vos benza e endireite vosso caminho. Não vos esqueçais de nós em vossas orações.» Respondeu ele: «Que pode aproveitar um pecador a meus padres santos? Só vos digo que tendes em tudo paciência, humildade e temor de Deus, porque estas três coisas levam à vida eterna; e guardai-vos da inveja, soberba e desprezo do próximo.»

Com isto se despediu Taquelâ Haimanôt, tendo estado dez anos com eles. E, como se afastou, o foi guiando S. Miguel levando uma coluna de luz diante e assim foi, até chegar ao lugar onde o mandaram. E, chegando à borda da alagoa em que está o mosteiro, não achou embarcação para entrar e fez oração a Deus e logo se lhe mostrou S. Miguel claramente, andando sobre a água, e lhe disse: «Vinde, segui-me.» E assim entrou e passaram ambos por cima da água como [fol. 274v] se fora seco. E, entrando na igreja, passou o anjo ao abade, que se chamava Abba Iesus, e lhe disse: «Eis, aqui está à porta da igreja um homem de Deus. Fazei que entre e recebei-o bem e dai-lhe hábito de frade.» E, com isto, desapareceu. Nisto, entrou o porteiro e disse ques estava um homem à porta da igreja e não sabia como passara. «Chamai-o, disse o abade, que de Deus é sua vinda.» Veio e, como o viu, o abade ficou maravilhado da luz de seu rosto e da graça que nele estava e levantando-se da cadeira, lhe deu paz, dizendo: «Boa seja vossa vinda, homem de Deus.» E depois, lhe perguntou como e a que viera. Respondeu que viera por mandado de Deus, para que lhe desse o hábito, e, dali a pouco, lho deu o abade. Depois se ocupava em oração, em ler os salmos e adorava a Deus, entre noite e dia, três contos e nove centos e cinquenta vezes até chegar a suar sangue como água e jejuava toda a semana, sem comer mais que, ao domingo, algumas ervas do campo.

Desta maneira, esteve ali Taquelâ Haimanôt muitos anos e trabalhava de noite e de dia, lembrando-se do que disse Cristo: o que me serve siga-me para que esteja onde eu estou. E, exercitando-se ele nestas coisas, veio o anjo de Deus e levou-o a uma casa que resplandecia mais que o sol, tão larga e comprida, que ainda que se juntara a gente de todo o mundo, não a encheria. E tinha muitas colunas de diversas cores e tão resplandecentes que tiravam a vista dos olhos e, em cada uma daquelas colunas, apareciam todas as outras como em um espelho e o chão era como vidro e o tecto resplandecia como o sol. E, chegando ao meio da casa, ficou espantado, porque viu três cadeiras e a do meio era mais grande e mais [fol. 275] formosa que as outras e sobre elas estava como o arco-íris e estava na cadeira do meio um vestido de luz, com uma língua de fogo e sobre ele escrito «Aleluia ao Padre, aleluia ao Filho, aleluia ao Espírito Santo» e na cadeira da mão direita estavam sete coroas, diferentes uma da outra. E estando com grande temor por ver aquela casa, lhe disse o anjo: «Não tendes medo, que eu sou mandado para vos declarar as coisas desta casa.» E logo se lhe tirou todo o medo e perguntou ao anjo quanta era a grandeza daquela casa e quem morava nela. E respondeu: «Vede primeiro o que não tendes visto e depois vos direi quem é o Senhor.» E vendo nas colunas escritos<sup>2</sup> muitos nomes, perguntou quem eram os que ali estavam escritos e quanto o número das colunas e «para que são as cadeiras?» Respondeu-lhe o anjo: «Esta casa é vossa e a cadeira do meio e vestido que nela está e as coroas são vossas e nas cadeira da mão direita e esquerda se assentarão vossos filhos que virão depois de vós. O número das colunas da mão direita é quarenta e cinco contos e outras tantas da mão esquerda e os nomes que nelas estão escritos, são dos filhos que vos hão-de nascer no espírito, até o fim do mundo.» Respondeu ele: «Quem sou eu, pecador, para alcançar tanta graça?» Disse-lhe o anjo: «Deus dá a graça a quem quer.»

Acabado isto, levou-o o anjo até o céu e fez que entrasse dentro da cortina. E esteve em pé diante do trono da<sup>3</sup> Trindade e adorou e ouviu uma voz do trono, que disse: «Taquelâ Haimanôt, Taquelâ Haimanôt, seja vossa parte com os vinte e quatro meus sacerdotes.» E deram-lhe um turíbulo de ouro como eles e foi sua glória como eles e seu vestido como eles; e viu claramente [fol. 275v] a Deus na Trindade e lhe disse:

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 232/222].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *dizendo*.

<sup>3</sup> Ver glossário (S.<sup>to</sup> Estevão / Däbrâ Estifanos).

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: E o.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *-me*.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 232v 222v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 233/223].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *Santíssima*.

«Assim como me amastes, vos amarei<sup>1</sup> e como me honrastes, vos,<sup>2</sup> honrarei e farei vosso nome alto e honrado. Por verdade vos digo que todo aquele que crer em vossa oração, será salvo por amor de vós e a todo aquele que em vossa lembrança oferecer o que puder, o farei grande no céu e na terra e ao que se achar em alguma tentação, se chamar<sup>3</sup> por vosso nome, o livrarei dela e ao que servir a vossa igreja, eu lhe pagarei<sup>4</sup> com os sete meus arcanjos e onde for lido o livro de vossos milagres e chamado vosso nome, ali será paz e misericórdia para sempre.» Ouvindo isto, o santo o adorou e glorificou e disse: «Graças a Vós, Senhor, que me destes tudo isto por Vossa vontade e não por minhas obras.» E depois o tornou o anjo onde primeiro estava.

Com estas coisas se acendeu tanto seu coração no amor de Deus, que não dormia e de noite e de dia se ocupava em rezar os salmos e ler os livros dos profetas e apóstolos. E, estando assim, lhe veio desejo de buscar outras terras santas e conhecer o costume e perfeição de frade. E, nisto, resplandeceu diante dele o anjo que o guardava sempre e disse-lhe: «Ide e fazei como cuidastes.» Perguntou-lhe Taquelâ Haimanôt onde havia de ir. E disse-lhe ele: «Ide à terra de Tigré e subi a um monte que se chama Damô e ali achareis um homem santo por nome Ioannî e de sua mão tomareis capelo e azquemâ» (e assim se há-de pôr sempre<sup>6</sup> em lugar de bentinho), que até então não tinha tomado mais que hábito. Ouvindo isto, foi a seu pai espiritual e declarou-lhe seus desejos e o que lhe dissera o anjo; pelo que Abba Iesus chorou muito, dizendo: «Porque me deixais? Eu não vos olhava como filho, senão como a pai honrado, mas já que assim é, ide em paz e tomai naquele mosteiro capelo [fol. 276] e azquemâ. E, depois, vós me dareis a mim e sereis meu padre. Esperai hoje, porque não há homem que vos passe à outra parte da alagoa.» Respondeu ele: «Não há homem maior que Deus. Se Ele está comigo, não há quem me possa impedir o caminho, nem a água, nem outra coisa.» E com isto, quis ir e o abade o acompanhou até à borda de água, onde já estava S. Miguel e disse-lhe: «Vinde, segui-me.» E entraram pela água como por seco; o que vendo, Abba Iesus se maravilhou muito e disse: «Grandes são, Senhor, Vossos milagres em Vossos santos.» E tornou a sua casa louvando a Deus.

Foi Taquelâ Haimanôt seu caminho, havendo estado ali dez anos, e chegou ao mosteiro do Monte Damô, que é de um daqueles nove santos que vieram de Rum e Egípto, reinando Almidâ, filho de Salado-bâ, antes de Jazêm. Aqueles nove são estrelas de luz que alumiarão todas as terras. Alguns deles semeavam pela manhã e recolhiam à tarde, outros traziam água em peneiras sem se derramar e faziam outros muitos milagres. E, entrando Taquelâ Haimanôt no mosteiro, lhe perguntou o abade Ioannî donde viera e respondeu que de terra longe. Perguntou-lhe como se chamava e quem lhe dera aquele vestido de frade. Respondeu que seu nome era Taquelâ Haimanôt e o vestido lhe dera Abba Iesus que morava na ilha de uma lagoa. Disse Abba Ioanni: «Em verdade, sois filho de meu filho, porque eu o gerei no espírito.» E benzeu um capelo e um azquemâ e deu-lho. E, tomando-o, o nosso padre começou a fazer os milagres daqueles nove santos, como se começara a ser noviço, sem saber fazer milagres, e profetizava muito antes o que havia de ser e, assim, [fol. 276v] era semelhante aos anjos em sua glória, aos profetas no<sup>7</sup> espírito e aos mártires, por ser lançado pelas rochas e, a todos aqueles com quem tratava, se acomodava e trazia ao caminho da salvação.

Esteve Taquelâ Haimonôt naquele mosteiro doze anos. E no fim deles, lhe apareceu o anjo de Deus e lhe disse: «Saí daqui e visitai todos os mosteiros da terra de Tigré e os santos do deserto, porque neles a<sup>1</sup>chareis proveito.» E indo logo a Abba Ioanni, referiu-lhe o que lhe disse o anjo. Respondeu ele: «Primeiro viestes aqui por mandado do anjo, agora também: ide. Deus seja convosco.» E foi-o acompanhando até à descida da rocha, que é tão alta que é necessário trinta côvados de corda para chegar ao chão. E, ficando o abade e os frades em cima, começou nosso padre a descer pela corda; e, quebrando-se ela, lhe deram seis asas e foi voando seis léguas. E, vendo isto, os frades tornaram a seu mosteiro, louvando a Deus. E nosso padre entrou no deserto Oali, onde achou muitos frades santos e juntando-se todos, lhe disseram: «Para que viestes aqui, sendo muito mais honrado que nós?» Respondeu o santo: «Não digais isso, meus padres, que vós outros sois muito mais que eu.» Disseram eles: «Em verdade que não vimos homem a quem se lhe desse tanta graça na terra, como a vós. Muitos santos hão-de nascer de vós e haveis de ser pai de muitos povos.» Respondeu o santo: «Faça-se a vontade de meu<sup>2</sup> Deus.» E esteve com eles 45 dias, jejuando. E depois se despediu e foi ao mosteiro Haoazen, e pediu aos velhos que ali estavam sua bênção. Responderam: «Não nos convém benzer ao homem que foi bento pela mão de Deus; mas vós nos benzei com vossa mão santa, que a isto vos mandou o Senhor<sup>3</sup> Deus.» E tanto o importunaram que lhes lançou sua bênção e, tomando também sua bênção, se despediu.

[fol. 277] Partindo dali, foi visitando outros mosteiros e sarando muitos doentes, até chegar ao Mar Erterâ (scilicet, Mar Roxo) e, não achando nau em que passar, fez oração e apareceu-lhe o anjo S. Miguel, como costumava, indo sobre a água. E, seguindo-o ele, passaram ambos em uma hora e chegando à outra banda, achou o santo um homem morto e benzeu-o, dizendo: «Ó morto<sup>4</sup>, se és cristão, levanta-te, no nome de meu Senhor Jesus Cristo, cuja cruz eu levo.» E levantou-se logo o morto, como de sonho, e disse: «Sou cristão do povo de Sion e adoro a Deus. Minha morte foi por falta de água, indo a Jerusalém.» Disse o santo: «Se ides a Jerusalém, segui-me.» E foi com ele, até chegar ao sepulcro de Jerusalém, sendo patriarca de Alexandria Abba Micael. E foi a ele e fez-lhe reverência e disse-lhe ele: «Boa seja vossa vinda, homem de Deus, Taquelâ Haimanôt.» Respondeu o santo: «Benzei-me, padre, que vim a tomar vossa bênção. Quem vos disse meu nome?» Disse ele: «O anjo mo declarou hoje.» E deu-lhe bênção, dizendo: «Sejais bento nas bênçãos de meus pais apóstolos e na bênção de meus pais os patriarcas que estiveram na cadeira<sup>5</sup> de Marcos.» E beijou-lhe o santo as mãos e os pés e o patriarca a ele na cabeça e disse-lhe que tornasse à sua terra, que havia de ser pai de muitos frades e que muitas igrejas se edificariam em seu nome. Respondeu o santo: «Não vim para tornar, senão para morrer em vossas mãos.» Disse-lhe o patriarca: «Tornai, porque aquela parte vos tem Deus guardada.» Respondeu ele: «Seja, farei o que me mandardes, pois sois meu pai debaixo de Deus.» E, despedindo-se dele, visitou todos os lugares [fol. 277v] santos e depois, foi ao deserto Cihôt e Azquêtez e tomou a bênção dos monges que ali moravam.

Estando Taquelâ Haimanôt com aqueles santos, lhe apareceu o anjo de Deus e lhe disse: «Que dizeis, Taquelâ Haimanôt?» Respondeu: «Quero estar aqui.» Disse-lhe o anjo: «Não é esta vossa parte: ide à terra de Etiópia e dai o hábito de frade aos que vo-lo pedirem, porque não virão a vós senão os esco-

1 Ms. 778 BPB: amarei.

2 Ms. 778 BPB: amarei,.

3 Ms. 778 BPB: chamando.

4 Ms. 778 BPB: o servirei.

5 Ms. 778 BPB: terá.

6 Ms. 778 BPB: [fol. 233v/223v].

7 Ms. 778 BPB: em seu.

1 Ms. 778 BPB: [fol. 234/224].

2 Omisso no Ms. 778 BPB: meu.

3 Omisso no Ms. 778 BPB: o Senhor.

4 Ms. 778 BPB: homem.

5 Ms. 778 BPB: [fol. 234v/224v].

lhidos para o céu.» Pelo que se tornou para Etiópia, trazendo consigo aquele homem que ressuscitou. E, chegando a Tigré, terra de Etiópia, disse aquele homem ao santo padre: «Dai-me hábito de frade, que determino servir a Deus.» Respondeu-lhe o nosso padre: «Podereis vós com os trabalhos dos santos?» Disse ele: «Vosso<sup>1</sup> Deus, que pode tudo, me dará forças.» Pelo que lhe deu o hábito e lhe pôs nome Araiaçagabû e perseverou sempre, com muita santidade. Depois deu o hábito a muitos e edificou muitos mosteiros na terra de Tigré que, até hoje, se chamam de seu nome. E dali foi outras duas vezes visitar os lugares santos a Jerusalém e, na última, lhe disse o patriarca Abba Micael, que não tornasse mais, senão que assentasse em algum lugar do deserto. Pelo que, vindo a Tigré, subiu ao mosteiro do Monte Damô e tomou a bênção do Abade Ioannî. E dali foi a um monte que se chama Cantorâr, onde jejuou quarenta dias e determinou estar ali, porque a terra era deserta; mas apareceu-lhe o anjo de Deus: «Que cuidais, Taquelâ Haimanôt? Esta parte não é vossa, depois moraram aqui muitos filhos vossos. Ide a Abba Iesus e fizeti o que vos disser.»

O dia seguinte, muito cedo, foi como o anjo lhe mandou e, chegando à borda da lagoa, não achou embarcação e passou por cima de água. Chegou a Abba Iesus, que se alegrou muito de o ver e lhe [fol. 278] perguntou quem lhe dera capelo e azquemâ. Respondeu: «Senhor, Abba Ioannî do Monte Damô.» Disse ele: «Pois dai-me a mim capelo e azquemâ, porque desejo recebê-lo de vossas santas mãos.» E Taquelâ Haimanôt lho deu, por lhe ter mandado o anjo que fizesse o que ele lhe dissesse. E, assim, a série de nossos santos<sup>3</sup> é esta: a Abba António deu o hábito de frade o anjo S. Miguel; Abba António deu hábito de frade a Abba Macário; Abba Macário o deu a Abba Pacómio; Abba Pacómio o deu a Abba Arogoâ; este veio à Etiópia e deu o hábito a Abba Christôs Bezâna; este o deu a Abba Mascal Môa; e este o deu a Abba Ioannî; e este o deu a Abba Iesus e a Abba Taquelâ Haimanôt. E, depois, Taquelâ Haimanôt deu capelo e azquemâ a Abba Iesus, como dissemos.

Despediu-se Taquelâ Haimanôt de Abba Iesus e foi à terra de Amharâ. E, chegando a Arabihâ, achou ali um monte alto que se chama Dadâ, onde subiu com seu discípulo Araeçagabû e achou uma serpente muito grande e, abrindo ela a boca, quis engolir ao santo, mas ele fez o sinal da cruz e ela se fez em três pedaços. E mandou a seu discípulo que medisse sua compridão e achou que era de cento e setenta e cinco côvados. Depois veio a gente da terra que adorava aquela serpente e, achando o nosso padre fazendo oração, lhe disseram como subira ali e se botara fora a serpente que eles adoravam. Respondeu que subira pela vontade de Deus e que não botara fora a serpente, senão que a matara pela virtude de Deus, que seu discípulo lha mostraria. Foram todos com ele e ficaram maravilhados e perguntaram ao discípulo como a matara. Respondeu que seu mestre fizera o sinal da cruz e logo morrera, com o que tiveram grande medo. E foram ao rei da terra e lhe disseram que estava no monte um frade mui formoso [fol. 278v] e que matara a serpente que adoravam. Foi el-rei com eles e, chegando, disse a nosso padre, de longe: «Homem de Deus, dai-me licença para chegar.» Respondeu o santo: «Vinde.» E, chegando, lhe fez reverência e pediu que lhe lançasse sua<sup>4</sup> bênção. Disse<sup>5</sup> o santo: «Não vos hei-de benzer, sem saber que fê<sup>6</sup> tendes. Respondeu ele: «Tenho nome de cristão, mas adorava esta serpente. E ouvindo como a matastes com o sinal da cruz, entendi que Deus está convosco e por isso vim para fazer o que me mandardes.» Disse o santo:

«Quando deixardes de adorar ao diabo e fordes baptizado no nome de meu Deus, então vos benzerei.» Respondeu ele: «Baptizai-me, padre, e dai-me bênção.» Desceu então o santo ao Rio Zohâ e, benzendo a água, o baptizou a ele e três mil homens, afora mulheres e meninos, <sup>1</sup>e deu-lhes a comunhão e mandou que fizessem igreja sobre o monte onde matou a serpente, à honra dos quatro evangelistas, que está até agora.

Estando aqui, Taquelâ Haimanôt ouviu uma voz do céu que lhe disse: «Taquelâ Haimanôt, ide à terra Ceoâ, porque ficaram<sup>2</sup> poucos dos<sup>3</sup> fiéis que ali ajuntastes. Visitai-os<sup>4</sup> e ensinaí a fé, como primeiro e ali será vosso sepulcro. E vossos filhos se multiplicarão como as areias do mar e as estrelas do céu e edificar-se-á em vosso nome um mosteiro como Jerusalém e vosso nome será ouvido em toda a terra.» Chamou então o santo a gente toda da terra e disse-lhe: «Eu vou onde me manda meu Deus. Guardai bem Seus mandamentos para que acheis bem na alma e no corpo. E meu filho Araeçagabû seja vosso pai em meu nome.» Ouvindo eles isto, choraram muito e seu discípulo lhe pediu, com muitas lágrimas, o levasse consigo, mas disse-lhe o santo: «Por mandado de Deus vos deixo. Esta é vossa parte, para sempre.» E deixou-lhe sua [fol. 279] cruz e seu báculo, dizendo-lhe que havia de ser pai de muitos religiosos. E, com isto, se despediu de todos e endireitou seu caminho para Ceoâ. E, por todas as partes que passava, ensinava a fé e dizia: «Fazei penitência, porque se chega o reino do céu, bem-aventurados os que crêem no Filho de Deus, bem-aventurados os que choram seus pecados, porque eles serão salvos dos tormentos.» E, ouvindo sua palavra, se baptizaram muitos. E, chegando o santo a Ceoâ, deu o hábito de frade a dezasseis e, entre eles, a um seu primo, filho de um irmão de seu pai. Depois, indo com um seu discípulo ao longo de uma alagoa, saiu dela um espírito maligno e começou a atormentar seu discípulo. Fez então nosso padre o sinal da cruz, dizendo: «Sai, espírito mau, de meu filho.» E fugiu logo dele e, querendo-se tornar a meter na água, fez o santo o sinal da cruz e ficou na borda, sem poder entrar. Chegou nosso padre e, pegando dele, disse: «Porque vos atrevestes a entrar em meu filho? Como vos chamais?» Respondeu: «Porque me parecia que éreis como os outros homens. Meu nome é Baharâ Aliâm.» Perguntou-lhe nosso padre se queria ir com ele ou ficar onde primeiro estava. Respondeu: «Como fizeste o sinal da cruz, perdi meu poder; já não posso entrar onde estava.» Levou-o então consigo Taquelâ Haimanôt e circuncidou-o e, levando a uma igreja, lhe pôs por nome Christôs Hareiô (scilicet, «Cristo O Escolheu») e, depois de servir ali algum <sup>5</sup>tempo, lhe deu hábito de frade e foi amado de Deus toda sua vida até que morreu e entrou no reino dos céus.

[fol. 279v] Pouco tempo depois, veio à Etiópia o Abuna João e mandou chamar Taquelâ Haimanôt e o queria fazer bispo e entregar-lhe a metade de Etiópia, mas ele não quis, dizendo que a um homem pecador como ele não convinha tal dignidade. E, depois de estar três semanas, tomou a bênção do abuna e tornou a sua casa. E, convertendo a um filho de um feiticeiro, teve grande paixão o pai e ajuntou muitos feiticeiros e vieram para matar ao santo, uns gritando como ursos, outros como leões e como cães, mas, saindo, o santo entrou no meio deles e disse em alta voz: «Em nome de Deus em Quem adoro, mando que se abra a terra e engula estes obradores de maldade.» E logo se abriu e os engoliu, o que se divulgou em toda a terra de Ceoâ, e receberam sua doutrina com muito amor, até à terra de Guerareâ. Também vieram à sua porta muitos demónios gritando, com que tiveram grande medo seus discípulos, e saiu o

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Nosso.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 235/225].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: padres.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Respondeu.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: lei.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 235v/225v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: ficam.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: dos.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Visitai-os.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 236/226].

santo e fez o sinal da cruz e fugiram, dizendo: «Envergonhaste-nos.» E, estando depois em oração, veio a ele uma serpente de dois cornos e o quis engolir, mas fazendo o sinal da cruz, se abriu pelo meio e ficou ali morta. Chamou logo a seus discípulos e mandou que a medissem e tinha setenta côvados e afirmou a seus discípulos que Cristo lhe mandara que lhes dissesse que todo aquele que matasse serpente em quinta-feira ou em domingo, lhe seriam perdoados os pecados de quarenta anos.

Estando doente um príncipe a quem nosso padre tinha convertido e chegando a hora [fol. 280] da morte, disse: «Vejo a meu Padre Taquelâ Haimanôt e os outros não o vedes; graças a Deus que mo mostrou.» E morreu logo, estando então nosso padre longe dali. Também testemunham muitos santos que visita a seus filhos na hora da morte e todas as almas que chamam por ele, sejam justos ou pecadores, vão a ele, porque a do justo não entra em sua herança até chegar a ele e, como o vê, grita aquela alma, dizendo: «Meu padre, meu padre.» E ele responde: «Eis aqui vosso padre.» E então chega a ele <sup>1</sup>e depois entra em sua herança. Nem a alma do pecador levam ao inferno, sem chegar primeiro a nosso padre e quando chega, grita dizendo: «Meu padre, meu padre.» E, como ele a vê, se acha alguma boa obra, como chamar pelos padres antigos ou por ele, roga a seu Deus, conforme ao conceito que tem e a faz ir à vida eterna.

Sendo já velho Taquelâ Haimanôt, e não podendo andar de uma parte a outra ensinando a fé como costumava, fez no deserto uma casinha, tão baixa e estreita que não bastava mais que para poder estar em pé. E pôs nas paredes outros pregos de ferro com as pontas muito agudas para a banda de dentro, de maneira que duas pontas lhe vinham dar nas costas, duas em uma ilharga e duas na outra e duas no peito. E assim esteve dentro, em pé, sem se encostar a uma ou a outra parte, muitos anos, sem comer, nem beber, mais que, os domingos, algumas ervas e água, com o que veio a lhe<sup>2</sup> apodrecer e cair um pé, que seus discípulos tomaram e envolveram em um pano e enterraram na igreja perto do altar. Depois esteve sobre o outro pé sete anos; e os quatro<sup>3</sup> não bebeu água, pelo que veio a não ter mais que a pele pegada nos ossos. Nisto veio a ele Nosso Senhor Jesus Cristo e com ele, Nossa Senhora [fol. 280v] e quinze profetas, doze apóstolos e muitos santos do céu vestidos de luz e disse-lhe: «Como estais, meu amigo Taquelâ Haimanôt? Vim hoje para vos levar ao descanso e alegria que não terá fim. Digo-vos, de verdade, que a todo o que em vossa lembrança der esmolas e chamar vosso nome perdoarei, não só a ele, mas a seus descendentes até dez gerações. E ao que edificar igreja em vosso nome, eu lha edificarei no reino do céu. E ao que escreve, ou faz escrever o livro de vossos milagres, crendo, eu escreverei seu nome no Livro da Vida. E ao que recebeu algum hóspede em vosso nome, eu o receberei quando vier a mim. E ao que der de comer e beber em vosso nome, Eu lhe darei de comer do pão da vida e a beber da fonte de sangue que saiu de Meu lado. E todo o que fizer vossa festa com alegria, Eu o assentarei comigo no jantar de mil anos. E o que oferecer à igreja incenso, vinho e azeite, Eu aceitarei sua oração e perdoarei seus pecados. E o que visitar vosso sepulcro, Eu o premiarei como se visitasse meu sepulcro de Jerusalém.» Respondeu nosso padre: «Graças Vos dou, meu Senhor, que me fizestes tantas mercês. Não são por meus merecimentos, senão por o amor que tendes aos homens. Onde mandais, Senhor, que seja enterrado meu corpo?» Disse-lhe o Salvador: «Aqui será enterrado até 57<sup>4</sup> anos e depois cairá esta casa e vossos filhos edificarão aqui, por uma banda, um grande mosteiro em vosso nome e a ele trasladarão vosso corpo. E Eu serei guarda dos que ali estiverem e ouvirei suas orações e, aos que morrerem nestes desertos de vossos filhos, contarei com os mártires.» E, dizendo isto, lhe deu paz beijando-o três vezes e subiu para o céu, com grande glória.

Mandou Taquelâ Haimanôt ajuntar todos [fol. 281] seus filhos: «Eis, aqui chegou a festa das bodas; aparelhai-vos para ir com vestidura de boda e não sejais como o que não vestiu vestidura de boda. Quem não veste vestidura de boas obras não há-de entrar na boda celestial, porque me disse hoje meu Senhor Jesus, que é chegado o tempo de minha morte e que alguns de vós hão-de ir comigo.» Ouvindo isto seus discípulos, alguns se alegraram, outros choraram por se haver de apartar deles. O nosso padre os exortou a desprezo do mundo e de suas coisas e encarregou que se amassem uns aos outros, porque o amor do espírito faz limpa a carne e alma e que, se guardassem isto, seriam de verdade seus filhos. E ordenou que Elçâ ficasse em seu lugar e lhes fosse pai. E, dizendo isto, se lhe agravou muito a doença. E à noite, 27 de Agosto, entrou uma luz e cheiro tão grande e suave que levava o coração, e apareceu-lhe Cristo Nosso Senhor com sua Mãe e S. Miguel e S. Gabriel e vinte e quatro sacerdotes com turíbulo nas mãos e muitos anjos com candeias. E, vendo nosso padre ao Salvador, O adorou pondo-se de joelhos como se tivera sãs ambas as pernas. E disse-lhe o Salvador: «Ó meu amigo, todos vossos trabalhos estão escritos em Jerusalém.» E, dizendo isto, saiu a alma do corpo de Taquelâ Haimanôt e a recebeu Cristo Nosso Senhor e disse: «Alma limpa, vinde a Mim.» E, subindo, cantavam os anjos: «Quem trabalhou no mundo viva para sempre. Este é o dia que fez o Senhor: gozemos e alegremo-nos n'Ele.» E assim, o levaram. E entrou em sua herança para sempre e deu-lhe o Salvador a vestidura que o anjo lhe tinha mostrado, com a língua de fogo que falava da divindade e as sete coroas por razão de sua fé e outras virtudes. Viveu neste mundo cento e três anos e quatro dias.

Ficaram todos seus filhos chorando, e amortalharam seu corpo e o enterraram, cantando, como é costume, dois sacerdotes. E, três dias depois, morreu [fol. 281v] um diácono, primo de nosso padre, por nome Amd Mascâl, e o amortalharam e levaram a enterrar. E depois de acabar o ofício dos defuntos, buliu e, assim, abriram a mortalha e perguntaram que fora aquilo. Respondeu: «Morri, como vistes, e fui levado diante do Senhor da verdade e dali me levaram a nosso Padre Taquelâ Haimanôt e vi-o com tanta glória que a não pode declarar língua humana <sup>1</sup>e sua coroa resplandecia mais que o sol sete vezes. E mandou-me que vos dissesse, Elçâ venha a mim e Felipe fique em seu lugar e porque em seu tempo se manifestarão em toda a terra minhas coisas.» E, dizendo isto, tornou a sair a alma de seu corpo e o enterraram. E daí a três meses, morreu Elçâ e seus discípulos puseram em seu lugar a nosso Padre Felipe, como lhes tinha mandado e nele se mostrou a graça de Taquelâ Haimanôt, porque dele saíram catorze pastores que manifestaram e fizeram guardar a fé.

A oração de nosso Padre Taquelâ Haimanôt, mestre honrado, nos livre da força do inimigo e das coisas ruins, em todo o tempo e em todas as horas. Amém<sup>2</sup>.

Até aqui são palavras da história de Taquelâ Haimanôt em que não faltam coisas apócrifas, como as há em muitas de suas histórias. E se ele foi santo, como têm por certo todos os etíopes, bem se vê que lhe acrescentaram algumas piores para acreditarem seus erros, como são que, quando se foi ordenar de missa, disse ao patriarca Guerlôs que fizeram outra fé e outro costume<sup>3</sup> da igreja,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 236v/226v].

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: lbe.

<sup>3</sup> Entenda-se, ao longo de quatro, dos sete anos.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: 54.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 237/227].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 237v 227v].

<sup>2</sup> Segundo C. Cerulli, Pedro Páez ter-se-ia servido da chamada versão longa da hagiografia de Taklâ Haymanot. O resumo da hagiografia foi publicado por Wallis Budge, que anexou algumas variantes do texto (W. Budge, *The life of Takla Háymánot and the Miracles of Takla Háymánot in the Version of Dabra Libanôs and the Book of the Riches of the Kings*, 1906). Ver E. Cerulli, «Introduction», p. VII, in S. Kur, *Actes de Iyasus Mo'a*, Louvain, 1965. Quanto às outras edições do relato, ver C. Conti Rossini, «Il gadla Takla Haymanot secondo la redazione Walbebbana», *Memorie della Reale Accademia dei Lincei*, serie 5, 2, 1894, pp. 97-143.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: outros costumes.

baptizando os meninos antes de os circuncidarem e que o patriarca lhe deu bênção e disse: «Porque tendes zelo de coisas de Deus como Elias profeta de Israel, haveis de ser novo apóstolo.» E depois que o fez de missa, o fez prior de todas as terras de Ceoâ e lhe deu, para isso, seus poderes. Isto parece que acrescentaram para acreditarem a circuncisão, a que os mais deles estão sobremaneira aferrados e para [fol. 282] que a gente popular não deixe de se circuncidar, pois aquele, a quem todos têm por grande santo, diz que é fazer outra fé baptizar os meninos, sem os circuncidarem. Também aquela fabulosa patranha que, indo perto de uma alagoa, saiu dela um demónio e, entrando em seu discípulo, o começou a tormentar, o que vendo Taquelâ Haimanôt, fez o sinal da cruz com que logo fugiu o demónio, e querendo-se meter na água, tornou a fazer o sinal da cruz e ficou na borda sem poder entrar e, chegando, lhe perguntou se queria ir com ele, ou ficar onde primeiro e respondeu: «Como fizestes o sinal da cruz, perdi meu poder; já não posso entrar onde primeiro.» E assim o levou Taquelâ Haimanôt e o circuncidou e depois de servir algum tempo, lhe deu hábito e quando morreu, foi ao céu. A isto me respondeu um frade dos de Taquelâ Haimanôt, que o que estava na alagoa não era demónio, senão homem feiticeiro e, por arte do diabo, morava dentro da água, mas o nome <sup>1</sup>que lhe dá a história, que é *ganên*, não quer dizer senão <sup>2</sup>«espírito maligno» e, se não fora tal, mal podia entrar no discípulo de Taquelâ Haimanôt, nem dizer ele «Sai, espírito mau, de meu filho», como ali se conta.

Não é de maravilhar que acrescentassem isto, porque muitas vezes o fazem em seus livros, para depois provarem seus erros e ainda nos santos *Concílios*. E quando no livro <sup>3</sup> dos santos acham palavras contra eles, as tiram, como fizeram no Mosteiro de Agçûm do reino de Tigré que, porque o Padre Patriarca André de Oviedo tirou daqueles livros algumas autoridades com que refutava seus erros, se ajuntaram muitos frades e raspam tudo aquilo que lhes parecia que eram contra eles. E pouco depois que eu vim, fui ver aqueles livros para o mesmo efeito, que o padre patriarca e um frade meu amigo me contou isto e me mostrou em muitas partes raspado e, como os livros são de pergaminho, facilmente o fazem. Também depois que eu aqui estou, [fol. 282v] em um livro a que chamam *Haimanôt Abbô*<sup>4</sup>, que quer dizer «Fé dos Padres» e têm grande autoridade entre eles, estava que o Espírito Santo procede do Padre e do Filho e raspam esta palavra (e do Filho) e no *Concílio Niceno* acrescentaram «procede do Padre e não do Filho», e muitos deles defendem isto pertinazmente.

## CAPÍTULO XX

EM QUE SE TRATA DO MOSTEIRO QUE CHAMAM DÊBRA LIBANÔS.

Muito célebres conventos de <sup>1</sup>grossas rendas e grande número de frades houve antigamente em Etiópia; mas, pelos estragos nela fizeram os mouros em tempo de um capitão que veio do reino Adâl, que chamavam Grânha, a quem mataram os portugueses que cá entraram com D. Cristóvão da Gama o ano de 1541, como dissemos no fim do primeiro livro, e pela destruição que depois fizeram uns gentios que chamam gâlas, que têm tomado grande parte do império, muitos mosteiros ficaram de todo acabados e outros tão perdidos que, em respeito do que antes eram, não lhes ficou já mais que quase o nome. Os que ainda têm algum são o de Bisân, de família de *Abba* Statêus, que está no reino de Tigré, um dia de caminho do porto de Maçuá; e cinco ou seis dias de caminho dali, pela terra dentro, o que chamam de *Abba* Guerimâ; e como duas <sup>2</sup>léguas e meia deste, outro de Agçûm, de frades de *Abba* Taquelâ Haimanôt. E nestes mosteiros ainda não têm a terça parte dos frades que antes tinham. E na Alagoa de Dambiâ, entre outras ilhas, estão três que se chamam Dagâ, Çaná e Dêbra Mariam, e em cada uma delas também seu Mosteiro de Abbâ Taquelâ Haimanôt. E, no reino de Gojam, um que se chama Dimâ e, perto deste, outro dos da família de *Abba* Statêus [fol. 283] chamam Dêbra Orc e outro Calalô. Os demais, que são muitos, deixo por não terem tanto nome e porque não pretendo tratar senão do Mosteiro de Dêbra Libanôs e do da Aleluia, de que falaremos adiante, por serem os mais famosos que houve nunca em Etiópia.

Dêbra Libanôs (que entre todos os mosteiros deste império, teve sempre o primeiro lugar) quer dizer «Mosteiro do Líbano», porque *dêber* quer dizer «mosteiro», ainda que também significa «monte.»<sup>3</sup> E assim, ao Monte Tabor chamam Dêbra Tabor e ao Monte Olivete, Dêbra Ceît. Antes, alguns têm para si que *dêber* propriamente significa «monte», mas porque, ordinariamente, edificam em Etiópia os mosteiros nos montes, daqui veio chamarem também ao mosteiro *dêber*. E quando querem dizer o mosteiro de tal parte, acrescentam esta letra «A» e dizem Dêbra Libanôs, é o mesmo que Mosteiro do Líbano. Está situado na chapada de uma serra grande e forte do reino da Xâoa e, segundo afirmam agora os frades dele, o edificou um frade por nome Ezequias, cinquenta e sete anos depois da morte de *Abba* Taquelâ Haimanôt; o que também testifica sua *História*, porque, no fim dela, se diz que, estando para morrer, lhe apareceu Cristo Nosso Senhor; ele lhe perguntou onde mandava que se enterrasse seu corpo e que lhe disse o Salvador: «Aqui será enterrado até cinquenta e sete anos e, depois deste tempo, cairá esta casa e vossos filhos edificarão aqui, para uma banda, um grande mosteiro em vosso nome e a ele trasladarão vosso corpo e eu serei guarda dos que ali estiverem.» E dizem os frades que assim foi e que, depois, um imperador [fol. 283v] fez a igreja muito maior por ser sepultura de Taquelâ Haimanôt. Mas o edifício deste mosteiro não é como o dos mosteiros de nossa Europa, porque cada frade vive em casa sobre si e, ordinariamente, as <sup>4</sup>casas são mui pequenas, redondas e cobertas de palha, de modo que fica o mosteiro da feição

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 238/228].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: nos livros.

<sup>4</sup> Ver glossário (*Haimanôt Abbô* / *Haymanotä Abbaw*).

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: mui.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 238v/228v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: ~~mas porque, ordinariamente, edificam em Etiópia os mosteiros nos montes, daqui veio chamarem também ao mosteiro.~~ O autor retomou matéria já referida anteriormente no livro I.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 239/229].

de uma aldeia. E assim são todos os demais mosteiros de Etiópia, mas alguns têm cerca redonda e, dela para dentro, não podiam antigamente entrar mulheres, mas agora em poucos mosteiros se guarda isto.

Do número dos frades que antigamente havia naquele mosteiro, não falam suas histórias, nem eles sabem dar razão; somente me disseram alguns velhos e o que agora é como seu geral, que primeiro havia naquela comarca muitos mosteiros sujeitos a este, e que os frades de todos estes seriam dez mil ou mais. Porém, o número certo dos que estavam dentro da cerca do mosteiro, não o sabiam. Por onde parece que, quando dizem que Dêbra Libanôs tinha nove ou dez mil frades, não se entende que todos estes morassem dentro da cerca do mosteiro, senão que contavam também os que estavam nos mosteiros que, à roda dele, lhe eram sujeitos. Nem quanta renda tinha sabem agora, somente dizem que lhe deram os imperadores muito boas e largas terras e delas tomava o abade do mosteiro<sup>1</sup> certa porção e as demais repartia pelos frades, de maneira que cada um sabia quais eram suas terras e as fazia lavrar e recolhia o mantimento em sua casa e, dali comia e vestia e gastava no que lhe parecia bem; mas que, aos<sup>2</sup> mancebos, enquanto o abade lhes não sinalava terras, ele lhes dava de comer em sua [fol. 284] casa, a todos juntos em uma mesa e ele em outra, mas atravessada entre ambas uma cortina, de maneira que não viam comer ao abade. Este mesmo modo guardam todos agora. E quando morre algum<sup>3</sup> frade, se deixou algum<sup>4</sup> fato que ele ganhou por escrever ou ensinar meninos, ou por outra via que não seja do que renderam as terras que comia do mosteiro, o herdavam seus parentes, e as terras, com o demais, tornam ao mosteiro; porém, se o frade deixou filhos (como muitas vezes sucede) e algum deles quer ser frade, este leva as terras e o demais fato que pertencia ao mosteiro.

Quantos frades residam agora em Dêbra Libanôs não querem declarar; não dizem mais de que poucos. Só um disse que seriam quarenta e, se houver tantos, será muito, porque aquelas terras estão já quase desertas pelas correrias que, continuamente, fazem os gâlas que entram por elas todas as vezes que querem, sem resistência nenhuma e matam quantos acham, pelo que os frades, se vieram para o reino de Gojam e para outras partes, sem ficarem naquele mosteiro mais que quarenta, e pode ser que menos, e estes por ser aquela a sepultura de seu fundador e lugar forte, que de outra maneira já lá não estivera um.

<sup>5</sup>Deste mosteiro Dêbra Libanôs trata difusamente Frei Luiz de Urreta no cap. 3.º do livro que intitulou *Historia de la sagrada Ordem dos Predicadores en los remotos Reinos de la Ethiopia*<sup>6</sup> e, na página 35, o chama Plurimanos e diz que o fundou Taquelâ Haimanôt, para os etíopes que tinham professado a religião de S. Domingos, acima do grande [fol. 284v] Lago Cafates, onde nasce o Nilo, entre a lagoa e os Montes da Lua, no reino de Malemba, terra tão fértil, que o Preste João edificou perto do mosteiro uma cidade imperial para seu assento, haveria trinta anos quando ele escreveu, que foi no de 1611, e que a chamou Zambra; e que o mosteiro é tão grande e sua arquitectura de maneira que tem mais de oitenta dormitórios e, em cada um, cento e vinte, cento e cinquenta e

em alguns duzentas celas e, no cabo deles, está a igreja mor e, no outro cabo, o refeitório, mas em cada um igreja própria e casa de noviços. De dormitório a dormitório há sua crasta<sup>1</sup>, porque todo o edifício é em quartos baixos; cada pano é de mais de quinhentos passos e, de roda, tem duas milhas. Os dormitórios têm sua cerca com que se fecham de noite e de um a outro não podem ir sem licença. Há portaria comum de todo o convento e tem cerca que o divide das hortas e jardins. No refeitório estão as mesas como nos nossos e têm de comprimento mais que duas milhas; há dez púlpitos onde lêem dez leitores, sem que se impidam uns a outros e todos ouvem muito bem. De três a três mesas há seu partidador<sup>2</sup> e janela que sai à cozinha, na qual há cozinheiros sinalados para cada três mesas e seus servidores sinalados para elas. E, assim, todos começam juntos e acabam juntos o comer. E nos dias de semana, vai ao coro da igreja mor do convento um dormitório um dia e outro dormitório outro dia, por ordem; e os demais dormitórios, cada um acode à igreja própria de seu dormitório. Mas, os domingos e festas, todos juntos [fol. 285] vão ao coro mor e há lugar bastante. A igreja tem mais de seiscentos passos de comprimento e, conforme à compridão é a largura e altura. Dentro das cercas do convento há todos os ofícios necessários ao serviço da casa, como alfaiates, sapateiros, tecelões, carpinteiros, ferreiros, pedreiros e lavradores.

Até aqui são palavras do autor, mas tudo é uma mera ficção traçada no seu entendimento ou no do que o informou, porque no convento Dêbra Libanôs, nem em outro de Etiópia, há tal modo de edifício, nem repartimento de dormitórios como ele pinta, senão casinhas redondas, uma afastada de outra, como acima dissemos; nem se ajuntam a comer em um refeitório, cada um come em sua casa e, aos mancebos, que sustenta o abade enquanto não lhes<sup>3</sup> dá terras, ainda que comem juntos, não lhes lêem à mesa, nem sabem que coisa é púlpito, que nem nas igrejas o têm, porque nunca pregam e, se algum frade fala alguma coisa a modo de <sup>4</sup>prática, assenta-se em um banquinho e ainda isto rarissimamente o fazem. Nem fundou o mosteiro *Abá* Taquelâ Haimanôt, senão outro frade por nome Ezequias, cinquenta e sete anos depois de sua morte; nem foi para frades da ordem do glorioso Padre S. Domingos, porque como provámos acima, no cap. 17.º, nem há hoje nas terras do Preste João frades [fol. 285v] de S. Domingos, nem memória de que os houvesse nunca; nem o mosteiro está fundado perto da alagoa por onde passa o Rio Nilo (que ele não nasce de lagoa, como dissemos no cap. 26.º do 1.º livro), senão alguns oito dias de caminho desta alagoa; nem, em quantas terras senhoreia o Preste João, há reino que se chama Malemba, nem tal cidade de Zambra, como também mostrámos no fim do cap. 20.º do 1.º livro. E, para que declaremos tudo em uma palavra, quase nenhuma de quantas escreve deste mosteiro Dêbra Libanôs diz com a verdade do que antigamente houve, nem hoje há.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: do mosteiro.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: ~~abade~~.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: ~~fato~~.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: ~~frade~~.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 239v/229v].

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 3, intitulado «De la fundación del gran Convento de Plurimanos, donde residen nueve mil frayles; del modo como se gobierna, y origen, y de su topografía y edificio», pp. 30-40.

<sup>1</sup> Claustro ou galeria.

<sup>2</sup> Aparador.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 240/230].

CAPÍTULO XXI<sup>1</sup>

## DA FUNDAÇÃO DO CONVENTO DA ALELUIA.

Depois do convento Dêbra Libanôs, que, como temos dito, é de frades de *Abba* Taquelâ Haimanôt, o mais famoso em número de frades que houve antigamente em Etiópia foi Dêbra Hallelô, que quer dizer Mosteiro da Aleluia, de frades de *Abba* Statêus, de quem falámos acima, no princípio do cap. 18.<sup>o</sup>.

Está este mosteiro no reino de Tigré, em uma serra muito alta, perto do Rio Marâb. Tudo à roda são serras altas e montuosas e os vales tão quentes e doentios, que se não atreve a gente morar neles, senão nos altos e dali descem a os lavrar; também lavram em as serras, em algumas partes que o sítio dá lugar. No mais alto daquela serra está o mosteiro, cujos edifícios antigos foram como os que acima dissemos de Dêbra Libanôs, casinhas redondas afastadas [fol. 286] uma de outra. Eu as fui ver, porque não está mais que um dia de caminho da nossa igreja de Fremona<sup>2</sup> e quase todas estão caídas; parece-me que seriam como seiscentas. A igreja antiga, que era dedicada a Nossa Senhora, já há muitos tempos que também está caída. Medi o vão dela, porque ainda aparecem os alicerces e tinha cento e trinta e dois palmos de comprido e cento e cinco de largo. Dentro deste circuito, fizeram outra muito pequena, mas bastante para os frades de agora, porque ali não residem mais que dez e, segundo eles me afirmaram, estarão vinte nos mosteiros e igrejas sujeitas a este convento. Perguntei-lhes quantos frades estavam ali antigamente. Responderam que nem o declaravam seus livros, nem eles o sabiam, mas que sempre ouviram dizer que eram muitos. Mostraram-me um livro antigo que tratava coisas daquele mosteiro e onde fala de seu fundador, diz desta maneira<sup>4</sup>:

*Abba Samuel, natural de Marabâ em Também* (esta é uma província do reino de Tigré) *foi discípulo de Abba Antônz que estava em Maedarô* (isto é, no meio de Tigré) *no mosteiro Ambâ Tambû<sup>5</sup> e ali fez grandes penitências. De dia trabalhava e de noite estava metido em uma pouca de água com uma pedra às costas, tomava muitas disciplinas e sempre trazia cilício. E depois de estar ali muito tempo, pediu licença a seu mestre e se meteu só pelos desertos, onde achou um leão todo branco que, com rosto alegre, o foi guiando pelos matos [fol. 286v] até chegar a uma serra alta onde desapareceu. E, querendo ele passar adiante a ver se achava algum sítio melhor, lhe disse Deus que tornasse e ali fizesse seu assento e edificasse igreja, porque o havia de fazer pai de muitos santos. E dali a pouco, se lhe foram juntando muitos de diversas partes e lhes deu regra e modo de viver. E o primeiro que lhes encomendou muito foi o silêncio, depois a união entre si que fossem como membros de um corpo<sup>6</sup>, que se ajudam uns a os<sup>7</sup> outros e não se queixa o pé porque o não fizeram cabeça. Depois distribuiu os ofícios e fez uma igreja em que trabalharam todos com grande fervor e devoção.*

*Uma segunda-feira, depois da Páscoa da Ressurreição, se meteu em um aposento onde esteve em pé, encostado a uma parede, fazendo oração, sem comer nem beber cinquenta dias, até o Espírito Santo. E, chegando um seu discípulo aquele dia, lhe disse que fosse à igreja, respondeu que não podia, que o levasse pela mão e, fazendo-o ele assim, achou que os vestidos das costas estavam comidos de bichos e as carnes até os ossos. Vendo isto, começou a chorar alto e disse-lhe que se calasse e dali a pouco o viu são e mandou-lhe que não descobrisse aquilo até depois de sua morte. Outras muitas maravilhas conta ali dele. E depois diz assim: Sabendo que se lhe chegava a hora da morte, perguntou a Nosso Senhor que faria a seus discípulos. E respondeu-lhe que lhes desse bênção, que já era tempo de ir para ele. E assim, deu muitas bênçãos aos que estavam presentes e logo [fol. 287] adoeceu e mandou que viessem os ausentes. Depois lhe apareceu um anjo e lhe disse que sinalasse outro em seu lugar e fez-lhes uma prática em que lhes encomendou as coisas que desejava que guardassem e lhes sinalou por mestre a Za Jesus e, em <sup>1</sup>dizendo isto, expirou. E desceram muitos anjos em companhia de Nossa Senhora a receber sua alma e David ia diante dela, cantando: Pretiosa in conspectu Domini mors Sanctorum eius<sup>2</sup>.*

Mais adiante, diz o livro que *Abba* Antônz, mestre deste *Abba* Samuel, mostrou de longe a seus discípulos esta serra, que parecia com majestade e lhes disse que seu nome era Hallelô e lhes profetizou tudo o que depois sucedeu.

Isto é o que eu achei naquele mosteiro, mas, depois de algum tempo, quis que lhes fosse perguntar de novo um homem da terra de quem me fiava. E disseram-lhe que o número dos frades que havia antigamente o não sabiam, mas que ouviram dizer que, ao redor da igreja antiga, estavam mil duzentos e trinta casas de frades, outros disseram que quatro mil e que as igrejas sujeitas a este mosteiro eram noventa e um e que haviam doze frades que ouviam as demandas e, visitavam em lugar do abade e que, quando um destes visitava as terras, o acompanhavam mil frades e quando o abade ia com algum negócio ao imperador, o acompanhavam cento e cinquenta frades de mula com albornozes; mas que a renda que tinha, não se sabe, porque a cada frade davam certas terras de que comia e gastava em suas necessidades.

[fol. 287v] Frei Luiz de Urreta na *História Etiópica* que fez da sua sagrada religião, no cap. 4.<sup>o</sup><sup>3</sup> diz que *fundou este Convento de Aleluia Frei Bartolameu de Tivoli, natural de Itália, frade da Ordem de S. Domingos. A causa foi que, consagrando-o em Roma em bispo, deram-lhe o título de uma cidade chamada Dangala na Núbia, a qual província confina com Etiópia da banda do norte. E, por serem estes nobis<sup>4</sup> antigamente cristãos e naquele tempo haver lá algum rasto de fé e religião cristã, determinou, como bom pastor, acudir a suas ovelhas e, assim, se partiu de Roma o ano de 1330. E tanto no tempo que o S.<sup>to</sup> Taquelâ Haimanôt edificava o Convento de Plurinamos, levou em sua companhia dois religiosos sacerdotes e dois irmãos leigos de sua mesma ordem. E, chegando a Jerusalém, visitaram os santos lugares e, dali, passaram a Núbia, onde ele e seus companheiros converteram muitos infiéis mouros e gentios e reduziram inumeráveis cristãos. Vendo o santo bispo tão copiosos frutos, determinou edificar um convento da ordem que servisse de seminário de pregadores apostólicos que doutrinassem aqueles povos. Mas, não achando na Núbia sítio a propósito, por ser estéril e falta de*

<sup>1</sup> O Ms. traz, por errata, cap. XXII.

<sup>2</sup> Ver glossário (Fremona / Fremoná / Fremonâ / May Gwagwa).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 240v/230v].

<sup>4</sup> O *gädlä* foi publicado como «Vie de Sâmu'el de Dabra Hällêluyâ» CSCO-SAE, 93-94, Lovaina, 1990).

<sup>5</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: *Amba*.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *mesmo*.

<sup>7</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: *os*.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 241/231].

<sup>2</sup> «É valiosa aos olhos do Senhor a morte dos seus fiéis», *Salmos* 116 (ex 114 e 115), 15.

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 4, intitulado «De la fundación del Convento del Alleluia, donde residen siete mil frayles; del modo de su gobierno y traça del edificio», pp. 41-9.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *nubes. Núbios*.

água, particularmente on<sup>1</sup>de ele residia, foi a ver um sumptuoso templo que estava perto, dentro da Etiópia, no reino de Tigré Mohon, do qual era fama pública e tradição recebida que o edificou a Rainha [fol. 288] Sabba, quando tornou de Jerusalém. E é traçado em figura de cruz, em significação do mistério da Santa Cruz que Deus lhe revelou.

A terra onde estava este templo era frutífera e viçosa, cheia de arvoredos formosíssimos e de esmaltes e artificiosas laçadas de rios e fontes, pelo que lhe agradou muito, ao bom prelado. E assim, mandou um dos sacerdotes, que se chamava Florença, com um dos irmãos ao Preste João, que era Felipe VIII, e pediu-lhe de mercê aquele templo e o termo necessário para a fundação do convento. O Preste João, com grande amor e vontade, lhe deu o templo e quanta terra fosse necessária, não só para a casa, senão para os jardins, hortas e sementeiras para sua sustentação e mandou que se lhe pagassem todos os gastos do edifício, porque teve por grande misericórdia de Deus que quisessem edificar mosteiro em seu senhorio, vendo que eram frades dominicos, aos quais, de tempos passados, tinham muita devoção em Etiópia. Acudiram-lhes<sup>2</sup> também os religiosos de Plurimanos, como irmãos e filhos do grande Padre S. Domingos e, em particular, lhes foi único padroeiro S.<sup>10</sup> Taquelâ Haimanôt.

Com tão bom despacho folgou muito o bispo e, começando ele, por sua mão, a abrir os alicerces do mosteiro, se ouviram no ar vozes angelicais que, com suave harmonia, cantavam «aleluia, aleluia» e, por este tão portentoso milagre, lhe ficou o nome da Aleluia.

Estará do Convento de Plurimanos mais de setecentas [fol. 288v] léguas, porque no meio deles está quase toda a Etiópia. E tem este convento sete mil religiosos e sua cerca nove milhas de roda e, fora do convento principal, estão também dentro dela outros seis, cada um de mil e mais religiosos, com todas suas oficinas e edifícios necessários, igrejas, crastas, dormitórios, refeitórios, cozinhas e mais coisas que se requerem; e em cada convento há prior e superior e os demais oficiais.

As festas de S. Domingos vão todos em procissão<sup>3</sup> à igreja<sup>4</sup> da Aleluia em procissão, onde cantam os ofícios divinos e, depois, cada comunidade se torna a seu convento. Os dias que não são de festa, cada convento, por sua ordem, canta um dia as horas canônicas na igreja<sup>5</sup> da Aleluia, ficando os outros mosteiros em suas próprias igrejas. Alguns dias comem todos juntos em um refeitório que têm para isso mui grande, da mesma sorte disposto que o do convento Plurimanos. Dentro de cerca do Convento da Aleluia há muitos bosques e muito despovoados, onde haverá mais de cem ermidas com frades ermitães, ao modo dos do Convento de Plurimanos.

Diz mais o autor, pág. 687, que, do Convento da Aleluia e de Plurimanos, fazem os frades, cada ano, missões a reinos de mouros e gentios e também da Etiópia e que, o seguinte dia depois da festa de Todos-os-Santos, nomeiam os priores os que hão-de ir e dizem a que reino e cidade e a companhia que cada um há-de levar. E acostumam ser os nomeados 1500 e 2000. [fol. 289] Os do convento da Aleluia vão à Núbia, ao reino de Bornô e a outros reinos até o Cairo e os arábios. Os do convento

de Plurimanos vão pregando por todos os reinos de Congo, Angola, Anzicana, Barames e a muitas províncias que há no Cabo de Boa Esperança, até os Montes da Lua que é no reino de Monomotapa, Maitagazo, Sofala, Arnetá, Tibut, Sibit e outras muitas províncias e também pelos reinos que estão pela costa do oceano oriental até ao Mar Roxo, que são ao pé de mil léguas.

Duram estas missões sete meses, e muitos, abراسados com o zelo da honra de Deus e bem do próximo, estão anos na missão, passando até às Índias Orientais e chegando ao reino de Sião, Pegu e ao grande reino da China e são mais de três mil léguas de caminho, o que confirma, pág. 731, dizendo que, nos papéis que traduzia, estava escrito que no Convento de Plurimanos se achavam escrituras antigas que referiam que, pelos anos de 1390, houve frades dominicos que foram pregando até à China e que ali foram martirizados pelos gentios.

Também diz, pág. 882, que achou escrito em uma relação que se deu à santidade de Gregório XIII que, no mês de Novembro do ano de 1580, estava na praça [fol. 289v] principal da cidade de Meca grande multidão de mouros ouvindo a um seu que lhes pregava e que à sazão, chegaram ali dois frades dominicos do Convento da Aleluia que iam pregando e cumprindo a obediência de sua missão. E, vendo aquela gente que ouvia tantos disparates e a perdição de tantas almas, animados com o esforço que o amor divino lhes dava, romperam por entre a gente com suas cruces nas mãos e, desmentindo ao infernal alfaquí<sup>3</sup>, desenganavam a todos do erro em que estavam e que se iam ao inferno. Acudiram outros muitos alfaques<sup>4</sup> e amotinaram a gente contra os religiosos e assim, os prenderam e levaram com grande grita ao cárcere. Mas, achando-se ali mais de dois mil mercadores dos reinos de África, dos que costumam a se aposentar no Convento da Aleluia, a quem os padres daquela santa casa tinham obrigado com boas obras, passando por ela e conhecendo que eram do Convento da Aleluia, arremeteram por entre a gente com a mão armada e tiraram os religiosos e os levaram a seu bairro que é cercado e ali os defenderam, dizendo que aqueles religiosos eram da Aleluia onde hospedavam os mercadores que ali estavam, sem a qual hospedagem e religiosas esmolas era impossível chegarem as mercadorias à cidade de Meca. Com isto e outras razões, julgou [fol. 290] o xeque, ou governador, pela quietação de todos, que fossem logo da cidade desterrados. E assim o fizeram, dando-lhes os mercadores gente que os guardassem, até que estivessem fora de perigo.

Até aqui são palavras do autor, em que não há coisa que não seja mera fábula, porque, primeiramente, não fundou o Convento da Aleluia Frei Bertolomeu de Tivoli, natural da Itália, senão Abba Samuel, natural do reino de Tigré, como acima vimos. Nem o convento é de frades de Abba Taquelâ Haimanôt, senão de Abba Statêus, nem no tempo que Frei Bertolomeu partiu de Roma, que diz que foi no ano de 1330 e tantos, edificava Taquelâ Haimanôt o convento de Dêbra Libanôs a que ele chama Plurimanôs, pois, como vimos no fim do capítulo precedente, não o edificou senão o outro frade que se chamava Ezequias, cinquenta e sete anos depois de morrer Taquelâ Haimanôt, nem o templo estava edificado em cruz, como acima vimos, nem podia dar terras para o convento o Preste João Felipe VIII, porque, segundo me afirmou o Imperador Seltân Çaguêd, nunca houve cá imperador deste nome, nem se chama Convento da Aleluia, senão pelo que afirma sua história que disse Abba Antonz a seus discípulos. E já há anos que não resi[fol. 290v]dem neste convento mais

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 241v/231v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Ajudaram-lhes.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: aos conventos.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: às igrejas.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: no convento.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 242/232].

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 6, intitulado «De los estudios, y Theologia, y modo de enseñar de los frayles de Predicadores de la Etiopia, de las misiones que hazen pera predicar a tierra de Gentiles, y Moros, cosa digna de ser leyda», pp. 64-92.

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 6.

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 6.

<sup>3</sup> Sacerdote ou legista muçulmano.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 242v/232v].



que dez frades e não sete mil, como ele diz, nem do número certo dos que havia antigamente há hoje memória, porque nem suas histórias o declaram, nem os mesmos frades sabem dizer mais que o que acima referimos. Os edifícios do mosteiro também pintou como quis, porque nunca houve tais repartimentos, senão casinhas redondas, afastadas uma de outra, como dissemos.

<sup>1</sup>Também é falso o que diz das missões que fazem, cada ano, os frades destes conventos às províncias que nomeia, porque, não somente não foram lá nunca, mas nem o nome delas sabem e segundo me afirmou o Imperador Seltân Seguêd, nunca passaram do reino de Nareâ, de que falámos acima, e dali ao Cabo da Boa Esperança, onde ele os faz chegar, há matos e desertos infinitos habitados de feras, que se não podem passar. Quanto agora, nem uma légua de sua casa irão a confessar, se não acharem prémio. Só um frade vi, que andava entre uns gentios que estão no reino de Gojam, ensinando e, por isso, como coisa rara, lhe faziam muitas honras e favores o Imperador Zadenguil; mas depois deixou o hábito e andava em um formoso cavalo, muito bem vestido de secular e disse, diante de mim, a uns homens grandes que, comendo [fol. 291] e bebendo, não se podia estar sem mulher.

Aqui põe também o autor os Montes da Lua no reino de Monomotapa e, porque João Botero os pôs no mesmo reino, diz ele, na pág. 298 do primeiro tomo<sup>2</sup>, que devia de desviar com alguma febre; e ali, na pág. 246<sup>3</sup>, os põe em Gojam e afirma que deles nasce o Rio Nilo. Ao que diz que, nos papéis que traduzia, estava que no Convento de Plurinamos havia escrituras antigas que referiam como frades dominicos foram pregar até à China, respondo que os frades daquele convento não sabem dar razão de tais escrituras, nem de que houvesse nunca em Etiópia frades de S. Domingos, como já dissemos. Nem é muito que achasse<sup>4</sup> naqueles papéis esta patranha, pois como afirma pág. 8, também estavam assinados pelo mestre de noviços da Aleluia, Frei Marcos, natural de Florença e Frei Miguel de Monrojo e Frei Mateo Caravajal do mesmo convento, filhos de espanhóis e, todavia, como vimos no cap. 17.<sup>o</sup>, nunca houve ali tais frades. Quanto ao que diz que achou na relação que se deu à santidade de Gregório XIII, que dois frades de S. Domingos do Convento da Aleluia entraram em Meca e desmentiram ao faqui<sup>5</sup>, etc., lá em Roma saberão dessa relação; o que eu ouvi a<sup>6</sup> muitos mouros, estando cativo oito dias de caminho dentro das portas do estreito de Meca, é que naquela cidade não deixam entrar cristãos de nenhuma maneira e está posta [fol. 291v] pena de morte e, se entra algum encobertamente e o acham, o matam sem nenhuma remissão, por onde, mal haviam de deixar entrar frades com seus hábitos e cruzeiros nas mãos. E se, todavia, quiseram afirmar que aqueles entraram e que a informação é certa, respondo que ao menos duas coisas achámos cá patentemente falsas: uma, que fossem frades de S. Domingos do Convento da Aleluia, porque nele nunca houve frades de S. Domingos, <sup>7</sup>outra, que os mercadores mouros que dos reinos de África vão a Meca passem pelo Convento da Aleluia e se agasalhem ali, nem pode ser maior disparate que este, como o veremos. É verdade que, destes mosteiros, vão os frades em romaria a Jerusalém e alguns passam dali a Roma, mas em missões a pregar, como ele diz, não há tal coisa.

Do modo com que agasalham aos mercadores no Convento da Aleluia, trata o autor diffusamente, pág. 611, que diz que *este convento é a chave quase de toda África, porque todos os que vienem<sup>2</sup> ao poente dela para contratar no Cairo e nas Arábias e todos os mouros que vão à casa de Meca e os mercadores de Manicongo, Borno, Biafra e outros muitos reinos que ali nomeia, até os de Fez, Marrocos e os da grã Libia inferior, não podem caminhar a Egipto, nem ao grão Cairo, nem visitar a casa de Meca, sem passar pelo Convento da Aleluia, porque o demais [fol. 292] é inabitável. Entre mercadores, passageiros e gente de serviço, serão dez mil homens os que vão e levarão carregados quatro e cinco mil camelos, seis mil machos, três mil jumentos. Antes de chegar ao Convento da Aleluia, passam mais de vinte jornadas sem achar gota de água e, depois do convento, atravessam quase outras tantas sem ela; e assim lhes é forçado deterem-se ali e os religiosos os recebem com muita caridade e dão estrebarias para todas suas azémolas e comida para elas de dátiles, cevada e outros grãos, e a eles hospedam em hospedarias que para isso têm de grande capacidade e lhes dão camas e comidas de pão, carne, arroz e fruta, com todo o demais necessário e, aos que vêm doentes, os levam ao hospital e isto sem interesse algum. Todos estes mercadores e passageiros são mouros ou judeus ou gentios e estão ali quatro ou seis dias, onde se provêem de água e das coisas necessárias para sua sustentação e todo se lhes dá de graça, mas sempre eles dão aos religiosos das mercancias que trazem e lhes têm muita devoção e chamam santos e a S. Domingos respeitam muito, porque vêem que os religiosos o reverenciam, chamando-o «padre» e, enquanto ali estão, lhes pregam e ensinam, com o que muitos deles se convertem à fé de Cristo.*

Isto é, em suma, o que ali diz Frei Luiz de Urreta, mas não pode ser fábula [fol. 292v] mais fabulosa, porque nem passa, nem passou nunca tal cáfila de mercadores pelo Convento da Aleluia, como afirmam os mesmos frades e eu, de dezanove anos a esta parte, posso testemunhar que <sup>3</sup>nem vi, nem ouvi tal coisa, com estar parte deste tempo na residência que temos um dia de caminho deste mosteiro, nem ali há sinal de tais estrebarias e agasalhados. Nem em todas aquelas terras há uma palmeira, quanto mais tanta abundância de dátiles que os dessem às azémolas, antes, por grande presente, os trazem os mouros ao imperador de Arábia e algumas outras partes e muito menos se acha arroz, porque o não há em quantas terras senhoreia o imperador. Já hospital onde metessem os doentes mouros e judeus daquela cáfila, mal o puderam ter, pois nem ainda para os cristãos o há em toda esta Etiópia. Nem são tão faltas de água, como ele diz, as terras à roda do mosteiro, que por qualquer parte que se vá a ele, em<sup>4</sup> bem de léguas<sup>5</sup>, e não se achará um dia de caminho sem água, senão for vindo do reino que chamam Dequín. Mas, deixando tudo isto, que maior disparate pode ser que afirmar que, para irem ao Cairo e a Meca, os mercadores das Arábias, de Manicongo, Borno, de Fez, Marrocos e da Líbia, lhes seja forçado de toda a maneira passar pelo Convento da Aleluia? Por que haviam de rodear muitas centenas [fol. 293] de léguas e passar por grandes desertos e vastíssimos matos? E para que o leitor melhor veja isto, declararei em que parte do reino de Tigré está o convento. Demarcando-o por algum porto do Mar Roxo, que, para falar justamente por graus, nem cá temos instrumentos para poder tomar a altura, nem coisa em que o

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 243/233].

<sup>2</sup> Ver J. Botero, *Relaciones Universales del Mundo*, Valladolid, 1603, 1.<sup>a</sup> parte, livro 3, p. 121.

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 28. Ver refutação de Pedro Páez, livro I, cap. XXVI, *supra*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: ~~nestes~~.

<sup>5</sup> Alfaqui.

<sup>6</sup> Omissão no Ms. 778 BPB: a.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 243v/233v].

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 6.

<sup>2</sup> A forma verbal castelhana grafada no Ms. Goa 42 ARSI satisfaz a regra de concordância de tempo e modo («vienem» concorda com «vão», «podem caminhar», etc.). O copista do Ms. 778 BPB leu «vierem» (futuro do conjuntivo), introduzindo a incorrecção gramatical na frase. Ms. 778 BPB: vierem.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 244/234].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: tem.

<sup>5</sup> Em muitas léguas.

ver; e o porto que têm mais a propósito é o de Maçuá, que comumente chamam Dalêc, porque a alfândega de Maçuá estava antigamente em outra ilha que se chama Dalêc. Vindo pois do porto de Maçuá para o Convento da Aleluia, se caminha quase ao Oes-sudoeste, se falarmos como os mareantes, que é muito mais para a bando<sup>1</sup> de Ocidente que para a do Sul; e, se caminharem bem, chegarão em quatro dias e, se devagar, em cinco. Quanto o reino que ele chama Borno, conforme ao que diz em quantas partes falta dele, não pode ser senão o que cá chamam Dequîn e, aos naturais dele, balôus, e este reino fica muito mais perto do Cairo que o Convento de Aleluia, de maneira que, quem vem de Borno para este convento, não vai para o Cairo, antes se afasta dele e torna para trás. Por onde, em tudo quanto aqui diz, o autor se enganou muito.

## CAPÍTULO XXII

EM QUE SE DECLARA QUÃO SEM FUNDAMENTO CONTOU FREI LUIZ DE URRETA ENTRE OS SANTOS DE SUA SAGRADA RELIGIÃO OS FRADES DE ETIÓPIA CUJAS VIDAS REFERE NO SEGUNDO TOMO.

[fol. 293v]<sup>2</sup>

Que principalmente pretende Frei Luiz de Urreta, no 2.º tomo de sua *História Etiópica*, é mostrar que a religião do glorioso S. Domingos tem muitos e prodigiosos santos nas terras que senhoreia o Preste João. E, assim, começando a tratar de sua vida, na pág. 129, diz:

*Traydo nos ha la coriente y discurso de la historia a lo que tanto deseava que escribir las heroicas vidas e prodigiosas maravilhas de aquellos illustres y gloriosos santos divinos fenizes de la Ethiopia, soles que hermocean y alumbran el ciclo estrelado de la religion del glorioso Padre S. Domingos. Solo a esto fin corria esta prolixa narración, a solo este blanco mirava<sup>3</sup>.*

E, na pág. 105<sup>4</sup>, afirma que só nesta terra de Etiópia há mais mártires que em todo o restante da Religião<sup>5</sup> de S. Domingos, com serem os que há tido muitos milhares e ainda mais que todas as religiões juntas, porque os mártires dos dois conventos, Dêbra Libanôs e de Aleluia, chegam a número de trezentos mil. Mas, para que se veja claro quão sem fundamento põem entre os santos de sua sagrada religião os padres deste convento, que ele canoniza por tais, referirei aqui brevemente algumas coisas das muitas que conta deles, deixando a vida de *Abba* Taquelâ Haimanôt, por que ele começa, porque a pusemos acima, no cap. 19.º.

Começando, pois, por Frei Felipe, cuja vida põe no cap. 10.<sup>01</sup>, diz dele, pág. 169, *que é santo mártir e filho de um rei chamado Glariacos, em Etiópia; e que, como chegou* [fol. 294] *aos anos da discricão, o levaram seus pais, el-rei e a rainha, com grande acompanhamento ao convento de Dêbra Libanôs, que ele chama Plurimanos, para que recebesse o hábito de S. Domingos e que lho deu o santo Padre Taquelâ Haimanôt com grande contentamento, conhecendo, por<sup>2</sup> espírito profético, os grandes tesouros que a divina misericórdia tinha guardado naquele menino; e que aos dezasseis anos de sua idade, depois de alguns de noviciado, fez profissão nas mãos do prelado, o S.<sup>to</sup> Taquelâ Haimanot, com grandes afectos de devoção e, a seu tempo, recebeu as ordens da mão do patriarca de Etiópia, chamado Jacobo. E disse a primeira missa no convento de Dêbra Libanôs e, quando alevantou o santíssimo sacramento, o viram todos subir no ar mais de dois côvados e estar o corpo suspenso em alto, o que ele não advertiu nem soube, até que o prior lho disse, perguntando-lhe o caso. E depois, quando havia de dizer missa (da maneira que o seu mestre Taquelâ Haimanôt), descia um anjo a lhe administrar e ajudar a ela, trazendo-lhe do céu o pão e vinho que havia de consagrar e assistia todo o tempo que durava aquele santo sacrificio. E mais adiante, pág. 179, <sup>3</sup>diz:*

*Este glorioso santo foi sinalado com o sinal santo da cruz por dois dedos de Cristo na morte do S.<sup>to</sup> Taquelâ Haimanôt e lhe sucedeu no priorado e, juntamente, no officio e dignidade de inquisidor apostólico, como o foi Taquelâ Haimanôt e o são todos os priores do convento de Dêbra Libanos<sup>4</sup> e de Aleluia. [fol. 294v] Sendo já inquisidor, sucedeu que um rei cristão, cujo reino estava perto do convento de Dêbra Libanôs, sujeito ao Preste João, casou publicamente com duas mulheres e vivia com elas, sendo escândalo público a toda a Etiópia. Acudiu o santo inquisidor<sup>5</sup> a isto e, juntando-se com o patriarca e alguns religiosos em uma igreja, o mandou chamar e o repreendeu e ameaçou com excomunhões e que faria que o Preste João o privasse do reino se não deixasse a manceba e ficasse com a legitima mulher<sup>6</sup>. E não aproveitando nada isto, o excomungou depois na igreja, apagando candeias e tangendo campainhas e mandando dar notícia disto ao povo. Enfadou-se disto tanto el-rei que ajuntou logo a gente de seu paço e, com grande ira, foi à igreja onde estava o Conselho da Inquisição; e, começando às cutiladas, fugiu o patriarca e o inquisidor com seus religiosos, saindo alguns feridos, e foram-se para outro reino. Mas não lhe faltou, ao inquisidor, modo para fazer fixar<sup>7</sup> a excomunhão d'el-rei nas igrejas e lugares públicos de sua corte. E nem isto bastou para que não perseverasse em seu pecado três anos, com o castigar Deus não dando chuva em todo este tempo naquele reino, pelo que S. Felipe juntou um grande exército dos lugares sujeitos a Dêbra Libanôs, com intento de lhe fazer guerra como a cismático. Vendo el-rei que ia com tão grande exército e enxergando em seus vassalos que o não haviam [fol. 295] de ajudar, mandou embaixador ao santo inquisidor, dizendo que escusassem as mortes que de força havia de haver na guerra e que julgasse o Preste João, que ele estaria pela sentença. Veio nisto o inquisidor e foi ao Preste João e el-rei mandou seu procurador, que era um frade apóstata. E ouvindo o Preste João a um e outro, deu sentença,*

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 10, intitulado «De la milagrosa vida y heroyco martyrio del glorioso S. Felipe, frayle de la Orden de Predicadores e inquisidor apostolico», pp. 165-207.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: com.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 245/235].

<sup>4</sup> «Plurimanos», no texto de Luis de Urreta.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *inquisidor*.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *legitima*.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: *ficar*. Errata do copista. Entenda-se: publicar.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: banda. Errata do autor.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 244v/234v].

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, excerto do cap. 9, p. 129.

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 7, intitulado «De los innumerables martyres que la Religion de Predicadores tiene en los reynos de Etiopia; traense algunos apuntamientos a este proposito», pp. 93-110.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Ordem.

mandando a el-rei que logo deixasse a segunda mulher, com que estava amancebado. Castigou, dali a pouco tempo, Deus ao frade procurador d'el-rei, cobrindo-o de lepra, e morreu comido de bichos, o que vendo o povo e conhecendo que era castigo de Deus, se começou a amotinar contra el-rei e negar-lhe a obediência, pelo que el-rei, dissimulando, mandou dizer ao inquisidor que fosse para o <sup>1</sup>absolver e quietar seu reino e que faria o que lhe mandasse. Pareceu-lhe, ao santo inquisidor, que falava de coração e, assim, foi com seus companheiros, mas como chegou a el-rei, mandou despir ao santo e que o amarrassem a uma coluna e que o açoutassem, o que fizeram seus criados, de maneira que ficou como morto e, como tal, o entregaram a seus frades para que o enterrassem. Mas, levando-o a Dêbra Libanôs, quis Deus que tornou e convalesceu. Sabendo isto, el-rei cismático foi com soldados ao convento e, achando a todos despercebidos, entrou em busca do santo e, achando-o na igreja prostrado diante do santíssimo sacramento, encomendando sua alma ao Senhor, mandou que, assim como estava, o matassem às pancadas; [fol. 295v] e no ponto que sua alma saiu do corpo, se ouviram no ar doces músicas e suaves cantigas. Foi seu martírio a 4 de Novembro e neste dia se celebra sua festa em toda Etiópia.<sup>2</sup>

Estas e outras coisas diz o autor naquele capítulo que deixo, por não cansar ao leitor, no que não faz a propósito. E pela mesma razão, não referirei mais que em suma o que difusamente fala dos demais frades de Dêbra Libanôs.

No cap. 11.<sup>o3</sup> trata o autor de Elçâ. Diz que foi inquisidor e natural da famosa cidade de Sabba, filho de reis sujeitos ao Preste João e que, sendo de dez anos, pediu o hábito ao santo Taquelâ Haimanôt e lho deram com grande gosto, porque lhes constava que eram chamamentos divinos. E, chegando aos anos que havia de receber o carácter sacerdotal, se tinha por indigno de tão alta dignidade, que foi necessário que S.<sup>to</sup> Taquelâ Haimanôt lhe mandasse por<sup>4</sup> obediência que se ordenasse e, depois, antes de dizer a primeira missa, pediu licença para se ir aparelhar ao ermo, onde esteve quarenta dias com suas noites, sem comer nem beber, posto sempre em fervorosa oração, na qual foi levado em espírito ao céu onde viu e ouviu coisas misteriosas. E, estando em seu rapto lá no céu, celebrou sua primeira missa, cantando os anjos e servindo de ministros e padrinhos os vinte e quatro velhos tão celebrados no *Apocalipse*, vestidos de branco, com coroas de ouro na cabeça<sup>5</sup> e harpas nas mãos, com suaves perfumes. Também [fol. 296] o santo Prior Taquelâ Haimanôt foi no<sup>6</sup> mesmo tempo arrebatado ao céu e se achou presente à missa nova e gozou daquela música e suavidade. Depois, o mandou chamar o prior e, perguntando-lhe onde tinha estado, não se atrevia a descobrir as mercês que Nosso Senhor lhe tinha feito, até que o santo prior lhe disse como se tinha achado presente no <sup>7</sup>céu à sua missa nova, mas que, com tudo isso, queria que a cantasse no convento o dia seguinte e que desse a comunhão a todos os religiosos, conforme ao costume de Etiópia. E, chegada a hora, se revestiu e, querendo o sacristão aparelhar as hóstias e o vinho<sup>8</sup>, disse ele: «Não é necessária esta diligência, que por outros serão mais dignamente providos.» E logo apareceu visível-

mente diante de todos o arcanjo S. Gabriel que trouxe hóstias para todos os que haviam de comungar, de pão mui branco e juntamente vinho. E não só aquela vez<sup>1</sup> fez isto o anjo, senão sempre que o S.<sup>to</sup> Elçâ havia de celebrar. Quando alevantou o santíssimo sacramento, se alevantou no ar cinco côvados, com admiração de S.<sup>ta</sup> Clara e os mais que estavam presentes. E não só em esta missa, mas em outras muitas lhe sucedeu o mesmo.

Depois do glorioso martírio de S. Felipe, foi feito prior de Dêbra Libanôs. E foi este santo um dos que Cristo Nosso Senhor sinalou com os seus dedos na testa com o sinal da santíssima cruz, em prognóstico de que havia de ser prior, o qual cargo governou quarenta anos. E era tão grande sua santidade, [fol. 296v] que o Preste João o escolheu por seu confessor e fez tão bem seu ofício e com tanta satisfação de toda Etiópia e gosto do imperador que, de então até este tempo, o ordinário é confessarem-se os Prestes Joãos com os frades de Dêbra Libanôs. Foram muitos os milagres que obrou em sua vida e, vendo-se já velho e cansado, uma noite da Assunção da Virgem sacratíssima, estando em oração, pediu a Deus, com muitas lágrimas, o levasse para si e, estando nesta fervorosa petição, lhe apareceu Nossa Senhora e lhe disse que se alegrasse, que daquele dia a um ano deixaria esta miserável vida, subindo a gozar da glória do céu. Com esta nova ficou ele mui alegre e gastou aquele ano em oração e contemplação. E, chegada a hora derradeira de sua peregrinação, estando os religiosos juntos, lhes fez uma prática, animando-os ao serviço de Deus e à guarda de sua religião, e tendo recebidos com muita devoção os sacramentos da Igreja, dia da Assunção de Nossa Senhora acabou sua santíssima vida. E puseram seu santo corpo em uma caixa de ouro guarnecida de pedras riquíssimas junto ao glorioso S. Felipe e S.<sup>to</sup> Taquelâ Haimanôt. Morreu aos anos de nossa redenção 1416, sendo de idade de setenta e tantos, havendo sido prior de Dêbra Libanôs quarenta.

<sup>2</sup>E no cap. 12.<sup>o3</sup>, refere Frei Luiz de Urreta [fol. 297] a vida de *Abba* Samuel e também o faz inquisidor apostólico e frade da sagrada religião de S. Domingos e diz que foi natural de uma cidade chamada Essumin, sujeita ao Preste João, em Etiópia. Seu pai se chamava Estevão e sua mãe Isabel, os mais ilustres daquela cidade. Aos dezoito anos de sua idade, recebeu o hábito da Ordem dos Pregadores no convento de Dêbra Libanôs e, acabado o ano de noviciado, fez profissão e resplandeceu com muitas e grandes virtudes, e obrou, por ele, Deus muitos milagres. Estava uma vez assentado ao longo de um caudaloso rio, dos muitos que nascem da grande Lagoa Cafates, os quais crescem como o Nilo, e, lendo pelo *Evangelho de S. João*, com o ruído das águas adormeceu e, estando dormindo, cresceu o rio, como o costumam fazer todos os que saem daquela lagoa. Saíram as águas dos limites ordinários e, entrando pela terra, cobriram todos aqueles campos por todas as bandas e o santo ficou cercado de água muito alta, ficando feito como um aposento, ficando as águas servindo de paredes de cristal, mais firmes que se foram diamantes. E esteve ali, até que tornou a vazar a enchente, sem se molhar seu vestido nem livro.

Depois de estar alguns anos em companhia dos demais religiosos de Dêbra Libanôs, pediu licença a seu prelado e, com um companheiro que o quis seguir, se foi a um ermo mui afastado, onde viveram em covas quarenta anos, comendo ervas cruas uma vez ao dia e bebendo água [fol. 297v] e cada dia, por espaço de três horas, estava arrebatado em espírito no céu, em companhia dos anjos

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 245v/235v].

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, tradução resumida do cap. 10, pp. 170-95.

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 11, intitulado «De la vida y grandiosos milagros del glorioso inquisidor S. Elsa religioso de la sagrada Orden de Predicadores», pp. 207-34.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: com.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: de ouro.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: ao.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 246/236].

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e o vinho.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: aquela vez.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 246v/236v].

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 12, intitulado «De la vida admirable del glorioso padre S. Samuel, inquisidor apostolico y frayle de la sagrada Religion de los Predicadores», pp. 235-57.

e um dos vinte e quatro velhos de que faz menção S. João no *Apocalipse* lhe davam<sup>1</sup> a santa comunhão da Eucaristia. Sucedeu uma vez que cresceu a grande Lagoa Cafates, como acostuma, e saiu com tão grande ímpeto de seus limites ordinários que, com estar o santo algumas léguas afastado dela, o alcançou e derrubou uma capela que ali tinha feita, e ele se recolheu a lugares seguros, em que se livrou da braveza e dilúvio da água que tudo levava. Depois de recolhidas as águas, achou o santo a capela derrubada e a lâmpada perdida e foi a buscar outra a uma cidade chamada Belasa. E para ir a ela era necessário atravessar um lago de dez milhas de largo e, fazendo o sinal da cruz, entrou na alagoa e caminhou sobre as águas como se fora terra firme. <sup>2</sup>Também quando ia por aqueles desertos e se achava cansado, chamava ao tigre e ao leão, ao elefante e rinoceronte e acudiam<sup>3</sup> a seu mandado e subia sobre eles como se foram mansos jumentos e prosseguia seu caminho; e se chegava a algum rio, dos muitos que há pelos Montes da Lua, chamava um elefante ou rinoceronte e sobre eles passava o rio.

Aos quarenta anos de sua vida eremítica, lhe apareceu um anjo e lhe mandou, da parte de Deus, deixasse o deserto e fosse [fol. 298] pregar à sua terra, porque tinha necessidade de seu ensino. Obedeceu logo o santo padre e chegando lá, fez grande fruto com sua pregação e correu de maneira a fama de sua santidade que se lhe ajuntaram muitos, desejando imitar seu modo de vida, pelo que lhe foi necessário fundar um convento na cidade de Essumin, onde deu o hábito do glorioso S. Domingos a mais de quatrocentos noviços. Depois, morrendo o prior de Dêbra Libanôs, o elegeram a ele e, assim, lhe foi forçado ir lá, e foi recebido como um verdadeiro retrato de seu glorioso Padre S. Domingos e governou santíssimamente aquele convento, até que, cheio de anos, que chegou quase aos oitenta, aos 12 de Dezembro de 1430, trocou esta vida mortal pela imortal e bem-aventurada.

E no cap. 17.<sup>o4</sup> põe a vida e martírio de um santo que ele chama Taclâ Varêt e houvera de dizer Taquelâ Haureât, que quer dizer «Planta dos Apóstolos». E diz que foi natural da cidade de Sabba. Sua mãe se chamou Elena, irmã do Preste João, e seu pai foi grande príncipe; e, sendo de oito anos, se foi a Dêbra Libanôs e pediu o hábito da sagrada religião de S. Domingos e os religiosos, por ter<sup>5</sup> notícia dele, lho deram, havendo que era singular favor de Deus e mercê do céu dar-lhes aquele menino. E logo começou a fazer uma vida angélica e, chegando aos anos de receber o santo sacerdócio, foi necessário mandar-lho por obel[fol. 298v]diência, porque se não tinha por digno de tão inefável dignidade. E depois de ter vivido no convento alguns anos com grande santidade e havendo feito muitos milagres, determinou pedir licença a seus prelados para ir a morar no deserto; e alcançada, fez nele grande penitência e recebeu grandes favores de Cristo Nosso Senhor e, entre outros, um foi que, enquanto esteve naquele deserto, cada dia vinha um anjo e, pondo ao santo sobre uma nuvem branca e transparente, era levado a Jerusalém onde, com grande devoção, visitava aqueles lugares santos onde se obrou nossa redenção e com a mesma nuvem tornava à sua ermida, por espaço de mais de novecentas léguas de caminho.

Chegando-se-lhe o termo ditoso de tão santa vida, lhe apareceu Cristo Nosso Senhor e lhe disse que se saísse daquele deserto e fosse pregar<sup>1</sup> a um reino ali vizinho, dando-lhe novas que nele seria martirizado e que, por meio do martírio, iria gozar da glória. Foi ele logo cumprir o mandado divino e, entrando naquele reino, pregou com grande fervor a doutrina evangélica e converteu muitos à santa fé. E estando um dia do nascimento de Cristo dizendo missa, como acabou de consagrar, chegou a rainha daquele reino e, tomando o cálix, lavou os cabelos e testa com o precioso sangue de Cristo Nosso Senhor. Vendo o santo um atrevimento tão sacrílego, aceso com zelo divino pela honra e reverência do sangue de Cristo, lhe cortou [fol. 299] com umas tesouras os cabelos e raspou a fronte até lhe sair o sangue. Saiu a rainha chorando e fazendo grandes extremos e assim, sanguentada como estava, se apresentou diante d'el-rei seu marido que era homem mui colérico e arremessado, o qual, vendo-a daquela maneira, foi logo, com grande ira, à igreja onde estava o santo. E depois de o desonrar com palavras injuriosas e descomedidas, mandou aos de sua guarda que o matassem. E assim, logo com espadas e alabardas e partazanas o fizeram em pedaços, estando o santo de joelhos em oração, dizendo: *In manus tuas Domine*, etc.<sup>2</sup> Em expirando, se ouviram no ar doces cantigas de anjos e também vieram anjos visivelmente e, em ricos copos, receberam o sangue que corria de suas feridas. E, acabado de expirar, viram todos que se levantou seu corpo e foi levado pelo ar em mãos de anjos por muitas léguas ao convento de Dêbra Libanôs, onde os mesmos anjos o puseram em honrada sepultura, em que se fizeram muitos milagres. E, em cada ano, dia de Natal, em que foi seu martírio, desce um anjo visivelmente, em figura humana e põe no refeitório dez cidras formosíssimas diante dos religiosos, as quais dividem em miúdas partes e se repartem pelos do povo, e o Preste João quase cada ano se acha presente a este milagre. E, refere Serafino Rosi, que lhe jurou um frade de Etiópia, que se achara presente muitas vezes a este milagre e que vira descer as cidras e comera delas.

[fol. 299v] Não quis Deus que ficasse muito tempo sem castigo a maldade daquele rei; antes logo, tornando para <sup>3</sup>sua casa com toda sua guarda e seus íntimos amigos, estando o ar claro e o céu sereno, subitamente se toldou com nuvens mui escuras e começou a chover com grande ímpeto e com espantosos trovões e relâmpagos e caíram muitos coriscos que mataram ao sacrílego rei e a todo seu cruel acompanhamento, ficando seus miseráveis corpos abrasados e feitos em cinza e suas almas nos<sup>4</sup> tormentos eternos.

No cap. 14.<sup>o5</sup>, põe a vida de S.<sup>to</sup> André, mártir e inquisidor apostólico, frade da Ordem dos Pregadores, e diz que sua mãe foi irmã do Preste João e seu pai um príncipe dos mais ilustres de Etiópia e que, chegando à idade de vinte anos, foi ao convento de Dêbra Libanôs, sendo prior o Santo Mártir Felipe e, de suas mãos, recebeu o hábito do glorioso Padre S. Domingos. E logo começou com muitas e fervorosas<sup>6</sup> penitências e nos trinta de sua idade, foi promovido ao santo sacerdócio, o qual ofício exercitou com tanta pureza e fervor de espírito que, muitas vezes, celebrando, o viram alevantado da terra milagrosamente e outras muitas vezes, o rodeavam anjos enquanto dizia

<sup>1</sup> Dava.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 247/237].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: obedecendo.

<sup>4</sup> A referência a este capítulo é errada, em ambos os manuscritos. Ver L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 13, intitulado «La vida y glorioso martyrio de S. Thaclavaret, religioso de la sagrada Orden de Predicadores, natural de la Etiopia», pp. 258-77. Ms. 778 BPB: 18.<sup>o</sup>.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: tendo.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 247v/237v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: ali.

<sup>2</sup> Salmo 31 (30) «Nas tuas mãos [eu entrego o meu espírito], Senhor...»

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 248/238].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>5</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 14, intitulado «La vida y milagros del gloriosissimo padre S. Andres martyr y inquisidor apostolico, frayle de la Orden de los Predicadores», pp. 277-92.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: formosas.

missa e um deles o servia, ajudando-o no altar e aparelhando a hóstia e vinho que havia de consagrar. Achou-se presente à morte do glorioso Padre Frei Elçâ e, diante de muitos, lhe fez o sinal da cruz na testa, dizendo que havia de ser prior daquele convento. E foi assim, porque sucedeu no priorado ao S.<sup>to</sup> Samuel e fez muitos milagres. [fol. 300] Uma vez, dizendo missa conventual, se levantou no ar à vista de todos e esteve tanto que veio muita gente à novidade do milagre, e depois desceu e acabou a missa; e era tão grande a calma que todos estavam afligidos com a grande sede que padeciam, pelo que o santo mandou trazer a água que tinham aparelhada para a bebida dos religiosos e, lançando sobre os calões a bênção, se multiplicou de maneira que, não só bastou para os que ali estavam, mas sobejou para todos os religiosos e o que mais é que se mudou a água, milagrosamente, em precioso vinho, com o que todos deram graças a Deus que assim acode a seus servos.

Em um reino dos de Etiópia, governava um rei cristão de nome somente, porque publicamente vivia e estava casado com duas mulheres. E como o glorioso Padre Frei André era prior, sucedia no ofício santo de inquisidor apostólico, pelo que foi onde estava aquele rei e <sup>1o</sup> repreendeu com amor para que deixasse aquela vida infernal com que escandalizava todo seu reino, mas el-rei não fez caso daquelas amorosas admoestações. E, vendo o santo inquisidor sua obstinação, o começou a repreender com severidade, ameaçando-o com a justiça divina e com a obrigação de seu ofício; porém, como este vício libidinoso se encrudeleça mais quando mais lhe vão à mão, el-rei, furioso, mandou a um de sua guarda que logo ali matasse ao santo padre. Mas no ponto que o atrevido soldado levantou o braço com a espada nua para ferir ao santo, lhe caiu no chão o braço cortado e o triste [fol. 300v] com este castigo se lançou aos pés do santo e com muitas lágrimas, lhe pediu perdão de sua culpa, rogando que lhe tornasse seu braço. Movido o santo padre das lágrimas, tomou o braço do chão e, fazendo o sinal da cruz, o pôs em seu lugar e ficou como se não fora cortado. Mas nem com este tão grande milagre tornou em si o mal-aventurado rei, antes mandou a outro soldado que logo lhe tirasse a vida; o que ele fez, ferindo com uma espada ao santo na cabeça, de maneira que lha abriu em duas partes e, nomeando o dulcíssimo nome de Jesus, deu sua alma ao Senhor e com ser a ferida tão cruel, não caiu nem uma gota de sangue na terra, porque os anjos o recolheram e embalsamaram o corpo santo com preciosos unguentos.

Não deixou o Senhor clamar em vão o sangue de seu mártir sem tomar o castigo que o rei tirano merecia por suas culpas porque, assentando-se ele em sua cadeira real, como ferido do céu, caiu desatentadamente no chão e, ficando com a cabeça fixa no chão e os pés para cima, esteve assim muito tempo sem poder mudar a postura, por mais que o procurava, pelo que parece que os demónios o tinham daquela maneira. Finalmente, acabou sua miserável vida com grandes vozes e infernais angústias.

No cap. 15.<sup>o</sup>2, trata de uma mulher a quem chama Imata, fundadora de um mosteiro de freiras por nome Bedenagli. E diz que foi beata da terceira ordem de S. Domingos e que saiu de Roma em companhia daqueles oito religiosos santos que caminharam à Etiópia, como acima se disse. Chamaram-na os etíopes [fol. 301] Imata, que quer dizer «Serva de Deus» e por ser tão grande a opinião que todos tinham de sua santidade, deram a todas as freiras por nome apelativo «imatas»,

assim como em Espanha e Itália as chamam «sorores.» O mosteiro de freiras <sup>1</sup>chamado Bedenagli que fundou está entre a grã Lagoa Cafates e os Montes da Lua, pouco mais de um quarto de légua do convento de Dêbra Libanôs, onde se recolheu com cinquenta donzelas, filhas de gente principal que receberam o santo hábito de freiras dominicanas, e este número perseverou no mosteiro até sua ditosa morte. E logo foi elegida em priora do mosteiro a gloriosa Zemedemarea, que quer dizer Clara<sup>2</sup>, em tempo da qual, com ajuda de seu padre espiritual, o S.<sup>to</sup> Taquelâ Haimanôt, cresceu o mosteiro até número de trezentas freiras. E depois da morte de Taquelâ Haimanôt, sucedendo-lhe no priorado S. Felipe mártir, com sua ajuda chegou o número de freiras a cinco mil, e perseverou até o dia hoje o mesmo número. Estão os dormitórios, refeitórios e coro à traça do convento de Dêbra Libanôs e se governa da mesma maneira e, assim, é fácil de entender como uma priora pode governar tão grande número de religiosas. As professoras e veladas vestem hábitos brancos e pretos e toucas brancas de algodão e, sobre elas, um véu preto que lhes cobre o rosto até os peitos e espaldas. Antigamente não tinham clausura, senão que saíam de casa, [fol. 301v] mas agora a guardam com muita pontualidade por mandado do geral da Ordem dos Pregadores, o Mestre Frei Vicente Justiniano.

As noviças saem fora a vender o que fazem as religiosas no convento, porque umas tecem véus e toucas e outras tafetás, cordelates e anascotes e fazem grande trato disto; e as toucas e véus são mui estimados dos turcos e mouros e ainda os turcos os prezam para seus turbantes e assim os levam em mercadoria ao Cairo e Alexandria. São estas religiosas de tão santo exemplo que nunca em Etiópia se ouviu coisa de ofensa de Deus, nem há sucedido escândalo nenhum, que é mais de estimar daquelas boas religiosas. Em tomando o véu, não falam com ninguém, ainda que sejam parentes, nem os seculares lhes podem ver o rosto; e, assim, não têm locutórios, e em suas igrejas só entram mulheres.

Até aqui são palavras de Frei Luiz de Urreta em que, como temos visto, supõe como coisa muito certa e averiguada que estes frades são da sagrada religião de S. Domingos. Mas enganou-se muito, porque assim isto como o mais que diz deles é totalmente falso, pois como temos <sup>3</sup>dito por vezes e provámos acima no cap. 17.<sup>o</sup>, *Abba* Taquelâ Haimanot, que (como ele mesmo aqui afirma) lhes deu o hábito, não foi frade de S. Domingos; nem o que diz, que Frei Felipe sucedeu no priorado a Taquelâ Haimanôt, é assim, porque não lhe sucedeu senão Elçâ; [fol. 302] e este não foi prior quarenta anos, como o autor diz, senão três meses, como se refere no fim da *História* de Taquelâ Haimanôt e depois foi prior Frei Felipe. Nem estes foram inquisidores apostólicos nem outro nenhum prior, porque nunca houve em Etiópia Inquisição, nem sabem que coisa é e, assim, cada um fala como quer nas coisas da fé e cada dia vêm com novas heregias, sem haver prelado que acuda a isso, nem o imperador pode com eles, ainda que, a nossa instância, trabalha por tirar seus erros e introduzir nossa santa fé. Do que se vê quão fabulosa coisa seja o que diz de Frei Felipe que, por ter ofício de inquisidor e não lhe querer obedecer um rei que actualmente estava casado com duas mulheres, ajuntou um grosso exército dos lugares sujeitos a Dêbra Libanôs onde ele era prior e foi contra ele; nem cá lhe fora bem notado se ajuntara tal exército, porque isso não lhe parecia a ele, senão ao imperador.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 249/239].

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 16, intitulado «De la prodigiosa vida y grandiosos milagros de la gloriosa virgen S. Zemedemarea, que en nuestro modo de hablar quiere dezir Clara, religiosa de la sagrada Orden de Predicadores», pp. 307-44.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 249v/239v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 248v/238v].

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 15, intitulado «De la gloriosa Imata fundadora del magnifico Monasterio de Bedenagli, donde viven cinco mil monjas; tratase de la traça del edificio y costumbres de las religiosas», pp. 293-306.

Quanto dos milagres que conta destes frades, nenhum pude achar no *Flos Sanctorum* de Etiópia, o que eles chamam *Senqueçâr*.<sup>1</sup> Mas disseram-me que havia livro particular em que se tratava dos discípulos de Taquelâ Haimanot e este não pude haver, pelo que não refiro aqui nada deles. Só digo que, se a todos os que [fol. 302v] o autor conta se lhes deve dar o crédito que<sup>2</sup> a alguns deles, nenhum tem, antes são patentemente fabulosos; como aquele que diz de *Abba* Samuel que, estando assentado ao longo de um rio dos muitos que nascem da Alagoa Cafates, os quais crescem como o Nilo e que, lendo pelo *Evangelho de S. João*, adormeceu e cresceu o rio, como fazem todos os que nascem daquela alagoa e saíram tanto as águas de seus limites, que cobriram os campos e o santo ficou no meio, como em um aposento, servindo as águas de paredes e esteve ali até se tornar a recolher a água, sem se molhar seu vestido, nem o livro. Esta é fabulosa patranha, porque da lagoa que ele chama Cafates (que não a chamam senão *bahar*, que quer dizer «mar») não nasce rio nenhum, só o Nilo atravessa por uma ilharga, como dissemos no cap. 26.º do 1.º livro; e nem ainda o Nilo cresce tão subitamente enquanto vai pelas terras do Preste João (como ele imagina), antes tarda muito tempo em encher e depois que está de todo cheio, não espraia nada, porque sempre faz seu curso por entre serras ou partes muito fundas.

<sup>3</sup>Também é patentemente falso o que diz que cresceu uma vez tanto a Lagoa Cafates, como costuma, e saiu com tão grande ímpeto de seus limites ordinários que, com estar o S.<sup>to</sup> Samuel algumas léguas afastado dela, o alcançou e derrubou uma capela que tinha feita e ele se a [fol. 303]colheu a lugares seguros em que se livrou das águas. Não podia pintar o autor melhor patranha, porque a enchente desta alagoa não é como a maré do oceano que, em algumas partes enche com grande ímpeto e alaga muita terra, antes vai enchendo muito devagar, cada dia um pouco e isto ainda depois de bem entrado o inverno; e, depois que tudo acaba de encher, por nenhuma parte espraia tanto que não possa um homem quase chegar, tirando uma pedra com a mão e, quando vai vazando, é tão devagar que cada dia se enxerga muito pouco, de maneira que não é como o mar oceano, que pela parte de nossas terras enche e vaza em doze horas, senão que do princípio de Julho começa a crescer até Outubro e dali por diante vai vazando muito devagar. Por onde mal podia a enchente da alagoa derribar a capela de *Abba* Samuel, estando afastada algumas léguas dela. Deixo o que afirma que, quando ia pelos desertos e se achava cansado, chamava o tigre, o leão, o elefante e o rinoceronte e subia sobre eles, que disto poderá o leitor crer o que quiser, porque cá facilmente inventam estes contos. E pouco tempo há que um frade, que havia anos que andava no deserto, disse no reino de Tigré que lhe pertencia o império e que o imperador não lhe podia fazer rosto; porque até os leões lhe obe[fol. 303v]deciam e lá, no deserto, subia sobre eles para ir de uma parte a outra. Com isto, se lhe ajuntou muita gente e ia já entrando por Tigré como se fora senhor dele; mas, saindo um homem que nem ainda era capitão, o prendeu e levaram ao imperador e ele lhe mandou cortar as orelhas e narizes e agora anda por aí, sem ninguém fazer caso dele.<sup>4</sup>

Semelhante a estes contos é o que refere *Abba* Taquelâ Haureât que, em honra sua, todos os anos, dia de Natal, em que foi seu martírio, desce um anjo visivelmente em figura humana e põe no refeitório de Dêbra Libanôs, diante dos religiosos, dez cidras muito formosas que se repartem pelos do povo. Porque não achei quem me soubesse dar razão de tais cidras, com perguntar a alguns fra-

des da mesma religião e, entre eles, a um que se chama *Abba* Marcá, de grande nome entre eles, e me afirmou que tinha oitenta anos e que se criara<sup>1</sup> de menino em Dêbra Libanôs e que nunca vira tais cidras. E o capitão que até agora pouco há o foi <sup>2</sup>dos portugueses e se chama João Gabriel<sup>3</sup>, homem de muito ser, me disse que, sendo pequeno, estivera três anos contínuos naquele mosteiro, aprendendo os livros de Etiópia e que nunca vira tal coisa, nem até agora, que é de idade setenta anos, ouvira falar nela a ninguém, com andar ordinariamente no paço dos imperadores, nem eles chegam àquele mosteiro em muitos [fol. 304] anos, quanto mais cada ano. Nem depois que eu entrei em Etiópia, que foi no ano de 1603, foi lá nenhum de três que neste tempo houve. Por onde, o que lhe jurou o frade de Etiópia a Frei Serafino Rosi, que se achara presente muitas vezes a este milagre, foi tão certo, como o que Frei Luiz de Urreta afirma, pág. 56 do primeiro tomo<sup>4</sup>, que lhe jurou asseveradamente e com muitas exagerações sobre coisas sagradas João Baltazar, natural de Etiópia, que no Monte Amharâ têm guardado em uma arca de ouro um pedaço das tábuas que estavam escritas com o dedo de Deus e quebrou Moisés por causa da idolatria do povo e que ele o vira e tivera muitas vezes em suas mãos; o que (como declaramos compridamente no fim do cap. 3.º do 1.º livro) é fabulosa patranha, porque nunca houve tal coisa em Etiópia; antes os letrados dela afirmam também que não ficou memória das tábuas que quebrou Moisés, do que se mostra claramente quão pouco crédito se deve dar a seu juramento.<sup>5</sup>

Sobre o que o autor diz daquela mulher Imata, fundadora das freiras de Etiópia, não temos para que nos deter, pois se vê tão claro ser fábula que viesse de Roma tal mulher, do que acima provamos no cap. 17.º, que nem há, nem houve nunca nas terras que senhoreia o Preste João, religião de S. Domingos e que os frades com quem ele diz que veio de Roma [fol. 304v] aquela mulher, foram mais de trezentos anos antes que nascesse o glorioso Padre S. Domingos. O nome Imata, que não há-de ser senão Amâta, que quer dizer «Serve», não é comum às freiras, porque ordinariamente ficam com o nome do baptismo em que lá muitas mulheres chamam Amâta Christós, «Serve de Cristo», Amâta Micael, «Serve de Miguel», e depois não são freiras, senão casadas. Nem há tal modo de refeitório e coro, como pinta Frei Luiz; nem trazem véu que lhes chegue aos peitos; nem guardam hoje clausura, nem a guardaram nunca, cada uma vai por onde quer, porque seu modo mais é de beatas que de freiras. E se guardaram a honestidade de beatas fora grande bem, mas não é assim; antes muitas delas vivem de maneira que dizem os seculares que, depois que se fazem freiras, têm mais mundo que se o não foram. E comumente se fazem freiras depois de viúvas e ficam em sua casa como antes e ainda que sejam donzelas e queiram recolhimento, não há outro mais que estarem perto de algum mosteiro de frades, em suas casinhas afastadas uma de outra e vai à sua vontade onde lhe parece.

Quanto aos tafetás, etc., que diz que tecem, é fábula, porque em Etiópia não há seda, nem sabem como se tece o tafetá. A lã é muito pouca e grosseira e não a sabem lavar e assim não fazem dela senão umas mantas, muito piores que as com que na nossa terra cobrem os cavalos. Algodão há

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 250v/240v].

<sup>3</sup> Ver glossário (João Gabriel).

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 5, intitulado «De la Reyna Saba, que de la Etiopia sue a usitar al Rey Salomon, del qual consibio un hijo que se llamo Melilech de quien decienden todos los Emperadores Abissinos; tratase de las tablas de la Ley», pp. 46-65.

<sup>5</sup> A tradição cristã etíope consagra, ainda hoje, a capela de S.<sup>ta</sup> Maria do Sião, em Aksum, como o local onde se guardam as tábuas dos dez mandamentos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 251/241].

<sup>1</sup> Sinaxário.

<sup>2</sup> Palavra omissa: provavelmente «dá».

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 250/240].

<sup>4</sup> A mansa obediência dos animais ferozes é um tópico bíblico, amplamente desenvolvido na hagiografia etíope.

em abundância, mas nem disso sabem fazer as toucas e véus que o autor diz [fol. 305] que levam aos turcos; antes, por seus portos, vêm cá da Índia as toucas, véus e roupa fina que em Etiópia se gasta.

Também trata, no cap. 18.<sup>o</sup>1, da Imperatriz Elena<sup>2</sup> e diz que casou com o Imperador Alexandre II e foi mãe do Imperador Naum e avó do Preste João David e que foi, depois, religiosa da terceira Ordem da Penitência do Padre S. Domingos e que, assim como S.<sup>ta</sup> Helena é honra e glória de toda a Igreja Católica, a Benta Elena é honra da Igreja de Etiópia e glória da Ordem dos Pregadores e singular formosura do estado santo das religiosas que chamam beatas. Nisto teve também Frei Luiz falta de informação, porque a Imperatriz Elena não foi mulher do Imperador Alexandre II, que em Etiópia não houve dois Alexandres, nem casou senão com o Imperador Naôd e nunca pariu que, ainda que David foi filho do Imperador Naôd, não o era da Imperatriz Elena, senão bastardo. E, porque ela o criou por não ter filhos, por isso pode ser que não sabiam, dissessem que era seu filho, ou que ela, por honra, o chamasse assim. Nem ela podia ser religiosa da terceira Ordem de S. Domingos, pois como temos dito, cá não o conhecem, nem têm notícia das coisas de sua sagrada religião. E assim, tudo quanto diz no cap. 20.<sup>o</sup>3, de como se fundou em Etiópia [fol. 305v] a confraria do S.<sup>to</sup> Rosairo e que hoje em dia há muitas e que perseveram com muita grandeza, tudo é fábula, porque nem há, nem houve nunca confraria do Rosairo nestas partes, nem sabem que coisa é.

## CAPÍTULO XXIII

### EM QUE SE DECLARA SE HOUVE ALGUNS IMPERADORES SANTOS EM ETIÓPIA.

Muito longe estava eu de gastar tempo nesta matéria e cansar ao leitor com coisas tão escusadas, se Frei Luiz de Urreta me não obrigara, cano<sup>4</sup>nizando por santos sete imperadores de Etiópia de que trata no cap. 3.<sup>o</sup> do livro 3 de seu 1.<sup>o</sup> tomo<sup>5</sup> e diz que são S. Felipe, primeiro Preste João cristão, o santo Imperador João, outro João o Santo, S. Felipe VII, o Imperador S.<sup>to</sup> Elesbaão, S. Abraham Preste João, o glorioso Lalibela imperador. Mas por que, passando eu em silêncio o que diz destes imperadores, não cuide alguém que tudo é certo, me pareceu referir brevemente o que deles traz e depois, declarar o que contam os de Etiópia.

Falando, pois, o autor do Preste João Felipe, diz que, quando a Rainha Candace baptizou, no Monte Amharâ, os príncipes que ali estavam da casa e sangue de David<sup>6</sup>, o mais velho se chamava

Zacarias e, no baptismo, se quis chamar Felipe, em memória do glorioso S. Felipe que baptizou ao eunuco e que, deste santo imperador (em quem renunciou [fol. 306] o império a Rainha Candace e se recolheu em um mosteiro) dizem as histórias de Etiópia que foi grande defensor e pregador da fé cristã, porque igualmente era imperador e apóstolo. Foram inumeráveis as igrejas que edificou e muito grandes as rendas com que as dotou. Dizem que o honrou Deus com milagres em vida e em morte, que pois ele com tanto cuidado procurou o serviço de Deus, claro é que o mesmo Deus havia de procurar sua honra. Guardou toda sua vida a inteireza da virgindade e está enterrado no Monte Amharâ, no templo do Espírito Santo, onde se enterram os imperadores de Etiópia e ali é honrado e reverenciado por santo.

*Do santo Imperador João.*

*Depois da santa morte do Imperador Felipe, como não deixou filhos por haver guardado sempre castidade virginal, lhe sucedeu seu irmão João, ao qual na Etiópia têm por santo e foi um dos príncipes que, no Monte Amharâ, baptizou a Rainha Candace e o santo eunuco. Chamando-se Daniel, quis em seu baptismo nomear-se João. Foi santíssimo varão e em tudo procurou imitar o exemplo que lhe deixara seu santo irmão e predecessor. Procurou com todas suas forças dilatar a fé católica e confirmá-la em todos [fol. 306v] seus reinos, desterrando qualquer rasto e relíquias de idolatria, edificou igrejas mui sumptuosas e em tudo procurou seguir o caminho das virtudes de seu santo irmão. Quisera guardar castidade como ele, mas obrigou-o o Conselho e todo o império a que casasse, porque havia mui poucos da casa de David. E assim, lhe buscaram mulher conveniente de quem teve sete filhos e duas filhas e no santo matrimónio fez uma vida angélica, de ma<sup>1</sup>neira que o têm em Etiópia e sempre o hão tido por santo, ainda que, como coisas tão antigas, não dão mais notícia dele as histórias etiópicas.*

*Uma das infantas filhas do Imperador João se chamava Eufrásia e guardou virgindade toda sua vida. E muitos anos esteve no deserto em uma cova, fazendo grandes penitências e tratando só com Deus e com os anjos, sem que olhos humanos a vissem. Na cova onde fez penitência, está hoje edificada uma igreja de seu nome e lhe têm grande devoção. Desta S.<sup>ta</sup> Eufrásia faz menção o Martirológio Romano a 13 de Março<sup>2</sup> e, ainda que diz que foi da Tebaida, é por estar perto da Etiópia, mas na verdade, foi filha do imperador de Etiópia.*

Dos santos imperadores da Etiópia, João o Santo e Felipe VII.

*Estes dois imperadores viveram no tempo de S. Basílio, que foi pelos anos do nascimento de Cristo de trezenos e trinta até oitenta. Foram santíssimos príncipes e dos mais famosos que teve a Etiópia. João o Santo (que este nome lhe dão os etíopes por sua heróica santidade [fol. 307] e por diferenciá-lo de outros imperadores que se chamaram Joãos) foi tão zeloso da fé católica que, vendo que em seu tempo se alevantara aquela blasfema heregia de Arrio que negava a equalidade das divinas pessoas, fazendo ao Filho menor que o Padre, instituiu uma ordem militar de cavaleiros comendadores debaixo do nome de S.<sup>to</sup> Antão Abade. E escreveu a seu grande amigo S. Basílio que lhe mandasse os institutos e constituições, o que fez com muita vontade o glorioso santo, e os cavaleiros os guardam até o dia de hoje. O fim desta religião militar foi, naqueles tempos, pelejar contra os arrianos e guardar a Etiópia de tão blasfema*

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 18, intitulado «De la bendita Elena emperatriz de la Etiopia, religiosa de la tercera Orden de la Penitencia del glorioso Padre Santo Domingo, que llamamos Beatas», pp. 379-91.

<sup>2</sup> Ver glossário (Helena / Elleni).

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia de la sagrada orden de Predicadores...*, cap. 20, intitulado «De la Cosadria del Santo Rosario, de la Sacratissima Virgen y de su fundacion, en los Reynos de la Etiopia», pp. 399-416.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 251v/241v].

<sup>5</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro III, cap. 3, intitulado «De los Preste Iuanes y emperadores de la Etiopia que son tenidos y reverenciados por santos», pp. 672-685; de notar que o livro de Luis Urreta tem erros de paginação.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: e de seu sangue.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 252/242].

<sup>2</sup> *Martyrologio Romano reformado conforme a la nueva razón del Kalendario y verdad de la Historia Ecclesiastica*, Valladolid, 1586, fol. 39v.

heresia e foi meio tão importante que, com entrar esta heresia quase em todo o mundo, não pôde contaminar a Etiópia, estando tão perto de Egipto onde foi sua invenção. Edificou este santo imperador muitas igrejas com a invocação da Santíssima Trindade e fez muitas leis para o bom governo de Etiópia, que se guardam até hoje. Morreu santissimamente, nomeando o doce nome da Santíssima Trindade, como acerríssimo<sup>1</sup> defensor de sua fé e pureza. E ilustrou-o Deus com muitos milagres.

A este Imperador João o Santo, sucedeu Felipe VII no número dos que tive<sup>2</sup>ram este nome. Tido em Etiópia por santo e bem-aventurado e, como lhe sucedeu no estado, [fol. 307v] lhe herdou suas heróicas virtudes e santo zelo, assim no que pertencia à fé, como no tocante ao bom governo de seus reinos. Dilatou muito a ordem militar dos cavaleiros de S. Antão, deu-lhes privilégios e rendas, só por que se ocupassem em pelejar contra os arrianos. Fez muitas leis para o governo das cidades, tão santas e boas que até hoje, os imperadores, quando os coroam, juram de as guardar; e em todas as cidades do império têm escritas estas leis em uma tábua e fixadas no meio das praças para que as saibam todos e os juízes e governadores julgam por elas. Foi príncipe mui exemplar, pai e amparo de todos e cheio de virtudes. Partiu contente desta vida para a glória. Foram enterrados estes dois imperadores no templo do Espírito Santo do Monte Amharâ, onde são venerados por santos.

#### Do santo Elesbaam, imperador da Etiópia.

No tempo do Imperador Justino, conta Simão Metafrastes na História de S.<sup>to</sup> Aretas mártir<sup>3</sup> e Nicéforo que um rei dos homeritas, que é na Arábia, chamado Dunaam, judeu de lei e crença, com todos os seus juntando grande exército de judeus e gentios, pôs cerco a uma cidade de cristãos chamada Negra, na Arábia Feliz. E, ainda que a teve cercada muito tempo, os cristãos se defenderam animosamente e, vendo que por força [fol. 308] não podia sair com a empresa, alevantou o cerco e fez amizade e depois, com engano, entrou na cidade e os seus se foram metendo dissimuladamente. E depois, começou a persuadir aos cristãos que se fizessem judeus e não querendo eles receber seu maldito conselho, mandou aos seus que destruíssem a cidade e, assim, fez mártires a quantos nela achou.

Esta crueldade e traição<sup>4</sup> do pérfido judeu veio à notícia do Preste João Elesbaam que era também rei e senhor daquela cidade e de muita parte da Arábia. E, para vingar tão grande maldade, juntou copioso exército de etíopes e arábios, todos cristãos e foi a buscar ao judeu Dunaam e dando-lhe batalha, com facilidade o venceu e matou todos os seus e a ele fizeram em pedaços, em pago de suas crueldades. O Santo Imperador Elesbaam, reconhecendo haver sido de Deus aquela vitória, não se mostrou desconhecido, antes, pregoando as misericórdias de Deus, mandou sua coroa imperial a Jerusalém para o santo sepulcro de Jesus Cristo e, renunciando o império, se fez eclesiástico. E, ordenado de 5 missa, se vestiu de cilício mui áspero, vivendo em uma cova escura e espantosa, onde esteve toda sua vida sem que o visse homem vivente. Fez incrível penitência, não comendo mais que ervas cruas, onde Deus o descobriu com muitas obras milagrosas. Têm-no por muito grande santo em Etiópia e no lugar e cova onde fez penitência,

ainda que [fol. 308v] asperíssimo e quase inabitável, se edificou uma sumptuosa igreja à invocação deste santo a que têm grande devoção, como o mostra o muito concurso de gente e a frequência da santa comunhão que nela recebem. Faz menção deste santo o Martirológio Romano a 22 de Outubro e o Metafrastes, a 24<sup>1</sup>.

#### Da milagrosa vida de S. Abraão, Preste João de Etiópia.

Na província de Ancona, que é um certo senhorio de Etiópia, há uma serra que terá duas léguas de subida tão áspera e íngreme, que é necessário, para subir, pegar-se em umas cordas que estão amarradas e é tão trabalhoso o caminho que é mister mais de meio dia para chegar acima. No alto, está uma cova e nela uma igreja mui grande, como catedral de três naves muito bem feitas e suas capelas e altares. Estão nela mais de duzentos clérigos e é muito rica. Chama-se Imbra Cristos, que quer dizer «Caminho de Cristo.» Nesta igreja estão duas casinhas cavadas na mesma pedra, em que fez penitência o santo Abraão e ele mandou fazer aquela igreja<sup>2</sup>. Refere-se, nas histórias de Etiópia, que este Preste João foi sacerdote e que se recolheu na cova que está nesta igreja, em que esteve quarenta anos escondido e disse missa cada dia e, para a dizer, lhe traziam os anjos pão e vinho. E hoje, no altar-mor, está pintado este imperador vestido de roupas sacerdotais [fol. 309] como para dizer missa e uma mão que sai por uma janela com pão e outra por outra ilharga com uma galheta, significando o milagre que dissemos. Disse mais que, enquanto foi Preste João na Etiópia, não tomou tributos<sup>3</sup> nem direitos a seus vassalos e, se lhe apresentavam alguma coisa, a repartia aos pobres, sustentando-se ele de algumas terras que lavrava. Fez grande e rigorosa penitência naquela cova e, por quarenta anos, não comeu senão, de oito em oito dias, uma só vez<sup>4</sup> aos domingos, trazendo sempre cilício. Foi tal a fama que, das heróicas virtudes deste santo imperador, correu pelo mundo que um patriarca de Alexandria veio até Etiópia só para o ver e morreu na mesma igreja. Finalmente, o santo Abraão foi a receber da liberal mão de Deus o prémio de seus trabalhos e, em sua morte, o honrou Deus com muitos milagres. Foi enterrado na mesma igreja, em um sepulcro que está no meio dela, alto quatro degraus e noutra sepulcro, à mão direita, alevantado três degraus, está enterrado o patriarca que veio de Alexandria e à mão esquerda, em outro sepulcro, uma filha do Santo Imperador Abraão, que seguiu a penitência de seu pai e é tida por santa em toda a Etiópia.

#### Do glorioso Lalibela, imperador da Etiópia.

Por ser tão milagrosa a santa vida, nascimento e [fol. 309v] morte deste bem-aventurado Preste João, o chamaram Lalibela, que quer dizer «Milagre do Mundo», porque toda sua vida, suas obras, suas virtudes foram milagrosas e seus milagres muitos e maravilhosos. Referem dele as histórias de Etiópia que, no ponto que nasceu, vieram inumeráveis abelhas e o cobriram de pés à cabeça, sem que se visse parte descoberta do menino e a gente que assistia o parto, maravilhada de coisa tão milagrosa, não se atreveu a tocar senão ver em que parava<sup>5</sup>. As abelhas, sem lhe fazer mal algum, o alimpavam da imundícia e san-

<sup>1</sup> Acérrimo.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 252v/242v].

<sup>3</sup> Uma versão deste documento da autoria de Simeão, bispo dos cristãos da Pérsia (Simão Metafrastes), foi publicada por Esteves Pereira, in *História dos mártires de Nagran*, Lisboa, 1899, pp. 1-31. No mesmo volume, também publicou o texto do *Martírio de Santo Aretas*, pp. 35-76.

<sup>4</sup> Traição.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 253/243].

<sup>1</sup> S.<sup>to</sup> Elesbão festeja-se a 27 de Outubro (ver *Martyrologio Romano*, 1586, fols. 176-176v). O *Metafrastes* é, por metonímia, o nome por que se designou a colectânea de vidas de santos realizada por Simeão Logoteta, no século X.

<sup>2</sup> Omitto no Ms. 778 BPB: *estão duas casinhas cavadas na mesma pedra, em que fez penitência o santo Abraão e ele mandou fazer aquela igreja.*

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *nem trabalhos.*

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 253v/243v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *paravam.*



que com que saiu do ventre da mãe e, deixando-o limpo, voaram para o céu sem que as vissem mais, que foi hieroglífico de grandes mistérios porque, para descobrir o céu que se havia de achar no S.<sup>to</sup> Lalibela, quis usar destes anúncios. Guardou este santo imperador castidade toda sua vida, que foram oitenta anos, permanecendo sempre virgem e assim, na hora de sua morte, se partiu desta vida com a auréola da virgindade para receber o prémio do sumo remunerador. Esta pureza e limpeza prognosticavam as abelhas que o cobriram em nascendo, porque a abelha, como nota S.<sup>to</sup> Epifânio, é símbolo da limpeza e castidade. Também foram as abelhas símbolo <sup>1</sup>de uns homens engenhosos, amigos de obras e de fazer edifícios, pela traça tão misteriosa com que lavram seus favos. Assim o foi o Santo Imperador Labilela, muito cuidadoso do culto divino e o mais amigo de edificar igrejas e casas de oração. Ele foi o que, com incríveis gastos, fez aqueles [fol. 310] milagrosos templos feitos todos de uma só pedra, dos quais fizemos menção no livro segundo, que são uma das mores maravilhas que há tido o mundo. E está ali enterrado, na igreja que chamam Golgotá. Enfim rico de virtudes, se partiu desta vida e deu sua alma nas mãos daquele Senhor que lha emprestou até então. As histórias etiópicas dizem que o honrou Deus com muitos milagres e seu santo corpo é tido em grande veneração e vai a ele muita gente em romaria, por ser tido de todos por grande santo<sup>2</sup>.

Isto é o que Frei Luiz de Urreta conta destes, a quem baptiza por Preste João, imperadores de Etiópia. Mas, como se pode ver, nos catálogos que pusemos no cap. 5.º do primeiro livro, só Lalibela foi imperador de Etiópia e, dos demais, não há memória nenhuma. E assim, perguntando a muitos velhos, bem vistos nas histórias de Etiópia, me disseram que não sabiam que houvessem tais imperadores, tirando Lalibela. E, para me satisfazer mais, cheguei a perguntar ao Imperador Seltân Çaguêd, que hoje vive, e me disse, diante de muitos senhores, que nenhum de seus antepassados tivera tal nome e que Lalibela não era dos da casa real a quem pertencia o império, senão descendente de um tirano por nome Zagoé, de quem também se faz menção nos catálogos dos imperadores. Perguntei também se houve algum imperador santo em Etiópia e respondeu um dos grandes, rindo, que nenhum. Disse o imperador: «Como ha[fol. 310v]viam de ser santos, morrendo com três e quatro mancebas à ilharga?» E sobre isto, falou bom pedaço da devassidão que havia antigamente. E depois, me disse Eraz Celá Christós, irmão<sup>3</sup> do imperador: «Por modéstia, disse meu senhor <sup>4</sup>que os imperadores passados morreram com três a quatro mancebas à ilharga, que bem poderá dizer vinte, porque não lhe faltavam.» Isto era antigamente tão usado e público que, demais da imperatriz, tinham sempre duas mulheres como próprias (afora de<sup>5</sup> outras mancebas) em suas casas, uma à mão direita do paço, outra à esquerda, e a esta chamavam *balteguerâ*, que quer dizer «dona da mão esquerda.» Só o imperador David, que depois se chamou Onag Çaguêd, dizem que não tinha estas mancebas. E já pode ser que o que informou a Frei Luiz de Urreta, a quem ele nomeia João Baltazar, fosse parente de alguma destas que chamavam *balteguerâ* e, por honra, se quisesse chamar João Balteguerâ e Frei Luiz de Urreta entenderia João Baltazar, porque como me disse o imperador a primeira vez que eu o nomeei diante dele: «Não é este nome de Etiópia.»

O que temos dito, bastava para que o leitor entendera bem quão fabulosas são as coisas que aqui diz Frei Luiz de Urreta, pois nas terras que governa o Prestes João não houve nunca tais impe-

radores, excepto Lalibela. Contudo, para que o veja mais claramente, há-de saber que o que afirma do primeiro destes imperadores, Felipe que a Rainha Candace [fol. 311] baptizou no Monte Amharâ e renunciou nele o império, é patentemente falso porque, como dissemos no fim do cap. 7.º do primeiro livro<sup>1</sup>, os primeiros que se começaram a meter naquele monte, que se chama Guixem,<sup>2</sup> foram pelos anos de 1295 e a Rainha Candace foi no tempo dos apóstolos.

No que diz mais adiante de S.<sup>ta</sup> Eufrásia, melhor lhe fora seguir o *Martirologio Romano*, que diz que foi da Tebaida, pois em esta Etiópia não houve tal Imperador João, cuja filha diz que foi.

Também é falso o que diz do imperador a quem chama João o Santo, que instituiu uma ordem militar de cavaleiros comendadores que pelejam contra os arrianos porque, como mostrámos no cap. 17.º deste 2.º livro, não há, nem houve nunca em Etiópia tal ordem de cavaleiros. Nem nas praças estão escritas em<sup>3</sup> tábuas as leis que, diz, fez o Imperador Felipe VII e mal as podia fazer, pois não houve nunca tal imperador.

Também se fora certo o que diz do Preste João <sup>4</sup>Abraão, que mandou fazer uma igreja catedral onde estão mais de duzentos clérigos e, à fama de suas heróicas virtudes, veio um patriarca de Alexandria e ambos se enterraram naquela igreja, muitos haviam de saber<sup>5</sup> isto e todavia, dizem todos que nem<sup>6</sup> ouviram tais coisas, nem que houvesse nunca tal imperador em Etiópia.

De tudo quanto Frei Luiz traz destes imperadores, o que podia parecer mais verosímil é [fol. 311v] o que diz do Imperador Lalibela, mas quase tudo também é fábula, porque nem as histórias de Etiópia referem que, quando nasceu, o cobriram abelhas<sup>7</sup>, nem guardou virgindade toda sua vida porque, como todos dizem, foi casado e teve dois filhos, sua mulher se chamava Mascal Quebrâ e os filhos Emera Christós, e Naacuto La Ab. Nem de sua santidade há muita certeza, antes me disse o Imperador Seltân Çaguêd que não era santo, que só a gente ignorante falava nisso. Prova bem fraca, que a muitos veneram em Etiópia por santos que foram muito maus e acabaram como viveram. No reino de Tigré, na terra que chamam Adecorrô, está uma sepultura de um que chamam Isaac, de grande romagem e concurso de gente popular, porque o têm por santo; sendo assim, que esteve naquele reino alevantado contra os imperadores mais de vinte anos, comendo as rendas dele. E, indo lá com exército o Imperador Adamas Çaguêd, chamou os turcos de Maçuá e lhe deu com eles batalha em campo e o desbaratou e, assim, levaram os turcos grandes despojos e muitos cristãos cativos. E, depois de alguns anos, foi o Imperador Malac Çaguêd sobre ele com grosso exército e também tornou a trazer turcos, mas, dando batalha, foi ele desbaratado e saiu mui ferido dela. E, vendo que não podia escapar dos que andavam correndo o campo, disse a alguns que com ele estavam, que lhe cortassem a cabeça [fol. 312] e a enterrassem e lançassem nova que fugira e, com isto, poderiam comer aquele reino algum tempo, o que eles não<sup>8</sup> quiseram fazer e assim, chegando dali a pouco os do imperador, o mataram e lhe levaram a cabeça. E com viver e morrer desta maneira, o têm por grande

<sup>1</sup> No Ms. 778 BPB, o longo excerto desde a palavra «pegar-se», do parágrafo que começa por «Na província de Ancona» (fol. 253/243), até aqui, parece ter sido redigido por outra mão.

<sup>2</sup> Omitto no Ms. 778 BPB: que se chama Guixem.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: as.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 255/245].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: ouvir.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: nunca.

<sup>7</sup> A tradição popular etíope sublinha, de facto, uma associação temática entre o rei Lalibála e enxames de abelhas, as quais teriam, milagrosamente, construído as famosas igrejas monolíticas durante o seu reinado.

<sup>8</sup> Omitto no Ms. 778 BPB: não.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 254/244].

<sup>2</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excertos traduzidos (com várias omissões) do livro III, cap. 3, pp. 674-85.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: criado.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 254v/244v].

<sup>5</sup> Omitto no Ms. 778 BPB: de.

santo a gente daquela terra, porque dizem que fazia muitas esmolos. Por tais têm também muito *Abuna* Simam e a Iuliôs, que mor<sup>1</sup>reram da maneira que dissemos acima, no cap. 5.º. Pelo que não é muito que tenham também por santo ao Imperador Lalibela que fez as igrejas de que tratámos no cap. 15.º deste 2.º livro. E para que se veja quão diferentemente contam sua vida os livros de Etiópia do que, no seu, a refere Frei Luiz de Urreta, a porei aqui da maneira que neles a achei.

#### Vida do Imperador Lalibela como a contam os livros de Etiópia.

*Aos 17 de Junho descansou o bem-aventurado e limpo e olhador dos mistérios do céu, Lalibela, imperador de Etiópia. Quando nasceu este santo, o criaram seus pais em temor de Deus e, chegando a ser mancebo, o viu o imperador seu irmão que crescia e que havia de possuir seu império e estar sobre sua cadeira; e entrou nele a inveja e mandou-o chamar. E, quando veio, o fez estar em pé diante dele e buscan[fol. 312v]do achaques, mandou que lhe dessem muitos açoutes, das seis horas da manhã até às oito ou nove. E depois o mandou trazer e, vendo-o, se maravilhou muito ele e toda sua gente, porque nenhuma coisa lhe chegara, que o livrara o anjo de Deus e assim lhe disse o imperador: «Perdoai-me, meu irmão, o que fiz contra vós.» E fizeram paz e amizade. E viu Deus seu tormento daquele dia e lhe deu o império e, estando nele, cuidou em que agradaria a Deus e fez muitas esmolos aos pobres. E, vendo Deus a fortaleza de seu amor, lhe apareceu o anjo de Deus em sonhos e mostrou-lhe como havia de fazer as dez igrejas de diferente maneira. E fez como Deus lhe mostrou e, quando acabou de edificar aquelas igrejas, fez possuir o império a seu irmão; e assim descansou em paz.<sup>2</sup>*

Até aqui são palavras do livro que conta a vida deste imperador e não diz coisa nenhuma mais, e, se fora certo o que refere Frei Luiz de Urreta, não o houvera de deixar. Nem ainda ao que conta este livro se pode dar crédito, pelas muitas mentiras que nele estão, entre as quais, falando da circuncisão de Cristo Nosso Senhor, diz que a Virgem Nossa Senhora rogou a S. Josef que lhe trouxesse um homem sábio que lhe circuncidasse o menino e, quando o trouxe, teve Cristo Nosso Senhor uma grande prática com ele e, ultimamente, levantou os olhos ao céu e falando com Seu eterno Padre, disse: «Ó Padre, dai-me a circuncisão que destes a Abraão, Isaac e Iacob, primeiro, sem mão de homem.» E então apareceu circun[fol. 313]cidado sem <sup>3</sup>mão de homem. E foi Sua circuncisão sem se saber e mostrou sua sabedoria em que não cortasse coisa alguma de Sua carne na circuncisão.

De tudo o que diz<sup>4</sup> Frei Luiz de Urreta<sup>5</sup> destes imperadores, só uma coisa me fez reparar muito. E foi o que refere do imperador Elesbaam, por razão dos autores que cita e porque o cardeal César Barónio, em seu 7.º tomo<sup>6</sup>, diz que, no ano de 522, reinava em Etiópia, na cidade real de Auxume (que parece será a mesma que agora cá chamam Agçûm) El-rei Elesbaam, e conta como venceu ao judeu e que, em reconhecimento da mercê que Deus lhe fizera em lhe dar tão grande vitória, mandou sua coroa a Jerusalém e saindo de noite de sua cidade, se foi a um mosteiro de religiosos que estava em um monte e, metendo-se em uma casinha pequena, esteve nela muitos anos,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 255v/245v].

<sup>2</sup> A breve notícia sobre Lalibála traduzida por Pedro Páez foi recolhida decerto no *Senkessar* (Sinaxário).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 256/246].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: diz.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: afirma.

<sup>6</sup> Barónio, *Annales Ecclesiastici*, Coloniae Agrippinae, 1609, t. 7, itens 23-24, pp. 99-100. Os anais contêm ainda o relato do martírio da gente de Nagran e do socorro prestado por Eslebão / Kaleb, itens 22-66, pp. 99-110.

fazendo grandes penitências, até que passou desta vida. Por isto e porque o *Martirologio Romano* de Gregório XIII faz menção deste rei de Etiópia, Elesbaam, a 27 de Outubro, perguntei com diligência aos frades velhos que podiam dar melhor razão disto e todos convêm em que não houve nunca nestas terras rei que tivesse tal nome, mas que em uma povoação do reino de Tigré, que chamam Agçûm, que primeiro foi cidade muito grande, reinara antigamente um rei que se chamava Caleb, de quem seus livros contavam a mesma história que os autores [fol. 313v] acima citados atribuem a Elesbaam. Pelo que procurei haver este livro e achou-se em um mosteiro muito antigo que está no mesmo lugar de Agçûm e, falando d'El-rei Caleb, diz desta maneira:

*Morto Tacenâ, rei de Agçûm, reinou seu filho Caleb, homem sábio e forte e de verdadeira fé. A este mandou recado Timoteos, papa do Egipto e Alexandria, sobre a gente de Nagran, que matou aquele judeu tirano por nome Finaâs, pedindo que fosse logo ajudar a aqueles cristãos. E, mandando primeiro 10 500 soldados de Etiópia bem armados, morreram de sede no caminho e, como el-rei teve esta nova tão triste, foi disfarçado a um homem santo que se chamava Abba Pantaleão. E, chegando, beijou por devoção a parede e lhe pediu, com lágrimas, que rogasse a Deus por ele e que lhe dissesse o que lhe parecia que lhe havia de suceder e deu-lhe conta dos soldados que lhe morreram. Disse-lhe então o santo que fosse em paz, que havia de vencer os inimigos dos cristãos e que o morrerem os soldados fora obra do demónio; que fosse confiadamente que havia de plantar <sup>1</sup>lá igreja e ensinar a fé de Cristo e, depois, tornar a sua casa a salvamento. Alegrou-se el-rei muito com isto, tomando aquelas palavras como de Deus e, recebendo sua bênção, deu a um seu discípulo um presente de incenso e, dentro, dez onças de ouro escondido. E, chegando o discípulo com isto, lhe disse o santo: «Porque o tomastes? Não [fol. 314] sabeis que está dentro ouro? Deixai, deixai.» E virando-se para el-rei, lhe disse por que cometera aquela culpa. «O Evangelho diz: Dai-nos o pão de cada dia. Porque destes tanto ouro? Nós não queremos ser ricos. Dai isto aos pobres e ficar-vos-á guardado no céu. Ide, que as orações de Timoteos, papa de Alexandria e as lágrimas de Justino vos acompanharão. Também o sacrifício dos mártires de Nagran, que já chegou ao céu, irá em vossa companhia e Deus vos dará vitória.»*

*Partiu el-rei com muita confiança em Deus e nenhuma em suas forças, nem nas de seus soldados, o que sabendo o judeu, fez algumas cadeias de ferro muito grandes para impedir a passagem de suas naus, que eram cento e setenta e um, das quais cento e três eram grandes. E, chegando el-rei ao lugar e não podendo passar as naus, lhe apareceu um homem, como ermitão, de rosto branco, formoso e resplandecente e lhe fez sinal com a mão, que passassem pela mão direita (esta visão não viu o inimigo); e, chegando lá com onze naus el-rei, as foi guiando aquele ermitão. Nisto, mandou o judeu muita gente para impedir o passo às naus, mas el-rei deu neles e os matou e queimou suas casas e foi assolando quanto achava no caminho até chegar onde estava o judeu, a quem cativou. De tudo isto não sabia nada a outra parte da armada d'el-rei, que teve muitos trabalhos e fomes, pelo que os dela fizeram oração a Deus e teve por bem de os ouvir e mostrou-lhes aquele frade, o qual tomou com uma mão o cabo de um cavalo dos inimigos e, com a outra, lhe deu uma ferida. Então, fugiram os inimigos de Cristo e os de Etiópia foram dando neles e matando muitos, até que chegaram onde estava el-rei e, ficando os do judeu no meio, el-rei matou muitos mais do que os outros tinham morto.*

*Acabado isto, se juntaram todos e contaram o que lhes tinha sucedido, assim no mar como na terra [fol. 314v] e como el-rei tomara a Finaâs. E disse el-rei como um frade fizera sinal a ele e a suas naus e, dan-*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 256v/246v].

*do com um pé naquelas cadeias, as quebrara e passava, primeiro sua nau e depois as outras dez, e que o frade andava sobre as águas como se fora terra firme. E acrescentou el-rei que lhe parecia que aquele frade era o que estava na casinha de sua terra e que ele o guiara até o lugar do judeu e que o mesmo frade o prendera e lho entregara, para que o guardasse até que se plantasse a igreja e, lá degolá-lo. Disse um dos príncipes d'el-rei que, vindo um vento contrário, aquele frade o fez deter com seu bordão. E outro disse que se quebrara uma nau e que, fazendo aquele frade o sinal da cruz, ficou outra vez inteira. E todos disseram que, tomando aquele frade o cabo de um cavalo dos imigos, lhe deu uma ferida em modo de cruz e logo fugiram os imigos. Deram então todos muitas graças a Deus que lhes fez todas estas mercês pela oração do frade daquela casinha.<sup>2</sup>*

Até aqui são palavras do livro que se guarda no Mosteiro de Agçûm. E não prossegue a história, nem declara como acabou este rei Caleb, mas dizem que, em outros livros, se refere tudo o que fez depois da vitória, que<sup>3</sup> eu não pude achar até agora. Mas afirmou-me um frade velho, que sabe bem de histórias, que depois daquela vitória, mandara sua coroa a Jerusalém em reconhecimento de que a alcançara por singular mercê do céu e, dando o reino a um seu filho, se metera ele em uma cova, onde fez grande penitência, até morrer. Quanto à<sup>4</sup> sua sepultura, está junto a Agçûm, feita ao picão em uma rocha, cuja figura é esta.<sup>5</sup>

[fol. 315]<sup>1</sup>

## LIVRO III

EM QUE SE REFEREM ALGUMAS HISTÓRIAS DE IMPERADORES DE ETIÓPIA,  
COM AS MISSÕES QUE OS PADRES DA COMPANHIA FIZERAM PARA ESTE  
IMPÉRIO EM O TEMPO DE CADA UM DELES.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 257/247].

<sup>2</sup> A versão que Páez traduziu apresenta algumas diferenças em relação à versão traduzida por F.M. Esteves Pereira. Nesta, por exemplo, não há intervenção do elemento maravilhoso, na figura do frade; Pedro Páez usou também apenas a parte final da narrativa, em que se relata a participação de Caleb ou Eslebão (ver F.M. Esteves Pereira, *História dos Mártires de Nagran*, Lisboa, 1899). A fonte deste excerto aparenta ser o gädlä Pantalewon (hagiografia de Pantaleão) que relata em termos similares a intervenção miraculosa deste nos acontecimentos; Páez abreviou o texto, rasurando uma parte substancial do diálogo entre o rei e o monge (ver C. Conti Rossini, «Vitae sanctorum antiquiorum», *CSCO-SAe*, tomos 9 e 10, caps. 7 e 9, pp. 52-53 e 55-56 (texto – pp. 48-52 e trad.).

<sup>3</sup> Relativo a «outros livros.»

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: à.

<sup>5</sup> Ver fig. 15.

## CAPÍTULO I

EM QUE SE REFERE A HISTÓRIA DO IMPERADOR AMD ÇEÔN  
E POR OUTRO NOME GÂBRA MAZCÂL.

Com haver tantos imperadores em Etiópia<sup>1</sup>, não digo no tempo de sua gentildade, mas depois que receberam a Lei Velha, que foi no da Rainha Sabba<sup>2</sup> e Menilehêc, seu filho e de Salomão (segundo eles têm por sem dúvida, como dissemos no cap. 2.º do 1.º livro) e conservar até hoje a linha e geração de Menilehêc, como eles também afirmam, e, por isso, nunca deixaram entre si este nome de israelitas e filhos de David, que puderam ter escritos muitos e grandes livros de suas histórias. Com tudo isso, dos antigos quase nenhuma coisa se acha agora, mais que o que dissemos nos caps. 2.º e 5.º do 1.º livro, ou seja, pela pouca aplicação e diligência que estes etíopes têm em escrever histórias, ou porque as que tinham escritas se perderam em as contínuas guerras que tiveram com os mouros, turcos e gentios que, por vezes, lhe tiveram tomado a mor parte do império e, até hoje, têm ocupado muitas terras. Pelo que, ainda que fiz muita diligência e perguntei a muitos, não pude achar, nem me souberam dar razão, mais que deste Imperador Amd Ceôn e de outros poucos que adiante referirei. Mas há-se de advertir que este Amd Ceôn não é o pai do Imperador Naôd, porque esse não reinou mais que seis meses, senão o outro muito mais antigo que reinou trinta anos e foi pai do Imperador Zeíf Arâd<sup>3</sup>. Nem achei dele mais que um pedaço de sua história, que referirei da mesma maneira que conta seu livro, não porque me sirva para tratar das missões que os padres da Companhia fizeram a este império, senão para dar notícia de tudo o que achei de seus imperadores e das guerras e trabalhos que tiveram com os mouros.

[fol. 315v] *Aos dezoito anos depois que reinou Amd Çeôn que, quando lhe deram o império se chamou Gâbra Mazcâl, se levantou contra ele Sabar<sup>4</sup>din determinando de se senhorear de toda a Etiópia. E, entrando por ela, queimou muitas igrejas e matou muitos cristãos e outros cativou e os fez de sua seita; e os grandes nomeou capitães repartindo-lhes as terras do império, ainda que as não senhoreava e lhes disse que todas as igrejas havia de fazer mesquitas para os mouros e, ao imperador dos cristãos, meteria em sua seita e lhe daria mando como a um de seus príncipes e, à Imperatriz Jan Manguêçahâ, fãria moer em um moinho e poria sua cadeira em Marâde, terra de sua corte. Ouvindo isto, o imperador teve grande paixão e mandou-lhe dizer com ira: «Dizem isto de vós, não sei se é verdade, e que queimastes as igrejas e matastes os cristãos e a outros cativastes e metestes em a seita do Diabo vosso pai. Não me*

<sup>1</sup> Ver glossário (Etiópia).

<sup>2</sup> Ver glossário (Rainha de Sabá).

<sup>3</sup> Ver cronologia dos reis etíopes.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 258v/248v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 258/248].

conheceis e sabeis o que fiz primeiro, quando vosso irmão Acadîn tomou um escravo pequeno que se chamava Teinbâi, que fui com minha gente e, adiantando-me dela com sós sete cavalos, entrei e matei muitos mouros com a virtude de meu Deus, criador dos céus e da terra? E, chegando depois minha gente, destruí a terra Ifât e tomei grande riqueza de ouro e prata e peças sem conto e, depois, mandei minha gente a todas as terras de Xâoa e mataram infinidade de mouros e tomaram grande presa e, sabendo os mouros de outras muitas terras que eu ficava só, veio grande multidão deles e me cercou mas, com a virtude de Cristo, os venci e matei a eles e a seu senhor, que era irmão vosso. O mesmo farei a vós e destruirei vossa terra com ajuda de Deus.»

Como ouviu isto, aquele maldito respondeu: «Eu não hei-de ir a vós, nem hei-de ter medo se vierdes, porque minha gente é muita mais e melhor que a vossa e peleja a cavalo com arco e frecha, com espada e lança. E, se vierdes, seja por caminho largo e, se não, eu vos irei a buscar.» E, dito isto, juntou os seus e perguntou que lhes parecia. E respondeu um deles, profeta das trevas: «O reino dos cristãos vos é dado; ide pelejar com eles, porque os haveis de vencer e reinar em Sion.» E o mesmo lhe disseram todos, pelo que ajuntou sua gente e dividiu-a em três exércitos, um que fosse ao reino de Amharâ, outro ao de Angôt e outro levar ele para a Xâoa, onde estava o imperador. Entretanto, chegaram ao imperador seus criados com a resposta de Çabardîn; e ele mandou chamar seus capitães e lhes disse que juntassem sua gente e deu-lhes <sup>1</sup>depois muito ouro e prata [fol. 316] e ricos vestidos a todos, desde os grandes até os pequenos, e mandou-lhes que fossem pelejar contra aquele maldito Çabardîn, dizendo: «Deus vos dê força e vitória e vos acuda em todas as partes onde fordes.» Partiram eles com alegria e alguns chegaram em cinco dias onde estava o inimigo aparelhado para a guerra; outros não puderam, porque foram por caminho estreito; mas aqueles, com serem poucos, deram logo batalha e o venceram e ele fugiu e, ainda que o seguiram até que se pôs o sol, não o alcançaram. E, assim, tornaram e tomaram muitas riquezas em seu arraial e mataram muitos, até mulheres e meninos, e outros cativaram e se passaram para outra terra por ser muito grande o mau cheiro dos mortos e mandaram novas ao imperador de sua vitória, mas que escapara Çabardîn.

Ouvindo o imperador que aquele maldito escapara, foi-se<sup>2</sup> à igreja e, abraçando-se com o canto do altar, disse: «Ouvi, meu Senhor Jesus Cristo, a petição de meu coração e a oração de Vosso servo; não fecheis a porta de Vossa misericórdia por meus pecados, mas mandai Vosso santo anjo que me guie e me encaminhe para seguir a este inimigo que se levantou contra Vossas ovelhas e contra Vosso santo nome.» E, dito isto, deu esmolas aos pobres e ornamentos às igrejas. E mandou muita gente de guerra, homens fortes e bem experimentados, que fossem contra Begmêder porque, sendo cristãos, tinham negado a fé de Cristo. E ele, com outra muita gente, foi para Doarô, cujo príncipe se chamava Hadarâ e se mostrava amigo do imperador, mas de secreto estava concertado com Çabardîn para se ajudarem um a outro contra o imperador. E passando adiante, o imperador deixou a imperatriz em Gazâ com sua recovagem<sup>3</sup> e gente de guarda e foi com o exército a Zamareâ e matou muita gente e tomou grande presa. Outro dia se afastou o imperador dos seus com vinte e sete cavaleiros, sem ser visto, e foi dois dias de caminho dar um assalto e matou muitos e cativou alguns e deu volta para seu arraial; entretanto sua gente o buscava com grande angústia, até que o acharam no caminho, tornando com muita festa.

Pouco depois, chegou a gente que vencera a Çabardîn e, ouvindo ele que se ajuntaram muitos ao imperador, teve grande medo; e mandou recado à imperatriz, dizendo: «Senhora, pequei, fazendo mal

contra o imperador, meu senhor. Melhor me é cair em as mãos de meu Senhor, <sup>1</sup>que em outras. Eu irei a ele para que faça de mim o que quiser.» E a imperatriz disse tudo ao imperador e respondeu: «Manda-lhe dizer que, ora venha, ora não venha, pouco me dá disso; e que se se for para terra longe, eu também o seguirei, com a virtude de Deus, sem tornar até que o ache.»

Ouvindo esta resposta, [fol. 316v] foi logo a se apresentar ao imperador, e disse-lhe ele: «Para que fizestes isto? Os presentes que primeiro me traziam, destes a vossos criados para que pelejassem contra mim, e o ouro e prata que eu dei aos pobres, me tomastes e a eles prendestes; e o que pior é, que pretendestes tomar a cadeira de meu império.» Ao que ele respondeu, com grande medo: «Fazei, senhor, de mim o que melhor vos parecer.» Disseram os grandes: «Não convém que viva homem que queimou as igrejas e matou tantos cristãos e a outros fez mouros e quis subir sobre o alto monte da cadeira do império, nem lhe pareça ao imperador que agora veio com o coração limpo senão com engano e confiado em suas feitiçarias.» E, chegando-se a ele, lhas acharam debaixo do braço. E disse-lhe o imperador: «Porventura livraram-vos estas feitiçarias de minhas mãos?» E mandou que o prendessem, pondo-lhe cadeias em ambas as mãos, mas não o quis matar e, em seu lugar, fez rei a seu irmão Guemaldin, e lhe deu ricos vestidos.

Estando o imperador em isto, se concertaram os mouros de Adel e Morâ<sup>2</sup> para pelejar com ele, antes que tornasse à sua terra. E vieram de noite e, dando em alguma gente que o imperador tinha mandado para aquela parte, e mataram uns poucos, depois, tomaram uns poucos de noite e mataram mais e levaram muito fato; mas, pela manhã, foi em seu seguimento a gente do imperador e achou-os partindo o fato e os mataram a todos e, tomando seu fato, tornaram com alegria, porque tinham vencido com a virtude do altíssimo. Feito isto, pediram os grandes ao imperador quisesse tornar a sua terra, porque se chegava o inverno e el-rei dos mouros, Guemaldin, dando-lhe um grande presente, também lhe rogou que tornasse, dizendo: «Senhor, já que me destes mando, bem podeis ir, que eu farei em tudo vossa vontade. Também a terra dos mouros está perdida; melhor é tornar-de-vos e deixá-la, para que trabalhem e vos paguem tributo.» Respondeu o imperador, com sentimento: «Se me mordem os cães e lobos, geração má que não crê no Filho de Deus, como hei-de tornar à minha terra? Se tornar sem chegar a Adel, digam que não me pariu minha mãe, chamem-me daqui por diante mulher.» E dito isto, alevantou da terra de <sup>3</sup>Gaçâ, e, tendo caminhado quatro dias, vieram de Adel, de Morâ, Ficô e Zagumâ<sup>4</sup> e de outras muitas partes mouros sem conto e deram de noite no arraial do imperador e, com a grita, acordou e, levantando-se com muita pressa, se armou e saiu em seu cavalo e fez fugir os inimigos e tornou, dando graças a Deus pela mercê que lhe fizera. Mas, depois, tornaram de noite e, da mesma maneira, saiu o imperador e os fez fugir; nem por isso desistiram, antes tornaram muitos mais e deram à meia-noite no arraial com grande grita e, saindo o imperador, [fol. 317] disse: «Meu Senhor Jesus Cristo, livrai-me das mãos destes inimigos, assim como foi livrado David da lança.» E dito isto, arremeteu e pelejou fortissimamente com os seus, até que os venceu. E um deles veio por detrás do imperador, como se fora dos seus e, dando-lhe um golpe, lhe cortou o vestido e a bainha do punhal, sem lhe fazer outro mal; virou logo o imperador e matou-o com sua lança. E, estando em isto, voltaram os contrários sobre a gente do imperador que ainda os seguiam e puseram a todos em grande aperto, mas acudiu o imperador e, entrando com<sup>5</sup> seu cavalo no meio de<sup>6</sup> inimigos, os fez fugir, e foram matando

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 259v/249v].

<sup>2</sup> O reino de Adäl situava-se a sudeste da Etiópia; Mora ficava na proximidade do lago Awässa (Huntingford, *The Historical Geography of Ethiopia*, Oxford, 1989, pp. 91-2).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 260/250].

<sup>4</sup> T'igo e P'aguma situavam-se igualmente nas terras baixas ((Huntingford, *The Historical Geography of Ethiopia*, Oxford, 1989, p. 91).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: seus.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 259/249].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: logo.

<sup>3</sup> Pessoal encarregue de guiar a récua que transportava a bagagem.

tantos que o campo ficou coberto de corpos mortos. E o imperador tornou a seu arraial, dando graças a Deus pela vitória; e sua gente trouxe, ao outro dia, muitas armas e vestidos.

Alevantando o imperador daquele sítio, passou a outro melhor e, juntando os seus lhes, disse: «Com a gente das terras de Tigré, Oagrâ, Gojam, Damôt, Hadiâ e de outras partes, pelejámos e, com a vontade do Senhor, os vencemos e tomámos seus reis e seus fatos. Assim, agora não tendes medo diante destes tredos<sup>1</sup>, que Deus pelejará por nós. Não ouvistes o que dizem estes malditos mouros, quando nos matam os cristãos ficamos mártires e quando nós matamos a eles, ganhamos o paraíso? E por isto se oferecem com grande ânimo à morte, com não conhecerem a Deus. Pois vós outros, que conheceis ao Padre e ao Filho e ao Espírito Santo e fostes batizados em seu nome e santificados no sangue de Cristo, porque tendes medo destes tredos? Primeiro, mostráveis corações fortes para pelejar por mim, pois agora sede fortes para pelejar por Cristo; não tendes receio nenhum, que Deus vos ajudará. Eu vos juro por Deus vivo, criador do céu e da terra, que ora seja inverno, ora verão, que não hei-de tornar à minha terra sem destruir estes tredos com a virtude de Jesus Cristo, Filho de Deus vivo. Nem vos pareça que haveis de <sup>2</sup>escapar com medo, senão com firmeza e esforço de coração.» Responderam todos a uma voz: «Seja feita a vontade do imperador. Estamos aparelhados para tudo o que nos mandar.» O imperador lhes deu bênção, dizendo: «As espadas, lanças e frechas dos tredos não caiam sobre vós outros, senão as vossas entrem em seus corações e vos dê Deus força e vitória.» E todos disseram: «Ámen. Ámen.<sup>3</sup>»

Acabado isto, começou o imperador a marchar e, passando o grande rio que chamam Iâz, assentou seu arraial em a terra de Morâ, onde lhe veio uma mulher que primeiro fora cativa dos mouros, e disse que tinham por certo os mouros que, quando o céu ficava vermelho e chovia com vento rijo, [fol. 317v] que era sinal que haviam eles de acabar os cristãos. E, naquele dia, sucedeu ficar o céu daquela maneira e chovia com tão grande vento que se romperam as tendas do imperador e caíram todas as do arraial, pelo que ficaram com tão grande medo que foi necessário lançar pregão o imperador, dizendo: «Não te espantes, povo cristão, porque isto não é senão sinal que nós hemos<sup>4</sup> de derrubar a eles.» E, naquela noite, que era festa dos apóstolos, vieram os tredos e cercaram o arraial e, saindo o imperador com sua gente, os venceu, ajudando-o Deus. E, passando mais adiante, tornaram a lhe dar assalto de noite; e a gente gritou, dizendo: «Onde está o imperador? Venha a nos livrar destes inimigos.» Ouvindo ele isto, saiu com ira, dizendo: «Como fazeis isto? O imperador é o que há-de chamar sua gente para que peleje e não a gente ao imperador. Pelejai fortemente.» E foi passando e, metendo-se pelos inimigos, os fez fugir.

Em este tempo, se alevantou um cádi<sup>5</sup> dos mouros, que se chamava Salê, e fez que se juntassem muitos reis e príncipes de diversas terras, para pelejar contra o imperador e, entre eles, Guemaldin, a quem o imperador tinha tirado da prisão e feito rei em lugar de seu irmão Çabardîn. Este escreveu a el-rei de Adel, dizendo: «Eis, aqui veio el-rei dos cristãos por caminho estreito e não pode tornar a sair. Tomai meu conselho e escolhei uma de duas coisas, dar-lhe presentes e tributo; e se quereis fazer isto, vendei vossas mulheres e filhos e, nem por isso, se há-de afastar de vossas casas a servidão para sempre. Por onde, fizeti com vossa sabedoria e ajuntai vossas gente de guerra; eu também irei com muita gente de cavalo e de pé, para que o cerquemos e acabemos todos os seus de uma vez.» Ouvindo isto, el-rei de Adel mandou vir toda

sua gente e ajuntou-se-lhe tanta que não tinha conto, pelo que se ensoberbeceu muito e disse: <sup>1</sup>«A igreja hei-de fazer mesquita e seus ornamentos tomarei para minha casa e o fato d'el-rei e de sua gente repartirei pela minha, e à rainha e suas filhas farei moer. Vamos a pelejar logo, antes que se junte connosco el-rei de Ifât, porque o fato dos cristãos não bastará para ele e para nós.» E, assim, veio com sua gente e cercou ao imperador que estava quase só, porque a maior parte de sua gente de pé e de cavalo tinha mandado dar em outras terras e ainda ele estava doente e havia sete dias que não comia.

Vendo a gente do imperador a multidão dos inimigos, que eram como gafanhotos, tiveram grande medo e disseram ao imperador: «Se toda a gente de Etiópia, do maior até o menor, se juntar, não pode pelejar com estes.» Ouvindo ele isto, se alevantou da cama para sair, mas tornou a cair sobre ela com [fol. 318] fraqueza. Acudiram seus criados e ajudaram-no a levantar e armar e, subindo-o no cavalo e saindo, foram após ele a imperatriz e sua mãe chorando e dizendo: «Onde ides, senhor? Porventura tendes mãos para tirar arco e tomar zaguncho<sup>2</sup> e adarga e força para subir no cavalo? Como haveis de pelejar?» Respondeu o imperador: «Não hei-de morrer morte de mulheres, senão de homens de peleja. Tornai-vos; não me sigais.» E assim foi pondo sua confiança em Deus, seu criador, que mata e vivifica, castiga e perdoa. E, saindo do arraial, assentou-se no campo; elas foram até chegar à vista dele e Jân Manguessâ, alevantando os olhos ao céu, disse: «Ó Senhor Deus de Israel, Santo Rei dos Reis e Senhor dos Senhores, não há outro rei senão Vós em os céus e na terra. Vós, Senhor, que livrastes aos de Israel da mão de faraó e a Susana dos juizes e a Daniel da boca dos leões, porque tudo podeis, ouvi, Senhor, a oração de Vossa serva. Porventura Vós não fizestes rei a este Vosso servo? Tomou ele o que não lhe destes? Vós sois O que dais e tirais, não entregueis Vosso servo nas mãos de seus inimigos, cães que não conhecem Vosso santo nome. Alembrai-Vos de Vossa carne e sangue e não dos pecados de Vosso servo, pois não quereis a morte do pecador, senão que se converta e viva.» Os velhos e meninos botaram cinza sobre suas<sup>3</sup> cabeças e clamaram ao céu, dizendo: «Não olheis, Senhor, nossas culpas, que pecamos, senão a justiça dos que Vos serviram com limpeza. Aplacai Vossa ira e apressai-Vos a nos ajudar, porque nós somos Vosso povo e ovelhas de <sup>4</sup>Vosso gado.» Os sacerdotes também choraram, dizendo: «Lembrai-Vos, Senhor, de Vosso sangue e não entregueis Vossas ovelhas aos lobos para que se não gloriem e digam onde está seu Deus em Quem tinham sua confiança. Ó Senhor Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, salvador da alma e do corpo, ouvi nossa oração e não percais o gado que remistes com o sangue de Vosso Filho; lembrai-Vos de Seus trabalhos e morte.» Também o imperador levantou as mãos ao céu, dizendo: «Deus misericordioso, Deus forte e amador dos homens, livrai a Vosso povo e não o percais por meus pecados, senão tende piedade dele por Vossa grande misericórdia e, de mim, fazei conforme a Vossa santa vontade.»

Em isto, se foram chegando os tredos, tantos como areias do mar e, como tinham cercado tudo, nem os animais bravos achavam por onde fugir e, assim, entravam no arraial do imperador, espantados da grita daqueles, que era como a do mar quando se ensoberbece com os furiosos ventos e como os trovões em os vales. Vinham esgrimindo com suas espadas, brandindo suas lanças e frechando seus arcos. Disse então o imperador aos seus: «Não temais diante destes tredos, porque Deus nos há-de ajudar e livrar de suas mãos, que nem a multidão vence, nem os poucos ficam vencidos, senão a virtude de Deus.» [fol. 318v] E mandou que arremettessem; mas, começando a pelejar, não puderam resistir à força grande dos inimigos e, assim, viraram e disseram ao imperador que entrasse em sua cerca e que dali pelejariam. Outros eram de

<sup>1</sup> Traidores. as duas formas admitidas, resultaram de evolução divergente.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 260v/250v].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Ámen.

<sup>4</sup> Havemos.

<sup>5</sup> Juiz que aplica a lei islâmica, com autoridade civil e espiritual.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 261/251].

<sup>2</sup> Azagaia.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: as.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 261v/251v].

parecer que fugissem para onde estava sua gente. Respondeu o imperador: «Se eu deixo minha mulher e filhos e o povo que Deus me entregou, não deixo a meu Senhor Jesus Cristo? Não hei-de fazer tal coisa. Se ele me quiser matar, seja, e se livrar, como ele for servido.» Então, seus amigos lhe beijaram as mãos e o rosto e fugiram todos, deixando-o só. Vendo o imperador que fugiram, gritou, dizendo: «Onde ides? Porventura cuidais que podeis chegar a vossas terras? Não vos lembrais de mim, que vos criei e honrei, dando-vos mandos, ouro e prata e ricos vestidos?» E subiu em seu cavalo como um leão e disse a um seu criado que arremetesse pela mão direita dos inimigos, o que ele fez com grande esforço, levando consigo cinco de cavalo e foram rompendo pelos contrários; e o imperador arremeteu para a mão esquerda onde estava a maior força e choviam sobre ele as frechas, e, querendo-o cercar, tirou o zaguncho com tanta força que passou a dois juntos como se fora um, e foi rompendo. Os outros seis cavaleiros iam dando nas costas dos inimigos e, assim, começaram a virar. Vendo então a gente do imperador que os mouros fugiam, tornaram e, pelejando fortemente, os desbarataram e derribaram tantos que não tinham conto em uma cova que Deus parece lhe tinha ali aparelhada. E o imperador se apeou do cavalo e foi matando muitos e, quando lhe cansava a mão direita, dava com a esquerda.

Estes mouros eram gente forte, feia de rosto, os cabelos muito compridos, e tinham por costume amar-rarem-se uns a outros com seus panos, quando entravam na batalha, para que ninguém fugisse, mas, contudo, o Imperador Amd Çêôn os venceu e acabou, com a virtude de Cristo Filho de Deus.

Vendo o imperador que lhe fugiam muitos, subiu em seu cavalo e os foi seguindo e mandou aos seus que ninguém tomasse fato, que o deixassem para as mulheres. E, achando um que tomava o vestido de um mouro, o feriu e, assim, os demais tiveram medo e fizeram como lhes tinha mandado e seguiram o alcance, até que se pôs o sol, matando gente sem conto. Tendo começado a pelejar a uma hora depois de meio dia, ao imperador lhe ficou a mão tão fechada que a não podia abrir e por força lha abriram para tirar o zaguncho. E as mulheres recolheram as camas e vestidos dos mouros, e meteram no arraial.

Coisa foi esta que nenhum imperador fez em Etiópia, nem nossos pais, nem nós ouvimos nunca. Ordenou Deus que o imperador estivesse com pouca gente, para que se manifestasse seu poder e divina sabedoria e que ele dá a vitória a quem quer, porque Amd Çêôn pelejou e Deus venceu e todos lhe deram muitos louvores por apagar o fogo, que parecia que os havia de fazer em cinza. E, quando o imperador tornou, foi direito [fol. 319] à igreja e, prostrando-se no chão diante do altar, disse com muitas lágrimas: «Glória a Vós, meu Senhor Jesus Cristo com Vosso Pai misericordioso e Vosso Espírito Santo vivificador, que me livrastes das mãos de meus inimigos e me destes vitória.» E todos os sacerdotes choraram com alegria, porque lhes parecia primeiro que já era apagada a candeia do mundo. A imperatriz também, como o imperador entrou em sua tenda, se lançou a seus pés e lhos beijou, derramando muitas lágrimas e dizendo: «É possível que meu senhor é vivo? Parece-me sonho.» O imperador a fez alevantar e deixar o choro. A aquela hora, chegou a gente que tinha mandado a outras terras e todos se deitaram a seus pés, chorando e dizendo: «Ai de nós, ai de nós, que nos criastes para que morrêssemos convosco e não nos achámos presentes<sup>3</sup> em tempo de tanto perigo». E, alevantando-se, deram graças a Deus, que o livrara de tão grande perigo e de tão grande multidão de inimigos e lhe dera vitória.

Outro dia, saiu o imperador e quis que fossem todos, até as mulheres, para que vissem as maravilhas que Deus tinha obrado, e acharam morto a el-rei dos mouros, que se chamava Zabêl, e o campo coberto

de corpos como de palha. E trouxeram o corpo daquele rei e o penduraram à porta do arraial e todos se alegraram e fizeram festa, dando graças a Deus por tão grandes mercês como lhes fizera e dissera-lhe o imperador: «De verdade, esta foi força divina, porque se se juntara toda a gente de nossas terras bem armada e estes inimigos estiveram sem armas, não parece que os puderam acabar de matar em muitos dias; e Deus, a quem nada é impossível, os acabou em tão pouco espaço, como sabeis, sem se lembrar de meus pecados, porque é misericordioso e amador dos homens.»

Acabado isto, alevantou o imperador seu arraial e foi a Daô e, assentando as tendas, mandou alguns capitães com gente de guerra e destruíram a terra de Zaçâi e mataram ao senhor dela, Abdala, e outros muitos, e tornaram com grande presa. Outro dia, foram a Abelgûi e também destruíram aquela terra e trouxeram muitos cativos. Dali alevantou e foram a Talâg, terra de Adel, e três filhos daquele rei que escaparam da morte vieram ao imperador e disseram que lhes perdoasse, que obedeceriam em tudo. Respondeu o imperador: «Sendo eu senhor de toda esta terra, me fizestes, vós outros e vosso pai, coisa que não fazem homens. Em lugar de me trazerdes presentes, viestes pelejar contra mim para me matardes com minha gente; mas Deus, vendo a soberba de vosso coração, vos entregou em minhas mãos e vos pagou conforme vossa maldade. Agora também não vos hei-de deixar, senão destruir toda vossa terra.» Responderam eles: «De nossa terra e de nós não há quem seja senhor, senão Deus. Quando viestes contra nós, não vos contámos por gente de guerra; e, ainda que vieram todos os reis da terra juntos, houvéramos de pelejar contra ele sem nenhum medo, porque ninguém pôde nunca connosco, senão vós só. Mas agora, ó senhor, [fol. 319v] aplacai vossa ira e não nos acabeis de destruir. Nós faremos<sup>1</sup> que venham todos os príncipes do reino que ficaram, para que se sujeitem ao que lhe mandardes.» Disse o imperador: «Se quiserem, venham e, se não, vereis depois<sup>2</sup> o que faço, com a virtude de meu Deus.»

Mandaram logo recado aos grandes de seu reino e a el-rei de Hagerâ, dizendo: «Vinde e sujeitai-vos ao imperador, antes que vá e vos acabe, com vossas mulheres e filhos.» Ouvindo isto, el-rei de Hagerâ fez ajuntar sua gente e lhes disse: «Não ouçais as palavras daqueles meninos, senão pelejemos fortemente contra aquele homem, porque, se nos matam os cristãos, somos mártires e, se nós matamos a eles, alcançamos a paraíso.» E, assim, prometeram todos de morrerem, pelejando sem tornar atrás e respondeu aos meninos que não queriam ir ao imperador e que, se ele fosse a sua terra, pelejariam até morrer.

Disseram eles ao imperador como el-rei de Hagerâ, senhor de noventa e nove príncipes, não queria obedecer, pelo que se levantou logo e, passando o rio grande que sei chama Ecuâ, assentou em uma terra que se chama Maârmagû. E o dia seguinte, mandou sua gente pela mão direita e à esquerda, encomendando-lhes muito que lhes não escapasse aquele mau; e ele foi com pouca gente, pelo meio, e o achou aparelhado para pelejar com todos os seus, como tinha primeiro prometido<sup>3</sup>. E, assim, a guerra daquele dia foi muito forte, porque até as mulheres dos contrários<sup>4</sup> pelejavam como mancebos, botando muitas pedras. Vendo o imperador a força grande dos inimigos, arremeteu ele mesmo como um leão e, tirando uma frecha, acertou dar na garganta d'el-rei de Hagerâ e, passando de banda a banda, caía aquele soberbo para trás e os seus fugiram e o imperador com sua gente os seguiu, matando até as mulheres e meninos, sem que ficassem mais que três de todos os que ali se tinham juntado. E, com isto, tornou a seu arraial e deu louvores a Cristo Nosso Senhor que lhe dera força e vitória.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 262/252].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 262v/252v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: prestes.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 263/253].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: vereis.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: primeiro.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: dos contrários.

Partindo dali, o imperador foi a Zaçoguê e mandou que derribassem as mesquitas dos mouros e queimassem suas terras e mantimentos e matassem quantos achassem, sem perdoar a mulheres nem a meninos; e assim o fizeram, com a virtude de Deus. Depois, passou o Rio Zorât e chegou à terra Aratê, onde assentou. E vieram a ele alguns criados seus, que a gente daquela terra tinha tomado e cortado as orelhas e feito eunucos. Quando o imperador <sup>1</sup>os viu, teve grande tristeza e perguntou-lhes: «Como os tomaram?» E responderam que indo a cortar lenha e tomar mantimento. Mandou logo o imperador chamar alguns capitães e disse-lhes que, ao outro dia muito cedo, se escondessem com sua gente e ficassem em cilada à mão esquerda e à direita para que, se viesse alguma gente de aquela terra depois que ele partisse, a matassem. E, como amanheceu, se levantou [fol. 320] o imperador e, tangendo todos seus instrumentos, foi caminhando; e depois veio muita gente e entrou onde ele tivera seu arraial e, saindo os que estavam em cilada, os mataram a todos e se foram para o imperador. O seguinte dia mandou fazer outra cilada e também mataram muitos. Depois, foi a Hargueâ, onde esteve oito dias e mandou fazer uma cerca grande onde deixou gente escondida e ele partiu; e logo veio tanta gente da terra que cobria o campo e, chegando perto da cerca, saíram de súbito os do imperador e fizeram grande matança e tomaram muitas armas e fato e, <sup>2</sup>alguns, cortaram as orelhas e as mostraram ao imperador.

Depois, foi caminhando o imperador até chegar à terra que se chama Beculsôr e assentou ali seu arraial. E chamou <sup>3</sup>o rei dos mouros e lhe disse que lhe desse os cristãos que deixaram a fé no tempo dele e de seu irmão, depois que lhe deu o mando, se não, que o prenderia com cadeias e perderia toda a terra e mataria a todos, sem deixar ninguém. Ouvindo isto, o mouro teve muito medo e mandou recado a todas as terras e trouxeram todos os que tinham negado a fé, sacerdotes, diáconos e soldados, e postos em pé diante do imperador, lhes disse: «Como negastes a Cristo Filho de Deus, criador dos céus e da terra, e entrastes na seita do demônio e deixastes a graça do baptismo que recebestes do Espírito Santo?» E não acharam que responder. Então, o imperador, cheio de ira, os mandou açoutar e fez que lhes pusessem sinal de escravos em os peitos e ombros e cadeias em os pescoços e nas mãos, por zelo da Lei de Cristo. E, depois, disse a el-rei dos tredos que lhe trouxesse todos os cristãos que lhe ficavam. E respondeu que não lhos queria dar seu irmão, para dissimular, até que o imperador passasse de sua terra, mas, entendendo o imperador a maldade de seu coração, o mandou prender e destruir a terra e fez rei a seu irmão Naçaradin.

<sup>4</sup>Alevantando dali, passou à terra de Baz e assentou nela seu arraial. E mandou seus capitães e destruíram a terra de Gued e mataram os homens e cativaram as mulheres e trouxeram grande presa de vacas. Dali se levantou, deixando muita gente em cilada debaixo de um monte; e, entrando depois em seu arraial a gente de Harlâ, saíram os que estavam em cilada e os mataram a todos e foram com grande alegria ao imperador. E, caminhando cinco dias, chegaram à terra de Delboyâ e a destruiu, matando os homens e cativando as mulheres e filhos, porque tinham queimado muitos cristãos, juntamente com um senhor grande que o imperador tinha ali posto por capitão. E caminhando adiante três dias, chegou à terra de Dagû e a destruiu e tomou grande presa. Depois, mandou sua gente e destruíram a terra de Oorguêh, passando todos à espada e trouxeram muitas vacas e carneiros. Dali, foi caminhando quatro dias, e chegou a Doarô e destruiu toda a terra, matando muita gente e cativando mulheres e meninos e vacas sem conto, porque se levantaram contra ele e lhe mataram muitos criados e roubaram muito ouro [fol. 320v] e vestidos muito ricos do imperador e da imperatriz. Depois chegou, em três dias, à terra de Bahalâ e, ali, prendeu

ao príncipe de Çarçâ, chamado Iosef, porque tinha tomado conselho contra ele com a gente de Doarô; e mandando sua gente à terra deste tredo, a destruíram e trouxeram gados sem conto.

Tendo feito tudo isto, o Imperador Amd Çeôn, com o poder de Deus, tornou a sua terra com muita alegria, dando glória a Deus que lhe deu vitória e adorando ao Filho que lhe foi força na guerra e sujeitando-se no Espírito Santo que lhe sujeitou todas as coisas debaixo de seus pés. A Ele glória, adoração e sujeição; e glorificação ao nome da santíssima Trindade em os céus e na terra, para sempre dos sempre<sup>1</sup>.

Até aqui, são palavras de seu livro e não contava outra coisa nenhuma.

## CAPÍTULO II

EM QUE SE PÕE A HISTÓRIA DO IMPERADOR DAVID QUE DEPOIS SE INTITULOU ONÂG ÇAGUÊD, SENDO O NOME DO BAPTISMO LEBENA DENGUÏL.<sup>2</sup>

O Imperador Lebena Denguïl começou a reinar de idade de doze anos <sup>3</sup>e exercitava-se em coisas de armas, correndo cavalos e atirando com arco e frecha e em caça de animais silvestres e bravos, porque assim é costume dos filhos dos reis, até chegar a saber governar o reino como convém. Entretanto, governava o império da maneira que mandava sua mãe Naôd Mogueçâ e com conselho da Imperatriz Elena<sup>4</sup>, porque sabiam governar e, principalmente Elena sabia as leis do império; mas, quando chegou à idade de vinte anos, veio el-rei de Adel, que se chamava Mohamêd, com muita gente e trazia por capitão general ao Guazîr<sup>5</sup> Mahafûd. E ouvindo o imperador a vinda daqueles mouros, lhes saiu ao encontro com muita pressa e, dando batalha, os desbaratou e matou muita gente, com ajuda de Deus. E ali acabou também o capitão do rei mouro, mas ele escapou fugindo.

Depois de pouco tempo, com conselho dos seus, determinou de ir sobre Adel, que este é o costume dos vencedores, desejar e procurar de tornar outra vez à guerra, assim como os vencidos procuram fugir dela. E juntando muita gente, entrou pelo reino de Adel queimando muitas terras e derribando muitas fortalezas, até chegar à terra de Zançâr, onde derribou a fortaleza d'el-rei e sua mesquita e ninguém se atreveu a pelear com ele, pelo grande medo que já tinham. E cativando muita gente e tomando grande presa, tornou em paz à sua terra.

Depois disto, tudo foi paz e quietação, sem haver roubos, forças, nem injustiças, até os dezoito anos de seu império; [fol. 321] mas, no fim deste tempo, se levantou, em Adel, Ahamêd, filho de Abrâhîm<sup>6</sup>, que de menino foi sempre forte e belicoso em todas suas coisas, e saiu homem de guerra. E, assim, se lhe ajuntou muita gente má e destruiu muitas terras e, ainda que se levantaram alguns grandes com sua gente,

<sup>1</sup> Manuel de Almeida usou a tradução feita por Pedro Páez (ver *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 225-37 e introdução, p. 42, n. 3).

<sup>2</sup> Ver também cronologia dos reis etíopes.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 264v/254v].

<sup>4</sup> Ver glossário (Helena / Elleni).

<sup>5</sup> Guazir ou guazil (do árabe, *wazir*); conselheiro; autoridade civil.

<sup>6</sup> Ver glossário (Granh / Ahmad ibn Ibrahim al-Ghazi).

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 263v/253v].

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: ao.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 264/254].



os venceu muitas vezes, pelo que ficaram todos turbados e com grande medo, e se ouviu sua fama por todas as terras, com o que se aterrorizaram muito, até os mais fortes mouros malaçais.<sup>1</sup> Em este tempo, se ocupava o Imperador Lebenâ Denguîl em lição da Escritura Sagrada e em bons exercícios, praticando e tratando com os doutores e sábios, com o que o aparelhava o Senhor para que sofresse com paciência a tentação e amargura da tribulação que havia de ter com a vinda de Ahamêd, filho de Abrahîn, a quem chamaram Granh, o qual, vendo-se com grande poder, se ensoberbeceu em seu coração e determinou destruir os cris<sup>2</sup>tãos. E assim saiu de Adel com grande arrogância e copioso exército e, entrando pelo reino de Fatagâr, destruiu muita terra e cativou muita gente.

Ouvindo isto, o Imperador Lebenâ Denguîl, que estava em Amharâ visitando os lugares das sepulturas de seus pais, que são Mecâna Çelacê<sup>3</sup>, Atrône Ça Mariâm, Dêbra Neguadguad e Getcemanî, mandou ajuntar toda a gente de guerra de seu império, e vieram-lhe três mil homens de cavalo e de pé tantos que não se sabe o número. E, indo com este exército, encontrou com o mouro Granh em Xambrâ Corê e, vendo que o exército do mouro era muito inferior porque não trazia mais que trezentos de cavalo e de pé muito menos, sem comparação que<sup>4</sup> o imperador, começaram os do imperador a dizer: «Para que hemos de pelear com espadas e lanças contra tão pouca gente? Diante de nós, ficam sendo formigas, sem nenhuma arma os podemos fazer descer de seus cavalos.» Estas palavras de presunção e soberba disseram, porque se não lembravam daquilo da escritura: «Quomodo persequeretur unus mille, et duo fugerent decem millia? Nonne ideo quia Deus suos vendidit eos, et Dominus conclusit illos?»<sup>5</sup> Mas logo lhes mostrou Deus que não consistia a vitória em a multidão de gente, porque, dando batalha aos 19 de Março, foi desbaratado o imperador, com perda de muita gente; e o mouro levou muitos cativos e grandes despojos. Mas, com tudo isso, o imperador não perdeu a esperança de que Deus lhe daria outro dia vitória.<sup>6</sup>

Dali a dois anos, mandou o imperador juntar a melhor gente de guerra que tinha. E veio-lhe logo sem conto e, com ela, mandou por capitão geral a Deguelhân, para que destruísse os mouros de Adel, o que ele fez tão bem<sup>7</sup>, que, [fol. 321v] entrando por aquelas terras, destruiu muita parte delas como se fora um fogo assolador e tomou grande multidão de vacas e outros gados e muitos cativos em que entrava a mãe de Cachên Abubacâr, que se chamava Fátima. E saindo com toda esta presa, assentou seu exército em o reino de Cambât, onde lhe disse a mãe de Chachên Abubacâr: «Senhor, para que me quereis a mim, de que vos aproveito? Se me não deixais ir, meu filho não há-de descansar até me tirar de vossas mãos. Ele é muito forte e inquieto e seus pés velozes para derramar sangue. Pode ser que esta vossa vitória se troque em desbarate e vossa alegria em tristeza.» Estando ela dizendo estas palavras, deu subitamente sobre eles, com muita gente, o Granh, como um corisco, de maneira que, sem poderem tomar suas armas nem cavalos<sup>8</sup>, se puseram em fugida e o mouro matou muitos e tomou toda a presa que levavam, sem lhe faltar nada, até a mãe de Cachên Abubacâr, a quem recebeu com muita honra. E fizeram grandes festas pela vitória.

Passados dois anos depois disto, tornou o Granh com grande exército e, entrando por Doarô, se lhe sujeitaram todos os daquela terra sem resistência, pelo medo grande que tinham de sua espada. Acudiram

logo os grandes do império, Erâz Taquelâ Iesus, Behêt Oadêd Esalamô, Erâz Oacên Çaguêd, e outros muitos, fortes, mas a todos venceu e desbaratou o mouro. E, passando adiante, queimou a Dêbra Libanôs, sepultura de Abba Taquelâ Haimanôt; depois, queimou muitas igrejas em Doarô e em Fatagâr e na Xâoa; e o seguinte ano, queimou as igrejas de Amharâ e sepultura dos imperadores, Mecâna Çelace e Atrône Çamariâm, e cresceu tanto sua força, que ficou senhor de toda a terra, do mar de Aftâl até Adeconô (convém a saber, Arquico), o que Deus permitiu para castigo dos cristãos e para provar sua paciência nos trabalhos, como fez a Job.

Depois de algum tempo, descansou o Imperador Lebenâ Denguîl dos trabalhos deste mundo e passou ao que a misericórdia de Deus lhe tinha guardado. E foi enterrado em uma igreja de Abba Arogaoî, que se chama Dêbra Damô.<sup>1</sup>

Até aqui, são palavras de um livro em que contam algumas histórias de imperadores de Etiópia. Mas há-se de advertir que (como já temos dito) este nome Lebenâ Denguîl, que quer dizer «Incenso da Virgem», é o do baptismo; e quando lhe deram o império, o chamaram David e, depois de alguns anos, deixou este nome e se intitulou Onâg Çaguêd. Nem este imperador era filho da imperatriz Elena, senão de Naôd Mogueça, que quer dizer «De Naôd Honra» ou «Majestade», porque toda a honra que ela tinha lhe veio por ser mulher do Imperador Naôd, e ter dele aquele filho. A imperatriz [fol. 322] Elena não foi mulher do Imperador Naôd, senão de seu pai o imperador Bedâ Mariâm, nem ela pariu nunca, que o Imperador Naôd era ilegítimo.<sup>2</sup>

Do que temos referido, se pode bem coligir se o imperador David foi tão ditoso e bem afortunado como o faz Frei Luiz de Urreta, pág. 3543; nem aqui contam como andou muitos tempos pelos matos, fugindo de umas partes para outras, com muitos perigos e trabalhos <sup>4</sup>, até que morreu em o reino de Tigré,<sup>5</sup> estando encostado a<sup>6</sup> uma forte serra que se chama Damô ~~onde~~ e foi enterrado no mosteiro que há nela.

Sendo este imperador menino, entraram em Etiópia alguns portugueses e, principalmente, Francisco Álvares<sup>7</sup>, capelão d'El-rei de Portugal D. Manuel, e D. Rodrigo de Lima, embaixador, com doze portugueses que os acompanhavam, em Abril de 1520. E estiveram seis anos em estas terras, onde lhe sucederam muitas coisas que refere compridamente, o mesmo Francisco Álvares, em a *História Etiópica* que imprimiu, juntamente com as cartas que, sendo já imperador, escreveu a El-rei D. Manuel e a El-rei D. João seu filho, e o que primeiro tinha escrito a imperatriz Elena governando o império<sup>8</sup>, pelo que me pareceu escusado deter-me em elas, senão passar às que não são tão sabidas em Europa.

<sup>1</sup> Nome por que era conhecida a população islamizada de Adäl. «Malaçai» era a forma portuguesa derivada do termo local *malassaye*, formado a partir de *šlamawi* que significa «islamizado».

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 265/255].

<sup>3</sup> Ver glossário (Mecâna Çelace / Mäkanä Sëlasse).

<sup>4</sup> «Que» substituiu, neste caso, a preposição «com».

<sup>5</sup> *Deuteronomio*, 32, 30: «Como pode um homem só perseguir mil, e dois porem em fuga dez mil, senão porque o seu Deus [a sua Rocha] o vendera e porque o Senhor [lahweh] os entregara?» O autor acrescentou a segunda parte do versículo citado, que não se lê no original gúeze.

<sup>6</sup> Esta batalha, em 1529, marcou o arranque duma nova fase no conflito que passou das incursões sazonais à campanha de conquista.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: *também*.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 265v/255v].

<sup>1</sup> Manuel de Almeida usou a tradução de Pedro Páez, distribuindo o relato por dois capítulos (III e VI) do livro III (ver *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RESOI* 5, Roma, 1907, pp. 253-4 e 263-5 e introdução, p. 42, n. 4).

<sup>2</sup> Ver glossário (Helena / Elleni).

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 32, intitulado «De los grandes Reynos y señorios del Preste Juan, de sus muchas riquezas, tributos e rentas. Tratase de las reñidas guerras que ha tenido con los reyes moros y gentiles, sus vecinos», pp. 341-66.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 266/256].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: ~~em-tama~~.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>7</sup> Ver glossário (Francisco Álvares).

<sup>8</sup> As cartas do rei etíope aos reis portugueses foram publicadas na segunda parte da *Verdadeira Informação...*, caps. VII e VIII, fols. 129v-133. Ver glossário (Francisco Álvares).

## CAPÍTULO III

EM QUE SE TRATA DO IMPERADOR CLÁUDIO QUE, QUANDO ENTROU  
EM O IMPÉRIO, SE INTITULOU ATANÂF ÇAGUÊD.

**G**laudeôs, que quando o fizeram imperador se chamou Atanáf Çaguêd, começou a reinar sendo de dezoito anos, em a terra de Damô, com conselho de Abba Çerça Denguîl, mestre do imperador, e de Abba Açaratâ Mariâm e Abba Samuel e por conselho dos grandes do império, como Deguelhân e Fanuêl. E aos quatro meses depois que reinou, foi sobre Amîr Ozmân e, dando-lhe batalha, o venceu, mas esta vitória não foi perfeita porque, tornando o mouro sobre ele, o desbaratou. E, assim, se foi caminho de Xâoa com muitos trabalhos, não levando consigo mais que setenta ou oitenta pessoas; e chegando a Xâoa, invernou em Guêndbarât duas vezes. E, deixando muitas coisas que neste tempo lhe sucederam, contaremos o que passou no terceiro ano de seu império, em que o espírito de Deus alevantou para que pregasse liberdade aos cativos e livrasse aos que padeciam força<sup>1</sup>. Então se começou a levantar seu império como a casa de David e a baixar-se o poder [fol. 322v] do mouro como a casa de Saul; porque o costume de Deus é trocar muitas vezes as mãos, fazendo que o vencedor fique vencido e o vencido vencedor. E, assim, se alevantou donde tinha invernado e foi caminho de Badlâ, pela banda de Begmêder. E ouvindo sua <sup>2</sup>vinda, se uniram contra ele Çid Mahamed, Amîr Ozmân, Oacir Muîd e Talilâ e outros nove capitães com sua gente toda conhecida e bem experimentada em as coisas da guerra, setecentos de cavalo e de pé tantos que não tinham conto; e, passando por Oagrâ, chegaram, com grande presunção e soberba, onde estava o imperador, mas a ele não lhe quebrou o ânimo a multidão daquela gente, nem a força de suas armas, porque tinha posta a esperança em Deus, que derriba os soberbos e levanta os humildes; e assim, dando a batalha, os desbaratou e festejou a vitória, dando graças a Deus, que lhe deu em suas mãos os fortes que confiavam em seu poder e se gloriavam em a multidão de suas riquezas. Acabado isto, foi para Xoadâ, onde estava sua mãe, que o recebeu com grande alegria e contentamento e lhe fez muita festa, porque o contava já com os mortos.

Em este tempo, veio o Granh de Ebedâ e, chegando a Derazguê, ajuntou a gente que escapara da batalha, o que ouvindo o imperador, partiu de Xoadâ e veio com pouca gente a Oinadagâ e assentou ali seu arraial que, por ser tão pequeno, não fez caso dele o Granh; e assim, ele e sua gente lhe mandaram recado, com palavras de grande desprezo e soberba, como Senaquerib, mas o imperador respondeu com humildade, pondo-se na mão de Deus. Depois, o mouro mandou levantar um exército, com grande ira, bradando como um leão, e a multidão da gente cobriu toda a terra e o imperador e seus capitães se apresaram para lhes sair ao encontro, com muita alegria. E, tomando um monte com ligeireza, carregaram depois sobre os mouros, uns com lanças e adargas<sup>3</sup>, outros com espingardas e, com ajuda de Deus, os desbarataram e mataram ao Granh e cortaram a cabeça a quem tinha cortado muitas de homens fortes e a puseram sobre o pó e a cinza de diante do arraial e todos deram glória a Deus, dizendo a uma boca: «De verdade, grande é Deus e grande Sua força.» E ao imperador, acrescentando-se-lhe mais humildade

à que tinha em seu coração, disse: «Nem alcancei com minha espada nem com minha lança este dom, que não foi concedido a meu pai, mas Deus o deu para que se manifeste Seu poder e grandeza e minha baixaza e fraqueza. Nem este império é meu, senão Seu e, assim, o dará a quem quiser.» E mandou que todos os príncipes e grandes gravassem [fol. 323] em seus capacetes e espadas: «O confiado em Deus, o Imperador Atanáf Çaguêd, filho do imperador Onâg Çaguêd.»

Depois que Deus lhes deu esta tão grande vitória do Granh, houve muita<sup>2</sup> paz e quietação, até os 19 anos de seu império; que, estando em Ôye em uma grande fortaleza, lhe chegaram novas que vinha do reino de Adel, Nur, que então era oazîr, que quer dizer «governador do reino», filho de Muyaîd, com mil e setecentos de cavalo e muita gente de pé, pelo que mandou chamar seus conselheiros e lhes perguntou que lhes parecia; e responderam que se juntasse toda a gente de guerra do império para ir a pelejar. Mas, ouvindo isto, o imperador disse, com grande paixão: «Porventura hei-de esperar pelos que estão longe, queimando as igrejas e cativando os cristãos? Melhor é derramar meu sangue com o que se derrama dos cristãos, que esperar pelos que estão tão longe.» E, assim, apressou sua partida e saiu ao encontro do mouro, sem querer ouvir a muitos que lhe diziam que havia de morrer. E juntando-se com ele, Quinta-feira de Endoenças<sup>3</sup>, deu batalha e foi muito trabada<sup>4</sup> no princípio; e, pelejando Glaudeôs valorosamente, o cercaram vinte cavaleiros e, dando-lhe uma lançada na ilharga, caiu morto e lhe cortaram a cabeça e levaram a seu senhor. Morto o imperador, se espalhou todo o seu exército e morreram muitos frades de grande nome e muita gente de guerra.

Até aqui, são palavras de um livro em que está a história do Imperador Adamâs Çaguêd, irmão deste Imperador Atanáf Çaguêd e diz ali o escritor que, em outro livro (que eu não pude achar), se refere mais compridamente esta história.<sup>5</sup> E, na verdade, faltam muitas coisas deste imperador e todas as que fizeram os portugueses em sua ajuda, que são as que brevemente contámos em o fim do 1.º livro, tratando de D. Cristóvão da Gama<sup>6</sup> e seus soldados, que entraram em Etiópia em tempo deste imperador, pelo que só advirto aqui de passo que ele não pelejou na província de Oagrâ, com os capitães mouros que o autor nomeia, antes de se juntar com sua mãe, senão depois, levando con<sup>7</sup>sigo os portugueses que escaparam do desbarate de D. Cristóvão, como dissemos no cap. 35.º do 1.º livro. Nem se houvera de atrever a pelejar com aqueles capitães, se não levava os portugueses e, muito menos, com o Granh. Antes, se os portugueses não vieram em breve tempo, houvera de acabar de perder seu império, que muito pouco lhes faltava já aos mouros para ficar senhores de todo ele, quando chegou D. Cristóvão da Gama.

Também o caso do mouro Nur que veio de Adel, contou [fol. 323v] muito de passo, porque (segundo me afirmou um homem velho que já é morto e se chamava Eraz Oald Christôs e em tempo de Malâc Çaguêd imperador era o maior senhor que havia em Etiópia), estando o Imperador Cláudio em o reino de Ôyê, mandou espias o mouro Nur para que vissem que força tinha e em

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 267/257].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: grande.

<sup>3</sup> Quinta-feira Santa. Dá-se o nome de «endoenças» (lat. *indulgentias*) à celebração eclesiástica da Paixão de Cristo.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: trabalhada. Trabada, isto é, muito renhida.

<sup>5</sup> Essa é a única versão conhecida duma crónica não abreviada do imperador Gälawdewos. Manuel de Almeida usou o texto traduzido por Pedro Páez no livro III, cap. VII (ver *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *R/ESOI* 5, Roma, 1907, pp. 269-70 e introdução, p. 42, n. 4).

<sup>6</sup> Ver glossário (Cristóvão da Gama).

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 267v/257v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: força.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 266v/256v].

<sup>3</sup> Escudo de couro, de forma oval.

que se ocupava; e, tornando, disseram que tinha muita gente e que se ocupava em festas; que em sua corte tudo era balhar<sup>1</sup> e cantar<sup>2</sup>, comer e beber vinho em demasia. Ouvindo isto, o mouro chamou os principais dos seus e, contando-lhes o que passava, os fez jurar que não bebessem vinho de nenhuma maneira (que ainda que seu Mahamed lhes manda que o não bebam, nem por isso o deixam) e, juntamente, os exortou a que jejuassem e fizessem oração, eles e os demais, e em isto perseveraram muito tempo. E, depois, tornou a mandar suas espias e acharam ao imperador e aos seus como antes, em músicas e festas, comendo e bebendo demasiadamente; pelo que o mouro juntou seus capitães e lhes disse: «Já é tempo de irmos contra este, porque Deus o entregou nas nossas mãos.» E, assim, saiu logo de sua terra, com mil e setecentos de cavalo e muita gente de pé. E, sabendo o imperador sua vinda, lhe saiu ao encontro, com muita cavalaria e gente de pé. E, juntando-se com ele em um campo grande, no mês de Março de 1559, deu batalha 5.<sup>a</sup> feira de Endoenças e foi desbaratado e morto da maneira que aqui diz sua *História*; e os mouros tomaram muitas riquezas e cativos. E quando quiseram festejar a vitória, subiu Nur em um jumento com uma sela velha; o que vendo seus capitães, lhe disseram como fazia tal coisa havendo alcançado tão grande vitória; que subisse em o melhor de cinco cavalos muito formosos que tomara, todos da pessoa do imperador. Ao que respondeu que ele não alcançara aquela vitória com suas forças, que Deus, não mais, lhe dera; pelo que, em reconhecimento disso, não havia de subir em cavalo, mostrando pompa e aparato, senão em aquele humilde jumento, coisa em verdade notável e tanto mais digna de ser ponderada, quanto o que a fez tinha menos conhecimento de Deus. Como <sup>3</sup>se acabou a festa, lhe pediram os grandes que lhes levantasse o juramento que lhes dera de não beberem vinho, pois já era acabada a guerra, mas de nenhuma maneira o quis fazer; antes os obrigou de novo a jurar que o não bebessem em três anos, em agradecimento do que devia a Deus por tão insigne vitória como lhe dera, porque seu exército era muito inferior, sem comparação ao do imperador.

Tudo isto do mouro Nur me contaram o senhor que acima nomeei e um frade muito velho que, quando sucederam estas coisas, [fol. 324] era já de dezasseis anos e estava continuamente na corte deste Imperador Cláudio, de quem não pude achar mais que o que aqui tenho referido e o que disse no fim do 1.<sup>o</sup> livro, tratando dos portugueses que vieram com D. Cristóvão da Gama; pelo que passarei a tratar das missões que os padres da Companhia de Jesus fizeram a este império, em tempo deste imperador, e algumas coisas que passaram com ele e seus sucessores.

## CAPÍTULO IV

EM QUE SE TRATA DA MISSÃO EM QUE O PADRE PATRIARCA D. JOÃO NUNES BARRETO<sup>1</sup> DA COMPANHIA DE JESUS, COM DOZE PADRES<sup>2</sup> DA MESMA COMPANHIA, FORAM MANDADOS PELO PAPA PAULO IV À ETIÓPIA, À REDUÇÃO DA GENTE DELA.

Depois que os portugueses descobriram os reinos e senhorios do Preste João<sup>3</sup> e começaram neles a ter comércio e comunicação por via da Índia, vieram com isto o imperador David, que depois se chamou Onâg Çaguêd, e El-rei de Portugal D. Manuel a travar muita amizade entre si, visitando-se por seus embaixadores um a outro e, por este meio, o imperador a ter mais luz e notícia das coisas da Igreja romana; porque, ainda que ele e todos, ou os mais de seus reinos, eram cristãos, havia porém muitas centenas de anos que nenhuma comunicação nem comércio tinham com a Igreja romana, assim pela grande distância de mares e terras que havia no meio, povoados de nações bárbaras e inimigas de nossa santa fé, como pela gente deste império ter por cabeça, nas coisas da religião, ao patriarca de Alexandria a quem acudiam; e pela regra de sua fé, a qual não podia deixar de ser cheia de muitos erros, saindo de uma fonte tão impura e que tão apartada está da clara fonte e verdadeira cabeça e obediência da Sé Apostólica. Além de também os abexins, juntamente com o baptismo observarem<sup>5</sup> muitas coisas da Lei de Moisés e judaísmo, como declaramos no livro 2.<sup>o</sup>. Mas, instruído e alumiado nestes erros, o imperador David, pelos portugueses que vieram a esta terra, e por meio do demais que nisto fez El-rei D. Manuel, veio a escrever e mandar seu embaixador ao papa, que então era Clemente 7.<sup>o</sup>, dando-lhe a obediência e confessando-o por supremo pastor e cabeça [fol. 324v] da Igreja universal e que, como tal, lhe pedia, pois era mestre de todos, lhe mandasse mestres e padres que o ensinassem o que da santa fé e religião cristã eram obrigados a saber. Também escreveu a El-rei D. Manuel, que o favorecesse para com o sumo pontífice em coisa tão justa e santa. O mesmo escreveu a El-rei D. João III, seu filho, depois que soube ser morto El-rei D. Manuel, pelo que El-rei D. João, como com o reino herdou também juntamente o zelo da santa fé, e por novas cartas que pouco depois teve do Imperador Cláudio que, então, sucedera ao imperador David seu pai e se chamou Atanâf Çaguêd e mandava também dar a mesma obediência à Sé apostólica, fez sobre este negócio todos os devidos officios, tratando com o papa, que então era Júlio III, e depois com Paulo IV, o qual informado de tudo e considerando a importância do negócio, se determinou fazer patriarca deste império ao Padre João Nunes Barreto da Companhia de Jesus (como fez), dando-lhe grandes poderes; e, juntamente, fez bispos que o acompanhassem e lhe sucedessem no patriarcado, aos Padres Belchior Carneiro, também português, e André de Oviedo, castelhano, que a esta sazão era reitor do Colégio de Nápoles.

[Mas ainda que lhe foi de grande alegria e contentamento o serem nomeados para tão gloriosa missão, sentiram tanto e recusaram de maneira as dignidades que foi necessário que o sumo pontífice lhes mandasse que as aceitassem; e assim, abaixando as cabeças à santa obediência, partiram o

<sup>1</sup> Ver glossário (João Nunes Barreto).

<sup>2</sup> Ver glossário (primeira missão jesuíta).

<sup>3</sup> Ver glossário (Preste João).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 268v/258v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: observem.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: cantar. Realização palatizada de «bailar».

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: balhar.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 268/258].

Padre Belchior Carneiro e o Padre André de Oviedo de Itália para Portugal. E chegaram prosperamente a Lisboa, onde estava o Padre João Nunes Barreto, com os demais padres que haviam de ir em sua companhia.

~~... os padres ...~~ <sup>1</sup> Estando já juntos em Lisboa todos os padres que haviam de ir à Etiópia, esperando só pelas letras apostólicas<sup>2</sup> para se con<sup>3</sup>sagrarem o patriarca e os dois bispos, se chegou o tempo de partir as naus para Índia. E, vendo El-rei D. João que as letras tardavam e que as naus não podiam esperar, ordenou, com conselho dos padres, que fossem em elas diante, a Goa, o Padre Belchior Carneiro com alguns da Companhia para, enquanto fosse o patriarca, dispor as coisas da jornada de Etiópia. E escreveu<sup>4</sup> ao vice-rei da Índia, que então era D. Pedro Mascarenhas, que de Goa mandasse um embaixador ao Imperador Atanáf Çaguêd, para que, de novo, soubesse seu ânimo e disposição e o prevenisse para a vinda do padre patriarca e de seus companheiros. Fê-lo, assim, o vice-rei, mandando um homem honrado por nome Diogo Dias e, com ele, um padre da nossa Companhia, mui douto e prudente, de muita virtude, que se chamava mestre Gonçalo Rodrigues e, por seu companheiro, o irmão Fulgêncio Freire, homem nobre e de muito entendimento e ser. Partiram de Goa a 7 de Fevereiro de 1555. E foi esta diligência muito acertada, porque, quando chegaram a este império, acharam já este Imperador Atanáf Çaguêd trocado e mui diferente do que em Portugal se cuidava e ele, por suas cartas, tinha prometido. E, porque tudo o que passaram com ele conta o mesmo Padre Mestre Gonçalo Rodrigues em uma carta que escreveu de Goa, depois que tornou de Etiópia, aos padres da Companhia de Portugal, em 13 de Setembro de 1556, a porei aqui da maneira que na *Relação Anual de 1607 e 1608*, fol. 281<sup>5</sup>, a refere o Padre Fernão Guerreiro de nossa Companhia, a quem principalmente sigo em as coisas desta missão do Padre Patriarca D. João Nunes Barreto e seus companheiros, porque, demais de ser homem muito exacto em suas histórias e de grande autoridade, tinha em seu poder os originais desta carta e de outras que o Padre Bispo André de Oviedo e seus companheiros escreveram sobre esta matéria, com outras informações tocantes a ela. [fol. 325] Diz, pois, o Padre Mestre Gonçalo Rodrigues em sua carta, começando de sua chegada à corte:

*Aos 17 de Maio, chegámos aonde estava el-rei de Etiópia, o qual achámos em um campo com muita soma de tendas armadas ao redor de si; e mandou receber a Diogo Dias e a nós, juntamente. No segundo dia lhe fomos falar<sup>6</sup>. Estava assentado em um catre com umas cortinas por cima, a tenda alcañifada e paramentada de seda. Deu-lhe Diogo Dias as cartas, mandou-as ler, estando presentes todos os portugueses; nelas lhe mandava dizer el-rei nosso senhor que, para o ano, lhe mandaria um homem de sua casa com certo número de religiosos de santa vida e provada doutrina. Com isto se mostrava mui confuso e de tal maneira estava suspenso em este negócio que, falando-lhe nós, nenhuma resposta nos deu a propósito. E, assim, nos despedimos dele e tornámos a nossas tendas e, de aí a dois ou três dias, se partiu a ver uma sua avó, alguns oito ou dez dias de caminho, e nós ficámos em um campo, desagasalhados,*

*sem termos quem de sua parte nos fizesse um cumprimento; porém a esta necessidade nos acudiu um português honrado e nos levou para uns lugares seus que estavam dali duas ou três léguas, onde nos deixou agasalhados em sua própria casa e se tornou a el-rei. Aqui estivemos obra de um mês que el-rei gastou em sua jornada. Em este tempo, compus um tratado dos erros de Etiópia e verdade de nossa santa fé, para apresentar a el-rei, do qual aqui tive novas por um português mui privado seu, como ele não queria os padres; e dizia que não tinha necessidade deles, nem menos queria dar a obediência à santa Igreja romana; e me afirmavam comumente todos, que diziam alguns grandes do reino que antes seriam sujeitos dos mouros que mudar seus costumes e tomar os nossos.*

*Pelo que mais me confirmava em lhe dar por escrito tudo o que lhe pudera pregar por palavra, se soubera a língua, para que, da resposta que me desse, entendesse claramente sua verdadeira intenção, tantos tempos paleada. E assim, tornando ele da sua jornada, nós fomos a seu arraial, onde nos agasalharam os portugueses que ali achámos; que ele, depois daquela primeira vez que nos viu, nenhuma lembrança teve mais de nós. E, porque o Tratado que tinha feito era em português e, necessariamente, para ele o ver se havia de traduzir em caldeu<sup>1</sup>, lhe escrevi uma carta, em que lhe pedi me quisesse dar dois frades letrados para me traduzirem em caldeu algumas verdades [fol. 325v] de nossa fé, para lhe mostrar a pouca razão que todos os de seus reinos tinham para nos chamarem, aos <sup>2</sup>que seguimos a Igreja romana, hereges e piores que mouros. E, porque sabia que têm eles um livro a que chamam Adultério de Franges<sup>3</sup>, feito pelos cismáticos e hereges de Alexandria, donde eles tomam seus abunas, a que obedecem, e por isso pagam tributo ao turco, no qual livro reprovam o Concílio Calcedonense<sup>4</sup>, dizendo que fez quatro pessoas na santíssima Trindade, com outros muitos erros que, falsamente, nos impõem a nós, este livro pedi também a el-rei; porém ele o não quis dar, antes se indignou muito de nós sabermos o que tinha ele. Os frades só deu; mas, depois que começámos a traduzir o Tratado, os frades, ou por el-rei assim lho mandar secretamente, ou por temor<sup>5</sup> que dele tinham, não quiseram pôr mão na obra. De modo que foi necessário ir-lhos pedir uma vez e outra o capitão dos portugueses; e enfim, com o favor divino<sup>6</sup>, se acabou sendo intérprete de minha parte um português honrado, que sabia bem a língua. Porém, sendo necessário um bom escrivão para tirarmos em limpo o papel e o tresladarmos em boa letra, pedindo-lho também o deus, mas logo tornou a mandar um recado, mui irado, que lhe dêssemos logo seu frade e que, se quiséssemos, lhe mostrássemos o papel assim como estava, se não que não andássemos mais em tais negócios; pelo que foi necessário, para que não tivesse mais escusa, mostrar-lho assim como estava. E, assinando-nos ele o dia para isso, que foi aos 20 de Agosto, no qual fomos, o capitão dos portugueses com sete ou oito mais, chegámos à cerca d'el-rei, feita como de sebe e a sua casa, que é bem fraca, posto que a melhor de Etiópia, onde ele estava em um catre; e, depois de feitas as devidas cortesias, começando eu a lhe fazer uma breve prática em que lhe declarava ao que vinha, ele me cortou o fio e saltou em outra coisa, como homem que estava armado e me desviava os golpes com que o eu queria tocar. Dei-lhe o Tratado que tinha feito em caldeu, o qual ele começou de ler e, enchendo-se de ira, começou a lançar a peçonha que trazia paleada, dizendo que eu lhe pedira licença e frades para tresladar a verdade de nossa fé e que, ali, não fazia isso, antes atribuía erros a quem os não tinha; e que o que eu fazia não convinha para mim, que era um clérigo*

<sup>1</sup> No Ms. *Goa 42 ARSI* há uma frase rasurada, interposta no texto escrito à margem, que ocupa uma linha e meia, da qual não conseguimos ler senão as palavras transcritas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: só.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 269/259].

<sup>4</sup> A longa passagem entre parênteses recto foi escrita nas margens lateral e do pé de página do Ms. *Goa 42 ARSI* e encontra-se nos dois textos editados anteriormente.

<sup>5</sup> O Ms. *Goa 42 ARSI* apresenta a referência correcta. Ms. 778 BPB: 181.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 269v/259v].

<sup>1</sup> Designação dada no século XVI à língua gueeze, possivelmente por associação do cristianismo etíope à igreja síria.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 270/260].

<sup>3</sup> Ver glossário (*Abû Ferâgi / Adultério de Franges*).

<sup>4</sup> Ver glossário (Concílio de Calcedónia).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: medo.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: dos portugueses.

simples, senão para bispos e grandes prelados e para o papa. Respondi que era verdade ser eu um pobre homem, mas o que ali ia escrito eram verdades evangélicas e sagrados concílios; que a estes ouvisse Sua Alteza e não a mim. Disse-me que lhes punha muitas <sup>1</sup>coisas que eles não tinham. Respondi que Sua Alteza não estava errado na fé, que os seus o estavam, que tudo o que por escrito lhe dava era verdade, que para prova disso mandasse vir diante de si seus <sup>[fol. 326]</sup> frades e letrados, que lhe mostraria mui claramente terem todos, ou os mais deles, aqueles erros, que por escrito lhe apontava. Disse que ele não queria disputa, que mil e tantos anos havia que estavam naquela fé, que as disputas eram para os gentios e que, sendo esta sua fé tão antiga de mil e tantos anos, como não houvera até agora quem fizesse outro tanto como eu fazia e lhe declarasse que estava errado? Respondi que pelos pecados dos homens, permitia às vezes Nosso Senhor coisas semelhantes, mas que desse graças a Deus, por em seu tempo o visitar com a verdade evangélica. Disse a isto que a Igreja católica fora repartida em quatro cadeiras e que eles obedeciam a uma delas desde o princípio. Respondi que era verdade, mas que todas obedeciam antigamente ao romano pontífice, que era sobre todos como Sua Alteza em seu reino; porém que, como as três cadeiras se apartaram da obediência romana, por essa causa, todos os que a estas obedeciam, eram cismáticos; e que visse Sua Alteza o papel que eu lhe propunha, que nele acharia a resposta de tudo o que me perguntava e que se guardasse de cair no que dizia o profeta: *Noluit intelligere ut bene ageret.*<sup>2</sup> Finalmente, passadas muitas razões de parte a parte, estando presentes os portugueses, lhe disse, pelo capitão, que o que eu pretendia naquele papel que lhe dei escrito, era saber seu intento acerca de dar obediência ao pontífice romano e receber os letrados e religiosos que el-rei de Portugal, seu irmão, lhe queria mandar; porque, se ele os não queria, nem queria obedecer, não tinham eles para que vir a seu reino; e que visse Sua Alteza se queria dar a obediência, como a dera e mandara a Sua Santidade, estando em tal parte? A isto respondeu que ele, letrados e religiosos, tinha em seu reino e, por isso, dos d'el-rei de Portugal não tinha necessidade; nem menos dera nunca obediência ao romano pontífice, que a obediência que Gaspar de Magalhães levara, ele a não dera, mas que um frade árabe que tresladou suas cartas para el-rei de Portugal, errava e as não entendera. <sup>3</sup>Finalmente, concluiu que ele não queria obedecer senão ao patriarca de Alexandria a quem sempre obedecera; pelo que, vendo eu sua deliberação e obstinação me despedi dele, o qual, ficando só <sup>4</sup>com o capitão dos portugueses, me começou a gabar de grande letrado, espantando-se muito, sendo eu tão mancebo, saber tanto. Soube que lera o Tratado que lhe dei em caldeu e que nunca o tirava das mãos, mostrando-o a sua mãe e irmãos e pessoas principais do reino. E, porque o seu abuna, por saber o que eu pretendia, pusera <sup>[fol. 326v]</sup> excomunhão que ninguém lesse meus escritos, afirmaram-me que, o dia seguinte, lhe mandou el-rei pedir licença para os ler. E, porque ele lhe negou, o desonrou de mouro herege, que lia o Alcorão de Mafamede e que impedia ler-se uma tão santa escritura como era aquela, e de tão excelentes cristãos; mas, pois ele era mandado por prelado e abuna a seu reino, que respondesse ao que um pobre clérigo, sem nenhum dignidade, lhe propunha. Ao que respondeu o abuna que ele não queria disputar comigo, pois não viera a seu reino senão a dar ordens. Em este tempo, como na corte se não tratava de outra coisa senão desta, e alguns dos da casa d'el-rei se mostravam afeiçoados à nossa parte, outros, principalmente da casa da rainha, a sustentar seus erros, se resolveu com os seus a mandar chamar seus frades letrados e que cá têm por homens<sup>5</sup> de santa vida,

para consultar sobre este negócio da fé. Mandou el-rei tresladar o meu tratado; mas temi que lhe tirassem alguns passos de que ele recebia desgosto, como é onde falava do Papa Leão e de Dióscoro<sup>1</sup>, patriarca de Alexandria a quem eles têm por santo, e ao Papa Leão por maldito e excomungado, e tão grande ódio lhe têm, que nem ouvir falar nele podem; e assim reprovam o sagrado Concílio Calcedonense, porque dizem que errou na fé e que condenou injustamente ao S.<sup>to</sup> Dióscoro (como eles lhe chamam); não aceitam suas definições e, desde ele para cá, estão afastados da obediência romana, como os de Alexandria, que há 1067 anos são tão bem compreendidos na heregia de Sérgio, Paulo e Pirro, reprovada na sexta Sínoda Constantinopolitana e na de Eutiques que põe uma só vontade em Cristo.

Chegado o tempo em que parecia que o rei me daria a resposta que me ficou de dar quando lhe dei o Tratado, lha fui pedir. Mandou-me dizer que dez anos andara um embaixador de seu pai em Portugal sem ser despachado<sup>2</sup>; pelo que, sabendo eu que tudo isto era manha e que lhe pesava grandemente de eu tornar ao mar onde nossa armada havia de vir a buscar-nos, por se temer de mim poder-lhe descobrir seus podres. Chegado o tempo de me pôr em caminho para Baroa, me fui <sup>3</sup>despedir dele, mas mandou-me dizer que um homem tão grande como eu e que vinha ao que eu vinha não se despachava logo assim tão depressa, que onde podia eu ir que fizesse mais fruto que em confessar estes portugueses; porém, já que me queria ir, lhe desse mais um mês de espaço para me responder e, se até então o não fizesse, me havia por despedido.

Poucos dias depois disto, levantou el-rei o arraial e se foi para outro lugar dali a duas jornadas. Fomo-nos também com ele e tivemos o sábado e domingo em um campo onde, <sup>[fol. 327]</sup> debaixo de uma tenda, levantámos um altar e dissemos missa naqueles dias. Aqui vieram ter comigo três frades, um deles letrado, e que vinham com desejos de me ver e tratar comigo sobre coisas da fé. Este me disse, começando a praticar, que tudo lhe parecia bem de nós, senão o não guardarmos o Sábado e comermos porco e lebre. E no discurso da prática, vomitou assaz de erros dos que têm na fé, convém a saber, que as almas, quando morriam, não podiam logo ver a essência divina, mas que iam ao paraíso terreal; que o Espírito Santo não procedia do Filho, senão do Padre somente; que o Filho, quanto a humanidade, era igual ao Padre; que ao inferno não iam para estar lá para sempre, senão os mouros e infiéis, mas as almas dos maus cristãos que não estavam lá mais que até purgarem todos seus pecados e que, ultimamente, todos os baptizados se salvavam; o que provava, com as palavras de Cristo Nosso Senhor, *Qui crediderit*<sup>4</sup> et baptizatus fuerit, salvus erit.<sup>5</sup> Respondi-lhe a todos estes erros, declarando-lhe com razões e pelas Escrituras a verdade em contrário, do que ficou tão satisfeito que, chegando-se a mim, à orelha, por que os outros frades, que eram idiotas, o não ouvissem, me disse que aquela era a verdade e que assim o guardaria em seu coração.

Chegado, pois, o tempo que el-rei me pediu esperasse sua resposta, lha fui pedir e, juntamente, licença para me ir. Ele me disse que me fosse muito embora e que, quanto aos padres que el-rei de Portugal lhe queria mandar, já tinha aparelhado um homem em Maçuá para os receber, porque os queria ouvir. E, com isto, me despedi dele e vim por alguns lugares de portugueses, confessando a eles e a suas famílias e casando alguns que estavam em mau estado com mulheres abexins, reduzindo-as primeiro à nossa santa fé e, entre elas, uma infanta muito parenta d'el-rei. E, porque as igrejas desta <sup>6</sup>terra (além de serem cismáticas) não têm altares acomodados a nosso uso, trazíamos sempre connosco um altar portátil em que celebrávamos.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 270v/260v].

<sup>2</sup> Salmos, 36 (35), 4: «Desistiu do bom senso de fazer o bem.»

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: ~~Pelo que vendo eu sua deliberação.~~

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 271/261].

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *homens*.

<sup>1</sup> Ver glossário (Leão I; e Dióscoro I).

<sup>2</sup> Referência à embaixada de Säggä Zä-'Ab. Ver glossário (Çagâ Za Ab / Säggä Zä-'Ab).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 271v/261v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *crídidit*.

<sup>5</sup> Marcos, 16, 16: «Aquele que crer e for baptizado, será salvo» (*crídidit* é um erro do copista do ms. 778 BPB).

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 272/262].

Até aqui, são palavras da carta do Padre Gonçalo Rodrigues no que toca à matéria da fé e religião que achou em os abexins e no Rei Atanâf Çaguêd, que antes se chamava Cláudio. E, depois que ele saiu da corte e foi caminhando para Debaroâ, lhe escreveu um português honrado, que se chamava Afonso de França, uma carta em que, depois de lhe referir muitas histórias que tivera sobre as coisas de nossa santa fé com o imperador, conclui dizendo:

*Pelo que entendo, que antes tomara o imperador ser súbdito dos mouros, como os povos dioscórios que são os de Alexandria e Egipto, que dar a tal obediência ao sumo pontífice; e esta verdade nunca quis descobrir até agora a Vossa Reverência pelo não desconsolar, de maneira que deixasse de fazer a diligência que a seu ofício competia.*<sup>1</sup>

[fol. 327v] Entretanto que o Mestre Gonçalo andava em este império de Etiópia, que foi de Maio de 1555 até Agosto de 56, ~~partiram de Portugal para a Índia o Padre patriar~~ se consagraram em Portugal o Padre João Nunes Barreto para patriarca de Etiópia e o Padre André de Oviedo por bispo, para ser seu coadjutor e suceder-lhe no patriarcado se morresse primeiro;<sup>2</sup> e partiram para a Índia com os padres seus companheiros, três dos quais não chegaram, por se perder a nau em que vinham. O patriarca, com os mais, chegaram a Goa onde acharam o Padre Mestre Gonçalo que tornara do Preste João pouco antes, do qual sabendo o que passava e quão diferente estava o imperador para receber o patriarca e padres do que El-rei D. João cuidava em Portugal. Houve muitas consultas, assim, do patriarca com os padres, como do vice-rei com os de seu conselho e com os mesmos padres sobre o que se faria acerca da vinda do patriarca a este império, porque haviam por coisa de muito pouca autoridade do papa e da Santa Sé apostólica vir, da sua parte, uma tão grande dignidade a imperador cismático e não haver de ser recebido dele como convinha, e também pelo grande agravo que o mesmo imperador fazia a el-rei de Portugal que, à sua petição, fora medianeiro com o papa e dera ordem a esta tão apostólica missão, com tantos gastos de sua fazenda, pelo que assentaram que o patriarca D. João Nunes sobrestivesse com sua vinda e que se deixasse estar em Goa e que, entretanto, viesse diante à Etiópia, o Padre Bispo André de Oviedo com cinco companheiros para que, con<sup>3</sup>forme ao que achasse e fosse recebido do imperador, avisasse à Índia, para com isso se resolver a ida vinda ou ficada do patriarca. E tudo isto escreveu o mesmo patriarca a El-rei D. João III em uma comprida carta do 1.º de Dezembro de 1560<sup>4</sup>, que guardam hoje os padres da Companhia em Portugal.

Mas antes que tratemos da vinda do Padre Bispo D. André de Oviedo, será bom referir aqui, como conta Frei Luiz de Urreta o que até agora temos dito sobre esta missão do Padre Patriarca D. João Nunes e seus companheiros, para que o leitor veja quão longe vai do que na verdade passou.

Depois de ter contado difusamente como se ordenou esta missão, a prossegue, na pág. 203 e seguintes, por estas palavras:

*Aviendo recebido la biendicion del Summo Pontífice Paulo IV y la de su S.<sup>to</sup> Padre Inacio, se partieron todos los treze en compañía<sup>1</sup> de Roma, y llegando com mucha alegria y salud a España, caminaron para Portugal, onde El-rey D. Juan los regalo; y aprestado todo se partieron; y navegando por el ancho oceano, llevando la derrota de su tierra, despues de varios trances, riezgos y peligros, llegaron a Ethiopia y tomaron puerto em Arquico; y de alli se partieron para la corte del emperador Claudio y, aunque esta mission salio vana y quedaron las esperanças de todos ellos frustradas, con todo fueron recibidos graciosamente del emperador Claudio, respectando a la persona del Patriarca como nuncio apostolico [fol. 328] y a las de todos aquellos padres como lo merecia su virtud y santidad, mas sentido de ver que el-rey de Portugal, sin darle a el cuenta, sin pedirle licencia ni avisarle, le embiasse un patriarca y obispos a su tierra, como si el fuera algun infiel, o algun scismatico, tiniendo el su collegio en Roma de S. Estevan donde vivian muchos de sus vassallos y siendo hijo de la Iglesia y tiniendo ya el nuncio apostolico que, por Breves de summos pontífices desde Eugenio 4.º, es el arçobispo mas antiguo. Los padres con el patriarcha mostraron sus poderes y bullas apostolicas, lasquales fueron admitidas, y poniendolas sobre sus cabeças las obedecieron. Pero hubo luego un encuentro y tan grande que alborotó todo el império, la causa fue, porque ordenó el patriarcha dos cosas: una que no huviese más clerigos casados, y otra que se pagasen diezmos de todos los frutos a la Iglesia, con que los clerigos y todos los seglares se rebotaron de modo que, con un tolle tolle, se fueron para el emperador, diciendo que les quitavan sus costumbres antiguas y les introduzian usos nuevos. Viendo tanta confusion en su tierra <sup>2</sup>, el Preste Juan mandó a los padres que se dexasen de aquello, que no lo obedeceria en ninguna manera. Sobre estos encuentros socedieron otras diferencias, que a los padres le parecia que eran de servicio de Dios, pero los etiopes las tuvieron por muy penosas y todas las queixas hian al emperador. Y como el no se movia con pia afición, y por otra parte no tuviesse la paciencia de Job; la pimienta requemante de su colera le hizo sobresalir de manera que excedio el termino con el buen patriacha y los otros sus compañeros, dixoles algunas palavras donde vomitó la ponçoña que le ardia nel pecho.*

*Destas diferencias que passavan en la corte con el emperador, se levantó por todo el imperio un susurro y fama sorda que, de boca en boca, hia creciendo por momentos, hinchiendose la tierra de una bocingleria y motin que alterava nos animos contra los santos padres. Enfin, despues de mucho bravear y esgremir la lengoa, se vino<sup>3</sup> a tratar del poder que traian. Y el arçobispo más antiguo, que era el nuncio apostolico, alegava por agravio lo que se hazia con el, y que le quitavan su poder dado por Clemente 7.º, sin que el Papa diesse autoridad. Con el arçobispo acostavan los demas prelados, obispos y arçobispos. El Preste Juan, viendo aquella scisma en su tierra, empeçó a queixarse del rey de Portugal por aver informado tan mal al summo pontífice; y concluyo que no usassen de su poder los padres, hasta dar razon a la silla [fol. 328v] apostolica de todo. Con estas diferencias, el patriarca, como era viejo cercano a la traspuesta del sol de su vida, cansosse más de lo que podian sus fuerzas sufrir, estrañandolos el tiemple de la tierra y assi determinaron de salir de la Ethiopia. Y ayudavales a esta determinación el ser portugueses y desear verse entre los suyos, porque esta nación es sobrado de amartelada por su tierra y de la compañía de sus compatriotas; y luego les dá en rostro qualquier otro pays; y todo el mundo, a su parecer, no tiene que*

<sup>1</sup> F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 281 e seq. / pp. 305 e seq. M. Almeida também transcreveu esta carta, mas acrescentando uma passagem intermédia (ver *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 358-62 e 364-7).

<sup>2</sup> *Bula de Júlio III*, Roma, 24.01.1554, in C. Beccari, *RÆSOI* 10, Roma, 1910, pp. 39-41. O papa Paulo IV (1555-1559) escreveu depois uma carta ao rei etíope, datada de Março de 1556, referindo a nomeação do patriarca e dos dois bispos e informando-o sobre ida destes dignitários da Igreja Católica para a Etiópia (in C. Beccari, *RÆSOI* 10, Roma, 1910, pp. 52-5). In F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fol. 286v / p. 313.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 272v/262v].

<sup>4</sup> A carta a que o autor se refere foi escrita em 1.12.1556 (in C. Beccari, *RÆSOI* 10, Roma, 1910, pp. 68-78). F. Guerreiro, em cuja obra P. Páez se baseia, indica 1.12.1560 como a data da carta referida. Ver «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fol. 287 / p. 313.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *compañeros*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 273/263].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *veo*.

*ver con Portugal. Y embarcaronse para Goa. Pero el Padre Andrés de Oviedo no quiso salir de Ethiopia, diziendo que la obediencia le mandava estar en aquella tierra y que en ella estaria hasta la muerte.*<sup>1</sup>

Isto é, em suma, o que diz Frei Luiz de Urreta, bem diferente do que passou, como acima vimos, porque nem o padre patriarca, nem os mais dos padres desta missão partiram juntos de Roma, senão alguns; nem de Lisboa partiram todos juntos para Etiópia, mas o Padre Belchior Carneiro com alguns o ano de 1555, e o patriarca, com o Bispo André de Oviedo e os demais, o seguinte ano; nem vieram juntos em uma nau, senão em diversas; nem chegaram todos a Goa<sup>3</sup>, que alguns se perderam na viagem; nem vieram direitos à Etiópia e ao porto de Arquico, senão à Índia e a Goa; nem de Goa partiram todos para Etiópia, senão só o Padre Bispo D. André de Oviedo com cinco companheiros, ficando ali o padre patriarca com o Padre Bispo Belchior Carneiro e os demais os quais nunca entraram em Etiópia, nem a viram. E, pelo conseguinte, não foi assim o que diz que o Padre Patriarca D. João Nunes, com todos os demais companheiros, chegaram ao porto de Arquico e dali se foram à corte do Imperador Cláudio e que foram dele recebidos graciosamente, respeitando a pessoa do patriarca, posto que sentido de ver que el-rei de Portugal, sem lhe dar conta, nem lhe pedir licença primeiro, lhe mandava patriarca e bispos à sua terra, como se ele fora algum infiel ou cismático. Nem, ainda que vieram, podia o Imperador Cláudio mostrar tais sentimentos d'el-rei de Portugal o não ter primeiro avisado, pois que a isso veio cá Diogo Dias com o Padre Gonçalo Rodrigues de nossa Companhia, como em sua carta fica referido, para o avisar de parte d'el-rei de Portugal, como vinha o padre patriarca, bispos e padres, e saber dele se era sua vontade que viessem. Ao que respondeu que podiam vir e que já tinha posto homem em Maçuá que os recebesse. Nem foi assim, que o patriarca e padres, mostrando seus poderes e bulas apostólicas, as puseram sobre suas cabeças e as obedeceram, nem que o patriarca [fol. 329] mandasse que os clérigos não casassem e que se pagassem dízimos à Igreja; nem se podia queixar o arcebispo mais antigo que lhes tiravam seu mando, que era núncio apostólico, nem encostar-se a ele os demais bispos e arcebispos, pois, como já temos dito por vezes, não há em Etiópia arcebispos, nem bispos, senão o que lhes vem de Alexandria, a que eles chamam *abuna*. Finalmente, para concluir em uma palavra, digo que quase nenhuma de quantas aqui diz o autor é conforme ao que na verdade passou.

Bem claro se vê nisto quão mal guardou aqui o autor as regras e leis da História, pois a primeira (como diz Túlio, livro 24, *De Oratíones*) é não se dizer coisa que seja falsa, nem ainda dar ocasião de que possa haver tal suspeita, pelo que condena, com muita razão, Luciano, livro *Quomodo sit scribenda historia* ao historiador que, quando escreve, não está mui inteirado das palavras, das pessoas, dos casos e lugares tocantes à História<sup>5</sup>. Por falta disto, faltou aqui em tantas coisas Frei Luiz de Urreta e o que mais o condena, é referir algumas que desfazem muito no crédito e honra de um tal e tão grande rei como D. João III de Portugal, dizendo que informara mal ao sumo pontífice sobre as coisas de Etiópia, e outras de tão grande infâmia e descrédito de um tão digno

patriarca e os demais bispos e padres da Companhia, como são que, entrando na corte, alvorotaram todo o império, eclesiásticos e seculares, por mandar que os clérigos não casassem e que se pagassem dízimos à Igreja e que, sobre estes encontros, sucederam outras diferenças que os etíopes tiveram por mui penosas, com o que se encheu a terra de bocingleria<sup>1</sup> e motim e vieram todos com um «tolle tolle a el imperador dizendo»<sup>2</sup> que lhes tiravam seus costumes antigos e lhes introduziam outros novos. Porque, ainda que diga isto narrativamente, tinha obrigação de se informar primeiro da verdade antes que publicasse ao mundo, por certas coisas tão falsas, em prejuízo da honra de pessoas tão grandes; que nem o Padre Patriarca D. João Nunes Barreto, nem o Padre Bispo D. Belchior Carneiro e alguns outros padres seus companheiros, entraram em Etiópia nem a viram nunca, como já dissemos, e assim tudo o que aqui conta foi fundado sobre falso fundamento. E se entraram, não se houveram de tornar, como ele diz que fizeram, porque não é costume dos da Companhia que, por obediência, se desterram de suas pátrias e colégios onde se criaram e vão à Índia, China, Japão e quaisquer outras semelhantes missões e partes do mundo, irem para tornarem a Portugal, senão para lá morrerem e, se torna algum, é por negócio da religião, o qual acabado, faz logo volta à sua missão e nela vive e serve a Deus até que morre.

[fol. 329v] Quanto ao que nota da nação portuguesa, que, de muito amartelada ou afeiçoada à sua pátria e à companhia de seus compatriotas, lhe dá logo em rosto qualquer outro país e estranha os climas e ares da terra, não temos que gastar muitas palavras para provar quão sem razão<sup>3</sup> lhe impõe esta nota, pois as obras da mesma nação estão mostrando bem ao mundo o contrário, que, se há gente desapegada de sua pátria e que menos caso faça de climas estranhos à sua natureza, é a portuguesa. Porque, que nação cometeu, como<sup>4</sup> a portuguesa, navegações tão compridas, tão árduas e dificultosas sem serem descobertas por mares e climas tão diferentes dos seus? Que gente descobriu terras tão remotas e afastadas das suas? Quem abrandou e domesticou mais bárbaras e incógnitas nações que os portugueses? E com sua assistência, exemplo e doutrina reduziram muitas delas à nossa santa fé católica. Testemunha são disto as colónias que têm por África, Ásia, por debaixo da linha equinocial e zona tórrida, por toda a costa de Guiné, desde o Cabo Verde até os reinos de Congo e Angola e, passando o Cabo de Boa Esperança, em Moçambique, Sofala e por todo o grande reino de Monomotapa, Costa de Melinde, Mombaça e Etiópia e por toda a Índia Oriental, até Pegu, Sião, Malaca, Maluco, Cambôxa, China e Japão, terras todas bem contrárias às em que nasceram. Nem é menos falso o que daquele fundamento infere, que por serem portugueses e desejarem ver-se entre os seus, o Padre Patriarca D. João Nunes e o Padre Bispo D. Belchior Carneiro e outros padres da Companhia, se saíram de Etiópia e tornaram para Goa, porque de<sup>5</sup> todos os desta missão, só o Padre Bispo D. André de Oviedo com cinco da Companhia entrou em Etiópia e todos morreram nela, como adiante veremos.

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excertos (com várias omissões) do livro I, cap. 21, intitulado «Del consejo latino en el qual se tratan los negocios tocantes à la Europa. Ponese una mission que hizieron treze padres de la Compañia de Jesus, con una carta escrita por el S. Padre Ignacio pera el Preste Juan emperador de la Etiopia», pp. 203-10.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 273v/263v].

<sup>3</sup> Manifesto erro do copista do Ms. 778 BPB: Roma.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 274/264].

<sup>5</sup> Ver *M. Tullii Ciceronis Oratíones*, Roma, 1531, fol. 24v; ver também Luciano de Samosata, *Sobre o modo de escrever a História*, traduzido do grego por Custódio José de Oliveira, Lisboa, 1771, I -32, p. 71 e I-5, p. 10.

<sup>1</sup> Vozaria. O termo é sinónimo da palavra castelhana «bochinche», que significa tumulto. É nominalização formada possivelmente pela aglutinação de «vocinglero» (vociferador) e «jinglero» (gritador). Ver «Corominas», *Dicionário crítico etimológico*, v. 5, 1986, p. 845.

<sup>2</sup> «Tolle tolle a el imperador diziendo» é citado de L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, livro I, cap. 21, p. 208; ver F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas da Etiópia...» (reed. 1942), fol. 191v-192r / p. 319.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 274v/264v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: senão.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

## CAPÍTULO V

DA ENTRADA DO PADRE BISPO D. ANDRÉ DE OVIEDO EM ETIÓPIA  
E DO QUE PASSOU COM O IMPERADOR CLÁUDIO.

Tendo assentado o vice-rei da Índia com os do seu Conselho e os padres da Companhia de Goa, que o Padre Patriarca D. João Nunes ficasse ali por então, como acima dissemos, e que viesse o padre bispo, D. André de Oviedo se aprestou para a viagem e o vice-rei deu quatro fustas, cujo capitão-mor se chamava Manuel Travassos de Figueiredo. E, [fol. 330] aparelhado tudo, se embarcou aos 16 de Fevereiro de 1557, trazendo consigo cinco da Companhia, que foram os padres Manuel Fernandes superior, Gonçalo Gualdamez, Gonçalo Cardoso, António Fernandes, Francisco Lopes, todos portugueses, excepto o Padre Gualdamez, que era castelhano. E, tendo próspera navegação, chegaram ao porto de Maçuá a 17 de Março, mas não desembarcaram na mesma ilha, que está muito perto da terra firme, senão afastados, por achar nela um baxá do turco com quinhentos homens de peleja, que vinha com intento de conquistar Etiópia. E, por esta causa, logo aos dezanove, entrou o padre bispo com muita pressa pela terra dentro, levando os padres e alguns portugueses da armada que, por serviço de Deus, os quiseram acompanhar. E o dia seguinte, encontraram com quatro portugueses dos que primeiro estavam em Etiópia, que se chamavam Francisco Jacome, Luís Custódio, António Lopes de Oliveira e António de Sampaio, que estavam esperando se vinha armada da Índia. E assim, dali diante vieram devagar e chegaram aos 25 a Debaroâ, povoação grande onde, de ordinário, reside o *bahâr nagâx*, que governa aquelas terras até perto do mar. Este, sabendo que vinha o padre bispo, saiu ao receber um bom pedaço de caminho, com muita gente de pé e de cavalo e lhe fez muitos cumprimentos; e como chegaram ao povo, foi muito grande o prazer e alegria que mostrou a gente plebeia e beijavam a mão ao padre bispo com grandes mostras de devoção, e o *bahâr nagâx* o mandou agasalhar muito bem. E parecendo-lhe, ao padre bispo, que seria bem<sup>2</sup> dar conta ao imperador de sua chegada, lhe escreveu logo uma carta que, pela achar cá de sua mesma letra, a porei aqui.

Carta do Padre Bispo D. André de Oviedo para o Imperador Cláudio:

*El Padre celestial con su Hijo consustancial y eterno y el Spirito consolador, un solo Dios y três personas, sea sempre con Vuestra Alteza con la abundancia de sus divinos dones, y gracias para que en todo conozca y siga su Santissima voluntad, conforme a lo que dezia Cristo Nuestro Señor por S. Juan IV: «Mi mantenimiento es hazer la voluntad del que me embio.» Y assim nos lo enseñó a pedir por S. Matheo, diciendo Fiat voluntas tua. Despues que el muy catholico y esclarecido rey de Portugal, don Joan el III, procuró con su Santidad la venida del Patriarca y sus compañeros para Etiópia, movido, no ya por intereses temporales, sino por el zelo del Señor Dios [fol. 330v] y amor de Vuestra Alteza, haziendo en ello grandes gastos como Vuestra Alteza podrá ser más informado, llegamos el año passado a la India, donde queda el Patriarca esperando la real voluntad de Vuestra Alteza para más suavemente servila em Cristo*

*<sup>1</sup>Nuestro Señor. Y por tanto, pareció que yo con algunos religiosos de la Compañia de Iesus viniesemos delante, dandome para ello sus vezes y facultades, como su coadjutor ordenado por su santidad. Y assi, somos llegados a los reynos de Vuestra Alteza hasta Debaroâ donde hemos sidos bien recibidos del bahâr nagâx, aviendonos hecho buena compañía Francisco Jacome, con otros portugueses que, con nosotros, vinieron hasta aqui. Venimos para servir a Nuestro Señor y a Vuestra Alteza y, lo más breve que pudieremos, con el favor divino, partiremos para Vuestra Alteza, cuja real persona y estado conserve Nuestro Señor a su maior servicio y honrra. Amen.*

*De Debaroâ, a 26 de Março de 1557<sup>2</sup>.*

Esteve o padre bispo com seus companheiros em Debaroâ, até 20 de Abril. Em este tempo, fizeram os officios da Semana Santa e Páscoa com o maior aparato que puderam, e sexta-feira de Endoenças uma solene procissão de nossa igreja à dos da terra, para mais se unirem com eles e lhes ganharem as vontades. Em aqueles dias visitaram eles nossa igreja com tão grande devoção e amor, que os padres se edificavam muito. O padre bispo confirmou a muitos escravos dos portugueses que ali estavam e os padres ouviram muitas confissões e, algumas, de muitos anos. Visitavam muitas vezes o *bahâr nagâx* e outros grandes ao padre bispo e ele lhes declarava sempre a verdade de nossa santa fé e a obrigação que tinham de obedecer à santa Igreja romana; mas foi de mui pouco proveito, segundo afirma o Padre Manuel Fernandes em uma que escreveu, o ano de 1562, ao Padre Diogo Laynes, geral que então era de nossa Companhia e a refere o Padre Fernão Guerreiro na *Relação Anual do ano de 1607 e 608*, fol. 294<sup>3</sup>, em que lhe dá conta da chegada do padre bispo à Etiópia e do discurso de seu caminho ao imperador, pelo que referirei suas mesmas palavras para que melhor se saiba o que passou, começando de quando partiram de Debaroâ, que diz assim:

*Partimos de Debaroâ para a corte e arraial d'el-rei e, fazendo nosso caminho, em que gastámos cinquenta dias, parávamos os domingos em que havia missa e pregação e doutrina aos meninos. E muitos de nossos companheiros, que eram quinze portugueses com muita de sua família, se confessavam e comunicavam. E não nos alegrávamos pouco ver que achávamos, em os montes e brenhas de Etiópia, alguma coisa das nossas, com a frequência e comunicação dos sacramentos. Detivemo-nos muitos dias no caminho, porque, quanto mais entrávamos pela terra, [fol. 331] mais <sup>4</sup>portugueses saíam a confessar-se<sup>5</sup> e, alguns, também a casar-se com suas concubinas; e houve tantas confissões e tantos a quem o padre bispo confirmava, que foi coisa de muita consolação nossa. Quase oito dias de caminho antes de chegar a el-rei, mandou Sua Alteza um dos grandes de sua casa a visitar o padre bispo e trouxe bem de mulas para nossa recovagem.*

*Continuando nosso caminho, um dia antes de chegarmos onde el-rei tinha seu arraial, chegou recado que parássemos até seu mandado. Dali a dois dias o mandou e, chegando quase um tiro de espera<sup>6</sup> do arraial, chegou outro recado d'el-rei que armássemos nossas tendas; e, porque já vinham em nossa companhia muitos portugueses, armadas elas pareciam mui bem. Ali estivemos aquela noite e, ao outro dia*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 275v/265v].

<sup>2</sup> Manuel de Almeida transcreveu também esta carta de André de Oviedo (ver *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *R/ESOI* 5, Roma, 1907, pp. 371-2).

<sup>3</sup> Fernão Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 295-296 / pp. 322-324; C. Beccari, *R/ESOI* 10, Roma, 1910, pp. 146-56. A carta, datada de 29.07.1562, foi assinada por Manuel Fernandes, Gonçalo Cardoso e Francisco Lopes.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 276/266].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *se iam a confessar*.

<sup>6</sup> Expressão que indica distância (relativa ao alcance de tiro), aproximadamente entre 800 metros e 1 km.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 275/265].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: bom.



seguinte, ao meio dia, vieram grande número de parentes d'el-rei e gente nobre de sua casa, bem ataviados e em bons cavalos, à tenda do padre bispo. E duas pessoas mui principais, entrando nela, lhe deram recado da parte d'el-rei que ele o chamava. Fomos logo e estava Sua Alteza em um alto de sua casa, com sua mãe e irmãos, olhando. Chegámos e, sem ser costume, quis que todos entrassem a cavalo em seu primeiro pátio, estando ele no outro de dentro vendo tudo. Depois de estar assim um pedaço, mandou que nós descêssemos e entrássemos no segundo pátio, em que estava a tenda de sua habitação. E ali nos fez estar outro pedaço, estando ele olhando por entre uns panos de seda. Estavam, de uma parte e da outra da porta de sua tenda, muito número de velhos e pessoas nobres com bastões nas mãos, em muita ordem; e estando todos com muito concerto e silêncio, saíam de sua tenda dois criados seus, um deles o Bahâr nagâx Isac. E feita ao bispo sua decente reverência, nos levaram a el-rei, o qual o recebeu com humildade e amor. E depois de algumas práticas, lhe deu o bispo as cartas do governador da Índia e do nosso patriarca e outras; e el-rei, tomando-as, se começou logo a mostrar desgostoso nas coisas de sua redução, da qual ele estava tão longe como está Roma de Etiópia. Mas, como era nobre e discreto e amigo dos portugueses, encobria seu desgosto, ainda que não tanto que deixasse de dar manifestos desenganos de si e de sua perfídia. Porém, sempre se houve mui comedidamente com o bispo e o tratou de modo que, enquanto viveu, não houve quem se atrevesse a lhe fazer desacato; e, em nosso provimento, se houve mui compridamente, [fol. 331v] porque de sua natureza era mui liberal e dadivo-so, principalmente em coisas d'el-rei de Portugal, a quem se conhecia por mui obrigado.

Era tão humano e sentiu tanto os trabalhos que arreceava o padre bispo que, estando para dar batalha aos mouros, na qual morreu, disse: «O coitado do bispo e, se eu morro, que há-de ser dele?» Era pessoa, Cláudio, de tanto ser (fora sua perfídia), que certo creio que em todo o reino não havia homem mais sábio nem homem para ser rei que sua pessoa; era mui feito aos costumes portugueses e, com o bispo, tinha tantos cumprimentos em coisas de amizade, que no meio de todas suas pertinácias, sempre ficávamos com esperanças de algum bem. E creia Vossa Paternidade, que não tinha Cláudio, rei de Etiópia, mais que sê-lo, porque no demais, tirando sua perfídia, era mui diferente dos costumes dos seus vassalos.

Até aqui, são palavras da carta do Padre Manuel Fernandes, em que se vê quão longe<sup>2</sup> estava o Imperador Cláudio de obedecer à Igreja romana, ao que lhe ajudava sua mãe e conselheiros, que todos eram mui contrários à nossa santa fé e estavam tão aferrados em os costumes de seus pais, que alegavam com eles, como com S. Paulo<sup>3</sup>. E assim por isto, como porque quando o imperador viu as cartas que o padre bispo lhe deu, respondeu que nunca tão grande embaixada nem pessoa lhe viera, pelo que lhe não convinha dar resposta sem primeiro tomar conselho, determinou o Padre Bispo D. André de Oviedo dar-lhe, por escrito, algumas coisas na língua da terra, para que melhor entendesse a embaixada e exortá-lo a que não se deixasse levar dos conselhos de sua mãe, parentes e amigos, se o divertissem do que devia fazer para sua salvação. E, porque todas estas coisas que o padre bispo deu ao imperador as achei escritas de sua mão, as trasladarei aqui por suas mesmas palavras.

*Mui alto y poderoso emperador.*

*Las personas que tienen cargos, o officios pueden hablar en dos maneras: la una en quanto toca a si mismos, la outra quanto a las cosas de su cargos; y puesto que, en lo que toca a su persona, ayan de ser*

*humildes y en las cosas adversas pacientes, como Nuestro Señor en Su vida y muerte, todavia en lo que toca a sus officios, o embaxada, deven decir<sup>1</sup> la verdad, sin tener respecto a personas humanas, como hizo Cristo, respondiendo por la honra de su Padre que le avia embiado. Al pre<sup>2</sup>ente, en lo que yo hablaré a Vuestra Alteza por parte [fol. 332] de mi cargo, diré la verdad de lo que entiendo, aunque ya Vuestra Alteza, por las letras y información que a recebido, pueda estar bien informado de nuestra venida, es a saber, como yo vengo de Roma embiado de Su Santidad por coadjutor del patriarca que queda en la India, del qual traigo sus vezes y autoridad, demas de la que Su Santidad me dio para le ayudar, como consta dellas bullas que traigo, que Vuestra Alteza puede ver. Todavia, me ha parecido, al presente, dar razon de mi venida de parte del papa, declarando la intencion que le movió a embiar a sus reynos al patriarca con dos obispos sus coadjutores y otros religiosos letrados y de virtuosa vida de la Compañia de Jesus.*

*Quando Su Santidad embia algum patriarca o legado a algunos reynos, no pretiende dellos tierras, ni señorios; ni menos puede vender las tales dignidades, por no cahier en simonia; sino que principalmente desea el bien de sus animas, como Cristo le mandó por S. Juan 21: Pasce oves meas<sup>3</sup>. Y assi ha sido al presente, que por el servicio de Nuestro Señor y bien spiritual destes reynos, Su Santidad a hecho a Vuestra Alteza este beneficio sin otro interese temporal, movido para ello, alende del grande amor que a Vuestra Alteza tiene. Y lo mismo los príncipes y reyes cristianos de alla, que son muchos en gran numero y estiman mucho las cosas de Vuestra Alteza y la grandeza de su estado, teniendole todos mucha afición. Demas deste amor que Su Santidad tiene a Vuestra Alteza que, movido a esto, por los deseos y disposicion que entendió avia para estos reynos se aprovechar y advierta bien Vuestra Alteza que los motivos que de acá se han entendido, son de mucho peso y que, entre personas semejantes, no se deven quebrar.*

*Primeiramente, el rey vuestro padre escribió al papa una carta, el traslado de la qual yo vi en Roma, en que reconocia a Su Santidad por vicario de Cristo y le embiava pedir letrados. Demas desto, el rey de Portugal, que es persona de mucha verdad, dixo, segun yo le oy de su boca, como Vuestra Alteza le avia escrito, que el rey su padre le avia mandado que no tomase abuna o patriarca, sino de Roma y, alende desto, se supo por allá y en estos reynos es muy notorio, como Vuestra Alteza dio publicamente la obediencia a Roma y aunque fue en tiempo de guerra, todavia despues de la vitoria perseveró D. Juan Bermudez<sup>4</sup> por espacio de tres años en el patriarcado, aviendole Vuestra Alteza<sup>5</sup> entregado las tierras del. Por lo qual, puesto que Su Santidad pidiera a Vuestra Alteza algo de lo suyo, entendiendole su buena intencion y las causas muchas que tuvo para hazer esta mission, con trabajos y peligros de nuestras [fol. 332v] personas, deviera Vuestra Alteza de holgar con ello, quanto más que no le pede nada de lo suyo y le embia a su reyno, sin ningún interese, los mayores poderes y gracias spirituales que, a mi parecer, tiene otra persona hoy dia en toda la cristiandad y llama, a Vuestra Alteza en las bullas que deo, «hijo muy amado» y le nombra «emperador illustre de la Etiopia.» Vuestra Alteza. ahora me de la repuesta que le pido de parte de Su Santidad, para yo determinarme en lo que devo de hazer; y si Vuestra Alteza tuviere alguna dificultad en las cosas de la fé, mande juntar a congregacion letrados de sus reynos y yo, de parte de Nuestro Señor, responderé a las dificultades, porque, siendo la fé de Cristo una sola, como dice<sup>6</sup> S. Pablo, ad Ephesios 4: Unus Deus, una fides, unum baptisma<sup>7</sup>, no es razon que, entre*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *dizir*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 277/267].

<sup>3</sup> João, 21, 17: «Apascenta a minhas ovelhas.»

<sup>4</sup> Ver glossário (João Bermudes).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 277v/267v].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *dize*.

<sup>7</sup> Efésios, 6, 5: «Um só Deus, uma só fé, um só baptismo.»

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 276v/266v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: diferente.

<sup>3</sup> Páez referia-se, possivelmente, à acusação de desrespeito pela lei que elementos da comunidade judaica pronunciaram contra Paulo, no episódio que culminou com a prisão deste (Actos 21).

los cristianos aya diversidad en ella, sino que todos sientan una misma cosa en las cosas de la fe y nadie tenga contra el Evangelio de Cristo; y si en algo les parece que erramos, dando nos la razon, segun la verdad evangelica y los Concilios Universales de la Iglesia, estamos aparejados seguir la verdad; y si vieren que no estamos errados, deven de seguir la verdad de la fe en una conformidad segun que dice S. Pablo, 1.<sup>a</sup> Corinthios 1: Ut id ipsum dicatis omnes et non sint in vobis schismata<sup>1</sup>, y no imitar los costumbres de los passados, si son contrarios a la verdad, porque Cristo Nuestro Señor, que es la misma verdad, nos hade juzgar y dar pena o gloria y no nuestros padres. Iten si, conocida la verdad, no se deve de tomar por los costumbres de los padres passados, si son contrários a la verdad, quando Cristo N. S. predicó la doctrina de su verdad, los gentiles y paganos que se convirtieron, no la devian de tomar, alegando los costumbres de sus padres que eran contrários y, assi, nunca recibieran a Cristo, lo que fuera su perdicion. Y por la verguenza y temor del mundo, no se ha de dejar la verdad conocida, porque dice Cristo por S. Lucas 9: Qui me erubuerit et meus sermones, hunc filius hominis erubescet, cum venerit in majestate sua<sup>2</sup>; y David dice en el Psalmo 94<sup>3</sup>: Hodie si vocem eius audieritis nolite obdurare corda vestra, sicut in exacerbatione, secundum diem tentacionis in deserto; in quibus tentaverunt me patres vestri, quibus iuravi in ira mea, si introibunt in requiem meam.<sup>5</sup>

Mire, pues, Vuestra Alteza que emporta tomar bien consejo en cosa de tanta calidad y que de Vuestra Alteza dependen todos sus pueblos y le pedirá Nuestro Señor cuenta de sus almas; y los malos consejos suelen dañar mucho, como parece en los de Roboam, 3 Regem 12<sup>6</sup>, por lo qual dixo Iacob por Simon: «Vasos de iniquidad, en el consejo de ellos no entre mi alma» Genesis 49<sup>7</sup>; y David en el Psalmo 82<sup>8</sup>: «Sobre tu pueblo han hecho consejo maligno»; y Isaias 9 dice<sup>9</sup>: «Los sabios consejeros de [fol. 333] faraó dieron consejo insipiente», por lo qual aconseja Salomon, en el Ecclesiastes 7<sup>10</sup>: «Seante a ti muchos pacíficos y de mil seate uno consejero»; y David, Psalmo 111: «Bienaventurado el varon que no fue en el consejo de los impios.» Los parientes y amigos, en las cosas espirituales, no suelen ser buenos consejeros, como dixo Cristo Nuestro Señor a San Pedro, Mathei 16<sup>12</sup>: «La carne y la sangre no te lo revelo»; y el profeta Micheas 7<sup>13</sup>, dice: «Los enemigos del hombre son los de su casa»; y Cristo dice por S. Matheo 10<sup>14</sup>: «No quereis pensar que vine a meter paz en la tierra; no vine a meter paz, sino cuchillo, porque vine a apartar el hombre contra su padre y a la hija contra su madre y a la nuera contra su suegra y los enemigos del hombre son los de su casa. El que ama al padre o a la madre más que a mi, no es digno de mi; y lo que ama al hijo o hija sobre mi, no es digno de mi»; y por S. Lucas 12<sup>15</sup> dice: «Pensais que vime meter paz en la tierra. Digoos que no, sino apartamiento, porque desde agora seran en una casa cinco dividi-

dos; devidersean tres contra dos y dos contra tres. El padre contra el hijo y el hijo contra el padre, la madre contra la hija y la hija contra la madre, la suegra contra la nuera y la nuera contra la suegra; y a los 14 del mismo<sup>1</sup>, dice Cristo: Si alguno viene a mi y no aborrece a su padre y a su madre y a su muger y hijos y hermanos y hermanas y aun a su misma alma no puede ser mi discipulo. Por donde se puede entender quanto suelen ser contrários los amigos y parientes a las cosas espirituales, pues Cristo dice que los enemigos del hombre son los de su casa y que vino apartar los unos de los otros y que quien no aborreciere a su padre y madre, en estos casos, no puede ser su discipulo. Y esto que enseñó, lo declaró antes, por exemplo quando, sin tomar <sup>2</sup>consejo con Su sagrada madre la qual era cierto que no le auia de aconsejar mal, se quedó a disputar en el Tiemplo y, sabiendo que Su madre avia de tener grande dolor los tres dias que le anduvo buscando, quando le halló y le dixo su dolor, respondió el: «Que es lo que me queriades? No sabiades que en las cosas de Mi Padre Me convenia a Mi estar?», declarandonos por este exemplo que, para seguirmos las cosas de Dios, no somos obligados a pedir consejo com nuestros amigos, parientes y padres, y mucho menos quando nos impidem el bien, porque entonces nos manda que los aborreseamos. Nuestro Señor dé en todo bueno y verdadero consejo a Vuestra Alteza, y gracia para que siempre haga su sanctissima voluntad y goce<sup>3</sup> despues de su santa gloria. Amen.

A 22 de Junio de 1557.<sup>4</sup>

Depois que o padre bispo deu isto por escrito ao imperador, [fol. 333v] procurou muito, em práticas<sup>5</sup> particulares, dar-lhe a entender as coisas de nossa santa fé e mostrar-lhe a obrigação que tinha de dar a obediência à santa Igreja romana. E, porque em suas respostas mostrava não estar satisfeito das coisas da nossa santa fé, trabalhou muito o padre bispo para que fizesse juntar seus letrados e, diante dele, se disputasse tudo aquilo em que houvesse controvérsia, o que ele concedeu, ainda que com dificuldade. E, porque o que passou sobre esta matéria o conta o Padre Manuel Fernandes, na carta que acima começamos a referir, a continuarei aqui por suas palavras, para alegar com testemunha de vista, que diz assim:

Como as controvérsias sobre as coisas da fé se começaram entre ele (scilicet o imperador) e o bispo lhe rogou o bispo quisesse ouvir com seus letrados e ele o fez assim. E, em sua presença, houve muitas vezes disputas e todos seus letrados diante dele pareciam boçais. Ele mesmo tomava sempre a mão e, com tanta veemência defendia seus desatinos, que muitas vezes dava que fazer. E, ainda que o bispo, pela graça divina, sempre a ele e a todos os concluía, ficavam porém zombando e bradando, dizendo que eles tinham vencido, de maneira que tudo com ele ficava em vão; pelo que, vendo o padre bispo o pouco que em isto se fazia, tomou todas as principais matérias e pontos de seus erros e se deu a escrever sobre eles; e depois lhe apresentou estes escritos, aos quais el-rei respondeu com fazer outros sobre eles, resolvendo-se, juntamente, que não havia de obedecer a Roma<sup>6</sup>. E depois de ter isto assaz declarado e se mostrar desgostoso contra o bispo e dizer publicamente que não queria o Concílio Efesino 1.<sup>o</sup>, para o qual o bispo o chamava, senão somente os costumes e fé de seus antepassados, o bispo se despediu dele com determinação

<sup>1</sup> *Coríntios*, 1, 10: «Guardai a concórdia entre todos, e que não haja divisões entre vós.»

<sup>2</sup> *Lucas*, 9, 26: «Quem se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do Homem dele se envergonhará, quando vier em Sua glória.»

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: 49.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 278/268].

<sup>5</sup> *Salmo* 95 (ex. 94), 8-9: «Oxalá ouvísseis hoje a Sua voz. Não endureçais vossos corações como no dia das tentações no deserto, em que os vossos pais me provocaram e tentaram, mesmo vendo as minhas obras.»

<sup>6</sup> *I Reis* 12 relata como Roboão, herdeiro do Rei Salomão, perdeu o reino por desprezar o conselho dos anciãos.

<sup>7</sup> *Gênesis* 49, 5-6.

<sup>8</sup> *Salmo* 83 (ex. 82), 4.

<sup>9</sup> A referência deveria ser *Isaias* 19,11. Errata do autor, repetida pelo copista.

<sup>10</sup> A referência deveria ser *Eclesiástico* 6,6.

<sup>11</sup> *Salmo* 1,1.

<sup>12</sup> *Mateus*, 16,17.

<sup>13</sup> *Miqueias* 7,6.

<sup>14</sup> *Mateus* 10, 34-37.

<sup>15</sup> *Lucas* 12, 51-53.

<sup>1</sup> *Lucas* 14,26.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 278v/268v].

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: goze.

<sup>4</sup> Manuel de Almeida copiou igualmente esta carta (ver *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RESOI* 5, Roma, 1907, pp. 377-80).

<sup>5</sup> Conversas.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 279/269].

de, saltem ad tempus<sup>1</sup>, dar lugar a seus desgostos. Estes tão claros desenganos deu el-rei no fim de Dezembro de 58 e, logo no Janeiro seguinte de 59, o bispo se despediu dele e, no mês de Fevereiro, pouco depois, vieram a esta terra os mouros, a quem cá chamam malaçais (que porventura serão os amalecitas)<sup>2</sup> e, no mês de Março logo seguinte, na 5.<sup>a</sup> feira da semana santa, se encontrou el-rei com eles e sua gente lhe fugiu e o deixou no campo, onde o miserável morreu e, com ele, nosso capitão com dezoito portugueses. E foi a vitória tão pouco [fol. 334] esperada dos mouros, que seu capitão, atribuindo isto a seu Deus, se desceu do cavalo, e cavalgando em um asninho, celebrou o triunfo da sua vitória.<sup>3</sup>

Até aqui, a parte da carta do Padre Manuel Fernandes.<sup>4</sup> E o que diz que, com zombarias e brados, procuravam os frades encobrir a verdade de nossa santa fé que o padre bispo lhe provava, me afirmou também, pouco tempo há, um frade velho dos maiores letrados que hoje há em Etiópia, que se chama *Abba Za Manoel* e já se confessa connosco e comunga publicamente sem ter medo de ninguém. Este me disse, falando acaso com ele sobre aquelas disputas, que, vendo os frades e letrados que o imperador fez ajuntar para que disputassem com o padre bispo, que não podiam responder às razões e autoridades da escritura que o bispo lhes trazia, se ajuntaram em conselho para ver o que fariam e assentaram que, a tudo o que o padre bispo alegasse, respondessem alguns: «Isso não se entende de essa maneira, senão como declaram nossos intérpretes. O que nós defendemos é a verdade e assim o testificam nossos livros»; e que os outros bradassem, dizendo: «É verdade, é verdade, ganhámos, ganhámos»; e assim o fizeram dali por diante, todas as vezes que se juntaram, com o que interrompiam quanto o padre bispo dizia, sem lhe deixarem prosseguir suas razões, nem querer responder ao lugar da *Escritura*.

Também em um livro de Etiópia que trata destas mesmas disputas que o padre bispo teve diante do Imperador Cláudio, achei estas palavras:

*Aos dezassete anos do reino de Glaudeôs, entraram em Etiópia, pela banda do mar, os filhos de Jafet; e o patriarca dos portugueses vinha com clérigos e diáconos e poucos portugueses, e chegou ao arraial do Imperador Glaudeôs na entrada do inverno. E a causa de sua vinda era para pôr nódoa em a fé verdadeira que lhe veio, à Etiópia de Alexandria e para manifestar e louvar a fé má que procedeu de Roma, gloriando-se com dizer: «Nosso Padre Pedro», não sabendo que o alto e poderoso Deus pode alevantar das pedras dos antepassados, filhos de Pedro. Mas o imperador, disputando com estes sábios portugueses, os vencia e envergonhava pela falta e diminuição de sua fé e vituperava seus corruptos costumes, fazendo cantigas contra eles, em que mostrava palavras espirituais tiradas dos apóstolos e dos profetas; e quando eles chamavam bem-aventurado [fol. 334v] a Leão, ele louvava a Dióscoro; e, quando se gloriavam na cadeira de Pedro, ele se gloriava em o Monte Olivete em que esteve Nosso Senhor em Jerusalém, onde foi crucificado e sepultado, porque estes lugares são do que está na cadeira de Marcos, mestre de Nobâ e Sobâ e Etiópia<sup>6</sup>.*

<sup>1</sup> Momentaneamente, pelo menos.

<sup>2</sup> Associação feita por aproximação fonética. «Amalecita» é um povo da península do Sinai que confronta os hebreus (Êxodo 17, 8-16) vingados mais tarde por Saul (1Samuel 15:1-9).

<sup>3</sup> Manuel de Almeida copiou igualmente esta carta (ver *Historia de Ethiopia a Alta*, C. Beccari, R/ESOI 5, Roma, 1907, pp. 381-2).

<sup>4</sup> O autor transcreveu um excerto da mesma carta no livro II, cap. VII, *supra*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 279v/269v].

<sup>6</sup> W. Conzelman, *Chronique de Galaudewos*, Paris, 1895, caps. 54 e 55. O autor foi fiel ao espírito do texto, embora não o tenha traduzido na íntegra. Mais adiante, diz-se que, em 1559, «renasceram as discussões entre os jacobitas e os melquitas, que são os frangues, mas ficaram ainda as diferenças das primeiras.» (*Chronique de Galaudewos*, cap. 74). M. Almeida usou a mesma passagem (ver *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, R/ESOI 5, Roma, 1907, pp. 382-3). Ver glossário (*Confessio Fidei*). A fonte citada não é, porém, um livro que relata as disputas, mas a crónica oficial do rei.

Todas estas são palavras do livro; que elas e as do Padre Manuel Fernandes, com o que no capítulo precedente referimos do Padre Mestre Gonçalo Rodrigues, mostram bem quão longe estava o Imperador Cláudio de obedecer à Igreja romana nem seguir sua santa doutrina, pelo que o Padre Bispo D. André de Oviedo, em uma sentença – que eu tenho assinada por sua mão, e a referimos no 2.º livro cap...<sup>1</sup>, depois de referir algumas coisas – que o ano precedente lançaram pregão que ninguém entrasse na nossa igreja, sob pena de morte, diz assim: «Portanto definimos y, por sentença, declaramos que la gente de Ethiopia en comun, grandes y baxos y letrados y otros del pueblo, no quieren<sup>2</sup> obedecer a la santa Iglesia de Roma», etc., ainda que não nomeia aqui ao Imperador Cláudio, dele principalmente se entende isto, porque o pregão de que os abexins não entrassem em nossa igreja sob pena de morte, não se podia dar senão por seu mandado; nem declarara o padre bispo que grandes e pequenos negavam a obediência à Igreja romana e tinham muitos erros na fé que ali vai contando, se ele a quisera obedecer e admitir sua doutrina, que ainda era vivo em aquele tempo, porque esta sentença publicou o padre bispo em nossa igreja a 2 de Fevereiro de 1559 e, a ele, o mataram logo o Março seguinte, não em batalha com el-rei de Borno, nem ficando por ele a vitória, como afirma Frei Luiz de Urreta, pág. 215<sup>3</sup>, senão com os mouros de Adel, como acima vimos, no cap. 3.º. E não foi menos mal informado no que ali diz, que morreu com todos os sacramentos, como bom cristão <sup>4</sup>e mui católico filho da Igreja, pois, do que temos dito, se mostra e prova bem o contrário e, por conseguinte, que os papéis autênticos e provas qualificadas de João Baltazar, em que diz, pág. 211<sup>5</sup>, que achara estas coisas que escreve, são de tanta autoridade, como as demais em que achou as fábulas que, até agora, vimos no discurso desta *História*.

Em a seguinte pág. 212,<sup>6</sup> traz uns contos em confirmação de que o Imperador Cláudio foi muito católico e obediente à Igreja romana. Um, que reformou um mosteiro de cinco mil monjas que saíam fora do mosteiro onde queriam<sup>7</sup> sem guardar [fol. 335] clausura e ele as obrigou a que a guardassem, pelo mandar assim o reverendíssimo geral da Ordem dos Pregadores, a quem diz que pertencem as freiras; mas engana-se, porque em as terras que senhoreia o Preste João não há frades nem freiras de S. Domingos, nem as que há da terra guardam clausura; cada uma está em sua casa e vai onde quer, sem que ninguém lhe pergunte por isso, como dissemos no fim do 2.º livro. Outro é que entraram em Etiópia uns ermitães hereges com nome de S. Agostinho e mandou a Roma buscar a regra de S. Agostinho e lha fez professar e que, juntamente na profissão, jurassem de obedecer à Igreja romana e que, até hoje, fazem este juramento nas mãos dos priores dos conventos da Aleluia e Plurimanos; e alguns que ficaram obstinados em seus erros, *scilicet* que o Espírito Santo não procede do Filho, que não há purgatório, que os santos não vêem a Deus até o Dia do Juízo, etc., botou aos leões, outros mandou enterrar vivos. Isto também é fábula, porque, demais de que não há memória de que houvesse nunca em estas terras frades de S. Agostinho, como também vimos no fim do 2.º livro, se o mesmo imperador não queria obedecer à Igreja romana, mal trabalharia por que os frades que entravam em sua terra jurassem de obedecer; e se a todos os que

<sup>1</sup> Cap. 7. O autor deixou um espaço no manuscrito que, depois, se terá esquecido de preencher.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *queren*.

<sup>3</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 21.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 280/270].

<sup>5</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 21.

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 21.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: *queriam* viviam.

tinham estes erros houvera de botar aos leões e enterrar vivos, muito poucos ficaram<sup>1</sup> em Etiópia, ainda frades dos conventos que nomeia, porque quase todos tinham então e muitos deles têm, até hoje, estes mesmos erros. Pelo que, deixando as coisas do Imperador Cláudio, passaremos a tratar das de Minâs, seu irmão, que lhe sucedeu no império e do que o Padre Bispo D. André de Oviedo passou com ele.

## 2CAPÍTULO VI

EM QUE SE REFERE A HISTÓRIA DO IMPERADOR ADAMÂS ÇAGUÊD  
COMO A CONTAM OS LIVROS DE ETIÓPIA.

**O** nome de baptismo deste imperador foi Minâs, que quer dizer «Fiel», mas quando lhe deram o império, o chamaram Adamâs Çaguêd. Criou-se com bom ensino em casa de seu pai, Lebenâ Denguîl, mas, permitindo-o Deus, assim veio a cair em as mãos do mouro Granh que o cativou e, estando cativo, o amavam muito os do arraial, pelo que alguns capitães disseram ao Granh que era necessário ver bem o que se devia fazer daquele filho do imperador, porque muitos dos de seu arraial eram cristãos e os que se tinham feito mouros era por medo; e assim, estes [fol. 335v] como os outros tinham seu coração com ele, pelo que, sem falta, o haviam de levantar por imperador. Ouvindo isto, o Granh ficou turbado como Herodes, quando os Reis Magos perguntaram pelo Rei dos Judeus. E mandando juntar seus conselheiros, e<sup>3</sup> lhes referiu o que tinha ouvido e perguntou que lhes parecia; e responderam todos que não tivessem misericórdia dele, senão que o matasse, porque, de outra maneira, nunca teria quietação. Isto que lhe aconselhavam contou ele depois à sua mulher, mas ela, que sempre o defendia, lhe respondeu que não convinha fazer tal coisa, antes bem, pois era filho do imperador, para que Deus fizesse bem a seu filho; e que, se queria aquietar seu coração, o casasse com uma filha que tinham. E deu-lhe tantas razões que ele se determinou de o fazer; mas, estando aparelhando as coisas necessárias para as bodas, foi a ele um mouro por nome Xafêr-Din e lhe disse: «Porventura quisestes dar vossa honra ao estranho e entregar o reino ao dono? Se lhe dais vossa filha, parecer-lhes-á, aos do arraial, que lhe deixastes seu império e todos vos deixarão e se irão a ele. E então vos arrependeréis, sem poder tornar a recuperar o que deixastes por vossa vontade.» Disse então o Granh: «Pois que vos parece que será melhor?» Ao que respondeu: «Bem vedes que vieram os portugueses, com quem não podeis pelejar sem turcos. Parece-me que seria bom mandardes de presente este menino ao baxá de Zebîd, pedindo-lhe que vos mande alguma gente de peleja que vos ajude.» Pareceu também ao Granh que, deixando as bodas que aparelhava, o mandou ao baxá por um dos <sup>4</sup>grandes do seu arraial, juntamente com dois primos seus, que se chamavam ambos Lâc Mariâm, a quem tinha primeiro feito eunucos. E, quando saiu do arraial, mostraram todos grande sentimento e, principalmente os da casa de Delombarâ, mulher do Granh, fizeram grande pranto, porque ela o amava muito. E, no caminho, adoeceu de febre tão aguda, que parecia havia de morrer; mas nem

por isso tiveram piedade dele os que o levavam, antes o faziam caminhar a toda a pressa, mudando camelos. E, um dia, tendo muita sede, o camelo andou mais do costumado e, adiantando-se da gente que o levava, lançou acaso por outro caminho e andou seis dias perdido e, ao sétimo, tornou a encontrar com aquela má gente de quem se afastara.

Chegando ao mar, o embarcaram para Zebîd. E, como saíram em terra, o levaram ao baxá com seus dois primos, coisa que ele estimou muito e, assim, escreveu logo ao Sultâm Solimâm, dizendo: «O participante de nossa Lei, mouro de Adel que senhoreou a terra de Habêx, me [fol. 336] enviou um filho do imperador, presente digno de vossa honra e poder. Que me mandais que faça dele?» E respondeu que o guardasse muito bem, mas que lhe fizesse bom tratamento, sem consentir que alguém o molestasse, o que ele fez sempre como seu senhor lhe mandou.

A este tempo, começou a ter força o império de Glaudeôs e pelejou com o Granh, ajudando-lhe os portugueses e, com o poder de Deus, o venceu e cativou seu filho, mas escapou sua mulher e foi permissão divina, porque, com isto, queria o Senhor libertar ao que estava cativo. E, assim, moveu o coração de Delombarâ e mandou recado à imperatriz Sabelâ Oenguêl que, se lhe quisesse dar seu filho, faria que, em troca, viesse o seu que tinha o baxá de Zebîd. Folgou muito a imperatriz com isto e respondeu que o daria; pelo que<sup>1</sup> a mulher do Granh escreveu<sup>2</sup> ao baxá, pedindo-lhe muito quisesse resgatar daquela maneira<sup>3</sup> seu filho, pois eram de uma Lei. Mas o baxá não se atreveu a o fazer sem perguntar a seu senhor Sultâm Solimâm e respondeu que o desse, pois o que estava preso era filho de sua Lei. Com esta resposta, mandou dizer o baxá que daria <sup>4</sup>o filho do imperador em troca do filho do Granh, mas que lhe haviam de acrescentar dez mil cruzados. Ouvindo isto, a imperatriz Sabelâ Oenguêl teve grande alegria e contentamento e fez logo ajuntar o que pedia e o mandou juntamente com o filho do Granh, levando boa guarda. O baxá também mandou, em uma embarcação, a Minâs e a seus dois filhos<sup>5</sup> com setenta turcos de guarda. E uns e outros se encontraram no mar, perto de Maçuá, e todos juraram de guardar o concerto, sem fazer força nenhuma. E, assim, se juntaram as embarcações e os turcos entregaram o filho do imperador com seus dois primos e os cristãos, o filho do Granh com o ouro. E tornaram para terra, com grande festa e alegria, dando graças a Deus que os livrara do cativo, onde tinha estado três anos em poder dos turcos e dois e meio com o Granh. Juntaram-se logo os principais senhores do reino de Tigré e, com grande acompanhamento, o levaram a sua mãe Sabelâ Oenguêl que estava na província de Oagrâ, em Aibâ. E, sabendo ela de sua vinda, mandou, com incrível alegria e contentamento, que se armassem suas tendas e que, dentro, se ornassem ricamente e que todos os principais e grandes o fossem receber. E, como chegou perto, saíram também muitos frades e sacerdotes, revestidos e levando cruces e turíbulos, o levaram a casa da imperatriz sua mãe, onde o esperava e, em entrando, lhe lançou [fol. 336v]<sup>6</sup> os braços ao colo, derramando muitas lágrimas de alegria e contentamento; o mesmo fizeram logo suas irmãs, abraçando-o muitas vezes. Depois, mandou a imperatriz que os frades e os que o acompanhavam se agasalhassem em as tendas e, ali, se lhes desse esplendidamente de comer e beber a todos, dizendo-lhes: «Comei, fazei festa e alegrai-vos, porque este meu filho era morto e ressuscitou, era perdido

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: escreveu.

<sup>2</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: escreveu.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: resgatar.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 281v/271v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: primos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: ele.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: houveram de ficar.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 280v/270v].

<sup>3</sup> O uso da copulativa retira conclusividade à frase.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 281/271].

e se achou. Mas esta vossa alegria não seja com frieza de gentios, senão alegrando-vos com muito fervor em Deus que nos acudiu.» E ordenou que, por sete dias contínuos, se fizessem grandes festas e mandou logo, com muita pressa, recado ao Imperador Glaudeôs, seu filho, como era chegado seu irmão, com o que ele se alegrou tanto, como se se alevantara da sepultura.

Ao terceiro ano depois disto, foi a imperatriz a Ôyê, onde estava <sup>1</sup>Glaudeôs, levando consigo a Minàs e a suas irmãs. E, como chegou, saíram todos os grandes do império a a receber e, entrando na casa do imperador, fez o rei muito grande festa, assim porque havia muito tempo que se afastara dela, como, principalmente, por ver a seu irmão. E ambos estiveram sempre com grande união e amor, porque não entrou entre eles a ambição nem a inveja que costuma nascer do desejo de reinar. E, passados alguns anos, determinaram que casasse Minàs, sendo Abuna Petrôs, que sucedeu a Iosâb. E a imperatriz mandou que fizessem a Oração de Taclil a Minàs e a sua companheira, como ordenaram os mestres da Igreja, para os fazerem de um corpo com esta oração; e assim, tiveram entre si grande amor e lhes deu Deus filhos e filhas de bênção.

Passando algum tempo, sucedeu a morte de Glaudeôs e foi muito sentida e chorada de todos, porque o amavam muito. E, estando ainda sua mãe com grande tristeza e choro, chamaram os grandes a Minàs para o assentarem na cadeira do império. Mas ele não respondeu logo, nem se mostrou muito desejoso do império, antes disse: «Não me convém a mim assentar em cadeira tão grande e de tanta honra.» Porém, obrigaram-no a que o fizesse e puseram-lhe nome Adamàs Çaguêd, com grande festa. Isto foi no reino de Gôjam, na terra que se chama Mangesta Samayât, (scilicet «Reino dos Céus»). E, por conselho dos grandes, veio logo a Dambiâ e assentou em Sadâ, deixando ao capitão Hamelmâl para que pelejasse com o mouro Nur. O imperador começou logo a fazer leis e ordenações para o governo para seu império, do que os grandes murmuravam secretamente entre si. Como se acabou o inverno, mandou ajuntar sua gente de guerra e que o vice-rei do Tigré viesse com a sua, para pelejar com os judeus que estavam na província [fol. 337] de Semên, onde foi e pelejou algum tempo. E determinava estar lá muito, mas os grandes lhe fizeram desistir de continuar a guerra, dizendo que ainda não era chegada a hora de vencer os judeus e, assim, tornou a Dambiâ e invernou em Anfarâz.

Em o segundo ano de seu império, determinou um homem mau, que se chamava Baliguerâd<sup>2</sup>, de o matar e, entrando de noite na tenda do imperador com um seu escravo, achou a candeia acesa e <sup>3</sup>viu que o imperador e imperatriz estavam dormindo e dois escravos, de uma e outra banda da cama e, atentando muito bem, primeiro onde estava o imperador, apagou a candeia e foi-lhe dar com um zaguncho; mas errou o golpe e deu entre ele e a imperatriz, com o que acordou o imperador e se alevantou, gritando. Segundou ele com outro golpe e também errou. Entretanto, seu escravo, que com ele tinha entrado, matou um dos escravos do imperador e feriu ao outro e, com isto, fugiram. Mas, por uma espada que ali lhes caiu, foram conhecidos e depois presos, e a um enforcaram e a outro apedrejaram.

Depois disto, foi o imperador para Orôr, e Isaac ficou, com escusa de doença, e Caflô, dizendo que casava sua filha, mas tudo isto não era senão para alevantar por imperador a Tascarô, filho de seu irmão, como tinham concertado com Dadeganâ. E, tendo o imperador alguns arreceios no caminho, mandou recado a Isaac que fosse de toda maneira, sem se escusar com doença. Ele disse que assim o faria e partiu

logo; mas enganou ao criado do imperador, persuadindo-lhe que fosse por outro caminho, porque tanta gente junta não poderia achar que comer; e, com isto, se foi livremente para sua terra de Tigré. E Caflô com outros grandes alevantaram por imperador a Tascarô, como tinham concertado. Ouvindo isto, o imperador não quis tornar a pelejar com Tascarô, senão seguir com muita pressa a Isaac que era alicerce do edificio desta maldade; e mandou diante a Zara Ioannes com muita gente de guerra. E Isaac queria pelejar com ele mas, sabendo que vinha detrás o imperador, fugiu por Sirêi até Adembô, onde esperou o imperador e lhe deu batalha em que ele ficou desbaratado e escapou com muito trabalho; e mataram-lhe um filho e outro tomaram. Depois, deixando a Isaac, deu volta o imperador para pelejar com Tascarô e os que o tinham alevantado. E, chegando a Gubâi<sup>1</sup>, onde eles estavam, quinta-feira, 2 de Julho de 1561, quis assentar suas tendas para dormir aquela noite sem pelejar, por ser já tarde, mas eles, com muita soberba, disseram: «Porque o hemos<sup>2</sup> de deixar assentar diante de nós, como quem tem medo?» E assim, se puseram em ordem para pelejar, fal<sup>[fol. 337v]</sup>zendo pouca conta do imperador, porque confiavam em a multidão dos cavalos que tinham e em a força dos portugueses que se lhe ajuntaram. Vendo o imperador sua determinação, <sup>3</sup>ordenou seus esquadrões e, dando batalha, desbaratou os alevantados, matando muitos. E o dia seguinte, foram tomados Tascarô e Ioannes e levados ao imperador. Não lhes pagou como suas culpas mereciam, antes teve piedade deles e deu glória a Deus que lhe entregou seus inimigos. Isto foi no terceiro ano de seu império.

Aquele inverno, esteve o imperador em Gubâi e, passado ele, entrou o espírito do diabo em o coração de Isaac e fez amizade com Zemur Baxá, jurando um e outro de se ajudarem e estarem unidos até à morte. E alevantou Isaac, por imperador, a Marcos, menino pequeno filho de Iacob, irmão do Imperador Minàs. E quando o imperador ouviu isto, teve grande paixão e, mandando juntar sua gente, foi para Tigré, sem querer tomar o conselho dos grandes que lhe diziam que não podiam pelejar com quem tinha tantas espingardas e bombardas. Sabendo Isaac a ida do imperador, saiu de Agçûm, onde estava, e foi com o baxá para Endertâ e, ali, se encontrou com o imperador. E, dando batalha, foi vencido o imperador e fugiu para Oâg e entrou em Atrône Za Mariâm, onde esteve um pouco de tempo. E ali se lhe ajuntaram os que escaparam da guerra, com outros grandes que vieram de Xâoa e mandou aparelhar muitas armas e apetrechos de guerra, determinando de tornar a pelejar com Zemûr Baxá como passasse o inverno, não sabendo que Deus não lhe tinha concedido a ele que alcançasse vitória dos turcos, senão que a guardava para seu filho. E, assim, saiu com grande aparato e muita gente de guerra e endireitou seu caminho para Tigré, mas, chegando a Colô, adoeceu de febre maligna<sup>4</sup> e pagou o tributo da natureza dos homens, morrendo a dez de Fevereiro de 1563.<sup>5</sup>

Até aqui, são palavras do livro de Etiópia em que achei esta história e não conta outra coisa nenhuma mais. Nem a achariam de bem que poder dizer dele, que de mal não faltavam muitos, particularmente se quiseram tratar do perverso modo e natureza que tinha, que mais parecia de

<sup>1</sup> Ver glossário (Gubâi / Guba'ê).

<sup>2</sup> Havemos.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 283/273].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: febres malignas.

<sup>5</sup> O autor esqueceu-se de acertar a data de acordo com o calendário anterior à reforma gregoriana, não tendo subtraído 11 dias ao resultado da conversão que fez. Minàs faleceu a 5 *yakatit* 1555 (30 de Janeiro de 1563), em Kol'ê, uma povoação do Tigré. Esta narrativa dos principais sucessos do reinado de Minàs, para além da tradução de Pedro Páez, que M. Almeida aproveitou no cap. X do livro IV (ver *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 387-92), foi publicada por F.M. Esteves Pereira com a versão de M. Almeida em apêndice, a partir do manuscrito do British Museum («Historia de Minàs. Además Sagad rei de Ethiopia», 1888) e, mais recentemente, por M. Kropp (*Die Geschichte des Lebna Dengel, Claudius und Minas*, Louvain, 1988, pp. 39-62).

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 282/272].

<sup>2</sup> Bali gârad: título do governador de Bali, região meridional, parcialmente delimitada pelo Wâbi Shâbêlle.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 282v/272v].

turco que de cristão, que em aqueles três anos que esteve entre os turcos se lhe pegou seu modo, de maneira que, deixada a benignidade que pertencia a tão alta pessoa, se mostrava desumano e cruel como eles e de ordinário desonrava a todos em língua turquesca, com palavras muito baixas, como costumam os turcos. Chegou a ser tão intratável e áspero com os grandes do império, que, não o podendo sofrer, se rebelaram contra ele [fol. 338] e levantaram por imperador (como diz esta <sup>1</sup>história) a Tascaro, que era filho de Iacob, irmão do mesmo Adamâs Çaguêd, mas já defunto. Nem lhe parecia ao leitor que me alargou muito em dizer que, deixada a benignidade de príncipe cristão, se mostrava desumano e cruel como turco, porque quem teve coração para deixar a santíssima fé de Cristo e fazer-se mouro, não é muito que o tivesse para se mostrar desumano; e que se fizesse mouro, afirmam o Padre Manuel Fernandes da nossa Companhia e outros três padres seus companheiros em uma<sup>2</sup> que escreveram de Etiópia a Roma, o ano de 1562, ao Padre Diogo Lainez, Geral que então era de nossa Companhia<sup>3</sup>, e parece se colige também do que diz sua história no princípio, que depois de ter o mouro Granh em seu poder mais de dois anos, o casava com sua filha e, estando aparelhando as bodas, o estorvou outro mouro, que se chamava Xafêrdin. Porque, se ele se não tivera feito mouro, não lhe houvera o Granh de dar sua filha por mulher; mas, ou fosse estando com o Granh, ou depois que o levaram aos turcos, o certo é que se fez mouro, porque não escreveram os padres a Roma, nem a outra parte nenhuma coisa tão grande se a não souberam muito bem.

Quanto ao que diz o que escreveu sua *História*, que quando lhe trouxeram preso a Tascaro, depois da batalha, não o castigou como merecia, antes teve piedade dele, é verdade que o não matou então; mas depois do ter algum tempo em um alto monte com estreita prisão, o mandou matar e botar pelas rochas abaixo. E, vendo-o cair alguns lavradores que andavam no campo, cuidaram que era animal que, escorregando, caíra e, por curiosidade, foram ver e, conhecendo que era Tascaro, chamaram a outros e o enterraram; mas custou-lhes caro, porque logo lho deram em culpa e os castigaram, tomando-lhes suas fazendas. Nem mostrou menos crueldade com alguns portugueses que se acharam com Tascaro quando se deu a batalha, antes muita mais; porque a ele lançaram-no pelas rochas depois de morto, mas, a alguns portugueses, depois de os terem muito tempo presos em uma serra, os mataram aos golpes com machadinhas; e outros (segundo dizem) botaram vivos pelas rochas abaixo e se fizeram em pedaços, excepto um que dizem era castelhano e se chamava Juan<sup>4</sup> Alonso, que ficou vivo, e outro dia, depois que saiu o sol, chegou alguma gente e acharam-no de joelhos, postas as mãos fazendo oração e, gritando eles, se juntaram muitos e, sem se mover ele de como estava em oração, chegaram com paus<sup>5</sup> e, dando-lhe na cabeça, o derrubaram e ali o acabaram de matar. Outras muitas crueldades que este bom<sup>6</sup> imperador mandou fazer a alguns que se reduziam à nossa santa fé, referiremos adiante quando mostrarmos quão contrário era a ela, [fol. 338v] onde se verá mais claramente quão diferente era do que o pinta Frei Luiz de Urreta, pág. 218<sup>7</sup>, dizendo que o Preste João Adamâs era homem manso, afável, benigno, uma condição como de cera brunida e branda.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 283v/273v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: carta.

<sup>3</sup> Trata-se da carta reproduzida parcialmente no capítulo anterior (ver C. Beccari, *RÆSOI* 10, Roma, 1910, pp. 146-56).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: João.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 284/274].

<sup>6</sup> Omissis no Ms. 778 BPB: bom.

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 21.

Em a primeira ida, que aqui diz sua *História*, que fez a Tigré seguindo a Isaac, iam com ele três padres e, por ser o caminho áspero e estreito e a gente muita, tinham grande trabalho e, assim, lhe pediram licença para irem um pouco diante e ele lha deu; mas, depois, mandando um capitão, que se chamava Zara Ioannes, com muita gente de guerra, que a toda a pressa seguisse a Isaac, achou aos padres em sua tenda a meio dia de caminho do arraial e tomou-lhes as mulas e quanto fato tinham, em que entrava boa quantidade de ouro que os portugueses lhes tinham dado a guardar. E depois, com muitos rogos, lhes deixou duas mulas<sup>1</sup> ruins em que carregavam seu fato e estas, não mais que para irem até o arraial do imperador, a quem foram logo, parecendo-lhes que, pois com sua licença se adiantaram aquele pouco de caminho, mandaria tomar o fato. Mas não foi assim, porque só aquelas três mulas, a tenda e outras cousinhas de pouco porte alcançaram; o ouro tomou o imperador, as mulas e o demais fato levou sua gente.

A segunda vez que foi a Tigré, ainda foi pior para os padres, porque naquele tempo já tinha feito trazer ao Padre Bispo D. André de Oviedo de uma serra onde estava degredado e mandou que fosse no arraial, juntamente com os demais padres<sup>2</sup>. Mas levavam-nos assim como presos, porque não lhes era lícito afastarem-se, por pouco que fosse, não podiam assentar suas tendas, senão onde ele mandava. E ao dia que deu batalha a Isaac e aos turcos, que foi a 20 de Abril de 1562, foi logo no primeiro encontro, quase sem peleja, desbaratado e os padres fugiram cada um por onde pôde, mas o Padre Bispo ficou no meio do campo com dois ou três meninos, filhos de portugueses que o acompanhavam, e agora me contaram tudo isto. E pondo-se de joelhos, esteve fazendo oração por grande espaço e eles, detrás, assentados com a mula e, com estar aquele lugar descoberto e mais alto que o demais campo, passavam os turcos a longo deles, por uma e outra parte, matando e cativando a gente que fugia, sem chegar sequer a tomar a mula, que parece os livrou Nosso Senhor pela oração do santo bispo. E como todos os turcos e abexins de Isaac, que iam no alcance, acabaram de passar, se alevantou na oração e disse aos meninos: «Os padres são cativos, mas não será nada.» E subindo na mula, foram caminhando para o arraial de Isaac, com quem havia muito tempo que tinha grande amizade. E, perto de meia légua antes de chegar, encontraram um soldado abexim que, com muita soberba, disse ao padre bispo que se descesse, o que ele fez logo e, começando-se a enfadar os meninos, [fol. 339] lhes disse que o deixassem e, subindo o soldado na mula, a levou e o bispo foi a pé até às tendas de Isaac. E acharam como os turcos e abexins contrários tinham cativado os padres, mas, depois, à petição dos portugueses que ali se acharam, os fez soltar Isaac e tornar o cálix; as demais coisas resgataram como puderam. O dia seguinte, tornou o soldado com a mula do padre bispo e, botando-se-lhe aos pés, lhe pediu perdão do que fizera e disse que Deus o castigara porque, entrando em sua casa com a mula, lhe morreram subitamente sua mulher e dois filhos que tinha; que lhe pedia muito, rogasse a Deus por ele, porque ainda arreceava outro castigo. Disse-lhe o padre bispo que não tivesse medo, que lhe não havia de vir mais. Isto me pareceu advertir aqui brevemente sobre a história do Imperador Adamâs Çaguêd. Agora diremos como se houve com os portugueses e, principalmente com o Padre Bispo D. André de Oviedo, a quem, daqui por diante, chamaremos patriarca, porque já o era quando sucederam algumas das coisas que hemos de dizer, por morrer em Goa o Padre Patriarca D. João Nunes Barreto.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: muito. Adiante, no mesmo parágrafo, o número das mesmas mulas cresce para três.

<sup>2</sup> O Pe. Andrés de Oviedo esteve degredado, na companhia do Pe. Francisco Lopes e de outros, leigos, convertidos ao catolicismo, cerca de 6 a 7 meses, no ano de 1562.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 284v/274v].

## CAPÍTULO VII

EM QUE SE DECLARA COMO SE HOUE O IMPERADOR ADAMÂS ÇAGUÊD  
COM O PADRE PATRIARCA D. ANDRÉ D’OVIEDO E MAIS PADRES  
E COM OS PORTUGUESES E CATÓLICOS.

Nenhuma informação pode haver mais certa, nesta matéria, que a que deram <sup>1</sup>sobre ela os mesmos padres ao Padre Diogo Laynes, geral que então era de nossa Companhia, em uma carta que lhes escreveram, a Roma por via do Cairo, no ano de 1562, pelo que porei aqui, por suas mesmas palavras, o que dela faz a este propósito, que são estas:

*Morto Cláudio, como lhe não ficava filho, sucedeu-lhe no reino um irmão seu, o qual, no tempo que pelos nossos portugueses foram resgatados e livres do poder dos mouros estes reinos, estava ele cativo em Arábia e feito mouro. Porém, depois que Cláudio, seu irmão, à custa do sangue dos nossos, tornou a recuperar o reino, o resgatou a ele e, assim, com muita verdade se pode dizer que, com sangue de portugueses, mais que com ouro, foi resgatado do miserável cativo em que estava. Mas o agradecimento que nele se achou foi que, vendo-se rei, nenhuma outra coisa parece que pretendia mais que consumir e assolar essa pobre família de católicos que em seu reino achou. Tinha dado El-rei Cláudio licença geral que todas as mulheres da terra que casassem com portugueses pudessem, se quisessem, seguir os costumes de [fol. 339v] Roma; e da mesma maneira a todos seus escravos e família, como o faziam. Porém, El-rei Adamâs, a primeira coisa que fez foi mandar deitar pregão que nenhum abexim natural da Etiópia entrasse em as igrejas de portugueses, sob graves penas. E era coisa de maravilhar que, com ter a terra cheia de inimigos, com nenhuma coisa parecia ter mais conta que com aniquilar a nossa Igreja; e dizia que seu irmão não morrera senão por consentir, em sua terra, a fé de Roma. E chegou a coisa a tanto, que mandou publicamente açoutar uma mulher, só por ser católica, e prendeu outras duas de portugueses pelo mesmo e tomou muitos filhos dos mesmos católicos e muita gente dos que antes seguiam a nossa fé e <sup>2</sup>retrocedeu com temor de suas ameaças. E não só ficava nelas, senão que a dois armênios, que aqui andavam e se tinham reduzido, a um mandou desterrar, a outro mandou cortar a cabeça, por não quererem retroceder. Além disto, não cessava de tomar aos nossos portugueses suas fazendas, terras e lugares, com que Cláudio lhes gratificara tão leais serviços, como lhe tinham feito. Ao Padre Bispo prendeu <sup>3</sup>e o teve em prisão seis meses, ou mais; a nós outros padres, ameaçava que nos havia de mandar queimar vivos. E isto fazia este bom rei e outras coisas muitas desta qualidade, que, se todas se houvessem de referir, seria necessário larga escritura, porque todo o tempo que teve liberdade para isso, nunca cessou de fazer todos os agravos que pôde à nossa Igreja e gente. Mas, como Deus Nosso Senhor (ao que parece) queria com ele castigar as liberdades e solturas de que os nossos usavam em Etiópia, assim também quis que ele não passasse sem açoute; e foi o caso que, por ele também com os próprios seus ser intratável e desumano, no fim do ano 1560, toda a maior nobreza e potência de Etiópia se revelou contra ele e fizeram rei a um mancebo<sup>4</sup> bastardo de outro seu irmão mais velho, já defunto; chamava-se este mancebo Abeitahûm Tascaro. Com*

*este, se ajuntaram, não somente muitos e os mais nobres do reino, mas também o nosso capitão com quase trinta portugueses; e não foram mais, porque os outros se não acharam em parte para isso. El-rei, vendo esta junta, foi contra o inimigo que mais temia, que era o Bahâr Nagâx Isaac, pessoa mui assinalada em coisa de guerra e por cujo meio estes reinos foram livres de grandes danos. Este estava nas partes marítimas negociando coisas que o Tascaro lhe mandou e, ainda que um encontro que teve com ele, o fez fugir, no segundo ficou o bahâr nagâx vencido. E a principal causa foi porque, descendo Adamâs às partes marítimas, temendo que viessem os portugueses e o bahâr nagâx os metesse na terra, em favor do Tascaro, vendo que, chegada a monção, não vinham, voltou logo em busca do mesmo [fol. 340] Tascaro seu sobrinho e, aos 2 dias de Julho de 1561, pelejou com ele e o prendeu; e, depois que se desembarçou deste, se tornou em Janeiro de 1562. E, porque se tinha por certo que haviam de vir portugueses da Índia, determinava el-rei<sup>1</sup> de não pelear com eles, sabendo que toda sua gente nenhuma outra coisa mais esperava para logo o desamparar e se lançar aos nossos. E, por isso, se não quis ir a Tigré, até se segurar e ver se vinham. Em este tempo, o Bahâr Nagâx Isaac, que escapara da batalha passada e andava junto do mar, <sup>2</sup> vendo que os nossos não vinham da Índia e, temendo que el-rei desse sobre ele, fez liga e amizade com os turcos, de que atrás falei e, ajuntando-os consigo e arreceando que Adamâs matasse ao sobrinho Tascaro, que tinha preso (como de feito matou), levantaram, ele e os mais que consigo tinha, a outro irmão de Tascaro, mas legítimo, por rei. Porém, Adamâs, vendo que passava o tempo da vinda dos portugueses, que arreceava, ainda que sabia a liga que o Bahâr nagâx Isaac fizera com os turcos, se foi contra ele a Tigré, com muita gente e, aos 20 de Abril de 1562, lhe deu batalha, mas quase sem peleja e sem morte de ninguém ficou desbaratado, porque somente com o assombramento da artilharia ele e os seus se puseram em fugida, deixando seus arraiais em poder dos inimigos. Nós outros, em todo este tempo passado, sempre andámos no arraial d’El-rei Adamâs tão afligidos e oprimidos que não tínhamos poder de assentar nossas tendas, senão onde ele mandava. E, no dia da batalha, todos ficámos cativos dos turcos e abexins contrários a el-rei; e, das vidas, nos fez Deus mercê por meio dos portugueses que ali se acharam posto que com grandíssimo<sup>3</sup> trabalho nosso<sup>4</sup>.*

Até aqui são palavras da carta dos padres, em que declararam bem pouco do muito que puderam dizer das afrontas e mal tratamentos que o Imperador Adamâs Çaguêd lhes fazia a eles e ao padre patriarca, do que dá duas causas o Padre Manuel Fernandes, que era superior da missão, em o princípio da mesma carta; uma, de que quase nenhuma esperança tinha de que pudesse chegar à mão do padre geral da Companhia; outra, que não se atrevia, nem lhe era lícito, antes pareceria temeridade, referir na carta o que pudera, pelos graves inconvenientes e perigos que havia. E para que usemos de suas palavras, dizem assim: *Seria coisa tão fora de humana esperança, ser esta dada em mão de Vossa Paternidade que, além de outros graves inconvenientes, isto será causa de me não dilatar tanto nela, como seria vontade de Vossa Paternidade e desejo meu; mas os perigos são tantos e tais, que nem ainda declará-los licet<sup>5</sup> e parece que seria temeridade se quisesse exactamente referir o que pudera e fora bem necessário.* Por estas razões, [fol. 340v] deixaram os padres de escrever muitas <sup>6</sup>coisas que

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *determinava el-rei.*

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 286/276].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *grande.*

<sup>4</sup> O autor reproduz um excerto, sem indicação da fonte, de uma carta ânua publicada por F. Guerreiro, na «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 296v-298v / pp. 325-7. Trata-se ainda da carta que P. Páez começou a reproduzir no cap. V deste livro (ver C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 146-56).

<sup>5</sup> Lícitos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 286v/276v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 285/275].

<sup>2</sup> Leia-se: «e que retrocedeu.»

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 285v/275v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: filho.

depois declararam os filhos dos portugueses em um instrumento autêntico que o Reverendíssimo Senhor D. Aleixo de Meneses, sendo arcebispo de Goa, mandou cá tirar de sua vida e morte, no ano de 1603, de que brevemente daremos alguma notícia por suas mesmas palavras:

*Diz, pois, uma das testemunhas desta maneira: Tendo o santo patriarca, com sua doutrina, reduzidos muitos hereges e a muitos frades da terra, o imperador (scilicet Adamâs Çaguêd), sentido disto, o mandou chamar e o repreendeu-o com muita indignação, dizendo-lhe: «Não basta deixar-vos estar em minhas terras e dar-vos licença que trateis e tenhais cuidado de vossos portugueses, senão que também quereis, com vossa falsa doutrina, levar após vós os meus frades e minha gente toda? Avisai-vos, que daqui por diante não entendais mais que com os vossos, nem ensineis vossa doutrina à minha gente.» Ao que o santo respondeu com grande liberdade de espírito, dizendo: «O que eu faço é meu ofício; este por nenhum respeito o hei-de deixar de fazer e ensinar a todos os que me quiserem ouvir a santa verdadeira e católica fé, ainda que me custe a própria<sup>1</sup> vida.» O mau imperador, ouvidas estas palavras, se acendeu em tanta ira e furor que, com grande agastamento, lhe chamou muitos nomes e muitas injúrias e disse<sup>2</sup> para que vinha com mentiras e patranhas ensinar sua gente e, com tanto furor arremeteu a ele, que travando-lhe da roupa, lha rasgou; mas, acudindo-lhe alguns fidalgos seus e estranhando-lhe o que fazia e que não convinha à sua majestade tratar daquela maneira a um patriarca, o largou das mãos. Mas, com muita cólera, o mandou degredar juntamente com o Padre Francisco Lopes, seu companheiro, para uns montes mui altos e tão ásperos e esteriles<sup>3</sup>, que quase ninguém morava neles e lhes mandou, sob pena de morte, que se não descessem dali e, para mais os magoar, lhes mandou tomar o sagrado cálix para, com isto, os privar da consolação e alívio que podiam ter com o sacrossanto sacrificio da missa. Recebeu o santo padre, com seu companheiro, a sentença do degredo com grande humildade e paciência e nele padeceram mui grandes trabalhos de dia e de noite, com muitas fomes, sedes, calmas, frios e falta de todo o necessário e, sobretudo, com perigo de, cada hora, serem mortos pelos ladrões. Sua casa era uma choupaninha<sup>4</sup> muito pobre, onde se recolhiam de noite e, neste desterro, estiveram seis ou sete meses. Aqui<sup>5</sup> foi visitar uma senhora, que o era daquela terra e parenta do imperador e, chegando à choupana em que os padres moravam, lhe pareceu que via dentro um resplendor como do sol e da lua, de que, muito espantada e atemorizada, se tornou sem os ver, mas com tão grande conceito de sua santidade, que com muita instância fez com o imperador lhe levantasse o desterro e [fol. 341] os deixasse vir para povoado; o que ele concedeu, mas mandando que ninguém lhes desse nada de comer nem de beber.*

*Outra testemunha, que foi de vista e sempre acompanhou os padres, acrescenta em seu juramento que, quando o imperador chamou o santo patriarca, que todos cuidaram que era para o mandar matar e que, quando o repreendeu, o admoestou de traidor e enganador e que, se não desistia de ensinar sua gente, lhe mandaria cortar a cabeça e que, quando o padre lhe respondeu, lhe disse que não havia de desistir, ainda que Sua Majestade o mandasse matar ou lançar aos leões, porque para tudo estava prestes, e que, logo botando o mantêu abaixo, ficou em corpo com seu roquete e, levantadas as mãos e os*

*olhos ao céu, ofereceu a Deus seu espírito e o corpo às mãos do imperador para, por confissão e defesa da santa fé católica padecer até derramar o próprio sangue; o que vendo o imperador, ainda que estava muito furioso, lhe dissera: «Tu querias agora morrer mártir nas minhas mãos? Vai-te de diante de mim.» E então o mandou para o desterro com o Padre Francisco Lopes.*

*Depois de o imperador ter desterrado ao santo padre patriarca e a seu companheiro, mandou logo prender a todos os que se tinham reduzido à nossa santa fé e repreendeu-os asperamente, os ameaçou com a morte se não tornavam atrás. E, porque alguns se mostravam mui constantes e protestavam que antes derramariam o sangue que tornar atrás, ficou o tirano tão sentido, que logo ali, diante de si e diante de outra muita gente, mandou lançar aos leões, que para isso estavam aparelhados quatro ou cinco deles. Porém, aconteceram aqui as maravilhas antigas que Deus obrou pelos santos mártires da primitiva Igreja, porque os leões, ainda que bravos e ferozes, se deixaram estar quedos, sem quererem tocar nos santos cavaleiros de Cristo, do que o imperador e os mais ficaram pasmados. E a tudo estava presente a própria testemunha que isto jurou.*

*Depois disto, mandou o imperador degredar a todos os católicos que se mostraram constantes na fé, juntamente com<sup>1</sup> o mesmo santo patriarca. E, indo para este desterro, chegaram a tão grandes necessidades de fome que, por não comerem havia já muitos dias, iam caindo e desfalecendo de pura fraqueza. E, indo caminhando ao longo de uma grande ribeira com o patriarca, se assentaram todos à borda de água e, ali, foi de tanta eficácia a oração do santo patriarca como, antigamente, a de S. Gregório, o Taumaturgo, em secar uma grande lagoa para evitar discórdias entre dois irmãos, porque assim, aqui, para remédio da necessidade daqueles fiéis, o santo patriarca, com sua oração, de tal modo secou aquela grande ribeira que, com a grande multidão [fol. 341v] de peixes que no seco ficaram, não somente remediaram a fome<sup>2</sup> presente, mas carregaram algumas mulas para adiante. E logo a ribeira se tornou a encher e correr como antes, ficando eles cheios de muita consolação e ânimo para padecerem, por Cristo, todas as incomodidades do desterro em que estavam, até que ele foi servido de lhe ser levantado. E a este milagre se achou presente a mesma testemunha.*

*Outra vez, mandou chamar o mesmo imperador ao santo patriarca e, tratando-o muito áspera e desumanamente de palavras, o ameaçou que lhe havia de mandar cortar a cabeça se não desistia de pregar aos seus. Mas o santo, que não desejava menos de ser morto por esta causa que o imperador de o matar, cruzando as mãos ante o peito, abaixou a cabeça, dando a entender que ali lhe dava; o que vendo o imperador, cheio de furor, leva da espada e, levantando o braço para descarregar com ela, tendo-o levantado<sup>3</sup> antes de abaixar com o golpe, lhe caiu a espada da mão, do que ele mesmo e todos os mais que estavam presentes, em que entrava também a testemunha que isto jurou, ficaram pasmados. Estava também ali a rainha que, vendo o que passava, a grande pressa se levantou e abraçou com o santo<sup>4</sup> patriarca para o defender, estranhando ao imperador o que fazia em tratar daquela maneira a um tão santo varão. Mas o mau imperador, com ver tudo isto, não se melhorando da sua malícia, o mandou que se fosse logo de diante de si e, em secreto, ordenou que o matassem. E assim houvera de acontecer, se uns senhores hereges que o souberam, o não impediram; os quais, edificados grandemente de sua santidade, então lhe davam mais esmolas e acudiam em suas necessidades. Outra vez, indignado o imperador de ter o santo reduzido*

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: própria.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: disse.

<sup>3</sup> Castelhanismo do autor («estéreis»).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: choupanazinha.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 287/277].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 287v/277v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: necessidade.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: tendo-o levantado.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: padre.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 288/278].



*certos hereges, lhe mandou que se fosse logo de suas terras e levasse consigo seus portugueses, mas as mulheres e filhos lhe deixassem, porque eram seus cativos; mas foram levados a um desterro muito longe, onde o tirano os mandou, onde padeceram muitos trabalhos e necessidades, posto que, depois, lho tornou a levantar*<sup>1</sup>.

Isto é o que disseram algumas das testemunhas que se tiraram em aquele instrumento acerca do tratamento que o Imperador Adamâs Çaguêd fez ao santo<sup>2</sup> patriarca, D. André de Oviedo, e aos mais padres e católicos, bem diferente do que, em sua *História*, pinta Frei Luiz de Urreta.

## CAPÍTULO VIII

### DE COMO O PAPA PIO V MANDOU POR UM SEU BREVE AO PADRE PATRIARCA D. ANDRÉ DE OVIEDO QUE SAÍSSE DE ETIÓPIA E FOSSE PARA A CHINA E JAPÃO.

[fol. 342]

Como se soube em Portugal que o Imperador Cláudio morrera, sem querer de nenhuma maneira obedecer à santa Igreja romana e que seu irmão Adamâs Çaguêd, que lhe sucedera no império, era acérrimo perseguidor dos que professavam nossa santa fé e os trabalhos grandes que dava ao Padre Patriarca André de Oviedo e o pouco fruto que fazia em esta terra, pela gente dela e os imperadores estarem pertinazmente aferrados em seus erros e, tendo El-rei de Portugal, D. Sebastião, por outra parte, novas do grande fruto que se ia fazendo na conversão da gentildade dos reinos de Japão, julgou, com grande e maduro conselho, que seria mais servido de Nosso Senhor que o padre patriarca saísse de Etiópia e passasse para o Japão. E assim escreveu a seu embaixador, que tinha em Roma, e ao padre geral de nossa Companhia para que, ambos, o tratassem com a santidade do Papa Pio V, o qual, pelas informações que também já tinha do que passava em Etiópia, facilmente veio no mesmo conselho e parecer. E assim, aos 2 de Fevereiro de 1566, passou um *Breve* para o padre patriarca, que porei aqui, tresladado fielmente de latim em linguagem.

*Ao venerável irmão André de Oviedo, patriarca de Etiópia.*

*Venerável irmão, saúde, etc. Por cartas do nosso claríssimo filho, D. Sebastião, rei ilustre de Portugal, escritas a seu embaixador que reside em nossa corte e de outras pessoas dignas de fé, soubemos que, sendo Vossa Paternidade enviado por esta Santa Sé apostólica a essas partes de Etiópia para reduzir os povos dela ao conhecimento da fé ortodoxa e à união da Igreja Católica, depois de haverdes gastado muitos anos, não tirastes fruto com todo o vosso trabalho e piedosa indústria pela dureza de coração de*

*esses povos e pela pertinácia que têm em querer conservar seus antigos erros; e que, se fosseis enviado à ilha de Japão e à província que chamam China (que são povoadas dos gentios), nas quais províncias, a fé de Jesus Cristo Nosso Senhor com grande devoção começa ser recebida, se poderia esperar que, com o favor de Nosso Senhor, vosso trabalho seria mui proveitoso em aquelas partes, por haver nelas grande messe e pouquíssimos obreiros. Nós, ouvindo esta relação, movidos da caridade fraternal, nos compadecemos de vós, vendo que não pudestes colher o fruto desejado de tantos e tão grandes trabalhos e de tão larga peregrinação. Portanto, achando-nos colocados em esta Santa Sé, ainda [fol. 342v] que sem nosso merecimento, e conhecendo que somos devedores a todos (e pelo ofício que temos) obrigados a servir a honra e glória de Deus todo poderoso e a procurar a saúde das almas, saudando-vos com a caridade de irmão e tendo mui grandes testemunhos do vosso piedoso zelo e do afecto que tendes a propagar a religião católica, vos exortamos em o Senhor e em virtude de santa obediência e em remissão de vossos pecados, vos mandamos que, em podendo sair seguramente e tendo comodidade para navegar, depois que receberdes estas nossas letras, vos partais para a ilha do Japão e para a China e nela pregueis a palavra de Deus conforme a doutrina da santa Igreja romana, que é mãe e mestra de todos os fiéis, e que administreis os sacramentos que são próprios do ofício pontifical e procureis ganhar para Deus as mais almas que puderdes, confiado no favor de sua divina misericórdia. E para que melhor o possais fazer, com autoridade apostólica que temos, vos damos faculdade e poder para exercitardes os ofícios pontificais em aqueles lugares e em quaisquer outros onde vos achardes (contanto que não haja neles bispo próprio e particular). E para que possais usar de todas as faculdades e indultos que vos foram concedidas pelo Papa Júlio III de feliz memória e dos outros romanos pontífices, nossos predecessores, neste reino <sup>1</sup>de Etiópia e com a mesma autoridade dispensamos convosco para que, sem nenhum escrúpulo de consciência, possais morar e permanecer nos ditos lugares, se não tiverdes maior esperança de poder reduzir os povos de Etiópia à união da fé católica, etc.<sup>2</sup>*

Até aqui, são palavras do *Breve* do Papa Pio V e chegou cá, às mãos do padre patriarca, em Maio do ano seguinte depois que foi passado; e, logo em Junho, respondeu sobre ele a Sua Santidade, cuja carta, tirada de latim em português, diz assim:

*Beatíssimo padre.*

*Em este ano de 1567, recebi cartas da Índia, do Colégio de S. Paulo de Goa, nas quais me vinha a cópia de um treslado simples de um Breve apostólico de Vossa Santidade para mim e, entre outras coisas que nele, pia, devota e santamente, tratava Vossa Santidade, se continham estas palavras: «Exortamo-vos no Senhor e em virtude da santa obediência e remissão de vossos pecados vos mandamos que, depois que tiverdes estas letras recebidas, tanto que puderdes e achardes cómoda ocasião de navegar, vos passeis para a ilha do Japão e reino da China» e, mais abaixo, além disto: «Com a mesma autoridade apostólica, dispensamos convosco que (não tendo maior esperança de redução dos etíopes à união<sup>3</sup> da Igreja) possais, [fol. 343] sem nenhum escrúpulo de obediência<sup>4</sup>, passar-vos e ficar com aquelas gentes.» As quais letras apostólicas, tanto que vi como se foram os próprios originais, assim apliquei logo o ânimo a obedecer aos mandados de Vossa Santidade, porque é mui digno, justo e saudável, que sempre em toda parte vos obe-*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 289/279].

<sup>2</sup> *Breve Ex litteris carissimi in Christo*, de 2 Fevereiro de 1566. O autor cita um excerto, sem indicação da fonte, de outra carta ânua publicada por F. Guerreiro; ver «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 306v-307 / pp. 336-7.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *redução*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *consciência*.

<sup>1</sup> O autor reproduz um excerto, sem indicação da fonte, de outra carta ânua publicada por F. Guerreiro, na «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 299-300v / pp. 328-30.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *padre*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 288v/278v].

deçamos, Padre Santíssimo, porque obedecendo a vós, obedecemos a Cristo, Filho unigénito do Padre, cujas admirandas e soberanas vezes tendes na terra; e, depois de Cristo, sois nossa cabeça, pai e mestre de todos os fiéis cristãos e toda a indulgência, ordem e potestade da Igreja de Cristo, de vós se deriva para os outros; e a mesma santa madre Igreja romana (cuja fé nunca falta nem faltará) permanece também na virtude de vosso pontificado, por razão da Sede Apostólica, na qual vós presidis; e esta Igreja é mãe e mestra de todas as Igrejas que há no mundo e dos fiéis de Cristo. E quanto ao que me mandais que me vá para a ilha de Japão, tanto que puder ter comodidade de navegar, a falta dessa me es<sup>1</sup>cusa, porque a não tenho, nem seguramente me posso embarcar, porque no porto de Maçuá, havendo mil naus de mouros, nenhuma há de cristãos.

Quanto a ter melhor esperança de redução de gente de Etiópia à Igreja Católica, sem dúvida a tenho se da Índia se mandarem a esta terra quinhentos ou seiscentos soldados portugueses, como sempre esperámos, conforme ao que lá se tratou antes que eu para cá viesse. Vista a dureza d'el-rei de Etiópia, não só terei esperança, mas certeza que, vindo este socorro, toda Etiópia se converta com inumerável multidão de gentios de muitas províncias que nela há, por onde se pode discorrer sem passar mar, os quais gentios, pela mor parte, parecem simplíes e fáceis para se converterem, nem são tão dados a idolatria. Outros também e muitos em outras regiões, temos ouvido que pediram a el-rei de Etiópia que os fizesse cristãos, o que ele não quis por seus proveitos temporais e porque cativam muitos deles, o que os etíopes cuidam não poderem fazer se forem cristãos e poderem, não o sendo. Estes que pedem isto a el-rei são os que moram em Damut, que é uma região mui grande e vasta, abundante de ouro; e se diz que, por uma parte, chega às terras d'el-rei de Portugal, que chamam de Moçambique e Sofala. Também outros gentios de uma região por nome Sinaxi (onde também se dá ouro mui fino), haverá três anos que se concertavam com um príncipe parente d'el-rei de Etiópia, que lhe fazia guerra, rogando-lhe que desistisse dela e que lhe pagariam tributo e que, se quisesse que se fizessem cristãos, lhes edificasse igreja, no que ele não quis vir. E estes gentios de Etiópia, principalmente Damut, os mouros mercadores, que são em grande número entre os cristãos, compram cada dia muitos e levam a vender ao mar aos mouros e turcos; [fol. 343v] os quais se fizeram cristãos todos de boa vontade e choram quando chegam ao mar e são grandes e pequenos, assim homens como mulheres. E é tão grande o número destes que, segundo me parece, são mais de cem mil os que são vendidos aos mouros, os quais também depois se fazem mouros e, como estão fora de Etiópia, se fazem soldados valentes e por mar e por terra, juntamente com os sarracenos e turcos, fazem guerra aos cristãos, como vemos por experiência na Índia. E se a esta terra vierem quinhentos ou seiscentos portugueses, poderão impedir todos estes males e servirá isto também para o estado da Índia e a cristandade que nela há se conservar melhor, porque se os turcos vierem primeiro e se fizerem senhores de Etiópia, serão de grande prejuízo à Índia, porque há nesta terra muitas coisas que lhe servem muito para provimento de suas galés, como são escravos, vitualhas, ferro, etc. E o rei que primeiro perseguia nossa santa fé, com alguns grandes seus aderentes, já é morto e reina um moço filho seu, o qual não tem pleno domínio, por razão de muitos que se levantaram contra seu pai e lhe negaram a obediência, permitindo isto Deus por seu justo juízo que não seja obedecido dos seus o que não quer obedecer a Deus, nem a seus maiores e, principalmente à santa Igreja romana, da qual todos os que pertinazmente se afastaram, se perderam e caíram em sujeição de infieis. Estão estes povos agora todos tão quebrantados com trabalhos, guerras e cativos que têm padecido dos turcos, que parece nenhuma coi-

sa procuram mais que poder viver e ter seus bens temporais. E, ainda que o sobredito rei defunto e outros seus aderentes e comumente os frades se mostrassem mais duros acerca da fé católica e perseguissem nossos católicos, contudo a gente popular e muitos outros se mostram mais fáceis<sup>1</sup> para receber a verdade da fé a qual, com o favor de Deus, procuramos de lhe denunciar e declarar em estas partes por pregações e disputas públicas e particulares e por muitos escritos contra os erros de Etiópia traduzidos em sua língua, pelos quais as coisas da fé católica lhe são assaz notórias, se as eles quisessem receber, e agradam a muitos, mas temem castigos ou confusão ou privação de seus bens. E, por isto, desejam muito a vinda dos portugueses, para terem quem os defenda, recebendo a fé, porque são fracos e muitos que a tinham recebido, ou por medo, ou por fraqueza, tornaram a retroceder da verdade, posto que há ainda muitos que perseveram nela, não obstante as contradições que têm padecido. E é comum opinião dos etíopes que hão-de vir os portugueses e que a fé há-de ser toda uma. [fol. 344] Dizem também (e assim o cre<sup>2</sup>mos por certo) que este reino, que entre si está tão dividido e inquieto, nunca poderá ter paz nem ordem, senão com a vinda dos portugueses; pelo que, se eles vierem, ainda que seja com intento e título de lhes fazer força, nem há escândalo nenhum, nem para com<sup>3</sup> os católicos (pois nenhuma justa causa dele há), nem ainda para com os mesmos etíopes; e o que parece, em vindo portugueses, só seu nome, ainda que não pelejem, bastará para muitos constrangidos com o medo, os receberem, porque os não têm por inimigos<sup>4</sup>, senão por amigos. E, se já foram vindos, sem dúvida temos para nós que a obediência estivera dada em estas partes à Igreja romana; e que o mesmo será se vierem, pelo que, com sua vinda, temos grande esperança da redução destas terras à união da<sup>5</sup> fé católica com conversão de grande número de gentilidade, da qual, ainda por evitar prolixidade, não disse tanto quanto é. Assim que as coisas de Etiópia, a respeito de nossa santa fé católica (contra as quais Satanás tanto se opõe) temos para nós serem de grande momento e que de nenhum modo se devem desamparar, ainda que, nos princípios pareçam dificultosas, porque coisa é comua que coisas grandes não se hão-de alcançar senão com grandes trabalhos. E porventura que poucas missões e empresas tem hoje nossa santa madre Igreja melhores que esta de Etiópia, na qual agora haverá como quatrocentos ou quinhentos católicos e porventura mais, afora os que, desde que aqui estamos, morreram na verdadeira fé e recebidos os sacramentos e outros que os mouros levaram cativos, homens e mulheres, e que, por razão das guerras e pobreza, se espalharam por toda Etiópia; posto que aqui, em estas partes do reino de Tigré, que está perto do mar, estaremos juntos como duzentos e trinta católicos em duas povoações pequenas, as quais procurámos edificar de dois anos a esta parte por razão dos muitos danos e perdas que, por muitos anos os católicos padeceram, andando peregrinando de uma parte para outra por Etiópia. E tendo-os aqui juntos, lhe pregamos e administramos os sacramentos e cada dia se vão ajuntando outros que, de várias partes, vêm e outros esperam seguridade dos caminhos para se poderem vir para nós. E desamparar estes, Padre Santíssimo, não parece humanidade, ainda que foram mais poucos, porque Aquele bom e santíssimo pastor que deu Sua alma por Suas ovelhas, Cristo Senhor Nosso, se uma só vira perdida, não a houvera de desamparar, senão ir a<sup>6</sup> buscá-la e trazê-la sobre Seus ombros, e isto mesmo quer que façamos todos por amor Seu e dos próximos, e que socorramos aos fracos, tendo mui solícito e diligente cuidado de todos. E se nós todos, os que [fol. 344v] aqui<sup>7</sup> estamos, daqui nos formos e ficarem os católicos, ainda que não sejam mais que dois ou um, sem culpa sua, e porque todos se não podem ir, porque não estão juntos, nem

<sup>1</sup> Castelhanismo do autor («fáceis»).

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 290v/280v].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: para com.

<sup>4</sup> Inimigos.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: união da.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 291/281].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: cá.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 289v/279v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 290/280].

têm aparelho para isso, que dirá Cristo Nosso Senhor, que morreu por todos? E para confirmar na fé um só, que foi S. Thomé, lhe mostrou buracos de seus cravos e se deixou palpar de suas mãos; e porque todos estes, Padre Santíssimo, a vós pertencem, pois sois pastor de todos, apascentai-os com manjar de saúde e provei do remédio necessário, escrevendo sobre eles ao sereníssimo rei de Portugal, ou avisando disto a seu embaixador que está em vossa corte. E quanto a mim (digo meu parecer a Vossa Santidade), nunca sofrera que se desamparara Etiópia, mas (se considerado bem tudo), outra coisa se ordenar, ou el-rei de Portugal não for servido mandar o socorro de soldados que se pede para o bem comum, Vossa Santidade lhe escreva que mande, pelo menos, uma armada grande que baste para recolher todos os católicos que aqui se acharem, porque, sendo pequena, como dizem não bastará para levar, nem só por razão dos turcos e mouros que estão no porto de Maçuá e outros que podem mandar por mar, para que, pelo menos estes católicos que há e cá ficarem, indo-nos, não se percam, morando entre hereges e outros infiéis, principalmente se morrerem as cabeças e pais de famílias ou lhes faltarem os sacerdotes, indo-se ou morrendo, porque são mortais. E do que Vossa Santidade em isto julgar, lhe peço me queira a mim avisar. E quanto ao que a mim toca, Santíssimo Padre, eu estou aparelhado, pela graça de Deus, a fazer vossa vontade, ou ficando como agora estou em Etiópia, ou para ir a Japão ou para Vossa Santidade me mandar aos turcos, ou para me depor da dignidade patriarcal, e que sirva a meus padres da Companhia de Jesus ou para que sirva a Vossa Santidade em sua cozinha, ou em qualquer outro ministério que quiser. E se parecer a Vossa Santidade, lhe peço nos queira conceder algumas indulgências em remissão de nossos pecados. Vale Summe Pater, etc. De Etiópia, 15 de Junho de 1567.

André, Patriarca de Etiópia<sup>1</sup>.

Em o mesmo tempo, escreveu outra a El-rei D. Sebastião, em que diz algumas coisas das que na do papa ficam ditas, mas com tudo, para mais certeza, as referiremos aqui inteiramente e na mesma língua castelhana em que ele a escreveu:

Dios Nuestro Señor, con su mano poderosa y clemente<sup>2</sup> guarde e prospere<sup>3</sup> a Vuestra Alteza en todo<sup>4</sup> bien muchos y dichosos años y le de saber y fuerzas, con Su gracia, para hazer en todo Su divino querer y gobernar sus pueblos y reyno en entera justicia, paz y caridad, conforme a Su divino beneplacito. Amém.

Este año de 1567, recibimos carta de la India con un traslado de una de Vuestra Alteza para mi; y otro de unas letras [fol. 345] de Su Santidad, en que me manda que, despues de recibidas sus letras, luego como seguramente pudiere embarcarme vaya para el Japon y China y estar allá, no coniciendo mejor esperanza de reduzir estas naciones de Ethiopia a la union de la Iglesia Católica; y quando al embarcarme, hasta agora no he podido, porque no ha avido embarcación. Y escribe se que el viso-rei de la India queria embiar para esto dos fustas; y como ay agora mouros y turcos en Arquico y Maçuá y otros, que por el mar pueden ocurrir, dicen comunmente que, ni dez fustas, ni veinte solas sin algunas velas gruessas pueden llegar, aunque no fuesse, sino venir por uno solo, quanto más que ay muchos católicos en Ethiopia,

hijos y mugeres y familias que podrán ser entre todos hasta 400 o quinientos, a fuera muchos que son muertos, recibidos los sacramentos, y otros que llebaron captivos los mouros; y los más dellos que digo que abrá, están desparzidos por la tierra, por las rebueltas que ha avido en el reyno y por sus necesidades. Y de todos estos, estamos hasta 230 juntos en este de Tigré y esperamos por otros que desean venir con nos, si el tiempo y caminos les dieren lugar. Y es necesario remediarse todos estos que no queden desamparados. Y si Vuestra Alteza quiere que yo y los padres salgamos destas tierras para ir al Japon y ellos quedar entre hereges y infieles, sin remedio espiritual ni temporal, no es justicia; por lo qual tambien parece que es necesario venir armada gruessa y todos lo piden y yo suplico a Vuestra Alteza que embie por ellos y por los que estuvieren para esso, porque no se pierdan todos, si todos no se pudiesen ir, por los ausentes. En caso que se determine Vuestra Alteza de no embiar socorro de gente a esta tierra, que bastaria hasta quinientos o seiscientos hombres, los quales si, hasta agora fueran venidos todos los años que acá estamos, teniamos por cierto que se diera la obediencia romana<sup>1</sup>, y se concertara este reyno para el bien de la fé y servicio de Nuestro Señor. Y parece en comun a todos<sup>2</sup> que no se devria dexar esta empresa de Ethiopia en ninguna manera, porque, aunque la gente está dura y el reyno rebuelto y conturbado com muchas guerras, y aver sido perseguidos los cristianos católicos por la<sup>3</sup> fé, todavia la gente popular es más facil y las guerras se han amansado. Mas, yendose, los moros por una parte y los turcos per la otra de la tierra, y el rey que perseguia nuestra<sup>4</sup> Iglesia con otros sus adherentes, ya es muerto y Reyna un hijo suyo el qual no tiene pacifico su reyno, ni todos le obedecen, aunque dicen más bien del que no<sup>5</sup> de su padre, y se ha mostrado más amigo de los portugueses y, en comun, desean que vengan los portugueses y tienen para si, que han de venir y que la fé de todos ha de ser una; y dicen que no se puede concertar<sup>6</sup> este reyno,<sup>7</sup> por estar en si divisos y quebrantados de las [fol. 345v] guerras, trabajos y captividad que en ellos hizieron los turcos y moros. Y muchos son los señores que dicen que han de recibir portugueses, si vienen, y entre ellos es el Azmach Isaac Bahar Nagâx, que es como rey en el<sup>8</sup> Tigré, y un primo y hermano del rey Atanâf Çaguêd, que tiene sus tierras en el Tigré y en el Amba Çanêr, llamado Abeitahûm Ioannes, el qual se ha mostrado a Vuestra Alteza muy aficionado y en una altercacion ha dicho: «Yo criado soy del rey de Portugal», y es amigo de portugueses y confieffa que las cosas de nuestra santa fé son verdaderas. Por lo qual, si vienen portugueses, aunque no<sup>9</sup> fuesse pretendiendo fuerza o castigo por sus males o por lo que han hecho contra los nuestros, no parece que hay escandalo ninguno, ni entre los católicos, ni entre los mismos; y menos si quisieren tomar la sierra<sup>10</sup> que tiene los judios, con otras muchas tierras que tienen usurpadas de los cristianos; y el rey no puede con ellos, por ser la tierra muy fuerte y tener el pocas fuerzas y más aora que no está pacifico el reyno y no está lexos de donde nos estamos aora. Y dicen que

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: a Roma.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 292/282].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: sua.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: nossa.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: no.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: conservar.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: si no vienen portugueses.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: reyno de.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: se pidan y aunque no.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: tierra.

<sup>1</sup> O autor reproduz um excerto, sem indicação da fonte, de outra carta ânua publicada por F. Guerreiro, na «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 309-311v / pp. 339-42. Retomado por M. Almeida (*Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *R/ESOI* 5, Roma, 1907, pp. 427-32). Ver também C. Beccari, *R/ESOI* 10, Roma, 1910, pp. 215-20.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: y clemente.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: ~~en todo~~.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 291v/281v].

doscientos o trescientos Portugueses bastaran para tomarla con gente que se les juntara de la tierra, porque ellos no tienen espingardaria para defenderla; y entrando portugueses en ella y tiniendo espingardas y algunas bombardas, dicen que toda Turquía no les podria hazer daño. Y son muchas estas sierras y muy fuertes estas tierras, especialmente la sierra en lo alto, que es como fortaleza fortissima, hecha assi naturalmente y grande. Y son muy ricas de mullas y vacas y ganado y de muchos mantenimientos y de miel en tanta cantidad, que todos los vasos en que comen y beben, fuera de los que ponen al fuego, dicen que son de cera, porque la es muy fria. Y tambien dicen que ay mina de plata fina, a fuera de las riquezas que tienen estos judios que dicen que, no ha muchos años, que se alçaron de la obediencia que tenían al rey y le pagavan tributos. Y alli se podrian recoger y estar seguros para almas y cuerpos muchos hijos de portugueses y otros católicos que andan esparzidos por Ethiopia y, todos juntos, haziendo un cuerpo, podrian estar muy fuertes y seguros, y estar una fortaleza, en nombre de Vuestra Alteza, muy fuerte y muy abastada y rica, sin otro ningun sueldo y, de alli, sin pelear, si no quisiessen, sino blandamente y con buenas palabras, harian temer y temblar toda la tierra y concertar la obediencia romana a su modo, porque está en el medio del reyno, hazia las partes del Tigré y, por otras partes, llega a señorear a Dambiâ, que es como un reyno entre los cristianos y gentiles, que tiene debaxo de si. Aunque tambien, viniendo portugueses, podrian estar en otras partes bien [fol. 346] larga y abastadamente, y no faltan riquezas y mucho oro que nace en algunas partes, afuera de lo que nos han dicho algunos que vieran en certa iglesia o monasterio sepulcro de reyes, que oïlo parece espanto. Y los gastos que se hiziesen en la armada que veniesse con gente, en breve tiempo se podrian rehazer con el doblo, remediandose tantas almas y ayudandose los católicos que ay, podiendose embarcar los que quisiesen y estuviessen para esso en la misma armada y con la gente que entra se pudiessen recoger y cobrar los que andan desparcidos<sup>2</sup>. Y el dejar perderse estos católicos, sin darles remedio pudiendo, no pertenece a Vuestra Alteza. Y el embiar armada con gente que entre en la tierra, parece más seguro para ellos y más bien para las almas de la tierra y servicio de Nuestro Señor, porque esta impressa de Ethiopia no es para tenerse en poco, ni dexarse de ligero; y (al parecer de muchos) mirandolo desapasionadamente, es de las mayores y de mayor servicio de Nuestro Señor, de las que ay, hoy dia, en la cristiandad y, como tal, procura el demonio de estorvarla quanto puede, encareciendo mucho las durezas y dificultades y trabajos, mayormente en los principios. Y cosas grandes no se alcançan sin grandes trabajos y es virtud perseverar el hombre en lo que ha comenzado. Y llevar al cabo lo que el rey, vuestro abuelo de gloriosa memoria, començó con muchos gastos y grande amor de la fê cristiana, redundaria en mucha honra y gloria de Vuestra Alteza. Tambien repartir, Vuestra Alteza, con Cristo para Su servicio, en bien de las almas, de los bienes y rentas que le dio para ayuda de venir socorro de gente, le podrá ser mayor corona en el cielo; y assi mismo, el reducirse estas naciones a la union de la Iglesia Católica, por medio de Vuestra Alteza, le sera mayor victoria que los triumphos de Çessar. Y tambien entrando acá gente de Vuestra Alteza, para bien de las almas y ensalçamiento de la fê católica, seria mayor conservacion del estado de la India, porque, a enseñorearse primero destas tierras, turcos podrian hazer gran daño a la India, que no está lexos, por aparejos que aqui ay de hierro, escla-

vos e vituallas y otras cosas para servicio de las galeras. Estando estas tierras favorecidas de cristianos, desde aqui es camino para poder hazer daño a los turcos, antes que recibirle dellos, queriendo meter por estas partes gente para hazerles guerra, por servicio y honra de Nuestro Señor y de Su santa fê. Y la venida de socorro de portugueses a estas tierras, seria grande bien, no solamente para el remedio de los católicos y conversion destos cristianos a la verdadera fê católica, que es grande bien, mas tambien para conversion de muchos gentiles, que son sin cuento en Ethiopia, en diversas y grandes regiones; y muchos dellos han pedido al rey de Ethiopia [fol. 346v] para ser cristianos, el qual no consintió por no perder sus tributos y poderlos captivar para sus servicios, pareciendoles a los habexins, que lo pueden hazer siendo gentiles y que no podrian siendo cristianos. Y los que esto pedian al rey, dicen que eran de los gentiles de Damut, que es tierra muy grande y donde nace mucho oro que viene a los cristianos de acá; y dicen que ay mucho gengibre y cardamono y marfil y vituallas y mantenimientos y vacaria en abundancia; y es tan grande tierra, que por una parte dicen que llega hasta Sofala, adonde tratan por mar con portugueses, y en señal desto se dice que ha venido de allá un libro de horas de rezar y tambien cuentas, que es parte de la hazienda en que tratan con ellos, las quales cosas levan alli portugueses y avianlas visto los de acá. Un portugues que fue muchas vezes a Damôt con otros y, de una vez, entró muy a dentro, me dixo que, dalli a siete dias de camino, se dezia que ian a um rio, donde venian gentes blancas con barbas e vestidos de paño y otras cosas, que parecia que fuesen de portugueses y que tenían mucho oro y que facilmente se tornarian cristianos, si el rey de Ethiopia quisiese; el qual dice que no se curava desso, por poder hazer saltos y robos en ellos, no siendo cristianos. Y tambien, en otra parte de gentiles llamada Sivaxi<sup>2</sup>, de donde viene mucho oro fino de lo que alli nace, aora avrá hasta tres años que se ofrecian a un pariente del rey poderoso de pagarle tributos o hazerse cristianos y que le hiziesse iglesias, porque no pelease com ellos, ni les hiziese daño y no quiso. Y de los gentiles de diversas partes de Ethiopia, los moros mercadores, que ay en ella, compran tantos cada año, que llevan a vender al mar a turcos y moros, que no tiene numero, los quales, quando llegan hazia el mar, lloran y dicen que holgarian de ser cristianos y pierden sus almas hechos moros; y despues son fuertes soldados y hazen guerra y mucho daño a los cristianos entre turcos e moros, como se ve por experiencia en Cambaya y en otras partes de la India. Y por amor destas pobres almas y por estorvar tantos males, por solo esto (quando no huviera otro) no era sin provecho y servicio de N. Señor la venida de portugueses a Ethiopia, quanto más que ay otras muchas cosas en que podian hazer servicio a N. Señor y bien a muchos, con su venida, como tengo dicho.

Lo qual, bien entendido, todo suplico a Vuestra Alteza que, antes de alçar la mano de Ethiopia, tome entero y sano consejo y ordene lo que mejor en el Señor Nuestro le pareciere. Que yo, de mi parte, aparejado estoy, por gracia del Señor, para estar en Ethiopia y hir al Japon y adonde [fol. 347] Vuestra Alteza y Su Santidad me mandareis.

Nuestro Señor sea siempre com Vuestra Alteza y en todo le dexe hazer Su santissima voluntad, hinchendolo de su divina gracia y amor. Amém.

<sup>3</sup>De Ethiopia, a 18 de Junio de 1567.

Andréas Patriarca.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 293v/283v].

<sup>2</sup> Na carta ao sumo pontífice, Páez grafou «Sinaxi», conforme a lição da sua fonte. «Sivaxi» aparenta ser errata do autor. O topónimo não foi identificado.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 294/284].

<sup>4</sup> O autor cita um excerto da «Adição...» de F. Guerreiro, mas não indica a fonte que usou; ver «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 311v-314 / pp. 342-6. Retomado por M. Almeida (*Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 433-8). Ver também C. Beccari, *RÆSOI* 10, Roma, 1910, pp. 220-5.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 292v/282v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *esparzidos*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 293/283].

Até aqui, a carta do padre patriarca para El-rei D. Sebastião, em que se há-de advertir que quem diz que lhe afirmou que havia muito ouro em Damôt, tomou este nome Damôt muito lato, entendendo também nele o reino que chamam Nareâ, onde está o ouro, como também agora fazem alguns, que não falam tão distintamente porque Nareâ propriamente não é de Damôt, senão reino distinto. Contra a autoridade e valia do *Breve* de Sua Santidade, que temos referido, diz algumas coisas Frei Luiz de Urreta em sua *História Etiópica*; mas em quão falsa informação se fundou, declaramos no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO IX

EM QUE SE DECLARA QUÃO SEM RAZÃO JULGOU FREI LUIZ DE URRETA,  
POR SUB-REPTÍCIO, O *Breve* DO PAPA PIO V QUE TEMOS REFERIDO.

Como quer que a principal coisa que Frei Luiz de Urreta pretende em sua *História Etiópica* seja mostrar que os imperadores de Etiópia e seus vassallos não são nem foram nunca<sup>1</sup> cismáticos, senão muito obedientes à santa Igreja romana e, em confirmação disso, traga algumas vezes que, ao Padre Patriarca D. André de Oviedo, lhe fizeram sempre muitas honras e tiveram em grande veneração. Ao que se lhe podia opor que, se isso fora assim, não mandara o Papa Pio V, pelo *Breve* que acima referimos, que o padre patriarca saísse de Etiópia e fosse pregar à China e Japão, já que (conforme a informação que tinha), sua doutrina era tão mal recebida em Etiópia e seus trabalhos de tão pouco fruto, pela pertinácia que os etíopes têm em querer conservar seus antigos erros. A esta objecção responde em o livro 3.º, pág. 613 e 614, desta maneira:

*A todo esto, que es el mayor batallon que contra nosotros pueden oponer, responderé en breves palabras y digo que es verdad que Pio V expedió el sobredicho brebeto a instancia del 2rey de Portugal, Don Sebastião, pero que no tiene fuerza alguna, y es surrepticio, por estar el Sumo Pontifice mal informado y lo que le dixeran muy [fol. 347v] lexos de la jurisdicion y términos de la verdad. Y el rey Don Sebastian se persuadió con facilidad ser historia verdadera lo que no era, sino fabula e malicia, y dio crédito a lo que era alevantamiento muy falso, por ver que lo escrivian de Goa y lo dezian los que venian con las naves de la India. Y por que el lector quede saneado y satisfecho, traeré todo el discurso desta historia con brevedad.*

*Por los años de 1555, poco más ou menos, entraron en Etiopia muchas compañías de portugueses, que eran recibidos con mucho amor y caricias de los etiopes, vendo que eran cristianos y más, portugueses, con los quales ellos, de tiempos atrás, tenían muchas confederaciones y alianças. Estos portugueses eran judios perfidos de nacion, linage y abolorio, sino que tambien lo eran en ley creencia y ceremonias, enfin, apostatas malditos; solo mostravan ser cristianos en las apariencias exteriores y trato politico. Passados algunos<sup>3</sup>*

*dias, que no fueran muchos porque la eregia y, más, el judaismo, no puede estar mucho tiempo encubierto sin que salga a la cara y descubra la hilaça y sepa al peçon. Enfin, como ningún violento seia perpetuo, pareciendoles que estavan seguros de la Inquisición, que es lo que ellos tremblan, echando a una parte el antefaz y reboço de cristianos, descubrieron ser judios en Ley, en secta y en ceremonias, en obras, en hechos, en palabras, en costumbres. Escandalizaronse los etiopes, viendo una transformacion tan diabolica de cristianos en judios. Alborotosele Etiopia<sup>1</sup> dieron razon a los priores de la Orden de S. Domingos, que son los inquisidores ordinarios en aquellas provincias, para que los prendiessen. Tuvieron noticia de lo, que se trataba contra ellos los portugueses judaizantes, que el Diablo, sin duda, les deuio de avisar; porque tengo por cierto que, quantos judios ay en estos tiempos, son hechiceros, 2magicos y tienen travaquenta con el demonio<sup>3</sup>. Enfin, antes de verse en peligro, huyeron de la Etiopia. Unos fueron al reyno de Borno, que es de moros e otros, embarcandose, dieron consigo en Goa donde, para encubrir su maldad y apostasia, levantaron mil testimonios y falsedades contra los etiopes, dizendo que eran unos cismaticos y que el Preste Juan era un cruel inimigo de la religion cristiana y que el Padre Andrés de Oviedo estava preso, padeciendo grandes trabajos en los carceles, todo lo qual era falsissimo, como se vido en el libro primero. Los otros portugueses, oyendo esto, dieronles credito, viendo que lo asseveravan con graves e grandes juramentos. Y no solo llegó esta fama que los judios tenían echado a bolar hasta Portugal, [fol. 348] pero tuvo della noticia el rey Don Sebastian el qual, dando credito a los que venian de la India, escrivio una carta a la Santidad de Pio V, donde le dava razon de lo que dezian sus vassallos que venian de Goa, rogandole que embiasse un buleto para que el Padre Andrés de Oviedo saliese de la Etiopia y fuesse a predicar a la China y Japon.*

*Este fue el fundamento que tuvo el despachar Pio V el buleto, que trae Ribadeneira.<sup>4</sup>*

Até aqui, são palavras do autor em que, do princípio até o fim, não há coisa que não seja falsa, pelo ser muito a informação em que se fundou. E para que falemos em particular, duas coisas principalmente são as que aqui afirma. A primeira, que El-rei D. Sebastião informou mal ao papa, por se persuadir com facilidade ser história verdadeira o que era fábula e malícia e dar crédito ao que era levantamento muito falso, pelo que o *Breve* é sub-reptício e de nenhum valor. A segunda, que esta falsa e maliciosa informação veio de trezentos portugueses judeus, apóstatas malditos que, pelos anos de 1555, entraram em Etiópia donde, querendo-os prender por tais, fugiram, uns ao reino de Borno, outros a Goa; e, lá, para encobrir sua maldade e apostasia, disseram mil falsidades, que os etíopes eram cismáticos e o Preste João cruel inimigo da religião cristã e que o Padre André de Oviedo estava preso, padecendo grandes trabalhos na prisão.

Quanto ao primeiro, digo que houvera de ser mais cortês em falar de um rei tão cristão, prudente e considerado como El-rei D. Sebastião e não notá-lo de homem leve, dizendo que se persuadira com facilidade ser história verdadeira o que era fábula e alevantamento. Não o fez senão com informações muito certas, com grande e acordado conselho, como o pedia a importância do negó-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *Alborotaronse los etiopes*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 295/285].

<sup>3</sup> Entenda-se: têm trato com o demónio – sentido conforme ao prejuízo enunciado. O uso do termo «trabacuentos» como «trato», «aliança», por Urreta não foi rejeitado por Páez, o que atesta a propriedade deste alargamento significativo.

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiopia*, excerto (com omissões) do livro III, cap. 1, intitulado «En el qual se pove una defensa y Apologia de la fe Catolica, y religió Christiana que siempre han guardado los Etiopes : y se trata de la Christianidad de los Christianos de la Asia, y de todas las provincias del mundo», pp. 613-4. Ver Pedro de Ribadeneira, *Vida del P. Francisco de Borja*, Madrid, 1594, livro II, cap. 3, pp. 132-4.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 295v/ 285v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: cristãos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 294v/284v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: alguns.

cio e a pessoa de Sua Santidade a quem informava, o que mostra bem a carta que os padres escreveram<sup>1</sup> a Roma o ano de 1562 e que testemunharam os portugueses no instrumento que se tirou o ano de 603, que referimos no cap. 7.º, precedente. Nem era necessário mais para se não pôr dúvida nesta verdade, que o que o sumo pontífice afirma em seu Breve, que ordenava esta mudança do padre patriarca de Etiópia para Japão, não só pelas informações que El-rei D. Sebastião lhe dava por suas cartas (ainda que sós estas eram bastantíssimas), senão também pelas que ele já tinha de pessoas fidedignas e a quem, com razão, dava crédito. *Et ab aliis, quibus merito fidem habuimus*<sup>2</sup>, o que se considerara Frei Luiz de Urreta, não dera tão facilmente por sub-reptício o *Breve* de Sua Santidade.

Isto mesmo que imos<sup>3</sup> dizendo, declaram também as cartas que o padre patriarca escreveu ao papa e a El-rei D. Sebastião, logo [fol. 348v] como lhe chegou o *Breve*, as quais referimos no capítulo precedente. E no mesmo tempo, escreveram os demais padres seus companheiros sobre o mesmo que se mandava no *Breve*, ao padre geral da Companhia, e o capitão dos portugueses, com os que com ele estavam, a El-rei D. Sebastião e ao governador da Índia e nenhum deles escreveu coisa alguma em contrário da informação que El-rei D. Sebastião tinha dado ao papa, pedindo-lhe que mandasse sair ao padre patriarca de Etiópia para Japão. E se alguma coisa houvera em contrário dela, ao mesmo patriarca competia a obrigação de enganar ao papa e a el-rei de serem mal informados; porém ele, em suas cartas para um e para outro, não somente o não fez mas, ratificando a verdade das mesmas informações que lhe tinham dado, diz na d'El-rei D. Sebastião: *Porque aunque la gente esté dura y el reyno rebelto y conturbado con muchas guerras y aver sidos perseguidos los cristianos católicos por la fe, todavia la gente popular es más fácil y las guerras se han amansado y el rey, que perseguia nuestra Iglesia con otros sus adherentes, ya es muerto y Reyna un hijo*<sup>4</sup> *suyo*. E o mesmo quase escreve a Sua Santidade e lhes representa, a ambos, os inconvenientes que achava para a execução do *Breve* em sua saída de Etiópia e lhes procura persuadir que se não desamparasse de todo a Etiópia, ainda que ela, com tanta razão, o merecia e que o único remédio de sua redução à Igreja romana estava em mandarem quinhentos ou seiscentos portugueses e que, se estes não viessem, era necessária uma grossa armada em que pudessem ir para Goa, não só ele e os padres, mas todos os católicos que cá houvesse, que ficando entre hereges, sem sacerdotes, todos se perderiam. Isto é o que, em suma, diz e pretendia o patriarca em suas cartas, por onde não há dúvida nenhuma senão que foram muito certas e verdadeiras as informações que El-rei D. Sebastião deu ao papa para que passasse aquele *Breve*.

Acerca da segunda coisa, digo que não sei como um homem religioso de tanta autoridade e letras, como dá a entender o nome de «presentado»<sup>5</sup>, não teve escrúpulo de escrever e espalhar pelo mundo, em livro impresso, uma tão grande e tão falsa infâmia, como neles publica, dos trezentos portugueses que, diz, passaram à Etiópia, afirmando que todos eram judeus e apóstatas malditos, o que ele em história nenhuma podia ver, nem se ouviu nunca no mundo tal coisa. E se disser que lha certificou João Baltazar (o que ele aqui não traz), em que teologia achou que, por dito de um homem estrangeiro, vagamundo e não conhecido, pudesse publicar tão grande infâmia de uma gente [fol. 349]

tão católica como são os portugueses? Mas deixando ao leitor a resolução do caso, passarei a mostrar quão fora de caminho de verdade e de todo bom termo falou o autor em esta matéria.

Primeiramente, depois que os portugueses descobriram Etiópia, não entraram nela companhia de soldados, mais que quatrocentos que trouxe D. Cristóvão da Gama, quando veio a socorrer esta terra, por se terem assenhoreado os mouros quase de toda ela. Porque, como dissemos no cap. 16.º do 1.º livro, o primeiro português que descobriu Etiópia e entrou nela, foi Pêro de Covilhã, a quem mandou El-rei de Portugal, D. João o II, aos 7 de Maio de 1487. E, depois, entrou outro que se chamava João Gomes e um clérigo que também se chamava João, de quem faz menção a Imperatriz Elena em uma carta que escreveu a El-rei D. Manuel de Portugal<sup>2</sup> e a refere Francisco Álvares no princípio de sua *História*; e mais adiante, 94<sup>3</sup>, diz que, a estes dois, tinha mandado Tristão da Cunha. E, no ano de 1520, entrou o mesmo Francisco Álvares, em companhia do embaixador D. Rodrigo de Lima e doze portugueses que os acompanhavam e estiveram seis anos em Etiópia. Depois, no ano de 1541, entrou D. Cristóvão da Gama com quatrocentos soldados e tornaram a recuperar o império. E, no ano de 1555, entrou o embaixador Diogo Dias, que mandou o vice-rei da Índia, D. Pedro Mascarenhas e, com ele, o Padre Mestre Gonçalo Rodrigues e seu companheiro. E, em Março de 1557, entrou o Padre Bispo D. André de Oviedo, com cinco da Companhia e alguns portugueses que, por serviço de Deus, o quiseram acompanhar, que não cuidou chegavam a dez. Ultimamente, entrámos os seis padres da Companhia que agora estamos e outro que Nosso Senhor levou para si<sup>4</sup> o ano de 1603 e os dois seguintes, e o ano de 1620. E tenho para mim que nenhum outro português entrou até hoje.

Coisa muito certa é, pelo menos, que nunca em Etiópia entraram companhias de soldados portugueses, mais que os quatrocentos que trouxe D. Cristóvão da Gama, porque, muito antes que me viesse à mão a *História* de Frei Luiz de Urreta, soube, por cartas da Índia, esta infâmia que se nela impunha aos portugueses, pelo que perguntei a muitos homens velhos se tinham notícia de que entrassem em Etiópia algumas companhias de portugueses pelos anos de 1555, como ele diz, ou mais adiante. E todos responderam que nunca ouviram dizer que entrassem mais que os quatrocentos que trouxe D. Cristóvão. Não me contentei com esta diligência, senão que tirei um instrumento de muitas testemunhas juradas, não só de portugueses velhos, mas de homens honrados da terra que não eram de nossa Igreja, em que entrava [fol. 349v] o maior senhor de Etiópia, que se chamava *Abeitahún* Belá Christôs, primo do imperador, que pela familiaridade que eu tinha com ele me fez mercê de querer jurar. E todos, sem discrepar, juraram que nunca em Etiópia entraram tais soldados mais que os que vieram com D. Cristóvão da Gama, porque, se entraram, os houveram de ver ou falar neles, por serem homens, muitos deles, que quase daquele mesmo tempo que o livro diz, continuaram sempre a corte dos imperadores que até hoje houve.

É, pois, certo que ao autor não lhe ficam outros de quem possa falar, senão dos portugueses que vieram com D. Cristóvão da Gama. Mas a estes, quem se atreverá a impor uma infâmia e falsidade tão grande, como é dizer que eram judeus e que, querendo-os prender por tais em Etiópia, fugiram para o reino de Borno e Goa? E que não lhe notem de desalmado os que viram as histórias que

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: mandaram.

<sup>2</sup> «e de outras pessoas dignas de fé». Citação em latim do breve papal transcrito no capítulo anterior a partir da versão portuguesa de Fernão Guerreiro.

<sup>3</sup> Vamos.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 296/286].

<sup>5</sup> O título de presentado, ou apresentado, refere-se a um benefício eclesiástico atribuído a Luis de Urreta. O que podia indicar a «autoridade e letras» deste frade dominicano era o grau de mestre em Teologia.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 296v/286v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: D. Manuel.

<sup>3</sup> Entenda-se: p. 94.

<sup>4</sup> Entenda-se: entrámos no ano de 1603, etc.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 297/287].

tratam deles e engrandecem, com muita razão e certeza, o valor e esforço com que pelejaram<sup>1</sup> em Etiópia contra os mouros, as finezas que fizeram pela fé católica e o zelo grande da honra de Deus com que derramaram seu sangue em tantas batalhas, em que os mais deles acabaram suas vidas, pelejando<sup>2</sup> por nossa santa fé, como dissemos no fim do 1.º livro. E dos que escaparam, muito poucos tornaram à Índia; todos os demais morreram cá, padecendo muitos trabalhos, perseguições e espoliações de seus bens, pela santa fé, em o tempo que o ingrato Imperador Adamâs Çaguêd a perseguia, como temos visto<sup>3</sup> acima.

O mesmo Frei Luiz de Urreta, em seu 1.º livro, pág. 359<sup>4</sup>, onde trata de propósito de D. Cristóvão e de seus soldados, diz que eram quatrocentos e que entraram no ano de 1541, e conta com quanta vontade e zelo se ofereceram para tão gloriosa empresa e todo o sucesso dela, sem lhes notar falha nenhuma acerca da religião. Por onde tenho por coisa muito certa, que quando aqui se diz que, pelos anos de 1555, entraram em Etiópia trezentos portugueses judeus, não fala dos de D. Cristóvão da Gama, senão que alguém lhe meteu em cabeça esta patranha de que entraram outros trezentos, como a outra, que referimos no cap. 16.º do 1.º livro, dos doutores em leis, que afirma, pág. 179<sup>6</sup>, que mandou el-rei de Portugal à Etiópia, e outras muitas que temos visto no discurso desta *História*. Mas isto não lhe escusa da obrigação que tem de satisfazer aos portugueses, que com tanta razão se podem escandalizar, de ter publicado e autorizado por verdadeira uma tão grande e falsa infâmia.

Outras muitas coisas diz o autor no mesmo capítulo que, se houveram de refutar em particular, como mereciam, fora necessário muita escritura e mais tempo do que eu tenho. [fol. 350] Mas porque, deixando-as de todo, não cuide o leitor que têm algum fundamento, referirei em suma as que põem, na pág. 616<sup>7</sup>, sobre esta matéria de que íamos tratando, e são que, ouvindo os etíopes que estavam em S. Estêvão de Roma o que se dizia contra a cristandade de sua terra, despacharam um de sua companhia com cartas para o Preste João Mena, dando-lhe razão de tudo o que passava, o que ele sentiu muito e escreveu logo, com seu embaixador, a Goa e a el-rei de Portugal e também ao Sumo Pontífice Pio V contando-lhes toda a história que acima se referiu dos portugueses judeus<sup>8</sup> e escreveu, juntamente, a muitos dos cardeais e fez que escrevessem todos os do Grão Conselho, com grande submissão, confessando-se todos por católicos cristãos, filhos da Igreja romana e, juntamente, dando-lhe de novo a obediência<sup>9</sup> e pedindo-lhe mandasse o *Concílio Tridentino*; e que quanto diziam do Padre André de Oviedo era falso, antes era presidente do Conselho Latino e o reverenciavam como a santo. E o sumo pontífice e os cardeais ficaram satisfeitos e mandaram o *Concílio Tridentino* traduzido em língua etiópica, pelo qual se governam até hoje. E o Preste João, lembrando-se da maldade dos judeus portugueses, fez uma lei (que ainda se guarda) que nenhum português

possa entrar em Etiópia sem trazer licença, por escrito, dos inquisidores de Lisboa, ou da Inquisição de Goa; e que Alexandre III, que sucedeu a Mena, parecendo-lhe que seu predecessor<sup>1</sup> fora curto em mandar um embaixador, quis ele embiar<sup>2</sup> vinte e quatro: doze sacerdotes e doze cavaleiros, para que dessem a obediência, em seu nome e de todo seu império, a Pio V, mas quando chegaram a Roma, já era morto e governava a Igreja Gregório XIII, a quem deram a obediência.

Isto diz o autor, em que não há coisa que não seja mera ficção porque, demais do que acima dissemos, que nunca cá tais portugueses vieram, nem as informações que deu El-rei D. Sebastião foram falsas e que o mesmo Imperador Minâs, a quem ele chama Mena, dizia que a causa por que morrera seu irmão, o Imperador Cláudio, era porque consentia a fé de Roma em Etiópia. Demais disto, o que diz que os etíopes que estavam em Roma mandaram cartas ao Preste João Mena, não podia ser senão no ano que se passou o Breve, que foi o de 1566; e pelas dificuldades e detenções que há no caminho por onde haviam de vir as cartas, por muito depressa que chegassem cá, seria o ano seguinte de 67, em que também chegou o Breve. Pois, como podia o Imperador Mena mandar embaixador a Goa [fol. 350v] e a Portugal e escrever a Roma e responder o sumo pontífice, sendo morto três anos antes que se passasse o Breve? Porque este imperador a que chama Mena, que não se chamava senão Minâs e, quando lhe deram o império, se intitulou Adamâs Çaguêd, como vimos acima em sua *História*, morreu o ano de 1563, como cá é notório; também o Papa Pio V foi eleito muito depois, no ano de 1566 segundo cuido, por onde, todos os recados que diz que houve entre Pio V e Mena são fábula inventada pelo autor, ou por quem o informou. E, da mesma maneira, a carta que refere ali, pág. 578<sup>4</sup>, de Pio V para Mena, não podia ser para ele e, mais, a data é de 570. Além disto, ainda que o Imperador Minâs fora vivo, como podia fazer ofícios com o papa e el-rei de Portugal, pois era tão capital inimigo e perseguidor da fé romana e dos portugueses e católicos, como acima temos mostrado. Também no que afirma que Mena escreveu ao papa, que o Padre André de Oviedo era presidente do Conselho Latino, se contradiz a si mesmo, como diz no cap. 16.º<sup>5</sup> do 1.º livro, porque, na pág. 192<sup>6</sup>, diz que o imperador que, à instância do Padre André de Oviedo, instituiu primeiro o Conselho Latino<sup>7</sup> e o fez presidente dele, foi o Imperador Alexandre 3.º; e aqui diz, pág. 617<sup>8</sup>, que este Alexandre III sucedeu no império ao Imperador Mena. Logo, manifestamente se contradiz, fazendo ao Padre André de Oviedo presidente do Conselho Latino em tempo do Imperador Mena, não sendo ainda instituído pois, como ele diz, o instituiu o imperador que sucedeu a Mena. E mais, como mostrámos no 1.º livro, nunca em Etiópia houve tal Conselho Latino.

Nem é menos falso o que diz, que se governam hoje, em Etiópia, pelo Concílio Tridentino, porque nem o nome sabem e ainda aos padres do Concílio Calcedonense dizem tantas injúrias, como vimos no livro 2.º. Nem se fez nunca lei de que não entrassem portugueses em Etiópia sem trazer licença, por escrito, dos inquisidores de Lisboa ou de Goa, nem cá têm inquisição, nem sabem que coisa é. Também é falso o que diz que o imperador que sucedeu a Mena mandou vinte e quatro embaixadores a Roma, para que, em seu nome e de todo seu império, dessem a obediência ao sumo

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: pelejaram.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: pelejando.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: vimos.

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 32, intitulado «De los grandes Reynos, y señorios del Preste Iuan, de sus muchas riquezas, tributos y rentas. Trata-se de las reñidas guerras que ha tenido con los Reyes Moros, y Gentiles, sus vezinos», pp. 341-66.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 297v/ 287v].

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 19, intitulado «Del gran consejo del Preste Iuan, del modo de proceder en la justicia, y de los castigos que dan a los delinquentes», pp. 177-86.

<sup>7</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro III, cap. 1.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: judeus.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: de novo.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: an[fol. 298/288]tecessor.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: mandar.

<sup>3</sup> Pio V, eleito em 1566. No Ms. 778 BPB foi deixado um espaço em branco neste lugar.

<sup>4</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro III, cap. 1.

<sup>5</sup> O autor enganou-se na indicação do capítulo: trata-se do cap. 21.

<sup>6</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 21.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 298v/288v].

<sup>8</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro III, cap. 1.

pontífice; e se alguns foram lá com tal embaixada, foi inventada de sua cabeça, para achar favor e fato, porque eu tenho feito muito grande diligência para tirar isto em limpo, perguntando a homens velhos e a um sobrinho do imperador, que se chama *Abeitabûn* Belá Christôs que se criou com ele desde que começou a reinar e lhe declarava todos seus secretos, e a outros que continuaram sempre seu paço. E todos [fol. 351] me afirmaram que nunca ouviram tal coisa, nem podia ser que o imperador mandasse embaixada com tão grande aparato de doze sacerdotes e doze cavaleiros, sem eles o saberem ou enxergar que faltavam no império. E assim é verdade, porque a gente de Etiópia é de tão pouco segredo que, ainda aqueles com quem o imperador trata os seus, raramente o guardam. Nem aquele imperador teve comodidade para isso em muitos anos, por andar com tantos trabalhos e ser tão mal obedecido em seus princípios, como se verá em sua *História*, que adiante poremos, e no demais que dissermos. Nem foi nunca tão afeiçoado à santa Igreja de Roma, que lhe houvesse de dar obediência; que ainda que, no ano de 1576, mandou um homem à Índia com cartas, não foi mais que para pedir socorro de portugueses pelos trabalhos em que se via. Nem o frade, por nome Taquelá Mariâm, que foi a Roma, não disse lá que pretendia este imperador senão alguns oficiais de que tinha necessidade. Pelo que, como temos visto, todas quantas coisas disse Frei Luiz de Urreta para mostrar que o *Breve* de Pio V era sub-reptício, foram fábulas inventadas por quem o informou.

## 1CAPÍTULO X

EM QUE SE TRATA DOS TRABALHOS QUE O PADRE PATRIARCA ANDRÉ DE OVIEDO PADECEU DEPOIS DA MORTE DO IMPERADOR ADAMÂS ÇAGUÊD, E DE ALGUMAS COISAS QUE DEUS NOSSO SENHOR LHE REVELOU.

**A**inda que o mais do que hemos de dizer neste capítulo não sucedeu em tempo do Imperador Adamâs Çaguêd, senão de seu filho Malâc Çaguêd, contudo isto deixaremos a história deste para, depois, por não cortar o fio das coisas do padre patriarca, senão continuando-as, dar alguma notícia das ocupações que teve e dos trabalhos e necessidades que padeceu até à sua morte, depois da do Imperador Adamâs, que foram muitos e mui grandes, por o serem também as divisões que havia no império que, por muitos anos depois da morte de Adamâs Çaguêd, ardeu em guerras civis, porque os da parcialidade de Adamâs Çaguêd levantaram logo, em seu lugar, ao maior dos seus filhos e Azmach Isaac *Bahâr nagâx*, com os de seu bando, defenderam outro que primeiro tinham alevantado, que era um menino, irmão de Tascaro de quem acima falámos. Ao que se acrescentou entrarem, no mesmo tempo, turcos e fazerem seu assento e fortaleza em Debaroâ e, dali, muitos assaltos pelas terras de Tigré, roubando e matando quantos achavam; pelo que o padre patriarca, com seus [fol. 351v] companheiros e alguns portugueses que estavam em Tigré, em uma aldeia que cha-

mam Fremona<sup>1</sup>, sempre andavam com contínuos sobressaltos e angústias, sem achar lugar seguro. E, como tudo andava tão revoltado, até a mesma gente da terra lhes roubava o pouco que tinham e, assim, o padre patriarca vivia com suma<sup>2</sup> pobreza e desamparo, como agora testificam todos os que o conheceram e alguns que o acompanhavam e declaram também muitas cartas dos padres, de que, por não ser comprido em coisa tão sabida, não referirei aqui mais que o capítulo de uma que o Padre Manuel Fernandes escreveu ao nosso Colégio de S. Paulo de Goa, a 3 de Junho de 66, cujas palavras são as seguintes:

*Haverá dezoito meses que o Padre Cardoso e o Irmão António Fernandes e eu nos fomos lá por dentro desse sertão a negociar algo de<sup>3</sup> almas e ver os portugueses daquelas partes, que havia já muito que não sabíamos deles. Andámos por lá quase ano e meio e haverá treze dias que nos viemos <sup>4</sup>ajuntar com o padre patriarca. E pelos muitos perigos do caminho que nós tivemos e grandes trabalhos que Sua Pateridade por cá passou, quando nos tornámos a ver, foi como se viéramos da Índia. Achámos o padre patriarca posto em um tão baixo e abjecto estado, que vê-lo é mágoa. E agora ficamos negociando algumas juntas de bois para ver se, lavrando, podemos remediar nossa pobreza, que quis o Senhor que vivamos entre gente da qual não se pode pretender coisa que o seja. Até agora nunca jamais<sup>5</sup> se deixou de tratar das coisas da fé, parte em escrito, parte em práticas, mas o reino todo<sup>6</sup> anda tão revoltado, que não há já ouvir-se nada mais, que cada um pôr cobro em sua casa. As coisas da obediência à Igreja romana estão omnino<sup>7</sup> esquecidas, os abexins por extremo duros e pertinazes e é coisa maravilhosa que, quanto Deus mais os fêre, menos o sentem e mais se endurecem. Sete anos há que nenhuma outra coisa passa neste reino, senão ásperas e contínuas justiças que Deus Nosso Senhor em estes faz, como em contumazes e eles o sentem tão pouco, que perguntam mui<sup>8</sup> desencalmadamente que, sendo eles tão bons cristãos, porque Deus<sup>9</sup> os persegue tanto<sup>10</sup>? Turcos, mouros, gâlas, peste, guerras contínuas sem cessar, e eles insensíveis ao que Nosso Senhor pretende. A nós não deixam às vezes de nos fustigar também as voltas.*

*Depois que Amador partiu de Debaroâ, que há três anos se deram, daí a poucos dias, batalha campal dois capitães, ali, quase à vista de Debaroâ, e foi desbaratado o que senhoreia aquelas partes. E quando nos dali vimos em salvo, não foi pequena misericórdia de Nosso Senhor, ainda com ficarmos com bem de<sup>11</sup> perda. O padre patriarca tinha uma mula em que andava; dois moços de casa puseram-se a fazer fogo de noite, salta-se-lhe o fogo, queima a casa, mata-lhe a mula. Dali a poucos dias, em outra pousada, salta-lhe um ladrão de noite em casa, [fol. 352] furta-lhe a loba de pano e dois roquetes<sup>12</sup>, que não tinha mais nem outro vestido com que autorizar seu pobre estado, e também levou um ornamento. Finalmente, em Etiópia satis est vivere<sup>13</sup>, sem se esperar mais nada.*

*Isto que disse agora é coisa de ontem e de anteontem. Nas coisas da fé, nossas verdades estão entendidas, mas não se aceitam porque comumente é esta gente a mais sem escrúpulos que se viu outra. Estão*

<sup>1</sup> Ver glossário (Fremona / Fremoná / Fremonâ / May Gwagwa).

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: em pura.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: algumas.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 299v/289v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: mais.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: todo.

<sup>7</sup> Completamente.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: tão.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Deus.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: Deus.

<sup>11</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>12</sup> Roquetes; o mesmo que sobrepelizes de burel.

<sup>13</sup> Basta viver.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 299/289].



*confessando a verdade e dando mostras do muito bem que lhe parece e, se que<sup>1</sup>reis apertar com eles que a aceitem, que sem ela se vão ao inferno, dizem que logo, como vierem os portugueses, a receberão; que doutra maneira têm medo d'el-rei e que, se morrerem entretanto, ao paraíso hão-de ir, porque tomam o corban, que é o sacramento, e não comem carne que mate mouro e, com isto, lhes parece que têm ganhado sete paraísos.<sup>2</sup>*

Até aqui são palavras do Padre Manuel Fernandes. E os mais padres, em outras cartas, dizem<sup>3</sup> que os turcos faziam muitas saídas da fortaleza que tinham em Debaroâ, que são três dias de caminho do mar, e chegaram uma vez a um lugar onde morava muita parte dos portugueses e católicos, perto do em que estava o padre patriarca, e o queimaram. E quis Nosso Senhor que não tornassem à gente, porque fugiram antes que os turcos chegassem mas, cansados com tantos sobressaltos e fugidas, para se verem livres de tão grandes trabalhos e perigos, se foram muitos dias de caminho pelo sertão dentro para Dambiâ e outras partes. E ficou o padre patriarca em o lugar de Fremona com alguns poucos que o quiseram acompanhar, assegurando-se com o que ele lhes afirmava que, ali, não lhes havia de vir mal nenhum, porque tinham grande conceito de sua santidade.

Daquele tempo até que morreu, residiu sempre em Fremona. A vida que fazia, dizia um tio do imperador, com<sup>4</sup> ser cismático, que era semelhante à dos grandes santos antigos do ermo; e, na verdade, não se enganava, porque em tudo se parecia com eles. A casinha onde morava era redonda e muito estreita e sem repartimento nenhum; a parede de pedra e barro tão baixa que, levantando eu a mão, quase chegava ao alto dela. O vestido veio a ser tão pobre que não tinha senão um pano baixo com que se cobrir. O pão que comia era de uma semente vermelha desabrida e tão miúda, que cuidado não há nenhuma em Espanha<sup>5</sup> que o seja como ela, a que chamam *teff*<sup>6</sup>, mantimento mais de passarinhos que de homens. Pelo que, falando eu uma vez sobre ela com o Imperador Seltân Çaguêd, me disse que não podia ser senão fruto de erva do campo, a que a fome obrigou primeiro aos pobres a comer e, depois, a foram [fol. 352v] semeando e acostumando-se a ela. As iguarias que o santo com isto comia eram ervas cozidas, muitas vezes com só água e sal e linhaça pisada, e cozida também só com água e sal.

<sup>7</sup>Com ser este comer de tão pouca substância, jejuava quase de ordinário, que em esta virtude e a da oração se exercitou singularmente, sabendo de quanta importância são e como delas se valeram sempre mais os santos para receberem as divinas ilustrações porque, mortificando o jejum a carne, aquietam as paixões as quais, se estão perturbadas tão mal se dá fé do que Deus imprime na alma, como das imagens das coisas na água envolta e escura. E, sendo a oração a mais familiar conversação que, com o mesmo Deus se pode ter na terra, nela ordinariamente (como fazem os bons amigos) abre o Senhor o peito aos seus e, com o resplendor do próprio rosto, assim os conforta e enche de divina luz os olhos espirituais que vêm a descobrir nos tesouros de sua infinita<sup>8</sup> sabedoria

o que a divina vontade mais quer e espera deles, em todas as coisas particulares. E, assim, tenho por certo que era tão confortada e ilustrada na oração a alma deste bendito patriarca que, das relíquias das divinas consolações e gostos celestiais que sempre partia com a carne, lhe vinha o principal vigor e alento para poder, com tão grandes e contínuos trabalhos, como teve até o fim de sua peregrinação, guardando sempre entre si, o corpo e o espírito, uma maravilhosa fidelidade, que nem o corpo, sendo contínuo no serviço, carregava ou importunava muito ao espírito, pela devida restauração e refeição natural, nem este deixava o galardão daquele, tanto para a outra vida, que dos próprios gostos lhe não comunicasse e desse umas como ajudas de custo, com que servia sem queixumes e andava contente, empregando-se ambos conformemente em honrar e glorificar o Senhor por toda a parte e em todo tempo e ocasião.

Daquela mesma luz que o Senhor lhe tinha dado em sua alma para conhecer o que Sua divina vontade mais queria, lhe veio a ter umas entranhas tão compassivas e cheias de caridade para com os pobres, que tudo quanto podia haver lhe dava, sem depender dos vãos temores que nós temos à pobreza, porque tinha bem provado que o que se pode experimentar, também se pode sofrer. Até os poetas sem fé a deram<sup>1</sup>, de quão válidos são de Deus os que desestimam a fazenda, que assim entendeu ao outro um grão-filósofo (Sêneca, *Epístola 18*), quando dizia ao hóspede ou amigo que se esforçasse a 2pôr os pés por em cima dela para se fazer digno<sup>3</sup> de Deus<sup>4</sup>; o que sabendo muito bem o padre patriarca, ainda que não lhe ficava já uma vez que dar, senão um boi que lhe servia de lhe levar o fato da igreja de uma [fol. 353] parte a outra, este lhe mandou matar e repartir. E, dizendo-lhe um homem que não era bem matá-lo, pois tinha dele tanta necessidade para igreja, respondeu: «Filho, deixai-o matar e repartir hoje aos pobres, que amanhã, Deus nos proverá.» E assim foi, porque, sabendo um senhor cismático o que ele fizera e a necessidade em ele que estava<sup>5</sup>, movido de tão grande exemplo lhe mandou logo quarenta vacas, setenta panos da terra, que algumas vezes valem um cruzado cada um, e boa quantidade de mantimento, com que remediou sua necessidade e a de alguns pobres, que desejava.

Oferecendo-se-lhe outra vez casar uma pobre órfã e não tendo já nada que lhe dar para seu casamento, deu uma mula de que se servia quando fazia caminhos compridos e andava, depois, em um jumento e, muitas vezes, a pé. E chegou a tanta pobreza que veio a não ter alba<sup>6</sup> para dizer missa, o que sabendo o senhor daquela terra, lhe mandou alguns panos com que fez albas e bem que repartir com os pobres, que nunca do que lhe davam guardava nada para si, logo repartia tudo aos pobres. E ele e a gente que o acompanhava (que era muito pouca) passava com o que recolhia de algumas terras que lavrava; e quando nem disto tinha que dar aos pobres, ele mesmo ia a pé pelos lugares vizinhos, e às vezes dois dias de caminho, a pedir e buscar esmola para eles, vindo muito contente e alegre quando lhe trazia alguma coisa. Particularmente se compadecia dos doentes pobres e os visitava amiúde, ajudando-os em quanto podia, ainda que não fossem católicos. E

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 300/290].

<sup>2</sup> Ver C. Beccari, *R/ESOI* 10, Roma, 1910, pp. 196-8.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: diziam.

<sup>4</sup> Valor concessivo; leia-se: apesar de ser cismático.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: nenhuma.

<sup>6</sup> *Tēf* (lat. *Eragrostis tēff*), cereal endógeno da Etiópia, usado para fazer *injera* (*ʼənǰära*), espécie de grande panqueca, base da alimentação nas terras altas etíopes.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 300v/290v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: da divina.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: o disseram.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 301/291].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: amigo.

<sup>4</sup> «Nadie es digno de Dios, sino el que menospreció las riquezas; yo no te prohibo su posesión, sino que quiero conseguir que las poseas intrépidamente, lo cual alcanzarás de una manera sola, a saber: persuadiéndote que aun sin ellas vivirás feliz y sin las mirares como perecederas.» (Sêneca, «Carta 18», in *Obras Completas*, Madrid, 1943: 402).

<sup>5</sup> Entenda-se «em que ele estava.»

<sup>6</sup> Alva, nome da túnica talar de pano branco que o sacerdote veste sobre o amito para celebrar missa.

estando um deles doente de doença contagiosa e tão<sup>1</sup> asquerosa, que não havia quem o quisesse virar na cama, nem ainda os próprios parentes, o santo patriarca foi a sua casa e se pôs a servi-lo em tudo, com mui grande caridade e humildade, dando-lhe de comer com suas mãos, varrendo as casas, lavando-lhe os panos sujos com mais diligência do que fizera um mui leal criado, do que o enfermo ficou tão edificado e rendido, que concluiu consigo não podia ser o padre tão mau para si que seguisse ruim doutrina, sendo tão bom para os outros e, em especial, para <sup>2</sup>ele, que tão pouco lhe merecia. E assim quis, de propósito, ouvir o que o padre ensinava e, por ser homem de entendimento e visto nos livros de Etiópia, conheceu facilmente a verdade e, deixados seus erros, se reduziu à nossa santa fé.

Honrou Deus Nosso Senhor também a este seu servo com espírito de profecia, revelando-lhe muitas coisas que haviam de suceder, entre as quais uma foi que, estando o Imperador Atanâf Çaguêd, e por outro nome Cláudio, para ir a uma guerra contra os mouros de Adel que lhe entravam por suas terras, queimando as igrejas e passando à espada a todos quantos achavam, [fol. 353v] disse o padre patriarca aos portugueses que se aprestavam para o acompanhar, que não fossem naquela jornada porque nem o imperador nem eles haviam de tornar. E, posto que todos tinham muito grande conceito de sua santidade e arreceavam o sucesso, contudo alguns não quiseram desistir, fazendo-lhes mais força o que deram, que as palavras do padre; mas custou-lhes a vida, provando, com a perda dela, a verdade da profecia, porque todos acabaram na batalha e o mesmo imperador<sup>3</sup> como vimos acima em a sua<sup>4</sup> *História*<sup>5</sup>.

Estando, outra vez, em Tigré, no arraial do Imperador Adamâs Çaguêd, e dando ele batalha a um senhor que se lhe rebelara e tinha consigo turcos, foi o imperador desbaratado e os padres fugiram, cada um por onde pôde, como em semelhantes transes se costuma. E ficando ali o padre patriarca<sup>6</sup> no campo, se pôs de joelhos em oração. E, vendo os turcos dois ou três meninos que estavam com ele, disseram com grande medo: «Senhor, aqui vêm os turcos.» Respondeu, sem se mover da oração: «Não tendes medo que não vos farão mal.» E, passando logo muito perto, por uma e por outra banda, cativando e matando muitos, não chegaram a eles nem à mula que ali tinham. E, como acabaram de passar, se levantou o padre e disse: «Os padres estão cativos, mas não será nada.» Maravilharam-se muito os moços, porque havia grande espaço que se espalharam, sem se saber por onde foram e, perturbados, perguntaram: «Como fora aquilo?» Respondeu que caíram nas mãos dos turcos, mas que não lhes fariam mal. E foi assim, porque como já acima dissemos, cap. 6.º, tendo-os presos os turcos, os pediu ao baxá aquele senhor cristão que estava com ele e era amigo dos padres, e ele os mandou entregar.

Isto testemunharam com juramento, no instrumento que se tirou o ano de 1603, os mesmos moços que ali estavam com o padre patriarca.

<sup>7</sup>Também um veneziano, homem nobre que morava no lugar de Fremona, que morava perto do padre patriarca, afirmou que, saindo uma vez pouco depois da meia noite de sua casa, viu sobre

a do padre uma coluna, como de fogo resplandecente, muito alta, e, estando olhando grande espaço com atenção, teve para si que Nosso Senhor o visitava por algum anjo. E desejando saber que era, chegou depois ao padre e, achando-o só, lhe disse que desejava muito que Sua Senhoria lhe declarasse uma coisa, sem encobrir nada. Respondeu que no que lhe pudesse dar gosto, o faria. Perguntou ele, então, se o Senhor o consolara aquela noite com alguma coisa. Quis o padre divertir a prática, para não responder ao propósito, mas o veneziano, com confiança de amigo, apertou tanto, descobrindo o que tinha visto, que o padre lhe veio a dizer que, estando em oração pedindo [fol. 354] a Deus que usasse de misericórdia com esta gente de Etiópia e lhe desse remédio, lhe fizera mercê de revelar o que depois havia de suceder e, instando muito o veneziano lhe declarasse tudo, respondeu que não havia para que dizer mais. Querera a divina clemência, seja sua redução à santa Igreja romana do que, pelas mostras que vão dando geralmente e os muitos que se vão reduzindo, temos grandes esperanças, ainda que os mais dos frades e alguns senhores e gente popular estejam pertinazes.

Outra vez, estando os católicos do lugar de Fremona, onde ele então morava, com grande temor e aflição por virem perto os turcos matando e assolando tudo, se foram a seu bom pastor pedindo-lhe conselho e remédio, que nem ali estavam seguros, nem tinham para onde se poderem ir. Animou-os o padre, exortando-os a que pusessem toda sua confiança<sup>1</sup> em Deus e foi-se dizer missa por aquela necessidade e para que Nosso Senhor o encaminhasse no que devia aconselhar a aqueles pobres católicos. E nela ouviu uma voz que lhe disse: «Fremona permanecerá.» Pelo que, acabada a missa, quietou e seguiu a todos que nenhum perigo corriam, que se deixassem estar. E foi assim, porque, chegando os turcos meia légua do lugar, deixaram a estrada larga e chã que vem a ele e entraram por caminhos muito estreitos e montuosos, entre serras muito ásperas e dando volta por elas, queimaram e assolaram todos os outros vizinhos, com serem bem fortes e defensáveis; e o do padre ficou livre, com passarem os inimigos muito perto e estar em um outeirinho descoberto na metade<sup>2</sup> do campo. E, em outra entrada que depois fizeram os turcos, vieram pela mesma estrada larga que primeiro deixaram, e passaram ao longo do mesmo lugar, estando o padre patriarca e os <sup>3</sup>católicos nele, sem entrarem nem fazerem dano em suas terras, fazendo-o muito grande em as outras.

Não somente vivendo o padre, livrou Nosso Senhor aquele lugar dos inimigos, por sua oração, mas depois de morto, por sua intercessão, como todos temos por certo porque muitas vezes, ainda agora em nosso tempo, vieram gâlas gentios, matando quantos achavam com extraordinárias crueldades, como sempre fazem, e, destruindo a terra e passando a longo do lugar, nem entraram, nem fizeram mal em seu termo. E depois vieram mais de três mil ou, como alguns dizem, oito mil, e entraram muito seguros pelo reino de Tigré, assim por serem tantos, como por não estar o vice-rei, que o tinha chamado o imperador, e sentaram seu exército, pouco mais de tiro de espingarda, do nosso lugar Fremona. [fol. 354v] Recolheram-se os católicos em uma casa que fizemos de terrado, pelo contínuo perigo em que estávamos de se nos acabar, com fogo, nossa pobreza e os livros que mais estimávamos, como lhe sucedeu muitas vezes aos padres antigos, por as casas serem cobertas de palha. Vieram também alguns<sup>4</sup> vizinhos cismáticos, tendo-se ali por mais seguros, que nas serras muito fortes onde se puderam acolher. Receberam-nos dois padres que então estavam na casa,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: bem.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 301v/291v].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e o mesmo imperador.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: sua.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: deste imperador que também nela acabou a vida.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: ali.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 302/292].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: esperança.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: no meio.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 302v/292v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: amigos e.

com muita caridade e mostras de amor e, dizendo um dos católicos que aquela casa se não podia defender, que seria bem passar a uma serra forte que estava perto, o repreendeu um daqueles vizinhos, dizendo que tinha pouca fé e confiança no padre patriarca e dizendo: «Quando as casas eram de palha e sem cerca, as defendeu o padre patriarca com suas orações, a elas e a todo o lugar e, agora que são de terrado, e viemos a elas fiados em sua intercessão, as há-de desamparar? Não faleis isso, nem tenhais medo, que nos não há-de vir mal nenhum.» E assim não se atreveu ninguém mais a falar. E foi, sem dúvida, espírito que Deus Nosso Senhor lhe meteu no coração, por intercessão do padre patriarca, para lhe mostrar a aquele que devia ter mais confiança na intercessão dos santos e para os livrar a todos, porque, se saíram<sup>1</sup> à serra, onde aquele dizia e ainda importunava, nenhum podia escapar, por estar emboscado ao pé dela um grande esquadrão de gâlas, esperando se se acolhia ali alguma gente.

Estiveram os gâlas com seu exército, naquele lugar, sete dias. E, com saírem sempre capitães com gente a dar assaltos por todas a terras à roda, um dia e dois de caminho, matando muita gente, ainda da que estava em serras muito fortes e trazendo sempre grandes presas<sup>2</sup>, nunca fizeram dano nenhum em nossa aldeia, nem entraram nela. Só quatro ou seis chegaram ver a igreja que está na borda da povoação e, um deles, a quis queimar por estar coberta de palha e, para isso, foi buscar fogo e lho pôs à vista dos nossos, mas logo se apagou, com estar a palha bem seca. Foi ele outra vez a trazer fogo e, pondo-o, lhe sucedeu como à primeira. Porfiou ele em que a havia de queimar, tomando-o já, parece, como em caso de honra e pôs-lhe a terceira vez fogo sem a palha o tomar; e tornando o bárbaro cego (que não via ser aquilo coisa mais que natural) a buscar mais fogo, segundo todos cuidavam, para acabar seu sacrílego intento, caiu e quebrou uma perna e, assim, o levaram os seus companheiros, não pouco maravilhados do caso, sem se atrever mais nenhum a chegar ali, até que se foram e ficaram os cercados livres, dando graças a Deus e [fol. 355] atribuindo tudo aos merecimentos do padre patriarca que estava enterrado em aquela igreja.

Doutros muitos perigos livrou Deus Nosso Senhor aquele lugar, por intercessão de seu servo, como piamente se pode crer e tanto maiores que os que temos dito, quanto os inimigos eram mais domésticos, porque quase toda a terra estava por eles, até nossos próprios vizinhos e gente de outra aldeia que o imperador nos tinha dado ali. O primeiro foi de um homem que se levantou, dizendo que lhe pertencia o império e, como esta gente é tão amiga de novidades, logo se lhe ajuntou muita e, segundo me afirmou depois um senhor grande que estava com ele, a primeira coisa que determinava fazer era destruir-nos a nós e aos católicos e derrubar nossa casa. E com este intento, veio logo caminhando para nosso lugar, mas não permitiu Deus que cumprisse seu danado intento, porque, chegando um dia de caminho de nós, o prendeu sua mesma gente, que se desaveio com ele e, levando-o ao imperador, mandou que lhe cortassem as orelhas e os narizes, como a ladrão, porque não procedia da casa real e, feito isto, o largaram.

Não passou muito tempo sem se levantar outro, no mesmo reino de Tigré, dizendo que era o Imperador Iacob que escapara da batalha em que diziam que o matara (como na verdade o matou) o que hoje vive e, com este engano, se lhe juntou gente sem conto e se pôs em Debarôâ. Acudiu logo *Erâz Celá Christôs*, irmão do imperador, que então era vice-rei e, dando-lhe batalha, o desbaratou

quase milagrosamente, porque não pelejaram mais que os criados do vice-rei e alguns portugueses que o acompanhavam e, todos, eram muito poucos; os demais do seu exército se queriam passar ao do alevantado, ainda que muitos sabiam que era falso o que dizia. Escapou ele em seu cavalo e deu volta para a banda do nosso lugar, ficando lá o vice-rei, por cuidar que entrara em umas serras que estão perto donde pelejaram. E entretanto que ele o buscava nelas, se lhe juntaram cá mais de vinte e cinco mil homens, segundo diziam os que os viram. E, porque os portugueses ajudavam ao vice-rei e sabiam que não era Iacob, que o conheciam muito bem, veio com grande ira, determinado de nos matar a todos e arrasar nosso lugar, em que não havia resistência nenhuma, porque não estávamos mais que três padres e alguns velhos católicos e as mulheres dos portugueses que andavam com o vice-rei; mas, chegando meia légua de nós, soube que estava um capitão do vice-rei, com pouca gente, entre umas serras perto e, assim, deixou a estrada [fol. 355v] larga e entrou pela mesma parte que, acima dissemos, foram os turcos, fazendo conta que nós não lhe podíamos escapar. E, chegando onde estava o capitão, o desbaratou e ele fugiu; e por ser já muito tarde não passou a nós, mas, a um português que ali tomaram, o fez matar logo às lançadas, diante de sua tenda.

Ainda que nos tinham dito que vinha contra nós, estávamos determinados de não sair de casa, porque a mesma gente da terra nos havia de tomar logo e entregar-nos a ele; mas chegou, à boca da noite, um cavaleiro dos que escaparam do desbarate, que se chamava Cláudio e disse que de nenhuma maneira estivéssemos ali, que tomássemos, com muita pressa, o fato da igreja e saíssemos logo, que ele nos guiaria a lugar seguro, porque, sem falta, havia de vir o tirano pela manhã e perderíamos tudo, quando nos deixasse as vidas. Não nos pareceu, contudo, que era bem deixar tantas mulheres, velhos e meninos, senão morreremos juntamente com eles, animando-os e consolando-os, mas aquele bom fidalgo importunou tanto que fôssemos e levássemos todos, que ele nos poria em salvo, os católicos e mulheres de portugueses também fizeram tão grande instância, chorando e dizendo que não era bem estarem ali, arriscadas às descortesias dos soldados (que todos eram gente baixa), que nos obrigaram seguir seu parecer, ainda que não tínhamos por pouco risco só a saída, por ser de noite e os caminhos estarem cheios de roubadores, por causa de tão grandes revoltas e alterações. E assim, foram dois padres com aquela gente e o fato da igreja e outro ficou na casa, para não deixar de todo desamparados alguns velhos e meninos que não saíam da aldeia, porque não podiam caminhar. E tendo andado como duas léguas, saíram na entrada de um mato muitos ladrões, mas aquele fidalgo se pôs diante, em seu cavalo e sua lança; e como o conheceram, não se atreveram a fazer mal. E assim, passou adiante e, outro dia, pôs a todos em lugar seguro.

Quando aquele fidalgo nos dizia em casa que de nenhuma maneira ficássemos ali, estavam presentes as espias do alevantado sem nos advertir, porque eram nossos vizinhos. E foram logo de noite e lhe disseram que todos saíram e levaram o fato, pelo que desistiu ele de vir, mas mandou, pela manhã, alguns capitães com gente e ordem que queimassem o lugar e, em nossa casa, não deixassem pedra sobre pedra. E, chegando já muito [fol. 356] perto, à vista de nossa casa, ouviram dizer que vinha o vice-rei, posto que longe. E foi tão grande o medo que entrou em todos, com serem tantos e saberem muito bem que não estava mais que um padre e alguns velhos (que ficaram por<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: saíam.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 303/293].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 303v/293v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 304/294].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: se.

não se poderem bulir), que se não atreveram a passar adiante, o que contava depois um daqueles mesmos capitães, não pouco maravilhado do caso, porque em pouco espaço puderam arrasar tudo e tornar; mas dali deram volta e, chegando ao levantado, foram com ele a se encostar a uma serra muito forte onde, à tarde, lhe chegaram espias que deixaram o vice-rei muito longe. Pelo que mandou deitar pregão que todos se aparelhassem<sup>1</sup> para o dia seguinte, que os queria levar à parte onde ficariam bem remunerados dos serviços que lhe faziam, enchendo-se de fato. E era que tinha assentado com seus conselheiros que fossem muito cedo a queimar nosso lugar e arrasar a casa. Mas o Senhor, que a defendia, desmanchou seu conselho e impediu seu maldito intento, metendo-lhe no coração, quando estava para partir, não menor medo que o que dera a seus capitães o precedente dia porque, tendo nova que o vice-rei se apressara e chegava já perto, não só não se atreveu a vir a fazer o que tanto desejava, mas nem a estar ao pé da serra. E assim subiu, com todo aquele grande exército ao alto dela, ainda que sabia decerto que não trazia a décima parte de gente que ele tinha; e, chegando o vice-rei, o outro dia, assentou seu arraial no campo perto da serra, mas ficou logo cercado porque nas suas costas veio muita gente da terra e lhe tomou os passos à roda, de maneira que não podiam pôr suas esperanças na ligeireza dos cavalos, senão na força das lanças e espadas ou, por melhor dizer, só na divina misericórdia que sempre os ajudava<sup>2</sup>. E ali, principalmente, os ajudou, porque descendo, o outro dia, da serra<sup>3</sup> aquela<sup>4</sup> tão grande multidão<sup>5</sup> com muita soberba e confiança, dando a vitória por sua, acometeram por duas partes, o que sentiu o vice-rei, porque o obrigaram a dividir sua gente, sob pena de perder toda sua recovagem, enquanto ele pelejava. E assim, mandou um capitão com gente para uns que já chegavam perto das tendas e ele, com seus principais criados e portugueses, cometeu aos outros, que eram muitos mais e travou-se uma cruel e sangrenta batalha, pelejando de uma e outra parte tão fortemente que, por muito tempo, esteve a vitória duvidosa; mas, ultimamente, a deu o Senhor ao [fol. 356v] vice-rei, por sua infinita misericórdia e, virando os contrários, mataram tantos antes de chegarem à serra, que o campo ficou coberto de mortos e o vice-rei, com os seus tão cansados, que já não se podiam<sup>6</sup> bulir.

Vendo o tirano uma coisa tão pouco dele esperada, não se atreveu a estar mais ali e, assim, fugiu<sup>7</sup> de noite, pela outra banda da serra, para umas muito fortes, que estão perto do mar. E assim ficámos nós desapressados dele, mas não o reino de Tigré, que ainda depois lhe deu muitos trabalhos, que não aponto aqui, por não sair tanto de meu intento e se tocarem<sup>8</sup> na história do Imperador Seltân Çaguêd que referiremos no livro 4.º. Só digo, de passo, que do dia em que ele queria entrar em nossa casa para a arrasar há um ano, entrou nela sua cabeça, que a levavam ao vice-rei, permitindo Deus que entrasse daquela maneira morto, o que tanto mal desejou e procurou fazer ali, estando vivo.

Nem deixarei de notar o que muitos, ainda dos que não eram da nossa Igreja notaram, que, sabendo todos quanto desejava destruir aquele lugar e procurando os vizinhos, por vezes, de o fazer

por lhe dar gosto, nenhum ficou em Tigré mais livre e sem perda que ele. Uma vez, juntou um homem grande que morava como duas léguas junto de nós, oitocentos homens e mandou recado a outros lugares, que lhe ajudassem a derribar nossa casa e queimar o lugar, em que então não havia mais que alguns velhos e três padres e as mulheres dos portugueses que estavam quatro dias de caminho dali, com o vice-rei; mas entretanto que esperou pela outra gente, que se não contentava com os oitocentos, ouviu o vice-rei o que nos queriam fazer e veio com sua gente de guerra, como pela posta<sup>1</sup>, a nos acudir. E chegou o mesmo dia que estavam para dar em nós; mas, à tarde, antes tiveram eles novas de sua vinda e fugiram.

Outro senhor, maior que este, determinou depois fazer o mesmo e levar-nos, a três padres que ali estávamos, de presente ao alevantado; mas porque um vice-rei, que ficara em lugar do irmão do imperador que já tinha<sup>2</sup> acabado, estava muito doente e descuidado em um lugar que estava pouco mais de uma légua de nós, quis de caminho matá-lo. E para isto veio, de noite, com mais de mil e seiscentos homens, segundo diziam, e tão em secreto que, se um da terra que os viu, não correria diante e avisara ao vice-rei, o tomavam deitado na cama, sem nenhuma resistência. Nem ainda ele dava crédito e, assim, mandou prender ao que trouxe a nova; contudo, vendo que o afirmava por coisa muito certa e, ainda, que [fol. 357] não haviam de tardar muito em chegar, se levantou da cama como pôde e mandou chamar sua gente e não se acharam trezentos, porque os mais estavam alojados em outras partes. E, com estes, queria sair ao campo por onde vinham, mas disse o capitão dos portugueses, que acertou de se achar ali com alguns: «Senhor, não convém. Já será meia noite e logo há-de sair a lua e, se formos ao campo, verão quão poucos somos e pelejarão com mais ânimo e, sem falta, nos desbaratarão. Melhor será estarmos encostados a estas casas e, como eles chegarem, a tiro disparar algumas espingardas que há (que eram seis ou oito) e arremetermos logo.» Aprovou ele este conselho e assim o fizeram, com o que os inimigos ficaram mui embaraçados e com tão grande medo, parecendo-lhe que era grosso exército que de propósito esperava, que quase sem pelejar viraram as costas; e morreram muitos, mas escapou seu capitão. E, dali a algum tempo, o tomaram e cortaram a cabeça; que, se lhe saíra a sorte com o vice-rei, não só nos tomava, aos três padres que estávamos bem descuidados e sem nenhum modo de resistência, mas o reino de Tigré ficava pelo alevantado.

Em esta conjunção houve um sonho que, ainda que o seja, o referirei e foi que, vindo, um dia antes, para nosso lugar, um português e um mancebo católico que serviu algum tempo ao Padre Francisco Lopez, que foi um dos antigos, e, não podendo chegar, ficaram a dormir meia légua dele. E, estando dormindo, pouco depois de meia noite, parecia-lhe, ao mancebo, que via descer do céu ao Padre Francisco Lopez mui resplandecente e que lhe ouvira dizer: «Irá, irá.» Chegando defronte de nossa igreja, começou a dizer: «Paz, paz», e tinha em os braços a Nossa Senhora e outro padre, dos de agora, estava perto dele e tinha no ombro a Cristo Nosso Senhor menino com a cruz às costas; e disse-lhe o Padre Francisco Lopez: «Contai isto que vistes.» Perguntou ele: «A quem o hei-de contar?» «A vosso companheiro», disse o padre. Acordou ele então ao português e referiu-lhe o que sonhara. Respondeu-lhe o português que dormisse e deixasse sonhos; mas<sup>3</sup> chegando, outro dia, ao nosso lugar e sabendo o perigo em que estivemos e que aquela mesma hora pelejara o vice-rei, o contaram por mais

<sup>1</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: que todos se aparelhassem.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 304v/294v].

<sup>3</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: da serra.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: multidão.

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: da serra.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: já.

<sup>7</sup> *Ms. 778 BPB*: ao outro dia.

<sup>8</sup> *Ms. 778 BPB*: tocar.

<sup>1</sup> Sem descanso, rapidamente.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 305/295].

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 305v/295v].

que sonho. O que nós temos por certo é que, o guardar-nos Deus Nosso Senhor com tanta paz e livrar-nos de tantos perigos, nos veio pela intercessão do santo padre patriarca.

Não somente honrava o Senhor a este Seu servo com revelações manifestas, mas também o acreditava com castigar [fol. 357v] rigorosamente aos que o ofendiam. E, deixando os açoutes que deu ao Imperador Adamâs Çaguêd, que depois que começou a perseguir ao padre patriarca nunca lhe faltaram, como se vê no que acima dissemos, saindo o padre patriarca daquela serra onde estava degradado, lhe pediu o que levou o recado do imperador para que o soltassem, que lhe pagasse o caminho que fizera por amor dele. Respondeu o padre que não tinha coisa nenhuma que lhe poder dar, mas que, como chegassem a um lugar de portugueses, por onde haviam de passar, lhes pediria alguma esmola para lhe dar. Foi ele com isto contente, porque sua casa também era perto daquele lugar. Porém, chegando lá, não acharam mais que uma mulher. Tornou ele a importunar que lhe pagasse e, dizendo-lhe o padre que esperasse até outro dia, que havia de vir o senhor da casa, não quis, antes com muita soberba e agastamento tomou um roxete e uma estola do padre. Disse a mulher que não o tomasse, que era fato da igreja, ao que ele respondeu que não era senão mesquita de mouros. E assim o levou, ficando o padre patriarca com os olhos postos no céu, dizendo: «Ah Senhor, ah Senhor.» E tendo andado como um quarto de légua, tornou correndo com extraordinária pressa e, sem falar palavra, botou o fato diante do padre e voltou com a mesma pressa. Ficaram maravilhadas e atemorizadas umas mulheres que ali estavam e disse uma: «Jesus, e como se mudou o rosto daquele homem; parece que endoudeceu.» Dali a dois ou três dias, veio sua mulher, que morava perto, a perguntar por ele, que não chegara a sua casa; e, dizendo-lhe como se fora, o buscaram ela e seus parentes por toda a parte e não o acharam, nem se soube mais novas dele; o que vendo a mulher daquele português, que ainda não era católica, se reduziu à nossa santa fé. E foi tão grande o medo que, com isto, lhes ficou aos daquela terra, que não se atreviam, dali por diante, a chegar a fato de portugueses. Tanto que, daí a muito tempo, fugindo-lhe a aquele português duas vacas, foram ter a um lugar longe, onde as tomaram; e estando já para as matar, disseram alguns, que as conheceram: «Não façais tal coisa, que são de portugueses. Quem toma <sup>1</sup>seu fato, logo avoa como vento, sem aparecer mais, como sucedeu a fuão.» Pelo que as levaram até à casa do português, cujas eram.

Também, como dissemos no fim do cap. 6.º, depois que o Imperador Adamâs Çaguêd foi desbaratado em Tigré, indo o padre patriarca em sua mula para o arraial de Isaac, o achou um soldado e o fez descer e, subindo ele, [fol. 358] levou a mula; mas, entrando em sua casa, lhe morreram subitamente a mulher e dois filhos que tinha, do que ficou com tão grande medo, que logo ao seguinte dia tornou a mula ao padre e, lançando-se<sup>2</sup> aos pés, lhe pediu perdão, dizendo que, pelo desacato que lhe fizera, o castigara Deus de maneira que, com estar sua mulher e filhos sãos e bons, em entrando ele na casa com a mula, lhe morreram; que ali a trazia e lhe pedia muito rogasse a Deus por ele, porque ainda arreceava outro castigo. Disse-lhe o padre que não tivesse medo, que lhe não havia de vir mais. E depois, sempre de quando em quando, vinha a visitar ao padre e lhe trazia alguma coisa. Estes e outros castigos foram muito notórios a todos, com o que, não só a gente da terra tinha grande medo, mas os católicos também, por uma parte temiam e engrandeciam a divina justiça que tão depressa tornava por seu servo, por outra parte cresciam no amor e respeito do

padre, vendo com os olhos como Deus o trazia nos seus, não só para Lhe fazer mercê a ele e àqueles por quem Lhe intercedesse, mas para castigar aos que o ofendessem.

Com ter muitos trabalhos e indisposições nunca deixava de escrever diversos tratados contra os erros de Etiópia e tresladar, por sua mão, na língua da terra, as coisas de nossa santa fé, para que melhor as pudessem todos entender, tomando para isso o tempo que houvera de dormir e descansar e o demais gastava em pregar e ensinar, não só aos portugueses e católicos, mas também aos cismáticos, semeando, em todo o tempo e de quantas maneiras podia, a semente da palavra divina à imitação de seu mestre, Cristo, que tão liberalmente a lançava, não só na terra boa, mas<sup>1</sup> sobre as pedras e sobre os espinhos, *Lucas*, 8<sup>2</sup>, ainda que sabia muito bem que os mais dos corações dos etíopes eram, naquele tempo, como pedras e espinhos em que não havia de dar fruto nenhum àquela semente celestial; o que também tinha bem entendido o santo papa Pio V, quando, dando a razão porque o mandava sair de Etiópia e suas pregações e doutrina não davam fruto, disse em seu *Breve*, que acima <sup>3</sup>referimos: *Depois de haver gastado muitos anos sem poder tirar fruto, com todo vosso trabalho e piedosa indústria, pela dureza de coração desses povos e pela pertinácia que têm em querer conservar seus antigos erros.*<sup>4</sup> Contudo, nunca, até à morte, deixou o padre patriarca de trabalhar pelos tirar deles com vários escritos, que sempre lhes dava com pregações e disputas contínuas e com grande perseverança, pedindo a Nosso Senhor em suas orações [fol. 358v] tivesse, por bem, de os alumiar<sup>5</sup> e dar graça com que deixassem sua perfídia e se sujeitassem à santa Igreja romana.

## CAPÍTULO XI

### DA MORTE E SEPULTURA DO PADRE PATRIARCA D. ANDRÉ D'OVIEDO.

**E**m os exercícios que, temos visto, se ocupava o padre patriarca com grande fervor e zelo do bem dos próximos, quando se lhe chegou o tempo de sua morte, se é bem que chamemos morte ao ditoso trânsito daquele que havia já muitos anos que morrera ao mundo, para naquela hora poder seguramente viver a Deus<sup>6</sup>. Sem dúvida havia muito tempo que podia dizer com S. Paulo: *Vivo eu, já não eu, mas vive em mim Cristo*<sup>7</sup>, porque sempre teve<sup>8</sup> crucificada com ele sua carne e todas suas paixões e, assim, desembaraçado delas, estava em contínua vigia este servo fiel, com grande esperança da hora em que o Senhor lhe havia de vir bater à porta, com a festa e prazer que trazem os que vêm de bodas. E o primeiro recado que lhe mandou diante, como dizendo *Ecce, sponsus venit*<sup>9</sup>, foram umas extraordinárias saudades do céu e tão acesos desejos de se ver livre das

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: também.

<sup>2</sup> Paráfrase da parábola evangélica do semeador (*Lucas* 8, 5-8).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 306v/296v].

<sup>4</sup> Ver livro III, cap. VIII, *supra*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: aliviar.

<sup>6</sup> Viver em Deus.

<sup>7</sup> *Gálatas*, 2, 20.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: com ele.

<sup>9</sup> *Mateus*, 25, 6: «Eis, o esposo vem aí».

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 306/296].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: -lhe.

ataduras da carne e estar com Cristo, que lhe causaram um fastio geral de todas as coisas da terra, como ele mesmo disse ao Padre Manuel Fernandes, superior da missão, segundo me afirmou um português honrado que veio com eles da Índia, e se chamava Francisco Dias Machado, a que já também Nosso Senhor levou para si. De modo que, desejando antes a vida para ensinar a<sup>1</sup> os de Etiópia a verdadeira fé e procurar (como sempre fazia) de os trazer à obediência da santa Igreja romana, já lhe não lembrava mais que o aparelho da morte.

Outra mercê lhe fez logo Deus Nosso Senhor, que recebeu com grande alegria e consolação de sua alma, e foi dar-lhe uma febre muito aguda com intensas dores de pedra de que muitas vezes adoecia, porque nunca teve por menor dom do Senhor a doença que a perfeita saúde. E, estando um dia mui atormentado das dores, acertou de o visitar um médico <sup>2</sup>cismático e lhe disse que, se fizesse certa mezinha, sem falta seria livre delas; mas vendo o padre que naquilo havia ofensa de Nosso Senhor, lhe respondeu que, ainda que soubera de certo que lhe haviam de durar aquelas dores muitas centenas de anos e com a mesma certeza entendera que com aquela mezinha havia de ser logo são, não a houvera de fazer, nem buscava outros remédios mais que sofrer com grande paciência as dores, dizendo: «Benzerei [fol. 359] ao Senhor em todo o tempo.» E assim o benzia e louvava continuamente, por tantas e tão grandes mercês, como de sua liberal mão tinha recebidas e por aquela tão singular, que então lhe fazia, de morrer por Seu amor naquele lugar tão desamparado das coisas humanas, que tal era então Fremona, situada ao longo de um mato onde não havia mais que bestas feras.

Chegando-se-lhe a última hora da partida deste mundo, foi sua alma consolada com uma extraordinária alegria e singular confiança de alcançar o prémio que, diz S. Paulo, tem Deus aparelhado para os que o amam, *1 Coríntios 2<sup>3</sup>*, que, como quem estava já à vista do porto, o teve por muito certo e ficou tão livre dos temores do demónio, que naquele tempo costuma haver, quão certa da presença e segura do favor de Deus que tantas vezes experimentara e vira da sua banda direita, por que nada a pudesse mover nem cometer. E assim com esta invencível confiança na misericórdia divina, com todos seus sentidos inteiros chamando pelo nome de Jesus, pagou o tributo de toda a carne, saindo aquela santa alma da sua tão fácil e suavemente, quão livre e desapegada andou sempre dela, deixando-a com tão grande formosura, como se já lhe começara a comunicar parte da glória, a que todos temos por certo a levou logo o Senhor, por Sua infinita misericórdia.

Faleceu no ano de 1580, no mesmo dia que ele fazia festa a S. Pedro e S. Paulo, dando aos pobres o que podia, não a 29 de Junho, como a celebra a Igreja romana, senão aos 9 de Julho, como se festeja em Etiópia, por razão dos dez dias que se tiraram na reformação do tempo de que cá não têm notícia, mais que a que lhes agora imos dando,<sup>4</sup> vinte e três anos depois que entrou em Etiópia. Acharam-se presentes três padres que então eram vivos e, pelo grande conceito que tinham de sua santidade, ainda depois de expirar o reverenciavam como a vivo e com muitas lágrimas e sentimento o choravam como a defunto. Com as mesmas o choraram muito tempo os portugueses e católicos, os órfãos e viúvas, que então se deram por tais e, com grande desconolação, suspiravam por tão bom pai, os casados por seu mestre e todos por tão vigilante pastor. Até os

cismáticos mostraram tão grande sentimento que, como o vice-rei que então era de Tigré, que se chamava Isaac, ouviu dizer que o<sup>1</sup> patriarca era morto, dando com ambas as mãos em seu rosto, exclamou, dizendo: «Morreu o padre patriarca? Morreu o padre patriarca? [fol. 359v] Acabados somos todos e destruídos.» Porque em vida tinha<sup>2</sup> tão grande conceito de sua santidade, que dizia muitas vezes diante dos seus que, por suas orações, se sustentava toda aquela terra. E quando algumas vezes passava pelo lugar de Fremona, visitava ao padre e nunca se detinha a comer, por não ser cioso, mas depois que se despedia, lhe mandava ordinariamente o padre quatro ou seis pães; ele os tomava em as mãos e entregava a seus criados, dizendo: «Este é pão bento, guardai-mo muito bem, porque eu só o hei-de comer.» O mesmo conceito tinha dele o abade de um mosteiro grande, que está como meia légua de Fremona, a que chamam *Abba* Guerimã. E afirmou, diante de muitos, que, vindo uma névoa muito densa e como pó e tão peçonhenta que, por onde passava, adoeciam e morriam como se fora peste, ele, com grande medo, se pôs em oração, pedindo a Deus misericórdia e ouviu uma voz que disse: «Pelas orações do patriarca dos portugueses, perdoei a esta terra.» E nenhum adoeceu, nem morreu nela.

Foi sepultado na igreja do mesmo lugar de Fremona, que então era muito pequenina e coberta de palha. E depois, fez muitos milagres que já andam impressos e não refiro aqui, por não ter ainda inteiramente o instrumento autêntico que deles se tirou, como acima dissemos. Só duas coisas referirei que, por serem mais novas, tenho ainda na memória. A primeira, que, estando muito doente um cirurgião católico, a quem eu vi fazer curas muito grandes e sempre foi afamado em Etiópia, e tendo aplicadas quantas mezinhas sabia a uma chaga muito grande que tinha em uma ilharga, sem tirar mais delas que ir cada dia para pior, tomou por <sup>3</sup>último remédio fazer que lhe trouxessem a terra da sepultura do padre patriarca e, desfazendo-a em água, untou a chaga duas ou três vezes com ela e ficou perfeitamente são. Nem foi menos maravilhosa a saúde que, com o mesmo remédio, achou uma donzela católica que, havia muito tempo, tinha um pé inchado com uma chaga tão peçonhenta, que nenhum de muitos remédios que lhe fizeram aproveitaram para nada, até que tomou da terra da sepultura do padre e, desfazendo-a também com água, untou todo o pé e, com isto, sarou e está hoje são, sem nunca mais sentir coisa alguma.

Não somente os católicos, mas também os cismáticos têm tão grande devoção ao padre que, continuamente, levam terra de sua sepultura para suas doenças; e assim, por mais que tapemos, sempre tornam a fazer nela cova muito funda e, de ordinário, lhe trazem ofertas de trigo e de outras coisas. E, uma vez, entrou um com boa quantidade de trigo e o pôs<sup>4</sup> sobre a sepultura, dizendo diante de alguns dos nossos: «Padre, isto vos trago, porque me despachastes o que vos tinha pedido.» Também têm tão grande [fol. 360] reverência a esta sepultura, que quando querem dar algum grande juramento, o vão a fazer sobre ela.

Vendo eu estas coisas e as maravilhas que Deus Nosso Senhor obrou por Seu servo, conforme ao que juraram muitas testemunhas no instrumento que se tirou de sua vida e morte, determinei mandar sua santa cabeça à Índia, para que lá também participassem de tão grande tesouro. E assim, fui com alguns que se acharam presentes quando os padres o enterraram e a tirei e enviei no

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 307/297].

<sup>3</sup> *1 Coríntios 2, 9*.

<sup>4</sup> O ano da morte de Oviedo foi 1577.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 307v/297v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: ~~vice-rei era.~~

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: ~~my.~~

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 308/298]

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: ~~diam.~~

ano de 603. E, depois, a do Padre Francisco Lopes e os ossos de todos pusemos em uma caixa de madeira com seus repartimentos e guardámos em uma como abóbada que fizemos debaixo do altar-mor da igreja, que agora é muito maior que primeiro<sup>1</sup>.

Daqui se vê, quão mal informado foi Frei Luiz de Urreta no que disse, pág. 210, da sepultura e exéquias do santo padre, por estas palavras:

*Al fin murió santísimamente, como avia bivido. Hizieronle las mismas honras que suelen hazer a los emperadores, honrandole todos los de Etiopia, celebrando aniversarios por todas las iglesias del imperio, por espacio de treinta dias. Enterraronle en el cementerio de la iglesia del Spirito Santo del Monte <sup>2</sup>Amara (entierro antiguo de los emperadores). Hallaronse presentes el Preste Juan y toda la corte en sus obsequias (favor grande y<sup>3</sup> muestras de lo mucho que le amavan y preciavan) de suerte que, solo el Padre Andrés de Oviedo, está enterrado en aquel cementerio<sup>4</sup>, fuera de los emperadores<sup>5</sup>.*

Até aqui o autor, o que tudo foi tanto ao contrário, que à sua morte e enterro se não acharam mais que os três padres que então havia e alguns portugueses e os poucos católicos que com ele estavam. E não teve outras exéquias, mais que as que, por eles, lhe foram feitas. Nem o imperador, ainda que quisera, se podia achar a elas, porque estava muito longe e com não poucos trabalhos, pelos muitos alevantamentos que ainda em seu império havia; nem ele conhecia nem viu nunca ao padre. Nem há memória de que se enterrasse imperador nenhum naquele Monte de Amhará<sup>6</sup>, que é o mesmo de que ele falou no cap. 8.º de seu 1.º livro e nós em o<sup>7</sup> 6.º.

## CAPÍTULO XII

### DA VIDA QUE EM ETIÓPIA FIZERAM E DA MORTE QUE MORRERAM CINCO DA COMPANHIA QUE VIERAM COM O PADRE PATRIARCA D. ANDRÉ D'OVIEDO.

Vieram à Etiópia cinco da Companhia com o Padre Patriarca D. André de Oviedo<sup>8</sup>, e entraram aos 19 de Março de 1557, como acima dissemos, no cap. 5.º, o Padre Manuel Fernandes, superior da missão, o Padre Gonçalo Gualdamez e os irmãos Gonçalo Cardoso, António Fernandes e Francisco Lopes, a quem depois o padre patriarca ordenou de missa. Os quatro eram portugueses, e o Padre Gualdamez, castelhano; todos varões [fol. 360v] verdadeiramente apostólicos e

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: a primeira.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 308v/298v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: fueron grandes muestras.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: cemitério.

<sup>5</sup> O autor retoma textualmente a citação de L. Urreta (*Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 21, pp. 210-1) feita por Fernão Guerreiro, na «Adição...», assim como o seu comentário anterior e posterior à citação; ver «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 326v-327 / p. 360.

<sup>6</sup> Ver glossário (Monte de Amhará 'ãmba Gēšen).

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: no 5.º e no.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: patriarca.

pródigos de suas vidas e, assim, as gastaram no serviço corporal e bem espiritual dos próximos, com tão grande caridade e zelo da salvação das almas, que nunca, para ajudar a essa, perdoaram a trabalhos, nem arrecearam perigos, por grandes que fossem. Nem o prémio disso lhe ficou totalmente reservado para a outra vida, porque quanto mais liberais se mostravam com os próximos no que faziam, tanto mais se mostrava Nosso Senhor para com eles, repartindo-lhes, com liberal mão, de Seu divino espírito, enchendo suas almas de heróicas virtudes e de tal grandeza de coração e confiança no meio dos maiores<sup>2</sup> perigos, qual podiam ter no fim dos melhores sucessos. Pelo que, ainda que o jugo e carga que levavam era pesada, se lhe fazia muito suave e leve, lembrando-se também, em suas tribulações, daquelas palavras com que, nas suas, se consolava S. Paulo e animava aos de Corinto, dizendo que, o que aqui não é mais que uma momentânea e leve carga de tribulação, depois rende um imenso peso de glória, 2 *Coríntios* 4<sup>3</sup>.

A vida que fizeram estes benditos padres em Etiópia mais era angélica que humana, que tal nome merece a pureza grande com que sempre viveram. E não só resplandeceu neles esta celestial virtude, mas a caridade para com todos, a humildade em seu modo de proceder, a paciência em os maiores trabalhos e perseguições e a mortificação de todas suas paixões, de maneira que, estando na terra, e mais na de Etiópia, onde cada hora se lhes oferecia ocasião de as mostrar, com tudo isso, as tinham tão sujeitas e estavam tanto sobre elas e sobre as coisas terrenas que parecia que, como se totalmente se esqueceram delas, todo seu trato e conversação era no céu. E, na verdade, a tinham muita parte do tempo, porque o gastavam em fervorosa oração, com o que sobremaneira se edificavam os portugueses e católicos e se consolavam, vendo quão raro exemplo davam em todas as coisas seus mestres. Até os cismáticos se maravilhavam disso e, com não folgarem com eles, julgavam que não havia outros semelhantes em Etiópia; ainda, o mesmo Imperador Adamâs Çaguêd, com os avorrecer tanto, que dizia muitas vezes que os havia de queimar vivos, pela aversão grande que tinha à nossa santa fé, a dava de sua virtude e pureza, no meio das injúrias, dizendo: « Não tivera eu, em meu império, quatro frades tão puros e limpos como estes cães », confessando que os não havia.

Os trabalhos e perseguições que padeciam eram tantos e tão grandes que, se houvéramos de falar conforme [fol. 361] ao que neles ordinariamente julga a natureza, pudéramos muito bem dizer que sua vida não foi outra que uma prolixa morte. Quase sempre andavam por serras e caminhos muito ásperos, de umas partes a outras, ensinando e sacramentando aos portugueses e católicos que estavam em partes mui distantes e ajudando aos pobres da maneira que podiam; outras vezes, <sup>4</sup>fugindo de turcos, de gâlas e dos mesmos abexins, que, depois que morreu o Imperador Atanâf Çaguêd, sempre estiveram divisos e com contínuas guerras civis; e assim, com estas revoltas, umas vezes os roubavam os ladrões (que, ainda em o tempo de paz, quase nunca faltam em os caminhos de Etiópia), outras caíam nas mãos dos inimigos, que lhe tomavam até o que tinham vestido e, por lhe deixarem as vidas, se davam por mui bem livrados. Indo uma vez, o Padre Manuel Fernandes, de uma terra para outra a confessar os católicos, se adiantaram um pouco os que iam com ele e, ficando só, saiu do mato um ladrão forçoso e, lançando-lhe as mãos à garganta o quis afogar; mas foi servido Nosso Senhor, que chegasse um português que vinha detrás e fugiu o ladrão, ficando o padre já qua-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 309/299].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: mores.

<sup>3</sup> 2 *Coríntios* 4, 17.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 309v/299v].

se afogado. Outra vez, indo o Padre Francisco Lopes a Dambiâ a confessar, saíram ladrões ao caminho e lhe deram uma zagunchada em um braço e escapou milagrosamente de outras muitas que lhe tiraram. Quando prenderam ao padre patriarca para o levar ao desterro, deram tantas pancadas no Padre Gonçalo Cardoso que ficou muito maltratado. Fora necessário larga escritura, se houvéramos de contar por extenso os casos particulares. Testemunhas são do muito que padeceram, os que eles mesmos escreveram nas cartas que acima referimos e o que dissemos do padre patriarca, a quem sempre acompanharam. Só trarei aqui à memória aquelas palavras da carta que todos juntamente escreveram a Roma, cinco anos depois que entraram e pusemos no cap. 7.º, onde, dando razão de passo do que lhes sucedeu quando, estando em Tigré com o Imperador Adamâs Çaguêd, foi desbaratado dos turcos, que dizem assim:

*Neste dia de batalha, todos ficámos cativos dos turcos e abexins contrários a el-rei e das vidas nos fez Deus mercê, por meio dos portugueses que ali se acharam, posto que com grandíssimo trabalho nosso. Antes disto, nos tinham roubado quatro vezes. Aqui acabámos de ficar postos em miséria. Pelo que Vossa Paternidade pode ver quais andaremos, andando no campo e nas guerras, cercados de inimigos e entre gente tão alheia de nossos costumes, carregados de dívidas que não podemos escusar, não só por razão de nossa pobre [fol. 361v] família, mas de muitas viúvas e órfãos a quem não podemos deixar de acudir e os da terra não há neles dar esmolos, mas tomar o que se lhes dá e roubar o que se lhes não dá.*<sup>2</sup>

Até aqui são palavras dos padres, em que mostram bem a pobreza em que viviam, os trabalhos que padeciam e os contínuos perigos de morte em que andavam e, da mesma maneira, andaram até acabarem a vida, que foi feliz e ditosamente, como agora veremos, de cada um em particular.

O primeiro que Nosso Senhor teve por bem de<sup>3</sup> levar para si, foi o Padre Gonçalo Gualdamez, grande letrado, caritativo, de muita oração e de singular mortificação. Dizem agora alguns que o acompanhavam nos caminhos compridos quando ia a confessar que, quando assentavam a meio dia no campo para descansar e os outros buscavam sombras para, naquele pouco tempo, terem algum refrigério, que as calmas, de ordinário, são muito grandes, ele se metia, só, pelo mato dentro e se punha ao sol, em oração, umas vezes de joelhos, outras em pé, com os olhos fixos no céu e as mãos levantadas e ficava tão absorto na contemplação, que nem advertia que se passavam as horas de partir, nem dava fé dos que o buscavam, até estarem pegados com ele. A este padre (segundo dizem) mandava o padre patriarca à Índia, com conselho dos mais padres, no ano de 1562, para que desse inteira relação das coisas de Etiópia e mostrasse quão fácil coisa era dar-lhe remédio e o procurasse com o vice-rei e os demais que para isso podiam ajudar. E ia em sua companhia um português que se chamava Marcos Fernandes. Levavam consigo alguns cristãos da terra e um católico de quem se fiavam, para que, secretamente, falassem com o capitão gentio de uma nau de Diu, que estava na ilha de Maçuá, que é perto de Arquico; mas, chegando a um lugar aonde o padre e o português haviam de esperar, enquanto lhe negociavam a embarcação, nenhum dos cristãos que levavam<sup>4</sup>, nem o católico se atreveu ir falar com o capitão da nau, por medo dos turcos que no porto estavam, como me contou o mesmo católico, quando cá entrei. Vendo o padre que não podia acabar com nenhum deles que fosse e desejando muito fazer sua viagem, determinou, com conselho de seu companheiro, mandar um mouro que se mostrava muito seu amigo. E, falando-lhe, se ofere-

ceu com muito gosto e fez a coisa <sup>1</sup>fácil; mas, como os mouros nunca guardam fidelidade na palavra com os cristãos, nem este a guardou porque, em lugar de falar com o capitão da nau, falou com o dos turcos e lhe disse que dois portugueses queriam ir à Índia e a ele o mandaram para que [fol. 362] negociasse a embarcação e concertasse com o capitão da nau em que parte e a que horas da noite se haviam de vir embarcar. Folgou muito o turco com este aviso e disse-lhe que lhes declarasse que noite havia de partir a nau e os trouxesse por perto de Arquico, que ele teria ali posto guarda, para que os matassem. Tornou o mouro onde estava o padre e fingiu que dizia o capitão da nau que tal noite se havia de fazer a vela, que fossem à meia noite à praia para a banda de Arquico, que ali achariam o batel para se embarcar. Deram eles graças a Deus pela mercê que lhes fazia em facilitar tanto a viagem, que já a tinham por mui certa, mas aparelhava-lhes o Senhor outra mais ditosa, que era a do céu. Foram eles ao tempo sinalado e, bom pedaço antes de chegar à praia, disse o mouro que esperassem ali, enquanto ia à praia a ver se o batel era chegado, porque não se detivessem ao longo do mar. Mas seu intento era dar aviso aos turcos como já vinham e, achando-os em vigia, como primeiro tinham concertado, lhes disse que se aparelhassem, que logo os traria; e assim o fez, afirmando-lhes que já o batel esperava. E, chegando perto dos turcos, se alevantaram com seus terçados e, cercando-os, não se contentaram com os tomar, senão que com grande crueldade e fereza<sup>2</sup> os fizeram em pedaços, com o que mostraram bem com quão grande ódio à fé de Cristo fizeram isto, pois não se deram por satisfeitos com os tomar ou matar, senão que chegaram a os atassalhar; pelo que podemos esperar da divina misericórdia e liberalidade do Senhor, por cujo amor se ofereceram a aquela navegação da Índia, que os poria logo no porto seguro da bem-aventurança e lhe daria o prémio que tem guardado a<sup>3</sup> seus santos mártires. De sua pátria e nascença não posso falar, nem dos demais padres, porque não tenho cá quem me dê notícia deles.

<sup>4</sup>O segundo a quem o Senhor foi servido dar o prémio de seus trabalhos foi o Padre Gonçalo Cardoso, a quem, mandando o padre patriarca que fosse em companhia de muitos católicos que se passavam a Dambiâ, para que tivesse lá cuidado deles, o mataram no caminho ladrões, como escreveu o Padre António Fernandes ao padre provincial da Índia, o ano de 1575, de cuja carta referirei um parágrafo, porque, demais de contar a morte do padre, se colige também dele os trabalhos e inquietações que todos padeciam; e diz assim:

*Não se atrevendo os católicos, que [fol. 362v] aqui moravam em três ou quatro lugares, a esperar tantos sobressaltos dos turcos, se foram para o reino de Dambiâ e outras partes; só ficou aqui o padre patriarca com alguns poucos que se deixaram ficar no meio destes perigos, para ver se podiam daqui dar aviso à Índia e receber o socorro da gente que tanto se desejava, se Deus o trouxesse. Mas, vendo como era necessário acudir a aqueles católicos que se iam, mandou o Padre Gonçalo Cardoso e o Padre Francisco Lopes com eles para lá, onde quer que estivessem, os acompanharem. Indo caminhando, deram sobre eles uns ladrões e mataram às zagunchadas ao Padre Gonçalo Cardoso, que era um grande servo de Deus, a quem o Senhor tinha revelado que, naquele caminho, o haviam de matar, como ele, alguns dias antes, declarou a seu companheiro; e assim aconteceu a 22 de Maio de 74. Foi sua morte mui sentida e chorada daqueles católicos, porque perderam nele o mais útil ministro que em muitos tempos puderam achar.*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 310/300].

<sup>2</sup> Ver C. Beccari, *RESOI* 10, Roma, 1910, pp. 146-56.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: foi servido.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que levavam.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 310v/300v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: força.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: aos.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 311/301].



*O Padre Francisco Lopes escapou ferido em um braço, de uma zagunchada, e com Deus o livrar de outras muitas que lhe arremessaram. De todos os mais católicos, nenhum perigou, porque o Diabo parece que não vinha armado mais que contra a Igreja; como também parece que faz quanto pode por estorvar que não venha o socorro da Índia dos portugueses, porque sabe o mal que disso se lhe há-de seguir*<sup>1</sup>.

Isto é o que o Padre António Fernandes escreveu da morte do Padre Gonçalo Cardoso. E uma senhora abexim católica me afirmou<sup>2</sup>, com juramento, que ela fora também em aquela companhia quando o mataram e que, de ordinário, se confessava com ele e assim, a tarde dan<sup>3</sup>tes, lhe fez uma prática, exortando-a que não se esquecesse da doutrina que lhe tinha ensinado e que estivesse sempre muito firme na santa fé da Igreja romana e, despedindo-se<sup>4</sup>, lhe disse: «Ficai embora, que, de hoje por diante, não nos hemos de ver mais. Quererá Nosso Senhor que nos ajuntemos no céu.» Ficou ela maravilhada de ouvir isto, mas não se atreveu a perguntar por que o dizia. E ao outro dia, às nove ou dez horas, deram ladrões na cáfila, por aquela parte por onde iam os padres e o mataram e o Padre Francisco Lopes escapou ferido, mostras bem claras de que o Senhor que, como a íntimo amigo lhe revelou o dia em que havia de partir deste mundo, lhe deu logo no outro o prémio de seus trabalhos e daquela caridade e zelo tão grande, com que até à morte ensinou o que era necessário para salvação das almas.

Ouvindo a grita, tornaram, [fol. 363] com muita pressa, alguns portugueses que iam diante e fizeram fugir os ladrões, mas quando chegaram ao padre já era morto, e seu companheiro o estava chorando, o que eles<sup>5</sup>, com grande sentimento também<sup>6</sup> choraram e ficaram com perpétua mágoa de que, por se adiantarem aquele dia, perderam tão bom mestre e pai. Quiseram-no levar a enterrar a alguma igreja, mas, por ser muito longe, se resolveram, com o Padre Francisco Lopes, em o enterrem naquele deserto. E, depois de algum tempo, tornou o mesmo padre com gente e levou os ossos à igreja de Fremona, onde agora estão em uma caixa. Sabendo o Padre Manuel Fernandes, que era superior da missão, a morte do padre, sentiu na alma tão triste caso e a perda de tão grande obreiro e, vendo que o Padre Francisco Lopes só não podia, sem muito trabalho, acudir a tantos portugueses e católicos, como havia onde ele estava, foi logo a o ajudar e andava sempre sem descanso, de uma parte para outra, confessando e pregando e ajudando aos pobres em tudo quanto podia. Particularmente depois da morte do padre patriarca, teve excessivo trabalho por acudir a todos e alguns me afirmaram tinham<sup>7</sup> por certo que Nosso Senhor lhe descobrira muitas coisas que estavam por vir, como se manifestou em algumas; porque, estando uma vez os portugueses e católicos com grande aflição, por ter persuadido, ao Imperador Adamâs Çaguêd, o principal frade<sup>8</sup> de Etiópia, que cortasse as cabeças a todos os abexins que tinham tomado nossa santa fé, vieram alguns ao padre chorando e lhe perguntaram que fariam. Ele os consolou, dizendo que não tivessem paixão, porque aquele frade não havia de durar dois meses e que, com sua morte, se acabaria aquela tribulação. E, dentro daquele tempo, morreu o frade e o imperador desistiu do que pretendia.

Chegando-se-lhe depois a hora de alcançar o prémio de seus trabalhos, parece que também lhe revelou o Senhor, porque, estando em Dambiâ, juntou os portugueses e católicos e lhes disse: «Aqui vos deixo ao Padre Francisco Lopes. Digo que vos deixo ao santo Francisco Lopes (que ele não estava presente), tratai-o e reverenciai-o como a tal. Eu já me vou a enterrar com o padre patriarca. Ficai com a paz do Senhor.» Sentiram eles muito estas palavras e choraram sua despedida, como se entendiam que o não haviam de ver mais. E assim foi porque, indo a Fremona, adoeceu gravemente de febre e, em poucos dias, o levou [fol. 363v] o Senhor para si dia de Natal – em que ele fazia sempre festa, dando aos pobres o que podia – no ano de 1585, mas havia de ser o dia que os etíopes celebram a festa do Natal, que é dez dias depois de nós. E foi enterrado perto do padre patriarca.

Depois da morte do Padre Manuel Fernandes, residiram de ordinário em Fremona o Padre António Fernandes e o Padre Francisco Lopes e, dali, acudiam, com muito cuidado e diligência, a todas as partes onde estavam portugueses e católicos, ainda que muito distantes. E, sabendo uma vez em Fremona que um português estava mal ferido em outra terra que chamam Naninâ, que serão alguns dezoito dias de caminho dali, partiu logo a toda a pressa o Padre António Fernandes para o confessar. E, passando por onde estava o Imperador Malâc Çaguêd, não o visitou por se não deter, porque nem uma hora queria perder, pelo muito que desejava chegar a tempo, que pudesse confessar o ferido; mas, vendo-o um fidalgo, o disse ao imperador, ao que respondeu que não podia ser, que se enganara, porque o padre não havia de passar sem o visitar. Chegou o padre a Naninâ e confessou o ferido, dando muitas graças a Deus pelo achar vivo. E dali a pouco morreu, que parece pelas orações do padre lhe conservava o Senhor a vida, pa<sup>1</sup>ra que naquela hora achasse tão grande bem como é a confissão e o padre ficasse consolado, vendo de quão grande importância fora sua diligência.

Deteve-se o padre lá alguns dias, administrando os sacramentos aos portugueses e católicos que estavam naquelas terras. E, quando tornou, foi visitar ao imperador e perguntou-lhe ele se vinha de Tigré e respondeu-lhe que não, senão de Naninâ. Disse ele: «A mim me tinham afirmado que Vossa Reverência passara, mas não o podia crer, havendo que não o havia de fazer sem me chegar<sup>2</sup>.» Respondeu o padre que o fizera por arreçar que o detivesse e que, entretanto, morresse o doente a quem ia confessar, que estava perigoso. Ouvindo isto, o Imperador o fez assentar perto de si, o que a ninguém concedia e mandou chamar dois frades, os mais principais que havia na corte, e lhes disse: «Ouvistes em vossa vida coisa como esta? Veio o padre, de Tigré a Naninâ, só a confessar um português que estava ferido e, passando por aqui, não me visitou, com ser tanto meu amigo, temendo que o detivesse e que podia, entretanto, morrer sem a confissão o doente. Se a vós outros vos pediram que fosseis confessar meia légua de caminho, certo é que não havíeis de ir, por mais que vos rogassem.» E, querendo o padre tornar por eles, disse o imperador: «Deixai padre, que eu conheço muito bem a estes.» Depois esteve folgando grande pedaço com o padre e, quando se despediu, lhe mandou dar cem cruzados [fol. 364] em ouro para o caminho. E, indo-o ele prosseguindo, dormiu uma noite em uma lapa muito húmida, por não haver ali outro lugar, que era deserto e, pela manhã, se achou com o colo<sup>3</sup> encordado, de maneira que não podia virar a cabeça, nem falar, senão muito manso e, passando depois por umas terras muito quentes, lhe inchou a garganta e assim foi com muito trabalho até chegar a Fremona onde, depois de receber os sacramentos, acabou

<sup>1</sup> Carta de António Fernandes a Vicente Rodrigues, Fremona, 22.9.1575, in F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 321v-322 / p. 354. Ver também C. Beccari, *RÆSOI* 10, Roma, 1910, pp. 263-5.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: católica.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 311v/301v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: despedindo-se. Errata do copista.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: também.

<sup>6</sup> Omissão no Ms. 778 BPB: também.

<sup>7</sup> Leia-se: «afirmaram que tinham.»

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 312/302].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 312v/302v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: ver.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: pescoço.

ditosamente sua peregrinação, pois foi acudir aos próximos. E foi enterrado com os demais padres no ano de 5931, sentindo todos muito sua morte, pela caridade grande com que sempre os ajudava em todas suas coisas.

Morto o Padre António Fernandes, ficou toda a carga dos portugueses e católicos da Etiópia ao Padre Francisco Lopes, que ele levava com grande sofrimento, caridade e zelo do bem de todos<sup>2</sup> e assim, com ser já muito velho e cansado, lhes acudia no espiritual e temporal, com particular cuidado e diligência, sem dar nunca repouso a sua tão cansada velhice. E, assim, veio a adoecer de trabalho e, agravando-se cada dia mais a doença, ficaram todos muito desconsolados e juntavam-se na igreja a fazer oração por sua saúde. E, chegando ultimamente a doença a ponto que todos o davam por morto, se foram juntamente à igreja, chorando e dizendo: «Como nos deixais, Senhor, neste desterro desamparados? Que será de nós e de nossos filhos? Que remédio terá este vosso pouco gado, entre tanto lobo, sem pastor? Tende, Senhor, misericórdia de nós, que ficamos perdidos.» Com muitas lágrimas, rezaram as ladainhas e, tornando para a casa do padre, o acharam melhor e, como sarou daquela doença, lhes disse em uma prática na igreja, que já o tempo de sua vida era acabado, mas que, por suas orações, lhe tinha Deus dado dois anos mais; que não deixassem de fazer aquela oração que tinham feito. E dali por diante, ficou sempre costume de dizerem todos juntos, os domingos e festas, acabada a missa do dia, uma parte das ladainhas que então disseram. No fim dos dois anos, estando com saúde, disse a um homem: «Daqui a quinze dias haveis de ver uma coisa. Não vos desconsoléis por isso, que Deus vos consolará antes de um ano, trazendo-vos padre que vos acompanhe.» Depois, estando todos juntos na igreja, lhes disse: «Já meu tempo é acabado. Confessai-vos e<sup>3</sup> não vos afasteis desta igreja, porque, dentro de um ano, vos acudirá Deus com Sua misericórdia.» E adoecendo dali a poucos dias, ficaram todos muito tristes e rogavam a Deus que não lho tirasse, o que ouvindo ele, disse que não tinham já que rogar por sua vida, mas que não se desconsolassem, [fol. 364v] que dentro de um ano lhes viria padre, que guardassem muito bem o fato da igreja. E, tomando pela mão a um que se mostrava mais triste, lhe disse: «Não vos afasteis desta Igreja Católica, que vós vereis outros padres que vos hão-de vir ensinar.» E o décimo quinto dia que tinha dito, morreu no fim de Maio de 1597. E o seguin<sup>4</sup>te ano, no princípio de Maio, veio um sacerdote que o arcebispo D. Aleixo de Meneses e os padres da Companhia mandaram de Goa, de quem adiante falaremos.<sup>5</sup>

Foi o Padre Francisco Lopes de grande virtude e santidade e assim o veneravam todos geralmente como a santo. E, deixando o testemunho que o Padre Manuel Fernandes deu dele (como acima dissemos), pelo ter bem experimentado, o Imperador Malâc Çaguêd, homem de grande entendimento, tinha tal conceito de sua santidade que, passando uma vez por Tigré e chegando a dormir meia légua de Fremona, onde o padre estava, disse a um português: «Que remédio terei para ver ao Padre Francisco Lopes?» Respondeu o português: «Mande-o Vossa Majestade chamar, que ele virá logo aqui.» Ao que disse o imperador: «Não posso fazer tal coisa, porque tenho muito medo deste padre que é homem santo.» E ao outro dia, passou perto do lugar e, vendo de longe ao padre,

que saía, esperou até que chegou e esteve grande espaço perguntando-lhe diversas<sup>1</sup> coisas. Diziam também comumente que bebera o espírito do Padre Patriarca D. André de Oviedo, cujo companheiro foi sempre. E estando com ele na serra onde o Imperador Adamâs Çaguêd o tinha desterrado, como acima dissemos, foi a senhora da terra a o ver e, chegando à porta de uma casinha onde os tinham, viu dentro como o sol e a lua e, pasmada de tão grande resplendor, tornou tremendo, sem se atrever a entrar. E contou a seu marido (que era parente do imperador) o que tinha visto, pedindo-lhe muito que rogasse ao imperador os tirasse dali, que eram homens santos, o que ele fez, dizendo ao imperador o que passava e que tinha por certo que, se não os largasse, que havia de morrer ou que havia de ter algum grande castigo; e, assim, os mandou soltar. Nem foi esta vez só a que viram ao Padre Francisco Lopes com resplendor; antes, diversas pessoas afirmaram que muitas vezes, estando dizendo missa, o viram com o rosto resplandecente e os cabelos como fios de ouro e, depois, ficava como antes, com sua cor natural, que era mui baça e os cabelos brancos que sempre tra<sup>2</sup>zia compridos. Parece que era tão grande a enchente da graça e consolação celestial com que o Senhor visitava a alma de seu sacerdote quando oferecia aquele alto sacrifício que, trasbordando por fora, chegava a regar as dos ouvintes.

Desta enchente de graça e lume celestial com que, podemos ter por certo, o Senhor enriqueceu a alma de seu servo, lhe procedia a caridade grande que mostrava com os doentes, que a todos, ainda que não fossem católicos, visitava e ajudava, em quanto podia. E [fol. 365] alguns se edificavam tanto, que diziam que não podia ser que tal homem fosse errado nas coisas da fé, e ouvindo as dele com atenção, se reduziam.

Por discurso de tempo, estiveram seis pessoas doentes de doenças contagiosas e tão fedorentas que ninguém se atrevia entrar<sup>3</sup> onde eles estavam e ele (à imitação do que acima dissemos que fez seu bom mestre, o padre patriarca), os servia, dando-lhes de comer, varrendo a casa e lavando-lhes os panos por sua mão. E uma vez, tendo novas que vinham uns gentios, que chamam gâlas e, como já temos dito, matam quanto acham, tomou às costas um daqueles doentes, que estava cheio de bichos e não se podia bulir, e o levou para uma serra onde todos se acolhiam<sup>4</sup>, por arreçar que, enquanto buscava em que o levar, viessem os gâlas que já estavam perto, mas, antes de chegar ao lugar, se tornaram.

Não somente com os doentes mostrava sua caridade, mas também aos pobres dava quanto tinha. Tanto que, morrendo o Padre António Fernandes, repartiu logo aos pobres o ouro que o Imperador Malâc Çaguêd lhe tinha dado e, depois, quanto fato havia na casa, sem lhe ficar em que dormir mais que um couro roto. E, chegando-lhe, uma vez, um a pedir um pedacinho de pano, porque estava quase nu, cortou um pedaço da loba que trazia vestida e lho deu, porque não tinha outra coisa; e depois, vendo isto uma mulher devota, lhe deu pano com que tornasse a refazer a loba, que não tinha outra.

Também morrendo uma mulher pobre e vendo ele que não tinha<sup>5</sup> em que amortilhar, foi para casa e, tirando a loba que trazia vestida, a mandou para que, com ela a enterrassem. Ultimamente, estando ele mesmo doente, sem ter outra cama mais que o couro em que primeiro dormia,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: 1593.

<sup>2</sup> A numeração do ms. 778 BPB passa do fol. 312v para o 314 (eventual lapso do copista). Ms. 778 BPB: [fol. 314/303].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Confessai-vos e.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 314v/303v].

<sup>5</sup> Ver livro IV, cap. II, *infra*.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: certas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 315/304].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: chegar.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: acolheram.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 315v/304v].

vendo-o daquela maneira um católico também pobre, lhe trouxe uma manta grossa como de cavalo e a estendeu sobre o couro; mas, ao outro dia, chegando à porta um pobre a pedir alguma coisa com que se cobrir, lha deu e ele ficou como antes, desejando sair tão pobre da vida como entrara nela, por se parecer melhor na morte com seu Senhor e mestre Cristo Jesus. E em parte o alcançou, porque ainda que não morreu nu, nem o vestido que tinha aproveitava para com ele se enterar, nem na casa acharam com que o pudessem amortilhar e, assim, foi necessário que trouxesse da sua um devoto, pano bastante com que o envolveu, como fez José ao Senhor com o lençol que comprou, *Marcos*, 15<sup>1</sup>. Juntaram-se logo todos os portugueses e católicos que estavam nos lugares vizinhos a Fremona e, com o sentimento e lágrimas devidas àquele que tinham por mestre e verdadeiro pai, o enterraram perto do padre patriarca. E assim, os que foram companheiros e muito amados na vida, não se afastaram na sepultura, nem se afastarão nunca na glória.

[fol. 365v] CAPÍTULO XIII

EM QUE SE REFERE A HISTÓRIA DO IMPERADOR MALÂC ÇAGUÊD  
COMO A CONTAM OS LIVROS DE ETIÓPIA.

**C**omo morreu Adamâs Çaguêd, pai de Zer Sa Denguêl, se juntaram grandes do império e tomaram conselho sobre quem fariam imperador. E alguns disseram que fosse o maior dos filhos do defunto, porque não se turbasse o povo e houvesse alguma revolta. A outros parecia que não se devia levantar o imperador, sem estarem juntos todos os grandes do império, Hamelmâl, Zarâ Joânnes, Taquelâ Haimanôt e Manadeleôs. Contudo, prevaleceram os que diziam<sup>2</sup> que nomeassem logo imperador, levantando-lhes Deus o espírito, para que este mantivesse o império, com ajuda <sup>3</sup>de gente forte. E esconderam o corpo do imperador e sua morte porque nem houvesse contradição em o que queriam fazer. E o dia seguinte, 12 de Fevereiro de 1563, se juntaram Azâx Cumô, Cafelâ Mariâm cabeça dos cabeças, Abba Azca Denguêl, Cebehâd la Ab e Anania e chamaram a Sarsa Denguêl<sup>4</sup> que, sendo menino na idade e pequeno no corpo, era sábio em seu conselho e grande em suas obras, e o puseram na cadeira de seu pai e perguntaram a Azâx Cumô como queria que se chamasse e disse que Malâc Çaguêd. Não disse isto de si mesmo, senão, porque era cabeça dos doutores, aquele ano profetizou, porque este imperador havia de sujeitar e pôr debaixo de seus pés os reis falsos e os turcos, que depois se levantaram. Acabado isto, publicaram a morte do imperador seu pai e houve grande tristeza e pranto no arraial. E logo foram à igreja onde já tinham enterrado o pai imperador e ali estiveram quarenta dias, fazendo lembrança (quer dizer ler os salmos e outros livros e rezar orações) e deram muitas esmolas como ordenaram os doutores. Depois, foi o imperador com sua mãe Celûz Hailâ e irmãos e todo seu exército à terra de Zamâ, onde

estiveram<sup>5</sup> a Páscoa da Ressurreição. E logo partiram para Gojâm e assentaram seu exército ao pé do monte da igreja Mangêsta Samayat, onde estava a imperatriz Sebelâ Oanguêl, sua avó, a qual fez que o imperador, seus irmãos e sua mãe estivessem lá cima, com ela, porque lhes tinha muito amor, deixando o arraial em baixo. Disto tomaram ocasião os grandes que ali estavam para murmurar, pela malícia que já tinham em seus corações, que quem se quer afastar do amigo sempre busca ocasiões<sup>1</sup>. E juntando-se, juraram secretamente entre si, e concertaram de se levantar contra o imperador e, assim, desarmaram o debanâ (scilicet, a «tenda imperial») e, dobrando-a, foram a Ezlamô, cabeça dos conjurados que estava em Gojâm, sem ficar com o imperador mais que oito cavaleiros que se ofereceram ao acompanhar até à morte.

[fol. 366] Em este tempo, veio Hamelmâl com Azmach Taclô Romçaguêd, porque se concertaram de partir todos três, por sorte, os cavalos do Imperador Adamâs Çaguêd e puseram seu arraial em Dêbra Orc e, ali, foram a se ajuntar com Hamelmâl, os azâges e soldados, muitos de cavalo e de pé, todos em ordem, até os pajens do imperador, porque todos se tinham revelado<sup>2</sup>. Então Hamelmâl, com seus companheiros, foram onde estava a imperatriz velha mostrando grande tristeza com fazerem tantos males a seu neto procurando de lhe tirar <sup>3</sup>o império, mas o que mora em os céus se rirá deles, etc.<sup>4</sup> Mostravam-se tristes e chorosos, mas os corações tinham alegres e cheios de engano. E, depois que acabaram de chorar, se foram caminho de Xâoa, ficando a imperatriz chorando com seus netos e sua mãe, Adamâs Mogoçâ, foi com eles chorando, por lhe parecer que teriam piedade dela e de seu filho, pois eram seus parentes. E como chegaram a Xâoa, assentaram seu arraial em Dagâbetân e, ali, fez Hamelmâl fortaleza. O imperador e seus irmãos ficaram com a imperatriz Çabelâ Oanguêl, lembrando a Deus os trabalhos que lhes davam e o que lhe faziam aqueles que tinham recebido muitas honras de seu pai; mas não apressou Deus o castigo dos ingratos, porque esperava que se convertessem e fizessem penitência.

Pouco tempo depois, foi Harbô à imperatriz e, falando-lhe em pé, lhe pediu os meninos, dizendo que Azmach Isaac os mandava levar. Ouvindo ela isto, teve grande paixão e, com muitas lágrimas, lhe pediu que os deixasse, mas não teve piedade dela no coração, escusando-se com Isaac. Contudo, chorou tanto que acabou com ele lhos deixasse aquela noite, com excomunhão e fiadores, para os entregar pela manhã e, com isto, se tornou a seu arraial. Depois, veio um homem e, pondo-se perto da cerca, pôs uma mão na garganta, como se queria afogar, e, com a outra, sinalou para o mar, sem falar palavra. Vendo isto, os que estavam com o imperador entenderam que lhes queria dizer que haviam de botar cadeias ao pescoço aos meninos e levá-los para a banda do mar, por ser este o costume dos turcos, que botam cadeias ao pescoço e levam os cativos onde querem e que aquele homem tinha juramento para não falar aquele secreto e, por isso, o dava a entender com sinais. Então Mercoreôs com outros determinaram de os levar a outra terra e declararam seu conselho ao menino e a seu irmão Fiquitôr; e eles também o [fol. 366v] aprovaram sem arreçar o trabalho do caminho, nem temer os que os haviam de seguir, porque Deus os queria livrar do laço que lhes tinham escondido. E determinaram a hora em que haviam de sair secretamente e, deitando-se e dormindo no oratório da imperatriz, acordou depois o imperador e disse que sonhara que o acordara uma freira e o fazia sair <sup>5</sup>de casa, indo diante guiando e que logo desaparecera. E assim, logo

<sup>1</sup> *Marcos* 15, 46.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *dissenam*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 316/305].

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *Cebelhâd la Ab e Anania e chamaram a Sarsa Denguêl*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *tiveram*.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *ocasião*. Registo de natureza epigramática.

<sup>2</sup> Rebelado; formado a partir da lição «revel».

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 316v/305v].

<sup>4</sup> Referência ao *Salmo* 37.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 317/306].

se levantaram e foram, sem dar parte de nada à imperatriz que estava na igreja fazendo oração, com muitas lágrimas, porque estava excomungada para os entregar outro dia. E fizeram seu caminho para a banda do Abaoi (scilicet, Nilo) e ambos irmãos subiram em um macho muito fraco que não tinha mais que um olho, e assim foram com muito trabalho, sem descansarem toda a noite; e, saindo de Dimâ, dois frades os guiaram, porque eram amigos deste imperador.

Sabendo Harbô, pela manhã, como eram fugidos, aceso com grande paixão e ira, mandou seus criados por todos os caminhos e recado aos das terras vizinhas, dizendo que, a quem lhe trouxesse aqueles meninos, daria muito fato e mandos e faria muitas honras. E correu isto de maneira que, chegando eles a Abaoi, três dias depois que se afastaram da imperatriz, não os queriam deixar passar porque os conhecerão, do que eles tiveram muito grande paixão e se davam por perdidos e entregues nas mãos de Harbô; mas, depois, com<sup>1</sup> muitos rogos, os deixaram passar, juntamente com sete criados que os acompanhavam, aos 11 de Fevereiro do primeiro ano que reinou, tendo-lhe tirado o império aos 29 de Maio. Passado o rio, deram graças a Deus que os livrara de seu inimigo. E foram subindo uma serra a pé com muito trabalho, porque não estavam acostumados e o macho não podia andar. E assim chegaram a um mosteiro, que chamam Celalô, onde foram muito bem agasalhados vinte e um dias que ali estiveram. Entretanto, Laecô, eunuco da Imperatriz Çabelâ Oanguêl, tornou onde ela estava e trouxe a coroa do imperador e, tomando a bênção do abade e frades do mosteiro, foram a Cebelâ e, ali, souberam que Hamelmâl os mandava tomar por um homem mau que se chamava Mazcâl, o que lhe causou grande espanto. E assim foram caminhando por desertos, levando por guia Belên, e padeceram muitos trabalhos, por estar o caminho cheio de espinhos. E muito maior foi o perigo que depois tiveram em passar o Rio Româ, que estava muito cheio; porém, o medo que tinham da gente de Hamelmâl, que os seguia, os fez aventurar. E, como passaram, acharam logo o irmão de Belên [fol. 367] que os agasalhou como era razão e mandou recado à imperatriz, como iam para ela. Respondeu que tomassem outro caminho, porque arreceava muito a Hamelmâl. E, assim, mandaram a Abba Feta Denguêl que falasse com os soldados que estavam em Cebrât, para que se lhes ajuntassem e, ain<sup>2</sup>da que no princípio não se fiavam dele, parecendo-lhes que seria invenção de Hamelmâl, que os queria provar, depois que entenderam ser<sup>3</sup> certo o que dizia, juraram de morrer pelo imperador seu senhor e foram logo lá trinta de cavalo e quinhentos de pé e levaram presentes ao imperador, de vestidos, tendas, mulas e outras coisas, cada um como podia. E depois foram para Enyelân, onde se lhes ajuntou Azmach Taclô, com trinta homens de cavalo e muitos de pé.

Ouvindo isto, Hamelmâl teve tão grande paixão, que ficou como fora de si e mandou chamar a Taquelâ Mariâm, homem já velho, descendente do Imperador Seif Arad e o alevantou por imperador, que passasse o império a outra casa, que não que o tivesse seu sobrinho, porque Hamelmâl era filho de Romanâ Orc, irmã do Imperador Levena Denguêl. E, partindo logo com o novo imperador e entrando em Damôt com quinhentos de cavalo e tantos de pé, que não tinham conta, assentou suas tendas defronte do arraial do imperador, o qual se alevantou de noite e foi a Enaxân e ali se lhe ajuntou Azmadân, mouro malaçai, com seus mouros, a quem primeiro tinha mandado recado. Vendo isto, Hamelmâl deu logo batalha e durou três horas, sem se conhecer a vitória, porque Hamelmâl estava encostado a uma fortaleza; mas depois o tiveram cercado nela, até que sua gente veio a ter muita fome e, assim, falou com a Oizaro Amatâ Guiorguiz<sup>4</sup>, que tinha em seu

arraial, porque a tomara perto de um mosteiro e lhe pediu que lhe perdoasse e que lhe alcançasse perdão do imperador, porque o diabo o enganara e o fizera pecar contra Deus e seu senhor e ele tornaria a concertar o império que desmanchara e assentaria ao imperador em sua cadeira. Foi ela ao imperador e acabou tudo como lhe tinha pedido, e Hamelmâl entregou ao velho que tinha feito imperador e outro menino que lhe mandara Azmâch Isaac, a quem também tinham alevantado por imperador e ambos entregou como cativos. E fez assentar ao imperador em sua cadeira [fol. 367v] mas ele não lhes fez mal. Tudo isto foi no<sup>1</sup> segundo ano de seu império, aos 23 de Fevereiro.

Dois dias depois que Hamelmâl fez isto, estando o imperador na igreja ouvindo missa, fizeram treição Facilô, Caflô, filho de Melaxô, Eslamô e os demais grandes de Hamelmâl, porque, levando toda a gente de pé e de cavalo, cercaram de súbito ao imperador e aos<sup>2</sup> seus e roubaram o fato do imperador e da imperatriz, sua mãe, e de todos os demais, até despirem as mulheres, sem terem piedade nem pejo de ninguém, com maior crueldade e fúria que se foram gentios e meteram ao imperador, com seus irmãos e irmãs, em uma tenda.

Vendo isto, Hamelmâl ficou como fora de si, chorando porque o fizeram sem ele saber nada, e disse: «Fizeram-me meus criados, como Judas que vendeu a seu Senhor.» E, repreendendo-os muito, lhes disse que, porque o infamavam tão gravemente, dando a entender que quebrava a excomunhão e juramento que tinha. E com estas e outras palavras semelhantes, os quietou e persuadiu que obedecessem ao imperador e, fazendo que todos se pusessem em ordem, disse ao imperador que subisse em seu cavalo e ficando em pé diante dele, disse: «Eu, Hamelmâl, filho de Româna Orc<sup>3</sup>, fiz imperador a meu senhor Malâc Çaguêd, filho de meu senhor Adamâs Çaguêd. A culpa que cometi antes de agora, já me perdoou; mas o mal de hoje não foi por meu conselho. Viverei e morrerei com meu senhor.» Logo todos deram vozes de alegria e levaram o imperador a sua tenda, com músicas e festas; e com pregão e excomunhão, fez que tornassem o fato que tomaram<sup>4</sup>. Depois disto, fizeram a Hamelmâl vice-rei de Gojâm e assim, ficando o imperador em Damôt, se despediu e, chegando a Endagabetân, roubou quantos cavalos, mulas e mais gados que havia, sem deixar nada, nem ainda dos frades. Pelo que disseram que Deus não havia de deixar sem castigo a este príncipe de maldade. E assim foi que não viveu um ano inteiro, porque morreu ele e Eslamô no mês de Novembro e Romçaguêd em Junho. E assim como foram unidos em as<sup>5</sup> treições, não se afastaram na morte.

Passado algum tempo, mandou o imperador que Auçâ fizesse justiça com a imperatriz, sobre agravos que dele tinha e por não achar quem fosse seu fiador, o prenderam. E, vendo Guiorguis Hailê que prenderam seu capitão, pôs em ordem toda sua gente, dando no [fol. 368] arraial do imperador, roubaram quanto nele havia, até as igrejas e despiram quantos puderam, deixando-os descobertos como animais e, soltando a Auçâ, se foram para Olacâ. Mas, como chegaram, mandou ele recado ao imperador, dizendo que aquilo não fora por seu conselho, senão pela doudice de sua gente, nem ele se fora por sua vontade, senão com medo do que os seus tinham feito; que lhe perdoasse e que faria tornar todo o fato. Ouvindo isto<sup>6</sup>, o imperador se moveu<sup>7</sup> de maneira que, não somente perdoou a ele que não entrou no conselho, mas a todos os que fizeram

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: por.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 317v/306v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: que era.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: Guinguêl.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: no.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 318/307].

<sup>3</sup> Palavra de difícil leitura no Ms. 778 BPB (talvez «Oic»). Em todo o caso, trata-se de um erro do copista.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que tomaram.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: as.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: isto.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 318v/307v].

o mal. Eles, porém, não se fiavam e, assim, responderam que, se de coração lhes tinha perdoado, chegasse ele só lá, porque se temiam da gente do arraial, a quem tomaram o fato. E, querendo o imperador ir, lhe disseram os seus que não convinha que o imperador fosse a seus criados e muito menos só. Com tudo isto, foi seguindo o Azâx Guerâ e, quando chegou, desceram todos de seus cavalos e mulas e, prostrando-se no chão diante dele, disseram: «Perdoai-nos, Nosso Senhor.» Ele respondeu, com palavras brandas, que já lhes tinha perdoado suas culpas, que dali por diante não fizessem mais. E levou-os consigo a Mugâr, onde estava a Imperatriz Sabelâ Oenguêl e tornaram o fato que tomaram aos do arraial.

Em este mesmo tempo, mandou dizer Facilô ao imperador que lhe perdoasse e que viria, porque mais queria estar com ele por criado<sup>1</sup> que ali<sup>2</sup> sendo senhor, que quando o escravo vinha com muitos criados e cavalos não o enfeitava o senhor. Com estas palavras enganou ao imperador e a toda sua gente; e, assim, disseram que era bem fazer amizade com ele. E, juntando-se com o imperador, se excomungaram, ele e seus criados, para guardar fidelidade e o imperador e os seus, para não lhes fazer mal. Começou ele logo a granjear o coração do imperador e dos grandes com dádivas e presentes, com o que alcançou que lhe dessem o mando de Azmach Taclô. E sempre dava conselho com engano, para mal do imperador, que estava com simplicidade. E sucedendo haver fome no arraial, disse ao imperador que mandasse que o acompanhassem todos, que ele tomaria por força mantimentos que lhes bastasse; mas isto era para lhes tomar lá seus cavalos e mulas. E o imperador, que não suspeitava tal coisa, mandou singelamente que fossem. Porém eles, arreceando sua malícia, não saíram, só o acompanhou sua gente; o que vendo ele no caminho, tornou ao arraial, com grande ira e mandou a seus criados que entrassem dentro das tendas com seus cavalos e que não tirassem as armas. Vendo isto um dos do arraial, o foi dizer ao imperador e que tomasse logo bom conselho. Respondeu que, pois ambos tinham excomunhão e juramento, que não havia que fazer, que Deus julgasse. Estando dizendo isto o imperador, saíram de súbito [fol. 368v] os que estavam aparelhados dentro das tendas e cercaram o arraial e roubaram tudo, como costumavam. Em isto, subiu o imperador em seu cavalo e fugiu, rompendo pelo meio deles. E acompanharam-no Taquelâ Guiorguis<sup>4</sup> e Ta Oaldâi e seguiram-nos alguns dos tredos, mas nenhum se atreveu a chegar ao imperador, porque Deus o guardava e fez que se tornassem os imigos. E depois se lhe ajuntaram setenta de cavalo dos que fugiram e, caminhando toda a noite, chegaram ao Rio de Zebê e passaram com muito trabalho, porque vinha mui crescido e, ali, os agasalhou Conchecâz e deu esplendidamente de comer e beber e camas e, a cada um, seu escravo com sua<sup>5</sup> fouce para segar erva para o cavalo e ter cuidado dele.

Deste lugar, foi o imperador a Corâb, onde estava sua mãe e, juntando-se-lhe Azmach Taclô, lhe tornou o mando que lhe tinha tomado para Facilô. Também se lhe juntou Guiorguis Hailê e muita gente e foram pelejar com Facilô que estava em Guahêguahetâ. E, por quinze dias contínuos, tiveram escaramuças sem chegarem a romper batalha. Depois Facilô e os seus se foram de noite e, pela manhã, os seguiu o imperador com muita pressa e, alcançando-os em Endagabetân, deram batalha e, morrendo muita gente de uma parte e outra<sup>6</sup>, se afastaram, sem se conhecer a vitória.

Vendo isto, o Abuna Iosâb foi, com muitos frades, a Facilô e disse-lhe que vinha fazer amizade, que obedecesse ao imperador e fizesse penitência. Respondeu ele que não queria amizade, porque não tinha

parte com aquele imperador. E assim se tornaram, sem acabar nada. Em este tempo, se lhe foi juntando, ao imperador, muita gente que lhe vinha de todas as partes e da mesma de Facilô, que fugia, deixando-o. E, vendo ele isto, levantou outro imperador, parecendo-lhe que, com isto, se quietariam<sup>1</sup> os seus, mas com tudo isso, dali a dois meses, o deixaram os principais capitães que tinha e se passaram, de noite, ao imperador, pelo que não se atreveu a esperar ali mais. E, assim, tomou o ouro que tinha e as peças de pouco peso e, deixando tudo o demais e as tendas armadas, fugiu com cinquenta de cavalo, de quem se fiava e, ainda que o seguiram os do imperador, não o puderam alcançar; mas depois o tomou no caminho um criado de seu pai, que se chamava Taclâu, e o mandou preso a Azmach Harbô e ele o mandou meter preso em uma ilha do Mar de Dambiâ, que se chama Dec<sup>2</sup>, com que folgou muito o imperador e todo seu arraial fez grande festa.

<sup>3</sup>Passado o inverno do quinto ano de seu império, mandou recado a Cepenehî, governador de Nareâ, que fosse com sua gente, o que ele fez logo. E trazia tanta que cobria os campos, e pagou seu tributo de ouro, acrescentando muito mais do que nunca tinham dado seus [fol. 369] antecessores aos imperadores antigos. Também, a este tempo, mandou Isaac ao imperador um grande presente de toda sorte de sedas, brocados, dotis e saloís<sup>4</sup> sem conto (estes são panos de algodão da Índia) e cavalos muito formosos, porque então estava com o coração limpo.

Depois foi o imperador com seu exército ao reino de Hadeâ, de mouros e, chegando, esperou quinze dias que lhe trouxessem o tributo que costumavam, mas Azê o deteve com enganos, enquanto ajuntava sua gente para pelejar. E como a teve junta, vendo que era sem conto, se pôs em ordem de guerra; o que sabendo o imperador<sup>5</sup>, foi lá com grande ira e, dando-lhe batalha, o desbaratou e matou muita parte de sua gente, mas ele escapou e se tornou a refazer, juntando os que fugiram e outros de novo. Pelo que o imperador mandou seus capitães com muita gente e, tornando a dar batalha, acharam grande resistência, porque os malaçais se determinaram de morrer antes que virar o rosto; mas, depois de terem pelejado muito tempo e morrerem muitos, fugiram os que ficaram e, entre eles, Azê. Porém, entrando dali a pouco ao imperador os principais de sua terra, pedia ele perdão e assegurando o imperador, veio e fez amizade. E passados alguns dias, se foi o imperador a invernar a Cêf Bâr, deixando ali por capitão a Taquelâ Guiorguis<sup>6</sup> para acabar de concertar as coisas de Hadeâ. E depois, entendendo o capitão que o coração de Azê não era limpo, lhe cortou a cabeça e a mandou ao imperador, com o que se sujeitaram também os guraguês gentios; e pagaram tributo de cavalos e mulas, tendo grande medo por verem derrubados os fortes de Hadeâ.

O seguinte ano, partiu o imperador de Cesbâr e foi para Xâoa e assentou seu arraial em Betân e, depois, determinou de passar a Dambiâ, a se juntar com Isaac e Harbô, parecendo-lhe que, por estarem envergonhados do que fizeram a seu pai e a ele, não se atreviam a entrar em seu arraial. E assim se levantou<sup>7</sup>, dizendo que queria ir a se concertar com eles, com amizade e amor. Sabendo Harbô sua vinda, o saiu a receber, até Begmedêr, e o trouxe a Gubâi, onde assentou seu arraial e, ali, banqueteu esplendidamente ao imperador e aos seus e deu a todos tantos presentes, que disseram que nunca príncipe de Etiópia se mostrara tão liberal e franco. Dali a três semanas, chegou Isaac e deu a todos também muitas peças, mas não foram tão aceitas como as de Harbô.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: dele.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: ali.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 319/308].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: Guenguis.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: sua.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: muita gente.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: quietavam.

<sup>2</sup> Ver glossário (lagoa de Dambiâ / lago Ṭana; e Dec / Dâq).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 319v/308v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: saloez. «Salois» é a latinização do nome local do tecido, *sahalawi*.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o que sabendo o imperador.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: Guinguis.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 320/309].

Em este tempo, vieram novas que os turcos saíram a Debaroâ, pelo que o imperador deu licença a Isaac e assim se foi, com muita pressa. Também Harbô tornou a dar presentes e se despediu do imperador e, chegando logo recado que os gâlas entraram em Ôye, com suas mulheres e filhos, e destruíram toda a terra, mandou o imperador juntar de todas partes e chegou lá sem eles o saberem [fol. 369v] e, dando batalha, os desbaratou e matou quase todos e tomou as vacas que eles traziam e as que tinham roubado, que eram sem conto. Isto sucedeu no décimo ano de seu império.

## CAPÍTULO XIV

EM QUE SE PROSEGUE A HISTÓRIA DO IMPERADOR MALÂC ÇAGUÊD.

**T**endo o imperador gastado três anos por aquelas partes, tornou a Dambiâ e achou que era morto Harbô pouco havia. E logo lhe mandou recado Isaac, dizendo: «Não me chame meu senhor porque tenho medo, nem me venha buscar porque não me há-de achar.» Ouvindo isto, o imperador teve muito grande paixão e respondeu: «Quando vos chamámos, para dizerdes que não vos chamemos<sup>1</sup> que não haveis de vir? E quando dissemos que vos havíamos de ir a buscar, para que respondais que<sup>2</sup> não vos<sup>3</sup> havemos de achar? Todas vossas palavras são como de menino que não sabe o que diz.» Depois do inverno, vendo os grandes que Isaac não correspondia com o que estava obrigado e desejando seu bem, pediram muito ao imperador<sup>4</sup> condescendesse com sua franqueza, porque não viesse a perder sua alma, entrando com os turcos e acabaram com ele, que lhe mandasse dizer que obedecesse e ficasse com o mando de vice-rei de 5 Tigré. E, assim, mandou o imperador a Za Paraclitôs, a Azbê e Ite Odît e Abba Camâ<sup>6</sup>, para que acabassem os concertos em esta forma. E como chegaram, lhe disseram ao que iam. Respondeu que fosse assim, mas que se excomungasse o imperador e os grandes com um frade que ele mandaria, para não quebrar o concerto e, depois, ele também se excomungaria de o guardar. Com isto se tornaram e, como se excomungou o imperador e a imperatriz e todos os grandes foram a Isaac, levando um frade do imperador, para que se excomungasse. Ele os recebeu bem, mas foi dilatando a excomunhão de um dia para outro. Entretanto lhe mandou o imperador a cadeia de ouro que trazia ao colo e manilha de ouro, muito ricos vestidos, com uma das mulas de sua pessoa, em sinal de que o confirmava em seu mando e que seria firme o concerto, mas apertando-lhe que se excomungasse<sup>7</sup>. Deu desvio, dizendo que tinha ouvido que Amâ Guiorguis<sup>8</sup> tomara um dos de Israel para fazer imperador; que mandassem eles recado ao imperador do que passava e ele também mandaria e jurou que não entrara em tal coisa. E era falso, porque ele dera princípio a tudo e mandava secretamente recado a Amâ Guiorguis<sup>9</sup>, que lhe enviasse depressa aquele israelita

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: vos chamamos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: vos.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: vos.

<sup>4</sup> Elisão da conjunção «que» a seguir ao verbo declarativo.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 320v/309v].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: Camad.

<sup>7</sup> Pressionando que prestasse juramento.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: Guingues.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: Guingues.

para o fazer imperador publicamente. Escreveram eles ao imperador na forma que lhes dizia e mostraram-lhe a carta; mas, de palavra, mandaram dizer sua malícia.

Enquanto passavam estas coisas, teve novas o imperador que vinha [fol. 370] contra ele el-rei de Adel, que se chamava Mahamêd, mas não se apressou em acudir porque esperava ver o fim das coisas de Isaac. E quando lhe chegou o desengano, disse: «Deus lhe pague conforme as suas obras. Vamos a pelejar com os inimigos de nossa fé.» E, alevantando de Gubâi, passou por Gojam, onde se lhe ajuntou muita gente, e foi para Ôye e, chegando a Mahamêd em Obîl, assentou seu exército à vista do mouro. E começou a ter com ele algumas escaramuças e, cada dia, se passava ao imperador gente do mouro, por conselho de Azmadîn, que era amigo do imperador, e depois se passou ele com muita gente. Vendo isto, Mahamêd fugiu de noite, com setenta cavaleiros e, caminhando para sua terra, tomou em uma parte muitas vacas e deteve-se ali catorze dias. E entretanto se aconselharam os que com ele estavam e, prendendo-o, o levaram ao imperador, fazendo que entrasse no arraial carregado com uma grande pedra. E, ainda que o imperador o não queria matar, senão levá-lo à imperatriz, os grandes fizeram que lhe mandasse logo cortar a cabeça. E, o dia seguinte, cortaram também as cabeças a muitos dos grandes de Mahamêd, vingando, com isto, o sangue de seu tio Atanâf Çaguêd (scilicet Cláudio) que eles derramaram e a Azmadîn fez muitas honras e mercês. Isto foi aos catorze anos de seu império.

Havida esta vitória, alevantou seu exército e, caminhando pelo reino de Damôt, invernou em Abexgâi. E determinava ir a Tigré a pelejar com Isaac mas sua mãe o fez ficar, dizendo que não deixasse a ela e a seus irmãos em as mãos dos gâlas que já estavam em Ôye e, assim, foi para lá e, pelejando com eles, os venceu e matou muitos. Depois, tornando a Dambiâ com muita pressa, desejando chegar a tempo de ir contra Isaac, achou que outros galâs<sup>3</sup> tinham roubado aquela terra e morto muita gente e, encontrando com eles em Oinadagâ, deu batalha e os desbaratou e matou novecentos, afora dos que matou a gente da terra dos que fugiam, que foram muitos. E, por se deter em isto mais do que cuidava, ficou invernando em Gubâi, sem poder ir a Tigré, do que folgaram os grandes, porque desejavam que fizesse amizade com Isaac. E assim lhe pediram<sup>4</sup> lhes desse licença para lhe escrever, que lhe fariam perdoar e que ficasse com seu mando, se quisesse obedecer. O imperador lhes concedeu isto e, assim, lhe escreveram e mandaram seus criados a Debaroâ, onde ele estava, mas respondeu que tinha feita amizade com o baxá de Maçuá, não por cartas, como primeiro, senão sentado com ele em uma alcatifa; e que não fizera isto para pelejar com o imperador, senão, porque [fol. 370v] tinha medo de seu senhor, o tomara por valedor, como faz o escravo quando tem medo. E mandou-lhes um pelouro de bombarda, dizendo que o senhor daquele era o que tomara por valedor. Ouvindo isto o imperador e vendo o pelouro, se maravilhou muito de seu atrevimento e disse a Deus: «Senhor, vede a arrogância de Isaac.» E pôs o pelouro no altar, onde se assenta a pedra de arã<sup>6</sup> e encomendou aos sacerdotes que fizessem oração, para que Deus pusesse os olhos na soberba daquele que não tinha vergonha dos homens, nem medo da divina justiça. E, tirando sua espada da bainha, disse: «Se eu agravei a Isaac, Deus me julgue<sup>7</sup> e castigue<sup>8</sup> e se ele me fez treição, o derrube a meus pés.» E, botando a espada no chão, acertou a dar de ponta e entrou

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Oby.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 321/310].

<sup>4</sup> Ver glossário (galâ / galla / oromo).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 321v/310v].

<sup>7</sup> Ver glossário (pedra de ara / tabot).

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: castigue.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: julgue.

um palmo na terra, como se de propósito a botara com força, o que vendo Acabî, disse: «Isto não foi acaso, senão sinal da vitória que há-de alcançar meu senhor, o imperador.»

Pouco depois, respondeu o imperador a Isaac: «Se vós confiais em os pelouros, eu em Deus, meu Senhor; e se vindes a mim com o turco, eu venho a vós com meu Senhor Jesus Cristo.» E, mandando este recado diante, partiu logo com seu exército, apressando o caminho para achar a Isaac despercebido, como o achou, porque não soube de sua ida até estar já perto. E tinha sua gente espalhada e, assim, ficou muito turbado e os que o acompanhavam com grande medo. E lançou pregão que todos seus amigos cristãos e mouros o seguissem com suas mulheres e filhos, e foi-se para Belaçâ, o que sabendo o imperador, mandou sobre ele muitos cavaleiros; mas não o puderam alcançar; porque fugiu para a banda do mar e eles levavam os cavalos cansados. E assim se tornaram então e ele mandou recado ao turco que lhe ajudasse, oferecendo-lhe muitos prémios e fazendo-lhe grandes partidos; pelo que o baxá veio com seus turcos e se ajuntou com ele. Sabendo isto, o imperador saiu-lhes ao encontro com muita pressa, por que não perdessem a terra e, juntando-se em Maquelbarâ, tiveram uma grande escaramuça, em que ficaram melhor do partido os turcos; mas, dali a quatro dias, 24 de Novembro, tornaram a pelejar e, ainda que o turco tinha muita espingardaria e bombardas com que tirava muitas vezes, a gente do imperador mostrou grande valor e esforço, rompendo até chegar onde estava a bandeira do turco e, ainda que o não acabaram de desbaratar, ficou como vencido. E, passando<sup>1</sup>-se o imperador a um campo largo, mais acomodado para os cavalos, o baxá e Isaac foram por cima de uma serra áspera e assentaram em um lugar forte. Dali, mandou Isaac, que queria amizade, que lhe mandasse sua filha em quem confiava, para lhe descobrir seu coração. O imperador folgou muito e desejava tanto sua [fol. 371] amizade que não duvidou de mandar a infante<sup>2</sup> e que lhe dissesse que o deixaria com o mando e honra de primeiro, com condição que se afastasse do turco e que, juntamente, pelejassem contra ele. Chegando a infante onde estava Isaac, lhe deu o recado; mas ele respondeu com soberba, dizendo: «Porventura aborreerei a quem me veio ajudar? Se o imperador quer amizade comigo, não há-de pelejar com o baxá, senão dar-lhe ouro e deixá-lo ir em paz à sua fortaleza.» Ela também lhe respondeu, mostrando-se enfadada: «Não ouvistes o que Deus fez ao imperador com Facilô, com Mahamêd e com os gâlas e os outros inimigos que se levantaram contra ele? Se vós confiais em força de turcos, a de Cristo é muito maior.» Disse Isaac que de nenhuma maneira havia de quebrar a palavra e juramento que tinha com o turco.

Tornando a infante sem poder acabar nada com Isaac, referiu ao imperador o que com ele passara e quão longe estava de se desunir com o turco<sup>3</sup>, do que se enfadou tanto que disse que quem mais lhe falasse em fazer amizade com Isaac, lhe havia de mandar cortar a cabeça. Dali a pouco, deixaram a Isaac todos seus parentes e os principais criados que tinha e, com muita gente de espingarda e gâlas, se passaram ao imperador; mas nem por isso se humilhou nem abrandou Isaac, antes cresceu mais a dureza de seu coração. E fez que descessem muitos turcos de cavalo e outra gente de espingarda e, saindo a gente do imperador, pelejaram grande parte do dia e, ultimamente, viraram os turcos e os do campo o seguiram, até chegar ao arraial do baxá e derubaram as bombardas e se recolheram com boa ordem; pelo que muitos dos de Isaac se foram ao imperador.

Vendo isto, Isaac e o turco<sup>4</sup> determinaram dar logo batalha, antes que de todo os desamparasse a gente, do que tinha tão grande arreceio o baxá, que disse publicamente: «Em este arraial<sup>5</sup> estamos três parvos: o primeiro sou eu, que saí de minha fortaleza, mandando-me o imperador recado que me daria muito

ouro e que não viesse ajudar a Isaac; o outro parvo é Isaac, porque oferecendo-lhe o imperador amizade e que o deixava como estava primeiro, com tudo isso não quis senão pelejar com seu senhor até chegar à morte; o terceiro e maior parvo, é este rei que alevantou Isaac, que não tendo nem um cavalo, com tudo isso diz que é rei, o que, é causa de todas estas revoltas e trabalhos.»

Aos 21 de Dezembro de 1573, foi muita gente do imperador [fol. 371v] às terras vizinhas, tomar por força mantimentos, que já lhes faltavam, o que sabendo Isaac, disse ao baxá que aquela era boa ocasião para dar batalha e importunou-o tanto que, contra sua vontade, o fez descer a lugar largo com suas bombardas e espingardas. Vendo isto, os do imperador arremeteram e mataram muitos e tomaram alguns cavalos e mulas. E saindo Isaac de entre os seus, arremeteu com alguns trinta turcos de cavalo, mas deixaram-no logo só e, conhecendo-o um criado do imperador, correu d'após ele e, tirando-lhe com o zaguncho, o feriu nas costas e, correndo-lhe muito sangue, se tornou a meter entre sua gente e, descendo do cavalo, se deitou no chão e eles lhe fizeram sombra com seus panos. Disseram-lhe que morrera Garâd, o principal de seu conselho, e respondeu: «Nosso atrevimento foi bom, mas deixamos ruim nome, que morremos como<sup>1</sup> cães sujos.» Em isto, se foram passando para o imperador muitos dos turcos e cessou a guerra, afastando-se uns para uma banda e outros para outra. Chegando, porém, as nove horas do dia, a gente do imperador que fora buscar mantimento, arremeteram todos juntos e, cercando os turcos, pelejaram até que os fizeram cair a todos como folhas da árvore, e a Isaac cortaram a cabeça, achando-o ainda vivo, segundo alguns disseram, e a trouxeram ao imperador e, depois, à do baxá. E prenderam a el-rei que tinha levantado Isaac e mandou o imperador que o guardassem e que pusessem a cabeça de Isaac e a do baxá juntas sobre uma alcatifa, assim como lhe tinha mandado dizer primeiro, que se assentavam juntos em uma alcatifa e, tendo-as diante, disse aos seus: «Vede as obras de Deus e as maravilhas que faz na terra.» E ordenou que se fizessem grandes festas, que todos os despojos lhes<sup>2</sup> ficassem aos soldados, excepto as bombardas e espingardas e as demais armas dos turcos, que queria para si.

<sup>3</sup>Acabadas as festas, alevantou o imperador de Adecorrô e foi caminhando para Debaroâ, o que ouvindo os turcos que estavam na fortaleza que ali tinham feita e<sup>4</sup> que o baxá e os seus eram mortos, enviaram recado ao imperador que mandasse gente de quem se fiasse e que eles obedeceriam e entregariam a fortaleza; pelo que mandou diante a Cebehâd la Ab e a Corbân Heiotê, a quem os turcos se sujeitaram; e quando chegou o imperador, dispararam a artilharia e receberam com festa. E depois lhe entregaram o fato do baxá e dos demais turcos, que era muito [fol. 372] e, tomando para si as mais ricas e formosas peças, repartiu o demais pelos seus. E deu graças a Deus que lhe entregara o fato<sup>5</sup> de seus inimigos e mandou derrubar a fortaleza e mesquita do baxá e aos turcos sinalou capitão. Dali a poucos dias, partiu de Debaroâ para Agçûm e mandou dizer aos sacerdotes que lhe aparelhassem todas as coisas necessárias, porque se havia de coroar ali diante da Arca de Deus de Israel, como seus pais, David e Salomão. Pelo que se ajuntaram muitos clérigos e frades de Sirê e Tigrê e saíram de Agçûm com grande acompanhamento, aos 20 de Janeiro, revestidos os principais debaixo de doze pálios de seda<sup>6</sup> de diversas cores, levando cruces e turíbulos, e chegaram a uma pedra, que está perto do lugar para o Oriente, onde esperam os reis que se hão-de coroar. E, como ele chegou, o receberam com grande aparato e fizeram todas as cerimónias que se costumam na coroação e grandes festas e, alegrando-se muito todos porque, ungiendo-se todos os reis nesta

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 322/311].

<sup>2</sup> Exemplo da conservação da forma «infante», sem declinação feminina, em pleno século XVII.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: com o turco.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: imperador.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 322v/311v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: com os.

<sup>2</sup> Omitido no ms. 778 BPB: lhes.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 323/312].

<sup>4</sup> A conjunção «e» retira coerência à frase.

<sup>5</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: o fato.

<sup>6</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: de seda.

cadeira de Agçûm, desde Ebenahaquêm, filho de Salomão, até Zara Iacob, deste por diante não se tinha ungido nenhum até Çarça Denguîl, que não contamos dois reis que pôs Isaac sobre esta cadeira, porque o fez alevantando-se contra o imperador e estes caíram por virtude divina.

Não se quis deter o imperador em Agçûm, nem estar mais em Tigré, por não molestar a terra com tanta gente e, assim, se foi para Gubâi, onde tinha a cadeira de seu império e, dali, despediu os capitães e homens grandes, para que fossem a suas terras, fazendo-lhes muitas honras e dando muitas peças e formosos cavalos; mas o ano seguinte, os mandou tornar a juntar e foi a Cemên, contra os judeus, porque não queriam pagar o tributo que tinham prometido. E, chegando lá, cercou uma serra muito forte em que estava Calêf com muita gente e mandou dar combate por três partes, mas defenderam-se os de cima grande espaço, botando pedras muito grandes; o que vendo o imperador, mandou que lhes tirassem com uma bombarda e, dando o pelouro no que tinha a bandeira e em uma mulher, se espantaram e desaco-roçoaram de maneira que Calêf se subiu, fugindo, a uma rocha muito alta, com alguns dos [fol. 372v] seus criados; pelo que a gente do imperador subiu onde estavam os demais e mataram muitos e outros cativaram. E um soldado, tomando uma mulher, lhe amarrou uma mão com a sua por que não lhe fugisse e assim a ia levando<sup>2</sup>; mas, chegando à borda de uma rocha muito alta<sup>3</sup>, se botou ela para baixo, dizendo: «Adonai, valei-me.» E, levando o soldado após si, se fizeram ambos em pedaços. E, à sua imitação, se botaram outros muitos, querendo antes morrer daquela maneira que juntar-se com cristãos.

Como foi noite, desceu Calêf com os seus da rocha onde estava e fugiu, por não vigiarem bem os do imperador e, caminhando toda a noite, escapou. Alevantou-se, então, o imperador e foi até ao Rio Mexhâ e achou que da outra banda dele estava Radâi judeu, irmão de Calêf, com muita gente de guerra e todos bem exercitados nela, pelo que mandou gente escolhida, com espingardas, zagunchos e adargas e, pelejando com os judeus, mataram muitos. E, assim, fugiu Radâi com a demais gente e subiu a uma serra e, indo o imperador para lá, morreu no caminho<sup>4</sup> a Imperatriz Sabelâ OenguêḶ, a 30 de Novembro de 1574. E, ao seguinte dia, chegou o imperador ao pé da serra onde estava Radâi e, vendo os de seu arraial rochas tão altas e lembrando-se que, ali perto, morrenam primeiro os fortes de Isaac, ficaram com os corações quebrados. O imperador assentou em um lugar alto e mandou acometer a serra por três partes, indo por capitães Abba Noâi frade e Ionaêl e Dahargôt; e aquele dia mataram muitas vacas, mulas e jumentos e alguma gente do judeu. O dia seguinte, acometeram os de Dahargôt; mas, descendo os judeus, os desbarataram e seguiram até perto do arraial. Vendo isto, o imperador teve grande paixão e desceu ele mesmo e pôs-se ao pé da <sup>6</sup>serra, do que teve Radâi tão grande medo que, como foi noite, tomou suas mulheres, filhos e alguns criados de que mais se fiava e se meteu em uma lapa no mais alto da rocha, onde ninguém antes tinha subido, e a demais gente mandou que se pusesse em salvo como pudesse; mas nem ali se teve por seguro e assim<sup>7</sup> mandou recado a Abba Noâi, dizendo que lhe jurasse pelo Evangelho que lhe faria perdoar e que se entregaria. Respondeu Noâi que jurasse ele pela Lei de cumprir a palavra. E, feitos os juramentos, mandou dizer [fol. 373] ao imperador o que passava. Ele deu graças a Deus, que alevanta os humildes e derruba os soberbos. O dia seguinte, pela manhã, desceu da rocha Radâi e foi onde estava Abba Noâi com sua gente e ele o levou ao imperador. E, perto da tenda, pôs Radâi cinza sobre a cabeça. E detiveram-no diante<sup>8</sup> um pedaço em pé com vergonha e desprezo; e chegando depois, lhe disse o imperador:

«Radâi, não tenhais medo nem paixão, que tudo se fará como pedistes; mas não torneis outra vez a pecar, por que não acheis outra coisa pior.» E fez trazer logo suas mulheres e filhos.

Acabado isto, subiu Abba Noâi a aquela serra e pôs uma tenda em que disse missa, para dedicar aquele lugar a Nossa Senhora e, depois, subiu o imperador e ouviu lá missa. E depois deu a todos um esplêndido banquete e, como desceu, alevantou seu exército. E foi saindo daquelas serras com grande trabalho, por serem os caminhos muito ásperos e tão estreitos que não podiam ir senão em fieira, nem passar sem grande perigo, porque toda aquela terra de Cemên é muito fragosa e as serras tão altas que parece chegam às nuvens<sup>1</sup> e, assim, são por extremo frias; mas, depois que acabaram de sair, foi sem trabalho até à sua cidade de Gubâi, levando consigo a Radâi, e ali se fizeram grandes festas. Isto foi aos dezoito anos de seu império.

Estando depois em Gubâi, lhe vieram novas que os judeus deram em Oagrâ e, queimando muitas casas, mataram muita gente e levaram muito fato, pelo que mandou juntar sua gente, com muita pressa, e foi para Ambâ Xacanâ, onde estava Guxin, cabeça daqueles judeus e parente de Radâi, e cercou sua serra e tomou a água que estava à roda. E um dos grandes dos judeus mandou<sup>2</sup> recado <sup>3</sup>, como de paz, a Acubâ Michael, capitão dos xagnês, com que o enganou e, dando de noite sobre ele, o matou com muita<sup>4</sup> parte de sua gente, do que o imperador teve grande paixão e mandou a Macabis, que se pusesse no lugar de Acubâ Michael e pelejasse fortemente; mas, durando muito a guerra, veio a ter grande fome e sede a gente do imperador e disseram entre si: «Melhor nos é morrer pelejando com os inimigos de Nosso Senhor que acabar aqui com fome e sede.» Pelo que cometeram à serra com grande determinação e força e ganharam o lugar onde estavam os judeus e tinham água e os fizeram subir ao mais alto da serra, onde estavam suas mulheres e filhos e animais, [fol. 373v] com o que ficaram muito apertados e faltos de água. E, assim, mandaram recado ao imperador que os perdoasse e que fosse Ionaêl para que os levasse. Folgou o imperador com isto e mandou-o logo, dizendo que os trouxesse sem lhes fazer mal nenhum, nem chegasse a seu fato. E, como chegou ao pé da serra, lhes mandou dizer o que o imperador lhe ordenara, pelo que eles desceram com suas mulheres e filhos e gado. E Ionaêl lhes deu assento, um pouco afastado de suas tendas, e eles lhe apresentaram algumas coisas, mas<sup>5</sup> não as não tomou, dizendo que não queria seu fato, senão a eles, que o imperador lhes daria muito fato e ele também o que pudesse. Porém, como foi bem noite, começaram a fugir e, ouvindo Ionaêl o estrondo, acudiu com pressa e alcançou alguns com suas mulheres, antes que saíssem, e os prendeu; e, seguindo aos outros, matou alguns vinte e os demais escaparam, que seriam oitenta. E outro dia mandou matar mais cinquenta que tinha presos; e, ficando um, por derradeiro lhe disse: «Se quereis vida, rogai-me que vos perdoe, por amor de Nossa Senhora, a Virgem Maria, e eu o farei. E, senão, haveis de morrer com esta espada.» Respondeu ele: «Porventura não é coisa proibida a nossa boca nomear o nome de Maria? Se eu morrer, será bom para mim, porque irei da terra da mentira à da verdade e do mundo escuro ao da claridade. Por onde, apressai-vos a me matar, para sair deste mundo de trabalho e canseira.» Disse Ionaêl: «Já que escolheste a morte, aparelhai-vos para ela, baixando a cabeça»; o que ele fez logo, dando o colo e Ionaêl lho cortou com tanta força que deu a espada em ambos os joelhos e, passando a terra, entrou tanto que se quebrou pelo meio. Depois foi Ionaêl ao imperador e lhe apresentou duzentos escravos, filhos e filhas de judeus.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 323v/312v].

<sup>2</sup> Omisso no e Ms. 778 BPB: assim a ia levando.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: muito alta.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: no caminho.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: no caminho.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 324/313].

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: assim.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: em pé.

<sup>1</sup> Nuvens.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: um.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 324v/313v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: grande.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: ele.



<sup>1</sup>Acabado isto, passaram a Orê Ambâ e puseram o arraial ao pé dela. E, vendo Guxin que a outra serra era tomada e que o cercava de novo tanta gente, teve muito medo, ao que se lhe acrescentou tão grande fome e falta de água que lhe morriam muitos; mas, com tudo isso, determinou de não se entregar por nenhum caso. Então os do imperador fizeram uma escada muito comprida, amarrando pedaços de pau em lugar de degraus e, subindo dois mancebos por parte muito áspera, a amarraram a uma árvore e logo subiram trinta soldados mui esforçados e noventa turcos. [fol. 374] E, matando uma vigia que estava no passo, chegaram de súbito, à meia noite, onde estava Guxin e puseram fogo às casas da povoação com grande grita. E o imperador, que estava em um lugar alto esperando por este sinal, mandou tanger suas trombetas e atabales e dar grandes vozes, com o que ficou muito turbado Guxin e, retirando-se, com alguns dos seus, para uma parte da rocha, lhes disse: «Melhor me é morrer que entregar-me a estes cristãos.» E lançou-se pela rocha abaixo. O mesmo fizeram os outros e todos se fizeram em pedaços. Também muitas mulheres se botaram pela rocha, escolhendo antes esta morte que cair na mão dos cristãos. Mas um capitão, que se chamava Gedeão, desceu pelo caminho ordinário, com alguns dos seus judeus e, chegando abaixo, lhes disse: «Atentai, povo escolhido, minhas palavras. Eis aqui, estamos cercados de espadas e zagunchos, mas<sup>2</sup> ofereçamo-nos à morte e não busquemos viver em cativo de nossos inimigos. Porventura não ouvistes o que fizeram nossos pais antigos, quando os cercou Tito? Melhor é morrer com honra que viver com desprezo, melhor é morrer em liberdade que viver em servidão.» Com estas e semelhantes palavras, os esforçou de maneira que foram todos adiante, determinados a morrer, e passaram pelo arraial de Dahargôt, sem que lhes fizessem mal. Uns dizem que os não viram, por ser de noite, outros que não se atreveram a pelejar com eles, porque sabiam que eram muito fortes e, assim, escaparam.

Outro dia, trouxeram a cabeça de Guxin ao imperador <sup>3</sup>e, dando graças a Deus, disse: «Somos bem-aventurados, pois vemos caído o inimigo de Nosso Senhor Jesus Cristo.» E mandou pôr uma tenda no alto daquela serra que tinham tomado e que dissessem nela missa e assim o fizeram. Depois, ouviu o imperador que, em uma serra menos forte, que estava perto, havia muitos judeus e que tinham grande medo por saberem que tinham tomado a serra de Guxin, pelo que mandou a Ionaêl, com sua gente, que os fizesse descer por concerto de paz ou por força. E, chegando, assentou seu arraial ao pé da serra, de que eles tiveram muito medo e, assim, mandaram recado que jurasse de não lhes fazer mal, nem tomar seu fato e que se entregariam. Ele jurou, pelo que desceram com todo seu gado. E, levando-os ao imperador, os perdoou e falou com palavras brandas. E, levantando logo seu arraial, foi por Xeoada e, em sete dias, chegou a Gubâi e, ali, despediu a gente de guerra; mas depois os tornou a mandar ajuntar e foi a umas terras de gentios, onde nenhum imperador tinha chegado e, dando nelas, tomou muitos escravos e vacas sem conto; e os direitos que delas lhe couberam, mandou [fol. 374v] repartir pelos soldados que não tomaram nada. E assim, todos tornaram alegres e contentes a suas casas. Isto foi aos dezanove anos de seu império.

O seguinte ano, ouviu dizer como o pai de Bedanchô, governador de Nareâ, que se chamava Cepnibi, se queria fazer cristão<sup>4</sup> e que os grandes do império não quiseram, pelos vencer o amor do fato, porque, se se fazia cristão, não haviam de ter peitas e se havia de diminuir o tributo que pagavam ao imperador. Ouvindo isto, o imperador disse: «Como amaram mais o fato que à cristandade? Como escolheram antes o que passa tão depressa, que o que há-de durar para sempre?» E determinou de ir lá. E, juntando

sua gente, partiu de Gubâi, mandando diante um pregador ao governador de Nareâ, que lhe declarasse as coisas da santa fé e lhe dissesse que lhe diminuiria o tributo se deixasse de adorar os ídolos e se fizesse cristão. Alegrou-se ele muito, ouvindo isto, porque havia já<sup>1</sup> muito tempo que desejava receber a santa fé de Cristo. E assim, como o imperador lá chegou, ajuntou logo todos seus parentes e a demais gente daquele rei<sup>2</sup>no e o imperador mandou aparelhar as coisas necessárias para que o baptismo se fizesse com solenidade. E foi padrinho de Bedanchô, pondo-lhe por<sup>3</sup> nome Za Mariâm, e disse a todos os presentes: «Este é meu filho amado.» E a ele: «Vós sois meu filho. Hoje vos gerei no baptismo.» E deu-lhe ricos vestidos de veludo, com muitas campainhas de ouro nas<sup>4</sup> bordas e pôs-lhe cadeia de ouro, ao colo, com cruz de ouro muito rica. Também se baptizou sua mulher e foi sua madrinha Ite Oalatô e deu-lhe ricos vestidos. Depois, mandou o imperador que os grandes do império fossem padrinhos dos demais e que lhes dessem lustrosos vestidos, mas foi tão grande a multidão de gente que não puderam os sacerdotes baptizar a todos e, assim, ficaram para o outro dia, em que durou o baptismo até às nove horas.

Como<sup>5</sup> se acabaram de baptizar, deu o imperador um esplêndido banquete a todos os<sup>6</sup> grandes daquele reino e fez grande festa. E, ao terceiro dia, fez que declarassem ao governador de Nareâ, como havia de guardar as festas e a Lei cristã. E deu-lhe mestre que o guiasse caminho direito da fé e encomendou-lhe que ouvisse sua doutrina e que não passasse dela; assinalou outros mestres, sacerdotes e diáconos, que ficassem para ensinar e administrar os sacramentos e que baptizassem os demais que em aqueles dias se não puderam baptizar. E, do que deviam de direitos, lhes perdoou muito e mandou ao governador que edificasse igrejas, o que ele fez com grande fervor e ordenou que em todas as terras se fizessem. E assim, em os lugares onde se ofereciam sacrifícios ao demônio, se ofereceu a Deus o verdadeiro sacrifício da carne e sangue de Cristo Nosso Senhor.

[fol. 375] Acabadas estas coisas, levantou o imperador, de Nareâ, a 8 de Março e foi pelejar com os gâlas que tinham entrado em Ôye e, acompanhando-o alguns dias Bedanchô, o despediu para que tornasse a sua casa. E, passando o imperador a Cêf Bâr, e ouvindo os gâlas sua vinda, fugiram, pelo que determinou de ir a Beter Amorâ a pelejar com outros gâlas que ali estavam, mas estes também fugiram, tendo novas de sua ida. Então deu volta para Gubâi e, <sup>7</sup>chegando a Guraguê, se fez cristão o capitão de Boxâ, e o imperador foi seu padrinho e lhe pôs por nome Guiorguis e deu ricos vestidos e, por mestre, a Abib, por que o ensinasse e baptizasse toda a gente de sua terra. E, passando o imperador adiante, chegou a Gubâi a nove de Julho.

Como se acabou o inverno, foi para Begmedîr, onde gastou todo o Verão sem se encontrar com inimigos; mas, tornando a Gubâi, lhe vieram novas que os turcos de Adeconô (scilicet Arquico) saíram até Debaroâ e entraram na fortaleza que os primeiros turcos fizeram e que, chegando de súbito, a Azmâch Dahargôt, que então era vice-rei de Tigré, lhe mataram muita gente e ele escapara com<sup>8</sup> trabalho. Pelo que mandou ajuntar a gente de guerra e, como passou o Inverno, foi com muita pressa<sup>9</sup> até chegar a Cirêi, onde soube que os turcos estavam em Debaroâ. E assim mandou diante ao nebrêd<sup>10</sup> de Agçûm

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: já.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 326/315].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: por.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: pelas.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Depois que.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: aos.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 326v/315v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: muito.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: presteza.

<sup>10</sup> Nêbura 'êd, superior da igreja de Santa Maria de Sião, em Aksum.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 325/314].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: entreguemo-nos e.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 325v/314v].

<sup>4</sup> Para melhor compreensão do episódio que se segue, entenda-se: se quisera converter, no passado. A conversão Baädnaço ocorreu no final da Quaresma de 1587.

com muita gente de Tigré, e a Oald Christôs com muitos gâlas, gente desejosa de derramar sangue, e outros muitos de espingarda. Entretanto, mandou o baxá com alguns turcos a dar um<sup>1</sup> assalto e, tendo tomado alguma presa, carregou sobre eles a gente da terra e lha fez largar quase toda. E depois lhes saiu, de súbito, Acubâ Michael, em Marâb, com oitenta adargas e matou setenta e tomou suas armas. Vendo isto o baxá e sabendo como vinham aqueles capitães do imperador<sup>2</sup> com muita gente e ele detrás com muita mais, saiu de noite de Debaroâ e, a toda a pressa, foi para sua fortaleza de Adeconô. E assim, chegando os capitães do imperador a Debaroâ, esperaram ali por ele e, como chegou, passou logo e, ao quarto dia, assentou seu exército perto de Adeconô e mandou cercar a fortaleza. Os turcos fecharam as portas e outros estavam à borda do mar com muitas espingardas e, disparando uma bombarda, mataram um frade grande. E, começando-se a briga, pelejaram fortemente os do imperador e mataram e feriram alguns setenta turcos com espingarda, pelo que os demais ficaram muito turbados<sup>3</sup> e queriam entrar na galé para se passa<sup>4</sup>rem à ilha de Maçuá. O outro dia, por ser domingo, não pelejaram e logo se começaram a queixar todos os do arraial que não tinham que comer, que não podiam estar ali. E cresceram tantos os queixumes [fol. 375v] que obrigaram ao imperador a se tornar, terça-feira, para Debaroâ. E, chegando lá, lhe mandou o baxá dos turcos uma carta em que dizia: «Senhor, a gente da vossa terra me faz errar e tomar o que me não convinha. Perdoai-me e daqui por diante, serei como um de vossos criados.»

Com este recado, folgou muito o imperador e respondeu com boas palavras, mas da maneira que costuma o vencedor ao que fica vencido. Depois, mandou o baxá um cavalo branco ricamente ajaezado e muitas peças<sup>5</sup>, dizendo: «Recebei, meu senhor, este pequeno presente que mando, por honra do vosso império, e não tolhais que venham os mercadores, que eu os agasalharei muito bem e não passarei em nada de vosso mandado.» Também aos grandes mandou seus presentes e o imperador lhe respondeu com boas palavras. E, levantando de Debaroâ, foi caminhando para Dambiâ e, antes de passar o Rio Tacacê, se assentou o imperador e mandou dar vinho aos grandes e, como se acabou a vasilha, se alevantou o que botava o vinho para a levar e tornou-a achar cheia, do que todos se maravilharam muito; e, tornando de novo a botar, como se acabou, se alevantou e outra vez a achou cheia; o que sucedeu três vezes, pelo que deram glória à virtude de Deus, que tudo pode.

Depois passaram Tacacê e chegaram em paz a Gubâi, onde invernou. E o Verão gastou em Oagrâ. E o seguinte ano, foi com exército a Gambo e pelejou alguns dias com a gente daquela terra, matando muitos. E a outros, que cercou em uma serra, os apertou de maneira que pediram paz e ele lha concedeu e, assim, desceram e entraram em seu arraial. Mas depois, porque um do arraial lhe cortou um nest<sup>6</sup>, que é comer daquela gente, o mataram, do que se enfadou tanto o imperador que disse: «Ainda que nós os lhes perdoamos, Deus não lhes perdoou o sangue dos cristãos que, com maldade, mataram.» E mandou que matassem a todos, sem ficar nenhum e assim o fizeram, enchendo o campo<sup>7</sup> de corpos mortos. Depois, veio a invernar a seu arraial aos 20 de Junho. Tudo isto foi aos vinte e nove anos de seu império<sup>8</sup>.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *algum*.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *do imperador*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *trabalhados*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 327/316].

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *e muitas peças*.

<sup>6</sup> *Ënsât* (lat. *Musa ensetis* ou *ensete ventricosum*), falsa bananeira.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 327v/316v].

<sup>8</sup> Excertos resumidos da *Tariqâ nâgus Sârs'â Dëngël*, com eliminação das expressões encomiásticas, das referências bíblicas e parte das passagens que reproduziam discurso directo. Ver a tradução integral publicada por C. Conti Rossini, «Historia Regis Sarsa Dengel (Malak Sagad)», Lovaina, 1961-1962. A tradução de Pedro Páez foi retomada por Manuel de Almeida; ver *Historia de Ethiopia a Alta*, livro IV, cap. 26, intitulado «História do Imperador Malac Sagued traduzida da crónica etiópica ao pé da letra» (in C. Beccari, *RÆSOI* 5, Roma, 1907, pp. 479-501).

Até aqui, são palavras do livro de Etiópia e não diz coisa nenhuma mais deste imperador, mas afirmaram-me alguns portugueses que<sup>1</sup> o acompanharam sempre, que o restante de sua vida, que foram quatro anos, todos os verões andou na guerra, sem descansar em sua casa mais que os invernos e, quando morreu, que foi de doença, vinha de pelejar com os gâlas de umas terras muito longe de sua corte, que se chamam *absîli*, e acabou em Xat. Morto ele, juraram por imperador a um seu filho bastardo (que legítimo não tinha), menino de sete anos, que se chamava Iacob. Mas, antes que comecemos [fol. 376] a tratar dele, será bem referir as coisas de uma missão que, em tempos de seu pai, se fazia de Goa a este império, que ainda que não teve o fim que se pretendia, basta ser instituída para ele, para que não seja fora de nosso intento contar aqui o que sucedeu, pois, juntamente com referir as histórias dos imperadores, pretendemos tratar das missões que os padres da Companhia fizeram à Etiópia em tempo de cada um deles.

## CAPÍTULO XV

EM QUE SE TRATA DA MISSÃO QUE FAZIAM DE GOA A ETIÓPIA O PADRE ANTÓNIO MONSERRATE E O PADRE PEDRO PAEZ DA COMPANHIA DE JESUS E DE ALGUMAS COISAS QUE, NO PRINCÍPIO DO CAMINHO, LHES SUCEDERAM.

Depois que o Padre Bispo André de Oviedo entrou em Etiópia com cinco da Companhia, que, como já temos dito, foi em Março de 1557, puseram tão grande vigia os turcos nos portos, para que nenhum cristão passasse, que quase de tudo<sup>2</sup> perderam, na Índia,<sup>3</sup> as esperanças de poderem ajudar aos padres com novos companheiros, nem ainda socorrer ao bem espiritual dos portugueses e católicos que em Etiópia havia. Mas, sabendo o cristianíssimo Rei D. Felipe, segundo deste nome, que não ficavam já<sup>4</sup> em Etiópia já mais que dois padres muito velhos e entendendo o perigo que os católicos teriam de sua salva<sup>5</sup>ção, morrendo eles e ficando sem pastor, pelo zelo grande que tinha do bem das almas, encomendou muito por cartas ao vice-rei da Índia, que então era D. Duarte de Meneses, que com toda diligência buscasse os meios possíveis para que alguns padres da Companhia entrassem em Etiópia, sem perdoar para isso a gastos nenhuns. Estas cartas chegaram a Goa em Setembro de 1587, que já, por morte do Vice-rei D. Duarte, governava a Índia Manuel de Sousa Coutinho, o qual, com muito cuidado, procurou logo pôr em execução o que el-rei mandava porque, demais de ser coisa de tão grande serviço de Nosso Senhor, o encomendava tanto que, como ele me disse depois, estimaria<sup>6</sup> mais o ter feito que quantos serviços lhe tinha feito na Índia. Pelo que ele mesmo foi ao Colégio de S. Paulo e pediu ao Padre Pedro Martins, que então era provincial da Índia e depois foi<sup>7</sup> bispo de Japão, lhe desse alguns padres para Etiópia,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *sempre*.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *de tudo*.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *de todo*.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *já*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 328/317].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: *estimava*.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: *foi*.

porque tinha entendido que, da fortaleza de Diu, podiam passar encobertamente nas naus que vão a Maçuá. O padre lhe ofereceu, com muito gosto quantos quisesse, porque isso era o que havia muito tempo que desejavam e procuravam os superiores da Índia, mas, por ser necessário grande secreto, pareceu ao governador que não convinha fossem mais que dois.

[fol. 376v] Assentado isto, entre outros que com muito fervor se ofereceram a esta missão, um foi o Padre António Monserrate, varão verdadeiramente apostólico e tão zeloso do bem das almas que, com ser já de cinquanta anos ou perto, e saber muito bem que o menor perigo que havia naquela jornada era ser cativo de turcos, a desejou tanto, que a todos os padres pareceu era bem encomendar-lha, assim por isto como por ser homem de rara virtude e prudência e ajudar-lhe para o caminho a língua persiana, que ele sabia, por ter estado dois anos na corte de Mogor, que se chamava Gelaldin Acabar<sup>1</sup>. Tinha tantas partes, aquele venerável padre, para esta missão que lhe encomendavam, que, se meu intento fora falar delas e das mais coisas que dele se puderam contar, houvera de fazer um grande tratado; mas contudo, já que se oferece ocasião, darei brevemente, de passo, alguma notícia dele para os que não o conheceram.

<sup>2</sup>Foi o Padre António de Monserrate natural da cidade de Bic, em Catalunha, filho de pais honrados e, estando estudando em Barcelona, se afeiçoou tanto ao modo de proceder<sup>3</sup> dos padres da Companhia que em aquela cidade estavam, que desejou seguir seu instituto e entrar nela. E, andando com estes pensamentos, ouviu contar a seu pai tantas maravilhas de nosso santo Padre Inácio, cujo condiscípulo ele fora em os estudos, que se acabou de resolver em o que pretendia. E, entre outras muitas coisas, me dizia ele que lhe afirmara que, morrendo um homem e estando chorando seus parentes e amigos, entrou ele na casa, com outros muitos, e, dali a pouco, veio nosso santo padre e disse: «Não é morto, não é morto.» Do que fizeram pouco caso os presentes, por verem claramente que era morto; mas, pondo-se ele de joelhos em oração perto do corpo, não tardou muito que se não levantasse o defunto, ficando todos maravilhados e com conceito grande de sua santidade. Com estas coisas que ouvia a seu pai e com a extraordinária virtude que enxergava em os padres, se afervorou de maneira que pedia com muita instância à Companhia, até que o receberam e, pela virtude que logo se foi vendo nele, o enviaram, dali a pouco, a Portugal, com outro da Companhia, que para lá ia. E, chegando ao Colégio de S. Antão em Lisboa, leu nele alguns anos humanidades com grande aceitação e, depois, sendo sacerdote, andou muitos anos no paço d'El-rei D. Sebastião com o Padre Luís Gonçalves, que era mestre d'el-rei, e ele, dos moços fidalgos. E, pelo conceito que el-rei e o Cardeal D. Henrique tinham de sua virtude e prudência, o ocuparam sempre em negócios de muita importância e serviço de Nosso Senhor. E era tão grande a caridade que tinha para com [fol. 377] os próximos, que, sendo reitor do Colégio de S. Antão de Lisboa e sucedendo a maior peste que houve nunca em Portugal, mandou os padres e irmãos fora da cidade, a uma quinta onde não havia peste e ele ficou no Colégio para acudir aos doentes, com alguns padres que, por sua vontade e por serviço de Deus, se ofereceram também a isso. E assim, enquanto durou a peste, que foi muito, sempre andou com grande fervor, confessando os feridos dela e provendo, com muita caridade, do necessário aos que lhe faltava e fazendo enterrar os que morriam.

<sup>4</sup>Como se acabou a peste, ficaram muitos meninos e meninas órfãos, pelo que juntou os meninos em uma casa, pondo nela gente de confiança que tivesse cuidado deles e, em outra, as meni-

nas, com mulheres honradas que as guardassem e doutrinassem e a todos provia do necessário com as esmolas que buscava. E, depois de algum tempo, ficando na casa das meninas, algumas donzelas, filhas de homens grandes, que, determinadas a deixar o mundo, queriam religiosamente servir a Deus que as livrara daquela tão grande peste em que tantos acabaram, fez um mosteiro com nome de S.<sup>ta</sup> Marta, dotando-o bastantemente com as esmolas que para isso buscou; onde, não somente aquelas donzelas ficaram freiras, mas outras muitas, movidas com seu exemplo, entraram naquele mosteiro e, agora, é muito célebre em Lisboa. Também tirava de pecado muitas mulheres de má vida e as punha em casas honradas, onde perseveravam com mostras de grande arrependimento da vida passada.

Andando em estas e outras semelhantes ocupações de grande serviço de Nosso Senhor, desejou muito empregar o restante da vida com os próximos mais desamparados. E, assim, pediu muito ao Padre Alexandre Balochano<sup>1</sup>, que vinha por visitador da Índia, que o quisesse trazer consigo, o que ele fez com muito gosto, por ter poder para isso, ainda que ficaram os superiores de Portugal com não pouco sentimento pelo muito que servia a Nosso Senhor naquela província.

Em chegando à Índia, pediu, com grande instância, o ocupassem na conversão dos gentios, que ele muito desejava. E assim andou nela alguns anos, até que o Padre Provincial Rui Vicente o chamou para que o acompanhasse e ajudasse na visita da província. E, estando em isto, mandou El-rei Mogor Gelaldin Acabar<sup>2</sup> pedir padres e, oferecendo-se ele para ir, pareceu aos demais que a ninguém melhor que a ele se podia encarregar aquela empresa. E, assim, o padre provincial o mandava por superior, mas ele repugnou a isso tanto que deu este cargo ao Padre Rodolfo Aquaviva e ele foi por seu companheiro, com outro padre que se chamava Francisco Enriques. E, tendo <sup>3</sup>estado lá dois anos fazendo grande fruto, particularmente em os gentios [fol. 377v] daquela terra, determinou el-rei mandar dois embaixadores, um ao vice-rei da Índia e outro que passasse a Portugal, e disse ao Padre António Monserrate fosse com ele, para que melhor fossem despachadas suas coisas; pelo que partiu da corte, que então estava na cidade de Laôr, e trouxe os embaixadores até Goa; mas, por não haver aquele ano mais que uma nau para Portugal e estar muito carregada, pareceu ao Vice-rei D. Francisco Mascarenhas que o embaixador não podia passar e, assim, ficou a embaixada e o padre também em Goa, ocupando-se em os ministérios da Companhia, até que, como acima dissemos, foi nomeado por superior de Etiópia e, tratando os padres de lhe dar companheiro, me coube a mim tão boa sorte que tinha chegado de Portugal naquele Setembro. E, assim, nos aparelhámos logo para a jornada, dando o governador liberalmente o necessário.

Chegado o tempo de partir para Diu, nos disse o governador que, em as coisas de nosso caminho, seguissemos a direcção de Luís de<sup>4</sup> Mendonça, casado naquela fortaleza, porque havia anos que corria com as coisas de Etiópia e se lhe tinha oferecido a nos fazer passar secretamente pelos oficiais das naus que iam a Maçuá serem muito seus amigos e, alguns deles, de sua obrigação. E, despedindo-nos dos padres e irmãos do Colégio de S. Paulo de Goa, nos embarcámos a 2 de Fevereiro à tarde, de 1588,<sup>5</sup> por não perder a companhia da armada do norte, que se fazia à vela aquela noite. E, com bom vento, chegámos em três dias e meio à cidade de Chaul e, dali, passámos logo, por terra, a Baçaim, onde eu disse missa nova. E depois, por não achar navio, nos metemos em uma

<sup>1</sup> Ver glossário (Galaldin Acabar / Akbar).

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 328v/317v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: viver.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 329/318].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Balinhano. Errata do autor. Refere-se ao Pe. Valignano que foi visitador (1574-1596) e provincial da província de Goa (1583-1587).

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Arabar. Errata do copista

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 329v/318v].

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Luís de.

<sup>5</sup> Ver introdução, p. 17. Equívoco do autor: 1589.

manchica, embarcação muito pequena que ia para Diu carregada de arroz, pelo que, dando-nos uma tormenta no golfo, que durou toda noite, estivemos tão perdidos que o capitão dela cobriu a cabeça com sua capa e se meteu entre os bancos, dizendo que não queria estar olhando sua morte. E, antes de amanhecer, eram os mares tão grandes que, não podendo passar adiante, nem menos tornar atrás, tornaram, por último remédio, lançar âncora (ou fateixa, como eles dizem) à ventura de achar fundo, e quis Nosso Senhor que estivéssemos em dezasseis braças; mas não ficámos em menor perigo, porque os mares nos comiam e cada um parecia que nos havia de cobrir e levar ao fundo. Com esta angústia, estivemos até que saiu o sol que foi abrandando o vento e, assim, dando vela, chegámos à tarde a desembarcar mais adiante de Diu, em uma enseada que chamam dos Rabaos, por não nos atrever a entrar em a cidade senão com toucas e cabaia, como arménios, por que depois nos não conhecessem [fol. 378] os mercadores ou os marinheiros das naus do Estreito de Meca, em que nos havíamos de embarcar. Mandámos logo recado a Luís de Mendonça e, vindo, nos meteu de noite na cidade, já vestidos como arménios, e pôs em uma casa, com muito secreto, onde estivemos um mês esperando pela partida das naus; e dava-nos todo o necessário, abundantemente.

Enquanto ali estivemos, nunca o Padre António de Monserrate saía de dia de casa, por ser muito conhecido na Índia. Eu era o que andava negociando as coisas da embarcação, para que não me estranhassem depois os mercadores e marinheiros da nau. E sucedeu-me uma coisa mui desacostumada em aquela cidade, que apedrejaram<sup>2</sup> três vezes, em as ruas, os meninos da escola, chamando-me mouro, andando ali muitos mouros e arménios a quem nunca fazem isto; pelo que me lembrou do que, partindo de Castela para a Índia, me disse um sacerdote muito virtuoso, prior da sé de Belmonte, que soubesse que vinha a ser apedrejado e afrontado por amor de Cristo Nosso Senhor, que tivesse sempre na memória as injúrias e afrontas que Ele sofreu por tanta paciência por nós, para sofrer também com bom ânimo as que, por Seu amor, me fizessem. Outra vez, entrando ao meio dia em a<sup>3</sup> fortaleza, me disse um dos soldados que guardavam a porta: «Ha! Mouro! Quem vos deu licença para entrar na fortaleza? Tornai para fora.» E virando eu a lhe dar razão do que ia negociar, de maneira me não conhecessem, disse outro: «É arménio. Vá embora.»

Em todo este tempo, sempre trabalhava muito Luís de Mendonça com os capitães das naus de Maçua, que eram gentios, para que nos levassem, oferecendo-lhe, por isso, quanto quisessem; mas, de nenhuma maneira o pôde acabar com eles, pelo medo grande que tinham dos turcos. E diziam que, claramente, íamos a morrer e fazer que a eles também os matassem. E, na verdade, se nos embarcámos, não podíamos escapar das mãos dos turcos, por sermos homens brancos, como pelo tempo adiante se experimentou. E assim, depois de estarmos com tudo aparelhado para a partida, nos enganou Luís de Mendonça que não podia ser, pelo que ficámos com grande desconsolação e tristeza, pedindo a Nosso Senhor, tivesse por bem de abrir alguma porta por onde pudéssemos entrar a coisa de tanto serviço Seu.

## 1CAPÍTULO XVI

DE COMO, PARTIDAS AS NAUS DO ESTREITO DE MECA, TOMAMOS OUTRO CAMINHO PARA PROSEGUIR NOSSA JORNADA E COMO, DEPOIS DE MUITOS CONTRASTES, NOS CATIVARAM.

Vendo que todas as naus em que, cuidávamos, podíamos passar [fol. 378v] à Etiópia, eram partidas e que já não era possível, por aquela via, prosseguir nossa missão, procurámos saber se havia algum outro meio para continuar a viagem. E, fazendo em isto muita diligência, achámos um mercador rico arménio que se ofereceu a nos levar por outro caminho mais seguro, segundo ele dizia, posto que trabalhoso e comprido, porque havíamos de ir a Baçorá e Alepo, donde ele era natural e, dali, à Babilónia e dar volta pelo Grão Cairo. Não nos espantaram muito os trabalhos e perigos de tão comprido caminho por terras de gente tão bárbara e inimiga de nossa santa fé, antes o desejo grande que tínhamos de acabar o começado, nos fez ter em pouco as dificuldades que se nos representavam e, resolvendo-nos, com conselho de alguns portugueses honrados nossos amigos, nos embarcámos em uma nau para ir a Ormuz, fortaleza de portugueses [no estreito de Baçorá]<sup>2</sup>, juntamente com aquele mercador. E, partindo de Diu a 5 de Abril de 1588<sup>3</sup>, gastámos na viagem quarenta e nove dias, por termos muitos deles vento contrário; mas, antes que chegássemos, tomou a nau a fortaleza de Mascate, por estar muito falta de água e mantimentos e, achando ali por capitão um português que se chamava Belchior Calaça, homem experimentado nas coisas da Índia e devoto da Companhia, lhe perguntámos, em secreto, que lhe parecia da derrota que levávamos. Respondeu que muito trabalhosa<sup>4</sup> e perigosa<sup>5</sup>, que ele tinha um piloto mouro que ia, todos os anos, dali ao Estreito de Meca, que, se este se atrevesse a nos levar, seria coisa mais fácil, que, como viesse de outra terra, onde estava, o trataria com ele e nos escreveria a Ormuz. Partindo dali, chegámos em poucos dias e, antes de desembarcar, nos informámos de alguns portugueses que sabiam da terra, onde podíamos estar com mais secreto, porque era necessário esperar ali três meses pela monção de Baçorá. Disseram que em nenhuma parte podíamos estar melhor que em um mosteiro de S. Agostinho que ali há; e assim, por isto, como por que ali teríamos comodidade para dizer missa, secretamente escrevemos ao padre prior, dando-lhe conta de nossa chegada e pretensão. E, como foi 6noite, nos mandou uma embarcação pequena e nos meteram por uma porta falsa do mosteiro que caía ao mar e agasalharam com grande caridade; mas, por ser o mosteiro pobre, deu o capitão da fortaleza, à conta d'el-rei, o necessário para nosso gasto.

A este tempo, estava em Ormuz um mercador judeu, natural da Tessalónica e, por ser rabino, vinha muitas vezes falar com os frades e, um dia, andando ele passeando em uma varanda, me disse o padre prior que aquele judeu falava sempre castelhano, que me fizesse encontradiço, assim como estava, com touca e cabaia, e procurasse de lhe [fol. 379] persuadir se fizesse cristão. E, ainda que

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 330/319].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: apedrejaram-me.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: na.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 330v/319v].

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: [no estreito de Baçorá].

<sup>3</sup> Equívoco do autor: 1589.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: perigosa.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: trabalhosa.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 331/320].

entendia quão pouco havia de aproveitar, contudo, por cumprir com o padre, saí e, falando-lhe em castelhano, se maravilhou muito e começou a perguntar algumas coisas, parecendo-lhe que viera ali para me fazer cristão e, respondendo-lhe a elas, disse: «Já eu sou cristão e dou muitas graças a Deus, que me fez mercê de me dar a entender quão verdadeira seja a Lei dos cristãos e como tudo o que está nas *Escrituras* e quanto disseram os profetas, não é outra coisa senão uma perfeitíssima pintura<sup>1</sup> e vivo retrato do que os cristãos têm por Messias<sup>2</sup>. E realmente, que quem as ler com atenção e desapaixonadamente, que há-de achar o mesmo.» «Pois eu (disse o judeu), as li muitas vezes e não achei isso.» «Será (respondi eu) por Vossa Mercê estar cego da paixão e não as ler com desejo de entender a verdade, que, sem falta, as tivera já entendido e não gastara tanto tempo de balde, em esperar por outro Messias.» Disse ele: «Não canso eu do esperar. E enfada-se Vossa Mercê, porque não vem?» «Bem fora, respondi eu, estou de tal enfadamento, porque sei que há mais de 1500 anos que veio e que estão cumpridas todas as *Escrituras*. Senão, diga-me, onde está agora o templo de Salomão, em que ele havia de entrar e encher de glória? *Ageu* 2<sup>3</sup>. Que é da ordem sacerdotal dos filhos de Aarão que, vestidos de salvação e justiça, o haviam de receber e festejar, como disse David? Que é dos sacrifícios e cerimónias e os reis de Israel, que não haviam de faltar até que viesse o Messias? *Gênesis* 49<sup>4</sup>. Nem pode negar que não sejam já cumpridas as semanas de *Daniel* 9<sup>5</sup>. Logo, se hemos<sup>6</sup> de dar crédito às *Escrituras* (em que não pode haver erro) necessariamente <sup>7</sup>hemos de confessar que já veio.» Respondeu ele que era verdade e que havia mais de 1500 anos que as *Escrituras* estavam cumpridas e que nenhum judeu, que as entendesse, diria o contrário. «Pois se Vossa Mercê entende isso (disse eu), porque não se<sup>8</sup> se faz cristão? Que nenhum outro veio em quem se cumprissem as *Escrituras*, senão no que dizem os cristãos e mais, fez grandes milagres e maravilhas, em confirmação do que ensinava, tanto que até os escribas e fariseus diziam que não se podia aquilo fazer, senão por virtude divina.» Está muito enganado (disse o judeu), porque não é esse o que dizem as *Escrituras*, nem fazia aquelas coisas, senão por virtude<sup>9</sup> de umas palavras que estavam escritas no alto do Templo de Salomão, que nenhum outro soube ler, senão ele.» «É coisa essa muito para crer, disse eu, [fol. 379v] que a ele só descobrisse Deus tal secreto para que enganasse com tão<sup>10</sup> grandes milagres, como eram sarar enfermos de muitos anos, dar vista a cegos e ressuscitar mortos. Porque o que escreveu aquelas letras não fez outras coisas semelhantes? E mais, onde está esse Messias<sup>11</sup>, que dizeis que há mais de 1500 anos que veio? Como nunca tivemos novas dele?» Respondeu que andava escondido no mundo, que ele se manifestaria quando quisesse. Disse-lhe que havia de estar já muito velho e que de balde viera ao mundo, pois tanto tempo estava escondido, sem pôr por obra o que o verdadeiro Messias<sup>12</sup> havia de fazer. Em isto, chegaram os frades que estavam ouvindo da outra parte, de um canto da varanda e, assim, não quis passar adian-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: profecia.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Mexias.

<sup>3</sup> *Ageu* 2, 7-9.

<sup>4</sup> *Gênesis* 49, 10.

<sup>5</sup> *Daniel* 9, 23-27.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: havemos.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 331v/320v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>9</sup> A partir daqui, o Ms. 778 BPB é escrito por outra mão.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: em tal.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: Mexias.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: Mexias.

te com a prática. Depois tornou outras muitas vezes a falar comigo, mas não queria tratar coisas de disputa.

Não se descuidou, entretanto, o capitão de Mascate de fazer diligência sobre o que tinha prometido antes. Mandou logo chamar seu piloto e, informando-se dele, nos escreveu que se oferecia a nos pôr, dentro dum mês, na Costa do Habexi, em um porto que chamam Ceíla, que está pouco antes de entrar portas do Mar Roxo, e que tinha outro mouro que nos guiaria até à terra dos cristãos. Tratámos isto com os padres de S. Agostinho, com D. João Pereira, <sup>1</sup>capitão que então era da fortaleza, e com outros que tinham notícias do Estreito de Meca, e a todos pareceu este melhor caminho que o que levávamos. E, assim, determinámos do tomar mas, porque nos havíamos de embarcar de Mascate, que é aldeia pequena e cheia de mouros, pelo que não podíamos de estar ali encobertos até à monção, que faltava muito, ficámos em Ormuz com os frades, enquanto se chegava o tempo. E para mais dissimular e mostrar que não pretendíamos tal caminho senão exercitar os ministérios da Companhia, mandámos fazer lobas e mantéus, que assim<sup>2</sup> pareceu também<sup>3</sup> a todos que era melhor que não andarmos encobertos com cabaias. E começámos logo a nos ocupar em confessar os doentes do hospital dos portugueses e os do da gente da terra e em lhes fazer práticas amiúde e em os ajudar em tudo o que podíamos. Nem faltava também em que nos ocupar com os portugueses moradores daquela cidade e mercadores que nela se juntam, que são muitos, e tinham bem de necessidade de serem encaminhados em seus contratos e em outras coisas de suas almas por estarem misturados com judeus, pérsios e arábios, que são muito deliciosos.<sup>4</sup>

[fol. 380] Entre outros portugueses casados que nos faziam muita caridade, um se mostrava mais devoto da Companhia, pelo que o Padre António Monserrate continuava sua casa<sup>5</sup> e de ordinário se detinha muito, falando com uma sua filha donzela que, havia anos, estava entrevada, sem se poder levantar da cama, e com outra sua irmã pequena, muito formosa, a quem seus pais traziam sempre ricamente vestida quase nunca falava, o que notou o português e disse ao padre por que falava e folgava com aquela sua filha doente e lhe fazia tantas carícias<sup>6</sup>, sendo assim que nem eles podiam chegar a ela e, se Nosso Senhor fosse servido de a levar, lhes tiraria uma grande carga, e com a outra, que era tão formosa e eles estimavam como ao lume<sup>7</sup> de seus olhos, não falava senão de passo. Ao que respondeu o padre que folgava tanto com aquela doente porque dali a pouco <sup>8</sup>havia de ir a gozar a bem-aventurança e desejava que intercedesse por ele diante do Senhor. E foi assim, porque, dali a pouco tempo, morreu com grandes mostras de sua salvação, tendo sofrido sempre com muita paciência aquela tão prolixa e trabalhosa doença, o que depois contava o português, com particular consolação e conceito do padre.

Em este tempo, adoeceu gravemente de febre o Padre António Monserrate e, por ser a terra muito quente, esteve alguns dias atribulado, mas depois foi Nosso Senhor servido que se fosse achando bem, e, antes que acabasse de convalescer, caí eu,<sup>9</sup> estive<sup>10</sup> doente mais de dois meses. E, chegando-se o tempo de partir para Mascate, nos embarcámos e, com o mal agasalhado e movimen-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 332/321].

<sup>2</sup> Omito no Ms. 778 BPB: também.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: bem.

<sup>4</sup> Sedutores.

<sup>5</sup> Frequentava sua casa.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: coisas, que desejava muito saber a causa.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: à vista.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 332v/321v].

<sup>9</sup> Omito no Ms. 778 BPB: caí eu. No Ms. 778 BPB: aí.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: eu.

to de embarcação, que era pequena, se me agravou a doença de maneira que, depois de chegados, se resolveu o padre, com parecer do capitão da fortaleza e outros, em ir só para Etiópia, por não perder a monção que era chegada e, com esta determinação, tomou por companheiro um mancebo suriano<sup>1</sup>, que sabia muito falar turco, pérsio e arábio e, arrazoadamente, português, o que eu senti muito, pelo desejo grande que tinha de prosseguir aquela jornada; mas, tendo tudo aparelhado e estando para se embarcar, chegaram novas que sete embarcações pequenas de ladrões, que chamam noitaques<sup>2</sup> e cuidão são gentios, tinham tomado outra embarcação pequena de mouros da mesma aldeia de Mascate e que esperavam pelo resgate da gente [fol. 380v] que tomaram.<sup>3</sup> E, por ser aquele o caminho por onde, de forçado, havia de passar, o Padre Monserrate deixou de partir aquela noite, como estava concertado. O capitão da fortaleza mandou que lhe levassem o resgate que pediam e, entretanto, armou outras sete embarcações, semelhantes às dos ladrões e, como tiveram resgatado a gente, mandou dar sobre eles. E tomaram a embarcação do capitão dos ladrões e a ele vivo, posto que mal ferido; os demais fugiram por terem embarcações muito ligeiras. Em isto se gastaram quinze dias, em que foi Nosso Senhor servido que me deixasse a febre, pelo que, ainda que fraco, determinei de me embarcar.

<sup>4</sup>Desejava o Padre Monserrate dois livros que tinha o padre vigário daquela aldeia, que era um sacerdote muito honrado de Portugal e, por serviço de Deus, tomou o cuidado daquela igreja e ao tempo de nossa partida, lhos pediu; mas escusou-se, dizendo que em aquele deserto não tinha outra consolação, mais que seus livros, e que aqueles dois, tarde os poderia haver, que lhe perdoasse. Vendo isto, o padre falou em secreto com um português seu amigo e disse-lhe como o vigário lhe não quisera dar aqueles livros, mas que dali a pouco tempo se haviam de vender em leilão, que lhe fizesse caridade de lhe comprar aqueles dois e outros que lhe deixou em lembrança e que se davam por pouco e que, se Nosso Senhor o levasse à Etiópia, lhos mandasse pela mesma via que nós íamos. Respondeu o português que o faria de boa vontade, se se vendessem. E assim o fez, porque pouco depois de nossa partida, morreu o vigário e, vendendo-se seu fato, comprou os livros e os tinha guardados para os mandar ao padre, quando chegou a nova de nosso cativo. E assim, oferecendo-se-lhe ir a Goa, levou os livros e os deu ao Padre Manuel da Veiga de nossa Companhia, que então era provincial, e lhe referiu tudo o que o Padre Monserrate lhe tinha dito.

## CAPÍTULO XVII

DE COMO, DEPOIS DE MUITOS CONTRASTES EM O MAR,  
NOS CATIVARAM OS MOUROS.

Com terem tomado o capitão dos ladrões, diziam que os demais que fugiram se puseram, pouco mais adiante, em uma ponta e que não podíamos passar, sem encontrar com eles;

<sup>1</sup> Suriano, ou soriano, nome gentílico dado aos naturais de Sória, ou Ceilão, ou ainda a comunidade cristã de Malabar, por analogia com a língua eclesiástica. *Ms. 778 BPB*: ufano.

<sup>2</sup> Ou noutaques; refere-se a grupos que praticavam actos de pirataria nas costas do Índico.

<sup>3</sup> A mão precedente retoma aqui a escrita do *Ms. 778 BPB*.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 333/322].

pelo que determinávamos de nos fazer muito ao mar<sup>1</sup> e [fol. 381] procurar passar de noite aquela paragem; mas logo veio nova certa que deram volta para sua terra, que é diante de Ormuz, pelo estreito dentro. E assim nos embarcámos e fizemos à vela a última oitava do Natal e tivemos próspero vento até dia da Circuncisão<sup>2</sup>, que, antes de amanhecer, nos deu uma tormenta tão grande que nos quebrou o leme e ficámos quase perdidos, mas acudiram, com muita pressa, os marinheiros<sup>3</sup> e puseram em seu lugar alguns remos. Porém, como o vento era grande, não obedecia a embarcação e, assim, andámos com muito trabalho até que saiu o sol, que, vendo-nos uns pescadores andar daquela maneira, vieram com uma almadia<sup>4</sup> e nos deram cabo para nos levar a terra, que estava à vista; mas, por ser a almadia pequena e nossa embarcação pesada, se atravessava muitas vezes e tomava o vento a vela por devante<sup>5</sup>, pelo que, com muito trabalho e perigo, chegámos à praia onde, por ser deserta, não achámos com que poder concertar o leme. E assim, amarrando-o com cordas, passámos adiante, correndo a costa, para ver se podíamos achar algum remédio; mas, à noite, foi crescendo tanto o vento da terra, que por não poder fazer força com o leme, nos botou tanto ao mar que, quando amanheceu, já a tínhamos perdido de vista e, querendo tornar a ela, se quebraram as cordas com que estava amarrado o leme e ficou um bom pedaço afastado da embarcação. Lançaram-se logo ao mar alguns marinheiros, com serem as ondas muito grandes, por verem que ali estava todo nosso remédio e foi Nosso Senhor servido que o trouxessem e, tornando-o amarrar com muito trabalho, o tivemos depois bem grande até chegar a terra.

Vendo os marinheiros o grande perigo em que estiveram, trataram entre si do remédio que podia haver e, não achando nenhum, nos disseram que a embarcação não podia passar adiante, nem tornar a Mascate, que não sabiam o que haviam de fazer. Respondemos que fosse o piloto em a embarcação, com alguns marinheiros, a longo da terra até chegar a algum lugar de mouros, onde concertassem o leme e nós, com os outros, ficávamos ali até que tornassem<sup>6</sup>; ou que, se lhes parecia que haviam de tardar muito tempo, nós íamos<sup>7</sup> por terra a Mascate. Disseram eles que nem podíamos estar ali dois dias, nem menos tornar [fol. 381v] por terra, porque estávamos muito longe e tudo aquilo estava cheio de ladrões que logo nos haviam de matar e que, quando escapássemos de suas mãos, havíamos por força de cair nas bocas dos leões, que havia muitos por aqueles desertos; pelo que, depois de muitos pareceres, se resolveram a passar a umas ilhas que estão como dez léguas de terra firme, onde estavam uns mouros amigos do piloto que costumavam a ter embarcações, para ver se achavam alguma madeira com que nos pudéssemos remediar. E, esperando tempo brando, passámos à primeira ilha e, desembarcando o piloto com alguns marinheiros, levou boa quantidade de dátiles e arroz para dar a aqueles seus amigos, mas não achou pau nenhum; só tinham uma terrada<sup>9</sup> velha que, com muitos rogos, lhe deram até Ceila, para lhe pagar à volta 40 cruzados. Tardaram seis dias em aparelhar aquela embarcação e concertar as cordas e vela e, assim, tivemos tempo para ver a ilha, que teria duas léguas em roda e por uma parte é muito alta. Tem água e moravam nela doze ou quinze homens com suas mulheres e filhos em choupanas cobertas com sargaço que o mar deita fora. Sustentam-se com peixe, que ali há muito, mas, por falta de lenha, o comem cru, seco ao sol.

<sup>1</sup> Navegar longe da costa.

<sup>2</sup> 1 de Janeiro.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 333v/322v].

<sup>4</sup> Embarcação escavada num tronco, usada na área do Índico.

<sup>5</sup> Pela proa.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: eles tornarem.

<sup>7</sup> *Ms. 778 BPB*: iríamos.

<sup>8</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 334/323].

<sup>9</sup> Embarcação de dimensões variáveis, utilizada sobretudo na navegação do Mar Vermelho e Golfo Pérsico.

Cai ali muito ambre de que nos vendiam pedaços bem grandes por muito pouco, mas não tínhamos com que os comprar. Chama-se aquela ilha Suadiê e outra que está perto, Hazquiê, em que também mora alguma gente. Outras duas mais pequenas estão perto, despovoadas; estas chamam os naturais Huriamura<sup>1</sup> e os portugueses, Curiamuria<sup>2</sup>.

Concertada a embarcação, prosseguimos nela nossa viagem à vista da terra; mas, por termos receio de uma cidade de mouros que chamam Dofar, fizemos que, muito antes que chegassem a ela, se lançassem bem ao mar<sup>3</sup>; mas, chegando tanto avante como ela, tivemos vento contrário tão rijo que nos foi forçado virar em popa e desandar muito caminho. Isto mesmo nos sucedeu outras duas vezes, chegando a aquela paragem sem nunca podermos passar adiante, porque não queria Nosso Senhor que, por então, entrássemos em Etiópia, senão que fôssemos consolar vinte e seis portugueses e cinco cristãos da Índia, que havia quatro anos que estavam cativos, em poder de turcos e, como eles me afirmaram depois, faziam continuamente oração, pedindo a Nosso Senhor que, se não tivesse por bem de os livrar daquele tão [fol. 382] trabalhoso cativo, lhes trouxesse algum sacerdote com quem <sup>4</sup>se pudessem confessar. E, assim, a última vez que arribámos, que foi aos 14 de Fevereiro de 1589, se alcançou a ver a embarcação de uma ponta da terra firme e logo nos saíram duas embarcações<sup>5</sup> tão ligeiras, que, com estarmos muito longe e virar com muita pressa em popa para fugir, nos alcançaram em pouco espaço e cativaram sem resistência<sup>6</sup>, porque traziam muita gente e, na embarcação, não havia quem pelejasse e, como depois nos disseram, esperavam de propósito, pelos ter avisado um mouro das terras dos portugueses, que se chamava Xêc Çalêm, a quem tinha descoberto o piloto da nossa embarcação que havíamos de ir. Levaram-nos logo para terra e, crescendo o vento sobre a tarde, os soldados, que eram pouco costumados ao mar, enjoaram de maneira que largaram as armas e estiveram toda a noite sem dar acordo de si, por onde quatro portugueses que houvera bastaram para os matar todos e levar as embarcações.

O dia seguinte, nos desembarcaram pouco antes de chegar àquela cidade de Dofar e, indo pela praia, um mouro que trazíamos, para que nos guiasse pela terra dentro de Etiópia, começou a persuadir ao Padre António<sup>7</sup> Monserrate que dissesse que era mouro e que nos deixariam passar. Respondeu o padre: «Porque me vedes aqui, vos atreveis a falar tão desavergonhadamente. Não sou eu o homem que diga isso, ainda que houvera<sup>8</sup> de morrer mil vezes.» Calou então o mouro e, chegando a casa do capitão da cidade, se juntaram muitos mouros e, diante deles, nos fez muitas perguntas sobre nosso caminho e, no fim delas, disse: «Bem sei que sois espias e que íeis à Etiópia a persuadir ao imperador, fizesse guerra aos turcos.» E mandou que nos metessem mais dentro, em uma câmara onde nos fecharam, e estivemos toda a noite sem poder dormir, pelas muitas pulgas e percevejos que nela havia. O outro dia, nos passaram a umas casas de taipa muito fraca que eles tinham por fortaleza, onde estivemos alguns dias padecendo grande fome porque, do pouco que nos mandavam dar, quase nada nos chegava, porque o comiam os que nos guardavam. Estando ali, nos foi visitar o mouro que trazíamos de Mascate e nos disse que o capitão da cidade <sup>9</sup>se resolvera

em nos não matar, senão mandar-nos [fol. 382v] onde estava seu rei<sup>1</sup>, para que ele nos desse a morte que melhor lhe parecesse. E, porque não disséssemos<sup>2</sup> lá que o capitão nos tomara muito fato, nos mostrou diante de muita gente o que levávamos e perguntou se estava tudo ali. E respondemos que sim e, com isto, o mandou amarrar e que assim o levassem a el-rei. Estava, entre o fato, uma imagem pequena de Nossa Senhora e outra da Madalena e, como as descobriam, viraram alguns o rosto para outra parte e começaram a as vituperar, para se mostrarem mais observantes de sua maldita seita que condena a adoração e pintura das imagens; o que lhes estranhou um seu xarife (*scilicet*, parente de Mahamêd), dizendo que não faziam bem porque, ainda que quem as pintou pecara, podia ser que fossem pinturas de santos, pelo que todos calaram.

## CAPÍTULO XVIII

### DE COMO NOS LEVARAM A EL-REI MOURO E DO QUE NOS SUCEDEU NO CAMINHO E NA CHEGADA.

Como o capitão de Dofar se determinou de nos mandar a el-rei, nos meteram em uma embarcação, juntamente com o fato e gente de guarda, e nos levaram cinco dias por mar. E, desembarcando em uma ribeira, fomos pela terra dentro sem caminho, por pedras e espinhos, como duas léguas, a uma aldeia pequena e, por me darem uns sapatos de mouros muito apertados, cheguei lá com os pés esfolados e cheios de bexigas, pelo que, partindo ao outro dia e levando-nos a pé, após os camelos, por um caminho cheio de pedras, padeci grande tormento, porque ia descalço, que, por ter já os pés muito inchados e esfolados, não podia calçar os sapatos que me tinham dado. Nem o Padre António Monserrate podia seguir os camelos por ser já velho, pelo que, o seguinte dia, nos concederam que subíssemos entre as cargas dos camelos. E fomos entrando por um grande deserto de areia e, como foram horas de comer, acenderam fogo e assaram muitos gafanhotos que nos deram para comer, mas não os pudemos meter na boca, o que vendo eles, fizeram uma apa<sup>3</sup> de uma pouca de farinha de trigo que traziam, <sup>4</sup>da que nos tinham tomado na embarcação e a cozeram sobre as brasas e isso nos iam dando também dali por diante, sem outra coisa nenhuma; mas só nos pesava, que era muito pouco, e assim ficávamos sempre com fome.

[fol. 383] Havia naquele deserto mui pouca água, pelo que nos davam a beber por medida da que levavam sobre os camelos e, assim, vendo um dia de longe um vale<sup>5</sup>, por onde parecia que corria uma grande ribeira, nos alegrámos muito pelo desejo que tínhamos de beber à nossa vontade; mas chegando, achámos que era areia que levava o vento, correndo como água e, então, não se levantava do chão senão como três ou quatro palmos. E diziam os que nos levavam que, como havia vento grande, se levantava muito e que umas vezes passava para uma parte e fazia grandes montes e

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Hieria muria.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Caeria muiria.

<sup>3</sup> Isto é, que navegassem ao largo, longe da costa.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 334v/323v].

<sup>5</sup> Saíram até nós, ou seja, zarparam em nossa direcção.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: sem resistência.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: António.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: houvesse.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 335/324].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: pai.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: dissemos.

<sup>3</sup> Designação de um pão ázimo, circular e espalmado, cozido sobre um recipiente redondo e plano em que se verte o polme.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 335v/324v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: de longe.

outras vezes, para outra, conforme os ventos cursavam. Era tal o sol que fazia naqueles areais que o mancebo suriano e eu ficámos como cegos, correndo-nos continuamente água dos olhos, porque não tínhamos mais em as cabeças que umas carapucinhas brancas, que tudo nos tinham tomado. Ao Padre Monserrate deixaram um pedaço de pano grosso que tinha na cabeça e, com isso, se defendeu do sol.

Andámos por aquele deserto dez dias sem achar gente nem caminho, porque o vento o cega com a areia e, assim, de dia guiavam pelo sol e de noite, pelo norte. E no último dia à tarde, chegámos a uma cidade grande que chamam Tarím e, correndo nova que traziam portugueses cativos, saiu muita gente a nos ver, antes que entrássemos na cidade. E, ao princípio, estavam olhando como pasmados, sem dizerem nada; depois perguntaram aos que nos levavam se críamos em Mahamed e respondendo que não, começaram a nos chamar *cafarûm*, que em arábico quer dizer «homem sem lei», com outras muitas injúrias e afrontas, cuspidos-nos à porfia no rosto e começavam de nos pôr as mãos, sem nos poderem defender os que nos traziam porque a gente era tanta pelas ruas<sup>1</sup> que nem os camelos podiam romper. Finalmente, chegou a coisa a tanto, que foi necessário que nos metessem em uma casa com muita pressa,<sup>2</sup> porque tomavam já os rapazes pedras para nos atirar. Tiveram-nos ali um dia e, o seguinte, antes de amanhecer, nos levaram a pé, com muita pressa, até estarmos um bom pedaço da cidade, por temerem não houvesse à saída outra semelhante revolta como tivemos à entrada; e depois vieram os camelos.

Aquele dia e outros dois<sup>3</sup>, passámos por muitas vilas<sup>4</sup>, mas em nenhuma nos sucedeu o que em Tarím. Havia pelas serras muitas ruínas de fortalezas e diziam os que nos levavam que as tinham feito antigamente os cristãos. Achámos, na última vila, um irmão d'el-rei, que se chamava Xafêr e mandou [fol. 383v] que nos levassem à sua casa, que era grande. E estava assentado no chão, sobre alcatifas, como é costume dos mouros e, chegando perto, nos recebeu com boas palavras e fez assentar e dar *câhua*, que é água cozida com a casca de uma fruta que chamam *bun*<sup>5</sup> que bebem muito quente, em lugar de vinho. Perguntou-nos quem éramos e donde íamos e, depois de falar um pedaço, nos despediu e em saindo disse<sup>6</sup> aos que nos traziam: «Quanto estes, não se hão-de fazer mouros.» Dali partimos aquela tarde e, caminhando toda a noite, chegámos, quando amanhecia, a uma cidade que chamam Heinân, onde estava el-rei, que se chamava *Sultan Umâr, scilicet* «Rei Humâr.» Levaram-nos à fortaleza onde ele morava, que era muito grande e alta, posto que de adobes, como de ordinário são os edifícios daquela terra, e puseram-nos sobre o muro, em uma guarita mui pequena, onde estivemos aquele dia, não pouco molestados da gente que nos ia ver.

Dois dias depois de chegarmos, mandou el-rei que nos dessem nossa roupa de vestir, porque estávamos quase nus, mas não a deram toda. E, à tarde, nos levaram a um terrado no mais alto da fortaleza, onde achámos a el-rei assentado sobre um pano de brocado em um lugar alevantado do chão como quatro palmos. Tinha vestido uma cabaia de pano verde muito fino e, na cabeça, uma touca com as bordas de fio de ouro. Seria homem de quarenta anos, baço e de boa estatura. Defronte dele estava sentado no chão, sobre alcatifas, um xarife, *scilicet* «descendente de Maha<sup>7</sup>mede», e por isso lhes fazem grande honra. Todos os demais, que eram muitos, estavam em pé. Chegámos a beijar

a mão a el-rei e disse-nos, com bom rosto, que nos assentássemos, mas não quis que o suriano, nosso companheiro, fosse intérprete, porque os têm em pouca conta e, assim, mandou chamar uma mulher arrenegada, de casta pegua<sup>1</sup>, que estava com a rainha. E, como veio, falou el-rei em arábico e ela nos disse, em português: «Diz el-rei que não tenhais paixão, que Deus vos trouxe aqui, mas eu digo que vossos pecados vos trouxeram entre tão má gente.» Perguntou-nos logo quem éramos e a que íamos à Etiópia. Respondemos que éramos padres e que íamos à Etiópia a estar com os portugueses que ainda lá havia dos que entraram antigamente. Depois nos fez diversas perguntas em que nos deteve toda a tarde; e, no fim da prática, lhe pedimos, por mercê, nos mandasse dar os livros de rezar. Respondeu: «*Inxâ Alá, inxâ Alá*; quererá Deus, quererá Deus.» E com isto nos despediu e levaram[fol. 384]<sup>2</sup> onde primeiro estávamos. O seguinte dia, nos enviou<sup>3</sup> os breviários e outros livros, com que nos consolámos muito e demos graças a Deus por tão grande mercê como era podermos rezar o ofício divino.

Estivemos ali muitos dias, sem podermos saber o que el-rei determinava, até que, uma vez, chegando-nos a visitar aquela mulher que nos foi intérprete, nos disse que el-rei desejava de nos resgatar, mas que não se atrevia até ver o que diziam os turcos a quem pagava tributo, pelo que lhe parecia que estávamos devagar. Perguntámos-lhe como a tomaram e disse que, indo de Chaul para Ormuz em uma nau, lhes deu tormenta e lançou para Xaêr, porto daquele rei, e, surgindo defronte da cidade, foram a eles alguns mouros em uma embarcação pequena e lhes disseram que eram amigos dos portugueses, que seguramente podiam desembarcar e tomar o refresco que quisessem. Com isto, desembarcaram quase todos os que estavam na nau e, como chegaram a terra, os agasalharam muito bem; mas, ao outro dia, os prenderam e, indo para a nau, com algumas embarcações a tomaram sem resistência e logo os levaram pela terra dentro, até aquela mesma cidade onde também ti<sup>4</sup>nha seu assento o pai daquele rei, o qual trabalhou muito por que se fizessem mouros todos, particularmente os portugueses, que eram oito, mas sempre estiveram muito constantes na fé, até que, por tempo, morreram de doença, ficando somente um fuão preto. Este tinha grande amizade com um mouro que todos os anos ia com fato à Costa de Melinde e, rogando-lhe uma vez que lhe levasse uma carta para o capitão de lá, disse que de boa vontade a levaria e traria resposta, mas, em a tomando, a deu logo a el-rei e não faltou quem lha lesse. Dizia nela que, se viessem com uma fusta a certa parte que nomeava, podiam sem resistência nenhuma tomar gente e, por ela, resgatariam a ele e outros cristãos da Índia que ali estavam cativos. Enfadou-se el-rei com isto muito e, mandando-o chamar, lhe perguntou se aquela carta era sua e respondeu que sim. Disse el-rei: «Pois vos haveis de fazer mouro, ou vos hão-de cortar a cabeça.» Respondeu que não era ele homem que se havia de fazer mouro, que fizesse o que quisesse. E, passando diante com a prática, falou sempre com muita constância e liberdade cristã, pelo que el-rei, mui indignado, lhe mandou cortar a cabeça diante de si e botar ela e o corpo por uma janela da fortaleza; e que, depois disto, a tiveram a ela quatro anos presa em [fol. 384v] ferros, para que se fizesse moura e, no fim deles, vendo-se com tantos trabalhos e sem esperança de resgate, dissera que seria moura; mas que o não era no coração e que havia quarenta anos que ali estava<sup>5</sup>. Declarámos-lhe quão gloriosa fora a morte daquele português e o que ela devia fazer para se salvar, mas, ainda que derramou muitas lágrimas, não aproveitou nada.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: na rua.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 336/325].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: seguintes.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: e cidades.

<sup>5</sup> Café; *bun* é a designação amárica da semente do café. Ver glossário (*câhua*).

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: em saindo.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 336v/325v].

<sup>1</sup> Proveniente do reino do Pegu (Birmânia).

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: levaram-nos.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: mandou.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 337/326].

<sup>5</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: que ali estava.



Estivemos naquela prisão quatro meses, padecendo grandes necessidades, que ainda os naturais as têm, por ser aquela província da Arábia, que se chama Hadarmôt, mui pobre, que a mor parte dela é deserta e do que se cultiva, recolhem pouco, pela grande falta de chuva que nela há. Têm <sup>1</sup>algum trigo e cevada, mas seu comum mantimento é milho; têm também algumas palmeiras de dátiles. Os homens são baços e ordinariamente vestem mal; trazem ordinariamente os cabelos mui compridos e fazem-nos crespos com uns ferros quentes e depois os enchem de manteiga, pelo que, quando o vento levanta pó, lhes ficam sujos. As mulheres, quando saem de casa, vão cobertas com uns panos brancos e o rosto tapado com um véu preto, como de freiras. Têm alguns costumes dos que antigamente se costumavam em Israel. E assim, morrendo uma filha d'el-rei, vieram muitas mulheres dos lugares vizinhos, a pé, com as cabeças cheias de pó, e, com grande pranto, levaram a rainha a umas casas que estavam à vista da fortaleza, onde estiveram um mês ou perto chorando; e saíam todos os dias, pela manhã e à tarde, ao terrado das casas, que era mui grande e, postas em duas fileiras, rosto a rosto, batiam com a mãos e, de quando em quando, lançavam umas a outras os braços ao colo, dizendo a grandes vozes, com que se moviam a fazer maior pranto.

Não enterram seus defuntos nas mesquitas, senão no campo, como fazem todos os demais mouros e, sobre as sepulturas, põem muitas pedras e, quem pode, levanta quatro pilares de pedra e cal e, sobre eles, uma abóbada pequena.

São todos, naquela terra, muito devotos de Mahamêd e, assim, ordinariamente andam dizendo: «Alá Mahamêd, Deus Mahamêd.» O que tem cuidado da mesquita os chama a fazer oração, antes de amanhecer, ao meio dia e à tarde, dizendo a grandes vozes, do alto de uma torre (a que uns chamam alcorão, outros menara<sup>2</sup>): *La ila, ila Alá, Mahamêd Raçul Alá, Alaiçalâ Alaiçalâ*, que quer dizer «Não há Deus senão Deus, Mahamêd, mensageiro de Deus, fazei oração a Deus», no que negam a santíssima Trindade, [fol.385] porque afirmam que não há filho. E, por isto, também diz, no primeiro capítulo<sup>3</sup> de seu *Alcorão*: «Deus não gera nem é gerado.»<sup>4</sup> Quando dizem aquelas palavras, a que chamam a fazer oração, tapam as orelhas com os dedos polegares. E, perguntando o Padre António Monserrate a um, porque <sup>5</sup>o fazia, respondeu que porque eram de tão grande virtude e eficácia aquelas palavras, que, se as ouvissem, arrebetariam. «Muito me maravilho disso (disse o padre) porque eu as tenho ouvido muitas vezes e muitos mouros as ouvem cada dia e nunca me fizeram abalo, nem ouvi que arrebetasse mouro nenhum; nem há dúvida senão que, se isso fora certo, todos os mouros houveram já arrebetado.» Enfadou-se com isto o mouro e foi-se, sem responder palavra.

## CAPÍTULO XIX

### DE COMO NOS LEVARAM AOS TURCOS E DO EXAME QUE NOS FIZERAM EM CHEGANDO A ELES.

**N**o fim dos quatro meses que estivemos em poder do rei mouro, teve notícias de nós um turco, baxá do reino que chamam Yamân e começa da entrada do Estreito de Meca, e, por ser aquele rei seu tributário, lhe escreveu que nos mandasse lá logo, porque todos os portugueses cativos<sup>1</sup> eram do grão turco. Sentiu isto muito o rei, mas porque tem pouco poder contra os turcos, determinou de nos enviar e, juntamente, quatro cavalos muito formosos, porque lhe não viessem arguindo que nos tomara muito fato, ou que era culpado em nos ter ali muito tempo sem dar conta disso. E, chamando ao mouro que nos havia de levar, lhe disse que tivesse muito cuidado no caminho de nos dar de comer e tudo o mais que fosse necessário, sem esperar que falássemos, porque nunca pedíamos nada. Mandou também que nos dessem cavalos em que<sup>2</sup> ir e boa guarda, por haver muitos ladrões naquele caminho.

Como tiveram tudo aparelhado, partimos véspera de S. João Baptista<sup>3</sup> e, tendo caminhado dois dias, chegámos à última fortaleza daquele reino, onde tomaram água em odres e os carregaram em os camelos. E fomos por um deserto, caminhando a toda a pressa, quatro dias com suas noites, sem descansar mais que a meio dia e ao princípio da noite somente, enquanto comia a gente e os camelos, que tardavam muito pouco, porque em todo aquele deserto não havia gota de água. E assim, receavam muito que se toldasse o tempo e lhes tirasse ver o norte, por onde se governavam de noite, porque não havia caminho, nem sinal dele, e, não caminhando também de noite, não bastava [fol. 385v] a <sup>4</sup>água que levavam. Padecemos<sup>5</sup> aqueles dias<sup>6</sup> grande trabalho, assim por terem os camelos mui ruim andadura quando os apressam, como por não dormir, que sobre eles<sup>7</sup> não nos atrevíamos, por não cair, que eram muito altos. E com caminhar com tanta pressa e fazer mui grande calma, não beberam gota de água em todo aquele tempo. O quinto dia pela manhã, chegámos a uma fonte onde estivemos descansando até à tarde, que tornámos a caminhar, por não ser ainda acabado o deserto. E, quando amanheceu, deram ladrões em um xarife que ficava atrás e o roubaram, sem lhe aproveitar nada dizer que era parente de Mahamêd, do que ele<sup>8</sup> se mostrava depois<sup>9</sup> mui sentido e dizia que não se contentaram com o roubar, senão que lhe deram com muitas pancadas e punhadas, sem terem respeito a que era descendente<sup>10</sup> de Mahamêd.

O seguinte dia, chegámos a um lugar pequeno que chamavam Melquís, onde havia ruínas de grandes edifícios e muitas pedras com letras antigas que nem os naturais sabiam ler nem dar razão

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 337v/326v].

<sup>2</sup> Minarete, de onde os fiéis são chamados à oração pelo muezim ou almuadem.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: no princípio.

<sup>4</sup> *Corão* 112,3.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 338/327].

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: cativos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: para.

<sup>3</sup> 23 de Junho de 1589.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 338v/327v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Passámos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: mui.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: em cima deles.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: depois.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: depois.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: parente.

delas. Tinha um adro onde antes se enterravam, de mais de meia légua, e, perguntando-lhes que edifícios foram aqueles, nos responderam que fora antigamente cidade muito grande e que ali tinha a Rainha Sabba muitos gados. Se isto foi certo, confirma o que traz por sem dúvida Frei Luiz de Urreta, no cap. 6.º do 1.º livro<sup>1</sup>, onde, para concordar a opinião dos que afirmam que a rainha Sabba, quando foi a Jerusalém ver Salomão, partiu de Etiópia, com os que têm para si que foi de Arábia, diz que a Rainha Sabba era também senhora de parte de Arábia Feliz que habitavam os sabeus e homeritas; e assim, ainda que, quando foi a Jerusalém, partiu de Etiópia, atravessou o Mar Roxo e, de caminho, visitou a terra de seus vassallos e, dali, passou a Jerusalém, pelo que uns e outros dizem bem. Deste matéria falámos já no 1.º livro, pelo que só aponto aqui isto de passo.

Prosseguindo nosso caminho de Melquís, fomos doze dias por terras povoadas mas muito ásperas; mas, ao passar de uma ribeira grande, caiu do camelo o Padre António de Monserrate e, por haver naquela parte pouca água, deu tal pancada na terra, que não tornou em si em grande espaço, e, quando chegámos à cidade de Saná, onde estava o baxá dos turcos, ainda ia muito maltratado. Saiu-nos 2a receber ao caminho, perto da cidade, o governador dela, a quem chamam *subaxî*, com alguma gente de cavalo e de pé, tangendo atabales, e mandou que o padre e eu fôssemos a pé, diante [fol. 386] de seu cavalo. E assim nos levou pelas principais ruas da cidade até à fortaleza, onde o baxá tinha sua casa. E, como entrámos nela, desceu de cima um turco mui grave, que era vedor da fazenda, a quem chamam *taftardâr*, e fez-nos muitas perguntas – porque nos levavam com o nome de espias – a que respondemos sinceramente e dissemos como éramos padres. Estava presente um mouro da Índia, capitão de uma nau de Dabul, e disse ao turco: «Senhor, isto é falso, porque os padres, na Índia, não compram nem vendem, e estes traziam fato para vender.» Respondemos que era verdade, mas que lá tinham esmolas dos portugueses, com que se sustentavam, e nós vínhamos por terras de mouros, onde nos era necessário vender alguma coisa para comer, o que quadrou ao turco e disse que tínhamos razão e mostrou sempre ficar satisfeito com o que respondíamos a outras muitas coisas que nos impunha o mouro.

Acabado isto, subiu o turco onde estava o baxá e referiu-lhe o que dizíamos e mandou que pusessem, ao padre e a mim, em casa do alcaide da fortaleza e, ao mancebo suriano, nosso companheiro, levasse o vedor da fazenda, para nos tornar a examinar e ver se achavam alguma contradição. E, para isto, chamaram aquela noite dois arrenegados que falassem connosco e um deles, que era de casta gentio, conheceu, em entrando, ao Padre Monserrate e, diante do alcaide e de muitos turcos, o abraçou e disse que era padre e que ele o fizera cristão na Índia; mas nem isso bastou para que não nos fizessem muitas perguntas. Porém, muito mais rigorosamente examinaram ao mancebo suriano, dando-lhe alguns tormentos, mas sempre respondeu que, ainda que lhe<sup>3</sup> fizessem em pedaços, não podia dizer mais que o que tínhamos declarado, que éramos padres e que íamos à Etiópia a estar com alguns portugueses que lá havia, porque isto era a verdade. Instava muito aquele capitão da nau da Índia que lhe dessem tormentos, que ele descobriria a verdade, ao que respondeu o mancebo, diante de todos: «Já eu a tenho dita<sup>4</sup> sem me ficar coisa alguma; mas a ti, que sem razão me

acusas desta maneira, <sup>1</sup>Deus te castigará antes que chegues à Índia.» E foi assim, porque, em saindo a nau do Estreito, foi com tormenta dar em<sup>2</sup> uma ilha, onde se fez em pedaços e se afogou ele com todos os que ali iam, sem escapar mais que três marinheiros; pelo que o mancebo ficou muito acreditado entre os turcos, depois que souberam o que passava e, dali por diante, o trataram bem.

Cinco dias depois que nos puseram na casa do alcaide [fol. 386v] da fortaleza, por estarem já satisfeitos de<sup>3</sup> que falávamos<sup>4</sup> sinceramente verdade, nos levaram ao tronco da cidade, que estava dentro da mesma fortaleza e era uma casa de três sobrados muito forte onde antigamente morava El-rei Mutahâr, senhor de todas aquelas terras, e puseram-nos em uma lógea mui escura, entre duas necessárias<sup>5</sup> descobertas, onde estivemos perto de um ano padecendo grande trabalho pelo mau cheiro que havia. Ao Padre António Monserrate, por velho, nem lhe botaram<sup>6</sup> ferros, nem mandavam trabalhar. A mim me puseram uma cadeia grossa em um pé que amarrava na<sup>7</sup> cinta e ia com ela trabalhar, o que sentia grandemente o Padre<sup>8</sup> Monserrate e muitas vezes, de noite, quando cuidava que dormia, se levantava muito manso, beijava os ferros e desejava tanto de os ter ele também<sup>9</sup>, que, adoecendo gravemente, me encarregou muito que, se morresse, comprasse uma cadeia e o enterrasse com ela em os pés.

Achámos naquela prisão 26 portugueses e cinco cristãos da Índia que os turcos tinham tomado na Costa de Melinde e estavam tão desavindos entre si que não falavam uns com os outros, e dois buscavam tempo para matar seus contrários, por certas injúrias que lhes tinham feito, pelo que nos pusemos logo, de propósito, a fazer amizades e quis Nosso Senhor que ficassem tão fixas que nunca mais, dali por diante, tiveram mais<sup>10</sup> diferenças, antes se tratavam como se nunca passara<sup>11</sup> entre eles coisa alguma. E, com as práticas que amiúde lhes facimos<sup>12</sup>, se confessaram todos dentro de um mês e alguns geralmente, e fizeram mudança na vida e modo de proceder, que até os turcos que tinham cuidado deles o notaram e lhes diziam: «Depois que vieram estes padres, sois outros, porque já andais com recolhimento e como homens tementes a Deus.»

O mancebo suriano ficou em casa do vedor da fazenda e deu <sup>13</sup>tanta edificação e mostra de virtude que, dali a pouco<sup>14</sup>, lhe tiraram os ferros e deram cargo de comprador, com ser casa de muito gasto, porque aquele turco tinha muita gente de serviço. E, quando o veador<sup>15</sup> lhe dava para ele<sup>16</sup> o que lhe sobejava do que lhe mandava comprar (que o fazia muitas vezes), logo trazia aquele dinheiro e no-lo fazia tomar por força, sem querer tomar nada para si, por mais que lhe importunássemos, porque, dizia que, a ele, lhe não faltava de comer e nós padecíamos necessidades. E,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 339v/328v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>3</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: de.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: verdade.

<sup>5</sup> Latrinas.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: puseram.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: e amarrada em a.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: António.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: ter.

<sup>10</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: mais.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: houvera entre eles passado.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: fazíamos.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 340/329].

<sup>14</sup> Ms. 778 BPB: tempo.

<sup>15</sup> O autor usou os dois nomes, «vedor» (intendente) e «veador» (monteiro), como se fossem equivalentes.

<sup>16</sup> Ms. 778 BPB: para ele.

<sup>1</sup> L. Urreta, *Historia... de la Etiópia*, livro I, cap. 6, intitulado «En el qual se declara si la Reyna Saba vino de la Etiopia, y si concibio de Salomon. Trate-se del rio Sabatico», pp. 66-79.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 339/328].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: dito.

indo uma vez a comprar, passou pelo bairro dos judeus, que eram como quinhentas casas, [fol. 387] e um deles, por desprezo, lhe disse: «Ah cristão! Nós matámos o que vós outros adorais por Deus.» «É verdade (respondeu ele), mas potes<sup>1</sup> tanto atrevimento que dizes isso por escárnio. Hás-me de pagar muito bem.» E, arremetendo a ele, o botou no chão e, depois de lhe ter dado muitos couces e pancadas, o tomou pelo colarinho da cabaia e o levava, dizendo: «Vamos diante do baxá e lá veremos se vós outros o matastes.» A isto acudiram muitos judeus e lhe rogaram que o deixasse, dizendo que era doudo, que não tinha entendimento, pelo que o largou, no que lhe fez muito grande bem, porque os turcos, com qualquer ocasião, lhes tomam fato e aqui a tinham muito boa, porque diz o *Alcorão* que Cristo Nosso Senhor não morreu, senão que, quando estava preso, pôs outro em seu lugar e ele se subiu ao quarto céu, onde há-de estar até o Dia do Juízo. Outra vez, indo pela cidade, o conheceu um turco grande de sua terra e lhe perguntou como viera ter ali e, respondendo que o trouxeram cativo, pediu ao baxá que o largasse, o que ele fez facilmente, mas com condição que havia de tornar à sua terra pelo Cairo. O turco, em cuja casa estava, lhe deu dinheiro para o caminho, e despedindo-se de nós, prometeu de se tornar para Índia, por mais trabalho que lhe custasse; o que fez com muita diligência, porque deu logo volta por Ormuz e foi a Goa, onde o achámos depois que saímos do cativo.

Aos portugueses e a mim fez também favor o baxá, naquele tempo, porque mandou que nos tirassem os ferros e, dali por diante, íamos poucas vezes trabalhar, porque aos mais dos portugueses deu cargo das hortas que tinha, de que ele era muito curioso <sup>2</sup>por ter sido, muito tempo, hortelão do Grão-turco e, depois, o fez seu porteiro-mor e, dali, subiu a ser baxá e, por tempo, *guacir*, que quer dizer «governador do império.» E, com tudo isso, na sala onde ordinariamente estava com os capitães e turcos grandes, tinha pendurada uma enxada muito formosa, não se correndo<sup>3</sup>, senão<sup>4</sup> honrando, de ter subido daquele ofício, a lugar entre eles tão alto; mas muito melhor lhe fora honrar-se de ser escravo até à morte, por amor de Cristo, e não ter deixado sua santa fé, porque, sendo cristão, natural de Albânia, como o cativaram, se fez mouro. O alcaide da fortaleza, que também era albanês, nos concedeu no mesmo tempo que passássemos [fol. 387v] daquele lugar<sup>5</sup> tão fedorento onde<sup>6</sup> estávamos, ao primeiro sobrado<sup>7</sup> das mesmas casas. E, repartindo os portugueses entre si os aposentos, nos deram, ao padre e a mim, uma sala grande, com uma câmara que nela estava; e, assim, tivemos lugar para fazer oratório, em que se juntavam todas as tardes, e rezávamos as ladainhas e, os sábados à noite, lhes fazíamos sempre prática sobre o *Evangelho* do domingo, por se juntarem, aquele dia, melhor os hortelões, que o baxá fazia audiência geral e, ao domingo, ia ordinariamente às hortas e não podiam os portugueses, que andavam nelas, tornar aquela noite, por estarem algumas muito longe da cidade.

Em este oratório tínhamos um altar muito bem concertado e, em lugar de retábulo, um dossel de pano da Índia, pintado de azul e verde com algumas imagens que o Padre Monserrate pintou, que sabia arrazoadamente. E ali fazíamos presépio com todas suas figuras, que os turcos, que quase todos eram de casta cristãos, folgavam muito de ver e ofereciam muitas candeias e, à noite do

Natal, cantávamos matinas com alguns portugueses que sabiam bem, e a seus tempos tangiam com três violas que tinham e cantavam algumas coisas acomodadas à festa. A Semana Santa também fazíamos sepulcro<sup>1</sup> e armávamos o ora<sup>2</sup>tório com panos lustrosos que nos emprestavam alguns mercadores gentios da Índia, que de ordinário estavam naquela cidade e púnhamos uma cruz, que a todos causava muita devoção. Tínhamos muitas candeias brancas e alguns círios grossos, quase como tochas, uns verdes, outros vermelhos, que os turcos davam aos hortelões por algumas coisas que lhe levavam das hortas; outros, por serem de casta cristãos, os mandavam para o oratório. Dizíamos sempre o ofício de quinta e sexta-feira cantado e pregávamos o mando<sup>3</sup> e a paixão; e, dia da Ressurreição, quando amanhecia, fazíamos procissão dentro da sala, que era muito comprida e larga, cantando e tangendo os portugueses com suas violas e, no fim, lhes fazíamos prática sobre a ressurreição. Traziam os hortelões, para aquele dia, muitas rosas e flores e, uma vez, trouxeram um raminho, pouco mais de um palmo, que, com ser um só pé, tinha três rosas muito formosas em feira: a primeira, muito branca, a segunda era ametade branca e outra metade<sup>4</sup> muito vermelha e a terceira era toda muito [fol. 388] vermelha, com o que louvámos todos a Santíssima Trindade, que até nas rosas parece nos quis mostrar alguma semelhança sua e, assim, atribuímos a primeira ao Padre, a segunda ao Filho, em que estão duas naturezas, divina e humana, e a terceira ao Espírito Santo, que é aceso amor.

## CAPÍTULO XX

DE COMO, TENDO-NOS DADO LIBERDADE O BAXÁ, NOS FEZ TORNAR A PRENDER UM GENTIO DA ÍNDIA E DOS TRABALHOS QUE TIVEMOS.

**E**stivemos dois anos naquela prisão, sem nos falarem nunca em resgate, ainda que resgatavam outros portugueses; nem nós tratávamos disso por não deixar aqueles cativos desamparados. E, no fim deste tempo, desejando a mulher do baxá de nos ver, disse a um eunuco, seu criado que, como o pa<sup>5</sup>xá fosse às hortas, nos aconselhasse como de si que fôssemos ver um filho que tinha de sete ou oito anos. Mas o eunuco, que era de casta cristã, nos descobriu o secreto e disse que não ficássemos de nenhuma maneira; fizemo-lo assim. E, chegando a uma porta falsa, que estava em um pátio pequeno, saiu logo o menino, formoso como um anjo, com cabaia de tela de prata. E, por ser costume entre eles levar alguma coisa a primeira vez que vão visitar algum homem grande, lhe presenteámos um frasco de água rosada que eles estimam. E, retirando o menino a mão, com mostra de que não o queria aceitar, lhe disse o eunuco: «Tomai, senhor,<sup>6</sup> que ainda que sejam vossos escravos, são muito honrados.» Pelo que o tomou logo<sup>7</sup> e entregou a um moço. Estivemos ali

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: possuiis. Errata do autor.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 340v/329v].

<sup>3</sup> Não se envergonhando.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: mas.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: lugar.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: em que.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: lugar.

<sup>1</sup> Luto solene da Semana Santa.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 341/330].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: mandato.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: ametade.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 341v/330v].

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Tomai, senhor.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: logo.

grande espaço, falando com ele, e, depois que nos despediu, chamou a mãe ao eunuco (que, segundo ele depois nos disse, nos tinha visto de uma janela) e mandou-lhe que fizesse uma petição para o baxá, em nosso nome, que disséssemos que éramos pobres e que lhe não servíamos ali de nada, que nos desse licença para ir<sup>1</sup> a Jerusalém; e que esta petição desse a seu filho, para que apresentasse ao baxá quando estivesse só com ele. Fê-lo ele assim e, levando o menino a petição, a deu a seu pai. Disse a mãe: «Que pede Mahamêd», que assim se chamava o menino. Respondeu o baxá: «Pedem os padres que lhes demos licença para irem a Jerusalém.» «Pois dai-lha (disse ela); para que os quereis aqui? Eu também lhes darei [fol. 388v] gasto para o caminho, se quereis fazer isto.» Respondeu o baxá: «Seja, mas é necessário que vão com o correio de Constantinopla, para que os não matem no caminho.» Mandou-nos logo o eunuco dizer o que passava, porque estava presente. E, outro dia, disse o baxá, diante de muitos turcos, como sua mulher nos tinha tomado à sua conta para nos mandar a Jerusalém, pelo que um capitão nosso amigo nos mandou logo dizer que estivessemos contentes, que sem falta íamos a Jerusalém, muito melhor negociados que nenhum capitão. Parece que se moveu <sup>2</sup>esta mulher a nos fazer tão boa obra, porque, demais de ser muito bem inclinada (como todos diziam), era filha de cristãos e tomaram-na para mulher do Grão-turco Sul-tam Murât e depois a casou com aquele baxá e o enviou para aquelas terras.

Com o recado daquele capitão, ficámos tendo por certo tudo o que o eunuco dizia e demos muitas graças a Nosso Senhor por tão grande mercê, como era dar-nos liberdade e, juntamente, modo para podermos visitar os<sup>3</sup> santos lugares de Jerusalém. Mas, estando esperando pela partida do correio com que havíamos de ir, disse um mercador da Índia ao veador do baxá (que com ser também albanês, tinha grande ódio aos cristãos) que, como nos largavam daquela maneira, que éramos muito ricos e estimados entre os portugueses que, pelo menos, dariam por nós cinco mil cruzados. Foi-se ele logo ao baxá e disse que o enganávamos, dando a entender que éramos pobres, sendo muito ricos, como afirmava aquele baniane<sup>4</sup>, que nos conhecia. «Pois se assim é (disse o baxá), não os deixeis ir. Tomai-os à vossa conta.» Mandou logo o veador que nos prendessem e que nos não dessem mais que dois pães pequenos e quase tudo era farelo, sem outra coisa nenhuma, e disse que, se queríamos ser livres, que havíamos de dar vinte mil cruzados. E, ainda que o soube logo a mulher do baxá, não se atreveu a falar mais por nós. Desta maneira, estivemos ano e meio padecendo muitas necessidades, porque os demais cativos tinham também tantas naquele tempo, que não nos podiam socorrer; mas quando alguma vez achavam, por pouco que fosse, partiam connosco com muita caridade.

No fim deste tempo, veio de Meca um turco que se chamava Molâ Ali, natural de Argel e filho de uma cativa cristã e de turco e, sabendo que estávamos ali, desejou [fol. 389] de nos falar, pelo que pediu ao veador do baxá nos desse licença para ir a sua casa. Ele, que o reverenciava como a santo, por ser entre eles tido por homem letrado e recolhido, respondeu que nos mandasse chamar todas as vezes que quisesse, o que ele fazia muitas e, quase todas, nos dava de comer e gastava a mor<sup>5</sup> parte do dia, que lá íamos, em perguntar diversas coisas, porque era mui curioso. Com isto se nos moderou a prisão e nos tinham mais respeito, vendo a conta que de nós fazia aquele turco, o qual

não perdia ocasião em que não procurasse dar a entender que éramos pobres e que mentira aquele baniane e louvava-nos sempre de homens virtuosos e letrados, o que, referindo um dia o tesoureiro do baxá diante de muitos turcos, disse o caciz<sup>1</sup> do baxá, que estava presente: «Que podem estes saber? Se eu falar com eles, em duas palavras os concluirei.» «Não fareis pouco em vos defender deles, disse o tesoureiro; se quereis provar, eu os mandarei chamar esta noite.» Respondeu que nos chamasse, que mui pouco lhe havia de custar o nos convencer. Juntaram-se muitos turcos a ver a disputa e mandaram recado ao alcaide da fortaleza, a cujo cargo estávamos, mas porque era noite, não quis que fosse mais que o Padre António Monserrate. Durou a disputa até perto da meia noite, tratando de diversas matérias e embarçou-se o caciz de maneira que não acertava a dizer nada. Ultimamente perguntou: «Como podia ser, Deus tivesse filho?» Declarou-lhe então o padre, a processão das pessoas divinas, de maneira que veio dizer o caciz, que se assim o entendiam os cristãos, não havia inconveniente nenhum. Virou-se o padre para o tesoureiro e disse-lhe: «Por graça, bem pode Vossa Senhoria mandar trazer água para baptizarem<sup>2</sup> o caciz, porque já confessa o que nós cremos.» Festejaram todos muito<sup>3</sup> aquilo e disse um: «Verdadeiramente, que se estivéreis três dias com o padre, que vos havia de fazer cristão.» Do que ele se mostrou bem enfadado.

Acabada a disputa, deu o tesoureiro a todos uma esplêndida ceia e depois alcançou licença do baxá para que nos soltassem e pudéssemos andar livremente pela cidade e sempre dizia bem de nós. O caciz, pelo contrário, todas as vezes que se oferecia prática, nos vituperava. E encontrando-se uma vez comigo na casa daquele turco de Argel, [fol. 389v] me perguntou se estava no *Evangelho* o nome de Mahamed e, respondendo eu que não, disse: «Se não está, vós outros o tirastes, pelo <sup>4</sup>grande ódio que lhe tendes.» «Nenhum cristão (respondi eu) pode tirar nem acrescentar coisa alguma no *Evangelho*, porque é Escritura divina. E quando nós fôramos tão maus, que tirámos esse nome, outros cristãos muito distantes de nós têm o mesmo *Evangelho*, do tempo dos apóstolos, escrito em sua língua, que não o houveram de tirar e mais em nenhum de seus livros se acha. Logo sinal é que nós não o tirámos, nem esteve nunca no *Evangelho*.» «Agora, para que vejas (disse ele) que Cristo prometeu no *Evangelho* que havia de mandar a Mahamed, esperai um pouco, que eu vo-lo mostrarei.» E mandou trazer de sua casa um livro escrito em arábico, em que dizia: *S. João, no fim do cap. 15.º, afirma que prometeu Cristo a seus discípulos que lhes havia de mandar Faraglitâ: este é Mahamed.* «Logo, se agora não está no *Evangelho*, vós outros o tirastes.» «É verdade (disse eu) que esse nome Faraglitâ (que quer dizer Paraclitus) está no *Evangelho*; em essas e em outras partes, ninguém o tirou. Também é certo que Cristo prometeu a seus discípulos que lhes mandaria Faraglitâ, mas este não é Mahamed, porque ele nunca disse de si que era Deus, antes confessa em seu *Alcorão* que era homem pecador, como os outros, mas que Deus lhe fez mercê de o fazer profeta. Este nome, Faraglitâ, é nome de Deus; logo, Faraglitâ não é Mahamed, nem lhe pode convir tal nome. E mais, se por Faraglitâ se entendera Mahamed, já Cristo não cumpria sua palavra que deu a seus discípulos de lhes mandar Faraglitâ, porque Mahamed veio mais de seiscentos anos depois de Cristo, que havia já tanto tempo que eram mortos os apóstolos. Sabei que Faraglitâ é o mesmo que Rahalcudûz, *scilicet* «Espírito Santo», e este prometeu Cristo e mandou a seus discípulos dez

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: irmos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 342/331].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: tão.

<sup>4</sup> Ou baniano. Os baneanes eram mercadores e banqueiros hindus que operavam nos portos do Índico e mares adjacentes; em sentido restrito, eram os comerciantes jainas do Guzerate.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 342v/331v].

<sup>1</sup> Qasís, doutor da lei islâmica.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: baptizar.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: muito.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 343/332].

dias depois que subiu ao céu, estando todos juntos em Jerusalém esperando por ele, como Cristo lhes tinha mandado.»

A isto não respondeu nada, porque não sabem instar em os argumentos; antes passam, sem ordem, de uma matéria a outra. Vendo eu que não instava, senão que se ocupava em ler seu livro, lhe disse: «Já que eu vos respondi ao que me pergun<sup>1</sup>tastes, folgaria que me declarásseis algumas coisas que tenho achado em vosso *Alcorão*, por onde não pode ser [fol. 390] livro de Deus, como afirma Mahamed, primeiramente se se achar nele mentira ou contradição, não pode ser livro de Deus, porque repugna à sua infinita bondade e divina sabedoria.» Respondeu ele que assim era e que nenhuma destas coisas se achava<sup>2</sup> no *Alcorão*. «Pois, no cap. 19.º, afirma Mahamed que, depois de dar o anjo a embaixada a Maria e de ter concebido por virtude divina, como os demais não sabiam este mistério e a viram pejada, lhe disseram: Como fizestes uma coisa tão feia sendo irmã de uns homens tão honrados como são Moisés e Aarão? Eis aqui, diz o *Alcorão* que Maria, mãe de Cristo, era irmã de Moisés e Aarão. Isto é falso, porque deles a Cristo houve mais de 1500 anos. Logo, o *Alcorão*, em que se acha isto, não é livro de Deus»<sup>3</sup>. Achou-se tão alcançado o caciz, que não acertava com o que queria dizer. E, assim, acudiu o outro de Argel, afirmando que não era falso, porque não falava ali o *Alcorão* de Moisés e Aarão, os que tiraram os filhos de Israel do cativeiro do Egípto, senão de dois irmãos que tinha Maria mãe de Cristo, que se chamavam de essa maneira. «Nenhum irmão (disse eu) teve Maria, nem se achará Escritura autêntica que tal diga.» Respondeu ele: «Se vossas Escrituras não contam isto, as nossas o dizem; e isso nos basta por prova.» «Agora já que me negais coisa tão certa (disse eu), vamos a outra do *Alcorão* que me parece contradição, porque em uma parte diz que Cristo não morreu, senão que pôs outro em seu lugar, que se parecia com ele e se subiu ao quarto céu, onde agora está. E, em outra parte, afirma que falando Deus com Cristo, lhe disse: “Eu te lancei minha bênção em tua ressurreição.” Pois ressurreição supõe morte que ninguém pode ressuscitar sem primeiro morrer<sup>4</sup>. Logo, diz que morreu e que não morreu.» Começaram a falar um com outro, sem quererem responder nada, ou porque não sabiam, ou porque já tinham escrúpulo de ir com a disputa adiante<sup>5</sup>, que seu *Alcorão* lhes manda que não disputem em coisa de Lei. Dali por diante, nunca falou mais o caciz em disputa, ainda que se juntava connosco em algumas partes.

<sup>6</sup>Como já não estávamos presos, ainda que morávamos no cárcere, íamos mais vezes fora, aos negócios que se ofereciam, o que sabendo um mancebo arrenegado que estava dentro da casa do baxá com os demais moços, a quem não deixam sair fora e, desejando falar connosco, se pôs um dia sobre um terrado que caía sobre a porta do cárcere e, vindo eu de fora, me perguntou, de cima, como estava. Respondi que muito triste pelo ver naquele estado de perdição, que não sabia que mal achara em Cristo, que, com tão grande caridade [fol. 390v] morreu em uma cruz pela redenção do mundo, para o negar, nem que bem enxergara em Mahamed, para se passar à sua seita. Começou ele a chorar, dizendo que seus pecados o trouxeram a tão desventurado estado e que tinha grande arrependimento e desejo de achar remédio para sua salvação. Respondi que em sua mão estava e

ainda o ser muito grande diante de Deus se, com valoroso coração e bastante ânimo, o quisesse tornar a confessar diante de seus inimigos; que outros muitos, por fraqueza, o tinham também negado e depois foram muito favorecidos e honrados de sua divina majestade, por fazerem eles de sua parte o que eram obrigados. Estando em estas práticas, passou gente pela rua e assim lhe foi forçado recolher-se. E, tornando outra vez falar comigo pela mesma parte, foi visto de um eunuco que tinha cuidado dele e de outros criados do baxá e mandou-lhe que não chegasse ali mais.

Vendo ele que não podia falar connosco, porque já atentavam nisso, nos escreveu uma carta e a deu a um português que levava fruta das hortas ao baxá, em que dizia que estava determinado, a primeira vez que o baxá fosse com festa à mesquita (que o fazia sempre a primeira sexta-feira, depois da lua nova), sair secretamente de sua casa e, entrando na mesquita, tirar as cabaiaes diante de todos e ficar com vestido de português, que levava debaixo e tinha já aparelhado para isso <sup>1</sup>e dizer que era cristão e que errara gravemente em se fazer mouro, porque a seita de Mahamed era falsa e ninguém se podia salvar, senão na Lei de Cristo.

Com esta carta, folgámos o padre e eu muito e respondemos que, quando fosse, passasse por onde nós estávamos e que viesse bem aparelhado para se confessar com qual quisesse, que facilmente o podia fazer porque, quando o baxá ia à mesquita aquela primeira sexta-feira de seu mês, não ficava ali gente nenhuma. Fazíamos, dali por diante, oração por ele, pedindo com muita devoção<sup>2</sup> a Nosso Senhor lhe desse forças e graças para sofrer os tormentos e morte por Seu amor e estávamos aparelhados para morrer com ele, se fosse necessário; mas sem nos tornar a mandar dizer nada, mudou o propósito e pediu de mercê ao baxá lhe desse licença para estar fora, porque aquele eunuco o tratava mal. O baxá lhe concedeu facilmente e, assim, nos veio logo visitar e [fol. 391] perguntando-lhe por que desistira de tão santa determinação, respondeu que por recer os tormentos, que, ainda por pequenas causas, os dão muito grandes. Vendo nós isto, lhe persuadimos que fugisse e, ainda que era coisa muito riscosa<sup>3</sup>, o fez; mas, tomando-o no caminho, o trouxeram ao baxá e lhe mandou dar muitos açoutes. Com tudo isso, tornou outra vez a fugir e, depois de padecer muitos trabalhos, ter muitos perigos, foi Nosso Senhor servido que chegasse à Índia e, reconciliando-se com a Igreja, se pôs logo em uma ermida afastada de povoado, onde fez grande penitência e perseverava nela quando eu vim para cá. A outros quatro arrenegados aconselhámos também que fugissem e todos passaram à Índia, com ser um deles conhecido no porto onde se havia de embarcar, e levado a um criado do baxá, que também o conhecia, e mandou que o guardassem muito bem para o levar ao baxá; mas, estando para partir uma nau de um gentio da Índia, fugiu da casa onde o tinham e, vestindo-se como marinheiro, tomou um fardinho às costas e se embarcou por entre as guardas, sem ser conhecido.

<sup>4</sup>Pouco depois que o baxá nos deu licença para andar pela cidade, veio ali outro baxá muito seu amigo que ia para as terras que o turco tem em esta costa de Etiópia, que se chamava Aly Baxá, natural de perto de Sevilha, e, indo-o visitar o turco de Argel nosso amigo, que era seu conhecido, lhe disse: «Aqui tem Vossa Senhoria um padre castelhano.» Com o que ele se alegrou e mandou

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 343v/332v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: acharia.

<sup>3</sup> Sura 19, 27-28.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que ninguém pode ressuscitar sem primeiro morrer.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: por diante.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 344/333].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 344v/333v].

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com muita devoção.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: arriscada.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 345/334].

logo que me chamassem. E, indo o Padre Monserrate e eu juntos, o achámos em uma sala grande, toda alcatifada e de uma e de outra banda, muitos turcos, sentados em feira e outros em pé, dos mais principais da cidade e ele só, afastado um pedaço sobre uma alcatifa muito rica, encostado em coxins de brocado. E, entrando, lhe fizemos a cortesia que eles costumam, pondo a mão direita no peito e baixando a cabeça sem a descobrir. Disse-nos que fosse boa nossa vinda, que nos sentássemos, que foi favor muito grande porque não se assentavam diante dele senão homens muito grandes. Perguntou-nos, em castelhano, como estivéramos ali tanto tempo sem resgatar<sup>1</sup>. E, respondendo [fol. 391v] que por sermos pobres e não haver quem falasse por nós, disse ele: «Pois eu falarei e vos farei soltar, com ajuda de Deus.» Começou logo a dizer aos turcos, em língua arábia, que éramos muito bons homens e que, quando nos fazíamos religiosos, deixávamos quanto fato tínhamos, por muito que fosse, e comíamos das esmolas que nos davam e que não nos ocupávamos, senão em rezar e ensinar aos cristãos o *Evangelho*, que era livro de Deus, porque as palavras que nele havia as dissera Deus. E, tornando a falar connosco, disse que fôssemos embora e que tornássemos à<sup>2</sup> noite, porque desejava<sup>3</sup> falar só connosco. Levantámos logo e, descendo pela escada, encontrámos um xarife que fora cativo na Índia e tinha ainda lá um filho; pesou-nos muito, porque arreceámos que nos desmanchasse tudo, como o fez; porque quando subiu, ainda estavam falando em nós, segundo nos disse depois aquele turco de Argel; começou logo a chorar, dizendo: «Se Vossa Senhoria faz agora resgatar estes padres, nunca virá meu filho para cá.» Respondeu-lhe o baxá, enfadado: «Não faleis nisso, <sup>4</sup>que eles não hão-de fazer mal a vosso filho. Os portugueses não vos resgataram? Pois eu também quero fazer resgatar a estes.» Vendo ele a determinação do baxá, não passou adiante com a prática, mas, como saiu, andou persuadindo aos principais turcos da cidade, fizessem com o baxá que não falasse por nós.

Tornando o padre e eu à noite, como o baxá tinha mandado, nos fez grande festa e depois de nos perguntar miudamente pelas coisas de Portugal e Castela, nos disse que, sendo ele de oito anos, o tomaram os mouros de Argel e que, como era menino que não sabia nada, o fizeram mouro. Depois subira a ser baxá pelas coisas que na guerra fizera contra os mouros, que contra os cristãos nunca tomara espada. Com esta ocasião lhe falámos algumas coisas sobre<sup>5</sup> sua salvação, mas não respondeu nada, antes mudou a prática, dizendo: «Eu vou agora para as terras que el-rei tem em Etiópia e farei com vosso senhor que vos deixe ir. E levar-vos-ão meus criados a Mocá, para dali vos embarcar com o fato que mando a Maçuá, onde hei-de ir, mas por outra via; porque hei-de andar muitos dias por terra e depois embarcar-me para atravessar e, assim, para vós outros fora trabalho ir comigo. Como eu chegar, [fol. 392] entrareis em Etiópia e vereis vossos padres e, se vos não contentar a terra, podeis tornar a minha casa e dar-vos-ei meus criados, que vos levem a Jerusalém e todo o necessário para que, dali, passeis a vossas terras.» Parece que não quis tratar, por então, das coisas de sua alma, por estar ali aquele turco de Argel, que entendia a língua, porque ele desejava de se tornar para os cristãos, como mostrou depois que chegou a Maçuá, que mandou a Diu um criado, de quem se fiava, a pedir seguro para ir lá com toda sua casa; e, falando em secreto com o

capitão da fortaleza (que, segundo cuida, se chamava Gonçalo de Tavares) e com um homem muito honrado, por nome Luís Álvares Camelo, que então era veador da fazenda d'el-rei, lhe responderam que não somente o assegurariam<sup>1</sup> e fariam<sup>2</sup> tudo franco, mas do vice-rei receberia muitas honras. Porém não teve isto efei<sup>3</sup>to, porque, sendo sentido, mandou o mesmo baxá de Saná, seu amigo, alguns soldados com capa de que lhe ajudassem em uma guerra que tinha com os mouros, mas com ordem que o matassem como achassem conjunção para isso. E assim, saindo ele um dia de sua tenda a cavalo, dispararam os do exército muitas espingardas em sinal de festa, como sempre costumavam, entre elas tirou com pelouro um soldado dos do outro baxá e, dando-lhe pelas costas, o matou, sem se saber por então quem o fizera. Mandou logo aquele baxá nova gente que tomasse o fato do morto e acharam-lhe novecentos mil venezianos e então se publicou tudo.

Estando nós muito contentes com o que nos prometia Aly Baxá, porque tínhamos por certo que, se falasse, acabava tudo facilmente, disse seu tesoureiro que estavam ali uns turcos que o vinham visitar, pelo que mandou que entrássemos em seu guarda-roupa. Subiram logo dois, os mais principais da cidade, muito seus amigos e, parecendo-lhe que aqueles lhe podiam ajudar a falar por nós, mandou que nos chamassem. E como entrámos, disse; «Quero fazer soltar estes, que são muito bons homens e não têm nada.» Responderam os turcos que vinham lançados por aquele xarife que procurava que não nos soltasse: «Não se meta Vossa Senhoria nisso, porque têm prometido três mil cruzados e é certo que podem dar cinco mil, que era o que o gentio da Índia tinha dito.» Ouvindo isto, o baxá ficou com o rosto mudado e mostrando muito sentimento, disse em castelhano: «Sabeis que dizem estes, que tendes prometido três mil cruzados e que podeis dar cinco mil.» Respondi eu que não tínhamos prometido nada, nem podíamos dar mais que alguma esmola que nos viesse da Índia, [fol. 392v] que seria muito pouca. «Eu bem sei (disse ele) que falais verdade, mas se estes velhacos têm metido isso na cabeça, quem lho há-de tirar? Contudo eu trabalharei quanto puder.» Com isto, nos despediu aquela noite e fomos dormir a casa daquele turco de Argel que sempre nos acompanhava. Outro dia, vieram novas que morrera um filho do baxá da terra, que estava por capitão de uma fortaleza longe dali, o <sup>4</sup>que ele sentiu tanto que, por muitos dias, esteve fechado, sem deixar entrar mais que alguns grandes. Pelo que nos disse Aly Baxá que não podia falar em nossos negócios, nem ainda em outros que ele tinha de muita importância, porque não fazia mais que chorar, sem responder a nada e que a ele lhe era necessário partir logo. Agradecemos-lhe muito a vontade que tivera de nos ajudar e pedimo-lhe, de mercê, nos desse um formão<sup>5</sup> para podermos ir à Etiópia, quando dali saíssemos. Respondeu de muito boa vontade e logo fez passar uma provisão em que dava licença em nome do turco, para que pudéramos entrar na Etiópia e andar pelas terras dos turcos, sem que ninguém nos impedisse, mas advertiu que não o mostrássemos enquanto estivéssemos cativos, porque, se o soubesse o baxá, o tomaria, por que não fugíssemos. E com isto nos despediu, mas, depois, arreceando que os turcos revolvessem nosso fato, como dali a algum tempo fizeram, levou um português o formão, por que não dessem com ele. Não sei que temor sem fundamento lhe veio, que o queimou, do que ficámos com muita tristeza.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: resgate.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: queria.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 345v/334v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: seguravam.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: faziam.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 346/335].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 346v/335v].

<sup>5</sup> Alvará. O mesmo que firmão.

Como aquele baxá se partiu para suas terras e ao nosso se lhe moderou a tristeza da morte do filho, tratámos de resgate por via do alcaide da fortaleza, a cujo cargo estávamos, e respondeu o veador do baxá que, se não dávamos dez mil venezianos, não nos haviam de resgatar. Pelo que determinámos de não falar mais em esta matéria, senão acompanhar sempre os cativos, enquanto ali nos deixassem estar os turcos, e assim o escrevemos ao Padre Francisco Cabral, que então era provincial da Índia, o tivesse por bem, porque se não fosse para passar à Etiópia, nos pesava muito deixar aqueles cativos. Sinalámos, então, alguns deles para que se resgatassem, por nos ter escrito os irmãos da Misericórdia de Chaul, que davam sempre o resgate, que fizéssemos ir os que tivessem mais necessidade e mandaram dizer quantos podiam ir cada vez e que, se algum fosse sem nossa licença, não haviam de pagar nada por ele. Mas a cada um lhe parecia que tinha mais necessidade de ir que todos os outros e, como forçadamente haviam de ficar alguns porque a Misericórdia não [fol. 393] os podia resgatar a todos juntos, davam-nos trabalho, o que sofríamos com paciência, porque de outra maneira não se puderam resgatar, como já se tinham experimentado, porque se atravessavam uns a outros e pretendiam muito mais do que podiam nem era razão dar. E daquela maneira foi Nosso Senhor servido, que, sem haver brigas entre eles, se resgatassem sem ficar mais que dez que o baxá não quis resgatar, enquanto ali esteve, porque lhe concertavam bem suas hortas.

A este tempo, veio a Saná o capitão de Mocâ, que se chamava Aly Chilibî, a quem o baniane, que nos encontrava no resgate, tinha também dito que podíamos dar cinco mil cruzados e prometeu por nós três mil, sem falar nada connosco, e o baxá disse que nos levasse; mas acudiu seu veador, dizendo que o enganava, que ele sabia que podíamos dar muito mais. E, assim, ficámos e foi mercê de Nosso Senhor, porque era tão cruel e amigo de fato que, se nos levara, em vendo que lhe não dávamos o que pretendia, nos houvera de matar, ou ao menos dar muitos tormentos, porque dali a algum tempo, mandando o baxá que estivesse preso em sua casa e que lhe entregasse o fato por culpas que dele tinha, ficou tão desatinado, que tomou uma faca e se abriu a si mesmo com ela, e cortou todas suas tripas em pedacinhos. E, entrando, em isto, um seu filho mancebo, disse: «Que é isto, senhor?» Respondeu com lhe atravessar a mão com a faca e, se lhe alcançara, bem o houvera de matar, pelo que se afastou com muita pressa e logo o pai morreu. E o baxá tomou todo seu fato, que foram setenta mil cruzados e, deles, por grande mercê, deu mil a dois filhos que tinha o morto.

## CAPÍTULO XXI

EM QUE SE TRATA DOS TRABALHOS QUE NOS DERAM  
OS TURCOS POR CAUSA DO RESGATE.

Pouco tempo depois que partiu Aly Baxá daquela cidade onde estávamos, se foi para Meca o turco de Argel que nos favorecia e, assim, ficámos passando muitas necessidades, sem haver quem falasse por nós; nem nos deixavam sair da prisão senão raramente, alguma vez que chegáva-

mos a uma horta que estava junto do muro da cidade, de que tinham cuidado os portugueses onde lhe<sup>1</sup> sucedeu ao Padre António Monserrate uma coisa mui notável, segundo afirmam os turcos que a <sup>2</sup>viram, e foi que, estando em oração debaixo [fol. 393v] de umas árvores muito grandes, se levantou no ar tanto como elas, do que ficaram mui maravilhados os turcos que estavam vendo do muro da cidade e o contavam depois a todos, dizendo que não podia ser, senão que aquele homem era<sup>3</sup> muito amigo de Deus; o que ouvindo os portugueses, o referiram uma vez ao padre, estando eu presente, ao que respondeu, rindo: «Não sei como esses turcos tinham os olhos, porque nem ainda subir nas árvores posso, quanto mais no ar.»

Um ano depois, teve novas o baxá que vinha outro em seu lugar, pelo que determinou de nos resgatar e, para que prometêssemos o que pretendiam, nos levou o veador do baxá a sua casa e disse que o que resolutamente havíamos de dar eram cinco mil cruzados. E respondendo que não tínhamos mais que alguma pequena esmola que nos davam na Índia, se mostrou mui indignado e fez muitas ameaças. E, vendo que não aproveitava, tornou com boas palavras, dizendo que não queria mais de que disséssemos aos mercadores da Índia que lá lhe pagaríamos os cinco mil cruzados, que ele lhos tomaria. Respondemos que folgáramos muito de ir para nossas terras, mas que não podíamos enganar a ninguém e, assim, não havíamos de dizer mais que o que nos parecia poderíamos achar de esmola, que seria o que os outros portugueses dariam<sup>4</sup> por si. Ouvindo ele isto, mandou que nos pusessem cadeias ao pescoço e nos metessem em uma masmorra. Levaram-nos logo dali e puseram-nos colares ao pescoço, de três dedos de largo, que se fechavam com uma argola, por onde meteram uma cadeia muito grossa e comprida e, no último elo, puseram um cadeado muito grande e, assim, ficámos enfiados na cadeia juntamente com um brâmane cristão que estava connosco. Depois nos meteram debaixo do chão, em uma cova mui escura e tão baixa e estreita que, assentados, quase chegávamos acima com a cabeça e, de largura, com trabalho cabíamos todos três. Ali estivemos fechados, em contínuas trevas, com muito pouco comer e, quando um de noite se virava, acordava os outros, por<sup>5</sup> que não podiam deixar de puxar e bulir a cadeia. E era ali o ar tão grosso, que quando nos tiravam fora, para alguma necessidade, nos virava a cabeça tanto que, ao quinto dia, já não podíamos andar senão com trabalho. O Padre António Monserrate, por ser velho, era o que mais padecia, sem poder já com a cadeia, que era muito pesada, pelo que roguei<sup>7</sup> ao que tinha cuidado de nós, lha tirasse e que lhe buscaria [fol. 394] alguma coisa entre os portugueses; que, para isso, chamasse alguns. E, ainda que era mouro mui cruel, todavia, pelo interesse que esperava, lha tirou, mas botou-lhe outra pequena em os pés. O brâmane e eu ficámos na cadeia, como antes, quinze dias, e depois nos entregaram a um turco para que nos levasse a Mocâ, onde estavam as naus da Índia, para ver se, falando com os mercadores, prometíamos mais, ou eles se moviam a o dar.

Estivemos naquela cidade de Saná seis anos, menos quatro ou cinco meses, que nos teve preso el-rei de Xaêr, quando nos cativaram. Foi antigamente cidade muito grande, mas depois que a tomaram os turcos, se despovoou, de maneira que não lhe ficavam mais que como 2500 casas, e as quinhentas serão de judeus; e, assim, dentro dos muros, que são de taipa muito grossa, com muitos

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: lhe.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 347v/336v].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: era.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: davam.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: assim.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 348/337].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: rogou.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 347/336].

baluartes, há<sup>1</sup> muitas hortas e pomares, com muitas frutas das que há em Portugal; e tudo se rega com água de poços, que nenhuma fonte têm dentro da cidade. Não falo das particularidades da terra e modo da gente, porque, para isso, fora necessário tratado mui comprido<sup>2</sup>.

Como aquele turco nos tomou à sua conta, logo nos tirou os ferros e partimos para Mocâ, que estará sessenta léguas dali. E, porque os camelos em que íamos davam muito trabalho ao Padre Monserrate e sempre andava com arreio de cair (como quando primeiro nos levaram aos turcos), tomámos um jumento em que fosse; mas foi pior porque, entrando por um caminho estreito, passou um camelo carregado e, derrubando-o, esteve a perigo de que o matassem com os pés os outros camelos. Desta queda e do encontro do camelo, ficou tão maltratado, que nem no jumento se podia ter, pelo que era necessário ir a pé, umas vezes o brâmane e outras eu, tendo mão nele; e como, por esta causa, não podíamos caminhar tanto como aquele turco queria, vinha com grande agastamento e dizia ao padre que caminhasse depressa, senão que o amarraria sobre um camelo. Outro dia, chegámos a uma cidade pequena bem murada, que chamam Taís, onde descansámos dois dias, e o padre se achou melhor, mas o turco lhe pôs ferros e lhe <sup>3</sup>deu muito trabalho, por que lhe promettesse algum dinheiro, e por não o fazer, não lhos tirou até o tempo da partida. E levou dali muita gente, porque havíamos de caminhar dois dias, por entre umas grandes serras cheias de ladrões. Ao terceiro dia, chegámos a outra cidade mais pequena, [fol. 394v] que chamam Mouçâ<sup>4</sup>, seis léguas de Mocâ. E, partindo à boca da noite, por ser terra muito quente, chegámos a Mocâ antes de sair o sol e puseram-nos em casa de um criado do veador do baxá, tal como seu senhor<sup>5</sup>, e cinco ou seis dias nos persuadiu muito que prometêssemos os cinco mil cruzados e deixava-nos falar com os mercadores que queríamos e dava-nos boas palavras, parecendo-lhe que, com isso, alcançaria o que queria.

Vendo ele depois que, com todas suas invenções, não lhe deferíamos e que não aproveitavam boas palavras, determinou vir às obras. E mandou que nos levassem ao capitão da cidade e, estando com muitos turcos e alguns mercadores e capitães das naus, nos fez uma prática mui comprida, representando-nos os trabalhos que havíamos de ter se ficássemos, que prometêssemos os cinco mil cruzados, que ele os tomaria daqueles mercadores, ainda que não o quisessem dar. Respondemos que já tínhamos prometido o que nos parecia que poderíamos achar de esmola na Índia, que era o que cada um dos outros cativos dava por si e que, ainda que nunca houvéssemos de sair do cativoiro, não prometeríamos mais porque nos não era lícito enganar os mercadores. Vendo isto, nos fez muitas ameaças e mandou tornar onde primeiro estávamos e, pondo-nos cadeias, nos meteram em uma lógea cheia até cima de fardos de cravo e pimenta, sem ter mais que<sup>6</sup> um lugar muito estreito no meio<sup>7</sup>. E naquele tempo fazia tão grande calma naquela terra, que nem nos terrados das casas podiam de noite dormir, senão com muito trabalho, pelo que era tão grande o fogo entre aquela especiaria que continuamente nos corria o suor como água em fio por todas partes e, quando chegou a noite, já não nos podíamos valer, porque parecia que nos afogávamos e, sem dúvida, o Padre

António<sup>1</sup> Monserrate, que era homem grosso, corria muito risco se, aquela noite, ficava ali; mas foi Nosso Senhor servido de nos tirar por meio de um abexim, criado daquele turco, o qual, deitando-se a dormir no terrado da casa e, estando tão abafado que mandou que lhe botassem água por cima, <sup>2</sup>lhe disse o abexim: «Senhor, se nós nos não podemos valer com calma estando<sup>3</sup> cá em cima, que farão aqueles coitados, metidos lá em baixo? Dai-me licença para que os tire, senão esta noite hão-de morrer.» Queria o turco muito a este etíope, porque tinha cuidado de toda sua casa e, assim, facilmente lhe concedeu o que lhe pedia, pelo que foi logo mui contente e [fol. 395] nos passou para outra casa, que ainda que muito quente, não tinha comparação com aquela em que estávamos.

Desta maneira nos tiveram presos alguns dias, dando-nos muito pouco de comer e, vendo que não aproveitavam cadeias, ameaças, nem fome, para que prometêssemos o que pretendiam, escreveram o que passava ao veador do baxá. Ele, que tinha já novas certas de que, ao baxá que vinha, mandara tornar o grão-turco para o Cairo, respondeu que não nos largassem se não déssemos o que pedia e escreveu uma carta a seu criado para que nos mostrasse, em que dizia: «Se não quiserem dar os cinco mil cruzados, trouxe-os com cadeias ao pescoço e grilhões em os pés, que, como cá chegarem, eu sei o que hei-de fazer deles.» Chamaram-me a mim, só porque sabia ler arábico e mostraram-me a carta. Respondi que, por mais tormentos que nos dessem, não podíamos prometer aquilo, porque não o tínhamos. Disse então<sup>4</sup> o turco: «Pois haveis de tornar comigo para Saná. Os grilhões vos não botarei, porque vos hei-de levar a pé, diante de meu cavalo, mas com uma cadeia muito grossa ao pescoço e tenho-vos de ir picando com este terçado<sup>5</sup>, para que caminheis depressa.» «Também, se tendes licença (respondi eu), nos podeis cortar as cabeças com ele e folgaremos muito, porque não desejamos outra coisa mais que morreremos por nossa fé.» «Pois logo achareis o que desejais (disse ele), porque, em chegando lá, vos hão-de esfolar vivos.» E com isto, me mandou tornar a meter dentro da casa, onde estivemos com ferros até que partiram as naus da Índia e mandava-nos dizer, pelo que nos guardava, «já está para partir a nau de fulano, já a de fulano.» Respondíamos sempre que folgáramos muito de ir para a Índia, mas que não podíamos dar o que pediam.

Como acabaram de partir as naus, mandaram que nos metessem em uma de duas galés que tinham naquele porto. <sup>6</sup>E entrámos nela, primeiro dia de Setembro. E, tirando-nos as cadeias que trazíamos, nos puseram outras em os pés e o banco, afastados, cada um entre quatro forçados. Dali a poucos dias, mandou dizer o baxá que aparelhassem as galés, porque sua mulher havia de ir nelas em romaria a Meca, com o que folgámos muito, porque forçadamente nos haviam de deixar ali, em Mocâ, que em Meca não podem meter cristãos. Mas, estando toda a gente de ambas as galés na nossa [fol. 395v] levantando o mastro, veio uma trovoada e começou a chover; e assim se assentaram todos, porque também os mares eram grandes, e, dali a pouco, deu um trovão e relâmpago tal, que nos espantou e fez abaixar as cabeças a todos e, olhando logo o padre e eu para uma parte, vimos cair na água, um pouco afastado da galé, uma coisa como escória de ferro, de mais de um palmo a nosso ver, que parece era a pedra do corisco que caiu. E depois de passado tudo,

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: há.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: grande.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 348v/337v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: Moriçã.

<sup>5</sup> O sentido desta expressão não é claro.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: no meio.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: no meio.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: António.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 349/338].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: estando.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: Respondeu.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: traçado. Errata do copista.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 349v/338v].



vimos o mastro grande feito em pedaços até o meio, sem que ninguém tivesse dado fé disso, com estarem muitos à roda dele; e quis Deus que todas as rachas, que eram muito grandes, caíram no mar, que se alguma dera dentro da galé, não podia deixar de fazer mal, por estar toda cheia de gente. Demos graças a Nosso Senhor que nos librara e eles, a seu maldito Mahamed, por cuja intercessão lhes parecia que Deus fizera a todos aquela mercê. Contudo, o tiveram por ruim prognóstico e o escreveram logo ao baxá.

A este tempo, já chegava a mulher do baxá três dias dali, que vinha para se embarcar e, como ouviu isto, não quis passar adiante. Também o baxá, quando o soube, mandou com muita pressa que se tornasse, porque são muito agourentos. E assim, ficaram ali as galés e nós nelas com muito trabalho, porque nos não davam a comer mais que uma medida mui pequena de um milho vermelho amargoso, sem outra coisa nenhuma. Nem um pau de lenha nos queriam dar para o cozer, pelo que rogámos a alguns dos forçados que saíam fora, que dessem aquele milho a alguma mulher na cidade, que o cozesse e dali tomasse por seu trabalho o que a eles parecesse, mas nem isto nos aproveitou porque muitas vezes não havia quem o trouxesse e, assim, ficávamos todo o dia sem comer bocado. Pelo que determinei<sup>2</sup> de o moer eu da maneira que o<sup>3</sup> faziam os demais forçados, que era, depois de molhado, botá-lo sobre uma pedra larga e tomar outra roliça comprida com ambas as mãos e ir moendo e acrescentando água, até que se fazia massa e cozia-se, pegando pedacinhos dela por dentro de uma jarra grande que aqueciam botando também dentro o fogo; e, assim, um saía queimado, outro por cozer. Comecei eu dois ou três dias a moer e doía-me tanto as costas, que não podia comigo porque, conforme punham a pedra, era necessário estar quase de joelhos para moer. Mas, vendo minha canseira, um cafre mouro que estava [fol. 396] comigo a banco<sup>4</sup>, disse: «Esta coisa não é para vós. Dai-me a mim, que eu moerei.» E assim o fazia sempre, sem tomar quase nada, por mais que lhe rogasse.

Não somente nos dava trabalho o comer, por ser tal e tão amargoso, mas principalmente o *comitre*<sup>5</sup> da galé, que era um mouro mui cruel, que pouco antes fugira de uma galé de portugueses, onde andava a remo, pelo que nos tinha má vontade e, assim, nunca pudemos<sup>6</sup> acabar com ele que nos deixasse trazer duas camisas que nos ficaram em terra e não tínhamos mais que as que levávamos vestidas quando nos meteram na galé, que já estavam podres com o suor e a sujidade. Sobretudo, nos molestavam os percevejos de que estava tão cheia a galé que quase toda a noite passávamos sentados em os bancos, sacudindo-os, que por todas as partes nos subiam e, se alguma vez, de cansados e vencidos do sono, nos deitávamos, logo se nos cobria o rosto, de maneira que nos faziam tornar a levantar; e assim, não dormíamos até que queria amanhecer, que com o frio se tornavam a recolher. Nem aproveitava queixarem-se os soldados que de noite vigiavam a galé, nem bradarem sempre os forçados por tão contínuo tormento, para que o capitão fizesse limpar as galés. Vendo eu que não podia dormir de noite e que de dia não era possível, pelo grande sol e estrondo da galé, determinei provar uma coisa, para que o Padre António Monserrate depois a fizesse, se me

saísse bem. E foi meter na cabeça um saquinho de pano que tinha e amarrar a cabeça sobre o colarinho da loba, amarrar também a loba pelos pés e recolher as bocas das mangas dentro das mãos e, feito isto, me deitei, parecendo-me que estava muito seguro de poder ser entrado dos inimigos e que aquela noite havia de dormir à minha vontade; mas, ainda que ao primeiro dormi um pouco, depois acharam um buraquinho no saco, que eu não tinha visto, por onde entraram tantos, que me encheram o pescoço e cobriram o rosto, bulindo de maneira que me fizeram acordar e achar mui embaraçado porque, com a pressa, não acertava a desamarrar o saco e eles se queriam meter pelas orelhas e narizes. E assim, quando depois me vi livre deles, tive por melhor não dormir que tornar a provar semelhante remédio.

Desta maneira, estivemos perto de três meses e, chegando ali aquele turco de Argel nosso amigo, que vinha de Meca, mandou que nos tirassem, ao que repugnou muito o capitão [fol. 396v] das galés, pelo medo grande que tinha do veador do baxá; mas, tomando ele tudo à sua conta, nos tiraram da galé e levaram a casa do capitão da cidade, onde estava agasalhado. E, como entrámos, deixou a ambos os capitães, o da cidade e o das galés, que estavam juntos, e veio até a metade da sala a nos receber, mostrando-se mui pesaroso do trabalho que nos tinham dado. Mandou logo trazer de comer e, por nos fazer festa, começou a comer connosco e disse-lhe o capitão da cidade, por graça, [que ele também era cristão, ao que respondeu que, ainda que o não era], folgava muito com eles e principalmente connosco. Depois nos fez dar, dentro da casa, bom aposento para dormir e que não nos tolhessem chegar à borda do mar, pela parte que batia na cerca da casa e, em vinte dias que ali estive, não se passou nenhum que não nos visitasse, perguntando sempre, com muito amor, se nos faltava alguma coisa e procurava que tivéssemos tudo com muita abundância, do que também tinha cuidado o capitão, senhor da casa, porque lhe tinha grande respeito e desejava dar-lhe gosto em tudo e, assim, sempre nos sobejava. Mas, sendo-lhe forçado<sup>2</sup> prosseguir seu caminho, que ia para outra parte, pediu muito ao capitão das galés que nos deixasse estar em terra, o que ele lhe prometeu com muitas palavras de oferecimento. Porém, cinco dias depois de sua partida, nos tornou a meter na galé com ferros, onde fomos continuando nosso primeiro tormento e com muito maior sentimento, por passar tão depressa de um extremo a outro.

Pouco tempo depois, adoeceu o Padre Monserrate gravemente, o que eu senti muito pelo ver em tão grande desamparo, sem poder ter quietação em toda a noite, com a doença e os percevejos, nem haver mezinha nenhuma, nem ainda que lhe dar a comer, mais que aquele triste pão de milho, porque, como estava frio, de mais de amargar parecia que era comer terra, pelo que mandei dizer ao capitão das galés que aquele velho estava muito doente, que desse licença para que o levassem<sup>4</sup> onde lhe pudessem fazer<sup>5</sup> algum remédio e que eu ficaria na galé, porque se morresse ali daquela maneira, lhe havia de pôr muita culpa o baxá. Ouvindo ele isto, mandou ver se era assim e, achando ser certo, disse que o levassem para terra e que eu também fosse, para ter cuidado dele. E, assegurando um mercador gentio da Índia que não fugiríamos, nos meteram sem ferros em uma casa, mas sem nos dar coisa nenhuma para comer, nem aquela medida de milho que na galé nos davam, sendo necessário com-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 350/339].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: eu.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: como.

<sup>4</sup> Entenda-se, «no banco», ou seja, era companheiro de banco na galé.

<sup>5</sup> Oficial que, numa galé, dirige e vigia os forçados, ou galeotes, que remam.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: podíamos.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 350v/339v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: força de.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 351/340].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: o levarem a terra.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: fizessem.

prar até a água que traziam [fol. 397] de uns poços longe da cidade; pelo que rogámos a aquele mercador nos emprestasse alguma coisa até que chegassem as naus. Ele nos deu um pouco de arroz e manteiga e dois cruzados, com que comprámos água e lenha e nos sustentámos até à chegada das naus. E, quis Nosso Senhor que, já naquele tempo, estivesse bem o Padre Monserrate.

Chegadas as naus da Índia, começaram outra vez a nos molestar sobre o preço do resgate e deram-nos muito trabalho, até que aquele mercador gentio deu por cada um de nós quinhentos cruzados, por lhe ter escrito o vice-rei da Índia que não só lhe pagaria o que desse, mas que lhe fazia mercê. <sup>1</sup>Pesou-nos muito de que o mercador desse tanto, mas a ele lhe parecia que tinha feito muito em nos tirar por aquele preço. E, depois de pago o dinheiro e estar para nos embarcar, disse o capitão das galés que o não havia de consentir, sem lhe darem cem cruzados por nos ter deixado estar em terra. Achou-se o mercador muito embaraçado, por não haver já tempo para escrever ao baxá e tornar resposta, que era muito longe, e, assim, lhe foi forçado dar algumas peças. E, assim, nos deixou embarcar em uma nau de Diu, tendo estado um ano em Mocâ, librando-nos Nosso Senhor de uma tão grande tormenta em que todos se davam por perdidos, porque se romperam as velas e quebrou a cana do leme. Chegámos a Diu em vinte e nove dias e, em surgindo, nos foi receber o padre guardião de S. Francisco e, levando-nos a sua casa, nos agasalhou com grande caridade. Depois, nos levaram para a sua, alguns dias, os padres de S. Domingos, porque todos estes religiosos parece que <sup>2</sup> andavam à porfia mostrando connosco sua grande caridade. Dali passámos a Chaul, onde os irmãos da Misericórdia nos deram uma boa esmola, para ajuda de nosso resgate e assentaram que desse aquela casa tudo o que fosse necessário para se resgatarem os que ficavam cativos. E, caminhando logo para Goa, foi connosco o feitor do mercador que nos resgatou e, em chegando, pagou logo o Padre Francisco Cabral, que então era provincial, tudo o que faltava do resgate e fez ao gentio muitas honras e favores.<sup>3</sup>

## CAPÍTULO XXII

DE COMO FOI MANDADO À ETIÓPIA O PADRE ABRAÃO DE GEORGIS<sup>4</sup> E NO CAMINHO FOI PRESO E MARTIRIZADO PELOS TURCOS.

**E**stando o Padre António Monserrate e eu ainda cativos, [fol. 397v] souberam os padres da Índia e o vice-rei Matias d'Albuquerque como morrera em Etiópia o Padre António Fernandes e que não ficava já mais que o Padre Francisco Lopes, tão velho e cansado que não podia andar de uma parte para outra, como era necessário para acudir aos portugueses e católicos que estavam em partes mui distantes. Pelo que trataram de mandar outros padres que tomassem a carga a aquele santo velho, antes que de todo ficasse desamparada, sem doutrina católica, esta cristandade.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 351v/340v].

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que.

<sup>3</sup> Os dois padres chegaram a Goa em Dezembro de 1596.

<sup>4</sup> Ver glossário (Abraão de Georgis).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 352/341].

E para isto, nomeou o padre provincial da Índia ao Padre Abraão de Georgis, maronita de nação, que de Roma foi mandado à Índia e o Padre Diogo Gonçalves, português, homem de grande edificação e virtude. Ocupava-se, em este tempo, o Padre Abraão em pregar com muito fruto aos cristãos de S. Thomê, que vivem na serra, porque sabia muito bem a língua suriana e arábica; e assim, por isto, como por sua grande virtude e santidade, pareceu mui a propósito para esta missão. Feita a eleição, estiveram ambos os padres encobertos um ano, para que não pudessem ter notícia alguma de sua partida os mouros que vivem em Goa e avisar dela aos da costa de Etiópia, com quem têm trato e comunicação. E, como se chegou o tempo, deu o vice-rei todo o necessário para a jornada dos padres; mas, assim ele como os padres repararam em irem dois padres e, consideradas mais as coisas, pareceu por então que seria mais conveniente ir o Padre Abraão somente com um moço natural de Etiópia, que se criara em nossa casa. E assim se assentou, porque desta maneira iria o padre mais encoberto.

Estando já tudo a ponto para a partida, quis o vice-rei ver o padre e, para que fosse mais secreto, o mandou chamar de noite a sua casa. Foi o padre com um companheiro, vestido em o traje com que havia de passar por terra de mouros e entrar em Etiópia, com barba comprida e touca na cabeça e, quando o vice-rei, que era mui pio, o viu entrar desta maneira, foi tão grande seu movimento interior, que não podia ter as lágrimas e abraçando-o, lhe disse: «Estas são invenções de que usa a Companhia para trazer as almas a Deus, arriscando por elas seus filhos a tantos e tão manifestos perigos.» E, depois de se consolar com ele um bom espaço, o despediu. E dali foi ao Colégio de S. Paulo de Goa, onde o estava esperando o padre provincial com os mais padres e irmãos, a quem abraçou um por um com tantas [fol. 398] lágrimas e soluços de todos que bem parecia prognóstico que se despediam para sempre nesta vida e que se não veriam já mais, senão no céu. E aquela mesma noite, que foi a do Dia dos Reis do ano de 1595, se embarcou em uma nau para Diu, fortaleza de portugueses <sup>1</sup> donde partem sempre todas as naus que vão à ilha de Maçua e Suaquém, que estão em esta costa de Etiópia, e ali se concertou com o capitão da nau que ia a Maçua e com o piloto, que era mouro. E, embarcando-se em Março, se fizeram à vela e, depois de alguns contrastes de tormentas e ventos contrários, chegou a Maçua sem ser conhecido de ninguém, onde achou, em lugar do baxá, um capitão de casta cristão, que se chamava Xafêr, que lhe fez muitas honras, parecendo-lhe que era mercador.

Poucos dias depois que o padre desembarcou, chegaram ali alguns criados do Padre Francisco Lopes e, juntando-se com ele por via de um gentio baniane que sabia o secreto, lhe disseram que passasse logo porque toda a detença era mui perigosa; mas não o podia fazer facilmente pela vigia grande que os turcos têm no passo da ilha para a terra firme. E, assim, pediu licença ao capitão, que queria passar com seu fato à Etiópia, onde lhe diziam que tinha bom despacho; mas não quis dar, não porque tivesse suspeita nenhuma, senão porque lhe parecia que não podia ir seguro, até que houvesse cáfila de gente da terra, que não podia tardar muito. Mas, tornando o padre depois a instar, lha deu e, assim, fez logo passar o moço a terra firme com algum fato que lhe ficara, que o principal tinha já mandado secretamente ao Padre Francisco Lopes. E, despedindo-se do capitão, se embarcou em um batel e, chegando à metade do rio, que é estreito, disse ao capitão um gentio baniane da nau do padre, parece, o capitão dela: «Senhor, vós deixais ir aquele homem. Eu não o conheço, não sei que homem é, se mouro, se cristão; depois não me ponhais culpa.» Ouvindo ele isto, mandou com

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 352v/341v].

muita pressa que tornasse a embarcação e que lhe trouxessem aquele mercador. E, entrando, lhe perguntou: «Que homem sois? Mouro ou cristão?» Respondeu que era cristão de tal terra. «Pois como (disse o capitão) entrastes aqui encoberto? Haveis-vos de fazer mouro, ou vos hei-de cortar a cabeça.» «Fazei o que quiserdes (respondeu o padre)<sup>1</sup> porque eu não sou homem que me faça mouro.» Mandou logo que o prendessem e que tornassem a trazer todo o fato, o que sabendo os que estavam com ele, que alguns eram cristãos católicos, <sup>2</sup>fugiram todos, sem ficar mais que o moço abexim que o padre trazia de Goa; e, levando-o juntamente [fol. 398v] com o fato, lhe perguntou o capitão que homem era aquele seu senhor. Respondeu que não sabia, que em Diu se juntara com ele para o servir. Todavia, por medos que lhe fizeram, disse depois que seu senhor e ele eram cristãos e, com medo dos tormentos, se fez mouro e depois os da nau, para se escusar na Índia, disseram que aquele moço comera fora de tempo sendo Ramadân, jejum dos mouros, e que, tomando-o por isto, lhe disseram como comia sendo jejum e fizeram tanto exame que veio a confessar que seu senhor e ele eram cristãos e, por isto, prenderam ao padre. Mas não foi assim, senão como tenho referido, segundo me afirmaram, depois que cá entrei, alguns católicos e criados do Padre Francisco Lopes, que estavam com o moço na terra firme quando prenderam o padre.

Teve aquele capitão preso ao padre alguns dias, persuadindo-lhe que se fizesse mouro e, vendo que não podia sair com isso, lhe mandou dizer secretamente que ele o chamaria diante de alguns turcos e que dissesse que era mouro, que logo lhe daria licença para ir onde quisesse. Respondeu que se não cansasse mais, que de nenhuma maneira havia de dizer tal coisa. Pelo que o mandou trazer diante de muitos turcos e lhe disse que se acabasse de resolver em se fazer mouro, senão que lhe havia de cortar a cabeça. Respondeu que não gastasse tempo nisso, que se não havia de fazer mouro, que a Lei de Mahamed não valia tanto como o seu sapato. Indignou-se grandemente o capitão com esta reposta e mandou que o levassem fora da povoação, a um pequeno campo que está na ilha e que lhe cortassem a cabeça. E afirmou-me um gentio da Índia, que estava presente, que, pondo-se de joelhos para que lhe cortassem, começou a dizer «Jesus, Jesus» e dando-lhe um golpe no pescoço com um terçado, quebrou sem lhe fazer nada. Trouxeram outro e também quebrou fazendo-lhe<sup>3</sup> uma ferida mui pequena<sup>4</sup>. Veio logo o terceiro e com ele lhe cortaram a cabeça, estando sempre dizendo, até aquele ponto, «Jesus, Jesus» e assim acabou gloriosa e felicissimamente sua missão e santa vida.

Morto o padre, levaram logo seu corpo a outra ilha perto, onde botam os dos malfeitores e alguns dizem que o enterraram, mas o que o levou afirmou depois em Maçua ao Padre Luís d’Azevedo de nossa <sup>5</sup>Companhia que não, senão que o deixaram sobre a terra [fol. 399] entre os ossos de outros que ali tinham botado. E, por quarenta dias, estiveram ali três pássaros brancos muito grandes, que nunca daquela casta tinham visto naquela terra e em todo este tempo, como era tarde, apareciam ali muitos lumes, como de candeias, o que saíam sempre a ver muitos mouros e gentios, maravilhando-se de tão grande novidade e dizendo alguns mouros: «Não lhe basta a aquele *câfer* (que quer dizer «homem sem Lei») estar ardendo no inferno, senão que aqui também se há-de queimar?» «Não digais tal coisa (tornavam outros), que aquilo não é sinal senão de bom homem e, pelo ser, morreu tão depressa o capitão que o mandou matar e os que o aconselharam.» Porque ele

e os outros quatro turcos que foram no conselho, morreram dali a poucos dias. Passados os quarenta dias, não se viram mais os pássaros, nem os lumes.

Tinha este santo mártir tão grande fervor de espírito que ainda em suas práticas particulares acendia os corações de aqueles com quem tratava. Era homem mui penitente e tão devoto, que todo o tempo que lhe sobejava entre dia das ocupações com os próximos, gastava em oração contínua. E sua abstinência e jejum também o era tanto que não comia nunca, senão à noite, e, assim, sendo enviado de Roma para Índia, em oito meses que esteve esperando a monção no Colégio de Coimbra, foi um raro espelho de toda virtude e, particularmente, de singular e ardente caridade, pelo que todos lhe tinham grande respeito e afeição, em especial o Padre Luís d’Azevedo, que então era irmão estudante e agora estamos juntos em Etiópia e, pelo tratar muito tempo e com íntima familiaridade, sabe dele muitas particularidades de que referirei aqui algumas que ele conta com particular afecto e devoção, em que se enxergará algum pouco do muito que Nosso Senhor se lhe comunicava a aquele bendito padre. A primeira, que, estando juntos em Coimbra, pedia muito aos superiores vir com aquele padre à Índia e, chegando-se o tempo, sinalaram os que haviam de vir, sem fazer menção dele, do que ficou mui triste e desconsolado; o que vendo o Padre Abraão, lhe disse que não se desconsolasse, porque havia de ir à Índia. Respondeu que, como podia ser, pois todos os <sup>1</sup>que aquele ano haviam de ir, estavam já sinalados e partiam já para Lisboa, para se embarcarem e ele ficava. Tornou outra vez o padre a lhe certificar que havia de ir. E foi assim, porque, achando depois o padre provincial de Portugal [fol. 399v] que um dos que estavam nomeados para a Índia não podia passar, o mandou chamar a Lisboa, para que fosse em seu lugar, pelo que deu muitas graças a Nosso Senhor, que lhe cumprira o que tanto desejava e lhe tinha pedido e ficou com maior conceito da virtude do padre, a quem Deus Nosso Senhor declarava seus secretos.

Antes que se houvessem de embarcar, pediram todos licença para irem a ver aquele portentoso milagre de Santarém, em que o Senhor mostra continuamente tantas e tão extraordinárias maravilhas. E concertou-se o Padre Abraão com os irmãos Luís d’Azevedo e Belchior Coutinho, que tudo o que vissem, descobrissem um ao outro; e, como saíram, disseram os irmãos ao padre o que viram e pediram descobrisse ele também o que achara, pois tinha dado palavra. Ao que repugnou muito e rogou que o deixassem e, ainda que por então desistiram pelo respeito que lhe tinham, depois o tomou só o irmão Belchior Coutinho e lhe importunou tanto, que lhe veio a dizer que, se lhe promettesse de não falar nada enquanto ele vivesse, lho descobriria. Fê-lo ele assim e então lhe disse o padre, tinha pedido com muita instância a Nosso Senhor que, se houvesse de morrer por seu amor, lhe mostrasse tal sinal e que aquela mesma<sup>2</sup> vira<sup>3</sup>; o que o irmão contou depois que o martirizaram.

Também, estando na Índia, pelo conceito grande que<sup>4</sup> o Irmão Luís d’Azevedo tinha<sup>5</sup> do Padre Abraão e a familiaridade com que tratava com ele, lhe pediu, uma véspera do Natal, que nas missas daquela santa festa lhe alcançasse de Nosso Senhor três coisas; as duas desejava para si, a outra, que desse perseverança na Companhia a um irmão que andava inquieto e ele desejava muito sua conservação. E, perguntando-lhe depois, que lhe despachara com Nosso Senhor, respondeu singelamente

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: (respondeu o padre).

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 353/342].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: ficando-lhe.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: também quebrou.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 353v/342v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 354/343].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: aquele mesmo.

<sup>3</sup> Em castelhano, «sinal» (*señal*) é do género feminino.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: tinha.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: tinha.

que, a primeira coisa não tinha para que a pedir mais, porque a não havia de <sup>1</sup>alcançar, mas que a segunda lhe era concedida e que, quanto ao irmão não cansasse, porque Deus o não queria na Companhia e, dali a poucos dias, o despediram, e as demais coisas achou como o padre lhe tinha dito. Também lhe rogava muitas vezes, com instância, que como <sup>2</sup>entrasse em Etiópia, para onde já estava avisado, que escrevesse aos superiores o mandassem para lá e sempre lhe respondia «Se eu chegar, o farei de boa vontade, mas não hei-de entrar <sup>3</sup>lá», que já parece lhe tinha significado o Senhor, como a S. Pedro, quão depressa havia de deixar a carne mortal e que determinava dar-lhe logo o prémio e coroa de sua santa vida e felicíssimo fim.

Aos dez anos de sua ditosa morte, veio à Etiópia o Padre Luís d’Azevedo com o Padre Lourenço Romano, seu companheiro, [fol. 400] parece que por intercessão do santo Padre Abraão, e que o que tanto lhe tinha pedido na vida, lhe alcançou do Senhor depois da morte. E, chegando a Maçuá, desejou muito haver as preciosas relíquias de seu bom amigo e santo mártir para as passar à Índia, onde se lhe fizessem as honras devidas e, para isto, fez grandes diligências, até trazer o mesmo que levou o santo corpo a aquela ilha, logo como lhe cortaram a cabeça, e mandou com ele um cristão da Índia de quem se fiava; mas não puderam diferenciar os santos ossos dos outros que ali acharam, porque estavam todos misturados e nem, em alguns que trouxeram, acharam os padres conveniência e assim os deixaram, não com pequena desconsolação e tristeza, por lhes ficar escondido no campo aquele tão grande tesouro. Mas assim o costuma fazer muitas vezes Deus Nosso Senhor que, ainda que manifestou cá os corpos de muitos santos para princípio de sua glória e exercício de nossa devoção, não são menos os que nos encobre, por que ainda neles vejamos quão pouco vai encarecer a carne, antes da ressurreição, de toda a honra que os homens lhe podem fazer na terra, e quão seguro está o eterno peso <sup>4</sup>dela, que o mesmo Deus lhe dará para sempre no céu.

[fol. 401]1

## LIVRO IV

EM QUE SE TRATA DOS TRÊS ÚLTIMOS IMPERADORES QUE ATÉ HOJE HOUE  
NELA E DAS MISSÕES QUE OS PADRES DA COMPANHIA FIZERAM EM SEU  
TEMPO PARA ESTE IMPÉRIO.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 354v/343v].

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: como.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: chegar.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: prémio. Errata do autor.

## CAPÍTULO I

### EM QUE SE REFEREM ALGUMAS COISAS DOS IMPERADORES ZA DENGUÏL E IACOB.

Destes dois imperadores não há histórias mais que alguma coisa que, de passo, se toca na do Imperador Seltân Çaguêd, que adiante poremos<sup>1</sup>; que, ainda que de Jacob<sup>2</sup> se começou a escrever, logo a deixaram, porque, se isto se não faz vivendo o mesmo imperador, ou não lhe fica filho que o mande fazer, ninguém quer tomar esse trabalho. E, assim, não poderei referir aqui mais que o que me contaram algumas pessoas grandes que continuaram sempre seu paço<sup>3</sup> e o que eu passei com eles, que em seus lugares iremos vendo.

Por não ter filhos legítimos, o Imperador Malâc Çaguêd, cuja *História* referimos no capítulo 13.º do livro precedente, determinou deixar o império, por sua morte, a um seu sobrinho que se chamava Za Denguïl, filho de seu irmão *Abeitahûn* Liçana Christôs. E, para isso, o foi introduzindo, fazendo-lhe muitas honras e sentando-o perto de si e mandando que todos os grandes o acompanhassem, finalmente, tratando-o como filho herdeiro do império e publicando-o por tal. Mas, estando as coisas desta maneira, lhe trouxeram um seu filho bastardo, por nome Za Mariâm, que tinha de uma cristã nova de casta judia. E como o viu, que até então o não tinha visto, levado [fol. 401v] do affecto e amor de pai, assentou em seu coração de lhe dar o império e começou a fazer menos honras a Za Denguïl e<sup>4</sup> a o deixar estar em pé e, em sua ausência, o desacreditava, dizendo que não aproveitava para o império, que era escasso e havia de ser mui rigoroso<sup>5</sup>. Entenderam logo os grandes seu intento e, como ordinariamente se vestem da cor que vêem em seus reis para os não desagradarem, lhe confirmavam<sup>7</sup> sempre o que ele<sup>8</sup> dizia contra Za Denguïl e louvavam a seu muito<sup>9</sup> filho, mostrando que desejavam todos tê-lo por senhor; com que veio Za Denguïl a ficar quase de todo excluído. Mas, dali a seis meses, morreu o filho, ficando o imperador com extraordinário sentimento e tendo-o por castigo de Nosso Senhor pelo que fizera a Za Denguïl. Contudo, pelo que já tinha dito dele, não o tornou a introduzir como antes, posto que lhe fazia honra e mostrava folgar com ele.

<sup>1</sup> Os trinta primeiros capítulos da *Crónica de Susnëyos* respeitam aos reis Ya'ëqob e Zä-Dëngël, e à tomada do poder por Susnëyos. Ver livro IV, cap. XVI-XVII, *infra*.

<sup>2</sup> Ainda que a de Jacob.

<sup>3</sup> Entenda-se: que sempre frequentaram o paço.

<sup>4</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: e; recurso à vírgula.

<sup>5</sup> Isto é, o rei entendia que o seu sobrinho não tinha as qualidades necessárias para reinar, era pouco inteligente e havia de ser intransigente e implacável.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 355v/344v].

<sup>7</sup> *Ms. 778 BPB*: confirmaram.

<sup>8</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: ele.

<sup>9</sup> *Ms. 778 BPB*: seu.

<sup>1</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 355/344].

Em este tempo, se lhe cumpriu ao imperador o de sua vida<sup>1</sup> e acabou, como acima vimos em sua história<sup>2</sup>. E, estando já para morrer, mandou chamar os grandes e (segundo *Erâz Athanatêus*, seu genro, me afirmou) lhes disse que dessem o império a seu sobrinho Za Denguíl, porque era seu<sup>3</sup>. Tinha o imperador outro filho, que se chamava Iacob, de sete anos, da mesma cristã nova que dissemos. E, assim, eles, ou por ainda naquela hora o quererem lisonjear ou porque desejavam ter imperador menino para serem senhores absolutos e livremente fazer sua vontade, responderam que, como haviam de dar o império a seu sobrinho, tendo filho? Que Za Denguíl era mui rigoroso e não lhes havia de dar vida, com outras muitas razões; pelo que o imperador lhes disse que fizessem o que melhor lhes parecesse. E assim, morto ele, se ajuntaram os capitães e homens grandes que então estavam no exército e determinaram fazer imperador a Iacob. E, para que não houvesse contradição, mandaram com muita pressa gente que prendesse a Za Denguíl e a um seu primo que se chamava Suzeneôs, antes que soubessem da morte do imperador. Contudo, não faltou quem lhe dissesse a este que o iam prender e, assim, fugiu, como adiante veremos em sua *História*, que a tem mui comprida. Mas os que foram a prender a Za Denguíl o acharam descuidado e, tomando-o, o levaram preso e depois o meteram com boa guarda em uma ilha, que chamam Dêc, [fol. 402] da Lagoa de Dambiã<sup>4</sup>; e, passando<sup>5</sup> algum tempo, o levaram a uma serra do reino de Gojâm, tão forte que se não pode entrar a ela senão por cordas; e dali o leva<sup>6</sup>ram depois de umas partes a outras, padecendo muitos trabalhos em sete anos que o tiveram preso.

Como houveram às mãos a Za Denguíl, de quem principalmente se temiam, nomearam por imperador a Iacob e intitulou-se Malâc Çaguêd, como seu pai. E mudaram a corte do lugar onde a tinha o Imperador Malâc Çaguêd, que se chamava Gubâi<sup>7</sup>, a outro mais acomodado perto dali, que chamam Gogâ<sup>8</sup>. E sete anos governaram e comeram o império a Imperatriz Mariâm Cinâ, mulher do Imperador Malâc Çaguêd, e *Erâz Athanatêus* e *Dêye Azmâch* Cafluhâd, seus genros, com outros grandes. E em todo este tempo não houve levantamentos, porque faziam à sua vontade o que queriam, mas não lhes faltavam guerras com uns gentios que chamam agôus e outros gâlas, que sempre em os verãos faziam muitas entradas nas terras fronteiras, matando muita gente e levando muito fato, principalmente vacas.

## CAPÍTULO II<sup>1</sup>

### DE COMO FOI MANDADO A ETIÓPIA<sup>2</sup> UM SACERDOTE DO SEMINÁRIO, QUE OS PADRES DA COMPANHIA TÊM EM GOA, E DO QUE CÁ FEZ.

Enquanto em Etiópia passava o que no precedente capítulo temos dito, não se descuidavam os superiores da Companhia da Índia do bem dos filhos dos portugueses e católicos deste império, que, tinham por novas, seriam mais de mil. Antes, pelo zelo grande<sup>3</sup> que tinham de dar remédio a tão desamparada cristandade, buscavam com muita diligência por todas as vias os meios possíveis para que pudessem passar padres, mas não achavam modo nem caminho para isso, pela muita vigilância que tinham os turcos depois da morte do santo padre e mártir Abraão. Contudo, por que nem lhes ficasse nada<sup>4</sup> por provar, determinaram de fazer ordenar um irmão, que era de cor baça, para que, em traje de marinheiro, se aventurasse. Mas a este tempo lhes chegaram cartas dos portugueses de Etiópia, em que diziam que Nosso Senhor levava para si o Padre Francisco Lopes e que ficavam de todo desamparados e seus filhos com evidente perigo de tomar [fol. 402v] 5os costumes da gente da terra, muitos deles contrários à nossa santa fé; que, já que homem branco não podia passar, pediam muito se buscasse algum sacerdote natural da Índia, que soubesse bem a língua, que este, disfarçado em trajes de marinheiro de alguma nau, lhes parecia que se poderia melhor encobrir e entrar em Etiópia sem ser conhecido.

Vendo o padre provincial estas cartas, as levou ao vice-rei, que então era D. Francisco da Gama, conde da Vidigueira, e ao Arcebispo D. Aleixo de Meneses<sup>6</sup>, propondo-lhe juntamente os grandes desejos com que os padres do Colégio se ofereciam àquela empresa, por mais arriscada que fosse, e o que também intentava da ida do irmão, mas que ambos todavia vissem o que seria mais serviço de Nosso Senhor. Trataram eles o negócio entre si muito devagar e, depois, juntamente com o padre provincial e, ultimamente, se resolveram em que não viesse o irmão, porque não sabia também a língua da Índia, que não tivesse necessidade de mais tempo para se aperfeiçoar nela, senão que se buscasse, como apontavam os portugueses de Etiópia, um sacerdote secular, que soubesse a língua, de maneira que, logo em aquela monção, se pudesse embarcar e acudir aquela tão grande necessidade e que, depois de ver a disposição da terra e tratar com os portugueses, escreveria o modo que se lhe oferecesse menos riscoso<sup>7</sup> para poderem vir os padres da Companhia.

Assentado isto, se buscou com diligência o sacerdote e achou-se um, muito virtuoso e letrado de casta brâmane, por nome Belchior da Silva<sup>8</sup>, que de menino servira<sup>9</sup> no Seminário que os padres da Companhia têm em Goa. E, dando-lhe o vice-rei liberalmente o necessário para o caminho, se embarcou logo para Diu e, daí partiu em trajes de marinheiro, em Março de 98, em uma nau de mouros que ia a Maçuâ. E, chegando àquela ilha, se deteve ali<sup>10</sup> poucos dias, porque achou um católico, que ainda

<sup>1</sup> Quer dizer, o tempo de sua vida.

<sup>2</sup> Ver livro III, cap. XIV, *supra*.

<sup>3</sup> Entenda-se: porque o escolhia para lhe suceder.

<sup>4</sup> Ver glossário (Dec / Dâq; e lagoa de Dambiã / lago Tana).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: passado.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 356/345].

<sup>7</sup> Ver glossário (Gubâi / Guba'ê).

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: Gogâ.

<sup>1</sup> Manuel de Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, C. Beccari, RÆSOI 6, Roma, 1907, pp. 45-7.

<sup>2</sup> Ver glossário (Etiópia).

<sup>3</sup> Omito no Ms. 778 BPB: grande.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: lhes não ficasse nada.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 356v/345v].

<sup>6</sup> Ver glossário (Aleixo de Meneses).

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: arriscado.

<sup>8</sup> Ver glossário (segunda missão jesuíta).

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: se criara.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: aí.

hoje vive, a quem os portugueses tinham enviado para ver se achava algumas cartas da Índia e, mandando recado diante aos portugueses, saiu logo com pouca gente e bem arriscado aos ladrões, que naquele caminho há muitos. Aos quatro dias, chegou a uma vila que chamam Debaroâ, <sup>1</sup> onde de ordinário reside o *babâr nagâx*, governador de todas aquelas terras, e até ali o foram receber os portugueses com grande alegria e contentamento e o levaram três dias de <sup>[fol. 403]</sup> caminho a uma aldeia que se chama Fremonâ<sup>2</sup>, em que sempre os padres antigos tiveram igreja, onde o estavam esperando outros muitos portugueses e católicos que o receberam e agasalharam com grande alvoroço e deram todos muitas graças a Nosso Senhor, que lhes mostrara o que o Padre Francisco Lopes lhes tinha dito, que dentro de um ano lhes havia de vir quem os acompanhasse e tivesse cuidado de suas almas.

Começou ele logo, como bom pastor, a visitar e curar suas ovelhas, em que teve bem que fazer, porque ainda que havia tão pouco tempo que ficaram sem ele, já algumas se afastavam do caminho e doutrina da santa Igreja romana, circuncidando seus filhos e fazendo outras coisas ilícitas que, com a comunicação e trato dos cismáticos, se lhes tinham pegado; o que tudo procurou logo de lhe tirar, ensinando-lhes com diligência o que deviam fazer e guardar conforme a doutrina católica e, ultimamente, os confessou e reduziu aos costumes em que o Padre Patriarca D. André de Oviedo e os padres da Companhia<sup>3</sup> os tinham criado. E, porque os portugueses e católicos estão mui espalhados em diversos e distantes reinos, padeceu muitos trabalhos em os caminhos, que são mui ásperos, e sempre andava de umas partes a outras para os confessar e doutrinar, sem ter descanso em seis anos que andou em Etiópia, procedendo sempre com grande edificação e aproveitamento de todos.

Tinham-lhe dado na Índia alguns apontamentos e um dos que trazia mais encomendado era que se informasse com diligência do meio que poderia haver para os padres da Companhia entrarem em este império; o que ele fez com muito cuidado e deu sobre isto todas as advertências e avisos necessários; e um deles foi mandar um assento que fizeram os principais portugueses e cabeças desta cristandade, que é o seguinte:

*Aos 22 do mês de Julho de 602, nós ajuntámos todos os portugueses e alguns dos nossos filhos nascidos em Etiópia, convém a saber: Francisco Dias Machado, natural de Setúbal, André Gonçalves, natural do Porto, Jorge Vaz, natural de Covilhã; Luís Machado; Maurício Soares; João Gabriel<sup>4</sup>, juntamente com o nosso padre vigário Belchior da Silva; Teodoro da Costa; Pedro Vieira; Manuel Jorge e outros; e fizemos conselho sobre a vinda dos padres e por onde seria <sup>5</sup>boa sua entrada, por causa dos turcos não encontrarem <sup>[fol. 403v]</sup> com eles e os cativarem. E achámos que não havia outro porto melhor que o de Baylûl, que está logo à entrada das portas do estreito, à mão esquerda defronte de Mocâ a doze léguas pela entrada do Canal de Habexi<sup>6</sup>. E, posto que o dito porto seja sujeito a um rei mouro por nome Dançalî, todavia o padre vigário com o dito Francisco Dias e conosco juntamente tem acabado com Cafluhâd, governador deste Tigrê, que torne este ano de 602 a escrever ao dito rei Dançalî, que receba bem os mestres que o imperador pede; e já estes anos passados o imperador lhe escreveu que lhe fizesse o mesmo. E, porque esta é nossa determinação, nós assinamos aqui no dito mês e era<sup>7</sup>.*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 357/346].

<sup>2</sup> Ver glossário (Fremona / Fremoná / Fremonâ / May Gwagwa).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: seus companheiros.

<sup>4</sup> Ver glossário (João Gabriel).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 357v/346v].

<sup>6</sup> Canal navegável no Mar Vermelho, entre a costa africana.

<sup>7</sup> Carta depositada em ARSI, *Goa 33 I*, fol. 80-80v (Anua pro. Goa 1602); ver também F. Guerreiro, *Relação anual das coisas que fizeram os padres...*, vol. 1, 1605 (reed. 1930), fol. 101v-102r / p. 361.

Isto escreveram os portugueses, e apontaram bem porque, na verdade, não havia outro lugar mais seguro onde pudessem desembarcar os padres e tornar a sair as galeotas que os trouxessem, antes que de Mocâ, que está da banda de Arábia mas à vista de Baylûl, lhes pudessem os turcos fazer mal nenhum. Nem el-rei de Dançalî (que ele não se chama Dançalî, senão o reino) podia deixar de mandar os padres ao imperador, porque depende dele de maneira que todas as vezes que mandar ao vice-rei de Tigrê que lhe tome o reino o fará com muita facilidade. E como aquele rei sabe isto, faz quanto<sup>1</sup> o que o imperador lhe manda e vem algumas vezes visitar o vice-rei de Tigrê, como eu vi sendo *Eraz Cela Christôs*<sup>2</sup>, irmão do imperador; e o ano de 619 o achei também na corte do imperador e falei muitas vezes com ele e com um seu filho que já é rei por morte do pai. E, por se darem ambos por muito meus amigos e eu desejar de os obrigar, para se se oferecesse<sup>3</sup> alguma necessidade, lhes despachei com o imperador algumas coisas que pretendiam e não podiam alcançar. Somente o caminho, depois que se entra pela terra dentro, é trabalhoso porque até à dos cristãos são dezoito dias de caminho, e muitos deles por desertos de pouca água e, para a achar em algumas partes, é necessário levar boa guia. Como entram em terra de cristãos, dali a quatro ou cinco dias chegam à residência que temos em Fremonâ.

#### 4CAPÍTULO III<sup>5</sup>

##### DE COMO EU O PADRE PEDRO PAEZ ENTREI EM ETIÓPIA E DE ALGUMAS COISAS QUE ME SUCEDERAM NO CAMINHO.

**A**ntes que o sacerdote Belchior da Silva e os <sup>[fol. 404]</sup> portugueses imbiassem<sup>6</sup> o apontamento que agora referimos, andavam os superiores da Companhia da Índia mui desconsolados e cuidadosos por não poderem achar meio para o que tanto desejavam. E, com a experiência que tinham de muitos anos, vieram a entender que a missão de Etiópia não se podia efectuar e muito menos conservar, estando os padres tão longe da fortaleza donde partem as naus que vêm a Maçuâ e Çuaquêm, portos desta costa de Etiópia; pelo que o Padre Nicolau Pimenta, que então era visitador da Índia, determinou fazer uma casa em Diu, fortaleza de portugueses, donde partem estas naus, o que alguns portugueses ali moradores desejavam muito e o tinham pedido. E, para dar princípio a ela, imbiu<sup>7</sup> com um irmão ao Padre Gaspar Soares, homem verdadeiramente religioso e de grande zelo do bem das almas. E assim, com grande alegria e contentamento, se embarcou logo de Damão, onde então estava, sem buscar despesa nem ajuda de ninguém, porque tudo sobeja a quem nada quer e ainda a quem busca seu gosto, quanto mais a quem de coração vai atrás o divino. Porém, chegando lá e arreando o demónio o mal que se lhe havia de seguir de haver ali casa da Companhia, a encontrou quanto pôde

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: sempre.

<sup>2</sup> Ver glossário (Cela Christôs / Sê'elâ Krêstos).

<sup>3</sup> Sic. Isto é, para o caso de se oferecer.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 358/347].

<sup>5</sup> Manuel de Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, C. Beccari, *RÆSOI* 6, Roma, 1907, pp. 49-58.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: enviassem. Castelhanismo do autor.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: enviou. Castelhanismo do autor.

por meio de seus ministros, os gentios moradores naquela fortaleza, e foram tão poderosos em contradizer isto quanto o são em riquezas [(que têm ~~setecentos~~ muitas)], que estas muitas vezes acabam quanto seus senhores querem. E, o que pior é, que tiveram de sua parte muitos que nos deveram favorecer em tão santo intento.

Vendo-se os gentios com costas<sup>1</sup> apoiados, cobraram muito ânimo e puseram mais força para sair com o que pretendiam, e assim foi crescendo sobremaneira a perseguição do padre. Finalmente chegou a tanto que, com requerimentos da justiça, pretenderam fazer que saísse daquela fortaleza e, não podendo acabar isto, não faltou quem escrevesse à Majestade d'El-rei D. Felipe, terceiro deste nome, que, se os padres da Companhia entrassem em Diu, se havia de despovoar aquela terra e perder sua alfândega. Mas, como <sup>2o</sup> generoso e cristianíssimo rei desejava muito mais gastar os rendimentos dos estados da Índia na dilatação e conservação da santa fé que acrescentá-los de novo para os ajuntar em seus tesouros, escreveu ao Vice-rei Aires de Saldanha a informação que tinha sobre a entrada dos padres da Companhia de Diu, mas que ele não mandava os vice-reis à Índia para que acrescentassem suas [fol. 404v] rendas, senão para que defendessem e aumentassem a cristandade; pelo que, se ele procurasse isto com o zelo que era obrigado, ainda que todas suas alfândegas não rendessem um real, se teria por muito bem servido e lhe faria muitas mercês; e que, pois<sup>3</sup> os padres da Companhia trabalhavam com tanto fervor na cristandade, entrassem em Diu e em todas as outras partes onde se esperasse fruto, e que lhes desse de sua fazenda liberalmente tudo o necessário, sem que lhes faltasse coisa alguma. Com esta carta se alegrou e consolou muito o vice-rei, que era mui pio e zeloso do bem das almas, e assim favoreceu de maneira<sup>4</sup> os padres, que ninguém se atreveu dali por diante a contradizer nem falar; e os gentios, que arreceavam tanto a entrada dos padres, como os trataram<sup>5</sup>, se afeiçoaram de maneira que ajudaram muito com esmolas ao edifício da casa e igreja que agora ali têm.

Não somente encomendou El-rei D. Felipe ao vice-rei nossa entrada em Diu, mas, o ano seguinte, lhe mandou que de toda maneira desse seis galeotas que, segundo a informação que tinha, bastavam para porem os padres seguramente na costa de Etiópia; o que ele determinou fazer com muito cuidado. Mas, sendo necessário naquela conjunção mandar uma grossa armada a Sunda e aviar as demais, que não se escusam, na Índia, não pôde dar mais que duas galeotas, que também lhe disseram muitos que bastavam para pôr os padres no porto de Baylúl, que os portugueses de Etiópia apontavam, cujas cartas tinham chegado<sup>6</sup> naquele tempo. E assentou-se que viessem três padres, e eu um deles, que já [com outro padre]<sup>7</sup> havia tempo estava em Diu buscando tempo para passar. E, assim, partiram as galeotas de Goa para nos tomarem lá, mas, chegando ao golfo, lhe deu uma tormenta tão grande que se espalharam e uma entrou em Diu com o mastro rendido e a outra arribou à fortaleza de <sup>8</sup>Damão com muito trabalho, pelo que o capitão dela, depois de estar ali alguns dias, se determinou de não passar adiante e assim se tornou para Goa; o que sabendo Luís de Mendonça, capitão da outra galeota, se tornou também para Goa, por lhe dizerem todos os que entendiam das coisas do Estreito, que não podia ir só. E parece

foi providência grande de Nosso Senhor suceder desta maneira porque, ainda que não tivéramos contraste na entrada como todos receavam, por causa dos turcos, ao menos depois não puderam entrar outros padres senão com muito risco porque, como eles entenderam o [fol. 405] cabedal que se metera na Índia para isto, houveram de por grande vigia nas portas do Estreito.

Vendo eu que por via das galeotas cessara a missão e, arreceando que para outro ano se oferecessem novas dificuldades, e que não se pudesse fazer armada, continuei falar com dois mercadores turcos meus amigos, criados do baxá de Maçuâ e Çuaquêm, para ver se, por sua via, se me abria algum caminho. E, perguntando-me uma vez porque, depois de tanto tempo de cativo, me deixava estar na Índia sem tornar à minha terra, respondi que em as naus que vão a Portugal me não haviam de deixar ir, nem por Ormuz e Baçorá podia ser, que se passava por muitas terras de turcos. Disse o principal deles que se chamava Raçuân Agâ: «Se vós quereis ir comigo, eu vos levarei até o Cairo seguramente, e dali tendes caminho franco para vossa terra.» Respondi que se, como entrássemos em Maçuâ, pudesse dar uma chegada a uma terra de Etiópia perto dali e ver se ficara algum fato de uns padres que havia pouco tempo que lá morreram, que fora de muito boa vontade. Disse ele que de Maçuâ era coisa mui<sup>1</sup> fácil porque vinham ali muitas cáfilas de cristãos, e que iria com eles e que, se o havia pelo gasto do caminho, que, ainda que não achasse fato dos padres, ele me daria o necessário até o Cairo, e que não receasse nada porque, ainda que achássemos baxá novo, me negociaria tudo o que desejava, e antes perderia ele a cabeça <sup>2</sup>que a mim me viesse mal nenhum. Agradei-lhe muito o oferecimento e disse que, sem falta, me embarcaria com ele, mas que não descobrisse isto a ninguém, por que não houvesse algum embaraço, se chegasse aos ouvidos do capitão da fortaleza o que disse pelo divertir<sup>3</sup> e por que não acertasse de falar com alguns mouros daquela terra que lhe fizessem mudar parecer.

Tornei eu com isto mui contente para casa e dei conta do que passava ao Padre Gaspar Soares, que era superior dela e, posto que ele também desejava muito que passasse, ofereciam-se-lhe tantas dificuldades que se não atrevia a dar voto para isso. E, vendo-o eu tão embaraçado, lhe disse que não arreceasse, que tinha por coisa mui certa que havia de passar à Etiópia, e que estava mais seguro no coração desta viagem que se fora para Goa. Nem era isto coisa [fol. 405v] nova, porque, de antes que me cativassem até então, tivera sempre aquela confiança mui firme, por uma coisa que me sucedera estando com o Padre António de Monserrate na fortaleza de Mascate<sup>4</sup>. Contudo, ficou mui irresoluto e pesaroso porque a nau estava tão apressada que parecia não havia tempo para escrever ao Padre Manuel da Veiga, que estava na outra costa na residência de Bandorâ. Porém, enviámos à ventura um homem em uma embarcação de Baçaim, com cartas em que lhe dávamos conta do que passava. Mas, por eu ter primeiro ordem do padre visitador<sup>5</sup> que, oferecendo-se algum meio para passar à Etiópia e não havendo tempo para o consultar com ele, ouvisse os pareceres do capitão da fortaleza, Gutierre de Monroi, e do Padre Gaspar Soares, e depois me resolvesse em o que diante de Nosso Senhor melhor me parecesse, fomos logo falar com o capitão e foi de parecer<sup>6</sup> que não convinha perder aquela ocasião; pelo que determinei de me embarcar, ainda que não chegasse a resposta do padre provincial. E, tornando a casa, mandei a Raçuâm Agâ um presente de frutas e doces que me tinham dado uns portugueses nossos devotos. E, o ou-

<sup>1</sup> Apoiados; expressão idiomática.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 358v/347v].

<sup>3</sup> Já que.

<sup>4</sup> De tal maneira.

<sup>5</sup> Entenda-se: como os trataram bem.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: chegaram.

<sup>7</sup> O autor refere-se, sem o nomear, ao padre António de Monserrate, seu superior.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 359/348].

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: mui.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 359v/348v].

<sup>3</sup> Quer dizer: para divertir a sua atenção.

<sup>4</sup> Ver introdução.

<sup>5</sup> Pe. Nicolau Pimenta (ver início do capítulo).

<sup>6</sup> Isto é, ele foi de parecer, opinião.



tro dia, o fui visitar e disse-me, <sup>1</sup>mostrando sentimento, que me não atrevia levar sem licença do capitão por que, se ele tornasse outra vez ali, não lhe dessem isto em culpa. Folguei muito de ouvir isto, mas dei mostra de que me pesava, e disse que eu não queria que por minha causa lhe viesse mal, que lhe falaria e tornaria com resposta do que nele achasse. Fui logo ao capitão e referi-lhe o que o turco dissera, pedindo-lhe que o mandasse chamar para alguma coisa e depois lhe disse: «Aqui está um padre que deseja ir em vossa companhia. Se vos parece que não achará mal no caminho, vá embora. Encomendo-vos que o favoreçais no que se lhe oferecer, que é bom homem.» Teve o capitão por bom sinal o arreceio que o turco mostrava e, falando-lhe depois na forma que lhe tinha pedido, prometeu de me levar seguramente e ajudar no que se me oferecesse; pelo que o capitão lhe fez muitos favores. E, por seu respeito e nosso, os teve também dos oficiais da alfândega, com o que ele ficou bem<sup>2</sup> contente e se deu por mui obrigado.

Sucedeu também que o moço que levou as cartas passou [fol. 406] em vinte e quatro horas a Baçaim e, chegando a Banderâ com muita pressa, o tornou a mandar o padre provincial logo em aquela noite em um navio que partia para Diu. E chegou, estando eu já para me embarcar, com uma carta em que dava muitas razões porque não convinha fiar daqueles turcos, mas ultimamente dizia que sobretudo fizesse o que melhor me parecesse diante de Deus; pelo que, sem mais consulta, me despedi logo dos padres e irmãos daquela casa, e me embarquei naquela noite em companhia dos turcos, sem levar comigo cristão nenhum nem quem me servisse, senão um marinheiro mouro que tomei na nau. E o seguinte dia, que foram 22 de Março de 1603, nos fizemos à vela, e sempre em toda a viagem me tratou o turco Raçuân Agâ muito bem. E, porque eu ia agasalhado na proa em ruim<sup>3</sup> lugar, me rogou muitas vezes que passasse com ele à varanda, mas não o quis fazer, porque não atentassem tanto em mim os mouros, que nem ainda os gentios de Diu cuidavam senão que era arménio, em cujos trajos ia. E, <sup>4</sup>entrando as portas do Estreito, aos 17 de Abril, me chamou de noite Raçuân Agâ e me disse: «É necessário que nos concertemos em o que hemos<sup>5</sup> de dizer, se estiver outro baxá, por que não achem em nós alguma contradição.» Ao que respondi que os que tratavam verdade não se podiam contradizer; porque a verdade sempre era uma que não tinha que dizer mais que o que tratámos em Diu. «Agora, não tenhais paixão (disse ele), que Deus quererá que esteja meu senhor. E, quando acharmos outro, eu tenho de morrer, se for necessário, antes que a vós chegue mal nenhum, porque não sou homem que diga uma coisa em as vossas terras e faça outra em as minhas.» Respondi que estava bem certo disso, e que lhe afirmava que me daria mui pouco do que podiam fazer, achando novo baxá.

Passadas as portas do estreito, tivemos alguns dias vento contrário e, assim, não chegámos a Maçuâ até 26 de Abril. E, assim, achámos que o baxá era ido em romaria a Meca, e que deixara em seu lugar um capitão que se chamava Mustadên, muito amigo de Raçuân Agâ, por cujo respeito me fez muitos favores. E a segunda vez que o fui visitar me disse que podia ir livremente para onde quisesse, ou à Etiópia ou a Jerusalém, e que, enquanto ali estivesse, fizesse conta que estava na Índia porque ninguém me agravaria, [fol. 406v] nem me havia de faltar nada. Tomou logo Raçuân Agâ a mão<sup>6</sup> e deu-lhe muitos agradecimentos por isso e disse que o melhor conselho seria que passasse logo à Etiópia, se queria ver

os cristãos que lá estavam, e que tornasse dali a dois meses; e iria juntamente com ele ao Cairo, donde facilmente podia passar a Jerusalém, se quisesse. Eu também lhe agradei muito a boa vontade que mostrava e a mercê que me fazia e disse que o conselho de Raçuân Agâ me parecia bom, e com isto me despedi. E fui dando muitas graças a Nosso Senhor, que assim virava e amansava os corações daqueles que comumente têm tão grande ódio aos cristãos, e são tão falsos e cruéis para com todos. E, como cheguei à casa do capitão dos baneanos<sup>1</sup>, gentios da Índia, onde estava agasalhado, <sup>2</sup>me enviou o capitão turco algumas galinhas, arroz e outras coisas de comer, e continuou sempre, enquanto ali estive, dando em abundância.

Outro dia, depois que cheguei a Maçuâ, enviei um mouro ao Padre Belchior da Silva, que me diziam tinha seu assento sete dias de caminho dali, pedindo-lhe mandasse alguma gente com quem pudesse ir porque, naqueles dias, por serem festas dos abexins, não vinham a Maçuâ. E sucedeu que aquele mesmo dia, estando o capitão dos portugueses sete ou oito dias de caminho de Maçuâ, lhe disse um frade velho: «Sabeis que sonhei esta noite que via sair do mar um padre vosso que tinha na testa uma ponta de prata e outra de ouro, e vós o feis receber até Debaroâ», que (como já temos dito) é uma vila onde reside o *bahâr nagâx* e está quase no meio do caminho. Respondeu o capitão: «Vós sois frade e velho, e mais credes em sonhos? Como há-de vir agora padre por entre turcos?» E, chegando dali a oito dias o mouro com minha carta, a deu ao capitão por não achar ali o Padre Belchior da Silva; com o que ficou maravilhado do que lhe tinha dito o frade e, por lhe ter mandado o vice-rei de Tigrê, que se chamava Cafluâd, que o acompanhasse, que ia já de caminho para o reino de Dambiâ, lhe deu conta do que passava e disse-lhe o vice-rei que me fosse a receber e depois se tornasse ajuntar com ele em Dambiâ.

Estando eu entretanto, uma noite, no mais alto da casa do baneane em Maçuâ, ouvi dizer a uns turcos [fol. 407] muito graves que moravam em outra casa vizinha: «Como pode ser que deixem passar este cristão para onde quiser, sem mais exame? Em que governo cabe isto?» E estiveram falando um grande espaço, condenando sempre ao capitão porque me dava licença. Ouvindo eu isto, determinei de passar logo com qualquer companhia que achasse, por que não fizessem mudar parecer ao capitão, que facilmente o fazem os turcos. E assim, entrando o outro dia em Maçuâ<sup>3</sup> cinco cristãos da terra e um católico, que, por mandado do capitão dos portugueses, ia a buscar as cartas da Índia, me concertei com eles para que me levassem até Debaroâ. E o baneane me deu dois mouros, de quem se fiava, que também me acompanhassem.

Tendo já assentado de partir aquela noite, me disse um daqueles cristãos que não podia ser porque chegara nova que os ladrões ma<sup>4</sup>taram dois homens no caminho. Respondi que, sem embargo disso, havíamos de partir logo porque suspeitei que o dizia por estar alguns dias mais no porto em seus negócios; e, como me viu resoluto, não falou mais. O capitão, sabendo da minha ida, mandava que me dessem mula em que fosse até Debaroâ mas, julgando o baneane que era muito aparato para homem pobre, lhe disseram que não era bem, que ma tomariam no caminho, que ele me faria dar um jumento que traziam aqueles cristãos, e assim o fez. Fui logo a me despedir do turco Raçuân Agâ, que me fez muitos agasalhos e me disse que procurasse tornar depressa, que, se ele houvesse de passar ao Cairo, me levaria consigo e faria o gasto e, se não, me encomendaria a algum seu amigo, mas que, se me detivesse

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 360/349].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: mui.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: um.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 360v/349v].

<sup>5</sup> Havemos.

<sup>6</sup> Isto é, tomou a palavra.

<sup>1</sup> Ou baniano. Comerciantes que negociavam nos portos do Índico, Mar Vermelho e Golfo Pérsico; comerciantes jainas do Guzerate.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 361/350].

<sup>3</sup> Omisso em Ms. 778 BPB: em Maçuâ.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 361v/350v].

muito, não viesse depois a Maçuâ sem saber primeiro se estava ele ali, ou aquele capitão que então era, e, se já fosse outro capitão, lhe mandasse pedir licença antes de vir. Agradei-lhe muito este aviso e prometi de escrever tudo ao capitão de Diu, para que, tornando ele lá, lhe gratificasse isto e o demais que por mim tinha feito. Respondeu que folgava muito porque lhe ficara mui afeiçoado, que não tinha visto homem de tanto ser e nobreza como ele. Mas nem teve este turco tempo para tornar a Diu, porque dali a poucos dias morreu.

[fol.407v] Parti de Maçuâ a 5 de Maio à noite, e passaram-me em uma embarcação pequena o capitão dos baneanes e um turco seu amigo e acompanharam-me um pedaço pela terra dentro, até onde os cristãos me estavam esperando, e dali se despediram. E eu fui meu caminho vestido de uma roupeta muito velha de um mouro e coberto com um pedaço de pano branco de algodão, que assim me disseram os baneanes que convinha por respeito dos ladrões, já que não havia cáfila<sup>1</sup>. Andei quase toda aquela noite a pé por ser o caminho muito áspero e o jumento fraco, e iam os companheiros com tão grande medo que não se atreviam falar senão muito manso. Perto da manhã, quiseram descansar um pouco e, para isso, nos afastámos bom pedaço do caminho. E, estando assentados antes de dormir, se alevantaram todos com muita pressa, gritando. E, virando eu a cabeça a ver o que era, vi um leão que já ia dando volta, e estaria de mim como oito ou dez passos, pelo que, se não tivera uns espinheiros no meio, pode ser que fizera salto. E, com a grita que lhe deram, se afastou, mas muito devagar. Tiraram muitas pedras para aquela parte e, parecendo-lhes que seria <sup>2</sup>fugido, nos deitámos ficando dois em vigia. Mas ele tornou a passar logo outra vez à vista, que fazia bom luar, pelo que nos fomos sem dormir e caminhámos por serras mui altas e ásperas até ao meio-dia; que, por ser a calma grande e estarmos mui cansados e faltos de sono, nos deitámos a dormir debaixo de umas árvores. Depois fomos prosseguindo nosso caminho e, à noite, chegámos a uma aldeia de mouros; e, por serem os sapatos ruins e ter andado muito a pé, levava já os pés esfolados. Vendo isto os mouros que iam comigo e sabendo que o xeque daquela aldeia era amigo do capitão dos baneanes, lhe pediram de sua parte alguma cavalgadura, e deu-nos outro jumento tal como o que trazíamos e, assim, padeci bem de trabalho naquele caminho.

Dia da Ascensão à noite, chegámos a uma malhada<sup>3</sup> de pastores cristãos, onde estavam quinhentas vacas do vice-rei de Tigrê. E, cuidando eles que eu era turco, tiveram medo e se afastaram mas, depois que souberam que era padre, vieram todos a me beijar a mão, mostrando [fol. 408] muita alegria, e trouxeram tanto leite que nos sobejou bem dele; e vinha em uns cestinhos de palha e, para o cozerem, botaram dentro umas pedras feitas brasa. Pela manhã cedo, me despedi e pediram-me lançasse bênção em suas vacas e, depois, tendo andado um pedaço, vieram por uma serra acima as mulheres dos pastores, bradando que esperasse<sup>4</sup>, e chegaram chorando e disseram que me não visitaram a noite antes por cuidarem que era turco, que lhes perdoasse e desse bênção. E umas me pegavam das mãos para as beijar, outras dos pés, à porfia<sup>5</sup>, com grande affecto. Detiveram-me bom espaço em que as estive consolando, não pouco edificado de ver sua devoção. Daqui fomos por serras mui ásperas, sem fazer mais que subir e descer, que, por medo dos ladrões, deixaram o caminho ordinário até chegar a uma aldeia de cristãos. E logo vieram a mim alguns e me mostraram suas cruces e livros, mas não lhes pude dizer

coisa alguma sobre erros, ainda que eles folgavam de falar, porque um mouro, a quem eu dizia as coisas em arábico, não lhes declarava mais que o que lhe vinha à vontade. Deram-nos uma casinha mui pequena onde nos agasalhámos, mas não foi pouco bem, pelo muito que choveu aquela noite.

O dia seguinte, 10 de Maio, chegámos a Debaroâ, onde me deixaram os companheiros, excepto o católico que fora em busca das cartas e um mancebo mouro, criado do capitão dos baneanes, porque até ali somente se obrigaram a me acompanhar. Agasalhei-me em uma casinha muito <sup>1</sup>ruim, coberta de palha, e, à noite, veio um mouro que ali estava arrecadando os direitos que pagam ao *bahâr nagâx*, governador daquelas terras, os mercadores que vêm do mar. E, mostrando-se mui irado, me disse em arábico: «Quem vos deu a vós licença para entrar em estas terras? Vós não sois portugueses? Pois que vindes buscar às terras do *bahâr nagâx*?» Respondi que os turcos me deram licença para entrar e que, quando o governador, que era cristão, quisesse saber a que vinha, lho diria; que ele, que era mouro, não tinha que me perguntar por isso. Disse ele: «Trazeis muito fato escondido.» Respondi: «Buscai-o e tomai quanto achardes.» Com isto se foi. E disse-me o mancebo mouro que ameaçava [fol. 408v] que, se lhe não desse fato, não me havia de deixar passar, antes me havia de prender, mas ao outro dia, pela manhã, chegou ali o capitão dos portugueses e outra gente que me vinha esperar àquele lugar, por causa da carta que eu tinha mandado de Maçuâ. E, como o soube o mouro, se escondeu sem parecer<sup>2</sup> mais enquanto ali estivemos. Como eu vi os portugueses, me alegrei de maneira que todos os trabalhos passados me pareceram nada, e dei muitas graças a Deus por tão grandes mercês como me tinha feito, e eles também não lhas acabavam de dar, tendo por milagre passar por entre turcos tão descoberta e francamente. Levaram-me logo a outra casa grande e, por me fazerem festa, mataram uma ovelha, de que eu não pude comer porque não fizeram mais que dar duas voltas à carne no fogo e assim quase crua a comeram, conforme ao costume da terra; e, vendo que não comia, me deram um pouco de leite.

Partimos daquela vila ao outro dia pela manhã e, fazendo nosso caminho com trabalho porque chovia muito, chegámos a 15 de Maio de 603 ao termo dele tão desejado, que foi a Fremonâ, que assim se chama o lugar onde está a primeira igreja dos portugueses e, nela enterrado o Padre Patriarca André de Oviedo e os mais padres seus companheiros. E, antes de entrar, vesti loba<sup>3</sup> e pus manteo<sup>4</sup> e barrete, que até então trouxe escondido. Estava-me esperando à entrada do lugar muita gente que, tanto que me viram, levantaram uma grande grita em sinal de alegria. E uns batiam nos peitos, outros beijavam o chão, derramando muitas lágrimas, dando graças a Deus que fora servido trazer-me, livrando-me de tantos perigos como eles sabem que há por onde vim. Entrámos todos na igreja e, depois de fazer oração, lhes disse brevemente, por um língua, como os vinha a acompanhar e servir, e que dava por bem empregados todos <sup>5</sup>os trabalhos que tivera no caminho por me ver com gente que, entre os que não obedeciam à Igreja romana, conservava fielmente sua fé e doutrina e mostrava tanta devoção. Dali fui a ver a casa em que morava o santo padre patriarca, que era redonda como meia laranja, de vinte palmos de vão, muito baixa, sem repartimento nenhum e coberta de palha. Folgara de me agasalhar nela, por ser daquele santo, mas por então não o pude fazer, por estar [fol. 409] ocupada com algumas coisas do sacerdote Belchior da Silva. Partiu-se logo para a corte o capitão dos portugueses

<sup>1</sup> Caravana (em que o autor se pudesse integrar).

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 362/351].

<sup>3</sup> Cabana; «malhada de pastores» é pleonástico.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: esperassem.

<sup>5</sup> Quer dizer como se saudassem o padre ao desafio, insistentemente.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 362v/351v].

<sup>2</sup> Leía-se: «aparecer».

<sup>3</sup> O mesmo que «sotaina».

<sup>4</sup> Sic. «Mantel», usado por «mantelete»; capa.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 363/352].

como o vice-rei lhe tinha ordenado, que então estava doze ou catorze dias de caminho, e escrevi por ele uma carta ao Imperador Iacob, que havia pouco começara a governar, em que lhe dava conta da minha chegada, e que, ainda que vinha maltratado do caminho, passara<sup>1</sup> logo a lhe beijar a mão, se tivera licença para isso; que, como ma desse, o faria. Respondeu que folgava muito com a minha vinda e chegada a salvamento e que de toda a maneira fosse ter com ele depois do inverno já que então não podia ser, por chover muito<sup>2</sup>.

### CAPÍTULO IV<sup>3</sup>

#### DE COMO PRENDERAM AO IMPERADOR IACOB E DERAM O IMPÉRIO A SEU PRIMO ZA DENGUÏL, E DE ALGUMAS COISAS QUE ELE FEZ NAQUELE VERÃO.

**E**m o mesmo tempo que me veio a resposta do Imperador Iacob, chegou a Fremonâ o sacerdote Belchior da Silva, que havia mais de seis meses que fora a confessar os portugueses e católicos que estão espalhados em diversas terras, e alegrou-se muito, vendo que já podia tornar para Índia. Mas desejava despedir-se primeiro do imperador, e acabar algumas coisas que lhe relevavam, pelo que determinou ficar cá aquele ano e ir comigo à corte em Outubro, que se acabava o inverno<sup>4</sup>. Mas isto não teve efeito porque, pretendendo o império Za Denguíl, primo de Iacob, quase todos os grandes determinaram de lho dar; uns por lhes parecer que tinha direito como o Imperador Malâc Çaguêd declarara, estando para morrer, como acima dissemos; outros, por estarem descontentes do modo do governar de Iacob e, não se atrevendo a o prender sem dar primeiro o império a Za Denguíl, ou<sup>5</sup> trouxeram secretamente à cidade imperial e o alevantaram por imperador. E logo foram a prender Iacob, que ainda estava em seu paço, bem descuidado, mas <sup>6</sup>escapou a unha de cavalo<sup>7</sup> por ser grande cavaleiro, ainda que pequeno de quinze anos. E foi caminho de umas terras muito fortes, em que estava um irmão de sua mãe, onde, [fol. 409v] se entrara, não fora possível tirá-lo ninguém por força de armas, por serem serras muito altas e fortes, e terem acima<sup>8</sup> água e mantimentos, e seu tio muita gente. Mas, antes de chegar, indo já cansado por ter corrido muito, lhe disse o principal de oito ou dez cavaleiros que o acompanhavam: «Senhor, estas terras são minhas. Descanse Vossa Majestade um pouco enquanto faço trazer alguma coisa para comer.» Pelo que se apeou e deitou debaixo de uma árvore mas, como chegou<sup>9</sup>, disse a todos: «Este é o imperador que vai fugindo. Vinde comigo para que o tomemos, e olhai

que não escape, porque<sup>1</sup> nos há-de fazer muitos males Za Denguíl, que já é imperador.» E eles, por ser seu senhor, ou terem medo do que lhes dizia, foram juntamente. E, cuidando o imperador que lhe traziam o comer, se deixou estar, ainda que vinha muito gente; e, como chegaram, o prenderam sem resistência e levaram ao lugar.

Pouco depois disto, chegaram os que iam em seu seguimento, e assim todos o levaram com grande festa onde estava Za Denguíl, que já se intitulava Atanâf Çaguêd. Diziam alguns que o matassem, outros que lhe cortassem os narizes e as orelhas para que, ainda que escapasse, não o recebesse ninguém mais por imperador. Mas Atanâf Çaguêd não consentia que lhe fizessem mal algum e, posto que folgou muito que o prendessem, com tudo isso<sup>2</sup> disse que aquele fidalgo fizera mui grande traição. E, por conselho dos grandes, mandou que pusessem com boa guarda a Iacob no extremo do império, em um reino que chamam Nareâ, e escreveu logo aos capitães e vice-reis do império, que fizeram grande festa, particularmente o de Tigrê, que era um dos principais que estavam de secreto concertados com ele. Mas os portugueses ficaram mui tristes porque mostrava grande<sup>3</sup> muita aversão a nossas coisas, e o sacerdote Belchior Silva, que também o conhecia e tinha tratado com ele, disse: «Coitados dos portugueses, que não lhes há-de dar vida»; ao que respondi eu que não tivessem tanta paixão, que o coração dos reis e imperadores estava na mão do Senhor, que Ele o viraria como fosse servido.

Enquanto passavam estas coisas, vinha muita gente da terra e alguns frades a falar comigo sobre as coisas da fé e a ouvir as práticas que fazia na igreja todos os domingos e festas, <sup>4</sup>e a doutrina que diziam os meninos em sua língua por perguntas e respostas porque, [fol. 410] logo como cheguei à Etiópia, sabendo que não estava trasladada a *Cartilha*<sup>5</sup> na língua da terra, a traduzi e fiz aprender aos meninos com a mor pressa que pude; do que todos os que ouviam folgavam tanto que diziam que não havia coisa como as práticas e doutrina dos portugueses. E foi isto crescendo de maneira que chegou a nova ao imperador e, por ser mui curioso em coisa de letras, que se tinha sempre ocupado nelas de menino, ainda estando na prisão, mandou logo um correio com carta, que dizia assim:

*Carta do Imperador Atanâf Çaguêd chegue ao honrado padre, mestre dos portugueses, com a paz de Cristo Nosso Senhor. Como estais? Ouvide estas coisas e boas novas do que nos fez Deus Nosso Senhor. Estivemos presos sete anos, e padecemos trabalhos sem conto. Mas, compadecendo-se Deus Nosso Senhor de nossa miséria, nos tirou da prisão e deu o império e pôs por cabeça de todos, assim como diz David: Lapidem quem reprobauerunt aedificantes; hic factus est in caput anguli.<sup>6</sup> Agora o mesmo Senhor acabe em bem o que tem começado. Ouvide mais. Desejamos muito que venhais logo para cá e tragais os livros da justiça dos reis de Portugal, se os tendes, porque folgaremos de os ver.<sup>7</sup>*

A isto respondi com muita pressa, porque o correio se tornava logo, dizendo: «Muito alto e poderoso senhor. Com a carta de Vossa Majestade me alegrei muito pelas boas novas de ter Deus Nosso Senhor tirado a Vossa Majestade, como a José, da prisão a tão grande mando e prosperidade. Assim costuma Deus Nosso Senhor a fazer com os seus, para os provar e que não se ensoberbeçam quando se virem em alto estado, e, para que se compadeçam dos que virem com aflições e trabalhos, e estes cheguem a eles com esperança de remédio.

<sup>1</sup> Leia-se: «passaria.»

<sup>2</sup> Este relato encontra-se também em carta do autor dirigida ao provincial de Goa (Fremona, 24.7.1603, in C. Beccari, *R/ESOI* 11, Roma, 1911, pp. 54-6).

<sup>3</sup> Manuel de Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *R/ESOI* 6, Roma, 1907, pp. 59-64.

<sup>4</sup> A grande estação das chuvas, de Junho a início de Setembro.

<sup>5</sup> *Sic. Ms. 778 BPB*: o.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 363v/352v].

<sup>7</sup> Expressão idiomática que significa «a toda a pressa».

<sup>8</sup> *Ms. 778 BPB*: em cima.

<sup>9</sup> Como chegou o cavaleiro principal.

<sup>1</sup> Porque senão.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: com tudo.

<sup>3</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: grande.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 364/353].

<sup>5</sup> Ver glossário (*Cartilha*).

<sup>6</sup> «A pedra que os edificadores rejeitaram, essa foi posta como pedra angular» (*Salmos*, 118, 22).

<sup>7</sup> F. Guerreiro, *Relação anual... nos annos de 604 et 605...*, Coimbra, 1607 (reed. 1931), fol. 126 / p. 170.

Com esta, poderão agora chegar a Vossa Majestade todos os que estiverem desta maneira, pois podem dizer, com S. Paulo, se nos for lícito mudar o nome de pontífice em imperador: Non habemus imperatorem, qui non possit compati infirmitatibus nostris tentatum per omnia.<sup>1</sup> E o que mais deve alegrar a todos é o desejo que Vossa Majestade tem de governar seu império, pois para isso quer ver até os livros por onde governa el-rei de Portugal. Muito me pesa de os não ter aqui porque são muito bons, mas trabalharei por que venham o mais depressa que ser puder e, entretanto, levarei um que trata das coisas de consciência, que também é muito bom, e irei logo como manda Vossa Majestade, a quem [fol. 410v] Deus Nosso Senhor dê o aumento de vida e estado que pode. De Fremonâ e Março 2 de 604.<sup>3</sup>

Esta carta festejou o imperador e mandou que logo o seguinte dia tornasse o mesmo correio, porque sabia falar arábico, a me dizer que de toda a maneira fosse em companhia do vice-rei, a quem também tinha chamado com pressa, pelo que eu me aprestei com a maior que pude e, chegando ao vice-rei, lhe disse o que o imperador me mandava. Respondeu que era necessário esperar um pouco, porque de novo tivera recado que o imperador fora a toda pressa com exército<sup>4</sup> a um reino que chamam Gojâm, onde tinham entrado muitos gentios gâlas que faziam grande dano, e que ele não havia de ir até ver se o imperador tornava, pelo que eu também esperei. Tardou lá muito o imperador, por trazerem os gâlas grande força e entrarem<sup>5</sup> por três partes diferentes, porque, sabendo as revoltas que havia no império com a mudança do imperador, juntaram três exércitos, e cada um entrou por sua parte, parecendo-lhes aquela boa ocasião para se assenhorearem daquelas terras. E, sabendo o imperador como os que estavam em Gojâm eram muitos, mandou ao vice-rei dela que não desse batalha até ele chegar, mas, parecendo-lhe que não tinha necessidade da ajuda do imperador, e que não era bem dilatar o dar batalha, pelos gâlas estarem já muito perto, a deu e foi desbaratado com perda de muita gente; o que sentiu muito o imperador e não o quis ver em muito tempo, por mais escusas que deu.

Ficaram os gâlas mui soberbos com esta vitória e, assim, chegando o imperador à vista deles três dias depois, não fizeram caso dele; pelo que, ainda que era muito tarde, determinaram acometer logo, dizendo: «Para que hemos de esperar a manhã, tendo-os tão perto?» E, dividindo-se em três esquadrões, foram onde estava o imperador, o que vendo ele, mandou repartir sua gente em outros três esquadrões e, pondo-se no do meio, lhes saiu ao encontro. E, como chegaram perto, arremeteu um esquadrão dos gâlas com tanta fúria que, em pouco espaço, pôs em fugida o esquadrão da mão esquerda do imperador<sup>6</sup>; o mesmo fizeram logo ao esquadrão da mão direita, pelo que ficou o imperador só com seu esquadrão defronte do corpo da batalha dos gâlas. O que vendo os capitães, determinaram de virar e disseram ao imperador que se fosse com eles a uma serra que estava perto, mas ele, ouvindo isto, se apeou do cavalo e, deixando a lança, [fol. 411] tomou a espada e rodela<sup>8</sup>, dizendo: «Eu aqui hei-de morrer pelejando. Fugi vós outros embora à serra<sup>9</sup> e ponde-vos em salvo, que, de uma

coisa não haveis de fugir: de que não digam que ao imperador, que fizestes ontem<sup>1</sup>, o deixastes hoje no princípio da batalha.» Com isto, determinaram todos de morrer sem tornar atrás e, arremetendo, pelejaram tão valorosamente que fizeram fugir os gâlas; o que vendo a outra gente do imperador, que se tinha subido à serra, virou sobre os gâlas que os seguiam e também os puseram em fugida e, assim, foram todos seguindo o alcance até que a noite os afastou. E, posto que durou pouco porque começaram tarde, contudo mataram mil e setecentos, e o outro dia mandou o imperador correr o campo e também mataram alguns que, por não poderem fugir, se esconderam no mato.

Tendo depois o imperador nova certa<sup>2</sup>, por suas espias, onde estava outro exército de gâlas, desejando de o alcançar, deixou o caminho chão e subiu por umas serras tão ásperas que lhe foi forçado ir a pé muito tempo e, chegando à vista deles, mandou ordenar sua gente para dar batalha. Os gâlas também, não sabendo o desbarate dos outros, vieram mui confiados mas, ainda que ao princípio pelejaram bem, ultimamente os desbaratou o imperador e matou muitos. E assim, vendo como Nosso Senhor lhe ajudava, determinou ir em busca do terceiro exército dos gâlas, ainda que era longe, mas, vindo as espias, disseram como já eram idos para suas terras com algumas vacas que tomaram. E, assim, deu volta para uma serra, onde lhe diziam que estavam quatrocentos gâlas em guarda de fato e, ainda que era muito forte, a subiu e matou todos; pelo que deu muitas graças a Nosso Senhor que lhe fizera tantas mercês, e tornou para umas terras onde determinava de invernar.

## CAPÍTULO V3

### EM QUE SE REFEREM ALGUMAS COISAS QUE SUCEDERAM EM FREMONÂ ENQUANTO O IMPERADOR ANDOU NA GUERRA.

4

Entretanto que o imperador andava em Gojâm nas guerras que dissemos, estive eu sempre em Fremonâ exercitando os ministérios da Companhia. E vinha muitas vezes a falar comigo aquele frade velho que disse ao capitão dos portugueses que vira em sonhos sair um padre do mar, como acima referimos, e perguntava muitas coisas sobre nossa santa fé. E [fol. 411v] um dia, estando eu com muita gente, entrou ele e disse que tinha que tratar um negócio comigo só; pelo que saíram todos, excepto um português que era meu intérprete, e lançou-se logo a meus pés, prostrando-se todo no chão. O que vendo eu, me abaixei com muita pressa e o alevantei nos braços, dizendo que porque fazia aquilo? Que, se queria alguma coisa de mim, tudo o que pudesse faria com muito gosto.<sup>5</sup> «Quero (disse ele com as lágrimas nos olhos) que me confesseis.» E, fazendo-o assentar, lhe perguntei que coisa o movera a desejar tanto a se confessar, porque, quando primeiro falava comigo, não se mostrava mui afei-

<sup>1</sup> «Porque não temos um [sumo-sacerdote] que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado» (*Hebreus*, 4, 15).

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 364v/353v].

<sup>3</sup> A tradução portuguesa desta carta, assim como o da resposta de Pedro Páez, apresenta variantes ligeiras em relação ao que se encontra numa carta do autor, escrita em castelhano, dirigida a Tomás de Iturén, em 14.9.1612 (ver C. Beccari, *RÆSOI* 11, Roma, 1911, p. 222).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: com toda a pressa e exército formado.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: entraram.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: do imperador.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 365/354].

<sup>8</sup> Escudo de couro redondo.

<sup>9</sup> Isto é, para a serra.

<sup>1</sup> Entenda-se: que há pouco levantaste por imperador.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: novas certas.

<sup>3</sup> Manuel de Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 6, Roma, 1907, pp. 65-9.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 365v/354v].

<sup>5</sup> Construção frásica ambígua, entre o discurso directo e o indirecto.

çoado a nossas coisas, posto que concedia algumas das que lhe dizia contra os erros que têm. Respondeu que, estando uma noite dormindo, lhe parecia que via um homem muito venerável que, com rosto alegre, lhe dizia: «Se te queres salvar, confessa-te logo com este padre que agora veio»; «mas, quando acordei, não fiz caso disso, parecendo-me que era sonho. E dali a duas noites, estando também dormindo, me tornou aparecer com rosto severo, e me disse: “Porque não fizestes o que vos mandei? ide logo a confessar”. E, posto que acordei algum tanto atemorizado, não fiz muito caso, ainda que andava cuidando que coisa seria aquela. Mas esta noite me tornou a aparecer, mostrando-se mui irado, e me disse: “Porque não fazeis o que vos mando? Ide logo a vos confessar, e fazei tudo o que aquele padre vos ordenar”; com o que acordei com tão grande medo que não pude mais dormir. E assim, em amanhecendo, parti logo para cá.»

Ouvindo eu isto, me alegrei muito pelo bem de sua alma e respondi que de muito boa vontade o confessaria, mas que havia de prometer primeiro de obedecer à santa Igreja romana, e guardar sua doutrina, e dizer-me como se havia de haver depois com os demais frades. Respondeu que ele era dos mais antigos daquele mosteiro, que é muito grande, e que assim forçadamente havia de correr com eles como <sup>1</sup>dantes, guardando o Sábado, baptizando-se todos os anos e fazendo todas as mais coisas públicas que eles fazem, porque senão seria muito notado e ainda lhe viria mal, mas que viria secretamente a se confessar todas as vezes que lhe mandasse. Ao que lhe respondi que nenhuma daquelas coisas havia de fazer, se se queria confessar, e que, pois aquele<sup>2</sup> que dizia que lhe aparecia lhe mandara que fizesse tudo o que eu lhe ordenasse, cumprisse seu mandado, que eu lhe não havia de dizer senão o que lhe era necessário para sua salvação. Ele [fol. 412] porfiou muito grande espaço mas, depois de muitas razões, se foi sem confessar e assim andou perto de dois anos, como adiante se houvera de referir mas, por não cortar o fio de seu sucesso, o porei aqui.

Ficou este frade (como digo) sem se atrever a confessar, e eu fui onde estava o imperador e andei lá muito tempo e, ainda depois que tornei a Fremonâ, tardou ele tanto em chegar a mim que já não fazia conta de suas coisas senão quando um dia veio à nossa casa. E, pedindo perdão da sua pusilanimidade que primeiro tivera em coisa de tanta importância, me disse que o confessasse, que já estava determinado de fazer quanto lhe mandasse e que não entraria com seus frades em coisa nenhuma que fosse contra a santa fé nem os bons costumes da Igreja romana. Tratei-lhe então de todas as coisas em que temos controvérsia, e prometeu de guardar tudo o que lhe dizia e de obedecer à santa Igreja romana. E, assim, o instruí como se havia de aparelhar para confessar geralmente; no que gastou três dias, e depois se confessou com muita devoção. E, tornando para seu mosteiro, dormiu em uma aldeia perto e adoeceu tão gravemente que não pôde passar adiante. E, indo alguma gente da terra a o visitar e vendo que estava apertado da doença, lhe disse um se queria que chamassem algum frade que o confessasse. Respondeu que não chamassem senão a mim, porque ele já era Igreja romana e debaixo de sua obediência havia de morrer. Maravilharam-se todos muito de ouvir isto, porque era tido por homem mui observante de suas coisas. E, tornando ele a instar que me chamassem, foi um católico, que estava presente, a me dar recado e, indo eu logo, se tornou a confessar com muita devoção, dando graças a Deus, que o esperara até àquela hora.

Souberam logo os frades de seu mosteiro o que passava e vieram <sup>1</sup>alguns para o levarem, mas disse-lhes<sup>2</sup> que não tinham já que fazer com ele, porque estava debaixo da obediência da santa Igreja romana, sem a qual não se podiam salvar. E sobre isto lhes falou um pedaço, exortando-os a que eles fizessem o que ele tinha feito, do que eles se enfadaram muito. E, sem lhe fazer mais instância, se foram a dar conta ao abade do mosteiro e, tornando a os mandar com recado, chegaram dali a três dias e o acharam já expirando, acompanhado de dois padres que tinham vindo da Índia<sup>3</sup>. E, como acabou de morrer, disseram os frades que o haviam de levar a enterrar à sua igreja [fol. 412v]. Responderam os padres que ele se mandara enterrar na nossa e que assim convinha fazer-se, pois era dela. Mas, vendo ultimamente que os frades não queriam ouvir razão e que estavam determinados a o levar por força, o deixaram, contentando-se com que soubessem todos que morrera católico.

Em o mesmo tempo que veio a mim este frade a primeira vez, para que o confessasse, chegou também um homem da terra e me disse que, se queria que os gafanhotos (que cá fazem muito dano) não comessem as sementeiras de nossa aldeia, lhe fizesse dar de cada terra certa medida de mantimento para um mouro e os que o acompanhavam, que, no tempo que vinham os gafanhotos, tomava um na mão e, enquanto ele caminhava, passavam também voando os gafanhotos e, como se detinha, logo se assentavam e destruíam as sementeiras sem deixarem folha verde. Respondi que os portugueses não crêem em feitiçarias, que não haviam de dar nada porque, ainda que viesse o mouro e se sentasse ali com seu gafanhoto, não tinha medo que nos viesse mal, se Deus nos não quisesse castigar e que então<sup>4</sup> o tomaríamos em penitência de nossos pecados; pelo que se foi ele, dizendo que depois acharíamos; com o que ficaram alguns, ainda de nossos católicos, com não pequeno medo. Dali a poucos dias, vieram os da aldeia chorando e me disseram que já eram perdidos, que lhes desse algum remédio porque estavam perto de suas sementeiras tantos gafanhotos que cobriam os campos e destruíam tudo. Vendo eu sua aflição, lhes disse com não pouco sentimento: «O remédio é fazer oração a Nosso Senhor, que nos livre de tão grande praga.» E, indo com eles à igreja, rezámos as ladainhas, e logo fiz os exorcismos para a parte onde estavam os gafanhotos e benzi água para que a botassem em suas sementeiras; o que fizeram, com muita confiança em Nosso Senhor. E foi ele servido por sua infinita misericórdia, que, chegando os gafanhotos à borda da nossa terra e destruindo todas as sementeiras à roda, não fizeram mal nenhum nas da aldeia, nem ainda nas de fora onde botavam água benta porque, tendo um português uma terra semeada fora, lhe botou água benta e, chegando os gafanhotos comendo até à borda da sua lavrada, voavam e se passavam da outra banda a comer as<sup>6</sup> sementeiras dos da terra, sem tocar a sua, como ele me afirmou que vira com seus olhos.

Também um vilão que não era católico pediu a outro, que o era, uma pouca de água benta e, levando-a para a botar em sua sementeira, zombou dele um seu [fol. 413] vizinho e lhe persuadia que deixasse aquilo, que não fizesse tanto caso das coisas dos portugueses. Mas ele não quis, dizendo que tinha muita fé nelas e, assim, levou a água e a botou em sua terra e, chegando depois os gafanhotos, não lhe fizeram dano nenhum, destruindo outra que estava ao longo dela, do vilão que zombava. Do que ficou mui maravilhado e pesaroso, por não ter ele também botado.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 366v/355v].

<sup>2</sup> Ele disse-lhes.

<sup>3</sup> Decorreram dois anos entre o primeiro encontro de Pedro Páez com o frade e a morte deste.

<sup>4</sup> Leia-se: «se quisesse.»

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 367/356].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: suas.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 366/355].

<sup>2</sup> Ou seja, a figura que lhe apareceu em sonhos.

Tornaram outra vez dali a pouco tempo a vir tantos gafanhotos que cobriam o sol como nuvens muito densas. E, chegando à nossa aldeia antes de meio-dia, que eram horas de passar adiante, <sup>1</sup> porque eles se alevantam às oito horas, quando o sol está já quente, e vão passando sem se assentarem até à tarde, e, com tudo isso, andaram dando voltas por cima até muito tarde, do que todos ficaram mui maravilhados e alguns cuidavam que estaria por ali o mouro com seu gafanhoto, vendo eu isto, fiz os exorcismos e benzi água que levaram a botar por todas partes. Assentaram-se eles todavia nas sementeiras, que estavam mui formosas, e cobrindo<sup>2</sup> de maneira que quase não apareciam<sup>3</sup>, pelo que todos ficaram muito tristes, parecendo-lhes que não haviam de deixar nada; por onde se assentavam não ficava folha verde. Mas quis Nosso Senhor que se alevantaram ao outro dia às oito ou nove horas, sem fazer dano algum, pelo que deram <sup>4</sup>todos muitas graças a Deus e a gente da terra ficou mui maravilhada e vinham alguns a me pedir lhe desse mezinha para que não fizessem mal os gafanhotos em suas sementeiras; ao que lhes respondia que os portugueses não tinham outra mais que oração e confiança em Nosso Senhor. E um mancebo muito nobre me disse: «Agora vimos com os olhos as maravilhas que nos contavam dos padres antigos. Não pode ser senão que vós outros tenhais a verdadeira fé, por onde eu não me tenho de afastar mais desta Igreja». E, dali a pouco tempo, se confessou e persevera até hoje com muita edificação. Também, pela misericórdia do Senhor, há já anos que não vêm os gafanhotos como primeiro.

## CAPÍTULO VI<sup>5</sup>

DE COMO FUI COM O VICE-REI DE TIGRÊ ONDE ESTAVA O IMPERADOR  
E DE QUÃO BEM RECEBEU A MIM E A NOSSAS COISAS.

**N**o fim de Abril de 604, soube o vice-rei como tornava o imperador da guerra com vitória e mandou-me logo dar as novas e dizer que já era tempo de partir, e assim me aparelhei [fol. 413v] e fui com ele. Acompanhou-o também o sacerdote Belchior da Silva três dias de caminho, e dali se despediu e tornou à nossa residência de Fremonâ, para se embarcar em Agosto em uma nau de Diu que estava em Maçuâ, enquanto ali residia aquele capitão turco meu amigo, porque não acertasse depois de haver alguma mudança e se fechasse a porta. E levou-o Nosso Senhor a salvamento a Diu e a Goa, onde o Vice-rei Aires de Saldanha e o reverendíssimo senhor D. Aleixo de Meneses, arcebispo de Goa, lhe remuneraram muito bem o que cá trabalhou com os portugueses e católicos. Prossegui eu meu caminho com o vice-rei, e levava comigo dois meninos, filhos de portugueses, que sabiam já a *Cartilha* que tinha traduzido em sua língua. E folgava tanto o vice-rei de os ouvir que muitos dias à tarde os mandava chamar à sua tenda<sup>6</sup> para que a recitassem, e lhe<sup>7</sup> dizia: «Como em tão pouco tempo vos

ensinaram tantas coisas e tão boas? Nossos frades nunca ensinam nada, nem servem mais que para comer e beber.» Quando eu ia à sua tenda, que eram os mais dos dias, mandava que a alcatifassem toda, com ser muito grande, e fazia-me <sup>1</sup>assentar perto de si, ficando seus frades afastados; do que se enfadava tanto um dos mais graves que chegou a dizer aos criados do vice-rei, como havia de haver no mundo que, para um padre estrangeiro, mandasse sempre alcatifar a tenda e a eles, que eram seus mestres, fizesse tão pouca honra. Do que se riu muito o vice-rei quando o soube, e nem por isso lhe fez mais do que costumava.

Como chegámos ao reino de Dambiâ, deixou a gente que o acompanhava, que era muita, em um campo nas tendas e, tomando alguma de cavalo, me disse fosse com ele a visitar a imperatriz velha, sua sogra, que estava como cinco léguas dali. E chegando<sup>3</sup>, me recebeu com muita honra, fazendo-me assentar perto de si igualmente com o vice-rei e falando com palavras de muita cortesia. E, quando me despedi, mandou que me agasalhassem muito bem e me dessem todo o necessário da sua cozinha; o que fizeram cumpridamente<sup>4</sup>.

Outro dia pela manhã, tornámos onde estavam as tendas e fomos caminhando para o imperador tão devagar que, com podermos chegar de Tigrê lá em vinte dias, tardámos quarenta e uma légua ou mais antes que chegássemos, assentou e mandou pedir licença ao imperador para entrar<sup>5</sup>. E, como tornou o recado, fomos e o achámos em um campo muito grande na terra que chamam Ondeguê, ao<sup>6</sup> longo da famosa lagoa que divide o reino de Gojâm do de Dambiâ. Estava [fol. 414] em umas casas muito altas que então mandara fazer para invernar ali e sujeitar aquela terra que não obedecia bem. Tinha duas cercas de madeira altas e os terreiros dentro mui espaçosos. E, chegando à porta da primeira, onde estava gente de guarda, nos fizeram esperar bom pedaço. Depois, saiu de dentro um capitão e disse ao vice-rei que entrasse e, deixando-nos à porta da segunda cerca, se foi para dentro. Ali nos fizeram esperar muito mais. E, saindo um senhor grande, que se chamava Lâca Mariâm, e<sup>7</sup> disse ao vice-rei que fosse boa sua vinda, e que o imperador mandava que entrasse. E, chegando-se a mim, me perguntou como vinha<sup>8</sup>, e me disse que esperasse um pouco, que ele<sup>9</sup> diria ao imperador como estava ali, e<sup>10</sup> que havia de folgar muito. E, entrando ele com o vice-rei, saiu logo o mordomo do imperador e levou-me lá dentro.

<sup>11</sup>Estava o imperador em uma sala mui comprida e larga, assentado, como é costume dos imperadores de Etiópia, sobre um leito muito bem concertado e cortinas mui formosas. Era homem alto de corpo, bem apessoado, de cor baça, os olhos grandes, nariz afilado e beiços delgados, e, segundo me disseram, tinha vinte e seis anos. Estavam à mão direita, em pé, alguns grandes do império e, à esquerda, os<sup>12</sup> superiores dos<sup>13</sup> mosteiros de Tigrê, que vieram com o vice-rei, também em pé. E, em entrando,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 368/357].

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: em um campo.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: chegando.

<sup>4</sup> O Ms. Goa 42 ARSI faz parágrafo; o Ms. 778 BPB não.

<sup>5</sup> Frase confusa, em ambos manuscritos: ou há discordância nas pessoas dos verbos (1.ª plural, 3.ª singular), ou então há ausência de sujeito na segunda oração.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>7</sup> A conjunção «e» retira coerência à frase.

<sup>8</sup> Quer dizer, ao que vinha.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: ele.

<sup>10</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 368v/357v].

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: alguns.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: de alguns.

<sup>2</sup> Rasurado de forma ilegível.

<sup>3</sup> Leia-se: «cobrindo-as.»

<sup>4</sup> Que quase não se viam as sementeiras.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 367v/356v].

<sup>6</sup> Manuel de Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *R/ESOI* 6, Roma, 1907, pp. 71-6.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: à sua tenda.

<sup>8</sup> Leia-se: «lhes.»

cheguei a lhe beijar a mão, e retirei-me logo até onde estava o vice-rei, que era o último de todos. Disse o imperador que me cobrisse e me assentasse. Pus o barrete, mas fiquei em pé. E fez-me logo sinal com a mão, que me assentasse sobre um estrado que estava diante do leito com ricas alcatifas. Nem na sala havia cadeira nenhuma nem ali se põe, senão quando ele<sup>1</sup> se quer assentar nela; e ordinariamente não se assenta quando se levanta do leito senão naquele estrado, que é um pouco alto, e encosta-se em coxins de brocado, ou de veludo. E, como me assentei, perguntou pelo sumo pontífice, por el-rei e por algumas coisas de Portugal e da Índia, em que gastou como um quarto de hora, dando muita pouca prática aos outros. Vendo isto o vice-rei de Tigrê, disse ao capitão dos portugueses, que estava perto, por ser meu intérprete: «Que dirá agora aquele frade (que estava entre os outros), fazendo isto o imperador? Pois primeiro murmurava por eu mandar alcatifar minha tenda, quando o [fol. 414v] padre havia de vir.» Depois, me disse o imperador que fosse a descansar e mandou que me dessem uma casa muito boa e tudo o necessário, o que deram sempre com muita abundância, enquanto ali estive.

O seguinte dia pela manhã, me mandou chamar e achei-o no mais alto das casas em uma varanda<sup>2</sup> donde se via a lagoa e campos mui grandes e formosos. Estavam com ele os principais senhores da corte<sup>3</sup> e alguns frades e homens seculares letrados. E, fazendo-me assentar perto<sup>4</sup> de si, mandou que todos os demais também se assentassem um pouco mais afastados e disse-me logo que folgava de ouvir alguma coisa sobre o que eles tinham controvérsia conosco<sup>5</sup>. Respondi que perguntassem o que quisessem, que eu de<sup>6</sup>clararia como o entendíamos. Começaram eles a perguntar e, naquele dia e outros muitos que estivemos diante do imperador, de pela manhã até à tarde, se tratou de quase todos seus erros na forma que em seus lugares declarámos no livro 2.º desta *História* [pelo que não o torno a referir aqui] e, pela misericórdia do Senhor, ficaram sempre convencidos, sem poderem responder. Alguns dos que ali estavam entenderam bem a verdade, e dois frades dos mais principais me disseram em secreto que tinham bem entendido ser verdadeira a doutrina que eu defendia mas que não podiam deixar de porfiar contra ela em as disputas porque tinham medo dos outros que ali estavam; que, se depois o tempo desse de si<sup>7</sup>, se declarariam. Respondi que pusessem embora seus argumentos<sup>8</sup> em toda sua força, que com isso se entenderia melhor a verdade, mas que vissem bem a obrigação que tinham de não a negarem nem esconderem com medo dos homens. Contudo, um deles morreu sem tornar a falar comigo nisto; outro, que se chama *Abba Za Manuel*, defende agora publicamente nossa santa fé e se confessa e comunga em nossa igreja diante de todos, sem ter medo de ninguém.

O imperador também, que era muito agudo e visto em seus livros, porque, de menino, quase sempre estudava, foi logo entendendo a verdade e, quando tinha dificuldade, me chamava só e me perguntava e punha as razões que se lhe ofereciam em contrário, e muitas vezes dizia particularmente, diante dos que se fiava, que folgava muito de ouvir nossas coisas. Ao que lhe respondeu uma vez o vice-rei de Tigrê que não só o que eu ali dizia mas ainda<sup>9</sup> o que eu ensinava aos meninos, folgaria sua Majestade de ouvir porque eram coisas muito boas; pelo que me mandou chamar, e que levasse os meninos. E, re-

citando diante [fol. 415] dele um pedaço da *Cartilha*, louvou tudo muito, e disse que, se tinha aquilo escrito, lho desse para o ver devagar. Fiz então trazer uma *Cartilha* que, de propósito, levava muito bem escrita, por se se oferecesse ocasião<sup>1</sup> de lha mostrar, e folgou muito com ela. Disse-me depois: «Já me não falta mais que ver vossa missa e ouvir pregação. Isto não me haveis de negar, e folgarei que seja domingo.» Respondi que faria tudo como Sua Majestade mandava. E puseram dentro da cerca interior uma tenda muito grande onde concertei <sup>2</sup>um altar o melhor que pude e, à banda do Evangelho, armaram outra tenda pequena um pouco afastada, em que puseram a cadeira e estrado do imperador. Perguntou ele ao capitão dos portugueses se eu pregava assentado se em pé. Respondeu que, em nossas terras, tinham as igrejas um lugar alto concertado para isso mas que, como cá não havia aquela comodidade para isso, pregava assentado em cadeira; pelo que mandou pôr uma perto do altar, que ali não podia entrar mais que a sua.

Domingo muito cedo, levei os melhores ornamentos que tinha e concertei o altar e pus duas imagens de S. Pedro e S. Paulo. Vieram muitos frades e senhores grandes e tanta outra gente que, com ser a tenda muito grande, não bastava a tenda para a vigésima parte dos que se ajuntaram. E, entrando o imperador, comecei a missa incensando da maneira que se costuma nas festas solenes e, acabando de dizer o Evangelho, o fiz ler em seu livro, para que entendessem melhor sobre o que havia de pregar. Era Domingo *infra octavam corporis Christi*, e assim tomei por tema: *Homo quidam fecit coenam magnam et vocavit multos*<sup>3</sup>. Declarei como nem todos os homens nem o mundo podiam fazer ceia grande, que um só era O que a fez, e tal, que Seu poder se igualava com Seu querer; e, determinando de mostrar seus tesouros e riquezas, Sua grande liberalidade e magnificência, fez uma ceia grande. Disse também porque se chamava ceia e porque grande, e o aparelho que era necessário trouxessem os convidados para entrar nela. E, tendo pregado como uma hora, disse que queria cortar o mais que tinha, por não ser molesto. Mas mandou-me dizer o imperador, por um pajem, que não deixasse nada porque folgava muito de ouvir, e assim passei adiante até acabar, gastando alguma meia hora. Como se acabou a missa e saiu o imperador, disse [fol. 415v] um frade velho dos mais principais à porta da tenda diante de muita gente: «Eu não sei verdadeiramente o que nos afasta dos portugueses. Tudo quanto diz este padre não são coisas divinas?» E, falando eu depois com ele, disse: «Deus Nosso Senhor vos cumpra os desejos de vosso coração. Não posso declarar quanto folgo de vos ouvir. O que não sabíamos nos ensinastes e o que sabíamos nos declarastes melhor. Daqui por diante, tende-me como um dos vossos portugueses, porque na verdade o sou.» Respondi que o teria por pai e o serviria em tudo o que pudesse. Mandou logo o imperador, de sua cozinha, o jantar mui esplêndido e, à tarde, me fez chamar e perguntou miudamente que significavam as vestimentas e algumas cerimónias da missa, louvando tudo muito.

O seguinte dia<sup>5</sup> entrou a imperatriz velha com duas filhas casadas, que vinha visitar o imperador e, sabendo como eu tinha dito missa e pregado, pediu ao imperador me fizesse tornar a pregar; e, com ser já noite, mandou um homem grande que me dissesse de sua parte que estimaria muito que pregasse outro dia, porque a imperatriz o pedia muito, e que se não havia de aquietar até não ouvir pregação. Respondi que faria o que Sua Majestade mandava, mas que desejava saber sobre que Evangelho

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: el-rei.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: em uma varanda.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: da corte.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: junto.

<sup>5</sup> Entenda-se: «controvérsia teológica.» Ver glossário (controvérsia religiosa).

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 369/358].

<sup>7</sup> Entenda-se: se, com a passagem do tempo, houvesse mudança no sentido pretendido.

<sup>8</sup> Isto é, que apresentassem os seus argumentos.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: também.

<sup>1</sup> Quer dizer, na eventualidade de surgir ocasião.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 369v/358v].

<sup>3</sup> «Certo homem dava uma grande ceia, e convidou a muitos» (*Lucas*, 14, 16).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 370/359].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: dia seguinte.

folgaria a imperatriz que pregasse. Respondeu que sobre a festa da Assunção de Nossa Senhora, de que ela era devota. Aparelhei-me aquela noite mas, pela manhã muito cedo, estando para ir, me chegou um recado do imperador, que se lhe oferecia um negócio de muita importância que não podia delatar, que ficasse a pregação para o outro dia porque a não queria perder. A imperatriz, que estava esperando, mandou logo perguntar a que hora havia de ser a pregação; e respondi que, por o imperador mandar dizer que ficasse para o outro dia, não tinha ido. E, muito cedo, armaram a tenda no mesmo lugar que antes, e eu concertei tudo como primeiro. E, como foram horas, veio o imperador e a imperatriz com suas filhas e juntou-se muita mais gente que a primeira vez, mas não podiam ouvir porque os grandes ocupavam a tenda. Acabando o Evangelho, comecei a pregar em pé porque não achei cadeira, o que advertiu logo o imperador e, vendo que já não havia tempo para a mandar trazer, se levantou da sua e ma mandou, e ele se assentou no estrado sobre um coxim de veludo carmesim, julgando que, ainda que ele era imperador, não convinha que, estando o sacerdote revestido, pregasse em pé e ele estivesse assentado. [fol. 416] Coisa digna de se notar, <sup>1</sup>que, sendo imperador e de tanta gravidade como eles costumam a ter, desse sua cadeira a um pobre sacerdote estrangeiro à vista de toda a grandeza de Etiópia e de muitos que não folgavam com nossa santa fé.

Com estar a tenda tão cheia de gente, houve grande silêncio enquanto durou a pregação e com o mesmo derramaram muitas lágrimas a imperatriz e algumas senhoras. E, como acabei, me mandou dizer o imperador que folgaram de tornar a ouvir o que na outra pregação dissera sobre o aparelho que era necessário para comungar, pelo que tornei a falar sobre aquela matéria com coisas diferentes das que primeiro tinha dito e, trazendo novas autoridades da Escritura, do que se maravilharam muito o imperador e os que tinham ouvido a outra pregação, porque em Etiópia não pregam; que, ainda que começaram<sup>2</sup>, pouco tempo há, por mandar o imperador a alguns frades que o fizessem, logo o deixaram; e, assim, quase nenhum ensino tem a gente popular.

Acabada a missa, saíram o imperador e a imperatriz com todos aqueles senhores e, como entraram no paço, me mandou dizer o imperador que, se não estava mui cansado, folgaria de falar uma palavra. Fui eu logo<sup>3</sup> subindo a uma varanda, o achei com a imperatriz e muitos dos grandes. E, fazendo-me assentar perto de si, agradeceu muito e louvou a pregação, e disse: «Dê Vossa Reverência muitas graças a Deus porque, em tão pouco tempo como há que entrou em nossas terras, tem alcançado grande nome de virtude e letras. Uma coisa lhe recomendo muito: que procure de corresponder sempre com obras ao conceito que de Vossa Reverência temos, e que advirta bem que a carne sempre peleja contra nós e que vence a todos os que acha descuidados.» Beijei-lhe a mão, dizendo a mercê grande que me fazia em me advertir de coisa tão importante, e que esperava em Nosso Senhor que fora servido que tivessem aquele conceito sem eu o merecer, teria<sup>4</sup> também por bem de me dar graça para cumprir o que Sua Majestade me encomendava. Com isto, me despediu o imperador, dizendo que fosse a descansar.

Como eu saí, disse a imperatriz diante do capitão dos portugueses: «Verdadeiramente<sup>5</sup> que, se ouvira muitas <sup>6</sup>vezes a este padre, que me parece houvera de deixar tudo [fol. 416v] e ir-me ao deserto.»

Também aquela tarde, estando eu em casa, me mandou dizer uma senhora, que Deus me pagasse o grande bem e honra que lhe fizera, que, se ela tivesse vida, não se esqueceria da obrigação em que a tinha posto. E, não sabendo eu quem ela era nem a que propósito mandava aquele recado, disse o que o trazia que era uma senhora mui nobre com quem estava embaraçado um dos do império e, por ser tal, não queria casar com ela, mas, como saiu da pregação, disse: «O padre falou por mim. Deus me dê graça para sair do estado em que estou.» E, chegando a sua casa, lhe mandou a ela peças muito ricas, dizendo que queria logo casar com ela porque não podiam estar daquela maneira e, por saber que pelo que eu tinha dito na pregação fizera aquilo, me mandava este recado. Respondi que eu era estrangeiro e, como tal, sem saber nada disso, falara declarando quão grave e perigosa coisa era estar em pecado mortal e a pureza grande de alma que se requeria para chegar a receber aquele altíssimo sacramento, mas que folgava muito que se tivesse tirado dali<sup>1</sup> tal fruto e gosto de Sua Senhoria.

Em estas duas pregações e em todas as disputas que tive com os letrados diante do imperador, se achou um genro da imperatriz velha, homem muito dado as letras e o principal de Etiópia, que por ser tal se chama *Erâz Athanathêus*, que quer dizer «Cabeça Athanasio», e o era de todo o império e assim, por morte do Imperador Malâc Çaguêd, seu sogro, governou o império sete anos com a imperatriz, como dissemos no cap. 1.º deste livro. A este fui visitar um dia, e mandou sair da casa toda sua gente, e começou a falar sobre o que se tinha tratado nas disputas, concedendo o que eu tinha dito e dizendo que nenhum homem que entendesse os livros podia negar nada daquilo. «Pois como (disse eu) me contradiz Vossa Senhoria tanto diante do imperador?» Respondeu que por se não atrever a descobrir seu coração diante dele, que estavam quebrados por umas diferenças que tiveram. E, depois de falar grande espaço, me disse que chegasse muitas vezes, que desejava tratar devagar sobre as coisas da fé e que lhe mandasse todos os dias os meninos para ouvir a doutrina. Dalí por diante, quando eu tardava por ocupações, ele me mandava chamar e sempre falava sobre as coisas dos livros, e fez tresladar a *Cartilha*, estimando-a muito<sup>3</sup>, e nenhum dia passava que os meninos [fol. 417] não fossem dizer diante dele; o que sabendo a imperatriz, mandou que também fossem à sua casa, pelo que iam todas as tardes e, como acabavam, os fazia merendar diante dela, e depois os mandava a casa de *Erâz Athanathêus*, onde ordinariamente se juntavam a ouvir muitos senhores e senhoras, com o que se afeiçoavam a nossas coisas.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 370v/359v].

<sup>2</sup> Discordância verbal. Talvez, começara.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Fui eu logo. Ms. 778 BPB: E.

<sup>4</sup> Leia-se: «e que teria.»

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: que me parece.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 371/360].

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: dali.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 371v/360v].

<sup>3</sup> Ver *Ex litteris annuis Prov. Goanae an. 1609*, in C. Beccari, *RESOI* 11, Roma, 1911, p. 175.



CAPÍTULO VII<sup>1</sup>

## DE COMO O IMPERADOR DETERMINOU DAR OBEDIÊNCIA À SANTA IGREJA ROMANA, E ESCREVEU AO SUMO PONTÍFICE E À MAJESTADE D'EL-REI D. FELIPE.

Como o Imperador Za Denguíl tinha tão grande entendimento e estava tão visto nos livros de Etiópia, facilmente conheceu seus erros e se resolveu com Lâca Mariâm, de quem acima falamos, e com outros grandes de quem se fiava, de dar obediência à Igreja romana e fazer que todo seu império recebesse sua santa fé; e, para tratar isto comigo, me mandou chamar, estando só com Lâca Mariâm. E, chegando, me fez assentar muito perto de si e tomou uma cruz de ouro que tinha sobre o peito no remate de uma cadeia mui rica, e disse-me que jurasse de guardar em secreto para com os de Etiópia o que me queria dizer. Respondi que só a palavra bastava para morrer antes que descobrir o que se me dissesse<sup>2</sup> em segredo, que os padres não costumavam a jurar. «Que vai em jurar (disse ele), se a coisa é lícita e necessária, e depois se cumpre o juramento para minha quietação? De toda maneira, há Vossa Reverência de fazer isto, que depois folgará de saber o que quero dizer.» Jurei eu então, e deu também juramento ao capitão dos portugueses, que era intérprete, e disse logo: «As palavras de Vossa Reverência me penetraram o coração e suas razões me convenceram o entendimento e tenho feito bom conceito do que ensina. E, principalmente, me quadrou o que provou<sup>3</sup> em as disputas, que nenhum outro pode ser pastor universal<sup>4</sup> da Igreja e vigário de Cristo na terra senão o pontífice romano e, assim, quem lhe negava a obediência a negava ao mesmo Cristo e ficava fora de sua Igreja. Pelo que determino de lha dar e pedir me mande patriarca e padres que ensinem minha gente. E, para que isto [fol. 417v] seja mais firme, pedirei a El-rei Felipe me mande sua filha para casar com meu filho, e assim ficaremos sempre unidos»<sup>5</sup>.

Ouvindo eu estas coisas, que não esperava tão depressa, foi tão grande a alegria e consolação que recebeu minha alma qual elas mereciam e com palavras não poderei nunca declarar, e disse: «Deus Nosso Senhor dê a Vossa Majestade muitos anos de vida para que veja cumpridas coisas tão grandes e importantes ao bem espiritual deste império. Quanto à vinda da infante, tenho por certo que não há-de poder ser porque é de pouca idade, e o mar que se há-de passar muito grande e perigoso. Em tudo o demais que Vossa Majestade quiser do Sumo Pontífice e d'el-rei de Portugal, não creio que porão dificuldade.» «Se não puder ser a infante (respondeu ele), mandar-me-á alguma da casa real que, com isso, me contentarei. Não folga Vossa Reverência muito (disse logo) que, tendo entrado tantos padres em Etiópia, para Vossa Reverência só tivesse Nosso Senhor guardado isto?» «Muitas graças dou a Deus Nosso Senhor (respondei eu), porque, entre tantos imperadores como houve em Etiópia, escolheu Vossa Majestade para uma coisa tão grande e de tanto serviço seu, e porque, eu sem o merecer<sup>6</sup>, me deixou ver o que

mais desejava.» «Ora pois (disse ele), não percamos tempo. Eu escreverei logo. Vossa Reverência também escreva o que tem visto e que é necessário que venha alguma gente para resguardo de minha pessoa e para poder fazer mais livremente o que desejo, porque não me fio de alguns dos meus.»

Outro dia, mandou lançar pregão que todo aquele que jurasse mentira por Nossa Senhora, se se provasse, perdesse seu fato, porque tinha eu declarado na derradeira pregação quão grave coisa era jurar mentira por Nossa Senhora. Ouvindo eu isto, fui logo ao paço porque também tinha mandado lançar pregão que ninguém guardasse Sábado, e disse-lhe: «Senhor, não parece que é ainda tempo para Vossa Majestade meter tudo. Cuido que <sup>1</sup>seria bem ir mais devagar, para que vá entrando suavemente.» Respondeu rindo: «Porque matar-me-ão?<sup>2</sup> Pois que maior bem para mim<sup>3</sup> que morrer pela verdadeira fé, sendo imperador.» «Muito grande bem será para Vossa Majestade (disse eu), mas o império ficará perdido.» Acudiu logo Lâca Mariâm, que só estava presente, dizendo: «Senhor, o padre ama a Vossa Majestade de coração e, por isso, dá um conselho de grande importância, para se introduzirem as coisas com quietação.» [fol. 418] Mudou então o imperador a prática e disse: «Já tenho escrito ao papa, a el-rei, e ao vice-rei da Índia. Mas não quero que venha de lá patriarca, senão que o seja Vossa Reverência.» Respondei eu: «Senhor, isso não pode ser de nenhuma maneira. De lá não mais há-de vir<sup>4</sup>, e será tal que satisfaça a Vossa Majestade.»<sup>5</sup> «Eu (disse ele) não quero conhecer a outro senão a Vossa Reverência.» Mas, depois de muitas razões, fiz que mandasse tresladar as cartas em papel, que estavam em pergaminho e faziam grande volume, e que pedisse patriarca. Enviava um frade por embaixador; mas depois não se atreveu a ir, por medo dos turcos. E assim me entregou as cartas para que as mandasse secretamente, cujos treslados porei aqui, advertindo que o nome do baptismo deste imperador era Za Denguíl, e assim o chamam agora comumente, mas, como dissemos acima no cap. 4.º, quando lhe entregaram o império se intitulou Atanâf Çaguêd, e por este se nomeia em as cartas<sup>6</sup>.

Carta do imperador de Etiópia para Sua Santidade de 26 de Junho do ano de 1604:

*Carta enviada do imperador de Etiópia, Atanâf Çaguêd, chegue a padre honrado, pastor humilde, virtuoso e santo, Clemente, papa da terra honrada de Roma.*

*Paz a Vossa Santidade. A paz de Cristo Nosso Senhor, que participou pobreza com os pobres, e honra com os honrados, guarde a pessoa e vida de Vossa Santidade como a menina dos olhos. Amen.*

*Como está Vossa Santidade? Ouvi Senhor, o que escrevemos. Estando nós em nosso império, veio um padre que tem sobre o colo o jugo da Lei de Cristo, por nome Pedro Paez, da Casa de Jesus, e nos deu particulares novas de como trabalha por tirar os pecados até derramar o sangue. Deus eterno, que é cabeça, o chegue até o fim. E, como ouvimos estas novas de que Vossa Santidade sempre vai pelo caminho da verdade, nos alegrámos e contentámos. <sup>7</sup>Louvores a Deus, que nos deu bom pastor que guarde os gados com saúde e julgue os pobres com verdade. Também nos disse como ajuda aos cristãos em tudo o necessário, dando-lhes força e cumprindo seus desejos, tomando de S. Paulo o que disse em sua Epístola aos Gálatas: Dum tempus habemus*

<sup>1</sup> Manuel de Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *R/ESOI 6*, Roma, 1907, pp. 77-83.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: descobrisse.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: procura.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 372/361].

<sup>5</sup> Este pedido, reafirmado nas cartas reproduzidas nos fols. 418v-419v, é um tema que ressurge em vários exemplos da literatura histórica e lendária etíope (ver M. Ramos, *Histórias Etíopes, Diário de viagem*, Lisboa, 2000).

<sup>6</sup> Leia-se: «sem eu o merecer.»

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 372v/361v].

<sup>2</sup> Leia-se: «porque me hão-de matar?»

<sup>3</sup> Sic. Pois que maior bem há para mim.

<sup>4</sup> Entenda-se: o patriarca não há-de vir senão de lá (de Roma).

<sup>5</sup> Para completar o sentido da frase: «senão patriarca».

<sup>6</sup> Transcrição de uma série de cartas escritas, ou reescritas, por Pedro Páez, cujos originais terão desaparecido (não se encontram nos espólios do ARSI e da BPB, pelo menos).

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 373/362].

operemur bonum ad omnes, maxime autem ad domesticos fidei<sup>1</sup>; [fol. 418v], e, por isso, ajuda Vossa Santidade principalmente aos reis cristãos em tudo. Pelo que, já que Deus nos deu o império de nossos pais, desejamos ter amizade com Vossa Santidade e com nosso irmão D. Felipe, rei de Espanha. E, para que esta seja mais firme, lhe pedimos que nos mande sua filha para casar com nosso filho e, com ela, gente de guerra para nos ajudar porque temos em nossa terra uns inimigos gentios, que se chamam gâlas; se imos<sup>2</sup> contra eles, não os achamos, fogem; e, se nos recolhemos, vêm dar onde não estamos, como ladrões; e, por isso, para os destruir, pedimos que nos mande gente e oficiais de todos os ofícios e padres que ensinem, para que sejamos em um coração e em um corpo, e que seja firme a fé de Cristo, que perdeu na mão dos gentios<sup>3</sup>, com que fique paz e amor sobre nós. Isto desejaram primeiro meus pais mas não foi servido Deus; por estarem no meio os turcos com força, não puderam. Esta vez bem se pode tomar a ilha onde eles estão; pelo que rogamos a Vossa Santidade encomende a nosso irmão cumpra o que lhe pedimos, e seja logo sem dilação. Isto escrevemos a Vossa Santidade brevemente porque sabemos há-de cumprir nossos desejos; e mais, os padres que vierem sejam tão virtuosos e letrados que nos possam ensinar o que nos é necessário para a alma. Não escrevo mais; ao bom entendedor, poucas palavras.

Até aqui mandou o imperador que o secretário escrevesse em sua língua e letra, e disse-me que acrescentasse eu como dava a obediência a Sua Santidade e que a gente que pedia não era contra os gâlas, senão para guarda de sua pessoa e para melhor poder introduzir a santa fé romana em seu império sem que se atrevessem a contradizer os que não folgavam com ela; que, quanto aos gâlas, com a virtude divina, ele os tinha desbaratados e não se haviam de atrever a tornar. Mas escrevia naquela forma porque se não fiava muito do secretário, nem ele se atrevia escrever por sua mão porque, se acertassem dar com a carta e se descobrisse seu intento antes que chegasse a gente, arreceava que o ma<sup>4</sup>tassem. E, por esta razão, escreveu também na mesma forma a Sua Majestade, cujo treslado é o seguinte:

Cópia da carta do imperador de Etiópia para Sua Majestade de 26 de Junho de 1604.

*Carta escrita do imperador de Etiópia Atanâf Çaguêd chegue* [fol. 419] a nosso irmão D. Felipe, rei dos reis de Espanha.

*Paz a Vossa Majestade. A paz e amor de Cristo Nosso Senhor, e o sinal da santa Cruz seja sempre com Vossa Majestade.*

*Como está? Vindo de uma guerra e chegando onde hemos<sup>5</sup> de invernar, veio aqui um padre por nome Pedro Paez, de quem todos me tinham dito que era virtuoso e santo, o qual nos deu particulares novas dos reinos de Vossa Majestade e de sua saúde, com que nos alegrámos muito e demos graças a Deus, que lhe deu tanta prosperidade que nenhum inimigo pode contra ele. Deus Nosso Senhor acrecente a Vossa Majestade muitos anos de vida e acabe em bem o que começou. Ouvi, Senhor: bem sabe Vossa Majestade como nossos pais antigos tinham amor e juramento no tempo do Imperador Atanâf Çaguêd<sup>6</sup>, quando veio à Etiópia um mouro, que se chamava Granh e destruiu todas as igrejas e reinou na nossa terra e, quando mandaram pedir socorro a*

*El-rei D. João, ele enviou portugueses com seu capitão, D. Cristóvão da Gama<sup>1</sup>. E juntamente pelejámos com o mouro e tivemos vitória, ajudando-nos o alto e poderoso Deus, que levanta os humildes e abaixa os soberbos. E dali ficou paz e quietação, como se quebrou a força e mando daquele mouro, que não tinha medo de Deus. Os portugueses estiveram com muita honra, sem lhe faltar coisa alguma do que eles queriam até à morte e seus filhos estão agora connosco. Assim nós também tenhamos aquele amor e juramento que tinham nossos pais porque somos cristãos. Agora também temos uns inimigos, que se chamam gâlas e destroem nossa terra. Quando imos<sup>2</sup> contra eles, não os achamos, porque fogem; e, como tornamos para nossa casa, vêm a dar como ladrões nos que estão perto deles, e recolhem-se logo. Pelo que pedimos a Vossa Majestade nos mande gente de guerra, e juntamente sua filha para casar com nosso filho, para que seja firme nossa amizade e sejamos em um corpo e um coração, porque temos um filho de sete anos e ouvimos<sup>3</sup> que sua filha tinha três, para que os criemos juntamente com o leite da sabedoria e ensinemos a Sagrada Escritura; e, por isso, desejo muito que Vossa Majestade no-la envie com muita gente de guerra e oficiais de todos os ofícios; e seja logo sem tardar, para que fique entre nós paz e amor, já que estamos unidos na fé de Cristo e não se perca esta terra, que é terra de Nossa Senhora e <sup>4</sup>de Nosso Redentor Cristo. Os mouros têm zelo da sua seita e ajudam aos seus; também Vossa Majestade [fol. 419v] tenha zelo de sua fé, que é mais que tudo. Isto que dissemos, que nos mande sua filha não lhe pareça que é para outra coisa senão para que fique firme nossa amizade, e que seja prisão de paz para depois. Queira Deus cumprir-nos nossas vontades e acabar nossos desejos, pois pode tudo.*

*Ouvi também, irmão, já que nossas coisas vão desta maneira, para que sejam firmes, venha um vice-rei que esteja na ilha de Maçuâ, e meu capitão estará na terra firme em Adeconô (Arquico), para que o poder esteja na nossa mão, antes<sup>5</sup> que na do turco. E, depois que tomarmos este porto, nós enviaremos muitos mercadores com fato sem conto e mantimentos que bastem. Os rendimentos do porto partiremos pelo meio. Quanto nossa terra<sup>6</sup>, é muito rica, não falta nela nada; porém, não mandamos mercadores por amor dos turcos, nem mantimento, nem mel, nem escravos, para que tenham fome e sede, porque não temos amizade com eles. Como vierem os portugueses e o<sup>7</sup> vice-rei, enviaremos os<sup>8</sup> mercadores, que levem muito fato. Deus Nosso Senhor acabe com bem o que desejamos, e Vossa Majestade folgue com isto de que tiremos de entre nós o poder do turco, que está no meio como uma pedra de escândalo.*

Escreveu também ao vice-rei da Índia brevemente, remetendo-se à minha carta<sup>9</sup>, para que eu lhe pudesse dar comprida<sup>10</sup> relação de tudo. E, como escreveu estas cartas, me<sup>11</sup> chamava cada dia e, ficando só com aqueles de quem se fiava, falava sobre as coisas de nossa santa fé louvando-as sempre muito<sup>12</sup>; os outros também lhe diziam que primeiro não tinham fé. Dali a poucos dias me mandou dizer, por Lâca Mariâm, que enviasse um homem de confiança que recebesse um pouco de ouro que ti-

<sup>1</sup> Ver glossário (Cristóvão da Gama).

<sup>2</sup> Vamos.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *soubemos*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 374/363].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *na nossa mão*.

<sup>6</sup> Quanto à nossa terra.

<sup>7</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: *o*.

<sup>8</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: *os*.

<sup>9</sup> Não foi possível identificar esta carta nos espólios do ARSI e da BPB; Fernão Guerreiro também não a reproduz na *Relação Anual das coisas de Etiópia...*

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: *larga conta e*.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: *em*.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: *sempre*.

<sup>1</sup> *Gálatas* 6, 10: «[Por conseguinte,] enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas sobretudo com os irmãos na fé.»

<sup>2</sup> Vamos.

<sup>3</sup> Quer dizer, à mão dos gentios.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 373v/362v].

<sup>5</sup> Havemos.

<sup>6</sup> Atanâf Çaguêd (Äsnäf Säğäd) é o título real de Gälawdewos e de Zä-Dëngël. A invasão muçulmana dos planaltos abissínios iniciou-se durante o reinado de Lëbnä Dëngël (Dawit / Wänäg Säğäd) mas foi já na época de Gälawdewos que Cristóvão da Gama desembarcou na Etiópia. Pedro Páez retém apenas o nome do rei vencedor do *imā* Ahmad ibn Ibrahim. Ver glossário (Granh / Ahmad ibn Ibrahim el-Ghazi).

nha mandado ao tesoureiro que me desse; Lâca Mariâm não me declarou quanto era, mas depois me disseram que três mil cruzados. Respondi que não vinha buscar ouro nem outro fato mas que, se o imperador me queria fazer alguma mercê, fosse dar-me assento para fazer uma igreja, porque, em todas aquelas terras, não a tinham os portugueses. Disse Lâca Mariâm: «Tome Vossa Reverência agora o ouro, que o imperador dá, e depois peça-lhe as terras para a igreja.» Respondi: «Senhor, basta-me assento para a igreja. Vossa Senhoria me faça mercê de acabar com o imperador que me não obrigue a tomar ouro porque, para mim, muito pouca coisa basta.» Foi ele dizer isto ao imperador e, maravilhando-se muito, disse [fol. 420] a *Erâz Athanatêus*, que estava presente: «Ouvistes nunca tal coisa em Etiópia?» Respondeu ele: «Senhor, eu tenho atentado muito pelo modo deste padre. Não é como nossos frades, que não buscam mais que fato, somente tem postos os olhos nas coisas da alma; mas, ainda <sup>1</sup>que ele se contente com tão pouco, bem é que Vossa Majestade lhe dê para sua igreja terras muito compridas.»

O seguinte dia, me chamou o imperador e disse: «Porque não quer Vossa Reverência tomar ouro? Eu não lhe darei também terras, e todo quanto fato quiser?» Respondi que muito pouco bastava para mim e, quando me fora necessário, muito bem sabia que não me havia de faltar nada à sua sombra mas que bastavam as mercês que fazia aos portugueses, porque essas tinha eu por próprias. «Muito pouco (disse ele) tenho feito aos portugueses para o que lhes hei-de fazer. Eu lhes darei tantas terras e fato, que digam eles mesmos que lhes basta.» Agradei-lhe muito a mercê e, depois que me despedi, sinalou umas terras para mim, que rendiam três mil cruzados, e disse: «Se estas lhe não contentarem, dar-lhe-ei outras.» Disseram-me logo os portugueses como o imperador me dava aquelas terras tão ricas que, não para mim só, mas para todos os portugueses dali, bastavam; que, por serem tão boas, as escolhera para si a imperatriz velha, e que havia muitos anos que as comia<sup>2</sup>, e que as tomara o imperador<sup>3</sup> para me dar pelo amor grande que me tinha. Ouvindo eu isto, determinei de não as<sup>4</sup> tomar, ainda que me vinham muito<sup>5</sup> a propósito para acudir a Tigrê e Dambiâ, porque estava quase no meio do caminho. E, assim, disse que, ainda que era muito mais do que eu tinha necessidade nem desejava, tinha dificuldade, assim porque a imperatriz o sentiria, como por desejar de estar entre os portugueses, que, com muito pouco, perto deles folgaria para melhor os poder acompanhar e acudir depressa ao que sua majestade me quisesse mandar. Mas depois, o capitão dos portugueses, que era muito seu privado, declarou como não as tomava<sup>6</sup> por causa da imperatriz, do que se maravilhou o imperador e disse: «Agora tenho mandado ver as terras que me pertencem para dar a meus criados. Eu escolherei para o padre muito boas, e a seu propósito.»

## CAPÍTULO VIII<sup>1</sup>

DE COMO ME DESPEDI DO IMPERADOR PARA IR A OUTRA TERRA,  
E SE DESCOBRIU A TRAIÇÃO QUE LHE TINHAM ARMADA.

[fol. 420v]

**E**stando eu com o imperador, determinado de invernar ali, me mandaram recado de uma terra que chamam Naninâ, dois dias de caminho, onde estavam <sup>2</sup>muitos portugueses, que fosse com muita pressa confessar alguns que estavam muito doentes e perigosos<sup>3</sup> e havia muito tempo que se não confessaram; pelo que pedi licença ao imperador, mas não a queria dar, dizendo que já chovia muito e o Nilo, por onde forçadamente havia de passar, vinha mui crescido. Contudo, fazendo eu instância para acudir aqueles doentes, ma deu por dois meses e, indo o outro dia à tarde a me despedir, me deteve até meia noite praticando sobre diversas coisas, dizendo que, já que me queria ir tão depressa, havia de ter paciência aquela noite, porque tinha muito que falar. Como acabou, lhe pedi licença para partir a outro dia cedo, mas disse que primeiro tornasse a falar com ele. Pela manhã, disseram que a ninguém dava audiência, que a nenhum dos grandes deixaram entrar. E assim não parti e, ao meio-dia, me mandou chamar, estando com sua mulher (que não <sup>4</sup> chamavam imperatriz, por ser ainda viva a velha<sup>5</sup>), e disse-me: «Chamei a Vossa Reverência a esta casa para que saiba que sou muito seu amigo, porque aqui não entra senão quem é muito íntimo. Beijei-lhe a mão, dizendo que, pelas mercês que me tinha feitas, entendera bem a obrigação grande que tinha de servir sempre a Sua Majestade mas que, sobre aquela, não tinha que falar, pois tudo o que se podia dizer era pouco para mostrar a estima em que se devia ter. Deteve-me ali até à tarde praticando e, quando me despedi, disse-me: «Vá Vossa Reverência com a bênção de Nosso Senhor, mas lembre-se que não leva licença mais que para dois meses.» Respondi que se as ribeiras se pudessem passar, antes disso tornaria, dando-me Deus saúde. Depois, disse a Lâca Mariâm que mandasse recado ao capitão de Naninâ que me desse certa quantia de trigo, que seriam cem hanegas<sup>6</sup> de Castela<sup>7</sup> ou mais, e que, outro dia cedo, mandasse chamar um português que me acompanhava, e lhe desse trezentos cruzados em ouro para meu gasto daqueles dois meses, e que o avisasse que me não dissesse nada até estarmos no caminho; e assim o fez.

Despedido do imperador, me despedi da imperatriz velha, de *Erâz Athanatêus* e de outros grandes, e parti para Naninâ no princípio de Julho e gastei no caminho cinco dias com muito trabalho, por chover muito e as ribeiras virem<sup>8</sup> tão [fol. 421] crescidas que, com esperar tempo, dificilmente se podiam passar, que não têm ponte nem barca; só no Rio Nilo achei e essa de bem fraca coisa, que todas são de uma sorte<sup>9</sup> palha muito grossa, como no 1.º livro disse<sup>10</sup>. Achei aqueles <sup>11</sup>portugueses para que me chamaram muito

<sup>1</sup> Manuel de Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RESOI* 6, Roma, 1907, pp. 91-6.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 375/364].

<sup>3</sup> Entenda-se: em perigo de vida.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: viva.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: fanegas.

<sup>7</sup> Uma fanega é uma unidade de capacidade, equivalente a quatro alqueires.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: irem.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: uma sorte.

<sup>10</sup> Ver livro I, cap. XXVI, *supra*.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 375v/364v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 374v/363v].

<sup>2</sup> Isto é, que as explorava, ou tirava delas renda.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: o imperador as tomara.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: muitos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: eu as não aceitava.

doentes, mas depois quis Nosso Senhor que sarassem. E, tendo confessado a todos os daquele reino de Gojâm, que seriam algumas seiscentas pessoas, determinei de fazer uma igreja no meio deles, porque outra pequena, que primeiro tinham, estava já quase caída e em lugar onde os mais deles não podiam ir no inverno. Mas, estando todos juntos para começar, na entrada de Agosto, chegou uma carta do imperador em que mandava que fossem todos os portugueses e ficasse eu, porque determinava dar sobre um capitão grande, que se chamava Za Celaçê (que quer dizer: «Da Trindade»), que se tinha rebelado. Ficaram todos muito tristes, assim pela nova, como por não poderem fazer a igreja, mas deixaram tudo e foram, ficando eu com alguns velhos. Tinha desterrado a este capitão por revoltoso o Imperador Jacob e, entrando est'outro no império, o mandou chamar, por ser homem mui esforçado, e fê-lo governador de duas<sup>1</sup> províncias muito grandes. Mas, em paga disto, se confederou secretamente com três capitães grandes e, com outra muita gente, se levantou dizendo que o imperador tinha deixado sua fé e tomado a dos portugueses, que não lhe havia de obedecer, se não trazer ao Imperador Jacob, que tinham posto com guarda no reino de Nareâ.

Chegados os portugueses ao imperador com alguma outra gente, que era pouca por ser inverno, quis ir com eles e os que consigo tinha<sup>2</sup> a dar sobre Za Celaçê. Mas disseram-lhe secretamente que não fosse porque alguns dos principais que ali estavam tinham determinado de se passarem ao levantado como chegassem perto, que era necessário prender aqueles primeiro. Informou-se ele de secreto e não somente achou ser assim, mas que entravam tantos na conjuração que nem os podia prender por então, nem ainda estar naquela terra, que não obedecia bem, e facilmente se lançariam<sup>3</sup> com os levantados. Pelo que dissimulou e disse que queria ir a Naninâ para, por outra parte, dar sobre Za Celaçê. E, assim, partiu a 18 de Agosto e, tendo caminhado dois dias de vagar, ao passar de uma [fol. 421v] ribeira grande, se deixou ficar atrás *Erâz Athanatêus*; e, como o imperador esteve da outra banda, deu ele volta com alguns trezentos homens seus criados, determinado de ir onde estavam os outros capitães, com quem estava confederado. Seguiram-no logo outros muitos que já sabiam seu intento, e arreceavam que o imperador os prendesse em Naninâ<sup>4</sup>, mas ele os deixou e passou adiante, por arrecear que havia maior traição da que tinha descoberta. E, chegando três léguas de onde eu estava, sem saber de sua vinda, me mandou recado que passasse a uma vila onde havia de dormir aquela noite. Fui logo com muita pressa e alcancei-o no caminho. E, quando o vi, tive grande compaixão dele porque, trazendo sempre tanta gente consigo que cobriam os campos, então o acompanhavam como seiscentos homens, pelo que se me representou David quando ia fugindo de Absalão. E, chegando à pousada, como descansou um pouco, mandou que saíssem todos e que me chamassem e, em entrando, me disse: «Veja Vossa Reverência o que me faz minha gente, por eu querer guardar justiça e não consentir<sup>5</sup> que os grandes oprimissem os pobres. Que conselho me dá?» Respondi: «Deus Nosso Senhor terá cuidado de castigar isto. Não tenha Vossa Majestade paixão, que não são mais que aqueles quatro capitães os que amotinam o povo; todos os demais estão muito bem com Vossa Majestade. O que por agora se me oferece é que Vossa Majestade se ponha em lugar seguro até passar o inverno, que depois todos hão-de deixar aqueles e vir a seu senhor, o que agora não podem fazer com tão grandes chuvas.» «Assim é verdade (disse o imperador) que eles sós inquietam ao povo. Aqui quero estar até ver o que o tempo dá de si. Vá Vossa Reverência<sup>6</sup> embora e encomende-me muito de propósito a Nosso Senhor». E, com isto, me tornei onde primeiro estava.

O seguinte<sup>1</sup> dia, vieram daqueles lugares mais perto dois mil homens de peleja, pelo que determinou o imperador de voltar com muita pressa sobre *Erâz Athanatêus*, que ainda não tinha passado o Nilo. Mas, sabendo ele por suas espias como o imperador tornava, passou à meia noite da outra banda do rio, e fez retirar todas as embarcações e, assim, quando chegou o imperador, não pôde fazer<sup>2</sup> nada, pelo que assentou seu arraial em um lugar perto onde, em poucos dias, com serem grandes as chuvas, se lhe juntaram dez mil homens. E, mandando fazer muitas embarcações, determinou passar o rio e ir logo sobre Za Celaçê, por conselho de Lâca Mariâm, [fol. 422] e de outros capitães; mas disse-lhe o capitão dos portugueses: «Senhor: ainda não é tempo porque, com estas lamas, não podem andar os cavalos. Daqui a um mês, estará o campo para podermos pelejar e, entretanto se juntará mais gente.» Disse o imperador aos capitães: «Sempre este conselho me pareceu melhor que a nossa pressa. Porque não esperaremos que se aca<sup>3</sup>be a chuva?» Respondeu Lâca Mariâm: «Para que quer Vossa Majestade molestar esta gente aqui? Que inimigo temos para esperar por mais gente? Melhor é irmos logo a<sup>4</sup> fazermos o que se há-de fazer.» Mandou ele então que fizessem passar a gente, como antes tinham assentado. Sabendo eu como o imperador queria passar, mandei recado ao capitão dos portugueses lhe pedisse licença de minha parte para o acompanhar naquela jornada, mas respondeu que de nenhuma maneira fosse, que os sucessos da guerra eram mui vários, que não queria que me arriscasse no arraial. Pelo que disse aos portugueses que, já que não havia de ir com eles, se confessassem todos, e assim o fizeram.

Em este tempo, veio um português velho que morava no extremo de Gojâm, e disse-me que sua família, que era muito grande, havia muitos anos que se não confessava; que me pedia quisesse ir logo lá, porque depois me chamava o imperador e não poderia tornar. Vendo eu que tinha razão, que depois seria dificultoso, quis aproveitar-me daquela ocasião. E assim, em partindo o imperador, me pus em caminho com não pouco trabalho, por serem as ribeiras e lamas muito grandes, e com não menos risco, por estar a terra toda embrulhada e haver de passar por perto de uns gentios que, ainda em tempo de paz, faziam muitos males, pelo que ainda a gente da terra tinha grande medo. E assim, estando eu uma noite para dormir, me vieram dizer que, sem falta, vinham aqueles gentios roubar aquele lugar, com o que ficaram todos mui embaraçados. E, achando-se ali um homem amigo dos portugueses, disse que era necessário passar logo a outra parte, porque aquela gente matava quantos achava, que ele nos levaria por caminhos secretos a sua casa, ainda que era longe, e ficaríamos seguros; disseram-me outros que era bom homem, e assim me fei dele. Sai logo e andámos toda a noite atravessando serras e vales sem caminho, e<sup>5</sup> com tanta lama que não podíamos sair. E, um pouco antes de amanhecer, chegámos a sua casa, onde estivemos três dias, porque a seguinte noite chegaram os gentios até duas léguas dali [fol. 422v] e, ainda que se tornaram, porque acharam muitas vacas, contudo pareceu que era bem esperar que se assegurasse mais o caminho. Depois, andei dois dias a toda a pressa até chegar à casa daquele português e confessei toda sua gente. E, da terra, por novidade, vinha muita ouvir as práticas que fazia e a doutrina que ódiziam os meninos, e perguntavam miudamente nossas coisas e, quando lhas declarava, diziam: «Esta é a verdadeira fé. Nossos frades não nos ensinam nada, nem sabem para o pode-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: umas.

<sup>2</sup> Quer dizer, e com os que consigo tinha.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: lançavam.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: Nareâ.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: querer.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: muito.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: outro.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: não fez.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 376v/365v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 377/366].

rem fazer. Se Vossa Reverência estivera aqui de assento, todos nos houvéramos de confessar. Mas, se se há-de ir amanhã, que nos aproveita? Tornamos a ficar em poder de nossos frades.»

## CAPÍTULO IX<sup>1</sup>

DE COMO O IMPERADOR DEU BATALHA AOS ALEVANTADOS,  
E FOI DESBARATADO E MORTO.

Enquanto o imperador se esteve aparelhando em Naninâ para ir sobre Za Celaçê, não se descuidou ele em Dambiâ, antes buscou os meios possíveis para ajuntar gente e amotinar o povo. E, para isto, chamava a soldadesca muitas vezes e a todos os que podia achar e lhes dizia que o imperador era como mouro, que tinha deixado sua fé e tomado a dos portugueses; que se aparelhassem todos para pelejar contra ele, que logo lhe traria o verdadeiro imperador. E fazia vir cada dia recados falsos, que já vinha com muita pressa e que estava perto, e prometia a todos muitas honras, mandos e terras, com o que moveu a muitos para que pelejassem. Outros mandavam dizer secretamente ao imperador que, como chegasse perto, se passariam a ele, e que não estavam com Za Celaçê senão por que lhe não destruísse suas casas. Com isto, apressou o imperador mais seu caminho, o que sabendo Za Çalaçê, pediu ao patriarca que alevantasse a excomunhão que primeiro lhe tinha posta a ele e outros para não irem nunca contra o imperador. Perguntou ele: «Que causa tinha para o poder fazer?» E respondeu Za Celaçê que tinha deixado sua fé e tomado a dos portugueses. «Pois eu vos alevanto o juramento e absolvo da excomunhão», disse o patriarca, com o que todos os que determinaram de<sup>2</sup> pelejar ficaram muito contentes. Sabendo isto o imperador, se enfadou muito e disse: «Já que assim é, façamos logo o que se havia de [fol. 423] fazer depois. Todas as terras do patriarcado dou ao padre, porque ele quero que seja patriarca, que este egípcio não sabe que coisa é excomunhão, nem que coisa é lei.»

Como chegou o imperador perto donde estava Za Celaçê, assentou seu arraial em um campo grande, que chamam Barchâ, e disse ao capitão dos portugueses: «Ah, quem me dera agora aqui o padre para me confessar, por morte ou vida.» Respondeu o capitão: «Muito desejava ele<sup>3</sup> vir, mas peça Vossa Majestade perdão a Deus de seus pecados com verdadeiro arrependimento de lhe<sup>4</sup> ter ofendido, e propósito de nunca mais tornar a eles, que isso basta por agora, e Ele dará vitória a Vossa Majestade, e tempo para fazer tudo o que deseja». Em isto, apareceu Za Celaçê com muita mais gente da que tinha o imperador e, em sua companhia, *Erâz Athanatêus* e outro senhor grande, que se chamava Ionaêl, que, estando primeiro com o imperador da outra banda do Nilo, o deixou e se passou para *Erâz Athanatêus*. Não determinava o imperador dar batalha aquele dia porque era já tarde, e sabia decerto que aquela noite se haviam de passar muitos para ele. Mas, arreceando isto Za Celaçê, e por lhe afirmar um frade que tinha pacto com o demônio e assim dizia<sup>5</sup> as coisas que passavam muito longe que, se não dava

batalha aquele dia, não tinha vitória, determinou de pelejar logo. E, para isto, pôs na retaguarda aqueles de quem não se fiava, e fez que um homem não conhecido viesse dando vozes, que esperassem que já chegava o Imperador Iacob, e mandou ler publicamente uma carta que ele lhe tinha dado em secreto primeiro, que dizia, em nome do Imperador Iacob: «Não deis batalha de nenhuma maneira até que eu chegue, que já tenho passado o Rio Nilo e trago muita gente.» Disse ele: «Como podemos já esperar, estando tão perto? Que necessidade temos de mais gente, havendo aqui tantos e tão bons cavaleiros? Dêmos logo batalha, e tornaremos com vitória a<sup>1</sup> receber nosso imperador.» E assim, sem se<sup>2</sup> deter, foi com seus esquadrões em ordem a demandar o outro exército.

Vendo o imperador sua determinação, mandou pôr em ordem sua gente com muita pressa, e deu a mão direita aos portugueses, que não chegavam a duzentos, mandando juntamente com eles bom número de gente de Etiópia. E, começando-se a batalha, arremeteram os portugueses com tanta fúria e pelejaram tão valorosamente que, em pouco espaço, fizeram virar grande parte do exército contrário, e foram no alcance, matando, até ficarem os demais inimigos entre eles e o imperador. Em este tempo, [fol. 423v] estando já a batalha mui travada, se passou para o Imperador Ionaêl, aquele homem grande que tinha fugido estando à borda do Nilo e, como chegou, dizem alguns que lhe disse o imperador: «Ah, velho falso, com engano vos enfadastes de mim e com traição tornais». E, dando-lhe um golpe com a espada na cabeça, o derribou do cavalo; o que vendo um seu filho, que estava já à ilharga do imperador, lhe deu uma lança no colo, que o tinha descoberto, e o derribou do cavalo. E começou de haver grande revolta entre os que estavam com o imperador e os<sup>3</sup> vinham com Ionaêl; o que<sup>4</sup> vendo Za Celaçê, arremeteu para aquela parte com muita gente de cavalo e, vendo o imperador a pé, lhe deu uma lança no rosto e fez que os demais o acabassem de matar. Mas o certo é que não passou desta maneira, como dizem os que estiveram sempre<sup>5</sup> com o imperador, senão que, antes que Ionaêl chegasse ao imperador, o mataram. E, vendo Za Celaçê que os portugueses desbaratavam sua gente, como desesperado arremeteu com muitos de cavalo para onde estava o imperador, e em isto se passavam setenta de cavalo para Za Celaçê, que eram criados de *Erâz Athanatêus* e até então não se haviam podido afastar do imperador. E pelejaram tão fortemente que fizeram virar a gente que estava diante do imperador e, com arremeter ele duas vezes, não o quiseram seguir mais que<sup>6</sup> alguns fidalgos e, não podendo resistir ao ímpeto dos que vinham com Za Celaçê, voltaram, e o imperador com eles. E, seguindo-os Za Celaçê, alcançou ao imperador um cavaleiro de casta mouro, que se chamava Humârdín, e deu-lhe uma lança no colo, com que caiu do cavalo; mas tornou-se logo a levantar, e cercaram-no muitos sem se atreverem a lhe fazer mal, até que chegou Za Celaçê e lhe deu uma lança no rosto, e o fez acabar de matar.

A este tempo, deixaram os portugueses a gente que seguiam e tornaram para dar no corpo do exército dos contrários. E, vendo a tenda do imperador derribada, e que sua gente fugia, ficaram muito embaraçados mas começaram logo a tanger de festa com os atabales do imperador, pelo que disse o capitão, que se chama<sup>7</sup> João Gabriel: «O imperador venceu»; e foi para lá com o cavalo, seguindo-o um seu irmão e um português, que<sup>8</sup> os demais, conhecendo que a gente do imperador era a que fugia, se foram

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: se.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 378/367].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: estiveram.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: chamava.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que.

<sup>1</sup> Manuel de Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 6, Roma, 1907, pp. 97-101.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: determinavam.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 377v/366v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: dizer.

afastando, e saíram todos<sup>1</sup> sem nenhum ser ferido. E, como o capitão chegou onde estavam os [fol. 424] atabales, achou que era *Erâz Athanatêus* que os tinha tomado; e, arremetendo sua gente para matar a ele e aos outros dois, gritou *Erâz Athanatêus* que os deixassem e, fazendo-os chegar perto de si, deu seu<sup>2</sup> capacete ao capitão para que o pusesse na cabeça e, aos demais, outras coisas por que os seus não se atrevessem a lhes fazer mal. Começaram logo todos a tomar os despojos e despiram ao imperador, sem lhe deixar coisa alguma; o que vendo outros, o tiveram por grande atrevimento e descortesia, e assim tornaram a cobrir o corpo com um pano. Mas dizem alguns que, sabendo-o *Za Celaçê*, o fez descobrir<sup>3</sup> e mandou que o deixassem daquela maneira, a ele e a *Lâca Mariâm*, a quem tinham<sup>4</sup> morto no primeiro encontro. E assim estiveram no campo dos 13 de Outubro de 1604 até os 15, que os levaram a enterrar a uma igreja pequena, que estava perto; coisa ímpia e de corações mais que bárbaros deixarem morto e despido no campo<sup>5</sup> a seu senhor que lhes tinha feito tantas<sup>6</sup> merçês, espectáculo muito para ser ponderado, que o que pouco antes era imperador de Etiópia ficasse no andar do mais triste e desamparado escravo que morreu na batalha, que o que vestia ricas sedas e brocados e se ornava com cadeias e jóias de fino ouro ficasse tanto tempo à vista de todos num<sup>7</sup>, sem um palmo de pano; que o maior benefício que se atreveram a lhe fazer os que se compadeciam e envergonhavam de o ver daquela maneira foi cobri-lo com uma pouca de palha.

Mas, entre estas desonras e desprezo do mundo, o honrou o Senhor com uma singular maravilha; que, ainda que por Seus secretos juízos lhe permitiu aquela morte, tenho por certo que o prezava muito, porque, segundo me afirmaram uns gregos, homens honrados, que se acharam presentes quando o queriam enterrar, e disseram também depois outros muitos que o viram, o corpo de *Lâca Mâriam*, o de *Ionael* e os dos outros estavam muito feios, e com tão mau cheiro que não havia quem pudesse chegar a eles, e o do imperador parecia mais formoso que quando estava vivo, e saía dele um cheiro tão suave que recreava o coração. Os que não eram seus amigos diziam que a causa daquilo era comer constantemente ambre<sup>8</sup>; a outros lhe parecia coisa milagrosa, e por tal a contavam, no que se confirmaram [fol. 424v] ainda mais com o que sucedeu onze anos depois: mandando o Imperador *Seltân Çaguêd* tresladar o corpo a um mosteiro grande, que está em uma ilha da Lagoa de *Dambiâ*, que se chama *Dagâ* porque a igreja onde os enterraram era pequena<sup>9</sup>, acharam o corpo inteiro e sem se lhe tirar ainda certa cor que cá, por formosura, põem nas mãos e pés em lugar de sândalo, nem a mortalha estava gastada, com o não enterrem em caixa senão, como aos outros, em terra. Isto me contou o imperador, atribuindo-o a milagre, pelo que o fizera meter em um ataúde bem concertado e pôr na igreja daquele mosteiro com muita decência; e acrescentou o mestre-sala, que estava presente, que ele fora um dos que o desenterraram e que parecia, quando o tiraram<sup>10</sup> fora, que lhe não faltava mais que a alma.

<sup>1</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: e saíram todos.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: um.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 378v/367v].

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: tinha.

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: e despido.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: muitas.

<sup>7</sup> *Ms. 778 BPB*: nu.

<sup>8</sup> Âmbar.

<sup>9</sup> O mosteiro da ilha de *Däga Êstifanos* («planalto de Estêvão»). Esta informação é retomada por M. de Almeida (*Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 6, Roma, 1907, p. 96). *Däga Êstifanos* é, em certas crônicas reais breves, o local para onde o corpo de *Zä-Dëngël* foi trasladado (ver, por exemplo, C. Foti, «La Cronaca Abbreviata dei Re d'Abissinia», Roma, 1941, p. 111). De acordo com outras fontes, foi *Susnëyos* quem fez transportar o corpo para a ilha de *Däq*, dez anos após a sua morte, em 1614 (ver R. Basset, *Études sur l'histoire de l'Éthiopie*, Paris, 1882, p. 126). Ver livro II, cap. XVI, *supra*. Ver glossário (Dec / *Däq*).

<sup>10</sup> *Ms. 778 BPB*: tirara.

<sup>1</sup>Acabada esta tão triste e dolorosa tragédia, se começou um grande e universal pranto, não somente em todo o reino de *Gojâm*, onde logo chegou a nova, mas também em *Dambiâ* e na província de *Oagrâ*, que está perto, porque, ainda que tinha mandado *Za Celaçê* que não chorassem, senão que fizessem festa, não se guardou mais que em seu arraial. Em as demais partes, choravam com grande sentimentos os filhos aos pais mortos na guerra, as mulheres aos maridos, e todos ao imperador, porque o amavam muito, principalmente a gente popular e ainda os grandes, excepto os quatro que se alevantaram. Também eu, quando ouvi a nova de tão desastrado caso, o senti mais do que se pode encarecer, vendo quão depressa desandara a roda de tão feliz fortuna, como parecia que tinha aquele bom imperador, e se acabaram tão certas esperanças como dava do bem espiritual da Etiópia; mas dei graças a Deus que, por Seus secretos juízos, assim o permitira. Perguntou logo *Erâz Athanatêus* onde estava eu e, respondendo que em *Gojâm*, mandou dois criados com muita pressa, dizendo que esperasse lá porque tinha algumas coisas que tratar comigo, que não eram para carta, e que ele iria logo; pelo que, ainda que estava de partida para *Dambiâ*, esperei quinze dias mais, até que chegou a uma sua fortaleza que era perto. Fui logo a o visitar e recebeu-me com muita [fol. 425] honra e mostras de amor. E, depois de praticar um pedaço, me disse que fosse a descansar em umas casas muito boas que já me tinha feito aparelhar perto das suas, e mandou a<sup>2</sup> seu mordomo, que era filho de portugueses e muito bom católico, que, com muita abundância, me enviasse sempre o necessário, o que ele fez com muito cuidado.

O mesmo dia que eu cheguei a *Erâz Athanatêus*, veio um português de *Naniná* e me disse, da parte de todos, que ficavam perdidos sem terem onde entrar com suas mulheres e filhos porque, como senhor que já era de *Gojâm*, lhe tomara todas as terras, por terem pelejado contra ele ajudando ao imperador, que procurasse de lhas fazer tornar e alcançar também perdão a um português que, chegando a afastar<sup>3</sup> uma briga, por desastre matara um homem. O seguinte dia, me mandou chamar *Erâz Athanatêus* e se queixou muito dos portugueses porque, estando em suas terras, pelejaram contra ele e lhe mataram a me<sup>4</sup>lhor de sua gente; e, com lhes mandar dizer antes da batalha que se passassem para ele, não o quiseram fazer. Respondi que, se eles deixaram [a senhoria]<sup>5</sup> ao imperador e passaram a Sua Senhoria<sup>6</sup> parte, nunca el-rei de Portugal fizera mais conta deles nem os tivera por portugueses, nem ainda Sua Senhoria os contara em seu coração por tais, se fizeram o que lhe mandava, e que, quanto ao matar era sucesso de guerra<sup>7</sup>; que me fizesse mercê de lhe tornar suas terras que, da mesma maneira que tinham servido<sup>8</sup> ao imperador, serviriam a Sua Senhoria em tudo o que pudessem. Insistia ele que fizeram mal mas, ultimamente, disse que por amor de mim, lhes tornava as terras e os favoreceria no que se oferecesse. «Também me há-de fazer *Vossa Senhoria*<sup>9</sup> mercê (disse eu) de perdoar a um português que, chegando a afastar<sup>10</sup> uma briga, matou um homem por desastre; que ele buscará com que satisfazer a mulher do morto, ainda que seus parentes lhe destruíram sua casa.» Respondeu que de muito boa

<sup>1</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 379/368].

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: mandava.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: apartar.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 379v/368v].

<sup>5</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: [a Senhoria].

<sup>6</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: Senhoria.

<sup>7</sup> *Ms. 778 BPB*: terra.

<sup>8</sup> *Ms. 778 BPB*: serviram.

<sup>9</sup> *Ms. 778 BPB*: de fazer.

<sup>10</sup> *Ms. 778 BPB*: apartar.

vontade lhe perdoava, e que ele pagaria tudo o que concertassem com a mulher do morto, e que, pois o português perdera seu fato, o fizesse chamar, que ele lhe daria muito mais do que antes tinha; que visse se queria mais, porque tudo faria com muito gosto. Respondi que as mercês que me tinha feitas eram mui grandes, porém que em<sup>1</sup> oferecer aquilo, me obrigava mais do que eu nunca poderia servir, que Deus Nosso Senhor o pagaria a Sua Senhoria.

Acabado isto, começou a falar sobre a morte do [fol. 425v] imperador e deu muitas escusas e razões para mostrar que não fora culpado nela e que, ainda que se afastara dele pelos desgostos que tiveram, sempre trabalhara com Za Celaçê e com os demais que não chegassem à espada, senão que se concertassem, e não quiseram, e que tinha grande paixão de sua morte. «Senhor (disse eu), ninguém poderá melhor declarar a Vossa Senhoria se é culpado ou não que sua própria consciência. Uma coisa aconselho a Vossa Senhoria, como quem de coração deseja todo seu bem, que meta muito bem a mão nela e, se achar culpa, peça logo perdão a Deus e faça muito boa penitência, porque o sangue do imperador, que está derramado naquele campo, pede justiça a Deus como o de Abel, e há-de fazê-la muito grande!» Respondeu que tinha grande medo de Deus, mas que realmente não sentia culpa. Com isto, me despediu aquele dia, por ser tarde.

O dia seguinte, chego ali com muita gente um senhor grande, que se chamava <sup>2</sup>*Abeitahûn* Belâ Christôs, e, segundo me disse o mordomo de *Erâz Athanatêus*, vinha a lhe persuadir que fizessem imperador a um primo do morto que se chamava Suzéneôs e<sup>3</sup> que estava perto de Gojâm. E, como aquele se foi, me tornou a chamar<sup>4</sup> chamou *Erâz Athanatêus*, e me disse: «Tudo quanto que quiser Vossa Reverência<sup>5</sup> de mim farei sem falta nenhuma. Só uma coisa lhe peço muito, que queira ficar comigo para me ensinar as coisas da Lei, porque nossos frades não aproveitam. São todos como fariseus, não buscam mais que honra e fato, e não ensinam nada, nem sabem para o poderem fazer, e os que entendem alguma coisa, como ordinariamente são homens baixos, não têm coração nem ânimo para a declarar diante de nós, e assim estamos todos perdidos.» E, mostrando-me um frade que estava longe, defronte da porta, em pé muito modesto, com as mãos cruzadas, disse: «Aquele é meu mestre, mas fariseu como todos os outros.» Sabia eu que Za Celaçê tinha mandado recado ao Imperador Iacob, que estava em Nareâ, que viesse com muita pressa, e que estavam esperando cada dia por ele, e arreando que<sup>6</sup> *Erâz Athanatêus* alevantasse a Suzeneôs. Determinei de<sup>7</sup> não ficar ali, para poder depois ter melhor entrada com o que prevalecesse. E, assim, respondi que nenhum gosto houvera maior para mim que dá-lo em tudo a Sua Senhoria mas que, de nenhuma maneira, [fol. 426] podia por então ficar porque tivera cartas no inverno, que chegaram<sup>8</sup> a Tigrê dois padres da Índia, e me era forçado juntar com eles, para determinar como se haviam de repartir com os portugueses que estavam mui espalhados. Ao que ele disse que, pois já sabia as coisas de Etiópia, não era necessário ir, senão escrever dali<sup>9</sup> o que haviam de fazer. Respondi: «Senhor, por carta não se podem acabar as coisas que convém tratar com eles. Nem é razão deixá-los de

visitar vindo de tão longe a me ajudar.» Contudo, porfiou alguns dias que ficasse, que me não havia de dar licença para ir.

Estando em estas porfias, quis Nosso Senhor que lhe escrevesse a imperatriz, sua sogra, que de toda maneira me fizesse ir a Dambiâ, onde ela estava, que desejava de me ver, que primeiro não tivera tempo para falar comigo à sua vontade. Então me chamou ele e disse: «Já que a Vossa Reverência releve agora tanto ir a Tigrê, dê-me palavra de tornar o mais depressa que puder e passe de caminho por onde está a imperatriz, que deseja ver a Vossa Reverência.» Respondi que de muito boa vontade faria tudo o que Sua Senhoria mandava, dando-me Deus vida. «Nosso Senhor (disse ele) a <sup>1</sup>dê a Vossa Reverência mui comprida, e o leve e traga com bem. Entretanto ficar-me-á a *Cartilha* que, ainda que Vossa Reverência diz que é para os meninos, bem nos pode servir a nós como a mais alta doutrina que podemos desejar.» Com isto me despedi dele e, chegando à pousada, me mandou uma mula<sup>2</sup> e duas onças de ouro para o caminho, dizendo perdoasse o ser tão pouco, que os gastos que fizera na guerra foram causa disso. Respondi que me pesava ainda de enviar Sua Senhoria aquilo, tendo gastado tanto, e que o aceitava por não ser descortês, que Nosso Senhor lhe desse o que desejava. Mandou ele logo chamar aquele português que tinha morto o homem e fez com ele liberalmente quanto me prometera.

No primeiro de Novembro, parti daquela terra de Gojâm e tardei seis dias em chegar aonde estava a imperatriz, que era uma terra que se chama Cogâ, onde então estava a corte. E recebeu-me com muitas mostras de amor e mandou que me agasalhassem muito bem e dessem de sua cozinha tudo<sup>3</sup> o necessário, o que enviavam com muita abundância; e algumas vezes, estando ela jantando, [fol. 426v] me enviava de sua mesa algumas coisas, dizendo que, porque lhe souberam, bem as mandava. Deteve-me ali alguns dias falando comigo todas as tardes em diversas coisas, particularmente sobre as da fé, que ouvia de boa vontade e, ultimamente, me disse que desejava que estivesse ali com ela. Ao que respondi que me era necessário ir a Tigrê porque vieram dois padres da Índia, mas que tornaria depressa, que assim o tinha prometido a *Erâz Athanatêus*, e então faria tudo o que me mandasse. «Já que assim é (disse ela), vá Vossa Reverência embora<sup>4</sup>, e, como chegar o imperador, meu filho, venha logo e farei que lhe dê aqui terras, porque desejo tê-lo perto de mim.» Disse então um seu criado: «O Imperador Za Denguîl lhe dava tais terras e, por saber que eram de Vossa Majestade, não as quis aceitar.» «Não se pode negar (disse ela) que entre esta gente<sup>5</sup> esteja todo primor e polícia do mundo. Olhai, um homem estrangeiro que, havia quatro dias que entrara em Etiópia, se pudera tomar o que o imperador lhe dava, sem se poder queixar ninguém<sup>6</sup>. Eu vos prometo que, se ele as<sup>7</sup> dera a algum dos nossos, que<sup>8</sup> não as houvera de deixar.»

Despedi-me logo dela e fui também a me<sup>9</sup> despedir de Za Celaçê, a quem tinha já visitado algumas vezes e, com estar como se <sup>10</sup>fora imperador, me fez sempre muita cortesia. Disse-lhe como estava

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 380v/369v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: mala.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: todo.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: (disse ela).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>6</sup> Oração omissa. Talvez: «sem se poder queixar ninguém, não as aceitou.»

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: as ele.

<sup>8</sup> Sic. Ms. 778 BPB: as.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: também.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 381/370].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: quem.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 380/369].

<sup>3</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: e.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: chamou.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: quisier.

<sup>6</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: que.

<sup>7</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: de.

<sup>8</sup> Isto é, informando que chegaram.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: escrever.

de partida, que Sua Senhoria me desse licença e, juntamente me fizesse mercê de tornar a um português umas terras muito grandes que lhe tinha tomado, porque ficava perdido. Respondeu que não lhas tomara por pelear contra ele senão por lhe dizerem que falava muitas palavras descorteses onde quer que se achava, que não lhas havia de tornar, antes as tinha já dado a outro. «Senhor (disse eu), como este homem foi muito tempo capitão, não lhe faltaram contrários que lhe acrescentem muitas coisas; a mim me há Vossa Senhoria de fazer muito delas.» «Para Vossa Reverência (disse ele) de muito boa vontade, tome-as.» «Há-de ser (respondi) para as tornar ao português.» Disse ele: «Depois que as di que<sup>1</sup> a Vossa Reverência, faça o que quiser delas. Outras muitas também<sup>2</sup> houvera de dar, se não estiveram as coisas tão revoltas; mas torne Vossa Reverência como vier o imperador, que eu farei que o agasalhe à sua vontade, como é razão.» Respondi que a mercê que me tinha feita bastava para ficar sempre obrigado [fol. 427] a servir a Sua Senhoria enquanto pudesse, e com isto me despedi. E todos se espantaram muito do que tinha alcançado dele, porque estava mui enfadado do português, que o chamava escravo e não fazia conta dele.

Em este tempo, se juntava muita gente da terra para ir a Tigrê, com o que folguei muito, e não menos seis portugueses que eram de lá, porque, com as revoltas que houve, o caminho estava mui perigoso. E, assim, se concertaram de irem todos muito unidos<sup>3</sup>, e aparelhados para se defenderem; mas nem isso lhe<sup>4</sup> aproveitara se não foram ali aqueles portugueses, porque, como correu nova que ia muita gente de Dambiâ, cuidaram que era Za Celaçê que se passava a Tigrê e, juntando-se muitos da terra, nos esperaram entre umas serras em um passo muito ruim, com determinação de matar<sup>5</sup> a todos. Mas, como chegámos, sabendo que havia portugueses e que não vinha ali Za Celaçê, disseram: «Não viemos buscar a estes que tão valorosamente pelearam pelo imperador, senão aos<sup>6</sup> que foram contra ele»; e, assim, deixaram passar a todos. Mais adiante tivemos ainda maior<sup>7</sup> perigo porque se disse naquela terra que vinha ali Za Celaçê; pelo que se concertou a gente de uns lugares, que estavam perto, para dar sobre nós de noite e matar todos, sem deixar nenhum. Mas, assentando à boca da noite ao pé de uma serra, porque, quando vai muita gente de cáfila, não entram a dormir em lugares, quis Deus que se afastasse<sup>8</sup> um homem de mula com seu criado para dormir em um lugar e, sabendo que eram de nossa companhia, os prenderam e deram rebate aos que estavam juntos e, vindo-lhes, fizeram muitas perguntas, porfiando<sup>9</sup> que estava ali Za Celaçê. Eles disseram sempre que nenhum criado de Za Celaçê vinha, que não era senão um padre e alguns portugueses e outros mercadores, e que, se ao outro dia não achassem o que diziam, que os matassem. Vendo eles que falavam com tanta confiança, sobreestiveram no que queriam fazer. E, sabendo pela manhã que era certo o que aqueles diziam, vieram muitos ao caminho com algumas coisas de comer, e certa sorte de vinho de que eles usam a que chamam çãoa, e o deram aos portugueses, dizendo: «Isto vos trazemos, porque ajudastes [fol. 427v] com tanta fidelidade ao imperador. Dai graças a Deus, que vos livrou esta noite de nossas mãos»; e contaram tudo o que determinavam, juntamente com os que prenderam.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: dê.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: lhe.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: sempre.

<sup>4</sup> Lhes.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: matarem.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: mor.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 381v/370v].

<sup>9</sup> Quer dizer, insistindo.

Poucos dias depois, passou por ali um capitão grande que Za Celaçê enviava para umas terras que chamam Cirêi e, dando nele, mataram vinte e oito turcos de espingarda e outra muita gente, e a ele o tomaram e tiveram muito tempo preso. E nós, pela misericórdia do Senhor, não achámos mal nenhum em todo o caminho, que nos durou até perto do Natal, que chegámos a Fremonâ, onde achei ao Padre António Fernandes, português, e o Padre Francisco António de Angelis, napolitano. E, com muita alegria e contentamento, demos graças a Deus que, livres de tantos trabalhos e perigos, como todos tivemos, nos tornara a juntar onde tanto desejávamos; porque todos três estávamos juntos na Índia para vir e ficaram<sup>1</sup>, por não poderem passar as galeotas.

## CAPÍTULO X<sup>2</sup>

DE COMO OS PADRES ANTÓNIO FERNANDES E FRANCISCO ANTÓNIO DE ANGELIS ENTRARAM EM ETIÓPIA, E DO QUE LHE SUCEDEU NO CAMINHO.

Sabendo os superiores da Companhia da Índia quão bem sucedera o meio que eu<sup>3</sup> intentei para vir à Etiópia, passando francamente por entre os turcos, determinaram de enviar os dois padres que ficaram em Diu, achando-se semelhante ocasião. E foi Nosso Senhor servido que se oferecesse o seguinte ano muito boa porque, ainda que o turco, em cuja companhia<sup>4</sup> eu vim, morreu pouco<sup>5</sup> depois que<sup>6</sup> cá cheguei, deixou ditas tantas coisas dos favores e honras que lhe fizeram os portugueses em Diu, que o baxá se moveu a mandar logo outro seu criado, que se chamava Mahamêd Agâ, com muito mais fato<sup>7</sup> que levara o primeiro. A este, fizeram os padres em Diu muitos mais favores, assim pelos que a mim tinham feito em Maçuâ como para o afeiçoar para o que pretendiam. E deu-se ele por tão obrigado que, falando-lhe em o que desejavam, que era passar à Etiópia, respondeu que, se o outro criado do baxá levara um padre<sup>8</sup>, ele traria dois de boa vontade. Pareceu a todos [fol. 428] que não se devia perder tal ocasião e, assim, se foram logo aprestando o Padre António Fernandes e o Padre Francisco António de Angelis.

Chegado o tempo da monção, se embarcaram com Mahamêd Agâ em uma nau que ia a Çuaquê porque lá lhe tinha mandado o baxá que fosse. E, dando à vela aos 24 de Março de 1604, estiveram quase perdidos, porque demais do fato estar mal arrumado, tinham posto o mais peso em cima e, assim, começando logo a pender a nau, correu o fato para aquela banda e se ia metendo no fundo. Pelo

<sup>1</sup> Eles ficaram.

<sup>2</sup> Manuel de Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 6, Roma, 1907, pp. 85-9. Ver também F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 130-134 / pp. 175-80: o autor não retoma literalmente o texto de F. Guerreiro, mas, estando em posse da obra, serviu-se dela como suporte para a redacção deste capítulo. Por outro lado, é provável que tenha obtido informação oral do próprio António Fernandes e Francisco António de Angelis.

<sup>3</sup> Omito no Ms. 778 BPB: eu.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 382/371].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: tempo.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: eu.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: do.

<sup>8</sup> Omito no Ms. 778 BPB: padre.



que amainaram com muita pressa e mandaram recado ao Colégio e os padres falaram aos oficiais da alfândega; e acudiram<sup>1</sup> com grande diligência, mandando muitos marinheiros e outra gente que arrumasse o fato de maneira que ficasse compassada a nau; e, como acabaram, se fizeram à vela e gastaram na viagem quarenta e quatro dias com muitos trabalhos e, pouco antes de chegar a Çuaquêm, entrando por entre os baixos que ali há, deu a nau em seco e ficou encostada e todos tão atribulados que nenhuma conta faziam já das suas vidas e assim os padres se confessaram com a brevidade que pedia o tempo<sup>2</sup>. Mas foi Nosso Senhor servido que a nau não se quebrasse, porque parece que era vaza<sup>3</sup>, e assim começaram a tirar o fato em um batel e outras embarcações que acudiram de terra, e foram-no<sup>4</sup> pondo em uma ilha que estava perto e, depois, com as embarcações e com fateixa que botavam longe, puxaram pela nau e saiu sã; pelo que a tornaram a carregar e entrou em salvamento. Mas tardaram tanto em isto que, enfadado Mahamêd Agâ de esperar, tomou os padres no batel e, desembarcando na praia, mandou trazer cavalgaduras e foram por terra a Çuaquêm, que é ilha mui pequen<sup>5</sup>na perto da terra firme, onde foram muito bem recebidos e agasalhados, por assim o procurar Mahamêd Agâ.

A este tempo não estava ali o baxá, que era ido em romaria a Meca, mas esperavam cada dia por ele, pelo que Mahamêd Agâ disse aos padres que não era bem partir dali até que chegasse. E, assim, estiveram esperando vinte dias e, como entrou e soube o que em Diu tinham feito a seu criado, chamou aos padres e falou com muito amor. [fol. 428v] E, por honra, deu a cada um sua cabaia de brocado, que é<sup>6</sup> a maior que eles fazem, e disse que tudo o que eles e os padres da Índia quisessem faria de boa vontade. E, por terem esperado tantos dias, deu logo uma gelba, que é embarcação pequena, para que fossem a Maçuâ, e mandou juntamente o veador da fazenda com ordem que lhes desse tudo o necessário, e mulas e gente de guarda que, de Maçuâ, os acompanhassem até chegar à terra de cristãos. Partiram com bom vento, mas o seguinte dia lhes deu uma tormenta tão grande que a gelba se ia metendo no fundo, pelo que o turco se botou no mar para ver se, nadando, podia chegar a terra, que não estava muito longe. Mas quis Nosso Senhor que, com a força grande do vento, quebrou a verga e caiu a vela antes que acabasse de se virar a embarcação, e, assim, tornou a se endireitar, mas não ficou fora de perigo, porque as ondas, que eram grandes, a levavam dar da<sup>7</sup> costa, por parte onde com dificuldade se puderam salvar; o que vendo os marinheiros, trabalharam muito pola<sup>8</sup> afastar. E, dando de si um pouco o vento<sup>9</sup>, tornaram a Çuaquêm e o baxá deu logo outra embarcação, em que foram a Maçuâ em sete dias, mas não caminhavam<sup>10</sup> de noite, que, pelos muitos baixos que há naquela costa, não se atrevem e, assim, antes de anoitecer, surgem<sup>11</sup>.

Como o capitão de Maçuâ soube do veador da fazenda o que o baxá mandava e os gasalhados que fizera aos padres, não se atreveu falar em nada por não desagradar a seu senhor que tanto os encomendava, ainda que dava a entender que não era bom governo deixá-los passar. Contudo, os recebeu e tratou muito bem quatro ou seis dias que ali estiveram. E, ao tempo da partida, lhes deu duas mulas do

baxá em que fossem e dez homens de guarda, afora os passageiros que se ajuntaram e foram os acompanhando dois dias. E, achan<sup>1</sup>do alguns portugueses e outra gente de Fremonâ que os iam esperar ao caminho, por terem novas que chegaram a Çuaquêm e que não podiam tardar muito, despediram então aqueles dez homens da guarda e, por eles, tornaram a mandar as mulas que o capitão turco lhes tinha emprestado e, tomando outras dos portugueses, prosseguiram seu caminho, dando muitas graças a Nosso Senhor [fol. 429] por se verem na terra e entre gente que tanto desejavam. E chegaram a Fremonâ a 13 de Julho de 604, onde foram recebidos com muita alegria e contentamento dos portugueses e católicos daquela terra, e ali estiveram exercitando os ministérios da Companhia até que eu tornei a de<sup>2</sup> Dambiâ, como acima disse.

### CAPÍTULO XI<sup>3</sup>

DE COMO *Abeitahûn Suzniôs* SE LEVANTOU POR IMPERADOR EM GOJÂM;  
DEPOIS DO<sup>4</sup> TEREM ACEITADO POR TAL OS GOVERNADORES DO IMPÉRIO,  
O TORNARAM A DEIXAR PORQUE VEIO O IMPERADOR IACOB.

Pouco tempo depois que parti de Dambiâ para Tigrê, entrou Abeitahun ~~Suzneôs~~ [Suzniôs]<sup>5</sup> pelo reino de Gojâm com muita gente de guerra<sup>6</sup> e mandou dizer a *Erâz Athanatêus*, que era vice-rei, que o saísse a receber; o que ele fez logo, ou por estar concertado com ele em de<sup>7</sup> secreto, ou por não ter poder para lhe resistir, como ele deu depois por causa. E, juntando-se ali todos os capitães e soldados de Gojâm, o alevantaram por imperador; e intitulou-se Malâc Çaguêd, e fizeram grandes festas. Depois, escreveu a Za Celaçê e aos demais<sup>8</sup> governadores, que<sup>9</sup> já Deus lhe tinha dado o império de seus pais e que determinava passar logo a Dambiâ<sup>10</sup>, que se aparelhassem para o receberem sem porfia, que ele lhes faria mercês. Ouvindo eles isto, tiveram grande medo e, tomando conselho com os grandes, responderam que esperasse até o mês de Junho e que, se em este tempo não viesse seu senhor Iacob, a ninguém dariam o império senão a ele. A esta carta respondeu que, não só porque viesse seu primo Iacob mas ainda que o Imperador Malâc Çaguêd, que foi maior que todos, ressuscitara dos mortos, não houvera<sup>11</sup> de deixar o ceptro que Deus lhe dera, nem tirar a coroa que lhe puseram na cabeça. E mandou com este recado um frade e um homem grande para que, com bom modo, lhes persuadissem o que pretendia. Mas, em chegando, os prenderam e, ao homem grande<sup>12</sup>, enviaram com guarda a uma serra muito<sup>13</sup> áspera e forte.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 383/372].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>3</sup> Manuel de Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *R/ESOI* 6, Roma, 1907, pp. 103-6.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: DE.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Suzneôs.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: no reino de Gojâm.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: mais.

<sup>9</sup> Dizendo que.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: havia.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>13</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: muito.

<sup>1</sup> E estes acudiram.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: o tempo pedia.

<sup>3</sup> Que era maré vaza.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: foram-o.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 382v/371v].

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: é.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: à.

<sup>8</sup> Por a.

<sup>9</sup> Amainando o vento.

<sup>10</sup> Navegavam.

<sup>11</sup> Lançam âncora.

[fol. 429v] <sup>1</sup>Sabendo Suzeneôs quão mal trataram seus embaixadores, teve grande paixão e determinava de mandar gente com ordem que, se os da terra<sup>2</sup> não quisessem<sup>3</sup> obedecer, que os destruíssem; mas não teve efeito, porque adoeceu. Entretanto, não se descuidaram Za Celaçê e os demais governadores, que bem sabiam que não havia de dissimular com aquilo e, assim, ajuntaram muita gente, e foram até à borda do Nilo. E, vendo ~~Suzeneôs~~ [Suzniôs]<sup>4</sup>, que traziam muitos cavalos, mandou a<sup>5</sup> sua gente que não os<sup>6</sup> deixassem passar, mas eles deram volta por outra parte e passaram o rio; pelo que Suzeneôs se retirou, desejando acabar suas coisas sem derramar sangue. E, entretanto que os governadores tomavam melhor conselho, ou se passavam para ele alguns que lhe tinham mandado recado, se foi a pôr no reino de Amharâ e deixou a *Erâz Athanatêus* por vice-rei de Gojâm, como antes estava. Procuraram os governadores dar-lhe batalha, mas foi-se sempre, afastado<sup>7</sup> por terras fortes, porque seu poder era inferior. E, nisto, andaram muitos dias pelo reino de Gojâm de umas partes para outras.

Vendo os governadores que se chegava já o inverno e que, em tanto tempo, não tinham tiveram<sup>8</sup> de Iacob, determinaram dar o império a Suzeneôs, e assim lhe escreveram a Amharâ, que viesse logo, que dali por diante o queriam ter por senhor e obedecer em tudo o que lhe mandasse. Vendo ele esta carta, folgou muito e mandou um homem grande com um frade que lhe<sup>9</sup> dissesse que, se determinavam firmemente de o aceitar por imperador, se excomungassem com aquele frade para cumprir<sup>10</sup> o que prometiam, e então ele viria. Como lhe<sup>11</sup> chegou este recado, se excomungaram todos na forma que dizia e enviaram um senhor grande, que se chamava *Abeitabûn* Bela Christôs, com carta e recado, que<sup>12</sup> já não tinham outro senhor senão<sup>13</sup> ele; que viesse pelo reino de Begmêder, que ali o receberia o vice-rei, que se chamava *Erâz Guald Christôs*. E eles se tornaram de Gojâm para a banda de Dambiâ e foram à terra Udô e ali, diante da Imperatriz Mariâm Cinâ, fizeram ajuntar os grandes do império, os capitães e soldados. E Za Celaçê fez uma prática a todos, dizendo-lhes, entre outras [fol. 430] muitas<sup>14</sup> coisas, que bem viam como a terra se perdia com guerras por não haver imperador, que se juntassem por famílias e tomassem conselho se dariam o império a Suzeneôs, filho de seus senhores os imperadores passados, ou traeriam<sup>15</sup> algum dos que estavam em Guixêm Ambâ, <sup>16</sup>descendentes dos que antigamente ali meteram, mas que este, como os podia governar, pois não os<sup>17</sup> conhecia, nem eles ainda sabiam quem era seu pai? Contudo, que vissem qual das duas coisas seria melhor.

Como Za Celaçê acabou de falar, se afastaram com ele os governadores para uma parte e os grandes para outra, e os capitães e soldados por suas famílias. E, depois de tomar conselho, cada uma das cabeças com os seus, responderam todos, por uma boca, que melhor era dar o império a Suzeneôs que

trazer de<sup>1</sup> Guixêm Ambâ a quem não conheciam, nem sabiam cujo filho era, e assim de comum sentimento, enviaram dez homens grandes com muitos soldados, que lhe dessem juramento que não quebrasse os foros do Imperador<sup>2</sup> Malâc Çaguêd, nem tomasse as terras que tinha a imperatriz, nem as de suas parentas. E, como chegaram a Begmêder, onde ele já estava com o vice-rei, os mandou receber com festa e concedeu quanto lhe pediam. Depois, juraram eles, em nome de todos e se excomungaram de morrer com ele e não aceitarem nunca outro senhor e que, ainda que viesse Iacob, não o<sup>3</sup> admitiriam de nenhuma maneira. Começaram logo a fazer grandes festas, e a nomear por imperador a Malâc Çaguêd, que era o título que tomara em Gojâm quando lá o levantaram; mas, entretanto que eles estavam em estas festas, chegou Iacob perto de Dambiâ e mandou recado a Za Celaçê, que o saísse a receber. Em ouvindo ele isto, escreveu com muita pressa ao vice-rei de Begmêder e aos que tinham ido a jurar a Suzeneôs, que não se juntassem com ele, senão que se tornassem, porque o Imperador Iacob viera já e todos o iam receber.

Chegou esta carta com muito segredo àqueles homens grandes e acertou de chover aquele dia e cair muita pedra, pelo que com facilidade fugiram, sem ficar mais que dois ou três que não o puderam fazer. E, sabendo Suzeneôs pela manhã o que passava, mandou chamar ao vice-rei e aos outros que ficaram e perguntou-lhes que lhes parecia que seria bem fazer, [fol. 430v] não para tomar conselho com eles senão para ver se podia coligir o que tinham no coração. E, entendendo de suas palavras que não estavam firmes com ele, senão que se haviam de passar a Iacob, os mandou prender e, alevantando seu exército, os levou consigo a Amharâ, e dali passou a uma terra que chamam Maquedelâ<sup>4</sup>, onde fez seu assento.

<sup>5</sup>Enquanto passavam estas coisas, foi Za Celaçê com os demais<sup>6</sup> governadores e grande multidão de gente que se ajuntou com a nova da vinda de Iacob, e receberam<sup>7</sup> caminho com grande aplauso e contentamento de todos e levaram-no à cidade de Cogâ, onde primeiro tinha<sup>8</sup> sua corte, e fizeram-se muitas festas. Perguntou logo por mim e, dizendo-lhe como que<sup>9</sup> estava em Tigrê, me escreveu uma carta em que dizia que me alegrasse porque, livre de muitos trabalhos e perigos, o tornara Deus Nosso Senhor a seu império; que fosse logo lá, que desejava de me ver para se consolar comigo<sup>10</sup>, que lhe diziam que também tinha padecido muitos trabalhos por vir à Etiópia; mas, adoecendo no caminho o que levava a carta, não pôde chegar até que já era entrado o inverno, e assim não pude ir até que passou.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 383v/372v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: a gente.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: quisesse.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: Suzneôs.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: os não.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: afastado.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: nunca novas.

<sup>9</sup> Sic.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: cumprirem

<sup>11</sup> Lhes.

<sup>12</sup> Dizendo que.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>14</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: muitas.

<sup>15</sup> Ms. 778 BPB: trazer.

<sup>16</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 384/373].

<sup>17</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>4</sup> Magdâla ou Maqdâla, no Wâllo.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 384v/373v].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: mais.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: no.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: tivera.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: como que.

<sup>10</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: comigo.

CAPÍTULO XII<sup>1</sup>DE COMO VIERAM À ETIÓPIA O PADRE LUIS D’AZEVEDO  
E O PADRE LOURENÇO ROMANO.

**N**a mesma nau em que os Padres António Fernandes e Francisco António de Angelis foram a Çuaquên, tornou a mandar o baxá para<sup>2</sup> Diu um<sup>3</sup> seu criado que se chamava<sup>4</sup> Mahamêd Chilibî, com fato, por ver os favores que tinham feito a Mahamêd Agâ e o muito que ganhava na fazenda que lhe traziam. E, sabendo os superiores da Companhia da Índia, por nossas cartas, que não bastávamos os três padres para acudir<sup>5</sup> aos portugueses e católicos, por estarem muito espalhados e ser necessário assistir um padre na corte para dar a entender ao imperador e aos grandes as coisas de nossa santa fé e procurar de os afeiçoar a elas, determinaram de mandar ao Padre Luis d’Azevedo, português, e ao Padre Lourenço Romano, natural de Roma, que estavam no Colégio de Diu. E, sendo avisados para isso, procuraram que se fizessem àquele criado do baxá os favores que se tinham feito ao outro na alfândega, e eles também lhe fizeram os gasalhados que puderam. E assim, quando lhe disseram que desejavam ir com ele para entrarem [fol. 431] em Etiópia, respondeu que de boa vontade os traria e que seu senhor lhes faria muitas honras, como tinha feito aos que o precedente ano vieram. A isto se juntou ser capitão da nau em que haviam de vir um mouro de Diu, que se chamava Mahamêd Gî, que tinha grande amizade com o baxá, e assim os tomou também à sua conta.

<sup>6</sup>Partiram de Diu a 27 de Março de 605, e, em sua companhia, dois mercadores venezianos, que sempre iam e vinham por entre os turcos. Tiveram na viagem muitos trabalhos, por acharem ventos contrários, e assim gastaram dois meses em chegarem a Çuaquên e, na entrada, também correu muito risco de se quebrar a nau, por não acertarem bem com o canal. Acharam baxá novo, homem muito falso e cruel que, ao passado, por pretender sê-lo de Mocâ (segundo dizem), lhe enviou ao que lá estava uma cabaia muito rica, em sinal de amizade, e, como a vestiu, adoeceu logo e morreu, porque tinha, no colarinho, muito forte peçonha; e assim, vestindo-a depois seu tesoureiro, sem saber, também morreu logo. Pesou-lhe<sup>7</sup> muito a todos, e arreceavam que fizesse algum mal aos padres, mas quis Deus que, com os presentes que lhe deram os padres<sup>8</sup> e principalmente o capitão da nau, e os favores que lhe disseram tinham feito os padres em Diu aos criados do seu antecessor, determinou de tratar bem aos padres e assim lhes deu cabaias de brocado, e fez bom gasalhado onze dias que ali estiveram e, depois, deu embarcação para que fossem a Maçuâ e escreveu a seu capitão desse abundantemente o necessário enquanto ali estivessem e, para o caminho, até chegarem à terra de cristãos, mulas e boa guarda.

Chegaram de Çuaquên a Maçuâ em oito dias e recebeu-os o capitão como seu senhor lhe mandava e, em cinco dias que ali estiveram, trabalharam com muita diligência de tirar o corpo do santo mártir, o Padre Abraão<sup>1</sup>, que está em uma ilha como um<sup>2</sup> tiro de espingarda ou pouco mais da de Maçuâ. E, para isto, chamaram<sup>3</sup> secretamente um dos que o levaram e prometeram bom prêmio se mostrassem onde estava. Ofereceu-se ele a o fazer, jurando de guardar fidelidade, mas como era mouro e a eles lhe dá pouco do juramento, dizendo que queria ir adiante para ver como estava o corpo, por que não se detivessem os que o haviam de trazer, que davam que [fol. 431v] suspeitar aos turcos com lhe<sup>4</sup> encarregarem os padres que de nenhuma maneira chegasse aos ossos senão que os deixasse como estavam, ele juntou outros, de mouços<sup>5</sup> e grandes, e veio a dizer que já tinha visto os ossos, que podiam ir por eles e, porque para aquela ilha não passa embarcação nenhuma, pediu o capitão dos banianes<sup>6</sup>, gentios da Índia, licença ao turco para trazer terra de lá para concertar sua casa, e mandaram os padres um mancebo cris<sup>7</sup>tão muito diligente e fiel, e achou os ossos tão misturados que de nenhuma maneira se podiam conhecer quais eram de um<sup>8</sup> e quais eram de outro<sup>9</sup>, porque ali botam de mistura quantos matam por justiça; mas, contudo, meteu na embarcação os que o mouro lhe mostrou e, levando-os aos padres, acharam que eram de diferentes corpos, uns de moços pequenos, outros de grandes, e nenhuns diziam com as juntas, pelo que entenderam que o mouro não pretendia mais que tomar a peita e que não era possível poder-se saber de certo quais eram os ossos do padre; e assim os deixaram, como dissemos no cap. 22.º do 3.º livro.

Sucedeu naquela conjunção trazerem um presente que o baxá enviava ao vice-rei de Tigrê. E disse o capitão dos turcos aos padres que viessem juntamente, porque mandava quarenta de espingarda, e deu-lhes uma mula para o caminho, e o capitão dos banianes outra. Saíram também de Arquicô alguns turcos de cavalo e foram acompanhando um<sup>10</sup> bom pedaço, fazendo-lhes grande festa. Depois, tendo andado oito ou dez léguas, acharam alguns católicos que nós imbiavamos a<sup>11</sup> Maçuâ para que<sup>12</sup> os acompanhassem e, mais adiante, alguns portugueses que os estavam esperando, e assim, chegaram seguramente a Debaroâ, onde acharam o vice-rei de Tigrê, que<sup>13</sup> se chamava Cafluhâ; e ao *Bahâr Nagâx* Dêlba Jesus, que era seu genro; e ambos lhes fizeram muitas honras. E, como descansaram cinco dias, se despediram deles, e o vice-rei mandou dez portugueses dos que tinha consigo, que os acompanhassem até Fremonâ. Os dois padres e eu também saímos um dia e meio de caminho a os esperar, e entraram em Fremonâ<sup>14</sup> a 6 de julho de 605, com grande alegria e contentamento, dando todos muitas graças a Deus, que nos juntara cinco onde antes tinham tão poucas esperanças de verem padres, pela dificuldade grande que havia na passagem. Dali a pouco, soubemos como o baxá matara aqueles [fol. 432] dois venezianos que vieram a Çuaquên com os padres para lhes tomar o fato, que era muito, e ao capitão

<sup>1</sup> Ver livro III, cap. XXII, *supra*.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: um.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: mui.

<sup>4</sup> Lhes.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: mouros.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: bramenes.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 385v/374v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: uns.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: outros.

<sup>10</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: um.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: nos enviavam de.

<sup>12</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que.

<sup>13</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que.

<sup>14</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Os dois padres e eu também saímos um dia e meio de caminho a os esperar, e entraram em Fremonâ.

<sup>1</sup> Manuel de Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 6, Roma, 1907, pp. 97-101. Ver também F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 130-134 / pp. 175-80. Provavelmente, obteve esta informação dos seus confrades Luis de Azevedo e Lourenço Romano.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: um.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: chamavam.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: acudirerem.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 385/374].

<sup>7</sup> Pesou-lhes.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: lhe deram.

da nau também cortou a cabeça; e diziam por coisa certa que mandara tomar os padres em Maçuâ mas, quando chegou o recado, já eram partidos, e assim os livrou Nosso Senhor daquele ingrato e cruel bárbaro que, com lhe terem dado os venezianos muito fato e curado de uma grande e perigosa doença, em pago disso os mandou matar.

## 1CAPÍTULO XIII<sup>2</sup>

DE COMO FOMOS TRÊS PADRES ONDE ESTAVA O IMPERADOR IACOB, E DAS ESPERANÇAS QUE DEU DE REDUZIR SEU IMPÉRIO À SANTA IGREJA ROMANA

Como o imperador me tinha escrito que fosse antes do inverno e não pôde ser, por chegar tarde a carta, parti depois com dois padres<sup>3</sup> em companhia de alguns portugueses e mercadores que iam a Dambiá<sup>4</sup> e, deixando em Tigrê outros dois padres<sup>5</sup> que acudissem aos portugueses e católicos daquele reino e às coisas que viessem da Índia. E, tendo andado quatro dias, nos afastámos um pouco do caminho para visitar o capitão daquelas terras, que era nosso amigo; e, depois de nos deter um pedaço, disse que não fôssemos pelo caminho ordinário porque tinha nova certa que, em um deserto por onde havíamos de passar, estavam muitos ladrões esperando pelos portugueses, que sabiam era tempo de levarem a esmola de roupa que sempre lhe<sup>6</sup> vem da Índia. Agradecemos-lhe muito o aviso e determinámos de o fazer assim, mas não falámos nada aos que iam connosco; e, chegando onde se afastavam<sup>7</sup> os caminhos, nos detivemos um dia para que descansassem os gados, e como os demais não sabiam nada, todos diziam que íamos pelo caminho ordinário. E, assim, um espia dos ladrões, que vinha em nossa companhia, se adiantou aquele dia para lhes dar recado como já chegávamos perto, mas, à noite, chamámos os portugueses e os principais mercadores, e dissemos-lhe o que passava e que era necessário de toda maneira irmos por pelo outro caminho. Achámos neles muita resistência, porque era mui áspero e trabalhoso e não [fol. 432v] tinham por certa a nova dos ladrões mas, instando nós, porque sabíamos que o capitão não nos<sup>8</sup> havia de dizer senão coisa certa, ultimamente se resolveram em ir por onde nós lhe dizíamos, e o declararam a todos. Contudo, pela manhã, se iam muitos pelo caminho ordinário, mas os portugueses os fizeram tornar por força.

Caminhámos alguns dias sem achar perigo nenhum e, chegando onde se tornavam a ajuntar os caminhos, achámos dois homens que fugiram de entre outros mercadores que vinham detrás de nós, e foram por o<sup>9</sup> pelo outro caminho ordinário, e disseram que estavam no deserto trezentos ladrões

<sup>1</sup>com suas bandeiras, esperando pelos portugueses, e, sabendo que eram já passados, os roubaram a eles e a outros muitos, sem lhe deixar coisa nenhuma; e que não sabiam se mataram alguns, porque eles, vendo tantas armas, deixaram seu fato e fugiram. Demos<sup>2</sup> todos graças a Nosso Senhor, que nos livrara de tão grande perigo, e, passando adiante, achámos logo um português com carta do imperador, em que me dizia que fosse depressa, que tinha que falar comigo e que, se tardasse, não o acharia, porque estava de partida para ir sobre umas terras que não obedeciam. Apressámos o caminho quanto foi possível mas, com tudo isso, quando chegámos à corte não o achámos. Visitámos a imperatriz velha e recebeu-nos com muito amor e, depois de praticar um pedaço, lhe pedimos licença, porque era já meio-dia e estava longe a vila onde havíamos de dormir<sup>3</sup>. Mas disse que, de<sup>4</sup> nenhuma maneira, nos havia de deixar, que sequer meio dia não lhe daríamos para folgar? Respondemos que tudo o que nos mandasse faríamos de boa vontade. Entrou em isto o patriarca e deu-lhe assento um pouco mais afastado, e quase sempre continuou connosco, perguntando muitas coisas, e se trazíamos os meninos que primeiro lhe diziam a doutrina? Respondemos que não vieram aqueles, mas que trazíamos outros que a sabiam bem. Disse ela: «Já não temos necessidade, porque os pajens de *Erâz Athanatêus* a dizem da mesma maneira e ele a tem mandado ensinar em todo Gojâm.» Saiu logo o patriarca e, levantando-nos por cortesia, nos fez tornar a sentar e deteve-nos até noite, porque era dia de [fol. 433] jejum e eles não comem até aquela hora, e mandou que nos agasalhassem muito bem e enviou logo muitas iguarias à guisa da terra. E, ao outro dia pela manhã, nos despediu e mandou diante recado ao imperador, que nos recebesse com honra, como fizera o Imperador Za Denguíl.

Prosseguimos nossa jornada para o imperador, que estava três dias de caminho dali e achámo-lo em um campo muito largo com grande número de gente de guerra e, dizendo-lhe o capitão dos portugueses<sup>5</sup> como estávamos ali, folgou muito e, por ser já tarde, disse que descansássemos, que ele nos mandaria chamar, e assim o fez o dia seguinte pela manhã. E, entrando em sua tenda, o achámos assentado sobre<sup>6</sup> alcatifas encostado a um leito bem ornado; isto por nos fazer honra, que o costume é estar assentado sobre o leito encostado a coxins de veludo ou de brocado. Estavam muitos <sup>7</sup>capitães de uma e outra banda e, chegando a lhe beijar a mão, nos fez<sup>8</sup> assentar sobre as<sup>9</sup> alcatifas, um pouco afastados<sup>10</sup>, e perguntou como vínhamos do caminho, como estava el-rei de Portugal e o vice-rei da Índia, com<sup>11</sup> outras muitas coisas em que gastou grande espaço<sup>12</sup>.

Presenteámos-lhe um leito pequeno da China, dourado, que estimou muito. Despediu-nos com muito amor e mandou que nos dessem duas ou três vacas para comer. E, por ser dois dias antes dos Reis, em que eles fazem grande muita<sup>13</sup> festa porque sempre se rebaptizam naquele dia, não tornou a chamar até outro depois, e disse-nos em segredo que um seu tio<sup>14</sup> letrado, com quem o imperador que

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 386/375].

<sup>2</sup> Manuel de Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 6, Roma, 1907, pp. 107-13.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com dois padres.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: levando comigo dois padres.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: padres.

<sup>6</sup> Lhes.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: apartavam.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: por o.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 386v/375v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: disto.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: comer.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: dos portugueses.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 387/376].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: mandou.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: nas.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: afastado.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: e em.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: que perguntou.

<sup>13</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: grande muita.

<sup>14</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: tio.

mataram tratava suas coisas, lhe contara tudo o que tinha passado em as disputas da fé, e o que determinava fazer. E, por lhe parecer<sup>1</sup> todas aquelas coisas muito bem, determinava acabar com ajuda de Deus<sup>2</sup> o que ele tinha começado e, assim, desejava saber que meio poderia haver para isso. Respondermos que era necessário que Sua Majestade escrevesse ao sumo pontífice e a el-rei de Portugal e, se fosse possível, imbiase<sup>3</sup> um embaixador. Disse ele que esperássemos em Dambiâ, que, se Nosso Senhor o tornasse em paz, trataríamos tudo mais devagar.

<sup>4</sup> outro dia levantou seu arraial e mandou-nos dizer que havia de assentar perto, que fôssemos com ele e dali tornaríamos. Fomo-nos [fol. 433v] e, quando nos despediu,<sup>5</sup> disse que bem sabia que os portugueses estavam desagasalhados, que, como tornasse, daria muito boas terras em que se pudessem juntar todos, que o encomendássemos a Nosso Senhor.

Tornámos dali a uma aldeia de portugueses onde tínhamos deixado os ornamentos da igreja e determinámos de nos repartir para poder confessar a todos antes que tornasse o imperador. E, assim, foram os dois padres a Dambiâ e eu passei a outra terra, que chamam Alatâ, e dali a um mês nos tornámos a juntar e tivemos cartas dos padres que ficaram em Tigrê, em que diziam que estavam com grande tribulação, porque um governador que deixara em seu lugar o vice-rei, vindo para o imperador, tinha tomado todo o fato aos católicos pelo serem, e os ameaçava que lhes havia de fazer muito maiores males se não deixassem nossa fé e Igreja e tornassem à sua, mas que todos estavam determinados de morrer antes que faltar um ponto em as coisas da fé, e assim o tinham dito alguns diante do governador. Particularmente<sup>6</sup> uma freira, que havia pouco tempo que se fizera católica, disse diante de todos: <sup>7</sup>«Quando estava entre vós outros tinha em abundância o que me era necessário. E, depois que me<sup>8</sup> passei para esta Igreja de Roma, padeço muitas necessidades mas, contudo, as soffro com muito gosto porque tenho entendido que esta é a verdadeira fé. E, assim, ainda que me façais em pedaços, não a hei-de deixar.» E, vendo-a eles tão determinada, não entenderam com ela.<sup>9</sup>

Levantou-se esta perseguição por se fazer católico um moço de quinze ou dezasseis anos, filho de um homem honrado que estava ausente, e, posto que a mãe, sabendo que o desejava, lhe disse que o fizesse e ela mesma o trouxe aos padres, o pai dela o tomou tão mal que fez grandes extremos. Desejou muito havê-lo às mãos e, não podendo, se foi ao vice-rei e ao governador, e trabalhou por fazer mal a todos os católicos, procurando que lhes tomassem o fato, e<sup>10</sup> oferecendo-se a guiar para que não ficasse nada. Ouvindo o vice-rei (que era mui amigo de fato) o que aquele dizia, folgou muito<sup>11</sup> por lhe parecer boa ocasião para achar algum, ou de peitas dos padres, ou do que os católicos tinham; e assim, [fol. 434] por estar de partida para Dambiâ, deixou ordenado ao governador que tomasse quanto fato achasse dos<sup>12</sup> católicos e lhes fizesse muitas ameaças, para ver se os padres acudiam com peitas, e assim

o fez. Aquele homem também trabalhou depois muito por haver seu neto, para o entregar, mas ele se resguardou de maneira que nunca o pôde alcançar, até que, enfadado o moço de andar escondido, se foi ao governador, estando seu avô com ele, e disse<sup>1</sup> que, se tinha alguma coisa contra ele, que o demandasse e, se não, que o deixasse, que<sup>2</sup> não molestasse mais. Disse o governador: «Porque deixastes a fé de vossos pais? Por comer carne de lebre como os portugueses, vos passastes a eles?» Respondeu o moço: «Não me passei senão porque, ouvindo a doutrina dos padres, entendi que era a verdadeira. E assim, ainda que me corteis a cabeça, não tenho de deixar sua fé». Mandou ele então que o levassem diante dos ouvidores para que julgassem primeiro e, dizendo ele o mesmo que tinha dito, não quiseram julgar e, assim o tornaram a enviar ao governador, pelo que nem ele quis julgar, senão que ficasse para quando tornasse o vice-rei.

Não deixou Nosso Senhor sem castigo ao vice-rei, nem ao governador que o aconselhou para que achasse fato, porque, chegando o vice-rei onde estava o imperador, veio por outra parte Suzeneôs com exército e, querendo o vice-rei mostrar seu esforço e o da gente que <sup>3</sup>trazia de Tigrê, se adiantou com alguma outra do imperador e começou a escaramumçar com a de Suzeneôs; mas arremeteram estes com tanta fúria que o fizeram virar e deixar dez atabales, muitos <sup>4</sup> cavalos e mulas e ele escapou com grande trabalho a pé por entre um mato muito basto, deixando mortos muitos de seus criados e um seu cunhado, que estimava muito. Ao governador, castigou Deus pela mão do mesmo vice-rei, que, tornando a Tigrê, lhe tomou todo seu fato por culpas que dizia lhe achara e o prendeu com duas cadeias, e assim esteve muitos dias sem achar de quem se poder valer, senão dos padres, a quem enviou a rogar quisessem interceder por ele; o que fizeram logo, caminhando dois dias com muita chuva e lama e<sup>5</sup>, pedindo ao vice-rei lhe fizesse mercê de se haver brandamente com ele, que [fol. 434v] satisfaria inteiramente a quem tivesse agravado, respondeu<sup>6</sup>: «Já que Vossas Reverências pedem isso, mostrar-lhes-ei suas culpas e julguem, que eu não falarei mais.» Disseram os padres: «Senhor, não viemos<sup>7</sup> a julgar senão a rogar». Mandou ele então afastar a gente e disse-lhes, em segredo, que não podia deixar de o degradar, para que vissem que fazia justiça, mas que, depois, por ninguém lhe perdoaria senão por seu respeito e que, quando fosse tempo, lhe<sup>8</sup> mandaria recado para que tornassem. Deram-lhe muitos agradecimentos pela mercê que lhes fazia e, como se despediram, disse diante de muita gente: «Não sei verdadeiramente como estes padres vêm por esta chuva por amor de um homem que lhes fez tantos agravos<sup>9</sup>». Responderam alguns: «Senhor, a todos fazem bem, ainda aos que lhes fazem mal.» Depois, dali a algum tempo tornaram os padres e ele lhe perdoou como tinha prometido, com o que o governador ficou mui agradecido, e dizia que não havia de morrer sem se confessar connosco, porque nossa fé era a verdadeira. Mas não o mereceu a Nosso Senhor, porque morreu sem chegar a isso.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: parecerem.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: acabar.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: mandar.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: O.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: nos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: Principalmente.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 387v/376v].

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: me.

<sup>9</sup> Não altercaram.

<sup>10</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

<sup>11</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: folgou muito.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: aos.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e disse.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 388/377].

<sup>4</sup> Rasurado (ilegível).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: -lhe.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: Senhor.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: lhes.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: ?. Neste manuscrito, a frase é interrogativa.

## CAPÍTULO XIV

DE COMO O IMPERADOR E A IMPERATRIZ REPREENDERAM  
AO VICE-REI DE TIGRÊ PELO QUE TINHA FEITO AOS CATÓLICOS,  
E MANDARAM QUE TORNASSE TODO O FATOS.

Como o imperador tornou daquela guerra, fomos dois padres a o visitar e não lhe dissemos nada do que passava em Tigrê até falar com o vice-rei, por que não tivesse razão nenhuma de queixume. E, assim, o fomos visitar e dissemos-lhe o que seu governador tinha feito; ao que respondeu, friamente, que ele mandaria que tornasse o que tivesse tomado. Dissemos que não era razão que ficasse sem castigo uma coisa tão grave, que Sua Senhoria nos desse licença para fazer justiça com ele. Respondeu que não havia para que fazer justiça, porque ele o mandara fazer. «Não esperávamos (dissemos nos) senão muitas [fol. 435] mercês de Vossa Senhoria, e não tão grandes agravos. Mas já que assim é, ficamos obrigados a fazer justiça diante do imperador.» Disse ele então a uma irmã do imperador que ali estava: «Todo o Tigrê se vai para a sua Igreja, e deixa as nossas.» Respondeu ela com grande agastamento: «Dê-se logo pregão que nenhum dos nossos entre mais nela.» Tornou-se a virar o vice-rei para nós<sup>2</sup> e disse: «Eu tomarei conselho e responderei.» Com isto, saímos e fomos logo falar com *Erâz Athanatêus* e, com estar em uma igreja, se afastou dos que o acompanhavam, e nos ouviu muito devagar, e depois disse que lhe pesava muito do que fizera o vice-rei, mas que não tivéssemos paixão, que ele acabaria tudo a nosso gosto. Dali, fomos a outro homem grande, muito privado do imperador e amigo nosso, que se chamava Macabô e, dando-lhe conta do que passava, se enfadou muito e disse: «Quem lhe mete a este homem nas coisas da fé, que nem ler sabe? Eu irei amanhã ao imperador e lhe contarei tudo, e o vice-rei não há-de sair bem disto.» Procurámos falar também com o imperador antes que o vice-rei lhe pintasse a coisa à sua vontade, mas não pudemos porque era já perto da noite e não entrava ninguém. Contudo deixámos ali o capitão dos portugueses para ver se podia entrar e quis Deus que, indo um senhor seu amigo, disse ao imperador como estava ali e, assim, mandou que entrasse; e, referindo-lhe o que o vice-rei tinha feito, o sentiu muito e disse que o repreenderia, e que não se<sup>3</sup> meteria mais em nossas coisas.

O dia seguinte, fomos a<sup>4</sup> falar com a imperatriz velha que, por ser Quaresma, estava fora da cidade como meia légua, perto de um mosteiro. E, referindo-lhe o que o vice-rei, que era seu genro, nos tinha feito, lhe pedimos de mercê lhe mandasse recado, pois não era razão que nos fizesse tão grande agravo. Respondeu que nenhuma coisa lhe pudéramos dizer que mais sentisse, que o mandaria chamar e o repreenderia. Agradecemos-lhe isto<sup>5</sup> muito e, começando ela a falar em outras coisas, entrou um frade seu confessor e disse-lhe: «*Abba Marcâ*<sup>6</sup> (que assim se chamava o frade), passais pelo que tem feito o vice-rei de Tigrê?» e contou-lhe tudo. Respondeu que fizera muito mal, porque aquelas coisas não lhe per-

tenciam a ele, e, tomando dali ocasião, falou sobre as duas [fol. 435v] naturezas em Cristo, sobre a circuncisão e a guarda do Sábado e, depois de muitas razões, diz à imperatriz<sup>1</sup>: «Senhora, eu não falo escondido como outros. A verdade é que em Cristo estão duas naturezas e uma só pessoa divina. A circuncisão é acabada, e a guarda do Sábado. Só um queixume tenho dos padres, que não deixam casar a um meu discípulo com uma portuguesa, querendo ela.» Respondemos que, já que era seu discípulo, folgávamos que também<sup>2</sup> fosse juiz no<sup>3</sup> caso, para ver quem tinha razão. «Pois aqui está o mancebo (disse ele), agora podemos ouvir sua razão». E, saindo fora, veio ele e disse que lhe fazíamos força porque, estando concertado para casar com aquela mulher, não o deixávamos. Respondemos que não podia casar com ela porque, sendo casado, deixava sua mulher para tomar estoutra, contra o que expressamente manda Cristo Nosso Senhor no *Evangelho*. Trouxe o mancebo muitas coisas para embrulhar mas, ultimamente, disse o frade diante de muitos que se tinham chegado a ouvir: «Eu julgo que não podeis casar com essa mulher, porque é contra o *Evangelho* e o que ensina S. Paulo; e, se os de Etiópia fazem isso, é porque nós não podemos com eles. Os padres fazem muito bem em obrigar aos seus que guardem o que manda Cristo.»

Tornámos a entrar com o frade à imperatriz e folgou muito de ouvir o que tinha julgado<sup>4</sup> e, despedindo-nos dela, fomos à nossa pousada, contentes por nos parecer que ficávamos já livres daquele homem, que havia muito tempo que nos molestava. Mas não foi assim, antes tomou logo outro meio para nos dar mais trabalho, e foi levar a mulher diante do paço do imperador e fez que desse tão grandes vozes que a ouviu<sup>5</sup> e mandou perguntar que coisa era. Respondeu que, por querer ela deixar a fé dos portugueses e tornar<sup>6</sup> à sua, lhe tinham feito os padres muitos males, que lhe mandasse não entendessem com ela. Disse o imperador que fosse embora, que o capitão dos portugueses o informasse de tudo; com o que ele se enfadou muito e disse que o capitão e todos os demais<sup>7</sup> portugueses eram seus inimigos, que não queria nada com eles. Soubemos nós logo o que passava e fomos à tarde ao imperador e, com [fol. 436] estar folgando com sós quatro dos grandes, disse que entrássemos, e estavam assentados perto dele e, deixando-se eles estar, lhe disse o imperador: «Entram os padres, e não vos alevantais?» Alevantaram-se logo e estiveram em pé até que nos assentámos. Demos-lhe conta do caso e respondeu: «Eu não entro em essas coisas. Castiguem Vossas Reverências muito bem a ambos, que bem sei que o merecem». Começou logo a praticar em outras coisas e, por festa, falou comigo um pedaço em arábico, que o sabia bem, e depois nos despediu. E, como saímos, nos deram recado que nos chamava a irmã do imperador, e achámo-la com alguns frades e outra muita gente, e, fazendo-nos assentar, disse: «Por amor de Deus, que me perdoeis o que ontem falei sobre os que entram em vossa fé, que foi sem consideração, por respeito do vice-rei. E realmente que, depois que adverti no que tinha dito, que me pesou tanto que, em toda esta noite, não pude dormir. Bem sabeis que sou vossa devota, perdoai-me de coração.» Respondemos que bem tínhamos entendido que dissera aquilo Sua Alteza por contemporizar com o vice-rei e que, pois declarara tanto sua tenção, não nos podia ficar no coração senão muito

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: disse.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: também.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: do.

<sup>4</sup> Quer dizer, ela folgou muito de ouvir o que ele tinha julgado.

<sup>5</sup> A ouviu o imperador.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: tomar.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: demais.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 389v/378v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 388v/377v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: o vice-rei.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 389/378].

<sup>6</sup> Manifesto erro do copista do Ms. 778 BPB: Mariã.

desejo de a servir como sempre tivéramos, pelas mercês que continuamente nos fazia. Deteve-nos até muito tarde e, como saímos, nos enviou boa ceia.

Mandámos logo buscar aquela mulher portuguesa para ver se, por alguma via, a podíamos afastar<sup>1</sup> daquele homem, mas não se pôde nunca achar, porque souberam logo como o imperador tinha dito que os castigássemos, e fugiram juntos para outra terra. Não puderam, contudo, fugir do castigo de Deus, ainda que, para ela, foi com grande misericórdia porque, dali a pouco tempo, adoeceu e padecendo<sup>2</sup> gravíssimas dores e dizia que Deus a castigava pelo grande pecado e, achando-se mui atribulada, mandou dizer que, por amor de Deus, fosse um padre a confessá-la, que já se tinha afastado daquele homem e que faria toda a penitência que quisessem. Foi o padre e, pouco depois, de se confessar, morreu. O mancebo também morreu naquele mesmo ano, mas desastrosamente, porque o mataram.

Não se esqueceu a imperatriz do que tinha prometido antes; mandou logo chamar o vice-rei e o repreendeu [fol. 436v] muito. Ele se escusou, <sup>3</sup>dizendo que o mandara fazer por importunação dos parentes do moço, mas a imperatriz não admitiu escusa nenhuma. O imperador<sup>4</sup> também lhe estranhou muito o que fizera e mandou-lhe que<sup>5</sup> fizesse tornar quanto tinha tomado e que se não metesse mais nas coisas dos portugueses nem falasse coisa nenhuma aos que quisessem entrar em nossa fé. E, indo outro dia muito<sup>6</sup> cedo visitar a imperatriz, porque se achara mal disposta, e, estando com ela, disse: «Chamem aqui os padres para que os façamos amigos com o vice-rei de Tigrê.» Foram logo à cidade a nos chamar mas, por estar meia légua dali, ainda que fomos depressa, quando chegámos já o imperador saía a cavalo para se recolher, antes que entrasse o sol. Visitámos a imperatriz e mandou logo chamar o vice-rei e tornou-o a repreender diante de nós e de *Erâz Athanatêus*, e disse a um frade que lhe desse juramento de não nos<sup>7</sup> fazer mais agravo e de mandar tornar tudo quanto tinha tomado à nossa gente. Jurou ele e disse que jurássemos nós também de sermos seus amigos; ao que<sup>8</sup> respondeu ela que não era necessário, que bastava nossa palavra. Agradecemos-lhe a mercê que nos fizera e despedimo-nos. Depois, nos mandou dizer o vice-rei que escrevêssemos em seu nome ao governador na forma que quiséssemos, para que tornasse o fato, e que ele enviava<sup>9</sup> a carta. E assim o fez, por onde não se perdeu nada, antes se ganhou muito, porque, vendo como o imperador favorecia nossas coisas, se fez católica a mulher do mesmo que levantou a perseguição e outros que por medo não se<sup>10</sup> atreviam.

Pouco depois disto, nos mandou chamar o imperador e, tratando sobre umas terras muito boas que daria<sup>11</sup> aos portugueses, disse Za Celaçê: «Senhor, muita razão é que Vossa Majestade lhas dê muito largas, porque eles tiraram este império da mão dos mouros, e a terceira parte dele é sua». Disse então o imperador: «Aqueles terras sejam para os portugueses e outras que estão ali perto para os padres», que também eram muito boas. Beijou-lhe Za Celaçê<sup>12</sup> por aquela mercê e logo nós<sup>13</sup>, e detivemo-nos

aquele dia praticando até perto da noite. Depois nos chamou, estando só, e falou muito devagar sobre nossas coisas e, ultimamente, se resolveu em escrever a Sua Santidade e a Sua Majestade, e disse que fosse eu [fol. 437] com tempo a Tigrê para melhor poder encaminhar as cartas, porque ele estava de partida para outra terra. Dali a pouco, fui eu a Tigrê, deixando os dois padres com os portugueses. E, por não chegar aquele ano nau a Maçuâ, foi necessário enviar as cartas a Mocâ, porto também de turcos, doze léguas dentro das portas do Mar Roxo; mas, chegando os que as levavam e sabendo que os turcos tinham tomado o fato dos portugueses e cativado um mancebo cristão que o trazia, que, por falta de vento, entrou lá a nau, tiveram grande medo e assim, antes de desembarcar, botaram todas as cartas ao mar. Também em uma revolta que houve em Tigrê, de um tirano, entre outras coisas que perdemos foi o traslado destas cartas, e assim não ficou memória delas; mas, em soma, era que desejava fazer que seu império se sujeitasse à obediência da santa<sup>2</sup> Igreja romana<sup>3</sup> e que Sua Majestade tomasse este porto de Maçuâ para ter amizade e comércio com os portugueses.

## CAPÍTULO XV

### DE COMO SUZNIÔS MATOU EM CAMPO AO IMPERADOR IACOB E FICOU SENHOR DO IMPÉRIO

**E**m o princípio do verão seguinte, depois que o imperador escreveu aquelas cartas, se revelou<sup>4</sup> contra ele Za Celaçê, por não sei que desconfianças que teve, e deu entrada pelo reino de Gojâm, onde ele era vice-rei, a Suzeniôs, prometendo de lhe<sup>5</sup> ajudar para que tomasse o império. Sentiu isto muito o imperador, porque não esperava tal coisa de quem tinha recebido dele tantas mercês, antes lhe parecia que não tinha outro mais fiel e, por isso, o pôs em Gojâm, que era onde Suzeniôs podia fazer mais dano. Foi logo com grosso<sup>6</sup> exército sobre eles, mas não pôde passar o Nilo (a que eles chamam Abaoi) pelo impedir Suzeniôs, que estava da outra banda com sua gente, até que, depois de alguns dias, se retirou Suzeniôs. E, passando o imperador, o foi seguindo três ou quatro dias e, pondo-se Suzeniôs com sua gente em uma serra forte, assentou o imperador seu exército [fol. 437v] ao pé dela em um campo muito grande, a que chamam Agamorâ<sup>7</sup>. E, depois de estarem ali alguns dias, quis Suzeniôs melhorar-se no sítio para dar batalha. Mandou, para isto, um sábado pela manhã, 10 de Março de 1607, que sua recovagem caminhasse pelo alto da serra, com um capitão, e ele <sup>8</sup>desceu com a demais gente e se pôs em um outeiro alto; o que vendo os do imperador, cuidaram que queria fugir e determinaram dar logo batalha sem esperar mais, tendo por certa a vitória, por ser tão pouca a gente de Suzeniôs

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: apartar.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: padecia.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 390/379].

<sup>4</sup> Ao imperador.

<sup>5</sup> Mandou-lhe dizer que.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: muito.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: ela.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: enviaria.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: dava.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: a mão.

<sup>13</sup> Entenda-se: «logo nós» beijámos também o imperador.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 390v/379v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: madre.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: de Roma.

<sup>4</sup> Rebelou.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: grande.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: Agamnâ.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 391/380].

[Suzniôs]<sup>1</sup>, que (segundo dizem) não tinha a sexta parte que o imperador<sup>2</sup>, ainda que o número certo nem os mesmos que ali estavam o sabem declarar. E, assim, disseram os capitães ao imperador: «Até quando, Senhor, havemos de andar desta maneira? Já ele vai fugindo. Dêmos batalha antes que nos escape, que para trinta dos nossos não chega um dos seus.» Pareceu-lhe bem ao imperador, e mandou pôr em ordem sua gente com muita pressa.

Vendo isto Suzniôs<sup>3</sup>, e entendendo sua determinação, repartiu a sua<sup>4</sup> em três esquadrões e deu um a Za Celaçê, outro a um capitão grande que se chamava Iuliôs, e o do meio tomou para si, mandando que ninguém se bulisse de seu lugar até<sup>5</sup> que ele arremettesse. E, exortando a todos a que pelejassem valorosamente, disse que, se queriam honras, riquezas e senhorios, que tudo alcançariam naquele dia se pelejassem como ele esperava de tão esforçados e valorosos cavaleiros; e que não lhe<sup>6</sup> causasse receio a multidão da gente de Iacob porque, ainda que excediam tanto em número, lhe ficava muito a baixo<sup>7</sup> no ânimo e coração e na destreza em<sup>8</sup> pelear; e que, se alcançassem vitória, repartiriam entre si quanto se achasse no arraial de Iacob e quanto aqueles senhores tinham em suas casas, que ele não queria nada e que melhor era morrer na batalha que cair nas mãos de seus inimigos porque, se estes vencessem, haviam de vender aos turcos os que tomassem, e ainda as mulheres e filhos daqueles que escapassem; e, para que, por cobiça não houvesse algum desarranjo, ninguém, entretanto que pelejassem, tomasse coisa alguma, e que, quem visse tomar a outro, o matasse. Disse também a Za Celaçê que fizesse alguma fala aos soldados e, começando ele com muitas palavras, disse que bem estavam lembrados<sup>9</sup> que com ser ele o melhor capitão dos de Iacob e ter grande multidão de gente, o desbarataram eles duas vezes [fol. 438] sendo muito poucos e que outra vez fizeram retirar a Iacob com perda de muita gente; que, agora que ele estava ali<sup>10</sup> com tanta gente, não havia que arreçar, senão ter por certo que era sua a vi<sup>11</sup>tória. Finalmente, tantas causas lhe<sup>12</sup> disse que todos, com grande ânimo, se resolveram em morrer antes que tornar pé<sup>13</sup> atrás.

Como o imperador acabou de ordenar sua gente, deu boa<sup>14</sup> parte dela<sup>15</sup> a *Erâz Athanatêus*, que estava com ele, para que acomettesse por uma banda, e ele, com o restante do exército, foi por outra. E apressou-se tanto a cavalaria na subida que, quando chegaram a Suzeneôs, já os cavalos abafavam. Arremeteu então Suzeneôs com os seus, e pelejaram tão valorosamente que em pouco espaço fizeram voltar os dianteiros, e Suzeneôs ia com tanta fúria e tão embebido na peleja que, quando advertiu, se achou tão metido entre os contrários que fugiam que lhe foi forçado ir um pedaço da descida entre eles como que também fugia; que, se o conheceram, facilmente o puderam matar, que estava só. E, chegando a uma parte chã, disse aos que iam a par dele: «Vamos por aqui, irmãos. Por aqui é melhor», e foi-se afastando

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Suzeneôs.

<sup>2</sup> Que o imperador tinha.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: Suzeneos

<sup>4</sup> A sua gente.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: sem.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: ficavam tanto abaixo.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: estavam.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: estava.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 391v/380v].

<sup>12</sup> Lhes.

<sup>13</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: pé.

<sup>14</sup> Ms. 778 BPB: grande.

<sup>15</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: dela.

do tropel dos que fugiam. Foram com ele trinta de cavalo. E, como se viu um pouco afastado dos outros, virou sobre estes com a lança, dizendo: «Ó inimigos, vós outros me podeis escapar?» Fugiram eles então, e assim deu volta para sua gente que ia no alcance, matando muitos.

Vendo o imperador que sua gente voltava, acudiu para a fazer deter mas não pôde, porque já iam sem ordem. Começou ele a pelejar com a gente de cavalo que o acompanhava e mataram-lhe logo o cavalo. E, ficando a pé em uma parte, que chamam Gol, passaram alguns por ele sem lhe fazerem mal, porque o conheceram. Depois, chegou um de cavalo e o matou; o que, vendo os que o acompanhavam, fugiram e foram-se espalhando todos pelo campo. Soube logo Suzeneôs como o imperador era morto, e mandou tocar a recolher, desejando perdoar à multidão. Mas, com tudo isso, ficou o campo cheio de mortos, e muitos mais foram os que caíram pelas rochas, fazendo-se em pedaços, que os que mataram à espada, porque era terra mui áspera; e começou [fol. 438v] logo a anoitecer e, como não viam o caminho, davam pelas<sup>1</sup> rochas abaixo; e, aos que vinham detrás, parecia-lhes que aqueles acharam<sup>2</sup> passo e iam os seguindo, e assim todos se faziam em pedaços; era tão grande o medo que levavam sem ninguém os seguir que, como cegos e desacordados, se precipitavam pelas rochas. Entre eles, foi fugindo a cavalo um português que se chama<sup>3</sup>va Manuel Gonçalves e, começando a cair pela rocha, se pegou em<sup>4</sup> um ramo de uma árvore e, passando o cavalo, se fez em pedaços e ele se encostou à árvore até pela manhã. E, quando amanheceu e viu o precipício tão grande e tantos mortos em baixo, ficou como pasmado e tornou a sair dando graças a Deus pela mercê grande que lhe fizera. Foi coisa maravilhosa e mui notada de alguns que, com se achar<sup>5</sup> ao pé desta<sup>6</sup> rocha quinhentos capacetes dos que caíram e em outras também morreram muitos e estarem todos os portugueses com o imperador, nenhum caiu pelas rochas nem morreu na batalha, sendo eles os que principalmente pelejaram e mataram nela muitos homens brancos de casta dos turcos que estavam muito perto deles, e a seu mesmo patriarca, que também era alvo. Nem lhe aproveitou dizer a grandes vozes que era *abuna* para que não lhe dessem muitas lançadas, ainda que alguns dizem que o não conheceram, e pelos portugueses passavam sem lhes fazer mal, como se não os viram.

Foi esta vitória de Suzniôs<sup>7</sup>, quando não milagrosa, pelo menos venturosa, pela desigualdade que havia no poder que ele tinha em comparação do de Iacob, com quem estava a flor da cavalaria do império e infantaria sem conto. E, pelo que se tem visto até agora, se pode ter por certo que Deus particularmente o quis favorecer e dar-lhe a coroa deste império. Seria então homem de trinta e três anos, alto de corpo e bem proporcionado, os olhos grandes, nariz afilado, e os beiços delgados, de rosto alegre e a cor baça, como já temos dito. Tem muito bom natural a<sup>8</sup> excelentes partes, mui prudente, grande e esforçado capitão, ardiloso e bem exercitado nas coisas da guerra, porque o mais de sua<sup>9</sup> vida gastou nela, e fez ofício de governar exército. É mui liberal, afável e homem que tem palavra de rei porque, no que diz ou [fol. 439] promete, nunca se acha falta, coisa rara em Etiópia. Sobretudo para as coi-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: das.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: achavam.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 392/381].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: acharem.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: da.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: Suzeneos.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: da.



sas da verdadeira religião e redução de seu império à santa Igreja romana tem o coração e ânimo que dissemos no livro 2.º e adiante veremos. Alguns dias antes que desse<sup>1</sup> esta batalha, viam de noite (como ele me contou pouco tempo há, e depois me afirmou um senhor grande) sair como fogo dos ferros de suas lanças e, de dia, sem lhe tocarem, iam tinindo sobre os ombros, como <sup>2</sup>quando dão manso com um ferro em outro<sup>3</sup>. A riqueza que tomaram foi sem conto, porque ali estava quase toda a nobreza de Etiópia, e tudo deixou aos soldados, como tinha prometido.

O seguinte dia pela manhã depois da vitória, mandou que enterrassem ao Imperador Iacob com grande honra, e lançou pregão que todos seus pajens e oficiais de sua casa ficassem com seus cargos e os viessem servir livremente e que a todos os demais perdoava, excepto a um capitão de casta mouro que, como acima dissemos, cap. 9.º, deu a primeira lançada ao Imperador Za Denguil. A este só, dos que tinham tomado, mandou cortar a cabeça. E, sabendo logo onde estava Erâz Athanatêus, lhe mandou dizer que viesse, que lhe perdoava, e, quando veio, o recebeu com honra. Intitulou-se com o mesmo nome que primeiro tinha tomado Malâc Çaguêd, mas depois deixou este e se chamou Seltân Çaguêd<sup>4</sup> que quer dizer «O Poder Adora», e assim o nomearemos daqui por diante. Festejou a vitória três dias naquele campo e, depois, passou o Rio Nilo e foi à cidade de Cogâ, onde o Imperador Iacob tinha seu assento. E, entrando Quinta-feira de Endoenças, o domingo e segunda-feira seguinte se começaram a fazer festas reais, mostrando todos grande alegria. Mas, como o mundo não a<sup>5</sup> pode dar perfeita nem comprida, logo à terça-feira cessaram as festas e a alegria se trocou em choro, e as músicas em pranto, que se fez muito grande por morrer aquele dia, perto da corte, a imperatriz, mulher do Imperador Malâc Çaguêd, tio deste Seltân Çaguêd, cuja história referiremos agora, para que se veja compridamente o discurso de sua vida, e depois acrescentaremos algumas coisas que nela faltam sobre o modo com que procedeu e procede nas<sup>6</sup> de nossa fé, no que se enxergará o que acima dissemos, [fol. 439v] que se podia ter por certo que Deus lhe quis dar a coroa do império para se servir dele em coisas tão importantes.

## CAPÍTULO XVI<sup>1</sup>

EM QUE SE COMEÇA A REFERIR A HISTÓRIA DO IMPERADOR  
SELTÂN ÇAGUÊD E OS TRABALHOS QUE TEVE DE MENINO,  
COMO A CONTAM SEUS LIVROS<sup>2</sup>.

*E*m nome de Deus Padre, misericordioso, perdoador e criador de todas as coisas, cuja<sup>3</sup> é muito mais alta do que se pode imaginar. <sup>4</sup>Em nome de Seu Filho Jesus Cristo, que é igual a Ele em sua Divindade e livrou a Adão da mão do demônio, pai da mentira, e a seus filhos, que estavam mergulhados no profundo mar do pecado, vestindo a carne que tomou da puríssima e santíssima Virgem Maria, filha de David. Em o nome do Espírito Santo paraclito, manifestador das coisas escondidas, que procede do Padre com maravilhosa processão<sup>5</sup>, a quem não conhece o coração do homem nem entende o entendimento dos anjos, sendo Deus Trino, se adora em unidade, porque ele é fonte da sabedoria e princípio de todo bem<sup>6</sup>. Ele é o que faz os reis e honra os príncipes para vingança<sup>7</sup> dos malfetores e louvor e honra dos bons. Seja bento Seu santo nome, que lhes deu poder e mando para abaixar os soberbos e levantar os humildes. Maravilhosas são as obras deste alto e poderoso Deus.

Escrevemos a história do poderoso e vencedor Imperador Suzniôs, cujo coração está em Sua mão direita, e Seus olhos sobre Sua cabeça, amador de sabedoria e juiz da verdade, aborrecedor da maldade e afastado do mal, liberal e largo para dar, e confiado no altíssimo Deus, buscador de Suas leis e costumes, que conhece o que passa e entende o durável<sup>8</sup>.

O nome do pai deste grande imperador era Abeitahûn Faciladâz, filho de Abeitahûn Iacôb, filho do Imperador Onâg Çaguêd que, pela graça do baptismo, foi chamado Lebenâ Denguil, sobre ele paz. A mãe é do ~~tribo~~ ~~hon~~ povo honrado e tribo forte<sup>9</sup>, e se chama Hamelmâla Orc, filha de Azâx Como<sup>10</sup>, homem [fol. 440] rico e abastado das coisas deste mundo. E, antes de parir este seu filho<sup>11</sup>, viu em sonhos a Abba Taquelâ Haimanôt que, em obra e condição, se parece com os apóstolos, com o honrado Abba Embacôm, sucessor em sua cadeira e guar-

<sup>1</sup> A partir deste capítulo, e até ao cap. XX, o autor traduz para português a *Crónica de Susnyôs*.

<sup>2</sup> Anotam-se igualmente as variantes do manuscrito da Biblioteca da School of Oriental and African Studies (ms.11966 SOAS: *Historia de Ethiopia a alta ou Abassia: Imperio do Abexim, cujo Rey uulgarmente he chamado Preste Joam...*, composta pelo Padre Manoel de Almeida, fols. 483 a 543), que foram acrescentadas, por Manuel de Almeida, à tradução que Pedro Páez fez da versão da *Crónica de Susnyôs* que surge na *Historia de Ethiopia*. Manuel de Almeida terá para tal confrontado o texto original (em gúeze) de uma versão da *Crónica* anterior a Maio de 1619. Note-se que o manuscrito da obra de Manuel de Almeida depositado na Biblioteca Britânica (ms. Add. 9861 BL) omite totalmente o texto da *Crónica* e que as traduções que os missionários fizeram evidenciam discrepâncias face ao ms. Eth. 30 (catálogo A. Dillman) da Biblioteca Bodleiana da Universidade de Oxford (*Crónica de Susnyôs* adquirida pelo explorador setecentista escocês James Bruce). Para uma análise comparativa das traduções de Pedro Páez e Manuel de Almeida e do texto gúeze da *Crónica*, ver H. Pennec, *Des jésuites au royaume du prêtre Jean...*, pp. 287-97. No Ms. 11966 SOAS: [fol. 483] HISTORIA DO EMPERADOR SELTAN SAGUED TRESLADADA A LETRA DE SUA CORONICA [I- ESTE CAPITULO SE DEUIA ESCR[E]VEU NA NOLTA DA FOLHA PE[R] MAYOR DISTINÇÃO; PORQUE NELLE SE TRATA MATERI[A] DIFFERENTE, LHE COM[O] DISSE NO PRINCIPIO, A 2A P[ART]E DESTE LIVRO] CAPÍTULO XVII – DIVIDIDO EM §§•§§

<sup>3</sup> Ms. 11966 SOAS: que alevantou sua natureza.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 393/382].

<sup>5</sup> Ilegível. No Ms. 11966 SOAS: (O Historiador Azage Tino no tempo que escreveu a maior desta (...) historia ainda não tinha recebida as (...). Interpolação de Manuel de Almeida Ms. 11966 SOAS: fee de Roma, pola qual depois morreu glorioso martyr, por isso diz que o Spiritu Santo procede do Padre não fazendo menção de proceder também do Filho).

<sup>6</sup> Ms. 11966 SOAS: de todo poder.

<sup>7</sup> Ms. 11966 SOAS: castigo.

<sup>8</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 484] Do seu nascimento e criação, de como foi cativo dos Gallas, e livre do cativoiro §§ 1.

<sup>9</sup> Ms. 11966 SOAS: Xeme.

<sup>10</sup> Ms. 11966 SOAS: Collô.

<sup>11</sup> Ms. 11966 SOAS: antes de o parir.

<sup>1</sup> Se desse.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 392v/381v].

<sup>3</sup> Trata-se do chamado Fogo de Santelmo, um fenómeno eléctrico atmosférico.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: mas depois deixou este e se chamou Seltân Çaguêd.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: cousas.

dador da lei e bons costumes, e lhe deram novas de alegria, dizendo que havia de parir filho que seria rei e que, quando o fosse<sup>1</sup>, se lembrasse de lhe encomendar seus filhos. E, pouco tempo depois de ter esta visão, pariu filho, e lhe puseram o nome do alto e vencedor mártir Suzniôs, que matou a Vizaliâ, que tomava semelhança de aves e animais feros, e depois foi mártir pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. E, assim, este imperador também foi forte, imitando em as obras a seu nome. E, dando-lhe<sup>2</sup> seus pais boa criação e ensino, vieram os gâlas que chamam borên, e mataram muita gente da terra e, juntamente, a seu pai e a ele levaram cativo. E o gâla que o tomou o tratou como filho e esteve com ele ano e meio, ou pouco mais. Isto foi pela vontade do altíssimo Deus, para mostrar seu poder e força e o que faz aos que confiam nele, assim como se diz maravilhoso Deus em seus santos. A força de seu poder se viu em José, filho de Israel, que, depois de ser vendido por escravo, foi senhor e príncipe na terra de Egipto. Assim a<sup>3</sup> este Imperador Suzniôs o cobriu muitas vezes a misericórdia de Deus, umas no cativo, outras na guerra, e o livrou dos conselhos dos maus, como diremos em seu lugar.

Estando no<sup>4</sup> cativo, foram os gâlas à terra de Damôt a pelear, mas Dêye Azmâch Azbô lhe saiu ao encontro e os desbaratou, matando muitos por mandado de Deus, e os que escaparam se meteram em lapas. Mas<sup>5</sup> a gente de Dêye Azmâch Azbô, que os seguia, os tirou com maravilhosa arte e levou a seu senhor, ele mandou pôr<sup>6</sup> em estreita prisão e lhes disse que, se lhe trouxessem ao<sup>7</sup> filho de Abeitahûn Faciladâz, os soltaria<sup>8</sup> e mandaria livremente as suas terras, e senão que os havia de matar. Eles lhe responderam<sup>9</sup> que o trariam<sup>10</sup> e assim o fizeram vir, e o recebeu com muita honra e, aos gâlas, os deixou ir à sua terra como tinha prometido, o que louvaram todos, e ele deixou memória de suas obras. Depois o mandou por<sup>11</sup> um seu parente, por nome<sup>12</sup> Mangadô, à imperatriz Adamâs Mogoçâ, mãe do Imperador Malâc Çaguêd maior, estando em Deguên, terra de Gojâm, e ela o recebeu bem e lhe deu mestre que lhe ensinou a doutrina [fol. 440v] dos livros sagrados, e esteve depois nas terras que seu pai tinha em Gojâm, ainda que não lhe<sup>13</sup> deram todas, senão Debêt Cic e Abarâ, e Gomamît, onde se exercitou em caçar animais bravos e em<sup>14</sup> toda sorte de armas até ser mancebo; e mostrava grande piedade fazendo bem e honra a todos com alegre rosto.

Em este tempo, foi para a banda de Amharâ visitar sua mãe e, estando com ela, veio um seu primo da parte de sua mãe, Melcâ Christôs, senhor de Atronê Za Mariâm, filho de Azax Cer Za Christôs, homem de pouco saber e governo que, tomando-o, o levou ao Imperador Malâc Çaguêd e lhe disse: «Trago este moço que, de Gojâm, <sup>15</sup> tinha passado a Amharâ, por que não haja revolta na terra.» Ouvindo isto, o imperador não se alegrou nem lhe deu rosto<sup>16</sup>, antes fez pouco caso dele e ao mancebo recebeu bem e depois<sup>17</sup> o mandou às terras de seu pai, onde antes estava. E, passado algum tempo, tornou a visitar ao imperador, que estava em Coçoguê, e recebeu-o bem, com rosto alegre, e lhe mostrou mais amor que a Za Denguîl, filho de seu irmão

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: ~~he~~.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 393v/382v].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>5</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 485].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: os pôs.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>8</sup> Ms. 11966 SOAS: e mandaria livremente a suas terras.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: prometeram.

<sup>10</sup> Ms. 11966 SOAS: responderam que o trariam, e se não que os matasse.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: para.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: chamado.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: lhas não.

<sup>14</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: em.

<sup>15</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 394/383].

<sup>16</sup> Nem o encarou.

<sup>17</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: depois.

Abeitahûn Liçâna Christôs, que reinou depois que tiraram ao Imperador Iacob. Estando ali, foram ao imperador homens maus, de pouco conselho e menos<sup>1</sup> misericórdia, e lhe disseram: «Senhor, já cresceu este filho de Abeitahûn Faciladâz e ficou forte, bom fora mandá-lo prender e pôr em Guixêm Ambâ, como se costumava fazer primeiro com os filhos dos imperadores, para que não haja tribulação e revolta na terra»<sup>2</sup>. Ouvindo isto, o imperador mostrou enfadamento e tristeza no rosto e lhes disse: «Não torneis mais a falar tal coisa, porque este vosso conselho é aborrecível a Deus e aos homens. Quando o filho vem a seu pai, porventura lhe dá mal em lugar de bem, e maldição em lugar de bênção?» E, dito isto, chamou o mancebo e, dando-lhe algumas peças, o tornou a mandar a suas terras.<sup>3</sup>

Passado algum tempo, foi o imperador ao reino de Damôt a pelear com os gâlas que chamam Borê e, chegando a Gojâm, ajuntou com ele<sup>4</sup> este mancebo e lhe disse que o queria acompanhar naquela jornada<sup>5</sup>. Respondeu o imperador que ficasse na sua terra até que ele tornasse com a vontade de Deus; e assim ficou, e o imperador prosseguiu seu caminho e chegou à terra de Damôt, onde descansou dos trabalhos deste mundo e foi para Deus. Esta sua ficada foi por ordem divina porque, [fol. 441] se fora com o imperador, caíra nas mãos dos príncipes daquele tempo. Mas, pelo que Deus tinha ordenado de fazer dele, o fez ficar e afastou deles, que assim faz sempre com Seus escolhidos, seja ensalçado<sup>6</sup> Seu Santo Nome.

Tornando os grandes do povo e governadores do império com o corpo do imperador, tomaram conselho no caminho do que deviam fazer, e assentaram de prender a este filho de Abeitahûn Faciladâz e ao filho de Abeitahûn Liçâna Christôs, por que todo o povo ficasse unido e de um coração. E a<sup>7</sup> isto mandaram a Aminadâb e Aquilîl, com muita gente e vinte e cinco de espingarda e, passando Abaoî (scilicet «Nilo»)<sup>8</sup>, juntaram gente sem conto das terras de Gojâm e, chegando a Amharâ<sup>9</sup>, onde estava <sup>10</sup> Suzeniôs, lhe mandaram dizer com palavras de paz que traziam recado do imperador, ficando eles em pé fora da cerca. Ele respondeu com boas palavras que entrassem e lhe dissessem o que o imperador mandava. Mas Aminadâb e Aquilîl, com sua gente, tiveram medo e não se atreveram a entrar porque a cerca era forte e edificada em um monte; e, assim, assentaram em baixo um pouco afastados, dizendo que o seguinte dia ajuntariam. E, à noite, a horas de dormir, veio a ele um homem que se chamava Hadarô, parente de sua mãe Hamelmâla Orô, e lhe disse como o imperador era morto e que aqueles o vinham prender. Ouvindo isto, o mancebo forte saiu por outro caminho para a banda de Abaoî, onde esteve, e, vendo o outro dia Aminadâb e Aquilîl que era ido, se tornaram, e<sup>11</sup> sua gente se espalhou, indo cada um para sua terra, e Suzniôs dali a poucos dias foi ao mosteiro Dimâ, para que os frades lhe fizessem amizade com os grandes. E, estando ali, veio Abba Tigrê do arraial dos governadores, e lhe disse que prenderam a Abeitahûn Za Denguîl, filho do irmão de seu pai a quem convinha o império, e que fora muito maior a tristeza e pranto que houve por sua prisão que pela morte do Imperador Malâc Çaguêd. Também lhe disseram que vinha gente para o prender a ele, pelo que saiu dali e foi para sua mãe e nem ali ficou quieto porque, vindo contra ele gente de guerra, se re<sup>12</sup> tirou para Abaoî com seus criados, que o consolavam dizendo

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: de pouca.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB faz parágrafo, Ms. Goa 42 ARSI não.

<sup>3</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 486] Como os governadores do imperio o quizerão prender; e como escapou de suas mãos §§ 2.º.

<sup>4</sup> Ms. 11966 SOAS: o foi visitar.

<sup>5</sup> Ms. 11966 SOAS: que queriar ir com sua Alteza.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: exalçado. Ms. 11966 SOAS: ~~ensalçado~~ louvado. Ensalzado; castelhanismo do autor.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: para.

<sup>8</sup> Interpolação do autor.

<sup>9</sup> Ms. 11966 SOAS: Abarâ.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 394v/383v].

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>12</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 487].

que não se entristecesse, que logo passaria aquele trabalho. Ele também tinha posta toda sua esperança no Senhor e não tinha medo dos que o inquietavam, porque Deus o fortificava.

[fol. 441v] *Estando o bom mancebo entre estes trabalhos e tentações, vieram os gâlas para dar na província de Olacâ e, chegando a Ziasôr, perto de Abaoi, viram a gente de Suzniôs e, gritando, perguntaram quem era<sup>1</sup>. Responderam que: «Abeitahûn Suzeniôs, filho de Abeitahûn Faciladâz, que vós outros conheceis.» Ouvindo isto, os gâlas foram correndo e lançaram-se a seus pés, mostrando-lhe muito amor e reverência. Estes gâlas se chamavam bucô, da tribo deconô. E, estando ali, soube que o buscava muita gente de guerra para o prender. E, assim, se foi com os gâlas ao Mosteiro de Coât, onde esteve pouco tempo, e dali passou ao mosteiro Zalalô e foi-se logo, por não achar sua gente que comer, que a terra estava deserta pela terem destruída<sup>2</sup> os gâlas, e assim só se sustentavam com os animais que matavam no campo<sup>3</sup>. Dali lhe fugiram Tascaro, e Guarenhâ, Çarçô e Job, a quem cortaram um pé por suas maldades, e passaram a Gojâm, mas ao valoroso mancebo Suzeniôs não o desamparou o Senhor porque, no meio de sua grande fome veio a ele um gafâte por nome Feçên, e lhe trouxe muitas vacas e o acompanhou com muita gente que ele trazia um pouco de caminho e depois o despediu, dando-lhe muitos agradecimentos, e passou à terra que se chama Friyêl Çâf. E, dali, foi ao mosteiro de nosso padre Taquelâ Haimanôt, que se chama Dêbra Libanôs, cabeça dos mosteiros, onde os frades o receberam com muito amor e benivolência, porque sempre foram fiéis amigos dos imperadores seus pais, começando de Içinu Amlâc até hoje, passa esta amizade de filho a filho e, particularmente o amava como a filho o superior do mosteiro, Abba Abraham<sup>4</sup>.*

*Em este tempo, tomaram conselho os frades do que deviam<sup>5</sup> de fazer para bem do mancebo, e assentaram de lhe fazer amizade com o Imperador Iacob, filho do Imperador Malâc Çaguêd, e com Erâz Athanatêus, que então governava o império, e com Abeitahûn Bêla Christôs e os<sup>6</sup> demais do arraial. E, dando-lhe parte deste conselho, disse que faria tudo se lhe dessem as terras de seu pai. O que os frades acabaram com Erâz Athanatêus e depois o levaram a ele, mas não o recebeu como convinha a filho de imperador, nem cumpriu a palavra que dera de lhe entregar as terras de seu pai e teve-o com ele aquele inverno na terra de Çarcâ. E, estando ali, trataram entre si alguns invejosos de mau conselho que não era bem deixar que Erâz Athanatêus tivesse consigo ao filho de Abeitahûn Faciladâz, [fol. 442] porque o faria imperador e ele ficava alevantado e eles baixos. E, com engano, como quem dava bom conselho, lhe mandaram dizer que lhe convinha prendê-lo, porque, se escapasse, pelearia com ele o Imperador Iacob. Mas Erâz Athanatêus respondeu que o não podia fazer porque o abade de Dêbra Libanôs lhe pusera excomunhão para não lhe<sup>7</sup> fazer mal nenhum. <sup>8</sup>Vendo eles<sup>9</sup> que não ouvia suas palavras, determinaram de trazer onde eles estavam a Abeitahûn Za Denguîl, assim como ele tinha consigo Abeitahûn Suzeniôs. Espalharam-se estas novas pela terra e, chegando aos ouvidos de Abeitahûn Suzeniôs, fingiu que sua mãe esta<sup>10</sup>va doente e que o mandava chamar com muita pressa, e com esta escusa<sup>11</sup> pediu licença a Erâz Athanatêus; e ele lha deu, sem imaginar coisa de mal. E, as-*

*sim, saiu de seu arraial e escapou do conselho dos maus, que procuravam de o fazer prender, e foi para sua mãe, que estava em Gomamîr<sup>1</sup>.*

*Pouco tempo depois que chegou à sua mãe, passou para a terra de Olacâ, onde achou a Baligarâd Deganô, que levava tributo para o Imperador Iacob, e tomou-lhe os camelos e mulas e o demais que trazia, e disse-lhe que fosse em paz para onde quisesse. Daquele dia por diante, começou a ajuntar gente, porque sabia que não o<sup>2</sup> haviam de deixar sem o matar ou prender. E, assim, escolheu antes andar pelos desertos que estar em terras povoadas<sup>3</sup>. Depois, foi à terra que chamam Yeçabâ<sup>4</sup>, onde determinou de estar por ser terra chã e de muita erva para os cavalos, mas dali a pouco ouviu como vinha contra ele Abeitahûn Bêla Christôs com muita gente, porque era governador daquelas terras. E, assim, tomando quanto fato achou, passou o Rio Gemâ, e entrou na terra dos gâlas. Eles o receberam bem, e Abeitahûn Bêla Christôs ficou com sua gente na fortaleza Tetâ<sup>5</sup>, e o mancebo forte juntou os gâlas e, com eles e seus soldados, que eram muitos, foi para onde estava Abeitahûn Bêla Christôs. E, descendo ele com sua gente, pelearam fortemente no campo, morrendo alguns de uma e outra parte, e entre eles Tançô, irmão do pai de Abeitahûn Suzniôs. E, conhecendo que aquele não era seu dia, se foi retirando com boa ordem, e <sup>6</sup>a gente de Abeitahûn Bêla Christôs não os seguiu porque sabiam que, se fugia, não o podiam alcançar e, se tornava, era tão forte que não lhe<sup>7</sup> podiam escapar. E, assim, se foi para a terra de Xâoa e Abeitahûn Bêla Christôs a Gojâm.*

[fol. 442v] *Chegando-se o inverno, se foi Abeitahûn Suzniôs com sua gente a Dêbra Libanôs, onde o receberam os frades como costumavam; mas, por não lhe<sup>8</sup> ser cargoso, passou logo a Enermâ, onde está uma lapa muito grande, e nela invernou com grande<sup>9</sup> muito trabalho pela muita água que passava por cima da lapa com grande estron<sup>10</sup>do; para seu comer e dos animais, lhe trazia o necessário a gente de Xâoa. E, acabado o inverno, se foi para Xâoa de cima, onde queria fazer seu assento, mas não lhe quiseram obedecer os soldados, que chamam hafrô aiguebâ<sup>11</sup>, nem a gente da terra, pelo que foi contra eles e, dando batalha, os venceu; e, dali, foi à terra que chamam Çarmât e todos lhe obedeceram por conselho de um sacerdote que ali estava; os gâlas também lhe obedeciam como se foram seus escravos. E, passando a Enxâr, fez nela seu assento e, dali a pouco, veio sobre<sup>12</sup> Abeitahûn Bêla Christôs com muita gente de cavalo e de pé do Imperador Iacob e, achando-o descuidado, o cercaram; mas ele não perdeu o ânimo, antes pelejou com muito valor e esforço grande espaço e, vendo que lhe matavam muita gente e que não podia resistir ao ímpeto daquela tão grande multidão, fugiu. E seguiram-no muitos de cavalo, mas ele virava com o seu a eles como um leão e os fazia retirar e animava seus soldados para que não ficassem atrás e, desta maneira, andou retirando-se e acometendo até se pôr o sol, que chegou ao Rio Cacêm. E, não achando por onde pudesse passar seu cavalo, porque era rocha alta,*

<sup>1</sup> Ms. 11966 SOAS: Como por lhe não darem as terras de seu pay, começou a andar alevantado. §§ 3.º.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>3</sup> Ms. 11966 SOAS: E oito dias depois que tomou o fato que levava Deganô, passou a Gojam, e subiu por força de armas um monte forte que se chamava Debra Semonâ, onde achou os tizouros da Rainha Ceblà Oanguel, e as riquezas de todos os príncipes de Gojam, e muitas armas, e atables, e enriqueceu aos seus com fato a lhes; e tornando o muito alegre com toda esta preza, entrou em a terra de Olacâ, e esteve em Darâ a festa da Pascoa da Reisorreição de Christo Nosso Senhor; e.

<sup>4</sup> Ms. 11966 SOAS: Iaçaba.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Tutâ. Ms. 11966 SOAS: Ieetâ

<sup>6</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 489].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: não podia.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>9</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: grande.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 396/385]

<sup>11</sup> «O medo não lhes entra»; ver adiante, [fol. 445] [fol. 398v/387v].

<sup>12</sup> Falta provavelmente o pronome pessoal. Leia-se: «veio sobre ele.»

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: eram.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 395/384].

<sup>3</sup> Ms. 11966 SOAS: e dali passou ao mosteiro Selalô aonde se não deteve por não achar sua gente que comer, a respeito da destruição que os gallas tinham feito. Ver glossário (gâla / galâ / galla / oromo).

<sup>4</sup> Este *itchegué* («superior») do convento de Debra Libanôs é referido por três vezes na tradução que o autor faz da *Crônica de Susnyôs*. (ver livro IV, cap. 16, fol. 441v; cap. 17, fol. 447; fol. 452).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: haviam.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: dos.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>8</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 488].

<sup>9</sup> Os tais «invejosos de mau conselho.»

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 395v/384v].

<sup>11</sup> Ms. 11966 SOAS: ~~escusa~~ achaque.

desceu dele e o matou para que o não levassem seus contrários; e ele passou nadando e, a alguns dos seus que não sabiam bem nadar, os ajudava, e assim passaram todos, e os que o seguiram se tornaram maravilhados de seu grande ânimo e fortaleza.

Passado o Rio Cacêm, foi para onde estavam os gâlas e, deixando ali sua gente, por estar cansada, tornou ele só com muitos gâlas, cinco dias depois da batalha<sup>1</sup>. E, chegando onde estava Abeitahûn Bêla Christôs, lhe deu batalha e pelejaram muito tempo sem se conhecer vitória de uma nem de outra parte e, ultimamente, se retirou Abeitahûn Bêla Christôs e entrou em sua fortaleza sem tornar a sair; pelo que o valoroso mancebo se tornou com os gâlas onde tinha deixado sua gente, e esteve com eles em Hangetâm, onde ~~chegou~~<sup>2</sup> veio a ter tão grande fome que chegaram os seus a comer cozidas as alparcas de couro que traziam calçadas, porque aquela terra estava despovoada. E, assim, se foi para [fol. 443] a terra de Guendbarât e, chegando a Çalalâ, achou ali dois homens, um gâla e outro do povo magt, que vinham a o rece<sup>3</sup>ber com presentes, o que Nosso Senhor ordenou porque os governadores do império sem razão nem justiça lhe davam tantos trabalhos, botando-o das terras de seu pai. E, chegando a Guendbarât, <sup>4</sup>mandou tanger seus atabales. E, ouvindo-o os gâlas daquela terra, vieram muitos de cavalo a ver quem era e, conhecendo-o, determinaram de lhe fazer traição, mas depois, por ter medo, deixaram seu conselho e o levaram à sua terra Oatê, onde o agasalharam bem e deram muitas vacas para o comer de sua gente; e, enquanto ali esteve, lhe fizeram muita honra. Depois passou à terra de Magt, e a gente dela lhe obedeceu e deu tudo o necessário, com ser terra<sup>5</sup> que nunca obedecia aos imperadores antigos<sup>6</sup>.

Passando da terra Magt à dos gafatês<sup>7</sup>, que chamam Abêdrâi, onde foi bem recebido e, por conselho de um gafatê da tribo de berababô, que se chamava Fecên, de quem acima falámos, passou com sua gente e muitos gâlas ao reino de Gojâm para dar na terra de Deguêm. E, chegando ao Rio Abaoî (scilicet «Nilo»)<sup>8</sup>, erraram o passo, por ser de noite, e levou a corrente trinta e quatro homens, e entre eles a um irmão de seu pai por nome Mamô, o que tiveram por mau agouro os gâlas. E, tendo passado o rio, não quiseram ir a Deguêm, sós nove gâlas e vinte amharês se aventuraram e, dando em Deguêm, mataram quarenta pessoas e tomaram mantimentos e algumas<sup>9</sup> vacas, e, na tornada, deram sobre eles os moradores da terra<sup>10</sup>, com muita gente de guerra, que ali tinha ficado. E, por serem muitos os contrários que vinham, disse Abeitahûn Suzniôs aos seus que passassem o rio, e ele ficou pelejando valorosamente. E, como viu que quase todos eram já passados, se lançou a nado, e os inimigos lhe atiravam com pedras e frechas, mas não lhe acertaram porque ia olhando para trás e, como via vir a frecha, se mergulhava e ia sair a outra parte; e, assim, passou com grande trabalho e perigo.

Depois que passou o rio, achou toda sua gente despida e sem armas nenhuma porque, com a pressa e medo que tiveram, deixaram tudo da outra banda, não curando mais que de salvar as vidas. Só ele e outros

dois tinham vestido, e os demais estavam nus. E, cortando paus, levavam nas mãos como zagunchos para mostrar que iam armados, e assim foram à terra de Zambêl. E os princ<sup>1</sup>pais daquela terra saíram a eles ao caminho, e o <sup>2</sup>sábio dos sábios Suzniôs os mandou prender. E, entrando em suas casas, [fol. 443v] fez que dessem de vestir a todos e armas bastantes, e, tendo descansado um pouco, foi a Gambô e Azôr, onde pelejou e tomou muito fato e vacas sem conto, com que todos ficaram abastados. Daqui foi e pelejou em algumas terras e, passando a Biçamô, achou no caminho uns gafatês que chamam esublô e, dando neles, tomou muitas vacas. E, chegando a Biçamô, destruiu toda aquela terra; e, tornando dela, chegou à serra Ancarêb e, com ser tão forte que ninguém a pôde nunca subir por força de armas, ele a subiu por achar as guardas descuidadas e cativou quantos nela estavam. E tomou muito grande riqueza e tornou com grande alegria e contentamento; e, ainda que no caminho achou gente sem conto de arco e frecha, pelejou fortemente e, sem perder nada da presa que levava, entrou a salvamento em sua casa<sup>3</sup>.

Passado o inverno, foi a Hadiâ pelejar com os mouros, e levava consigo muito fato e as vacas que primeiro tinha tomado. E saiu-lhe ao encontro o mouro Cidi com mil de cavalo e muitos de pé e, com trazer tanta gente, não quis pelejar com Abeitahûn Suzeniôs, antes se afastou até o Rio Oarî, mas o forte mancebo foi lá e deu batalha que foi muito travada e forte. Porém, ultimamente, levou a vitória o mouro e levou quanto Abeitahûn Suzeniôs trazia e, indo em fugida, o seguiram muitos mouros, mas ele tornava a eles como um leão e os fazia voltar, com o que sua gente se pôs em salvo, e entraram em Ebxô. Dali, foi para Meigâr porque o mouro veio a pelejar contra os gunagês e lhe pediram que os ajudasse. E, chegando ali, não lhe quiseram obedecer os de Nemôr senão lançar-se da banda do mouro. Então Abeitahûn Abraniôs disse com engano que ele faria que se sujeitassem os de Nemôr e deixassem ao mouro<sup>4</sup>, e levando consigo vinte cavaleiros, entre os quais ia Cambêz Senô, foi para Nemôr e, em lugar de fazer as pazes, mandou recado ao mouro que viesse, porque ele e seus companheiros o queriam servir. Ouvindo isto o mouro, veio e se juntou com ele <sup>5</sup>em Chetamô e descobriram-lhe os conselhos e segredos de Abeitahûn Suzniôs e os que daquela terra tinham prometido de entrar com ele, e o mouro prendeu aos que lhe nomearam e aos outros fez medo para que não se afastassem dele. E, por conselho destes vinte que folgaram mais com o mouro que com seu verdadeiro senhor, foi o mouro a Mugâr a dar sobre Abeitahûn Suzeniôs, e ele os recebeu no campo e pelejaram fortemente de uma e outra parte sem se conhecer nunca a vitória e, se não tiveram entrado com o mouro aqueles vinte cavaleiros e feito [fol. 444] prender os que haviam de ajudar a Abeitahûn Suzniôs, o mouro fora vencido. E, afastando-se uns e outros, já muito tarde assentaram perto seus arraiais e, por sete dias contínuos, tiveram fortes escaramuças, morrendo muitos de uma e outra parte.

Vendo Abeitahûn Suzniôs quão duvidosa era a vitória, determinou deixar aquela porfia e foi-se com sua gente para Ebxô, onde foi bem recebido. Mas, por não se fiar muito da gente daquela terra, passou dali

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 397/386].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 491].

<sup>3</sup> Ms. 11966 SOAS: Não descansou nella muito tempo; porque logo sabio, e deo em alguás terras; particularmente fez uma entrada em Gojam onde sua gente tomou fato e vacas sem conto; mas na volta lhe sairão ao caminho uns soldados que chamão Cenâr com muita gente, vindo os seus todos espalhados, e ocupados em levar as vacas, e ainda os poucos que estão com elle fugirão, e o deixarão sô com seu parente Abetahun Abraneôs, e este teve tão grande medo que lhe ficou a lingua como pegada ao pãdar, sem poder falar palavra, nem andar; mas o valeroso, e esforçado mancebo Susnios o animava, e elle sô arremetia aos inimigos, e os fazia virar, e depois tornava, e levava o companheiro pouco, e pouco desta maneira a remetendo, e tornando, o levou ate Abavy, e sua gente deixou toda apreza que trazia, e muitos de seus cavalos e mulas com medo de tam grande multidão de enemigos, e passando o rio forão à terra Guaguatâ, onde invernarão. Outro semelhante successo teve depois do inverno, indo a Hadeâ.

<sup>4</sup> A frase «Então Abeitahûn Abraniôs disse com engano que ele faria que se sujeitassem os de Nemôr e deixassem ao mouro», suprimida no Ms. 778 BPB, foi mantida no Ms. 11966 SOAS.

<sup>5</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 492].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: cinco dias.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: ~~chegou~~.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 396v/385v].

<sup>4</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 490].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: tão má.

<sup>6</sup> Ms. 11966 SOAS: De varios successos que teve andando alevantado. §§ 4.º.

<sup>7</sup> Anteriormente «gafâte.»

<sup>8</sup> Interpolação do autor.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: muitas.

<sup>10</sup> Ms. 11966 SOAS: e os desbaratarão, e forão seguindo ate chegar ao Abavy, onde estava seu Senhor.

a pouco ~~daquela terra~~ e assentou seu exército ao longo do Rio Corêb. E, estando aqui, mandou recado ao mouro Dama Christôs, que então era governador de Ôye, dizendo que ele prenderia a Abeitahûn Suzniôs e lho entregaria; mas, antes que acabasse de efectuar sua maldade, o soube Abeitahûn Suzniôs e o prendeu. Ouvindo os guraguês sua prisão, vieram com grande força de armas para o tirarem e, com serem muitos mais sem nenhuma comparação que os de Abeitahûn Suzniôs, não lho puderam tomar porque ele pelejou fortemente e se foi retirando com boa ordem, levando sempre o preso diante de si. E, vendo os contrários que não podiam sair com seu intento, se tornaram muito tristes. E ele se foi para o lugar de um gâla que primeiro era seu amigo, onde, por concerto, soltou a Dama Christôs, tomando-lhe cinquenta cavalos e trezentas vacas. E, por ter ali muita falta de mantimentos, passou para a Xâoa<sup>1</sup>, e dali a uma terra que chamam Azcâ, onde fez seu assento.

## CAPÍTULO XVII

EM QUE SE PROSEGUE A HISTÓRIA DO IMPERADOR SELTÂN ÇAGUÊD,  
E OS TRABALHOS QUE TEVE ATÉ SE COMEÇAR A INTRODUIZIR  
POR IMPERADOR<sup>2</sup>

3

**E**stando Abeitahûn Suzniôs na terra Azcâ, com muito trabalho e tão grande necessidade que chegou a não ter para a sustentação de sua pessoa mais que o leite de uma vaca que bebia pela manhã e à noite passava com [fol. 444v] frutas ou ervas do campo, veio a ele um seu parente por nome Melcâ Christôs e lhe <sup>4</sup> disse que fizesse amizade com Erâz Athanatêus, que governava o império, por ser pequeno o Imperador Iacob, e com Abeitahûn Bêla Christôs e os mais senhores do império e, tomando conselho com sua gente, respondeu que a faria, se lhe dessem as terras de seu pai e a Xâoa. E, ajuntando-se logo com Abeitahûn Bêla Christôs na terra de Darâ, ele lhe prometeu de acabar estas amizades com os governadores e que, se eles não lhe<sup>5</sup> quisessem dar o que lhe pedia, dali por diante o acompanharia e ajudaria em tudo. E, assim, foi logo para Gojâm, levando consigo um criado de Abeitahûn Suzniôs e falou a Erâz Athanatêus, e aos demais governadores<sup>6</sup> do império, e todos juraram de lhe darem o que pedia. Ouvindo isto Abeitahûn Za Denguîl, não lhe pareceu bem que lhe dessem a terra da Xâoa, e disse: «Porventura quereis fazer dois imperadores?» Por isto, Erâz Athanatêus desfez o concerto, e disse que nem lhe havia de dar a terra de Xâoa, nem as de seu pai; e os demais vieram em isto por arreçar que se alevantasse por imperador.

<sup>1</sup> Ms. 11966 SOAS: neste caminho encontrou muitos mercadores q vinhão de Zoâi, e tomou lhes todo o fato que trazião, sem lhes fazer mal em suas pessoas, e passando por junto a Debra Libanôs, fez seu assento em hũa terra q se chama Ascâ falta de todo o necessario.

<sup>2</sup> Ms. 11966 SOAS: COMO POR LHE NÃO DAREM A XAOA QUE PEDIA, CONTINUOU COM SEUS ASSALTOS §§ 5.º.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 398/387].

<sup>4</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 493].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: senhores.

Como Abeitahûn Suzniôs soube que os governadores não lhe queriam dar nada do que pedia, tomou muitos dos gâlas que chamam bartumâ e foi para o reino de Amharâ, e destruiu muitas terras, e o mesmo fez nas de Olacâ, e depois a Marrâbeitê. E, ali, veio para ele Farîz, com oitocentos homens de adarga, fingindo que o ia a acompanhar, com intenção de o prender, porque não tinha então consigo mais que<sup>1</sup> duzentos homens. E, depois que chegou, buscava tempo para fazer o que determinava<sup>2</sup>. Mas, entendendo Abeitahûn Suzniôs seu intento, deu de olho<sup>3</sup> aos seus para que o prendessem, o que eles fizeram com presteza; e, porque alguma de sua gente que estava presente não lhe<sup>4</sup> acudisse, levou ele de sua espada e se pôs em pé com determinação e mostra de<sup>5</sup> matar a qualquer que quisesse resistir e, assim, se saíram todos sem falar coisa alguma, e os criados de Abeitahûn Suzeniôs lhe tomaram as armas que traziam. Depois foi para a Xâoa, levando a Farîz consigo preso, e ali o deixou com boa guarda, e ele passou [fol. 445] para Manz, terra onde ele nasceu, e dali a pouco mandou a Iuliôs, seu capitão, por vice-rei de todas as terras de Ifât. E, entrando nelas, fez seu assento em Gafagâf, monte muito forte; e, estando ali, vieram os moradores da terra com os soldados que chamam afrô aiguebâ (que quer dizer «o medo não lhes entra»), e com muitos mouros de Cachenô, e os cercaram. Ouvindo Abeitahûn Suzniôs o perigo grande<sup>6</sup> em que estava Iuliôs, foi lá com sua gente, caminhando com muita pressa, e, chegando, os desbaratou, e matou muitos e destruiu todas aquelas terras. E, tornando com grande pressa, foi fazer seu assento em Çarmât, e invernou em Magâz, onde lhe nasceu um filho, a quem pôs nome Faciladâz<sup>7</sup>.

Depois do inverno, juntou muita gente de guerra e muitos gâlas que chamam burên, e foi ao reino de Nareâ e, saindo-lhe ao encontro com muita gente o vice-rei daquela terra, que se chamava Gumichô, tiveram muito fortes escaramuças três dias contínuos. E, o terceiro à noite, deu Abeitahûn Suzeniôs com os seus no arraial de Gumichô, e o matou a ele e a muita de sua gente e tomou grande presa. Mas, outro dia pela manhã, deu sobre ele a gente de Nareâ, e pelejou tão fortemente que o desbaratou e, matando-lhe muitos, lhe fez largar não somente o que a noite dantes tinha tomado, mas seiscentos cavalos dos seus. E, com este desbarate, se foi para as terras de uns gentios, que chamam guraguê, e, chegando a Nemôr, saiu contra ele muita gente de guerra e, dando batalha, o desbarataram e fugiram todos os seus, deixando-o a ele só com dois cavaleiros, Iuliôs e Azcâl, e, com estes, se foi retirando e acometendo aos que o seguiam com tão grande valor e esforço que matou alguns dos que com<sup>8</sup> muito se adiantaram<sup>10</sup> para lhe chegar. E, com o cercarem muitos daqueles gentios no caminho<sup>11</sup>, escapou de suas mãos e chegou onde se tinham recolhido os seus. E, descansando ali três dias, tornou para vingar o que lhe tinham feito os de Nemôr e, estan<sup>12</sup>do pelejando, caiu o cavalo com ele e ficou tão mal tratado do braço esquerdo, que, com o ajudarem, tornou a subir no cavalo com muito trabalho e se foi para uma banda da cava de Nemôr para ver se [fol. 445v] estava quebrado. Entretanto, sua gente entrou as portas de Nemôr e mataram e cativaram muitos. E, tornando-se eles para o arraial, ficou

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: desejava.

<sup>3</sup> Expressão idiomática que significa fazer sinal (previamente combinado, decerto).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 398v/387v].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: grande.

<sup>7</sup> Ver glossário (filhos de Susnēyos).

<sup>8</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 494].

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: adiantavam.

<sup>11</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: no caminho.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 399/388].

seu senhor na cava sem o verem, com sós dois cavaleiros, Çafalâm Cenô e Imanô, seu irmão, e estes, com muito risco de suas vidas, o livraram de seus inimigos e o<sup>1</sup> levaram a seu arraial. E, como se curou, foi com seu exército e assentou em Dêbra Libanôs.

Estando em esta terra, soube como os grandes do império prenderam ao Imperador Iacob, filho do Imperador Malâc Çaguêd, e deram o império a Abeitahûn Za Denguîl, filho de Abeitahûn Liçâna Christôs, tirando-o para isso da ilha do mar onde o tinham preso. A causa por que fizeram isto foi porque, sendo o Imperador Iacob pequeno, governaram os grandes seis anos e meio e, como chegou a ter bastante idade, quis tomar o governo, ao que os grandes repugnaram, desejando do eles<sup>2</sup> terem<sup>3</sup> mais tempo. E começaram a dizer que deixara a fê e quebrara<sup>4</sup> a cruz da igreja de Jesus e olhara o sebo da vaca<sup>5</sup>, como fazem os gâlas gentios, e outras coisas que não eram de homem. Com estas mentiras, amotinaram o povo e, prendendo-o, o mandaram com guarda ao reino de Nareâ, e levantaram por imperador a Abeitahûn Za Denguîl.

Como Za Denguîl tomou posse do império, foi logo pondo as coisas em ordem e modo que agradassem a Deus. E aborrecia a maldade e amava a verdade, guardava muito a justiça, e castigava com rigor os ladrões. Folgavam muito<sup>6</sup> com ele os pobres, os lavradores viviam com grande paz, e os mercadores o amavam e davam muitos agradecimentos. Mas Abeitahûn Bêla Christôs tinha muitas quebras com ele já havia muito tempo, <sup>7</sup>ao que se ajuntou querer o imperador prender a seu filho Cafelâ Mariâm, que era muito d'El-rei Iacob. Por isto, se foi Abeitahûn Bêla Christôs para Abeitahûn Suzniôs, dizendo que fugia à ira do Imperador Za Denguîl. E ele o recebeu em Amenôt com grande honra e amor, e lhe deu uma espada dourada. E, dali a pouco tempo, passaram ambos a Gojâm e tomaram muitos cavalos, mulas, vacas, e carneiros. E, com esta presa, tornaram a Olacâ<sup>8</sup>.

<sup>9</sup>Ouvindo o Imperador Za Denguîl o estrago que fizera [fol. 446] em Gojâm seu primo Abeitahûn Suzniôs, teve grande paixão e mandou lançar pregão que se juntassem logo todos os que podiam tomar armas e que quem ficasse perderia sua casa e fazenda; o que causou em todos grande medo, porque sabiam quão certa e firme era sua palavra em todas as coisas. E, assim, se ajuntaram tantos que cobriam os campos como gafanhotos, e com este tão grande exército passou à terra de Olacâ. E, tendo vista Abeitahûn Suzniôs, que estava em Darâ, daquela gente, entendeu que vinha sobre ele o Imperador Za Denguîl e fugiu de diante de seu rosto. Mas, como estava perto, foi após ele alguma gente do imperador e, passando ele uma descida comprida, deixou muitos dos seus em baixo em cilada, e foi caminhando devagar. E, como acabaram de descer os que o seguiam, saíram de súbito os que estavam escondidos e os mataram, sem escapar mais que dois homens. A este tempo, já chegava a demais gente do imperador à descida com muita pressa, mas, pela vontade divina, veio sobre eles tanta tempestade de pedra e<sup>10</sup> chuva que não os deixou descer. E onde estava

Abeitahûn Suzniôs não chegou coisa nenhuma e assim escapou com Abeitahûn Bêla Christôs e todos os seus, e se foi para a Xâoa e assentou em Enxâr. E o imperador se tornou para Gojâm mui pesaroso por os não poder alcançar.

Estando Abeitahûn Suzniôs em Enxâr, lhe mandaram dizer os principais do exército [d'el-rei]<sup>1</sup> do Imperador Za Denguîl que não se<sup>2</sup> o afastasse muito porque estavam determinados de se alevantar contra o imperador, porque lhe tinha tomado seus criados e aos vilões feitos soldados, o que manifestaram véspera da Assunção de Nossa Senhora de 1604 (pela conta de Etiópia é a 19 de Agosto)<sup>4</sup>. E, como passou o inverno, juntou o imperador a gente que pôde e deu batalha aos que se tinham revelado<sup>5</sup>, que tinham muita mais gente, e foi morto o imperador na batalha aos 14 de Outubro. Deus descansa sua alma em o reino dos Céus com os santos e mártires. Amen.

Depois que estes quebradores do juramento e excomunhão que tinham, mataram ao escolhido e mandado de Deus Za Denguîl, determinaram de não fazerem mais imperador, senão repartir entre si as terras, e estar cada um <sup>6</sup>em seu mando sem que o senhoreasse ninguém. Mas não puderam pôr em efeito sua determinação, por ter muito poder Abeitahûn Suzniôs. E assim se desuniram e afastaram uns dos outros.

Ouvindo Abeitahûn Suzniôs que aqueles grandes estavam [fol. 446v] divisos entre si e, vendo que se perdia o império de seus pais, saiu de Enxâr e foi a Amharâ, e entrou Ganêta Guiorguês. E, estando ali, veio a ele Farîz, que primeiro tinha escapado da prisão, e fez amizade. E, ainda que em tempo dos dois imperadores Iacob e Za Denguîl não pretendia o império, senão sós as terras de seu pai em Xâoa, como viu que aqueles príncipes maus tiraram o império a seus dois primos, determinou de<sup>7</sup> entrar ele. E, para isto, imbiou<sup>8</sup> a Abeitahûn Bêla Christôs, para que falasse com Erâz Athanatêus e com os demais governadores, e lhes persuadisse lhe entregassem o império com paz. E, chegando primeiro a Erâz Athanatêus, que estava em Gojâm, lhe deu o recado e muitas razões por onde convinha que lhe entregassem o império. Ele respondeu que tinha juramento com os demais governadores, que só não podia fazer nada, que, se os outros viessem em com<sup>9</sup> isto, ele também folgaria. Com isto, passou Abeitahûn Bêla Christôs a Gubâi, onde os outros estavam, e lhes disse ao que vinha, e o que respondera Erâz Athanatêus. Alguns disseram que era bem entregar-lhe o império, outros que não convinha, senão que o tornassem a dar a Iacob, filho do Imperador Malâc Çaguêd. Não diziam isto porque não folgassem com Abeitahûn Suzniôs, senão porque, se ele fosse imperador, havia de ficar Erâz Athanatêus muito alevantado, e os abaixaria e encontraria em suas coisas. Porque, depois que mataram ao Imperador Za Denguîl, não lhe quiseram dar o fato que tomaram na batalha, com saberem que era seu, que o imperador lhe<sup>10</sup> tinha tomado porque se juntara com eles e com os demais que se lhe<sup>11</sup> tinham revelado.

A isto, se acrescentou verem que Abeitahûn Suzniôs tinha muitos criados que o acompanharam em suas fomes e trabalhos, e assim, como fosse imperador, lhe haviam de pedir as terras que eles comiam e pretender

1 Omisso no Ms. 778 BPB: o.

2 Ms. 778 BPB: de.

3 Ms. 778 BPB: eles.

4 Ms. 778 BPB: quebrava.

5 Isto é, que praticava rituais divinatórios oromo, incensando gordura de vaca.

6 Omisso no Ms. 778 BPB: muito.

7 Ms. 11966 SQAS: [fol. 495].

8 Ms. 11966 SQAS: Como morto o Imperador Za Danguil começou aspirar ao imperio, e foi de muitos admitido, e nomeado por emperador §§ 6.º.

9 Ms. 778 BPB: [fol. 399v/388v].

10 Ms. 778 BPB: grande.

1 Omisso no Ms. 778 BPB: [d'el-rei].

2 Ms. 778 BPB: não.

3 Ms. 778 BPB: [fol. 496].

4 Interpolação do autor.

5 Rebelado. As duas lições são admitidas.

6 Ms. 778 BPB: [fol. 400/389]

7 Omisso no Ms. 778 BPB: de.

8 Ms. 778 BPB: ~~determinou~~ enviou.

9 Omisso no Ms. 778 BPB: em com.

10 Lhes.

11 Omisso no Ms. 778 BPB: lhe.

os mandos que tinham. Por isto, se resolveram em não lhe<sup>1</sup> dar o império, senão tornar a trazer ao Imperador Iacob, que primeiro tinham enviado preso a Nareâ, e enganaram a Abeitahûn Bêla Christôs, prometendo de lhe dar o mando de Amharâ e Gojâm, com outras honras. E, assim, se esqueceu da palavra e jura<sup>2</sup>mento que tinha com Abeitahûn Suzniôs e, ficando com eles, lhe escreveu que não lhe queriam entregar o império, antes se tinham juramentado de não o darem senão a seu senhor o imperador<sup>4</sup> Iacob.

Como chegou este recado a Abeitahûn Suzniôs, mandou a Cembûl Cerçô que dissesse a Erâz Athanatêus, que estava em [fol. 447] Gojâm, que ele ia lá, que se aparelhasse para o receber porque o império de seu pai estava perdido e a ele lhe convinha levantá-lo. Respondeu Erâz Athanatêus como primeiro, que se os demais governadores quisessem dar-lhe o império, que ele também o faria, mas que, só, não podia porque tinham entre si juramento e excomunhão para não fazerem nada uns sem outros. Mas tornou Abeitahûn Suzniôs mandar recado que a coisa do império ficasse para depois, que logo ia a se juntar com ele, que o recebesse. E, assim, veio com sua gente a Gojâm e, no caminho, achou quatrocentos gâlas dos de Libên, que vinham dar em Gojâm e, como o conheceram, se lhe sujeitaram e foram com ele. E, passando o Rio Abaoi, chegou à terra Nebeçê, onde o recebeu Erâz Athanatêus. E estiveram ali, em Mertulâ Mariâm, dois dias, e logo passaram a Harezma. E, estando com ele muita gente de guerra, o alevantaram por imperador Erâz Athanatêus e Oizarô Oalâta Guiorguês, sua mulher, com todos os príncipes do reino de Gojâm e os soldados que chamam Guiorguês Haile e Cenâm e Damâ e Arbâb. E fizeram grande festa naquele dia, que era terça-feira 135 de Dezembro do nascimento de Cristo de 1597 anos (conforme a conta de Etiópia, e da dos Romanos 1604)<sup>6</sup>. E chamaram-no Malâc Çaguêd, mas depois, por haver muitos imperadores deste nome, se intitulou Seltân Çaguêd. E Erâz Athanatêus lhe deu a coroa de ouro com vestidos reais e tenda que pertence a só o imperador, e lhe presenteou o melhor cavalo que havia entre todos.

Acabado isto, escreveu o Imperador Seltân Çaguêd a Za Celaçê e aos demais governadores e a todos os grandes, dizendo: «Eis aqui me deu Deus o império de meus pais, e me pôs em sua cadeira etc.» E, chegando esta carta, todos tiveram grande medo e determinaram de enviar ao icheguê<sup>7</sup>, abade de Debrâ Libanôs, e a Abba Amd Haimanôt, para que lhes fizesse amizade com ele e concertassem todas as coisas. E escreveram uma carta em<sup>8</sup> que diziam que os esperasse até o mês de Junho e que, se em este tempo não soubessem de seu senhor o Imperador Iacob, que a ninguém dariam o império senão a ele. Mas, secretamente, mandou dizer Za Celaçê que jurasse de lhe não fazer mal e faria amizade. Com esta carta foram a Icheguê Abba Abraham, superior de Dêbra Libanôs, e Abba Amd Haimanôt<sup>9</sup> e, indo caminho de Begmêder, os achou Erâz Oald Christôs e fez ficar ao icheguê, [fol. 447v] dizendo que, se o imperador o tivesse consigo, não haviam de alcançar o que desejavam nem lhes havia de dar o tempo que pediam. E, assim, passou só Abba Amd Haimanôt e, chegando ao imperador, lhe deu a carta e o recado que levava. Ele, com conselho, tornou a escrever desta maneira: «Vós outros me dizeis que espere até Junho, e que deixe a coroa do império,<sup>10</sup> se vier Iacob, meu primo.

Não, digo eu, se ele vier, mas se o Imperador Malâc Çaguêd, que foi maior que todos, ressuscitara agora dos mortos, não havia de deixar o mando que Deus me deu, nem tirar a coroa que me pôs na cabeça.»

Com esta carta enviou o imperador a Çafalâm Cenô, homem diligente e desejoso de contentar a seu senhor, e a Abba Za Malacôt, de Debrâ Libanôs, e, chegando onde estava Za Celaçê e os grandes, lhes deram a carta; mas não a receberam bem, antes os mandaram prender, e a Çafalâm Cenô degradaram para Cemên. Porém, Deus Nosso Senhor os livrou, escapando da prisão, e tornaram a seu senhor. Sabendo o imperador quão mal receberam sua carta e o agravo que fizeram aos que a levavam, teve muita paixão, e determinava de mandar gente de guerra a Begmêder com ordem que, se não quisessem obedecer os daquele reino, os destruíssem; mas não teve efeito, porque adoeceu o imperador gravemente dos olhos, permitindo-o Deus assim, por que se não ensobrecesse com tão grande honra e poder como tinha achado. Estando ali, lhe trouxeram dois homens a bandeira imperial que tomaram de noite do arraial de Za Celaçê, com o que todos se alegraram muito.

Em o meio da quaresma, tendo já saúde, partiu daquela terra e foi ao Rio Abaoi, para ver o arraial dos governadores que estavam da outra banda do rio na terra<sup>1</sup> Oerêb. E, vendo que a gente de cavalo era muita, determinou de não lhes deixar passar o rio, e mandou a dêye azmâch com gente para que guardasse outro passo; mas, antes que chegasse, passou Erâz Oald Christôs com a gente de Begmêder e lhe fez tornar até chegar ao imperador. E, chegando perto Erâz Oald Christôs, conheceu como estava ali o imperador e não se atreveu a passar adiante. Quiseram então os do imperador pelear, mas mandou-lhes que o não fizessem, que não era bem matar gente cristã e derramar seu sangue debalde, que os deixassem, que, como não tinham imperador, eles se espalhariam. E, assim, se foi para a terra que chamam Caxîn, onde esteve oito dias, e Za Celaçê e os demais governadores o foram seguindo com muita gente, ainda [fol. 448] que, ao passar o Rio Abaoi, se lhes afogou muita e perderam muitas armas.

Sabendo o imperador como todos tinham passado o rio, se foi para a terra Gambotâ, onde teve a Páscoa da Ressurreição; e, deixando ali a Erâz Athanatêus, ele se foi para Amharâ e fez seu assento na terra que chamam Faretâ. E, como Za Celaçê e os demais souberam isto, foram a Gambotâ a pelear com Erâz Athanatêus; mas, antes que chegassem, se foi ele para Xebêl e dali passou à terra que chamam Manguêsta Çamayât, e Za Celaçê foi com seu exército a Debrâ Orc e ali fez seu assento por alguns dias<sup>2</sup>.

Vendo Za Celaçê e os demais do exército que em tanto tempo não tinham novas nenhuma do Imperador Jacob<sup>3</sup>, determinaram de aceitar por imperador a Seltân Çaguêd, e assim lhe escreveram que viesse logo, que dali por diante o queriam ter por senhor e obedecer a seu poder. Vendo o imperador esta carta, mandou a Acamaêl e a um frade, e lhes escreveu que, se determinavam firmemente de o aceitar por imperador, se excomungassem com aquele frade para cumprir o que prometiam e então ele iria. E, ~~disse~~ vendo eles esta carta, se excomungaram na forma que dizia e, tornando Acamaêl e o frade, disseram ao imperador como todos com grande conformidade prometeram de o aceitar por tal e que sobre isso lhes pusera excomunhão o frade; pelo que o imperador levantou logo de Amharâ com grande exército, e veio caminho de Begmêder; e Za Celaçê, com os demais que estavam em Dêbra Orc, veio para Darâ. E mandaram a Abeitahûn Bêla Christôs que dissesse a Seltân Çaguêd: «Senhor, não temos outro imperador<sup>4</sup> senão a vós. <sup>5</sup>Juntai-vos com Erâz Oald Chris-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>2</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 497].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 400v/389v].

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o emperador.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: g.

<sup>6</sup> Interpolação do autor.

<sup>7</sup> Ver glossário (icheguê / icheguê / ecãge).

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 401/390].

<sup>9</sup> Ms. 11966 SOAS: Abba Amd Michael.

<sup>10</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 498].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 401v/390v].

<sup>2</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 499] Como todos os governadores o aceitarão por emperador; mas logo, vindo Iacobo, se forão para elle, e deixarão a Susnios §§ 7.º.

<sup>3</sup> Ms. 11966 SOAS: ~~nenhuma~~ d'el Rey.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: capitão.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 402/391].

tôs, que está no caminho.» Depois se juntaram com a imperatriz Malâc Mogoçâ e foram à terra Udô, e ali fez Za Celaçê juntar os grandes e os soldados e o demais povo por suas famílias, e lhes disse: «Bem vêdes que não podemos estar sem imperador. Juntai-vos todos cada um com sua família e tomai conselho se daremos o império a Seltân Çaguêd, filho de nossos senhores os imperadores passados, ou traremos algum dos que de antigamente estão em Guixêm Ambâ. Mas este como nos há-de governar que nem ele nos conhece, nem nós o conhecemos, nem ainda sabemos quem é seu pai? Estes dois caminhos vos mostro: vêde qual será melhor, se tirar dos que estão em Ambâ, ou dar o império a Seltân Çaguêd, que descende de nosso senhor o Imperador Malâc Çaguêd.»

Acabando Za Celaçê de lhes fazer esta prática, se [fol. 448v] afastaram os governadores do império a uma parte, as<sup>1</sup> parentes dos imperadores a outra, e os soldados e os demais do povo conforme a<sup>2</sup> suas famílias, e tomaram conselho sobre o que seria melhor fazer. E, depois, todos por uma boca e como de um coração responderam que melhor era dar o império a Seltân Çaguêd que tirar da Ambâ a quem não conheciam nem sabiam cujo filho era. E assim, de comum consentimento, enviaram a Azâx Minacê, a Azâx Cetô, a Azâx Mariam Cinquê, a Azâx Zoguê, a Azax Merdîn, Zeerô, e Gojâm Nagâx Caflô, e um dos doutores, Abba Marcâ e, com estes, muitos <sup>3</sup>soldados de espingarda, para que dessem juramento ao imperador que não quebrantasse os foros do Imperador Malâc Çaguêd nem tomasse as terras que tinha a imperatriz, nem as de suas parentas. E, chegando eles ao imperador, que estava em Begmêder com Erâz Oald Christôs e Abeitahûn Bêla Christôs, se alegrou muito e concedeu quanto lhe pediam, mas disse-lhes que jurassem e aceitassem que cinco frades lhes pusessem excomunhão para não buscarem outro imperador, senão morrerem com ele, e que, ainda que o Imperador Iacob viesse, não haviam de ser seus criados, nem lhe haviam de obedecer. E assim o juraram e se excomungaram.

Tendo já acabadas estas coisas, chegou uma carta de Za Celaçê<sup>4</sup>, dos demais<sup>5</sup> governadores para Erâz Oald Christôs e os azaguens que tinham ido com recado em que diziam: «Não entreis com Seltân Çaguêd, porque já veio o Imperador Iacob e nós o imos<sup>6</sup> receber. <sup>7</sup>Vós outros também vinde com muita pressa.» Vendo esta carta, Erâz Oald Christôs respondeu: «Uma vez me dizem que entre, outra que saia. Daqui por diante não quero estar com eles. Não posso largar a meu senhor Seltân Çaguêd.» Sucedeu aquele dia chover muito e cair muita pedra no arraial do imperador, com o que os azages que vieram com o recado tiveram tempo para se irem sem serem vistos. Só ficou Azâx Minaçê e Abba Marcâ. Sabendo o Imperador Seltân Çaguêd o que passava, não teve paixão do recado que mandaram aqueles que comiam os juramentos como pão e bebiam as excomunhões como vinho. Mas, pondo toda sua confiança em Deus, mandou alevantar seu exército. E, postos todos em ordem de guerra, foi para o arraial de Erâz Oald Christôs, que estava afastado, e assentou perto e logo veio a ele Erâz Oald Christôs com pouca gente e o imperador o recebeu com alegria e fez muita festa.

[fol. 449] O seguinte dia, despediu o imperador a Abba Marcâ em paz, dando-lhe dons<sup>8</sup>, e fez ficar com honra a Azâx Minaçê. E, levantando logo seu exército, foi à terra Cenyânâ, onde chamou a Erâz Oald Christôs e Abeitahûn Bêla Christôs, a Caflô, a Dama Christôs, a Azmach Amade Damôt, e disse-lhes: «Eis, aqui veio Iacob. Tomemos conselho sobre o que havemos de fazer.» Responderam eles: «Se for certo que o Im-

perador Iacob vem, há-nos de desbaratar e não há-de deixar nem aos moços de nossos cavalos.» Entendendo o imperador que seus corações não estavam firmes, senão que se haviam de passar ao Imperador Iacob, os mandou prender e tomar todos seus cavalos e mulas. E, levantando dali, se foi para Amharâ, levando-os consigo. E, chegando, mandou prender Fariz e a Memanô por suas maldades, e passou com eles à terra que chamam Maquedelâ, onde invernou. E o Imperador Iacob foi após ele até à terra Cemadâ e, não o achando, se tornou à sua corte de Cogâ, onde invernou<sup>1</sup>.

Estando o Imperador Iacob o inverno em Cogâ, lhe deram de conselho os seus que tratasse de concerto e amizade com o Imperador Seltân Çaguêd, porque tinha muita força e não havia de poder com ele; que mandasse a Ite Hamelmâl, mãe de Seltân Çaguêd, para que acabasse as pazes e concertos com seu filho<sup>2</sup> em esta forma, que lhe daria Amharâ, Olacâ e Xâoa, e as <sup>3</sup>terras de seu pai, e que dali por diante não pretendesse mais o império. E, parecendo-lhe isto bem ao Imperador Iacob, falou com a Ite Hamelmâl, que então estava em sua corte, e lhe disse que fosse logo e acabasse estes concertos com seu filho, para que ficassem em paz. Ela aceitou a ida, ainda que era inverno, e teve muito trabalho no caminho, por haver muita lama e as ribeiras estarem cheias. Mas, com isto, escapou das mãos daqueles maus conselheiros do Imperador Iacob e, chegando a seu filho, lhe disse tudo o que lhe mandara o Imperador Iacob. Ao que respondeu que o império não lhe tinham dado os homens, senão Deus, que não o podia deixar. E mais, que fora muito grande vergonha<sup>4</sup> e cobardia tirar da cabeça voluntariamente e sem peleja a coroa imperial que Deus lhe pusera, que de nenhuma maneira o havia de fazer. E isto mesmo lhe aconselharam todos os seus de coração, pelo que sua mãe ficou com ele, sem tornar com resposta.

Acabado o inverno, foi o Imperador Seltân Çaguêd para [fol. 449v] Ambâ Daîr e, estando ali, soube como Farîz dizia que se havia de ir para o Imperador Iacob, e mandou-o matar, e depois passou a Amharâ e assentou em uma terra que chamam Uxatêrz, com muitos gâlas que se lhe ajuntaram no caminho, a quem recebeu com festa, mas não como homem descuidado, senão muito bem apercebido, porque não era bem fiar-se muito deles. E, estando ali, chegou o Imperador Iacob pelo caminho de Begmêder e assentou muito perto. E, vendo ele a multidão grande de gente que trazia o Imperador Iacob, determinou de se ir à terra de Giglâ e disse a Erâz Emâna Christôs que não o deixasse, senão que fosse com ele e<sup>5</sup> o ajudasse contra o Imperador Iacob. E respondeu que não podia, que não queria perder suas terras pelo acompanhar a ele. O imperador insistiu até lhe chegar a beijar a mão e tomar o pé, dizendo: «Não me deixeis, meu irmão. Se vos ides, quem me há-de acompanhar?» Mas nem com isto pôde acabar nada com ele, e assim se foi, levando consigo toda sua gente. E, ao terceiro<sup>6</sup> dia, encontrou com Za Celaçê que vinha com a gente de Gojâm, para se ajuntar com o Imperador Iacob. E pelejaram, e foi desbaratado Erâz Emâna Christôs e escapou ele só com alguns criados, perdendo quantos cavalos e mulas levava.

Sabendo o Imperador Seltân Çaguêd o que lhe sucedera a Erâz Emâna<sup>7</sup> Christôs, seu irmão, e que Za Celaçê vinha com muita gente, tomou parte da sua e foi a o esperar no caminho, antes que se ajuntasse com o Imperador Iacob e pusesse em cilada com os seus em um lugar baixo que se chama Mentadefêr. Vinha Za Celaçê com grande soberba, dizendo que ninguém se havia de atrever a estar em pé diante dele. E, chegando

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: as.

<sup>3</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 500].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: mais.

<sup>6</sup> Vamos.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 402v/391v].

<sup>8</sup> Dádivas.

<sup>1</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 501] Como desbaratou a Za Salasê e a Cafluade. Grafia de leitura difícil.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: para que ficassem em paz; ~~Ela acciton a ida.~~

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 403/392].

<sup>4</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: vergonha.

<sup>5</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: fosse com ele e.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: outro. Ms. 11966 SOAS: [fol. 502].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 403v/392v].



perto de onde o imperador estava emboscado, saiu com sua gente, e deu na de Za Celaçê com tão grande fúria, que em pouco espaço os desbaratou, matando muitos e cativando outros, e Za Celaçê escapou com poucos de cavalo. E os demais, vendo que não podiam fugir, se vieram a entregar<sup>1</sup> e o imperador lhes<sup>2</sup> deu licença para que se tornassem a<sup>3</sup> suas casas, e ele também se foi levando muito fâto que tomara na batalha. Isto foi a 15 de Fevereiro<sup>4</sup>.

Depois que Za Celaçê fugiu, foi onde estava o Imperador Iacob e não o recebeu bem por ser vencido, o que não aprovaram muitos do arraial, e murmuravam; e, assim, ficaram algum tanto desunidos e todos com grande medo. Passou [fol. 450] logo o Imperador Iacob à terra Çamadâ, perdendo muito fâto das terras de Begmêder, e o Imperador Seltân Çaguêd foi a Acararêm, arraial de Erâz Oald Christôs, e tomou duas bombardas e, dali, passou à terra Chechebô. Ouvindo isto o Imperador Iacob, o seguiu com muita pressa e, chegando à vista, sentou seu exército no campo. E o Imperador Seltân Çaguêd estava em lugar mais alto, e Domingo de Ramos deram batalha. E morreram muitos dos do Imperador Iacob. E ~~de~~ Deye Azmâch Cafluhâd, que então era vice-rei de Tigrê, por se adiantar com sua gente, perdeu muita, e ele escapou com grande trabalho. O seguinte dia, queria o Imperador Seltân Çaguêd tornar a pelejar, porque conhecia o medo grande que tinham os do Imperador Iacob, mas, entendendo que também os seus receavam a multidão dos cavalos do Imperador Iacob, alevantou terça-feira e foi para Begmêder. E, assentando em um lugar forte, lhe chegaram muitos gâlas, dizendo que lhe vinham a ajudar, e que tinham a vitória certa porque no fumo da feitiçaria, que fazem com gordura de vaca, viram os ferros de seus zagunchos cheios de sangue, e que os lavavam no Mar de Dambiâ. Viu também o imperador que com aquela ajuda tinha certa a vitória, mas disse em seu coração: «Depois que eu vencer ao Imperador Iacob, hão-de<sup>5</sup> dar estes sobre mim e me hão-de matar, e ficar senhores das terras.» Pelo que, agradecendo-lhes muito sua vinda, lhes disse que não era tempo de pelejar com o Imperador Iacob, porque tinha cavalos e gente sem conto; que se fossem a suas casas que, como se lhe espalhasse a gente, tornariam e fariam facilmente<sup>6</sup> o que desejavam. E assim se foram os gâlas.

O Imperador Iacob ficou perto donde tinha pelejado e, sexta-feira de Endoenças, mandou matar a Delô, filho de Azâx Babô, e a Za Mariâm, filho de Azmach Harbô, e a Za Mansfâz Quedûz, filho de Azmâch Bahâr Çaguêd, e outros quatro sem nenhuma culpa, por falsa informação; do que todos os do arraial tiveram muita paixão. E, como passou a Páscoa, se foi para sua corte de Cogâ, onde esteve o inverno, sem se saber dar a conselho, porque, se ia para Amharâ, não achava o que pretendia e, se tornava a Begmêder, via a perdição da terra. Pelo que ele e os de sua corte passaram o inverno com grande tristeza e tribulação.

## CAPÍTULO XVIII

### EM QUE SE PROSSEGUE A HISTÓRIA DO IMPERADOR SELTÂN ÇAGUÊD E SE DECLARA COMO FICOU SENHOR ABSOLUTO DO IMPÉRIO<sup>1</sup>

[fol. 450v]

**E**nquanto o Imperador Iacob estava em Cogâ, mandou Za Celaçê de Gojâm, onde era vice-rei, recado ao Imperador Seltân Çaguêd, que estava em Bahâr Quedâ, que queria fazer amizade com ele e aceitá-lo por imperador, com o que ele folgou muito, e acabaram as coisas das amizades com grandes juramentos. E, depois, veio o imperador a Gojâm, e juntou com Za Celaçê na terra<sup>2</sup> Cedêi; o que sabendo o Imperador Jacob<sup>3</sup>, foi lá com grosso exército e, passando o Rio Abaoi, (scilicet «Nilo»)<sup>4</sup>, assentou em Çacâ<sup>5</sup>, e o Imperador Seltân Çaguêd veio à terra Colisâ, e esteve ali uma semana<sup>6</sup>. Entretanto, chegou o Imperador Iacob e assentou em Çalalô, e estiveram à vista um do outro. Mas passou logo o Imperador Iacob a Emçaguedên, onde queimou muitas casas de damotes, porque tinham entrado com o Imperador Seltân Çaguêd, e queria passar o Rio Abeâ, mas não lhe deixaram os seus, dizendo que, se passassem, haviam de ir por caminho muito baixo e Seltân Çaguêd lhes ficava no alto e, se dava sobre eles, os desbarataria. Por isto não passaram, mas<sup>7</sup> escolheram outro caminho pior, e chegou ao Rio Ber. E, dali, mandaram os principais do exército uma carta ao Imperador Seltân Çaguêd, que vinha por terra alta e fria, que dizia desta maneira:

«Não vos pareça que haveis de reinar, nem vos havemos de obedecer nunca, porque, quando não achássemos filho do Imperador Malâc Çaguêd, antes daremos o império à sua filha que a vós, ou tiraremos algum dos de Israel, que estão na ambâ. E, se chegarmos a pelejar, certo é que nós hemos<sup>8</sup> de vencer. E se vos parece outra coisa, escolhei bom lugar, e estai nele firme. Não fujais como fazeis sempre. Porventura nós não vencemos a Facil<sup>9</sup> e tomámos seu fâto? Nós não vencemos a Azê e a El-rei Mohamêd e o matámos, destruindo seu exército e tomando quanto tinha? Não vencemos os gâlas abetê e os matámos, sem que nos escapasse nenhum? Nós não vencemos a Azmâch Isaac e ao baxá dos turcos e os matámos? Nós não entrámos por força de armas a fortaleza de Radeêt e Calêf, e a de Guxîn?» E assim foram contando tudo que fizeram em tempo do Imperador Malâc Çaguêd até o Imperador Iacob, e acrescentaram: «Fazendo nós todas estas coisas, podeis vós estar diante de nós? E se, com tudo isso, vos parece que podeis pelejar, esperai-nos um pouco. Não fujais, que logo chegaremos.»

Com esta soberba escreveram aqueles, sem se lembrarem do poder de Deus, que abaixa os soberbos e levanta os humildes. E, como o Imperador Seltân Çaguêd viu esta carta, respondeu: «Se eu vos rogara que me dêreis o império e não vos parecera bem, poderéis escrever que antes o dareis à filha do [fol. 451] imperador; ou tirareis outro de ambâ. Mas eu não vos pedi que mo dêsseis. O Criador dos Céus e da Terra o príncipe de todas<sup>10</sup> as criaturas teve por bem de mo dar. Vós outros não sois homens como eu? Que poder tendes para dar ou

<sup>1</sup> Ms. 11966 SOAS: COMO SELTÂN SAGUED VENCEO EM BATALHA, E MATOU AO EMPERADOR IACOBO, E FICOU EM POSSE PACÍFICA DO IMPERIO §§ 9.º.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>3</sup> Ms. 11966 SOAS: e assentando em Selalô.

<sup>4</sup> Interpolação do autor.

<sup>5</sup> Ms. 11966 SOAS: ~~mas passou logo el Rey Iacobo a en.~~

<sup>6</sup> Ms. 11966 SOAS: e estiveram à vista um do outro; mas passou logo o Imperador Iacob a Emzeguedên.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 404v/393v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: havemos.

<sup>9</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 504].

<sup>10</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de todas. No Ms. 778 BPB: das.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: ao imperador.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: ele lhe.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: para.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: 1510.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 404/393].

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: facilmente. No Ms. 11966 SOAS: [fol. 503].

tinhar o império? Ao que dizeis que escolha lugar para pelejar, que não fuja como sempre: depois que Deus me fez imperador até hoje, quando temi, em Ogedâ ou em Chechêh? Meu temor sabe o homem que tem entendimento e coração. Quanto ao que dizeis, que sempre tivestes vitória e que não houve exército que não desbaratasseis, do Imperador Malâc Çaguêd<sup>1</sup> até hoje, quem daqueles fortes que pelejaram em tempo de Facil, e Azê, e Mahamêd, e Isaac, está agora mais que Dargôt<sup>2</sup> e Bernabês? Dos outros, alguns são já muito velhos, cansados, que não aproveitam para a guerra, e os outros são mortos. Porventura com velhos cansados, e com os mortos me quereis fazer medo? Eu nenhum tenho. Acerca do que dizeis, que escolha lugar bom para pelejar, Deus em quem<sup>3</sup> tenho posta toda a minha esperança, e em cuja mão está a vitória, a morte e a<sup>4</sup> vida, escolha aquele que mais tiver por bem.»

Chegando esta carta às mãos de Azâx Macabô, que não sabia da que os outros tinham escrito, se agastou muito com eles e lhes disse: «Eis aqui. Sua carta venceu a vossa, e assim ele também nos há-de vencer.» Dali a pouco, alevantou o Imperador Iacob e foi marchando pelo campo, e o Imperador Seltân Çaguêd por lugar alto, até chegarem a Dêbra Zêit, onde estiveram um à vista do outro. E depois passou o Imperador Iacob adiante e assentou ao longo da ribeira Jebêit. E o Imperador Seltân Çaguêd ia sempre pelo alto. E um sábado, 10<sup>5</sup> de Março, pela manhã, quis escolher bom sítio para seu arraial, sem propósito de pelejar aquele dia, porque não o determinava de fazer, senão quando chegasse à terra Chegâr, no lugar que chamam Beitâ Abât. Mas, vendo os do Imperador Iacob que se alevantava, pareceu-lhes que queria fugir, e assim determinaram de dar logo batalha sem esperar mais, tendo por muito certa a vitória, porque os do Imperador Seltân Çaguêd eram muito poucos e eles tantos que cobriam os campos. E, assim, disseram ao imperador: «Senhor, até quando havemos de andar desta maneira? Dêmos logo nele, antes que nos fuja, que para trinta dos nossos não chega um [fol. 451v] dos seus.» Pareceu-lhe isto bem ao Imperador Iacob, e mandou pôr em ordem sua gente. E, vendo o Imperador Seltân Çaguêd sua determinação, desceu um pouco de onde estava e ordenou seus esquadrões. E, começando a pelejar, dispararam muitas espingardas os turcos que estavam com o Imperador Iacob e não mataram mais que um homem. Arremeteu logo o Imperador Seltân Çaguêd com os seus, indo ele na dianteira com tão grande fúria que, em pouco espaço, fez virar aos do Imperador Iacob, e caíam diante de seu rosto como as folhas secas<sup>7</sup> da figueira que derruba o vento, e como os gafanhotos que caem no mar. E o Imperador Iacob também caiu como um de seus soldados, cumprindo-se nele o que disse David: «Vós outros, como homens, morrereis, e assim, como um dos príncipes, caíreis.» Também foi ali morto o Abuna Petrôs, porque estava com o Imperador Iacob, e o que o matou não o conheceu, pareceu-lhe que era turco.

Sabendo o Imperador Seltân Çaguêd que o Imperador Iacob era morto, mandou logo tocar a recolher, por perdoar a multidão que ia fugindo. Mas, com tudo isso, morreram muitos, e alguns dos que fugiam<sup>9</sup>, que se meteram debaixo de uma árvore, os matou um corisco que caiu do céu. E outros, com chegar a noite, fugiam sem ninguém os seguir, e caíam pelas rochas abaixo e se faziam em pedaços. E, ao pé de uma, dizem que se acharam depois mortos seiscentos cavaleiros, de maneira que muitos mais foram os que morreram pelas rochas que os que mataram à espada. Erâz Athanatêus, que estava com o Imperador Iacob, escapou e foi a entrar no mosteiro de

Dimâ, e tomou por valedores aos frades. E, depois, Erâz Cêla Christôs o levou a seu irmão, o Imperador Seltân Çaguêd, e fez que lhe perdoasse, e perdoou também a todos os que escaparam da batalha; o que foi muito louvado, porque, se vencera o Imperador Iacob, não houvera de dar vida a ninguém. Graças a Deus que venceu o Imperador Seltân Çaguêd, fazendo o Senhor com ele tão grande misericórdia que não lhe morreram mais que três homens e lhe ficaram riquezas sem conto<sup>1</sup>.

Como o imperador alcançou esta vitória, assentou seu arraial no campo chão e a festejou dois ou três dias, e depois foi a Budâ e endireitou seu caminho para Cogâ, onde o Imperador Iacob tinha sua corte. E, passando o Rio Abaoi, foi a Udô, onde esteve Domingo de Ramos, e, segunda-feira, partiu e foi por Docomâ, Ohâ, e Caroda até [fol. 452] chegar a Gubâe, corte que foi do Imperador Malâc Çaguêd. E, assentando ali, vieram muitos frades e sacerdotes revestidos com cruzeiros e turibulos, cantando, e lhe deram bênção como é costume. Ele também lho agradeceu, recebeu e despediu com muita honra, mas não descansou ali muito. Logo tornou a cavalgar e foi visitar a Imperatriz Malâc Mogoçâ, que estava muito doente na terra de Tacarâ, e ela o recebeu com muita alegria e lhe deu sua bênção e bons conselhos. E, com isto, se tornou a Gubâe, onde tinha seu exército.

Foi sua entrada em Gubâe quarenta e cinco anos depois que venceu ali o Imperador Adamâs Çaguêd a Abeitahûn Tascaro, filho de Abeitahûn Iacob, irmão de seu pai Abeitahûn Faciladâz, porque se alevantou por imperador com conselho de Azmâch Isaac e Xum Caflô, e Abeitahûn Ioan<sup>2</sup>nes, filho de Oizarô Româna Orc, e outros muitos príncipes, e, depois que o venceu e prendeu, o mandou à terra Borâ e ali o mataram, de que houve grande murmuração entre os príncipes e grandes, dizendo que, se o matara na guerra não fora nada, mas, depois de o desterrar e ter preso, não era razão matá-lo. E, por isto, se afastaram muitos dos grandes da corte do Imperador Adamâs Çaguêd e não tornaram até depois de sua morte.

Quinta-feira de Endoenças, alevantou o Imperador Seltân Çaguêd de Gubâe, e entrou com todos os seus em Cogâ, corte do Imperador Iacob. E logo, sexta-feira, em amanhecendo, foi à igreja e, chegando perto do altar, se confessou de todos seus pecados, começando de sua meninice, com Abba Abraham, superior dos frades de Dêbra Libanôs. E recebeu com grande humildade a penitência que lhe deu, e tornou a seu paço. E sábado, pela manhã, sabendo que a imperatriz estava muito apertada da doença, a foi a<sup>3</sup> visitar e tornou logo. E Domingo da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, e segunda-feira, se fizeram grandes festas, e o imperador deu muitos dons, assim aos eclesiásticos como aos seculares. Mas, terça-feira, descansou a imperatriz Malâc Mogoçâ dos trabalhos<sup>4</sup> deste mundo, e o imperador foi com todo seu exército e a chorou com pranto muito grande e mandou que a levassem a enterrar à igreja Mahederâ Egzitnâ Mariâm, que ela tinha edificado e pedido muito antes de morrer que a enterrassem ali. E tornou a seu paço com muita tristeza, que, por ser mulher de seu tio, o Imperador Malâc Çaguêd, lhe tinha grande respeito e amor.

Como passaram os dias da tristeza da morte da imperatriz, começou a ordenar as coisas de seu império, e foi abaixando [fol. 452v] os soberbos e levantando os humildes, e todos os que governavam as terras lhe obedeceram. E Dêye Azmâch Cafluhâd, que governava o reino de Tigrê, veio e trouxe muitos cavalos e peças muito ricas que presenteou ao imperador. Também os reis mouros vizinhos lhe mandaram presentes: el-rei de Senaâr, cavalos, e el-rei de Adel, peças ricas e espingardas, e todos se alegraram muito por ele reinar, e principalmente os frades da família de Abba Taquelâ Haimanôt. E ele mandou pôr em sua bandeira imperial a figura deste santo para que fosse seu padroeiro e o ajudasse em as coisas da guerra. E, estando em Cogâ, soube

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 405/394].

<sup>2</sup> Ver glossário (Dargôt / Dâharâgot Azmâç).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>5</sup> Ms. 11966 SOAS: ~~quatro~~.

<sup>6</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 505].

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: secas.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 405v/394v].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: fugiram.

<sup>1</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 506] Como chorou a morte da emperatriz velha e teve varias vitorias de alevantados que venceu e matou §§ 10.º.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 406/395].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>4</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 507].

como Za Celaçê se queria alevantar contra ele, como já tinha feito com outros dois imperadores, e mandou que o prendessem e tivessem com boa guar<sup>1</sup>da. E, porque adiante hemos<sup>2</sup> de falar de suas coisas, o deixaremos aqui.

Passado o inverno, alevantou o imperador de Cogâ com seu exército, para castigar os moradores das terras de Alafâ, que não queriam pagar o tributo acostumado, e, pouco depois que partiu, chegando à terra Çadâ, lhe trouxeram presos dois irmãos, filhos de Tegueçanh Aragô, que se chamavam Matakô e Cafelâ Mariâm. Este disse que era filho do Imperador Malâç Çaguêd e que lhe pertencia o império, e prometeu a seu irmão Matakô de o fazer senhor muito grande quando entrasse no império. E, com este concerto e conselho, perderam muitas terras das sujeitas a Cemên. E, perguntando-lhes o imperador porque pretendiam o que não lhes<sup>3</sup> pertencia e destruíram tantas terras, responderam que era verdade que erraram. Cometeu então o imperador a causa aos seus ouvidores e em todos os tribunais os condenaram à morte e, confirmando o imperador a sentença, lhes cortaram as cabeças.

Feito isto, foi a Alafâ, e castigou os revéis<sup>4</sup> e os sujeitou a todos e, passando adiante, destruiu as terras Dancorâ e Çancarâ e outras muitas, porque Auçabiôs tirou da ambâ a Zequêos, descendente do Imperador Amd Ceôn e, com ajuda destes, queria ser imperador. Depois, Melca Sedêc, escravo do Imperador Malâç Çaguêd, que entrara em este conselho, mandou dizer ao imperador lhe perdoasse e que lhe entregaria aquele a quem queriam levantar por imperador. E o imperador lhe perdoou, porque, com os<sup>5</sup> que se lhe sujeitam, se mostra muito liberal e misericordioso, e, com os que lhe resistem, bravo como a urso que defende seus filhos. E, como lhe trouxe a Zaqueôs, lhe mandou cortar as orelhas e o deixou. Pouco depois, veio a ele Aly, filho de Ayîb, com Abdulcadêr mouro, [fol. 453] rei de Senaâr, porque sua gente se levantou<sup>6</sup> contra ele e deram o reino a outro. E o imperador o recebeu com muita honra e lhe deu ricos vestidos e peças de ouro e lhe sinalou terras muito boas, onde estivesse com abundância de tudo o necessário para ele e os seus, enquanto não se<sup>7</sup> acudia a suas coisas.

Passada a festa do nascimento de Cristo Nosso Senhor, foi a Çarcâ e, de caminho, castigou aos de Ondeguê, e os de Lêg, porque não trouxeram com tempo o tributo que costumam a pagar. E, chegando a Çarcâ, assentou seu exército ao longo de uma pequena lagoa, que chamam Guedamâ, e esteve ali Dia dos Reis. E logo foi a Udâ, onde esteve alguns<sup>8</sup> dias. E, passando adiante caminho de Xarâ, e chegando a Xaxe, assentou seu exército na entrada da quaresma para a ter ali, por ser terra larga; mas vieram-lhe novas que os gâlas queriam dar em<sup>9</sup> Berantâ, pelo que alevantou logo, apressando seu caminho, como o que tem grande fome se apressa para ir a comer, e o que tem sede para beber. E mandou por outro caminho a Erâz Emâna Christôs, e Erâz Cela Christôs, seus irmãos, com muita gente, e, indo o imperador seu caminho, encontrou com muitos gâlas que se tinham juntado dos da tribo de orenixâ e dos de bertumâ, e lhes deu batalha a 10 de Fevereiro. E, ainda que foi mui trabalhada, ultimamente venceu o imperador e matou muitos, e os que fugiram se meteram em uma cova onde havia muita água e ali mataram tantos que toda a água ficou tinta em sangue. Vieram logo seus irmãos, com a gente que levaram, sem achar gâla nenhum, e assim tornou para onde primeiro tinha seu arraial.

Não descansou ali muito, porque soube que vinham muitos gâlas para Oacên Ambâ<sup>1</sup>, pelo que alevantou e foi com a pressa acostumada. E, chegando a uma terra, que chamam Xanbedêl<sup>2</sup>, achou muitos gâlas da tribo de libên, que já tinham dado em todas aquelas terras e tomado vacas sem conto dos gafates<sup>3</sup>, dos agôus e damotes, e cativando muitas mulheres e meninos. E, vendo os gâlas a gente do imperador, se aparelharam para pelejar e se dividiram em quatro esquadrões, e o imperador, sem esperar pela gente de pé, que vinham detrás, arremeteu com os de cavalo e, pela misericórdia do Senhor, em pouco espaço os desbaratou e matou tantos que ficou o campo cheio de mortos. O seguinte dia, que foram 25 de Fevereiro, lhe veio nova que outros gâlas deram em uma terra de gafates e agôus e cativaram muitos; pelo que, com grande pressa, lhe foi tomar o passo e, vendo os gâlas ao imperador, fugiram e se meteram em uma cova do Rio Bêr, [fol. 453v] mas chegou ele com sua gente e matou-os às espingardadas, e os que estavam escondidos em outras partes fugiram de noite. Dali a três dias, soube o imperador como os gâlas da tribo de Diguelû estavam em uma terra quente de Cundil, que se chama Ceragâm, e que tinham tomado muita presa de gente e gados, e, indo lá, lhes deu batalha e, <sup>4</sup>ainda que os gâlas pelejaram fortemente, contudo foram vencidos. E morreram muitos, e os demais fugiram, deixando não somente a presa que tinham tomado, mas<sup>5</sup> o que eles<sup>6</sup> traziam. Graças a Deus, que dá a vitória aos que põem nele toda sua confiança.

Depois de todas estas vitórias, foi o imperador com todo seu exército à terra Oanchâ, onde esteve o que faltava da quaresma. E, passada a Páscoa, queria ir a Olacâ a dar em os gâlas daquela terra, mas os<sup>7</sup> do exército mostraram grande paixão e repugnaram, dizendo que em só aquele verão tinham pelejado quatro vezes<sup>8</sup> com os gâlas, que estavam cansados. Como podiam ir tão longe a os buscar? Pelo que, deixando este caminho, foi a Burê e, assentando em Guaguçâ, furtaram os agôus gentios muitas mulas e jumentos dos do arraial, pelo que, alevantando dali, mandou a Abeitahûn Oald Christôs que ficasse em cilada com sua gente. E, metendo-se ele no mato, caminhou o imperador e fez subir um homem em uma árvore alta para que visse se vinham agôus. E, dali a pouco, vieram muitos para ver se ficara algum fato onde estivera o arraial. E, dando aviso a espia, que estava na árvore, saiu Abeitahûn Oald Christôs e, tomando-os de súbito, os matou e levou muitas cabeças ao imperador. Depois, se ajuntaram os agôus das terras de Burê, de Guaguçâ, e Hancaxâ, e deram na retaguarda do imperador, mas, virando sobre eles a gente, foram vencidos e mortos muitos e outros fugiram. E, passando o imperador adiante, mandou ficar em bom lugar toda a sua recovagem e, em guarda dela, a Dêye Azmâch Iuliôs, e a Gojâm nagâx Caflô, e tomando ele só gente de guerra equipada, foi a dar em uma terra de gentios, que chamam Guiguê. E, como chegou, deu, em amanhecendo, metade da gente a Abeitahûn Oald Christôs, para que fosse por uma parte, e ele com outra metade foi por outro caminho e, correndo a terra, matou e cativou alguns. E Abeitahûn Oald Christôs veio a se ajuntar com ele sem achar nada porque, sabendo da gente da terra de sua ida, fugiram antes que chegasse. E, assim, se tornaram para onde [fol. 454] tinham deixado a recovagem.

Acabadas estas coisas, determinou o imperador dar volta para sua corte e, passando pelas terras de Charâ e Coacorâ, tiveram grande medo aqueles gentios, mas não se deteve a pelejar. E, chegando a Çarcâ, as-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 406v/395v].

<sup>2</sup> Havemos.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>4</sup> Rebeldes.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: aqueles.

<sup>6</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 508].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: uns.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 407/396].

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: ambâ.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [Chânbedel].

<sup>3</sup> Anteriormente «gafatês.»

<sup>4</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 509].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: também tudo.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: eles.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 407v/396v].

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: quatro vezes.

sentou seu exército e esteve<sup>1</sup> ali descansando uma semana e, depois, passou o Rio Abaoi e veio à sua corte de Cogâ, onde repartiu a sua gente quanto ouro, escravos, vacas e o demais que naquele verão tinha achado na guerra; com o que todos ficaram muito alegres e contentes.

## CAPÍTULO XIX

EM QUE SE PROSEGUE A HISTÓRIA DO IMPERADOR SELTÂN ÇAGUÊD,  
E REFERE A JORNADA QUE FEZ A TIGRÊ<sup>2</sup>.

**E**stando o imperador em Cogâ aquele inverno, lhe vieram duas novas. A primeira, que <sup>3</sup>Za Celaçê tinha fugido da prisão onde estava. E, para que melhor se entenda o sucesso que teve a sua má natureza, se há-de saber que seu pai era da terra Orêb e sua mãe de Gonân, e ele nasceu na terra de Derhâ e cresceu exercitando-se em coisas de brigas e maldades. E, sendo já mancebo, foi criado de Damôt Çafalâm Abô Axguîr, e depois, deixando este, serviu a Gueitâ Amdô muito tempo e dele passou ao Imperador Malâç Çaguêd. E, como morreu o imperador, ficou servindo a seu filho Iacob e o fez seu mordomo-mor. E, estando em este mando, aconselhou ao imperador que tomasse o fato da imperatriz Malâc Mogoçâ. E, sabendo ela isto, fez juntar os principais da corte e, entre eles, a Abeitahûn Ionaêl e lhes disse quão maus conselhos dava contra ela, e eles o fizeram prender e mandar para a terra de Sirêi.

Sabendo Erâs Athanatêus, que estava em Gojâm, o que tinha passado, sentiu muito e mandou a sua mulher, a Oizarô Oalâta Guiorguîs, que fosse a Cogâ à imperatriz, sua mãe, e lhe pedisse que perdoasse a Za Celaçê. E, chegando a sua mãe, acabou com ela e com o Imperador Iacob que tornassem a trazer a Za Celaçê e, vindo, invernou em Alafâ. Depois o levaram a Çarcâ, e dali tornou ao arraial do imperador. Mas, porque nem a imperatriz, [fol. 454v] nem os grandes folgavam que estivesse ali, o mandaram a Gojâm com ofício de Ocên Ambarâz. Porém, entendendo o Imperador Iacob que, por Za Celaçê folgar com ele, o mandaram a Gojâm com aquele mando para o afastar de seu<sup>4</sup> arraial, e mandou chamar e o fez capitão da dianteira, e deu-lhe a terra de Darâ. E, dali a pouco tempo, se desaveio Erâz Athanatêus com o Imperador Iacob, e chegaram as coisas a tanto que se puseram ambos em campo com seus exércitos, e estando para dar batalha,<sup>5</sup> deixou Za Celaçê ao imperador e se passou a Erâz Athanatêus; mas, depois, venceu o imperador e prendeu a ambos, e a Za Celaçê mandou preso ao reino de Nareâ, e a Erâs Athanatêus pôs na terra Ongetâ.

Estando Za Celaçê degradado<sup>6</sup> em Nareâ, prenderam os grandes ao Imperador Iacob, e deram o império a Za Denguîl, seu primo. E ele mandou logo trazer do degredo a Za Celaçê e fê-lo dêye azmâch <sup>7</sup>(scilicet «vice-rei») de Dambiâ, mas não tardou muito em se rebelar contra o Imperador<sup>8</sup> Za Denguîl. E, juntando

a principal gente de guerra do Imperador Iacob, deu batalha ao Imperador Za Denguîl em Dambiâ, na terra que chamam Barchâ. E, sendo desbaratado o imperador, o matou ele. Depois, mandou recado ao Imperador Iacob e o fez trazer de Canbât. E o Imperador Iacob o fez behêt oaded (scilicet «governador») de todo o império. Com tudo isso, vendo que crescia a força do Imperador Seltân Çaguêd, deixou o Imperador Iacob e se passou para ele e, como morreu o Imperador Iacob, estando o Imperador Seltân Çaguêd em Cogâ com festa, acompanhado dos grandes da corte, disse Za Celaçê: «Muitos homens sábios e outros, que sabem as coisas que estão por vir, me profetizam que demais dos dois imperadores que tenho morto, hei-de matar outro.» E buscava ocasião para sair da corte e fazer o que acostumava. Sabendo isto o imperador, o mandou prender e levar a Gojâm, e que estivesse com boa guarda na serra que chamam Guzmân.

Em esta serra esteve um ano, e, depois, escapou da prisão e foi a Olacâ. E, tornando dali a Gojâm<sup>2</sup> com gente, como salteador, o matou a gente da terra e trouxeram sua cabeça ao imperador, e ele a mandou pôr em um pau defronte do paço. E, vendo-a os da corte, louvaram a Deus e disseram: «Pagou-lhe o Senhor conforme suas obras. não se esqueceu sua divina justiça do sangue que derramou de Za Denguîl, imperador justo, porque o Imperador Seltân Çaguêd já o queria [fol. 455] mandar soltar e pôr com honra entre os príncipes. Ele foi o que, por não deixar seu costume, buscou a morte.»

A segunda nova, que dissemos que veio<sup>3</sup> ao imperador, juntamente com a de ter fugido da prisão Za Celaçê, foi que no reino de Tigrê se tinha levantado um por imperador<sup>4</sup>, que não conheciam seu pai, nem sua terra, nem sabiam como se chamava, mais que dizer ele que era o Imperador Iacob, que morreu na terra de Gôl e foi sepultado em Nazarêt. Ouvindo isto o imperador, dissimulou sem dar a entender nada, porque seu costume é guardar as coisas em seu coração até seu tempo. Depois, foi tomando força o alevantado, porque a gente de Tigrê, que não tem coração senão orelha, creu logo o que ele dizia que era o Imperador Iacob, e se juntaram to<sup>5</sup>dos com ele, ficando Erâz Cela Christôs, irmão do imperador, que então era vice-rei de Tigrê, com sós trezentos homens de pé e vinte de cavalo, em que entravam Azfarâm, Gâbra Mariâm e Acabâ Michael, e com estes deu três vezes batalha ao alevantado. A primeira em Debaroâ, e, com ter milhares de homens, o desbaratou e matou gente sem conto, e ele fugiu. E, tornando-se a refazer como primeiro, se pôs em Maiquelbaherâ, onde o foi buscar Erâz Cela Christôs, e lhe deu a segunda batalha e também o venceu e matou muitos; mas ele escapou, e logo se lhe tornaram a juntar muitos mais, e assentou com grosso exército na terra Edequê. E ali também o foi buscar Erâz Cela Christôs e lhe deu terceira batalha e lhe matou muitos mil, caindo diante dele a uma e outra parte como as folhas secas da figueira que leva o vento. <sup>6</sup>Nem isto bastou para que não se lhe tornassem a juntar ao levantado outros muitos<sup>7</sup>.

Vendo Erâz Cela Christôs a doidice e pertinácia dos de Tigrê, escreveu ao imperador, dizendo: «Senhor, todo o mundo se vai após este alevantado e, com morrerem milhares de milhares, não têm medo da morte, como os mártires, que têm posta sua esperança no Céu, por onde acuda Vossa Majestade a seu reino, vindo cá para, com sua presença, fazer calar e quietar esta gente, que, se não vier em pessoa, não há sabedoria que os possa quietar, nem força que daqui por diante lhe possa resistir.»

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: estava.

<sup>2</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 510] VIDA E MORTE DE ZA SALASSÊ: ALEVANTAMENTO E REVOLTAS DO FALSO, E FINGIDO IACOBO EM TIGRÊ §§ II.º.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 408/397].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: do.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e estando para dar batalha.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: desterrado.

<sup>7</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 511].

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o Imperador.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 408v/397v].

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a Gojâm.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: viera.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: por imperador um.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 409/398].

<sup>6</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 512].

<sup>7</sup> Ms. 11966 SOAS: De uma rota q o emperador teve em um encontro com os Gallas; e de como arestanron, vencendo os, e desbaratando os §§ 12.º. Entenda-se «arestanron» como prenderam.

*Esta carta chegou ao imperador no mês de Dezembro, e levantou logo com sua gente de Cogâ e foi a Çadâ, [fol. 455v] e dali a Aibâ, e dali, apressando o caminho, para Tigre; mas, em Aibâ, lhe chegou nova e carta de Dêye Azmâch Afâ Christôs, em que dizia que vinham três famílias de gâlas do tribo meroâ para destruir o reino de Begmêder, pelo que, deixando o caminho que levava, deu volta para Begmêder. Mas não se lhe tinha ainda ajuntado a gente de guerra, de cavalo só cento e quarenta o acompanhavam, e com tudo isso não se deteve, parecendo-lhe que logo chegariam. E, entrando por Begmêder, assentou em Çamâ aos 18 de Dezembro e mandou gente que visse onde estavam os gâlas, e tornaram logo, dizendo que chegavam já muito perto. Mandou então o imperador que não se<sup>1</sup> fizesse aquela noite fogo no arraial, porque, vendo-o, os gâlas não fugissem, e todos estiveram até pela manhã com muita soberba. E, como ama<sup>2</sup>nheceu, levantou seu exército e foi em busca dos gâlas e, chegando à fortaleza de Çarçô, filho de Haitonh, saiu ele e lhe trouxe onze cabeças de gâlas. E, passando um pouco mais adiante, soube como os gâlas estavam muito perto na terra Ucrô e mandou alguns capitães diante para que os entretivessem até ele chegar. Mas os capitães foram correndo sem ordem até chegar onde estavam os gâlas já apercebidos porque, sabendo sua vinda, se puseram em ordem os de cavalo em seus esquadrões e os de pé afastados em os seus.*

*Estando já aqueles capitães do imperador para pelejar, chegou ele com a mais gente por parte mais baixa da que eles e os gâlas estavam, e deu sinal que acometessem, o que fizeram logo com muita soberba os capitães que estavam acima, <sup>3</sup>mas só os acompanharam os de cavalo, ficando os de pé em um alto olhando. Os gâlas de cavalo lhes saíram ao encontro e se travou uma forte batalha. Umhas vezes tornavam atrás os gâlas, outras faziam virar aos do imperador. E, com acudir<sup>4</sup> os que estavam com o imperador, andaram desta maneira de pouco depois de sair o sol até meio-dia, sem nunca a gente de pé, que estava no alto, descer a pelejar. Antes, àquela hora começaram a fugir, o que vendo os gâlas, acometeram todos juntos os de cavalo e de pé com mais coração e força, e em pouco espaço desbarataram aos do imperador. E morreram muitos capitães e homens grandes: Abeitahûn Oald Christôs, Acegrâ Liçana Christôs<sup>5</sup>, Escandê<sup>6</sup>, e outros muitos; e da gente de pé morreu tanta que não se pode contar.*

*[fol. 456] Vendo o imperador este tão grande desbarate e que não podia reter sua gente, se foi pelo caminho de Dabât. E, chegando a Mahederâ Mariâm, esteve ali dois dias, e chegou-lhe Gojâm Nagâx Caflô, que vinha de Gojâm com muitos cavaleiros e os soldados que chamam hailât, e o imperador mandou recado a Dêye Azmach Iuliôs, que estava na terra de Gumân, dizendo-lhe a rota que tivera, que viesse logo a toda pressa<sup>7</sup> com sua gente. E, entretanto, tornou a Cogâ e teve ali a festa do Natal e depois passou a Dencâz<sup>8</sup>, onde esperou que se lhe juntasse a gente que escapou da batalha, que andava espalhada, e outros capitães que, por estarem longe, não <sup>9</sup>tinham chegado com seus soldados. Entretanto, foram entrando os gâlas e chegaram até Cogâ e Gorabâ, cativando gente e tomando gados e queimaram muitas casas e as do Imperador Iacob, e se tornaram a Hamûz Ouz. Este castigo deu Deus Nosso Senhor ao imperador por que, aos que ama, castiga, e por que não se ensoberbecesse com as vitórias, que depois que começou a reinar até aquele dia, teve sete muito grandes de seus inimigos e, ordinariamente, estas fazem levantar demasiado o coração. E assim, para lhe*

*ensinar humildade e que se lembrasse que as vitórias e os demais bens são dádivas de só Deus, lhe permitiu este trabalho.*

*Como o imperador soube que os gâlas se tornavam, disse aos seus, que já se lhe tinham juntado muitos, que determinava de os seguir, porque não era bem que tornassem assim para sua terra. Mas os capitães trabalhavam muito pelo divertir, dizendo que não convinha, porque a gente do arraial estava desacorçoada e com medo, e assim não podia alcançar vitória, senão acabar de perder sua gente. Porém, o imperador não admitiu seu conselho, antes, animando-os e dizendo que pusessem sua confiança em Deus, alevantou logo de Dencâz e foi em seguimento dos gâlas. E, no caminho da terra Ebenât, lhe chegou Dêye Azmâch Iuliôs com muitos cavaleiros e toda a gente de Gojâm. E, passando adiante dois dias, alcançou os gâlas no rio de Tequên e lhes deu batalha. E pelejou tão fortemente a gente do imperador que em pouco espaço<sup>1</sup> desbaratou os gâlas e matou muitos e os demais <sup>2</sup>fugiram, deixando não somente a gente que cativaram e as vacas que acharam com tudo quanto tinham tomado na primeira batalha, mas as vacas que trouxeram de suas terras. Com o que se alegraram muito os do [fol. 456v] arraial e toda a terra, e deram graças a Deus que fortifica e vivifica. E o imperador mandou que as vacas e o fato que os gâlas tinham tomado das terras onde chegaram se tornassem a seus donos. E as vacas e o demais que se conheceu ser dos gâlas fez repartir pelos soldados, que bastava bem para todo o arraial. E, com isto, se tornou para Cogâ, mas não entrou dentro na corte, senão assentou seu exército perto, em Anfarâz.*

*Tendo o imperador descansado não mais que uma semana em An<sup>3</sup>farâz, determinou prosseguir o caminho de Tigrê, que antes tinha começado. E, saindo pelo caminho de Oinadegâ, desceu Lamalmô e chegou a Oaldubâ, onde os monges daquele mosteiro lhe deram bênção. Depois, passou o Rio Tacacê e as terras de Sirêi e, chegando a Agçûm, se corou na igreja Edâ Mariâm, como ali fizeram seus antepassados. E todos iam com grande alegria, vestidos de festa, e postos em ordem os governadores do império,<sup>4</sup> os capitães e homens de cavalo e demais gente de pé do exército. E, antes de chegar à igreja, se apeou do cavalo em um lugar acostumado, onde estava esperando muita gente da terra e os sacerdotes e duas donzelas tinham em as mãos<sup>5</sup> uma linha branca pelas pontas atravessada no caminho e ele a cortou com a espada, como é costume, e foi passando, cantando todos e dando vozes de alegria. E, entrando no claustro do mosteiro, se assentou em<sup>6</sup> seu lugar, onde o ungiu o Abuna Simam<sup>7</sup> (que então estava com ele), fazendo todas as cerimónias que se costumam. Isto foi a 23 de Março, e fizeram-se grandes festas<sup>8</sup>.*

*Em este tempo, ouviu o imperador como em Dambiâ se alevantara um escravo do Imperador Malâc Çaguêd, o pior de todos os escravos, que se chamava Melque Sedêc, e juntara outros muitos escravos como ele e matara a Marir, criado do Imperador Malâc Çaguêd, e o que fizera a Çafalâm Cenô, que, por estar doente, ficou em Dambiâ. E, vendo o atrevimento de Melquisedêc, chamou a Abdulcadêr, que primeiro era rei de Funch, e a Aly, filho de Ayîz, que estavam em Chelgâ, e ajuntou muita gente que folgava com o imperador e pôs-se na terra de Cogâ para pelejar com Melquisedêc. Mas ele veio de súbito com <sup>9</sup>muita gente, e deu so-*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 409v/398v].

<sup>3</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 513].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: acudir.

<sup>5</sup> Ms. 11966 SOAS: filho de Abetahun Cabellô.

<sup>6</sup> Ms. 11966 SOAS: filho de Taquelâ Celtiz de Sirey, Amba Raes Fecuro, Za Jesus capitão de Oagarâ.

<sup>7</sup> Omissão no Ms. 778 BPB: a toda pressa.

<sup>8</sup> Ver glossário (Dancas / Dencâz / Dänqâz).

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 410/399].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: tempo.

<sup>2</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 514].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 410v/399v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: na mão.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: no.

<sup>7</sup> Ver glossário (Simam / Sēmē'on).

<sup>8</sup> Ms. 11966 SOAS: Daida do emperador a Tigrê; dos alevantados em Dambêa; como forão vencidos presos, e mortos: jornada do emperador, morte do fingido Iacobo; alevantado de Iulios e Caflô §§ 13.º

<sup>9</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 515].

bre Çafalâm Cen. E<sup>1</sup> ainda que não estava apercebido, pelejou fortemente e matou muitos dos contrários, mas ultimamente foi vencido e escapou com muitas feridas.

Ouvindo estas coisas, o imperador mandou a Erâz Emâna Christôs com [fol. 457] gente, e saiu a Oagrâ e juntou-se com o capitão daquela terra, que então era Abeitahûn Aunabiôs, filho de Abeitahûn Ionaêl, e com Çafalâm Cenô e Legaba Za Denguîl, na terra de Braçô. Sabendo Melquisedêc a vinda de Erâz Emâna Christôs, juntou os escravos que o acompanhavam e muitos filhos dos<sup>2</sup> homens grandes que estavam com o imperador e outros muitos homens maus se lhe ajuntaram, com o que ficou seu exército muito maior, sem comparação, que o de Erâz Emâna Christôs, o que em todas as terras de Dambiâ e Oagrâ causou grande temor e espanto.

Acrescentou-se muito mais o medo em todos o publicar-se como vinha já, por Begmêder, Arzô, nomeando-se por imperador, e tinha feito seu capitão geral a Za Christôs, filho de Achîr Abîb. E, vendo isto Melquisedêc, e <sup>3</sup>que seu exército era muito grande, ensorbeceu-se de maneira que, sem esperar por Arzô, foi em busca de Erâz Emâna Christôs, dizendo que toda sua gente trazia cansada, por ser o caminho de Tigrê muito<sup>4</sup> comprido e muito áspero, e que não lhe<sup>5</sup> haviam de poder resistir nem estar em pé diante dele<sup>6</sup>. E, achando-o em Debraçô, aos 14 de Abril pela manhã, deu logo batalha, e morreram muitos de uma e outra parte. E, andando a batalha muito travada, foi rompendo Melquisedêc até chegar onde estava a bandeira e atabales de Erâz Emâna Christôs. E, vendo ele isto de longe, acudiu com muita pressa e com tão grande ímpeto que pôs muito medo a Melquisedêc e aos seus; e, assim, foram logo virando e morreu gente sem conto, porque seguiram muito o alcance e a mesma terra lhes foi laço aos que fugiam, mas escapou Melquisedêc.

Havida esta vitória, deu Erâz Emâna Christôs muitas graças a Deus, que dá força e vitória aos que esperam nele. E, indo a Cogâ, fez ali seu assento e mandou lançar pregão que perdoava aos que ajudaram a Melquisedêc, que não se espalhassem, com o que todos folgaram muito. Em isto, tomaram a Melquisedêc e a Tançâ Christôs em Cegabâ, e os trouxeram a Erâz Emâna Christôs, porque não os deixou a justiça divina, e mandou que lhes cortassem as cabeças. Também, no mesmo tempo, tomaram na terra de Darâ a Arzô, que se tinha levantado para<sup>7</sup> imperador, e a Za Christôs, seu capitão, os trouxeram a Erâz Emâna Christôs, e ele os enviou ao imperador presos e com boa guarda. E, assim, ficou a terra quieta e pacífica, e todos deram muitos agradecimentos a Erâz Emâna Christôs que os livrara das mãos de Melquisedêc e dos mais inimigos.

Enquanto passavam estas coisas em Dambiâ, andava o Imperador [fol. 457v] Seltân Çaguêd correndo as terras de Tigrê e castigando aos que tinham ajudado ao alevantado que fingia ser o Imperador Iacob, que foi enterrado à vista de muitos. E, particularmente, deu castigo aos das terras de Tederêr, e Bûr, e Xibô, e Derbeitâ, que estão perto do Mar Erterâ (scilicet «Roxo»); também aos de Çahart, e Ucârte, e Hamacên. Mas não achou ao alevantado, porque toda sua gente se espalhou e ele se escondeu nos matos, pelo que o imperador se tornou e esteve um pouco de tempo em Debaroâ, vila do bahâr nagâx. E, depois, passou o Rio Marâb e entrou em Torât, onde lhe contaram que alguns homens lavravam o campo puxando pelo arado como bois. Em esta ter<sup>8</sup>ra, está muito <sup>9</sup>ruim gente de duas castas, que chamam ibarcoâ e incarê. Dali, foi à terra de Sirêi, onde

lhe trouxeram a Arçô, que se alevantava por imperador em Dambiâ, e a Za Christôs, filho de Hachêr Abîb, e mandou que lhes cortassem as cabeças. Estando ali, não quis Erâz Cela Christôs ficar em Tigrê, senão ir a Dambiâ com o imperador, seu irmão, e assim deixou por vice-rei a Amçala Christôs. E, por entrar já o inverno, apressou o caminho e foi a Dambiâ e entrou em sua corte de Cogâ em Julho, onde festejou a vitória que teve Erâz Emâna Christôs, e invernou ali.

Como o imperador tornou de Tigrê, saiu o alevantado da terra de Bûr, onde estava escondido, e foi à terra de Borâ. E, no caminho, lhe saíram ao encontro os de Tambên e Xart, e pelejaram, mas foram vencidos. E assim passou e, chegando a Borâ, chamou a Zâra Ioannes, e Amahâ Guiorguis, filhos de Xum Oald Guiorguis, irmão de Azmâch Dargôt, que então não obedeciam ao imperador. E, como chegaram, cobriu o alevantado o rosto e chorou com eles, dizendo: «Eu sou o Imperador Iacob, e vós outros meus parentes na carne. Há muito tempo que me afastei de vós outros, pelo trabalho e tentação que me veio de Seltân Çaguêd.» Mas depois, atentando eles bem, conheceram que não era o Imperador Iacob, pelo que, tornando a suas casas, mandaram tomar os passos para onde podia sair. E pelejaram com ele e, desbaratando sua gente, se meteu ele no mato. Mas, saindo de noite, o encontraram os que guardavam os passos e o mataram e levaram a cabeça a seus senhores Za Ioannes e Amahâ Guiorguis, e eles a mandaram ao Imperador Seltân Çaguêd. E, como a viu, deu graças a Deus, que lhe pacificara seu império, e mandou a cabeça a Tigrê, para que a vissem e conhecessem quão debalde foram mortos tantos pela mão de Erâz Cela Christôs, e quão facilmente se enganaram por só dizer ele que era Iacob.

Em o mesmo tempo do inverno, se concertaram em Gojâm [fol. 458] Iuliôs e Caflô para se alevantarem contra o imperador. E, como passou o inverno, saiu Iuliôs de Hadaxâ e Caflô de Oanabâ e, juntando-se, desceram a Xarâ, onde juraram diante de um crucifixo de não obedecerem ao imperador. Ouvindo isto a soldadesca e mais gente de Gojâm, se afastaram deles, e alguns foram ao imperador e lhe disseram o que passava. Ouvindo ele isto, mandou com muita pressa a Erâz Cela Christôs, seu irmão, que lhes tomasse os passos de Amharâ<sup>1</sup> e Olacâ. Vendo eles isto, e que a gente de Gojâm os tinha deixado, tiveram grande medo e ficaram com angústias como mulher que está de parto, e tomaram por conselho negar o que tinham feito. E, assim, mandaram recado ao imperador, dizendo que não ouvisse as palavras dos que os acusavam, que eram falsas, que nunca imaginaram de obedecer a outro senão a ele, e que em nenhuma coisa pecaram contra seu império. Respondeu o imperador: «Se é assim como dizeis, vinde logo antes que eu alevante para ir lá.» Pelo que eles passaram o Rio Abaoi e foram, com grande medo, a Cogâ, onde estava o imperador. E ele mandou que os ouvidores examinassem bem o que diziam, e vissem<sup>2</sup> as testemunhas que havia contra eles e julgassem. E todos, uniformemente, julgaram que mereciam morte, mas o imperador se contentou com mandar preso a Caflô para a ilha Dêc do Mar de Dambiâ, e a Iuliôs, dali a oito <sup>3</sup>dias, lhe perdoou e soltou da prisão, pelos rogos de sua filha, a Oizaro Malacotaoi, com quem Iuliôs estava casado; mas tomou-lhe seu mando e todos seus criados, e deu-lhe somente a terra de Darâ, para que abaixasse sua soberba<sup>4</sup>.

Passado o inverno, determinou o imperador deixar a cidade de Cogâ, corte que foi do Imperador Iacob, e fazer seu assento em uma terra de Dambiâ, que chamam Dehanâ, onde está uma igreja grande de S. Gabriel, e mandou logo fazer ali<sup>5</sup> uns paços. E, em Novembro, partiu com exército pelo caminho de Tacuçâ<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Ms. 11966 SOAS: o qual.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 411/400].

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: muito.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: estar diante dele em pé.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: por.

<sup>8</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 516].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 411v/400v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 412/401].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: viessem.

<sup>3</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 517].

<sup>4</sup> Ms. 11966 SOAS: De um pirigo notavel em que o emperador se vio, entre os Agais, e devarias vitorias q alcançou, e prezas q nelles fez §§ 14. °.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: logo ali fazer.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: partiu pelo caminho de Tacuçâ com um exército.

para ir a dar com os agôus, gentios de Burê, que não queriam obedecer. E, chegando a Çarcâ, teve ali a festa do Natal, e a festa do Baptismo em Gumbulî, e, depois, passou à terra de Burê. E, entrando no princípio da quaresma, mandou dois capitães Aonabiôs e Julianôs com gente, para que tomassem os mantimentos da terra Çalabaçâ, por suas maldades, e ele saiu do arraial e foi a folgar e ver se havia outro sítio melhor onde poder assentar seu exército. E, estando entre um arvoredado em uma fresca sombra, porque fazia grande calma, foram os agôus por outra parte e cortaram [fol. 458v] muitas árvores altas e taparam os caminhos<sup>1</sup> por onde tinha entrado, de maneira que ninguém podia passar, porque eram muito estreitos e o mato mui basto. E, tornando, deram mostra de<sup>2</sup> que queriam pelejar com o imperador, não sabendo que era ele. E, subindo em sua mula, foi a gente caminhando para sair do mato por onde tinham entra<sup>3</sup>do e, quando chegaram onde tinham tapado os caminhos, acharam muitos agôus de arco e frecha dentro do mato; pelo que mandou o imperador que rompessem por onde pudessem e passassem suas bandeiras e atabales, o que fizeram com muito trabalho e ferindo os agôus muitos com suas frechas. Entretanto, se armou o imperador e subiu em seu cavalo, mas, depois, não pôde passar por<sup>4</sup> onde estavam os que levavam as bandeiras e atabales, nem estes tornar para ele, pelo que deu volta para trás com a gente de cavalo e de pé que o acompanhava, que era pouca.

Vendo os que levavam as bandeiras que o imperador não podia passar, e o perigo grande em que estava, determinaram mandar recado ao arraial; mas ninguém se atrevia, até que um cavaleiro se aventurou e, rompendo com seu cavalo, chegou ao arraial e disse o que passava. Com o que todos ficaram turbados [Este cavaleiro que levou a nova era o capitão dos portugueses, e aventurou-se muito, porque os inimigos tinham frechas sem conto]<sup>5</sup>. Saiu logo com muita pressa Erâz Cela Christôs, irmão do imperador, e Iuliôs, seu genro, e seguiu-os muita gente; e, entrando pelo mato, correram grande parte dele sem achar ao imperador, nem nova alguma, e assim se tornaram, já perto da noite. Entraram também os que traziam as bandeiras e atabales muito tristes, com o que se dobrou a tribulação e angústia no<sup>6</sup> arraial, dando já por morto ao imperador. Mas ele, por ser grande e valoroso capitão, animou aos que o acompanhavam que não pelejavam como deviam. E, assim, ele arremeteu como um leão e fez fugir os agôus, e meter dentro do mato, e foi dando volta por entre aqueles arvoredos, arremetendo umas vezes aos agôus, que o seguiam, e outras retirando-se, até que achou caminho para sair do mato. E, passando o Rio Façâm, saiu ao campo raso na terra de Ombaremâ e os agôus se tornaram, e, por estar longe do arraial e começar a anoitecer, arrecoeu que houvesse perturbação no arraial (como na verdade já havia divisão, porque Iuliôs não estava bem com Erâz Cela Christôs, por lhe ter entrado em seu mando, e assim uns se encostavam a Erâz Cela Christôs, outros a Iuliôs), mandou um homem de cavalo diante, que desse nova como vinha. E foi tão grande a alegria que houve no arraial com esta nova que quase não ficou ninguém<sup>7</sup> que não saísse e receberamo-no<sup>8</sup> [fol. 459] com grande festa, não se dando por satisfeitos os que não chegavam a o ver, ainda que era muito noite.

Estando ali, veio a ele Ionaêl, balatina gueitâ (scilicet «mordomo») de Gumân, e disse ao imperador que a gente daquela terra não dera senão muito pouco tributo daquele que costumava e que não queria pagar o demais. Pelo que se enfadou o imperador e disse que prendesse aos que vinham com ele. E levantou seu

exército e foi pelo caminho de Guaguçâ, e caminhou aquele dia muito de indústria<sup>1</sup> para assegurar<sup>2</sup> os agôus. E, começando a armar as tendas, fez que tornassem para trás Cela Christôs e Afa Christôs, seus irmãos, e outros capitães, com muita gente, e, achando os<sup>3</sup> agôus, que foram a<sup>4</sup> ver se ficava alguma coisa no lugar onde estava o arraial, ou tomar da recovagem, mataram muitos e trouxeram as cabeças ao imperador. E, ao outro dia, passou adiante e, chegando à terra de Gumân, entrou Erâz Emâna Christôs, que vinha de Amharâ com muita gente, e, dali, mandou a Erâz Cela Christôs e Dêye Azmâch Afa Christôs<sup>5</sup>, e a seu mordomo Labaçî, com muitos soldados. E, caminhando toda a noite para entrar em Gumân, como amanheceu, deram de súbito na terra e mataram e cativaram muita gente e tomaram muitas vacas. Os demais daquelas terras se subiram a uma serra muito forte que chamam Orc Ambâ. E, chegando os capitães à serra, não puderam subir e, assim, assentaram ao pé dela, e<sup>6</sup> outro dia lhes mandaram os de cima um mouro, pedindo que não pelejassem e que pagariam o tributo inteiramente. Eles, ouvindo isto, esperaram ali dois dias, mas não trouxeram nada, pelo que, <sup>7</sup>ao terceiro dia, tomou Erâz Cela Christôs metade do exército e a outra metade deu a Dêye Azmâch Afa Christôs e, dando por diferentes partes, subiram a serra e mataram muita gente e alguns homens grandes e cativaram muitos e acharam muito fato que ali tinham guardado; e, assim, tornaram com muito rica presa. Mas o imperador teve piedade dos cativos, e mandou dar pregão e pôr excomunhão que os largassem todos, sem ficar mais que os que achassem que eram escravos daquela gente. E ele mesmo cavalgou em seu cavalo e os fez levar até à entrada de suas terras.

<sup>8</sup>Feito isto, tornou para Burê e, dali, passou à terra de Cimâ, onde a Emâna Christôs seu irmão lhe deu título<sup>9</sup> e mando de Erâz e a Iuliôs seu genro fez Damôt Çafâlâm, e deu a terra de Bêd. E logo foi à terra [fol. 459v] Cebêd, onde soube como os agôus tinham guardado muitas vacas ali e em Çacalât e Ongetâ, entre os cristãos, e mandou-as tomar e repartir pelos soldados. Depois, passou o Rio Abaoî pelo caminho de Darâ e foi a Dambiâ e assentou em Dehanâ, onde primeiro tinha mandado fazer casas para invernar, mas no primeiro<sup>10</sup> do inverno no mês de Junho tornou a levantar e foi para os agôus pelo caminho de Tacuçâ. E Iuliôs veio das terras de seu mando e deram em as terras de Achafêr e Ambeçâ e Lêg e cativaram muitos e tomaram muitas vacas. E, com isto, se tornou a Dehanâ, onde esteve o que faltava do inverno<sup>11</sup>.

Até aqui são palavras do historiador. Mas, porque passou depressa no que diz que o imperador se enfadou contra a gente de Gumân, porque não pagava inteiramente o tributo, e mandou destruir aquelas terras, declararei um pouco mais o fundamento com que isto fez, porque naquele tempo estava eu com ele e soube o que passou, que foi desta maneira:

Aqueles de Gumân, que são cristãos e muitos quase tão alvos como nós, e moram no extremo do reino de Gojâm sobre o Rio Nilo (a que os moradores da terra chamam Abaoî), deviam ao imperador doze mil cruzados dos direitos de dois anos e, mandando-os arrecadar, responderam que estavam pobres, que não podiam dar tudo. Disse o imperador que dessem 6.000, ao que replicaram<sup>12</sup> que nem tanto podiam. «Pois sejam 3000», disse o imperador. Mandaram eles 1500; o que vendo o imperador,

<sup>1</sup> Com astúcia, com cautela.

<sup>2</sup> Se resguardar em segurança.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e Dêye Azmâch.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: ao.

<sup>7</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 519].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 413v/402v].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: deu a seu irmão Emâna Christôs o título.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: princípio.

<sup>11</sup> Ms. 11966 SOAS: De varios assaltos q deo o emperador com seu exercito nos annos de 1611 e 1612 §§ 15.º.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: responderam.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: o caminho.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 412v/401v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: para.

<sup>5</sup> Nota à margem nos dois mss. (Ms. 778 BPB faz parágrafo, Ms. Goa 42 ARSI não). Ms. 11966 SOAS: Este cavalleiro q se aventurou a levar [fol. 518] o recado era o capitão dos Portugueses.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: em o.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 413/402].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: a o receber.

se enfadou e disse que trouxessem outro tanto, e se não, que os mandaria castigar. Responderam que estavam muito pobres, que não podiam dar mais e diziam que falavam com soberba, sem fazer caso da ameaça do imperador, fiando-se em uma serra que têm muito forte a<sup>1</sup> longo do Nilo, pelo que os capitães aconselharam ao imperador desse neles e os cativasse. E por esta causa os mandou, e fizeram o que acima se diz.

Mas antes que os capitães chegassem ao arraial, mandaram <sup>2</sup>diante os que traziam cativos, e era coisa que movia a grande compaixão (ao menos a mim que tinha experimentado que coisa é ser cativo, porque o fui de turcos sete anos) ver trazer amarrados meninos tão formosos quase como os dos portugueses, e mulheres tão mimosas que não se<sup>3</sup> podiam bulir; pelo que não me pôde sofrer o coração que não fosse ao imperador e, achando-o só na tenda, lhe disse: «Senhor, quando o pai castiga os filhos<sup>4</sup>, nunca é com tanto rigor como merece sua culpa<sup>5</sup>. [fol. 460] Vossa Majestade é pai de todos. Cuido que, se usar de misericórdia com estes seus filhos, mandando que não os cativem, que agrada muito a Nosso Senhor, pois são cristãos, e que será bem de seu império porque, se não, estas terras ficam despovoadas, que os que fugiram não se hão-de atrever a tornar a entrar nelas. E, assim, não somente se perde a renda, mas também se abre porta para que entrem os gâlas, pois não está mais que o rio no meio. Contudo, Vossa Majestade me perdoe se erro nisto, porque o amor que lhe tenho e o desejo de que todas as coisas lhe sucedam prosperamente me fez passar daquilo que me cabia.» Deu-me ele muitos agradecimentos, dizendo: «Quem, senão Vossa Reverência, me havia de dar tão bom conselho? Deus Nosso Senhor lhe pague. Como chegarem os capitães, o tratarei com eles.» E assim o fez aquela noite. Mas, como estavam tão contentes da presa, todos disseram que ficassem cativos, que não convinha desfazer o conselho que primeiro tinham tomado. Mandou então o imperador que lhes dessem juramento para lhe aconselhar desinteressadamente o que fosse melhor e, depois, tornaram a dizer o mesmo, excepto quatro que responderam que lhes parecia que não era bem cativá-los. Disse então o imperador: «Vós outros dais bom conselho. Mas, ainda que todos estivéreis firmes no primeiro, eu não os havia de cativar, porque nem convém para o bem desta terra nem podem ser cativos. Se foram soberbos, basta-lhes por castigo os que morreram e o fato que perderam. Seus escravos também nos fiquem, mas a eles largai sem tomar nenhum.»

Parecendo-lhe ao imperador que isto não havia de ter efeito se não corresse com rigor, mandou lançar pregão que, o seguinte dia pela manhã, lhe trouxessem diante de sua tenda todos quanto tinham tomado em Gumân, excepto seus<sup>6</sup> escravos, sob pena de morte. E, sobre isto, fez publicar excomunhão. Juntaram-se pela manhã 11 500, e mandou a alguns capitães que lhe dessem guarda até <sup>7</sup>que chegassem à entrada de suas terras. E, não se fiando ainda deles, cavalgou ele mesmo e foi detrás, como folgando pelo campo, até que se tornou toda a gente. Depois lhe disseram que esconderam muitos os soldados e mandou que olhassem muito bem todo o arraial e lhe trouxessem os que achassem e, juntamente, presos os que os tinham, [fol. 460v] e acharam quinhentos. E mandou que os levassem até sua terra<sup>8</sup>, e açoitar publicamente aos soldados que os tinham. E diziam que aquela noite tinham mandado

para suas casas outros muitos. Outro dia, fui a<sup>1</sup> visitar ao imperador e lhe dei muitas bênçãos, louvando-lhe muito o que fizera. Ele também estava muito contente e me agradeceu outra vez o conselho que lhe dera e, depois, todo o arraial, até os mesmos que primeiro desejavam que ficassem cativos, diziam que nunca o imperador fizera melhor coisa. Isto foi no fim de Março de 1610<sup>2</sup>.

*Em aquele inverno houve grande doença na corte de Dehanâ, pelo que o imperador saiu dali como<sup>3</sup> a chuva deu lugar, e foi à terra de Xumagalêi Xum. E assentou suas tendas em Cacaça, e esteve ali algum tempo. Depois, foi pelo caminho de Tacuçã e, chegando a Lêg, mandou dar em todas aquelas terras, porque não queriam pagar tributo. E tomaram muitas vacas e mantimentos, e a gente se meteu em lapas como coelhos. E o imperador mandou que os cercassem e vigiassem bem, por que não fugissem de noite. E, vendo-se eles apertados com calma<sup>4</sup> e sede, pediram misericórdia e o imperador lhes perdoou, mas tomou-lhes alguns filhos em reféns, para que obedecessem. Dali, passou a Gojâm e foi por Çalalô e assentou em Dêbra Orc e depois passou o Rio Çuhâ e teve ali a Páscoa. E determinava de ir a dar em os gâlas de Olacâ e Xâoa, mas os do arraial o tiraram disso, dizendo que era melhor ir aos de Biçamô, e, assim, foi por Gumar Çancâ e passou o Rio Abaoi, mas não chegou aos gâlas, porque faltaram<sup>5</sup> mantimentos, e, assim, lhe foi forçado dar volta a Gojâm. E dali passou a Dambiâ para invernar em sua corte de Dehanâ.*

*Estando ali, <sup>6</sup>em Junho mandou a seus capitães que fossem a dar em Chubcên, gente muito preta, porque roubaram as vacas de Bambaho, terra de Tancâl, e levaram alguma gente, e aos mercadores também roubaram. E, entrando os capitães naquelas terras, as<sup>7</sup> destruíram e mataram muitos e os demais fugiram para Çarquî, terra del-rei de Sanaâr e, como tornaram, houve muitas doenças em Dehanâ, e tão grande fome em todo Dambiâ que o comum falar de todos era perguntar «a quem deixou?» Pelo que mandou fazer casas em Gorgorrâ para passar lá sua corte, como o fez o ano seguinte.*

[fol. 461] *Em o princípio do verão lhe vieram novas ao imperador que os gâlas que chamam orenexâ a quem ele tinha dado terras em Olacâ, se alevantaram, e mataram muita gente quebrando a amizade e fidelidade que deviam, como têm por costume e fazem sempre, que é a mais má e falsa família de gâlas que <sup>8</sup>entre todos eles. E, assim, quebraram primeiro a amizade e palavra que tinham com os gâlas da família urdayâ e mataram muitos com engano, e passaram-se aos da família de aquichû e a estes também enganaram e mataram muitos, e foram aos da família de lebên. Destes, também mataram muitos com falsidade e se passaram aos de ûolô e, com estes, fizeram o mesmo, e tornaram a pedir amizade aos de lebên e, depois, a quebraram e se vieram para o imperador e ele lhes deu as terras Gemâ e Amonât. E, estando ali, mataram muita gente de Olacâ, e chamaram aos gâlas da família de itû para que lhes ajudassem a destruir as terras de Olacâ<sup>9</sup> e Gojâm.*

*Ouvindo isto o imperador, juntou seu exército e foi por Begmêder, onde esteve a festa do Natal e a do Baptismo e, depois, passou a Amharâ e, dali, foi por Olacâ. E, chegando a Darâ, antes de assentar as tendas, tiveram rebate falso de gâlas e fugiram todos, deixando ao imperador só, mas depois, vendo que ninguém os seguia, tornaram. Outro dia pela manhã, achou os gâlas na terra Amonât e, dando batalha, os venceu e matou muitos e cativou suas mulheres e filhos, e tomou vacas sem conto.*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: ao.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 414/403].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: se não.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: o filho.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: como sua culpa merece.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: tirados os.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 414v/403v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: até a suas terras.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> Esta longa interpolação de Páez não é retomada no manuscrito de M. de Almeida.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: tanto que.

<sup>4</sup> Calor.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>6</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 520].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 415/404].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: há.

<sup>9</sup> A frase «e chamaram aos gâlas da família de itû, pera que lhes ajudassem a destruir as terras de Olacâ» foi suprimida no Ms. 11966 SOAS.



Pouco depois, vieram quarenta gâlas dos mesmos de orenexâ e pediram ao imperador lhes perdoasse e prometeram de não tornar mais a fazer mal nenhum. E, assim, fez amizade e tornou pelo caminho de Amharâ. E, chegando lá na entrada da quaresma, fez vice-rei de Tigrê a Iuliôs e lhe deu juntamente o mando de bahâr nagâx, e a Erâz Cela Christôs fez vice-rei de Gojâm da maneira que tinha primeiro Erâz Athanatêus. E logo endireitou seu caminho para Dambiâ e, chegando a Querenhâ, despediu a Iuliôs para Tigrê, e ele veio à sua corte de Gorgorrâ, onde esteve até a entrada de Junho.

<sup>1</sup>Em este tempo, os gâlas da família de orenexâ enganaram aos da de itû e mataram muitos deles e tomaram muitas vacas, e o principal deles, que se chama Acacô, veio a Olacâ fazer amizade com o capitão que ali estava, que então era Fit Aurari Gualdô. Ele o prendeu e [fol. 461v] então mandaram todos aqueles gâlas recado a Erâz Cela Christôs que lhes desse guarda e que se<sup>2</sup> iriam para ele, pelo que ele mesmo foi com sua gente até Olacâ e os trouxe a Gojâm. E o imperador lhes deu a terra Ganz, onde estão até agora.

Não se deteve muito o imperador em Gorgorrâ, porque no mesmo mês de Junho alevantou e foi para os agôus da terra Achafêr, porque tinham feito muitos danos em as terras vizinhas. E, em chegando, deu neles, mas achou poucos porque fugiram. E, passando as terras Çancarâ e Dancorâ, tomou tantas vacas que bastaram para todo o arraial. E, tornando a Achafêr, fez seu assento no meio daquela terra para estar o que ficava do inverno, o que vendo os agôus, deixaram seus lugares e se meteram nos matos, onde fizeram casas pequenas, não mais que para se defenderem da chuva. Mas nem ali ficaram seguros, porque a gente do imperador lhes deu muitos assaltos e matou tantos que ficou a terra despovoada, indo-se os que escaparam a<sup>3</sup> às terras Charâ e Mataquâl.<sup>4</sup> E, dando de súbito, cativou muitos daquela terra e tomou seus filhos e mulheres, vacas e fato, e assentou ao longo do Rio Guindân, onde esteve dois dias, e, dali, foi à terra de Lalâ e Abolâ, onde estão três famílias de gentios que se chamam agôu, gongâ e giguêt. E, chegando perto, dividiu a gente em duas partes, e tomou ele uma, e a outra deu a Ionaêl Balatina Gueitâ. E, deixando detrás a presa que trazia, entrou em aquelas terras por duas partes, e a gente da sua achou tantos escravos e vacas que todos ficaram cheios. E, dali a dois dias, tornou Ionaêl com muitos escravos e vacas, e o imperador deixou aos soldados quanto tomaram, excepto<sup>5</sup> alguns escravos que repartiu a outros. E, com isto, tornou a Achafêr e, estando ali a Páscoa de Ressurreição, vieram a eles mercadores da terra Sanaâr e trouxeram quatrocentos e setenta cavalos, que lhes comprou e deu aos de seu exército. E, depois, foi para a terra Ambaçâ, onde invernou com todo seu exército, dando alguns assaltos em as terras Charâ e Ancaxâ. E, estando ali no<sup>6</sup> mês de Outubro, se descobriu como Gojâm Nagâx Caflo maqui<sup>7</sup> nava traição contra o imperador, pelo que o mandou prender e degradar para Olacâ, mas depois de sete meses lhe perdoou, porque é mais inclinado à misericórdia que a correr com rigor de justiça.<sup>8</sup>

Em o mês de Janeiro, levantou o imperador de Ambaçâ e foi para Charâ, <sup>9</sup>e destruiu aquela terra porque, naquele inverno, tinham [fol. 462] pelejado com os mâyas. E, passando adiante, chegou à terra Ancaxâ

e, saindo um dia pela manhã à caça com pouca gente, depois de andar pelo campo até aquestrar o sol, chegou a uma terra que chamam Docomâ e sentou-se à sombra de umas árvores para descansar; e, estando ali, vieram muitos agôus e, sem serem vistos, chegaram até muito perto. Saíram logo os que estavam com o imperador e começaram a pelejar, mas os agôus os fizeram virar, e mataram a Çalamdâr; o que vendo o imperador, cavalgou com muita pressa e arremeteu com tanta fúria que, em pouco espaço, fez fugir os agôus, e livrou os seus que já iam de vencida, e tornou a seu arraial, e logo foi para a terra de Damacâ, onde achou muitos agôus metidos em uma lapa e mandou que lhes pusessem fogo e que os queimassem, e assim o fizeram.

Alevantando daqui o imperador, foi a Faguetâ, e Ceguelâ, onde veio Erâz Cela Christôs com a soldadesca de Gojâm e deu mostra dela ao imperador. E, passando adiante dois dias, mandou a Erâz Emâna Christôs, e a Balatîna Gueita Ionaêl, com gente para que dessem na terra Açaô e, chegando lá, tomaram muitas vacas e cavalos, e tornaram ao imperador, que já estava na terra Culadugarâ, e ali lhe chegou Dêye Azmâch Afa Christôs, com muita gente de pé e de cavalo que trazia de Amharâ. E, depois que descansaram oito dias, mandou o imperador a Dêye Azmâch Afa Christôs, a Erâz Emâna Christôs, a Erâz Cela Christôs, e a Dêye Azmach Oald Haureât, com toda a gente que tinham, à terra Guerareâ, para que dessem em os gâlas da família de tulamâ. E ele se tornou para Dambiâ e entrou em sua corte de Gorgorrâ. E os que foram à terra Guerareâ acharam ali os gâlas e pelejaram com eles e mataram muitos e cativaram suas mulheres e filhos, e tomaram as vacas, e tornaram em paz a suas casas.

Como passou a festa da Páscoa de<sup>1</sup> Ressurreição, foi o imperador a Libô, a ver se havia bom lugar para edificar outra cidade onde pudesse estar os verões. E, de caminho, despediu ao Balatîna Goitâ <sup>2</sup>Ionaêl com gente que fosse a dar em Colâ Xûm Ausabiôs que estava alevantado. E, chegando a Queçareâ, deram de súbito em Ausabiôs, e ele se perturbou e escondeu no mato, mas eles o buscaram com diligência e, achando-o, lhe cortaram a cabeça e a mandaram ao imperador, que estava em Libô, e se alegrou muito e mandou fazer festa. Depois de ter escolhido lugar para fazer cidade, se tornou à de Gorgorrâ, onde esteve o inverno e, juntamente com ele, Iuliôs, que tinha vindo de Tigrê<sup>3</sup>.

Em aquele tempo, era capitão<sup>4</sup> de Çalamt Oald Haureât, [fol. 462v] e de Cemê, Taquelâ Guiorguês, e de Oagrâ, Azcâ Guiorguês; e, com tudo isso, indo Oald Haureât ao salto a Guerareâ, se alevantou um homem em Çalamt, dizendo que era o Imperador Iacob, filho do Imperador Malâc Çaguêd. E, ouvindo isto, os de Oald Haureât o prenderam e puseram em casa de Acerâ Christôs; o que sabendo<sup>5</sup> Guedeon, judeu, que estava perto, mandou gente armada para lá e, chegando de noite, mataram a Acerâ Christôs e levaram ao alevantado, e, como chegou ao judeu, ajuntaram muita gente de guerra dos judeus e ficaram com grande força e destruíram as terras Dorenâ e Barnâ e Xoadâ e mataram muita gente. E, sabendo isto o imperador, mandou a Aonabiôs com exército e, chegando lá, se repartiram em três partes diferentes: Abeitahûn Aonabiôs assentou em Tucûr Ohâ, e Taquelâ Guiorguês em Zutareâ, e Damianos em Xanamorâ. Também Oald Haureât estava em Çalamt e, por estar com tudo isso muito forte o alevantado,<sup>6</sup> deu o imperador mando a Iuliôs de Oagrâ, de Cemen, de Çalamt e outras muitas terras, porque ele se ofereceu a matar aquele alevantado. E, em Setembro, foi com sua gente a<sup>7</sup> pelejar com ele <sup>8</sup>e com<sup>9</sup> o judeu Guedeon; mas, chegando a Oagrâ, soube como

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 415v/404v].

<sup>2</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 521]. Omisso no Ms. 778 BPB: se.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: ficaram e escaparam.

<sup>4</sup> Ms. 11966 SOAS: ; pelo q o emperador se ornou a Gorgorrâ no principio de setembro, e esteve ali ate fevereiro; neste mez saio de Gorgorrâ com exercito, e tornou a Achafêr; onde chegou nas Emanas Christos q vinha do Amharâ com muita gente de guerra, e mandandolhe que ficasse ali em guarda da recovagem, elle passou sô com a gente de guerra por Charâ com muita pressa; chegou a Matalac.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: tirando.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 416/405].

<sup>8</sup> Ms. 11966 SOAS: De alguns assaltos q o emperador deo nos Agaus, e da guerra q fez ao alevantado q se ajuntou com os Iudeos de Cemen; como o boue as maos, e matou por iusticia §§ 16. °.

<sup>9</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 522].

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: Páscoa de.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 416v/405v].

<sup>3</sup> Parágrafo omisso no Ms. 11966 SOAS.

<sup>4</sup> Ms. 11966 SOAS: Neste tempo tinha o mando.

<sup>5</sup> A passagem «os de Oald Haureât o prenderam e puseram em casa de Acerâ Christôs; o que sabendo» foi suprimida no Ms. 11966 SOAS.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: isso o alevantado muito forte.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com sua gente a.

<sup>8</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 523].

<sup>9</sup> Ms. 11966 SOAS: contra.

o alevantado matara a Abraham, governador de Çalamt, e mandou recado ao imperador, dizendo: «Senhor, o alevantado tem muita força e matou a Abraham em Çalamt e, assim, toda a terra está perturbada; se Vossa Majestade não vem, eu<sup>1</sup> só descer a Cemên a pelejar com ele.»

Ouvindo isto o imperador, alevantou de Gorgorrâ em Outubro e saiu a Oagrâ, e, chegando a Xambrâ Çagân, onde estava Iuliôs, tirou a Abeitahûn Aonabiôs o mando de balatîna goitâ e o deu a Gojâm Nagâx Caflô. E logo desceu a Cemên e, passan<sup>2</sup>do por Tucur Ohâ, foi a Çabrá, onde assentou seu exército e mandou gente à serra Mecercabâ e, subindo por força de armas, mataram muitos judeus que estavam lá em cima, com o que o alevantado e Guedeon tiveram<sup>3</sup> grande medo, porque aquela serra era muito forte. Depois, passou o imperador à serra Hochi, e também a subiram por força e mataram muitos judeus. Dali foi à serra Ceguenêt, onde estava o alevantado com<sup>4</sup> Guedeon e muita força de gente, e mandou que a cercassem. E, assim, se puseram os capitães com seus soldados em quatro partes e pelejaram dois meses quase continuamente e mataram muitos judeus. E, entre eles, a Odêc Matraranî, o principal dos capitães de Guedeon, com o que ele ficou muito quebrado e pediu pazes ao imperador, dizendo: «Senhor, pequei contra Deus e contra vós. Perdoai-me e dar-vos-ei preso ao alevantado e<sup>5</sup>, daqui por diante farei tudo o que me mandardes.»

Com este recado folgou o imperador e respondeu que lhe [fol. 463] perdoava<sup>6</sup> com as condições que dizia, pelo que Guedeon prendeu com engano ao alevantado e o entregou a Iuliôs e ele o mandou ao imperador com uma grande pedra às costas. E o imperador mandou que o pendurassem pelas costas em um gancho de ferro, e dali a um pouco lhe cortassem a cabeça. E assim o fizeram; com o que o imperador se tornou para Dambiâ, dando graças a Deus que lhe derrubara tão grande inimigo, e entrou em<sup>7</sup> sua corte de Gorgorrâ, onde, depois da festa do Espírito Santo, mandou que os clérigos não andassem desmandados em pecados, e que, se algum não se emendasse e usasse de suas ordens, o suspendessem delas e dessem outros castigos. E o Abuna Simam lhe pôs excomunhão sobre isso e que fossem afastados dos sacerdotes limpos.

Em este tempo, mandou o imperador a Gojâm Nagâx Caflô e Ionaêl com exército para que destruíssem a terra Baliâ. E, indo pelo caminho de Darhâ, passaram o Rio Abaoî e, atravessando por Achafêr, chegaram a Baliâ e mataram e cativaram alguma gente, mas não entraram muito dentro da terra por causa da muita lama e chuva que acharam. E, assim, se tornaram pelo caminho de Bêd e, chegando, deram na terra Dancorâ e Çancarâ e tomaram muitas vacas; mas, como chegaram ao<sup>8</sup> imperador, os<sup>9</sup> repreendeu muito por darem em aquelas terras, e mandou que tornassem tudo quanto tinham tomado, e fez por excomunhão para que não ficasse nada,<sup>10</sup> com o que toda a gente daquelas terras se alegrou muito<sup>11</sup>.

Em o mês de Novembro, saiu o imperador de Gorgorrâ e foi a Libô, onde já lhe tinham feito casas e cerca muito forte, e mandou que todos fizessem casas para estar ali de assento. E, aos 24 de Dezembro, morreu Abeitahûn Canafra Christôs<sup>12</sup>, que era o maior de todos os filhos do imperador, e todos tiveram muita tristeza e fize-

ram grande pranto,<sup>1</sup> porque era muito modesto em todas suas coisas e o amavam muito; e foi sepultado no mosteiro Çanâ<sup>2</sup>, e o imperador teve grande sentimento.

Pouco tempo depois, mandou o imperador a Iuliôs e a Oald Haurêat, a Ionaêl e a Fit Aurari Açamô, que matassem quantos judeus achassem em Oagrâ e Xanfacarâ, e Baguelâ e Bezâz, e em todas as demais terras de seus mandos; e assim o fizeram, sem que escapassem<sup>3</sup> mais que uns poucos, que fugiram com Finâz, e cativaram suas mulheres e filhos. E lançou pregão o imperador que todos os judeus de Dambiâ e de todo o império se fizessem cristãos, desejando que se acabasse em sua terra o judaísmo, e muitos se baptizaram, a quem mandou que lavrassem aos sábados, para que mostrassem como eram cristãos.

[fol. 463v] Como passou a Páscoa da Ressurreição, mandou o imperador a Erâz Cela Christôs, e Gojâm Nagâx Caflô, com grande exército, a dar em os gâlas da terra de Biçamô, e que mandassem gente a Nareâ que trouxesse o tributo que paga aquele reino. E, chegando a Biçamô, entraram muitos dias pelas terras dos gâlas, sem poder alcançar mais que alguns, que mataram, porque fugiram muito longe, e assim, como mandaram a gente que havia de ir a Nareâ, se tornaram em paz. E o imperador saiu de Libô e veio à sua corte de Gorgorrâ. E, dali a pouco, morreu a Oizarô Amata Michael, filha do Imperador Malâc Çaguêd, o que o imperador sentiu tanto que a chorou muitos dias.

No fim do inverno, teve novas o imperador como<sup>4</sup> tinham concertado entre si muitas casas de gâlas para darem em um mesmo tempo em diversas terras, e que um exército muito grande ia já para o reino de Tigrê. E os da casa de meraoâ vinham a Begmêder e os das casas de itû e borên para Gojâm, pelo que o imperador saiu<sup>5</sup> com muita pressa e se foi a<sup>6</sup> pôr com seu exército em Begmedêr, <sup>7</sup>na terra Estê, por estar <sup>8</sup>entre Tigrê e Gojâm, para dali acudir onde fosse mais necessário. E, em Dezembro, soube como os gâlas da casa meraoî desistiram de vir a Begmêder, e, assim, foi caminhando para Tigrê, e teve a festa do Natal em Xemâmahe Çabeâ. E, dali, passou a Anfarâz, onde todos os conselheiros lhe disseram que não podia ir a Tigrê, porque no caminho de Oag Abargalî não havia água nem palha que bastasse para os cavalos e jumentos e, se descesse por Lamalmô, não podia alcançar os gâlas porque já eles teriam tornado a suas terras; que melhor era acudir a Gojâm, que estava perto; pelo que deu volta para lá e esteve em Gumarâ a festa do baptismo e dali foi a Gojâm. E, chegando à terra Çalalô, soube como os gâlas da casa de itû passaram já a Gojâm, e, assim, deixou a recovagem e foi com muita pressa com só a gente de guerra em sua busca. Mas, chegando ao Rio Sabaî, achou que Hadarô, capitão de Erâz Cela Christôs, os tinha desbaratado e morto muitos, e os que escaparam eram já idos.

Com isto, se tornou o imperador à terra Xarâ e assentou seu arraial ao longo do Rio Çuhâ e ali disse que todos os capitães fossem com sua gente à terra de Xâoa, para dar em os gâlas de itû que escaparam, e nos demais de sua terra. E disse Erâz Emâna Christôs que nem ele, nem seus soldados podiam ir, porque não tinham comedia. Respondeu o imperador que ficasse ele e fossem seus soldados de toda maneira, mas ensoberbeceu-se, parecendo-lhe que sem os seus não podiam alcançar vitória dos gâlas. E [fol. 464] mandou dizer ao imperador

<sup>1</sup> De acordo com a edição Porto, 1945; este fólio do Ms. 778 BPB está ilegível. Ms. 778 BPB: ou. Entenda-se: «eu só desço a Cemên».

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 417/406].

<sup>3</sup> De acordo com a edição Porto, 1945; este fólio do Ms. 778 BPB está ilegível. Ms. 778 BPB: tiram.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: com.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: perdoaria.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 417v/406v].

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: os.

<sup>10</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e fez por excomunhão para que não ficasse nada,

<sup>11</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 524] Da morte da may e do filho mais velho do emperador; de varios assaltos q deo, e de como deu o officio de ras a Cellâ Christos seu irmão mais moço §§ 17.º.

<sup>12</sup> Ver livro I, cap. X, supra.

<sup>1</sup> Ms. 11966 SOAS: Canafra Christos filho mais velho do emperador, cuja morte foi de todos muito sentida.

<sup>2</sup> Esta informação encontra-se apenas na tradução portuguesa da *Crónica* feita por P. Páez. Por sua vez, M. Almeida propôs uma variante, dando o nome «Dâbrâ Dima». Quanto à *Crónica de Susnêjos* editada por F.M. Esteves Pereira, o nome da igreja é «Dâbrâ Rema»; ver F.M. Esteves Pereira, *Crónica de Susnêjos*, Lisboa, vol. 1, 1892 (texto gueeze), p. 154; vol. 2, 1900 (trad.), p. 119. Ver glossário (Çanâ / Çaanâ / Sanâ / Tana Qirqos). Ms. 11966 SOAS: Foi sepultado em Debra Dimâ. Dali a alguns dias, no mesmo lugar, sesta feira de endoenças, descansou dos trabalhos desta vida Ite Hamalnal may do emperador, e foi sepultada em mosteiro Çanâ.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: escaparem.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: se.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: foi.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>7</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 525].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 418/407].

que mandasse ele aos soldados que fossem, e sobre isso<sup>1</sup> se mandaram muitos recados até que se enfadou o imperador. E, conhecendo suas coisas, lhe tirou o mando que tinha, que era ser cabeça de todos debaixo do imperador. (E assim na língua amharâ se chama Erâz, que quer dizer cabeça. Também se chama Behêt Oadêd, e na língua arábia Guacîr.) E deu o mando a Cela Christôs, seu irmão mais mancebo, e dali por diante se intitulou Erâz, que antes não era mais que Dêye Azmâch (scilicet «capitão»), e mandou-lhe que fosse com todo o exército contra aqueles gâlas que estavam na terra Muguêr na parte que chamam Meca Ohâ; e assim foi. E, passando o Rio Abaoî, entrou<sup>2</sup> por Olacâ e deixou sua recovagem na terra Darâ e foi com só a gente de guerra sempre posta em ordem até chegar a Meca Ohâ, mas não achou os gâlas, porque eram idos adiante. E, assim, passou até Eguredebêt, onde estavam, e vendo os gâlas, de longe, o exército de Erâz Cela Christôs, fugiram de maneira que, ainda que os seguiu a toda a pressa, não os pôde alcançar, mas tomou-lhes suas mulheres e filhos e muitas vacas que não puderam levar, e com isto se tornou para o imperador.

## CAPÍTULO XX

EM QUE SE PROSEGUE A HISTÓRIA DO IMPERADOR SELTÂN ÇAGUÊD  
E COMO ACABOU DE PACIFICAR SEU IMPÉRIO COM MORTE E DESTERRO  
DOS QUE O PERTURBARAM<sup>3</sup>.

Chegando Erâz Cela Christôs onde estava o imperador, se alevantou e foi caminho de Dambiâ e, chegando à terra Budâ, <sup>4</sup>teve ali o Entrudo. E, depois, passou o Rio Abaoî pelo caminho de Darâ e, como chegou à terra Cencenemâ, se escureceu o ar e se cobriu toda a terra de<sup>5</sup> Dambiâ e Tigrê de um pó como névoa que cheirava a enxofre, e durou muitos dias, posto que algumas vezes aclarava. Depois, foi<sup>6</sup> caminhando devagar, e entrou em sua corte de Gorgorrâ. E não esteve ali mais que duas semanas, porque logo tornou a sair e foi pelo caminho de Tacuça e Tancâl à terra que chamam Gunquê, e dali mandou chamar a Naêl, filho de Agub, com que primeiro tinha concerto. E, como veio, beijou o pé ao imperador e prometeu de o servir dali por diante e não tornar mais a seu senhor Urbât, rei de Senaâr, e o imperador lhe deu ricos vestidos e peças de ouro e prata. E [fol. 464v] depois, guiou Naêl ao imperador até chegar à terra d'el-rei de Fûnye e deu na terra Çarquî, e matou muitos e cativou suas mulheres e filhos e queimou suas casas.

Fez isto o imperador por cinco causas. A primeira porque, mandando ele muito ricas peças de presente ao rei<sup>7</sup> de Badê, ele não res<sup>8</sup>pondeu como devia, e mandou dois cavalos muito ruins. A segunda, porque deu Naêl nas terras que pertencem a Dambiâ e fez muito dano, e, mandando-lhe dizer o imperador «se fora aquilo

com seu consentimento ou não?», ouvindo este recado calou, e não respondeu. A<sup>1</sup> terceira, porque Alêb, criado do imperador, fugiu para ele com muitos cavalos e levou os atabales de Maçagâ, e o imperador lhe escreveu que não detivesse lá seu criado, que ele lhe perdoava e que, se não quisesse vir, que lhe mandasse os atabales, e ele não quis fazer uma coisa nem outra. A quarta, porque, indo-se a gente<sup>2</sup> Chucên a Çarquî, os agasalhou e depois os seus lhe fizeram muito maltratamento, e não lhes deixaram enterrar seus mortos sem que pagassem, pelo que eles quiseram fazer amizade com seu senhor o imperador e, quando vinham, deram neles os de Çarquî e mataram muitos e tomaram suas mulheres e filhos. A quinta, porque vindo para o imperador a mãe de Ioseph, filho de Gibarâ, a tomou a gente de Çarquî e a não deixaram passar. Por todas estas coisas se enfadou o imperador e fez amizade com Naêl, e destruiu as terras d'el-rei de Badê, sujeito a el-rei de Senaâr<sup>3</sup>.

Tendo-se o imperador afastado de Çarquî dois dias de caminho, lhe chegou recado, sexta-feira de Endoenças, de Ite Amâtra Christôs, sua prima, que Iuliôs se alevantara e se perturbara toda a terra, pelo que ela fugira com embarcação para Çarcâ. E quinta-feira depois de Ressurreição, lhe chegou carta da im<sup>4</sup>peratriz, em que lhe dizia o mesmo e que ela fugira com seus filhos para Tacuça, que viesse com toda a pressa; pelo que o imperador apressou seu caminho e, dali a pouco, chegou uma carta de Iuliôs com palavras de grande soberba; e, chegando a Tancâl, assentou ali. Entretanto, saiu Iuliôs de Oagrâ e desceu por Granhbâr, e foi para o Rio Reb, porque ele e Erâz Emâna Christôs tinham concertado de se juntar ali para tomar conselho sobre o que haviam de fazer contra o imperador. Mas Erâz Emâna Christôs não veio, antes fugiu dele e, indo por Begmêder, lhe saiu ao encontro Ligabâ Za Denguîl para o tomar, mas escapou, largando sua recovagem.

Como Iuliôs soube que Erâz Emâna Christôs fugira dele, foi para Darâ, com intenção de passar a Gôjâm a pelejar com Erâz Cela Christôs, e, chegando a Guetebâ, enviou muita gente de pé e de cavalo, para que trouxessem ao Abuna Simam, que estava dentro [fol. 465] do Mar (scilicet «lago<sup>5</sup>») de Dambiâ, em Debra Mariâm. E escreveu-lhe, <sup>6</sup>dizendo: «Eis aqui, meu pai, venho para morrer por Cristo, porque o imperador e Erâz Cela Christôs, seu irmão, dizem que em Cristo estão duas naturezas, divina e humana. Ajudai-me.» O Abuna Simam tinha quebras com o imperador por causa de uma carta que o patriarca de Alexandria, Marcos, mandara ao imperador, em que lhe dizia:

«Depois que mandei a Abba Simam por papa das terras de Etiópia, não me enviou nem um real, nem me honrou como os filhos devem honrar a seus pais. E, quando me prendeu o baxá do Cairo, levou todos os ornamentos da igreja, pelo que tomei emprestadas de Abdêl Nechit oitenta oqueas (são oitocentos cruzados). Fazei que Abba Simam as pague ao irmão de Abdêl Nechit, porque ele morreu, e, se não as pagar, o turco me há-de prender. E, se ele não quiser, vos esconjuro, ó imperador, e também a todos os grandes de vosso império, no nome de Deus honrado e alto, e no nome de Nossa Senhora Maria, que tomeis quanto fato tem Abba Simam. Também tenho ouvido que Abba Simam não anda pelo caminho que devem os papas, senão que tem mulher e filhos. Se isto for verdade, escrevei-me, para que mande outro que seja amador da limpeza que guarda a igreja de Deus conforme ao costume dos apóstolos e de seus cânones.»

Como o imperador viu esta carta, mandou ao Abuna Simam, para que fizesse o que lhe mandara<sup>7</sup> o patriarca. E, lendo-a ele, se enfadou muito e disse: «Não me pode em esta terra mandar o patriarca Marcos, que

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: isto.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 418v/407v].

<sup>3</sup> O Ms. 11966 SOAS não faz distinção de capítulo.

<sup>4</sup> O Ms. 11966 SOAS: [fol. 526].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: até.

<sup>6</sup> Omissão no Ms. 778 BPB: foi.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: a el-rei.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 419/408].

<sup>1</sup> Omissão no Ms. 778 BPB: A.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>3</sup> Ms. 11966 SOAS: Como se alevantou contra o emperador Iulios seu genro, e foi morto em batlha §§ 18.º.

<sup>4</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 527].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: da lagoa.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 419v/408v].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: mandava.

pague o ouro que ele tomou emprestado.» Mas o imperador ordenou que pagasse como o patriarca mandava. Por isto, estava muito enfadado com o imperador.

Também este Abuna Simam tinha muitos pecados públicos e coisas que não convém aos prelados da Igreja nem aos fiéis de Cristo. Primeiramente, tinha muitas mulheres, desonrava<sup>1</sup> donzelas, e tomava mulher alheia, como Romana, mulher de Metî, egípcio. O segundo, depois que tinha filhos, mandava a eles e a suas mães como quem os bota aos lobos, para que a gente não soubesse que era homem pecador e afastado da verdade. O terceiro, bebendo vinho, mandava chamar ao chocarreiro para que lhe tangesse e cantasse como fazem os príncipes. O quarto, vestia-se ricamente e tinha cama como os príncipes e rei. O quinto, tinha soberba, que <sup>2</sup>é o príncipe de todos os pecados, e rei de todas as maldades. O sexto, era mui duro de coração e assim, quando vinham de longe da terra de Nareâ, de Cambât, de Xâoa e [fol. 465v] Tigrê a tomar ordens, lhes fazia servir meio ano e um ano em trazer lenha e acarretar pedra para casas, antes que lhas desse, e alguns morriam esperando ali por elas. O sétimo, muito amigo de fato e de juntar ouro de todas as igrejas, e, se algum que tinha cargo delas, não lhe<sup>4</sup> dava ouro, o suspendia das ordens e lhe mandava com excomunhão que não abrisse a igreja. O oitavo, quando vinham tomar ordens, porque como eram muitos, se apertavam e chegavam demasiado a ele, lhes dava com um pau e com aquilo que achava, até os ferir e derramar seu sangue. O nono, não<sup>5</sup> examinava se eram idôneos para lhes dar ordens, ou se eram gentios ou mouros; como traziam uma pedra de sal (é coisa que corre por moeda), lhas dava, perdendo o costume da Igreja que edificou Cristo Nosso Senhor sobre a pedra da fé, Pedro. O décimo, foi semelhante ao Diabo, fazendo perder muitos homens, porque disse a todos os do exército de Iuliôs que absolvía aos que tivessem morto gente, tomado mulher alheia e quebrado a Lei; mas que o que não matasse no exército do Imperador Seltân Çaguêd quantos achasse, sem perdoar homem nem mulher, menino nem menina, fosse excomungado no Céu e na Terra. Outros muitos pecados tinha, que não queremos contar, mas a Deus não há nada escondido<sup>6</sup>.

Deixando estas coisas, tornaremos às de Iuliôs, que, após aquela carta que lhe escreveu, em que lhe pedia que lhe ajudasse contra o imperador e Erâz Cela Christôs, seu irmão, porque diziam que em Cristo estão duas naturezas, lhe mandou outra em que dizia: «Ouvi ao imperador que vos havia de tomar por justiça, porque andais com muitas mulheres, desonrastes donzelas, tendes filhos, e fostes fora do caminho de abuna, e que, depois que vos julgassem à morte, havia de mandar que vos matassem diante de todo seu arraial. Antes que vos chegue esta tentação e trabalho, melhor é morrer comigo.» Vendo ele estas cartas, saiu logo de Dabra Mariâm e, juntando-se com os fortes de Iuliôs, veio para ele, seguindo-o o Diabo, e, como chegou, lhe disse: «Não tomastes<sup>7</sup> bom conselho em vir contra Erâz Cela Christôs, porque dirão que pelejais com ele, porque tomou vosso <sup>8</sup>mando. Tornai contra o imperador, que traz cansados os cavalos e a gente, e a vós se vos juntará muita, parecendo-lhe que ides a morrer pela fé.» Por isto, tornou Iuliôs para Dambiâ em busca do imperador.

Ouvindo o imperador como Iuliôs tornava contra ele, levantou de Tancâ<sup>9</sup> e foi a Lingâ Çafarâ e, dali, mandou a [fol. 466] Balatina Gueitâ Ionaêl, e Abeitahûn Melca Christôs com gente para que lhe saís-

sem ao encontro e ele foi por Xangoa à terra Bulâ e assentou seu arraial em lugar alto. Depois veio Iuliôs e assentou na terra de Çada, e Ionaêl, com todos os seus, tornou ao imperador. E, quarta-feira, onze<sup>1</sup> de Maio de 1617, saiu o imperador a ver o exército de Iuliôs, e aquele dia estiveram à vista o imperador <sup>2</sup>no alto, e Iuliôs mais baixo; e os do exército do imperador tiveram grande medo, porque os de Iuliôs eram tantos que cobriam a terra como gafanhotos. O dia seguinte<sup>3</sup> em amanhecendo, levantou Iuliôs donde estava e se foi chegando ao imperador, para que os principais do exército do imperador, com quem de secreto estava concertado, se passassem para ele; mas não puderam, porque não sabiam bem uns de outros, e o imperador, vendo que vinha Iuliôs, saiu de seu arraial e pôs em ordem sua gente, os de cavalo para uma banda e os de pé para outra. E então, Gojâm Nagâx Caflô, que era o principal dos que estavam concertados com Iuliôs, se afastou com muita gente do exército do imperador para uma banda, parecendo-lhe que, como ele não pelejasse com sua gente, seria vencido o imperador. Vendo Iuliôs que aqueles com quem estava concertado não se passavam para ele e, sabendo que outro dia havia de chegar Erâz Cela Christôs com toda a gente de Gojâm, e que Dêye Azmâch Oald Haureât também havia de entrar aquele dia com toda a gente de Begmêder, determinou de dar logo batalha, tendo por melhor ainda morrer nas mãos do imperador que esperar chegassem aqueles. E, assim, levantou de onde estava e foi com grande soberba para o imperador e, de longe, começou a correr com seu cavalo e se adiantou com poucos cavaleiros. E, chegando ao capitão da mão direita dos do imperador, que se chamava Azâx<sup>4</sup> Caflô, se afastou e deixou passar a Iuliôs, uns dizem que com medo, outros que por soberba. Mas, chegando Iuliôs ao esquadrão dos soldados de Çagadê, começaram a pelejar, e um lhe deu com uma péla<sup>5</sup> na testa como a Goliad, e outro, que se chama Amelâu, lhe deu com seu zarguncho<sup>6</sup>, e, caindo do cavalo, lhe cortou a cabeça.

Parecendo-lhe ao imperador que Iuliôs não vinha na dianteira, senão que ficava atrás, arremeteu com seu exército para aquela parte, mas os de Iuliôs, que tinham visto cair a<sup>7</sup> seu senhor,<sup>8</sup> viraram logo, e morreram muitos. E o Abuna Simam também foi morto, porque o acharam na guerra em suas maldades, e caiu ao pé da bandeira, como um baxá. E, cortando-lhe [fol. 466v] a cabeça, a trouxeram ao imperador com a de Iuliôs. E os soldados acharam fato sem conto, ouro, prata, vestidos muito ricos, espadas e adagas com as<sup>9</sup> guarnições de prata e douradas, muitos capacetes, malhas e outras armas, cavalos e mulas. Nunca em Etiópia acharam os vencedores tanta riqueza, nem quando o Imperador Malâc Çaguêd<sup>10</sup> a El-rei Mahamêd, nem a Azmâch Isaac e os turcos<sup>11</sup>, nem no arraial de Erâz Celaçê, nem no do Imperador Iacob, quando o venceu o Imperador Seltan Çaguêd. E, às três horas depois de meio-dia, tornaram ao imperador os capitães e soldados que andavam espalhados tomando fato e trouxeram presos a Cegueiûm, a Damô, Labacî, Naçaranî, Cabatô, Libçô, filho de Român Azfô, criados e conselheiros de Iuliôs. E, perguntando-lhes o imperador a causa por que se levantaram contra ele, mandou que lhes cortassem as cabeças.

<sup>1</sup> Ms. 11966 SOAS: cinco.

<sup>2</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 529].

<sup>3</sup> Ms. 11966 SOAS: seis de Mayo.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: Erâz [fol. 421/410].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: pela.

<sup>6</sup> Esfera metálica de arremesso, presa a um cabo que permitia recolhê-la.

<sup>7</sup> Omito no Ms. 778 BPB: a.

<sup>8</sup> Ms. 11966 SOAS: neste comenos arremeterão os do imperador aos do levantado, mas vendo elles que seu capitão era morto.

<sup>9</sup> Omito no Ms. 778 BPB: as.

<sup>10</sup> Palavra omissa. Leia-se: «quando o Imperador Malâc Çaguêd venceu a El-rei Mahamêd».

<sup>11</sup> Leia-se: «aos turcos».

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: mo lheres.

<sup>2</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 528].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 420/409].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: não.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>6</sup> Este parágrafo é totalmente omitido pelo add. ms. 9861 BM; ver F.M. Esteves Pereira, *Crónica de Susnyos*, Lisboa, vol. 1, 1892 (texto gueeze), p. 164; vol. 2, 1900 (trad.), p. 126.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: tomaste.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 420v/409v].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: Tencâl.

Acabado isto, fez o imperador trazer todas as armas e cavalos que foram tomados aquele dia e, juntando as malhas em uma parte, e ca<sup>1</sup>pacetes em outra, ficaram como<sup>2</sup> dois montes, afora de muitas espadas e adagas; e os atabales foram vinte e cinco pares. E tudo repartiu ao<sup>3</sup> que lhe pareceu de seu exército, e<sup>4</sup> o demais de ouro e prata e vestidos, deixou aos que o<sup>5</sup> tomaram, com o que todos ficaram muito alegres e contentes.

Antes que passemos adiante, será bem dizer<sup>6</sup> alguma coisa de quem era Iuliôs e do que o imperador, antes que reinasse, e depois, lhe fez, para que melhor se veja sua ingratidão e maldade<sup>7</sup>. Era<sup>8</sup> Iuliôs natural da terra Olacâ e, sendo pequeno, que não vestia mais que meio pano da terra, começou a servir ao Imperador Seltân Çaguêd antes de o ser. E, como morreu o Imperador Malâc Çaguêd, fugiu Seltân Çaguêd e andou dez anos pelos desertos e pelas terras que dissemos no princípio desta história. E, neste tempo dos trabalhos, serviu muito bem Iuliôs ao imperador, e ele também lhe fez muitas mercês, porque primeiramente o fez seu balatina gueitâ (*scilicet* «mordomo-mor»), depois capitão dos espingardeiros e, dali a pouco, zafalâm da Xâoa, Ifât, Elazmâ, Emanz, e Ecâz<sup>9</sup>. E, como descansou o Imperador Iacob e senhoreou toda a terra o Imperador Seltân Çaguêd, o fez vice-rei de Gojâm e o casou com sua filha, a<sup>10</sup> Oizarô Malacotaôit, e, depois que se levantou a primeira vez que o imperador lhe tirou Gojâm, dali a pouco o fez Damôt Çafalâm e lhe deu a metade de [fol. 467] Gojâm. E, por se não haver bem com a gente de Damôt, pediu ao imperador que o fizesse vice-rei de Tigrê, e lhe deu juntamente o mando de bahâr nagâx, e tudo lhe concedeu. E, chegando lá, destruiu toda a terra, tomando a muitos seu fato, e matando a outros. E, depois que<sup>11</sup> tornou de Tigrê, lhe deu o imperador Oagrâ, Çalamt, Abargalê e outras terras e, com ter tantas e tão grandes, não se contentou e morreu pelejando contra quem lhe tinha feito tantas mercês e levantado a tão grandes honras.

O seguinte dia depois que morreu Iuliôs, em amanhecendo, chegou Erâz Cela Christôs com toda a gente de Gojâm, e teve grande paixão por não chegar antes que se desse a batalha. E o imperador lançou pregão que perdoava a todos os criados de Iuliôs, e, a quantos lhe<sup>12</sup> ajudaram pelejando contra ele que ninguém lhes tomasse mais fato do que perderam na batalha. E, levantando dali, foram a Çadâ, onde esteve uma semana, e depois passou a Dencâz e, dali, deu o mando de Begmêder a Ionaêl, e o Oald Haureât deu Cemên, Çalamt, Oâg, Abargalê, com todas as demais terras que tinha Iuliôs, excepto Oagrâ, que deu aos soldados que chamam cocâb<sup>13</sup>.

Estando o imperador em Dencâz, mandou Dêye Azmâch Afa<sup>14</sup> Christôs com guarda a Erâz Emâna Christôs, que se tinha<sup>15</sup> ido a Amharâ e, estando ainda em Udô, mandou sua bandeira<sup>16</sup> e atabales para lá, e logo enviou dois filhos. E, ao mais velho, que se chama Heoâ Christôs, mandou que tomasse o forte que chamam Amorâ Gadêl. E, ao mais pequeno, que se chama Ede Christôs, lhe disse que tomasse a serra Corêb e

que ele iria depois com Iuliôs e tomaria a Dêye Azmach Afa Christôs (que é seu irmão mais velho) e, como o tomasse, senhorearia Amharâ, Ambeçêl, Olacâ, e Manz, e os gâlas maraoâ e outros que estão detrás lhe ajudariam. Mas Heoâ<sup>1</sup> Christôs, vendo que seu pai se queria alevantar contra o imperador, não fez o que lhe mandava, antes se foi para seu tio Dêye Azmâch Afa Christôs, e descobriu-lhe o concerto que seu pai tinha com Iuliôs, e o que determinava de fazer. O mesmo lhe disse um seu criado, que viera do arraial de Erâz Emâna Christôs, pelo que lhe mandou dizer: «Como fazia uma coisa tão mal feita como era unir-se com Iuliôs contra o imperador seu irmão? Porque queria perder a honra e entregar o império a outro?» [fol. 467v] Respondeu Erâz Emâna Christôs: «Eu não me quero alevantar contra o imperador, mas Iuliôs me mandou dizer que o imperador lhe dissera: “Eu já tomei esta fé, que em Cristo estão duas naturezas, e comunguei com os padres. Entrai vós também em esta fé, e comungai com eles”, e que respondera: “Eu só hei-de entrar ou também vossos irmãos Dêye Azmâch Afa Christôs, e Erâz Emâna Christôs?” E que lhe dissera: “Vós entrai agora e, se eles quiserem, entrarão por suas vontades, e senão, prendê-los-ei no mês de Junho<sup>2</sup> e por força os farei entrar”. Quando ouvi isto, fugi para morrer por minha fé.»

Chegando este recado a Dêye Azmâch Afa Christôs, lhe tornou a mandar dizer se ouvira ele alguma coisa da boca do imperador, ou só por recado de Iuliôs? E<sup>3</sup> respondeu que de só Iuliôs. E, conhecendo Dêye Azmâch Afa Christôs que era mentira, juntou muita gente de cavalo e de pé, com muitas espingardas, e foi a Melêc Ambâ, onde estava Erâz Emâna Christôs, e mandou-lhe dizer que, se era obediente ao imperador, descesse para que tratassem ambos todas as coisas. E respondeu que desceria com cinco homens, que chegasse ele com outros cinco e jurassem ambos de não fazer<sup>4</sup> mal um ao outro. E, depois de jurarem, desceu Erâz Emâna Christôs com cinco homens e Dêye Azmâch Afa Christôs foi com outros cinco e, como se juntaram, mandaram afastar os sete e que ficassem três para testemunhas do que falassem, e, começando Dêye Azmâch Afa Christôs, lhe disse: «Porque vos alevantais contra nosso irmão, o imperador?» Respondeu Erâz Emâna Christôs: «Eu não me alevanto contra o imperador, mas, como me mandou recado Iuliôs que, por força, me haviam de fazer entrar na fé dos portugueses e comungar da<sup>5</sup> mão do Padre Pedro Paez<sup>6</sup>, me ajuntei com Iuliôs e vim até aqui para morrer por minha fé.» Respondeu Dêye Azmâch Afa Christôs: «Porventura sobre o cavalo e pelejando com exército se morre pela fé? Se o impe<sup>7</sup>rador vos mandar tomar a fé dos portugueses, dai vosso pescoço e espada e alcançareis coroa no Céu, como todos os mártires. Esta vossa coisa não é boa, mas o que passou já é passado. Vinde agora. Iremos a ajudar a nosso irmão Erâz Cela Christôs, antes que morra, porque Iuliôs foi com muita gente contra ele e o imperador não lhe pôde acudir porque foi a dar em Çarquû, terra d’el-rei de Fûnye. E, quando tornar, lhe pedirei misericórdia e farei que vos perdoe o passado.» Ele respondeu [fol. 468] que iria, e jurou diante de um crucifixo de descer o seguinte dia, em amanhecendo, com toda sua gente, para o acompanhar, e, com isto, se tornou para sua serra e Afa Christôs a seu arraial.

<sup>8</sup>Outro dia esteve Dêye Azmâch Afa Christôs esperando até muito tarde e, vendo que não descia, lhe mandou recado, dizendo que fora a causa de lhe<sup>9</sup> fazer esperar tanto, tendo jurado que havia de vir em amanhecendo. Mas ele quis antes deixar seus irmãos em um dia, que cumprir o juramento. E, assim, concer-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 530].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: como.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: com os.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: tudo o mais.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: dizermos.

<sup>7</sup> A frase «para que melhor se veja a sua ingratidão e maldade» está ausente no Ms. 11966 SOAS.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 421v/410v].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: Erâz.

<sup>10</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: lhe.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>13</sup> Ms. 11966 SOAS: Contão se as treições de ras Emana Christos contra o emperador seu irmão §§ 19.º.

<sup>14</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 531].

<sup>15</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 422/411].

<sup>16</sup> Ms. 778 BPB: suas bandeiras.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Heo.

<sup>2</sup> Ms. 11966 SOAS: Iulho.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: E.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 422v/411v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: pela.

<sup>6</sup> O nome «Pêro Paez» foi suprimido no Ms. 11966 SOAS.

<sup>7</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 532].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: O.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: a.

tou seus esquadrões e mandou que pelessem contra Dêye Azmâch Afa Christôs, seu irmão, e tiraram muitas vezes com as espingardas e com uma bombardas e não fizeram mais que derrubar uma tenda. E a gente de Dêye Azmâch Afa Christôs pelejou e venceu aos de Erâz Emâna Christôs. E, chegando-se à serra, a cercou e tomou a água e a erva e assim estiveram as vacas sem comer nem beber três dias, e a gente com grande trabalho, porque era muita. E, vendo-se os cercados em tão grande aperto, mandaram alguns frades a Dêye Azmâch Afa Christôs, e eles lhe pediram muito que tivesse piedade daquela gente e não os quisesse matar à fome e à sede porque estavam ali muitos frades e clérigos, mulheres e meninos. Erâz Emâna Christôs desceria só e iria para o imperador, e que ele ordenasse o que quisesse. Respondeu que descesse e que levantaria o cerco. E assim veio, e Dêye Azmâch Afa Christôs o entregou ao seu criado Amçala Christôs, que o levasse ao imperador com oitenta homens de guarda. E, indo<sup>2</sup> pelo caminho, lhe chegou um<sup>3</sup> recado de Erâz Cela Christôs, seu irmão, que lhe dizia: «Eis, aqui morreu Iuliôs, vosso senhor, em quem confiáveis. Vinde logo depressa e trazei uma pedra sobre a cabeça. E, senão, onde haveis de escapar de minhas mãos ou das de nosso senhor, o imperador?» Ouvindo ele isto, teve grande medo e foi com muita paixão.

Como chegou ao arraial de Dencâz, o demandou o procurador do imperador diante dos ouvidores e provou com muitas testemunhas como se concertara com Iuliôs para se levantar contra o imperador, e todos julgaram que merecia morte. Mas o imperador, movido com misericórdia por ser seu irmão, se contentou com o mandar preso a Gojâm, ainda que não merecia tanta piedade porque, demais desta traição, tinha feito outros muitos agravos ao imperador. Primeiramente, quando o queriam fazer imperador<sup>4</sup> disse: «Eu não hei-de entrar em isto. Não hei-de tirar o império da casa do Imperador Malâc Çaguêd, porque tenho juramento.» E, dizendo isto, se foi para Amharâ. [fol. 468v] Segundo: quando o Imperador Iacob foi para Amharâ e Za Celaçê saiu com exército de Gojâm para pelejar contra ele, lhe rogou muito, até lhe beijar a mão e tomar o pé, que não o deixasse, senão que lhe ajudasse, e Erâz Emâna Christôs não teve piedade de seu irmão, nem se moveu por seu rogo e assim se foi<sup>5</sup>; mas sem ele, com ter muito pouca gente, lhe deu Deus vitória de Za Celaçê. Terceiro: aconselhou aos soldados de Amharâ, que chamam Mariâm Hailê, que não fossem seus criados nem<sup>6</sup> lhe ajudassem, senão que se fossem para o Imperador Iacob, determinando, como estes entrassem, ir ele também para o Imperador Iacob. Quarto: quando aquele tredo, que acima dissemos, se levantou na terra de Cemên, dizendo que era Iacob, mandou seus cavalos e quanto tinha, até o fato de sua casa, para Amharâ, dando a entender à gente que era certo ser aquele o Imperador Iacob, que se não houvera de mandar assim seu fato; e, quando o imperador o mandou chamar para pelejar com o levantado, não quis vir até o imperador jurar que não lhe<sup>7</sup> havia de fazer mal pelo que tinha feito; e, depois, quis ser frade. Quinto: tendo o imperador cercado a serra Çaganêt, onde estava o levantado com Guedeôn, lhe mandou que guardasse com sua gente um passo, e ele se foi para outro, pelo que escapou a gente de Guedeôn e do levantado Taclûi. Sexto: aos que o imperador ama, ele aborrece, e com os que o imperador não folga ele faz amizade, e procura de casar suas filhas com os filhos daqueles que o imperador mandou matar por suas maldades; até a um filho de Guedeôn judeu, que se chama Oalâi, queria dar uma filha, mas, por o im-

perador se enfadar com ele, o deixou de fazer. Sétimo: quando o imperador lhe mandou que fosse por capitão-mor de todo seu exército para dar na terra Guerareâ, não quis obedecer<sup>1</sup>.

Depois que o imperador mandou preso para Gojâm a Erâz Emâna Christôs, levantou de Dencâz e, descendo por Granh Bâr, foi ao Rio Maguêch, onde o procurador do imperador demandou a Erâz Athanatêus, diante dos ouvidores, não somente de ter entrado na traição com Iuliôs, mas de outras muitas coisas de primeiro. E julgaram os ouvidores e os grandes do reino que merecia morte, e lhe disseram: «Vós sois o que tirastes ao Imperador Iacob depois de ter o império sete anos e o mandaste preso a Nareâ. Vós sois o que destes o império ao imperador<sup>2</sup> a Za Denguêl, e depois<sup>3</sup> vos ajuntastes com os que se levantaram contra ele e o mataste sem nenhuma coisa. Iuliôs, de quem aprendeu suas traições e maldades! Porventura vós não sois o mestre de todos os tredos?» Pelo que alguns [fol. 469] julgaram que fosse apedrejado, outros que lhe cortassem a cabeça. E muitos disseram ao imperador que ele tinha a culpa de muitos males, por lhe esperar até ser três vezes tredo; que, se na primeira lhe mandara cortar a cabeça, Iuliôs não se houvera de levantar e toda a terra<sup>4</sup> estivera em paz até agora. Com tudo isso, não quis o imperador que se executasse a sentença, porque é misericordioso, mas mandou que o levassem preso para Amharâ, sem lhe dar outro nenhum castigo.

Passando o imperador adiante, entrou em sua corte de Gorgorrâ, e mandou prender a Mahainna Christôs, a Cantez Cenô e sua mulher Escandara Oit, urdidora e alicerce de todas as maldades de seu marido Cantez Cenô, de quem falámos no capítulo<sup>5</sup>, e, no fim de suas coisas,<sup>6</sup> entrou na traição de Iuliôs e Mahainna Christôs com Erâz Emâna Christôs. E, com tudo isso, se contentou com que fossem presos para outra parte.

Depois demandaram por ordem do imperador, a Oizarô Oalata Guiorguês e lhe disseram: «Vós murmurastes do imperador e dissestes a muitos senhores e senhoras grandes no mês de Junho: «Vós há-de prender, porque ele nega a fé de Alexandria e confessa a de Roma, e vos há-de fazer entrar nela por força.» Ela não respondeu palavra por bom espaço, porque estavam ali alguns a quem ela tinha dito estas coisas. E, depois que a obrigaram a responder, disse: «Minha murmuração não era para perturbar a terra e tirar o império. Falei simplesmente como falam os homens.» Esta resposta deram a imperador, e ele mandou que lhe tornassem a dizer: «O que respondeis que<sup>7</sup> vossa murmuração foi simplesmente, quando, em tempo do Imperador Iacob, ajuntastes os grandes do império e murmurastes dele, dizendo que negara a fé e quebrara a cruz, e vira a gordura de vaca como gâla, e que fizera o que não convinha aos homens, porventura esta vossa murmuração não o chegou à morte? Quando murmurastes do Imperador Za Denguêl e dissestes que comungara com os portugueses, e que mandara que comessem cavalo marinho, por ventura esta vossa murmuração o salvou, ou o fez chegar à morte? Assim cuidáveis de me fazer a mim, mas Deus me livrou da peçonha de vossa maldade, que mata escondidamente. Muito mais que isto, ensinastes a Iuliôs para que pelejasse comigo até morrer.»

A isto respondeu que nunca aconselhara a Iuliôs tal coisa, mas testemunharam muitos como ela entrara na traição e fortalecia o coração de Iuliôs para a [fol. 469v] maldade, e lhe era como ama; e que viram uma carta que ele lhe escrevera, em que dizia: <sup>8</sup>«Minha terra de Gang perderam os gâlas, e não achei saúde. Vós também não morrais, porque menos é passar o Céu e a Terra. (Em que lhe queria dizer que o imperador

<sup>1</sup> Ms. 11966 SOAS: Como forão convencidos, e castigados alguns que entrarão na conjuração com Iulios, principalmente Caflô Bellatinoche Goita §§ 20.º.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: ao imperador.

<sup>3</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 534].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 424/413].

<sup>5</sup> Espaço deixado em branco, no Ms. Goa 42 ARSI, para preenchimento posterior. O espaço em branco surge igualmente no Ms. 778 BPB. As palavras «de quem falámos no cap.» Foram suprimidas no Ms. 11966 SOAS.

<sup>6</sup> Ms. 11966 SOAS: o qual finalmente.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 424v/413v].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 423/412].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: vindo.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: um.

<sup>4</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 533].

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e assim se foi.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 423v/412v].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: não.

o havia de prender e matar no mês de Junho). *Para que vós não morrais e não achemos bem, não obedecais.»*<sup>1</sup> E os mesmos criados de Iuliôs testemunharam que três criados dela levaram a carta e estiveram na batalha, e nela lhes tomaram suas mulas e vestidos. Ouvindo isto o imperador, lhe mandou dizer: «Não tenho que vos fazer. Deus vos pague conforme as vossas obras. Mas, por que não entreis em outras maldades nem perturbeis<sup>2</sup> minha corte, estai em Gojâm com vossos escravos e escravas. Levai vosso ouro e prata e todo vosso fato.» E assim foi a Gojâm e fez seu assento em Harezma.

Pouco depois, perguntou o imperador a Gojâm Nagâx Caflô: «Quem é aquela mulher que me dissesdes primeiro, antes que se alevantasse Iuliôs, estando no caminho de Darâ perto de Abaoi, que dizia aos grandes que eu os havia de prender no mês de Junho?» Ele não quis declarar quem era. Disse o imperador: «Depois que fiz demandar a Oizarô Oalata Guiorguís, se queixou dizendo que vós descobrieis todas as coisas e que já não lhe aproveitava nada falar contra vós porque não o haviam de crer, pois vós a tínheis primeiro acusada.» Ouvindo isto Caflô da boca do imperador, se perturbou muito e foi divertindo a prática, e depois, entrando em outra sala, dava muitas voltas, dizendo: «Ela declarou, ela declarou.» Isto ouviram alguns criados do imperador. E, entendendo que ele também entrara na traição, disseram ao<sup>3</sup> imperador pelo que ele se começou a informar. E muitos lhe disseram que ele era o esteio da casa dos tredos, e assim o mandou prender aos 14 de Junho. E o dia seguinte, em amanhecendo, mandou o imperador ajuntar os ouvidores e os governadores do império. E, estando ele em pé diante deles, lhe acusaram de todas as coisas que tinha feitas. Ele negou, mas logo testemunharam os criados de Iuliôs, e seus irmãos, que do princípio até o fim não se afastara de Iuliôs em os conselhos da traição, e que juraram ambos de extinguir a casa do Imperador Onâg Çaguêd, matando a todos para que não houvesse de sua geração quem pudesse reinar. Também testemunharam que ele mandara recado a Iuliôs, quando estava em Darâ,<sup>4</sup> que não fosse a pelejar com Erâz Cela Christôs, [fol. 470] que tornasse a pelejar com o imperador, que trazia sua gente e cavalos cansados, e não podia pelejar com ele por isto. E, por temer Iuliôs a Erâz Cela Christôs, tornou. Ouvindo isto os juízes, julgaram que merecia morte, e que esta fosse extraordinária, como o era sua culpa. Mas o imperador não quis senão que lhe cortassem a cabeça; e, como lha cortaram, fizeram grande festa todos os da corte, e uns lhe davam com os pés, outros com pedras; e, ficando ali o corpo, outro dia não foi achado. Uns dizem que o comeram os cães, outros que lobos, e outros que seus criados o enterraram.

O pai deste Caflô era dos soldados de Doarô e sua mãe da Xâoa, ambos muito pobres, que não tinham que comer. E, assim, a ele o tinham posto em casa de uma irmã de sua mãe e, estando guardando jumentos, vieram os gâlas e lhe deram tal zargunchada<sup>5</sup> em um ombro que o atravessaram de banda a banda e o fizeram eunuco, como eles costumam aos que matam, e, deixando-o por morto, se foram; e ele se alevantou depois e sarou<sup>6</sup>. E, como cresceu, foi criado de Azmâch Mutagarâd, que era seu<sup>7</sup> parente, e guardava-lhe a caixa de seus vestidos, que os tinha de sedas muito ricas. E, porque um dia pelejou com ele seu senhor, tomou brasas de fogo e meteu-as no caixão entre os vestidos e tornou a fechar; e, pela manhã, quando Mutagarâd se quis vestir, achou tudo feito em cinza, pelo que se enfadou muito, e, dali por diante, lhe tinha<sup>8</sup> grande aborrecimento. E todos os que ouviram o caso o julgaram por grande maldade.

Sendo já mancebo, entrou a servir ao Imperador Malâc Çaguêd, e ele o encarregou ao Oacâ, filho da Abeça Amatô. E depois pelejou com Oacâ e, levando da espada, foi após ele até dentro do paço, pelo que a Abeça Amatô se enfadou muito e não o deixou entrar mais em sua casa nem estar com seu filho. E assim esteve muito tempo, até que o imperador fez vice-rei de Gojâm a Erâz Athanatêus, que foi com ele. E Erâz Athanatêus o levantou, e honrou até o fazer gojâm nagâx, e, depois de muitos anos, quando foi peleja entre o Imperador Iacob e Erâz Athanatêus, que o imperador prendeu a Erâz Athanatêus, Caflô serviu ao Imperador Iacob, e, <sup>1</sup>dali a sete meses, quando Abeitahûn Ionaêl, Erâz Athanatêus e os governadores do império prenderam ao Imperador Iacob e o enviaram a Nareâ, se foi com Abeithaûn. [fol. 470v] E, dali a um ano, que mataram ao Imperador Za Denguêl, amador da verdade e da Lei de Deus, pelejou Caflô com Erâz Athanatêus, seu senhor, por um púcaro de vinho. E foi, se a Nareâ para trazer ao Imperador Iacob, mas não o achou porque era passado a Cambât, e assim se tornou e disse a Za Celaçê e aos demais<sup>2</sup> governadores como o Imperador Iacob não estava em Nareâ e que não havia novas dele; pelo que o mandaram com Erâz Oald Christôs, Abeitahûn Bela Christôs, e outros muitos grandes, que nomeámos acima, para que fizessem amizade com o Imperador Seltân Çaguêd.

Estando ele e os demais com o Imperador Seltân Çaguêd, souberam como o Imperador Iacob viera de Cambât e entrara em Gojâm. Então, o Imperador Seltân Çaguêd prendeu a Erâz Oald Christôs, a Abeitahûn Bêla Christôs, e a este Caflô, mas depois o soltou e lhe deu muitos ricos vestidos e o melhor cavalo que havia e quanto fato lhe tomaram quando o prenderam, e o fez de seu conselho. E, quando morreu o Imperador Iacob, que ficou senhor de tudo, lhe deu o mando da terra Ocên Ambâ. E, dali a um ano, disse ao imperador: «Senhor, melhor me é o mando de Oanabâ com Centôn<sup>3</sup>, que o de Ocên Ambâ.» Mas não buscava isto porque fosse melhor, que não era senão de muito menos proveito e honra. O que pretendia era unir-se com uns soldados de Erâz Za Celaçê que estavam naquelas terras, e acabar melhor a traição que maquinava contra o imperador. E ele, com simplicidade de pomba, com não lhe<sup>4</sup> faltar a prudência de serpente, lhe deu o que pedia. E, dali a um ano e meio, se alevantou juntamente com Iuliôs, e depois, porque não acharam força, se entregaram ao imperador, como dissemos acima no cap. 19.<sup>5</sup> E, depois que esteve preso nove meses, lhe perdoou, e o fez balatina gueitâ (scilicet «mordomo mor») e senhor de sua casa e de todo seu fato.

Em este tão grande mando esteve Caflô dois anos e quatro meses. E, no fim de todo este tempo, disse ao imperador que não podia com tanta<sup>6</sup> carga, e pretendia o mando de Damôt Çafalâm para<sup>7</sup> seus intentos. Mas o imperador lhe man<sup>8</sup>dou dizer, por uns<sup>9</sup> frades, que não deixasse o cargo. E ele se escusou, pelo que o deu a <sup>10</sup>Abeitahûn Aunabios, filho de Abeitahûn Ionaêl. E, vendo ele que não achava o mando de Damôt Çafalân, se perturbou e inquietou muito, e começou a tramar traição. E, dali a um ano, foi achado nela, estando com o imperador em Ambêz Gamâ, pelo que o mandou prender e entregar a Bemûl Ûr, que o levasse a Olacâ. E, dali a sete meses, mandou que tornasse para sua<sup>11</sup> corte, onde invernou. E, no mês de Novembro,

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 425v/414v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: mais.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: Cembôn.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: com lhe não.

<sup>5</sup> A referência «no cap. 19» foi suprimida no Ms. 11966 SOAS.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: tamanha.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: por.

<sup>8</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 537].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: três.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 426/415].

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>1</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 535].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 425/414].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: zargunchada.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: saiu.

<sup>7</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 536].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: teve.

[fol. 471] indo o imperador a pelejar com Guedeôn, judeu, e com Taclûi, o alevantado, tornou a dar a este Caflô o mando de balatina gueitâ. E então foi molesto e pesado a todos e amargoso como erva babosa, e sujeitava a todos os que tinham mando no império muito mais do que lhe cabia, sem que o imperador se atrevesse a lhe dizer nada, porque sabia que havia de ter grande paixão. E, depois de estar neste mando dois anos e sete meses, que esteve muito cheio de fato, não se contentando com o que tinha, se uniu com Iuliôs na traição e foi morto à espada quarenta dias depois que Iuliôs<sup>1</sup>.

Em aquele tempo, invernou o imperador em Gorgorrâ, louvando a Deus, que lhe pacificou seu império, derrubando os que o perturbavam. E Erâz Cela Christôs esteve com ele até Setembro, que foi a Gojâm, e, pouco depois que chegou, lhe mandaram recado os gâlas habetâ e ilmangocît a ele e a Dêye Azmâch Bucô, dizendo que pelejaram com seus senhores os gâlas da casa borên e mataram muitos; que os fossem a receber porque se queriam passar a eles, que bem sabiam que eram de suas terras, e não de casta gâlas. Ouvindo isto Erâz Cela Christôs, mandou logo a seu criado Azcadêr com grosso exército para que recebesse aqueles, e pelejasse com os gâlas borên, e Dêye Azmâch Bucô também passou o Rio Abaoi com muita gente e, juntando-se com Azcadêr, foram à terra Biçamô, onde estavam os gâlas habetâ e ilmangocît; e eles se alegraram muito e guiaram até onde estava Chilêabô, com quem primeiro pelejaram, e deram nele, unidos com Azcadêr e Dêye Azmâch Bucô, e venceram e mataram muitos e tomaram suas mulheres e filhos e muitas vacas. E Azcadêr escreveu logo o que passava a seu senhor Erâz Cela Christôs. Mas, antes que lhe chegasse a carta, já ele tinha passado o Rio Abaoi com todo seu exército para os ajudar, e escreveu ao imperador como ia, que ele também viesse a Gojâm, para que, se viessem os gâlas da casa tulamâ, ajudasse aos da casa mechâ.

Depois que Erâz Cela Christôs passou o Rio Abaoi, foi caminhando e, chegando <sup>2</sup>à terra Bôt, achou a Dêye Azmâch Bucô, e seus exércitos juntamente com os gâlas habetâ, e todos fizeram grande festa. E, sabendo Erâz Cela Christôs como o gâla Chileabô, que escapara a Azcadêr e a Dêye Azmâch Bucô, estava com sua gente na terra Acendabô, foi lá com muita pressa. E, dando de súbito sobre <sup>3</sup>ele, matou muitos [fol. 471v] gâlas e cativou suas mulheres e tomou muitas vacas e o foi seguindo até à terra Goâgoatâ, e ali tornou a pelejar com ele e matou muitos de seus fortes. E o seguinte dia, em amanhecendo, mandou muita gente de cavalo que seguisse aos<sup>4</sup> que escaparam e foram até à terra Airân<sup>5</sup> matando os que acharam<sup>6</sup>. Depois foi Erâz Cela Christôs a<sup>7</sup> pelejar com os gâlas da casa de abô, que estavam na terra Derc<sup>8</sup>. E, chegando perto, mandou seus capitães em amanhecendo e, entrando pela terra, tomaram muitas vacas. E dois dias antes, tinha pelejado Benerô, senhor de Nareâ, com os gâlas da casa de acacô, porque Erâz Cela Christôs lhe tinha mandado recado que desse ele pela outra banda, e achou grande vitória, porque nenhum lhe escapou e tomou todas suas mulheres e filhos.

Sabendo os gâlas da casa de abô como, por uma parte lhe chegava Erâz Cela Christôs e por outra lhes vinha Benerô com grande exército, meteram-se em um mato, como fazem os cafres, mas Erâz Cela Christôs man-

dou a sua gente que entrasse dentro e mataram muitos e cativaram suas mulheres e filhos, e tomaram muitas vacas, durando o combate desde que saiu o sol até que se pôs. E, outro dia, os foi Erâz Cela Christôs seguindo até à terra Habexgâi, e ali matou muitos mais que primeiro, pelejando seis dias sem descansar, e tomou grande presa. Havida esta vitória pela misericórdia do Senhor, se tornou dando-lhe graças por tão grande mercê, e caminhou dezasseis dias até chegar a Bôt<sup>1</sup>, onde tinha deixado sua recovagem. E mandou que seus capitães ficassem com quase toda a gente de guerra, e dessem guarda à recovagem dos gâlas habetâ e viessem devagar, e ele passou o Rio Abaoi com pouca gente, e entrou em Gojâm.

A este tempo, já o imperador tinha chegado a Gojâm com grosso exército. E, chegando à terra Bagunâ, porque, como lhe chegou a carta de Erâz Cela Christôs, em que lhe pedia que viesse a Gojâm para ajudar se fosse necessário, logo partiu de Gorgorrâ a jornadas compridas. E, como Erâz Cela Christôs chegou onde o imperador estava, mandou que o recebessem com grande festa e ele lhe deu ricos vestidos e fez muitas honras, assim pelas vitórias como por trazer os gâlas habetâ e ilmanguçît com seus exércitos, mulheres e filhos. Depois foi o imperador a Omberrâ, e assentou em um campo muito chão e espaçoso, para que pudessem correr bem os cavalos, e ali quis receber aos<sup>2</sup> gâlas habetâ <sup>3</sup>e ilmanguçît, que, deixando suas recovagens, vinha toda a gente de guerra a o visitar e dar mostra de si. E, quando [fol. 472] chegaram perto, mandou o imperador que todos os seus se armassem e ordenassem seus esquadrões como quando querem dar batalha, e ele se assentou dentro da tenda <sup>4</sup>em seu trono ricamente concertado. E, vendo os gâlas tanta e tão lustrosa gente concertada à guisa de guerra, tiveram grande medo e, entrando na tenda por ordem, beijaram os pés ao imperador. E ele, com rosto alegre, lhes disse: «Seja bento Deus, que vos livrou da morte e trouxe à minha terra. Daqui por diante, correi conforme aos costumes dela e recebei o santo baptismo, para que saiais do duro cativo do demónio e sejamos iguais na honra do reino de Cristo, que não passa como o reino do mundo, senão que dura para sempre dos sempre.» Responderam alguns que fariam como lhes mandava. Outros pediram<sup>5</sup> os quisesses<sup>6</sup> deixar estar em sua seita até que fosse tempo, e assim dissimulou por então. E a alguns deu vestidos, a outros cavalos e mulas, e a todos muitas vacas, e as terras Oçên Ambâ, Mehiquél, Fecebedinh, Arbúc e Macâl.

Depois alevantou o imperador de Obermâ, e foi a Çalabaçâ, terra de agôus gentios, e esteve o que faltava do verão matando muitos e cativando suas mulheres e filhos, e tomou muitas vacas; porque não somente correu as terras de Çalabaça, mas outras de gentios que estão à roda, gastando em isto de Dezembro até Abril<sup>7</sup>.

Em o tempo que o imperador estava em as terras de Çalabaçâ, se descobriram muitos hereges em as terras de Olacâ e Amharâ, cuja seita se tinha começado em tempo do Imperador Za Denguil por um homem que se chamava Za Christôs, da família xorê<sup>8</sup>, natural de Ambelît. Este veio dizendo que era Cristo salvador do mundo, e sinalou doze apóstolos e discípulos, e profeta como João Baptista, e outros. E muitos lhe deram crédito e se lhe juntaram e lhe<sup>9</sup> traziam suas fazendas, e ele lhes dava de comer. E como se lhe acabou o fato e não teve com que os sustentar, mandou que tomassem mantimentos por força nas terras à roda de uma serra muito forte onde ele estava. E, ouvindo Abeitahûn Bêla Christôs as forças que faziam, mandou gente de

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Bâr.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 427/416].

<sup>4</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 539].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: pediam.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: quisessem.

<sup>7</sup> Ms. 11966 SOAS: Da nova seita de um fingido? Christo, e de como o emperador e seus capitães fizeram varias entradas nas terras dos Ballous, e tiverã delles victoria §§ 22. °.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: zonê. Ms. 11966 SOAS: ximê.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: lhes.

<sup>1</sup> Ms. 11966 SOAS: Como nas Cella Christos pelejou com varias Cabildas de Gallas; e trouxe huma dellas para as terras do imperio §§ 21. °.

<sup>2</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 538].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 426v/415v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Yirâm.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: achavam.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: Dârc.



guerra para que os prendessem; mas, chegando ao pé da serra, não puderam subir porque ele com os seus <sup>1</sup>pelejou<sup>2</sup> fortemente botando muitas pedras. E assim, deixando a peleja, lhe tomaram a água, com o que o houveram às mãos, e o levaram a seu senhor Abeitahûn Bêla Christôs, e ele ao Imperador Za Denguîl, que então estava em Dêbra Abraham, e mandou que o examinassem seus ouvidores. E, perguntando-lhe se era verdade que fizera diáconos e sacerdotes, e afirmara que era o<sup>3</sup> Salvador do mundo, respondeu que sim, <sup>4</sup>pelo que o julgaram à morte, e o imperador lhe mandou cortar a cabeça. E esteve seu corpo à vista de todos, cheirando muito mal, até que o imperador se levantou daquele lugar.

[fol. 472v] Passados catorze anos, começaram seus discípulos a publicar que ressuscitara Za Christôs e que Cristo vestira sua carne e veio a eles e diziam que Cristo nasceu<sup>5</sup> duas vezes, uma da Casa de Sem, da Virgem Maria, e outra da Casa de Canaan, de uma mulher que se chama Ameta Oenguêl. No primeiro nascimento se chamou Christôs e, no segundo, Zê Christôs. E fizeram uma igreja e ordenaram diáconos e sacerdotes. E, quando davam sua comunhão, diziam: «A carne de Za Christôs, nosso salvador, que tomou de Ameta Oenguêl, Nossa Senhora.» E mandaram que guardassem três dias na semana, Sábado à honra de Deus Padre, Domingo de Deus filho, Segunda-feira de Deus<sup>6</sup> Espírito Santo. E, na quaresma, nem Sábado nem Segunda-feira jejuavam. Ouvindo isto o Imperador Seltân Çaguêd, fez vir adiante de si alguns que tinham tomado. E, perguntando-lhes por suas coisas, provou<sup>7</sup> de os tirar delas, mas não pôde porque estavam muito firmes. E, assim, mandou que lhes cortassem as cabeças e que, a todos os demais, que se achassem em as terras de Olacâ e Amharâ, lhes dessem outras mortes, se não se quisessem reduzir. E enviou a Abba Za Malacôt, e Erâz Cela Christôs e Dêye Azmâch Afa Christôs mandaram com ele seus criados. E, chegando, ajuntaram quantos acharam, e disse-lhes Abba Za Malacôt que deixassem aquele engano e tornassem à verdadeira fé e fizessem penitência. Ao que responderam que antes morreriam morte muito cruel que deixar sua fé. E, não podendo fazer que desistissem de seu propósito, se botaram por uma rocha abaixo quatrocentos e noventa e, outro dia, duzentos e quarenta. E, com isto, ficou a Igreja em paz.

Estando ainda o imperador em Çalabaçâ, lhe chegou carta do Cantîba Za Guiorguîs, em que dizia que tinha dado em as terras Bertâ, Caebâ, Betêl, e outras que senhoreia el-rei de Funye, Erobât, e que<sup>8</sup> cativara muitas mulheres e meninos, quei<sup>9</sup>mara suas casas e tomara muito fato. Depois, soube o imperador como Erobât mandara muita gente de pé e de cavalo, para que guardassem a terra de Çarquî. Também lhe disseram como o Abuna Isaac, a quem tinha mandado para Etiópia o patriarca de Alexandria Abba Marcos, morrera na terra de Sennar muito tempo depois que o tomou Erobât; o que o imperador sentiu muito e alevantou logo de Çalabaçâ e foi caminhando até Dabolâ, e dali mandou a Ionaêl com muita gente às terras de Gemâ e Çabên e, dando nelas, tomou muitas vacas e fato, e tornou. E o imperador levantou logo de Dabolâ, passou por Bêd e foi à terra Tancâl e mandou a Ionaêl, ao Cantîba Za Guiorguîs e a Caba Christôs, com muita gente de guerra, para dar na terra de Çarquî. E, chegando lá em sete dias, o seguinte muito cedo se puseram em ordem,<sup>10</sup> e os d'el-rei de Funye estavam já aparelhados com muitos cavalos e gente de pé; mas, dando batalha, [fol. 473] foram desbaratados os balôus, e morreram muitos. E a Ionaêl lhe trouxeram trezentas

e vinte e seis cabeças, e tomaram muitos cavalos, malhas, capacetes, espingardas, atabales e camelos, e tornaram com grande alegria onde estava o imperador, que os recebeu com muita festa. Mas, <sup>1</sup>dali a oito dias, morreu de febre o Cantîba Za Guiorguîs, e o imperador o chorou muito porque o amava e era seu parente. E, assim, pôs em seu lugar, por Cantîba de Dambiâ, a seu filho mais velho.

Vindo o imperador à sua corte de Gorgorrâ, esteve ali aquele inverno, em que houve grandes doenças. E morreu tanta gente que muitos não os levavam à igreja, senão que os enterravam onde<sup>2</sup> achavam, pelo que no princípio de Outubro saiu o imperador de sua corte e foi a Dehanâ, onde esteve oito dias. E ali fez honra a el-rei de Dancaly, da maneira que costuma a fazer ao que vai por vice-rei de Tigrê ou de Gojâm, e então se cumpriu o que significa seu nome Seltân Çaguêd, porque na verdade o adoraram<sup>3</sup> os reis. Primeiro, Abdulcadêr veio com Aly, filho de Ayîb, e o adorou e obedeceu<sup>4</sup>. E el-rei de Dancali, que se chama Camêl, quando foi vencido do filho de seu irmão Sehim, veio ao imperador e adorou<sup>5</sup> e pediu lhe quisesse ajudar. E ele lhe deu ricos vestidos e gente, com que<sup>6</sup> tornou a recuperar seu reino, e concedeu que não pagasse mais que metade do tributo que pagava cada ano.

Passados oito dias, partiu o imperador de Dehanâ e foi caminho de Dencâz. E, como chegou, escolheu lugar para seu arraial e mandou que todos fizessem casas, e para si as fez muito boas.

Em este tempo, apareceram dois cometas: um aos 9<sup>7</sup> de Novembro, e outro a <sup>8</sup>25<sup>9</sup> de 1618<sup>10</sup>, que tinham figura de espada e duraram muitos dias. E os gentios de fora de seu reino, vendo estes cometas de cor de fumo, disseram que era sinal que os havia de vencer o Imperador Seltân Çaguêd. E, tendo estado ali o imperador quatro meses, saiu com todo seu exército pelas terras de Oagrâ. E, chegando a Aicolebâ, repartiu o exército em três partes e deu uma a Abeitahûn Melca Christôs, que era Balatîna Goeitâ, e a Dêye Azmâch Ionaêl, e mandou que fossem a<sup>11</sup> dar nas terras d'el-rei de<sup>12</sup> Erubât, e que procurassem de chegar até Deberquî. E outra parte do exército deu a Dêye Azmâch Oald Haureât, seu genro, para que fosse à terra Adebêrâ. E a Dêye Azmâch Taquela Guiorguîs mandou que fosse com a gente de Tigrê à terra de Tabâ. E ele tornou para sua corte de Dencâz, onde se ocupou [fol. 473v] toda a quaresma em livros e ver a explicação do Apocalipse que ele mandou tresladar do latim.

Partindo Abeitahûn Melca Christôs e Ionaêl, foram como o imperador lhes mandou. E, chegando, destruíram todas as terras de Funye, matando e cativando muita gente, e tomaram muitos cavalos, armas e atalabes. E, chegando a Abromelâ (com ser serra tão forte que, rebelando-se uma vez a gente daquela terra contra el-rei de Dequin, veio ele com todo seu poder, e não a<sup>13</sup> pôde entrar, e assim se tornou), eles a subiram por força de armas e mataram muitos, e tomaram ali seu rei e o trouxeram preso. E, chegando ao imperador com grande <sup>14</sup>festa e alegria, lhe apresentaram aquele rei com os escravos, armas e cavalos que tomaram em suas terras.

<sup>1</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 541].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: adoravam.

<sup>4</sup> Ms. 11966 SOAS: sojeitando se lhe. Depois veio.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: E el-rei de Dancali, que se chama Camêl, quando foi. Ms. 11966 SOAS: porque sendo. Omisso no Ms. 778 BPB: vencido do filho de seu irmão Sehim. No Ms. 11966 SOAS: e não tendo outrem a cuja sombra se acolhesse. Omisso no Ms. 778 BPB: veio ao imperador e adorou.

<sup>6</sup> Quer dizer, com a qual.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: 3.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 428v/417v].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: 19.

<sup>10</sup> Ms. 11966 SOAS: (por nossa conta um apareceu aos nove, e outro a vinte e cinco).

<sup>11</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>12</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>13</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>14</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 542].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 427v/416v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: pelejaram.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o.

<sup>3</sup> Ms. 11966 SOAS: [fol. 540].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: nascera.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: do.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: procurou.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: e tomara muito fato e.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 428/417].

<sup>9</sup> Ms. 11966 SOAS: [de peleja].

*Também Dêye Azmâch Oald Haureât foi como lhe mandou seu senhor. E, caminhando dezanove dias, chegou a Ateberâ, terra de Fûnye, e logo, domingo antes do meio-dia, deu nela e venceu ao capitão que ali estava. E, fugindo ele, mataram muitos dos seus e cativaram suas mulheres e filhos, de maneira que tudo ficou despovoado, e tomaram muita prata e ouro, peças e vestidos ricos, muitos camelos, espingardas, malhas, e capacetes e três pares de atalabes, com o que todos os do exército ficaram cheios. E, assim, lhe sucedeu ao Imperador Seltân Çaguêd o que a nenhum de seus antecessores, porque em uma mesma semana destruiu desde Çuaquên até Fazcolô, donde tiram o ouro, cumprindo-lhe Nosso Senhor o que desejava.*

*Como Dêye Azmâch Oald Haureât teve esta vitória, tornou logo, dan<sup>1</sup>do graças a Deus por tão grande mercê, e chegou a Dencâz quarenta e seis dias depois que dali partira, e entrou tangendo com os atalabes que tomou na guerra, que vinham sobre camelos. E, entrando ele onde estava o imperador, o recebeu com honra e lhe perguntou devagar as coisas da guerra. Depois mandou que metessem dentro do pátio os camelos que vinham com atalabes e os que os governavam os fizeram bailar a seu modo à vista do imperador, coisa a que todos deram aplauso, por ser nova, e o imperador deu ricos vestidos e colar de ouro a Dêye Azmâch Oald Haureât, e estiveram com grande festa até à tarde. E, ao dia seguinte pela manhã, apresentou ao imperador os escravos, armas e cavalos que tomara em Atebarâ.*

*Em o tempo da quaresma, mandou Benerô, senhor de Nareâ, o tributo de oiro que paga, e a seu filho, que se chama Emâna Christôs, dizendo: «Eis aí, senhor, o tributo e meu filho, vosso escravo.» E, pouco antes que entrassem os capitães, que agora dissemos, mandou outra carta, em que dizia que fôra até Orêb e pelejara com os gâlas da família borên, e matara muitos e cativara suas mulheres [fol. 474] e filhos, e tomara suas vacas, e que dos gâlas da família habetâ lhe entraram muitos mais que os que primeiro entraram a Erâz Cela Christôs.*

*Por estas vitórias que Deus Nosso Senhor deu ao imperador de Çuaquên até Fazcolô, fez grandes<sup>2</sup> festas e deu muitos louvores ao Senhor, de quem lhe vieram tantas mercês. E nisto se ocupou até o mês de Maio de 1619.*

*Eu, Taquelâ Celacê, que na língua dos gâlas me chamam Tinô, escrevi este livro e afirmo que vi por meus olhos muitas destas coisas, e que não falo mentira, nem me aproveita nem para o corpo, nem para a alma, nem são coisas dos tempos antigos, senão deste presente, que sabem todos os príncipes e grandes do império.*

Até aqui são palavras da história do Imperador Seltân Çaguêd como estão em seu livro. Mas o autor diz mui pouco do muito que ele fez e trabalhou por introduzir em seu império as coisas de nossa santa fé, e que seus vassalos se sujeitassem e obedecessem à Igreja romana e os perigos de morte que por este respeito teve. A causa disto foi porque o escritor era naquele tempo muito contrário a<sup>3</sup> coisas de nossa santa fé, por não as entender; que depois que lhas declarámos ficou tão satisfeito e tão firme que disse que morreria mil vezes pela fé da santa Igreja romana, e agora a defende com grande fervor e zelo, e traz muitos a ela convencendo-os com razões, que é homem muito agudo, e de grande en<sup>4</sup>tendimento e muito visto em seus livros. E assim, por isto, como por ser o principal dos secretários do imperador e muito seu privado, tem grande autoridade para com todos. Diz que no que lhe fica desta história meterá o que aqui deixou, sobre o que o imperador fez por que os seus recebessem nossa santa fé, e os alevantamentos que por esta causa houve. Mas, porque isto há-de tardar, referirei eu aqui algu-

mas das coisas que sucederam estes dois anos passados, em que se enxergara quão resoluto está o imperador de morrer por nossa santa fé e o muito que deseja que todos seus vassalos a recebam<sup>1</sup>.

## CAPÍTULO XXI

EM QUE SE REFEREM ALGUMAS COISAS DAS QUE O IMPERADOR SeltÂN ÇAGUÊD ORDENOU E FEZ ESTES DOIS ANOS PASSADOS, PARA BEM DE NOSSA SANTA FÉ.

**D**emais do que dissemos no 2.º livro, particularmente no cap. 4.º<sup>2</sup> e 5.º, [fol. 474v] do muito que o Imperador Seltân Çaguêd trabalhou por que os seus recebessem nossa santa fé e os perigos de morte que por esta causa teve, o que, entre outras coisas desejou muito, foi tirar a guarda do Sábado, por ver quão aferrados estavam a ela eclesiásticos e seculares. E, vendo que, com ter mandado muitas vezes que não se guardasse, não se acabava de por em execução, determinou de correr com rigor e lançou pregão, em Junho de 620<sup>3</sup>, que aos senhores que não fizessem lavrar a seus vilões<sup>4</sup> em sábado, lhes havia de tomar as terras e aos vilões dar rigorosos castigos; o que sentiram muito os frades, e os do reino de Tigrê lhe mandaram uma carta ao<sup>5</sup> 20 do mesmo mês<sup>6</sup>, que dizia assim:

*Carta de palavra verdadeira, enviada de terra longe a meu senhor, o imperador de Etiópia e Egipto, que se ajunta por fé verdadeira, e estão em pé connosco e se chamam jacobitas. Isto não é para que os ajudeis no tempo da guerra nem para que os tireis do cativo, senão porque têm plantada a coluna da ordenação e cânones, que desceu do Céu, Lei dos apóstolos, e por isso não deixam de dizer: «Não percais, senhor, o império de Etiópia, e a dignidade dos papas de<sup>7</sup> Egipto, que vestem ephod<sup>8</sup> santo e novo, e trazem o bago<sup>9</sup> da Cruz.» E, depois de muitas palavras, com que louvam e engrandecem os patriarcas de Alexandria, e provam<sup>10</sup> persuadir*

<sup>1</sup> Ms. 11966 SOAS: Ate aqui o Historiador Abexim, e todo este livro 6º [fol. 543] como acima prometi, foy uma digressão, ou parentezes desta nossa historia. Porque na primeira parte delle declarey os erros, e heregias em que os Abexins vivião de muitos seculos para cá, e ajunteios todos para que se visse junto o poder do inferno com que o Demonio neste imperio estava fortificado, e encastellado; e se conhecesse melhor a grande merçe que Deus fez aos Abexins, em os livros, por meo dos P. P. de nossa companhia, de tal cegueira, e de tam escuras, e espessas trevas; e trazelos à luz da verdadeira, e santa fe catholica que a Igreja romana insina, e professa.

Na 2ª parte do livro puz a Cronica do emperador Seltan Saged ou Susnios tresladada à letra da sua lingua, assy como a tinha escrita o seu historiador Azage Tino. Mas porque elle somente tratou das guerras do emperador, e nada da à letra da sua lingua, assy como a tinha escrita o seu historiador Azage Tino. Mas porque elle somente tratou das guerras do emperador, e nada da redução de todo este imperio a santa Feê, tenho eu obrigação de tratar este intento muito ao largo. E para isso ninguem me estranhará tocar, e repetir em parte algumas cousas das que na Cronica Abexim ficão escritas; porque muitas dellas são necessarias para maior declaração do que hei de contar; e outras repitirey por o historiador nellas ser muito diminuto, conforme a o estilo de sua terra; e assy o que atraz fica dito servirá como de rascunhos, sobre os quaes lançarey as cores, de minha Historia, não mortas, e fingidas, mas vivas, e verdadeiras; porque o que contar será até o anno de 1623 por relação dos P.P. que as virã, e tratarão; e daly por diante direy o que a mim me passou pelas mãos como testemunha que a quasi todos os sucessos me avey presente.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: 2.º livro, no cap. 4. principalmente.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [Junho de 620].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: vassalos em sábados.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: aos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: mês.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: do papa do.

<sup>8</sup> Éfode; paramento sem mangas.

<sup>9</sup> Báculo (caído em desuso).

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: procuram.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 429/418].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: muitas.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: às.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 429v/418v].

que não convém deixar sua doutrina, diz: «Vosso amor me deu licença (que sempre vai falando um, ainda que a ditaram muitos) para vos mandar esta carta, porque ouvi que vos deram trabalho os que não têm santidade nem ressurreição (quer dizer, nós os padres que cá estamos) para vos fazer deixar a Lei do Criador e os cânones dos apóstolos, dizendo que não guardeis o Sábado. Porque ouvís aqueles doidos? Porventura têm fome vossos filhos ou vosso arraial para fazerdes isto? Tantos tempos não estiveram os imperadores e santos, que alumiarão a<sup>1</sup> Etiópia com ressuscitar mortos sem conto e, por suas orações, o reino, que outros tinham tomado, tornou a eles, pondo, depois de muitas necessidades e trabalhos, coroas em suas cabeças, como vemos agora sobre vós, e, por isso, juraram como David e Abiatar para que lhe fosse uma sua herança, como está escrito entre nós. E agora não vemos porque se desmancharam todas as palavras. Isto é certo que fizeram muitos milagres, como se vê e lê até agora. Fizeram isto por guardar o sábado ou [fol. 475] pelo quebrar? Por guardar a lei ou pela quebrar? A mim me parece que por a guardar, e não por a quebrar; pelo que se me derades<sup>2</sup> juiz, que não se<sup>3</sup> enganara com fato, senão que temera o Dia da Justiça, houvera de ir lá logo para os ouvir e falar a verdade. Se me trazem testemunhas do Evangelho que mentem sobre ele, como seus irmãos que falaram contra Nosso Senhor, dizendo que quebrou nossa Lei e nosso Sábado e que, por isto, o crucificaram. E assim dizem: «Quebremos o Sábado que o fez crucificar.» Se negarmos isto, ouviremos a S. João que diz que disseram os judeus que, não somente quebrava o Sábado, mas dizia que seu Pai era Deus, fazendo-se igual a Ele, por isto O crucificaram. Convém negar o padre pela morte do filho? Não seja assim. Conheço como não recebem os sínodos, porque os aborrecem em acostando-se<sup>4</sup> aos doutores, que acrescentam e tiram, eu também me hei-de encostar no que me deu<sup>5</sup> meu Salvador, dizendo o que houve a vós outros me houve a mim; pelo que não ouçais, meu senhor, aos que ensinam escondidamente. Eu escrevi isto, não sendo sábio, porque ouvi que o espírito dos profetas serve aos profetas, e diz Nosso Senhor: «Não desprezeis a um destes pequenos, porque seus anjos sempre olham o rosto de meu Pai<sup>6</sup>.»

Depois o exorta com muitas palavras a que não ouça os incircuncisos<sup>7</sup> que dizem que em Cristo estão duas naturezas e duas vontades, quando os engole o profundo da doidice correndo no cavalo da tinta desenfreado, sem olharem as coisas que estão na terra dos livros e <sup>8</sup>assim caem e se perdem.

Se me ouvís, tirai o sujo de vossa orelha, e<sup>9</sup> dilatai vossa boca, e enchê-la-ei como está escrito. (E logo refere as autoridades do Evangelho e de S. Paulo, que nós trazemos, para provar que em Cristo estão duas naturezas, e duas vontades, e, no fim, diz zombando:)<sup>10</sup> Eis aqui, sou vencido. Hei-de errar com os que erram e participar de sua maldição e hei-de descer ao Inferno com Leão<sup>11</sup>. Mas ouvi-me, por amor entendei, e fazei vosso coração como espelho. (E logo nos vai desonrando, dizendo que somos parvos de coração<sup>12</sup>, que não olhamos senão a letra e tinta de fora, sem cuidar o de dentro, e que queremos fazer sepulcro

no Inferno; que melhor nos fora, como diz o *Evangelho*, que nos amarraram uma pedra de atafona<sup>1</sup> ao pescoço e nos botassem no mar, que não fazer errar aos pequenos.)<sup>2</sup> Vinde, segui-me para que alumie as trevas [fol. 475v] de vossos olhos, que escureceu Leão com espinho de erro. Tomai aonde diz: «Eu sou porta, e ninguém vem ao Padre senão por Mim.» E se cuidáveis<sup>3</sup> de achar outra porta, ouvi: Se vos cobrir o Céu ou vos engolir a Terra, vos achará em toda<sup>4</sup> parte porque, diz Ele que tem poder no Céu e na Terra: «Ouvi-me. Vos aconselharei (ó parentes de Pilatos).»

Isto diz pelos que são de casta romanos, e traz algumas coisas da *Escritura* para provar seu intento que em Cristo está uma só natureza, e que não é menor que o Padre, segundo a humanidade, que umas bem entendidas provam o contrário, outras são mui fora de propósito. E acaba a carta, dizendo:

Eis aqui mando esta pedra preciosa que alumia os olhos dos cegos. Seja por oferta, mas não a olhem os porcos, porque não a pisem com seus pés sujos. Pois<sup>5</sup> está escrito: «Não queirais botar pedras preciosas diante dos porcos.»<sup>6</sup>

Com esta carta se enfadou muito o imperador e, se achara quem a escreveu, não ficara sem castigo. Mas a reposta dela foi mandar logo o imperador lançar pregão de novo, que todos lavrassem Sábado e, a quem não lavrasse, lhe tomassem o primeiro dia um pano, que será valia de um cruzado e, se com tudo isso não lavrasse, perdesse todo seu fato, e disso-lhe<sup>7</sup> pudessem demandar até sete anos, que é coisa que não se acrescenta senão em os pregões que se dão sobre negócios de grande importância. E porque um capitão grande, que se chama Bucô, não executou isto, lhe tirou o mando e as terras que tinha, que eram muitas, e as deu a outro.

<sup>8</sup>Como este pregão se lançou na corte, mandou o imperador recado ao vice-rei do reino de Begmêder, que se chama Ionaél, que o lançasse ele também em todas aquelas terras e fizesse executar com diligência o que mandava. Ele lançou o pregão, mas parece que foi para amotinar a gente contra o imperador para seus intentos, porque muito antes estava concertado de segredo com alguns grandes da corte para se alevantar, e muitos frades de ~~reino~~ Gojâm se tinham passado para ele porque *Erâz* Cela Christôs [vice-rei daquele reino], fazia que não guardassem Sábado. E assim, no princípio<sup>9</sup> de Outubro de 620<sup>10</sup>, se publicou por alevantado e se pôs no extremo daquele reino em uma serra forte com três homens grandes e alguma gente de guerra que o quis seguir, e concertou-se com uns gentios que chamam gâlas, que estão perto dali no reino de Angôt, para que lhe ajudassem contra o imperador.

Chegando-lhe ao imperador esta nova, me mandou logo chamar, que estava na corte, e me disse o que passava, mostrando-se mui sentido dos frades que lhe tinham persuadido que não se<sup>11</sup> havia de quebrar Sábado como ele mandara que se fizesse, e que em Cristo Nosso Senhor não estão duas natu-

<sup>1</sup> Moinho.

<sup>2</sup> Interpolação do autor, em que parafraseia *Mateus* 18, 6, *Marcos* 9, 41 e *Lucas* 17, 2.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB: cuidardes.*

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB: a.*

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB: Porque.*

<sup>6</sup> O autor resume aqui o *Refúgio da Alma*, um texto em gúeze traduzido por J. Ludolf, em 1695. Este resumo foi retomado por M. de Almeida (*Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari *RÆSOI* 6, Roma, 1907, pp. 338-40) e por Diogo de Matos, que o integrou numa carta datada de 2 de Junho de 1621, endereçada ao secretário geral da Companhia (*RÆSOI* 11, 1911, pp. 479-80). Sobre a filiação entre estes autores e a comparação deste resumo com o texto do tratado, ver H. Pennec, «Les abrégés portugais du Refuge de l'âme...», 2000, pp. 133-159.

<sup>7</sup> *Ms. 778 BPB: disse-lhe*

<sup>8</sup> *Ms. 778 BPB: [fol. 431/420].*

<sup>9</sup> *Ms. 778 BPB: 1.º.*

<sup>10</sup> *Ms. 778 BPB: [1.º de Outubro de 620].*

<sup>11</sup> *Ms. 778 BPB: que se não.*

<sup>1</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB: a.*

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB: déreis.*

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB: que se não.*

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB: encostando-se.*

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB: diz.*

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB: Padre. Mateus* 18, 10.

<sup>7</sup> *Ms. 778 BPB: circuncisos.*

<sup>8</sup> *Ms. 778 BPB: [fol. 430v/419v].*

<sup>9</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB: e.*

<sup>10</sup> Interpolação do autor.

<sup>11</sup> Refere-se ao Papa Leão I.

<sup>12</sup> Isto é, de coração pequeno.

rezas senão uma só, e que [fol. 476] por isto se levantara contra ele. Procurei de o consolar e animar, trazendo-lhe à memória quantas mercês lhe fizera Nosso Senhor, depois que<sup>1</sup> começou a defender nossa santa fé e procurar que todos a recebessem, e como, sem trabalho nenhum seu, lhe entregou os mais dos que se lhe levantaram, que assim faria também<sup>2</sup> a este. E, com esta ocasião, podia fazer mais diligência para conhecer os inimigos que estavam encobertos, e saberia de quem se havia de fiar; que entendesse que tudo ordenava Deus por<sup>3</sup> melhor. Respondeu que assim o tinha notado e achado por experiência, que das contradições<sup>4</sup> e levantamentos que houve contra esta santa fé sempre se seguiu dilatar-se ela mais, e que nenhum dos que a contradizem fica sem castigo. Ainda a este Ionaêl, depois que se meteu em estas coisas, lhe deu um corisco, e ficou muitos dias como doido, mas não soube conhecer o aviso do Senhor, e por isso foi avante com o que determinava, até chegar ao que tem feito para seu maior mal.

Dali a pouco, se soube em toda a corte como aquele vice-rei estava levantado. E foram ao paço muitos senhores e senhoras e alguns frades a visitar o imperador, mas ele mostrou que não fazia caso disso e disse, diante de todos, a uma senhora sua prima, que se chama Elcatô: «Se quereis achar as coisas que relevam para vossa alma, chegai-vos aos<sup>6</sup> os padres; mas se buscais as coisas do mundo, não vos afasteis de mim.» E, continuando a prática, lhe perguntou: «Se seiscentos disserem que<sup>7</sup> botam fora a quatro (entendia fora da Igreja, porque queria dizer o que o Concílio Calcedonense<sup>8</sup> fez contra Dioscoro), ou quatro dizerem que botam a seiscentos, a quais hemos<sup>9</sup> de crer?» Respondeu ela que aos seiscentos. Disse então o imperador: «Pois nós somos os que estamos botados fora da Igreja romana, porque ela é a que bota fora e a ela ninguém a pode botar.» E, como saiu aquela gente, ficou o imperador com alguns de quem se fiava, e disse por graça ao seu mordomo, que se chama Cabâ Christôs e agora é vice-rei de Tigrê e há muito tempo que se confessa conosco: «Se os da corte se juntarem e vierem contra mim, porque defendo esta fé, vós haveis de fugir?» Respondeu ele: «Deus sabe quem fugirá então. Mas eu digo agora que, em defesa da fé, ainda que S. Jorge viera com sua lança no cavalo, não me houvera de vencer; em estas coisas não tenho medo de ninguém.»

Não passaram muitos dias que não se<sup>10</sup> fosse descobrindo como alguns da corte sabiam como aquele vice-rei se havia de levantar e que outros estavam concertados com ele, e a todos mandou o imperador prender. E um seu parente e outro<sup>11</sup> capitão, que acharam mais culpados, foram condenados à morte, e se executou a sentença, e aos demais desterrou para diversas partes. Com isto, se começou a alterar a corte de maneira que se temia algum grande motim, pelo que fez o imperador que se juntassem no<sup>12</sup> [fol. 476v] paço todos os capitães e homens grandes que estavam na corte, e muitos frades, e disse-lhes: «Vós outros levantastes<sup>13</sup> primeiro ao Imperador Iacob que quebrava as cruces, e fazia

outras coisas que não eram de cristão, e com este achaque<sup>1</sup> o desterrastes e destes o império a Za Denguíl. Depois dissestes que deixara sua fé e tomara a dos portugueses, e assim o matastes. E, tendo-me jurado a mim por imperador, e entregado o império, trouxestes a Iacob e me destes batalha. Mas Deus me concedeu a vitória e, de então até agora, nunca fiz agravo a ninguém, antes muitas honras e mercês a todos. E, com tudo isso, cada dia se amotinam e levantam<sup>2</sup> contra mim, dizendo que troquei a fé. Eu não a troco, digo que Cristo Nosso Senhor é <sup>3</sup>perfeito Deus e perfeito homem, porque tem duas naturezas, divina e humana, sem se misturar, nem confundir, e que a natureza humana não é igual à divina. Esta é minha fé. E desenganai-vos, que por ela hei-de morrer, mas não cuideis que me haveis de matar de balde, porque primeiro há-de correr diante de mim uma ribeira de vosso sangue, que não falta quem me ajude, nem meus filhos vos hão-de deixar depois. Melhor será que deixeis estas coisas, e vos quieteis<sup>4</sup>, pois não há causa para isso.» Responderam que todos estavam mui agradecidos às mercês que sempre dele receberam, e que não havia ali nenhum que não houvesse de servir a Sua Majestade até à morte com muita fidelidade. Disse então o imperador que: «Assim é, excomungai-vos para me avisardes de qualquer traição que souberdes que se arma contra mim.» Responderam que estavam aparelhados para tudo, e assim se levantaram logo sete frades dos principais que ali estavam e lhes puseram excomunhão, que guardassem fielmente o que tinham prometido, que este é o modo de que eles usam quando se querem assegurar em alguma coisa grande. Com isto, ficaram todos os que são da nossa parte mui contentes e resolutos a morrer pelo imperador.

Em este mesmo tempo lhe chegou ao imperador uma carta do levantado, que dizia que se excomungaria para lhe obedecer fielmente, com condição que o deixasse estar<sup>5</sup> por vice-rei como antes, e fizesse que os padres de facto tornassem para suas terras, sem que nenhum de nós ficasse em Etiópia. Sentiu muito o imperador isto, e disse: «Donde lhe veio a este vilão tanto atrevimento, que me ponha condições? Que lhe fizeram os padres?» Chamou-o vilão, porque o é de pais e avós, mas por lhe servir bem na guerra, o foi levantando até o pôr naquele estado. E, ainda que tinha enviado<sup>6</sup> contra ele dois capitães com gente, mandou logo juntar seu exército e foi ele em pessoa, mas, chegando à serra onde estava, não a pôde subir por ser mui forte. Porém, a gente de cima se foi logo passando ao imperador; o que, vendo o levantado, fugiu com alguns que lhe ficavam, e meteu-se entre os gentios gâlas com quem primeiro estava [fol. 477] concertado. E outros da mesma casta, esperando mercê do imperador, o prenderam e o levavam<sup>7</sup> para o entregar; o que sabendo aqueles com quem tinha concerto, se juntaram<sup>8</sup> e, saindo ao caminho, lho tomaram por força e o levaram muito longe, pelo que se tornou o imperador sem o poder haver às mãos.

<sup>1</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: que.

<sup>2</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: também.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: para.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: ocasiões.

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 431v/420v].

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: para.

<sup>7</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: disserem que.

<sup>8</sup> Ver glossário (Concílio de Calcedónia).

<sup>9</sup> *Ms. 778 BPB*: havemos.

<sup>10</sup> *Ms. 778 BPB*: que se não.

<sup>11</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: outro.

<sup>12</sup> *Ms. 778 BPB*: em o.

<sup>13</sup> C. Beccari considera que a palavra é talvez «alcutastastes»: «Ita legitur absque dubio in ms.; A. voluit forsan scribere “alcovitastes” vel potius “acusastes”?» Entenda-se: «Vós outros fizestes rei primeiro ao Imperador Iacob».

<sup>1</sup> *Ms. 778 BPB*: isto.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: levantam.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 432/421].

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: quieteis.

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: ficar.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: mandado.

<sup>7</sup> *Ms. 778 BPB*: levaram.

<sup>8</sup> *Ms. 778 BPB*: juntaram.

1CAPÍTULO XXII<sup>2</sup>

DOS ALEVANTAMENTOS E MORTES QUE HOUVE NO REINO DE GOJÂM PELA  
GUARDA DO SÁBADO, E DO QUE FEZ O IMPERADOR SOBRE ISTO.

Não somente os frades do reino de Begmêder amotinaram muita gente contra o imperador, porque mandava que não se guardasse Sábado, mas os de Gojâm foram piores, porque ajuntaram a principal soldadesca daquele reino, que chamam damôtes, e lhes persuadiram que se alevantassem e pelejassem contra *Erâz Cela Christôs*, que fazia instância para que todos trabalhassem no Sábado, dizendo-lhes que morressem pela guarda dele, que isto era coisa de fé, que estavam obrigados a defender até morrer por ela; e que os da Igreja romana, que pretendiam que não se<sup>3</sup> guardasse Sábado, comungavam miolos de camelo, de lebre e de coelho, casavam com suas irmãs e afrontavam a Nossa Senhora. Com estas e outras muitas mentiras que inventaram, fizeram que se lhe juntasse aos damôtes tanta gente que, com muita confiança, se puseram em campo contra *Erâz Cela Christôs*, que é vice-rei daquele reino. E até de seus mesmos criados se passaram para eles 1500, e dizem que andavam entre eles mais de quatrocentos frades, exortando-os a que pelejassem valorosa e constantemente. E chamavam-nos soldados de Maria e diziam que, já que o eram, matassem aos que negavam a Maria, entendendo todos os que seguiam a fé da<sup>4</sup> Igreja romana. Vendo os soldados que seus mestres, tão desprezadores na aparência de fora das honras e coisas do mundo, que não vestiam senão peles de vacas curtidas a modo de camurças muito grossas, lhes afirmavam aquelas coisas dos da Igreja romana e que tinham obrigação de morrer pela guarda do Sábado, se resolveram todos de um coração a pelejar contra *Erâz Cela Christôs* e os seus, e matar quantos pudessem. E começaram logo a roubar e fazer muitas forças aos que entendiam que seguiam as partes do vice-rei.

Sabendo *Erâz Cela Christôs* o que passava, lhes enviou alguns homens [fol. 477v] grandes e outros parentes seus, para que os fizessem desistir daquelas coisas e que lhes dissessem que não se<sup>5</sup> deixassem enganar daqueles frades ignorantes, que a guarda do Sábado não era coisa de cristãos, senão de judeus, e que ele não podia deixar de executar o que seu senhor o imperador mandava, que era que não se<sup>7</sup>, e que lhe pesaria<sup>8</sup> muito que lhe<sup>9</sup> obrigassem a chegar sobre isso a espada, pois por força havia de haver mortes e derramar-se o sangue de<sup>10</sup> cristãos.

Como chegaram aqueles senhores, trabalharam muito por os fazer desistir, mas nunca o puderam acabar, e assim se tornaram<sup>11</sup> a *Erâz Cela Christôs* dizendo-lhe<sup>12</sup> quão pertinazes estavam, e quão re-

solutos a pelejar contra ele. Eles também lhe mandaram dali a pouco dizer, para mostrar quão pouco caso faziam dele, que fariam amizade com condição que lhes entregasse<sup>1</sup> todos os livros que nós tínhamos tresladado<sup>2</sup> de latim em sua língua, que são o comento do Padre João Maldonado sobre *S. João*, *S. Mateus*, e *S. Lucas*, a *Epistola ad Romanos*, por o<sup>3</sup> Padre Toledo; *ad Hebraeos*, por o<sup>4</sup> Padre Ribadeneira<sup>5</sup>; *ad Galatas*, por o<sup>6</sup> Padre Benedito Justiniano, e o demais de *S. Paulo* que por ele se ia tresladando, o *Apocalipse*, que estava já acabado, por o<sup>7</sup> Padre Brás Viegas, e parte do *Gênesis*, por o<sup>8</sup> Padre Benedito Pereira, sem que ficasse nada, para o queimar tudo, e juntamente lhes mandasse o padre que tinha consigo para o enforcarem em uma grande feira que se faz em certo dia diante de um célebre mosteiro daquele reino que se chama Dêbra Orc, que quer dizer «mosteiro de ouro.»

Ouvindo *Erâz Cela Christôs* este recado, se enfadou tanto de sua soberba e atrevimento que mandou logo juntar seus capitães e gente, e começou a<sup>9</sup> caminhar por<sup>10</sup> onde eles estavam mas devagar, e mandando-lhes sempre diante recados que não quisessem porfiar e obrigar-lhe a dar<sup>11</sup> batalha, que lhe pesaria muito que se derramasse sangue de cristãos; mas sempre respondiam com muita soberba, porque os frades os exortavam a isso e viam que eram muitos mais que os que trazia *Erâz Cela Christôs*, pelo que ele prosseguiu seu caminho; e, assentando o<sup>12</sup> arraial à vista deles, lhes mandou dizer que lhe pedia por amor de Cristo Nosso Senhor e da Virgem<sup>13</sup> Nossa Senhora, Sua mãe, não lhe obrigassem a dar batalha, senão que desistissem daquelas coisas e obedecessem ao imperador, e que se tornaria logo<sup>14</sup> sem fazer dano nenhum em suas casas e terras. A isto, responderam com mandar um grande esquadrão de gente de arcos e flechas, que comessem a escaramuçar; o que vendo *Erâz Cela Christôs*, disse: «Já aqui não há mais que [fol. 478] esperar.» E mandou a seus capitães que acometessem o que eles e seus soldados (que quase todos eram católicos) fizeram com tão grande ímpeto e pelejaram tão valorosamente que, em pouco espaço, os fizeram virar, ficando ali muitos mortos e entre ~~os~~ eles 90 frades, sem morrer mais que um dos de *Erâz Cela Christôs*, e aquele era gentio. Vendo *Erâz Cela Christôs* que fugiam, mandou tocar a recolher com muita pressa, mas não quiseram os soldados obedecer, antes foram seguindo o alcance muito tempo, matando quantos achavam, sem perdoar nem ainda aos frades. E, assim, dizem que deles morreram ~~mais de~~ cento e oitenta e oito, e da outra gente 3000, em que entram os criados de *Erâz Cela Christôs*, que primeiro se tinham passado para eles, ~~os~~ que<sup>15</sup> eram 1300.

Isto foi aos 26 de Outubro de 621<sup>16</sup>, e veio tão depressa a nova ao imperador que lhe chegou véspera de Todos os Santos. E, indo eu logo ao paço a lhe dar o parabém da vitória, me disse que, ainda que lhe pesava muito de morrerem aqueles cristãos, em que perdera muito bons soldados, não me pare-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: entregassem.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: tresladados.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: pelo.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: pelo.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Ribeira.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: pelo.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: pelo.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: pelo.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: para.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: obrigar a dar-lhe.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: seu.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: Maria.

<sup>14</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 433v/422v].

<sup>15</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>16</sup> Ms. 778 BPB: [Outubro de 621].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 432v/421v].

<sup>2</sup> M. Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RESOI* 6, Roma, 1907, pp. 355-8.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: que se não.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: fé da.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: que se não.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 433/422].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: guardasse. Interpretação do copista; oração inclusa no ms. autógrafo.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: pesava.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: dos.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: e disseram.

<sup>12</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: dizendo-lhe.

cesse que a vitória fora de pouca importância porque, se venceram a *Erâz Cela Christôs*, nem a ele houveram de deixar, que outros muitos se lhes juntaram logo; mas que, com isto, eles ficavam de todo quebrados e os demais com tanto medo que não se haviam de atrever, dali por diante, a resistir. E, em agradecimento desta mercê que Nosso Senhor lhe fizera, determinou, [com parecer dos principais senhores], publicar de novo sua santa fé, e mandar com graves penas que ninguém ensinasse coisa contra ela. E, assim, quis que se fizesse logo em esta forma:

Fala que o Imperador Seltâm Çaguêd mandou fazer a todos os de sua corte sobre as coisas de nossa santa fé.

Tendo assentado o Imperador Seltâm Çaguêd, dia de Todos os Santos de 621, com parecer de muitos senhores, que se fizesse uma fala a todos os de sua corte, para que não dessem crédito às mentiras e falsidades que publicavam em descrédito de nossa santa fé e eles cessassem de ensinar coisas contra ela, se vestiu ricamente o seguinte dia pela manhã<sup>2</sup> e mandou armar uma tenda de campo em um terreiro grande que está diante do paço, para que entrassem os senhores, e [fol. 478v] que não houvesse feira (que na corte se faz cada dia) nem trabalhassem em ofícios, senão que todos se juntassem naquele terreiro. E, assim, foi gente sem conto, desejando saber que novidade era aquela. E, estando já juntos, saíram do paço o mordomo-mor *Abeitahûm* Melca Christôs, o secretário-mor *Azâx Tinô*, o vedor-mor *Azâx Cerçô Çambûl*, o tesoureiro-mor *Bagerondê Za Michael*<sup>3</sup>, o vice-rei de Begmêder *Za Christôs*, genro do imperador, todos senhores católicos e outros muitos católicos e cismáticos, e juntos se foram à tenda. E, pondo-se o mordomo-mor em um lugar alto, falou por nome mandado do imperador desta maneira:

*Ouvi todos a variedade da doutrina errada que os frades ensinam. Uns vieram dizendo que a humanidade de Cristo Nosso Senhor chegava onde sua divindade, e nós os convencemos provando que não era assim, mas tinha certo lugar no Céu como a estatura de um perfeito homem. Outros disseram que a divindade morrera, e também os convencemos com muitas razões, testemunhas e semelhanças dos santos padres que é falso, porque, se cortam um pau em que dá o sol, não cortam o sol senão o pau, e se dão marteladas no ferro abrasado, não martelam o fogo, senão o ferro. Assim em Cristo Nosso Senhor, que é perfeito Deus e perfeito homem, não padeceu nem morreu a divindade senão a carne. Nossa alma, com ser criatura<sup>4</sup>, não pode morrer, que<sup>5</sup> mais a divindade? Outros disseram que a pessoa divina tomou a pessoa humana e que havia em Cristo uma só natureza. A estes também convencemos e mostrámos como isto é pôr em Cristo duas pessoas, o que não é assim, senão a pessoa divina tomou a natureza humana e nela estão estas duas coisas unidas, divindade e humanidade. Iuliôs se levantou, dizendo que havia de morrer por sua fé, que não havia em Cristo mais que uma natureza. Porém, ainda que isso dizia por fora, não era senão por se lhe tirar o vice-reinado<sup>6</sup> de Gojâm e depois o de Tigrê por suas tedorices<sup>7</sup>; mas, enfim, acabou na guerra. Também Ionaêl, sabendo que se lhe havia de tirar o vice-reinado de Begmêder, tomou por capa, <sup>8</sup>para se*

*alevantar, que havia de morrer por sua fé da guarda do Sábado, e assim agora está tredo entre os gâlas, como um deles, gentio. Se ele quisera ser justo, aqui pudera estar em as<sup>1</sup> igrejas, fazendo penitência e oração. O Sábado não há cristão que o guarde, porque é causa de<sup>2</sup> judeus. O Imperador Zerâ Iacob fez pacto [fol. 479] com os judeus e mandou que o guardassem, e, porque muitos então o não quiseram guardar, os mandou matar. Em tempo do Imperador Malâç Çaguêd, fizeram queimar um livro por nome Abû Ferâgi<sup>3</sup>, dizendo que era livro ruim, sendo bom, e a seu filho Iacob dissestes falsamente que quebrava as cruces e, por isto, lhe tirastes o império e degradastes. Não<sup>4</sup> acabaram aqui as falsidades. Agora, vieram fugindo de Gojâm três frades, dizendo que Cela Christôs os queria fazer comungar por força com os portugueses e, ouvindo isto Sua Alteza, mandou recado a Cela Christôs, que não fizesse comungar ninguém por força. E, antes que viesse resposta, fugiram porque era mentira e arreceavam que se descobrisse como andavam com muitas mulheres e tinham filhos delas. Outros padres amotinaram os damôtes, dizendo que os da Igreja romana comungavam miolos de camelo, de lebre e de coelho, e casavam com suas irmãs, e que afrontavam a Nossa Senhora. E ajuntaram muita gente de pé e de cavalo, chamando-os soldados de Maria, e lhes diziam que matassem os que a negavam. Isto tudo é grande falsidade e mentira. Que caçadores não houveram de cansar em caçar estes animais? E se, vos disserem que comungueis isso, quando vo-lo derem, não o recebais, botai-o no chão. E, assim, com estas mentiras, o frade vestido de<sup>5</sup> dois couros de vaca (fala<sup>6</sup> do principal que ali estava) fez matar muita gente, e ele morreu com ela. Portanto, quem daqui por diante<sup>7</sup> achardes que ensina escondidamente aos senhores e senhoras pelos cantos e varandas das casas com o jarro de vinho à ilharga, acusai-o, e o seu fato será para vós e a cabeça para a justiça, porque não ensinam senão falsidades. Nós andamos nas guerras e os frades ficam com nossas mulheres e no-las tomam e, em lugar de lhes ensinar a verdade, lhes metem em cabeça erros, e que há uma só natureza em Cristo Nosso Senhor, heregia<sup>8</sup> de Dioscuro, que foi separado e botado da Igreja por seiscentos e trinta patriarcas e bispos, sendo verdade que n'Ele estão duas <sup>9</sup>naturezas. Nem esta fé nos veio do mar chatinando<sup>10</sup> (quer dizer que não foram só os portugueses os que a trouxeram à Etiópia), mas está em nossos livros e é fé dos santos<sup>11</sup> padres antigos e dos trezentos e dezoito do Concílio Niceno.*

E, como acabou estas palavras, disse: «Esta é a fé do imperador e de nós todos.»

Alevantou-se [fol. 479v] logo *Azâx Tinô* e lançou pregão, dizendo: «Cristo Nosso Senhor é homem perfeito e n'Ele estão duas coisas: humanidade e divindade sem se trocar, nem misturar. E, assim, quem, daqui por diante, não confessar em Cristo estas duas naturezas, sua fazenda será para quem o acusar, e a cabeça para o imperador.»

Depois que se espalhou a gente, uns davam graças a Deus por se dilatar<sup>12</sup> e assentar a verdadeira fé, outros diziam: «Que coisa diferente nos trouxeram do que dizem nossos livros? Neles está tudo.»

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *entre*.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: *coisa dos*.

<sup>3</sup> Ver glossário (*Abû Ferâgi / Adultério de Franges*).

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *Nem*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *com*.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: falando do. «Fala» ou porta-voz.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: *Portanto, daqui por diante quem*.

<sup>8</sup> Heresia.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 435/424].

<sup>10</sup> Por comércio ou influência externa (*chatim*, do dravídico *chetti*: mercador).

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: *nossos*.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: *declarar*.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 434/423].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: se vestiu o seguinte dia pela manhã ricamente.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: *Michari*.

<sup>4</sup> Entenda-se «embora sejamos criaturas.»

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *quanto*.

<sup>6</sup> Omissão no Ms. 778 BPB: *vice-*.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: *tredorias*. O mesmo que «tredices».

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 434v/423v].

Outros, falsificando isto, diziam que deitaram<sup>1</sup> pregão que em Cristo não havia mais que uma só natureza, e que não recebessem a fé da Igreja romana. Mas isto pouca impressão fez na gente, porque ouviram todos muito bem o contrário. A isto se ajuntou mandar o imperador, dali a pouco, que raspassem dos livros das igrejas (que todos são de pergaminho) a comemoração de Dioscuro, que nas missas sempre faziam, e que não rogassem nelas pelos patriarcas de Alexandria. Coisas tão depressa bem pouco esperadas de nós, e muito menos imaginadas dos de Etiópia, que a Dioscuro, a quem todos até agora<sup>2</sup> tiveram por santo, e como a tal se encomendavam<sup>3</sup> a ele, mandasse o imperador publicar por herege e afastado da Igreja e que não se<sup>4</sup> fizesse mais comemoração dele.

Quatro dias depois que se deu este pregão, me disse o imperador que fosse com ele, como três léguas da corte, a ver um sítio, onde determinava fazer uma igreja ao modo das nossas<sup>5</sup> que as suas todas são redondas, cobertas de palha, e tão escuras que dentro da capela nem a<sup>6</sup> meio-dia se podia ler sem candeia. Fui eu, juntamente com muitos senhores que o acompanhavam, e escolheu um outeiro pequeno por ter muito boa vista que descobre grandes campos e<sup>7</sup> parte da Lagoa de Dambiâ, a que eles chamam mar por ser mui grande, como já dissemos no cap.<sup>8</sup> do 1.º livro. Nasce quase ao pé do outeiro uma boa fonte, e dá-lhe volta à roda uma ribeira tão grande que rega muitas terras, e repartiu-as logo o imperador pelos senhores para que fizessem hortas. E, para si, mandou cercar grão pedaço, em que lhe fizeram casas e plantaram muitas<sup>9</sup> árvores, como pessegueiros, romeiras, fi<sup>10</sup>gueiras das da Índia e de Portugal, canas-de-açúcar e outras muitas coisas. Os demais começaram logo a plantar e fazer casas, por dar gosto ao imperador. E, assim, [fol. 480] será depois coisa muito fresca e de grande recreação.

Como se abriram os alicerces da igreja, escolheram os grandes certo dia para lançar a primeira pedra, mas o imperador não quis senão que fosse outro, e acertou de<sup>11</sup> ser aos 9 de Novembro. Disse-lhe eu então que escolhera muito bom dia porque era o da dedicação da Igreja do Salvador em Roma, e contei-lhe como naquele dia aparecera ao povo romano na parede dela a imagem do Salvador, com o que folgou muito e perguntou-me se, em nossas terras, faziam alguma festa quando assentavam a primeira pedra em as igrejas. Respondi que muito grande e que, se havia bispo naquela terra, ele vestido de pontifical benzia a pedra, e se não, o prior da igreja; e, depois, uma pessoa ou duas das mais principais a assentavam no lugar em que havia de estar. Disse-me que lhe desse escritas em sua língua as bênçãos para fazer assim, que em Etiópia não se usava nada disso. Respondi que não podia ser, pois outro dia se havia de assentar a pedra, pelo que mandou vir o<sup>12</sup> abade de um mosteiro grande, que está perto. E ele trouxe muitos frades e rezaram sobre a pedra, que já estava aparelhada, todos os salmos, estando o imperador presente. E, como acabaram, me disse o imperador: «Quem há-de assentar a pedra?» Res-

pondi: «Vossa Majestade e o príncipe», que estava ali e será de dezoito anos; chama-se *Abeitahun* Faciladâz. Entraram logo ambos dentro do alicerce e, tomando a pedra, a puseram no canto da capela, para a banda do evangelho, e logo rezaram os frades o de *S. Mateus*, começando daquelas palavras: *Venit Iesu in partes Caesareae*, etc., até *portae inferi*, etc.<sup>1</sup>

Acabado isto, se foi o imperador a suas tendas, que estavam armadas perto [e mandou dar uma boa esmola aos frades] e, tornando outro dia pela manhã, assentou por sua mão outra pedra sobre a primeira. E, o seguinte dia, outra sobre aquela em honra da Santíssima Trindade, e mandou trazer muitos oficiais, encomendando que se desse a pressa possível à obra e se fizesse com muita perfeição, conforme a traça que nós lhe tínhamos dado<sup>2</sup>. E, ainda que pequena, porque não tem o corpo da igreja mais que vinte e oito palmos de largo e oitenta e quatro de comprido (que ele não pretende tê-la mais que como capela, para quando vier a folgar às hortas), está muito for<sup>3</sup>mosa, porque as portas travessas têm muito ornato. E a fronteira<sup>4</sup>, afora de doze colunas acaneladas que tem com formosos pedestais, capitéis e frisos, está cheia de [fol. 480v] rosas grandes, flores de lis, jarros<sup>5</sup> muito bem lavrados<sup>6</sup> com flores e rosas<sup>7</sup> que saem delas, gravadas em formosa pedra, coisa nunca vista em Etiópia, e assim muito louvada de todos, e do imperador mais<sup>8</sup> estimada. Mandou que sobre a porta principal (que é de arco), debaixo da janela do coro (que também está formosa) se pusesse uma pedra quadrada de mais de quatro palmos, em que se esculpisse o nome de Jesus com letras caldeias e latinas e que a igreja se chamasse de Jesus, e assim o fizeram, pondo formoso ornato à roda do Santo Nome. E, depois de estar alguns dias vendo como corria a obra, se tornou para sua corte, onde o mais do tempo gasta em ler os comentários que temos tresladado em sua língua, que são os que acima referi. E faz que todos os senhores da corte e os<sup>9</sup> frades os vejam, para que se afeiçoem às<sup>10</sup> nossas coisas e entendam melhor a verdade de nossa fé. E, com este intento, louva tudo muito sem perder ocasião em que o não faça mui de propósito. E, assim, os senhores principais e todos os oficiais de sua casa estão muito afeiçoados a ela, e de pouco tempo a esta parte se confessaram os mais deles. Nem é muito que o façam, porque, demais de verem claramente a verdade, o imperador lhes fala de maneira que os obriga a isso.

Em este Março passado de 622<sup>11</sup>, estavam uma tarde no paço seus principais criados e muitos senhores. E, vindo a tratar da fé, lhes disse: «Minha fé é que em Cristo Nosso Senhor estão duas perfeitíssimas naturezas, divina e humana, e que esta não é igual à divina. Nem o Sábado se há-de guardar, que é festa de judeus. Quem o guardar, ou não tiver esta minha fé, não me entre no paço, porque, com esta espada (que tinha a sua na mão), lhe hei-de cortar a cabeça, que é meu inimigo. Iuliôs porque se levantou contra mim e me quis matar? Desta fé, tomou ocasião Zafam Ceno e Ionaél. Porque foram tão grandes meus inimigos, senão por amor dela? Pois assim, quem não a tiver, é certo que é meu inimigo, não<sup>12</sup> entre aqui, porque o hei-de matar. E, a quem a tiver, hei-de levantar e fazer muitas honras e mer-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: lançaram.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: a quem agora todos.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: encomendassem.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: que se não.

<sup>5</sup> Trata-se da igreja de Gännätä Iyäsus, em Azäzo. A data que P. Páez indica para fundação da igreja, 9 de Novembro de 1621 (Ms. Goa 42 ARSI, fol. 480) coincide com a que é dada na *Crónica de Susnēyos* – F.M. Esteves Pereira, vol. 1, 1892, p. 199 (texto guezze), vol. 2, 1900, p. 258 (trad.); ver também H. Pennec, *Les jésuites au royaume du prêtre Jean*, Paris, 2003, pp. 188-203.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: ao.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: grande.

<sup>8</sup> Espaço deixado em branco, no Ms. Goa 42 ARSI, para preenchimento posterior; idem no manuscrito de Braga.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: muitas.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 435v/424v].

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: um.

<sup>1</sup> «Tendo Jesus chegado às regiões de Cesaréia... e as portas do inferno não prevalecerão contra elas» (*Mateus*, 16, 13-18).

<sup>2</sup> Ver introdução.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 436/425].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: frontaria.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: jarras.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: lavradas.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: rosas e flores.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: mas.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: os.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: à.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [Março de 622].

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: me.

cês. E assim o declarei a todos.» Levaram então de suas espadas os que ali estavam, até os pajens (que estes também é costume tê-las sempre na mão <sup>1</sup>quando estão diante do imperador) e disseram: «Senhor, com estas morreremos por esta fé e por Vossa Majestade.» Deu-lhes ele muito aplauso, e mandou logo tanger suas violas<sup>2</sup> e esteve com grande festa até perto de meia-noite. E a um, [fol. 481] porque tardou em levar da espada e falar como os outros, o fez botar logo do paço. Mas,<sup>3</sup> outro dia, por rogarem muito os grandes e dar muitas escusas a isso, lhe perdoou.

Foi este um pregão muito grande e de muita importância, porque confirmou o que tinha feito publicar aos 2 de Novembro sobre as coisas da fé, que acima referimos na fala que se fez a os da<sup>4</sup> corte. E assim, achando-se aquele dia no pátio do paço e fora gente de quase todos os reinos, diziam: «Primeiro não faltava quem cuidasse que os que foram a<sup>5</sup> fazer aquela fala ao povo<sup>6</sup> acrescentaram mais do que lhes mandou o imperador, mas agora achamos ser tudo certo, porque o ouvimos de sua boca.»

Com estas coisas, faz o imperador que se disponham todos de maneira para receberem todas as<sup>7</sup> nossas, que se agora estivera cá algum nosso patriarca, sem falta o houveram de aceitar e sujeitar-se a ele. E assim o disse o imperador duas ou três vezes, poucos dias há: « Se em esta conjunção<sup>8</sup>, que não há patriarca, e estes estão tão bem dispostos para as coisas da fé, me viera da Índia patriarca, ainda que não trouxera a ajuda que primeiro pedíamos, senão só sua pessoa, lhes houvera de fazer que tomassem ordens de sua mão e lhe obedecessem em tudo.» Deus Nosso Senhor, por sua infinita misericórdia, tenha por bem dar a este povo tão grande que está perdido, e cumprir os desejos deste bom imperador em seus dias, já que ele foi servido de lhos dar tão fervorosos para as coisas de sua santa fé.

O que disse, em os dois capítulos precedentes, me pareceu acrescentar à *História* do Imperador Seltân Çaguêd, por se dizer nela mui pouco do muito que tem trabalhado por que seus vassallos recebam nossa santa fé e obedeam à Igreja romana; o que também se mostrará pelo que diremos<sup>9</sup> adiante. Agora passaremos a ver como se houve, logo como entrou no império, com dois padres da<sup>10</sup> nossa Companhia, que estavam no reino de Dambiâ.

## 1CAPÍTULO XXIII<sup>2</sup>

DE QUÃO BEM SE HOUE O IMPERADOR SELTÂN ÇAGUÊD  
COM OS PADRES A PRIMEIRA VEZ QUE O VISITARAM,  
E DE COMO LHES DEU TERRAS PARA SEU ASSENTO.

**D**epois que o Imperador Seltân Çaguêd alcançou vitória de Iacob, vindo para Cogâ, que então era corte do imperador, saíram dois [fol. 481v] dias de caminho, a o visitar<sup>3</sup>, os Padres António Fernandez e Lourenço Romano. E recebeu-os com muita honra e mostras de amor, agradecendo-lhes muito a visita. E, depois de falar com eles bom espaço, os despediu, dizendo que, como estivesse na cidade, tornassem e falariam devagar, que no caminho não tinha tempo para o fazer. E, como foram à sua tenda, mandou que lhe levassem cinco vacas para comer e outras coisas. E, antes de cear, perguntou a seu mordomo se tinha dado o que lhe mandara para a ceia dos padres. Respondeu que tudo enviara, excepto vinho que estava já repartido aos capitães, sem ficar mais que o que era necessário para sua mesa, e que, por ser muito longe de onde se podia trazer, não mandara vir outro. «Pois enviai logo aos padres este que tendes (disse ele) e dai-me a mim água, que não é bem que façais uma falta como essa», pelo que o mordomo partiu<sup>4</sup> com os padres do que tinha. Dali o foram acompanhando até perto da corte e, assentando ele à vista em um campo grande, passaram os padres a um lugar dos portugueses, que se chama Gambeloâ, para ali fazerem os ofícios da Semana Santa, que já entrava.

Passados alguns dias, entendendo que o imperador estava desocupado de negócios, tornaram lá, como lhe tinha mandado, e recebeu-os muito bem. Perguntou onde tinham seu assento, e responderam que nenhum tinham certo, senão que andavam de uma parte a outra, confessando e ensinando os portugueses, que estavam mui espalhados, posto que mais de ordinário residiam em uma terra que se chama Marabâ, por morarem ali nela muitos<sup>5</sup> portugueses. «Pois vejam onde querem terra (disse o imperador) porque ali lha darei.» Responderam que folgavam<sup>6</sup> perto da Lagoa de Dambiâ, onde houvesse alguma ilha para guardar o fato da igreja, se alguma vez fosse necessário. Perguntou ele à sua gente se havia naquela parte<sup>7</sup> terra que pudessem dar, e responderam que estavam umas terras muito boas, que primeiro comia um seu parente, e então tinha entrado em <sup>8</sup>as duas partes um seu criado, e que estava ali perto uma ilha. «Isso (disse o imperador), vem a propósito aos padres. A ilha seja sua e as duas partes da terra que tem meu criado, e a ele darei outra.» Beijaram-lhe a mão os padres pela mercê e ficaram muito contentes, porque são terras muito seguras de mantimento, lenha e erva para os gados, que com dificuldade se acha em Dambiâ, e à roda está a mor parte dos portugueses, e até à corte será meia légua; ainda que outra cidade<sup>9</sup> nova, que fez pouco tempo há, porque em estoutra houve grandes doenças um inverno, está mais de um dia de caminho.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 436v/425v].

<sup>2</sup> Provavelmente *mâsinço*, instrumento de corda e arco.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: na.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: paço.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: coisas.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: ocasião.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: dissermos.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 437/426].

<sup>2</sup> M. de Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 6, Roma, 1907, pp. 189-91.

<sup>3</sup> A visitá-lo.

<sup>4</sup> Repartiu.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: ali nela muitos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: folgaram.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: alguma.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 437v/426v].

<sup>9</sup> Leia-se: «que em outra cidade». Trata-se de Gorgora Nova, numa península na margem norte do Lago T'ana. Ver glossário (Gorgora Velha e Nova).



Enquanto os padres estiveram desta vez na corte, foi um criado do imperador muito seu privado à casa de um português, onde [fol. 482] tinham deixado o fato da igreja e, vendo a caixa em que<sup>1</sup> estava, quis saber que havia dentro. Disseram-lhe que os ornamentos da igreja e que ninguém podia chegar a eles mais que os padres, e que eles tinham a chave. Tomou ele por força a caixa e revolveu quanto estava dentro, mas não levou nada. Sabendo isto o imperador, o sentiu tanto que o mandou logo prender e que julgassem seus ouvidores a pena que merecia, porque o havia de castigar publicamente. Julgaram eles que, visto saber que aqueles eram ornamentos da igreja, e com tudo isso os revolveu e tomou na mão a pedra de ara, que lhe cortassem a cabeça. Levaram a sentença ao imperador, porque sem ele a confirmar não se podia executar. E disse que estava bem julgado, que lhe cortassem. Souberam os padres como se dera sentença de morte contra ele e que o imperador a confirmara, e, assim, acudiram com muita pressa e lhe pediram de mercê lhe perdoasse. Respondeu que, se fora outra coisa, o fizera de boa vontade, mas que descatos às coisas da Igreja não se podiam deixar de castigar com todo rigor. Mas os padres fizeram tão grande instância que lhe perdoou a morte. Nunca porém puderam acabar que não fosse açoutado publicamente e botado das terras que imperador lhe tinha dado. Ficaram todos mui edificados dos padres, vendo quanto trabalharam por aquele homem e, juntamente, com medo de fazerem coisas semelhantes.

Despedindo-se os padres do imperador para ir a tomar posse das terras que lhe tinha dado, disse que me escrevessem a Tigrê, onde eu então estava, que viesse à corte, porque desejava de me conhecer. Não se contentou com isto senão que, dali a pouco, despachou um correio com carta<sup>2</sup> em que me mandava vir. Foi um dos padres com um criado do imperador<sup>3</sup> para que o metesse de posse da terra, e ficou outro na corte para que se fosse necessário tornar a falar ao imperador. E, chegando à terra, houve grande resistência, porque o que a tinha andou com muitas escusas e dilações e, ultimamente, com força quis proibir que não entrasse o criado do imperador que trazia o padre, fiando-se que o imperador folgava muito com ele, por ser homem mui esforçado na guerra e haver muito que o servia. E houveram de vir às mãos, se o padre<sup>4</sup> não tirara disso ao que trazia, dizendo que<sup>5</sup> o deixasse, que melhor era falar ao imperador; o que fizeram, depois que viram que de todo não queria. E, sabendo o imperador o que passava, se enfadou muito e enviou um homem grande que o botasse [fol. 482v] da terra e a entregasse aos padres, e assim o fez e o repreendeu muito do que tinha feito. E, achando-se ele muito alcançado, se foi com o mesmo fidalgo ao imperador e<sup>6</sup> deu não sei que escusas, e depois lhe fez mercê de outras terras melhores.

Como acabaram os padres de se desembaraçar deste, começaram a ter não menor trabalho com o que possuía a terceira parte da terra, porque era necessário partir-se e ele andava furtando o corpo a isso até ver se podia acabar com o imperador que lhe ficassem inteiramente e, como era homem grande, contemporizavam os padres e procuravam correr com ele com toda a brandura. Mas, depois de ter usado de toda boa cortesia e passando-se muitos dias sem poder acabar nada, antes seus criados faziam sempre novas forças à gente dos padres, arreando que viesse a<sup>7</sup> suceder algum desastre, falou

o padre que estava na corte a um irmão do imperador, que se chama Emâna Christôs, e pediu-lhe de mercê que aquele homem se contentasse com sua terceira parte e não molestasse a gente dos padres. Foi ele ao imperador e disse: «Senhor, até agora não quis<sup>1</sup> aquele homem acabar de partir a terra<sup>2</sup> com os padres e sobre isso dá muito trabalho à sua gente. Como hão-de poder estar com ele?» Disse o imperador: «Tendes razão. Se ali estiver, não há-de dar nunca vida aos padres. Fazei que arranque de tudo,<sup>3</sup> fique a terra inteiramente aos padres, e a ele daremos em outra parte.» Mandou-lhe logo o irmão do imperador que saísse da terra, o que ele sentiu muito e fez que os principais da corte rogassem ao imperador o deixasse com sua terceira parte. Mas a todos respondeu que, o que uma vez dera aos padres, não o<sup>4</sup> havia de tornar a tomar. Deu-lhe porém em outra parte, com o que ficou quieto<sup>5</sup>. E, tornando à terra para levar seu fato, o agasalharam os padres o melhor que puderam em quanto ali esteve, e folgava muito de ouvir as disputas que os meninos tinham entre si da doutrina cristã. E um seu sobrinho pequeno, que trazia consigo, se afeiçoou tanto que pediu com muita instância aos padres lhe quisessem ensinar como àqueles meninos. Responderam que, se seu tio o queria deixar ali, o fariam com muito gosto; pelo que falou a seu tio com tanta eficácia que lhe fez rogasse aos padres que o<sup>7</sup> ensinassem, o que eles aceitaram de boa vontade. E tinha tão grande habilidade que, em muito pouco tempo, aprendeu toda a *Cartilha*, e perguntava com muito juízo se eram conforme a Lei algumas coisas que seus mestres lhe tinham ensinado diferentes das nossas; e, ultimamente, pediu com muitas lágrimas que o confessassem. Consolaram-no os padres, mas, como era [fol. 483] menino e filho de homem grande, diferiram-lhe a confissão até ver melhor o que adiante podia suceder. Senão quando<sup>8</sup> em esta conjunção, foi ao tio um frade que primeiro o ensinava, e se queixou muito por lhe ter tirado o discípulo sem falar com ele; e tantas coisas lhe disse que o fez tornar à nossa casa, e pedir aos padres o deixassem levar por algum tempo, que ele mesmo depois o tornaria. Levou-o, mas com muita mágoa assim do menino como dos padres. Dali a poucos dias, fugiu e se tornou à nossa casa, mas, levando-o outra vez o frade, o pôs logo em ferros. E, da mesma prisão, mandava recados aos padres, dizendo que sua prisão não havia de durar sempre, mas que seus bons propósitos não faltariam nunca, e que desejava passar-se ao reino de Tigrê, para os<sup>9</sup> outros padres, onde podia ser que o deixasse de perseguir aquele frade seu mestre; o que parece lhe entenderam, porque o levaram para outra terra longe, onde morreria, que nunca mais tivemos novas dele.

Enquanto os padres andavam em estas porfias sobre a terra, me chegou a Tigrê sua carta e dali a pouco do imperador, em que mandava que viesse, pelo que determinei partir logo. Mas o Vice-rei Cafuhâd me fez esperar alguns dias para que viéssemos juntos, e depois tardou muito no caminho, porque lhe deram nova da morte<sup>10</sup> da imperatriz, sua sogra, e vinham de muitas partes a o consolar<sup>11</sup>. Como che-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: onde.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: cartas.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 438/427].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: dizendo que.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: lhe.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: acabar.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: as terras.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: que ficou muito contente.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 438v/427v].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: lhe.

<sup>8</sup> Isto é, Eis senão quando.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: aos.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: novas.

<sup>11</sup> A consolá-lo.

gámos à corte, achei ali um dos padres, e<sup>1</sup> outro dia fui com ele a visitar o<sup>2</sup> imperador, e recebeu-nos com grandes mostras de amor. E, fazendo-nos<sup>3</sup> assentar, esteve um bom<sup>4</sup> espaço perguntando várias coisas<sup>5</sup>, particularmente das da Índia, e depois nos despediu, dizendo que tornaríamos a falar mais devagar. Dali a dois dias, nos mandou chamar não mais que para folgar e, dando-lhe os<sup>6</sup> agradecimentos da mercê que tinha feita aos padres de ter<sup>7</sup>ra tão boa e segura, respondeu que era coisa mui pouca aquela para o que desejava fazer. Estivemos ali muitos dias, porque folgava de falar connosco, particularmente sobre as<sup>8</sup> coisas da fé, não disputando, senão<sup>9</sup> perguntando. E, um sábado, à tarde vimos sair do paço muita gente de armas com grande rebuliço e, perguntando<sup>10</sup> que era, disseram que o imperador mandara prender dentro do paço a Za Celaçê<sup>11</sup> (o capitão que acima dissemos, [fol. 483v] capítulo<sup>12</sup>, que matou ao Imperador Za Denguíl) por achar que se queria alevantar contra ele, que seu<sup>13</sup> inquieto e falso coração sempre andava maquinando traições.

Vendo a gente da corte preso a Za Celaçê, fez grande festa, que todos os que desejavam paz o aborreciam por sua má natureza e ser causa das revoltas que os anos precedentes houvera em Etiópia. E diziam em alta voz ao imperador da banda de fora do paço: «Hoje, senhor, reinastes. Não escape este embrulhador.»<sup>14</sup> Mandou ele logo que o levassem preso a uma serra muito forte do<sup>15</sup> reino de Gojâm, que chamam Guzmân, e que tivesse boa guarda; mas era tão sagaz e manhoso que ainda dali escapou e, passando o Nilo, entrou em uma província que se chama Olacâ, onde se lhe juntaram duzentos ou trezentos homens e, com eles, tornou a Gojâm e tomou algumas vacas dos lavradores, e pretendeu haver por força os atabales de um capitão, que acertou de estar ali com mui pouca gente; mas saiu com ela e alguns lavradores e, travando-se a briga, desamparam a Za Celaçê os mais dos seus; e, pelejando fortemente com os que lhe ficaram, no fim da contenda lhe deram uma tal pedrada na cabeça que caiu logo em terra aquele tão grande e soberbo gigante que assoberbava a todos os de Etiópia como Goliad aos de Israel. E arremeteram logo a ele os contrários, e, chegando-lhes, pediu muito que o não matassem, senão que o levassem ao imperador; ao que responderam: «É muito longe para vos levarmos às costas. Bastará que levemos vossa cabeça.» E, assim, lha cortaram e levaram ao imperador, e ele a mandou pôr em um pau defronte do paço. E, vendo-a os da corte, davam graças a Deus, e diziam: «Pagou-lhe o Senhor conforme suas obras. Não se esqueceu Sua divina justiça do sangue que derramou de Za Denguíl, imperador justo e amador da verdade.» Quem era este Za Celaçê e como se foi alevantando fica acima dito no cap. 19.º, pelo que não referirei aqui mais coisas dele.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: visitar com ele ao.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: mandando-nos.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: bom.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: ~~novas~~ coisas várias.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: os.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 439/428].

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: as.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: mas.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: CelaChristuçê.

<sup>12</sup> Espaço deixado em branco, no Ms. *Goa 42 ARSI*, para preenchimento posterior; não há espaço em branco no Ms. 778 BPB. Omisso no Ms. 778 BPB: capítulo.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: coração inquieto e falso.

<sup>14</sup> Enganador.

<sup>15</sup> Ms. 778 BPB: no.

<sup>1</sup> Em o tempo que estivemos com o imperador, fez bom conceito das coisas de nossa santa fé, mas não se declarou porque, como entendi depois, ia com muito tento, vendo se tínhamos alguma coisa contrária à *Sagrada Escritura* ou seus concílios. E isto mesmo encomendava que atentassem alguns, que [de propósito vinham a] falaram~~am~~ connosco, de quem ele se fiava. E, entrando já o inverno, que em Dambião é de muita chuva, lhe pedimos licença [fol. 484] para ir invernar à terra que nos tinha dado. E, porque, quando estes imperadores dão terras, não se entende mais que até sua mercê<sup>2</sup>, e, assim, as tiram muitas vezes de uns e dão a outros, lhe disse ao despedir, que já que nos tinha dado assento tão seguro, desejávamos nos fizesse mercê de que fosse perpétuo, para não andar passando de uma parte a outra. Respondeu que de mui boa vontade, coisa que<sup>3</sup> dificultosamente concedem. E mandou logo que se fizessem<sup>4</sup> as cerimónias que para isso se costumam, que são dar volta um capitão e dois ouvidores àquelas terras, tangendo os atabales e charamelas<sup>5</sup> do imperador, ou as do vice-rei daquela terra, e fazer, em os limites, montes grandes de pedra. E, em um deles, enterram a cabeça de uma cabra e dão pregão que o imperador dá aquilo para sempre, diante de testemunhas e de muitos meninos que levam para que, no tempo adiante, se lembrem, porque cá não usam de escrituras. E depois nos fez ainda muito mais, que foi mandar que nenhuma justiça sua entrasse em nossas terras, senão que o juiz que nós pusessemos julgasse. E, quando alguma das partes agravasse da sentença, então a levasse a seus ouvidores. E até agora se guarda com grande descanso nosso e bem da gente que temos, porque em outras terras, por qualquer coisa, entram os juízes<sup>6</sup> do imperador ou do vice-rei e esfolam os pobres.

Despedidos do imperador, fomos à nossa casa que já tínhamos naquela terra. E, pouco depois, veio a ela um menino de catorze anos, filho único de seu pai, bem afazendado, que, ouvindo dizer que os padres ensinavam a verdadeira fé, e parece que, puxando por ele algum sangue português que tinha de parte de sua mãe, saiu de sua casa, e andou de umas partes a outras perguntando por nós até que nos achou, e disse que, por lhe dar Deus Nosso Senhor um desejo mui grande de saber as coisas dos portugueses, deixara a casa de seu pai e viera daquela maneira em nossa busca. Agasalhámo-lo com o amor<sup>7</sup> que merecia, e começou a aprender com os outros meninos, filhos dos portugueses, mas a ele em particular procurávamos instruir na doutrina católica. A mãe, achando menos o filho, e que ninguém lhe sabia dar novas dele, foi tão grande o sentimento que teve que adoeceu gravemente, o que vendo o pai, se foi com grande [fol. 484v] mágoa em busca do filho, antes que nós lhe pudéssemos mandar recado, porque era longe e o inverno já muito fechado. E, no cabo de alguns dias, veio a<sup>8</sup> dar com ele, andando brincando com outros meninos perto de nossa casa, e, vendo ele ao pai, fugiu para dentro, e disse-nos como seu pai o vinha buscar, mas que de nenhuma maneira havia de ir com ele. Chegou o pai, e recebemo-lo com muito amor e fazendo vir ali o menino, beijou a mão ao pai e o joelho (como é costume da terra). Disse o pai com muita brandura e lágrimas: «Filho, como nos deixastes assim, que te fizemos para fugir? Já tua mãe está por ti perto da morte, porque cuida que tu és morto. E, se te não vir, acabará. E, pois ela te pariu e<sup>9</sup> criou, vai-lhe beijar a mão e tomar a bênção antes que morra» (palavras para render coração mais robusto que o de um mouro). Porém estava tão forte o daquele que na idade o não era, que, sem lágrimas nos olhos

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 439v/428v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: em quanto querem. A lição dada pelo copista esclarece o sentido da asserção do autor.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: mui.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: mandou que se fizessem logo cerimónias.

<sup>5</sup> Instrumentos de percussão e sopro, associados ao poder.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: as justias.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 440/429].

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: te.

nem significação alguma de fraqueza, respondeu: «Senhor, muito me pesa da doença de minha mãe. Eu rogarei a Deus que lhe dê saúde e sempre terei dela lembrança, mas ir agora a visitá-la não é possível.» Ouvindo isto, o pai lhe disse com muitas lágrimas: «Tu és meu filho e minha carne, ou não? Se me dizes que não és meu filho, chorando me tornarei, pois me negaste e desconheceste por pai; mas, se me conheces por tal, vem-te, meu filho, com quem te gerou e criou e ensinou até esta idade em que estás.» Tornou o menino: «Senhor, vós sois meu pai, e como a tal vos beijei a mão e o joelho quando aqui entrastes. Mas vim a<sup>1</sup> buscar o Pai de minha alma, que é Deus, para me salvar. Já que O achei, não tenho lá que fazer, perdoe-me Vossa Mercê.» Mostrou-se o pai muito enfadado e disse que o havia de levar por força. Acudimos nós então com boas palavras, dizendo que dormisse ali aquela noite, que tudo se faria a gosto de sua mercê. Aquietou-se ele com isto, e depois lhe persuadimos que o deixasse até que as chuvas dessem lugar, e assim se foi outro dia com amizade. E, quando a mãe soube que estava connosco, folgou. E depois foi o menino e tais coisas lhe disse que am<sup>2</sup>bos os pais vieram a nossa casa e, vendo e entendendo nossas coisas, se reduziram à santa Igreja, e ele agora está casado com filha de português.

## CAPÍTULO XXIV

DE COMO O IMPERADOR SELTÂN ÇAGUÊD SE [fol. 485] DETERMINOU  
DE ESCREVER AO SUMO PONTÍFICE E A SUA MAJESTADE

**E**m o princípio de Agosto de 607, que cá é a força do inverno, disse o imperador ao capitão dos portugueses<sup>3</sup>: «Fiz muito mal em não dar aqui casas ao Padre Pedro Paez, para poder falar com ele cada dia. Escrevei-lhe da minha parte que venha logo, porque folgarei muito. «Respondeu o capitão que não parecia possível poder ir, porque as lamas eram mui grandes, e as ribeiras vinham tão crescidas que não se podiam passar. «Pois venha (disse o imperador) por mar, já que é perto.» «Mar» chamam à Lagoa de Dambiã por ser grande. Enviou-me logo recado o capitão, e determinámos de ir todos<sup>4</sup> três padres, para lhe mostrar<sup>5</sup> quão agradecidos estávamos à mercê que nos fizera em dar tão boas e seguras terras. E, tomando duas embarcações das que cá se usam, que, como dissemos no livro 1.º, são muito pequenas e fracas<sup>6</sup>, fomos sempre a longo da terra, assim por que o vento não nos fizesse desgarrar, como pelo perigo grande dos cavalos marinhos<sup>7</sup>, que há muitos naquele tempo, e tão bravos que, se acham uma embarcação destas um pouco afastada<sup>8</sup> da terra, como são tão fracas, a fazem em pedaços, ou a viram e matam quantos acham, e ainda algumas vezes saem da água correndo pela terra dentro após a gente, como me afirmaram alguns que o viram por vezes, e entre eles um português a quem alcançou um bem afas-

tado da água e lhe fez em pedaços o braço esquerdo e o houvera de matar se Nosso Senhor, milagrosamente, o não livrara por meio de um seu companheiro. Com tudo, chegando a uma enseada grande, por não dar tanta volta, atravessaram os que guiavam as embarcações e, pouco antes de tomar a outra ponta, saiu de debaixo da água um cavalo marinho e arremeteu a embarcação que estava mais afastada da terra em que ia um padre, e quis Deus que a<sup>1</sup> errou e passou adiante. Mas alevantou-se logo muito sobre a água para ver onde lhe ficava e acometeu três vezes com grande fúria, e já todos davam por aca<sup>2</sup>bado o padre, mas Nosso Senhor, por Sua misericórdia, o livrou, cegando ao cavalo marinho de maneira que nunca acertou a dar de frecha na embarcação, coisa bem extraordinária. E, enquanto [fol. 485v] andou em estas voltas, chegou o padre à terra e não nos afastámos dela, dali por diante, um dia e meio que tardámos em chegar.

O dia seguinte, fomos a<sup>3</sup> visitar ao imperador. E, saindo um seu irmão para nos levar dentro, disse: «Já o imperador sabia que Vossas Reverências eram chegados, e quer que jantem hoje com ele.» Chegámos onde estava e recebeu-nos com muita alegria. E, dizendo quanto folgávamos com as terras, respondeu que folgava muito que fossem a nosso gosto. E perguntou se as que tínhamos em Tigrê eram boas. Respondemos que mui pequenas, como na verdade o eram tanto que, com as lavrarem nossos escravos, não nos bastava o mantimento para comer, e assim acrescentou outras que se continuavam com elas, e disse que fossem também perpétuas. Beijámos-lhe a mão e, depois de praticar<sup>4</sup> um pedaço, puseram uma mesa pequena para o imperador e, perto dela, outra grande para nós, mas atravessaram no meio uma cortina e assim não vimos como serviam. Contudo, foi tal favor e mercê que, segundo dizem, nunca os imperadores antigos fizeram a ninguém, por grande coisa tinham os maiores e mais privados senhores quando lhes concediam que fora, na varanda, comessem alguma coisa do que sobejava da mesa e não havia de ser assentados, senão em pé. Puseram-nos muitas iguarias à guisa da terra e da sua mesa também nos enviou<sup>5</sup> algumas. E, como acabou de comer, se tirou a cortina e teve-nos ali praticando familiarmente até muito tarde.

Dali por diante, nos mandava chamar muitas vezes e tratava devagar sobre nossas coisas. E um dia, estando sós, nos disse que determinava escrever a El-rei D.<sup>6</sup> Felipe, pedindo-lhe quisesse mandar<sup>7</sup> alguns portugueses, como fizeram antigamente os reis de Portugal, se nos parecia que aquilo poderia ter efeito. Respondemos que, se Sua Majestade pretendia pôr em execução o que seus antepassados desejavam e prometeram sobre a redução deste império à santa Igreja romana, nos parecia que viriam, mas que era necessário escrever também ao sumo pontífice e ao vice-rei da Índia e, se fosse possível ir embaixador, importaria muito. Respondeu que embaixador lhe pa<sup>8</sup>recia que não havia de poder passar, mas que cartas nos daria em segredo. Porém, depois, vendo quanto importava entender os ânimos dos grandes, e tratar com eles um negócio de tanto momento, [fol. 486] os fez juntar e pôs isto em conselho, no qual houve diversos pareceres. E os mais foram que não convinha que viessem, pelo que o imperador deu mostra de querer desistir, mas no coração determinou de escrever de toda maneira.

Passado isto, antes de haver tempo para nos<sup>9</sup> ajuntar com o imperador, nos convidou um seu irmão que se chama Emâna Christôs. E, depois de jantar, nos disse em segredo que o imperador desejava

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: vou.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 440v/429v].

<sup>3</sup> À data, era João Gabriel.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: mostrarmos.

<sup>6</sup> Ver livro I, cap. XXIX, p. 244. Trata-se de uma espécie de canoa fabricada com bambu em feixes que são atados entre si, chamada «tänkwa.»

<sup>7</sup> Hipopótamos.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: afastadas.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 441/430].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>4</sup> Conversas.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: enviaram.

<sup>6</sup> Omisso no ms. 778 BPB: D.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 441v/430v].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: poderemos.

muito que viessem portugueses, e que o tratara com os grandes, mas que, ainda que alguns foram de parecer que era bem que viessem, e *Erâz Athanatêus* (que, como acima dissemos, é<sup>1</sup> grande príncipe) dera muitas razões por onde convinha que de toda a maneira se procurasse sua vinda, outros repugnaram, dizendo que haviam<sup>2</sup> de querer serem eles<sup>3</sup> sós senhores e fariam muitas forças como fizeram os primeiros depois da morte de D. Cristóvão da Gama, e que por isto ficara o imperador irresoluto. Ao que lhe respondemos que, se aqueles fizeram algumas forças, seria por ficarem sem capitão e não terem padres que os emendassem; mas que bem teria ouvido<sup>4</sup>, como depois que chegaram os padres que primeiro morreram, não houve mais demasia alguma; e que, se viessem, não havia de ser para buscar senhorios, que lá não lhes faltava nada, senão puramente por amor de Deus para ajudar ao imperador no que deles se quisesse servir, determinando ele fazer o que seus antepassados pretendiam. «As coisas tratadas (disse ele) e os caminhos andados se fazem mais fáceis. Eu tornarei a falar ao imperador e farei que chame a Vossas Reverências sós<sup>5</sup>; digam-lhe isto mesmo e aconselhemo bem.» Dali fomos a visitar a<sup>6</sup> *Erâz Athanatêus*, e declarou-nos também o que o imperador tinha tratado sobre os portugueses e como alguns repugnaram, mas que ele desejava muito sua vinda e que seria sempre seu cativo porque, sem eles, não tinham lei nem império<sup>7</sup>.

Não tardou muito o imperador em nos chamar sós, e disse que estava resoluto em escrever, ainda que alguns dos seus<sup>8</sup> não eram deste parecer. E assim o fez logo, não só para Sua Santidade e Sua Majestade mas também para o vice-rei da Índia e<sup>9</sup> Arcebispo D. Frei Aleixo de Meneses. E deu-nos as cartas em segredo, di<sup>10</sup>zendo que, como<sup>11</sup> a mim me parecesse tempo, fosse a Tigrê para de lá as encaminhar melhor a outros portos, se não chegasse nau ao de Maçuâ. Com isto, tornámos a nossa casa e tresladámos a de [fol. 486v] Sua Santidade em latim, e as demais em português. E, depois de alguns dias, por achar boa companhia para Tigrê, determinei de<sup>12</sup> antecipar a partida e, indo a<sup>13</sup> me despedir do imperador,<sup>14</sup> tornou a me encomendar de novo as cartas. Visitei também a *Erâz Athanatêus* e disse-lhe como ia a Tigrê. Respondeu que lhe pesava de que fosse tão cedo mas que, já que assim era, que esperasse um pouco, que tinha que falar com o imperador. Foi ele logo e disse-lhe como me deixava ir, sem acabar de concluir o que se tinha tratado sobre a vinda dos portugueses. E, não querendo o imperador dar-lhe a entender que escrevera, respondeu: «Como há-de ser, não vistes quanto repugnaram estes?» Disse ele: «Senhor, se se há-de esperar o parecer de todos, nunca se fará coisa boa. O que tanto importa para o<sup>15</sup> serviço de Deus e<sup>16</sup> bem do império não se há-de deixar, por mais que repugnem semelhantes homens, nem ainda se<sup>17</sup> foram todos os do conselho.» «Já que assim vos parece

(disse o imperador), escrevei<sup>1</sup> em meu nome, e vós também de vossa parte na forma que vos parecer melhor, e trazei-me as cartas.» Mandou também ao vice-rei de Tigrê, que se chamava Cafluhâd, que escrevesse que chegaria a entrada com gente e tudo o mais necessário. Os treslados das cartas que achei são os seguintes. Mas há-se de advertir que, quando o imperador escreveu estas cartas, se chamava Malâc Çaguêd. E, depois, mudou o nome e agora se chama Seltân Çaguêd.

Cópia da carta que o imperador escreveu a Sua Santidade:

*Carta enviada do Imperador de Etiópia Malâc Çaguêd, chegue ao santo papa de Roma, com a paz de Cristo Nosso Senhor, qui dilexit nos, et lauit nos a peccatis nostris in sanguine suo et fecit nos regnum et sacerdotes Deo et Patri<sup>2</sup>. Esta paz seja sempre com Vossa Santidade e com toda a Igreja cristã. Amém.*

*Muito tempo há que temos grande amor aos cristãos dessas partes, pelos benefícios que este império tem recebido deles quando antigamente os portugueses o livraram da tirania dos mouros e restituíram a seu primeiro estado e quietação, morren<sup>3</sup>do depois muita parte deles com meu pai, e por ele querer cumprir o que nossos antepassados, com juramento, tinham prometido. Pelo que, logo como<sup>4</sup>, pela misericórdia de Deus [fol. 487] Nosso Senhor tomámos o governo deste império, determinámos renovar a amizade com aquela fiel gente de Cristo, porque achámos nosso império em tão trabalhoso estado, pelas contínuas guerras destes anos passados, que<sup>5</sup>, ainda que temos sujeitados alguns inimigos domésticos, contudo nos ficam outros mais poderosos, que são uns gentios que chamam gâlas, que têm conquistado grande parte deste império e queimadas muitas igrejas e, o que pior é, que dão cada dia novos assaltos, exercitando grandes crueldades em as viúvas, meninos e velhos, ao que nós não podemos acudir senão com ajuda de nosso irmão, o imperador de Portugal, pelo que lhe pedimos nos ajude, como antigamente fizeram seus predecessores, os reis de Portugal, a nossos antepassados. Mas, para que em isto não haja falta, determinamos pedir juntamente a Vossa Santidade, que é pai e pastor de todos os fiéis de Cristo, queira escrever a nosso irmão, defira logo a nossa petição, antes que estes gâlas cobrem mais forças. Quanto à entrada de nossas terras não há dificuldade; porque os que guardam nosso mar não têm força nenhuma e, porque sabemos certo que Vossa Santidade nos ajudará como a necessidade o pede, escusamos mais palavras.*

*Ao Padre Pedro Paez temos encomendado de mais comprida relação a Vossa Santidade de nosso império, do amor que temos aos filhos dos portugueses que cá estão, e do cuidado das igrejas dos padres, aos quais, peço a Vossa Santidade, queira dar crédito, como a esta nossa carta. Acabamos rogando a Cristo Nosso Senhor guarde a Vossa Santidade por muitos anos para o bom governo da Igreja universal.*

*Escrita em Etiópia, a 14 de Outubro de 1607<sup>6</sup>.*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: como acima dissemos, era grande príncipe.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: eles.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: ser.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: que, como chegaram.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: fomos visitar *Erâz*.

<sup>7</sup> Referência à expedição militar liderada por D. Cristóvão da Gama.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: dos seus.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: para o.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 442/431].

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: como me a mim parecesse.

<sup>12</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>13</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>14</sup> Ms. 778 BPB: imperador, me tornou a encomendar as cartas.

<sup>15</sup> Ms. 778 BPB: ao.

<sup>16</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>17</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: escrevevi.

<sup>2</sup> «Aquele que nos ama, e que pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados, e nos fez reino, sacerdotes para Deus e Pai» (*Apocalipse*, 1, 5-6).

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 442v/431v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que.

<sup>6</sup> Esta carta, e as três que se seguem, foram reproduzidas na íntegra a partir da «Adição...» de Fernão Guerreiro; ver «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 31v-32 / pp. 34-35. M. Almeida retoma-as na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RESOI* 6, Roma, 1907, pp. 197-202. Sobre o itinerário destas cartas, ver H. Pennec, «La correspondance royale éthiopico-européenne de 1607», Paris, 1998, pp. 91-111.

Aqui, diz que muita parte dos portugueses morreram com seu pai, por querer ele cumprir o que seus antepassados<sup>1</sup> tinham prometido, que era obedecer à santa Igreja romana; mas não era seu pai, senão seu tio, que se chamava Tascaro, a quem matou o cruel Imperador Adamâs Çaguêd, como dissemos no cap.<sup>2</sup> do livro<sup>3</sup>. Mas, porque é costume em Etiópia chamarem<sup>4</sup> pais aos <sup>5</sup>tios-irmãos dos pais, por isso o chama pai, não sendo senão tio.

Das demais cartas que escreveu, não achei mais que esta. As que se seguem são as que, por seu mandado, escreveu depois Erâz Athanatêus.

Cópia da carta do imperador de Etiópia para Sua Majestade:

[fol. 487v] *Carta enviada do imperador de Etiópia Malâc Çaguêd, chegue ao imperador de Espanha, terra santa de S. Pedro, príncipe e cabeça dos doutores e da Igreja católica do Senhor, da qual disse o Apóstolo S. Paulo: Despondi vos uni viro virginem castam exhibere Christo<sup>6</sup>, ao qual seja glória, e à imitação do puríssimo mensageiro S. Gabriel que, saudando a Virgem Maria Nossa Senhora, disse: «Deus vos salve», e de Cristo Nosso Senhor que, no domingo à tarde depois de sua ressurreição, disse a seus<sup>7</sup> apóstolos juntos: «Paz seja com vós outros.» E como escreveu em todas suas Epístolas o Apóstolo S. Paulo, a paz do Senhor seja com Vossa Majestade, nosso irmão na fé que pregou S. Pedro no tempo que Cristo Nosso Senhor mandou seus apóstolos, dizendo: «Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a todas as gentes, baptizando-os em<sup>8</sup> nome do Padre e<sup>9</sup> do Filho e do Espírito Santo.» Como está Vossa Majestade e seu império? Nós estamos de saúde pela intercessão de S. Pedro, mestre de Vossa Majestade e nosso. A bondade, misericórdia e benevolência que entre nós começou Cristo Nosso Senhor, Ele a leve por diante, pois é princípio e fim de todas as coisas.*

*A causa principal de escrever esta a Vossa Majestade foi o desejo daquela familiaridade e comunicação assim temporal como espiritual, que antigamente houve entre os antepassados de Vossa Majestade, reis de Portugal, e os nossos; na qual familiaridade nos enobreceu, juntamente, a adopção do Espírito Santo, para o que pedimos que Vossa Majestade nos mande fortes e valorosos soldados que possam contra nossos inimigos que estão em este porto<sup>10</sup>, que nós estamos aparelhados com armas, bastimentos<sup>11</sup> e mais coisas necessárias para a guerra, sem faltar em nada do que pudermos, que mais razão é que Vossa Majestade tenha ali assento, que os molestíssimos inimigos de nossa santa fé. Os antepassados de Vossa Majestade também nos mandaram exército de mui fortes solda<sup>12</sup>dos, quando os mouros queriam destruir nossa fé e império. Bem pudéramos nós agora destruir estes que não receberam o Santo Evangelho, com nosso exército, confiados na virtude do poderoso rei que levanta nossos corações com a memória das coisas celestiais, porque somos filhos do Céu, como testifica S. João em<sup>13</sup> seu Evangelho, dizendo que o que de carne nasce, de carne é, e o que nasce do es-*

*pírito, espírito é; mas temos guerra com outros nossos inimigos, que chamam gâlas, que nos estorvam esta empresa; pelo que, com a mor presteza que Vossa Majestade puder, [fol. 488] nos mande valorosos soldados que tenham zelo de nossa santa fé apostólica. Quanto ao que nos toca, já há dias que estamos aparelhados e, como vierem, não lhe será impossível o que desejamos, porque nos uniremos com cadeia de amor como uma alma e um corpo, porque Nosso Senhor é mestre e cabeça de Vossa Majestade e nossa, e, assim, somos Seus membros, e o Padre Celestial nos gerou em um ventre do baptismo e no de semente que se corrompe e acaba<sup>1</sup>. O que em esta não escrevemos, o Padre Pedro Paez, cheio do Espírito Santo, o escreverá a Vossa Majestade nas suas divinas cartas.*

*Escrita em Etiópia, a 10 de Dezembro do nascimento de Cristo, Nosso Senhor, de 1607<sup>2</sup>.*

Cópia de uma de Erâz Athanatêus para Sua Majestade.

*Carta de paz e amor mandada de Athanatêus, chegue ao alto e poderoso imperador de Portugal com a paz de Cristo Nosso Senhor, que, pela redenção do mundo, morreu crucificado na santíssima Cruz. Esta paz seja sempre com Vossa Majestade.*

*A causa de escrever esta carta foi o desejo grande que meu senhor, o imperador, e eu temos de que venham portugueses. E, assim, pedimos a Vossa Majestade mui encarecidamente que nos mande soldados fortes e bem exercitados na milícia, para que tomem este porto em que estão os inimigos de nossa santa fé. E, como chegarem, os ajudaremos com bastimentos, armas e tudo o que for necessário. Os antecessores de Vossa Majestade nos ajudaram no tempo que vieram os mouros para nos destruir, e até hoje nos deixaram memória o que vieram do que Cristo Nosso Senhor fez por eles. Vossa Majestade, por amor de Cristo Nosso Senhor nos mande também agora soldados belicosos, que eu estou aparelhado para<sup>3</sup> sua vinda com muita vontade, e tenho no coração grande esperança que hão-de vir. O mais que em esta<sup>4</sup> falta sobre <sup>5</sup>este negócio escreverá a Vossa Majestade o Padre Pedro Paez.*

*Escrita em Etiópia, a 13 de Dezembro de 1607<sup>6</sup>.*

Cópia de outra do mesmo para o vice-rei da Índia.

[fol. 488v] *Carta de paz e amor de Erâz Athanatêus, chegue ao grande vice-rei da Índia com a paz de Cristo Nosso Senhor, que morreu na Santa Cruz por nos remir<sup>7</sup>. Esta paz seja sempre com Vossa Senhoria e com todo seu estado. Amém.*

*Ouvi, senhor: sempre meu pai foi muito amigo dos portugueses que cá vieram e os favoreceu em todas suas coisas e, depois de sua morte, eu também continuei esta amizade com seus filhos, ajudando-os com muito gosto em tudo o que se lhe ofereceu, livrando alguns de morte, assim com minha valia como com minha fazenda, que, para isso, dei por vezes o necessário de muito boa vontade pelo particular amor que lhes tenho, e desejo que Nosso Senhor me dá de que, não somente se não acabem as relíquias que ficaram dos primeiros, mas que venham outros de novo para remédio deste império; o que há muito tempo desejava escrever, mas não*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: pais.

<sup>2</sup> Espaço deixado em branco, no Ms. Goa 42 ARSI, para preenchimento posterior; idem no Ms. 778 BPB. Refere-se ao cap. VI.

<sup>3</sup> Espaço deixado em branco, no Ms. Goa 42 ARSI, para preenchimento posterior; idem no Ms. 778 BPB. Refere-se ao livro III.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: chamar.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 443/432].

<sup>6</sup> «... Pois vos desposi com um só Esposo, Cristo, para vos apresentar a ele como virgem pura» (2 Coríntios, 11, 2).

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: discípulos e.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: no.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: estas partes.

<sup>11</sup> Abastecimentos ou mantimentos.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 443v/432v].

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: no.

<sup>1</sup> Com tal expressão, o rei da Etiópia sublinha a fraternidade que o une ao rei de Portugal e Espanha.

<sup>2</sup> F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 32v-33 / pp. 35-36.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: por.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: nesta.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 443/433].

<sup>6</sup> F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 33v-33v / pp. 36-37.

<sup>7</sup> Redimir.

*o pude fazer pelas contínuas guerras que, até agora, tivemos, de que já foi servido Deus Nosso Senhor de nos desapressar, e dar-nos imperador firme de entendimento, que, com muita prudência, governa tudo. E, representando-lhe meu desejo, e o bem que se seguiria<sup>1</sup> a este império, lhe pareceu bem e determinou escrever sobre isso ao imperador de Portugal, e me mandou que o fizesse eu também, para que saiba quanto o desejamos, e o serviço de Deus Nosso Senhor que daí se seguirá. Pelo que peço muito a Vossa Senhoria queira pôr toda sua força para que isto tenha efeito, fazendo que, ao menos, venham mil o mais depressa que puder ser, para que seja Vossa Senhoria o que tenha diante de Deus a honra e prêmio de tão grande empresa. E nós, abrindo-se o caminho, serviremos a Vossa Senhoria com tudo o que de cá desejar. Não digo em esta mais, porque o Padre Pedro Paez, com quem há muito tempo que trato minhas coisas particulares, poderá descobrir meu coração. Deus Nosso Senhor acabe tudo em bem e dê a Vossa Senhoria muitos anos de vida. Amém. Escrita em Etiópia, a 13 de Dezembro de 1607.*

<sup>3</sup>A causa do imperador encomendar a este príncipe que<sup>4</sup> escrevesse foi porque, tendo-o de sua parte firme no que pretendia<sup>5</sup>, muitos outros se lhe juntariam, por ser mui aparentado e<sup>6</sup> senhor grande, casado com uma infante filha do Imperador Malâc Çaguêd, tio deste Imperador Seltân Çaguêd, e, morrendo seu sogro, governou ele o império sete anos, como acima dissemos, por ser menino o Imperador Iacob. E, depois que entregaram o império a Iacob, ainda ficou sendo cabeça de todos, que isso quer dizer *erâz*, «cabeça.» E, nas disputas que eu tive, quando cá entrei, sobre as coisas de nossa [fol. 489] santa fé com os principais frades e letrados de Etiópia, diante do Imperador Za Denguíl, sempre ele se achou presente, e as ficou entendendo de maneira que, todas as vezes que falávamos em particular, dizia que nossa doutrina era a<sup>7</sup> verdadeira, e me pediu com muita instância fosse seu mestre, que seus frades não aproveitavam porque, como ordinariamente eram homens baixos, ainda que soubessem alguma coisa, não se atreviam a declarar<sup>8</sup> diante deles. Eu também desejava muito continuar com ele, mas não pude porque, como comecei a entrar<sup>9</sup> com este imperador<sup>10</sup>, não me deu tempo, e a ele também, arreando seu poder, o foi abaixando<sup>11</sup>, tomando-lhe pouco a pouco os cargos<sup>12</sup>, e muitas terras, até o cargo<sup>13</sup> de *erâz* lhe tomou e deu a um seu irmão que se chama Emâna Christôs. E, por este se ir fazendo muito soberbo, lho tirou e deu a outro seu irmão mais mancebo, que se chama Cela Christôs, e o merece melhor que todos, como adiante veremos. Por isto, ficou Athanatêus enfadado e queixoso do imperador, e agora está retirado em um mosteiro, sem se meter em negócios<sup>14</sup>.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: *seguirá*.

<sup>2</sup> F. Guerreiro, «Adição à Relação das coisas de Etiópia...» (reed. 1942), fols. 33v-34 / p. 37.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 444v/433v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>5</sup> Omito no Ms. 778 BPB: no que pretendia.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: ser.

<sup>7</sup> Omito no Ms. 778 BPB: a.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: declará-la.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: entrei.

<sup>10</sup> Entenda-se «continuar», «começar a entrar» ou «entrar» o trabalho de catequização.

<sup>11</sup> Entenda-se: e ao rás A., receando Seltân Sägäd seu poder (do rás), o foi abaixando, etc.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: carregos.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: carrego.

<sup>14</sup> Ms. 778 BPB: nenhuns.

## CAPÍTULO XXV<sup>1</sup>

EM QUE SE TRATA DOS ALEVANTAMENTOS QUE HOUE EM ETIÓPIA LOGO COMO O IMPERADOR SELTÂN ÇAGUÊD SE APODEROU DO IMPÉRIO.

Como o Imperador Seltân Çaguêd se viu senhor do império, procurou logo com muita prudência estabelecer-se nele e dividiu<sup>2</sup> o governo de suas terras pelos capitães de quem se confiava<sup>3</sup>. E, em três reinos principais, que são Amharâ, Begmêder e Tigrê, pôs três irmãos seus, <sup>4</sup>Emâna Christôs, Afa Christôs e Cela Christôs. E, no reino de Gojâm, um seu genro, por nome Iuliôs, mui grande capitão. E ele ficou em Dambiâ, que é quase no meio. E, com isto conservou e fez firme seu império no princípio, ou, por melhor dizer, ajudando-o e guardando-o Deus, Nosso Senhor, como se viu claramente em muitos sucessos, que, de outra maneira, pouco lhe aproveitaram<sup>5</sup> suas prudências e governos que<sup>6</sup>, ainda que Emâna Christôs, seu irmão, e Iuliôs, seu [fol. 489v] genro, lhe ajudaram muito algum tempo, depois se levantaram contra ele e o puseram em tal extremo que, se Nosso Senhor milagrosamente o não livrara, não parece que humanamente podia escapar, como acima vimos em sua *História* e no cap. 4.º e 5.º do 2.º livro. Mas, deixando estes, de que já falámos, e alguns capitães que também se rebelaram, dezasseis ou dezoito foram os que, por espaço de dois anos, se levantaram contra ele em diversas partes, pretendendo todos o império. Mas, porque tratar de todos fora causa mui comprida, e na *História* do imperador que acima referimos se faz menção deles, ainda que não tanta como o escritor devera, não tratarei senão de alguns, que lhe deram mais trabalho e a nós alcançou<sup>7</sup> boa parte<sup>8</sup>.

Na entrada de Junho de 607, se levantou um mancebo de sangue real, que se chamava Canâfra Christôs. E foi-se-lhe logo juntando muita gente e, segundo me afirmaram, tinha por si muitos dos grandes, e estava concertado para casar com uma infante, filha do Imperador Malâc Çaguêd e, se o concerto acabara de ficar firme, dificultosamente pudera o imperador com ele, pelo poder grande que tinha aquela senhora. Mas, antes disso, achando-o um dia com pouca guarda, a gente daquela terra onde estava<sup>9</sup> o prendeu e trouxe<sup>10</sup> ao imperador, e mandou que lhe cortassem a cabeça<sup>11</sup>. Pouco depois, veio outro com muitos gentios que chamam gâlas, pelo reino de Begmêder, onde, naquela sazão<sup>12</sup>, era vice-rei um irmão do imperador, que se chama Cela Christôs, que quer dizer «Imagem de Cristo», e, fazendo juntar sua gente, pôs alguns capitães em um passo, e ele com os demais assentou muito perto em outro. E, à boca de noite, teve nova que, por conselho do alevantado, determinavam os gâlas dar aquela noite em seu arraial e que haviam de pelejar fortemente, <sup>13</sup>porque lhe tinha prometido grandes terras como se visse com o império. Ouvindo isto, arreceu muito que, como os gâlas viessem de noite

<sup>1</sup> Manuel de Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 6, Roma, 1907, pp. 203-6.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: dividindo.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: fiava.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 445/434].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: aproveitavam.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>7</sup> Omito no Ms. 778 BPB: alcançou.

<sup>8</sup> Entenda-se: «boa parte» desse trabalho.

<sup>9</sup> Omito no Ms. 778 BPB: onde estava.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: trouxe-o.

<sup>11</sup> Entenda-se: que a ordem foi dada pelo «imperador.»

<sup>12</sup> Sazão: naquele tempo, naquela ocasião.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 445v/434v].

com a grita que acostumam, havia de fugir a gente que tinha posta no outro passo. E, chamando um soldado de quem se fiava, lhe disse que fosse com muito segredo e, como por amizade, dissesse àqueles capitães: «O vice-rei arreceia que, como chegarmos a pelejar com os gâlas, há-de fugir vossa gente, e assim determina de vos provar esta noite, mandando alguns que venham gritando como gâlas. Vede agora o que haveis de fazer. Não fiqueis envergonhados.» Foi o soldado e disse-lhes isto aos capitães pedindo-lhe [fol. 490] primeiro palavra que não haviam de descobrir quem os avisara. Agradeceram-lho eles muito e disseram que, se fossem, os haviam de fazer tornar com as mãos na cabeça, e aparelharam-se logo muito bem. Chegaram os gâlas depois, gritando, e, cuidando eles que era a gente do vice-rei que<sup>1</sup> ia a os provar, arremeteram com muita confiança e começaram a pelejar fortemente. Acudiu logo com muita pressa o vice-rei, que estava em vigia com a demais gente, e, dando nos<sup>2</sup> gâlas pela outra banda, em pouco espaço os desbarataram e mataram muitos, e os que escaparam, enfadados do<sup>3</sup> alevantado os ter levado ali, o mataram. O vice-rei e todos os seus deram graças a Deus por ele fazer mercê que lhe sucedesse também a sorte e ficarem desapressados daquele inimigo que arreceavam muito.

O verão seguinte, se alevantou outro no reino de Tigrê. Este era frade e viveu no deserto muitos anos, fazendo grandes penitências; e o fruto que tirou no fim deles foi querer reinar. E como, em esta terra, os homens sejam mais amigos de novidades e revoltas que de paz, uns por subir<sup>4</sup> mais, outros por se encherem naquele tempo de fato com roubos, logo se lhe juntaram muitos e se nomeou por imperador, dissimulando com isso o que então governava Tigrê, por seus respeitos particulares. E, assim, cresciam cada dia naquela terra os roubos, as forças e motins, de sorte que ninguém se tinha por seguro em sua casa (por forte que fosse). E nós, particularmente, nos vimos por vezes em grandes apertos, porque as companhias de ladrões, que então andavam como bandoleiros, <sup>5</sup>pretenderam muito dar em nosso lugar e casa<sup>6</sup> de Fremonâ, incitados por alguns contrários dos portugueses que lhe diziam que haviam de achar fato sem conto, e não o deixaram de fazer senão porque não acharam nunca ocasião em que os portugueses que ali moravam não estivessem aparelhados com suas armas e resolutos a morrer pela defesa de nossa Igreja e casa. Em isto se foi chegando a nós o alevantado com determinação (segundo me afirmou depois o principal de seus conselheiros) de se aposentar em nossa casa e acabar todos os portugueses que achasse, mas Deus Nosso Senhor, que tinha cuidado deles, ordenou as coisas de outra maneira porque, com trazer muita gente, o dia antes que determinava vir a<sup>7</sup> dormir à nossa casa, dormiu preso com duas cadeias e boa guarda, não tomando do governador, senão de um senhor grande que, com cor de amizade, entrou com seus criados a falar com ele. E, como a gente que trazia era toda baixa, logo [fol. 490v] como souberam que aquele senhor o prendera, o desampararam todos e, levando-o ao imperador, mandou que lhe cortassem as narizes e<sup>8</sup> orelhas, e o largassem.

Vendo este sucesso, dois de nossos contrários vieram à nossa casa e nos pediram muito que não fizéssemos queixume ao imperador nem oração a Deus contra eles, acrescentando o mais velho estas palavras: «Desde o tempo que o Patriarca André<sup>9</sup> (que foi um padre<sup>10</sup> de nossa Companhia) entrou em Etió-

pia, nunca vi que sucedesse bem a quem se tornou contra esta Igreja, e ninguém pode negar que vossas orações têm força com Deus, pois sem armas, só três frades<sup>1</sup>, vos defendeis de todas as armas de vossos inimigos.»

Pouco depois disto, se levantou no mesmo reino de Tigrê um mancebo que eu conheci tão pobre e baixo que acompanhava a homens baixos, por não ter que comer nem que vestir. E foi o que em maior aperto pôs ao imperador porque, metendo-se em um mosteiro, que se chama Bizân, perto do Mar Roxo, e dizendo aos frades que ele era o Imperador Iacob, que escapara milagrosamente da batalha em que foi<sup>2</sup> desbaratado de Suzniôs (como acima dissemos), de tal maneira lhe deram crédito que publicaram logo que era ele, com o que se lhe ajuntou muita gente e, para não ser conhecido, que era <sup>3</sup>no rosto mui diferente do imperador, andava sempre embuçado com uma touca, dizendo que o fazia porque lhe quebraram dois dentes naquela batalha. E, como viu que o seguiam tantos, saiu daquelas terras onde está<sup>4</sup> o mosteiro, que são mui ásperas, e assentou seu arraial em uma vila que chamam Debaroâ, onde de ordinário reside o *bahâr nagâx*, que é governador daquelas terras, e tinha fugido por ver que não podia resistir. Achou ali alguns mercadores cristãos e mouros que iam ao mar a fazerem<sup>5</sup> seus empregos, e mandou-lhes dizer que bem sabiam como os favorecera sempre, sem consentir que em nenhum de seus portos se lhe fizesse agravo, e que, pois seus inimigos lhe tinham tomado seu tesouro e império, lhe acudissem com algum ouro, para fazer coroa,<sup>6</sup> que, tornando a recuperar seu império, que esperava seria com brevidade, lho saberia remunerar. Lançaram eles finta entre si e deram boa quantidade de ouro, por arrecear<sup>7</sup> que, se não o<sup>8</sup> fizessem assim, lhe tomaria tudo, e, com aquilo, fez coroa de imperador e a pôs na cabeça. E mandou logo correios com cartas aos principais daquele reino, prometendo-lhes grandes mandos e terras se lhe<sup>9</sup> quisessem ajudar, o que muitos fizeram.

Em esta conjunção, tinha entrado em Tigrê, por vice-rei, Cela Christôs, irmão do imperador, a quem primeiro tinha posto por vice-rei de Begmêder, como acima dissemos. E seria [fol. 491] então de idade de vinte e cinco anos, mas de mui grandes partes no saber, prudência,<sup>10</sup> valor e esforço de capitão. E, como soube que o alevantado saíra daquelas terras onde primeiro estava, e que se lhe ajuntara muita gente e cada dia lhe ia entrando mais, ajuntou com muita pressa a gente da terra que pôde e foi sobre ele; mas quase todos os que levava estavam de segredo confederados com o alevantado, de maneira que só lhe ficavam fiéis trezentos criados seus e os portugueses, que não cuidou seriam cinquenta. E, chegando a um campo grande, donde se descobre Debaroâ, viram gente sem conto, que causou grande receio nos do vice-rei; mas ele os animou com muitas palavras e, por remate, lhes disse que bem viam claramente que só na lança e espada estava sua salvação, que se <sup>11</sup>algun quisesse fugir não podia escapar, pois toda a gente da terra estava contra eles, que melhor era morrerem todos pelejando<sup>12</sup> valorosamente, que não caírem em coisa tão baixa e afrontosa como era fugir, e mais, nem com isto<sup>13</sup> não

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: pois só três frades sem armas vos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: fora.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 446v/435v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: estava.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: fazer.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: para fazer coroa.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: arrecearem.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: o não.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: na prudência, saber.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 447/436].

<sup>12</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: pelejando.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: quando com isso.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: que os ia a provar.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: em os.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: de o.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: subirem.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 446/435].

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e casa.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: as; «as narizes» é castelhanismo do autor por conservação do género.

<sup>9</sup> André de Oviedo. Ver glossário (primeira missão jesuíta).

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: frade.

podiam salvar a vida. Ordenou logo seus esquadrões para dar batalha, ainda que era já depois de meio-dia, por arreçar que aquela noite se passassem ao contrário alguns dos que o acompanhavam. E, postos em ordem de peleja, se foram chegando aos inimigos, que já estavam aparelhados esperando, e faziam bem pouco caso deles, confiados em sua multidão. E, querendo acometer, se afastaram a uma parte com sua gente os dois principais capitães da terra que trazia o vice-rei, e disseram-lhe seus criados: «Senhor, aqueles se passam aos contrários.» Respondeu que os deixassem e não olhassem para eles, senão que arremettessem, e ele foi diante, levando à sua ilharga os portugueses, e pelejaram tão valorosamente que, em pouco espaço, fizeram virar os inimigos. E, vendo isto, aqueles dois capitães arremeteram por outra banda, dando mostra que para isso se afastaram, mas depois disseram que a ninguém matavam. O vice-rei e os seus mataram gente sem conto e o alevantado escapou, pelo vice-rei ir seguindo grande pedaço um mouro de cavalo, que, por trazer uma cabaia de grão<sup>1</sup> sobre as armas, cuidou que era aquele, e, mandando-o por sua mão, ficou muito contente e mandou tocar a recolher; mas depois acharam que era mouro, e souberam como o alevantado se acolhera com tempo a umas terras fortes que estavam perto.

Deram o vice-rei e os seus muitas graças a Deus [fol. 491v] por tão grande vitória, que não a<sup>2</sup> tiveram por menos que milagrosa, e determinaram de seguir ao alevantado onde quer que fosse, para que não tornasse mais a tomar força. E, assim, se puseram na entrada das serras por onde tinha ido e mandaram muitas espias, mas nunca se achou nova certa, porque as serras são mui grandes e de mato fechado e os moradores delas<sup>3</sup> estavam por ele. Entretanto, ajuntou oitocentos homens perto de nosso lugar de<sup>4</sup> Fremonâ um senhor grande, que se chamava Neberêd Tomas, com determinação de dar em nossa casa e roubar o que achasse e dali passar levando<sup>5</sup> presos a nós e aos portugue<sup>6</sup>ses que pudesse, que, por todos, eram seis ou oito, para nos entregar ao alevantado, que nos tinha muito boa vontade, porque os portugueses pelejaram valorosamente contra ele em companhia do vice-rei, a quem chegou logo a nova do que determinava fazer Neberêd Tomas; pelo que veio com muita pressa, caminhando três dias de manhã até à noite, e chegou a dormir uma légua de nossa casa o dia antes que aquele havia de vir sobre nós e, assim, fugiu. O vice-rei chegou<sup>7</sup> outro dia muito cedo a<sup>8</sup> nosso lugar e esperou-nos da banda de fora, vendo que saíamos. Demos-lhe os agradecimentos da mercê que nos fizera em acudir com tanta pressa, e pedimos-lhe descansasse ali um pouco, mas não quis senão passar logo, porque desejava alcançar aquele. Contudo não pôde, porque se foi a<sup>9</sup> meter em umas terras mui ásperas que chamam Torât.

Sabendo o alevantado rei como o vice-rei se afastara tanto, saiu diante<sup>10</sup> aquelas serras e assentou no campo, onde se lhe tornou ajuntar muita gente; pelo que, ao vice-rei, lhe foi forçado tornar lá, mas, chegando e começando a pelejar, fugiu logo o alevantado e tornou a entrar nas serras, ficando o vice-rei fora, que não o<sup>11</sup> pôde seguir mais que um pedaço, porque o estorvou a noite. Depois fez grandes diligências para saber onde estava, mas ele passou logo da outra banda das serras por<sup>12</sup> parte que lhe ficava

mui longe o vice-rei. E, saindo ao<sup>1</sup> campo, com a fama que corria de que era o Imperador Iacob, todos se lhe ajuntavam. E veio direito a nosso lugar com determinação de arrasar tudo e passar à espada quantos portugueses achasse. E, chegando a dormir como três léguas de nós, lançou pregão que todos se aparelhassem para dar outro dia no lugar dos portugueses, porque ali haviam de [fol. 492] achar muito fato, sem trabalho nem resistência alguma. E pela manhã, muito cedo, veio marchando. Disseram-nos logo como vinha e que a gente que trazia era tanta que cobria os campos, e os que menos diziam afirmavam que passavam de 25 000 homens. Nós não tínhamos para onde fugir, porque toda a terra estava por ele e logo nos haviam de entregar. E assim determinámos de morrer na igreja três padres que estávamos com alguns velhos portugueses e católicos. Mas quis <sup>2</sup>Nosso Senhor que, chegando já muito perto, lhe disseram que estava um capitão do vice-rei com pouca gente encostado a um mosteiro, e que<sup>3</sup> tinha algumas tendas boas e, porque a ele lhe faltavam, deixou o caminho largo e chão de nosso lugar, e foi lá por entre umas serras, por caminho muito áspero e estreito, fazendo conta que a nós sempre nos tinha na mão. E, chegando, pelejaram os do vice-rei fortemente, fazendo-os virar muitas vezes, porque o passo era mui estreito; e nisto andaram até à tarde, que um frade guiou aos do alevantado por um caminho escuso e, dando pelas costas aos do vice-rei, mataram alguns e outros fugiram para as serras. Entrou logo o alevantado e roubou o lugar e o fato que estava no mosteiro, que muitos tinham o seu ali guardado, parecendo-lhes que estava seguro, pelo respeito e veneração grande que todos lhe têm, mas o alevantado não teve de ver com isso, porque tudo levou, até muitas coisas da igreja. E, a um português que ali tomaram, mandou logo matar às lançadas diante de sua tenda.

Entre os que escaparam com o capitão do vice-rei foi um fidalgo por nome Glaudeôs, *scilicet* Cláudio, que tinha uma égua ligeira. E, já posto o sol, chegou a nossa casa, que era meia légua de onde pelejaram, e disse-nos que tudo era acabado,<sup>4</sup> que saíssemos muito depressa e que não arreceássemos a gente da terra, que ele nos levaria até à sua, que eram dois dias e meio de caminho<sup>5</sup>, sem que ninguém se atrevesse a nos fazer mal, porque era mui conhecido e aparentado; e que, de lá, se fosse necessário, podíamos passar facilmente a Dambiâ. Pareceu isto bem a alguns portugueses e católicos que ali estavam; mas os velhos, mulheres e meninos, que não nos<sup>6</sup> podiam seguir, choravam por ficarem sós e desamparados, sem confissão, em tão grande perigo, pelo que nos resolvemos em que ficasse um de nós e os [fol. 492v] outros fossem e levassem os cálices e ornamentos da igreja; e, assim, acompanhou aos dois padres que foram um português, e seguiram-no alguns católicos, homens e mulheres; e, ainda que os mais iam a pé, caminhavam com muita pressa, pelo grande medo que levavam. E, chegando à meia-noite à entrada de um mato muito basto, acharam muitos ladrões, <sup>7</sup>que esperavam ali para roubar os que iam fugindo e, como os viram, passou o fidalgo diante com sua lança na mão. E conheceu alguns daqueles e disse que levava aquela gente à sua conta, e assim não se atreveram a fazer mal. E, passando adiante, como saiu o sol, encontraram com outros, que também os houveram<sup>8</sup> de roubar se não fora aquele fidalgo com eles. O seguinte dia, chegaram onde estava o capitão que fora desbaratado e, por serem aquelas suas terras, mandou que des-

<sup>1</sup> Grã: tecido carmim.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: que a não.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: dela.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: e levar.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 447v/436v].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: ao.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: de entre.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: o não.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: por a.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: do.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 448/437].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e que.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: dois dias de caminho e meio.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: que nos não.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 448v/437v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: eram.



sem o necessário a todos os que ali iam, e que passassem até perto da casa daquele fidalgo, que era lugar mais seguro. E ali estiveram alguns dias até que se tornou o alevantado.

O padre que ficou na casa<sup>1</sup> escondeu aquela noite os livros e algumas coisas que os outros não puderam levar e, como amanheceu, fechou a casa e, com um português que o acompanhava e outros velhos, entrou na igreja a fazer oração, dizendo: «Aqui estamos bem, se nos quiserem matar.» Soube logo o alevantado como os padres se foram e levaram o fato da igreja, e<sup>2</sup> só ficara um padre e um português, pelo que ficou ele e mandou três capitães com muita gente para que arrasassem tudo, e que em nossa casa principalmente não deixassem pedra sobre pedra. E, chegando muito perto, como viram nossa casa, tiveram grande medo (como contou depois um daqueles capitães, atribuindo-o<sup>3</sup> a coisa sobrenatural, porque levavam muita gente e sabiam que não estava mais que um padre e um português). Em isto, lhe mandou recado o alevantado que tornassem depressa, porque tinha novas que vinha o vice-rei, pelo que se foram sem se atrever a<sup>4</sup> passar adiante, que puderam chegar e queimar tudo e tornar muito a tempo, que, de nossa casa aonde estava o alevantado, não era havia mais que<sup>5</sup> meia légua. Mas ficaram os corações de todos tão sobressaltados (como dizia aquele capitão) que, para tornar toda pressa, lhe parecia tardança.

Como estes chegaram, foi logo o alevantado a se encostar a uma serra forte, donde podia melhor pelear [fol. 493] com o vice-rei. E, assentando aquela tarde ao pé dela, chegaram duas espias que tinha enviado, e lhe disseram que o vice-rei não vinha, que estava longe, com o que folgou muito, porque estava mui pesaroso de que aqueles capitães não tivessem arrasado nossa casa e lugar. E assim determinou de o fazer ele outro dia e, para isto, mandou logo lançar pregão, que todos os que tivessem fato de pouco porte o deixassem e que estivessem aparelhados porque, pela manhã muito cedo, os havia de levar onde achariam fato muito rico que lhe bastasse. Mas, como cantou o galo, lhe chegaram outras duas espias que disseram como já ali chegava o vice-rei, pelo que, em amanhecendo, subiu ao mais alto da serra e assentou lá seu arraial. E, o<sup>7</sup> seguinte dia, chegou o vice-rei com sua gente, que era muito pouca, e assentou perto da serra, no campo que se chama Maiquelbaherâ, e esteve ali dois ou três dias, por não poder subir onde estava o alevantado. Entretanto, lhe tomou a gente da terra os passos de maneira que, se fora desbaratado, ninguém podia escapar. E, se o alevantado se deixara estar lá em cima e reforçara com sua gente os passos, que eram muito fortes, por estar o campo cercado de altas e ásperas serras, os pudera matar ali a fome. Mas disseram-lhe que muitos estavam doentes e outros cansados, pelo que facilmente os podia desbaratar; e, assim, mandou a seus capitães que descessem com a gente, ficando ele bem acompanhado no mais alto da serra, que sempre se punha em parte que pudesse fugir, dando aos seus por razão que, como ele ficasse com vida, ainda que houvesse algum desbarate, não era nada porque não lhe havia de faltar depois gente.

Vendo o vice-rei que desciam da serra, saiu das tendas e, em um valezinho que estava perto ordenou os seus e mandou que se assentassem todos sem aparecer até que os contrários chegassem<sup>8</sup> muito

perto. E, estando assim, lhe foram a<sup>1</sup> dizer que por outra banda vinha muita gente a dar em as tendas pelo que enviou um capitão com bem pouca gente, dizendo: «Deus vos ajude, que não posso dar mais.» Foi ele e pelejou valorosamente, achando grande resistência, até [fol. 493v] que matou um capitão grande, e com isto viraram todos e foi matando até uma ribeira que estava perto. E ali ficou por não se<sup>2</sup> atrever a passar. Em isto, chegaram os que vinham pela parte do vice-rei, que eram tantos que cobriam o campo. Arremeteu ele então com seus criados e os portugueses com tão grande fúria, e peleja<sup>3</sup>ram muito tempo tão fortemente e mataram tantos que, não podendo os demais resistir seu ímpeto, viraram e, deixando o campo, se puseram em um outeiro perto da serra, onde a gente do vice-rei, que ia no alcance matando muitos, quis subir em chegando. Mas os de cima carregaram sobre eles e os foram levando até o pé do outeiro, e houvera de haver grande desbarate se o vice-rei, que ia pelejando por outra parte, não acudia<sup>4</sup> àquela com muita pressa. E, chegando, foi logo subindo com seu cavalo, e, cobrando com isto os seus mais ânimo, o seguiram e ganharam o outeiro, e dali foram desbaratando e matando<sup>5</sup> até chegar ao<sup>6</sup> pé da serra, donde se tornaram, porque estavam mui cansados. E o vice-rei, vendo que aquilo fora sobre todas suas forças, deu muitas graças a Deus e fez grandes muitas<sup>7</sup> esmolhas, até uma cadeia de ouro mui rica<sup>8</sup> que tinha<sup>9</sup> cortou a repartiui pelos pobres. E, na verdade, a multidão dos contrários era tão grande e o lugar onde estavam (que eu vi dali a pouco, indo a<sup>10</sup> dar os parabéns da vitória ao vice-rei) tão avantajado, que, com razão, se podia ter por não menos venturosa que a que primeiro alcançou em Debaroâ. Como foi noite, fugiu o alevantado pela outra banda da serra, e foi-se a<sup>11</sup> meter nas que primeiro estava, não se dando por seguro em outra parte; mas o vice-rei não o seguiu, porque os seus ficaram mui cansados e alguns feridos e outros mortos.

## CAPÍTULO XXVI

### DE COMO O IMPERADOR FOI A TIGRÊ, E DO QUE LHE SUCEDEU NAQUELA JORNADA.

Vendo o Vice-rei Celâ Christôs que os de Tigrê eram de tão pouco entendimento que, com terem ouvido muitas vezes<sup>12</sup>, a pessoas que se devia<sup>13</sup> dar crédito, que o Imperador Iacob morrera na batalha que dera na terra Gôl e fora enterrado à vista dos principais do exército na igreja que

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: na casa.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: atribuindo.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: atreverem.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: não mais de.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 449/438].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: ao.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: estivessem.

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: por se não.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 449v/438v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: acudira.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: matando, e desbaratando.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: grandes muitas.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de ouro mui rica.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: muito rica.

<sup>10</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>11</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: terem muitas vezes ouvido.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: podia.

chamam Naçared, com tudo isso tinham por mais certo o dito de [fol. 494] um homem embuçado, e o seguiam como se claramente conheceram ser o Imperador Iacob, e que não acabavam de entender que não era ele o que, com seu poder, sendo tão pou<sup>1</sup>co, fazia cada dia tão grande estrago<sup>2</sup>, e matança, senão a mão de Deus, que pelejava em sua ajuda contra eles e castigava sua dureza e pertinácia, lhe pareceu que não se podia dar remédio nem pôr termo a tal doidice se o imperador não fosse com força e seguissem o levantado até o tomarem. E assim lhe escreveu o que passava, na forma que vimos acima, no cap. 19.º de sua *História*<sup>3</sup>.

Em chegando esta carta ao imperador, mandou lançar pregão que se juntasse com muita pressa a gente de guerra, e ele, com muito poucos, começou a caminhar para Tigrê. Mas, tendo andado dois dias, lhe veio nova<sup>4</sup> que entraram muitos gâlas no reino de Begmêder, pelo que deu volta para lá a jornadas compridas, parecendo-lhe que, com tudo isso, o alcançaria a gente. Mas como eles se aparelhavam para o caminho de Tigrê, que era mui comprido, tardaram de maneira que, antes de chegarem ao imperador, deu ele com os gâlas e lhe foi forçado<sup>5</sup> pelejar, ainda que sua gente era pouca, e foi desbaratado com perda de muita parte dela, e os gâlas foram entrando livremente, fazendo muito dano na terra. Mas, depois que chegaram os capitães ao imperador, tornou em busca dos gâlas e, alcançando-os na ribeira de um rio, lhe deu batalha e, matando muitos,<sup>6</sup> tomou a presa que levavam e quanto eles trouxeram de sua terra, como mais compridamente se conta na *História* do imperador que acima referimos cap. 19.º<sup>7</sup>.

Esta nova de que o imperador fora vencido dos gâlas chegou logo a Tigrê e, por mais que o vice-rei a quis encobrir fazendo festa e lançando fama que o imperador vencera, e que vinha já a Tigrê com muita gente, não aproveitou, antes lhe<sup>8</sup> disseram ao levantado que, não somente fora desbaratado, mas que estava tão malferido que não podia escapar, pelo que saiu de entre aquelas serras e espalhou estas novas, acrescentando que, dali por diante, não havia que arrecear, porque os principais da corte eram seus. Com isto, se lhe tornou ajuntar gente sem conto. E, por onde quer que ia, lhe obedeciam todos sem contradição nenhuma. A isto, se ajuntou afirmarem por coisa mui <sup>9</sup>certa que o vice-rei fugira com tão [fol. 494v] grande medo que nem as tendas levara, senão que as deixara armadas no campo, e assim, com muita festa, começou logo a caminhar para lá; o que sabendo o vice-rei, determinou a lhe sair ao encontro, porque<sup>10</sup> esperando ali, não cuidasse que o fazia por arreceio. E, achando-o em uma terra que chamam Edequê, lhe deu batalha, e foi mui travada e duvidosa a vitória, porque de ambas as partes pelejaram com grande valor e esforço. Mas, ultimamente, foi Nosso Senhor servido que prevalecesse o vice-rei e, levando a vitória, matou mais que em nenhuma das outras batalhas, porque seguiu muito o alcance, sem os inimigos acharem onde se acolher<sup>11</sup>. Contudo, escapou o levantado, que sempre se punha em salvo com tempo, e foi-se meter em seu costumado covil daquelas serras donde o vice-rei não o<sup>12</sup> podia tirar.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 450/439].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: cada dia.

<sup>3</sup> Ver p. 677, *supra*.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: novas.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: lhe.

<sup>7</sup> Ver p. 678, *supra*.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: lhe.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 450v/439v].

<sup>10</sup> Para que.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: recolher.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: o não.

Tornando o imperador com a vitória dos gâlas, que dissemos, quis logo prosseguir a jornada de Tigrê, mas todos os capitães e os do Conselho procuraram de o divertir e fazer que ficasse, dizendo que bastava ir com gente um seu genro, que se chamava Iuliôs, o que ele desejava e pedia muito. Mas o capitão dos portugueses, que se chama João Gabriel, que estava no Conselho, pelo ser ele de muito<sup>1</sup>, vendo que não lhe<sup>2</sup> convinha aquilo ao imperador porque, indo aquele seu genro, não somente não havia de ter efeito o que se pretendia, mas era mui provável que sucedesse alguma grande revolta, porque era mui contrário do vice-rei e tão soberbo e desconfiado que, por qualquer coisinha<sup>3</sup> houvera de vir às mãos com ele, como já outras vezes estivera para o fazer, chegando-lhe sua vez de falar e vendo que não havia tempo para se declarar em segredo com o imperador, porque ali se havia de assentar se ficaria ou não para marchar outro dia, disse: «Senhor, quando vierem os turcos ou os gâlas, tome Vossa Majestade conselho connosco, que o daremos mui desinteressado, porque estes não somente nos vêm matar, mas a levar cativos nossos filhos e mulheres. Mas, quando se levanta algum para lhe tomar o império, como pretende este de Tigrê, tome conselho consigo só, porque nós com quem for senhor do império estaremos, como fizemos até agora. Ao Imperador Iacob obedecemos, sendo ainda <sup>4</sup>menino. Depois que o tiraram e entrou o Imperador Za Denguil, a ele fomos. E, como o mataram, tornámos a Iacob. E, depois que ele morreu estamos com Vossa Majestade.» Entendeu logo o imperador o que queria dizer e, ainda que com os pareceres dos [fol. 495] outros se inclinava a ficar, disse: «Já eu comigo tenho tomado conselho que hei-de ir de toda a maneira.»

Com isto, ficou assentada sua ida, e saíram todos; mas, depois, tornaram alguns e lhe importunaram muito que ficasse porque se não, sem falta havia de morrer em Tigrê, como profetizavam muitos. Respondeu que a morte e a vida estavam na mão de Deus, que já que tinha determinado de ir, que não havia de ficar. Outro dia, contou ao capitão dos portugueses quanta instância lhe fizeram para que ficasse, dando por razão que havia de morrer em Tigrê. Respondeu o capitão: «Dizem muito bem. Porque Deus não tem poder para tirar a vida a Vossa Majestade em Dambiâ onde há de ficar, senão em Tigrê. Como dá o imperador ouvidos a estas coisas?» Disse o imperador: «Eu nenhum crédito lhe dou, que não hei-de ficar. Não vos digo senão para que saibais as superstições com que estes vêm.» Prosseguiu logo seu caminho e, tendo andado quatro dias, desceu uma serra mui alta e áspera a que chamam Lamalmô. E, como chegou abaixo, lhe disseram em segredo que ficavam alguns concertados em Dambiâ para trazer, da serra que chamam Guixêm Ambâ, um dos descendentes dos imperadores antigos que lá estão, para o levantarem por imperador; e que em este conselho entravam alguns grandes que ali estavam, e que, dos que lá ficavam, havia de ser cabeça um<sup>5</sup> que fora escravo do Imperador Malâc Çaguêd, por nome Melquisedêc, mas já tinha subido muito e era senhor de terras. E mandou que o não descobrissem a ninguém e passou adiante sem dar a entender que o sabia.

O que escreveu a *História* do imperador não diz que soube isto senão em Agçûm, que é muito dentro de Tigrê, mas o mesmo imperador o contou desta maneira. E, como chegou à entrada do reino de Tigrê, foi o vice-rei a o receber. E, passando por perto do nosso lugar, fomos dois padres com ele a visitar o imperador, que diziam havia de passar por outra parte. Mas depois mudou o<sup>6</sup> conselho, e assim

<sup>1</sup> Entenda-se, de muito conselho; jogo de palavras.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: lhe.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: cosinha.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 451/440].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: dos.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o.

o encontramos dali a dois dias, e agradeceu-nos muito o caminho, e fomos com ele até Agçûm, <sup>1</sup>onde se corouo com o aparato e cerimónias que dissemos no cap. 12.º do 1.º livro, onde também contámos como se houve connosco, indo à nossa casa.

Estando o imperador em Agçûm, se soube publicamente como se levantara em Dambiâ Melquisedêc e, juntando muita gente, dera de súbito sobre o capitão que o imperador lá deixou em guarda, e que o desbaratara, e que já entrara [fol. 495v] pelo reino de Begmêder um príncipe por nome Arço que saíra de Guixêm Ambâ, dizendo que era seu o império<sup>2</sup> e vinha a Dambiâ a se ajuntar com Melquisedêc; o que causou grande medo em os que eram amigos do imperador, que os outros folgaram muito. Mandou então dali um seu irmão, que se chama<sup>3</sup> Emâna Christôs, com gente, e foi com muita pressa.

Em este tempo, tiveram os Padres António Fernandez e Lourenço Romano, que estavam em Dambiâ, muitos trabalhos e perigos, fugindo de uma parte a<sup>4</sup> outra com o fato da igreja, sem achar lugar seguro, porque toda a terra andava revolta de maneira que não se viam senão roubos e forças, sem se poderem valer uns a outros. E, como o irmão do imperador acabou de subir as serras que havia de passar até entrar na província<sup>5</sup> que chamam Oagrâ, disse Melquisedêc a sua gente que era bem saírem ao encontro do irmão do imperador, sem esperar<sup>6</sup> por Arçô, que trazia sua gente cansada, e eram tão poucos que logo os desbaratariam, e, depois que repartissem os cavalos e o fato, tornariam a receber a Arçô. Pareceu isto a todos muito bem e, assim, foram com muita pressa, e o acharam aos 14 de Abril em uma terra que se chama Debraçô. E, dando batalha, morreram muitos de uma e outra parte, e esteve quase de todo desbaratado o irmão do imperador, o que vendo ele, arremeteu com seu cavalo a Melquisedêc, que já tinha entrado entre suas bandeiras e atabales, e pelejou fortemente até que o fez fugir, e sua gente fez logo o mesmo, porque os mais deles<sup>7</sup> eram vilões. Foram seguindo a Melquisedêc alguns de cavalo e não o puderam alcançar, e assim se tornaram. Mas, depois, o trouxe preso a gente da terra e lhe cortou a cabeça, e, dali a pouco, lhe trouxeram também a Arçô, que pretendia o império, e o enviou preso com boa guarda ao imperador.

<sup>8</sup>Enquanto passavam estas coisas em Dambiâ, foi o imperador às serras onde entrara o alevantado, e correu muita parte delas com muito grande<sup>9</sup> trabalho, porque são muito ásperas e montuosas. E, por mais diligências que fez, nunca pôde achar novas dele, porque, como dissemos no cap. 12.º do 1.º livro, se meteu com sós<sup>10</sup> quatro de quem se fiava em uma lapa que está no mais fechado do mato, sustentando-se de leite de algumas cabras que levaram. E, por se chegar o inverno, lhe foi forçado ao imperador dar volta para Dambiâ, que em Tigrê não se podia sustentar tanta gente, nem convinha estar ele o inverno fora de sua corte por muitos respeitos<sup>11</sup>. E, chegando a uma terra que chamam Sirêi, achou ali a Arçô com um [fol. 496] homem grande, por nome Za Christôs, que lhe ajudava; e<sup>12</sup> a ambos mandou cortar as cabeças, e prendeu doze dos do arraial, em que entravam alguns grandes que, de segredo, favoreciam as partes de Arçô, mas a nenhum destes mandou matar, ainda que se lhe provaram muitas

culpas. Depois, determinou levar consigo a Cela Christôs, seu irmão, porque já a gente de Tigrê estava com muito medo e não se havia de atrever a ajuntar com o alevantado como antes. E assim, deixando por vice-rei a um fidalgo grande que se chamava Amçala Christôs, apressou quanto pôde o caminho e, com tudo isso, não chegou à sua corte (que então era na terra que chamam Cogâ) até Julho, em que já as chuvas são muito grandes.

## CAPÍTULO XXVII

### DE ALGUMAS COISAS QUE FEZ O VICE-REI AMÇALA CHRISTÔS DEPOIS QUE O IMPERADOR SAIU DE TIGRÊ.

**E**ra este fidalgo de grande prudência e conselho<sup>1</sup>, mui liberal e amigo de honrar a todos, e<sup>2</sup> sem fazer agravo aos demais, poucos ou nenhum havia em todo o império de melhor governo, como já o tinha mostrado em outros muitos cargos que tivera. E, entendendo que aquele alevantado não se<sup>3</sup> podia tomar por força de armas, começou logo a mandar com muito segredo recados aos que moravam naquelas serras e o favoreciam, e, juntamente, algumas peças, prometendo muito fato, e que lhes alcançaria perdão do imperador, <sup>4</sup>se lho entregassem ou dessem modo para o ele poder tomar. Mas, andando em estes recados, adoeceu gravemente de febre em um lugar que se chama Gabgâb, légua e meia donde nós temos nossa morada e igreja. E, por ser aquela povoação pequena, repartiu sua gente por outras, que estavam perto, e ficou ele ali com pouca; o que sabendo um homem grande, que, de segredo, seguia as partes do alevantado, e havia anos que se resguardava da justiça do imperador por casos graves que tinha, determinou de<sup>5</sup> matar ao vice-rei e passar logo à nossa casa e tomar quanto nela e no lugar achasse, e a nós levar-nos presos ao alevantado. E, para isto, [fol. 496v] ajuntou (segundo disseram depois) 1500 homens e lhes disse como o vice-rei estava em cama muito doente e sem gente; que, se fossem depressa, antes que tivesse nova<sup>6</sup>, que o podiam fazer facilmente, porque não era mais que dois dias de caminho, o<sup>7</sup> tomariam sem resistência nenhuma, e depois não ficava quem pudesse defender o reino. E assim, ajuntando-se com o Imperador Iacob (que este nome dava ao alevantado), ficariam senhores dele sem trabalho nem contradição. Folgaram eles muito com tão boa ocasião para se encherem de fato, que a gente daquela terra ordinariamente são ladrões.

Com esta determinação, tomaram logo todos suas armas e, partindo antes de amanhecer, caminharam a toda pressa até à noite, para poderem chegar no quarto de alva<sup>8</sup>. Mas um, de perto daquela terra, que soube do conselho, foi correndo adiante e chegou em anoitecendo, e disse ao vice-rei o que pas-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 451v/440v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: dizendo que o império era seu.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: que chamam.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: para.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: esperarem.

<sup>7</sup> Sic. Refere-se à «gente» de Melquisedêc.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 452/441].

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: grande.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: outros.

<sup>11</sup> Motivos.

<sup>12</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: conselho e prudência.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: se não.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 452v/441v].

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: novas.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>8</sup> Hora de madrugada, antecedendo imediatamente o início do dia.

sava. Respondeu ele que se era certo o que dizia, e Nosso Senhor o livrasse, lhe remuneraria cumpridamente tão bom<sup>1</sup> aviso, e, senão, que o havia de castigar, que declarasse tudo fielmente. Disse ele que, por amor de Sua Senhoria, tomara aquele trabalho de vir correndo, que se não fosse daquela maneira, que lhe desse o castigo que quisesse, mas que, sem falta, havia de chegar aquela noite. Mandou então o vice-rei a um seu criado que o agasalhasse bem, e que o tivesse em guarda até<sup>2</sup> outro dia. Chamou logo os seus de quem mais se fiava, e ao capitão dos portugueses de Tigrê, que o tinha ido a visitar, e referiu-lhe<sup>3</sup> o que aquele homem dizia. Responderam eles que mandasse logo espias para aquela <sup>4</sup>parte por onde haviam de vir, e que, se fosse certo, sássem ao campo a pelejar, por que nenhum soldado ficasse na casa. Disse o capitão dos portugueses que não convinha ir a pelejar no campo, porque a lua havia de sair antes da meia-noite e, como os inimigos vissem que eram tão poucos, acometeriam com mais ânimo, e facilmente os poderiam cercar e acabar ali a todos; que melhor seria porem-se da banda de fora da povoação, à sombra das casas, com muito silêncio, e, como chegassem, tirariam com suas espingardas alguns portugueses que ali estavam, e logo todos<sup>5</sup> os demais arremeteriam, tangendo os atabales<sup>6</sup>, com o que haviam de cuidar que já os esperavam com muita gente, e poderia ser que virassem, ou, ao menos, não pelejariam com tanto ânimo, e eles teriam resguardadas as costas.

Este parecer aprovou o vice-rei, e mandou espias [fol. 497] por todas partes. E, vestindo-se, doente como estava, saiu fora e mandou juntar a gente e, sentado em uma cadeira, lhes fez uma prática animando-os e exortando-os a que pelejassem valorosamente, e que tivessem confiança em Nosso Senhor, que não havia de ajudar àqueles ladrões que não pretendiam senão roubar. E assim<sup>7</sup> foi, porque Sua infinita misericórdia livrou a ele de<sup>8</sup> morte e aos padres e portugueses que estávamos em Fremonâ, como dissemos no cap. 10.º do 3.º livro.

Poucos dias depois, se achou o vice-rei bem de sua doença e foi continuando com os recados, peças e promessas aos moradores das serras onde estava o alevantado, com que o pôs em tal extremo que, não se tendo ali por seguro, se passou a outras serras [chamadas Zancaranâ], onde estavam dois senhores grandes que lhe tinham oferecido sua ajuda, por lhes parecer que decerto era o Imperador Iacob, com quem de meninos eles se criaram. E, chegando, o receberam com grande aplauso, mas conheceram logo que não era o Imperador Iacob, e, assim, determinaram de o prender e foram com sua gente para isso; o que ele entendendo, fugiu e se meteu pelo mato, que era muito basto. Puseram logo eles<sup>9</sup> muita gente por todos os passos por onde podia sair e, à terceira noite, o acharam as guardas e o mataram e levaram a cabeça a seus senhores, e eles a enviaram ao Imperador Seltân Çagued. E o imperador a mandou levar ao reino de Tigrê para verem todos que não era o Imperador Iacob, e quão parvoamente<sup>10</sup> deram crédito a um homem não conhecido. E os que a levavam dormiram com ela em nossa casa de Fremonâ, o dia em que se cumpria um ano que ele veio com exército para a arrasar, como acima temos dito<sup>11</sup>.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>3</sup> Lhes.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 453/442].

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: todos.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: atambores.

<sup>7</sup> A partir daqui, e até ao final do fôlio, a grafia é a de quem faz as notas no Ms. Goa 42 ARSI. O fôlio 497v está em branco.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: da.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: eles logo.

<sup>10</sup> Tolamente. Gráfia arcaizante, mantendo a forma assimilada «párvoa.»

<sup>11</sup> Fôlio em branco, no Ms. 778 BPB: [fol. 453v/442v].

[fol. 498] 1CAPÍTULO XXVIII

DE COMO *Erâz* CELA CHRISTÔS, IRMÃO DO IMPERADOR, SE REDUZIU À NOSSA SANTA FÉ E LEVOU CONSIGO UM PADRE AO REINO DE GOJÂM.

**E**ntre outros muitos senhores e pessoas de importância que se reduziram à nossa santa fé, um foi *Erâz* Cela Christôs, irmão do imperador<sup>2</sup>. Este, como acima tocámos<sup>3</sup> no cap. 25.<sup>o4</sup>, é homem de grande prudência, valor, e esforço, de agudo entendimento, e bem visto em os livros de Etiópia, que, de menino, se criou sempre com grande ensino conforme ao da terra. E, por não ter mais notícia de nossas coisas que a que lhe davam seus frades, nos tinha por piores que turcos, como ele me afirmou depois<sup>5</sup> algumas vezes. E, assim, não folgava de falar connosco. E, quando alguma vez<sup>6</sup> chegava a tratar das<sup>7</sup> coisas de nossa santa fé, não nos perguntava para se aproveitar, senão para ver se em nossas repostas achava<sup>8</sup> de onde poder pegar para as refutar e desacreditar entre os seus. Tanto que, ainda quando foi vice-rei de Tigrê, mostrava que nos era afeiçoado e folgava de ver nossos livros e, para isso, ia algumas vezes à nossa casa com o mesmo intento e, ainda que lhe quadrava o que lhe respondíamos e nosso modo de proceder e dava aplauso a<sup>9</sup> disputas que os meninos do seminário tinham diante dele sobre a doutrina cristã, nunca se lhe tirava do coração que debaixo daquilo não tivéssemos escondida a peçonha das heregias<sup>10</sup>, e que depois lha havíamos de dar a beber embuçadamente, como seus frades lhes metem em cabeça para que não nos ouçam. E assim, muito depois que deixou de ser vice-rei de Tigrê, estando eu com o imperador no reino de Gojâm, como ele tinha já bem entendida a verdade de nossa santa fé, lhe disse: «O que o padre ensina me parece que é a verdadeira fé. Porque não a receberemos todos e nos uniremos com os portugueses?» E, com não estar ali outra pessoa da terra mais que ele, mudou o rosto de maneira como se lhe disseram que recebesse a seita dos mouros; e respondeu: «Senhor, não há para que tratar disso, estamos muito longe nas coisas da fé», e mudou logo a prática<sup>11</sup>.

Vendo eu isto, tive grande tristeza e sentimento no coração, porque cuidava que tinha mui diferente conceito [fol. 498v] de nossa santa fé, pelo que primeiro mostrava quando falávamos nela. E arreceei que metesse <sup>12</sup>alguma coisa na cabeça ao imperador, com que o fizesse vir a duvidar do que eu lhe tinha ensinado. Também porque, tendo contra nós um príncipe tão grande, e entre eles com opinião de letrado, era grande impedimento para se dilatar nossa santa fé, e podia fazer muito dano aos que a tinham recebido. Pelo que, aquele verão e parte do inverno que ele esteve com o imperador, me pus, mui de propósito, a lhe dar razão de nossa santa fé e mostrar que o que nós insinuámos estava expresso na *Sagrada Escritura*, e ainda muita parte dele em um seu livro, a que eles dão muito crédito, e chamam *Haimanôt*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 454/443].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: foi um irmão do imperador que chamam *Erâz* Celâ Christôs.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: como tocámos acima.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: 25.º.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: por.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: algumas vezes.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: acharia.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: às.

<sup>10</sup> Heresias.

<sup>11</sup> O tema de conversa.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 454v/443v].

*Abâu*<sup>1</sup>, que quer dizer «Fé dos Padres», porque é de pedaços de homílias de S. Basílio, Crisóstomo, Atanásio e outros santos antigos. Com isto começou a abrir os olhos e a perguntar nossas coisas com outro ânimo. Ao que se ajuntou tratá-las ele com um senhor grande que se chamava *Abeitahûm* Bela Christôs, que também era tido por letrado e já naquele tempo entendia bem nossas coisas, e dizia muitas vezes: «Quão grandes tormentos há-de ter Dioscoro no Inferno por tantos como lançou a perder com sua doutrina.» E, com a conversação deste, que lhe mostrava as contradições de seus livros e a falsidade do que ensinavam seus frades, veio a acabar de entender a verdade de nossa santa fé, e a se resolver de morrer por ela.

Em este tempo, era ele vice-rei do reino de Gojâm e, até agora, que há mais de catorze anos que começou, ainda o é. E, vendo que eu não podia continuar com ele, porque o imperador não me<sup>2</sup> havia de deixar estar lá, me pediu que lhe desse<sup>3</sup> um dos padres para levar consigo. E coube a sorte ao Padre Francisco António de Angelis, napolitano, homem de grandes letras, e de muito maior virtude e zelo do bem<sup>4</sup> das almas. E assim, com sua doutrina e exemplo, se confirmou o vice-rei em seu propósito, e não somente os mais dos capitães e senhores daquele reino, mas muitos dos principais frades, estão hoje reduzidos à nossa santa fé. Deu-lhe logo assento para<sup>5</sup> igreja, e terras onde se recolheram algumas viúvas e portuguesas pobres, que estavam espalhados. Dalí a pouco, me mandou recado a Dambêa, que fosse lá, porque desejava confessar-se geralmente comigo. Mas, antes que eu o pudesse fazer, lhe foi forçado passar o Nilo com [fol. 499] exército, porque vinham muitos gentios, que chamam gâlas, a dar em umas terras vizinhas, pelo que se confessou com o padre que lá estava, posto que mais apressadamente do que ele quisera, por o tempo lhe não dar lugar. E assim, quando tornou, que o trouxe Nosso Senhor com grande vitória, me chamou outra vez. Fui eu então, e, chegando-me, disse que, ainda que se confessara, fora com menos aparelho, e mais apressadamente do que desejava, que o queria tornar a fazer mais devagar. E, assim, se aparelhou de novo e se confessou com muitas mostras de contrição. E, como acabou, me beijou o joelho com tanta humildade que me fez devoção por ver que um príncipe tão grande, a quem os outros beijam o joelho, beijasse o meu daquela maneira.

O seguinte dia, me chamou só e me disse que tinha falado muitas vezes nas coisas de nossa santa fé com sua mulher, que é senhora mui grande, neta do Imperador Malâc Çaguêd, e que estava bem nelas, ainda que na coisa da confissão não se acabava de resolver, que trabalhasse por acabar com ela, que se confessasse porque desejava muito que, já que estavam unidos em matrimônio, o estivessem também na fé e obediência da santa<sup>7</sup> Igreja romana. Comecei eu logo a falar com ela sobre esta matéria<sup>8</sup> e declarar-lhe como fora da obediência do Pontífice romano não se podia salvar, com o que, em poucos dias, mostrou estar resoluta em se confessar e se ia aparelhando, mas depois a tornei a achar fria<sup>9</sup>, dizendo que queria lhe declarasse mais as coisas. Disse eu isto a *Erâz Cela Christôs*, seu marido, e respondeu-me que não me maravilhasse, porque os frades, entendendo o que pretendíamos, como eu saía, entravam eles e procuravam de a divertir<sup>10</sup>, trazendo-lhe para isso muitas coisas. Fui eu então a ela<sup>11</sup>,

e disse-lhe que me maravilhava de<sup>1</sup> que andasse com dilações em coisa que ela mesma entendia lhe relevava tanto, que não a enganassem os frades com as coisas de honra mundana que lhe punham diante, que a verdadeira honra estava em fazer o que lhe era necessário para sua salvação, sem ter de ver com o que diriam seus parentes, nem outros respeitos mundanos. Com isto<sup>2</sup>, e outras muitas coisas, e as<sup>3</sup> que lhe acrescentou seu marido, se resolveu em se confessar. E, depois de bem aparelhada, o fez com muita devoção, jurando primeiro de obedecer sempre em tudo à santa Igreja romana. E, assim, ficaram ambos mui contentes e consolados.

[fol. 499v] <sup>4</sup>Não pode o demônio sofrer que as coisas de nossa santa fé se fossem dilatando tão prosperamente. E assim, ainda antes que *Erâz Cela Christôs* se confessasse logo, como se publicou por de nossa fé, moveu os ânimos de muitos eclesiásticos e seculares para que, com toda a força as contradissem e procurassem derrubar, não somente a *Erâz Cela Christôs*, mas ainda ao imperador. E chegou a coisa ao que dissemos nos cap. 4.º e 5.º do 2.º livro, e ao que acima vimos no cap. 20.º, 21.º e 22.º. Depois disto, em Março de 620, levantou outra tormenta, por meio<sup>5</sup> de um frade, que é como geral da família dos de Taquelâ Haimanôt, a quem, por razão de sua dignidade, chamam *icheguê*, e tem grande autoridade entre todos. Este juntou muitos frades e foi com eles ao arraial do imperador, que acabava de ter no reino de Begmêder a maior vitória dos gâlas que nunca se teve em Etiópia; antes afirmaram até os portugueses, que se acharam na batalha, que se se contaram todos os gâlas que mataram<sup>6</sup> os imperadores passados em quantos encontros tiveram com eles, não se achariam<sup>7</sup> tantos como os que em esta batalha morreram. E, estando o imperador festejando a vitória, chegou o frade com os demais e amotinaram grandes e pequenos contra nós, dizendo que todo o reino de Gojâm tinha deixado sua fé e tomado a nossa, que já todos se confessavam e comungavam connosco, e deixaram suas igrejas, que era o mesmo que dizerem que não tinham Lei, confissão nem comunhão. E, depois, entraram ao imperador<sup>8</sup> e lhe disseram o mesmo, e que até a seu irmão *Erâz Cela Christôs* tínhamos dado a comunhão, que mandasse que não a déssemos mais aos seus nem ensinássemos, e que os que tivessem entrado em nossa fé tornassem à sua. E, por o imperador não querer deferir, se enfadaram muito e fizeram grande instância dois ou três dias. A última vez, se acharam presentes o principal dos secretários do imperador, que se chama *Azâx Tinô*, e um senhor grande, por nome Caba Christôs, e agora é vice-rei de Tigrê, e havia já tempo que eram católicos. E, assim, disseram aos frades: «Que mal achais na doutrina dos padres?» «Que ensinam mais que ensinou S. Paulo e temos no *Evangelho* que, em Cristo Nosso Senhor, estão duas naturezas, divina e humana, unidas na pessoa divina.»<sup>9</sup> Daqui, começaram a entrar em disputa, e o secretário, que é muito agudo, inferiu, do que os frades <sup>10</sup>diziam, que Cristo enquanto Deus era menor que o Padre, [fol. 500] e que a divindade morrera. Concederam eles o segundo<sup>11</sup> porque não viesse<sup>12</sup> a convencer que em Cristo estão duas naturezas. Ouvindo isto o imperador, disse aos frades: «Melhores são

<sup>1</sup> Ver glossário (*Haimanôt Abbó / Haymanot Abâw*).

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: imperador me não.

<sup>3</sup> Me pediu que lhe desse. Construção com elisão da conjunção subordinativa integrante, recorrente ao longo da *História*.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: dos bens.

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: a.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 455/444].

<sup>7</sup> Omitido no *Ms. 778 BPB*: santa.

<sup>8</sup> Omitido no *Ms. 778 BPB*: sobre esta matéria.

<sup>9</sup> *Ms. 778 BPB*: fora.

<sup>10</sup> Entenda-se o verbo no seu significado primitivo.

<sup>11</sup> *Ms. 778 BPB*: vê-la.

<sup>1</sup> Omitido no *Ms. 778 BPB*: de.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: estas.

<sup>3</sup> Omitido no *Ms. 778 BPB*: e as.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 455v/444v].

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: via.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: todos.

<sup>7</sup> *Ms. 778 BPB*: acharam.

<sup>8</sup> Chegaram junto ao.

<sup>9</sup> *Ms. 778 BPB* faz parágrafo, *Ms. Goa 42 ARSI* não.

<sup>10</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 456/445].

<sup>11</sup> O segundo argumento.

<sup>12</sup> *Ms. 778 BPB*: os viesse.

os mouros que vós outros.» E, levantando-se mui enfadado, os deixou na tenda e entrou em uma casa que perto dela lhe tinham feito de madeira.

Outro dia, tornaram ao imperador e disseram que falaram aquilo com paixão, por porfiar tanto o secretário. Respondeu ele que, em as coisas da fé, não era escusa dizer que falaram com paixão<sup>1</sup>. Pediram<sup>2</sup> eles outra vez quisesse mandar que se desse aquele pregão, mas não os quis ouvir. Vendo eles isto, se juntaram muitos e, entrando com alguns grandes, fizeram de novo grande instância e, se não, que se ficasse embora, que todos se haviam de ir para outra parte. E, com isto, se saíram. Sentiu muito o imperador sua descortesia e atrevimento, porque era dizer que não lhe<sup>3</sup> haviam de obedecer, senão levantar outro. E assim o determinavam, como alguns me disse afirmaram depois. Veio a estar o arraial tão inquieto e perturbado, e uniam-se tanto com os frades, que arrecearam alguns grandes, ainda dos que são de nossa parte, que chegasse a coisa a algum grave motim, pelo que disseram ao imperador que era necessário acudir com tempo, de alguma maneira. E os que ajudavam aos frades instaram muito que se lançasse aquele pregão, que, de outra maneira, não se havia de aquietar o arraial. E tanto importunaram três dias que, por força, veio a dizer o imperador que se desse pregão que os padres não dessem a comunhão aos seus. Queriam que se acrescentasse que não ensinássemos, mas respondeu que de nenhuma maneira dissessem tal coisa no pregão, senão que ensinássemos a todos, porque nossa doutrina era a verdadeira. Estava então o secretário presente e disse: «Ainda que o imperador lançara mil vezes pregão que os padres não ensinassem, eu não houvera de deixar de lhes pedir me ensinassem sua doutrina.» Deu-se o pregão no arraial, e pediram logo ao imperador que o mandasse dar também em Gojâm, por ser lá vice-rei *Erâz* Cela Christôs, contra quem os frades estavam mui indignados.

Sabendo isto, *Erâz* Cela Christôs teve grande paixão, [fol. 500v] e escreveu ao imperador uma carta em que, com muitas palavras, lhe mostra<sup>4</sup>va o sentimento grande que tinha e, ultimamente, dizia que não fosse avante com aquilo porque, se não, ele havia de vir a seu arraial a<sup>5</sup> se entregar à morte como um cordeiro pela fé da santa Igreja romana, e que outros muitos haviam de morrer com ele, e que depois ficaria só entre seus inimigos, e que acharia o que Nosso Senhor ordenasse. Vendo o imperador esta carta ficou com grande tristeza, porque o ama<sup>6</sup> muito. E respondeu: «Não mato a foão, com ser tão grande meu inimigo, e matarei a meu irmão? Espanto-me muito de vós escreverdes desta maneira, sabendo meu coração e o que temos assentado. Não fiz isto senão porque me afogaram os do arraial, que andavam amotinados. Logo nos ajuntaremos, e veremos o que será bem fazer.» Dali a pouco, indo eu a visitar, me contou o que passara, e disse-me que não<sup>7</sup> se lhe oferecera outro meio para aquietar o motim; que déssemos a comunhão a todos os que quisessem, mas que fosse com mais segredo até que se esfriasse aquilo. E, ajuntando-se depois com ele *Erâz* Cela Christôs, se aquietou tudo e tornou a defender e ensinar<sup>8</sup> publicamente nossa santa fé, com tanto fervor e zelo que parece um S. Paulo. E assim, com sua ajuda, têm reduzido dois padres, que estão em Gojâm, quase todos os capitães e soldados de seu exército, e muitos dos senhores e principais frades daquele reino. E, assim, são tantos os que se vêm a confessar que os

padres não têm descanso, nem de dia nem de noite, e todos o querem fazer geralmente. Chegou a tanto em este mês de Março passado [de 1622, em que Eraz Celâ Christôs queria ir a uma guerra<sup>1</sup>] que, vendo um senhor grande a opressão que davam por quererem entrar uns<sup>2</sup> diante de outros a se confessarem, se pôs à porta e não deixava entrar senão por ordem. E, depois, tomou isto a seu cargo um frade dos que primeiro se tinham reduzido. E não lhe faltava trabalho, porque uns diziam que vieram de longe, outros que havia tantos dias que esperavam. Louvado seja o Padre das Misericórdias, que fez connosco esta tão grande, como é ver que aqueles, por causa de nossa santa fé, nos tinham por piores que mouros e turcos, e como de tais se afastavam, agora se chegam tanto que não se possa satisfazer a seu grande fervor e devoção. Também o vice-rei de Tigrê, Cabâ Christôs, trabalha de ma<sup>3</sup>neira por que todos recebam nossa santa fé, e traz tantos a ela que não lhes falta bem que fazer a dois padres que lá estão.

[fol. 501] CAPÍTULO XXIX<sup>4</sup>

DE COMO A MAJESTADE D'EL REI D. FELIPE ESCREVEU AO IMPERADOR DE ETIÓPIA, E DEPOIS O PAPA PAULO V, E DO QUE ELE RESPONDEU.

**E**m a primeira monção depois que o Imperador Seltân Çaguêd entrou em seu império, escrevi eu a Sua Majestade o que nele tinha passado e o estado em que estavam as coisas, e como o novo imperador era homem de tão bom entendimento e partes, que se podia esperar todo bom sucesso acerca da redução deste<sup>5</sup> império; e que, logo como tomou posse dele e os negócios lhe deram lugar, ouvira com muita atenção e gosto as coisas de nossa santa fé, e mostrava afeição a elas. Pelo que sua Majestade determinou de lhe escrever, dando-lhe os parabéns da entrada em seu império, para com isto o afeiçoar mais e obrigar a que tivesse com ele amizade e correspondência como a tiveram seus antepassados com os reis de Portugal, coisa tão importante para o que se pretende, que sem ela mal se puderá nunca efectuar<sup>6</sup>.

O traslado da carta é o seguinte:

*Muito poderoso imperador de Etiópia. Eu, D. Felipe, por graça de Deus, rei de Portugal, dos Algarves d'aquém e d'além mar em África, senhor da Guiné e da conquista, navegação, comércio de Etiópia, Arábia, Pérsia, e da Índia, etc., vos envio muito saudar como irmão que muito amo e prezo. Porque sempre entre os imperadores vossos antecessores e os reis deste reino houve amizade e boa correspondência, me pareceu justo e devido escrever-vos esta, manifestando-vos que me alegrei muito com as novas que me vieram de haverdes sucedido nesse império, e que sempre haverei por próprios os bons sucessos de vossas coisas, e que, no que se oferecer<sup>7</sup>, vos mostrarei esta vontade. E, conforme a ela, folgarei de vos dar satisfação em tudo o que houver lugar*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB faz parágrafo, Ms. Goa 42 ARSI não.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Pediram-lhe.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: que lhe não.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 456v/445v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: amava.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: no.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: ensinar e defender.

<sup>1</sup> A partir de «em que...», a nota à margem é escrita por outra mão no Ms. Goa 42 ARSI; no corpo do texto e pela mesma mão no Ms. 778 BPB.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: uns entrar.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 457/446].

<sup>4</sup> M. Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RESOI* 6, Roma, 1907, pp. 239-46.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: de seu.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: a afeiçoar.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: suceder.

*no que vos cumprir destes meus reinos e do estado da Índia e, ao vice-rei dela, encomendo que assim o faça, pelo [fol. 501v] muito contentamento que disso terei. E, para que esta nossa amizade permaneça, vos peço mui afectuosamente me escrevais sempre novas vos<sup>1</sup>sas, porque eu farei o mesmo, e vos hei por mui encomendados os religiosos que residem<sup>2</sup> em vosso reino<sup>3</sup> como coisa de minha principal obrigação, e em particular ao religioso Pedro Paez, e que assim, eles como os portugueses, sejam tratados de vós como é razão. Muito poderoso imperador, que, como irmão, muito amo e prezo. Nosso Senhor haja vossa real pessoa e estado em Sua santa guarda.*

*Escrita em Madrid a 15 de Março 1609.*

*El-rei<sup>4</sup>.*

Com esta carta folgou muito o imperador e a teve em grande estima, por lhe escrever Sua Majestade antes que as suas lá chegassem; que, ainda que ele escreveu no ano de 607, já naquele tempo as naus eram partidas para a Índia, e assim não foram de cá as cartas senão no fim de Agosto de 608. Respondeu ele logo, com palavras de muito amor e agradecimento, mostrando bem quanto folgava com a amizade que lhe oferecia; mas não ponho aqui o traslado da carta, porque em uma revolta que houve se perdeu com outros papéis. A este tempo, já o imperador tratava de enviar embaixador que pudesse dar mais inteira notícia das coisas e de sua pretensão. E, vendo esta carta, o desejou muito mais e trabalhou quanto pôde por achar caminho, mas a dificuldade grande que há em passar semelhantes pessoas daqui à Índia o entreteve, até que chegou resposta das que tinha escrito a Sua Santidade, que é a seguinte:

Cópia de uma do Papa Paulo V para o imperador de Etiópia, Seltân Çaguêd.

*Caríssimo<sup>5</sup> em Cristo filho nosso, saúde e apostólica bênção. Damos graças a Deus, Padre de Nosso Senhor Jesus Cristo, que usou convosco de Sua misericórdia e vos restituiu a vosso trono real, como nos escrevestes. Damos os parabéns a Vossa Majestade deste feliz sucesso de suas coisas e vos louvamos muito o zelo de defender a fé cristã, com o qual estais aceso, segundo entendemos de vossas cartas, que recebemos assim as primeiras como as derradeiras que nos enviastes. E, assim, [fol. 502] como nos pedistes, encomendamos com diligência a necessidade presente de vosso reino a nosso caríssimo filho em Cristo, Felipe, católico e poderoso rei das Espanhas, o qual, por sua prestante magnanimidade e por o zelo da fé cristã, esperamos que vos ajude com eficácia. Mas mandamos a nosso núncio apostólico, <sup>7</sup>que reside com sua católica Majestade, que solicite com diligência o que pedis.*

*O que resta, filho caríssimo, vos exortamos que persevereis constante e imóvel no temor de Deus, e que defendais pia e fortemente o nome cristão, e sejais sempre devoto da santa católica e apostólica Igreja romana, vossa mãe amantíssima. E nós, em as orações que fazemos a Deus diante dos santíssimos corpos dos apóstolos, por nossos filhos os reis cristãos e príncipes católicos, nos lembraremos sempre de vós, rogando Àquele de quem procedem todos os bens que illustre vosso entendimento com o lume do Espírito Santo para fazerdes Sua vontade. E, das íntimas entranhas de nossa caridade, damos a Vossa Majestade amorosamente nossa bênção.*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 457v/446v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: vivem.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: vossos reinos.

<sup>4</sup> P. Páez terá tido acesso ao exemplar desta carta conservado no arquivo do acampamento real etíope. Ms. 778 BPB: Eu

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Caríssimo filho nosso em Cristo.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: pelo.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 458/447].

*Dada em Roma acerca de S. Pedro, debaixo do anel do Pescador, a 4 de Janeiro 1611, no ano sexto de nosso pontificado<sup>1</sup>.*

Quando chegou esta carta ao imperador não pôde responder, por serem já partidas as naus da Índia; mas foi mui extraordinária a alegria e contentamento que mostrou com ela, e renovaram-se-lhe de maneira<sup>2</sup> os desejos que tinha de enviar embaixador, que, vendo que não o podia fazer por mar, por causa dos turcos, determinou de o fazer por terra para a Costa de Melinde, que é de portugueses, porque, conforme as informações que deste caminho lhe davam<sup>3</sup>, tinha por mui provável a passagem. E, para que em tudo se desse em Portugal e em Roma mais crédito a seu embaixador, me pediu um padre que fosse com ele. Ofereci-lhe ao Padre António Fernandes português, com o que ele folgou muito, porque havia anos que continuava a corte e podia dar boa notícia das coisas<sup>4</sup> deste império. Informou ele ao padre, diante de<sup>5</sup> Eráz Cela Christôs seu irmão, de tudo o que pretendia, e de algumas coisas que não convinha fossem<sup>6</sup> em as cartas. E juraram ambos de obedecer em tudo ao Pontífice Romano e receber sempre dele<sup>7</sup> patriarca, e declararam seus corações, com tão afectuosas palavras que mostravam bem os desejos grandes que tinham e verem reduzido seu império<sup>8</sup> à obediência da santa Igreja [fol. 502v] romana, e sinalaram por embaixador a um homem mui nobre de grande ser e prudência por nome Fecûr Egzî, que quer dizer «amado <sup>9</sup>de Deus». E, assim, tenho eu por certo que o é, pelo fervor e boa vontade com que aceitou empresa tão dificultosa e perigosa, deixando mulher e filhos, e principalmente pelo zelo grande com que defende nossa santa fé, e trabalha por que se dilate, e pela constância com que, por vezes, se ofereceu a morrer por ela.

Enquanto o imperador despachava o embaixador e fazia escrever as cartas que haviam de levar, em que tardou alguns dias, por estar ocupado com negócios, se aparelhou o Padre António Fernandez como convinha para<sup>10</sup> caminho tão árduo com fervorosas orações, em que, do íntimo do coração, pedia sempre a Nosso Senhor o bom sucesso de sua jornada, e, pelo mesmo, ofereceu as<sup>11</sup> missas que naquele tempo pôde dizer, e os demais padres e eu também dissemos muitas pela obrigação que ao padre tínhamos e a importância do negócio assim o pedir.

Como o imperador escreveu as cartas em sua língua, as convertemos nós em latim e em português, cujos traslados são os seguintes:

Cópia de uma que o imperador de Etiópia Seltân Çaguêd escreveu ao Papa Paulo V.

*Carta do imperador de Etiópia Seltân Çaguêd, chegue com a paz do bom Pastor Cristo Jesus<sup>12</sup> ao Santo Papa Romano Paulo V, cabeça e pastor da Igreja universal. Recebemos, Padre Santo e amado, Vossa carta de*

<sup>1</sup> Pedro Páez terá também tido acesso ao exemplar desta carta conservado no arquivo do acampamento real etíope.

<sup>2</sup> De tal maneira.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: deram.

<sup>4</sup> Omito no Ms. 778 BPB: das coisas.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: seu irmão Eráz Cela Christôs, de tudo.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: irem.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: seu.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: verem seu império reduzido.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 458v/447v].

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>11</sup> Omito no Ms. 778 BPB: as.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: Pastor Jesus Cristo.

Janeiro de 1611, cheia daquele amor paternal, com que, aceso, o benigno pai recebeu ao filho pródigo quando tornava, mas a tempo que não pudemos responder por serem partidas as naus da Índia. Porém, determinámos do<sup>1</sup> fazer por outro caminho, que esperamos em Deus se abrirá, e enviamos ao Padre António Fernandez da Companhia de Jesus, que há tempo reside em nossa corte, e nosso Embaixador Fecûr Egzî, desejando que Vossa Santidade com presteza tenha notícia como, pela doutrina dos padres da mesma Companhia, que residem em nosso império, temos entendido a verdade da fé do bem aventurado S. Pedro, e nos determinámos da<sup>2</sup> receber e dar a Vossa Santidade obediência como a cabeça de toda a Igreja, e, daqui por diante, governarmos por seu patriarca. Mas, para que possamos dar publicamente esta [fol. 503] <sup>3</sup>obediência, nos é necessário socorro de D. Felipe, poderoso rei de Portugal, porque, sem ele, de nenhuma maneira a podemos dar em esta forma, pelo que pedimos humildemente a Vossa Santidade, pois nos escreveu ter mandado a<sup>4</sup> seu núncio apostólico que reside com a Católica Majestade, solicite com diligência nossa petição. Agora faça que se efectue<sup>5</sup> com toda presteza, para que em nossos dias e em seus felizes anos tenha remédio nosso império, e se não perca tão boa ocasião. Também, pois é pai de todos os reis católicos, nos tenha no número deles e como faz oração a Deus diante dos santíssimos corpos dos apóstolos por eles, a faça por este seu humilde filho.

Escrita em nossa corte de Dambiâ, em 31 de Janeiro 1613.<sup>6</sup>

A causa por que aqui diz que de<sup>7</sup> nenhuma maneira podia dar publicamente obediência à santa Igreja romana, era porque arreceava que, não tendo gente de armas de quem se pudesse fiar e resistir aos que contradiziam, arreceava<sup>8</sup> alguma traição ou motim que não pudesse apaziguar. E com muita razão e grande fundamento temia isto, como se vê claramente pelo que dissemos no cap. 4.º e 5.º do 2.º livro, e em algumas partes de sua *História*, que acima referimos, que não estavam as coisas de nossa santa fé então como, pela misericórdia do Senhor, agora estão.

Cópia de outra do imperador para Sua Majestade:

*Carta do imperador de Etiópia Seltân Çaguêd, chegue com a paz de Jesus Cristo, Rei dos Reis e Senhor dos Senhores, a nosso irmão D. Felipe, imperador das Espanhas.*

*Depois que o todo poderoso Deus, em cuja mão está o repartir os reinos do mundo, nos deu este império, procurámos sempre buscar os meios convenientes para o governar em paz e verdadeira fé, como é nossa obrigação, e, em ambas as coisas, achámos grandes dificuldades. Mas, tendo entendido a verdade da fé da Igreja romana pelos padres da Companhia de Jesus que residem em nosso império, e vendo, na de Vossa Majestade de 15 de Março de 1609, a vontade grande que tem de nos dar gosto no que se oferecer, acordámos tomar o meio de que usou nosso avô Atanâf [fol. 503v] Çaguêd, que, vendo este império, fé e igrejas quase acabadas pelos mouros, se valeu de D. João, rei de Portugal. E, assim, nós o de<sup>10</sup>sejamos fazer de Vossa Majestade, como já*

<sup>1</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: do.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: de a.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 459/448].

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: execute.

<sup>6</sup> A presença desta carta na *História de Etiópia* parece confirmar que foi apenas a partir de 1613 que o autor iniciou a recolha de fontes para compor a sua obra. A correspondência citada até esta data é proveniente da «Adição à Relação das coisas de Etiópia...», de F. Guerreiro; ver introdução.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: em.

<sup>8</sup> Sic. Repetido nos dois manuscritos.

<sup>9</sup> Referência ao pedido de auxílio militar.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 459v/448v].

*em outras o temos manifestado, e agora o tornámos a fazer pelo Padre António Fernandez da mesma Companhia, que, há anos, reside em nossa corte, e nosso Embaixador Fecûr Egzî, para que, com a brevidade possível, tenha efeito este negócio e também para que Vossa Majestade nos seja meio para com o Sumo Pontífice que nos haja entre os reis católicos e seja nosso pai, como o é de Vossa Majestade, e sua fé seja nossa. Mas, para que nós possamos dar publicamente obediência à cadeira de S. Pedro e dela receber patriarca, nos é necessário até mil portugueses de Vossa Majestade, sem o qual a não podemos dar publicamente. Vindo, hão-de tomar no Mar Roxo o porto de Maçuâ e dar-lhes-ei as terras marítimas e ajuda bastante para a conservação dele. No mais, nos remetemos ao padre e a nosso embaixador.*

Escrita em nossa corte de Dambiâ, a 13 de Janeiro 1613.

Outra do imperador para o vice-rei da Índia:

*Carta do Imperador Seltân Çaguêd, chegue com a paz de Deus Nosso Senhor a nosso amigo, o vice-rei da Índia. Por termos entendido a verdade da fé da cadeira de S. Pedro pelos padres da Companhia de Jesus que residem em nosso império, nos determinámos a receber e enviámos o Padre António Fernandez, um deles, e nosso Embaixador Fecûr Egzî, para que mais em particular declarem esta nossa vontade. E, por eles, escrevemos sobre este negócio a Sua Santidade e a El-rei D. Felipe, nosso irmão. Mas, porque esta nossa determinação não a podemos publicar sem termos cá até mil portugueses, desejamos que no-os mandeis o mais depressa que for possível, que, como temos entendido por uma d'el-rei, nosso irmão, lhe dareis em isto gosto e a nós grande contentamento. Quando vierem, lhes daremos as terras marítimas e ajuda para conservar os portos. E, com eles, venham também oficiais, principalmente de armas e edificios. Em tudo o mais, nos remetemos ao Padre António Fernandez e a nosso embaixador.*

Escrita em nossa corte de Dambiâ, 1 de Fevereiro 1613.

[fol. 504] 1 Cópia de uma de Erâz Celâ Christôs para o Papa Paulo V:

*Carta de Celâ Christôs, vice-rei de Gojâm, chegue com a paz do Eterno Pastor ao Santo Padre Paulo V, Pontífice Máximo, sucessor de S. Pedro e cabeça da Igreja Universal.*

*Beatíssimo Padre: assim como diz a Sagrada Escritura, que os que estavam longe se chegavam perto<sup>2</sup>, eu, que estava bem longe, cheguei já perto pela doutrina dos padres da Companhia de Jesus que residem em este império. Porque, por mandado do Imperador Seltân Çaguêd, meu senhor e irmão, me achei a<sup>3</sup> muitas disputas que os padres tiveram com nossos letrados e entendi a verdade da fé da Cadeira de S. Pedro, e ser ela cabeça de toda a Igreja, pelo que a cri, e fez que o imperador, meu senhor, a recebesse e desse obediência a Vossa Santidade. Mas, porque não é possível dá-la o imperador publicamente sem ter consigo até 1000 portugueses do poderoso rei de Espanha, D. Felipe, e entendi, da carta que Vossa Santidade se dignou de enviar a meu senhor, que tinha mandado a seu núncio apostólico, que reside na corte da Majestade Católica, procure efectuar este negócio com diligência, me atrevi pedir humildemente a Vossa Santidade que se conclua enquanto o imperador meu senhor vive, porque se não perca tão grande ocasião de achar a ovelha perdida e restituí-la a seu verdadeiro pastor.*

*Quando vierem os soldados, eu estou aparelhado para morrer em meu cavalo, se for necessário, por esta fé, e procurarei com todo meu poder que se receba e que se dê publicamente obediência a Vossa Santidade.*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 460/449].

<sup>2</sup> Paráfrase de Efésios 2, 13.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: em.



*E, entretanto, trabalharei por todas as vias de<sup>1</sup> afeiçoar todos os nossos a esta verdadeira fé, assim como agora procuro tresladando em nossa língua, com ajuda dos padres, os comentários<sup>2</sup> do Padre João Maldonado sobre os quatro Evangelhos, e espero de<sup>3</sup> tresladar outros muitos.*

*Pelo que, beatíssimo Padre, tenha-me Vossa Santidade por servo que defenderá, assim com a espada como com a doutrina que tem aprendido, sua sede apostólica, para o que ajudarão muito as orações que Vossa Santidade mandará fazer por este humilde servo diante dos santíssimos corpos dos apóstolos.*

*Escrita em Dambiâ, a 2 de fevereiro 1613.*

<sup>4</sup>Cópia de outra, de Erâz Celâ Christôs para sua Majestade:

[fol. 504v] *Carta de Cela Christôs, vice-rei de Gojâm, chegue ao mui alto e poderoso senhor D. Felipe, imperador de Espanha, com a paz de Deus Nosso Senhor. Esta paz seja sempre com Vossa Majestade. Amém.*

*Vendo eu que o Imperador Seltân Çaguêd, meu senhor e irmão, desejava muito a amizade de Vossa Majestade e receber a fé católica e dar a obediência à cadeira de S. Pedro por meio de Vossa Majestade, por não ter a este tempo tão perfeita notícia como desejava da fé da Igreja romana, pedi para minha corte um dos padres da Companhia, que residem em este império, para a poder melhor entender. E fiz por vezes juntar com ele nossos letrados. E, achando que suas razões convenciam e que muitos aprovavam sua doutrina, acabei de assentar que a fé da Igreja romana era a verdadeira. E determinei de<sup>5</sup> morrer por ela, e ajudar a meu senhor com todas minhas forças em tão alto intento e gloriosa pretensão como tinha. E, comunicando-lhe depois esta minha resolução, folgou muito e quis que eu também a declarasse a Vossa Majestade por meio dos padres, e lhe significasse como não será possível dar publicamente obediência à Igreja romana senão com ajuda de 1000 soldados, os quais hão-de tomar no Mar Roxo o porto de Maçuâ, em que não há resistência nenhuma, e ficará sempre na mão de Vossa Majestade. E meu senhor lhe dará as terras marítimas e ajuda bastante para a conservação de tudo.*

*Por agora, não tenho mais que oferecer-me por vassalo de Vossa Majestade, como o sou do imperador meu senhor, e pedir, quão encarecidamente posso, envie esta gente com a presteza possível, por que não se perca, por tardança, ocasião de tanto serviço de Deus, bem da Igreja, redução deste império, e glória imortal do nome de Vossa Majestade; que, vindo enquanto meu senhor for vivo, se efectuará tudo, mas, morrendo ele antes, o que Nosso Senhor não permita, tarde se achará ocasião semelhante.*

*Deus Nosso Senhor guarde a Vossa Majestade por muitos anos, para que<sup>7</sup>, com sua ajuda, em seus felizes dias tornem ao verdadeiro pastor as ovelhas que tantos tempos há andam perdidas.*

*Escrita em Dambiâ a 2 de Fevereiro 1613.*

Estas cartas entregou o imperador ao Padre António Fernandez da nossa Companhia e mandou se lhe desse gente e gasto necessário para o caminho e, despedindo-o com palavras de grande honra e amor, se enterneceu muito vendo quão comprida, trabalhosa e perigosa era a jornada a que dava prin-

cípio. Despediu-se logo de dois padres que estávamos com ele em Dambiâ, [fol. 505] derramando todos muitas lágrimas, ele, de alegria pela boa sorte que lhe coubera de jornada em que se via claro havia de padecer muito por amor do<sup>1</sup> Senhor, e nós, de tristeza por sua ausência e não sabermos se nos tornaríamos a ver mais<sup>2</sup> em esta vida mortal. E assim nos deixou mui desconsolados e não menos edificados do fervor e zelo com que, por serviço de Deus, tomou caminho tão comprido e perigoso<sup>3</sup>, sabendo que havia de passar por entre mouros e gentios, sobre maneira bárbaros e cruéis.

## CAPÍTULO XXX<sup>4</sup>

DE COMO O PADRE ANTÓNIO FERNANDEZ PARTIU DE DAMBIÂ PERA O REINO DE GOJÂM, E DALI AO DE NAREÂ, E DO QUE LHE SUCEDEU NO CAMINHO.

**D**espedido o Padre António Fernandez do imperador e de nós os padres, partiu de Dambiâ no princípio do<sup>5</sup> Março de 613 para o reino de Gojâm, onde já estava Erâz Cela Christôs, que lhe havia de dar gente de guarda para o caminho, e o embaixador também o esperava lá, que tinha ido diante a dar ordem em as coisas de sua casa e despedir-se de sua mulher e parentes que lá moravam. Levava consigo quatro filhos de portugueses, mancebos de até dezoito anos, que o haviam de acompanhar até à Índia, e outros seis portugueses e católicos, que se haviam de tornar do reino de Nareâ, que é o extremo das terras que, por aquela parte, senhoreia o imperador. Ao quinto dia, passaram o Rio Nilo e, entrando no<sup>6</sup> reino de Gojâm, foram a uma nossa residência que já então lá tínhamos, em uma terra que chamam <sup>7</sup>Colelâ, de que tinha cuidado um padre. E estiveram com ele alguns dias, por Erâz Cela Christôs ter ido com exército a dar sobre uns gentios de uma terra longe. E, como o padre teve nova de sua tornada, foi logo a toda a pressa com os seus e achou-o em uma terra que chamam Ombermâ, onde o recebeu e agasalhou oito dias com muito amor e contentamento, enquanto chegavam oito gentios que [fol. 505v] chamam gâlas, que o acompanhassem até passar certos lugares desertos da outra banda no<sup>8</sup> Nilo, onde dão muitas vezes os mesmos gâlas sobre os passageiros que não levam guia de sua casta. E, como teve estes e outros gentios, que chamam xâtes, que também haviam de acompanhar em outras terras dos de sua nação, tomou ao padre só e lhe fez uma prática qual pudera um superior da Companhia, pondo-lhe diante dos olhos a importância do negócio que levava<sup>9</sup> a seu cargo, e as dificuldades e contradições que o demónio havia de trazer para que não tivesse efeito tão gloriosa empresa, mas que rompesse por todas com valoroso e constante ânimo, pois via o serviço grande de Nosso

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: pelo.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: tornaríamos mais a ver.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: penoso.

<sup>4</sup> M. Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RESOI* 6, Roma, 1907, pp. 247-51.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: o 1.º de.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: em o.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 461v/450v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: do.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: entre mãos e.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: comentários.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 460v/449v].

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: porque se não.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 461/450].

Senhor que dali se havia de seguir, que era a redução deste império e, com ela, a salvação de tantas almas como estavam perdidas; e que, no meio dos mores trabalhos e contradições, pusesse os olhos e confiança no Senhor, de quem era certo lhe havia de vir todo socorro pois, por Seu amor, se oferecera àqueles trabalhos, e a empresa era puramente Sua. E encomendou-lhe muito que procurasse de a concluir com a maior brevidade que pudesse porque, se antes disso faltasse<sup>1</sup> o imperador, haveria muitas dificuldades em se efectuar o que pretendiam. E ultimamente, com grande devoção e os olhos arrasados em lágrimas, se lançou aos pés do padre para lho beijar, havendo que ganhava muito em beijar pés que, por amor de Deus, haviam de andar tão compridos e ásperos caminhos. Acudiu o padre com muita pressa para o levantar em os braços, dizendo «Como fazia tal coisa?» Ele insistia, mas o padre o fez assentar, não pouco edificado de ver a piedade de um príncipe tão grande. Rogou ele muito então<sup>2</sup> ao padre que, levando-o Nosso Senhor a Roma, beijasse o pé a Sua Santidade em seu nome e que lhe trouxesse um fio de sua roupa, porque o teria em grande es<sup>3</sup>tima como coisa do Vigário de Cristo, e lhe seria sempre de muita consolação.

Acabado isto, mandou chamar ao embaixador e o animou para os trabalhos e contradições que se podiam oferecer no caminho; e, aos gentios que<sup>4</sup> haviam de acompanhar, enviou bem contentes, e encomendou tivessem muito cuidado do padre, e que lhes faria outras muitas mercês; e, com isto, se despediram todos, que eram quarenta, afora os oito gentios gâlas. E, partindo de Ombermâ, meado Abril, endireitaram seu caminho para o reino de Nareâ e, tendo andado três ou quatro dias, chegaram a uma terra por nome Xinâx, habitada de gentios que chamam gongâs, a quem *Erâz Cela Christôs* [fol. 506] mandava recado, por um gentio da mesma terra, dessem muito boa guarda ao padre até passar o que eles senhoreiam. Mas, dando-lhes<sup>5</sup> o recado, responderam eles que passasse ele e seus companheiros, que de nenhuma maneira os haviam de acompanhar, que era o mesmo que dizer que, sem falta, os haviam de matar ou roubar. Faziam isto porque, pouco antes, tinha mandado *Erâz Cela Christôs* justicar uma das principais cabeças daqueles gentios por delitos mui graves e, assim estavam enfadados. Vendo o padre e o embaixador a resolução dos gentios e o perigo em que estavam, determinaram de escrever a *Erâz Cela Christôs* lhe mandasse gente de armas, que doutra maneira não podiam passar. Mas nenhum dos criados do embaixador quis levar a carta, porque havia perigo no caminho. Ofereceu-se então um dos quatro filhos de portugueses que iam com o padre e, tomando a carta, tornou com muita pressa onde estava *Erâz Cela Christôs*.

Souberam logo os gentios como tinham escrito e, arreando que *Erâz Cela Christôs* os mandasse castigar com rigor [porque são seus vassalos], foram ao padre e ao embaixador e, dando algumas escusas ao<sup>6</sup> que primeiro tinham dito, os levaram com boa guarda até o limite de suas terras. E dali foram caminhando dois ou três dias até chegar ao Rio Nilo, que, de força, haviam de passar, porque, como dissemos no cap. ...7 do 1.º livro, dá quase uma volta inteira ao reino de Gojâm e, com ir por aquela parte mui furioso, não acharam outra embarcação mais que <sup>8</sup>uma como jangada, que tinha amarradas de uma e outra banda<sup>9</sup> muitas cabaças. E nela passaram todos, levando-a dois fortes mancebos bons nada-

dores, um puxando por diante, e outro endireitando-a e ajudando por detrás. E, como esta era coisa tão vagarosa e trabalhosa, estiveram de pola manhã até à noite em acabar de passar, e assim dormiram perto do rio.

O dia seguinte, despediu o padre um gentio gongâ que *Erâz Cela Christôs* tinha mandado acompanhasse até passar o rio, e encomendou-lhe que dissesse ao mancebo português que levava a carta a *Erâz Cela Christôs*, como os gongâs os deixaram passar que se tornasse em paz para sua casa, que já o não o havia de poder alcançar, e que também era mui grande risco caminhar ele por aquela terra com qualquer outra companhia.

A este tempo, já vinha o mancebo<sup>1</sup> com muita gente de armas, porque, chegando a *Erâz Cela Christôs*, sentiu tanto o fazerem os gongâs deter ali ao padre, por não lhe<sup>2</sup> dar guarda como lhes tinha mandado, que logo, com muita pressa, [fol. 506v] enviou três capitães, os melhores que ele tem, com ordem que castigassem os gentios que achassem culpados na detença do padre, e que o acompanhassem até passar o rio. E dali a três dias os achou o gentio que levava o recado do padre e lhes disse como já era passado, e que mandava que o português se tornasse, porque já não o<sup>3</sup> havia de poder alcançar.

Perguntou-lhe o português por carta do padre. E respondeu que, por ir depressa, lha não dera, e que lhe dissera que bastava dar recado de palavra. Disse ele então chorando aos capitães: «Parece-me que este fez matar ao padre e a seus companheiros para os roubar porque, de outra maneira, não havia de deixar de lhe dar carta. Prendam-no até que se saiba a verdade.» Responderam os capitães que o conheciam, que não podia aquilo ser, porque era homem mui fiel, nem houvera de tornar com tal recado. Contudo, se informaram de outros que vinham e acharam como era certo o que o gentio dizia, e assim se tornaram, levando grande mágoa o português, por não poder passar para acompanhar ao padre.

Não se tinham afastado<sup>4</sup> o padre e seus companheiros três léguas do <sup>5</sup>Nilo quando tiveram um perigo mui grande porque um criado do embaixador, que ficava atrás, tomou por força dois pajens a um gentio daquela terra, que também são gongâs. E, à grita que sobre isto fez, se ajuntaram muitos com suas armas, e agravavam muito o caso. Ao que se ajuntou que, na mesma conjunção, estavam porfiando outros gentios, que chamam gâlas, que lhes pagassem direitos. E os outros gâlas que *Erâz Cela Christôs* tinha dado ao padre, por guarda, diziam que não haviam de pagar, que eram correios do imperador. Estando em esta porfia, chegaram os gongâs gritando que os roubaram e tomaram por juizes aos gâlas, que pediam direitos e, todos juntos, determinavam com esta ocasião<sup>6</sup> roubar quanto fato tinham. Entendendo isto o padre, por via de alguns companheiros que sabiam a<sup>7</sup> língua de uns e outros, determinou fazer amizade com os gâlas, que eram como senhores dos gongâs. E, tomando-os à parte, lhes disse que não era costume pagar direitos os criados do imperador mas<sup>8</sup> que, por amizade, ele os contentaria, e que aqueles gongâs gritavam por coisa muito pouca, que lhes faria pagar mais do que valia o que<sup>9</sup> lhe tomaram; e mandou dar aos gâlas algumas pedras de sal, com que ficaram contentes, porque naquela terra o não há, e disseram que passassem, que aqueles gongâs não podiam fazer nada onde eles estavam.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: falecesse.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: Rogou ele então muito ao padre.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 462/451].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: dando-lhe.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: do.

<sup>7</sup> Espaço deixado em branco, nos dois manuscritos.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 462v/451v].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: tinha de uma e outra banda amarradas.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: já o mancebo vinha.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: por lhe não.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: já o não.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: apartado.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 463/452].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: juntos, com esta ocasião determinaram.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: mas.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: valia o que.

Vendo os gongôs que os gâlas estavam da parte do padre, se tornaram para suas casas com muito pouco que lhes deram.

[fol. 507] Prosseguiu o padre seu caminho, levando daquela terra dois gentios gâlas que guiassem, e foram direitos ao sul, que em Gojâm quase sempre caminharam a<sup>1</sup> ocidente, para se juntarem com *Erâz Cela Christôs*. E, ao terceiro dia, encontraram com uma cáfila que vinha de Nareâ. E, perguntando-lhes como estava o caminho, responderam que tão poucos como eles não podiam passar, que não iam senão a morrer, porque, quando escapassem de uns gentios que chamam xâtes, que esperavam no caminho, haviam de cair mais adiante em as mãos de uns cafres, que eram muitos e acostumados a roubar. Com isto, se tornaram alguns mercadores que se tinham juntado com o padre para ir <sup>2</sup>a Nareâ, e ainda alguns dos da sua companhia mostravam arreçar o caminho, mas o padre os animou com boas palavras. E assim, todos, de um coração, determinaram de<sup>3</sup> passar adiante, dizendo que Deus os livraria por suas orações. Ofereceu-se logo um cristão<sup>4</sup> daquela cáfila, natural de Nareâ, a guiar por outro caminho escuso, afastado dos<sup>5</sup> cafres, porque ele também havia de tornar, com o que folgaram muito e lhe prometeram seu prémio, e passaram adiante. E, tendo caminhado alguns dias, chegaram aos passos<sup>6</sup> onde costumavam a saltar os gentios xâtes<sup>7</sup>, e os dois que *Erâz Cela Christôs* tinha dado daquela casta começaram a pedir fato e mostrar soberba, pelo que os criados do embaixador os houveram de matar se o padre os não fizera deixar. Puseram-se logo em ordem de guerra, fazendo dois esquadrões e, levando no meio a recovagem<sup>8</sup>, foram subindo com suas bandeiras o pior dos passos, que era uma serra mui alta, áspera e montuosa. E vendo sua ordem e resolução, os salteadores que esperavam na parte mais áspera e estreita se foram por entre o mato, sem se atreverem acometer, e, assim passaram toda a terra dos xâtes<sup>9</sup> sem ter encontro nenhum.

O dia seguinte, chegaram a descansar a uma ribeira que chamam Manguêr, de arvoredo mui basto e, parecendo-lhes<sup>10</sup> que já estavam fora de perigo, soltaram as mulas para que pascessem, e todos se espalharam a<sup>11</sup> longo da água. Mas, estando desta maneira descuidados, vieram por entre o mato muitos cafres e os cercaram e começaram de entre o mato a tanger suas trombetas; o que, [fol. 507v] ouvindo os nossos, se juntaram com muita pressa onde estava o padre e, vendo que um cafre lhes levava já duas mulas, arremeteram alguns e lhas fizeram deixar. Depois pelejaram com os outros tão valorosamente que, com serem muitos, os fizeram fugir um pedaço. E, arreçando que se juntassem com outros adiante, gritou<sup>12</sup> um que sabia sua língua, dizendo: «Como nos fazeis isto, sendo nós correios do imperador?» Ouvindo os cafres isto, responderam que cuidavam que eram gâlas, mas que, já que eram criados do imperador, lhes dessem alguma coisa e passassem em paz. Deram-lhes então duas touquinhas e algumas pedras de sal, e em<sup>13</sup> isto se deixaram ficar. E o padre e seus companheiros foram caminhando

em ordem, porque não os tomas<sup>1</sup>sem outra vez descuidados. E quis Nosso Senhor que viesse logo uma grande chuva, com o que os cafres se recolheram sem ver o caminho que eles tomavam, porque puderam dar aviso a outros cafres que estavam adiante e eram os que mais temiam por serem muitos e grandes ladrões.

Tendo caminhado grande pedaço com a chuva, disse o de Nareâ, que se ofereceu a guiar, que já era tempo de deixar aquela estrada e atravessar a outra para não encontrar com os cafres; e assim entraram por entre o mato e foram com grande trabalho por descidas mui ásperas caminhando a toda<sup>2</sup> pressa até à noite, que chegaram à borda de um rio grande, que chamam Malêg, onde o guia disse que perdera o tino do passo. E, com andar bom<sup>3</sup> um pedaço em busca dele, o não pôde<sup>4</sup> achar, com o que ficaram todos muito desconsolados porque estavam em lugar muito fundo, cercados de serras mui altas e montuosas, sem saberem por onde pudessem sair. Ajuntou-se a isto dizer os que o conheciam que já outra vez, oferecendo-se a guiar um homem grande, o metera entre os<sup>5</sup> inimigos, onde acabara com os que o acompanhavam, pelo que começaram a suspeitar que, para esse fim, os trouxera a eles também ali. Ouvindo o padre isto, lhe disse que por nenhum caso mostrassem desconfiança. E, chamando-o a ele, lhe disse: «Para que cansais<sup>6</sup> agora buscando o passo. Como se há-de achar de noite? Amanhã logo achareis, não tenhas paixão.» E mandou que lhe dessem de cear do que havia, mas encomendou em segredo a quatro que dissimuladamente o vigiassem muito bem aos quartos, que, se ele fugisse, todos eram perdidos.

Estavam molhados e com grande frio, mas não se [fol. 508] atreviam a fazer fogo, por que não os vissem alguns cafres se estavam nas serras e não os deixassem sair. Contudo, apertou depois tanto com eles o frio que os obrigou a acender fogo para se aquecerem, que da ceia não se lembravam tanto, pelo grande medo que tinham. Este se lhes acrescentou muito porque no meio daquela noite, que era mui escura, começaram a gritar no alto das serras uns pássaros grandes de maneira que pareciam assobios de gente que se davam sinal uns a outros, com o que de todo se deram por perdidos, parecendo-lhes que já <sup>7</sup>os cafres os tinham cercado e que lhes era impossível escapar.

Com estas angústias passaram toda a noite e, antes de amanhecer, apagaram o fogo para que não se<sup>8</sup> visse depois o fumo. E, começando a romper a manhã, foi o guia buscar o vau, mas bem acompanhado por que não fugisse, e quis Deus que o achasse, com o que ele e seus companheiros tornaram mui contentes. Não menos o ficaram todos com a nova, e carregaram com muita pressa procurando passar o rio cada um primeiro<sup>9</sup>, que nenhum queria ficar atrás. E como se viram da outra banda, deram graças a Deus e foram caminhando com muito trabalho, por ser mato e caminho ruim. Adiantou-se o guia com alguns a buscar a estrada que pretendiam e, achando-a depois de meio dia, tornaram fazendo grande festa, por terem já passado o perigo dos cafres, e assim descansaram logo em uma ribeira e, à noite, dormiram com bem diferente quietação e sono que a de antes. O seguinte dia, entra-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: ao.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 463v/452v].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: dos cristãos.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: daqueles.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: ao passo.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: xautês.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: levando no meio suas bandeiras.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: xâutes.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: parecendo-lhe.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: ao.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: adiantou-se.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: com.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 464/453].

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: toda.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: bom.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: poderam.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: os.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: cansas.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 464v/453v].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: que se não.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: passar o rio primeiro cada um.

ram no reino de Nareâ e chegaram a uma serra grande e forte, que se chama Gancâ, toda povoada, onde tem seu assento o principal dos capitães de Nareâ, e o que então era se chamava Abecân. Recebeu ao padre e ao embaixador com grande honra e festa, porque *Erâz* Cela Christôs lhe encomendava o fizesse assim e lhe mandava um bom presente, e teve-os ali três dias para que descansassem, dando-lhes com muita abundância o necessário.

## CAPÍTULO XXXI<sup>1</sup>

DE COMO O PADRE ANTÓNIO FERNANDEZ FOI ONDE ESTAVA  
O GOVERNADOR DE NAREÂ, E DO QUE LHE SUCEDEU ATÉ SAIR DO REINO.

**P**artiram todos daquela serra por onde estava o governador, [indo mui contentes] por lhes parecer que, em quanto andassem por aquele reino, não [fol. 508v] tinham perigo nenhum, porque a gente é muito boa e os senhores não permitem furtos nem forças. Mas, indo entrando pelas terras, não achavam gente nenhuma, até os lugares estavam despovoados, do que se maravilhavam muito, sem saber dar com a causa de tão grande novidade. E o segundo dia à noite, acharam um homem só <sup>2</sup>em uma povoação, e perguntando que coisa era aquela porque estava tudo despovoado, respondeu que havia seis dias que deram ali de súbito os gâlas e levaram muitas vacas e gente cativa, e por isso fugiram todos às serras e não se atreviam a descer, arreando que tornassem; que, como se atreviam eles a se <sup>3</sup>meter em tão grande perigo? Disseram que <sup>4</sup>por não terem nova disso na serra Gancâ, partiram de lá; que conselho lhes dava? Respondeu que nenhum outro podiam tomar melhor que irem pelo mato ao longo das serras, levando diante boas espias, porque lhes faltava caminho de dois dias, em que havia grande perigo. Ficaram todos muito tristes, e com maiores arreios que os que primeiro tinham dos cafres, porque sabiam muito bem que, se encontrassem com os gâlas, não podiam escapar, se não se achassem perto de alguma serra forte. E, assim, deixaram a estrada do campo e foram pelo mato ao pé das serras, com grande trabalho e não menos fome, porque, como toda a gente estava nas serras, não achavam que comer. Desta maneira, caminharam dois dias a toda a pressa e, antes de acabar de passar o perigo, acharam os que iam diante, descobrindo o caminho alguns homens da terra; e, juntando-se com eles, tornaram um pouco atrás para que eles mesmos dessem aos outros novas do caminho. Mas, como eles os viram, cuidaram que eram gâlas, porque demais de serem muitos, em as adargas o pareciam. Com isto, ficaram tão perturbados que não se sabiam dar a conselho, nem como haviam de fugir. Conhecendo os outros que tinham medo, lhe fizeram sinal com as adargas, que caminhassem. Então conheceram que eram os seus; e, chegando, souberam que lhes faltava já pouco para acabar de passar o perigo.

<sup>1</sup> O número do capítulo encontra-se em branco no *Ms. Goa 42 ARSI*, mas no *Ms. 778 BPB*, o número do capítulo é 31. M. Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 6, Roma, 1907, pp. 253-6.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 465/454].

<sup>3</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: se.

<sup>4</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: que.

Como chegaram a povoado, se deram por seguros e foram caminhando mais devagar. E achavam o necessário com a moeda da terra, que a ordinária são pedras de sal e uns ferrinhos de quatro dedos de cumprido, e pouco mais de um dedo de largo, muito delgados, que chamam *caerâ*. E também há ouro fino que tiram dos rios lavando a areia, e acham em os campos, como dissemos no 1.º livro, e isto dão por peso, por [fol. 509] que não usam de cunho. <sup>1</sup>E, tendo andado quatro dias por terras povoadas e de boas sementeiras, chegaram a uma cidade aonde residia o governador do reino, que se chamava Benerô, a quem convinha mais nome de rei que de governador, porque seus antepassados eram <sup>2</sup>reis, e sós os descendentes deles podem governar aquele reino. Mas, depois que os imperadores da Etiópia se apoderaram dele, que há poucos tempos, ficaram com nome de governador. Este Benerô tinha por confessor e mestre um frade desta terra, companheiro dos primeiros que o Imperador Malâc Çaguêd levou consigo àquele reino, quando começaram <sup>3</sup>a se fazerem <sup>4</sup>cristãos, que foi pelos anos de <sup>5</sup>. E, arreando que o padre ia para estar ali de assento e ensinar, disse Benerô de nenhuma maneira lhe desse rosto, nem mostrasse fazer conta dele; e, assim, fez muito pouca quando entrou em sua casa. E mandou que se assentasse um pedaço afastado no chão sobre uma alcatifa, estando ele e o frade assentados juntos em lugar alto. E, ainda que mandou por festa que dessem a beber a ele e ao embaixador vinho feito de mel, que lá não bebem outro, falou mui pouco, e depois os despediu e mandou que lhes dessem todo o necessário abundantemente, porque o imperador lhe encomendava muito o padre em as <sup>6</sup>cartas. Como foi noite, mandou chamar ao padre e, por não estar ali o frade, lhe falou com mais familiaridade <sup>7</sup>e perguntou que pretensão era a sua. Respondeu que passar por ali à sua terra, que por mar não podia ser, por causa dos turcos, <sup>8</sup>e que o embaixador ia para trazer, se achasse caminho, alguns oficiais de armas e edifícios que o imperador desejava muito. Disse ele que: como cometia caminho tão comprido e perigoso, e deixava a terra da Etiópia que era tão boa? Respondeu o padre que era coisa natural terem todos amor à sua pátria, qualquer que fosse; que até o bugio, por mais floridos e formosos campos que achasse, os deixava e folgava de tornar à sua lapa. Em estas práticas gastou um pedaço, e depois disse ao padre que fosse a descansar.

Tudo isto perguntava Benerô, para ver se podia coligir das palavras do padre o principal intento do imperador, porque ele não lhe dizia em as cartas mais de que convinha a seu serviço <sup>9</sup>que o padre e o embaixador passassem [fol. 509v] logo à Índia pelo caminho mais seguro que se achasse, e que ele o buscasse com diligência e lhe desse tudo o necessário, e que, quando tornasse o embaixador <sup>10</sup>o enviasse com boa guarda, porque não se <sup>11</sup>perdessem no caminho as armas que lhe havia de trazer. Pôs ele isto logo <sup>12</sup>em conselho, e assentaram que de nenhuma maneira deixassem passar por ali ao padre, porque, se se abrisse caminho, viriam os portugueses e lhes tomariam suas terras, que, a gente tão belicosa, não

<sup>1</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 465v/454v].

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: foram.

<sup>3</sup> *Ms. 778 BPB*: se começaram.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: fazer.

<sup>5</sup> A data foi apagada no *Ms. Goa 42 ARSI*; no *Ms. 778 BPB* foi deixado um espaço em branco.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: suas.

<sup>7</sup> *Ms. 778 BPB*: e, lhe falou com mais familiaridade por não estar aí o frade.

<sup>8</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: por causa dos turcos.

<sup>9</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 466/455].

<sup>10</sup> *Ms. 778 BPB*: quando o embaixador tornasse.

<sup>11</sup> *Ms. 778 BPB*: porque se não.

<sup>12</sup> *Ms. 778 BPB*: ele logo isto.

podiam resistir. Depois, mandou chamar ao padre e, estando só, lhe perguntou se tinha notícia de algum caminho por onde pudesse passar porque ele o não achava. Respondeu o padre que lhe afirmaram que podia ir por uma terra que confina com as suas, que se chama Cafã, que por ali tinha determinado de passar. Disse ele que o enganaram, que todo aquilo era de gentios por onde nenhum dos seus fora nunca nem era possível passar, que já que o imperador lhe encomendava tanto o encaminhasse por parte segura, não havia de consentir que se metesse em tão evidente perigo. Instou o padre que nenhum caminho havia mais breve nem mais seguro que aquele, e que o imperador havia de ter paixão se lho estorvasse, porque tinha por tão certo que lhe havia de buscar o melhor caminho que houvesse, que ao<sup>1</sup> tempo de partida lhe dissera que estivesse seguro<sup>2</sup> que o havia de negociar muito bem, porque não tinha outro que com maior diligência e vontade executasse, o que encomendava. Respondeu ele que assim era, mas que não o<sup>3</sup> podia deixar ir por ali sem representar primeiro ao imperador o que convinha a seu serviço e bem daquele reino, que em tempo do Imperador Malâc Çaguêd quisera um homem branco passar por ali e o detiveram até escrever, e ele mandou que não fosse<sup>4</sup>; que agora também informariam ao imperador e depois se faria tudo o que ele mandasse. Este homem branco era um veneziano, que se chamava Contarino, que veio pelo Cairo com mercadorias, e, por não atrever a tornar por entre os turcos, intentava este caminho. E, como não o<sup>5</sup> deixaram, se embarcou em Maçuâ<sup>6</sup> e foi à Índia, sendo vice-rei Matias d'Albuquerque. Respondeu o padre que ele não podia esperar tanto, que perdia seu caminho e que soubesse de certo que o imperador havia de ter paixão, e com isto se despediu aquele dia.

Depois disto, foi a<sup>7</sup> falar com o padre um homem natural daquela terra, que tinha andado em Castela e se embarcou em Portugal para a Índia, e dali<sup>8</sup> passou cá com [fol. 510] intento de abrir caminho para Angola, e lhe disse que ia a morrer sem proveito, porque de nenhuma maneira podia passar por ali à Costa de Melinde, que buscasse outro caminho. Também um homem grande, que se dava por amigo, o desenganou dizendo que não tinha que porfiar, que de nenhuma maneira o haviam de deixar ir por ali sem novo recado do imperador. Vendo o padre isto, e que, se houvesse de esperar por resposta, lhe era forçado invernar ali, acordou por conselho do embaixador de ir por outra parte, arreceando que, se se detivessem<sup>9</sup>, estorvariam a ida os que não folgavam com nossa santa fé, e de facto o procuravam<sup>10</sup>. E, com esta resolução, foi a<sup>11</sup> falar com o governador e, achando-o no mesmo propósito de primeiro<sup>12</sup>, lhe disse: «Se por aqui não há caminho, iremos por Balí, que são outras terras do imperador, ainda que, de pouco tempo a esta parte, se meteu nelas um mouro e os cristãos se foram retirando.» Respondeu ele que, se por ali havia caminho, que fosse embora<sup>13</sup>, que lhe mandaria dar guarda, até sair de suas terras, e depois<sup>14</sup> acompanharia um criado de um rei gentio por onde havia de

passar, que havia pouco lhe viera com um recado seu. Agradeceu-lhe o padre isto e pediu-lhe fosse com brevidade, porque se chegava já o inverno.

Em esta conjunção, disseram ao padre que aquele frade, mestre do governador, não se acabava de persuadir que havia de passar adiante, senão que viera para ficar ali de assento e tomar-lhe seu cargo, pelo que o foi visitar e lhe levou um bofetá<sup>1</sup>. Recebeu com gravidade, e não o queria tomar por lhe parecer que pretendia alguma coisa grande. E, coligindo isto o padre de suas palavras, disse que não queria mais de que fizesse com o<sup>2</sup> gover<sup>3</sup>nador lhe desse licença para passar logo, porque se chegava o inverno e teria trabalho no caminho, e que aquilo trazia por não chegar com as mãos vazias a ele, que era pai de toda aquela gente. Mostrou ele logo ficar desafogado. E, tomando o bofetá, contou como viera com os primeiros frades que começaram a fazer cristãos os daquele reino, e que, como eram gentios, tinham muitas mulheres, e eles lhas fizeram deixar, e que ficassem com duas pela resistência que acharam em esta matéria, e assim as tinham todos publicamente, tanto [fol. 510v] que, de ordinário, as tinha o governador em casa sentadas à sua ilharga, mas por falta de ensino; que, se o tiveram, facilmente deixaram isto, porque é gente mui dócil e de bom<sup>4</sup> entendimento, e tem<sup>5</sup> grande respeito e obediência a seus mestres. E, falando-lhes o padre, ouviam muito bem, e diziam que seus<sup>6</sup> frades lhe ordenaram aquilo, e mostravam que lhes parecia mal, e que o que o padre lhes dizia<sup>7</sup> entrava no coração.

Chamou depois o governador ao padre e lhe disse que desejava fazer-lhe muitas honras, como era razão, mas que não se atrevera porque seu mestre lhe mandara que de nenhuma maneira o fizesse, que lhe perdoasse e soubesse de certo que não o<sup>8</sup> fizera<sup>9</sup> por soberba nem falta de vontade. Respondeu o padre que nenhum sentimento tinha disso, antes agradecia muito as mercês que lhe fizera; que, em perto de um mês que havia<sup>10</sup> estava em sua corte, não lhe faltara coisa alguma; que não desejava mais de que lhe desse licença para partir porque começava já a chover e, se enchessem os rios, não poderia passar. Disse ele que fosse logo com a paz de Nosso Senhor, que já tinha mandado a um capitão que estava perto lhe desse gente de guarda até sair de suas terras, e depois o guiaria o criado daquele rei gentio que lhe dissera, e outros que ele mandava lá com recado, mas que naquele caminho tinha alguns passos perigosos, particularmente um onde ordinariamente estavam gâlas, que levassem boa vigia diante. Com isto, se despediu do governador e mandou-lhe logo cinco pesos de ouro, que fazem cinquenta cruzados,<sup>11</sup> dizendo que lhe perdoasse, que bem via que coisa tão pouca não pertencia ao padre, nem a ele convinha mandar, mas que estava por então mui carrega<sup>12</sup>do por mandar<sup>13</sup> a renda do imperador e ter ali muitos criados seus, a quem lhe era necessário contentar. Respondeu-lhe o padre com muitos agradecimentos e aparelhou-se para partir.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>3</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: o.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: passasse.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: como o não.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 466v/455v].

<sup>7</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: a.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: depois.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: detivesse.

<sup>10</sup> Entenda-se: que procuravam estorvar a expedição.

<sup>11</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: a.

<sup>12</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: de primeiro.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: em boa hora.

<sup>14</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>1</sup> Pano fino de algodão, de origem asiática.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: ~~imperador~~.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 467/456].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: engenho e.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: se os.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: padre dizia lhes.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: que o não.

<sup>9</sup> Repetição do copista do ms. 778 BPB: fizera.

<sup>10</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: havia.

<sup>11</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: que fazem cinquenta cruzados.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 467v/456v].

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: então.

CAPÍTULO XXXII<sup>1</sup>

COMO O PADRE ANTÓNIO FERNANDEZ PARTIU DO REINO DE NAREÂ  
E FOI AO DE ZENYERÔ, E DALI À TERRA CAMBÂT.

Desejava tanto o Padre António Fernandez prosseguir seu caminho que, em tendo licença do governador, partiu logo com o [fol. 511] embaixador para onde estava o capitão que lhe havia de dar gente de guarda, que era um dia de caminho. Recebeu-os bem, esperando deles muito fato, e, vendo que o que lhe apresentaram<sup>2</sup> não era conforme ao que<sup>3</sup> ele cuidava, os fez esperar oito dias, e depois os<sup>4</sup> entregou a outro capitão, que lhe era sujeito, e este lhes<sup>5</sup> deu oitenta homens que<sup>6</sup> acompanhassem, e caminharam para<sup>7</sup> oriente quatro dias, a toda<sup>8</sup> pressa, por terras despovoadas e caminho mui áspero; e, no último, iam todos com grande arreceio e boa vigia diante, por ser passo de gâlas. E assim, dormindo aquela noite em os<sup>9</sup> limites do reino de Nareâ, se levantaram aqueles oitenta homens antes de amanhecer, e disseram ao padre e ao embaixador que ficassem em boa hora, que até ali lhes<sup>10</sup> mandaram acompanhar, e tornaram-se correndo pelo grande medo que tinham. Ficaram eles com não menos arreceio, mas encomendaram-se a Deus e, como amanheceu, foram caminhando, levando sempre diante quem descobrisse o campo, para que,<sup>11</sup> achando alguma coisa, se pudessem meter por entre os matos. E, depois de meio-dia, começaram a descer uma serra mui comprida, donde se descobriam grandes campos, a que chamam Beterât, terra de Boxâ, em que ordinariamente os gâlas apascentavam seus gados, e era o passo que o governador de Nareâ disse que arreceava muito. E, tomando conselho do que fariam, disse o criado do rei de Zenyerô que, antes de acabar de descer a serra, se emboscassem e depois passassem de noite o campo, com muito silêncio, porque, se acertassem de serem vistos ou sentidos, não podiam escapar.

Pareceu a todos bem este conselho. E, assim, chegando a parte <sup>12</sup>acomodada, se esconderam até às quatro horas da tarde, que continuaram a descida. E, pouco antes de entrar no campo, começou a chover, e se cobriu tudo de uma névoa mui densa e fria, o que tiveram por singular mercê de Nosso Senhor, porque, com aquilo, parece que se recolheram os gâlas, que ainda, em uma parte aonde deu lugar a névoa, viram [fol. 511v] fumo; e, aproveitando-se desta boa ocasião, caminharam com muita pressa. Mas, como anoiteceu, tiveram muito trabalho, porque não havia caminho e, demais da chuva, a noite era mui escura. O padre, particularmente, padeceu muito, por andar a pé, que na mula não era possível, por causa dos muitos espinheiros e árvores que, com seus ramos, impediam o passo. Desta maneira, andaram até perto da meia noite, que chegaram a umas grandes árvores e assentaram-se debaixo delas para descan-

sar e fazer fogo, porque iam todos molhados e com tão grande frio que não se podiam bulir. Depois também tiveram<sup>1</sup> muito trabalho em acender fogo, que, por a isca estar húmida, o não queria tomar. E a ceia foi só cevada torrada e dessa chegou bem pouco a cada um, porque, como caminharam tantos dias por terras desertas, tudo se lhe tinha acabado.

Antes de amanhecer, apagaram o fogo e foram caminhando<sup>2</sup>. E, perto do meio-dia, acharam umas árvores que chamam *docomâs*, cuja fruta é doce e parece azeitona madura; e, vendo-as carregadas, os companheiros do padre e os<sup>3</sup> do embaixador se foram a elas. E, por mais que os outros lhes diziam<sup>4</sup> que passassem depressa, que estavam ainda em grande perigo, não o podiam<sup>5</sup> acabar com eles<sup>6</sup>; e assim foram passando e os deixaram. Vendo isto o padre, se deteve para os fazer ir a todos e, quando quis passar adiante, perdeu o caminho, que era mui estreito, e foi a<sup>7</sup> dar sobre umas rochas, pelo que deu volta com muita pressa e, alcançando a ver<sup>8</sup> um dos que ficavam atrás, o seguiu. E, quando chegou aos outros, achou<sup>9</sup> que faltava um dos mancebos portugueses, o que sentiu muito e fez que o tornassem a buscar. E quis Deus que, depois de grande espaço, o ouviram andar gritando <sup>10</sup>entre o mato, que já não sabia por onde ir; e, chegando a ele, o levaram com muita alegria, e a foi também grande para todos que arreceavam lhe tivesse sucedido algum desastre; e, como chegou, foram caminhando com mais ordem. E, à tarde, tendo descido uma serra comprida, acharam um grande rio que chamam Zebê, e era tão extraordinário o ruído das águas, por correr com muita força por entre rochas e penedos, que, falando mui alto, não se ouviam uns a outros. Não havia [fol. 512] embarcação nem outra ponte que um pau mui delgado e tão comprido que chegava de uma rocha a outra, com ser grande a distância; e, assim, parecia temeridade passar por ele, porque um só o fazia tremer como se fora vara delgada; e, se olhavam para baixo, parecia inferno pela distância grande que havia até chegar à água. Com tudo isso, começaram logo a passar à porfia, pelo grande medo que tinham de ficar de noite daquela banda. Importunavam ao padre que passasse logo, mas não se atreveu até que cortaram outra árvore e, atravessando-a perto daquela, amarraram paus curtos de uma a outra de maneira que ficou como escada, com o que folgaram muito os que não tinham ainda passado.

Acabado este trabalho e angústia, lhes ficou outra que foi não saberem dar remédio para que passassem<sup>11</sup> as mulas, porque ali não havia passo nem o podiam buscar, que era já noite. E muito menos se atrevia ninguém a ficar com elas para as guardar, porque se via fogo a uma banda da serra e tinham por certo que era de gâlas. Mas, como sem as mulas ficavam tão impossibilitados para fazer<sup>12</sup> seu caminho, rogaram muito a dois mancebos que as guardassem e que, se ouvissem alguma coisa, as deixassem e se passassem para eles, pois o podiam já fazer sem perigo<sup>13</sup>. Com isto, ficaram<sup>14</sup> daquela banda os dois mancebos com bem pouca ceia, porque nem os demais a tiveram melhor que a noite precedente, posto

<sup>1</sup> M. Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 6, Roma, 1907, pp. 257-66.

*Ms. 778 BPB*: XXXII

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: presentavam.

<sup>3</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: ao que.

<sup>4</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: os.

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: lhe.

<sup>6</sup> *Ms. 778 BPB*: os.

<sup>7</sup> *Ms. 778 BPB*: o.

<sup>8</sup> *Ms. 778 BPB*: a.

<sup>9</sup> *Ms. 778 BPB*: nos.

<sup>10</sup> *Ms. 778 BPB*: os.

<sup>11</sup> *Ms. 778 BPB*: em.

<sup>12</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 468/457].

<sup>1</sup> *Ms. 778 BPB*: Depois tiveram também.

<sup>2</sup> *Ms. 778 BPB*: Antes de amanhecer, foram caminhando e apagaram primeiro o fogo.

<sup>3</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: os.

<sup>4</sup> *Ms. 778 BPB*: disseram.

<sup>5</sup> *Ms. 778 BPB*: poderam.

<sup>6</sup> Entenda-se: não os conseguiram convencer.

<sup>7</sup> Omisso no *Ms. 778 BPB*: a.

<sup>8</sup> *Ms. 778 BPB*: a ver.

<sup>9</sup> *Ms. 778 BPB*: viu.

<sup>10</sup> *Ms. 778 BPB*: [fol. 468v/457v].

<sup>11</sup> *Ms. 778 BPB*: passarem.

<sup>12</sup> *Ms. 778 BPB*: fazerem.

<sup>13</sup> *Ms. 778 BPB* faz parágrafo, *Ms. Goa 42 ARSI* não.

<sup>14</sup> *Ms. 778 BPB*: ficaram os dois mancebos daquela banda com.

que o medo não era tão grande porque, do rio para diante, eram terras d'el-rei de Zenyerô. E assim, aquela mesma tarde, se adiantou seu criado para lhe dizer como vinham embaixadores do imperador. Pela manhã, chegaram ali dois homens da terra e, vendo que estavam as mulas da outra banda, se ofereceram as passar, se lhe dessem alguma coisa. E, concertando-se por pouco, as levaram onde eles sabiam, mas ainda ali era tão grande a corrente, e fazia tantos redemoinhos, que um deles não se pôde afastar; e assim ele e a mula foram ao fundo com perigo de se fazerem em pedaços em os penedos, mas foram a<sup>2</sup> sair um bom pedaço abaixo. Dali, foram subindo uma serra mui alta [fol. 512v] e perto de meio-dia chegaram a uma aldeia, onde estiveram oito dias, porque, sem licença d'el-rei, não podiam passar adiante, e naquele tempo não dava audiência a ninguém, porque estava fazendo não sei que feitiçarias.

Como acabou suas malditas cerimónias, mandou que fossem. E, caminhando de pela manhã, chegaram à tarde onde ele<sup>3</sup> estava, e acharam-no em um como baluarte ou mirador que tinha feito no campo perto do paço, como doze palmos em alto, assentado ele só lá em cima sobre uma alcatifa e vestido de branco, com ser tão preto como azeviche, mas bem estreado, porque tinha os olhos grandes, o nariz afilado, os beiços delgados, e de boa estatura. Todos os grandes estavam embaixo, em pé. E, chegando a estes o padre com o embaixador, fizeram dali reverência a el-rei, e disseram que traziam carta do imperador. Desceu ele logo e recebeu a carta do imperador em pé, e perguntou como ficava e tornou logo para cima. E, assentando-se como primeiro estava, foi perguntando, por intérprete, muitas coisas, e a cada uma que dizia abaixava o intérprete a cabeça, e beijava as pontas de ambas as mãos, e logo o chão, que ele também estava embaixo. E, depois, ia com o recado ao padre, que estava um pouco afastado e, quando tornava com a reposta, abaixava a cabeça e beijava as pontas das mãos antes de a dar. E, com estas cerimónias, esteve falando bom pedaço, e depois disse que fossem a descansar, que tudo o que lhe escrevia o imperador faria com diligência, que era que se acertasse a passar o padre por suas terras, lhe desse guarda e tratasse bem, ainda que ele não é sujeito, mas tem sempre amizade. E, como chegaram onde os haviam de agasalhar, lhes mandou três vacas, pão e vinho de mel em abundância, com tudo o mais que lhes era necessário, sem lhes faltar nada, enquanto ali estiveram, que foram três ou quatro dias.

Outro dia, lhe presenteou o padre alguns panos pretos da Índia, que ele agradeceu e mostrou estimar<sup>4</sup> muito, porque raramente chega lá esta sorte<sup>5</sup> de roupa. Depois, visitou a seu pai e lhe deu um pano<sup>6</sup> formoso, e, ainda que seu filho era rei, ele nunca o foi<sup>7</sup> porque aquele reino não passa [fol. 513] de pai a filho, mas dá-se por eleição de feitiçaria, desta maneira:

Quando morre um rei destes, todos os filhos e parentes a quem pode pertencer o reino, fogem para os matos, que são muito bastos, e se esconde cada um muito longe onde melhor lhe parece, e certa sorte de homens tem cargo de amortilhar a el-rei em um pano de seda, e logo matam uma vaca e o cozem dentro e, deixando-o assim em sua casa, vão com outros seus companheiros e muitas armas a buscar o que há-de ser rei, e entrando pelo mato, se acham perto de algum daqueles que estão escondidos, leão, ou onça, ou cobra, ou outro animal fero, aquele dizem que é o que está escolhido para rei. Outro sinal dizem que têm para conhecer qual há-de ser rei, e é que sobre as árvores onde ele está escondido

se assentam muitas aves; e uma, a que eles chamam *ibêr*, sobe muito alta e dá um só grito tão grande que se houve mui longe, e logo desce e se assenta com as outras, e dizem que é ave de rapina como águia, e que tem tanta força que leva um cabrito em as<sup>1</sup> unhas. Por estes sinais conhecem o lugar onde está escondido. Nem é maravilha que passe assim como muitos afirmam, porque os que têm por ofício buscar ao que há-de ser rei são grandes feitiçeiros. Mas ele não se deixa logo tomar, antes peleja, e mata a quem pode; e depois que o tomam, o levam com grande festa cantando e bailando<sup>2</sup>. E há outra sorte de gente do mesmo reino que, ainda que não lhe pertence ir a buscar ao que há-de ser rei, se quando o trazem o podem tomar por força, eles e não os outros o alevantam por rei e ficam grandes. E em estas porfias ordinariamente morrem muitos, e os que prevalecem o levam e metem em uma tenda de campo, que já lhe tem armada e concertada com alcatifas. E logo tiram o rei morto de sua casa e pondo-o em outra,<sup>3</sup> queimam todas as casas em que morou, e juntamente todo o fato, sem deixar coisa nenhuma, por rica que seja, e guardam o corpo até o sétimo dia depois de sua morte, em que dizem que<sup>4</sup> lhe sai um bicho pelos narizes, o qual tomam e embrulhando-o em um paninho de seda fazem que o mate com os dentes o novo rei; e, logo, com grande festa, o [fol. 513v] elegem<sup>5</sup> por rei, e vão certos homens grandes onde tinham guardado o morto e o levam arrastando pelas ruas e pelo campo até o lugar aonde se enterram os reis, que é um mato afastado da cidade, e vão dizendo que dê bênção à terra antes que entre nela. E, como chegam, o põem na sepultura que já têm aberta e matam à roda vacas de maneira que o sangue caia<sup>6</sup> sobre ele, e assim o deixam descoberto; e, com tudo isso, nenhum animal nem ave o chega a<sup>7</sup> comer. E, dali por diante, matam cada dia sobre ele uma vaca ao ponto que começa a sair o sol, que para isso estão um pouco antes aparelhados, e isso<sup>8</sup> dura até que morre outro; e os que matam a vaca comem a carne.

Acabado o enterramento do defunto, manda o novo rei que lhe tragam todos os que foram seus conselheiros e os mais privados, de onde quer que estiverem. E, como vêm, lhes diz que, pois morreu seu senhor, que tanto os honrava e estimava<sup>9</sup>, não é razão que fiquem eles, senão que acompanhem na morte ao que na vida tanto amavam. E manda que os matem logo a todos, e sinala para ele outros novos. Depois se começa a fazer a casa onde<sup>10</sup> há-de morar el-rei, que é redonda e muito larga. E, assim, sempre põem no meio um esteu<sup>11</sup> de pau, e para isto buscam uma árvore muito direita e comprida; e, antes da<sup>12</sup> cortar, matam ao pé dela um homem e a untam com seu sangue<sup>13</sup>, este homem é o primeiro que acham de certa família que, como eles dizem, não paga tributo a el-rei, mas não sei<sup>14</sup> que maior pode ser que este. Nem se acaba a coisa com um porque, como a casa está feita, quando el-rei vai a entrar nela, matam outro homem daqueles à porta e, se tem duas portas, dois, e as untam todas com o sangue. E logo entra el-rei com muita festa, e manda que vejam muito bem se em seu reino há algum

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: nas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: o levam cantando com grande festa e bailando.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: em outra.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: que.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: levantam.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: que caia o sangue.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 470/459].

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: isto.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: honrou e estimou.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: em que.

<sup>11</sup> Esteio.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: de a.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: E.

<sup>14</sup> Ms. 778 BPB: eu.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 469/458].

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: a.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: ele.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: agradecer.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: casta.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 469v/458v].

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: ele nunca o foi.

tinioso ou leproso, e que, se se achar, o levem fora da outra banda do Rio Zebê e ali lhe cortem a cabeça, porque, se estiver em seu reino ou o matarem dentro dele, passará a doença a outros. E se, dali por diante, não sai fora da casa antes de nascer o sol, aquele dia não pode sair de nenhuma maneira, nem entram a falar com ele os de fora, só chegam<sup>1</sup> os que o servem de ordinário.

Têm por costume tomar à sua vontade os [fol. 514] filhos de seus vassallos (excepto os daquela família a quem<sup>2</sup> matam ao pé do esteu e portas da casa) e vendê-los ou dá-los por escravos a quem querem. E assim, quando vai à sua terra algum mercador e lhe presenteia ou vende algum fato, manda a seus pagens, que são muitos, que tragam os primeiros meninos que acharem e, com serem muito pequenos, entram pelas casas e tomam os que querem, sem que os pais se atrevam a resistir nem falar palavra; e, como os levam, os entrega ao mercador por escravos em pago do fato. Outra veze<sup>3</sup> os manda trazer de longe e os dá aos correios que manda o imperador, porque é costume <sup>4</sup>não os despedir sem lhe dar alguma coisa.

Quando morre algum, o levam a enterrar ao campo. E, como tornam, lhe queimam a casa; e, se à roda tem plantadas algumas árvores de fruto, as arrancam, porque dizem que como estava ali acostumado, tornará e matará<sup>5</sup> aos que achar em<sup>6</sup> sua pousada.

Se, entrando na guerra, sai algum ferido, por pouco que seja, logo seu irmão ou parente, se ali se acha, porque não acerte de morrer daquela ferida e se diga que o mataram os contrários, que o têm por grande desonra, tanto que, por mais que o ferido rogue a seu parente e ainda a seu irmão<sup>7</sup>, não lhe há-de perdoar. E, quando não se acham ali irmãos nem parentes, os outros que não o são o matam, sem nenhuma remissão.

Estando o padre para partir despedido já d'el-rei, lhe enviou por escrava uma donzela, que no vestido, modéstia e formosura de rosto parecia filha de gente grande. Vinham alguns parentes com ela, chorando, e pediram muito ao padre que a tratasse bem, porque fora criada com mimo. Disse-lhes o padre que não tivessem paixão, que não a havia de levar, e mandou logo dizer a el-rei que lhe agradecia muito a mercê, mas que não era costume dos padres levarem mulheres consigo. Ouvindo ele isto, disse que ficasse a donzela, e mandou um escravo. E, sabendo que uma mula que primeiro lhe mandara dar não era boa, enviou ao caminho outra de sua casa, mui formosa, e gente que ajudasse a passar o mesmo Rio Zebê, que primeiro tinham passado, porque dá volta a grande parte daquele reino e o fortalece e defende muito dos gâlas, que são vizinhos, e pela outra parte tem também grandes serras e rochas [fol. 514v] talhadas, cheias de bugios, que por isso parece que se chama o reino Zenyerô, que quer dizer bugio. Mas também em muitas partes das serras se dá bom trigo e cevada como em os campos que têm, e outros mantimentos que não há em Espanha.

O mesmo dia que partiram donde estava el-rei, chegaram a dormir à borda do rio, mas com muito trabalho por causa de uma descida mui comprida e tão íngreme que não se podia andar senão a pé, e ali mataram uma vaca; e, do couro, fizeram um fole em que meteram o fato que coube e depois o encheram de vento e amarraram um pau comprido de uma banda e outro da outra. E, muito cedo, come-

çaram a passar, pondo-se três de uma banda pegados do<sup>1</sup> pau com as <sup>2</sup>mãos e outros três da outra, de maneira que todo o corpo ficava pendurado de baixo da água sem lhes aparecer mais que as cabeças, que sobre o fole não se punha ninguém. E um mancebo forte ia diante, nadando e puxando pela ponta de um daqueles paus, e outros dois detrás ajudando, e os que iam pendurados em as ilhargas haviam de ser iguais, e não se haviam de bulir fazendo força, porque logo pendia a balança para aquela banda, e chegavam a entrar as cabeças debaixo da água. Já, se um caía, corriam grande risco os demais. E não atravessavam direito porque a corrente era grande, senão tomando com jeito a água, e assim iam a sair muito embaixo. Vendo o padre isto, arreceou muito a passagem, mas foi-lhe forçado aventurar-se, porque não havia outro remédio. E um português que não quis passar daquela maneira, fiando-se em<sup>3</sup> que sabia bem nadar, esteve perdido porque o levou a corrente e duas ou três vezes foi ao fundo, e quando, depois de grande espaço, chegou à outra banda, já estava quase de todo desacordado. Era tal o vagar com que passavam, que gastaram em isto todo o dia; e assim foi necessário dormir à borda do rio aquela noite.

O dia seguinte,<sup>4</sup> caminhando por serras mui ásperas, chegaram a dormir a um lugar que se chama Jangrâ, de um senhor grande cristão, sujeito ao imperador, por nome Hamelmâl. E tudo o que senhora se chama Cambât. Ali lhes disseram que aquele senhor estava perto, mas que esperassem um pouco, e que<sup>5</sup> iriam com a gente que de lá havia de vir a uma [fol. 515] feira, porque o caminho era perigoso, que algumas vezes saíam a roubar uns gentios que chamam guraguês. Por isto se detiveram dois dias, e parece que de propósito os fizeram deter, para darem aviso aos gentios, porque, como depois souberam, não vinha nunca tal<sup>6</sup> àquela feira. Foram eles outro dia caminhando, por não achar companhia, e pouco depois de meio-dia lhes saíram sete de cavalo, correndo e ameaçando com suas lanças. Mas o embaixador e os demais se puseram logo diante do padre com as suas, e disseram que que<sup>7</sup> buscavam, que eram criados do imperador. E detiveram-se então eles, porque eram cristãos, vassallos daquele senhor, e responderam que vinham a ver que gente era, <sup>8</sup>que passassem embora, que o caminho estava seguro. Porém, dali a pouco, vieram atravessando cinco gentios de cavalo com muita gente de arco e frecha; o que vendo os que acompanhavam o padre, se puseram em ordem e, como chegaram, pelearam valorosamente. E, andando a briga mui travada, se afastou um dos gentios de cavalo e foi arremetendo ao padre que ficava a uma banda só. Disse então um criado do embaixador, grande cavaleiro: «Acudi ao padre que aquele lhe vai a dar.» Em isto, se descobriu um pouco e<sup>9</sup> com uma frecha de peçonha no pescoço. Correu logo um seu criado de pé contra o gentio e, querendo-lhe tirar com o zanguncho de tão perto que não o podia errar, gritou ao padre que o deixasse, porque era o capitão e, se o matara, a ninguém houberam os outros de perdoar.

Vendo os nossos que o principal deles estava tão mal ferido, disseram ao padre que se fosse de pressa com a recovagem, porque estava perto o limite de onde aqueles gentios não se haviam de atre-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: no.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 471/460].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: em.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: foram.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: e que.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: gente.

<sup>7</sup> P. Páez recorreu à interrogativa indirecta numa construção sintáctica em discurso indirecto, explicando-se, assim, a sequência de um «que» integrante e um «que» interrogativo. Omisso no Ms. 778 BPB: que.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 471v/460v].

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: feriu.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: nem se chegam.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: de que.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: Outras vezes.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 470 v/459v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: tornará a matar.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: achar na.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: a seus parentes, e ainda a seus irmãos.



ver a passar, e assim o fez. Arremeteram eles logo com grande ânimo todos juntos determinados de morrer ou vencer. E foi tal o ímpeto que<sup>1</sup> não o puderam resistir os gentios com serem muitos mais, e assim se meteram por o<sup>2</sup> mato, mas como os nossos se tornaram, vieram logo os gentios sobre eles. Porém, arremetendo outra vez com a mesma fúria, os fizeram fugir segunda e terceira vez até que, vendo os [fol. 515v] gentios que não tinham partido, deixaram a porfia<sup>3</sup>, dizendo que não queriam nada com gente que pelejava tão bem<sup>4</sup>. Foram logo os nossos onde o padre estava esperando, que era uma ribeira, e sentiu muito o desastre daquele fidalgo e procurou com diligência fazer mezinha e dar-lhe contração, e com isto ficou um pouco mais aliviado e foram a dormir onde estava Hamelmâl, o senhor de Cambât. Mas por ser já noite, não puderam falar com ele até outro dia; e, dizendo que traziam carta do imperador, saiu fora de sua casa a receber, como é costume por cortesia, e mandou que os agasalhassem a todos muito bem e dessem o necessário.

## CAPÍTULO XXXII<sup>5</sup>

EM QUE SE TRATA DAS CONTRADIÇÕES E TRABALHOS QUE TEVE  
O PADRE EM CAMBÂT, E COMO DEPOIS O QUIS MATAR UM MOURO.

6

**T**emendo o demônio o mal grande que se lhe havia de seguir da ida do padre, procurou<sup>7</sup> de impedir por meio de um cristão de nome que ali estava arrecadando a renda do imperador, e se chamava Manquêr, que quer dizer «Maravilha». E foi o muito grande escapar o padre de<sup>8</sup> suas mãos, pelas maldades que inventou contra ele, porque logo ao outro dia, sem ter recebido nunca<sup>9</sup> agravo do padre nem de nenhum dos que com ele iam, disse a Hamelmâl: «Senhor, estes vêm fugidos do imperador e vão a Adel a fazer que se levantem contra ele. Mandai-os prender e tomai<sup>10</sup> seu fato porque, se não, vos há-de pôr culpa o imperador e tereis muito trabalho.» Respondeu ele que não podia ser, pois lhe traziam carta. «Não vai em isso nada (disse ele), que estes portugueses são mui ardilosos. Eles a fariam. Eu vos requeiro da parte do imperador que mandeis afastar seus criados uns de outros e que lhes perguntem muito bem, porque isto é coisa de traição e requer grande exame.» Finalmente tantas coisas lhe disse que o fez entrar em desconfiança e dar juiz diante de quem os demandasse. Foi ele então com o juiz onde estava o padre e o embaixador e requereu-lhe que os prendesse. Disse ele que seu senhor lhe não mandara<sup>11</sup>

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: que o não.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: pelo.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: também.

<sup>5</sup> M. Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 6, Roma, 1907, pp. 267-9. Ms. 778 BPB: XXXIII.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 472/461].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: determinou de a impedir.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: das.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: sem ter nunca recebido.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: o tomar.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: mandava.

senão que fizesse justiça que, se tinha alguma coisa contra eles, a propusesse. [fol. 516] Impusolhe<sup>1</sup> ele então o mesmo que tinha dito a Hamelmâl. Ao que respondeu o embaixador que tudo era falso, como se via claramente porque eles vieram a Nareâ com os correios que o imperador enviava ao governador Benerô, e ele, pelas cartas que trouxeram, lhes fez muitas honras como lhe mandava o imperador e lhes dera oitenta oitenta homens que os acompanhassem até o limite de suas terras, e outros que os guiassem até o rei de Zenyerô, e este também lhes fez muitas honras e os enviara ali; que, se vieram fugidos, os correios do imperador o disseram a Benerô e ele os mandara presos ao imperador. Deixou então o juiz ao padre e ao embaixador e, tomando à parte seus criados, lhes fez perguntas, um a um. E todos, uniformemente, disseram a verdade, sem se achar entre eles contradição.

Como o juiz teve feita esta diligência, foi a Hamelmâl e disse o que o embaixador respondera e que, com perguntar a seus criados e fazer mui exacto exame, não achara entre eles contradição alguma, que lhe parecia que falavam singelamente, e que era falso quanto diziam deles. O mesmo lhe pareceu a Hamelmâl, mas fez aquele Manquêr tantos requerimentos de novo que não os deixasse passar, senão<sup>2</sup> que os mandasse presos ao imperador, e tinha tanta autoridade para com ele que o meteu em grande confusão; o que vendo o padre e o embaixador, e arreceando que o fizesse, disseram que eles tinham já andado caminho mui comprido, que não haviam de tornar, e que se por dito daquele homem lhes impedia o caminho, havia de ter muita paixão o imperador; mas que se, de toda maneira, queria tomar aquilo sobre si, que enviasse ele um homem, e eles outro, e Manquêr outro, e escrevessem todos ao imperador, e esperariam ali pela reposta. Em isto se veio a resolver Hamelmâl e mandou um criado com outro de Manquêr. E o padre enviou, juntamente, um mancebo português e escreveu-me o que passava, para que falasse ao imperador. Requereu então Manquêr que lhe entregassem por conta<sup>3</sup> todo o fato que tinham para ele o guardar, e dar depois conta ao imperador. Respondeu o padre que ele não tinha paixão de que o fato estivesse depositado até que viesse reposta do imperador, mas que não havia de ser em sua mão, senão [fol. 516v] na de Hamelmâl, e que ele mandasse dar de comer a todos do mesmo fato. Mandou então Hamelmâl que se contasse o fato e que estivesse em poder do padre e do embaixador; e assim o fizeram.

Ficou mui enfadado Manquêr por não poder haver o fato à mão e, não contente com o mal que lhes tinha feito, determinou dos<sup>4</sup> odiar com toda a sorte de gente que havia em<sup>5</sup> aquelas terras. E, para isto, dizia aos cristãos que o padre e o embaixador eram falsos, e que iam para trazer portugueses, e que haviam de fazer trocar sua fé antiga. Aos gentios gâlas afirmava que haviam de trazer portugueses, que eram homens mui fortes, que pelejam com espingardas e bombardas, e que os haviam de destruir a todos; que não os<sup>6</sup> deixassem passar por suas terras, senão que os matassem. O mesmo procurava persuadir aos mouros e, com engano, alcançou licença de Hamelmâl para ir a falar com um capitão mouro vizinho, por cujas terras havia de passar o padre, e disse-lhe: «Eis aqui vai um português à sua terra para trazer gente de guerra, para que vos destrua a todos. Bem sabeis como os portugueses foram os que antigamente mataram ao Granh e muitos parentes vossos (falava de D. Cristóvão da Gama e dos que vieram com ele). Vede agora o que fazeis. Ele há-de passar por aqui. Prendei-o e mandai-o matar, e achareis muito ouro e fato, <sup>7</sup>que leva para isto.» Agradeceu-lhe o mouro o aviso e ficou muito desejoso

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: Impôs-lhe.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 472v/461v].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: então.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: determinou de os odiar em.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: todas.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: que os não.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 473/462].

de haver o padre as mãos, assim por razão do fato que esperava achar, como por lhe parecer que, se o matasse, faria grande serviço a Mohamed. Desta maneira, andou aquele mal-aventurado amotinando a todos para que, se o imperador desse licença que o padre passasse adiante, não pudesse escapar.

Em este tempo, que seria como um mês depois que ali chegaram, morreu o cunhado do embaixador da frechada que lhe deram no caminho, mas confessado e bem aparelhado como bom católico que já era; o que não só o embaixador senão o padre e todos<sup>1</sup> os demais sentiram muito, que lhes era de grande importância, por ser muito prudente e tão esforçado, que em nenhum encontro dos que tiveram se enxergou nele nunca arreceio, mas animava aos outros e os fazia arremeter com grande confiança e coração. Não se abrandou o de Manquêr com os ver a todos tão tristes, antes cada dia inventava novas coisas para os molestar, mostrando bem o ódio grande que lhes tinha. Mas o padre e o embaixador sorriam tudo com [fol. 517] paciência, e respondiam sempre com palavras mui brandas; e tinham mandado aos seus que assim o fizessem, que, por nenhum caso, tivessem diferenças com os de Manquêr, por mais ocasião que para isso lhes dessem. Mas, ainda que eles desejavam cumprir isto, não se puderam livrar, porque uma noite foi um dos da companhia de Manquêr com zaguncho e adarga e, sem nenhum fundamento, começou a falar muito mal a dois criados do embaixador e ~~travou-se uma briga muito grande~~<sup>2</sup>. Responderam que se fosse embora, que não queriam nada com ele, e foram-se recolhendo. Seguiu-os ele com muita soberba e falando à sua vontade, pelo que viraram e começaram a brigar. E, gritando à gente que estava perto, saiu Manquêr com suas armas, dizendo ao mancebo: «Não temais que eu, Manquêr, vos venho a ajudar. Esta é nossa hora. Acabemos a estes». E saíram logo outros seus criados. Acudiram também alguns<sup>3</sup> do embaixador, e travou-se uma briga muito grande. Ouviu a grita o embaixador, que estava ceando com o padre, e, parecendo-lhe que seriam seus criados, foi com só uma vara na mão e, como viu que a coisa era com Manquêr, começou a dar com a vara em seus criados, e fez que se retirassem, e disse a Manquêr que deixasse que não houvesse mais briga. Ele não quis senão continuar. E, adiantando-se o mancebo que começou a briga, feriu a um criado do embaixador que já <sup>4</sup>se tinha afastado e, sentindo-se ferido, virou sobre ele e deu-lhe tal zagunchada que logo foi caindo; e ficou ali morto, e a gente que acudiu prendeu ao matador.

Outro dia, pela manhã, veio Hamelmâl e deu juiz e, tomada informação, julgou que o enforcassem, e queria levar a sentença a Hamelmâl porque, sem ele a confirmar, não se podia executar. Requeceu o embaixador que a sentença fosse ao imperador, que Hamelmâl não podia ser juiz de seus criados mais que para tirar devassa do que tivessem feito. E, andando em estas<sup>5</sup> porfias, fugiu o preso da cadeia, e assim se acabaram as demandas, mas não os trabalhos e perseguições do padre e do embaixador; porque, com isto, se acendeu mais o Manquêr e não lhes dava vida<sup>6</sup>, inventando cada dia contra eles coisas novas. E, duas noites, teve gente junta para lhe dar nas casas, que são térreas e cobertas de palha. Chegaram a andar [fol. 517v] as coisas tão acesas que não sabiam já como as poder apagar. Só se consolavam com que, como chegasse a resposta do imperador, se veriam livres de tão grande perseguidor<sup>7</sup>. Mas, três meses depois que partiram dali os que levavam as cartas para o imperador, tornaram sem se terem afastado mais que três dias de caminho porque os prendeu um mouro, e ao mancebo português

ameaçava muitas vezes que o havia de matar, e ultimamente mandou que tornassem para Hamelmâl. Vendo isto o padre e o embaixador, ficaram com a tristeza e desconolação que se pode entender do caso e do miserável estado em que estavam, sem haver outro remédio para sair dele, mais que aquela reposta, que de novo lhes era necessário esperar. E assim fizeram com Hamelmâl que tornasse a escrever ao imperador e fosse outro seu criado com o mancebo português por outro caminho.

Estas últimas cartas chegaram ao imperador; e, sabendo o que passava, teve grande paixão e despachou logo um correio, que se chamava Baharô; e escreveu ao padre e a Hamelmâl, mostrando o sentimento que tinha, e repreendeu a Manquêr como sua maldade pedia, e mandou a Hamelmâl que desse logo ao padre de<sup>1</sup> sua renda tudo quanto lhe fosse necessário para o caminho, e dois homens de confiança que o acompanhassem até o mar, e dali<sup>2</sup> tornassem com carta sua e que lhe lhes faria muitas mercês. Este correio e o criado de Hamelmâl chegaram <sup>3</sup>a Cambât em Junho e, com entrar já o inverno, determinou o padre passar adiante. Mas o embaixador quis primeiro deixar provado com testemunhas tudo o que tinha feito Manquêr, porque depois não pudesse negar diante do imperador e, com suas costumadas ficções, escurecer a verdade do que tinha passado. E, assim, o tomou por justiça e provou<sup>4</sup>, em presença de Hamelmâl e do correio que trouxe as cartas do imperador, tudo o que pretendia; e Hamelmâl o prendeu logo para o enviar com cadeia ao imperador e deu ao padre sete cavalos, que era o melhor que podia levar para presentear aos senhores das terras por onde passasse havia<sup>5</sup>, que para seu gasto não lhe faltava. E, enquanto o padre se acabava de aparelhar, foi o correio àquele mouro vizinho, que se chamava Alicô, para quem também trazia carta e cabaias do imperador, para que ajudasse ao padre em seu caminho e lhe desse guia.

Considerando em este tempo com mais atenção os trabalhos e perigos grandes que até ali tiveram com [fol. 518] andarem o mais do caminho por terras de cristãos sujeitos ao imperador e representando-lhes muito maiores os que depois haviam de ter entre mouros e gentios, não se atreveram muitos deles a passar adiante, e assim ficaram para se tornar a suas casas com a primeira companhia segura que achassem. O mesmo determinavam fazer alguns dos poucos que acompanhavam ao padre; o que entendendo ele, os animou com boas palavras e exortou a que pusessem toda sua confiança em Deus, por cujo amor se ofereceram ao acompanhar naquela jornada; que, por nenhuma dificuldade que se lhes representasse, nem trabalho que houvessem de sofrer haviam de tornar atrás, senão ir avante em coisa de tanto serviço de Nosso Senhor; que nem a gente por onde haviam de passar, por mais bárbara que fosse, nem o mesmo demônio lhe podia fazer mal algum sem licença de Deus. E assim, quando ele lhe trouxesse maiores medos e lhes representasse maiores trabalhos para que desistissem do bem começado, não deviam ter tanto medo deles como de sua pusilanimidade e desconfiança de poder prosseguir o serviço de Deus, que, se os deixasse padecer para os exercitar, Ele os coroaria, se para os castigar, Ele os livraria, e se para os matar, Ele sem falta os salvaria, que era e é, segundo afirma o santo velho *Tobias*, cap. 3.<sup>o</sup><sup>6</sup>, a conside<sup>7</sup>ração de todos os fiéis servos do Senhor nos maiores perigos e trabalhos; como o mostrou bem por obra aquele cujas palavras foram: «Ainda que me mate, confiarei nele», *Job* 138. «Tirar-me-á vida, se for servido, mas a confiança não, que assim esperarei depois de morto que me ressus-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: embaixador e o padre senão todos.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: ~~e travou-se uma briga muito grande~~.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: dos.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 473v/462v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: nestas.

<sup>6</sup> Não deixava em paz.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: perseguição.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: desse logo da sua.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: daí.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 474/463].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: passou.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: de passar.

<sup>6</sup> Paráfrase de *Tobias* 3, 21.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 474v/463v].

<sup>8</sup> *Job* 13, 15.

cite a sua glória, como espero que me livre e salve por sua graça em quanto vivo». Finalmente tais coisas lhe disse e com tanto espírito que, deixados os medos e receios que antes tinham, se retornaram todos de um coração de o acompanhar por onde quer que fosse e, sendo necessário, morrer diante dele.

Como o padre se acabou de aparelhar para partir, se foi a despedir de Hamelmâl e lhe perguntou que lhe parecia daquele mouro Alicô, por onde havia de passar; que, como Manquêr tinha primeiro ido lá, arreceava que lhe tivesse dito algumas mentiras e que lhes fizesse algum mal. Respondeu que, por mais que lhe dissessem, não se havia de atrever a fazer nada porque, de mais de ser vassalo do imperador, lhe [fol. 518v] trouxera então o correio cabaia e carta, em que lhe mandava que<sup>1</sup> recebesse bem. Contudo, lhe pedia o padre que não mandasse a Manquêr ao imperador até que tivessem passado do mouro, por que com suas falsidades não pretendesse impedir-lhes o caminho. Ele disse que assim o faria. Com isto, partiu o padre com<sup>2</sup> o embaixador, e chegaram em um dia e meio à terra que chamam Labâ, onde estava o mouro, e recebeu-os com rosto carregado, mostrando o mau coração que tinha, mas mandou que os agasalhassem e dessem o necessário. E ele enviou duas vacas, e deteve-os dois dias sem lhes dar guia. E, ao terceiro, chegou Manquêr, que escapara da prisão, concertando-se com um que estava com ele na cadeia; o que sentiram muito o padre e o embaixador, e pediram ao correio Baharô, que trouxera as cabaia do imperador ao mouro, que dissimuladamente se informasse se maquinava contra eles alguma coisa Manquêr, e soube que aconselhava ao mouro que tomasse o fato e matasse os grandes e aos pequenos vendesse, mas que não tivessem medo, que não se havia de atrever. Contudo, o mouro determinava de fazer assim, e, porque o correio não se<sup>3</sup> pusesse de sua parte e houvesse resistência, que era grande cavaleiro,<sup>4</sup> o mandou prender. E logo tomaram os cavalos que Hamelmâl deu ao padre e três mulas que tinha, com todo o fato e ouro que levava para o caminho. E quis Deus que, ainda que o despiram para ver se tinha mais ouro escondido, não deram com as cartas, porque as tinha metido debaixo do braço entre o gibão<sup>6</sup> e a camisa. E foi grande mercê do Senhor, que, se as acharam, não os<sup>7</sup> houveram de perdoar porque, como iam escritas também em língua amharâ, haviam de ver o segredo e confirmarem-se no que dizia Manquêr que iam a trazer portugueses para os destruir. Tomaram também o fato que levava o embaixador, e prenderam a ele e ao padre em diferentes casas, pondo-lhes boa guarda.

O dia seguinte, vieram uns gentios a dar naquela terra para tomar as vacas dos mouros, pelo que todos saíram com suas armas, sem ficar<sup>8</sup> com o padre mais que duas guardas. E, parecendo-lhe boa ocasião para queimar as cartas, porque arreceava que o tornassem a buscar, como alguns diziam que haviam de fazer, lhe rogou que lhe fizessem trazer fogo para tomar um pouco de fumo, que estava mal disposto. E um deles, que se compadecia mais, o trouxe e, pondo-se de maneira que eles não vissem o que botava nas brasas, queimou as cartas. Depois enviou a dizer ao correio que se [fol. 519] queixasse aos mouros grandes do agravo que lhe fazia Alicô em o ter preso, pois ele lhe trouxera presente e carta do imperador; porque, se não o soltassem, não havia quem falasse por eles, nem tinham remédio nenhum, que, quando não os<sup>9</sup> matasse à espada, acabariam ali com fome, que não lhes davam nada. Fê-

-lo ele assim, e alguns disseram a Alicô que o correio se queixava, e com razão, pois não havia causa nenhuma para o ter preso, antes se lhe devia<sup>1</sup> fazer muitas honras, e, por isto, o soltasse<sup>2</sup>. E depois, falando com o mesmo Alicô, lhe disse que não fizesse mal ao padre nem ao embaixador, porque havia de ter muito trabalho, que o imperador lhe dera licença para ir à sua terra, e que, por Manquêr o fazer deter em Cambât, lhe havia de custar mui caro, que a só isso o mandara a ele o imperador. Não se dobrava com tudo isso<sup>3</sup> o mouro, fiando-se em que estava muito longe o imperador, e que, quando lhe viesse algum trabalho, se valeria de uns gâlas com quem tinha casadas suas filhas. Mas, falando-lhe também um criado de Hamelmâl e os principais mouros que ali havia, lhe persuadiram que os largasse, que bastava ter-lhes toma<sup>4</sup>do o fato, e que, se não queria que passassem adiante, os deixasse tornar a Dambiâ. E assim, depois dos ter ali dez dias, mandou que dessem ao padre a mais ruim das mulas que trazia e ao embaixador outra semelhante, e que tornassem a Dambiâ, mas não por o caminho de Hamelmâl.

Sabendo Manquêr que Alicô dera licença ao padre para se ir, foi a ele e lhe pediu muito que, já que não o queria matar, senão que tornasse a Dambiâ, não lhe deixasse levar os portugueses (que eram dois mancebos e um casado que também o quis acompanhar), porque ele não tinha outro remédio para alcançar perdão do imperador senão mandar-lhe pedir seguro; e que levaria aqueles portugueses e entretanto lhe ajudariam muito na guerra, que sabiam muito bem tirar espingarda. Teve isto o mouro por grande alvitre e mandou dizer que aqueles três portugueses haviam de ficar com ele. Ouvindo isto o padre, o sentiu mais que se lhe disseram que o havia de matar, porque tinha grande amor àqueles que tanto se ofereceram a o acompanhar em jornada tão duvidosa e perigosa, e que tão fielmente o tinham servido no caminho. E, assim, fez quanto pôde por os livrar, mas não acabou nada, porque o mouro estava [fol. 519v] já resoluto em não os afastar de si.

## CAPÍTULO XXXIII<sup>5</sup>

### DE COMO O PADRE ANTÓNIO FERNANDEZ PARTIU DE ALABÂ PARA DAMBIÂ, E DOS PERIGOS E TRABALHOS QUE TEVE NO CAMINHO.

Vendo o Padre António Fernandez que de nenhuma maneira podia acabar com o mouro Alicô que lhe deixasse levar os portugueses, determinou de partir, porque os demais apressavam, arreceando que o mouro mudasse de parecer. E, estando para partir, vieram a se despedir os três portugueses acompanhados dos que os guardavam, cuja vista cortou de novo o coração ao padre. E, vendo suas lágrimas, derramou ele também muitas, mostrando todos bem naquele passo a tristeza e angústia grande de seus desconsolados corações. Via o padre como ficavam cativos entre mouros e em terras tão

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: correio se não.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 475/464].

<sup>6</sup> Espécie de colete fechado.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: lhes.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: não ficaram.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: quando os não.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: deviam.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: soltou.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: isto.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 475v/464v].

<sup>5</sup> M. Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RÆSOI* 6, Roma, 1907, pp. 271-5.  
Ms. 778 BPB: XXXIV

remotas, que com dificuldade se poderia depois saber nova<sup>1</sup> deles, representava-se-lhe o muito que haviam de sentir seus pais e suas mães quando lhe chegasse a triste nova e quão dolorosas e angustiadas palavras <sup>2</sup>lhe diriam, se o Senhor o levasse a os ver. Tudo lhe dava grande tormento e, abraçando-os um e um, foi com tantas lágrimas e suspiros que não podia formar as palavras, e menos acabar de se afastar deles. A tristeza e angústia que também eles mostravam e o pranto que faziam era tal que, não só ao padre mas ao embaixador e a todos os de sua companhia, cortava os corações. Mas, como o haverem de ficar era mal a que não podiam dar remédio, fizeram com o padre que caminhasse depois de se deter ali um bom pedaço e assim eles ficaram chorando e o padre foi suspirando e pedindo ao Padre das misericórdias e de toda consolação usasse de piedade com aqueles Seus filhos, consolando-os [em tão grande tribulação] e livrando-os do poder de tão má gente.

Tendo andado um pouco, saiu o mouro Alicô ao caminho com outros dois mouros, e perguntou ao padre quanto ouro e fato<sup>3</sup> lhe tinham tomado, não para lho tornar, senão para ver se seus criados lhe entregaram tudo, ou<sup>4</sup> esconderam alguma coisa. E, depois que o padre lhe respondeu a tudo o que queria, lhe disse que já que não os deixava tornar por as<sup>5</sup> terras de Hamelmâl, que era o caminho mais seguro, senão que os obrigava a passar por entre os gâlas com tão evidente perigo de morte<sup>6</sup>, ao menos lhes desse um criado que os acompanhasse até sair das suas terras, [fol. 520] porque senão logo os haviam de matar, vendo que iam daquela maneira, sem armas nenhuma. Mandou ele então a um que fosse, mas, como se afastou seu senhor, disse que não havia de ir, se não lhe pagavam<sup>7</sup>. Então lhes foi forçado dar-lhe um pano que tinham para gasto do caminho, mas sua companhia lhes houvera de aproveitar pouco se Deus<sup>8</sup> não acudira, porque, como depois entenderam, estavam já concertados alguns mouros para dar sobre eles, pouco mais adiante. Em isto, porém, veio uma chuva mui grande, pelo que os mouros tornaram a entrar em suas casas, parecendo-lhes que os nossos também entrassem em umas que estavam perto, e que depois da chuva os alcançariam. Mas não se quiseram deter; todos de um coração (parece que inspirados por Deus) disseram que melhor era caminhar para poderem chegar a povoado e não ficarem aquela noite no campo. E assim ficaram os mouros que os queriam matar, e eles, caminhando a toda<sup>9</sup> pressa, chegaram a dormir a uma povoação de mouros, onde, segundo enxergavam neles, não estavam com pequeno perigo. Mas quis Deus que achassem ali um gâla a quem o correio Baharô, que ia com eles, perguntou se conhecia a <sup>10</sup>outro gâla grande que se chamava Amumâ Taquelô, e<sup>11</sup> respondendo que ele era seu criado e que estava perto, lhe rogou que fosse logo a lhe dizer que seu amigo Baharô estava ali e que, se o queria alcançar vivo, viesse com muita pressa e que lhe daria um cavalo, e a ele, que levava o recado, pagaria seu trabalho.

Partiu o gâla logo a toda a pressa pela esperança que<sup>12</sup> do prémio. E, com a mesma, veio<sup>13</sup> seu senhor quando soube que estava ali Baharô, com quem havia tempo que tinha amizade, por se ter ajun-

tado com ele vindo outras vezes com cartas do imperador para Hamelmâl. Como este gâla chegou, ficaram os nossos desafogados porque os mouros tinham grande medo dele, que era poderoso. E disse que ele os tomava a sua conta e faria que passassem seguramente até umas terras que chamam Xâoa, onde estão cristãos. Deram-lhe logo o cavalo que lhe tinham prometido e partiram com ele, todos juntos, e chegaram em dois dias a sua casa, onde os agasalhou bem e fez descansar três dias, dando-lhe tudo o necessário. Dali, os levou três dias por entre gâlas parentes seus, que os receberam e agasalharam bem, mas no caminho tinham muito trabalho por causa das chuvas, que era já inverno; e, onde chegaram o último dia, se detiveram oito por ter ali o gâla que fazer.

Em este tempo, tiveram notícia deles uns gâlas vizinhos, [fol. 520v] e determinaram de os matar a todos, cuidando que os levava a seu cargo outro gâla, por nome Audafên, que pouco antes se juntara com eles no caminho, porque este com seus parentes tinham morto<sup>1</sup> uns cristãos que alguns daqueles levavam por ali à sua conta. E, sabendo por suas espias o dia em que<sup>2</sup> haviam de partir, foram muitos com suas armas aos esperar no caminho, mas quis Deus que tardassem tanto em trazer uma mula do correio Baharô, que tinha posto em outra parte, que, quando chegou, já não eram horas de caminhar. E assim ficaram aquele dia, pelo que os gâlas, que esperavam no caminho, se foram a suas casas, mas tornaram ao mesmo posto<sup>3</sup> outro dia em amanhecendo e, naquela hora, estavam o padre e seus companheiros para partir, enfadados de esperar tanto. Contudo, os fez esperar o gâla que os levava, porque veio outro homem grande a falar com ele e tardou tanto que aos que esperavam no caminho lhes pareceu que nem aquele dia partiam, e assim se foram. Contudo, ainda que era tarde, como eles desejavam tanto<sup>4</sup> sair dali, fizeram com o gâla que partisse; e, chegando ao lugar onde os outros primeiro esperavam, acharam um gâla amigo dos que os levava que avisou do que passava, e ele com muita paixão respondeu: «Não sabem que eu trago esta gente a meu cargo? Como se atrevem a intentar tal coisa?» Depois, <sup>5</sup>procurou animar os nossos, dizendo que não arreceassem, que, estando ele, ninguém lhes havia de fazer mal. Mas o certo é que, se os outros os acharam, nenhum houvera de escapar, mais que ele, porque uns a outros raramente se matam, tudo cai sobre os pobres cristãos que levam a sua conta. Porque, se uns gâlas matam aos cristãos que outros acompanham por aqueles caminhos, estes esperam tempo para matar os cristãos que aqueles tomam a seu cargo para os passar por aquelas terras, e com isto se dão por satisfeitos.

Passado aquele tão grande perigo, foram caminhando por grandes campinas, e à tarde viram vir de longe<sup>6</sup> correndo com grande ímpeto muitos milhares de vacas. E disse o gâla: «Àquelas lhe deu o cheiro de coisa desacostumada. Furtemos-lhe com muita pressa o vento, se não aqui nos hão-de atropelar e fazer em pó.» Fugiram logo todos para uma banda e elas foram passando com a mesma fúria que traziam, sem aparecerem nunca os pastores,<sup>7</sup> depois foram caminhando depressa e chegaram a dormir perto de um rio grande que se chama Aoâx. E no campo tinham feitas muitas e grandes ramadas em que, segundo diziam, estavam mais de 5000 gâlas que, de diversas partes, se tinham juntado a uma festa que eles fazem e, de noite e de<sup>8</sup> dia, cantam e bailam por mais [fol. 521] de um mês. E, como assen-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: novas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 476/465].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e fato.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: se.

<sup>5</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: as.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de morte.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: lhe não pagassem.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: lhes.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 476v/465v].

<sup>11</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: tinha.

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: logo.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: mortos.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: em que.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 478/466].

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: viram de longe vir correndo.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

taram, disse o gâla que os levava, que queria falar com aqueles. E, entretanto que ele foi, vieram dois e lhes perguntaram de onde vinham e quem os trazia por ali, e atentaram muito bem quantos eram e o que traziam. E, pela manhã, tornou o gâla e disse que caminhassem para passar<sup>1</sup> logo o rio. Mas, antes que chegassem, vieram muitos daqueles gâlas e porfiaram muito com ele que lhes entregasse toda aquela gente. Ouvindo isto, os nossos que entendiam<sup>2</sup> sua língua, se deram por acabados e foram ao padre que os confessasse; o que ele se pôs logo a fazer com a maior pressa que pode, vendo quão resolutos vinham aqueles e que folgariam muito de derramar sangue cristão naquela sua festa; que, ainda quando outras vezes o fazem, lhes parece que ofereceram grande sacrifício a seus falsos deuses. Mas o gâla esteve sempre firme em que primeiro o haviam de matar a ele que chegar aos que se fiaram em sua palavra. E assim, por ser homem grande entre eles e mui aparentado, não se atreveram aos tomar por força. E, depois de acabar as porfias, disse o gâla ao padre, passasse o rio diante, e ele mesmo com um seu irmão e outro gâla que trazia consigo o passaram ~~sobre um fole e dois feixes de palha~~<sup>3</sup>, dando-lhe a eles a água até à boca com serem homens altos, que não davam por seguro <sup>4</sup>ao padre até o terem da outra banda, e logo foram passando os outros a nado e como puderam.

Como acabaram todos de passar, se foram aqueles gâlas, e o que os levava disse ao padre que já o perigo era passado, que se queria tornar, e que, dali por diante, o acompanharia um gâla que estava com ele e morava perto de onde havia cristãos. Este gâla tinha vindo de sua terra em busca de uma sua mulher que lhe fugira, que eles têm muitas, e por não a achar se tornava, e parece que Deus o trouxe ali para bem do padre e de seus companheiros, porque o outro gâla, ainda que lho rogaram muito e prometeram de lhe dar mais fato, como chegassem onde houvesse cristãos, não quis passar adiante, mas encomendou ao outro que os guardasse bem, e assim lhes foi forçado ir com ele. E caminhando a muita pressa, pelo medo que levavam, passaram aquele dia uma cava que teria duas lanças de fundo e diziam que era mui comprida e que a fizeram antigamente os mouros pretendendo levar aquele Rio Aoâx ao reino de Adel, que é mui falto de água, mas não [fol. 521v] o puderam. Também dizem que este rio, com ser grande, não passa de uma terra que se chama Auçâ Gurlê, senão que se some na terra sem aparecer mais.

O dia seguinte, chegaram ao lugar onde morava aquele gâla que os acompanhava, e deu-lhes muito leite e uma vaca grande e gorda, e dali a um pedaço trouxe outra, dizendo que lhe perdoassem por lhe dar pouco; coisa bem desacostumada de gâlas para com cristãos; e mais, sem esperar fato, por isso que bem via que o não tinham para o dar. O padre e os demais lhe agradeceram muito o oferecimento, mas a segunda não aceitaram, dizendo que lhes sobejava o que lhes tinha dado pela manhã. Também lhes trouxe muito leite, que ali não há outro mantimento, porque os gâlas não semeiam. E, estando para partir, faltou um moço cristão, que parece o levou enganado algum gâla com que lhe daria leite e depois o escondeu; e assim, por mais que o buscaram, se não achou. Disseram alguns que não convinha deterem-se, ainda que o moço ficasse, senão caminharem com muita pressa antes que os gâlas vizinhos soubessem que estavam ali. Mas o gâla disse de nenhuma maneira passaria adiante até que se achasse o moço, porque, como chegassem<sup>5</sup> a lugar de cristãos, o prenderiam a ele. Responderam que não tivesse medo, que antes lhe fariam quanto bem pudessem, pois o tinham recebido tão grande dele, e que bem

entendiam que não sa<sup>1</sup>bia ele daquele moço, que fosse seguramente sobre sua palavra. Não se fiava com tudo isto<sup>2</sup> e, assim, disse que se o moço não se achava, não havia de ir. Vendo o embaixador e os demais, que sabiam as coisas dos gâlas, que o moço não se havia de achar, e que por pouco que ali estivessem o haviam de saber os gâlas vizinhos e depois, sem companhia de gâla, não podiam escapar, determinaram de caminhar com muita pressa, por estarem já perto de cristãos; e disseram ao gâla: «Já que não nos quereis acompanhar, nós imos<sup>3</sup> sós. Se nos suceder algum trabalho, Deus vos pedirá conta, e com Amumâ Taquelô ficareis sempre em briga, que, por se fiar de vós, não veio ele a nos acompanhar até nossa terra.»

Com isto, partiram bem receosos porque muito poucos que saíram bastariam para os acabar a todos, que não levavam armas nenhuma, que lhas tomara o mouro Alicô. Mas quis Deus apiedar-se de seu desamparo e moveu o coração daquele gâla para que não os deixasse em tão grande perigo, e assim, depois [fol. 522] de terem andado um bom pedaço, veio ele com um seu irmão que lhes foi de grande alegria e contentamento porque se deram por seguros de todo perigo. E, caminhando a toda a pressa por desertos, aquele dia e o seguinte, chegaram a uma terra de Xâoa que se chama Zarmât. E, tendo vista de uma serra forte onde estavam como vinte casas de cristãos, se adiantou o correio Baharô e foi lá, porque conhecia aquela gente. E eles, cuidando que eram gâlas, tiveram grande medo e se aparelharam para pelejar. Mas, chegando perto, conheceram como era ele e deceram<sup>4</sup> com grande alegria a o receber. E, porque haviam de passar aquele dia adiante, lhes trouxeram ao caminho para que bebessem uma sorte cerveja que fazem de milho e de outros mantimentos, a que chamam *çâoa*.

Dali, foram a dormir a outra serra também muito forte, em que estavam sessenta casas de cristãos, e alguns eram parentes daquele Baharô, pelo que, conforme à sua pobreza, os agasalharam bem e eles deram muitas graças ao Senhor, que os livrara de tantos e tão grandes perigos. Buscaram alguma coisa emprestada para dar ao gâla em reconhecimento da boa obra que lhes fizera, mas acharam muito pouco e com isso<sup>5</sup> se foi, contente dos deixar em salvo.

Dali, escreveram<sup>6</sup> o padre e o embaixador ao imperador e a *Erâz* Cela Christôs, seu irmão, como tinham chegado àquela serra, e que se<sup>7</sup> lhes <sup>8</sup>dava licença tornariam a acometer o caminho por outra parte, que não tinham em nada os trabalhos passados, pelo muito que desejavam o fim que se pretendia de empresa de<sup>9</sup> tão grande serviço de Nosso Senhor. Mas respondeu o imperador que, depois de tantos e tão grandes perigos e trabalhos como tiveram, não convinha tornarem-se a meter em outros tão evidentes, que, como as chuvas do inverno, que já era entrado, dessem lugar, fossem onde ele estava. E *Erâz* Cela Christôs os proveio do necessário, que também lhe tinha feito o imperador mercê daquelas terras, ainda que não pertencem ao reino de Gojâm, onde ele é vice-rei, e daquele fato enviou o padre algum ao gâla que os trouxe, vendo quão pouco lhe tinham dado para o muito que lhe deviam.

Estiveram naquele lugar dois meses e, no fim do inverno, partiram para Gojâm com grande medo, porque os gâlas já começavam a correr aqueles campos; que, ainda que há algumas povoações de

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 479/467].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: isso.

<sup>3</sup> Vamos.

<sup>4</sup> Deve querer dizer «desceram» (Ms. Goa 42 ARSI). Ms. 778 BPB: disseram.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: isto.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: escreveu.

<sup>7</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: se.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 479v/467v].

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: de.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: passarem.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: sobre um fole e dois feixes de palha.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 478v/466v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: chegasse.

cristãos em lugares fortes, não podem defender que os gâlas não andem por todas aquelas [fol. 522v] terras à sua vontade e aos cristãos que acham pelos caminhos matam ou cativam para os vender aos mouros de Adel, e ainda passam muitas vezes o Rio Nilo e levam gente cativa do reino de Gojâm. E, em aquela companhia, iam duas mulheres que do mesmo reino tinham levado e fugiram por diversos caminhos de muito longe e se vieram ajuntar no lugar onde o padre esteve aqueles dois meses. E uma delas dizia que três dias não achara coisa nenhuma para comer mais que terra e que com ela se sustentara. A outra afirmava que fugira de perto de Adel [Ancâ Gurlê]<sup>1</sup> e que caminhava de dia pelos matos para onde se punha o sol e de noite subia em<sup>2</sup> as árvores por medo dos animais. E, vindo, foi três vezes tomada de gâlas em diferentes partes e, como estava com eles um pouco de tempo e os assegurava, tomava alguma coisa para comer e fugia. E, à última vez, sua senhora, compadecendo-se dos trabalhos que padecera por tornar a sua terra, lhe disse que fugisse e lhe deu secretamente o que pôde para o caminho. Mas, chegando ao Rio Aoâx, se achou mui atribulada, porque ia mui crescido e não tinha modo para o passar; e assim foi muito pela ribeira acima, com grande aflição, pedindo a Nossa Senhora lhe desse algum remédio. E, quando menos cuidava, achou uma árvore caída que atravessava o rio de uma banda à outra, e passou por cima dando muitas graças a Nosso Senhor, e assim se livrou.

<sup>3</sup>Tendo andado três dias, o padre e seus companheiros chegaram a uma serra forte povoada de cristãos que se chama Merrahâ Beitê, que quer dizer «guia-me à minha casa», onde puderam chegar em pouco mais de um dia se não a rodearam por medo dos gâlas. E, duas ou três léguas mais adiante, acharam um rio grande que chamam Gemâ e vem da banda do reino de Amharâ a entrar no Nilo, e passaram com muito trabalho por não haver embarcação e ser mui furioso. Depois, caminharam três dias e, ao último, à noite, dormiram em uma serra que se chama Oramô, a mais forte que há em todas aquelas terras porque a cerca uma rocha talhada mui alta sem haver mais que uma entrada tão estreita e difícil que não podem subir ~~os padres mais que um a um pegando com as mãos em uns paus que para isso têm posto~~<sup>4</sup> [senão com muito tento]<sup>5</sup>, e acima tem água e grande campo que se semeia, pelo que mora nela muita gente.

Dali, caminharam cinco dias a toda pressa até chegar ao Nilo, que também passaram com muito trabalho sobre uns paus amarrados, porque naquele tempo é grande sua crescente; [fol. 523] mas o medo que levavam os forçava a se aventurar. E, como estiveram da outra banda, se deram por seguros porque entravam já no reino de Gojâm. E, caminhando por ele seis ou sete dias, chegaram a uma terra que chamam Colelá, onde temos residência, e recebeu-os o padre que ali estava com grande alegria, como se tiveram ressuscitado de morte à vida. E, depois que descansaram alguns dias, foram o padre e o embaixador a outra terra perto, onde estava *Erâz Cela Christôs* esperando já por eles, e festejou muito sua chegada e mandou dar compridamente tudo o necessário e, ao padre, mula, que a que trazia era ruim. Dali, tornou o padre a Colelá e passou a Dambiâ a visitar o imperador, que o recebeu com grande honra e mostras de amor, e disse quanto sentira os trabalhos que tinha padecido e o não se poder prosseguir<sup>6</sup> empresa de tão grande serviço de Nosso Senhor. Respondeu o padre que não podia declarar o

sentimento grande que disso tinha e de ficar aqueles três portugueses em poder do mouro. Disse o imperador que não tivesse paixão, que ele os faria vir logo, e, despedindo-se o padre, mandou que lhes dessem cem cruzados em ouro para alguma necessidade e, com isto, veio para nossa residência do mesmo Dambiâ, um ano e sete meses depois que saiu dela.

## 1CAPÍTULO XXXIV<sup>2</sup>

EM QUE SE TRATA DA DILIGÊNCIA QUE FEZ O IMPERADOR PARA TRAZER OS TRÊS PORTUGUESES QUE FICARAM EM PODER DO MOURO ALICÔ

**T**inha o imperador muito grande paixão pelo atrevimento daquele mouro Alicô, que, com ser seu vassalo, não deixou passar ao Padre António Fernandez e fez<sup>3</sup> ficar os três portugueses que iam com ele. Mas, por andar naquele tempo ocupado com alguns grandes do império, que se tinham alevantado, e o mouro estar mui longe, não pôde enviar quem o castigasse; e assim determinou de dissimular por então, e escreveu-lhe repreendendo sua ousadia e mandou que deixasse logo vir aqueles portugueses e lhes desse mulas e o necessário para o caminho. E, arreceando que desse alguma escusa, enviou secretamente gâlas a quem prometeu grande prémio se lhe [fol. 523v] trouxessem aqueles três portugueses, que facilmente os podiam tirar por meio de outros gâlas, vizinhos do mouro. Escreveu também a Hamelmâl, senhor de Cambât, que, como acima dissemos, suas terras confinam com as do mouro, que fizesse a diligência possível para tirar aqueles portugueses e lhes desse guia e tudo o necessário para o caminho. *Erâz Cela Christôs* também fez, por sua parte, quanto pôde para os trazer. Mas, antes que chegassem estas cartas, já eles se tinham passado a Hamelmâl, porque, ainda que o mouro os afastou e encomendou muito aos que os tinham à sua conta que os guardassem bem e não deixassem falar um com outro, em duas vezes que foram com ele à guerra contra uns gentios tiveram tempo para falar e concertaram de fugir à primeira vez que saíssem a algum assalto. E acharam dali a pouco boa conjunção, porque lhes disseram uma tarde que se aparelhassem porque haviam de ir outro dia a dar em uma terra de gentios, que chamam guraguês, e como os mouros se andavam aprestando para isso, não atentaram por eles como costumavam; e assim se juntaram e fugiram aquela noite sem serem sentidos.

O dia seguinte, quando o mouro os achou menos, teve grande paixão e os mandou buscar com diligência, mas não lhe aproveitou nada porque, como eles não caminhavam, senão fugiam, que é um certo modo de avoar, não os puderam alcançar, e assim foram onde estava Hamelmâl, que os recebeu com grande alegria, pela muita que disso entendia havia de ter o imperador, disse-lhe que fizessem conta que estavam já em suas terras, porque ele daria ordem que pas<sup>4</sup>assem seguramente a elas; e mandou que lhes dessem compridamente o necessário, e sempre os tratou muito bem, todo o tempo que ali estive-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: fugira de Adel.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: em.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 480/468].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: mais que um a um pegando com as mãos em uns paus que para isso têm posto.

<sup>5</sup> Nota à margem escrita por outra mão no Ms. *Goa 42 ARSI*; no corpo do texto, na edição do Porto. No Ms. 778 BPB, este fólio está totalmente ilegível.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: e não se poder conseguir.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 480v/468v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: XXXV.

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: fez.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 481/469].

ram, que foi um ano, que com o mouro não estiveram mais que quarenta dias. E quatro meses depois que fugiram dele, chegou o correio que mandou o imperador, e lhe deu a carta e o recado que mandava de palavra, e ele se escusou, dizendo que Manquêr, o cristão de quem acima falámos, os fizera ficar, e que já estavam com Hamelmâl. Do que folgou muito o correio e passou logo com os gâlas que trazia aonde estava Hamelmâl e lhe deu a carta do imperador, e disse que de muito boa vontade daria aos portugueses tudo o que lhe mandava e os aviaria logo, já que Deus Nosso Senhor os livrara sem trabalho do poder do mouro. E mandou aos gâlas que fossem a trazer outros seus parentes [fol. 524] que estavam perto, que o imperador queria que acompanhassem os portugueses e lhe levassem juntamente o tributo daquelas terras. Mas, antes que estes tornassem, vieram outros muitos gâlas de uma família que chamam borên, com determinação de destruir as terras de Hamelmâl, pelo que saiu ele com os seus e levou consigo os portugueses. E, com serem os gâlas muitos mais, os desbaratou e matou tantos que ficou o campo alastrado deles. Dali a pouco, adoeceu um dos mancebos portugueses e, depois de muitos dias, morreu, deixando com grande sentimento não só aos outros seus companheiros, mas também a Hamelmâl, que desejava muito chegassem todos com saúde ao imperador.

Enquanto passavam estas coisas em Cambât, determinou aquele cristão Manquêr tornar à corte do imperador, fiando-se em que tinha lá por si muitos homens grandes que aplacariam ao imperador e lhe alcançariam perdão. Mas, em chegando, o mandou prender *Erâz Cella Christôs*, que então estava na corte, e depois o levou preso a Gojâm para fazer lá justiça. E, arreando que o mandasse logo enforcar, se concertou com o que o guardava, e ambos se tornaram para a corte, onde, por rogos daqueles grandes, lhe parecia que podia escapar; o que sabendo *Erâz Cella Christôs*, enviou recado ao imperador, pedindo-lhe que mandasse fazer lá justiça. E, dando juiz o imperador, o acusaram do que tinha feito e ele negou tudo, mas logo lhe provaram como ele fizera que não passasse o padre e que ficassem os portugueses em poder do mouro, e fora causa de todas as perdas e trabalhos que tiveram, pelo que o juiz julgou que morresse e o imperador confirmou a sentença. Sabendo o Padre António Fernandez como estava condenado à morte, foi logo ao imperador e lhe pediu muito lhe fizesse mercê de lhe perdoar. Respondeu que lhe deixasse fazer justiça, que não convinha que vivesse homem que tinha feito tão grandes males. Disse o padre que, se o matassem, o havia de saber aquele mouro, e faria mal aos portugueses que lá tinha, que ainda naquele tempo não se sabia de sua fugida. E tanto importunou que veio a conceder que não morresse, mas que o levassem preso a uma serra mui forte. Porém, como ele era tão manhoso, não lhe faltou modo para fugir da cadeia no caminho e foi-se a meter entre os gâlas, onde esteve três meses, e depois trouxe consigo alguns a um lugar forte de cristãos, dando a entender que queria fazer amizade com eles. Mas, saindo algumas mulheres a trazer água, foi com os gâlas para as tomar e, gritando elas, desceram de cima os cristãos com suas armas e os fizeram fugir. E, indo o [fol. 524v] Manquêr correndo, caiu e quebrou uma perna; e dizem que, por não haver quem o levasse, ficou ali só e morreu ao cabo de três dias. Outros afirmam que os mesmos gâlas que iam fugindo com ele, por ver que não o<sup>1</sup> podiam levar, o mataram, e assim acabou sua triste e desafortunada vida.

CAPÍTULO XXXV<sup>1</sup>

EM QUE SE REFEREM ALGUMAS CARTAS QUE O PAPA PAULO V  
E EL-REI D. FELIPE ESCREVERAM AO IMPERADOR DE ETIÓPIA,  
E AS QUE ELE RESPONDEU.

**P**aulo Papa V a nosso caríssimo filho em Cristo Seltân Çaguêd, ilustre rei de Etiópia, saúde e apostólica bênção.

Nosso caríssimo filho em Cristo. Muito nos alegrámos no Senhor lendo as cartas que Vossa Majestade deu ao amado filho pio e religioso varão ~~Pedro Páez~~ [António Fernandes]<sup>2</sup> da Companhia de Jesus para que nos trouxesse [nota correctionem hic factam esse mendosam, quia missio patris Antonii Fernandez non fuit facta ante annum 1613. Ideoque reponendum esse Petrum Payz; nam ut apparet ex responso Imperatoris, prima eius mens fuerat mittendi Petrum Payz, et hoc significaverat Pontificat per literas quibus hoc brevi Pontifex repondet, quomvis harum exemplum non inveniatur in hac historia]<sup>3</sup>, porque entendemos o que muito desejávamos todas vossas coisas irem avante felizmente e que vos tinha feito o Senhor poderoso sobre vossos inimigos, entregando nas vossas mãos os gentios que chamam gâlas, contrários a vosso império, e vencendo-os não só uma vez. Damos muitas graças ao poderoso Deus, que clementemente ouviu nossos rogos por Vossa Majestade, porque desejamos muito que estejais quieto e livre de toda perturbação, para que tanto mais vos possais ocupar na propagação do culto divino e saudável ensino da religião católica. Pela qual causa com piedoso zelo de nosso ofício pastoral, e pela paterna caridade com que trazemos no seio do coração a Vossa Majestade e aos povos que lhe são<sup>4</sup> sujeitos, nossos amados filhos em Cristo, estamos mui pensativos e, por esto<sup>5</sup>, levamos molestamente não ter chegado ainda a nós o amado filho Pedro Páez [António Fernandes]<sup>6</sup>, que nos pudesse declarar as coisas que desejamos e dizer-nos, juntamente, as que lhe mandastes. Estamos sempre aparelhados a ajudar a Vossa Majestade em as coisas que podemos, e cremos que tereis conhecido isto por experiência, se recebestes já nossas cartas, em as quais no primeiro do ano passado vos significávamos que procurávamos com diligência o que nos pedistes que solicitássemos vossas coisas com nosso caríssimo filho em Cristo, Felipe, poderoso rei de Espanha; o que também dizemos para que desta nossa alegria confirmeis tanto mais a confiança [fol. 525] que queremos tenhais em nós, e para que saibais que respondemos a vossas cartas, das quais parece tendes suspeita se porventura nos chegaram. Rogamos que tenhais continuamente aumento da divina graça e, das íntimas entranhas do nosso coração, damos a Vossa Majestade

<sup>1</sup> M. Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RESOI* 6, Roma, 1907, pp. 309-19. Ms. 778 BPB: XXXVI.

<sup>2</sup> Nota à margem escrita por outra mão no Ms. *Goa 42 ARSI*; no corpo do texto, na edição do Porto. No Ms. 778 BPB, este fólio está totalmente ilegível. Ms. 778 BPB: *Pero Paiz*.

<sup>3</sup> Anotação à margem escrita por outra mão no Ms. *Goa 42 ARSI*. A ausência desta no Ms. 778 BPB indicia que a nota do Ms. *Goa 42 ARSI* é posterior à cópia que se encontra na Biblioteca Pública de Braga. «Nota aqui feita para corrigir um erro, pois a missão do Pe. António Fernandes não se realizou antes do ano 1613. Por isso mesmo se substituiu Pedro Páez; embora, como fica manifesto pela resposta do imperador, a ideia inicial tenha sido de Pedro Páez e isso tenha ficado expresso na carta à qual responde o Breve, para que não haja caso de falta à verdade neste relato.» Omisso no Ms. 778 BPB.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: *não*.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: *isso*.

<sup>6</sup> Nota à margem escrita por outra mão no Ms. *Goa 42 ARSI*; no corpo do texto, na edição do Porto. No Ms. 778 BPB, este fólio está totalmente ilegível. Ms. 778 BPB: *Pero Paiz*.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 482/470].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: que o não.

nossa bênção apostólica. Dada em Roma a cerca de S. Pedro, debaixo do anel do Pescador, 1 de Fevereiro 1612. De nosso pontificado ano 7.<sup>1</sup>

Cópia da que o imperador de Etiópia escreveu a Sua Santidade em resposta desta:

*Carta de Seltân Çaguêd, imperador de Etiópia, pela graça do todo poderoso Deus, a quo omne datum optimum et omne donum perfectum, chegue ao santíssimo Padre Paulo V com a paz de Cristo Nosso Senhor in quo habemus redemptionem per sanguinem eius.<sup>2</sup> Esta paz seja sempre com Vossa Santidade e com toda Igreja de Deus. Amém.*

*A carta de Vossa Santidade de 1612 recebemos o ano seguinte, a que, por razão do tempo, não pudemos responder, porque já as naus eram partidas; o que levámos molestamente por suceder o mesmo o precedente ano. Mas alegrámo-nos muito, por nos certificar da saúde de Vossa Santidade, a qual queira Deus acrescentar por muitos anos, também porque achamos esperança de que nos há-de favorecer nosso irmão D. Felipe, imperador de Espanha, sem o qual não podemos alcançar o que pretendemos, o que outras vezes significámos a Vossa Santidade e terá já mais claramente entendido pelas cartas do Padre Pedro Paez, da Companhia de Jesus, a quem enviáramos para que desse notícia a Vossa Santidade do estado de nossas coisas. Mas, porque temos necessidade de sua presença e conselho, mandámos ao Padre António Fernandez da mesma Companhia com nosso Embaixador Fecûr Egzî para que, com a maior presteza que se puder, tenha efeito o que pedimos e, juntamente, se nos envie pastor que nos ensine com verdade e nos governe com inteireza de costumes.*

*Rogamos também afectuosamente que não haja em isto tardança, porque assim o pede o presente estado de nosso império e, porque temos encarregado ao Padre Pedro Paez de dar em as suas, a Vossa Santidade, o que intentámos sobre as coisas da fé e o sucesso que teve, não dizemos em esta mais. O autor deste nosso desejo e vontade, Deus Nosso Senhor, por Sua vontade [fol. 525v] de o desejado fim, em os felizes anos de Vossa Santidade, a quem humildemente pedimos nos haja no número dos reis católicos, porque nem a morte nem a vida nos poderá já afastar da santa fé da Igreja romana.*

*Escrita em Dambiâ em nossa corte Dehanâ, a 6 de Julho do ano do Senhor 1614.<sup>3</sup>*

<sup>4</sup>Outra do imperador para Sua Majestade:

*Carta de Seltâm Çaguêd, imperador de Etiópia, chegue a nosso irmão D. Felipe, imperador de Espanha, com a paz de Cristo Nosso Senhor que pela redenção do mundo se humilhou até à morte e morte de cruz. Esta paz seja sempre com Vossa Majestade e com todo seu império. Amém.*

*Muitas vezes escrevemos a Vossa Majestade por via da Índia, sem termos resposta nenhuma. Não sabemos se por se perderem as de Vossa Majestade ou as nossas, pelo que enviámos o ano passado, por terra, caminho de Melinde, ao Padre António Fernandez da Companhia de Jesus, e com ele nosso Embaixador Fecûr Egzî, para que pudessem dar inteira conta das coisas de nosso império e declarar melhor nossos desejos, que são unir-nos<sup>5</sup> com Vossa Majestade e reduzir nosso império à santa Igreja romana, o que intentámos muitas vezes com nossos vassallos sem o podermos acabar, porque, ainda que estão muitos de nossa parte, e em particu-*

*lar Cela Christôs, nosso irmão, e D.<sup>1</sup> Bela Christôs, nosso primo, principal pessoa de nosso império, outros resistem de maneira que totalmente o impedem, pelo que não pode ter efeito se Vossa Majestade não nos enviar os 1500 homens que nas passadas pedimos; o que lhe será muito fácil, como temos bem entendido, principalmente por um mancebo vosso vassallo, por nome Jorge, que cá veio o ano passado, e nos deu cumpridas novas de esse império, de quão postos tinha Vossa Majestade os olhos nas coisas do nosso, para as favorecer. Nem no caminho há muita dificuldade, pelo que esperamos que Vossa Majestade não a terá em concluir com brevidade negócio de tão grande bem espiritual de nosso império e temporal de ambos. E assim acabamos, pedindo a Nosso Senhor tenha sempre de sua santa mão a real pessoa e estado de Vossa Majestade.*

*Escrita em nossa corte de Dambiâ, a 3 de Julho de 1614.<sup>2</sup>*

[fol. 526] Cópia de uma de Sua Majestade para o imperador de Etiópia:

*Muito nobre e poderoso imperador de Etiópia.<sup>3</sup> Eu, D. Felipe, por graça de Deus rei de Portugal, dos Algarves d'aquém e d'além mar em África, senhor de Guiné e da conquista e navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia, e da Índia, etc.<sup>4</sup> vos envio muito saudar como aquele que, como irmão, muito amo e prezo. Por cartas que tive dos religiosos da Companhia que, por minha ordem, assistem em esses vossos reinos, entendi quão disposto estáveis a dar com eles obediência à igreja romana e, posto que por esta obra ser toda de Deus, que moveu vosso coração ao caminho da salvação dos fiéis, se lhe devem a ele<sup>5</sup> as graças desta vossa santa tenção, e que, por este respeito, estais vós em particular mui obrigado a reconhecer-lhe devidamente o encaminhar-vos ao que tanto vos convém, por ser coisa em que, com vossos antepassados, os senhores reis meus predecessores tanto instaram, como sabeis, obrigados da aliança e amor que com eles tiveram, sempre me pareceu que também vo-las devia dar por esta, como o faço, e significar-vos por ela juntamente, que foi esta nova que os padres me enviaram, para mim a mais alegre que se me podia dar e, assim, vos rogo afectuosamente que, quanto mais brevemente puder ser, executeis esta vossa determinação, tendo por certo que Deus Nosso Senhor, que vo-la inspirou, vos há-de ajudar e favorecer de maneira no efeito dela, que tudo o que se vos oponha de dificuldade se facilite, e se vençam todos os inconvenientes que impedirem o bom tratamento que de vós recebem os ditos religiosos, de que eles também me avisam. Vos agradeço muito e vos peço encarecidamente que o continueis, pois, para vos acompanharem e assistirem em vosso serviço, os enviei de tão remotas partes à vossa corte, desejando muito que, por seu meio, viessem vossos vassallos em conhecimento da proeminência da santa Igreja romana, a que todo o corpo dos fiéis deve reconhecer por cabeça pelas razões e admoestações que deles tereis entendido, que, por sua verdade, são mui [fol. 526v] fáceis de compreender. E porque a autoridade que vós em tudo lhes derdes entre os vossos é de tanta importância como se deixa ver, receberei especial contentamento em o ouvirdes e favorecerdes em tudo o que se oferecer, porque todos vejam e conheçam a honra que lhes fazeis. E o mesmo vos peço que façais aos descendentes dos portugueses que em vossos reinos assistem, conservando-lhes seus privilégios, pois lhes são tão devidos por filhos e netos dos que deram as vidas por defesa de essa coroa.*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: e Deye Azmâc Bela Christôs.

<sup>2</sup> Carta provavelmente recopiada pelo autor antes de ser expedida.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB faz parágrafo, Ms. Goa 42 ARSI não.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB faz parágrafo, Ms. Goa 42 ARSI não.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: eles.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 483/471].

<sup>1</sup> Carta consultada pelo autor nos arquivos do acampamento real.

<sup>2</sup> «Em quem temos a redenção pelo seu sangue» (Efésios, 1, 7).

<sup>3</sup> Carta provavelmente recopiada pelo autor antes de ser expedida.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 482v/470v].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: unirmos.



*Ao meu vice-rei da Índia, mando escrever que corresponda convosco particularmente e que, para tudo que vos cumprir para bem de vossas coisas, vos ajude quanto lhe for possível, em que tenho por certo que não faltará. E, quanto à ajuda que pedis daquele meu estado para cobrardes o que nos vossos vos tem tomado alguns inimigos, de que os ditos padres me deram conta, bem deveis ter entendido as ocupações precisas em que, de presente, se acha a gente de guerra que ali me está servindo. E, contudo, podeis estar certo que, dando<sup>1</sup> elas lugar, vos dará em esta matéria toda a satisfação que puder ser, conforme <sup>2</sup>ao muito que eu de-sejo que tudo o de meus reinos e estados vos seja de proveito para o que vos cumprir.*

*Muito nobre e poderoso imperador que, como irmão, muito amo, Nosso Senhor haja sempre vossa pessoa e real estado em sua santa guarda.*

*Escrita em Lisboa, a 21 de Fevereiro 1613.*

*El-rei<sup>3</sup>.*

Cópia de uma do Papa Paulo V para o imperador de Etiópia:

*Paulo Papa V a nosso caríssimo em Cristo filho Seltân Çaguêd, ilustre rei de Etiópia.*

*Nosso caríssimo em Cristo filho, saúde e apostólica bênção. Recebemos a carta de Vossa Majestade de 2 Julho do ano passado 1615. Grande consolação de ânimo nos deu, certamente, o zelo de piedade com o qual acesso vos<sup>4</sup> vemos desejar a redução dos povos sujeitos a vosso império ao grémio da santa mãe Igreja católica apostólica romana. Damos Graças a Deus, Pai das misericórdias, que alevantou em vosso ânimo pensamentos dignos de rei pio e prudente, e damos a Vossa [fol. 527] Majestade os parabéns com todo afecto de nosso coração, porque, de tão ardente cuidado, como enxergamos em vós de procurar a saúde dos outros, recebemos indício não leve da particular misericórdia com que o Senhor vos quer aparelhar no Reino Celestial coroa de glória que não se acaba, pois que o que procura a saúde do próximo alcança para si a própria, porque, com a medida com que midamos<sup>5</sup> aos outros, com a mesma hemo<sup>6</sup> de ser medidos, disse nosso Redentor. Pelo qual<sup>7</sup> tanto mais exortamos a Vossa Majestade que persevere<sup>8</sup> no santo propósito, e, ainda que até agora tenha experimentado graves dificuldades, com tudo isso insista sempre mais fortemente, cuidando vós mesmo convosco que trabalhais pela glória Daquela que é rico em misericórdia e paga abundantemente. Nem vos perturbe por nenhum modo se suceder alguma coisa que parece impedir vossos conselhos, porque piedosamente devemos crer que o permita a Divina Providência cujos juízos são grande abismo, para que, com o exemplo de vossa constância, principalmente em coisa que juntamente pertence à glória de Deus e à veneração da santa sede apostólica e ao proveito de vossas almas, tanto mais se confundam os que, esquecidos de sua própria salvação, sem nenhum temor de Deus, se afastaram da comunhão da santa Igreja católica e do culto e obediência a ela devida. Com esta consolação, nos consolamos na gravíssima moléstia que nos deu o impedimento pelo qual nos escreveis que se tornou do caminho o embaixador que nos enviáveis, para que, conforme ao costume dos reis cristãos, desse em vosso nome [obediência] a nós e a esta santa Cadeira. E certamente nos consolamos,*

*tanto mais quanto de nenhuma maneira duvidamos que hajais de desistir nunca até que louvavelmente acabeis o que, igualmente pia e prudentemente, começastes.<sup>1</sup>*

*Mas escrevemos a nosso caríssimo filho em Cristo, Felipe, poderoso rei das Espanhas, e, como nos pedistes, lhe exortámos amantíssima e efficacissimamente queira de toda maneira dar a ajuda que dele pretendes, e mandámos seriamente a nosso núncio apostólico, acerca do mesmo rei das Espanhas, procure com diligência a execução de vossa petição. E, assim, queremos que se persuada Vossa Majestade que não hemos de deixar nada para que<sup>2</sup>, quanto podemos com Nosso Senhor, lhe mostremos, no mesmo, ser particular o amor e caridade paterna que nas entranhas de Cristo lhe temos. Mas, ainda que vos trazemos continuamente no seio de nosso coração, haja ocasião e poder, que certo não achareis falta na prontidão de nosso ânimo. Entretanto, lembrando-nos sempre de vós em nossas orações, rogamos com todo afecto de nosso coração [fol. 527v] que Vossa Majestade tenha aumento de divina graça, e perseverança no santo propósito, e damos amorosamente nossa apostólica bênção.*

*Dada em Roma a cerca de São Pedro, debaixo do anel do Pescador a 23 de Dezembro 1616. Ano 12 de nosso pontificado.<sup>3</sup>*

Cópia de uma de Sua Majestade para o imperador de Etiópia:

*Muito nobre e poderoso imperador da Etiópia. Eu, D. Felipe, por graça de Deus rei de Portugal, dos Algarves, d'aquém e d'além mar em África, senhor de Guiné e da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arabia, Pérsia e da Índia, etc., vos envio muito saudar como aquele que, como irmão, muito amo e prezo. Há poucos dias que, por terra, recebi uma carta vossa, por que entendi o estado das coisas de vossos reinos e soube juntamente que, de alguns anos a esta parte, não se vos haviam dado as que vos tenho escrito em reposta de outras que, por diversas vias, se me deram vossas. E, posto que lá<sup>4</sup> agora é de crer que haveis<sup>5</sup> recebido algumas, me pareceu significar-vos por esta, como o faço, que todos estes anos se não faltou a esta respondência por todos os caminhos por que se alcançou a ela poderia melhor conseguir-se. Mas, como eles estão tão impedidos, como sabeis, e desta vossa carta o entendo, com facilidade poderiam cair os despachos em mãos de inimigos, e também esta poderá haver sido a causa de não terem chegado as vossas. Muito me tenho alegrado de saber a boa disposição de vosso estado e pessoa real e o ânimo que tendes de reduzir vossos reinos à obediência da santa Igreja católica romana, em que respondeis inteiramente ao que deveis à boa memória dos imperadores<sup>6</sup> vossos antepassados, que tanto procuraram o que vós pretendes, e fazeis o que deveis a Deus Nosso Senhor e a quem vós sois. E, quanto ao socorro que me pedis que vos envie, para com mais facilidade conseguirdes este intento e obrigardes [fol. 528] com a força dele os que o encontram, presente vos deve ser qual é a vontade com que vo-lo<sup>7</sup> mandara dar para se conseguir tão santa obra como esta, pois em toda ocasião experimentaram os imperadores vossos passados nos senhores reis destes reinos, meus predecessores, a que tinham para suas coisas com os socorros que lhes deram, com que reduziram seu império à sua obediência e o livraram do poder dos mouros, e que eu também os seguira pelo particular desejo que tenho de que tudo o que vos toca se encaminhe felizmente, se a Índia não estivera tão cercada de inimigos naturais e estrangeiros, com*

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: quando.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 483v/471v].

<sup>3</sup> Carta consultada pelo autor nos arquivos do acampamento real.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: vos.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: medimos.

<sup>6</sup> Havemos.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: preserve.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 484/472].

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB faz parágrafo, Ms. Goa 42 ARSI não.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>3</sup> Carta consultada pelo autor nos arquivos do acampamento real.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: já.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: haveis.

<sup>6</sup> Antepassados.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: vo-la.

que<sup>1</sup> a guerra actualmente está rota<sup>2</sup>, que não é possível dividirem-se por hora as forças dele. Porém, eu tenho mandado a meu vice-rei que tanto que as ocasiões presentes o permitirem, vos acuda com tudo o que puder infalivelmente, como podeis estar certo que o fará. E, entretanto que o tempo a isso não dá lugar, que permitirá Deus que seja com toda a brevidade, deveis conservar vosso bom propósito com ânimo inteiro, e irdes dispondo quanto vos for possível os dos grandes que se desviam dele, pelo melhor modo que convir para que se desçam de sua má opinião. E, para tudo, será de grande importância dardes todo favor e ajuda aos religiosos da Companhia que andam em vossos reinos, para que sejam eles tão estimados e respeitados como se deve a ministros de Deus, cujo ofício representam, e ao ânimo com que, por salvação de vossa alma e das de vossos vassallos, se ofereceram a entrar em essas partes, não temendo os grandes perigos e longos caminhos que passaram, alongando-se tanto de sua pátria, entendendo que receberei eu também disso particular contentamento e especial graça de vós, muito nobre e muito poderoso imperador, que, como irmão, muito amo, e peço<sup>4</sup>. Nosso Senhor haja sempre vossa pessoa e estado em sua santa guarda.

Escrita em Lisboa, a 10 de Março 1617.

El-rei.<sup>5</sup>

Cópia de uma do imperador para Sua Santidade:

[fol. 528v] Carta de Seltân Çaguêd, imperador de Etiópia, chegue ao santo Padre Paulo V com a paz de Cristo Nosso Senhor, qui dilexit nos et tradidit semetipsum pro nobis.<sup>6</sup> Esta paz seja sempre com Vossa Santidade e com toda a Igreja católica.

A carta de Vossa Santidade, de 1616, nos chegou agora, a qual recebemos com a veneração devida, e nos alegrámos muito, vendo o amor paternal que nos mostra e o zelo grande do bem e remédio de nosso império, pelo que<sup>7</sup> demos muitas graças ao Pai das misericórdias, que nos consolou e fez esta tão grande de que Vossa Santidade tomasse este negócio tanto à sua conta; o que nos deu grande esperança que terá o fim desejado, ainda que a dilação que houve até agora nos faz arrepear que nos prevenha a morte antes que se cumpra, porque de mais de ser a vida tão fraca e quebradiça, não nos faltam indisposições que nos dêem indícios disso, se tardar o remédio. Contudo, esperamos da liberal mão d'Aquele que é rico para todos os que O invocam, que nos concederá ter prosperamente o fim desejado, pois, demais de ser coisa de tanto Seu serviço, sabe que a desejamos com todas nossas entranhas e coração, e temos provados todos os meios possíveis, não somente representando<sup>8</sup> a Vossa Santidade, e ao imperador de Espanha, nosso irmão, o que era necessário para concluir este negócio, mas, por razão da tardança, metemos toda nossa força para o pôr logo em execução, o que não pudemos alcançar. Porque, ainda que tínhamos de nossa parte muitos eclesiásticos e seculares, o Patriarca Simam amotinou o povo e os grandes contra nós, de maneira que teve por si os mais dos capitães, até um nosso genro, a quem tínhamos dado muita força de gente, e nosso próprio irmão, a quem depois de nós tínhamos dado o poder de todo o império, e, vendo-se com tanta força, nos vieram dar batalha campal, tendo primeiro certa<sup>9</sup> por

si a vitória. Mas o Senhor, em cuja mão ela está sempre, teve por bem de no-la dar milagrosamente, porque, sem perder nenhum soldado, teve por bem de nos<sup>1</sup> entregar todos os inimigos, uns mortos na batalha e outros depois dela presos, como já escrevemos a Vossa Santidade. [fol. 529] O que houvera de bastar para que conheceram ser verdadeira a fé que nós desejamos plantar em nosso império. Mas a inveja e paixão grande que têm, os cega até hoje para que não vejam esta verdade tão clara, nem dêem lugar à razão, pelo que, por ora, não nos é possível deixar de ir temporizando com eles, até que Vossa Santidade e o imperador de Espanha, nosso irmão, nos acudam com o que temos pedido, ou Deus Nosso Senhor lhes dê verdadeiro conhecimento e vire seus corações. Contudo, não deixaremos de fazer quanto pudermos, por todas as vias, nem faltaremos um ponto até à morte do que temos declarado e prometido a Vossa Santidade, a quem suplicamos humildemente<sup>2</sup> ns mande encomendar ns santos sacrificios que se oferecem em os lugares dos santos apóstolos S. Pedro e S. Paulo, e de lá nos lance sua santa bênção apostólica para que tudo nos suceda prosperamente, porque o bom sucesso das coisas passadas atribuímos a isto, e o esperamos dele para tudo o que está por vir.

Escrita em nossa corte de Dehanâ, a 15 de Julho 1618<sup>3</sup>.

Cópia de outra do imperador para sua Majestade:

Carta de Seltân Çaguêd, imperador de Etiópia, chegue a nosso irmão D. Felipe, imperador de Espanha, com a paz de Cristo Nosso Senhor, in quo habemus redemptionem et remissionem peccatorum<sup>4</sup>. Esta paz seja sempre com Vossa Majestade e com todo seu império. Amém.

Pelos padres da Companhia que estão em essa<sup>5</sup> nossa corte, soubemos como este ano vinham cartas de Vossa Majestade que esperávamos com grande alvoroço, mas até agora as não recebemos, por aportar a nau de Maçuã a Moca por falta de vento. E, porque já não nós podem chegar a tempo de responder, fazemos esta para que Vossa Majestade saiba como cada dia nos dá Nosso Senhor novos desejos de levar ao fim desejado a redução de nosso império, como por vezes temos significado a Vossa Majestade, juntamente com o que para isso era necessário que nos enviasse de seu império. E, vendo que isso se dilatava, intentámos com só nossa força pô-lo logo em execução, o que não pudemos [fol. 529v] alcançar, porque, ainda que tínhamos de nossa parte muitos eclesiásticos e seculares, o Patriarca Simam amotinou os grandes e a gente popular contra nós, de maneira que teve por si os mais dos capitães, até um nosso genro a quem tínhamos dado muita força de gente, e nosso próprio irmão, a quem depois de nós tínhamos dado o governo de todo o império, e, vendo-se com tanta força, nos vieram a dar batalha campal, tendo por muito certa a vitória. Mas o Senhor, em cuja mão ela está sempre, teve por bem de no-la dar milagrosamente, porque, sem perder nem um só<sup>7</sup> soldado, nos entregou todos nossos inimigos, uns mortos na batalha, outros depois dela presos, como já escrevemos a Vossa Majestade; o que houvera de bastar para que conheceram<sup>8</sup> ser verdadeira a fé que desejamos plantar em nosso império. Mas a inveja e paixão grande que têm os cega para que não vejam esta verdade tão clara, nem dêem lugar à razão, pelo que, por ora, não nos é possível deixar de dissimular com eles até que Vossa Majes-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: quem.

<sup>2</sup> Começada.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 485/473].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: prezo.

<sup>5</sup> Carta consultada pelo autor nos arquivos do acampamento real.

<sup>6</sup> «... Cristo também nos amou, e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus» (Efésios, 5, 2).

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: qual.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: representado.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: por muito certa.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 485v/473v].

<sup>2</sup> Elisão da conjunção integrante.

<sup>3</sup> Carta provavelmente recopiada pelo autor antes de ser expedida.

<sup>4</sup> «... em quem temos a redenção e a remissão dos pecados» (Colossenses, 1, 14).

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: esta.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 486/474].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: nenhum.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: conhecerem.

tade nos acuda com o que temos pedido, no que esperamos não haverá falta, pois é coisa tão digna de imperador tão zeloso da glória divina e aumento da fé católica como Vossa Majestade, com o que, não somente terá grande coroa diante de Deus, mas também glorioso nome entre todos os reis católicos, ajuntando-se por seu meio um império tão grande como este à santa Igreja romana, que tanto desejaram e procuraram seus antepassados, os sereníssimos reis de Portugal, os quais não ganharam a Vossa Majestade no zelo de rei católico, e o não alcançaram, porque parece o tinha Deus guardado para Vossa Majestade. Nós também nos temos por ditosos em se querer Deus servir de nós em esta tão grande empresa, e nos dar nela a Vossa Majestade por principal braço. Mas desejamos que não se dilate isto tanto que nos prevenha a morte antes de a levarmos ao fim desejado, porque, se assim acontecer, com dificuldade se poderá depois efectuar. E agora será mui fácil, porque na entrada não há dificuldade, nem depois parece a haverá na conservação, porque, demais de darmos, aos que vierem, as terras do bahâr nagâx, que são de grande proveito [fol. 530] e força, para isso acudiremos com todo nosso resto, se o negócio o pedir. E porque Vossa Majestade está bem inteirado por outras de todas estas coisas, acabamos pedindo a Nosso Senhor conserve por muitos anos sua real pessoa e acrescente sempre seus estados. Escrita em nossa corte de Dehanâ, a 13 de Julho 1618<sup>1</sup>.

Outras também escreveu o imperador a Sua Santidade e a Sua Majestade, cujos treslados se perderam nas revoltas que cá houve. Mas o que<sup>2</sup> principalmente <sup>3</sup>nelas pretendia era mostrar o desejo grande que tem de reduzir seu império à obediência da santa Igreja romana, e o<sup>4</sup> que para isso lhe era necessário. Nem por entender muito bem que, sem ajuda de portugueses, tarde se efetuariam, deixou de intentar todos os meios a ele possíveis, procurando atrair à opinião os principais eclesiásticos e seculares com dádivas e honras, e provando-lhes muitas vezes em práticas particulares e em juntas gerais com autoridades da Sagrada Escritura, de<sup>5</sup> santos, e com razões, quão verdadeira seja a fé da santa Igreja romana, e a obrigação que todos têm a lhe dar obediência. Também fez que tresladássemos em sua língua os *Comentários* do Padre João Maldonado Padre de<sup>6</sup> nossa Companhia sobre os Evangelhos, [o] *Apocalipse*, por o<sup>7</sup> Padre Brás Viegas; a *Epístola de S. Paulo ad Romanos*, por o<sup>8</sup> Padre Toledo, *ad Hebreos*, por o<sup>9</sup> Padre Ribeira, *ad Galatas*, por o Padre Benedito Justiniano<sup>10</sup>. E, por ele mesmo, se vão treslizando as demais e o *Gênesis*, por o Padre Bendito Pereira<sup>11</sup>, e se fez um tratado mui copioso sobre todos os erros<sup>12</sup>, que ele mesmo vai publicando, e não acaba de louvar nunca umas coisas e outras, engrandecendo-as com muitas palavras diante de todos e dizendo que o Espírito Santo ditou a estes padres o que escreveram, porque não parecia que entendimento humano podia chegar a alcançar coisas tão altas e maravilhosas. E, para que nos ouçam melhor nossa doutrina e tenha entre eles mais autori-

dade, no-la dá a nós muito grande, fazendo-nos muitas honras e louvando-nos muito em ausência todas as vezes que se oferece, sem perder nunca ocasião em que o não faça. E, por nosso respeito e intercessão, lhes concede muitas coisas, que eles por outra via não houveram de alcançar.

[fol. 530v] Todas estas e outras muitas coisas faz com muito cuidado para afeiçoar aos seus a nossa santa fé e mostrar o desejo grande que tem de que todos a recebam e se sujeitem à santa Igreja romana. Mas, com tudo, isso não pode efetuar o que pretende, porque, ainda que desta maneira tenha adquirido a si muitos, os mais dos frades e clérigos estão mui pertinazes, e continuamente andam amotinando o povo ignorante, e ainda a muitos dos grandes metem em cabeça que nossa fé é falsa e que há excomunhão contra os que ouvem nossa doutrina e que o imperador e *Erâz* Cela Christôs, seu irmão, têm trocado sua antiga fé e pretendem que todos a troquem, com o que cada dia fazem alevantar contra o imperador novas e perigosas embrulhadas.

[fol. 532] 1CAPÍTULO XXXVI<sup>2</sup>

DE COMO SE DEU PRINCÍPIO À SEGUNDA RESIDÊNCIA  
QUE TEMOS NO REINO DE GOJÂM.

**E**stão no extremo do reino de Gojâm uns gentios que chamam agôus, a quem os imperadores antigos procuraram sujeitar mas não o puderam de todo acabar, porque, demais de serem muitos e mui belicosos, as terras em que moram são mui fortes, ásperas e montuosas. Contudo, por ser este Imperador Seltan Çaguêd grande capitão, ardiloso e bem exercitado nas coisas da guerra, os pôs em tal aperto, indo ele duas vezes em pessoa<sup>3</sup> sobre eles, que, parecendo-lhes que não podiam já mais resistir, determinaram de pedir pazes. E, para que estas fossem como eles desejavam, se informaram quem lhes poderia melhor acabar. E, sabendo que raramente me nega o imperador o que lhe peço, vieram alguns dos principais daquela terra à nossa casa de Dambiâ, e rogaram muito lhes fizesse amizade com ele, e que pagariam o tributo que fosse razão, e a mim também me dariam fato. Respondi que de boa vontade trabalharia quanto pudesse por acabar o que pretendiam sem interesse nenhum, porque não tomávamos nada pelo bem que fazíamos; antes, se, depois de feitas as pazes, quisessem,<sup>4</sup> eu iria lá e lhes ensinaria o que lhes era necessário para a salvação de suas almas, e do que tivesse para comer partiria com eles, e que, estando eu ali, ficariam seguros, porque nem o imperador nem seu irmão, o vice-rei de Gojâm, chegariam lá nunca com sua gente. Folgaram eles muito de ouvir isto e disseram que fariam logo igreja onde eu lhes sinalasse, para os que se quisessem fazer<sup>5</sup> cristãos.

<sup>1</sup> Carta provavelmente recopiada pelo autor antes de ser expedida.

<sup>2</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o que.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 486v/474v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: do.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: de João Maldonado Padre da.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: pelo.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: pelo.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: pelo.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: pelo Padre Bento Justiniano.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: pelo Padre Bento Pereira.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: muito formoso sobre os erros todos.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 487/475]

<sup>2</sup> M. Almeida retoma e recompõe este capítulo, na sua *Historia de Ethiopia a Alta*, in C. Beccari, *RESOI* 6, Roma, 1907, pp. 325-30. Ms. 778 BPB: XXXVII.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: ele em pessoa duas vezes.

<sup>4</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: quisessem.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: que quisessem fazer-se.

Com isto, fui ao imperador e, referindo-lhe o que me tinham dito, acrescentei que me parecia seria bem que diferisse ao que pediam já que se ofereciam a pagar tributo; mas respondeu que de nenhuma maneira havia [fol. 532v] de fazer tais pazes, por mais tributo<sup>1</sup> que pagassem, porque estava mui sentido de lhe terem morto pouco antes alguns criados que ele estimava muito, e determinava vingar aquele sangue. Contudo, pondo-lhe diante dos olhos o serviço grande<sup>2</sup> de Nosso Senhor que dali se se<sup>3</sup>guiria, porque se fariam cristãos e obedeceriam com fidelidade, e ele ficaria com isso desocupado para outras empresas de mais importância, veio a que se tratasse dos concertos, e enviou dois homens grandes que falassem com os gentios, que estavam no terreiro do paço esperando. E eles, que eram meus amigos, encaminharam as coisas de maneira que se concluíram as pazes a gosto dos gentios. Pedi então ao imperador de mercê me desse licença para estar com eles e fazer lá igreja, porque esperava que havia de ser aquela mui florente cristandade. Respondeu que tomaria conselho com o vice-rei de Gojâm, não porque não folgasse muito com isso, mas porque não dissessem que me entregava logo aquela cristandade sem fazer conta de seus frades. Disse eu: «Que melhor conselho pode tomar o imperador que procurar de ganhar para Deus tantas almas, mandando lá quem ensine aqueles gentios e os faça cristãos?» Ajudaram-me também alguns senhores meus amigos que estavam presentes, dizendo que este era<sup>4</sup> conselho do Espírito Santo, que não convinha deixar de conceder o que eu podia, mas nem com tudo isso acabava de dar a licença; o que vendo eu, disse como<sup>5</sup> por graça: «Se o imperador não quiser conceder-me<sup>6</sup> isto por bem, tirarei juiz contra ele.» Ao que<sup>7</sup> acudiu rindo: «De quem há-de tirar Vossa Reverência juiz contra mim?» Respondi que de Deus Nosso Senhor, que tão facilmente lhe sujeitara aqueles gentios, coisa que nenhum dos imperadores antigos pôde alcançar, e, tendo por esta mercê obrigação, pelos<sup>8</sup> fazer logo cristãos, andava com dilações. Disse ele: «Então não quero demandas com Vossa Reverência. Vá com a bênção de Nosso Senhor e veja a disposição que há, e conforme a isso fará<sup>9</sup> depois.» Ao que replicou uma senhora sua prima, com quem ele folga muito por ser mulher prudente e de conselho, que se chama *Ite Amata Christôs*, dizendo que não era bem afastar-me de si, que fosse outro padre. Disse o imperador que tinha [fol. 533] razão, que o padre que estava em Gojâm, que se chama<sup>10</sup> Francisco António de Angelis, natural de Nápoles, podia ir, já que tinha casa perto. E nisto se resolveu, sem querer admitir mais razão alguma. E, assim, fiquei eu fora da sorte, mas coube-lhes muito boa aos gentios, porque o padre os ensina com muito maior cuidado, fervor e zelo do que eu o pudera fazer.

Com este despacho, foi o padre a *Erâz Cela Christôs*, vice-rei de Gojâm, <sup>11</sup>o que ele festejou muito. E, para que as coisas ficassem mais firmes, mandou chamar os principais gentios daquelas terras. E, vindo doze, lhes disse que ali estava o padre que o imperador e ele lhes davam por mestre, que, se quisessem ouvir sua doutrina e dar seus filhos e filhas para que os ensinasse e baptizasse, aos que quisessem lhes dava sua palavra de não chegar mais com exército a suas terras, nem consentir que capitão

nenhum lhes fizesse dano, porque continuamente lhes davam assaltos e lhes tomavam seus gados<sup>1</sup>, destruíam suas sementeiras e matavam e cativavam quantos podiam achar. Folgaram os gentios muito com isto e pediram que lhes jurasse o que prometia e que eles cumpririam tudo<sup>2</sup> o que lhes mandava. Jurou o vice-rei e mandou que fizessem o mesmo seus capitães. Juraram também os gentios de guardar fidelidade e edificarem igrejas para os que se quisessem fazer cristãos. Com isto, se despediram os gentios muito contentes, e o padre se aparelhou logo para a jornada. E partiu no princípio<sup>3</sup> de Janeiro de 618<sup>4</sup>, em companhia de um capitão que o vice-rei deu para que o levasse, por que<sup>5</sup> os gentios o recebessem com maior respeito e benevolência.

Vendo o demónio o mal grande que se lhe havia de seguir da entrada do padre naquelas terras, onde ele fora sempre tão servido e adorado, procurou da<sup>6</sup> impedir por seus ministros os feiticeiros que estavam perto. E ainda se valeu de alguns frades de umas terras de cristãos vizinhas, porque uns e outros pretenderam<sup>7</sup> persuadir ao povo gentio que de nenhuma maneira recebessem o<sup>8</sup> padre, porque, sem falta, perderiam suas terras, fazendas e vidas; que ele e os demais<sup>9</sup> padres dos portugueses eram encantadores e tinham tal pacto com o demónio que a todos os que queriam tiravam a vista dos olhos e enfraqueciam as forças e faziam que ficassem doudos, e que os gados [fol. 533v] não se bulissem dos lugares onde estavam, para que os senhores não os<sup>10</sup> pudessem levar a outras partes, e assim os tomasse<sup>11</sup> quem os padres quisessem, e, desta maneira, haviam de entregar tudo ao imperador e a *Erâz Cela Christôs*, que isto era o que pretendiam com a entrada do padre; e que bem tinham visto como alguns três mil gâlas que se sujeitaram primeiro ao imperador, sendo primeiro tão belicosos que o imperador não podia com eles, agora lhe ficavam como escravos com suas mulheres e filhos. «Sabei que o imperador não alcançou isto com <sup>12</sup>outra coisa senão com as feitiçarias e encantamentos destes padres, por onde não os deixeis entrar em vossas terras, se não quereis que vos suceda o mesmo que àqueles gentios.»

Com estas e outras diabólicas mentiras alteraram os corações daqueles gentios, e entrou neles tão grande medo que se juntaram logo todos e determinaram de não receber ao padre, senão fazer que saísse de suas terras<sup>13</sup>. Mas, estando eles em isto, chegaram outros gentios que chamam gâlas, com grande força, determinados de<sup>14</sup> destruir todas aquelas terras. E, saindo-lhes os moradores delas ao encontro, pelejaram com tão grande esforço à vista do padre que, em pouco espaço, os desbarataram e tomaram muitas armas e grande número de vacas que traziam. E, depois, oito dias contínuos andaram matando os que se esconderam em os matos, que são mui bastos. E foi tão grande a vitória e tão pouco esperada deles, por serem as forças mui desiguais, que totalmente a atribuíram a estar ali o padre, e disseram que não podia ser verdade o que dele lhes tinham dito; que, se o fora, então ficaram de todo des-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>2</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: tudo.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: em o 1.º.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: [Janeiro de 618].

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: de a.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: pretendião.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: ao.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: mais.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: senhores os não.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: tomassem.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 488v/476v].

<sup>13</sup> Ms. 778 BPB: que se saísse das suas terras.

<sup>14</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: tributos.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: o grande serviço.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 487v/475v].

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: o.

<sup>5</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: como.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: imperador me não quiser conceder.

<sup>7</sup> Omitido no Ms. 778 BPB: Ao que.

<sup>8</sup> Por os.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: faça.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: chamam.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 488/476].

truídos, e suas mulheres e filhos cativos, porque aqueles gâlas eram de alguns que o imperador e *Erâz* Cela Christôs tinham posto no reino de Gojâm; e, ainda que fizeram isto sem licença, se eles tiveram vitória, se houveram de persuadir os da terra que polas feitiçarias do padre foram vencidos, e que o imperador e seu irmão enviaram lá o padre para sua destruição. Mas, como lhes sucedeu tão bem, mudaram o conselho que antes tinham, e o receberam com grande festa. E começaram a<sup>1</sup> ouvir as coisas de nossa santa fé, e lhes pareceram tão bem que alguns dos principais se fizeram cristãos e edificaram igrejas como tinham prometido, e outros se afeiçoaram tanto que deram ao padre seus filhos para que lhes ensinasse a doutrina, e cantam-na os meninos e mulheres, não somente na igreja mas pelos caminhos e campos por onde andam. E [fol. 534] assim, onde primeiro não se ouviram senão blasfêmias contra Deus Nosso Senhor, agora se cantam Seus mandamentos e os artigos de Sua santa fé, e se Lhe dão muitos louvores.

O verão seguinte, passou o imperador com exército por perto daquelas terras e foi o padre a o visitar, com alguns dos principais gentios delas que lhe levaram um bom presente de mel e outras coisas<sup>2</sup> que dá a terra, que, ainda que montuosa, a parte que se cultiva é muito fértil. E, entrando o padre na tenda do imperador a lhe oferecer o que lhe traziam, o recebeu com grande benignidade e mostras de amor e, diante dos grandes, lhe agradeceu com palavras de muita honra o trabalho que tomava e o zelo com que, por amor de Deus, ensinava àqueles gentios. E, mostrando que desejava saber o que lhes ensinava e a disposição que havia para se converterem,<sup>3</sup> disse o padre: «O que lhes ensino é o nome da Santíssima Trindade, declarando-lhes este mistério conforme a sua capacidade, que há um só Criador do Céu e da terra, e que tudo o demais<sup>4</sup> são criaturas e feitura deste Sumo Artífice a Quem chamamos Deus; que as almas não morrem; e que há outra vida e morte eterna, com as demais coisas que lhes são necessárias para sua salvação. Descubro-lhes também os enganos e falsidades de seus feiticeiros, e como tudo o que fazem é com arte e ajuda do demônio. E muitos deles entendem já isto bem, e tenho por certo que com facilidade se fará uma cristandade muito grande, se Vossa Majestade a ajudar, continuando com o santo zelo que sempre mostrou de que se dilatasse a fé cristã, e mandar dizer a estes gentios que vieram<sup>5</sup> que é sua vontade que ouçam o que eu ensino, e que aos que se baptizarem lhes fará muitas mercês.» Respondeu o imperador que folgava muito com as boas novas que lhe dava de se poder dilatar a santa fé entre aqueles gentios, e que com muito boa vontade ajudaria quanto pudesse tão santa obra e trabalharia com todas suas forças por que se dilatasse o reino de Deus, pois sua divina Majestade lhe conservava e dilatava<sup>6</sup> o seu, fazendo-lhe cada dia novas<sup>7</sup> mercês; e que ele mesmo havia de falar àqueles gentios e declarar-lhes quanto desejava que se fizessem cristãos e as mercês que por isso lhe havia de fazer. E, por ser já muito tarde, despediu ao padre e mandou que lhe levassem de sua [fol. 534v] cocinha<sup>8</sup> a ceia muito esplêndida para ele e os que o acompanhavam, e assim o fizeram.

O dia seguinte, muito cedo, mandou chamar ao padre e, entrando, achou a tenda cheia de capitães e homens grandes. E disse-lhe o imperador que visse quais daqueles gentios queria que entrassem. E, no-

meando ele os mais principais, os chamaram, coisa bem extraordinária, porque o imperador não se mostra facilmente a semelhante gente, nem ainda aos embaixadores que vêm de outras partes, antes ficam sempre na primeira<sup>1</sup> cerca de duas grandes que tem o paço, e se está em tenda, fica muito longe em pé, e vão lá alguns homens grandes a lhes perguntar, e tornando ao imperador, referem todas as coisas. E, algumas vezes, gastam bem de tempo em ir e vir com perguntas e repostas, e, ultimamente, lhes levam a resolução do imperador, ou manda que entrem, se o pede a importância do negócio. Mas estes gentios entraram logo e recebeu-os com alegria e mostras de amor. E disse-lhes: «Não cuideis que Cela Christôs (que é o vice-rei, seu irmão) vos deu ao<sup>2</sup> padre por senhor e mestre; eu vo-lo dei, e é minha vontade que ouçais sua doutrina, porque estes padres são verdadeiros mestres que, com palavras e obras, ensinam a santíssima Lei de Cristo, sem a qual ninguém se pode salvar. Se, como começastes, acabardes, estai muito certos que meus capitães não vos farão nunca mal nenhum, nem minhas justicias, nem as de Cela Christôs entrarão em<sup>3</sup> vossas terras. Com o padre, acabareis todas vossas diferenças<sup>4</sup>, e assim ficareis quietos e seguros da guerra que vos mandava sempre fazer, e dos contínuos assaltos que meus capitães vos davam, destruindo vossa terra e cativando vossas mulheres e filhos. Estai muito contentes, fazei igrejas e entregai vossos filhos<sup>5</sup> ao padre para que os ensine, que eu vos dou minha palavra de não faltar em nada do que tenho dito, antes tenho de fazer tudo o que o padre me disser que é necessário para bem de vossas almas e proveito de vossas famílias.»

Ficaram os gentios maravilhados da benignidade e amor com que lhes falara, que não esperavam senão bem diferente modo. E assim, em sinal do muito que estimavam e agradeciam tão grande mercê, beijaram todos o chão. E, levantando-se, disse o mais velho e principal: «Tudo o que Vossa Majestade manda, cumprimos inteiramente, que o que o padre [fol. 535] ensina nos parece muito bem. Só temos dificuldade no que obriga que não tenhamos mais que uma mulher, porque nosso costume é termos três e quatro, porque<sup>6</sup> folgamos muito com filhos. Mas que nos aproveita terem muitos, pois a gente de Vossa Majestade os cativa e leva onde nunca mais os vemos? Melhor nos é estarmos em graça de Deus e de Vossa Majestade com uma só mulher, porque então os poucos que tivermos nos ficarão em casa. Pelo que também procuraremos<sup>7</sup> vencer esta dificuldade e cumprir tudo o demais que Vossa Majestade nos mandar.» «Dizeis muito bem», replicou o imperador. «Fazei-o assim, que eu também vos acrescenta<sup>8</sup>rei mais favores e mercês das que tenho dito.» E mandou logo lançar pregão que os de Ancaxa (que assim se chama a terra) eram seus fiéis vassallos, e que todos os recebessem por tais e que, por onde quer que passassem, os agasalhassem com muito amor e benevolência, e que ninguém os demandasse pelos males que até então tivessem feito, pois foram em tempo de guerra; e que, dali adiante, os que tivessem demandas com eles as acabassem diante do padre ou de quem ele pusesse em seu lugar.

Com isto, saíram os gentios tão contentes e se deram por tão obrigados ao padre, por cujo respeito o imperador lhes fizera tão grandes mercês, que lhe disseram que, não somente lhe entregariam seus filhos para que os ensinasse, mas que eles até à morte seriam seus escravos. E assim, indo lá depois o pa-

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: de.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 489/477].

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: lhe.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: mais.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: creiam.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: lhe dilatava e conservava.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: maiores.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: cozinha.

<sup>1</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 489v/477v].

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: a.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: nas.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: dificuldades.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: e filhas.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: que.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: Pelo que procuraremos também.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 490/478].

dre, o receberam todos com grande festa e trouxeram muitos meninos para que os ensinasse. E eles ouviam também com muito gosto as coisas de nossa santa fé, e, depois de ter feito bom conceito dela, pediram alguns o santo baptismo. E o padre os baptizou com seus filhos e mulheres, que são por todos [...] e muitos mais se houveram de baptizar, se pudera estar com eles de assento. Mas *Erâz Cela Christôs* o chama muitas vezes e, no inverno, ordinariamente o tem consigo por ser tempo mais acomodado para que ouçam nossas coisas seus capitães e soldados e os frades, que também faz ajuntar muitos. E assim, com estar lá agora dois padres, não podem acudir a tudo, que nem muitos bastariam<sup>2</sup> por se abrir agora de novo uma grande porta para se fazerem [fol. 535v] muitos cristãos entre outros gentios vizinhos, por causa de uma insigne vitória que Deus Nosso Senhor teve por bem de dar a *Erâz Cela Christôs* de uns gentios que chamam gâlas, e foi desta maneira:

Vieram muitos gentios gâlas de uma província que se chama Bizamô<sup>3</sup>. E, passando o Rio Nilo, entraram no reino de Gojâm e deram em umas terras de gentios agôus vizinhas à<sup>4</sup> em que estava o padre com os que de novo se tinham feito cristãos, matando muitos e fazendo extraordinárias crueldades, porque despedaçavam os<sup>5</sup> homens e muitos dos meninos e meninas que tomavam e abriam com os ferros das lanças as mulheres prenhas, e lhes tiravam as crianças das entranhas; com o que<sup>6</sup> os veio a temer tanto a gente daquela terra que não havia quem se atrevesse a resistir. Todos fugiam por onde podiam, procurando não mais que salvarem as vidas, subindo às serras e metendo-se entre os matos que são mui bastos. Mas nem isso lhes aproveitava, porque dali os tiravam e, em alguns, exercitavam suas costumadas crueldades, outros cativavam, principalmente mulheres e meninos. Tomaram grande presa de vacas, éguas e cavalos; e estiveram ali perto de um mês como senhores da terra.

Sabendo o padre, que estava perto, a destruição que tinham feito e que se vinham chegando, escreveu a *Erâz Cela Christôs*, que estava em outra província, o que passava e o risco que ele tinha. Como chegou a carta a *Erâz Cela Christôs*, partiu logo com só<sup>8</sup> alguma gente de guerra que tinha consigo, e foi caminhando a jornadas mui compridas, e mandou recado ao padre, que saísse ao caminho para confessar os capitães e soldados que são católicos, pois sabia quã forte havia de ser aquela guerra. Foi o padre, e esteve confessando até meia noite, que o mandou chamar *Erâz Cela Christôs* e<sup>9</sup> se confessou com grande devoção e mostras de contrição, e tratou algumas coisas em que tinha dúvida, pedindo encarecidamente que lhe resolvesse tudo pela opinião dos doutores mais rigorosos e seguros, e depois tornou o padre a confessar os que lhe faltavam. E, em amanhecendo, mandou *Erâz Cela Christôs* a seus capitães que pusessem em ordem sua gente, e chamou ao padre e, pondo-se de joelhos diante dele com grande humildade, lhe pediu lançasse a bênção a ele e a todo seu exército. [fol. 536] E, depois do padre o fazer, lhe beijou os joelhos e, levantando-se, subiu no cavalo e começou a caminhar, levando consigo ao padre, que o quis acompanhar. E, a meio-dia, chegaram perto de alguns gâlas que estavam em guarda da recovagem e da presa que tinham tomado, que todos os demais eram idos a correrem as terras vizinhas. E, vendo estes de longe a poeira que levantavam os cavalos de *Erâz Cela Chris-*

tôs e parecendo-lhes que era muita gente, que não haviam de poder resistir, mataram com grande raiva muitas mulheres, meninos e meninas. E dizia depois o padre, que os viu, que era lastimoso espectáculo ver uns degolados, outros abertas as entranhas, e muitas das mulheres atasalhadas<sup>1</sup>, já expirando, com os filhos de mama em os braços.

Em estas crueldades estavam ocupados os gâlas, quando chegou a gente de cavalo de *Erâz Cela Christôs* e acometeu com tanta fúria<sup>2</sup> que, em pouco espaço, os mataram quase todos, porque eram poucos que<sup>3</sup>, segundo dizem, não chegavam a quinhentos, e tomaram toda a presa que tinham, que eram 5000 vacas, e muitas éguas e cavalos; também muitas mulheres e meninos, que ficaram por não lhes darem tempo para as<sup>4</sup> matarem. Soube logo *Erâz Cela Christôs* como o exército dos gâlas era ido a dar em outra terra, e que esperavam por ele o dia seguinte. Aparelhou-se ele aquela noite<sup>5</sup> com se tornar a confessar e armou-se com muita oração como sempre acostuma. E, outro dia pela manhã, que foram 23 de Janeiro de 1621<sup>6</sup>, pôs sua gente entre um arvoredo, para que não fosse vista dos inimigos, e ali esperou que saísse<sup>7</sup> dos matos por onde vinham. Os gâlas também (segundo alguns afirmam) tiveram aviso pelos que fugiram do que passara e como a gente era pouca, e assim vieram com grande ira, desejosos de os acharem para vingarem as mortes dos seus. E, como saíram a um campo grande, lhes deu nas costas subitamente a cavalaria de *Erâz Cela Christôs*, mas eles pelejaram tão fortemente que os fizeram voltar. E, vendo *Erâz Cela Christôs* que os seus iam de vencida, arremeteu com os que lhe ficavam, e pelejou com tão grande esforço que não somente deteve<sup>8</sup> o ímpeto dos gâlas, mas os desbaratou e matou muitos, particularmente dos de pé, que dizem foram 2000, e que tomara mais de 6000 vacas e muitos cativos gentios que aqueles gâlas traziam. E assim, a estes como aos que primeiro [fol. 536v] tinha tomado, deu liberdade, com condição que ouvissem a doutrina do padre<sup>9</sup> eles e seus filhos e, se lhes parecesse bem, se fizessem cristãos. E, em sinal de que o haviam de fazer assim, trouxeram logo ao padre quarenta meninos que as mães tinham ao<sup>10</sup> colo, e ele os baptizou no meio do arraial.

Poucos dias depois, foi o padre à<sup>11</sup> terras daqueles gentios, e receberam-no com grande amor e benevolência, e juntaram-se muitos a ouvir as coisas de nossa santa fé e continuaram muitos dias, e depois pediram com muito fervor o santo baptismo. E, por não poder um padre só catequizar tantos e acudir a outros muitos das terras vizinhas, que desejavam ouvir nossa doutrina, foi forçado a outro padre, que estava naquele reino bem ocupado com os portugueses, ir a ajudar, e baptizaram dois mil e quatrocentos, e vão catequizando outros muitos. E fizeram algumas igrejas, e outras se vão fazendo em diferentes terras, que por todas são treze. E, confor<sup>12</sup>me ao fervor e devoção que geralmente mostram aqueles gentios, parece que se farão tantos cristãos que cedo seja necessário edificar-se outras muitas igrejas.

<sup>1</sup> Atasalhadas, dilaceradas.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 491/479].

<sup>3</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: porque eram poucos que.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: os.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: Aparelhou-se a noite.

<sup>6</sup> Ms. 778 BPB: [Janeiro de 621].

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: saíssem.

<sup>8</sup> Ms. 778 BPB: só entreteve.

<sup>9</sup> Ms. 778 BPB: e.

<sup>10</sup> Ms. 778 BPB: no.

<sup>11</sup> Ms. 778 BPB: às.

<sup>12</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 491v/479v].

<sup>1</sup> Espaço em branco no Ms. Goa 42 ARSI e no Ms. 778 BPB.

<sup>2</sup> Ms. 778 BPB: bastavam.

<sup>3</sup> Ms. 778 BPB: Bizanô.

<sup>4</sup> Ms. 778 BPB: às.

<sup>5</sup> Ms. 778 BPB: aos.

<sup>6</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: o que.

<sup>7</sup> Ms. 778 BPB: [fol. 490v/478v].

<sup>8</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: só.

<sup>9</sup> Omisso no Ms. 778 BPB: e.

[fol. 537] *Contou-me em Baçaim Duarte de Melo, que, vindo do reino no ano de 1585 na nau Santiago capitânia, de que era capitão-mor Fernão de Mendonça, que se perdeu nos baixos da Índia, que, indo caminhando pela Cafraria e sendo mortos os mais de seus companheiros e entre ele quatro padres da Companhia, chegou a tanta fraqueza dia de Todos os Santos em amanhecendo, que ele se virou para o Padre Pêro Martinez, que vinha por provincial da Companhia e depois foi bispo do Japão, e lhe disse: «Amigo, ficai-vos embora, que parece que é Deus servido de me levar para si.» Ele, estando também desfalecido, se alevantou com novo ânimo e alento, dizendo-lhe: «Não haveis de morrer agora: há-vos Deus de levar a salvamento a vossa casa, a ver vossa mulher e filhos, e haveis de entrar na vossa fortaleza de Diu, e no vosso primeiro ano se há-de fundar ali a nossa casa da Companhia.» O que assim sucedeu, e daqui procedeu passarem os padres da Companhia à Etiópia e em seu tempo foram quatro: o Padre Francisco António, o Padre Luís d’Azevedo, Padre António Fernandes, Padre Lourenço Romano.*

*Baçaim 4 de Dezembro de 1624*

#### *A. Patriarcha Aethiopiae*

[fol. 538] *Quando os Padres Luís d’Azevedo e Lourenço Romano passaram, mandou o Capitão Duarte de Melo seus saguates<sup>1</sup> ao Baxâ, com que ele lhe deu passagem mui franca, como vi em cartas dos mesmos padres, que já lhe escreveram de Etiópia.<sup>2</sup>*

# C R O N O L O G I A

DOS REIS ETÍOPES (1270-1632)

<sup>1</sup> Oferendas.

<sup>2</sup> As anotações dos fols. 537-8 do *Ms. Goa 42 ARSI*, foram escritas pelo Patriarca Afonso Mendes. O *Ms. 778 BPB* contém igualmente duas passagens suplementares (uma de 16 linhas mais assinatura, e outra de 4 linhas) que não foi publicada na edição do Porto, 1945-1946. Devido ao facto de no *Ms. 778 BPB* a tinta ter queimado o papel, não é possível identificar mais que algumas palavras coincidentes com as do *Ms. Goa 42 ARSI*. No *Ms. 778 BPB*, estas passagens aparentam ser da mesma mão que a do restante texto.

REINO	NOME	NOME DE REINO
1270-1285	<i>Icûnu Amlac / Yëkuno 'Ämlak</i>	Täsfa 'Iyäsus / Yohännës
1285-1294	<i>Agba Ceôn / Yagbë'a Şeyon</i>	Salomon
1294-1299	Sucessão de 5 reis	
1299-1314	<i>Udm Eraâd / Wëdëm Râ'ad</i>	
1314-1344	<i>Amd Ceôn / 'Ämdä Şeyon</i>	Gäbrä Mäsqäl
1344-1371	<i>Zeîf Arâd / Zeifa Arâd Säyfa 'Ar'ad</i>	Nëwayä Krëstos
1371-1379	Nëwayä Maryam	Wëdëm Asfare, Gërma Asfare
1379/80-1413	<i>David / Dawit</i>	Qwästantinos
1413-1414	<i>Tedrôs / Tewodros</i>	Wäldä 'Anbäsä
1414-1430	<i>Isaac / Yeshäq</i>	Gäbrä Mäsqäl
1430	<i>Andreas / 'Endrëyas</i>	
1430-1433	<i>Hezbnânh / Hëzb Nañ</i>	Täklä Maryam
1433-1434	Sarwé Iyäsus	Mëhrëkä Nañ
1434	'Ämdä Iyäsus	Bädël Nañ
1434-1468	<i>Zara Iacob / Zär'a Ya'ëqob</i>	Qwästantinos
1468-1478	<i>Bedâ Mariâm / Bäëda Maryam</i>	Dawit
1478-1494	<i>Escandêr / Èskëndër</i>	Qwästantinos
1494	<i>Amd Ceôn / Ämdä Şeyon II</i>	
1494-1508	<i>Naôd / Na'od</i>	'Anbäsä Bädar
1508-1540	<i>Lebenâ Denguîl / Lëbnä Dëngël</i>	<i>Onâg Çaguêd / Wänag Sägäd,</i> <i>'Etänä Dëngël, Dawit</i>
1540-1559	<i>Glaudeôs / Gälawdewos</i>	<i>Athanâf Çaguêd / 'Asnaf Sägäd</i>
1559-1563	<i>Minâs / Minas</i>	<i>Adamâs Çaguêd / 'Admas</i> Sägäd, Wänag Sägäd
1563-1597	<i>Zerza Denguîl / Şärsä Dëngël</i>	<i>Malâc Çaguêd / Mäläk Sägäd</i>
1597-1603 / 1605-1607	<i>Iacob / Ya'ëqob</i>	<i>Malâc Çaguêd / Mäläk Sägäd</i>
1603-1604	<i>Za Denguîl / Zä Dëngël</i>	<i>Athanâf Çaguêd / 'Asnaf Sägäd</i>
1607-1632	<i>Suseneôs / Susnëyos</i>	<i>Seltân Çaguêd / 'Selţan Sägäd</i>



ABREVIATURAS  
DE DOCUMENTOS  
CITADOS

Ab	Abbay
ACIHMPEC	Actas do Congresso Internacional de História Missionaçã Portuguesa e Encontro de Culturas
ACISE	Atti del Convegno Internazionale di Studi Etiopici
AE	Annales d'Éthiopie
Aeth	Aethiopica
AHSI	Archivum Historicum Societatis Iesu
AIUON	Annali dell'Istituto Universitario Orientale di Napoli
Ar	Archaeologia
ArE	Archiva Ecclesiae
BrsO	Bessarione, Rivista di Studi Orientali
BSGI	Bolettino della Società Geográfica Italiana
BSGL	Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa
BSOAS	Bulletin of School of Oriental and African Studies
CC	Civiltà Cattolica
CIDGERA	Congresso Internacional Damião de Góis na Europa do Renascimento. Actas
CMP	Congresso do Mundo Português
CSCO	Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium
DA	Dossiers de l'Archéologie
DHDP	Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses
DHMPPPO	Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente
DI	Documenta Indica
DSRAPA	Dipartimento di studi e ricerche su Africa e paesi arabi
EAe	Encyclopaedia Aethiopica
EBCA	Extrait du Bulletin de Correspondance Africaine
ED	Euntes Docete
EGJ	Ethiopian Geographical Journal
ETF-HM	Espacio, Tiempo y Forma – Historia Moderna
JA	Journal Asiatique
JAH	Journal of African History
JES	Journal of Ethiopian Studies
JSS	Journal of Semitic Studies
LCC	Les cahiers coptes

LHPI	Literatura e História para uma prática interdisciplinar
MEFREM	Mélanges de l'École Française de Rome – Moyen Âge
MEFRIM	Mélanges de l'École Française de Rome – Italie et Méditerranée
MHSI	Monumenta Historica Societatis Iesu
MRAL	Memorie della Reale Accademia dei Lincei
NAS	Northeast African Studies
O	Orientalia
OC	Oriens Christianus
OCP	Orientalia Christiana Periodica
P	Paideuma
PC	Povos e Culturas
PG	Patrologiæ Græcæ
PICES	Proceedings of International Conference of Ethiopian Studies
PL	Patrologiæ Latinæ
PO	Patrologia Orientalis
QSE	Quaderni di Studi Etiopici
RÆSOI	Rerum Aethiopicarum Scriptores Occidentales Inediti
RANL	Rendiconti della Accademia Nazionale dei Lincei
RC	Rivista delle Colonie
RHM	Revue d'histoire des missions
ROC	Revue d'Orient Chrétien
RRANL	Rendiconti della Reale Accademia Nazionale dei Lincei
RS	Revue Sémitique
RSE	Rassegna di Studi Etiopici
S	Studia
SÆ	Scriptores Æthiopici
TEI	The Encyclopaedia of Islam
Xav	Xaveriana

## GLOSSÁRIO

*Abba Çalamâ / Abba Salamá / 'Abba Sälama I / Fremonatôs / Fremënaṭos / Frumêncio (Tiro (?), ca. 315-Etiópia, ca. 380).* Foi o primeiro metropolita da Igreja etíope, também chamado 'Abba Sälama Käsate Bërhan. O relato mais antigo conhecido sobre o papel desempenhado por Fremënaṭos (Frumêncio) na conversão do rei da Etiópia ao cristianismo pode ler-se na *História Eclesiástica* de Rufino de Aquileia<sup>1</sup>. De acordo com a informação disponível, era, ora discente de um filósofo, ora jovem servo de um mercador cristão de Tiro, com quem viajou até às Índias, vindo a ser acolhido em Aksum em circunstâncias dramáticas, após um naufrágio. Contudo, segundo uma tradição etíope, fixada no seu *gädl* (hagiografia), bem como no primeiro dos dois catálogos dos reis incluído por P. Páez, ele «veio de Jerusalém»<sup>2</sup>. Fremënaṭos foi consagrado bispo por Atanásio, patriarca de Alexandria (ca. 295-373, eleito 328, quatro períodos de exílio entre 335-7, 339-46, 356-61, 362-3). Regressou a Aksum investido na dignidade episcopal com a missão de fundar a Igreja etíope que ficou filiada da Igreja egípcia. Na *Apologia* de Atanásio<sup>3</sup>, foi transcrita uma carta que o Imperador Constâncio enviou aos senhores de Aksum (o Rei 'Ezana e o seu irmão, o Príncipe Sé'azana), logo depois da eleição controlada por si de um patriarca defensor das teses arianas em Alexandria (357), requerendo o regresso de Fremënaṭos para ser avaliado em matéria doutrinal, o que, aparentemente, nunca se verificou. É festejado a 26 *hämle* (30 de Julho) no calendário litúrgico ortodoxo<sup>4</sup>. (ver 'Abunä / metropolita).

*Abba Marcâ / Mëhërka Dëngël (Etiópia, séculos. XVI-XVII).* 'Abba Mëhërka Dëngël era *qäys häṣäy* (capelão real); foi o escriba que iniciou a redacção da *Crónica de Susnëyos*<sup>5</sup>. Converteu-se ao catolicismo após intensas discussões com os padres da segunda missão jesuíta. As fontes missionárias consideram-no um dos mais eruditos letrados da Etiópia. Uma carta do Pe. Luís de Azevedo (30.07.1608) assinala que ele era particularmente brilhante na defesa da fé romana<sup>6</sup>.

**Abexim.** Pertencente ou relativo à Abissínia; significa o mesmo que «etíope». O termo resultou da adaptação da flexão plural (*ahäbish*) do termo árabe, de origem sudarábica, *habash* ou *habasha*, pelos falantes portugueses a partir do século XVI, coincidindo as primeiras ocorrências escritas

<sup>1</sup> «Historiæ ecclesiasticæ», in *PL*, t. 21, pp. 465-540. Edésio (ou Sidrakos), companheiro de Frumêncio, foi um dos informantes de Rufino. Ver também o relato de Sózamo de Salamina (Sozomène, *Histoire Ecclésiastique*, 1983, pp. 328-335).

<sup>2</sup> Ver livro I, cap. V e R. Schneider, «Les Actes d'Abuna Salama», *AE*, 14, 1987, pp. 153-164.

<sup>3</sup> «Ad imperatorem Constantium Apologia», in *PG*, t. 25, pp. 595-642 ; *Apologie à l'empereur Constance*, 1958, pp. 124-126.

<sup>4</sup> E. W. Budge (ed.), *The Book of the Saints*, vol. 4, 1928, pp. 1164-5.

<sup>5</sup> F. M. Esteves Pereira (ed.), *Chronica de Susenyos, Rei de Ethiopia*, vol. 2, 1900, p. 55.

<sup>6</sup> C. Beccari (org.), *RESOI* 11, 1911, p. 147.

com o contacto directo com as populações ribeirinhas do Mar Vermelho: Tomé Pires referiu os «abixins gentes cristãs» ou «abexins», na *Suma Oriental*, redigida entre 1512 e 15157, enquanto Afonso de Albuquerque, na carta de 04.12.1513 em que relatou a recente expedição àquele mar, registou a variante «abaxis» a par da forma «abexim» que se tornou corrente<sup>8</sup>. Este nome era usado para designar genericamente os habitantes do reino cristão da Etiópia. Ali, o termo *habäša* é tradicionalmente aplicado às populações das montanhas centrais, centro do antigo império cristão, amharas e tigrinhas<sup>9</sup>. (Ver Etiópia e Preste João).

**Abraão de Georgis (Alepo, ca. 1550 - Mēšēwa´ / Maçuá, Jan. 1595).** Cristão maronita da Síria<sup>10</sup>, encontrava-se em Roma, desde 1574, a estudar línguas e gramática, quando, em 1582, iniciou o noviciado no Colégio da Companhia de Jesus. Prosseguiu os estudos, cursando Humanidades e Filosofia, em Florença e Roma. Recebeu a tonsura em 1588 e a ordem do sacerdócio em 1591. Entretanto, na costa do Malabar, na Índia, a Companhia sentia a falta de um missionário com conhecimento de línguas orientais e Abraão de Georgis foi enviado para a missão junto dos cristãos de S. Tomé, tendo desembarcado em Cochim em 1593<sup>11</sup>. No final do ano de 1594, e aparentemente à revelia do provincial de Goa, por ordem do vice-rei, o vice-provincial e a congregação dos padres professos decidiram enviá-lo para a missão da Etiópia, uma vez que, falando árabe, passaria mais facilmente despercebido que um religioso português ou espanhol. Identificado como cristão, foi degolado por ordem do capitão turco da fortaleza de Mēšēwa´<sup>12</sup>. É de supor que a sua origem e o seu conhecimento dos dogmas ortodoxos monofisitas, tenham pesado na escolha de Abraão de Georgis para renovar a missão jesuíta na Etiópia. Não é menos relevante, embora pouco esclarecido, o facto de o seu envio para este país não ter sido aprovado, ou pelo menos confirmado, pela hierarquia eclesiástica em Goa: neste período, em que os jesuítas se esforçavam por conseguir a trasladação dos ossos de S. Tomé, de Mylapor para Goa, os habitantes cristãos daquela localidade do Sul da Índia esforçavam-se por manter, e mesmo por alargar, a sua autonomia face às autoridades eclesiásticas e administrativas goesas<sup>13</sup>.

**Abû Ferâgi / Adultério de Franges.** Obra de controvérsia religiosa, produzida em Alexandria, que foi levada para a Etiópia pelo metropolitano alexandrino da Igreja etíope. Em 1556, o Pe. Gonçalo Rodrigues remeteu ao Rei Gälawdewos uma carta em que solicitava acesso ao tratado copta traduzido para a língua gúeze, a fim de compor uma refutação ao seu conteúdo. Segundo o padre jesuíta, condenava o Concílio de Calcedónia (451) «dizendo que fez quatro pessoas na Santíssima Trindade, com outros muitos erros que, falsamente, nos impõem a nós»<sup>14</sup>. Aparentemente, o livro foi queimado no reinado de Säršä Dängel (Mäläk Säğäd)<sup>15</sup>. Merid Wolde Aregay sugere

riu, porém, a hipótese de ter havido uma alteração do título que explicaria o seu aparente desaparecimento, identificando-o com o *Mäzğäbä Haymanot*<sup>16</sup>. (Ver Concílio de Calcedónia e controvérsia religiosa).

**'Abunä / metropolitano.** Significa literalmente «nosso pai» e é usado antes do nome do metropolitano, como sinal de respeito. Autoridade máxima na hierarquia da Igreja etíope, foi, até 1951 (ano da morte do 'Abunä Qerellos), nomeado pelo patriarca da Igreja copta de Alexandria. Esta dependência era justificada pelo trigésimo sexto artigo dos Cânones de Niceia do *Senodos* árabe, correspondente ao quadragésimo segundo da versão etíope, incluído no *Fētha Nägäst*, *corpus* de leis produzido em contexto copta em meados do século XII e introduzido na Etiópia, segundo tradição, no reinado de Zär'ä Ya'eqob, mas provavelmente mais tarde, no reinado de Säršä Dängel<sup>17</sup>. Ao 'abunä cabia sagrar as pedras de ara (*tabot*), ordenar sacerdotes e zelar pela ortodoxia cristã da Igreja. Desempenhada por homens formados no seio da Igreja copta e estranhos à realidade histórico-cultural da congregação dos fiéis da Igreja etíope, esta missão reguladora nem sempre foi pacífica<sup>18</sup>. O interesse que perpassa no relato de P. Páez relativamente à função, e sobretudo a acção política, dos metropolitas reporta-se directamente ao modo como os missionários jesuítas procuravam interpretar a relação da hierarquia eclesiástica etíope com o poder real, no contexto da sua própria estratégia de conversão do soberano ao catolicismo. A seu ver, a consolidação da influência católica na corte deveria resultar na substituição do metropolitano ortodoxo vindo de Alexandria por um patriarca nomeado pelo pontífice romano. Este projecto – estabelecido por Inácio de Loyola<sup>19</sup> –, revela que o peso da visão induzida pelo argumentário da **Carta do Preste João** (onde o soberano indiano surgia coadjuvado pelo patriarca de S. Tomé) era, para P. Páez e para outros escritores da missão, maior que a evidência testemunhal das tensões múltiplas entre o soberano, o clero etíope e o 'abunä egípcio<sup>20</sup>.

**Acabe eçât / acabeçât / acabiçât / 'äqqabe sä'at.** Literalmente é o «guardião das horas». O cargo que corresponde a este título está ainda mal identificado. Aparentemente, o seu titular detinha e guardava as listas reais e tinha a seu cargo anunciar as horas da oração. Era um cargo honorífico, cujo papel se foi pouco a pouco politizando, ao ponto de, nos finais do século XV, o 'äqqabe sä'at ser um dos três membros do conselho de regência do jovem Rei Eskëndär. Este título passou a ser atribuído como um privilégio aos superiores de Däbrä Hayq, mosteiro fundado numa ilha do Lago Hayq, no final do século XIII, talvez como recompensa do apoio dado pelos frades a Yëkuno 'Amlak<sup>21</sup>.

7 A. Cortesão (ed.), *A Suma Oriental de Tomé Pires*, 1978, p. 136

8 *Cartas de Afonso de Albuquerque*, t. 1, 1884, pp. 229 e 232.

9 M. J. Ramos, «Ethiopia / Abyssinia», 2003, vol. 1, pp. 406-10.

10 Sobre esta comunidade, a sua expansão e distribuição geográfica, ver B. Heyberger, *Les chrétiens du Proche Orient*, 1994, pp. 13-6.

11 S. Kuri, «Vocations orientales à la compagnie de Jésus», *AHSI*, 56, 1987, p. 119.

12 C. Beccari (org.), *RÆSOI* 10, 1910, p. 374 e pp. 383-5; B. Teles, *História geral de Etiópia-a-Alba*, 1660, pp. 229-34.

13 I. Županov, *Missionary Tropic: The Catholic Frontier in India (16th-17th centuries)*, 2005, pp. 87-112.

14 Ver p. 485, *supra*.

15 Ver p. 713, *supra*.

16 Merid Wolde Aregay, «The Legacy of Jesuit Missionary Activities», *The Missionary Factor in Ethiopia*, 1998, p. 41.

17 *The Fetha Nagast*, 1968, chap. IV, part I, 42, p. 18 («As for the Ethiopians, a patriarch shall not be appointed from among their learned men, nor can they appoint one by their own will. Their metropolitan is subject to the holder of the see of Alexandria, who is entitled to appoint over them a chief who hails from his region and is under his jurisdiction.»). Em Niceia ficou definido que a Cristandade teria quatro patriarcas apenas (p. 17).

18 Piovanelli, «Les controverses théologiques...», 1995, p. 190; da Leonessa, «La versione etiopica dei canonici apocrifi...», *RSE*, 2, 1942, pp. 34-36, 50 e 78; Getachew Haile, «Religious Controversies», *OC*, 65, 1981, p. 115, n.º 57.

19 Sinal da importância atribuída à missão etíope, Inácio de Loyola, em carta enviada de Roma a João Nunes Barreto (*Epist. Ign.* 4645, 26 Jul. 1554), confirma a nomeação de um patriarca e de dois bispos auxiliares para a Etiópia, nomeação excepcional e contrária às *Constituições da Sociedade de Jesus*, que impede a aceitação «de uma dignidade ou de uma prelatura no interior da Companhia» (*Constitutiones Societatis Iesu*, pars decima, 1583).

20 Ver M. J. Ramos, «Machiavelian Empowerment and Disempowerment...», 1999, pp. 200-1; «El mito del Preste Juan y las creencias ibéricas sobre Etiópia», 2007, pp. 44-5.

21 M.-L. Derat, *Le domaine des rois éthiopiens*, 2003, pp. 92-5; S. Kaplan, «Aqqabe sä'at», *EAE*, 1, 2003, pp. 292-3.

**Afonso de França (século XVI).** Um dos «quatrocentos» da expedição militar comandada por D. Cristóvão da Gama. Foi o sexto capitão dos portugueses na Etiópia. Acompanhou e serviu como intérprete ao Pe. Gonçalo Rodrigues (1555-56) e desempenhou um papel importante no acolhimento da **primeira missão jesuíta**. Desconhece-se que decisão tomou face ao édito promulgado pelo Bispo D. Andrés de Oviedo no início de 1559. No mesmo ano, o novo rei, Minas, deu o cargo de capitão dos portugueses a Francisco Jacome, o que indicia que Afonso de França poderá ter perdido entretanto a confiança do poder régio. Morreu em 1562<sup>22</sup>.

**Agçûm / Aksum.** Capital do antigo reino com o mesmo nome, situado no norte da Etiópia, *ca.* 2200m de altitude, no vale entre os montes Betä Giyorgis e May Qoho; os vestígios arqueológicos permitem datar a sua fundação no século II a.C. No século IV, o Rei 'Ezana decretou o cristianismo religião oficial do reino. Aksum declinou a partir do século VII, tendo recuperado o estatuto de cidade santa a partir do século XV, no reinado de Zär'ä Ya'eqob cujo génio político passou possivelmente pelo estabelecimento de uma ligação entre a realeza de Aksum e a dinastia de Amhärä-Shäwa. Foi este rei quem voltou a dar à cidade um lugar central no processo do ritual da sagração real, reapropriando-se de elementos do passado aksumita<sup>23</sup>. Susnëyos também se submeteu ao cerimonial da sagração em Aksum que reforçava a sua legitimidade, «sendo feito rei, assim como foram feitos reis os reis antigos, que reinaram antes d'elle»<sup>24</sup>. Segundo a tradição etíope, retomada por Páez, a Arca da Aliança, que teria sido levada de Jerusalém por Mënilek I, filho de Mäqeda, a **Rainha de Sabá**, e de Salomão, encontra-se encerrada no santuário de Santa Maria do Sião, em Aksum. (Ver **pedra de ara / tabot** e **Këbrä Näga?t, infra**).

**Aleixo de Meneses, Frei (Lisboa, 1559-Madrid, 03.05.1617).** Frade agostinho, foi sagrado bispo de Goa em 1595, ano em que tomou posse da diocese. Impulsionou a actividade evangelizadora, nomeadamente das missões agostinianas, envolvendo a sua actuação pastoral directamente na tarefa de re-evangelizar a comunidade dos cristãos do Malabar. Favoreceu a missão etíope, em resposta às orientações régias, tendo procurado facilitar o envio de missionários para a Etiópia<sup>25</sup>. Assumiu o cargo de governador da Índia em 1608-1609, depois da morte do vice-rei D. Martim Afonso de Castro, em Malaca, em Junho de 1607. Eleito para a dignidade de primaz em 1610, partiu de Goa em Janeiro do ano seguinte e entrou na posse da diocese de Braga no Verão de 1612. Filipe III (II de Portugal) nomeou-o vice-rei de Portugal em 1613. Residiu em Madrid, sendo arcebispo de Braga, vice-rei e presidente do Conselho de Estado do Reino de Portugal, até que faleceu.

**Athanathêus / Aṭēnaṭewos (Etiópia, séculos XVI-XVII).** Aparentemente, tornou-se o homem forte do reino a partir do final do século XVI. Segundo a *Crónica de Susnëyos*, foi nomeado «ministro do

reino», pouco depois da morte de Säršä Dëngël (Julho de 1597), desempenhando ainda as mesmas funções no início de 1602. Finalmente, a 14 de Dezembro de 1604, Susnëyos recebeu o poder real (e foi, provavelmente, coroado) pela corte chefiada por Aṭēnaṭewos que, depois de ter apoiado Ya'eqob contra Zä Dëngël, passou para o partido de Susnëyos, enquanto o Rei Ya'eqob se encontrava exilado em 'Enarya<sup>26</sup>. A sua relevância política apoiava-se, fundamentalmente, em dois aspectos: a ligação familiar à linhagem real e a posição que conquistou, e que lhe foi reconhecida, na corte ao longo deste período conturbado da história da Etiópia. Ele era «genro do imperador Malâc Çaguêd» e também da «imperatriz Mariâm Sinâ»<sup>27</sup>. O facto de Aṭēnaṭewos ter recebido em casamento uma filha do rei Mäläk Sägäd (a *wäyzäro* Wälättä Giyorgis) atesta a correlação entre a política matrimonial real e a necessidade de controle da região do Goğğam. A sua actuação no campo político combinou o interesse pessoal com a fidelidade ao rei. Assim, depois do cargo de rás do Goğğam lhe ter sido tirado a favor de Së'elä Krëstos em 1612 e, apesar de ser favorável aos jesuítas, mudou de partido, em Junho de 1617, tornando-se «rebelde», acabando por ser desterrado para o Amhära<sup>28</sup>. (D. Toubkis).

**Atronê Ça Mariâm / Atronsä Maryam.** Igreja real fundada pelo Rei Bä'ëda Maryam na região Amhära (Amhära Säyënt). Segundo a crónica deste rei, a igreja foi o local de sepultura de vinte e um reis e metropolitas<sup>29</sup>: os corpos de Yëkuno 'Amlak, fundador da dinastia salomónica, Nëwäyä Maryam e Tewodros teriam sido trasladados para ali. O próprio Bä'ëda Maryam, assim como o seu filho e sucessor Eskëndër, foram ali sepultados<sup>30</sup>. A igreja foi destruída em duas ocasiões: a primeira vez, pelas tropas do imã Ahmed ibn Ibrahim, a 3 de Novembro de 1531; a segunda vez, pelos oromo, em 1709-1710<sup>31</sup>. A comitiva do embaixador de Portugal, D. Rodrigo de Lima, visitou-a em Setembro de 1520 e, depois, no primeiro dia de Janeiro de 1521, quando se fez a trasladação dos ossos do Rei Na'od<sup>32</sup>. (M.-L. Derat).

**Balatinôch gueitâ / blättenoçgeta (plural de blättengeta).** Era uma espécie de primeiro-ministro da casa do rei ou de um rás, que tinha a cargo o tesouro real e que tinha funções muito mais domésticas que guerreiras<sup>33</sup>. Desde a época do Rei Lëbnä Dëngël e até ao final do século XVII, havia dois *blättenoçgeta*: um *tallaq* (grande) *blättengeta* e um *ṭeqäqen* (pequeno) *blättengeta*<sup>34</sup>. O segundo estava subordinado ao primeiro e tinham ambos sob comando uma categoria de *blättenoç* (oficial do rei ao mesmo tempo civil e militar)<sup>35</sup>. Desde o reinado de Säršä Dëngël, o *tallaq blättengeta*

<sup>22</sup> F. M. Esteves Pereira, *Chronica de Susenyos*, vol. 2, 1900, pp. 11, 31 e 46.

<sup>27</sup> Ver, respectivamente, p. 137 e p. 229 *supra*.

<sup>28</sup> Ver C. Beccari (org.), *RÆSOI* 11, 1911, pp. 426-7.

<sup>29</sup> J. Perruchon, *Les Chroniques de Zar'a Ya'eqob*, 1893, p. 171.

<sup>30</sup> J. Perruchon, *Histoire d'Eskender*, 1894, pp. 355-6.

<sup>31</sup> R. Basset, *Histoire de la conquête d'Abyssinie*, vol. 1, 1897, pp. 307-308, nota 1, e 311-13; M. Kropp, «Die Geschichte des Lebnä Dengel, Claudius und Minas», *CSCO – SÆ*, 83-84, 1988, p. 13.

<sup>32</sup> F. Álvares, *Verdadeira Informação*, 1943, caps. 64 e 95.

<sup>33</sup> Ver I. Guidi, «Uno squarcio di storia ecclesiastica di Abissinia», *BsO*, 8, 1900, col 315, que se baseou largamente nas crónicas reais.

<sup>34</sup> I. Guidi, «Contributi alla storia letteraria di Abissinia», 1922, pp. 66 e 83.

<sup>35</sup> Conti Rossini, «Historia Regis Sarsa Dengel», *CSCO – SÆ*, 4, 1962, pp. 119, 131, 166, 172, 179, 187.

<sup>22</sup> C. Beccari (org.), *RÆSOI* 10, 1910, p. 144.

<sup>23</sup> D. Toubkis, *Je deviendrai roi sur tout le pays d'Éthiopie*, 2004, pp. 429-30 ; B. Hirsch & F.-X. Fauvelle-Aymar, « Aksum après Aksum... », *AE*, 17, 2001, (pp. 57-107), p. 76.

<sup>24</sup> F.M. Esteves Pereira, *Chronica de Susenyos*, vol. 2, 1900, p. 95. Ver também livro 1, cap. 12 e livro 4, cap. 26, *supra*. A retórica discursiva de Páez parece querer fazer passar a ideia de que o rei encarava o ritual com a displicência de quem cumpre uma formalidade.

<sup>25</sup> C. Beccari (org.), *RÆSOI* 10, 1910, pp. 388 e 400.

detinha as funções curiais do *ras-beht wäddäd par interim* quando este se deslocava à região da sua investidura<sup>36</sup>. Mas era igualmente um oficial do exército real (tal como o *ṭeqäqen blättengeta*) como se pode ver em numerosas ocorrências na *Crónica de Susnēyos*. Relativamente ao reinado deste rei, é possível citar numerosos exemplos de *blättenoçeta*: Yolios – 1609; Keflo – 1610; Awnabyos – 1614, 1621; Yona'el – 1609; Qebe'ä Krēstos – 1620; Labäsi – 1610; Mälke'ä Krēstos – 1618, 1620, 1628-29; Wäldä Giyorgis – 1628; Sutaf – 1621; Särşä Krēstos – 1624, 1627<sup>37</sup>. (D. Toubkis).

**Behêt uädêd / behêt oadêd / beht wäddäd.** Significa «o único amado», mas também «aquele que tem uma vontade independente»<sup>38</sup>. O título existe sem dúvida desde o século XIV. No século XV, e até meados do século XVI, existiam dois *beht wäddäd*: um da esquerda e o outro da direita, de acordo com a divisão em duas partes do campo real. Enquanto o da direita conduzia em campanha os exércitos do rei, o da esquerda tinha a tutela do reino, tendo a cargo a administração do campo real e da justiça<sup>39</sup>. Foi, aparentemente, o Rei Gälawdewos quem suprimiu o cargo. No reinado de Särşä Dēngēl, foram então substituídos por um único rás; o título subsistiu, porém, sendo associado ao de rás. O primeiro *ras-beht wäddäd* foi Wäldä Krēstos, talvez a partir de 1572-1573 ou do período de 1586-1594<sup>40</sup>. Durante o reinado de Susnēyos, dois irmãos do rei foram sucessivamente *beht-wäddäd* sem deixarem o seu título de rás: Yämänä Krēstos, de 1610 a 1617, e Sē'ēla Krēstos, de 1617 até ao final deste reinado<sup>41</sup>. Sē'ēla Krēstos foi substituído no primeiro ano do reinado de Fasilädäs, em 1632, por Zä-Krēstos<sup>42</sup>. (D. Toubkis).

**Bernagaez / bahâr nagâx / bahr nägaš.** Significa literalmente «governador do mar» ou «rei do mar». O seu poder parece ter sido reforçado no reinado de Zär'ä Ya'eqob, a fim de conservar o acesso ao litoral<sup>43</sup>. Em 1557, não conseguiu impedir a ocupação de Mēşēwa' (Maçuá) e Arqiqo, mas teve o ímpeto invasor de Zemur Paxá perto de Dēbarwa<sup>44</sup>. Mēşēwa' ficou então sob a autoridade do *shum* de Dalak e dependia do *nayb* turco<sup>45</sup>. A perda do controlo da zona costeira resultou na crescente dificuldade do acesso ao reino da Etiópia. A partir das informações recolhidas por Francisco Álvares (entre 1520 e 1526), o território controlado pelo *bahr nägaš* começava na margem norte do Rio Märäb e estendia-se para nordeste. A sua principal residência era Dēbarwa, povoação construída entre as nascentes dos rios Barka e Märäb<sup>46</sup>. A região que governava, embora fosse periférica, ocupava um lugar estratégico fundamental, sendo essencial para os reis garantir a lealdade do *bahr nägaš*. (D. Toubkis).

<sup>36</sup> I. Guidi, «Contributi alla storia letteraria di Abissinia», 1922, p. 82.

<sup>37</sup> F. M. Esteves Pereira, *Chronica de Susenyos...*, vol. 2, 1900, pp. 107, 117 e 200, 105, 188-9, 105, 157, 187, 226, 233, 226, 191, 215 e 222.

<sup>38</sup> I. Guidi, «Uno squarcio di storia ecclesiastica di Abissinia», *BrsO*, 8, 1900, col. 339; «Contributi alla storia letteraria di Abissinia», 1922, p. 70, nota 1.

<sup>39</sup> I. Guidi, «Contributi alla storia letteraria di Abissinia», 1922, pp. 77 e 81.

<sup>40</sup> I. Guidi, «Contributi alla storia letteraria di Abissinia», 1922, p. 82, nota 1; I. Guidi, «Historia gentis galla», 1962, p. 204.

<sup>41</sup> F. M. Esteves Pereira, *Crónica de Susenyos...*, vol. 2, 1900, pp. 106, 122-3.

<sup>42</sup> J. Perruchon, Jules, «Notes pour l'histoire de l'Éthiopie. Règne de Susenyos ou Seltan Sagad (1607-1632)», *RS*, 1897, p. 61; R. Basset, *Études sur l'histoire de l'Éthiopie*, Paris, 1882, p. 133; F. Béguinot, *La cronaca abbreviata d'Abissinia*, 1901, p. 48.

<sup>43</sup> Ver J. Perruchon, *Les chroniques de Zar'a Ya'eqob*, 1893, pp. 47-8.

<sup>44</sup> Ver A. Silva Rego, *DHMPPO* 6, p. 321.

<sup>45</sup> F. A. Dombrowski, *Ethiopia's access to the sea*, 1985, p. 83.

<sup>46</sup> F. M. Esteves Pereira (org.), *Chronica de Susenyos...*, vol. 2, 1900, p. 110.

**Çagâ Za Ab / Şägga Zä-'Ab** (Etiópia, final século XV-Cochim, Set. 1539). Clérigo, identificado como «frade» no relato de Francisco Álvares<sup>47</sup>; tinha o título de *liqä kähmat* (superior dos sacerdotes, ou arcepreste). Em data anterior a 1520 peregrinou pelos lugares santos, tendo estado em Veneza e Roma. Nomeado embaixador pelo Rei Lēbnä Dēngēl em 1524, recebeu o título de rás de Bēgwēna (nas imediações do Lago Aşänge), acompanhou de regresso a Portugal, em 1527, a embaixada de D. Rodrigo de Lima<sup>48</sup>. A missão de Şägga Zä-'Ab era promover uma aliança política entre Portugal e a Etiópia. Em vez disso, foi inquirido por teólogos portugueses em questões relacionadas com os ritos da Igreja etíope: a guarda do *Sabbat*, o casamento dos padres, a renovação anual do baptismo, a circuncisão, as interdições alimentares, um conjunto de práticas que atestavam uma influência judaizante, do ponto de vista católico. Mantido em Lisboa à espera de ser despachado, conheceu, em 1533, na corte de D. João III (1521-1557), o humanista Damião de Góis que lhe propôs redigir um breve tratado sobre o cristianismo etíope, o que fez, ao que tudo indica, em língua portuguesa. O texto, *Hæc sunt quæ de fide et religione apud nos Æthiopes habentur et observantur* (Eis o que em matéria de fé e religião se usa e observa entre nós, etíopes), cujo original se perdeu, para além da profissão de fé e da explanação de alguns costumes, aparentemente escolhidos entre os que levantavam dúvidas entre os católicos, contém breves apontamentos autobiográficos em que perpassa o sentimento amargurado do autor; foi publicado em Lovaina, em Setembro de 1540, em versão latina, traduzido, corrigido e adaptado por Damião de Góis, na segunda parte de *Fides, religio moresque Æthiopum*<sup>49</sup>. Foi despachado para regressar à Etiópia, em Março de 1539, mas veio a falecer na Índia.

**Câhua.** O termo árabe *kahwa*, que designa a bebida quente feita com grão de café moído, era usado, originalmente, para designar o vinho. O cafeeiro é uma planta indígena de Kaffa, na região meridional dos planaltos etíopes, onde a planta, o grão e a bebida são nomeados pelo mesmo nome: *bun* ou *bunä*. No século XVI, o café já era popular no Iémene<sup>50</sup>, mas no reino cristão etíope o interesse pela produção, consumo e exportação não surge antes do século XVIII. P. Páez, que refere uma vez ter tomado café durante o seu cativeiro, estando em «Heinân», no Hädrämawt<sup>51</sup>, passa em silêncio o seu eventual uso na Etiópia do início do século XVII, como aliás o fazem os outros escritores jesuítas. É com a ascensão dos reis de Shäwa, no século XIX, que a produção e exportação de café se expande<sup>52</sup>. Tradicionalmente, o café era comercializado na Etiópia por muçulmanos, sendo o seu consumo desencorajado pela Igreja e pelo estado, já que a cerimónia tradicional da sua preparação e consumo integrava diversos elementos rituais que a identificavam com o culto extático do *zar* e com crenças consideradas pagãs.

**Çanâ / Çaanâ / Saná / Ṭana Qirqos.** Ilha do Lago Ṭana, situada na sua margem oriental, onde se encontra a igreja-mosteiro de Ṭana Qirqos. Surge como um dos mais antigos estabelecimentos

<sup>47</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação...*, 1943, pp. 109, 143-4, 147, 160-1, 169, 174, 283, 321, 365.

<sup>48</sup> Ver J. Aubin, «Le Prêtre Jean devant la censure portugaise», *Le latin et l'astrolabe*, 1996, pp. 183-210; H. Pennec, *Des jésuites au royaume du prêtre Jean*, 2003, pp. 33-5.

<sup>49</sup> I. Boavida, «Damião de Góis e 'a frase caldaica e etiópica'», pp. 731-7.

<sup>50</sup> «Kahwa», in *TEI*, vol. IV, pp. 449a-453a.

<sup>51</sup> Livro 3, cap. 18.

<sup>52</sup> Merid Wolde Aregay, «The Early History of Ethiopia's Coffee Trade and the Rise of Shawa», 1988, pp. 23-5.

monásticos das ilhas do lago, aí instalado possivelmente desde finais do século XIII ou no início do século XIV<sup>53</sup>. Segundo a *Crónica de Susnēyos* a igreja veio a ser reconstruída, com o apoio régio, em 1620, tendo o *tabot* de Qirqos passado a ser dedicado a Jesus<sup>54</sup>.

**Cânhe azmâch / qāñāzmacʿ.** Era o general da direita, comandando a ala direita do exército. Keflo, em 1617, era chamado *ʾāzzaʿ* dos *qāñ bet*, quer dizer, dos da «casa da direita», que pensamos ser equivalente a *qāñāzmacʿ*<sup>55</sup>. Esta patente é pouco referida na *Crónica de Susnēyos*, mas aparece já com mais frequência na do Rei Iyasu<sup>56</sup>. (D. Toubkis).

**Carta do Preste João das Índias.** Trata-se de um texto anónimo de finais do século XII, provavelmente originário dos círculos eclesiásticos da corte imperial germânica, que teve grande divulgação em toda a Europa e na qual são elaboradas visões fantásticas de um reino imaginário oriental de natureza milenar, fazendo confluír duas importantes tradições literárias: o *Apocalipse Segundo S. João* e o *Romance de Alexandre*. O Preste João, um «rei dos reis», de perfil claramente cristomimético, surge aí como um poderoso soberano cristão, com funções também sacerdotais (como presbítero), reinando sobre uma sociedade perfeita, no ambiente geográfico típico dos *mirabilia*. A *Carta do Preste João* serviu de fonte inspiracional para escritores e cosmógrafos, graças à acumulação de diversos motivos literários de grande poder evocativo: o paraíso terrestre, o monte da lua, a fonte da juventude, as tribos perdidas de judeus, etc.<sup>57</sup>. O motivo da eventual origem tártara ou mongol do Preste João é já referido por Marco Polo e por vários enviados papais (frades franciscanos, sobretudo) à Mongólia, nos séculos XIII e XIV, relaciona-se com a adopção do nestorianismo entre os nómadas turcomanos e mongóis, anteriormente à unificação do império mongol sob Temüjin (Gengis Cã) e à expansão do Islão na região<sup>58</sup>. A partir de finais do século XIV, os cartógrafos e cosmógrafos italianos e catalães, coligindo informação e relatos de viajantes, começaram a identificar o reino cristão ortodoxo dos planaltos etíopes com a Índia do Preste João, tarefa facilitada pela proximidade imaginada entre o Corno de África e o subcontinente indiano (a região surgia frequentemente designada na cartografia antiga como a «terceira Índia», o que permitia adequar a informação geográfica clássica à concepção bíblica de um paraíso terrestre oriental a partir do qual fluíriam quatro rios, entre os quais o Gehon, ou Nilo). A associação da Etiópia cristã com o reino do Preste João trouxe, entretanto, uma nova dimensão à sua caracterização: o rei e os súbditos eram agora negros e não brancos, e a religião era cristã mas tingida de doutrinas e práticas heréticas<sup>59</sup>. A visão proposta pela *Carta do Preste João*, apesar de questionada e revista, permaneceu um molde discursivo e ideológico para os autores europeus dos séculos XVI e XVII<sup>60</sup>, sendo uma importante fonte indirecta tanto dos escritos de

Inácio de Loiola sobre a Etiópia, como da obra de Frei Luís de Urreta, que viria a ser refutada por Pedro Páez, na *História da Etiópia*.

**Cartilha.** Catecismo para o ensino da doutrina aos catecúmenos, em geral, e às crianças, em particular. Para além disso, como indica o Pe. Luís de Azevedo, tratava-se de uma «obra mui aceite e ajuda muito para a língua que todos desejamos e procuramos aprender»<sup>61</sup>. P. Páez apresentou-se, na *História*, como o tradutor da *Cartilha* para a língua amárica, o que é pouco provável, já que chegara ao país pouco tempo antes. O trabalho da tradução deve ter sido realizado por João Gabriel, capitão dos portugueses, sob orientação do padre<sup>62</sup>. Não é possível fixar de forma definitiva qual foi o texto traduzido; eventualmente foi uma tradução portuguesa ou espanhola de um dos catecismos de Bellarmino (*Dottrina cristiana breve perché si possa imparare a mente*, Roma, 1597; *Dichiarazione più copiosa della dottrina cristiana per uso di quelli che insegnano ai fanciulli e alle persone semplici*, Roma, 1598) que conheceram uma divulgação excepcional com trezentas e cinquenta e uma edições em cinquenta e oito línguas e dialectos, e uma grande difusão no quadro das missões católicas<sup>63</sup>.

**Cela Christôs / Sē'ēlä Krēstos (séculos XVI-XVII).** Irmão uterino do Rei Susnēyos, que desempenhou um importante papel, tanto em termos políticos como religiosos. A *Crónica de Susnēyos*, ao reportar-se ao período que medeia entre 1604 e 1616, evidencia as suas qualidades militares, mostrando-o como um defensor da autoridade real, sempre pronto a apoiar o seu irmão nas guerras que o opõem aos seus vários inimigos<sup>64</sup>: em 1607, contra o rás **Aṭēnaṭewos**, que havia tomado o partido de Ya'ēqob, o rei deposto por Susnēyos; no ano seguinte, assegura a pacificação da região setentrional do território etíope; em 1609, esmagando a rebelião liderada por Keflo e pelo *blättengeneta* **Yolyos**, que havia sido acólito de Susnēyos antes da sua coroação; de 1612 a 1616, quando, como rás do Goḡḡam, dirige várias expedições punitivas contra os borāna oromo. A segunda fase do percurso de Sē'ēlä Krēstos, desde 1617, é caracterizada pela expansão do seu domínio político no interior da corte e pelo seu apoio à fé católica. Sem perder o cargo de rás do Goḡḡam, torna-se *beht wādād*, após a destituição de um outro irmão do rei, Yāmanā Krēstos (uma distinção civil e militar da mais alta importância)<sup>65</sup>. Desde 1620, é apresentado, na *Crónica de Susnēyos*<sup>66</sup> e na *História da Etiópia*, como uma figura essencial da «mudança da fé», ao defender publicamente o catolicismo romano e o abandono da ortodoxia. Quando o Rei Susnēyos proclama, em Novembro de 1621, o édito de «abolição do *Sabbat* dos judeus», Sē'ēlä Krēstos faz aplicar mesma medida no seu *kātāma*. Em recompensa da sua acção em favor do reforço do poder real, recebe em Abril de 1626 importantes dotações de terras (*gwēlt* ou *gult*) no Goḡḡam (na região de Amādāmit) e entre Emfraz e Qaroda (próximo do *kātāma* de Susnēyos),

<sup>53</sup> Taddesse Tamrat, *Church and State in Ethiopia*, pp. 189-90. Sobre este mosteiro, ver o inventário de C. Bosc-Tiessé, «L'histoire et l'art des églises du lac Tana», *AE*, 16, 2000, pp. 211-8.

<sup>54</sup> Esteves Pereira (org.), *Chronica de Susenyos*, vol. 1, pp. 235-6 ; vol. 2, p. 181-2.

<sup>55</sup> Ver Esteves Pereira (org.), *Chronica de Susenyos*, vol. 2, p. 128.

<sup>56</sup> I. Guidi, «Annales Iohannis I, Iyasu I et Bakaffā», *CSCO-S/E*, 5, pp. 70, 118, 132, 154.

<sup>57</sup> *Carta do Preste João – Versões Latinas Medievais*, 1998. Ver também U. Knefelkamp, *Die Suche nach dem Reich des Priesterkönigs Johannes*, 1986.

<sup>58</sup> Ver L.N. Gumilev, *Searches for an Imaginary Kingdom: the Legend of the Kingdom of Prester John*, 1987, pp. 117-28.

<sup>59</sup> M.J. Ramos, *Ensaio de Mitologia Cristã*, 1997, pp. 157-70 (*Essays in Christian Mythology*, 2006, pp. 107-16).

<sup>60</sup> M.J. Ramos, *Ensaio de Mitologia Cristã*, 1997, pp. 171-82 (*Essays in Christian Mythology*, pp. 117-27).

<sup>61</sup> Carta do Padre José de Azevedo ao provincial de Goa, datada de 22.07.1607 (in C. Beccari (org.), *RÆSOI* 11, 1911, p. 126.

<sup>62</sup> Luís de Azevedo numa carta ao provincial de Goa (22.7.1607), in *RÆSOI* 11, 1911, p. 126. Páez, noutro passo da *História*, registou que utilizava os serviços de um intérprete (ver p. 613, supra).

<sup>63</sup> Tewelde Beiene, *La politica cattolica di Seltan Sägäd I...*, 1983, p. 182.

<sup>64</sup> F. M. Esteves Pereira (org.), *Chronica de Susenyos...*, vol. 2, 1900, pp. 46-7, 72, 89, 101, 120.

<sup>65</sup> Ver D. Toubkis, *Les Blätténocgétā: des dignitaires de la cour du roi chrétien d'Éthiopie au XVIIe siècle*, 2000, p. 173.

<sup>66</sup> F. M. Esteves Pereira (org.), *Chronica de Susenyos...*, vol. 2, 1900, pp. 187, 198.



em Dänqäz<sup>67</sup>. Na filigrana do discurso da *Crónica*, que insiste em lhe atribuir a responsabilidade pela mutação religiosa da corte, é possível adivinhar o perigo que representava, para a autoridade real e a estabilidade do sistema político etíope, um rás demasiado poderoso.

**Cirilo** (ca. 370-444). Patriarca de Alexandria e doutor da Igreja, autor de homilias e escritos exegéticos. Exerceu forte influência para a convocação do terceiro concílio ecuménico, que se reuniu em Éfeso (431) e no qual, mais que pôr termo às disputas que alastravam em torno da questão cristológica, se evidenciou a rivalidade entre os patriarcados. O concílio aprovou a tese da unidade em Cristo, definida pela natureza simultaneamente divina e humana, que fundamentou a definição do estatuto de Maria, mãe de Jesus, como Teotokos – tese que impunha a perspectiva da escola teológica alexandrina e que autorizava a fórmula de Cirilo que se filiava na corrente que defendia o monofisismo: «Uma só é a natureza encarnada do Verbo de Deus»<sup>68</sup>. A sua oposição a Nestório, em que foi secundado pelo seu discípulo sucessor, **Dióscoro**, consubstanciava a oposição entre Alexandria e Antioquia<sup>69</sup>. É um dos padres da Igreja etíope. No século V, foi traduzida do grego para gúeze uma colectânea de textos teológicos que ficou conhecida por *Qerillos*, a partir do seu nome<sup>70</sup>. O *Haymanotä 'Abbäw* integra também um conjunto de textos seus. É festejado pela cristandade latina a 9 de Fevereiro e pela bizantina a 9 de Junho. (Ver **Nestor / Nestório**).

**Concílio de Calcedónia**. Quarto concílio ecuménico, convocado pelo Papa Leão I, com o apoio do imperador bizantino, tinha como objectivo rever as conclusões do recente Concílio de Éfeso de 431, que aprovara as propostas alexandrinas de **Dióscoro**. Reunido em Calcedónia, em Outubro e Novembro de 451, o concílio anatemizou o monofisismo que concebia a hispótase do Verbo numa só natureza, consagrando a tese do Filho unigénito em duas naturezas «unidas sem confusão, sem transformação, sem divisão». Para além da definição dogmática, declarou a origem divina do primado romano sobre os restantes patriarcados, mas, por imposição imperial, reconheceu à Igreja de Constantinopla um estatuto equivalente. A adesão do imperador bizantino às teses calcedonianas resultou num período de perseguição religiosa no âmbito da qual se situa a chegada à Etiópia de um grupo de monges refugiados – os «nove santos» – que se dedicou à evangelização, tendo fundado eremitérios em torno dos quais se desenvolveram comunidades monásticas. De Calcedónia saíram extremadas as posições divergentes entre a Igreja latina e as orientais, de tal forma que as Igrejas que adoptaram o dogma monofisita (ou, mais correctamente, miofisita) não reconheceram nunca a autoridade deste concílio<sup>71</sup>. É no contexto da reactualização de uma querela secular por um lado, e da experiência do debate em torno de proposições consideradas heterodoxas surgidas no seio da própria Igreja etíope, por outro, que se deve analisar a **controvérsia religiosa** entre os missionários católicos romanos e o clero ortodoxo etíope.

**Concílio de Florença**. Convocado pelo sumo pontífice romano Eugénio IV (1431-1447), dividiu-se em três sessões que tiveram lugar em Ferrara (1438-39), Florença (1439-42) e Roma (1443-45), e contou com a participação de legações das Igrejas orientais, com o imperador bizantino João VIII Paleólogo, os patriarcas de Bizâncio, Alexandria, Antioquia e Jerusalém, o metropolitano de Kiev, e numerosos bispos e superiores de mosteiros. O franciscano Alberto da Sarteano foi enviado como legado da Sé romana e do concílio à Terra Santa e ao Cairo, regressando a Florença com as delegações da comunidade etíope de Jerusalém e da Igreja copta, no fim do Verão de 1441, a fim de as fazer partícipes das conclusões conciliares no que respeitava à reconciliação e reunificação das Igrejas<sup>72</sup>. Na verdade, em Florença procurou-se resolver, não a antiga cisão pós-calcedoniana em que radicavam as Igrejas copta e etíope, mas o cisma de 1054 a que estas tinham sido alheias, embora estivesse em causa a questão do *filioque*, ou da processão do Espírito Santo, central na sua doutrina que adoptava o símbolo niceno sem adições (ao contrário da Igreja romana). Outro ponto importante, que de certo modo determinou a posterior rejeição da união pelas Igrejas orientais, relacionava-se com o reconhecimento da primazia de Roma sobre os restantes patriarcados<sup>73</sup>. A delegação etíope, enviada pelo superior da comunidade de Jerusalém, na verdade não representava a Igreja etíope e não tinha poder de decisão ou, pelo menos, tal não lhes foi reconhecido posteriormente, quando a notícia chegou à Etiópia. O Négus Zär'ä Ya'eqob teria recebido a bula de união, resultante das decisões conciliares, segundo se lê nas cartas que Lëbnä Dëngël endereçou quase um século mais tarde ao Papa Clemente VII (1523-1534) e que este recebeu das mãos do Pe. **Francisco Álvares**, em Janeiro de 1533, acompanhada por uma lição de obediência<sup>74</sup>. Os jesuítas assumiram, depois, numa linha de pensamento que postulava que a orientação religiosa do poder temporal determinava a de todos os súbditos, incluindo a da Igreja local, que os reis etíopes tinham, em dois momentos, dado obediência ao papa romano, tendo, depois, renunciado a reconhecer sequer essa obediência.

**Confessio Fidei**. Opúsculo atribuído ao Rei Gälawdewos, redigido no contexto da entrada da primeira missão jesuíta na Etiópia, por ocasião da visita exploratória empreendida pelo Pe. Gonçalo Rodrigues em 1555-56. Na crónica deste rei lê-se o seguinte sobre a **controvérsia religiosa** actualizada pelos jesuítas: «Neste mesmo ano renasceram as discussões entre os jacobitas e os melquitas, que são os frangues, mas elas foram ainda diferentes das primeiras. O glorioso Rei Gälawdewos (que a paz esteja com ele!) respondeu a estes últimos por palavras tiradas dos livros da lei católica; ele confundiu-os e cobriu-os de vergonha. Ele compôs um texto que incluiu num livro»<sup>75</sup>, começando pela profissão de fé, sumariando ainda os dogmas trinitário e cristológico, e apresentando, em seguida, a defesa de alguns costumes observados pelos cristãos etíopes, como as restrições alimentares, a prática da circuncisão e a guarda do *Sabbat*<sup>76</sup>.

<sup>67</sup> G.W.B. Huntingford, *The Historical Geography of Ethiopia*, 1989, p. 179; F.M. Esteves Pereira (org.), *Chronica de Susenyos...*, vol. 2, 1900, pp. 221.

<sup>68</sup> *Dialogues sur la Trinité*, 3 vols., 1976-1978.

<sup>69</sup> «Cirillo d'Alexandria, santo», *EC*, v. 3, pp. 1715-24; J. McGukin, *St Cyril of Alexandria...*, 2004; S. Wessel, *Cyril of Alexandria and the Nestorian...*, 2004.

<sup>70</sup> B.M. Weischer traduziu e publicou a maioria dos textos do *Qerillos* – cf. *Christianismes Orientaux*, 1993, p. 236.

<sup>71</sup> Ver A. Grillmeier e H. Bacht, *Das Konzil von Chalcedon*, 1951-1954; «Il Concilio di Calcedonia», *EC*, v. 1, pp. 1883-90; W. Witakowski, Witold, «Chalcedon, Concil of», in *EAE*, 1, 2003, pp. 709-11.

<sup>72</sup> Ver A. Santoni, «Albert de Sarteano observant pontifical et humaniste envoyé pontifical à Jérusalem et au Caire», *MEFREM*, 86-1, 1974, pp. 201-2.

<sup>73</sup> «Concilio di Firenze», *EC*, v. 5, pp. 1417-23.

<sup>74</sup> Ver *Legatio David*, Bolonha, 1533 e D. Góis, *Fides, religio, moresque Aethiopum*, 1540, fols. 16v-21 e 21-23.

<sup>75</sup> W. Conzelman (org.), *Chronique de Galawdewos*, 1895, cap. 74, p. 169. Sobre as «primeiras» discussões: idem, cap. 55, pp. 158-159.

<sup>76</sup> Ver E. Ullendorf, «The Confessio Fidei of King Claudius of Ethiopia», 1987, pp. 159-176; L. Lozza, «La confessione di Claudio re d'Etiopia», 1946, pp. 67-78.

**Controvérsia religiosa.** As diferenças entre a Igreja ortodoxa etíope, de tradição não calcedónica (como a Igreja copta egípcia), e a Igreja católica romana, manifestavam-se, e manifestam-se ainda hoje, tanto nas práticas litúrgicas como nos preceitos doutrinários. Tais diferenças foram reportoriadas na primeira metade do século XVI, por alguns autores, e em particular pelo Padre **Francisco Álvares**, capelão da primeira embaixada portuguesa enviada à Etiópia em 1520. Três décadas mais tarde, os superiores da Companhia de Jesus preocuparam-se em enviar, para aquele território, missionários versados em teologia e preparados para sustentar, tanto oralmente como por escrito, discussões conciliares com os teólogos etíopes em torno de um conjunto variado de temáticas religiosas. Assim, desde o início da missão, os padres jesuítas procuraram combater práticas culturais e concepções teológicas que apodavam de heréticas, e contaminadas pelo judaísmo e pelo Islão: a circuncisão e o cumprimento do *Sabbat*, a poligamia real, a comunhão *sub utraque specie*, o miofisitismo, etc.. A reacção do clero ortodoxo foi violenta e frequentemente apoiada pelos reis etíopes (veja-se, nomeadamente, a participação de Gälawdevos nas discussões entre os monges ortodoxos e o Bispo D. Andrés de Oviedo; ver **primeira missão jesuíta**). O processo de aproximação dos missionários europeus ao poder real e a conversão de sectores importantes da corte à fé católica, que ocorreu durante a segunda missão jesuíta, veio exacerbar a polémica religiosa com o clero ortodoxo e obrigar a um esclarecimento das respectivas concepções. A discussão centrou-se progressivamente em torno de questões de cristologia, e, sintomaticamente, actualizou divergências consolidadas 1200 anos antes, durante o **Concílio de Calcedónia**, que havia levado à recusa, pelos teólogos coptas, da fórmula que consagrava a união, na pessoa do Filho, da natureza divina e da natureza humana, entendidas como não distinguíveis nem confundíveis.

No texto da *História da Etiópia*, Pedro Páez vinca com veemência que a defesa da concepção de que em Cristo havia uma única natureza levava os seus opositores ortodoxos a tomar posições quase irracionais e insustentáveis, mas omite qualquer referência à complexidade do problema da tradução dos termos que suportavam a discussão. Se a posição dualista das Igrejas calcedónicas, e nomeadamente da teologia católica, é facilmente entendível no quadro linguístico grego e latino, e claramente reportável a categorizações metafísicas aristotélicas, já no contexto das línguas semíticas – e particularmente em gúeze – ela pode ser vista como largamente artificial. Com efeito, apesar de o termo gúeze *bahrëy* («sopro») poder ser, como indica P. Páez, traduzível por «natureza» (gr. *ousia*), no sentido de qualidade ou essência, tem também o sentido de hipóstase. As expressões «natureza divina» e «natureza humana» são assim aproximáveis de *bahrëyä mäläkot* e *bahrëyä šəgä*<sup>77</sup>. Mas o termo gúeze *äkal*, que se refere a «pessoa» e «corpo», e é traduzido por «natureza» no sentido de substância, pode ser também usado para designar a hipóstase<sup>78</sup>. Os termos *bahrëy* e *äkal* evidenciam assim uma fluidez e elasticidade semânticas que os correspondentes gregos e latinos não comportam, o que, complementado com o recurso ao pronominal colectivo para exprimir ideias de unidade na pluralidade, facilita uma formulação semanticamente ambígua da relação entre as pessoas da Trindade e, concomitantemente, a caracterização monofisita (ou antes, miofisita) da natureza do Filho.

Uma outra dimensão importante da controvérsia religiosa que opôs os missionários jesuítas à Igreja ortodoxa etíope é a do simbolismo expresso na concepção arquitectónica e espacial dos templos que, na Etiópia, enfatizam a noção de invisibilidade do divino: localizadas no topo dos montes, as igrejas têm habitualmente uma organização concêntrica, com o *tabot* inacessível no *mäqdäs* ou «santo dos santos» central (ver **pedra de ara / tabot**), quase sem iluminação exterior. Nas igrejas que construíam «à europeia», rectangulares, com altar, crucifixo e iconografia mariana e crística, os missionários jesuítas faziam colocar janelas, de modo a sublinhar a importância da iluminação do interior, contrapondo assim uma arquitectura que valoriza analogia entre a luz do sol e a luz divina, à concepção espiritual etíope, na qual é valorizada – por privação da luz material – a ideia da invisibilidade da presença divina.

As controvérsias religiosas não desapareceram, antes se renovaram, com a expulsão dos missionários jesuítas, tendo originado três escolas teológicas concorrentes (*karra*, *qëb'at*, *sägga*) que vieram a reinterpretar tanto o dogma monofisita como a herança dos ensinamentos católicos e a provocar um cisma que perdurou durante séculos na Igreja ortodoxa etíope. Os adeptos do *qëb'at*, que pregavam que Cristo é Filho de Deus pela união, e do *sägga*, que consideravam que Cristo é Filho pela graça, são habitualmente apelidados de «católicos» pela facção hoje predominante, os adeptos do *karra*, que crêem que Cristo é Filho pela união (*täwahedo*) da humanidade e divindade.

**Cristóvão da Gama (Évora, 1516-Etiópia, Agosto 1542).** Quarto filho de Vasco da Gama, partiu para a Índia, em 1532, na companhia do seu irmão Estevão, servindo em Malaca, a capitania da herança dos Gama. Viajou pela segunda vez para o Oriente em 1538, na armada de Garcia de Noronha. Em 1541, participou na expedição ao Mar Vermelho organizada pelo irmão, então governador da Índia, que, em Mëšëwa' (Maçuá), em resposta aos apelos de ajuda militar emitidos pelo poder etíope, enviou um corpo expedicionário à Etiópia, nomeando Cristóvão capitão do mesmo. Viria a morrer naquele território às mãos do emir muçulmano de Adal. A sua acção inicial orientou-se em dois sentidos: reunir-se com o Négus Gälawdewos e garantir o fornecimento de mantimentos; informado de que o rei estava a grande distância, tratou de resgatar a rainha-mãe para que o acompanhasse, mostrando assim que comandava uma força libertadora e não invasora, e de provar superioridade militar, para o que decidiu tomar de assalto o *'ämba Sännayt*, a primeira praça-forte do adversário, com que, aparentemente, topou no caminho (Fevereiro de 1542)<sup>79</sup>. As fontes portuguesas e a tradição oral etíope (em parte recolhida naquelas) contribuíram para a formação da imagem do herói mártir, associando à sua morte uma série de acontecimentos prodigiosos, como o brotamento súbito de uma fonte com poderes curativos no lugar onde tombou a sua cabeça. Esta retórica hagiográfica evidenciava o esforço de emulação com Paulo, sublinhando que, tal como o apóstolo, o Gama continuava a dar testemunho de Cristo, depois de morto. Com a nomeação de Francisco da Gama (1565-1632) para o Conselho da Índia (1608), iniciaram-se as diligências para propor a canonização de Cristóvão da Gama, entre as quais o resgate das suas relíquias. Páez registou que ele mesmo desejou mandar

<sup>77</sup> W. Leslau, *Comparative Dictionary of Geez*, 1991, p. 91.

<sup>78</sup> W. Leslau, *Comparative Dictionary of Geez*, 1991, p. 15.

<sup>79</sup> Ver M. de Castanhoso, *Historia das cousas que o muy esforçado capitão D. Christouão da Gama fez nos Reynos do Preste João*, até cap. 20 ; J. Bermudes, *Breve relação da embaixada...*, caps. 10-23.

levantar «os ossos daquele santo mártir»<sup>80</sup>, rasurando a iniciativa do poder central, através do descendente do candidato à canonização, o qual, ao tempo do seu segundo governo da Índia (1622-1628), conseguiu finalmente obter uma parte da ossada (prova de que o corpo tinha sido esquartejado depois de decapitado), com o apoio do poder etíope e dos missionários<sup>81</sup>. (Ver **Graññ / Ahmed ibn Ibrahim el-Ghazi**).

**Crónica de Susnēyos**: Em 1892, F. M. Esteves Pereira publicou o único manuscrito conhecido da crónica, trazido para a Europa no final do século XVIII pelo viajante escocês James Bruce e depositado na Biblioteca Bodleiana de Oxford<sup>82</sup>, tendo, oito anos depois, publicado a tradução portuguesa que realizara entretanto. Admite-se que a crónica foi redigida por três autores distintos: **Abba Mēhērka Dēngēl**, Tāklā Šēllase (alinhado «Tino») e um anónimo que teria sido incumbido da tarefa de a terminar no início do reinado de Fasilādās ou no final do reinado de Susēynos. O texto foi objecto de numerosas modificações, mesmo no decorrer da sua elaboração, atestando a importância assumida pela redacção da história oficial nos círculos cortesãos. Certas correcções tinham os contornos duma verdadeira censura, principalmente devida «à restauração da confissão de Alexandria»<sup>83</sup>. A história de Susnēyos centrou-se essencialmente na acção do homem, cujo destino foi muito mais manipulado pelos historiadores que conduzido pela providência divina. Os primeiros vinte e dois capítulos cobrem o período desde o seu nascimento até à sua investidura, de 1576/77 a 1604; do cap. 22 ao 30, o período da investidura à morte do Rei Ya'eqob, de 1604 a 1607; finalmente, do cap. 31 ao 99, o período em que reinou, terminando o último capítulo com a sua morte (1632)<sup>84</sup>. O texto evidencia a necessidade de reavaliar a estrutura política e administrativa do reino etíope, que uma historiografia demasiado eurocentrada insiste em associar aos sistemas cristãos ocidentais, figurando a Etiópia como um império e o *nāgusā nāgāst* como imperador, e mesmo como *dominus dominantium*<sup>85</sup>.

**Dancas / Dencāz / Dānqāz**. Situa-se na zona norte do Lago Ṭana, à altitude de 2750 m. Foi o lugar escolhido para campo real (*kātāma*) após a estação das chuvas de 1618, dado localizar-se numa região mais fresca e sadia, comparada às zonas adjacentes do lago<sup>86</sup>. Neste local, iniciou-se, em 1628, no auge do período «católico», a construção de uma igreja [catedral] católica em pedra, com planta de cruz, como a igreja real de Mertula Maryam<sup>87</sup>.

**Dargôt / Dāharāgot Azmāč (século XVI)**. Sucedeu ao *bahr nāgāš* Sebhat Lā'āb, mas é difícil precisar a data. É certo que já o é na estação das chuvas de 1588. Após ser vencido pelos turcos que tomaram então Dēbarwa, foi substituído nesse ano por Aquba Mika'el, enviado pelo rei para reconquistar a localidade<sup>88</sup>. (D. Toubkis).

**Debra Antonz / Dābrā Entons**. Pequena ilha situada na zona sul do Lago Ṭana, nas proximidades de Kebran<sup>89</sup>. A sua história está intimamente ligada à desta ilha mosteiro. De acordo com o *gādl* de Zā-Yohānnes, o par de pescadores que conduziu o santo monge a Kebran, instalou-se seguidamente em Entons. O local seria em seguida ocupado por uma comunidade de freiras<sup>90</sup>. Noutro local, P. Páez refere outros mosteiros do Lago Ṭana, não incluindo os seus nomes na lista das ilhas que dá aqui. Ao abordar a questão das ordens monásticas, refere três mosteiros do Lago Ṭana como pertencentes à rede monástica de Dābrā Libanôs: Dagā (Dāga Estifanos, localizado numa pequena ilha a este de Dāq), Ḥanā (isto é, Ṭana Qirqos) e Dēbra Mariam (Dābrā Maryam) no extremo sul do lago. Esta informação é interessante visto que não concorda, pelo menos no que diz respeito aos dois primeiros, com as fontes etíopes. Ṭana Qirqos sempre se manteve independente de qualquer rede monástica. Quanto ao mosteiro de Dāga Estifanos, teria sido fundado por um discípulo de 'Iyāsus Mo'ā, de Dābrā Hayq Estifanos, de nome Hirutā Amlak, na segunda metade do século XIII. No entanto, está ainda por estudar o modo como a documentação etíope escreve, em cada época, a história do local. (C. Bosc-Tiessé).

**Debtera / dabterā / dābtāra (pl. debterōch / dābtārwoč)**. Trata-se de uma categoria secular intermédia entre o clero e os laicos, não recebendo ordenação, mas tendo, em compensação, uma forte instrução religiosa, o que lhe permite regular as cerimónias e o desenrolar da liturgia a que assiste, entoando os cânticos e executando as danças sagradas no *qēnē mahlet*, uma das zonas em que se divide o espaço das igrejas na Etiópia<sup>91</sup>. Os *dābtārwoč* têm ainda atribuições como curandeiros, operando contra a actuação de espíritos *zar* e contra o mau-olhado. O seu conhecimento de fórmulas mágicas secretas (*āsmat*) torna-os personalidades temidas<sup>92</sup>.

**Dec / Dāq**. É a maior ilha do Lago Ṭana, situada no seu centro. Nela existem várias aldeias cujos habitantes se dedicam à criação de gado e à agricultura. Actualmente, a ilha conta com cinco igrejas de paróquia, cuja história é mal conhecida. A ilha de Dāq foi, durante séculos, uma prisão, como se lê na *Crónica de Susnēyos*<sup>93</sup>. (C. Bosc-Tiessé).

**Dióscoro I (final do século IV-454)**. Foi patriarca de Alexandria entre 444 e 451, sucedendo a Cirilo cujas teses perflhou, mas na linha de um monofisismo verbal. Participou no Concílio ecuménico de Éfeso de 431. Defendeu Eutiques, que tinha sido condenado como herético no Concílio de Constantinopla em 448, no concílio a que presidiu em Éfeso em 449 e que foi violentamente apodado pelo Papa Leão I (440-461) como *latrocinium*. Dióscoro tornou-se o campeão da tese monofisita no Concílio de Calcedónia. É festejado na Etiópia no dia 7 de *māskārām* e a 6 de *māggabet* (ou seja, 14 de Setembro e 12 de Março)<sup>94</sup>.

<sup>80</sup> Ver p. 272, *supra*.

<sup>81</sup> I. Carvalho, *Literatura e Poder no Período Barroco*, 2004, pp.83-7 ; M.J. Ramos, *Histórias Etíopes*, 2000, pp. 113-23.

<sup>82</sup> Dillmann, 1848, ms. Eth. 30.

<sup>83</sup> M. Kropp, «La réédition des Chroniques éthiopiennes: perspectives et premiers résultats», *Ab*, 12, 1983-1984, pp. 49-69, ici p. 53 n.º 30.

<sup>84</sup> D. Toubkis, *Je deviendrai roi sur tout le pays d'Éthiopie*, 2004, pp. 107-16.

<sup>85</sup> Sobre a influência do imaginário da *Carta do Preste João* na construção dos estudos regionais etíopes, ver: W. James, *Kings, Commoners and the Ethnographic Imagination in Sudan and Ethiopia*, 1990, pp. 69-129.

<sup>86</sup> Liv. 1, cap. 20 (fol. 87); ver F. M. Esteves Pereira (org.), *Chronica de Susenyos...*, vol. 2, 1900, p. 157.

<sup>87</sup> Ver C. Beccari (org.), *RÆSOI* 12, 1912, p. 381; H. Pennec, *Des jésuites au royaume du prêtre Jean*, 2003, pp. 212-20.

<sup>88</sup> C. Conti Rossini, «Historia regis Sarsa Dengel», *CSCO – SÆ*, 4, 1962, pp. 145, 147-8.

<sup>89</sup> C. Bosc-Tiessé, «L'histoire et l'art des églises du lac Tana», *AE*, 2000, p. 245.

<sup>90</sup> M. Schneider (org.), «Actes de Za-Yohannes de Kebran», *CSCO – SÆ*, 65, 1972, pp. 14, 18.

<sup>91</sup> B. Velat, «Études sur le Me'eraf, commun de l'office divin éthiopien», 1966, pp. 21-4.

<sup>92</sup> Ver Jacques Mercier, *Asrès le magicien éthiopien. Souvenirs 1895-1985*, 1988; A. Young, «Magic as 'Quasi-Profession': The Organization of Magic and Magic Healing among Amhara», 1975, pp. 245-65.

<sup>93</sup> F. M. Esteves Pereira (org.), *Chronica de Susenyos...*, vol. 2, 1900, pp. 107, 145, 205.

<sup>94</sup> «Dioscoro I», *EC*, v. 4, pp. 1680-1.

**Egziabehêr Ab / Egzi'abêher 'Ab** (*'ämba Gëšen*). A igreja de Egzi'abêher 'Ab foi fundada pelo Rei Dawit I. Era a principal igreja de *'ämba Gëšen*<sup>95</sup>.

**Etiópia.** Duas tradições etimológicas distintas identificavam o país e os seus habitantes: a grega que o denominava por *ethiops* (o «país das caras queimadas»), que designava especificamente o antigo reino de Kush, na Núbia; a árabe, que os dizia *ahäbish*, de uma raiz que parece estar relacionada com a actividade de colheita para produção do incenso. O termo «etíope» era usado de forma vaga para identificar populações africanas, árabes e indianas. A associação entre a Etiópia e a Índia Oriental (genericamente, o subcontinente indiano e a área do Índico) reflecte uma concepção cosmográfica medieval que tendia a isolar a Etiópia do restante contexto africano, designando-a como «terceira Índia»<sup>96</sup>. Os mapas de tipo T-O, que esquematizavam as três partes conhecidas do mundo pelos povos europeus, fixaram iconograficamente a ideia clássica de que o rio Nilo era a fronteira entre a África e a Ásia e deram forma a uma outra noção geográfica, a de *Índias*, cujos sentidos evoluiriam de um modo paralelo aos do conceito de *Etiópia*, o que teria uma repercussão interessante no pensamento ocidental. Marco Polo, no último livro das suas *Viagens*, estabeleceu a ponte entre os significados dos dois termos ao escrever que «Abassia, a que chamamos Etiópia, é uma grandíssima província que fica na Índia Média ou Segunda, porque ela está entre a Maior e a Menor e sobre a terra firme». No mapa-mundo de 1459, de Fra Mauro, que é uma magnífica síntese do conhecimento quatrocentista do mundo, a sul do Rio Senegal situava-se a «AFRICA ETHYOPIA», isto é, a África conhecida como Etiópia, que se dividia em «Ethyopia Occidental» e «Ethyopia austral», e para oriente do Rio Nilo ou Gion genésico, estendia-se a Abássia, da qual se procurava representar o mapa político, assinando reinos e cidades, partindo directa ou indirectamente de informações recolhidas em fontes árabes – com efeito, na tradição geográfica árabe, a Abissínia constituía um reino cujo território se situava a ocidente do Mar Vermelho (hoje Etiópia e Eritreia). Duarte Pacheco Pereira entendeu o conceito num sentido supra-continental, aplicando-o a uma ampla região da África e da Ásia, divididas pelo Rio Nilo e pelo promontório da Boa Esperança, e distinguindo «Etiópia Inferior» que ia do Rio Senegal até ao Cabo da Boa Esperança, «Etiópia sob-Egipto», daquele cabo até ao Guardafui, e «Etiópia Superior», descontínua em relação às anteriores já que começava no rio Indo<sup>97</sup>. A cartografia portuguesa, porém, restringiu o termo ao território sub-saariano: num conjunto representativo de cartas e mapas-mundo, a África era dividida em «África» e «Etiópia», localizando-se à altura desta última o «Império do Abexim» ou «Preste João». Esta associação do soberano cristão etíope ao lendário Preste João das Índias, actuante desde meados do século XIV (como, por exemplo, em *Mirabilia Descripta*, de Jordano de Séverac), suscitou um questionamento recorrente nos escritos portugueses sobre a Etiópia. Os escritores jesuítas, negando a validade dessa associação – como se evidencia ao longo do livro de Páez – não deixaram ainda assim de recorrer a ela, como na *História Geral de Etiópia-a-Alta ou Preste João* (1660), de B. Telles. Este publicou, aliás, uma carta executada com base nos desenhos do P<sup>e</sup>. Manuel de Almeida,

que serviu de modelo às cartas que ilustravam as obras de Melchisédech Thévenot (1663), de François Eschinard (1674) e de Job Ludolf (1683), nas quais os termos «Abássia», «reino do Preste João», «império Abexim» e «Etiópia» surgiam como sinónimos. Os próprios etíopes – a saber, os detentores do domínio político-cultural – identificavam o país como *bêherä gë'ez* ou *bêherä 'äg'azi* (terra dos homens livres) ou, na tradição grega, como *Itiopya*. O contacto dos europeus, que haviam herdado o conceito geográfico de Etiópia da cultura grega, com os abissínios que se tinham apropriado do mesmo conceito, mas transfigurando-o para designar um espaço político, acabou por decidir, a partir do século XVII, o progressivo apagamento do seu conteúdo original. Passou a designar, então, o reino da Etiópia, reconhecendo-se como tal o «reino do Abexim» ou a «Abássia» da documentação portuguesa dos séculos XVI e XVII<sup>98</sup>.

**Exaltação da Santa Cruz / Mäsqäl.** A festa de *Mäsqäl* (Exaltação da Santa Cruz ou da Vera Cruz) celebra-se a 17 de *mäskäräm* (27 de Setembro). Considerada oficialmente como uma festa menor, é tradicionalmente festejada como uma das principais do calendário litúrgico etíope. Recorda a cruz que foi instrumento da paixão e morte de Jesus Cristo e que teria sido encontrada, em 326, por Helena, mãe do Imperador Constantino, por ocasião dos trabalhos de edificação da basílica do Santo Sepulcro<sup>99</sup>. Primeira grande festa após a estação das chuvas (*këremt*), associa-se à celebração da renovação da natureza, uma dimensão profana completamente assimilada e que se manifesta pela ornamentação das portas das casas com grinaldas de flores e pelas fogueiras (*dämära*).

**Filhos de Susnëyos.** Em 1622, após a morte de Känäfrä Krëstos, Fasilädäs passou a ser o filho mais velho de Susnëyos e de Wäldä Sä'ala, nascido, segundo a *Crónica* deste rei, em 1603<sup>100</sup>. O seu segundo filho foi Marqos, que terá nascido em 1604 e morrido no início de 1626<sup>101</sup>. Dos dois outros filhos de Susnëyos, que eram ainda crianças em 1622, o único de que se conhece o nome é Gälawdewos; o outro terá morrido certamente demasiado jovem, já que as fontes escritas nunca chegam a referir o seu nome<sup>102</sup>. Não são conhecidos outros filhos da união de Susnëyos e de Wäldä Sä'ala, mas Susnëyos teve numerosa descendência de outras mulheres e concubinas, apesar de ter renunciado oficialmente à poligamia quando se converteu ao catolicismo<sup>103</sup>. Os dois filhos que teve de Amätä Mika'el, chamados Ya'ëqob e Yostos, foram, no final do seu reino, protegidos pelos católicos, que viam neles melhores aliados, caso viessem a herdar o trono, do que Fasilädäs, o qual veio efectivamente a reinar, reinstaurando imediatamente a fé ortodoxa e impondo a expulsão dos missionários jesuítas do território etíope<sup>104</sup>. Apesar de Ya'ëqob e Yostos terem 14 e 15 anos em 1622, P. Páez não os mencionou. (A. Wion; MJR).

<sup>98</sup> Ver F. Relaño, *The Shaping of Africa*, 2002, p. 63; F. de Medeiros, *L'Occident et l'Afrique*, 1985, pp. 25-33, 73-81, 128-32; W.G.L. Randles, «South-east Africa as shown on selected printed maps», 1956, pp. 69-88; B. Hirsch, «Cartographie et itinéraire», 1986-1987, pp. 91-122

<sup>99</sup> S. Kaplan, «Feasts», *EAE*, 2, 2005, p. 512.

<sup>100</sup> F. M. Esteves Pereira (org.), *Chronica de Susenyos...*, vol. 2, 1900, p. 36. Esta data foi confirmada por P. Páez, que informa que ele tem 18 anos em 9 de Novembro de 1621, data do início da construção dos edifícios de Azäzo (Ver liv. 4, cap. 22, p. 715).

<sup>101</sup> C. Beccari (org.), *RESOI* 4, 1906, p. 63; *RESOI* 6, 1907, p. 420; *RESOI* 7, 1908, p. 135; *RESOI* 13, 1913, pp. 291-2.

<sup>102</sup> A. Wion, «Gälawdewos», *EAE*, 2, 2005, pp. 657-8.

<sup>103</sup> C. Beccari (org.), *RESOI* 6, 1907, pp. 184, 359-60.

<sup>104</sup> C. Beccari (org.), *RESOI* 7, 1908, pp. 172, 310; *RESOI* 12, 1912, pp. 530-1.

<sup>95</sup> M.-L. Derat, *Le domaine des rois éthiopiens*, 2003, p. 26.

<sup>96</sup> Ver M. J. Ramos, *Ensaíos de Mitología Cristã*, 1997, pp. 157-82.

<sup>97</sup> D.P. Perreira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, 1988, pp. 25-8.

**Fit aorarî / fit 'awrari.** Era um oficial da vanguarda do exército real, que tinha a seu cargo um corpo de tropas. Podia ser igualmente encarregue da armação das tendas quando se instalava um novo campo real. O Rei Ya'eqob, entre 1597 e 1603, nomeou *fit 'awrari* a Zä-Sëllase; Wäldä Giyorgis era *fit 'awrari* em 1620<sup>105</sup>. Este grau militar é referido com maior frequência nas crónicas da segunda metade do século XVII<sup>106</sup>. (D. Toubkis).

**Francisco Álvares, Padre (século XV, ca. 1470-Roma, ca. 1540).** Clérigo beneficiado de Santa Justa de Coimbra e, mais tarde, ca. 1530, no arcebispado de Braga<sup>107</sup>; capelão da capela real; autor de *Verdadeira informação das terras do Preste João das Índias* (1540), obra fundamental da literatura europeia sobre a Etiópia. Embora letrado, não era um erudito, nem teria grande formação teológica. Era sobretudo um homem piedoso e pragmático, por certo próximo do círculo da corte favorável à política imperial manuelina e, por isso, teria sido escolhido para acompanhar Duarte Galvão, em 1515, na qualidade de capelão da embaixada portuguesa à Etiópia. Depois da morte do embaixador em 1517, na Ilha de Camarão (kämäran), no Mar Vermelho, e a dissolução da embaixada, Álvares desempenhou papel importante como elemento de pressão para a organização de nova armada e legação, o que veio a acontecer em 1520. A presença de Álvares revelou-se fundamental na aceitação da embaixada na corte de Dawit II (Lëbnä Dëngël), já que, como clérigo, através do ritual litúrgico, das orações e do seu conhecimento das vidas de santos, pôde provar a filiação cristã dos portugueses e favorecer o sucesso da embaixada, aplicando-se, aliás, nesse sentido (relata, por exemplo, que adaptou intencionalmente alguns aspectos formais na missa ao que, pela sua observação, julgava que iria corresponder às expectativas da corte etíope, como o prolongamento artificial do culto e a colocação no altar de todos os livros que tinha, porque «são muito de perguntar por livros»<sup>108</sup>). Em 1524, o rei etíope nomeou-o seu legado à Santa Sé. Regressado a Portugal em 1527, o Rei João III só o despachou para Roma em 1532. Foi recebido em audiência por Clemente VII, em Bolonha, num acto que fundou o equívoco sobre a submissão da Igreja etíope à Sé romana<sup>109</sup>. Viria a falecer em Roma, em data ainda por apurar. A sua obra foi publicada em Lisboa, em versão abreviada e, mesmo esta, censurada<sup>110</sup>, mas conheceu, de qualquer modo, grande difusão, tendo sido traduzida para italiano, castelhano (língua em que Páez a leu e citou), francês e alemão, ainda no século XVI.

**Fremona / Fremoná / Fremonâ / May Gwagwa.** O topónimo de Fremona parece ser uma alusão directa a Fremënaṭos, o evangelizador do reino aksumita, responsável pela conversão ao cristianismo do Rei 'Ezana, no século IV<sup>111</sup>. A escolha deste nome foi, aparentemente, uma manobra jesuíta, com o objectivo de ligar simbolicamente o sítio que era a sede da missão católica em fi-

nais do século XVI à fundação da Igreja etíope<sup>112</sup>. A ocorrência mais antiga do nome data do início do século XVII, coincidindo com a chegada de P. Páez à Etiópia. Passou a designar a residência que o bispo (e depois patriarca) D. Andrés de Oviedo e os seus companheiros construíram no sítio que lhes doou o *bahr nägäs* Yëshäq, e onde se estabeleceram a partir de 1566<sup>113</sup>. Atribuindo o nome Fremona ao lugar localmente designado May Gwagwa, a presença jesuíta na província do Tigré considerava-se legitimada. Com efeito, associar à primeira residência católica da Etiópia o nome próprio do primeiro metropolitano, era conceder legitimidade ao espaço e à presença dos indivíduos que o ocupavam. Deste modo, o patriarca e bispo D. Andrés de Oviedo era apresentado como um segundo Fremënaṭos, encarregue de novamente iluminar a Etiópia com a fé cristã, desta vez de espectro católico<sup>114</sup>.

**Gála / galá / galla / oromo.** A literatura histórica atesta diversos movimentos migratórios, invasões e guerras de razia de populações oromo em território *ambära*, desde o século XV. A partir de meados do século XVI, quando a Etiópia se recompunha lentamente de uma longa série de confrontos militares (em particular, com o sultanato muçulmano de Adal), os oromo bareentuma e boorana (grupos semi-nómadas que ocupavam até então as regiões a sul do reino etíope), aproveitaram os espaços abandonados pelos cristãos devido à ameaça muçulmana e começaram a instalar-se na periferia meridional do reino cristão, para, mais tarde, penetrar as suas zonas vitais (as regiões do Goğğam e do Shäwa). Durante a segunda metade do século XVI e durante todo o século XVII, foram o principal adversário do poder real.<sup>115</sup> «Galla» era o termo utilizado desde há quatro séculos para designar o povo oromo que significa originalmente «imigrante», na língua amárica. Tendo um sentido perjurativo, conotado com o seu estatuto de submissão à nobreza *ambära*, entrou em progressivo desuso durante o século XX. A sua língua, antes conhecida como *gallinia*, é hoje chamada *orominia*. Os oromo constituem o que pode ser considerado o maior grupo étnico do país, com mais de dez milhões de indivíduos. Consistem em cerca de doze grupos vivendo em dez das doze regiões ou províncias etíopes. Quase todos falam dialectos mutuamente inteligíveis, provenientes de uma língua comum, diferindo, no entanto, na religião que praticam (animistas, cristãos monofisitas, cristãos protestantes, muçulmanos), no tipo de actividade económica e na organização comunitária. Nómadas pastoralistas, pertencem ao mesmo estrato étnico que diversas populações «nilóticas» do oeste do Uganda, Ruanda e leste do Congo. O núcleo *ambära* do império etíope, no final das guerras somali-etíopes, encontrava-se enfraquecido e retraiu-se continuamente até ser finalmente submetido pelos exércitos de guerreiros oromo. Uma classe nobre guerreira oromo passou a controlar a corte imperial mas foi, ironicamente, sujeita a uma progressivo processo de enculturação (de «amarização»). A sua submissão ao poder imperial do renovado império cristão etíope, desde os finais do século XIX, assim como a adopção de diversos aspectos da cultura *ambära* resultaram na sua dispersão e me-

<sup>105</sup> F. M. Esteves Pereira (org.), *Chronica de Susenyos...*, vol. 2, 1900, pp. 87, 191.

<sup>106</sup> Ver I. Guidi, «Annales Iohannis I, Iyasu I et Bakaffa», *CSCO – SÆ*, 5, 1905, pp. 14, 60, 152, 155, 188, 228.

<sup>107</sup> Banha de Andrade, *Francisco Álvares e o êxito europeu...*, doc. A, p. 44 ; F. Álvares, *Verdadeira informação...*, 1943, p. 415.

<sup>108</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação...*, 1943, cap. 90.

<sup>109</sup> *Legatio David Aethiopiae regis ad Sanctissimum D.N. Clementem papa VII*, Bolonha, 1533. Ver R. Lefevre, «L'Etiopia nella Stampa del Primo Cinquecento», 1966, pp. 52-60.

<sup>110</sup> J. Aubin, «Le Prêtre Jean devant la censure portugaise», 1996, pp. 196-7. A tradução italiana de Ludovico Beccadelli é mais completa, embora também abreviada.

<sup>111</sup> Tadesse Tamrat, *Church and State in Ethiopia*, 1972, pp. 21-5; H.-I. Marrou, *L'Église de l'Antiquité tardive (303-604)*, 1985, pp. 73-6; W. Hahn, «Ezana», *EAE*, 2, 2005, pp. 478-80.

<sup>112</sup> Num relato recolhido em Veneza, no início do século XVI, que descrevia um itinerário até Aksum, lê-se que, a uma jornada de distância desta cidade, se passava por «Flemona»; é possível que seja uma atestação do mesmo topónimo, com uma pequena variante fonética, com troca da vibrante pela lateral (Ver A. Martínez, «Feremona», in *EAE*, 2005, pp. 527-28).

<sup>113</sup> C. Beccari (org.), *RÆSOI* 10, 1910, p. 203; carta do bispo Andrés de Oviedo ao vice-rei da Índia, Etiópia, 11 de Maio de 1567.

<sup>114</sup> H. Pennec, *Des jésuites au royaume du prêtre Jean*, 2003, pp. 154-9.

<sup>115</sup> M. Abir, *Ethiopia and the Red Sea*, 1980; M. Hassen, *The Oromo of Ethiopia: a history, 1570-1860*, 1990; ver também I. Guidi (org.), «Bahrey, Historia Gentis Galla», *CSCO – SÆ*, 3-4, 1961-1962.

norização política, até ao fim dos anos oitenta do século XX. A discussão académica sobre uma suposta natureza igualitária da sua estrutura política (presumivelmente derivada do sistema *gada* oromo, ou de classes de idade), em oposição à estrutura hierárquica atribuída aos amhára, tem favorecido um aceso debate em torno de projectos integracionistas vs. autonómicos *oromyia*<sup>116</sup>.

**Gälilá / Gälila.** A ilha fica no extremo noroeste do Lago Ṭana. O Monge Zäkaryas teria aí fundado um mosteiro no início do século XIV<sup>117</sup>. A igreja foi destruída em 1537 por tropas muçulmanas<sup>118</sup> e teria sido restaurada por ordem do Rei Säršä Dëngël<sup>119</sup>. (C. Bosc-Tiessé)

**Gelaldîn Acabar / Akbar (reinado 1556-1605).** Era neto do fundador da dinastia Mogol, o turquemenida Babur, que, com a vitória obtida em 1526 sobre o exército do sultão de Deli, tinha lançado a base de um império que dominou o norte da Índia, do Sind ao Bengala, controlando uma vasta rede de rotas comerciais e fundando uma «nova ordem política»<sup>120</sup>. O construtor de Fatehpur Sikri (a norte de Agra) juntou na sua corte sábios e artistas e, por gosto ao debate de ideias, pediu a Goa, em 1579, dois padres católicos<sup>121</sup>. A missão (1580-1583) – a primeira enviada ao Grão-Mogol – era composta pelos jesuítas Rudolfo Aquaviva, António Monserrate e o intérprete Francisco Henriques. Este gesto ecuménico, entendido pelos padres como uma abertura à via da conversão, reflectia o espírito que estava na base da *din-i-illahi*, a religião divina, com raízes no sufismo, que valorizava a tolerância e o diálogo, promulgada em 1581-82 como religião oficial<sup>122</sup>.

**Gorgora Velha e Nova.** A cronologia documentada da itinerância dos *kätäma*, ou campos reais, indica que em 1609, Susnëyos deslocou o seu *kätäma* de Qoga para Däkana, na região de Dämbya, instalando-se nas proximidades da residência jesuíta de Gorgora Velha<sup>123</sup>. Em 1611, uma epidemia provocou uma nova deslocação do campo real para Gorgora Nova, no topo de uma península a norte do Lago Ṭana<sup>124</sup>. No final da estação das chuvas de 1618, o rei deixou Gorgora Nova e acabou por se instalar em Dänqäz. Manuel de Almeida estabelece uma distinção clara entre Gorgora Nova (que ele designa aliás como Cund Ambâ) e Gorgora Velha (ou Omba-baqhâ<sup>125</sup>). A construção referida por P. Páez<sup>126</sup> poderia ser o primeiro palácio construído em Gorgora Nova (e correspondente à designação local do sítio de Maryam Gëmb), situado a sudoeste de Gorgora Däbrä Sina. Foi em 1614 que, sob a direcção do Pe. Pedro Páez, como assinala Manuel de Almeida, foram edificadas «humas casas ao modo das nossas de Europa»<sup>127</sup>. Se

os autores jesuítas posteriores, como Almeida, atribuem a Páez a construção do palácio e das casas, na passagem referida é surpreendente ler que este não se atribui em absoluto tal mérito. Podemos interrogar-nos se se tratou de uma prova de modéstia da parte de Páez, ou da construção de uma lenda sobre o personagem, empreendida pelos autores chegados após a sua morte<sup>128</sup>. Quanto às igrejas de pedra, tudo indica que a primeira foi edificada em Gorgora Velha, no início de 1619<sup>129</sup>. Por sua vez, Gorgora Nova começou a ser construída apenas em 1926<sup>130</sup>, sob a orientação de João Martins<sup>131</sup>. No que respeita à localização dos edifícios, se Gorgora Nova (ou Maryam Gëmb), apesar de totalmente arruinada, se encontra perfeitamente identificada, o local de Gorgora Velha não foi até hoje identificado.

**Granh / Ahmed ibn Ibrahim al-Ghazi (Adal, ca.1506-Etiópia, 22.02.1543).** Chefe militar de Adal, liderou durante dezasseis anos uma campanha ofensiva de invasão e ocupação do território da Etiópia, tomando, por isso, o cognome de al-Ghazi; na tradição etíope é conhecido por Graññ, apodo que significa «canhoto». Supõe-se que era de origem somali, nascido no distrito de Hubat. Começou a carreira ao serviço de *al-gärad* Abun, assumindo a liderança da oposição à política de pacificação dos sultões *Walashma'* depois da morte daquele, em 1525, e recebendo o cargo de emir e o título de imã dos crentes. Casou com a filha do imã Mahfuz, que foi governador de Zäylä' até 1517. Recrutou as suas tropas sobretudo entre os somalis e os afar. Depois da vitória de Šëmbëra Kure (1529), proclamou a *djihad* contra o reino etíope e reorientou a sua estratégia que passou da algara sazonal à ocupação territorial efectiva. Com a chegada de uma força militar portuguesa à Etiópia, solicitou ajuda ao *Pasha* de Zäbid, no Iémene, que lhe enviou um corpo de espingardeiros, reforçado durante a estação das chuvas de 1542, cuja actuação foi decisiva no ataque ao acampamento adversário no final de Agosto, em Wäfla, em que o capitão português, **Cristóvão da Gama**, foi feito prisioneiro e morto. Seis meses depois, foi vencido pelo exército do Rei Gälawdewos, reforçado com o apoio dos portugueses, em Zäntära, a leste do Lago Ṭana, tendo sido morto<sup>132</sup>.

**Gubâi / Guba'e.** Significa literalmente «ajuntamento», «assembleia», «concílio»<sup>133</sup>. Local onde o Rei Säršä Dëngël estabeleceu o acampamento real, após a estação das chuvas de 1571<sup>134</sup> (segundo a crónica breve, o rei ter-se-ia instalado em Dobit<sup>135</sup>). F. Anfray identificou Guzara com o acampamento de Qoga ou com o de Guba'e novo (Gubâi novo) de que também fala P. Páez<sup>136</sup>.

**Guerâ azmâch / gërazmač.** Era o «general da esquerda». Comandava a ala esquerda do exército do rei, agindo frequentemente de acordo com o seu homólogo da direita, *qäñäzmač*. Se não há ne-

<sup>116</sup> Ver D. Levine, *Greater Ethiopia: Visions of a Multiethnic Society*, 1974; Asmarom Legesse, Gada: *Three Approaches to the Study of African Society*, 1973; Asmarom Legesse, *Oromo Democracy (An Indigenous African Political System)*, 2000.

<sup>117</sup> Tadesse Tamrat, *Church and State in Ethiopia*, 1972, p. 194.

<sup>118</sup> Ver R. Basset, *Études sur l'histoire de l'Éthiopie*, 1882, p. 106.

<sup>119</sup> R.E. Cheesman, *Lake Tana and the Blue Nile...*, 1936, pp. 203-4.

<sup>120</sup> S. Subrahmanyam, *O Império Asiático Português*, 1995, pp. 208-10.

<sup>121</sup> Ver notícia sobre o pedido, com a cópia da carta, em «carta da Índia para a Província de Portugal, 1579», in J. Silva Rego, *DHMPPPO*, 12, pp. 460-2.

<sup>122</sup> M. Choudry, *The Din-i-illahi...*, 1997.

<sup>123</sup> Sur la distinction entre Gorgora Velha et Däkana, voir H. Pennec, *Des jésuites au royaume du prêtre Jean*, 2003, pp. 204-7.

<sup>124</sup> F. M. Esteves Pereira (org.), *Chronica de Susenyos...*, vol. 1, 1892, p. 132 sq; vol. 2, 1900, p. 102 sq; C. Beccari (org.), *RESOI* 6, 1907, pp. 233-4.

<sup>125</sup> C. Beccari (org.), *RESOI* 6, 1907, p. 234.

<sup>126</sup> Ver *supra* pp. 191-2.

<sup>127</sup> C. Beccari (org.), *RESOI* 6, 1907, pp. 293-4.

<sup>128</sup> Ver Introdução, pp. 36-8.

<sup>129</sup> C. Beccari (org.), *RESOI* 11, 1911, p. 406.

<sup>130</sup> C. Beccari (org.), *RESOI* 6, 1907, p. 388.

<sup>131</sup> F.M. Esteves Pereira (org.), *Chronica de Susenyos...*, vol. 1, 1892, p. 289 ; vol. 2, 1900, pp. 223 e 564; C. Beccari (org.), *RESOI* 12, 1912, p. 258.

<sup>132</sup> F.-C. Muth, «Ahmad b. Ibrahim al-Gazi», *EAE*, 1, 2003, pp. 155-8; ver também *TEI*, vol. I, 1954, pp. 286-7 ; D. Vô Vän, «A propos du *Gihâd* dans le *Futuh al-Habasha*», *AE*, 17, 2001, pp. 125-39; e a crónica árabe em recente tradução inglesa, Sihab ad-Din, *Futuh al-Habasha*, 2003.

<sup>133</sup> W. Leslau, *Comparative Dictionary of Geez...*, 1991, p. 176.

<sup>134</sup> C. Conti Rossini, «Historia regis Sarsa Dengel (Malak Sagad)», *CSCO – SE*, 4, 1962, p. 50.

<sup>135</sup> R. Basset, «Études sur l'histoire de l'Éthiopie», *JA*, 1881, p. 110.

<sup>136</sup> F. Anfray, «Les monuments gondariens des XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles, une vue d'ensemble», *PICES*, 8, vol. I, 1988, p. 17.

nhuma ocorrência na *Crónica de Susnēyos* ou nas crónicas anteriores, as de Yohannes e Iyasu, por seu turno, registam numerosas ocorrências<sup>137</sup>. (D. Toubkis).

**Hâic / Hayq.** Lago do noroeste de Amhāra, rodeado por montanhas, a uma altitude de 1951m. «A sua maior dimensão é no sentido de leste para oeste; o perímetro é calculado em 83 Km [...]. Do lado do norte e oeste as margens da lagoa não são elevadas nem íngremes; mas do lado do sul e leste é cercada por altas e alcantiladas montanhas»<sup>138</sup>. Era um importante centro difusor do monasticismo, a partir do Mosteiro de Dābrā Esṭifanos.

**Haimanôt Abbô / Haymanotä Abbaw.** *A Fé dos Padres* é uma colectânea de textos patrísticos, basicamente constituída por excertos, considerados significativos pelos compiladores, de obras de carácter apologético ou dogmático, fundamentais para a definição da doutrina eclesial quanto à Trindade, à Encarnação e à natureza de Jesus Cristo, traduzida do árabe por Mäba'ä ṭeyon, filho do rās 'Amdu, durante o reinado de Gälawdewos<sup>139</sup>. A tradução e difusão manuscrita pode relacionar-se com o ressurgimento da **controvérsia religiosa** em torno das matérias dogmáticas. O livro foi colocado sob suspeita pelos padres jesuítas, quer pelo seu conteúdo, como pela possibilidade de os religiosos etíopes o manipularem, rasurando e modificando segmentos de texto; já depois da morte de Páez, veio a ser corrigido e recopiado.

**Helena / Elleni (terceiro quartel século XV-ca. 1522).** Houve duas rainhas homónimas a frequentar a corte etíope na mesma época: a Rainha Elleni, *qän ba'altehat*, princesa do Hädyä, que Zär'ä Ya'eqob desposou antes de 1445<sup>140</sup> e a Rainha Elleni, *qän ba'altehat* de Bä'ädä Maryam, à qual a *História de Lēbnä Dēngēl* faz alusão, precisando que viveu durante os reinados de três reis, Bä'ädä Maryam, Eskēndēr e Na'od<sup>141</sup>. Desempenhou um papel central na política etíope nos períodos de crise que marcaram o final do século XV e o início do século XVI. Foi regente durante a menoridade de Lēbnä Dēngēl, ou Dawit II. Por sua iniciativa, e em conjunto com o *abunä* Marqos, foi enviado um legado ao Rei Manuel I de Portugal, com a missão de propor uma aliança entre os dois reinos, que se fundamentava no novo desenho do equilíbrio de forças na região. Aparentemente, «a aliança luso-etíope, visando a abolição do domínio muçulmano no mar Vermelho, era dirigida contra o Egipto»<sup>142</sup> e, contudo, a paz com o Egipto era um factor a ter em conta na balança do poder regional. Senhora de um património fundiário imenso no Goḡḡam<sup>143</sup>, fundou igrejas e atribui-se-lhe a criação de composições em louvor de Maria<sup>144</sup>.

**Icheguê / icheguê / ěččage.** Primaz do clero regular etíope. O *abbot* do Mosteiro de Dābrā Libanôs, no Shāwa, fundado por Tāklä Haymanot no século XIII, era quem detinha o cargo. Em 1615, o

*ěččage* Zä-Wängel sustentou contra o *abunä* «uma nova tese: que ele, abade de Dābrā Libanôs, conferia as ordens sagradas, ao passo que o metropolita consagraria o crisma [...]. Isto era contrário ao uso tradicional da Igreja etíope, na qual apenas o metropolita podia conferir as ordens sagradas»<sup>145</sup>.

**Iulíós / Yolyos (Etiópia, séculos XVI-XVII).** Começou a carreira ao serviço do jovem Susnēyos; tendo sido um dos seus companheiros leais, Susnēyos, depois de aceder ao poder, honrou-o nomeando-o para vários cargos e casando-o com a *wäyżäro* Malakotawit, sua filha e de Wäldä Sä'ala, tendo sido nomeado *mäkwännən* do Tigré e *bahr nägaš*. Em 1609, Yolios, que era desde 1602 *blättengeta* do reino, e Keflo revoltaram-se contra o rei (ver **balatinôch gueitâ / blättenoçgeta**). No liv. IV, cap. 20, P. Páez embrechou na tradução do texto da *Crónica de Susnēyos* uma biografia breve de Yolios.

**João Bermudes (ca. 1495-Lisboa, 1570).** Entrou na Etiópia em 1520, integrado na comitiva diplomática liderada por D. Rodrigo de Lima, com a função de «mestre» barbeiro ou físico. Depois da partida da embaixada, em 1526, permaneceu ali, provavelmente por decisão pessoal. Cerca de nove anos mais tarde, em virtude das dificuldades crescentes sentidas no reino face aos assaltos das tropas muçulmanas conduzidas pelo imam Ahmed ibn Ibrahim, e também porque tardava o regresso do embaixador enviado a Portugal, o Rei Lēbnä Dēngēl decidiu utilizar os serviços de João Bermudes, encarregando-o de solicitar apoio militar ao sumo pontífice romano e ao soberano português. Chegado a Roma provavelmente no início de 1536<sup>146</sup>, estava em Évora em 1537, onde deu a conhecer a grave crise que atravessava o reino cristão da Etiópia, obtendo de João III a promessa de ajuda militar. Desembarcou a 9 de Julho de 1541 em Mēšēwa' (Maçuá), acompanhando um corpo expedicionário que contava cerca de quatrocentos homens de armas e cento e trinta escravos, comandado por D. Cristóvão da Gama. Apresentava-se como patriarca católico da Etiópia, autoridade que o Rei Gälawdewos não reconheceu. A oposição assumida por este em relação à obediência a Roma levantou dificuldades a este personagem que acabou por sair do reino em 1556, regressando definitivamente a Portugal em 1559. Em 1565 publicou o relato das suas aventuras etíopes, rasurando o período anterior à missão europeia dos anos 30 e assumindo o título de patriarca<sup>147</sup>. Em Lisboa, instalou-se em S. Sebastião da Pedreira onde veio a falecer<sup>148</sup>.

**João Gabriel (Etiópia, ca. 1554-dp. 1626).** Filho de uma mulher etíope e de um italiano que entrou na Etiópia com D. Cristóvão da Gama, em 1541, e que se fixou ali depois da campanha militar. Foi criado com os padres jesuítas da primeira missão, em Fremona, mas passou também três anos da sua formação em Dābrā Libanôs onde aprendeu a língua gúezeze. Mais tarde, foi desig-

<sup>137</sup> Cf. Guidi, 1903-1905: 9, 10, 70, 118, 132, 154, 194.

<sup>138</sup> F. M. Esteves Pereira (org.), *Chronica de Susenyos...*, vol. 2, 1900, p. 353.

<sup>139</sup> H. Zotenberg, *Catalogue des manuscrits éthiopiens (gbeez et amharique) de la Bibliothèque Nationale*, 1877, p. 84.

<sup>140</sup> J. Perruchon, *Les Chroniques de Zar'a Ya'eqob...*, 1893, p. 59.

<sup>141</sup> M. Kropp, «Die Geschichte des Lebnä Dengel...», 1988, p. 3 nota 9.

<sup>142</sup> J. Aubin, «L'ambassade du prêtre Jean à D. Manuel», in *Le latin et l'astrolabe...*, 1996, pp. 140-151.

<sup>143</sup> F. Álvares, *Verdadeira informação...*, 1943, cap. 118.

<sup>144</sup> As orações e hinos marianos foram editados e traduzidos por M. van den Oudenrijn no *CSCO – S/E*, 39-40, 1960-1961.

<sup>145</sup> E. Cerulli, «Gli abbatì di Dabra Libanôs, capi del monachismo etiopico», *O*, 13, 1944, pp. 160, 165.

<sup>146</sup> Em Março de 1536 encontrava-se em Valladolid a caminho de Lisboa (L. Matos, *L'Expansion portugaise dans la Littérature latine de la Renaissance*, 1991, p. 190, n. 73).

<sup>147</sup> João Bermudes, *Esta he huma breue relação da embaixada que o Patriarcha dō João Bermudez trouxe do Emperador da Ethiopia...*, 1565.

<sup>148</sup> H. Pennec, *Des jésuites au royaume du prêtre Jean*, 2003, pp. 42-46; A. Kammerer, *La mer Rouge l'Abyssinie et l'Arabie au XVI<sup>e</sup> et XVII<sup>e</sup> siècles*, t. 1, 1947, pp. 39-42.

nado para o cargo de capitão dos portugueses, sucedendo a António de Góis, cargo que desempenhou durante anos, até cerca de 1606-07, tendo recebido possivelmente um *gwëlt* («gulto», doação do direito sobre a produção camponesa) em compensação dos serviços prestados. Residia na vizinhança de Fremona. A pedido dos padres, traduziu textos de natureza catequética em amárico, entre eles uma *cartilha*. Foi-lhe atribuída a autoria de uns *Comentários do Império de Etiópia*, texto que se perdeu<sup>149</sup>.

**João Nunes Barreto (Porto, ca. 1520-25-Goa, 22.12.1562).** Foi nomeado patriarca católico da Etiópia em 1554, depois de servir a Companhia de Jesus durante seis anos no Norte de África. Embarcou em 1556 para a Índia, chegando a Goa em Setembro do mesmo ano<sup>150</sup>. No entanto, à sua chegada a Goa, foi necessário reavaliar a esperança de Roma e de Lisboa numa rápida conversão da Etiópia ao catolicismo, que justificava o envio de um patriarca, face às informações fornecidas pelo Pe. Gonçalo Rodrigues. Decidiu-se, então, enviar apenas seis missionários jesuítas dirigidos pelo Bispo D. Andrés de Oviedo, ficando o patriarca a aguardar que a conjuntura interna do reino etíope favorecesse o reconhecimento da sua dignidade e autoridade<sup>151</sup>. A resistência das elites etíopes à conversão católica e o aumento da dificuldade do acesso ao litoral, depois de 1557, jogaram a favor da sua permanência em Goa, onde viria a falecer<sup>152</sup>.

***Kēbrä Nägäst* (comumente traduzido por «Glória dos Reis»).** É um dos textos da cultura escrita etíope mais divulgados no Ocidente, desde pelo menos o fim do século XIX. Preserva uma longa versão erudita do famoso encontro entre o Rei Salomão e a Rainha de Sabá, aí considerada como sendo de origem etíope, do nascimento do seu filho Mēnilēk, fundador lendário da realeza etíope, e da transferência (ou «roubo») da Arca da Aliança para a Etiópia. O texto foi pela primeira vez traduzido, numa versão resumida, para uma língua europeia por Pedro Páez, nos caps. II e III do livro I da *História de Etiópia* (e publicado pela primeira vez na versão retrabalhada desta obra, por Baltazar Teles, em 1660). F. Prætorius publicou uma edição em gueeze, com tradução parcial em latim, em 1870. Posteriormente, em 1909, C. Bezold editou-o de novo e traduziu-o para alemão, e Le Roux publicou uma tradução parcial em francês, em 1914. Mas o texto foi sobretudo popularizado através da tradução inglesa do orientalista E.A. Wallis Budge, em 1922. A primeira versão francesa completa da obra data de 2002, por G. Colin<sup>153</sup>. O texto coloca um conjunto de interessantes problemas filológicos e literários ainda pouco esclarecidos. Se é hoje consensual atribuir-lhe uma origem egípcia (medieval e não do século VI como pretende I. Shahid)<sup>154</sup>, inicialmente escrito em árabe, e reconhecer nele uma decisiva influência da literatura apocalíptica cristã, não se sabe em que data terá sido traduzido para a lín-

gua gueeze. Uma hipótese ainda por confirmar é que a tradução tenha sido executada no início do século XV, data em que o escriba Yēshāq, que redigiu o colofão da versão que chegou até aos nossos dias. Alternativamente, o *Kēbrä Nägäst* poderá ter sido traduzido durante a dinastia zagwe, entre o século XII e o início do século XIII, já que um autor egípcio contemporâneo referiu a divulgação da lenda salomónica na Etiópia, o que é consistente com a necessidade que os reis zagwe evidenciavam de se filiarem na linhagem dos antigos reis de Aksum e no universo cultural bíblico. Em termos mais gerais, estão também ainda por esclarecer os laços complexos entre a lenda salomónica, tal como é conhecida na Etiópia, nas suas diversas formas, tanto na tradição escrita como por via oral, e o texto erudito do *Kēbrä Nägäst*, que antes do fim do século XIX era apenas conhecido no meio restrito dos letrados etíopes<sup>155</sup>. Um estudo mais atento da vida cultural durante o reinado de Mēnilēk II (1865-1913) poderá oferecer uma chave importante para perceber a importância da lenda salomónica no processo de «fabricação das origens» da nação etíope, já que foi neste período que o texto foi exumado do interior das bibliotecas monásticas para ser sistematicamente retrabalhado e adaptado pelos clérigos cristãos ao serviço da coroa, e pelos pintores populares, tornando-se, desde então, o epicentro de uma etiologia lendária de uma Etiópia que se expandia então substancialmente para abarcar vários territórios anteriormente independentes, e afirmando-se como um breviário indispensável tanto para orientalistas, como para viajantes e turistas. (B. Hirsh).

**Lagoa de Dambiâ / Lago Ṭana.** Este lago encontra-se a 1860 m de altitude, estendendo-se por 3600 km<sup>2</sup>. Atinge 70 kms de largura e mais de 80 kms de norte a sul. Serve de reservatório ao Nilo Azul (ou Abbay) que, na sua extremidade meridional, se lança numa série de quedas e de rápidos. Tem várias ilhas, muitas das quais ocupadas por comunidades monásticas que buscavam o isolamento do mundo. (Ver Çanâ / Çaanâ / Saná / Ṭana Qirqos; Debra Antonz / Däbrä Antonz; Dec / Däq; Gâlilâ / Gâlila; Quebrân / Qēbran; Remâ / Rema).

**Leão I (440-461).** Foi o sumo-pontífice que desenvolveu um sistema ideológico para glorificar Roma como sede da cristandade e definiu o papel do papa, sucessor de Pedro, como primaz da Igreja. Lutou contra a «heresia» de Eutiques relativamente à questão cristológica e fez aprovar, pouco antes do Concílio de Calcedónia (451), pelo Bispo Eusébio de Milão e o seu concílio provincial, a sua carta doutrinal (o célebre *Tomo a Flávio*), que definia a cristologia romana relativamente às duas naturezas de Cristo<sup>156</sup>.

**Lîca memerân / liqa mämberan.** Significa literalmente «ancião» ou «superior dos mestres»; liqä diyaqonnat traduz-se por «arcediogo»<sup>157</sup>.

**Maçarê / mä'äsare.** Era «o mestre de cerimónias, o homem da veste de seda», encarregue da organização e do cumprimento do protocolo.

<sup>149</sup> I. Boavida, «Gabriel, João», *EAE*, 2, 2005, pp. 632-3.

<sup>150</sup> J. Wicki (ed), *DI 3*, «Documenta Indica (1553-1557)», III, *MHSI*, 1954, pp. 471-473.

<sup>151</sup> H. Pennec, «Ignace de Loyola et le royaume du prêtre Jean: projet et malentendus», *MEFRIM*, 111-1, 1999, pp. 224-9.

<sup>152</sup> I. Boavida, «Barreto, Dom João Nunes», *EAE*, 1, 2003, p. 484.

<sup>153</sup> F. Prætorius, *Fabula de Regina Sabaea apud Aethiopes. Dissertatio inauguralis*, Halle, n.d (c. 1870); H. Le Roux, *Chez la Reine de Saba*, 1914 (reimpr. Paris, 2001); C. Bezold, *Kebra Nagast. Die Herrlichkeit der Könige*, Abhandlungen der Königlich Bayerischen Akademie, Band XXIII, Abt. I, 1909; E. A. Wallis Budge, *The Queen of Sheba and her only Son Menyelek*, 1922; G. Colin, *La Gloire des rois (Kebra Nagast). Épopée nationale de l'Éthiopie*, 2002.

<sup>154</sup> I. Shahid, «The *Kebra Nagast* in the Light of Recent Research», *Le Muséon*, 89, 1976, pp. 133-78; ver S. Munro-Hay, «A Sixth Century Kebra Nagast?», *AE*, 17, 2001, pp. 43-58.

<sup>155</sup> Ver B. Hirsch F.-X. Fauvelle, «Aksum après Aksum. Royauté, archéologie et herméneutique chrétienne de Ménélik II (r. 1865-1913) à Zär'a Ya'qob (r. 1434-1468)», *AE*, 17, 2001, pp. 59-109.

<sup>156</sup> C. Fraise-Coué, «Léon Ier», in Ph. Levillain (org.), *Dictionnaire historique de la papauté*, 1994, pp. 1014-19; Leone I, Papa», *EC*, v. 7, pp. 1139-44; «Éutiche e Eutichianesimo», *EC*, v. 5, pp. 866-70.

<sup>157</sup> W. Leslau, *Comparative Dictionary of Geez...*, 1991, p. 146.



**Mazaguëbt Haimanôt / Mäzäbä Haymanot.** Livro do *Tesouro da Fé*. Segundo E. Cerulli, foi redigido entre 1555 e 1559. É um opúsculo de controvérsia religiosa constituído por duas partes distintas: a primeira é um resumo dos quatro concílios (Niceia, Constantinopla, Éfeso e Calcedónia) segundo a tradição da Igreja monofisita de Alexandria e da Etiópia, traduzido provavelmente do árabe; a segunda parte é propriamente etíope, respondendo directamente às objecções dos primeiros missionários jesuítas relativamente a matérias distintas, manifestadas durante os debates organizados na corte do Négus Gälawdewos<sup>158</sup>. (Ver *Abû Ferâgi / Adultério de Franges*).

**Mecâna Çelace / Mäkanä Sëllasse.** Igreja real de Amhâra, a noroeste de Warra Illu. Começou a ser construída no reinado de Na'od e ficou concluída no de Lëbnä Dëngël. F. Álvares assistiu à sua consagração a 12 de Janeiro de 1521, tal como à trasladação do corpo de Na'od para ali<sup>159</sup>. O edifício foi arrasado pelas tropas do Emir Ahmed ibn Ibrahim, a 3 de Novembro de 1531<sup>160</sup>, mas as suas ruínas ainda eram visíveis na época da ocupação italiana<sup>161</sup>. (M.-L. Derat).

**Milagres de Nossa Senhora / Le Livre des Miracles de Marie / Tä'ämrä Maryam.** Obra composta em França no século XII e largamente difundida por toda a Europa e Oriente cristão. Foi traduzida do árabe em gúeze, a pedido do Rei Dawit, pai de Zär'ä Ya'ëqob. Foi seguidamente recheada de relatos milagrosos etíopes, referindo-se a acontecimentos ocorridos no final do século XIV ou durante o século XV. Numerosos são os milagres que celebram os reis etíopes, particularmente Dawit e o seu filho Zär'ä Ya'ëqob, de que resulta, em 1442, um segundo impulso no culto mariano, com a introdução de *Le Livre des Miracles de Marie* na liturgia etíope, impondo a celebração cada ano, de trinta e duas festas consagradas a Maria. Neste livro, encontramos um relato do processo dos estefanitas, em 1454, e referências aos «heréticos», tais como Zä-Mika'el e os seus discípulos<sup>162</sup>.

**Monte Amharâ / 'ämba Gëšen.** O 'ämba Gëšen situava-se em Amhâra, a noroeste de Ambasäl<sup>163</sup>. A vocação excepcional deste monte ('ämba) como local de encerramento de príncipes, ideia que Páez também repetiu<sup>164</sup>, ou descendentes da linhagem real susceptíveis de reinar: filhos, irmãos, tios do rei, eram enviados para ali de onde não podiam sair. Esta prática visava manter à distância, mas sob controlo, os pretendentes ao trono que pudessem ameaçar a soberania do rei. F. Álvares foi o primeiro europeu a mencionar a montanha e o papel que desempenhava na estabilidade do reino, cuja fundação atribuiu ao rei da dinastia zagwe, Yemrehanna Krëstos, no final do século XII<sup>165</sup>. M. de Almeida veiculou uma tradição diferente segundo a qual a ocupação do 'ämba com a finalidade assinalada tinha começado num período posterior ao reinado de

Yagbe'a Şeyon<sup>166</sup>. Nas fontes etíopes, a primeira menção do 'ämba como local de guarda dos membros da família real, reporta-se ao reinado de Zär'ä Ya'ëqob, referenciada no *Mäshäfä Tëfut*, obra que alude a acontecimentos deste reinado e que se conservou na biblioteca do próprio 'ämba Gëšen<sup>167</sup>. Dever-se-á, assim, datar o arranque da função política do 'ämba em data posterior a meados do século XV, o que corresponde à datação do mapa-múndi de Fra Mauro (1460) cujas informações provieram dos itinerários dos peregrinos à Terra Santa ou dos primeiros europeus que viajaram para a Etiópia no decorrer do século XV<sup>168</sup>. Assim, quando um rei morria sem filhos, era ali que se procurava um membro da linhagem para o fazer reinar. Contudo, os conflitos recorrentes motivados pela sucessão tendem a demonstrar que a vocação do 'ämba, que devia permitir evitá-los, se tornou um falhanço a partir do reinado de Zär'ä Ya'ëqob. Segundo a documentação régia do século XV, os jovens príncipes já não eram encerrados ali<sup>169</sup>. Depois, o 'ämba Gëšen foi destruído nas campanhas do Graññ, destruição a que, segundo Taddesse Tamrat, não teria sido alheia a instabilidade política verificada a partir da segunda metade do século XVI até 1607<sup>170</sup>. De qualquer modo, algumas referências na *História da Etiópia* parecem indicar que o 'ämba Gëšen ainda servia na época da passagem de século. Por exemplo, registou que alguns dos seus informadores a respeito da história do 'ämba eram príncipes que lá tinham vivido muitos anos<sup>171</sup>. Sugeria, entretanto, que o lugar já não desempenhava o papel de «reserva» para os novos reis: Zä-Dëngël foi exilado em «Dec [Däq]», ilha do Lago Ṭana, Ya'ëqob foi desterrado para o «reino de Nareâ [Enarya]»; os próprios filhos de Susnëyos não foram encerrados no «Guixên Ambâ»<sup>172</sup>. Páez tinha, sem dúvida, razão em sublinhar que os filhos do rei reinante não iam para o 'ämba. Entre os filhos de Susnëyos, pelo menos o seu sucessor Fasilädäs, nunca passou lá em momento nenhum da sua vida. Contudo, diversos testemunhos recolhidos nas fontes etíopes indicam que alguns dos irmãos, tios, primos, sobrinhos do rei reinante e dos seus antecessores ainda ali residiam. Entre estes estavam os que eram descendentes de rei em linha agnática e que podiam, efectivamente, ser escolhidos para reinar. A seu lado, viviam também aqueles a quem o trono estava teoricamente interdito: as mulheres, filhas de cognatos do rei, por exemplo, mas igualmente, como anotou P. Páez<sup>173</sup>, os filhos das filhas dos que estavam encerrados no 'ämba, tal como os filhos das filhas do próprio rei (D. Toubkis).

**Nestor / Nestório (ca. 386-450/1).** Patriarca de Constantinopla (428-431) e teólogo formado na escola antioquiana, bem colocado, portanto, para sofrer a oposição dos alexandrinos. Recusou a definição dogmática de Maria como Mãe de Deus (Teotokos) saída do Concílio de Éfeso de 431, contrargumentando que o Verbo gerado por Deus Pai, não podia ser gerado uma segunda vez. Concebia Cristo como um ser dual – Verbo e homem (Jesus), negando a união hipostática. A tentativa de racionalizar o mistério da encarnação do Verbo, esbarrava contra a dificuldade em

<sup>158</sup> Para a sua edição, ver E. Cerulli, «La storia dei quattro concili ed altri opuscoli monofisiti», *Scritti teologici etiopici dei secoli XVI-XVII*, 1960, pp. III-VIII, 1-65 (texte gúeze) e pp. 67-101 (tradução italiana).

<sup>159</sup> F. Álvares, *The Prester John of the Indies*, C. F. Beckingham & G. W. B. Huntingford (trad.), 2 vols., 1961, pp. 338, 360-361.

<sup>160</sup> R. Basset, *Histoire de la conquête de l'Abyssinie (XVIIe siècle)*, vol. 1, 1897, pp. 310-11; M. Kropp, «Die Geschichte des Lebnä Dengel...», 1988, p. 8.

<sup>161</sup> D. Brielli, «Ricordi storici dei Uollo (con note di C. Conti Rossini)», *Studi etiopici*, C. Conti Rossini (ed.), 1945, pp. 81-2, nota 9.

<sup>162</sup> Ver M.-L. Derat, *Le domaine des rois éthiopiens*, 2003, pp. 153-8.

<sup>163</sup> M.-L. Derat, *Le domaine des rois éthiopiens*, 2003, p. 66.

<sup>164</sup> Livro I, cap. 10, *supra*.

<sup>165</sup> F. Álvares, *The Prester John of the Indies*, C. F. Beckingham & G. W. B. Huntingford (trad.), 1961, p. 237.

<sup>166</sup> C. Beccari (org.), *RÆSOI*, 5, 1907, p. 214.

<sup>167</sup> A. Caquot, «Aperçu préliminaire sur le Mashafä Tëfut», *AE*, 1, 1955, pp. 89-108.

<sup>168</sup> B. Hirsch, *Connaissances et figures de l'Éthiopie...*, 1990, pp. 123-5.

<sup>169</sup> B. Hirsch, *Connaissances et figures de l'Éthiopie...*, 1990, p. 28.

<sup>170</sup> Taddesse Tamrat, *Church and State in Ethiopia*, 1972, p. 301.

<sup>171</sup> Ver p. 141, *supra*, livro I, cap. 10.

<sup>172</sup> Ver p. 140, *supra*, livro I, cap. 10.

<sup>173</sup> Ver p. 138, *supra*, liv. I, cap. 10.

expressar noutras línguas os conceitos da filosofia helénica, problema de ordem linguística que gerou equívocos e violentas lutas. O nestorianismo vingou em Edessa e foi aceite como doutrina válida pela Igreja da Pérsia (caldaica).

**Nossa Senhora (’*amba* Gēšen).** Igreja erigida no ’*amba* Gēšen, situava-se ao lado da igreja de Egzi’abēher Ab. Estas construções determinadas pelo poder real são um indício da importância que a vertente religiosa tinha ganho na política régia a partir do século XIV<sup>174</sup>.

**Nossa Senhora (campo real).** A igreja dedicada à Virgem Maria no campo real (*kätäma*) era designada por *gēmija bet* (literalmente, «loja dos tecidos preciosos»). Segundo Conti Rossini, tratava-se de uma das partes da casa real, onde se encontrava uma capela à Virgem<sup>175</sup>.

**Oadeçalá / Wäldä Sä’ala (final século XV-1661).** Uma das mulheres de Susnēyos, descendia de uma antiga família nobre de Wäläqa e de Mārahbet, regiões situadas a sul de Amhāra e a norte de Shāwa. Foi a primeira mulher de Susnēyos. Esposa legítima e rainha mãe, o seu nome de reinado era Śēlṭan Moggäsä, formado a partir do nome de reinado do marido, Śēlṭan Säḡäd<sup>176</sup>. Casados por volta de 1595, tiveram numerosos filhos, dos quais se conhecem, pelo menos, quatro rapazes e quatro raparigas<sup>177</sup>. Wäldä Sä’ala fundou um mosteiro ligado à Ordem de Ewostatewos, denominado Qoma Fasilädäs, na região meridional de Bāgemēder<sup>178</sup>. Os arquivos do mosteiro atestam que a construção começou em 1621 e terminou em 1640. A rainha faleceu a 1 *mägabit* de 1661<sup>179</sup> e foi sepultada em Qoma Fasilädäs. (A. Wion).

**Oquêa / wäqet.** Termo de etimologia latina, *uncia*, difundido através do grego *unkia*; em arameu, *’un-qiya*; em árabe, *waqiyya*; em amárico, *wäqet*. Designa uma unidade de peso<sup>180</sup>. Este termo encontra-se igualmente na *Verdadeira informação* do Pe. Francisco Álvares grafado «ouquia»; Álvares estimava que equivalia a dez cruzados – os editores do texto indicaram que um cruzado tinha 3,56 gramas de peso<sup>181</sup>.

**Pedra de ara / tabot.** O *tabot* é uma representação da Arca da Aliança — símbolo da aliança entre Deus e Israel — e existe em todas as igrejas etíopes, na forma de uma placa de madeira ou de pedra, sobre a qual está gravado o nome do orago da igreja. É o *tabot* que faz a igreja e não o contrário<sup>182</sup>. Está colocado na câmara mais recolhida da igreja, chamada *mäqdas* ou *qēddusä*

*qēddusan* (santo dos santos), inacessível aos leigos. Devidamente envolta em panos preciosos, é um dos objectos devocionais que participam nos cortejos processionais organizados por ocasião das festas religiosas ou de calamidades naturais em que se requeira, pela prece, a intervenção divina. O Pe. Francisco Álvares, nas primeiras semanas da longa estadia na Etiópia da embaixada portuguesa chefiada por D. Rodrigo de Lima, teve oportunidade de assistir a uma procissão que descreveu brevemente<sup>183</sup>.

**Preste João.** Título do soberano de um imaginário império cristão oriental, segundo tradições milenaristas e cosmográficas baseadas num texto de grande circulação nas cortes europeias, a *Carta do Preste João das Índias*. A ambiguidade sociológica e geográfica da Etiópia, assim como a presença nessa região de um estado centralizado e de um antigo culto cristão, favoreceram a identificação da Etiópia com a imaginária Índia relatada na literatura cosmográfica europeia. O império africano do Preste João era tomado como exercendo suserania sobre vários outros reinos, tanto na costa oriental como na costa ocidental de África. Desde finais do século XV, as relações que os exploradores portugueses encetaram com diversas sociedades africanas baseavam-se no pressuposto de que estas se encontravam, de algum modo, sob o domínio do Preste João. *Presbiter Johannes [rex regum et] dominus dominantium*: o título do Preste João, análogo ao do autor do *Apocalipse* canónico (*Presbíteros Ioannis*), evoca o carácter sacerdotal da sua soberania imperial. Ele é «Senhor dos Senhores» e «rei dos reis», como Cristo ressuscitado (*Apocalipse*, XVII, 14; XIX, 16). *Sumus dominus dominantium universae terrae*: esta referência explícita melhor o conteúdo do parágrafo inicial, atribuindo-se aqui ao Preste João, inequivocamente, características de *Cosmocrator*, resultantes da mescla de duas figuras ecuménicas do poder, Alexandre e Jesus Cristo (note-se que os textos sobre os quais a *Carta* se inspira mais directamente são o *Romance de Alexandre* e a parte final do *Apocalipse segundo S. João*)<sup>184</sup>.

**Primeira missão jesuíta (1555-1597).** O Pe. Gonçalo Rodrigues foi enviado à Etiópia em 1555 com o objectivo de avaliar se as condições políticas e religiosas locais eram ou não favoráveis ao estabelecimento duma missão católica e de um patriarca nomeado pelo pontífice romano<sup>185</sup>, regressando a Goa no ano seguinte com a notícia de que o Rei Gälawdewos aceitava acolher os padres unicamente para estes prestarem serviço espiritual aos católicos que viviam na Etiópia. Em Março de 1557, o grupo de missionários, formado pelo Bispo D. Andrés de Oviedo, pelos padres Manuel Fernandes e Andrés Guldames, e pelos irmãos Francisco Lopes, Gonçalo Cardoso e António Fernandes foram enviados para a Etiópia<sup>186</sup>. Cortado o acesso ao mar, pouco depois, a missão ficou isolada; Fulgêncio Freire, que foi despachado, em 1560, a saber novas da missão, acabou por ser reduzido ao cativo no Estreito e enviado para o Cairo. O número de doze missionários para a Etiópia, proposto inicialmente por Inácio de Loiola, foi retomado depois, de forma recorrente, nos textos dos padres jesuítas, como fez Páez. Para além do valor sim-

<sup>174</sup> M.-L. Derat, *Le domaine des rois éthiopiens*, 2003, p. 26.

<sup>175</sup> C. Conti Rossini, C. Conti Rossini, «Historia regis Sarsa Dengel», *CSCO – SÆ*, 4, 1962, p. 188.

<sup>176</sup> J. Perruchon, Jules, «Notes pour l’histoire de l’Éthiopie. Règne de Susneyos ou Seltan Sagad (1607-1632)», *RS*, 1897, p. 77; P. Páez, *História da Etiópia*, p. 172, *supra*.

<sup>177</sup> Ver filhos de Susnēyos, *supra*.

<sup>178</sup> M. J. Ramos, *Histórias Etíopes: Diário de Viagem*, 2000, pp. 140-1.

<sup>179</sup> R. Basset, *Études sur l’histoire de l’Éthiopie*, 1882, p. 290; F. Béguinot, *La cronaca abbreviata d’Abissinia*, 1901, p. 52; J. Perruchon, «Notes pour l’histoire de l’Éthiopie. Règne de Fasiladas ou Alam Sagad (1632-1667)», *RS*, 1898, p. 90.

<sup>180</sup> W. Leslau, *Comparative Dictionary of Geez...*, 1991, p. 616.

<sup>181</sup> F. Álvares, *The Prester John of the Indies*, C.F. Beckingham & G.W.B. Huntingford (trad.), 2 vols., 1961, pp. 123-4. Sobre pesos e medidas, cf. R. Pankhurst, «A Preliminary History of Ethiopian Measures Weights and Values – Part 3», *JES*, 8-1, 1970, pp. 59, 71.

<sup>182</sup> Getatchew Haile, «A history of the tabot of Atronsa Maryam in Amhara (Ethiopia)», *P*, 34, 1988, p. 13.

<sup>183</sup> F. Álvares, *Verdadeira Informação...*, 1943, I, cap. 12.

<sup>184</sup> M.J. Ramos, *Ensaio de Mitologia Cristã*, 1997, pp. 101-12 (*Essays in Christian Mythology*, 2006, pp. 64-72).

<sup>185</sup> Ver a carta de D. Pedro de Mascarenhas, vice-rei da Índia, ao Pe. Diogo Mirão, propósito da província de Portugal da Companhia de Jesus, Goa, 01.01.1555, in C. Beccari (org.), *RÆSOI* 10, 1910, pp. 44-5.

<sup>186</sup> *DI* 4, 1956, p. 442-63.

bólico atribuível ao número, importa sublinhar que correspondia à vontade de dar um estatuto especial a esta terra de missionação, enviando para lá, não só um número elevado de padres, mas ainda um patriarca e dois bispos. No entanto, as intenções na Europa, em 1555 e 1556, de acordo com as listas dos padres embarcados para o oriente, eram de se expedir um contingente de, no mínimo, dezoito jesuítas. M. de Almeida parece fazer um eco da tendência para minimizar o entusiasmo que existiu em relação à Etiópia no período que antecedeu à primeira missão<sup>187</sup>. A partida da missão para a Etiópia foi objecto de ampla divulgação, como era norma no seio da Companhia de Jesus. Até Janeiro de 1559, os missionários andaram na órbita da corte, afastando-se para uma zona periférica após a publicação do édito do Bispo Andrés de Oviedo, condenando à excomunhão todos os católicos que servissem o rei ou que comunicassem com não católicos. Instalaram-se, então, na região do Tigré onde o *bahr nägäs* Yēshāq lhes doou o sítio de May Gwagwa.

**Quebrân / Qēbran.** Nesta pequena ilha, na parte sul do Lago Ṭana, foi estabelecido um mosteiro na primeira metade do século XIV, segundo o *gädl* do seu fundador, o Santo Zä-Yohānnes<sup>188</sup>. (C. Bosc-Tiessé).

**Rainha de Sabá.** A sua história constitui o núcleo da epopeia nacional etíope narrada no *Kēbrä Nägäst*. Mäqeda, rainha de um povo autóctone subjugado pelo culto opressivo da Grande Serpente, viaja até Jerusalém com o objectivo de aprender a sabedoria de Salomão. Após uma união sexual com o soberano israelita e uma aprendizagem das maneiras reais semitas, Mäqeda regressa à Etiópia e dá à luz um filho, Mēnilēk I. Quando este faz 22 anos, a rainha abdica a seu favor, sendo assim fundada a dinastia salomónica da Etiópia. O relato sumariado tem origem na necessidade de legitimação do poder político. Na tradição iemenita, o antigo reino soube localizar-se no interior norte deste país, e a sua capital chamava-se Marib (MRB, em tradução das inscrições em caracteres sudarábicos), centro próspero na rota do incenso. Páez e Monserrate, no seu périplo forçado pelo Iémene, atravessaram um sítio em ruínas, em que se erguiam «pedras com letras antigas», chamado «Melquís», que tinha sido da Rainha de Sabá<sup>189</sup>. A assimilação dos dois reinos é, de certo modo, possibilitada nas tradições históricas etíopes, que referem a conquista do Iémene pelos exércitos abissínios, em tempos pré-cristãos<sup>190</sup>.

**Remâ / Rema.** A ilha situa-se na proximidade da margem leste do Lago Ṭana<sup>191</sup>. Segundo as crónicas breves, redigidas no século XVIII, o único túmulo real que se encontra em Rema é o do Rei Säršä Dēngēl<sup>192</sup>. Segundo P. Páez, porém, a sepultura desse rei achava-se em Ṭana Qirqos. (C. Bosc-Tiessé).

**Segunda missão jesuíta (1603-1622).** Ver introdução, pp. 17-21. Os padres desta segunda missão reutilizaram a estratégia que Andrés de Oviedo tinha acabado por abandonar cerca de meio século antes por inoperância: aproximação às elites cuja conversão garantiria a posterior conversão em massa da população. O primeiro a chegar à Etiópia, em 1603, foi o Pe. Pedro Páez<sup>193</sup>, seguido no ano seguinte, 1604, por dois padres, Francesco de Angelis e António Fernandes<sup>194</sup>, e no ano de 1605 por dois novos padres, Lourenço Romano e Luis de Azevedo<sup>195</sup>. Por fim, em 1620, outros dois jesuítas se lhes juntaram, Diogo de Matos e António Bruno<sup>196</sup>.

**Simam / Sēmē'on.** O *'abunä Sēmē'on* chegou à Etiópia durante o reinado de Susnēyos e, de acordo com a lista n.º 6197, seria o 97.º metropolitano egípcio. Sempre de acordo com esta lista, morreu durante a batalha de Šadda, a 13 de Maio de 1617, contra «o herético» (*'älawi*) Susnēyos<sup>198</sup>.

**Sto. Estevão / Däbrä Esṫifanos.** Mosteiro igualmente conhecido por Däbrä Hayq. Segundo o *gädl* de 'Iyäsus Mo'ä, tinham sido fundadas duas igrejas neste lugar, antes da chegada do santo. Mas foi a partir de 1248, data em que 'Iyäsus Mo'ä em instalou ali, que o lugar se desenvolveu, passando a estar estreitamente ligado ao poder real<sup>199</sup>. Os superiores da comunidade tinham o título de *'äqqabe sä'at* e desempenharam o papel de conselheiros régios entre os séculos XIII e XVI. (M.-L. Derat).

**Sto. Estevão de Roma.** Igreja situada nas traseiras da basílica de S. Pedro, com albergaria anexa, onde os peregrinos etíopes que se deslocavam a Roma se começaram a hospedar, passando a ser associada aos cristãos «indianos» ou etíopes<sup>200</sup>. Foi um centro difusor da cultura cristã etíope, nomeadamente da literatura, a partir do início do século XVI quando, com a publicação, em 1513, do *Psalterium David et Cantica Cantorum* por Johan Potken com a colaboração de letrados da comunidade, o *fidäl* (silabário) gueeze entra na era da impressão<sup>201</sup>. À sombra da Santa Sé católica, a comunidade etíope celebrava a missa em gueeze e de acordo com o rito próprio, o que seria encarado de outro modo no território de missão pelos jesuítas.

**Tascâr / täzkar.** Cerimónia evocativa de uma pessoa falecida, que tem lugar quarenta dias depois do seu óbito, e depois é retomada anualmente<sup>202</sup>. Significa literalmente «lembrança» e fundamenta-se no direito canónico, nomeadamente no decreto 21.º do Cãnone clementino sobre a Ascensão, que ordenou que os fiéis celebrassem anualmente o *täzkar* de cada mártir morto pela fé em Cristo<sup>203</sup>, e no 23.º da Carta de Pedro a Clemente que instituiu o alargamento do *täzkar* a todos os defun-

<sup>193</sup> C. Beccari (org.), *RĒSOI* 11, 1911, pp. 50-1.

<sup>194</sup> Ver livro IV, cap. 10; C. Beccari (org.), *RĒSOI* 6, 1907, p. 363.

<sup>195</sup> Ver livro IV, cap. 12; C. Beccari (org.), *RĒSOI* 11, 1911, p. 60; L. Cohen, «Azevedo, Luiz de», in *EAE*, 1, 2003, p. 418.

<sup>196</sup> C. Beccari (org.), *RĒSOI* 11, 1911, p. 473.

<sup>197</sup> Do manuscrito 7 (fol. 107r-112r) da colecção etíope de C. Conti Rossini – Accademia dei Lincei, Roma.

<sup>198</sup> Ver Ayele Takla Haymanot, «The Egyptian Metropolitan of the Ethiopian Church», *OCP*, 54, 1988, pp. 203-4.

<sup>199</sup> S. Kur (org.), «Actes de Iyasus Mo'ä», *CSCO – SÆ*, 1965, pp. 18-28.

<sup>200</sup> R. Lefevre, «L'Etiopia nella Stampa del Primo Cinquecento», 1966, p. 17.

<sup>201</sup> Anteriormente tinha sido parcialmente gravado no incunábulo da viagem a Jerusalém de Bernhard von Breidenbach (*Peregrinatio in Terram Sanctam*, 1486), mas apenas como ilustração exemplar duma escrita diversa a que a Europa culta continuará a chamar «caldaica» pelos dois séculos seguintes.

<sup>202</sup> Ver também C. Beccari (org.), *RĒSOI* 4, 1906, p. 182.

<sup>203</sup> A. Bausi, «Il Sínodos Etiopico», *CSCO – SÆ*, 101-102, 1995, p. 12 (trad.), p. 25 (texto gueeze).

<sup>187</sup> H. Pennec, *Des jésuites au royaume du prêtre Jean*, 2003, pp. 118-126.

<sup>188</sup> M. Schneider (org.), «Actes de Za-Yohannes de Kebran», *CSCO – SÆ*, 65, 1972, pp. 13-18.

<sup>189</sup> Livro III, cap. 19, pp. 575-6, *supra*.

<sup>190</sup> Ver I. Boavida e M.J. Ramos, «Ambiguous Legitimacy : The Legend of the Queen of Sheba», 2005, pp. 85-92.

<sup>191</sup> Ver o inventário recente da igreja de Réma Mädhäné Aläm, por C. Bosc-Tiessé, «L'histoire et l'art des églises du lac Tana», *AE*, 16, 2000, pp. 233-37.

<sup>192</sup> J. Perruchon, «Notes pour l'histoire de l'Éthiopie. Règne de Sarsa-Dengel ou Malak-Sagad Ier (1563-1597)», *RS*, 1896, pp. 177-85, 273-8.

tos, fixando o calendário das cerimónias que marcavam o período do luto no terceiro, sétimo, duodécimo, trigésimo, quadrigésimo e sexagésimo dias após o óbito<sup>204</sup>. (M.-L. Derat; I.B.).

**Tedebâba Mariam / Täd babä Maryam.** Igreja real fundada por Gälawdewos (1540-1559) no Amhara, na proximidade de Atronsä Maryam<sup>205</sup>. Foi ali sepultado, assim como o seu sucessor Minas<sup>206</sup>. A reputação deste lugar santificado manteve-se, já que o Rei Iyasu o frequentou<sup>207</sup>, o que indicia que não foi destruído durante as campanhas de Ahmed ibn Ibrahim, ou então que foi reconstruído pouco depois. (M.-L. Derat).

*Tratado sobre todos os erros de Etiópia.* O Pe. António Fernandes<sup>208</sup> trabalhou, desde a sua chegada à Etiópia (1604), na elaboração de um catálogo dos «erros» teológicos do cristianismo etíope. A carta ânua de 1610 da província de Goa integrava uma carta daquele padre dirigida ao visitador da Índia, na qual se lamentava de que tardava a redacção e impressão, em Goa, de um livro em que os «erros dos etíopes» fossem refutados. Enviava, novamente, o catálogo, mas considerava que seria preferível que o livro fosse composto pelos padres que se encontravam na Etiópia<sup>209</sup>. Em 1621, segundo se deduz das palavras de Diogo de Matos, ainda se ocupava da redacção de uma obra de refutação dos «erros» teológicos etíopes, que urgia completar a fim de responder às controvérsias apresentadas e nunca resolvidas nos debates públicos<sup>210</sup>. Aparentemente, é possível estabelecer uma ligação, fundamentada em apontamentos contemporâneos, como o que lê no final da obra do Pe. Manuel de Almeida<sup>211</sup>, entre o livro ainda incompleto em 1621 ao que se conhece intitulado *Magseph Assetat / Flagellum mendaciorum* da sua mesma autoria e que se enquadra também na literatura de controvérsia religiosa<sup>212</sup>. O livro, impresso no Colégio de São Paulo, em Goa, no ano de 1642<sup>213</sup> foi, como indicou M. de Almeida, começado na Etiópia, alargado no decurso da estadia do missionário naquele território e traduzido para a língua clássica etíope, o gueeze, graças à colaboração de etíopes letrados que acompanharam os padres na fuga após a expulsão (em 1633), provavelmente porque tinham permanecido do lado do catolicismo. A tenacidade dos jesuítas em Goa é assinalável: mesmo cerca de dez anos após a saída forçada da Etiópia, não tinham abandonado a «luta» teológica. A tradução em gueeze demonstra a intenção de atingir exclusivamente um público letrado, pois apenas os religiosos etíopes podiam ler nesta língua e decifrar o significado do discurso.

## BIBLIOGRAFIA

<sup>204</sup> A. Bausi, «Il Sénodos Etiopico», *CSCO – SÆ*, 101-102, 1995, p. 112 (trad.), p. 291 (texto gueeze).

<sup>205</sup> W. Conzelman, *Chronique de Galawdewos*, 1895, pp. 150-3.

<sup>206</sup> R. Basset, *Études sur l'histoire de l'Éthiopie*, 1882, pp. 115-6.

<sup>207</sup> I. Guidi, «Annales Iohannis I, Iyasu I et Bakaffa», *CSCO - SÆ*, 5, 1905, p. 188.

<sup>208</sup> I. Boavida, «Fernandes António», *EÆ*, 2, 2005, p. 530.

<sup>209</sup> ARSI, *Goa 33 I*, doc. 31, fols. 333-34. Um excerto da carta ânua foi publicado por C. Beccari (org.), *RESOI* 11, 1911, pp. 201-3.

<sup>210</sup> C. Beccari (org.), *RESOI* 11, 1911, p. 484.

<sup>211</sup> C. Beccari (org.), *RESOI* 7, 1908, pp. 475-6.

<sup>212</sup> Cf. notícia de F. M. Esteves Pereira, «Notice sur le Mäqsäftä Häsetat», 1886. Há um exemplar deste livro na Biblioteca Nacional, em Lisboa.

<sup>213</sup> Cf. C. da Silva, «Evangelização e Imprensa nos séculos XVI e XVII na Índia», 1993, pp. 136-7. O autor apresenta a lista das publicações saídas da oficina de tipografia do Colégio de São Paulo de Goa, na qual figura o *Magseph Assetat*.

## FONTES MANUSCRITAS

### **Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI), Roma**

*Carta António Fernandes (14.10.1641)*. ARSI, Goa 40, *Historia Aethiopiae 1630-1659*, fol. 178.

Goa 24 II, *Catalogi breves & triennales 1595-1611*, fol. 286v; 369v; Goa 25, *Catalogi triennales Goan. Malab., 1614-1699*, fol. 7; fol. 29v.

*Indipeta* de Pedro Páez, Fondo Gesuitico 758, fols. 84-84v.

Páez, Pedro, *História da Etiópia*, Ms. 42.

### **Biblioteca Ambrosiana de Milão**

*Relazione dell'Africa, suoi domini, proprietà e costumi, dettata da Giovanni Abissino e scritta da Piero Duodo nel MDLXXVIII*, cód. R. 101, fols. 139r-176r.

### **Biblioteca Geral, Universidade de Valência**

Agramunt, Fr. Josef, O.P., *El Palacio de la Sabiduria. Idea del Convento de Predicadores de Valencia*, 3 tomos em 2 vols., Ms. 148-49.

Falcón, Fr. Jaime, O.P. *Historia de algunas cosas mas notables pertenecientes a este Cōv.to de Pr.res de Valencia. Compuesto por el muy R.P.F. Iayme Falco Predicador General hijo de habito de este Cōvento. Renuevala por orden del M.R.P. Presentado F. Vicente Inza Prior de dicho Convento, su mas indigno subdito el P.F. Luis Carbonell hijo de dicha Casa en el año del Señor de 1720*, Ms. 204.

### **Biblioteca Nacional Marciana, Veneza**

*Relatione dei Grã Regno degli Abissini ouero d'Ethiopia fatta da don Baldassari Abissino Cauallero dell'Ordine di Sant Antonio a requisitione del Rev.mo Mons.re Migliore Vesc.o di San Marco et comend.re generale dell'Ordine di San Spirito di Roma*, Legato Girolamo Contarini 1843, mss. Italiani cl. 6, n.º 332.

### **Biblioteca Pública de Braga**

Páez, Pedro, *História da Etiópia*, Ms. 778.

*Cartas annais das missões da Etiópia*, Ms. 779, doc. XIb, fol. 154.

### **Biblioteca da School of Oriental and African Studies (SOAS), Universidade de Londres**

*Historia de Ethiopia a alta, ou Abassia: Imperio do Abexim, cujo Rey uulgarmente he chamado Preste Joam... Composta pelo Padre Manoel de Almeida da Companhia de Iesus, natural de Viseu*, Ms. 11966.

## FONTES IMPRESSAS

- ALMEIDA, Manuel de, «Historia de Ethiopia a alta ou Abassia, imperio do Abexim, cujo Rey vulgarmente he chamado Preste Joam», in Beccari, Camillo (ed.), *RÆSOI*, vols. 5-7, Romæ, excudebat C. de Luigi, 1907-08.
- ÁLVARES, FRANCISCO, *Historia de las cosas de Etiopia, en la qual se cuenta muy copiosamente el estado y potencia del Emperador della, (que es el que muchos han pensado ser el Preste Juan) con otras infinitas particularidades, assi de religion de aquella gente, como de sus cerimonias*, trad. castelhana de Fr. Tomás de Padilla, Antuérpia, Juan Steelsio, 1565.
- , *The Prester John of the Indies. A true relation of the lands of the Prester John, being the narrative of the Portuguese Embassy to Ethiopia in 1520 written by Father Francisco Álvares*, transl. by C. F. Beckingham & G. W. B. Huntingford, 2 vols., Cambridge, The Hakluyt Society, 1961.
- , *Verdadeira informação das terras do Preste João das Índias*, prefaciada, anotada e actualizada na grafia por Augusto Reis Machado, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1943.
- ARNHARD, C. von (ed.), *Liturgie zum Tauffest der aethiopischen Kirche*, München, 1886.
- ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, *Apologie à l'empereur Constance. Apologie pour sa fuite*, introduction, texte critique, traduction et notes de Jan-M. Szymusiak, Paris, Les éditions du CERF, Sources Chrétiennes 56, 1958. Como «Ad imperatorem Constantium Apologia» in Migne, J.-P. (ed.), *Patrologia græca*, t. 25, Turnhout, Brepols, s.d., pp. 595-642.
- BARRADAS, Manuel, «Tractatus Tres Historico-Geographici», in Beccari, Camillo (ed.), *RÆSOI*, vol. 4, Romæ, excudebat C. de Luigi, 1906.
- , *Tractatus Tres Historico-Geographici (1634): A Seventeenth Century Historical and Geographical Account of Tigray, Ethiopia*, transl. by Elizabeth Filleul, ed. by Richard Pankhurst, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, Aethiopische Forshungen 43, 1996.
- BARRETO, João Augusto da Graça (ed.), *Documenta ab exordio negotiorum pro lusitanorum ingressu in Habessiniam adusque pro romani patriarchatus restauratione tentamina sub Ioanne V Portugaliae amplectens - saecula XV-XVI*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, Coleção Esteves Pereira, cofre n.º 2, n.º 36 (13.21.2/2). Provas tipográficas. Basset, René (ed.), *Études sur l'histoire de l'Éthiopie*, Paris, Imprimerie Nationale, 1882.
- BASSET, René (ed.), «Études sur l'histoire de l'Éthiopie», *JA*, 3 (1881), pp. 315-434; 4 (1881), pp. 93-183; 5 (1881), pp. 285-380.
- , *Histoire de la conquête de l'Abyssinie (XVIIe siècle) par Chihab el-Din Ahmed Ben 'Abd el-Qâder surnommé Arab-Faqih*, 2 vols., Paris, Ernest Leroux, 1897.
- BAUSI, Alessandro (ed.), «Il Sénodos etiopico. Canoni pseudoapostolici, Canoni dopo l'Ascensione, Canoni di Simone Cananeo, Canoni Apostolici, Lettera di Pietro», *CSCO – SÆ*, t. 101 (texto) e 102 (trad.), Louvain, E. Peeters, 1995.
- BECCARI, Camillo (ed.), *Rerum Aethiopicarum Scriptores Occidentales inediti a saeculo XVI ad XIX*, 15 vols, Romæ, Casa Editrice Italiana, 1903-1917; Bruxelles, Culture et Civilisation, 1969 [reimpressão anastática].
- BECKINGHAM, C.F.; HUNTINGFORD, G.W.B. (eds.), *Some Records of Ethiopia*, London, The Hakluyt Society, 1954.
- BÉGUINOT, Francesco (ed.), *La cronaca abbreviata d'Abissinia*, Rome, 1901.
- BENT, J. Theodore, *The Sacred City of the Ethiopians being a record of travel and research in Abyssinia in 1893*, Londres, 1893.
- BERMUDES, João, *Breve relação da embaixada que o Patriarcha D. João Bermudez trouxe do imperador da Ethiopia, vulgarmente chamado Preste João*, Lisboa, 1565. Reimp. na Coleção de opúsculos relativos à história das navegações, viagens e conquistas dos Portugueses, tomo 1, n.º 4, Lisboa, Academia Real da Ciências, 1875.
- BEZOLD, Carl (ed.), «Kebra Nagast. Die Herrlichkeit der Könige», *Abhandlungen der philologisch-philologischen Klasse der Königlich Bayerischen Akademie der Wissenschaften*, band XXIII, Abteilung, München, 1901 pp. I-LXII, 1-77 (texto), 1-160 (trad.).
- , «Abba Gabra Manfas Qeddus», *Nachrichten von der Königlichen Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen*, Philologisch-historische Klasse, 1987, pp. 58-80.
- Biblia de Jerusalém*, dir. ed. Tiago Giraldo, coord. por José Bortolini, São Paulo, 1985, impr. 1989.
- Biblia Sagrada*, trad. dos originais mediante a versão dos monges de Maredsous, Bélgica, pelo Centro Bíblico Católico, Porto, Livraria Figueirinhas, 20.ª ed., 1973.
- BRUCE, James, *Travels to Discover the Sources of the Nile, in the Years 1768, 1769, 1770, 1771, 1772, and 1773*, 5 vols., Edinburgh, J. Ruthven, 1790.
- BUDGE, Ernest A. Wallis (ed.), *The Book of the Saints of the Ethiopian Church*, 4 vols., Cambridge, University Press, 1928.
- , *The life of Takla Háymánot and the Miracles of Takla Háymánot in the Version of Dabra Libanôs and the Book of the Rites of the Kings*, 2 vols., London, 1906.
- , *The Queen of Sheba and her only son Menyelek*, London, The Medici Society, 1922.
- Carta do Preste João das Índias, versões medievais latinas*, prefácio e notas M.J. Ramos, tradução de Leonor Buescu, Lisboa, Assírio & Alvim, 1998.
- Cartas de Afonso de Albuquerque, seguidas de documentos que as elucidam*. Ed. por Raimundo António de Bulhão Pato e Henrique Lopes de Mendonça. 7 tomos. Lisboa: Academia das Ciências, 1884-1935.
- CASTANHOSO, Miguel de, *Historia das cousas que o muy esforçado capitão D. Christouão da Gama fez nos Reynos do Preste João, com quatrocentos portuguezes que consigo leuou*, Coimbra, João Barreira, 1564. Reimp. na Coleção de opúsculos relativos à história das navegações, viagens e conquistas dos Portugueses, t. 1, n.º 2, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1855; como *Dos Feitos de D. Christovam da Gama em Ethiopia*, publ. por F.M. Esteves Pereira, Lisboa, Imprensa Nacional, 1898.
- CERULLI, Enrico (ed.), «La storia dei quattro concili ed altri opuscoli monofisiti», *Scritti teologici etiopici dei secoli XVI-XVII*, Città del Vaticano, 1960.
- , *Il libro etiopico dei Miracoli di Maria e le sue fonti nelle letterature del Medio Evo latino*, Roma, G. Bardi, 1943.
- CHAÎNE, Marius (ed.), «Le rituel éthiopien: le rituel de l'extrême-onction, rédaction de Zar'a Yá'eqob», *BrsO*, 30, Roma, 1914, pp. 65-83.
- , «Le rituel éthiopien: le rituel de la confirmation et du mariage», *BrsO*, 29, Roma, 1912, pp. 249-283.
- , «Le rituel éthiopien: le rituel du baptême», estratto dal *BrsO*, Roma, 1913.
- CHEESMAN, R.E., *Lake Tana and the Blue Nile. An Abyssinian Quest*, London, Macmillan, 1936.
- COLLIN, Gérard (ed.), *La Gloire des rois (Kebra Nagast). Épopée nationale de l'Éthiopie*, Genève, Patrick Cramer éd., Cahiers d'orientalisme n.º 23, 2002.
- , «Vie de Sâmu'el de Dabra Hálléluyâ», *CSCO – SÆ*, t. 93 (texto) e 94 (trad.), Louvain, E. Peeters, 1990.
- CONTI ROSSINI, Carlo (ed.), «Documenta ad illustrandam historiam. I. Liber Aksumæ», *CSCO – SÆ*, t. 24 (texto) e 27 (trad.), Louvain, E. Peeters, 1961-1962.
- , «Gli Atti de Re Na'akueto La 'Ab», *AIUON*, 2, Napoli, 1942, pp. 105-232.
- , «Historia regis Sarsa Dengel (Malak Sagad)», *CSCO – SÆ*, t. 3 (texto) e 4 (trad.), Louvain, E. Peeters, 1961-1962.
- , «Il 'Senodos' etiopico», *RANL*, 7.3, Roma, 1941, pp. 41-48.
- , «Il gadla Takla Haymanot secondo la redazione Waldebbana», *MRAL*, 5.ª série, vol. 2, Roma, 1896, pp. 97-143.
- , «L'Omelia di Yohannes, vescovo di Aksum, in onore di Garima», *Actes du XIe Congrès International des Orientalistes*, Paris, 1897, pp. 139-177.
- , «Storia di Lebna Dengel, re d'Etiopia sino alle prime lotte contro Ahmad ben Ibrahim», *RRANL*, 5.ª série, vol. 3, parte I, Roma, 1894, pp. 617-640.
- , «Vitae sanctorum antiquiorum. II – Gadla Pantalēwon seu Acta S. Pantaleonis», *CSCO – SÆ*, t. 9 (texto) e 10 (trad.), Louvain, E. Peeters, 1904 e 1961, pp. 41-60 e pp. 37-56.
- CONZELMAN, William (ed.), *Chronique de Galawdewos (Claudius), Roi d'Éthiopie*, Paris, Librairie Émile Bouillon, Bibliothèque de l'EPHE, 1895.
- CORTESÃO, Armando (ed.), *A Suma Oriental de Tomé Pires e o Livro de Francisco Rodrigues*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1978.
- CORTESÃO, Armando; THOMAS, Henry (eds.), *Carta das novas que vieram a rei nosso Senhor do descobrimento do Preste João (Lisboa, 1521)*, Lisboa, 1938.
- Dialogues sur la Trinité*, 3 vols., Paris, Les éditions du CERF, Sources Chrétiennes 231, 237, 246, 1976-1978.
- FERNANDES, António, *Magseph assetat id est flagellum mendaciorum*, Goae, in Collegio S. Pauli, Societatis Iesu, 1642.
- Fetha Nagast (The) – The Law of The Kings*, trans. from the Ge'ez by Abba Pawlos Tzadua, ed. by Peter L. Strauss, Addis Ababa, Faculty of Law, Haile Selassie I University, 1968.

- FICALHO Conde de, *Viagens de Pedro de Covilhã*, Lisboa, IN-CM, 1988.
- FOTI, C. (ed.), «La cronaca abbreviata dei Re d'Abissinia in un manoscritto di Dabra Berhan di Gondar», *RSE*, I-1, 1941, pp. 87-118.
- GODINHO, Nicolau, *De Abassinorum rebus, deque Aethiopiae Patriarchis Ioanne Nonio Barreto, et Andrea Oviedo, libri tres*, Lugduni, apud Horatii Cardon, 1615.
- GÓIS, Damião de, *Fides, religio, moresque Aethiopum sub Imperio Preciosi Ioannis (quem vulgo Presbyterum Ioannem vocant) degentium, una cum enarratione confoederationis ac amicitiae inter ipsos Aethiopum Imperatores, & Reges Lusitaniae initiae, Damiano a Goes Equite Lusitano autore ac interprete*. Parisiis: apud Christianum Wechelum, 1541. 1.<sup>a</sup> ed., Lovanii, Rutgeri Rescii, 1540. *Obras de Damião de Góis – Vol. 2 (1539-1540) – O fascínio do Oriente e a aproximação à Europa do Norte*, leitura diplomática e versão port. por Miguel Pinto de Meneses, ed., intr. e notas de Manuel Cadafaz de Matos, apresentação de Amadeu Torres, Lisboa, Távola Redonda; CEHLE, 2006, pp. 155-417.
- GRÉBAUT, Sylvain (ed.), «Ordre du baptême et de la confirmation dans l'Église éthiopienne», *ROC*, 3<sup>ème</sup> série, t. 6, n.º 26, 1927-1928, pp. 105-189.
- , *Rituel éthiopien de prise d'habit*, 1940.
- GROHMANN, *Aethiopische Marienhymnen*, Leipzig, 1919.
- GUERREIRO, Fernão, *Relação anual das coisas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas suas Missões dos anos de 1600 a 1609*, 3 vols., ed. por Artur Viegas, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1930-1942. [Vol. 1: 1600-1603 (1930); vol. 2: 1604-1606 (1931); vol. 3: 1607-1609 (1942)].
- GUIDI, Ignacio (ed.), «Bahrey, Historia Gentis Galla», in *CSCO – SÆ*, t. 3 (texto) e 4 (trad.), Louvain, E. Peeters, 1961-1962, pp. 220-232 e pp. 193-208.
- , «Contributi alla storia letteraria di Abissinia I: il Ser'ata Mangest», *RRANL*, 5.<sup>a</sup> série, vol. 31, Roma, 1922, pp. 65-89.
- , «Di due frammenti relativi alla storia di Abissinia», *RRANL*, 5.<sup>a</sup> série, vol. 2, parte 1, Roma, 1893, pp. 579-605.
- , «Due nuovi manoscritti della 'cronaca abbreviata' di Abissinia», *RRANL*, 6.<sup>a</sup> série, vol. 2, Roma, 1926, pp. 357-421.
- , «Uno squarcio di storia ecclesiastica di Abissinia», *BrsO*, 8, 1901, pp. 10-25.
- , «Annales Iohannis I, Iyasu I et Bakaffa», in *CSCO – SÆ*, t. 5 (texto) e 6 (trad.), Louvain, 1905.
- HALEVY, Jean (ed.), *La guerre de Sarsa-Dengel contre les Falachas*, Paris, Geuthner, 1901.
- JARRIC, Pierre du, *Histoires des choses plus mémorables advenues tant ez Indes Orientales que autres païs de la découverte des Portugois en l'establissement et progres de la Foy Chrestienne et Catholique, et principalement de ce que les Religieux de la Compagnie de Jesus y ont fait et enduré pour la mesme fin, depuis qu'ils y sont entrez jusques l'an 1600. Le tout recueilly des lettres et autres Histoires, qui en ont esté écrites cy devant, et mis en ordre par le P. Pierre du Jarric Tolosain de la mesme Compagnie*, Bordeaux, 1614.
- KROPP, Manfred (ed.), «Der siegreiche Feldzug des Königs 'Amda-Seyon gegen die Muslime in Adal im Jahre 1332 N. Chr.», *CSCO – SÆ*, t. 99 (texto) e 100 (trad.), Louvain, E. Peeters, 1994.
- , «Die Geschichte des Lebna Dengel, Claudius und Min's», *CSCO – SÆ*, t. 83 (texto) e 84 (trad.), Louvain, E. Peeters, 1988.
- KUR, Stanislas (trad.), «Actes de Iyasus Mo'a», *CSCO – SÆ*, intr. de Enrico Cerulli, t. 49 (texto) e 50 (trad.), Louvain, E. Peeters, 1965.
- LE GRAND (ed.), *A Voyage to Abyssinia, by Father Jerome Lobo, a Portuguese Missionary. Containing the History, Natural, Civil, and Ecclesiastical, of that remote and unfrequented country, continued down to the beginning of the Eighteenth Century: with fifteen Dissertations on various subjects, relating to the Antiquities, Government, Religion, Manners, and Natural History, of Abyssinia. Translated from the French by Samuel Johnson, to which are added various other tracts by the same author*, London, Elliot and Kay, 1789.
- , *Voyage Historique d'Abyssinie, du R. P. Jerome Lobo de la Compagnie de Jesus. Traduite du Portugais, continuée et augmentée de plusieurs Dissertations, Lettres et Mémoires*, Paris; La Haye, P. Gosse et J. Neaulme, 1728.
- LE ROUX, Hugues, *Chez la Reine de Saba*, Paris, 1914; como *Makeda, Reine de Saba*, présentation par Joseph Tubiana, Saint-Maur, éd. Sépia, 2001.
- LEONESSA, M. da (ed.), «La versione etiopica dei canoni apocrifi del concilio di Nicea secondo i codici vaticani ed fiorentino», *RSE*, 2, 1942, pp. 34-36, 50 e 78.
- LES LAU, Wolf, «A monophysite Epistle: The Consolation of the Soul», *OCP*, 30, 1964, pp. 447-484.
- LITTMANN, Enno (ed.), *The Legend of the Queen of Sheba in the Tradition of Axum*, Leyden, E. J. Brill; Princeton, NJ, The University Library, 1904.
- LOBO, Jerónimo, *Itinerário e outros escritos inéditos*, ed. crítica pelo P. Manuel Gonçalves da Costa, Porto, Livraria Civilização, 1971.
- LOYOLA, Inácio de, *Écrits*, trad. et présentés sous la dir. de Maurice Giuliani, Paris, Desclée de Brouwer; Montréal, Bellarmin, coll. Christus, 1991.
- LOZZA, Lino (ed.), «La Confessione di Claudio Re d'Etiopia», *RSE*, 5, 1947, pp. 67-78.
- LUDOLF, Hiob, *Historia Aethiopica, siva brevis & succincta descriptio Regni Habessinorum quod vulgò malè Presbyteri Iohannis vocatur*, Frankfurt-am-Main, Johannis David Zunner, 1681.
- MARRASSINI, Paolo (ed.), *Lo scettro e la croce, la campagna di Amda Seyon I contro l'Ifat (1332)*, Napoli, DSRAPA, Studi Africanisti, serie etiopica 4, 1993.
- MENDES, Afonso, «Carta», in Teles, Baltasar, *Historia Geral de Ethiopia a Alta ou Preste Ioam e do que nella obraram os Padres da Companhia de Jesus*, Coimbra, Manoel Dias Impressor da Universidade, 1660, s/p.
- MOLINA, Luis de, *Concordia liberi arbitrii cum gratiae donis diuina praesentia, providentia, praedestinatione et reprobatione ad nonnullos primae partis D. Thomae articulos*, Lisboa, 1588.
- MOLVAER, Reidulf Knut, «The Tragedy of Emperor Libne-Dingil of Ethiopia (1508-1540)», *NAS*, 5 / 2, 1998, pp. 23-46.
- Monumenta Historica Societatis Iesu, Epistolae Mixtae Sancti Ignatii de Loyola, Epistole et Instructiones*, 1-8, Madrid, 1903-1909.
- OLIVEIRA, Fernão de, *Grammatica da lingoagem portuguesa*, Lisboa, Germão Galharde, 1536.
- ORLANDINI, Nicolò; Sacchini, Francesco; Possinus; Jouvancy, Joseph de; Cordara dei Conti di Calamandrana, Giulio Cesare, *Historia Societatis Jesu*, 6 partes em 7 vols., Romæ; Antuerpiæ, 1615, 1620, 1649, 1652, 1661, 1710, 1750.
- PAIS, Pêro, «Historia Aethiopiae», in: Beccari, Camillo (ed.), *RÆSOI*, vols. 2-3, Romæ, excudebat C. de Luigi, 1905-1906.
- , *História da Etiópia*, introdução de Elaine Sanceau, nota bio-bibliográfica por Alberto Feio, leitura paleográfica por Lopes Teixeira, 3 vols., Porto, Livraria Civilização, 1945-1946.
- PEREIRA, Duarte Pacheco, *Esmeraldo de Situ Orbis*, introdução e anotações históricas por Damião Peres, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 3.<sup>a</sup> ed., 1988.
- PEREIRA, F.M. Esteves (ed.), *Chronica de Susenyos, Rei de Ethiopia*, 2 tomos, Lisboa, Sociedade de Geografia; Imprensa Nacional, 1892 (texto) e 1900 (trad.).
- , *História de Minas, Admas Sagad, rei de Etiópia*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1888.
- , *História dos martyres de Nagan*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1899.
- PERRUCHON, Jules (ed.), «Histoire des guerres d'Amda Seyon, roi d'Éthiopie», extrait du *JA*, Paris, 1890.
- , *Histoire d'Eskenzer, d'Amda Seyon II et de Na'od rois d'Éthiopie*, Paris, Imprimerie Nationale, 1894.
- , *Les Chroniques de Zar'a Ya'eqob et de Ba'eda Maryam, rois d'Éthiopie de 1434 à 1478*, Paris, Librairie Émile Bouillon, 1893.
- , *Vie de Lalibala, roi d'Éthiopie*, Paris, Ernest Leroux, 1892.
- , «Notes pour l'histoire de l'Éthiopie. Règne de Sarsa-Dengel ou Malak-Sagad Ier (1563-1597)», *RS*, 1896, pp. 117-185 e pp. 273-278.
- , «Notes pour l'histoire de l'Éthiopie. Règne de Ya'qob et Za-Dengel (1597-1607)», *RS*, 1896, pp. 359-363.
- , «Notes pour l'histoire de l'Éthiopie. Règne de Susneyos ou Seltan Sagad (1607-1632)», *RS*, 1897, pp. 75-80 e pp. 173-189.
- , «Notes pour l'histoire de l'Éthiopie. Règne de Fasiladas ou Alam Sagad (1632-1667)», *RS*, 1897, pp. 360-372 e 1898, pp. 84-92.
- POLANCO, Juan, *Chronicon*, (trad. franc. Chroniques de la Compagnie de Jésus par le père Jean-Alphonse de Polanco), tomes IV, année 1554 (cahiers 1-2), V, année 1555 (cahiers 3-4), VI, année 1556 (cahiers 5-7), Paris, bibliothèque Centre Sèvres, 1970-1979.
- PRÆTORIUS, F., *Fabula de Regina Sabaea apud Aethiopes. Dissertatio inauguralis*, Halle, n.d (c. 1870).
- REGO, António da Silva (ed.), *DHMPPPO – Índia*, 12 vols., Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1947-1958.

- Relazione d'Ethiopia degli anni 1621-1622*, Rome, Corbelletti, 1627.
- RICCI, Lanfranco, (ed.), «Vita di Walatta Pietros», in *CSCO – SÆ*, t. 61, Louvain, E. Peeters, 1970.
- RUFINO DE AQUILEIA, «Historiæ Ecclesiasticæ libri duo», in Migne, J.-P. (ed.) *PL*, t. 21, Turnhout, Brepols, s.d., pp. 465-540.
- RUFUS, Jean, «Plérophories, c'est-à-dire Témoignages et Révélation contre le Concile de Chalcédoine», *PO*, t. VIII-1, n.º 36, Turnhout, Brepols, 1971.
- SANDOVAL, Alonso de, *De instauranda Aethiopum salute - Naturaleza, policia sagrada i profana, costumbres i ritos, disciplina i cathecismo evangelico de todos Etiopes, por el P. Alonso de Sandoval natural de Toledo, de la Compañia de Jesus, rector del Collegio de Cartagena de las Indias*, Sevilla, Francisco de Lira impressor, 1628.
- SANTOS, Fr. João dos, *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*, introdução de Manuel Lobato, notas de Manuel Lobato e Eduardo Medeiros, coordenação da fixação do texto por Maria do Carmo Guerreiro Vieira, Lisboa, CNCDP, 1999, (1.ª ed., Évora, Manoel de Lira, 1609).
- SCHNEIDER, Madeleine (ed.), «Actes de Za-Yohannes de Kebran», in *CSCO – Scriptores Æthiopicæ*, t. 64 (texto) e 65 (tradução), Louvain, E. Peeters, 1972.
- SIHAB ad-Din Ahmad bin Abd al-Qader bin Salem bin 'Utman (Arab Faqih), *Futuh al-Habasha: The Conquest of Abyssinia (16th Century)*, Translated by Paul Lester Stenhouse, with annotations by Richard Pankhurst, Hollywood, Tsehai Publishers, 2003.
- SOZOMÈNE, *Histoire ecclésiastique*, livres 1-2, Paris, Les éditions du CERF, Sources Chrétiennes 306, 1983.
- TELES, Baltasar, *Chronica da Companhia de Iesu, da Provincia de Portugal, segunda parte na qual se contem as vidas de alguns Religiosos mais assinalados, que na mesma Provincia entraram, nos annos em que viveo S. Ignacio de Loyola, nosso fundador. Com o summario das vidas dos serenissimos Reys Dom Ioam Terceyro, & Dom Henrique, Fundadores & insignes bemfeytores desta Provincia*, Lisboa, Paulo Craesbeeck, 1647.
- , *Historia Geral de Ethiopia a Alta ou Preste Ioam e do que nella obraram os Padres da Companhia de Jesus. Composta na mesma Ethiopia pelo Padre Manoel d'Almeyda, natural de Vizeu, Provincial e Visitador, que foy na India. Abreviada com nova releyçam e methodo pelo Padre Balthasar Telles, natural de Lisboa, Provincial da Provincia Lusitana, ambos da mesma Companhia*, Coimbra, Manoel Dias Impressor da Universidade, 1660.
- TEMPORAL, Jean, *De l'Afrique, contenant les navigations des capitaines portugais et autres, faites audit pays jusqu'aux Indes, tant orientales qu'occidentales... ensemble la description de la Haute Éthiopie, país de Prête-Jan: l'assiette des Royaumes, & Provinces, contenus en icelle: avec les coutumes, Loix, Religion, & façon de faire des habitans*, tomo 2, Paris, 1556.
- The Portuguese expedition to Abyssinia in 1541-1543, as narrated by Castanhoso, with some contemporary letters, the short account of Bermudez, and certain extracts from Correa*, ed. by R. S. Whiteway, Millwood, New York, Kraus Reprint, 1967 [1.ª ed., Londres, The Hakluyt Society, 1902].
- Testamentum novum cum epistola Pauli ad Hebreos tantum, cum concordantiis evangelistarum Eusebii et numeratione omnium verborum eorundem. Missale cum benedictione incensi, cere etc. Alphabetum in lingua gbeez, idest libera, quia a nulla alia originem duxit, et vulgo dicitur chaldaea. Quæ omnia frater Petrus Ethiops, auxilio piorum sedente Paulo III Pont. Max. et Claudio illius regni imperatore, imprimi curavit*, Rome, 1548.
- TURAEV, Boris (ed.), «Gadla Ewostātēwos sive acta sancti Eustathii», in *CSCO – SÆ*, t. 15, Louvain, E. Peeters, 1961.
- ULLENDORF, Edward (ed.), «The 'Confessio Fidei' of King Claudius of Ethiopia», *JSS*, 32, n.º 1 (1987), pp. 159-176.
- URRETA, Fr. Luis de, O.P., *Historia de la sagrada orden de Predicadores en los remotos reynos de la Etiopia. Trata de los prodigiosos Santos, Martyres y Confesores, Inquisidores apostolicos, de los conventos de Plurimanos, donde viven nueve mil frayles, del Alleluia con siete mil, y de Bedenagli de cinco mil monjas, con otras grandezas de la religion del Padre Domingo*, Valencia, Iuan Chrysostomo Garriz, 1611.
- , *Historia Ecclesiastica, politica, natural, y moral, de los grandes y remotos Reynos de la Ethiopia, Monarchia del Emperador, llamado Preste Juan de las Indias. Muy util y provechosa para todos estados, principalmente para Predicadores. A la Sacratissima y sempre Virgen Maria del Rosario*, Valencia, Pedro Patricio Mey, 1610.
- VAN DEN OUDENRIJN, M.A. (ed.), *La vie de saint Za-Mika'el Aragawi*, Fribourg, 1939.
- VELAT, Bernard, «Études sur le Me'eraf, commun de l'office divin éthiopien», *PO*, 33-34, Paris, Firmin Didot, 1966.
- WEISCHER, Bernd Manuel (ed.), *Q?rellos III: Der Dialog 'dass Christus einer ist' des Kyrillos von Alexandrien*, Wiesbaden, Franz Steiner Verlag, 1977.

- VERA, Álvaro Ferreira de, *Orthographia, ou modo para escrever certo na lingua Portuguesa*, Lisboa, Mathias Rodriguez, 1631.
- WICKI, Josef (ed.), *DI*, 18 vols, Roma, MHSI, 1948-1988.

## ESTUDOS E OBRAS DE REFERÊNCIA

- ABBINK, Jon, *A Bibliography on Christianity in Ethiopia*, Leiden, African Studies Centre, 2003.
- ABIR, Mordechai, *Ethiopia and the Red Sea: The Rise and Decline of the Salomonic Dynasty and Muslim-European Rivalry in the Region*, London, Frank Cass, 1980.
- African Zion: the sacred art of Ethiopia*, Catalogue by Marilyn Heldman, ed. by Roderick Grierson, New Haven; London, Yale University Press, 1993, 1995.
- ALDEN, Dauril, *The Making of an Enterprise. The Society of Jesus in Portugal, its Empire, and Beyond 1540-1750*, Stanford, University Press, 1996.
- ALFONSO MOLA, Marina; MARTÍNEZ SHAW, Carlos, «Pedro Páez y la misión jesuítica en Etiopía en el contexto de la unión de las Coronas de España y Portugal», in *Commemoración del IV Centenario de la llegada del sacerdote español Pedro Páez a Etiopía. Actas del seminario internacional celebrado en Addis Abeba del 9 al 11 de diciembre de 2003*, Madrid, AEI, MAEC, 2007, pp. 47-67.
- , «Pedro Páez y la misión jesuítica en Etiopía en el contexto de la unión de las Coronas de España y Portugal», *ETF-HM*, serie IV, 17 (2004), pp. 59-75.
- AMBERRA Jembere, *An Introduction to the Legal History of Ethiopia, 1434-1974*, Münster; Hamburg; London, Lit Verlag, 2000.
- ANFRAY, Francis, «Vestiges gondariens», *RSE*, 28, 1980-1981, pp. 5-22.
- , «Les monuments gondariens des XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup> siècles, une vue d'ensemble», *PICES* 8, Tadesse Beyene (éd.), vol. I, 1988, pp. 9-45.
- ANGELINI, Sandro, *Ethiopia. The Historic Route. A work-plan for the development of the sites and monuments*, Paris, UNESCO, 1971.
- ANNEQUIN, Guy, «Le lac Tana et ses îles», *DA*, 8, 1975, pp. 80-115.
- ARELLANO, Ignacio; Cañedo, J. (orgs.), *Crítica textual y anotación filológica*, Madrid, Castalia, 1991.
- ASMAROM Legesse, *Gada: Three Approaches to the Study of African Society*, New York, Free Press, 1973.
- , *Oromo Democracy (An Indigenous African Political System)*, Trenton, The Red Sea Press, 2000.
- ATKINS, Harry, *A Geography of Ethiopia*, Addis Ababa, Sim Printing Press, s.d.
- AUBERT, Claude, *Les aliments fermentés traditionnels, une richesse méconnue*, Paris, Terre vivante, 1985.
- AUBIN, Jean, «L'ambassade du prêtre Jean à D. Manuel», *Le latin et l'astrolabe. Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son expansion en Asie et les relations internationales*, I, Lisbonne-Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1996, pp. 133-182.
- , «Le prêtre Jean devant la censure portugaise», *Le latin et l'astrolabe. Recherches sur le Portugal de la Renaissance, son expansion en Asie et les relations internationales*, I, Lisbonne-Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1996, pp. 183-210.
- AYELE Takla Haymanot, «The Egyptian Metropolitan of the Ethiopian Church. A study on a Chapter of History of the Ethiopian Church», *OCP*, 54, 1988, pp. 175-222.
- AZENE BEKELE-Tesemma; BIRNIE, Ann; TENGNÄS, Bo, *Useful Trees and Shrubs of Ethiopia. Identification, Propagation and Management for Agricultural and Pastoral Communities*, Nairobi, Regional Soil Conservation Unit, Swedish International Development Authority, 1993.
- BAHRU Zewde, *A Short History of Ethiopia and the Horn*, Addis Ababa, Department of History, Addis Ababa University, 1998.
- BALICKA-WITAKOWSKA, Ewa, «Daq», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, p. 93.



- BANDRÉS L., José e Zanetti, Ugo, «Christology», in *EAE*, 1, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2003, pp. 728-32.
- BATAILLON, Marcel, «Un document portugais sur les origines de la compagnie de Jésus», *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1974, pp. 107-113.
- , «L'implantation de la compagnie de Jésus au Portugal», *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1974, pp. 221-224, pp. 233-247.
- BAUSI, Alessandro, «Ephesus, Concils of», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 329-31.
- BAXTER, Paul T. W., «Galla», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 660-61.
- BECKINGHAM, Charles F., «European Sources for Ethiopian History before 1634», *P*, 33, 1987, pp. 167-178.
- BEJCZY, Istvan, *La Lettre du prêtre Jean. Une utopie médiévale*, Paris, Éditions Imago, 2001.
- BEKE, C.T., «A description of the ruins of the Church of Martula Mariam, in Abessinia», *Ar*, 32, 1847, pp. 38-57.
- BELL, Stephen, «The ruins of Mertola-Maryam», *PICES*, 8, Tadesse Beyene (éd.), vol. 1, 1988, pp. 125-128.
- BERTRAND, Dominique, *La politique de S. Ignace de Loyola*, préface de Pierre Chaunu, Paris, Les éditions du CERF, 1985.
- BEYLOT, Robert, «La controverse sur le sabbat dans l'Église éthiopienne», in Le Boulluec, A. (éd.), *La controverse religieuse et ses formes*, « Patrimoines – Religions du Livre », 1995, pp. 165-187.
- , «Langue et littérature éthiopiennes», in AAVV, *Christianismes Orientaux. Introduction à l'étude des langues et des littératures*, Paris, Les éditions du CERF, 1993, pp. 219-260.
- , «Un épisode de l'histoire ecclésiastique de l'Éthiopie. Le mouvement stephanite. Essai sur sa chronologie et sa doctrine», *AE*, 8, 1970, pp. 103-116.
- BLUTEAU, Raphael, *Vocabulario Portuguez, e Latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichtyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, ortographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rhetorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, technologico, uranologico, xenophonico, zoologico*, 8 tomos + suplemento, Coimbra; Lisboa, 1712-1728.
- BOAVIDA, Isabel, «Barreto, Dom João Nunes», in *EAE*, 1, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2003, p. 484.
- , «Damião de Góis e “a frase caldaica e etiópica”», in AAVV, *CIDGERA*, Braga, Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa, 2003, pp. 731-42.
- , «Gabriel, João», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 632-633.
- , «Fernandes António», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, p. 530.
- , «História e Fábula: a discussão em torno das “Histórias” de Frei Luís de Urreta no século XVII», in *LHPI*, Lisboa, Universidade Aberta, 2005, pp. 181-196. (2003, CD-ROM).
- BOAVIDA, Isabel; RAMOS, Manuel João, «Ambiguous Legitimacy : The Legend of the Queen of Sheba in Popular Ethiopian Painting», *AE*, 21, 2005, pp. 85-92.
- BOSC-TIÉSSÉ, Claire, «L'histoire et l'art des églises du lac Tana», *AE*, 16, 2000, pp. 207-270.
- , *Art, Église et royauté en Éthiopie aux XVIIe et XVIIIe siècles : écriture de l'histoire et « fabrique » des images dans les églises du lac Tana*, Université de Paris I-Sorbonne, 2001, Dissertação de Doutoramento.
- , «Daga Estifanos», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 57-59.
- , «Guba'e», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 898-99.
- BOSSOLASCO, G., *Éléments et dynamique de l'image de l'Éthiopie dans les récits de voyage publiés en français de 1553 à 1990*, Université de Rennes, 1993, Dissertação de Doutoramento.
- BRIELLI, Domenico, «Ricordi storici dei Uollo (con note di C. Conti Rossini)», in Conti Rossini, C. (ed.), *Studi etiopici*, Rome, 1945, pp. 78-110.
- BROU, Alain (s. j.), «Saint Ignace et la mission d'Éthiopie (1545-1556)», *RHM*, 13, 1936, pp. 341-356.
- CARVALHO, Isabel Maria Boavida, *Literatura e Poder no Período Barroco: a Tragicomédia El Mártir de Etiópia (1646) de Miguel Botelho de Carvalho*, 2 tomos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2004. Tese de mestrado.
- CAQUOT, André, «Aperçu préliminaire sur le Mashafa Tefut», *AE*, 1, 1955, pp. 89-108.
- , «La Royauté Sacrée en Éthiopie», *AE*, 2, 1957, pp. 205-218.
- , «Les “Chroniques Abrégées” d'Éthiopie», *AE*, 2, 1957, pp. 187-192.
- , «Histoire amharique de Grañ et des Gallas», *AE*, 2, 1957, pp. 123-143.
- , «L'homélie en l'honneur de l'archange Raguel (Dersanā Ragu'él)», *AE*, 2, 1957, pp. 91-122.
- CARAMAN, Philip, *The Lost Empire: the Story of the Jesuits in Ethiopia*, London, 1985. Trad. francesa: *L'empire perdu. L'histoire des jésuites en Éthiopie*, Paris, Desclée de Brouwer, 1988.
- CARAYON, A., *Bibliographie historique de la Compagnie de Jésus*, 1864; reed. 1970.
- CERULLI, Enrico, «Gli abbatì di Dabra Libanòs, capi del monachismo etiopico, secondo la “lista rimata”», *O*, 11, pp. 226-253, 13, pp. 137-182, 14, pp. 143-171, 1943-1945.
- , *Storia della letteratura etiopica*, Milano, Nuova accademia editrice, 1956.
- CHAÎNE, Marcel, «Le Patriarche Jean Bermudez d'Éthiopie (1540-1570)», *ROC*, 3, 1909, pp. 321-330.
- CHAUDHURY, Kirti, «O estabelecimento no Oriente», in Bethencourt, Francisco; Chaudhury, Kirti (org.), *História da Expansão Portuguesa – vol. I. A formação do império (1415-1570)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1998, pp. 163-191.
- CHEESMAN, R. E., *Lake Tana and the Blue Nile: An Abyssinian Quest*, 1936 (reprinted, 1968).
- CHERNETSOV, S. B., «The Role of Catholicism in the History of Ethiopia of the first half of the 17th Century», in *PICES*, 10, vol. 1, Paris, 1994, pp. 205-212.
- CHOJNACKI, Stanislaw; Belaynesh Michael; Pankhurst, Richard, (eds.), *The Dictionary of Ethiopian Biography I. From early times to the end of the Zagwé Dynasty c. 1270 A.D.*, Addis Ababa, Institute of Ethiopian Studies, 1975.
- CHOUHRY, Makhan Lal Roy, *The Din-i-ilahi or the religion of Akbar*, New Delhi, Sundeep Prakashan, 1997.
- COHEN, Leonardo, «The Jesuit missionary as translator (1603-1632)», in Böll, Verena; Kaplan, Steven; Martínez d'Alòs-Moner, Andreu; Sokolinskaia, Evgenia (eds.), *Ethiopia and the Missions: Historical and Anthropological Insights*, Münster, Lit Verlag, 2005, pp. 7-30.
- COHEN SHABOT, Leonardo, «Azevedo, Luiz de», in *EAE*, 1, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2003, p. 418.
- COHEN SHABOT, Leonardo; MARTÍNEZ d'Alòs-Moner, Andreu, «The Jesuit Mission in Ethiopia (16th-17th Centuries): An Analytical Bibliography», *Aeth*, 9, 2006, pp. 190-212.
- CONTI ROSSINI, Carlo, *Tabele comparative dell' Calendario Etiopico col Calendario Romano*, Roma, Istituto per l'Oriente, 1948.
- , «João Bermudez e la sua relazione sull'Etiopia», in *CMP*, 4, 1940, 37 pp.
- COROMINAS, Joan; Pascual, José A., *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, 5 vols., Madrid, Editorial Gredos, 1984-1986.
- COULBEAUX, J.B., *Histoire politique et religieuse de l'Abyssinie depuis les temps les plus reculés jusqu'à l'avènement de Menelik II*, 2 vols., Paris, Geuthner, 1929-1932.
- CRUMMEY, Donald, *Land and Society in the Christian Kingdom of Ethiopia: From the Thirteenth to the Twentieth Century*, Addis Ababa, Addis Ababa University Press, 2000.
- CUOQ, Joseph, *L'Islam en Éthiopie – des origines au XVIe siècle*, Paris, Nouvelles Éditions Latines, 1981.
- DAINELLI, G., *La regione del lago Tana*, Milan, Mondadori, 1939.
- DALGADO, Sebastião Rodolfo, *Glossário Luso-Asiático*, 2 vols., reimpressão da ed. de Coimbra de 1919, com introdução de Joseph M. Piel, Hamburg, Helmut Buske Verlag, 1982.
- DECLERCQ, J., «La première mission d'Abyssinie (XVIe-XVIIe siècles)», *Xav*, 105, 1935, pp. 267-296.
- DEMOUSTIER, Adrien, «La distinction des fonctions et l'exercice du pouvoir selon les règles de la compagnie de Jésus», in Giard, L.; Vaucelles, L. de, (dir.), *Les jésuites à la Renaissance, système éducatif et production du savoir*, Grenoble, Éditions Jérôme Million, 1995, pp. 3-33.
- DERAT, Marie-Laure, «Une nouvelle étape de l'élaboration de la légende hagiographique de Takla Haymanot (ca. 1214-1313)», *Cahiers du CRA*, 9, 1998, pp. 71-90.
- , *Le domaine des rois éthiopiens (1270-1527). Espace, pouvoir et monachisme*, Paris, Publications de la Sorbonne, 2003.
- , «Dabra Hayq Estifanos», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 24-25.
- Dictionary of Ethiopian Biography (The). Vol. 1: From Early Times to the End of the Zagwé Dynasty c. 1270 A.D.*, ed. by Belaynesh Michael, S. Chojnacki and Richard Pankhurst, Addis Ababa, IES, Addis Ababa University, 1975.
- DILLMANN, A., *Catalogus Codicum Manuscriptorum Bibliothecæ Bodlianeæ Oxoniensis, Codices æthiopicæ*, Oxford, 1848.

- DOMBROWSKI, F. A., *Ethiopia's access to the sea*, Leyde, 1985.
- DUTEIL, J.-P., *Le mandat du ciel. Le rôle des jésuites en Chine, de la mort de François-Xavier à la dissolution de la Compagnie de Jésus (1552-1774)*, Paris, Arguments, 1994.
- Enciclopedia Cattolica*, 12 vols., Città del Vaticano, 1949-1954.
- Encyclopaedia Aethiopica*, vols. 1-2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2003-2005.
- Encyclopaedia of Islam (The)*, 11 vols.+supplements and index, Leiden, E.J. Brill; London, Luzac & Co., 1954-2001.
- EURINGER, S., «Der Pseudo-patriarch Johannes Bermudez (1539-1556)», *Theologie und Glaube*, Paderborn, 17, 1925, pp. 226-256.
- FARIA, Eduardo de, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 4 vols., Lisboa, 2.<sup>a</sup> ed., 1851-1853.
- FEIO, Alberto, «Notícia bio-bibliográfica», in Pais, Pêro, *História da Etiópia*, Porto, Livraria Civilização, 1945, vol. I, pp. xxv-xxxvi.
- FICQUET, Éloi, «L'intervention des Oromo-Wällo dans la dynastie éthiopienne salomonide sous les règnes de Bäkaffa, Iyasu et Iyo'as, 1721 à 1769», *AE*, 16, 2000, pp. 135-146.
- FRAISSE-COUÉ, C., «Léon Ier», in Levillain, Ph. (ed.), *Dictionnaire historique de la papauté*, Paris, 1994, pp. 1014-1019.
- FRITSCH, Fr. Emmanuel, «The Liturgical Year of the Ethiopian Church», *Ethiopian Review of Cultures*, Special Issue, vol. 9-10, 2001.
- FUENTES, Fr. Celedonio, O.P., *Escritores dominicos del Reino de Valencia*, Valencia, Imprenta F. Angeles Pitarch, 1930.
- GETACHEW Haile (ed.), «Documents on the History of Ase Dawit (1382-1413)», *JES*, 16, 1983, pp. 25-35.
- GETACHEW Haile, «A History of the tabot of Atronsa Maryam in Amhara (Ethiopia)», *P*, 34, 1988, pp. 13-22.
- , «Highlighting Ethiopian Traditional Literature», in Tadesse Adera; Ali Jimale Ahmed (eds.), *Silence is not Golden: a critical anthology of Ethiopian literature*, Lawrenceville, NJ, The Red Sea Press, 1995, pp. 39-59.
- , «Religious Controversies and the Growth of Ethiopic Literature in the Fourteenth and Fifteenth Centuries», *OC*, 65, 1981, pp. 102-136.
- , «The Forty-nine Hour Sabbath of the Ethiopian Church», *JSS*, 33-2, 1988, pp. 233-254.
- , «Etchagé», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, p. 213.
- , «Ethiopian Orthodox», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 418-19.
- GIMENO, Vicente, *Escritores del Reyno de Valencia, cronologicamente ordenados desde el año M.CC.XXXVIII de la Christiana Conquista de la misma Ciudad, hasta el de M.DCC.XLVII*, 2 tomos, València, en la oficina de Joseph Estevan Dolz, 1747.
- GIRMA Beshah; MERID Wolde Aregay, *The Question of the Union of the Churches in Luso-Ethiopian Relations (1500-1632)*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1964.
- GONÇALVES, Nuno da Silva, «Inácio de Loiola, D. João III e a missão da Etiópia», in *ACIHMPEC*, vol. 2, Africa Oriental, Oriente e Brasil, Braga, Universidade Católica Portuguesa, CNCDP, Fundação Evangelização e Cultura, 1993, pp. 89-100.
- GONZÁLEZ MONTES, Adolfo (dir.), *Las Iglesias Orientales*, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 2000.
- GRAMATOWSKY, W., *Glossario gesuitico, Guida all'intelligenza dei documenti*, Roma, 1992.
- GRANERO, J. M., *La accion misionera y los métodos misionales de San Ignacio de Loyola*, Burgos, El siglo de las misiones, 1931.
- GRÉBAUT, Sylvain; TISSERAND, Eugène, *Catalogo Bibliothecae Apostolicae Vaticanae codices manuscripti iussu Pii XI Pontificis Maximi, codices aethiopici vaticani et borgiani. Barberianus orientalis 2. Rossianus 865*, Roma, Biblioteca Vaticana, 1935.
- GRILLMEIER, A.; BACHT, H., *Das Konzil von Chalkedon. Geschichte und Gegenwart*, 3 vols., Würzburg, Echter Verlag, 1951-1954.
- GUIDI, Ignatio, «L'Église d'Abyssinie», in Baudrillart, A. (dir.), *Dictionnaire d'histoire et de géographie ecclésiastiques*, vol. 1, 1912, pp. 210-227.
- , «Contributi alla storia letteraria di Abissinia», *RRAL*, sér. 5, 31-1-4, 1922, pp. 65-94 ; 31-7-10, 1922, pp. 185-218.
- , «Un squarcio di storia ecclesiastica di Abissinia», *Bessarione*, vol. 8, 1900, pp. 10-25.
- GUMILEV, L. N., *Searches for an Imaginary Kingdom: the Legend of the Kingdom of Prester John*, Cambridge, Cambridge University Press, 1987 [1.<sup>a</sup> ed. Moskva, Nauka, 1970].
- HAHN, Wolfgang, «Ezana», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 478-80.
- HASSEN, Mohammed, *The Oromo of Ethiopia: a history, 1570-1860*, Cambridge, University Press, 1990; Trenton, The Red Sea Press, 1994.
- HEINTZE, G., *La basilica sul Nilo azzuro della imperatrice Elena 1500*, Milano, 1937.
- HEYBERGER, B., *Les chrétiens du Proche-Orient au temps de la réforme catholique (Syrie, Liban, Palestine, XVIIe-XVIIIe siècles)*, Rome, Bibliothèque des Écoles françaises d'Athènes et de Rome, 284, 1994.
- HIRSCH, Bertrand, «Cartographie et itinéraires : figures occidentales du Nord de l'Éthiopie au XVe et XVIe siècles», *Ab*, n. 13, 1986-1987, pp. 91-122.
- , *Connaissances et figures de l'Éthiopie dans la cartographie occidentale du XIVe siècle au XVIe siècle*, Paris 1 (CRA), 1990. Dissertação de Doutoramento.
- HIRSCH, Bertrand; FAUVELLE, François-Xavier, «Aksum après Aksum. Royauté, archéologie et herméneutique chrétienne de Ménélik II (r. 1865-1913) à Zär'a Ya'qob (r. 1434-1468)», *AE*, 17, 2001, pp. 59-109.
- HUNTINGFORD, G.W.B., *The Historical Geography of Ethiopia, from the first century A.D. to 1704*, ed. by Richard Pankhurst, ethiopic spellings revised by David Appleyard, Oxford, University Press for the British Academy, 1989.
- Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia – Portugal. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. 6 tomos, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002-2003.
- JAMES, Wendy, «Kings, Commoners and the Ethnographic Imagination in Sudan and Ethiopia», in Richard Fardon (ed.), *Localizing Strategies. Regional Traditions of Ethnographic Writing*, Edinburgh, Scottish Academic Press, 1990, pp. 96-136.
- JANIN, Raymond, *Les églises orientales et les rites orientaux*, préface par Étienne Fouilloux, avec compléments bibliographiques par Sandrine Lerou et Philippe Escolan, Paris, Letouzey & Ané, 5<sup>e</sup> éd., 1997.
- KAMMERER, Albert, *La mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie depuis l'Antiquité*, 3 vols., Le Caire, Société Royale de Géographie d'Égypte, 1929.
- , «L'expédition de Christophore de Gama en Abyssinie (1541-43)», *Revue d'Histoire Diplomatique*, juillet-sept. 1934, pp. 1-17.
- , «Bermudes, pseudo-patriarche d'Abyssinie (1535-1570)», *BSGL*, 1940, 54 pp.
- , *La mer Rouge l'Abyssinie et l'Arabie au XVIe et XVIIe siècles et la cartographie des portulans du monde oriental, étude d'histoire et de géographie historique*, 1, *Abyssins et Portugais devant l'islam (XVIe siècle)*, Le Caire, Mémoires de la Société Royale de Géographie d'Égypte, 1947.
- , *La mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie aux XVIe et XVIIe siècles et la cartographie des portulans du monde oriental. Étude d'histoire et de géographie historique*, 2, *Les Jésuites portugais et l'éphémère triomphe du catholicisme en Abyssinie (1603-1632)*, Le Caire, Mémoires de la Société Royale de Géographie d'Égypte, 1949.
- KAPLAN, Steven, *The Beta Israel (Falasha) in Ethiopia: From Earliest Times to the Twentieth Century*, New York, New York University Press, 1992.
- , *The Monastic Holy Man and the Christianization of Early Solomonian Ethiopia*, Wiesbaden, Franz Steiner Verlag, Studien zur Kulturkunde Bd. 73, 1984.
- , «Dabbara», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, p. 53.
- , «Feasts», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 510-14.
- , «Aqqabe sā'at», in *EAE*, 1, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2003, pp. 292-93.
- KELLY, J.N.D., *Early Christian Creeds*, Harlow, Longman, 3rd. ed., 1972.
- KLEINER, Michael, «Almeida, Manoel de», in *EAE*, 1, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2003, pp. 207-09.
- , «Alvares, Francisco», in *EAE*, 1, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2003, pp. 213-15.
- KNEFELKAMP, Ulrich, *Die Suche nach dem Reich des Priesterkönigs Johannes. Dargestellt anhand von Reiseberichten und anderen ethnographischen Quellen des 12. Bis 17. Jahrhunderts*, Gelsonkirchen, Verlag Andreas Müller, 1986.
- , «Mission und Kolonialismus. Portugals Scheitern in Äthiopien (1520-1640)», *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, Bd. 20, 1988-1992, pp. 1-23.
- KROPP, Manfred, «La réédition des Chroniques éthiopiennes : perspectives et premiers résultats», *Ab*, 12, 1983-1984, pp. 49-69.

- , «Un cas de censure politique au XVII<sup>e</sup> siècle: la chronique de Śarša-Dëngël», *AE*, 17, 2001, pp. 257-277.
- LABORIE, Jean-Claude, *La mission jésuite au Brésil. Lettres et autres documents (1549-1570)*, Paris, Éditions Chandeigne, 1998.
- LAMALLE, Émile, «La documentation d'histoire missionnaire dans le 'Fondo Gesuitico' aux Archives romaines de la Compagnie de Jésus», *ED*, 21, 1968, pp. 131-176.
- , «L'Archivio di un grande Ordine religioso. L'Archivio Generale della Compagnia di Gesù», *ArE*, 34-35, 1, 1981-1982, pp. 89-120.
- LE BACHELET, X. M., *Prédestination et grâce efficace. Controverses dans la Compagnie de Jésus au temps d'Acquaviva*, 2 vols., Louvain, 1931.
- LEFEVRE, Renato, «Fantasie del' 500 sull'Etiopia (da una inedita relazione veneziana)», *RC*, 1936, pp. 870-881.
- , «Roma e la comunità etiopica di Cipro nei secoli XV e XVI», *RSE*, I-1, 1941, 71-86.
- , «Documenti pontifici sui rapporti con l'Etiopia nei secoli XV e XVI», *RSE*, 5, 1946, pp. 17-41.
- , «L'Etiopia nella Stampa del Primo Cinquecento», *Quaderni d'Africa*, I-3, 1966, pp. 5-71.
- , «Documenti e notizie su Tassa Seyon e la sua attività romana nel sec. XVI», *RSE*, 24, 1971, pp. 74-133.
- LEONESSA, Mario da, «La versione etiopica dei canonici apocriefi del concilio di Nicea secondo i codici vaticani ed fiorentino», *RSE*, 2, 1942, pp. 34-36, 50, 78.
- LESIAU, Wolf, *Comparative Dictionary of Geez (Classical Ethiopic): Geez-English – English-Geez with an index of the Semitic roots*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1991.
- , *Concise Amharic Dictionary: Amharic-English – English-Amharic*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1976.
- LEVINE, Donald, *Greater Ethiopia: Visions of a Multiethnic Society*, Chicago, The University of Chicago Press, 1974.
- LOBATO, Manuel, «Introdução», in Santos, João dos, *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*, Lisboa, CNCDP, 1999, pp. 7-44.
- LOURIÉ, Basil, «Eutychius», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 455-56.
- LOZZA, L., «La confessione di Claudio re d'Etiopia», *RSE*, 5, 1946, pp. 67-78.
- LUSINI, Gianfrancesco, «L'Omelia etiopica sui "Sabati" e "Senodos"», *EVO*, 12, 1989, pp. 193-202.
- , *Studi sul Monachesimo Eustaziano (secoli XIV-XV)*, Napoli, Istituto Universitario Orientale, 1993.
- MACHADO, Diogo Barbosa, *Biblioteca Lusitana*, 4 tomos, Coimbra, Atlântida, 1965.
- MCGUKIN, John A., *St Cyril of Alexandria and the Christological Controversy*, Crestwood, NY, St Vladimir's Seminary Press, 2004.
- MANSO, Maria de Deus Beites, *A Companhia de Jesus na Índia: 1542-1632. Aspectos da sua acção missionária e cultural*, 2 tomos, Universidade de Évora, 1999. Dissertação de Doutoramento.
- MARIO da Abiy-Addi', *La dottrina della Chiesa etiopica dissidente sull'unione ipostatica*, Roma, 1956.
- MARQUILHAS, Rita, *A Faculdade das Letras. Leitura e escrita em Portugal no século XVII*, Lisboa, IN-CM, 2000.
- MARROU, Henri-Irené, *L'Église de l'Antiquité tardive (303-604)*, Paris, Éditions du Seuil, 1985.
- MARTÍNEZ, Andreu, «Christian Ethiopia : The Temptation of an African Polity», in Verena Böll, Denis Nosnitsin, Thomas Rave, Wolbert Smidt e Evgenia Sokolinskaia (ed.), *Studia Aethiopica in Honour of Siegbert Uhlig on the Occasion of his 65th Birthday*, Harrassowitz Verlag, Wiesbaden, 2004, pp. 165-75.
- , «Feremona», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 527-28.
- , «Concil, Florence», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 554-55.
- , «Christovão da Gama», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 663-64.
- , «Nicolau Godinho», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 821-22.
- , «Gorgora», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 853-55.
- MASCARENHAS CAEIRO, M. M. C. N., «A acção da Companhia de Jesus na Etiópia: a carta do Patriarca D. Afonso Mendes (1629)», *ACIHMPEC*, vol. 2, Africa Oriental, Oriente e Brasil, Braga, Universidade Católica Portuguesa, CNCDP, Fundação Evangelização e Cultura, 1993, pp. 77-88.
- MASFEN Walda-Maryam, «Some Aspects of Urbanization in the pre-Twentieth Century Ethiopia», *EGJ*, 5, n.º 2, 1965, pp. 13-20.
- MEDEIROS, François de, *L'Occident et l'Afrique (XIIIe-XVe siècles)*, Paris, Karthala, 1985.
- MASSON, Joseph, «La perspective missionnaire dans la spiritualité des Jésuites», in Alain Guillemeu e Karl Rahner (ed.), *Les Jésuites. Spiritualité, activités, jalons d'une histoire*, Paris, Beauchesne éditeur, Roma, Centrum Ignatianum, 1974, pp. 135-154.
- MAYEUR, J.-M., PIETRI, C., VAUCHEZ, A., VENARD, M. (dir.), *Histoire du christianisme. Le temps des confessions (1530-1620)*, 8, Paris, Desclée, 1992.
- MEINARDUS, Otto, «Notizen über das eustathische Kloster Debra Bizen», *AE*, VI (1965), pp. 285-291.
- MELVILLE, G., «Le prêtre Jean, figure imaginaire du roi sacré», in Boureau, A.; Ingerflom, C. S. (dir.), *La royauté sacrée dans le monde chrétien*, (colloque de Royaumont, mars 1989), Paris, EHESS, 1992, pp. 81-89.
- MERID Wolde Aregay, «Two inedited letters of Gälawdewos, emperor of Ethiopia (1540-1559) », *S*, 13-14, 1964, pp. 363-376.
- , «A reappraisal of the impact of firearms in the history of the warfare in Ethiopia (c. 1500-1800) », *JES*, 14, 1976-79, 1980, pp. 98-121.
- , «As características judaicas do cristianismo etíope», *PC*, 6, 1998, pp. 347-357.
- , «El conocimiento de Pedro Páez de la Teología de la Iglesia Ortodoxa etíope», in *Conmemoración del IV Centenario de la llegada del sacerdote español Pedro Páez a Etiópia. Actas del seminario internacional celebrado en Addis Abeba del 9 al 11 de diciembre de 2003*, Madrid, AECI, MAEC, 2007, pp. 69-91.
- , «Society and technology in Ethiopia. 1500-1800», *JES*, 17, 1984, pp. 127-147.
- , «The Early History of Ethiopia's Coffee Trade and the Rise of Shawa», *The Journal of African History*, vol. 29, n.º 1, 1988, pp. 19-25.
- , «The Legacy of Jesuit Missionary Activities in Ethiopia from 1555 to 1632», in Getatchew Haile; Lande, Aasulv; Rubenson, Samuel (eds.), *The Missionary Factor in Ethiopia — Papers from a Symposium on the Impact of European Missions on Ethiopian Society*, Frankfurt-am-Main, Peter Lang Verlag, 1998, pp. 31-56.
- , *Southern Ethiopia and the Christian Kingdom, 1508-1708, with Special Reference to the Gala Migrations and their Consequences*, University of London, SOAS, 1971. Dissertação de Doutoramento.
- MERCIER, Jacques, *Asrès, le magicien. Éthiopie, souvenirs 1895-1985*, Paris, C.C. Latès, 1988.
- MORAIS SILVA, António de, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 10.ª ed. revista, corrigida, muito aumentada e actualizada por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado, 12 vols., s.l., Editorial Confluência, [1949-1959]. [1.ª ed., Lisboa, Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789].
- MULATU, Wubneh, «Azäzo», in *EAE*, 1, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2003, pp. 415-16.
- , «Azäzo Täklä Haymanot», in *EAE*, 1, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2003, pp. 416-18.
- MUNRO-HAY, Stuart, «A Sixth Century Kebra Nagast?», *AE*, 17, 2001, pp. 43-58.
- , *Ethiopia and Alexandria: The Metropolitan Episcopacy of Ethiopia*, Warsaw; Wiesbaden, Bibliotheca Nubica et Aethiopica 5, 1997.
- MUSIE GHEBREGHIOGHIS, «Franciscan missionaries to Ethiopia during the early Renaissance», *QSE*, 3-4, 1984, pp. 34-62.
- MUTH, Franz-Christoph, «Ahmad b. Ibrahim al-Gazi», in *EAE*, 1, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2003, pp. 155-58.
- , «Allahs Netze: 'Arabfaqihs Futüh al-Habaša als Quelle für Netzwerkanalysen», *AE*, 17, 2001, pp. 111-124.
- NOSNITSIN, Denis, «Abuna», in *EAE*, 1, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2003, p. 56.
- NUNES, Eduardo Borges, *Abreviaturas paleográficas portuguesas*, Lisboa, 1981.
- ORTIZ DE URBINA, I. (SJ), «L'Etiopia e la santa Sede nel secolo XVI», *CC*, 4, 1934, pp. 382-98.
- PANKHURST, Richard, «A Preliminary History of Ethiopian Measures Weights and Values – Part 3», *JES*, 8-1, 1970, pp. 45-85.
- , *History of Ethiopian Towns: From the Middle Ages to the Early Nineteenth Century*, Wiesbaden, Franz Steiner Verlag, 1982.
- , «Danqaz», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 92-93.
- PAPI, M.R., «Una santa abissina anticattolica Walatta-Petros», *RSE*, 3-1, 1943, pp. 87-93.
- PAULOS Tzadua, «The Divine Liturgy According to the Rite of the Ethiopian Church», in Madey, John, *The Eucharistic Liturgy in the Christian East*, Kottayam, Prakasam Publications; Paderborn, Eastern Churches Service, 1982, pp. 35-68.

- PENNEC, Hervé, «Ignace de Loyola et le royaume du prêtre Jean: projet et malentendus», *MEFRIM*, 111-1, 1999, pp. 203-229.
- , «La correspondance royale éthiopico-européenne de 1607, traduite et réinterprétée», *Cahiers du CRA*, 9, 1998, pp. 91-111.
- , «Les abrégés portugais du *Refuge de l'âme*. Une apologie de la foi monophysite adressée par les moines du Tigré au roi Susneyos, le 20 juin 1620», *Anais de História de Além-mar*, 1, 2000, pp. 133-159.
- , «Pedro Páez: ¿Arquitecto, albañil, carpintero?», in *Commemoración del IV Centenario de la llegada del sacerdote español Pedro Páez a Etiópia. Actas del seminario internacional celebrado en Addis Abeba del 9 al 11 de diciembre de 2003*, Madrid, AECE, MAEC, 2007, pp. 113-123.
- , *Des jésuites au royaume du Prêtre Jean (Éthiopie). Stratégies, rencontres et tentatives d'implantation 1495-1633*, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 2003.
- PENNEC, Hervé; DERAT, Marie-Laure, «Les églises et monastères royaux d'Éthiopie (XVe, XVIe et XVIIe siècle): permanences et ruptures d'une stratégie royale», in *PICES*, 13, vol. 3, Kyoto, Shokado Book Sellers, 1997, pp. 17-34.
- PENNEC, Hervé; RAMOS, Manuel João, «Páez, Pedro (1564-1622)», in Speake, Jennifer (ed.), *Literature of Travel and Exploration: an encyclopedia*, New York; London, Fitzroy Dearborn, 2003, vol. 2, pp. 908-910.
- PEREIRA, F.M. Esteves, «Notice sur le Mäqsäftä Häsetat», *EBCA*, 4, trad. R. Basset, Alger, 1886.
- PIOVANELLI, Pierluigi, «Les controverses théologiques sur le roi Zar'a Ya'qob (1434-1468) et la mise en place du monophysisme éthiopien», in Le Boulluec, A. (ed.), *La Controverse Religieuse et ses Formes*, Paris, Centre d'Études des Religions du Livre, 1995, pp. 189-228.
- PIRENNE, Jacqueline, *La Légende du 'Prêtre Jean'*, Strasbourg, Presses Universitaires de Strasbourg, 1992.
- PLANT, Ruth, *Architecture of the Tigre, Ethiopia*, Worcester, Ravens Educational and Development Series, 1985.
- POLGAR, L. (SJ), *Bibliographie sur l'histoire de la Compagnie de Jésus*, 3 vols., Rome, Institutum Historicum Societatis Iesu, 1981-1990.
- QUIRIN, James, *The Evolution of the Ethiopian Jews: A History of the Beta Israel (Falasha) to 1920*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1992.
- RAMOS, Manuel João, «Ethiopia / Abyssinia», in Speake, Jennifer (ed.), *Literature of Travel and Exploration: an encyclopedia*, New York; London, Fitzroy Dearborn, 2003, vol. 1, pp. 406-410.
- , «Machiavellian empowerment and disempowerment. The violent political changes in early seventeenth-century Ethiopia», in Cheater, A. (ed.), *The Anthropology of Power – Empowerment and Disempowerment in Changing structures*, London; New York, Asa Monographs, 1999, pp. 191-205.
- , *Ensaio de Mitologia Cristã: o Preste João e a Reversibilidade Simbólica*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997.
- (org.) *Carta do Preste João – Versões Latinas Medievais* (trad. Leonor Buescu), Lisboa, Assírio & Alvim, 1998.
- , *Histórias etíopes. Diário de viagem*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000.
- , «Blue Nile», in Speake, Jennifer (ed.), *Literature of Travel and Exploration: an encyclopedia*, New York; London, Fitzroy Dearborn, 2003, vol. 1, pp. 109-112.
- , *Essays in Christian Mythology. The Metamorphoses of Prester John*, Lanham, University Press of América, 2006.
- RANDLES, W.G.L., «South-east Africa as shown on selected printed maps of the Sixteenth Century», *Imago Mundi – A Review of Early Cartography*, vol. 13, 1956 [reprinted 1965], pp. 69-88.
- RELAÑO, Francesc, *The Shaping of Africa: Cosmographic discourse and cartographic science in Late Medieval and Early Modern Europe*, Aldershot, Ashgate, 2002.
- REVELLI, P., «Una relazione sull' 'Abissinia' del 1578», *BSGI*, serie IV, vol. 10, 1910, pp. 607-624.
- REVERTE, Javier, *Dios, el Diabolo y la Aventura: La Historia de Pedro Páez, el Español que descubrió el Nilo Azul*, Madrid, Plaza & Janés Editores, 2001.
- RICHARD, Jean, «L'extrême-Orient légendaire au Moyen-Âge: roi David et Prêtre Jean», *AE*, 2, 1957, pp. 225-242.
- , «Les premiers missionnaires latins en Éthiopie (XIIe-XIVe siècles)», *ACISE* (Roma, aprile 1959), Rome, Accademia Nazionale dei Lincei, 1960, pp. 323-329.
- ROBLES, Adolfo, «Manuscritos del Archivo del Real Convento de Predicadores de Valencia», *Escritos de Vedat*, vol. 14, Torrente (València), Facultad de Teología de San Vicente Ferrer, 1984, pp. 349-402.
- RODINSON, Maxime, «Sur la question des "influences juives" en Éthiopie», *JSS*, 9-I, 1964, pp. 11-19.
- RODRIGUEZ, Josep, *Biblioteca Valentina*, nota preliminar de Joan Fuster, València, Eliseu Climent, ed. facsimilada da edição de 1747, 1977.
- ROSS, E. Denison, «Almeida's "History of Ethiopia": Recovery of the Preliminary Matter», *BSOAS*, 2-4, 1921-1923, pp. 783-804.
- , «The Manuscripts collected by William Marsden with special reference to two Copies of Almeida's History of Ethiopia», *BSOAS*, 2-3, 1921-1923, pp. 513-38.
- SHAHID, I., «The *Kebra Nagast* in the Light of Recent Research», *Le Muséon*, 89, 1976, pp. 133-178.
- SAMI Kuri (SJ), «Vocations orientales à la compagnie de Jésus aux XVIe, XVIIe, XVIIIe siècles», *AHSI*, 56, 1987, pp. 117-123.
- SANTONI, Albert, «Albert de Sarteano observant pontifical et humaniste envoyé pontifical à Jérusalem et au Caire», *MEFREM*, 86-1, 1974, pp. 165-211.
- SANCEAU, Elaine, «Introdução», in Pais, Pêro, *História da Etiópia*, Porto, Livraria Civilização, 1945, vol. 1, pp. vii-xxiii.
- SAUJET, J. M., *Bibliographie des liturgies orientales*, Roma, 1962.
- SCHNEIDER, Roger, «Les Actes d'Abuna Salama», *AE*, 14, 1987, pp. 153-164.
- SCHURHAMMER, G., *Francis Xavier, his Life, his Time*, 1, *Europe (1506-1541)*, J. Costelloe (trad.), Rome, Jesuit Historical Institute, 1973.
- , *Francis Xavier, his life his time*, 2, *India (1541-1545)*, J. Costelloe (trad.), Rome, Jesuit Historical Institute, 1977.
- SCIARINNO, J. F., *La chronique de Susneyos, roi d'Éthiopie (1607-1632). Traduction des chapitres 1 à 51*, Paris I (CRA), 1995. DEA.
- , *Le 'Ser'atä Qwerhät'. Recherches sur le cérémonial éthiopien du sacre des rois avant le XVIe siècle*, Paris I (CRA), 1994. Tese de mestrado.
- SERGEW Hable-Selassié, *Ancient and Medieval Ethiopian History to 1270*, Addis Ababa, 1972.
- , «The ge'ez Letters of Queen Eleni and Libne Dingil to John, King of Portugal», *Atti del convegno internazionale di studi etiopici*, (Rome, 2-4 avril 1972), 1974, pp. 545-558.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *A historiografia portuguesa. Doutrina e crítica*, 3 vols., Lisboa, Editorial Verbo, 1973.
- SILVA, Carmo da, «Evangelização e Imprensa nos séculos XVI e XVII na Índia», *ACIHMPEC*, vol. 2, África Oriental, Oriente e Brasil, Braga, Universidade Católica Portuguesa, CNCDP, Fundação Evangelização e Cultura, 1993, pp. 125-148.
- SILVERBERG, Robert, *The Realm of Prester John*, New York, Doubleday & Company, 1972.
- SOMMERVOGEL, C., *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus*, 1892, t. 3, 1913-15.
- STAUDE, W., «Étude sur la décoration picturale des églises Abba Antonios de Gondar et Dabra Sina de Gorgora», *AE*, 3, 1959, pp. 185-235.
- STOFFREGEN-PEDERSEN, Kirsten, *Les Éthiopiens*, Bruxelles, Brepols, 1990.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay, *O império asiático português, 1500-1700: uma história política e económica*, trad. de Paulo Jorge Sousa Pinto, Carnaxide, Difel, 1995.
- TADDESSE Tamrat, «Ethnic interaction and integration in Ethiopian History: the case of the Gafat», *JES*, 21, 1988, pp. 121-154.
- TADDESSE Tamrat, «Place names in Ethiopian History», *JES*, 24, 1991, pp. 115-131.
- , «Processes of Ethnic Interaction and Integration in Ethiopian History: The Case of the Agaw», *JAH*, 29-1, 1988, pp. 5-18.
- , *Church and State in Ethiopia – 1270-1727*, Oxford, Clarendon Press, 1972.
- TEWELDE Beiene, *La politica cattolica di Seltan Sägäd I (1607-1632) e la missione della Compagnia di Gesu in Etiopia. Precedenti, evoluzione e problematiche 1589-1632*, Excerpta ex dissertatione ad Doctoratum in Facultate Historiae Ecclesiasticae Pontificae Universitatis Gregorianae, Rome, 1983.
- THOMAZ, Luís Filipe, «A "política oriental" de D. Manuel I e suas contracorrentes», *De Ceuta a Timor*, Carnaxide, Difel, 1994, pp. 189-206.
- , «Estrutura política e administrativa do Estado da Índia no século XVI», *De Ceuta a Timor*, Linda-a-Velha, Difel, 1994, pp. 207-243.

- , «Frangues», in Albuquerque, Luís (dir.), *DHDP*, vol. 1, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 918-923.
- , «L'idée impériale manuéline», *Actes du colloque la découverte, le Portugal et l'Europe, (Paris, les 26, 27 et 28 mai 1988)*, Paris, FCG, 1990, pp. 35-103.
- , «Preste João», in Albuquerque, Luís (dir.), *DHDP*, vol. 2, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 918-923.
- TOUBKIS, Dimitri, *Les Blätténocgétä: des dignitaires de la cour du roi chrétien d'Éthiopie au XVII<sup>e</sup> siècle. Essai de prosopographie (c. 1588-1721)*, Paris I (CRA), 2000. DEA.
- , «Je deviendrai roi sur tout le pays d'Éthiopie». *Royauté et écriture de l'histoire dans l'Éthiopie chrétienne (XVI<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècles)*, Paris I (CRA), 2004. Dissertação de doutoramento.
- TUBIANA, Joseph, «Poésie et histoire: 'arasa negus», in *Etiopia e oltre: studi in onore di Lanfranco Ricci*, a cura di Jacob Beyene, Rodolfo Fattovich, Paolo Marrassini, Alessandro Triulzi, Napoli, Istituto Universitario Orientale, 1994, pp. 279-298.
- TZADUA, Paulos, «Fetha Nagast», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 534-35.
- ULLENDORF, Edward, «The Confessio Fidei of King Claudius of Ethiopia», *JSS*, 32, 1987, pp. 159-176.
- , *Ethiopia and the Bible*, London, Oxford University Press for The British Academy, 1968.
- VALLERY-RADOT, Maurice, *L'Église des premiers siècles*, Paris, Perrin, 1999.
- VAN DONZEL, Emery, «Avant-propos», in 'Enbaqom, *Anqasa Amin (La Porte de la Foi): Apologie éthiopienne du Christianisme contre l'Islam à partir du Coran*, Leiden, E.J. Brill, 1969, pp. 1-164.
- , «The Legend of the Blue Nile in Europe», in Erlich, Haggai; Gershoni, Israel (eds.), *The Nile: histories, cultures, mythes*, Boulder, Colorado; London, Lynne Rienner, 1999, pp. 121-129.
- VELAT, Bernard, «Chantres, poètes, professeurs: les dabtara éthiopiens», *LCC*, 5, 1954, pp. 21-29.
- VENTURI, P. Tachi, «Pietro Paez apostolo dell' Abissinia al principio del sec. XVII», *CC*, 1905, pp. 560-581.
- VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de, *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, ed. crítica por Mário Fiúza, 2 vols., Porto; Lisboa, Livraria Civilização, [1966]. (1.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1798-1799).
- VÔ VÂN, David, «A propos du Ġihâd dans le *Futuh al-Habasha*. De la lecture d'Alfred Morabia à la relecture d'Arab-Faqih», *AE*, 17, 2001, pp. 125-139.
- VOIGT, Rainier, «Abyssinia», in *EAE*, 1, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2003, pp. 59-65.
- , «Aithiopia», in *EAE*, 1, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2003, p. 164.
- WESSEL, Susan, *Cyril of Alexandria and the Nestorian Controversy: The making of a Saint and a Heretic*, Oxford University Press, 2004.
- WION, Anaïs, «Gälawdewos», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 657-58.
- WION, Anaïs e FRITSCH, Emmanuel, «Haymanotä Abäw», in *EAE*, 2, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2005, pp. 1073-75.
- WITAKOWSKI, Witold, «Chalcedon, Concil of», in *EAE*, 1, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2003, pp. 709-11.
- YAQOB Beyene, *L'unzione di Cristo nella teologia etiopica. Contributo di ricerca su nuovi documenti etiopici inediti*, Rome, Pont. Institutum Studiorum Orientalium, 1981, (Orientalia Christiana Analecta 215).
- YOUNG, Allan (1975) «Magic as "Quasi-Profession": The Organization of Magic and Magic Healing among Amhara», *Ethnology*, 14, 1975, pp. 245-265.
- ZOTENBERG, H., *Catalogue des manuscrits éthiopiens (gbeez et amharique) de la Bibliothèque Nationale*, Paris, 1877.
- ŽUPANOV, Ines, *Missionary Tropics. The Catholic Frontier in India (16th-17th Centuries)*, Ann Arbor, University of Michigan Press, 2005.

## ÍNDICES

## ÍNDICE TOPONÍMICO E ETNOGRÁFICO

- Abará. 656.  
Abargalê (Bargalê). 72, 239, 247, 694.  
Abássia (Habêx). 77, 501. V. Etiópia.  
Abba Guerimâ, v. Dêbra Damô.  
*Abêdrâi*. 660.  
Abelgûi. 475.  
*Abeti*. 671.  
Abexgâi (Habexgâi). 72, 553, 701.  
*Abexim* (*abexines*, *habexins*). 135, 181, 256, 257, 262-264, 266, 277, 278, 331, 385, 400, 483, 487, 488, 499, 505-507, 517, 525, 539, 540, 542, 589, 594, 607.  
*Abissínio*, *abissino*, *Abissínia*. 77, 100, 116, 129, 183, 184, 187, 237.  
*Abô*. 700.  
Abolâ. 686.  
Açã. 154, 239.  
*Acacô*. 700.  
Açaoâ. 687.  
Acararê. 670.  
Acendabô. 700.  
Achafêr (Achafêr). 309, 683, 686, 688.  
Adeberâ. 703.  
Adeconô (Adecono), v. Arquico.  
Adecorrô. 463, 555.  
Adel (Adêl, Adâl). 77, 124, 128, 136, 252, 254, 279, 283, 285, 241, 439, 471, 472, 475, 477, 478, 481, 499, 501, 528, 553, 673, 766, 774, 776.  
Adembô. 503.  
Adêr. 240.  
Agâmia. 247.  
Agamorâ. 651.  
Agçum. 80, 84, 91, 92, 95, 96, 102-104, 106, 108, 128, 152, 153, 155, 156, 226, 290, 291, 379, 398, 438, 439, 464-466, 503, 555, 556, 559, 679, 737, 738.  
*Agôus*. 73, 99, 102, 112, 123, 230, 600, 675, 682, 683, 686, 687, 701, 787, 792.  
Aibâ. 199, 501, 678.  
Aicolebâ. 703.  
Airân. 700.  
Alabâ (Labâ). 770-1.  
Alafâ. 247, 674, 676.  
Alamalê. 72.  
Alatâ. 232, 646.  
Alçafâ. 90, 91.  
Alepo. 565.  
Alexandria. 113, 314, 329, 330, 455, 461, 498.  
Ambâ Açêl. 119.  
Amba Çanêr (Ambaçanet). 247, 257, 259, 260, 515.  
Ambâ Dair. 669.  
Ambâ Dair. 669.  
Ambâ Damô. 128, 255, 276, 280, 387, 432.  
Ambâ Tambúc. 442.  
Ambâ Xacanâ. 557.  
Aмбаçã. 686.  
Ambeçêl. 695.  
Ambêz Gamâ. 699.  
Amenôt. 664.  
Amharâ, língua. 74, 690, 770.  
Amharâ. 72, 109, 119, 121, 126, 138, 152, 225, 232, 243, 248, 337, 387, 388, 412, 413, 417, 419, 428-430, 434, 470, 478, 479, 640, 641, 656, 657, 663, 665-667, 669, 670, 681, 683, 685-687, 694-697, 701, 702, 729, 776.  
*Amharâ*. 76, 80, 112, 660.  
Amonât. 685.  
Amorâ Gadêl. 694.  
Ancaxâ (Ancaxa, Hancaxâ). 686, 791.  
Anfarâz (Anfaraz). 199, 502, 679, 689.  
Angola. 445, 491, 758.  
Angôt. 72, 239, 243, 266, 279, 412, 470, 707.  
Aorât. 380.  
*Aquichû*. 685.  
Arábia, língua. 129, 368-9, 584, 690.  
Arábia. 80, 92-3, 131, 170, 182, 208, 219, 221, 225, 254, 268, 273, 283, 393-4, 447, 460, 506, 574, 576, 603, 745, 781, 783.  
Arabihâ. 434.  
Aratê. 476.  
Arbúc. 701.  
Arench. 72.  
Argel. 580-586, 591.  
Arménia. 401.  
Arquico (Alquico). 182, 235, 238, 479, 489, 490, 514, 540, 541, 560, 559, 643.  
Atebarâ (Ateberâ). 704.  
Auçã Gurlê (Aucã Gurlê, Auçã Guralê). 241, 774, 776.  
Auçã. 72.  
Axguaguâ. 239.  
Ayez Alê. 232.  
Azcã. 662.  
Azmadîn. 553.  
Azôr. 661.  
Baçaim, Bazain. 563, 605, 606, 794.  
Baçorâ. 565, 605.  
Badê. 690, 691.  
Badlá. 480.  
Baguelá. 689.  
Bagunâ. 701.  
Bahalâ. 476.  
Bahâr Gamô. 71, 72.  
Bahâr Quedâ. 671.  
Baheranquedâ. 412.

Balá. 83, 84.  
 Bali. 72, 502, 758.  
 Baliá. 688.  
*Balóus*. 215, 239, 448, 702.  
 Baltê. 90, 91.  
 Bambaho. 685.  
 Bandorâ. 605, 606.  
*Banianes*. 580, 581, 586, 593, 643.  
 Barchâ. 630, 677.  
 Barnâ. 687.  
 Baroâ, v. Debaroâ.  
*Bartumâ (bertumâ)*. 663, 674.  
 Baz. 476.  
 Beculsôr. 476.  
 Bêd (Bed). 231, 247, 683, 688, 702.  
 Bedanchô. 558-9.  
 Bedenagli (mosteiro). 396, 454, 455.  
 Begmêder. 72, 219, 225, 228, 229, 232, 247, 248, 311, 470, 480, 551, 640, 641, 666-670, 678, 680, 685, 689, 691, 693, 694, 707, 710, 712, 729, 736, 738, 743.  
 Beitâ Abât. 672.  
 Belaçâ. 554.  
 Belenê. 153.  
 Belmonte. 564.  
*Berababô*. 660.  
 Berantâ. 674.  
 Bertâ. 702.  
*Bertumâ*. 674.  
 Betân. 551.  
 Betêl. 702.  
 Beteramorâ (Beter Amorâ). 72, 559.  
 Beterât. 760.  
 Bezâz. 689.  
 Bic, Catalunha. 562.  
 Biçamô (Bizamô). 661, 685, 689, 700, 792.  
 Bilât. 426.  
 Bisân (Bisam, Bisan, Biçân), mosteiro. 335, 383, 401, 439.  
 Bizân. 232.  
 Borâ. 72, 673, 681.  
*Borên (burên)*. 656, 663, 689, 700, 704, 778.  
 Borno, Bornu. 93, 182, 237, 393, 444, 447, 448, 519, 521.  
 Bôt. 700, 701.  
 Boxâ. 72, 240, 559, 760.  
*Bucô (deconô)*. 658.  
 Budâ. 673, 690.  
 Bulâ. 693.  
 Bur (Búr). 72, 90, 91, 215, 291, 680, 681.  
 Burê. 675, 682, 683.  
 Buzaná. 72.

Çabên. 702.  
 Cabo da Boa Esperança. 72, 114, 182, 183, 250, 251, 445, 446, 491.  
 Cabo Guardafui. 72, 250.  
 Cabo Verde. 236-238, 250, 491.  
 Çabrâ. 688.  
 Çacâ. 671.  
 Cacaçâ. 685.  
 Çacalât. 683.  
 Cachenô. 663.  
 Çadâ. 674, 678, 693, 694.  
 Caebâ. 702.  
 Cafâ. 758.  
*Cafates*. 197.

Çagadê (Çagade). 72, 247-8, 693.  
 Çagmâ. 72.  
 Cairo. 74, 113, 114, 135, 136, 172, 187, 193, 208, 224, 232, 238, 332, 333, 368, 371, 391, 444, 447, 448, 455, 560, 565, 578, 589, 605, 607, 758.  
 Çalabaça. 682, 701, 702.  
 Çalalô (Çalalâ). 660, 671, 685, 689.  
 Çalâmt (Çalamt). 72, 248, 687, 688, 694.  
 Çamâ. 678.  
 Çamadâ. 670.  
 Çambât. 72, 478, 692, 699, 760, 765, 766, 769, 771, 777, 778.  
 Cambôxa. 491.  
 Camêl. 703.  
 Canal de Habexi. 602.  
 Çancarâ. 674, 686, 688.  
 Çarcâ. 218, 658, 674-676, 682, 691.  
 Çarçâ. 477.  
 Çarçô. 658.  
 Çarçô. 678.  
 Çarmât (Zarmât). 659, 663, 775.  
 Caroda. 673.  
 Çarquî. 685, 690, 691, 695, 702.  
 Çart. 261.  
 Castela. 247, 248, 564, 584, 627, 758.  
 Catal. 426.  
 Catalunha. 562.  
 Catatâ. 420, 424, 425.  
 Caxín. 667.  
 Cebehâd La Ab. 546, 555.  
 Cebrât. 548.  
 Cedêi. 671.  
 Cêf Bâr. 551, 559.  
 Cegabâ. 680.  
 Ceguieúm. 693.  
 Ceguelâ. 687.  
 Cehelâ. 548.  
 Ceila (Ceila). 567, 569.  
 Ceilão. 211.  
 Celalgi (Calálgi, Zalálgi). 413, 421, 425.  
 Celalô, mosteiro. 548.  
 Cemadâ. 669.  
 Cemên, v. Semên.  
 Cencenemâ. 690.  
 Centôn. 699.  
 Cenyaná. 668.  
 Cerâ. 401.  
 Ceragâm. 675.  
 Charâ. 675, 686.  
 Chaul. 563, 573, 586, 592.  
 Chechêhô. 670, 672.  
 Chegâr. 672.  
 Chelgâ. 679.  
 Chetamô. 661.  
*Chilêabô (Chileabô)*. 700.  
 China. 67, 135, 160, 445, 446, 491, 510, 511, 514, 518, 519, 645.  
*Chubcên*. 685.  
*Chucên*. 691.  
 Cimâ. 683.  
 Cirêi. 559, 637.  
 Coacorâ. 675.  
 Coât, mosteiro. 658.  
 Coçôguê. 656.  
 Cogâ. 199, 635, 641, 654, 669-671, 673, 674, 676-681, 717, 739.

Coimbra. 94, 595.  
 Colâ. 139, 247.  
 Colégio de S. Paulo de Goa. 511, 525, 561, 563, 593, 601.  
 Colelá. 751, 776.  
 Colisâ. 671.  
 Colô. 503.  
 Conch. 72.  
 Conchecâz. 550.  
 Congo. 72, 229, 241-2, 250-1, 445, 491.  
 Constantinopla. 126, 382, 580.  
 Convento da Aleluia, v. Dêbra Hallelô.  
 Convento de Plurimanos (Plurimanôs), v. Dêbra Libanôs.  
 Corâb. 550.  
 Coratâ. 241.  
 Coromandel. 380.  
 Costa da Guiné. 250, 491.  
 Costa de Melinde. 241, 251, 332, 491, 573, 577, 747, 758.  
 Costa do Habexi. 567.  
*Cristãos de S. Tomé*. 593.  
 Çuaquêm (Çuaquên). 71, 72, 215, 603, 605, 637-639, 642, 643, 704.  
 Cuerâ. 72.  
 Cundil. 675.

Dabât. 678.  
 Dabolâ. 702.  
 Dabul. 576.  
 Dacanâ. 239.  
 Dagâbetân. 547.  
 Dagû. 476.  
 Dalêc. 72, 448.  
 Damacâ. 687.  
 Damão. 603, 604.  
 Dambîa Bahâr, v. Lagoa de Dambîa.  
 Dambîa. 72, 75, 95, 115, 119, 155, 158, 199, 218, 219, 222-224, 228, 231, 235-237, 239, 240, 243, 247, 248, 276, 280, 301, 316, 369, 384, 404, 502, 516, 526, 540, 541, 543, 551-553, 560, 607, 617, 626, 630, 633, 635, 639-641, 644, 646, 676, 677, 679-681, 683, 685, 686-692, 703, 716, 717, 721, 729, 733, 737, 738, 748-751, 771, 776, 777, 780, 781, 787.  
 Damianos. 678.  
 Damôt. 72, 229, 232, 248, 407, 408, 410, 413, 414, 424, 427, 428, 472, 517, 518, 548, 549, 553, 656, 567, 694.  
*Damôtes (damotes)*. 671, 675, 710, 713.  
 Dancalî. 72, 148, 227, 602, 603, 703.  
 Dancorâ. 674, 686, 688.  
 Daôi. 475.  
 Daont. 412.  
 Darâ (Darhá). 248, 659 n. 3, 662, 664, 667, 676, 680, 681, 683, 685, 688, 690, 691, 698.  
 Debaroâ (Baroâ, Baroa). 238, 255, 257, 487, 488, 492, 493, 524-526, 530, 552, 553, 555, 559, 560, 602, 607, 609, 643, 677, 680, 731, 735.  
 Deberqui. 703.  
 Debêt Cic. 656.  
 Dêbra Abraham. 702.  
 Dêbra Ceit. 439.  
 Dêbra Damô (*Abba* Guerimâ). 387, 388, 432, 434, 439, 479, 480, 537.  
 Dêbra Hallelô (Aleluia), convento. 75, 94, 95, 236-7, 238, 239, 392, 395-7, 439, 442-9, 499.

Dêbra Libanôs (Plurimanos), mosteiro. 110, 212, 392, 396, 397, 399, 400, 410, 439-442, 445, 448-453, 455-457, 479, 658-9, 664, 666, 667, 673.

Dêbra Maquedâ. 90, 91, 198.  
 Dêbra Neguadguad. 478.  
 Dêbra Orc. 439, 547, 667, 685, 711.  
 Dêbra Tabor (Monte Tabor). 439.  
 Dêbra Zêit. 672.  
 Debraçô (Braçô, Debraçor). 680, 738.  
*Deconô, v. Bucô*.  
 Deguelhân. 478, 480.  
 Deguên. 656.  
 Dehanâ. 681, 683, 685, 703, 780, 785, 786.  
 Delhoyâ. 476.  
 Dencâz (Dancas). 63, 199, 244, 678, 679, 694, 696, 697, 703, 704.  
 Dequín. 182, 215, 238, 239, 242, 447, 448, 703.  
 Derbeitâ. 680.  
 Derc. 700.  
 Deserto de Aldubâ (Oaldubâ). 240, 671.  
 Deserto de Azquêtez. 433.  
 Deserto de Cihôt. 433.  
*Diguelû*. 675.  
 Dimâ, mosteiro. 439, 548, 657, 673, 689 n. 2.  
 Disaná. 83.  
 Diu. 540, 562-565, 584, 592-594, 601, 603, 604, 606, 608, 616, 637, 638, 642.  
 Doarô. 72, 470, 476, 477-479, 698.  
 Dobâ Seltân. 72.  
 Docomâ. 687, 673.  
 Dofar. 570, 571.  
 Dorenâ. 687.

Ebedâ. 480.  
 Ebenât. 239.  
 Ebxô. 661.  
 Egipto. 77, 89, 114, 132, 233, 235, 330, 362, 368, 393, 432, 447, 460, 488.  
 Egueredebêt. 690.  
 Elazmâ. 694.  
 Emçaguedên. 671.  
 Emderta. 247.  
 Enaxân. 548.  
 Endagabetân. 549, 550.  
 Endeguên. 424.  
 Ender tâ. 503.  
 Enermâ. 659.  
 Ennarêt. 426.  
 Enseada dos Rabaos. 564.  
 Enxâr. 659, 665.  
 Enyelân. 548.  
 Estreito de Meca. 67, 95, 212, 219, 254, 446, 564, 565, 567, 575.  
*Esublô*. 661.

*Etiôpe (ethiôpe)*. 77, 79, 101, 113, 183, 209, 229, 236, 253, 279, 281, 283, 293, 299, 300, 305-6, 323-4, 328, 331, 333-6, 339, 342-3, 346, 355-6, 368, 373-9, 386, 388, 390, 437, 454, 459-60, 469, 489, 491, 511-3, 518-9, 522, 535, 543, 589.  
 Etiópia (Ethiopia). 62, 65-8, 71, 74-81, 83-7, 89-96, 100-3, 110, 112-18, 119-32, 134-8, 142-50, 152, 154, 157-8, 161-3, 170, 180-3, 186-8, 190-1, 196-201, 209-15, 219-21, 224-6, 228-9, 233, 235-43, 246, 248-9, 252-5, 262, 266, 268, 272-3, 283, 289-93, 195-6, 299, 301, 310, 314, 317-8, 321, 324, 327-32, 335, 337, 342, 344, 353, 368, 371-5, 379-80, 383, 385, 391-400, 402-3, 407-12, 433-5, 439-44, 446-51, 453-65, 469, 473-4, 479, 481, 484-5, 488-95, 498-500, 503-4, 506, 510-25, 528, 535-40, 542, 544,

551, 561, 563, 565, 568, 570, 573, 576, 583-6, 592-3, 595-6, 601-6, 611, 617, 620-4, 626, 631-5, 637, 641-2, 649, 653-4, 665-6, 691, 693, 702, 705-6, 709, 713-5, 720, 725-8, 741, 743, 745-8, 757, 779-85, 794.

Faguetá. 687.
Faretá. 667.
Fatagâr. 65, 72, 170, 241, 478, 479.
Fazcolô. 84, 226, 229, 232, 704.
Fecebedinh. 701.
Ficô. 471.
Fiyêl Çáf. 658.
Focâi. 71.
Fremoná (Fremona). 157, 442, 525, 528, 529, 536, 542-544, 546, 602, 603, 609, 610, 612-614, 616, 637, 639, 643, 730, 732, 740.
Funch, Fûnye, sultanato. 679, 690, 695, 702-704.

Gabgâb. 739.
Gaça. 471.
Gadanchô. 72.
*Gafates* (*gafatês*). 207, 660-1, 675.
Gafates. 130, 197.
*Galas* (*gala, galâ, galla*). 73, 77, 78, 99, 115, 119, 133, 141, 168, 191, 247, 272, 285, 294, 295, 320, 321, 332, 384, 385, 439, 440, 525, 529, 530, 539, 545, 552, 553, 554, 559, 560, 561, 600, 612, 613, 624, 625, 656, 657, 658, 659, 660, 663, 664, 666, 669, 670, 671, 674, 675, 678, 679, 684, 685, 686, 687, 689, 690, 695, 697, 698, 700, 701, 704, 707, 709, 713, 725, 727, 729, 730, 736, 737, 742, 743, 751, 752, 753, 754, 756, 759, 760, 761, 764, 767, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 789, 790, 792, 793.

Galtêt. 90, 91.
Gamarô. 72.
Gambeloâ. 717.
Gambo (Gambô). 560, 661.
Gambotá. 667.
Ganêta Guiorguís. 665.
Gang. 697.
Ganh. 72.
Ganz. 72, 686.
Gazá. 85, 89, 90, 470.
Gemâ. 685, 702.
Giglâ. 669.
*Giguêt*. 686.
Goa. 67, 95, 162, 171, 180-182, 187, 211, 212, 253, 329, 392, 484, 488, 490, 505, 518, 519, 522, 561, 563, 592, 593, 604, 610.
Goâgoatá. 700.
Gojâm (Gojam, Gojama). 31, 38, 72-3, 84, 96, 123, 192, 220, 226, 232, 238, 242, 244, 247-50, 301, 311, 320, 378, 388, 396, 401, 439, 440, 446, 472, 547, 549, 612-3, 617, 635, 639-641, 657, 660, 664-6, 675-6, 678, 681, 683, 685-9, 693-4, 696-9, 701, 710, 712-3, 720, 742-3, 752, 754, 775, 778, 787, 792.

Gòl. 677, 735.
Gomamít. 656, 659.
Gonân. 676.
*Gongás*. 73, 112, 752-754.
Gorabâ. 678.
Gorgora Nova, residência missionária). 192, 717.
Gorgorrâ (Gorgora), campo real. 685-690, 700, 701, 703.
Gorgorrâ, residência missionária. 385, 385.
Guaguçá. 675, 683.
Guahêguahetâ. 550.
Gubaí (Gubâe). 198, 199, 503, 551, 553, 556-560, 600, 665, 673.
Gued. 476.

Guedên. 72.
Guelá. 239.
Guêndbarât (Guendbarât). 480, 660.
Guerareá. 435, 687, 697.
Guetebâ. 691.
*Guiguêt*. 675.
Guixên Ambâ (Guixêm Ambâ, Guixên Ambâ, Monte Amara, Monte Amará, Monte Amharâ). 76, 79, 93-6, 113, 115, 118-124, 126, 128-31, 134, 136, 138-41, 145, 147, 150-2, 158, 183, 185-6, 225, 237, 249, 390, 393, 412, 457-9, 463, 640, 647, 668, 737-8.
Gumân. 678, 682-684.
Gumâr Çancâ. 232, 685.
Gumâr. 72.
Gumarâ. 689.
Gunquê. 690.
Guraguê. 72, 559.
*Guraguês*. 551, 662, 663, 765, 777.

*Habetâ*. 700, 701, 704.
Hadarmôt. 574.
Hadarô. 657, 689.
Hadaxâ. 681.
Hadeâ, Hadiâ. 72, 73, 472, 551, 661.
*Hadiâs*. 73.
Haguerá. 475.
Haitonh. 678.
Hamacên (Amacên). 84, 153, 163, 215, 680.
Hamûz Oaz. 678.
Hangetâm. 660.
Harezmä. 666, 698.
Hargueâ. 476.
Haricê. 239.
Harlá. 476.
Heinân. 572.

Ifât. 72, 470, 663, 694.
Igreja de Atrône Ça Mariâm (Atronê Çamariâm, Atrône Za Mariâm). 387, 478-9, 503, 656.
Igreja de Edâ Mariâm. 679.
Igreja de Egziabehêr Ab, Guixên Ambâ. 119.
Igreja de Egziabehêr Ab. 96, 119, 124, 125.
Igreja de Getcemaní. 478.
Igreja de Golgotá, Lalibela. 380, 462.
Igreja de Igreja de Nossa Senhora, campo real. 169.
Igreja de Jesus, campo real. 169.
Igreja de Mahederâ Egzitrná Mariâm. 673.
Igreja de Mecâna Çelace. 387-8, 478-9.
Igreja de Mercuriôs. 380.
Igreja de Naçared (Nazarêt, Nazareth). 388, 677, 736.
Igreja de Nossa Senhora, Guixên Ambâ. 119.
Igreja de Nossa Senhora, Lalibela. 380-1.
Igreja de S. Emanuel, Lalibela. 381.
Igreja de S. Jorge, Lalibela. 380, 382.
Igreja de S. Salvador, Lalibela. 380-1.
Igreja de Sta. Cruz, Lalibela. 381.
Igreja de Sta. Maria de Sião, Axum. 379, 559.
Igreja de Sta. Maria, Lalibela. 380.
Igreja dos Máritres, Lalibela. 381.
Igreja Garangarêdaz. 152.
Igreja Tedebâba Mariam. 388.
Ilha Çaná (Çaanâ, Saná), mosteiro. 244, 316, 383, 388, 439, 689.

Ilha Curiamuria (Huriamura). 570.
Ilha Dagâ, mosteiro. 439, 632.
Ilha de S. Lourenço. 251.
Ilha Debra Antonz, mosteiro. 244.
Ilha Dêbra Mariam (Debra Mariâm), mosteiro. 439, 691.
Ilha Dec (Dêc), mosteiro. 140, 178, 244, 551, 600, 681.
Ilha Gâlilâ, mosteiro. 243, 824, 829.
Ilha Haic, mosteiro. 408, 410, 430.
Ilha Hazquiê. 570.
Ilha Quebrân, mosteiro. 244.
Ilha Remâ, mosteiro. 244.
Ilha Suadiê. 570.
Ilha Xacalá, 243.
*Ilmanguçit*. 700, 701.
Índia Oriental. 65, 132, 380, 445, 491, 517.
Índia. 68, 74, 78, 114, 129, 134, 135, 157, 190, 193, 195, 201, 206, 227, 228, 237, 238, 245, 254, 256, 272, 276, 281, 283, 284, 329, 332, 385, 458, 483, 484, 488, 490-492, 495, 507, 511, 512, 514, 516, 518, 519, 522, 524, 536, 537, 540-542, 551, 561, 563-565, 570, 573, 576-580, 583-592, 593-602, 604-607, 610, 615, 618, 634, 637, 643, 644, 720, 746-748, 751, 757, 758, 762, 780, 783.
*Itú*. 685, 686, 689.

Jangrâ. 765.
Japão. 67, 491, 510-2, 514, 520, 520, 561, 794.
JazêM. 432.
*Judeus*. 23, 67, 74-5, 95, 100-1, 109, 149, 202, 204, 267, 289, 291, 298, 300-1, 335, 342, 386, 394, 447, 460, 464-6, 500, 502, 519-22, 556-8, 565-8, 578, 587, 687-9, 696, 700, 706, 710, 713, 715.

Labaçi. 683, 693.
Lago Guedamá. 674.
Lagoa Aftâl. 479.
Lagoa de Dambîa (Dambîa Bahâr, Mar de Dambîa, Saná, Alagoa de Dambîa). 140, 178, 191, 192, 198, 199, 202, 207, 233, 243, 244, 246, 281, 316, 383, 387-8, 439, 551, 600, 632, 670, 714, 717, 722.
Lagoa de Dambîa. 140, 178, 192, 198-9, 202, 224, 233, 243, 244, 246, 281, 316, 383, 387-8, 439, 551, 600, 632, 670, 681, 691, 714, 717, 722.
Lagoa Haic (Cafates, Gafates). 197, 241-2, 396, 408, 440, 451, 452, 455, 456.
Lalâ. 686.
Lalmômô. 679, 689.
Lebên (Lebêne, Libên). 666, 675, 685.
Lêg. 674, 683, 685.
*Libên*. 666, 675.
Libô. 687-9.
Lingâ Çafarâ. 692.

Maârmagû. 475.
Maçagâ. 72, 691.
Macâl. 701.
Machî. 241.
Maçuá, ilha e porto. 19, 72, 80, 84, 91, 95, 238, 254, 260, 266, 273, 281, 401, 439, 448, 463, 487, 492, 501, 512, 514, 540, 553, 560, 562, 563-4, 584, 593-4, 596, 601, 603, 605, 607-9, 616, 625, 637-8, 642-4, 651, 724, 749-50, 785.

Maedarô. 442.
Magáz. 663.
Magt. 660.
Mahederâ Mariâm. 678.
Maiquelbaherâ (Maquelbarâ). 554, 677, 734.

Manâbetê. 412.
Mangesta Samayât. 502.
Manz (Emanz). 412, 663, 694-5.
Mar Mediterrâneo. 238.
Mar Vermelho (Mar de Erterâ, Mar Roxo). 72, 89, 114, 182, 183, 215, 225, 235, 236, 238, 254, 273, 335, 393, 394, 433, 445, 447, 567, 576, 651, 680, 731, 749, 750.
Marrâbeitê. 663.
Mascal Quebrâ. 463.
Mascate. 36, 565, 567-70, 605.
Mataquâl. 686.
Mâyas. 686.
Mazcâl. 548.
Meca Ohâ. 690.
Meca. 93, 94, 95, 136, 364, 445, 446, 447, 478, 479, 580, 586, 589, 591, 606, 638, 690.

*Mechâ*. 700.
Mehiquêl. 701.
Meigâr. 661.
Melêc Ambâ. 695.
Melquis. 575-6, 679-80, 737-8.
Mentadefêr. 669.
Mergâi. 72.
*Meroâ*. 678.
Meroé. 77, 234-5, 393-4.
Merrahâ Beitê (Marrabeitê). 663, 776.
Mertulâ Mariâm. 666.
Mocâ. 95, 251, 584, 586-9, 602, 642, 651.
Moçambique. 72, 181, 211, 241, 250, 251, 491, 512.
Mocêz. 90.
Mogor. 562-3.
Mombaça. 241, 491.
Monomatapa. 25, 229, 250,251, 347, 445, 491.
Monte Abromelâ. 703.
Monte Amharâ, v. Guixên Ambâ.
Monte Atlante. 72.
Monte Dadâ. 434.
Monte Gafagâf. 663.
Monte Gancâ. 756.
Monte Guix. 231, 234.
Monte Guzmân. 677, 720.
Monte Habelâ. 119, 122.
Monte Oatî. 267, 275, 280,
Monte Oramô. 776.
Montes da Lua. 440, 445-6, 452, 455.
Montes Gafates. 234.
Montes Habelâ. 139.
Morâ. 471-2.
Mosteiro de Aleluia. 380.
Mosteiro de Aleluya (Dêbra Hallelô). 380, 396-7, 439, 442, 499.
Motâ. 72.
Mouçâ. 588.
Mugâr (Muguêr). 550, 661, 690.

Nagran. 465.
Naniná. 216, 543, 627-8, 630, 633.
Nareâ, Narea. 72, 140, 148, 195, 226, 240, 246-7, 250, 426, 446, 518, 551, 558-9, 611, 628, 634, 663, 666, 676, 689, 692, 697, 699-700, 704, 751-2, 754-6, 760, 767.
Nebecê. 666.
Nemôr. 661, 663.
Nur. 252, 259, 285, 481-2, 502.



Oacîr Muíd. 480.  
 Oâg. 239, 503, 694.  
 Oagrâ. 72, 219, 225, 248, 276, 472, 480-1, 591, 557, 560, 680, 687-89, 691, 694, 703, 738.  
 Oalcaît. 72, 248.  
 Oaldubâ. 679.  
 Oanabâ. 681, 699.  
 Oanchâ. 675.  
 Obermâ. 701.  
 Obî. 553.  
 Ocên Ambâ (Oacên Ambâ, Ocêm Ambâ). 675, 699, 701.  
 Oerêb. 667.  
 Ofîâ. 673, 687.  
 Oguedâ. 672.  
 Ohâ. 687, 688.  
 Oinadagâ (Oinadegâ). 480, 553, 679.  
 Oiraguê. 426.  
 Olacâ. 72, 232, 412, 549, 658-9, 663-4, 669, 675, 677, 681, 685, 690, 694, 699, 701-2, 720.  
 Ombareâ. 72, 226, 232.  
 Ombermâ (Ombaremâ). 682, 751-2.  
 Ondeguê. 617, 674.  
 Ongetâ. 676, 683.  
 Oorguêh. 476.  
 Orc Ambâ. 683.  
 Orê Ambâ. 558.  
 Orêb. 676, 694, 704.  
 Orenexâ (Orenixâ). 674, 685-6.  
 Orgâr. 72.  
 Ormuz. 36, 132, 21, 565, 567, 569, 578, 605.  
 Orôr. 502.  
 Oxlô. 72.  
 Ôye. 72, 241, 284,-5, 481, 502, 552-3, 559, 662.

Pérsia. 95, 224, 460, 224, 745, 781, 783.  
 Preste João, terras do. 71, 72, 76-7, 110, 172, 181, 222, 224, 225, 229, 230, 234, 235, 237, 239, 242, 246, 250, 252, 253, 368, 390, 391, 395, 397, 399, 456, 457.

Queçareâ 687.  
 Querenhá. 686.  
 Quinfâz. 239.

Reino de Pegu. 445, 491, 573.  
 Reino de Sião. 445, 491.  
 Ribeira Algól. 261.  
 Rio Abaoi, v. Rio Nilo  
 Rio Abeâ. 671.  
 Rio Aquilonda. 241, 242, 246.  
 Rio Bebêr. 226.  
 Rio Ber. 671.  
 Rio Bîr. 675.  
 Rio Cacêm. 659, 660.  
 Rio Corêb. 662.  
 Rio Çuhâ. 685, 689.  
 Rio Ecuâ. 475.  
 Rio Façâm. 682.  
 Rio Gehon. 230, 428, 812.  
 Rio Gemâ, Jamâ. 231, 413, 659, 776.  
 Rio Gemâ. 413, 659, 776.  
 Rio Guindân. 686.  
 Rio Haoâx (Aoâx). 240, 241, 243, 773, 774, 776.  
 Rio Iâz. 472.

Rio Jamâ. 231.  
 Rio Jordão. 154, 240, 366, 423.  
 Rio Machê. 243.  
 Rio Maguêch. 697.  
 Rio Malêg. 755.  
 Rio Manguêr. 754.  
 Rio Marâb. 72, 236-9, 560, 680.  
 Rio Meeçât. 423.  
 Rio Mexhâ. 556.  
 Rio Negro. 72, 95, 125, 131-2, 236-7.  
 Rio Nilo (Abaoi) 230, 240, 397, 441, 446, 456, 548, 627, 629-31, 640, 651, 654, 657-58, 660, 666-67, 671, 673, 676, 681, 683-85, 688, 690, 698, 700-01, 720, 742, 751-53, 776, 792, 812.  
 Rio Oarî. 661.  
 Rio Orêb. 662.  
 Rio Reb. 691.  
 Rio Româ. 548-9, 673.  
 Rio Sabai. 689.  
 Rio Tacâ. 239.  
 Rio Tacacê. 89, 236, 238, 239, 267, 560, 679.  
 Rio Tequên. 679.  
 Rio Zaire. 241-2.  
 Rio Zebê. 240-1, 550, 764.  
 Rio Zohâ. 435.  
 Rio Zorât. 476.  
 Roma, Igreja de (Igreja romana). 23, 27, 51, 67, 68, 78, 147, 149, 187, 190, 210, 212, 255, 284, 291, 293, 294, 295, 299, 305, 306, 328, 329, 331, 332, 333, 336, 344, 346, 355, 356, 372, 373, 374, 393, 483, 485, 493, 494, 499, 510, 511, 512, 518, 522, 525, 529, 535, 536, 542, 602, 609, 614, 615, 622, 644, 646, 654, 704, 705, 708, 710, 713, 714, 716, 723, 726, 743, 744, 746, 750, 780, 782, 783, 786, 787,  
 Roma. 17, 19, 21, 23, 24, 26, 45, 127, 170, 172, 187, 291, 299, 308, 314, 329-3, 346, 355, 356, 371, 380, 382, 395, 398, 399, 411, 443, 445-6, 454, 457, 489, 490, 494-5, 499, 504, 506, 511, 520, 522, 523-4, 540, 593, 595, 642.

Sabba (Sabbâ). 130-1, 135, 158, 197, 291, 390, 396, 407, 452.  
*Sabeus*. 576.  
 Sadâ. 502.  
 Salaoâ. 72.  
 Salsete. 18.  
 Sanâ. 18, 316, 585-7, 589.  
 Sanaar, v. Senaâr.  
 Santarém. 595.  
 Semên (Cemên). 75, 101, 153, 239, 267, 280-1, 502, 556-7, 674, 688, 694.  
 Senaâr (Sanaar, Senaar). 673-4, 685-6, 690-1, 702.  
 Seoâ, v. Xaoâ.  
 Serra Ancarêb. 661.  
 Serra Çaganêr. 696.  
 Serra Ceguenêr. 688.  
 Serra Corêb. 694.  
 Serra Meccerabâ. 688.  
 Serra Oatî (Oatê). 267, 275, 280, 660.  
 Serra Oatî. 267, 275, 280.  
 Serra Zancaranâ. 740.  
 Sirêi (Sirê). 172, 240, 247, 503, 555, 676, 679, 680, 738.  
 Sivaxi. 517.  
 Sobâ. 498.  
 Sofala. 445, 491, 512, 517.  
 Suaquém. 368, 593.

*Sufgamô*. 72.  
 Sunda. 604.  
 Tacarâ. 673.  
 Tacuçâ. 681, 683.  
 Tahâ. 703.  
 Taís. 558.  
 Talaceôn. 72.  
 Tambên (Tambêm). 229, 240, 247, 442, 681.  
 Tancâl. 685, 690-3, 702.  
 Tarím. 572.  
 Tederêr. 680.  
 Teinbâi. 470.  
 Tessalónica. 565.  
 Teta. 659.  
 Tigrê. 73, 80, 90-2, 104, 109, 119, 135, 137, 151-2, 154-5, 161, 198, 215, 219, 226, 235,-6, 238-40, 247-8, 261, 266, 279-80, 284, 602-3, 607-8, 611, 617-8, 626, 634-6, 639, 641, 643-4, 646-8, 650-1, 670, 673, 676-7, 679-81, 686-7, 689-90, 692, 694, 703, 705, 708, 712, 718-9, 723-5, 729-31, 735-41, 743, 745.  
 Tiro. 132, 290, 327.  
 Toledo. 36, 41.  
 Torât. 154, 239, 680, 732.  
 Tucûr Ohâ. 687.  
*Tulamâ*. 687, 700.

Ucârte. 680.  
 Ucrô. 678.  
 Udô (Udâ). 640, 668, 673, 674, 694.  
 Ûolô. 685.  
*Urdayâ*. 685.  
 Uxatêrz. 669.

Valência (Valença de Aragão). 16, 21, 23, 24, 29, 63, 65, 65-7, 395.

Xaêr. 573, 587.  
 Xagnês. 557.  
 Xambrâ Çagân. 688.  
 Xambrâ Corê. 478.  
 Xanamorâ. 687.  
 Xanbedêl. 675.  
 Xanfacarâ. 689.

Xangoa. 693.  
 Xâoa (Ceoâ, Seoa, Seuâ, Xaoa). 72, 153, 232, 241, 252, 280, 439, 410, 413, 416, 418, 424, 427, 429, 435, 438, 470, 479-80, 503, 547, 551, 659, 662, 665, 669, 694, 698, 773, 775.  
 Xarâ. 681, 689.  
 Xart. 581.  
 Xat. 561.  
*Xâtes*. 751, 754.  
 Xaxe. 674.  
 Xebêl. 667.  
 Xemâmahe Çabeâ. 689.  
 Xihô. 680.  
 Xinâx. 752.  
 Xoadâ (Xeoadâ). 480, 558, 687.  
 Yamân. 575.  
 Yeçabâ. 659.

Zaçâi. 475.  
 Zaçoquê. 476.  
 Zafara. 236.  
 Zagadê. 153.  
 Zagumâ. 471.  
 Zahâm. 107, 108.  
 Zahêl. 108.  
 Zalâlgi. 413.  
 Zalalô, mosteiro. 658.  
 Zalâmt (Çalâmt, Zalamt), 72, 153, 226, 229, 240, 687, 688, 694.  
 Zamâ. 239, 247, 546.  
 Zamareâ. 470.  
 Zambêl. 661.  
 Zambrâ (Zambra), 130, 158, 185, 196, 197, 198, 199, 241, 440, 441.  
 Zanâ. 240.  
 Zançâr. 477.  
 Zaraoê. 239.  
 Zateibêr. 424.  
 Zebid. 272, 501.  
 Zêf Bar. 243, 285.  
 Zeila (Ceila). 36, 569.  
*Zenyerô*, 72, 148, 241, 760, 762-4, 767.  
 Ziasôr. 658.  
 Zoâi. 241, 243, 662.  
 Zorêr (Zorêre), 410, 412, 413, 414, 416, 418, 424, 428.

## ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Abailã. 412.  
Abdél Nechit. 691.  
Abdulcadêr, Sultão. 674, 679, 703.  
Abecân. 756.  
Abib. 559.  
Abô Axguír, *Damôt Çafalâm*. 676.  
Abraão (Abraham, Abrahan). 93, 348, 357-359, 412, 464.  
Abrahâ e Azbahâ (Abraha e Azebehâ), *Nagast*. 107, 108, 422.  
Abrahâ, *Negus*. 107.  
Abraham, *Abba*. 658, 666, 673.  
Abraham, santo. 458, 461, 463.  
Abraham. 688.  
Abraniôs, *Abeitabûn*. 661.  
Abreu, Francisco d'. 255, 258, 259, 270.  
Abreu, Inofre d'. 255, 262, 270.  
*Abû Ferâgi*. 713.  
Acabâ Michaël. 677.  
Acabî. 554.  
Acadin. 470.  
Acamaël. 667.  
Açamô, *Fit Aurari*. 689.  
Açaratâ Mariâm, *Abba*. 480.  
Acera Christôs. 687.  
Acubâ Michael. 557, 560.  
Adamâs Çaguêd, v. Minâs.  
Adamâs Mogoçâ. 172, 547, 656.  
Ademaatâ (Adimatâ, Imata), *Abba*. 104, 396, 398.  
*Adultério de Franques*. 485.  
Afa Christôs, *Dêye Azmâch*. 678, 683, 687, 694-696, 702, 729.  
Afcê (Assen), *Abba*. 104, 396, 398.  
Afrô aiguebâ (Hafrô aiguebâ), *Xava*. 659, 663.  
Ahamêd (Mahamed, Gradahametes), v. Granh.  
Albuquerque, Vice-rei Matias d'. 592, 758.  
Alêb. 691.  
Alef (Aleph), *Abba*. 104, 396, 398.  
Alexandre II. 458.  
Alexandre III, Imperador, Preste João. 74-6, 113, 121, 137, 144, 187-8, 198, 249, 292, 393, 523.  
Alexandre, o Grande. 115, 116, 230.  
Alicô. 769-772, 775, 777.  
Almansa, Pêro d'. 274.  
Almidâ. 432.  
Álvares, P. Francisco. 75, 180, 333, 342, 395, 479, 521.  
Álvares, P. João, S.J.. 371.  
Aly Baxá. 583, 585-6.  
Aly Chilibî. 586.  
Aly. 674, 703.  
Amâ Guiorguís. 552.  
Amade Damôt, *Azmâch*. 668.  
Amador. 525.  
Amahâ Guiorguís. 681.  
Amâta (Amata) Christôs, *Ite*. 788.  
Amata Christôs, *Ite*. 788.  
Amâta Guiorguiz, *Oizaro*. 548.  
Amata Michael, *Oizaro*. 689.  
Amâtra Christôs, *Ite*. 691.  
Amçala Christôs. 681, 696, 739.  
Amd Ceôn I, *Negus*. 105, 109, 469-477, 674.  
Amd Ceôn II, *Negus*. 106, 110.  
Amd Haimanôt, *Abba*. 666.  
Amd Mascâl. 437.  
Amdô, *gueitâ*. 676  
Amelâu. 693.  
Ameta Oenguêl, *Oizaro*. 702.  
Amiamîd, *Negus*. 104, 108, 291, 398.  
Aminadâb. 657.  
Amîr Ozmân. 280, 480.  
Amumâ Taquelô. 772, 775.  
Anania. 546.  
Angelis, P. Francisco António de, S.J.. 637, 642, 742, 788, 794.  
António, *Abba*. 399, 434.  
António, João. 129, 135, 188.  
Antônz (Antonz), *Abba*. 442, 443, 445.  
Aonabiôs (Aunabiôs), *Abeitabûn*. 680, 682, 687, 688, 699.  
Aquilil. 657.  
Aquin. 411.  
Araçagahû (Araiaçagahû). 434, 435.  
Arçô (Arzô). 680-1, 738.  
Armâh (Armâ), *Negus*. 78, 105, 108, 109, 398.  
Arménio. 564, 565, 606.  
Arogai (Argay, Arghai), *Abba*. 104, 396, 398-400, 408, 479.  
Ascader. 294.  
Atanâf Çaguêd, *Negus*, v. Cláudio.  
Atanâf Çaguêd, *Negus*, v. Za Denguil.  
Athanatêus (Athanteus), *Eraz*. 137, 181, 211, 229, 600, 621, 626-635, 639, 640, 645, 648, 650, 652, 654, 658, 662, 665-667, 672, 676, 686, 697, 699, 724, 726-728.  
Audafên. 773.  
Ausabiôs (Auçabiôs), *Colâ Xûm*. 687, 674.  
Azarias. 87-89, 91, 92, 411.  
Azbê. 552.  
Azbô, *Dêye Azmâch*. 656.  
Azca Denguil, *Abba*. 546.  
Azcâ Guiorguís, *Dêye Azmâch*. 687.  
Azcadêr. 700.  
Azcâl. 663.  
Azê. 551, 671, 672.  
Azêb, *negesta*. V. Rainha Sabba.

Azevedo, P. Luís d', S.J.. 594-596, 642, 794.
Azfarâm. 677.
Azquelevî. 412.

Babô, *Azâx*. 670.
Bacên, *Negus*. 103, 106, 108, 411.
Bacorâ Ceôn. 412
Bahâr Çaguêd, *Azmâch*. 670.
Baharâ Aliâm (Christôs Hareîô). 435.
Baharô. 769, 770, 772, 773, 775.
Baheranquedâ. 412.
Bainalehequêm (Ebna Elehaquêm, Ebnehaquêm), v. Menilehêc.
Balochano [Valignani], P. Alexandre, S.J.. 563.
Baltasar, João. 65-68, 71, 76, 94-96, 100, 102, 113, 121, 122, 124-128, 143, 144, 148, 152, 180, 187, 188, 235, 283, 291, 292, 299, 373, 394, 397, 457, 462, 499, 520.
Baltazar (Balthasar), v. Reis Magos.
Baltazar, João. 24, 65-8, 71, 76, 94-6, 113, 121, 122, 124-8, 143-44, 148, 180, 187, 235, 283, 291-2, 299, 373, 394, 397, 457, 462, 499, 520.
Banianes. 580, 581, 586, 593, 643.
Barreto, D. João Nunes, patriarca. 63, 66, 67, 187, 329, 331, 483, 484, 488.
Bêda Mariâm (Beda Mariâm), *Negus*. 105, 110-112, 140, 479.
Bedanchô (Za Mariâm). 558, 559.
Bedanchô. 558-9.
Bedelâi Aurê. 111.
Bêla Christôs (Belá Christós), *Abeitabûn*. 207, 299, 306, 308, 312, 634, 640, 658- 660, 662, 664-668, 699, 701, 702, 742, 781.
Belên. 548.
Belenê. 153.
Bemûl Ur. 699.
Benerô. 700, 704, 757, 767.
Benyamin, *Abba*, patriarca de Alexandria. 417.
Berhâna Mazcâl (Berhâna Mascâl). 412.
Bermudes, João. 78, 255, 258, 284, 285, 328, 329, 495.
Bernardo, Vecheti. 132, 133, 153.
Beteramorâ (Beter Amorâ). 72, 559.
Bilât. 426.
Borâ. 72, 673, 681.
Bucô, *Dêye Azmâch*. 700, 707.

Caba Christôs (Cabâ Christôs). 702, 708, 743, 745.
Çabardîn. 470, 472.
Cabatô. 693.
Çabelâ Oanguêl, v. Zabelâ Oanguêl.
Cabral, P. Francisco, S.J.. 586, 592.
Çacalât. 683.
Cachên Abubacâr. 478.
Cafaraudîm. 427.
Cafelâ Mariâm. 546, 664, 674.
Caflo (Caflo), *balatina gueitâ, Gojâm nagâx*. 319, 502, 668, 675, 678, 681, 686, 688, 689, 693, 698-700.
Caflo, *Azâx*. 693.
Caflo, *Xum*. 673.
Caflo. 549.
Cafluâd, *Dêye Azmâch*. 600, 602, 643, 670, 673, 719, 725.
Calaça, Belchior. 565.
Çalamâ (Salamá, Fremenatôs), *Abba*. 104, 290-1, 491, 411, 412.
Çalamdâr. 687.
Calêb (Caleb, Elesbaân), *Negus*. 105, 108, 460, 464, 465, 466.

Caléf. 556, 671.
Calíd. 281.
Camâ, *Abba*. 552
Camêl. 703.
Camelo, Luís Álvares. 585.
Canafra Christôs (Canafra Christós), *Abeitabûn*. 387, 688.
Canâfra Christôs. 729.
Candace (Endaquê, Handeke), rainha. 117, 125, 144, 289, 290, 379, 412, 458, 459, 463.
Cantêz Cenô. 697.
*Cântico* de Salomão. 154.
Cardoso, Fernão. 274.
Cardoso, P. Gonçalo, S.J.. 331, 492, 493, 525, 538, 540, 541, 542.
Carneiro, P. Bispo Melchior (Belchior), S.J.. 187, 483-4, 491.
*Cartilha*. 19, 37, 611, 616, 619, 621, 635, 719.
Castanhoso, Miguel de. 253.
Cebehâd La Ab. 546, 555.
Cegueiûm. 693.
Cehemâ (Sama), *Abba*. 104, 396, 398.
Ceif Arâd.(Zaf Arad, Zeifa Arâd Zêif Arâd). 104, 105, 108, 109, 469.
Cela Christôs (Celá Christós), *Erâz*. 72, 92, 95, 192, 215, 217, 218, 226, 232, 247, 249, 293-295, 305, 306, 309, 311-323, 325, 337, 338, 371, 378, 384, 400, 462, 603, 673, 674, 677, 681-683, 386, 387, 389, 690-696, 698, 700-702, 704, 707, 710-713, 728, 729, 731, 735, 739, 742-744, 747, 749-754, 756, 775-778, 781, 787-793.
Celúz Hailâ, *Oizaro*. 546.
Cembûl Cerçô. 666.
Cenô, *Çafalâm*. 664, 667, 679, 680.
*Cenqueçâr (Flos Sanctorum)*. 456.
Cenuteôs. 300.
Cepnihi. 558.
Cer Za Christôs, *Azax*. 656.
Cerça Denguil (Cerça Denguil, Sarsa Denguil, Zar Za Denguil, Zerça Denguil, Zerza Denguil, Malác Çaguêd, Malác Çaguêd), *Negus*. 65, 75, 76, 95, 97, 106, 110, 140, 148, 152, 172, 181, 188, 198, 199, 226, 234, 332, 372, 388, 463, 481, 524, 543-6, 556, 599, 600, 610, 621, 639, 654, 656, 657, 667, 668, 671-673, 689, 713, 728.
Cerça Denguil, *Abba*. 480.
Cerçô Çambûl, *Azâx*. 712.
Cetô, *Azâx*. 668.
Charâ. 675, 686.
Charcôs, santo. 78, 383.
Chilêabô (Chileabô), *gâla*. 700.
China. 67, 135, 160, 445, 446, 491, 510, 511, 514, 518, 519, 645.
Christôs Bezâna, *Abba*. 399, 434.
Cidi. 661.
Cirilo. 149, 301.
Cláudio (Atanâf Çaguêd, Glaudêos, Glaudéos, Glaudiôs), *Negus*. 75, 97, 100, 106, 110, 134, 141, 150, 243, 252, 254-256, 279, 283-285, 328-232, 387, 388, 391-393, 480-484, 488-490, 492, 494, 498-502, 506, 510, 515, 523, 528, 539.
Cláudio (Glaudeôs). 733.
Cláudio, veneziano. 129.
Cláudio. 531.
Cocâb, *Xava*. 694.
Conchecâz. 550.
Concílio Calcedonense (Chalcedonense). 147, 149-50, 210, 213, 300, 305, 485, 487, 523, 708.
Concílio Constantinopolitano. 147, 210.
Concílio Efesino (Ephesino). 147, 150, 210, 330, 497.

Concílio Florentino (Consejo Florentino). 147-9, 189-90, 292, 299, 324, 346, 393.
Concílio Niceno. 147, 150, 210, 299, 438, 713.
Concílio Tridentino. 324, 333, 346, 522-3.
Contarino, veneziano. 129, 758.
Corbân Heiotê. 555.
Costa, Teodoro da. 602.
Coutinho, Governador Manuel de Sousa. 18, 561.
Coutinho, I. Belchior, S.J.. 595.
Covilhâ, Pêro de. 76, 114, 136, 180, 187, 229, 521, 602.
Cremones, Lourenço. 129.
Crisóstomo, S. João. 296, 315, 325, 342, 742.
Cristãos de S. Tomé. 593.
Cumô, *Azâx*. 546.
Cunha, Manuel da. 255, 258, 259, 262, 263, 267, 269, 270, 275.
Cunha, Tristão da (Tristão da Acunha). 180, 521.
Cunha, Vicente da. 255.
Custódio, Luís. 492.

D. Felipe II, rei. 283, 561.
D. Felipe III, rei. 242, 248, 604, 622, 624, 723, 745-6, 748-50, 779-81, 783, 785.
D. Henrique, cardeal. 562.
D. João II, rei. 114, 180, 251, 521.
D. João III (D. Juan), rei. 136, 187, 284, 333, 479, 483, 484, 488, 489, 625, 748.
D. Manuel I, rei. 75, 180, 479, 483, 521.
D. Sebastião (Don Sebastian), rei. 67, 510, 514, 518-520, 523, 562.
Dahargôt, *Azmâch*. 556, 558, 559.
Dama Christôs. 662, 668.
Damianos. 678.
Damô. 693.
Dargôt, *Azmâch, Bahr Nagax*. 239, 681.
David, v. Lebena Denguil.
David, v. Menilehêc.
Deganâ (Adeganâ), *Erâz*. 254, 282.
Deganô, *Baligarâd*. 659.
Deguelhân. 478, 480.
Dêlba Jesus, *Bahâr Nagâx*. 643.
Delnaôd, *Negus*. 105, 109, 398.
Delô. 670.
Delombarâ. 500, 501.
Derazguêd (Derazguêd, Bamina Cristôs). 423, 424.
Derazguê. 480.
Dias, Aires. 266.
Dias, Embaixador Diogo. 180, 329, 484, 490, 521.
Dignacîn. 412.
Dióscoro (Dioscoro). 213, 300, 308, 313, 314, 328, 331, 355, 487, 498, 708, 742.

Edá Christôs. 326, 327.
Ede Christôs. 694.
Egziareâ (Sara). 410, 412-416, 418, 419.
Elçâ (Elsa), *Abba*. 408, 409, 411, 437, 450, 451, 454, 455.
Elcatô, *Oizaro*. 708.
Elena, Helena. 103, 136, 458, 477, 479.
Elesbaân, v. Calêb.
Emâna Christôs (Iemana Christós, Iemaná Cristós), *Erâz*. 97, 309, 311, 317, 322, 669, 674, 680, 681, 683, 686 n. 4, 687, 689, 691, 694-697, 719, 723, 728, 729, 738.
Emâna Christôs. 704.
Embacôm, *Abba*. 655.
Embarîm. 411-2.
Emera Christôs. 463.

Erobât (Erubât). 702, 703.
Esalamô, *Behêr Oadêd*. 479.
Escandara Oit. 697.
Escandêr, *Negus*. 76, 106, 110, 113, 144, 187.
Escandêr. 678.
Eutiques. 331, 487.
Ezequias, *Abba*. 439, 441, 445.
Ezequias, *Abba*. 439, 441, 445.
Ezlamô (Eslamô). 547, 549.

Faciladâz, *Abeitabûn*. 205, 655-658, 663, 673, 715.
Facilô. 549-551, 554.
Fanuêl. 480.
Faríz. 663, 665, 669.
Fátima. 478.
Feça Seon, v. Matolomê.
Feça Seon, v. Taquelâ Haimanôt.
Fecên (Feçên). 658, 660.
Fecûr Egzi (Fecura Egzi), *Abba*. 337, 338, 747-749, 780.
Felipe (Filipe) VII. 147, 150, 180, 183, 186, 190, 392, 458, 460, 463.
Felipe (Filipôs), *Abba*. 360, 408, 409, 411, 437, 449, 451, 453, 455.
Felipe VIII. 444, 445.
Fernandes, Marcos. 540.
Fernandes, P. António, S.J.. (1) 492, 525, 538, 541-545, 592.
Fernandes, P. António, S.J.. (2) 241, 637, 642, 747.
Fernandes, P. Manuel, S.J.. 150, 492-494, 497-499, 504, 507, 525, 526, 536, 538, 539, 542-544.
Fetâ Denguil, *Abba*. 548.
Filateôs. 300.
Finâas. 465.
Finâz. 689.
Fiquitôr. 252, 547.
Florença, Fr. Marcos de. 395, 397, 446.
*Flos Sanctorum*, v. *Cenqueçâr*.
Fonseca, João da. 255, 258, 259.
França, Afonso de. 330, 488.
Freire, Fulgêncio. 484.
Fremenatôs, v. Çalamâ, *Abba*.
Fremonâ (Fremona). 157, 442, 525, 528, 529, 536, 542-544, 546, 602, 603, 609, 610, 612-614, 616, 637, 639, 643, 730, 732, 740.
Funch, Fûnye, sultanato. 679, 690, 695, 702-704.

Gabra Christós, santo. 382.
Gâbra Maraôf. 396.
Gâbra Mariâm. 677.
Gâbra Mazcâl, *Negus*. 469, 860.
Gabriel, João. 155, 234, 239, 457, 602, 631, 722, 737.
Gama, D. Cristóvão da (Christoval de). 75, 77-8, 129, 134, 137, 180, 245, 252-76, 279-82, 328, 387, 439, 481-2, 521-2, 624, 724, 767.
Gama, D. Francisco da. 601.
Gama, D. Vasco da. 254.
Gama, Estevão da (Estevan de). 254, 260.
Garâd Amâr. 264.
Garâd. 555.
Gaspar, v. Reis Magos.
Gedeão (Guedon, Gedeon, Guedeôn). 101, 558, 687, 688, 696, 700.
Gelaldîn Acabâr. 562, 563.
Gemâ. 685, 702.
Georgis, P. Abraão de, S.J.. 592-96, 601, 643.
Gibarâ. 691.
Góis, António de. 332.
Gonçalves, André. 602.

Granh (Ahamêd, Mahamed, Gradahametes, Grânh, Grânha). 77, 124, 128, 136-7, 252-4, 256-7, 260-9, 271, 272-4, 276, 278-4, 384, 387, 439, 477-8, 480-1, 500-1, 504, 624, 767.

Granh Bâr (Granhbâr). 691, 697.

Grico, António. 129.

Gualdô, *Fit Aurari*. 686.

Guarenhá. 658.

Gubâ, *Abba*, v. *Oz*, *Abba*. 104, 398.

Gueitâ Amdô. 676.

Guemaldîn. 471, 472.

Guerimâ (Grima), *Abba*. 104, 396, 398, 104, 398, 439, 537.

Guerlôs, *Abba*, *Abuna*. 410, 417-9, 437.

Guiorguis Hailê, 549-50.

Guiorguis Haile, *xava*. 666.

Gumichô. 663.

Guxîn. 557, 558, 671.

Hadarâ. 470.

Hadarô. 657, 689.

Hafrô aiguebâ, *xava*. 659.

Hailât, *xava*.

*Haimanôt Abbô* (*Haimanôt Abbâu*, *Haimanôta Abbô*). 150, 213, 296, 300.

Haitonh. 678.

Hamelmâl, *Ite*. 669.

Hamelmâl. 502, 546-549.

Hamelmâl. 765-773, 777, 778.

Hamelmâla Orem. 655.

Hamelmâla Orô. 657.

Harbô. 547, 548, 551, 552, 670.

Heceû. 290.

Heoâ Christôs. 694, 695.

Heôt Benâ. 412.

Hezbê Bariê. 412.

Hezbê Cadêz, v. Embarîm.

*História Etiópica*, P. Francisco Álvares. 71, 76, 100, 110, 114, 122, 136, 142, 144, 148, 156, 159, 160, 163, 164, 166, 176, 180, 229, 235, 243, 249, 341, 347, 378-383, 402, 403, 479, 521.

Humâr, Sultão. 572, 631.

Humârdîn. 631.

Iacob (Iacobo, Malác Çagued, Malác Çaguêd, Malac Saguêd). 75, 76, 100, 106, 110, 112, 137, 140, 152, 155, 172, 181, 188, 199, 203, 226, 229, 249, 332, 353, 388, 449, 503, 530, 531, 561, 599, 600, 610-1, 628, 631, 634, 639-41, 644, 651-4, 657-9, 662, 664-73, 676-8, 680-1, 687, 693-4, 696-7, 699, 708-9, 717, 728, 731, 737, 739-40.

Iacob, *Abeitahûn*. 673.

Iared, santo. 360.

Icûnu Amlâc, *Negus*. 109, 138, 142, 658.

Iesus, *Abba*. 399, 410, 430-2, 434.

Imanô. 664.

Ioannes, *Abeitahûm*. 515.

Ioannî, *Abba*. 399, 432-4.

Ionaêl, *Abeitahûn*. 676.

Iosâb, *Abuna*. 502, 550.

Isaac (Isac). *Azmâch*, *Bahâr Nagâx*. 254, 494, 507, 524.

Isaac, *Abuna*. 702.

Jacobo Nabarcho. 115.

Jerónimo, veneziano. 129.

Lebena Denguil (David, Onág Çaguêd), *Negus*. 75, 77, 100, 103, 106, 110, 124, 136, 159, 162, 163, 252, 254, 280, 283, 284, 328, 387, 397, 458, 462, 477-479, 481, 483, 500, 548, 655, 698.

Legabâ Za Denguil, 680.

Libçô. 693.

Liçana Christôs, *Acegrâ*. 678.

Licanôs (Licanos), *Abba*. 104, 396, 398.

Ligabâ Za Denguil. 691.

Lima, D. Rodrigo de, 266, 479, 521, 811, 827, 833.

*Livro da Justiça dos Reis de Portugal*. 181, 611.

Lopes, P. Francisco, S.J.. 19, 493, 505, 508, 509, 538, 540-5, 592-4, 601, 602, 833.

Macário, *Abba*. 399, 434.

Machado, Francisco Dias. 536, 602

Machado, Luís. 602.

Magâz. 663.

Mahafûd, *Guazir*. 477.

Mahamêd Agâ, 637-8, 642.

Mahamêd Chilibî. 642.

Mahamêd Gi. 642.

Malác Çaguêd, v. Suzeneôs.

Malác Çaguêd, v. Cerça Denguil.

Malác Çaguêd, v. Iacob.

Maldonado João. 711, 750, 786.

Manadelêos. 546.

Manquêr. 766-71, 778.

Maquedâ, *Negesta*. 80, 90-2. V. Rainha Sabba.

Maquedelâ. 412, 641, 669.

Marcâ (Marcá), *Abba*. 150, 295, 299, 307, 457, 648, 668.

Marcos, *Abuna*. 372, 378.

Marcos, Patriarca. 351, 691, 702.

Mariâm Cinâ (Malác Mogoçâ, Mariêm Sina, Mariêm Siná), *Ite*. 137, 152, 172, 181, 229, 332, 600, 640, 668, 673, 676.

Mariâm Cinquê, *Azâx*.

Mariâm Hailê. 696.

Marir. 679.

Martins, P. Pedro, S.J.. 17, 561.

*Martirologio Romano*. 459, 461, 463, 465.

Mascarenhas, Vice-rei D. Francisco. 563.

Mascarenhas, Vice-rei D. Pedro (Pêro). 329, 484, 521.

Matolomê (Motolomê). 410, 413-5, 427.

*Mazaguêbt* (*Mazaguêbta*) *Haimanôt*. 149, 213.

Mazcâl Moâ (Mascal Móa), *Abba* 399, 434.

Mazcâl Quebrâ. 463.

Mazcâl. 548.

Melaxô. 549.

Melcâ Christôs (Melca Christôs), *Abeitahûn*. 656, 662, 692, 703, 712.

Melchior, v. Reis Magos.

Melo, Capitão D. Duarte de. 794.

Melque Sedêc (Melca Sedêc, Melquisedêc). 674, 679-80, 738.

Memenô, *Abeitahûn*. 115, 134.

Mendes, D. Afonso, S.J.. 33, 34, 39, 45, 794.

Mendonça, Capitão Fernão de. 794.

Mendonça, Capitão Luís de. 564, 604.

Meneses, Fr. Aleixo de. 27, 392, 508, 544, 601, 616, 724.

Meneses, Vice-rei D. Duarte de. 561.

Menilehêc (Bainalehequêem, Ebna Elehaquêem, Ebnehaquêem, David). 84, 85, 96, 100-103, 106, 114, 141, 151, 152, 174, 410, 469.

Mercoreôs. 547.

Merdîn, *Azâx*. 668.

Meti. 692.

Mícael, *Abba*. 429, 430, 433, 434.

Mínacê, *Azâx*. 668.

Minâs (Adamâs Çaguêd, Adamâs Çaguêd, Minâs, Mena), *Negus*. 75, 110, 128, 188, 285-332, 333, 500-503, 523.

Molâ Aly. 580.

Monsserate, P. António de, S.J.. 562-4, 567-8, 570-72, 574, 576-8, 581, 584, 587-92, 605.

Mustadên. 606.

Mutagarâd, *Azmâch*. 698.

Mutahâr. 577.

Naacuto La Ab (Nacutolâb). 463.

Naçaradin. 476.

Naçarani. 693.

Naêl. 690-691.

Naôd Mogueçâ. V. *Naôde Mogueçâ* mãe de David.

Naôd, *Negus*. 152, 383, 458,477, 479, 479.

Neberêd Tomas. 732.

Nestor (Nestório). 149, 301.

Noâi, *Abba* 556-7.

Nur. 252, 259, 285, 481-2, 502.

Oacâ. 699.

Oacên Çaguêd, *Erâz*. 479.

Oacîr Muíd. 480.

Oadeçalâ, *Ite*. 172.

Oalâta Guiorguis, *Oizarô*. 666, 676.

Oalatô, *Ite*. 559.

Oald Christôs, *Abeitahûn*. 675, 678.

Oald Christôs, *Erâz*. 481, 560, 666-8, 670, 699.

Oald Guiorguis, *Xum*. 681.

Oald Haureât, *Dêye Azmâch*. 687, 693, 703-4.

Odêc Matrarani. 688.

Odît, *Ite*. 552.

Oliveira, António Lopes de. 492.

Orcô, *Abeitahûn*. 115.

Oviedo, P. André de, S.J.. 23, 26-7, 29, 35, 67, 76, 150, 162, 181, 187-8, 330-2, 372, 438, 483-4, 488, 490-4, 499-500, 505-6, 510, 518-9, 521-4, 535-6, 538, 545, 561, 602, 609, 730.

Oz (Gubâ, Aguloa), *Abba* 104, 396, 398.

Pacómio, *Abba*. 399, 434. 727, 728, 746, 780,

Padre Toledo. 711, 786.

Paez, P. Pedro, S.J.. 13-20, 25, 27, 30-40, 43-4, 48, 295, 561, 603, 623-4, 695, 722, 725, 794.

Pafnucio. 113.

Pantaleão, *Abba*. 396, 398, 465.

Papa Clemente. VII. 97, 129, 172, 292, 333, 373, 445, 446, 465, 509, 523.

Papa Gregório XIII. 129, 172, 292, 333, 373, 445, 446, 465, 523.

Papa Júlio III. 483, 488, 511.

Papa Leão I. 150, 181, 213, 218, 300, 314, 328, 487, 498, 706.

Papa Paulo III. 143, 162-3, 333, 355-6, 374.

Papa Paulo IV. 483, 488-9.

Papa Paulo V. 22, 745-7, 749, 779-80, 782, 784.

Papa Pio V. 67, 76, 188, 33, 510-11, 518-9, 522-4, 535.

Patriarca de S. Tomé, patriarcado de S. Tomé. 24.

Pereira, D. João. 567.

Pereira, P. Bendito (Bendito), S.J.. 214, 711, 786.

Petrôs, *Abuna*. 502, 672.

Pimenta, P. Nicolau, S.J.. 603.

Preste João Mena. V. Adamâs Çaguêd.

Preste João. 67, 71-3, 75, 77, 112, 114, 115, 122, 130, 132, 142, 145, 162, 164, 166, 170, 174, 179, 180, 182, 192, 196, 199, 200, 210, 219, 229.

Rabi Sedechias. 94.

Raquân Agâ. 605-7.

Radâi. 556-7.

Radeêt. 671.

Rainha Sabba (Azêb, Maquedâ, Rainha de Sabá, Reyna Sabba). 43, 79, 80, 84, 90-2, 102, 106, 117, 125, 127-8, 131, 135, 152, 197-8, 289, 291, 407, 410, 457, 469, 576.

Rei(s) de Portugal. 180, 181, 187, 251, 154, 255-6, 276, 328-9, 332-3, 479, 486-8, 490, 494, 510, 514, 521-3, 622, 633, 645-6, 723, 725, 727, 745, 748, 781, 783, 786.

Reis Magos. 24-5, 170-2, 500, 501.

Ribadeneira, P. Pedro S.J.. 73, 519.

Robêl. 254.

Rodrigues, P. Gonçalo, S.J.. 329, 400, 484, 488, 499, 521.

Roma, fé de. 20, 21, 150, 294, 311, 330, 331, 333, 486, 487, 497, 498, 506, 515, 523, 523, 624, 697, 747, 752, 780.

Roma, Igreja de (Igreja romana). 23, 27, 51, 67, 68, 78, 147, 149, 187, 190, 210, 212, 255, 284, 291, 293, 294, 295, 299, 305, 306, 328, 329, 331, 332, 333, 336, 344, 346, 355, 356, 372, 373, 374, 393, 483, 485, 493, 494, 499, 510, 511, 512, 518, 522, 525, 529, 535, 536, 542, 602, 609, 614, 615, 622, 644, 646, 654, 704, 705, 708, 710, 713, 714, 716, 723, 726, 743, 744, 746, 750, 780, 782, 783, 76, 787.

Româna Orc, *Oizarô*. 548, 549, 673.

Romano, P. Lourenço, S.J.. 19, 53, 310, 596, 642, 717, 738.

Rosi (Razzi), Fr. Serafino O.P.. 22, 346, 453, 457.

S. Basílio. 170, 180, 296, 315, 459, 742.

S. Felipe (Filipe), apóstolo. 289-90, 365, 459.

S. Felipe (Filipe), rei. 126, 186, 458-9, 463.

S. Marcos. 137, 303, 340, 362, 365, 375, 405, 433, 498.

S. Tomé (S. Thomas). 24, 210, 320, 514.

Sabaoth, Santo Deus. 352, 357, 361, 363.

Sadenguil, *Azax*. 296.

Sadôc (Sadoc). 86-9, 410-1.

Saldanha, Vice-rei D. Aires de. 604, 616.

Sousa, Rodrigo de. 251.  
 Sta. Eufrásia. 459, 463.  
 Statêus (Estateus), *Abba*. 360, 400-1, 403, 439, 442, 445.  
 Suzeneôs (Malac Saguêd, Malác Saguêd, Seltan Saguêd, Seltan Saguêd, Seltân Çaguêd, Susenyos, Suzeniôs, Suznêos, Susnios, Suzniôs), *Abetahûn, Negus*. 72-4, 79, 92, 103, 112, 134, 141, 149, 155, 160, 163, 165, 173, 186-7, 194, 204, 213, 216, 220, 229, 234, 249, 305-6, 317, 324, 332, 342, 355-7, 371-2, 384, 386-8, 390, 394, 398-400, 402, 445, 462, 477, 526, 532, 599, 623-4, 634, 639-41, 647, 651-8, 661-74, 676-7, 679-94, 698-9, 702-5, 712-3, 716-7, 722, 725-6, 728-9, 731, 745-50, 757-80, 782, 784-5, 787.  
 Suzniôs, mártir, 656.  
 Sydracôs (Sydrácós). 290, 411.

Ta Oaldái. 550.  
 Tacená. 105, 108, 465.  
 Tacla Varêt. 452.  
 Tacláu. 551.  
 Taclô Romçaguêd, *Azmach*. 547, 549.  
 Taclô, *Azmach*. 547-8, 550-1.  
 Taclúi. 696, 700.  
 Talaceôn. 72.  
 Talilá. 480.  
 Tamerín. 85, 86, 88.  
 Tançâ Christôs. 680.  
 Tançô. 659.  
 Taoâld Madehên. 396.  
 Taquelâ Celacê. V. Tinô.  
 Taquelâ Guiorguís. 550-1, 687.  
 Taquelâ Haimanôt (Feça Seon, Taquelá Haimanôt, Taquellâ Haimanôt, Tacleaimanôt), *Abba / Santo*. 115, 148, 202, 295, 360, 374, 392, 396, 398-403, 407-11, 419-45, 448-56, 479, 546, 655, 658, 743.  
 Taquelâ Haimanôth, *Abetahûn*. 134.  
 Taquelâ Haureât. 452, 456.  
 Taquelâ Iesus, *Erâz*. 479.  
 Taquelâ Mariâm (Taclá Mariâm, Taquelá Mariâm). 332, 524, 548.  
 Tarím 572.  
 Tascaro (Tascâro), *Abeitahûn*. 502-3.  
 Tavares, Gonçalo de. 584.  
 Tecla Çahât. 412.  
 Tegueçanh Aragô. 674.  
 Teinbâi. 470.  
 Teodoreto, 232.  
 Teodoseós, 300.  
 Teodósio I, Patriarca, 150.  
 Teodósio, Rei, 383.  
 Tigrê Mohôn. 73, 95, 142, 151, 154, 234-6, 239, 266, 444.  
 Tigrê, *Abba*. 657.  
 Timoteos. 465.  
 Tinô (Taquelâ Celacê). 704.  
 Tinô, *Azâx*. 712-3.  
 Tiro. 132, 290, 327.  
 Tivoli, Fr. Bartolomeu de, O.P. 443, 445.  
*Tratado sobre todos os erros de Etiópia*. 214, 329, 724.  
 Travassos de Figueiredo, D. Manuel. 492.

Urbât. 690.  
 Urrreta, Fr. Luis (Luiz) de, O.P. 16, 21-35, 41, 43, 47, 57, 63, 65-7, 71-77, 79, 84, 93, 100-1,110, 112-3, 115, 118, 120, 122-4, 126-

-8, 130, 132-3, 137, 141-2, 145, 148, 150, 154, 158, 170-1, 182-3, 186, 189, 196, 208-9, 211, 213, 219-20, 224, 232-4, 236-8, 241-2, 246, 248, 253, 273, 279-80, 283, 290-2, 299, 323, 333, 336, 342, 346, 355, 368-9, 372, 374, 378, 385, 390-2, 394, 396-7, 399, 402, 407, 410, 440, 443, 447-8, 462, 464, 479, 488, 490, 499, 504, 510, 518, 520-2, 524, 538.

Vâquirôm. 91.  
 Vasconcelos, D. Manuel de. 260.  
 Veiga, P. Manuel da, S.J.. 568, 605.  
 Velho, Capitão Francisco. 255, 258, 259, 260.  
 Vicente, P. Rui, S.J.. 563.  
 Viegas, P. Brás (Braz), S.J.. 214, 711, 786.  
 Vieira, Pedro. 603.  
 Vitelleschi, P. Mutio, S.J.. 63, 68.  
 Vizaliá. 656.

Xafêr. 572, 593.  
 Xaferdîn (Xafêr-Din). 500, 504.  
 Xaramillo, P. Pedro Páez, S.J.. Ver Paez, P. Pedro, S.J..  
 Xêc Çalêm. 570.

Za Celaçê. 628-7, 639-41, 650-2, 666-71, 676-7, 696, 690, 720.  
 Za Christôs (Ze Christôs), 337, 701, 702, 703.  
 Za Christôs. 680, 681, 738.  
 Za Christôs. 712.  
 Za Denguil (Za Denguil, Zadenguil, Atanáf Çaguêd), *Abeitahûn, Negus*, 76, 106, 110, 112,140, 160, 172, 181, 249, 301, 306, 310, 312, 335, 337, 344, 388, 399, 599, 600, 610, 611, 622, 623, 645, 656, 657, 662, 664, 665, 676, 677, 697, 699, 701, 702, 709, 720, 728, 737.  
 Za Denguil, *Abeitahûn*. 657-8, 662, 664.  
 Za Guiorguís, *Cantîba*. 702, 703.  
 Za Iesus, *Abba*. 443.  
 Za Iesus. 678.  
 Za Malacôt, *Abba*. 667, 702.  
 Za Manfâz Quedúz. 670.  
 Za Manoel (Za Manuel), *Abba*. 304, 498, 618.  
 Za Mariâm. 559, 670.  
 Za Michael, *Bagerondê*. 712.  
 Za Paraclitôs. 552.  
 Zabelá Oanguêl (Çabelá Oanguêl, Çablá Oanguel, Zabelô Oanguêl), *Ite*. 254, 255, 547, 548, 659.  
 Zadenguil (Çadenguil), *Azâx*, 296, 388.  
 Zaf Arâd. 104, 108.  
 Zafam Ceno. 715.  
 Zagâ Za Ab (Çagâ Za Ab, Zagazabo), *Embaixador*, 100, 333, 487.  
 Zagâ Za Ab (Sacassab, Sacasab, Zagâ Ça Ab, Zagâ Sa Ab), santo. 213, 407, 410, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419.  
 Zagoê. 78-9, 109, 398, 412, 462.  
 Zara Iacob (Zarâ Iacob, Zâra Iacob, Zerâ Iacob), *Negus*. 105, 109, 110, 111, 139, 140, 158, 556, 713.  
 Zara Ioannes (Zara Ioânnes, Zâra Ioannes). 412, 503, 505, 546, 681.  
 Zarc Haureat. 76.  
 Zebid, Baxá de. 268, 500, 501.  
 Zeerô. 668.  
 Zemur Baxâ (Zemûr Baxá). 503.  
 Zequêos. 674.  
 Zoguê, *Azax*. 668.  
 Zutareâ. 687.

## ÍNDICE

Sumário . . . . .	7
Nota prévia . . . . .	9
Transliteração fonética . . . . .	10
Introdução . . . . .	11

HISTÓRIA DA ETIÓPIA . . . . .	61
Prólogo ao leitor . . . . .	65

## LIVRO I

CAPÍTULO I	Em que se trata da situação e de quantos e quais sejam os reinos e províncias da parte de Etiópia que senhoreia o imperador que chamam Preste João. . . . .	71
CAPÍTULO II	Em que se trata da geração dos imperadores de Etiópia, começando da Rainha Sabba. . . . .	79
CAPÍTULO III	Em que se declara como Menilehêc, filho da Rainha Sabba, foi a Jerusalém a ver seu pai Salomão. . . . .	84
CAPÍTULO IV	Em que se trata dos oficiais que El-rei Salomão deu a seu filho David para serviço de sua casa, e dos que agora tem o Preste João. . . . .	96
CAPÍTULO V	Em que se põem dois catálogos dos imperadores de Etiópia, e se trata dos nomes comuns que têm. . . . .	102
CAPÍTULO VI	De Guixêm Ambâ, onde se guardam os descendentes dos imperadores antigos. . . . .	115
CAPÍTULO VII	Em que se trata das duas Igrejas e mosteiros que há em Guixêm Ambâ. . . . .	122
CAPÍTULO VIII	Em se trata da livraria de Guixêm Ambâ. . . . .	126
CAPÍTULO IX	Em que se mostra que nenhum tesouro teve nunca o Preste João guardado em Guixêm Ambâ. . . . .	130
CAPÍTULO X	Em que se declara a causa por que se começaram a meter os filhos dos imperadores em Guixêm Ambâ, até que imperador durou este costume e como se guardam agora os descendentes daqueles primeiros. . . . .	138

CAPÍTULO XI	Em que se trata do modo que tinham antigamente em Etiópia em eleger imperador escolhendo um dos príncipes de Guixêm Ambâ, e do que agora se usa. . . . .	145
CAPÍTULO XII	Das cerimónias que usam em Etiópia em a coroação do imperador. . . . .	152
CAPÍTULO XIII	Em que se trata do modo com que o imperador de Etiópia ouve os ouvidos divinos. . . . .	158
CAPÍTULO XIV	Do aparato que leva o imperador quando caminha e da ordem com que assenta suas tendas. . . . .	163
CAPÍTULO XV	Em que se declara se o Preste João contrai sempre matrimónio com algumas das famílias dos três Reis Magos, ou com a senhora que melhor lhe parece em seu império. . . . .	170
CAPÍTULO XVI	Em que se trata dos juízes que tem o Preste João, do modo de proceder em a justiça, e do castigo que dão dos delinquentes. . . . .	174
CAPÍTULO XVII	Da residência que tomam aos ouvidores do imperador e aos dos seus vice-reis. . . . .	183
CAPÍTULO XVIII	Em que se declara se há ou houve em Etiópia Conselho Latino, para se tratarem os negócios tocantes à Europa. . . . .	186
CAPÍTULO XIX	Em que se declara se o Preste João visita pessoalmente as cidades de seu império. . . . .	189
CAPÍTULO XX	Em que se trata das cidades de Etiópia e edifícios de seu governo, distinção de moradores e trajos. . . . .	191
CAPÍTULO XXI	Em que se declara alguma coisa da natureza e costumes que têm os vassallos do Preste João. . . . .	200
CAPÍTULO XXII	Em se declara se em Etiópia há seminários e colégios para ensinar meninos e meninas, e universidades onde se leiam as ciências. . . . .	209
CAPÍTULO XXIII	Em que se trata dos animais assim domésticos como bravos que há em Etiópia. . . . .	215
CAPÍTULO XXIV	Das aves que há em Etiópia. . . . .	221
CAPÍTULO XXV	Em que se trata do clima, minerais e fertilidade das terras do Preste João. . . . .	225
CAPÍTULO XXVI	Do Rio Nilo, de sua fonte e de seu discurso e causas de suas crescentes. . . . .	230
CAPÍTULO XXVII	Dos rios Marâb e Tacaçê, e do discurso de suas correntes. . . . .	236
CAPÍTULO XXVIII	Em que se trata dos rios Zebê, e Haoâx. . . . .	240
CAPÍTULO XXIX	Em que se trata das principais lagoas que há em Etiópia. . . . .	243
CAPÍTULO XXX	Em que se trata das rendas e tributos que pagam ao Preste João seus vassallos. . . . .	246
CAPÍTULO XXXI	Em que se começam a referir algumas das coisas que D. Cristóvão da Gama fez em Etiópia. . . . .	252
CAPÍTULO XXXII	De como, prosseguindo D. Cristóvão seu caminho, veio em sua busca o Granh com grande exército, e do que com ele passou. . . . .	260
CAPÍTULO XXXIII	De como D. Cristóvão deu a segunda batalha ao Granh. . . . .	264

CAPÍTULO XXXIV	De como o Granh deu batalha a D. Cristóvão, do que sucedeu. . . . .	269
CAPÍTULO XXXV	De como os Portugueses que escaparam da batalha, se juntaram com a imperatriz, e depois com o Preste João e deram batalha ao Granh. . . . .	274
CAPÍTULO XXXVI	De algumas coisas que sucederam depois que o Preste João venceu ao Granh e das exéquias que fez a D. Cristóvão, e aos demais Portugueses que morreram. . . . .	281
CAPÍTULO XXXVII	De como o Imperador Cláudio excluiu ao patriarca D. João Bermudes, e fez seu assento no reino de Oyê. . . . .	284

## LIVRO II

[LIVRO II DA HISTÓRIA DA ETIÓPIA EM QUE SE TRATA DA FÉ QUE PROFESSAM O PRESTE JOÃO E SEUS VASSALLOS, DOS RITOS E CERIMÓNIAS ECLESIASTICAS QUE USAM COM OUTRAS COISAS TOCANTES A ELAS]

CAPÍTULO I	Do princípio que teve a fé e religião cristã em Etiópia. . . . .	289
CAPÍTULO II	Em que se declara como os etíopes negam proceder do Filho o Espírito Santo. . . . .	293
CAPÍTULO III	Em que se referem os erros que os etíopes têm sobre a sacrossanta humanidade de Jesus Cristo Nosso Senhor. . . . .	300
CAPÍTULO IV	Em que se prossegue a prova de que os etíopes negam duas naturezas em Cristo Nosso Senhor. . . . .	306
CAPÍTULO V	De como os etíopes determinaram matar ao Imperador Seltan Çaguêd e a Celá Christós seu irmão, por dizerem que em Cristo Nosso Senhor estão duas naturezas. . . . .	317
CAPÍTULO VI	Em que se trata dos erros que os etíopes têm acerca das almas racionais. . . . .	324
CAPÍTULO VII	Em que se mostra como os etíopes vassallos do Preste João, de muitos tempos a esta parte, são cismáticos desobedientes à santa Igreja romana. . . . .	328
CAPÍTULO VIII	Em que se declara como os etíopes se circuncidam, guardam Sábado e outras cerimónias judaicas. . . . .	334
CAPÍTULO IX	Em que se trata dos erros que os etíopes têm no sacramento santo do baptismo. . . . .	339
CAPÍTULO X	Do santo sacramento da confirmação e extrema-unção e do da penitência. . . . .	343
CAPÍTULO XI	Em que se trata do santíssimo sacramento da eucaristia e das cerimónias que os sacerdotes etíopes usam em sua missa. . . . .	346
CAPÍTULO XII	Em que se refere o que rezam os sacerdotes etíopes em lugar de nossas horas canónicas. . . . .	356
CAPÍTULO XIII	Do sacramento da ordem e das cerimónias de que usa o <i>abuna</i> quando ordena. . . . .	368

CAPÍTULO XIV	Em que se trata dos erros que os etíopes têm acerca do sacramento santo do matrimónio e das cerimónias que nele usam. . . . .	375
CAPÍTULO XV	Em que se trata da fábrica dos templos que houve antigamente e há hoje em Etiópia e da reverência que lhes têm. . . . .	379
CAPÍTULO XVI	Do estilo e cerimónias que os etíopes guardam nos enterramentos e do erro que têm acerca do purgatório. . . . .	386
CAPÍTULO XVII	Em que se trata das religiões que alguns autores põem na parte de Etiópia que senhoreia o Preste João. . . . .	391
CAPÍTULO XVIII	Em que se declara quantas são as religiões que há em Etiópia e quem têm por fundadores, que modo de governo e vida e como se hão com os noviços. . . . .	400
CAPÍTULO XIX	Em que se refere a história de Abba Taquelâ Haimanôt, como a contam os livros de Etiópia. . . . .	407
CAPÍTULO XX	Em que se trata do mosteiro que chamam Dêbra Libanôs. . . . .	439
CAPÍTULO XXI	Da fundação do Convento da Aleluia. . . . .	442
CAPÍTULO XXII	Em que se declara quão sem fundamento contou Frei Luiz de Urreta entre os santos de sua sagrada religião os frades de Etiópia cujas vidas refere no segundo tomo. . . . .	448
CAPÍTULO XXIII	Em que se declara se houve alguns imperadores santos em Etiópia. . . . .	458

### LIVRO III

EM QUE SE REFEREM ALGUMAS HISTÓRIAS DE IMPERADORES DE ETIÓPIA, COM AS MISSÕES QUE OS PADRES DA COMPANHIA FIZERAM PERA ESTE IMPÉRIO EM O TEMPO DE CADA UM DELES.

CAPÍTULO I	Em que se refere a história do Imperador Amd Ceôn e por outro nome Gâbra Mazcâl. . . . .	469
CAPÍTULO II	Em que se põe a história do Imperador David que depois se intitulou Onâg Çaguêd, sendo o nome do baptismo Lebena Denguîl. . . . .	477
CAPÍTULO III	Em que se trata do Imperador Cláudio que, quando entrou em o império se intitulou Atanâf Çaguêd. . . . .	480
CAPÍTULO IV	Em que se trata da missão em que o Padre Patriarca D. João Nunes Barreto, da Companhia de Jesus, com doze padres da mesma Companhia, foram mandados pelo Papa Paulo IV à Etiópia, à redução da gente dela. . . . .	483
CAPÍTULO V	Da entrada do Padre Bispo D. André de Oviedo em Etiópia e do que passou com o Imperador Cláudio. . . . .	492
CAPÍTULO VI	Em que se refere a história do Imperador Adamâs Çaguêd como a contam os livros de Etiópia. . . . .	500
CAPÍTULO VII	Em que se declara como se houve o Imperador Adamâs Çaguêd com o Padre Patriarca D. André d'Oviedo e mais padres e com os portugueses e católicos. . . . .	506

CAPÍTULO VIII	De como o Papa Pio V mandou por um seu <i>Breve</i> ao Padre Patriarca D. André de Oviedo que saísse de Etiópia e fosse para a China e Japão. . . . .	510
CAPÍTULO IX	Em que se declara quão sem razão julgou Frei Luiz de Urreta, por sub-reptício, o <i>Breve</i> do Papa Pio V que temos referido. . . . .	518
CAPÍTULO X	Em que se trata dos trabalhos que o Padre Patriarca André de Oviedo padeceu depois da morte do Imperador Adamâs Çaguêd e de algumas coisas que Deus Nosso Senhor lhe revelou. . . . .	524
CAPÍTULO XI	Da morte e sepultura do Padre Patriarca Dom André d'Oviedo. . . . .	535
CAPÍTULO XII	Da vida que em Etiópia fizeram e da morte que morreram cinco da Companhia que vieram com o Padre Patriarca D. André d'Oviedo. . . . .	538
CAPÍTULO XIII	Em que se refere a história do Imperador Malâc Çaguêd como a contam os livros de Etiópia. . . . .	546
CAPÍTULO XIV	Em que se prossegue a história do Imperador Malâc Çaguêd. . . . .	552
CAPÍTULO XV	Em que se trata da missão que faziam de Goa a Etiópia o Padre António Monserrate e o Padre Pedro Paez da Companhia de Jesus e de algumas coisas que, no princípio do caminho, lhes sucederam. . . . .	561
CAPÍTULO XVI	De como, partidas as naus do Estreito de Meca, tomámos outro caminho para prosseguir nossa jornada e como, depois de muitos contrastes, nos cativaram. . . . .	565
CAPÍTULO XVII	De como, depois de muitos contrastes em o mar, nos cativaram os mouros. . . . .	568
CAPÍTULO XVIII	De como nos levaram a el-rei mouro, e do que nos sucedeu no caminho e na chegada. . . . .	571
CAPÍTULO XIX	De como nos levaram aos turcos e do exame que nos fizeram em chegando a eles. . . . .	575
CAPÍTULO XX	De como, tendo-nos dado liberdade o baxá, nos fez tornar a prender um gentio da Índia e dos trabalhos que tivemos. . . . .	579
CAPÍTULO XXI	Em que se trata dos trabalhos que nos deram os turcos por causa do resgate. . . . .	586
CAPÍTULO XXII	De como foi mandado à Etiópia o Padre Abraão de Georgis e no caminho foi preso e martirizado pelos turcos. . . . .	592

### LIVRO IV

EM QUE SE TRATA DOS TRÊS ÚLTIMOS IMPERADORES QUE ATÉ HOJE HOUVE NELA, E DAS MISSÕES QUE OS PADRES DA COMPANHIA FIZERAM EM SEU TEMPO PARA ESTE IMPÉRIO.

CAPÍTULO I	Em que se referem algumas coisas dos imperadores Za Denguîl e Iacob. . . . .	599
------------	--	-----

CAPÍTULO II	De como foi mandado a Etiópia um sacerdote do seminário, que os padres da Companhia têm em Goa, e do que cá fez. . . . .	601	CAPÍTULO XXI	Em que se referem algumas coisas das que o Imperador Seltân Çaguêd ordenou e fez estes dois anos passados, para bem de nossa santa fé. . . . .	705
CAPÍTULO III	De como eu o Padre Pedro Paez entrei em Etiópia e de algumas coisas que me sucederam no caminho. . . . .	603	CAPÍTULO XXII	Dos alevantamentos e mortes que houve no reino de Gojâm pela guarda do Sábado, e do que fez o imperador sobre isto. . . . .	710
CAPÍTULO IV	De como prenderam ao Imperador Iacob e deram o Império a seu primo Za Denguil, e de algumas coisas que ele fez naquele verão. . . .	610	CAPÍTULO XXIII	De quão bem se houve o Imperador Seltân Çaguêd com os padres a primeira vez que o visitaram, e de como lhes deu terras para seu assento. . . . .	717
CAPÍTULO V	Em que se referem algumas coisas que sucederam em Fremonâ enquanto o imperador andou na guerra. . . . .	613	CAPÍTULO XXIV	De como o Imperador Seltân Çaguêd se determinou de escrever ao Sumo Pontífice e a Sua Majestade. . . . .	722
CAPÍTULO VI	De como fui com o vice-rei de Tigrê onde estava o imperador e de quão bem recebeu a mim e a nossas coisas. . . . .	616	CAPÍTULO XXV	Em que se trata dos alevantamentos que houve em Etiópia logo como o Imperador Seltân Çaguêd se apoderou do Império. . . . .	729
CAPÍTULO VII	De como o imperador determinou dar obediência à santa Igreja romana, e escreveu ao Sumo Pontífice e à Majestade d'El-rei D. Felipe. . . . .	622	CAPÍTULO XXVI	De como o imperador foi a Tigrê, e do que lhe sucedeu naquela jornada. . . . .	735
CAPÍTULO VIII	De como me despedi do imperador para ir a outra terra, e se descobriu a traição que lhe tinham armada. . . . .	627	CAPÍTULO XXVII	De algumas coisas que fez o vice-rei Amçala Christôs depois que o imperador saiu de Tigrê. . . . .	739
CAPÍTULO IX	De como o imperador deu batalha aos alevantados, e foi desbaratado e morto. . . . .	630	CAPÍTULO XXVIII	De como <i>Erâz</i> Cela Christôs irmão do imperador se reduziu à nossa santa fé, e levou consigo um padre ao reino de Gojâm. . . . .	741
CAPÍTULO X	De como os Padres António Fernandes e Francisco António de Angelis entraram em Etiópia, e do que lhe sucedeu no caminho. . . . .	637	CAPÍTULO XXIX	De como a Majestade d'El-rei D. Felipe escreveu ao imperador de Etiópia, e depois o Papa Paulo V, e do que ele respondeu. . . . .	745
CAPÍTULO XI	De como <i>Abeitahûn Suzniôs</i> se levantou por imperador em Gojâm; depois do terem aceitado por tal os governadores do Império, o tornaram a deixar porque veio o Imperador Iacob. . . . .	639	CAPÍTULO XXX	De como o Padre António Fernandez partiu de Dambiâ para o reino de Gojâm, e dali ao de Nareâ, e do que lhe sucedeu no caminho. . . .	751
CAPÍTULO XII	De como vieram à Etiópia o Padre Luís d'Azevedo e o Padre Lourenço Romano. . . . .	642	CAPÍTULO XXXI	De como o Padre António Fernandez foi onde estava o governador de Nareâ, e do que lhe sucedeu até sair do reino. . . . .	756
CAPÍTULO XIII	De como fomos três padres onde estava o Imperador Iacob, e das esperanças que deu de reduzir seu Império à santa Igreja romana. . . .	644	CAPÍTULO XXXII	Como o Padre António Fernandez partiu do reino de Nareâ e foi ao de Zenyerô, e dali à terra Cambât. . . . .	760
CAPÍTULO XIV	De como o imperador e a imperatriz repreenderam ao vice-rei de Tigrê pelo que tinha feito aos católicos, e mandaram que tornasse todo o fato. . . . .	648	CAPÍTULO XXXIII	Em que se trata das contradições e trabalhos que teve o padre em Cambât, e como depois o quis matar um mouro. . . . .	766
CAPÍTULO XV	De como Suzeniôs matou em campo ao Imperador Iacob e ficou senhor do Império. . . . .	651	CAPÍTULO XXXIV	De como o Padre António Fernandez partiu de Alabâ para Dambiâ, e dos perigos e trabalhos que teve no caminho. . . . .	771
CAPÍTULO XVI	Em que se começa a referir a história do Imperador Seltân Çagued, e os trabalhos que teve de menino, como a contam seus livros. . . . .	655	CAPÍTULO XXXV	Em que se trata da diligência que fez o imperador para trazer os três portugueses que ficaram em poder do mouro Alicô. . . . .	777
CAPÍTULO XVII	Em que se prossegue a história do Imperador Seltân Çaguêd, e os trabalhos que teve até se começar a introduzir por imperador. . . . .	662	CAPÍTULO XXXVI	Em que se referem algumas cartas que o Papa Paulo V e El-rei D. Felipe escreveram ao imperador de Etiópia, e as que ele respondeu. . . . .	779
CAPÍTULO XVIII	Em que se prossegue a história do Imperador Seltân Çaguêd, e se declara como ficou senhor absoluto do Império. . . . .	671	CAPÍTULO XXXVII	De como se deu princípio à segunda residência que temos no reino de Gojâm. . . . .	787
CAPÍTULO XIX	Em que se prossegue a história do Imperador Seltân Çaguêd e refere a jornada que fez a Tigrê. . . . .	676	Cronologia dos Reis Etíopes (1270-1632) . . . . .	795	
CAPÍTULO XX	Em que se prossegue a história do Imperador Seltân Çaguêd e como acabou de pacificar seu Império com morte e desterro dos que o perturbavam. . . . .	690	Abreviaturas de Documentos Citados . . . . .	799	
			Glossário . . . . .	803	
			Bibliografia . . . . .	837	
			Índice toponímico e etnográfico . . . . .	857	
			Índice Onomástico . . . . .	865	



REVISÃO: ANTÓNIO LAMPREIA  
PAGINAÇÃO: MARIA DA GRAÇA MANTA

TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES  
DEPÓSITO LEGAL: 274862/08

IMPRESSO POR TIPOGRAFIA GUERRA  
VISEU

